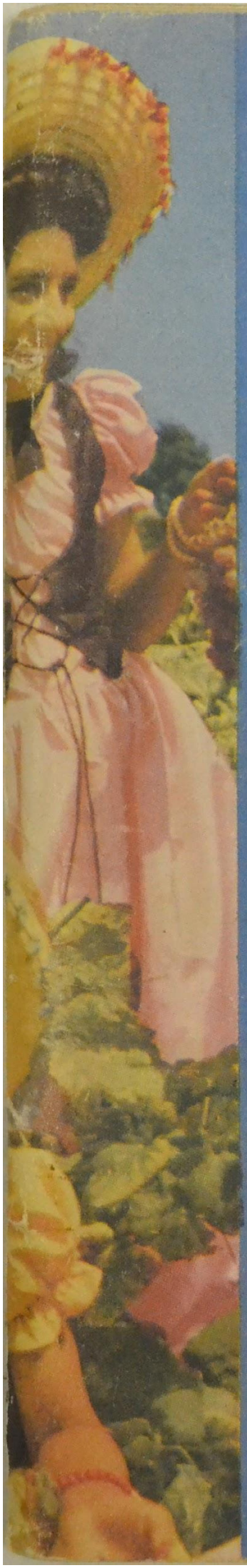


JANEIRO de 1949

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

O átomo, universo em miniatura . . John A. O'Brien 21
Tenho cancer . . . . . Carlton K. Matson 26
A luta pelo poder na Itália . . Edmundo L. Palmieri 27
Psicologia do amor . . . . . F. Alexander Magoun 39
«É proibido comer grama» . . . . Richard L. Tobin 42
Carta aberta aos estudantes . Dwight D. Eisenhower 45
Flagrantes da vida real 49
Daniel Boone, explorador audaz . Donald Culross Peattie 51
Agora é facil salvar os dentes das crianças . J. D. Ratcliff 57
Por que tardou a notícia da rendição da Alemanha
Edward Kennedy 60
Como Reginald Paget esperou a morte . John Erskine 65
Clube grã-fino... para operários . . . . Victor Riesel 67
Assim se «lê o pensamento» . . . . . Louis Nizer 69
O que a O. N. U. tem feito realmente . James B. Reston 73
Uma medalha para o médico . . . . . Karl Detzer 76
Pneumáticos que rodam 100.000 quilômetros 81
Viví uma vida dupla . . . . . Camarada X 83
Vamos quebrar a cabeça! . . W. Bernard e J. Leopold 91
Meu tipo inesquecivel . . . . . Struthers Burt 92
A arte de não fazer nada . . . . . Don Herold 95
Novo impulso ao comércio internacional . Ralph Wallace 99
Podem as campanhas conquistar votos? . . G. Gallup 103
Um pomar que rende milhões . . . . . Frank Taylor 106
Como se educa o soldado ianque . . Howard Whitman 108
Uma nova Costa do Ouro . . . . . Robert E. Wood 111
Rir é o melhor remédio 115
Ídolo do novo Japão . . . . . Blake Clark 116
Como aumenta a riqueza . F. G. Clark e R. S. Rimanoczy 121
Seção de Livros — Da aviação e da vida . Charles A. Lindbergh 123
Homens contra chamas . George R. Stewart 135

A vindima — Fotografia . . . . . quarta capa
Nota . . . . . página 150

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr $3,00; assinaturas, Cr $30,00 anuais

Agente Geral para o Brasil: FERNANDO CHINAGLIA

Avenida Presidente Vargas, 502, 19º andar, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Gavinho & Gonçalves, Rua H. Martins, 177-181 Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Alfredo Copolilo, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Empresa Distribuidora Ltda., Avenida dos Andradas, 280, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo, 510-A, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Luiz Miranda Sá, Rua do Imperador, 221, 3º andar, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Avenida Presidente Vargas, 502, 19º andar.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: Minerva Central de J. A. Carvalho & Cia., Ltda., Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida de Portugal, Lobito, Angola.

Tomo XV, No. 84 — SELEÇÕES do Reader's Digest — Janeiro de 1949

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.

Calle 23, No. 105, 4º piso, Vedado, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas. *Administrador:* Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edição em espanhol*, para os paises hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês:* redatores, Pierre Denoyer (París) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco:* redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês:* redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês:* redator, Onni Kyster (Copenague). *Edição em finlandês:* redator, Seere Salminen (Helsinque). *Edição em japonês:* redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).

Copyright 1948 por Selecciones del Reader's Digest, S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. XV, No. 84, January 1949. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, Vedado, Havana, Cuba. Subscription price, U.S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879 Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

IMPRESSA NOS E.U.A.

Após o banho de mar...

Um banho de Beleza!

— com sabonete Gessy. Sua espuma ativa e vitalizante rejuvenesce e suaviza a cútis. Prefira sabonete Gessy – custa menos, dura mais e é perfumado até o fim!

A maioria usa

SABONETE

GESSY

Para a sua correspondência . . . querendo escrever cartas perfeitas, rapidamente datilografadas, use a nova UNDERWOOD, com o Toque Rítmico.

Escreve com leveza e rapidez graças ao mecanismo perfeitamente equilibrado, de veloz suavidade. Produz mais trabalho com menor esforço. Tal é o Toque Rítmico . . . a última inovação da UNDERWOOD, lider mundial das máquinas de escrever.

Vendas e Serviço no Mundo Inteiro

Consulte o vendedor local da Underwood ou escreva-nos

SPEEDS THE UNDERWOOD WORLDS BUSINESS

Acelera os Negócios do Mundo

UNDERWOOD CORPORATION

Divisão Internacional

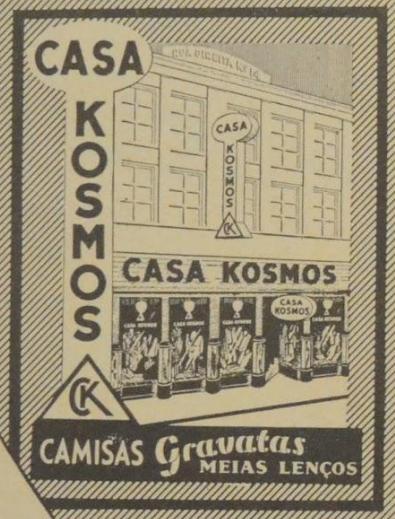
ONE PARK AVENUE, NEW YORK 16, N. Y., E. U. A.

Máquinas de Escrever • Máquinas de Somar
Máquinas de Calcular • Papel Carbono
Fitas de Máquina

CASA KOSMOS

150 R. DIREITA · S. PAULO

AFAMADAS CAMISAS



SENDALINE

DE FINISSIMO POPLIN INGLES

AS CAMISAS DA CASA KOSMOS NÃO ENRUGAM

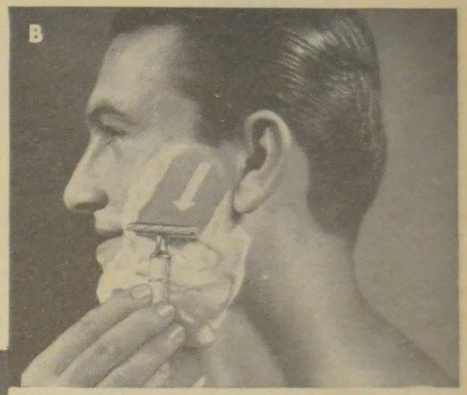
CASA KOSMOS

REMETEMOS CONTRA REEMBÔLSO PARA QUALQUER PONTO DO BRASIL 1 CAMISA SENDALINE POR CR$ 200,00. MANDE-NOS NOME, ENDEREÇO E N.º DO COLARINHO

AS CAMISAS DA CASA KOSMOS DURAM ANOS

Conselhos para um barbear *mais perfeito*

1. Lave o rosto, de preferência com água morna.
2. Use um bom sabão de barba, formando espuma abundante, que lhe facilitará a tarefa.
3. Dê ao aparelho a inclinação indicada na figura A.
4. Sem pressão excessiva sôbre a pele, maneje o aparelho em sentido diagonal (fig. B).

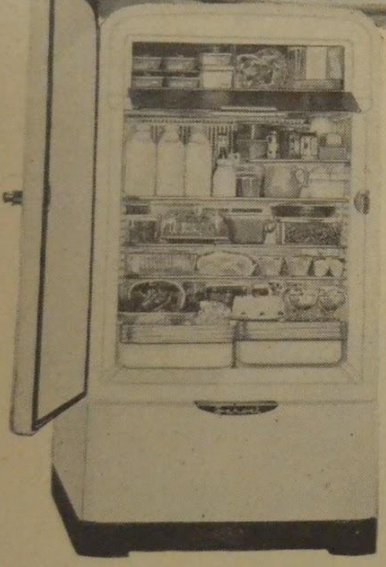


5. Use o novo e já famoso Gillette Tech, desenhado especialmente para a lâmina Gillette Azul, que *custa pouco porque dura muito*. Gillette Tech possui frisos anti-deslizantes para maior segurança; tem uma barra-distensora para maior suavidade e não acumula espuma . . . pois é de limpeza instantânea.

Gillette TECH

O APARELHO DE BARBEAR TÈCNICAMENTE PERFEITO

SERVEL
EM FUNCIONAMENTO POR TODA PARTE



FUNCIONA A QUEROSENE, GÁS NATURAL OU INDUSTRIAL, BUTANO OU PROPANO

- **Faz cubos de gêlo em abundância**
- **Tem grande espaço interior, ajustável**
- **Não tem peças mecânicas sujeitas a desgaste**

Cerca de 3 milhões de Refrigeradores Servel se encontram em quase todos os quadrantes da terra, prestando serviço nos lares, nos armazens e farmácias, em cantinas e clínicas, vinte e quatro horas por dia . . . todos os meses do ano. Este refrigerador miraculoso não tem peças mecânicas que exijam reparos ou substituição . . . não requer instalação elétrica . . . e presta os serviços mais modernos e de maior confiança, anos e anos seguidos. Em vez de peças moveis, o Servel utiliza uma pequena chama de gás ou querosene, para produzir frio constante. Desejando receber um folheto ilustrado sobre o Refrigerador Servel, queira escrever ao endereço abaixo indicado.

Servel *O REFRIGERADOR DIFERENTE*

SERVEL, INC. • INTERNATIONAL DIVISION • 20 PINE STREET • NEW YORK 5, N. Y., U. S. A.

DELICIOSAS
... e como são convenientes para as donas de casa!

ERVILHAS FRESCAS O ANO INTEIRO

Em qualquer período do ano, mesmo fora da "época", saboreie ervilhas tenras e frescas com Swift!

CONVENIENTES

Evite o trabalho de descascar, lavar e preparar... as ervilhas Swift já vêm prontas para servir!

SEMPRE À MÃO

Tenha-as sempre ao alcance da mão, todo o ano, em sua dispensa!

DELICIOSAS

Preparadas e enlatadas imediatamente, conservando todo o frescor e sabor da ervilha natural... como se fôssem colhidas da própria lata

COM

Swift

Cia. Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Vida Mais Longa para a Humanidade Inteira

TODOS OS DIAS e em toda parte . . . melhora a saude de alguem . . . e se prolonga a vida de outros . . . graças aos benéficos efeitos dos produtos farmacêuticos da Monsanto.

Tendo começado em 1901 com um só produto, a Sacarina, o rol de artigos farmacêuticos da Monsanto foi-se expandindo, até constituir hoje uma vasta seleção de excelentes preparados químicos para usos medicinais. Cada um destes produtos químicos Monsanto é manufaturado sob fiscalização constante, de modo a satisfazer os mais rigorosos requisitos de uniformidade e pureza. É por isso que eles se tornaram universalmente preferidos.

Os srs. fabricantes de produtos medicinais podem receber todos os prospectos da Monsanto relativos aos seus produtos medicinais, bastando dirigir-se a qualquer dos escritórios da Monsanto abaixo indicados, ou ao representante local da Monsanto. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri, U. S. A.*—Monsanto Chemicals Ltd., *Londres*—Monsanto (Canadá) Ltd., *Montreal*—Monsanto (Austrália) Pty., Ltd., *Melbourne*. Representantes nas maiores cidades do mundo.

★ ★ ★

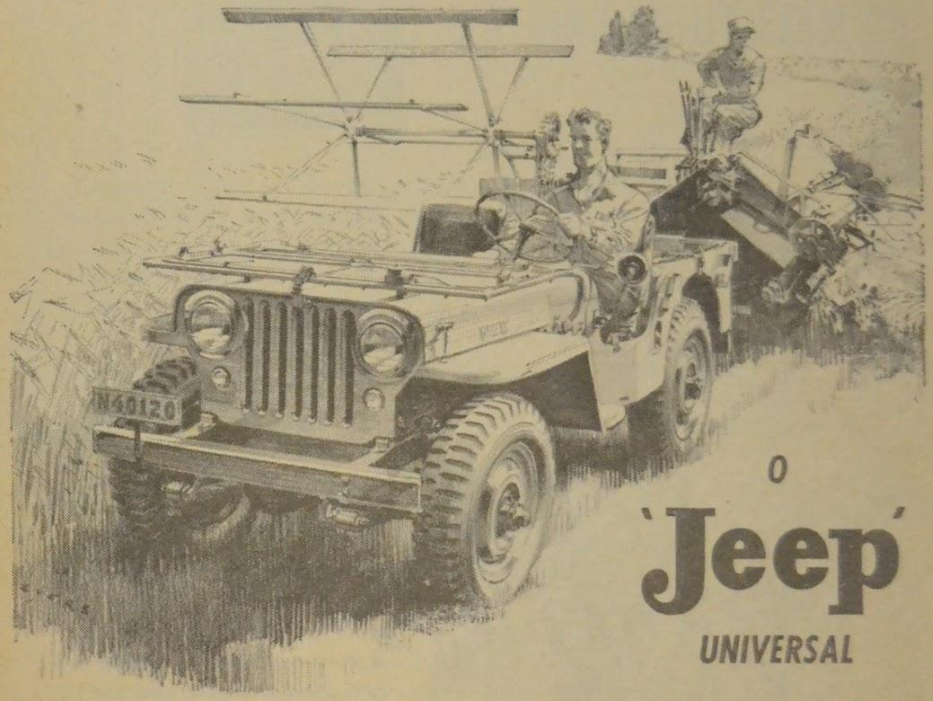
SERVINDO A INDÚSTRIA . . . QUE SERVE A HUMANIDADE

Os produtos químico-farmacêuticos constituem apenas um grupo, entre muitas centenas de produtos químicos e plásticos fabricados pela Monsanto para benefício da humanidade. São diariamente empregados em quase todas as indústrias do mundo inteiro. Ajudam a melhorar os produtos industriais, diminuem os gastos de produção, e fomentam as vendas. V. S. tambem pode lucrar com eles.

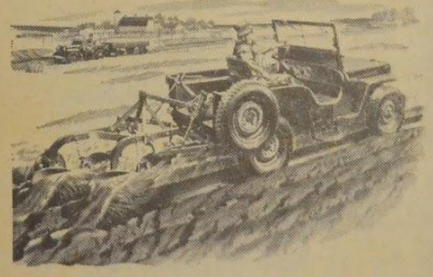
MONSANTO
PRODUTOS
QUÍMICOS E PLÁSTICOS

Peça-nos um exemplar do prospecto "Monsanto Pharmaceuticals". Dirija-se á Monsanto Chemical Company, Foreign Department RD, St. Louis 4, Missouri, U. S. A.

EM QUALQUER FAZENDA A MAQUINA MAIS OCUPADA



O 'Jeep' UNIVERSAL



O 'JEEP' UNIVERSAL executa maior variedade de tarefas na fazenda que qualquer outro veículo.

Possui impulsão nas 4 rodas para tração e fôrça de arranque contínua nos campos.

Pode ser usado com apetrechos agrícolas comuns, para tôda espécie de trabalho de cultivo e de colheita.

Funciona na estrada ou fora dela . . . é útil como caminhonete e sumamente eficiente, numa fazenda, como caminhão rebocador.

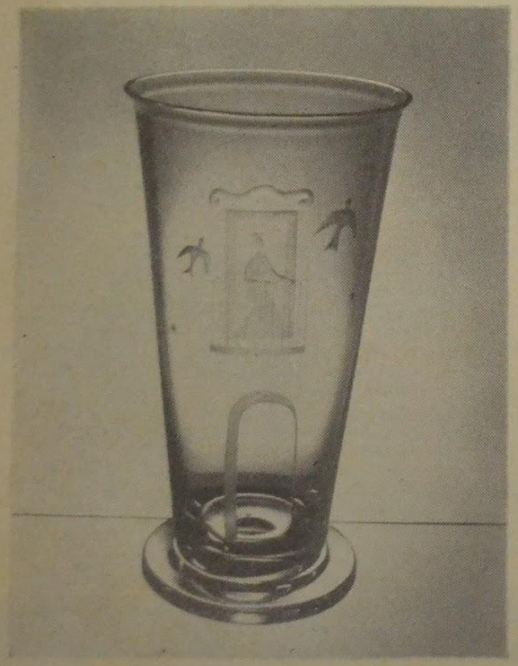
Fornece potência móvel em qualquer lugar da fazenda para fazer funcionar tôda sorte de equipamento acionado por transmissão de fôrça.

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORP. · TOLEDO, OHIO, E.U.A.

A MARCA QUE IDENTIFICA OS MAIS FINOS CRISTAIS

PRADO BRASIL

Dentre tôdas as artes universais, poucas requerem tanta perícia quanto a fabricação de cristais finos. Neste delicado mister os instrumentos quase nada representam. O segrêdo reside na habilidade do artesão que, ainda hoje, utiliza a mesma técnica com que os venezianos criaram tantas obras-primas, séculos atrás. Foi por isto que Cristais Prado, suplantando inúmeras dificuldades, reuniram os mais consumados artífices nacionais dessa aristocrática especialidade. E, com êles, conseguiram produzir cristais comparáveis aos melhores do mundo.



Grande variedade. Milhares de modelos em gravações artísticas, lapidações originais, decorações a ouro e a côres, foscações e gravações de pantógrafo, constituem a linha dos Cristais Prado.

A marca dos cristais finos.

CRISTAIS PRADO LTDA.

Av. Celso Garcia, 1467 - S. Paulo

e aprenda a executá-lo num Curso SINGER!

Tôda mulher sente prazer em variar, de vez em quando, a aparência de seu lar. Umas cortinas novas . . . capas coloridas para as velhas poltronas . . . e o ambiente *renovado* torna-se mais alegre e acolhedor. Tudo isto poderá ser feito por você mesma, por menos habilidosa que seja. E com notável economia para o seu orçamento! Procure uma Loja SINGER e informe-se sôbre o Curso de Decorações do Lar.

Em qualquer Loja SINGER há completo e sortido "stock" de aviamentos, nacionais e importados, para tôda espécie de costura. Compre suas linhas, agulhas, botões, cintos, flôres, fechos, echarpes, fitas, etc. nas Lojas SINGER!

SINGER
SEWING MACHINE COMPANY
—o nome garante o produto!
Lojas SINGER em todo o Brasil

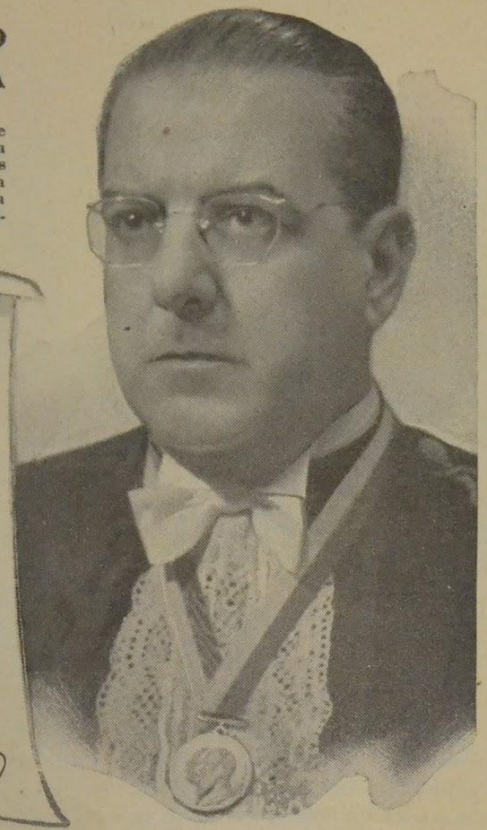
Copyright U.S.A. 1948 by Singer Sewing Machine Company
All Rights Reserved for All Countries • Todos os direitos devidamente protegidos, pelo Tratado Internacional

M. R.

CONHEÇA OS GRANDES MÉDICOS DO BRASIL

PROFESSOR OTÁVIO RODRIGUES LIMA

Catedrático de Clínica Obstetrica da Faculdade Nacional de Medicina e Professor Emérito da Faculdade de Medicina e Cirurgia, é um dos mais legítimos expoentes da cultura médica em nossa terra. O fato de ser reconhecidamente um obstetra de méritos excepcionais lhe confere uma autoridade única, ao afirmar:



Na evolução da gravidez todo o cuidado deve existir com relação ao perfeito funcionamento intestinal.
Aconselho e obtenho reais vantagens com o emprego do "Leite de Magnésia de Phillips" durante o período da gestação, nos casos indicados.

Rio, 2 de Abril de 1948.

Assim se comprova, mais uma vez, a eficácia do Leite de Magnésia de Phillips como suavizador de todo o aparelho digestivo, especialmente aconselhado às senhoras durante o período da gestação. Eis uma das muitas razões porque o Leite de Magnésia de Phillips é hoje, como ha 75 anos, o remédio básico, indispensável da nossa farmácia caseira. Laxante ideal e antiácido eficás, o Leite de Magnésia de Phillips neutraliza o excesso de acidês, ao mesmo tempo que auxilia a digestão. Usado metòdicamente, é um fator perene de saúde e bem-estar.

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

TÃO SUAVE PARA AS CRIANÇAS! TÃO EFICAZ PARA OS ADULTOS!

Ouça, às terças feiras, pela *Rádio Nacional*, às 20:30 hs., *"Obrigado, Doutor"* — um programa dedicado à *Classe Médica*

PARA AGRADAR A ELE . . .

. . . no seu aniversário natalício ou no de casamento, na data da formatura, ou em qualquer dia que exija um presente apropriado— dê, ao homem que ama, um Aparelho Elétrico de Barbear Remington. Ele apreciará o luxo de fazer a barba *a seco*, limpa e suavemente, cortando os pelos rente à pele, sem prejudicá-la. E gostará de ver, tambem, que você se lembrou de um presente tão moderno, tão util, tão pessoal!

ESCANHOA A SECO • SEM ESPUMA • SEM LÂMINAS

APARELHOS ELÉTRICOS DE BARBEAR

Remington

UM PRODUTO DA REMINGTON RAND

JOGA O POLO DE DEZ GOALS
(mas tem o rosto ultra-sensível)

GALOPAR DEBAIXO DUM SOL ABRASADOR TORNA MEU ROSTO SUSCETIVEL. MAS POSSO ESCANHOAR-ME SEMPRE CONFORTAVELMENTE, E A MEU GOSTO, QUANDO USO O CREME **WILLIAMS** QUE CONTÉM **LANOLINA.**

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do Creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar—deixa-lhe o rosto fresco e macio.

CONTÉM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes— o Williams "simples" e o Williams Mentolado.

Mais perfumadas que nunca!

EPREUVE

L'ORIGAN

A SUMA

EMERAUDE

L'AIMANT

COLÓNIAS DE FRAGRÂNCIA PERSISTENTE

Coty

Veja-o . . . por dentro e por fora . . .

é a sensação do ano!

Não há dúvida . . . V. S. concordará em que o Ford 1949 tem a "silhueta do ano." E por dentro . . . só vendo! Assentos amplos como um sofá. Janelas "panorâmicas" de todos os lados. Cinquenta e sete por cento mais de bagagem. Novo motor V-8! Economia de gasolina até de 10%, ou até de 25% com a nova "sobremarcha" (oferecida mediante pequeno aumento de preço). Novas molas dianteiras e traseiras. Não há dúvida . . . é a sensação do ano!

Corte que mostra as acomodações "a Meia-nau"

Pneus de banda branca mediante pequeno aumento de preço.

Ford 1949

Veja-o hoje nos salões dos agentes da Ford!

DIVISÃO INTERNACIONAL—FORD MOTOR COMPANY

Parker "51"

Escreve sêco com tinta líquida!

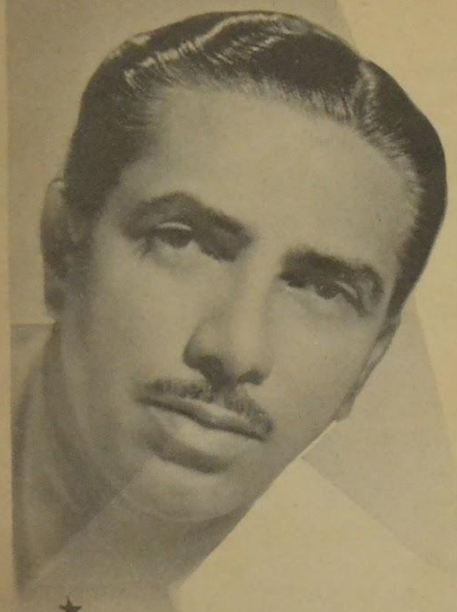
A CANETA MAIS DESEJADA DO MUNDO . . .

- Fabricada com rigorosa precisão, a Parker "51" é uma verdadeira jóia que conquistou a admiração universal. Satisfaz ao gôsto mais exigente, por sua beleza e equilíbrio impecáveis. Há uma grande variedade de tipos de pena à sua escolha, para cada estilo de caligrafia. Dê mais personalidade à sua letra! Use a Parker "51" com Parker *Superchrome*—a tinta super-brilhante, super-permanente, que *seca à medida que se escreve*, criada especialmente para a Parker "51".

Representantes e Pôsto Central de Consertos para

Brasil: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1° de Março, 9—1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: ANTÓNIO VIEIRA, LTDA., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: QUINTAS & IRMÃO, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: TEIXEIRA DA ROCHA, LTDA., C.P. 463—Lourenço Marques

AQUELES QUE BRILHAM
...com GLOSTORA!



Em 81,7% das entrevistas com personagens famosos, o nome de GLOSTORA aparece triunfante, como o produto ideal para os cabelos. Hoje depõem mais duas destacadas figuras Orlando, o querido "dianteiro" do Fluminense F. C., e Antonio Cordeiro, o famoso "Speaker-Cronista" da Rádio Nacional do Rio, onde apresenta diàriamente o programa "NO MUNDO DA BOLA", oferta de MELHORAL o "crack" dos analgésicos.

★ *"Uso GLOSTORA porque fixa meus cabelos sem comprometer sua leveza natural".*
Cordeiro.

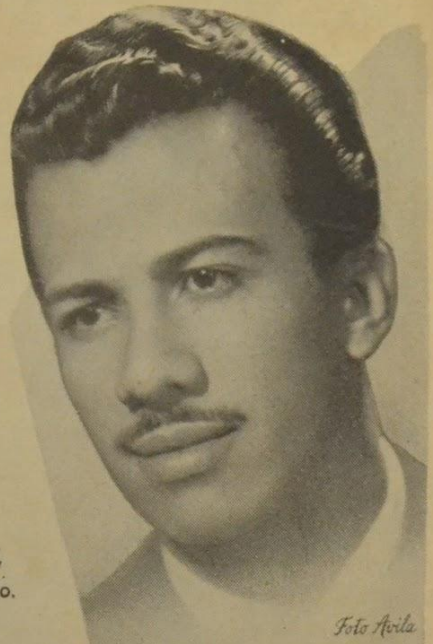


Foto Avila

★ *"Uso GLOSTORA porque basta uma aplicação pela manhã para manter os cabelos bem penteados durante todo o dia".*
Orlando.

Glostora

um perfume discreto e um penteado correto

„Por que é que viaja pela *K.L.M.*?"

"Porque viajar de avião é muito natural para os holandêses."

Viajar, atravessar oceanos, chegar aos confins do mundo, tudo isto está no temperamento holandês.

K·L·M

Companhia Real Holandesa de Aviação

7 grandes serviços

❶ TRANSATLÂNTICO ❷ EUROPEU ❸ MÉDIO E EXTREMO-ORIENTE ❹ INDIAS ORIENTAIS ❺ AMERICA DO SUL ❻ ANTILHAS ❼ ÁFRICA DO SUL

Para informações completas relativas a serviços de passageiros e frete, queira dirigir-se ao seu agente local de viagens ou ao escritório mais próximo da K.L.M.

SELEÇÕES

TOMO XV
No. 84

do Reader's Digest

JANEIRO
de 1949

Condensações de artigos de interesse permanente

Os cientistas contemplam reverentes a estrutura maravilhosa das partículas da matéria

O átomo, universo em miniatura

(*Condensado do livro «Truths Men Live By»*)

Pelo Rev. Padre John A. O'Brien

SE O LEITOR visse um viajante chamar cinco carregadores para ajudá-lo a levar uma mala de brinquedo, do tamanho de uma carteira de cigarros, certo acharia graça. Mas se os seis homens não conseguissem deslocar a mala, o riso se converteria em surpresa; e esta se tornaria em pasmo se, depois, o viajante abrisse a «bagagem» e mostrasse que só continha um grãozinho de matéria.

Finalmente, se essa minúscula partícula fosse posta numa balança, verificando-se que pesava várias toneladas, o leitor talvez esfregasse os olhos e, cheio de espanto, perguntasse: «Estou na terra que conheço—ou num mundo de fantasia para o qual fui repentina e misteriosamente transportado?»

Não obstante, o novo mundo que as recentes descobertas da física nuclear vieram revelar-nos é um universo em que se observam acontecimentos muito mais incriveis do que os encontrados por Alice no País das Maravilhas.

Os cientistas afirmam, sem pestanejar, que aquele grãozinho de pó bem poderia pesar muitas toneladas, se as partículas que o constituem estivessem unidas compactamente, eliminando todos os espaços vazios.

Espaços vazios na matéria? Sim; sabemos agora que praticamente toda a matéria é constituida de espaço vazio; vácuos relativamente enormes em

que revolvem, com a velocidade do relâmpago, partículas infinitésimas, tão pequenas que jamais foram vistas ou fotografadas. A existência dessas partículas foi demonstrada pelos físicos matemáticos, e os seus movimentos determinados por engenhosas experiências de laboratório.

O antigo mundo dos nossos antepassados consistia em substâncias que enchiam o espaço, compostas de partículas de matéria duras e (como então se pensava) inertes. Desapareceu esse mundo, ante o mundo dos cientistas; ante a descoberta revolucionária de que a matéria se compõe principalmente de espaço vazio pelo qual se movem, com enorme velocidade, diminutas partículas de matéria carregadas de eletricidade. Assim, tambem, o átomo é hoje concebido como um sistema solar em miniatura.

Sendo estas descobertas relativamente novas, os estudiosos mal começam a discernir as suas repercussões. Foi apenas em 1911 que as experiências de Sir Ernest Rutherford revelaram a arquitetura do misterioso átomo. Rutherford havia bombardeado átomos com partículas emitidas por substâncias radioativas. Surpreendera-o observar que os projeteis atravessavam o átomo como se este não existisse; era o mesmo que atirar num fantasma. Mas, finalmente, uns poucos projeteis—talvez um em 10 mil—esbarraram em alguma coisa que os desviou. Rutherford concluiu então que o átomo não era inteiramente fantasmagórico. Naquele espaço imenso existiam minúsculas partículas nas quais

O DR. O'BRIEN é professor, incumbido de pesquisas sobre a filosofia da religião, na Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos. Há mais de 30 anos vem interpretando o significado das descobertas científicas. Autor de uma dezena de obras doutas, o seu livro de grande êxito «Truths Men Live By» tem sido largamente aclamado por cientistas, filósofos e líderes religiosos de todos os credos.

estava concentrada a substância ou a força do átomo.

Neste novo universo sub-atômico pululam maravilhas não menos espetaculares do que as que assombraram Galileu quando este olhou pelo seu telescópio recem-descoberto e verificou que a terra não era fixa, mas sim um planeta entre muitos que revolvem em torno do sol. Essa transcendental descoberta de Galileu desbancou o homem da posição em que se havia entronizado no centro do universo. Embora o orgulho e a vaidade do homem ficassem rudemente abalados, aprofundou-se-lhe a humildade, e a sua percepção do poder e majestade do Criador infinito foi elevada e fortalecida de maneira correspondente. Será excessivo predizer que a revelação dos sistemas solares em miniatura no espaço atômico se igualarão um dia, em importância, à grande descoberta de Galileu?

A percepção da matéria, que surgiu das pesquisas de Thomson, Rutherford, Moseley, Bohr, Fermi, Millikan, Compton, Urey e outros, é a seguinte:

A matéria é composta de moléculas

cujo diâmetro médio tem cerca de 1/5.000.000 de milímetro. As moléculas se compõem de átomos tão pequenos que uns 5 milhões deles poderiam ser postos em fileira sobre o ponto final desta sentença. Por muito tempo julgado o elemento constitutivo mínimo e indivisivel da matéria, o átomo, segundo estas observações, compõe-se fundamentalmente de um proton, que é o elemento elétrico positivo no núcleo atômico, rodeado de eletrons, que são os elementos elétricos negativos que giram em torno do proton. Se bem que o proton tenha 1.840 vezes o peso do eletron, tem aparentemente apenas 1/1.800 do diâmetro deste.

Olhando através de um telescópio de grande poder, ficamos impressionados ou, mesmo, aterrados, pela vasta imensidão do espaço em que os corpos celestes se acham, a enormes distâncias entre si. Entretanto, a proporção entre o espaço vazio e o espaço ocupado por partículas, no átomo, é muito maior do que a proporção entre o espaço interplanetário e o espaço ocupado pelos planetas no sistema solar. Por isso, o espaço vazio constitui o aspecto mais surpreendente da matéria. Ao invés de uma parede de concreto ser uma massa inteiriça, sem furos entre as partículas, é, na realidade, toda perfurada, assemelhando-se mais a uma cerca de arame.

—Quanto pesa você? perguntei uma vez a um fortíssimo jogador de futebol no time da Notre Dame.

—Cem quilos, respondeu.

—Pois bem, se você fosse formado

O artigo do professor John A. O'Brien se fundamenta em fatos científicos bem autenticados. Baseando-se em dados fornecidos pelo prof. Eddington, ele se apoia numa das maiores autoridades.

—Robert A. Millikan, California Institute of Technology

O padre O'Brien, utilizando as descobertas da ciência e da filosofia modernas, reforça a crença na natureza espiritual do homem. O seu livro dará novo ânimo a milhares de pessoas.

—Arthur H. Compton, Reitor da Universidade de Washington

compactamente, de modo que se eliminassem todos os espaços vazios no seu corpo e na sua cabeça—não estou caçoando, ajuntei logo,—qual seria o seu tamanho?

—Não creio que existam espaços vazios consideraveis no meu corpo, respondeu o atleta.

—Bem, prepare-se para uma surpresa, avisei. —Você ficaria do tamanho de uma partícula de pó, invisivel a olho nu. Se não acredita no que digo, prosseguí,—leia as afirmações do eminente físico inglês Arthur S. Eddington, da Universidade de Cambridge.

Entreguei-lhe *The Nature of the Physical Universe*, de Eddington. O estudante leu: «A revelação do vácuo dentro do átomo, pela física moderna, é mais perturbadora do que a revelação do imenso vazio do espaço interestelar, pela astronomia. O átomo é tão poroso como o sistema solar. Se eliminássemos todo o espaço vazio do corpo de um homem, e reuníssemos os seus protons e eletrons numa massa, *o ho-*

mem ficaria reduzido a uma partícula apenas visivel através de uma lente.»

Visto que só se eliminaria o espaço vazio e se conservariam todas as partículas da matéria, o peso desse resíduo de eletrons e protons, intimamente adensados, seria o mesmo que quando eles ocupavam toda a extensão do corpo do atleta. Essa partícula pesaria cem quilos!

E se eliminássemos os vazios atômicos na composição material da nossa terra, esta se reduziria a uma pequena esfera com cerca de 800 metros de raio!

Não é menos surpreendente a velocidade com que as partículas giram em torno do seu núcleo atômico.

—Você acha que as partículas desse cachimbo que está fumando estão paradas, ou em movimento? perguntei a um estudante.

—Acho que elas estão paradas, respondeu ele.

—Pois bem, retruquei. —As partículas que constituem o cachimbo são eletrons e protons, e os eletrons estão constantemente em movimento em torno dos protons. Esses eletrons no seu cachimbo rodopiam nas suas órbitas atômicas mais de *mil milhões de milhões* de vezes por segundo.

Os físicos nos pedem que aceitemos essa extraordinária velocidade de órbita como um fato científico estabelecido. A velocidade dos eletrons é maior que a dos planetas, e se processa não obstante a pequenez infinitésima da câmara em que os eletrons estão aprisionados. Com efeito, as partículas beta, emitidas por substâncias radioativas, correm com uma velocidade que se aproxima à da luz, que é de quase 300 mil quilômetros por segundo!

Uma pequena partícula de matéria encerra potencialidades quase infinitas. Se a energia atômica contida num pedaço de hulha pudesse ser utilizada, seria suficiente para o *Queen Mary* atravessar o Atlântico duas vezes!

O dr. George L. Clark, professor de química radiológica da Universidade de Illinois e autoridade mundial nesse campo, projetou recentemente numa tela a radiografia de uma partícula de fuligem. Lembro-me ainda das expressões de pasmo e espanto que escaparam espontaneamente dos meus alunos. Como fragmentos estáticos de uma arquitetura maravilhosa, alí se revelavam figuras geométricas de notavel simetria e esplêndida diversidade. Com efeito, dentro de uma partícula de fuligem existe tal perfeição de simetria na disposição das moléculas e tal precisão matemática que, em comparação, o Taj Mahal da Índia ou a Catedral de São Pedro em Roma parecem estruturas grosseiras.

Por isso o cientista que tenha visto, mesmo rapidamente, as misteriosas profundezas de uma partícula de matéria, pode olhar com reverência uma partícula de pó ou um grão de terra. As descobertas dos físicos do átomo condenam à morte o materialismo como explicação do universo e filosofia da vida. Mais que isso, oferecem uma nova e impressionante confirmação da crença milenária do homem em Deus. Para o verdadeiro cientista não existe barro comum. Cada partícula de matéria é um feixe de milagres e

mistérios, é um tributo ao Poder infinito de cujas mãos criadoras proveio.

No passado, apontava-se para os céus estrelados como prova da existência do Ser Supremo. A cada conquista da astronomia, que aprofunda a nossa reverência ao contemplarmos as maravilhas do firmamento, essa prova se vai tornando mais irrefutavel. Mas não é menos impressionante a prova da existência de uma Inteligência Suprema que encontramos nas galáxias, nos sistemas solares e nos universos insulares que flutuam dentro de uma partícula de pó. No vórtice de um grão de areia parecem existir mais partículas do que planetas e estrelas nos céus.

A existência de uma lei matemática de ordem elevada, que os pesquisadores atômicos vêem confirmada a cada passo, convence-os da total insuficiência do materialismo como explicação do mundo invisivel. Robert Andrews Millikan expressou o sentir dos cientistas em geral, ao dizer: «Todo aquele que medita um pouco crê, de um modo ou de outro, em Deus.»

Apóstolo da Beleza

VIVEU NA Inglaterra um homem totalmente devotado à beleza. Considerando o Belo como uma visivel manifestação de Deus, Ruskin dedicou-se, com o fervor de um apóstolo, à missão de despertar no povo inglês o entusiasmo pelas coisas belas. No meio de sua carreira, porem, ele se fez um paladino das reformas sociais. Encontramo-lo, a meio da vida, a lutar pela renovação dos pardieiros de Londres e a organizar turmas de varredores de rua. Para muitos, tudo isso parecia uma transformação completa. Mas Ruskin via uma íntima relação entre as duas coisas. Aprendera que um povo não pode elevar sua alma até as nuvens, estando com os pés na lama da fome e do trabalho excessivo.

—Thomas Jefferson Wertenbaker, em *Scribner's Magazine*

Statement of the Ownership, Management, Circulation, etc., required by the Act of Congress of August 24, 1912, As Amended by the Acts of March 3, 1933, and July 2, 1946
of Seleções do Reader's Digest published monthly at Chicago, Illinois
for October 1st, 1948

State of New York } ss.
County of New York }

Before me, a Notary Public in and for the State and county aforesaid, personally appeared Eduardo Cárdenas, who, having been duly sworn according to law, deposes and says that he is the Editor of Seleções do Reader's Digest and that the following is, to the best of his knowledge and belief, a true statement of the ownership, management, etc., of the aforesaid publication for the date shown in the above caption, required by the act of August 24, 1912, as amended by the acts of March 3, 1933, and July 2, 1946, Section 537, Postal Laws and Regulations, to wit: 1. That the names and addresses of the publisher, editor, managing editor, and business managers are: Publisher, Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba; Editor, Eduardo Cárdenas, 230 Park Avenue, New York, N.Y.; Managing Editor, None; Business Manager, Roberto C. Sanchez, Calle 23 #105, 4° Piso, Vedado, Havana, Cuba. 2. That the owners are Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23 #105, 4° Piso, Vedado, Havana, Cuba, The Reader's Digest Association, Inc., Pleasantville, N.Y. 3. That the known bondholders, mortgagees, and other security holders owning or holding 1 percent or more of total amount of bonds, mortgages or other securities are: none. 4.That the two paragraphs next above, giving the names of the owners, stockholders, and security holders, if any, contain not only the list of stockholders and security holders as they appear upon the books of the company but also, in cases where the stockholder or security holder appears upon the books of the company as trustee or in any other fiduciary relation, the name of the person or corporation for whom such trustee is acting, is given; also that the said two paragraphs contain statements embracing affiant's full knowledge and belief as to the circumstances and conditions under which stockholders and security holders who do not appear upon the books of the company as trustees, hold stock and securities in a capacity other than that of a bona fide owner; and this affiant has no reason to believe that any other person, association, or corporation has any interest direct or indirect in the said stock, bonds, or other securities than as so stated by him. Signed Eduardo Cárdenas, Editor. Sworn to and subscribed before me this 22nd day of September, 1948. (Seal) Catherine Vander Wende, Notary Public.

Por que não o encarar com toda a franqueza? Esta é uma reação contra o sigilo e as evasivas

TENHO CANCER

(*Condensado de «The Cleveland Press»*)

Por Carlton K. Matson

Da redação do jornal «The Cleveland Press»

EMBORA sem razão, este artigo parecerá a algumas pessoas extremamente chocante. Já é tempo de se começar a escrever com franqueza integral, e eu a empregarei.

Fui informado, há dias, de que a lesão nas costas que me incomodava havia vários meses, evoluira malignamente. Isso, é claro, quer dizer cancer.

Tratei de iniciar, imediatamente, os melhores tratamentos, o que não é dificil nos Estados Unidos. Mas deixemos de lado a terapêutica. O que quero é vibrar um golpe contra a paralisante atmosfera de sigilo que envolve os casos de cancer. Não desejo que ninguem pergunte, referindo-se a mim: «Será que ele já sabe?»

Por outro lado, não quero que meus amigos se sintam constrangidos ao conversar comigo sobre qualquer assunto, inclusive sobre o cancer. Se a minha vida terrena há-de ser abreviada, desejo que cada minuto que me resta seja vivido sem peias ou inibições.

As «campanhas de cochichos», embora inspiradas por sentimentos de amizade e consideração, tornam duplamente penosos os casos de cancer.

Conheci, por exemplo, um casal muito unido e feliz, que viveu, sem o consolo da franqueza, durante seis meses, até o cancer arrebatar a esposa. Um sigilo desolador pesava sobre ambos, cada qual perguntando a si próprio: «Ela saberá?» «Ele saberá?» Que tolice! Comigo não acontecerá isso.

Há no mundo tanta coisa a se fazer, tanto no que pensar, escrever ou falar! O mundo pode ser cheio de tribulações, mas é tambem um lugar onde é dificil a gente entediar-se.

Atravessamos, por exemplo, nos Estados Unidos, uma época de «prosperidade», sob cuja superfície macia qualquer pessoa identificará os sintomas mortais da inflação. Enfrentamos o problema dessa perigosa engrenagem que constitui a «guerra fria». Iniciamos a Era Atômica, mas não sabemos como conduzir-nos nela. Dispomos de todos os elementos materiais para fazer do mundo uma brilhante constelação de oportunidades para todos. Entretanto, em pleno esplendor, sentamo-nos, aterrados.

É por essas e outras que faço questão de não perder nada do que me for dado desfrutar. Com a ajuda de Deus, ainda escreverei sobre muitos assuntos; entre eles, o cancer.

A empolgante e significativa história do que foi—

A luta pelo poder na Itália

Por Edmundo L. Palmieri

AS ELEIÇÕES italianas ofereceram pela primeira vez o que pode chamar-se o perfeito paradigma das táticas comunistas quando se trata de conquistar o poder por via das urnas—isto é, quando, em vez de adotarem tropas de ocupação e cavalos de Tróia, os comunistas se esforçam por atrair à sua causa a simpatia e o voto de milhões de eleitores. Poucas vezes se tem presenciado uma luta tão espetacular pelo voto dos cidadãos; e raras vezes o mundo terá visto táticas semelhantes às que foram empregadas pelos comunistas.

Edmundo L. Palmieri foi sucessivamente secretário do Juiz Charles Evans Hughes, na Corte Permanente de Justiça Internacional em Haia, assistente do Promotor Público em Nova York (ao lado de Thomas E. Dewey), e magistrado da cidade de Nova York. Abandonou depois o foro para se entregar às tarefas da Comissão Aliada na Itália, durante a guerra, posto para o qual estava particularmente qualificado, pelo seu tirocínio jurídico e pelos anos de estudo que havia passado em Roma. Serviu na África do Norte, na Sicília, na Itália, na Córsega e na França.

O artigo que se vai ler é fruto das observações que ele fez no decurso de duas visitas à Itália no ano passado.

AINDA PAIRAVA no ar, ao norte de Roma, a poeira erguida pela marcha das colunas do Quinto Exército Norte-Americano, que acabava de capturar a Cidade Eterna, em 1944, quando começaram a chegar ao aeroporto de Littorio aviões trazendo grupos de italianos que regressavam da Rússia, onde se haviam treinado durante vários anos. Estavam, naturalmente, autorizados pelos Aliados a reingressar no seu país: a Rússia não era uma nação aliada? Esses agentes se lançaram ao trabalho sem perda de tempo, com energia mas discretamente, afim de montar uma organização política capaz de assumir o governo do país.

Em dezembro de 1947 os líderes comunistas italianos e os agentes so-

viéticos debateram calorosamente a questão que, ao tempo, mais os preocupava: se deviam tomar de assalto o poder, ou conquistá-lo pelo voto. Em todos os outros casos os comunistas haviam capturado governos por meio de intrigas, artimanhas, infiltrações, e, finalmente, golpes de estado. Mas, como considerassem o povo italiano maduro para a vitória do comunismo, resolveram que o Partido se aprestasse, pela primeira vez, a assumir o controle de uma nação pelas armas legais do sufrágio. Como tentaram alcançar esse objetivo?

O núcleo sólido e disciplinado de trabalhadores de confiança, organizado pelos militantes treinados em Moscou, já se instalara, em princípios de 1948, em sua sede, um edifício de cinco andares, que ocupava todo um quarteirão na rua chamada, com muita propriedade, *Via delle Botteghe Oscure* (rua das Lojas Escuras)—perto da famosa sacada de onde Mussolini costumava arengar às multidões. A Polônia e a Rússia forneceram-lhe grandes quantidades—não é exagero: trens inteiros, navios carregados—de papel de impressão, artigo dos mais escassos e mais caros na Itália, para imprimirem cartazes, prospectos e jornais. Receberam, na realidade, tanto papel, que chegaram a vender quantidades consideraveis no mercado negro, obtendo assim fundos para novas empresas.

O Partido adotou um nome moderado e menos dificil de tragar: Frente Democrática Popular. Raras vezes se usava a palavra «comunista», e o símbolo da foice e martelo foi substituido pela cabeça de Garibaldi sobreposta a uma estrela de cinco pontas. Foi um gesto indecoroso que enfureceu os descendentes de Garibaldi, os quais não tinham ligação alguma com os comunistas. Em muitas regiões rurais, os agentes de propaganda diziam aos camponeses que aquela cabeça era a de São José. Como, de fato, ela lembrava a das imagens que se vêem nas igrejas das aldeias, os simples acreditavam na balela, o que atraiu alguns votos.

O Partido parecia dispor de verba ilimitada. Quando Mussolini foi preso por um grupo de resistência clandestina em Dongo, na Itália setentrional, levava consigo pelo menos um caminhão carregado de dinheiro, valores estrangeiros e ouro, em parte propriedade sua, e em parte propriedade do efêmero governo por ele organizado no norte. Nunca se computou devidamente esse tesouro, mas é de crer que andasse por muitos milhões de dólares. Ficou durante algum tempo sob a custódia da comuna de Como; depois, alguns guerrilheiros comunistas lançaram mão dele. A história desse furto nunca foi contada em todos os pormenores, mas muitos dos guerrilheiros, que nele tomaram parte, foram desde então mortos, provavelmente porque «sabiam demais», ou porque se haviam apropriado de um quinhão excessivo. Seja como for, é voz corrente que boa parte do tesouro de Dongo foi acabar nos cofres do Partido Comunista.

Os comunistas empregados na Casa da Moeda roubaram chapas, e imprimiram dinheiro-papel em quantidade.

Empresas comerciais organizadas a toda a pressa, e dirigidas de fato por membros do Partido, vendiam grandes carregamentos de peles russas e de artigos fabricados na zona de ocupação soviética na Alemanha. Muitos proprietários e industriais fizeram vultosas contribuições, temendo represálias, confiscos ou prisão, no caso da vitória dos comunistas.

Munidos, pois, de papel e dinheiro a rodo, de um nome atraente e de um emblema inofensivo, robustecidos por uma brigada de estrategistas políticos de primeira ordem e de capangas de absoluta confiança, e mediante um férreo controle dos sindicatos operários—os comunistas iniciaram a sua campanha sob os melhores auspícios. Tinham a tremenda vantagem de contar com a legião dos que sempre seguem o carro do triunfador... Dir-se-ia que tinham a vitória assegurada.

Os agentes do Partido foram meticulosamente instruidos em várias técnicas de persuasão, sendo uma das mais interessantes o emprego de milhares de *agit-props*, nome resultante da combinação simplificada das palavras «agitador» e «propagandista». Os agit-props trabalhavam geralmente aos pares. Começavam por simular, nos lugares públicos, uma violenta altercação política; tão depressa tinham atraido as atenções de um grupo de curiosos, iniciavam a propaganda. Então, o oponente comunista acabava invariavelmente por levar a melhor sobre o seu falso antagonista.

Efígie de Garibaldi usada pelos comunistas

Efígie de Garibaldi usada pelos anti-comunistas

Ouví por acaso uma dessas controvérsias de agit-props, em torno das duas ditaduras que ameaçavam o povo italiano: a fascista e a vermelha. Depois de muitos argumentos acentuando os lados maus de ambas as ditaduras, surgiu afinal a doutrina do agit-prop: que os eleitores deviam votar nos candidatos dos pequenos partidos locais, únicos com cuja fidelidade o povo podia contar. Era uma refinada astúcia, porque os candidatos desses partidos não tinham a menor probabilidade de ganhar, e cada voto que

recebessem só iria fortalecer a causa comunista.

Outra discussão desse gênero, a que assistí, procurava anular o favoravel efeito que tivera na opinião pública a proposta aliada sobre a restituição de Trieste à Itália. A linha adotada no caso era esta: se os Aliados eram sinceros, então por que haviam esperado a hora da campanha eleitoral para lançar a idéia? Não eram porventura esses mesmos Aliados os que agora retinham as antigas colônias italianas da África?

Os agitadores do Partido eram instados a falar sempre que se lhes oferecesse o ensejo; recebiam ordens de frequentar os mercados, entabolar conversação nos trens e outros meios de transporte público, e palestrar com os vizinhos.

As CIRCULARES e cartazes do Partido prometiam quase tudo a quase todo o mundo. Aos soldados do Exército prometiam aumento de pré, melhoria de rancho e de condições de vida. Tambem instavam com eles para que não se deixassem destacar para missões de carater policial, e fez-se até uma tentativa para convencê-los de que estavam sendo explorados pelos superiores. Publicavam-se os polpudos vencimentos dos oficiais de alta patente, para fomentar o descontentamento nas fileiras.

Por toda a Itália, a conveniente distância dos quartéis, começaram a surgir tavernas e botequins, cujas *garçonettes* eram quase sempre moças bonitas e dispostas a agradar a freguesia. O proprietário, sempre um homem de confiança do Partido, era cordial, falador, e generoso. Quem entrasse fardado não via maneira de gastar dinheiro. Assim os vermelhos conquistaram muitos soldados.

Aos trabalhadores da indústria e aos funcionários públicos prometiam-se tambem aumento de salários e melhores condições de vida. Assegurava-se aos lavradores mais humildes a partilha gratuita das terras, e maquinaria barata. Prometiam-se preços módicos às donas de casa, alem de melhores habitações, paz e ventura para as crianças. Haveria pão para todos os famintos, remédio para os doentes, trabalho para os desempregados—em suma, onde quer que surgisse uma carência ou falha, o Partido prometia o remédio adequado.

Através de tudo isso, corria o refrão do ódio: havia sempre alguem cuja derrota ou liquidação se tornava necessária. Ou se tratava do governo, que era deshonesto, inçado de traidores e incompetentes; ou da Igreja, cujos ministros exploravam os pobres, ao mesmo tempo que se locupletavam; ou do Plano Marshall, que pretendia reduzir a Itália à servidão; ou ainda do patrão ou do fazendeiro rico. Todos eram fascistas pela simples razão de não serem comunistas. Segundo *L'Unità*, jornal comunista, o cardeal Spellman, de Nova York, despachara para Roma um pastor protestante para influenciar as eleições...

O Partido organizou as «Assembléias Pró-Paz» para provar que a maneira de conseguir a paz, era votar na

Frente Democrática. De todos os cantos da Itália trouxeram mulheres para tomar parte na grande demonstração cívica de Roma. Vi muitas delas, algumas vestidas ao rigor da moda, percorrendo as ruas e pedindo a outras mulheres que assinassem petições em prol da paz. Com grande pompa e cerimônia, no dia do cotejo, três lindas mulheres, de blusa e calça comprida e levando ao pescoço o lenço vermelho, seu distintivo, carregaram uma enorme pomba da paz, de papelão, até ao túmulo do Soldado Desconhecido, em Roma.

Os «frentistas» tentaram demonstrar que os Estados Unidos e o Plano Marshall, e os altos funcionários tanto do governo norte-americano como do italiano, eram todos cúmplices de uma vasta e sinistra organização destinada a explorar os pobres e a provocar a guerra. Viam-se por todas as paredes cartazes representando a Estátua da Liberdade, a empunhar, em vez do facho, a bomba atômica. «Se não quereis que a Itália se transforme em campo de batalha como a Grécia, votai contra os lacaios de Truman! Votai na Frente Democrática!»

Sem embargo dessa ofensiva de «paz», os comunistas lançaram nas ruas nutridos grupos de militantes bem treinados que desfilavam sempre que surgia um pretexto. Gabavam-se abertamente das armas que tinham escondidas, muitas das quais, aliás, a polícia apreendeu. Tudo faziam para dar aos seus concidadãos a impressão de que eram capazes de tomar o poder pela força, quando quisessem fazê-lo. E os seus oradores falavam com frequência na «ação direta».

As duas características principais da campanha foram, porem, o esforço de persuadir os camponeses de que estes receberiam a terra, e os insultos e calúnias contra a Igreja Católica.

Nas localidades rurais distribuiram-se cartazes e panfletos destinados a mostrar como a terra já fora partilhada entre os felizes camponeses da Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Iugoslávia e Albânia. Os propagandistas do Partido visitavam as zonas rurais, carregando cartas topográficas e papel timbrado, do mesmo que geralmente se emprega para os contratos de transmissão de propriedade. Contavam o número de lavradores e tomavam nota das grandes propriedades que seriam distribuidas gratuitamente a partir de 18 de abril de 1948, dia das eleições. Tudo isso era feito com tais ares de autoridade, que a humilde gente do campo muitas vezes ficava convencida de que os agentes comunistas eram funcionários do governo. Em alguns casos os lavradores receberam o que lhes parecia serem títulos de transmissão de terras; e ouví falar de dois camponeses que se apresentaram na Prefeitura de seus municípios, um ou dois dias depois das eleições, para exigir a posse de suas novas propriedades. Acreditavam firmemente que a falsa promessa da partilha das terras seria cumprida.

De duas maneiras procuraram os «frentistas» combater a influência da Igreja Católica: primeiro, dardejando calúnias contra seus altos dignitários;

segundo, esforçando-se por persuadir os crentes de que o comunismo é, na realidade, a mais perfeita expressão da filosofia cristã, o que equivale a tentar destruir a religião fingindo abraçá-la. Um tal Virgílio Scattolini (posteriormente preso por essa façanha) escreveu um livro que expunha uma série de «documentos» supostamente copiados dos arquivos da Secretaria de Estado do Vaticano. O livro apareceu poucos dias antes das eleições, e a Frente Popular fez grande publicidade em torno dele. Esses documentos, aliás apócrifos, pretendiam provar a intervenção direta e diária do Vaticano nos negócios do governo da Itália. Assuntos tais como auxílio norte-americano e a fiscalização da imprensa eram, segundo o livro, consequência de diretrizes vindas do Papa e de altos funcionários do Vaticano.

Um panfleto em que se viam estampadas as efígies de Jesús e de alguns dos Apóstolos, declarava que o Vaticano tinha dinheiro empregado nas indústrias do telefone e do cinema nos Estados Unidos, e nas companhias de navegação da Alemanha. Falava-se ainda em outras inversões de capital em paises estrangeiros. Acusava-se a Igreja de entregar-se a especulações financeiras, em detrimento dos pobres.

Em flagrante contradição, os «frentistas» citavam a Bíblia Sagrada em apoio de seus argumentos: «Aquele que tem duas túnicas, dê uma ao que não a tem; e aquele que tem comida, faça o mesmo» (Lucas—III, 11). Os «frentistas» faziam questão de afirmar que acreditavam na partilha equitativa da propriedade, ao passo que, violando esse sagrado preceito do cristianismo, tanto a Igreja quanto o Estado opunham obstáculos à re-distribuição das terras araveis. «A minha casa será casa de oração, mas vós a fizestes um covil de salteadores» (Lucas—XIX, 46). Faziam uso dessa citação ao acusar o Vaticano de cumplicidade em operações financeiras suspeitas.

Algum tempo antes da eleição, eles foram beneficiados pelo que se pode chamar um golpe de sorte. O Vaticano estava investigando graves irregularidades cometidas por um seu funcionário subalterno, Monsenhor Cippico. Ele fugiu e o Vaticano pediu às autoridades italianas que o detivessem. A propaganda comunista atirou-se ao incidente com o entusiasmo da matilha em plena caça.

O Partido ordenou aos seus adeptos que tomassem parte nas procissões religiosas, e assistissem aos serviços divinos, mas sem deixar de usar os lenços vermelhos no pescoço, e outras insígnias partidárias. Às vezes interrompiam as procissões e perturbavam os serviços religiosos. Em muitas igrejas italianas os sacristães costumam distribuir aos fiéis, quando a bandeja dos óbolos passa de mão em mão, pequenas imagens de santos, em sinal de gratidão pelos donativos. Os «frentistas» imitaram-nos: tenho em meu poder um desses cartões, que mostra de um lado a imagem de São Francisco de Assís, e no verso, a par de um ardente louvor ao Santo, um grosseiro ataque à Igreja Católica!

Os COMUNISTAS organizaram muitos grupos para fins supostamente culturais, filantrópicos e caritativos, sem que nenhum sinal exterior revelasse tratar-se de agremiações de carater político. Mas as pessoas que aderiam a esses grupos viam seus nomes estampados nos jornais partidários da Frente Popular. Muitos cidadãos assim rotulados vieram a público desmentir tal filiação. Isso entretanto não desanimou os comunistas, cuja teoria parece consistir em que um desmentido atrai sempre menos atenções do que a primeira publicação dos nomes.

Para votar, o cidadão italiano é obrigado a tirar um título eleitoral. Muitos dos funcionários municipais encarregados de expedir tais títulos eram membros do Partido. Quando os requerentes não eram comunistas, davam-lhes títulos viciados. Eu próprio examinei cinco desses documentos de habilitação, todos do mesmo punho, e destinados a uma família, constituida de pai, mãe e três filhos maiores. O nome da família estava, em todos os casos, erroneamente grafado, e os elementos de identificação se achavam de tal modo confusos que os títulos resultavam nulos. Em Gênova, segundo uma nota oficial do Ministério do Interior, 30 mil títulos eleitorais foram sistematicamente viciados, e mais dois mil foram concedidos a pessoas que os usariam para votar duas vezes, sob nomes diferentes. O prefeito comunista de Lanúvio e o sub-prefeito comunista de Genzano foram ambos demitidos de suas funções, por haverem cometido fraudes na expedição de títulos eleitorais. O último chegou a ser encarcerado.

Eram comuns as promessas de dinheiro e de melhor emprego feitas aos futuros eleitores. Em muitos casos chegaram mesmo os comunistas a prometer a transferência de propriedades e estabelecimentos a indivíduos ou grupos de indivíduos. Em muitas cidades organizavam listas de casas e apartamentos que passariam a ser ocupados por membros ou simpatizantes do Partido.

Uma senhora das minhas relações estava um dia sentada na varanda de sua casa, contemplando a baía de Nápoles, quando dois funcionários da organização comunista local entraram na propriedade e, sem a menor cerimônia, começaram a dividir a casa entre si. Depois de discutirem a contento os vários arranjos domésticos a fazer, afastaram-se. A referida senhora ordenou logo à cozinheira que se fosse informar e lhe viesse dizer a que parte da casa ela teria direito. No dia seguinte a cozinheira informava que a patroa não tinha mais problema a resolver: estava simplesmente condenada à morte. Ocioso dizer que a senhora, chegado o dia da eleição, votou bem cedo, e depois foi refugiar-se na montanha, levando comida suficiente para uma semana, e quantos objetos de valor teve forças para carregar.

Em muitos lugares organizou-se o rol das pessoas que, após a vitória do comunismo, seriam executadas; e falava-se muito na organização de tribunais do povo, e na aplicação da justiça popular.

Quando se relanceia a vista por sobre esses meses de grande inquietação, em que se realizou a campanha eleitoral na Itália, surpreende que o sinistro feiticeiro que então percorreu a nação de extremo a extremo, não haja arrastado atrás de si toda a população com a música da sua flauta encantada. Seu esforço foi na verdade formidavel, e o resultado esteve em dúvida até aos últimos dias. Só por um triz a Itália não passou para o lado de lá da Cortina de Ferro.

Como foram derrotados os comunistas

É ASSOMBROSA a história da defesa que saiu triunfante desse ataque em massa. Essa defesa começou tão tarde, e com tão escassos recursos, que a maioria dos observadores chegaram a considerá-la causa perdida. A oposição aos comunistas estava dividida em 98 partidos políticos, doze deles nacionais, e os restantes locais. A Frente era a única entidade política vigorosa e bem disciplinada. As eleições preliminares de Pescara haviam servido de experiência, e os comunistas venceram quase sem esforço. Os cartazes e folhetos de propaganda comunista eram em número pelo menos cinco vezes maior que os dos seus adversários. Em todas as paredes via-se propaganda da Frente. Como foi, então, que as forças anti-comunistas conseguiram consolidar-se já na última hora e infligir aos comunistas uma derrota esmagadora?

Por um lado, os «frentistas» foram-se tomando de excessiva confiança em si mesmos. Por outro lado, jogaram suas cartadas com exagero. Falavam muito sobre os propósitos pacíficos da política internacional da União Soviética, e sobre o contentamento dos camponeses nos paises controlados pelos comunistas. Em meio de tudo isso, a U.R.S.S. apoderou-se da Tchecoslováquia pela traição e o terror, pílula essa que, para os comunistas italianos, foi dificil de tragar; mais dificil ainda foi explicar ao povo a situação.

O programa de calúnia e vilipêndio contra a Igreja, contra muitas personalidades e contra os Estados Unidos, foi tão laborioso e tão exagerado, que acabou perdendo grande parte de sua eficácia. Por exemplo, um tal Chieffi, membro da Assembléia Constituinte, foi acusado nos cartazes comunistas de ter arranjado mulheres para os soldados alemães durante a ocupação nazista. Era uma acusação sem fundamento, unanimemente repudiada pelo voto da mesma Assembléia. Tornou-se dessa maneira facílimo fazer-se um desmentido cabal, que repercutiu precisamente contra os autores da calúnia.

A barragem de impropérios dirigida contra os Estados Unidos foi tão intensa, que o embaixador Dunn se viu forçado, involuntariamente, a desempenhar um papel de relevo, fazendo ao povo uma exposição leal a respeito da ajuda que os Estados Unidos vinham prestando à Itália. Dunn foi pessoalmente vítima de infindaveis e vis acusações, que recebeu com dignidade e perfeita isenção. Mas, todas as

vezes que chegava aos portos da Itália um carregamento norte-americano de trigo ou carvão, o embaixador comparecia ao cais, tomava parte na cerimônia do desembarque, e, em discurso de antemão preparado, punha em relevo alguns fatos pertinentes. Uma coisa que revoltou muitos italianos, foi ouvir os comunistas esfalfar-se a gritar contra as conjuras dos norte-americanos, e ao mesmo tempo ver Mr. Dunn dar boas-vindas aos carregamentos de trigo.

Outra coisa que tambem teve efeito salutar, foram os milhares de cartas que os ítalo-americanos escreveram a amigos e parentes na Itália, mormente no sul. As pessoas que recebiam essas cartas sentiam-se confortadas com o pensamento de que, nas horas de crise, lá longe havia quem se lembrasse delas, e de que os amigos de alem-mar estavam tentando acudí-las. Os empregados comunistas dos correios italianos sonegaram e destruiram algumas dessas cartas. Para corrigir a situação assim criada, um funcionário superior dos correios norte-americanos foi de avião à Itália, cooperar com o governo italiano. Aliás, nem todas as cartas vieram dos Estados Unidos: muitas eram do Brasil, da Argentina, da Irlanda, da Inglaterra, Holanda, França e África do Sul. Os «frentistas» cometeram o erro de investir contra essas cartas e os que as escreviam, mas o resultado só lhes foi prejudicial.

A ORGANIZAÇÃO LEIGA da Igreja Católica, acudindo ao combate, realizou muito trabalho construtivo entre os operários. Constituiram-se comitês cívicos na maioria das paróquias. Despacharam-se representantes para o exterior, em busca do auxílio financeiro, e estes regressaram com somas consideraveis. Alguns seminários fecharam as portas e mandaram os seus estudantes tomar parte na campanha, em geral para executar as tarefas burocráticas, tão necessárias. Os leigos reuniram vários automoveis para conduzir às urnas, no dia da eleição, todos os velhos, doentes e inválidos, ou quaisquer pessoas que quisessem transporte gratuito até os postos eleitorais. Devolviam os títulos eleitorais invalidados às repartições municipais, para que fossem corrigidos, trabalho esse que representava horas e horas de espera em fila. Alguns membros da Ordem Franciscana misturaram-se com o povo para pregar sobre a gravidade dos problemas em debate, e para incitá-lo a agir contra os comunistas. Todos os grandes pregadores disponiveis foram mobilizados para a campanha, e um deles, o padre jesuita Lombardi, chegou a atrair multidões de 50 mil pessoas. Imagens da Virgem Maria foram removidas dos altares e conduzidas em romaria pelas cidades e aldeias vizinhas. Chegaram do estrangeiro colaboradores experimentados, para levar voluntariamente aos trabalhadores italianos novo zelo, novas idéias e grande soma de experiência em matéria política. Alguns desses voluntários eram norte-americanos, outros ingleses. Está claro que o seu número nem de longe se podia comparar

ao dos agitadores comunistas que desembarcavam clandestinamente na Itália, vindos da Iugoslávia, pelos portos mal-guardados do Adriático.

As mulheres desempenharam um papel de sacrifício e heroismo exemplares. Isto foi tanto mais digno de nota, quanto é certo que a mulher italiana só recentemente conquistou o direito de sufrágio, e não tem nenhuma experiência política. Acontece que a italiana é, por tradição, muito ligada ao lar. Assim mesmo, as organizações femininas procuraram, de muitas e eficazes maneiras, conseguir que os eleitores anti-comunistas se organizassem e concorressem às urnas. Arranjaram as coisas de tal maneira que umas ficavam tomando conta das crianças enquanto as mães votavam. Trataram tambem de conseguir títulos eleitorais. Guiaram muitos automoveis no dia do sufrágio. Aventuraram-se intrepidamente a visitar as casas de muitos operários conhecidos como comunistas, afim de discutir diversos problemas com as famílias dos mesmos, e para expor-lhes o outro lado da questão. Uma dama romana, da nobreza, dedicava quase todas as suas horas a essa tarefa, e, a despeito de muitas afrontas e humilhações, alcançou grande êxito.

Os altos prelados da Igreja consideraram-se tambem no dever de advertir os fiéis. O Cardeal Ildefonso Schuster, de Milão, distribuiu uma pastoral declarando que os fiéis não deviam votar nos candidatos contrários à aplicação dos preceitos religiosos e da moral cristã à vida pública. Os prosélitos do comunismo, ou de movimentos opostos à fé católica, não poderiam obter a absolvição, afirmava ele. Outro cardeal, Eugênio Tisserant, que é um dos homens mais doutos do Vaticano, lançou uma pastoral na sua qualidade de bispo de Santa Rufina, na qual afirmava que os adeptos do comunismo não podiam receber os sacramentos, nem ser sepultados em terra abençoada. A questão da sepultura em lugar sagrado é uma das que mais de perto tocam a sensibilidade do povo italiano. O cardeal Adeodato Pizza, de Veneza, homem de imponente corpulência, leu uma pastoral de uma sacada que dá para a praça de São Marcos. Os comunistas apedrejaram-no, quebrando algumas vidraças perto da cabeça do ilustre prelado, mas este, imperturbavel, leu até ao fim a sua pastoral. Esse espetáculo causou profunda impressão.

De todas as partes do mundo chegaram contribuições para os cofres dos anti-comunistas—somas que, sem serem avultadas, e apesar de chegarem por vezes tarde demais, tiveram grande influência pela sua significação moral, mais do que pelo seu real valor monetário. Reanimou os anti-comunistas, que lutavam com denodo, o saber que amigos distantes os ajudavam.

Muitos italianos fizeram sacrifícios patéticos para participar da batalha eleitoral. Privaram-se de alimentos, de combustivel, de roupas, para poderem colaborar na causa. Quando trabalhavam em organizações políticas, era em geral com grande desconforto, pois lhes faltava quase todo o material, inclusive papel e tinta, e não recebiam salário. Em contraste com isso, consta que a folha de pagamentos, só no quartel general comunista de Roma, era de 4 mil dólares diários. Nenhum outro partido político italiano estava em condições de funcionar em tamanha escala.

À medida que a campanha se foi acercando do seu climax empolgante e exasperado, ambos os campos foram lançando pregões de vitória. A Igreja, que se vira abalada até os alicerces por aqueles meses de calúnias e vitupérios, decretou horas especiais para preces.

A ELEIÇÃO teve lugar a 18 e 19 de abril de 1948, domingo e segunda-feira, respectivamente. Hei-de lembrar para sempre a caminhada que fiz pelas ruas de Roma, alta noite, na véspera da votação. Segundo um acordo inter-partidário, as atividades políticas deviam ter cessado no dia anterior, para dar a todos um repouso de 24 horas. Desprezando, porem, esse acordo, muitos homens andavam munidos de potes de goma, papel e pincéis, na faina de colocar novos cartazes nas paredes da Praça Barberini. Eram representantes de todas as facções antagônicas, e à medida que iam, vagarosamente, dando volta à praça, e cobrindo com os seus cartazes os dos adversários, trocavam entre si os doestos mais pitorescos que já escutei dizer no dialeto romano.

O tempo esteve maravilhoso durante os dois dias da eleição; e as organizações políticas disciplinadas detestam o bom tempo... Conforme dizia um amigo meu: «Os comunistas desejavam um tufão, mas ele não veio!» Toda a polícia e as forças de manutenção da ordem estavam a postos, e a votação decorreu com uma calma e disciplina dignas de registro. Os eleitores esperavam pacientemente em fila, dando com frequência a sua vez a mulheres que carregavam bebês nos braços, aos debeis ou aos inválidos. Era impressionante ver o número de pessoas que iam votar em cadeiras de rodas, e até em padiolas, e conheço um rapaz que compareceu às urnas apesar de ter sido submetido, na véspera, a uma apendicectomia.

Todos se achavam alí para tomar uma decisão de transcendentes consequências para o futuro do seu país, da sua família e de seus bens—e, sem embargo, todos se mostravam calmos e até bem-humorados. Diga-se entre parênteses que a falta de humor prejudicou consideravelmente a campanha dos comunistas. A própria severidade deles afugentava as pessoas. Os anti-comunistas sabiam rir e provocar o riso, e com frequência com efeitos devastadores para os adversários.

Recordo-me de um cartaz que se destinava a refutar os ataques da Esquerda ao Plano Marshall: parecia-se muito com uma dessas historietas em quadrinhos que vemos nos jornais, e representava um dia da vida de Togliatti, o influente lider comunista, mostrando todas as coisas de que ele teria necessidade da manhã à noite—aspirina, penicilina, pão, carvão, gasolina—artigos importados dos Estados Unidos.

Pietro Nenni estava discursando amargamente, como sempre, contra a Igreja Católica, quando alguem se lembrou de publicar fotografias em que ele aparecia envergando as vestes sacerdotais, e com uma legenda que lembrava ao leitor que, durante a fase da ocupação alemã, ele procurara e obtivera refúgio na basílica patriarcal de São João de Latrão. Essa publicidade tornou risiveis os seus discursos anti-clericais.

O conhecido filme de Greta Garbo, *Ninotchka*, que é uma farsa hilariante sobre a ação dos agentes soviéticos em París, foi exibido nos cinemas, durante a campanha, com casas à cunha; mas os «frentistas» se irritaram, e o embaixador soviético apresentou mesmo um protesto oficial contra esse fato.

Os resultados da esmagadora derrota comunista foram-se tornando conhecidos, pouco a pouco, da multidão ansiosa que esperava na Praça Colonna, na noite de 20 de abril. Na noite seguinte já não restavam sombras de dúvida quanto à magnitude da vitória. As ruas inundaram-se de gente delirante, para quem a vida se tornara de novo digna de viver, e todos queriam repetir uns aos outros a boa nova. No meio da compacta multidão que circulava e se agitava, esperando a transmissão de notícias dos resultados pelos alto-falantes e por letreiros luminosos, muita gente houve que chorou sem constrangimento. Essa noite, as emoções do povo romano parecem ter contagiado todos os povos livres do mundo. Na França, na Suiça, e em muitos outros paises, o ânimo voltou aos corações. Na França, por exemplo, aumentou imediatamente na Bolsa a procura de títulos públicos, e por toda a Europa ocidental, como na própria Itália, voltaram à vida muitos projetos e encomendas comerciais que haviam sido temporariamente postos de lado.

Os resultados finais da eleição, uma vez apurados, foram na verdade vertiginosos. Dos portadores de títulos eleitorais, mais de 90 por cento tinham comparecido às urnas. Os anti-comunistas saíam da eleição investidos de superioridade em ambas as casas do Parlamento, e estava assegurado no país, por cinco anos, um governo liberto das cadeias comunistas. Mas as pessoas de espírito sóbrio compreendiam que essa vitória era apenas um incidente—embora um incidente afortunado. A Itália soubera salvar-se a si mesma «temporariamente», conforme Churchill diria depois, da ditadura moscovita. Mas a pergunta que agora pairava nos lábios de muitas pessoas era esta: «Por quanto tempo se poderá fazer durar esta vitória?...»

QUANDO, na vida, uma porta se fecha para nós, há quase sempre uma outra que se nos abre. Em geral, porem, olhamos com tanto pesar e ressentimento para a porta fechada, que não nos apercebemos da que se abriu.

—Citado em *The Christian Science Monitor.*

Psicologia do amor

(Condensado do livro «Love and Marriage»)

Por F. Alexander Magoun
Professor de Relações Humanas, do Instituto de Tecnologia do Massachusetts

QUE É O AMOR? A despeito de tudo quanto a ciência e a religião nos têm revelado, não nos mostramos inclinados a compreender a verdadeira essência da mais poderosa força da natureza. Preferimos acreditar no mito de Hollywood—beleza física e paixão poética, dois corações a bater, uníssonos, sob uma poeira de estrelas; depois, o assédio e a capitulação. Tudo isso pode constituir a parte fascinante de uma «conquista» ou a contextura de um romance; mas não se pode confundir com o amor.

Amor e atração física, como geradores de êxtase, são quase sinônimos, na imaginação dos jovens. Poucos são os que ouvem falar nas possibilidades de desenvolvimento dessa bela emoção.

O casamento produzirá menos dor de cabeça e menos desenganos quando nos apercebemos de que das ilusões românticas poderá emergir um amor profundo e duradouro. *O amor é o desejo ardente, por parte de duas pessoas, de criar condições favoraveis à expressão espontânea e real de suas respectivas personalidades; de constituir um solo intelectual e um clima emocional que lhes propiciem um florescimento muito mais intenso do que poderiam jamais alcançar isoladamente.*

Num verdadeiro casamento, o homem e a mulher pensam mais na *união* do que em si próprios. Trata-se de uma reciprocidade de interesses e de uma aliança ante os percalços da vida, para o bem comum. O sentimento de segurança e de alegria, que é próprio de tais uniões, nasce de esforços mútuos. No casamento, como na dança, a felicidade não surge dos passos individuais, mas da harmonia na conduta de ambos.

Quanto mais completa for a capacidade do indivíduo de exprimir sua verdadeira personalidade, tanto mais profunda será sua capacidade de amar.

Em outras palavras, eu deveria poder usar de toda a franqueza com minha mulher, dizer-lhe tudo quanto me vem à mente, sem temer reações

mal-humoradas, ou outras modalidades de represália. Se um homem for capaz de dizer à esposa, sem vacilar: «Querida, posso perdoar sua mãe, mas nunca esquecerei as coisas tremendas que ela me disse ao sair,»—esse homem estará sendo, de fato, espontâneo e sincero. Alguns, é claro, preferem calar, para poupar aborrecimento à mulher. Mas os que silenciarem para evitar malentendidos ou ressentimentos, estarão pondo em perigo o casamento, por privá-lo do clima de sinceridade indispensavel.

São numerosas as pseudo-emoções capazes de nos levar a casamentos infelizes. Por exemplo: a atração sexual, provocada pela beleza física ou talvez pela própria vitalidade. Daí a necessidade de conhecermos a diferença entre a atração física e o afeto real.

Outra emoção ilusória consiste na necessidade de «viver por tabela», através de outra pessoa, por não sermos capazes de firmar nossa própria personalidade. A filha de um modesto funcionário público, por exemplo, procurará compelir o marido a ganhar mais, afim de identificá-lo com o homem que ela desejaria que o pai tivesse sido.

Entre outras emoções enganosas, cabe assinalar o forte desejo de se sentir necessário; a tendência de certos homens de procurar na esposa uma segunda mãe; a resolução de uma mulher de «não ficar para tia».

Simplesmente porque uma pessoa nos provoca essas pseudo-emoções, imaginamos, muitas vezes, que a amamos. O amor, entretanto, não é um sentimento unilateral e sim a perfeita integração de duas pessoas. Um homem e uma mulher poderão sentir-se profundamente atraidos um pelo outro, embora sem se amarem e sem jamais se aperceberem da insinceridade emotiva que os consome. Nenhum deles compreende que se trata mais ou menos de um «prêmio de consolação». O que parece amor é apenas a sensação desvanecedora que nasce do fato de sermos tratados como o modelo da própria perfeição.

O aperfeiçoamento conjunto não é incompativel com o desenvolvimento das tendências individuais. Muitas vezes, um casal jovem chega a levar 5 anos para descobrir que «compartilhar invariavelmente todas as atividades e ocupações» não reflete amor, mas um sentimentalismo pueril. Nesses casos, se o marido gosta de pescar e a mulher não, desistem ambos de pescar; se ela gosta de frequentar concertos e ele não, já não se fala mais em música. Limitam as suas atividades ao que for igualmente agradavel a ambos; constrangem-se a tudo «fazerem juntos» com o receio de que interesses distintos poderão vir a afastá-los um do outro. Ignoram que, asfixiando assim a vida, tornando-a insossa e aborrecida, é que se distanciam um do outro, cada dia mais. E até isso «fazem juntos».

Mais cedo ou mais tarde, esvai-se a ilusão da «compreensão ideal». Rostos que traem expressões preocupadas defrontam-se, à mesa do café. Ao jantar, separados pelo mais profundo dos abismos, já traduzem irritação. O desespero controlado transforma-se em pânico. Um homem e uma mulher que se amem verdadeiramente, pouco valor darão às diferenças de opinião, pois sabem que a sua unidade espiritual e emocional jamais seria abalada por tais diferenças.

O verdadeiro amor não é cego! Vê tanto os defeitos como as virtudes e reconhece o fato de que ninguem é perfeito. A voz do amor assim se expressaria: «Sei que me impacientarei sempre com a sua demora em aprontar-se. Sei, querida, que você não deixará de irritar-se com a fumaça do meu cigarro. Mas sei tambem que nossas diferenças de temperamento e de hábitos só nos trarão dissabores enquanto não conseguirmos atingir um alto grau de tolerância recíproca. Apesar desses obstáculos, reconhecemos, um no outro, certo número de qualidades e atributos que darão à nossa vida em comum muito maior significação do que teriam nossas vidas isoladas. O importante é que nos conheçamos e nos queiramos tal qual somos.»

Duas criaturas jamais poderão viver juntas, na mais íntima relação emocional, sem suscitarem razões de desajuste, ou mesmo de conflito. A compreensão torna-se necessária porque o amor, encontrando obstáculos intransponiveis, transforma-se em ira e até mesmo em ódio. Imaginar que não existem razões para que cada um desista, de quando em vez, de certos caprichos e veleidades é supor que o amor não merece sacrifícios. Amar é descobrir-se a si mesmo e atingir a plenitude na vida através de um desenvolvimento sadio ao lado da outra pessoa, e em benefício dela.

O amor verdadeiro cresce com a convivência. *A própria experiência do amor ensina a amar melhor.* Neste mundo só a verdade tem força igual à do amor, e há razões para crermos que, no que se refere ao casamento, constituem, ambos, aspectos diversos de um fenômeno só. Um amor profundo e duradouro é a maneira pela qual reagimos emotivamente ao reconhecer, pelo intelecto, a verdadeira personalidade de outra pessoa. O desenvolvimento do amor, tal como o da árvore, não obedece a um processo regular. A arte do amor consiste na espera paciente da volta da primavera. Se tivermos amado verdadeiramente, não teremos amado em vão, pois o amor deixa na personalidade traços tão marcantes que talvez nem mesmo a morte consiga apagá-los.

Problema de... pedagogia

JOHN HOWARD VAN AMRINGE, da Universidade de Colúmbia, em Nova York, foi sempre um inimigo sistemático da educação mista.

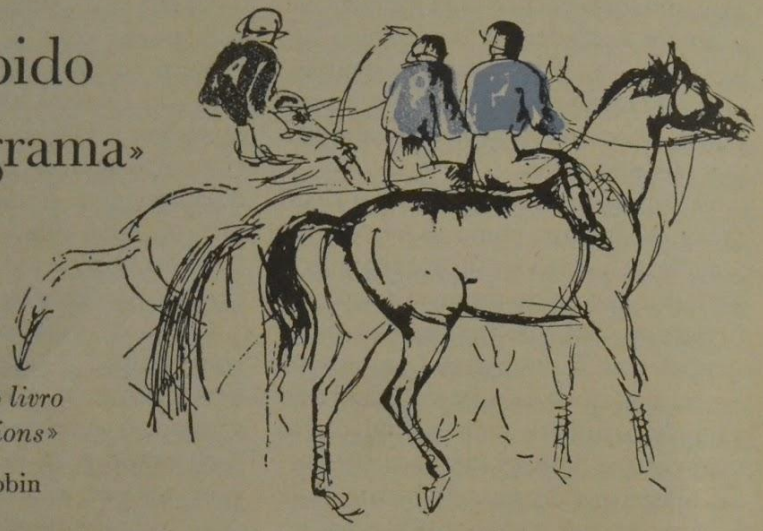
—É impossivel, dizia,—ensinar matemática a um rapaz quando há na sala uma moça.

—Mas, professor, objetou alguem,—deve haver alguma exceção a essa regra.

—Não duvido que haja, replicou Amringe. —Mas a esse não valeria a pena ensinar...

—*The Wall Street Journal*

«É proibido comer grama»



Condensado do livro «Golden Opinions»

Richard L. Tobin

Ou passar fome ou perder o emprego

QUANDO principiei como reporter no *Herald Tribune*, de Nova York, escrevendo crônicas sobre as corridas de cavalos no hipódromo de Jamaica, fiquei conhecendo um joquei famoso, chamado, digamos, Williams. Houve uma época em que Williams ocupava o primeiro lugar como montador de cavalos vitoriosos—cerca de 300 vitórias num ano, ou seja, uma vitória por dia de trabalho.

De estatura elevada para um joquei, tinha o rosto envelhecido, a pele gasta dos homens de sua profissão, e começava a ficar calvo. Sua ossatura requeria um peso de 60 a 65 quilos, mas como joquei tinha de pesar diariamente, incluindo sela e roupas, não mais de 50 a 52.

Há muitas maneiras de emagrecer, explicou-me Williams no vestiário, onde as cores brilhantes dos uniformes de seda e o vozerio do pessoal punham uma nota viva. Uma delas é deshidratar-se: drenar até a última gota do suor dos homens emaciados. O joquei trabalha, recebe massagens, monta, e movimenta-se vestido em roupas de borracha, que elevam a temperatura do corpo a cerca de 40° C, fazendo gotejar o suor. Banhos de vapor e de água quente dão resultado, mas a roupa de borracha e a fome são os meios mais seguros.

O corpo de um joquei encerra apenas um décimo da quantidade de água existente no organismo normal. Raramente ele bebe qualquer líquido, até mesmo água. Come pouquíssimo. E abstem-se totalmente de sal.

—Qual o *menu* diário? perguntei-lhe.

—Pela manhã, absolutamente nada, respondeu-me.

—E à hora do almço?

—Uma cenoura ou um tomate.

—Mas você janta?

—Costeleta de carneiro grelhada—carne, só grelhada—salada, legumes e café. Às vezes, ficamos tão esfomeados, que não aguentamos mais. Sentamo-nos à mesa, comemos pão, batatas fritas, queijo, carne de porco com molho, e até sobremesa. E bebemos água à vontade. Enfim, fartamo-nos de tudo quanto passamos meses, ou até anos, desejando. Empanturramo-nos. E depois, como faziam os romanos, nos livramos de tudo isso, antes que comece a digestão.

A meu ver, o sistema não era benéfico à saude, e Williams confessou:

—Mais de um joquei têm sofrido ataque cardíaco ou estragado o estômago com tais banquetes. Acontece frequentemente. E não acredite se lhe disserem o contrário. Comigo já se deu o mesmo várias vezes. Começamos com ostras, sopa de ervilhas, e assim por diante. Quase não pensamos noutra coisa senão comer e beber bem, concluiu num tom desanimado.

Pouco antes de começar a corrida, trouxeram café, em xícaras diminutas, e os joqueis avançaram para a bandeja. «Café com açucar!» exclamou Williams—e era esse o único açucar que lhe davam. Todos sorveram o café vagarosamente, pois não lhes dariam outra xícara até acabar o terceiro páreo.

Dalí a pouco, ouviu-se soar a primeira trombeta. Williams não se importava muito com ganhar ou perder a primeira corrida, que não valia grande coisa. Mas queria perder meio quilo, talvez um, para o grande páreo, o sétimo. Contava com o sol, para fazê-lo emagrecer suficientemente.

Em Jamaica, ser joquei não é viver num mar de rosas; os fãs quase matam o infeliz que perder montado num favorito. Williams começava a enervar-se com essa atitude e com seu constante estado de fome e sede.

Eu deveria ter visto em seu rosto, antes da sexta corrida, que havia no rapaz—naquele homem de 32 anos—alguma coisa de anormal. Poderia ter chamado o diretor de corridas em seu auxílio, pensei mais tarde. Mas nem sempre a gente segue os próprios palpites.

Os dois primeiros cavalos tinham atravessado a pista e estavam começando a entrar em galope, quando Williams se pôs a balançar e revirar a cabeça, de um modo um tanto ritmado. Quase todos na pista o perceberam. Mas uma porção de coisas podiam causar-lhe aquele movimento espasmódico—uma mosca zumbindo-lhe ao ouvido, um estribo mal ajustado, uma rédea solta.

Williams montava Fieldstream, o segundo cavalo na lista dos favoritos. A despeito do sacudir de cabeça do joquei, ou talvez justamente por este não poder deter o animal, o cavalo correu bem, na frente, ao se aproximarem da primeira volta. Mas ao entrarem na reta final, Fieldstream estava exhausto, começou a arrastar-se e acabou perdendo longe.

O joquei pareceu ter-se recobrado ao fim da corrida. Mas, ao apear-se em frente à tribuna dos juizes, mal podia falar.

—Que diabo lhe aconteceu? perguntou o diretor.—Não se sente bem?

—Nada. Eu me sinto bem.

—Você teve uma corrida fraca, rapaz.

—Eu sei, chefe, respondeu Williams com voz esganiçada.

Parecia tudo um pesadelo.

Quando a trombeta soou para o sétimo páreo, Williams montava um favorito, no qual havia apostas pesadas. Ao desfilarem os competidores diante da tribuna da imprensa, Williams pareceu-me terrivelmente magro, agitado, com aspecto quase senil em sua secura.

Quase imediatamente, o mesmo sacudir de cabeça recomeçou. Desta vez o diretor de corridas percebeu e correu para o telefone da pista, mas este não funcionava. Enviou então um mensageiro, porem o sinal da partida já havia sido dado.

Desta vez o cavalo montado por Williams saiu vagarosamente e arrastou-se pela pista. O joquei gingava para um e outro lado, como se estivesse embriagado. Quando os corredores fizeram a primeira volta, subitamente viu-se o animal favorito galopar sem o cavaleiro.

Não vi Williams cair, nem saltar, mas vi o cavalo correr sem joquei, avançar e ganhar a corrida sozinho, por vários corpos. A multidão gargalhava, apesar do dinheiro perdido nas apostas.

O chefe, porem, tinha os olhos pregados no joquei caido. Porque lá no gramado viçoso e fresco do campo central da pista, estava Williams apoiando-se sobre as mãos e os joelhos, o rosto mergulhado no capim, jogando a cabeça e os ombros para baixo e para cima, como faz o gado. Um dos diretores gritou:

—Tirem-no de lá, ele está comendo grama!

Tentei imediatamente articular os pormenores e escrever minha crônica, mas a explicação oficial do hipódromo foi que Williams havia anteriormente sofrido um choque e tivera naquele dia uma recaida. Deixei que a coisa ficasse assim.

Uma semana depois, fui novamente ao vestiário dos joqueis e pus-me a fazer perguntas. Não conseguí resposta alguma, até que finalmente tentei um massagista grandalhão.

—Não é a primeira e não será esta a última vez que um homem come capim, disse ele. —Estes pobres rapazes têm que conseguir o peso exigido, ou perder o emprego. São franzinos e nem sempre podem obter outra colocação, com salário decente. Passam fome, passam sede, e de vez em quando um deles não aguenta mais e atira-se ao capim tentador e refrescante. Não os censuro por isso. E tambem, se eu fosse o sr., não escreveria nada a respeito. Não diga nada em seu jornal, moço.

Estas palavras do General Dwight D. Eisenhower, dirigidas aos estudantes da sua universidade, aplicam-se aos jovens de todo o mundo

Carta aberta aos estudantes

Por Dwight D. Eisenhower
Presidente da Universidade de Colúmbia

SÃO INÚMERAS as cartas que recebo de gente jovem. Fazem-me, geralmente, uma pergunta que poderia ser assim enunciada:

Devo continuar estudando? Ou será melhor lançar-me, de uma vez, na «vida prática»?

Procuro responder a essas cartas de acordo com as circunstâncias peculiares a cada caso. Mas, por vezes, sinto-me tentado a escrever uma resposta geral ao problema da «escola» *versus* «vida prática», que tanto preocupa aos meus jovens correspondentes. Creio que diria o seguinte:

Caro amigo, você me diz que não sabe se valerá a pena terminar o ginásio. E muito menos se valerá a pena seguir curso superior. O esforço que o estudo exige, os longos anos passados com o nariz metido entre os livros, parecem um real desperdício de tempo, comparados a um emprego e ao estímulo de uma atividade imediatamente produtiva. Diz que lamenta importunar-me com um problema «insignificante» como o seu.

O problema está longe de ser insignificante. A decisão que você tomar agora, afetará a sua vida inteira; decisões idênticas, tomadas por milhões de outros jovens, afetarão toda a vida do país. Compreendo perfeitamente a sua preocupação. Na sua idade, tive de vencer as mesmas dúvidas, a exemplo de muitos dos meus colegas.

Na pequena cidade onde estudei, no Kansas, há 40 anos, o ambiente favorecia francamente o abandono prematuro dos estudos. Com exceção de uns poucos, cujos recursos lhes permitiriam adotar uma profissão, os demais sabiam que teriam de passar o resto da vida numa fazenda, numa das lojas locais, num elevador ou na fábrica de laticínios.

Poderíamos ser bons fazendeiros, bons lojistas, excelentes operários, sem necessidade de tantas leituras. Só se podem acumular conhecimentos práticos, *praticando*. Essa era a argumentação que poderíamos ter invocado; e estaríamos certos, se não nos restasse na vida outro destino que não fosse o de manobrar o arado, embrulhar mercadorias ou manter um motor bem lubrificado.

Afortunadamente, porem, nossas famílias colocavam a escola no mesmo nivel do lar ou da igreja, e nos ensinaram a dar o devido valor à instrução, situando-a acima da retribuição imediata em dinheiro. A custo de muito sacrifício, nossos pais trataram de nos conservar na escola um pouco mais; e nós procuramos trabalhar, trabalhar de verdade, para aproveitar e prolongar ainda mais esse período.

A vida de hoje é bem mais complexa do que no tempo da minha meninice. Nenhum de nós poderá pretender conhecê-la em todos os seus aspectos, mesmo dedicando ao estudo a vida inteira. Mas cada dia escolar bem aproveitado ajudará o estudante a compreender melhor o sentido das relações que o ligam à comunidade nacional e internacional. Se esta geração não se convencer de que o indivíduo é ainda o centro do universo e ainda a única razão de ser das instituições humanas, a complexidade degenerará em caos.

Estou, portanto, convencido de que você deve continuar a estudar—se puder—até o fim não só do curso ginasial como tambem do superior. Você diz que não é «muito bom em matéria de livros». Mas é através dos livros—sob a orientação dos seus mestres—que você poderá adquirir as noções de que mais precisará na vida prática.

Recebí, há pouco, comovedora carta de uma jovem ginasiana. Dizia ela considerar-se um completo fracasso visto como era sempre a última da classe. Mas concluia: «Ainda me acho, porem, capaz de aprender a ser uma boa cidadã.»

Esse é o ponto central do problema. A escola, evidentemente, deverá dotar o aluno dos dois instrumentos básicos do espírito: o uso das palavras e o manejo dos algarismos. A escola dar-lhe-á o impulso inicial no sentido da profissão a que você aspirar. Mas não se esqueça do seguinte:

Logo no começo da atividade profissional, você se sentirá fortemente tentado a cair na rotina, a tornar-se apenas uma molécula de uma das inúmeras profissões do país. Na escola, no contacto com os livros, os professores e os colegas, você poderá adquirir a noção global de sua pátria, de como começou e se desenvolveu, e do que ela significa e representa.

Creio firmemente que estou certo ao afirmar-lhe:

Para desenvolver integralmente o seu carater, você precisará conhecer o carater do seu país.

A planta reflete a natureza do solo onde medrou. Você é uma planta *consciente*, que *pensa*. Precisa estudar o seu solo—que é o seu país—afim de poder absorver a mesma seiva que o vitaliza.

Valerá a pena fazê-lo. Você compreenderá melhor os seus problemas e os resolverá mais facilmente, se tiver estudado os problemas da sua pátria e tentado colaborar na solução dos mesmos.

Não se esqueça de que o *interesse pessoal e o patriotismo marcham lado a lado*. Você precisa zelar por si mesmo e pelo país. O interesse pessoal e o patriotismo, bem compreendidos, não são entidades antagônicas, mas associadas.

O próprio solo do nosso país se vai perdendo, gradualmente. Um terço da camada fertil superior já foi levado para os rios e mares, pela erosão. Se não conjurarmos essa ameaça, o nosso solo se tornará tão árido que não poderá sequer alimentar-nos. É esse um problema nacional que urge solucionar; afeta a você, direta e decisivamente.

Em nossas cidades, há muitos milhares de pessoas que não contam, entre si e a fome, senão com um precário dia de trabalho, que lhes pode faltar a qualquer momento. Exigem, pois, maiores «garantias». Se tais pessoas se sentirem demasiado inseguras, o descontentamento consequente poderá, algum dia, afetar a *sua* garantia, qualquer que seja o grau de sucesso que tenha coroado a sua atividade. Eis aí outro problema—e ainda há muitos outros mais—cuja solução requer a reflexão e a boa vontade de todos os cidadãos.

Não se pode encarecer com demasiada ênfase—ou exagerada frequência—a vantagem que você terá em conhecer o espírito do seu país e colaborar na solução dos problemas do mesmo.

É perigoso partir da presunção de que o bem-estar do país repousa exclusivamente no misterioso mecanismo que se chama «o governo». Cada vez que, devido ao nosso insucesso, consentimos em que o governo resolva—ou o forçamos a resolver—problemas que deveriam ser da nossa competência exclusiva, abdicamos, juntamente com a nossa responsabilidade, uma parcela equivalente de liberdade individual.

Você nasceu num país de homens e mulheres livres, onde se considera a liberdade como um bem inalienavel do indivíduo. Mas o preço da liberdade é a vigilância incansavel.

Mostrar-se digno da herança dos antepassados e transmití-la, engrandecida, às gerações vindouras—já é em si uma carreira para toda uma vida, absorvente, por vezes exhaustiva, mas sempre compensadora para os que não poupam esforços em prol do patrimônio comum a que servem.

Ingresse, desde já, nessa «carreira»; procure tomar parte, ainda como estudante, nos assuntos que preocupam o país. Na sua casa ou no seu bairro, há responsabilidades que você pode assumir. Há iniciativas, na escola, ou na universidade, que se tornarão mais produtivas se contarem com a sua colaboração.

Não se julgue demasiado jovem para empreender essas atividades. «Não permitas que ninguem despreze a tua mocidade,» disse Paulo, o Apóstolo, a

Timóteo. Estas palavras se aplicam a você, como cidadão. A lealdade aos princípios, a boa disposição para cooperar nas causas de interesse comum, a aceitação das responsabilidades—eis as características de um cidadão, qualquer que seja a sua idade.

Ser util à coletividade é a mais dignificante das profissões. Exige, tão somente, que o cidadão seja cumpridor dos seus deveres, ajude os que dele necessitarem, procure solucionar, com largueza de espírito, os desentendimentos pessoais que ocorrerem, se esforce por realizar, cada dia um pouco melhor, as tarefas cotidianas, e coloque o bem comum acima dos interesses individuais. O país se organizou para assegurar aos cidadãos o gozo dos direitos e prerrogativas essenciais à pessoa humana. Se você subordinar a sua conduta na vida aos direitos e prerrogativas dos seus semelhantes, será um bom cidadão.

O mito das virtudes do sol

Todo verão, milhões de pessoas se queimam ao sol, prostradas nas praias ou no campo em holocausto à divindade solar. Depois de um par de dias torturantes, adquirem um belo e «saudavel» tom moreno que os faz olhar com certa comiseração para os outros mortais, pálidos e anêmicos.

É com pesar que declaramos que toda essa fé na saude através do sol se baseia num falso dogma. A ciência moderna verificou serem mínimos os resultados práticos da exposição do corpo ao sol.

Muitas teorias errôneas têm sido lançadas pelo culto do sol e o mito das virtudes da luz solar. Uma delas é a fábula de que o sol é a fonte de toda a vida. Através da química maravilhosa da fotossíntese, as plantas convertem a energia recebida do sol em energia para o seu crescimento. Se o sol é bom para as plantas, concluem os adoradores do Astro-Rei, deverá tambem ser bom para nós. A única objeção a essa teoria reside no fato dos animais não serem plantas. Os nossos corpos não fotossintetizam a luz solar em energia, e jamais o farão, a menos que modifiquemos a nossa anatomia.

Há ainda a velha teoria de que o sol exerce um efeito «tônico» sobre o organismo humano. Crianças que vivem metidas em apartamentos sombrios, quando enviadas em férias para as montanhas, voltam sadias, fortes e bronzeadas. São apontadas como exemplos vivos do poder miraculoso do sol. Lembremo-nos, porem, de que as crianças tambem viveram ao ar livre, fizeram exercício, descansaram bastante e comeram melhor.

Semelhante a essa é a teoria do «sol-nos-dá-vitaminas». A única vitamina produzida pela luz do sol é a «D», que combate o raquitismo nas crianças. Mas podemos tomar Vitamina D comendo ovos e bebendo leite, sem precisar arriscar-nos a queimaduras. Podemos receber tudo quanto o sol nos pode dar, em muito menos tempo que o necessário para nos bronzear a pele.

—Snowden T. Herrick e John E. Pfeiffer, em *Collier's*

FLAGRANTES DA VIDA REAL

Em Nashville, onde moro, é costume, quando se precisa dalguma pessoa jeitosa para qualquer trabalho, ir até a beira do rio, onde muita gente se reune à procura de biscates, e aí contratar o indivíduo de aparência mais adequada.

No ano passado, precisando alguem para cuidar do meu gramado, fui até o referido local e escolhí um homem pelo macacão que vestia: trazia as calças mais gastas nos joelhos que nos fundilhos. Expliquei-lhe o trabalho e perguntei-lhe quanto cobrava por hora.

—Não posso dar o preço enquanto não falar com o açougueiro, respondeu-me.

Sentí-me um tanto confuso, mas levei-o até o mercado mais próximo. Depois de uma ligeira conversa com o açougueiro, lá vem o homem com a resposta:

—Setenta e nove centavos por hora é o preço de hoje, chefe.

—Está bem, concordei. —Mas por que é que você tinha de consultar o açougueiro?

—Ora, é que há 35 anos trabalho pelo preço de meio quilo de carne. E o preço hoje é de 79 centavos.

—E. C.

Certa tarde, depois de levar o gado para o curral, um fazendeiro anunciou triunfante:

—Aquí está ele! Até que enfim!

—Ele o quê, papai? perguntou o filho.

—Um bloco de quartzo branco que achei lá longe, no pasto. É uma beleza. Eu queria trazê-lo para casa, mas mal podia movê-lo, de tão pesado. Por isso toda noite, ao trazer o gado para o curral, dava uma volta no bloco, nesta direção. E agora aquí está ele.

—E quanto tempo levou?

—Mais de dois anos.

—C.F.J.

Mr. Parker, inglês fleumático, morava em casa dos sogros, família profundamente emotiva, e gastou muito tempo e energia tentando incutir, nos novos parentes, as virtudes da serenidade e da calma. Não é, pois, de admirar que a cozinheira que os servia tenha tido de ensaiar três vezes antes de dominar-se suficientemente para anunciar na sala:

—Quero dizer ao senhor, com a maior calma possivel, que a casa está pegando fogo!

—L.R.J.

UMA NOITE, tendo atropelado e matado uma vaca na estrada, certo automobilista foi a uma garage para consertar o carro, que ficara com o radiador bem danificado.

—Acha que tambem terei de pagar pela vaca? perguntou.

—Não, a não ser que tenha ultrapassado a velocidade máxima. E o senhor não a ultrapassou. Se precisar de testemunha, pode me chamar.

—Mas como poderá servir de testemunha, se não estava comigo? Isso seria perjúrio.

—Não se preocupe, tranquilizou-o o mecânico. —Estamos sempre lidando com estes casos de atropelamento de gado, e sabemos que se o carro pega uma vaca a uma velocidade abaixo de sessenta quilômetros por hora, fica com o radiador amassado; entre setenta e oitenta quilômetros, a vaca vai parar no colo do motorista; de oitenta para cima a bicha voa por cima da capota. O senhor não estava a mais de sessenta.

—P.M.C.

QUANDO meu tio, que era jurista de certo renome, morreu aos 81 anos de idade, a família recebeu muitas coroas. Entre elas, uma imensa, trazendo um cartão com o nome escrito a lapis—Pat Murphy—chamou nossa atenção. Ninguem da família ouvira jamais falar nesse nome. Pouco antes do enterro, porem, minha mãe reparou num homenzinho magro, envergando um terno azul, lustroso, e sentado sozinho num canto da sala onde meu tio jazia. Era o tal Pat Murphy.

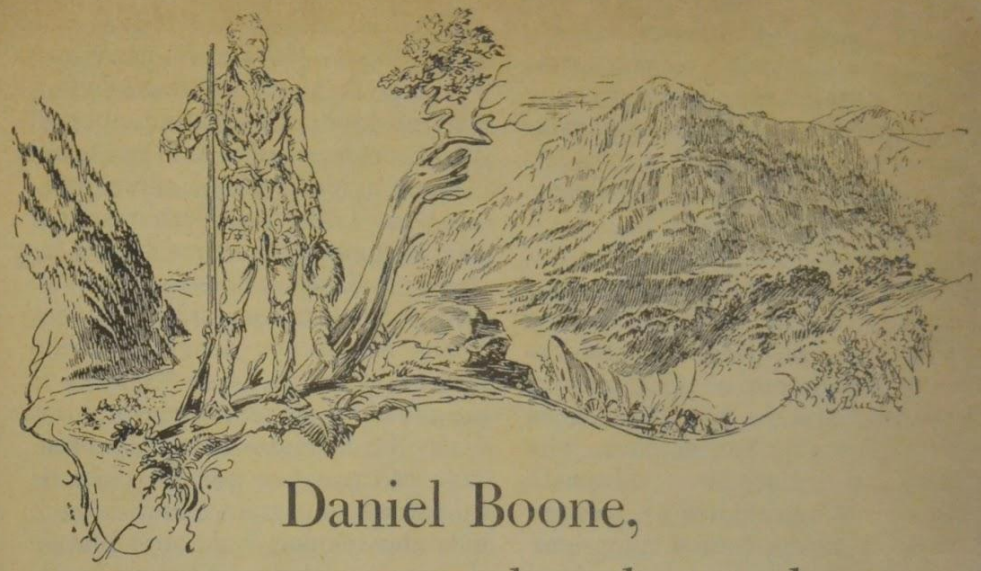
—Sou varredor das ruas da cidade, minha senhora, explicou ele. —Durante vinte anos eu esperava o senhor juiz na esquina todos os dias, e vínhamos caminhando juntos até o fim do quarteirão, enquanto eu varria. E é como lhe digo, a vida inteira toda a gente na cidade me chamou só de «Pat». Mas o juiz sempre me dizia «Sr. Murphy». Dito por um grande homem como o senhor juiz, aquilo me honrava muito, e nunca hei-de me esquecer...

—G. C.

A comédia da vida

A UNIVERSIDADE DA FLORIDA instituiu um curso interessante, pela primeira vez arrolado nos estudos superiores norte-americanos, cuja finalidade é desenvolver o *sense of humor* do estudante. O escopo principal da nova disciplina é despertar no aluno a capacidade de contemplar a vida como se esta fosse uma comédia, aprendendo a descobrir os elementos cômicos em situações e pessoas sem se aborrecer, como tambem capacitá-lo a reconhecer os elementos ridículos em si próprio. Os iniciadores desse curso estão convictos de que essa capacidade é adquirida e não hereditária, havendo um teste especial no começo e no fim do curso para medir o aproveitamento dos estudantes.

—Eunice Barnard, em *The New York Times*



Daniel Boone, explorador audaz

Por Donald Culross Peattie

Pelo trilho dos sertões, Boone rasgou a estrada real do futuro dos EE. UU.

DANIEL BOONE, o mais famoso explorador das florestas norte-americanas, tornou-se lendário ainda em plena mocidade. Desde os frequentadores das tavernas sertanejas até Lorde Byron, que o citou num poema, todos celebravam Boone como destemido caçador de cervos e desbravador de florestas.

No entanto, até aos seus 35 anos, Boone foi apenas um dois muitos aperreados fazendeiros que lavravam penosamente os seus campos da Carolina, e de ano para ano viam crescer o rol de suas dívidas no armazem. Sua figura não era nada excepcional; tinha estatura mediana, voz mansa e maneiras despretensiosas. No entanto, seus olhos de um azul cinza eram notaveis pela amplitude de propósitos e horizontes que os animava. Tinha ele a visão de uma terra mais rica, de um povo contente, de prósperos rebanhos e cavalos esplêndidos—enfim, sonhava o futuro estado de Kentucky, que então jazia ainda para lá de uma solidão virtualmente inexplorada. O rei Jorge III da Inglaterra havia proibido aos americanos a entrada nesse território, que reservava para lucro próprio, ou para fazer concessões aos favoritos da sua corte. Raros homens haviam conseguido, até então, penetrar alí, e voltar para descrever o que

viram. Aqueles que haviam escapado aos ataques dos índios vinham contar da terra, macia como um negro veludo, dos prados de trevo ondulando interminavelmente até o horizonte, de cervos e alces, de castores e búfalos em quantidades incalculaveis.

Certa manhã de maio, em 1769, Boone meteu-se resolutamente a caminho, decidido a alcançar aquela proibida Canaã—*Caintuck*, como os índios a chamavam, ou seja, «entre os prados». Acompanhavam-no nessa jornada um cunhado, de nome John Stuart, e mais cinco homens. Eram os sete «caçadores demorados», como ficaram conhecidos porque muito tempo permaneceram longe do lar. Atrás de si, Boone deixava uma fazendola endividada, a esposa, Rebeca, um bando de filhos descalços, e todas as suas preocupações. À frente dele desdobravam-se a aventura, o descobrimento, a riqueza talvez, a liberdade com certeza, e o perigo que espreitava em cada folha acariciada pela brisa.

O caminho levou-os para alem da Blue Ridge e dos Great Smokies, até alcançarem o derradeiro posto avançado do homem branco na região. Dalí em diante começava uma zona selvática, de íngremes cordilheiras em ziguezague, de rios que bramiam como gatos bravos no fundo dos desfiladeiros, de bosques tão espessos que as árvores mortas não podiam tombar e ficavam como que reclinadas nos braços das outras, ao mesmo tempo que as trepadeiras, grossas como a perna de um homem, pareciam cabos inquebraveis amarrando os troncos entre si. E o único trilho que atravessava tudo aquilo, era o «Trilho dos Guerreiros» —segredo bem guardado pelos índios, e terror dos brancos. Avançar por alí desprevenido, significava morte certa.

Os «Caçadores Demorados» puseram pé no Trilho dos Guerreiros e sentiam as ramarias da densa floresta fechar-se atrás deles, como as molas silenciosas de secretos alçapões. Rebeca Boone não tornou a ver o marido durante quase dois anos seguidos. E quando ele regressou, vinha de mãos vazias. Os indígenas haviam-lhe roubado os cavalos, e quantas peles de animais ele conseguira reunir durante toda uma temporada de caça. Mas de alguma coisa lhe servira a experiência: aprendera a caminhar na selva como os índios, ao longo dos troncos de árvores derrubadas, ou por cima das rochas, ou ao longo do leito dos ribeiros, para não deixar vestígios da passagem; aprendera ainda a interromper o rasto das pegadas no trilho, balançando-se agarrado aos cipós. Muitas vezes ele acendia uma fogueira à noite, e depois infiltrava-se num juncal para dormir em segurança.

Aprendeu mesmo a fazer amizade com seus implacaveis inimigos: em vez da espingarda, empregava astúcia e diplomacia. Uma vez, cercado enquanto dormia, conseguiu salvar a pele com um estratagema: sentou-se no chão, rindo a bandeiras despregadas e apertando as mãos dos índios com tamanha cordialidade, que eles o deixaram partir em paz... De outra vez, perseguido até à beira duma escarpa, pulou dela abaixo para ir cair agilmente na copa

de uma árvore, seguido apenas pelos murmúrios de assombro dos seus perseguidores.

Tinha conseguido desta vez sair com vida do Kentucky, mas os índios o aconselharam a não voltar alí nunca mais, porque Boone sabia agora demasiado: conhecia o curso do Trilho dos Guerreiros, vira as manadas de bisões e as nascentes e as jazidas de sal dos Grandes Prados.

O Kentucky fulgurava agora como a terra prometida, aos olhos dos homens que escutavam as descrições de Daniel. Quando, em 1750, os pais de Daniel Boone o levaram, aos 16 anos, para a Carolina, lá da fazenda onde nascera, na Pensilvânia, podiam-se matar tantos gamos naqueles bosques, que nem era possivel carregá-los todos para casa. Mas agora a caça quase se acabara, e por muito duro que um homem trabalhasse, nunca se via livre de impostos e dízimos da igreja, de advogados e oficiais de justiça, e a terra estava sobrecarregada de dívidas. Foi assim que, em setembro de 1773, seis famílias decidiram mudar-se para o Kentucky, e escolheram Daniel Boone para seu guia.

Era essa a oportunidade que ele vinha esperando; e resolveu levar consigo toda a família. Chegados que foram, porem, ao Trilho dos Guerreiros, os índios cairam sobre a retaguarda do trem de imigrantes, mataram vários homens durante o sono, e levaram prisioneiro um filho de Boone, James, menino de 16 anos, que torturaram até à morte. Foi o bastante para que os imigrantes batessem em retirada para a colônia, onde reinava a segurança. Mas a prova dolorosa contribuiu ainda mais para firmar Boone no seu propósito: abrir caminho no deserto, segundo a palavra da Bíblia.

Outra oportunidade lhe surgiu, quando o Coronel Richard Henderson ofereceu aos nativos dez mil libras em artigos de comércio, em troca de maior parte do território do Kentucky e escolheu Boone para a missão de abrir um trilho nesse território. Boone estava esperando, acompanhado de 30 porta-machados escolhidos, na Ilha Comprida do Rio Holston, quando, numa manhã de março de 1775, um mensageiro a cavalo chegou galopando com um recado de Henderson: o acordo com os índios estava em vias de completar-se. Boone brandiu no ar o seu machado, e desferiu o primeiro golpe que havia de desbravar a floresta para o trilho novo.

Dentro de uma semana, Daniel e seus homens tinham avançado mais de 150 quilômetros em direção ao Passo de Cumberland. Para alem, esperava-os a selva deshabitada. Os índios vieram atacá-los; quatro dos expedicionários morreram; alguns desertaram. Mas Boone e os mais rijos dos seus subordinados persistiram e continuaram avançando. Foi preciso transpor lodaçais, construindo pontes; erguer e arredar os troncos derrubados; arrancar os vigorosos cipós que pendiam da floresta; e, finalmente, desbastar os juncais, onde o inimigo poderia estar de atalaia. Assim mesmo, corrida outra semana, já os extenuados desbravadores puderam contemplar

as «apraziveis e arrebatadoras planícies do Kentucky».

O Trilho da Selva ia-se tornar uma das estradas reais que levariam os Estados Unidos ao encontro do seu futuro. Por ela não tardariam a passar colonizadores procedentes da Carolina, da Virgínia e de Maryland, a cavalo, em carros de bois, e a pé, trazendo os escravos, tocando os rebanhos e manadas, conduzindo os seus cavalos de corrida, para ir fundar o «Estado da Relva Azul», dando corpo ao sonho de Boone.

Mas, durante a vida dele, o Kentucky foi sempre uma zona de fronteira assediada. Lá bem no extremo do seu trilho, fundou Boone a vila de Boonesborough, num prado sombreado de grandes olmeiros e sicômoros, à margem de um cotovelo do Rio Kentucky. Durante 20 anos essa fortaleza primitiva ia ser o escudo e abrigo dos pioneiros, porto de repouso para os que acabavam de percorrer o longo e duro trilho, o lugar enfim onde os recemvindos se apetrechavam para estabelecer-se mais longe. Os índios rondavam tão perto dalí, em constante ameaça, que certo dia uma filha de Daniel, Jemima, de 14 anos, e duas outras meninas, havendo atravessado o rio em canoa, foram raptadas pelos indígenas e levadas para o coração da floresta. Mas as moças foram marcando pelo caminho o rasto dos saltos, quebrando ramos de arbustos, e deixando farrapos dos vestidos nos espinhos, à medida que os raptores as arrebatavam. Daniel, seguido de três homens, durante os dois dias da perseguição, foi lendo na floresta os sinais da passagem das vítimas.

Salvar as prisioneiras era porem um problema delicado, pois, ao primeiro sinal de alarma, os índios poderiam matá-las com suas afiadas machadinhas. As espingardas de Boone e dos seus companheiros estrondearam em uníssono, e não erraram o alvo: momentos depois, Jemima estava nos braços do pai.

Meses após, e debaixo do fogo dos sitiantes, Jemima saiu correndo da paliçada que rodeava Boonesborough, para ajudar a salvar o pai, já ferido. Boonesborough era nesse momento um campo de batalha da Guerra da Independência: os ingleses haviam armado aquela tribo e puseram a prêmio as cabeças dos americanos. A pequena colônia via em Daniel o seu chefe e protetor; certa vez ele e trinta companheiros foram capturados durante uma expedição para colheita de sal, e os colonos choraram o seu chefe como morto.

Daniel e os companheiros haviam sido arrebatados, até os aldeamentos indígenas do Ohio. Chegado alí, Boone simulou grande amizade pelos «irmãos» índios, convenceu-os a não torturarem nem matarem os prisioneiros, informou o chefe Peixe-Negro de que Boonesborough estava defendida por forças enormes, e conseguiu por fim ser adotado pela tribo. Em seguida, evadiu-se e voltou a Boonesborough —onde chegou pouco adiante de uma machadinha que se foi cravar na paliçada do fortim, para anunciar que começava outro cerco, mais implacavel.

Boone negociou com os sitiantes. Durante dias e dias fez render a «conversa fiada» nos conselhos de tribo com os seus novos «parentes» peles-vermelhas. Enquanto ainda decorriam as negociações de tréguas, Peixe-Negro atacou os brancos. Experimentou dardos incendiários, ataques súbitos, assaltos noturnos, retiradas simuladas. Boonesborough a tudo resistiu, mas a verdade é que a colônia estava reduzida a um punhado de defensores, desesperadamente inferior em número aos sitiantes. As mulheres e as moças, vestidas de homem, subiam com frequência aos parapeitos de defesa. Por último começou a faltar-lhes água, e as munições estavam quase esgotadas. Nessa noite era certo que Peixe-Negro ia atacar, a coberto de um temporal medonho que se desencadeara. Mas, ao amanhecer, o dia veio mostrar os bosques desertos—e o estandarte americano, o primeiro que se desfraldava a oeste das serranias, tremulou vitorioso ao vento da floresta.

A paz, que enfim reinou sobre a região, não levou grande sossego ao espírito de Daniel Boone; ele, que abrira um grande império verde à colonização, ficara na pobréza. Kentucky deu o seu nome a uma das comarcas do novo território,—mas os oficiais de justiça venderam imediatamente em hasta pública quatro mil hectares das terras dele, para pagamento de impostos atrasados. Henderson pagara-lhe em terras o serviço da abertura do Trilho da Selva; mas os direitos de Boone a essa concessão, provava-se agora, eram nulos, uma vez que Henderson não tinha autoridade legal para comprar terra aos índios. Não tardou que, pelo trilho, fossem chegando em enxames os especuladores, os advogados e os oficiais de justiça; brandindo os seus sacrossantos papéis selados, apoderaram-se até da terra sobre a qual se erguia a cabana de Boone.

O desbravador foi vítima ainda de outro roubo: uma noite, enquanto dormia, furtaram-lhe 50 mil dólares que uns vizinhos lhe haviam confiado, com ordem de lhes comprar alguns títulos de terras. Para indenizá-los, trabalhou durante 20 anos. Tornou-se agrimensor, tentou de novo a lavoura, abriu uma loja, foi caçador de lontras e castores, pegou cavalos selvagens a laço... Muitos anos depois que o «Estado da Relva Azul» se tornara próspero, Daniel e Rebeca Boone viram-se mais pobres do que eram quando chegaram ao Kentucky.

Nessas condições, já perto dos 70 anos, Daniel achou que era chegado o tempo de procurar uma nova «fronteira». Sua enorme reputação chegara antes dele ao pequeno povoado de St. Louis, no Missuri espanhol. As autoridades espanholas fizeram-lhe uma concessão de 3.400 hectares de terra no distrito de Femme Osage. Mas mal ele assentara arraiais, começaram a chegar na esteira dele centenas de imigrantes do Kentucky, sempre seguros de que onde Daniel erguesse a sua cabana, haveria lucros certos. Para maior sorte, os filhos e filhas dele, acompanhados de suas respectivas famílias, vieram instalar-se na vizinhança. A descendência de Boone, entre filhos, netos e

bisnetos, chegou quase a 400, embora ele só tivesse chegado a ver uns cem.

De modo que os derradeiros anos foram de tranquilidade. As autoridades espanholas fizeram de Boone síndico, ou magistrado, daquele distrito, e ele ministrava justiça sentado à sombra de um grande olmeiro conhecido por «Árvore da Justiça».

Boone passou seus últimos anos carregando os netinhos aos ombros, brincando com filhotes de lontras e castores, e fazendo obras de carpintaria. Entalhou por sua mão sete frontarias de lareiras para a casa de um filho, e de tempos a tempos fazia um caixão para si próprio: mas de todas as vezes teve que cedê-lo para o enterro de algum indigente. Todas as vezes, menos a última. Expirou tranquilamente em 1820, e foi sepultado ao lado da mulher, num caixão de cerejeira que ele mesmo fizera, numa colina de onde se via o oeste através do arvoredo.

Um quarto de século depois, o Kentucky agradecido reclamou os restos do pioneiro. Quatro cavalos brancos puxavam a carreta negra em que as suas ossadas foram conduzidas, com pompa oficial, à derradeira jazida, na capital do novo estado; e alí, cidadãos eminentes fizeram eloquentes discursos. Em seguida ergueram sobre a campa um pesado monumento, todo revestido de mármore italiano, onde se podem admirar, em relevo, cenas da sua existência aventurosa e quase lendária.

Mas o autêntico Daniel Boone não jaz alí, e só podemos encontrá-lo nas coisas que revelam ousadia e liberdade: no galope da corça e no raiar da aurora; no sopro do vento que acaricia a relva azul; e no trilho que é como um feixe de luz rompendo a selva—o Trilho, a grande estrada real dos Estados Unidos em marcha para o seu destino!

Gêneros de eloquência

NUM JANTAR oferecido ao escritor e teatrólogo Oscar Hammerstein, um dos oradores fez a apresentação do homenageado. Este começou o seu discurso com as seguintes palavras: «Vim com a esperança de ouvir uma brilhante oração. Oração que deveria sair dos meus próprios lábios. Mas, cá entre nós, creio que vou ter uma tremenda decepção.»

—Billy Rose

NUM BANQUETE em homenagem a vários astros e estrelas do desporte americano, passaram a palavra à tenista Helen Wills Moody, já no fim de um longo programa. A jovem conquistou imediatamente a simpatia do auditório, limitando-se a dizer: «Para ser vista, basta que eu me levante—para ser ouvida, basta que eu fale com clareza—mas para ser apreciada, é preciso que eu me sente.»

—Margery Wilson, *How to Live Beyond Your Means* (Lippincott)

Agora é facil salvar os dentes das crianças

(Condensado de «Woman's Home Companion»)

Por J. D. Ratcliff

OS PESQUISADORES estão agora oferecendo um processo já devidamente comprovado, capaz de reduzir de 40 por cento a cárie dentária nas crianças. O tratamento é bem simples: apenas uma aplicação rápida e indolor de certa substância química, que torna os dentes mais resistentes à cárie, sem de maneira alguma prejudicar-lhes a aparência. Trata-se de uma solução muito diluida de fluoreto de sódio, que se pode preparar a baixo custo. Todos os dentistas estão, hoje, praticamente em condições de ministrar esse tratamento.

Procedeu-se a testes em massa, entre crianças em idade escolar, pela seguinte forma: fazia-se a aplicação do líquido nos dentes de um lado da boca, deixando intactos os do outro lado. Examinados um ano depois, ou mais, os dentes tratados revelavam menos cárie do que os dentes do lado oposto, numa proporção de 40 a 50 por cento.

A maioria dos odontólogos estão de acordo, em linhas gerais, quanto ao processo que origina a cárie dentária. As bactérias da boca produzem enzimas que convertem o amido em açucar, e o açucar em ácido. Este ácido ataca o esmalte dos dentes. Quando os ácidos penetram no esmalte, a cárie se propaga rapidamente através da dentina, mais mole, e chega a atingir a polpa, que é sensivel, produzindo lancinantes dores.

A cadeia de descobertas que levou a este novo método de prevenção da cárie, iniciou-se quando os pesquisadores notaram que, em certas regiões, a população apresenta os dentes «malhados» devido ao descoramento do esmalte, que adquire a côr do gesso. Os pesquisadores formularam, com razão, a hipótese de que esse fenômeno se devia a qualquer fator presente nas águas da região,—mas ainda ignoravam qual fosse ele.

Mais tarde, em 1931, descobriu-se que a água potavel, nas regiões onde era comum o fenômeno dos dentes malhados, continha vestígios minúsculos de fluoretos. Seria possivel que esses fluoretos fossem a causa das manchas do esmalte?

Os cientistas do Posto Agrícola Ex-

perimental do Arizona, nos Estados Unidos, ministraram rações mínimas de fluoretos a ratos. Dentro de poucas semanas, os dentes dos roedores estavam cobertos de malhas, descorados como gesso.

Os engenheiros do serviço de águas começaram a procurar um modo de eliminar os fluoretos das águas. Um grupo de pesquisadores do Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos, sob a direção do dr. H. Trendley Dean, propôs-se averiguar exatamente quais as quantidades de fluoretos que podiam causar malhas nos dentes. Logo de início o dr. Dean fez uma verificação impressionante: quase não havia cárie nos dentes malhados.

Na segunda fase das pesquisas tratou-se de averiguar se haveria uma concentração ideal de fluoretos, capaz de evitar a cárie sem causar aquelas malhas de aspecto tão feio. Após anos de árduo trabalho, o dr. Dean ofereceu a resposta ao problema: uma parte de fluoreto para um milhão de partes de água. Com essa concentração, era possivel reduzir a cárie ao mínimo, sem causar manchas no esmalte.

Afim de determinar as razões por que os fluoretos agiam assim, o dr. Joseph F. Volker, do Tufts College, pulverizou alguns dentes, adicionoulhes fluoretos, e concluiu que estes, combinados com o esmalte dos dentes, formavam uma substância mais dura do que o material dos próprios dentes, e muito mais resistente aos ácidos da cavidade bucal. Outro pesquisador demonstrou que doses maiores de fluoretos, adicionadas ao regime alimentar ou à água, iam depositar-se rapidamente nos dentes.

O Dr. Frederick S. McKay, de Colorado Springs, que tem consagrado mais de 30 anos ao estudo deste problema, e contribuido com algumas das descobertas fundamentais para a respectiva solução, afirma: «Não há prova segura de que este tratamento seja benéfico aos dentes dos adultos. Temos esperanças de que o venha a ser, mas até agora não se praticou a tal respeito nenhum estudo compreensivo.» Outras autoridades odontológicas previnem o público de que o tratamento só deve ser aplicado por dentistas ou técnicos dentários competentes; nunca se deve tentar o auto-tratamento, porque uma solução demasiado concentrada é venenosa.

A maneira mais viavel de introduzir na prática a aplicação desses novos conhecimentos, consistia em adicionar a dose correta de fluoretos às águas de abastecimento público. A primeira cidade a abalançar-se a tal experiência foi Grand Rapids, no Míchigan, que o fez em 1945. Mas será preciso esperar ainda sete anos, para se poder avaliar com rigor os resultados.

Nesse ínterim, tentou-se uma experiência de natureza muito mais direta. Se os dentes pulverizados absorviam os fluoretos, não seria então possivel fazer a aplicação direta destes aos dentes, com um pincel, permitindo assim ao esmalte absorvê-los? Iniciaram-se testes com ratos e cães, a cujos dentes se aplicavam debeis soluções de fluoretos, que se deixavam secar. Mais adiante extraíam-se esses dentes. Os resultados foram positivos: o esmalte absorvia os fluoretos! Estava, pois, aberto o caminho para as experiências com seres humanos.

Os testes preliminares, efetuados com pequenos grupos de crianças, revelaram resultados muito promissores. Em seguida, em 1942, o dr. John W. Knutson, do Serviço de Saude Pública dos EE. UU., e o dr. Wallace D. Armstrong, da Universidade de Minesota, escolheram três cidades desse estado onde ocorriam muitos casos de cárie—North Mankato, Arlington, e St. Louis Park. Nessas cidades, 289 crianças entre as idades de 7 e 15 anos foram submetidas ao tratamento: primeiro uma limpeza, em seguida secagem por meio de sopro de ar, e finalmente a aplicação de uma solução fraca de fluoreto de sódio nos dentes do lado esquerdo da boca; os do lado direito ficaram intactos.

Um ano depois verificou-se que os dentes untados com a solução de fluoreto de sódio registavam 40 por cento menos cáries do que os dentes não tratados. Mesmo ao cabo do terceiro ano a cárie se mantinha a 37 por cento menos.

Knutson estava na pista acertada, mas várias perguntas ficavam ainda sem resposta. Por exemplo: seria necessário limpar os dentes antes de aplicar os fluoretos? As provas indicaram que era pelo menos conveniente.

Para determinar qual o número mínimo de tratamentos capaz de produzir os resultados almejados, Knutson repartiu as crianças das escolas do condado de Miami, no Ohio, em três grupos, um dos quais recebeu dois tratamentos, outro quatro, e o terceiro seis—todos eles espaçados a intervalos de uma semana. As crianças que receberam dois tratamentos somente, registaram uma diminuição de 20 por cento na cárie; os dois outros grupos registaram uma queda de 40 por cento. Concluiu-se então que o ideal era aplicar quatro tratamentos.

Knutson reduziu essa massa de observações e experiências a algumas regras de prevenção. As crianças deviam receber a primeira série de quatro tratamentos—a intervalos de uma semana—à idade de três anos. Em face das provas até agora realizadas, esse tratamento previne a cárie pelo menos durante três anos. A segunda série é ministrada por volta dos 7 anos de idade, a terceira aos 10, e a quarta aos 13.

A American Dental Association (Associação Norte-Americana de Odontologia) já deu o seu apoio ao tratamento pelo fluoreto, nestes termos: «A terapêutica do fluoreto deveria ser aplicada correntemente nos consultórios dentários, nas escolas, e nos serviços de saude pública. Devia empreender-se uma campanha enérgica no sentido de pôr os dentistas a par destas novas aquisições, e de estimular as juntas odontológicas dos estados e dos municípios a estudar as possibilidades de tornar o tratamento pelo fluoreto acessivel a todas as crianças.»

Por que tardou a notícia da rendição da Alemanha

(Condensado de «The Atlantic Monthly»)

Por Edward Kennedy

Pela primeira vez, o ex-chefe do escritório da Associated Press em París conta a história do seu famoso «furo», que suscitou tanta controvérsia. Aquí também se encontra a significativa revelação do primeiro movimento de Moscou contra as potências ocidentais, no após-guerra.

EM PRINCÍPIOS de abril de 1945, a resistência alemã na frente ocidental estava-se desmoronando rapidamente. As tropas norte-americanas haviam atravessado o Elba, e no caminho de Berlim quase nada existia, capaz de dificultar-lhes o avanço. No entanto, recuaram afim de permitir que os russos entrassem em Berlim.

Para os soldados e o povo dos Estados Unidos, os russos ainda eram bravos aliados; mas as relações oficiais entre Washington e Moscou já tinham sido perturbadas pela aberta desconfiança e mesmo hostilidade dos russos. A política dos aliados ocidentais, baseada na convicção de que a vitória na Segunda Guerra Mundial de nada valeria se levasse a um conflito com a Rússia, era de apaziguamento para com Moscou. Os comandantes militares foram advertidos de que evitassem até mesmo a aparência de estar tirando partido da preferência que os alemães demonstravam pelos ocidentais.

Foi nesse ambiente de nervosismo que dois oficiais alemães, o almirante Hans Georg von Friedeburg e o coronel Fritz Poleck, chegaram ao Quartel General do marechal Montgomery, no dia 4 de maio. Tinham sido enviados pelo governo do almirante Karl Doenitz—que subira ao poder depois da morte de Hitler—afim de discutir a entrega de tudo que restava do Terceiro Reich. Isso, porem, excedia aos poderes de Montgomery, que os encaminhou a

Eisenhower, no Quartel General Avançado, em Reims.

O gabinete de Doenitz havia fugido para Flensburg, na fronteira teutodinamarquesa. As tropas britânicas entraram em Flensburg e o governo se tornou cativo, embora continuasse a funcionar. A estação de rádio de Flensburg, de grande potência, era operada pelos alemães, sob censura dos aliados.

Friedeburg, sendo informado de que o novo governo alemão devia autorizar prontamente a rendição incondicional aos aliados ocidentais e à Rússia, transmitiu a Doenitz essa comunicação.

Na manhã de 6 de maio, domingo, um grupo selecionado de correspondentes de imprensa (entre os quais me achava eu) reuniu-se em um pequeno campo de aviação perto de París, onde tomamos um avião para Reims. Éramos 17, representando, indiretamente, através das agências de informações, quase todos os jornais e estações de rádio do mundo aliado.

Enquanto nosso avião se dirigia para o nordeste, o general Frank A. Allen, Chefe da Divisão de Relações Públicas do Supremo Comando, prevenia-nos da possibilidade de virem a fracassar as negociações da rendição e dos desastrosos efeitos que provocaria uma prematura divulgação de tal acontecimento. Fez, então, que cada um de nós prometesse o seguinte: «... não comunicar os resultados desta conferência, nem o fato de sua realização, até que a notícia tenha sido dada pelo Supremo Quartel General.» Fiz minha promessa com sinceridade, pretendendo cumprí-la; e de fato a cumprí.

Em Reims, fomos levados ao posto avançado do SHAEF (Supremo Quartel General da Força Expedicionária Aliada), que ocupava o edifício de uma escola técnica, e aí nos disseram que esperássemos em uma sala do pavimento térreo. Esperamos nove horas. Allen veio falar conosco diversas vezes, fazendo diferentes declarações à medida que iam sendo alterados os planos, no andar superior. Em determinada hora, comunicou que não poderíamos transmitir notícias enquanto a rendição não fosse anunciada pelos governos aliados.

Finalmente, às 2 horas e 41 minutos da manhã de 7 de maio, segunda-feira, nós, os correspondentes, fomos conduzidos ao andar de cima para presenciar a assinatura da rendição incondicional pelo general Gustav Jodl, novo chefe do Estado-Maior do exército alemão, e pelo almirante von Friedeburg. Outros de nossos confrades, menos afortunados, que, por intermédio do pessoal da Divisão de Relações Públicas de Allen, haviam sabido do que se passava, esfregavam as mãos, tiritando, nas calçadas de Reims, naquela manhã fria—embora diversos oficiais do Quartel General tivessem conseguido introduzir na sala algumas conhecidas suas, enfermeiras e moças do Corpo Auxiliar Feminino do Exército norte-americano, para que presenciassem o histórico acontecimento.

Depois de todos terem aposto suas assinaturas—Bedell Smith pelo Su-

premo Comando, general François Sevez pela França, general Ivan Susloparov pela União Soviética e almirante Sir Harold Burrough pela Grã-Bretanha—fomos levados de novo para a sala, em baixo, afim de aguardarmos a decisão final da hora em que poderíamos enviar nossos despachos. Mais ou menos às 4 da manhã, Allen apareceu e disse: «Senhores, o general Eisenhower desejava que a notícia fosse dada imediatamente, pois assim se poderiam salvar muitas vidas; ele se acha, entretanto, maniatado pelas altas esferas da política, e nada podemos fazer. A divulgação foi fixada para terça-feira, às 15 horas, hora de París.»

Regressamos a París de avião, com um sol de ouro desbotado, naquela madrugada de maio. Às 10 horas do mesmo dia, segunda-feira, o general Allen realizou uma conferência com a imprensa no Hotel Scribe, sede da Divisão de Relações Públicas. Foi uma reunião agitada. Os correspondentes cuja presença à assinatura da rendição havia sido barrada, foram enérgicos em suas acusações. A incompreensivel decisão de reter a notícia por 36 horas atiçou os ânimos de todos nós.

Eu soube, por oficiais superiores do SHAEF, que o atraso tinha sido ordenado por Washington, a pedido dos russos, que desejavam realizar uma outra cerimônia «mais formal», em Berlim. Isso nos pareceu esquisito. A rendição de Reims era incondicional, e a Rússia dela participara plenamente. Uma segunda cerimônia não teria significação alguma, a não ser para fins de propaganda soviética.

Por toda parte circulavam boatos do fim da guerra, com estranheza de que não tivesse havido comunicação alguma a respeito. Os vespertinos de París publicaram despachos de Londres dizendo que estavam sendo montados alto-falantes em Downing Street, N.º 10, e que a Inglaterra só aguardava o comunicado oficial. Os soldados aliados, no *front*, tiveram informação oficial.

Eu estava convencido de que, se a declaração oficial demorasse, a notícia inevitavelmente conseguiria, de qualquer maneira, furar a barreira. Às 14 h 3 m, hora de París, verificou-se o «furo»: o conde von Krosigk, Ministro do Exterior do governo Doenitz em Flensburg, anunciou a rendição incondicional em uma irradiação para todo o mundo, dirigida «aos homens e mulheres alemães».

Eu sabia que o governo Doenitz não poderia ter feito a irradiação sem consentimento do Supremo Comando. Estava claro que o «furo» partira do próprio SHAEF.

Procurei comunicar-me com o general Allen pelo telefone, mas fui informado de que ele se achava muito ocupado. Fui ao escritório do tenente-coronel Richard H. Merrick, chefe da censura norte-americana, e lhe mostrei o texto do comunicado de Flensburg.

«Que é que você quer que eu faça?» disse ele. «Tenho que cumprir ordens.»

Minha promessa, ponderei, era de não fazer divulgação até que a notícia tivesse sido dada pelo Supremo Quartel General. Declarei a Merrick que, tendo o Supremo Quartel General dado a notícia por intermédio dos alemães, eu não me sentia mais na obrigação de observar silêncio.

«Faça como quiser,» respondeu. Naturalmente não podia supor que um correspondente conseguisse transmitir um despacho através da cortina de ferro com que a censura pensava haver cercado o teatro europeu.

Não foi o desejo de sensacionalismo que me impeliu, inexoravelmente, a tomar a decisão que tomei, mas, sim, a convicção de que meu dever era relatar os acontecimentos. Tratava-se, reconhecidamente, de censura política, em flagrante violação do ponto fundamental da censura norte-americana, isto é, que seria limitada a assuntos genuinamente de sigilo militar. Nunca me arrependí de minha decisão.

Eu sabia que podia comunicar-me com o nosso escritório de Londres pelo telefone militar. Qualquer pessoa, no Scribe, podia chamar «Militar, París» e pedir ligação para qualquer telefone de Londres. Qualquer agente inimigo em París poderia ter feito isto. O fato de que o SHAEF tenha deixado essa brecha no seu sistema de segurança, supostamente impenetravel, somente os militares poderão explicar.

Transmití todos os detalhes essenciais do acontecimento de Reims, o bastante para esclarecer que não se tratava de boato, mas de um autêntico relato de uma testemunha ocular; que essa era a notícia que o mundo estava aguardando.

«Agora vejamos o que vai acontecer,» disse eu aos meus auxiliares. «Talvez eu não fique por aquí muito tempo.»

A tempestade desabou logo. O general Allen suspendeu as operações da Associated Press em todo o teatro europeu. Até os telefones de nossas salas foram cortados. As outras agências começaram a enviar telegramas de protesto por não lhes ter sido concedida licença para transmitir a notícia.

Meu despacho foi publicado e irradiado pelo mundo inteiro, e provocou uma demonstração gigantesca. Até mesmo o SHAEF espalhou-o na Europa, em 20 línguas, pela estação de rádio do Comando.

A suspensão da Associated Press por parte de Allen provocou um bombardeio de protestos nos Estados Unidos. O SHAEF punira não somente a referida agência, mas tambem todos os jornais e estações de rádio que dela recebiam noticiário, bem como seus leitores e ouvintes, num momento em que todos estavam profundamente interessados nas notícias provenientes do teatro europeu. A suspensão da Associated Press foi cancelada, mas minha suspensão como correspondente continuou de pé.

Partí então para os Estados Unidos. Ao chegar, discutia-se em todo o país a ética do meu ato, mas o sentimento público estava avassaladoramente a meu favor. A massa dos norte-americanos achava que, terminada a guerra na Europa, o povo tinha o direito de ser informado do fato.

Comecei a me movimentar para

conseguir um inquérito justo, pois tinha certeza de que eu seria considerado isento de qualquer culpa. Procurei o Ministério da Guerra para me informar de como fora feita a irradiação de Flensburg. Levei um ano mas, afinal, conseguí o que desejava: uma declaração assinada por Bedell Smith, Chefe do Estado-Maior do Supremo Comando, nestes termos:

«Ludwig Schwerin von Krosigk anunciou oficialmente a rendição incondicional da Alemanha em uma irradiação para o povo alemão e o mundo, originada em Flensburg. Essa divulgação foi feita em cumprimento de ordens do Supremo Quartel General, no sentido de que os soldados alemães deviam ser informados da rendição por todos os meios possiveis, e instruidos no sentido de cessarem a resistência...»

O próprio SHAEF não só autorizara a divulgação da notícia antes da hora «oficial», como chegara mesmo a ordená-la.

O resto foi facil. O senador Sheridan Downey apresentou os fatos e as provas ao general Eisenhower. Este, após examinar o caso, restaurou minhas credenciais como correspondente de guerra. Deram-me, finalmente, uma «folha-corrida» limpa...

Posteriormente os fatos esclareceram o significado da rendição engendrada pelos russos. Era o primeiro movimento de Moscou, no após-guerra, contra as potências ocidentais. Os russos solicitaram o atraso na divulgação da notícia, para que pudessem organizar a cerimônia-arremedo nas ruinas da capital alemã. Afim de que a «rendição» em Berlim pudesse parecer legítima, pediram que o acontecimento de Reims só fosse divulgado algumas horas *depois* da solenidade de Berlim. Isso foi recusado, mas Truman e Churchill—o último com relutância e sob pressão de Washington—concordaram em reter a notícia (que pertencia aos povos aliados) até a hora da reunião em Berlim. Foi uma concessão política que poderia ter custado vidas aos aliados se o SHAEF não a tivesse violado. Foi uma dessas decisões do Presidente Truman dificeis de ser compreendidas; um apaziguamento típico do período Ialta-Potsdam.

Na imprensa controlada pelos sovietes nunca apareceu nenhuma palavra sobre a rendição verdadeira, assinada em Reims. Do outro lado da Cortina de Ferro, a maioria acredita que o Exército Vermelho conseguiu a rendição dos alemães com um «ligeiro auxílio» dos exércitos ocidentais. Essa informação errônea poderia afetar o grau de resolução com que o povo se prontificaria a marchar, no caso de surgir uma nova guerra.

A ação dos russos estava perfeitamente de acordo com o conceito soviético do uso da imprensa para fins de propaganda; nós é que erramos, pois nos deixamos levar por ela.

Como Reginald Paget esperou a morte

Condensado do livro
«My Life as a Teacher»

Por John Erskine

A PRIMEIRA VEZ que vi Reginald Paget foi em fins de 1914, quando eu estava ensinando na Universidade de Colúmbia, em Nova York. Com mais interesse do que o comum dos estudantes, ele veio pedir-me conselhos sobre seus cursos. Lembro-me ainda de sua figura esbelta, seus olhos brilhantes e expressão inteligente. Mas veio numa cadeira de rodas, pois tinha ambos os pés inutilizados.

Contou-me que uns amigos lhe estavam proporcionando meios de terminar os estudos. Seu único problema agora era achar a melhor maneira de empregar os dois anos e meio.

—E depois, que vai fazer?

Deu-me a resposta com um sorriso:

—Morrer.

Nada pude retrucar, mas ele me pôs logo à vontade.

Estava sofrendo de uma paralisia progressiva. Durante os dois próximos anos, provavelmente ainda poderia usar as mãos e os braços. Seu cérebro se conservaria lúcido e teria fala até o fim. Mas, quando a paralisia chegasse ao coração, seria a morte.

Como poderia ele empregar o tempo nesse ínterim?

Era a única coisa sobre que desejava conversar. Quando ele se retirou de meu escritório, fazendo rodar sua cadeira, deixou-me assombrado e estupefacto.

Durante os dois anos seguintes foi o aluno mais brilhante da universidade. Ninguem ouvia dele a menor queixa contra o seu estado. Foi o espírito mais corajoso que já conhecí, e a sua plena alegria de viver punha todos nós envergonhados.

Um único desgosto ele confessava: os outros rapazes, cheios de vida e saude, podiam inspirar o amor de alguma mulher e tornar-se um elo entre a sua geração e a seguinte. Mas que mulher desejaria ter por marido um homem preso a uma cadeira de rodas?

À medida que o fui conhecendo melhor, comecei a me admirar das dificuldades com que ele vivia. Morava num pequeno apartamento, e uma enfermeira competente vinha olhar por ele durante o dia, quando tinha tempo. Ela era um pouco mais velha que o rapaz, e eu fiquei sabendo o quanto Reginald lhe era grato.

No último semestre sua saude piorou rapidamente. Durante a última quinzena, não apareceu em classe e as aulas se nos tornaram pesadas. Quando chegou o seu fim, a capela da universidade encheu-se de colegas que lhe queriam prestar homenagem.

Assim que soube do seu estado, eu começara a visitá-lo diariamente. Quando faleceu, a expressão de paz e triunfo em seu semblante me deixou admirado. Sua dedicada enfermeira, chorando silenciosamente, relembrava a constante coragem com que ele esperara pela sombra que se aproximava. Mais tarde ela me contou a parte mais surpreendente da história:

Afim de dar-lhe maior paz de espírito e, naturalmente, para lhe exprimir a sua devoção, ela se casara com ele. Quando o jovem morreu, foi com a certeza de que não desapareceu deste mundo sem deixar prole. Realizara seu sonho.

O bebê foi um menino.

Humor escocês

UM JOVEM pastor escocês morava a uns 10 quilômetros da igreja, rio acima. Certo domingo, em que a neve tornara a estrada intransitavel, o pastor decidiu patinar rio abaixo, até a igreja, para dirigir os ofícios do dia. Acusado, no seu presbitério, de ter, por isso, desrespeitado o dia santo, explicou ter sido a única maneira de alcançar a igreja. «Jovem,» observou o Superior, «há apenas uma questão em jogo: o sr. teve ou não teve prazer na patinação?»

—Dr. C. F. Wishart, citado por William P. King, *The Search for Happiness* (Abingdon-Cokesbury)

DURANTE uma de suas temporadas em Nova York, o comediante Sir Harry Lauder, conhecido pelas gorgetas insignificantes que dava, jogava golfe quase todos os dias. Certa manhã, quando se dirigia para o campo, notou que a sua bolsa de golfe era carregada por um novo menino.

—Que é feito do garoto que me serviu ontem? perguntou.

—Tiramos a sorte para ver quem ficaria com o sr. hoje, foi a resposta.

—Folgo em saber que você ganhou, disse Lauder, lisonjeado.

—Mas eu não ganhei, não, replicou o garoto. —Eu perdí.

—Irving Hoffman, em *The Hollywood Reporter*

UM PASTOR protestante e um escocês assistiam, juntos, a uma partida de basebol. A todo momento, o escocês tirava do bolso uma garrafa de uisque e tomava um trago. O pastor, sem poder dominar-se mais, observou:

—Meu amigo, já completei 68 anos e, em toda a minha vida, jamais provei uma gota de álcool.

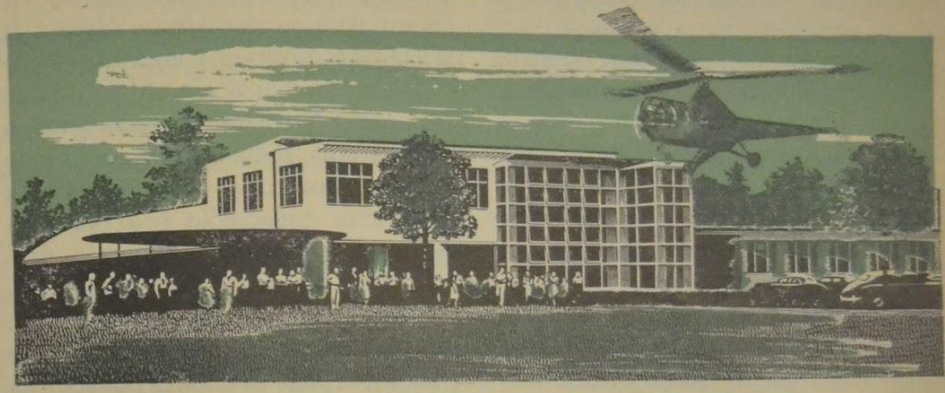
—Pois então, não se preocupe, retrucou o escocês, com sua pronúncia carregada. —Já é tarde demais para o senhor começar.

—*Daily Province*, de Vancouver

O PROFESSOR de jornalismo dava alguns conselhos sobre a matéria. «O importante,» explicou, «é saber abordar convenientemente os assuntos. Lembrem-se sempre do jovem que, desejando pedir a mão da bela filha de Angus MacPherson, assim iniciou a conversa: —Permita-me o senhor indicar-lhe um meio pelo qual poderei proporcionar-lhe grandes economias.»

—*The Christian Science Monitor*

Unity House—uma estação de férias de 4 milhões de dólares para trabalhadores da indústria de roupas feitas



Clube grã-fino... para operários

(Condensado de «Survey Graphic»)

Por Victor Riesel

Redator da seção trabalhista do «New York Post»

NUMA abafada tarde de sexta-feira, em julho passado, Pearl Halpern, operária duma fábrica de vestidos no ultra-barulhento e movimentado bairro dessa indústria em Nova York, desligou sua máquina de costura e dirigiu-se para o seu *country-club* afim de gozar uma quinzena de férias.

Esse descanso lhe foi proporcionado pelo cheque de 45 dólares que ela recebeu para esse fim do Sindicato Internacional dos Trabalhadores da Indústria de Vestuário para Senhoras. Foi esse nada mais do que um dos 314 mil cheques, num valor total de dez milhões de dólares, enviados anualmente aos membros do Sindicato. Outro fator que lhe possibilitou essas férias foi a existência da Unity House, um hotel de veraneio no valor de 4 milhões de dólares, mantido pelo sindicato nas montanhas de Pocono, na Pensilvânia.

Na Unity House, Pearl poderá dançar num elegante salão à beira do lago, remar, ou caminhar através de extenso gramado até o anfiteatro ensombrado de árvores, e assistir a uma conferência. Ou, no teatro que fica junto ao lago, ela assistirá ao último filme, a óperas com estrelas do Metropolitan de Nova York, ou ainda a espetáculos com o concurso dos mais populares artistas.

À hora das refeições, tem uma escolha variada no salão de jantar, cuja capacidade é de mil pessoas. A mesa é tão profusa que os operários mais antigos ainda se lembram dos velhos

tempos em que a indústria os explorava, e saem-se com a sua piada favorita: «Nós costumávamos dizer: Deixa estar! quando vier a revolução, vamos passar a morangos com creme!... Pois a revolução veio e já estamos cansados de tanto morango...»

De fato, foi uma revolução—mas uma revolução pacífica. E para ilustrar o que aconteceu, basta relatar o que se passou quando o sindicato hospedou na Unity House 200 dos mais importantes industriais de roupas feitas. Naquele fim de semana, David Dubinsky, presidente do sindicato, mostrou aos patrões a aplicação dada às suas contribuições para o fundo destinado a férias e a serviços sociais e de saude, as quais perfazem de 3½ a 5% das folhas de pagamento. Durante três dias os chefes passaram a costeletas de vaca, lagosta, pombo, galinha, bifes suculentos e outras iguarias.

Certa manhã, os chefes desfilaram em frente de Dubinsky, ostentando cartazes com os dizeres: «Um fim de semana, e pagamos o ano todo!» «Dubinsky é uma jóia—presenteia-nos com nosso próprio dinheiro!»

Foi mais do que uma brincadeira—foi o reconhecimento, por parte dos chefes de uma das indústrias mais importantes dos Estados Unidos, de que o sindicato compreendia seus problemas, não tendo, durante quinze anos, promovido uma greve sequer, e, pelo contrário, havendo ajudado vários industriais a manter em funcionamento suas fábricas.

Um dos industriais, Samuel Klein, assim resumiu os acontecimentos daquele fim de semana: «Quando estávamos na mais agitada das disputas, os dirigentes do sindicato nos convidaram para visitar Unity House. E lá confraternizamos com eles, vivendo na maior harmonia. Mas quando voltamos a Nova York, reencetamos a batalha com redobrado vigor. Creio que isso constitui um exemplo da verdadeira negociação coletiva para outros líderes do movimento trabalhista.»

O membro do sindicato que deseje compartilhar seu quarto com mais três outros paga 38 dólares por semana durante sua estada de férias na Unity House. Um quarto para dois custa 46 dólares por pessoa. Para famílias com filhos existem bangalôs entre árvores, num nivel acima do lago; esses bangalôs possuem terraços cercados de tela para dormir, banheiro, lareira, paredes forradas de madeira e serviço de hotel completo.

A Unity House faz o possivel para satisfazer às mães. O hotel fornece berços, fraldas, sala de jantar para as crianças, copeiras especiais, pagens e superintendentes para que tomem conta dos garotos quando estes brincam. A estação possui sua própria agência postal e, do outro lado da rua, fica o hospital com consultório médico, enfermeiras, clínica e um laboratório bacteriológico onde são examinados diariamente o leite, a água e a comida.

Durante o verão, a Unity House entretem 10 mil operários e mantem 300 empregados para cuidar de 31 bangalôs, 450 quartos e vários edifícios enormes. Dispõe de campos de bola-ao-cesto e de tenis e espetáculos de televisão, alem de teatro de fantoches para a criançada, uma ótima biblioteca e uma fazenda modelo.

A renda durante a estação sobe a mais de meio milhão de dólares. E, se a contabilidade acusa lucro, diminuem-se os preços no ano seguinte.

A Unity House foi uma precursora das estações de repouso para operários. Assinala a morte lenta de uma era que começou com a idéia arcaica de que somente com revoluções violentas os operários poderiam conseguir o que a vida oferece de bom.

Interessante revelação de alguns truques que o leitor poderá tambem pôr em prática

Assim se «lê o pensamento»

(Condensado do livro «Between You and Me»)

Por Louis Nizer

O PROSPETO dizia que o professor era o maior fenômeno dos nossos dias. Já deixara boquiaberto um grupo de cientistas da Universidade de Harvard. Eles tinham-se armado de todas as precauções contra qualquer mistificação, mas o homem lhes havia lido o pensamento. O professor se propunha agora demonstrar sua habilidade a todos os incrédulos.

LOUIS NIZER é um advogado de renome internacional. É, tambem, autor de um livro de grande brilhantismo e madureza, intitulado *What to Do With Germany*. Em seus momentos menos graves, é talvez o mais chistoso dos oradores de banquete em Nova York, e sem dúvida um dos que recebem mais convites.

Fui ao teatro. Ele era um cavalheiro de maneiras aprimoradas, que evitava os exibicionismos e o «farol» comuns a tais artistas.

—Bem compreendo, disse,—que os presentes, na sua maioria, acham impossivel o que pretendo realizar. Prefiro não fazer conferência a respeito: uma demonstração será muito mais convincente. Convido, pois, o mais incrédulo a aproximar-se.

Uma senhora acudiu ao chamado. O professor disse-lhe que se concentrasse sobre qualquer comando que ela lhe desejasse transmitir, e que continuasse a instruí-lo com o pensamento apenas, sem proferir uma palavra. Di-

to isso, ele pegou-a pela mão, e conduziu-a à platéia, onde se achavam algumas centenas de pessoas; entrando por uma das filas, foi postar-se diante de um cavalheiro, e retirou-lhe os óculos, colocando-os sobre seu próprio nariz. «Não era isto que a senhora queria que eu fizesse?» Perplexa, ela não pôde falar; confirmou-o com um aceno da cabeça.

Naquela noite eu não pude conciliar o sono. Estava certo de ter sido vítima de uma burla. Mas, como? As instruções mentais não tinham sido dadas por escrito, não havendo portanto margem para uma empalmação. Alem disso, não havia alí nenhum assistente que pudesse ter comunicado a informação ao professor por um código.

Comecei a reconstituir mentalmente, com todos os detalhes, o que se passara. Lembrei-me das recomendações do professor: «Se eu começar a andar em direção contrária, a senhora dirá consigo mesma, sem mover os lábios: Vai errado. Dê cinco passos na direção oposta. Se eu me dirigir ao objeto indicado, porem minha mão estiver muito alta, a senhora deve dizer em pensamento: Abaixe a mão; mais... mais... Assim, sim. Isto é, dê suas instruções em seus menores detalhes, e continue a dar-me ordens mentais durante toda a experiência.»

Lembrava-me tambem de que o professor sempre tomava pela mão as pessoas que participavam do teste. Seria possivel que o toque manual pudesse indicar, a uma pessoa altamente sensivel, que ela estava seguindo na direção certa?

Decidí experimentar comigo mesmo. Chamei um meu primo e pedí-lhe que se concentrasse sobre um dado objeto existente na sala, dando-me instruções mentais à medida que eu fosse caminhando à procura. Mesmo na primeira experiência que fizemos, pude notar a pressão de sua mão quando eu me dirigia para um lado errado. Sem que ele se apercebesse, sua concentração me era manifestada pela tensão da mão. Assim foram eliminados três dos lados da sala, sendo eu dirigido para uma parede onde se achava o objeto visado. Quando por fim toquei no próprio objeto, sentí, por uma vibração da mão, que ele confirmava o meu acerto. Não obstante, meu primo não tinha a menor consciência daqueles sinais involuntários que me transmitia.

Qualquer pessoa pode repetir essa prova. Em geral, outras pessoas na sala fazem idênticas experiências e obtêm resultados imediatos nas tentativas mais simples. Se o leitor experimentar, verá por si mesmo.

A verdade é que os cartomantes e adivinhos são evidentemente uns charlatães. Não obstante, tal é a credulidade humana, que deles se aproximam milhões de vítimas amedrontadas, fanáticas e supersticiosas, cujo nivel mental vai desde o dos imbecís até o das pessoas que, em outras coisas, são de inteligência bastante desenvolvida.

Experimente o leitor e verá como é facil espantar as pessoas, bastando «ler» as linhas da sua mão. Observe as reações de cada um, as quais podem servir-lhe de guia. Por exemplo, comece com esta chapa: «Você tem dificuldade em conquistar amigos; mas, uma vez estabelecida a amizade, é capaz de mantê-la através de todas as adversidades.» Um sorriso de satisfação iluminará o rosto do «paciente», dando-lhe margem para estender mais o assunto. Se, porem, lhe notar certa expressão estóica, será motivo para tomar outra direção. Em geral, as pessoas gostam de ser lisonjeadas, especialmente quando um defeito é convertido em virtude. Esse é o método psicológico seguido pelos decifradores das folhas de chá, dos quiromantes, cartomantes e outros «adivinhos». Dizem assim: «O senhor é de grande suscetibilidade; magoa-se facilmente, porem não guarda rancores.» Ora, ninguem se opõe à menção de uma falta quando esta é logo atenuada por uma referência a certa qualidade superior.

As informações específicas dadas pelos adivinhos, tais como a revelação de recentes enfermidades, complicações conjugais e viagens, são o resultado do desenvolvimento da capacidade de observar e deduzir. Os adivinhos tornam-se muito sensiveis em suas reações no contacto com as pessoas; e essas reações, aliadas àquelas—muito reveladoras—que vêem no rosto dos «pacientes», confirmam ou alteram o sentido das predições. Todos os outros elementos que contribuem para a surpreendente «exatidão» alcançada por certos adivinhos são fruto de simples coincidências, de deduções acertadas ou de informações indiretamente recebidas.

Faz pouco tempo, um famoso adivinho estava atuando num teatro de variedades. Abria um baralho para mostrar ao público que se tratava de cartas comuns. Depois, convidava alguem no auditório a tomar o baralho e, na escuridão da platéia, erguer a ponta de uma carta qualquer, de modo que ninguem a visse. E o homem, a seguir, revelava qual era a carta.

Este truque é tão simples que a gente até se envergonha de se ter deixado cair na burla. O baralho é de fabricação especial. Aberto em um sentido, as cartas são diferentes uma das outras; mas, virado do outro lado, são todas iguais—digamos, sete de copas. O adivinho usa um baralho novo cada vez que faz esse truque.

Certa noite, na sala de um hotel, apreciei uma variante de um conhecido truque. Todos os presentes foram convidados a escrever uma pergunta num cartão especialmente impresso, que era dobrado em seguida; no lado externo do cartão a pessoa punha suas iniciais. Uma senhora, assistente do mágico, colocava os cartões num grande recipiente de prata. Depois que um par de bailarinos concluiu seu número, apareceu o adivinho. Tirou um cartão a esmo e leu as iniciais escritas na frente do mesmo. Quando se levantou a pessoa cujas iniciais ele havia lido, o adivinho deu resposta à pergunta escrita dentro do cartão. E assim procedeu com os demais cartões. Ao fazê-lo, porem, ele conservava o cartão dobrado, e nunca sequer olhava para ele; depois rasgava-o em vários pedacinhos. Em cada caso, dava o nome por

extenso da pessoa, o qual se achava escrito dentro do cartão.

Como é que se faz isso? Enquanto os dançarinos executavam seu número, o adivinho escolhia dez ou quinze das várias perguntas, que decorava juntamente com as respectivas iniciais. Em seguida, independente do cartão que retirava do recipiente, ele repetia de memória as iniciais e a pergunta correspondente. Rasgava logo o cartão para que ninguem pudesse verificar depois que a resposta e as iniciais não coincidiam com as do cartão que tinha nas mãos.

Certo dia, recebí no meu escritório de advogado a visita de um adivinho que dizia possuir «mente de raios-X». Vinha fazer-me uma consulta que teria sido desnecessária se de fato pudesse exercer poderes ocultos... Provavelmente percebeu que eu era descrente dessas coisas, e com certeza desejou pregar-me uma peça...

Seu número consistia em pedir a uma pessoa que escrevesse uma pergunta num papel, dobrando-o muitas vezes antes de o entregar ao adivinho. Então ele rasgava o papel em muitos pedaços, punha-os numa salva e lhes ateava fogo. Enquanto eles queimavam, o adivinho lançava à fumaça um longo olhar e respondia à pergunta.

Dei meu palpite: ele empalmava o original e queimava outro pedaço de papel semelhante. Mas errei.

«Suponhamos,» disse ele, «que o senhor escreva a pergunta no seu papel timbrado. Eu não poderei ter uma duplicata...» Foi à janela, ficando de costas para mim. Escreví então uma pergunta numa lauda de papel extraída de um bloco que estava sobre a minha mesa; dobrei-o e chamei o rapaz. Ele rasgou-o em pedacinhos, queimou tudo e «respondeu» à pergunta.

Só mais tarde é que descobrí a chave do mistério. A pergunta é escrita no centro do papel. Para que isso não falhe, esses «professores» mandam imprimir um círculo no centro, onde a pessoa automaticamente escreve sua pergunta. Lembrei-me de que, quando extraí a lauda de papel do bloco, o «vidente» traçou casualmente um círculo a lapis, dizendo-me então: «Escreva aquí a sua pergunta. É o seu próprio papel; não tenho outro igual.» Quando esse papel é dobrado duas vezes e rasgado de certo modo, o velhaco consegue salvar o centro, escondendo-o na palma da mão. O resto é rasgado. O fato de se queimarem os fragmentos é não só impressionante, como conveniente, porque, de outra forma, a pessoa poderia mais tarde verificar, pelos pedaços, que a pergunta fora surripiada. No entanto, essa pequena burla tem deixado muita gente de boca aberta, levando os incautos a crer em um sem-número de outros enganos e mistificações.

UM CAVALHEIRO que encomendara um dos últimos romances históricos de êxito, escreveu, depois, ao editor, criticando-o severamente: «Mesmo numa novela, é preciso guardar certa discreção sobre a vida particular dos personagens.»
—Bennett Cerf, em *The Saturday Review of Literature*

O que a O.N.U. tem feito realmente

(Condensado de «Look»)

Por James B. Reston

É surpreendente e animador o número de realizações da O.N.U. que têm passado quase desapercebidas

A O.N.U., certamente, não correspondeu à expectativa e às esperanças dos povos. Não afastou a insegurança e a ameaça da guerra, como a religião não aboliu o pecado nem as escolas eliminaram a ignorância. Entretanto, realizou muito mais do que geralmente se imagina.

A O.N.U. contribuiu, inicialmente, para que o povo dos Estados Unidos se apercebesse da realidade da situação internacional. O antigo Secretário de Estado, James F. Byrnes, por exemplo, quando foi a Londres, em 1945, para negociar os tratados de paz com os russos, estava convencido de que chegaria a um acôrdo sem maiores tropeços. Mas Byrnes não tardou em verificar que a tática e a extensão das pretensões soviéticas eram de tal ordem que ninguem as poderia admitir nos Estados Unidos. Convenceu-se de que o povo, afim de apoiar conscientemente uma política firme com relação à Rússia, deveria ser previamente informado de todos os aspectos do problema. Por esse motivo, voltou-se para a O.N.U. Pleiteou, com insistência, que se desse publicidade aos debates de todas as futuras reuniões do Conselho de Ministros do Exterior.

Quando o Irã denunciou a intervenção russa e quando veio à baila o caso grego, Byrnes conseguiu que o mundo testemunhasse as reais disposições da Rússia com relação aos estados menores; e visse, ante a retirada acintosa da delegação russa da sala das sessões, como os Sovietes agiriam com relação à própria O.N.U. se esta repelisse as pretensões russas.

É verdade que a O.N.U. não «resolveu» o caso iraniano nem o grego. Mas, acompanhando os debates de Lake Success, o povo norte-americano começou a aperceber-se da significação do antagonismo russo-americano. E, embora não tenha «resolvido» o problema russo, a ação da O.N.U. permitiu que o Governo dos Estados

Unidos, apoiado pela opinião pública, empregasse o seu poder e influência em defesa dos princípios de justiça que constituem a pedra angular da organização.

A O.N.U. serviu para destruir as ilusões que tanta gente, nos Estados Unidos, alimentava sobre os direitos das nações. Na Conferência de São Francisco, a delegação norte-americana foi a criadora da instituição do veto no Conselho de Segurança. Entretanto, os 20 vetos soviéticos e a ineficácia da resistência da O.N.U. aos comunistas na Tchecoeslováquia já conseguiram abalar as convicções dos que, antes, sustentavam a tese de que a O.N.U. jamais deveria envolver-se nos assuntos dos Estados membros. O Senado norte-americano, por exemplo, já está considerando, favoravelmente, a renúncia a alguns dos direitos de «soberania» do país. A história não registrará, por certo, exemplo igual ao dos Estados Unidos ao dispor-se, na O.N.U., a renunciar ao controle nacional da energia atômica; a opinião pública, por sua vez, evoluira já de tal maneira que a iniciativa quase não suscitou oposição alguma.

Muita gente julga necessária uma cooperação internacional muito mais estreita do que a do passado. Teria surgido a consciência dessa necessidade se a prepotência soviética não tivesse propiciado a união das demais nações, na O.N.U.? Os delegados dos Estados Unidos e os da Europa Ocidental descobriram uma nova comunidade, não só de interesses, como de espírito. Na realidade, nos últimos três anos, muito se alcançou nos corredores e quartos de hotel, em Nova York, no sentido da aproximação e da compreensão entre as potências do Ocidente.

A tragédia das épocas que precederam as duas grandes guerras consistia na possibilidade da nação agressora ir absorvendo as nações menores, uma por uma. Hoje, embora não logre manter unidos os seus membros, a O.N.U. servirá como «centro de articulação» das nações ameaçadas de agressão. É animador o fato de já estar em execução esse processo.

Alegar-se-á, sem dúvida, que quanto maior for o desentendimento entre a Rússia e o Ocidente, maior a necessidade de ser mantida a O.N.U. A Carta da Organização prevê, expressamente, o agrupamento de seus membros para a «legítima defesa coletiva».

A utilidade da O.N.U., como a da polícia, não reside somente nos crimes que pune, mas tambem nos que previne. É cada vez maior o número de nações que, antes de uma decisão de envergadura, procuram verificar se tal decisão está ou não de acordo com a Carta da O.N.U.

Foi essa a inspiração que levou os ingleses a abandonarem a Índia, o Egito e a Palestina; que conteve os Estados Unidos quando as forças armadas norte-americanas propuseram a apropriação das ilhas do Pacífico, sob mandato japonês; que determinou a retirada das forças norte-americanas do Panamá; e que compeliu os holandeses a procurarem um acordo com os indonésios.

Em todos esses casos, a grande potência envolvida agiu com correção para não ser acusada, na O.N.U., de violar a Carta da Organização. Os próprios russos demonstraram, até certo ponto, algum respeito pela sanção da opinião mundial ao retirarem as suas tropas do Irã.

O Conselho de Tutela da O.N.U. está fixando, gradualmente, para a administração das regiões não-independentes, certas normas e padrões que vem sendo respeitados pelas chamadas potências coloniais. Pouco a pouco, vai ganhando consistência o princípio de que os povos dependentes devem usufruir direitos e os seus colonizadores exercer deveres e prestar contas à O.N.U.

A crítica que se faz à O.N.U. baseia-se, principalmente, no insucesso da organização em resolver situações estranhas à sua finalidade. A O.N.U. não foi criada para harmonizar as grandes potências; a união dos Cinco Grandes era uma das premissas básicas da organização. As nações, ao firmarem a Carta, comprometeram-se a «praticar a tolerância e viver unidas em paz, como bons vizinhos»; e tambem a «unir as suas forças afim de assegurar a manutenção da paz e da segurança». Os Cinco Grandes, porem, não lograram harmonizar os seus interesses; e, por esse motivo, a O.N.U. tem encontrado dificuldades inesperadas.

Apesar de tudo, a O.N.U. tem feito progressos. Expôs, com franqueza, as suas deficiências e criou um clima propício à introdução de reformas necessárias à sua evolução e consolidação.

A O.N.U. não constitui uma união consolidada de nações. É, antes, uma associação de nações independentes, soberanas e—sob muitos aspectos fundamentais—«desunidas».

Não é uma corte de arbitragem ante a qual os atos dos governos sejam julgados segundo os ditames do direito internacional. Não é, tãopouco, um Governo com meios de impor o respeito às leis. Aí está precisamente a lição importante desses primeiros três anos. O fato de a O.N.U. não dispor de meios de compulsão serviu para demonstrar a necessidade inadiavel de lhe serem dados esses meios. E isso constitui certamente um progresso.

Filosofia

QUANDO ENTREI no café, certa manhã, encontrei uma estenógrafa minha conhecida tomando, calmamente, um refresco.

—Você vai chegar tarde no escritório, observei-lhe.

—Qual o quê, respondeu-me ela, despreocupada.

E, ante a minha surpresa, explicou:

—Se a gente chega ao trabalho na hora certa, *todo santo dia*, o patrão acaba ficando mal habituado...

—Colaboração de J. A. Peterson

Este «médico-de-família do ano» preparava-se para consagrar-se à pesquisa científica, mas foi pescar no Colorado—e ficou lá 21 anos

Uma medalha para o médico

(*Condensado de «Hygeia»*)

Karl Detzer

Transposto o desfiladeiro, a 3.600 metros de altitude, o doutor virou o carro, já velho e meio amolgado, para baixo, em direção ao imenso vale todo verde, enquadrado em extensas serranias, e parou. Naquele topo desnudado das Montanhas Rochosas, em pleno Colorado, sentia-se soprar um vento frio que vinha lá do fundo, da geleira aos nossos pés. O médico descreveu com a mão um vasto arco de círculo e disse:

«Aí está o meu território.» Percebí que ele fizera um esforço para dizer isso com indiferença, ocultando o orgulho que lhe transparecia na voz. «Daquí até a cordilheira Gore, alem —quase 160 quilômetros. Daquele lado, para o noroeste, até as Orelhas de Coelho, anda por 95 quilômetros ou mais. Os panoramas mais bonitos do mundo. Gente, o que há de melhor. Pescaria de primeira ordem. Tudo isto tem muita história e um grande futuro. Como lhe quero mostrar o mais que puder, vamos continuar.»

O dr. Archer Chester Sudan foi, durante 21 anos, o único facultativo em uma região de mais de 2.500 quilômetros quadrados, de topografia acidentada. A população, ainda hoje, é de menos de um habitante por quilômetro quadrado. E, quando um médico tem que atender duas parturientes que gemem ao mesmo tempo a 80 quilômetros de distância uma da outra,—não há remédio senão aprender a andar depressa!

O ano passado, a Associação Médica Americana pediu às sociedades estaduais de medicina que lhe indicassem os nomes dos facultativos de clínica geral que, nas respectivas circunscrições, mais se houvessem distinguido: queria conferir-lhes uma honra especial. A sociedade do Colorado indicou o dr. Sudan. E foi ele o escolhido, entre centenas de candidatos, para receber a primeira medalha anual por Serviços à Comunidade, que a Associação acabava de criar. A concessão dessa medalha equivale na

realidade ao título de «Médico-de-Família do Ano».

Em 1926, o dr. Sudan, ex-combatente da Primeira Guerra Mundial, tinha 32 anos de idade, acabava de casar-se, e estava empenhado em pesquisas sobre tetania paratireóidea (os efeitos que a remoção das glândulas paratireóides tem sobre o organismo humano) na Universidade de Chicago. Estava já bem lançado no caminho da fama, no carater de fisiologista experimental. Mas, chegado que foi o verão desse ano, e sentindo-se fatigado, decidiu tirar duas semanas de férias para ir pescar nas vizinhanças da aldeia de Kremmling, a 200 quilômetros, por montes e vales, a oeste de Denver.

Ainda bem ele não estava instalado para gozar aquelas duas semanas de descanso, quando o boticário da aldeia, um tal de Lum Eastin (*Lum*, aquí, por abreviatura de Christopher Co*lum*bus...) lhe foi levar a nova de que uma mulher espavorida viera à botica pedir remédio para os quatro filhos doentes. O médico mais próximo morava a 92 quilômetros dalí, em Steamboat Springs, para alem da estrada atulhada de neve que transpõe o desfiladeiro de Orelhas de Coelho.

Que havia ele de fazer? Largou o caniço de pescar e foi ver o que tinham os quatro garotos.

«Estavam todos com as amígdalas infectadas, em muito mau estado,» recorda ele. «Fiz o que pude para aliviar-lhes a dor. No dia seguinte aparece-me na tenda, à margem do rio, outro indivíduo, tambem doente. Depois foi uma pequena que se machucou. Tudo isso me interrompia e impedia de pescar, mas não havendo por aquí outro médico, que é que eu havia de fazer?»

O doutor pediu mais um mês de licença, e mandou vir a noiva para junto de si, uma enfermeira ruiva que conhecera quando era interno num hospital de Denver. Depois, pediu mais um mês. Instalou-se em uma cabana de toros, abandonada, que havia na aldeia. Não que ele tivesse qualquer intenção de ficar alí exercendo a medicina. Nem pensava em tal. Tudo o que ele fazia era prestar assistência a uma ou outra pessoa em casos de extrema necessidade.

«Um médico será capaz de ir embora sem mais nem menos, deixando um caso abandonado em meio?» pergunta ele.

Mas, ao cabo de mais seis meses de férias, o dr. Sudan já sabia que o Destino não lhe havia reservado nenhuma carreira acadêmica, a portas trancadas. Experiências de laboratório eram uma coisa muito bonita, mas outra, bem diferente, era um vale imenso por onde os doentes estavam dispersos a grandes distâncias. Acabou tomando a resolução de ficar: pôs a tabuleta à porta, e arregaçou as mangas para o trabalho.

Sudan é um homem corpulento que, de tempos a tempos, faz uma dieta para reduzir seu peso a uns modestos 110 quilos. Esse corpanzil enorme e robusto deu-lhe precisamente as condições para resistir aos rigores da clínica nas montanhas; o

bom humor que, ao mesmo tempo, o caracteriza, ajudou-o a manter-se firme onde e quando muitos outros facultativos teriam desistido da luta.

Nasceu numa fazenda, em 1894, numa família de mais oito filhos. Aos dez anos toda a sua ambição já era fazer-se médico. Iniciou-se, de livros de veterinária na mão, tratando as vacas e as galinhas da fazenda paterna. Aos 16 anos foi para Chicago, onde vivia uma sua irmã, casada, e deu entrada no ginásio. Aprendeu o ofício de barbeiro, e com a tesoura e a navalha custeou seus estudos até acabar o curso de medicina.

A aldeia de Kremmling, que hoje conta 600 habitantes, tinha menos de metade quando Sudan foi para lá viver. Não existia um edifício de paredes pintadas; as telas contra os mosquitos, nas janelas, eram artigo praticamente desconhecido; e um terço das casas tinham telhados de turfa. Hoje Kremmling é uma vilazinha garrida, e o seu povo sabe o que vai por esse mundo, para alem das serranias. A filha do farmacêutico Eastin é aeromoça de uma linha de aviões. Lum é hoje proprietário de um hotel moderno para turistas; as lojas e armazens da terra têm tudo o que é novidade em apetrechos e utensílios.

Graças sobretudo ao dr. Sudan, a localidade goza hoje de condições sanitárias. A cabana de troncos onde ele se instalou de começo, está hoje vazia, perto do hospital de 18 quartos que, por iniciativa dele, se construiu alí 15 anos depois.

O dr. Sudan não grangeou a sua medalha somente porque se prestou a assistir aquela gente dispersa e isolada, nem porque é competente, ou não tem medo de longas jornadas de muitos quilômetros no pino do mais rigoroso inverno. Os seus colegas de classe o escolheram por duas razões especiais: primeiro, porque ele soube assumir a orientação duma comunidade social; bateu-se a favor de melhores condições sanitárias, melhores padrões de saude, melhores estradas, melhores casas, melhor nivel de vida em suma. Segundo, porque não consentiu que as altas montanhas o enclausurassem, isolando-o dos mais recentes progressos da medicina. Manteve-se sempre ao corrente das novidades médicas, pela leitura assídua de revistas da classe, e pela correspondência com especialistas, aos quais pedia parecer.

«Quando um homem se vê sozinho, sem colegas para poder comparar notas e resultados, precisa ler muito,» diz ele. «Eu fazia em média duas horas de leitura todas as noites. Os clientes não querem que a gente lhes aplique as noções médicas do ano anterior, do mesmo modo que não querem comer ovos do ano passado.»

Uma ou duas vezes por ano, quando lhe parecia que o serviço afrouxava um pouco, deixava os casos de urgência ao cuidado da esposa, e ia passar uma semana na cidade, para se pôr a par do trabalho das clínicas. Conseguiu congregar os colegas, escassamente repartidos por outros vales, em uma sociedade médica regional. Reuniam-se uma vez por mês, e conseguiam sempre trazer algum especialista de fora, que discutisse com eles os problemas da profissão. Viajava com frequência 300 quilômetros, e mais, para ir assistir a essas reuniões.

«Hoje é muito mais facil ir onde é preciso,» explica ele. «Temos por aí muito boas estradas, e a maquinaria de limpeza da neve conserva-as desimpedidas o ano inteiro. A gente pode ir de carro a quase todos os lugares. Nestes últimos cinco anos nem uma só vez me foi preciso caminhar mais de 15 quilômetros para ver um doente. As parturientes foram a causa principal das estradas boas que hoje temos. De vez em quando aparecia aí um homem a cavalo, para anunciar que a uns 50 quilômetros estava uma mulher com as dores do parto. Eram muitas vezes léguas e léguas de lama, ou de neve, e seriam precisas horas para chegar à casa da padecente.» Sudan carregava sempre consigo, no carro, pranchas, pás e macacos—que eram tão parte do seu equipamento médico, quanto o próprio estojo de instrumentos. Enquanto cavava na neve, ou se debatia para sair da lama, sabia que um esposo ansioso e os vizinhos da parturiente estavam rezando a Deus para que ele chegasse depressa.

Quando por fim chegava ao destino, o médico dizia: «Tenha paciência! Se ao menos a gente conseguisse convencer nossos administradores a fazerem alguma coisa para melhorar essas estradas!»

O marido aflito e os vizinhos daí em diante moiam a paciência dos responsaveis pela administração local.

Vinte anos atrás, as condições sanitárias da região eram deploraveis. O vigilante médico pregava, a quantos queriam escutá-lo, a respeito de sanidade e esgotos, germes e moscas. Para ele, cada privada ao ar livre, e cada regato inquinado constituia uma afronta pessoal. De começo com lentidão, depois em ritmo acelerado, as condições de saude melhoraram.

As parteiras foram, durante a primeira meia dúzia de anos, uma verdadeira praga. Todas as regiões rurais tinham as suas «velhotas bondosas», que prestavam serviços obstétricos e estendiam às parturientes doloridas uma mão tão cheia de boa-vontade quanto de micróbios.

«Uma das tais parteiras, para se dar ares de moderna, tinha um par de luvas de borracha,» recorda ele. «Assim que chegava na casa da freguesa, calçava as luvas—depois, com elas calçadas, acendia a fornalha, limpava a casa, e acariciava o gato. Acabei dizendo às minhas clientes que não voltaria a assistí-las enquanto elas não corressem com essas curiosas sabichonas, e em vez delas chamassem qualquer pequena da vizinhança, sem pretensões a saber mundos e fundos. Uma moça assim sabe acatar ordens do médico. E o caso é que, desde então, temos tido muito poucos casos de infecção.»

A água, ao ferver naquelas grandes altitudes, não atinge a temperatura bastante para esterilizar seja o que for. Isso obrigou o dr. Sudan, durante os primeiros anos que passou nas montanhas, a «cozer» as gazes e ligaduras no forno das casas onde a sua aplicação

era necessária. «Pode ser que eu tenha crestado a pele de alguns cidadãos,» diz ele, «mas infeccionar, isso eu não fiz.» Mais tarde, em vez disso, passou a carregar no carro duas panelas de pressão de 40 litros cada uma, para esterilizar o material de curativo.

A gente daquelas serranias gosta de contar histórias a respeito do seu dedicado médico. Uma vez, por exemplo, no começo da primavera, andava uma brigada de homens a remover a neve de uma estrada, lá para os altos dum passo, quando o motorista deparou com uma caneta-tinteiro espetada na neve funda. Ficava o local a uns bons 15 km da casa mais próxima.

«Santo Cristo,» disse o motorista, «isso aí é a caneta do doutor! Só ele se atreveria a passar este desfiladeiro a pé, no inverno.»

E era mesmo. Tinha-a perdido uma noite, quando, debaixo dum nevão desfeito, o carro lhe ficara em pane e ele caira num montão de neve, ao tentar alcançar a casa dum estancieiro doente. Quando os homens lhe foram entregar a caneta e o interrogaram, ele disse com espanto:

«Claro que fui a pé! De que outra maneira é que eu podia ter chegado ao meu destino?»

Faz coisa de um ano, no inverno e de noite, o médico foi chamado ao lugarejo de Eagle, a quase 160 km do consultório.

«Foi nessa altura que eu resolví aposentar-me,» diz ele. «Veja só, eu havia assistido a mãe da jovem, quando esta nasceu, 21 anos atrás, e trouxera ao mundo mil bebês naquele intervalo de tempo. Pensei com os meus botões que já era tempo de descansar um pouco. Uma coisa é a gente subir aquele desfiladeiro acolá, rompendo caminho para a casa solitária de algum rancheiro, na noite negra como a boca dum lobo e os flocos de neve caindo do tamanho de um pato, quando se tem 30 anos, e outra, muito diferente, tentar fazê-lo quando se chegou aos 53. Foi nesta ordem de idéias que eu mandei buscar um médico mais novo. Tenho agora mais algum tempo de meu—para ir à pesca e para falar aos médicos novos da cidade, e pregar-lhes a minha doutrina: que se eles puserem a sua consciência social a serviço da profissão, poderão evitar a socialização da medicina.»

O dr. Sudan ainda não sabia que os seus colegas do Colorado o haviam proposto para recipiendário da medalha de serviços especiais. Ao chegar a notícia dessa distinção, os amigos tiveram que andar à cata dele. Só o encontraram muitas horas depois, e foi pelo telefone, a grande distância. Nesse dia ele soubera que um antigo paciente seu estava morrendo em uma cabana solitária, lá bem no labirinto das montanhas. E metera-se a correr mais de 200 quilômetros para ir levar algum paliativo às derradeiras horas do enfermo. A triste vigília findara quando o telefone tocou.

O médico ouviu, sem crer no que ouvia, a história da medalha que lhe acabavam de conferir por altos serviços sociais.

«A mim?!» respondeu ele. «Mas que foi que eu fiz para merecê-la?»

Este novo produto assegura o futuro da indústria da borracha sintética

Pneumáticos que rodam 100.000 quilômetros

(Condensado de «Popular Science Monthly»)

Por Charles Stevenson e Alben P. Armagnac

Se o leitor tiver sorte, a próxima vez que comprar um pneumático para o seu automovel, obterá mais do que esperava em troca do seu dinheiro. Este ano, três por cento dos compradores receberão um pneu que lhes causará surpresa.

Esse pneu surpreendente será de uma marca comum, e não terá nenhuma etiqueta que o identifique. Parece-se exatamente com qualquer outro. Nem o comprador nem o vendedor, nem mesmo um perito, poderá distinguí-lo dos demais. Ninguem saberá que tirou a «sorte grande» senão algum dia—talvez em 1950 ou 1951—quando observar que o novo pneu durou mais que qualquer outro que jamais comprou.

A banda de rodagem dos pneus maravilhosos é feita de uma nova borracha sintética, chamada «borracha fria» porque se fabrica em caldeiras refrigeradas. As provas de estrada indicam que os pneus feitos com a nova banda deverão render até 30 por cento mais de quilometragem do que os da melhor borracha natural. Alguns dos pneus desse novo tipo rodaram 64 mil quilômetros sem sequer ficarem lisos. Parece não haver dúvida de que são os melhores que o mundo jamais viu.

A borracha sintética especial que entra na fabricação desses pneus não é cara. Custa o mesmo que a borracha sintética comum e menos que a borracha natural.

É produzida nos Estados Unidos em duas fábricas, à razão de cerca de 1.400 toneladas por mês, e imediatamente expedida às fábricas de pneus. A produção destes, porem, ainda não é suficiente para atender a todos.

Essa é a razão pela qual estão sendo postos no mercado sem alarde, pois, se fossem anunciados, sua produção nunca poderia alcançar a procura.

Tal como a borracha sintética da Segunda Guerra Mundial, a borracha fria é o fruto da colaboração de todos os principais líderes da indústria, que juntaram os seus conhecimentos e trabalharam em íntima cooperação. Empregam-se em seu fabrico as mesmas matérias primas: o butadieno e o estireno.

Trabalhando desesperadamente contra a premência do tempo, os pesquisadores da época de guerra descobriram que podiam produzir a uma temperatura de 50° C uma borracha bastante satisfatória e em grande quantidade. Adotando como norma o processo elaborado, conseguiram produzir mais de um milhão de toneladas de borracha por ano. Todas as seringueiras do mundo, reunidas, nunca produziram muito mais que isso.

Nas bandas de rodagem dos pneus para automoveis de passageiros, a borracha sintética normal do tempo de guerra dava cerca de 70 por cento da quilometragem da melhor borracha natural. Os peritos sabiam que se mantivessem as caldeiras de fabricação da borracha a uma temperatura bastante inferior à de 50° C—por exemplo, a 5° C—obteriam uma borracha melhor. Isso, porem, estava automaticamente posto à margem durante a guerra, porque retardaria a produção, que passaria a exigir vários dias, ao invés de 12 horas apenas. O mesmo inconveniente parecia tornar antieconômica a utilização do processo de baixa temperatura em tempo de paz. Mas uma fórmula recentemente descoberta emprega quatro produtos «aceleradores»—um dos quais é um novo catalisador—que obrigam a reação química a processar-se muito mais rapidamente a uma temperatura baixa.

Quando essa borracha de baixa temperatura é endurecida com negro de fumo comum, dura 50 por cento mais que a borracha sintética normal, ou seja, quase o mesmo que a borracha natural. O que lhe dá uma grande superioridade em relação à borracha natural é um tipo melhorado de negro de fumo, chamado «negro de fornalha», produto aperfeiçoado nas pesquisas realizadas pela Phillips Petroleum Company. A feliz combinação da borracha fria com esse negro de fumo de tipo aperfeiçoado produz a melhor borracha sintética jamais conhecida.

A química pode oferecer um produto ainda melhor. A United States Rubber Company começou a produção em grande escala de borracha fria a —10° C e tambem a —18° C em sua fábrica de Borger, obtendo uma borracha progressivamente mais dura, embora a um custo ligeiramente superior. Os experimentadores predizem que futuramente serão produzidos pneus capazes de rodar 120 mil quilômetros. Para que isso se torne realidade, será preciso que o automobilista se disponha a pagar a diferença de preço correspondente à melhoria da qualidade.

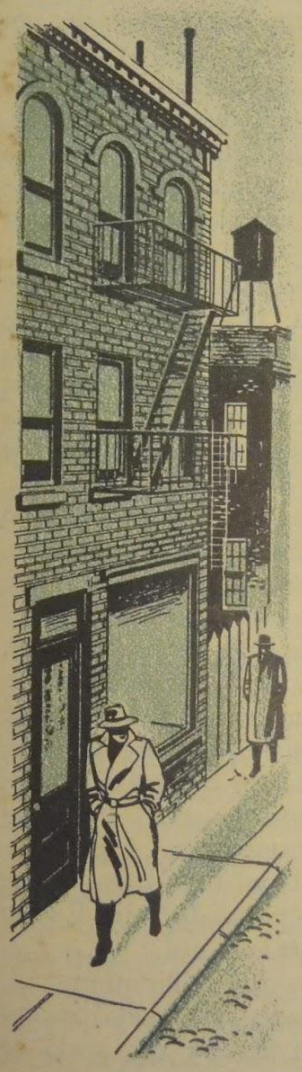
Crítica literária

UM FAZENDEIRO, depois de ler o livro *Como Produzir Tomates*, encomendado pelo correio, enviou o seguinte bilhete à casa editora: «O homem que escreveu o anúncio deveria ter escrito o livro tambem.»

—*The Mining Journal*

Viví uma vida dupla

Pelo
Camarada X



ALEM DE seus relatórios bi-semanais para o governo norte-americano, sobre suas atividades como agente comunista, o autor deste artigo escrevia tambem um diário particular. Um dos redatores de "The Reader's Digest" leu mais de mil páginas desse diário, cujo conteudo foi confirmado pela repartição federal que designou o "Camarada X" para exercer as atividades de agente secreto. Durante dez anos, este homem encarnou, simultaneamente, dois papéis antagônicos.

ATÉ HÁ pouco tempo, fui, simultaneamente, membro militante do Partido Comunista e espião do governo norte-americano. Como consequência, sou hoje um pobre diabo, sem emprego, acossado por inimigos vingativos. Resta-me o conforto de ter prestado um serviço util ao meu país.

A comédia começou na primavera de 1938, quando fui trabalhar no Serviço de Obras Públicas. Conheci, na repartição, uma jovem que chamaremos Clara. De família rica, doara grande parte dos seus bens a organizações radicais. Mais tarde, atendendo a um convite especial, frequentara um curso da Escola Lenin, em Moscou, sobre propaganda e técnica de infiltração. Por que razão Clara se tornara comunista? Simplesmente para seguir o conselho do seu psicanalista. As pessoas convertidas ao marxismo por esse médico dariam assunto para outra história.

Um dia, Clara me perguntou: «Será que lhe agradaria ganhar 10 dólares extras? Vou dar uma reunião lá em casa hoje, e preciso de alguem para preparar as bebidas.»

Nessa noite, estive a cargo de um pequeno bar que atendeu a cerca de 40 pessoas, homens e mulheres, no luxuoso apartamento de Clara. Cada convidado pagava 5 dólares ao entrar, e mais o preço da bebida que consumia. Ficaram em pequenos grupos, a elogiar a liberdade reinante na União Soviética e a denunciar a opressão que pesava sobre os norte-americanos— «escravos do capitalismo, sem meios de aperceber-se da sua mísera condição».

Durante os seis meses seguintes, continuei a servir bebidas nas festas de Clara, pois o pagamento que me fazia era providencial. Um belo dia, após uma dessas reuniões, que tivera lugar no sábado à noite, fui a uma missa às primeiras horas da manhã. Quando saí da igreja, tive a estranha sensação de estar sendo seguido. Dobrei uma esquina, parei e voltei-me rapidamente. Qual não foi a minha surpresa ao topar com nada menos do que o chefe da minha repartição! Chamemo-lo Carl Rosen.

—Alô, Eddie, disse-me ele, em tom grave. —Desde ontem que o estou seguindo.

—Posso saber por quê?

—A repartição recebeu denúncia de que você se tornou comunista. Eu quis certificar-me disso pessoalmente. Fiquei em frente ao apartamento de Clara, com um agente do governo, e presenciei a entrada de grande número de esquerdistas. Depois que tudo acabou, você saiu e foi para a missa. Confesso que não compreendo.

Eu não gostei de estar sendo vigiado e o disse francamente. Contei-lhe, entretanto, que estava servindo como garçon, a 10 dólares por noite, e que nada entendia de comunismo.

—Talvez você aprenda rapidamente, respondeu Rosen. —Segunda-feira de manhã, quando você chegar à repartição, venha falar comigo.

No dia e hora aprazados, fui encontrar Rosen em companhia de um agente do governo.

—Parece que Clara simpatizou realmente com você, disse-me o agente. —E como muitos figurões do partido comunista são amigos dela, você poderia prestar relevantes serviços ao seu país.

A proposta de que eu me tornasse agente secreto pareceu-me simplesmente fantástica. Em primeiro lugar, não compreendia como o governo dos Estados Unidos pudesse estar interessado em bisbilhotar as conversas de um bando de loucos.

—Os comunistas confiam muito no fato de nós não os levarmos a sério, replicou Rosen. —Atrás desses inofensivos malucos está um inimigo estrangeiro. No meio desses lunáticos, há agentes de Stalin, homens e mulheres, perfeitamente treinados e de grande capacidade. Embora não acreditemos que sejam capazes de derrubar o nosso governo, o fato é que *eles* o acreditam firmemente, e se preparam para tentá-lo. Precisamos acompanhar-lhes os passos dia a dia. É nisso que você poderá ser util.

Rosen e o agente exibiram-me provas das atividades revolucionárias dos comunistas, e fizeram um apelo ao meu patriotismo. Convencido, acabei aceitando a proposta. As primeiras instruções que recebí eram simples: deveria, apenas, revelar um vago interesse pelo comunismo. Clara faria o resto.

Quando fiz a primeira tentativa,— ao dizer-lhe: «Estou começando a achar que vocês talvez tenham razão» —Clara não escondeu a sua alegria. Na tarde do sábado seguinte, levou-me no seu automovel e começou a explicar-me o que era o marxismo, em linguagem simples e acessivel. Finalmente, sugeriu-me que eu me matriculasse numa escola proletária.

Nessa altura, começaram as minhas dificuldades em casa. Minha mulher, Betty, estava contente com o meu serviço extraordinário, embora achasse que eu estava trabalhando demais. Confiava inteiramente em mim, com relação a Clara, até eu começar as aulas. Eu tinha de frequentar a escola todas as noites. Betty foi-se tornando cada vez mais impaciente.

—Mas afinal, que é que você está estudando?

Eu explicava que estava aprendendo ciência política; que tinha ambições políticas. Mas a inquietação de Betty continuava a aumentar. A escola estava instalada num edifício de escritórios, na nossa rua principal. No andar térreo, havia uma grande vitrina com livros e prospetos anunciando toda sorte de cursos, desde os de danças clássicas até os de filosofia, com uma longa lista de conhecidos nomes de liberais como conselheiros e professores. Os preços eram particularmente módicos e havia grandes turmas noturnas em todos os departamentos. Os cursos de ciências e artes, entretanto, não passavam de «isca» para incautos. O que se ensinava, na realidade, era marxismo, leninismo e stalinismo.

Aprendí que o comunismo norte-americano operava em dois niveis. Por um lado, era um partido político profundamente interessado no bem-estar da humanidade. Como comunistas, deveríamos apoiar todos os movimentos de melhoria social, nos setores de saude pública, educação, habitação, pensões, etc., como se fôssemos os inventores dessas instituições. Todo problema que surgisse no país deveria ser atribuido ao capitalismo. Os conservadores deveriam ser tachados de fascistas, e só os comunistas desejavam, realmente, o progresso social.

Por outro lado, o comunismo era um movimento revolucionário. Mas apenas os líderes antigos e experimentados se ocupavam desse segundo aspecto. A nós, os «soldados rasos», aconselhava-se francamente a não sermos curiosos. Entretanto, advertiam-nos tambem de que éramos, em quaisquer circunstâncias, revolucionários, e de que a vitória já se fazia vislumbrar no futuro próximo.

Ao cabo de um mês e meio, concluí o curso e assinei um impresso em que solicitava a minha admissão como membro do Partido Comunista. A jóia de inscrição era apenas meio dolar; havia tambem uma contribuição de 2 e meio para a assinatura de um jornal comunista, que todos os membros deviam ler religiosamente. Desse

modo, por 3 dólares, tornei-me um comunista autêntico; o curso havia sido inteiramente gratuito.

Restava, apenas, uma última formalidade: apresentaram-me um pequeno livro preto cheio de regras disciplinares que eu deveria decorar. Na última página constava a seguinte declaração: «*Considero meu dever trabalhar para derrubar o governo dos Estados Unidos pela força e pela violência.*» Disseram-me que assinasse a declaração, e, feito isso, nunca mais tornei a ver o livro. Clara informou-me de que, se eu algum dia faltasse com os meus deveres de lealdade ao partido, a declaração por mim firmada seria encaminhada ao F.B.I. (Bureau Federal de Investigações). Os agentes de J. Edgar Hoover saberiam punir-me!

Logo depois, perdí meu emprego. Como se nada soubesse, Rosen limitou-se a dizer-me friamente que, sendo eu um elemento subversivo, fora demitido do quadro de funcionários.

Os comunistas imediatamente me informaram de um lugar onde havia trabalho para mim. Tratava-se de uma antiga loja transformada numa espécie de clube político e social. À porta, havia uma tabuleta onde se lia, digamos, «Associação para o Aperfeiçoamento da Comunidade», após o nome do bairro.

O clube, na realidade, era o próprio núcleo comunista local. Clubes semelhantes brotavam, aliás, pela cidade inteira. Fui admitido como empregado da «Associação», para serviços diversos, com o salário de 200 dólares mensais, emprego esse em que permanecí durante os dez anos seguintes.

Nesse longo período, não identifiquei espiões de categoria, não pressentí conspirações de vulto nem obtive planos de revolta. Mas, a par dos relatórios que fiz sobre as atividades rotineiras, pude apreciar de perto o fanatismo com que todos se dedicavam à causa—uma devoção incansavel e servil.

E é preciso dizer que esses 200 dólares eram bem merecidos. Não há proteção sindical para os empregados dos núcleos comunistas. Cheguei a trabalhar 12 e mesmo 16 horas por dia—endereçando envelopes, distribuindo boletins e revistas de propaganda nos comícios, vendendo jornais comunistas de casa em casa e fazendo discursos nas esquinas, discutindo questões doutrinárias, sempre procurando atrair novos membros. E eu era apenas um dentre as centenas de indivíduos que trabalhavam arduamente, às vezes sem salário algum.

As instruções para missões especiais vinham do comitê central, geralmente por mensagens orais; a técnica comunista não admite que se deixe vestígio escrito de nenhuma medida importante. O tempo nunca chegava para se executarem as tarefas ordenadas. Um dia, eu podia ser enviado a uma fábrica afim de promover, com os nossos elementos do sindicato, uma campanha de recrutamento de novos membros. «Procurem os companheiros! Que cada um consiga uma adesão por semana!» No dia imediato, podiam ordenar-me que iniciasse igual campanha entre os estivadores e trabalhadores do porto. A princípio, os resultados eram nulos. Os estivadores arrancavam os jornais de nossas mãos e os queimavam no cais. Lançavam-nos impropérios. Um deles acertou-me um soco no nariz. Mas não pensem que isso conseguia paralisar a campanha.

Do comitê central estadual, chegaram-nos estas instruções: «Mobilizem todas as moças que puderem e enviem-nas para o porto.» Ninguem se animaria a atentar contra os graciosos narizes das jovens, de ar afavel e jovial. Ninguem queimou-lhes os jornais. «Mandem mais moças,» pediam; «mas que sejam desembaraçadas.» Pelo Partido, pela Revolução!

Eu passava a maior parte do dia batendo de porta em porta, como um vendedor ambulante; mas, falando a uma dona-de-casa, nunca empreguei a palavra «comunismo». «Grandes transformações sociais estão-se processando,» eu lhes dizia. «Mas queremos que não violem as tradições americanas. Por isso, toda a vizinhança está-se reunindo; se há-de vir uma nova ordem, queremos acompanhá-la desde o nascedouro para orientá-la no bom sentido. Por que a senhora não vem a uma das reuniões?»

Desse modo, atraía centenas de neófitos. Nas reuniões, era raro falarmos diretamente em comunismo. Em vez disso, atacávamos, dentro da «linha» do partido, a política externa dos Estados Unidos. Apesar de tão recente, muita gente já se esqueceu da sórdida atitude pro-nazismo assumida pelos comunistas. Fui um dos que contribuiram para essa atitude; eis um trecho de discurso pronunciado em nossa sede, em 5 de março de 1940: «Devemos criar toda sorte de embaraços à política de Roosevelt. Precisamos fazer com que ele não continue a ajudar a Grã-Bretanha. Tanto a França como a Inglaterra declararam guerra à Alemanha exclusivamente para romper o pacto russo-germânico.»

Em 15 de outubro de 1940, discutiu-se no clube o melhor modo de falsificar cédulas de convocação, afim de evitar que os comunistas fossem incorporados às fileiras. Mais tarde, suspendeu-se a falsificação porque o partido desejou infiltrar comunistas em todos os setores das forças armadas.

Todas as noites, íamos aos sindicatos, às escolas ou mesmo para as esquinas afim de lançar as sementes do ódio. Um orador denunciaria os horrores da discriminação racial; somente no Partido Comunista os negros encontrariam amigos sinceros. Nos bairros irlandeses, outros oradores verberariam a tirania britânica; apenas no Partido Comunista contava o povo irlandês com verdadeiros amigos. Em outros bairros, nossos propagandistas combateriam o anti-semitismo.

E com que afã nos entregávamos à difamação! Uma senhora, a quem ofereci um exemplar do orgão comunista, rasgou-o e mandou-me embora dizendo:

—J. Edgar Hoover devia meter vocês todos no xadrez.

—A sra. conhecerá, por acaso, respondí,—a verdade sobre J. Edgar Hoover? Como ele derrotou os con-

trabandistas e se enriqueceu durante a Lei Seca?

Naturalmente, tratava-se de uma acusação gratuita. Mas eu tinha instruções para espalhá-la e o fazia sem hesitar.

Quando se pleiteou a mobilização preventiva, todos nós enviamos ao Congresso cartas de protesto, assinando, alem dos nossos nomes, dezenas de outros, de pessoas imaginárias. Para diferençar essas cartas fraudulentas, distribuí aos membros do clube inúmeros tipos de papel e envelopes. Hoje, esta mesma tática está sendo repetida.

Juntamente com outros, eu recebia, de vez em quando, missões especiais, como a de «persuadir» um comerciante que se recusasse a pôr anúncios no nosso jornal. Eu chefiava a campanha do «bloqueio telefônico»: fazia com que cada membro do nosso clube, bem como os de outros semelhantes, dessem quatro telefonemas ameaçadores para a loja determinada, no mesmo dia. Vencíamos o estabelecimento com a nossa chuva de ameaças:

—Anúncio ou boicote!

—Raios os partam! berrava, por fim, o comerciante. —Vocês já me estão anarquizando os negócios com a paralisação do telefone. Vou anunciar.

Um dos nossos «truques» mais eficientes, nos últimos anos, foi empregado com os ex-combatentes. Nós, agentes, íamos de porta em porta avisando a todos que havíamos organizado um clube, no bairro, para ajudar, gratuitamente, os veteranos da guerra em todos os assuntos relativos a seguros, indenizações, etc. Durante meses a fio, centenas de ex-combatentes acorreram à nossa sede, impressionando-se com a afabilidade com que os tratávamos. Peritos, contratados por nós, examinavam-lhes cuidadosamente os papéis, descobrindo, não raro, que tinham quantias a receber. Ao sair, o rapaz esbarrava numa jovem sorridente. Não lhe agradaria um traguinho e um sanduiche? Tudo de graça! Desse modo, foi grande o número de veteranos que vieram a tornar-se comunistas.

Durante todo esse tempo, mantive escrupulosamente o meu segredo. Minha mulher sabia onde eu trabalhava, mas jamais suspeitou tratar-se de um centro comunista. Aprendera a não fazer perguntas; vivíamos, ambos, tristes e preocupados.

Não tardaria o desenlace, produto de uma onda de medo que subitamente caiu sobre a chefia do partido em princípios do ano passado. Como parecia que o Congresso norte-americano ia decretar a cassação do registro do partido, os líderes começaram a preparar-se para a emergência.

Nosso chefe explicou-nos: «Se tivermos que trabalhar clandestinamente, precisaremos aparentar dispersão, mas manter unidas as nossas forças. Vamos fazer um ensaio: dividiremos o clube em células de seis homens os quais se reunirão nas casas uns dos outros, ostensivamente para jogar cartas. Os chefes de cada grupo, de tempos em tempos, se reunirão com outros chefes—e assim por diante. Eddie, cinco dentre nós iremos à sua casa quinta-feira à noite, para jogar baralho.»

Foi assim que o comunismo entrou em minha casa. Minha mulher serviu-nos refrescos e, pela primeira vez, ouviu nossa conversa revolucionária. Expliquei que, devido às convicções religiosas de Betty, eu havia conservado em segredo a minha adesão ao partido. Quase todas as mulheres dos outros eram comunistas, e decidiram converter Betty.

Constituiu para mim uma das mais penosas sensações o ver minha esposa, de olhos esbugalhados, a ouvir a conversa daquelas mulheres. Entretanto, eu não podia dizer, nem à minha própria mulher, que eu era espião do governo... Não me restava outro recurso senão continuar a receber em minha casa aqueles ateus e conspiradores. E antes de que eu me apercebesse do que se passava, Betty converteu-se e começou a fazer discursos nas esquinas. Em breve, o chefe do nosso núcleo começou a visitá-la quando sabia que eu me encontrava fora.

—Você não será uma comunista integral, disse-lhe ele,—enquanto não extirpar inteiramente da cabeça a idéia de que o amor livre é um pecado.

Naquela noite, Betty me repetiu essas palavras e perguntou-me:

—Foi isso que Clara te ensinou?

Havia mais comoção que ciume na voz de Betty. Mas era tal a minha irritação que eu não pude perceber o alcance de suas palavras. Uma onda de ciume me avassalou. Depois de tantos anos de simulação e de segredos, minha resistência esgotou-se.

—Detesto o comunismo! explodí. —Não sou comunista; sou agente secreto do governo.

Ela começou a chorar—lágrimas de alívio. Contou-me que as minhas longas ausências e misteriosas atividades haviam-na feito desconfiar de tudo, exceto da verdade. Só quando cheguei à casa com o grupo de radicais, começou ela a aperceber-se da realidade. Eu era comunista! E por isso nos tínhamos apartado um do outro! Nesse caso, ela seria mais esquerdista que todos, se esse fosse o preço do retorno à nossa felicidade, pensou. Uma vez tomada a decisão, passou a ser influenciada pelas mentiras e argumentos falaciosos dos comunistas, até que o desprezo do partido pelo lar, pelo amor e pelo casamento terminou por afastá-la da nova fé. Minha revelação esclarecia tudo. Exceto um ponto: que faríamos agora?

Não nos foi preciso deliberar a esse respeito. Como os comunistas descobriram o meu embuste, nunca pude sabê-lo. Mas o fato é que, certa noite, fui denunciado, no clube, como instrumento do capitalismo, o que eu não era, e espião do governo, o que era exato. Excusado dizer que fui imediatamente expulso do clube e do partido. Com a expulsão deixei de ser util ao Tio Sam.

A vingança dos comunistas é rápida. De boca em boca, passaram a circular a meu respeito histórias tão abominaveis que eu não me animaria a repetí-las. Visavam afastar-nos de todos. Os

caixeiros das lojas do bairro recusavam-se a servir-me. As crianças das redondezas não quiseram mais brincar com as minhas. Sem qualquer explicação, fui expulso, sucessivamente, de três empregos.

Betty e eu vamos levar nossos dois filhos para outra cidade e começar a vida de novo. Nada temos a lamentar. Cheguei a pensar que os dez anos de mistificação nos tivessem deformado. Mas já nos encontramos a nós mesmos, e voltamos a ser felizes no nosso lar reconstituido. E estou satisfeito por ter contribuido com a minha parcela para a causa da liberdade.

Para a comodidade do público

HÁ EVIDENTE vantagem no sistema de estacionamento de carros em Paris, nas ruas que só têm «mão» para um lado. Em vez de os estacionarem sempre do mesmo lado da rua, o que constituiria uma injustiça contra os moradores desse lado, os parisienses estacionam diante das casas de números pares nos dias pares de cada mês, e defronte dos números ímpares nos dias ímpares.

AS CABINAS de telefones públicos, em Londres, pintadas de vermelho, encontram-se em toda parte, até nos parques. Assim, quando uma pessoa quer telefonar, não tem que procurar um estabelecimento comercial.

AS MÁQUINAS de vender selos postais, na Holanda, se encontram ao lado das caixas de correio, nas esquinas.

EM SOFIA, há «jardineiras» circulares, cheias de flores, colocadas no alto dos postes que sustentam os fios elétricos.

NOS BARES da França, cada copo de bebida vem com um pires em cujo fundo se acha gravado o preço do *drink;* na beira desses pratinhos há ainda uma tarja colorida—uma côr diferente para cada preço—de modo que tanto o garção como o freguês, com uma rápida olhadela, podem calcular prontamente o total da conta.

NA SUIÇA, as pessoas que reservam quarto nos hotéis são recebidas e levadas imediatamente para seus aposentos, ao invés de ficarem em fila no saguão; para a inscrição do novo hóspede, o livro de registro é levado ao próprio quarto por um funcionário de cativante cortesia.

OS FRANCESES fazem uso de enormes letreiros nas estações ferroviárias, com o nome da cidade: um cartaz maior em cada extremidade da estação, e outros menores, distribuidos em diversos pontos ao longo da estação, para informar os passageiros que se acharem em qualquer lugar do trem.

—Fred C. Kelly

VAMOS QUEBRAR A CABEÇA!

(Condensado do livro «Test Yourself!»)

Por William Bernard e Jules Leopold

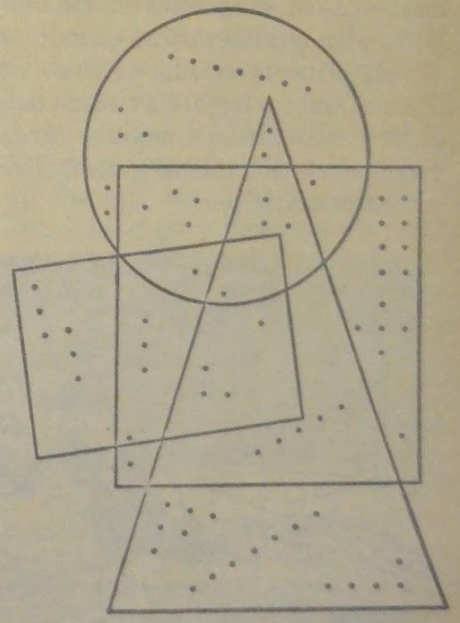
JÁ SE DEFINIU o gênio como sendo «uma capacidade infinita de devoção ao trabalho». Muitas pessoas de talento não chegam a gênios por lhes faltar perseverança, enquanto outras, menos bem dotadas pela natureza, às vezes surpreendem a todos, alcançando êxitos excepcionais, graças apenas ao fato de se dedicarem com persistência às suas tarefas.

Em última análise, o que importa é saber se somos capazes de dar a determinada tarefa o cuidado que ela merece —cuidado suficiente para alcançar um resultado concreto, mas sem o exagero da meticulosidade excessiva ou da duplicidade no raciocínio. O leitor poderá examinar-se a esse respeito, mediante o teste abaixo.

Instruções: A exatidão é mais importante que a rapidez. Conte os pontos dentro dos espaços indicados, e vá escrevendo os totais na linha pontilhada à esquerda de cada pergunta. À página 122 encontrará as soluções e as regras relativas à contagem dos tentos. Tempo máximo: 3 minutos.

Quantos pontos há:

1. ..... No quadrado—mas não no triângulo, no círculo ou no retângulo?
2. ..... No círculo—mas não no triângulo, no quadrado ou no retângulo?
3. ..... No triângulo, mas não no círculo, no quadrado ou no retângulo?
4. ..... No retângulo—mas não no triângulo, no círculo ou no quadrado?
5. ..... Tanto no triângulo como no círculo—mas nem no retângulo nem no quadrado?
6. ..... Tanto no quadrado como no triângulo—mas nem no retângulo nem no círculo?
7. ..... Tanto no quadrado como no círculo—mas nem no triângulo nem no retângulo?
8. ..... Tanto no quadrado como no retângulo—mas nem no círculo nem no triângulo?
9. ..... Tanto no triângulo como no retângulo—mas não no círculo?
10. ..... Tanto no círculo como no quadrado, no triângulo e no retângulo?



Meu tipo inesquecivel

Por Struthers Burt

[Autor de «The Diary of a Dude Wrangler», «Powder River», etc.

AINDA não faz muito tempo que Cal Carrington apareceu na minha estância, no Wyoming, para me fazer uma visita. Havia bem dois anos que eu não o via. Ele tem uma pequena propriedade lá pelo Idaho, onde leva vida de solteirão—nunca se casou—e só de raro em raro atravessa hoje em dia a cordilheira Teton, que nos separa.

Sempre que o vejo, parece que o tempo corre para trás. Não tem mudado muito, embora seu cabelo, que em tempos fora côr de palha, esteja agora todo branco. Diz ele que tem 75 anos, mas seus olhos azuis são tão límpidos e inquiridores como quando os vi pela primeira vez, há 34 anos. Os mesmos ombros largos e a cintura delgada; e suas pernas compridas ainda caminham com a mesma graciosa lentidão dos cavaleiros.

Na sua independência e amor da solidão, dotado de infinita paciência e de uma sutil compreensão da vida ao ar livre, e de não menos sutil intuição do carater humano, Cal sempre me pareceu constituir o protótipo do *cowboy* de outras eras. Não havia cavalo que ele não fosse capaz de amansar e submeter, nem animal silvestre cuja manha não superasse. Não havia rio que Cal não se aventurasse a atravessar a cavalo, embora nunca tivesse, ele próprio, aprendido a nadar. E para que aprender? dizia. Cavalo sabe nadar melhor que gente...

Atravessar os campos a cavalo na companhia de Cal, ao escurecer, quando ele tinha pressa de voltar ao acampamento ou à estância, era uma coisa dificil de esquecer. Para ele não havia obstáculos: xistos escorregadios, árvores tombadas, ravinas, encostas

tufadas de capim e tão íngremes que, para descer, o cavalo quase se sentava nos quartos traseiros—tudo ele vencia. «Dê-lhe rédea,» dizia. «O cavalo só cai quando não tem outro remédio. Tem quatro pernas, e o dobro do juizo que nós temos...»

Há dois anos, pelo outono, Cal encontrava-se nos montes, a oito quilômetros de sua casa, cortando lenha para o inverno. Tendo acabado de carregar a carroça, pôs-se em marcha pela encosta abaixo; de repente, a parelha tomou o freio nos dentes. Ele foi cuspido da boléia, e uma das rodas passou-lhe por cima, quebrando-lhe o braço esquerdo e o pé direito.

Deu-se isso por volta do meio-dia, e, até as cinco da manhã do dia seguinte, Cal se arrastou por alí a fora, com um braço inerte e um pé inutilizado, até à fazenda mais próxima, a meia légua de distância. As noites de outono naqueles vales da serrania são frias, pois a temperatura desce geralmente abaixo de zero. O velho perdia os sentidos a cada quarto de hora ou coisa parecida. Sofreu as torturas da sede. Chegado perto de um regato da montanha, cujas águas eram refrigerantes como a mão que se estende para dar socorro, ele descobriu que a margem formava uma ribanceira de mais de um metro de altura, e era escorregadia. Arriscando a vida, Cal deixou-se rolar até ao fundo, e mergulhou o rosto na água. Levou muito tempo, e custou-lhe dores cruciantes tornar a subir a ribanceira. Mas, ao que parece, nenhuma só vez lhe ocorreu, durante aquela pavorosa jornada, a idéia de que não seria capaz de ir até o fim..

O episódio mais significativo de toda essa odisséia foi quando ele deparou com os cavalos, que tinham ficado retidos pelos arreios numa moita. Haviam partido os engates da carroça. Mas não era possivel deixar que os cavalos morressem de fome, embora eles quase tivessem matado o dono. Cal tirou a navalha do bolso, e, segurando-a nos dentes, soergueu-se apoiado no braço intacto, para cortar os correames, e soltou os animais, de modo que pudessem ir pastar. Em seguida desmaiou.

Os *cowboys* são indivíduos muito vaidosos. Quando chegou à estância, Cal recusou-se a seguir para o hospital, enquanto não o ajudassem a barbear-se, a tomar banho e a vestir-se com roupas de empréstimo. «Veja se eu ia deixar que alguma enfermeira bonitinha me visse naquele desmazelo!» comentava depois.

Daí a vinte dias, já não havia quem o segurasse mais tempo no hospital, e daí a quatro meses ele já estava trabalhando de novo. Uma grande proeza para um homem de 73 anos!

Cal não sabe quem foram seus pais. Só se lembra de que, orfão, morou numa fazenda de gado no Arizona. Agora, como é que foi parar alí, isso não sabe. Aos oito anos, foi adotado por um casal que possuia uma pequena fazenda no Idaho. O pai adotivo era um homem rude, mas Cal teve paciência para esperar e quando chegou aos 16 anos deu-lhe uma surra e fugiu.

Durante vinte anos correu todo o

oeste norte-americano, da fronteira do México à do Canadá, como tropeiro.

Quando chegou aos 21 anos, Cal com grande dificuldade aprendeu, só por si, a ler e a escrever. Nunca, porem, conseguiu simpatizar com a palavra escrita, e ainda hoje desconfia dela... Verificando que eu me dedicava, cada vez mais, a escrever, Cal sentiu-se apreensivo: «Não entendo o Burt,» disse em tom de queixume a um amigo comum. «Esse rapaz tem duas estâncias, que constituem excelente negócio, e agora deu pra se fechar em casa duas e três horas, toda manhã, e fica fazendo garatujas no papel. Que tolice!»

Cal foi o meu primeiro capataz numa fazenda que eu arrancara ao deserto. Mais tarde vim a fazer daquilo uma estância de recreio para veranistas, e ele passou a servir como chefe dos tropeiros. Tanto na qualidade de capataz como na de tropeiro, ele me assistiu sempre, moço que eu era, com infinita bondade e paciência.

Havia somente uma coisa capaz de fazer-lhe perder a paciência: era vir um excursionista inexperiente perguntar-lhe, no momento em que a tropa se punha a caminho das serras, onde é que passariam a noite... De começo Cal fingia que não ouvia. Mas à quarta ou quinta vez que lhe faziam a pergunta, erguia ao céu os dois punhos fechados, numa súplica muda, depois virava-se para o infortunado perguntador, homem ou mulher, e redarguia: «Olhe para aqueles morros! Como é que eu hei-de saber onde é que vamos acampar? Há mais de um ano que eu não passo alí. Talvez já não haja capim nenhum por lá. Como é que eu vou saber?»

Como caçador, Cal era a intuição personificada. Quase não se dava ao trabalho de fazer uma batida nem de seguir a pista do animal: farejava o vento, refletia e depois punha-se a andar, muitas vezes em ângulo reto com a pista... A dada altura parava: daí a pouco surgia a caça! Cal abandonava-se totalmente ao tempo, ao vento, à topografia do terreno, como se ele próprio fosse um alce, ou um gamo.

Ao cabo de alguns anos, tendo economizado seus salários, Cal foi à África à procura de caça grossa. A única arma que levou consigo foi o velho rifle, que usara em todo o oeste. Chegado à África, comprou um Ford de segunda mão. Durante seis meses percorreu sozinho a África Oriental e matou caça de todos os tamanhos e feitios. Quando vinha a noite, fechava as janelas do carro e enroscava-se para dormir, ouvindo rondar em volta dele os leões.

Cal sempre nutriu um interesse ardente pela vida, e tenho certeza de que, quando chegar a sua hora, se mostrará igualmente interessado na morte. Há-de sorrir o seu sorriso enigmático, inquiridor, e fazer uma observação pitoresca. E então, se tivéssemos olhos para enxergar coisas dessa ordem, imagino que veríamos uma alta e delgada silhueta erguer-se e caminhar com a lenta graça dos cavaleiros de pernas compridas, a caminho do horizonte.

A ARTE ESQUECIDA DE NÃO FAZER NADA

Por Don Herold

O HOMEM COMUM de nossos dias, quando vê pela frente uma hora de ociosidade, sente-se tomado de pânico. Uma hora sem ter nada que fazer?! Dito isso, entra num tremor, pula dentro do carro, e dispara, em busca de diversão.

Quanto a mim, dou graças a Deus de haver nascido e crescido em uma aldeia, nos tempos remotos das carruagens, quando a gente sempre tinha (e se não tinha, arranjava) tempo para sentar-se a pensar, e tantas vezes só para ficar sentado. Quando não havia nada que fazer, os homens reuniam-se à sombra, na oficina do ferreiro ou na sala dos fundos da farmácia local, e travavam conversas de alto significado, sem nada em comum com a prosa cacete e oca que nós, os modernos, somos obrigados a aturar nas reuniões mundanas. Se alguem sentia ânimo suficiente para cavar um poço ou abrir os caboucos de um porão, nós nos reuníamos em volta para vê-lo trabalhar, e para tecer considerações filosóficas, ou inventar boas piadas.

A consequência foi que na minha terra natal abundavam os indivíduos de personalidade, e não havia autômatos.

Mas onde estão hoje os lugares e as pausas que nos permitam entregar-nos à contemplação?

Até a leitura é feita agora em linha de montagem... Às vezes pergunto quantas pessoas haverá que pensam enquanto lêem. Devoramos páginas de matéria impressa, sem quase nos determos para ponderar. O consumo apavorante de pasquins, e a torrente irresistivel dos espúrios *best sellers*, o estão provando. Em toda essa forragem, é raro haver um grão de vitamina para o nosso espírito.

Estou pleiteando menos ocupações nas horas de ócio, e mais tempo consagrado à simples ocupação de ficar sentado e matutando.

Como é que a gente há-de saber, porem, quando está sofrendo um ataque de «trabalhite»?

Bem, o primeiro sintoma é quando a gente tem a sensação de ser um

coelho perseguido por galgos. Ou quando dá por paus e por pedras só porque perdeu o bonde ou o ônibus, embora saiba perfeitamente que daí a cinco minutos passará outro. Ou então, quando a gente brinca com o bebê, ou o netinho, e está de olho no relógio. Ou quando um homem se sente tão cheio de trabalho, que nem tem tempo para procurar uma palavra no dicionário, e (já que está com a mão na massa) para aproveitar o ensejo e estudar as palavras vizinhas na mesma página. Ou se damos conosco a tomar um taxi para correr a quatro quarteirões de distância, em vez de ir a pé. Ou se devoramos o almoço com a rapidez com que uma locomotiva absorve a água que escorre de um cano.

«Mas então,» perguntará o leitor, «que é que o senhor quer que a gente faça para remediar isso?»

O remédio consiste, essencialmente, em conseguir elaborar um sentimento de ociosa despreocupação, à medida que vamos vivendo. Sair menos, ficar mais em casa. Arranjar tópicos melhores e mais importantes para entreter o pensamento durante os períodos menos atarefados.

Até mesmo uma simples tentativa passageira de meditação contribui para afrouxar o nosso ritmo. E se conseguimos ir despreocupados, remanchando, acodem-nos naturalmente os pensamentos mais importantes. Thoreau formulou essa idéia da seguinte maneira: «Quando somos pachorrentos e sensatos, percebemos que somente as coisas grandes e dignas têm qualquer existência absoluta e permanente; que os receios mesquinhos e os prazeres inferiores são apenas uma aparência da realidade.»

Pascal tinha como certo que a maior parte dos males da vida provêm do fato de que «o homem é incapaz de ficar sentado e quieto, num quarto». Queria ele significar, com isso, não apenas um modo de nos mantermos alheios à prática do mal, mas um meio de abrirmos os nossos poros à vida.

Minha única arma contra a existência frenética da metrópole moderna, é «desvanecer-me» de vez em quando: depois do almoço, quando volto ao escritório, tiro um cochilo de meia hora, e deixo Roma arder... Conheço outras pessoas que fazem a mesma coisa; em sua maioria, sofrem de trombose coronária. Às vezes julgo que não seria má idéia se todos resolvêssemos fingir que tínhamos trombose coronária—fazer de conta que tivemos um ataque que nos assustou até à medula... Já reparei que muitos indivíduos não começam a viver realmente, senão depois de estarem semimortos. É-nos preciso achar a maneira de ir insinuando nesta nossa vida terrena algumas das coisas que projetamos para o mundo do alem. Torna-se imperativo experimentarmos um pouco mais desse sentimento de eternidade. E é necessário tambem decidirmo-nos a fazer na idade madura, e até antes dela, algumas das coisas que projetamos fazer na velhice.

Devíamos dar mais desses passeios sem destino certo; devíamos ter menos encontros marcados, e mais encontros casuais. Quando tivermos dez minutos para chegar algures, devemos levar vinte, para podermos ir com toda a pachorra, e ver de caminho tudo quanto nos seja possivel ver. E enquanto andamos, devemos fazer menos uso das pernas do que do poder de observação. Numa palavra, afrouxemos os músculos, e aceleremos a alma!

A arte da ociosidade não é de natureza negativa; ao contrário, ela implica uma seletividade mais penetrante das coisas que são dignas de nossa atenção. Precisamos é de trocar de objetivos—em vez de querermos chegar algures, devemos procurar recolher impressões e liberar nossas emoções e sentimentos, enquanto estamos a caminho.

Todos devíamos ler Thoreau, pelo menos uma vez por ano, e meditar bem em passagens como a seguinte: «Quando era mais novo, passei muitas horas vogando na lagoa de Walden ao sabor da brisa, deitado de costas nos bancos, depois de haver remado até ao meio da água, sonhando acordado num fim de manhã estival, até que o bote, ao embicar no areal, me acordava, e eu me erguia para investigar a que praias me havia arrojado o destino. Dias em que a ociosidade era a mais atraente e produtiva das ocupações. Muitas manhãs eu escapulí assim, preferindo passar desse jeito a parte mais preciosa do meu dia; pois eu era rico, se não em dinheiro, pelo menos em horas cheias de sol, e dias de verão, e os gastava prodigamente; nem tãopouco lamento não ter desperdiçado mais dias e mais horas na oficina ou à mesa de professor.»

Devíamos dizer a nós mesmos, pelo menos uma dúzia de vezes por dia, que a pura e simples eficiência não é vida, principalmente a eficiência nas horas vagas.

Vamos a jantares e outras reuniões, onde esperamos encontrar alguem que possa apoiar nossas aspirações de melhoria na carreira; o que devíamos era falar muito mais com as pessoas que de nenhum modo nos podem ajudar a chegar seja onde for: com o cidadão que nos vem consertar a geladeira, com os carpinteiros e ascensoristas, com os homens que fazem o trabalho deste mundo—e não apenas com aqueles que *falam* em fazer o trabalho.

Foi com um trabalhador manual que eu aprendí alguma coisa do imperscrutavel mistério das abelhas, seus hábitos e tendências, e a beleza da massa primitiva e confusa que elas formam a caminho da nova colmeia, após a enxameação da primavera. O mistério da abelha nada tinha que ver com o trabalho desse homem, nem com as minhas ocupações daquele dia: mas por essa razão, precisamente, bem como pelo interesse inerente ao assunto, aprendê-lo foi como que pôr meias-solas na minha alma—pelo menos temporariamente.

Furtando assim um pouquinho da alegria de viver, muitas vezes conseguiremos fazer justamente aquilo que mais desejamos no fundo de nossos corações, em vez de seguirmos à risca os ditames do nosso ambiente social.

A festa de sábado no clube—que a leve o diabo! E esse romance que acaba de aparecer—ora, há outros muito melhores, saidos há 50 anos, e que eu ainda não li. Por que não hei-de ficar em casa, tasquinhando alguma coisa de mais substancial do que o último romance de êxito, ou mesmo, simplesmente, conversando em família?

O espírito humano, tal qual a terra, exige rotação de culturas. Por que não experimentar, por exemplo, a pintura a óleo, embora sabendo que somos uma autêntica negação? É um aprendizado vagaroso, que nos ensinará a olhar. Ou então a fotografia; ou algum domínio especial de estudos que não conduzem a parte alguma, ou só Deus sabe aonde? (Alguem já disse que a base de toda a ciência é o desejo de satisfazer a curiosidade.)

Um dos maus resultados da pressa é o egoismo. E, para muita gente, experimentar um pouco de altruismo talvez fosse como uma lufada de ar fresco nos pulmões. Tudo isso leva tempo; mas acaba agindo sobre nós como uma obra de magia interior. Destinemos todos os dias meia hora, ou mesmo uma hora, para sairmos do ramerrão, e fazermos alguma coisa pelo nosso semelhante. Gastemos, por exemplo, toda semana, algum tempo prestando serviço num hospital, ou ajudando a qualquer outra instituição.

O que digo, em resumo, é isto: façamos um esforço, ainda que seja só por alguns momentos nas 24 horas do dia, para usufruir—ou furtar—um pouco da sensação de ociosidade.

Deixemo-nos «remolhar»: nunca ninguem conseguiu pensar coisa alguma debaixo de um chuveiro: é demasiado veloz e demasiado eficiente.

Perícia

Contam-se muitas histórias extraordinárias sobre o dr. Alexis Carrel, o famoso pesquisador do Instituto Rockefeller, conquistador do Prêmio Nobel e autor do livro «O Homem, esse desconhecido». Por exemplo, dizem que o dr. Carrel havia adestrado os dedos de tal forma, que com o médio e o indicador metidos numa caixa de fósforos, e completamente às cegas, conseguia atar cordas de violino, e tão firmemente que qualquer outra pessoa teria de usar as duas mãos para desatar o nó. Dizem ainda que o célebre médico adquirira sua alta perícia com a agulha pondo-se a coser folhas de papel de cigarro, chegando à perfeição de dar quinhentos pontos numa única mortalha. Uma de suas proezas era pespontar o papel de cigarro com centenas de pontos falsos, sem nunca atravessar o papel. Segundo dizem, o dr. Carrel conseguiu tão perfeito controle dos nervos e a tal ponto aguçou o tato, que podia reatar uma pequena artéria, da grossura da grafite de um lápis, trabalhando em um espaço diminuto dentro de uma incisão.

—G. Edward Pendray, em *Today*

Novo impulso ao comércio internacional

(*Condensado de «Liberty»*) Ralph Wallace

A Casa Internacional de Nova Orleãs já promoveu um volume de negócios de todos os gêneros, no valor de 100 milhões de dólares, desde brinquedos até deshidratadores de peixe

Pelas alturas do Natal de 1947, os vereadores e as instituições de beneficência da capital da República do Salvador, viram-se a braços com uma séria crise: tendo reunido, por subscrição, o dinheiro necessário para proceder à distribuição anual de brinquedos entre as crianças pobres, verificaram—já em princípios de dezembro—que, em todo o país, não se encontravam brinquedos em quantidade suficiente. Como haviam de conseguir, à última hora, reunir os presentes que faltavam?

Alguem lembrou-se de que em Nova Orleãs existia uma agência que bem podia tirá-los desse aperto. Em meio de geral ansiedade, fez-se um chamado telefônico internacional. Pouco depois os guindastes elétricos de Nova Orleãs começavam a carregar caixões e caixões de brinquedos a bordo de um avião com destino a S. Salvador.

A reputação de Papai Noel foi salva, graças à rapidez com que atua uma nova organização não-lucrativa, consagrada à tarefa de fomentar a amizade internacional através do comércio.

Chama-se essa prestimosa instituição a Casa Internacional de Nova Orleãs; foi fundada há somente três anos, por um grupo de negociantes locais, mas hoje é mantida pelas anuidades pagas por 1.900 sócios no mundo inteiro, e a Casa reune as funções de clube particular às de centro de negócios e câmara de comércio internacional. No seu edifício de 10 andares situado perto de Canal Street, podemos assistir diariamente, a qualquer hora, às mais variadas atividades: por exemplo, enquanto numa sala um negociante sul-americano dita cartas a uma secretária

bilíngue, em outro escritório alguns funcionários da Casa tentam encontrar comprador de lã do Líbano, ou um industrial dos Estados Unidos que possa exportar tecidos de algodão para o Iraque.

Todas as transações em que intervem a Casa Internacional são feitas gratuitamente, e não é preciso ser sócio para utilizar suas instalações e seus serviços. Ainda há pouco um comerciante de Kansas City, que não era membro, encontrou-se, no bar da Casa, com um importador mexicano, que tambem não era sócio, e lhe vendeu 3 mil rádios portateis. Alem dos escritórios que gratuitamente põe à disposição dos negociantes estrangeiros, o edifício da Casa contem uma excelente biblioteca especializada, e um dos melhores restaurantes da cidade.

A função primordial da Casa é fomentar as exportações e importações dos 31 estados da bacia do Mississipi, e mormente atrair embarques e desembarques ao porto de Nova Orleãs. Não faz muito tempo, por exemplo, a Grécia encontrava-se desesperadamente necessitada de 100 mil pares de calçados, ao mesmo tempo que a famosa firma inglesa Brockhouse, Ltd., pretendia vender nos Estados Unidos 2.500 pequenos motores a gasolina. A Casa Internacional encontrou sem demora uma firma de Chicago que se prontificou a fornecer os sapatos, e uma companhia de Nova Orleãs disposta a encarregar-se da venda dos motores ingleses. Ambas as transações eram simples, mas o espírito amistoso que elas fomentaram em ambos os lados do Atlântico foi de um alcance incalculavel.

Os administradores da Casa crêem que pouco se poderá conseguir, no sentido do reerguimento do mundo, a menos que a indústria particular contribua para tornar bilateral o comércio entre as nações. De harmonia com isso, os sócios da instituição já ajudaram a financiar o Mercado Internacional de Nova Orleãs, novo e imponente edifício que custou um milhão e quatrocentos mil dólares e servirá para fazer exposições de produtos de importação e exportação, oriundos de todos os paises do globo. No espaço de três anos, Nova Orleãs saltou do quinto lugar que ocupava entre os portos dos Estados Unidos, para o segundo, com um movimento que, em 1947, passou de um bilhão, duzentos e cinquenta milhões de dólares. Organizou-se alí uma zona de porto-livre, onde os artigos importados se podem armazenar sem ficarem sujeitos ao pagamento de taxas aduaneiras, até serem vendidos nos EE. UU. ou despachados de volta para o estrangeiro—o que, para os comerciantes do exterior, constitui enorme vantagem.

Com o seu pessoal de 35 empregados e um orçamento anual bastante modesto—225 mil dólares—a Casa Internacional já conseguiu aproximar compradores e vendedores em 15 mil transações diversas, num valor de cem milhões de dólares aproximadamente. A menor das transações até hoje promovidas pelo seu departamento de expansão do comércio mundial, foi a exportação, para a França, de balões

de brinquedo no valor de 4 dólares; e a maior, a compra de navios no valor de 3 milhões de dólares, que a Argentina fez aos Estados Unidos. As transações não estão, aliás, circunscritas aos Estados Unidos: numa delas, por exemplo, Portugal encontrou mercado, na América do Sul, para um carregamento de vinhos e conservas de peixe.

A história desta notavel organização data de 1943. Nesse ano o sr. E. O. Jewell, que havia sido recentemente nomeado administrador geral do Porto de Nova Orleãs, conversou por acaso com um industrial de Peória, no Ilinóis. Este contou a Jewell que, alguns meses atrás, havia encontrado em Nova Orleãs um exportador de Costa Rica, ao tempo em que ambos percorriam o porto, em um barco destinado a proporcionar excursões aos hóspedes da cidade. «Esse simples encontro de acaso me rendeu o melhor negócio de exportação que minha firma conseguiu nestes últimos 30 anos!» rematou o referido industrial.

Ocorreu a Jewell esta idéia: por que não se havia de proporcionar a outros negociantes, tanto americanos como estrangeiros, esse gênero de encontros mutuamente proveitosos? Foi contar o caso a um grupo de eminentes homens de negócio da cidade, entre os quais R. S. Hecht, presidente do conselho deliberativo do Hibernia National Bank, que se inflamou de entusiasmo ao ouvir a exposição de Jewell.

A idéia da Casa Internacional surgiu dessa conversa. Hecht e seus sócios reuniram 500 mil dólares e compraram um edifício de escritórios para servir de sede à organização ainda embrionária. Mais adiante, o sr. Cordell Hull, então Secretário de Estado, e o sr. Nelson Rockefeller, Coordenador de Assuntos Inter-Americanos, interessaram-se tambem pelo assunto.

A nova instituição veio trazer incalculaveis vantagens a muitos homens de negócio que se viam em apuros. Certa vez um visitante, chegado da América Central, pretendia encontrar um fabricante de fornos de cal; pois a Casa Internacional lhe deu uma lista de sete, entre os quais ele poderia escolher. Certa municipalidade da Colômbia estava necessitando comprar uma série de ônibus novos; a Casa indicou aos seus agentes a Southern Coach Manufacturing Co., de Evergreen, no Alabama, e daí resultou uma transação no valor de 269.500 dólares.

O caso mais típico das operações a que se consagra a Casa, foi o dos burros peruanos: havia muitos anos, os peões peruanos que transportam querosene para as terras do interior, vinham-se queixando de que, em vez das latas de 40 litros, muito dificeis de manipular, precisavam de outras, de 20 litros, apenas, para equilibrar a carga de suas alimárias. A Casa mandou uma nota aos fabricantes, e as latas de 20 litros começaram a chegar em fila ao Perú, para a felicidade dos animais e de seus guias.

Nesse ínterim, a Casa demonstrou que, em virtude das inúmeras ferrovias e de 24 mil quilômetros de linhas de transporte em batelões, cuja rede cobre o vale do Mississipi, sai 8 dólares

mais barato por tonelada expedir mercadorias de Indianápolis via Nova Orleãs para a Europa; 10 dólares menos por tonelada, de Chicago; e 19 dólares menos quando de Kansas City. Foi com grande surpresa que um vendedor de automoveis da República Dominicana soube que podia economizar 94 dólares em cada carro, recebendo-os via Nova Orleãs em vez de via Nova York. Estes e outros algarismos foram-se arraigando na cabeça de outros importadores e exportadores, e essa a razão pela qual os embarques feitos em Nova Orleãs, no ano de 1947, subiram de 58 por cento em relação a 1946.

Outras e novas atividades se têm multiplicado na Casa Internacional. Cerca de 1.200 cidadãos de Nova Orleãs, inclusive o prefeito De Lesseps Morrison, aprenderam português e espanhol através da instituição. Uma escola de comércio de importação e exportação, destinada a ensinar aos ex-combatentes norte-americanos as complexidades do comércio internacional, tem funcionado alí, dando em resultado que dúzias de veteranos já puderam encontrar emprego nesse ramo. Mais importante do que tudo isso é ainda a criação de *Trade Winds*, orgão de imprensa da Casa, que é remetido a membros da instituição espalhados no mundo inteiro. Na sua coluna intitulada *Trading Post*, oferece inúmeras sugestões aos importadores e exportadores—tais como um cortador de queijo, patenteado, do Kentucky, espelhos belgas, cutelaria alemã, e até orquídeas da Guatemala.

Um antigo negociante da Geórgia, chamado Edwin Thomas, atualmente domiciliado em Costa Rica, dirigiu-se por carta à Casa Internacional, dizendo que dispunha de cerca de 500 mil dólares de madeiras de cedro duro e mogno da América Central, mas não tinha em vista nenhum comprador. Dentro de poucos dias a Casa conseguiu arranjar-lhe contactos com algumas companhias fabricantes de mobiliário, nos Estados Unidos, para aquisição de todo o carregamento, e a economia de Costa Rica recebeu com isso um salutar impulso.

No ano passado, um dos diretores da Société de Sucreries, que é a maior empresa açucareira do Brasil, foi acompanhado de funcionários da Casa até às plantações da Luisiana, para observar o funcionamento das colhedeiras mecânicas de cana. Anteriormente, toda a cana de açucar do Brasil era laboriosamente cortada a facão. Impressionado com a eficiência da máquina, o industrial brasileiro comprou uma para demonstração, e espera encomendar brevemente 40 ceifadeiras mecânicas do gênero.

A idéia da Casa Internacional já começou a propagar-se a outras cidades, como Miami, Houston, Nova York e S. Francisco, onde se projeta criar estabelecimentos do mesmo gênero, cujo custo oscilará entre cinco e quinze milhões de dólares. No decorrer dos próximos dez anos, segundo crêem os dirigentes da Casa, quase todos os grandes portos dos Estados Unidos terão a sua casa internacional, de uma forma ou de outra.

Discursos bombásticos, bandas de música e beijinhos aos bebês não influem na escolha do eleitor: a opinião dele está formada

Podem as campanhas conquistar votos?

(*Condensado de «The Saturday Evening Post»*)

Por George Gallup e William A. Lydgate

FAZ TREZE anos que, através de suas entrevistas e inquéritos, o Instituto Norte-Americano de Opinião Pública vem colhendo informações sobre a conduta do povo estadunidense em matéria de eleições. Essas pesquisas dão uma idéia bastante clara da maneira pela qual os norte-americanos reagem politicamente às circunstâncias. Vamos por partes:

As plataformas influem realmente no eleitorado? Todas as vezes que se realiza um congresso partidário afim de nomear os candidatos, os redatores das plataformas suam sangue, passando muitas vezes uma noite inteira em discussão sobre uma simples frase. E chega a ser cômico pensar que a maioria das pessoas nem sequer lêem as plataformas! Com efeito, vinte dias após a publicação da plataforma do Partido Republicano, para 1944, organizamos um inquérito do Pacífico ao Atlântico, verificando que apenas um terço dos «interessados» haviam lido uma ou outra passagem desse documento, e menos ainda eram capazes de se lembrar de qualquer trecho do seu conteúdo.

Uma plataforma escandalosamente má poderia levar um partido a perder alguns votos, e uma que fosse fenomenalmente bem feita lhe poderia ganhar uns tantos: mas, no conjunto, é legítimo duvidar que as plataformas desempenhem papel realmente significativo como chamariz dos sufrágios, quando tão pouca gente sabe o que nelas se contem. As plataformas servem para fornecer aos porta-vozes do partido um conjunto coerente de argumentos a serem utilizados na campanha. E pouco mais que isso...

As campanhas presidenciais alteram o sufrágio? Está claro que seria tolice afirmar que as campanhas não alteram nenhum voto. Mas pode-se dizer que, em certo sentido, as campanhas presidenciais acabam antes de terem começado. O que, sobretudo, nelas influi e decide do seu resultado, são os acontecimentos ocorridos no intervalo das duas eleições presidenciais. Os eleitores escutam o que se diz nas campanhas principalmente para confirmar suas próprias idéias.

Em 1940 o inquérito do Instituto verificou, em maio, que 57% dos eleitores se preparavam para votar em Roosevelt, elegendo-o presidente pela terceira vez. Ninguem sabia ainda que o Partido Republicano iria nomear Willkie seu candidato. No dia da eleição, seis meses depois, Roosevelt obteve 55 por cento dos sufrágios.

O «ensaio geral» das hostes eleitorais, organizado em abril de 1944 pelo Instituto para avaliar as probabilidades de vitória dos dois candidatos à Presidência,—Roosevelt e Dewey—demonstrou que o primeiro reunia 55% dos sufrágios, e o segundo 45. No dia da eleição o voto dividiu-se quase rigorosamente segundo essa previsão: 54% contra 46%.

Quererá isso dizer que um partido político poderia deixar de fazer campanha, e ainda assim ganhar uma eleição. É provavel que não, pois sempre seria necessário certo grau de propaganda política, quando mais não fosse, para manter firmes aqueles que desde cedo decidem em quem hão-de votar. Não obstante, nas eleições presidenciais de hoje, os partidos procedem como se tudo dependesse da campanha—como se o eleitorado vivesse durante três anos e meio numa espécie de vácuo mental, e só dele saisse durante os últimos meses do quarto ano de um período presidencial.

Os discursos terão influência no voto? Em qualquer eleição renhidamente disputada, facil é conceber que os resultados pudessem ser influenciados quer por uma gafe séria quer por um discurso de valor transcendente. Mas, via de regra, os discursos não têm repercussões de tamanho alcance. O Instituto tem procedido a sondagens de opinião pública imediatamente antes e depois de um candidato ter realizado a sua campanha eleitoral em determinado Estado: e a diferença verificada é quase sempre desprezivel.

O conhecido procer político Alfred E. Smith (já falecido) causou sensação em janeiro de 1936, com um discurso, hoje famoso, em que rompeu com o seu amigo e «protegido», Roosevelt. Atacando o programa de reformas sociais de Roosevelt, o popular candidato convidava a nação a repudiar este nas eleições de novembro daquele ano. Enquanto todos os políticos do país se entregavam a exaltados debates sobre as repercussões que essa ruptura poderia vir a ter nas probabilidades de reeleição do Presidente, o Instituto sondou os eleitores em todo o país e verificou que Roosevelt tinha ganho um por cento em popularidade!

A teoria de que um homem eminente é capaz de captar votos em massa. Os «cozinheiros» eleitorais dos partidos rejubilam sempre que podem persuadir um figurão das organizações sindicais, ou um importante lider da lavoura, ou uma personagem proeminente nos círculos religiosos, a apoiar o respectivo candidato. Mas o eleitorado não vota forçosamente em bloco, apenas porque um lider assim o aconselha.

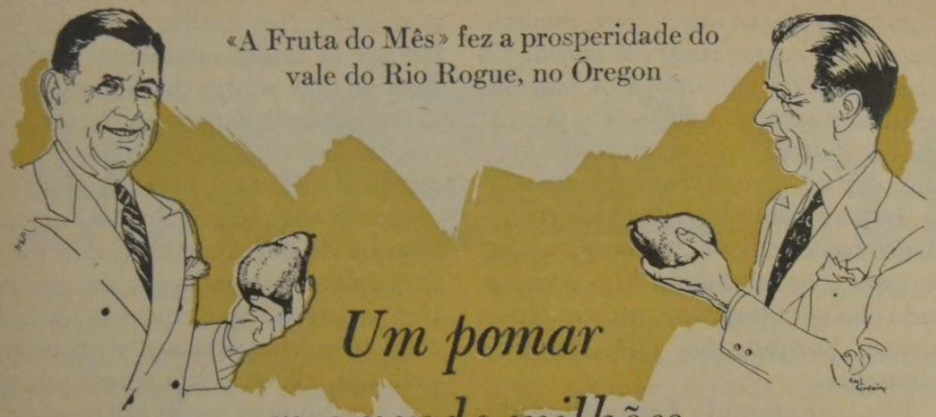
Em 1940, John L. Lewis, fundador da federação sindical denominada Congresso das Organizações Industriais (C.I.O.), repudiou Roosevelt e deu seu apoio a Willkie. Quando a campanha se acercava do termo, Lewis proclamou que, se Roosevelt fosse reeleito, ele, Lewis, pediria demissão do seu posto na referida federação. E assim fez. Depois da eleição, o Instituto Norte-Americano de Opinião Pública sondou os membros do C.I.O., e concluiu que 79 por cento deles haviam votado no candidato que o seu lider repudiara. Paralelamente, 71 por cento dos membros da Federação Americana do Trabalho haviam apoiado Roosevelt.

O mito do voto feminino. A opinião política diverge profundamente segundo a idade, a renda e a ocupação dos eleitores. Entretanto, é curioso notar que a diferença de sexo não parece ter influência. Numa eleição presidencial, por exemplo, a divergência de opinião entre as mulheres é quase idêntica à que se verifica entre os homens. Nos últimos anos, essa diferença só muito raramente tem ido alem de dois pontos de percentagem.

A razão do fenômeno parece ser que, em matéria política, as mulheres recebem a «deixa» das opiniões ou preconceitos do esposo, do pai, de um filho ou de outro membro masculino da família. As sondagens de opinião têm mostrado que, quando se processa uma viravolta nos sentimentos políticos, ela se inicia quase sempre entre os homens e não entre as mulheres.

Mas então, se os discursos, as plataformas, as campanhas, as manobras partidárias, etc., não parecem afetar a opinião da maioria dos eleitores—o que é que terá influência sobre eles? Como é que chegam à decisão do sufrágio?

Como já sugerimos, os acontecimentos que se verificam entre dois períodos eleitorais exercem influência consideravel. O hábito desempenha tambem papel de importância: muitos milhões de indivíduos votarão sempre no mesmo partido durante a vida inteira. Ao escolher o seu partido e ao permanecer-lhe fiel, o cidadão segue uma espécie de instinto interesseiro. Aderimos a um partido quando estamos convencidos de que ele é o que melhor defende os nossos interesses. O problema da vitória eleitoral consiste pois em fazer sentir à maioria dos eleitores que este partido é mais favoravel ao seu bem-estar do que qualquer outro.



«A Fruta do Mês» fez a prosperidade do vale do Rio Rogue, no Óregon

Um pomar que rende milhões

(Condensado de «Advertising & Selling») Por Frank J. Taylor

DEZENAS de milhares de norte-americanos, espalhados de Bangor a San Diego, consideram Harry e David Holmes, de Medford, no Óregon, como seus pomicultores particulares. Dando aos seus empreendimentos agrícolas um carater de aventura, os dois irmãos fizeram de um pereiral um comércio próspero que orça em 4 milhões de dólares anuais e que trouxe inesperadamente a prosperidade ao vale do Rio Rogue, outrora em franca bancarrota. Hoje, a sua revolucionária técnica de comércio serve de modelo a dezenas de imitadores.

A maioria dos cheques que recebem em pagamento são simplesmente sacados a favor de «Harry e David». O banco não somente paga esses cheques, como tambem, para maior facilidade em depositá-los, abre todos os anos, na época da colheita, uma agência nas instalações que os irmãos possuem em Bear Creek para acondicionar as frutas. A empresa de transportes Railway Express Agency mantem igualmente uma agência no mesmo local, para receber as frutas—947 mil caixotes no ano passado, suficiente para encher 32 trens, cada um com 15 vagões frigoríficos. Esse extraordinário negócio surpreende aos próprios homens que o fundaram. Num anúncio de página inteira na elegante revista *Fortune*, aparece a fotografia de David com esta legenda: «Imaginem o Harry e eu anunciando aquí! Talvez seja bobagem nossa, gastar num anúncio o preço de um trator.»

David e Harry, homens de 58 e 57 anos de idade respectivamente, nasceram em Seattle. Seu pai, comerciante próspero que vivia sonhando com a vida campestre, mandou-os a uma universidade para estudar agronomia. Findo o curso, o pai adquiriu o pomar de Bear Creek, mas faleceu antes de

realizar o seu desejo de ser agricultor. Os filhos assumiram a administração do pomar, que produzia principalmente peras para os mercados de luxo de Nova York, Londres, París, Havana e outros centros de elite.

Veio a crise econômica, que foi um desastre para os pomicultores daquele vale aconchegado. Os irmãos Holmes, desesperados, tiveram a idéia de preparar caixotes de peras gigantes para presentes de Natal.

«Vá a Nova York e veja se consegue vender,» disse David, o sonhador, a Harry, o empreendedor.

Na metrópole, Harry conheceu G. Lynn Sumner, de uma agência de publicidade, que provou uma das peras. Bastou sentir-lhe o gosto.

«Vamos mandar um caixote por mensageiro especial a dez dos homens mais importantes de Nova York,» propôs Sumner, «e vejamos o que acontece.»

Redigiu uma carta em tom familiar, que Harry assinaria, relatando as dificuldades em que se encontravam os irmãos e a excelência das peras que deleitavam os paladares da aristocracia européia havia uma década.

Quarenta minutos depois de despachadas as peras e as cartas, o telefone de Harry tocou. Era Walter P. Chrysler, pedindo a Harry que fosse vê-lo sem demora. Seguiram-se outras chamadas de comerciantes proeminentes. Ao cabo de 24 horas, Harry tinha pedidos de 467 caixotes para presentes. Voltou apressado para Medford, e os irmãos lançaram uma campanha de vendas por meio de cartazes redigidos em linguagem familiar. No ano seguinte venderam mil caixotes para presentes, no terceiro ano 37 mil e no quarto 87 mil. Em 1948 o total ultrapassou um milhão.

Harry e David deram às suas peras de fina qualidade o nome de Royal Riviera, e contrataram 55 outros pomicultores para suprí-los. Afim de distribuir as despesas fixas, adicionaram às suas ofertas pêssegos, maçãs, nectarinas, uvas e outras frutas. Criou-se assim a base sobre que se assentou o «Clube da Fruta do Mês», que veio tornar aplicavel ao ano inteiro um presente que antes se brindava por ocasião do Natal. Os irmãos tambem adotaram um sistema de cultivo e poda para aumentar o tamanho das frutas, valorizando-as para o pomicultor ao triplo e até ao sêxtuplo.

Os irmãos Holmes pagam os ordenados mais elevados da região, para obter o pessoal mais qualificado para o trabalho. Empregam 185 pessoas todo o ano, e 1.100 na época da expedição das frutas. No ano passado a folha de pagamento acusou um total de 875 mil dólares, dinheiro esse que imprimiu vida nova a toda aquela grande região.

Desde que Harry e David demonstraram que era possivel vender frutas caras pelo correio, surgiu uma dúzia de novos comerciantes de venda de frutas por esse meio, na zona de Medford, todos eles prósperos. Não obstante, os irmãos Holmes ainda realizam 80 por cento do comércio de frutas encaixotadas para presentes, no vale do Rio Rogue.

Como se educa o soldado ianque

(Condensado de «Collier's»)

Howard Whitman

Para podermos tornar profícuos os preciosos anos que os jovens passam na vida militar, devemos oferecer-lhes um sadio ambiente intelectual, social e moral, no qual possam prestar serviço de boa vontade, e não obrigados e aborrecidos.

—Omar N. Bradley, Chefe do Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos

NÃO FAZ muito tempo, um jovem tenente se dirigia a um grupo de recrutas no Forte Dix, em Nova Jersey. «Senhores,» dizia ele, «os seus oficiais estão aqui para servi-los. Eles compreendem que os srs. são indivíduos, com características individuais.»

Se não me tivessem prevenido, teria custado a crer nos meus ouvidos. «Senhores...» Não se ouviam semelhantes amenidades durante as duas guerras mundiais.

A questão é que uma nova «mentalidade militar» se faz sentir hoje no exército norte-americano, e os recrutas—convocados ou voluntários—que ingressem nas fileiras durante os próximos meses, hão-de dar-se bem. A autoridade cede lugar à inteligência. É atribuida maior importância aos valores humanos e à dignidade individual, do que ao antigo autoritarismo.

Esta nova orientação foi ensaiada no Posto Experimental de Preparo Militar Universal no Forte Knox, em Kentucky, pelo general John M. Devine, que agora a dissemina por todo o exército. «Todo soldado,» diz Devine, «partilha das necessidades humanas básicas. Precisa de amor-próprio, de respeito dos outros, de uma oportunidade para progredir.»

Um oficial objetou ao general Devine que o plano só tinha um defeito: tais soldados não lutariam.

Em resposta, disse Devine: "Isso prova que você nunca esteve numa batalha."

Declarou-me ele posteriormente: «Vi muitos soldados lutarem e muitos outros fugirem. Já sei, creio, o que é que realmente faz o soldado lutar: é o amor-próprio e a força individual que incutimos nele.»

Ao chegarem os recrutas a um centro de treinamento, recebem um manual intitulado *Vida Militar*, onde lêem o seguinte: «O Exército tem grande respeito pela inteligência de cada recruta. Este, tambem, deve respeitar o seu próprio intelecto. Não deve ficar atrás, deixando de pensar só porque tem casa e comida. Faça perguntas...» E no quadro de avisos acha-se pregada uma folha com a epígrafe: «Oportunidade para apresentar queixas e apontar injustiças.»

O treinamento básico, o espantalho da vida militar, tem sido modificado consideravelmente desde a Segunda Guerra Mundial. Lembram-se muitos veteranos da «corrida de obstáculos», em que tinham de subir paredes perpendiculares, precipitar-se por barricadas, escalar postes, arrastar-se através de tubos, e ocupar-se de uma variedade de outros exercícios bem pouco atraentes. Vi os novos soldados fazerem a mesma coisa no Forte Dix, mas em vez de ser chamada «corrida de obstáculos», é agora chamada «corrida de confiança». O recruta não era forçado a vencer nenhum dos obstáculos; fazia-o se tivesse «confiança». Se não, podia contorná-lo.

«O Exército está ficando esperto na velhice,» observou um comandante de batalhão. «Estes rapazes agora sentem prazer na corrida. Mas no meu tempo, como a amaldiçoavam!»

Durante a quinta e sexta semanas de treinamento básico, uma junta classificadora resolve se deve mandar o soldado a uma unidade do Exército ao fim do segundo mês, ou retê-lo para dar-lhe preparo especializado ou, ainda, matriculá-lo no recem-fundado «curso de liderança». Tal como o militarismo arcaico exaltava a *obediência*, a nova orientação exalta a *liderança*.

O curso de preparo para liderança está sob a direção do general de brigada Wayne C. Smith (que demonstrou as suas próprias qualidades de líder subindo de soldado raso a general). Faz parte do programa a solução de vinte situações problemáticas, concebidas por um grupo de psicólogos eminentes. Por exemplo:

Eis aquí um novo tipo curioso de barraca, que você nunca viu. Arme-a, enquanto um oficial observa o acerto com que você decifra o processo.

Você faz parte de uma patrulha de reconhecimento. Que é aquilo no caminho? Uma pasta deixada pelo inimigo. Que sorte! Você a apanha e leva-a ao comandante. Está visto, você vai ser promovido a general. Bum! Que pena, era uma bomba camuflada. Você devia ter pensado nisso.

Muitos dos soldados escolhidos para o curso de liderança serão enviados diretamente para a Escola de Candidatos a Oficial. «Este curso de liderança,» diz o general Smith, «é o melhor substituto para o sistema de castas.»

Em sua nova atitude, o Exército considera que a antiga política profilática sobre moléstias venéreas foi um fracasso, e a substitui por outra mais construtiva, procurando formar no soldado uma compreensão das relações sexuais e humanas, nela integrando o amor, o matrimônio e a família.

Num pequeno cinema do Exército assistí a uma nova película sobre moléstias venéreas, que será brevemente exibida aos soldados: *O Milagre da Vida*. Afastando-se dos argumentos negativos, dirige as vistas para metas positivas, como o casamento e o lar. Fala, entretanto, a verdade.

O Exército norte-americano parece compreender que, se a humanidade houver de ser salva, sê-lo-á pelos valores espirituais, e não apenas pelo amor. Ao capelão cabe um papel mais importante no novo Exército, sendo de um para 800 homens a relação entre capelães e soldados, ao invés de um para mil, como era durante a guerra.

Para os velhos disciplinadores, que se lamentam de que o Exército esteja afrouxando o seu rigor, o general Devine lê com satisfação o discurso pronunciado pelo general Schofield em 1879, na escola de oficiais, em West Point, dando ênfase especial às seguintes linhas:

«A disciplina que torna eficiente na batalha o soldado de um país livre não se consegue por meio de trato brutal ou tirânico.... esse trato tem probabilidades muito maiores de destruir um exército do que de formá-lo. É possivel inculcar a instrução e dar vozes de comando de tal maneira e com tal tom de voz que não inspirem no soldado nenhum outro sentimento senão uma intensa vontade de obedecer, ao passo que a maneira e o tom de voz opostos só podem incitar ressentimento e a vontade de desobedecer.»

«Os recrutas não serão amimados,» diz o general Devine. «O regime será tão rigoroso como o de qualquer organização militar, e as horas de atividade serão longas, o trabalho árduo, e inevitaveis os quartos de serviço.

«Mas tambem vamos fortalecer o carater destes rapazes, dar-lhes confiança, aumentar-lhes o amor-próprio, e fazer deles melhores cidadãos, ao mesmo tempo que fazemos deles bons soldados.»

Vivendo... de expediente

O gerente de uma loja perguntava a uma jovem, candidata a um emprego, quais eram as suas habilitações. Ela respondeu, com certo orgulho, ter conquistado vários prêmios em concursos de palavras cruzadas.

—Muito interessante, observou o gerente,—mas precisamos de alguem que dê provas de eficiência durante as horas de trabalho.

—Ah! retrucou a jovem, triunfante,—pois eu fiz todas essas provas justamente durante o expediente do escritório...

—*Courier-Journal*, de Louisville, citado em *Coronet*.

Num raio de 320 quilômetros de Houston, no Texas, extrai-se mais riqueza do solo, do que em qualquer outra área de dimensões equivalentes no mundo

Uma nova Costa do Ouro

Pelo General de Brigada Robert E. Wood,
Presidente do Conselho Deliberativo da Sears, Roebuck & Co.

Os Estados Unidos de hoje são como um gigante pronto a entrar em ação: registra-se no país um formidavel surto demográfico. Durante a década seguinte a 1930, o excedente dos nascimentos sobre os óbitos foi de 700 mil por ano; em 1947 foi já o triplo—ou sejam, 2.185.000 novos norte-americanos. Ao terminar a década corrente, o crescimento total da população do país terá atingido cerca de 18 milhões, o dobro do aumento registrado de 1930 a 1940.

Ao mesmo tempo que a nação inteira está dando assim um grande passo em frente, duas regiões de inacreditavel riqueza natural estão esperando pleno desenvolvimento: uma é o litoral do Pacífico; a outra, o arco de 1.600 quilômetros que vai de Pensacola, na Florida, a Brownsville, no Texas, nas margens do Rio Grande. Prevejo que essa faixa do Golfo terá dobrado a sua população lá pelo ano de 1970. O Texas e a Califórnia serão, futuramente, os dois estados mais populosos do país.

Desde Mobile, no Alabama, até Brownsville, vêem-se aos milhares os sinais de uma nova e vibrante «fron-

teira». O arco do Golfo encerra abundantes matérias-primas, possui portos de grande calado abertos ao mundo exterior, e redes ferroviárias e aquáticas interiores que os ligam com o riquíssimo núcleo central dos Estados Unidos.

Por exemplo, uma usina avaliada em 30 milhões de dólares produzirá barras de alumínio em Port Lavaca, no Texas. Pascagoula, no Mississipi, um dos centros de construção naval mais ativos da América, tem produzido transatlânticos de luxo, de 18 mil toneladas, navios de 11 mil toneladas para o Brasil, e cargueiros para a Argentina. A Carthage Hydrocol Company está edificando em Brownsville uma fábrica no valor de 21 milhões de dólares, destinada à produção de gasolina sintética extraida do gás natural. Logo ao lado, outra companhia tem em projeto a construção de mais uma grande fábrica de produtos químicos, destinada a aproveitar os produtos da Hydrocol.

As cidades e as vilas estão crescendo prodigiosamente ao longo de todo esse semi-círculo do Golfo. Reina por toda parte, alí, um espírito juvenil e vigoroso. A cidade de Nova Orleãs está gastando 40 milhões de dólares para eliminar passagens de nivel que hoje dificultam o tráfego rápido, e para edificar uma estação ferroviária central que substituirá as cinco atuais. Lá, onde habitualmente só se falava de bons restaurantes, fala-se agora de novas fábricas e de um grande mercado internacional, destinado a fomentar o comércio com a América Latina. A Nova Orleãs de hoje conta três vezes mais operários nas suas indústrias manufatureiras, do que tinha antes da guerra. Durante esta, mudaram para alí os seus escritórios, até então instalados em portos do Leste, cerca de 74 agências de embarques. E mais de metade delas lá ficaram.

Onze dos maiores portos oceânicos dos Estados Unidos, do ponto de vista do montante de carga, encontram-se no Golfo do México. Em 1945 e 1946, a tonelagem que passou pelos cais de Houston, Beaumont e Port Arthur no Texas, aumentou mais do que a dos três maiores portos do país: Nova York, Filadélfia e Baltimore.

Ainda há pouco uma loja de Houston pagou 3.055.000 dólares por um terreno de esquina, à razão de 800 dólares por centímetro de frente. Do outro lado da rua principal, mesmo em frente, ergue-se um novo edifício comercial, de 24 andares. Poucos passos adiante, encontra-se a mais moderna das grandes lojas do país, edifício sem janelas que se estende por todo um quarteirão, e tem um anexo para garage reservada aos seus fregueses, que ocupa a maior parte do quarteirão vizinho. Essa loja custou 12 milhões de dólares. As ruas de Houston estão sempre pejadas de gente e de tráfego, alguns dos seus supermercados ficam abertos dia e noite, e a loja da Sears Roebuck teve que montar uma torre de controle afim de orientar os automoveis para os pontos de estacionamento.

Num raio de 320 quilômetros de Houston, extrai-se mais riqueza do solo do que em qualquer outra área de dimensões equivalentes no mundo: mais petróleo, mais gás natural, mais arroz, cerca de 90 por cento do enxofre do mundo inteiro, e ainda algodão em quantidade, sal, madeiras, capim para forragem, cana de açucar, minerais do mar, etc. No ano passado, o valor dos produtos manufaturados em Houston excedeu dois bilhões de dólares—correspondendo a um terço mais do que a produção total do Texas em 1939.

Não longe dalí, Texas City possui a única usina de tratamento do estanho que existe no Hemisfério Ocidental. Mais abaixo, tambem na costa, em Corpus Christi, encontra-se uma usina de tratamento de chumbo. Tambem há alí, em construção, uma fábrica no valor de 20 milhões de dólares para produção de amido e de dextrose, extraidos de um novo cereal, uma espécie de sorgo, que se pode colher por meio duma «combinada». As fábricas de papel estão acorrendo a essa região, para utilizar madeiras de rápido crescimento. A estreita faixa litorânea que vai do Texas à Florida produz praticamente todo o óleo de tungue dos Estados Unidos.

Os norte-americanos estavam habituados a ver concentrar-se a indústria em redor da chamada «trindade industrial»—ferro, carvão, pedra calcárea. Hoje assistimos à ascensão, alí, de uma nova «trindade química»—ácidos, hidrocarbonetos, e água doce. A Costa do Golfo possui todos esses artigos em quantidades virtualmente ilimitadas: ácidos do enxofre e do sal, hidrocarbonetos do petróleo e do gás natural, água doce vinda dos céus. Tal é a razão básica do acontecimento mais importante que está ocorrendo no Golfo: a transferência de importantes fábricas de produtos químicos para fins industriais, de outros pontos do país para esta região; 75 empresas de produtos químicos foram construidas alí desde 1940, sendo que mais da metade foram fundadas após a guerra.

Se o petróleo já é história antiga no Texas e na Luisiana, hoje toda a «fronteira» do Golfo o está produzindo. O Mississipi foi o primeiro estado da região a dar com petróleo; no ano passado o Alabama produziu 405 mil barrís. E começam a surgir poços na Florida. Alem de tudo isso, descobriu-se petróleo no banco ou plataforma continental que se estende sob as águas do Golfo do México. Já se calculou que, só dentro da zona de 50 quilômetros adjacente ao Texas e à Luisiana, se encontram reservas de quatro a cinco bilhões de barrís de petróleo. As companhias petrolíferas estão gastando mais de 25 milhões de dólares nas sondagens praticadas debaixo da água e nos pântanos marginais, e já acharam petróleo em dois pontos situados a cerca de 12 quilômetros do litoral. Só a Humble Company gastou 1.200.000 dólares com uma plataforma flutuante de sondagem. Essa ilha feita pela mão do homem ergue-se à altura de 18 metros acima das águas do Golfo, aloja 54 homens, e foi construida de modo a aguentar vendavais de 190 quilômetros à hora e vagalhões de 10 m de altura.

Esta nova «fronteira» ao longo do Golfo oferece grandes oportunidades aos pequenos negócios: com efeito, em uma parte do país que se encontra em fase de rápido e dinâmico crescimento, apresentam-se sempre possibilidades que não haveria em uma comunidade estabilizada. Somente no Texas, ao ano passado, se registraram 1.800 novas empresas industriais.

Em 1946 e 1947 o Texas esteve à cabeça de todos os estados da União, do ponto de vista da construção de edifícios industriais. Este ano, o Texas figura nas estatísticas com 24 por cento das construções de estruturas industriais projetadas no país inteiro. Dispondo de petróleo e gás natural nos estados vizinhos do Golfo, e de outros enormes recursos, de um clima incomparavel para a agricultura, e de uma situação geográfica privilegiada —entre o coração da riqueza da América do Norte e o virgem continente sul-americano— todo este arco do Golfo parece avançar de vento em popa, rumo a um futuro de ilimitadas possibilidades.

Dívidas saldadas

DURANTE o cerco de Tientsin, na guerra dos Boxers, Tong-Shao-yi, que seria mais tarde primeiro-ministro da China, refugiou-se na zona norte-americana. Certo dia, uma bomba caiu sobre a casa onde se encontrava Tong, matando-lhe a mulher e uma filhinha. Herbert Hoover, que morava do outro lado da rua, correu para a casa incendiada e salvou a outra filha de Tong, carregando-a para lugar seguro, sob uma saraivada de balas.

Muitos anos depois, Hoover, então Administrador dos Serviços de Alimentação, em Washington, compareceu a um jantar na Embaixada da China, a convite do Embaixador Wellington Koo. Ao recebê-lo, disse-lhe, sorrindo, a Embaixatriz:

—Sr. Hoover, nós já nos conhecemos.

O estadista, visivelmente surpreendido, procurou recordar-se da ocasião. Mas a Embaixatriz veio logo em seu auxílio:

—Sou a filha de Tong-Shao-yi, que o sr. salvou durante o cerco de Tientsin.

NOS PRIMEIROS anos da Universidade de Leland Stanford, um estudante promoveu, em San José, um concerto do famoso pianista Inácio Paderewski. A frequência foi diminuta, rendendo ao jovem empresário 400 dólares menos do que a quantia devida ao artista polonês que, entretanto, abriu mão, amavelmente, da diferença.

Vinte e cinco anos depois, numa grande recepção pública a Herbert Hoover, na cidade de Lodz, Paderewski, então Presidente da Polônia, agradeceu ao ilustre hóspede a sua notavel obra de assistência, que salvara milhares de vidas polonesas.

Hoover respondeu não ter feito senão saldar uma velha dívida de 400 dólares.

—De *Our Unknown Ex-President, a Portrait of Herbert Hoover*, por Eugene Lyons. Este livro foi condensado em Seleções de abril de 1948

RIR É O MELHOR REMÉDIO

UM HOMEM de aspecto tímido aproximou-se do guarda que estava dirigindo o tráfego, numa esquina:

«Desculpe, tenente,» disse o homenzinho cheio de medo, «mas há quase uma hora que espero aquí por minha mulher. O sr. pode fazer o favor de me mandar sair daquí?»

—Colaboração de Jack Seaman

QUANDO, numa aula de psicologia, o professor perguntou aos alunos quais as suas origens étnicas, um dos rapazes respondeu que em suas veias corria sangue de índio, ao que o catedrático indagou se ele sabia de que tribo.

«Não creio que fosse de nenhuma tribo,» explicou o jovem. «Devia ser algum índio extraviado.»

—The Cornell Widow

FAZIA mais de uma hora, um desses conferencistas de sete fôlegos desenvolvia a sua tese numa incessante catadupa de palavras, detendo-se a breves pausas para sorver apressados goles d'água. Foi quando, num desses rápidos intervalos, um velhote virou-se para o seu vizinho de cadeira, dizendo-lhe num sussurro alto bastante para que o ouvissem os demais: «É a primeira vez que vejo um moinho de vento movido a água!»

—Colaboração da sra. E. G. Covington

UM GRANJEIRO casca-grossa fora convidado para acompanhar o enterro da terceira esposa de um seu vizinho.

—Mas eu não vou, disse o bom velho à mulher.

—Que coisa, homem! fez ela espantada.—Por que não?

—Bem, Mary, disse ele, —eu já me sinto acanhado de receber tantos convites para enterro na granja do vizinho, sem ao menos poder fazer-lhe um convite igual. —*Cavalier*, de Nashua

UM TAXI ia lento como uma lesma, devido ao congestionamento do tráfego, na hora de maior movimento em Nova York; e o passageiro, que estava com pressa, implorou ao chofer:

—Olhe, amigo, você não poderia ir um pouco mais depressa?

—Poder, posso... mas o Regulamento não me permite abandonar o carro para ir a pé.

—*The American Legion Magazine*

—OLÁ, amigo! Como vai da insônia?

—Muito pior, informou o outro. —Já nem consigo dormir na hora em que me devo levantar! —*Partners*

—VEJA só, meu bem, lamuriou-se a esposa com os olhos úmidos de lágrimas,—a vizinha tem um chapéu igualzinho ao que comprei outro dia!

—E certamente, observou-lhe o marido,—você quer que eu compre outro, não?

—Bem, meu amor, disse a mulher. —Será mais barato do que mudar de casa. —*Wisconsin Engineer*

Como um capitão da Marinha norte-americana, Benton Decker, conseguiu, com o auxílio das mulheres japonesas, tornar aprazivel uma cidade proibida

Ídolo do novo Japão

(*Condensado de «Forum»*) Por Blake Clark

Antes da ocupação norte-americana, a base naval japonesa de Iocosuca, situada a cerca de 15 quilômetros ao sul de Iocoama, constituia um imenso centro militar secreto, uma cidade proibida. Em 26 anos, nenhum estrangeiro conseguira transpor as suas muralhas de dois metros e meio. A cidade misteriosa simbolizava a autoridade absoluta no Japão feudal. Hoje, Iocosuca é um campo de experimentação democrática. Seus cidadãos elegem as autoridades, organizaram a primeira Cruz Vermelha do Japão depois da guerra, fundaram uma Associação de Pais e Professores e o maior clube feminino do mundo.

Deve-se tão notavel transformação ao capitão Benton Weaver Decker, da Marinha dos Estados Unidos. O capitão Decker serviu, durante quase toda a guerra, no Pacífico Sul, sendo que seu último posto foi o de piloto do *Maryland*. Quando chegou a Iocosuca, em junho de 1946, verificou que na base, que se tornara a mais importante das que os Estados Unidos mantinham no Extremo Oriente, reinava a ineficiência e era bem baixo o moral da guarnição. Num vagão de carga da base, inumeros marinheiros haviam formado «lares» tranquilos com suas namoradas japonesas. Ganhavam rios de dinheiro vendendo no mercado negro cafeteiras, rádios, cobertores e outras mercadorias subtraidas aos paióis de bordo. Um despenseiro vendera, de uma só vez, uma tonelada de açucar, desviada do despósito de víveres.

Embora o êxito da base dependesse, em grande parte, da cooperação de milhares de trabalhadores japoneses, berrantes cartazes norte-americanos pintavam os soldados nipônicos em-

punhando espadas, com rictus feroz. Oficiais norte-americanos apostrofavam violentamente os japoneses e disparavam seus carros com arrogância através das ruas apinhadas, ao som de estridentes sirenas. A população encontrava-se abatida pelo sofrimento e pela fome. Milhares de civís perambulavam pelas ruas. As condições sanitárias eram pavorosas: não havia esgotos; nuvens de moscas escureciam as ruas; ratos infestavam as casas abandonadas. Doentes com moléstias contagiosas abarrotavam as enfermarias do hospital, sendo comuns os casos de tifo ou de cólera.

Decker pôs mãos à obra com decisão e energia. «Isto não é uma base da Marinha dos Estados Unidos; é um pardieiro infecto!» exclamou ele numa reunião do Estado-Maior. Começou por afastar os marinheiros dos seus «ninhos» e de suas namoradas. Pôs abaixo os cartazes ofensivos. Conseguiu que aviões espalhassem nuvens de DDT sobre a cidade e fez com que os marinheiros derrubassem os prédios arruinados, infestados de ratos. A madeira foi acumulada num terreno baldio e distribuida, depois, a milhares de japoneses para uso durante o inverno.

Sob a direção da sra. Aiko Takaoka, diplomada pelo Barnard College de Nova York, e que Decker conhecera em Iocosuca, membros do primeiro núcleo da Cruz Vermelha Japonesa constituido depois da guerra organizaram grupos de voluntários para borrifar DDT na estação ferroviária, sobre os passageiros. Desinfetaram, depois, por esse meio, as escolas e as roupas das crianças, e, através de altofalantes colocados nos pontos centrais da cidade, pediram a todos que notificassem os casos de doença aos postos de saude instalados nos bairros principais. Dentro em pouco, a sra. Takaoka tinha sob suas ordens 4 mil membros da Cruz Vermelha, perfeitamente organizados, incumbidos de fazer exames radiológicos e de imunizar os cidadãos contra a tuberculose, o tifo e a varíola.

Acompanhado do Chefe do Serviço Médico, capitão John Quincy Owsley, Decker inspecionou os hospitais. Encontrou famílias vivendo ao lado das camas dos doentes, cozinhando nas enfermarias e atirando o lixo nos pátios dos fundos. No maior hospital da cidade, a pilha de detritos alcançava já o terceiro pavimento.

O hospital, que pertencera antes à Marinha japonesa, foi remodelado e aberto ao público. Decker escolheu para dirigí-lo um bispo católico de 65 anos de idade, Albert Breton, missionário francês de barbas brancas, muito afavel, cuja devoção ao bem não se abalara durante os longos anos de internamento que sofrera durante a guerra. O capitão Owsley e seus auxiliares levaram a cabo rigorosa «faxina» nesse e em 12 outros hospitais, deixando-os entregues a pessoas responsaveis.

Decker não ignorava que as condições sanitárias da cidade dependiam, substancialmente, do bem-estar econômico da população. Espalhados pela base, havia inúmeros prédios vazios,

que haviam servido para depósito de armamentos. Comerciantes japoneses, a pedido de Decker, fizeram-lhe propostas para a utilização dos edifícios, muitos dos quais abrigam hoje prósperas indústrias que produzem artigos de extrema necessidade para os japoneses.

Em fins de 1946, Katsuo Sakuma, um dos diretores de uma firma de aparelhos elétricos, apresentou um plano prático para a recuperação dos ônibus quebrados e a sua propulsão por meio de eletricidade, em lugar da escassa e dispendiosa gasolina. Decker acolhia, pressuroso, propostas como essa. O problema de transporte motorizado era dos mais agudos do país. Centenas de ônibus já foram recondicionados e vendidos à Tokyo City Transportation Company.

Um engenheiro japonês, Kazuo Tajima, pediu autorização para utilizar, na produção de instrumentos agrícolas extremamente necessários, certas máquinas e fornalhas paralisadas. Em pouco, 300 operários estavam fundindo munições de guerra e transformando-as em arados, enxadas e ancinhos.

Mais de 80 novas indústrias foram instaladas em Iocosuca. Entre elas assinalamos uma fábrica de moveis, uma de papel, uma de beneficiamento de baleia, sete de tecidos, uma de vidros, outra de alimentos congelados, duas serrarias e uma oficina para montagem de bicicletas.

Entre as pessoas menos favorecidas, ninguem mais do que a mulher necessitava os benefícios dos novos ideais de liberdade e igualdade. Decker soube que elas tiveram um dia a temeridade de fundar um pequeno clube feminino em Iocosuca, sumariamente dissolvido pelas autoridades navais japonesas, em 1943. Pediu, então, à sua antiga organizadora, sra. Kazuko Mabuchi, que angariasse a cooperação das mulheres da cidade num programa de assistência e de fomento ao progresso feminino.

Em poucos meses, o Clube Feminino de Iocosuca contava com 58 mil sócias contribuintes. Sua primeira realização foi a abertura de um orfanato para 120 crianças, indigentes e famintas. Fundou, depois, uma escola de corte e costura cujo êxito foi tão notavel que, em breve, surgiram mais três escolas semelhantes em diversos pontos da cidade. As sócias do clube iniciaram uma campanha para a remoção dos escombros e abertura de fossas e valas. Na aprazivel sede do clube, com bela vista sobre a baía, antiga residência do Capitão do porto, foi instalado um escritório de informações, onde as mulheres obtêm assistência na solução de qualquer problema, desde a interpretação da Constituição até as questões de índole estritamente pessoal.

Afim de levantar fundos para as suas inúmeras iniciativas, o clube executou uma grande coleta de latas vazias, com que iniciou uma fábrica de brinquedos, produzindo automoveis e aviões de latão. Um dos seus modelos mais populares—uma barata de corrida que capotava com toda a aparência de realidade—recebeu logo uma encomenda de 12 mil dúzias. O Ministério da Agricultura encomendou-lhes um milhão de saquinhos de papel para protegerem de insetos daninhos as maçãs em fase de crescimento. O clube distribuiu a encomenda entre 10 mil sócias e satisfez o pedido com uma presteza notavel.

Decker teve, tambem, as suas decepções. Um grupo de japoneses, que se intitulava União dos Criadores de Iocosuca, obteve a concessão para coleta do lixo da Marinha. Orientado por uma denúncia, Decker mandou apreender os recipientes de lixo, de 250 litros de capacidade, do Clube dos Oficiais Intendentes. No fundo, encontrou sacas de arroz, presunto, macarrão e ovos frescos, lá colocados por um cúmplice, que trabalhava na cozinha. Os lixeiros estavam enriquecendo à custa do lixo que vendiam aos hotéis.

O Clube Feminino, consultado, prontificou-se prazerosamente a assumir os encargos da concessão. Mediante o emprego de 75 pessoas, quase todas mulheres, quatro caminhões e dez carroças, o clube coletou e vendeu papéis usados e garrafas de cerveja vazias, retirando, das latas de lixo cuidadosamente vasculhadas, um lucro líquido de 400 mil ienes mensais.

Decker tornou, ainda, o clube, uma espécie de junta de livramento condicional. Um tribunal ordinário condena, por exemplo, um japonês por estar implicado nas atividades do mercado negro. As sócias do clube investigam os antecedentes do condenado e, se for o caso, apresentam a Decker um atestado, no qual declaram assumir integral responsabilidade pela conduta do indivíduo. Dentre cerca de 200 pessoas a quem se concedeu, dessa forma, livramento condicional, nenhuma voltou a incidir em contravenções. Mas o homem que não tiver conquistado a confiança das suas vizinhas, terá de cumprir a sentença até o fim.

Quanto à educação e à cultura, eram grandes as deficiências de Iocosuca. Decker pediu sugestões aos líderes religiosos. Yoshio Shirayama, deão de um colégio batista, instalou, em edifícios abandonados, uma universidade para 2 mil alunos. O padre católico Gustav Voss transformou um grupo de oficinas em salas de aula, salão de ginástica, e capela. Os metodistas abriram uma faculdade de engenharia. As Irmãs Seculares do Sagrado Coração abriram uma escola primária e secundária.

Um antigo *dancing*, famoso pela sua contribuição para a alta porcentagem de doenças venéreas em Iocosuca, foi transformado em centro cívico por um missionário protestante, Everett Thompson. Trabalhadores sociais organizaram dentro dele os meninos, antes delinquentes potenciais, em grupos de escoteiros, passaram a cuidar dos filhos das operárias, a ensinar inglês e a criar uma biblioteca juvenil. Mais de cinco mil habitantes da cidade, homens, mulheres e crianças, participam mensalmente das atividades do referido centro.

Afim de ajudar as escolas a pôr-se de pé, Decker introduziu alí a Associação dos Pais e Professores. Os Estados Unidos enviaram rações suple-

mentares para as escolas, mas os professores, ignorando a culinária norte-americana, misturavam peixes secos com leite em pó e vegetais enlatados, formando uma «paçoca» de gosto dificilmente suportavel. A Associação contratou um técnico para ensinar aos professores e às mães os métodos da cozinha norte-americana. Dentro em pouco, as crianças se deliciavam com apetitosos almoços quentes.

O fato mais significativo, em toda essa transformação, é a atitude dos próprios japoneses. Decker acha que, quando as forças norte-americanas se retirarem, os habitantes de Iocosuca estarão em condições de dirigir os seus próprios negócios. «Provaram a democracia,» diz ele, «e gostaram. Quem tentar arrebatá-la de novo, há-de ver-se, sem dúvida, em maus lençóis...»

Recentemente, quando circulou a notícia de que Decker talvez fosse removido de Iocosuca, para servir alhures, o Conselho Municipal dirigiu-se ao General MacArthur pedindo-lhe, «para o bem e o progresso da cidade», a permanência do capitão, «adorado e respeitado por todos em Iocosuca». Um grupo de cidadãos procurou Decker. «Se o sr. for removido daquí,» disse-lhe o porta-voz do grupo, «queremos que peça reforma, que se naturalize japonês e concorra às eleições para prefeito.»

«Saida» de reporter

UMA NOITE, ao entrar na redação do jornal *Plain Dealer*, de Cleveland, o humorista Artemus Ward recebeu ordem de comparecer a certa função social e escrever uma reportagem para o dia seguinte. Ora, Ward, que não gostava dessas reuniões, parou no caminho para unir-se a uma roda de amigos, esquecendo a incumbência recebida; quando se lembrou dela, era já tarde demais para ir à festa. Mas os amigos o aconselharam a usar a imaginação e fazer a crônica «de oitiva». De fato, no dia seguinte o *Plain Dealer* publicou a reportagem na primeira página, dando-lhe todo o destaque.

Foi um «furo» de primeira! Pelo menos assim pensou Ward, pois os outros jornais nada tinham dado a respeito; mas depois descobriu ele, num recanto de página de um dos rivais, uma notícia de poucas linhas, em que se dizia que a função fora adiada. Pegando o chapéu, escapou da redação; aliás, escapou também de Cleveland. Algum tempo depois, voltou à cidade e por acaso encontrou na rua o Coronel Gray, seu chefe. Gray começou a repreendê-lo por ter saido sem mais aquela.

—Por que fez isso, Ward? inquiriu o chefe.

—Bem, Coronel, se o senhor insiste mesmo em saber, respondeu o jornalista, —fui-me embora porque não queria fazer parte de um jornal tão mal informado como o seu!

—*Plain Dealer*, de Cleveland

Como aumenta a riqueza

Excertos do livro «How to be Popular Though Conservative»

Por Fred G. Clark e Richard Stanton Rimanoczy

O BEM-ESTAR material do homem é produto de três coisas exclusivamente: *recursos naturais*, *energia humana* (*mental e muscular*), *e ferramentas.*

O nivel de prosperidade material de qualquer sociedade humana pode-se medir pela quantidade e qualidade de seus recursos naturais, a quantidade e qualidade da sua energia humana, e a quantidade e qualidade das ferramentas que multiplicam a produtividade dessa energia humana.

Todo e qualquer plano que se proponha melhorar a condição material do homem precisa lidar com esses três fatores.

O homem não pode introduzir quaisquer modificações de importância na quantidade ou qualidade dos recursos naturais de que dispõe; nem pode tãopouco modificar apreciavelmente a quantidade ou qualidade da sua energia muscular e mental.

Isso nos deixa apenas o recurso de modificar a quantidade e a qualidade de nossas ferramentas, e, por meio dessa modificação, melhorar a nossa produtividade.

Conseguimos maior soma de bens econômicos somente quando conseguimos mais ferramentas.

Uma das 47 caricaturas de página inteira que aparecem em «How to Be Popular Though Conservative»

«... e o dr. Rasputin nos explicou que o sistema de lucros, nos Estados Unidos, nada mais é que um regime econômico baseado na escassez...»

Por que prosperam os Estados Unidos?

Nos Estados Unidos, o número de cavalos-vapor por operário é superior a quatro. Um operário auxiliado por um cavalo-vapor pode ultrapassar em produtividade uma centena de trabalhadores manuais.

É como se cada operário norte-americano tivesse à sua disposição 99 «escravos mecânicos» que nunca se fatigam e nunca têm fome.

Esses «escravos» são gerados pela indústria e criam-se graças às economias de 50 milhões de acionistas de empresas.

Os socialistas britânicos têm quebrado a cabeça ante o fato de que são as novas ferramentas, e não as leis novas, que fazem o progresso; e os trabalhadores ingleses estão hoje exigindo que o governo lhes forneça mais e melhores ferramentas.

Qual é a melhor planificação?

Aqueles que se propõem substituir a economia privada por um projeto econômico centralizado (concebido e aplicado pelo governo) esquecem-se a um tempo da história e da natureza humana.

No regime do plano centralizado, o planejador precisa ser chefe, e os homens amantes da liberdade nunca trabalham bem sob as ordens de ditadores.

Acresce que só existe um plano centralizado.

Se ele não dá certo, toda a economia cai por terra.

Os Estados Unidos têm progredido porque têm tido milhões de «planos» elaborados por indivíduos orgulhosos da respectiva autoria, e da resolução de os levar a cabo com êxito.

Quando Henry Ford fez planos de continuar produzindo o seu célebre modelo «T», a empresa Chrysler saiu-se com o plano do carro Plymouth.

O plano da Chrysler estava certo, e o público consumidor não sofreu nada com ele.

Então, Ford resolveu passar a produzir o modelo «A», e todo o mundo lucrou com isso.

Soluções de «Vamos quebrar a cabeça!»

(Veja a pág. 91)

(1) 15, (2) 12, (3) 18, (4) 6, (5) 2, (6) 5, (7) 5, (8) 4, (9) 4, (10) 1.

Conte dois tentos para cada resposta *errada*, e um para cada pergunta que não tenha respondido. Some esses tentos. Na contagem final, um total de três tentos ou menos é excelente, e um total de quatro ou cinco é bom.

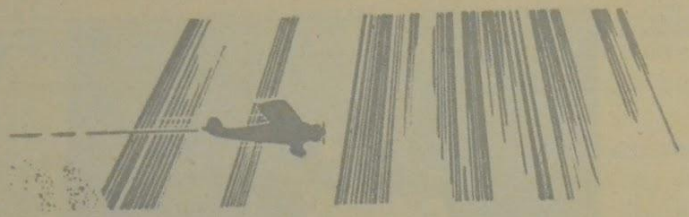
DA AVIAÇÃO E DA VIDA

(Condensado do livro «Of Flight and Life»)

Por Charles A. Lindbergh

No seu primeiro livro desde a publicação de *We* em 1927, Charles A. Lindbergh pinta um retrato vivo do mundo de hoje. Valendo-se do seu conhecimento íntimo das máquinas que podem tão facilmente tornar-se os instrumentos de destruição do homem, ele encara francamente o problema da sobrevivência. O conteúdo espiritual da sua conclusão ilumina um livro que inevitavelmente constituirá o tópico de muita controvérsia.

«Of Flight and Life», copyright 1948, por Charles A. Lindbergh. Editores: Charles Scribner's Sons, New York, E.U.A. Preço: $1,50.



Da aviação e da vida

Momentos há na vida, em que sentimos uma vontade irresistivel de comunicar as nossas crenças a outros, de nos unirmos com os nossos semelhantes em apoio de uma causa comum. Isso já se deu comigo em três ocasiões.

A primeira foi em minha mocidade; era piloto, e estava convencido de que o homem teria um grande destino no ar—que o avião cruzaria algum dia continentes e oceanos com a sua carga de passageiros, malas postais e mercadorias. Eu acreditava que os Estados Unidos deviam estar à frente no aperfeiçoamento da aviação, e dediquei minha vida aos aviões e aos motores.

A segunda vez foi quando estava na Europa, ao ver os povos ocidentais transformar os seus recursos em aviões de bombardeio para a guerra. Julgava que um conflito entre grupos ingleses e alemães de nações deixaria prostrada a Europa, aumentando perigosamente o poderio do governo soviético. Estava certo de que convinha ao meu país manter-se afastado das guerras intestinas da Europa.

É esta a terceira vez. Encontramo-nos hoje presos num círculo vicioso em que a nossa segurança parece depender da arregimentação e de armas que nos arruinarão amanhã. Creio que, se não antepusermos à nossa ciência uma força moral mais elevada, ela nos destruirá com os seus valores materialistas, com os aviões-foguetes e com as suas bombas atômicas, como já destruiu grandes partes da Europa.

Ao atacar o materialismo científico, estou perfeitamente compenetrado de que a culpa da situação em que nos encontramos hoje cabe tanto ao cientista como àqueles que, dentre nós, fizeram uso indevido das suas descobertas. Nossos problemas são mútuos. Temos que resolvê-los juntos, e disso depende nossa sobrevivência. Estou escrevendo este livro numa tentativa de esclarecer a crise que encaramos, de comunicar-me com as pessoas que por ela se preocupam, e, finalmente, de buscar uma solução.

Para viver...

Willow Run, 1943

Doze mil metros e ainda subindo. Estou fazendo uma experiência com a ignição do motor de um caça Thunderbolt.

Sob uma das asas, a cidade de Detroit é uma parte incolor da grande

colcha-de-retalhos de terra. Sob a outra, meio nublada pela fumaça, fica Toledo. O polegar de Míchigan se estende plano junto às águas acinzentadas do Lago Huron. Quase perdidas na extensão de terra e água, exigindo uma grande concentração da vista para localizá-las, acham-se as finas linhas paralelas e cruzadas das pistas do aeródromo, que medem quase dois quilômetros de comprimento, mas que daqui parecem riscos num selo do correio.

Mais 300 metros e horizontalizo o avião, ajusto o compensador do plano de comando e o turbo-compressor. Preciso manter vôo horizontal durante cinco minutos, enquanto o avião e o motor se põem em regime de marcha normal. Valerá a pena fazer contacto pelo rádio com a torre? Pouco adiantará, a esta altitude—a recepção é má e, nesta atmosfera rarefeita, o mais que se pode dizer é uma palavra em cada fôlego. Mesmo assim, é provavel que desejem notícias minhas. Aperto o botão do microfone:

«WILLOW... RUN... TORRE... DE BORDO ... EXÉRCITO... SEIS... ZERO... TRÊS... OITO...»

(Não se fala propriamente; emitem-se sons ofegantes a esta altitude.) Aumento o regulador do volume até o ponto máximo. Uma voz me responde através de meus fones, mas as palavras não se definem:

«CMY... AZERO... OITO... OWRUNO... ALT...»

É o bastante para eu saber que a mensagem era destinada a mim. Talvez eles me ouçam melhor. Continuo:

«POSIÇÃO... VINTE... MILHAS... SUL ... WILLOW... RUN... ALTITUDE... DOZE ... MIL... TREZENTOS...»

Não sei quanto receberam da minha mensagem, mas não vou repetí-la. Minha cabeça já está estonteada pelo esforço, e tenho que observar as indicações dos instrumentos.

Velocidade relativa, pressão de admissão, rotações do motor... Tudo vai bem até que, feitas as provas e anotadas as indicações, começo a descer. Então, a 10.800 metros, acontece alguma coisa à claridade do ar, ao pulso da vida, à percepção da vista. Percebo aquela vacuidade do intelecto e falta de respiração que avisam o piloto de uma grave falta de oxigênio. Esforço-me por manter-me alerta. Raciocinar ou morrer! A máscara estará vazando? Dou-lhe um empurrão com a mão esquerda; encontro-a firme contra o rosto. Acabou o oxigênio? Não. (Num relance vejo que o manômetro indica 50 libras.) Então deve ter acontecido algo ao circuito do oxigênio. Sei, por minha longa experiência na câmara de altitude, que me restam uns 15 segundos de consciência nesta altitude—tempo insuficiente e cérebro pouco lúcido para examinar a mangueira e as ligações. A vida depende do oxigênio, e só a 6.300 metros abaixo de onde estou é que o encontrarei com certeza.

Empurro a alavanca de comando para diante. A terra se inclina para cima e começa o mergulho... 10.500 metros... 10.200... o avião zumbe através do ar... some-se a terra... os mostradores dos instrumentos se escurecem... a respiração é rala; pulmões va-

zios—estou perdendo a visão... empurro a proa mais para baixo... mais depressa... estou vagamente cônscio de um silvo agudo, como um apito de fábrica, junto dos ouvidos... estou cego... não enxergo os mostradores... é um fio de navalha—uma aposta entre a consciência decrescente e o aumento da densidade do ar.

5.100... 4.800... 4.500... uma agulha branca corre sobre algarismos brancos... é o altímetro—já enxergo—consigo ler a indicação—estou consciente da cabina, do avião, da terra e do céu—já comecei a sair do mergulho—a alavanca está livre; a proa está subindo; sinto a pressão do banco.

O ar em meus pulmões tem substância. A percepção invade-me os nervos e os tecidos. Como está claro o céu por cima de mim, que linda a terra em baixo, as vilas, os sítios, as florestas, os lagos, os campos! Sou outra vez uma parte de todas as coisas, sentindo-as, vivendo-as, ao mesmo tempo que as enxergo pelo sentido da visão. Que mais se pode desejar do que o puro prazer de existir, a beleza do planeta, do sol e do espaço? Como são triviais as realizações materiais do homem!

Regressando da penumbra da morte, sentimo-nos sempre mais cônscios da vida. As relações adquirem um valor mais alto, e os sentidos penetram mais fundo, com nova perspectiva. Não foi um avião que eu trouxe à terra: foi a própria vida...

Sobressaltou-me o mecânico ao dizer-me que o manômetro marcava 50 libras em excesso. Então a garrafa de oxigênio se havia esvaziado a 10.800 metros. Foi essa a razão do meu apuro—alguns milímetros de desvio da agulha. Senti uma súbita repulsa por tais detalhes, uma impaciência com relação a agulhas, instrumentos e indicações. Que tolos são os homens, impressionando a mente, escravizando o corpo, com algarismos e máquinas, quando a vida se estende em volta de tudo, franqueada a todos, despercebida.

O escritório ficava na extremidade da fábrica oposta ao aeroporto. Enquanto me dirigia para lá de automovel, o grande portão de uma linha de montagem se abriu, e saiu para o pátio de concreto um avião de bombardeio de quatro motores. Atrás dele, até aonde a vista alcançava, havia dezenas de aparelhos iguais em fabricação. Poucas horas antes, eu teria contemplado essa linha de produção como um feito maravilhoso da engenharia. Teria visto com orgulho o pequeno papel que me havia tocado em sua realização. Agora, porem, imaginei-a o ventre de um monstro gigantesco, roncando e estridulando, no parto de autômatos que matariam seres humanos aos milhares por dia.

Era o templo do deus da ciência, que nós, os homens de hoje, idolatrávamos. Aí estavam a força, a eficiência, a magia super-humana com que sonhávamos. Só dois anos antes, nesse mesmo local, eu estaria rodeado de nogueiras, bordos e carvalhos. O cientista podia agora tocar uma floresta de Míchigan com sua varinha, e, com isso, arrasar cidades européias.

Em «templos» tais como esse, o mundo ocidental se prostrava na paz e na guerra. Para quê? Para posses materiais, para velocidade, para poderio. De um modo ou de outro, era preciso que o homem compreendesse que a ciência o hipnotizava com as suas máquinas, embotando-lhe os sentidos com o seu saber. Como éramos cegos! Como o tempo e o espaço nos enganavam a visão! Eu observava alí levantar-se uma porta de aço e sair um aeroplano, ao passo que na realidade tombavam as paredes de uma catedral e morriam crianças.

Este vôo de altitude em Willow Run me ensinou que ao adorar a ciência o homem adquire poder, mas perde a substância da vida.

...o homem moderno precisa não só da ciência...

Pacífico Sul, 1944

«Você ouviu tudo que eu disse?» A voz nos meus fones revelava ansiedade. Os nossos quatro caças P-38 se dirigiam das ilhas japonesas de Palau para o sul. Olhei outra vez para as asas, a fuselagem lateral e a cauda—nenhum furo. Era possivel que não me tivessem atingido—que eu pudesse voltar com segurança, sobre 700 milhas de oceano, para o nosso campo de pouso em Biak, ao largo da costa de Nova Guiné?

O Pacífico, liso e sarapintado pelo sol, espreguiçava-se para todos os horizontes. A beleza e a solidão, e a angústia fraternal da pergunta, tornaram a realidade mais estranha que qualquer pesadelo. É crivel que, menos de dez minutos antes, o ar estivesse coriscado de balas traçantes e de aviões que rodopiavam em combate?

Nosso ataque fora bem sucedido. Ajustando cuidadosamente os controles dos motores, obtivemos uma economia de combustivel que aumentou de 500 milhas o alcance normal dos nossos P-38. Atacando a quatro mil e quinhentos metros apanhamos os japoneses de surpresa, pois Palau era considerada fora do alcance dos caças com base em terra. Mergulhando, cruzamos a ilha principal quase ao nivel das árvores e, para o lado da costa leste, estraçalhamos com o nosso fogo o convés de um navio de patrulha. Cruzando ligeiramente para o sul, em direção a um aeródromo importante, abatemos três aviões inimigos. Então, diminuidas as nossas reservas de combustivel, encaminhamo-nos para o oceano aberto. Ao mesmo tempo um Zero mergulhou de uma nuvem para atacar um avião ao lado do meu.

Volto-me para defendê-lo, cinco segundos antes do momento exato. Devia ter subido e feito um círculo mais amplo. Vendo um alvo melhor, o piloto japonês volta para trás e, fazendo meio *tonneau*, me persegue de cauda. Não adianta entrar num duelo com um Zero. Meto as manetes em potência de guerra e me inclino para a outra unidade da nossa esquadrilha. Tenho velocidade e amigos, mas ambos estão a segundos de distância, —separados por centenas de balas. Vejo os cilindros do motor do Zero, percebo as metralhadoras que se levantam para a pontaria. Está tão próximo que não há-de errar o tiro. Ponho os cotovelos para dentro da blindagem e me escoro

para o embate das balas—para o rasgo do revestimento das asas—para a pira que será o tanque de gasolina—para os solavancos de um motor que se desprende. Os segundos se congelam; o tempo é eterno. À semelhança dos cometas, o avião veloz parece imovel no espaço. O lar—a morte—prisão oriental—tudo vejo na luz deslumbrante de um momento terrivel e interminavel.

Por que não me atingem as balas? Não ouço nenhum impacto, nem o estalo de vidro a estilhaçar-se. As caudas gêmeas de outro P-38 lampejam ao lado, numa inclinação quase vertical. Um Zero sobe empinado para a nuvem mais próxima. Um segundo P-38 cruza para o meu lado. Balas traçantes chispeiam de um terceiro, atiradas em deriva máxima. Logo, um rastro de fumaça negra se desprende do Zero, que desaparece na atmosfera encoberta. Atrás de mim, o ar está vazio. Só quatro P-38 voam nas proximidades. A terra se descongela. O tempo e o espaço assumem as suas antigas dimensões.

Durante cinco minutos voáramos para leste, afim de despistar o inimigo, e então rumáramos para o sul. Fizemos uma vistoria, e não encontramos avaria alguma.

Quando descí daquele vôo de altitude em Willow Run, no ano anterior, perguntei-me que ganharia o homem com a sua escravidão à ciência moderna. Aquí, na minha 36ª missão de combate, experimentara outra vez a resposta. O homem ganharia a simples sobrevivência material para si; ganharia a existência da pátria. Por que temos de buscar sempre mais velocidade e mais poder? Aí estava a resposta. Foram as últimas poucas milhas adicionais de velocidade, traduzidas em graus de pontaria e centímetros de erro, que desviaram do meu avião as balas inimigas. Foram as últimas poucas centenas de cavalos de força, traduzidas em segundos, que me trouxeram a tempo três aviões P-38.

Essas vantagens, nós as havíamos adquirido através de anos de esforços científicos e dedicação à máquina. Foi por isso que pudemos, os quatro, atacar Palau, contra uma força calculada em 200 caças inimigos. Era por isso que as forças norte-americanas estavam ganhando no Pacífico ao mesmo tempo que levavam a cabo na Europa a sua guerra principal.

O Pacífico Sul me ensinou que, sem uma ciência altamente desenvolvida, o homem moderno carece de poder para sobreviver.

...como tambem da religião

Alemanha, 1945

Eu estava apertado entre o pneu de um *jeep* da Marinha e a janela de um avião de transporte do Exército, numa missão destinada a inspecionar os aviões a jacto e de foguete do inimigo. Aproximávamo-nos de Munique. Estávamos no mês de maio de 1945. Já se haviam rendidos os últimos elementos dos exércitos de Hitler.

Chegando perto, vimos as feições da morte—ruas em ruinas, prédios desmoronados, paredes fendidas. *Isto* fora uma cidade habitada pelo homem! Rua após rua cobertas de resíduos de fábricas, escritórios e casas—telhados abertos e soalhos afundados, enegrecidos pelo fogo, desertados pela vida. E essa era uma só das cidades bombardeadas da Europa; havia dezenas delas. Aquí, nestas ruinas, conhecia-se a verdadeira significação da guerra moderna. Via-se mais alem da guerra, enxergavam-se a insegurança do homem, a tentação da ciência, os valores divinos.

Em baixo, na face da terra, entre montículos de tijolos quebrados e reboco, o céu visivel através dos telhados fendidos, velhas e crianças esgaravatavam o lixo do exército em busca de alimento. Compreendí que uma civilização havia ruido, uma civilização que era, fundamentalmente, a nossa. Como se havia tornado fragil a civilização, perscrutada através da lente da ciência moderna; quão vulneravel à pontaria do avião de bombardeio! Uma formação de aviões sobrevoa alto; aperta-se um botão; tombam pelo ar umas manchas pretas; na terra uma ponta de alfinete estoura, e a civilização se transforma em destroços, fumaça e chamas.

Aumentava a apreensão que eu sentia pelo futuro. Se isso aconteceu na Europa, por que não poderia acontecer na América tambem? Em outra geração, não poderia o mesmo suceder a Nova York, Detroit e Chicago? De que dom dispomos para salvar-nos, que tivesse faltado à Alemanha?

Tambem os alemães eram um povo instruido. Poucas nações contribuiram mais para a nossa civilização no passado—nas artes, na religião, na filosofia, na ciência—mormente na ciência, nos tempos modernos. Haviam idolatrado a ciência. A ela tinham sacrificado a vida—sem embargo, não conquistaram o poder de sobreviver. Talvez estivesse aí a chave da minha pergunta. Talvez a sobrevivência, em última análise, dependesse tanto da qualidade da vida como do poder das armas—de um equilíbrio perpétuo entre as forças espirituais e as materiais. Os alemães haviam perdido esse equilíbrio. A tentação do poder científico dominava-os. Com a ciência, acreditavam, poderiam ser super-homens; poderiam governar a terra. Haviam volvido as costas aos valores humanos mais profundos de sua herança cultural. Na sua busca de poder materialista, elevaram a ciência à categoria de divindade, e a ciência os destruiu.

Existia nessas cidades alemãs uma advertência que todos devemos escutar? Existia algo inerente à adoração da ciência, que trouxesse em si a destruição, como eu suspeitara em Willow Run? O poder da sobrevivência da ciência seria apenas temporário, capaz de ganhar batalhas mas não de salvar o homem? Na verdade, a civilização moderna não podia existir sem a ciência, como descobrí no Pacífico Sul. Mas tambem a ciência, por si só, carecia do critério necessário para sobreviver.

Na Alemanha aprendí que, se houver de continuar esta civilização, o homem moderno terá de dirigir o poder material da sua ciência pelas verdades espirituais do seu Deus.

Estamos em 1948. Terminou a Segunda Guerra Mundial. Nossos soldados foram vitoriosos em todas as frentes de batalha. Mas eliminamos a ameaça da Alemanha nazista para descobrir a ameaça ainda maior da Rússia soviética, atrás de cuja Cortina de Ferro o derrame de sangue e a opressão sobem a niveis jamais igualados.

Os povos europeus são agora fracos demais para protegerem mesmo as suas próprias fronteiras. Os Estados Unidos são o único país ocidental que conserva grande poderio. O destino da civilização ocidental repousa agora sobre os seus ombros.

«Quem com ferro fere, com ferro será ferido.» Afim de derrotarmos os nossos inimigos ideamos armas que ameaçam tudo quanto resta da civilização e a própria existência da humanidade. No decurso da próxima década, será tecnicamente possivel reunir armas capazes de destruir todas as cidades do mundo dentro de horas após o irrompimento de uma guerra. Temos produzido novos gases letais, novos métodos de disseminação de doenças, novos modos de matar com a radioatividade. Bombas atômicas poderão ser escondidas por sabotadores inimigos. Projeteis-foguetes, lançados de um país estrangeiro, poderão alcançar o nosso país com tal rapidez que nem teríamos tempo para evacuar as nossas cidades, e ainda não descobrimos maneira eficiente de detê-los na trajetória. Existem indicações alarmantes de que o possuidor de conhecimentos científicos poderá destruir a vida em grandes áreas da terra.

A devastação que poderia ser causada por uma guerra na Era Atômica é de tal forma apavorante que nem podemos imaginá-la. A visão assoberba a nossa mente. Mas se continuarem as tendências atuais, a eclosão de tal guerra é simplesmente uma questão de tempo.

Suponhamos que se passaram alguns anos e que estamos em pé de guerra, como estava a Europa em 1939. Nosso radar devassa os céus setentrionais. Sabemos que adiante do Polo Norte jazem centenas de foguetes atômicos, apontados para cidades norte-americanas. Em nossas bases militares, outros tantos estão prontos para o contra-ataque. Não sabemos quantas das nossas cidades contêm bombas escondidas pelos sabotadores inimigos, nem que doenças mortíferas para as plantas, os animais e os seres humanos poderão ser espalhadas entre nós. De dia a dia, de hora a hora, nós, nossas famílias, nossa civilização, existimos à mercê do capricho de um ditador, dependendo nossa vida de que um fanático não resolva apertar com o dedo uma chave elétrica.

É um conceito intoleravel, mas é um retrato do futuro para o qual nos encaminhamos atualmente. Tudo isso é tecnicamente possivel, com as bombas já experimentadas, com a guerra biológica que já sabemos empreender e com foguetes que logo poderemos fabricar.

Podemos desviar essas tendências? Seremos bem sucedidos naquilo em que fracassaram os homens que nos antecederam?

Desde que os Estados Unidos saíram da guerra como a maior potência do globo, e desde que só nós possuimos bombas atômicas atualmente, muita gente argumenta que devemos agir como líderes, juiz e polícia, e usar força, se necessário for, para organizarnos em prol da paz e manter desarmado o mundo. Entretanto, mais cedo (como no caso da Alemanha moderna) ou mais tarde (como no caso da Roma antiga), a catástrofe virá às nações que se fundamentam excessivamente na força. Se tentarmos governar apenas pela força, criaremos em outros homens a vontade de nos destruir; provocaremos o ódio e o fanatismo, que só esperam a oportunidade de agredir-nos com as mesmas armas com as quais governamos.

Reconhecendo o perigo existente no uso excessivo da força, outras pessoas preconizam que se estabeleça um governo mundial em que todas as nações estejam igualmente representadas. Mas o fracasso da Sociedade das Nações e as dificuldades encontradas pelas Nações Unidas demonstram que o governo pelo voto tambem tem as suas limitações.

Que queremos dizer com «representação igual»? Certamente não podemos conceder um voto a Costa Rica e outro aos Estados Unidos, pois este último país tem 300 vezes a população daquele. Entretanto, se distribuirmos os votos conforme o número de habitantes de um país, a liderança passará para as grandes massas da Ásia. Se a representação for baseada na absoluta igualdade do homem, o Japão, a China, a Índia terão quase quatro vezes a influência dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da França. A força em votos e a força militar ficariam desarticuladas entre si, com o inevitavel resultado de uma revolução ou de uma guerra.

É evidente que a resposta não se encontrará nem no governo baseado exclusivamente na força, nem no governo fundamentado somente na igualdade. A nossa liderança, para ser bem sucedida, precisará conter elementos de força; terá de conter elementos de igualdade; mas tambem precisará de elementos que ultrapassem o materialismo da força e da igualdade. Devemos esforçar-nos por conseguir uma civilização tão satisfatória para o homem, que a sua força possa ficar sem uso, de reserva, e a questão da igualdade se torne semelhante à relação existente, por exemplo, entre a cabeça e a mão.

Se formos bem sucedidos, será menos por havermos imposto o nosso sistema de democracia aos outros, do que pelo exemplo que os outros possam seguir; menos pelo uso das armas do que pela proscrição das mesmas; menos por atentarmos para o argueiro que está no olho de nosso irmão do que por removermos a trave dos nossos próprios olhos.

A melhoria do nosso modo de vida é mais importante do que a divulgação do mesmo. Se o tornarmos satisfatório, há-de difundir-se automaticamente. Se não fizermos assim, por nenhuma força de armas poderemos impô-lo permanentemente.

A QUALIDADE da civilização depende de um equilíbrio do corpo, do intelecto e do espírito do povo, medidos por uma escala menos humana que divina. A nossa civilização ocidental representa um equilíbrio alcançado pelos nossos antepassados através de milhares de anos de luta. Somos a prole de casamentos influenciados pela cultura da Grécia, guiados pelos sermões de Cristo, inspirados pelo sacrifício dos mártires, instruidos pelo saber ocidental, protegidos pelas armas ocidentais. Mude-se um só desses elementos, e seremos um povo diferente, em corpo, mente e espírito.

A ciência nos ameaça o equilíbrio, dando tamanho realce à mente e desprezando o espírito e o corpo. As suas bombas são apenas uma manifestação, em tempo de guerra, do materialismo com o qual ela ataca toda a vida. Estamo-nos tornando escravos das suas máquinas de guerra, das suas minas, das suas fábricas, dos seus escritórios e balancetes, da sua burocracia e regulamentos. Vivendo em apartamentos alugados, apinhando-se nas estradas e nos trens subterrâneos, marcando cartões nos relógios de ponto, sentando-se barrigudo à mesa do trabalho, enchendo a cabeça dos filhos com conhecimentos técnicos, o homem moderno sacrifica a saude do corpo e a liberdade do espírito ao ídolo científico do seu tempo. Para o seu altar de sacrifício vão o cheiro da terra, a sensação do vento e do clima, a visão de campos e rios, o calor da amizade, a compreensão das crianças, mesmo a contemplação de Deus; tudo isso é trocado por uma existência metálica, intelectual.

Volvendo as costas às dádivas da natureza com que nasceu, substituindo o capim pelo concreto e o sol pela luz artificial, tornando-se o super-homem da terra, o homem científico perde o contacto com a vida e as verdades essenciais à sua própria sobrevivência. Desprezando o corpo, entronizando o intelecto sobre o espírito, intrometendo-se com poderes sobrehumanos, pretendendo competir com Deus—as ruinas da Europa e o novo espectro do foguete atômico forçam-no a reconhecer sua própria fragilidade.

Devemos agora marcar a fogo em nossa consciência o fato de que, se a ciência não for regulada por uma força moral mais poderosa, será ela o Anticristo profetizado pelos primitivos cristãos. Se queremos evitar que ela destrua o que resta da nossa civilização, teremos de controlá-la por uma filosofia fundamentada no carater do homem e nutrida pelas verdades eternas de Deus.

COMO PODE tal filosofia ser criada e traduzida em ação? Que efeito pode ter um único indivíduo nestes tempos cataclísmicos—um homem, uma mulher entre centenas de milhões, aparentemente tão desamparados como uma andorinha num furacão?

A resposta se encontra naquela realidade de que só o homem, dentre todas as criaturas da terra, é dotado. Em cada homem existe a centelha capaz de atiçar novos lumes de progresso humano, acender nova luz para o espírito. Essa brasa pode jazer abafada através de séculos de escuridão ou pode ser avivada em chama pelos ventos de uma crise, varrendo a terra, dando alento a outros com a sua luz e calor. Quando suficientes fogos estiverem acesos, criarão uma nova alvorada de compreensão espiritual; forma-se então a chama de um grande povo.

É do homem, do indivíduo, e não dos governos nem das igrejas, que devem partir essas centelhas. Se acreditarmos, de fato, nos valores que se sobrepõem a todas as coisas, tudo quanto for material deverá, mais cedo ou mais tarde, adaptar-se aos ditos valores—nossos costumes, nossos matrimônios, nossas leis, nossos métodos de pensar e viver, nossas relações com outrem.

Precisamos deixar de medir o nosso padrão de vida por automoveis, campanhas de produção e dólares de renda. Nenhum padrão de vida é elevado quando o trabalho se torna aborrecido e as horas ficam tediosas, quando os jovens se vêem impedidos, economicamente, de constituir família, quando as crianças são separadas da terra e do céu por tijolos.

Temos que encontrar modos de disseminar a posse de casas e terras. Precisamos considerar a descentralização da indústria segundo o carater humano e a satisfação de viver, ao invés de pensar em custo e unidades de produção. Se a eficiência da indústria é essencial ao nosso bem-estar e à nossa sobrevivência na atualidade, a vida do trabalhador é ainda mais importante para o nosso bem-estar e sobrevivência no futuro.

Temos que medir a nossa educação menos pelos conhecimentos que transmite às mentes jovens do que pela sabedoria que lhes dá para a vida. O acúmulo de saber é de valor negativo quando coloca o comércio acima da família na escala de interesses humanos, e leva a mulher a considerar uma carreira mais importante do que o lar; quando nos instrui na magia que desencadeia as armas modernas sem nos ensinar os valores humanos para o seu controle.

FUI CRIADO como discípulo da ciência. Conheço o seu fascínio. Sentí o poder quase divino que o homem conquista com suas máquinas—a energia de mil cavalos-vapor na ponta dos dedos; a conquista da distância com velocidade crescente; o imortal ponto-de-vista das altitudes. Quando jovem, a ciência era, para mim, mais importante que o homem ou que Deus. Aquele, aceitava-o sem dúvidas ou interrogações; este era intangivel demais para a minha compreensão.

Mas cheguei a experimentar os primeiros resultados do materialismo científico. Vi os homens tornarem-se engrenagens nas fábricas que acreditavam enriquecer-lhes a vida. Observei a capitulação do orgulho da mão-de-obra fina, e o declínio do carater humano, enquanto aumentava a eficiência das linhas de produção. Vi os milagres da medicina, capazes de salvar vidas, pervertidos para servir os objetivos mortíferos da guerra biológica. Vi a ciência, que adorava, e o avião, que amava, destruir a civilização, ao invés de serví-la, como eu esperava.

Em minha memória a visão do meu avião-correio, rumando ao norte sobre nuvens prateadas pela lua, se confunde com os coriscos de balas traçantes que eu disparava do meu caça, com os cometas flamantes de aviões de guerra e com bombas que caíam irreparavelmente pelo espaço levando consigo a destruição.

Por que, perguntei-me, gastar a vida concorrendo para o aperfeiçoamento da aviação, se os aviões serão empregados para arruinar as nações que os produzem? Por que trabalhar para o ídolo da ciência, quando este exige o sacrifício de cidades cheias de crianças, quando do homem faz autômatos e lhes cega a vista a Deus?

Compreendo agora que, enquanto Deus não possa ser visto tão tangivelmente como eu pretendia em menino, Sua presença pode ser sentida em todas as vistas, atos e incidentes. Compreendo agora que a verdade espiritual é mais essencial a uma nação do que o reboco das paredes. Quando os atos de um povo não são orientados por essa verdade, não tardarão a ruir as paredes, como ruiram em Berlim, Munique e Nuremberg.

Ainda temos a possibilidade, aqui nos Estados Unidos, de edificar uma civilização baseada no Homem, em que a importância de um empreendimento seja aquilatada menos pelo seu lucro financeiro do que pelo tipo de coletividade que crie; em que a medida do homem seja o seu próprio caráter, e não o seu poder nem a sua riqueza. Se tivermos vontade suficiente, ainda poderemos edificar uma civilização em que a primazia dependa do respeito e da confiança, em que o padrão de vida seja a própria qualidade da vida.

Mas o tempo é breve. Olhando a destruição já causada, o materialismo que grassa por todos os lados, o crescente azedume, a inquietação que aumenta no mundo, o tremendo poder das nossas últimas armas—um realista bem poderá concluir que muitos de nós, ora vivos, veremos o começo de uma guerra que terminará em uma nova era de trevas.

Não existe solução materialista, nem fórmula política, que possa, só por si, salvar-nos. O homem nunca foi capaz de encontrar a salvação nos termos exatos da política, da economia e da lógica. Desde a República de Platão às Nações Unidas de Roosevelt, os planos utópicos não trouxeram a solução, pois esta se encontra no controle da arma da ciência ocidental pela mente de uma filosofia ocidental norteada pelas verdades eternas de Deus. Encontra-se nas qualidades equilibradas do espírito, da mente e do corpo do povo. Sem esse controle, sem esse equilíbrio, as vitórias militares não nos darão paz perpétua, nem as leis nos trarão justiça duradoura, nem a ciência nos proporcionará progresso perene.

HOMENS CONTRA CHAMAS

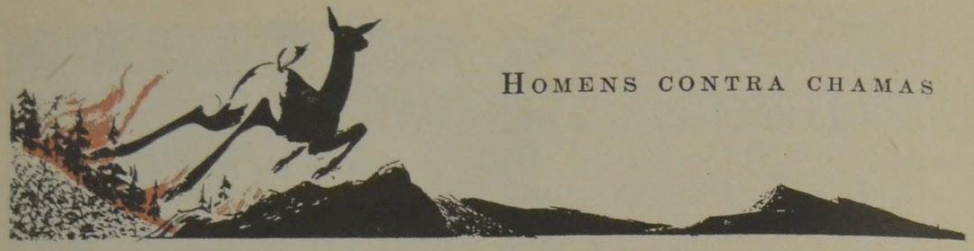
(Condensação de um episódio do romance «Fire»)

Por George R. Stewart

«Só mesmo um escritor que conhecesse a fundo, desde longa data, as nossas grandes florestas, os animais que nelas se abrigam, e os homens que as vigiam, poderia ter produzido uma obra das proporções de *Fire*,» escreveu John P. Marquand para a revista *Book-of-the-Month Club News*, editada em Nova York. «A fúria indomável das labaredas, o assombro daqueles que assistiram ao incêndio, e os trágicos resultados do mesmo, tudo aqui se encontra.»

Fire é uma narrativa de grande fôlego e de intenso poder dramático.

Copyright, 1948, de George R. Stewart.
Editora: Random House, Nova York. Preço: $3.00



Homens contra chamas

Após aquela longa estiagem da Califórnia, a floresta carregada de resina estava seca como palha, pronta a pegar fogo ao mais leve pretexto. Os guardas florestais não escondiam o nervosismo, e as suas brigadas de combate a incêndios já tinham corrido a extinguir um fogaréu ameaçador que a brasa do cigarro dum turista descuidado acendera. Apesar de toda a vigilância, porem, o foguinho ateado por uma faisca, lá no alto da serra, foi lavrando devagar, por entre as agulhas secas dos pinheiros, de tal modo que teria bastado uma criança para o extinguir sob a sola dos sapatos. O tênue véu de fumaça, disperso e esgarçado por entre as sombras dos barrancos e ravinas, passou despercebido aos vigias instalados nas suas torres de leve armação de aço.

Só quando um pinheiro Jeffrey tombou subitamente no canhão, como um grande cone esbraseado, rolando e deixando atrás de si um rasto de faulhas, é que a fumaça se ergueu por fim e se tornou visivel; os vigias deram o alarma; uma pequena brigada volante de combate a incêndios avançou para o lugar, afim de lançar um cordão preventivo de terra cavada de fresco, em volta do núcleo das chamas. Logo em seguida, como que intencionalmente, o vento malicioso mudou de rumo, e o fogo rompeu a amarra que o retinha.

O Serviço Florestal mobilizou incontinenti as suas reservas: paraquedistas pularam de um avião no seio da floresta; os megafones ecoaram nas cidades distantes, apelando para os homens desocupados que passeavam pelas ruas. De todos os enormes acampamentos improvisados nas redondezas, começaram então a afluir, pelos caminhos, os lenhadores e madeireiros, os vagabundos e os guardas florestais, todos eles armados de ferramentas e instrumentos de toda espécie, e de todas as formas de coragem e de perícia humana, para darem caça ao grande celerado—o Fogo!

O chefe do serviço de incêndios, ou comandante de campo dessas forças, era o guarda florestal Bartley, com 20 anos de experiência, conhecido de todos, na Floresta Nacional de Ponderosa, pelo diminutivo de «Bart». Era seu dever, a começo orientado pelo rádio, depois na própria frente de combate, entre a fumaça e sob um chuveiro de faulhas, prever os caprichos do fogo, e planejar as táticas que deviam circunscrevê-lo a umas dezenas ou mesmo centenas de hectares de superfície.

Ao transpor o ribeiro a vau, montado na sua égua, Bart lançou o olhar pela garganta da montanha acima, na direção em que, segundo sabia, já estavam lutando contra o incêndio as suas brigadas avançadas; mas uma saliência da montanha ainda lhe encobria a vista daquele lugar, e ele não pôde ver a fumaça. Com o vento que soprava, ela devia ser arrastada para o norte. Em seguida, a égua de jarretes firmes, habituada à serrania, alcançou a outra margem e começou a longa ascensão pelo trilho em ziguezague.

Quando, por fim, chegou a um ponto alto e descoberto, e avistou a fumaceira do incêndio, Bart sentiu-se tomado de profundo alívio: como tantas vezes acontece, o fogo realmente visto não era tão mau quanto o fogo imaginado. Não se estava em presença duma conflagração devastadora e raivosa. Falou para a égua, e o animal, no seu passo rápido, deixou o pequeno prado onde havia parado à voz do dono, e pôs-se a escalar o atalho que subia ao longo do canhão, diretamente para o centro do incêndio.

Chegado ao lugar onde dois enormes cedros cresciam juntos, Bart puxou as rédeas e pulou da égua abaixo. Nunca passava por aquele atalho que não se desviasse um pouco para ir contemplar aquele ponto seu preferido que ele chamava o «Recanto».

Límpido e frio como a neve, o pequeno regato ia caindo de rocha em rocha, em suaves cascatas, formando pequenas bacias em cada patamar. As rochas estavam sempre cobertas de espessa camada de musgo aveludado, que o tênue borrifo das cascatas mantinha perenemente verde e fresco. Em meio duma verdadeira alcatifa de azáleas erguiam-se em caneluras as colunas pardo-avermelhadas dos cedros, e lá bem no alto, por cima da cabeça, a abóbada das ramarias escuras deixava-se trespassar, aquí e alí, de longos feixes de luz solar. Mesmo nos dias de maior calor, o Recanto estava sempre agradavel.

Sem pensar, Bart tirou o chapéu e, pisando com cautela para não esmagar as azáleas, avançou até junto de um dos pequenos tanques naturais que a cascata escavara na rocha. Abaixou-se para beber, e viu pular, amedrontada, a pequena truta arco-iris.

Ergueu-se então, e ficou parado a olhar em volta. Respirou fundo. Do íntimo do peito subiram-lhe vagos, inexprimiveis anseios de beleza, e a difusa esperança de que todas as coisas silvestres pudessem continuar vivendo juntas na paz e no amor.

Nessa altura, a menos de 30 metros de distância, avistou uma gazela; de pé ao abrigo dum arbusto, o animal inclinava a cabecinha para espiá-lo com grave curiosidade. Ele enxergou-lhe a curva suave do pescoço, e os olhos grandes e líquidos, tímidos mas sem medo verdadeiro.

«Olá, camarada,» disse ele a meia-voz, porque já a avistara alí mesmo várias vezes, e a considerava quase como sua amiga. Devia ter a cria escondida perto dalí.

Lançando a tudo aquilo uma derradeira mirada, Bart pôs-se de novo e cautelosamente a caminho, através das flores, para não pisá-las. Aquele recanto continuava sendo um refúgio de tranquilidade para o homem que o amasse. A truta era pequena demais para tentar os pescadores; e nenhum madeireiro podia permitir-se o luxo de mandar uma partida de serradores por aquela estreita ravina, só para abater um par de cedros... A gazela podia ficar alí a envelhecer até morrer em paz, e os seus filhotes continuariam, depois dela, a errar timidamente entre a vegetação do barranco. Da base das falésias de rocha, as nascentes nunca cessariam de borbulhar água fria como neve, através dos séculos.

Assim, de caminho, ia pensando o guarda florestal, e ainda não teria andado um minuto quando, sentindo renascer a confiança, voltou ao trilho, pulou na sela, e prosseguiu sua marcha.

Quando Bart chegou perto do incêndio, a situação parecia suficientemente dominada. Alguns dos seus homens andavam lá para dentro, pelo mato, espiando algum foco isolado de incêndio, enquanto outros patrulhavam a linha de fogo. Madeireiros e serradores andavam na tarefa de abater as grandes árvores mortas, que se encontram aquí e alem em qualquer floresta virgem. À parte a previsão de ventos mais fortes, que se anunciavam, estes troncos ressequidos eram tudo quanto por agora preocupava Bart, mormente os que ainda ardiam de pé.

Encaminhou-se rapidamente para o ponto onde trabalhava uma turma de homens derrubando árvores, e perguntou:

—Que acham? Vocês não quererão tentar abater aqueles archotes?

—Sempre se pode experimentar! respondeu um deles.

Deram balanço aos prós e contras da situação, usando liberalmente de linguagem rude, e depois meteram ombros à obra com o ar indiferente de quem arrisca a vida e tem nisso algum prazer. (Afinal de contas, quem prefere morrer na cama, não vai pedir trabalho como abatedor de árvores...)

Enquanto dois deles metiam a serra numa árvore, o terceiro recuou, para ver melhor o topo daquele grande archote flamejante. Ainda bem os serradores não tinham terminado o primeiro talho, quando ele deu um berro que os fez fugir: um grande pedaço da casca da árvore, de uns 10 metros de comprimento e 8 centímetros de espessura, despegara-se do tronco, e vinha disparado lá de cima, como um dardo incendiado. Os homens escapuliram por entre o arvoredo, e a lasca foi cair exatamente onde eles tinham estado momentos antes, com uma violência que teria aniquilado qualquer pessoa.

Os homens espancaram as brasas, dispersando-as, e voltaram ao trabalho.

Foi então que, numa grande rajada, chegou o vento que há tanto receavam: dos centros de alta pressão atmosférica, longe dalí, uma gigantesca vaga de ar golfou e irrompeu ao largo das faldas da montanha. Os cimos das árvores vergaram, inclinando-se como capim; as labaredas que devoravam as ramarias mais altas, e que até então subiam verticalmente, passaram à posição horizontal, e pareciam bandeiras a drapejar batidas pela ventania. A veloz passagem do vento arrebatou pedaços de casca e de madeira morta, incendiada.

Alguns desses fragmentos arrefeceram ao cair, outros tombaram esbraseados dentro da linha do incêndio, mas outros foram, rodopiando, espalhar-se em chamas para alem da linha. As labaredas correram durante um segundo à superfície da caruma seca, e logo flamejaram e subiram nos arbustos. Trabalhando à doida, os homens gritavam por ajuda, mas ninguem acudiu—havia mais focos de incêndio, agora, do que combatentes.

E de repente foi o desastre em toda a sua nudez brutal: vinte focos de incêndio, correndo velozmente através dos detritos e da vegetação rasteira esbraseada, a fumaça invadindo tudo.

Bart, correndo ao longo da linha desde o ponto onde, colhendo-o de surpresa, se produzira a deflagração, viu que a partida estava perdida, e bradou: «Saiam daí!»

Alguns deles o ouviram, e um rapaz irrompeu do mato, pálido, dando palmadas na manga da camisa, onde uma faulha se pegara. Mas outros homens ainda ficavam lá para diante. Bart respirou fundo, e avançou de cabeça baixa, direito ao mato. Se aqueles homens corriam perigo de vida no posto para onde ele os mandara, a sua obrigação era agora arrancá-los cá para fora, pois do contrário ele não era homem para sair dalí com vida e vontade de narrar o episódio.

Penetrando 15 metros no mato, deu com um rapaz que lutava com tal fúria para extinguir as chamas duma sarça incendiada, que não o ouviu, nem mesmo quando o chefe lhe berrou nos ouvidos. Foi preciso agarrá-lo pelo braço e dar-lhe um safanão:

—Cai fora!

—Por que é que ninguem vem ajudar? gritou o outro. —Podíamos abafar isto aquí mesmo!

—Dá o fora antes que o fogo te queime os fundilhos!

De repente o rapaz olhou em volta, empalideceu e fugiu.

Bart continuou avançando e dando brados. Muito mais adiante, por entre a fumaça que subia, enxergou alguem que descia a encosta em grandes saltos, como um gamo. Deu com cinco homens alí—e depois, num abrir e fechar de olhos, estavam rodeados de labaredas!

Seguido daqueles cinco auxiliares, partiu encosta abaixo, obliquando para afastar-se do fogo—mas o incêndio rebentava já à dianteira deles. A fumaça rolava rente ao solo, impelida pelo vento. Os homens tossiam e sufocavam-se, com os olhos a arder e chorando. O ar estava tão quente como à boca duma fornalha.

Bart ouviu um dos rapazes gritar, cheio de pavor:

—Vamos morrer assados aquí! Eu vou mas é dar o fora!

O chefe virou-se e assentou-lhe uma bofetada em cheio, exclamando:

—Cale a boca! Há 20 anos que eu ando nestes bosques, e tenho tanta vontade de morrer quanto você. Fique aquí comigo!

Continuaram avançando por mais alguns momentos, e o rapaz atrás dele fungava. A fumaça ocultou o sol e escondeu todos os marcos da floresta; para se guiar, Bart tinha apenas o declive da encosta. Asfixiados, eram coagidos a agachar-se e pôr a boca quase rente ao chão, para poderem aspirar um pouco de ar puro; a corrida transformou-se em breve numa retirada penosa.

Talvez este moço tivesse razão, pensava Bart com os seus botões. Talvez eu não quisesse correr para salvar a pele, porque estou velho e tenho uma pança dificil de carregar... Eu devia mas era tê-los deixado fugir. Mas um homem, quando corre, pode ficar embaraçado na vegetação, ou cair e partir uma perna; ou dar consigo de repente no meio do incêndio—porque, com um vento destes, o fogo é capaz de dar uma volta e pegar-nos de emboscada.

Mesmo nessa altura, logo adiante, eles puderam avistar, através da fumarada, o fulgor dos ramos esbraseados, rubros, duma sarça que ardia! Um dos rapazes soltou um debil gemido de animal que se vê pegado na armadilha. Mas Bart já não tinha receio de que o pânico se apoderasse dos seus homens: as coisas iam decidir-se logo, talvez agora mesmo... Continuou a guiá-los através da fumaça espessa, a caminho das ramarias em chamas que entrevia pela frente.

Era somente um núcleo de incêndio, provavelmente coisa de pouca monta, mas assim mesmo havia de servir. Chegados ao pé do braseiro, Bart notou que o maciço ardia escassamente na periferia do lado de onde eles vinham; encheu de ar, o mais que pôde, os pulmões, e atirou-se para diante de cabeça baixa, através do braseiro, seguido pelos subordinados. Do lado oposto, foi-lhes preciso apagar com palmadas as chamas que lhes haviam pegado as roupas em vários pontos; os sapatos escaldavam-lhes os pés; mas achavam-se agora em uma ilhota de terreno onde tudo estava já reduzido a cinzas. Tossindo, arquejando, meio cegos, deitaram-se no chão, que escaldava, e esforçaram-se por inalar um pouco de ar mais puro que varria o solo, por baixo da fumaça.

Ficaram os seis bem junto uns dos outros; a dada altura um deles descontrolou-se, e foi preciso dominá-lo à força para que não se levantasse nem largasse a fugir. Dois deles traziam as pás consigo, e começaram a remover as folhas secas e calhaus da superfície, pondo assim a descoberto a terra um pouco mais fresca que se encontrava por baixo. De vez em quando um dos homens desatava a dar palmadas na camisa ou nas calças, onde uma faulha viera atear fogo. O rapaz histérico soltava um guincho.

Até aí, nem tudo ia mal. A casca das árvores em volta deles fumegava; se começasse a queimar, aquele lugar podia tornar-se tão quente, que nenhum homem seria capaz de aguentá-lo. Alguem começou em voz baixa: «Padre Nosso que estais nos céus... » e depois outro murmurou: «Ave Maria, cheia de graça... »

Não tardaria muito, alguns minutos, que eles soubessem qual a sorte que os esperava. Até aí, nem tudo ia mal!

DESDE QUE o incêndio fugira ao cerco, as chamas haviam já corrido 800 metros pela encosta a fora e arremessado ainda mais longe pequenos núcleos isolados de fogo. Não era ainda uma muralha contínua de chamas, mas aquela coluna de destruição ia lançando aquí e alí seus tentáculos ardentes e ateando o fogo a ilhotas de arvoredo, que queimavam furiosamente nas bordas.

A primeira rajada de vento arrastara o fogo rente à terra, impelindo adiante dele um hálito ardente que parecia rastejar. Mas quando a grande rajada se extinguiu, a massa de ar superaquecido deixou de rolar no chão e subiu na vertical. Uma pequena árvore flamejou, e em seguida um pinheiro de 60 metros transformou-se, com um silvo estridente, em coluna de chamas que subiu no ar a mais de 30 metros. Durante meio minuto o silvo foi baixando, tornando-se grave, até se transformar em rugido, e os ramos incendiados eram lançados em todos os sentidos como sob a ação de um ciclone. Depois, à medida que a árvore se consumiu em chamas, o rugido abateu, e calou-se.

Mas o calor excessivo afetou a árvore vizinha, que tambem se envolveu em chamas, ardeu de alto a baixo como um archote, e transmitiu o fogo às ramarias entrelaçadas de outras duas árvores, mais adiante.

E agora, com uma espécie de vagarosa majestade, a «coroa» de fogo avançava pela serra a fora, saltando em cima, de topo em topo. Contra esse calor sufocante, que o vento continuava impelindo para a frente, todos os esforços daqueles homens não teriam passado, por agora, de um futil labutar de formigas atarantadas.

Alí deitado, rente à terra, Bart escutou aquele silvo prolongado e o bramido familiar, sinal de que o incêndio ardia agora na «coroa». Ergueu um pouco a cabeça entre a fumaça, tentando localizar a proveniência daquele som. Porque, para eles, era uma questão de vida ou de morte saber se o fogo se estava propagando em coroa para o lado de onde soprava o vento, caso em que viria polvilhá-los um chuveiro de brasas e ramarias ardentes, ou se se ateava mais para baixo, ao longo das faldas da serrrania. O chefe ficou à escuta, e chegou à quase certeza de que era pela serra abaixo que o fogo se alastrava; no mesmo instante, uma lufada de ar puro e mais fresco, isento de fumaça, rolou junto à terra e bafejou-lhe a face. Compreendeu a situação de relance.

«Sintam este ar, rapazes!» quis gritar, mas o que lhe saiu da garganta, na sufocação da fumaça que o envolvia, não foi uma voz humana, foi um grasnido lamentavel.

Tambem os companheiros tinham

sentido a baforada de ar fresco; e quando uma segunda vaga rolou junto da terra, dois deles olharam o chefe com uma interrogação e, vendo a expressão que o animava, abriram a boca num sorriso de contentamento.

Haviam-se encontrado por instantes na iminência de morrerem assados ou asfixiados, enquanto em volta da sua ilhota de refúgio a floresta e o mato se consumiam em brasas. E o instante seguinte veio encontrá-los sentados, recebendo nas faces e nas bocas abertas aquela lufada de ar novo e relativamente fresco. Até o rapaz que ficara histérico calou repentinamente a sua lamúria.

Bart se pôs de pé e tomou as alturas: o incêndio propagara-se pelos topos das árvores na extensão de quilômetro e meio ao longo das encostas. Erguia do mesmo passo uma monstruosa coluna de fumaça, que se tornava negrusca devido à grande quantidade de agulhas e cascas de pinheiro queimadas que subiam e torvelinhavam de mistura com ela no ar superaquecido. À medida que cada árvore se ia incendiando, Bart avistava aquela chama que se erguia num grande jacto, estalando raivosamente, e parecia-lhe só que um pedaço da sua própria carne se despegava e subia no ar com ela...

De súbito ele deixara de ser um homem que procurava salvar a própria vida, ou mesmo um chefe que se esforçava para salvar os seus subordinados: era somente um técnico de combate ao incêndio, em frente daquele fogo que escapara ao seu controle e ia agora se alastrando pela floresta. A sua floresta estava ardendo, e ele podia na verdade ouvir as suas preciosas árvores pegar fogo e queimar uma após outra. Alem disso, ele era alí o homem indispensavel, o cabeça, e enquanto não voltasse a assumir a direção das operações, nada se podia fazer —ou só se fariam coisas erradas.

—Eu vou sair daquí! disse ele. —Vocês podem vir comigo, ou ficar aquí, mas já não há mais perigo.

Debaixo das solas dos sapatos o chão ainda queimava, e Bart pôs-se a correr. Todos os homens o seguiram, exatamente como ele previra.

Após o anoitecer, o Vale do Sacramento arrefeceu, e embora o vento ainda soprasse pela encosta da serra abaixo, já não parecia uma torrente enfurecida, mas um rio de águas suaves e velozes. Com a queda progressiva da ventania, as chamas que brotavam do cimo das árvores incendiadas tinham passado a erguer-se mais acentuadamente na vertical, e não tardou que uma árvore ardesse sem pegar fogo à sua vizinha mais próxima, logo adiante. O incêndio deixava, pois, de seguir pela «coroa». No entanto, continuava avançando firmemente através dos detritos e da vegetação rasteira, disparando em labaredas mais altas e vorazes a cada maciço de árvores novas que encontrava, e aquí e alí ainda se erguia crepitando e rugindo até ao cimo de uma grande conífera. Ardia agora em uma frente contínua de mais de 1.500 metros, e toda aquela superfície, de mais de cinco

quilômetros quadrados, ainda irradiava o calor intenso da combustão de troncos e árvores mortas, semelhante ao bafo ardente de mil fornalhas juntas.

O pior dessa noite deu-se no vasto campo de *manzanita*, arbusto que revestia a maior parte do Reverse Flat, onde duas brigadas distintas—veteranos de larga experiência, rapazes encarregados de tratar as árvores doentes, alguns serradores e madeireiros—formavam duas linhas que corriam em direção uma da outra, e que eles esperavam poder reunir a tempo de deter o avanço do incêndio.

A teoria do combate ao incêndio florestal é muito simples: uma vez que não há maneira de extinguir o braseiro, o que se procura fazer é confiná-lo dentro de uma «linha de fogo», e deixá-lo que se apague por si. Ordinariamente, uma linha de fogo mede de 30 a 60 cm de largura. É preciso varrer dela todos os detritos da floresta para que, ao chegar junto dela, o incêndio que rasteja sobre o terreno pereça por falta de combustivel. Acima do solo, devem-se desbastar e abater todas as ramarias pendentes, próximas dessa clareira artificial. Deixam-se em paz as ramadas mais altas das árvores maduras, na esperança de que elas não peguem fogo e não façam «coroa». Como o calor do incêndio, a não ser que seja impelido por forte ventania, sobe sempre com vigor na vertical, a massa de fogo que uma estreita faixa de clareira é capaz de deter—com exceção do incêndio «em coroa»—é uma coisa quase incrivel.

O incêndio ia avançando tenazmente pelo matagal a fora, e fazendo de passagem uma verdadeira devastação. Com a folhagem grossa destilando o seu óleo, as chamas silvavam como baionetas aquecidas ao rubro branco.

Lugar dificil para se trabalhar, alem de perigoso. Os ramos das manzanitas dobravam-se a custo à medida que os homens os pisavam e empurravam para atravessar, e quando se tornavam a endireitar, com a violência de molas, as suas pontas quebradas se enterravam nas carnes como punhais. Havia pontos em que os homens mal podiam avançar através do mato, de tão emaranhado; tudo isso obrigava o chefe a pôr as considerações de segurança de seus homens acima de tudo mais.

A cada maciço mais espesso, os lenhadores se viam forçados a quebrar os gravetos e ramos menores com a lâmina do machado inclinada de lado; quando podiam alcançar as ramarias mais grossas, então serviam-se do gume. Tudo isso retardava o trabalho. O luar, pouco brilhante, não os ajudava muito. A madeira da manzanita era dura e tenaz; até o mais experiente dos lenhadores deixava uma pernada de manzanita esmigalhada e esfarrapada com o golpe certeiro do seu machado, afiado como uma navalha.

Logo atrás dos lenhadores com seus machados, vinham outros homens armados de pás e «McLeods»—ferramentas que têm de um lado uma enxada com 30 cm de largura e, do outro, um rastrilho de dentes largos,—arrancando e arredando do caminho a lixarada de cascas e folhas mortas,

até deixar a terra vermelha a descoberto. Uma linha de fogo estreita não dá resultado algum num matagal de manzanita, e por isso eles eram obrigados a clarear uma coxia de 2,50 m de largura. Era um trabalho dos demônios e ainda por cima com resultados imediatamente pouco apreciaveis.

Começaram a aproximar-se do núcleo principal do incêndio, e a sentir-lhe os incômodos efeitos. Seus rostos estavam enfarruscados de fumaça. Paravam agora com mais frequência para tossir ou piscar os olhos ardidos para espremer as lágrimas, e ver onde deviam desferir o golpe seguinte. Para aliviar a sufocação das gargantas, tomavam frequentes goladas dos cantís. De espaço a espaço, um deles dava uma rápida palmada no pescoço ou nas costas da mão, onde caira um pequeno fragmento ardente de folha de manzanita. Por duas vezes rebentaram pequenos focos de incêndio do lado oposto da clareira, mas os homens que avançavam penosamente, através do mato, os extinguiram antes que pudessem deflagrar.

O espaço ainda intacto que separava as duas turmas de lenhadores media agora uns 150 metros, apenas, e os homens de ambas as turmas podiam avistar-se já, frente a frente, no luar que empalidecia. Mas, para um dos lados, o incêndio não andava tão longe deles quanto a turma em frente.

«Escutem!» bradou de repente um dos homens.

Quando se calaram o estampido dos machados e o raspar das «McLeods», eles puderam ouvir o crepitar do fogo e o zumbido do vento; mas, sobrepondo-se a esses rumores, lá das bandas do norte, foi-lhes chegando aos ouvidos o estrépito detonante de um grande motor Diesel.

Ergueu-se uma breve aclamação: «Lá vem ele! Já não é sem tempo! Com certeza é um trator!»

E subitamente todos eles afrouxaram um pouco. Ficaram apoiados aos cabos das enxadas e das pás, limpando o rosto com os grandes lenços de côr. Um deles deu voz aos pensamentos que nenhum se atrevera até alí a expressar:

«Puxa! Foi uma sorte que essa máquina chegasse até aquí. A gente nunca seria capaz de dar conta do serviço a tempo.»

A partir de então, quase cessaram o trabalho. Sabiam que tinham os músculos exhaustos, que o fio dos machados já estava gasto, e que o trator de esteiras era capaz de rasgar aquele carreiro tão depressa, que alguns centímetros a mais ou a menos não fariam diferença alguma. O barulho do Diesel foi crescendo. Quando o maquinista chegou à linha de fogo já desbastada pelos homens, avançou ainda mais depressa. Com a possante lâmina ainda erguida, na frente, a máquina lá foi trambolhando e abrindo caminho.

«Cuidado! Aí vem ele!»

Com desprezo quase galhardo pela vida humana, a pesada lagarta de aço veio, inclinada, em direção aos homens, pela clareira abaixo... Todos se dispersaram para a esquerda e para a direita, procurando refúgio entre o mato denso.

A máquina tomou o lugar deles. Chegada ao termo da linha, parou com um solavanco. O rugir do motor amansou um pouco, como se o monstro—dizendo: «Deixa, que eu tomo conta desse negócio!»—se detivesse para dar balanço à situação. Os dois homens que iam montados na boléia começaram a manobrar as alavancas: vistos assim, até pareciam ser escravos do monstro...

Conforme eles manobravam as alavancas, a enorme lâmina de aço foi baixando progressivamente. O limpador apagou as luzes, que o raiar da aurora tornava agora desnecessárias. O maquinista de pé, manuseando os comandos, parecia enfrentar a terra que diante dele se desenrolava.

O motor voltou a rugir com força; uma das esteiras raspou a terra e derrapou, enquanto a máquina mudava um pouco de posição. Depois, sob o impulso tremendo dos seus 150 cavalos de força, rastejou vagarosamente para a frente, direita a um denso bosquete pela proa.

Quando a lâmina entrou a ceifar a massa de manzanita, o súbito estralejar dos ramos derrubados e quebrados cobriu por instantes a própria roncadeira do motor. O matagal, que tanto trabalho dera àqueles homens, não era capaz de fazer frente ao poder concentrado da máquina. Hastes, com 10 cm de grossura, eram arrancadas pela raiz ou decepadas; uma conífera de 12 metros de altura estremeceu ao choque da máquina, desequilibrou-se e tombou. O trator continuou avançando através da densa vegetação, à velocidade de marcha de um homem.

De longe em longe, porem, ele detinha-se. Talvez porque o mato se houvesse empilhado alí a demasiada altura, em frente da lâmina diagonalmente inclinada, e fosse preciso empurrá-lo para a banda; talvez porque, diante da resistência oposta por algum arbusto maior e mais profundamente enraizado, a potência da própria máquina se sentisse desafiada—e então as esteiras escorregavam por momentos, escarvando na terra... Mas sempre o monstro, recuando um pouco para dar um empurrão de avanço, desviando-se levemente do ângulo em que viera, caía com estampido sobre o obstáculo, e levava tudo de vencida.

Era já dia claro. O trator acabou de desbravar a linha de fogo, e estabeleceu contacto com a turma que vinha em direção oposta. Deu então meia volta e, fazendo estalar o terreno sob as esteiras, veio aos solavancos pelo mesmo caminho, para limpar a clareira assim aberta. Depois de ter passado a máquina, se não fosse a terra fresca a descoberto, e os detritos acumulados dum lado e do outro, a linha de fogo teria parecido mais uma estrada rústica, com o matagal intacto erguendo-se, à esquerda e à direita, acima da cabeça de um homem.

Em certo ponto o incêndio encontrava-se apenas a uns 6 metros de distância da clareira. Quando um arbusto se inflamava de repente, até parecia que o trator avançava através das chamas. O limpador deixava-se escorre-

gar e pender de um lado da máquina, procurando abrigo por trás do assento. O maquinista escondia o rosto atrás de um braço.

Era um perigo ficar junto daquela linha, onde quer que fosse. Do lado que não queimara, o matagal se desenrolava tão espesso e ameaçador que quem tentasse transpô-lo teria que subir muitas vezes ao cimo dos arbustos. Se o incêndio conseguisse vencer a linha, o perigo de ser pegado alí era quase certo.

A ocasião era agora—ou nunca! Avançando atrás do trator surgiu o patrão, empunhando um archote. Chegou-lhe um fósforo à ponta, e o archote incendiou-se com um clarão côr-de-rosa vivo. Ele espetou-a entre os raminhos de um galho morto, que jazia a 1,20 m de distância da linha. Quando os raminhos se incendiaram, ele puxou para fora o archote e continuou a caminhar, sempre aquem da linha, e pegando mais fogos. A palavra de ordem era combater o fogo com o próprio fogo.

Com o vento da maneira que estava, todas as pequenas chamas avançavam em direção à linha; mas, conquistando somente alguns decímetros, não tiveram ocasião de crescer e subir, e, quando chegaram a alcançar a linha desbastada, morreram. Mas do outro lado, rompendo caminho de revés, contra o vento, os fogos secundários ateados pelo archote avançavam lentamente. Mas sempre alastravam, e, sob o olhar vigilante de Bart, foram-se espalhando para os lados, até que, pouco a pouco, se fundiram em uma frente contínua de chamas. Então, à medida que o foco principal do incêndio se aproximava, os fogos secundários iam ficando envoltos na sucção de ar que aquele arrastava na sua direção, contra a brisa ligeira.

Súbito, os fogos secundários irromperam vivamente, e dirigiram-se para o centro do incêndio, crepitando através do mato. Encontraram-se os dois a curta distância da linha—demasiado curta, infelizmente! Bart temeu pelos resultados. Como acontece quando duas vagas embatem no mar, os fogos subiram e engalfinharam-se. Um maciço de vegetação consumiu-se bruscamente e desapareceu em labaredas branco-amareladas. Perto dalí, uma conífera de 20 metros de altura, cuja resina se vaporizou sob a ação do calor violentíssimo, explodiu em chamas, que se ergueram a mais de 30 metros. Ouviu-se um silvo formidavel, demorado, que mais parecia um rugido. Durante 20 segundos a majestosa árvore moribunda flamejou luz branca como um archote descomunal a gás, ardendo de alto a baixo. Ao arder, as pontas das ramarias horizontais fulguraram um instante, rubras, e em seguida o enorme abeto ficou reduzido apenas a uma silhueta de ramos negros contra o céu.

O chefe do combate ao incêndio tinha lutado contra muitos fogos na sua vida e sabia que estava diante dum caso dificil. Se um milagre viesse socorrê-lo, talvez fosse possivel deter o incêndio; mas parecia que o trator havia chegado alí tarde demais. Recuando e, ao mesmo tempo, cravando o

archote nos ramos secos dos arbustos, ia de ouvido à escuta para os gritos dos seus homens, postados mais atrás, que poderiam significar que o fogo conseguira transpor a linha de defesa.

Nisto, um rolo sinuoso de fumaça, vindo do alto, caiu diretamente em cima dele. Tossiu, fechou os olhos, sacudiu uma faulha. O seu último fogo secundário pegou admiravelmente, e o chefe bateu em retirada, para escapar ao calor insuportavel.

Foi então que, por trás dele, veio um demorado silvo.

O chefe deu uma viravolta e gritou: «Fujam, rapazes!» Arremessou o archote para o meio do mato e pôs-se em fuga.

Antes do meio-dia a linha desaparecera, e o incêndio, vitorioso daquele obstáculo, rolava para diante, em uma frente ininterrupta de mais de um quilômetro e meio.

DURANTE toda aquela noite, o lugarzinho preferido de Bart, o Recanto, permanecera tranquilo como um cantinho do campo onde não chegam ecos da batalha furiosa que em redor se desenrola. Lá bem no alto, a fumaça derivava por sobre os cimos dos cedros, é verdade, mas, perto do regato e das cascatas, o ar tinha ainda o frescor e a umidade de sempre. Como quase todas as noites, a gazela saltitava daquí para alí, mordiscando entre os arbustos, seguida de perto pelo filhote. De vez em quando erguia a cabecinha e olhava em redor, nervosamente, ao sentir num recesso da brisa a acridez da fumaça do incêndio. Com efeito o Recanto já se ia enchendo de uma população desacostumada! Havia mais coelhos rabeando entre o mato; um guaxinim atarefado atravessou o barranco a trote e penetrou na floresta do outro lado; uma doninha veio subindo ao longo da margem, em graciosos pulos ondulantes; voejavam em torno mais corujas do que era habitual.

Logo ao romper da aurora, o vento recrudesceu subitamente, e soprou o incêndio até perto daquele refúgio. Depois, mesmo diante dos olhos da gazela, um maciço de arbustos crepitou em chamas. A bichinha largou a correr, tomada de pânico. Esquecendo por momentos a cria, partiu como uma flecha através das azáleas, pulou por cima da corrente, e foi subindo ao longo da ribanceira oposta, em grandes saltos. O filhote seguiu-a galhardamente, mas ao cabo de alguns saltos perdeu de vista a cauda saltitante da gazela. Tomado de pavor, disparou em outra direção.

A meia encosta, sempre subindo, a gazela percebeu que já não era seguida pela cria, e deteve-se, incerta, dividida entre o medo e o amor materno. Depois, dominada pelo soberano instinto da maternidade, correu para o terreno do fundo, onde poderia talvez encontrar o filhote. Baixou a colina, possuida de um medo crescente, tornou a galgar por sobre o riacho, e chegou ao terreno. Embora apavorada com o calor, o clarão e a fumaça do incêndio, bateu em volta, num ângulo estreito, procurando o filho, balindo. Mas não voltou a achá-lo.

A essa altura já o fogo cercava de perto o barranco por todos os lados, e a folhagem das azáleas começava a crestar-se. Tremendo, a gazela deteve-se um instante sobre a água. Depois, sentindo arder no dorso uma faulha, disparou num pânico cego e, dum salto desvairado, foi cair entre as chamas.

Sua própria velocidade a poderia ter salvo, permitindo-lhe transpor o braseiro sem outro dano alem do pelo chamuscado; mas, ao saltar, ela aspirou fundo, pelas narinas abertas, uma golfada de labaredas ao rubro branco. Correu 30 metros, e então, com os pulmões fraquejando, esturrados pelo fogo, tombou inanimada no chão da floresta.

O calor, entretanto, determinou a combustão da casca dos cedros; as chamas lamberam até grande altura as colunas pardo-avermelhadas dos troncos, que pareciam estar mergulhadas até meio fuste no fogo. Nenhum borrifo refrescante se ergueu das pequenas cascatas, porque o ar, esbraseado de calor, absorvia e evaporava rapidamente todas as gotículas de umidade.

Uma fogueira de labaredas brancas elevou-se enfim do espesso abrigo de cedros novos, pulou mais alto, e foi pegar fogo à coroa superior das árvores adultas. Ouviu-se o guincho dum esquilo, que logo se calou. Debaixo do calor intenso, a doninha metera-se na lagoa, e mergulhou inteiramente debaixo da água, nariz e tudo. A própria água se tornou tépida, e a trutazinha desceu ao fundo, em busca de refrigério nas covas das rochas submersas.

A intensidade do fogo queimou tudo, alí, com redobrada fúria. Em poucos momentos a ruina do Recanto era completa, e o calor diminuiu. Do fundo do tanque a doninha soltava uma cadeia de pequenas bolhas de ar, ao respirar; cautelosamente, voltou à superfície, rompeu o vidrado do líquido com as narinas, e tomou uma inspiração que lhe encheu os pulmões. Ela e a truta eram os dois únicos sobreviventes.

Só AO DÉCIMO dia de luta insana é que os combatentes se sentiram seguros da vitória. Colhido entre altas ribanceiras, flanqueado por um milhar de homens que guardavam 50 quilômetros de linha, o incêndio, como uma grande fera inanimada, foi obrigado finalmente a render-se.

A essa altura ele já havia matado dois homens e destruido mais de 4 mil hectares de magníficos abetos Douglas, e pinheiros Ponderosa e Jeffrey. Cem anos não chegariam decerto para reparar todos os estragos devastadores daqueles poucos dias de incêndio. Ainda ao fim de 500 anos, um silvicultor experimentado poderia vir a encontrar as cicatrizes daquela antiga queimadura.

No POSTO da guarda florestal, liberto das suas responsabilidades de chefe de combate aos incêndios, Bart conseguiu, enfim, adormecer.

Tinha tomado banho, mas nem a luxuosa delícia da água quente lhe permitira relaxar por completo os nervos. A esposa havia-lhe pincelado os

arranhões com um antisséptico, e posto ligaduras nas feridas maiores. Depois aproximou-se dele, trazendo um copo de água e um comprimido:

—Tome isto, disse.

Bart obedeceu. Como compete a toda esposa de guarda florestal, ela sabia ministrar primeiros socorros, e no armário do banheiro sempre tinha algum remédio capaz de aliviar as dores e a tensão nervosa. Mas esse primeiro comprimido não bastara: passou a noite inteira dando voltas na cama. A mulher foi levar-lhe outro comprimido, e finalmente ele ficou mais tranquilo. Meio dormindo, meio acordado, torturava-o a visão do seu Recanto violado, onde alguma coisa de indefinido, a silhueta de um animal, arremetia de um lado para o outro, tentando escapar ao incêndio...

Os TRONCOS dos grandes cedros do Recanto estavam agora carbonizados e negros. O cadaver da gazela jazia esturricado, o pelo queimado, os lábios repuxados para trás, mostrando os dentes numa máscara de horror e morte.

Das azáleas queimadas restavam apenas as hastes torradas, ainda de pé, inspirando compaixão. As rochas, dantes limpas, estavam agora polvilhadas de cinzas e cobertas de agulhas queimadas de pinheiro. O regato continuava a correr, mas turvo, por sobre as cascatas, e a própria espuma era acinzentada. Na água, acidulada de cinzas e cal, flutuava o cadaver da trutazinha envenenada, de barriga para cima. A doninha, essa continuara a nadar para diante, em busca dum ribeiro onde pudesse encontrar peixe vivo e água pura, e o esconderijo de arbustos intactos.

Onde fora dantes a verde e graciosa floresta, transbordante de movimento e rumor de vida, benéfica para o homem—havia agora somente negrume, fealdade e desolação; e sobre ela pairava um silêncio de morte, pesado e terrivel.

Ensinamentos para a vida

«Não há maior alegria na vida do que servir a uma finalidade que reconhecemos superior e dignificante...»

—George Bernard Shaw, no prefácio de *Man and Superman*

John Mason Brown, o conhecido crítico, escreveu:

Ninguem pode dizer a outro o que é a felicidade. Mas ninguem poderá ser feliz se viver apenas para si. A alegria da vida nasce da identificação com alguma coisa que consideremos maior, mais digna, mais duradoura e mais valiosa que nós mesmos. Os nossos semelhantes, as idéias, as causas—oferecem-nos a única libertação possivel, não apenas do egoismo mas tambem da solidão interior e da falta de objetivos na vida. Só quem se interessa, pode chegar a interessar.

Merecem piedade aqueles que, na vida, preferem ser espectadores e não participantes dela; mas os que, deliberadamente, dão as costas à procissão humana, são trágicos. Felizes são apenas aqueles que empenham tudo o que têm por um ideal.

—*Words to Live By*, compilação de William Nichols (Simon & Schuster)

A vindima

Por Manuel Cisneros

Presidente da empresa do diário «La Crónica», de Lima, Perú

O IMPÉRIO incaico foi um povo de agricultores. O início dos trabalhos agrícolas era celebrado todos os anos com a mais esplendorosa festa nacional, na qual tomavam parte o inca e os altos dignitários do governo. Quando os espanhóis chegaram ao Perú, admiraram-se de encontrar uma agricultura tão adiantada. A ela deve o mundo, entre outros produtos, a batata, tão importante na alimentação de hoje, a quina, de grande uso na medicina. Por sua vez, os espanhóis enriqueceram a flora americana introduzindo grande variedade de plantas, entre as quais se encontra a videira, trazida das Ilhas Canárias, a primeira pelo conquistador D. Francisco Caravantes. No departamento de Cuzco, na fazenda «Marcahuasi», de propriedade de D. Pedro López Casalla, o português D. Alonso Báez fez os primeiros vinhos peruanos lá pelo ano de 1560. Desde então, o cultivo da videira e a elaboração dos vinhos se encontram nos departamentos de Arequipa, Ayacucho, Apurimac, Ancash, Amazonas, Cuzco, Ica, Lima, Moquegua, San Martín e Tacna, com uma produção atual de mais de 53 milhões de quilos de uva e 17 milhões de litros de vinhos, anualmente.

A vindima no Perú, como em outras partes do mundo, constitui uma festa que faz reviver, em cada verão, a benção dos lagares e a exibição solene das melhores uvas. As aldeias enchem-se de luzes; a música povoa os ares e, enquanto estalam os petardos estrepitosos da alegria, arquejam os bois a puxar os carros repletos e avançam as caravanas de jumentos ajaezados com as cestas de frutas. A programação parece haver-se uniformizado. Assim, entre os nossos camponeses se conservam iguais, tanto para os de Ica quanto para os de Pisco ou Chincha, o mesmo ambiente e o mesmo ritual que se observam entre os de Moquegua e Calango, Lunahuaná, Majes ou Jaquí.

É, porem, em Surco, a 10 minutos de Lima, que anualmente, em março, se comemora a vindima com o estilo de verdadeira festança. Caminhões carregados de produtos; automoveis e ônibus abarrotados de passageiros, e carros cheios, até em cima, de bugigangas para as vivandeiras e os comerciantes, avançam pela estrada que, poeirenta outrora, é hoje perfeitamente pavimentada. Tudo indica os preparativos de festa para a «semana da uva». Cenas típicas, cheias de graça e colorido; fogos de artifício em que se queimam as mais diversas estruturas, com estupendos arranjos pirotécnicos; arcos de flores que desafiam todas as leis da arquitetura; galinhas, perús e coelhos, sacrificados entre os melhores dos currais; noites de festividades típicas em que fumegam os saborosos *tamales*, chiam cheirosos

(*Continua na p. seguinte*)

Nossa capa apresenta um grupo de alegres camponesas peruanas engalanadas para a festa da vindima, que, especialmente em Surco, tem grande brilho.

Foto: Leo Matiz

os torresmos e brilham policromas, em copos gigantescos, as *chichas* de amora, amendoim ou milho. Grande multidão: homens luzindo trajes domingueiros que lhes consumiram as economias, e moças, elegantes e alegres, engalanadas com pitorescos vestidos e enormes chapéus, que cobrem seus rostos jovens contra os raios solares, emoldurando a graça de suas feições.

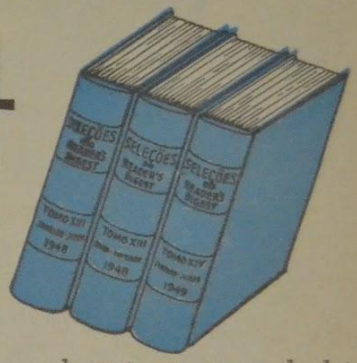
Assim, a festa da vindima em Surco constitui uma das expressões típicas da vida de um povo são, amante da terra, da tradição e do trabalho.

MAIS BELA E UTIL

Será a sua coleção de

Seleções

guardada nestas novas e elegantes pastas



SIMPLES . . . V.S. mesmo encaderna seis números em cada pasta, em menos de dois minutos . . . sem tesouras, sem cola, sem costuras . . . sem danificar uma só página. Tambem pode retirá-los da pasta com a mesma facilidade.

DECORATIVAS . . . A coleção encadernada desse modo constitui o melhor adorno da sua biblioteca ou da sala.

PERMANENTES . . . Nessa encadernação, as revistas se conservam limpas e novas, transformando-se para V.S. e sua família em uma obra de consulta que encerra tesouros de idéias práticas e conselhos para a vida quotidiana.

ECONÔMICAS . . . Preço, Cr$ 18,00 cada pasta.

Atenderemos a pedidos pelo reembolso postal. Não remeta dinheiro em carta simples: mande cheque, vale postal, ou remessa registrada com valor declarado.

---------- CUPOM PARA O PEDIDO ----------

Sr. Fernando Chinaglia, Seleções do Reader's Digest
Avenida Presidente Vargas 502, 19º andar, Rio de Janeiro, D.F.

Tenha a bondade de mandar-me as pastas que indico abaixo

( ) Anexo remessa de Cr$_____ em_____
( ) Mande pelo reembolso postal. (cheque, vale postal, ou valor declarado)

(Se não quiser recortar este cupom, escreva-nos em separado)

☐ Tomo I	1° Semestre 1942	☐ Tomo VI	2° Semestre 1944	☐ Tomo XI	1° Semestre 1947
☐ Tomo II	2° Semestre 1942	☐ Tomo VII	1° Semestre 1945	☐ Tomo XII	2° Semestre 1947
☐ Tomo III	1° Semestre 1943	☐ Tomo VIII	2° Semestre 1945	☐ Tomo XIII	1° Semestre 1948
☐ Tomo IV	2° Semestre 1943	☐ Tomo IX	1° Semestre 1946	☐ Tomo XIV	2° Semestre 1948
☐ Tomo V	1° Semestre 1944	☐ Tomo X	2° Semestre 1946		

Nome_____

Endereço_____

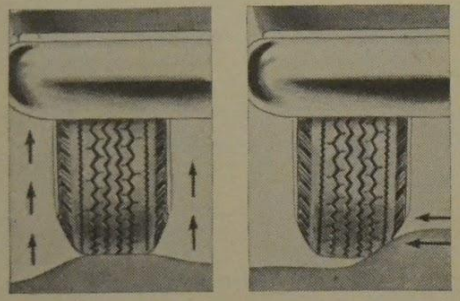
O MAIOR APERFEIÇOAMENTO NA INDÚSTRIA

é uma criação GOODYEAR!

Absorve os choques laterais!

Maior volume de ar, com menor pressão!

● Proclamado pelos engenheiros automobilísticos, nos Estados Unidos, "o maior aperfeiçoamento na indústria de pneus nos últimos 15 anos", o Super-Cushion, criação Goodyear, não é apenas um novo pneu—é um novo tipo de pneu! Adotado como equipamento original por vários dos mais importantes fabricantes de automóveis, o Super-Cushion está agora sendo fabricado também no Brasil, um dos primeiros países no mundo, depois dos Estados Unidos, a produzir esta revolucionária criação Goodyear.



Os carros recebem choques de duas naturezas: verticais (à esquerda) e laterais (à direita). Os pneus comuns e o molejo absorvem os choques verticais, mas até que Goodyear produzisse o Super-Cushion, os choques laterais permaneceram um problema sem solução.

Veja êstes característicos revolucionários:

Pressão extra-baixa: primeiro pneu para carro de passageiros construído para pressão extra-baixa—24 libras.

Nova construção: primeiro pneu para carro de passageiros construído especialmente para absorver choques laterais, reduzindo os cortes e rachas nas paredes.

Maior volume de ar: maior e mais largo, contém maior volume de ar—"flutua" sôbre os obstáculos e mantém-se melhor na estrada.

Novo desenho: dotado de ranhuras especiais, para melhor tração, especialmente nas curvas.

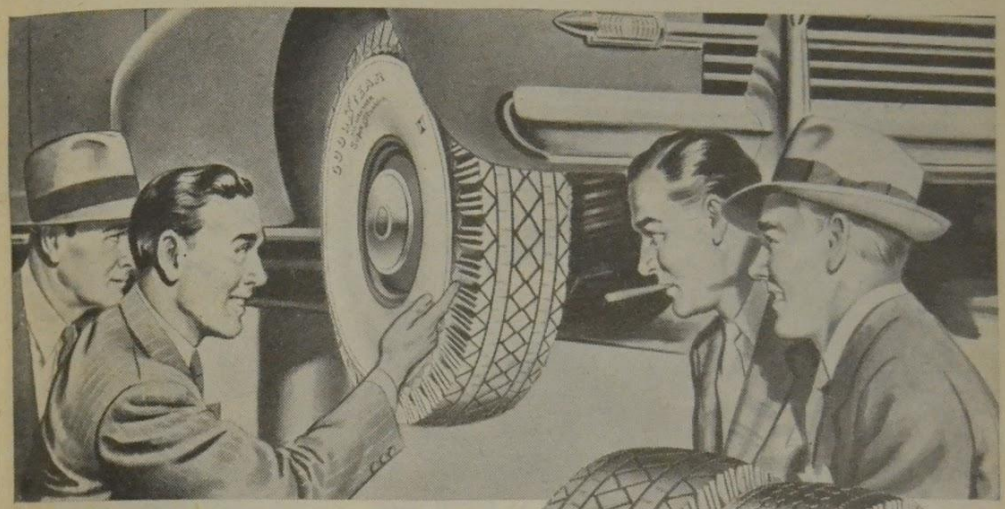
Menor aquecimento: proporciona proteção extra contra cortes, ranhuras e estouros, resultando em maior quilometragem.

Mais bela aparência: especto moderno e imponente.

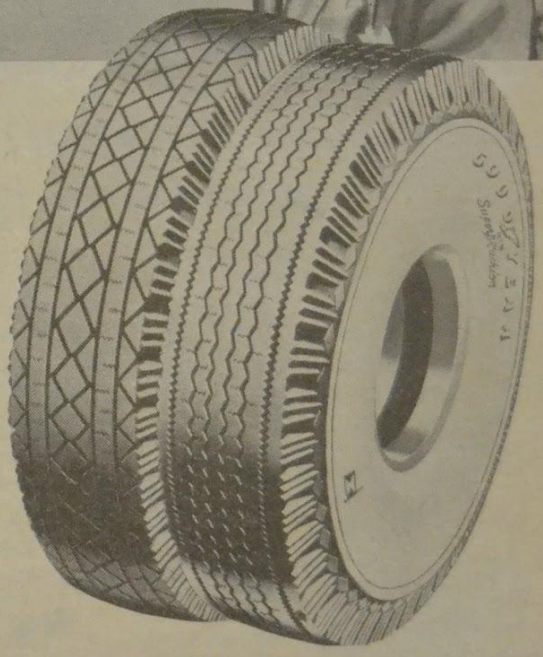
UM NOVO TIPO DE PNEU!...

Super Cushion

DE PNEUS NOS ÚLTIMOS 15 ANOS...



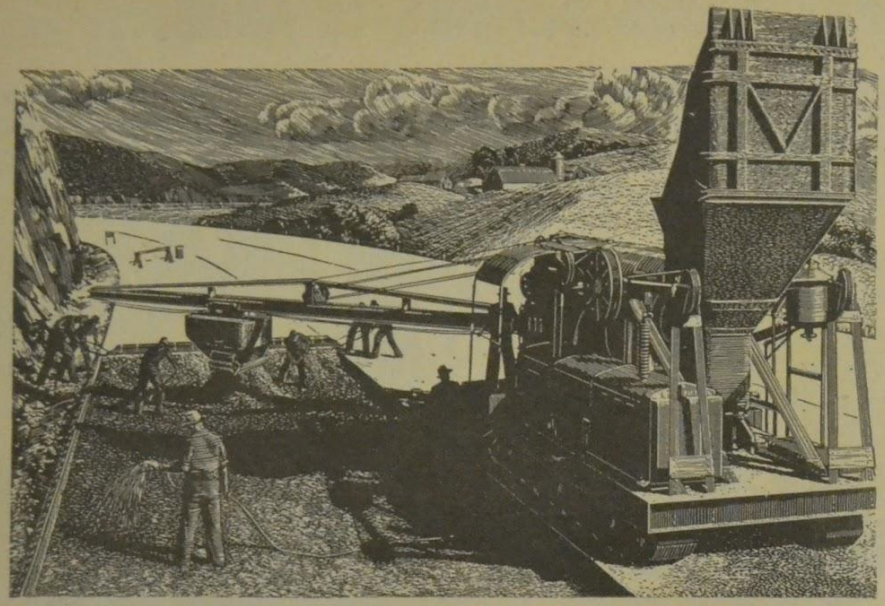
O pneumático SUPER-CUSHION vende-se em dois famosos desenhos de ranhuras: RIB e ALL-WEATHER



PNEU COMUM	SUPER-CUSHION
Pressao 28 a 30 lbs.	Mais ar com menor pressão só 24 lbs.

Os novos Super-Cushion são maiores do que os pneus comuns. Por isso comportam 26% mais volume de ar, com apenas 24 libras de pressão!

GOODYEAR



CONSTRÚA COM RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

com Equipamento Ransome

As grandes pavimentadoras Worthington-Ransome equipadas com a lança de longo alcance e os caminhões-betoneiras portadores da famosa "ação misturadora" Ransome estão apressando o ritmo da construção através do mundo inteiro.

Essas pavimentadoras são as únicas possuidoras de uma lança capaz de cobrir grandes áreas, podendo a caçamba ser elevada a uma altura de cerca de 2,70 metros acima do sólo. O concreto pode ser descarregado dentro da caçamba e transportado para onde fôr necessário.

Os caminhões-betoneiras, além da "ação misturadora", possuem um tambor de desenho exclusivo, ação suave e transmissão simplificada.

Durante 108 anos os produtos Worthington têm prestado valioso auxílio aos agricultores, aos industriais, às cidades e aos serviços públicos. Seu representante local poderá fornecer-lhe maiores detalhes . . . ou então escreva à Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Department, Harrison, New Jersey, U. S. A.

WORTHINGTON

F8-6H

BOMBAS • COMPRESORES • MOTORES DIESEL • TURBO-GERADORES • EQUIPAMENTO PARA CONSTRUÇÃO • REFRIGERAÇÃO

EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

ESSENCIAL

ao bem-estar de uma nação

Onde há mais e melhores estradas, haverá tambem comunidades prósperas e felizes, e maior unidade social. O moderno equipamento de construção e reparação de estradas torna possível ter mais estradas boas, de verão e de inverno, mesmo com os orçamentos mais limitados.

A Allis-Chalmers, que é uma das mais importantes empresas mundiais na fabricação de maquinaria industrial, de construção e agrícola, apresenta uma unidade do gênero na sua nova Moto-Niveladora Modelo BD para todos os fins, acima ilustrada. Alia à superioridade de desempenho em terraplenagem, à escavação de valas e a outros serviços da construção de estradas, um funcionamento barato e de confiança. Pesando apenas 7.800 kg, e equilibrada para o máximo de tração e contrôle, a BD é equipada com motor Diesel General Motors de 2 ciclos, de 50,5 H.P. ao freio. A lâmina de trabalho tem uma elevação de 71,12 cm., e a cota do eixo é de 55,88 cm. A aiveca, com 3,68 m., foi traçada de modo a empurrar os materiais quase sem esfôrço, e possui um raio de viragem de 360°.

O distribuidor local da Allis-Chalmers está habilitado a fornecer-lhe tôdas as características desta eficiente unidade, bem como de maiores niveladores Allis-Chalmers, e de todo o sortimento completo de tratores de esteiras a Diesel de 2 ciclos, e instrumentos correlativos. Se o prefere, pode escrever-nos.

Companhia Brasileira de Maquinaria (COBRAMA)
Caixa Postal 725, Recife, Pernambuco
Cia. de Propaganda, Administração e Comércio (PROPAC) Av. Rio Branco 85, Rio de Janeiro
B. Soeiro & Co., Caixa Postal 383, Belem, Pará
Industrial e Comércio Vitória, Ltda.
Caixa Postal 172, São Luiz, Maranhão
Sociedade Técnica de Materiais Limitada (SOTEMA)
Caixa Postal 1109, São Paulo
Importadora de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias Ltda.
Av. Julio de Castilhos 333,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL:
H. Vaultier & Cia. 43-45 Calçada Marquês de Abrantes, Lisboa.

ALLIS-CHALMERS

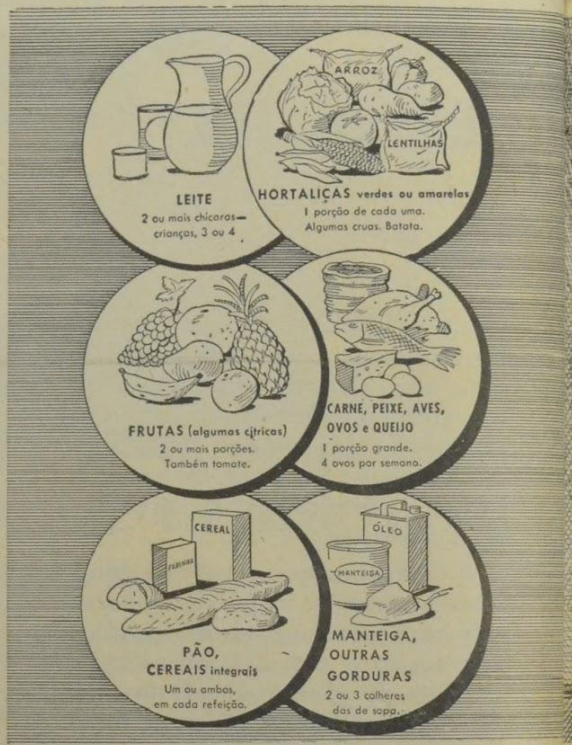
DEPTO. PD149 • DIVISÃO DE TRATORES
MILWAUKEE 1, E.U.A.

FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1847

Uma dieta melhor poderá dar-lhe—

MELHOR APARÊNCIA! MELHOR DISPOSIÇÃO

Gengivas ou boca inflamadas podem normalizar-se pela simples mudança de dieta!



Você deve comer diáriamente, de cada um dêstes grupos básicos de alimentos!

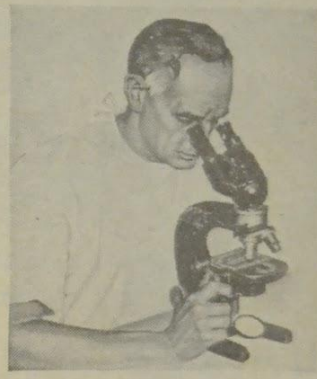
A mudança de maus para bons hábitos alimentares pode fazer maravilhas!

Cinco sintomas que podem indicar necessidade de nova dieta: se você está pálida ou abatida; se anda nervosa ou cansa-se facilmente; se tem pouco apetite, digestão ou evacuação deficientes; se tem excesso ou falta de pêso, se tem gengivas ou boca inflamadas. Eis alguns desagradáveis sintomas de que se queixam muitas pessoas. Se você tiver qualquer um deles, procure o seu médico! Êle poderá recomendar-lhe uma simples mudança de dieta... muitas vezes o suficiente para eliminar essas indisposições!

Um guia para a boa alimentação! Acima estão ilustrados os alimentos vitais que você deve comer diáriamente para sentir-se bem e ostentar boa aparência. E são todos êles saborosos! Recorte essa ilustração. Faça com que sua família se habitue a comer êstes alimentos vitais. Planeje suas refeições tendo-os como base. A saude e vitalidade de sua família e a sua própria, estão em jôgo. E lembre-se: nenhum alimento é suficiente de per si. Você e sua família precisam de *todos* êles—*todos* os dias.

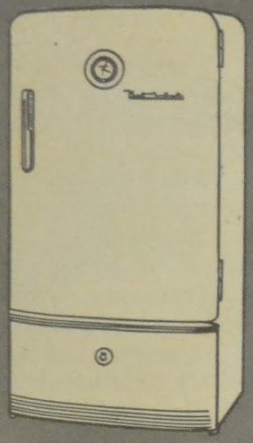
Goze mais a vida! Se você não tem se alimentado adequadamente, as probabilidades são para que sinta um notável aumento de vitalidade quando seguir ao pé da letra uma dieta bem equilibrada, indicada por seu médico. Por isto é extremamente importante não procrastinar um completo exame físico—especialmente se sentir-se muito cansada, nervosa e sem resistência. Seu médico poderá descobrir que você precisa prementemente de mais vitaminas e de mais minerais do que sua atual dieta contém.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas do seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo, de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para estabelecer ou conservar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas SQUIBB têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.

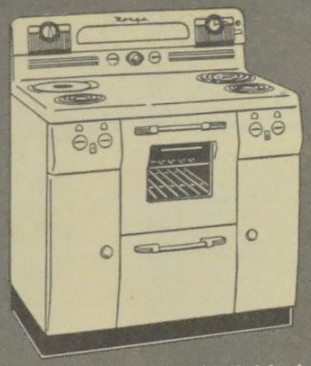


SQUIBB

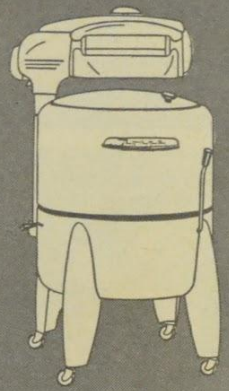
PRODUTOS FARMACÊUTICOS



Refrigeradores
"Self-D-Froster"



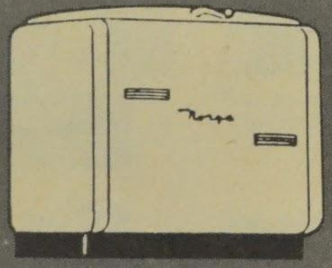
Fogões a Gás e a Eletricidade



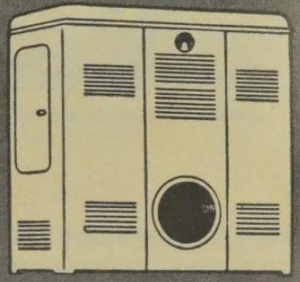
Máquinas-de-Lavar
de Ação Tríplice

VEJA OS
NORGE
ANTES DE COMPRAR

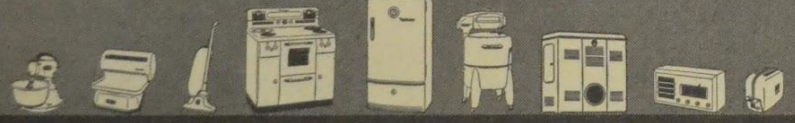
Aquecedores de Água
a Eletricidade



Congeladores
Domésticos



Aquecedores
de Espaço



BORG-WARNER INTERNATIONAL

SEÇÃO INDUSTRIAL, E DE ARTEFACTOS, DETROIT 26, MICHIGAN

Seção Automotriz, Chicago 4, Ill. · Armazem de Embalagem, Auburn, Ind. · End. Tel.: BORINTCO

BORG-WARNER B-W INTERNATIONAL

Reaparelhamento de um petroleiro Esso—para levar mais petroleo aonde ele é necessario.

Eles Trazem boas Noticias

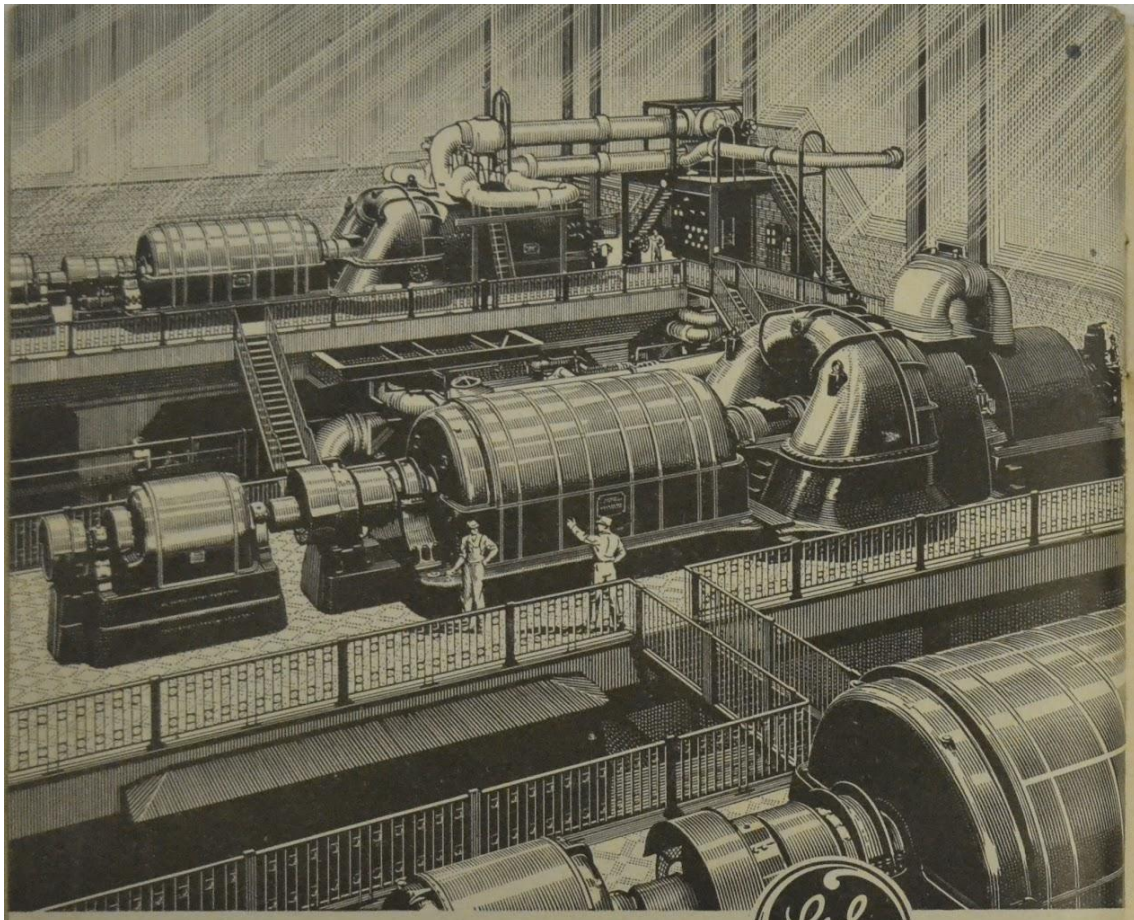
As necessidades de petroleo no mundo atingiram um nivel elevadíssimo—e continuam aumentando! Atualmente o consumo de petroleo é ainda maior do que em 1945, ano de maiores gastos da guerra. Esta a razão pela qual estamos ampliando, a toda pressa, nossa frota de navios tanques. De cada vez que se põe a navegar um navio tanque, sabe-se que em breve estará auxiliando a distribuir mais petroleo.

Como parte deste programa, estão sendo tambem ativadas as construções de novos oleodutos e instalações para refinação e armazenamento. Tudo isto porque aonde vai o petroleo a vida se torna mais facil e cheia de conforto.

O petroleo auxilia a tornar a vida melhor.

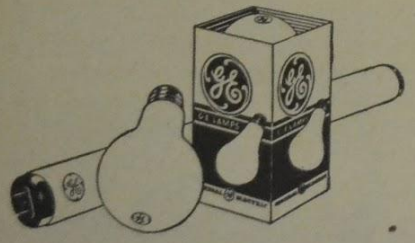
UM EMBLEMA DE QUALIDADE — ESSO — UM SÍMBOLO DE SERVIÇO

ORGANIZAÇÃO ESSO



Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO . . . EM TODOS OS LARES



Em 1903, a General Electric planejou e construiu o primeiro gerador acionado por uma turbina a vapor. Desde então outros se seguiram, grandemente aperfeiçoados, gerando energia para movimentar os bondes, iluminar as ruas e fazer funcionar o seu refrigerador ou qualquer outro aparelho doméstico.

O conhecimento técnico, a vasta experiência e os recursos industriais da General Electric são a melhor garantia de eficiência e segurança em qualquer equipamento elétrico para a indústria ou para o lar. A-8-11

GENERAL ELECTRIC

Os produtos da General Electric Co., E. U. A., distinguem-se por seu funcionamento garantido.

Fiéis

CHAMPION

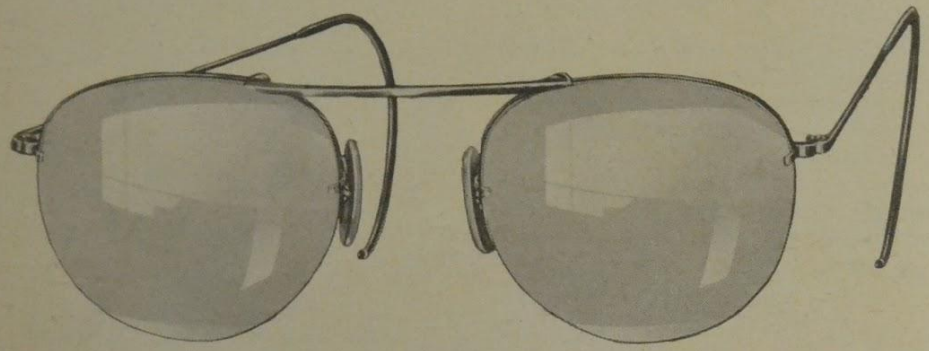
VELAS FAVORITAS DO MUNDO

O fazendeiro sujeita as velas de ignição do motor a serviço contínuo e pesado, em todos os veículos que utiliza — automoveis, caminhões, tratores e outros maquinismos agrícolas acionados a motor.
Resultado: ele é sempre um perito qualificado em matéria de velas. As fiéis Champion — as velas favoritas do mundo — são, *sem dúvida alguma*, as favoritas dos fazendeiros.

SIGA O EXEMPLO DOS PERITOS

EXIJA CHAMPION — AS VELAS DE CONFIANÇA PARA SEU CARRO

CHAMPION SPARK PLUG CO. • TOLEDO, U. S. A. • WINDSOR, CAN. • FELTHAM, ENG.



Como é que *você* verá o Futuro?

● Para o próprio bem-estar da pátria, é importante que todo homem, mulher e criança tenha vista boa. A vista deficiente reduz a produção e prejudica a perícia no trabalho—fontes da riqueza de um país. Para os seus olhos, não se satisfaça senão com as melhores lentes. A Bausch & Lomb, conhecida no mundo inteiro como fabricante de excelentes artigos de óptica, é a sua garantia de qualidade em lentes. Procure a marca registrada B&L.

Consulte seu oculista uma vez per ano.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL COMPANY ROCHESTER, N.Y., U.S.A.

RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, BUENOS AIRES

V.S. tambem pode tirar fotos assim . . . com

Filme Kodachrome!

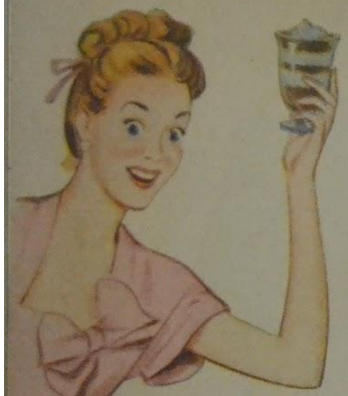
Uma câmara miniatura . . . um rolo de Filme Kodachrome . . . Não precisa mais nada para tirar fotografias que, pelas suas cores radiosas, impressionarão a vista e a imaginação . . . V.S. pode deliciar-se com estas fotografias de duas maneiras: como diapositivos Kodachrome, para fazer projeções; e como Cópias Kodachrome, para o seu album ou para ofertar aos amigos. *Vá à loja do Representante da Kodak!*
Eastman Kodak Co., Rochester 4, N. Y., E.U.A.

Kodak para cores

Kodak

Mães!

Os tentadores Pudins Royal são mais leves e de mais fácil digestão



OS dietistas afirmam que as sobremesas pesadas podem causar distúrbios na digestão. Não corra êste risco.

Sirva os Pudins Royal, que, embora leves, satisfazem. Grandes e pequenos apreciam a delicada textura dos saborosos Pudins Royal. Experimente ainda hoje um dêstes deliciosos sabores: Chocolate, Baunilha, Caramelo ou Morango. Fácil de preparar... e tão leve para a sua bôlsa!

Sugestões Royal

Experimente Creme de Arroz. Siga as indicações para fazer o Pudim de Baunilha Royal e junte 2 chícaras de arroz cozido. Salpique com noz moscada. Sirva-o gelado.

Cozinha em 5 minutos apenas

Gratis! Um folheto Royal ilustrado . . . novas modalidades de servir os Pudins Royal. Envie nome e endereço para a

Standard Brands of Brazil, Inc.

Dep. P-149 Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro

O tesouro da conversação

Por S. Parkes Cadman

Pastor e pregador pelo rádio do Conselho Federal das Igrejas Cristãs dos Estados Unidos

NUNCA PODEMOS saber onde se ocultam os tesouros recônditos da conversação. Preocupa-me tanto descobrí-los, que falo com quantas pessoas encontro—choferes de taxis, ferroviários, marinheiros, estivadores, ascensoristas. Entre esses grupos profissionais, já encontrei uma pessoa diplomada pela Universidade de Oxford, um príncipe russo, um estudante que trabalhava para custear seu curso superior e um ex-soldado da guarda prussiana, com os quais mantive interessantes palestras.

Quantas vezes não temos retificado ou aumentado nossos conhecimentos, ampliado o critério do nosso julgamento das coisas, compreendido situações da vida que antes não nos eram familiares, feito novas amizades, obtido ânimo e coragem, nessas conversas com estranhos? Às vezes não conseguimos extrair delas senão comentários triviais; mas de vez em quando encontramos, com infinita satisfação, um terreno comum propício a um util intercâmbio de idéias com nosso interlocutor. Tudo depende de que nossa inteligência esteja realmente preparada para encontrar-se com outras inteligências—de possuirmos recursos mentais de informação sobre uma variedade suficiente de problemas, que nos permitam abordar facilmente os assuntos de interesse especial do estranho.

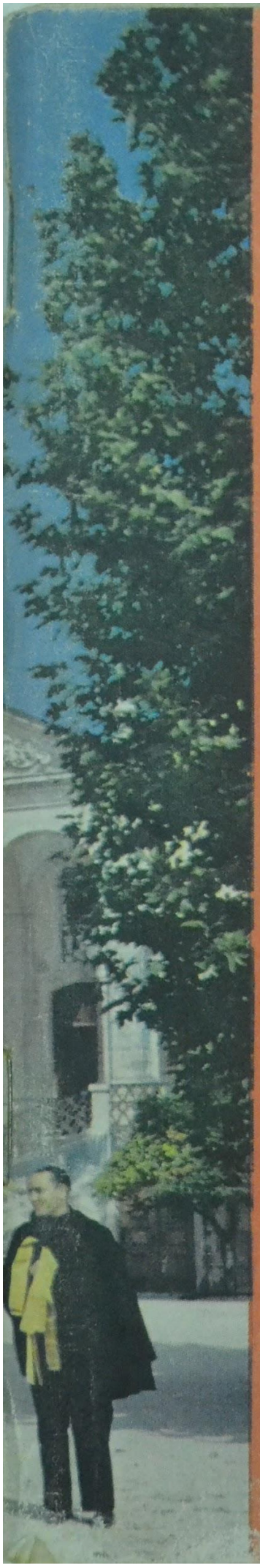
Desses repositórios mentais de informação variada pode depender até o encanto da própria vida do lar; pois um cérebro vazio ou, o que é ainda pior, ocupado por questões tediosamente conhecidas e já esgotadas até os seus últimos detalhes, é frequentemente causa de desharmonia doméstica.

O remédio para essa vida mental esteril e apagada, a chave do contacto vital com outras mentes, é a ampla leitura de atualidade, que abre as portas do mundo inteiro à curiosidade do nosso espírito.

Não necessito sair do meu bairro para encontrar essa chave. O Reader's Digest é um amigo íntimo de toda minha família e a ele devemos muitas conversas inspiradoras—muitas discussões amistosas sobre teologia, arte, ciências, política e sobre inúmeros problemas sociais e industriais do dia.

Entre nós, o Reader's Digest é ao mesmo tempo origem e árbitro desses debates e eu recomendo que qualquer família utilize de maneira semelhante seus artigos, substanciosos e de amplitude. Que o Reader's Digest seja não só o primeiro conselheiro para a seleção da leitura, como tambem o padrão da palestra proveitosa no círculo familiar.

Nada mais agradavel do que a conversa íntima—não o mexerico, mas a verdadeira conversação—rica de argumentos expostos de forma amistosa sobre temas de interesse. Tal conversação, baseada em trabalhos já lidos por todos nós, constitui algo mais do que um prazer passageiro. Porque a simples informação, uma vez caldeada no cadinho da nossa mente e vazada nos moldes verbais do nosso próprio fraseado, se transforma em *conhecimento* assimilado—conhecimento que não só enriquece nossa personalidade como tambem torna mais fecunda nossa associação com as demais pessoas.



FEVEREIRO de 1949

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

Ainda brilha a estrela da esperança	*A. J. Cronin*	1
Vertigem da velocidade	*Time*	4
Palavras que nos guiam	*Lauritz Melchior*	8
Flagrantes da vida real		9
O que aconteceu a Rommel	*Condessa Waldeck*	11
Fale sem medo	*J. P. McEvoy*	16
Pai de 152 filhos	*Dorothy Walworth*	19
Prós e contras da anestesia no parto	*B. E. Tucker*	24
Mundo alado	*Gustav Eckstein*	27
Frases notaveis		31
Presente fatal	*Billy Rose*	33
Os novos «caçadores de micróbios»	*Paul de Kruif*	36
As mulheres o fazem melhor	*Lawrence McCann*	41
Surpresas na Rússia	*Sam Welles*	44
Irritar-se faz mal à saude	*Greer Williams*	49
A Libéria desperta	*Gordon Gaskill*	52
O mistério da pedra de Kensington	*Thomas R. Henry*	57
Magia do DDT na Grécia	*J. P. McEvoy*	63
Os Zacchinis—projeteis humanos	*John Kobler*	65
Areia	*Hal Borland*	70
Vamos quebrar a cabeça!	*W. Bernard e J. Leopold*	73
Aventura agrícola sem precedentes	*Selwyn James*	75
Meu tipo inesquecivel	*Marjory S. Douglas*	79
Vamos todos pintar!	*Roger W. Riis*	83
Brechas na Cortina de Ferro	*Alexander Kerensky*	85
Coma, beba, e viva alegre!	*James e Peta Fuller*	89
Um jardim zoológico natural	*Frederic Sondern, Jr.*	93
Rir é o melhor remédio		122

Seção de Livros — Educação de um príncipe — *Duque de Windsor* — 99

Coimbra — *Fotografia* ..... *quarta capa*; *Nota* ..... *página 123*

CMDPU-CB
1971

SELEÇÕES
do Reader's Digest

Tomo XV, No. 85 Fevereiro de 1949

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, 4.º piso, Vedado, Havana, Cuba.

Diretor.....Eduardo Cárdenas
Redator-Chefe.....José Famadas
Co-redator.....Armando de Sá Pires
Gerente: Roberto C. Sánchez

THE READER'S DIGEST, fundado em 1922 por DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, seus atuais diretores e editores, é publicado em Pleasantville, Estados Unidos, e tambem na Inglaterra (Terence Harman, *gerente*, Londres); no Canadá (Fred D. Thompson, *gerente*, Montreal); e na Austrália (John Grant Cooper, *gerente*, Sydney).

Edições em outros idiomas: EDIÇÃO EM ALEMÃO (Stuttgart) Alexander W. Post, *redator;* EDIÇÃO EM DINAMARQUÊS (Copenague) Onni Kyster, *redator;* EDIÇÃO EM ESPANHOL para os paises hispano-americanos e Espanha, Eduardo Cárdenas, *diretor;* EDIÇÃO EM FINLANDÊS (Helsinki) Seere Salminen, *redator;* EDIÇÕES EM FRANCÊS: (París) Pierre Denoyer, *redator*, Paul Thompson, *gerente*; (Montreal) Pierre Ranger, *redator;* EDIÇÃO EM ITALIANO (Milão) Mario Ghisalberti, *redator;* EDIÇÃO EM JAPONÊS (Tóquio) Bunshiro Suzuki, *redator*, Dennis McEvoy, *gerente;* EDIÇÃO EM NORUEGUÊS (Oslo) Henrik Aubert, *redator;* EDIÇÃO EM SUECO (Estocolmo) Brita B. Hebbe, *redatora*.

EDIÇÕES INTERNACIONAIS DE THE READER'S DIGEST: Barclay Acheson, *gerente geral;* Marvin McC. Lowes, *subgerente geral;* Hobart Lewis, *chefe de redação*.

Copyright 1949 de Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei, em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, total ou parcial, dos artigos contidos neste número.

«Compete à humanidade estudar o proprio homem»

Pela dra. Nanna Svartz

Professora de medicina da Universidade de Estocolmo

POR QUE é que milhões de leitores em toda parte encontram nos relatos científicos o fascínio de uma novela? É porque a ciência é, na realidade, a história de todos nós. Na ciência o homem é ao mesmo tempo estudante e matéria de estudo, e nela encontramos a plataforma de onde podemos contemplar todos os conhecimentos objetivos. «Compete à humanidade,» disse Pope, «estudar o próprio homem.» Em última análise, o fundo da sabedoria se baseia no conhecimento de nós mesmos e, portanto, a ciência pertence, inteira, a todos. Seu significado depende de ser aceita, aplicada, usada. Mas à medida que se fossem descobrindo, as novas verdades permaneceriam, durante muito tempo, na categoria de meras curiosidades, ao alcance, apenas, de especialistas e eruditos (coisa que infelizmente sucedia com frequência no passado), a menos que pudessem

(*Continua na terceira capa*)

SELEÇÕES Reader's Digest
Marcas Registradas Reg. U.S. Pat. Off.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, Volume XV, No. 85, February 1949. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, Vedado, Havana, Cuba. Subscription price: US $2.00 per year in Latin America; US $3.75 per year in the United States. Entered as second-class matter at the Post Office, Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at the Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

Impressa nos E. U. A.

O tempêro
é que faz a salada!

O ÓLEO "A DONA"
é que faz o tempêro!

Swift
Cia. Swift do Brasil S. A.

HA MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

VALIOSA CONTRIBUIÇÃO

para a economia brasileira

Empregando em escala crescente matéria prima e mão-de-obra nacionais, além de outros fatôres, 60.8% da importância paga por um veículo da General Motors fica em nosso país, num atestado expressivo da maturidade industrial atingida pelo Brasil. As modernissimas fábricas GMB em São Caetano (S. Paulo) constituem, por isso mesmo, um testemunho eloquente de inteira confiança em nosso desenvolvimento técnico!

Chevrolet ★ Buick ★ Cadillac ★ Pontiac ★ Oldsmobile ★ Vauxhall ★ Bedford ★ G.M.C. ★ G.M. Coach ★ Aparelhos Frigidaire Domésticos e Comerciais ★ Motores Diesel G.M. ★ Bombas para Água Delco ★ Peças e Acessórios

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

contribui para o progresso e o bem-estar

Escaravelhos japoneses atacando um pêssego (muito ampliado)

Evite que os Insetos Comam Seus Alimentos

OS INSETOS devoram, ou destroem de outras formas, muitas toneladas de alimentos que se podiam salvar, empregando-se o DDT da Monsanto —chamado Santobane. Tem-se demonstrado muito eficaz no combate a dezenas de insetos daninhos, que se nutrem dos gêneros que fazem falta à humanidade.

Este inseticida químico da Monsanto tem muitas outras aplicações—inclusive o combate eficaz aos mosquitos portadores da malária. O seu poder mortífero inicial é elevado—em muitos casos as superfícies em que foi espalhado o Santobane ficam protegidas durante semanas e até meses.

Pode V. S. conseguir informações detalhadas sobre a maneira de dosar e aplicar o Santobane, escrevendo a qualquer dos escritórios abaixo indicados, ou dirigindo-se ao representante local da Monsanto. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri, U. S. A.*—Monsanto Chemicals Ltd., *Londres*—Monsanto (Canadá) Ltd., *Montreal*—Monsanto (Austrália) Pty., Ltd., *Melbourne*. Representantes nas Maiores Cidades do Mundo.

Santobane: Marca Registrada nos E. U. A.

O emprego do Santobane Monsanto para salvar gêneros que de outro modo seriam desperdiçados, é mais um caso dos serviços que a Monsanto presta à indústria, que por sua vez serve a humanidade. Há centenas de outros produtos químicos e plásticos Monsanto, que encontram aplicação diária praticamente em todas as indústrias—para melhorar os produtos, diminuir os gastos de produção, e aumentar as vendas. Qual é o problema de V. S.?

Para obter o novo folheto ilustrado "Santobane (Monsanto DDT)", escreva à Monsanto Chemical Company, Foreign Department RD, St. Louis 4, Missouri, U. S. A.

MONSANTO
PRODUTOS QUÍMICOS E PLÁSTICOS

SERVINDO A INDÚSTRIA . . . QUE SERVE A HUMANIDADE

A PRIMEIRA . . . em todo o Mundo

É UM FATO BEM reconhecido . . . A Royal gosa de preferência mundial! De tôdas partes chegam mais e mais pedidos por máquinas Royal.

E há razões justificadas para essa preferência! Razões que têm convertido a Royal nos fabricantes mais importantes de máquinas de escrever. Eis aquí algumas que se destacam:

As Royals são douraduras. Estas máquinas de escrever são verdadeiramente resistentes. Prestam *melhor* trabalho com menos desgaste . . . por conseguinte, requerem menos atenção.

A Royal é eficiente. Economiza tempo e trabalho, o que significa máximo rendimento por máquina.

A Royal está dotada de adiantamentos mecânicos notáveis. Para maior exatitude e comodidade, oferece:

"Magic" Margin—que fixa as margens com facilidade e rapidez.

"Touch Control"—que proporciona a tensão desejada.

Prendedor de Papel Automático—que mantem o papel liso e firme.

Estas são apenas algumas das caraterísticas pelas quais a Royal gosa de predileçao mundial. Por isso deve ser a sua preferida também.

Procure o nosso representante para que veja a Nova Royal Portátil . . . a primeira Máquina de Escrever *Verdadeiramente Moderna* do Mundo . . . com Teclas Para Comodidade dos Dedos, Espaçador Rápido, Inversão Rápida da Fita; e muitas vantagens mais!

ROYAL

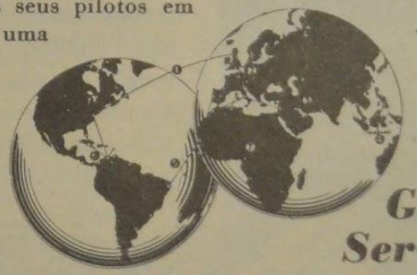
A Máquina No. 1 no Mundo

Royal Typewriter Company, Inc., New York
Representantes em todos os países do mundo

"Eu reservo sempre a minha passagem na *K.L.M.*...

...viajar de avião é muito natural para os holandeses".

Viajar pelo mundo com segurança e eficácia é próprio do temperamento holandês. E por isso, hoje em dia, todos os viajantes preferem os aviões da K. L. M. pois sabem que a grande perícia dos seus pilotos em viagens de longo curso é uma qualidade que herdaram dos seus antepassados, grandes navegadores.



7 Grandes Serviços

❶ TRANSATLÂNTICO ❷ EUROPEU ❸ MÉDIO E EXTREMO-ORIENTE ❹ ÍNDIAS ORIENTAIS ❺ AMÉRICA DO SUL ❻ ANTILHAS ❼ ÁFRICA DO SUL

K·L·M

Companhia Real Holandesa de Aviação

Para informações completas relativas a serviços de passageiros e frete, queira dirigir-se ao seu agente local de viagens ou ao escritório mais próximo da K.L.M.

"Posso me escanhoar... com Williams!"

—diz Oberdan Cattani, arqueiro campeão

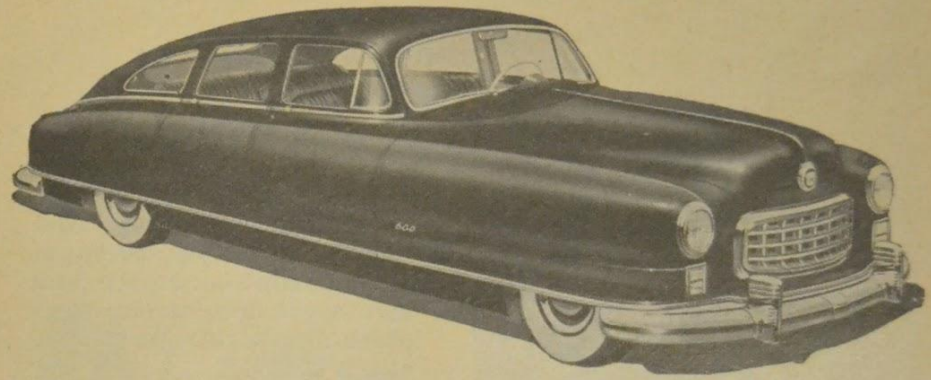
"Uso o Creme de Barbear Williams, porque amolece os fios da barba, permitindo-me barbear facilmente. E, graças à lanolina que contém, posso me escanhoar diariamente, pois deixa sobre o rosto uma agradavel sensação de suavidade e frescor."

O Williams permite escanhoar bem. Isso dá ao rosto melhor aparência e melhor sensação. Só o Williams contém Lanolina, que conserva o rosto macio e evita que a pele se irrite. Compre o que há de melhor—sem pagar mais! Peça o Creme de Barbear Williams!

contém a suavizante Lanolina

Dois cremes à sua escolha: o Williams Simples e o Williams Mentolado

QUE CARRO GRANDE



ESTE NASH!

V. S. dirá que ele é o maior—o mais longo—o mais baixo e o mais esbelto que já viu...

Quase cinco metros e meio de comprimento, mais de 1,95 m de largura—uma rajada de curvas velozes desde a proa em bala até a cauda em forma de pera.

Assim é o Nash. *Assim é o Airflyte!*

Aquí está o interior, curvilíneo como o salão de um avião, com estruturas de segurança. O primeiro carro do mundo com dois leitos. Nunca se viu tanto espaço!

Em frente do chofer, o parabrisa em curva, de uma só peça—sem suporte central a obstruir a vista! Todos os mostradores dos instrumentos concentrados quase ao nivel da vista, no *Uniscope*.

Assim é o Nash. *Assim é o Airflyte!*

O primeiro carro do mundo com carburação "Uniflo-Jet". Economia *superior a* 10 km por litro à velocidade média de estrada... no grande e belo Nash "600".

Montado em vigas—com chassí e carroceria *Unitized*—unidade soldada, de super-segurança, perenemente isenta de vibrações e rangidos.

Centro de gravidade extra-baixo—e molas de espiral em todas as rodas—produzindo um conforto incrivel. E um *novo* Sistema de Condicionamento de Ar "Weather Eye," que é um assombro!

Assim é o Nash. Assim é o Airflyte! Uma palavra nova—para a viagem mais suave que já se experimentou. Vá vê-lo hoje mesmo na loja Nash mais próxima.

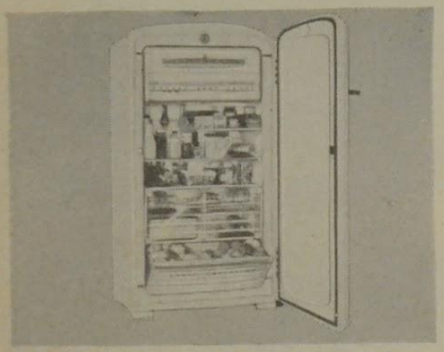
O Nash Airflyte apresenta-se em duas grandes séries... o Nash "600" e o Nash Ambassador. Traçado, estruturado e produzido com o "Toque do Futuro"!

Nash Airflyte

Grandes Carros Desde 1902

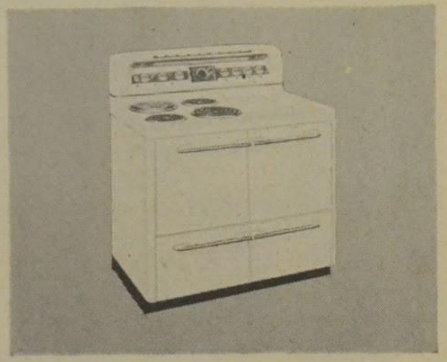
KELVINATOR

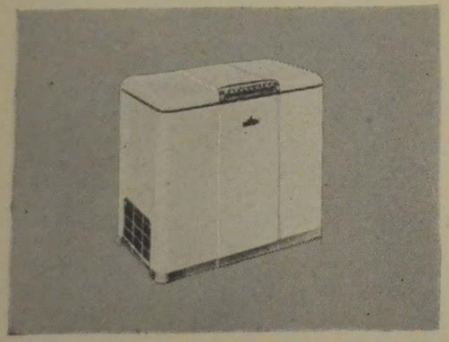
—é Claro!



← Só o Kelvinator é frio mesmo até a base. Modelo por modelo, ele assegura-lhe o máximo em espaço para arrumação de gêneros—completamente refrigerado de alto a baixo.

Cozinha . . . sozinho! Ponha o jantar no forno . . . O "Cozinheiro Automático" da Kelvinator abre a corrente, cuida do jantar,— e fecha a corrente quando ele está pronto! →





← Conserva as provisões de todo um mês ao alcance da mão!—o Congelador Doméstico da Kelvinator. Reduz os gastos com a alimentação. Poupa-lhe incontaveis idas ao mercado. Econômico, prático, lindo!

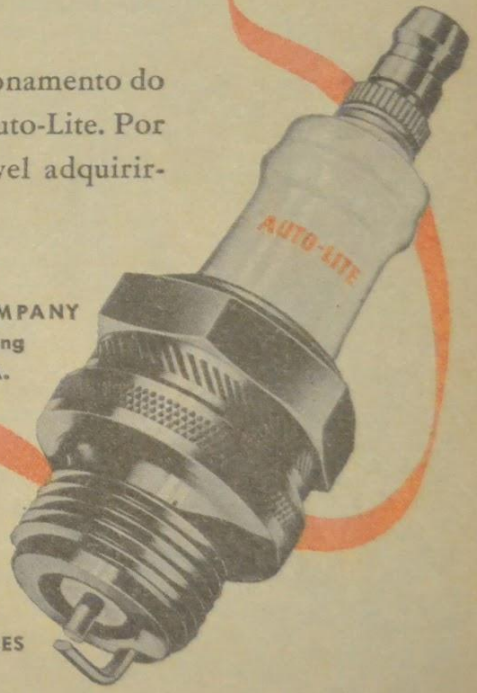
Kelvinator

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation
Detroit, Michigan, E.U.A.
Divisão de Exportação

Passe-se para as Velas

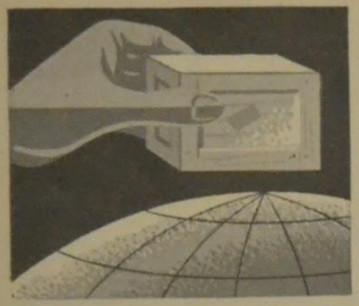
Auto-Lite

Para obter o melhor funcionamento do motor . . . Passe-se para Auto-Lite. Por nenhum dinheiro é possível adquirir-se uma Vela melhor.



THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division, Chrysler Building
Nova York 17, N. Y., E. U. A.

FIOS E CABOS • ARRANQUES
DISTRIBUIDORES • ACUMULADORES



PARA COMÉRCIO MUNDIAL, SERVIÇOS MUNDIAIS

Para servir hoje em dia o comércio mundial, é preciso agir com rapidez máxima, precisão, e um sólido conhecimento da situação mundial. Faz mais de 50 anos que o National City Bank vem exercendo sua atividade neste domínio dos negócios bancários mundiais. Suas 67 filiais na região metropolitana de Nova York, e as suas sucursais e agências em todas as cidades de importância comercial do mundo, o habilitam a atender *bem* à necessidades do comércio internacional — seja em que ponto do mundo for.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

Sede Principal: 55 Wall Street, Nova York, E. U. A.

O Primeiro no Comércio Bancário Mundial

Argentina
Buenos Aires
Flores
Plaza Once
Rosário

Brasil
Rio de Janeiro
Recife
Porto Alegre
Santos
São Paulo

Chile
Santiago
Valparaiso

China
Xangai
Tientsin

Colômbia
Bogotá
Barranquilla
Medellin

Cuba
Havana
Cuatro Caminos
Galiano
La Lonja
Caibarien
Cárdenas
Manzanillo
Matanzas
Santiago

Inglaterra
Londres
117, Old Broad St.
11, Waterloo Place

França
París

Hong Kong

Índia
Bombaim
Calcutá

Japão
Tóquio
Osaca
Iocoama

México
Cidade do México

Perú
Lima

Porto Rico
Arecibo
Bayamon
Caguas
Mayaguez
Ponce
San Juan

República do Panamá
Panamá

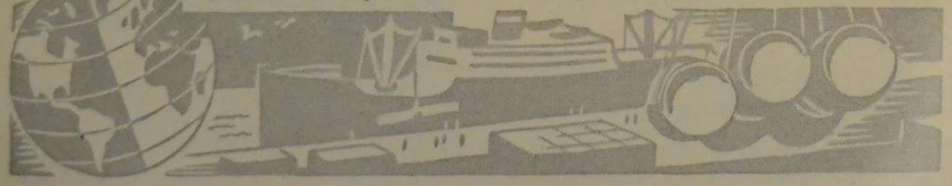
Filipinas
Manila
Port Area
Cebu
Clark Field

Singapura

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa
Cristobal



EIS O REMÉDIO QUE ÊLES TOMAM "BRINCANDO"!

Pelo seu delicado sabor a hortelã, as crianças acham gostosos os *Comprimidos do Leite de Magnésia de Phillips*, que conservam, em forma concentrada, todo o poder altamente anti-ácido e suavemente laxativo peculiar ao *Leite de Magnésia de Phillips*, tão indicado pelos médicos e consagrado pelo povo. Livre seus filhos da má digestão e da prisão de ventre, dando-lhes os *Comprimidos do Leite de Magnésia de Phillips!*

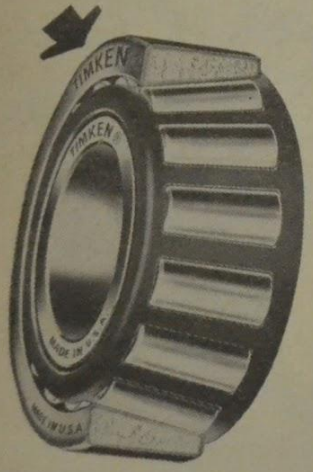
LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

Igualmente aconselhado, em liquido ou concentrado

ELE *TEM* QUE CONFIAR NA SORTE...

...MAS O *SENHOR* NÃO!

Verifique se a marca «TIMKEN» está estampada em cada rolamento cônico que comprar



A maneira *certa* de saber se está comprando o melhor rolamento cônico, é procurar a marca «TIMKEN» estampada no próprio rolamento.

Ha rolamentos cônicos *parecidos* com os rolamentos Timken e até mesmo denominados «tipo Timken» pelos imitadores. Mas o Senhor estará se arriscando quando usar um rolamento cônico que não tiver a marca Timken estampada no cone e na capa.

É importante usar rolamentos Timken para equipamentos originais e para substituições, porque sómente os rolamentos Timken oferecem as seguintes vantagens: 1) desenho avançado, 2) rigoroso controle de qualidade; 3) precisão de manufatura e 4) aços de composição especial. Há mais de 50 anos os rolamentos cônicos Timken têm sido preferidos pelos fabricantes, sempre que se trata de trabalhos árduos.

Verifique sempre se a marca «TIMKEN» está estampada na capa e no cone de cada rolamento cônico que comprar.

ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS **TIMKEN**

Marca Registrada
Reg. U. S. Pat. Off.

Representantes exclusivos para venda no Brasil

• THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY OF SOUTH AMERICA •

Rua Senador Queiroz, 396—Telefones: 2-7269 e 3-4834—São Paulo, Brasil

Mais que uma simples marca

Máquinas de somar

Caixas registradoras

Burroughs

Máquinas de faturar

Máquinas de calcular

Máquinas de contabilidade

é o símbolo da superioridade em máquinas comerciais modernas

Onde quer que você vir êste *B* simbólico, aí encontrará o que há de melhor em máquinas de somar, calcular, de contabilidade, de estatística, e caixas registradoras—as máquinas Burroughs!

Há mais de cinquenta anos que a fábrica Burroughs está à frente no desenvolvimento de máquinas que sirvam ao comércio com a máxima eficiência. Hoje seu nome e seus produtos são famosos em todo o mundo.

E a Burroughs continua ampliando, não só sua rêde mundial de escritórios de vendas e serviço, como a variedade e o alcance de seus produtos. Onde há negócios aí estão as máquinas Burroughs para resolver qualquer problema de cálculo e contabilidade.

COMPANHIA BURROUGHS DO BRASIL, INC.

Rio de Janeiro—São Paulo

A representante em Portugal é a ROBINSON BARDSLEY & CO., LTD., 8, Ccis do Sodré, Lisboa.

Escritórios de vendas e serviço nas principais cidades do mundo

Onde há negócios há lugar para as

MÁQUINAS **Burroughs**

Por que V.S. gosta de ler as páginas de publicidade em Seleções?

Um leitor nos escreve: "As páginas de anúncios de Seleções constituem o guia de fornecedores de mais confiança para o leitor inteligente."

Outro leitor diz: "Para um comerciante, como eu, a seção de anúncios de Seleções é um excelente meio de informação: mantem-nos sempre a par das idéias atuais e dos produtos novos."

Por que V.S. gosta de ler os anúncios publicados em SELEÇÕES?

Se V.S. tambem gosta de ler os anúncios em Seleções, quer escrever-nos, dando os motivos? Os três comentários mais interessantes serão publicados, neste espaço, em um dos nossos próximos números, com menção do nome e endereço do autor. Não escreva mais de 100 palavras. As cartas devem ser endereçadas a J. B. Thomas, Seleções do Reader's Digest, 230 Park Avenue, New York, Estados Unidos da América.

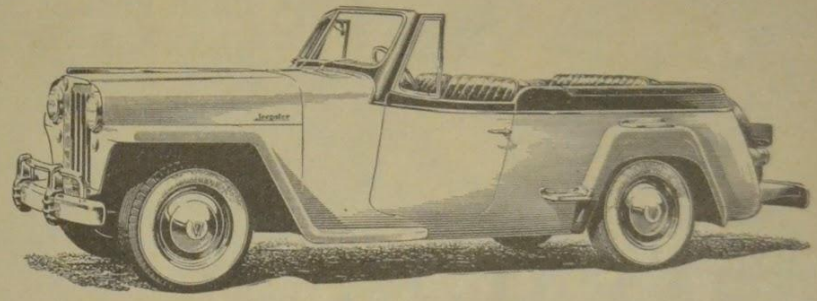
Seleções
do Reader's Digest

O mercado internacional... onde *bons* fregueses encontram *bons* produtos

um novo e esplêndido automovel de esporte,

extraordinário em funcionamento e economia

o Jeepster



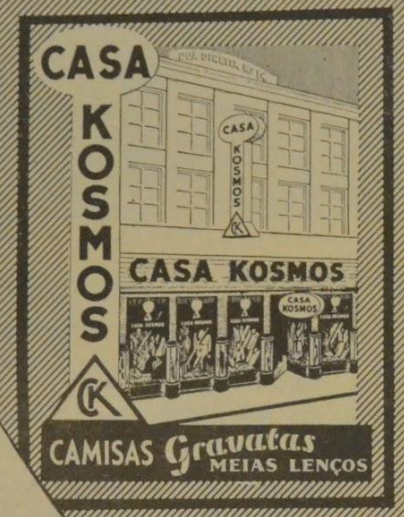
A Willys-Overland produz o novo e empolgante Jeepster—carro de esporte radicalmente diferente dos outros, acionado pelo impetuoso motor 'Jeep', e que se distingue pelo seu estilo individualizado. O desempenho brilhante deste carro ajusta-se à mais completa despreocupação de espírito, ao mesmo tempo que sua robusta construção e baixo consumo de gasolina tornam o seu uso de uma economia surpreendente. As linhas baixas da carroceria refletem a estabilidade e aderência do Jeepster à estrada—e quanto a conforto, este novo carro tem molas independentes nas rodas dianteiras, amortecedores de choque tipo avião, e pneus super-acolchoados, que absorvem os embates do pavimento e garantem uma viagem suave e "flutuante".

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORP., • TOLEDO, OHIO, E. U. A.

CASA KOSMOS

150 R. DIREITA · S. PAULO

AFAMADAS CAMISAS



SENDALINE

DE FINISSIMO POPLIN INGLES

AS CAMISAS DA CASA KOSMOS NÃO ENRUGAM

CASA KOSMOS

REMETEMOS CONTRA REEMBÔLSO PARA QUALQUER PONTO DO BRASIL 1 CAMISA SENDALINE POR CR$ 200,00. MANDE-NOS NOME, ENDEREÇO E N.° DO COLARINHO

AS CAMISAS DA CASA KOSMOS DURAM ANOS

● Vinte e um anos de experiência vanguardeira no desenvolvimento dos Diesel refletem-se no desenho avançado que é exclusividade dos modernos motores Mack a óleo Diesel.

Procure o mais próximo distribuidor do Mack e peça-lhe todos os detalhes referentes ao funciõnamento comprovadamente econômico e eficiente dos caminhões e ônibus Mack acionados a motor Diesel.

Mack

Em toda a América Latina se ouve repetir: "FORTE COMO UM MACK"

Mack Trucks, Inc., Empire State Bldg., Nova York, N. Y., E. U. A.—Fabricantes de caminhões, ônibus e carros de incêndio universalmente afamados. A gasolina ou Diesel. Distribuidores nas principais cidades da América Latina.

TODOS CANTAM SUA TERRA

Antes do caminhão e do trem de ferro, eram os Tropeiros. E ainda hoje, pelos infindos atalhos do sertão, êles caminham com suas pesadas récuas, transportando mercadorias, incentivando o progresso, alimentando cidades. Ao crepúsculo, os Tropeiros repousam, recuperando as energias para um novo dia de jornada. Homens precavidos, nunca se esquecem de levar, em suas viagens, um bom remédio que os defenda contra uma súbita dor de cabeça, uma gripe repentina ou um resfriado. Êsse remédio é, naturalmente, MELHORAL, a mais rápida e segura arma da ciência, para aliviar a dor, baixar a febre e cortar o resfriado.

NO BRASIL INTEIRO **Melhoral** É O PRIMEIRO

CONTRA DORES, GRIPES, RESFRIADOS

Tradição de qualidade

— há mais de 75 anos

Pirelli é pioneira na criação e no desenvolvimento da indústria de condutores elétricos, em tôdas as suas aplicações. Usufruindo o imenso patrimônio técnico-industrial acumulado durante mais de setenta e cinco anos, Pirelli pode oferecer ao nosso mercado a maior soma de experiência na sua especialidade.

Std-PB-34

EXIJA SEMPRE ESTA MARCA

PIRELLI

PIRELLI S.A. - COMPANHIA INDUSTRIAL BRASILEIRA - S. PAULO - BRASIL

UM CONDUTOR DE QUALIDADE PARA CADA APLICAÇÃO

Estes Homens Alimentam o Mundo

A International Harvester fornece a linha mais completa de máquinas agrícolas e equipamentos modernos fabricados atualmente. Aquí estão as ferramentas da lavoura mecanizada, experimentadas e comprovadas sob tôdas as condições de trabalho e construidas para produzirem maiores e melhores culturas em tôda parte.

Suas línguas são diferentes... suas roupas e seus costumes variam... mas todos êles têm uma coisa importante em comum:

Cada um dêles sentiu a terra ressequida escapar-lhe por entre os dedos enquanto levantava o rôsto tisnado para o céu à procura de um sinal de chuva. Nos anos de fartura, cada um dêles sentiu o prazer indescritivel de uma colheita farta e abundante.

Sim, são êstes os homens que produzem as culturas *e que alimentam o mundo.*

Os homens que lavram a terra conhecem o símbolo IH —caraterístico dos milhares de concessionários e distribuidores International Harvester no mundo inteiro, que mostram como a agricultura mecanizada racional, tanto nas grandes como nas pequenas fazendas, produzem mais alimentos para todos.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
180 N. Michigan Ave., Chicago 1, Ill., U. S. A.

INTERNATIONAL HARVESTER

Tratores e Máquinas Agrícolas
McCormick-Deering International
Caminhões International
Fôrça Industrial International
Refrigeração International

SERVEL—NO MUNDO INTEIRO

Funciona seja onde for, a querosene, gás natural ou industrial, butano ou propano

- **Conserva frescos os gêneros por muitos dias**
- **Faz cubos de gêlo em abundância**

Cerca de 3 milhões de refrigeradores Servel fornecem hoje refrigeração moderna aos lares, às lojas e às clínicas—na cidade e no campo—dos dois hemisférios. Porque o Servel funciona *em qualquer parte.* Não exige linhas de força elétrica, e não faz uso de nenhuma peça movel para produzir frio constante nem fazer cubos de gêlo; uma chama minúscula, de gás ou querosene, executa todo o trabalho. E como não tem maquinaria que se desgaste ou exija reparos, o Servel assegura-lhe mais anos de serviço fiel, ininterrupto. Escreva ao endereço abaixo-indicado, pedindo o folheto descritivo do Servel.

Servel
O REFRIGERADOR DIFERENTE

SERVEL, INC. • INTERNATIONAL DIVISION • 20 PINE STREET • NEW YORK 5, N. Y., U. S. A.

Sorrindo confiante para o futuro . . .
- porque seus dentes são protegidos por
CREME DENTAL
GESSY
A ESPUMA GOSTOSA QUE CLAREIA OS DENTES
CREME DENTAL GESSY

TOMO XV
No. 85

SELEÇÕES
do Reader's Digest

FEVEREIRO
de 1949

Condensações de artigos de interesse permanente

«Que importam os destroços e as ruinas?»

Ainda brilha a estrela da esperança

Por A. J. Cronin

Autor de «As chaves do Reino», «A cidadela» e do atual best-seller *«Shannon's Way»*

Todas as manhãs, durante o inverno em que passei as minhas férias na pequenina e destroçada aldeia de Castelmare, perto de Livorno, na Itália, eu avistava a velha Maria Bendetti. Pequena, magra e encolhida, os pés descalços, metida num bolorento vestido preto, um chale negro enrolado na cabeça, os ombros frageis curvados sob a grande cesta de vime que levava às costas, ela era a encarnação da tragédia reinante. O rosto fino e moreno, tão marcado de infortúnios, parecia moldado pela calamidade em linhas de irreparavel tristeza.

Ela vendia peixe, desses incertos e nada apetitosos peixes do Mediterrâneo, que, com a ajuda de um escasso prato de macarrão, constituiam a magra dieta dessa arrasada povoação litorânea. Eu conhecera o vilarejo nos seus dias de alegria, de paz e de despreocupação. E agora já não havia música e risos na pequena praça, onde os edifícios atingidos pelas bombas se esparramavam como ébrios por entre a poeira dos destroços. Era uma cena de cortar o coração, sobre a qual pairava, como nos túmulos, o cheiro penetrante dos loendros em flor. O lugar estava morto, e porque eu o amara muito, sua final desolação provocava em mim um rancoroso sentimento de amargura e desespero.

A maioria dos habitantes ainda jovens haviam abalado. Mas as crianças e os velhos permaneceram, como se

fossem espectros entre as ruinas, a extrair do mar o precário sustento de cada dia, com barcos avariados e redes remendadas.

Entre esses estava Maria. Por vezes ela vinha acompanhada de uma menina de dez anos, provavelmente sua neta, uma criaturinha magra que caminhava ao seu lado a apregoar com voz esganiçada e insistente: «*Pesci... Pesci freschi*», como se fizesse questão de provar que o seu era o peixe mais fresco de todos. Eu as observava com tristeza, porque as duas de certo modo ilustravam aos meus olhos a insensatez de apegar-se alguem a um passado que nunca mais poderá voltar.

Certa manhã, quando atravessavam a praça em ruinas, falei com elas. Sim, tinham suportado os bombardeios; a guerra fora uma coisa bem triste, concordavam. Viviam agora, com a máxima frugalidade, num quartinho que era uma toca escura na Via Eustachia, rua estreita situada entre os restos de um dos bairros mais pobres da aldeia.

Na exacerbação da amargura que me queimava por dentro e que nada mais era senão o reflexo do meu próprio pessimismo e descontentamento, perguntei bruscamente:

—Por que não abandonam a aldeia? Aquí não há futuro... tudo está destruido... completamente liquidado.

Houve uma pausa. A velha meneou vagarosamente a cabeça.

—Esta é a nossa terra. Para nós, ela não está liquidada...

Ao se afastarem, pareceu-me que tinham trocado furtivamente um olhar cheio de ardor.

Esse olhar despertou-me a curiosidade. Nos dias que se seguiram surpreendí-me durante algum tempo a observar com estranho e relutante interesse os movimentos das duas criaturas. Pela manhã elas seguiam uma rotina visivel e invariavel, mas à tarde —coisa curiosa—eu não as via em parte alguma. Muitas vezes, depois do meu almoço, ao ar livre, eu enfiava pela Via Eustachia apenas para verificar que o quarto delas estava vazio. Seria que as duas não eram tão simples como eu supunha, e que sua ausência de todas as tardes ocultava qualquer negócio escuso?

Impelido por essa idéia, um dia saí mais cedo para a Via Eustachia, à hora em que costumava fazer a minha sesta na praia, e postei-me no corredor próximo ao quarto da pobre mulher. Não tive que esperar muito tempo. À uma hora e pouco, Maria e a neta apareceram. Ambas levavam às costas um cesto vazio, e de mãos dadas, com ar de quem tem em vista um objetivo, ganharam rapidamente a rua alastrada de ruinas. Seguí-as à socapa.

Através dos montes de destroços lá iam a velha e a criança. Nos arredores da aldeia tomaram uma vereda crestada pelo sol, que conduzia ao leito seco do rio. Alí, ao alcançar um ponto conveniente no alto do barranco, vi, surpreendido, que outras pessoas estavam cavando de pá e picareta o terreno empedrado do canal. Maria e a menina descansaram os cestos no chão e puseram-se a trabalhar. De começo, imaginei que estivessem procurando iscas, mas depois verifiquei que a neta enchia o seu cesto com areia, enquanto Maria, debruçando-se e escolhendo com grande cuidado, reunia um carregamento de pedras brancas retangulares. Quando terminaram de encher os cestos, as duas meteram ombros à carga, escalando vagarosamente o caminho estreito e escarpado. Seguí-as.

O atalho levava ao ponto mais alto do vilarejo em ruinas, um pequeno planalto que dominava a paisagem, e que eu, em meus passeios a pé, nunca havia atingido antes; era o único lugar que escapara à destruição naquelas redondezas. Alí, por entre as alamedas de acácia, trabalhava um grupo numeroso de gente da aldeia. Quietos, falando em voz baixa, com uma contensão que lhes comunicava às ações estranha solenidade, estavam a misturar argamassa, a entalhar e a polir as belas pedras brancas, construindo as paredes de uma nova e grande estrutura.

Por um minuto fiquei intrigado, mas em seguida, e de repente, pelo aspecto do que já havia sido feito, compreendí o que era que estavam construindo. Suspendí a respiração. Aquela gente que mal tinha teto para cobrir-se e sobre a qual pairava a desgraça de uma incrivel destruição—mulheres, crianças e velhos que eu apenas entrevira como sombras aniquiladas e extintas—havia decidido, num primeiro ato de conjunto, e tão só pelo seu trabalho, construir uma nova e esplêndida igreja. Não uma capela provisória, mas um lugar de adoração mais belo e mais amplo do que tudo quanto haviam tido até então.

Maria e a menina esvaziaram a carga dos cestos. Pararam um momento para recobrar fôlego, depois retomaram o caminho da descida. Quando a velha passou por mim, ainda com gotas de suor na testa, dirigiu-me, com seus olhos negros e experientes, um leve, rápido e inesperado sorriso, um sorriso que, impenetravel na sua doçura, parecia conter, sob a profundeza da serenidade, um toque amistoso de malícia, como se dissesse: «Então, ainda acha que estamos liquidados?» Toda a vida de Maria—o passado, o presente e o futuro—estava escrita naquele olhar. Lá estavam a coragem, e a resistência e a confiança, uma confiança paciente e inabalavel—a vontade de viver o dia-a-dia da vida, a capacidade de aceitar e, sobretudo, de crer.

Confundido e humilhado, não me mexí antes de perder de vista a velha e a menina. De repente, passei a sentir uma opressão no peito, um punhal a atravessar-me, numa punhalada de angustiado arrependimento pela minha inclinação ao desespero. Que importam os destroços e as ruinas? Se as crianças e os velhos podiam ostentar tamanha fé, havia, apesar de tudo, esperança para o mundo.

Fiquei muito tempo alí parado. E quando, por fim, comecei a descida, já então consolado e de alma erguida, a primeira estrela ia surgindo, pálida mas luminosa, no céu eterno, enquanto a aldeia arrasada desaparecia por entre a maciez da neblina. Em lugar da aldeia destruida, surgiu em redor de mim uma refulgente cidade etérea animada pelo espírito.

«Todo o mundo quer chegar depressa»

VERTIGEM DA VELOCIDADE

A notavel história do avião a jacto

Turbojacto Boeing XB-47

(Condensado de «Time»)

O PEQUENO monstro, firmemente aparafusado ao banco de prova, não causa grande impressão. Falta-lhe uma hélice rigorosamente simétrica, não tem um feixe de cilindros, nem a fria e geométrica elegância do motor convencional de aviões. Não obstante, o despretensioso motor a turbojacto é motivo de uma confusão extática entre os engenheiros aeronáuticos: ninguem sabe ainda qual a velocidade máxima a que o homem poderá voar com o motor a jacto, mas isto é certo: os clássicos limites de velocidade que conhecemos cairam por terra. Nos seus momentos de mais expansão, os projetistas, normalmente sóbrios, falam de velocidades tão grandes que os aviões luzirão como meteoros.

O surgir do turbojacto não significa que entrará em desuso o motor tradicional. O caso é que a potência do jacto se inicia no ponto em que termina a do motor de explosão.

Num momento, zum! Observando um motor a jacto entrar em funcionamento, sente-se essa potência. No interior, apenas visivel, acha-se a turbina, semelhante a um pequeno moinho de vento com as pás muito juntas. Quando começa a rodar o motor de partida, a turbina gira. Do tubo de descarga, na cauda, sai um bafo malcheiroso, seguido de uma fina névoa acinzentada de querosene vaporizado. Lá no fundo do motor chispa uma única vela. Atrás da turbina paira, girando, um círculo de fogo. Num momento, com um *zum* cavernoso, escapa uma enorme labareda amarela; esta logo se reduz a um tênue cone azulado, que ruge insistentemente, como um maçarico gigantesco. O rugido aumenta até assemelhar-se a um trovão, à medida que cresce a velocidade da turbina. Depois, diminui um pouco, mascarado por um ruido estranho, agudo, que se sente, ao invés de ouvir-se. Trata-se de um som «ultra-sônico» (cuja frequência é alta demais para o

ouvido humano). «Faz cócegas» no cérebro, oprime o coração, estremece as vísceras. Poucos homens toleram a proximidade de um motor a jacto em pleno funcionamento.

O motor revela então uma pujança impressionante. O rotor maciço, que é a principal peça dotada de movimento, gira à velocidade de 13 mil rotações por minuto. O fogo ruge em suas entranhas, gerando um calor suficiente para aquecer mil casas de cinco cômodos em climas de 18 abaixo de zero C (se bem que a parte externa do motor se mantenha quase toda fresca). Da entrada de ar no nariz do aparelho, projetam-se ganchos invisiveis cuja sucção é capaz de arrastar um homem que se aproxime demasiado, e truncar-lhe o corpo. A rajada de gases que sai da cauda pode derrubar um homem a 50 metros de distância. Se o motor estivesse livre, apontando para cima, subiria como um rojão.

«Trabalhem.» Os primitivos aviões a jacto não eram senão improvisações que só utilizavam uma parcela das possibilidades do novo motor. Nem os desenhos posteriores de estruturas de aviões acompanhavam o rápido desenvolvimento do motor. Na Inglaterra, o primeiro turbojacto bem sucedido levantou vôo em 1941. Projetado pelo Comodoro do Ar Frank Whittle,* desenvolveu apenas 385 quilos de força propulsora. Os motores atuais oferecem 2.300 quilos de tração, e nas grandes fábricas acham-se em preparo motores ainda mais possantes. «Trabalhem,» dizem esses industriais aos projetistas de estruturas, «e criem uma armação que esteja à altura do nosso progresso.»

Dos tipos atuais de aviões, um só, o caça rápido, de pequeno alcance, adapta-se bem ao motor a jacto, cuja grande desvantagem é a sua sede prodigiosa de combustivel. O consumo, considerado razoavel, dos grandes jactos que voam a pequenas altitudes é de 3.800 litros de querosene por hora, isto é, mais de um litro por segundo. Para bombardeiros e aviões comerciais, os motores a jacto são ainda antieconômicos.

Um método que oferece probabilidades de conseguir-se maior eficiência a velocidades moderadas consiste em converter o motor a turbojacto em motor de «turbo-hélice». Nesse sistema, uma segunda turbina, colocada atrás da primeira, extrai uma proporção ainda maior da energia contida no jacto de gases aquecidos, e a aproveita para pôr em movimento uma hélice de tipo comum. Essa máquina híbrida tem muitas das vantagens do verdadeiro turbojacto, mas sua eficiência é maior a velocidades moderadas, e menor o seu consumo de combustivel por hora.

Os ingleses estão empregando intensamente os motores a «turbo-hélice». Já experimentaram muitos modelos em vôo, de forma completa e com resultados animadores. O Ministério da Aeronáutica da Inglaterra se

*Whittle pode ser chamado o inventor do turbojacto. O Governo Trabalhista da Grã-Bretanha agraciou-o com um prêmio de 100 mil libras esterlinas, livre de impostos, num belo gesto à maneira do Antigo Regime.

propõe utilizar esses motores em aviões de passageiros para viagens longas a velocidades de cruzeiro entre 480 e 640 quilômetros por hora. Nutre a esperança de que os progressos já alcançados pelos ingleses no aperfeiçoamento dos motores de «turbo-hélice» lhes permitam concorrer com os tipos atuais de transportes aéreos norte-americanos, e mais tarde, talvez, substituí-los no serviço das rotas internacionais, da mesma forma que os navios transatlânticos britânicos substituiram em seu tempo os veleiros dos Estados Unidos em todos os mares.

Nova Beleza. Para o leigo, a característica mais saliente dos aviões a jacto que têm sido bem sucedidos, é a sua extraordinária beleza. Não têm hélice que lhes altere a suavidade das linhas, nem cofre bojudo para alojar os volumosos motores de pistões. O corpo é delgado, em forma de dardo; as asas são finas.

Montado num avião, o motor a turbojacto é muito mais silencioso do que no banco de prova. Quando arranca em plena luz do sol, não se nota traço da chama, apenas a rajada de gases transparentes que escapam do tubo de descarga da cauda. Expandindo-se, tomam a forma de um cone regular, que brilha como a seda molhada. Em cada aresta, junto à extremidade do tubo da cauda, aparece uma faixa mais escura, causada pela turbulência resultante do atrito entre os gases quentes e o ar ambiente. Ao levantar vôo o avião, o jacto ruge com intensidade ligeiramente maior. Gradualmente, sem aparência de esforço nem trovejar de hélice, o avião vara o ar, deixando rasto sedoso.

Viajar como passageiro num desses aviões é uma sensação estranhamente calmante. A cabina é excepcionalmente silenciosa, para um avião militar. O rugido é quase todo expelido para trás, acompanhando o rasto, e quase não se sente vibração alguma. Os pilotos experientes dizem que dirigir esse avião é «brinquedo». Em vôo baixo, a 880 quilômetros por hora, os objetos distantes na frente somem antes que a vista os possa fitar.

Os engenheiros estão, entretanto, pensando em velocidades ainda maiores que as desses doceis aviões. Já se fala em aviões que começam a atingir a velocidade do som.

Os mortos sabem... A velocidade do som! Essa noção mágica e apavorante domina os sonhos dos projetistas de aviões ultra-velozes.

Quando a velocidade do avião se aproxima da do som, a corrente de ar suave se transforma em turbulência. Os choques constantes podem ser suficientemente violentos para arrancar uma asa. É o que acontece às vezes quando um avião veloz mergulha com velocidade excessiva. As consequências, evidentemente, são funestas para o piloto, «como é do conhecimento de muitos mortos», segundo a linguagem dos manuais de treinamento.

Há um avião norte-americano, o X-1*, de propulsão a foguete, que já voou com velocidade superior à do som. Não é, entretanto, um avião para operações. Não transporta carga util, exceto o piloto, alguns instrumentos, e combustivel para dois minutos de vôo em plena potência. Os engenheiros estão envidando todos os esforços no sentido de produzir um avião que tenha alcance e capacidade para transportar cargas a uma velocidade superior à do som. Em três grandes laboratórios norte-americanos, os cientistas estão descobrindo os fatos relativos ao vôo a grande velocidade.

*Os ingleses noticiaram recentemente que um avião De Havilland a jacto «parecia» ter ultrapassado tambem a velocidade do som.

Não se limitam a velocidades «moderadas», mas projetam ousadamente o pensamento para velocidades três ou quatro vezes superiores à do som. A tais velocidades, pelos cálculos que fizeram, o atrito do ar aquecerá o bordo de ataque do avião (e talvez toda a fuselagem) a uns 650° C, que é a temperatura de metal aquecido ao rubro. Mas, dizem os cientistas, as asas poderão ser refrigeradas artificialmente, se for necessário.

A altas velocidades, no pensar dos cientistas, entra em consideração outro tipo de motor a jacto—o «aríete de jacto». A aviação militar e várias empresas particulares manifestaram entusiasmo pelos «aríetes de jacto». Consideram-nos especialmente apropriados para os projeteis dirigidos, esses «aviões deshabitados» com os quais dois continentes em guerra se poderão estraçalhar mutuamente de lados opostos do globo. Os otimistas tambem chegam a imaginar futuras aplicações para fins pacíficos. Um viajante pressuroso pode partir de Londres ao meio-dia, num avião de propulsão a jacto, e, rumando a oeste, ver o sol pôr-se no nascente... Chegaria à Califórnia a tempo para o café, na manhã do mesmo dia.

Por que viajar com tanta velocidade? A essa pergunta, os engenheiros aeronáuticos se mostram admirados ou, mesmo, ressentidos, mas logo respondem, cheios de confiança: «Todo o mundo quer chegar depressa...»

Indenização... às avessas

CERTA VEZ, zangado com o estrago que um chofer de ônibus causara em uma de suas árvores, na Índia, o poeta Rudyard Kipling escreveu uma carta de vigoroso protesto e mandou-a ao dono do ônibus, que era tambem proprietário de uma bem frequentada estalagem. Este exibiu a carta ao seleto número de fregueses do bar, os quais logo se prontificaram a comprá-la por bom preço. Passados dias, veio outra carta, mais enérgica, e houve quem por ela desse uma libra esterlina.

No dia seguinte, quando o enfurecido Kipling entrou na estalagem, disse-lhe o proprietário: «O senhor quer saber por que não respondi sua carta? Porque esperava que me mandasse uma todos os dias; elas me dariam melhor renda do que o ônibus!»

—*Christian Science Monitor*

Palavras que nos guiam

(Reproduzido de «This Week Magazine» e do livro «Words to Live By»)

Por Lauritz Melchior

Tenor wagneriano da Metropolitan Opera House de Nova York

«Que todos vivam como gostariam de morrer.»
—George Herbert

QUANTOS seremos, hoje, os que andamos procurando às apalpadelas um gênero de vida que, sendo capaz de satisfazer as aspirações da nossa alma, nos liberte, ao mesmo tempo, do medo corrosivo de desperdiçar os nossos dias na vacuidade do nada! Mas as palavras acima, do poeta inglês George Herbert, ajudam-nos a dominar tais temores.

O nome que, ao morrer, deixamos atrás de nós, é a soma de todas as grandes e pequenas coisas que houvermos praticado durante nossa existência. Se queremos ser grandes na morte, é preciso que tudo quanto fizermos em vida, até ao mais insignificante pormenor, seja grande tambem. Os recentes acontecimentos mundiais nos ensinaram que, se quisermos erigir um mundo novo e valoroso sobre as ruinas deixadas pela guerra, os homens, e com eles as nações, terão de aprender a viver em harmonia entre si, e a sentir-se moralmente na obrigação de contribuir com algo de bom para a comunidade de que fazem parte. Cada um de nós terá alguma coisa de pessoal e diferente a contribuir, e por pequena e insignificante que essa contribuição pareça, nem por isso deixará de ser benéfica para todos. Se obedecermos constantemente a esse preceito, poderemos estar certos de que, quando a morte chegar, nos sentiremos perfeitamente satisfeitos com a maneira pela qual conduzimos nossa vida.

**Words to Live By*, compilação de William Nichols. Editores: Simon and Schuster, Nova York. Preço, $1.95. Trata-se de uma coleção de breves e inspirados ensaios da autoria de 84 personalidades eminentes. O autor de cada ensaio, citando um trecho da obra de algum escritor ilustre, dá em seguida a sua interpretação do referido trecho, e fala da influência que este teve em sua vida ou na de outras pessoas.

FLAGRANTES DA VIDA REAL

O EMPREGADO que me atendeu, no posto de gasolina, denotava um ar de imenso cansaço. Depois de encher o tanque do meu carro e de pôr óleo no motor, declarou-me:

—Quatro litros de gasolina.

Esperei um instante e observei:

—E um litro de óleo; já se esqueceu?

A expressão do rapaz transformou-se completamente. Deu um soco na palma da mão e pôs-se a dar uns extravagantes passos de dança.

—Ótimo! E eu que pensava que hoje era um dia «morto» para os negócios!

—Como assim? perguntei.

—É o seguinte, freguesa: tenho observado que, de cada 20 pessoas, 17 não falam nada sobre o óleo, a limpeza do para-brisa, nem nada alem da gasolina. Eu aí espero para ver se o freguês se lembra. Mas eu é que acabo lembrando a ele... Quando aparece alguem feito a senhora, eu digo bem alto: é um prazer encontrar uma pessoa honesta! —H. E.

NA MANHÃ do seu aniversário, meu pai atendeu o telefone e o ouvimos exclamar: «O quê?! Passeata de grevistas em frente à minha loja? Impossivel! Os empregados são todos meus amigos. Faz tantos anos que trabalham comigo!»

Desligou o telefone e correu para a loja, seguido por minha mãe e por mim. No caminho, perguntou-nos: «Haverá quem pague melhores salários do que eu? Ou quem dê tantas gratificações? Eu não desconto um vintem quando estão doentes e ainda ajudo a pagar o hospital. Nunca tivemos o menor desentendimento até hoje!»

A essa altura, avistamos a loja. Grande número de populares se haviam juntado à entrada, diante da qual passeavam sete ou oito homens com berrantes cartazes. Mamãe foi a primeira a compreender o que se passava. Seus olhos se iluminaram. «Mais patrões como o nosso», leu-nos, em voz alta; «Trabalhamos aquí e estamos muito contentes», «Não há comerciante melhor no mundo». E, voltando-se para papai: «Eles estão te desejando um aniversário feliz, querido.» E beijou-o. «É o que todos nós te desejamos.» —M. H.

DURANTE uma recente visita a Nova York, esbarrei num senhor de meia idade, ao descer de um trem subterrâneo. Pedí-lhe muitas desculpas, com meu sotaque espanhol e minha efusão de latino.

A multidão me fez perdê-lo de vista, e não pensei mais no caso até que, na escada de saida, sentí que alguem me segurava o braço e dizia:

—Olhe, chefe, aquí no subterrâneo ninguem se dá ao trabalho de pedir perdão... O sr. já pensou no tempo que a gente perderia com desculpas?

Antes que eu pudesse responder-lhe, uma leva de pessoas, saida de outro trem, avançou sobre nós, derrubou o meu interlocutor e, sem uma palavra, ou sequer um olhar, continuou, escada acima. O cavalheiro sentou-se e sorriu, triunfante:

—Compreende, agora, o que lhe disse? —A. M.

UM SENHOR idoso—rico e muito surdo—comprou em minha loja um aparelho de audição dos mais aperfeiçoados. Daí a uma quinzena, voltou para dizer-me que estava ouvindo perfeitamente, até mesmo conversas em outra sala.

—Seus amigos e parentes devem estar encantados com isso, comentei.

—Qual o quê! Não contei nada a ninguem. Fico só escutando o que eles falam. E, como resultado, sabe o que aconteceu? Já reformei duas vezes o meu testamento. —K. L.

MINHA imprudente amiga dirigia seu automovel a grande velocidade, buzinando sem cessar, ultrapassando outros carros em curvas perigosas, enquanto eu, ao seu lado, prendia a respiração. Repentinamente, surgiu-nos pela frente um caminhão e só mesmo devido à perícia do motorista não tivemos um choque terrivel.

O chofer desceu do caminhão e dirigiu-se ao nosso carro, em largas passadas. Esperamos uma bem merecida descompostura, mas ele, sem dizer palavra, meteu a cabeça pela janela do carro e, com o dedo, traçou no ar um círculo sobre a cabeça de minha companheira. Como ela recuasse, sem entender o gesto, o motorista sussurrou-lhe, em tom soturno: «Minha senhora, é assim que são feitos os anjos.» E, depois de ter-lhe traçado novo halo, retirou-se, dignamente. —M. C.

DURANTE uma excursão ao interior, meu marido e eu estivemos em casa de um desses fazendeiros que gostam de economizar palavras. Perguntei-lhe o que achava do meu traje de caça.

—Sapato baixo demais, respondeu.

—Cobras.

No dia seguinte, comprei um par de botas que quase me alcançavam os joelhos.

—O sr. acha que as cobras conseguem morder-me acima destas botas?

—Não. Só se for uma cobra muito indecente... —E. W.

Novos dados sobre o fim misterioso do notório Marechal de Campo

O que aconteceu realmente a Rommel

(Condensado de «Forum»)

Pela Condessa Waldeck

O GENERAL ERWIN ROMMEL tinha 49 anos quando se viu envolvido subitamente pela auréola da fama, em maio de 1940, à frente da Sétima Divisão *Panzer*, na batalha da França. Dois anos depois, quando levou o seu *Afrika Korps* a menos de 100 quilômetros de Alexandria, seu nome corria de boca em boca, em todos os quadrantes do mundo. Foi nesse ano que Hitler o fez Marechal de Campo e os ingleses o apontaram como o mais habil general da guerra.

Para os soldados do Oitavo Exército Britânico, que tiveram de enfrentá-lo na África, «fazer um rommel» significava cumprir uma missão de forma impecavel. Sua astúcia e faculdade de improvização granjearam-lhe o apelido de «Raposa do Deserto». Certa vez, encontrando-se sob violenta pressão britânica, o general conseguiu assustar o inimigo dando-lhe a impressão de estar comandando forças muito superiores. Sabendo que a RAF fotografava diariamente as linhas alemãs, ordenou que todos os veículos disponiveis fossem postos em movimento de vai-e-vem incessante durante duas noites, crivando de milhares de sulcos os areais próximos. As fotografias, somadas à propaganda alemã, iludiram os ingleses, que, por se julgarem em inferioridade de forças, bateram em retirada.

Ao ordenar um ataque, em outra ocasião, foi Rommel informado

A CONDESSA WALDECK deixou a Alemanha, seu país natal, em 1931, e fixou residência nos Estados Unidos. Voltou à Europa em meados do ano passado afim de colher material para este artigo em relatórios alemães até então inacessiveis, e em entrevistas com membros da família de Rommel, e seus amigos e companheiros de farda.

de que havia apenas seis tanques disponíveis. «Pois então ataquem com poeira!» trovejou ele. Minutos depois, todos os veículos do Corpo começaram a mover-se, em círculos, num raio de alguns quilômetros. Cobertos pela imensa nuvem de poeira, avançaram seis tanques contra os ingleses. Estes, imaginando-se atacados por uma divisão inteira, abandonaram rapidamente as posições que ocupavam.

Rommel possuia o que se poderia chamar *sex appeal* militar, qualidade que tanto se revelava no seu vistoso quepe como na argúcia de suas decisões. Para seus homens, que o viam emergir da torre do tanque, na frente de combate, era a própria imagem do deus das batalhas. «Não se afaste de mim,» disse, certa vez, a um dos seus oficiais, debaixo da fuzilaria inimiga. «A mim, nada acontece.» Um dia, porem, um fim trágico o surpreenderia.

Quais foram, afinal, as circunstâncias misteriosas que envolveram a sua morte? Segundo a versão oficial alemã, Rommel faleceu em virtude de ferimentos recebidos durante a invasão da Normandia, ao ser metralhado o seu carro perto de Livarot, ao sul do Havre. A verdade, porem, é muito mais dramática e reveladora.

SOMENTE depois dos insucessos alemães na campanha da África, foi que Rommel se apercebeu do infinito desprezo de Hitler pela criatura humana. Sabia que a campanha estava perdida, devido não só à falta de gasolina e equipamento como à crescente superioridade das forças inglesas. Insistiu com Hitler para que se fizesse a retirada das tropas alemãs, como o único meio de poupar a vida de milhares de homens. Hitler replicou-lhe, exaltado: «A vitória ou a morte!»

«Nem morrí, nem vencí,» comentou Rommel mais tarde, secamente.

Antes da rendição de Tunis, em maio de 1943, Hitler o chamara a Berlim, afim de não o identificar com a derrota iminente.

Os meses que se seguiram foram amargos. O general jamais pertencera ao Partido Nazista nem fora condecorado com o emblema dourado do mesmo. Preocupado com o êxito da sua carreira, ignorava, até então, os massacres, o trabalho escravo, os campos de concentração, o terror da Gestapo nas áreas ocupadas. Enchiam-no, agora, de horror as ignomínias perpetradas pelos nazistas em nome do povo alemão. «Fiz a guerra com decência,» disse ele, «mas essa gente manchou minha farda.» Quando Hitler publicou a famosa ordem de fuzilamento de refens, à razão de 12 para cada alemão morto, Rommel foi um dos raros comandantes alemães que não lhe fizeram caso algum.

O que mais o conturbou, no final da guerra, foi a convicção de que Hitler preferiria arrastar a Alemanha inteira ao abismo, a renunciar à luta.

Afim de alimentar a confiança do povo alemão e impressionar os Aliados, Hitler nomeou Rommel comandante das forças que defenderiam a Normandia contra a invasão. O general, porem, não tardou em convencer-

se de que seria impossivel repelir, com os escassos recursos ao seu dispor, um desembarque em grande escala. Em abril de 1944, conferenciou com o General Karl Heinrich von Stülpnagel, governador militar da França e um dos líderes da resistência a Hitler, sobre os meios de terminar imediatamente a guerra no ocidente e derrubar o regime nazista.

Com a esperança de obter condições de paz mais favoraveis que a rendição incondicional exigida pelos Aliados, Rommel projetou oferecer, à revelia de Hitler, um armistício a Eisenhower e Montgomery. As tropas alemãs se retirariam dos territórios ocupados e os Aliados, em troca, suspenderiam, imediatamente, o bombardeio das cidades alemãs. No leste, entretanto, os alemães continuariam a lutar numa frente menos extensa— Romênia, Lemberg, o Vístula, Memel —«em defesa da civilização ocidental».

Rommel propôs que Hitler fosse aprisionado por algumas unidades de confiança, e julgado por um tribunal alemão. Não desejava transformar o Fuehrer em martir, dando-lhe cabo da vida sumariamente.

Nesse ínterim, os Aliados desembarcaram na Normandia e, em 15 de julho de 1944, Rommel mandou a Hitler um ultimato no qual exigia a imediata abertura de negociações para o armistício. Deu ao Fuehrer o prazo de quatro dias para decidir-se.

Na noite de 17 de julho, de volta da frente de batalha, Rommel chegou às proximidades de Livarot. Subitamente, dois aviões com emblemas britânicos mergulharam, em vôo picado, sobre ele. Um deles, a poucos metros do solo, metralhou o lado esquerdo do carro. Rommel foi atirado, inconsciente, fora do veículo. Estava caido na estrada quando o segundo avião o metralhou. O general ficou tão gravemente ferido—uma fratura no crânio, duas nas têmporas, um maxilar partido, o olho esquerdo afetado, forte abalo no cérebro—que os médicos duvidaram que pudesse sobreviver.

E, fato estranho, não consta dos arquivos da RAF nenhuma referência ao ataque a um carro isolado perto de Livarot em 17 de julho. Tratar-se-ia da resposta de Hitler ao ultimato de Rommel?

De qualquer maneira, esse foi o primeiro dos dois rudes golpes que frustraram a conspiração contra Hitler. O segundo ocorreu em 20 de julho. A chamada «Operação Valquíria»—plano organizado por chefes militares e civís anti-nazistas para assassinar Hitler, e em cuja articulação inicial Rommel fora envolvido por von Stülpnagel—não logrou eliminar o Fuehrer no seu quartel general na Prússia. A bomba explodiu a dois metros do ditador, destroçou a sala, feriu vinte homens e matou quatro. Hitler, porem, escapou milagrosamente.

Os conspiradores foram acossados pela vingança nazista, que mandou enforcar aqueles que conseguiu prender.

NO FIM do verão, Rommel encontrava-se praticamente restabelecido.

Não lhe restava do acidente senão uma paralisia parcial do olho esquerdo.

Em 14 de outubro, levantou-se cedo, em sua vila de Herrlingen, perto de Ulm, para receber Manfredo, seu filho de 16 anos, que vinha passar com ele uma breve licença do Exército. Outro visitante, menos benvindo, era tambem esperado, ao meio-dia. Por um telefonema, na noite anterior, Rommel fora informado de que o General Burgdorf viria vê-lo, em nome do Fuehrer, para discutir com ele a sua «nomeação para um novo comando». Ao filho, observou o marechal pela manhã: «A vinda de Burgdorf parece-me uma armadilha.»

Ao meio-dia, chegou o enviado de Hitler, em companhia do General Maisel. Rommel, sua esposa e filho cumprimentaram os visitantes que beijaram, cerimoniosamente, a mão de Frau Rommel. Depois de trocadas algumas frases formais sobre a amenidade do clima, a saude dos presentes e o esplêndido restabelecimento do Marechal, Frau Rommel e Manfredo se retiraram.

Pouco depois de uma hora, o marechal subiu ao quarto da esposa. «Mas que se passou?» perguntou esta, alarmada pelo semblante grave do marido.

«Dentro de quinze minutos, estarei morto,» disse Rommel meio absorto, como que a medir e pesar o sentido de cada palavra.

Rapidamente, contou-lhe o que se passara: o inquérito sobre von Stülpnagel (que fora estrangulado após uma tentativa de suicídio, em que perdera a vista) não deixara dúvidas sobre a participação de Rommel no atentado de 20 de julho. Hitler dava-lhe, agora, opção entre a morte imediata pelo veneno ou julgamento perante um tribunal popular. Os dois generais frisaram que, se Rommel insistisse no julgamento, seriam exercidas represálias contra sua mulher e filho; entretanto, se se deixasse envenenar, eles seriam poupados e receberiam todas as honras e pensões a que tinha direito a família de um Marechal de Campo alemão. O Fuehrer estava decidido a ocultar do povo alemão o fato de o general mais popular dos seus exércitos ter conspirado para derrubá-lo e fazer a paz.

Com monstruosa precisão, Burgdorf descreveu a Rommel os menores detalhes do seu plano. A caminho de Ulm, dariam ao marechal certa dose de veneno; três segundos depois, estaria morto. O corpo seria conduzido a um hospital de Ulm enquanto um despacho levaria ao mundo a notícia de que Rommel falecera subitamente, ainda em consequência dos ferimentos recebidos em 17 de julho.

Rommel, no quarto do pavimento superior, pudera transmitir os detalhes desse plano diabólico a duas outras pessoas—seu ajudante-de-ordens, Capitão Aldinger, e Manfredo.

Deixou que o ajudassem a vestir o sobretudo e pôs a seguir o quepe, com o garbo de sempre. Manfredo e Aldinger alcançaram-lhe as luvas e o bastão de marechal. Dirigiu-se, então, ao automovel onde o aguardavam seus assassinos.

Nos anais do Terceiro Reich, nenhuma cena revelará com maior eloquência o clima psicológico que envolvia o terrorismo hitlerista. Não se tratava, aquí, de um judeu indefeso nas mãos da Gestapo, mas de um Marechal de Campo, com o bastão em punho, orgulho do exército germânico, lendário no mundo inteiro pela sua bravura e argúcia. Esse homem, entretanto, deixava-se levar, docilmente, a caminho da morte.

Por que razão nenhum dos presentes se animou a sacar uma pistola e eliminar os dois generais? A resistência, porem, talvez não salvasse Rommel, e alem disso poderia ter significado o fim de todos: soube-se, depois, que elementos motorizados das tropas SS haviam sido concentrados nas proximidades. Entretanto, uma reação dramática não só teria destruido o plano de Hitler para ocultar a defecção do mais popular dos seus generais, como teria sido a centelha capaz de deflagrar a revolta geral. Mas, ao que parece, os alemães de todas as classes estavam a tal ponto entorpecidos pelo terrorismo do regime, que uma decisão como essa não poderia nem sequer ter ocorrido a alguem.

Às 13 e 25, Burgdorf e Maisel fizeram entrega do cadaver de Rommel ao hospital de Ulm. O médico-chefe, que se dispunha a proceder à autópsia, foi prontamente interrompido por Burgdorf, que lhe disse: «Não toque no corpo. Em Berlim já se tomaram todas as providências.»

Talvez jamais se venha a saber, exatamente, o que se passou no caminho de Ulm. Burgdorf pereceu, com Hitler, no subterrâneo da chancelaria do Reich. Tanto Maisel, que ainda se encontra prisioneiro na zona norte-americana da Alemanha, quanto o motorista da SS afirmam terem recebido ordem de abandonar o carro por um momento, encontrando, ao regressarem, Rommel agonizante.

Aos funerais promovidos pelo Estado, em 17 de outubro, compareceram, contritas, as altas patentes militares e principais personalidades do partido nazista. A oração fúnebre foi pronunciada, em nome do Fuehrer, pelo Marechal de Campo von Rundstedt. Frau Rommel, pálida e abatida, recusou o braço que este lhe ofereceu. Uma tensão incrivel envolvia aquela farsa bem ensaiada. Entretanto, poucos, dentre os presentes, sabiam que estavam assistindo à última cena de um assassinato.

Anúncios pitorescos

Do *Post-Telegram*, de Bridgeport, no Connecticut: «Ofereço-me para todas as tarefas que seu marido recusar: pequenos consertos, tratar do jardim, lavar vidraças, encerar a casa, etc.»

Do *Democrat-News*, de Shelbyville, no Illinois: «Troca-se um galo que canta às quatro da manhã por um que cante às cinco.»

Para falar em público, como para qualquer outra coisa na vida, o êxito depende do hábito de ser bem sucedido

Fale sem medo

O segredo que Dale Carnegie tem revelado a milhares de pessoas

(Condensado de «Your Life»)

Por J. P. McEvoy

O LEITOR quase morre de medo quando tem que se levantar para dizer alguma coisa? A língua fica presa, a voz sumida, a garganta seca? Segundo Dale Carnegie, isso é natural, mas facilmente curavel: basta falar...Ele afirma tambem que «as pessoas não têm medo de falar, mas sim de *falhar*. E falham mesmo—e tornam a falhar, por já terem falhado uma vez, e assim se forma o hábito do fracasso». Carnegie fala com conhecimento de causa, pois já ouviu e criticou 150 mil discursos nos últimos 20 anos.

Um banqueiro ilustre, que começou a frequentar um curso de Carnegie sob pseudônimo, ficou tão aterrorizado quando o chamaram para falar, que fugiu da classe. Mais tarde foi convidado para o posto de embaixador dos Estados Unidos, posição que muito ambicionava. Sabendo que precisaria falar em público, foi pedir socorro a Carnegie, e em breve estava frequentando as aulas três e quatro noites por semana. Ficou tão entusiasmado com a sensação de ouvir a si mesmo falando em público que, certo domingo de manhã, acordou a esposa cedinho, e perguntou: «Existe algum lugar onde eu possa falar hoje?» Tonta de sono, ela lhe lembrou que qualquer pessoa podia falar na reunião dos *Quakers*, caso tivesse inspiração. Ele foi a uma dessas reuniões, e ficou tão profundamente inspirado que falou durante 20 minutos.

Há tambem o caso do presidente de uma companhia fabricante de pneumáticos, que disse a Carnegie: «No momento em que eu me levanto para falar em uma reunião da Diretoria, desaparece qualquer ligação entre meu cérebro e meu corpo. Tenho a impressão de que sou um tolo, e só falo tolices. Receio que meu caso não tenha cura.»

Quando lhe perguntaram por que, então, resolvera tomar o curso, respondeu: «Durante muitos anos o meu contador esgueirava-se timidamente no escritório, quase sem ousar falar com ninguem. Agora, entra na sala de cabeça erguida, peito estufado, distribuindo saudações alto e bom

som. Outro dia perguntei a ele: —Quem é que lhe está dando injeções? Respondeu que era o senhor, que ele agora fala em reuniões de grupos cívicos, e gosta bastante.»

Quatro meses depois, esse industrial falou em uma reunião de 3 mil pessoas. Convidado a falar três minutos, fê-lo durante nove, e teria feito um discurso de hora e meia se o presidente da mesa não lhe tivesse observado que o tempo já se esgotara.

Carnegie costuma citar o conselho de Emerson: «Faça aquilo que teme e o temor certamente desaparecerá.» Quando Carnegie começou a lecionar a arte de falar em público, não sabia que isso seria o segredo de seu formidavel êxito. «Na universidade me haviam ensinado por meio de preleções,» diz ele, «e, assim, eu pensava ensinar pelo mesmo método. Felizmente, depois de meia hora de aula fiquei sem assunto...Para encher tempo, pedí aos estudantes que se levantassem e falassem sobre os seus problemas. Sem saber o que estava fazendo, encontrei por acaso o melhor método de vencer o medo.»

Isso se passou há muito tempo—em 1912, na Associação Cristã de Moços, em Nova York. «A A.C.M. tinha tão pouca fé no meu curso da arte de falar em público,» diz Carnegie, «que se recusou a arriscar 5 dólares por noite—o salário de professor naquela época. Propús, então, trabalhar mediante divisão dos lucros. Das primeiras importâncias que fossem recebidas, a Associação arrecadaria o dinheiro gasto em impressos, envelopes e selos. Se se verificasse algum lucro, seria dividido da maneira que os diretores achassem mais conveniente.» Dentro de dois anos, Carnegie estava lecionando em classes noturnas nas várias Associações Cristãs de Moços de Nova York e outras cidades, ganhando, em percentagens, 30 a 40 dólares por noite.

Hoje, o método Carnegie é praticado em 168 cidades dos Estados Unidos, do Canadá e do Havaí. Ele treina os professores, examina pessoalmente os resultados obtidos pelos mesmos, e recebe uma pequena quantia de direitos sobre a importância de 90 dólares paga, em média, por cerca de 16 mil alunos anualmente. Os alunos recebem duas aulas por semana, durante 4 meses. Suas idades variam dos 14 aos 80 anos, e suas ocupações são as mais diversas: donas-de-casa e estenógrafas, motoristas de caminhão, negociantes, engenheiros e psiquiatras.

Na primeira noite, o professor pede aos estudantes que se sentem a uma grande mesa, seis de cada vez, voltados para a classe. Isto lhes dá ânimo. Faz-lhe, então, perguntas assim: Como se chama? Onde mora? Qual é sua ocupação? Por que está seguindo este curso? De que modo espera usar em seu trabalho os conhecimentos aquí adquiridos?

Na segunda noite, os alunos respondem a perguntas como estas: Qual é o mais remoto incidente de sua vida de que se lembra? Como ganhou o seu primeiro salário? Como conseguiu o primeiro emprego? Na terceira noite os alunos devem trazer

algo para mostrar à classe; se possivel, alguma coisa que explique a natureza de sua ocupação. Exibir aquilo que traz, e falar a respeito, ajuda o aluno a deixar de pensar em si mesmo. Só depois da terceira noite é que o professor pede aos alunos que se levantem para falar.

Carnegie insiste em que os professores devem estimular os alunos, ao invés de criticá-los. Devem descobrir algo de louvavel em cada um.

«Por pior que seja o aproveitamento de um aluno, sempre há esperança,» diz Carnegie aos seus professores. E cita o exemplo do estudante que não conseguia dizer mais que algumas frases curtas: o medo fazia-o calar-se logo. O professor, então, o elogiava: «Oradores dos mais famosos do mundo não tinham o bom-senso que o senhor acaba de demonstrar. O senhor apresentou a sua idéia e sentou-se logo. Sabe quando deve calar-se.»

Carnegie diz que quase todo o mundo pode falar razoavelmente bem, bastando seguir estas cinco regras:

1. Entusiasme-se com o que tem a dizer, e a sua palavra provavelmente apresentará características de naturalidade e sinceridade. Assim procedendo, não se preocupará com a sua própria posição, seus gestos, sua respiração ou sua voz, pois se esquecerá de si mesmo, e falará bem. Se tropeçar ou gaguejar e cometer enganos, não se incomode: ninguem se importa com isso a não ser o próprio orador.

2. Fale a respeito de algo que conheça por experiência própria. Não colha assuntos em jornais e revistas. Procure-os em sua própria vida; assuntos como «aquilo de que mais me arrependo», «a lição mais importante que aprendí», etc.

3. Faça apontamentos do que pretende dizer mas nunca decore palavra por palavra, pois seu discurso ficaria mecânico, sem calor nem vida.

4. Encha a sua palestra com exemplos, e ensaie-a conversando com amigos. Uma palestra não deve passar, realmente, de uma conversa ampliada. Fale com o auditório como se estivesse conversando com um pequeno grupo de pessoas numa sala, com os mesmos gestos naturais.

5. As atitudes são contagiosas. A menos que o orador sinta prazer em falar, o auditório não sentirá prazer em ouví-lo.

Carnegie acredita que todos podem reunir-se, com amigos, em carater íntimo, e perder o medo de falar, bastando conversar livremente. Pouco a pouco a pessoa vai ganhando confiança, graças ao seu próprio êxito, e ao êxito dos amigos.

«Não existe nada de mágico no método,» diz Carnegie, «mas sim nos resultados. Muitos pais, que seguiram o curso, acabaram tomando parte ativa em atividades cívicas para dar exemplo de auto-confiança e coragem aos filhos. Deixe a seus filhos a coragem,» diz ele, «e estará legando uma herança mais valiosa que o dinheiro. Eles não serão corajosos simplesmente porque os pais lhes dizem que o sejam, mas porque assimilarão o exemplo paterno.»

Este atarefado celibatário criou 152 «filhos»—todos eles verdadeiros sucessos. Vale a pena conhecer suas idéias sobre educação de meninos

PAI DE 152 FILHOS

Por Dorothy Walworth

A CASA do dr. Witten, em North Tazewell, na Virgínia, é um sólido edifício de dois andares, de tijolos e estuque, quase todo coberto de trepadeiras, com os seus dez aposentos cheios da alacridade de meninos e cachorros. John Walter Witten, médico, fazendeiro, membro perpétuo da Câmara Legislativa da Virgínia, com 68 anos de idade, é o «pai» solteiro de 152 filhos.

Há 40 anos o dr. Witten vem abrigando em sua casa meninos orfãos, dando-lhes comida, roupa, instrução e afeto paternal. Realiza essa obra sem ajuda de ninguem, e dispondo somente de modesta renda. No ano passado sete dos seus «filhos» matricularam-se em universidades. Presentemente estão com ele vinte meninos, mas talvez na próxima semana já lá estejam mais dez, pois esta miniatura da famosa «Cidade dos Meninos» não pode resistir ao apelo de um adolescente que precise de pai.

O dr. Witten é um homem de estatura mediana e de fisionomia expressiva. Seus olhos, que espiam por trás de grossas lentes, são azuis e penetrantes, refletindo uma vontade inabalavel.

«O doutor não é nenhum santo,» disseram-me os seus vizinhos. «Solta imprecações como qualquer cocheiro e não deixa ninguem dizer que ele é religioso; mas durante toda sua vida tem feito a vontade do Senhor aquí por estas montanhas. Talvez seja assim porque ele próprio passou a infância sem os carinhos maternos, ou porque não pôde casar-se com a mulher que amou. John Witten sabe o que é a solidão...»

Nasceu ele em uma fazenda de solo pedregoso, rodeada de íngremes barrancos. Sua mãe, delicada e de coração sensivel, morreu quando John tinha cinco anos. Para os seis orfãos, foi como se todo o calor de seus corações se tivesse extinguido para sempre. À me-

dida que se passavam os anos, John começou a pensar que, se sua progenitora tivesse tido melhores cuidados médicos, talvez ainda vivesse. Resolveu, assim, que havia de ser médico.

Durante o verão trabalhava na fazenda, pouco tempo lhe restando para pescar ou nadar no rio. No inverno, frequentava a modesta escola pública do lugar. Feitos seus estudos preparatórios, continuou trabalhando enquanto cursava a Faculdade de Medicina da Virgínia, em Richmond, onde se formou em 1905, começando logo a clinicar. A maioria dos habitantes daquela região vivia do trabalho nas minas de carvão ou em granjas. Poucos tinham dinheiro para pagar médico; pagavam-lhe, pois, com ovos e legumes.

Naquele primeiro ano ele se enamorou de uma jovem, Harriet, cuja beleza se tornou lendária no lugar. Sempre tímido no trato com as mulheres, dedicou a Harriet um amor intenso demais para lhe permitir falar com fluência. Alem disso, não tinha um vintem e a família dela era abastada. Ela acabou, assim, casando-se com outro e, poucos anos depois, faleceu. John Witten ainda conserva seu retrato na parede. «Depois que a vi, nenhuma outra mulher me interessou,» diz ele.

Todos ficaram com pena do jovem dr. Witten, pois ele era uma dessas criaturas que sentem a necessidade de constituir um lar. Era sempre carinhoso para com as crianças. Em seu carro, quando visitava a clientela, levava lençóis e fronhas. Quando encontrava uma criança doente em um colchão nu, arrumava-lhe a cama, deixando-a limpa e confortavel.

Em uma noite de inverno, em 1907, foi chamado para assistir a uma viuva, agonizante, mãe de um menino de sete anos. Ela murmurava sem cessar: «Que vai ser de meu filho?» O dr. Witten tomou-lhe a mão e prometeu-lhe: «Eu tomo conta dele. Vou levá-lo para minha casa.»

Foi só 15 anos depois, entretanto, que o dr. Witten realmente se tornou «pai de família». Na estrada, apanhou um garoto que fugia do lar destruido pela separação dos pais. Em uma casa abandonada, achou um menino de menos de três anos, cujos pais haviam partido da cidade. Os vizinhos disseram que um garoto daquela idade só iria atrapalhar a vida de um homem tão ocupado. Mas Witten adaptou ao carro uma cadeirinha especial e levava o menino por toda parte, até este atingir idade que lhe permitia ficar em casa. Outros meninos vieram unir-se ao dr. Witten, simplesmente batendo à sua porta. Sua casa, desse modo, rapidamente se foi enchendo de crianças até então amedrontadas, solitárias e famintas.

O dr. Witten não tem sido um pai de meias medidas. Seus «filhos» sempre foram os garotos mais bem nutridos e bem vestidos de Tazewell e o médico sempre achou tempo para brincar com eles ou contar-lhes histórias. Quando frequentavam a universidade, seu pai adotivo pagava todas as despesas, pois, segundo dizia, os rapazes que trabalham para estudar perdem muito do ensino. Mais tarde ajudava-os a procurar a colocação que melhor lhes conviesse e engendrava maneira de aproximá-los de moças de boas qualidades. Rapazes que há 20 anos partiram da cidade ainda se comunicam com ele. «Enquanto eu viver,» diz o dr. Witten, «podem contar comigo.»

Na última guerra, via-se pendurada na fachada da casa uma bandeira com 24 estrelas correspondentes ao número de seus «filhos» que se achavam nas forças armadas. Witten escrevia a cada um deles todas as semanas, embora muitas vezes só tivesse tempo de mandar uma linha com estas palavras: «Sinto muito a tua falta, meu filho.» Dizem que, durante a guerra, ele nunca esteve tranquilo. Quando um dos rapazes morreu em combate, ele o sentiu como se fosse um verdadeiro filho, e filho único.

Há seis anos, Witten, quase sem dinheiro algum, comprou uma fazenda de 80 hectares, perto de Tazewell, assumindo sérios compromissos, e começou a produzir quase toda a carne consumida pela família, assim como leite, manteiga, ovos e até trigo para farinha. Os cobertores são feitos com lã tosquiada dos seus próprios carneiros. Os «filhos» mais velhos ajudam no trabalho da fazenda. Tudo que é produzido alem das necessidades da casa, é vendido.

Desde 1906 que Witten não tira férias, sem contar os dois meses dos anos alternados em que se realizam as sessões da Câmara Legislativa, em Richmond. Suas horas de trabalho são todo o tempo em que ele está em casa. Os clientes espiam e, se vêem uma luz acesa na sala de espera às 6 da manhã, começam a entrar. Mas o maior afluxo de clientes se verifica à noite, depois que ele já trabalhou 14 longas horas.

Os vizinhos se preocupam com ele. Com a idade que tem, dizem, devia aceitar um dos oferecimentos que sempre lhe estão fazendo os hospitais de grandes cidades e, assim, não teria que andar subindo e descendo morros dia e noite. Mas ele diz que, enquanto viver, há-de criar meninos e dar-lhes todo o conforto que puder.

Quando visitei o dr. Witten, encontrei sete garotos, que me mostraram a casa—sólida, confortavel, limpa. Na cozinha, rescindia o cheiro da torta de amora que Maggie Rose, a cozinheira, estava fazendo. Na sala, o velho piano de pau-rosa, a lareira e tudo mais estavam coalhados de lembranças enviadas pelos rapazes.

Os jovens me disseram que eles mesmos fazem toda a limpeza. Tirar o pó é um problema porque as paredes de todos os compartimentos estão cobertas de retratos.

«Todos os meninos do doutor têm retrato aquí,» disse-me um deles. «O doutor sabe tudo o que eles fizeram e onde se encontram. Não deixa que se tire retrato nenhum da parede. Uma vez, quando ele estava em Richmond, Maggie Rose tirou dez retratos que já estavam muito desbotados. Quando ele chegou em casa, percebeu que tinham desaparecido e ficou furioso. Maggie Rose teve que pendurar os retratos de novo.»

«Se fazemos alguma travessura, ele nos castiga,» disse-me um dos meninos, solenemente. «Mas quando nos metemos em briga, ele deixa a gente brigar até um vencer. Ele diz que com tantas pessoas vivendo juntas, às vezes a gente precisa desabafar. Mas quando acaba a briga ele faz os dois apertar a mão um do outro.»

Mais tarde, nesse mesmo dia, falei com os rapazes mais velhos: os cinco que estavam ajudando o serviço da fazenda e os seis que estavam trabalhando nas minas de carvão, aproveitando as férias escolares. Um deles, um rapaz de côr, está fazendo o curso pré-médico. Witten criou, aliás, dois meninos de côr, que se formaram em medicina.

Quando vi esses «filhos» mais velhos, compreendí o entusiasmo e o orgulho com que o dr. Witten fala de sua «família». Ele transformou um punhado de garotos esqueléticos em moços bem nutridos e apresentaveis, de desenvolvimento mental acima da média. Conversamos sobre política e esportes (muitos dos rapazes figuraram, com destaque, nas equipes de suas escolas) mas a maior parte do tempo falamos a respeito do médico.

«Deve fazer muita falta uma mãezinha em casa, não é?» perguntei.

«É mesmo,» disse Bob, «é como se a gente soubesse que existe uma espécie de música, mas não pudesse ouví-la. Mas, lá fora, no mundo, a gente verifica que, em sua maioria, os rapazes de famílias normais parecem que não têm fibra e que são irresponsaveis, que nada sabem da vida.»

«Aquí ninguem pode ser irresponsavel,» observou Terry. «Quando o doutor dá a um de nós uma tarefa para fazer, ela é feita. Ninguem procura escusa, nem resmunga. Quando manda um menino arrumar a cama, ele exige um serviço perfeito.—Meu filho diz ele,—se você não é capaz de fazer direito uma coisa tão insignificante, como poderá um dia fazer um serviço de homem?»

«Ainda está para nascer um menino que possa enganar o doutor,» disse Tom com orgulho. «De vez em quando arquitetamos algum plano, mas acabamos descobrindo que o doutor já estava muito à nossa frente. Admiramos essa qualidade dele porque nenhum menino quer ter um pai bobo.»

«Para o doutor, nós não somos simples meninos de quem ele cuida,» disse Bob. «É como se nós fôssemos de fato filhos dele. Há dois anos, por exemplo, dez de nós íamos a um baile. O doutor sabia que os rapazes deviam dar flores às moças; e lá surgiu ele com o dinheiro para buquês a três dólares e meio cada um. Era um pouco caro, mas ele queria que a gente fizesse boa figura, como os outros rapazes da cidade. Pois bem, a mãe de minha garota não queria que ela fosse à festa. O doutor ficou aborrecido. Disse que mulher alguma na terra podia achar que o filho dele não era digno de acompanhar a filha. Eu procurei acalmá-lo, dizendo que aquela senhora com certeza achava que a filha era ainda moça demais para ir a um baile a rigor. Mas ele ficou indignado muitos dias.

«Se o doutor nos tivesse dado casa, comida, roupa e instrução, mas não nos tivesse dado afeto paternal, tudo isso não teria tanta significação. Mas nós sempre tivemos certeza do afeto dele. Quando um menino vem para cá, às vezes entra todo amargurado e com cara de poucos amigos. O doutor, então diz:—Meu filho, você parece que se sente como se tivesse o peito cheio de arame farpado, não é? Acalme-se, procure ficar à vontade; você está em sua casa.

«E o carinho do doutor começa a conquistar o menino, atravessa o arame farpado, e o menino acaba sendo, como todos os outros rapazes desta casa, um tipo de irmão muito especial. O que é de um é de todos—roupas, livros, caniços de pescar, bolas—até mesmo as dificuldades. Se um rapaz tem algum aborrecimento, todos nós sentamos com o doutor e discutimos o caso e geralmente terminamos com um desabafo geral.

«Tornamo-nos, realmente, a família de que o doutor está sempre falando. Os meninos que não são criados, como nós, no sistema de «o que é de um, é de todos,» parecem ser egoistas. Estão sempre dizendo *eu*, ao passo que, nesta casa, o natural é todos dizerem sempre *nós*.»

No último dia que passei em North Tazewell, o médico e os meninos me convidaram para jantar.

—Que tal os meus pirralhos? perguntou-me ele com uma expressão no olhar que parecia pedir-me uma resposta entusiástica.—Eu quisera que você pudesse ver todos os meus pequenos. São médicos, dentistas, farmacêuticos, engenheiros, fazendeiros e homens de negócios. Sal da terra, é o que eles são! Por causa deles, tenho sido sempre pobre como Jó, mas eles encheram minhas algibeiras de prazer. Nenhum deles fracassou na vida.

—E por quê? perguntei.

—Eu nunca poderia deixar que um de meus filhos fracassasse! respondeu ele rapidamente.—Quando um dos rapazes não anda direito, a turma inteira cai em cima dele, dia e noite, até ele se corrigir.

—Eu gostaria de saber qual é o seu segredo para educar meninos.

—Não há segredo nenhum, replicou ele muito seriamente—Quando os primeiros meninos vieram para minha casa, eu não sabia o que fazer com eles. Sabia, porem, de uma coisa: eu desejava que eles viessem a ser homens de bem. Resolví, assim, educar os meus garotos como os nossos antepassados educavam os seus filhos. Pus de lado todas as complicadas teorias psicológicas, e fui ao âmago do assunto. Como pai, voltei à época em que um filho não tinha tempo de andar vagabundeando: tinha que crescer depressa e tornar-se homem, porque vivia em uma pequena clareira, rodeado de selvas. O que o menino precisava então, precisa ainda hoje: amor, disciplina e trabalho. Atitudes honestas, bom-senso, coragem, absoluta independência, temor de Deus—estas são as pedras fundamentais do carater. Pessoas há, no entanto, que dizem já ter isto passado de moda. Eu acredito que esses princípios farão surgir grandes homens, quando voltarem a ser moda.

O aperfeiçoamento técnico da anestesia vem transformando o parto em uma prova mais toleravel

Prós e contras da anestesia no parto

(Condensado de «Ladies' Home Journal»)

Por Beatrice E. Tucker

Médica e diretora do Chicago Maternity Center; chefe da clínica obstétrica do Chicago Memorial Hospital

DAR À LUZ é uma função fisiológica perfeitamente normal; se o parto corresse só por conta e risco da natureza, 95 por cento dos bebês nasceriam sem qualquer contratempo. Mas, como as velhas comadres teceram em volta do parto as histórias mais horripilantes, muitas mulheres modernas passaram a exigir o conforto da sala de partos, instrumentos cirúrgicos especiais, e anestésicos.

A verdade é que o emprego de drogas, para aliviar as dores, acarreta consigo certos riscos. Efetivamente, se considerarmos dois grupos de cem mil parturientes, e ministrarmos drogas e anestésicos ao primeiro grupo, mas nem uma coisa nem outra ao segundo, verificaremos o seguinte: aquelas às quais se derem drogas e anestésicos sofrerão mais complicações do que as outras. Todo médico leva seriamente em conta esse fato. Sabe que o uso da anestesia, quando necessário, precisará ser contrabalançado por sua perícia de obstetra.

Muitos obstetras apontam duas grandes vantagens do parto cercado de cuidados científicos. A primeira é o alívio da tensão nervosa por meio da anestesia; a segunda é a possibilidade de evitar lesões devidas aos processos operatórios. A natureza não se preocupa com o bem-estar futuro da parturiente; os processos operatórios podem evitar as lesões que viriam talvez a representar muitos anos de semi-invalidez, os abortos espontâneos, complicações da menopausa, e até os desajustamentos matrimoniais. Ora, esses processos reclamam anestesia, e assim voltamos ao emprego de drogas.

É claro que a mulher psicologicamente preparada para o parto suportará melhor a dor e não sucumbirá ao medo. Isso é de importância, pois o medo causa três quartas partes da tensão nervosa que acompanha o parto. Mas a maioria das mulheres necessitam tambem a garantia de que o médico tem à mão os meios de aliviar a dor. Esse alívio pode ser ministrado sem perigo, desde que as dores se manifestem inconfundivelmente—isto é,

quando se fazem sentir de três em três ou de quatro em quatro minutos. Daí em diante, e até ao momento em que o feto está prestes a sair, o médico procura assegurar à parturiente o tipo de alívio chamado analgesia com amnésia.

Analgesia significa perda do sentido normal da dor, e amnésia quer dizer esquecimento. Mediante a combinação criteriosa de dois tipos de drogas, a dor acalma e a memória se embota. É assim que o médico provoca um estado de semi-consciência às vezes chamado «sono crepuscular».

A grande desvantagem desse processo é que o bebê sofre os efeitos das drogas, tal qual a mãe, e desses partos resulta sempre uma certa percentagem de bebês «azuis», ou asfixiados, que se mostram incapazes de respirar por si mesmos. Nos hospitais que dispõem de aparelhagem moderna, onde há oxigênio à vontade, e onde um clínico experiente acompanha o parto, a referida desvantagem não é forçosamente grave.

Para a *délivrance* propriamente dita do bebê, o meio mais comum de aliviar a mãe é a anestesia geral. Se o parto está correndo normalmente, ministram-se algumas pequenas doses de anestésico toda vez que surge um espasmo de dor. Mas, se o parto natural não se produz—o que é comum, porque a mãe está anestesiada a tal ponto que nem tem forças para expulsar o bebê—a parturiente é reduzida, pela anestesia, à inconsciência total. Em seguida, o médico extrai o bebê com o auxílio do forceps.

O «sono crepuscular», quando empregado em excesso, pode atrasar o processo normal do parto, e até por vezes causar a morte do bebê. Dá-se isso, particularmente, nos casos em que o médico ministra um anestésico geral para acabar com as dores. Quando empregado, porem, com moderação, não oferece perigo nem para a parturiente nem para o nascituro.

Para evitar as desvantagens da anestesia geral, os médicos passaram a utilizar certas drogas que têm a propriedade de adormecer somente determinadas regiões do corpo. Na anestesia local, consegue-se o alívio mediante a interrupção da corrente da dor que vai a caminho do cérebro. Este se mantem ativo, a paciente conserva a lucidez, e o bebê não é afetado pela droga.

Um desses processos é a anestesia espinal. Esse tipo de anestesia ainda não foi adotado nos cem mil casos que a medicina exige antes de considerá-lo aprovado, mas num grupo de 4 mil partos observados, em que se utilizou essa anestesia, os médicos referem que não causou aumento de mortalidade, nem complicações maiores, quer entre as mães quer entre os bebês.

No começo dos trabalhos, pode-se ministrar o «sono crepuscular» ou qualquer outra sedação; a anestesia raquidiana é geralmente aplicada nas últimas fases do parto. Depois de fazer sentar a parturiente à borda da cama, o médico insere-lhe a agulha na coluna vertebral, injetando uma só ampola de anestésico em solução açucarada. Feito isso, a parturiente deita-se, com

a cabeça apoiada em uma almofada. O açucar torna o fluido mais denso do que o líquido raquidiano, o que o força a descer de modo a atingir os nervos do segmento inferior da coluna vertebral, que inervam as vias do parto.

As dores desaparecem e a parturiente experimenta um alívio prodigioso. Pode rir, falar, ler, comer, e até fumar. O parto não sofre alteração; a cabeça do bebê continua descendo para a base da pelvis, sem causar à mãe a menor dor. O médico pratica nos tecidos uma incisão indolor, e a cabeça do bebê é expulsa pelo esforço da mãe, ou, quando não, é extraida pelo médico, que nesse caso utiliza o forceps baixo. Após o parto, o médico recompõe os tecidos da base da pelvis, e enquanto isso se processa, a mãe tem a alegria de ouvir o primeiro vagido do seu filhinho. A parturiente sai da sala de operações completamente lúcida e sentindo-se bem.

É claro que ela correu certos perigos: o do parto em si, e o de interferência com os processos da natureza. Mas, graças aos conhecimentos crescentes da medicina, no que tange aos processos físicos e psicológicos do parto; e graças ao aperfeiçoamento constante de técnica obstétrica, e dos processos de anestesia, já é muito o que se pode fazer hoje para tornar o parto, que era dantes um pesadelo, uma prova muito mais toleravel.

Horizontes perdidos

QUANDO alguem diz que, tendo voltado aos lugares onde passou a infância, se surpreendeu de achar tudo muito menor do que imaginara, é simplesmente porque seus próprios pensamentos diminuiram. Para a criança, o mundo é grande em sua maravilha e, para o adulto, quase sempre o mundo se encolheu até tornar-se um lugar comum. Cada alqueire é um cosmos, se o conhecemos em todos os detalhes—todas as folhinhas de grama e todas as pedras—como as crianças conhecem o seu mundo íntimo; e todos os espaços abertos podem ser vazios como um deserto para quem não percebe que cada metro quadrado é diferente do que lhe fica contíguo.

Muitos de nós, depois de adultos, nos queixamos de que nossa vida parece haver-se estreitado. Nossos aposentos são muito pequenos; o campo de nossas atividades é muito limitado; nossas experiências são muito monótonas. Se ao menos pudéssemos estar em outro lugar! Esquecemo-nos de que, mesmo alhures, ainda seríamos nós que lá estaríamos. O sentido de amplitude na vida depende menos de termos grandes espaços à nossa vontade, que de ver a largueza dos pequenos espaços em que vivemos.

—Roland English Hartley em *The Christian Science Monitor*

Mundo alado

(*Condensado do livro «Everyday Miracle»*)
Por Gustav Eckstein

Através de penetrante e carinhosa observação, um brilhante cientista vem esclarecer aspectos da vida animal

O vôo

EM MEU laboratório na Universidade de Cincinnati, onde os pássaros voam soltos, tornou-se necessário manter presos os canários, pois entre eles as brigas são tão frequentes quanto entre os seres humanos. São dados à ganância e à crueldade, e vivem lutando por amor ou em defesa da propriedade.

Um deles, grande macho amarelo, tinha um bico ótimo para quebrar sementes de girassol. Em geral os outros se agrupavam ao seu redor e, assim que ele abria uma semente, furtavam-na no mesmo instante. Naturalmente, ele se irritava, e «praguejava»; depois, passou a «praguejar» assim que principiava a quebrar as sementes. Tanto anunciava seus planos, que nunca conseguia ficar com uma semente sequer, pois vivia cercado pela ganância dos outros.

A luta pela posse é coisa corriqueira por este mundo, e os canários não constituem exceção à regra. Uma vez colocamos sobre o aquecedor, e por baixo de uma estante de livros, um ramo seco; o cantinho era tão resguardado e pessoal quanto uma cabina de trem. Veio um canário macho muito vivo e empoleirou-se no ramo. Depois surgiu uma fêmea e plantou-se bem ao lado do «quartinho», espiando para dentro. Logo estavam os dois de briga para estabelecer a quem cabia a posse do recanto. Outra fêmea meteu-se na disputa, pousando na estante. Assim, havia uma fêmea olhando de cima, e outra olhando de lado, situação irri-

GUSTAV ECKSTEIN, um dos naturalistas mais eminentes dos Estados Unidos, é professor de fisiologia na Faculdade de Medicina da Universidade de Cincinnati. Conhecido por sua carinhosa atitude para com os seres inferiores da escala zoológica, é tambem autor dos livros *Lives, Canary, The Pet Shop* e outros.

tante que por fim se tornou insustentavel. Num ímpeto de fúria, o macho precipitou-se contra a fêmea que o estava espreitando de lado e, imediatamente, a outra meteu-se no «quarto», portando se como se tivesse direitos divinos. Não deixava ninguem aproximar-se e, ainda por cima, tendo-se assenhoreado daquele espaço, logo sentiu necessidade de aumentá-lo para firmar seus direitos, e foi estendendo sua área de domínio. A guerra tornou-se, assim, incessante naquelas vizinhanças, fazendo lembrar os movimentos nacionalistas que se verificam entre os seres humanos.

Na época da reprodução, os canários ficam ainda mais beligerantes. Havia uma «loura platinada» que causava grandes desavenças—uma canariazinha com uma mecha de penas de côr metálica na cabeça. Cinco machos amorosos seguiam-na o dia inteiro pelo laboratório. Quando ela tinha fome, os cinco seguiam-na até o comedouro. Quando se banhava, os machos tambem mergulhavam. Muitas vezes, até quando ela bocejava os machos a imitavam. Aliás, essa tendência de imitar o bocejo se observa em grande número de animais.

Apesar das lutas renhidas dos cinco ao seu redor—lutas em que ela tambem era atirada de um lado para o outro—a canária finalmente construiu um ninho e pôs quatro ovos. Os machos continuaram a atacar-se uns aos outros na beirada do ninho. Uma das brigas teve lugar dentro do ninho e, em consequência dela, três dos ovos se quebraram. A fêmea salvou o quarto e chocou-o, mas os combatentes mataram o filhote a pisadas.

Mas existem tambem pássaros pacíficos. Hilda e Puck são desse tipo. Se estão ocupados todos os lugares ao redor de um prato de comida, Hilda se espreme por entre os outros e ninguem reclama. Quando se vê colhida numa turma de machos belicosos, mantem-se calma como uma estátua, e parece até irradiar influência benéfica. Puck é do mesmo temperamento. Foi um grandíssimo D. Juan; é o *roué* envelhecido que, como entre os seres humanos, muitas vezes se mostra tolerante, delicado e sábio.

O banho

Os filhotes de pássaros tomam banho logo que saem do ninho? Um pintassilgo, expulso do ninho antes do tempo, banhou-se logo no primeiro dia. O mesmo fez um canarinho novo. Outro pintassilgo, no primeiro dia, atirou-se numa xícara de água para beber, e, tendo começado assim, prosseguiu no hábito. Parece, pois, que o banho é instintivo.

No laboratório, em geral, o passarinho sobe à beira da «piscina», olha os quatro cantos para ver se há perigo, toma um trago, espirra água na «cara», e molha as patinhas cuidadosamente. Depois que entra, bate as asas, borrifando as costas. O ritual se repete de três a quinze vezes, cada vez com «repuxos» mais altos. De repente, pula fora e se afasta sem mais aquela, examinando-se com minúcia para ver se o serviço de limpeza ficou bem feito.

Para secar, dá umas voltas, voando pelo laboratório, sacode-se como cachorro ou aperta com o bico as penas mais longas. Ou então se enxuga. Há um deles que se senta numa toalha, esfrega um lado da «cara», depois o outro, o topo da cabeça, o pescoço e o resto do corpo. Passou a fazer isso depois que achou uma toalha que por acaso havia sido deixada num banco. Agora, quando não há toalha, ele pede tão claramente, que qualquer pessoa o entenderia.

Depois que o servente limpa o laboratório, todos correm para o banho, pois, vendo tudo limpo, os pássaros tambem querem assear-se. Há uma fêmea que toma banhos gelados, e um macho que canta no banho. Dois, que têm os pés machucados, só banham as patas. Outro, que anda com o «assento» ferido, toma banho de assento... Há um macho que, dentro do banho, assobia para sua fêmea e o galanteio é tão fascinante que ele nunca chega a banhar-se.

A conversa

Pawley, uma arara azul e dourada, de longa cauda, veio do jardim zoológico. Lá ela fazia barulho só por fazer, sem querer dizer nada. Mas viveu durante muitos anos em casa de minha mãe e no meu laboratório, dando provas de que, mesmo sem voz, podia fazer-se compreendida.

Quando ficava tarde, ela resolvia que era hora de ir para casa. Agarrava a bainha de minha calça e puxava e, se isso não me convencia, subia à escrivaninha e arranhava o bico sobre a tampa enrugada, fazendo um ruido como o de um trem no tunel. Depois jogava um livro no chão e esperava; jogava outro e esperava. Começava então a atirar meus papéis, uma folha depois da outra. Desse modo, exprimia-se perfeitamente, sem voz. E eu geralmente concordava em obedecer-lhe em vez de continuar resistindo.

Fiz certa vez uma viagem à Espanha, e deixei Pawley com minha mãe. As duas mantiveram relações um tanto frias. Fiquei fora muito tempo, e, quando voltei, Pawley não me reconheceu imediatamente. Mas, minutos depois, lembrou-se, aproximou-se de mim e pôs a cabeça no meu sapato, num gesto bastante lisonjeiro. Mas logo em seguida ela dirigiu-se para o lado de minha mãe e bicou-lhe o tornozelo. Palavra nenhuma teria sido mais expressiva; era como se dissesse: «Ele está de volta e eu não ligo mais pra você.»

Ano após ano, Pawley foi provando que sabia fazer-se entender tambem por meio da voz. Quando não gostava de alguma coisa, sua voz soava como se estivesse metendo um machado nos alicerces de um prédio. Com uma voz respeitosa ela sugeria que se fizesse o favor de fechar a janela, porque havia uma corrente de ar. Quando eu assobiava pelo buraco da fechadura, no laboratório, ela respondia com um som estridente de boas-vindas. Quando ouvia os meninos voltando da escola, sua voz tinha uma nota marota. E para uma vizinha de quem minha mãe não gostava, tinha um sarcasmo até impróprio.

Mas o mais interessante acontecia

quando saíamos de automovel à noite. Pawley empoleirava-se no meu ombro e sussurrava segredos ao meu ouvido. Usava sempre os mesmos sons quando as situações se repetiam.

Uma noite, chegamos a casa de minha mãe já bem tarde. Durante todo o trajeto, Pawley viera falando. A casa estava escura. Subimos para o meu quarto. De repente, sem aviso, ela pulou do meu ombro. Acendí as luzes imediatamente e lá estava ela, estendida no chão. Devia ter batido com a cabeça na parede, pois teve uma hemorragia cerebral.

A voz treinada de Pawley voltou ao palavrório do papagaio primitivo. Só então—naquela longa noite em que Pawley morreu—eu percebí o que ela tinha realizado em sua vida. Educara a voz com paciência e ânimo e conseguira até exprimir tudo o que sentia; em suma, parecia ter dado alma àquela voz...

O sexo

O pombal do laboratório, que abre para o lado de fora, tem uma escada, apartamentos e um chalé com varanda. Entre os casais que alí pernoitam acham-se Vermelho e Branca, o sr. e a sra. Norte, Rosada, Rosado e os Vizinhos.

Quando chega a noite, Vermelho e Branca estão, em geral, no andar térreo, e daí a pouco começam a cabecear de sono. Súbito, qualquer coisa a desperta, e ela coloca o bico no dele—gesto precursor do beijo na evolução. Daí a um minuto estão os dois no maior «derretimento» possivel. Depois disso, ele quer fazer qualquer coisa de heróico: sobe a escada, faz barulhos insolentes e dá sovas nos Vizinhos.

Mas, em geral, os pombos são mais conservadores. O sr. e a sra. Norte estão juntinhos um do outro, quando ela, preguiçosa, toca com o bico o do companheiro. Como lhe compete, ela provoca as carícias. Logo ele toma o bico no seu e de repente afasta-se uns passos e se empertiga todo. Ela continua toda pequena e feminina. Ele se aproxima e—ai!—tropeça; que coisa mais embaraçosa! Justamente nessa hora ouve-se um barulho, e os dois esquecem-se completamente de tudo que lhes passara pela mente. No minuto seguinte ambos estão roncando.

Em geral, macho e fêmea comem, passeiam e voam juntos. Nas questões realmente importantes, os pombos adotam a monogamia, mas às vezes escapam do laço matrimonial. São os jovens os que escapam mais. Quase sempre, porem, é «até que a morte nos separe»—a não ser que haja um solteirão ou uma viuva nas vizinhanças, o que muitas vezes destrói um lar.

Os animais têm estranhas prevenções. Por exemplo, Rosado e Rosada às vezes estão no telhado de seu chalé, cochilando. Lá em baixo, no andar térreo, estão dois pombos desgarrados, vagabundeando. Ociosidade é vício, e Rosado percebe que é preciso tomar alguma providência para impedí-la. Mas o caso é que já se acomodou para dormir. Por isso apenas arrulha, com uma nota ameaçadora. Não adianta nada. Os dois estranhos não têm a mínima vergonha. Com grande alarido, Rosado pula para o chão, bate à esquerda e à direita e separa os dois intrusos. Ainda assanhado com o feito, volta para o telhado, mas no caminho dá um sonoro peteleco na esposa. Não se sabe por quê, mas com certeza ela estava olhando para o que não devia...

Frases notaveis

Abraão Lincoln: Aquele que for à guerra não poderá combater indefinidamente; quando cessar a luta, depois de muita perda de ambas as partes, sem vantagem para nenhuma, terá que enfrentar novamente os mesmos velhos problemas. —*New York Times Magazine*

Richard Le Gallienne: Se a natureza não tivesse imprevidentemente tornado gratuito o espetáculo do nascer da lua, quanto não pagaríamos para vê-lo! —*This Month*

Dr. Reuben Hill, sociólogo do State College de Iowa: O único momento adequado para o divórcio é a fase do namoro.

Lord Halifax atribui o seu êxito como orador a um pequeno conselho que lhe foi dado por Winston Churchill.

«É muito simples,» explicou este. «Um amigo de meu pai disse-me certa vez: Vá dizendo o que você tem a dizer, e quando chegar a uma frase com fecho gramatical, sente-se.»

Sócrates: Se todas as nossas desventuras fossem lançadas a um monte comum, do qual cada um de nós tivesse que carregar igual porção, quase todos se contentariam em ficar com as suas próprias, e afastar-se.

Holbrook Jackson: A felicidade é uma das formas da coragem. —*Ladies' Home Journal*

Francis de Croisset: A paternidade é uma carreira imposta a um homem numa bela manhã, independente de inquérito sobre a sua capacidade para exercê-la. É por isso que há tantos pais que têm filhos, mas poucos filhos que têm pais. —*New York Times Magazine*

Raposa Risonha, índio norte-americano da tribo Sioux que vem fazendo o possivel para auxiliar o governo a entender o seu povo, disse-nos que este tem uma oração que ele recomenda a todos:

«Grande Espírito, ajuda-me a nunca julgar a outrem sem antes ter andado quinze dias metido nos seus sapatos.» —Walter Davenport, em *Collier's*

Baltasar Gracián (Espanha, século XVII): Se a mulher atrai os homens, tem beleza física; se atrai as mulheres, tem estilo; se atrai a toda a gente, tem encanto.

Robert E. Sherwood: O mais feliz dos usurários é aquele que poupa os seus amigos. —*Woman's Home Companion*

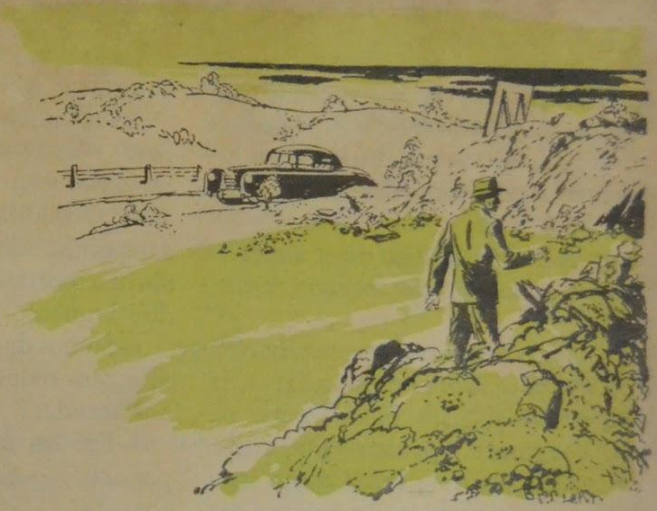
Hal Boyle: O medo é a única coisa que se multiplica mais depressa que um casal de coelhos. —AP

Do jornal *Times*, de Marathon, no Wisconsin: Muitas vezes o homem pensa ter ampliado a inteligência quando foi apenas a consciência que se espichou... —*Quote*

Oscar Wilde: O descontentamento é o primeiro passo para o progresso de um homem ou de uma nação.

Emil Nazey, lider trabalhista em Detroit, desafiado a provar que certo membro do seu sindicato era comunista, respondeu: «Não posso provar que você é comunista. Mas quando vejo uma ave que grasna como pato, caminha como pato, tem penas e pés de pato e se associa com patos, na certa hei-de presumir que se trata de um membro da família.» —*Plain Talk*

PRESENTE FATAL



Por Billy Rose

HÁ ALGUNS anos, Oscar Parkes, funcionário de uma casa de corretagem em Nova York, foi destacado para gerir os negócios da srta. Genevieve Knowland, moça rica, residente no vizinho Estado de Nova Jersey, e vitimada por uma incuravel moléstia dos ossos que a paralisara.

Em sua primeira visita, Oscar, alem de causar boa impressão, deixou a infeliz moça encantada. Pouco tempo depois, foi convidado a passar um fim de semana no sítio da enferma. Decorridos seis meses, pediu-a em casamento. «Isto pode não ser um romance como o dos livros,» reconhecia ele, «mas ambos sabemos o que é que desejamos da vida. Gosto de sua companhia e sinto prazer em auxiliá-la. Acho que faremos bem um ao outro.»

Após o casamento, Parkes mostrou-se infatigavel em seu desvelo pela esposa doente. Administrava-lhe os bens com perícia, e até insistia em pagar a sua parte nas despesas de manutenção da casa. No segundo ano de casados, Genevieve alterou o testamento, fazendo-o seu único herdeiro.

Nessa altura, Parkes decidiu pôr em execução um plano que havia estado em suas recônditas cogitações, desde o seu primeiro encontro com Genevieve Knowland: matá-la. Acresce que, em Nova York, uma amiga dele chamada Rita começava a se impacientar, declarando que ia procurar um homem cuja fortuna pudesse corresponder à da mulher de Parkes. «O crime perfeito,» pensou este consigo mesmo, «não é aquele que despista a polícia, mas aquele de que a polícia nunca vem a saber. Vamos planejá-lo em todos os pormenores, passo a passo.»

O primeiro passo seria falar à esposa a respeito de uma nova terapêutica que um especialista belga descobrira para o tratamento das doenças dos ossos, e persuadí-la a concordar em que ele a levasse à Europa. Genevieve, sensibilizada com a solicitude do esposo, aprovou o projeto.

O segundo passo seria comunicar

aos amigos que embarcariam a 9 de outubro, dois dias após o segundo aniversário do casamento, e sugerir-lhes que em atenção ao estado de nervos de Genevieve nenhum deles comparecesse ao bota-fora.

O terceiro passo seria dizer aos criados que a casa ficaria fechada, e dispensá-los.

Restava apenas matar a mulher na noite de 7, desfazer-se do cadaver, ir de automovel para Nova York na manhã seguinte, apanhar Rita, registrar-se com ela num hotel como sr. e sra. Parkes, e embarcar no outro dia para a Europa. Passado um mês, telegrafaria que a mulher tinha morrido e que ia levar as cinzas dela de volta para os Estados Unidos.

Na noite do crime Parkes pagou aos criados os seus últimos salários. Encaminhou-se então para o quarto onde a esposa estava repousando e sentou-se na cama ao lado. Os olhos estavam semi-cerrados e o rosto dela sorria, quando ele lhe apertou o pescoço com as mãos. Às 2 horas da madrugada carregou o cadaver para o carro e acomodou-o no assento traseiro. Em seguida rodou para Nova York.

A alguns quilômetros da cena do crime, enveredou por uma estrada marginal e parou o carro perto de um cartaz que indicava o lugar onde seria construido um edifício de apartamentos. Carregando o cadaver para junto de uma escavação quase em ponto de receber alicerces, escondeu-o sob uma camada de terra solta. Sabia que dentro de poucas horas os caminhões dariam marcha à ré até aquele lugar, e sepultariam o cadaver sob toneladas de aterro.

Ao terminar a tarefa, Parkes seguiu para Nova York, apanhou Rita e registrou-se num hotel.

À tarde do dia seguinte, soou a campainha do apartamento. Parkes abriu a porta e viu-se na presença de dois homens.

—Somos da Polícia de Nova Jersey, disse um deles. —A sra. Parkes pode nos atender?

—Ela no momento não está, respondeu. —Saiu para fazer algumas compras.

—O sr. se incomoda se a gente esperar aquí?

Parkes sabia que tudo estava terminado: Rita dentro em pouco estaria de volta. Mas em que ponto falhara o seu plano?

—Não adianta contemporizar, foi logo dizendo. —Confesso que matei minha mulher. Mas como é que os senhores souberam?

Os detectives entreolharam-se.

—Nós não sabíamos disso. O sr. é que nos disse. Recebemos hoje cedo uma carta esquisita, e o delegado mandou que a gente investigasse. Em sua residência não encontramos ninguem. Então procuramos o mordomo, e ele disse que a patroa tinha dado uma carta a ele para pôr no correio poucos minutos antes de o sr. dizer que não precisava mais dele. Perguntamos onde é que poderíamos encontrar o sr. Informou que o sr. quando vinha a Nova York costumava ficar neste hotel. Quer ler a carta?

Esta era endereçada à polícia, nestes termos: «Não posso continuar assim: não sou nada mais que um fardo para o homem a quem amo. Nos últimos tempos meus sofrimentos têm sido demasiados, e visto que não sou de nenhuma utilidade para ele nem para mim mesma, assim que terminar esta carta vou tomar uma dose forte de um soporífico, afim de libertar a nós ambos.

«Espero que meu marido me perdoe e aceite este triste presente em nosso aniversário de casamento, procurando compreender o espírito e a intenção com que o mesmo lhe é oferecido.»

O germe do aborrecimento

Hal Boyle em um despacho da Associated Press

As CRIANÇAS são obrigadas a frequentar a escola para aprender o que os adultos querem ensinar-lhes. Não há lei, porem, que obrigue os adultos a aprender com as crianças e, no entanto, quanta coisa podiam eles aprender!

Todo o mundo, por exemplo, podia aproveitar a lição que, sem querer, foi dada pelo garoto Kenneth Liebman, de Nova York, o qual, aos dois anos de idade, caiu de uma janela do quinto andar, atingiu o gramado, em baixo, levantou-se e saiu caminhando, sem nada ter sofrido. Por que não se machucou? Porque estava em completo estado de afrouxamento. Se Kenneth tivesse sofrido o mesmo acidente 30 anos depois, quando a civilização já tivesse exercido sua influência sobre ele, que teria acontecido? Seus músculos se retesariam de medo, espatifando-o na queda.

Poucos são os adultos que conseguem manter essa atitude salvadora, própria das crianças—a arte de relaxar os músculos. Os campeões o conseguem, e é por isso que são campeões; são coordenados, porque põem em prática essa arte no meio das suas atividades. É dificil vencer uma competição quando, alem de se enfrentar o inimigo, o contendor luta consigo mesmo. E estamos, realmente, empenhados em uma luta interna quando um aborrecimento nos lança em dúvidas e em temores, que abrem uma fenda no espírito.

O homem se preocupa mesmo quando possui tudo aquilo de que necessita para viver sem preocupações. Preocupa-se porque tem medo de perder o que possui. A preocupação é a doença mais contagiosa das que ainda não foram dominadas pela ciência, uma praga espalhada no mundo inteiro por um bacilo que nenhum microscópio ainda conseguiu ver: o medo.

Uma hora adicional de sono todas as noites seria mais capaz de aliviar a tensão nervosa do que todas as pílulas e bebidas alcoólicas jamais fabricadas. E a gente chegaria cedo ao trabalho, —mais uma causa de aborrecimento que desapareceria.

Os antibióticos—a maior conquista recente da medicina—dão a esperança de não mais morrermos por obra dos micróbios

Os novos «caçadores de micróbios»

Por Paul de Kruif

Muitos milhões de pessoas doentes que, há apenas sete anos, sucumbiriam fatalmente, podem hoje ser socorridas com eficácia por uma fantástica linhagem de «médicos» que, sem serem dotados de pensamento nem de palavra, elaboram remédios cujas fórmulas ultrapassam a inventiva dos melhores químicos do mundo. Trata-se de certas espécies de bolores, ou seres vivos a eles semelhantes, que produzem determinadas substâncias químicas, os chamados antibióticos, capazes realmente de aniquilar muitas das mortíferas doenças microbianas que afligem a humanidade. E o mais assombroso é que esses «caçadores de micróbios» enxameiam por toda parte, em volta de nós.

O mais conhecido dos antibióticos, a penicilina, pode encontrar-se no vulgar melão cantalupo. A estreptomicina, que destrói muitos micróbios refratários à penicilina, foi «pescada» na goela de uma galinha. A cloromicetina, de efeitos sensacionais no combate a outras doenças até então invenciveis, foi encontrada na terra. Verificou-se, de repente, que o mundo está inçado desses salvadores sub-visiveis.

Durante muitos anos os fatores antibióticos na vida e na morte passaram despercebidos aos homens da ciência. Bilhões de mortíferos micróbios penetram diariamente na terra, provenientes das excreções e dos cadáveres humanos. Chegados à terra, morrem logo. Os micróbios do solo são os carrascos desses germes assassinos; no entanto, só recentemente se iniciou séria campanha destinada a opor os bons micróbios aos maus.

Em 1929, o cientista inglês Alexander Fleming reparou que um bolor verde muito comum, o *penicillum notatum*, destruia as colônias de estafilococos virulentos que ele estava criando num campo gelatinoso de cultura. Os químicos procuraram extrair dos fungos a substância que matava os micróbios, a penicilina, mas esta se revelou tão esquiva que, durante quase 10 anos, não foram capazes de reunir o suficiente para salvar da morte um camondongo. Em seguida, Howard Florey e uma brigada de químicos de laboratório em Oxford, na Inglaterra, extrairam uma quantidade suficiente

para salvar três dos primeiros cinco doentes assim tratados.

O bolor, entretanto, ainda lançava um desafio a esses cientistas de Oxford. Penicilina bastante para salvar os milhões de vidas que dela dependiam? Impossivel! Nos Estados Unidos não havia, até dezembro de 1941, penicilina suficiente para salvar da morte uma só criança enferma. «Excelente, sim, mas não se pode obter!» era o que os médicos tinham de dizer aos parentes aflitos. Mas naquele momento os químicos, engenheiros e «caçadores de micróbios» do país projetavam uma campanha que parecia baseada em planos positivamente mirabolantes: produzir penicilina em grande abundância, como um jorro de dourado elixir salvador.

O bolor produzia penicilina em quantidade exígua; mas os pesquisadores do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos deram-lhe uma «dieta» especial que fez multiplicar prodigiosamente a produção do antibiótico. Entretanto, para gerar a penicilina, o bolor preferia a superfície do líquido de cultura em que se desenvolvia, o que limitava seriamente a produção.

Foi então que um milagre—de tanta transcendência como a própria descoberta da penicilina—entusiasmou os industriais norte-americanos, inspirando-os a realizar ainda mais do que haviam sonhado. O dr. Leo Loewe, em Nova York, não duvidava que o antibiótico, em altas doses, poderia até mesmo salvar as vítimas da endocardite bacterial sub-aguda, infecção cardíaca então incuravel. Afim de dar tratamento aos primeiros doentes, implorou à Charles Pfizer Company que lhe enviasse grandes doses de penicilina, embora a referida firma tivesse ainda produção bem baixa. Para salvar mais outras vítimas dessa enfermidade (a mais mortal de todas as doenças microbianas), o técnico John L. Smith, da referida companhia Pfizer, auxiliado por seus colaboradores, pôs em prática um meio de obrigar o bolor a produzir penicilina por fermentação profunda, em gigantescas tinas de 60 mil litros. Foi um verdadeiro milagre da técnica, pois a mais tênue invasão de micróbios do ar, nessas tinas, dá em resultado que o tímido bolor deixa de produzir penicilina. Graças a processos de superesterilização bacteriológica, foi possivel manter as tinas isentas do mais ligeiro vestígio de contaminação. A produção subiu assim, rapidamente, dos modestos miligramas para as centenas de gramas e os quilos. Parecia uma linha-de-montagem industrial, com a finalidade única de salvar vidas humanas. O número de óbitos causados pela endocardite passou por uma inversão sensacional: antes moriam 97% dos doentes; agora, salvavam-se 92%! A técnica adquirida no decorrer desse processo veio a ter efeito decisivo na produção em larga escala de outros antibióticos.

A penicilina era porem tão delicada, que só podia conservar-se sob refrigeração, e mesmo assim por pouco tempo. Foi quando os químicos do Instituto Squibb conseguiram cristalizar a famosa penicilina «G»—ultra-

poderosa e estavel, até no calor dos trópicos. Algumas das maiores empresas fabricantes de produtos químicos e farmacêuticos reuniram os recursos científicos de que dispunham, e por alturas de 1945 a indústria norte-americana estava produzindo o novo antibiótico em quantidade suficiente para acudir a 7 milhões de doentes por ano. E, quando se tornou possivel ministrá-la em doses generosamente grandes, o seu poder se revelou tão assombroso, que ela se considera hoje eficaz em 89 estados patológicos diversos, e util em 16 outras doenças.

Mas a penicilina não era uma panacéia. Havia pelos menos 63 doenças contra as quais ela se mostrava impotente. Foi então que, de uma origem inesperada—o Posto Agrícola Experimental da Universidade de Rutgers—veio um raio de esperança para as muitas pessoas que podiam estar ameaçadas de morte pelos micróbios resistentes à penicilina: o dr. Selman Waksman vinha experimentando, nesse posto, o poder antibiótico de milhares de micróbios do solo, fungos e outros seres da família dos bolores. Um dia, no laboratório de Waksman, o dr. Albert Schatz, ao proceder à N-milésima experiência, opôs uma certa quantidade de estreptomicetos a certos micróbios resistentes à penicilina: num instante estes micróbios foram destruidos, revelando assim a existência do novo antibiótico, hoje conhecido como estreptomicina.

Entrava pois em campo mais um paladino da cruzada contra as inúmeras espécies de micróbios homicidas. O dr. Edward Frances, conhecido «caçador de micróbios» e médico do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos, estava convicto de que não havia cura possivel para a tularemia, ou febre dos coelhos. Mas não tardou em reconhecer que a estreptomicina curava em cinco dias as vítimas da tularemia, que até então definhavam, com febre alta, durante cinco meses.

Quando os germes implacaveis da peste bubônica invadiam o sangue dos seres humanos, cerca de 60 por cento das suas vítimas podiam-se considerar condenadas à morte. Mas o dr. Karl F. Meyer, de São Francisco, demonstrou que a estreptomicina era capaz de salvar a vida de ratos condenados pela peste, e, baseados nisso, os médicos que estavam dando combate a uma devastadora epidemia de peste em Poona, na Índia, conseguiram reduzir a mortalidade para 4%.

Conquanto o domínio da estreptomicina sobre a tuberculose ainda não seja conhecido em toda a sua extensão, o dr. E. J. O'Brien, tisiólogo de Detroit, afirma que ela veio dobrar as probabilidades de socorrer milhares de tuberculosos, antigamente condenados a morte certa, permitindo fazer operações que seriam inviaveis sem a prévia aplicação da estreptomicina. Os homens de mais idade podem abençoar tambem a estreptomicina, pelo poder de que ela se mostra capaz na redução de infecções das vias urinárias anteriormente incuraveis. As mães podem estar gratas tambem a esses estreptomicetos pois, graças a eles, se tornou altamente curavel a meningite causada pelo micróbio da gripe, enfermidade que provocava tantos óbitos na infância.

Dentro dos três anos posteriores à sua descoberta, os químicos da Companhia Merck conseguiram cristalizar a estreptomicina pura. Os engenheiros da Merck e da Charles Pfizer foram os iniciadores da fermentação em tinas gigantescas, das quais a estreptomicina brota hoje às centenas de quilos por mês.

Bem uma dúzia de empresas estão hoje concorrendo umas com as outras, com o objetivo de salvar mais vidas; procurando descobrir os antibióticos capazes de destruir as bactérias que ainda resistem tanto à penicilina quanto à estreptomicina. Tais são as malignas *rickettsias*, menores que os micróbios comuns, mas maiores do que os virus. Essas *rickettsias* são causadoras de pragas tais como o tifo e a febre *kedani*, causa de muitas mortes nas selvas do Pacífico e do Oriente.

Contra as *rickettsias*, conseguiram os cientistas da Parke Davis & Co. cristalizar outro antibiótico de primeira importância, a cloromicetina, servindo-se de um bolor que lhes foi remetido por um botânico da Universidade de Yale que, por sua vez, o recebera da Venezuela. Nas altas regiões andinas da Bolívia, o dr. Eugene Payne, tambem da Parke Davis, ministrou a cloromicetina a dezesseis pessoas atacadas de tifo, das quais quinze estavam dadas como perdidas. Os dezesseis doentes começaram a melhorar dentro de 12 horas após o tratamento, e em três dias estavam todos curados.

O dr. Joseph E. Smadel, perito em *rickettsias*, do exército norte-americano, confirmou as momentosas revelações de Payne, com o seu tratamento de doentes de tifo na Cidade do México. Depois — acompanhado do dr. Theodore Woodward, de Baltimore—acorreu a Malaca para experimentar a cloromicetina no combate à febre *kedani*. Até então, em algumas epidemias, a doença era fatal até em 60 por cento dos casos. Mas essas *rickettsias* se revelaram impotentes sob o ataque da cloromicetina, pois que a febre desapareceu dentro de 31 horas—exceto no caso de duas vítimas, que, coisa estranha, levaram três dias completos para recuperar a saude. Woodward e Smadel pesaram devidamente esses casos, fizeram pesquisas e exames de sangue: e provou-se que aqueles dois enfermos tinham sofrido um ataque, não de febre *kedani*, mas de *febre tifóide*.

Assim, a cloromicetina havia curado acidentalmente a febre tifóide, que vinha resistindo tenazmente a todos os remédios e tratamentos tentados desde que existe a medicina. Em seguida os dois médicos a empregaram—sob forma de comprimidos, muito mais faceis de ministrar—para curar sucessivamente dez outros enfermos, dentro de 72 horas.

Todos os doentes malaios achavam-se em estado muito grave; para salvar um deles Woodward e Smadel recorreram a um tríplice golpe de mestre que passará a figurar nos anais da medicina: antes de serem destroçados pela cloromicetina, os germes da febre tifóide haviam perfurado o intestino do

doente, provocando uma peritonite; esta foi em parte curada com grandes doses de penicilina, mas a morte voltou a pairar ameaçadora sobre o doente. Finalmente, graças à estreptomicina, ele conseguiu escapar, completamente curado.

Ainda restam algumas lacunas a preencher no combate a todas as doenças microbianas; já se anuncia, porem, outro antibiótico que promete contribuir para a liquidação das mesmas: a aureomicina. Esta foi descoberta pelos cientistas dos Laboratórios Lederle da American Cyanamid Company, e o seu nome provem da linda tonalidade dourada dos bolores que a produzem.

A aureomicina detem a misteriosa febre Q, que se suspeita seja provocada pelo contacto do homem com o gado; constitui o terror dos micróbios que ameaçam causar a cegueira por via da ulceração da córnea do olho humano; cura ainda a mortífera praga da família *rickettsia*, a «febre malhada» das Montanhas Rochosas. E vai mais longe ainda, na escala dos germes submicroscópicos inimigos da vida humana, para destruir certos tipos de virus. A aureomicina tem ainda a vantagem de ser mais eficaz por via bucal do que por injeções.

A esperança nova que nos traz a aureomicina foi anunciada ainda há pouco, numa reunião da Academia de Ciências de Nova York, em julho do ano passado. Só o tempo poderá dizer da permanência de suas vitórias.

Ao mesmo tempo que se podem esperar outras curas determinadas por famílias e espécies de fungos e micróbios ainda hoje mal conhecidas, vão-se registrando assombrosos feitos que aumentam o poder dos anti-bióticos de que já dispomos hoje. Em resultado de pesquisas realizadas nas companhias Eli Lilly, Pfizer e Bristol-Myers, os cientistas superaram as limitações de aplicação da penicilina, que era forçoso injetar de três em três horas: combinando-a com certos compostos químicos, conseguiram que o efeito de uma injeção dure quatro dias. Os boatos correntes, segundo os quais o uso da penicilina em pequenas doses, para pequenos males, impediria o seu emprego futuro em casos severos, como por exemplo na pneumonia, revelam-se infundados.

Faceis como são de ministrar, e seguros, os antibióticos vieram impor aos médicos as mais pesadas responsabilidades. Para fazer-se deles o uso apropriado, é imperativo que todas as doenças microbianas sejam diagnosticadas com rigor e rapidez. O agente microbiano que as provoca deve ser rigorosamente identificado nos laboratórios, visto que muitos agentes mórbidos, que resistem a um antibiótico, caem sob a ação de outro.

Pasteur profetizou um dia que o homem teria mais cedo ou mais tarde o poder de destruir todas as moléstias microbianas. Começa hoje a parecer possivel que a profecia do mestre, aparentemente fantástica, venha a tornar-se realidade.

O lugar da mulher é, talvez, nos cinemas..

As mulheres o fazem melhor

(*Condensado de «The American Magazine»*)

Por Lawrence McCann

UMA NOVA carreira para as mulheres e uma revolução na administração dos cinemas poderão resultar da praxe adotada por E. V. Richards, de Nova Orleãs, diretor e sócio de 60 cinemas muito prósperos, situados na região central do sul dos Estados Unidos. O lema de Richards é o seguinte: «Nunca se deve contratar um homem para um cargo que possa ser exercido por uma mulher.»

As mulheres, ao que parece, geralmente sabem lidar com o público melhor que os homens. Emprestam aos cinemas um ambiente mais ameno, despido de cerimônias.

Antes da guerra, Richards já entregara a senhoras a gerência de alguns de seus cinemas menores, mas não lhe ocorrera incumbí-las de administrar as casas maiores. Quando sobreveio a guerra, confiou às mulheres postos de responsabilidade, organizou um curso para treiná-las... e murmurou uma prece.

Com espanto, verificou que os cinemas estavam sendo administrados melhor que nunca. Os ébrios eram diplomaticamente afastados; evitavam-se brigas; dava-se especial acolhida às crianças e às mães acompanhadas de seus filhos; e os cinemas eram mantidos em perfeito asseio, por maior que fosse a quantidade de pipoca e de amendoim jogada no chão. Terminada a guerra, Richards reteve as mulheres nos cargos.

«Setenta e cinco por cento de nossos clientes são mulheres,» afirma ele. Note-se, aliás, que seu entusiasmo pelas gerentes femininas culminou recentemente em seu casamento com uma delas. «Devíamos ter percebido há mais tempo que a administração de um cinema é como a direção de uma família e de uma casa. Dê-me uma mulher que seja boa mãe e boa dona-de-casa e eu garanto que ela dará uma gerente de cinema de excepcionais qualidades».

Richards emprega quase 900 pessoas cujo trabalho as põe em contacto com os clientes. Somente 35 são homens. Quase todas as mulheres têm mais de 35 anos de idade, predominando as ex-professoras. As mais das vezes, as gerentes recebem o mesmo ordenado que correspondia aos homens. Às vezes, até ganham mais.

Cinco dos cinemas de Richards, ao ar livre—onde os espectadores assistem ao filme, sentados nos seus carros—são administrados por homens. Esses cinemas necessitam de rigoroso policiamento. Um deles, entretanto, é administrado por uma robusta ex-diretora de escola, que, durante a guerra, fazia patrulha entre os carros estacionados, com uma camisa azul, um distintivo de xerife, cinturão e pistola. Mesmo quando apreendia as bebidas alcoólicas que os homens traziam nos automoveis—prometendo cortesmente restituí-las à saida—jamais houve qualquer incidente.

Richards limita-se a dizer às gerentes: «Trate os fregueses como se fossem visitas em sua casa. Seja tão amavel que eles fiquem com vontade de voltar.» Feita essa advertência, dá-lhes carta branca.

Visitei os cinemas de Richards, como simples espectador, para ser tratado como o público em geral. Disse a uma bilheteira grisalha que eu já havia visto a fita, e queria que me restituissem o dinheiro. Ela sorriu e chamou a gerente, que devolveu a quantia, dizendo gentilmente:

—Não se incomode. Isso acontece a muita gente.

Em outro cinema eu disse à bilheteira:

—Esse filme foi horrivel. Não entendí nada.

Ela sorriu e confessou:

—Nem eu.

—Por que não me disse isso antes de eu comprar a entrada?

—Parece incrivel, respondeu rindo, —mas muita gente gosta dessas baboseiras...

Os gerentes não escolhem os filmes a serem exibidos, mas os relatórios que apresentam sobre as opiniões do público são muito importantes para Richards, guiando-o em futuras escolhas. Antes de entregar a mulheres a administração dos cinemas, ele encontrava dificuldade em obter relatórios adequados. Os homens se detêm para dizer à bilheteira ou ao gerente que a fita é horrivel, mas as mulheres só contam umas às outras. E quem não agrada às freguesas...acaba falindo.

A sra. Hilda Taft, que administra um cinema de 1.900 lugares, falou-me sobre o problema dos ébrios.

—A maior parte, barramos à porta, disse ela, —mas alguns homens, que entram normalmente, começam a sentir o efeito do álcool quando entram no calor do cinema. Quando um homem procura retirar um bêbedo do cinema, ele é capaz de resistir.

—Quando tenho notícia dum caso assim, continuou a sra. Taft,—vou aonde está o bêbedo e, muito calma, sugiro que ele vá ao saguão até se sentir melhor. Prometo que restituirei o dinheiro, e faço votos de que ele volte quando melhorar. Nunca falha. Até os bêbedos mais violentos aceitam as sugestões de uma mulher.

Uma vez ou outra, surge o problema dos Casanovas. Geralmente, se uma moça é molestada, ela muda de lugar. Se o homem a segue, quase invariavelmente o «vagalume» o observa e avisa a gerente. Esta se dirige ao «conquistador» e lhe diz que se, como parece, ele não encontra uma poltrona de seu agrado, talvez preferisse ir para o outro lado da platéia. Quase sempre o indivíduo se levanta e obedece sem hesitação...

As gerentes dos cinemas de Richards aumentaram a frequência às matinês, mostrando-se especialmente atenciosas para com as freguesas que trazem crianças. Os cinemas não possuem creches, mas, em algumas cidades menores, a mãe pode trazer a criança no berço e deixá-la no saguão, sob as vistas das funcionárias, enquanto ela assiste despreocupada ao espetáculo. Os gerentes, homens, frequentemente procuram fazer com que as crianças saiam afim de darem lugar a outras pessoas. Uma das administradoras me disse:

—Eu tenho filhos e já descobrí que as crianças nem sempre entendem o filme a primeira vez que o vêem. Não é justo obrigá-las a sairem depois de uma única sessão.

De cerca de 50 candidatas que se apresentam, Richards aceita só uma para o curso de treinamento. De cinco que completam o curso, uma é aprovada e recebe colocação. Faz parte do curso um período de quinze dias, dedicado a conservação e reparos. As mulheres aprendem como funciona a instalação de ar condicionado, como se desmonta a máquina de fabricar pipoca. Desmontam um projetor e tornam a montá-lo; consertam filmes fendidos. Aprendem a remendar e a revestir poltronas, a tapar furos no toldo. Ensinadas a ministrar primeiros socorros, servem de enfermeiras em casos de emergência.

Quanto mais idosas as mulheres, até certo ponto, e quanto mais maternais, tanto melhor desempenham essas funções. As mães e avós são as mais competentes. Nos cinemas de Richards, as moças bonitas só se encontram na tela...

Moço de convicção...

UM RAPAZ, vizinho nosso, conseguiu um emprego como locutor de rádio, numa cidade próxima. Todos imaginamos que ele se saisse às mil maravilhas. Entretanto, pouco depois, começaram a circular rumores de que as coisas não iam tão bem como esperávamos. Jorge tinha a mania de alterar os textos que lhe davam para ler, afim de adaptá-los às suas próprias idéias. Não tardou que regressasse à cidade natal, e disse-me então:

—Eu só volto ao estúdio quando eles retirarem o que me disseram.

—Mas que foi que disseram? perguntei, inocentemente.

—Que eu estava despedido.

—Robert F. Higgins

Observações sobre os problemas humanos com que defronta diariamente o povo russo

SURPRESAS NA RÚSSIA

(Condensado de «Harper's Magazine»)

Por Sam Welles

Membro da Divisão de Assuntos Europeus do Departamento de Estado, 1942-45; correspondente de «Time» na Rússia, 1947

UM HOMEM que havia passado dois anos na Rússia me disse: «Quando eu voltei aos Estados Unidos, a pergunta que, realmente, me embaraçou foi se eu tinha visto algo de inesperado.»

A resposta que deu foi negativa.

Pois eu estive lá dois meses e meio, e encontrei surpresas por toda parte. Admirei-me da primeira coisa que notei quando o avião passou a sobrevoar território russo: a falta de movimento. Há na Rússia qualquer coisa de estático. Quando se voa dentro dos Estados Unidos, mesmo sobre regiões montanhosas ou áridas, vêem-se estradas de ferro e rodovias pavimentadas. Penetramos na Rússia voando a 450 metros de altura. Era um dia límpido e pude ver até pessoas caminhando nas estradas. Mas até chegar aos subúrbios de Moscou—isto é, numa extensão de 800 km—só vi dois trens e nenhum veículo a motor, mesmo em cidades como Vilna e Vitebsk.

Durante quase todo o percurso de Stalingrado a Moscou—uns 960 km—voamos a 30 metros de altura. O piloto nos comunicara seu desejo de que os norte-americanos a bordo «vissem a Rússia». Vi as horriveis cicatrizes da guerra: trincheiras ainda abertas, ziguezagueando pelos campos; tanques queimados, corroidos pela ferrugem—manchas vermelhas nas vastas planícies verdes do trigo

de inverno. Vi dois indícios constantes de que estávamos voando sobre a Rússia Soviética: igrejas em ruinas e grandes celeiros coletivos. Estes últimos dominavam as aldeias, mas nesses 960 quilômetros de densa população que antecedem os subúrbios de Moscou, só vi um trem, uma estrada pavimentada e nem um automovel ou caminhão.

Quase não existe transporte motorizado na Rússia. Pode-se sair de automovel de algumas das principais cidades, mas não se chega muito longe. Fui até a uns 160 quilômetros de Moscou e a uma distância muito menor de Leningrado e de Stalingrado. As estradas são ruins e esburacadas, e o carro se atola na lama. Conheci um inglês destemido, que fizera de automovel os 800 quilômetros que separam Minsk de Moscou. Seu carro nunca mais voltou ao que era. Até chegar bem perto da capital, ele só encontrou cinco automoveis no caminho. Em um país de cerca de 22 milhões de quilômetros quadrados, o atual Plano Quinquenal prevê a construção de 11.500 quilômetros de novas estradas pavimentadas—menos que o total das rodovias pavimentadas do pequeno estado norte-americano de Connecticut.

Desde o fim da guerra, Stalin vem dizendo que a Rússia precisa de quadruplicar os seus 85 mil quilômetros de ferrovias, o que, mesmo assim, ainda lhe daria menor quilometragem que a dos Estados Unidos. Mas o Plano Quinquenal só prevê 7.200 quilômetros de trilhos novos até 1950. Quanto ao transporte em rios e canais, o Plano estabelece a cifra de 80 bilhões de toneladas-quilômetros, a ser alcançada no ano de 1950. Se esse alvo for atingido, o volume dos transportes fluviais soviéticos chegará pela primeira vez ao da época czarista. A frota mercante marítima da Rússia é relativamente pequena, e os nazistas destruiram ou danificaram todas as quatro cidades soviéticas especializadas em construção naval.

O sistema de comunicações da Rússia é tão pobre quanto os seus transportes: os correios e telégrafos são vagarosos e incertos; poucos cidadãos têm telefone. Um funcionário soviético me disse: «O telefone só é de fato util para marcar encontros. Geralmente ouve-se muito mal.»

Outra coisa que me surpreendeu foi o desperdício em grande escala. Uma das características mais marcantes da vida soviética é o número de pessoas necessárias à execução de qualquer tarefa. Isso se explica em parte pelo medo, que na Rússia às vezes parece patológico. Há guardas nos lugares mais inesperados, sem falar naqueles em que seria razoavel encontrá-los. O trem em que fui de Leningrado para a Finlândia parou quatro vezes na zona da fronteira, e, em cada parada, mais de cem policiais cercavam os três vagões que constituiam a composição, embora esta já houvesse sido minuciosamente revistada. Para um país em que há tamanha escassez de braços, trata-se evidentemente de um desperdício espantoso.

Outro aspecto do desperdício é a ineficiência do homem, inevitavel na

burocracia mais lenta do mundo. Não me refiro em particular aos 10 ou 15 milhões de russos que se acham nos acampamentos de trabalho forçado, embora constituam flagrante desperdício não só de produção como também de felicidade humana; refiro-me, sobretudo, ao fato de que os casais russos, em média, consomem quase todas as suas energias na luta básica pela vida.

É dolorosa a escassez de artigos comuns de consumo para esse povo pobre e trabalhador; os poucos que existem são ordinaríssimos. As mulheres de outros paises não usariam nem em casa os vestidos que vi em senhoras no Teatro Bolshoi, a principal casa de espetáculos líricos da Rússia. O *Krokodil*, a única revista humorística nessa terra onde o humorismo tem de ser oficial, publica anedotas a respeito desse estado de coisas com tal frequência, que o Kremlin deve estar procurando dar aos cidadãos um meio de desabafar, levando tudo na brincadeira. A referida revista publicou, por exemplo, uma caricatura que mostrava dois alpinistas numa escalada, amarrados a uma corda. Diz um deles: «Está com medo deste despenhadeiro?» Responde o outro: «Não, mas da corda. Foi feita na minha fábrica.»

É tão grande a falta de tudo na Rússia, que o catálogo de uma grande loja norte-americana é para eles algo de mágico, como a lâmpada de Aladim. Um exemplar velho da revista *Vogue* é vendido por 125 dólares porque os modelos que apresenta são mais bonitos que qualquer coisa de fabricação russa. Uma norte-americana mostrou a um grupo de russas uma meia dúzia de exemplares do *Vogue*. Perguntaram qual era o mais recente, pois desejavam ver a última moda. Quando a americana explicou que eram todos do mesmo ano, pois essa revista se publica duas vezes por mês, elas não acreditaram. «É impossivel,» disse uma, «que algum país possa publicar uma revista assim tão boa mais de uma vez por ano.»

Certa vez, falei com um russo de prestígio (basta dizer que a cidade onde morava, na Sibéria, o enviara a Moscou, como comprador oficial). Seus pés estavam enrolados em trapos, pois lhe haviam furtado os sapatos numa casa de banhos públicos, no dia seguinte ao de sua chegada, e ele não tinha dinheiro suficiente para adquirir outro par.

Um casal de estrangeiros, que morava num hotel em Moscou, recebeu certo dia o seguinte pedido do gerente: «A senhora poderia fazer o obséquio de ser mais equitativa quando se desfizer das coisas?» Acontecia que uma empregada fazia a limpeza do banheiro, e outra a do quarto e sala-de-estar; a gratificação que as duas mais cobiçavam era o que se jogava às cestas de papel. O casal vinha jogando fora as garrafas vazias, sobras de comida, pontas de cigarro, etc., na cesta do banheiro, e a outra empregada reclamara contra essa preferência pela sua colega. Daí em diante o casal tratou de distribuir tais favores com mais justiça.

Visitei um mercado onde os lavradores das fazendas coletivas vendiam os produtos cultivados no pequeno pedaço de terra que lhes pertencia. Os habitantes da cidade enchiam as alamedas do mercado vendendo objetos seus—escovas de dentes usadas, galochas, lâmpadas elétricas, grampos para cabelo—afim de obter dinheiro para comprar comida. Uma fragil mulher de cabelos brancos oferecia um travesseiro sujo. No momento em que eu passava, alguem perguntou o preço: equivalia a 18 dólares. Com essa importância comprava-se menos de um quilo de manteiga. As pessoas traziam garrafas ou latas vazias para o leite, e jornais velhos para embrulhar os gêneros alimentícios.

Moscou é quase toda uma verdadeira «favela» super-lotada, podendo-se dizer que suas ruas e calçadas não foram consertadas desde a Revolução. Há logradouros cheios de lixo de toda espécie. Os serviços municipais são horriveis, comparados com os dos Estados Unidos. Nos veículos de transporte urbano, vagarosos e superlotados, chega-se a levar duas horas para percorrer um trajeto de poucos quilômetros. Moscou tem milhares de casas feitas de toros de madeira, vendo-se às vezes uma grande área cheia delas, ao lado de uma casa de apartamentos de dez andares. Nota-se na capital russa um contraste enorme entre as coisas vistosas destinadas à elite e o quase nada que resta para as massas.

O povo foi o que mais me impressionou na Rússia. Quem já presenciou o desfile do Dia do Trabalho em Moscou, não pode subestimar o poderio da Rússia. Fiquei parado, vendo passar um milhão de pessoas. Já vi as multidões no Dia da Bastilha, em París, e na Semana Santa, em Roma. Na Inglaterra vi o cortejo da coroação de um rei. Tudo isso quase desaparece ao lado de um Dia do Trabalho em Moscou.

Não me refiro à parte militar da parada, nem à presença de Stalin e outros membros do Politburo no palanque de onde assistem ao desfile, sobre o túmulo de Lenin. Aliás, esse espetáculo já era bem interessante, pela grande quantidade de policiais uniformizados, que flanqueavam os quatro lados do túmulo e eram substituidos por novos oficiais de meia em meia hora. Antes de deixarem o povo entrar na Praça Vermelha, formaram-se cordões de isolamento, com soldados e policiais, colocados ombro a ombro, com a frente voltada para lados opostos, alternadamente, de maneira que pudessem controlar o povo continuamente.

Durante semanas eu vira colunas de cidadãos pelas ruas, preparando-se para essa demonstração popular «espontânea». Vendo tudo isso, e mais todos aqueles guardas, já antes de principiar a parte «popular» da comemoração, eu me tornara um tanto descrente de sua autenticidade.

No entanto, por mais prevenido que eu estivesse, surpreendí-me ao ver a formidavel massa humana que constitui a parada. O caudaloso rio de homens, mulheres e crianças passa durante horas e horas, sem a menor interrupção. Havia uma interminavel

exibição de retratos de Stalin e de vultos do Politburo; bandeiras vermelhas; carros alegóricos e bandeiras de fábricas, clubes, lojas e organizações. Uma voz através do alto-falante a cada momento convidava o povo a dar um «Hurra!» a Stalin. Os que se achavam em frente ao túmulo sempre acompanhavam, embora nunca houvesse aclamações de toda a multidão ao mesmo tempo.

Por fim, a corrente humana foi-se adelgaçando até terminar de todo. Fora a própria Rússia que passara, representada por seu elemento mais poderoso: o seu povo paciente, facil de moldar, e quase incansavel, capaz de compensar a maioria das brutalidades ou erros de seus senhores. É pouco provavel que eu jamais veja um desfile com a força, o efeito e o esplendor desse milhão de maltrapilhos.

Desde que deixei a Rússia tenho pensado muito numa senhora, fiscal de fronteira, que, ao saber que eu ia escrever minhas impressões dessa visita à Rússia, me pediu que eu «escrevesse com o coração». Se eu lhe tivesse podido responder naquela ocasião, teria dito:

Hei-de me lembrar da horrivel destruição de seu país, e dos rostos pálidos de suas crianças. Hei-de me lembrar de que vocês desejam não só a paz como muitas outras coisas. Liberdade, por exemplo—liberdade de locomoção dentro de seu próprio país e em outros paises do mundo.

Hei-de me lembrar do jovem fazendeiro que nasceu no ano em que suas fazendas se tornaram coletivas. Quando declarei que possuia uma fazenda, ele me disse: «Eu gostaria de ter a minha terra. Se eu a trabalhasse bem, ganharia alguma coisa. Se não trabalhasse bem, ou o tempo fosse inclemente, seria eu que sofreria. De qualquer maneira, seria eu o responsavel.» Hei-de me lembrar do intelectual soviético a quem citei essa observação. Seu comentário foi: «Raramente podemos dizer isto agora, mas os russos são mais parecidos com os norte-americanos do que o senhor pensa.»

A côr do sangue...

Charles Feldman, conhecido empresário teatral, conta o seguinte:

Uma noite perdí uma partida de poquer em que tomava parte Alexander Korda, e no dia seguinte lhe mandei um cheque pelo correio. Preenchí-o com tinta vermelha e mandei-o com o seguinte bilhete: «Caro Alex, como você vê, este cheque foi escrito com sangue.»

Poucas noites depois, jogando outra vez, ganhei de Korda e no dia seguinte recebí um cheque escrito com tinta azul. O bilhete que o acompanhava dizia: «Caro Charles, aquí vai meu cheque. Tambem foi escrito com sangue, mas repare na diferença de côr.» Estava assinado: «*Sir* Alexander Korda».

—Citado por Irving Hoffman em *Theatre Arts*

Zangar-se é coisa humana, mas uma boa válvula de escape pode poupar-nos contrariedades e até doenças

Irritar-se faz mal à saude

(Condensado de «Better Homes & Gardens»)

Por Greer Williams

O bebê acabava de nascer, e o pai, dr. Brown, o levou para casa em um taxi, acompanhado da esposa e da sogra; esta última, embora os pais quisessem ambos carregar o recem-nascido, teimou em levá-lo no regaço, até chegarem a casa. Mal entraram, ela desatou a dar ordens.

Na manhã seguinte, sabendo que a esposa necessitava de fazer exercício físico, o médico sugeriu que ela descesse para tomar o café. Mas a mãe se opôs, e obrigou a filha convalescente a tomar o café na cama. A essa altura o marido já estava irritadíssimo. Conteve-se, mas não conseguiu comer durante todo esse dia.

Na manhã seguinte acordou com a dor de cabeça típica da sinusite, a garganta pigarreando e o nariz entupido. Quando chegou à Clínica de Medicina Psico-somática, do New York Hospital, onde trabalhava, sentiu que era naquele momento um excelente candidato a objeto das experiências que se realizavam alí. O caso do dr. Brown (cujo nome real é outro) foi estudado durante oito meses. Os colegas verificaram que ele sofria de «resfriados» e espirros, toda vez que uma dificuldade ou incerteza vinha perturbar-lhe a vida familiar ou profissional.

Foi possivel observar-se, em mais de cem outros pacientes, uma correlação idêntica entre os sofrimentos físicos e os conflitos afetivos. A cólera ou ansiedade traduzia-se, para um doente, em uma cruciante pontada nas costas, enquanto para outro acarretava uma intoleravel dor de cabeça. Os observadores científicos têm conseguido descobrir, assim, que certos indivíduos com alta pressão arterial sofrem apenas de «cóleras engarrafadas», e outros, vítimas de indigestão têm na realidade «raiva engolida»...

A cólera é coisa perigosa, como bem sabem todos aqueles que já a viram destruir uma sólida amizade, desfazer um lar feliz, arruinar uma festa de família. Por que é então que nos zangamos?

Explicam os psicólogos que a raiva, no seu estado primitivo, é uma força que tem por fim auxiliar-nos a sobre-

viver — impulso animal de defesa, quando nos vemos acuados, e de ataque, contra tudo quanto perturbe a nossa tranquilidade. Fisiologicamente, a raiva produz uma golfada de adrenalina no sangue, o que nos dá vontade de vencer. Foi isso o que aconteceu ao dr. Brown: vendo na sogra uma ameaça para a sua posição de chefe da família e do lar, enfureceu-se.

À medida, porem, que o homem foi evoluindo, as palavras foram pouco a pouco tomando o lugar dos gestos agressivos, e até a razão o lugar das palavras. Esse o motivo por que o dr. Brown se conteve: ora, para que provocar uma «cena» de família? Mas a cólera é energia, e, uma vez provocada, precisa de achar uma válvula. A raiva do dr. Brown acabou fazendo uma «cena»... no nariz dele.

A cólera reprimida procura ainda outras formas de expansão, fazendo, por exemplo, com que a pessoa se sinta farta até a náusea, encurralada, melindrada, cínica, enojada ou simplesmente deprimida. Em outros termos, o indivíduo pode acabar virando, inconscientemente, a sua raiva contra si mesmo. «Um estado de constante irritabilidade,» escreve o dr. Daniel Blain, diretor-médico da American Psychiatric Association, «não é mais do que a raiva que, provocada em nós por alguma coisa, extravasa depois contra tudo e contra todos. O azedume contra o capital ou o trabalho, o ódio aos negros ou aos ricos, reduzem-se geralmente, em última análise, a uma raiva específica contra nós mesmos e contra a nossa própria sorte.»

Acontece tambem, por vezes, que a raiva estoura pela tangente, e vai ferir alguem que esteja nas imediações, mas que não tenha nada a ver com o caso. Num casal em que a esposa viva implicando com o marido, este pode ir despejar a bile sobre a pobre da secretária, que por sua vez irá desforrar-se, xingando o garção que a serve à hora do almoço. Passada a crise, podem sentir-se talvez culpados, e dirão com mágua: «Não sei o que há comigo!» O que há é uma raiva que errou o alvo.

Os psiquiatras ensinam que existem válvulas de escape, seguras e inofensivas, para a raiva que às vezes nos consome; mas, primeiro, o indivíduo precisa compreender que a raiva é um fenômeno normal. O erro de muita gente, no dizer dos conhecedores, está em condenar os pensamentos coléricos como se eles fossem atos coléricos, quando estes é que causam danos e prejuizos.

«Muitos meninos,» diz ainda o dr. Blain, «habituam-se a esperar algum castigo quando deixam transparecer a sua raiva contra o pai, seja por que motivo for. Um simples pensamento de hostilidade pode, às vezes, levar o garoto a sentir-se um tanto assustado ou culpado, como se houvesse procedido mal. No entanto, o ódio é um impulso tão natural como o amor.

«O pai bem avisado não procurará suprimir a cólera em si, mas as suas raizes, isto é, a necessidade que o filho tem de sentir-se zangado. E o fará por meio de uma conversa com a criança, e procurando chegar a entendimento com ela. As emoções são parte integrante da realidade. Todos devíamos sentir-nos com a liberdade de experimentá-las, e com a responsabilidade, ao mesmo tempo, de controlá-las. A compreensão torna tudo isso muito mais simples.»

E que dizer agora dos momentos em que nos sentimos enraivecidos, talvez com motivo justificado, e não ousamos dá-lo a entender, porque, dadas as circunstâncias, seria arriscar demasiado. Em tais casos—dizem ainda os conhecedores da matéria—devemos reprimir a cólera, e depois, sem nos iludirmos sobre o seu motivo real, descencadeá-la contra algum alvo inofensivo: bater um tapete, rachar lenha, atirar pedras a uma lata velha—tudo isso são formas recomendaveis de dar alívio à raiva, à humilhação e ao azedume. É claro que o método de expansão da cólera precisa ser individualmente satisfatório, e socialmente aceitavel. Dar um pontapé no gato, ou bater as portas com estrondo, deixam a pessoa envergonhada e ainda mais irritada por fazer perante os outros um «papel triste».

O simples fato de assistir, como espectador, a desafios esportivos, como o futebol ou o boxe, já oferece certa medida de alívio aos sentimentos hostís e agressivos. Há mesmo um psiquiatra que recomenda os filmes desopilantes, especialmente aqueles que nos pintam o lado risivel das explosões da raiva. O riso foi sempre uma válvula de escape, e é um bom antídoto da cólera.

Quase todos conhecemos a velha regra de contar até 10 antes de explodir, mas poucos temos a noção exata do que ela vale como instrumento de domínio da cólera. Essa regra constitui um apelo à razão. Quando estamos encolerizados não podemos pensar, e ninguem deve agir sem pensar primeiro. Por isso, como no caso de qualquer emergência, devemos saber de antemão o que fazer, quando nos vem um assomo de raiva. Um bom sistema é, por exemplo, fazer e responder as cinco perguntas seguintes:

1. *Por que é que eu estou zangado?*
2. *Será essa a causa real?*
3. *Que pensa e sente o outro?*
4. *Poderei fazer alguma coisa para remediar a situação?*
5. *Se posso, por que não ponho mãos à obra? E se não posso, por que é que não consumo a minha adrenalina em qualquer outro objeto?*

Por via de raciocínio tão elementar, podemos chegar à conclusão de que, afinal, nem sequer havia motivo para nos enraivecermos. Ou podemos concluir que tínhamos motivo justificado. Sendo assim, poderemos utilizar nossa energia para nos batermos com um pouco mais de fervor por aquilo que consideramos justo.

A única coisa realmente doentia que tem a cólera, é que, quando não pode cair a fundo sobre o inimigo, passa a corroer-nos por dentro. Se soubermos arejá-la e dissipá-la por meio de algum trabalho, de distrações, ou do raciocínio, podemos poupar-nos muito aborrecimento.

Sem ser o Paraiso nem o El Dorado, abre os braços a quem ame a aventura e desdenhe o conforto

A Libéria desperta

(Condensado de «The American Magazine»)
Por Gordon Gaskill

Antes da recente guerra, a Libéria já era conhecida de meia dúzia de plantadores de seringueiras, caçadores de caça grossa, e capitães de navios de cabotagem, como sendo um país pobre, meio adormecido sob o clima enervante da Costa Ocidental da África—uma espécie de aberração política criada pelos Estados Unidos em 1822, para refúgio de escravos alforriados.

Mas a Libéria transformou-se muito durante a guerra. Sabemos hoje que ela é—pelo menos potencialmente—um país rico para alem de quanto pode conceber a nossa fantasia, uma verdadeira fonte de tesouros praticamente inexplorados, onde o ouro, os diamantes, as pérolas, as madeiras preciosas e os riquíssimos minérios de ferro só esperam quem os vá colher.

A Libéria não é, porem, nem o Paraiso nem o El Dorado: mas uma terra ainda primitiva, ensopada em umidade, desconfortavel—lugar impróprio, em suma, para as pessoas que não podem passar sem o seu jornal diário nem o seu cinema ou teatro.

Mas para quem tiver fibra de pioneiro, está alí a nova fronteira a desbravar, onde a cada canto nos espreitam as oportunidades de fazer fortuna.

A Libéria foi fundada por 86 ex-escravos idos da América para alí, com verbas concedidas pelo Congresso dos Estados Unidos, na intenção utópica de iniciar um movimento de retorno dos negros ao continente de sua origem. Nesse sentido, a Libéria foi um completo fracasso. Emigraram dos Estados Unidos para lá menos de 1.500 homens de côr. Mas estes a protegeram quando outras potências se dispunham a penetrar alí pela força, e, em 1847, insistiram em que todas as nações a reconhecessem como república independente, a primeira na África. Os liberianos sabem perfeitamente que, sem o apoio dos Estados Unidos, a sua nação de há muito teria sido absorvida pelas vizinhas colônias da Inglaterra e da França.

O progresso da Libéria

enfrenta uma séria dificuldade—não existe em todo o país uma única estrada de ferro, e há somente pouco mais de 300 quilômetros de horrorosas «estradas» públicas, pavimentadas de barro vermelho.

«Este país ainda não descobriu a importância da roda;» dizia-me alguem, com quase rigorosa verdade, pois a população do interior nem sequer conhece o carro-de-mão nem a carroça! Não existem alí animais de tiro, atribuindo-se a culpa disso à doença do sono. Uma vez que se deixa a estrada—e as estradas vão sempre onde não são precisas—a gente tem que andar a pé, ou então fazer-se transportar em liteira, aos ombros dos naturais. Quanto à bagagem, como quase toda a carga na Libéria, é transportada nas cabeças dos *boys* ou carregadores indígenas. A lei nacional limita a 25 quilos a carga que um homem pode levar na cabeça, mas ninguem respeita a lei. Qualquer carregador considera uma brincadeira equilibrar na cabeça um baú de 150 quilos; e quando é preciso transportar uma peça de maquinaria de meia tonelada, o remédio é simplesmente meter mais cabeças debaixo dela...

A maior das empresas da Libéria é a Firestone Company. Harvey Firestone iniciou a plantação de borracha na Libéria em 1926, para sacudir o jugo do monopólio das Índias Orientais. Durante a grande crise, as plantações ficaram quase em total abandono, mas chegada que foi a última guerra, deram uma bela receita, tendo fornecido um quinto de toda a borracha natural utilizada pelos Aliados.

A exploração da borracha na Libéria dispõe atualmente de dez milhões de seringueiras e de um exército de 25 mil trabalhadores indígenas, chefiados por 140 americanos. Pode a gente rodar horas e horas, sem nunca sair da plantação, que está toda separada do resto da Libéria por meio de cercas. E as suas estradas são, naturalmente, as melhores de todo o país.

Quando rebentou a guerra, os Estados Unidos descobriram que a região da África que mais perto ficava da América do Sul, era nem mais nem menos do que a sua pequena protegida, a Libéria. Mediante o prévio consentimento desta, a Força Aérea norte-americana construiu (ao custo de 5 milhões de dólares) uma base aérea que estava aproximadamente a meio caminho de Berlim, e onde os bombardeiros que para alí se dirigiam, às centenas, podiam refazer-se logo após transporem de um salto o Atlântico.

A Marinha de Guerra dos Estados Unidos construiu tambem alí, mas demasiado tarde, um belo porto. Se tivesse ficado pronto mais cedo, no dizer da Marinha, esse porto teria salvo incontaveis navios que os alemães torpedearam nas águas do Atlântico Sul. Esse porto, que custou à América a cifra de 18 milhões de dólares, e é hoje o melhor da costa ocidental africana, constituiu só por si uma autêntica revolução, pois antes dele Monróvia, a capital, nunca tivera um porto decente. Os grandes navios eram obrigados a ancorar fora da barra, e os passageiros eram transportados para

terra, como a carga, em pequenos batéis.

Embora seja uma república, a Libéria não é de modo algum uma democracia. A classe dominante é constituida pelos 15.000 «américo-liberianos», descendentes dos 1.500 escravos forros que alí se estabeleceram, de regresso à África dos seus maiores. São eles que governam sobre os naturais da terra, cerca de 1.500.000 negros dos sertões e florestas. As distinções de classe ou casta são rigorosas: nunca um administrador colonial branco revelou mais desdem para com os seus tutelados negros do que estes «américo-liberianos» mostram em relação ao seu irmão primitivo ou menos civilizado do *hinterland*. Se um membro da elite dirigente se casa com moça «nativa», a boa sociedade monroviana franze com severidade as sobrancelhas.

Em muitos aspectos, a Libéria parece uma cópia a carbono—um tanto enfarruscada—dos Estados Unidos. É a única nação do mundo onde a moeda americana tem curso de moeda nacional; desde 1943, a Libéria cortou os laços que a prendiam à libra inglesa. O fato redundou em grande benefício, pois os liberianos podem agora fazer as suas encomendas diretamente a casas norte-americanas pelo correio e as agências postais de Monróvia estão sempre atulhadas de encomendas chegadas dos Estados Unidos.

A Constituição da Libéria é, quase palavra por palavra, uma reprodução da norte-americana; mas o presidente é na prática um ditador, quase absoluto, durante os oito anos do seu mandato. O atual chefe do estado é William V. S. Tubman, o mais apto de todos os últimos presidentes liberianos. Robusto, prazenteiro, educado por missionários, o presidente descende de uma família de escravos norte-americanos eminente na história da sua raça.

A corrupção dos funcionários públicos era coisa corrente e tolerada até que Tubman foi eleito; ainda hoje, é claro, está longe de totalmente abolida, mas, com espanto de toda a gente, o chefe do estado começou punindo os funcionários transviados, e chegou mesmo a demitir um ministro da guerra!

Monróvia, com os seus 10.000 habitantes, é um amontoado irregular de cabanas cobertas de lata, no meio das quais se ergue meia dúzia de edifícios de boa construção. Tem somente duas ruas pavimentadas, que correm paralelas. O resto são caminhos de barro vermelho semeados de calhaus, onde os policiais do trânsito sonolentamente manejam as bandeirinhas de sinalização, conquanto o tráfego seja muito reduzido, exceto o dos porcos semi-selvagens que correm pelas ruas em liberdade.

No entanto, para os homens de imaginação e de aventura, a Libéria é um país atraente e novo. Até em Monróvia se podem ouvir de noite os batuques. Um bom tambor é capaz de fazer «falar» o seu instrumento com a eloquência de um violino—pelo menos aos ouvidos dos liberianos. Escutando de longe, algum deles poderá explicar: «Agora ele está cantando com meiguice,» e depois: «Agora está muito zangado!»

A Libéria não é tão quente quanto muita gente imagina, embora se encontre somente entre quatro e oito graus de latitude ao norte do equador. O inverno é a estação mais quente. As chuvas torrenciais tornam mais fresco o estio, e a temperatura raramente sobe alem de 38 graus. A umidade, porem, é pavorosa, sendo às vezes preciso muito trabalho para conservar um cigarro aceso. A umidade corrói os para-lamas dos autos com uma rapidez incrivel, e um carro hoje novo parecerá velho dentro de seis meses. As mobílias de madeira folheada caem aos pedaços; o marfim despega-se das teclas dos pianos.

Para o interior, a Libéria é realmente arrebatadora: ergue-se pouco a pouco, em socalcos, desde o litoral até às montanhas dos fundos, com seus 900 metros de altitude. Embora seja menor do que a Grécia, parte do seu território ainda não foi explorado pelos brancos.

Os macacos, porcos bravos, búfalos, antílopes e elefantes destroem e devoram regularmente todas as plantações, o que em parte explica o atraso da agricultura. Os elefantes são tão numerosos e atrevidos nas suas destruidoras incursões, que ainda há pouco o governo aboliu a licença de 150 dólares que antes era exigida para caçá-los. A Libéria tem carneiros sem lã, caracóis de pescoço comprido capazes de caminhar depressa, hipopótamos pigmeus, escorpiões gigantes, sete variedades de cobras mortíferas, gibóias com 6 metros de comprimento, tartarugas enormes, e chimpanzés. Possui leopardos em quantidade suficiente para dar insônias aos moradores, e lá para o interior de seus pântanos inexplorados, é mesmo possivel que se esconda ainda algum derradeiro representante da raça dos dinosauros pre-históricos, que tinham 10 metros de comprido. Os naturais lhe chamam *mokelembembe*. Ainda não foi enxergado por nenhum cientista, mas as notícias que dele dão os naturais são tão frequentes e pormenorizadas, que

muita gente crê na sua existência e na possibilidade de ele poder ser algum dia fotografado ou pegado.

Os frutos da Libéria são prodigiosos: encontram-se alí abacaxís silvestres, cinco variedades de bananas, alem de laranjas, mamões, mangas e abacates, estes últimos chamados lá «peras de manteiga» e tão gostosos, que, em comparação, os que se comem nos Estados Unidos parecem feitos de papel. As flores da Libéria constituem pela sua parte um espetáculo que varia no decurso das horas do dia. Existe lá um estranho hibisco que é branco pela manhã, e vai gradualmente cambiando de côr, até que ao anoitecer fica de um rosa carregado. A essa hora o hibisco cede o lugar de honra à branca «flor da lua», que abre ao anoitecer e fecha ao raiar da aurora. O aroma das frangipaneiras lembra sa perfumarias parisienses; orquídeas, poincianas, alamandas e eloendros, encontram-se por toda parte e pode a gente colhê-los livremente.

A Libéria é pois, como se vê, um país cheio de encantos e atrativos. Mas os liberianos sabem que ela se vai modificando, e sem remédio, para nunca voltar a ser o que antes era: como se, agarrando o chapéu num gesto de indisfarçavel timidez, ela empreendesse agora, em avião de propulsão a jacto, uma audaciosa e veloz jornada pelo século XX a fora...

Epílogo inesperado

Garson Kanin contou-nos a segunite história de um espetáculo numa festa de caridade, há uns vinte anos atrás, no Winter Garden, em Nova York. Quando chegou a vez de Harry Houdini, ele anunciou um novo truque, que lhe custara quinze anos de trabalho. «Colocarei uma dúzia de agulhas na boca e vários pedaços soltos de linha,» declarou o famoso mágico. «Sem utilizar as mãos, e em um segundo, apenas, enfiarei todas as agulhas.» Hoje, pode-se comprar esse truque por um dolar, nas lojas de mágicas. Naquela época, porem, constituiu uma sensação.

«Preciso de um voluntário para comprovar que nada tenho escondido na boca,» pediu o prestidigitador. Correu os olhos pelas primeiras filas e rejeitou as celebridades presentes, cujo relevo poderia absorver demasiadamente a atenção do público, em prejuizo do espetáculo. Finalmente, escolheu um senhor baixote, sentado numa das cadeiras laterais. «O sr. vê alguma agulha ou fio de linha debaixo da minha língua?» perguntou Houdini.

O homenzinho inspecionou atentamente a boca do mágico e nada comentou. «Não tenha receio,» instou Houdini, «diga à platéia o que o sr. está vendo.»

«Piorréia,» declarou o espectador.

Durante cinco minutos, a platéia rebentou de riso. Pobre Houdini. Numa assistência de 1.600 pessoas, foi logo escolher um dos irmãos Marx—Groucho—que ele não reconheceu, por estar sem bigode.

—Billy Rose

O mistério da pedra de Kensington

(Condensado de «The Saturday Evening Post»)

Por Thomas R. Henry

Os nórdicos estiveram mesmo no Minesota em 1362? Há 50 anos que os eruditos vêm estudando este mistério, tão empolgante como um romance policial.

No verão de 1898, ocupado em cavar o seu campo à margem de um pântano, em Kensington, no Minesota, Olof Ohman, jovem colono norueguês, arrancou pela raiz o toco de um choupo, cujas raizes envolviam como tentáculos uma laje retangular de arenite, com 79x41x15 cm. de dimensões. Nessa laje havia uma inscrição em caracteres rúnicos, que parecia encerrar uma mensagem destinada à posteridade. A pedra veio trazer à baila uma questão que ainda hoje empolga os historiadores: será verdade que um cavaleiro norueguês, de nome Paul Knutson, chefiou uma expedição mal-sucedida de soldados-missionários até às cabeceiras do Rio Vermelho, no Minesota, Estados Unidos, 130 anos antes de Colombo haver arribado pela primeira vez ao Novo Mundo?

Logo depois de descoberta, a pedra de Kensington foi quase unanimemente denunciada como fraude. Mas as provas acumuladas nestes últimos cinquenta anos se foram tornando tantas e tão substanciais, que alguns dos mais eminentes arqueólogos dos Estados Unidos já hoje consideram como quase demonstrada a vinda de Knutson e seus companheiros. Há poucos meses a Smithsonian Institution, em Washington, cuja prudência e reserva são proverbiais, colocou essa pe-

dra entre as suas grandes preciosidades, e o dr. Matthew W. Stirling, chefe do Bureau de Etnologia Americana, instituição oficial, disse que ela era «talvez o objeto arqueológico de maior importância até hoje descoberto na América do Norte.»

Ninguem duvida mais, agora, que Colombo foi precedido, no Novo Mundo, por outros homens de raça branca—muito provavelmente centenas deles. Ainda antes das colônias escandinavas da Groenlândia, estabelecidas em fins do século X,—se dermos ouvidos a lendas que devem ter origem na semente de alguns fatos—vieram os irlandeses, os galeses e os bretões. Mas todos esses eram marinheiros e pescadores iletrados, numa época de poucas luzes. E tudo parece indicar, no entender dos arqueólogos, que esse Paul Knutson foi o primeiro branco instruido que procedeu a uma exploração sistemática do continente norte-americano.

Os que defendem a autenticidade da pedra de Kensington baseiam-se apenas em deduções e circunstâncias; mas quantos assassinos não têm sido condenados à morte por via de indícios menos convincentes? O carater de Ohman é um fator digno de se ter em conta: fora ele um parlapatão ou um estudioso da História—e, muito especialmente, houvesse ele tentado alguma vez arranjar dinheiro à custa do seu achado—haveria razões para suspeitarmos dele; mas Ohman era um homem estólido e destituido de imaginação, uma dessas pessoas que não revelam qualquer pendor, e ainda menos capacidade, para conceber e perpetrar uma fraude.

Por sugestão de alguns vizinhos, o lavrador foi entregar a pedra ao banqueiro local, que se interessava muito por antiguidades. Este, por sua vez, remeteu a relíquia para a Universidade de Minesota, onde o professor O. J. Breda, ao tempo uma das maiores autoridades do país em assuntos escandinavos, decifrou, com relativa facilidade, a maior parte da inscrição. A maioria dos caracteres eram runas norueguesas, ou seja, pertenciam ao curioso alfabeto que foi o primeiro de que se serviram os povos germânicos. Alguns dos símbolos, porem, nada significavam aos olhos de Breda. Sabe-se hoje que esses sinais representavam números.

Eis a tradução do misterioso texto, tal como é hoje aceita: «(Nós somos) 8 godos [suecos] e 22 noruegueses em (uma) viagem de exploração de Vinland através do Oeste. Tínhamos acampado junto de (um lago com) dois *skerries* [ilhas rochosas] a um dia de jornada para o norte a partir desta pedra. Andamos (por fora) e pescamos um dia. Depois de voltarmos ao acampamento encontramos 10 (dos nossos) homens ensanguentados e mortos. AV(e) M(aria) salvai (nos) do mal. Dez do (nosso grupo) (estão) perto do mar olhando por nossos navios [ou navio] a 14 dias de viagem desta ilha. Ano 1362.»

O professor Breda concluiu que a laje constituia um embuste de todo evidente. A própria linguagem traía sua origem suspeita: mistura de norueguês, sueco, e do que parecia ser inglês antigo. Nos tempos em que se usavam os caracteres rúnicos, os suecos e os noruegueses eram inimigos figadais, o que tornava incrivel que eles pudessem compartilhar de uma expedição comum. As três letras AVM eram latinas, e não rúnicas, e o alfabeto romano só foi introduzido na Escandinávia no começo da Idade Média.

«Se a pedra é verdadeira, os cavaleiros exploradores visitaram o centro do Minesota em 1362.»

A data da inscrição escapara a Breda: 1362. Os caracteres que a representavam não eram da família rúnica primitiva, e ele presumiu, naturalmente, que qualquer nórdico que tivesse sido capaz de chegar ao Minesota central, devia ter vindo das colônias da Groenlândia fundadas por Eric o Ruivo em data incerta do século XII. Quanto a isso, não havia lugar para discussões. A pedra de Kensington não podia ter sido esculpida por um de tais groenlandeses.

Fosse como fosse, a pedra foi remetida para a Universidade Northwestern, afim de ser mais detidamente examinada por peritos em escrita rúnica. Todos concordaram com Breda, e a pedra foi devolvida a Ohman. Como se ajustasse perfeitamente a uma poça lamacenta que este tinha no

seu quintal, colocou-a aí, felizmente com a inscrição virada para baixo, o que permitiu que ela se conservasse intacta.

A pedra ainda estaria lá, provavelmente, se não fosse o interesse de um eminente historiador noruego-americano, Hjalmar R. Holand, a quem Ohman fez presente da relíquia. Durante mais de trinta anos Holand consagrou quase todas as suas horas vagas ao estudo da laje. Apresentou-a para consulta a 23 universidades européias. E, uma após outra, as mais sérias objeções à sua autenticidade não fizeram senão provar os pontos fortes em seu favor. Veio primeiro o descobrimento do significado dos símbolos numéricos, e a determinação da data. Acontece que justamente esses sinais rúnicos eram de origem mais tardia, e de uso local na Noruega. O alfabeto latino fora introduzido no século XIV; e as suas letras apareciam com frequência misturadas com os antigos símbolos germânicos. Isso explicava a aparente incongruência das letras latinas AVM, representativas de AV(e) M(aria). Tratava-se dum símbolo facil de compreender e de escrever. Para gravar a mesma coisa em caracteres rúnicos, teria sido preciso muito mais espaço.

No entanto, a luz mais forte que se projetou sobre o caso foi a publicação, em certa revista dinamarquesa de arqueologia, de uma ordem descoberta por acaso na biblioteca real de Copenague. Nessa ordem, Magnus, «Rei da Noruega, Suécia e Skaane», mandava que Paul Knutson, um dos homens mais eminentes de sua corte, recrutasse uma expedição destinada a socorrer uma colônia norueguesa que desaparecera da costa ocidental da Groenlândia. Esse documento foi traduzido e rezava assim:

«Haveis de escolher os homens que devem acompanhar-vos no *Knorr* [nome do navio mercante real] . . . entre os da minha guarda pessoal, e bem assim dentre os servidores de outros homens que acaso desejeis vos acompanhem na viagem... Nós vos rogamos acateis esta nossa ordem com a devida boa-vontade pela causa, tanto mais que o fazemos pela honra de Deus e pela salvação de nossa alma, e pela dos nossos predecessores que na Groenlândia estabeleceram o cristianismo, e até agora o mantiveram alí, e não seremos nós que o deixaremos perecer em nosso tempo... Assinada em Bergen [Noruega], na segunda-feira depois do dia de Simão e Judá, no sexto e XXX ano de nosso reinado (1354).»

Era isso oito anos antes da data encontrada na pedra de Kensington. Positivamente, nenhum embusteiro do século XIX poderia ter tido conhecimento dessa ordem real. Alem disso, oito anos era um lapso de tempo muito razoavel para permitir a Knutson chegar de Bergen às cabeceiras do Rio Vermelho.

O Rei Magnus era um evangelizador fanático. Ele próprio comandara uma cruzada para converter a Rússia ao cristianismo pela espada. Organizara na sua corte uma escolhida guarda dos jovens mais promissores da nobreza norueguesa e sueca. Foi dentre esse grupo seleto de cavaleiros que

Paul Knutson recebeu ordem de recrutar o pessoal da sua expedição. Faziam parte do grupo alguns homens da província de Gottland—e daí a referência aos godos que figura na inscrição.

Magnus havia recebido más notícias da sua colônia nórdica de Vesterbygd, na Groenlândia, fundada quase 400 anos antes por Eric, o Ruivo: os lares haviam sido abandonados e o gado se dispersara pelos campos. Ao que parecia, a colônia abandonara em massa o seu pouso, talvez devido à pressão dos esquimós hostís. Era bem provavel que essa gente se houvesse transferido, na direção sudoeste, para Vinland, a velha colônia *viking* de Leif o Venturoso, na costa do que mais tarde se chamaria Nova Inglaterra, perto do Cabo Cod, e então de há muito abandonada. O rei receava que os seus súditos extraviados ficassem isolados de toda religião, e perdessem as suas almas. A expedição de Knutson tinha por fim reconduzí-los ao bom caminho.

Holand procurou reconstituir o que então sucedeu: é de presumir que Knutson tivesse aproado à costa da Nova Inglaterra, e procedido alí a pesquisas para encontrar os groenlandeses. Não tendo achado vestígios deles, dirigiu-se para o norte e acabou entrando na baía de Hudson. Ainda aí não encontrou sinais da gente que buscava. Chegou então ao estuário do grande Rio Nelson, e foi descendo para o sul até o lago Winnipeg, de onde, vencendo toda uma rede de lagos e transpondo a pé os istmos que os separam, alcançou a região do Rio Vermelho. Tal teria sido (no pensamento provavel do explorador) a rota natural seguida, desde a Groenlândia, pelos colonos perdidos. Aliás ele talvez tenha pensado que estava seguindo o caminho mais facil de regresso à costa do Atlântico, por imaginar que a América do Norte fosse não um continente, mas um grupo de grandes ilhas.

Tudo isso, é claro, não passa de conjecturas. Mas, se a pedra de Kensington é genuina, então, de fato, Knutson e os seus cavaleiros estiveram no Minesota em 1362.

As provas a favor da autenticidade da relíquia foram crescendo. A laje estivera no ponto onde a encontrou Ohman, pelo menos durante o tempo que o choupo levara para crescer. O exame a que se procedeu nos anéis do tronco de árvores idênticas da vizinhança, para determinar a sua idade, levou à conclusão nada exagerada de que a referida árvore tinha pelo menos 40 anos de idade em 1898. Isso significa que, se a relíquia fosse um embuste intencional, este devia ter tido lugar lá por 1850. Ora, nessa época poucos homens de raça branca existiam no Minesota, que era habitado por índios selvagens e aguerridos.

A mensagem rezava que alguns dos membros da expedição ficaram cuidando dos navios, junto ao mar, «a 14 dias de viagem desta ilha». Verificou-se que «um dia de viagem» era uma expressão convencional do tempo, que designava aproximadamente 120 quilômetros, ou seja, a distância que um navio à vela podia transpor em um

dia, com vento favoravel. Essa era, praticamente, a distância até ao estuário do Rio Nelson.

A inscrição dizia ainda que o grupo expedicionário se encontrava acampado em uma ilha de um lago, a 120 km de distância de outro lago onde existiam duas ilhotas de rocha, à margem do qual os seus irmãos de armas haviam sido massacrados. Ohman, como já dissemos, encontrou a sua pedra à beira de um pântano, onde hoje é terra seca. O estudo geológico da região mostra que o terreno ligeiramente elevado donde o fazendeiro arrancou o toco de árvore com a laje, era quase com certeza uma ilha lá pelas alturas de 1362. Durante este último século toda essa zona se tem tornado progressivamente mais seca.

Ora, aproximadamente a 120 km de distância, encontra-se o único lago da região com dois *skerries*, ou ilhas rochosas: é o lago Cormorant. Na sua margem acham-se grandes penedos do período glaciário, em três dos quais se notam orifícios triangulares abertos pela mão do homem. Trata-se, mais uma vez, de um expediente muito comum nos fiordes da Noruega, durante o século XIV, para atracar navios. Junto de uma dessas rochas, encontrou-se não há muito um fuzil de pederneira norueguês, que data do século XIV. E, ao longo do curso do Rio Nelson, têm-se encontrado igualmente vários instrumentos noruegueses—como sejam três achas ou machados de guerra, outro fuzil de pederneira e um ferro de lança. Tudo isso parece indicar qual a rota que Knutson, ao largar da baía de Hudson, seguiu para o sul.

Que fim levaram os sobreviventes que estavam na ilha? O mais provavel é que tenham sido todos massacrados. O homem que cinzelou essas palavras de desespero na pedra de Kensington, encontrava-se em estado de grande nervosismo, e talvez nem esperasse viver o suficiente para concluir a sua tarefa.

No dizer dos arqueólogos da citada Smithsonian Institution, ninguem poderia apor a chancela oficial da autenticidade nessa pedra, em presença das provas de que hoje dispomos. Porem, se alguem forjou essa relíquia, acrescentam os peritos, deve ter sido uma super-combinação de arqueólogo, geólogo, linguista e historiador, que há cerca de um século rompeu caminho através da selva que era então o Minesota, para lá deixar a sua mistificação: e desse homem, da sua existência, não há vestígios nem conhecimento.

DOIS RAPAZES chegaram esfalfados ao cimo de uma colina, depois de haverem subido a íngreme ladeira pedalando uma bicicleta de dois lugares.

—Essa foi puxada, hein? disse um deles.

—Se foi! respondeu o amigo. —Se eu não tivesse apertado o freio durante toda a subida, teríamos descido de costas.

—Grit, citado em *The Wall Street Journal*

Como um engenheiro sanitarista norte-americano salvou a Grécia do impaludismo

Magia do DDT na Grécia

Por J. P. McEvoy

VIAJANDO-SE de automovel pelas zonas rurais da Grécia, encontram-se a cada instante aquelas três letras—grandes, simbólicas e negras, nas paredes caiadas dos edifícios, sobre as portas das casas dos camponeses e nos estábulos; na fachada dos pequenos armazens e açougues—repetidas insistentemente, como uma chamada em alfabeto Morse: DDT...DDT... DDT...Que significa isso? pergunta o visitante, e a explicação vem logo: «Essas letras querem dizer que nesses edifícios não há mais insetos; que a doença já não impede o nosso povo de trabalhar, e que os nossos filhos já não morrem como formigas, vítimas da malária.»

O homem que realizou esse milagre é o coronel Daniel E. Wright, engenheiro sanitarista que há 40 anos vem combatendo pragas em todos os recantos do globo, tendo ido para a Grécia depois de 21 anos de trabalhos sob os auspícios da Fundação Rockefeller.

Antes de a Grécia ter sido literalmente banhada de DDT, a sua população rural consumia grande parte da produção mundial de quinina; um terço de seus trabalhadores perdia anualmente de dois a quatro meses de trabalho, incapacitados pelas doenças; a mortalidade infantil, em certas aldeias, era praticamente de cem por cento.

A campanha foi iniciada em 1945, com 21 toneladas desse veneno mágico, o DDT, que era lançado do ar; por outro lado, turmas de empregados locais, especialmente treinados, borrifavam as paredes de todos os edifícios, em lugares próprios para demonstração. A eliminação de mosquitos, moscas e outras pragas foi tão notavel, e a saude das populações mostrou tantas melhoras, que o governo grego se comprometeu a colaborar no programa do coronel Wright, em 1946, suprindo os trabalhadores se os Estados Unidos mandassem 500 toneladas de DDT.

Como resultado disso, no referido ano, houve uma redução de 90 por cento nos casos de impaludismo nas regiões onde se fez o tratamento. As cifras para 1947 foram ainda melhores, mas infelizmente as guerrilhas, espalhando-se pelo interior, vieram interferir no serviço. Mesmo assim, os

trabalhadores atuaram em quase todas as 6 mil aldeias atingidas seriamente pela malária, — mais da metade das 11 mil localidades do país — custando essa obra de profilaxia apenas cerca de 20 centavos de dolar por pessoa, o equivalente ao preço local de dois comprimidos de quinina.

Graças a essa melhoria do nivel de saude do povo, a produção rural já aumentou até de 40 por cento em alguns lugares. Os galináceos, curados dos parasitas, põem mais ovos, e as vacas, uma vez livres das moscas e outras pestes, dão 20 por cento mais de leite.

Mais cabal ainda é o ataque atual contra as moscas Dacus, que muitas vezes arruinam os olivais do Mediterrâneo. «Em certas partes da Grécia,» declara Wright, «chegam a destruir 75 por cento da colheita. Se a aplicação de DDT, por meio de aviões, pudesse destruir de uma vez essas pragas, seria uma enorme ajuda à economia da Grécia. O DDT é ainda tão novo que nos falta aprender muito para usá-lo eficazmente na destruição dos insetos, sem alterar, entretanto, o equilíbrio da natureza. Ora, descobrimos que o DDT não faz nenhum mal às oliveiras, mas destrói as moscas que as atacam. Dez aviões foram preparados para borrifar DDT em um milhão de oliveiras, à guisa de experiência. Quando vier a nova safra, veremos se estamos no caminho acertado, como as nossas experiências parecem indicar. Se sairmos vitoriosos aquí, teremos uma verdadeira revolução econômica em toda a região do Mediterrâneo.»

No passado, as asas translúcidas do anofeles espalhavam a morte e quase aniquilaram a Grécia antiga; hoje são as asas metálicas dos aviões profiláticos que espalham por campos e pantanais as descargas de DDT, levando a destruição ao antigo ceifador de vidas.

Curso relâmpago

UM VELHO tocador de realejo apareceu sob a janela da casa do maestro Mascagni e começou a «moer» o famoso Intermezzo da *Cavalleria Rusticana*. Tocava-o tão aceleradamente, que o maestro não pôde aturá-lo. Correndo à rua, Mascagni agarrou a manivela do instrumento e começou a tocar a música no ritmo natural, explicando ao boquiaberto músico ambulante que, sendo ele o compositor da peça, queria ouví-la tocada corretamente.

Na manhã seguinte, o homenzinho do realejo apareceu diante da casa do maestro. Sobre o instrumento trazia um cartaz em letras garrafais, que dizia: «Discípulo do famoso Mascagni».

—*Christian Science Monitor*

OS ZACCHINIS —

projeteis humanos

(*Condensado de «Life»*) Por John Kobler

ENTRE CERTAS populações do globo, é de regra que, ao chegarem a determinada idade, os jovens se sujeitem a provas e experiências as mais inquietantes. Por exemplo, entre os batongas, negros africanos, são eles diariamente vergastados durante três meses. Certas tribos do Congo Belga forçam os rapazes a percorrer de ponta a ponta um tunel escuro, dentro do qual os assaltam homens mascarados, que pulam de nichos para lhes meter medo. Entretanto, esses e muitos outros ritos cruéis parecem insignificantes, diante das provas que são habituais entre os Zacchinis, a prolífica família de acrobatas que, faz anos, deixou a Itália e assentou arraiais na cidade de Tampa, na Florida. Ao chegarem à maioridade, todos os rapazes da família (e com frequência as moças tambem) têm que sujeitar-se à «prova do canhão»: isto é, são disparados como balas da bocarra fumegante duma peça de grosso calibre.

Como é sabido de todos os apreciadores do circo nos Estados Unidos, esses Zacchinis saem voando do canhão, e cinco segundos depois caem, esbaforidos mas a salvo, sobre a rede que está desdobrada no lado oposto da pista.

Todos os membros dessa família, se interrogados, confessarão que, desse arriscado exercício, o único momento de que gostam é quando descem da rede, pela escada de corda, com os ossos todos no devido lugar. E no entanto, até hoje, nenhum deles se furtou a cumprir esse dever tradicional na família. O resultado é que não há feira, circo ou centro de diversões nos Estados Unidos em que não se vejam um ou mais Zacchinis exibindo as suas habilidades, seja qual for a estação do ano.

Atualmente a família consta de 34 membros, incluindo o caçula, chamado Átomo. O avô, Ildebrando, recentemente falecido, foi há anos, na Europa, empresário do Circo Olímpico, onde se treinaram os sete irmãos.

Os Zacchinis são hoje donos de uns quatro hectares de terreno à margem duma bonita alameda de palmeiras, o Fountain Boulevard, em Tampa; de cinco grandes casas, uma dúzia de automoveis de grande potência, 25 caminhões e carretas de artilharia, três oficinas mecânicas do tamanho de hangares, e um campo de exercícios tão vasto que chegaria para acomodar uma bateria de grandes Bertas.

Embora tenham sido eles os criadores desta moderna versão da bala humana e continuem sendo ainda hoje os seus realizadores mais competentes, (Paul Leinert, alemão, executava uma proeza parecida por volta de 1910) os Zacchinis têm visto surgir imitadores em todos os cantos do mundo. Mas o preço dessas imitações tem sido altíssimo. Basta dizer que, duma série de mais de 50 projeteis humanos, 32 já perderam a vida no exercício desse funambulesco ritual, a maior parte ao cairem fora da rede.

Quanto aos Zacchinis, nenhum deles morreu até hoje no disparo—conquanto todos os irmãos hajam sofrido fraturas e contusões de maior ou menor gravidade. Dois deles ficaram mesmo aleijados para o resto de seus dias.

O canhão consiste em um sólido canudo de alumínio, com sete metros de comprimento, montado numa leve carreta de artilharia. Dentro dele há um êmbolo oco com cerca de um terço do comprimento total do canhão, e 40 centímetros de diâmetro—o suficiente para admitir, a custo, a entrada do acrobata que desempenha as funções de projetil. Essa escassez de espaço, apesar de incômoda, reduz ao mínimo os riscos de o artista se contundir contra as paredes do êmbolo, durante o seu rápido trajeto na alma da peça.

O «artilheiro», que é geralmente um dos Zacchinis incapacitados de fazer acrobacias devido a acidentes passados, fica sentado diante do quadro de controle da peça. A charanga do circo rompe a tocar com brio, e o «projetil» atravessa pomposamente a pista, em passadas elásticas, resplandecente de alvura no seu macacão de couro de cavalo, capacete branco de segurança, e máscara de amianto que o protege do fogo. Antes de entrar no canhão, o artista polvilha-se primeiro da cabeça aos pés, com talco, que lhe permite deslisar sem dificuldade, do êmbolo para fora, quando se dá o disparo. Depois, pela boca do canhão, introduz-se no êmbolo, de pés para baixo, claro está. O homem do gatilho faz girar os seus rodízios, que erguem o cano da peça ao ângulo apropriado à balística do circo e fazem escorregar o êmbolo e o «projetil» até ao fundo, à culatra. Por baixo do êmbolo está instalada uma pequena câmara de ar comprimido. Tudo a postos, brada:

«Pronto?» Das entranhas do canhão, como do fundo dum túmulo, sai uma voz abafada: «Pronto!» O artilheiro aperta com força um botão. No mesmo instante, uma pequena

bomba explode na culatra, uma carga de pólvora negra vomita fumaça e chamas à boca da peça, e o êmbolo percorre velozmente, aos solavancos, todo o comprimento do canhão. O projetil humano é arremessado com violência em direção ao céu. (Tem sucedido várias vezes que o mecanismo de disparo enguiça, e o «projetil», incapaz de sair do canudo sem auxílio de fora, quase fica asfixiado pelos gases da pólvora negra, cuja explosão é puramente de ordem espetacular.)

Com a violência do embate que o expele pelos ares a fora, é frequente o homem-bala perder os sentidos, raras vezes os recuperando antes de atingir o zênite da sua trajetória. Isto dá-lhe, no máximo, uns três segundos para executar a meia cambalhota que o fará cair de costas, são e salvo, na rede. No tiro de alcance máximo, o artista é projetado a 30 metros de altura, no ar, e vai cair à distância de uns 60.

Quem teve a idéia da bala humana foi o mais velho dos irmãos Zacchini, Edmondo. Isso ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial, quando ele servia na infantaria italiana. Naquela pasmaceira da guerra de posição, encontrando-se a menos de 90 metros de distância das linhas inimigas, e não tendo mais o que fazer, Edmondo deu para matutar na melhor maneira de cercar e aprisionar o adversário que tinha em frente. A idéia que lhe ocorreu, consoante ele ainda hoje recorda, foi esta: «Pensei que talvez se pudesse arranjar um canhão que disparasse soldados para alem das linhas inimigas.» A idéia não chegou a dar fruto como arma de guerra. Mas, depois do conflito, enquanto andava com o circo do pai em *tournée* pela ilha de Malta, Edmondo mandou forjar segundo o seu traçado, numa oficina local, um canhão próprio para disparar corpos humanos.

«*L'Uomo Proiettile*» teve a sua estréia retumbante no Cairo, em novembro de 1922. Logo ao primeiro tiro que o disparou do cano, Edmondo ficou com a perna direita fraturada. Na cama do hospital não lhe faltou tempo nem ócio para meditar profundamente nas causas do seu desastre. Chegou assim à conclusão de que o cano da peça era demasiado largo, e a ação da mola excessivamente violenta. Curado, meteu-se a traçar os planos do segundo canhão.

Com esse modelo aperfeiçoado, seu irmão Hugo conseguiu manter-se sempre ileso através de muitos espetáculos, e o número da «bala humana» se tornou uma das grandes sensações dos circos europeus. O governo da Noruega e o da Itália condecoraram os Zacchinis. Mas Edmondo, que insistia em revezar Hugo de tempos a tempos, continuou fraturando aquela perna enfraquecida, com notavel regularidade. Ao cabo de cinco fraturas compreendeu a realidade, e desde então tem-se resignado a desempenhar as funções de «artilheiro», muito menos dramáticas mas muito mais seguras.

A primeira *troupe* de Zacchinis chegou aos Estados Unidos em 1929, e passados poucos anos a família estava toda reunida na cidade de Tampa.

Essa *troupe* inicial foi-se subdividindo em outras, com a matemática regularidade das amebas, e hoje há Zacchinis por toda parte. Edmondo tem continuado a fabricar ele próprio a maior parte dos canhões (até agora são 14). Os materiais custam-lhe cerca de vinte mil dólares por canhão. É ele quem dirige o treinamento dos novatos, e fecha os contratos com os agentes dos circos. Um negócio dessa natureza implica uma grande rotação de pessoal: nos artistas que não ficam aleijados surge, mais cedo ou mais tarde, um complexo parecido com o do piloto de avião que está prestes a fazer sua 50ª missão de bombardeio. Desistem por obra de pura e simples exhaustão nervosa.

Muito embora o número da bala humana fosse já empolgante na sua forma original, John Ringling, o famoso empresário de circo perguntou um dia a Edmondo se não haveria maneira de torná-lo ainda mais sensacional. Edmondo, que nunca recuou diante de dificuldades, imaginou então um canhão dotado de dois êmbolos sobrepostos, capaz de disparar dois projeteis em rápida sucessão. A idéia apaixonou a tal ponto o audacioso empresário, que este desatou a anunciá-la estrepitosamente como a atração máxima do seu espetáculo para a temporada de 1934,—ainda antes de Edmondo ter conseguido montar a complicada peça.

A menos de uma semana da inauguração da temporada de circo no Madison Square Garden, em Nova York, os Zacchinis reuniram-se todos no terreno dos fundos da casa de Edmondo, logo ao raiar da aurora. Na expectativa do pior, estava presente o médico da família, pronto a acudir. Edmondo começou por disparar duas balas inanimadas, para experimentar a nova invenção, e em seguida fez sinal a dois irmãos, Hugo e Vittorio. Ao descrever-nos o resultado do ensaio, diz ele em sua fala pitoresca, ponteada de gestos: «Pam-pam! Saiu direitinho!»

E foi assim que, durante alguns anos, o número da «dupla bala humana» rendeu em média mais de 2 mil dólares por semana à *troupe*. Infelizmente, ia ao mesmo tempo aleijando mais Zacchinis do que nenhuma das outras peripécias acrobáticas que até então eles haviam praticado. A razão era que a segunda bala ficava com frequência retida na alma do canhão, quando o êmbolo enguiçava. Em 1940, os Zacchinis desistiram da novidade, e retornaram ao tiro singelo.

Quando estalou a Segunda Guerra Mundial, a maior parte dos Zacchinis capazes de desempenhar o papel de bala humana foram mobilizados, ou para as forças norte-americanas, ou para as indústrias de guerra. Essa escassez de «munições» levou Edmondo ao desespero, e consequentemente a procurar outra solução. Lembrou-se então das duas bonitas filhas que Deus lhe dera, Duina e Egle Victoria, trapezistas de grande fama havia já alguns anos. Foi a salvação do número! Duina adaptou-se com grande facilidade ao número do canhão; mas Egle se revelou a melhor «bala» que já tinha figurado naquele número, ao vencer com regularidade a trajetória máxima de 60 metros com a graça e a leveza duma garça.

Nenhuma das moças, infelizmente, se conservou indene por muito tempo: Duina sofreu uma séria concussão quando um dia a rede abateu sob o choque do seu corpo; e Egle quebrou o nariz numa aterrissagem desajeitada, e passou a viver sob tamanha tensão nervosa, que lhe sobreveio uma erupção cutânea de ordem psico-somática. A despeito desses sinais e avisos de perigo, Edmondo inventou para elas um novo número, perigosíssimo, que implicava o canhão de tiro duplo, reconstruido agora de forma a disparar mais alto e mais longe do que nunca. Dizia-nos ele, cheio de esperanças: «Eu acho que dois pistões trabalham melhor agora!»

A vida doméstica dos projeteis humanos oferece em si mesma um espetáculo digno de ver-se. Chegam de todas as partes do mundo, inesperadamente, os amigos e os parentes—e alguns deles para não mais sair dalí. Os Zacchinis falam, ao todo, onze idiomas, inclusive o tcheco e o árabe, e sucede muitas vezes que os misturam em uma mesma frase. Vale a pena vê-los, no terreno dos fundos da casa de Edmondo, exercitando-se incansavelmente nos trapézios, trampolins, arames de equilíbrio e tapetes de ginástica, ou voando por cima do topo das árvores, sozinhos ou aos pares. Quem ainda não conseguiu habituar-se a este permanente espetáculo vertiginoso, são os vizinhos!

Em sinal de deferência para com eles (ou talvez depois de muitas queixas) a prática de «tiro» está agora restrita a uma hora por dia, entre as 5 e as 6 da tarde.

O certo é que a cidade de Tampa acabou por considerar a família Zacchini com certo orgulho, como uma destas maravilhas municipais no gênero da Torre Eiffel, a um tempo perturbadoras e atraentes.

Trajes de Eva, trajes de Adão...

O DR. EARNST FRIEDBERGER, conhecido higienista alemão, colocou termômetros e outros instrumentos de precisão sob as vestes de homens e de mulheres e pôde assim medir a temperatura e a umidade junto à pele de cada um deles. Constatou que a temperatura junto à pele das mulheres chega a ser dez graus inferior à dos homens; o nivel de umidade é pelo menos um terço mais baixo.

«O homem médio de nossos tempos,» conclui o especialista, «passa a maior parte de sua vida, no inverno ou no verão, sob a ação debilitante do clima tropical. Apenas o rosto e as mãos, porque se projetam para fora, gozam de condições mais salutares. As mulheres, porem, em média, vivem em um clima semelhante ao ar seco e frio dos Alpes.»

—*Popular Science*

AREIA

Hal Borland

SEU VERDADEIRO nome pouco importa: direi que se chamava Grant Yates. Homem alto, seco de carnes, face cadavérica, devia ter seus 50 anos. Nesse tempo eu tinha só doze. Ele era, como meu pai, um de tantos colonos do Colorado; vivia num bangalô pintado de branco, lá na orla dos montes de areia, ao passo que nós morávamos légua e meia a sudoeste dele, já bem na planície de terra dura, onde cresce o «capim de búfalo».

Acho que ele simpatizou comigo quando soube que eu gostava das colinas de areia; tambem ele as amava. Eu costumava montar no meu cavalo e correr até a casa dele; depois caminhávamos juntos até o alto de uma grande colina alí perto, e lá ficávamos sentados, conversando, ou simplesmente calados, olhando. Era uma linda colina com a sua areia faiscando como ouro ao sol, e a erva esparsa, em tufos, mas alta e verde no verão. Daquela altura podiam-se avistar muitos quilômetros de território; quase sempre era possivel enxergar a fumaça dos trens que corriam 40 quilômetros ao norte; e no começo da tarde, sendo boa a luz, a gente podia até lobrigar o cone azul-cinzento do Pico Long, a uns 150 quilômetros, no horizonte do oeste.

Um dia, sentado como de costume no alto dessa colina, e enquanto deixava correr entre os dedos um punhado de areia, disse:

—Areias do tempo, amontoadas a tal altura

que erguem a gente até junto das estrelas; e no entanto, tão fugidias debaixo dos nossos pés como o próprio tempo.... E a gente não pode pegar senão um punhado de cada vez.

Depois sorriu e continuou:

—Dois anos parecem um tempo enorme, não é? Pra você, é claro.

Eu assentí; daí a dois anos completaria 14...

Grant acenou afirmativamente com a cabeça e prosseguiu:

—E com muitos anos de vida à sua frente. Em que é que você vai empregar esse tempo?

Respondí que não sabia.

—É cedo, mesmo, para saber... disse ele. —Na sua idade há tanta coisa para fazer! Mas lembre-se disto: não há nada que a gente não possa fazer. Não existem barreiras intransponiveis. Há sempre um caminho para a frente —atravessando, escalando ou contornando o obstáculo...

Suspirou, abafou um acesso de tosse, e daí a pouco nos levantamos e começamos a caminhar vagarosamente de volta à casa dele.

Fizera com suas próprias mãos, não só a casa como tudo que havia lá dentro. Perguntei-lhe se era carpinteiro.

—Não, não sou, mas passei um ano deitado de costas num quartinho todo branco, no sanatório, e enquanto estive acamado projetei esta casa, e toda a mobília. Depois, vim para cá e a construí, esclareceu ele.

Eu ignorava então o que era um sanatório. Perguntei mais tarde a minha mãe, e ela explicou-me que Yates era tuberculoso.

Um dia eu lhe perguntei por que ele não tinha gado, e me respondeu:

—Não é justo que eu tenha dependentes, ainda que sejam animais; meu cavalo é outra coisa: desse eu posso cuidar, e preciso dele. Tudo o que eu queria era esta casinha. Os médicos me disseram que eu tinha dois anos de vida no máximo... O dinheiro que sobrou bastaria pra ir vivendo esses dois anos, mas só desta maneira. De outra forma não teria dado nem pra seis meses. Já passou um ano e meio, e foi um tempinho bem bom...

O começo do inverno foi moderado, nesse ano, mas um dia, em fevereiro, desencadeou-se uma nevasca tremenda, que começou pelo entardecer e durou a noite inteira. De madrugada alguem bateu com força na nossa porta: era o Fred Williams, que vivia a cerca de quilômetro e meio para o sul do nosso sítio. Contou-nos que seu filho, o Robert, estava gravemente doente: pegara um resfriado que lhe havia atacado o peito. Durante a noite apareceu uma febrezinha, e agora estava respirando com dificuldade.

—Será que alguem daquí podia chegar a um telefone pra chamar o médico? perguntou o pai aflito. —Eu sei que é pedir muito, com um temporal assim, mas não vejo outro remédio.

Os Williams tinham tido pouca sorte desde que se mudaram para a região, no ano anterior. Nem sequer cavalo eles tinham agora: a parelha que possuiam adoecera e morrera em fins do verão. Dizia-se na vizinhança que a família Williams vivia do feijão mexicano que cultivava.

Minha mãe perguntou-me se eu podia ir até o armazem, onde havia telefone; distava dalí uns 16 quilômetros, ou seja, uns 8 para alem da casa de Grant Yates. Eu disse que sim, porque conhecia aquelas colinas como a palma da minha mão. Rompí caminho conforme pude até à cavalariça, e atrelei a parelha à carroça; minha mãe carregou cobertores, e todos os remédios que encontrou à mão. Pusemos tudo na carroça, e ela foi com o Williams para a casa deste. Selei então meu cavalo e toquei para o armazem.

A tempestade de neve foi piorando, e daí a umas duas horas o meu cavalo parou junto duma casa: era a do Yates. Pensei um momento se não devia continuar até ao armazem. Mas, sentindo o cheiro da fumaça da lareira, apeei-me e entrei.

Yates estava deitado e, quando entrei, indagou:

—Que é que você está fazendo fora de casa com esse tempo?

Enquanto atiçava as brasas, fui-lhe contando o que se passava. Assim que ouviu a primeira parte da minha narrativa, sentou-se na cama e estendeu a mão para agarrar as calças. Enquanto se vestia veio-lhe um ataque de tosse, e teve que se assentar uns instantes. Depois dirigiu-se para o guarda-louça, tirou uns frascos, que pôs numa sacola, e envergou um capote pesado. Perguntei-lhe que ia fazer, e ele respondeu:

—Vou até ao sítio do Williams.

—Mas eu vou buscar o médico!

—O médico só pode chegar lá daquí a algumas horas. Aquele menino está é com pneumonia. Conheço bem esse assunto de pulmões. Quem sabe, talvez eu possa salvar o garoto.

—Olhe que o temporal está brabo! avisei.

Sorrindo, replicou:

—Pode ficar descansado, que eu chego lá. Não há obstáculos insuperaveis... Você quer ir selando o meu cavalo?

Daí a dez minutos partíamos os dois—ele pelo caminho donde eu viera, e eu para diante, em demanda do armazem.

Não sei como foi que Yates conseguiu chegar ao seu destino. Levei outra hora e meia para alcançar o armazem. Telefonei ao médico, que prometeu pôr-se logo a caminho, tanto mais que a tempestade já amainara um pouco.

O médico chegou a nossa casa depois do almoço, e eu fui pôr o cavalo dele na cavalariça e arrear um dos nossos, que estava repousado. Quando lhe expliquei o que sabia do estado do doente, ele sacudiu a cabeça, desanimado, e disse:

—Não tem grandes probabilidades de escapar. Mas, já que estou aquí, o melhor é ir até o fim, ainda que seja só para passar a certidão de óbito...

E fomos para o sítio do Williams.

O menino estava vivo: a febre baixara e ele dormia. O médico examinou-o, fez perguntas, e no fim virou-se para Williams, dizendo:

—Se o seu filho está vivo, é graças ao Yates, que chegou no momento oportuno.

Depois puxou Yates para um canto, e ficaram os dois a cochichar; mas apanhei o que Yates disse no fim:

—Ora, doutor, que diferença faz um ou dois meses? A vida gasta de um velho, pela vida de um menino que tem tudo a esperar!

Abafou outro ataque de tosse, e teve que sentar-se.

Quando saimos dalí, minha mãe pediu a Yates que ficasse descansando em nossa casa aquela noite, mas ele retrucou:

—Agradeço como se aceitasse, mas vou andando até minha casa. Acho que ainda tenho tempo para isso.

Partiu acompanhado do médico, à luz do crepúsculo. Minha mãe murmurou:

—Esse homem está muito mal...

Estava mesmo: morreu uma hora depois de chegar ao bangalô. O médico tinha ficado a fazer-lhe companhia.

Sepultaram-no alí mesmo, nas colinas de areia, e colocaram uma laje simples em cima da sepultura. Mas as areias são movediças, deslocam-se com o tempo, e quando estive lá no ano passado, à procura do túmulo, não o encontrei mais. As «areias do tempo» o haviam coberto.

VAMOS QUEBRAR A CABEÇA!

(*Condensado de «Test Yourself»*)

Por William Bernard e Jules Leopold

HÁ MOMENTOS em que temos de tomar decisões instantâneas, embora preferíssemos adiá-las; em que hesitar é pior do que tomar uma decisão errada. Quando o leitor se encontra em tal situação, costuma dar um palpite? Ou mantem presença de espírito suficiente para tirar o maior partido possivel do tempo exíguo ou dos fatos limitados que tem ao seu dispor?

Este teste—um pequeno desafio... —apresenta apenas uma dentre um número quase infinito de situações encontradas na vida, que exigem decisões instantâneas. Entretanto, basta para mostrar se o leitor age com mais ou menos decisão e segurança do que os outros, em circunstâncias semelhantes. As soluções, bem como as bases para calcular o seu total, estão na página 90.

Primeira Parte:

Instruções—Em cada problema, assinale as três fileiras que dão os maiores totais. Não terá tempo para somar todas as fileiras. Procure acertar o melhor possivel por adivinhação, ou então some quantas fileiras puder no tempo permitido, numa tentativa de chegar a pelo menos algumas soluções corretas.

TEMPO MÁXIMO: 2 MINUTOS

Não examine os problemas antes de iniciar o teste

Problema I:

A....1 2 3 4 5 6 7
B....1 1 2 3 4 5 8
C....7 6 5 4 3 2 1
D....2 3 7 5 6 8 6
E....2 3 4 5 6 6 7
F....1 1 1 7 7 7 1
G....2 8 3 4 5 6 8
H....2 1 1 3 4 5 8

Problema II:

A....1 1 1 1 5 5 5
B....1 5 1 5 1 5 1
C....1 6 4 6 5 1 5
D....5 6 4 6 0 1 1
E....6 1 1 5 5 4 0
F....1 2 0 5 6 4 1
G....1 5 3 6 7 5 1
H....1 7 3 3 1 6 5

Problema III:

A....1 5 7 9 8 3 2
B....9 0 3 6 7 2 1
C....8 8 9 5 3 6 1
D....4 5 6 4 5 3 9
E....6 9 3 2 1 9 9
F....5 4 1 2 8 3 8
G....1 9 8 8 7 5 6
H....5 6 7 6 5 8 7

Segunda Parte:

Instruções—Assinale as três séries que contêm o maior número de letras. Não terá tempo para contar as letras, mas procure adivinhar o melhor que puder.

TEMPO MÁXIMO: 30 SEGUNDOS

Problema IV:

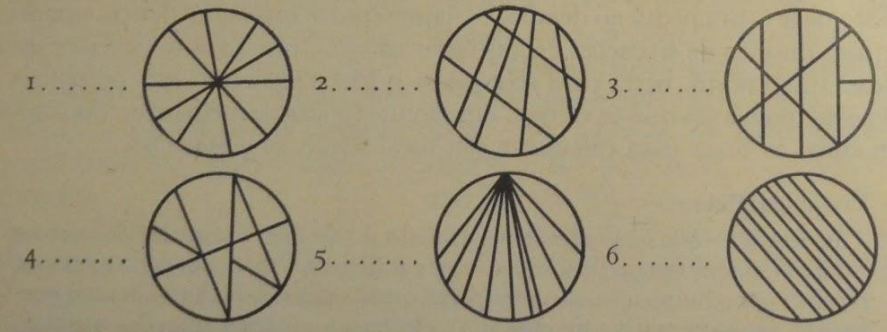
1...BBBBB BBBBB
BBBBBB
2...BWBWBWB
BWBWBWB
3...WWWWWW WWWWWW
4...ooooo oooooo ooooo
5...IIIIII IIIII IIIII IIIIII
6...VOVOVOVOVOVO
VOVOVOVO
7...IIIII IIIII IIIII IIIII IIIII
8...WIWIWIWIWI
WIWIW
9...VIII VIIII VIIII VIII
VIIII VIII

Terceira Parte:

Instruções—Cada círculo está dividido em várias partes. Assinale os dois círculos que contêm o maior número de partes. Não terá tempo para contar, mas procure adivinhar o mais aproximadamente possivel.

TEMPO MÁXIMO: 30 SEGUNDOS

Problema V:



Na África Oriental Inglesa, vem sendo posto em prática o maior empreendimento agrícola de todos os tempos

Aventura agrícola sem precedentes

(Condensado de «The Christian Science Monitor»)

Por Selwyn James

Nas inhóspitas plagas tropicais da África Oriental, cobertas de espessa vegetação agreste, cerca de mil ingleses, jovens e rijos, e 10 mil negros estão levando a cabo um prodigioso empreendimento agrícola. Utilizando equipamento norte-americano, adquirido como sobra de guerra, estão eles extirpando a densa e intrincada vegetação, no afã de realizar a aventura intitulada «Operação Amendoim».

Esse projeto, destinado a suprir na Europa as prementes necessidades de óleos comestiveis e gorduras, constitui o mais vasto plano de fomento agrícola jamais intentado. A primeira safra de amendoim, colhida em meados do ano passado, numa plantação experimental de 3.000 hectares, teve êxito completo. Se for mantido o ritmo atual, estarão desbravados e plantados, em 1952, um milhão e 300 mil hectares. Podendo colher-se apenas 4 meses após o plantio, o amendoim produz mais óleo por hectare do que qualquer outra semente oleaginosa, devendo os resultados finais da «Operação» corresponder ao fornecimento de mais de 100 gramas de margarina, por semana, a 50 milhões de pessoas.

Os pioneiros da campanha estão lutando com dificuldades que ninguem até hoje ousou enfrentar. Tive ocasião de ver a vegetação que se está desbravando, espessa, de três metros de altura, em algumas zonas entrelaçada por resistentes cipós de crescimento rápido. Em meio a essa barreira vegetal, erguem-se grandes árvores, cerca de 60 por hectare. O clima é péssimo, e as doenças tropicais grassam livremente na região.

Há pouco mais de um ano, o vasto planalto de Tanganica, escassamente povoado, constituia um domínio exclusivo de animais ferozes e o viveiro ideal das tsetsés, as terriveis moscas transmissoras da doença do sono. Hoje, com o rumor dos *bulldozers* e tratores a devassar a imensa selva, fogem as feras, e as tsetsés, não podendo viver sem sombra, estão sendo extintas. Já foi montada uma pequena cidade prefabricada—Kongwa—com eletricidade e poços artesianos. Há lojas e armazens de víveres em pleno funcionamento; já existe uma escola para as crianças, não faltando mesmo, sob o ardente e poeirento calor tropical, um salão de beleza.

Caminhos de emergência vão sulcando a mata virgem, e, graças a uma pista recem-construida, a região já é servida por aviões. Um oleoduto vai levando o combustivel mata a dentro, enquanto novas estradas de ferro são lançadas para desafogar a velha linha de uma só via que liga o litoral ao interior.

Dar-es-Salaam, lendária localidade à entrada do território do Tanganica, está vivendo dias tão movimentados como os que conheceu no tempo dos árabes traficantes de escravos. Nas pegadas dos «homens do amendoim», têm chegado centenas de comerciantes, engenheiros, construtores e ex-combatentes, sequiosos de novas aventuras.

A «Operação Amendoim» foi iniciada por Frank Samuels, homem de 62 anos, que é o dinâmico e imaginoso diretor da poderosa companhia Unilever.* Numa quentíssima tarde de março de 1946, enquanto sobrevoava o Tanganica em um avião fretado, Samuels viu largos trechos de terra extremamente fertil, entre as densas e altas macegas infestadas pela tsetsé. «Sentí-me empolgado,» disse-me ele recentemente, «pela extensão dessas terras, arenosas, com boas chuvas, excelentes para a cultura do amendoim. Se as macegas pudessem ser desbastadas...»

No hotel, em Dar-es-Salaam, Samuels passou aquela noite estudando o regime de chuvas, análises de solo e estatísticas sobre a mão-de-obra local.

Quatro dias depois, em memoravel reunião do conselho diretor da Unilever, em Londres, Samuels expôs o seu plano e propôs que o mesmo fosse submetido ao governo britânico. A Unilever, que é a maior compradora de gorduras e óleos em todo o mundo, seria indiretamente beneficiada, quando os amendoins da África Oriental entrassem no mercado.

Samuels ditou uma exposição breve, porem incisiva, dirigida ao Ministro da Alimentação. Ponderou que, sendo de 130 milhões de almas o aumento da população mundial desde 1938, a escassez de óleos e gorduras não seria temporária, mas permanente, a menos que algum país pusesse em execução planos para a produção em grande escala.

Uma comissão investigadora, nomeada pelo Ministério da Alimentação, comprovou as conclusões de Samuels e, em novembro de 1946, o Parlamento aprovou o plano e votou um crédito de 25 milhões de libras para custeá-lo. A pedido do Ministério, a United Africa Company—subsidiária da Unilever, com imensas plantações de amendoim no Congo—contribuiu com a sua experiência em agricultura tropical e dedicou-se, sem intuito de lucro, ao lançamento da «Operação Amendoim».

*Vide «O mundo da Unilever», Seleções, novembro de 1948.

Desse modo, num momento de necessidade crítica, nasceu essa empresa notavel, fruto da cooperação entre a United Africa Company e o governo trabalhista.

Uma série de aborrecidos contratempos entorpeceu os primeiros passos dos «homens do amendoim». A missão de compras enviada aos Estados Unidos informou que a produção de tratores e *bulldozers*, nos doze meses seguintes, já estava toda vendida. Diante disso, a United Africa Company e o Ministério de Alimentação deram início a uma intensa procura de máquinas de segunda mão, no mundo inteiro, tendo sido enviados compradores aos depósitos de sobras de guerra dos Estados Unidos no Oriente Médio, na Índia e nas longínquas ilhas do Pacífico. Não tardou que chegasse um telegrama da Nova Guiné: «Catorze tratores pesados disponiveis aquí alguns sem carburador nem velas, nem peças sobressalentes.» «Embarque-os!» foi a resposta pronta. Um engenheiro da United Africa, esquadrinhando os areais onde se travou a batalha de El-Alamein, encontrou muitos tanques leves que podiam ser empregados em serviços de tração e alguns sólidos abridores de estradas. Num depósito de material usado do exército norte-americano, nas Filipinas, alguns compradores descobriram centenas de tratores leves e outras máquinas utilizaveis.

As operações de desbravamento começaram em Kongwa com o ritmo de 800 hectares por semana. Os tratores, porem, apesar de recondicionados, não ocultavam o desgaste. Era raro que estivessem funcionando, simultaneamente, mais de cem dos trezentos tratores levados para o local.

Foi preciso montar máquinas especiais para desenraizar árvores. Um tanque Sherman foi completamente reconstruido, de forma a poder derrubar árvores, arrancar raizes e remover os detritos—«o mais edificante exemplo de transformação de uma espada em lâmina de arado», comentou um funcionário da United Africa.

A mão-de-obra nativa foi recrutada inicialmente entre os wagogos, tribo pastoril extremamente atrasada, sem o hábito do trabalho manual, dominada inteiramente pela superstição. Viviam da pequena caça a lança, e de minúscula e rudimentar agricultura. Entretanto, os centros de treinamento de Kongwa já forneceram mais de 700 motoristas nativos para o serviço de tratores e grande número de mecânicos semi-peritos. Dentre os submetidos a treinamento, quase todos puderam ser aproveitados.

Os empregados brancos de Kongwa constituem a nata dos cem mil candidatos que se dirigiram ao Ministério

da Alimentação quando a «Operação Amendoim» foi anunciada. A maioria tem menos de 35 anos de idade. Ainda não aprenderam todos os segredos da vida nos trópicos. Enfrentam o sol do meio-dia e, em geral, não se lembram, ao calçar-se, de verificar se não há escorpiões dentro do sapato.

A «Operação», entretanto, superou as dificuldades iniciais e, am abril do ano passado, a United Africa passou a direção da empresa ao Ministério da Alimentação. Futuramente, poderá vir a ser entregue aos próprios africanos, talvez na base de uma organização cooperativa.

A criança é quem sabe mais?

Robert Ruark, United Feature Syndicate

UM EMINENTE especialista assegura que a criança entende mais da sua alimentação e dos cuidados que lhe são devidos do que a sua própria mãe. Esta deverá atentar bem para o que faz, sob pena de causar toda sorte de distúrbios ao desenvolvimento emocional do filho.

Isso é novidade para mim. Tive sempre a impressão de que as mães foram criadas para ficar de olho nos filhos até que eles cheguem à idade de fumar barbas de milho e de puxar as tranças das meninas da vizinhança. Lembro-me de que, aos três anos, tinha eu idéias perfeitamente definidas sobre como deveria ser a minha alimentação, a qual era subvertida impiedosamente pela criatura cruel e sem coração que foi mamãe. Nesse tempo, eu pensava que as pessoas podiam alimentar-se com tesouras, parafusos, niqueis e pontas de cigarro. Mas o diabo de saias não permitia que eu me entregasse a esses prazeres. Fazia era questão de me impingir leite e espinafre.

O assunto veio de novo à baila quando eu já era um estadista mais velho, com seis anos completos. Eu tinha descoberto, depois de exhaustivas pesquisas, o regime ideal para meninos. Nada mais simples: sorvete três vezes ao dia, e, para variar, guloseimas como tortas, biscoitos, balas e maçãs verdes.

Mas cada vez que eu tinha dor de barriga, mamãe aparecia logo com uma imensa garrafa de óleo de rícino, do tamanho de um extintor de incêndio. Foi nessa época que eu comecei a ter complexos. Comecei a associar os efeitos às causas. Aprendí, por exemplo, que se eu não comesse espinafre, ervilhas, galinha, batatas, ficaria tambem sem o sorvete. Verifiquei que se eu me empanturrasse de ameixas verdes, não escaparia do óleo de rícino como sobremesa.

Oh, não há dúvida de que, psiquicamente, eu era um desastre. Minha alimentação, por fim, foi tão drasticamente disciplinada que tive magníficos dentes, pesava 68 quilos e alcancei a altura de 1,80 m, podendo derrubar qualquer garoto da minha classe.

Vocês podem imaginar a que ponto a dura e sádica influência de minha mãe destroçou minha vida. Nunca estive na cadeia por motivos sérios e jamais consultei um psiquiatra. Como de tudo, exceto beringela, pago quase todas as minhas contas e estou casado há dez anos com a mesma mulher. Psiquicamente, sou, sem dúvida, um frangalho. E a culpa é toda de minha mãe.

Meu tipo inesquecivel

Por Marjory Stoneman Douglas

Autora de «The Everglades, River of Grass», etc.

CONHECÍ-O ainda cheio de vitalidade, conservando na velhice a figura elegante e romântica de cavalheiro dos dias livres e tranquilos do século passado. Ninguem como ele para contar histórias, para reviver nitidamente os aspectos e os sons das ilhas remotas que amava, situadas alem dos transparentes mares tropicais; ninguem como ele para transmitir aos ouvintes a magia desses lugares longínquos...

Barbour Lathrop era o nome desse viajante extraordinário, de São Francisco e tambem de Londres, París, Singapura, Tóquio, Melbourne, Batávia, Hong-Kong, Cairo—o viajante que por 28 vezes circumnavegou o globo e que se sentia tão à vontade nas selvas quanto nas grandes cidades.

Trazia nos olhos azuis a imagem dos horizontes longínquos que contemplara. O nariz, altivo e sensivel, tinha um faro magnífico para novidades, para dramas estranhos, para toda espécie de acontecimentos fascinantes. Sob o bigode branco, eriçado como o dum aventureiro, a boca flexivel se desenhava, acompanhando-lhe cada expressão cintilante.

Se Barbour Lathrop teve sempre amigos íntimos entre cientistas, diplomatas, jornalistas, tambem buscava entrar em contacto com quem quer que possuisse conhecimentos interessantes: um agricultor malaio das Índias Orientais; um engenheiro construtor de estradas nas selvas; um tenente encarregado de treinar batalhões da Legião Estrangeira, nos desertos africanos; pescadores de pérolas, vendedores de copra, capitães de navio contadores de histórias.

Sua única ambição pessoal era ser livre e viajar sem peias. Nunca possuiu propriedade alguma. A renda que herdara bastava-lhe para as viagens constantes e para algumas roupas de qualidade. Doou grande parte de seu dinheiro a estudantes e a jovens cientistas, para pesquisas, e coligiu grande número de objetos de arte nativa de toda parte, para o irmão, Bryan Lathrop, um dos fundadores do Museu Field de Chicago.

Tornou-se notavel, não tanto pelo que fez, como pelo que foi—homem brilhante, muitas vezes irascivel, dominador, corajoso, apaixonado pela vastidão do mundo. Jamais se casou, provavelmente porque mulher alguma, entre todas as damas requintadas que conheceu, teve o poder de seduzí-lo mais fortemente que as viagens.

Contava histórias inigualaveis, cintilantes em visões realistas, cheias de sons, de aromas e de cores,—histórias em que vibravam gongos de templos; apitos surdos de sereias através dos nevoeiros; notas agudas dos cantores de ópera que ouviu, quando jovem, em París, em Berlim e em Roma; clamores de turbas enfurecidas. Histórias que falavam do pálido marfim das flores da palmeira, do negrume dos gaviões rondando uma torre mortuária dos parses; das faces tisnadas dos caçadores nativos ao redor da fogueira; histórias que pintavam todas as cores da vida e da morte.

Suas narrativas giravam sempre em torno de personagens que ele descrevia tal qual ele os conhecera. Vira na Martinica um homem cortar a própria mão, mordida por uma serpente venenosa. Conhecera e descrevia pessoas como Sir Henry Irving e Sarah Bernhardt; relembrava jornalistas com quem se vira perdido nas Montanhas Negras, em busca da verdade referente ao massacre de Custer; de homens endoidecidos pelo calor num navio costeiro dos Mares do Sul.

Toda situação de injustiça ou de sofrimento individual provocava-lhe a coragem ousada, que tomava formas invulgares. Apontou uma vez o revolver para um hoteleiro asiático, que insistia em fazê-lo remover um amigo, atacado de tifo, e em estado gravíssimo, para uma casa imunda onde se alojavam as vítimas da peste. Noutra ocasião, cedeu a cabina especial que ocupava num navio, a um casal de missionários cuja filhinha se achava doente; e verificou, ao desembarcar na China, que se tratava de peste e que a tripulação havia desertado o navio, abandonando aqueles missionários. Ajudou-os a conseguir um caixão para enterrar a criança, e encaminhou os desolados pais em sua longa viagem ao interior da China.

Parece-me, porem, que sua própria história é tão dramática quanto as que contava.

Nascido em 1846 em Alexandria, na Virgínia, Estados Unidos, de um pai rico, que simpatizava com a causa do Norte, e duma linda mãe sulina, fugiu de casa ao rebentar a Guerra Civil entre o Norte e o Sul do país e alistou-se como tambor no exército sulista. Mas o pai mandou buscá-lo e o enviou para uma escola em Nova York, onde o jovem rebelde, durante dois anos, suportou altivamente o ostracismo que lhe votaram os colegas nortistas.

Mandaram-no para a Alemanha aos 16 anos, afim de prosseguir seus estudos na Universidade de Bonn. Durante as férias, vagabundeava livremente pela Europa tranquila daquele tempo, hoje desaparecida: París, Viena, Londres e Roma—sentindo-se à vontade em toda parte. Após um ano na Faculdade de Direito da Universidade de Harvard, recusou-se a continuar os estudos. O pai cortou-lhe a mesada, e o jovem Lathrop prontamente obteve colocação numa revista em Nova York. Mas São Francisco, que entre 1870 e 1880 atingia sua pitoresca maturidade cheia de dinamismo, era a cidade que ele mais desejava conhecer. Foi, portanto, para lá e empregou-se como reporter de um jornal.

Durante a primeira semana, até receber o primeiro pagamento, toda manhã, bem cedo, surripiava leite das portas e pães de uma carroça de padeiro. As donas de casa muito se admiraram quando, algum tempo depois, Lathrop lhes bateu à porta, de cartola e envergando suas melhores roupas, para entregar-lhes litros de leite. Procurou tambem o entregador de pães e pagou-lhe os que lhe furtara.

Não tardou que a elegante figura de Lathrop, seu encanto de sulino, suas maneiras européias e sua energia empreendedora o fizessem bem conhecido na sociedade de São Francisco. Tornou-se sócio do Clube Boêmio logo depois de sua fundação e sempre manteve alí um quarto, o lar mais permanente que jamais teve.

Com o dinheiro herdado por morte do pai, em 1885, Lathrop viu-se livre para percorrer o mundo, e saiu a cruzar o Oceano Pacífico. Queria ser o primeiro homem a atravessar o Japão, país que, naquele tempo, era vedado aos estrangeiros, exceto nos portos incluidos nos Tratados. Desejava pesquisar os ainos, estranha gente da raça branca que habitava uma ilha setentrional do Japão. Partiu ousadamente de Iocoama com o propósito de atravessar o país. Quando o detiveram —com o que, aliás, ele contava—pediu que o levassem ao consul norte-americano de um porto no outro lado do Japão. Obteve assim uma viagem sossegada, em carruagem puxada à mão, com vagar para observar tudo quanto o rodeava.

Navegando em escunas costeiras foi até o norte, alcancou a ilha dos ainos e conquistou-lhes a amizade tirando a dentadura postiça e queimando papel com o calor concentrado através da lente do relógio. Encheu um diário com notas de viagens e, durante sua longa jornada à América do Sul, começou a escrever um livro sobre os ainos.

Uma noite, num fragil hotel em Calhau, no Perú, acordou aos gritos de «fogo!» e lançou-se em auxílio da multidão desatinada que tentava em vão apagar o incêndio. A uma mulher que gritava, despida, deu seu casaco, dizendo-lhe:

—Minha senhora, não é possivel aparecer assim em público, nem mesmo nesta emergência.

Perdeu no incêndio toda a bagagem, inclusive as notas de viagem e o manuscrito. Nunca mais tentou escrever.

Quando nos Andes, verificou que os índios, forçados a transportar pesadas cargas no ar rarefeito das grandes altitudes, mascavam certa planta que lhes aliviava a fome, o cansaço e a dor. Impressionado, enviou algumas mudas dessa planta (chamada «coca»)

para um instituto científico de São Francisco, solicitando que a estudassem. Nada, porem, se fez nesse sentido e Lathrop ficou amargamente decepcionado quando mais tarde um químico alemão extraiu da coca a valiosa substância chamada cocaina.

Um dos propósitos mais importantes de sua vida passou a ser a introdução de plantas exóticas em seu país. No Ministério da Agricultura não se cogitava, nesse tempo, de qualquer projeto dessa natureza. Ocorreu, antes de mais nada, a Lathrop descobrir algum cientista que pudesse viajar com ele e procurar material botânico. A bordo, durante sua décima oitava viagem ao redor do mundo, conheceu David Fairchild, jovem botânico especializado em patologia das plantas, que se demitira do Ministério da Agricultura afim de estudar entomologia em Nápoles. Dois anos depois, Lathrop forneceu-lhe o dinheiro necessário para começar, em Java, seus grandes estudos dos tesouros vegetais dos trópicos. Depois levou-o em viagem ao redor do mundo para estudar a flora de várias regiões.

Em 1897 o dr. Fairchild apresentou ao Ministro da Agricultura um plano referente à criação de um serviço especial para introduzir no país novas espécies de plantas. Aprovou-se o plano, e nomeou-se Fairchild agente especial do Ministério. Durante vários anos, porem, Lathrop levou-o para novas viagens de exploração, pagando-lhe ordenado e custeando-lhe as despesas. Após nove anos dessas viagens, Fairchild voltou a Washington, assumindo o cargo de chefe da Seção de Observações Botânicas do Bureau de Introdução de Sementes e Plantas Estrangeiras.

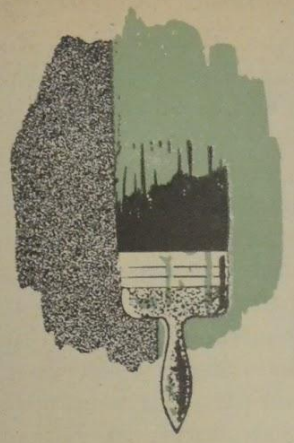
Quando a idade já o impedia de continuar viajando, Barbour passou a residir, durante o inverno, no sul da Florida, onde as árvores altas e as trepadeiras em flor, cujas sementes ele trouxera dos locais remotos que amava, formavam-lhe ambiente familiar e relembravam-lhe as pessoas e episódios que figuravam em seu inesgotavel repertório de histórias. E assim conservou, até morrer, esse entusiasmo pela vastidão empolgante do mundo, que constituia seu especial encanto.

Respostas a «Vamos quebrar a cabeça!» (Vide p. 73)

Primeira Parte: Problema I: D, E, G. Problema II: C, G, H. Problema III: C, G, H.
Segunda Parte: Problema IV: 5, 7, 9.
Terceira Parte: Problema V: 2, 3.

Conte 3 pontos a seu favor para cada solução errada, e 10 pontos para cada vez que deixou de assinalar todas as partes do problema, conforme as instruções.

Excelente:	0 — 22	Mau:	42 — 77
Bom:	23 — 31	Seu total:.....	
Médio:	32 — 41	Média:	38



Vamos todos pintar!

Roger William Riis

Esse quarto está que é uma vergonha, com a tinta toda estalada. E se a gente o pintasse de novo? Nada mais facil: pode-se pintar de manhã, e à tarde já estará seco e poderá ser ocupado. A tinta é barata, e basta uma demão, com a vantagem de que não tem cheiro.

Isso não é fantasia: consegue-se hoje graças a um novo tipo de tinta, de resina emulsionada e diluida em água.

A pintura a óleo continua sendo essencial para as fachadas e os exteriores em geral; a tinta de resina emulsionada destina-se sobretudo a dar côr e viço aos interiores. A grande voga que está tendo é facil de compreender para quem já se utilizou dela: basta adicionar cerca de meio litro de água a um litro de tinta, e aplicar a mistura com o pincel a qualquer superfície, mesmo que seja porosa ou úmida. Uma das suas grandes vantagens é que basta uma só demão para produzir um belo efeito em estuques novos, que, como é sabido, são sempre dificeis de pintar. Para um quarto de dimensões médias bastarão 4 litros de tinta já devidamente diluida. Uma hora depois de aplicada, a tinta não borra, e daí a 24 horas já se pode lavar. Tem ainda a vantagem de não conservar as marcas do pincel, de sorte que qualquer amador pode fazer um bom trabalho.

Alem disso, as nódoas da roupa e das mãos limpam-se com a maior facilidade, esfregando-as com um trapo molhado. Do mesmo modo, para lavar os pincéis desta tinta, basta pô-los debaixo da torneira. O uso da terebentina torna-se, assim, desnecessário.

Esta nova tinta resulta de uma mistura bem dosada de 23 ingredientes, inclusive óleo, água e resinas ou gomas sintéticas.

Uma das objeções que sempre se fizeram às tintas de água, e que ainda por vezes ouvimos, é que elas não são lavaveis. Não o eram, efetivamente,— mas esta, agora, permite que a superfície com ela pintada se lave repetidas vezes.

Toda tinta consiste em um pigmento suspenso num veículo líquido. Desde a antiguidade até há cem anos, esse veículo foi sempre a água. Segundo os nossos padrões modernos, as tintas assim preparadas eram de má qualidade. A indústria das tintas a óleo nasceu no século XIX, mas nem por isso se pôs de parte a idéia de fabricar uma boa tinta de água. Por volta de 1900, surgiu a calcimina e dez anos depois

apareceu a tinta de caseina, ambas ainda com sérios defeitos.

Pouco antes de 1940, a Sherwin-Williams Company tinha um gerente geral ainda moço, Arthur Steudel, que andava empenhado em pesquisas intensivas nesse domínio. Qual era a sua idéia? Ele a expôs nestes termos aos diretores da companhia: «O único fim do diluidor é manter a tinta perfeitamente fluida, pronta a pintar, até o momento de servir, e depois evaporar-se tão depressa e facilmente quanto possivel. Os óleos levam tempo a secar, cheiram demasiado, e custam muito caro. As tintas de óleo terão sempre freguesia para a pintura de exteriores, mas tenha-se presente que, dentro das casas, há quatro vezes mais superfícies a pintar. Noventa por cento das famílias não se podem permitir o luxo de mandar pintar de novo um quarto, a óleo. Uma boa tinta diluida em água sairá mais barata, e poderemos vendê-la a milhões de famílias que hoje não compram tintas.»

Steudel, que ingressou nessa companhia em 1908, como contínuo, é hoje presidente da mesma; e a Sherwin-Williams vende cerca de metade de todas as tintas a emulsão de resina que o mercado consome.

Mas não é só a Steudel que se deve esta inovação. Durante a guerra, o governo dos Estados Unidos encomendou aos industriais do ramo a criação de tintas capazes de diluir-se em água—visando, entre outras coisas, diminuir o perigo de incêndio a bordo de navios. Os produtores mais conhecidos do ramo são atualmente a DuPont, a Wesco, Sears Roebuck, Montgomery Ward, a National Chemical, a U.S. Gypsum, e a Pittsburgh Plate.

Escusado seria dizer que os pintores profissionais se mostram muito pouco entusiasmados com o novo produto. Essa atitude deriva em parte da rotina e em parte explica-se pelo ressentimento contra um produto que lhes está tirando uma boa parte do negócio!

A maior parte das tintas de emulsão de resina são foscas; mas já hoje começam a aparecer no mercado tintas da mesma classe dotadas de brilho. Os hospitais empregam a nova tinta por ser inodora, e vêm pedindo a mesma com lustre.

Alguns fabricantes recomendam ao público que não empregue estas tintas em banheiros ou cozinhas, visto como nenhuma tinta—quer seja a emulsão de resina, quer a óleo—é tão lavavel como as tintas lustrosas. Alem disso, há o perigo de que as nódoas de gordura se espalhem, uma vez que a tinta de água é porosa. Uma tinta de água *com lustre* não apresenta, porem, esses inconvenientes.

Não se pense que as donas de casa são as únicas freguesas desta tinta: grandes e importantes organizações a vêm adotando, tais como todos os hospitais da Administração dos Veteranos da Guerra nos Estados Unidos, muitos grupos de habitações coletivas, e dezenas de hotéis.

Em suma, não tardará muito que este nosso mundo apresente nova fisionomia, graças às tintas de emulsão de resina diluidas em água.

Milhões de russos que odeiam seus chefes comunistas necessitam saber que têm verdadeiros amigos no exterior

Brechas na Cortina de Ferro

(*Condensado de «The American Magazine»*)

Por Alexander Kerensky

Se os Estados Unidos adotassem uma nova tática, inserindo, por assim dizer, uma cunha entre o governo comunista e o povo russo, a agressividade comunista, que ameaça uma nova guerra, seria, a meu ver, eliminada para sempre.

Os comunistas, ostensiva e acintosamente, procuram e fazem adeptos nos Estados Unidos. Os Estados Unidos, por sua vez, deveriam usar a mesma tática na Rússia, onde possuem amigos potenciais em grande número.

Através de palavras e gestos de amizade, seria possivel convencer os milhões de russos que odeiam o comunismo de que a sua única esperança de libertação reside nos Estados Unidos. No momento, por uma série de razões, esses russos não estão convencidos dessa realidade.

A U.R.S.S. tem uma população de 180 milhões, dos quais apenas 6 milhões pertencem ao Partido Comunista. Calculo que não seja superior a 20 milhões o número de russos leais ao partido; trata-se, em geral, de elementos ligados diretamente ao governo. Vivem bem, graças ao partido; tanto as suas vidas como as suas regalias dependem do grau de obediência a que se submeterem.

Entre os que mais odeiam os comunistas figuram 12 milhões de trabalhadores-escravos—homens e mulheres acusados de deslealdade. Vivendo em agrupamentos junto às cidades, fábricas e fazendas, são levados ao trabalho, todas as manhãs, como prisioneiros de guerra.

Mais de metade do povo russo é constituida de camponeses que foram forçados a abandonar as suas propriedades para trabalhar nas granjas coletivas. Vivem miseravelmente, e são espoliados do fruto do seu trabalho. O camponês russo nunca aceitou e jamais aceitará o regime de fazendas coletivas. Cerca de 20 milhões de famílias camponesas sonham em ser libertadas das restrições impostas pelo comunismo.

Milhões de russos têm sido eliminados pela simples razão de não concordarem com Stalin, juntando-se os seus parentes enlutados aos parentes dos trabalhadores-escravos no ódio entranhado aos dirigentes soviéticos. Bem poucas famílias na Rússia não aspiram, ardentemente, vingar-se de alguma monstruosa violência dos comunistas.

Raros são os estrangeiros que conhecem o verdadeiro estado de espírito da grande maioria do povo russo. Mantenho-me em permanente contacto com a situação, através de relatórios e informações que me chegam da Rússia, por meio de canais secretos. Cada dia mais, o povo se vai animando a sussurrar as suas queixas. A sabotagem se espalha. As notícias que chegam do outro lado da Cortina de Ferro são passadas de amigo a amigo. Os próprios intelectuais já murmuram—escritores, artistas, compositores, professores e engenheiros a quem compete criar segundo os cânones comunistas, ou ser «expurgados». Tal como alguns intelectuais norte-americanos de hoje, viram eles no comunismo a fórmula para a construção de um mundo utópico. Começam a perceber, porem, que o comunismo não fez mais do que agravar a miséria das massas.

Nos campos de «deslocados da guerra», nas zonas inglesa e norte-americana, acham-se recolhidos de 250 mil a 300 mil russos. Recebí, há pouco, um relatório de Munique que dizia: «Em sua imensa maioria, os russos que se encontram nos acampamentos de deslocados aguardam, ansiosamente, a deflagração do movimento libertador da Rússia. Ainda não se refizeram da profunda consternação que lhes causou o terrivel acordo de Ialta (aquiescência de Roosevelt e Churchill à repatriação forçada dos russos) mas, quando se lhes assegura proteção contra o bolchevismo, declaram abertamente as suas convicções políticas.»

Os jornais comunistas não se referem à crescente inquietação que se observa na Rússia, mas seus redatores chegam a transmitir frequentes advertências ao povo. «Temos gente demais que admira o capitalismo,» dizem eles. «Serão tomadas as medidas adequadas.» A imprensa já reconheceu que os camponeses protestam contra o regime de fazendas coletivas e proclamou que tais traidores serão punidos.

Se são necessárias outras provas para demonstrar o estado de espírito do povo russo, recordemo-nos da invasão alemã, em 1941. Durante 24 anos, a maioria do povo russo sonhou com a derrocada do jugo comunista, disposto a acolher, com entusiasmo, qualquer exército que viesse libertá-lo.

Stalin não ignorava a verdadeira disposição do seu povo. A propaganda comunista dedicou-se a realçar, de maneira especial, os temas patrióticos e nacionalistas. O povo russo era chamado a lutar em defesa da «imagem imperecivel da Rússia eterna». Apesar desse apelo, grandes massas populares aclamaram as vanguardas invasoras nazistas. Soldados russos desertaram, aos milhares, para o campo inimigo.

Hitler começou, então, a agir como Hitler. Seus homens, selvagens e rudes, entregaram-se ao saque, mataram velhos e crianças, violaram mulheres. Os homens e mulheres válidos foram aprisionados e enviados para a Alemanha, como trabalhadores-escravos.

A resistência organizou-se rapidamente. Toda a Rússia compreendeu que a guerra brutal de Hitler era dirigida, tambem, contra o povo russo.

Quando terminou a guerra, o povo russo descobriu que havia sido iludido pela propaganda. O mesmo Stalin, o mesmo Partido Comunista, assassino e brutal, continuava a operar como antes.

Assim como iludiu o seu povo, Stalin enganou a Roosevelt e Churchill em Ialta. Todo o plano de organização do após-guerra, estabelecido de comum acordo entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Rússia, baseava-se na presunção de que Stalin renunciara aos projetos de Lenin e de Trotsky de fomentar uma revolução comunista mundial.

O acordo de Ialta tem servido a Stalin como poderoso argumento para induzir o povo russo a suspeitar dos protestos de amizade dos Estados Unidos. Centenas de milhares de russos, prisioneiros de guerra ou trabalhadores-escravos, mostravam-se relutantes em regressar à pátria vitoriosa, a exemplo das grandes massas que abandonaram a Rússia, acompanhando os alemães em retirada.

Terminada a guerra, com a cooperação militar dos norte-americanos e ingleses, milhões desses russos foram forçados, com baionetas e metralhadoras, a entrar nos trens que os levaram diretamente para os campos de concentração na Sibéria. Os que tentaram esconder-se em cidades européias foram caçados pela polícia soviética, ajudada pela polícia das democracias. Não é, pois, de admirar que muitos russos acreditem não ter no mundo um amigo sequer.

Felizmente para o meu povo, o governo dos Estados Unidos apercebeu-se, agora, de ter sido iludido, quando prestou, inadvertidamente, assistência a um partido político que queria punir os seus inimigos. Mas de que maneira os Estados Unidos convencerão o povo russo de que o povo norte-americano o acompanha com simpatia em sua luta pela liberdade e de que considera entidades perfeitamente distintas o governo soviético e o povo subjugado?

ALEXANDER KERENSKY foi um dos chefes da revolução que derrubou o regime czarista em março de 1917. Como Primeiro Ministro, dedicou-se à organização da Rússia em moldes republicanos. Os comunistas não tomaram parte naquela revolução. Lenin encontrava-se na Suiça, Trotsky em Nova York e Stalin exilado na Sibéria. Lenin e Trotsky, entretanto, regressaram rapidamente para preparar a sua própria revolução e, a 7 de novembro do mesmo ano, o exército bolchevista pôs abaixo o governo de Kerensky, que conseguiu fugir e chegar a Londres. Em 1940, veio para os Estados Unidos onde se tornou o lider dos russos que projetam libertar sua pátria do comunismo.

—*The American Magazine*

A maquinaria está montada. A Cortina de Ferro está cheia de brechas. Os programas de rádio podem atravessá-la facilmente. Os aparelhos receptores são relativamente escassos, mas os ouvintes espalham as notícias. Muito mais pessoas do que geralmente se imagina entram e saem do país; os jornais clandestinos conseguem infiltrar-se pela fronteira. Cada pessoa que recebe uma notícia do exterior começa a difundí-la de boca em boca.

O Presidente Truman declarou que «a recusa da União Soviética em cooperar com os seus aliados da guerra em favor da recuperação mundial e da paz constitui a mais amarga decepção dos nossos tempos». Eu gostaria que ele tivesse dito: «A recusa do *governo* soviético em cooperar com o *povo da Rússia* e seus aliados da guerra, etc.» Essas palavras expressariam com maior fidelidade o pensamento norte-americano.

O povo russo deveria saber que pode contar com a solidariedade dos Estados Unidos na sua batalha pela recuperação da liberdade política e pessoal; que a luta norte-americana contra a agressão comunista se dirige exclusivamente contra o partido e seus chefes e, finalmente, que os Estados Unidos jamais consentirão em que o conflito venha a degenerar num ataque ao povo russo.

Stalin teme uma campanha que revele a verdade sobre os ideais do povo norte-americano. Sabe muito bem que jamais conseguirá levar a União Soviética a uma guerra contra um país que deseje a existência de uma Rússia forte, unida e livre.

Apreciemos as lições da vida!

SE CONTEMPLARMOS a vida como um drama, tudo se nos torna tão divertido como se estivéssemos na platéia de um teatro particular. Então nos veremos capacitados a apreciar—sim, apreciar de verdade—até os defeitos dos nossos amigos, e de homens e mulheres que antes nos aborreciam. Poderemos rir das crendices e abusões humanas. E até aplaudimos os vilões, admirando-lhes a técnica. Todo ator ou escritor precisa ver os amigos como se eles fossem «lições vivas» sobre a natureza humana. Quem poderá imaginar que Charles Dickens se abespinhasse quando encontrou Uriah Heep na vida real? Que era ele, afinal, senão um interessante tipo de ficção? E Voltaire, Goethe, Shakespeare—não se teriam de fato divertido muito ao conhecer na vida os protótipos dos pedantes pretensiosos e hipócritas que criaram para o nosso deleite? Sejamos autores. Escrevamos as nossas biografias, as nossas próprias comédias.

—Gelett Burgess, *The Bromide and Other Theories* (Viking)

Coma, beba, e viva alegre!

(*Condensado de «The American Mercury»*)

Por James e Peta Fuller

TODA ESSA propaganda que se vê por aí a respeito de regimes alimentares bem equilibrados, vitaminas, amino-ácidos e «fomes latentes»—já não consegue disfarçar esta simples verdade: o que sabemos com referência à nutrição humana é desoladoramente limitado. Provocando grande embaraço e confusão nos dietistas, os laboratórios onde se estuda o problema à base de minuciosas experiências vêm divulgando uma torrente ininterrupta de fatos que põem em dúvida muitas das teorias sobre a nutrição que, tempos atrás, aceitávamos com cega confiança.

A verdade é que os seres inferiores na escala zoológica não parecem ter semelhantes problemas. Na Faculdade de Medicina da Universidade de Johns Hopkins, o dr. Curtis P. Richter organizou uma espécie de restaurante para ratos, onde estes podiam escolher à vontade os manjares que mais lher apetecessem. Imunes à confusão das teorias, dos gostos condicionados, e dos sabores sintéticos, os roedores realizaram uma escolha quase perfeita dos alimentos que melhor lhes convinham. Cresceram tão depressa quanto os ratos alimentados segundo um regime científico, padronizado, e viveram mais tempo do que se poderia ter esperado.

O esquilo cinzento, quando a comida é abundante, devora o germe nutritivo do milho e despreza o resto. (Nós, os racionais, comemos o resto, e desprezamos o germe...) Os investigadores do departamento de solos da Universidade de Missouri observaram que os porcos, quando lhes dão a alternativa entre diversos híbridos do milho, escolhem com infalível certeza o milho criado em terras dotadas de elevado teor de minerais.

Igual sabedoria revelaram os bebês que serviram às experiências da dra. Clara M. Davis, em Chicago e Cleveland. Foi-lhes oferecida a escolha de grande variedade de alimentos, po-

JAMES FULLER é um antigo redator de publicidade e jornalista. Peta Fuller, sua esposa, escreve artigos sobre nutrição para a revista *Town & Country*. O conteúdo do presente artigo foi submetido a exame e aprovação de diversos especialistas na matéria.

dendo eles comer do que quisessem, na quantidade desejada. Pois um dos bebês papou sete ovos de uma vez, outro deu conta de quatro bananas a fio, e um terceiro comeu bem meio quilo de carne de cordeiro! É claro que esses excessos pantagruélicos foram dentro em breve compensados pela seleção, igualmente voluntária, de outros alimentos. Muito embora as combinações de «pratos» fossem com frequência as mais extravagantes, cada um dos bebês conseguiu, ao cabo de seis meses, completar um regime alimentar bem equilibrado, entre gorduras, hidratos de carbono e proteinas. Paralelamente, o número de calorias por eles ingeridas aproximou-se muito do nivel recomendado pela ciência. Os distúrbios digestivos foram menos frequentes entre eles, e o aumento de peso e de estatura maior do que o verificado no grupo de confronto, constituido por bebês alimentados segundo as praxes convencionais.

Os resultados das pesquisas de laboratório confirmam a validez da sabedoria popular, no que diz respeito a alimentação. Os negros das selvas africanas procuram e consomem grande variedade de folhas de árvores e arbustos, para satisfazerem certas necessidades essenciais da nutrição; quando essas folhas são demasiado ásperas ou intragaveis, eles as queimam e depois comem as cinzas.

Os peritos em nutrição que recentemente fizeram uma pesquisa entre os índios otomis, do México, concluiram que as doenças por deficiência alimentar eram muito raras entre esses aborígenes, embora eles, vivendo em território árido e esteril, consumissem poucos dos alimentos geralmente considerados essenciais ao homem. A análise química das suas rações habituais (*tortillas* e plantas tais como a iuca, a beldroega, o quenopódio, as azedas e a mostarda brava), revelou que a dose diária consumida pelos otomis era não só adequada, mas até superior, em conteudo nutritivo, ao regime alimentar dos grupos urbanos médios dos Estados Unidos.

Uma boa parte do que os especialistas da nutrição conhecem realmente, está em contradição direta com as crenças populares em matéria de alimentação. Há anos, uma empresa de transportes rodoviários fez o seguinte silogismo: «A vitamina A cura a cegueira noturna; ora, as cenouras encerram grande quantidade de vitamina A. Logo, comer cenouras será a maneira de curar a cegueira noturna.» Daí em diante, a empresa passou a fornecer a todos os seus choferes uma ração de cenouras cruas, e não tardou a proclamar que o número de acidentes noturnos havia diminuido.

Estava tudo muito certo, menos duas coisas: primeiro, não está provado de modo incontroverso que tomar vitamina A melhore a visão, diurna ou noturna; segundo, as cenouras, embora ricas em carotina, só liberam no organismo humano, segundo se provou em experiências na Universidade da Califórnia, uma sexta parte da vitamina A que dantes presumiam os homens de ciência. No caso dos choferes de caminhão, foi provavelmente o

mastigar contínuo, e não a carotina, que os manteve despertos e atentos.

O leitor ainda deve estar lembrado da grande voga que teve o consumo de fermentos. Os incansaveis pesquisadores da nutrição haviam descoberto que o fermento usado nas padarias transbordava de vitaminas B, principalmente tiamina e riboflavina. É bem verdade que o fermento tinha, e continua a ter, todas essas vitaminas: mas a questão é que ele as guarda bem guardadas, e não as dá a ninguem! Pior do que isso—como ainda há pouco referiram os pesquisadores da Universidade de Wisconsin—as células do fermento, a não ser quando cozinhadas, parecem, pelo contrário, furtar uma parte da tiamina posta em liberdade pelos outros alimentos.

O espinafre, como se sabe, é rico em ferro e cálcio. Mas esses valiosos minerais não se encontram nessa hortaliça sob formas que o organismo humano possa assimilar facilmente. Como as cenouras, o espinafre encerra grande quantidade de vitamina A potencial, mas é duvidoso que nosso organismo consiga absorver grande parte dela.

O suco de laranja «duplo» tem-se tornado, em alguns paises, um elemento quase indispensavel à refeição matinal. No entanto, o dr. Robert C. Hockett, diretor das investigações científicas da Fundação de Pesquisas do Açucar, refere que *uma* só laranja de tamanho médio contem toda a vitamina C (ácido ascórbico) que qualquer ser humano normal é capaz de absorver em um dia. O ácido ascórbico da segunda laranja, para não mencionarmos já o de muitas outras frutas e legumes que consumimos durante o dia, é inteiramente eliminado, como supérfluo, pelo organismo.

Determinar o conteudo exato de elementos nutritivos conhecidos em cada um dos gêneros alimentícios mais comuns, tem sido tarefa relativamente facil para os dietistas. Mas, para alem disso, reina ainda a incógnita. Não sabemos que quantidade de cada elemento nutritivo o nosso corpo assimila, nem de que maneira o assimila. Sabemos quase nada a respeito das interações dos elementos nutritivos (há 30 anti-vitaminas conhecidas, fazendo frente às 30 vitaminas que conhecemos); e não sabemos exatamente quanto necessitamos de cada um deles.

Que dizer agora da imensa popularidade alcançada pelo dejejum sobrecarregado de proteinas, que, no juizo de tanta gente, é a maneira de «começar bem o dia»? O dr. John Haldi, professor de fisiologia da Universidade de Emory, nos Estados Unidos, após minuciosos testes com operários de indústria, em que procurou determinar os niveis de rendimento de trabalho e a incidência do afrouxamento verificado antes do meio-dia, chegou à conclusão de que os consumidores de torrada e de cereal (elevado teor de hidratos de carbono) à primeira refeição, eram tão eficientes quanto os de *bacon* com ovos. Depois, com grande consternação dos crentes, o dr. Haldi descobriu que os operários que não comiam absolutamente nada pela manhã, trabalhavam tão bem quanto os seus camaradas bem nutridos. Mais

ainda: outros investigadores verificaram que os regimes abundantes em gorduras e hidratos de carbono eram superiores aos regimes ricos em proteínas.

As pesquisas que durante a guerra se fizeram sobre a nutrição estão começando a fornecer-nos dados que podem vir a modificar, se não a inverter por completo, nossas velhas idéias em matéria de alimentação, e a criar novos conceitos. Verificou-se, por exemplo, que as tropas que iam entrar em combate repudiavam todas as rações, menos as que contivessem açucar e amido; sob a tensão do momento, os soldados escolhiam inconscientemente os alimentos suscetiveis de dar-lhes com rapidez uma boa dose de energia. As tripulações dos aviões de combate pediam igualmente ovos fritos para o dejejum, antes das missões perigosas, e bombons e goma de mascar para as rações de vôo, a despeito da opinião dos técnicos em regimes alimentares.

A teoria das vitaminas, em sua forma exagerada, parece ter sido a vítima mais espetacular da guerra, do ponto de vista da nutrição. Segundo registrou em 1947 o *American Journal of Public Health*, «não se encontrou nenhuma indicação de que o uso de pílulas de vitaminas pelas tropas dos Estados Unidos tenha exercido qualquer efeito». Em um estudo sobre a inanição do ser humano, o dr. Ancel Keys verificou, na Universidade de Minesota, que 32 indivíduos, voluntariamente submetidos a um regime de fome durante seis meses, deram sinais de debilidade grave, depressão, fadiga, anemia, e perda de peso. Mas a dieta de fome não parece ter provocado sinais inequívocos de deficiência de vitaminas! Mais adiante, para reconstituir a saude e energia desses homens, verificou-se que um regime rico em calorias acelerava o retorno à normalidade, mas que o suplemento de vitaminas tinha pouco efeito visivel no seu restabelecimento.

O Laboratório de Nutrição do Exército dos Estados Unidos acaba justamente de revelar uma das pesquisas mais valiosas sobre a relação entre o regime alimentar e a eficiência. Após exhaustivas experiências de alimentação, praticadas em grande número de soldados, os peritos concluiram que a simples deficiência de calorias constitui a maior das ameaças para a saude e a eficiência do homem; que as autênticas deficiências de vitaminas são tão raras, que nem merecem ser levadas em conta. Em resumo, os técnicos concluiram que «é às calorias que se deve atribuir a máxima importância, ao estimar o valor nutritivo dos alimentos. Quando se ingerem calorias suficientes sob as mais variadas formas de alimentos de bom valor biológico, todos os outros elementos nutritivos ficarão automaticamente equilibrados.»

Essas palavras parecem concludentes, mas o mesmo se podia dizer de outras asserções de especialistas de nutrição no passado.

Na ausência de regras de absoluta confiança, será melhor que continuemos a comer, a beber e a levar vida alegre e descuidada—com ou sem o auxílio do cardápio científico...

O maior parque zoológico do mundo—estranho território onde as feras andam à solta, e os homens estão «enjaulados»

Um jardim zoológico natural

(Condensado de «Maclean's»)

Por Frederic Sondern, Jr.

O Parque Nacional Kruger, no recanto nordeste da União Sul-Africana, é o maior jardim zoológico do mundo. Nos 20 mil quilômetros quadrados do seu vasto território vagueiam à solta, tão livres quanto o eram há séculos passados, elefantes, leões, búfalos, antílopes, e dúzias de outros animais, desde a incrivel girafa ao monstruoso hipopótamo.

Mas, ao passo que os animais andam alí em liberdade, o homem encontra-se prudentemente confinado. Os visitantes são obrigados a conservar-se dentro dos automoveis enquanto percorrem o território; devem alem disso recolher-se dentro da meia hora seguinte ao pôr do sol, a qualquer dos quinze acampamentos que aí existem, cercados de arame farpado e de altas porteiras bem trancadas.

A despeito da severidade dessas regras, uma visita a esse singular refúgio dos animais selvagens constitui uma aventura. O Parque possui uma rede de 1.900 quilômetros de estradas, que atravessam os terrenos de pasto e os bebedouros preferidos dos animais; os acampamentos estão situados no coração das áreas onde os animais se congregam. Graças a essa disposição das coisas, o visitante tem muito ensejo de ver animais à farta, a despeito da vastidão do parque.

Certa manhã, coisa de uma hora após o romper da aurora,—é esse o melhor período do dia para observar os animais—íamos vagarosamente em nosso automovel, quando o chofer e guia, um inglês imperturbavel, de olhar penetrante, apontou para umas pegadas gigantescas impressas na fina poeira vermelha da estrada, e disse: «Rastos de elefante!» Avistamos a pouca distância duas árvores que haviam sido recentemente arrancadas pela raiz: os elefantes muitas vezes arrancam troncos de árvores, e o fazem, parece, só pela simples exuberância de sua energia. Ao descrevermos a curva seguinte da estrada, minha senhora deixou escapar um grito aba-

tomoveis com o seu grande inimigo, o homem portador de armas de fogo. Há várias teorias explicativas desse fato: alguns dos veteranos do Parque afirmam que o odor da gasolina dá ao monstro de rodas uma personalidade diversa da do homem; segundo outros conhecedores, as feras sabem que os automoveis levam seres humanos, mas aprenderam que o homem não é perigoso para elas enquanto se conserva dentro do carro.

O Parque Kruger data de antes da guerra anglo-boer. À medida que a colonização holandesa e britânica se foi espraiando pelo sertão a dentro, a fauna local viu-se ameaçada de extinção. Os fazendeiros baleavam os carnívoros para protegerem o seu gado, e davam caça aos antílopes, girafas e outros animais, para comerem a carne e aproveitarem os couros. Assim foram correndo as coisas, até que finalmente, em 1898, o Presidente Kruger decretou que toda a área em volta do rio Sabí, na República do Transvaal—uma das zonas mais ricas em caça de toda a África do Sul—passasse a ser considerada «reserva» de animais livres.

O verdadeiro «pai» do Parque, no entanto, foi um inglês, o Coronel J. Stevenson-Hamilton, que chegou à África do Sul durante a guerra dos bôeres. Finda esta, em 1902, ofereceram-lhe o emprego de diretor da Reserva de Sabí, durante seis meses. Aceitou o posto e nele permaneceu 42 anos!

O sonho de Stevenson-Hamilton era transformar aquela «reserva» em uma espécie de jardim edênico, impenetravel à civilização, e ao mesmo tempo acessivel ao público, para que este pudesse apreciar a natureza e aprender com ela. A administração foi adquirindo mais e mais território, e construindo estradas e acampamentos. Finalmente, em 1926, a Reserva de Sabí passou a chamar-se Parque Nacional Kruger, e tornou-se a grande e suprema atração turística da União Sul-Africana.

Desde junho a setembro o Parque está inteiramente livre de mosquitos da malária, e aberto ao público. Durante o resto do ano, com exceção do setor sul, fica fechado aos visitantes. Já se registrou a entrada de mil carros em um só domingo. Vem gente de automovel desde Joanesburgo, a 430 quilômetros, para passar na reserva um fim de semana, «caçando» animais selvagens.

Uma das idéias do coronel Stevenson-Hamilton era organizar e manter os acampamentos de repouso em harmonia com o ambiente natural. Assim, os curiosos *rondavels* onde os turistas passam a noite (e cuja construção se inspira na cubata circular, de um só cômodo, dos naturais da região) acham-se providos somente com as coisas de maior necessidade: lâmpadas de querosene, catres militares, uma ou duas cadeiras. A maior parte das pessoas cozinham suas refeições em fornos ao ar livre.

Quem transpõe, pela primeira vez, as porteiras do Parque, tem a impressão de que o tempo se atrasou subitamente algumas centenas de anos. Uma

hora depois de ter chegado, quando da minha primeira visita, eu e os meus companheiros avistamos o gnu—animal que parece um cruzamento entre o búfalo, o burro e o alce,—o javalí africano, de aspecto não menos prehistórico, o pomposo pássaro-secretário, famílias inteiras de macacos em perpétuas querelas, e abutres sombriamente empoleirados nos cimos das árvores. Em seguida apareceram-nos pela frente, na estrada, as girafas, que ao vernos pularam para dentro do bosque, mas não muito longe. São animais incuravelmente curiosos: a gente para o carro e fica à espera; daí a pouco, por cima do topo de alguma árvore, surge uma cabeça malhada, espiando com seus olhos imoveis, sem pestanejar. Nosso guia comentou: «Até parece que é um bicho de há mil anos que está espiando a gente!»

O entardecer, no Parque, é uma coisa que fica na memória. À medida que se vão alongando no chão as sombras torturadas das árvores, com seus troncos de formas fantásticas e ramarias nodosas, nota-se que os animais se vão tornando mais nervosos, e mais prudentes os seus movimentos. Como que desce sobre a terra um silêncio quase palpavel, bem conhecido de quantos frequentam o sertão sul-africano. Os próprios pássaros, sempre tão palradores, silenciam. Paira no ar uma tensão.

Um dia, pelo fim da tarde, íamos de regresso ao acampamento, quando dois *impalas*—pequenos e delicados antílopes que, em graciosos movimentos, são capazes de pular e correr mais do que quase todos os outros seres da Criação—atravessaram a estrada logo adiante de nós, e se dirigiram para uma pequena clareira, onde ficaram pastando tranquilamente. Nisto, de um maciço de arbustos mesmo à orla da clareira, rompeu o inolvidavel rugido abafado, profundo e gutural, do leão prestes a atacar a presa. Um dos antílopes atravessou a estrada com a rapidez do raio, a menos de 3 metros do nosso carro; o outro tentou alcançar o mato, mas, antes de o conseguir, um vulto avermelhado estava-lhe no encalço, pulando-lhe logo em seguida sobre o lombo, no momento justo em que a altura do mato nos impediu de vê-los. Ouviu-se um baque surdo; era o leão derrubando a sua vítima por terra; depois um rápido reboliço no capim, e tudo ficou imovel. O drama findara. Perto dalí, as hienas, atraidas pelo cheiro da carnagem, uivaram sinistras, e logo a floresta recaiu no silêncio imponente. O drama, no Parque, é rápido e violento.

Ao cabo de muitos anos de estudo e experiência, Stevenson-Hamilton chegou à conclusão de que, quando se deixam os animais entregues a si mesmos, tudo corre à maravilha no Parque. O sistema de correção e equilíbrio da natureza não requer muito a intervenção do homem. No entanto, o elefante solitário e velhaco é perigoso, e às vezes torna-se preciso abatê-lo; é tambem necessário matar os leões que saem aleijados dos combates com os seus semelhantes, porque o leão, quando se sente incapaz de perseguir animais velozes, procura presa mais facil,

e pode-se tornar caçador de seres humanos.

As várias espécies de animais selvagens que existem no Parque mantêm-se em quase inalteravel proporção entre si; e, muito embora o Parque não esteja vedado em ponto algum, são raros os animais que procuram sair de lá. Em toda parte onde os vemos, apresentam-se bem nutridos e com o pelo reluzente, dando uma impressão bastante diversa da que oferecem os animais encerrados nos jardins zoológicos comuns.

«O que a natureza é capaz de fazer, quando entregue a si mesma, é verdadeiramente extraordinário!» comentava um guarda veterano.

Nada poderia demonstrá-lo melhor do que o Parque Kruger, onde milhares de pessoas vão anualmente procurar distração, e que constitui um imponente monumento à imaginação de um homem.

Episódio histórico

QUANDO A Cia. Estrada de Ferro Missouri-Pacífico foi fundada, nos Estados Unidos, em 4 de julho de 1851, a diretoria ofereceu uma recepção espetacular, ao ar livre. Começou requisitando um poço seco, existente na fazenda de um tal sr. Mincke. Fez despejar, na «terrina» improvisada, um barril de conhaque, um de vinho tinto, 50 litros de rum da Jamaica, e meia tonelada de gelo. A bebida, durante a recepção, era içada num balde.

Não admira que a companhia ferroviária tenha pago a Mincke uma boa indenização pelos «prejuizos que causou às suas árvores frutíferas e outras plantas». O que é de admirar é que os operários, no dia seguinte, tenham começado a estender os trilhos da estrada, em direção às Montanhas Rochosas, em linha reta...

—*Holiday*

O SENADOR norte-americano Henry Cabot Lodge, comentando a ineficiência de algumas comissões de investigação do Congresso, disse que as mesmas lhe lembravam um conhecido seu de nome Hoskins. «Todos os dias,» contou ele, «Hoskins sentava-se perto de uma represa com uma espingarda nos joelhos. Um dia eu o vi e indaguei o que estava fazendo alí.

«—Sou pago para caçar os ratos d'água que estão destruindo a represa, respondeu-me.

«—Lá vai um, gritei. —Por que não atira?

«Hoskins tranquilamente puxou uma baforada do cachimbo e retorquiu:

«—Então o senhor acha que eu quero perder o meu emprego?»

—Patricia Casey

Educação de um príncipe

(*Condensado de «Life»*)

Por Eduardo,
Duque de Windsor

QUANDO a redação da revista *Life* convidou o Duque de Windsor a escrever a história de um príncipe do século XX, ele respondeu: «Mas eu não fui o único príncipe do mundo.» E não foi mesmo. Sem embargo, nenhum outro príncipe dos tempos modernos corresponde tão bem quanto ele à imagem dos príncipes de que nos falam os livros de histórias.

Suas memórias não são fascinantes apenas pelos quadros que nos pintam de uma era para sempre finda, mas tambem pela franqueza cativante e o bom-humor com que ele nos narra as suas experiências da juventude. *Life* raras vezes publicou um artigo que atraisse interesse tão vasto e espontâneo, como esta narrativa de uma infância na corte da Inglaterra.

Educação de um príncipe

No diário de meu pai, encontro esta nota, lançada a 23 de junho de 1894, em White Lodge: «Hoje às dez da manhã nasceu-nos um menino encantador, com o peso de 3 quilos e 600 gramas...» Estou convencido de que foi essa a última vez que meu pai me aplicou tão risonho qualificativo.

Batizaram-me Eduardo Alberto Cristiano Jorge André Patrício Daví. Eduardo é nome tradicional entre os ingleses e, antes de mim, coubera já a seis dos soberanos da Inglaterra. Chamaram-me Alberto em deferência a minha bisavó, a Rainha Vitória, que expressamente manifestara o desejo de que todos os seus descendentes masculinos usassem o nome do seu muito amado esposo, Alberto, o Príncipe Consorte. Deram-me o nome de Cristiano em homenagem ao Rei Cristiano IX da Dinamarca, que foi um dos meus doze régios padrinhos. Os últimos quatro nomes são os dos santos padroeiros da Inglaterra, Escócia, Irlanda e Gales. Mas, na intimidade da família, fiquei sendo para sempre simplesmente «Daví». E desde menino me habituaram com britânica simplicidade a tratar meus pais por «mamãe» e «papai».

A época em que nasci não podia ser mais feliz. A Rainha Vitória, então com 75 anos de idade, ia já no 57.º ano do seu grande reinado. A Inglaterra era a mais poderosa nação do mundo. O império vitoriano abrangia uma quarta parte da superfície do globo. Não poucos dos seus numerosos filhos e netos ocupavam os tronos da Europa: o formidavel Kaiser Guilherme II da Alemanha era neto dela—em família, «William». Outro neto, «Nicky», era o Czar de Todas as Rússias.

Essa foi a idade-de-ouro da Inglaterra, em especial para os britânicos de classe média e superior. O imposto de renda era diminuto. O socialismo ainda mal passava de teoria nebulosa. Era bem dificil imaginar que alguma coisa pudesse vir a abalar um dia a sólida estrutura do mundo inglês.

Minha bisavó continuou reinando cerca de sete anos após o meu nascimento. Quer dizer, o tempo suficiente para assistir ao nascimento de meu irmão Alberto (hoje Rei Jorge VI), que nasceu um ano e meio depois de mim; de minha irmã Maria, atualmente Princesa Real; e de meu irmão Henrique, Duque de Gloucester.

A Rainha Vitória simbolizou não só uma era política, como tambem um gênero de vida. Sua corte assentava em dois pilares morais: a diligência e a dignidade. Por sua morte, a Inglaterra entrou na era eduardiana, personificada no feitio jovial de meu avô; a transformação do cenário foi tal como se um alegre vienense tivesse de súbito caido na austera residência de algum vigário inglês.

As exigências próprias do governo parlamentar impunham a residência do soberano em Londres, em determinados períodos do ano, condição essa muito do agrado de meu avô. Mas a residência de que ele mais gostava, era uma propriedade de cerca de 3.000 hectares, chamada Sandringham, onde ele havia construido a Mansão para sua mulher e seus filhos. A menos de meio quilômetro de distância e ainda dentro dos terrenos da propriedade, erguia-se o Chalé York, a casa que meus avós tinham oferecido a meu pai como presente de casamento. Alí nasceram minha irmã e meus quatro irmãos, sendo que os últimos a chegar foram Jorge, mais tarde Duque do Kent, em 1902, e João, o caçula, em 1905; ambos já morreram. Quando a família inteira se encontrava reunida sob aquele teto, acrescida da dama-de-companhia de minha mãe e do estribeiro de meu pai, da governante de Maria, e de um ou dois professores para os meninos, o chalé ficava repleto; tanto assim que, quando um visitante assombrado perguntou onde é que dormia a criadagem, meu pai respondeu que não sabia, mas supunha que fosse em cima das árvores.

Os aposentos de meus pais tinham especial destaque durante minha infância, por serem os únicos na casa que possuiam banheiros, reservados exclusivamente para eles. Nós, os meninos, tomávamos o nosso banho semanal no quarto das crianças e, mais tarde, quando Alberto e eu crescemos, no nosso pequenino quarto do segundo andar. Se se pode dizer que minha família teve um *lar*, no sentido corrente da palavra, nosso lar foi esse chalé.

Tive uma infância de severidade, porque meu pai era austero nos seus hábitos de vida. Acreditava em Deus, na invencibilidade da marinha de guerra inglesa e nos sagrados privilégios inerentes à Família Real. Possuia ao mesmo tempo o tradicional gosto inglês no trajar, e a inclinação para os esportes—desde o tiro aos faisões à caça ao tigre, e das batidas aos gamos, à pesca. No entanto, todos os atos da sua vida deixavam transparecer um apurado conceito do dever, que para ele se resumia neste preceito que, copiado pela sua mão em letra redonda, tinha sempre diante dos olhos, na mesa de trabalho: «Só passarei por este mundo uma vez. Assim, todas as boas ações que possa praticar, e todas as gentilezas que eu possa dispensar a qualquer ser humano, devo aproveitar este momento para fazê-lo. Não devo adiá-las nem esquecer-me delas, pois não voltarei a passar por este caminho.»

No programa de meu pai, seus filhos ocupavam apenas um lugarzinho muito reduzido e bem delimitado: éramos chamados a comparecer ao seu gabinete de trabalho à hora do dejejum, para dar-lhe bom-dia, e só voltávamos à noite, depois do chá. Ele e minha mãe nunca deixavam de ir ao nosso quarto para desejar-nos boa noite, quando se encaminhavam para o jantar. Meu pai, que nunca foi expansivo, espiava-nos com toda a gravidade, na meia luz do quarto, uma vez por outra

tocava de leve nas cobertas, e depois saía sem fazer rumor.

Tive muitas vezes a impressão de que meu pai só gostava de crianças de maneira abstrata. Alberto e eu, mas eu principalmente, éramos repreendidos com bastante frequência por chegarmos tarde ou andarmos sujos, por fazermos algum barulho intempestivo durante uma cerimônia solene, por estarmos irrequietos ou nos coçarmos quando na igreja, ou porque não nos levantávamos quando uma pessoa de mais idade entrava na sala. Meu pai nos ensinou boas maneiras literalmente «à força».

O momento do dia que esperávamos sempre com maior ansiedade, era aquele em que nos juntávamos à roda de minha mãe, no quarto dela, depois da merenda com chá, pãezinhos, geléia e leite, nossa última refeição cotidiana. Minha mãe a essa hora estava sempre de chambre comprido, reclinada no sofá, e ficava a conversar conosco, ou a ler-nos histórias. Sua voz suave, a cultura do seu espírito, o aconchego do quarto transbordante de preciosas recordações pessoais,—tudo então se combinava intimamente, como ingredientes da felicidade que se associa com essa derradeira hora dos nossos dias da infância.

Andava eu perto dos oito anos, quando uma nova personalidade surgiu em minha vida: Frederick Finch, que pertencia a uma antiga linhagem de servidores familiares dos Duques de Wellington. Seu pai fora criado particular do «Duque de Ferro» em pessoa. Frederick começou por ser meu aio: engraxava-me os sapatos, cuidava de mim em caso de doença, lavava-me o rosto e as mãos, e ajoelhava ao meu lado quando, à noite, eu dizia as minhas preces. Sendo eu já mais crescido, passou à categoria de escudeiro,—mas um escudeiro fora do comum, que jogava golfe comigo, me acompanhava à caça, e cavalgava a meu lado. Anos mais tarde, ainda, tornou-se meu mordomo. Está hoje aposentado, com 77 anos, e vive num pequeno chalé do Berkshire, cercado de recordações.

Em 1901, quando eu tinha sete anos e meio, meu pai regressou de uma viagem de oito meses pelo Império Britânico. Ao regressar após tão longa ausência, ficou desolado com a ignorância de que Alberto e eu dávamos provas. Segundo a praxe, a educação dos príncipes ingleses era domínio exclusivo de instrutores particulares; e a reação de meu pai ante esse fato foi direta e imediata: mandou buscar sem demora um instrutor, credenciado com as mais seletas relações sociais.

Foi assim que apareceu em nosso meio um cavalheiro alto, magro e solene, de nome Henry Peter Hansell—típico mestre-escola inglês de uma época que exigia dos pedagogos da alta sociedade não só que tivessem um vasto conhecimento dos clássicos e da doutrina protestante, como tambem experiência não menos proficiente nos mais variados esportes. Hansell jogara futebol na Universidade de Oxford, era um consumado jogador de golfe, e campeão de tiro. Combinava dessa forma uma suave e graciosa erudição,

com uma viril piedade cristã, a que os ternos de casimira e o seu inseparavel cachimbo davam um cunho tipicamente britânico. Escusado será dizer que era celibatário.

Salvo as intervenções esporádicas de meus pais, foram esses dois homens, Hansell e Finch, quem nos criou, a mim e a meus irmãos, até à idade de entrarmos, um por um, na escola.

Todos os dias, às nove da manhã pontualmente, Alberto e eu estávamos sentados às nossas carteiras, e Hansell dava entrada na sala de estudo com a formalidade do perfeito professor. Estudávamos durante duas horas e em seguida nos davam meia hora de recreio; depois trabalhávamos mais uma hora antes do almoço. Por via de regra, Hansell almoçava conosco, o mesmo acontecendo com Maria e a sua *mademoiselle*. Em certos dias predeterminados, só se falava francês às refeições. Passávamos as tardes em jogos ao ar livre, dedicávamos mais uma ou duas horas ao estudo, e depois, é claro, vinha a hora do chá. O sábado era o nosso dia livre. Domingo de manhã íamos sempre à igreja.

Como a matemática não era o forte do nosso instrutor, e eu próprio dava todos os indícios de alergia a essa matéria, acabamos caindo os dois sob a censura de meu pai. Achando que os métodos de Hansell eram demasiado teóricos, meu pai se esforçou por nos insuflar entusiasmo, propondo-nos problemas de ordem prática, como, por exemplo, achar o peso médio dos animais que ele abatera durante a temporada da caça aos gamos! Mas, diante da nossa inaptidão para resolver problemas tão elementares, meu pai se impacientou, e não teve remédio senão contratar um professor especial, que passou a bater-se conosco nos domínios da aritmética, da álgebra e da trigonometria.

«Da boa educação dos príncipes... depende a felicidade dos povos.»—assim se exprimira o Príncipe Consorte, ao formular para meu avô um programa educativo que, na sua severidade e rigidez, parecia mais próprio para a rehabilitação de um criminoso inveterado. Considerando que o objetivo visado por um programa tão inflexivel era formar um espírito sóbrio, rigoroso e cultivado, ele falhou lamentavelmente no caso de meu alegre avô; e quando relembro esses primeiros cinco anos felizes sob a direção de Hansell—felizes, mas paradoxalmente ineficazes—sou forçado a confessar que meu regime, mais suave, não parece ter dado resultados muito melhores.

Minha incapacidade para progredir nos estudos preocupava a minha mãe, que um dia exclamou: «Mas estes meninos são de uma ignorância espantosa!» Meu pai, muito mais direto nas suas expressões, atribuiu logo todas as nossas dificuldades à minha falta de inteligência. Em todo caso, sem discutir agora se eu tinha ou não a estrutura intelectual necessária para ser um bom estudante, as condições de meu nascimento conjugaram-se com as restrições impostas pelas normas constitucionais em uma democracia monárquica, diluindo e retardando meu pre-

paro para a vida no mundo moderno.

Por um lado, até a idade de 13 anos, em que me matriculei numa escola naval, nunca me senti espicaçado pela concorrência. Por outro, o fato de que eu estava destinado desde o berço à carreira naval, tendia a lançar um anel de ferro em volta do âmbito da minha formação. Como, para entrar na Marinha, não se exigia latim nem grego, meu pai não viu razão para que aprendêssemos essas línguas. Tãopouco me foi dado jamais travar conhecimento com esses autores prodigiosos que o meu amigo Winston Churchill leu por iniciativa própria—Gibbon, Macaulay, e tantos outros.

Outra idéia fixa tinha ainda meu pai a respeito da minha educação: era que eu nunca me devia julgar superior às outras pessoas, ou melhor do que eles, só pelo fato de ser príncipe. Aliás, nessa locução «outras pessoas», meu pai incluia somente os filhos da gente bem nascida... O seu maior medo era que nos inclinássemos ao pedantismo; por isso gostava de nos manter no campo, longe do ambiente sofisticado da Corte.

Passei, pois, uma infância abrigada e confortavel, e fui criado mais no campo do que na cidade. Morei na residência de Sandringham durante boa parte dos primeiros 12 anos de minha vida; foi aí, muito mais do que na balbúrdia de Londres, que minha irmã, meus irmãos e eu ficamos cativados pelo encanto de nossos avós.

Na galeria algo nebulosa de minhas memórias de infância, a fisionomia de meu avô parece-me sempre banhada de sol. Já estava ele na casa dos 60 quando sua personalidade começou a ter alguma significação a meus olhos. Devo dizer, em homenagem à verdade, que ainda estou para encontrar um homem capaz de rivalizar com ele em vitalidade, e em alegria de viver.

Ele e minha avó sempre vinham a Sandringham por volta de 9 de novembro, seu aniversário natalício. Alguns dias antes, chegava um pequeno exército de serviçais. Depois, no dia marcado, a enorme casa voltava de repente à vida com uma efusão de luzes. O ranger do saibro e o bater surdo dos cascos de muitos cavalos anunciavam a chegada de meus avós, na companhia de vinte a trinta convidados, os cavalheiros seguidos do seu *valet;* as damas, de sua criada particular. Durante uma semana Sandringham passava a viver numa efervescência de festa e alegria. Matavam-se todos os dias milhares de faisões e depois do jantar jogavam-se cartas, tocava-se música, e travavam-se animadas discussões políticas.

Quando Alberto e eu não estávamos atrasados com os nossos deveres escolares (os de nossa irmã andavam sempre em dia) tínhamos licença, depois do chá, de subir até ao alto da colina, para passar uma hora naquela alegre companhia. Não é que não nos sentíssemos felizes em casa: mas uma visita aos avós era como um passaporte para um mundo diferente, e à medida que a casa alegremente iluminada se ia desenhando no crepúsculo, minha excitação ia crescendo. Lá dentro, o imenso salão estava cheio de pessoas as

mais elegantes e atraentes, e de um zumbido de conversas; a um dos lados, a famosa orquestra de Gottlieb, vinda expressamente de Londres, tocava músicas lânguidas e valsas de Strauss, que ajudavam os caçadores fatigados a repousar os nervos, ou desanuviavam os espíritos ensombrecidos pela má-sorte no jogo de *bridge*. Entre outros, lá estariam personagens tais como o Conde Alberto Mensdorff e o Marquês de Soveral, ambos embaixadores da velha escola, o primeiro de Viena, o segundo de Lisboa; Lord Salisbury e Lord Rosebery, primeiros-ministros de partidos rivais; Lord Ripon e Lord Beresford, tão velozes e certeiros no epigrama quanto o eram na espingarda e todos eles especialmente bem-vindos à casa de meu jovial avô.

Todos nos faziam grande festa, o que nos era agradavel e lisonjeiro; por vezes, com ares misteriosos de conspirador, um desses cavalheiros metia-nos na mão uma libra esterlina ou uma moeda de dez xelins, contribuição sempre bem recebida, visto como era escassa a nossa mesada. E, muito longe de querer que ficássemos sentados com rigidez numa cadeira, em atitude forçada para fingir insignificância, como era de regra em nossa casa, esses bons amigos nos incitavam a dar largas à exuberância do nosso espírito, a correr e saltar com eles, e a pedalar nossos automoveis de brinquedo em alta velocidade, buzinando pela casa toda.

Imagino que a vida na residência de Sandringham se acercava tanto daquilo que pode desejar o coração de um menino, quanto o permitiam as estritas convenções que regiam a educação de um príncipe britânico. Aprendíamos logo desde meninos a andar a cavalo, e assim que éramos capazes de saltar uma cerca sem cair do animal, mandavam-nos caçar raposas, acompanhados da matilha de cães de West Norfolk. Assim mesmo, Finch fez questão de que aprendêssemos a pescar carpas com minhocas empaladas num alfinete dobrado. O lago situado muito perto do chalé, tão tranquilo aos olhos de minha mãe, era para nós um cenário sempre fertil em batalhas sanguinolentas, quando Alberto, nossa irmã e eu virávamos ferozes piratas em barquinhos de fundo chato.

O sr. Walter Jones, mestre-escola de aldeia, encarregava-se do nosso ensino sempre que Hansell entrava em férias. Jones era um naturalista-amador de primeira ordem, dotado de qualidades excepcionais para lidar com cães e pássaros, e o seu gosto era levar-nos em excursões pelos bosques e através dos pântanos, e ensinar-nos a procurar os ninhos das diferentes aves e a reconhecer seu canto. Tendo-se apercebido dos mal-sucedidos esforços que Alberto e eu fazíamos para jogar o futebol com nossa irmã, organizou duas equipes para as quais recrutou os filhos dos cocheiros, jardineiros, guardas da caça e outros empregados da propriedade. Foi uma idéia excelente; se o protocolo real impunha que meu irmão e eu fôssemos os capitães dos times opostos, a verdade é que isso de modo algum nos garantia qualquer outro privilégio na porfia.

O ANO de 1907 marcou o termo de minha infância enclausurada. Tinha então doze anos e meio, idade bastante para me apresentar ao exame de admissão à escola naval.

A primeira prova foi o interrogatório oral, efetuado por uma banca composta de velhos almirantes e mestres, todos eles com a aparência mais severa. Uma das perguntas com que me bombardearam foi se eu tinha medo de ficar às escuras, e eu mal tinha respondido com um titubeante «não», quando me perguntaram qual era o meu autor preferido! Quinze dias depois, acompanhado de cem outros rapazes vindos de escolas de toda espécie, da Grã-Bretanha e até dos Domínios, sentei-me a uma carteira em um salão de exames públicos de Londres, e durante três dias consecutivos travei uma renhida luta com as provas escritas. Havia apenas 67 vagas, e saí da sala pedindo a Deus que não me deixasse sair reprovado.

Após alguns dias de ansiosa expectativa, meu pai me anunciou que eu passara no exame, e em maio devia iniciar os cursos na Real Escola Naval da ilha de Wight.

Não obstante os meus firmes propósitos de honrar o que supunha serem as austeras tradições da Real Marinha de Guerra, saí da Casa de Marlborough com as lágrimas rolando sobre o meu uniforme azul, acabado de estrear. A praxe mandava que todos os calouros fossem minuciosamente inspecionados do ponto de vista das particularidades da sua aparência, e interrogados sobre as mais diversas questões pessoais. Todas as respostas que fui capaz de formular não poderiam ter sido mais desastradas, pois, independente de minha qualidade de príncipe, o fato de que eu nunca frequentara uma escola me fez logo passar por um ser estranho.

Alguns dos aspirantes do último ano resolveram que S. Alteza Real, o Príncipe Eduardo, teria muito melhor aparência se tingisse de vermelho o seu cabelo louro. Foi assim que, uma tarde, antes do toque de recolher, alguns dos meus superiores me cercaram num canto e me obrigaram a ficar na posição de sentido, enquanto um deles entornava um frasco de tinta vermelha pela minha cabeça abaixo. A tinta ensopou-me o cabelo e escorreu pela nuca, arruinando uma das poucas camisas brancas que eu possuia. Momentos depois ouvimos soar a corneta, e meus colegas bateram asas para entrar em forma, deixando-me num angustioso estado de dúvida, para o qual não encontrei solução nos ensinamentos de Hansell.

Se eu comparecesse ao alojamento escorrendo tinta vermelha, o oficial de dia me faria perguntas que eu seria obrigado a responder, denunciando os meus colegas mais velhos; e se eu faltasse à chamada, meu nome apareceria no relatório matinal ao comandante e eu receberia uma nota má em minha caderneta. Um vago instinto me inspirou a optar pela segunda hipótese. Esgueirei-me na escuridão para ir vestir uma camisa lavada, que tirei do meu baú. Na manhã seguinte meu nome apareceu no rol dos faltosos, e

fui condenado a passar as horas de recreio dos três dias seguintes, alternadamente correndo em volta do pátio da cavalariça com uma vara em posição rigidamente vertical entre as omoplatas, ou especado durante uma hora, de cara para a parede, na sala de marinhagem. Outra modalidade de «trote» foi um ritual simbólico, que consistiu em levantar uma janela de guilhotina, colocar minha cabeça no parapeito, e deixar cair a janela com toda a força sobre o meu pescoço—maneira um pouco rude de evocar o destino fatal de Carlos I e a capacidade que têm os ingleses para tratar sem cerimônia os reis que metem o nariz onde não são chamados.

Apesar desses corretivos moderadamente «republicanos», minha existência em Osborne não decorreu muito diferente da de qualquer outro aspirante da Marinha de Guerra inglesa. A nossa turma foi dividida em dois grupos: o de boreste, para a metade superior, ou seja a dos que tinham bastante matéria cinzenta, e o de bombordo, para os alunos menos brilhantes. Comecei minha carreira naval bem pelo fundo da escala—na classe 3 do grupo de bombordo!

A «alvorada», às seis da manhã no verão e às seis e meia no inverno, era um toque de corneta capaz de acordar os mortos. Momentos depois o toque do gongo fazia-nos pular da cama e, em movimentos convulsivos, caíamos todos de joelhos para dizer nossas preces. Reboava de novo o gongo—sinal para o mergulho na piscina de água fria que ficava ao fundo do corredor. Ainda hoje me basta fechar os olhos para ver aquele rebanho patético de rapazinhos nus, tiritantes de frio, trôpegos de sono, tocados em direção à piscina forrada de azulejos verdes, na primeira luz do amanhecer.

Eramos submetidos a exame de quatro em quatro meses, e todos podiam ver as suas notas afixadas no quadro de avisos, o que permitia a cada aluno saber qual era sua colocação na turma. Apesar disso, quando saíamos de licença, éramos obrigados a levar para casa o boletim escolar num envelope lacrado para informação dos pais.

Terminado o primeiro período letivo, eu ainda não progredira grande coisa. No entanto, meu pai não se havia queixado. Foi assim que, em dezembro de 1907, levei comigo, despreocupadamente, o boletim escolar para o Chalé York. Tão depressa acabaram as nossas efusões de afeto, entreguei-lhe o envelope e ele o meteu no bolso com indiferença.

Na manhã seguinte Finch apareceu com um ar de tristeza, trazendo ordem de meu pai para eu comparecer na biblioteca. Assim que entrei, meu pai olhou-me bem de frente, e disse: «Daví, lamento dizer-lhe que suas notas são bem ruins. Leia.»

A matemática, eis a triste verdade, continuava a perseguir-me em todos os seus odiosos aspectos; e, sem a matemática aplicada, os dois pilares em que assentava toda a educação de um oficial de Marinha—navegação e engenharia naval—seriam para mim matérias perdidas. Meu pai propôs logo um remédio: mandar buscar um expli-

cador; tive que aplicar-me ao estudo, sacrificando assim grande parte das férias aos interesses da minha própria sobrevivência na Escola Naval.

Ainda assim, tudo aquilo me parecia superior às minhas forças, e quando na primavera seguinte levei para casa o relatório do terceiro período, meu sentimento de fracasso era tão esmagador que, ao ser chamado à biblioteca, antes mesmo de meu pai haver aberto a boca para falar, rompí em pranto. Mas, com inesperada brandura, meu pai disse: «Ora, Daví, isso não são maneiras para um aspirante da Marinha! Alem disso, você desta vez trouxe um relatório bem bom, e eu estou muito satisfeito com seu progresso.»

Pouco a pouco, à custa de muito trabalho e estudo, durante as minhas férias, conseguí melhorar de classificação.

Ainda às vezes me lisonjeio, pensando que foi graças aos meus próprios méritos que afinal escapei e fui progredindo até matricular-me no Colégio Naval de Dartmouth, onde passei os dois últimos anos do meu treino terrestre para a Marinha. Tomei parte nas atividades escolares gerais, e cheguei mesmo a cantar no coro, façanha essa que tinha por vezes a vantagem de poupar aos cantores o comparecimento a certas paradas.

À medida que fui crescendo, passaram a tratar-me menos como uma criança durante os inesqueciveis períodos de férias. Tinha começado a fazer algumas autênticas amizades entre os rapazes da minha turma, e diante de mim desenrolava-se agora a perspectiva duma carreira naval, com todos os seus atrativos e tradições, a promessa de correr os sete mares e (assim o esperava) a de me ver finalmente livre dos instrutores e das peias da vida na Corte.

A primeira semana de maio de 1910 veio encontrar-nos, Alberto e eu, em preparativos para voltar ao colégio, depois de umas férias de Páscoa cuja alegria não fora toldada pela mais leve sombra de tristeza. Contudo, meu avô acabava de regressar a Londres da sua visita anual a Biarritz, e vinha doente. Na manhã em que devíamos voltar à escola, meu pai mandou-nos chamar e disse-nos: «O estado do Rei piorou de repente, e o fim talvez não esteja muito longe.»

Meu avô faleceu no Palácio de Buckingham minutos antes da meia-noite de 6 de maio de 1910. Na manhã seguinte, meu irmão Alberto, hoje rei, acordou-me com uma exclamação ao chegar junto da janela: «Olha, o estandarte real está a meio-pau!» Do outro lado, via-se a grande mole cinzenta e silenciosa do Palácio Real; no telhado, o pavilhão do soberano pendia imovel, a meia-haste... Compreendí então que o rei Eduardo VII morrera, à idade de 69 anos, após um reinado de nove anos.

Enquanto Alberto e eu nos vestíamos, Finch veio transmitir-nos uma ordem de meu pai para que nos apresentássemos ambos lá em baixo. Fomos encontrá-lo com o rosto sombrio de fadiga. Chorou ao anunciar-nos

que meu avô havia falecido. Respondí com melancolia que já tínhamos visto o estandarte real içado a meia-haste. Meu pai alarmou-se e perguntou com voz cortante: «Que foi que você disse do estandarte?» «Está içado a meia-haste no Palácio...» repetí. Meu pai franziu a testa e murmurou: «Mas que absurdo!» Depois ergueu-se e repetiu, como se falasse consigo mesmo, o antigo mas sempre pungente brado: «*O Rei morreu. Viva o Rei!*», e mandou chamar o seu estribeiro a quem ordenou que fizesse instalar sem demora um mastro no telhado da Casa de Marlborough. Uma hora depois o estandarte real era desfraldado e flutuava, içado a toda a altura.

A tensão e fadiga que a morte do rei lançou sobre meu pai era indescritivel, porque à sua dor pessoal vieram sobrepor-se logo as imperiosas exigências da crise constitucional, resultante do conflito que ao tempo se travara entre os liberais, chefiados por Lloyd George, e a Câmara dos Lordes. A situação ainda se agravou quando o governo decidiu adiar as exéquias por quinze dias, para que tivessem tempo de chegar a Londres os soberanos e representantes de nações longínquas. O cadaver de meu avô estava em câmara-ardente na sala do trono, com a enorme coroa imperial, cravejada de pedrarias, assente na tampa da urna funerária. Quatro imponentes granadeiros da Companhia Real estavam postados aos cantos da eça, apoiados nas armas invertidas, e com as cabeças inclinadas em sinal de luto sob as barretinas de pele de urso.

Meu avô foi sepultado a 20 de maio, seguido por nove soberanos montados, à frente dos quais ia meu pai, na sua qualidade de Rei da Inglaterra; ao lado dele ia o Imperador Guilherme II da Alemanha, montado num cavalo branco, e uniformizado de marechal-de-campo do exército inglês. Sabendo que toda a minha família o olhava com certa desconfiança, eu não podia desviar dele os meus olhos.

Depois da morte de Eduardo VII, meus pais sairam da órbita de satélites, onde até então vinham gravitando, para os palácios de Buckingham, Windsor e Balmoral. Em Sandringham, porem, continuamos morando no pequeno Chalé York, e deixamos minha avó na posse da Mansão. Minha mãe insistia em que, do ponto de vista prático, era um tanto absurdo que uma senhora de idade residisse sozinha na grandeza dum palácio tão vasto, enquanto no chalé dos novos soberanos não havia sequer um quarto disponivel para alojar um hóspede. Mas meu pai objetava sempre: «Aquela casa é de minha mãe: foi para ela que meu pai a construiu.» E assim a Rainha Alexandra permaneceu na Mansão, em Sandringham, até à sua morte, que ocorreu em 1925.

Da mesma maneira que meu pai alcançara posição mais alta, assim tambem eu tive que subir, por força da lei de sucessão. Com a morte de meu avô herdei certo número de títulos, um dos quais, Duque de Cornwall, se tornou logo o meu nome oficial, aquele em que me era dirigida toda a correspondência, e ao qual eu respon-

dia à chamada, nas aulas e nas formaturas.

Enquanto os outros títulos não me acarretavam deveres nem davam renda alguma, o fato de me ter tornado Duque de Cornwall conferiu-me vantagens práticas imediatas. Criado há 600 anos para o Príncipe Negro, esse ducado constitui um patrimônio pessoal do filho mais velho do Rei da Inglaterra, e sua renda tem por fim assegurar-lhe independência financeira. O patrimônio abrangia títulos diversos, valiosas propriedades em Londres, e grandes terras no West Country. A renda nada desprezivel de todos esses bens foi a primeira receita certa que eu até então tivera, excetuando o xelim semanal distribuido aos aspirantes para seus pequenos gastos.

Ao contrário do que geralmente se supõe, o filho primogênito do Rei da Inglaterra não assume automaticamente o título de Príncipe de Gales. Caso o Rei decida que o filho mais velho não é digno de usar tal título, pode denegá-lo ao herdeiro. Aliás, só mês e meio após a morte de meu avô foi que meu pai me proclamou Príncipe de Gales.

Nesse ínterim vi-me envolvido nas cerimônias da coroação de meu pai, —por certo um dos espetáculos mais deslumbrantes de que reza a história do Reino Unido. Cinquenta mil soldados em uniforme de gala, rigidamente perfilados, alinhavam-se ao longo das ruas por onde passou o cortejo.

Um mês depois chegou a vez da minha investidura na qualidade de Príncipe de Gales. A cerimônia a que eu tinha de me sujeitar, o discurso que teria de pronunciar, e o galês em que seria obrigado a expressar-me, já eram, pensava eu, martírio suficiente para qualquer mortal. Mas, quando vi aparecer o alfaiate que vinha tomar-me as medidas para um vestuário fantástico, que consistia em um manto e respectivo cabeção de veludo roxo orlado de arminho, e calção de cetim branco, achei que as coisas estavam indo longe demais. Que haviam de dizer os meus camaradas da Marinha, se me vissem envergando tão absurda indumentária? Nessa noite houve tempestade familiar, mas no fim, como sempre, minha mãe acabou por serenar os ânimos, dizendo: «Você não deve levar tão a sério uma simples cerimônia, meu filho. Seus amigos devem compreender que, na qualidade de Príncipe, você é forçado a fazer certas coisas que podem parecer um tanto ridículas.» Tambem fiquei com a impressão de que, anuindo ao que me pediam, prestaria um bom serviço a meu pai, nas suas relações então muito tensas com o dificil sr. Lloyd George.

E foi assim que, num dia de calor sufocante, meu pai solenemente me investiu Príncipe de Gales, em meio das vastas ruinas pardacentas do Castelo de Carnarvon, na presença de dez mil pessoas, com Winston Churchill, então Secretário do Interior, a proclamar meus títulos em tons melífluos. Quase desmaiando de calor e nervosismo, pronunciei, no idioma galês, as frases a mim ensinadas por Lloyd George, o qual, aliás, alí estava a meu

lado, na indumentária de condestavel de outras eras. Uma dessas frases era «*Mor o gan yw Cymru i gyd*», e que significa: «Todo o País de Gales é um mar de canções».

Pouco tempo depois dessa cerimônia, meu pai providenciou para que eu embarcasse, como guarda-marinha. Foi mais longe: escolheu pessoalmente o navio—o velho couraçado *Hindustan*, a carvão, no qual servi três meses, sendo o mais jovem «menino de sangue azul» da torre de artilharia. Nele cruzei para cá e para lá ao largo do litoral leste da Grã-Bretanha. Esse período a bordo convenceu-me de que era esse o gênero de vida que eu desejava seguir.

Acabado, porem, o cruzeiro, fiquei sabendo dos planos que meu pai formulara para o meu futuro. «Tenha presente, Daví,» começou ele, «que eu tambem adorava a Marinha; sei bem, portanto, que aquilo que lhe vou dizer será para você uma grande decepção.» Em primeiro lugar, era preciso que eu abandonasse a Marinha; segundo, tinha que fazer diversas viagens à França e à Alemanha, pois era considerado muito importante que eu aprendesse os respectivos idiomas e estudasse as respectivas políticas nacionais. Terceiro, tinha que ir cursar a Universidade de Oxford!

A FASE «estrangeira» da minha educação teve início na primavera de 1912, com uma viagem de quatro meses pela França. Hansell e Finch me acompanharam nessa aventura em que, recorrendo ao cômodo costume real do incógnito, viajei sob o título de «Conde de Chester». Isso não iludia ninguem. Mas tanto o governo francês como eu nos sentimos felicíssimos com essa idéia: ele, porque se viu dispensado de me prestar as honras que me seriam devidas na qualidade de príncipe herdeiro do trono inglês; e eu, por me ver livre da tortura de ter que corresponder a tais honras.

Surgiu então em minha vida novo instrutor—Monsieur Maurice Escoffier, da École Libre des Sciences Politiques, cuja missão consistia em ensinar-me tudo o que se referisse à França. M. Escoffier vinha todas as manhãs aos meus aposentos; usava sempre fraque, chapéu de coco, luvas cinzentas e bengala, e trazia uma pilha formidavel de livros debaixo do braço.

Tornamo-nos grandes amigos. Sempre que eu me via seriamente atrapalhado com a gramática francesa, ele me levava para ver o Louvre, a Notre Dame, Versalhes, Fontainebleau... Como o fazem todos os turistas, subí à Torre Eiffel, e experimentei a vertigem da montanha russa em Luna Park. Na companhia dele, de Hansel e Finch, percorrí grande parte da França e aprendí a amá-la.

Minha viagem à França tornou-se tambem memoravel para mim, porque o meu 18.º aniversário, que festejei naquele país, me trouxe dois privilégios que cobiçava. Adotando estritamente a regra da Marinha, meu pai não consentira que eu fumasse até chegar àquela idade. Mandou-me então como presente de aniversário uma

cigarreira, dando-me a entender, assim, que eu podia finalmente, se o quisesse, entregar-me a esse hábito. Os meus dezoito anos levaram-me tambem às portas daquele mundo de sonho em que eu poderia livremente guiar automovel. Animado por muitos dos meus jovens amigos franceses, não tardou que eu rodasse velozmente pelas *routes nationales*, causando grande terror a M. Escoffier, o qual, com a barba desgrenhada pela ventania, se agarrava com unhas e dentes ao assento de trás.

Regressei à Inglaterra em agosto, e logo me surgiu pela frente o pesadelo da Universidade. Felizmente para mim não me segreguei dos demais calouros, fato esse que foi logo saudado pela imprensa como mais uma prova dos sentimentos democráticos inerentes ao sistema monárquico da Grã-Bretanha. Mas o jovem socialista, filho de um operário de Glasgow, que se sentava a meu lado nas aulas, dificilmente teria concordado em que eu partilhava a sorte comum dos estudantes. Afinal de contas, eu tinha aposentos especiais e o primeiro banheiro particular que, segundo creio, se instalou no colégio. Tinha tambem um criado particular, o Finch. Dispunha outrossim de um explicador pessoal, uma vez que Hansell ocupava o quarto situado mesmo em baixo do meu.

Todas essas aparentes vantagens não chegavam para neutralizar de todo a minha saudade da Marinha. Meus colegas eram unidos por amizades que datavam do curso ginasial. Sentia-me terrivelmente só, e minha solidão era agravada porque eu era uma espécie de celebridade.

Uma nuvem de repórteres e fotógrafos desceu sobre Oxford, para ver de perto e espalhar aos quatro cantos do universo os aspectos mais íntimos da minha adaptação àquele ambiente. Suas reportagens, pintadas a cores vivas, atraiam, por sua vez, revoadas de turistas, e durante dias seguidos eu mal ousava assomar à janela, receando que convergissem sobre mim os olhares dos curiosos. Toda essa agitação vulgar dentro do veneravel recinto do Magdalen College irritava os catedráticos, e não menos os meus colegas, que externavam livremente o seu desagrado, despejando jarros de água na cabeça dos indiscretos turistas.

O fato é que me tornei um verdadeiro problema para a universidade. É bem certo que eu sabia manejar uma bússola, interpretar a sinalização naval, comandar um navio de pequeno calado e preparar chocolate para os oficiais de serviço. Mas essas tarefas, que a Marinha com tanto trabalho me ensinara, eram manifestamente destituidas de utilidade aos olhos dos eruditos doutores de Oxford.

Para me empurrar com toda a possivel celeridade até altas esferas do saber, Oxford abriu-me generosamente o acesso às suas melhores cerebrações, mas nem com isso conseguiu vencer a resistência à erudição, que era em mim a herança de antepassados avessos aos livros. Quando deixei a universidade, o Presidente Warren publicou um relatório muito generoso, mas um tanto prudente, sobre os

progressos que eu fizera: «Livresco ele nunca o será...» dizia, acrescentando, porem: «...durante sua estada aquí, foi sempre aprendendo, cada vez mais, a conhecer a natureza dos homens, e a avaliar os caracteres, observando-os na ação, para assim ficar conhecendo o que são e como são os ingleses.»

Se com aquele «conhecer a natureza dos homens» o Presidente Warren queria dizer que, de par com alguns conhecimentos de literatura inglesa e de direito constitucional, eu adquirira alí tambem algumas noções estimulantes sobre a caça de raposas e lebres, e sobre a roleta,—nesse caso, a universidade soube sem dúvida manter-se à altura da sua reputação em matéria de ensino. Enquanto estive lá, com efeito, não me faltaram oportunidades de relacionar-me com alguns rapazes que haviam recebido uma educação bem menos severa do que a minha...

Seria errôneo atribuir à veneranda instituição minha aprendizagem na arte de beber. No entanto, a universidade bem que me ofereceu ensejos não só de experimentar em mim mesmo a prática dessa arte, como tambem de observar os duvidosos progressos que faziam os meus colegas, e os desastres que sofriam. Não faltavam os pretextos para as libações. Por exemplo, se a equipe do Colégio alcançava uma classificação mais alta nas regatas, o feito era comemorado com uma alegre ceia e uma grande fogueira alimentada com peças de mobiliário dos quartos dos calouros que houvessem incorrido no desagrado dos colegas de classe. Cada vez que algum estudante completava 21 anos, a tradição exigia uma festa de estrondo; segundo a praxe, os copos eram estilhaçados na lareira, e os estudantes que já não podiam caminhar, eram a dada altura carregados pelos que se julgavam capazes de andar...

Meus estudos em Oxford foram interrompidos em 1913 por duas viagens à Alemanha, afim de aperfeiçoar meus conhecimentos do idioma, e de conhecer de perto esse povo vigoroso cujo sangue corria em minhas veias. Devo confessar que, como turista, e apesar de que a Primeira Guerra Mundial viria a rebentar menos de um ano depois—não percebí a aproximação da catástrofe. A Alemanha dos meus dias de estudante pareceu-me toda sonora de trabalho e canções, e eu a julguei povoada pela gente mais bondosa e gentil de toda a Europa.

Independente dos nossos laços de família, o protocolo impunha-me fazer, na qualidade de Príncipe de Gales, uma visita ao Imperador Guilherme II. Tendo chegado ao palácio pelo fim da tarde, conduziram-me logo aos aposentos do Kaiser. Encontrei-o de farda, sentado a uma escrivaninha de excepcional altura; ao levantar-se para me cumprimentar, reparei que o fazia da maneira mais estranha, como se estivesse apeando de um cavalo. Chegando mais perto, pude observar, com espanto, que o Kaiser descera, com efeito, de uma sela militar, amarrada com correias a um

bloco de madeira do feitio de um lombo de cavalo, e à qual nem sequer os estribos faltavam. Ao notar a expressão de assombro que se estampou em meu semblante, ele sorriu e explicou que estava tão habituado a andar a cavalo, que a sela lhe parecia um assento mais próprio que qualquer cadeira, estimulando-o a refletir com clareza e concisão.

Manifestou-me depois a esperança de que a minha estada na Alemanha me ensinasse a conhecer melhor o seu povo—acrescentando que, a despeito da péssima opinião que os ingleses tinham dos alemães, não era assim tão dificil viver em boa harmonia com ele e com os seus súditos. Naquela idade impressionavel em que eu estava, acreditei piamente em suas palavras.

Meu segundo ano em Oxford decorreu numa vertigem de caçadas em Balmoral e em Sandringham, e alegres companhias, sem falar nos bilhetes em que meu pai, uma vez por outra, me admoestava por eu não tomar a vida mais a sério.

A «posição» de que meu pai sempre me lembrava começou então a tomar forma definida. Em novembro de 1913, o Arquiduque Francisco Fernando fez uma visita oficial à Inglaterra e ficou instalado no castelo de Windsor. Meu pai mandou-me vir de Oxford expressamente para tomar parte nos suntuosos festejos em homenagem ao visitante. O Arquiduque era um atirador admiravel: em Windsor, de pé ao lado de meu pai, pude ver como abatia faisões em pleno vôo, uns atrás dos outros. Nenhuma sombra de tragédia escurecia então a elegante figura do homem que, apenas sete meses depois, havia de cair morto em Serajevo, vítima dos tiros de um assassino.

Mesmo em junho e julho de 1914, reinava na Inglaterra uma tranquilidade enganadora. A questão da Irlanda atravessava mais uma das suas frequentes fases agudas, e meu pai e minha mãe viam-se apupados pelas sufragistas sempre que apareciam em público; mas pensava-se tão pouco em guerra, que os reis levaram consigo um numeroso grupo de convidados para as Corridas de Ascot, e se lançaram nas atividades sociais próprias da temporada.

A essa altura já eu deixara Oxford e fora destacado para servir em um dos regimentos da Cavalaria da Casa Real. Como os oficiais iam a festas todas as noites, comecei a aprender o que era a vida de Londres, como o atestam as seguintes passagens de meu diário:

25 de junho: «A vida é boa...»

7 de julho: «... Aguentei até o fim da festa, e só voltei ao Palácio de Buckingham às duas da manhã... Foi o meu primeiro baile em Londres...»

8 de julho: «... em casa do Duque de Portland. Estou dançando melhor. Voltei para casa às 4, deitei-me às quatro e meia...»

24 de julho: «... papai, coitado, está em apuros por causa dos irlandeses... Falei com um agente da casa Daimler, para ter uma idéia do que vai ser o meu novo carro.»

31 de julho: «... Passei a noite inteira lendo jornais, e meu pai recebeu a notícia da mobilização da Bélgica. A situação é desconcertante, e quase me parece incrivel que estejamos à beira da guerra...»

No dia 3 de agosto de 1914, na véspera da invasão da Bélgica pelos alemães, a guerra, que durante os quatro anos seguintes viria absorver o espírito e as energias da minha geração, já me tinha apresentado um insoluvel problema pessoal. Se eu fosse qualquer outro súdito britânico de vinte anos de idade, iria oferecer-me logo e seria enviado à França. Mas, verifiquei que, sendo o Príncipe de Gales, os meus méritos decorativos excediam muito a minha utilidade militar. Em plena crise bélica, meu pai ainda encontrou alguns minutos para me dizer que eu devia ficar em Londres, à espera de que me encontrassem «tarefa condigna».

Essa noite, no Palácio de Buckingham, lancei as palavras seguintes no meu diário: «... Em frente do Palácio está congregada uma densa multidão. Meus pais assomaram à sacada pouco antes do jantar, às oito e trinta, e mais duas vezes antes das dez, à medida que iam chegando novas massas de povo. Durante várias horas todos cantaram e deram vivas... É confortador sentir que o povo está dando o seu apoio a tudo... Graças a Deus, o governo decidiu que a França não será abandonada. Meu Deus, tudo isto é grande demais para se compreender de relance. Ah, se ao menos eu tivesse alguma tarefa designada para mim!»

Já a 4 de agosto de 1914, escrevi o seguinte no diário:

«Às dez e meia da manhã chegou a notícia de que a Alemanha havia declarado guerra... Reuniu-se logo um Conselho Privado para que meu pai assinasse a nossa declaração de guerra, e assim que o fato se tornou conhecido da multidão em frente do Palácio de Buckingham, o entusiasmo atingiu o delírio. Depois, antes de se recolherem aos seus aposentos, pelas onze da noite, meus pais assomaram à varanda para assistir a uma manifestação patriótica como não há memória. O povo continuou cantando, aclamando e assoviando durante mais três horas, e aí pela uma e meia eu adormecí embalado naquela algazarra medonha. Está lançada a sorte. Deus proteja a Esquadra!»

Ainda nessa altura eu não tinha encontrado lugar para mim na guerra. Após alguns dias de quase intoleravel ansiedade, conseguí achar uma solução temporária para minha crise pessoal:

«... Depois, pedí a meu pai que me desse um posto nos Granadeiros, declarando-lhe que não podia suportar por mais tempo a minha inatividade, e ele deu instruções imediatas a Lord Stamfordham (seu secretário) para que comunicasse isso ao Ministério da Guerra...»

Assim que me destacaram para a Guarda de Granadeiros, tive ordens de servir na Companhia do Rei, do primeiro batalhão, honra essa muito especial, pois a minha modesta estatura (1,70 m) não correspondia ao mínimo exigido, que era de 1,82 m.

Sentí-me como um pigmeu entre gigantes.

Durante um mês e alguns dias fiz o meu treinamento na companhia dos recrutas mais recentes. Mas, quando o batalhão foi despachado para a França, recebí ordens de ficar em terra! Foi um golpe terrivel para o meu orgulho—o pior de toda a minha vida. Corrí sem demora a indagar por que motivo me tratavam assim.

Lord Kitchener, ao tempo Secretário de Estado da Guerra, ouviu minha exposição. «Que importa que eu morra?» teimava eu. «Se tenho quatro irmãos!»

Os olhos de Kitchener, de um azul de aço, fitaram os meus: «Se eu estivesse certo de que V.A. iria morrer em combate, não sei se teria o direito de obstar à sua partida. Mas o que não posso é correr o risco—sempre iminente, enquanto não houver uma frente fixa de guerra—de que o inimigo o faça prisioneiro.»

A ESSA data o meu treino era já suficiente para me permitir participar da «Guarda do Rei». Durante dois meses tomei parte nas cerimônias da rendição da guarda, em frente do palácio, que em pequeno me haviam maravilhado, e no fim assumí o comando do destacamento encarregado de escoltar meu pai.

Entretanto, o exército inglês estava suspenso por um fio de cabelo em Ypres; nas listas das nossas baixas começaram a aparecer os nomes de amigos meus, inclusive de oficiais meus camaradas, a cujo lado eu fizera o treinamento tão recente. Um de meus primos e dois dos estribeiros de meu pai perderam tambem a vida por essa época. Sobre o pano de fundo de tanto sacrifício, os esforços que eu envidava para encontrar um lugar honroso entre as forças de combate, não tinham a mínima importância—a não ser para mim.

Conseguí finalmente que, a 16 de novembro de 1914, me mandassem para o continente no carater de oficial subalterno do Estado-Maior, adido ao Quartel General do Marechal de Campo Sir John French, Comandante-Chefe da Força Expedicionária Britânica. Durante muito tempo não pude aproximar-me da zona de combate. Estava ocupado todo o dia com papelada burocrática, e levando mensagens,—trabalho esse, como vim a compreender, expressamente inventado para mim, com o fim de ocultar o meu papel de não-combatente sob uma aparência de atividade. Entretanto, todas as minhas cartas para meu pai repetiam este apelo insistente: por favor, deixe-me tomar parte mais ativa na guerra!

Foi sem dúvida para aplacar essas queixas que me mandaram passar uma temporada de serviço no Quartel General da Segunda Divisão, em Béthune, que estava a uns oito quilômetros das linhas da frente. Foi aí que, após uma primeira excursão ao *front*, escreví entusiasmado:

1º de março de 1915.

Papai,

... Os alemães estão bem perto de nós, neste ponto, de modo que não cheguei a ir propriamente às trincheiras avançadas, mas conseguí avistar as do inimigo, e muitos alemães mortos.... Passei dez minutos admiraveis, espiando com o meu binóculo de campanha, enquanto a meu lado um oficial fazia mira com o fuzil para um ponto da trincheira alemã onde, de vez em quando, se viam passar ou parar soldados inimigos. Sempre que eu enxergava um soldado, avisava meu companheiro, e este fazia fogo! Não vi cair nenhum deles, mas as balas deviam bater bem perto, porque os alemães desapareciam logo, a toda a pressa... Passei assim duas horas maravilhosas; duas horas que nunca hei-de esquecer....

Não é minha intenção dar relevo ao papel obscuro que desempenhei na grande conflagração. No entanto, minha educação completou-se, de certo modo, na guerra, não pelos livros nem pela teoria, mas graças às experiências de quem viveu nas condições mais variadas, e entre homens de toda espécie.

Até mesmo um insignificante oficial de estado-maior pode guardar algumas lembranças da guerra; encontrei-me no Egito em 1916; na frente do Somme durante o pavoroso inverno de 1916-17; e na Itália durante o último ano da guerra. No dia do Armistício eu estava adido ao Corpo do Exército Canadense, com o posto de major, em Mons, precisamente onde as forças britânicas tinham sofrido os primeiros reveses da guerra em 1914. Já então o meu espírito começava a orientar-se para outras questões, e escreví a meu pai uma carta nestes termos:

5 de novembro de 1918.

Papai,

... Parece lavrar agora uma verdadeira epidemia de revoluções e abdicações em todos os paises inimigos, o que por certo torna estes tempos bem críticos para as monarquias que ainda restam; mas não hesito em afirmar que, dentre as que restam, a nossa é sem dúvida a mais sólida, e é preciso mantê-la assim; pela minha parte, estou mais do que convencido que isso só se conseguirá por meio de um contacto tão íntimo quanto possivel com o povo; e posso assegurar-lhe que este assunto está sempre presente ao meu espírito.... Passo os dias inteiros por fora, vendo e visitando *as tropas*, isto é, *o povo!*

PERMANECÍ com as tropas na França e na Bélgica, e junto das forças de ocupação da Alemanha, até a primavera de 1919. Quando nós, militares, regressamos enfim à nossa terra, após quatro anos de luta, foi com um sentimento de alívio indescritivel.

A Grã-Bretanha é sempre de uma beleza renovada e arrebatadora na primavera, e demos graças a Deus de termos escapado com vida para tornar a vê-la! Mantinha-se a pompa dos hábitos imperiais. As casas comerciais e bancárias de Londres transbordavam de confiança e prosperidade. Talvez devido a essa solidez de fachada, nós ingleses levamos muito tempo para descobrir quanto a guerra nos tinha custado na realidade: ela drenara consideravelmente o nosso capital, em termos de dinheiro; e, o que é mais grave, tinha eliminado grande parte de nossa melhor juventude, que é o capital mais importante. A história

não pode recorrer impunemente às reservas do capital humano, e em ambas as guerras mundiais a nação britânica contribuiu plenamente com seu quinhão para a defesa da civilização ocidental. Não sei se os historiadores e os economistas concordarão comigo, mas tenho a profunda impressão de que o declínio, por via do qual a Inglaterra chegou à sua crise atual, teve início em 1914.

Para mim, voltar da guerra significava ajudar meu pai nos seus deveres de soberano. Esperava ele que eu assumisse sem demora as funções que habitualmente cabem ao herdeiro da coroa—tais como lançar a pedra fundamental de importantes edifícios, plantar solenemente algumas árvores e inaugurar estradas; comparecer às solenidades de grupos cívicos, e assumir a presidência honorária de veneraveis instituições de caridade.

Por sugestão de meu pai, comecei a visitar as grandes cidades industriais da Inglaterra—as fábricas e os bairros pobres de Glasgow, Birmingham, Cardiff, Plymouth, Newcastle e o East End de Londres. Seria pretensioso da minha parte afirmar que essas primeiras imagens vívidas da grandeza e miséria da Grã-Bretanha inflamaram de repente a minha consciência social: esta só mais tarde surgiu, à medida que novos fatos e conhecimentos me foram abrindo os olhos. Os preceitos da minha educação haviam sido demasiado rígidos, para permitir-me sentir que a pobreza e as más condições de habitação de uma grande parte do povo inglês exigiam quaisquer medidas práticas por parte de meu augusto pai, ou de mim próprio. Podíamos mostrar-nos preocupados e compadecidos ante circunstâncias tão penosas; mas tratava-se aí de assuntos que envolviam política partidária, e quase desde a infância me haviam incutido que, muito embora eu tivesse a liberdade de pensar como quisesse, se as minhas idéias tocassem matéria política, eu devia guardá-las para mim.

No entanto, eu andara por muito tempo afastado das restrições palacianas, e integrara-me já demasiado na minha geração iconoclasta, para me deixar agora submeter a um papel de pura passividade. À medida que percorria a Inglaterra, foi-se-me tornando claro que a nação estava descontente, irrequieta e desiludida. O desemprego crescia. Os ex-combatentes sentiam-se lesados pelo plano de desmobilização mal organizado; aqueles que já haviam dado baixa estavam desgostosos com a falta de trabalho e de casas. Havia greves e demonstrações, não em grande escala, mas, em todo caso, de uma frequência inquietadora.

Certo dia, em Londres, meu pai viu de perto, pela primeira vez, esse novo descontentamento. O Ministério da Guerra, na esperança de aquietar a crescente agitação dos mutilados de guerra que haviam sido desmobilizados, rogou a meu pai que assistisse a uma parada de uns quinze mil desses homens em Hyde Park. Meu pai aquiesceu ao pedido, e, fardado, saiu a cavalo do palácio para a revista, acompanhado de Alberto e de mim.

Os homens, todos à paisana, estavam formados à maneira de uma divisão. Mas pairava no ar alguma coisa de estranho, uma falta de entusiasmo e uma soturnidade que nós três sentimos logo, como por instinto. Meu pai, firme como um rochedo, cavalgou ao longo da primeira linha. De súbito, houve uma agitação à retaguarda, e vimos desfraldar algumas bandeiras com dísticos provocadores, que os homens haviam trazido às ocultas para a parada. Aos gritos de «Onde é que está essa terra digna dos heróis?»—o que equivalia a devolver-nos o famoso lema eleitoral de Lloyd George—os homens romperam fileiras e dirigiram-se ao Rei, que não tardou a ver-se rodeado de uma massa compacta. Durante alguns momentos, receei que o derrubassem do cavalo. Depois notei que os homens mais chegados a ele só queriam apertar-lhe a mão. Não tinham quaisquer intenções agressivas; limitavam-se a aproveitar a oportunidade que o Ministério da Guerra inconscientemente lhes oferecera, para apresentarem suas reclamações ao soberano em pessoa. O único perigo era que o cavalo se espantasse; bastava, com efeito, que ele começasse a empinar-se e a saltar no meio daquela densa multidão, para que alguem saísse com certeza ferido. E, num ar tão sobrecarregado de tensão, tudo poderia acontecer.

Felizmente, a polícia conseguiu desvencilhar-nos da multidão, que continuou fazendo e desfazendo ajuntamentos pelo parque, quando voltávamos ao Palácio. Ao chegarmos, meu pai desmontou do cavalo, olhou para mim e comentou: «Aqueles homens estavam numa disposição bem esquisita...» E, abanando a cabeça como se quisesse afugentar uma lembrança desagradavel, encaminhou-se para dentro do edifício. Mas aquela rápida cena bastara para me convencer de que a inquietação reinante na Inglaterra se relacionava diretamente com o morticínio e a miséria que a primeira guerra «do povo» infligira à nossa gente.

A REVOLUÇÃO russa de 1917, seguida do massacre do Czar e da família imperial, abalara até ao âmago a confiança inata que meu pai depositara sempre na «decência» da humanidade. Ligavam-no laços muito apertados ao seu primo Nicolau. Tenho de há muito a impressão de que, pouco antes de os bolcheviques se terem apoderado do Czar, meu pai pensara em despachar um cruzador afim de trazê-lo para fora da Rússia; mas o projeto ficou, de algum modo, encalhado nos meandros da política. Magoava a meu pai o fato de a Grã-Bretanha não ter feito um gesto para salvar aquele nosso parente. «Estes políticos são assim mesmo!» dizia ele às vezes. «Se fosse um da roda deles, tenho a certeza de que teriam agido bem depressa! Mas só porque o pobre homem era de sangue real...»

Conversamos inúmeras vezes, ele e eu, a respeito das transformações que se estavam operando na Inglaterra e no resto do mundo; e, quanto mais discutíamos a situação, mais acentuada

se tornava a divergência de nossos modos de ver. Mantivemo-nos em todo caso, até o fim, os melhores amigos deste mundo; o que nos separava não era um iato afetivo, mas o iato das gerações... Mais do que Príncipe Real, eu me sentia homem, modelado e afeiçoado pela guerra, e nutrido das minhas próprias idéias; ao contrário, meu pai tinha muito do «rei», inteiramente impregnado das tradições vitorianas e eduardianas em que fora criado. Os novos e estranhos conceitos que então começavam a infiltrar-se em nosso país, intrigavam-no e desagradavam-lhe a um tempo, tanto mais que o seu filho primogênito parecia partilhar de muitas dessas estranhas idéias...

Entre outras coisas, meu pai reputava indigno do Príncipe de Gales aparecer em público com um chapéu de tão pouca cerimônia como é o «coco». Ora, eu não me teria sentido mais à vontade com uma reluzente cartola, do que se andasse com uma coroa de ouro na cabeça; e entendia que, uma vez que a cartola se tornara, no lapis dos caricaturistas políticos, o símbolo universal da rapina capitalista, não conviria aos varões da Família Real usá-la naqueles tempos de tensão social.

Muito embora meu pai tivesse deixado, finalmente, de insistir sobre esse ponto, eu percebia que a sua reprovação não diminuira. Aliás, ele nunca cedeu à moda nova, que introduziu na Inglaterra as bainhas das calças dobradas para fora. E fez-me sentir de maneira quase fulminante a sua aversão a essa reforma da indumentária. Um dia, fui cumprimentá-lo à hora do dejejum, envergando um terno que acabava de estrear; mas em vez de elogiar o meu bom gosto, ele me mirou da maneira mais curiosa, disparando-me à queima-roupa esta pergunta, que me pareceu inteiramente fora de propósito: «Está chovendo aquí dentro de casa?» Confesso que fiquei embasbacado. Durante um segundo não soube o que responder; mas quando ele repetiu a pergunta, sem desfitar os olhos dos meus pés com uma expressão de evidente repugnância, percebí onde ele queria chegar. Por que é que um *gentleman* havia de andar com a bainha das calças arregaçada, de maneira tão absurda, a não ser para atravessar uma poça de água? Daí em diante, tive sempre à mão um par de calças velhas, sem dobra, que enfiava rapidamente antes de ir à presença de meu pai.

A HERANÇA que me devia recair nos ombros era muito mais complexa e incerta do que meu pai esperava. Eu fora educado para uma existência muito menos complicada, de pompas e privilégios, que vinha perdendo grande parte da sua significação. No caráter de Príncipe de Gales, via-me agora compelido a desempenhar muitas funções públicas (a «principizar», dizíamos nós, meus irmãos e eu) com os objetivos seguintes:

Fomentar a aproximação da Coroa e do povo inglês, que, embora sentimentalmente fiel à tradição monárquica, se mostrava agora menos inclinado do que dantes a aceitar as coisas no pé em que se encontravam.

A viajar pelo mundo, para reanimar a idéia de Império aos hesitantes e duvidosos que havia nos Domínios e Colônias da Coroa inglesa, e ao mesmo tempo cimentar as boas relações com os governos estrangeiros.

Lloyd George desempenhou papel de destaque na formação da minha carreira: preocupado com o declínio do prestígio britânico no estrangeiro, fez-me andar em uma roda-viva, e durante os doze anos seguintes viajei quase continuamente.

Andando ininterruptamente de lugar em lugar, tudo acontecia em torrente caudalosa, como as cenas de um jornal de cinema: vaqueiros canadenses, e estâncias de carneiros da Austrália; minas de ouro do Rand; os pampas da Argentina; um elefante disparado, em Uganda; os esplendores orientais do grande cerimonial indiano de outras eras; e o Presidente Wilson, recostado na cama que fora de Abraão Lincoln, na Casa Branca.

Todas essas viagens me impunham um esforço muito superior ao que geralmente se podia imaginar. O preço, por exemplo, de uma recepção real no Canadá, foi a mão direita quase esmigalhada de tantos apertos, e metida por alguns dias em talas. Nunca um forasteiro se sentou à mesa para comer melhores—nem piores—jantares do que eu comí: mas meu aparelho digestivo nunca mais foi o que era anteriormente. Ver-me alvo de tantos e tão sutís e graciosos discursos era, por certo, uma coisa esplêndida; mas, haverá na imensa escala do sofrimento humano alguma coisa que se possa comparar à angústia de elaborar várias vezes por dia, dias e dias seguidos, aquelas poucas «palavras bem escolhidas»—precisas e amigaveis, e não obstante cautelosas—que os meus eloquentes e experimentados hospedeiros esperavam de mim?

Tudo isso, porem, aconteceu há muito tempo, e os resultados de minhas missões passaram de há muito ao rol do esquecimento. Ao tempo, provocaram, é certo, bastantes comentários elogiosos, que me estimularam a persistir. Um elogio que apreciei muito especialmente, foi este, ouvido da boca de um americano: «Vossa Alteza e eu nem sempre estamos de acordo; mas, ao interpretar a monarquia em termos modernos, Vossa Alteza prestou um grande serviço a seu pai, e veio tornar o caminho mais facil para os seus sucessores.»

Seja como for, não me poupei a esforços para bem desempenhar-me de tudo aquilo que de mim se esperava, na posição que me coube pelo nascimento.

CERTO RAPAZ encontrou-se com um médico, seu amigo, que, com as mãos na cabeça, se queixava entre suspiros:

—Eu preciso consultar um psiquiatra!

—Mas você é psiquiatra, disse o outro.

—Eu sei, foi a resposta. —Mas eu cobro muito caro.

—Walter Winchell

RIR É O MELHOR REMÉDIO

CARTA ao redator da Seção de Correspondência de um jornal: «Tenho somente 19 anos. Outro dia fui passear de noite e só voltei para casa às 2 da manhã. Mamãe não gostou. Acha que fiz mal?» Resposta: «Procure lembrar-se.»

—Cecil Hunt em *Laughing Gas* (Methuen, ed.)

—LEVANTEI-ME de madrugada para ver o nascer do sol, vangloriava-se um turista.

Comenta um amigo:

—Não podia ter escolhido melhor hora!

—*American Girl*

EM UM TREM na Inglaterra, um americano sentou-se em frente a uma senhora idosa e muito simpática. Estava ele mascando goma, em silêncio, quando a passageira, inclinando-se para a frente, disse:

—Agradeço a sua gentileza de querer conversar comigo, mas acontece que eu sou completamente surda.

—*The Allied Youth*

EM UMA reunião social, uma senhora dizia em altas vozes a outra, que se achava do lado oposto da sala:

—Eu estava para perguntar, meu bem, por que será que você não foi convidada para ir à casa da Mary, na semana passada.

A outra replicou sorrindo:

—Mas que coincidência! Eu estava justamente pensando por que seria que você *foi* convidada...

—*Globe*, de Boston

UMA SENHORA entra num restaurante carregando ao colo um cãozinho lulú e, sem fazer caso do garção que acorrera solícito, começa a conversar com o cachorro como se este fosse uma criança: «Coitadinho do meu filhinho. Fica aquí no colinho de mamãe.» Por fim, o cachorro se acomodou e ela voltou-se para o garção que, muito gentilmente, pergunta:

—É cachorro único, madame?

—NEM EM UM milhão de homens—nem em dez milhões de homens—encontra-se um marido tão ordinário como você! vociferou a esposa.

—É por isso que eu a admiro, meu bem, retrucou o marido.—Você é formidavel em estatística!

—*The International Bookbinder*

AO ENTRAR em certo compartimento de um hotel, uma senhora reconheceu um alto funcionário do governo, que passeava de um lado para o outro, e lhe perguntou o que estava fazendo alí.

—Vou fazer um discurso.

—O senhor costuma ficar nervoso sempre que tem que falar em público?

—Quem foi que disse que estou nervoso? Nunca fico nervoso.

—Então, perguntou ela,—que é que o senhor está fazendo aquí no *toilette* de senhoras?

—*Floorcraft*

Coimbra

(Capa)

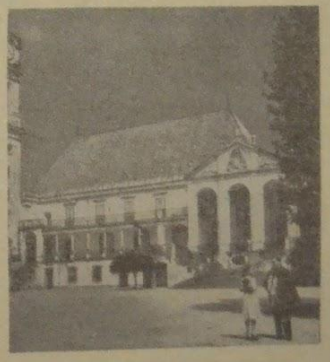
Por

José Rodrigues Miguéis

COIMBRA tem com que aplacar todas as sedes: de arte e história, de lenda e paisagem. As suas relíquias românicas e góticas, a escultura e pintura renascentista, faianças, ourivesaria, parques e jardins, os seus sítios de nomes tão sugestivos como se os houvessem batizado os próprios poetas que alí passaram—tudo exerce em nós irresistivel sedução. A paisagem que Antônio Nobre achava «triste, triste», é fecunda, risonha, inspiradora: a tristeza é talvez da condição do homem. Cristã desde 1064, Coimbra foi a primeira capital de Portugal, e guarda ciosamente os túmulos dos primeiros reis, jóias do Renascimento na sombra austera de Santa Cruz, berço da teologia. Os peregrinos da Lenda irão à Quinta das Lágrimas contemplar, debaixo dos cedros veneraveis, a Fonte—«que lágrimas são água, e o nome amores»—junto da qual Inês de Castro teria sido sacrificada à razão de Estado. Alem Mondego, em Santa Clara, a Rainha Santa Isabel repousa de seus milagres. Mas o viajante lido em Eça de Queirós, ainda hoje vai evocar o vulto de Antero, fulvo e embuçado, de pé na escadaria da Sé Nova, desafiando Deus ou pregando Hegel aos colegas embevecidos... A magia de Coimbra vem de tudo isso.

É impossivel falar dela sem lembrar Camões, Garrett, Antero, Eça, João de Deus, Antônio Nobre, Junqueiro, Eugênio de Castro, Pascoais; e, dentre os muitos brasileiros ilustres que alí cursaram, Gregório de Matos, Gonzaga, José Bonifácio, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Gonçalves Crespo. Isso fez de Coimbra, aos olhos de muitos luso-brasileiros, a matriz de uma cultura basilarmente comum.

A prosápia e fama vêm-lhe da Universidade, fundada em Lisboa em 1288, e definitivamente transferida para alí em 1537. Dela sairam, desde então, os teólogos, juristas e letrados que haviam de imprimir seu cunho à cultura lusitana. Alí ensinaram celebridades européias, como André de Gouveia e Diogo de Teive, luminares da Universidade francesa, e Nicolau Clenardo; Pedro Nunes e Garcia da Orta, autênticos homens do Renascimento, tiveram alí cátedra tambem, embora Coimbra, toda entregue à autoridade e à ortodoxia, nos pareça estranhamente ausente da obra que melhor individualiza os portugueses: os Descobrimentos. (Tenha-se porem presente que (*Continua na p. seguinte*)



Nossa capa reproduz uma vista parcial da Via Latina da Universidade de Coimbra.

Foto: Ardean Miller

Coimbra

a Universidade era ainda lisboeta, ao tempo em que o Infante de Sagres lhe fez doações para que nela se ensinassem a Geometria e a Astronomia.)

Se Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Júlio Dinís, Fialho de Almeida e Ramalho Ortigão não frequentaram Coimbra, e Camilo só de raspão alí passou, isso não a torna menos veneranda. Não se pode transpor sem emoção a Porta Férrea, onde outrora se aplicava aos caloiros o «canelão» da praxe; nem entrar na Sala dos Capelos, na maravilhosa Biblioteca joanina, ou percorrer a Via Latina, sem baixar involuntariamente a voz; nem ouvir tanger a «cabra» da torre, sem recordar um mundo de personalidades e episódios, profundamente entretecidos na história portuguesa, desde a Contra-Reforma a Pombal e ao regime republicano. A Universidade é a um tempo a autoridade e a rebeldia, a disciplina e a boêmia. O seu cerimonial revive ainda hoje pompas de eras remotas; mas, em contraste, a gente lembra as sociedades secretas, os estudantes que sairam à estrada para fuzilar os lentes miguelistas...

Uma noite, visitando os altos de Coimbra na companhia do poeta Afonso Duarte, detive-me perto da igreja onde o Orfeão Acadêmico tinha os seus ensaios. De repente, através das janelas, a massa das vozes irrompeu a cantar um hino de Palestrina. Ficamos imoveis, entre os acantos luzentes de orvalho, escutando. O vulto negro e severo da igreja recortava-se a distância, na neblina do céu enluarado. E dir-se-ia que era a própria pedra que cantava, que Coimbra se erguia com a voz no espaço, solta do mundo e da realidade—como muitos anos antes a vira Teixeira de Pascoais: Nave do Sonho, vogando no mar de prata do céu, mansamente arrastada pela voz do grande Hilário, a cantar o seu «Fado».

Toque romântico nos jardins

Entre os astecas, era comum que, antes de plantar uma árvore, o jardineiro fizesse uma incisão nas veias e deixasse cair algumas gotas de sangue na terra. Na antiga Índia tambem se acreditava que uma árvore não cresceria bem, a menos que, ao ser plantada, viesse uma bonita jovem calcar-lhe as raizes com os pés. Ambas as cerimônias fazem uso de certo toque romântico, que os jardineiros de hoje devem ler com interesse.

Digno de consideração tambem é o motivo que levou uma senhora de Oneonta, Estado de Nova York, a pôr em prática certo plano romântico. Ela e o marido tratavam com todo o carinho a sua casa de campo, consumindo grande porção de tempo a melhorá-la. No aniversário do marido, resolveu a senhora dar-lhe de presente uma linda alameda. Meia dúzia de pomicultores trabalharam de rijo durante vários dias para colocar as belas árvores em fila, e quando o marido, no dia do aniversário, saiu cedo a passear pela propriedade, lá encontrou aquele original presente da esposa.

—*House & Garden*

Maior segurança *e confôrto...*

● Mais suavidade, rapidez e economia, ou seja: completa satisfação no barbear. Êste é o resultado dos aperfeiçoamentos incorporados ao novo Gillette TECH—o aparelho de barbear TECnicamente perfeito.

1. **Frisos anti-deslizantes,** para proteção contra cortes, mesmo no caso de um gesto brusco.

2. **Aberturas amplas,** para impedir a acumulação de espuma, facilitando a limpeza sob um jato dágua.

3. Barra distensora, para escanhoar a barba rápidamente, sem irritar a pele.

4. Lâminas Gillette de dois fios extensos, garantindo maior número de barbas por lâmina.

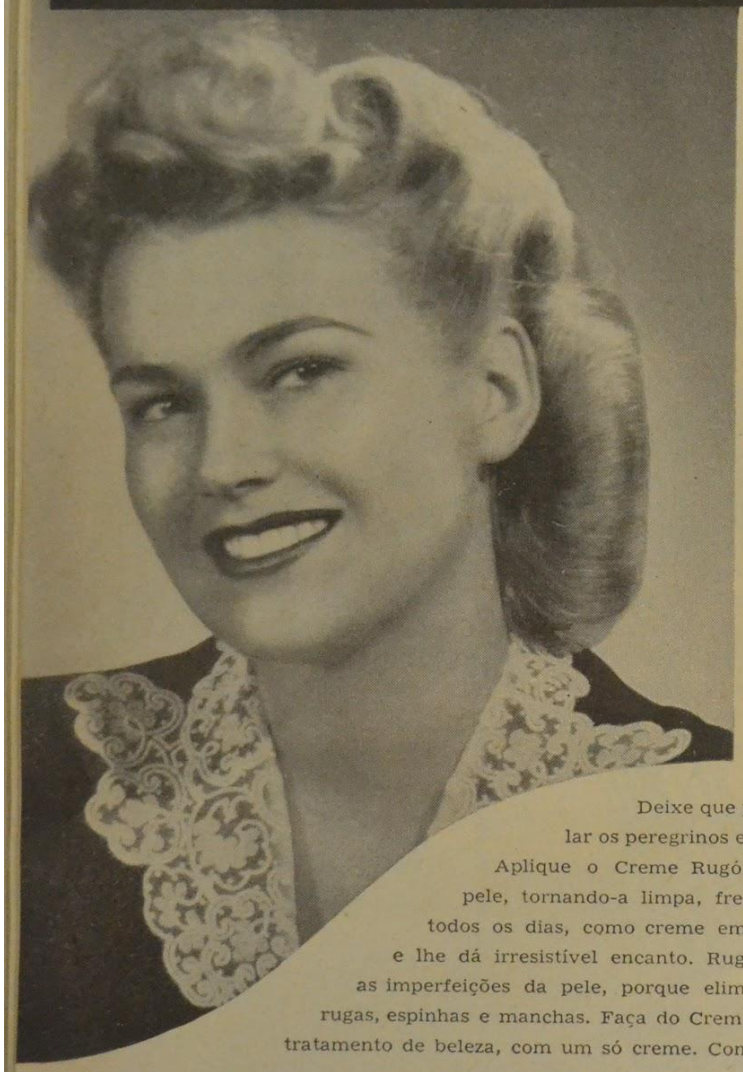
Feito especialmente para as legítimas lâminas Gillette Azul.

ADQUIRA UM

Gillette TECH

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

Encantadoras damas da sociedade confirmam:



RUGÓL
é maravilhoso tratamento de beleza
num só creme

Deixe que passem os anos, sem macular os peregrinos encantos de sua mocidade... Aplique o Creme Rugól à noite, para clarear a pele, tornando-a limpa, fresca e transparente. Usado todos os dias, como creme embelezador, suaviza a cútis e lhe dá irresistível encanto. Rugól é muito indicado para as imperfeições da pele, porque elimina, ràpidamente, cravos, rugas, espinhas e manchas. Faça do Creme Rugól o seu permanente tratamento de beleza, com um só creme. Comece a usá-lo desde hoje.

Aplique Rugól tôdas as noites, no rosto e no colo, em suaves massagens de 3 a 5 minutos. Use-o também como base para a maquilagem.

Creme **RUGÓL**

MANTÉM EM SEGRÊDO A SUA IDADE

Menina-moça... o mais misterioso e adorável período da vida feminina. Quase menina... Quase mulher... Fundamentais transformações ocorrem no corpo e na alma. Começa a puberdade... começa a menstruação. Por que? Como? Que significa? Eis o que ensina "Ser quase mulher e ser feliz", um livreto editado para as meninas-moças e suas mamães.

Para receber um exemplar grátis, remeta-me Cr $2.00 em sêlos, para porte registrado.

Anita Galvão
Caixa Postal, 5030 - S. Paulo

Johnson & Johnson

FABRICANTES DE MODESS

A WESTINGHOUSE PODE AJUDÁ-LO

a Converter os Seus Projetos em Realidades

A técnica da Construção em Blocos representa o mais recente instrumento do desenvolvimento industrial ao serviço do progresso.

Já reparou como seu filho brinca com os blocos de construção? Com que rapidez ergue pontes e castelos, fábricas e até cidades? Pois ele não faz mais do que aplicar a imaginação ao emprêgo de uma unidade fundamental de construção—o bloco.

Os engenheiros estão hoje aplicando em muitos domínios o mesmo princípio: o das "unidades funcionais" padronizadas. Estas unidades de construção, ou blocos, combinam-se com outras para adaptar-se às mais variadas condições. Se V. S. já viu alguma casa prefabricada, ou uma cozinha elétrica moderna, então já sabe como se aplica esse princípio. Mas o que poucos sabem é como a Westinghouse o aplicou aos sistemas de geração e distribuição de energia elétrica . . . ao radar, à iluminação, aos aeroportos, à montagem de células industriais integrais, e ao equipamento de comunicação. V. S. sentirá as vantagens da Construção em Blocos na maneira como um produto da Westinghouse se combina com outro para simplificar a construção, facilitar a manutenção, reduzir os custos, e aumentar a utilidade final de cada componente.

A criação do primeiro aeroporto integral, da primeira central elétrica integral, da primeira fábrica integral de cimento, e de muitas outras células funcionais padronizadas, deu à Westinghouse a supremacia no emprêgo desta novíssima ferramenta da engenharia.

A Westinghouse também pode ajudá-lo a realizar os seus projetos com a Construção em Blocos. Quer V. S. projete criar uma indústria nova ou uma cidade, ou industrializar uma nação—os produtos e os métodos da Westinghouse serão os seus melhores auxiliares! Para pormenores, queira consultar o mais próximo Distribuidor da Westinghouse, ou escrever à Westinghouse Electric International Company 40 Wall Street, Nova York 5, E. U. A.

• • •

Este anúncio, como outros da mesma série, conta apenas parte de uma longa história. Faz muitos anos que a Westinghouse, boa vizinha e boa amiga, vem Servindo o Mundo pela Eletricidade. Hoje, porem, nossa tarefa mais difícil não é somente vender ou aplicar produtos elétricos; é consagrar nossos recursos, facilidades e perícia técnica à reconstrução da economia mundial.

Westinghouse *Produtos Elétricos para um Mundo Melhor*

A-2532X

Sabor real de morangos frescos na GELATINA ROYAL de morango

Sente vontade de comer saborosos morangos frescos? A Gelatina de Morango Royal traz êste delicioso sabor em qualquer estação. Por que não servir Gelatina de Morango Royal ainda hoje?

Tentadoras maneiras de servir as Gelatinas Royal; folheto ilustrado GRATIS "Sobremesas Royal". Escreva para: Standard Brands of Brazil Inc., Dep. G-249, Caixa 3215— Rio de Janeiro.

Os mais ardentes desejos . . .
se satisfazem com

EVERSHARP!

Eversharp anotará fielmente todos os seus pensamentos. Eversharp tem estas qualidades exclusivas: *A Pena Mágica*, de ouro de 14K, que escreve com tanta suavidade que é realmente silenciosa. *O Alimentador Mágico*, que evita que a tinta vaze ou goteje. A Caneta e a Lapiseira de Repetição são de elegante estilo com tampa de ouro de 14K. *Serviço de Consertos* garantido para sempre. Compre EVERSHARP hoje mesmo.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E.U.A.

EVERSHARP
Jogo
Presentation

Dê o melhor . . . dê

EVERSHARP

"Outro FORD a caminho da longevidade!"

TAMBÉM o seu Ford, quer seja novo, quer velho, pode durar mais do que se espera normalmente . . . Isso depende, naturalmente, não só do tratamento que se lhe dispensa no uso, como também, em grande parte, da assistência que se lhe presta. Para a sua maior satisfação, o seu Ford pode ser mais confortável, mais seguro e mais útil *por mais tempo*, dando-lhe a proteção dos peritos do Serviço Ford.

Ford

Os revendedores Ford, em toda parte, oferecem serviço de assistência aprovado pela fábrica, e os seus mecânicos são ensinados conforme o sistema Ford. Empregam peças originais Ford legítimas—fabricadas com a mesma precisão, ajustagem e durabilidade que as peças usadas na fabricação do seu Ford.

O futuro do seu atual
Ford
depende do Serviço Ford!

o Serviço Ford
É SERVIÇO DE PERITOS

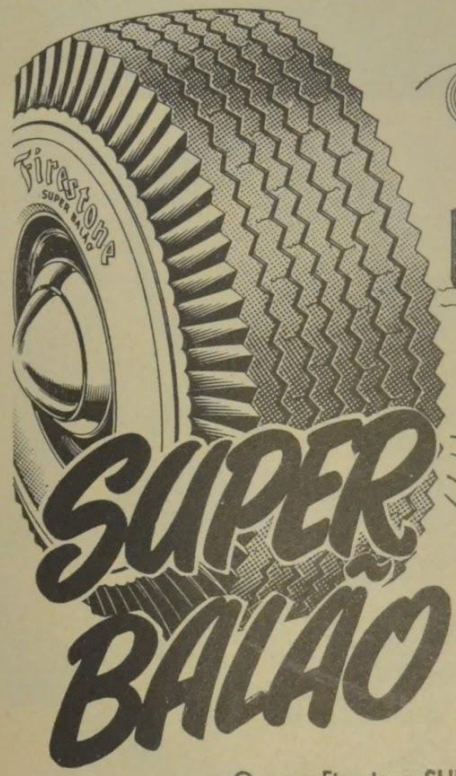
LINHO IRLANDÊS

para ternos elegantes, duráveis e confortáveis

O Linho Irlandês dá mais conforto e elegância . . . isola o corpo do calor tropical, cai bem, veste bem. Por isso os homens que dão valor à arte de vestir bem, exigem Linho Irlandês — plantado, fiado e tecido na Irlanda do Norte!

Quando é IRLANDÊS é o quanto basta

The Irish Linen Guild
BELFAST
(Associação dos Produtores de Linho Irlandês)



SUPER BALÃO

SEGURANÇA
CONFORTO
ECONOMIA
ELEGANCIA

O novo Firestone SUPER-BALÃO absorve os choques e vibrações em vez de transmiti-los ao chassis e à carrosseria... assegura menor desgaste do carro — evita reapertos frequentes—além de proporcionar uma espantosa firmeza nas paradas. O Super-Balão é o pneu mais usado nos modelos 1948-49. Adote-o também para o seu carro!

O criador dos pneus balão

Firestone

INDUSTRIA BRASILEIRA

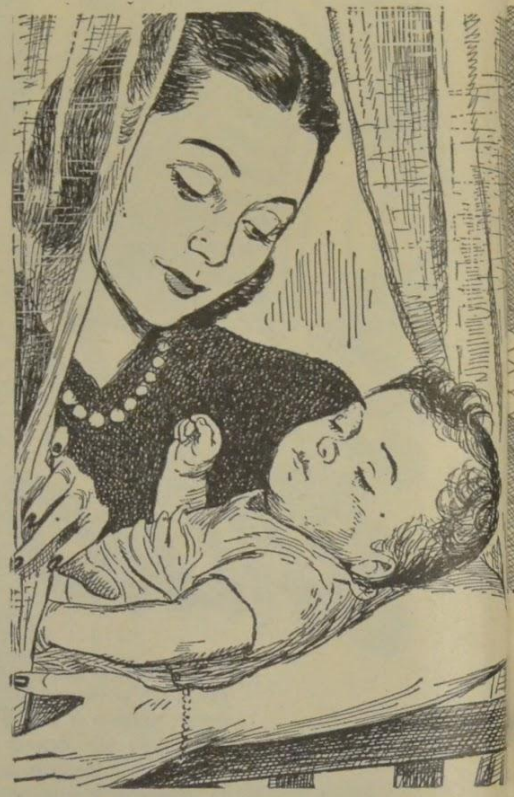
48.109

O MELHOR HOJE... AINDA MELHOR AMANHÃ

O combate à Malaria é facil se . . .

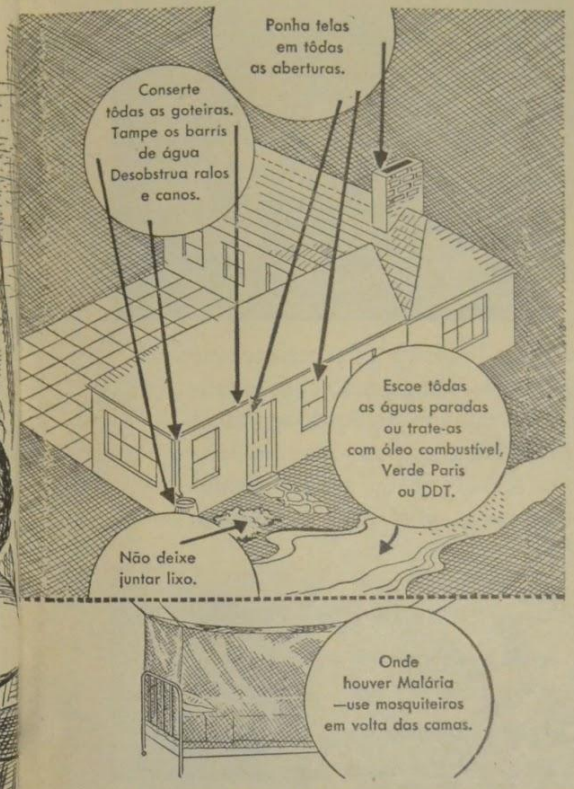
O "Anofelino" (Anopheles) é o unico mosquito portador da malária—o Assassino no. 1 da Humanidade.

. . . se você lhe conhece os hábitos. 1. Ele pica o Sr. Garcia que está com malária. 2. Em seguida, pica o Sr. Silveira que está são. 3. Duas semanas depois o Sr. Silveira está com malária. 4. Outro Anofelino pica, então, o Sr. Silveira e o ciclo recomeça! Arrepios, febre e suores são sintomas da malária. Dores pelo corpo, também, e dores de cabeça. Se ela atacá-lo, não se assuste. A medicina possue hoje poderosas armas para o combate eficaz a essa terrivel moléstia dos climas tropicais, ceifadora de tantas vidas.



Um mosquiteiro sôbre a cama é uma proteção contra o "Sr." Anofelino.

Aproveite os novos medicamentos e os modernos conhecimentos! Use no lar um inseticida à base do maravilhoso DDT. Há regiões que ficaram livres do Anofelino espalhando-se DDT de aviões. Peça ao médico informações acerca de novos repelentes, tratamentos e preventivos. Ajude às autoridades sanitárias locais a limpar fócos perigosos. É muito mais fácil prevenir a malária do que curá-la! Para a sua proteção e a de sua família, aproveite-se dos novos conhecimentos do médico nesta matéria.



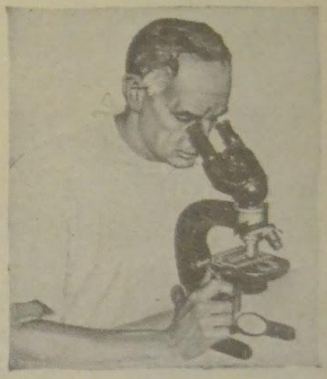
Redobre os cuidados à noite! Mantenha telas nas portas e janelas; ao sair proteja sua pele.

Tome estas simples precauções, em caso de malária, para quebrar a cadeia de infecção malárica:

1. Proteja sua casa com telas contra mosquitos.
2. Mate as larvas dos mosquitos nos seus fócos.
3. Use um mosquiteiro sôbre a cama, evitando que os mosquitos atinjam o paciente e, mais tarde, infeccionem outras pessoas.

Um simples exame de Laboratório dirá se você tem no sangue os parasitas da malária. À mais leve suspeita consulte imediatamente o seu médico.

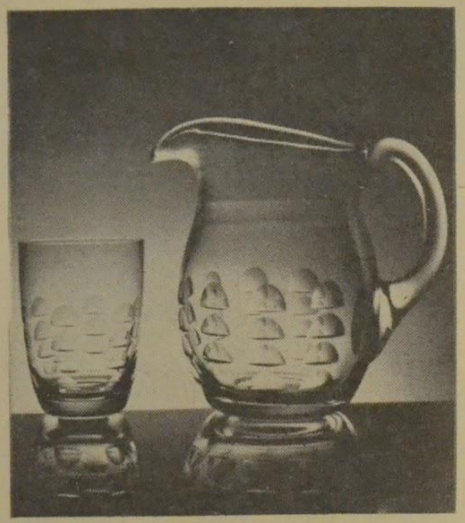
Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas do seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo, de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou conservar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas SQUIBB têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.



SQUIBB
PRODUTOS FARMACÊUTICOS

FEITOS POR MÃOS

Brasileiras



Desde a longínqua época dos fenícios, a indústria de cristais tem se baseado na perícia de artesãos consumados, trabalhando com instrumentos extremamente simples. É por isto que Cristais Prado reuniram os mais hábeis artífices nacionais dessa difícil arte para, seguindo as tradições dos mestres "sopradores de vidro", produzir cristais comparáveis aos melhores do mundo—feitos por mãos brasileiras.

GRANDE VARIEDADE—Milhares de modelos em gravações artísticas, lapidações originais, decorações a ouro e a côres, foscações e gravações de pantógrafo, constituem a linha de Cristais Prado.

PEÇAS AVULSAS—Os Cristais Prado apresentam, entre outras, a vantagem de—por serem fabricados no Brasil—poderem ser adquiridos em peças avulsas para completar ou ampliar jogos.

A marca dos PRADÓ BRASIL *cristais finos*

CRISTAIS PRADO LTDA.

Avenida Celso Garcia, 1467 - São Paulo

PARA QUE AS VARIAÇÕES ATMOSFÉRICAS NÃO AFETEM O RIGOROSO AJUSTE DE SUAS PEÇAS – CUJA PRECISÃO É NUNCA INFERIOR A UM MILÉSIMO DE MILIMETRO – MARVIN POSSUE ADMIRAVEL DISPOSITIVO AUTO COMPENSADOR DE TEMPERATURA

MARVIN

RELOGIO MAIS TECNICO DA SUIÇA!

Melhores trabalhos datilográficos que Custam Menos

1873 THE FIRST TYPEWRITER 1948 — 75th ANNIVERSARY — REMINGTON RAND INC.

E isso que lhe oferece a nova Remington KMC DeLuxe . . . graças a suas muitas características exclusivas e vantagens especiais.

O elegante "Executype" permite fazerem-se correspondência e relatórios que V.S. se orgulhará de assinar. O funcionamento mais silencioso dá ao escritório um ambiente mais agradavel para o trabalho. A ação suave e rápida facilita à datilógrafa produzir *mais* e *melhor*.

Acrescente-se a essas vantagens o KMC (Controle de Margens no Teclado) e um lindo acabamento cinza em dois tons . . . e V.S. verá porque a Remington KMC DeLuxe é a *sua* máquina-de-escrever!

ANTES DE SUBSTITUIR *suas máquinas-de-escrever, verifique as muitas vantagens da Remington KMC DeLuxe. Procure o representante mais próximo da Remington Rand . . . ou escreva à Remington Rand, Divisão de Exportações, Dept. H, 315 Fourth Avenue, New York 10, N. Y., U S.A.*

Remington Rand

O PRIMEIRO NOME ENTRE AS MÁQUINAS DE ESCREVER

A SEU SERVIÇO

para melhores produtos de petróleo

TEXACO — MARCA REG

O produto adequado— no lugar próprio— quando V.S. o necessita. É dessa maneira que se consegue manter a eficiência de exploração ao mais baixo custo. *Texaco* lhe assegura não só lubrificantes e combustiveis de qualidade, como tambem uma fonte de abastecimento digna de confiança, porque todas as fases da produção, da refinação e da distribuição se acham sob o controle da *Texaco*. Sejam quais forem suas necessidades em matéria de veículos a motor, indústria ou transportes, especifique invariavelmente *Texaco*.

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores

TEXACO PRODUTOS DE PETRÓLEO

Unidade de cracking catalítico na Refinaria Texaco de Los Angeles.

Ambos usam a Fotografia

V. S. para tirar instantâneos como êste . . . recordações preciosas da infância de seus filhos.

Kodak

Aí estão somente duas das muitas formas em que a fotografia—mediante a sua aplicação à ciencia, à indústria, ao comércio, aos serviços públicos e à vida diária—beneficia a todos os membros da sociedade.

O leitor, ao projetar os filmes, amplia as imagens ao tamanho natural.

O bibliotecário, para arquivos microfilmados que preservam o conteúdo de jornais, livros, revistas, etc. Isso economiza espaço; facilita a catalogação, e simplifica enormemente o intercâmbio de valiosos documentos, de modo que um número sempre crescente de pessoas possam participar dos conhecimentos de cada país.

"KODAK" É MARCA REGISTRADA

EASTMAN KODAK COMPANY, Rochester 4, N. Y., E.U.A.

UMA VISITA

Que vale a pena fazer!

Tenha ou não algum problema de costura, uma visita à Loja *SINGER* do seu bairro será sempre uma ótima oportunidade de se pôr em dia com as últimas novidades dêste ramo. Em qualquer Loja *SINGER* a Snra. será atendida por funcionárias atenciosas e competentes, e poderá apreciar o que há de mais moderno em máquinas de costura, acessórios em geral, trabalhos de agulha, aviamentos, assistência mecânica, etc., enfim *tudo* o que a Snra. possa desejar em matéria de costura e bordado.

Escreva para a Caixa Postal 1180—Rio de Janeiro, Caixa Postal 146-B—São Paulo, Caixa Postal 21—Recife, e peça informações sôbre os nossos Cursos de Costura e Bordados ou solicite a remessa, pelo reembôlso postal, do nosso livro "Método de Corte e Costura". Preço: Cr$100,00.

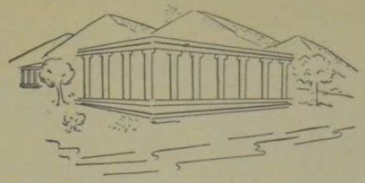
SINGER—*o nome garante o produto!*

Copyright U.S.A. 1948 by Singer Sewing Machine Company. All Rights Reserved for All Countries. Todos os direitos devidamente protegidos pelo Tratado Internacional

M. R.

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE

Lojas em tôdas as capitais do país



Nascida das espumas do mar,
Afrodite teve na ilha de Chypre
os seus templos mais famosos . . .

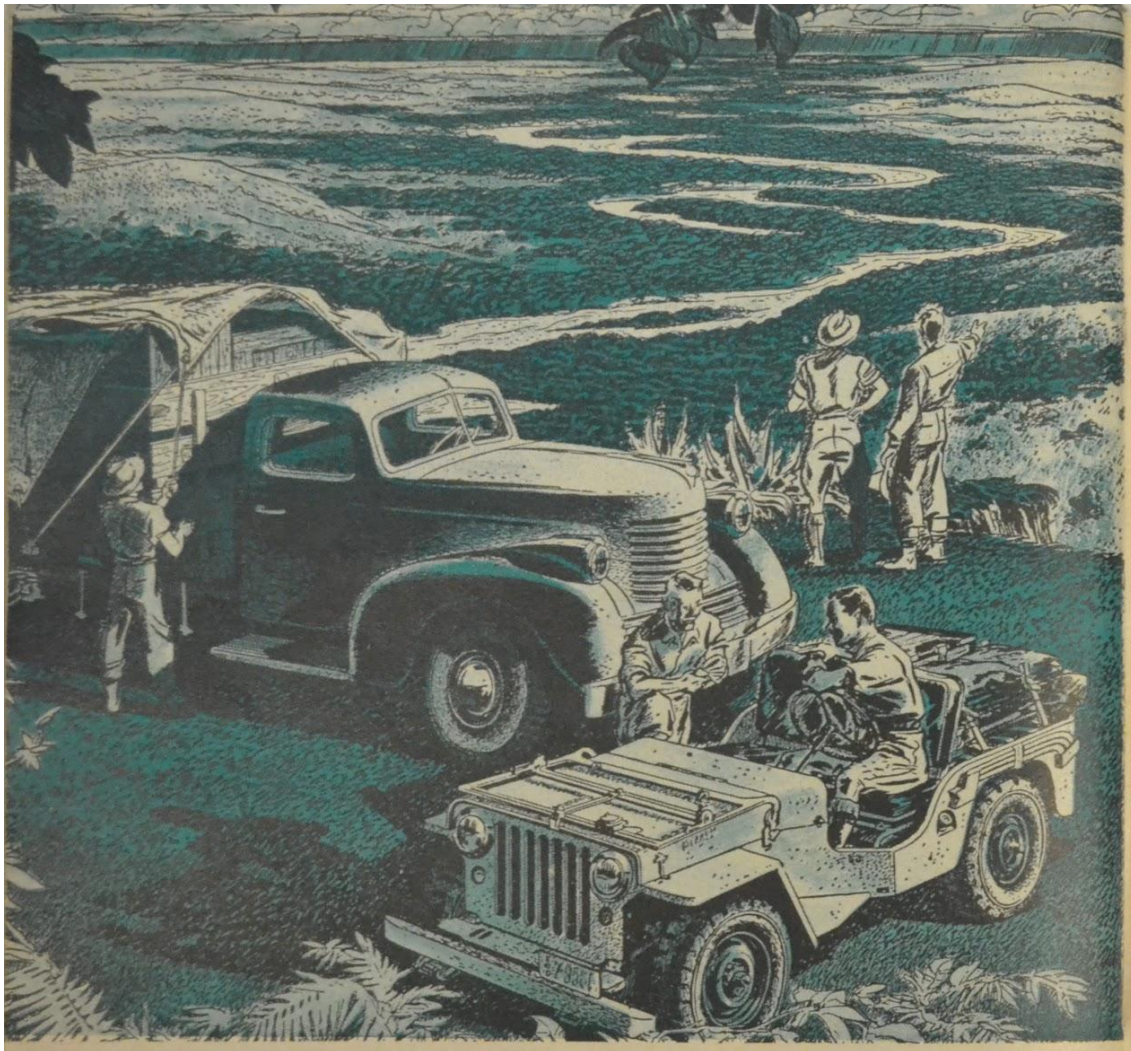
. . . E a deusa do Amor ressurge nesta NOVA COLÔNIA

Um perfume intenso, perturbante, voluptuoso, numa nova e admirável Colônia Coty, apresentada em estojos de rara beleza. Um presente e uma festa para todos!

COLÔNIA

CHYPRE

de COTY



Novos Pioneiros dos Sertões...

Quando os pioneiros seguem, abrindo caminhos pelo sertão, já não os acompanha o tropel dos animais. Outros rumores quebram hoje o silencio dos vazios sertanejos: os motores dos caminhões e dos "jeeps", que levam os homens empreendedores, rumo ao caminho do Oeste.

Tambem a esses bandeirantes de hoje, a Standard Oil presta, nos pontos os mais distantes, o auxilio de seus produtos petrolíferos.

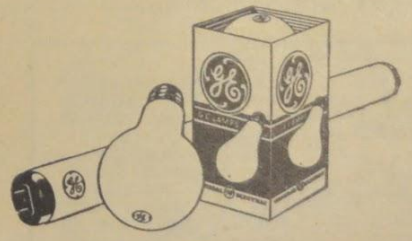
Esso auxilia o progresso do Brasil.

UM EMBLEMA DE QUALIDADE **Esso** UM SÍMBOLO DE SERVIÇO

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO . . . EM TODOS OS LARES



GENERAL ELECTRIC

Os produtos da General Electric Co., E. U. A. distinguem-se pelo seu funcionamento garantido.

Petróleo, o ouro negro, é uma herança preciosa para a humanidade.

Da perfuração inicial até a bomba que abastece o seu automóvel, equipamentos G-E desempenham um papel vital, cooperando ativamente na produção e na conservação das reservas petrolíferas em todo o mundo.

Onde quer que a energia elétrica sirva a humanidade, V. encontrará a poderosa influência das pesquisas, da engenharia e da capacidade criadora da General Electric.

A-8-12

Pesquisa Para Uma Vida Melhor e Melhores Negócios

Um surto constante de idéias e descobrimentos sai hoje dos laboratórios de pesquisa científica, para ir transformar-se em produtos novos para a melhor existência de amanhã—e em novas oportunidades de fazer negócios.

Os homens de negócios da Nova Inglaterra—e os de todas as partes do mundo que com ela negociam—têm muita sorte em encontrar alí, ao seu alcance, inigualaveis recursos para a pesquisa científica. Naquela região acham-se concentradas grandes universidades e instituições tecnológicas, cujas realizações são conhecidas em todo o mundo científico. A estreita colaboração entre a ciência e a indústria é uma das causas da preeminência dos industriais da Nova Inglaterra na criação de novos produtos e serviços.

The First National Bank of Boston vem de há muito cooperando com a indústria da Nova Inglaterra no desenvolvimento de produtos novos—e com importadores e exportadores que lidam com esses produtos. Com os seus 164 anos de experiência em comércio ultramarino, com escritórios em dez centros comerciais desde Boston a Buenos Aires, e correspondentes em toda parte—este Banco oferece serviços ideais para auxiliar V.S., por intermédio do Departamento Estrangeiro, a encontrar a solução para seus problemas de comércio exterior. Suas consultas serão cordialmente atendidas em qualquer escritório do Banco.

The FIRST NATIONAL BANK of BOSTON

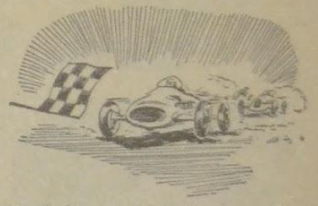
★ *Fundado em 1784* ★

Membro da Corporação Federal de Seguro de Depósitos

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 2 Wall Street.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Rio de Janeiro, São Paulo e Santos, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

Começando em fevereiro, pode desfrutar das corridas de cavalos nos hipódromos principais dos Estados Unidos.

Em fevereiro em Nova York apresentam-se as últimas modas.



Em Indianapolis, Indiana, em 30 de maio, realiza-se a mais famosa corrida de automóveis do mundo.

De todas as estações do ano, a primavera é realmente a época ideal para visitar os Estados Unidos. O tempo é propício para apreciar a beleza das paisagens e as atividades das grandes cidades. Em abril, as cerejeiras estão em flôr no "Tidal Basin" em Washington. Esta paisagem inesquecível atrae milhares de visitantes de todas as partes do mundo.

Primavera nos E.U.A.

Veja-a Você mesmo
Vôe por Clipper
aos Estados Unidos

É a oportunidade de gozar as melhores férias de sua vida. Os luxuosos Clippers da Pan American voam diàriamente para o norte, rumo às 8 principais cidades de entrada nos Estados Unidos. Há convenientes serviços de conexão para qualquer parte do país. As agências de turismo, ou o mais próximo escritório da PAA, terão o máximo prazer em preparar todos os detalhes da sua viagem.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rêde dos Clippers Voadores

PAA

"Uma Carta Anônima... e Quanta Verdade!..."

Não dei a menor atenção à primeira carta. Dizia que minha beleza era mentirosa por causa do maquillage excessivo. Eu até ri... Era noiva e não temia o futuro.

Mas, de repente Jorge desfez o noivado. E nova carta me disse a verdade. "Sua beleza é falsa porque você disfarça e não corrige as imperfeições. Use Leite de Colonia."

Agora sei: beleza natural atrai romance. (É fácil conseguí-la com Leite de Colonia) Numa festa, encontrei Jorge. Procurou-me. Declarou-se e reatamos o noivado.

Não artificialize sua beleza!... CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colonia!

Sim! A mentira é sempre condenável, mesmo em beleza! Evite a perigosa mentira do maquillage excessivo usado para disfarçar as imperfeições da pele e dar uma impressão de falsa beleza. Corrija manchas, sardas, espinhas e outras erupções com Leite de Colonia. Use-o pela manhã, em massagens sôbre o rosto, colo e pescoço... e, à noite, numa última limpeza da pele. E seu rosto ganhará aquela verdadeira beleza que os homens adoram.

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

O MUNDO DENTRO *de seus dedos*

Modêlo 7S046

com ÊSTE NOVO ZENITH

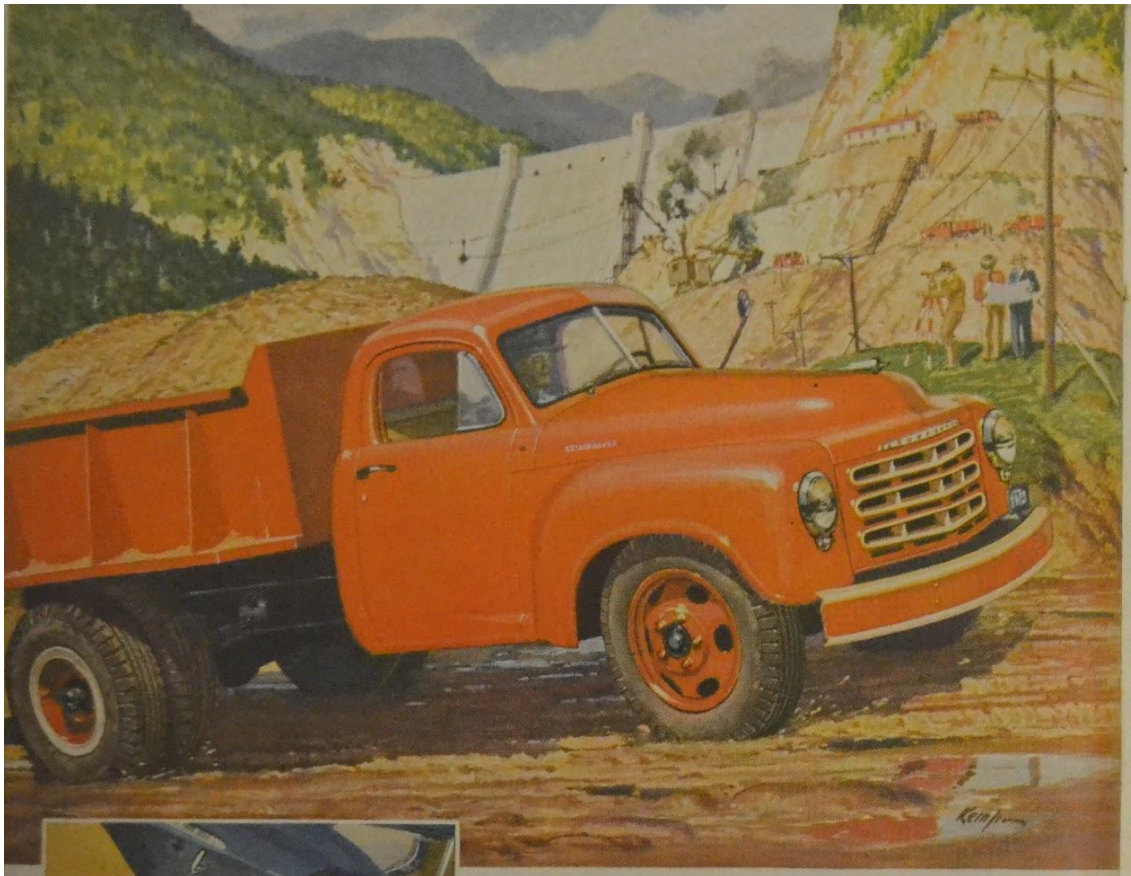
Extraordinàriamente possante, de resultados magníficos e requintada beleza! Tôdas estas vantagens—e ainda outras—V.S. encontrará no novo e magnífico receptor super-heteródino Zenith. Cinco faixas para recepção de sons do mundo inteiro, com sintonização de Faixa Ampliada, exclusivo tipo Magnascope. Além disso tem um cômodo quadrante das estações irradiadoras. Estante em mogno, moderna e elegante. Inteiramente refratário aos climas tropicais.

Venha extasiar-se com uma demonstração prática dêste

NOVO RADIO ZENITH INTERNATIONAL

ZENITH

INTERNATIONAL RADIOS



Facilidade nunca vista em atender ao motor! Para chegar ao motor ou à ignição, não é preciso subir num caixão. Não tem que andar fuxicando debaixo do tablier para ajustar ligações ou arames dos instrumentos e acessórios. Os pára-lamas cingidos e o capô do motor, de grande abertura, facilitam ao motorista ou mecânico alcançar qualquer peça, sem fazer esforços acrobáticos!

Traçado novo! Desempenho novo! Caminhões novos Studebaker!

ONDE quer que examine estes possantes e esbeltos caminhões Studebaker novos, V. achará aperfeiçoamentos que são novos para V.—e novos em traçado de caminhões!

A espaçosa cabine do novo caminhão Studebaker tem os degraus do estribo de portas adentro—acabou-se o estribo escorregadiço em dias de umidade! As portas, amplas, têm travas que as conservam abertas quando é preciso andar entrando e saindo.

Os novos chassis e molas, de uma tremenda robustez, têm a resistência necessária para as piores condições de estrada e carga.

O motor Studebaker, de espantosa economia, tem reservas excepcionais de potência de tração em caso de emergência.

Pare no stand vizinho dos Studebaker, para examinar estes novos caminhões de sensacional novidade. Tem mais modelos do que a Studebaker já ofereceu! Um extenso sortimento de carros novos, em tamanho e em distâncias entre eixos!

The Studebaker Export Corporation, South Bend 27, Indiana, E. U. A. Telegramas: Studebaker

(Continuação da segunda capa)

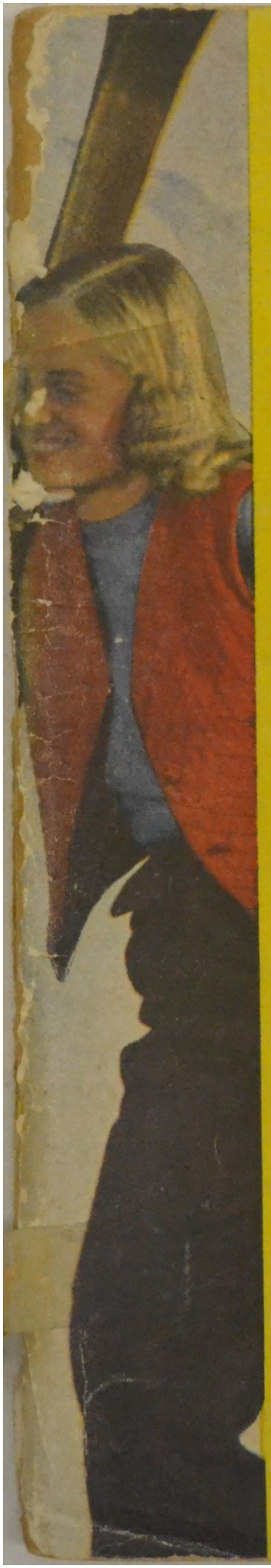
ser disseminadas amplamente entre leitores inteligentes. Os resultados da boa divulgação científica, em linguagem acessivel ao povo, passam-nos facilmente despercebidos. Que efeito terão sobre o público em geral—sobre a coletividade de que todos fazemos parte—tais artigos de divulgação?

Em primeiro lugar, esse tipo de divulgação reforça a salutar convicção de que já não existem mistérios insoluveis. Aliás, não há mais mistérios de espécie alguma. No campo das ciências físicas, «mistério» é apenas um problema cuja solução ainda não se encontrou. Essa tem sido sempre a premissa do cientista; transformada, porem, em atitude popular, e animada pelo sopro do bom jornalismo, adquire um valor extraordinário. Em *The Reader's Digest* esse princípio se aplica não só à ciência, como tambem a outros ramos da atividade humana: graças a seu próprio esforço e conhecimento, o homem é capaz de modificar as circunstâncias que se lhe opõem.

Certas doenças, hoje tratadas facilmente, foram consideradas, até há relativamente pouco tempo, como males crônicos a oprimir para sempre a humanidade. De muitos desses males o homem foi libertado pela ciência médica. Restam apenas uns poucos, como a tuberculose e as enfermidades epidêmicas sociais. As estatísticas referentes à mortalidade infantil, para dar outro exemplo, indicam, de ano a ano, como se pode hoje dominar e modificar um mal outrora tido como inexpugnavel. Mas todas essas doenças e pragas vão sendo combatidas eficazmente apenas em certas partes do mundo, onde os conhecimentos são postos em prática, e só até o limite de sua aplicação.

Principalmente na medicina e na saude pública—campos humanos por excelência—o povo precisa aprender que há solução para os seus problemas, antes mesmo que seja possivel aplicá-la. Assim o próprio povo determinará o grau de progresso a que poderá chegar uma nova técnica, uma terapêutica aperfeiçoada, um tratamento ou cura, ou talvez um método de extermínio de uma epidemia, o qual só se pode tornar obrigatório mediante legislação, que emana do próprio povo.

Eis aí o grande serviço que presta *The Reader's Digest*. Em *Seleções*, e em suas edições irmãs em tantos idiomas, as reportagens brilhantes tendem a encurtar a distância que vai da descoberta à aceitação seguida pelo uso. Constitui, aliás, notavel descoberta o fato de que esse serviço possa ser prestado de maneira tão encantadora e amena. É tambem um símbolo de esperança. Esta revista, dando ao leitor a consciência de que toma parte inteligente no progresso que se realiza em sua época, faz com que se desenvolva o sentido da responsabilidade pessoal, que decorre somente da compreensão. Onde quer que se erga mais alto esse archote do conhecimento, para mais longe vão sendo afastadas as sombras que ainda envolvem o mundo. Isso só poderá trazer benefícios.



MÄRZ 1949 PREIS: Fr. 1.25

Das Beste

aus Reader's Digest

ARTIKEL UND BUCHAUSZÜGE VON BLEIBENDEM WERT

Blick in die Welt der Sterne ..... *Natural History* 1
Der Mann, auf den Göring hereinfiel ..... *Irving Wallace* 7
Das neue Indien ..... *U.S. News & World Report* 13
Männer am Matterhorn ..... *James Ramsey Ullman* 16
Treffend bemerkt 21
Ein Pionier des Düsenmotors ..... *Flying* 23
Der Schwarze Tod ..... *Edwin Muller* 28
Skorzenys gefährlichster Auftrag ..... *Argosy* 33
Ein Mensch, den man nicht vergißt ..... *Hiram Haydn* 39
In Guatemala lernt man leben ... *Nina Wilcox Putnam* 46
Der Offizialverteidiger ..... *M. R. Shipman Andrews* 50
Menschen wie du und ich 58
Meine Begegnung mit einem Buschmann . *Selwyn James* 60
Tatsachen, die einen Krieg verhindern müssen *W. B. Huie* 65
Perlenkönig Mikimoto ..... *Blake und Deena Clark* 74
Das ist Meister Petz ..... *Outdoors* 79
Die Garrett-Millionen ..... *Saturday Evening Post* 82
Der Rhesus-Faktor im Blut ..... *J. D. Ratcliff* 90
Dunkler wilder Atlantik .... *New York Times Magazine* 94
Gott und die Amerikaner ..... *Lincoln Barnett* 97

EIN BUCH, VON DEM DIE WELT SPRICHT

Wird die Erde zu klein? ..... *William Vogt* 103

Weder an Nationalität noch an Sprache gebunden .... *Umschlagseite 2 und 3*

Farbfoto Heddenhausen-Posse: In der Skihütte

CMDPO-LA
1972

JAHRGANG 1 • NUMMER 7 • MÄRZ 1949

DAS BESTE

AUS READER'S DIGEST

EINE MONATSSCHRIFT

The Reader's Digest wird seit dem Jahre 1922 von den Gründern De Witt Wallace und Lila Acheson Wallace herausgegeben und geleitet.

THE READER'S DIGEST ASSOCIATION, INC.
PLEASANTVILLE N.Y., USA.

Redaktion:
Dr. A. W. Post

Schweizer Redaktion:
Dr. Hans Rudolf Schmid

Verlag, Redaktion und Anzeigenverwaltung:
Deutschland: Stuttgart, Richard-Wagner-Str. 10
Schweiz: Zürich, Nüschelerstraße 9

Verlagsleitung:
Paul W. Thompson

Preis eines Heftes . . . . . DM 1.—, Fr. 1.25
Jahresabonnement . . . . . DM 12.—, Fr. 13.50
zuzüglich Zustellgebühr

The Reader's Digest erscheint in 12 weiteren Ausgaben in den folgenden Sprachen: SPANISCH und PORTUGIESISCH (Havanna), *Redaktion:* Eduardo Cárdenas, *Verlagsleitung:* Roberto C. Sánchez; SCHWEDISCH (Stockholm), *Redaktion:* Brita B. Hebbe, *Verlagsleitung:* Ture Ågren; FINNISCH (Helsinki), *Redaktion:* Seere Salminen; DÄNISCH (Kopenhagen), *Redaktion:* Onni Kyster; NORWEGISCH (Oslo), *Redaktion:* Henrik Aubert; JAPANISCH (Tokio), *Redaktion:* Bunshiro Suzuki, *Verlagsleitung:* Dennis McEvoy; FRANZÖSISCH (Paris), *Redaktion:* Pierre Dénoyer; (Montreal-Kanada), *Redaktion:* Pierre Ranger; ENGLISCH (London), *Verlagsleitung:* T. G. M. Harman; (Montreal-Kanada), *Verlagsleitung:* Fred D. Thompson, Jr.; (Sydney-Australien), *Verlagsleitung:* John Grant Cooper; ITALIENISCH (Mailand), *Redaktion:* Mario Ghisalberti

INTERNATIONALE AUSGABEN
Leitung: Barclay Acheson, Marvin McC. Lowes
Redaktion: Hobart Lewis

Copyright 1949 by The Reader's Digest Association, Inc. Alle nach dem Recht der Vereinigten Staaten notwendigen Formalitäten einschließlich der Hinterlegung sind erfüllt. Der Schutz nach internationalem und panamerikanischem Recht ist gesichert. Nachdruck in deutscher oder in einer anderen Sprache, auch teilweise, nicht gestattet. Alle Rechte sind vorbehalten.

WEDER AN NATIONALITÄT NOCH AN SPRACHE GEBUNDEN

VON J. ARTHUR RANK

dem „englischen Filmkönig" und Direktor der Eagle-Lion-Filmgesellschaft

WIR FILMLEUTE können viel von *Reader's Digest* lernen. Allmonatlich widerlegt diese kleine Zeitschrift in aller Gelassenheit in elf verschiedenen Sprachen den Trugschluß, daß man sich nach den geringsten Ansprüchen des Publikumsgeschmacks zu richten habe, wenn man einen möglichst großen Leserkreis erfassen will. Mir scheint, die über die ganze Welt verteilte Leserschaft dieser Zeitschrift ist der lebende Beweis dafür, daß der Mensch nach besserer Kost verlangt, als er zu erhalten gewohnt ist. Der Redaktion von *Reader's Digest* steht zwar die gesamte Weltpresse zur Verfügung, doch umgeht sie mit Geschick das Billige und greift unbeirrbar heraus, was die edleren Instinkte des Lesers anspricht.

Der wachsende Erfolg von *Reader's Digest* bestärkt mich in meiner eigenen Überzeugung, daß man sich mit dem gedruckten Wort und dem Filmstreifen besser an die starke als an die schwache Seite der menschlichen Natur wendet. Unsere Ateliers entstan-

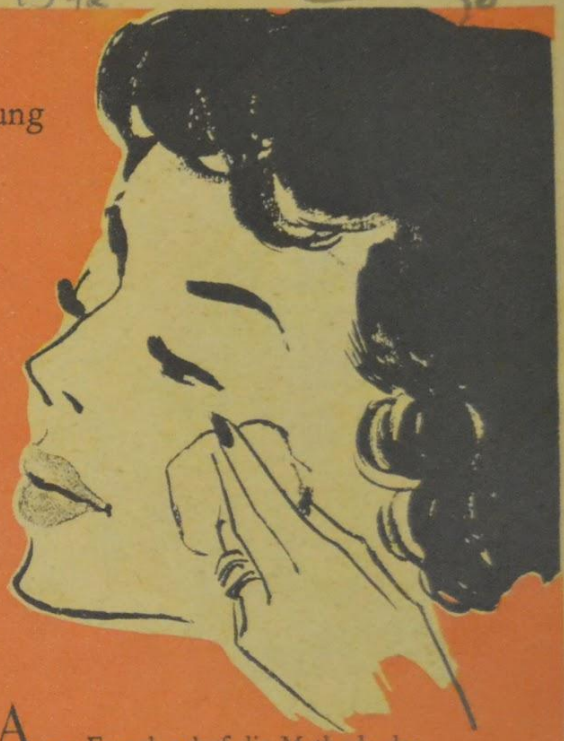
Fortsetzung siehe Umschlagseite 3

Reinigung und Ernährung

sind nur in

der Tiefe der Haut

wirkungsvoll



Anne French schuf die Methode der Tiefenpflege, basierend auf Forschungen englischer Wissenschafter.
Anne French Cleansing Milk macht die Haut tief, tief hinein frei von schädlichen Rückständen von Staub, Puder usw. Preis Fr. 3.75
Anne French Skin Food (Cream) enthält ungewöhnliche Nährstoffe für die zarte Unterhaut. Anne French Skin Food gibt Ihrer Haut alles, was sie braucht, um lebendig und jung zu bleiben. Preis Fr. 3.75

Anne French

Tiefenreinigung - Tiefennahrung

5, Old Bond Street, London W. 1 / Doetsch, Grether & Cie. AG. Kosm. Abt.

Das Ideal . . .

Lanador

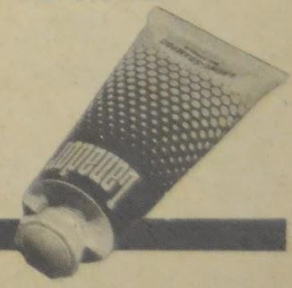
das führende Crèmeshampoo

So dichten, so weichen, festen Schaum, so herrliche Kopfwaschmittel gab es noch nie. Ob Schwarzkopf Extra-Mild oder Extra-Blond, ob Schwarzkopf-Flüssig, Schwarzkopf-Beutel oder Lanador, alle Schwarzkopf-Haarwaschmittel haben die neue Super-Schaumkraft!

Das Beste vom Besten ist Lanador, die langgesuchte Kombination von Kopfwäsche und Oelpackung — das Crèmeshampoo. Während nämlich Lanador das Haar mit seinem wundervollen Schaum gründlich reinigt, sättigt es das gereinigte Haar gleichzeitig wieder mit kräftigenden Aufbaustoffen. Nie mehr wird man nach dem Waschen trokkenes, flatteriges Haar haben.

Je öfters man das Haar mit Lanador behandelt, desto glanzvoller, elastischer und schöner wird es.

Tube Fr. 1.20



Doetsch, Grether & Cie. AG., Kosm. Abt

Endlich idealer Schutz

Die neue Kotexbinde verschafft Ihnen mit ihren drei Vorteilen endlich Ruhe und Sicherheit. Die flach gepreßten Enden verhindern auffällige Konturen. Die neue Form macht sie im Tragen unvergleichlich viel angenehmer und weicher. Die undurchlässige Spezial-Einlage schützt absolut.

die größte amerikanische Marke

KOTEX

International Cellucotton Products Company / Doetsch, Grether & Cie. AG.

Seit heute im Verkauf

ANNE FRENCH

« CLAY PACK »

IN 8 MINUTEN

EINE NEUE HAUT

Sensationell!

Schaum ist nützlicher

Am meisten wird bei Zahnpasten von «chemischen» Wirkungen gesprochen. Daher werden oft physikalische Grundbedingungen außer acht gelassen, die die chemischen Wirkungen überhaupt erst ermöglichen. Es ist das Verdienst der Erfinder von Kolynos, längst die Bedeutung des Problems «Löslichkeit» erkannt zu haben. Deshalb machten sie Kolynos schäumend. Wir wollen Ihnen beweisen, welch eminente Rolle dieser Vorteil für Sie spielt.

Falsch

Gewöhnliche Zahnpasten lösen sich schwer und werden häufig in fester Form in die Zahnfleischtaschen gedrückt. Beim Spülen bleiben oft Reste, die das Zahnfleisch reizen.

Richtig

Gute Zahnpasta löst sich sofort auf und verteilt sich als reinigender Schaum über Zähne und Mund. Sie wird beim Spülen restlos weggeschwemmt.

Kolynos, die schäumende Zahnpasta, wird mit Wasser und Speichel sofort zu leicht alkalischem Schaum, der die antiseptischen Substanzen und die herrlichen ätherischen Öle in jede Tasche des Zahnfleisches, jede Ritze zwischen den Zähnen hineindrängt. Es ist klar, daß dieser lebendige, dichte Schaum die nützlichen Stoffe viel besser verteilt als eine feste Zahnpasta.

Es ist bisher noch nichts entdeckt worden, das eine Verbesserung der Kolynosformel ermöglicht hätte.

Ihre Zahnpasta muß leicht löslich sein. Die herrlich schäumende Kolynos löst sich im Munde sofort auf.

KOLYNOS

angenehmer, wirkungsvoller, leichter löslich

Whitehall Pharmacal Co., New York U. S. A.
Doetsch, Grether & Cie. AG., Komm. Abt., Basel

Tek

Nylon- oder Naturborsten

Tek: glitzernd saubere, helle, nie erlahmende Nylonborsten, so gebündelt, daß sich auch dazwischen nie Rückstände lagern können.
Tek: kleiner, schön gerundeter, nie verletzender Bürstenkopf mit der einzig richtigen Biegung. Fr. 2.50

Tek

Johnson & Johnson International Doetsch, Grether & Cie. AG Komm. Abt.

Schwungvolleres und festeres Haar...

Wenn die Frisur nicht hält, wenn das Haar flach und ausdruckslos ist, so liegt das an den Haarspitzen, die zu trocken sind. Pointfix hilft. Pointfix, das Haarspitzentonikum, ist eine konzentrierte Haarnahrung. Es wird vom Haar sofort restlos aufgenommen und von innen heraus gekräftigt. So wird jede Frisur schwungvoller und plastischer, fester und beständiger.

POINTFIX

Tube Fr. 2.—

Deutsch, Gerber & Cie. AG., Kosm. Abt.

5 MD

Gübelin Armbanduhren.
Hohe Präzision, im eigenen Atelier entstandene, elegante Modelle.

GÜBELIN

Luzern, Schweizerhofquai 1 Zürich, Bahnhofstrasse 37 Genf, Rue du Rhône 60

GEBAUT, UM IN DER SCHWEIZ ERFOLGREICH ZU SEIN

Photo: Javelin auf der Rheinbrücke in Basel

DER 1½ LITER

JOWETT

JAVELIN

eine Freude, in den Bergen zu fahren

„Dieser 8 CV-Motor erzielt eine Geschwindigkeit von 80 Std/Km im dritten Gang bei einer Steigung von 8° und bringt den Geschwindigkeitsmesser bis auf 135 Std/Km auf der Ebene. Neben dieser Leistungsfähigkeit, die man bei einem Wagen dieser Klasse nicht oft trifft, hat der Javelin eine luxuriöse Innenausstattung, sehr detailliert ausgeschafft. Er besitzt eine kraftvolle, aber geschmeidige Beschleunigung und sehr gute Bodenhaltung, speziell auf kurvenreichen Strecken, wo die Sicherheit und die Steuerung des Wagens sich ausgezeichnet und vorteilhaft zeigen."

Robert Braunschweig, Verleger der Automobil-Revue

Der Javelin wurde speziell konstruiert um großartige Leistungen unter Schweizerverhältnissen zu vollbringen.

Der starke Motor verfügt über eine riesige Steigkraft über Hügel und höchste Pässe, ausgezeichnete Fahrtbeschleunigung und unermüdliche Schnellfahrtsmöglichkeit. Seine Kraft im Verhältnis zum Gewicht ist vortrefflich, obwohl das geräumige Innere des Javelin *für 6 Personen Platz* bietet.

Der Javelin hat ein berggeprüftes Kühlsystem und wunderbare Bergstraßenführung, kraftvolle Girling-Bremsen, ausgezeichnete, leicht und sichere Steuerung und gute Bodenhaltung. Die Höchstgeschwindigkeit von 125 Std/Km erreicht man von 80 Std/Km aus in 13½ Sekunden.

Jeder Javelin-Vertreter hat ein gutes Lager und die Jowett-Werke in England geben ihren Mechanikern ein vollkommenes Training im Reparatur-Dienst.

DER 1½ LITER JOWETT JAVELIN

ist durch und durch neu

JOWETT CARS LIMITED · BRADFORD UND LONDON · ENGLAND

Pariser Eleganz-New Yorker Technik

Ein Handschuh mit 3 Dimensionen

VIEL PRAKTISCHER
- *waschbar wie ein Taschentuch*
- *läßt sich leicht überstreifen*
- *gewährt der Hand volle Bewegungsfreiheit*

VIEL HALTBARER
- *Handfläche ohne Naht*
- *an den entsprechenden Stellen besonders geschützt gegen Abnützung durch die Fingernägel*
- *alle Nähte laufen den Bewegungen der Hand parallel, wodurch jedes Verziehen des Gewebes verhindert wird*

VIEL ELEGANTER
- *feinerer Schnitt*
- *kein Aufstoßen an den Fingerenden*
- *freie Beweglichkeit des Daumens verleiht der Handhaltung mehr Anmut*
- *schmiegt sich der Hand- und Fingerform in idealer Weise an*

All' dies dank der dritten Dimension der Höhe der Hand

Filex

MERRY HULL

PARIS · NEW-YORK · LAUSANNE · BRUXELLES

Generalvertreter für die Schweiz:

GERSTLE & RHEIN, ECOLE DE COMMERCE 3, LAUSANNE

I do enjoy a VIRGINIA SPECIAL N° I

Also with FILTER-TIP

20/90 CTS

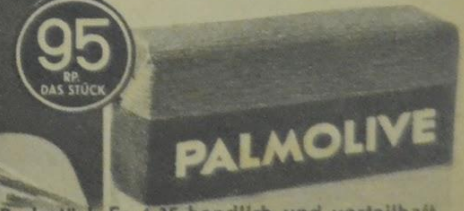
Hautspezialisten bestätigen, dass 2 von 3 Frauen in 14 Tagen *eine gesündere Haut* erlangen können

Wünschen Sie einen lieblichen Teint, so beginnen Sie die 14-Tage-Palmolive-Kur heute abend! Die Palmolive-Kur wurde an 1285 Frauen jeden Alters — von 15 bis 50 — mit allen Arten von Haut ausprobiert . . . fettiger, trockener, normaler, junger, alter! 2 von 3 Frauen erlangten bemerkenswerte Verbesserung ihres Teints in nur 14 Tagen! Ohne Rücksicht auf irgendwelche vorherige Pflege. Kaufen Sie Palmolive-Seife und beginnen Sie Ihre Verschönerungskur heute schon!

A. Wasche das Gesicht mit Palmolive-Seife.

B. Massiere mit dem cremigen Schaum während 60 Sekunden. Dann spüle gut!

C. Mache das 3mal täglich 14 Tage lang. Diese Palmolive-Reinigung verleiht Deiner Haut verschönernde Wirkung.



Badestück Fr. 1.35 handlich und vorteilhaft

Entfaltet sich wie ein Schmetterling...

STUDIO M. DUFFET

IHRE SCHÖNHEIT WIRD TRIUMPHIEREN...

Der Grundbegriff von Schönheit ist ein heller, klarer Teint, matt wie leichte Seide. Und dieses kostbare, lebende Gewebe braucht eine feine Crème mit einem wertvollen Grundstoff. «Crèmesoie» hat diese ideale Zusammensetzung; ihren bezaubernden Schein und ihre frische Natürlichkeit verdankt sie der reinen Seide. Bei Tag und Nacht wacht sie über Ihren Teint und behütet ihn. Ein kleines Wölklein «Poudresoie», ein wenig «Rougesoie», und auf Ihrer Haut ruht der matte Schimmer der Schönheit.

Dr HOTZ

die Tube **2.45**

Crèmesoie

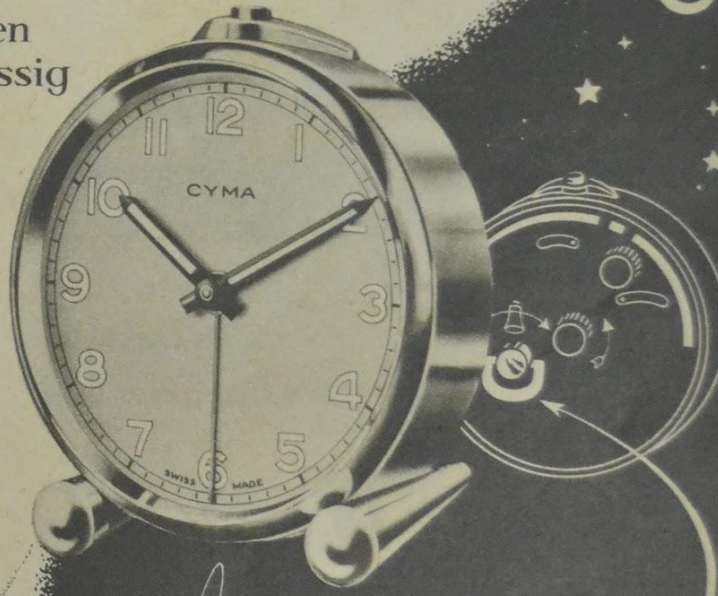
HERGESTELLT AUS REINER NATURSEIDE

EN GROS : TOJAN S. A. «A votre Service» GENÈVE

CYMA

Der formschöne Kleinwecker für das gepflegte Heim

präzis
gediegen
zuverlässig



Nur 1 Schlüssel

Fr. 35.-

Der meistbegehrte Schweizerwecker

DAS BESTE

JAHRGANG 1 — *aus* Reader's Digest — MÄRZ 1949

Artikel und Buchauszüge von bleibendem Wert

Blick in die Welt der Sterne

Aus der Monatsschrift Natural History

von Clyde Fisher

Sieh auf zum sternübersäten Gewölbe des Himmels in einer klaren, mondlosen Nacht. Die schimmernde Größe des Anblicks erweckt ein Gefühl der Ehrfurcht und läßt alles Trachten und die Bedeutung des Menschen klein erscheinen. Wenige nur können sich bei diesem Anblick der überwältigenden Frage nach Plan und Ziel entziehen, die uns die Sterne aufdrängt, noch weniger bleiben unberührt von ihrer himmlischen Schönheit.

Hat man mit bloßem Auge den Eindruck, eine Million Sterne sehen zu können, so beträgt in Wirklichkeit die Zahl der ohne Instrumente an unserem Himmel sichtbaren Gestirne höchstens 3500.

Nichts kann schöner sein als das Wunderbare. Wer da ohne Empfindung bleibt, wer sich nicht versenken kann und nicht das tiefe Erzittern der verzauberten Seele kennt, der könnte ebensogut tot sein: er hat schon geschlossene Augen.

Albert Einstein

Mit einem guten Doppelglas vermöchte man die Zahl auf etwa 120000 zu vergrößern. Ein Teleskop schließlich mit einer Linsenöffnung von zwei Meter fünfzig Durchmesser enthüllt uns 1500 Millionen Sterne. Aber es sind noch unvorstellbar viel mehr, die auch

für unsere besten Instrumente zu weit entfernt sind.

Schon in grauer Vorzeit waren die Sterne Führer und Gefährten des Hirten, des Seemanns und des Kameltreibers in der Wüste. Griechen, Römer und Araber haben den strahlenden Lichtern am Firmament wunderbare Namen verliehen, wie Ataïr im Sternbild des Adlers, Arkturus im Bootes, Aldebaran im Stier. Alle diese Sterne senden uns mit ihrem flimmernden Licht eine Fülle poesievoller Erinnerungen. Man kann es an Hand einer Himmelskarte rasch lernen, mit bloßem Auge einige hundert der wichtigsten Sterne aufzufinden und sie nach Leuchtkraft und Farbe zu bestimmen.

Der ägyptische Astronom Ptolemäus teilte die Sterne nach ihrem Licht in sechs Kategorien oder Größen ein. Die mit dem Auge kaum noch erkennbaren sind sechster Größe. Sterne mit einem zweieinhalbmal stärkeren Licht bilden die fünfte Größe und so weiter bis zu den gleißenden Feuern der Sterne erster Größe Sirius, Arkturus, Rigel oder Prokyon.

Die Farbe der Sterne kann über den Bereich des ganzen Spektrums wechseln. Deutlich unterscheidet sich das dunkle Rot des Sterns Beteigeuze vom Orangegelb der wunderbaren Mira, oder dem Saphirblau der Wega. Denn die Temperatur bestimmt die Farbe eines Sterns, ebenso wie ein Stück Eisen alle Farben vom dunklen Rot bis zum weißlichen Gelb annimmt, wenn es entsprechend erhitzt wird. Die roten Sterne also — wie zum Beispiel der Aldebaran — mit einer Oberflächentemperatur von über 3000 Grad Celsius — sind die relativ kältesten. Es folgen die gelben Sterne wie die Capella (oder unsere Sonne) mit etwa 6000 Grad Oberflächentemperatur. Die heißesten, die sogenannten blauen Sterne wie Spika im Sternbild der Jungfrau, haben eine Oberflächentemperatur von 20000 Grad. Zur Feststellung der Temperatur eines Sterns benützt der Astronom ein Bolometer. Dieses Instrument registriert mit minutiöser Genauigkeit die Außentemperatur der Gestirne auf einem geschwärzten Platinband, das den Strahlungen des Sterns ausgesetzt wird. Außerdem verfügt der Astronom über ein weiteres Sternthermometer, das sogenannte „Thermoelement", das im Brennpunkt der Teleskoplinse angebracht wird.

Wenn wir die Sterne betrachten, erscheint uns der größte Teil gleichmäßig punktförmig. In Wirklichkeit sind ihre Ausmaße verschieden. Sie werden mit dem Interferometer gemessen, einem der bemerkenswertesten Instrumente der Astronomie. 1920 beobachtete Professor A. A. Michelson in seinem Teleskop die Fixsterne umgeben von „Ringen verschiedener Helligkeit", die im Wechsel helles

und dunkles Licht abgaben. Zwar hatten andere vor ihm das auch schon beobachtet. Aber Michelson hatte den genialen Einfall, einen doppelten Satz Spiegel so vor der Frontlinse des Teleskops anzubringen, daß es ihm gelang, zwei Gruppen der Brechungszonenringe zu unterscheiden. Diese Unterscheidungen nahm er dann zur Grundlage weiterer mathematischer Berechnungen bei der Beobachtung der Beteigeuze und kam nach sehr eingehender Arbeit zur Bestimmung des Durchmessers für diesen Stern: 430 Millionen Kilometer, das ist der etwa dreißigtausendfache Erddurchmesser. Aber dieses Ungeheuer ist noch relativ klein verglichen mit dem gigantischen Stern Alpha im Sternbild des Herkules. Dieser ist so phantastisch groß, daß er, wenn er an der Stelle der Sonne stünde, die Erde verschlingen und sich über die Bahn des Mars hinaus erstrecken würde!

Tausende von Sternen glitzern da oben, und man könnte glauben, daß der Himmel von ihnen übervölkert sein müsse. Aber wie hatte doch ein Astronom einmal gesagt: „Lassen Sie drei Wespen hoch über Europa fliegen, und Sie werden mehr Wespen an seinem Himmel haben als Sterne im Weltenraum."

Tatsächlich hat das Weltall unvorstellbare Ausmaße. Die Sonne, der Zentralstern unseres Planetensystems, ist mit 150 Millionen Kilometer Entfernung von der Erde eigentlich recht nahe. An der Grenze unseres Sonnensystems zieht der Planet Pluto in mehr als sechs Milliarden Kilometer Entfernung von der Sonne seine Bahn. Dann kommt ein großer leerer Raum, ein wahrhaftiger Abgrund, der unser Sonnensystem tatsächlich vom übrigen Weltenraum trennt. Endlich, vierzigtausend Milliarden Kilometer*) entfernt, erscheint Alpha Zentauri, unser nächster Nachbar. In doppelter Entfernung befindet sich der Sirius. Das Licht, das uns von der Sonne in acht Minuten erreichen kann, braucht vom Sirius acht Jahre.

Die am Nachthimmel strahlen-

*) *Bei der Größe der Weltraumentfernungen messen die Astronomen gewöhnlich in Lichtjahren. Licht durcheilt 300000 Kilometer in der Sekunde. Ein Lichtjahr sind also ungefähr 9,468 Billionen Kilometer.*

den Lichtpunkte bilden also nur den Vordergrund eines ungeheuren Weltbildes. Sehr viel weiter entfernt sehen wir einen Brückenbogen von perlmutterfarbenem Sternenlicht, der den Himmel überspannt, die Milchstraße. Einige hundert Milliarden Sterne, viel zu weit entfernt, um sie mit bloßem Auge unterscheiden zu können, geben ihr Licht. In diesem ausgedehnten Weltenraum fließt „kosmischer Staub", sozusagen embryonales Material für vielleicht einmal werdende Sterne.

Sir James Jeans beschreibt die Milchstraße als Felge eines ungeheuren Rades, das sich um eine nahezu 50000 Lichtjahre von uns entfernte Achse dreht. Die Sonne wäre dann nur ein sehr untergeordneter Stern dieses Systems, und unsere Erde, auf die wir so stolz sind, verschwände in der Milchstraße — es gibt übrigens im Weltenraum noch dazu hundert Millionen ähnlicher Milchstraßen — wie ein treibendes Samenkorn auf einem Ozean.

Was aber entdecken wir jenseits der Milchstraße? In allerstärksten Teleskopen beobachten die Astronomen „Nebelflecke", in Wirklichkeit Sternhaufen, deren Licht 18000 bis 184000 Jahre braucht, um die Erde zu erreichen. Ein Lichtstrahl also, der bei Beobachtung des Sternhaufens M 13 im Sternbild des Herkules das Auge des Astronomen trifft, hat seine Lichtquelle verlassen, als der Neandertaler auf unserem Planeten lebte.

Die Entfernungen, die die „Spiralnebel" von uns trennen, übersteigen alle Vorstellungskraft. Noch größer aber sind die Entfernungen der sogenannten „Welteninseln". Diese Sternhaufen durcheilen die Tiefen des Weltraums mit unerhörter Geschwindigkeit und scheinen sich über die Grenzen des Alls hinauszustürzen. Professor Harlow Shapley von der Harvard-Universität errechnete, daß das Licht des Spiralnebels M 87 acht Millionen Jahre bis zu uns benötigt.

Es wurde über die Entdekkungen, die man mit dem Fünf-Meter-Teleskop auf dem Mount Palomar in Kalifornien machen würde, sehr viel Unsinn geschrieben. Es wäre sicher ein Verbrechen, mit diesem Giganten nur zum Vergnügen den Mond zu betrachten. Zu derartigen Versuchen eignen sich Instrumente mit kleineren Linsenöffnungen von zwanzig bis fünfzig Zentimeter Durchmesser. Es wird also die wichtigste Aufgabe des neuen Teleskopes sein, uns Einblick in die noch unerforschten Tiefen des Weltenraums in Entfernungen von einer Milliarde Lichtjahren zu gestatten.

Dank diesem Instrument können wir dann auch die grundsätzlichen Fragen des „gekrümmten Raumes" angehen. Bedeutet Kosmos überhaupt etwas in sich Geschlossenes, mit meßbaren Ausdehnungen und bestimmten Begrenzungen? Die Schlußfolgerung der Einstein'schen Theorie besagt, daß das Weltall sich durch sich selbst begrenzt, ähnlich wie die Kugeloberfläche der Erde. Oder müssen wir Jordan, Weizsäcker und Eddington Glauben schenken, die behaupten, das Weltall befände sich in ständiger Ausdehnung und eine Masse von Milliarden Milchstraßen zerstiebe (einschließlich der unseren) mit unvorstellbarer Geschwindigkeit in eine grenzenlose Wüste des Raums?

Die Sterne, so wie wir sie sehen, besitzen intensive kosmische Kräfte. Ihre Energie entwickelt sich aus einer Kette von Atomreaktionen, die ihre Grundstoffe in Wärme umformen, in Licht und elektromagnetische Wellen. Ein so bescheidener Stern wie beispielsweise unsere Sonne verliert pro Sekunde 4200000 Tonnen Materie in Form von Strahlungen, die sich in Energie umwandeln kann. Dieses Ergebnis, von Einstein 1905 als Folgerung seiner Relativitätslehre kühn verkündet, brachte den Physikern die ersten genauen Erkenntnisse von der furchtbaren, nahezu unbegrenzten Energiemenge, die ein Atom in sich gefangen hält.

Genau genommen ist ein Stern eine ungeheure Atombatterie in fortwährender Entladung. Die unerhörte Temperatur des Sterninnern zerlegt die Gasatome vollständig, und in chaotischem Durcheinander führen die Trümmer von Kernen und Elektronen einen wahnsinnigen Tanz auf. Zugleich preßt der gewaltige Innendruck des Sterns die zertrümmerte Materie zu unvergleichbarer Dichte zusammen. Einige Kubikzentimeter derartiger Substanz würden hier unten auf der Erde viele Tonnen wiegen. Verglichen mit der Dichte dieses Stoffes scheint unsere solide Erde aus Flaum zu bestehen. Die Spaltung des Uranatoms ist nur eine schwache Nachahmung der energieschaffenden Vorgänge bei den Sternen.

Zur Zeit werden fast alle astronomischen Beobachtungen photographisch vorgenommen. Die empfindlichen, Stunden oder gar Nächte belichteten Platten bringen Sterne zum Vorschein, die zu blaß sind, um auch mit stärksten Teleskopen gesehen zu werden. Der geübteste Beobachter kann zuweilen die fast unsichtbaren Veränderungen gar nicht wahrnehmen, die eine hochempfindliche Platte treu wiedergibt.

Professor Percival Lowell hatte nach langen Berechnungen festgestellt, daß jenseits des Neptun ein weiterer Planet existieren müsse. Aber dieser Planet, Pluto genannt, wurde im Jahre 1930 zum ersten Male beobachtet. Es hatte fünfzehn Jahre und Tausende von Aufnahmen gekostet, diesen Vagabunden des Himmels ausfindig zu machen.

Vielleicht wird sich der Leser auch fragen, welches das letzte Ziel dieser großartigen Entwicklung der Sterne nun sein soll. Gibt es einen lenkenden Geist hinter der ungeheuren Maschine, von der wir nur ein kleines Rädchen beobachten können? Vielleicht können wir unter anderen Sir James Jeans glauben. Für ihn ist das Universum ein herrliches System vollendeter Ordnung. Die Entwicklung eines Sternes ist verknüpft mit unaufhörlicher Verringerung seiner Energie zu immer niedrigeren Stufen. Er schließt daraus, daß die Reihe der Umwandlungen ein Ende finden wird, wenn die Energie ihre niedrigste Stufe erreicht hat. Es ist nicht möglich, seinen Gedankengang ganz von der Hand zu weisen. Nach seiner Theorie sind die Sterne nur entstanden, um sich langsam zu verbrauchen. Die Gesetze der Thermodynamik scheinen ihm darin Recht zu geben. Grundsätzlich behauptet dieser Wissenschaftler: Gott ist ein Mathematiker, und das Universum war niemals für den Menschen geschaffen.

Wie auch immer unsere Deutungen ausfallen mögen, die glühende Verbrennung, von der Sir James spricht, wird noch Millionen Jahrhunderte dauern.

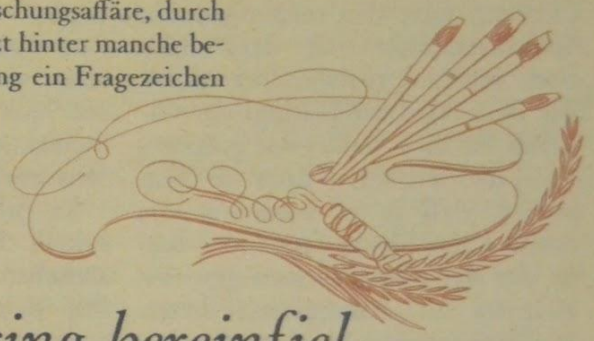
Heben wir unsere Blicke zu dem herrlichen Sternschmuck, der am Firmament glitzert, und wiederholen wir die Worte des Astro-Philosophen John Brashear:

„Wir haben die Sterne zu lieb, um die Nacht zu fürchten."

Hochwürden Peter Marshall, Seelsorger des amerikanischen Senats, bereitete Washington viel Vergnügen durch die versteckte Ironie seiner Gebete. Kürzlich wurden die Senatoren von folgendem Gebet überrascht. „Komm uns zu Hilfe, Herr im Himmel, wenn wir das Gute tun wollen und es nicht erkennen können, aber sei auch zugegen, wenn wir wissen, was wir tun müssen, und gar keine Lust dazu haben." Ebenso betete er bei der Eröffnung des Senats: „Herr im Himmel, bewahre uns vor einem heißen Kopf, denn sonst werden wir handeln wie Dummköpfe, und schütze uns vor kalten Füßen, denn dann werden wir überhaupt nichts tun." K. R.

Eine Schauspielerin vertraute ihrem Kollegen an:
„Ich komme nun auch schon in die Dreißiger."
Forschend betrachtete der Kollege sie. „Sagen Sie, Teuerste", fragte er, „aus welcher Richtung?" B. H.

Eine frappierende Fälschungsaffäre, durch Zufall aufgedeckt, setzt hinter manche berühmte Kunstsammlung ein Fragezeichen



Der Mann, auf den Göring hereinfiel

Aus der Wochenschrift The Saturday Evening Post
von Irving Wallace

Ende Mai 1945, kurz nachdem Hermann Görings kostbare Sammlung geraubter Kunstschätze in unterirdischen Gewölben aufgefunden worden war, trafen alliierte Spezialisten in Deutschland ein, um die Beute zu begutachten. Die Sammlung von 1200 Gemälden aus allen Galerien Europas war geradezu märchenhaft und das Ölbild „Christus und die Ehebrecherin", signiert von dem holländischen Künstler des 17. Jahrhunderts Jan Vermeer, für die Gutachter eben *ein* Meisterwerk unter vielen.

Die Sachverständigen konnten nicht ahnen, daß sie den phantastischsten Kunstskandal unserer Tage aufdecken sollten, ein Betrugsmanöver — entstanden eigentlich aus einem Schabernack —, bei dem es um einen Wert von über drei Millionen Dollar und den Ruf weltbekannter Kunstexperten ging.

Den Anstoß zu dem Skandal gab nicht die Tatsache, daß Göring den alten Meister besaß, sondern daß er ihn nicht gestohlen hatte. Ein eifriger holländischer Gutachter fand nämlich beim Durchstöbern von Görings Privatkorrespondenz, daß das große Gemälde 1943 von Amsterdam aus für anderthalb Millionen Gulden an Görings Kunst-Akquisiteur Walter Hofer kaltblütig verschachert worden war.

Für die Holländer bedeutete der Verkauf eines Vermeer an den Feind die scheußlichste Form von Kollaboration. Ist doch Jan Vermeer wie Rembrandt ein Nationalheros. Unzählige Straßen in Holland tragen seinen Namen, und selbst in den ärmlichsten Behausungen hängen Reproduktionen seiner Werke. Seine Gemälde sind Nationaleigentum.

In hellem Zorn über seine Ent-

deckung eilte der niederländische Sachverständige mit dem Bilde nach Holland zurück. Der Mann, der dem Agenten Görings das Gemälde verkauft hatte, war geflohen, aber die Behörden konnten feststellen, daß er es seinerzeit von einem Kunsthändler erstanden hatte, der das Bild für einen gewissen Reinstra in Kommission hatte. Reinstra wiederum sagte aus, er habe es von Hans van Meegeren erhalten, einem Amsterdamer Maler.

Van Meegeren war wohlhabend — er besaß mehrere Häuser und zwei Nachtlokale. Sein Vermögen hatte er durch die Veräußerung seiner Sammlung von sechs Vermeers erworben. Fünf hatte er an Sammler und Museen in Den Haag, Rotterdam und Amsterdam verkauft; der sechste war „Christus und die Ehebrecherin" — das Bild, das Göring erwarb. Wo hatte van Meegeren es her? Aus einer Sammlung, die er in Italien erstanden hätte ... Die Behörden stürzten sich auf diese Aussage. Er habe es also von italienischen Faschisten gekauft? und an deutsche Nazis verkauft? Er wurde sofort verhaftet.

Drei Wochen saß van Meegeren im Gefängnis. Die holländische Polizei wollte von ihm das Eingeständnis, den Nazis einen geheiligten Vermeer verkauft zu haben. Er leugnete. Sie nahmen ihn in die Zange. Schließlich brach van Meegeren zusammen. „Ihr Dummköpfe!" schrie er, „ich habe kein Nationaleigentum an die Deutschen verkauft! Einen van Meegeren habe ich verkauft, einen von meiner eigenen Hand gefälschten Vermeer!"

Er gab sein Geständnis zu Protokoll. Sechs Vermeers hatte er zwischen 1937 und 1943 gefälscht. Für diese Imitationen bekam er acht Millionen holländische Gulden. Kunsthistoriker und Wissenschaftler, die die Bilder geprüft hatten, waren von ihm düpiert worden, dazu Dutzende von europäischen und amerikanischen Kritikern, die diese unechten Vermeers über den grünen Klee lobten. Er rühmte sich bewiesen zu haben, daß er es mit den alten Meistern aufnehmen könne und daß die Kritiker, die ihn so lange verrissen hatten, Esel seien.

Beruhte van Meegerens Geständnis auf Wahrheit, dann war er kein Kollaborateur, sondern ein Fälscher, und aus seiner Tat ergaben sich Folgen von internationaler Tragweite. Die führenden holländischen Experten wurden vorgeladen. Sie waren angstvoll und entrüstet, bestanden aber einstimmig darauf, daß die Vermeers, die sie einmal als echt beurteilt hatten, es auch jetzt noch seien. Ihr Prestige und ihre Existenz standen und fielen ja mit der Echtheit jener Vermeers.

In ganz Holland — in der Presse, in den Kaffeehäusern, in den Familien — tobte die Diskussion. Sie griff nach London über, nach Paris und Rom, nach New York.

Die niederländischen Behörden berieten hin und her. Dann machte ein Beamter einen Vorschlag. Warum sollte man nicht van Meegeren unter Polizeiaufsicht eine weitere Imitation in der Manier Vermeers malen lassen? Dieses siebte Bild würde beweisen, ob er das Zeug hatte, einen alten Meister zu fälschen, oder ob er bloß versuchte, sich von der Anklage der Kollaboration reinzuwaschen.

So ging van Meegeren im Jahre 1946 an die Arbeit, an seine paradoxe Verteidigung. Die Behörden gestatteten ihm, sich die notwendigen Materialien zu beschaffen, und man sperrte ihn in ein großes Atelier.

„Keine einfache Sache", meinte er zu einem Freund, der ihn besuchte. „Ich habe nicht die richtigen Farben und nicht genügend Zeit zum Überlegen. Sie lassen mir ja keine Ruhe, gucken mir bei der Arbeit über die Schulter. Aber ich glaube, es wird trotzdem schön."

Das Gemälde nahm Gestalt an; es war eine Darstellung des Jesuskindes im Tempel vor den Ältesten: sechs Figuren auf einer großformatigen Leinwand. Alle bekannten Erkennungsmerkmale Vermeers waren vorhanden — das wunderbar reichgestufte Blau und Gelb, die technischen Feinheiten, der getupfte Auftrag. Äußerlich und im Material war das Werk einwandfrei: Leinen aus dem 17. Jahrhundert diente als Malleinwand, die Farben waren ebenso stark gebrannt wie bei Vermeer, die Strichführung der Dachshaarpinsel genau in der Art der Künstler nach 1600.

Schließlich war die Arbeit fertig. Die holländischen Behörden setzten eine Jury internationaler Experten ein. Eine Sonderausstellung in Amsterdam, die alle sechs Vermeers van Meegerens samt seinem ominösen siebenten zeigte, wurde das Hauptquartier der Jury. Die Sachverständigen untersuchten, analysierten und lagen sich in den Haaren. Lange blieb der Fall unentschieden, und ständig wurden weitere Kritiker und Fälschungsspezialisten aus ganz Europa als Berater zugezogen.

Ende 1947 wurde van Meegeren endlich auf Grund der Sachverständigengutachten des Betruges für schuldig erklärt. Er starb am 30. Dezember desselben Jahres, ein fast sechzigjähriger, gebrochener Mann, und doch — in einem ungewöhnlichen Sinne — rehabilitiert. In jenen wenigen letzten Wochen hatte er die bittere Befriedigung und Gewißheit, das, was ihm am meisten während seines seltsamen und zwiespältigen Lebens am Herzen gelegen hatte, bewiesen zu haben.

Hans van Meegeren fing schon auf der Volksschulbank ernsthaft

mit dem Zeichnen an. Zwischen 1920 und 1930 hatte er zwar noch keinen besonderen Namen, bekam aber Anfang der dreißiger Jahre Porträtaufträge aus Londoner Adelskreisen sowie von mehreren amerikanischen Millionären an der Riviera.

Um diese Zeit begann seine heftige Fehde mit holländischen Kritikern und Malern. Sie nahmen ihm seine Unabhängigkeit übel, seinen beißenden Witz und seine finanziellen Erfolge. Als käufliche holländische Rezensenten mit dem Ansinnen an ihn herantraten, günstige Kritiken über seine Ausstellungen gegen entsprechende Bezahlung zu schreiben, lehnte van Meegeren entrüstet ab. Daraufhin ließen sie kein gutes Haar mehr an ihm und 1936 beschloß van Meegeren, es ihnen heimzuzahlen.

Sorgfältig traf er die Vorbereitungen zu seinem raffinierten Manöver. Er wog die alten Meister, die für eine Imitation in Frage kamen, gegeneinander ab und wählte schließlich Vermeer. Warum gerade Vermeer? „Weil ich ihn sehr bewunderte", sagte er später, „auch lag mir sein Stil am meisten. Und seine persönlichen Lebensumstände waren so wenig bekannt, daß die Entdeckung eines neuen Vermeer am plausibelsten war."

Das Gemälde mußte den modernen naturwissenschaftlichen Analysen standhalten können. Die Experten würden die Reaktion der Farben auf Alkohol prüfen, würden mit Subkutanspritzen arbeiten, um die chemische Zusammensetzung der Farbe festzustellen, würden die Leinwand mit infraroten und Röntgenstrahlen photographieren und die Deckschicht mit Quarzlampen durchleuchten. Alles das kalkulierte van Meegeren ein.

Er machte zeitgenössische Manuskripte ausfindig und bekam heraus, daß Vermeer Farben benutzt hatte wie etwa ein kautschukähnliches Harz, das als gelber Farbstoff verwandt wurde, Lapislazuli, ein Blau aus pulverisierten Steinen, und Zinkweiß statt Bleiweiß. Um echtes Lapislazuliblau zu bekommen, zahlte er Tausende für die Tube. „Das einzige ernsthafte Hindernis", erinnerte er sich später, „war das als Bindemittel beim Farbmischen gebrauchte Öl. Die Modernen benutzen Leinöl. Das taugt nichts. Nimmt man es, wird die Farbe nie hart und alt. Zum Glück fand ich in einem alten Manuskript genau das Öl angegeben, das Vermeer gebraucht hatte. Auch ich verwandte es, und es machte meine Farben gegen jede Alkoholprobe hieb- und stichfest."

Van Meegeren wählte für seinen Vermeer ein eindrucksvolles Bild der Szene, wie Christus für seine Jünger in Emmaus das Brot bricht. Unermüdlich, mit minutiöser Sorgfalt, plagte er sich sieben Monate lang Tag für Tag mit diesem Gemälde. Nicht einmal seine Frau wußte, was er vorhatte. Als es fertig war, überarbeitete er es noch einmal Punkt für Punkt. Alles war vorhanden — bis zu den Rissen in der Oberfläche. Er hatte sich darüber informiert, daß bei Werken aus der Zeit vor Vermeer die Farbschicht in langen Rissen barst; aber bei Vermeer brach sie in kleinen, kettenartigen Sprüngen. Also waren van Meegerens Pseudo-Risse, die er musterartig einritzte und dann in einem Küchenherd härtete, genau wie bei dem alten Meister.

Auf Grund seiner Kenntnis von Vermeers Leben erfand er die Geschichte der „Entdeckung". Er wußte, daß Vermeer Seite an Seite mit italienischen Malschülern gearbeitet hatte. Die Italiener hatten sich mit dem Motiv „Christus in Emmaus" beschäftigt und ihre Arbeiten nach Italien mitgenommen. Sehr wahrscheinlich hatte auch Vermeer einen Christus in Emmaus gemalt, und ebenso wahrscheinlich hatte er während seiner uns unbekannten Jahre eine Italienreise gemacht. Ausgezeichnet. Dieser neue Vermeer sollte in Italien gefunden werden. Van Meegeren würde durch einen Freund davon erfahren, ihn billig erwerben und dann weiterverkaufen.

Gesagt — getan. Er brachte sein Werk nach Amsterdam. Doch bevor er es zum Verkauf anbot, machte er sich an einen holländischen Kunstsachverständigen heran, Dr. Abraham Bredius, der damals schon über achtzig war. Geschmeichelt, daß ihn noch jemand um Rat fragte, blinzelte er es mit trüben Augen an, prüfte es kurz und gab seine Echtheitsbescheinigung schriftlich.

Ende 1937 untersuchte das ehrwürdige Boymans-Museum in Rotterdam den Vermeer mit Chemikalien und Strahlen — und befand ihn für echt. Van Meegeren erhielt für seinen Schatz eine halbe Million Gulden ausbezahlt. Im September 1938 glänzte das Bild dort in einer Ausstellung von 450 niederländischen Meisterwerken, die zur Feier des Regierungsjubiläums der Königin Wilhelmina veranstaltet wurde. Aus Den Haag, aus London, aus Paris strömten die Kritiker zusammen, um es in Augenschein zu nehmen. Ihr Respekt davor war so groß, daß sie verlangten, der Fußboden des Saales solle rings um den Vermeer mit Teppichen ausgelegt werden, damit keinerlei Geräusch sie in ihrer Meditation störe. Die Museumsleitung tat ihnen den Gefallen. Mehrere Kritiker schrieben in ihrer Ekstase, es sei bei weitem der beste Vermeer.

Van Meegeren war hoch entzückt. Er hatte bewiesen, daß seine Todfeinde Idioten waren, und war reich dabei geworden. Von da an ging alles glatt — bis jener Verkauf an Göring kam.

„Das", sagte van Meegeren nach seiner Verhaftung betrübt, „war der Anfang vom Ende."

Fachleute erklären, der Fall van Meegeren setze hinter die Erwerbungen mancher berühmter Sammlungen ein Fragezeichen. Oder wie ein holländischer Kritiker, einen alten Kunstwitz wieder aufwärmend, im Scherz sagte: „Von den 2500 Bildern, die Corot in seinem Leben malte, befinden sich 7800 in Amerika." Andere Kritiker fügen dem noch einschlägige Beweise an: von den beiden Kopien nach Gainsboroughs „Blue Boy", die in aller Welt Bestürzung hervorriefen, bis zu der vor nicht langer Zeit in Paris erfolgten Entdeckung einer Fälscherfabrik, die Picassos und Utrillos dutzendweise herstellte. Die letzteren waren so „echt", daß Utrillo selber zweimal hinsehen mußte, ehe er die unter seiner Flagge segelnden Falsifikate entlarven konnte. Und der New Yorker Fälschungsspezialist Dr. Maximilian Toch bemerkte einmal: „Die Zahl der im Laufe der Zeit als Rembrandts gekauften Gemälde ist sechs- bis zehnmal größer als das Maximum dessen, was Rembrandt gemalt haben kann. Bei einigen anderen Künstlern ist das Mißverhältnis noch erheblicher, wie bei van Dyck, dem an 2000 Bilder zugeschrieben werden und der vielleicht 70 gemalt hat."

Niemand kann mit Bestimmtheit voraussagen, ob in den kommenden Jahren noch weitere Vermeer-Fälschungen auftauchen werden. Hans van Meegeren ist tot, aber sein unglückseliger Prozeß ist immer noch Gegenstand hitziger Diskussionen in den Kunstzentren der Welt. Seine Verteidiger weisen darauf hin, daß er nicht einen einzigen Vermeer kopierte, sondern vielmehr völlig neue Meisterwerke im Stil des alten Holländers schuf.

Das, so argumentieren sie, sei „schöpferische" Nachahmung und sollte nicht als Verbrechen bezeichnet werden, sondern als Kunst. Will man eine solche Formulierung gelten lassen, war van Meegeren auf diesem Gebiet vielleicht einer der größten Künstler aller Zeiten.

Professor Copeland von der Harvard-Universität wurde eines Tages von einer besorgten Dame gefragt, warum er im obersten Stockwerk von Hollis Hall, dem höchsten Wohngebäude, in so kleinen, staubigen alten Zimmern hause. „Ich denke gar nicht daran umzuziehen", antwortete er. „Es ist der einzige Ort in Cambridge, wo außer dem lieben Gott niemand über mir wohnt." Und dann nach einer Pause: „Er hat zwar viel zu tun, macht aber keinen Lärm."

Die alten Probleme harren noch immer ihrer Lösung und gefährden Indiens Zukunft

DAS NEUE INDIEN

FREIHEIT UND HUNGER

Aus der Zeitschrift U.S. News & World Report

Bericht aus Neu Delhi

Die Befreiung von der englischen Herrschaft hat die Notlage der 330 Millionen Inder nicht gebessert. Hungersnöte und Seuchen sind noch immer an der Tagesordnung. Auch die neue Regierung bringt es nicht fertig, dem Elend zu steuern, das auf diesem weiträumigen Land kontinentalen Ausmaßes seit Jahrhunderten lastet. Selbst die größten Optimisten sehen jetzt allmählich ein, daß Generationen vergehen werden, bis die zermürbende Armut beseitigt werden kann, die in einem Zuwenig an Nahrung für ein Zuviel an Menschen ihre Ursache hat.

Durchgreifende Sozialreformen sind vorgesehen: allgemeine Schulpflicht, öffentliche Gesundheitspflege, landwirtschaftliche Planung. Doch das alles kostet mehr, als sich die Regierung leisten kann, und keine dieser Reformen reicht an die Wurzel des Übels.

Der Menschenüberschuß setzt das Land unter ständig wachsenden Druck. In den zwanzig Jahren zwischen beiden Weltkriegen nahm die Bevölkerung Indiens um 85 Millionen zu. Der gegenwärtige Bevölkerungszuwachs wird auf über drei Millionen im Jahr geschätzt. Obgleich die Sterblichkeitsziffer mit jährlich 2,24 Prozent zu den höchsten der Welt gehört, nimmt die Bevölkerung bei einer Geburtenzahl von 3,4 Prozent stetig zu. In einigen landwirtschaftlich frucht-

bareren Gebieten beträgt die Bevölkerungsdichte 386 Menschen auf den Quadratkilometer, verglichen mit 51,4 in Mecklenburg vor dem letzten Krieg. Bei solcher Übervölkerung können sich die Bauern kaum selbst ernähren, geschweige denn einen Überschuß für die Städte erzeugen. Die Folge sind regelmäßig wiederkehrende Hungersnöte, bei denen Millionen zugrunde gehen.

Armut. Nach den religiösen Bräuchen der Hindus wird beim Tode eines Bauern das Land zu gleichen Teilen unter die Erben aufgeteilt. Die meisten Landleute bebauen mehrere getrennt voneinander liegende Äcker. Die Aufteilung der einzelnen Äcker setzt sich von Generation zu Generation fort. So kommt es, daß heute ein großer Teil der Bauern Land von weniger als einem halben Hektar Umfang besitzt. Das ist eine ungeheure Verschwendung an Arbeitskraft und landwirtschaftlichem Boden.

Die Pacht wird noch heute nach Bestimmungen erhoben, die die Engländer vor 150 Jahren festgelegt haben. Die Pachteintreibungen wurden indischen Steuereinnehmern — Zamindars — übertragen, denen es freistand, dem Bauern so viel abzunehmen, wie sie irgend konnten, und für sich zu behalten, was über einen bestimmten Betrag hinausging.

Das Zamindari-System wird auch heute noch auf dem größeren Teil des landwirtschaftlich genutzten Bodens angewandt. Nicht selten verlangt ein Pachteinnehmer zwei Drittel der Ernte als Pacht, wovon der Staat aber nur einen Bruchteil erhält. Die Armut auf dem Lande hat ein solches Ausmaß erreicht, daß das durchschnittliche Jahreseinkommen pro Kopf jetzt vergleichsweise weniger als 25 Dollar beträgt.

Die Kongreßpartei, die den größten Einfluß auf die Regierung hat, verfolgt eine Politik zur Beseitigung dieses Systems. Die Steuereinnehmer haben jedoch ein solches Übergewicht innerhalb der Regierung, daß alle bisherigen Reformversuche in dieser Richtung gescheitert sind.

Krankheiten. Die unsicheren Lebensbedingungen der Bauern, die 85 Prozent der Bevölkerung ausmachen, werden noch erschwert durch weitverbreitete Seuchen und allgemein schlechte gesundheitliche Verfassung. Nach amtlichen Berichten soll der dritte Teil der indischen Familien an chronischer Unterernährung leiden. Alljährlich sterben über eine Million Inder an Malaria. Zweieinhalb Millionen haben Tuberkulose, die jährlich eine halbe Million Todesopfer fordert. Pocken, Pest und Ruhr treten epidemisch auf.

In Indien gibt es 45000 Ärzte, es kommt also durchschnittlich ein Arzt auf 7000 Einwohner; in den Mittelprovinzen nur ein Arzt auf 14500 Einwohner, und für 105000 Personen steht allenfalls ein Krankenhaus zur Verfügung. Nach den Schätzungen des Gesundheitsministeriums benötigt das Land mindestens 185000 Ärzte. Selbst bei ausreichenden Mitteln würde es 25 Jahre dauern, neue Ärzte auszubilden, Krankenhäuser zu bauen und die sanitären Einrichtungen soweit zu modernisieren, daß ein guter Gesundheitszustand gewährleistet werden kann.

Die Massenverschiebungen der Bevölkerung als Folge der Aufteilung des befreiten Landes in zwei selbständige Staaten, Indien und Pakistan, erschweren die Durchführung des öffentlichen Gesundheitsprogramms. Die indische Regierung hat nun fünfeinhalb Millionen Hindus und Sikhflüchtlinge aus Pakistan zu betreuen, von denen noch immer zwei Millionen in Sammellagern leben. Die hierfür angesetzten Mittel hätten sonst einem auf lange Sicht geplanten Gesundheitsprogramm zugute kommen können.

Mangelnde Schulbildung steht ebenfalls dem Fortschritt im Wege. 85 Prozent der Bevölkerung haben weder Lesen noch Schreiben gelernt. In den wenigen Gebieten, in denen es Schulen gibt, sind die meisten Familien zu arm, um ihre Kinder zur Schule zu schicken. Ein großzügiges Programm zur Beseitigung des Analphabetentums innerhalb von zehn Jahren ist angekündigt. Wie viele andere Sozialreformen ist auch dieses Programm mangels verfügbarer Mittel nur wenig über die Planung hinausgediehen. Die Vereinheitlichung der Schulen wird außerdem dadurch erschwert, daß in Indien zwanzig verschiedene Sprachen gesprochen werden.

Versuche zur Verbesserung dieser Zustände, durch die Millionen in hoffnungslosem Elend befangen bleiben, scheitern am indischen Kastensystem, das den Menschen von Geburt an unwiderruflich in eine bestimmte soziale Stellung und einen bestimmten Beruf einordnet. Die wachsende Industrie trägt allerdings in begrenztem Umfang dazu bei, das Kastenwesen zu beseitigen, aber in den ländlichen Bezirken wird es so streng wie je eingehalten.

Auf einer Tagung der verfassunggebenden Versammlung wurde neuerdings ein Antrag eingebracht, die Rechtsordnung der Hindus in maßvoller Weise zu reformieren — es handelte sich um die Erlaubnis der Eheschließung zwischen Angehörigen verschiedener Kasten —, doch wurde der Antrag abgelehnt.

Indiens erste selbständige Regierung hat zwar sorgfältig ausgearbeitete Pläne zur Behebung der allgemeinen Notlage entworfen, aber es fehlt meistens am konkreten Durchgreifen. Ohne Taten besteht die Gefahr, daß das unabhängige Indien ernsthaften Unruhen entgegengeht, Unruhen, die unter Umständen zu einer Revolution führen.

Die Geschichte eines der großen Alpenbezwinger

MÄNNER AM MATTERHORN

Aus dem Buch „High Conquest"
von James Ramsey Ullman

In den späten Morgenstunden des 15. Juli 1865 stolperten drei verstörte, erschöpfte Männer in das Walliser Dörfchen Zermatt. Sie kamen von der Bezwingung des berühmtesten Berges in Europa zurück, aber kein Siegesleuchten strahlte von ihren Gesichtern. Rasch scharten sich die Dorfbewohner um sie, in den Augen die stumme Frage:

„Wo sind die anderen vier?"

Damals war es, daß Edward Whymper die Geschichte seiner Matterhornbesteigung erzählte. Sie gehört noch heute zu den tragischsten Erlebnisberichten der Welt.

Es gibt Hunderte von Bergen, die höher als das Matterhorn, Hunderte, die schwerer zu ersteigen sind. Aber kein anderer hat so nachhaltig die Gemüter der Menschen beschäftigt. In einer riesigen, freistehenden Pyramide 4505 Meter emporgereckt, auf der Grenze zwischen der Schweiz und Italien, hat es nicht nur die Maße, sondern auch die makellose Einfachheit alles Großen.

Zu Beginn der sechziger Jahre des vorigen Jahrhunderts waren praktisch alle Gipfel Mitteleuropas erstiegen. Nur das Matterhorn türmte sich noch immer unbesiegt himmelwärts. Mit abergläubischer Scheu schauten die Älpler der umliegenden Täler zu seinen wolkenverhangenen Zinnen auf. Das Matterhorn, so meinten die Menschen, sei unbezwingbar.

Im Sommer 1860 hatte Edward Whymper zum ersten Male die Alpen besucht. Kaum zwanzig war er damals, ein junger Holzschneider und Illustrator, der für ein paar Wochen aus England gekommen war, um Skizzen zu machen. Die mächtigen Bergriesen schlugen ihn in ihren Bann und weckten das Kletter- und Erobererfieber in ihm. Bald gelang ihm manche hervorragende Besteigung, doch als er das legendenumwitterte Matterhorn zu Gesicht bekam, wurde alles andere für ihn zweitrangig.

Achtmal in fünf Jahren griff Whymper das Matterhorn an, und achtmal wurde er zurückgeschlagen. Die Hindernisse, die sich ihm entgegenstemmten, hätten hingereicht, einem geringeren Manne den Mut — wenn nicht das Genick — zu brechen. Mit vier Hauptfronten stieß die gewaltige Pyramide, Absturz über Absturz, mehr als 1500 Meter über ihren Gletschergürtel gen Himmel. Diese senkrecht aufschießenden anderthalb Kilometer umheulte der Wind in ungehemmter Wut, und ihre Klüfte und Schrunden donnerten jäh Stein- und Eislawinen zu Tal, jeden mit Tod bedrohend, der sich in jene wilde, abschüssige Welt hinaufwagte.

Einmal hatte Whymper bereits — im Anschluß an drei Versuche mit Führern, die ihm den Dienst aufsagten — eine anschauliche Lektion in den Gefahren bekommen, die den Alleingeher umlauern. Er war, nachdem er eine Höhe von 4000 Metern erreicht hatte, umgekehrt, überzeugt, endlich den Schlüssel zum Gipfel gefunden zu haben. Die schlimmsten Tücken des Berges hinter sich, stieg er rasch über ein Schneefeld ab, mit seinen Gedanken schon bei einem warmen Bad und Bett — als er plötzlich ausglitt und fiel. Erst auf nacktes Gestein, dann auf Eis schlagend, stürzte er kopfüber eine Rinne hinab, von Schroffe zu Schroffe zehn und fünfzehn Meter durch die Luft sausend. Doch die Götter des Berges waren mit ihm. Hart am äußersten Rand eines 300 Meter tiefen Abgrundes prallte er gegen einen Felshöcker. Benommen und blutend klammerte er sich minutenlang daran fest, bis er fähig war, an eine sichere Stelle zu kriechen. Dann wurde er ohnmächtig. Die Nacht war schon hereingebrochen, als er das Bewußtsein wiedererlangte. Er raffte seine letzten Kraftreserven zusammen und taumelte den Rest des Abstiegs zu Tal nach dem Dörfchen Breuil.

Lange hatte Whymper, sich systematisch von Südwesten nach Südosten durcharbeitend, die verschiedenen Fronten des Berges studiert. Und entschloß sich jetzt im Juli 1865, es mit der Ostwand und dem Nordost- oder Zermatter Grat zu versuchen. Diese Wand erschien zwar von unten, vom Tal aus, als bei weitem die steilste, war aber, wie er festgestellt hatte, im Profil gesehen weniger steil. Dazu verliefen die Gesteinsschichten des Gipfelstocks nicht waagrecht, sondern senkten sich von Nordost nach Südwesten zu, und er vermutete, daß der Fels an der Nordostseite terrassenförmig nach innen, dem Berg zu, gestuft sein müsse, eine riesige natürliche Treppe bildend.

Whymper sicherte sich die Dienste Jean-Antoine Carrels, eines Führers und Bergsteigers von unübertroffenem Können, und bereitete alles vor, den Angriff am ersten schönen Tag zu unternehmen. Aber ehe geeignetes Wetter kam, traf in

Breuil eine Gruppe von Italienern ein, die das Matterhorn von Südwesten, von der italienischen Seite her, angehen wollten. Carrel schützte daraufhin „eine frühere Verabredung" vor und schloß sich Whympers Rivalen an; als Italiener hielt er es für seine oberste Pflicht, zu seinen Landsleuten zu halten. Und er war nicht der einzige italienische Patriot im Tal; nicht ein Mann war zu finden, der mit dem Engländer aufgestiegen wäre.

Whymper sah sich um seine große Chance betrogen. Doch an diesem schwarzen Tag langte in Breuil ein bergbegeisterter junger Engländer an, Lord Francis Douglas, der sich kurz vorher erst durch mehrere schwierige Alpenbesteigungen ausgezeichnet hatte. Begleitet wurde er von dem jungen Peter Taugwalder, dem Sohn eines der besten Zermatter Führer. Douglas war nur zu gern bereit, mit Whymper zusammenzugehen, und bewog auch den alten Taugwalder, sich ihnen anzuschließen. Die Italiener, bepackt mit schwerer Ausrüstung, kamen bei ihrem Anstieg nur langsam voran. Es blieb noch Zeit, sie zu schlagen.

In Zermatt, von wo aus sie ihren Angriff ansetzen wollten, stießen die beiden Engländer auf den berühmten bergsteigenden Pfarrer Charles Hudson, dessen jungen Kameraden namens Hadow und Croz, ihren Führer, die ebenfalls bei den Vorbereitungen für die Erstbesteigung des Matterhorns waren. Whymper und Hudson taten sich sofort zusammen.

Von den sieben Männern, die am folgenden Tage bergwärts aufbrachen, waren nur Whymper und Croz schon auf dem Matterhorn gewesen. Doch die übrigen waren alles kräftige, handfeste Kerle: Whymper war zufrieden mit ihnen — und voller Hoffnung.

In stetigem Anstieg erreichten sie noch vor Mittag den Fuß des Nordostgrates, um einige Stunden später auf einem beinahe waagerechten Söller 3360 Meter hoch ihr Lager aufzuschlagen. Der Anstieg war bis dahin unglaublich leicht gewesen, und es war eine fröhliche

Seilschaft, die sich in jener Nacht in ihrem schwindelnd hohen Felsnest zusammendrängte.

Klar und still kam der Morgen des 14. Juli 1865 herauf, und sobald es hell wurde, setzten die sieben Gipfelstürmer ihren Anstieg fort. Die schwindelerregenden Abstürze der Ostwand türmten sich fast tausend Meter hoch über ihnen auf, doch Whymper hatte recht gehabt. Die dem Berg zu abgestufte Felsflanke machte diese Seite des Matterhorns zu einer riesigen Treppe.

Sie gewannen rasch an Höhe. Um zehn Uhr hatten sie 4270 Meter erreicht. Über dieser Stelle schossen die letzten zweihundert Meter der Ostflanke in einer fast lotrechten Wand empor, die offensichtlich nicht zu nehmen war. Sie überquerten den Nordostgrat und schoben sich am Nordhang weiter nach oben. Hier verlangte ihnen die Kletterarbeit ihr ganzes bergsteigerisches Können ab, denn die Nordwand — obwohl weniger steil als die Ostflanke — war mit einer dünnen Eisschicht überzogen. 1200 Meter unter ihnen lag der Matterhorngletscher. Mit Hilfe des Seils kamen sie voran, einer nach dem anderen, Croz, Whymper und Hudson an der Spitze und gegen ein mögliches Ausgleiten ihrer weniger erfahrenen Kameraden sichernd.

Zuletzt blieb nur noch ein einziges Hindernis übrig — eine Felsschulter, die ganz oben am äußersten Ende des Grats in den leeren Raum vorsprang. Vorsichtig krochen sie über die Schulterkante: zwei, drei kurze Tastschritte seitwärts . . . ein langer Schritt über einen gähnenden Abgrund: ein Blick nach oben — und wilder Jubel hämmerte plötzlich in ihren Herzen. Über ihnen war nur noch ein sanft ansteigendes Schneefeld und dahinter die leere blaue Kuppel des Himmels.

Whymper und Croz strebten mit letzter Anstrengung dem Gipfel zu und erreichten ihn gleichzeitig. Das Matterhorn war erobert.

Aber eine große Sorge erfüllte sie: waren sie wirklich die ersten? Hatten Carrel und die Italiener ihnen nicht den Lorbeer entrissen? Unruhig suchte Whymper die Schneewächten des schmalen Gipfelgrates nach Fußspuren ab. Er fand keine. Doch dann sah er, vom äußersten Südende hinabstarrend, weit unten ein Häuflein winziger sich bewegender Punkte. Die Sieger schrien, bis sie heiser waren; endlich schauten die Italiener auf — und da sie sahen, daß sie geschlagen waren, machten sie sich alsbald auf den Rückweg.

Sicher in ihrem Sieg, rammten Whymper und seine Kameraden einen Zeltstock in den Schnee, und Croz band sein Hemd als Flagge daran fest. Sie wurde unten in Zermatt von den begeisterten Dorfbewohnern gesehen.

Selbst die Natur schien an dieser Feierstunde teilzunehmen. Strah-

lende Sonne überall — und die sieben frohlockenden Eroberer blickten auf ein gewaltiges Panorama von Gipfeln, Firnfeldern und Tälern. Der schimmernde Riesendom des Montblanc ragte in der Ferne auf; und sogar der Monte Viso, 160 Kilometer weit ab, leuchtete klar und glitzernd in dem kristallenen Licht. Diese Stunde des Triumphes, in der sie, die ersten von allen Menschen, auf der Spitze des Matterhorns standen, war die glorreichste ihres Lebens.

Sie hatten den Gipfel um ein Uhr vierzig erreicht. Um zwei Uhr vierzig begannen sie mit dem Abstieg. Im Nu kamen sie bis zu der kurzen „schwierigen Partie" an der Nordwand. Hier wurde eine Pause gemacht, um anzuseilen und die Reihenfolge beim Absteigen festzulegen. Croz ging als erster, als zweiter Hadow, dann Hudson und hinter ihm Douglas. Der alte Taugwalder, Whymper und Taugwalder junior bildeten die Nachhut. Bei dieser Seilfolge waren die stärksten Kletterer in der Lage, den schwächeren — Hadow und Douglas — helfen zu können, falls sie auf Schwierigkeiten stoßen sollten. Jedenfalls stellten sie es sich so vor.

Sie überwanden die vorspringende Felsschulter und arbeiteten sich vorsichtig die steilen, vereisten Platten an der anderen Seite hinab. Nur ein Mann bewegte sich jeweils vorwärts. Einen Augenblick später — hier folgt Whympers Bericht —:

„Croz hatte seinen Eispickel beiseite gelegt und hielt, um Hadow größere Sicherheit zu geben, dessen Beine und brachte seine Füße in die richtige Stellung. Sie waren beide zum Teil durch einen dazwischenstehenden Felsblock verdeckt, aber ich glaube, Croz wandte sich gerade um und machte ein, zwei Schritte abwärts, als Hadow ausglitt, auf ihn fiel und ihn über den Haufen warf."

Ein gellender Schrei von Croz — und er und Hadow stürzten auf den Steilhang hinab, Hudson und Douglas mit sich reißend. Whymper und die beiden Taugwalder sicherten sich, eng an den Berg gepreßt. Das Seil lief zwischen Douglas und dem Vater Taugwalder aus, straffte sich mit einem heftigen Ruck — und riß.

„Einige Sekunden noch sahen wir unsere unglücklichen Kameraden auf dem Rücken abgleiten, mit ausgebreiteten Armen versuchend, einen rettenden Halt zu fassen. Sie kamen uns aus den Augen — noch unverletzt, aber stürzten dann von Abgrund zu Abgrund bis auf den Matterhorngletscher hinab, fast 1200 Meter tief."

So endete die Eroberung des Matterhorns — in Triumph und erschütternder Tragödie. Whympers Abstieg mit den beiden Taugwalder war ein marternder Wachtraum statt der Heimkehr siegreicher Helden.

Die sterblichen Reste von Croz, Hudson und Hadow fand man auf dem Gletscher liegen. Lord Francis Douglas' Leichnam wurde nie gefunden.

In den Jahren nach Whymper ist das Matterhorn zu einem der meistbestiegenen Berge der Welt geworden. Heute starren seine häufiger begangenen Aufstiegsrouten von Dauerseilen und Leitern. Doch sein Zauber blieb. Es ist immer noch, wie vor einem dreiviertel Jahrhundert, der berühmteste Alpengipfel, und immer noch rührt es alle an, die staunend und im Innersten bewegt zu ihm aufschauen — in stummer Ergriffenheit, die noch vertieft wird durch die tragische Geschichte von Whympers bittrem Triumph.

Treffend bemerkt

Was mir in Amerika am meisten Eindruck gemacht hat, ist die Art, wie die Eltern ihren Kindern gehorchen. DER HERZOG VON WINDSOR

Auf die Frage, wer ihn in seiner Boxerlaufbahn am härtesten getroffen habe, antwortete JOE LOUIS: „Das Finanzamt".

Man gibt nie der Meinung anderer Recht, sondern immer nur der eigenen in anderer Leute Munde. SYDNEY TREMAYNE

Beredsamkeit ist Logik in Flammen. LYMAN BEECHER

Wer sich nur seiner Vorfahren rühmt, bekennt damit, daß er einer Familie angehört, die tot mehr wert ist als lebendig. J. GILCHRIST LAWSON

Mein Mann wird nie einer anderen Frau nachstellen. Er ist zu vornehm, zu anständig, zu alt. GRACIE ALLEN

Mein Kind, wenn du dich endgültig entschlossen hast, dich von einem Mann küssen zu lassen, so lege dein ganzes Herz und deine ganze Seele in diesen Kuß. Kein Mann küßt gern einen Stein. LADY CHESTERFIELD

Lache nicht über die Affektiertheiten eines jungen Menschen; er probiert nur ein Gesicht nach dem andern aus, bis er sein eigenes gefunden hat.
LOGAN PEARSALL SMITH

Eine Bank ist eine Einrichtung, die dir so lange Geld leihen wird, als du beweisen kannst, daß du keines brauchst. JOE E. LEWIS

Mein Herz hat heute 103389 mal geschlagen, mein Blut hat einen Weg von 270000000 Kilometern zurückgelegt, ich habe 23040 mal geatmet und 12 Kubikmeter Luft in mich eingesogen, ich habe 4800 Worte gesprochen, 750 Hauptmuskeln bewegt und 7000000 Gehirnzellen in Tätigkeit gesetzt. Ich bin müde. BOB HOPE

Man kann keine Frau unerwartet küssen, höchstens früher, als sie erwartete. JACK SEAMAN

Golf ist ein schöner Spaziergang, der einem verdorben wird. MARK TWAIN

Diktatur ist eine Regierungsform, bei der man zu allem, was nicht verboten ist, gezwungen wird. AUS DER ZEITSCHRIFT THIS MONTH

Die Mode der Frauen kann sich ändern, ihre Absicht bleibt die gleiche.
OSCAR WILDE

Im Alter gibt man gute Ratschläge, um sich darüber zu trösten, daß man kein schlechtes Beispiel mehr geben kann. LA ROCHEFOUCAULD

Wäre nicht das Unglück der Nebenmenschen, das Leben wäre wahrhaft unerträglich. C. E. JERNINGHAM

Wenn ein Mann sich zum Heiraten entschließt, ist das vielleicht der letzte eigene Entschluß, der ihm gestattet ist. KENNETH L. KRICHBAUM

Es gibt zwei Klassen von Menschen, die Gerechten und die Ungerechten. Die Einteilung wird von den Gerechten gemacht.
AUS DER ZEITSCHRIFT OUR LADY'S MISSIONARY

Auch der Engländer Frank Whittle zeigte den Weg zu neuen Flugrekorden

Ein Pionier des Düsenmotors

Aus der Monatsschrift Flying
von J. P. McEvoy

Als Vater des propellerlosen Düsenflugzeuges, der den Weg zu einer neuen Ära in der Fliegerei gewiesen hat, gilt in England der 41jährige Frank Whittle, ein Erfindergenie, doch zugleich ein zurückhaltender, scheuer Mensch. Die Begeisterung der sonst so reservierten Engländer über Whittles Beitrag zur Luftmacht seines Landes zeigt sich darin, daß er geadelt wurde und ein steuerfreies Geschenk von 100 000 Pfund erhielt — die größte Belohnung, die Großbritannien einem Erfinder je zugestand.

Düsenflugzeuge sind schneller, sicherer und leichter zu fliegen. Da sie außerdem weniger kosten und einfacher in der Herstellung und Wartung sind, haben sie bereits begonnen, die Propellerflugzeuge zu verdrängen. Whittles erster erfolgreicher Düsenmotor W-1 ist das Vorbild fast aller übrigen Düsenantriebe geworden. Das Gloster-Flugzeug, das im Mai 1941 den historischen ersten Düsenflug ausführte, war mit seinem W-1-Antrieb ausgerüstet.

Obwohl Whittle zurückhaltend, fast schüchtern ist, hat er eine Laufbahn voll Kühnheit und Wagemut hinter sich. Als er sich mit fünfzehn Jahren um die Zulassung zu den Ausbildungslehrgängen der RAF bewarb, bestand er wohl das schriftliche Examen, doch wurde er aus körperlichen Gründen zurückgewiesen. Er wäre „zu klein, zu dünn, zu schwach", um je Flieger zu werden.

„Ich ging zu einem mir wohl-

Viele Staaten, darunter Deutschland, England und USA, haben die Entwicklung des Düsenflugzeugs gefördert. Der vorliegende Beitrag behandelt ausschließlich den Anteil Großbritanniens an diesen Fortschritten.

gesinnten Sportarzt", erzählt Whittle, „der mir bestimmte Körperübungen und eine Diät anriet, die hauptsächlich aus Olivenöl zu bestehen schien. Schon nach wenigen Monaten war ich fast acht Zentimeter gewachsen, und mein Brustumfang hatte um ebensoviel zugenommen. Man wächst schnell in diesem Alter. Obgleich ich gewarnt worden war, daß ich — einmal zurückgewiesen — nicht ein zweites Mal zugelassen werden würde, machte ich das schriftliche Examen trotzdem nochmals und ebenso die körperliche Leistungsprüfung. Vorsichtig verschwieg ich den Prüfenden, daß es das zweitemal war — und bestand."

Nach drei Jahren Lehrzeit bei der RAF, die hauptsächlich in der Reparatur und Pflege von Flugzeugen bestand, erhielt Whittle eine Kadettenstelle als einer von den sechs Anwärtern, die aus 600 ausgewählt wurden. Als er mit 21 Jahren sein Examen als Fliegerkadett machte, behandelte seine überlegene Prüfungsarbeit, „Die zukünftige Entwicklung des Flugwesens", die Möglichkeiten des Düsenantriebes, und dies im Jahre 1928, als man eine solche Idee für ungeheuerlich und phantastisch hielt.

Anderthalb Jahre später kam Whittle auf den Gedanken, eine Gasturbine für den Düsenantrieb zu verwenden, und er reichte sein erstes Patent ein. Aber als er die Idee dem Luftfahrtministerium unterbreitete, wurde ihm mitgeteilt, sie sei undurchführbar. Auch verschiedene Privatfirmen wiesen ihn ab. „So setzte ich also fünf Jahre lang meine Arbeit auf dem Papier fort", berichtet Whittle, „aber es schien so hoffnungslos, finanzielle Unterstützung für den Bau meines Motors zu finden, daß ich das ursprüngliche Patent verfallen ließ." (Später nahm Whittle zusätzliche Patente auf; er händigte sie der britischen Regierung aus, und sie bringen dem englischen Schatzamt jetzt Millionen von Pfunden an Lizenzgebühren ein.)

Heute erklärt Whittle, daß das Luftfahrtministerium und die Firmen guten Grund hatten, seine neuartige Verbindung von Gasturbine und Düsenantrieb abzulehnen. Denn schon im Jahre 1791 hatte John Barber die erste Gasturbine in England patentieren lassen, aber alle Anstrengungen, eine solche herzustellen, waren fehlgeschlagen, da man keine Metall-Legierungen kannte, die die erforderlichen hohen Temperaturen aushielten. „Es schien ein unlösbares Problem zu sein", sagte Whittle, „denn solche Legierungen wurden gar nicht gebraucht, bevor die Gasturbine entwickelt war, und die Gasturbine war gar nicht möglich ohne diese Legierungen. Erst die Spezialstähle, die für Dampfturbinen mit hohen Temperaturen und für Auspuffventile an Flugmotoren hergestellt wurden, bedeuteten einen Ausweg."

Erst im Jahre 1935 gelang es zwei früheren RAF-Offizieren, R. D. Williams und J. C. B. Tinling, Whittle bei der Beschaffung der für den Anfang notwendigen Geldmittel zu helfen. Whittle erzählt: „Wir brachten 2000 Pfund auf, und mit diesen arbeiteten wir unverdrossen weiter an unseren Versuchsmodellen."

Aber auch die Deutschen blieben unverdrossen an der Arbeit. Denn im Jahre 1939 erschienen in der deutschen Zeitschrift „Flugsport" sieben detaillierte Zeichnungen aus Whittles Patenten. Möglicherweise sind auf diese Veröffentlichung jene gefährlichen deutschen Düsenjäger zurückzuführen, die in Kreisen die schnellsten Propellerflugzeuge der Alliierten umflogen und noch in den letzten Kriegswochen viele britische und amerikanische Bomber abschossen.

Kurz darauf betrachtete das englische Luftfahrtministerium — nach Whittles trockener Erzählung — „die Entwicklung des Düsenantriebes nicht mehr nur als Forschungsarbeit auf lange Sicht" und hieß den Plan für einen zweimotorigen Düsenkurzstreckenjäger gut. Dieses Flugzeug, das von den Gloster-Werken im Jahre 1941 gebaut wurde, war der Vorläufer des „Meteor", der zum erstenmal erfolgreich gegen die V-1 eingesetzt wurde. „Wissen Sie eigentlich, wie der erste ‚Meteor' eine fliegende Bombe zum Absturz brachte?" fragte Whittle. „Er setzte sich neben den *doodlebug* (so nannten die Engländer die V-1) und kippte ihn mit der Flügelspitze um."

Obwohl Whittle die längste Zeit seines Lebens am Reißbrett verbrachte, hat er doch mehr als tausend Flugstunden hinter sich. Jahrelang war er RAF-Versuchspilot und einer der berühmtesten Kunstflieger Englands. In Hendon, wo auf der jährlichen Flugschau akrobatische Flugspiele „Lehrer und Schüler" vorgeführt wurden, übertraf er in der Rolle des „Schülers" alle anderen. Der „Lehrer" führt dabei korrekt äußerst schwierige Flugmanöver vor. Der „Schüler" folgt ihm mit großem Schwung, um dann auf dem Höhepunkt der Loopings plötzlich aus der Figur herauszufallen, den Boden mit den Flügelspitzen zu streifen, und so den Tod immer wieder nur um Haaresbreite um sein Opfer zu prellen. Nachher ging dieser „verrückte Flieger" — der junge Whittle — jeweils ruhig an sein Reißbrett zurück und arbeitete an seinem „verrückten Düsenantrieb".

Whittle wurde in Coventry geboren, dem Zentrum der englischen Motoren- und Präzisionswerkzeug-Industrie. Sein Vater und sein Großvater waren Ingenieure, und ein frühes Bildnis von Sir Frank zeigt ihn als Vierjährigen mit einem Flugzeugmodell in der Hand. Als Lindbergh den Atlantik überflog, war Whittle ein eifriger und ernster Fliegerkadett, und auf seiner ersten

Vortragsreise durch die Vereinigten Staaten machte er einen Abstecher zur *Smithsonian Institution* in Washington, um Lindberghs Flugzeug *Spirit of St. Louis* zu sehen. „Hätten Sie gern damit den Atlantik überflogen?" fragte ich ihn. „Nein, sicher nicht", antwortete er darauf. „Nicht einmal in den einmotorigen Düsenflugzeugen, die gerade herübergekommen sind. Über dem Ozean kann ich gar nicht genug Motoren haben."

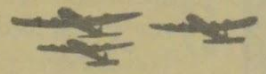
Im September des vergangenen Jahres hielt Whittle auf dem Weltkongreß der leitenden Männer der großen Luftverkehrsgesellschaften das Hauptreferat. Vor diesem ausgewählten Kreis von Fachleuten betonte er, daß Verkehrsflugzeuge mit Düsenantrieb, die 800 Kilometer Stundengeschwindigkeit leisten können, zwar vorhanden seien, daß jedoch der Flugverkehr erst bei verbesserten Landebedingungen aufgenommen werden könne. „Man kann die Düsenflugzeuge nicht endlos über dem Flugfeld warten und kreisen lassen, bis sie zum Landen an der Reihe sind; denn sie verbrauchen bei niedriger Geschwindigkeit und geringer Höhe zuviel Brennstoff. Aber bei größeren Geschwindigkeiten als 800 Kilometer in der Stunde und bei Höhen über 9000 Meter sind sie bedeutend leistungsfähiger als jedes andere Flugzeug." Whittle, der Berater für Turbinentechnik bei der *British Overseas Airways Corporation* ist, empfiehlt den Flugverkehrsgesellschaften, sich in den nächsten fünf Jahren auf Propeller-Gasturbinen umzustellen und zum Düsenantrieb überzugehen, sobald das Landeproblem gelöst ist.

Die Düsentechnik schreitet schnell voran. „Ich habe meine Brüsseler Rede viele Male revidieren müssen", erklärt Whittle. „Während der zwei Wochen zum Beispiel, in denen ich meine Notizen machte, liefen auf dem Prüfstand drei britische Versuchsmotoren je 500 Stunden, was einem Flug von je 400000 Kilometern entspricht. Der längste frühere Prüfungslauf eines Düsenmotors hatte 260 Stunden betragen. Fast täglich sind Geschwindigkeitsrekorde zu verzeichnen", fügte er hinzu.

Einige Tage später wurde durch ein Serien-Jagdflugzeug, eine vollbestückte F-86, von der amerikanischen Luftwaffe ein neuer Rekord von 1079,81 Stundenkilometern aufgestellt. In der gleichen Woche gaben die Engländer bekannt, daß eine De Havilland 108-Versuchsdüsenmaschine im Sturzflug „anscheinend" die Schallgeschwindigkeit überschritten hatte, und zwar in einer Höhe zwischen 9000 und 12000 Metern, für die eine Schallgeschwindigkeit von rund 1086 Kilometern berechnet wird. Bald darauf wurde bekannt, daß alle Einsatzjagdgruppen der RAF schon von den Spitfires und anderen Kriegstypen auf Düsenflugzeuge umgeschult worden sind,

und daß die RAF bereits damit begonnen hat, ihre Bomber ebenfalls mit Düsenmotoren auszurüsten.

Ich fragte Whittle, ob die Russen wohl etwas auf dem Gebiet des Düsenantriebs besäßen, was Briten und Amerikaner nicht haben. Nachdenklich antwortete er: „Wir wissen, daß sie deutsche Flugzeuge und Techniker bei Kriegsende übernommen haben. Auch wissen wir, daß uns die Deutschen nicht so weit voraus waren, wie allgemein angenommen wurde. Ihre beste Düsenmaschine war nur für 25 Flugstunden einsatzfähig, dagegen unsere beste für 150 Stunden. Aber was die Russen heute haben, können wir nur vermuten. Ich glaube allerdings, daß wir Engländer in diesem Rennen weit vorn liegen. Wir hoffen auch, dort zu bleiben — obgleich die Amerikaner uns hart auf den Fersen sind."



Von Film und Funk

Die Sekretärin in einem Radiostudio reichte einer Darstellerin, die sich um ein Engagement bemühte, ein Formular zum Ausfüllen. Sie beobachtete dann, wie die Dame mit dem Federhalter in der Luft zögerte, hinter dem Wort „Alter" ihre Eintragung zu machen. Geduldig wartete sie eine Weile ab, und dann, als es ihr zu viel wurde, rief sie aus:

„Sie sollten sich etwas beeilen. Jeder Augenblick, den Sie verstreichen lassen, macht die Angelegenheit nur noch schwieriger."

G. M.

In einer Gesellschaft von Filmleuten feierte man eines Tages einen kleinen Nachwuchsstar, eine Art Shirley Temple. Beim Sekt erhob sich der Regisseur, klopfte dem kleinen Mädchen fürsorglich auf die Schulter und sagte: „Meine lieben Freunde, erweisen wir unserem jungen Star die gebührende Ehre." Dann legte er seine Hand auf die Schulter der Mutter, die auf dem Ehrenplatz zu seiner Rechten saß, und fügte hinzu: „Aber vergessen wir auch die Glucke nicht, die dieses goldene Ei ausgebrütet hat."

„Draussen ist ein Herr mit einem schwarzen Bart", meldet die Sekretärin dem Filmregisseur.

„Sagen Sie ihm, ich habe selbst einen", gibt der eilige Chef zurück.

J. G.

Schon einmal war die Menschheit von völliger Vernichtung bedroht ...

Der Schwarze Tod

Aus der Monatsschrift Hygeia
von Edwin Muller

DIE WEITAUS größte Katastrophe, von der die Menschheit heimgesucht wurde, war vor sechshundert Jahren der Schwarze Tod. Er drang bis in den hintersten Winkel der Welt, von China und Indien bis zu den fernsten Gestaden Islands und Grönlands. Wahrscheinlich starb fast die Hälfte der Bevölkerung der Erde rasch und unter gräßlichen Qualen. Der Schwarze Tod vernichtete in allen Städten Europas einen größeren Teil der Bevölkerung als die Atombombe in Hiroschima.

Im Januar 1348 fuhren drei mit Spezereien aus dem Osten beladene Schiffe in den schönen Hafen Genua ein. Von den Seeleuten gingen viele an Land, ebenso eine Anzahl Ratten, die an den Trossen hinabhuschten und sich mit den Ratten in der Stadt vermengten. Nach ein paar Tagen lagen auffallend viele verendete Ratten auf den Straßen.

Niemand kümmerte sich darum. Im Mittelalter waren die Straßen in den Städten voller Unrat. Die Schweine, die sich im Kot der ungepflasterten Fahrwege sielten, und die Ratten fraßen den fauligen Abfall, der aus den Häusern geworfen wurde.

Auch die Häuser waren vortreffliche Brutstätten für Ungeziefer. Die Menschen

schliefen zu mehreren in einem Zimmer; die sanitären Einrichtungen waren primitiv. Gebadet wurde selten. Wollene Unterwäsche wurde nur gewaschen, wenn es warm genug war, sie auszuziehen. Infolgedessen hatte fast jedermann Flöhe, die gleicherweise auf den Ratten zu Hause waren.

Man kann nur mutmaßen, wie es dem Menschen erging, der das erste Opfer der Pest wurde. Wahrscheinlich erwachte er eines Morgens mit argem Kopfweh. Bald darauf wurde er von Schüttelfrost und Schwindel befallen. Ein paar Stunden später verspürte er Schmerzen in der Brust. Er begann Blut zu husten. Das Fieber stieg ständig, die brennenden, erstikkenden Brustschmerzen wurden unerträglich. Am nächsten Morgen war er tot.

Manchmal trat die Krankheit mit harten, schmerzenden, eigroßen Beulen auf, die sich in der Leistengegend und den Achselhöhlen bildeten. Schwarze Flecke entstanden infolge von Blutungen unter der Haut. In diesem Falle dauerte die Krankheit mehrere Tage.

Bei beiden Formen betrug die Sterblichkeit nahezu 100 Prozent. Die Ärzte waren machtlos gegen die tödliche Ansteckung, und viele weigerten sich, die Opfer zu behandeln. Naher Umgang mit Kranken brachte meistens Verderben; wenn daher jemand von dem gefürchteten Schüttelfrost befallen wurde, so stellten ihm seine Hausgenossen Speise und Wasser ans Bett, machten sich davon und ließen ihn allein sterben. In vielen Fällen ließen Mann und Frau, Eltern und Kinder einander im Stich. Manchmal weigerten sich sogar die Priester, den Sterbenden die Sakramente zu reichen.

Als der Toten immer mehr wurden, konnte man sie nicht mehr anständig auf Friedhöfen beerdigen. Auf kirchlich geweihtem Gelände wurden Gräben ausgehoben und die Leichen in Lagen hineingehäuft, mit nur einer dünnen Erdschicht zwischen den einzelnen Lagen. Manchmal geschah das in solcher Hast, daß etliche lebendig begraben wurden.

Wie eine windgepeitschte Feuersbrunst raste der Schwarze Tod durch Genua über Hoch und Niedrig dahin. Er drang in die Paläste der großen Adelsfamilien, in die Häuser der reichen Handelsherren. Wer fliehen konnte, floh in die Berge, aber das Verderben lief mit. So viele Bauern waren von der Pest befallen, daß die Versorgung der Stadt stockte.

Viele Menschen entsagten allem Irdischen und verbrachten ihre Tage in der Kirche. Andere stürzten sich in maßlosen Leichtsinn. Die Tavernen waren überfüllt. Die Moral verfiel. Verlassene Läden wurden geplündert. Skrupellose Leute eigneten sich die Häuser Verstorbener an.

Schon zu Anfang der Epidemie nahm man an, daß das schreckliche Sterben durch die drei Schiffe aus dem Osten herübergebracht worden sei. Die überlebenden Seeleute wurden gezwungen, wieder an Bord zu gehen, und man vertrieb die Schiffe aus dem Hafen. Das eine fuhr nach Marseille, die anderen liefen verschiedene Mittelmeerhäfen an. In jedem Hafen faßte die Seuche alsbald Fuß und verbreitete sich dann landeinwärts wie eine überallhin leckende Flut.

Der Schwarze Tod war ein ungewöhnlich bösartiger Ausbruch der Beulenpest, die durch Flöhe von Ratten auf Menschen übertragen wird. Es war der erste schwere Ausbruch seit etlichen Jahrhunderten. Vielleicht deshalb auch so tödlich. Die Menschen waren nicht mehr so immun dagegen wie früher.

Die Seuche war nach einer Reihe von Hungerjahren, die die Bevölkerung geschwächt hatten, zuerst in China ausgebrochen. Den großen Karawanenstraßen folgend, nahm sie ihren Weg quer durch Indien bis zum Persischen Meerbusen, von da über Bagdad durch die Wüsten nach Ägypten. Ein anderer Weg führte um die Südspitze des Kaspischen Meeres herum zum Schwarzen Meer und von da nach Konstantinopel. So kam sie nach Westeuropa.

In Marseille starben, wie ein Geschichtsschreiber berichtet, vier Fünftel der Einwohner. Von da wanderte der Schwarze Tod rasch das Rhonetal aufwärts nach Avignon, wo der Papst seine Residenz hatte. Der Papst segnete das Rhonewasser, um für die Leichen, die in den Fluß geworfen wurden, eine geweihte Ruhestätte zu schaffen.

Ein heroisches Kapitel in der Geschichte dieser Seuche spielte sich in Paris ab. Im Hospital L'Hôtel Dieu starben täglich fünfhundert Pestkranke. Sie zu pflegen, bedeutete Tod. Trotzdem ließen die Schwestern nicht davon ab. Das gesamte Personal starb und wurde mehrmals ersetzt.

Am 7. Juli 1348 ging ein Schiff in Weymouth ins Dock; in unglaublich kurzer Zeit war die Seuche über ganz England verbreitet. In einem Londoner Stadtteil wurden allein 50000 Tote beerdigt. Zwei Drittel der Studenten von Oxford sollen gestorben sein. Von England gelangte die Pest weiter nach Schottland, Wales, Irland.

Auf vielen Schiffen starben sämtliche Passagiere und die ganze Mannschaft, so daß die Fahrzeuge steuerlos umhertrieben, bis sie strandeten. So gelangte die Seuche auch in die skandinavischen Länder. Ein Schiff mit einer Fracht Wolle ging von London in See. Bevor es noch halbwegs die Nordsee überquert hatte, war keine Seele an Bord mehr am Leben. Schließlich trieb das Schiff bei Bergen in Norwegen an Land. Die Herren von

der Obrigkeit gingen an Bord. Als sie wiederkamen, trugen sie die todbringenden Flöhe mit sich.

Die Seuche verbreitete sich über Deutschland nach dem Osten. Eine Zeitlang starben in Wien 1200 Menschen am Tag. Dann weiter nach Rußland. Die Sterblichkeitsziffer war auch dort unvermindert. Der entlegenste Winkel des Erdteils blieb nicht verschont. Viele große Städte standen verlassen und leer.

Kein Mensch kam auf den Gedanken, die Seuche mit den Ratten in Verbindung zu bringen. Kein Arzt wußte, was es für eine Krankheit war und was man dagegen tun könnte. Aber einige behaupteten, es zu wissen. Die medizinische Fakultät der Universität Paris trat mit der erstaunlichen Erklärung auf den Plan, die Seuche sei im Osten durch ein Erdbeben und andere Störungen der Erdoberfläche entstanden. Diese hätten die Luft vergiftet, die nun, westwärts ziehend, alles anstecke, was sie berühre. Sie rieten, zur Reinigung der Atmosphäre große Feuer zu entzünden. Der Papst stimmte zu, und es wurden bei Tag und Nacht lodernde Feuer unterhalten. Andere erließen ausgeklügelte Diätvorschriften; manche rieten ihren Patienten, das Baden zu unterlassen.

In der Schweiz kam das Gerücht auf, die Pest sei durch die Juden entstanden, die die Brunnen vergifteten. In Chillon wurde ein Jude verhaftet und gefoltert. Nach einiger Zeit gestand er dann wirklich, es bestünde eine weitverzweigte Verschwörung unter den Juden zu dem Zweck, Brunnen und Quellen zu vergiften.

Das war völlig aus der Luft gegriffen, aber es ging wie ein Laufeuer über den halb wahnsinnigen Kontinent und rief eine der furchtbarsten Verfolgungen hervor, die die Welt gesehen hat. Juden wurden in Synagogen zusammengetrieben und lebendig verbrannt. Der Papst tat sein möglichstes, um diesen Greueln ein Ende zu machen, aber vergeblich.

Die Pest dauerte nun schon über ein Jahr, und das Elend wurde immer ärger. Es fehlte an Nahrung, Kleidung und Obdach. Die Überlebenden waren unterernährt. Mehr und mehr Menschen verhungerten, und da und dort kamen Fälle von Kannibalismus vor.

Fast jeder sittliche Halt war geschwunden. Nur wenige konnten hoffen, mit dem Leben davonzukommen, fast überall herrschte Verzweiflung. Männer und Frauen verbanden sich wahllos miteinander. Sonderbare Kulte entstanden — Teufelsanbeter und dergleichen. Eine organisierte Brüderschaft von „Flagellanten" tauchte in vielen Gegenden Europas auf. Sie zogen durch die Straßen und schlugen sich mit Geißeln.

Nach zwei Jahren erlosch die Pest — außer in Rußland — fast

so plötzlich, wie sie begonnen hatte. Eine Woge unvergleichlicher Freude ging über ganz Europa. Die Menschen tanzten auf den Straßen. Große Prozessionen zogen in die Kirchen, wo mit inbrünstigem Jubel das Tedeum erklang.

Die Pest war erloschen, aber ihre Nachwirkungen hielten noch lange an. Die Kirche, die einen festigenden Einfluß hätte ausüben sollen, war durch den Tod ihrer tapfersten und aufopferndsten Diener arg geschwächt. Die wilden Kulte blieben bestehen, das Hexen- und Zauberwesen nahm überhand.

Im wirtschaftlichen Leben herrschte völliges Durcheinander. Viele leere Häuser und verlassene Güter waren von Leuten in Besitz genommen worden, die keinerlei Anrecht darauf hatten. Um einen großen Teil des Landbesitzes entstanden Prozesse. Aber die Gerichte waren unfähig und korrupt, und in den Regierungen saßen allzu viele Abenteurer.

Mit den Nachkommen derer, die sich auf solche Weise Häuser und Güter angeeignet hatten, wuchs eine Klasse Neureicher heran, denen es an Lebensart, an den höfischen Umgangsformen des vorangegangenen ritterlichen Zeitalters fehlte. Französisch blieb nicht länger die Sprache des englischen niederen Adels: die Pest hatte zu große Lücken in die Geistlichkeit gerissen, die es gelehrt hatte.

Der Schwarze Tod fegte die meisten Überreste des Feudalsystems weg. Es herrschte jetzt ein solcher Mangel an Arbeitskräften, daß die Leibeigenen als Entgelt für ihre Dienste Freilassung und gute Löhne fordern konnten. Bauernaufstände gegen den Adel folgten.

Der beispiellose Verlust an Menschenleben war im Laufe von zwei oder drei Generationen aufgeholt. Zeitgenössische Chronisten berichten, daß unmittelbar nach der Pest die Fruchtbarkeit der Ehen zunahm und die Frauen im allgemeinen mehr Kinder zur Welt brachten. Die an Zahl verringerten Arbeitskräfte strebten danach, ihre Leistungen zu erhöhen. Von damals datieren verschiedene Verbesserungen der Arbeitsweise in Landwirtschaft und Industrie. Ein Wiederaufleben von Kunst und Wissenschaft begann, ein neuer Forschergeist und Wissensdrang regte sich. Im nächsten Jahrhundert stieg Europa zu einem der großen Gipfel der Geschichte auf: zur Renaissance.

Das Menschengeschlecht war von dem schwersten Schlag getroffen worden, den es je erlitten hatte. Aber es richtete sich elastisch wieder auf und erhob sich zu größeren Höhen als zuvor. Und das ist vielleicht das bedeutsamste an dieser Geschichte.

Niemand weiß, wo sich Mussolinis Entführer heute aufhält

Skorzenys gefährlichster Auftrag

Aus der Monatsschrift Argosy
von Thomas M. Johnson

Am 17. Mai 1945 meldete sich bei einer amerikanischen Ortskommandantur in der Nähe von Salzburg ein blonder Riese. Über das hübsche, kühne Gesicht zog sich eine Narbe vom linken Ohr bis zum Kinn. Seine Hand flog grüßend an die keck aufgesetzte Feldmütze mit dem Totenkopf der SS-Leibstandarte.

„SS-Obersturmbannführer Otto Skorzeny gibt sich gefangen", sagte er. Für den GI vom Dienst waren sich ergebende Deutsche so alltäglich wie seine Tagesrationen geworden. Ein müder Wink mit dem Daumen. „Okay, Otto, geh rüber."

Der Offizier blickte vor sich hin, dann wandte er sich um. Das Licht fiel auf eine Unmenge Orden, in kalte, stahlblaue Augen. Ein Offizier vom Geheimdienst in abgetragener Uniform starrte auf das Handgelenk des Deutschen.

„Mussolinis Armbanduhr", bemerkte er ruhig zu dem GI. „Er ist *der* Skorzeny, der bekannteste feindliche Geheimagent auf unserer Liste."

Die amerikanische Abwehr hat niemals einen gefährlicheren Feind gehabt als diesen beinahe zwei Meter großen, zwei Zentner schweren verwegenen Abenteurer. Er hat das größte Sabotageunternehmen geleitet, das je gegen amerikanische Streitkräfte gerichtet wurde, ein raffiniertes Täuschungsmanöver, durch das deutsche Soldaten in amerikanischer Uniform während der Ardennenschlacht Verwirrung hinter den feindlichen Linien stifteten. Sogar General Eisenhowers Stab war aus Furcht vor einem etwaigen Attentat gezwungen, den alliierten Oberkommandierenden zehn Tage lang in seinem eigenen Hauptquartier gefangen zu halten.

Mit weniger als fünfzig Männern hat er 1943 den erstaunten und beglückten Mussolini seinen vierhundert italienischen Wächtern vom 2900 Meter hohen Gran Sasso, dem höchsten Gipfel der Apenninen, weggeschnappt. Mussolini gab ihm eine Armbanduhr mit einer gravierten Widmung, Hitler gab ihm das Ritterkreuz — und andere delikate Aufgaben.

Deutsche Spione hatten im Oktober 1944 berichtet, daß der ungarische Reichsverweser Nikolaus von Horthy entschlossen sei, die Zusammenarbeit mitHitler aufzugeben und sich Stalin anzuschließen. Skorzeny stellte fest, daß der Admiral geflohen war, nachdem er die Kapitulation Ungarns über das Radio bekanntgegeben hatte. Irgend jemand verriet Horthys Versteck und, während die Russen schon an die Tore donnerten, beförderte Skorzeny ihn eilends nach München und in die Gefangenschaft. In Jugoslawien hatte Skorzeny dazu beigetragen, Mihailowitsch und Tito an einem Zusammenschluß gegen Deutschland zu hindern.

Hitlers bevorzugter „starker Mann" hatte seine märchenhafte Karriere 1938 begonnen, als er mit dreißig Jahren, teils aus Begeisterung für Hitler, teils aus Abenteuerlust der nationalsozialistischen Partei in Österreich beigetreten war. Im Krieg führte er SS-Fallschirmtruppen gegen russische Partisanen. Nach dem Horthy-Zwischenfall verlangte Hitler sein „Glanzstück" von ihm. Der Führer plante einen letzten wahnwitzigen Schlag, eine Kriegslist der Verzweiflung. Seine letzten strategischen Reserven wollte er in den Ardennen unter Führung von ausgesuchten Panzerdivisionen gegen die dünnbesetzte amerikanische Front werfen. Die deutschen Einheiten sollten nach Norden vorstoßen, die Hälfte der amerikanischen, britischen und kanadischen Truppen in Europa einschließen und sich ihrer riesigen Nachschublager und ihres einzigen guten Hafens — Antwerpen — bemächtigen.

„Aber ein Hindernis besteht noch", gab Hitler seinen Vertrauten gegenüber zu. „Wie sollen wir die Maasbrücken nehmen, über die unsere Panzer fahren müssen? Das kann nur einer: Skorzeny!"

Am 22. Oktober vertraute der Führer Skorzeny seine tollkühnen Pläne an. Sein Gesicht zuckte krampfhaft — eine Folge des Attentats vom 20. Juli. Skorzeny sollte einen besonderen Verband von zweitausend Draufgängern aus allen Waffengattungen aufstellen. Alle müßten englisch sprechen können. Sie würden die Uniformen von amerikanischen Gefangenen oder Gefallenen tragen und als Spione, Saboteure und Gerüchtemacher durch die amerikanischen Linien geschickt werden. Dann sollten sie die Maasbrücken besetzen und bis zum Eintreffen der Hauptstreitkräfte halten. Skorzeny müsse in längstens zwei Monaten bereit sein.

Der blonde Riese zog seine Leute in Friedenthal bei Oranienburg zusammen und machte sie mit der Ausrüstung, den Waffen, dem Drill, der Rangordnung und den Gewohnheiten der Amerikaner bekannt. „Seid nicht zu militärisch", befahl er. „Kein Hackenzusammenschlagen!" Er gab ihnen amerikanische Zigarettenpäckchen und zeigte ihnen, wie die Amerikaner sie öffnen. Sie lernten amerikanische Flüche und Slang. „Okay, Butch", wurde Losungswort. Man versah die Mannschaften mit amerikanischen Papieren, amerikanischem Geld und selbst mit Briefen und Photos aus den Staaten. Das Unternehmen wurde „Greif" getauft.

Es konnte trotz aller Vorsicht nicht völlig verborgen bleiben. So erbeutete der Sicherheitsdienst der 1. amerikanischen Armee einen Befehl an alle englisch sprechenden Soldaten, sich für die Truppe Skorzenys zu melden. Da seine Verwegenheit bekannt war, wies der bearbeitende Offizier am 10. Dezember in einem Bericht darauf hin, daß der Befehl „offensichtlich auf besondere Sabotageoperationen, Angriffe auf Stäbe und wichtige militärische Einrichtungen durch infiltrierte oder mit Fallschirmen abgesetzte Spezialisten schließen lasse".

Er fügte hinzu: „Ein intelligenter Kriegsgefangener, dessen sonstige Beobachtungen genau mit erwiesenen Tatsachen übereinstimmen, sagte aus, daß alle zur Verfügung stehenden Kräfte für eine kommende, umfassende Gegenoffensive gesammelt würden."

Hohe alliierte Abwehroffiziere zweifelten jedoch immer noch. Es wurden keine Verstärkungen an die Ardennenfront gesandt. Und am 16. Dezember schlugen die Deutschen los.

Tausende deutscher Geschütze bahnten siebzehn Divisionen und zwölf nachfolgenden einen Weg durch die wilden, verschneiten Ardennen. Eine der größten, entscheidenden Schlachten der amerikanischen Geschichte hatte begonnen. Skorzenys „Amerikaner", jetzt in erbeuteten Jeeps, operierten auf eigene Faust. Sie fuhren durch die aufgescheuchte Front, gaben anderen deutschen Einheiten vorher vereinbarte Signale und halfen der deutschen Artillerie, dem Gegner schwere Verluste zuzufügen. Die „Amerikaner" legten Baumstämme über die Wege und zerschnitten Telephondrähte. Sie brachten den Fahrzeugverkehr in Verwirrung, indem sie die Straßenmarkierungen vertauschten, und entfernten Warnschilder an Minenfeldern.

Anfangs merkten nur wenige Amerikaner, daß verkleidete Feinde unter ihnen waren. Bis am 18. Dezember in Belgien drei GIs in einem Jeep von MPs angerufen wurden und das Losungswort nicht

wußten. Sie besaßen Papiere der 5. Panzerdivision und machten überzeugende Angaben. Aber sie waren „so verdammt höflich". Das allein brachte sie vor einen amerikanischen Abwehroffizier. Als ehemaligem deutschen Richter, der aus Dachau entkommen war, machte es diesem besondere Freude, gefangene Deutsche ins Kreuzverhör zu nehmen. Bei diesen drei Gefangenen wandte er folgende Methode an: er appellierte an ihr militärisches Ehrgefühl, das ihnen verbieten sollte, eine andere als die deutsche Uniform zu tragen. Das zog. Sie gaben einige Einzelheiten des Unternehmens „Greif" zu. „Die Aussagen stimmen mit dem erbeuteten Befehl überein", erinnerte der amerikanische Offizier seine Vorgesetzten. Aber vielen Offizieren schien der Plan „zu phantastisch". Bald jedoch fand die Abwehr ein deutsches Funkgerät und ein Codebuch in einem zurückeroberten Jeep.

Nun begann eine großangelegte Spionenjagd. Losungen hatten keinen Sinn — die Deutschen konnten sie erfahren haben. MPs und Abwehragenten drückten mit grimmigen Gesichtern verdächtigen Jeepbesatzungen und den Insassen anderer Fahrzeuge ihre Pistolen an die Rippen und fragten: „Wer ist der Braune Bomber? Wo liegt *The Windy City?* Wer ist *The Voice?* Sag' *‚wreath'!*" Die Kombination von *w*, *r* und *th* pflegte fast alle Deutschen zu entlarven.

Am 19. Dezember trafen Spionageabwehr-Agenten auf zwei amerikanische Leutnants in einem Jeep, die gerade vorbeijagende Verstärkungen beobachteten. Als man sie ausfragte, kamen sie mit Erkennungsmarken, Impfscheinen und glaubwürdigen Einzelheiten über ihre Ausbildung heraus. In Camp Hood, sagten sie, hätten sie Lehrgänge mitgemacht. Fast zufriedengestellt fragte ein Agent: „Schon mal in Texas gewesen?" „Nein", sagte der eine Deutsche, „nie." „Hände hoch", fuhr ihn der Agent an und zog die Pistole. „Camp Hood liegt in Texas."

Dann fragte in Lüttich — einem der von Skorzeny als Hauptziel betrachteten Maasübergänge — eine Jeepbesatzung unverfroren nach dem Hauptquartier des rückwärtigen Armeegebiets. Im selben Augenblick waren die Leute von schwer bewaffneten MPs umzingelt. Der amerikanische Vernehmungsoffizier wurde gerufen, und die Aussagen eines Leutnants ergaben folgende Einzelheiten: die ebenfalls unter Skorzenys Kommando stehende 150. Panzerbrigade sollte in Beutepanzern solange zurückgehende amerikanische Panzer markieren, bis sie die Maasbrücken besetzen konnte.

Im Hauptquartier der 1. Armee, wohin man ihn zur weiteren Vernehmung gebracht hatte, sagte der Leutnant zuerst, daß er alles erzählt habe, was er wisse.

„Okay", hieß es im Hauptquartier, „wir übergeben Sie dem sowjetischen Kommissar."

Wie den meisten Deutschen graute es dem Leutnant vor Russen, und er erbleichte, als ein Riese in der Uniform der Roten Armee ihm in gebrochenem Deutsch (es war ein Amerikaner aus Milwaukee) Fragen entgegenbrüllte. Er gestand: „Wir sind auch hinter Eisenhower her. Skorzeny und ein paar andere werden als amerikanische Offiziere auftreten, die gefangene deutsche Generale zur Vernehmung ins Oberste Hauptquartier nach Versailles bringen. Sie werden amerikanische Wagen fahren. Gelingt es ihnen, dorthin zu gelangen, soll Skorzeny Eisenhower entführen oder umbringen."

Das mochte frei erfunden sein, jedoch SHAEF, das Oberste Alliierte Hauptquartier, mußte sichergehen. Das Trianonhotel und andere von SHAEF belegte Gebäude wurden durch Stacheldraht, Panzerwagen und annähernd tausend schwerbewaffnete MPs und GIs geschützt, die Pässe an weit vorgeschobenen Straßensperren kontrolliert und jeder mit Anruf und Pistole begrüßt. Fünf Abwehragenten sorgten dafür, daß alle Besucher General Eisenhowers durch einen seiner Adjutanten legitimiert wurden. Innerhalb der Einzäunung zog der General in ein Haus, das von oben bis unten bewacht war.

Inzwischen hatten einige fünfzig Panzer der 150. Panzerbrigade in den Ardennen ein amerikanisches Panzerbataillon überrascht und zur Hälfte aufgerieben. Der Schreckensruf „unsere eigenen Panzer feuern auf uns" verbreitete sich. Die MP erhielt strengen Befehl, alle auffälligen Panzerbewegungen zu melden. Der Schiffsverkehr auf der Maas wurde gestoppt, auf beiden Ufern patrouillierten ständig Posten, und jeder, der über den Fluß wollte, wurde aufgegriffen und untersucht. Auf diese Weise wurden 54 Deutsche in alliierter Uniform oder in Zivil gefaßt.

Unter ständiger Verbreitung von Nachrichten über angebliche Niederlagen hatten die „Greif"-Leute beinahe die letzte Verteidigungsstellung vor der Maas erreicht. Bei Malmedy fand Skorzeny feuerbereite amerikanische Artillerie vor. Bevor er angriff, schickte er Spähtrupps aus, um etwas über Anzahl und Geschützart festzustellen. Die wachsam gewordenen Artilleristen nahmen sie gefangen, und die Geschütze gaben die Antwort. Die Panzer wurden zusammengeschossen, und aus den Trümmern wurden die deutschen Besatzungen, tot oder verwundet, herausgezogen, alle in amerikanischer Uniform.

Niemand weiß, wieviel hundert „Greif"-Leute im Kampf getötet wurden. Aber es steht fest, daß ungefähr 130 abgeurteilt und erschossen wurden. Skorzeny selbst war durch einen Granatsplitter ver-

wundet worden. Er hoffte auf eine Gelegenheit, mit dem Rest der 150. Panzerbrigade doch noch seinen verhängnisvollen Auftrag ausführen zu können. Durch die Bekanntgabe der Namen der gefangengenommenen „Greif"-Offiziere über den Sender Luxemburg wurde ihm aber klar, daß die Gelegenheit endgültig verpaßt war. Widerstrebend wies er seine enttäuschten Soldaten an, ihre amerikanischen Uniformen auszuziehen.

Nun spielte Skorzeny in der Verborgenheit eine wichtige Rolle bei den Bemühungen, den amerikanischen Vormarsch nach Deutschland möglichst langwierig und kostspielig zu gestalten. Eine seiner letzten Aufgaben war es, die Giftkapseln zu beschaffen und zu verteilen, mit denen Göring, Himmler und andere Selbstmord begingen.

Als Skorzeny sich den Amerikanern ergeben hatte, sagte er, er hätte niemals wirklich beabsichtigt, Eisenhower umzubringen. Das sei lediglich eine Finte gewesen, die er sich ausgedacht hätte, um seine Leute anzufeuern. Er wußte, einige seiner Männer würden gefangengenommen werden, davon erzählen und so zur allgemeinen Verwirrung beitragen. Er sagte höflich, aber fest: „Hätte ich etwas derartiges geplant, dann hätte ich es auch versucht. Hätte ich es aber versucht, dann wäre es mir auch geglückt."

Vor einem aus neun Offizieren bestehenden Gericht in Dachau wurden einige Beschuldigungen von der Anklagevertretung zurückgezogen, darunter die einer Beteiligung an den berüchtigten Massenerschießungen amerikanischer Gefangener in Malmedy. Skorzeny wies darauf hin, daß außer den „Greif"-Leuten auch viele andere, darunter auch britische und russische Soldaten, die Uniform des Feindes getragen hätten. Nach einer nur zweieinhalbstündigen Beratung sprach das Gericht Skorzeny und sieben seiner Kameraden frei.

„Das Verfahren war gerecht", sagte Skorzeny, „und ich bin nicht mißhandelt worden, obwohl ich 22 Monate in Einzelhaft war. Meine einzige Beschwerde ist, daß jemand meine Armbanduhr ‚befreit' hat, die Mussolini mir gegeben hatte."

Als SS-Offizier sollte Skorzeny vor eine deutsche Spruchkammer kommen. Während seiner Haft erhielt er viele aufmunternde Briefe aus Amerika, worin ihm zum Teil Hilfe angeboten wurde. Offensichtlich war das Interesse für seine Person auf Artikel zurückzuführen, die über seinen Freispruch erschienen waren.

Am Morgen des 25. Juli 1948 fand man seine Zelle leer. Tags darauf erhielt das Gericht einen Brief von ihm mit der Erklärung, Kommunisten versuchten, aus Haß gegen ihn ein objektives Gerichtsverfahren zu verhindern. Auch seine Frau verschwand mit ihm.

Ein Mensch, den man nicht vergisst

Ein Erlebnis
von Hiram Haydn

Alle nannten ihn „Cäsar". Die Eltern eines kleinen Buben, der drei Monate zuvor in „Cäsars" Schule eingetreten war, waren die ganze Zeit verreist gewesen, und als sie ihn nun besuchen kamen, machte der Kleine sie voller Stolz mit seinen Lehrern bekannt. „Das ist Herr Watson, das ist Fräulein Graham, und das ist unser Schulleiter, Herr — Cäsar." Sein Gesicht wurde puterrot; er konnte sich nicht auf den Namen des Schulleiters besinnen, denn er hatte ihn seit dem Tage des Schulbeginns nicht wieder gehört.

Uns drei Neulingen im Lehrerberuf war „Cäsars" Einfluß auf die Zöglinge dieser privaten Knabenschule unerklärlich. Wir konnten nicht begreifen, wie er es fertigbrachte, sie durch bloßes „miteinander reden" in Rand und Band zu halten. Das schien bei ihm nebenher und ohne die mindeste Schwierigkeit abzugehen, während unsere ganze Lehrtätigkeit bisher darin bestanden hatte, den Jungen Zucht und Ordnung beizubringen. Und selbst bei diesem beschränkten Programm hatte ich für meinen Teil noch keinerlei nennenswerte Erfolge erzielt. Am Ende der ersten drei Monate packte ich einen kleinen Frechling buchstäblich beim Kragen und trug ihn in „Cäsars" Amtszimmer.

„Nehmen Sie ihn", sagte ich, „bevor ich ihn totschlage." Es war meine Absicht, noch am selben Abend meine Stellung aufzugeben. Eine halbe Stunde später jedoch kam dieser Bub so ruhig, so höflich, so freundlich in die Klasse zurück, daß ich anderen Sinnes wurde. Als ich „Cäsar" fragte, was geschehen sei, versetzte er zwinkernd: „Wir haben miteinander geredet." Er übte seinen Einfluß so in aller Stille aus, daß wir nur selten Gelegenheit hatten zu beobachten, wie er dabei vorging. Aber schließlich fragte ich ihn geradeheraus.

„Die erste Regel ist", sagte er, „daß man es gar nicht zu einer Krisis kommen läßt. Ist erst einmal Strafe vonnöten, so ist es sehr viel schwieriger, Herr der Situation zu bleiben. Sie dürfen einem Jungen nie die Möglichkeit geben, Ihren Anweisungen zu widersprechen oder zu trotzen, so daß Sie genötigt sind, ihm Ihren Willen aufzuzwingen. Und fragen Sie ihn nie, ob er etwas Unrechtes getan habe, wenn Sie überzeugt sind, daß er es getan hat, denn Sie bringen ihn dadurch nur in Versuchung, sich aus der Klemme herauszulügen."

Das war klar und bestimmt und einleuchtend. „Aber ich kann noch immer nicht begreifen", sagte ich, „wie Sie schon voraussehen können, ob Schwierigkeiten im Anzuge sind."

„Man muß eben seine Zöglinge kennen", erwiderte er. „Man merkt ihnen immer schon lange vorher an, wie der Hase läuft. Bei einem rechten Jungen kommt so ein Koller nicht ohne vorherige Warnungszeichen. Und in der kleinen Schule hier haben wir ja wirklich die Möglichkeit, unsere Pappenheimer kennenzulernen."

Er verlangte von uns, daß wir alle sechs Wochen über jeden einzelnen von zehn bis zwölf Schülern einen Bericht erstatteten, worin wir uns über den Charakter eines jeden äußern mußten — über seinen Arbeitseifer, seine Anpassungsfähigkeit, Verläßlichkeit und andere Eigenschaften. Wenn die Eltern eines Knaben, an dem etwas auszusetzen war, nach der Lektüre des Berichts zu gleichgültig waren, um den betreffenden Hinweis zu beachten, ließ er sie auf taktvolle, aber unverhohlene Art wissen, welche Schwierigkeiten drohten und wie man vorbeugend dagegen angehen könnte. Auf diese Weise ergab sich eine bemerkenswerte Zusammenarbeit zwischen Lehrern und Eltern.

Täglich beim Mittagessen kam ein Schülerausschuß mit ihm oder einem Lehrer zusammen, um gewisse Programme oder Maßnahmen zu besprechen. Einer hieß „Vollzugsausschuß", was nur ein Deckname war für eine besonders ausgewählte Gruppe, deren Aufgabe es war, ihm beim Aufspüren schwieriger Probleme und ihrer Bewältigung behilflich zu sein. Nichts anderes an der Schule bedeutete so viel, als Mitglied dieses Ausschusses zu sein. Gehörte man einmal dazu, so war man gleichsam auf der Innenseite und arbeitete zusammen mit „Cäsar" darauf hin, daß jedem Zögling die Ermutigung und Gelegenheit zuteil wurde, die er brauchte, um zu sich selber zu finden. Die Mitglieder dieses Ausschusses mußten sich verpflichten, die dort besprochenen Fragen geheim zu halten, und keiner hat je sein Wort gebrochen.

Natürlich war „Cäsar" gar nicht cäsarisch. Im Gegenteil, er war der sanftmütigste Mann, den ich je kannte. Aber es war jene Sanftmut, die aus wahrer Stärke kommt. Er stellte die höchsten Anforderungen an sich selbst und jeden anderen; er erwartete von jedermann in der Schule den Einsatz seiner vollen Leistungsfähigkeit; er verlangte, daß jeder sein bestes Ich zur Entfaltung brachte und sich ständig auf dieser Höhe hielt.

Auf den ersten Blick schien nichts Außerordentliches an dem kaum mittelgroßen, gepflegten, intelligent dreinschauenden Mann. Das einzig Ungewöhnliche war eine schlohweiße Strähne in seinem vorzeitig ergrauenden Haar. War man jedoch öfters mit ihm zusammen, so gewahrte man mehr und mehr die Wärme und den Humor in seinen Augen, die Ausdruckskraft der wohlgebildeten Hände, die niemals ruhelos waren oder sich übertrieben gebärdeten, und den Wohllaut seiner tiefen Stimme. Hatte man ein Jahr lang mit ihm gearbeitet, so fragte man sich, warum ein solcher Mann sich mit seiner Stellung an einer um ihre Existenz kämpfenden, dürftig in einem Holzhaus untergebrachten kleinen Schule begnügte. Denn man war überzeugt, daß er nur hätte zu wählen brauchen, um woanders Schulleiter zu werden. Und man fragte sich auch, welcher Herkunft er wohl sein mochte, in einem tieferen Sinne als dem lediglich geographischen. Er sprach nur wenig von sich selbst, aber nach und nach brachte ich die Geschichte zusammen.

Als Henry Mortimer im Jahre 1919 aus Frankreich heimkehrte und aus der amerikanischen Armee entlassen worden war, entschloß er sich zum Besuch einer Kunstschule. Schon seit seiner Knabenzeit hatten ihm die Finger nach Zeichenstift und Pinsel gejuckt. Jetzt, wo er schon Ende zwanzig war, hatte er endlich das Geld und die Möglichkeit, sich die ersehnte Ausbildung zu verschaffen.

Sechs Monate lang studierte er in Chicago. Seine Lehrer waren überzeugt, daß dieser junge Mann eine glänzende künstlerische Laufbahn vor sich hatte. Als er in den Osterferien auf Besuch zu seinen Eltern fuhr, sprühte er vor Begeisterung für seine Arbeit.

Auf der Rückfahrt unterbrach er die Reise, um seinen Onkel zu besuchen, der eine Knabenschule eröffnet hatte. Es war der Entschluß eines Augenblicks, aber entscheidend für sein ganzes Leben.

Er fand die neue Schule in einem traurig verkümmerten Zustand vor. Von den vier Lehrern hatte einer eine andere Stellung angenommen. Ein zweiter war soeben ins Krankenhaus gebracht worden und fiel für den Rest des Schuljahres aus. Der Onkel, der, so gut es gehen wollte, die Arbeit von dreien auf sich genommen hatte, war sichtlich erschöpft.

Henry schaute sich um. In dieser kleinen Schule war etwas in der Luft, das fesselnd und erregend war. Es war im Wesen der zwei verbliebenen Lehrer spürbar, es war höchst lebendig in den Schülern (ihr Verhältnis zur Schule war ganz anders, als es zu seiner Zeit gewesen war — sie mußten am Ende jedes Tages beinahe gezwungen werden, heimzugehen), und es leuchtete aus den Augen seines Onkels.

Mit einemmal kam ihm zu Bewußtsein, daß er hier dieselbe schöpferische Luft atmete wie in der Kunstschule. Nur waren die Werkzeuge hier nicht Stift und

Pinsel, sondern Geist und Herz, und der Stoff waren nicht Farbe und Leinwand, sondern Menschenleben. „Du bist überanstrengt", sagte er zu seinem Onkel. „Laß mich heute nachmittag deine Klassen übernehmen. Viel Erdkunde werden sie dabei vielleicht nicht lernen, aber ich denke, es wird schon gehen."

Es ging. Und am Abend im Zimmer seines Onkels sagte er unvermittelt: „Wenn du mich nehmen willst, bleibe ich."

So ganz leicht war es nicht. Während der ersten Wochen kamen immer wieder Stunden, in denen er sich an seine Staffelei zurücksehnte und das Gefühl hatte, einen argen Fehler begangen zu haben. Aber aus den Wochen wurden Monate, aus den Monaten Jahre. Und als er eines Abends auf einer Gesellschaft ein junges Mädchen mit lachenden blauen irischen Augen kennenlernte, wurde der Entschluß unwiderruflich.

Er heiratete Helen Gallagher, und zu der Zeit, als ich mein Amt in der Schule antrat, war ihr Erstgeborener sechs Monate alt. Sie wohnten in einem kleinen Haus in der Nähe der Schule, die so aufgeblüht war, daß man sie in einen Vorort hatte verlegen können, wo es freie Felder und Landluft gab. Der Onkel hatte sich zur Ruhe gesetzt, und Henry Mortimer war Leiter der Unterklassen (Knaben von sechs bis elf Jahren). Aus Henry Mortimer war „Cäsar" geworden.

Nach und nach begann ich zu verstehen, worauf seine Erfolge bei den Jungen beruhten. Vor allem: er liebte sie, unverhohlen und rückhaltlos. Und weil er sie liebte, glaubte er an sie. Ich habe ihn mit ruhiger Zuversicht Jungen aufnehmen sehen, an denen Eltern, Freunde und selbst Psychiater verzweifelt waren. „Sie sind nicht richtig behandelt worden", pflegte er zu sagen.

Aber er verstand sich auf die richtige ausgleichende Methode. War Bill Graham faul und verantwortungsscheu, so lud er ihm möglichst viel Verantwortung auf. Zum Beispiel legte er die Leitung der nächsten „freien Aussprache" in Bills Hände und begab sich auf einen Spaziergang, als stünde es nicht im geringsten in Frage, daß alles in Ordnung verlaufen würde. Benahm sich Dan Billings wieder einmal so, daß er von allen als Hanswurst verlacht wurde, so rief er ihn zu sich und übertrug ihm das Amt eines Vorsitzenden des „Empfangsausschusses", der etwaige Gäste bei der Besichtigung der Schule zu begleiten hatte.

Manchmal natürlich geriet er an einen besonders schwierigen Jungen, der selbst seine Geduld auf eine harte Probe stellte. So zum Beispiel der zehnjährige Douglas Hall, dessen Vater gestorben war, als Douglas noch in der Wiege lag, und dessen Mutter ihm jede Laune hatte durchgehen lassen. Douglas kannte weder physische Furcht noch soziales Verantwortungsgefühl. Einmal stieß er bei einer Schlägerei mit dem Arm durch eine Fensterscheibe und schlitzte sich den Arm vom Ellenbogen bis zum Handgelenk auf. Ohne im mindesten auf das Blut zu achten, das aus der klaffenden Wunde strömte, kam er zu mir und sagte seelenruhig: „Ich glaube, da muß man etwas tun."

Da „Cäsar" wußte, daß die üblichen Methoden bei Douglas versagen würden, legte er es zunächst lange Zeit lediglich darauf an, sich mit dem Jungen recht zu befreunden. Er machte ausfindig, wofür Douglas besonderes Interesse zeigte, und nahm daran teil; er übersah Vergehen, die er sonst streng geahndet hätte.

Einen sonderlichen Erfolg seiner Bemühungen konnten wir zwar nicht wahrnehmen, aber wir mußten zugeben, daß Douglas ihn liebte und respektierte wie niemanden sonst. So ging es etliche Monate lang. Dann kam ein arger Rückschlag. Douglas stach der Hafer mehr denn je, und er tyrannisierte offen andere Schüler. Es sah aus, als ob „Cäsar" endgültig das Spiel verloren habe.

Eines Tages jedoch begegnete ich Douglas, als er weinend in die Halle herunterkam. Ich riß die Augen auf. Douglas in Tränen! Eine Viertelstunde lang redete ich ihm vergeblich zu, mir den Grund zu sagen, aber schließlich tat er es. „Ich bin aus der Klasse ausgewiesen", schluchzte er, „und zu „Cäsar" geschickt worden. Und er hat zu mir gesagt — er sei enttäuscht von mir. — Kein — guter Freund, hat er gesagt — würde einen Freund so im Stich lassen — wie ich."

Die Krisis war, nach langem Kampfe, siegreich überstanden. Und ich hatte mit einemmal einen Begriff von „Cäsars" heroischer Geduld.

Als ich eine Stunde später mit ihm zusammenkam und sah, wie müde und abgespannt er ausschaute, wurde mir plötzlich klar, mit welcher Intensität er sich der gewagten Aufgabe, junge Menschenleben umzuformen, hingab.

Seiner Liebe zu den Jungen und seinem Glauben an sie kam nur seine reine Freude an dem erregenden Vorgang des Lehrens und Lernens gleich. Das wurde in allen seinen Klassen deutlich. Beim Unterricht der Zehn- und Elfjährigen nahmen Erdkunde und Geschichte unter seiner Führung einen Glanz und Zauber an, wie ihn sonst nur Indianergeschichten und Detektivromane für junge Gemüter haben.

Geschichte zum Beispiel lehrte er auf die Weise, daß jeder Junge in der Klasse den Beherrscher eines Landes darstellte. Einige Wochen lang informierte sich nun jeder Schüler, mit „Cäsars" Hilfe, über die Verhältnisse seines Landes. Fand er die Schulbibliothek unzureichend, so verbrachte er die Samstage in der

Stadtbibliothek. Er *lebte* im England oder Frankreich oder Spanien des 17. Jahrhunderts. Dann kam der Tag der Bewährung. In dem mit Spannung geladenen Klassenzimmer mußte jeder Schüler alle einschlägigen Fragen über sein Land, die die anderen Jungen und „Cäsar" sich nur irgend ausdenken konnten – und es waren oft verteufelt schwierige darunter – in allen Einzelheiten beantworten. Ich erinnere mich noch, wie einmal ein zehnjähriger König von Frankreich vierzig Minuten lang einem Ansturm von Fragen standhielt und Antwort auf Antwort gab über Ackerbau, Verwaltung, Feldzüge und dergleichen mehr. Mit einer Selbstverständlichkeit, als wäre er wirklich vor 250 Jahren dabeigewesen, begann er jede Erwiderung mit den Worten: „Also das haben wir folgendermaßen gemacht . . ."

Das Geheimnis von „Cäsars" Einfluß wurde in diesen Unterrichtsstunden zu einem Teil offenbar. Bewußt oder unbewußt streben wir Lehrer alle nach dem fast unerreichbaren Ziel, mit unseren Schülern gleichsam eins zu werden — in ihrer Sprechweise zu reden, uns ganz in ihre Welt einzufühlen — und dabei doch nicht auf das Niveau ihrer Unreife herabzusinken und dadurch die Führung über sie zu verlieren. Es ist schon ein sehr guter Lehrer, der diesem Ideal auch nur einigermaßen nahekommt; aber „Cäsar" war von allen, die ich kannte, der einzige, der dieses schwierige „Zugleich" wirklich und ohne den geringsten Mißgriff meisterte. Bei dem Geschichtsspiel war er ganz Kamerad unter Kameraden, in völlig unbefangenem und natürlichem Gedankenaustausch, genau so begeistert und eifrig wie nur irgendeiner der Schüler. Und dennoch brauchte er nur etwa zu sagen: „Weißt du das bestimmt, Dan?", und sogleich trat ein allgemeines nachdenkliches und respektvolles Schweigen ein.

Geographiespiele waren beim Mittagessen an der Tagesordnung und so fesselnd, daß die Beteiligten oft vergaßen, um eine zweite Portion Nachtisch zu bitten. In einem Jahr verzichteten einige Jungen monatelang auf den Nachmittagssport, um im Schulhof ein großes Gipsrelief von Nordamerika anzufertigen. Es mußte schon ein ungewöhnlich beschränkter Junge sein, der aus einem ein- oder zweijährigen Geographie-Unterricht bei „Cäsar" hervorging, ohne über Grenzen, natürliche Hilfsquellen und Bodenbeschaffenheit gründlich Bescheid zu wissen.

Wollten wir „Cäsar" ein Kompliment machen über seine Lehrweise, so erwiderte er nur: „Danke. Sagen Sie, haben Sie schon bemerkt, was Dave für eine großartige Methode in Naturgeschichte hat?" oder: „Ist das nicht eine erstklassige Idee von Gil, die Jungen die Bibliothek mit Illustrationen aus ihren Lieblingsbüchern ausschmücken zu lassen?" Hinterher verrieten Dave und Gil uns natürlich, woher die „großartige Methode" oder die „erstklassige Idee" stammte — nämlich aus einer Konferenz mit „Cäsar".

Die Begeisterung für seinen Beruf war ansteckend und teilte sich dem gesamten Lehrkörper mit. Wir wurden unruhig, wenn wir nicht in der Schule waren; wir gewöhnten uns an, nach dem Abendessen wiederzukommen und miteinander Pläne zu schmieden und zu diskutieren. Daraus wurden regelrechte zwanglose Sitzungen, Abend für Abend, bei denen wir über die einzelnen Jungen, über Lehrmethode und allerlei Projekte sprachen.

Er hatte viele verlockende Angebote, die Leitung anderer Schulen zu übernehmen, bei höherem Gehalt. Als er wieder einmal ein solches Angebot abgelehnt hatte und ich ihn fragte, warum, machte er ein verlegenes Gesicht.

„Ich kann doch hier nicht weg", sagte er, und es war das einzige Mal, daß ich ihn in fast ärgerlichem Ton reden hörte. „Ich gehöre hierher." Was er sagte, traf noch in einem allgemeineren Sinne zu. Jeder Mensch gehört dorthin, wo er nach seiner Erfahrung seine Kräfte am ergiebigsten nutzen kann, wo er jeden Tag zu einem Erlebnis und einer Bereicherung machen kann, für sich selber und für die, mit denen er zusammenarbeitet.

Wenn ich von ihm erzählt habe, als wäre seine Laufbahn bereits beendet, so geschah es unwillkürlich deshalb, weil für mich jeder Gedanke an ihn untrennbar verbunden ist mit der Erinnerung an die Zeit, wo die Schule noch in dem kleinen Holzhaus untergebracht war. Heute ist sie darüber hinausgewachsen, und „Cäsar" ist noch immer der Leiter der Elementarklassen. Die Leitung der gesamten Schule wurde ihm angeboten, aber er lehnte ab. „Ich arbeite am besten mit den jüngeren Buben", sagte er.

Das Holzhaus ist verschwunden; die jüngeren Schüler hausen jetzt zusammen mit den älteren in einem großen roten Backsteingebäude. Die Zahl der Schüler ist gewachsen, der Lehrkörper größer geworden. Alles hat sich verändert — nur „Cäsar" nicht.

Als ich ihn das letztemal traf, suchte ich aus ihm herauszubringen, wie ihm die Veränderungen in der Schule gefielen und ob ihn seine alte Tätigkeit in der neuen Umgebung noch immer befriedige. Aber er war nicht zu bewegen, von sich selber zu reden.

„Hören Sie", rief er, und das alte Licht leuchtete aus seinen Augen, „Sie müssen unbedingt Dick Price kennenlernen, den neuen Handfertigkeitslehrer. Er arbeitet jetzt mit den Jungen an einem großen Projekt für Weihnachten. Er hat wundervolle Ideen!"

Wie in der guten alten Zeit

IN GUATEMALA LERNT MAN LEBEN

Aus der Monatsschrift Travel
von Nina Wilcox Putnam

Nicht allein Ärzte und Lehrer sollten von Zeit zu Zeit Fortbildungskurse mitmachen. Uns allen ginge es besser, wenn wir uns gelegentlich an einem solchen Nachhilfe-Unterricht in richtigem Leben beteiligten.

Vor drei Jahren schickte mich ein Verleger nach Guatemala. Ich zog los, ohne zu ahnen, daß ich drauf und dran war, ein Land zu betreten, das meine Lebensansichten grundlegend ändern und mich zu den gesünderen Anschauungen meiner Jugend zurückführen sollte. Und seither lebe ich ständig dort.

Guatemala ist voller Sehenswürdigkeiten, landschaftlicher Reize und merkwürdiger Sitten. Vor allem aber ist die allgemeine Lebenshaltung hier gut hundert Jahre hinter der Zeit zurück und hat eine überraschende Ähnlichkeit mit den moralischen Grundsätzen, die wir alle so stolz unseren Vätern zuschreiben und von denen wir selbst so herzlich wenig Gebrauch machen.

Guatemala hat vieles mit einem kleinen Dorf gemein — man ist unverdorben, gutnachbarlich und freundlich. Vielleicht sind deswegen die Fremden, die sich hier angesiedelt haben, so ganz anders als etwa jene, die die französische Riviera überschwemmen. Hier gibt es kein Nachtleben und „es ist nichts los", wie Durchreisende zu sagen pflegen. Es ist

wirklich nichts los. Man hat einfach nichts zu tun als — zu leben. Aber das kann unter Umständen eine schwierige Aufgabe sein.

Nahrungsmittel sind zwar billig und im Überfluß vorhanden, aber selbst einfache Haushaltsgegenstände müssen auf Bestellung angefertigt werden. Hausangestellte gibt es genug, und man bekommt sie sehr billig. Sie setzen aber als selbstverständlich voraus, daß man sich wirklich um sie kümmert. So entsteht ein gesundes Familienleben, das überall Behaglichkeit verbreitet. Aus diesen Gründen und um der unvergänglichen Schönheit eines Landes willen, in dem es immer Frühling ist, lohnt es, hier zu leben. Die eigentliche Anziehungskraft Guatemalas aber liegt anderswo.

Man sieht es zum Beispiel als selbstverständlich an, daß jemand sein Wort hält. Das erfuhr ich zum erstenmal, als ich ein Haus kaufen wollte. Um mir das Geld dafür zu besorgen, mußte ich in die Vereinigten Staaten fahren. Der Hauseigentümer Don Miguel weigerte sich, mir seine Zusage schriftlich zu geben. Er hielt das für unnötig. Nach sechs Monaten kam ich etwas besorgt zurück, denn man hatte meine Briefe, in denen ich wegen der Verzögerung um Entschuldigung gebeten hatte, nicht beantwortet. Ich befürchtete schon, das Haus sei verkauft, da ich wußte, daß die Grundstückspreise inzwischen gestiegen waren. Aber ich stellte fest, Don Miguel hatte das Haus für mich zum vereinbarten Preise gehalten.

„Sie hätten es für beinahe das Doppelte verkaufen können", sagte ich.

„Ich hatte Ihnen doch mein Wort gegeben", erwiderte er verwundert. Don Miguel hatte nur nicht geantwortet, weil er weder lesen noch schreiben konnte. Aber er wußte, was ein Versprechen bedeutet.

Ich mag Guatemala deshalb besonders, weil man sich dort nicht bemüht, es Schmidts und Meyers gleichzutun. Wohlhabenheit steht nicht besonders hoch im Kurs. Rechtschaffenheit — ja. Religiosität — ja. Güte — auch. Aber Geld? Nein. Viele Leute laufen in abgetragenen Sachen herum. Es tut einem also keinen Abbruch, wenn man schäbige Kleider trägt. Man weiß in Guatemala, daß Kleider keine Leute machen.

Geld wird nicht einmal immer als Gegenwert für Ware benutzt. Als ich mir ein weißes Kätzchen kaufen wollte — hauchzart und weich wie frischgefallener Schnee — weigerte sich die Besitzerin, es zu verkaufen.

„Ich möchte es gegen ein weißes Küken tauschen — wenn Sie das haben", sagte sie zu mir.

Ich erkundigte mich, und es zeigte sich, daß eine allgemeine Abneigung dagegen besteht, Geld für

lebende Wesen, vor allem für Katzen, anzunehmen. Schließlich bekam ich das Kätzchen doch, ohne ein Küken dafür zu geben. Die Besitzerin hatte sich davon überzeugt, daß ich das kleine Wesen wirklich liebte, und sie schenkte es mir.

Aber Gabe verlangt Gegengabe. Eines Tages sah ich, wie ein junger Bursche eine kleine schneeweiße Madonna aus dem hier vorkommenden Marmor schnitzte. Ich kaufte sie, schenkte sie — nach Ablauf einer Höflichkeitsfrist — der Frau, die mir die Katze gegeben hatte, und gewann so eine Freundin.

Ich finde es erfrischend, daß man hier – und zwar in allen Schichten – guten Manieren so große Bedeutung beimißt. Die höhere Gesellschaft ist entschieden viktorianisch: zum mindesten nach außen hin benimmt man sich anständig, und wer es nicht tut, gerät in gesellschaftlichen Bann — nicht in die Zeitung. Die jungen Leute werden behütet und scheinen — obgleich es keine Bars und Tanzlokale gibt — ihr Vergnügen zu haben. Flirten hält man nicht gerade für angebracht bei einem jungen Mädchen, das in die Gesellschaft eingeführt werden soll. Wenn man sie dabei erwischt, gibt es entweder ganz altmodisch eine Tracht Prügel, oder man schickt sie zu den Schwestern von St. Vincent de Paul, damit sie sich abkühlen, und so werden nette junge Mädchen daraus.

„Aber Sie wissen längst nicht alles", sagte ein Vater, mit dem ich über diesen Eindruck sprach, „viele Eltern müssen ihre Töchter nachts einsperren." Nun gut! Aber das ist's ja gerade. Sie sperren sie auch wirklich ein.

Wie in den meisten lateinamerikanischen Ländern kommt dem Alter in Guatemala Würde und Bedeutung zu. Ich als ältere Frau schwelge geradezu in der Ehrerbietung, die man der Erfahrung des Alters zollt. Die „Mamita" wird nicht als altmodisch angesehen oder mit nachsichtiger Geduld behandelt. Die älteste Frau in der Familie ist unbestritten das Oberhaupt. Ich hatte einmal ein sehr eiliges Geschäft mit einem achtundvierzigjährigen Einheimischen. Es verzögerte sich um vierundzwanzig Stunden, weil er es — nach den allgemeinen Höflichkeitsregeln — nicht ohne die üblichen Familienformalitäten abschließen konnte.

„Ich muß natürlich zuerst einmal über Land", erklärte er ernsthaft, „um mir die Zustimmung meiner Mutter zu sichern."

All dies hat mich übrigens sehr nachdrücklich daran gemahnt, welche Gültigkeit und Kraft in einem geordneten Familienleben liegt.

Ein anderer Grund, weshalb es mir so gut hier gefällt, ist das Fehlen rassischer Vorurteile. Seine Toleranz noch besonders hervorzuheben, würde lächerlich, ja beinahe banal wirken.

Am meisten aber schätze ich Guatemala, weil man hier jede Religion ungestört ausüben kann. Niemandem ist es peinlich, mehrmals am Tag in die Kirche zu laufen, um ein Wort mit Gott zu reden. Fast alle tun es. Man kann mit einer langen Kerze durch die Straßen gehen, um sie in der Kirche in Dankbarkeit oder hilfesuchend darzubringen. Keiner schaut einem auch nur nach, denn eine Menge Leute gehen mit Kerzen durch die Straßen. Man drängt sich zu den Gottesdiensten, wo sich die ganze Gemeinde in Verehrung versammelt.

Ich gewahre mit Vergnügen, daß in Guatemala alle Sekten ihre Religion ebenso frei ausüben können wie ich. Dies gilt nicht nur für Juden und Christen, sondern ebenso für Tausende von Indianern, die ungestört in ihren heidnischen Prozessionen durch die Straßen ziehen und ihren steineren Götterbildern auf den Berggipfeln Rosenblätter streuen. Nur Mangel an Religiosität gilt hier als Makel.

Guatemala hat natürlich auch seine Schattenseiten. Aber sie sind geringfügig für ein Land, das noch nicht allzu lange aus der Vergessenheit emporgetaucht ist. Und so liebe ich Guatemala — trotz einiger äußerer Unbequemlichkeiten — denn es hat mir an sittlichen Grundbegriffen wiedergegeben, was mich meine Eltern vor langer Zeit gelehrt haben.

DAS MÜSSEN SIE LESEN....

Sicher haben auch Sie schon manchmal gesagt: „Diesen Artikel müssen Sie unbedingt lesen, ich leihe Ihnen gern mein Heft!"

Wäre es Ihnen nicht angenehmer, WIR schickten ein Freiexemplar an Ihren Bekannten, der noch nicht richtig „entdeckt" hat, wie anregend unsere Zeitschrift ist? Vielleicht bekommt er Lust, sich „Das Beste" bei seinem Zeitungshändler oder im Buchhandel zu besorgen, Sie brauchen dann ihre eigenen Hefte, die Sie ja sammeln und aufheben wollen, nicht mehr aus der Hand zu geben.

Wir möchten einigen Ihrer Freunde gern ein Probeexemplar schicken. Weder Ihnen noch Ihren Bekannten sollen dadurch Kosten oder irgendwelche Verpflichtungen entstehen. Aber senden Sie uns bitte Ihre Liste bald ein, denn unsere Bestände an Probeheften sind begrenzt.

DAS BESTE aus READER'S DIGEST

DER OFFIZIALVERTEIDIGER

Aus dem Buche „The Counsel Assigned"

von Mary Raymond Shipman Andrews

Es ist lange her, daß diese Geschichte erzählt wurde. Und der sie berichtete, war ein hochbetagter Mann, eine prächtige Patriarchengestalt, ungebeugt noch und von hohem Wuchs, mit blitzenden Augen — auf den ersten flüchtigen Blick schon eine ungewöhnliche Erscheinung. Er saß mit einem Landsmann zusammen, den er zufällig in einem Hotel auf den Bermudas getroffen hatte, und die beiden waren ins Erzählen geraten.

Der Ältere plauderte über allerlei Erlebnisse, über Reisen und Abenteuer; seine eigentliche Begeisterung aber gehörte seinem Beruf, der Rechtspflege, und die dunklen Augen leuchteten, als er auf bedeutende Juristen zu sprechen kam.

„Unsinn jene Ansicht" — die große hagere Gelehrtenfaust schlug auf die Sessellehne — „die Juristerei verderbe den Charakter, und Advokaten seien nur darauf aus, ihren Klienten das Geld aus der Tasche zu ziehen. Ich bin ein sehr alter Mann; ich habe manch noble Tat miterlebt, von Ärzten wie von Geistlichen, aber eine der edelsten, die ich erlebt habe, verrichtete ein Anwalt."

Und damit war er schon bei seiner Geschichte:

Der Vorsitzende des Wahlkomitees blieb in der offenen Bürotür stehen: der Kongreßkandidat saß am Schreibtisch, völlig vertieft in einen Brief. Der Besucher wartete, in Muße dieses Gesicht betrachtend, das mit gerunzelter Stirn über das Papier gebeugt war. Ein Gesicht wie Granit — hart und unerschütterlich wie Fels, voll grimmiger Einsamkeit, aber dennoch liebenswert in seinem Zauber verborgenen Herzensadels.

Der Wahlkandidat faltete den Brief zusammen und schwang sich in seinem Sessel herum. „Tut mir leid, Tom, daß ich Sie warten ließ. Ich zerbrach mir gerade den Kopf, wie man an zwei Orten zur gleichen Zeit sein kann. Es sieht ganz so aus, als ob ich meine Rede hier am Freitag nicht halten werde."

„Die Wahlrede nicht halten! Sie scherzen."

Der Mann im Sessel schüttelte den Kopf. „Nicht im geringsten." Er stand auf und begann mit seinen langen Schritten im Zimmer auf und ab zu gehen, verfolgt von den erregten Vorstellungen des Vorsitzenden.

„Cartright kann uns immer noch schlagen, das wissen Sie; wir dürfen jetzt keine Chance auslassen — die Wahlen sind zu nahe . . . "

Der Hochgewachsene blieb unvermittelt stehen: ein seltsames Lächeln zuckte um den großen Mund und blitzte in den durchdringenden Augen auf.

„Ich kann Ihnen den Grund nicht sagen, Tom", erwiderte er, „möchte auch lieber nicht danach gefragt werden; aber ich kann am Freitag hier nicht sprechen." Und damit war der Fall erledigt.

Am Freitagmorgen sah man den langen Kandidaten schon bei Tagesgrauen durch die stillen Straßen der Stadt im Westen wandern, ehe noch die ersten Frühaufsteher auf den Beinen waren. Gut zu Fuß, erreichte er mit seinem ausgreifenden Schritt bald das flache Land, rasch und mühelos fürbaß marschierend, und die neunte Stunde sah ihn in einem abseits liegenden Marktstädtchen, dreißig Kilometer von seinem Ausgangspunkt entfernt.

Weit stand die Tür des Gerichtsgebäudes dort dem Sommermorgen offen. Die Verhandlung hatte bereits begonnen, der Raum war gedrängt voll. Unbemerkt trat der Kongreßkandidat ein und nahm in der letzten Reihe Platz.

Er schaute um sich, als sei er mit solcher Umgebung vertraut: den geweißten Wänden, dem rohen Gebälk, den Holzbänken. Es wurde gerade eine Diebstahlssache verhandelt. Er hörte aufmerksam zu und schien Anwälte und Richter zu studieren; und auch von den Bemerkungen der Umsitzenden entging ihm kein Wort. Nachdem dieser Fall entschieden war, erhob sich der Staatsanwalt und verlas die Anklage gegen John Wilson wegen Mordes.

Bewegung durchlief den Gerichtssaal. Am Eingang war der Sheriff erschienen, der eine kindliche Gestalt hereinführte, einen Jungen von fünfzehn Jahren in ärmlichen hausgeschneiderten Kleidern, mit auffallend hellem Blondschopf. Er war leichenblaß und völlig verängstigt; seine Augen sahen starr zu Boden. Der Richter, ein noch junger Mann, blickte den Verbrecher an und stockte, von Mitleid ergriffen; dann faßte er sich wieder und fragte:

„Hast du einen Verteidiger?"

Der Junge schüttelte den flachshaarigen Strubbelkopf. „Nein. Kenn ja — niemand. Hab auch — kein Geld — einen zu zahlen."

„Willst du, daß das Gericht dir einen Verteidiger stellt?"

In der Stille scharrte ein Stiefel.

Der Mann in der letzten Bank stand auf, schlenderte gemächlich nach vorn — stand vor dem Richter.

„Mit Verlaub, Euer Gnaden", sagte er, „ich bin Rechtsanwalt. Ich würde gern die Verteidigung übernehmen."

Der Richter warf einen Blick auf die lässig dastehende, hochragende Mannesgestalt.

„Wie heißen Sie?" fragte er.

„Abraham Lincoln", antwortete der Gefragte ruhig.

Hier und da schaute einer zu dem langen Anwalt hinüber: sieh an, der Kandidat für die Kongreßwahl — das war alles, was sie dachten. Keiner der Grenzfarmer und Hinterwäldler in ihren hausgewebten Baumwollkitteln, keine der Frauen in Kattun und Schutenhut, die seinen Namen hörten, hätten sich träumen lassen, daß er einstmals einen führenden Platz in der Geschichte einnehmen sollte.

„Ich kenne Sie dem Namen nach, Mr. Lincoln, und es ist mir eine Freude, Sie zum Offizialverteidiger zu bestimmen", antwortete der Richter.

Die Geschworenen wurden ausgelost. Lincolns bohrender Blick prüfte sie, Mann für Mann; aber gegen keinen hatte er Einwände. Das bäuerliche Publikum mit den harten Gesichtern begann ungeduldig zu ihm hinüberzustarren. Die Stimmung war zwar gegen den Angeklagten, aber man wollte doch sehen, daß um ihn gekämpft wurde.

Dann trat der Staatsanwalt in die öffentliche Verhandlung des Falles ein und skizzierte mit kurzen Worten die Geschichte des Mordes. Der Angeklagte hatte letzten Herbst, im Jahre 1845, auf der Farm eines gewissen Amos Berry gearbeitet. Dort war auch ein Ire beschäftigt, Shaughnessy mit Namen. Der fand seinen Spaß daran, den Knaben zu hänseln und zu quälen, bis der Junge ihn gründlich haßte. Am 28. Oktober wollte der Fünfzehnjährige ein Fuder Heu zur Nachbarfarm fahren; am Hoftor traf er Berry mit Shaughnessy und zwei anderen Männern. Der Junge bat den Farmer, ihm das Tor zu öffnen, und Berry war schon im Begriff, es zu tun, als Shaughnessy sich einmischte. Faul ist der Lümmel, sagte er, laßt ihn doch absteigen und das Tor selbst aufmachen. Der Ire ergriff die Heugabel, die der Junge hielt, stach ihn damit und befahl ihm herunterzukommen. Der Junge sprang ab, entriß ihm die Heugabel, stürzte sich auf ihn und rannte ihm eine Gabelzinke in den Schädel.. Der Mann starb innerhalb einer Stunde. Soweit die Geschichte des Falles...

Inzwischen war es Mittagszeit geworden — zwölf Uhr. Das Gericht vertagte sich; der Richter und die anderen Mitglieder des Kollegiums gingen in die Schenke gegenüber.

Einer fehlte — der Offizialverteidiger. Niemand hatte den hochgewachsenen Mann bemerkt, wie er

die schattige Straße hinunterging, mit einer kleinen verblühten Frau in schäbigen Kleidern, die still vor sich hinweinend in einer dunklen Ecke des Gerichtssaals gesessen hatte.

„Das ist die Mutter des Angeklagten", tuschelte eine Weiberstimme, als das Gericht wieder zusammentrat und der Verteidiger sie sorglich zu ihrem Sitz geleitete, ehe er wieder nach vorne an seinen Platz ging.

Der Staatsanwalt rief die Augenzeugen auf und verhörte sie; ihre Aussagen bestätigten die Einzelheiten des Verbrechens. An der Schuld des Angeklagten schien kein Zweifel möglich. Der Halbwüchsige saß zusammengekauert da, blaß und fahl von der monatelangen Gefängnishaft, versunken in Apathie — ein Mörder von fünfzehn Jahren.

Der Nachmittag zog sich in die Länge. Die näselnde Stimme des Staatsanwalts, der die Zeugen vernahm, hob und senkte sich monoton. Aber der lange Verteidiger auf seinem Stuhl äußerte nicht einen Einwand, selbst nicht bei Aussagen, die sehr belastend für seinen Mandanten waren. Er beobachtete den Richter und die Geschworenen; man hätte meinen können, er studiere den Charakter jedes einzelnen. Schließlich erklärte der Staatsanwalt die Beweisaufnahme für beendet, und das Gericht vertagte sich, um zu Abend zu essen.

Die allgemeine Ansicht war, daß der Junge verurteilt werden würde. Kein Verteidiger, kein noch so „gerissener", würde ihn losbekommen — bei solchen Beweisen —, und man war sich darüber einig, daß dieser baumlange, ungelenke Bursche kein guter Advokat sein könne, sonst hätte er ja längst eine Lanze für seinen Mandanten gebrochen. Rein gefühlsmäßig sprach alles für eine Verurteilung; mit fünfzehn Jahren schon einen Mann umgebracht zu haben, bewies Verworfenheit — und die schaffte man am besten aus dem Wege.

Um halb acht Uhr nahm das Gericht die Verhandlung wieder auf. Kein Platz blieb leer. Die kleine Frau in ihrem abgetragenen Kattunkleid saß diesmal dicht vor der Anklagebank, in der Nähe ihres Sohnes. Der Richter betrat den Raum. Und dann ging Abraham Lincoln langsam und mit großen Schritten durch die schweigenden Reihen nach vorn. Er legte dem Häftling seine große Hand auf die schmale Schulter, und der Junge fuhr erschreckt auf. Tief beugte sich Lincoln aus seiner Höhe zu ihm hinab.

„Keine Angst, Söhnchen", sagte er leise, doch niemandem entging ein Wort, „ich hole dich schon aus diesem Loch heraus. Nimm dich mal ein bißchen zusammen, deiner Mutter zuliebe."

Der Junge sah zu der verhärmten Frau hinüber, und als sie seinen Blick mit einem mühsamen Lächeln

erwiderte, versuchte er zurückzulächeln. Alle Anwesenden sahen, wie sich eines um des andern willen überwand; der Richter sah es, auch die Geschworenen — und Lincolns scharfe Augen, ständig auf der Wacht unter den buschigen Brauen, erspähten in mehr als einem Gesicht ein Aufzucken des Mitleids. Er zog seinen Rock aus, legte ihn über der Stuhllehne zusammen und stand in Hemdsärmeln da.

„Meine Herren Geschworenen", begann Abraham Lincoln, „ich werde diesen Fall in einer Weise behandeln, die sonst nicht gerichtsüblich ist. Ich werde keine Zeugen hören; der kleine Armesünder dort ist mir Zeuge genug. Ich werde keine Gegenargumente vorbringen. Nichts als eine einfache Geschichte will ich Ihnen erzählen und dann das Urteil in Ihre Hände legen."

Durch den Gerichtssaal ging ein Raunen. Die Stimme, harsch und anfangs unangenehm, fuhr fort:

„Ihr, Jim Beck — und Ihr, Jack Armstrong ..." Der lange, knochige Zeigefinger wies auf zwei der Geschworenen.

„... Ihr beide werdet Euch erinnern — ja, und auch Ihr, Luke Green —, wie vor fünfzehn Jahren, 1831, ein hochaufgeschossener, schmächtiger Bursche von Indiana her in diese Gegend kam, in einem gottvergessenen Aufzug. Sein Aussehen — das darf man wohl sagen — war so auffallend, daß, wer ihn sah, ihn nicht mehr vergaß. Er trug eine handgewebte Baumwolljoppe, die Kniehosen in Schaftstiefeln aus ungegerbtem Leder. Ich glaube, meine Herren Geschworenen, einige von Ihnen erinnern sich noch des jungen Mannes. Sein Name war Abraham Lincoln."

Der hagere Hüne hielt inne, krempelte die Hemdsärmel ein wenig auf, und die Geschworenen sahen seine behaarten Handgelenke und die Muskeln an Hand und Unterarm. Ja, einige erinnerten sich gut des jungen Enaksohnes, der überall Meister geblieben war, wo es auf Körperkraft ankam. Gespannt saßen sie da.

„Das beste im Leben eines Mannes sind seine Freunschaften", fuhr die Stimme kraftvoll fort, und der Ausdruck der Augen wurde weicher, als schaue der Sprecher einen langen Weg zurück, der hinter ihm lag. „Gute Freunde kann man finden hierzulande; auch jener junge Bursche in seiner blauen Baumwolljoppe fand ein paar. Und von einer Familie, die ihm ihre Freundschaft schenkte, will ich Ihnen jetzt erzählen.

Als junger Kerl von zweiundzwanzig Jahren verließ Abraham Lincoln die Heimat, um sich allein durchzuschlagen, und in jenen knappen Zeiten damals war nicht immer Arbeit zu finden. Spät an einem Herbstnachmittag, als er meilenweit vergebens gewandert war, hörte er Axtschläge und sah eine Hütte. Selbst für eine Siedlerhütte war sie recht ärmlich. Die Fenster waren mit Stoff verkleidet statt mit Glas; es gab nur einen Raum und darüber einen Dachboden. Voll neuer Hoffnung stapfte Abraham auf das Blockhaus zu und bat um Obdach." Wieder hielt die Stimme inne, und ein Lächeln freundlicher Erinnerung huschte über das Gesicht.

„Meine Herren Geschworenen, keinem König ist je ein besserer Willkomm geworden! Alles, was ihm gehöre, sagte der Besitzer jener Waldhütte zu Abraham, gehöre auch seinem Gast. Und führte den müden Jungen herein. Zwei Kinderchen spielten auf dem Fußboden, am Feuer sang eine kleine Frau ihr Jüngstes in Schlaf. Nach der Abendsuppe kletterte der Gast die Leiter zum Dachboden hinauf.

Am andern Morgen, nachdem er sich im Haushalt nützlich gemacht hatte, fragte er, ob es keine Arbeit für ihn gebe. Der Mann sagte ja; wenn er Holzschwellen hauen und zurichten könne, gäb's genug zu tun.

„Hast du Lust dazu?" fragte der Holzfäller.

Abraham mußte ihm gestehen, daß er zwar nicht gerade wild auf solche Arbeit wäre, aber immerhin — — kurz und gut, das Ende vom Lied war, er blieb da und bewies, daß er Männerarbeit leisten konnte.

Fünf Wochen lebte Abraham in der Waldhütte. Er fällte Holz mit dem Vater, half der Mutter bei der Hausarbeit, tollte so manches liebe Mal mit Söhnchen herum, dem goldhaarigen krähenden Jüngsten. Es war die schönste und sorgenfreieste Zeit seines Lebens."

Der Verteidiger nahm seinen Rock auf und kramte, während aller Augen auf ihn gerichtet waren, in den Taschen, bis er einen Brief zum Vorschein brachte.

„Dem jungen Mann, der eine so große Dankesschuld auf sich geladen hatte, ging es später im Leben gut, und er errang sich — mit Glück und Gottes Segen — eine gewisse Stellung unter den Menschen. Soweit es möglich war, ist er — bin ich — mit jenen alten Freunden in Verbindung geblieben, aber im Drange eines sehr arbeitsreichen Lebens hörte ich während der letzten Jahre nichts mehr von ihnen. Bis mich am vergangenen Montagmorgen" — er hielt den Brief hoch — „dies hier in Springfield erreichte.

Es ist ein Brief von der Mutter, die einst in ihrer ärmlichen Hütte einen müden Jüngling willkommen hieß. Der Mann starb ihr vor Jahren schon, die beiden älteren Kinder folgten ihm bald darauf. Und diese Mutter, die an jenem Abend ihr Jüngstes in Schlaf sang" — er wandte sich um und wies auf die demütige kleine Frau, die auf ihrem Platz in der ersten Reihe zusammenzuschrumpfen schien — „diese Mutter sitzt dort."

Er ließ den Arm sinken; sein leuchtender Blick traf den gebeug-

ten Blondschopf des jugendlichen Verbrechers; keinen gab es im Saal, der nicht jede Silbe des Satzes verstand, der halblaut folgte:

„Ihr Jüngstes — sitzt dort auf der Anklagebank."

In dem heißen, überfüllten Raum vernahm man gepreßtes Atmen; das Kattunkleid einer Frau raschelte, ein Mann räusperte sich — dann war es still. Und der Verteidiger störte die Stille nicht und ließ sie sein Werk vollenden. Mehr als Worte es vermocht hätten, wirkte *sie* auf die Gemüter. Im ganzen Saal hörte man Männer und Frauen unruhig scharren und seufzen, bedrängt von jener gärenden Stille.

Bis im rechten Augenblick die steigende Erregung, die die Nerven zu zerreißen drohte, wieder gezügelt wurde, so wie der Lenker eines Viererzugs die Zügel seiner nervös tänzelnden Pferde anzieht. Klar klang die Stimme des Verteidigers über die Köpfe hinweg:

„So manches Mal" — es war, als denke er laut — „so manches Mal habe ich mich an jene Wochen unversieglicher Herzensgüte dieser armen Leute erinnert und den Herrgott um eine Gelegenheit gebeten, ihnen meine Dankbarkeit zu beweisen. Als letzten Montag dieser Brief mit dem Hilferuf kam, wußte ich, Gott hatte mich erhört.

Liegt nicht manchmal die Erhörung eines Gebetes darin, daß uns ein Opfer abgefordert wird? Hier war es so. Der heutige Abend hätte die Krönung meines jahrelangen Ehrgeizes bringen sollen. Heute abend sollte ich eine Ansprache halten, von der höchstwahrscheinlich Erfolg oder Mißerfolg eines Wahlkampfes abgehangen hätte. Ich bringe diesen Ehrgeiz, Erfolg oder Mißerfolg, freudig für die Rettung dieses Knaben zum Opfer. Es liegt bei Ihnen", — sein Blick packte die Geschworenen — „diese Rettung zu ermöglichen.

Meine Herren Geschworenen! Ich sagte zu Anfang, ich würde diesen Fall in einer sehr ungewöhnlichen Weise behandeln. Ich sagte, ich hätte Ihnen keinerlei Gegenargumente vorzulegen. Ich habe meine Geschichte erzählt. Sie wissen, daß in einem Alter, in dem die Hände dieses Jungen Lesebuch oder Angelrute hätten halten sollen, sie das Männerwerkzeug handhaben mußten, das sein Verderben wurde; Sie wissen, wie ein unmündiges Kind von einem Erwachsenen gereizt wurde, bis es in seiner Verzweiflung zu dem griff, was ihm gerade zur Hand war. Sie wissen alles das so gut wie ich. Die einzige Bitte, die ich an Sie richte, ist: verfahren Sie mit diesem kleinen Kerl so, wie Sie möchten, daß andere Männer in einem solchen Fall mit Ihren eigenen kleinen Söhnen verfahren. Das soll der Prüfstein sein — und in diesem Sinne überantworte ich sein Leben Ihrem Urteil. Meine Herren Geschworenen, ich schließe mein Plädoyer."

Abraham Lincoln setzte sich.

Kurz darauf verließen die Geschworenen der Reihe nach den Sitzungssaal und begaben sich in den gegenüberliegenden Gasthof. Eine halbe Stunde verging; dann entstand lärmende Unruhe, und die Leute, die den Saal verlassen hatten, strömten zurück. Die abgehärmte kleine Frau krampfte ihre mageren Hände zusammen. Die Geschworenen betraten gemessenen Schrittes den Raum und nahmen ihre Plätze ein.

„Meine Herren Geschworenen", leierte die Stimme des Protokollführers, „haben Sie Ihr Urteil gefällt?"

„Wir haben es", antwortete ihr Obmann.

„Und wie lautet Ihr Spruch — schuldig oder nicht schuldig?"

Eine Sekunde lang hielt jeder in der dichtgedrängten Menge den Atem an. Die schmale bleiche Frau starrte auf den Obmann. Nur der Knabe, den blonden Kopf gesenkt, schien nicht zuzuhören.

„Nicht schuldig", sagte der Obmann.

Ein Höllenlärm brach los: Männer schrien und trampelten, schwenkten ihre Hüte, warfen sie in die Luft; Frauen schluchzten, ein oder zwei kreischten laut auf in wilder Freude. Abraham Lincoln sah den schmächtigen Körper des Freigesprochenen vornüber fallen; mit zwei langen Schritten war er neben ihm, fing ihn in seinen mächtigen Armen auf und hob ihn über die Schranke hinweg seiner Mutter in die Arme. Die wiegte ihn hin und her — küßte ihn. Der ganze Raum brandete auf sie zu; aber Abraham Lincoln stand Wache und drängte die Menge zurück.

„Der Junge ist ohnmächtig geworden", sagte er laut, „laßt ihm Luft." Und dann lächelnd: „Sie hat ihr Jüngstes wieder — es ist alles gut, Freunde. Aber holt mal einen Schluck Wasser für das Söhnchen . . ."

Die Geschichte des alten Mannes war zu Ende. Er schwieg einen Augenblick; dann fügte er, wie um einem Einwand des anderen zu begegnen, noch hinzu:

„So etwas wäre natürlich heute undenkbar. Und ein solches Urteil war damals — in der Pionierzeit — auch nur im Westen möglich. Aber es hat sich wirklich so zugetragen."

Der Zuhörer blickte den alten Mann forschend an.

„Darf ich fragen, wie Sie zu der Geschichte kamen? Sie erzählten sie mit solcher Anschaulichkeit, fast als wären Sie dabei gewesen. Ist es möglich — waren Sie in jenem Gerichtssaal?"

Die lebhaften dunklen Augen des Greises leuchteten auf; er lächelte mit einem seltsamen Ausdruck, als lächle er über ein halbes Jahrhundert zurück Gesichtern zu, die längst schon Staub geworden waren.

„Ich war der Richter", sagte er.

MENSCHEN WIE DU UND ICH

Es war auf einem Hof mit sechzig Kühen. Wir waren gerade damit fertig, den Mist auf dem Hof zu wenden, als der alte Bauer in den Anblick des rauchenden Haufens versunken stehenblieb und sagte: „Siehst du, Karl, wenn ich hier so den Mist ausbreite, komme ich dazu, wirklich an Gott zu glauben." Ich muß ein wenig verblüfft dreingeschaut haben, denn er fuhr sehr ernst fort: „Hast du einmal überlegt, was wir wohl mit dem Zeug machen sollten, wenn man nicht die Erde damit düngen könnte? Man könnte es nicht in den Fluß werfen, nicht eingraben, man könnte es nicht trocknen oder verbrennen, so viel Zeit hätte man gar nicht. Wenn wir es auch alles auf einen Haufen schmissen, müßten wir wahrscheinlich vor dem Gestank bald Reißaus nehmen. Ja, ja, wir wären schön in der Klemme, wenn der Herr nicht so weise für alles gesorgt hätte." N. A.

Ich stöberte in einem Antiquitätenladen nach einem Tisch, als ein junger Mann hereinkam, der einen Stuhl unterm Arm hatte, ihn vor dem Geschäftsführer absetzte und sich nach dem Wert erkundigte.

„Drei Dollar", antwortete der Geschäftsführer.

Der junge Mann schaute überrascht auf. „Mehr ist er nicht wert?"

„Mehr als drei Dollar kann ich nicht dafür geben, mein Sohn." Dabei schüttelte er den Kopf und beugte sich vor, um das Stück eingehender zu mustern. „Sehen Sie das?" Er deutete auf einen Sprung im Stuhlbein. „Und hier, wo sich die Politur löst? Nein, der Stuhl ist höchstens drei Dollar wert."

„Abgemacht", sagte der junge Mann, „dafür nehme ich ihn." Und er zog seine Brieftasche heraus. „Ich sah den Stuhl mit zehn Dollar ausgezeichnet vor ihrem Laden stehen, aber ich dachte mir schon, daß es ein Irrtum sei und Sie mir sagen könnten, wieviel er wirklich wert ist." F. D.

Als wir eines Samstagnachmittags vor dem Haus unseres Freundes Theodor ankamen, waren wir außerordentlich erstaunt, in seinem Garten sechs Nachbarn in der Mittagssonne an der Arbeit zu sehen. Eine Frau kehrte die Wege sauber, ein Mann sammelte welke Blätter, die zwei andere Frauen zum Verbrennen auf den Hof trugen. Zwei andere Männer schließlich setzten Doppelfenster ein. Währenddessen ruhte unser Freund sich im Liegestuhl aus.

„Du willst wohl den Versuch von Tom Sawyer wiederholen, der seine Freunde überzeugen wollte, daß Arbeit eine Zerstreuung sei?" fragte ich Theodor. Er fing an zu lachen. „Aber nein", antwortete er, „das sind nur meine Bridgepartner. Wir spielen jeden Dienstag, aber nicht um Geld, sondern um Arbeitsstunden. Die Verlierer zahlen ihre Schulden am Samstagnachmittag durch Haus- und Gartenarbeiten bei den Gewinnern ab." B. A. P.

Ich verbrachte die Nacht in einer Hütte bei einem Bergbauern und seinem Sohn. Beide saßen am Feuer, rauchten ihre Pfeifen und schwiegen, schlugen die Beine übereinander, von rechts nach links, von links nach rechts. Nach einer langen Stille sagte der Vater zu seinem Sohn: „Sieh mal draußen nach, ob's regnet." Ohne mit der Wimper zu zucken, antwortete der Sohn: „Man braucht ja bloß dem Hund zu pfeifen und ihm ins Fell zu fassen, dann weiß man, ob's regnet." F. D.

Die Jungverheirateten waren dabei, ihre Hochzeitsgeschenke auszupacken. In einem Karton fanden sie schöne, neue Herren- und entzükkende Ballschuhe. Zu ihrem Erstaunen enthielt das Paket aber auch noch zwei Paar alte Schuhe. „Die sind für mich", rief die junge Frau. „Mir passen sie auch", freute sich der Gatte, öffnete einen Umschlag, der dem Paket beilag, entnahm ihm einen großen Scheck und folgenden Brief: „Lieber Sohn, hier hast Du mein Hochzeitsgeschenk. Du wirst mit Deiner jungen Frau merken, daß anfänglich die Fesseln der Ehe manchmal ebenso drükkend sind wie neue Schuhe, aber Woche folgt auf Woche, Jahr auf Jahr, und Ihr werdet merken, daß Eure Bindungen immer sanfter, immer vollkommener werden und ebenso bequem wie diese alten Schuhe. Ich wünsche Euch beiden einen guten Weg und umarme Euch innig.

Euer Papa."

Neulich sah ich, wie ein Bauer Heu auf sein Schuppendach warf.

„Was machen Sie denn da", fragte ich neugierig.

„Das Heu ist nichts wert", sagte der Bauer, „und wenn ich es in die Krippe tue, rühren es die Kühe nicht an. Aber wenn ich es hier aufs Dach packe, wo sie kaum herankommen, da meinen sie, sie stehlen es und fressen es bis auf den letzten Halm." J. R.

Eine junge Frau vertraut ihrer besten Freundin an, daß sie zum Frühjahr etwas Kleines erwarte. „Bob und ich hatten uns eigentlich ein Auto gewünscht, aber wir können es uns nicht leisten."

„Da habt ihr sehr recht gehabt, meine Liebe", sagte die Freundin.

„Ja, ja", entgegnete die zukünftige Mutter, „wir haben uns auch für das Baby entschlossen, weil es früher ankommen wird. Wenn man heutzutage ein Auto bestellt, weiß man nie, wann es geliefert wird." H. C. L.

Meine Begegnung mit einem Buschmann

Von Selwyn James

Als ich den ältlichen kleinen Buschmann wie eine Bronzefigur zwischen den grünen Enomiasträuchern kauern sah, legte sich mir ein kalter Druck auf den Magen. Vor der Brust hielt er einen kleinen Bogen und etliche mit scharfen Knochenspitzen versehene Pfeile, nicht länger als Bleistifte. Kein sehr vertrauenerweckender Anblick für mich, der ich allein und unbewaffnet mitten im südafrikanischen Irgendwo festsaß.

Hätt' ich doch, dachte ich, als ich ihn auf seinen spindeldürren Beinen, aus denen die Kniescheiben wie Holzäpfel hervortraten, sich langsam aufrichten sah — hätt' ich doch den Rat meiner Freunde in Johannesburg befolgt. „Versuchen Sie nicht, allein durch die Kalahari zu fahren", hatten sie gewarnt. „Wenn Sie eine Panne haben, kann es tagelang dauern, bis jemand vorbeikommt."

Die dürre, nur mit Buschwerk bestandene Kalahariwüste wird nur selten durchfahren, aber ich war auf dem Wege nach Windhuk in Südwestafrika und konnte meine Reise um 1600 Kilometer abkürzen, wenn ich diese einsame, schlechtbezeichnete Route einschlug. Aber nun hatte ich Pech gehabt. Der Kühler meines Wagens war unversehens ausgelaufen, und ich war nahezu fünfzig Kilometer vom nächsten Eingeborenenkraal entfernt.

Seit einer Stunde saß ich nun schon im Wagen, unschlüssig, ob ich mein letztes Trinkwasser, etwa zwei Liter, in den Kühler oder in meine Kehle gießen sollte. Auszusteigen und mich in der Gegend umzutun, kam nicht in Frage.

Nicht, daß Gefahr von wilden Tieren gedroht hätte, aber die Kalahari mit ihren vielen plötzlichen Senkungen und Erhebungen ist ein trügerisches Gelände: man macht ein paar Wendungen, und schon ist man verloren. So beschränkte ich mich darauf, regelmäßig alle zehn Minuten zu hupen — ein SOS für den unwahrscheinlichen Fall, daß jemand in Hörweite geriet.

Die Sonne flammte mörderisch herab und verwandelte den Wagen in einen Backofen. Kein Lüftchen regte sich, und zu allem Übel begannen Schwärme stechender Sandfliegen sich auf der Innenseite der Windschutzscheibe anzusammeln. Aber wirklich ungemütlich wurde mir erst, als ich den Buschmann erblickte.

Buschmänner hegen keine liebevollen Gefühle gegen Weiße, und ihre Gemütsregungen, rasch wechselnd von naivem Entzücken zu unbeherrschter Wut, sind so primitiv wie ihre steinzeitliche Kultur. Überdies hatte ich sagen hören, daß Buschmänner zuweilen Weiße beschleichen — einen Jäger etwa, der sich beim Verfolgen eines verwundeten Kudu zu weit vom Lager entfernt und in der Wüste verirrt. In einem solchen Fall würde der Buschmann nicht daran denken, ihn zum Lager zurückzuführen, sondern sich versteckt halten und warten, bis der Jäger vor Durst und Erschöpfung zusammenbricht — bis die Geier über ihn herfallen. Dann würde er näherschleichen — ehe die Schakale es täten — und dem weißen Mann die Segnungen seiner Zivilisation abnehmen: Feldflasche, Stiefel, Gürtel und blanke Patronen, die, leer, als prächtiger Schmuck dienten.

Mein Buschmann hatte ein aufgewecktes, gescheites kleines Gesicht, die gelbbraune Haut über den breiten Backenknochen straff gespannt. Seine kleinen, wie Beeren glänzenden Äugelchen blinkten ernst unter einer wulstigen Stirn und Büscheln schwarzen Kraushaars. Er war etwa ein Meter fünfunddreißig groß. Ein zerlumptes Fell hing ihm unter einem kugelrunden Bäuchlein um die Lenden.

Als er merkte, daß ich ihn gesehen hatte, machte er ein paar vorsichtige Schritte auf mich zu. Seine dicke Oberlippe zog sich zu einem sichtlich gezwungenen Lächeln hoch, wobei eine Menge rosa Zahnfleisch und ein paar blendend weiße Zähne zum Vorschein kamen. Ich reagierte nicht. Dieses zwerghafte Volk, eine aussterbende Rasse, lebt nicht aus freien Stücken in diesem Ödland. Zuerst von den kriegerischen Kaffern, dann von den weißen Ansiedlern gehetzt, waren die meisten von ihnen schon vor langer Zeit aus ihren geliebten Höhlen und Wildhonig-Grotten und ihren von saftigem Wild wimmelnden Ebenen nach Norden vertrieben worden.

Vielleicht war dieser Buschmann

einer von denen, die erst kürzlich einen Raubzug auf die Burenfarmen am Rande der Wüste unternommen hatten. Eine anhaltende Dürre hatte sie genötigt, sich weit weg von ihren Jagdgründen auf die Suche nach Fleisch und Wasser zu begeben. Die Farmer betrachteten sie lediglich als Raubtiere. Obwohl es gegen das Gesetz verstieß, waren Hetzjagden gegen sie veranstaltet worden, wobei nicht nur ein Farmer dem vergifteteten Pfeil eines Buschmannes zum Opfer gefallen war.

Eine geschlagene Stunde lang stand mein Mann regungslos in der wabernden Glut und wandte kein Auge von mir. Wenn ich hupte, stieß er ein belustigtes Krächzen aus, und sein fettes Bäuchlein wackelte dabei. Einmal legte er mit einer schwungvollen Bewegung Bogen und Pfeile auf die Erde und erhob die Hände wie zum Zeichen, daß er in friedlicher Absicht käme. „Hmm", dachte ich, „trau, schau, wem." Ich winkte ihm ab.

Später, als die Sonne sank, näherte er sich wieder und begann in seiner sonderbaren zungenschnalzenden Sprache zu schwatzen. Er schien ganz ratlos und bekümmert zu sein über meine Unfreundlichkeit, und seine Stirn war ein einziges Gewirr schmerzlicher Runzeln. Ich fühlte mich etwas beschämt, wagte ihm aber noch immer nicht recht zu trauen. Ich hatte zuviel von der Tücke der Buschmänner erzählen hören.

Trotzdem empfand ich, als es dunkel wurde, die Anwesenheit des kleinen Buschmannes als merkwürdig tröstlich. Nacht in der Wüste ist eine Zeit großer Verlassenheit, eine Zeit, in der alle Hoffnung mit dem Sonnenlicht entschwunden scheint. Die Nähe eines andern menschlichen Wesens ließ mir das Bevorstehende nicht ganz so drohend erscheinen. Ich beneidete ihn auch, als er sich aus dürrem Reisig und Enomiazweigen ein Feuer anmachte, denn mit Einbruch der Dunkelheit war es plötzlich kühl geworden. Nicht lange, so loderte das Feuer, und er kauerte sich so nahe daran, daß man meinte, die Funken müßten seine schwielige Haut versengen. Von Zeit zu Zeit drehte er sich um und winkte mir zu, wie um mich seines Schutzes während der langen Nacht zu versichern. Mein Argwohn ihm gegenüber verringerte sich von Stunde zu Stunde.

Schließlich schlief ich ein, immer noch in meinem Wagen sitzend, und erwachte erst, als die Morgendämmerung ihre prächtigen Pastellfarben über Himmel und Erde hauchte und im Dorngestrüpp die Insekten ihr unablässiges, den ganzen Tag andauerndes Gesumm begannen. Mein kleiner Buschmann hockte mit untergeschlagenen Beinen auf der Motorhaube und schaute mich, grinsend wie gewöhnlich, durch die Windschutzscheibe an! Ich setzte mich auf, steif und kalt, und blickte umher. Noch immer war kein Anzeichen irgendwelchen Beistands von seiten *meiner* Zivilisation zu gewahren; und nun mußte ich mir eingestehen, daß ich möglicherweise noch einen Tag oder gar noch länger in dieser beklemmenden Wildnis festsaß.

Ich sah den Buschmann mit einem lahmen Lächeln an — er schaute so harmlos aus. Er mußte gefühlt haben, wie hoffnungslos und hilflos mir zumute war, denn mit einemmal veränderte sich sein Gesichtsausdruck, und seine Zunge schnalzte und schnellte gegen seinen Gaumen wie ein Gummiband. Es klang, als sei er fürchterlich ungeduldig mit mir, wie ein Vater, der in heller Verzweiflung ist über den Unverstand seines Sohnes.

Dann bemerkte ich klopfenden Herzens, daß an seinem Lendenschurz die prall gefüllte Blase irgendeines Tieres hing. Wasser! Wo hatte er es her in dieser Wüstenei? Ich hatte gemeint, er stillte seinen Durst wie die Antilope, indem er den Morgentau von den Gräsern leckte. Von wilder Hoffnung belebt, stieg ich zum erstenmal aus dem Wagen. Er nahm es als Geste des Vertrauens auf und hüpfte umher wie ein beglücktes Kind an einem Frühlingsmorgen, wobei er vor Vergnügen krähte und schnaufte und sich auf die Schenkel schlug.

Ich suchte ihm durch Zeichen verständlich zu machen, daß ich Wasser für den Wagen brauchte. Er begriff sogleich. „Ah!" stieß er hervor. „Ahhhhhh!" Er reichte mir die Blase, und ich goß ihren Inhalt in den Kühler. Es war nicht genug. Da trottete der Buschmann zu der noch schwelenden Feuerstelle hinüber. Dort hob er einen etwa einen Meter langen hohlen Stock auf und winkte mir damit, ihm zu folgen. Etwas zögernd ging ich in ein paar Schritten Abstand hinter ihm her. Nach fünf Minuten Wegs kniete er nieder und stieß seinen Stock tief in den Sandboden. Gebannt schaute ich zu, wie er das herausragende Ende des Stockes in den Mund nahm; nach einer kleinen Weile spie er mir einen Mund voll Wasser vor die Füße! Er hatte es aus einem unterirdischen Rinnsal heraufgesogen.

Ich eilte zum Wagen zurück, um meinen zehn Liter fassenden Segeltuchbeutel zu holen. Eine halbe Stunde lang arbeiteten die Wangen des Buschmannes wie Fischkiemen, zogen das Wasser herauf und übertrugen es in meinen Beutel. Als der voll war und er ihn mir ausgehändigt hatte, leuchtete ein Abglanz menschlicher Brüderschaft im Gesicht diese kleinen Steinzeitmannes auf. Seine Zunge schnalzte leise, wie in flüsterndem Gebet. Ich stapfte zum Wagen, goß das Wasser in den Kühler und kehrte dann zu ihm zurück. Aber was ich jetzt sah,

war mitleiderregend. Er spuckte Sand aus. Seine unterirdische Quelle war versiegt. Wie besessen sprang er umher, stieß den Stock bald da, bald dort in den Boden, sog daran und brachte immer wieder nur Kies und Sand herauf. Nach einer Weile gab er es kummervoll lächelnd auf.

Wir gingen schweigend zum Wagen. „Ich will etwas Wasser aus dem Kühler ablassen und ihm geben", dachte ich. Aber ich wollte noch mehr tun, um ihm meine Dankbarkeit zu bezeigen. Mit raschem Entschluß nahm ich meine Armbanduhr ab und gab sie ihm. Seine Augen wurden ganz groß und mit zitternden Fingern betastete er die Uhr zärtlich. Aber dann reichte er sie mir zurück. Erstaunt schüttelte ich nachdrücklich den Kopf und suchte ihm klar zu machen, daß er sie als Geschenk behalten solle. Er ließ es nicht zu; seine Augen flehten mich an, ihn nicht zu drängen, ihn nicht zu einem so schändlichen Verhalten zu nötigen. „Du bist doch schließlich *mein* Gast", schienen seine Augen zu sagen. „Dies ist *meine* Wüste, *mein* Heim. Ich verlange keinen Lohn für meine Gastfreundschaft." Ich fühlte mich beschämt vor diesen Augen.

Er schaute verwundert zu, als ich unter den Wagen schlüpfte und etwas Wasser in den Segeltuchbeutel abließ; und als ich ihm mit entschiedenem Ton den Beutel aufnötigte, waren seine Augen feucht und seine Lippen zitterten. Dann schieden wir voneinander, beide — des bin ich gewiß — von den warmen Empfindungen des andern überzeugt. Im Verlauf unserer kurzen Kameradschaft hatten unsere Herzen die Zeitalter überbrückt, die unsere beiden Welten trennten. Hier war ein Mensch, der von wahrer selbstloser Liebe für seinen Mitmenschen erfüllt war.

Als ich an diesem Abend vor einer behaglichen Wüstenherberge anlangte, machte ich eine rührende Entdeckung: da auf dem Boden des Wagens, hinter dem Führersitz, lag mein Wasserbeutel. Mein kleiner Buschmann, Gott behüte ihn, hatte ihn wieder hingelegt.

Auf einer langweiligen Abendgesellschaft suchte der Schauspieler John Barrymore sich von den anderen Gästen diskret zurückzuziehen. Ein Mann, der seiner geistlosen Bemerkungen wegen gefürchtet war, stöberte ihn aber auf und setzte sich zu ihm. „Gut, daß ich Sie treffe, Mr. Barrymore", sagte er, „Sie sind der erste Mensch heute abend, mit dem es sich lohnt zu reden." „Ich muß schon sagen", entgegnete Barrymore, „da haben Sie mehr Glück als ich."

Eine Zeit weltweiter politischer Spannungen erfordert Offenheit und den Mut, die Dinge zu sehen, wie sie sind

TATSACHEN

DIE EINEN KRIEG VERHINDERN MÜSSEN

Von William Bradford Huie

Heute sehnt sich die ganze christliche Welt nach Frieden wie nie zuvor. Deshalb ist es an der Zeit, der Weltöffentlichkeit darzulegen, über welche Atomkraft-Möglichkeiten Amerika heute verfügt und welchen Gebrauch es notfalls davon machen wird.

Wir müssen den Krieg verhindern.

Um der Menschlichkeit willen und auch aus Gründen der Klugheit seien die führenden Männer Rußlands warnend darauf hingewiesen,

daß Amerika zur Zeit ausreichend verbesserte Atomwaffen besitzt, um die Sowjetunion vernichtend zu treffen,

Die Welt fragt sich, wie es in Wahrheit um die Schlagkraft der amerikanischen Luftwaffe bestellt ist. Aus diesem Grunde hat Reader's Digest William Bradford Huie damit beauftragt, den nachfolgenden Tatsachenbericht vorzulegen. Huie ist nicht nur durch seine eingehenden Studien über die Probleme des Luftkrieges allgemein bekannt, sondern steht auch seit Jahren in einem engen Vertrauensverhältnis zu führenden Generalen der amerikanischen Luftwaffe. Die schicksalsschweren Möglichkeiten, die der nachstehende Artikel entwickelt, gehen jeden einzelnen an und — werden den Männern im Kreml zu denken geben.

daß Amerika diese Waffen in großem Umfange einsetzen kann,

daß schon bei den ersten Angriffen die Einwohner der Großstädte Rußlands zu einem überwältigenden Teil — das heißt zu Millionen — getötet oder verstümmelt werden können,

daß die Ziele bereits festgelegt, die Flugzeuge und Besatzungen Tag und Nacht startbereit sind und

daß diese furchtbare Vergeltung sicher kommen wird, falls Rußland die Vereinigten Staaten angreift.

Diese Tatsachen werden hier veröffentlicht in der Hoffnung, dadurch einen Angriff zu verhüten, der etwa aus Unkenntnis der Lage erfolgen sollte. Man möge sich daran erinnern, daß in den hinter uns liegenden Weltkriegen die Angreifer schlecht darüber informiert waren, was Amerika tun konnte und was es wirklich tun würde. Hätten damals über das Rüstungspotential und die Absichten Nordamerikas von vornherein keine Zweifel bestanden, so wären beide Kriege vielleicht nie begonnen worden.

Die Männer um Stalin dürfen daher nicht länger in der gleichen Unklarheit gelassen werden, in der sich die Ratgeber des Kaisers, Hitlers und Tojos befanden. Wenn sie die Hand nach Westeuropa ausstrecken, so müssen die führenden Männer Rußlands wissen, daß die amerikanische Vergeltung unmittelbar folgen wird, daß Amerika Atomwaffen einsetzen wird und — daß diese entscheidend sein werden.

Ob die Welt Krieg oder Frieden haben soll, wird in den Köpfen einiger sowjetischer Funktionäre entschieden, deren Absichten uns noch verborgen sind. Die große Gefahr besteht jedoch darin, daß sie sich durch die Erfolge verleiten lassen, die ihre Armeen im letzten Krieg errungen haben. Ihre Generale schätzen möglicherweise die Macht der amerikanischen Atom-Luftwaffe allzu gering ein. Sie sehen die Schatzkammer Europa vor sich, die nur von einer Polizeitruppe bewacht wird und zählen die Hunderte ihrer eigenen Divisionen. Wenn sie jedoch daraus den Schluß ziehen sollten, daß diese Schatzkammer leichten Kaufs zu haben sei, wenn sie etwaige amerikanische Vergeltungsmaßnahmen nach der kleinen Zahl alliierter Truppen in Europa beurteilen, dann allerdings sind die Voraussetzungen für eine neue Tragödie gegeben.

Erschwerend kommt hinzu: manche russischen Generale glauben nicht daran, daß Amerika seine Atomwaffen auch gegen die Zivilbevölkerung einsetzen wird. Andere wiederum meinen, Flugzeuge ließen sich ja leicht abfangen. Noch andere suchen beharrlich eine Waffe in Mißkredit zu bringen, über die sie selbst nicht verfügen.

Solche Auffassungen müssen korrigiert werden, entweder durch Aufklärung oder eines Tages unter Umständen durch Atombomben.

Ob Amerika Rußland vernichtend schlagen kann oder nicht, hängt nur von der Beantwortung folgender zwei Fragen ab: 1. besitzt Amerika heute schon genügend wirkungsvolle Atombomben? und 2. können diese an die Zentren der Sowjetmacht herangetragen werden?

Die Antwort auf beide Fragen lautet „Ja".

Selbstverständlich bleiben die genauen Angaben geheim. So viel soll jedoch klar ausgesprochen werden: Amerika besitzt die Bomben. 1945 hatte es nur den Hiroschima-Versuchstyp. Immerhin war er wirkungsvoll genug, um bei einem Abwurf 66000 Menschen zu vernichten. 1948 wurde nach den Atombombenversuchen bei Eniwetok folgender kurze, jedoch vielsagende Bericht veröffentlicht:

„Das Unternehmen bestätigt die Tatsache, daß die Stellung der Vereinigten Staaten auf dem Gebiet der Atomwaffen wesentlich verbessert worden ist."

In all diesen Jahren haben in ganz Amerika die größten Kernphysiker der Welt in den besteingerichteten Laboratorien der Welt Tag und Nacht gearbeitet. Über die Werke von Hanford und Oak Ridge wird immer wieder mit größter Bewunderung berichtet. Auf dem Hochplateau von Los Alamos sind viele tausend Techniker und Facharbeiter ausschließlich mit der Herstellung von *Waffen* beschäftigt.

Wer das Arbeitstempo und die Erfindungskraft der Amerikaner nur einigermaßen kennt, wird überzeugt sein, daß die Vereinigten Staaten Atombomben in großer Anzahl besitzen müssen, daß sie nicht nur einen, sondern eine ganze Reihe von Bombentypen haben und daß das Modell von 1949 an Zerstörungskraft dem von 1945 mindestens *um ein Mehrfaches* überlegen ist.

Obwohl diese Folgerungen nur logisch sind, versucht eine über die ganze Welt verbreitete Propaganda die Menschen davon zu überzeugen, daß die Atombombe „überschätzt" wird, daß sie „nicht entscheidend sein kann", daß ihre Verfechter „Phantasten" sind und sie daher keine Beachtung verdient, mit anderen Worten, daß Kriege in Wirklichkeit wie bisher nur durch Armeen und Flotten entschieden

WAFFEN FÜR DEN FRIEDEN

Winston Churchill:

Ich glaube fest daran — und ich sage es tief bekümmert —, daß gegenwärtig die einzige sichere Grundlage für den Frieden in der Stärke beruht. Zwischen Europa und seiner völligen Unterjochung durch die kommunistische Tyrannei steht heute nur noch die Atombombe in der Hand Amerikas.

New York Times

werden können. Daß die Russen einen solchen Propagandafeldzug führen, ist verständlich. Allein die Menschen sollten sich nicht täuschen lassen. Sie würden klüger daran tun, auf David Lilienthal, den Präsidenten des *U.S. Atomic Energy Program* zu hören, der erklärt: „Manche Leute sagen heute bereits, dieses von Menschenhand verursachte Erdbeben sei schließlich gar nicht so schlimm. *Glauben Sie mir, es ist schlimm!*"*)

In Wirklichkeit werden die Atombomben keineswegs überschätzt. Die Männer, die diese Bomben geschaffen haben und an sie glauben, sind keine Phantasten, sondern nüchterne Realisten. Ein einfacher Befehl des Präsidenten genügt, und die Bomben stehen dem Kommando der Luftwaffe zum sofortigen Einsatz zur Verfügung. Mit seinen heutigen Waffen kann Amerika der Sowjetunion im Falle eines Angriffs das antun, was Rom Karthago zufügte: Amerika kann, wenn es dazu herausgefordert wird, das russische Volk in Chaos und Ohnmacht stürzen.

Daß Amerika die Mittel besitzt, die Bomben an die russischen Ziele heranzutragen, wird hartnäckig bestritten. Rußland sei allzu weit entfernt, die amerikanischen Bomber seien zu langsam. Die russischen Düsenjäger würden die amerikanischen Bomber wie Tontauben abschießen. Die amerikanischen Piloten würden niemals die russischen Ziele finden und die Bombenschützen sie nicht treffen. Die amerikanische Luftwaffe sei überhaupt nicht kampfbereit — und dergleichen mehr.

Demgegenüber sei festgestellt: *Die 50000 Amerikaner und die 360 Bomber des ersten Aufgebots, über die der Generalstab der amerikanischen Luftwaffe verfügt, stellen eine Streitmacht von solcher Vernichtungskraft dar, daß es dafür kein Beispiel in der Geschichte gibt.* Noch niemals hat ein Volk eine Kampfformation wie diese besessen, die schon innerhalb weniger Stunden nach Ausbruch eines Krieges jeden Feind im *Herzen* seines Landes angreifen kann.

Um recht zu verstehen, was das bedeutet, vergegenwärtige man sich folgendes: im ersten Weltkrieg verging ein volles Jahr nach der Kriegserklärung der Vereinigten Staaten, ehe Deutschland den Druck Amerikas zu spüren begann. Aber auch dann konnte Amerika Deutschland noch nicht direkt angreifen; es kämpfte lediglich mit Gewehren und Sprengstoffen gegen das deutsche Heer in Frankreich. Das Herz Deutschlands haben die Vereinigten Staaten damals überhaupt nicht angegriffen.

Im zweiten Weltkrieg verging nach der Kriegserklärung ebenfalls ein volles Jahr, ehe amerikanische

*) *Siehe „Wo steht Amerika in der Atomfrage?" Das Beste aus Reader's Digest Februar 1949 Nr. 6*

***General Carl Spaatz**, ehemaliger Oberbefehlshaber der amerikanischen Heeresluftstreitkräfte:*

Amerika hat zur Zeit neunzig B-29 in Europa. Welcher Bombenschaden kann damit einem Gegner zugefügt werden?

Neunzig B-29 mit Atombomben haben dieselbe Feuerkraft wie 19800 B-29 mit den bisher verwendeten hochexplosiven Sprengstoffen.

Auch das gibt noch keinen vollständigen Begriff. Im letzten Kriege bestand die Hauptangriffswaffe des operativen Luftkrieges gegen Deutschland nicht aus B-29, sondern aus kleineren Bombern vom Typ B-17 und B-24. Obwohl diese heute veraltet sind, legen die Trümmerhaufen europäischer Industrieanlagen für ihre Wirksamkeit ein stummes, aber beredtes Zeugnis ab. Dabei hat eine B-29 allein eine Bombentragkraft von vier B-17. Die Feuerkraft der gegenwärtig in Westeuropa stationierten amerikanischen schweren Bomber bei einer Beladung mit Atombomben entspricht also der einer ganzen Flotte von 79200 B-17 mit veralteten Sprengstoffen.

Selbst wenn man diese statistischen Zahlen noch wesentlich reduziert, indem man im Kampf verlorene Flugzeuge absetzt und die übrigen veränderlichen Faktoren des Luftkrieges berücksichtigt, bleiben sie eine ernste Warnung, die Atom-Luftwaffe nicht zu unterschätzen. Es kann gar keine übertriebene Vorstellung der Schrecken geben, die der Welt drohen, wenn der Atom-Luftkrieg erst einmal entfesselt ist. Dies sollte für jedermann Anlaß zum Nachdenken sein und jedem Staatsmann und Soldaten in allen Ländern aufs eindringlichste die Notwendigkeit vor Augen führen, die schwebenden Probleme durch Maßnahmen zu lösen, die nicht zu einem bewaffneten Konflikte führen.

Landtruppen auch nur auf einen einzigen deutschen Soldaten stießen. Es dauerte mehr als zwei Jahre, ehe amerikanische Bomber Berlin den ersten Schlag versetzen konnten. Drei Jahre vergingen, bis die ersten Brandbomben auf Tokio niederregneten.

Falls aber Rußland morgen plötzlich angreifen sollte, wären die amerikanischen Bomber *innerhalb weniger Stunden* zum Start bereit. Ihre Ziele würden mitten in Sowjetrußland liegen, und ihre Bombenschächte würden nicht Sprengbomben enthalten, sondern Atombomben und ähnliche Waffen.

Können diese Bomber ihre Ziele erreichen?

Ja. Sie können es. Man betrachte zunächst einmal ihre Besatzungen. Sie bestehen aus einer Elite erprobter alter Kampfflieger. Die Ausbildung eines solchen A-Bombergeschwaders ist sehr langwierig und sehr gewissenhaft. Jede Be-

satzung muß beweisen, daß sie eine B-29 im Nonstopflug nach einem bestimmten, 8000 Kilometer entfernten Ziel in Höhen bis zu 10000 Metern und mit einer Bombenlast von fünf Tonnen bei jedem Wetter fliegen kann. Von dieser zehnköpfigen Besatzung müssen drei Mann die Maschine fliegen können, zwei müssen Navigatoren und zwei Bombenschützen sein.

Diese Elite von Kampffliegern ist in den letzten drei Jahren methodisch geschult worden, um im Falle eines Angriffs die Bomben über den Industriezentren des einzigen ernsthaften Gegners Amerikas abzuladen. Das bedeutet, daß sie jedes wichtige Ziel innerhalb der Sowjetunion und die Flugstrecken dorthin eingehend studiert haben. Sie sprechen von Moskau, Magnitogorsk und Swerdlowsk genau so selbstverständlich wie von Städten ihrer Heimat. *Sie wissen genau, welchen Weg sie zu ihren Zielen einschlagen müssen, wenn sie plötzlich den Befehl zum Angriff erhalten.* Sie kennen auch die wahrscheinlichen Wetterverhältnisse. Sie wissen, daß zum Beispiel ein Bomber auf einer bestimmten Route auf dem ganzen Wege bis Moskau gewöhnlich mit Rückenwind rechnen kann und daß er auf dem Heimflug nach Alaska ebenfalls Rückenwind antreffen wird. Das sind Binsenwahrheiten für jeden A-Bomberpiloten.

Manche Nacht, in der die meisten Menschen schlafen, kreisen Bomber in rund 10000 Meter Höhe über irgendeiner Stadt Amerikas, Europas oder des Fernen Ostens, und die Mannschaften lernen Landmarken im Radarleuchtschirm unterscheiden. So gibt es zum Beispiel eine Stadt in Amerika, die fast die gleiche Topographie wie Stalingrad hat, und an anderer Stelle gibt es zwei Flußdämme, die auf dem Radarschirm wie Dnjepropetrowsk aussehen.

Die Besatzungen halten sich in ständiger Bereitschaft. Als das Außenministerium der Vereinigten Staaten sich seinerzeit entschloß, ein Geschwader nach England zu entsenden, nahm man an, die Verlegung würde etwa zehn Tage beanspruchen. Doch obwohl der Befehl ohne vorherige Ankündigung erging, traf das Geschwader bereits um die Mittagsstunde des nächsten Tages in seinem englischen Flughafen ein.

Die operative Luftwaffe Amerikas ist eine Truppe von hoher Kampfmoral und verfügt im Vergleich zu anderen Truppengattungen über den höchsten Prozentsatz alter Kriegsteilnehmer. Diese Männer, die es am besten wissen müssen, zweifeln keinen Augenblick daran, daß sie im Ernstfall ihre A-Bomben reibungslos an ihre Ziele herantragen würden.

Sind die Flugzeuge ebenso gut wie ihre Besatzungen? Falls die Atombombe schon in nächster Zeit

eingesetzt werden müßte, käme dafür vorerst nur die B-29 in Frage. Die B-36 wird erst einige Monate später einsatzbereit sein; und die B-50 ist nur eine verbesserte B-29. Etwa in einem Jahr wird man damit beginnen können, die Bomber mit Propellerantrieb durch die neuen Düsenflugzeuge zu ersetzen oder durch den Typ, der eine Kombination zwischen Propeller- und Düsenflugzeug darstellt — Maschinen, die noch höher und schneller fliegen. Bis dahin ist die B-29 der beste viermotorige Bomber der Welt.

Die B-29 kann jetzt mit einer A-Bombenlast bei einer Stundengeschwindigkeit von 480 Kilometern 8000 Kilometer im Nonstopflug zurücklegen — Reichweite und Geschwindigkeit liegen also erheblich höher als im letzten Weltkrieg. Zum wirklich rationellen Einsatz wird sie solange noch auf Stützpunkte in Übersee angewiesen sein, bis der Luftwaffe erlaubt wird, Langstreckenflugzeuge in großem Maßstab zu entwickeln, die im Nonstopflug von Kontinent zu Kontinent und wieder zurück fliegen können. Von Island, England, Spanien oder Nordafrika aus *kann jedoch auch die B-29 jeden lebenswichtigen Punkt innerhalb der Sowjetunion erreichen.* Haben die Vereinigten Staaten Flugstützpunkte in England und in Japan, so können die Flugzeuge zwischen beiden Ländern pendeln.

Der Angriffsplan selbst ist kein Geheimnis. Wenn die Sowjetunion den Krieg wünscht, werden die B-29 bei Nacht in einer Höhe von rund 10000 Metern in Rußland einfliegen, und zwar am liebsten bei einer hohen und dichten Wolkendecke. Sobald sie sich dem Abwurfpunkt nähern, werden die Besatzungen ihre Radargeräte einschalten. Sie brauchen sich keine Sorgen zu machen, ob sie das Ziel auch haargenau treffen. Fehlwürfe wird es nicht geben, denn beim Atomkrieg aus der Luft sind Menschen ebenso wertvolle Ziele wie Industrieanlagen. Man braucht eine Fabrik nicht zu zerstören, wenn die Belegschaft ausgefallen ist.

Die Russen besitzen zwar ebenfalls Radargeräte — ihre Verbündeten im letzten Weltkrieg haben sie ihnen geschenkt. Vielleicht werden sie damit auch ein paar Bomber orten. Sie haben ferner einige gute Düsenflugzeuge, obwohl diese für den Nachtkampf nicht allzu gut ausgerüstet sind. Es ist an sich schon schwierig genug, eine B-29 zu orten, die mit 480 Stundenkilometer Geschwindigkeit zehn Kilometer hoch in einer dichten Wolkendecke fliegt. Doch sie zu orten bedeutet noch nicht, sie wirklich zu finden, einzuholen und abzuschießen. Aber schließlich sind die Amerikaner keine Anfänger mehr auf dem Gebiet der Hochfrequenztechnik. Sie kennen ein paar Tricks — wie man manövrieren, wie man der Ortung entgehen und Jäger von

sich abschütteln, kurz, wie man den gegnerischen Angriff unwirksam machen kann.

Führende Generale der amerikanischen Luftwaffe schätzen, daß 95 Prozent der über Rußland operierenden Bomber heil zurückkommen würden. Die Propagandisten, die so genau wissen wollen, daß der größte Teil der Bomber vernichtet werden würde, haben dagegen noch nie selbst versucht, einen Bomber bei Nacht abzuschießen. Ihnen sei — wahrscheinlich zu ihrem eigenen Erstaunen — gesagt: weder Amerikaner noch Engländer können einen entschlossen durchgeführten Nachtangriff aufhalten, wenn er einmal begonnen hat. Manöver in jüngster Zeit haben erwiesen, daß auch die Engländer nicht in der Lage sind, amerikanische Bomber aufzuhalten, obwohl ihr Gebiet nur klein ist und sie die wundervollsten Ortungs- und sonstigen Luftabwehrgeräte besitzen. Wie sollten dann die Russen bei der riesigen Ausdehnung ihres Gebietes und ihrer unzulänglichen Hochfrequenztechnik jemals hoffen dürfen, einen amerikanischen Bomberangriff aufzuhalten?

Die Frage, ob ein, zwei oder mehr Atombombenangriffe nötig sein würden, um Rußland lahmzulegen, kann niemand mit Sicherheit beantworten, da es dafür keinen Präzedenzfall gibt. Bisher hat noch keine Nation mehr als einen Atomangriff ausgehalten — dabei handelte es sich im Falle Japan nur um den ersten praktischen Versuch. Generale, die für eine solche Berechnung zuständig sein dürften, haben alle im zweiten Weltkrieg auf beiden Seiten verwendeten Explosivstoffe zusammenaddiert — das gesamte Pulver und Trinitrotoluol, das von sämtlichen Armeen, Flotten und Luftstreitkräften zur Explosion gebracht worden ist. *Die Gesamtsumme reicht an Vernichtungskraft, in Energieeinheiten gerechnet, kaum an das heran, was Amerika bei einem einzigen Luftangriff in Rußland abwerfen könnte.*

Lohnende Ziele würde es also bald nicht mehr geben. In der Nähe wichtiger Eisenbahnknotenpunkte östlich von Berlin würden in einem Umkreis von 15 Kilometern kaum Menschen unversehrt bleiben. Und die Belegschaften der meisten wichtigen Fabriken Rußlands würden fast völlig ausfallen.

Unter diesen Umständen ist es unwahrscheinlich, daß die Sowjetunion als Staat intakt bleiben könnte. Sie würde auch kaum mehr in der Lage sein, organisierte Heere außerhalb ihrer Grenzen, ja nicht einmal im eigenen Lande zu unterhalten. Militärische Sachverständige haben nachgewiesen, daß niemals in der Weltgeschichte ein Volk auch dann einen Krieg weitergeführt hat, wenn seine Verluste vier Prozent der Bevölkerung überstiegen.

Die Stellung Amerikas ist klar. Es hat die Bomben, und es hat die Flugzeuge, um sie ans Ziel zu tragen. Amerika wünscht keinen Krieg, am allerwenigsten einen Präventivkrieg, den einige unverantwortliche Leute fordern. Amerika ist sich völlig darüber im klaren, daß kein Volk einen neuen Krieg „gewinnen" kann. Auch amerikanische Städte würden zweifellos bombardiert werden. Doch wenn die Männer im Kreml verblendet genug sein sollten anzugreifen, kann Amerika die Schwerpunkte ihrer Macht zerstören.

Die Völker Europas mögen also die Bedeutung der Atom-Luftmacht Amerikas erkennen und den Mut nicht sinken lassen. Amerika ist entschlossen, einem russischen Angriff entgegenzutreten, und Amerika ist nicht ohne Hilfsmittel. Man sagt, Frankreich verlange vierzig alliierte Divisionen am Rhein zu seiner Sicherheit, und die Leute in Amerika, die noch in den Gedankengängen Maginots befangen sind, werden versuchen, sie bereitzustellen — mit einem Kostenaufwand von annähernd fünf Milliarden Dollar. Aber 1940 hatte Frankreich mehr als vierzig Divisionen *und* seine Maginotlinie, und trotzdem brach es in drei Wochen zusammen. Wie sollen heute vierzig Divisionen einige hundert russische Divisionen aufhalten? Wer Rußland mit Divisionen bekämpfen will, handelt wie ein Mann, der einen Löwen mit dem Jagdmesser angeht.

Zugegeben, die Aussicht, daß russische Divisionen auf Paris losstürmen, ist nicht gerade ermutigend. Die amerikanische Vergeltung mit Atomwaffen könnte das Wüten der Eindringlinge nicht verhindern. Doch sollte Frankreich aus folgender Überlegung Hoffnung schöpfen: wenn man die Sowjets dazu bringt, die Bedeutung der amerikanischen Atom-Luftwaffe richtig zu erkennen und einzusehen, daß sie Amerika im Wettlauf um die Atom-Luftwaffe niemals überholen können, dann werden sie wahrscheinlich doch zu dem Schluß kommen, daß Frieden die beste Politik ist. Sollte der Kreml aber doch einen Krieg zu entfesseln wagen, dann sei allen freien Menschen in Europa zum Trost gesagt: ein Arm mag sich vielleicht ausstrecken und sie ergreifen, aber sie werden nicht lange auf die Befreiung aus seinem Würgegriff zu warten haben.

Die Jugend ist etwas Wundervolles. Es ist eine wahre Schande, daß man sie an Kinder vergeudet. G. B. SHAW

Perlen bedeuten Tränen, wenigstens für die Auster

PERLENKÖNIG MIKIMOTO

Aus der Monatsschrift Pageant

von Blake und Deena Clark

DER BEWEGLICHE einundneunzigjährige Kokichi Mikimoto zählt zu den nützlichsten Bürgern Japans. Der Welt als „Perlenkönig" bekannt, bringt er seinem Land jährlich 300000 der begehrten Dollars ein.

Vor vielen Jahren hausierte er bescheiden mit Muscheln, Hummern und getrockneten Seeschnekken. Mit dreiunddreißig sah er in Yokohama in einer Ausstellung von Meeresprodukten, wie sehr kleine, unregelmäßige Perlen zu außerordentlich hohen Preisen verkauft wurden. In einem Schaukasten war dargestellt, wie Perlen wachsen. Ist ein Fremdkörper — zum Beispiel ein Sandkorn oder ein winziges Stückchen Muschelschale — in eine Auster eingedrungen, so reizt er ihre empfindlichen Schleimhäute. Um sich zu schützen, sondert die Auster Tränen aus kohlensaurem Kalk ab, der sich in vielen tausend dünnen Schichten ablagert. Diese erstarren, und am Ende hat die arme Auster den Gegenstand ihres Kummers in das reizendste Juwel verwandelt.

Mikimoto kam es plötzlich in den Sinn, daß es doch möglich sein müßte, diesen natürlichen Vorgang künstlich anzuregen. Er zog nach der Ago Bay, einer flachen und ruhigen Bucht, die vor Haifischen geschützt und dem gefährlichen Wasserdruck nicht ausgesetzt war, und sammelte dort Austern. Er öffnete die Muscheln um den Bruchteil eines Zentimeters und schob ein Sandkörnchen zwischen

die Auster und ihre Schale. Nach wochenlanger Arbeit hatte er 10000 auf diese Weise behandelte Austern im Abstand von etwa dreißig Zentimetern im Wasser verteilt. Aber als er Monate später einen Teil davon herausholte, fand er zu seiner Bestürzung nicht einmal den winzigsten Ansatz zu einer Perle.

Mikimoto fing hartnäckig von vorne an. Er verbrachte Wochen und Monate brusttief im Wasser und experimentierte. Er machte Schulden, um Taucher bezahlen zu können, die ihm beim Muschelsammeln halfen. In einige Muscheln führte er Tonkügelchen ein, in andere Splitter von Perlmutter, Glas, Kupfer und Paraffin. Immer wieder brachte er den Fremdkörper – den „Samen" – an einer anderen Stelle an; einmal in der Nähe des Muschelschlosses, ein andermal am äußeren Rand, dann wieder bettete er ihn an die schimmernde Innenseite der Muschelschale. Er setzte die Austern in verschieden tiefem und verschieden temperiertem Wasser aus.

Darüber verstrichen zwei Jahre; doch der Erfolg blieb aus. Im dritten Jahr wurden große Mengen Plankton in die Bucht geschwemmt, mikroskopisch kleine Lebewesen, die sich von Austern ernähren. Sie töteten alle seine ausgesetzten Muscheln bis auf einen einzigen Satz in einem abgelegenen Einschnitt der Bucht. Sechs Tage brachten Mikimoto und Ume, seine Frau — niedergeschlagen und fast hoffnungslos — damit zu, diese Muscheln zu öffnen. Wie gewöhnlich fanden sie nichts. Endlich, am 11. Juli 1893 — ein Tag, den Mikimoto nie vergessen wird — öffnete Ume eine Muschel, in der — eine schillernde halbrunde Perle lag.

Unter Lachen und Weinen machten sie in fieberhafter Eile die übrigen Austern auf und fanden weitere vier Perlen. Obwohl durchaus nicht vollkommen — denn sie waren nicht ganz rund —, waren es doch Perlen und deshalb kostbar. Vor allem aber waren sie Mikimotos Werk! Die beiden eilten nach Hause, legten die schimmernden Juwelen auf den Familienaltar und dankten den Göttern für ihren Erfolg.

Mikimoto ließ sein Verfahren patentieren und machte sich daran, die Perlenzucht in größerem Maßstab aufzuziehen. Auf einer kleinen unbewohnten Insel, Tatoku („Viele Tugenden"), legte er mit seiner Frau und seinen fünf Kindern eine Unterwasserfarm von 280 Hektar Meeresboden an. Während der nächsten vier Jahre setzte er jeweils im April 50000 Muscheln auf dem Boden der Bucht aus. Seine erste Ausbeute war gering, die nächste dafür beträchtlich. Und im April des Jahres 1901 erregte Prinz Komatsu bei der Krönung Eduards VII. in London großes Aufsehen, als er dem König eine Auswahl von Mikimoto-Perlen überreichte.

Mikimoto wurde durch eine Audienz beim Kaiser Meiji geehrt, der aus dem Munde des Wundermannes selbst Genaues über die Zucht der Wasserjuwelen zu erfahren wünschte. Nach der Audienz begab sich Mikimoto zum Grabe seiner kurz zuvor verstorbenen Frau und berichtete ihr von der Ehre, die ihm widerfahren war.

Immer noch war es Mikimoto nicht gelungen, kugelrunde Perlen zu züchten. Bei der Ernte im Januar 1905 jedoch fand er zu seinem eigenen Erstaunen fünf vollkommen runde Exemplare. Als er sie aufschnitt, stellte er fest, daß sie sich um einen Kern gebildet hatten, der durch Zufall in die Haut der Auster selbst eingedrungen war. Hier hatte sich das weiche Perlmutt in konzentrischen schützenden Schichten rund um den störenden Fremdkörper gelegt und das vollkommene Juwel geformt, das Mikimoto so verzweifelt angestrebt hatte.

Endlich wußte er das Geheimnis. Er hatte den Fehler begangen, den „Samen" zwischen Auster und Muschelschale einzuführen, statt in das Fleisch der Auster. So war es ihr unmöglich gewesen, den Kern von allen Seiten gleichmäßig einzuhüllen.

Von jetzt ab drückte Mikimoto die Tonperle unmittelbar in den Mantel dreijähriger Austern. Sie mußte mit äußerster Vorsicht eingeführt werden — nicht zu tief, um die Auster nicht zu töten, aber tief genug, um zu verhindern, daß sie wieder hinausgedrängt wurde. Als diese Austern herangewachsen waren, fand Mikimoto sechs runde Perlen von atemberaubender Schönheit bei den ersten hundert Muscheln, die er öffnete.

Um seine Austern vor Beschädigung durch Natureinwirkungen zu schützen, befestigte er Drahtgehege an schwimmenden Flößen. Hier konnten die Austern — geborgen vor hungrigen Aalen und Tintenfischen — in Ruhe heranwachsen und in Sicherheit gebracht werden, wenn sie von Plankton oder ungünstigen Strömungen bedroht wurden. Alle vier Monate werden die Gehege von Moos, Seetang und Entenmuscheln gereinigt und die Austern sorgfältig nachgesehen und gesäubert.

„In der Perlenzucht ist man wie beim Weinbau abhängig von Temperatur, Bewölkung und Regenfällen", sagt Mikimoto. „Milde Temperaturen und die richtigen Strömungen in der Bucht können eine vortreffliche Ernte ergeben. In einem Jahr lenkte ein Erdbeben die Strömung ab; ein anderes Mal wirkte sich eine kurze Kaltwetterperiode vernichtend aus. Schwere Regenfälle können Glanzlosigkeit verursachen. Meine 1948er Ernte müßte ausgezeichnet werden. Wir haben seit zehn Jahren das beste Perlenwetter gehabt."

Als sein Unternehmen sich vergrößerte, fand Mikimoto für seine Zwecke nicht mehr genügend Austernlarven. Allzu oft wurden sie gefressen, ehe sie groß genug für die Zucht waren. Er beschloß also, die Larven einzufangen, ehe sie aufgefressen wurden. Das führte zu einer anderen wichtigen Erfindung — einem Drahtgitter, das mit einer klebrigen Kalkzementmischung beworfen wird. Im Juli werden diese Schirme ins Wasser gelassen; wenn man sie im November heraushebt, wimmeln sie von Millionen winziger Larven, die zum Heranwachsen in die Schutzgehege gebracht werden.

Dreijährige Austern, die auf dem Meeresboden „wild" gewachsen sind, werden von robusten Taucherinnen gesammelt, die man *Ama*, das heißt „Mädchen des Meeres", nennt. Sie tauchen fünf bis sieben Meter tief, und manche halten es unten länger als eine Minute aus. Mikimoto behauptet, Frauen seien bessere Taucher als Männer und ihre besten Jahre lägen zwischen 40 und 59. Seine Meistertaucherin ist die 58jährige Kitamura Oroku.

Als Mikimoto seine Perlen zum erstenmal in Europa zu einem Viertel des üblichen Preises anbot, erregte er größtes Aufsehen. Die Käufer konnten die schönen Exemplare ohne Spezialröntgenapparat nicht von Naturperlen unterscheiden. Die Juweliere in Paris waren empört, denn sie hatten ein althergebrachtes Interesse an hochbezahlten Naturperlen. Der Händler, der die neuen Perlen einführte, wurde boykottiert.

Daraus entstand ein Prozeß. Der Verband der Juweliere versuchte nachzuweisen, daß Mikimotos Perlen unecht seien. Hervorragende Biologen, darunter die französischen Professoren Louis Boutan, Adolfe Joubin und Auguste Dollfuß, bezeugten jedoch ihre Echtheit. Der einzige Unterschied zwischen natürlichen Perlen und Mikimotos Perlen bestand daran, daß der Teil, der nicht eigentlich „Perle" ist — das winzige Kügelchen in der Mitte —, in einem Falle von selbst eingedrungen, im andern Falle künstlich eingeführt worden war. Weshalb sollten also nicht beide gleichwertig sein?

Obwohl Mikimoto siegreich aus diesem Rechtsstreit hervorging, blieb er dabei, seine Perlen als „Zuchtperlen" zu bezeichnen. Die Welt sollte wissen, daß er sie selbst erzeugt hatte.

Mikimoto eröffnete eigene Geschäfte in Paris, Bombay, New York, Shanghai und Kobe. Auf der Höhe seiner Karriere besaß er zwölf Millionen Austern, die annähernd 75 Prozent des Weltangebotes an Perlen lieferten. Seine Perlen erhielten goldene Medaillen und die höchsten Auszeichnungen auf den Weltausstellungen in Paris, London, Moskau, Rio de Janeiro und zehn anderen Städten.

Als Mikimotos Generalpatent

auf sein Perlenzuchtverfahren im Juli 1921 ablief, wimmelten alsbald die Nachbargewässer von den Flößen seiner Konkurrenten, die er meist selber ausgebildet hatte. Einige dieser Neulinge warfen minderwertige Perlen auf den Markt. Um sie anzuprangern und ein Exempel zu statuieren, daß er selbst nur mit den besten Perlen handele, stellte Mikimoto am 10. Juli 1933 einen Ofen in einer Hauptgeschäftsstraße von Kobe auf und schüttete vor den Augen des ungläubigen Publikums 750000 zweitklassige Perlen hinein.

Es dauerte zwanzig Jahre, bis Mikimoto die Perlen zu seiner schönsten Schnur gesammelt hatte. Sie ist 350000 Dollar wert, und die herrliche Mittelperle ist die prachtvollste, die er je gefunden hat. Aufgereiht haben die 47 Perlen die Länge einer gewöhnlichen Kette von hundert Perlen.

Während des Krieges hat Mikimoto gezeigt, daß er in Tat und Wahrheit ein Gegner aller Kriege ist. Regierungsbeamte rieten ihm, sein Geld in der aufblühenden Kriegsindustrie anzulegen. „Ich bin ein friedliebender Geschäftsmann", erwiderte er. Ein Offizier schickte ihm ein scharfes Samuraischwert als Aufforderung, Harakiri zu begehen. Mikimoto nahm davon keine Notiz und zog mit seinen Kindern auf die Perleninsel, wo er in Abgeschiedenheit lebte. Seine Luxusindustrie ging zurück. Schließlich waren in seinen Anlagen weniger Austern als 45 Jahre zuvor. Er verkauft heute seinen Ertrag an die Angehörigen der Besatzungsmacht.

Mikimoto stimmt der landläufigen Ansicht nicht bei, daß man Perlen tragen müsse, wenn sie ihren Glanz behalten sollen. „Wie die Schönheit lieblicher Frauen erlischt auch der sanfte Glanz der Perlen mit der Zeit. Sie werden ihn aber für Generationen behalten, wenn man jede einzelne Perle behutsam abreibt, und zwar zunächst mit einem Lappen, den man mit Alkohol und warmem Wasser anfeuchtet, dann mit einem anderen in reines Wasser getauchten Läppchen. Man soll niemals auch nur eine Spur Feuchtigkeit auf den Perlen zurücklassen und die Kette nie in Wasser oder in eine andere Flüssigkeit tauchen. Die Perlen könnten etwas von der feuchtgewordenen Schnur aufsaugen und fleckig oder mißfarben werden. Und nehmen Sie niemals Pulver zum Blankreiben", sagt er abschließend, „alles Reiben ist nutzlos. Der Mondesschimmer der Perle kommt aus ihrem Innern".

Der alte Herr lächelt über Leute, die glauben, daß Perlen heilende Kräfte haben. „Immerhin", sagt er, mit den Augen zwinkernd, „ich habe die Erfahrung gemacht, daß es nur wenig Frauensorgen gibt, die nicht im Augenblick mit einer Perlenkette geheilt werden können!"

Der amerikanische Schwarzbär, ein zottiger Riese, von fast vier Zentnern . . .

Das ist Meister Petz

Aus der Monatsschrift Outdoors
von David M. Newell

Wer immer die Redensart „stark wie ein Bär" geprägt haben mag — er wußte, was er sagte. Es gibt kein Tier dieser Größe, das stärker wäre als der amerikanische Schwarzbär. Mit einem einzigen Tatzenhieb kann er den Schädel eines ausgewachsenen Stiers zerschmettern. Ich war einmal hinter einem solchen Burschen her, der ein anderthalb Zentner schweres Schwein geschlagen und die Beute nahezu 400 Meter weit getragen hatte, denn eine Schleppspur war weit und breit nicht zu sehen. Derselbe Geselle hatte auch sechs Meter hohe Zwergeichen einfach umgeknickt, weil ihn nach den Eicheln gelüstete.

Ein anderes Mal war ich einem Stück auf der Fährte, das sich in einer Falle gefangen und auf und davon gemacht hatte, mitsamt dem fast drei Zentner schweren Holzklotz, an dem die Kette der Falle befestigt war.

Petzens Riesenkräfte kommen ihm gut zustatten, denn er muß sich seine Nahrung unter allen möglichen Bedingungen und Umständen verschaffen. Als ausgesprochener Allesfresser verzehrt er Beeren, Nüsse, Wurzeln, Insekten, Fische und jedes Tier, dessen er habhaft werden kann: von der Maus bis zum Elch. Im Magen eines von mir erlegten Schwarzbären fand ich einmal einen großen Klumpen Wespen. Er hatte diese stechenden Biester unzerkaut hinuntergewürgt.

Alle Bären lieben Honig und plündern die Stöcke der Wildbienen wie die Bienenstände der Farmer. Sie haben sogar schon Telegraphenmasten erklettert und die Drähte heruntergerissen, weil sie das Gebrumm für das Summen eines Bienenschwarms hielten. Einen besonders erheiternden Anblick bietet so ein plumper Kerl beim Ameisenfang. Sobald er einen Haufen ent-

deckt hat, steckt er eine Tatze hinein und wartet, bis die wütenden Insekten darüber herfallen; dann läßt er sich nieder und leckt sie mit großem Genuß wieder sauber.

Mancher Fischer hat schon erfahren müssen, daß es nicht ratsam ist, nach dem Fischen das Boot im Lager zu lassen, ganz besonders, wenn der Boden des Bootes vorher nicht sorgfältig von Fischschuppen gereinigt worden ist, denn ein hungriger Bär, dem Fischgeruch in die Nase steigt, zerlegt das Boot auf der Suche nach dem Leckerbissen in seine Bestandteile.

Bären stellen überhaupt manches an, was entweder reinem Mutwillen oder ausgekochter Bosheit zu entspringen scheint. Ein kanadischer Fallensteller erzählte mir, daß ein Schwarzbär ihm seine Trapperhütte mit allem, was darin war, kurz und klein gehauen hatte. Kein Gefäß war ganz geblieben, auf dem Fußboden lag ein schauderhaftes Gemenge von Mehl, Sirup, Zucker, Reis, Bohnen und Kaffee, in dem wie Inseln Kleidungsstücke und zerbrochenes Geschirr verstreut waren. Sogar mehrere Dutzend Obst- und Gemüsekonserven waren aufgebissen, als habe sich der ungebetene Besucher vorgenommen, nichts, aber auch nichts ununtersucht zu lassen.

Plünderungsorgien dieser Art sind nichts Seltenes. Ihre Ursache ist wohl im Temperament des Bären zu suchen. Meister Petz kocht nämlich leicht über, wenn seine Wünsche auf Widerstand stoßen. Zugesperrte Trapperhütten, in Kisten und Büchsen verwahrte Nahrungsmittel machen ihn rasend.

Eine spielerische Laune kann ohne Warnung in höchste Wut umschlagen — das hat in Naturschutzparks, in denen die Schwarzbären ziemlich zahm werden, schon zu manchem ernsten Unfall geführt. Ein Besucher, der sein Auto verlassen hatte, um ein besonders prächtiges Exemplar zu knipsen, bemühte sich, das Tier zum Aufrichten zu bewegen, indem er scheinbar einen Leckerbissen emporhielt. Der genarrte Bär wurde so wütend, daß er mit einer Vordertatze ausholte und den Mann beinahe skalpiert hätte.

Entgegen der volkstümlichen Meinung stimmt es nicht, daß der Bär sein Opfer umarmt und zu Tode drückt. Er hält es nur fest, um es mit dem Gebiß zu erledigen. Ich beobachtete selbst einmal, wie ein Schwarzbär ein Halbzentnerschwein mit den Vordertatzen ergriff, ihm ins Genick biß und dann den Kopf abriß, der, wie mein Führer bemerkte, „doch eben noch ganz fest an seinem Platz saß".

Obwohl die Bären plump und schwerfällig erscheinen, können sie große Schnelligkeit entwickeln. Kurze Entfernungen legen sie ohne weiteres im 45-Stundenkilometer-Tempo zurück.

Ich folgte der Schwarzbärenfährte den salmreichen Flüssen Alaskas entlang, durch die Cañons von Arizona, die Lorbeerdickichte der Great Smokies in Tennessee und Nordkarolina bis hinunter durch die sumpfigen Zypressenwaldungen der Everglades in Südflorida. Überall zeigte dieses Tier eine erstaunliche Anpassungsfähigkeit an Klima, Bodenbeschaffenheit und Ernährungsbedingungen.

Ein großes Schwarzbärmännchen hat ein Durchschnittsgewicht von gut dreieinhalb Zentnern. Die Schulterhöhe beträgt einen knappen Meter, aufgerichtet mißt das Tier einen Meter achtzig. Die Färbung kann schwarz, zimtfarben, schokolade- oder hellbraun sein; die Schnauze ist gelbbraun, und auf der Brust schimmert zuweilen ein grauer oder weißer Fleck.

In den nördlichen Gebieten überwintert er in Höhlen oder unter den Wurzelenden gefallener Baumriesen. Er zieht sich nicht der Kälte wegen in die Höhle zurück, sondern aus Nahrungsmangel. Während der Herbstmonate setzt er eine dicke Fettschicht an, von der er von November bis April zehrt. Herztätigkeit und Atmung sind in diesen Monaten stark verlangsamt.

Die Paarungszeit fällt in den Sommer. Die zwei, manchmal auch drei Jungen werden im Spätwinter im Winterlager geboren. So ein blinder, fast haarloser Jungbär wiegt nur ein knappes Pfund.

Während ihres ersten Lebensmonats tun die Jungen nichts als säugen und schlafen. Wenn sie die Höhle zum erstenmal verlassen, sind sie ungefähr zwei Monate alt und so groß wie eine ausgewachsene, kräftige Hauskatze. Sie klettern gerne in die Wipfel geschmeidiger Jungbäume, bis diese sich unter ihrem Gewicht biegen, schwingen sich hinaus, so weit sie können, und springen dann ab. Dieses Spiel wird bis zur Ermüdung wiederholt. Im Herbst haben sie schon die Größe eines Schäferhundes und können selbst für sich sorgen. Ungefähr nach dem fünften Monat sind sie entwöhnt und haben gelernt, wie man Erdhörnchen ausgräbt, an seichten Uferstellen Fische fängt und sich auf alle mögliche Art Nahrung verschafft.

Die Berichte von der Wildheit der Schwarzbärenmutter sind gewöhnlich übertrieben. Bei Begegnungen mit Menschen jagt sie ihre Kleinen mit nachdrücklichen Klapsen auf einen Baum, sie selbst läuft davon und sucht die Aufmerksamkeit auf sich zu lenken.

Die Gefahr der Ausrottung besteht für den Schwarzbären nicht. Er vermehrt sich selbst in dicht besiedelten Gebieten zunehmend, und trotz seiner gelegentlichen Plünderungen ist der verschmitzte Meister Petz im allgemeinen ein harmloser Geselle und gehört als wichtige Gestalt zum Bild des Lebens in freier Wildbahn.

Über 26000 Erbschaftsjäger sind in diese phantastische Geschichte von Meineiden, Fälschungen, Urkundendiebstählen und Verleumdungen verwickelt

Der Kampf um die Garrett-Millionen

Aus der Wochenschrift
The Saturday Evening Post

von Albert Koehler
und David G. Wittels

Henrietta Garrett

Als an einem trüben, regnerischen Novembertag des Jahres 1930 eine wunderliche alte Dame namens Henrietta Edwardina Schaefer-Garrett beigesetzt wurde, bestand das Trauergefolge aus knapp einem Dutzend Menschen. Nur zwei davon waren Blutsverwandte. Sie war kinderlos und hatte mit ihren 81 Jahren alle Geschwister, die meisten ihrer wenigen Freunde und ihren Ehemann überlebt, den sie vor 58 Jahren wie in einem richtigen Aschenbrödel-Märchen geheiratet hatte. Wenn man von zwei Dingen absieht, hätte ihre stille Beisetzung das Ende der Garrettgeschichte bedeutet.

Einmal war nur drei Menschen bekannt, daß die alte Frau, die in einsiedlerischer Zurückgezogenheit gelebt hatte, ein Erbe von mehr als siebzehn Millionen Dollar hinterließ. Zum anderen wurde kein richtiges Testament gefunden. Als diese Tatsachen an die Öffentlichkeit drangen, wurde Henrietta nach ihrem Tode zu einer der meistgeliebten Frauen der Welt. Mehr als 26 000 Menschen in fast allen Staaten Nordamerikas und in 29 anderen Ländern behaupteten, mit ihr verwandt zu sein. So kam es zu einem der erbittertsten Erbschaftsprozesse in den Annalen der Justiz, ein Prozeß, der oft zur Komödie ausartete. Heute, achtzehn Jahre nach ihrem Tod, ist die Hinterlassenschaft auf schätzungsweise dreißig Millionen Dollar angewachsen, und der Kampf darum noch nicht zu Ende.

Um den Fall zu entwirren, beginnt man vielleicht am besten mit jenem Frühlingsnachmittag im Jahre 1872, an dem der Millionär und Junggeselle Walter Garrett, Abkömmling einer der ältesten Familien Philadelphias, zum erstenmal Henrietta Schaefer sah, die gerade die Stufen vor ihrer ärmlichen Behausung scheuerte. Garrett war der letzte direkte Nachkomme des Quäkers Levi Garrett, der 1682 mit William Penn in die Neue Welt eingewandert war und die einträgliche Firma Levi Garrett und Söhne „Herstellung von Rauch- und Schnupftabak-Waren" gegründet hatte. Henrietta war die Tochter armer deutscher Einwanderer.

Es war absurd, daß Garrett sich gerade in Henrietta verliebte. Er war ein kultivierter, weitgereister Weltmann. Sie war unansehnlich, nie aus Philadelphia herausgekommen und besaß lediglich Volksschulbildung. Zwischen den grundverschiedenen Welten der beiden gab es nur ein Bindeglied, nämlich Henriettas Bruder John. Von fünf Geschwistern hatten nur er und Henrietta die ersten Kinderjahre überlebt. Johns Lebensinhalt war seine Mitgliedschaft bei der Freiwilligen Feuerwehr. Walter Garrett beteiligte sich ebenfalls gerne beim Feuerlöschen und gehörte auch der Freiwilligen Feuerwehr an. Er lernte Henrietta kennen, als er auf dem Wege zu einem Feuerwehrtreffen John abholte. Einige Monate später fand die Hochzeit statt.

Wenige Frauen wurden so verwöhnt wie Henrietta. Da sie sich vor Seereisen fürchtete, gab Walter Garrett das Reisen, das ihm so viel bedeutete, auf. Da er es nicht ertragen konnte, während seiner Geschäftsreisen von ihr getrennt zu sein, verkaufte er drei Jahre nach der Hochzeit sein Geschäft. Er kaufte ihr drei Häuser: ein vielgiebeliges Herrenhaus an der See als Sommeraufenthalt, und zwei nebeneinanderstehende Backsteinhäuser in dem damals vornehmsten Viertel Philadelphias. Eines davon war für seine junge Frau und ihn bestimmt, das andere für ihre Eltern und ihren Bruder. Garrett ließ die Zwischenmauer, die die beiden Häuser trennte, durchbrechen, so daß seine angeheirateten Verwandten freien Zugang zu seiner Wohnung und umgekehrt hatten. Er bezahlte die Rechnungen für beide Haushalte.

Es war für Walter und Henrietta eine Enttäuschung, daß sie keine

Die Verfasser sind besonders dazu berufen, diese ungewöhnliche Geschichte von Geldgier und Rechtsverdrehung zu erzählen. Albert Koehler war als Ermittlungsbeamter für den vom Gericht eingesetzten Untersuchungsrichter tätig, der die Vernehmungen im Garrett-Prozeß durchzuführen hatte. David G. Wittels wohnte vielen dieser Vernehmungen als Zeitungsberichterstatter bei.

Kinder hatten. Und bald schmolz die seltsam zusammengewürfelte Familie noch mehr dahin. Henriettas Vater starb; dann ihre Mutter.

Am 17. Februar 1895 starb Walter Garrett. Sein Testament bestimmte Henrietta zur Erbin fast seines gesamten Vermögens.

Die nächsten zwanzig Jahre lebten Bruder und Schwester allein mit den Dienstboten in den beiden großen, düsteren Häusern. Henrietta verkehrte mit ein paar Freundinnen, fuhr gelegentlich in ihrer Kutsche aus oder saß in ihrem im ersten Stock gelegenen Wohnzimmer über Rechnungsbücher gebeugt. John ging ganz in der Beschäftigung mit seiner geliebten Feuerwehr auf.

1915 starb John, und soweit man durch sorgfältige Nachforschungen feststellen konnte, verließ Henrietta das Haus während ihrer restlichen fünfzehn Lebensjahre nur noch ein einziges Mal. Und zwar ging sie nicht weiter als bis auf die Haustürstufen, um die bunte Lichtreklame auf dem Dach eines neuerbauten Geschäftshauses in der Nachbarschaft zu betrachten.

Die regelmäßigsten Besucher in Henriettas Heim waren Charles S. Starr und James G. Phillips vom Bankhaus Starr und Company, die ihr vierzig Jahre als Wirtschaftsberater dienten. Als Henrietta 1930 starb, nahmen Starr und Phillips ihre persönlichen Papiere an sich. Fast sieben Jahre lang sah sonst niemand diese Papiere, ausgenommen vielleicht der Rechtsvertreter der beiden Herren und Frank G. Marcellus, ein Vetter zweiten Grades von Henrietta.

Zwei Wochen nach Henriettas Tod reichten Starr und Marcellus beim Nachlaßgericht ein Gesuch ein, als Verwalter der Erbmasse eingesetzt zu werden. Da niemand Einspruch erhob, wurde diesem Gesuch stattgegeben.

Gleichzeitig legte Starr einen Brief vor, den er in Henriettas Schreibtisch gefunden hatte. Er war vom 2. Juni 1921 datiert, mit der Anrede „Sehr geehrter Herr Charles S. Starr" und zweifellos in Henriettas Handschrift geschrieben. Die Überschrift lautete: „Eine Bitte", und sie gab ihm darin Anweisung, sechzehn Dienstboten und Freunden bestimmte Beträge als Vermächtnis auszuzahlen. Der Brief benannte keinen Testamentsvollstrecker und war durch keinen Zeugen beglaubigt. Dieser Brief, sagte Starr, sah von allem, was er hatte finden können, einem Testament noch am ähnlichsten, und er legte ihn deshalb dem Nachlaßgericht vor.

Die Vermächtnisse beliefen sich insgesamt auf nur 62 500 Dollar. Was war mit den restlichen 17 Millionen Dollar? Die, erklärte Starr in einem später in aller Form erhobenen Anspruch, gehörten ihm. Da der Brief an ihn gerichtet war und „die Bitte" enthielt, diese unbedeutenden Summen auszuzahlen, hatte Henrietta offensichtlich ihm ihr Vermögen hinterlassen wollen.

Im Dezember 1934 legten Starr und Marcellus eine Aufstellung des Nachlasses vor. Darunter befanden sich einige bemerkenswerte Posten. Ein Posten war eingesetzt für die Kosten eines Rechtsanwalts, der als Berater der Nachlaßverwalter Auslandsreisen unternommen hatte, um die Berechtigung von Personen, die möglicherweise als Anwärter auf die Erbschaft auftreten könnten, nachzuprüfen. Er kam zurück mit den Namen der zwei Anwärter, die am aussichtsreichsten schienen und ihn mit der Wahrnehmung ihrer Interessen beauftragt hatten.

Der eine war Johann Peter Christian Schaefer, damals 80 Jahre alt, ein deutscher Bauer. Johann behauptete, sein und Henriettas Vater seien Brüder gewesen, er sei Henriettas leiblicher Vetter und nächster überlebender Verwandter. Er stützte seinen Anspruch auf Auszüge aus Kirchenbüchern und auf Briefe, von denen er behauptete, sie stammten von Henriettas Vater. Obgleich die meisten anderen Ansprüche heftig angegriffen und viele als Betrug entlarvt wurden, ließ sich der seinige nicht ernstlich anfechten.

Der andere Anwärter war Herman A. Kretschmar, ein amerikanischer Junggeselle, der vorgab, Henriettas Vetter mütterlicherseits zu sein.

Beide Anwärter starben, während sich der Prozeß hinzog, aber Johanns Anspruch ging auf 37 seiner Verwandten, in Deutschland ansässige Bauern, über; und Herman Kretschmar vermachte seinen Anspruch testamentarisch seinem Neffen Wilson P. Kretschmar.

Mit dem Bekanntwerden des Falles traten Hunderte neuer Bewerber auf. Jeder nordamerikanische Staat hat in Erbschaftsfragen seine eigenen gesetzlichen Bestimmungen. Philadelphia liegt in Pennsylvanien, und nach den Gesetzen dieses Staates fällt eine Erbschaft an den Staat, falls der Erblasser ohne letztwillige Verfügung gestorben ist und keine Verwandten aufgefunden werden. Daher machte auch der Staat seine Ansprüche geltend. Nun wurde die Sachlage so kompliziert, daß ein Sonderbeauftragter und zwei Untersuchungsbeamte für den Prozeß ernannt wurden, der im Januar 1937 begann.

Die erste Frage lautete: steht fest, daß Henrietta Garrett nie ein richtiges Testament gemacht hat?

Eine Zeugin, Henrietta G. Ferguson, Namensschwester und Freundin Henrietta Garretts, sagte unter Eid aus, Frau Garrett habe ihr einmal einige wie Dokumente aussehende Papiere gezeigt und gesagt, dies sei ihr Testament. Sie habe sie dann gebeten, als Zeugin zu unterschreiben, was auch geschehen sei. Wieso aber wurde dann nie ein derartiges Testament gefunden?

Vielleicht hatte es die verschrobene alte Dame versteckt. Eine Anzahl von Gerichtsbeamten verteilte sich über das Garrett'sche Haus und zerlegte es nahezu in seine Bestandteile. Sie untersuchten die Rückseiten von 84 an den Wänden hängenden Daguerreotypien, schlitzten die Matratzen auf, hoben die Fußbodenbretter ab und rissen die breiten Fensterborde und die Vertäfelung in Henriettas Schlafzimmer auf. Einer der Suchenden fand im Badezimmer versteckt eine kleine eiserne Kassette. Sie wurde von Fachleuten geöffnet, und es kamen ein verrosteter 7,9 mm Revolver und eine altmodische Leibbinde zum Vorschein. Aber kein Testament.

Wenn nicht der Brief, auf den Starr seinen Anspruch stützte, schließlich als Testament anerkannt wurde, konnte Henriettas Hinterlassenschaft an jeden fallen, der seine Verwandtschaft mit ihr nachzuweisen imstande war. Der juristische Sonderbeauftragte ordnete die Ankündigung von öffentlichen Gerichtsverhandlungen in hunderten von Zeitungen in den Vereinigten Staaten und 29 anderen Ländern an. Innerhalb von vier Monaten gingen 10 000 Ansprüche ein, und die Flut schwoll weiter an, bis sie 26 000 überschritt.

Fast tausend Rechtsanwälte in Philadelphia und zweitausend in anderen Orten hatten die Hand in dem um Millionen gehenden Spiel. Rechtsanwälte und Stammbaumforscher stellten aus Telephon- und Stadtadreßbüchern Verzeichnisse von Schaefers, Kretschmars und Garretts — und von Abwandlungen dieser Namen — auf und versandten sie zum Verkauf mit einem dringlichen Begleitschreiben, das so abgefaßt war, als sei der betreffende Empfänger Erbe der siebzehn Millionen. Interessengemeinschaften wurden in den USA, in Deutschland, der Schweiz, Frankreich, England, ja sogar in Indien gegründet. Die größte war der Familienverband Sheffer in Virginien, der 4500 beitragzahlende Mitglieder zählte, von denen jedes geltend machte, von einem gewissen Jacob Shaver, der 1782 gestorben war, abzustammen.

Ein Rechtsanwalt hatte mehr als tausend Schaefers und Kretschmars und deren Nachkommen zur Wahrnehmung ihrer Interessen aufgetrieben, von denen er sich pro Kopf fünfzehn Dollar Auftragsgebühr und ein monatliches Honorar von einem Dollar zahlen ließ. Er kassierte 50 000 Dollar, ehe ihre Rechtsansprüche zur Verhandlung kamen. Bei der Verhandlung mußte er dann zugeben, über keinerlei Beweismaterial zur Stützung ihrer Forderungen zu verfügen.

Die Verhandlungen arteten des öfteren in Komödien aus. Ein Mann wies als einzigen Beweis für seinen Anspruch das auf seiner Brust eintätowierte Wort „Schaefer" vor.

Ein anderer Schaefer stützte seine Forderung auf dreizehn Haarlocken, von denen jede säuberlich eingewickelt, numeriert und mit dem Namen eines Mitgliedes seiner Familie versehen war. Eine Frau behauptete, die „Lieblingsnichte" Henriettas gewesen zu sein und sie oft besucht zu haben.

„Dann müssen Sie ihren Mann gekannt haben", wandte ein gegnerischer Anwalt ein.

„Natürlich habe ich ihn gekannt", gab sie zurück. „Den guten alten Onkel Walter."

„Dann könnten Sie unser Gedächtnis auffrischen", sagte der Anwalt. „Welchen Arm hatte er verloren?"

„Den linken natürlich", antwortete sie. Damit war ihr Anspruch erledigt. Die richtige Antwort hätte gelautet: keinen.

Ein großartiges Schauspiel inszenierte Grace Luetta Sheaffer, eine 63jährige Frau mit eisernen Nerven. Jahrelang hatte sie unter anderem davon gelebt, daß sie Vorträge über ihre todesmutigen Forschungsreisen in den Dschungeln Afrikas und Asiens hielt, obwohl sie weder in dem einen noch dem anderen Erdteil jemals gewesen war.

Die Vorstellung begann damit, daß Isaac Newton Sheaffer, ein 66jähriger Schwachkopf, Anstreicher von Beruf, Erbanspruch erhob. Er behauptete, der neun Monate vor der Verheiratung mit Walter Garrett geborene Sohn Henriettas zu sein. Er sagte, er habe das erstmalig im September 1937 von Grace erfahren, die er immer als seine Schwester betrachtet hatte. Damals hatte Grace's betagte Mutter ihm eine Familienbibel gezeigt, in die sein Name, als Geburtsdatum der 12. Dezember 1871 und der Name „Henrietta Sheaffer" als der seiner Mutter eingetragen war. Er legte eine Abschrift seines Taufscheines vor, der diese Abstammung bestätigte, und der in den Kirchenbüchern der Methodistenkirche einer kleinen, in Pennsylvanien gelegenen Stadt namen *Bird in Hand* gefunden worden war.

Die gebrechliche alte Dame, die er sein ganzes Leben lang Mutter genannt hatte, mußte fast zum Zeugenstand getragen werden. Alles, was Isaac Newton Sheaffer ausgesagt hatte, sei wahr. Ihre Geschichte lautete, Henrietta, eine Freundin ihrer Familie, habe sie dringend gebeten, ihr uneheliches Kind anzunehmen, da „sie im Begriffe stand, einen reichen Mann namens Walter Garrett, den ‚Schnupftabak-König' zu heiraten und nicht wollte, daß er etwas von dem Kind erführe". Dieses Kind, sagte Frau Sheaffer, sei Isaac Newton Sheaffer. Sie hätte ihm das nie gesagt, bis sie in den Zeitungen las, daß Henrietta siebzehn Millionen Dollar hinterlassen hatte.

Dann trat ihre Tochter, Grace Sheaffer, in den Zeugenstand. Mit zuversichtlicher Stimme machte sie

ihre Aussage. In chronologischer Reihenfolge berichtete sie von 71 Besuchen, die sie Henrietta im Verlauf von 35 Jahren abgestattet habe. 1924, erklärte sie, habe Henriette zu ihr gesagt: „Erinnern Sie sich, wie Sie einmal zu mir gesagt haben, es sei ein Jammer, daß ich keine Kinder habe? Ich habe ja ein Kind gehabt, das ich vor vielen Jahren auf die Welt brachte, habe jedoch Gründe, daß ich mich nie zu ihm bekannte." Die Zeugin beschrieb bis in die kleinsten Einzelheiten das Innere von Henriettas Wohnungen in Philadelphia und an der See. Wie sie dazu imstande war, ist bis heute ein Rätsel.

Alles das fügte sich zu einem gutfundierten Rechtsanspruch zusammen. Aber der Anwalt, dessen Aufgabe es war, die Interessen Pennsylvaniens wahrzunehmen, berief Schriftsachverständige. Ihr Gutachten lautete, die vorgelegte Familienbibel sei voller Fälschungen. Der ehemalige Pfarrer der Kirche, aus der der angebliche Taufschein Isaacs stammte, gab zu, daß Grace die Kirchenbücher leihweise über Nacht mitgenommen hatte.

Grace sagte eisig: „Beschuldigen Sie mich des Meineids? Wenn ja, dann beweisen Sie es."

Viele Anzeichen deuteten darauf hin, daß Grace eine Fälschung begangen und einen Meineid geschworen hatte, ob das aber genügte, um die Geschworenen zu überzeugen, war fraglich. Dann ereignete sich plötzlich wieder einmal einer jener grotesken Zufälle, an denen der Prozeß so reich war: es kam ein Telephonanruf aus einer benachbarten Stadt. Ein deutscher Flüchtling namens Alfred Cohn war beunruhigt über etwas, was er getan hatte und glaubte, die Behörden davon in Kenntnis setzen zu sollen. Vor etwa zehn Tagen, berichtete Cohn einem Untersuchungsbeamten, hatte Grace Sheaffer ihm fünf Dollar dafür bezahlt, daß er in altmodischer deutscher Schrift einige Namen in eine Familienbibel eintrug — „weil sie einen Stammbaum aufstellen wollte." Er hatte nicht weiter daran gedacht, bis er einen Bericht von dem Kampf um Henriettas Hinterlassenschaft las. Cohn fürchtete, zur Unterstützung eines Betruges mißbraucht worden zu sein.

Als Cohn vor Gericht gebracht und Grace gegenübergestellt wurde, erblaßte sie, ohne aber ihre zuversichtliche Haltung aufzugeben. Der Mann, sagte sie, sei wieder nur einer der gegen sie ins Feld geführten bewußten Lügner.

Nachdem Cohn seine Zeugenaussage gemacht hatte, wurde gegen Grace, Isaac Newton Sheaffer und ihre betagte Mutter Anklage wegen Meineids und Fälschung erhoben und die Angeklagten im Gerichtssaal verhaftet. Die Mutter starb, ehe ihr Fall verhandelt werden konnte. Drei andere, darunter ein Arzt, der angedeutet hatte, Isaac

sei der Sprößling der Blutschande Henriettas und ihres Bruders, entzogen sich der gerichtlichen Verfolgung. Isaac war so krank, daß er mit Strafaufschub für eine Gefängnisstrafe von ein bis zehn Jahren davonkam. Grace wurde zu ein bis zehn Jahren Frauen-Besserungsanstalt verurteilt.

Es gab noch andere Fälschungen, andere Verbrechen. Willi Hoch, ein Angestellter am Standesamt Kassel, wurde von einem deutschen Gericht zu acht Jahren Gefängnis verurteilt, weil er Urkunden zugunsten der Klienten eines nicht namentlich genannten amerikanischen Anwalts abgeändert hatte. In England tötete ein Mann einen anderen Schaefer bei einem Streit darüber, wer den ersten Anspruch auf Henriettas Millionen habe. Und in der Nähe von Ulm brachte ein Mann namens Ludwig Schaeffer seine Tante und seinen Onkel um, weil sie sich geweigert hatten, ihm das Geld zu geben, damit er nach Amerika fahren und die Erbschaft antreten könne.

Selbst die mit dem Fall besonders gut vertrauten Beamten wagten nicht abzuschätzen, wie viele hundert Menschen sich des Meineids schuldig gemacht haben. Eine kleine alte Dame von 81 Jahren, die sich als „Tante Lucy" ausgab, war wenigstens hierin freimütig. Als sie beim Zeugenverhör hoffnungslos in die Enge getrieben war, fragte ein Anwalt sie sanft: „Nun gestehen sie einmal, Tante Lucy, wären Sie nicht bereit, 30 Millionen Dollar zuliebe ein ganz klein wenig zu lügen?"

„Mein Lieber", gab die alte Dame munter zurück, „ich würde für beträchtlich weniger als das lügen!"

Und es wird auch beträchtlich weniger sein, wenn der Prozeß erst einmal zu Ende ist. Sowohl der Staat Pennsylvanien als auch die Bundesregierung lauern darauf, einen erheblichen Teil des Nachlasses in Form von Erbschaftssteuern einzustreichen.

Es erscheint mehr als wahrscheinlich, daß kein Anwärter die gesamten Garrett-Millionen bekommen, sondern mehrere Erbschaftsanwärter sich mit einem Vergleich zufrieden geben müssen. Eins scheint gewiß: wie immer die Regelung ausfällt, sie wird nicht das Ende der Garrett-Geschichte bedeuten. Höchstwahrscheinlich werden nachträglich neue Prozesse ihre Kreise ziehen, die sich jahrelang hinschleppen und ihrerseits wiederum eine Kette von Meineiden, Fälschungen, Skandalen und Gewalttaten im Gefolge haben.

Eine bedeutsame medizinische Erkenntnis erhöht die Sicherheit bei Blutübertragungen und verhütet Fehl- und Totgeburten

Der Rhesus-Faktor im Blut

Aus der Monatsschrift Woman's Home Companion
von J. D. Ratcliff

Vor einigen Jahren kam in der englischen Stadt Birmingham ein Kind mit Gelbsucht und lebensgefährlicher Blutarmut zur Welt. Da der Tod unmittelbar bevorstand, wagten die Ärzte eine kühne Operation. Sie beschlossen, dem Neugeborenen das eigene Blut ganz und gar zu entziehen und es durch fremdes zu ersetzen. Fünf Minuten nach der Geburt wurde mit der Transfusion begonnen. Bald schimmerte eine gesunde Röte durch die zarte Haut des Säuglings, und seine mühsame Atmung wurde leicht und gleichmäßig.

Dieser höchst dramatische Vorgang versetzte viele Mütter in Angst und Sorge. Wieder einmal hatte sich der erst neuerdings entdeckte Blutfaktor Rh geltend gemacht, der zuweilen einen Kriegszustand zwischen dem Blut der Mutter und dem ihres noch ungeborenen Kindes hervorruft.

Viele verwirrende Gerüchte wurden über den Faktor Rh in Umlauf gesetzt: etwa daß Mütter, deren Blut dieser Faktor fehle, niemals hoffen dürften, lebende Kinder zu gebären, oder daß Blutübertragungen oft zum plötzlichen Tod des Neugeborenen führten. Es ist also höchste Zeit, mit derartigem Unfug aufzuräumen. Denn der Rh-Faktor ist an sich nichts Beängstigendes, wenn man auch über ihn Bescheid wissen sollte. Mit der Kenntnis von Rh sind die Ärzte auf die Spur des Geheimnisses gekommen, das schon allzu vielen Säuglingen das Leben gekostet hat.

Die Geschichte des Rh-Faktors geht auf die Arbeiten des verstorbenen Dr. Karl Landsteiner, eines hervorragenden Arztes und Forschers, zurück. Eine seiner wichtigsten Entdeckungen war die der menschlichen Hauptblutgruppen, A, B, AB und 0 (Null), die eine größere Sicherheit bei der Blutübertragung gewährleistete. Mit seinem scharfsinnigen jungen Assistenten Dr. Alexander Wiener arbeitete Landsteiner 1937 in einem Laboratorium des Rockefeller-Instituts und untersuchte das Blut eines

Kaninchens, dem man eine geringe Menge Rhesusaffen-Blut eingespritzt hatte. Dabei entdeckten sie in den roten Blutzellen einen ganz neuen chemischen Stoff, den sie nach seiner Herkunft vom Rhesusaffen (simia rhesus) „Rh" nannten. Dr. Landsteiner legte diese Entdeckung fest und wandte sich seiner eigentlichen Arbeit wieder zu. Rh war für ihn nur ein Teilergebnis seiner Forschung.

Aber dieses Teilergebnis beschäftigte Dr. Wiener stark. Enthielt das menschliche Blut diesen Rh-Stoff auch? Tatsächlich fand er ihn bei 85 Prozent der weißen Bevölkerung Amerikas. Bei Negern lag der Prozentsatz noch höher, und bei den Chinesen stieg er sogar bis auf 99 Prozent.

In der medizinischen Forschung stieß diese Entdeckung zwar auf einiges Interesse; aber sie schien nicht besonders vielversprechend. Wiener jedoch ließ die Sache keine Ruhe, er ging den Unglücksfällen nach, die sich zuweilen bei Bluttransfusionen ereigneten. Da stimmte die Blutgruppe eines Patienten mit der des Blutspenders völlig überein. Trotzdem stellten sich statt einer Besserung schwere und gefährliche Reaktionen ein wie Schüttelfrost, Fieber und Anämie, oft sogar mit tödlichem Ausgang. Waren das am Ende Symptome für eine Vermischung von Rh-haltigem Blut mit solchem, das den Faktor nicht enthielt?

Wieners Überlegungen, durch Versuche überprüft, erwiesen sich als richtig: eine Vermischung von Rh-positivem mit Rh-negativem Blut ruft unter gewissen Umständen einen offenen Kriegszustand im Organismus des Erkrankten hervor. Zerstörung wütet unter den roten Blutzellen und vernichtet zuweilen bis zu 80 Prozent, ja mehr. Die abgestorbenen Blutzellen verstopfen die feinen Nierenkanäle, und die Folge ist allgemeine Blutvergiftung und der Tod.

In der Zwischenzeit war ein anderer Forscher, Dr. Philip Levine vom Ortho-Forschungsinstitut in Linden im Staate New Jersey einer Krankheit auf der Spur, die der Medizin schon seit Jahren Rätsel aufgab: der *Erythroblastosis*, die ungeborene und neugeborene Kinder befiel. In ihrer gefährlichsten Form tötete sie das Kind bereits im Frühstadium der Schwangerschaft. Es kam auch vor, daß ein Kind allem Anschein nach gesund zur Welt kam, dann nach kurzer Zeit an schwerer Gelbsucht erkrankte und starb. Gelbsucht deutet auf Zersetzung der roten Blutkörperchen. Dagegen konnte man mit Blutübertragung angehen, die in einzelnen Fällen Wunder wirkte. Häufiger aber rief sie eine heftige Reaktion mit nachfolgendem Tod hervor.

Es gab Mediziner, die diese bedenkliche Erkrankung für einen bösartigen Prozeß hielten. Andere

glaubten an eine Erbkrankheit des Blutes. Levine kam auf eine neue Vermutung: war es nicht denkbar, daß Rh-negative Mütter Kinder empfingen, die vom Vater Rh-positives Blut geerbt hatten? Wenn das der Fall war, dann konnte *unter gewissen Umständen* das Blut der Mutter dem des eigenen Kindes gefährlich werden, indem es dieses nämlich verdünnte und auflöste, bis es die Bezeichnung „Blut" kaum noch verdiente!

Levine untersuchte das Blut von Müttern, die totgeboren hatten – er untersuchte auch das Blut der dazugehörigen Väter. Immer und immer wieder kam er zu demselben Ergebnis: die Mütter waren Rh-negativ, die Väter Rh-positiv. Eine Frau hatte zuerst zwei Fehlgeburten, dann ein gesundes Kind und hernach eine Totgeburt. Sie erhielt eine Blutübertragung — von ihrem Mann — und starb.

Dann kam Dr. Levine an einen besonders krassen Fall bei einem Zwillingspaar. Das eine Kind mit dem Rh-negativen Blut der Mutter war gesund und lebhaft, das andere, mit dem Rh-positiven des Vaters, litt an Erythroblastosis.

Immer grausamer, aber umso überzeugender rundete sich das Bild ab. Der Rh-Faktor, dessen Entdeckung zur Aufklärung von Transfusionsschäden gedient hatte, schien jetzt auch eine Krankheit zu erklären, an der mehr Kinder starben als an der Syphilis. In einem Punkt jedoch bestanden noch Unklarheiten. *Durch welche Umstände wurden diese unheimlichen Krankheitserscheinungen hervorgerufen?* Nach der Wahrscheinlichkeitsrechnung sind bei neun Prozent aller Eheschließungen zwischen Weißen die Frauen Rh-negativ, die Männer Rh-positiv. Trotzdem tritt die Erythroblastosis bei 40 möglichen Fällen unter 400 Geburten nur einmal auf.

Dr. Levine entsann sich einer Beobachtung, die er 1939 gemacht hatte. Das Ungeborene hat seine eigene Herztätigkeit, seinen eigenen Blutkreislauf. Levine hatte aber festgestellt, daß sich bei werdenden Müttern zuweilen Plazentaschäden einstellen, die einen Austausch roter Blutzellen oder anderer Zellen zwischen ihr und dem ungeborenen Kind zulassen. Was aber, wenn die Mutter Rh-negativ und das Kind Rh-positiv ist? Das mußte der Schlüssel sein.

Die roten Blutzellen, die von einem Rh-positiven Kind zu einer Rh-negativen Mutter hinüberwechseln, erzeugen im mütterlichen Blut etwas, das sich dem Blut des Kindes gegenüber feindlich verhält und es zersetzt. Oder noch häufiger wendet es sich gegen das nächste empfangene Kind.

Der Krankheitsablauf gleicht sehr dem durch die üblichen Impfstoffe hervorgerufenen. Das Blut wird zur Bildung von sogenannten Antikörpern angereizt als Waffe

gegen eingedrungene Bakterien. Ebenso verhält es sich beim Rh-Faktor. Eine winzige Menge des Rh-Stoffes in den roten Blutzellen des Kindes läßt im Blut der Mutter Antikörper entstehen, die rote, Rh enthaltende Zellen, also das Blut des Kindes, anfallen.

Nach den Überlegungen Dr. Levines bildet das Blut einer Rh-negativen Mutter, die der Geburt ihres ersten Kindes entgegensieht, noch nicht genügend Antikörper, um schaden zu können. Mit jeder weiteren Schwangerschaft aber kann sich deren Menge erhöhen, bis sie stark genug sind, ernsthaften Schaden anzurichten.

Für das verhältnismäßig seltene Auftreten der Erythroblastosis dient zur Erklärung, daß die meisten Frauen in unserer Zeit weniger Schwangerschaften durchmachen als früher. Nach einer anderen Version ist Rh dominierend. Wenn beide Eltern negativ oder beide positiv sind, oder die Mutter positiv und der Vater negativ, dann ist alles in Ordnung. Kurz gesagt: Gefahr droht *nur*, wenn die Mutter negativ und der Vater positiv ist.

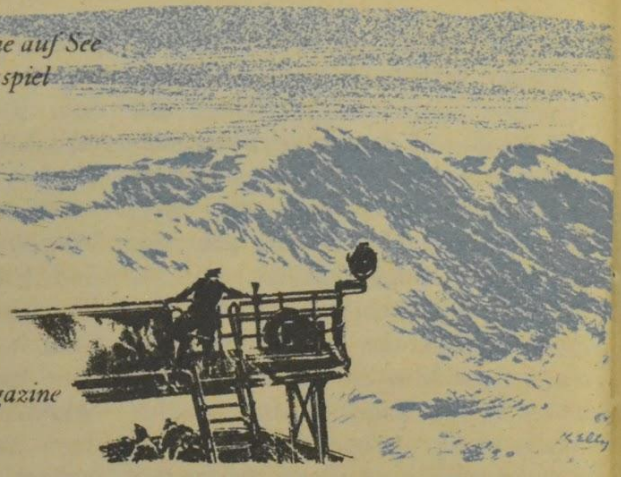
Hier muß eine Warnung ausgesprochen werden. Angenommen, die Rh-negative Mutter hat als Kind eine große Blutübertragung erhalten, dann stehen die Chancen fünf zu eins, daß sie Rh-positives Blut empfangen hat. Das bedeutet, daß ihr Blut schon vor der Schwangerschaft und von vornherein genügend Antikörper enthält, um dem Rh-positiven Kind, das sie vielleicht empfängt, gefährlich zu werden.

Heute wissen die Ärzte, welche Vorsichtsmaßregeln zu ergreifen sind. Eine Rh-negative, mit einem Rh-positiven Mann verheiratete Frau kann in den meisten Fällen ohne Schwierigkeiten zwei Kinder bekommen. Wünscht sie ein drittes, dann muß der Arzt auf das Ansteigen der Antikörper in ihrem Blut achten. Bleibt deren Bildung in Grenzen, dann kann die Schwangerschaft ihren normalen Verlauf nehmen. Ist aber nach dem sechsten Schwangerschaftsmonat ein starkes Ansteigen festzustellen, dann muß eventuell eine Frühgeburt eingeleitet werden. Der Arzt wird einen Vorrat an Rh-negativem Blut für eine sofortige Übertragung bereithalten, um dem Kind das Leben zu retten.

Heute werden die künftigen Mütter in fast allen großen und gut eingerichteten Krankenhäusern von vornherein auf Rh untersucht. Jede schwangere Frau sollte eine entsprechende Untersuchung verlangen. Ist sie Rh-positiv, hat sie nichts zu fürchten. Erweist sie sich als negativ, dann muß ihr Gatte ebenfalls untersucht werden. Wenn er positiv ist, wird man die entsprechenden Vorsichtsmaßregeln treffen.

Immer wieder sind Winterstürme auf See ein grandioses Naturschauspiel

Dunkler wilder ATLANTIK



Aus der Wochenschrift
The New York Times Magazine
von C. B. Palmer

DUNKELHEIT, Kälte und die Gewalt der Elemente beherrschen den Nordatlantik im Winter. Wer ihn befährt, hat manche Unbill — wenn nicht Gefahr — auszustehen, aber er erlebt auch die wilde, erregende Größe der See.

Eine der Hauptwetterstraßen der Erde verläuft hier. Über die 3000 Seemeilen breite Wasserwüste zwischen Europa und Amerika fegen nicht selten drei oder vier verschiedene Stürme gleichzeitig ostwärts. Da gibt es „wandernde Tiefs" und Labrador-Kaltluftfronten, da kann eine östliche Dünung stehen und darüber westlicher Seegang hingehen; da herrscht eine besondere Art von Kälte und unaufhörliche Unruhe. Tagelang hintereinander wehen die Winde mit voller Sturmgewalt und erreichen oft Orkanstärke — 75 Seemeilen, 140 Kilometer die Stunde und mehr.

Meist sind die Tage — unter einem schmutziggrauen Wolkenbaldachin — dunkel und trübe. Sechzehn Stunden regiert an einem Dezembertag die Finsternis, und die acht Stunden zwischen Sonnenaufgang und -untergang sind von dünnem, fahlem Zwielicht erfüllt. Die tiefhängende, kompakte Wolkendecke ist vielleicht 300 Meter dick, doch auch über ihr findet sich keine Sonne, sondern eine zweite Wolkenschicht. Das Dunkel durchdringt alles: kein Blau und Grün belebt die Wellen — glasig schwarz sind sie, weil kein Sonnenstrahl sich in ihnen bricht.

Wind und See schaffen eine Welt ständiger, wenn auch seltsam gedämpfter Geräusche. Der nie einschlafende Wind entlockt jedem Draht, jeder Kante, jeder Öffnung, an der er vorbeistreicht, Töne, Musik. Auf der Kommandobrücke hört man den majestätischen Baß der Großwanten, dicker Drahtseile, die wie unter dem Bogen

eines Orchestermusikers brummen. Dünnere Stage und Flaggleinen, Funkantennen, Eisenleitern, die Relingstützen und -handläufer, der Rand des stählernen Spritzwasserschirms — alles singt und summt und pfeift. Wie ein brausender Akkord auf der Orgel klingt es oder unheimlich wie ein Chor menschlicher Stimmen, der bei scharfem Überholen des Schiffes gegen den Wind zu schrillem Kreischen anschwillt.

An der Bordwand flüstert und rauscht die See vorbei, steigt zu großen Graurücken auf, die rumpelnd und platschend vornüberkippen, daß der weiße Schaum gurgelnd die langen Wellenhänge hinabquirlt. Wenn sie gegen das Schiff anrennen, gibt es ein Aufklatschen, ein dumpfes Dröhnen, dann einen donnernden Sturz, wenn die See sich in lang nachgrollendem Murren zurückwälzt. An Bord bewegt sich alles, was nicht festgezurrt ist, mit Geklirr und Gepolter — oder manchmal mit schmetterndem Krachen.

Der ewige Wind und die Nässe dringen einem bis auf die Haut. Salzwasser gefriert erst bei minus drei Grad Celsius; und selbst bei dieser Temperatur braucht es keineswegs zu Eis zu werden, da es ständig in Bewegung ist. Bricht es sich aber an einem Schiff und wird vom Wind wie eine Schrotladung nach achtern gepeitscht, dann gefriert es beim Aufschlagen. Auf Decks und Aufbauten wächst es — erst nur ein grauplig-weißer Überzug — rasch zu klumpigen, unförmigen Gebilden. Und diese Eismassen können, hält man sie nicht unter Kontrolle, mit ihrem Gewicht gut und gern ein Schiff zum Kentern bringen.

Es gibt keinen ruhigen Augenblick. Endlos ziehen die Seen heran, aus dem Nichts kommend, ins Nichts weiterwandernd. Für einen Sekundenbruchteil mag das Schiff bewegungslos auf einem Wogenkamm schweben, aber dann sackt oder rutscht es hinab, tief die Nase wegsteckend, um wieder den nächsten Wellenberg hochzuklettern. Bei wirklich schwerem Wetter können die scharfgezackten Seen ein Schiff erschüttern, als sei es auf einen Felsen aufgelaufen; sie können Rettungsboote zertrümmern, an Bord fluten und einen Mann vom offenen Deck wegfegen, können über die Back brechen und hochaufklatschend nach achtern jagen, um noch oben in den Aufbauten Eisenblech und Metall einzubeulen und umzuknicken.

Zu erleben, wie ein Schiff sich durch einen Sturm durchkämpft, ist voller Dramatik. Selbst wer schon lange zur See fährt, steht wie gebannt, wenn das Schiff vor einer ankommenden Riesensee mit dem Bug hinuntergeht, einen Moment wie unschlüssig und müde zögert, dann — eine vorwitzige Welle abschüttelnd — sich hebt,

den Bug hochbekommt und sich aus dem Schwall der steigenden Woge freikämpft.

Manch Bild von eisig-düsterer Schönheit bietet sich in dem rauhen Wetter. Die Seen wirken zwar schwarz, aber jede heranschäumende Woge hinterläßt, wo sie sich bricht, eine Flut schimmernden Spitzengekräusels, das sich zu langen Gischtsträhnen ausfranst, die das Wasser ädern wie Marmor.

Ab und zu gibt es auch eine sternklare Nacht, und dann ist der Himmel Diamantenstaub und schwarzer Samt. Der hohe Mast schwingt vor und zurück und im Kreis wie ein ruheloser Zeiger, erst Beteigeuze grüßend, dann Capella, um zuweilen in weitem Schwung der Venus zu huldigen. Und Sonnenaufgang bedeutet manchmal eine zauberische Verwandlung in goldenes Perlmutt. Am Spätnachmittag kommt auch wohl die Sonne durch mit ein paar frostigen Strahlen, die der Wasserfläche in einiger Entfernung den stumpfgrauen Glanz von Bleifolie verleihen.

Diese weite, öde Nordatlantikroute kann im Winter nicht umgangen oder einfach stillgelegt werden. Vierzig bis fünfzig Schiffe am Tag sind durchschnittlich auf ihr unterwegs. Um das Risiko in diesem Schlechtwettergebiet möglichst herabzusetzen, ist ein internationaler Patrouillendienst von Wetter- und Rettungsschiffen organisiert, die als schwimmende Ozean-Wetterwarten bekannt sind. Seit Mitte 1947 sind zwischen den Azoren und Island insgesamt 13 solcher Fahrzeuge aus acht Nationen eingesetzt. Die Küstenwachkutter nehmen ihre Position ein und dienen als meteorologische und Funkwarn-Stationen, als Einpeilpunkte für Flugzeuge und Zwischenstationen für Funkmeldungen.

Das Leben auf einem solchen Wachschiff draußen ist ständiger, hohe Anforderungen stellender Dienst, nebst einem gewissen Maß von „Unbequemlichkeit". Doch wenn der Kutter Kurs Heimathafen nimmt, sind diese Dinge vergessen. Die Männer schwatzen von der schweren See, die sich hoch oben am Deckshaus brach; sie denken an die Schönheit des Nordlichts zurück, erzählen von den Tümmlern, den Walen und Papageitauchern. Und alle meinen, es sei diesmal gar keine so üble Fahrt gewesen, verglichen mit früheren — und nächstes Mal würden sie ja wohl besseres Wetter haben.

Die Abwesenheit schwächt mittelmäßige Leidenschaften ab und verstärkt die großen, so wie der Wind Kerzen auslöscht und das Feuer entfacht.

LA ROCHEFOUCAULD

Eine in USA kürzlich durchgeführte Umfrage enthüllt die religiösen Überzeugungen des amerikanischen Volkes und — wie wenig es ihm gelingt, danach zu leben

Gott und die Amerikaner

Aus der Monatsschrift Ladies' Home Journal
von Lincoln Barnett

Demokratie und Kommunismus werden durch tiefere Gegensätze getrennt als nur durch politische oder ökonomische Anschauungen. Die Demokratie kommt mit ihrer Achtung vor dem persönlichen Gewissen von der religiösen Ethik her, während der Kommunismus irreligiös ist.

Wie weit liegt der Demokratie nun wirklich ein lebendiger religiöser Glaube zugrunde? Um davon ein Bild zu erhalten, veranstaltete *Ladies' Home Journal* eine Umfrage, die nach den Methoden der Meinungsforschung in persönlichen Interviews eine Reihe verschiedenartiger Fragen stellte, um so einen Querschnitt durch die Meinungen des ganzen amerikanischen Volkes zu erhalten. Die Ergebnisse wurden von drei bekannten Theologen untersucht: Reinhold Niebuhr, Professor für praktisches Christentum am *Union Theological Seminary;* Simon Greenberg, Professor für Homiletik und Leiter des *Jewish Theological Seminary;* George B. Ford, früher katholischer Berater an der *Columbia University*, jetzt Pfarrer an der Corpus Christi-Kirche in New York City.

Die Umfrage ergab, daß 95 Prozent des amerikanischen Volkes an Gott zu glauben meinen; 76 Prozent bezeichneten sich als Kirchenmitglieder. Auf die Frage *Beten Sie?* antworteten 90 Prozent mit *Ja*, davon 56 Prozent mit *Häufig*. 74 Prozent sagten sogar, sie hätten in den letzten 24 Stunden an Religion oder Gott gedacht. Aber an was für einen Gott?

Die Antworten auf diese Frage reichten von „Er ist der Geber aller Dinge und unser Schöpfer" und „Gott ist ein Geist, der im Individuum lebt" bis zu „Er ist eine mit Verstand begabte Kraft". Bemerkenswert ist, daß nur 26 Prozent der Befragten Gott in innige Be-

ziehung zu ihrem Leben setzen. Die übrigen scheinen ihn für einen unpersönlichen, abstrakten Geist zu halten, der das Atom erfunden hat und die Gravitationsgesetze überwacht.

Über das Leben nach dem Tode befragt, bekannten 73 Prozent, daß sie an irgendein Weiterleben glauben, 15 Prozent betrachteten den Tod als endgültiges Erlöschen, 12 Prozent lehnten eine Meinungsäußerung ab. Von denen, die sich zum Glauben an ein Leben nach dem Tode bekannten, äußerten die meisten die angenehme Erwartung, für ein gutes Leben belohnt und mit ihren Lieben wieder vereint zu werden.

Obgleich 95 Prozent aller Amerikaner sagen, sie glaubten an Gott, wurde der Eindruck einer lebendigen Religiosität, den diese Zahl nahelegt, durch eingehendere Befragung wieder abgeschwächt. Dr. Greenberg stellte fest: „Ich finde wenig Anzeichen für das Gefühl, Gott gehorchen zu müssen. Anscheinend besteht für die Menschen zwischen Gott und ihrem Verhalten keine direkte Beziehung."

Aus den Antworten, die den Kirchgang und das Beten betrafen, zog Pater Ford ähnliche Schlüsse: „Die meisten ergingen sich über die Motive, die sie zum Kirchgang bestimmen, nur in Ausdrücken der Selbstzufriedenheit. Nur wenige fühlten die *persönliche Verpflichtung*, Gott zu ehren und zu loben."

Es ist sehr bedeutungsvoll, daß die Amerikaner Gott so gleichgültig gegenüberstehen. Denn das am wenigsten beachtete Bibelwort besagt: der Mensch sündigt, wenn er vergißt, daß er ein Geschöpf Gottes und von Ihm abhängig ist. Als die Ur-Sünde des Menschen wird ausdrücklich der Stolz bezeichnet — und mit Stolz ist Selbstgerechtigkeit gemeint. Der Mensch erhebt sich gegen Gott, wenn er die Vergänglichkeit seines Daseins nicht zugeben will, wenn er sein Wissen und seine Wichtigkeit überschätzt und seine Sicherheit nur aus sich selbst zu schöpfen sucht.

Als vorläufige, grob umrissene Gewissensprüfung wurde gefragt: *Können Sie behaupten, daß Sie ehrlich ein gutes Leben zu führen versuchen?* Darauf antworteten 91 Prozent mit *Ja*.

Da der Mensch bei seinem Versuch, ein gutes Leben zu führen, fortgesetzt von seiner angeborenen Selbstsucht und Eigenliebe verfolgt wird, kann dem wahrhaft guten Menschen dieser innere Zwiespalt nicht verborgen bleiben, und der Fromme leidet Höllenqualen. Um den Grad ihrer Bemühungen abzuschätzen, wurden die Leute gefragt: *Wie oft sind Sie sich dieses Versuchs bewußt?* 44 Prozent derer, die sich wirklich ehrlich bemüht nannten, erklärten, sie seien sich dieses Kampfes „fast immer" bewußt. Aber 82 Prozent geben zu, dieser Kampf hindere sie keineswegs daran, glücklich zu sein und das Leben zu genießen.

Um diese Selbsteinschätzung näher zu bestimmen, wurde um eine kurze Angabe gebeten, welche Lebensgrundsätze mit dem Begriff eines „wirklich guten Menschen" zu verbinden seien. Einige beriefen sich auf die Zehn Gebote und auf das Gebot der Nächstenliebe (Matth. 7, 12). Andere nannten Rezepte wie „Sei gut zu deiner Familie und zu deinen Nächsten", „Bezahle deine Schulden" oder „Begib dich nicht in schlechte Gesellschaft". Viele äußerten sich ganz vage — „Man soll einfach tun, was man für richtig hält".

Dann sollte jeder abschätzen, wie nahe er dem Ideal des guten Menschen käme. 18 Prozent, also fast ein Fünftel der Befragten, meinten, sie hätten es erreicht, 28 Prozent sagten, sie hätten es zu Dreivierteln, und 32 Prozent, sie hätten es zur Hälfte geschafft.

Auf die Frage, *warum* sie bestrebt seien, ein gutes Leben zu führen, gab fast ein Drittel — die größte selbständige Gruppe — lustbetonte Gründe an, die „innere Befriedigung" und „Seelenfrieden" einbezogen. Die nächstkleinere Gruppe, 19 Prozent, nannte „Einflußnahme auf andere". Kaum mehr als ein Viertel der Befragten erwähnte religiöse Motive — entweder die Aussicht auf ein ewiges Leben oder die Befolgung religiöser Lehren — als ethische Richtschnur ihres Handelns.

Am auffälligsten ist, daß fast drei Viertel des amerikanischen Volkes die selbständige Unterscheidung von Recht und Unrecht *nicht* bewußt mit der Religion in Verbindung bringen.

Die Art, in der die Amerikaner ihre religiösen Überzeugungen von ihren weltlichen Angelegenheiten trennen, wurde verdächtig deutlich bei Beantwortung der Frage: *Können Sie behaupten, daß Ihr religiöser Glaube Ihre politische und geschäftliche Einstellung beeinflußt?* Darauf antworteten 54 Prozent mit *Nein*, 39 Prozent mit *Ja*, und 7 Prozent wußten es nicht.

Die Beziehung zwischen dem Glauben des Menschen und seinem Verhalten wird, wenn auch unbewußt, am deutlichsten in seiner Reaktion auf das Gebot der Nächstenliebe. Wenn auch der Mystiker seinen einsamen Weg zum Himmel vielleicht allein durch die Gottesliebe zu finden vermag, so steht doch das zweite große Gebot: *Du sollst deinen Nächsten lieben wie dich selbst* über allen menschlichen Beziehungen.

Die Liebe ist in der Tat die Quintessenz der christlichen Lehre. Sie ist die höchste Tugend, so wie der Hochmut (der im Grunde immer eine Geringschätzung des Nächsten verrät) die größte Sünde ist.

Die Frage: *Können Sie irgendwelche Tagesfragen nennen, deren Lösung möglich wäre, wenn jeder in der Welt nach dem Gebot der Nächsten-*

liebe lebte? beantworteten 81 Prozent mit „Ja", und sie nannten auch derartige Tagesfragen. Bei weitem der größte Teil, 46 Prozent, sprach von „Krieg", von den „Vereinten Nationen", vom „Weltfrieden" und anderen internationalen Problemen. Eine Gruppe von 12 Prozent erklärte rund heraus, *alle* Probleme könnten gelöst werden.

Eine weitere Frage zu diesem Thema lautete: *Wie weit befolgen Ihrer Meinung nach die meisten Leute, mit denen Sie in Berührung kommen, die Idee der Nächstenliebe?* Die überwältigende Mehrheit, 82 Prozent, war sich darin einig, daß die anderen Leute das nur sehr bedingt täten.

Dann wurde jeder einzelne gebeten, ehrlich anzugeben, ob er unter bestimmten Voraussetzungen wirklich das Gebot *Du sollst deinen Nächsten lieben wie dich selbst* befolgt:

	JA	NEIN	KEINE MEINUNG
a) Wenn Ihr Nächster ein Geschäftskonkurrent ist	78%	10%	12%
b) Wenn Ihr Nächster einer anderen Rasse angehört	80	12	8
c) Wenn Ihr Nächster sich zu einer anderen Religion bekennt	90	5	5
d) Wenn Ihr Nächster ein Feind Ihres Landes ist	25	63	12

Das auffälligste an den Ergebnissen ist nicht, wie es den Anschein haben könnte, die Antwort auf die letzte Frage, daß nämlich die meisten Amerikaner die Treue zu ihrem Land über ihre religiöse Überzeugung stellen. Dr. Niebuhr führt dazu aus: „Was über die Nation hinausgeht, die Gemeinschaft aller Menschen, ist zu verschwommen, als daß es irgendeine Hingabe erwecken könnte." Bemerkenswert ist vielmehr, daß nicht weniger als ein Viertel der Befragten tatsächlich die höchste, großmütigste Form der Liebe — die Liebe zum Feinde — auszuüben vermeinten.

Die Zahlen der anderen Kategorien sind mit dem tatsächlichen Verhalten der Amerikaner unvereinbar und erinnern uns an das Wort des französischen Philosophen Pascal: „Es gibt nur zwei Arten von Menschen — die Gerechten, die sich für Sünder halten, und die Sünder, die sich für Gerechte halten." Wenn neun Zehntel der Amerikaner die Andersgläubigen lieben — wie kann man dann den Ausschluß der amerikanischen Juden von gewissen Universitäten und Fachschulen, aus Wohn- und Kurorten, aus geschäftlichen und sozialen Organisationen erklären? Und wenn vier Fünftel der Amerikaner die Andersrassigen lieben — wie erklären sich dann die Demütigungen, denen der amerikanische Neger ausgesetzt ist? Wie erklärt es sich, daß man ihm die niedrigste Stufe sozialer Gerechtigkeit verwehrt — das Recht auf gleiche Chancen für alle? Wie erklären sich alle anderen Formen der Entrechtung, die ihm zugemutet werden? Pater Ford sagt: „Eine Kirche, die die Neger diskriminiert, leugnet das Christentum."

Damit ist erwiesen, daß zwischen dem, was die Amerikaner zu tun *meinen*, und dem, was sie *wirklich* tun, eine tiefe Kluft besteht. Wie weit dieser nationale Zwiespalt geht, erhellt die paradoxe Tatsache, daß erstens acht von zehn Amerikanern glauben, die meisten amerikanischen Probleme wären durch absolute Ausübung der Nächstenliebe zu lösen, daß aber zweitens acht von zehn Amerikanern der Meinung sind, sie selbst gehorchten dem Gesetz der Nächstenliebe. Also liegt die Schuld dafür nicht bei ihnen, sondern bei jemand anders. Hier zeigt sich die, nach Luther, grundlegende Sünde des Menschen: die mangelnde Bereitschaft, seine Sündhaftigkeit zuzugeben.

Die Amerikaner haben einzeln und in ihrer Gesamtheit ein weites Gewissen. In Kriege im Ausland verwickelt, von hysterischen Massenpsychosen zerrissen, von der Gefahr des Atomkrieges bedroht, hält der Amerikaner dennoch an der guten Meinung fest, die er von sich selber hat.

Dr. Greenberg sagt dazu: „Die Menschen sind sich heute ihrer geistigen Unzulänglichkeit nicht sehr bewußt — das ist eine Hauptursache für die Desillusionierung in der Welt. Die hohe Meinung von sich selbst ist der Nährboden des Zynismus."

Dr. Niebuhr zeigt, daß mit das gefährlichste am modernen liberalen Denken die Meinung ist, der Mensch lebe bereits nach ethischen Richtlinien, wenn er sie nur beteuert. Er sagt: „Die ganze Geschichte der menschlichen Selbstgerechtigkeit beweist, daß der Mensch sich nicht danach beurteilt, wie er handelt, sondern nach seinem besseren Wissen, wie er handeln sollte. Die größte Sünde des Moralchristentums besteht darin, daß es gerne der Ansicht Vorschub leistet, die Menschen wären ebenso gut wie die von ihnen gehegten Ideale von Gerechtigkeit und Liebe."

Eine der tiefsten Einsichten christlicher Ethik ist die Erkenntnis, der Mensch könne nur von der höheren geistigen Stufe aus, die er durch die Liebe zu Gott erreicht, das Böse in sich wahrnehmen und sich vor der Unredlichkeit hüten, seine Sünden auf andere abzuwälzen; ohne diese Selbstzerknirschung verfällt er in Selbstgerechtigkeit, die, wie der Apostel Paulus klar erkannt hat, in der menschlichen Gesellschaft die Quelle aller Sünden ist — der Ungerechtigkeit, der Grausamkeit und der Habsucht.

Die Geschichte zeigt, daß die vollendete Selbstgerechtigkeit im kollektiven Verhalten des Men-

schen blüht. Jede Gruppe — sei es eine politische Partei, eine Behörde, eine Gewerkschaft oder eine Regierung — bildet sich ein, ihre Rechtschaffenheit sei die Rechtschaffenheit an sich; und diese Anmaßung ist so stark, daß die individuellen ethischen Werte — Mitgefühl, Erbarmen, Vergebung — im unpersönlichen Machtwillen der Gruppe untergehen.

Die Amerikaner können unschwer bei anderen Nationen beobachten, wie sehr der Gruppenegoismus dort die vornehmeren Regungen persönlicher Moral überwältigt hat — im Hitler-Deutschland, im faschistischen Italien, im imperialistischen Japan und in der Sowjetunion. Bei all diesen Nationen maßte der Staat sich die Rolle Gottes an.

Schwerer ist es für die Amerikaner, diese Sünden bei sich selbst zu suchen. Die Bevölkerung der Vereinigten Staaten hat, im Gegensatz zu den antichristlichen Staatsauffassungen Sowjetrußlands, den christlichen Gott nie ausdrücklich geleugnet. Im Gegenteil: sie beanspruchen Gott als einen Verbündeten, und anscheinend sogar ausschließlich als ihren Verbündeten. Darin aber liegt die Gefahr. Denn die heimtückischste Form von Selbstherrlichkeit beansprucht für ihre besonderen Zwecke eine göttliche Bestätigung. Die ganze Geschichte menschlicher Konflikte ist eine Chronik feindlicher Interessen, die im Gewande hoher moralischer Ansprüche auftreten.

Gegenwärtig gibt es kein Gebiet des sozialen, wirtschaftlichen, politischen oder religiösen Lebens, auf dem die Amerikaner ein ruhiges Gewissen haben könnten. Tatsächlich beruht der Erfolg des Kommunismus auf dem Versagen der Christen, die die revolutionären Forderungen ihrer Lehre vergessen haben. Und die oben erwähnte Umfrage verrät vor allem, daß die schwache Position Amerikas von der Selbstzufriedenheit seines Volkes herrührt, eines Volkes, das angeblich so tugendhaft ist, wie man nur sein kann, das seinen Nächsten so zu lieben meint, wie jedermann sollte, und damit seine Teilerfolge fälschlich für absolute und unbedingte Erfolge hält.

Die Religion ist nicht — wie unserer Untersuchung zufolge die meisten Menschen annehmen — ein privater, ganz persönlicher und schmerzloser Weg zum Himmel. Nur durch die Anerkennung seiner Abhängigkeit von Gott kann der Mensch der Sünde entgehen, sich über jeden anderen erhaben zu fühlen, kann er die reumütige Einsicht erlangen, mit der die Ausbreitung von Brüderlichkeit und Gerechtigkeit möglich wird.

englischer Artikel (März 1949.)
"Road to Survival"

WIRD DIE ERDE ZU KLEIN?

Aus dem Buch) von*

WILLIAM VOGT

Leiter der Abteilung für Bodenschutz der Panamerikanischen Union

„Road to Survival wird manchen in Schrecken und Panik versetzen", schreibt R. C. Cook in der *New York Times*. „Dieses Buch zeigt aber, wie ein mutiger, ehrlicher und maßgebender Gelehrter die kommende Entwicklung voraussieht." Bernard de Voto sagt in der *New York Herald Tribune* über das Buch: „Jeder, der es in die Hand nimmt, wird gewiß von ihm gefesselt und zugleich alarmiert werden. Dank seiner erstaunlichen Mischung von Wissen, Intelligenz, Erfahrung und Eindringlichkeit könnte es eines der einflußreichsten Bücher unserer Zeit werden."

Road to Survival ist ein Bestseller und wurde vom amerikanischen „Buch des Monats"-Klub ausgewählt.

---

*) *„Road to Survival" erschien 1948 im Verlag William Sloane Associates, New York. Zum gleichen Thema veröffentlichte im Jahr 1947 A. Metternich sein Buch „Die Wüste droht" (Verlag Friedrich Trüjen, Bremen)*

WIRD DIE ERDE ZU KLEIN?

(Eine ökologische Studie)

a) Von der Kommandobrücke eines Frachtschiffes aus beobachtet ein Kapitän in der Tasman-See, wie sich ein Staubschleier aus der Luft herabsenkt. Der Wind kommt von achtern, aber in dieser Richtung liegt auf tausend Meilen kein Land. Ungläubig stellt er fest, daß der Staub von Australien hergetrieben wird. Er schüttelt den Kopf und denkt grimmig: „Da wird ja der ganze verdammte Erdteil weggeweht."

b) Am anderen Ende der Welt, im mexikanischen Staat Michoacán, balanciert eine müde kleine Indianerfrau einen verrosteten Benzinkanister auf dem Kopf und trabt stumpfsinnig sechzehn Kilometer weit — acht hin und acht zurück —, um ihren Tagesbedarf an Wasser zu holen. Sie kann weder lesen noch schreiben und ahnt daher nicht, daß ihr Pueblo einst an einer klaren, kalten Quelle erbaut wurde, die den Hügel heruntersprudelte. Die unfruchtbare, graue Landschaft ringsum mit spärlichem Graswuchs und niedrigem Agavengestrüpp verrät nichts mehr von den reichen Wäldern, die einst den Boden um ihre Gemeinde fruchtbar machten.

c) An einem staubigen Wegrand in China liegt Wong und stirbt den Hungertod, so wie er in dieser großen Welt der Hungersnöte schon Hunderte hatte sterben sehen. Er sieht wie sechzig aus und ist erst vierunddreißig. Kaum einen Tag seines Lebens hatte er den Qualen des Hungers entgehen können. Nun ist er nicht einmal mehr hungrig, und das ist etwas so Neues für ihn, daß er den nahenden Tod fast begrüßt. Auf dem entgegengesetzten Teil der Erde bringen Männer und Frauen in mühseliger Arbeit Getreide ein, um den Lebensfunken zu erhalten, der in Wong und Millionen seinesgleichen glüht. Aber er weiß nichts davon. Und wenn er es wüßte, würde das nichts ändern. Jetzt, da er endgültig jede Lebenshoffnung aufgegeben hat, weiß er, daß es auf der ganzen Welt für so viele hungrige Mäuler nicht genug Nahrung geben kann.

Diese Reihe erdachter Bilder könnte man millionenfach fortsetzen. Jedes ist ein Musterbeispiel für den heutigen Zustand der Menschheit und erläutert das große Weltdrama der wachsenden Verarmung, die den Erdball bedroht.

In den letzten 300 Jahren hat der Mensch gehandelt, als ob die Hilfsquellen der Erde unerschöpflich seien. Er hat bis auf wenige Ausnahmen nur landwirtschaftlichen Raubbau getrieben, hat der Erde ihren Reichtum entzogen und ihr wenig oder nichts zurückgegeben. Auch da, wo er Boden und Wasser nicht im eigentlichen Sinne verloren hat, hat er die Erde abgegrast und heruntergewirtschaftet und durch die Ausrottung von Tieren und Pflanzen wichtige Bodenminerale vernichtet. Er hat die lebenswichtige Zusammensetzung des Bodens zerstört und seine natürliche Umwelt ausgelaugt. Gleichzeitig aber hat er die Zahl der Menschen, die von dieser Umwelt abhängig sind, rücksichtslos vergrößert.

Durch übermäßige Fortpflanzung und landwirtschaftlichen Raubbau ist die Menschheit ökologisch in eine Falle geraten. (Ökologie — Lehre von der Anpassung der Lebewesen an die Umgebung.) Sie hat von Wechseln auf die Zukunft gelebt. Jetzt werden die Wechsel in der ganzen Welt fällig. Wir können die Begleichung nicht mehr lange aufschieben.

Wenn ich „wir" sage, so meine ich nicht den lieben Nächsten. Ich meine jeden Leser einer Zeitung: sie ist auf Papier aus dahinschwindenden Wäldern gedruckt. Jeden Mann und jede Frau, die eine Mahlzeit zu sich nehmen: sie stammt aus dahinschrumpfendem Ackerland. Jeden, der eine Wasserspülung betätigt, denn er verunreinigt damit einen Fluß, vergeudet fruchtbare organische Stoffe und trägt zur Senkung des Grundwasserspiegels bei. Jeden, der ein wollenes Kleidungsstück anzieht: es rührt von übermäßig abgegrasten Weiden her, die von unzähligen kleinen Hufen zertreten und von Rinnsalen ausgewaschen wurden. Dann haben Regengüsse die Ackerkrume flußabwärts geschwemmt und Hunderte von Meilen weiter die Städte überflutet. Ich meine vor allem die Männer und Frauen in übervölkerten Ländern: sie setzen viel zuviel Kinder in die Welt, unselige Kinder, die ihrem Schicksal nicht entgehen können, Gefangene des katastrophalen Elends, das den Horizont der Zukunft verdüstert.

Die knappste Formel, die unser Leben bestimmt, ist das Verhältnis zwischen der menschlichen Bevölkerung und dem Vorrat an natürlichen Hilfsquellen wie Boden, Wasser, Pflanzen und Tieren. Jedes Weizen- oder Roggenkorn, jede Zuckerrübe, jedes Ei und jedes Stück Fleisch, jeder Löffel Olivenöl und jedes Glas Wein braucht ein unbedingtes Mindestmaß von Erde, das diese Dinge hervorbringt. Die Erde ist nicht aus Gummi; sie läßt sich nicht ausdehnen. Je größer die Zahl der menschlichen Lebewesen wird, desto geringer werden proportional Gehalt und Fläche des produktiven Bodens.

Wohlmeinende Leute treten für einen hohen Lebensstandard auf der ganzen Welt ein. „Kein Mangel mehr!" war die Lockspeise, die den weniger reichen Völkern vorgehalten wurde, als man im Kriege ihre Hilfe brauchte. Was für ein ungeheuerlicher Betrug das war, sollte jedem klar sein, der in landwirtschaftlichen Ertragskapazitäten aller Länder der Welt denken kann.

Diese Erträge sind außerordentlich verschieden. In der einen Gegend wird ein Bauer auf 60 Hektar bequem leben und sogar reich werden. Anderswo wird ein Bauer, der ebenso fleißig und ebenso intelligent ist, 500 bis 800 Hektar*) brauchen, um seiner Familie einen anständigen Lebensstandard zu garantieren. Die Tatsache, daß er so viel mehr Land braucht, ist ein Zeichen für die viel geringere Ertragsfähigkeit seines Bodens.

Diese Unterschiede in der Ertragsfähigkeit bestehen in der ganzen Welt. Nicht zwei Baumwollfelder, nicht zwei Viehweiden haben auch nur theoretisch den gleichen Ertrag an Futter oder Faserstoffen. Die gewaltigen Unterschiede in der Art der Bodennutzung bei den Bauern der verschiedenen Länder lassen die Produktivität noch mehr schwanken.

Die harte Tatsache ist: es gibt auf der Welt mit ihren beschränkten Hilfsquellen zuviel Menschen, als daß ihnen allen ein hoher Lebensstandard verschafft werden könnte. Durch den Gebrauch der Maschine und dadurch, daß wir die Hilfsquellen der Welt extraktiv ausbeuteten, sind wir dieser grundlegenden Tatsache immer wieder ausgewichen. Das Menetekel in fünf Erdteilen sagt uns jetzt, daß der Tag des Gerichtes nahe ist.

*) *Hier sind amerikanische Vergleichsmaßstäbe herangezogen worden.*

Immer mehr hungrige Mägen

Die Bevölkerung der Welt hat in der Neuzeit gewaltig zugenommen. Wenn früher ein Volk sich über die Ertragsgrenze seines Bodens vermehrt hatte, mußte es sterben, denn es gab weder Massentransporte noch Speicheranlagen für Nahrungsmittel. Das Industriezeitalter hat die Arbeitsmöglichkeiten vervielfacht und neue Transportmöglichkeiten und große Städte geschaffen, die von der Neuen Welt ernährt wurden. Das industrialisierte Europa saugte sich an diesen neuen Böden fest und tauschte für seine Fertigwaren Nahrungsmittel und andere Rohstoffe ein — in Wirklichkeit den Boden und die Erträge der neuen Länder. So konnte es mehr und mehr Menschen ernähren. Der Bevölkerungsdruck der Alten Welt nahm zu.

Dann entdeckte der Franzose Louis Pasteur die Bakterien und ihre Rolle bei Erkrankungen. In Europa war die durchschnittliche Lebensdauer der Menschen schon vorher gestiegen — dank besserer

und reichlicherer Ernährung, verbesserter Kanalisation und Trinkwasserversorgung. Nun wurde es dem Menschen möglich, viele Krankheiten einzudämmen, und damit wurde das wirksamste Mittel der Natur, das übermäßige Anwachsen der Bevölkerung zu verringern, immer mehr ausgeschaltet. Die „hygienische Revolution" hatte begonnen.

Diese Tatsachen genügten, um die Bevölkerungsziffer in geradezu explosiver Weise in die Höhe schnellen zu lassen. In den hundert Jahren vor 1940 wuchs die Bevölkerung der Welt auf mehr als das Doppelte an — von einer Milliarde auf 2,2 Milliarden.

Die Ernährungswissenschaftler haben ausgerechnet, daß für die Sicherung eines angemessenen Lebensstandards mindestens ein Hektar pro Kopf notwendig ist. Aber die landwirtschaftliche Anbaufläche der ganzen Welt beträgt jetzt nur wenig mehr als 0,4 Hektar pro Kopf und nimmt rasch ab. Die landwirtschaftlichen Überschüsse Amerikas sind keineswegs typisch für die übrige Welt und werden überdies in hohem Maße mit einem zunehmend erschöpften und ausgewaschenen Boden erzielt. Von wenigen kleinen Gebieten der Alten Welt abgesehen, werden die Wälder nicht auf der Grundlage eines gleichbleibenden Ertrages ausgenutzt; sie werden erbarmungslos abgeholzt. Die Grasflächen werden fast überall abgeweidet. Die Wasserspiegel sinken, und immer mehr Flüsse werden unkontrollierbar. Es ist einfach so, daß in der ganzen Welt nicht genug unbebautes Land für die *zusätzlichen* 50000 Mägen verfügbar ist, um die sich die Bevölkerung der Welt *täglich* vermehrt.

Richtig ist aber auch, daß fast nirgends auf der Welt der Boden mit der Fruchtart bestellt wird, die sich auf die Dauer am besten für diesen Boden eignet. Stattdessen wird er so bearbeitet, daß er möglichst billig und möglichst rasch möglichst viel Geld einbringt — also genau die gleiche Methode, nach der ein Industrieller verfährt. Mit anderen Worten: der Boden wird nach sogenannten wirtschaftlichen Gesetzen und unter allgemeiner Mißachtung der für ihn geltenden physikalischen und biologischen Voraussetzungen bearbeitet. Der Mensch ist der Auffassung: was für die Industrie gut war, muß notwendigerweise auch für den Boden gut sein. Das kann sich als der kostspieligste Fehler erweisen, der je in der Geschichte gemacht worden ist.

Da wir fast überall auf der Erde einem Absinken der Ertragsfähigkeit und einem starken Anwachsen der Weltbevölkerung entgegensehen, müssen wir auch ein beträchtliches Absinken unseres materiellen Lebensstandards erwarten. Und wenn es auch wenig Leute zu er-

kennen scheinen — der niedrigere Lebensstandard ist bereits da und wird gewiß noch niedriger werden. Ein Symptom dafür ist die Inflation in Gestalt eines sinkenden Realeinkommens. Ein weiteres Symptom sind die großen Zuschüsse, mit denen die Weltwirtschaft gestützt werden muß.

Keine Krise hat je so viel klares Denken und so viel großzügige Führung verlangt wie diese. Glücklicherweise sind wir mit so viel Wissen ausgerüstet, wie der Mensch noch nie vorher besessen hat. Wenn wir klug und mutig genug sind, dieses Wissen auch anzuwenden, können wir dem Zusammenbruch unserer Zivilisation noch entgehen.

Das wird aber durch „politische" und „wirtschaftliche" Mittel allein nicht möglich sein. Wir müssen den ganzen Menschen und seinen ganzen Lebensraum betrachten. Wir müssen vor allem im Auge behalten, daß nicht nur jedes Gebiet in seinen Möglichkeiten, menschliches Leben zu erhalten, begrenzt ist, sondern auch, daß diese Ertragsfähigkeit abnimmt, während die Anforderungen immer größer werden. Ehe nicht das Verständnis dafür ein wesentlicher Bestandteil unseres Denkens wird und die nationale und internationale Politik wirksam beeinflußt, werden wir kaum erkennen können, welchen Weg das Schicksal des Menschen nehmen wird.

Der schlimmste Bösewicht in der gegenwärtigen menschlichen Tragödie der Zerstörung des Bodens ist der unkontrollierte Regentropfen. Wir haben den Kreislauf des Wassers unterbrochen — die Bewegung des Wassers aus der Luft aufs Land und wieder zurück in die Luft, wie sie zumeist durch die Verdunstung der Meere geschieht — wir haben dadurch die verfügbaren Wasservorräte in bedenklicher Weise verringert und Überschwemmungen und eine fortschreitende Auswaschung des Bodens verursacht.

In seinem natürlichen Zustand ist der Boden zumeist von einer Humusschicht überzogen, die das Regenwasser aufsaugt und durch langsames Versickern abfließen läßt. Der Waldboden beispielsweise hält so viel Wasser zurück, daß er für die Wasserstandsregulierung von größtem Wert ist. Sobald Bäume, Gräser und die übrige Pflanzendecke durch Axt, Pflug, Feuer oder weidende Tiere zerstört werden, schwindet allmählich die Humusschicht des Bodens. Die Krume wird bald ausgewaschen oder fortgeweht, und an diese kaum merkliche Oberflächen-Erosion schließt sich dann die folgenschwere Tiefen-Erosion an.

Die strukturellen Veränderungen des Bodens selbst beschleunigen diesen Prozeß. Der ideale Boden, wie man ihn auf den Prärien findet, ist krümelig und läßt das Regenwasser am besten einsickern. Wenn

die krümelige Erde durch falsche Bodenbearbeitung und Zerstörung der organischen Stoffe zerfällt, backt der Boden zusammen und wird kompakter. Bei schweren Regenfällen werden dann die nunmehr kleineren Hohlräume schnell mit Wasser gefüllt, und da es nun nicht mehr in den Boden einsickern kann, muß es an der Oberfläche abfließen. Das rasche Abfließen verursacht nicht nur Überschwemmungskatastrophen, es schwemmt auch die Ackererde fort und verschlammt Seen und Wasserspeicher.

Das Einsickern, Abfließen und damit die Erosion wird am meisten durch den Anbau landwirtschaftlicher Kulturpflanzen beeinflußt, die die natürliche Vegetation ersetzen. Kleine Halmfrüchte wie Weizen, Roggen, Hafer und Gerste ergeben die 16- bis 40-fachen Bodenverluste gegenüber Gehölzen, Wäldern und unberührten Prärien. Der Reihenanbau von Sojabohnen, Baumwolle, Tabak und Mais ergibt hundertfachen und noch höheren Bodenverlust, wenn die Reihen nicht nach den Schichtlinien eingesät sind.

Ich glaube wirklich, daß der Mais zum Elend der Welt mehr beigetragen hat als das andere große Geschenk des amerikanischen Kontinents, die Syphilis. Der Mais hat jetzt die Erde erobert, und überall, wo er hinkam, hat er den Boden ruiniert. Von Kapstadt bis Korea, besonders an den Berghängen in rückständigen Gebieten, hat er den eiligen Lauf des Regenwassers zum Meer förmlich kanalisiert und so die Erosion und die Senkung des Grundwasserspiegels beschleunigt. So können Maisfelder die Quellen im Umkreis von achtzig Kilometern zum Versiegen bringen.

Man hat die Erosion oft die Krebskrankheit des Bodens genannt. Wenn sie rechtzeitig behandelt wird, ist ihre Bekämpfung gewöhnlich recht einfach.

In vielen Teilen der Welt ist die Krume durch die ungehinderte Einwirkung von Regen und Wind völlig abgetragen worden, so daß nur noch die untere Bodenschicht oder gar nur nacktes Gestein vorhanden ist. Der ungeregelte Lauf des Wassers hat einst — von Mesopotamien bis Honduras — ganze Zivilisationen ausgerottet. *Aber niemals vorher ist bei einer gegebenen Bevölkerung von Hunderten von Millionen der Kreislauf des Wassers so arg erschüttert worden.*

Der Regen wird weiter fallen, ohne daß der Mensch ihn aufhalten kann. Er wird weiter bergab fließen, wie das Gefälle es bestimmt. Aber man kann durch Pflügen in Schichtlinien, also an den Hängen in der Waagerechten, gleichsam in Form eines natürlichen Dammes, den Abfluß des Regens erschweren, man kann durch Streifenanbau oder durch Schaffung von Grasstreifen zwischen den gepflügten Gürteln das Abschwemmen der Erde an

leichten Hängen verhindern. Steile Hänge sollten nie gepflügt werden.

In besonders dicht bevölkerten Gebieten wie San Salvador, Haïti, Griechenland und dem Pandschab, fällt es jedoch dem Menschen schwer, seine Bearbeitungsmethoden der Leistungsfähigkeit des Bodens anzupassen. Es ist einfach zu wenig Bodenfläche da. Das Getreide *muß* entweder auf steilen, der Erosion stark ausgesetzten Hängen angebaut werden, oder das Volk verhungert.

Diese Völker sind in ökologischem Sinne heimatlos. Sie können sich nur ernähren und kleiden, wenn sie den Boden, auf dem sie leben, ruinieren.

Die Plünderer

Wer angesichts des amerikanischen Bodens so etwas wie Selbstgefälligkeit verspürt, sollte sich einmal lange und nachdenklich die schlammigen Flüsse des Landes betrachten. Vor dreihundert Jahren war das Gesamtgebiet der Vereinigten Staaten ungefähr zur Hälfte mit Wäldern bedeckt, die die Einzugsgebiete der Flüsse schützten. Die Flüsse waren sauber; sie wimmelten von Fischen, und es gab viel Wild. Die Wälder waren so dicht, daß man sagte, ein Eichhörnchen könne vom Atlantischen Ozean bis zum Mississippi gelangen, ohne einmal den Boden zu berühren. Im Fernen Westen lag ein weiteres Hochwaldgebiet.

Zwischen den bewaldeten Zonen lagen riesige Graslandflächen, deren Gras in den östlichen Gegenden Sattelhöhe erreichte. Etwa 75 Millionen Bisons zogen durch dieses Gebiet, ohne Schaden anzurichten. Dieses Binnenland bestand größtenteils aus reichem und gesundem Boden.

Die Voreltern der Amerikaner von heute drangen in diese Schatzkammer ein und verwandelten in wenigen Jahrzehnten Millionen von Morgen in ein Trümmerfeld. Ihre Nachkommen im fünften und sechsten Glied suchen immer noch den Schaden einzudämmen.

Selbst zur Zeit der Amerikanischen Revolution wurde das Land an der Ostküste ebenso rasch ausgebeutet und wieder verlassen, wie es urbar gemacht werden konnte. In dem Maße, wie sich der Mensch mit Axt, Feuerbrand, Spaten, Pflug und Flinte seinen Weg nach Westen bahnte, richtete er auf der ganzen Front seines Vormarsches, die so breit war wie das Land selbst, Zerstörungen an, die er jetzt verwünscht und in ihren Folgen herabzumindern sucht, ohne aber den Zerstörungsprozeß selbst aufzuhalten. Im Laufe von etwa 150 Jahren hat Amerika ein Drittel seiner Ackerkrume, mehr als die Hälfte des hochwertigen Nutzholzes, eine unbekannte Menge von Wasserreserven und einen unermeßlich großen Teil seines Wildbestandes verloren.

Die sinnfälligste Folge von Abholzung, Abgrasung und schlechten landwirtschaftlichen Methoden ist die Erosion. Die amerikanische Zivilisation wurde auf einer 22 Zentimeter starken Krume begründet, die jetzt 7,5 Zentimeter verloren hat. Dr. Hugh H. Bennett erklärte 1939 vor einem Kongreßausschuß: „In dem kurzen Leben unserer Nation haben wir 114 Millionen Hektar Acker- und Weideland weitgehend ruiniert. Auf weiteren 314 Millionen Hektar übt die Erosion ihre zerstörerische Tätigkeit aus. Die Erosion kostet uns Tag für Tag zwei Farmen von je 56 Hektar. Seit wir uns gestern hier trafen, haben wir genau das verloren. Es ist dahin, für immer dahin."

Neben der Erosion ist auch das Nachlassen der Fruchtbarkeit ein Problem. Jungfräulicher Boden erbrachte früher in Ohio bei unveredeltem Saatgut und ohne Insektenbekämpfung 77 Doppelzentner Mais und 40 Doppelzentner Weizen pro Hektar. Heute betragen die Ernten durchschnittlich 32 Doppelzentner Mais und 13,3 Doppelzentner Weizen. Und selbst dieser Ertrag läßt sich in einem der fortschrittlichsten Ackerbaugebiete der Vereinigten Staaten nur schwer und unter großen Kosten aufrechterhalten. Daran kann man ermessen, bis zu welchem Grade die Amerikaner die Produktivität ihres Landes zerstört haben.

Worüber die Amerikaner sich den Kopf zerbrechen sollten — was sie aber nur sehr selten tun —, ist das Grundwasser des Landes. Die Abholzung der waldigen Einzugsgebiete der Flüsse und falsche Bodenbehandlung, die den Abfluß des Regenwassers beschleunigt, haben nicht nur die Erosion verursacht, sondern auch dahin gewirkt, daß weniger Wasser in den Boden einsickert und die Grundwasserreserven auffüllt. In einem beträchtlichen Teil der Vereinigten Staaten sinkt der Grundwasserspiegel ständig. In der Gegend von Baltimore hat er sich in 32 Jahren um 45 Meter gesenkt. Mit anderen Worten: 1949 muß ein Brunnen 45 Meter tiefer gebohrt werden als 1917. Das erhöht natürlich die Kosten der Wasserversorgung, und die Zeit, in der man für den Bedarf der Städte nicht genug Wasser haben wird, ist nicht mehr fern.

Die Zerstörung des Bodens und seiner Hilfsquellen wird Amerika empfindlichen Schaden zufügen. Der Reichtum des Landes wird mit dem Abfluß des Wassers die Flüsse hinuntergetragen und muß unvermeidlich ein Sinken der Kaufkraft und folglich auch eine Verschiebung der industriellen Standorte mit sich bringen.

Das Land am Rande des Ruins

Alle lateinamerikanischen Länder im Süden sind, abgesehen von drei oder vier Staaten, übervölkert. Sie können ihren Bürgern nur

durch eine fortschreitende und immer raschere Zerstörung der natürlichen Hilfsquellen Nahrung und Obdach schaffen. Die geographischen Verhältnisse legen Lateinamerika die härtesten und unüberwindlichsten Beschränkungen auf. Selbst ein flüchtiger Blick auf eine Reliefkarte zeigt, wie außerordentlich wenig ebenes Land der Landwirtschaft zur Verfügung steht. Und mit Ausnahme der argentinischen Pampas haben diese ebenen Gebiete wegen ihres armen Bodens und ungünstiger Regenverhältnisse eine so geringe Ertragsfähigkeit, daß die Farmer sich auf kleine Bergmulden beschränken oder die Abhänge bebauen müssen. An den Abhängen wird der Boden den Farmern unter den Füßen weggewaschen. In ganz Südamerika ist die Erosion auf bestelltem Boden fast allgemein. Wenn Mexiko seine Bodenbehandlung nicht von Grund auf ändert, wird es in hundert Jahren zum großen Teil Wüste sein und Chile vielleicht noch früher. Der 1500 Kilometer lange Magdalenenstrom in Columbien trägt mehr Ackerboden zum Ozean als der 6400 Kilometer lange Mississippi-Missouri.

Die spanische Tradition einer zentralisierten Verwaltung, die das Volkseinkommen und die Hilfe des Staates für die Hauptstädte und die Provinzen ungleich aufteilt, ist einer verantwortungsvollen und einsichtigen Verwaltung der natürlichen Hilfsquellen im Wege. Infolgedessen betreibt Südamerika einen Raubbau, wie er heute in fast keinem anderen Land der Erde anzutreffen ist. Bei dieser Zerstörung eines Erdteils haben die amerikanischen Holzfäller und das amerikanische Kapital eine wichtige Rolle gespielt. Die gleiche Verantwortungslosigkeit, die einen großen Teil Nordamerikas ruiniert hat, tobte sich in dem viel leichter verwundbaren Südamerika aus und hat die Existenzmittel von Millionen Menschen vernichtet.

Die fortschreitende Zerstörung des Bodens ist durch das von den Indianern übernommene System der Bodenbewirtschaftung noch beschleunigt worden. Bei diesem System, das immer noch auf Hunderten von Quadratkilometern in verschiedenen Staaten Südamerikas anzutreffen ist, rodet der Farmer ein Stück Land, bestellt es einige Jahre, bis seine Fruchtbarkeit erschöpft ist, und zieht dann auf neues Land, wo er den gleichen Prozeß wiederholt. Solange das erste Stück Land zwanzig oder dreißig Jahre brachliegen konnte, wirkte sich das System gar nicht schlecht aus. Da aber durch den Bevölkerungszuwachs der Bedarf an bestellbarem Land immer dringender geworden ist und man kein Land mehr brachliegen lassen kann, hat die Bewirtschaftung nach diesem System heutzutage katastrophale Folgen gezeitigt.

Das Verfahren der meisten Großgrundbesitzer ist nicht viel besser. Ihre lediglich auf Ausbeutung des Bodens gerichtete Einstellung und häufig auch ihre Unwissenheit in landwirtschaftlichen Dingen führt zu Mißbräuchen aller Art. Auf dem größten Teil ihrer Besitzungen wird nichts gegen die Erosion unternommen. In Chile beispielsweise, wo ich etwa 15000 Kilometer gereist bin, stellte ich die Erosion bei über neunzig Prozent der bestellten Hänge und im Innern des Landes auf *allen* Weidehängen fest. Auf der ganzen Strecke sah ich nur ein Feld, das in Richtung der Höhenlinien gepflügt war!

Wie viele Völker der Welt haben sich auch die Südamerikaner von dem Zauberwort „Industrialisierung" verwirren lassen. Sie bedenken dabei nicht, daß es südlich des Rio Grande, von kleinen geringwertigen Vorkommen abgesehen, keine Kohle gibt, die die Entwicklung des europäischen Kontinents, Großbritanniens und der Vereinigten Staaten ermöglicht hat, und daß die elektrischen Kraftquellen meist so weit entfernt liegen, daß sie praktisch unerreichbar sind. Außerdem *ist der Boden Südamerikas so wenig ertragreich*, daß, vielleicht mit Ausnahme Argentiniens und Brasiliens, die Kaufkraft des Volkes — der Inlandsmarkt — nicht annähernd auf den Stand der europäischen und nordamerikanischen Länder erhöht werden kann.

Das hungrige Europa

Seit mehr als hundert Jahren hat Europa die in Erosion befindlichen Hänge der westlichen Hemisphäre, Südafrikas, Australiens und Indiens für seinen nackten Lebensunterhalt in Anspruch genommen. In der Blütezeit Englands enthielten die berühmten Steaks und Hammelkoteletts bei Simpson in London den Stickstoff, das Kali, die Phosphorsäure und andere Bodenminerale der halben Welt.

Auf dem ganzen europäischen Kontinent kommen auf den Kopf nur 35,6 Ar anbaufähiges Land. Aber viele europäische Länder, alle mit wachsender Bevölkerung, erwarten nicht nur, von außereuropäischen Ländern ernährt zu werden, sondern sie erwarten und bestehen sogar auf einer Erhöhung ihres Lebensstandards. Und in der Tat wurde ihnen eine solche Erhöhung durch die Atlantik- und die UN-Charta so gut wie versprochen. Die Politiker haben uns allerdings nicht verraten, wie das Wunder von der Speisung der Fünftausend wiederholt werden soll.

Wären die Europäer nicht so hervorragende Landwirte — ein großer Teil der landwirtschaftlichen Betriebe Westeuropas wird nach den Methoden eines gleichbleibenden Dauerertrags bewirtschaftet —, so wäre ihre Lage noch weit schlechter als sie jetzt schon ist.

Belgien zum Beispiel erzeugt etwa 216 Doppelzentner Kartoffeln pro Hektar, verglichen mit einem Ertrag von 74 Doppelzentnern pro Hektar in den Vereinigten Staaten. Von den neunzehn Ländern Nordeuropas produziert nur ein einziges weniger als 108 Doppelzentner pro Hektar.

Trotz aller Anstrengungen läßt es sich jedoch nicht verhindern, daß Europa auf Lebensmitteleinfuhr angewiesen bleibt. Vor dem Kriege indessen zeigte die Entwicklung einen Ruck zur Autarkie hin. Die der britischen Landwirtschaft gewährten Staatszuschüsse ergaben in den Jahren 1932 bis 1937 eine 43prozentige Steigerung der heimischen Produktion. Italien, Frankreich und Deutschland drosselten gleichfalls ihre Weizeneinfuhr, in einem Fall sogar um 89 Prozent. Diese Drosselung besagte nun aber nicht etwa, daß das Fehlende aus der europäischen Landwirtschaft genommen wurde, sondern es folgte eine Diätverschlechterung, wobei Mais-, Roggen- und Kartoffelmehl zum Ersatz herangezogen wurden. Diese Bestrebungen bereiteten damals bereits den Weg für jene spartanischen Maßnahmen, zu denen Europa dann im Kriege seine Zuflucht nahm.

In vielen Teilen Europas wurde bekanntlich die Ertragsfähigkeit des Landes durch die Latifundienwirtschaft, das heißt durch Großgrundbesitz, in der Hand einer kleinen Anzahl von Eigentümern, die häufig abwesend waren, niedrig gehalten. Diese Ländereien wurden nur selten sachgemäß oder voll bewirtschaftet, und es war eine der am lautesten proklamierten Maßnahmen der Kommunisten, diese großen Ländereien zu zerschlagen und sie an die Bauern zu verteilen oder zu verkaufen. Weniger Beachtung hat andererseits das Problem der „Minifundienwirtschaft", das heißt der zu kleinen Betriebe gefunden. Viele bäuerliche Familien in Osteuropa versuchen, durch Bewirtschaftung von zwei bis drei Hektar ihr Leben zu fristen. Die Bevölkerungsvermehrung in diesem Teil Europas hat die weitere Aufteilung der Kleinwirtschaften und damit das Ansteigen der Bodenpreise zur Folge gehabt. Bekanntlich geben die kommunistischen Behörden landwirtschaftliche Anwesen, deren Ertrag unter dem Existenzminimum liegt, an einzelne Familien ab, vielleicht als Vorspiel zur Kollektivwirtschaft. Die Kleinheit der einzelnen Anbauflächen macht ihr Abweiden unmöglich, wodurch sich der Anfall an Dünger verringert, der besonders für den französischen Bauern so wichtig ist. Auch das Ausruhen des Landes durch Brachliegen ist unmöglich. Das Ergebnis ist, daß die Ertragsfähigkeit pro Hektar in einem großen Teile Osteuropas sinkt. In Südpolen ist dies schon seit zwanzig Jahren der Fall.

Trotz des Krieges und der mancherorts schlechten Ernährung hat die Bevölkerung Europas mit Ausnahme Rußlands zwischen 1936 und 1946 um elf Millionen zugenommen und wird 1955 vermutlich auf 404 Millionen angewachsen sein. Das bedeutet *eine Zunahme von zehn Prozent in etwa zwanzig Jahren!* Dieser Zuwachs an hungrigen Mägen, dem kein Zuwachs an Land entspricht, ist dem Erfolg nach gleichbedeutend mit dem Niederbrennen von Lebensmittelspeichern.

Eines der tragischsten Beispiele der großen Diskrepanz zwischen Bevölkerungszahl und Ertragsfähigkeit des Landes ist das England des zwanzigsten Jahrhunderts. Im Beginn der industriellen Revolution eroberte Großbritannien den Weltmarkt Jahrzehnte vor seinen Konkurrenten. Außer der Kohle waren seine besten Helfer der Fleiß und die Geschicklichkeit seines Volkes — und die Tatsache, daß es zuerst auf dem Plan erschien. Seine Erzeugnisse wurden überall verlangt, wo Kaufkraft vorhanden war, und es konnte seine Fertigwaren leicht gegen Nahrungsmittel und Rohstoffe eintauschen.

In der zweiten Hälfte des neunzehnten Jahrhunderts hatte jedoch Englands Export mit schwerer Konkurrenz zu kämpfen. Sein Anteil an der industriellen Erzeugung fiel von 32 Prozent im Jahre 1870 auf 9,2 Prozent vor dem zweiten Weltkrieg. Und seine Bevölkerung hat sich fast verdoppelt. Selbst wenn kein Krieg gekommen wäre, befände es sich heute in einer verzweifelten Lage. In England kommen jetzt 965 Menschen auf einen Quadratkilometer landwirtschaftlicher Nutzfläche. Das bedeutet: trotz einer ausgezeichnet entwickelten Landwirtschaft kann es unmöglich genügend Nahrungsmittel produzieren, um einen anständigen Lebensstandard zu garantieren.

Griechenland, das Land, in dem man angeblich in wenig Jahren eine stabile Demokratie „wiederherstellen" kann, produzierte selbst unter normalen Friedensbedingungen nur sechzig Prozent seiner Nahrungsmittel. Nur 25 Prozent dieses Gebirgslandes sind landwirtschaftlich nutzbar, und Griechenland hat, wie die meisten übervölkerten Länder, an seinem Boden Raubbau getrieben. Sein Getreideertrag vor dem Kriege war mit 9,1 Doppelzentner pro Hektar der niedrigste von Europa. Die Wirtschaftler haben den Plan, mit einem Zuschuß von einigen Millionen Dollar Griechenlands Lebensstandard zu „heben". Und das, obwohl Griechenland vor dem Kriege ein Jahreseinkommen von 68 Dollar pro Kopf hatte und obwohl es schwere Kriegsschäden erlitten und nichts gegen den ständig steigenden Geburtenüberschuß unternommen hat! In 59 Jahren wird es seine Bevölkerung voraussichtlich verdoppelt haben — das bedeutet, daß nur noch halb so

viel Boden auf den Einwohner kommt. Wie man Griechenland rasch genug „wiederherstellen" kann, um mit dem Zuwachs an Neugeborenen Schritt zu halten — davon haben die Wirtschaftler und Politiker uns nichts verraten.

Italien verfügt ebenso wie Griechenland über eine landwirtschaftliche Nutzfläche von 29 Ar pro Kopf. Als Graf Carlo Sforza im Jahre 1946 einen Platz suchte, wohin er den hungernden Bevölkerungsüberschuß abschieben könnte, rief er aus: „Wir sind übervölkert. Wir können unmöglich so viele Menschen ernähren!" Wenn die Italiener sich nun weiterhin wie bisher vermehren, wird Italien in 74 Jahren nicht einmal mehr halb so viel anbaufähiges Land pro Kopf haben wie jetzt.

Die Übervölkerung, die so viel zu den europäischen Wirren der Vergangenheit beigetragen hat, ist eine ständig wachsende Bedrohung. Ein Europa mit 450 Millionen Einwohnern im Jahre 1975 wird noch weit mehr Explosivstoff enthalten als das Europa von 1935 mit 370 Millionen. Und es wird vergleichsweise noch viel mehr Hektar irgendeines produktiven Landes für seine Ernährung in Anspruch nehmen. Und nicht etwa eines europäischen Landes — denn Europa hat keinen verfügbaren Boden mehr.

Die Stabilisierung und schließliche Verminderung der Bevölkerung in Europa wäre ein entscheidender Schritt zum Weltfrieden. Die Vereinigten Staaten von Europa mit der Hälfte oder mit einem Drittel der gegenwärtigen Bevölkerung könnten wahrscheinlich denselben oder einen höheren Lebensstandard aufrechterhalten als die USA.

Die Japaner wollen mitessen

In der Zeit von 1600 bis 1867 hielt sich die Bevölkerung Japans auf einem Stand von etwa 26 Millionen. Die Geburten wurden durch Todesfälle ausgeglichen. Der Feudalstaat hatte mit der Außenwelt wenig Berührung. Bald nach der Aufhebung dieser Abschließung änderte sich jedoch die Lage. Mit der Einführung moderner industrieller Methoden und moderner Gesundheitspflege verdreifachte sich die japanische Bevölkerung in etwa 75 Jahren.

Angesichts der zunehmenden Übervölkerung standen die Japaner vor der Wahl, ihren schon weit unter dem der westlichen Länder liegenden Lebensstandard noch weiter herunterzusetzen oder neue Mittel und Wege für die Ernährung des Volkes zu finden. Um Japan gerecht zu werden, muß anerkannt werden, daß es jahrzehntelang energische Anstrengungen machte, auf rein wirtschaftlichem Wege mehr Rohstoffe und Nahrungsmittel zu erhalten. Sie wurden ihm verweigert, letzten Endes weitgehend durch amerikanische Zölle.

So sah Japan sich mit einer auf 76 Millionen angewachsenen Bevölkerung vor versperrten Handelswegen, und da es nicht willens war, seinen Bevölkerungszuwachs zu regeln, stand es vor der Frage: verhungern oder kämpfen. Viele andere Faktoren, wie die Kriegstreiberei der Geschäftsleute und der Militärs sowie Japans Ansicht, daß sein Schicksal in Asien liege, kamen noch dazu; aber keiner dieser Faktoren rührte so an die Grundlagen der Existenz wie der Übervölkerungsdruck.

Leider ist Japan immer noch in diesem Dilemma — in erschwerter Form sogar. Japan wird 1950 eine Bevölkerung von 79 Millionen haben. Es hat jetzt Formosa, Korea und Mandschukuo verloren; aus all diesen Gebieten bezog es ansehnliche Mengen Nahrungsmittel. Da annähernd 12,5 Menschen auf einen Hektar anbaufähigen Landes entfallen, wird es sich gerade nur auf der Basis des Existenzminimums ernähren können. Eine auf der Hand liegende Maßnahme, um den Bedarf mit den vorhandenen Mitteln in Einklang zu bringen, wäre die Bedarfssenkung. Von einer energischen Anstrengung nach dieser Richtung hin hat man aber bis jetzt noch nichts gehört.

Die Massenvermehrung in Asien

In China, wo Tag für Tag fast eine halbe Milliarde Menschen satt werden müssen, sind im Laufe des letzten Jahrhunderts schätzungsweise hundert Millionen verhungert. Weitere Millionen werden ebenso verhungern, denn China besitzt pro Kopf kaum 20 Ar anbaufähigen Bodens, wovon noch ein großer Teil ungünstigen klimatischen Bedingungen unterliegt.

Chinesische Bauern haben in vielen Gegenden durch terrassenförmige Anlagen und durch kräftiges Düngen mit menschlichen Fäkalien ein wunderbares System entwickelt, um den Ernteertrag auf gleicher Höhe zu halten. Aber im größten Teil Chinas haben die wachsenden Bedürfnisse einer zunehmenden Bevölkerung unvermeidlich zu einer übermäßigen Ausnutzung des Bodens geführt und zur Mißachtung aller Gesetze einer gesunden Bodenbewirtschaftung. Auf die Erschöpfung des Bodens folgte die Erosion. Das Land leidet unter den fürchterlichsten Überschwemmungen der Welt, und man schätzt, daß 25 Prozent seines Bodens völlig unfruchtbar geworden sind.

China hat so gut wie kein Neuland für die Ausweitung seiner Landwirtschaft zur Verfügung, und die modernen Verbesserungsmöglichkeiten der Landwirtschaft, die in einigen der bereits kultivierten Gebiete die Erträge steigern könnten, kommen bei dem unwissenden, rückständigen Volk kaum in Betracht. Durch Berieselung und verbesserte Methoden zur Schonung

der Bodenfeuchtigkeit läßt sich eine gewisse Steigerung der Nahrungsmittelerzeugung erhoffen, aber die Fortschritte auf diesem Gebiet werden kaum mit der Zunahme der Bevölkerung Schritt halten.

Man hat von großen Plänen geträumt, um China zu helfen — von Eindeichungen, Eisenbahnen und Industrialisierung. Aber selbst wenn die geplante Industrialisierung verwirklicht würde — eine Möglichkeit freilich, die in weiter Ferne liegt, solange China den inneren Frieden nicht wiederhergestellt hat —, könnte in China eine ebenso explosive Bevölkerungszunahme erfolgen wie in Indien, wo die Bevölkerung in einem Jahrzehnt um 15 Prozent angewachsen ist. Es ist buchstäblich wahr, daß China *nicht noch mehr Menschen ernähren kann.* Tatsächlich kann es nicht einmal die Menschen ernähren, die es bereits hat. Die größte Tragödie für China wäre gegenwärtig ein Rückgang seiner Sterblichkeitsziffer.

In Indien, wo die durchschnittliche Lebensdauer 32 Jahre beträgt — nicht halb so viel wie in den Vereinigten Staaten oder in England —, sterben 45 Prozent der Bevölkerung vor dem zehnten und 65 Prozent vor dem dreißigsten Lebensjahr. Trotzdem bleibt Mutter Indien weiterhin das Opfer der erschreckenden eigenen Fruchtbarkeit, und seit langem mußte ein großer Teil des indischen Bodens, der schon von Anfang an höchst ungünstige Lebensbedingungen versprach, seiner Pflanzendecke beraubt werden.

Brennstoff ist dort so knapp, daß viele Millionen Menschen mit getrocknetem Kuhmist kochen müssen. Dies wirft übrigens ein bezeichnendes Licht darauf, in welchem Zustand der Abholzung sich die einst waldbedeckten Flußgebiete befinden müssen. In vielen Teilen Indiens wird alles erreichbare Mais- oder Reisstroh verfeuert; die Häuser werden aus Schlamm gebaut, dem einzigen verfügbaren Material. Und die „Heiligkeit" der Kühe — die Kühe dürfen frei im Land umherstreifen und den so dringend benötigten Pflanzenwuchs vernichten — hat zur Folge, daß der Ertrag des ohnehin überbeanspruchten Bodens noch mehr vermindert wird.

Die Bevölkerung Indiens übersteigt heute 400 Millionen. Hierzu bemerkt der indische Volkswirtschaftler Dr. Chandrasekhar: „Bei einem Minimum von 1400 Kalorien kann Indien noch nicht einmal 300 Millionen Menschen ernähren." Und dabei *wächst die Bevölkerung* Indiens täglich um 14 000 Seelen.

In Indien hat sich eine politische Expansionsphilosophie entwickelt. Einer seiner führenden Volkswirtschaftler, Dr. Mukerjee, schreibt: „In Ländern mit viel freiem Raum, wie im Amazonasgebiet und in

Australien, widerspricht eine Politik der Einwanderungsbeschränkung den Forderungen der Weltwirtschaft und der Weltproduktivität ... weite unfruchtbare Gebiete in Nordamerika, die jetzt nur von Viehhaltern besiedelt sind, könnten unter den Pflug genommen werden, falls die Einwanderung von Chinesen und Indern in vernünftigem Umfange gefördert würde..." Mit anderen Worten: Australien, Brasilien, die Vereinigten Staaten und Kanada sollen ihre Tore für Moslems, Sikhs und Hindus öffnen, um den durch das immer stärkere Anschwellen der Bevölkerung verursachten Druck zu verringern.

Die Situation von Asiens südlichem Nachbarn Australien ist wesentlich anders, aber auch nicht sehr ermutigend. Denn Australien lebt zwar auf sehr großem Fuße, aber wie ein betrunkener Matrose, der sein ganzes Geld verjubelt: es streut nämlich sein Erbe — buchstäblich — in den Wind und läßt es sich wohl dabei sein. Nach E. S. Clayton „findet man in Australien auf Weide- und Ackerland schon schlimmere Beispiele von Winderosion als in den Vereinigten Staaten, obwohl das Land nur etwa ein Drittel der Zeit bebaut worden ist."

Eines der weitestverbreiteten Mißverständnisse herrscht heute über den Bodenreichtum der Sowjetunion. Wenn sie auch zweifellos eine der reichsten Nationen des Erdballs ist, so ist „Reichtum" doch ein relativer Begriff, und manche Geographen sind der Meinung, daß die UdSSR bereits übervölkert ist. Geht man von einem westlichen Lebensstandard aus, so ist sie es bestimmt.

Der überwiegende Teil des russischen Bodens ist wenig ertragreich. In dieser Hinsicht läßt die Sowjetunion sich mit Kanada vergleichen — nicht mit den Vereinigten Staaten. Sie verfügt über den größten Holzreichtum der Welt (sehr viel Holz aber liegt zu weit von jeder Transportmöglichkeit entfernt, als daß es ausgenutzt werden könnte) und über einen ungeheuren Reichtum an Mineralien, aber einstweilen kann der Mensch Nickel, Wolfram oder Erdöl noch nicht essen. Reichlich mehr als die Hälfte der Sowjetunion besteht aus Tundren mit gefrorenen unteren Bodenschichten, aus Nadelwäldern auf saurem Boden oder aus Gebirgen. Millionen von Quadratkilometern haben eine kurze Wachstumsperiode oder leiden unter Regenmangel.

Die Ukraine, die Kornkammer der Sowjetunion, besitzt semi-arides (halbtrockenes) Klima. In Weißrußland sind der Landwirtschaft durch nassen, sauren Boden enge Grenzen gezogen. Inner-Sibirien besteht größtenteils aus Wald und Wüste. Im nordöstlichen Sibirien

gibt es gutes Ackerland, aber die Möglichkeiten des Nährpflanzenanbaus werden durch lange Winter und trockene Kontinentalwinde beschränkt.

Die sowjetischen Bodenwissenschaftler sind seit langem in der Welt als führend anerkannt; niemand kennt die durch Boden und Klima gezogenen Grenzen besser als sie. Nach Berichten, die uns vor dem Fallen des Eisernen Vorhangs erreichten, sind vielversprechende Schritte unternommen worden, um mindestens einen langfristigen Waffenstillstand mit der feindseligen Umwelt zu schließen. Beispielsweise benutzten Pelztierjäger Kastenfallen, um die Beutetiere nicht zu verletzen, und ließen die Weibchen zur Fortpflanzung wieder frei.

Aber dem Vorteil einer wissenschaftlich ausgerichteten Zentralregierung steht die Schwerfälligkeit einer Bürokratie gegenüber, die den Einwirkungen von Terror und Politik ausgesetzt ist und an deren Spitze größtenteils keine wissenschaftlichen Sachkenner stehen. Die Bodenkontrolle ist mehr und mehr in Moskau konzentriert worden und geht so weit, daß die Kollektivgüter nicht einmal mehr ohne ausdrücklichen Befehl von oben mit der Aussaat beginnen dürfen. Man kann sich leicht vorstellen, daß bei einem solchen System das Chaos kaum zu vermeiden ist.

Nach Berichten von Reisenden, die aus den Sowjet-Republiken kommen, herrscht dort eine beträchtliche Bodenerosion. John Fischer, der Autor von *Why They Behave Like Russians* (Warum sie sich wie Russen benehmen) berichtet: „Eigentlich ist gegen die Erosion nichts unternommen worden . . . ich habe im westlichen Rußland weder Terrassen noch Deiche gesehen. Selbst das Pflügen in Schichtlinien ist gänzlich unbekannt.“*)

Inzwischen nimmt die Bevölkerung des Landes in geradezu erschreckendem Ausmaß zu. Die Sowjet-Führer können zwar mit ihren Hilfsquellen vielen Millionen einen hohen Lebensstandard sichern, aber keineswegs für so viele, wie sie in einigen Jahrzehnten zu ernähren, zu kleiden und zu behausen haben werden.

Der am wenigsten ertragreiche Erdteil ist Afrika. Fast überall wirft die Landwirtschaft nur einen geringen Nutzen ab. Aber die Anforderungen an seinen Boden wachsen ständig. Das amerikanische Außenministerium schätzt, daß die Bevölkerung Afrikas zwischen 1936 und 1946 von 151 auf 173 Millionen angewachsen ist.

Der afrikanische Kontinent hat den Zusammenstoß mit der Zivilisation früher erlebt als irgendein

*) *Kürzlich hat jedoch die Sowjetunion einen umfassenden 15-Jahresplan zur Erhaltung des Bodens angekündigt.*

anderer — mit Ausnahme Asiens, und der Mensch trägt sehr wirksam dazu bei, diesen Erdteil seiner Bodenfeuchtigkeit zu berauben. Fast überall in Afrika scheint als Folge des zunehmenden Abflusses und der Verdunstung der Grundwasserspiegel zu sinken. In einer einst bewaldeten Gegend, in der eine Regenmenge von zweieinhalb Zentimeter früher Bäche und Flüsse wochenlang speiste, reicht derselbe Niederschlag heute kaum für 24 Stunden aus. In manchen Gegenden verschwinden viele Ströme vorübergehend oder ganz; Abholzung und Verschlammung bedrohen jetzt die Oberläufe des Nils, von dem die gesamte Wirtschaft Ägyptens abhängt.

Auf Grund britischer, französischer, belgischer, italienischer und deutscher Forschungen sind wir mit den Umweltbedingungen Afrikas besser vertraut als mit denen irgendeines anderen damit vergleichbaren tropischen Landes. So wissen wir auch, daß unter der dünnen Grasdecke der Savanne im älteren Teil des Kontinents der Boden sandig, ausgemergelt und arm ist. Weder Überflutung noch geologische Verwitterung haben hier dem Boden neue Bestandteile zugeführt. Die baumtragende Savanne, wie man sie in Französisch- und Portugiesisch-Afrika, Belgisch-Kongo und Rhodesien antrifft, hält sich großenteils nur wegen des hohen Grundwasserspiegels, der aber in ständigem Sinken begriffen ist. Das hier urbar gemachte Land kann zwar einige Jahre hindurch gute Ernten hervorbringen, jedoch folgt bald eine vollkommene Entwertung des Bodens durch Erosion.

Eine weitere, weit verbreitete afrikanische Bodenart stellen die großen Äquatorialwälder dar. Der tropische Urwaldboden ist oft seiner eigentlichen Beschaffenheit nach arm; nur die dicke, vom Walde selbst langsam aufgebaute Humusschicht ermöglicht das Entstehen der üppigsten Pflanzendecke, die die Welt kennt. Der Urwald bietet das Bild eines wohlausgewogenen Systems, in dem sich die Kräfte des Werdens und des Verfalls die Waage halten. Roden zerstört dieses Gleichgewicht und entfesselt die Kräfte des Verfalls. Für den äquatorialen Urwaldboden ebenso wie für den Boden der waldigen Savanne bedeutet die Axt des Holzfällers oder rodenden Landmanns eine erschreckende Gefahr.

Im nordwestlichen Teil des belgischen Kongogebietes sind schätzungsweise über 200000 Hektar in brutaler Weise abgeholzt worden. In Französisch-Äquatorial-Afrika sind im Urwald selbst infolge der Abholzung durch die Eingeborenen große Lichtungen entstanden, in denen durch ständiges Abbrennen der Pflanzendecke jede Neubildung verhindert wird. In der baumtragenden Savanne, wo die französische Kolonialverwaltung die Plan-

tagenwirtschaft eingeführt hat, bieten die Zerstörungen ein erschütterndes Bild. Jahr für Jahr werden hier in einem Zehntausende von Hektar großen Gebiet sowohl die Savanne wie das Waldland durch Feuer verwüstet. Die Wirkung auf die Fruchtbarkeit des Bodens bleibt natürlich nicht aus.

Am wirksamsten ist die Wiederaufforstung des schwarzen Erdteils unter anderem in der Südafrikanischen Union betrieben worden. Allerdings ist auch gerade hier die Notlage so kritisch wie wohl in keinem anderen Gebiet. Schon 1923 stellte der zum Studium der durch die Dürre verursachten Probleme eingesetzte Ausschuß in einem Bericht folgendes fest: „Jahr für Jahr wird das Erdreich der Union, unser wertvollster, unersetzlicher und nur in begrenztem Umfange vorhandener Besitz in ungeheuren Mengen davongetragen." Der Oranje-Freistaat, noch vor hundert Jahren ein üppiges Wiesenland, wird jetzt alljährlich von Sandstürmen verheert.

Fast alle Maßnahmen der weißen Siedler wirken sich nicht zum Segen des Bodens aus. So ist zum Schaden der Walddecke eine fortdauernde Propaganda für die Steigerung der landwirtschaftlichen Erzeugung gemacht worden. Noch im Jahre 1927 mußte Belgisch-Kongo zehntausend Tonnen Mais und Maismehl einführen, um seine Arbeiter zu ernähren. Im Jahre 1938 dagegen führte das Gebiet bereits fast 24000 Tonnen aus. Dabei ist gerade der Mais eine der Pflanzen, die der Erosion am meisten Vorschub leisten.

Seit seiner Einbeziehung in die europäische Welt treibt Afrika mit innerer Dynamik einer Katastrophe entgegen, die fast so unabwendbar ist wie die einer griechischen Tragödie. Zu den ungünstigen Umweltbedingungen und der geringen Ertragsfähigkeit des Bodens gesellen sich die fortschreitende Entartung der Vegetation, steigende Verluste des gerade hier so notwendigen Wassers und die ständig zunehmende Bodenerosion, wodurch sich der Kreis in Richtung auf eine immer neue Verschlechterung der Umweltbedingungen schließt. Der Europäer hat in Afrika vorübergehend die natürlichen Faktoren, die eine Übervölkerung regulierten, ausgeschaltet. Er hat Stammesfehden verhindert, Raubtiere getötet und Hungersnöte durch entsprechende Lebensmitteltransporte innerhalb des Kontinents bekämpft — aber er hat keine aufbauenden Maßnahmen getroffen, die einer Zerstörung der alten Ordnung die Waage hielten.

Frankreich, Belgien und England werden sicherlich weiterhin den Boden Afrikas zu ihrer Bedarfsdeckung heranziehen. Angesichts der schwierigen Wirtschaftslage, die in mindestens zweien dieser Länder herrscht, werden die

Anforderungen wahrscheinlich sogar steigen. Dies wird zur Folge haben, daß *Afrika im Jahre 1955 weit mehr als 191 Millionen Menschen zu ernähren hat*, falls nicht ein weltweiter Wirtschaftszusammenbruch eintritt, der auch die Beanspruchung des Bodens beeinflußt. Die Anforderungen steigen in dem Maße, wie die Mittel zu ihrer Befriedigung allmählich dahinschwinden. Eins ist klar: Afrika wird sich dem Trauerzuge Asiens, Australiens und Südamerikas anschließen müssen.

Es ist höchste Zeit

Dieser kurze Überblick über fünf Erdteile läßt klar erkennen, daß der Mensch durch eine in großem Maßstab allzu lange verübte Vergewaltigung gewisser Naturgesetze in eine unhaltbare Lage geraten ist. Um sich daraus zu befreien, muß er diesen Gesetzen gehorchen. Vieles ist bereits verloren; aber von dem uns verbleibenden Reichtum kann ein guter Teil stark vermehrt und das Fortbestehen der Menschheit gesichert werden — wenn wir uns beeilen. Das Gefährlichste ist, daß wir nicht einsehen, wie wenig uns von der einen unwiederbringlichen Hilfsquelle, der Zeit, noch geblieben ist. Wenn wir bis zum nächsten Jahr oder bis zum nächsten Jahrzehnt warten, um ernstlich nach einer Lösung zu suchen, dann kann unser Schicksal schon besiegelt sein.

So ist es vielen Völkern und vielen Zivilisationen ergangen. Es besteht kein Grund zu der Annahme, daß es uns nicht ebenso ergehen soll. Noch nie in der Geschichte haben so viel hundert Millionen so hart am Rande des Abgrunds gelebt.

Unser künftiges Fortbestehen erfordert vor allem zweierlei: 1. Die erneuerungsfähigen Hilfsquellen sind zur Erzeugung möglichst großer Gütermengen auszunutzen — aber nur auf der Grundlage eines gleichbleibenden Ertrages. Wir dürfen diese Hilfsquellen nicht erschöpfen, weil sie unersetzlich sind. 2. Wir müssen unseren Bedarf den verfügbaren Vorräten anpassen, und zwar dadurch, daß entweder der einzelne sich mit weniger begnügt (Senkung des Lebensstandards), oder dadurch, daß wir weniger Menschen unterhalten. Da unsere Zivilisation eine *krasse* Senkung des Lebensstandards nicht überleben würde, werden wir nicht umhin können, die Bevölkerung zu beschränken.

Der erste Schritt zu einer Lösung ist eine klare Stellungnahme zu folgenden Fragen: wie groß ist die Ertragsfähigkeit in den einzelnen Ländern, und wie weit wird sie durch Abholzung, Abgrasung, schlechte landwirtschaftliche Methoden und Verschlammung beeinträchtigt? Wie steht es um die Bevölkerungszahl jedes Landes — und der Welt? Wieviel Kalorien werden in zehn Jahren auf den ein-

zelnen entfallen? Und in zwanzig und in fünfzig Jahren? Wieviel Eiweiß, Milch, Käse, Obst und Frischgemüse?

Wenn wir die Ertragsfähigkeit der einzelnen Nationen genau kennen, können wir auch berechnen, welche Überschüsse bei gleichbleibendem Ertrag Länder wie die Vereinigten Staaten, Kanada, Argentinien und Australien an das übervölkerte Europa und Asien zu liefern imstande sind. Mit anderen Worten: wir müssen nicht nur wissen, was jedes Land braucht, sondern auch, wieviel von seinem Bedarf gedeckt werden kann, *ohne daß das Erzeugungskapital der Welt weiterhin ruiniert wird.* Alle Völker können billigerweise erwarten, am Überfluß der anderen teilzuhaben; aber man kann von keinem Volk erwarten, daß es seine Rohstoffquelle angreift, um die übermäßig angewachsene Bevölkerung eines anderen Landes zu ernähren.

Ein erfolgversprechendes Programm für die Erhaltung der Welt kann nur wie ein Schemel auf drei Beinen stehen: Forschung, Erziehung und Bodenbearbeitung.

Ohne Forschung sind wir nicht imstande, die Folgen unserer eigenen Maßnahmen vorherzusagen. Wir würden kostspielige und unheilvolle Fehler machen, würden Millionen für falsch geplante forstwirtschaftliche Maßnahmen, bodenerhaltende Terrassenanlagen oder künstliche Dünger verschwenden oder für die Einführung von Insektenvertilgern oder anderen Tieren, die wir nicht kontrollieren können. Oder wir würden, wie wir es schon getan haben, Millionen für die Einfuhr von Pflanzenarten vergeuden, die nicht gedeihen können. Wir würden versuchen, ein System der Bodenbewirtschaftung aus einer Gegend (in der es Erfolg hatte) in eine andere zu übertragen (wo es keinen Erfolg haben kann). Wir würden schließlich Boden kultivieren, den wir nur den Wäldern und dem Wild überlassen sollten, und würden die großen Schätze, die wahrscheinlich in den tropischen Wäldern schlummern, unbeachtet lassen.

In vielen Teilen der Welt ist eine wirksame Bodenkonservierung dadurch unmöglich gemacht, daß man die Unerläßlichkeit wissenschaftlicher Behandlung nicht erkannt hat. Ein krankes Flußtal ist ein weit schwierigerer Fall als ein kranker Mensch, eben weil der Mensch dabei die wichtigste Rolle spielt. Zur Diagnose und Behandlung der Krankheit sollten die Spezialkenntnisse vieler Fachleute herangezogen werden — Klimatologen, Hydrologen, Botaniker und Zoologen, Bodenwissenschaftler, Forstleute und Viehzüchter. Die Nationen können es sich nicht länger leisten, diese Probleme der Behandlung durch Juristen oder Heeresingenieure zu überlassen.

Wenn wir das Problem der Hilfsquellen der ganzen Welt richtig anpacken wollen, müssen Zehntausende von Männern und Frauen dazu erzogen werden. Die Ausbildung der Wissenschaftler muß erweitert und verbessert werden. Den Wissenschaftlern der Nationen, die jetzt durch die Schranken der Sprache und der Armut ausgeschlossen sind, muß die Möglichkeit zum internationalen Austausch wissenschaftlicher Meinungen und Erfahrungen gegeben werden.

Außerdem muß ein umfassendes Programm für die öffentliche Aufklärung aufgestellt werden. Den Menschen muß durch jedes verfügbare Mittel das Verständnis für ihre kritische Lage beigebracht werden: durch Anschläge, Filme, Rundfunk, Zeitungen, Flugschriften usw. Alle Hilfsmittel der Reklame, die jetzt beispielsweise dazu dient, eine Zahnpasta um den Erdball herum bekannt zu machen, sollte man für die Förderung einer gesunden Bodenausnutzung heranziehen. Die Bedeutung der ökologischen Gesundheit muß den Völkern der Welt so klar gemacht werden, daß sie diese nicht nur anerkennen, sondern geradezu fordern.

Die Erziehungsarbeit muß auf weite Sicht abgestellt werden und zunächst an den Universitäten, schließlich aber auch an den Volks- und Mittelschulen einsetzen. Es ist mindestens so wichtig, daß die Kinder begreifen, was der unkontrollierte Regentropfen dem Planeten, auf dem sie leben, angetan hat, wie die Lage der verschiedenen historischen Schlachtfelder zu kennen. Und, nebenbei gesagt, wird es die meisten Kinder sehr viel mehr interessieren.

Erziehung und Forschung sind zwecklos, wenn sie nicht zu Taten führen — zu einem Programm, das die Hilfsquellen der Welt unter internationale Aufsicht stellt. Der Kreislauf des Wassers muß auf der ganzen Welt durch Forstschutz, Aufforstung und bessere acker- und weidewirtschaftliche Methoden geregelt werden. Der Ertrag des guten Bodens muß durch verbesserte Bewirtschaftung gesteigert werden, sodaß man Hunderte von Millionen Hektar stillegen kann, die nie hätten umgepflügt werden dürfen. Und die Millionen ökologischer Heimatloser, die einen solchen Boden bebauen, müssen umgesiedelt werden — weg von den ausgewaschenen Berghängen, weg von den einschrumpfenden Wäldern und den abgegrasten Weiden.

Kolonialland sollte einer ökologischen Treuhandverwaltung unterstellt werden in ähnlicher Weise, wie die Behandlung der „Eingeborenen" einer Oberaufsicht unterliegt. Internationale wissenschaftliche Körperschaften hätten in regelmäßiger Folge Erhebungen über die Bodennutzung anzustellen und auszuwerten sowie dafür zu sorgen, daß nur solche Methoden in

der Landwirtschaft zur Anwendung kommen, die einen gleichbleibenden Ertrag garantieren. Ferner hätten sie die oben erwähnten Treuhänder für die etwaige Zerstörung von Hilfsquellen zur Verantwortung zu ziehen. Die Vereinten Nationen und ihr angegliederte Organisationen hätten außerdem einen ökologischen Ausschuß einzusetzen, der mit der Befugnis ausgestattet ist, unmittelbare Weisungen zu erteilen.

Auf der ganzen Welt sollte ein Propagandafeldzug gegen die Verschwendung durchgeführt werden, auch gegen die sogenannte „produktive" Verschwendung. Eine Nation, die große Rohstoffreserven besitzt, hat deshalb nicht das Recht, sie zu vergeuden, nur um Arbeit zu schaffen und einen Pseudoreichtum zu erwerben. Besonders wichtig ist die Erhaltung aller Abfallstoffe, die aus sanitären Gründen verschwendet werden. Eins der größten Hindernisse für das Fortbestehen des modernen Menschen bilden die hochentwickelten sanitären Einrichtungen, durch die jährlich Millionen Tonnen wertvoller organischer und anorganischer Substanzen, die aus der Land-, Vieh- und Forstwirtschaft stammen, einfach ins Meer gespült werden. Die Wiedergewinnung dieser Stoffe zur Erzeugung von Düngemitteln und für andere Zwecke ist ein Erfordernis, das von Jahr zu Jahr dringlicher wird. Zugleich würde damit verhindert werden, daß diese Stoffe weiterhin unsere Flüsse vergiften.

Alle erdenklichen Konservierungsmaßnahmen bleiben jedoch erfolglos, wenn nicht der Vermehrung der Menschen Einhalt geboten wird. Es ist klar, daß die Welt in fünfzig Jahren den größten Teil ihrer drei Milliarden Menschen nur noch auf dem Standard eines Kulis erhalten kann. Ein Stück Land, nicht viel größer als ein Zehntel Hektar, kann einen Menschen nicht ausreichend ernähren, geschweige denn kleiden. Wenn die Zahl der Menschen wächst, nimmt damit auch der Raubbau am Boden zu. Wenn dem Bevölkerungszuwachs nicht gesteuert wird, können wir den Kampf gleich aufgeben. Alle Völker der Welt müssen mit den modernen Erkenntnissen über die Frage der Geburtenregelung vertraut gemacht werden. Man muß damit aufhören, Lebensmittel zu verschicken, um vielleicht in diesem Jahr zehn Millionen Inder und Chinesen am Leben zu erhalten, nur damit fünf Jahre später fünfzig Millionen zugrunde gehen.

Manche bevölkerungspolitischen „Fachleute" behaupten, die Bevölkerungsdichte werde sich mit der Zeit ausgleichen und stabilisieren. Die eindeutige Antwort darauf ist: wir haben keine Zeit mehr.

Eine wirksame Bevölkerungspolitik muß mit völkischen Anschauungen rechnen, die sich manchmal, wie in China, äußerst schwer abändern lassen. Sie sind aber vielleicht nicht so unüberwindlich, wie man denkt. Die große Schwierigkeit ist, daß noch keine wirklich zweckmäßige Methode der Geburtenregelung gefunden wurde, die sich in rückständigen und verarmten Gegenden anwenden ließe. Ein billigeres und zuverlässiges Mittel, das von den Frauen leicht angewendet werden kann, ist unbedingt erforderlich.

Die Bodenkonservierung wird die Welt nicht retten, auch die Geburtenregelung nicht. Wirtschaftliche, politische, erzieherische und andere Maßnahmen sind ebenfalls unerläßlich. Wenn aber die Geburtenregelung und die Bodenkonservierung nicht zu diesen Maßnahmen gehören, werden andere Mittel auf jeden Fall fehlschlagen.

Diese Vorschläge sind keineswegs als fertiger Entwurf oder als vollständiges Programm gemeint. Ich habe weder den Raum noch die erforderlichen Kenntnisse, um derartiges auszuarbeiten. Je nach Gegend und Zeitpunkt wird man verschieden vorgehen müssen. Ich habe nur auf Grund meiner jahrelangen Arbeit in der Bodenkonservierung in vielen Ländern versucht, allgemeine Wege aufzuzeigen. Trotzdem habe ich aber auch ganz bestimmte, wichtige und — vor allem *durchführbare* Schritte vorgeschlagen, deren Verwirklichung durchaus im Bereich des Menschenmöglichen liegt; sie sollten uns davon überzeugen, daß die Aufgabe keineswegs aussichtslos ist. Wenn wir nur anfangen, diese Pläne auszuführen, haben wir zur Behebung unseres Dilemmas schon einiges getan.

Bleibt die Frage: wer soll das tun? Die ideale Antwort würde lauten: jeder. Denn diese Probleme, die so eng mit allem menschlichen Leben verquickt sind, fordern das Verständnis und die Beteiligung möglichst vieler Menschen — vom bescheidensten Schafhirten oder Bauern bis zum mächtigsten Herrscher oder fruchtbarsten Denker.

Vor allem müssen wir erkennen, daß die fortgesetzte Zerstörung der Hilfsquellen der Erde jeden von uns unmittelbar körperlich angeht. Daß ein ausgewaschener Berghang in Mexiko oder Jugoslawien den Lebensstandard und die Chance des Fortbestehens jedes anderen Volkes berührt. Daß verantwortungslose Vermehrung nicht nur bei den Griechen — oder Italienern, Indern und Chinesen — eine Verbesserung der Lage erschwert, wenn nicht gar unmöglich macht, sondern auch die Hilfsquellen der ganzen Welt in untragbarer Weise angreift.

Wir müssen außerdem jede Philosophie wie etwa „jeder Tag hat seine eigene Sorge . . ." aufgeben. Wir beanspruchen unsere Existenzmittel bereits bis zum Äußersten.

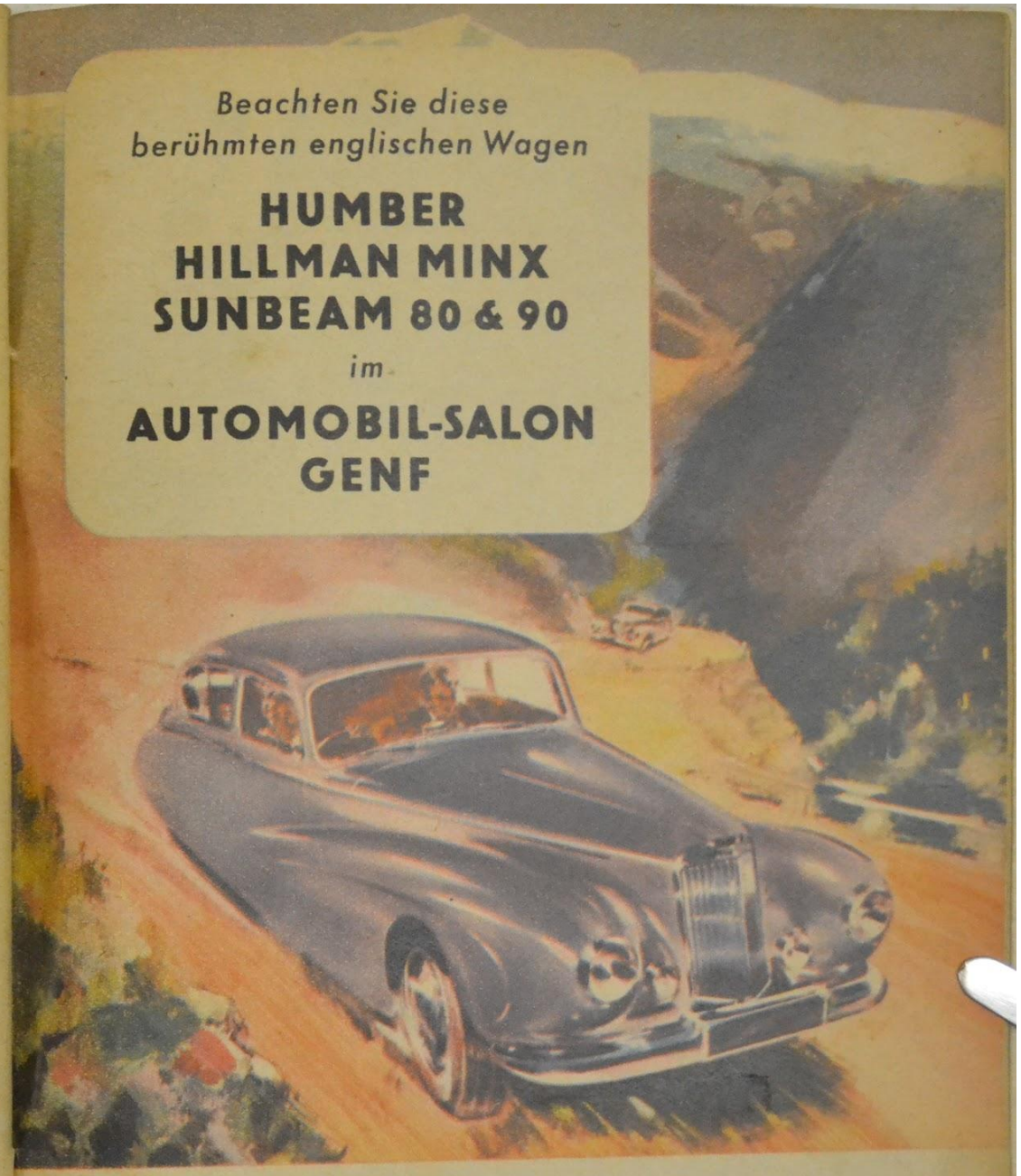
Wir können uns nicht mehr in dem Gedanken wiegen, daß unsere Bedürfnisse irgendwie und irgendwoher befriedigt werden. Wir müssen ein Gefühl für die Zeit bekommen und nicht nur an die Beefsteaks für den kommenden Samstag, sondern auch für die Samstage unseres Alters und der Jugend unserer Kinder und Enkel denken. Die Zeiten sind lange vorbei, in denen ein Staatsmann sich die zynische Frage erlauben durfte: „Was hat die Nachwelt denn je für mich getan?" Wir sind es, die die Nachkommen erzeugen, so wie wir auch die Welt schaffen, in der sie leben müssen.

Die Geschichte unserer Zukunft ist bereits geschrieben, mindestens für einige Jahrzehnte. Da wir, zweieinviertel Milliarden Menschen, uns auf der schrumpfenden Oberfläche des Erdballs zusammengedrängt sehen, sind wir der Gnade geschichtlicher Kräfte ausgeliefert, deren Richtung sich in der nächsten Zukunft kaum ändern dürfte. Sehr viele Völker bestehen vorwiegend aus jungen Menschen. Wenn sie ins fortpflanzungsfähige Alter kommen, müssen wir trotz aller gegenteiligen Bemühungen, falls nicht ein Massenschlachten eintritt, annehmen, daß die Zahl der Menschen noch eine Zeitlang anwachsen wird. Gleichzeitig werden hemmende Unwissenheit, Selbstsucht, Nationalismus, das Festhalten an überkommenen Anschauungen sicherlich jede wirksame oder wesentliche Besserung in der Verwaltung der Hilfsquellen um einige Jahrzehnte hinauszögern.

Damit also die Menschen sich keinen Illusionen hingeben, nicht weiter auf Quacksalbereien hereinfallen und in Sackgassen geraten, ist es unbedingt erforderlich, daß dieses die ganze Welt betreffende Dilemma jedem Menschen zum Bewußtsein gebracht wird. Die menschliche Rasse befindet sich in einer Zwangslage, die genau so konkret ist wie ein Paar Schuhe, das zwei Nummern zu klein ist. Dies zu verstehen, ist der Anfang der Weisheit und der erste Schritt zur Besserung.

Der zweite Schritt besteht aus zweierlei: aus der Geburtenregelung und der Wiederherstellung der landwirtschaftlichen Rohstoffreserven.

Wenn wir diese Schritte nicht tun und wenn wir sie nicht bald tun, kurzum: wenn der Mensch seine Lebensweise nicht wieder den durch die *beschränkten* Rohstoffreserven seines Lebensraumes bedingten Geboten anpaßt, dann können wir allerdings jede Hoffnung auf ein Fortbestehen des zivilisierten Lebens aufgeben. Wie die von Dämonen besessene Schweineherde der Bibel werden wir in einen vom Krieg zerfetzten Abgrund stürzen — in ein barbarisches Dasein unter dunklen Trümmern.



Fabrikvertretungen

ZÜRICH
HOLKA, A. G.
Jenatschstraße 3/5
Tel. (051) 25 88 86

BERN
GEBR. MARTI
Eigerplatz 2
Tel. (031) 51541

BASEL
PERCY WIEDMER
Aeschengraben 13
Telefon (061) 24800

GENF
BLANC & PAICHE S. A.
50-52 Bld. des Tranchées
Telefon (022) 57373

FABRIKATE DER ROOTES GRUPPE

EIN WEITERER CLIPPER-VORTEIL –

Bahnbrechende Neuerungen

● Wenn es im Flugverkehr etwas Neues gibt, findet man es zuerst bei Pan American. Pan American wird z. B. bald mit zweistöckigen Clippers fliegen, den grössten, schnellsten und bequemsten Flugzeugen der Welt.

Pan American leistet immer Pionierdienste, sie führt als erste Gesellschaft alle technischen Neuheiten ein, die für Start und Landung, für Flug und Funkverbindung wichtig sind. Durch diese neuzeitlichen Einrichtungen bringt Ihnen die Pan American, die «Fluggesellschaft mit der grössten Erfahrung der Welt» jedes Jahr grössere Schnelligkeit, vermehrten Komfort und absolute Zuverlässigkeit. Platzbelegung und Auskünfte durch Ihr Reisebüro.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

EINZIGE FLUGLINIE NACH ALLEN 6 KONTINENTEN

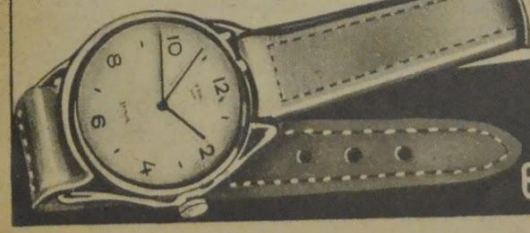
DIE FLIEGENDEN CLIPPER · GRÖSSTE ERFAHRUNG DER WELT

UHREN UND MENSCHEN

Praktisch- und geschmackvoll...

Es ist eine Kunst, Zweckdienliches geschmackvoll zu gestalten! . . . Menschen, deren Wahl auf eine Uhr fiel, die die Merkmale des Praktischen mit denen des treffsicheren Geschmacks vereint zur Schau stellt, sind zumeist in ihrer ganzen Wesensart harmonisch ausgeglichen . . . Tat-Menschen mit Stil-Gefühl! . . . Mit Recht begeistert solche Menschen die

SILVANA



"An ihrer Uhr erkennt man Menschen"

Die Verantwortung ....

für die Gesundheit der Kinder liegt bei uns Eltern. Will es mit den Kleinen nicht recht vorwärts gehen? Wie viele Stunden der Angst und Besorgnis können hier mit Forsanose vermieden werden.

Forsanose ist nicht nur ein zuträgliches und leicht verdauliches Kräftigungsmittel, sondern mundet den Kindern herrlich, wirkt appetitanregend und weckt das Verlangen nach vermehrter Tageskost.

Kinder, die regelmäßig Forsanose trinken, gedeihen besser, werden widerstandsfähiger und kommen auch in der Schule besser nach.

Forsanose

mehr Gehalt - mehr Genuß!

Original-Packungen zu 500 g und 250 g überall erhältlich

FOFAG, FORSANOSE-FABRIK, VOLKETSWIL/ZCH.

Haben Sie die neue PARISIENNE-FILTER schon probiert?

Jede 3. Cigarette, die in der Schweiz geraucht wird, ist eine PARISIENNE

Die Garantie des ortsansässigen Uhrmachers bietet Ihnen wertvolle Vorteile.

1. Der ortsansässige Uhrmacher ist jederzeit zu Ihrer Verfügung.
2. Er ist auf Sie, auf die einheimische Kundschaft angewiesen und bestrebt, Sie aufs beste zu bedienen.
3. Er garantiert nur das, was er wirklich erfüllen kann, im Gegensatz zu auswärtigen, oft berufsfremden Unternehmungen.
4. Der persönliche Kontakt ermöglicht es Ihm, Sie wirklich Ihren Wünschen entsprechend zu bedienen.
5. Nur Geschäfte mit dem obenstehenden Signet führen die weltbekannten Markenuhren und bieten Ihnen eine lückenlose Auswahl aller Uhrenqualitäten.

Ein guter Ratschlag *Obiges Signet ist das Kennzeichen der 1000 Uhrenfachgeschäfte, die dem Verband Schweizerischer Uhrmacher angeschlossen sind. Der Verband verpflichtet seine Mitglieder zu reeller Bedienung und beruflicher Leistungsfähigkeit. Achten Sie stets auf diese stilisierte Uhr!*

›Schau! es sind Kayser!‹

Man sieht es sofort: Kayser-Strümpfe fesseln das Auge von jedem Standpunkt aus.

Sie sind vollkommen gleichmäßig, richtig in der Weite und Dehnbarkeit — sie sind berühmt für ihre langdauernde Schönheit

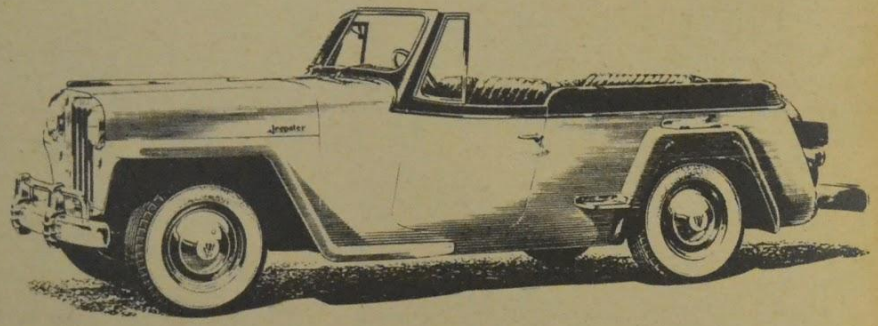
Sei weiser-kauf — KAYSER

STRÜMPFE LINGERIE

Ein prachtvoller neuer Sportwagen

einzigartig in Leistung und Wirtschaftlichkeit

der Jeepster



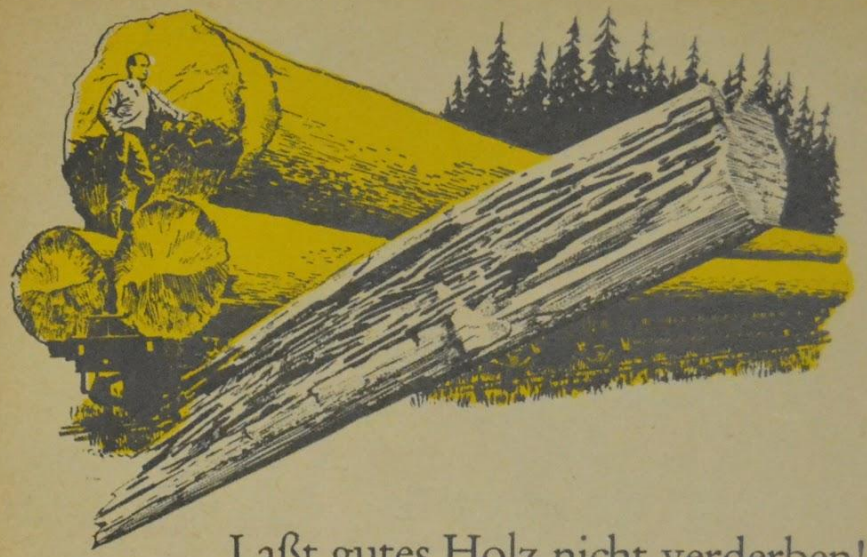
Willys Overland baut den aufsehenerregenden neuen Jeepster, einen neuartigen Sportwagen, angetrieben vom rassigen Jeep-Motor und vornehm durch seine persönliche Linienführung.

Seine aussergewöhnliche Leistungsfähigkeit hält jedem Vergleich stand und sein überraschend kleiner Brennstoffverbrauch macht ihn ausserordentlich wirtschaftlich.

Der niedrige Bau und die tiefgeschwungene Linie bewirken eine besonders gute Bodenhaltung. Dieser neue Wagen bietet bemerkenswerten Komfort, wie einzelabgefederte Vorderräder, flugzeugartige Stossdämpfer und Polsterreifen, um Strassenschläge aufzufangen und eine gleitend weiche Fahrt zu garantieren.

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORP. - TOLEDO, OHIO, U.S.A.

Fratelli Ambrosoli, St. Peterstrasse 17 · Tel. (051) 23.67.82 Zürich 1



Laßt gutes Holz nicht verderben!

Holz ist zu wertvoll um es zu vergeuden. Laßt es nicht durch Fäulnis und Vermoderung oder Insekten verderben, sondern bewahrt es mit Pentachlorophenol, genannt Monsantos Santophen 20.*

In vielen Fällen kann das Leben des Holzes durch Tränkung in einer Santophen 20-Lösung um mehrere Jahre verlängert werden. Santophen 20 wird mit Vorteil angewendet, um Gartenzaun-Pfähle und kleineres Bauholz zu schützen. Man kann es auch zur Konservierung für große Konstruktions-Balken, Telephon-Stangen und Eisenbahnschwellen gebrauchen.

Wenn Sie irgendwelche Holzstücke gegen Fäulnis oder Insekten schützen wollen, ist es von Wert für Sie, einiges über die Vorteile von Santophen 20 zu wissen. Schreiben Sie an eines der nachstehenden Monsanto-Büros, oder setzen Sie sich mit Ihrem Monsanto-Stadtvertreter in Verbindung. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri U.S.A.* · MONSANTO CHEMICALS LTD., *London. In der Schweiz:* Fabrique Suisse D'Explosifs S. A. Dottikon oder: Heinrich Spyri, *Merligen - Thunersee.* Vertretungen in allen großen Weltstädten.

MONSANTO
CHEMIKALIEN UND PLASTIK

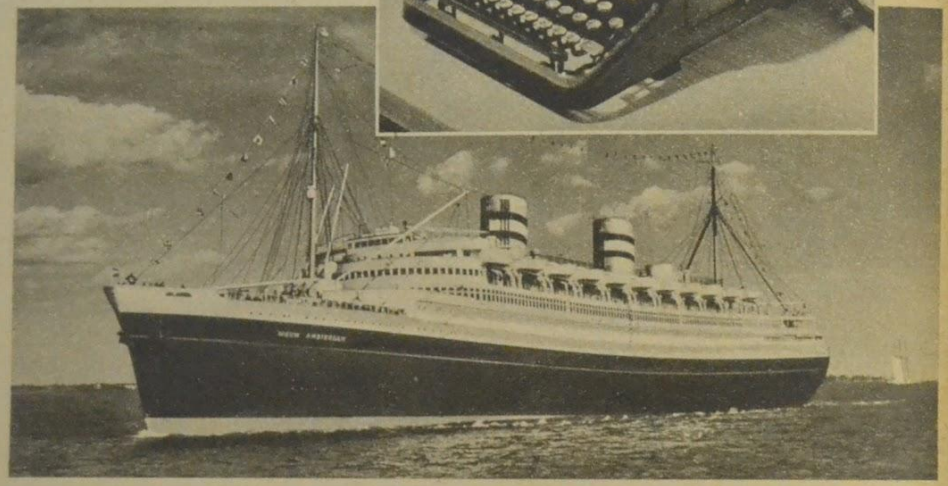
*Santophen: In U. S. A. eingetragene Schutzmarke.

WIR DIENEN DER INDUSTRIE - WELCHE DER MENSCHHEIT DIENT

Ein neuer Prospekt über Santophen 20 ist erhältlich von der Monsanto Chemical Company, Foreign Dept. R D, St. Louis 4, Missouri, U. S. A.

Santophen 20 ist nur eine von hunderten von Monsanto Chemikalien und Plastiks, welche die Weltindustrie braucht, die über 20 000 verschiedene Produkte herstellt. Was immer Ihr Geschäftsinteresse sein möge, rufen Sie Monsanto zu Hilfe, um Ihre eigenen speziellen Probleme zu lösen. Wir helfen Ihnen zu Produktionsverbesserungen und Verkaufssteigerungen.

Berühmte Weltreisende



S/S NIEUW AMSTERDAM

Royal trifft man überall. In jedem Land sind sie zu Hause — sie arbeiten in unzähligen Büros der ganzen Welt.

Welche Gründe sind es wohl für diese weltweite Beliebtheit und Nachfrage dieser Schreibmaschine? Hier ein paar davon:

Royal ist dauerhaft. Diese Schreibmaschine ist wirklich solid. Sie ist immer arbeitsbereit, weil sie wenig oder fast keine Reparaturen nötig hat.

Royal spart Zeit und Arbeit. Das bedeutet größere Leistungen jeder Maschine.

Royal hat alleindastehende Merkmale für Leistungsfähigkeit u. Genauigkeit:

Automatische Randstellung rasch und leicht einstellbar.

Regulierbarer Anschlag, individuelle Tastenspannung, die sich jeder Hand anpaßt.

Automatische Papierführung — spannt u. glättet das Papier u. hält es fest.

Das sind die Gründe, warum Royal auch die Schreibmaschine für *Sie* ist. Lassen Sie sich von einem Royal-Vertreter eine Maschine zeigen.

Sehen Sie sich auch die Royal-Portable an. Es ist der Welt erste, *wirklich moderne,* tragbare Schreibmaschine. Von Royal hergestellt, der Welt größte Schreibmaschinenfabrik.

ROYAL

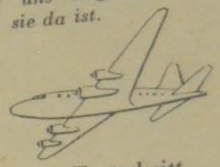
die führende Schreibmaschine auf der ganzen Welt

Royal Typewriter Company, Inc., New York
Vertretungen in allen Ländern der Welt

Eine ETERNA *Automatic* am Handgelenk brauchen Sie nie aufzuziehen!

Die neue Uhr

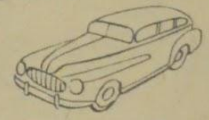
die Schweizer Technik und Erfindungsgabe hervorgebracht haben, heißt ETERNA-Automatic: die Uhr, die uns vergessen macht, daß sie da ist.



Der neue Fortschritt

im Bau von Uhren ist in der ETERNA-Automatic restlos verwirklicht. Legen Sie Ihre alte Uhr beiseite — die ETERNA-Automatic ersetzt sie in ungeahnter Weise.

718-DT 1159 S
in Gold Fr. 680.—
in Stahl Fr. 152.—



ETERNA *Automatic*

Man zieht sie nicht mehr auf — das besorgt sie selbst durch die Bewegung des Armes.

ETERNA *Automatic*

Man braucht Wasser, Staub oder einen Stoß nicht mehr zu befürchten — denn sie ist wasserdicht u. stoßgesichert.

ETERNA *Automatic*

Man hat alle Garantie gegen Störungen — denn sie ist antimagnetisch.

ETERNA *Automatic*

Man kann völlig beruhigt sein vor Beschädigungen; ihr Präzisionswerk ruht wohlverwahrt in einem sicheren, rostfreien Stahlgehäuse.

706-WDT 1159 S
in Gold Fr. 707.—
in Stahl Fr. 152.—

ETERNA *Automatic*

Man kann sie über Nacht ruhig beiseite legen, denn sie besitzt eine Gangreserve von 40 Stunden.

ETERNA

Die Präzisionsuhr seit 1856

ERNY

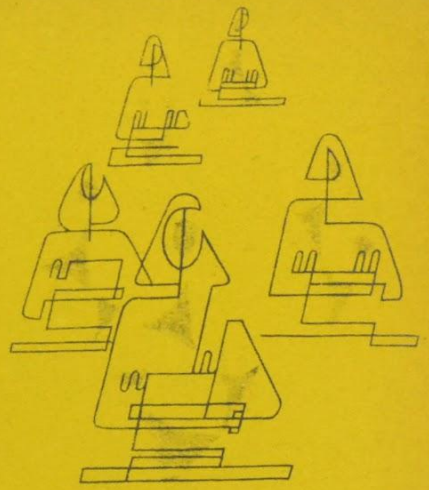
Die Portable für höchste Ansprüche!

Leicht, leise und schön schreibend.

Überlegene Ausrüstung. Präzise Konstruktion aus bestem Material.

Günstiger Preis: Fr. 441.— + Wust.

Weitere Modelle ab Fr. 195.— + Wust.



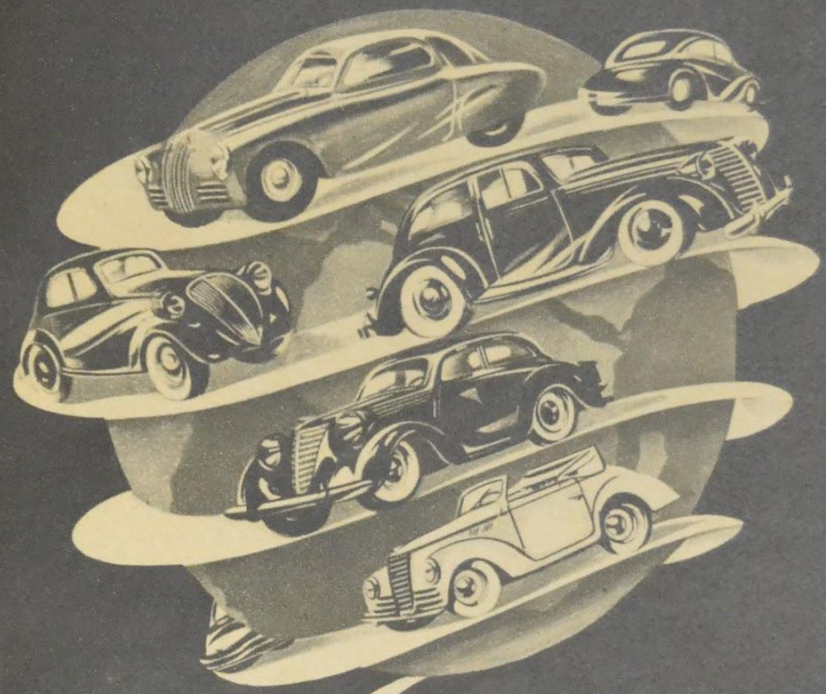
HERMES

HERMAG

Hermes Schreibmaschinen AG.

Generalvertretung für die deutsche Schweiz

Bahnhofquai 7, Zürich 1



Auf allen Strassen FIAT

GENERALVERTRETUNG FÜR DIE SCHWEIZ

SACAF, ROUTE DE LYON GENEVE

Wie wachen Sie auf?

Müde wie dieser? (er nahm am Abend aufregende Getränke zu sich)

oder **frisch und munter** wie jener? (er stärkt sich jeden Abend mit einer Tasse Banago. Banago führt ihm während dem Schlafe in leicht verdaulicher Form lebenswichtige Aufbaustoffe sowie Vitamine B_1 und D zu. Banago gibt ihm Kraft und Energie während er schläft).

Verbinden Sie das Nützliche mit dem Angenehmen: Trinken Sie täglich Banago!

BANAGO

NAGO OLTEN

P.W.

AUF DER GANZEN WELT – SERVEL

SERVEL arbeitet überall mit Elektrizität, Stadtgas oder Leuchtpetroleum (Kerosene)

- **SERVEL hält Lebensmittel für lange Zeit frisch**
- **SERVEL erzeugt Eiswürfel so viel man will**

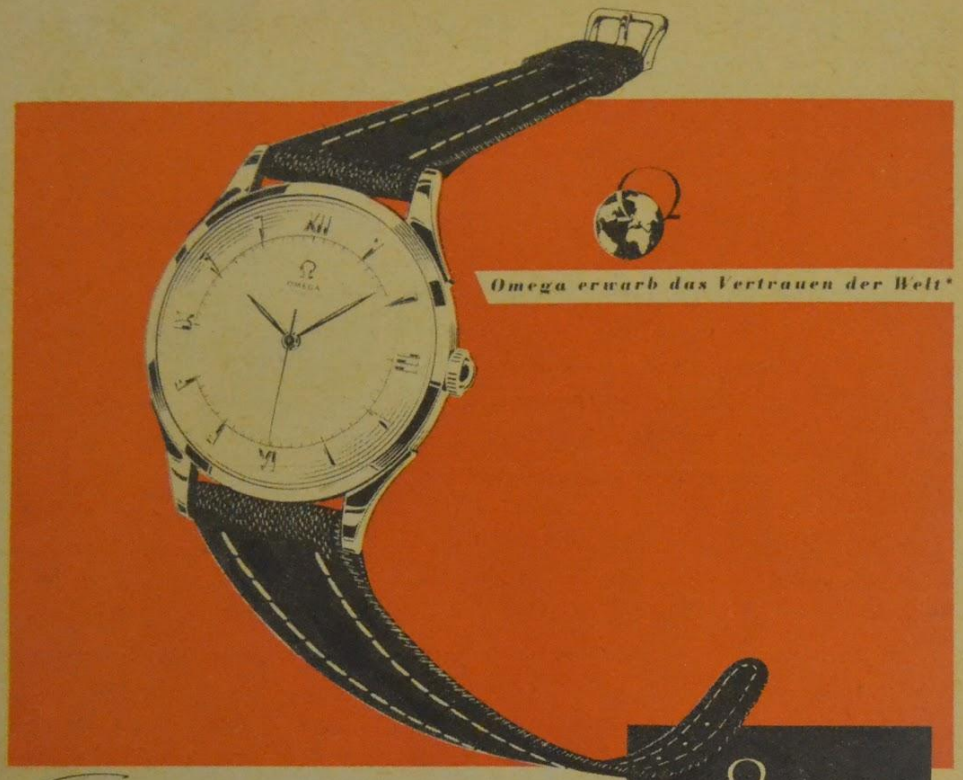
In allen Erdteilen - in Stadt und Land - sind heutzutage beinahe 3.000.000 Servel-Kühlschränke in Privathäusern, Wohnungen, Läden und Spitälern in Betrieb. Warum? Weil Servel überall arbeitet. Servel braucht keine beweglichen Teile im Kühlsystem um fortwährend Kälte und Eiswürfel herzustellen. Die ganze Arbeit wird durch ein elektrisches Heizelement vollführt oder durch eine winzige Gas- oder Petroleumflamme. Weil Servel keine beweglichen Teile, die sich abnützen, hat, werden keine Reparaturen benötigt; Servel dient daher auf lange Jahre hinaus treu und ununterbrochen.

Servel

DER UNVERGLEICHLICHE KÜHLSCHRANK

Illustrierte Broschüre durch:

SANITÄR-BEDARF A.-G., KREUZSTRASSE 54, ZÜRICH



Sie haben die Wahl... **Ω OMEGA Automatic**

Die Omega Automatic verdient Ihr Vertrauen. Seit es Armbanduhren gibt, hat wohl keine Uhr so viel Aufsehen erregt wie die Omega Automatic. Am Arm zieht sie sich selbsttätig, automatisch auf. Jede Bewegung spannt die Feder. Eine Kraftreserve hält sie auch in ruhiger Lage während 1½ Tagen in Gang. Das feine, patentierte Uhrwerk hat 17 Rubine; es ist zudem amagnetisch und stossgesichert. Was aber den Enthusiasmus aller Besitzer, ja die Bewunderung aller kompetenten Fachleute bewirkt, ist die unvergleichliche Präzision, die wertvollste ihrer vielen wertvollen Eigenschaften. Die Tatsache, dass die Omega Automatic trotz aller technischen Finessen eleganter und flacher ist, als die üblichen automatischen Modelle, erklärt den grossen Welterfolg dieser Uhr.

Ref. 555	Edelstahl, wasserdicht, Sekunde aus der Mitte	Fr. 220.-
Ref. 582	18 Kt Gold, wasserdicht, Sekunde aus der Mitte, Zifferblatt mit Goldzahlen	Fr. 860.-
	Andere Modelle «Automatic» nicht wasserdicht, ab	Fr. 185.-

***Omega-Tatsachen**

Seit 1933 hält Omega den offiziellen Präzisionsrekord an der Sternwarte Kew-Teddington.

Fortsetzung von Umschlagseite 2 *J. Arthur Rank*

den in England während der harten Kriegsjahre. Die Regisseure begannen einem Volke, das der Wirklichkeit ins Auge schaute, realistische Begebenheiten zu zeigen — ein lebendiges Abbild Englands und seiner Menschen. Die Kamera verließ das Atelier, um das Leben selbst einzufangen. Man verlegte die Aufnahmen ausgerechnet in die Straßen Londons. Junge Schauspielerinnen wirkten in alltäglicher Kleidung, ohne falsche Wimpern und fixierte Frisuren anziehender denn je, weil sie als menschliche Wesen zu erkennen waren. Je mehr wir die Filmhandlung auf das wirkliche Leben gründeten statt auf Aufnahmen in Boudoirs, die mit Atlas ausgeschlagen waren — je mehr wir also dazu übergingen, den Leuten wahre Begebenheiten aus ihrem eigenen Leben vorzuführen, desto höher wurde die Zahl der Zuschauer.

Wir hatten gelernt, was *Reader's Digest* schon längst festgestellt hatte: das Publikum kann die ehrlichste Anstrengung, deren wir alle fähig sind, verlangen.

Und noch etwas anderes haben wir gelernt — und auch das weiß *Reader's Digest* —: an der Kasse hört der Patriotismus auf. Tritt ein Engländer an den Schalter, um eine Kinokarte oder eine Zeitschrift zu kaufen, dann ist er nicht mehr Engländer, sondern Filmfreund oder Leser. Er fragt nicht danach, wo der Film oder die Zeitschrift hergestellt werden. Er fragt nur danach, ob sie gut sind.

Die weitverzweigte Leserfamilie von *Reader's Digest* beweist jeden Monat von neuem, daß die Menschen alle denselben Wunsch haben, nämlich vernünftig behandelt und für voll genommen zu werden. In allem, was unsere Mitmenschen betrifft, sind wir äußerst wißbegierig. Die Einsicht, die man in anderer Menschen Leben gewinnt, trägt dazu bei, das eigene Leben zu erhellen. In dieser gesegneten menschlichen Neugier liegt unsere Möglichkeit, zu wachsendem Verständnis zwischen Menschen und Völkern zu gelangen. Wir müssen die Dinge zu verstehen suchen, die von Peru bis Piccadilly Leben und Träume unserer Mitmenschen bestimmen. Durch Presse, Film und Radio müssen wir den Menschen Gelegenheit geben, einander zu „entdecken".

Der Leiter der Abteilung für Film und Bild bei der UNO brachte diesen Gedanken folgendermaßen zum Ausdruck: „Die eigentliche Aufgabe des Films ist es, den Menschen klarzumachen, daß sie Brüder sind. Lachen und Weinen, Kampf, Erfolg und Mißerfolg sind die elementaren Dinge des Lebens und weder an Nationalitäten noch an Sprachen gebunden. Sie sind die Wurzeln alles Menschlichen."

Die Filmindustrie verfügt über das technische Können. Doch wir müssen versuchen, die Ehrlichkeit unseres Vorsatzes aufrechtzuerhalten. Wie *Reader's Digest* müssen wir der Welt unser Bestes geben. Und wir müssen es kühn tun, nicht *ängstlich* vor dem allgemeinen Geschmack, sondern auf ihn *vertrauend*.

Gedruckt in Deutschland:
Graphische Betriebe W. Girardet, Essen

HOHNER

ABRIL de 1949

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

O mundo é dos corajosos	*Dale Carnegie*	1
Força aérea para ganhar a paz	*Alexander P. de Seversky*	3
Novo dentifrício contra a cárie	*J. D. Lawrence e L. Galton*	11
Por que não há alojamentos em París	*B. de Jouvenel*	13
«Um livro aberto é uma porta de luz»	*Eleanor B. Stock*	18
Como se impõem as modas	*Stanley Marcus*	21
Bem-aventurados os pacificadores	*H. I. Phillips*	25
Um detective que soube perdoar	*Fred J. Cook*	27
Febre ondulante—causa e remédio	*Paul de Kruif*	31
Compromisso na Normandia	*A. J. Cronin*	37
Não se pode abarcar o mundo com as pernas	*Bruce Barton*	42
Meu tipo inesquecivel	*Mabel Barbee Lee*	45
Emprego para sexagenários	*Virginia Wickersham*	49
O bicho mais matreiro das florestas boreais	*D. M. Newell*	51
Guatemala, exemplo de como viver	*Nina Wilcox Putnam*	54
Assembléias populares no Reno	*Gordon Gaskill*	57
Colégio para um aluno	*Philip Curtiss*	61
A fúria sombria do Atlântico	*C. B. Palmer*	65
Tópicos para conversa		68
Brota verdura em Hiroxima	*Tokushi Imamura*	71
Homem de sorte	*Karl Detzer*	73
Quanto cabe aos ricos?	*William Hard*	77
Hospitalização a domicílio	*Murray Teigh Bloom*	79
Colosso do Canadá	*Temple Fielding*	81
O melhor amigo do homem	*Alan Devoe*	87
Meu seguro para a velhice	*Dorothy Blake*	89
Terra de milionários	*Fortune*	94
Como convencer os outros	*Elmer Wheeler*	97
Seção de Livros — Não haverá mais abrigos	*David Bradley*	99

Flagrantes da vida real 35 Frases notaveis 93

A flor da Paixão — *Fotografia* ..... quarta capa; *Nota* ..... página 119

CmDPU-LR
1974

SELEÇÕES
do Reader's Digest

Tomo XV, No. 87 Abril de 1949

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, 4.º piso, Vedado, Havana, Cuba.

Diretor.....Eduardo Cárdenas
Redator-Chefe.....José Famadas
Co-redator.....Armando de Sá Pires
Gerente: Roberto C. Sánchez

The Reader's Digest, fundado em 1922 por DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, seus atuais diretores e editores, é publicado em Pleasantville, Estados Unidos, e tambem na Inglaterra (Terence Harman, *gerente*, Londres); no Canadá (Fred D. Thompson, *gerente*, Montreal); e na Austrália (John Grant Cooper, *gerente*, Sydney).

Edições em outros idiomas: edição em alemão (Stuttgart) Alexander W. Post, *redator;* edição em dinamarquês (Copenague) Onni Kyster, *redator;* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha, Eduardo Cárdenas, *diretor;* edição em finlandês (Helsinki) Seere Salminen, *redator;* edições em francês: (París) Pierre Denoyer, *redator*, Paul Thompson, *gerente;* (Montreal) Pierre Ranger, *redator;* edição em italiano (Milão) Mario Ghisalberti, *redator;* edição em japonês (Tóquio) Bunshiro Suzuki, *redator*, Dennis McEvoy, *gerente;* edição em norueguês (Oslo) Henrik Aubert, *redator;* edição em sueco (Estocolmo) Brita B. Hebbe, *redatora*.

Edições internacionais de The Reader's Digest: Barclay Acheson, *gerente geral;* Marvin McC. Lowes, *subgerente geral;* Hobart Lewis, *chefe de redação*.

Copyright 1949 de Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei, em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, total ou parcial, dos artigos contidos neste número.

«...não se atêm nem a nacionalidades nem a idiomas...»

Por J. Arthur Rank

Todos nós, que nos dedicamos à indústria do cinema, temos muito a aprender com The Reader's Digest. Mês a mês, em nove idiomas diferentes, e sem grande alarde, esta pequena revista desmente o conceito segundo o qual é necessário, para alcançar o grande público, descer ao mínimo denominador comum do bom gosto. O simples fato de que esta publicação é lida por tanta gente no mundo inteiro prova, a meu ver, que o público já é mais exigente. Dispondo de grande número de publicações donde colher seu material, os redatores do Reader's Digest põem de lado, com perícia, todo o material de qualidade inferior, indo buscar invariavelmente os artigos e contos que vão estimular os instintos mais nobres dos leitores.

O êxito crescente de The Reader's Digest confirma uma idéia que de há muito se vem desenvolvendo em meu espírito: na imprensa como no cinema, o público pede exatamente aquilo que fale à parte mais forte da natureza humana, e não à sua parte mais fraca. Os nossos estúdios ama-

(*Continua na terceira capa*)

SELEÇÕES do Reader's Digest, Volume XV, No. 87, April 1949. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, Vedado, Havana, Cuba. Subscription price: US $2.00 per year in Latin America; US $3.75 per year in the United States. Entered as second-class matter at the Post Office, Pleasantville, N. Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at the Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.

Impressa nos E. U. A.

O GOLFE É DURO
—para o rosto!

DIZ O CAMPEÃO BOBBY LOCKE:

"Quando jogo o golfe debaixo duma soalheira de rachar pedras, ou nos dias de frio húmido e cortante, fico com o rosto dorido e sensível. Mas, quando uso o Creme Williams de Barbear, que contém Lanolina, posso escanhoar-me a rigor e sem sofrer—não fico arranhado, nem irritado, nem com o rosto a arder. É realmente um bálsamo para a pele!"

Os médicos receitam com frequência a LANOLINA para suavizar a epiderme irritada. A LANOLINA do Williams permite-lhe barbear-se primorosamente sem se maguar—deixa-lhe o rosto fresco e macio. E o Williams não custa mais do que outra qualquer marca! Compre hoje mesmo um tubo.

WILLIAMS
CONTÉM A SUAVIZANTE LANOLINA

Tem dois cremes à sua escolha:
o Williams Simples e o Williams Mentolado

"A Beleza do Estilo é só metade do seu triunfo!" disse Rosalind Russell

ao saber da nova Corda DuraPower* dos Relógios ELGIN.

*FEITA DE METAL "ELGILOY" PATENTE REQUERIDA

Rosalind Russell, eleita uma das "MULHERES MAIS BEM VESTIDAS", estrela de "A última noite de glória", filme dos Independent Artists, distribuido pela RKO Radio.

A Corda DuraPower

Elimina 99% de todos os consertos devidos a desarranjos das cordas de aço.

A BELEZA de cada um dos Relógios Elgin oculta em seu seio uma inovação sem precedentes em relojoaria—a Corda DuraPower da Elgin.

A Corda DuraPower não enferruja nem sob as piores condições de umidade—e a ferrugem é a causa principal da quebra das cordas de relógio. Em todos os Elgin novos—e sem aumento de preço—há uma corda que elimina 99% de todos os consertos devidos a desarranjos das cordas de aço. Escolha um lindo Elgin novo para si mesmo ou para a pessoa de sua maior estima.

Relógios ELGIN

CERTOS—COMO AS ESTRELAS!

UM SÍMBOLO GENIAL DA ARTE EM RELOJOARIA!

OTTO STRAUS—RIO DE JANEIRO—DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA O BRASIL

Aqueles que brilham com GLOSTORA

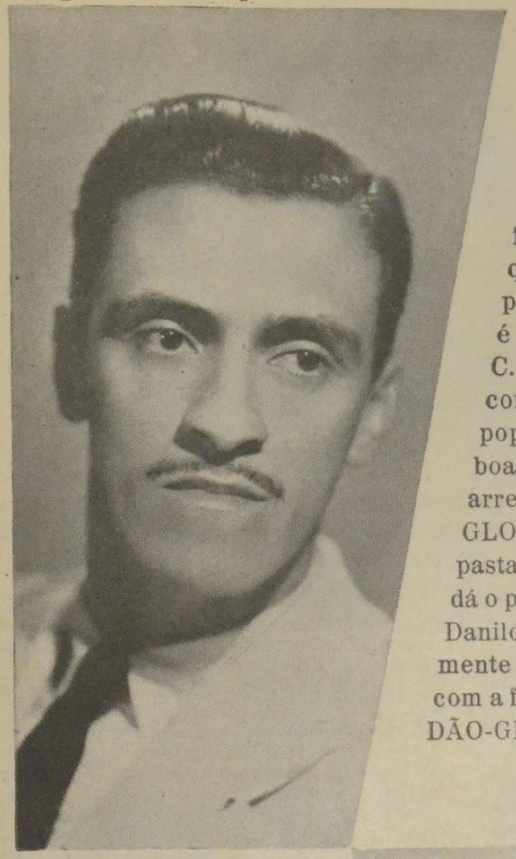


Foto de AVILA

"Uso GLOSTORA porque gosto de andar exatamente bem penteado!"
DANILO

GLOSTORA é o preferido das figuras de vanguarda. E um dos que atestam pùblicamente essa predileção muito compreensível, é Danilo, o famoso "pivot" do C. R. Vasco da Gama. Danilo, como todos os que vivem à luz da popularidade, conhece o valor da boa aparência. Porisso não anda arrepiado nem besuntado. Usa GLOSTORA que, fixando sem empastar e amaciando sem engordurar, dá o ponto exato na linha dos cabelos.

Danilo anda exatamente bem penteado com a famosa EXATIDÃO-GLOSTORA!

Glostora

um perfume discreto, um penteado correto

A WESTINGHOUSE PODE AJUDAR

a Sua Cidade a Aumentar Ràpidamente a Produção de Energia

A falta de energia elétrica está retardando o progresso industrial e social de sua comunidade? . . . Aqui tem 3 meios para aumentar, ràpidamente, a sua capacidade de produção de energia . . . a despeito da carência mundial de equipamento.

Mais de 10 anos serão precisos para satisfazer as atuais necessidades mundiais de força-motriz—muito embora os fabricantes de equipamento elétrico produzam ao limite de sua capacidade. Não obstante, eis o que muitas comunidades—inclusive talvez a sua—podem fazer para atender ràpidamente a suas exigências *imediatas:*

1—***Aproveitar ao máximo os meios de produção atuais!*** Os engenheiros da Westinghouse podem ajudá-lo a elevar consideràvelmente o rendimento dessas instalações, mediante estudos minuciosos tendo em vista a sua modernização. Esses estudos indicam muitas vezes a maneira de aumentar a produção de 30%, e em geral preconizam uma substituição mínima de peças e poucos dispositivos novos, fáceis de obter. Ainda há pouco, no Irã, a Westinghouse sugeriu os meios de aumentar de ⅓, em poucos meses, as disponibilidades de energia elétrica.

2—***Adote as Centrais Elétricas Integrais da Westinghouse.*** Estas centrais, que forman verdadeiros "blocos geradores", de 1000, 2000, e 5000 kW, são adaptáveis a diversas qualidades de combustível e funcionam con eficiência em quaisquer condições de clima. A Westinghouse pode fornecer-lhe Centrais Elétricas Integrais, como as que estão alimentando às indústrias recem-nascidas da India, dentro de 12 a 18 meses.

3—***Adote os planos padronizados e as especificações da Westinghouse.*** A Westinghouse pode poupar-lhe meses de trabalho no traçado técnico de grandes centrais, e reduzir-lhe custos, adaptando a seu uso os traçados de grandes centrais hidroelétricas ou termo-elétricas, linhas de alta-tensão e aparelhagem para serviço pesado, que estão prestando serviços relevantes em diferentes países.

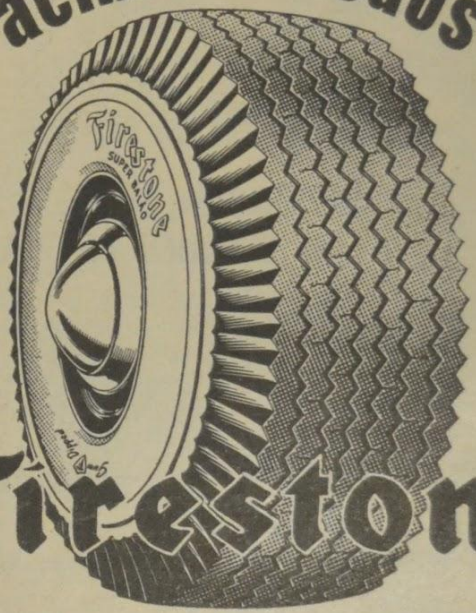
Para mais informações sôbre estes equipamentos ou sôbre a maneira de pôr em prática estas sugestões, queira comunicar-se com o Distribuidor da Westinghouse no seu país, ou escrever à Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York 5, E.U.A.

Este anúncio, como outros da mesma série, conta apenas parte de uma longa história. Faz muitos anos que a Westinghouse—onde V.S. encontrará amigos e vizinhos—vem Servindo o Mundo pela Eletricidade. Hoje, porem, nossa tarefa mais difícil não é somente vender ou aplicar produtos elétricos; é tambem consagrar nossos meios de pesquisa, capacidade de produção e perícia técnica, à reconstrução da economia mundial.

Westinghouse *Produtos Elétricos para um Mundo Melhor*

A-2560 X

acima de todos



Firestone

SUPER-BALÃO

Para maior maciez de marcha, maior segurança nas paradas, menor desgaste do seu carro, mais beleza e elegância — adote Firestone SUPER-BALÃO, o pneu mais usado nos modelos 1948/49!

Os novos ângulos anti-derrapantes dão maior aderência ao solo.

Choques e vibrações são absorvidos pelo maior volume de ar sob baixa pressão.

★ Linhas aerodinâmicas, para maior elegância do carro.

★ Carcassa aperfeiçoada para maior proteção contra estouros e aquecimento.

Firestone O CRIADOR DOS PNEUS BALÃO

INDUSTRIA BRASILEIRA

O MELHOR HOJE... AINDA MELHOR AMANHÃ

48120

EM VIAGEM, PROTEJA SEU DINHEIRO com CHEQUES DE VIAJANTE NCB

Quando V.S. leva no bolso um livro de Cheques de Viajante NCB, pode viajar sem receio no mundo inteiro! Esses cheques são aceitos em toda parte como moeda corrente. Se os perder ou forem roubados, pode obter imediato reembolso. E essa segurança custa-lhe apenas 75 centavos de dolar em cada 100 dólares . . . Compre-os no seu banco.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

Sede: 55 Wall Street, New York 15, N. Y.

O Primeiro em Comércio Bancário Mundial

Argentina
Buenos Aires
Flores
Plaza Once
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro
Pôrto Alegre
Recife (Pernambuco)
Santos
São Paulo

Chile
Santiago
Valparaiso

China
Xangai

Colômbia
Bogotá
Barranquilla
Medellin

Cuba
Havana
Cuatro Caminos
Galiano
La Lonja
Caibarien
Cárdenas
Manzanillo
Matanzas
Santiago

Filipinas
Manila
Cebú
Clark Field

França
París (Sucursal da IBC)

Hong Kong

Índia
Bombaim
Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad St.
11, Waterloo Place

Japão
Tóquio
Osaca
Iocoama

México
Cidade do México

República do Panamá
Cidade do Panamá

Perú
Lima

Porto Rico
San Juan
Arecibo
Bayamon
Caguas
Mayaguez
Ponce

Singapura

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa
Cristobal

Cada dia há mais Kolynos-istas

Segura Cano

O famoso tenista tambem é Kolynos-ista, porque do cuidado dos dentes depende uma saude perfeita, necessaria a todo campeão.

Em cada hora, mais de 1.359.949 Kolynos-istas limpam os dentes com Kolynos.

Porque Kolynos, o creme dental de fórmula científica . . .

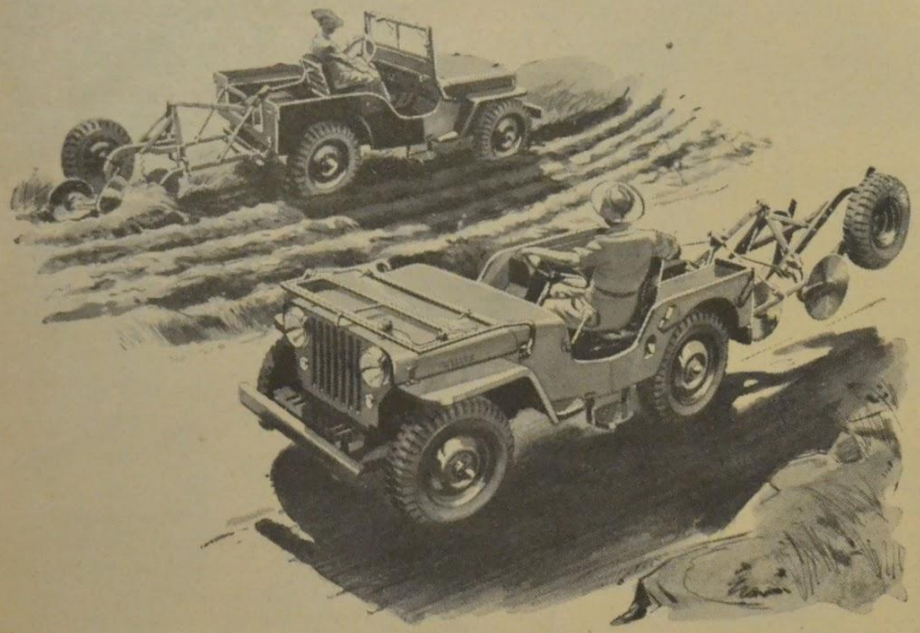
LIMPA MAIS
AGRADA MAIS
RENDE MAIS

KOLYNOS CREME DENTAL

Basta um centímetro de Kolynos na escôva sêca!

USE KOLYNOS—SEJA TAMBEM KOLYNOS-ISTA!

O Trator Mais Adaptabel do Mundo



O 'Jeep' UNIVERSAL com o seu novo ELEVADOR HIDRÁULICO

Vemos aquí o 'Jeep' Universal funcionando com o seu novo elevador hidráulico, que foi expressamente concebido para ele. Este novo elevador pode adquirir-se por intermédio dos distribuidores da Willys-Overland e seus revendedores em toda a América Latina, e é muito facil de montar em qualquer 'Jeep' Universal. Graças a ele, o mecânico pode levantar ou abaixar qualquer instrumento com a ponta de um dedo. Sem sair da boléia, ele pode regular a profundidade a que deve trabalhar o instrumento, e incliná-lo ou pô-lo na horizontal, á sua vontade. Este dispositivo economiza tambem tempo no transporte de ferramentas agrícolas, pois o 'Jeep' funciona a velocidades normais de caminhão, uma vez que o elevador esteja erguido. O 'Jeep' trabalha igualmente com ferramentas do tipo tração, e pode engatar a quase todos os gêneros de equipamento de lavra e colheita. Nenhum outro veículo é capaz de executar tantas operações agrícolas diferentes, nem de igualar o 'Jeep' na sua variada utilidade em todas as quadras do ano.

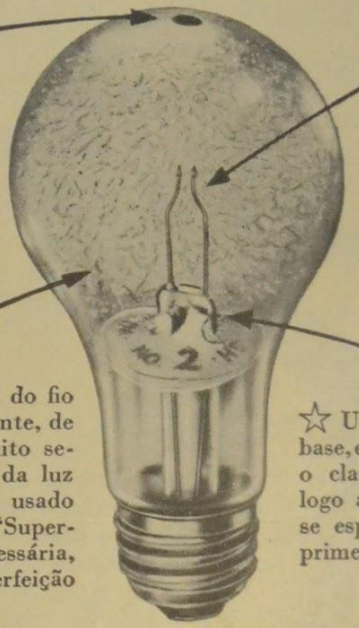
WILLYS-OVERLAND EXPORT CORP., • TOLEDO, OHIO, E. U. A.

PARA A BOA FOTOGRAFIA . . .

"SUPERFLASH"

(LÂMPADAS DE MAGNÉSIO)

☆ A Mancha Azul de Segurança diz, de relance, que a lâmpada "Superflash" está pronta a servir. Nunca há o perigo de falhar!



☆ O filamento, muito sensivel, fulgura com uma descarga pequeníssima de energia elétrica. Até uma bateria quase extinta consegue fazer fulgurar as lâmpadas Sylvania.

☆ O elemento especial do fio produz um clarão brilhante, de qualidade luminosa muito semelhante às condições da luz do dia. Esse elemento, usado em todas as lâmpadas "Superflash", dá toda a luz necessária, contribuindo para a perfeição dos fotografias.

☆ Um disco de amianto isola a base, evitando que ela aqueça com o clarão. Assim, pode tirar-se logo a lâmpada queimada, sem se esperar que a base arrefeça primeiro.

Os fotógrafos profissionais, de imprensa e amadores, pedem sempre lâmpadas "Superflash"—porque sabem que as características da "Superflash" resultam sempre em melhores fotografias. A "Superflash" representa vendas rápidas e lucro certo para as lojas da especialidade. Escreva-nos pedindo pormenores—o nosso Distribuidor autorizado receberá logo instruções para informálo.

À venda somente no Hemisfério Ocidental e nas Filipinas.

Lâmpadas, Placas e Lustres Fluorescentes

Lâmpadas Elétricas

Misturadores Waring

Válvulas de Rádio e Diodos de Cristal

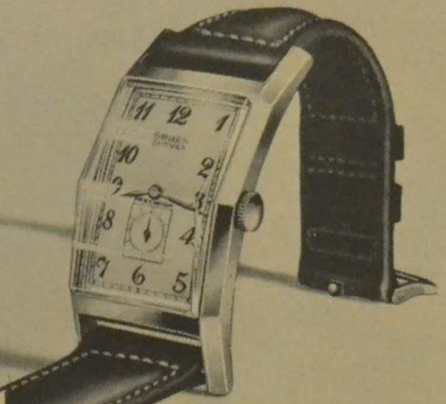
Cera para Soalhos Regina Electric

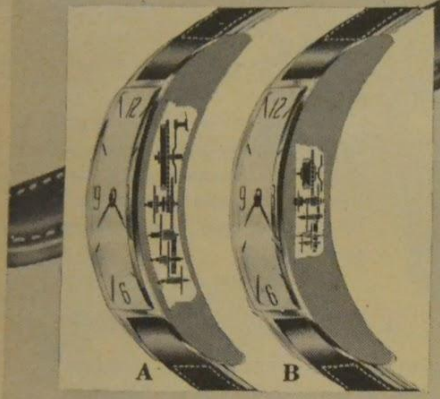
SYLVANIA ELECTRIC

SYLVANIA ELECTRIC PRODUCTS, INC. ★ International Sales Division ★ 50 Broadway, Nova York 4, N. Y., E. U. A.

Curvo POR FORA para ser belo . . .
Curvo POR DENTRO para ser exato

O relógio de precisão





veja a diferença:

A. O Gruen "Curvex" com mecanismo "Curvametric." O mecanismo é curvo, e enche completamente a caixa curva. Resultado: peças maiores, maior precisão. **B.** Relógio comum, com mecanismo comum, achatado, que não pode encher a caixa curva. Resultado: mecanismo menor e peças menores, menos robustas.

Por que usar um relógio de pulso chato e antiquado, quando pode possuir um Gruen "Curvex" de distinção, curvo como o próprio pulso? Eis o relógio moderno—o relógio elegante—o relógio realmente mais distinto do nosso século! O mecanismo *Curvametric*, patenteado, oferece peças maiores e mais precisas. Procure o nome Gruen "Curvex" no mostrador.

GRUEN

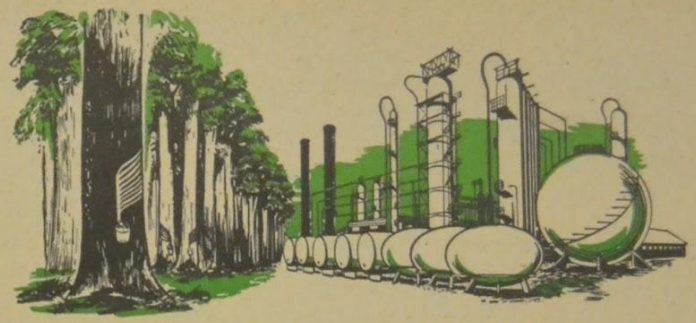
únicos fabricantes do

CURVEX

mundialmente famoso

Distribuidores exclusivos para o Brasil:

Hermes Fernandes & Cia., Ltda. Avenida Rio Branco 20, 19, Rio de Janeiro



Borracha Natural . . . Borracha Sintética

Como a Monsanto Serve a Indústria

A manufatura de artigos de borracha é uma das maiores indústrias do mundo. E a Monsanto é uma das entidades que mais contribuem para o êxito da fabricação de centenas de artigos de borracha sintética e natural.

Entre o grande grupo de Produtos Químicos Monsanto para tratamento da borracha, encontra-se o Santocure—acelerador de borracha, tão eficiente quando usado com a borracha natural, como quando usado com a borracha sintética. É o preferido dos fabricantes em geral, porque poupa despesas de aceleração, melhora a qualidade, e adiciona grande margem de segurança no preparo.

Para conhecer melhor as vantagens garantidas pelos Produtos Químicos Monsanto, queira escrever a qualquer dos escritórios abaixo indicados, ou comunicar-se com o representante local da Monsanto. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri. U. S. A.* • Monsanto Chemicals Ltd., *Londres* • Monsanto (Canadá) Ltd., *Montreal* • Monsanto (Austrália) Pty., Ltd., *Melbourne*. Representantes nas Maiores Cidades do Mundo.

Santocure: Marca Registrada nos E. U. A.

Santocure é somente um dos muitos produtos químicos da Monsanto para a indústria da borracha, os quais a seu turno formam apenas uma pequena fração das centenas de Produtos Químicos e Plásticos da Monsanto que servem a Indústria. Este serviço à Indústria é inestimavel para todos os dirigentes de todas as empresas—porque permite melhorar os produtos, baratear os custos de fabricação, e aumentar as vendas. Se V. S. tem alguma dificuldade, a Monsanto talvez tenha a solução. De que maneira podemos ser uteis a V. S.?

★ ★ ★

Desjando obter um exemplar do livreto "Monsanto Chemicals for the Rubber Industry", escreva à Monsanto Chemical Company, Foreign Department RD, St. Louis, Missouri, U. S. A.

MONSANTO
PRODUTOS
QUÍMICOS E PLÁSTICOS

SERVINDO A INDÚSTRIA . . . QUE SERVE A HUMANIDADE

APRENDA A FAZER

seu Tratamento de Beleza Em Casa

Agora, em seu próprio lar, está ao seu alcance o mesmo tratamento de beleza que as mais lindas senhoras recebem nos Salões de Elizabeth Arden. No utilíssimo livreto "Como Fazer meu Tratamento de Beleza em Casa" escrito por Elizabeth Arden a Sra. encontra seguras indicações de como usar os produtos de Elizabeth Arden para tornarse mais bela e mais jovem.

Escreva ao Salão de Elizabeth Arden — Av. Presidente Wilson, 165 — Rio de Janeiro — solicitando, absolutamente grátis, o livreto "Como Fazer meu Tratamento de Beleza em Casa."

Produtos de Elizabeth Arden para os 3 tipos de pele

PELE NORMAL	Ardena Creme de Limpeza Ardena Tônico para Pele Ardena Creme Velva
PELE OLEOSA	Brando Creme de Limpeza Ardena Tônico para Pele Creme Adstringente
PELE SÊCA	Ardena Creme de Limpeza Ardena Tônico para Pele Ardena Creme de Laranja

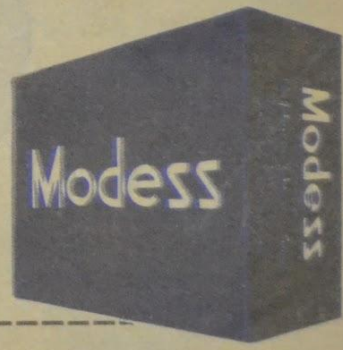
Elizabeth Arden

Rio de Janeiro: Avenida Presidente Wilson, 165 - São Paulo: 1a. Sobreloja Casa Anglo-Brasileira - Buenos Aires: Harrod's

2 problemas todo mês?...

e é tão fácil resolvê-los de-fi-ni-ti-va-men-te!

Porque preocupar-se *mensalmente* com o problema de seu confôrto e proteção — e êsse outro problema, não menor, que é o constrangimento de lavar as "toalhinhas" — quando tem ao seu dispor uma solução tão fácil: MODESS! Modess é higiênico, macio e seguro. Porque é feito cientificamente, ponto por ponto, para seu confôrto e proteção. E cada absorvente só é usado uma vez — não é preciso lavar! Resolva, *definitivamente*, êsses dois problemas de todo mês, usando MODESS!



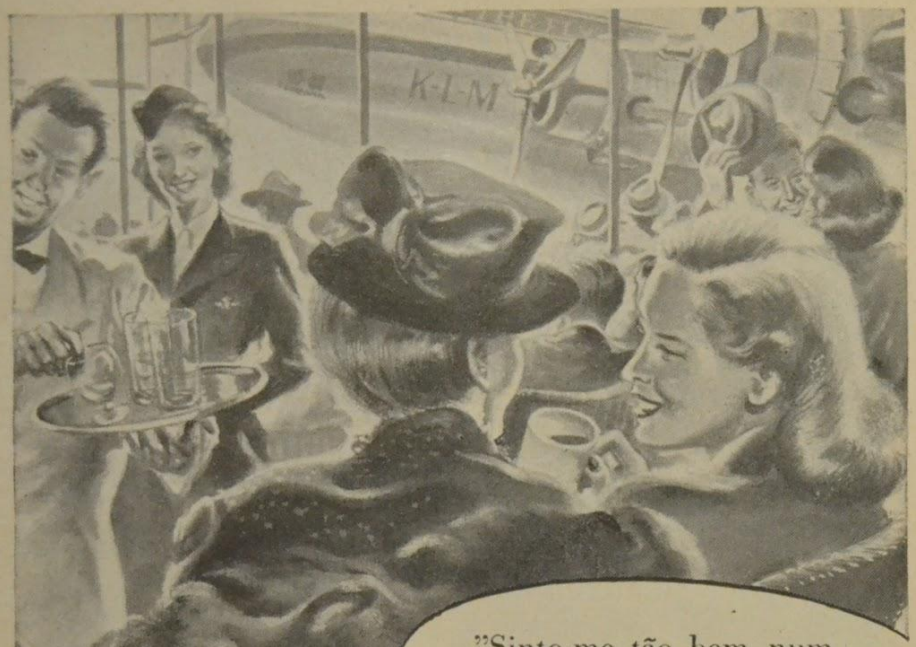
GRÁTIS! Queira me enviar, gratuitamente, um exemplar do livreto "Ser quase mulher... e ser feliz", e 2 amostras de Modess, para o que estou remetendo Cr $ 2,00 para porte registrado.

ANITA GALVÃO - *Consultora Feminina de Johnson & Johnson*
Caixa Postal, 5030 • São Paulo

NOME: ..... IDADE: .....
RUA: ..... No. .....
CIDADE: ..... ESTADO: .....

Escreva com letra bem legível.
(Sentimos não poder atender pedidos vindos de fora do Brasil)

AAAA-25



"Sinto-me tão bem num avião da *K.L.M.....*

...viajar de avião é muito natural para os holandêses".

Quando viajar na K.L.M. saiba que está em boas mãos — em viagens aéreas, a experiência e competência dos pilotos são garantias de segurança.

7 grandes serviços

❶ TRANSATLÂNTICO ❷ EUROPEU ❸ MÉDIO E EXTREMO-ORIENTE ❹ INDIAS ORIENTAIS ❺ AMÉRICA DO SUL ❻ ANTILHAS ❼ ÁFRICA DO SUL

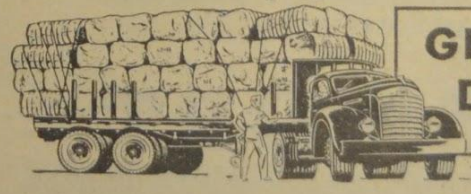
K·L·M

Companhia Real Holandesa de Aviação

Para informações completas relativas a serviços de passageiros e frete, queira dirigir-se ao seu agente local de viagens ou ao escritório mais próximo da K.L.M.

Verdadeiros bandeirantes, os veículos da General Motors levam ao nosso interior o desenvolvimento dos grandes centros, colaborando de maneira eficiente para a completa solução de nossos problemas de transporte. Em todos os recantos do Brasil... os carros e caminhões da General Motors são veículos de progresso!

Chevrolet - Cadillac
Buick - Pontiac
Oldsmobile - Vauxhall
Bedford-GMC
G.M. Coach
Motores Diesel GM
Aparelhos Frigidaire
Domésticos e Comerciais
Bombas para Água
Delco
Peças e Acessórios



GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

contribui para o progresso e o bem-estar

A Experiência Vale

Cada Pneu DUNLOP apoia-se na maior experiência do mundo em fabrico de pneus

O DUNLOP—primeiro pneu que surgiu no mundo, em 1888, mantem ainda hoje a supremacia mundial com o famoso DUNLOP FORT. Incorporando todas as características que todo automobilista procura sempre num pneu—piso de comprovada segurança com "dentes" que mordem a estrada—profundidade excepcional e robustez que o tornam mais duradouro—conforto suave e silencioso na marcha—desenho de moderna distinção—o DUNLOP FORT é um pneu como só DUNLOP poderia produzir, porque representa os resultados da maior experiência na fabricação de pneus. Instale pneus FORT, se quer saber o que é a marcha mais branda e mais segura que já experimentou.

DUNLOP FORT

Os produtos Dunlop são manufaturados na África do Sul, Austrália, Argentina, Brasil, Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Índia, Irlanda, Nova Zelândia, Perú e Suécia. Depositários e Agentes no mundo inteiro.

Alegria na mesa...

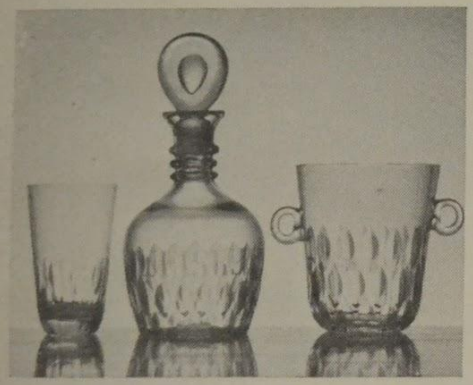
... com Presuntada Swift, feita de tenra e suculenta carne de porco. Tôda a sua família achará uma delícia—quente ou fria
Já vem pronta: é só abrir, servir ... e repetir!

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS!

COMPARÁVEIS AOS MELHORES DO MUNDO!

Você, que aprecia cristais, compare os Cristais Prado com os mais famosos de outras partes do mundo. Nós nos orgulhamos—e você se orgulhará também—destas peças idealizadas e produzidas por mãos brasileiras! Compare, também, os preços e verificará que, hoje, mesmo pessoas de menores posses podem desfrutar o prazer de possuir cristais dos mais finos.



Além do mais, sòmente os Cristas Prado apresentam, entre outras, a vantagem de—por serem fabricados no Brasil—poderem ser adquiridos em peças avulsas para completar ou ampliar jogos, o que lhe permite manter intatos seus serviços de cristais.

A marca dos PRADO BRASIL *cristais finos*

CRISTAIS PRADO LTDA.

Avenida Celso Garcia, 1467 - São Paulo

VÃO E VOLTAM À "PORTEIRA DO MUNDO"

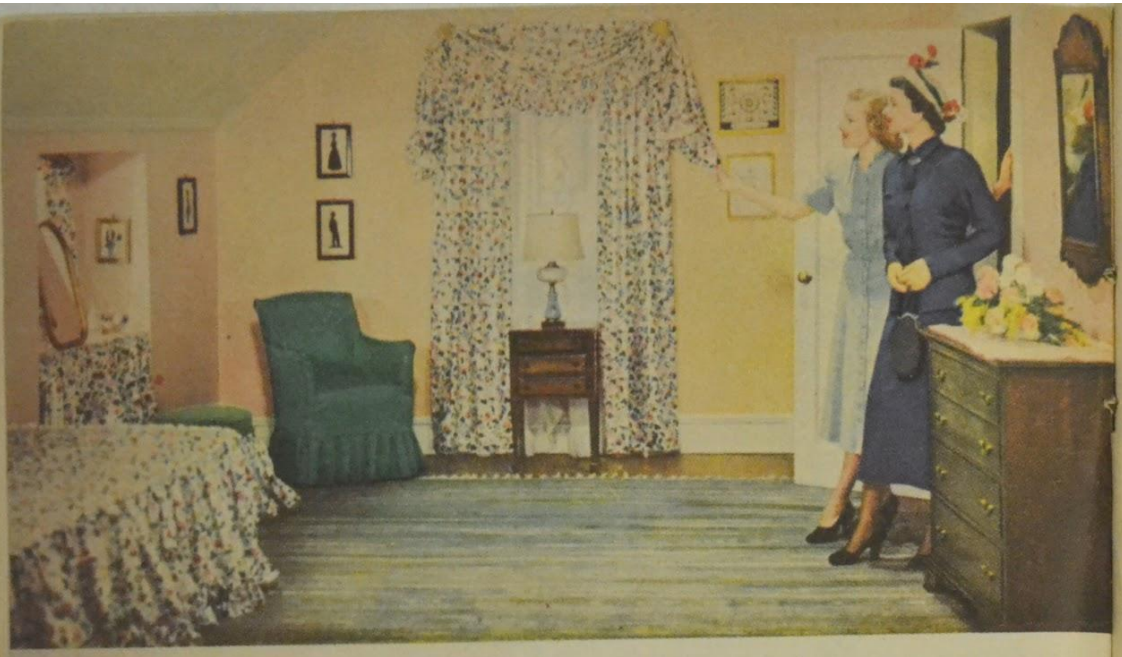
Da "Porteira do Mundo", rio abaixo, o São Francisco rasga o peito do Brasil, numa das mais uteis vias fluviais do continente. Por ele sobem e descem as barcaças e os valorosos "gaiolas", mensageiros do progresso para o "Vale das Maravilhas".

Nesse, como em muitos outros misteres, Esso está sempre presente, através da variedade de seus produtos petrolíferos, como testemunha e personagem do progresso brasileiro.

Esso auxilia o progresso do Brasil.

Standard Oil Company of Brazil

Um emblema de qualidade — ESSO — Um símbolo de serviço



SUA CASA FICARÁ UM ENCANTO . . .

Aprenda a decorá-la no "Curso de Decoração do Lar Singer"!

Inscreva-se hoje mesmo. Aprenderá a fazer tantas coisas bonitas, que ficará espantada com sua própria habilidade e com a economia que isso representará.

Aprenderá a encapar suas poltronas como qualquer estofador profissional e mais a seu gôsto . . .

. . . a fazer bonitas cortinas, cortinados e inúmeros outros ornamentos para sua casa . . .

. . . e fará tôdas essas maravilhas na sua Singer Elétrica Portátil ou na máquina de pé.

LOJAS SINGER

Procure a mais próxima de sua casa na lista telefônica e peça o Serviço Mecânico Singer e de costura

Propriedade Intelectual Reservada Pela Singer Sewing Machine Company.

SELEÇÕES
do Reader's Digest

TOMO XV
No. 87

ABRIL
de 1949

Condensações de artigos de interesse permanente

que absorve
estrada

s corajosos

o livro
ınd Start Living»

rnegie
influenciar pessoas»

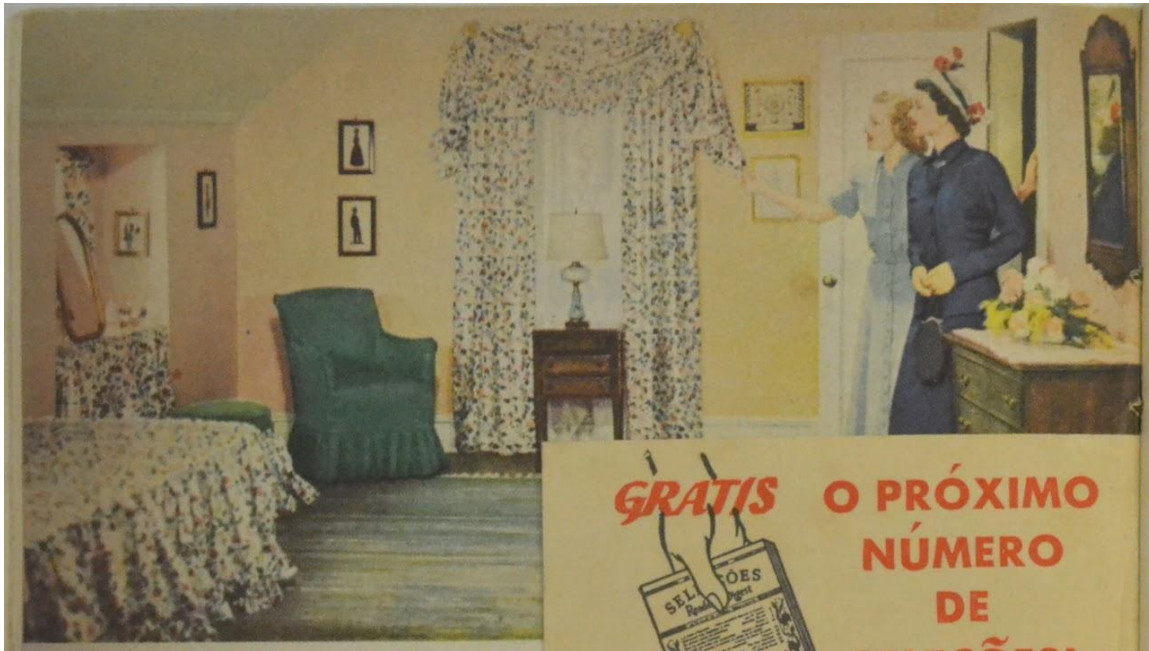
rista de um elevador de carga, num ifício de escritórios em Nova York. eparei que tinha a mão esquerda deada à altura do pulso, e perguntei- se isso o incomodava. Respondeu-: «Qual nada! Só reparo quando nto enfiar uma agulha.»

É assombroso com que rapidez nos nformamos com quase todas as siações—se é preciso—e nos ajustamos a elas. O extinto rei George V, da glaterra, tinha os seguintes dizeres oldurados na parede de sua biblioteca: «Ensinai-me a não cobiçar a lua ou lamentar o que já não tem remédio.» O mesmo pensamento é expresso por Schopenhauer, nestes termos: «Uma boa dose de resignação é de im-

quería.

Há alguns anos, conheci o ascen-

«Como fazer amigos e influenciar pessoas» foi publicado em português pela Cia. Editora Nacional, São Paulo. A referida firma publicará também, brevemente, a tradução portuguesa de «How to Stop Worrying and Start Living».



SUA CASA FICARÁ

Aprenda a decorá-la no

Inscreva-se hoje mesmo. Aprenderá fazer tantas coisas bonitas, que ficar

Aprenderá a encapar suas poltronas como qualquer estofador profissional e mais a seu gôsto . . .

. . . a fazer cortinados e ornamentos

GRÁTIS **O PRÓXIMO NÚMERO DE SELEÇÕES!**

Seleções enviará a V. S., ou a um amigo seu, um exemplar gratuito do próximo número, desde que V. S. marque e nos envie o cartão anexo. Basta indicar-nos os SEIS artigos de que GOSTOU MAIS, dentre os que leu neste número.

Tenha a bondade de nos devolver o cartão dentro de um mês no máximo, mesmo que não tenha acabado de ler a revista toda. Escolha os artigos entre os que TENHA LIDO.

Sua opinião nos ajudará a selecionar o gênero de artigos que V. S. prefere . . . Isso lhe tomará apenas alguns minutos. Marque os seus artigos prediletos, enviando-nos o cartão . . . Logo que recebermos sua resposta, enviar-lhe-emos seu exemplar gratuito.

Antecipam seus agradecimentos
Os Redatores de Seleções

LEIA A CONTINUAÇÃO DESTE CARTÃO

LOJAS SINGER

Procure a mais próxima de sua casa na lista telefônica e peça o Serviço Mecânico Singer e de costura

Propriedade Intelectual Reservada Pela Singer Sewing Machine Company.

TOMO XV
No. 87

SELEÇÕES
do Reader's Digest

ABRIL
de 1949

Condensações de artigos de interesse permanente

Imite o pneumático, que absorve os choques da estrada

O mundo é dos corajosos

Condensado do livro
«How to Stop Worrying and Start Living»

Por Dale Carnegie

Autor de «Como fazer amigos e influenciar pessoas»

CERTO DIA, menino ainda, brincando numa casa abandonada, pisei por um momento o peitoril de uma janela, e saltei. Tinha no indicador esquerdo um anel que, quando pulei, se prendeu numa cabeça de prego, decepando-me o dedo.

Fiquei aterrorizado, certo de que ia morrer. Sarada a mão, entretanto, nunca mais me preocupei. Hoje em dia, raramente penso no fato de que só tenho quatro dedos na mão esquerda.

Há alguns anos, conheci o ascensorista de um elevador de carga, num edifício de escritórios em Nova York. Reparei que tinha a mão esquerda decepada à altura do pulso, e perguntei-lhe se isso o incomodava. Respondeu-me: «Qual nada! Só reparo quando tento enfiar uma agulha.»

É assombroso com que rapidez nos conformamos com quase todas as situações—se é preciso—e nos ajustamos a elas. O extinto rei George V, da Inglaterra, tinha os seguintes dizeres emoldurados na parede de sua biblioteca: «Ensinai-me a não cobiçar a lua ou lamentar o que já não tem remédio.» O mesmo pensamento é expresso por Schopenhauer, nestes termos: «Uma boa dose de resignação é de im-

«Como fazer amigos e influenciar pessoas» foi publicado em português pela Cia. Editora Nacional, São Paulo. A referida firma publicará também, brevemente, a tradução portuguesa de «How to Stop Worrying and Start Living».

portância primordial ao preparar-nos para a jornada da vida.»

Evidentemente, não são apenas as circunstâncias que nos fazem felizes ou infelizes. Nossos sentimentos são determinados pela forma com que as encaramos. Todos podemos suportar as tragédias e triunfar sobre elas, desde que seja preciso.

O finado escritor Booth Tarkington sempre achou que se poderia conformar com tudo o que a vida lhe pudesse impôr, menos uma desgraça: a cegueira. Entretanto, quando na casa dos 60, começou a perder a vista.

Envolvido pela treva total, Tarkington disse: «Constatei que me podia conformar com a perda da vista como se fosse outra das muitas coisas que o homem é capaz de suportar. Se eu tivesse perdido *todos* os cinco sentidos, sei que poderia viver no espírito. Pois é no espírito que vemos e no espírito vivemos.»

Não proponho, em absoluto, que nos curvemos diante de qualquer adversidade. Enquanto houver possibilidade de salvar a situação, lutemos! Mas, quando o bom-senso nos diz que defrontamos com uma situação irremediavel, então, em nome da razão, não almejemos o impossivel.

Sarah Bernhardt foi um exemplo de mulher ilustre que sabia resignar-se diante do inevitavel. Após desfrutar, por meio século, a posição de rainha do teatro em quatro continentes, viu-se na penúria, aos 71 anos de idade, em París. Pior ainda, ao cruzar o Atlântico sofrera uma queda a bordo, durante uma tempestade, e ficara com a perna tão gravemente ferida, que lhe sobreveio um ataque de flebite. A dor intensificou-se de tal forma que o médico acabou por decidir pela amputação da perna, mas receava fazer essa comunicação à atriz, conhecida como pessoa extraordinariamente emotiva, pois temia que a terrivel notícia lhe provocasse uma reação histérica. Enganou-se, entretanto. Sarah contemplou-o e, depois, disse tranquila: «Se tem de ser, tem de ser.»

Enquanto a conduziam à sala de operações, começou a recitar um trecho de uma peça em que representara. Perguntaram-lhe se assim o fazia para se animar, e respondeu: «Não, para animar os médicos e as enfermeiras. Isto vai ser uma provação para eles.»

Restabelecida da operação, continuou a percorrer o mundo e a encantar as platéias durante mais sete anos.

Ninguem tem reservas de emoção e vigor suficientes para combater o inevitavel, e, ao mesmo tempo, criar uma nova vida. É preciso escolher uma ou outra. Podemos inclinar-nos diante das inexoraveis tormentas da vida, ou opôr-nos a elas, e tombar!

Por que é que os pneumáticos de um automovel resistem aos acidentes da estrada durante tanto tempo? Primitivamente, os fabricantes procuraram produzir um pneumático que não cedesse aos choques da estrada. Em pouco tempo, ficava estraçalhado. Depois, produziram outro tipo, que absorvia os choques. Esse, sim, «aguentava». Duraremos mais, e teremos uma jornada mais suave, se aprendermos a fazer o mesmo.

FORÇA AÉREA PARA GANHAR A PAZ

(*Condensado de um capítulo de um livro a sair*)

Pelo Major Alexander P. de Seversky

NUM MUNDO que ainda não soube renunciar ao uso da força, temos a esperança de que o poderio militar dos Estados Unidos possa evitar a guerra. Mas o importante é saber *que espécie de poderio*.

De nada servirão exércitos numerosos e grandes estoques de armamentos. Se sobrevier a guerra, o inimigo terá à sua disposição extensas áreas, densamente povoadas, e toda sorte de recursos. A estratégia norte-americana, por conseguinte, deverá ter em vista menos a *quantidade* do que a *qualidade*.

A estratégia que satisfaz essa condição, e condiz admiravelmente com a capacidade dos norte-americanos, é a estratégia do poderio aéreo.

Mas que *espécie* de poderio aéreo? É um engano pensar que um grande número de aviões de todos os tipos significa um aumento do *poderio aéreo*. Um país pode possuir enxames de aviões e continuar a ter uma aviação deficiente, como Hitler e Tojo tardiamente verificaram.

O verdadeiro poderio aéreo pressupõe a existência de uma força aérea estratégica capaz de partir das suas bases nacionais, atacar diretamente os principais centros industriais do inimigo e regressar aos pontos de partida, o que significa a aviação livre da dependência de bases no exterior.

Em lugar de diluir seus limitados recursos em homens e materiais nos três elementos—terra, mar e ar—os Estados Unidos deveriam concentrar-se na arma decisiva—a aviação, afim de alcançar uma superioridade sem contraste no mundo inteiro. Pela redução drástica dos efetivos de terra e mar, será possivel estancar a drenagem perigosa de homens e materiais e aliviar o peso dos gastos que tanto oneram o povo norte-americano. No século passado, a Grã-Bretanha, essa pequena ilha ao largo das costas da Europa, deu à humanidade um século de paz—a *Pax Britannica*. E isso se conseguiu sem militarizar nem arregimentar o povo. Foi um verdadeiro milagre, que só se realizou porque a Inglaterra não quis ser forte em terra e no mar ao mesmo tempo. Numa época em que o oceano ainda era o

meio decisivo de fazer chegar a destruição ao inimigo, a Inglaterra canalizou para o poderio marítimo quase todo o seu potencial bélico, alcançando o domínio dos mares graças a uma esquadra invencivel.

O domínio do ar é hoje o elemento decisivo do poderio mundial. Uma força aérea capaz de comandar os céus poderá impor a sua vontade à terra. Se não faltar aos norte-americanos a coragem necessária para resolver a equação deste novo poder, ficará ao seu alcance um século de paz. Não uma *Pax Americana*, mas a *Pax Democratica*, com a participação de todas as demais nações livres.

PARECERÁ hoje incrivel, mas o fato é que dois anos depois de iniciada a última guerra, e vários meses depois da entrada dos Estados Unidos no conflito, a produção de aviões de bombardeio ainda figurava entre os últimos itens das listas de prioridade do governo norte-americano! Os responsaveis pela segurança militar do país—muitos dos quais continuam em seus postos—consideravam-nos como «artigos de luxo». Para esses generais e almirantes, o conflito que se desenrolava nada mais era que uma continuação, com uns poucos «enfeites» modernos, da estratégia de superfície da Primeira Guerra Mundial.

O sombrio espetáculo dessa inércia obstinada terminou por compelir os aviadores, como foi o meu caso, a protestar vigorosamente.* Acreditávamos que a opinião pública, devidamente esclarecida, pudesse servir de corretivo para o conservantismo natural de uma engrenagem militar profundamente enraizada na tradição. Nossa fé foi amplamente justificada.

Hoje, são ainda as mesmas apreensões sobre a segurança do mundo que me induzem a escrever.

As nações vitoriosas tendem sempre a glorificar os métodos e instrumentos que as conduziram à vitória. A França, logo após a Primeira Guerra Mundial, entusiasmada pelos sucessos alcançados nas trincheiras, iniciou a construção da supercolossal Linha Maginot. Tratava-se de uma notavel obra de engenharia, equipada com os mais modernos recursos técnicos, mas não passava de uma trincheira: um monumento de aço e cimento para simbolizar a trágica ilusão de que a guerra seguinte seria tão estática como a anterior.

É verdade que um jovem oficial, de nome Charles de Gaulle, previu o advento da guerra movel e motorizada, destinada a inutilizar as supertrincheiras. Mas como poderia a França fazer-lhe caso, se a sensação de segurança era partilhada por heróis nacionais do porte de Foch, Joffre, Pétain, Gamelin? Duvidar da competência profissional desses cabos de guerra equivalia quase a um ato de traição.

Não creio que se tenha meditado devidamente sobre o significado da Linha Maginot, esse símbolo colossal da inutilidade. Os norte-americanos estão atualmente incidindo no mesmo erro trágico, pelas mesmas razões, com o beneplácito dos seus próprios chefes militares, que a vitória recente fez envolver num halo de glória. Tendo vencido a guerra graças ao emprego de forças «trifíbias», terrestres, navais e aéreas, os norte-americanos entregaram-se à montagem de uma organização militar supercolossal, dotada de todas as últimas inovações tecnológicas. Pequenos planadores estão sendo substituidos por grandes planadores, tanques por supertanques. Os lanchões que empregavam em seus fogos de barragem os antigos foguetões, estão sendo substituidos por superlanchões equipados com lançadores de

*Veja «A vitória pela força aérea», em Seleções de outubro de 1942.

Folha de serviços de Seversky

DENUNCIADO como extremista por uns e aclamado como profeta por outros, Seversky comprovou ser um dos mais abalizados peritos do mundo em matéria de aeronáutica. Desde o começo da guerra, viu claramente o que mais tarde se tornaria evidente a todos: que o poderio aéreo suplantara o marítimo como o principal instrumento da guerra moderna. As provas trágicas dessa afirmação não tardaram, a começar pelo afundamento dos dois «inexpugnaveis» vasos de guerra britânicos, o *Prince of Wales* e o *Repulse*, pela aviação japonesa.

Contrariando a opinião de quase todos os comentaristas militares, o Major Seversky predisse a vitória britânica na Batalha da Inglaterra. Quando reinava o mais profundo pessimismo, ousou reiterar que os ingleses tinham «superioridade sobre os alemães devido à atuação mais eficiente dos aviões de caça britânicos. Enquanto for mantida essa superioridade, a Grã-Bretanha não poderá ser bloqueada.» E depois que a batalha foi vencida, Seversky continuou isolado nas suas previsões: «A menos que a Alemanha corrija os defeitos básicos do seu equipamento aeronáutico, não terá a menor probabilidade de vencer esta guerra.»

Antes da entrada dos Estados Unidos no conflito, poucas vozes se ouviram para pôr em dúvida a tese de que o poderio naval norte-americano assegurava ao país completa supremacia no Pacífico. Seversky não se deixou impressionar por essa ilusão de segurança. «Nem o solo norte-americano nem o das remotas possessões dos Estados Unidos podem ser considerados inexpugnaveis, ou mesmo defensaveis,» escreveu em junho de 1941, «simplesmente porque o país possui magníficas esquadras. Se tais áreas se encontrarem dentro do raio de ação dos bombardeiros inimigos, são vulneraveis.» Pearl Harbor demonstrou a veracidade do seu argumento.

Seus princípios têm hoje toda a aparência de verdades elementares. Os próprios homens que os ridicularizaram aplicam agora esses princípios com a maior naturalidade, empregando às vezes as mesmas palavras que Seversky usou ao formulá-los pela primeira vez. Na época, porem, em que este começou a divulgá-los, tais conceitos foram geralmente considerados absurdos e revolucionários.

foguetes V-2. Os porta-aviões de escolta estão cedendo o lugar a gigantescas ilhas flutuantes que custam nada menos de 250 milhões de dólares cada uma. Nos Estados Unidos de hoje, como na França da geração passada, as decisões são tomadas numa atmosfera de cega admiração e ilimitado respeito pelas cinco estrelas dos generais e almirantes que venceram a guerra.

É preciso não esquecer que a *estratégia «trifíbia» da Segunda Guerra Mundial foi uma improvisação oriunda exclusivamente do fato de que os Estados Unidos não dispunham de forças aéreas com suficiente raio de ação para atingir os centros vitais japoneses, partindo de bases já em poder dos norte-americanos.* Tais forças aéreas eram tecnicamente possíveis, mas não foram construídas a tempo, devido à estreiteza de vista dos planejadores da defesa dos Estados Unidos. A atuação em equipe das unidades de terra, mar e ar não passou de um recurso de emergência destinado a transportar, passo a passo, de ilha em ilha, a aviação de vôo curto, afim de aproximá-la do objetivo seguinte.

Naturalmente, à medida que se foi ampliando o raio de ação dos aviões, os saltos se foram alargando, ultrapassando ilhas intermediárias, onde o inimigo se entrincheirara. Por conseguinte, a cada aumento do raio de ação correspondeu uma crescente economia de vidas. Na última fase da luta, as superfortalezas voadoras norte-americanas puderam atingir o próprio território metropolitano do Japão. Desse momento em diante, o papel das equipes de superfície passou a ser o de simples espectadores, pois a força aérea iniciou a demolição sistemática dos núcleos do poderio inimigo.

A força aérea venceu a guerra—e esta é a chave que nos faz compreender os acontecimentos—com grandes exércitos japoneses nas ilhas metropolitanas e na Ásia ainda intactos, mas impotentes. A força aérea venceu a guerra, com fantásticos efetivos do Exército e da Marinha dos Estados Unidos igualmente intactos, e não utilizados.

Ainda a 21 de junho de 1943, o general Marshall declarou em discurso: «Mesmo que a aviação martele o inimigo até pô-lo de joelhos, ele acabará se refazendo, a menos que o golpe de misericórdia lhe seja desferido pelo exército.» Por sorte, o general estava errado. O golpe de misericórdia foi desferido pela força aérea, o que terá salvo, talvez, um milhão de vidas norte-americanas e japonesas. A «invasão» propriamente dita só se efetuou *depois* da rendição. Um punhado de oficiais norte-americanos desembarcou e assumiu o controle de um país que ainda contava com tropas de vários milhões de homens que ainda não haviam entrado em ação.

Os ensinamentos oriundos da simples observação desse fato não escapariam, por certo, à maioria dos civís. Mas os estrategistas-de-superfície profissionais parecem insensíveis às mais evidentes e palpaveis realidades do valor da aeronáutica. Com poucas exceções, sairam da guerra dominados pela crença falaz de que as equipes «trifíbias» poderão assegurar aos Estados Unidos o domínio das suas bases de alem-mar. Continuam atrelados à clássica estratégia da vitória da infantaria nos campos de batalha. A mentalidade da Linha Maginot ainda sobrevive, ativa. O atual programa militar dos Estados Unidos, fundado na existência de forças combinadas operando através de uma cadeia de bases significa, apenas, a *perpetuação dos métodos da última guerra.*

Os Estados Unidos não dispõem senão de poucos aviões de bombardeio B-36 que têm um raio de ação de 16 mil km e, com as últimas modificações, prometem atingir 20 mil—o suficiente para atacar qualquer objetivo na Eurásia, partindo de bases situadas no continente americano. E que está o país construindo? Aviões de bombardeio de setenta toneladas, com um raio de alcance de vôo de 8 mil quilômetros, isto é, uns 3.200 km de raio de alcance para combate—incapazes, pois, de levar a efeito uma ofensiva transoceânica.

É verdade que os Estados Unidos estão empregando estratagemas diversos—como seja o abastecimento de combustivel em pleno vôo—afim de ampliar o alcance de seus aviões. Tais processos darão bons resultados em ataques de surpresa, mas estou convencido de que não se podem manter ofensivas constantes sem aviões de alcance inter-hemisférico. São compreensiveis os esforços atuais dos dirigentes da aeronáutica norte-americana no sentido de uma modernização improvisada. Não têm outro remédio. São forçados a servir-se de aviões com raio de ação insuficiente, impostos a eles por militares que teimam em fazer a guerra com bases remotas, protegidas por numerosos exércitos e enormes armadas.

A explicação real deste «congelamento» da estratégia norte-americana na casa dos 3.200 quilômetros é menos de ordem técnica que psicológica. Os militares da velha guarda não podem admitir a possibilidade de uma guerra sem grandes batalhas em terra e no mar, com os fuzileiros navais na dianteira e com o apoio de uma complexa rede de abastecimentos espalhada pelo mundo inteiro.

Não vacilo um só instante em desafiar os patronos dessa estratégia a defenderem-na com argumentos plausiveis. Ela está fadada a juntar-se à Linha Maginot no catálogo das noções militares já superadas. Mesmo que uma guerra fosse iniciada nessa escala, teria fatalmente de desdobrar-se num conflito de dimensões inter-hemisféricas antes de chegar a uma decisão. A lógica do poderio aéreo reside na existência de uma força aérea com raio de ação suficiente para, partindo do seu próprio continente, atingir o inimigo. *A nação que primeiro se aparelhar para a guerra aérea inter-continental vencerá o próximo conflito.*

O ADVENTO da bomba atômica não veio alterar o quadro que ora descrevemos. A bomba não é uma força militar, como o são o Exército, a Marinha

e a Força Aérea. É, sim, um novo explosivo, cuja força destrutiva é medonha, mas cujo escopo é ainda limitado. Afinal de contas, a eficácia da bomba depende, como no caso de qualquer explosivo, de ser levada ao alvo necessário no tempo exato, e para isso é indispensavel empregar uma força militar ou várias. Assim, a questão não será decidida pelo número de bombas disponiveis, mas, sim, pela melhor maneira de transportá-las. Em última análise, pela força aérea. *Longe de tornar antiquada a arte da guerra, a bomba torna ainda mais necessário o uso da estratégia acertada.*

Há duas estratégias que os norte-americanos poderiam empregar. Primeira: na hipótese de que a força aérea só possa transportar a bomba atômica mediante bases em alem-mar, será indispensavel utilizar um grande exército e uma grande marinha. O esforço nacional será canalizado para três fins diferentes, de tal forma que nenhuma das forças atingirá o apogeu da sua possivel eficiência.

Segunda: se a Força Aérea tiver raio de alcance bastante para levar a bomba diretamente do continente americano, sem necessidade de recorrer a bases remotas, o Exército e a Marinha poderão ser reduzidos ao mínimo, e a maior parte do esforço nacional se concentrará no desenvolvimento da Força Aérea, permitindo a esta alcançar a eficiência máxima.

Quanto à primeira das estratégias descritas acima, não constitui nenhuma novidade. Assim se fez a guerra passada e, infelizmente, é assim que se prepara atualmente a defesa nacional dos Estados Unidos. Mas supondo que a Rússia possuisse bases aéreas semelhantes em Cuba ou na Groenlândia, ocorreria, naturalmente, esta pergunta: durante quanto tempo permaneceriam em mãos dos russos, depois do início das hostilidades? É óbvio que os norte-americanos poderiam esmagá-los com facilidade por meio de bombardeios sucessivos, pois estariam operando com bases na sua própria fonte de energia e abastecimento, ao passo que a Rússia só poderia contar com parte dos seus recursos, dependendo de uma linha de abastecimentos precária e vulneravel, ao longo de muitos milhares de quilômetros. A suposição de que a Rússia pudesse conservar Cuba ou a Groenlândia seria uma fantasia ridícula.

Mas será menos fantástica a presunção de alguns estrategistas norte-americanos de que os Estados Unidos poderão manter suas bases na periferia do continente eurásico? O projetado cordão de bases aéreas no Norte da África, na Europa, no Oriente Próximo e no Extremo Oriente estaria dentro do raio de ação dos aviões de bombardeio soviéticos. A maioria dessas bases poderia ser atacada não apenas por aviões de bombardeio de longo raio de ação, mas até mesmo por grandes massas de aviões táticos, de vôo curto, tipo em que a quantidade importa muito mais que a qualidade. É fato conhecido que as fábricas russas e alemãs estão produzindo aviões táticos aos milhares. Os chefes soviéticos, é de supor, hão-de empregá-los de forma

brutal, como se estivessem consumindo simples projeteis. Finalmente, para conservar essas bases a abastecê-las, os Estados Unidos teriam de manter a boa distância as 300 divisões do Exército Vermelho.

Ainda seria admissivel o emprego de bases distantes para operações iniciais de surpresa. Mas o controle permanente das mesmas como pontos de apoio para uma ofensiva estratégica só seria viavel no mundo dos sonhos. Mais cedo ou mais tarde, tais bases, estando dentro da órbita do potencial aéreo global do inimigo, serão capturadas ou destruidas, paralisando as ações estratégicas delas dependentes. A decisão final será, então, adiada até que os Estados Unidos estejam em condições de empregar a aviação estratégica, de longo alcance, partindo de bases situadas no seu próprio continente. Isso, é lógico, se o inimigo não conseguir aparelhar-se antes...

Tudo o que acima dissemos sobre as bases terrestres se aplica, com muito maior razão, às bases flutuantes, ou sejam os porta-aviões. A única vantagem que se lhes atribui é a mobilidade. Mas de que valerá uma mobilidade computada em centenas de quilômetros contra aviões que cobrem milhares de quilômetros? Os almirantes ainda não explicaram de que maneira poderá um navio com 600 milhas *diárias* de marcha eludir a perseguição de um avião que pode fazer esse percurso em *uma hora*.

Na guerra passada, os porta-aviões não podiam operar no Mediterrâneo ou no Mar do Norte porque se encontravam ao alcance da *Luftwaffe*. Ora, aumentar a tonelagem dos porta-aviões significa, tão somente, oferecer ao inimigo um alvo maior. As ilhas flutuantes de 80 mil toneladas, sobre as quais a Marinha norte-americana repousa suas esperanças, constituem verdadeiras monstruosidades militares; custando ao país 250 milhões de dólares, servirão para um único ataque sub-reptício, antes de serem aniquiladas. E seus aviões serão inferiores aos de tipo semelhante, que partam de bases terrestres. Não tenho a menor dúvida de que a história militar consignará estes mastodontes marítimos como um exemplo espetacular de loucura estratégica.

Se vier a prevalecer essa estratégia de porta-aviões, bases no exterior e aviação de curto alcance, os norte-americanos, em caso de guerra, serão chamados a constituir, simultaneamente, o maior exército, a maior marinha e a maior aviação do mundo, e a dividir, no campo da aeronáutica, os seus esforços entre a aviação tática e a estratégica. Como os recursos dos Estados Unidos não são infinitos, não poderão almejar superioridade definitiva em nenhuma dessas forças. E, de acordo com as cifras oficiais, estará o país despendendo dez dólares nos elementos de superfície para cada dólar invertido em aviões. Mesmo sem máquina de calcular, é evidente tratar-se de uma estratégia que, para subjugar a maior potência terrestre do mundo atual, levaria à bancarrota uma nação dez vezes mais rica que os Estados Unidos.

CUMPRE aos norte-americanos munir-se da lucidez intelectual e da coragem necessárias para romper com o passado. *Por uma pequena fração do que custa conseguir, manter e abastecer bases para a aviação de curto alcance, pode-se adquirir uma aviação de longo alcance que prescinda dessas bases e das numerosas forças terrestres que as guarnecem.*

A Força Aérea dos Estados Unidos declarou recentemente que «os B-36 habilitarão o país a operar, partindo de bases situadas no continente norte-americano, contra um possivel agressor em qualquer lugar do mundo.» Como se explica, então, a aplicação da maior parte dos recursos financeiros da nação em produzir aviões de bombardeio médios, projetando-se apenas construir umas poucas unidades do tipo B-36?

A resposta se prende ao fato de estar confiado o planejamento da defesa norte-americana a homens escravizados aos conceitos da guerra terrestre ou marítima. Alguns críticos advertem que os «imensos e pesadíssimos» B-36 serão abatidos. Não há duvida de que alguns serão derrubados. Mas os aviões de bombardeio médios que eles pretendem lançar de bases ultramarinas tambem serão abatidos. Guerra sem combate é sonho.

O povo norte-americano deve decidir entre estas duas hipóteses: ou continuar dividindo a potencialidade do país em três direções, ou orientá-la corajosamente, no sentido da estratégia dos céus, para conquistar o domínio dos ares. Esta é a única estratégia capaz de intimidar qualquer possivel agressor.

Os Estados Unidos devem optar entre os métodos obsoletos e a histórica oportunidade que se lhes oferece de instaurar a *paz pela força aérea*.

A potencialidade *atual* da aviação, operando de cinco dezenas de bases no exterior, colocadas à disposição dos Estados Unidos e da Inglaterra, está vivamente exposta no artigo *Fatos que devem evitar a guerra*, publicado em *Seleções* de março de 1949. O citado artigo reflete o pensamento de alguns dos mais competentes chefes da Força Aérea dos Estados Unidos.

Baralho vs. Violino

CERTA NOITE, durante uma recepção, o violinista Fritz Kreisler exibiu as suas habilidades de prestidigitador com uma série de passes de mágica com um baralho. No fim da festa, disse-lhe um dos convidados:

—Sr. Kreisler, tenho ouvido coisas admiraveis a seu respeito. Seria para mim uma grande satisfação se o sr. pudesse tomar parte numa festa que darei na próxima semana.

—Pois não, respondeu Kreisler. —Peço-lhe que procure o meu agente. Ele se encarregará dos detalhes financeiros.

O agente foi consultado, o contrato firmado e, na data combinada, Kreisler compareceu à festa. Colocou o violino sobre uma cadeira e esfregou as mãos para esquentá-las. O dono da casa, entrando na sala naquele momento, exclamou:

—Não me diga! O sr. toca violino tambem? —E. E. Edgar

Novo dentifrício contra a cárie

(*Condensado de «Better Homes and Gardens»*)

Por J. D. Lawrence e Lawrence Galton

ACABA de aparecer um processo revolucionário, e muito promissor, para evitar a cárie dentária: a simples aplicação dum dentifrício que contem um novo ingrediente inibitório das bactérias e neutralizador dos ácidos. Já se dispõe de provas suficientes para afirmar que este ingrediente reduzirá o número de cáries e, por conseguinte, as contas do dentista.

A mistura, de recente preparação, é constituida por uréia e fosfato bibásico de amônio, e surge logo em seguida à fluorina, que se está tornando universalmente popular na prevenção da cárie dentária das crianças.* Mas o novo remédio, que completa a ação da fluorina, aplica-se igualmente aos adultos.

Todas as vezes que comemos doces, os fermentos químicos chamados enzimas encarregam-se de transformar os açúcares em ácidos, e são estes ácidos que começam logo a corroer nossos dentes. A maioria das enzimas responsaveis pela cárie provêm de um organismo microscópico que se encontra na nossa boca, chamado *Lactobacillus acidophilus*.

Um dentifrício amoniacal não destrói apenas o *Lactobacillus acidophilus;* retarda igualmente o processo pelo qual as enzimas transformam o açucar em ácidos, e neutraliza o ácido já formado na boca. Passa depois a cumprir outra tarefa essencial: os pontos focais da cárie dentária são as acumulações de sarro pegajoso que revestem certos pontos da superfície dos dentes, e que agem no carater de viveiros de micróbios. Essas aderências absorvem tambem o ácido e conservam-no assim próximo do esmalte dos dentes, lugar onde pode causar o máximo dano. O golpe de misericórdia do amoníaco consiste em dissolver esses acúmulos de sarro.

Citemos a esmo alguns casos. Um homem de 45 anos sofrera treze cáries em 44 meses; nos 44 meses seguintes, tendo experimentado um dentifrício amoniacal, apareceu-lhe somente uma cárie. Uma senhora de 23 anos fizera 46 obturações durante um período de seis anos e meio; nos 45 meses seguintes, porem, graças a aplicações amoniacais, não lhe apareceu mais nenhuma cárie.

Um grupo de pesquisadores em Nova York referiu ainda há pouco que conservara a história completa de 150 adultos cuidadosamente observados, cem dos quais vinham empregando o dentifrício preparado com amônio. Pois bem, estes últimos revelavam uma redução média de 35 por cento no total das cáries.

Em 1934, Carl J. e Carl T. Grove,

*Vide «Agora é facil salvar os dentes das crianças», SELEÇÕES, janeiro de 1949.

pai e filho, dentistas de St. Paul, no Minesota, observaram, no curso de suas pesquisas, que a saliva de indivíduos aparentemente imunes à cárie dentária, continha mais amoníaco do que a saliva dos que tinham dentes cariados. Seguindo essa pista, descobriram que o amoníaco tinha a propriedade de dissolver a película pegajosa dos dentes, inibindo assim a proliferação das bactérias.

Outro passo importante foi dado a seguir pelo dr. Robert M. Stephan, do Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos. Sabia ele que o amoníaco da saliva, proveniente em parte da decomposição da uréia que se encontra na boca dos seres humanos, contraria as tendências ácidas do sarro dos dentes. Ocorreu-lhe então que, se fosse possivel introduzir mais uréia nos fluidos bucais, seria tambem possivel imunizar artificialmente o indivíduo contra a cárie dentária. Convenceu um grupo de rapazes e moças de Chicago, todos menores de vinte anos, a escovarem os dentes, duas vezes por dia, com uréia sintética. O resultado foi uma redução radical de 95 por cento no número de cáries.

Em 1945, o dr. Robert G. Kesel e o seu grupo de pesquisadores da Universidade de Illinois, ao procurarem uma substância que contivesse amoníaco e fosse utilizavel, encontraram um composto chamado fosfato bibásico de amônio, que incorporaram em um dentifrício e desinfetante bucal; em seguida ministraram esses artigos de higiene a um grupo de indivíduos em cujas bocas se verificara-a presença de grandes quantidades de *L. acidophilus*. Após 5 meses todos esses indivíduos, com exceção de um, que não cooperou totalmente, revelavam uma redução consideravel dessas bactérias na saliva. Os exames provaram que os dentes deles se haviam libertado, em grande parte, do sarro e de outros depósitos.

Tanto a uréia como o fosfato bibásico de amônio ofereciam certas vantagens únicas, como agentes preventivos da cárie. A uréia tinha ação mais eficaz sobre o sarro. O fosfato bibásico de amônio assegurava um meio mais rápido de reduzir o número dos bacilos. E verificou-se que os dois, em conjunto, eram mais poderosos do que quando agiam em separado.

Já hoje se podem comprar dentifrícios amoniacais em um número cada vez maior de farmácias e drogarias. (Mas cautela: o leitor não deve começar a lavar a boca e os dentes com amoníaco de uso doméstico, que é muito diferente das substâncias químicas empregadas nos dentifrícios amoniacais.)

Aconselha-se, para melhor defesa dos dentes, escovar estes imediatamente após as refeições, sendo que em seguida ao emprego de um dentifrício amoniacal não se deve bochechar com água: deixe-se ficar na boca o resíduo, para que ele vá gerando lentamente o amoníaco necessário.

Ninguem afirma que o amônio seja o remédio total e definitivo da cárie. Mas, a julgar pelas provas já acumuladas, ele é um meio simples e econômico de reduzir o número das cáries, a dor e as despesas!

Um francês ilustre observa os resultados finais de uma medida restritiva originada na benevolência: o controle de aluguéis

Por que não há alojamentos em París

(Condensado de um panfleto)

Por Bertrand de Jouvenel

Em París um operário paga um aluguel de 300 francos por mês; uma habitação adequada para uma família de seis pessoas custa 600 francos, isto é, o preço de onze maços de cigarros, dos mais baratos. Os apartamentos para famílias da classe média, de três e quatro peças, custam frequentemente de 450 a 750 francos por mês. Os funcionários públicos de categoria e os negociantes mais abastados pagam de 1.050 a 2.400 ou 3.000 por mês.

Aquí jaz um apartamento

Esse estado de coisas pode parecer desejavel, mas tem seus inconvenientes. Não há alojamentos vagos; ninguem muda de casa, e os proprietários não podem despejar os inquilinos. Os jovens recem-casados são forçados a viver com a parentela. Nestes últimos doze anos, a construção de casas tem sido praticamente nula.

Bertrand de Jouvenel, membro de uma conhecida família francesa, tem escrito muitos livros sobre economia e ciência política. Aceitou recentemente uma cátedra da Universidade de Manchester, na Inglaterra.

A única possibilidade de conseguir um apartamento é estar sempre à espera de que alguem morra. Os velhotes caquéticos que se sentam nos bancos dos jardins para apanhar um pouco de sol são seguidos, quando voltam para casa, pelas moças recem-casadas, ávidas de encontrar habitação. Estas logo entram em entendimentos com o porteiro do prédio, para obter primazia, caso o velho inquilino venha a morrer. Outros caçadores de apartamento preferem procurar os donos de agências funerárias.

Contrabando de habitações

Há duas maneiras de obter um apartamento vago por morte do morador. Legalmente, se um indivíduo preenche certas condições que lhe asseguram a prioridade, pode obter das autoridades uma ordem de requisição; mas, de ordinário, verifica que a mesma ordem, referente ao mesmo apartamento, já foi dada a dois ou três outros requerentes... O processo ilegal é o mais seguro: faz-se um acordo com o herdeiro, afim de que algumas peças

do mobiliário do pretendente sejam introduzidas na casa, logo após a morte do locatário. E, uma vez encaixado lá dentro, ele é como um rei no seu castelo.

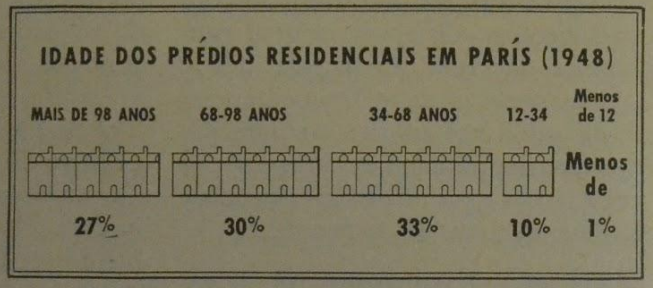
Para comprar o direito a um apartamento, o freguês terá que pagar, talvez, 150 mil ou mesmo 450 mil francos por cômodo. Nessas condições, só resta aos operários desistir de montar casa, e continuar vivendo com a família, ou em um sombrio quarto de hotel.

Miséria de París

PARÍS conta 84 mil edifícios de moradia, dos quais cerca de 90 por cento foram construidos antes da Primeira Guerra Mundial. Até a burocracia local, que não é muito exigente, reconhece que 16 mil desses prédios deveriam ser demolidos, por se acharem em péssimas condições. Isso não quer dizer que as outras estejam em condições satisfatórias: 82 por cento dos parisienses não têm banheiro, mais da metade deles são forçados a sair do apartamento para ir à privada, e um quinto nem sequer têm água corrente. Os inspetores do governo opinam que, em cada seis dos prédios existentes, pouco mais de um se pode considerar em bom estado.

Os senhorios não estão em condições financeiras de manter os prédios no seu estado atual, e muito menos de melhorá-los. Como exemplo de uma situação que se tornou comum, considere-se o seguinte caso: há uma senhora que é dona de três prédios com um total de 34 apartamentos, todos eles ocupados por famílias de classe média. Esses 34 apartamentos dão-lhe um prejuizo líquido, anual, de 24 mil francos, depois de pagos os impostos e as obras de conservação. O filho dela vê-se obrigado não só a sustentá-la, mas tambem a pagar esse prejuizo. E a dona não pode vender as casas: não há quem queira comprá-las.

Quando um proprietário tenta extrair um pequeno rendimento líquido da sua propriedade, cortando nas despesas de conservação, sujeita-se a grandes riscos. Certo senhorio foi adiando o conserto do telhado da casa, até que um dia a chuva, atravessando o teto dum apartamento, danificou duas velhas poltronas dum inquilino: o senhorio foi processado para indenizar as perdas e danos, e condenado a pagar uma soma equivalente a três anos do mesquinho aluguel pago pelo seu inquilino. Desde 1914 o valor dos aluguéis multiplicou-se, quando muito, 6,8 vezes, ao passo que o dos impostos aumentou 13,2 vezes, e o custo das obras anda por 120 a 150 vezes mais.



Em gradações insensiveis...

OS FORASTEIROS podem sentir-se inclinados a pensar que só a rematada loucura nos podia ter levado a semelhante situação. Mas não foi assim. Chegamos a isso através de gradações quase insensiveis, isto é, escorregando no plano suavemente inclinado do controle dos aluguéis... E isto não foi obra dos comunistas, mas de sucessivos governos, muitos dos quais se consideravam até bastante conservadores.

Esta longa história começou com a Primeira Guerra Mundial. Parecia então humano e razoavel estabilizar as despesas de habitação enquanto nossos homens lutavam na frente ou contribuiam de alguma outra forma para a vitória. Congelaram-se, pois, os aluguéis. Razoavel era tambem evitar perturbações quando, acabada a guerra, ao regressarem aos seus lares, os veteranos se vissem decepcionados com despejos e aumentos de aluguel. Foi assim que os contratos de locação anteriores à guerra se transformaram em situações de direito permanente. Os senhorios perderam—«temporariamente», é claro—o direito de dispor de sua propriedade.

Quando o problema foi finalmente discutido, em 1926, o custo da vida em geral tinha triplicado, e tornava-se evidente que a abolição das restrições impostas aos aluguéis acarretaria pesadíssimos aumentos para os inquilinos. Os legisladores resolveram prorrogar, a favor destes, o direito de manter a posse, mas autorizaram uma pequena majoração dos aluguéis. Definiu-se dessa forma um novo tipo de relações entre senhorio e inquilino: o proprietário ficou sem meios de expulsar o morador, ou de discutir com ele o montante do aluguel. O Estado encarregou-se de regular a subida lenta dos aluguéis, ao mesmo tempo que se ampliava o âmbito da lei, de modo a abranger tambem os prédios de apartamentos que até então não estavam incluidos nas restrições. Só os prédios edificados a partir de 1915 ficaram isentos do controle, como medida de estímulo à construção.

O medo da liberdade

NENHUM sistema de idéias inspirava esse regime, resultante do medo de re-

gressar bruscamente à liberdade contratual, que parecia tornar-se cada vez mais perigosa, à medida que os preços subiam. E, é claro, pretendendo-se controlar o nivel dos aluguéis, não se podia consentir simultaneamente que o proprietário despedisse o inquilino, visto como, em tal caso, lhe seria muito facil exigir do novo locatário um aumento secreto de aluguel.

À proporção que se avolumava a legislação relativa ao controle dos aluguéis—e nenhum outro assunto absorveu tanto tempo e energia do Parlamento!—a renda real dos prédios ia minguando de ano para ano. Veio depois a Segunda Guerra Mundial. Desistiu-se, naturalmente, do retorno à liberdade contratual que se previra para 1943, e todos os aluguéis foram fixados no nivel em que estavam, inclusive os dos prédios recentemente edificados, que até então haviam escapado ao controle.

Depois da Libertação da França, novas leis vieram autorizar o aumento dos aluguéis, mas o custo da vida subiu muitas vezes mais. Em poucas palavras, os proprietários dos prédios novos (construidos após 1914) têm sido autorizados a usufruir, em termos de renda real, menos de 1/10 do que recebiam antes da Segunda Guerra Mundial. Os donos de prédios antigos, ou seja, de 9/10 de todos os prédios, foram autorizados a cobrar um aluguel real equivalente a 12 por cento do que cobravam em 1939, ou a um pouco menos de 7 por cento do que cobravam em 1914—isto é, a quantia que fosse mais baixa.

Beco sem saida

UM CONSTRUTOR que se metesse hoje a edificar casas de apartamentos, não querendo perder dinheiro, teria que pedir aluguéis de dez a treze vezes superiores aos atuais. Assim, consoante um relatório do Conselho Econômico, um apartamento de operário, com três pequenos cômodos e cozinha, que hoje custa 3.900 a 4.800 francos de aluguel anual, teria que ser alugado por 50 mil a 60 mil francos ao ano. Nessas condições, é evidente que ninguem se aventura a construir.

A disparidade entre o preço legal da habitação e o seu custo econômico é tal, que até os mais fervorosos adeptos da liberdade contratual tremem de medo ao pensamento de que ela volte: as coisas foram já longe demais, no dizer deles, e o direito de despejar inquilinos, se fosse restaurado, não poderia ter execução prática. Haveria certamente uma greve geral dos inquilinos, que se recusariam a sair.

Daí, os estranhos projetos de lei que estão sendo estudados pelo Parlamento, e segundo os quais o inquilino continuaria a reter de direito a sua habitação, mas estabelecendo-se um «aluguel equitativo» a ser pago em parte pelo locatário, e em parte por um subsídio especial do governo—medida evidentemente inflacionária, como aliás todos os subsídios.

Mas esse «aluguel equitativo» não iria parar intacto às mãos do senhorio: uma parte, proporcional aos gastos de conservação, seria depositada a crédito dele em uma conta «bloqueada» cujo fim seria assegurar reservas para obras de reparação futura. Outra parte, esta muito maior, destinada à reconstituição do capital, iria ter ao Fundo Nacional de Construções. Dessa maneira ficaria sancionada, definitivamente, a desapropriação dos senhorios; e estes passariam, por força da lei, a desempenhar o papel de «porteiros» de seus próprios prédios, enquanto, à base dessa desapropriação, surgiria, com relação aos prédios futuros, um novo conceito de senhorio—o do Estado.

A caminho da ruina

O exemplo da França pode ser de muito interesse e utilidade para os nossos amigos da América, pois demonstra que o controle dos aluguéis de casa tende a perpetuar-se, e culmina simultaneamente na ruina material das habitações e na desapropriação legal de seus donos. Sob esse aspecto, a devastação que caiu sobre a França não foi tanto obra dos seus inimigos, quanto de nossas próprias leis.

Seja benvindo!

NA MANHÃ seguinte à da nossa mudança para uma casa nas proximidades de Nova York, alguem tocou a campainha da entrada. Era uma senhora, de sorriso amavel, trazendo uma bandeja com um bule de café, xícaras e alguns pães. Apresentou-se como sra. Mills, vizinha da frente. Enquanto tomávamos o café, a visitante falou sobre a localidade e os vizinhos e deu-nos detalhes sobre os mesmos—onde trabalhavam, o que faziam. Convidou meus filhos para brincarem com os dela, naquela mesma tarde, e deixou-nos uma agradavel sensação de cordialidade e afeto.

Às cinco horas, logo depois de me ter trazido as crianças de volta, o telefone tocou. Tratava-se da sra. Hart, que morava na mesma rua. «A sra. Mills disse-me que acabam de mudar-se para aquí. Com certeza estão ocupadíssimos, sem tempo para pensar em jantar. Tenho aquí um guizado à sua disposição. Quando estiverem com fome, apareçam.»

No dia seguinte, outra vizinha veio ver-nos para conversar e dar-nos informações sobre os melhores fornecedores—armazens, açougues, quitandas, etc. Depois de se prontificar a acompanhar-nos, quando fôssemos fazer as primeiras compras, deixou-nos uma lista das lojas mais próximas, médicos, dentistas, etc.

Soube, depois, que esse espírito de cordialidade e boa vizinhança refletia uma manifestação deliberada por parte de um grande número de moradores do bairro. Vendo desaparecer, cada dia mais, esse espírito, decidiram revigorá-lo. Planejaram, para isso, um sistema de revezamento nos diversos serviços e atenções. Agora, como já pertencemos à comunidade, caber-nos-á, em breve, a vez de proporcionar a outros recem-chegados surpresas tão agradaveis como as que nos foram reservadas.

—Roberta Fleming Roesch, em *Today's Woman*

Eis uma perene aventura acessivel a todos

«Um livro aberto é uma porta de luz»

(*Condensado de «Independent Woman»*)

Por Eleanor B. Stock

«PAPAI, que resposta a gente deve dar quando perguntam o que o sr. faz?» indagaram William e Henry James, Jr. Outros jovens fazem perguntas idênticas aos pais, mas poucos terão recebido respostas semelhantes à que o velho Henry deu aos filhos: «Digam que sou um filósofo, digam que ando à procura da verdade, que amo o meu semelhante ou, se preferirem, que escrevo livros; ou, melhor ainda, que sou apenas um estudante.»

Era quase como se tivesse dito: «Digam que costumo passear através dos séculos e falar com Shakespeare.» Ou, em termos mais atuais, «costumo voar através das rotas inter-seculares e não há tempestade que me obrigue a aterrissar.» Em suma, queria dizer que o estudo atravessa os séculos com a mesma facilidade com que cruza as fronteiras nacionais; que se aproxima da grandeza e nos conduz, com segurança, através de todas as intempéries...

O sentido profundo dessas inspiradoras palavras empolgou os filhos de Henry James. Confessaram, mais tarde, que a resposta paterna lhes dera a consciência de que havia «na natureza humana algo de sublime em perene movimento». William veio a ser o famoso filósofo norte-americano que escrevia no estilo de um romancista, e que um dia perguntou: «Haverá espaço e ar na sua mente?»

O espaço mental tem a dimensão que se quiser dar-lhe. Por mais longa que seja a vida, não poderá exhaurir semelhante fonte de emoções e privilégios. Tenho visto o tédio entre jogadores de bridge, mas duvido que um só estudante, digno desse título, possa jamais entediar-se.

Muitos dos nossos passatempos prediletos entram em conflito com o nosso trabalho e têm de ser relegados para os períodos de férias. O estudo resolve esse problema. Qualquer que seja a natureza ou gênero do nosso trabalho, o estudo servirá para desenvolvê-lo; e se tivermos algum passatempo favorito, torna-lo-á mais atraente ainda, podendo mesmo transformá-lo em profissão remuneradora. Foi assim que Rutherford Platt, um comerciante, influenciado por um amigo botânico, passou a interessar-se pelas plantas e veio a escrever o famoso livro *This Green World* (Este Mundo Verde).

Alguns deixam de estudar como diversão por acharem que isso requer um diploma, tempo de sobra ou vocação especial, mas nada disso é necessário. Na realidade, a educação começa no berço e se desenvolve através da renovação constante das suas células e do fluxo do seu sangue até à etapa final que é a morte. A inteligência foi destinada a crescer e a expandir-se.

Dizia-se de Lincoln que ele sempre cultivou a ânsia de aprender. Quando rapaz, costumava observar: «As coisas que quero saber estão nos livros.» Com efeito, os instrumentos necessários ao estudo estão ao alcance de todos:

(1) *Uma biblioteca pública.* Haverá alguma, sem dúvida, em local acessivel.

(2) *Um caderno de folhas soltas.* Quem adquire o hábito da leitura tem muitas vezes o util desejo de tomar notas sobre as passagens de leitura e fatos que nos parecerem de maior significação. Com o correr dos anos, os cadernos se transformarão numa antologia pessoal, tão profundamente «pessoal» que poderemos usá-la como um espelho onde se foram refletindo os índices do nosso desenvolvimento intelectual.

(3) *Aproveitamento dos minutos vagos.* É raro conseguirmos longos períodos de lazer. Se esperarmos por eles, jamais começaremos a estudar. Mas, todos os dias, há alguns quartos de hora entre encontros e ocupações. Sei de uma moça que, utilizando com eficiência e constância os momentos livres, conseguiu ler copiosamente, chegando a merecer de uma amiga o seguinte comentário: «É uma das pessoas mais cultas que eu conheço.»

Importante não é apenas a curiosidade intelectual, mas tambem a coragem de caminhar em direção aos objetos da nossa escolha. Pouco importa que se comece pela biografia, biologia, arte ou economia—o principal é prosseguir com decisão. Um dos aspectos mais fascinantes do estudo é precisamente a convergência de todos os ramos do conhecimento.

Se o estudo visar determinada pesquisa de fatos, terá menos importância o número de livros lidos que a seleção dos mais atualizados e autorizados. A esse respeito, a experiência ensinou-me que a maneira mais eficiente de ajudar a memória a reter os fatos consiste em incluir entre as leituras especializadas uma biografia ou romance relacionado com o assunto.

Outra proveitosa aventura intelectual consiste em dedicarmos alguns meses à leitura de obras sobre determinado período histórico ou uma das figuras imortais da história.

Muitas vezes, o estudo assumirá a forma de leituras variadas, passando da poesia à autobiografia, dos romances modernos à literatura clássica. Dessa forma, os horizontes se alargam, despertando novos interesses. Depois de alguns meses de leituras variadas, posso traçar novos planos de estudo suficientes para satisfazer a minha curiosidade e entreter-me ainda durante muitos meses.

Parecerá, ainda, que o estudo seja uma ocupação acadêmica ou passatempo de gente rica? Quando perguntaram a Sir Alfred Zimmern, autoridade em assuntos internacionais, qual o maior obstáculo que nos separa de uma paz mundial duradoura, a resposta foi pronta: «Os indivíduos de mentalidade estreita.» O estudo é uma excelente maneira de «alargar» a mentalidade dos indivíduos.

Agora que estamos evoluindo da cidadania local para a cidadania mundial, não basta que nomeemos comissões investigadoras e voltemos para as nossas casas sem a compreensão integral dos fatos. Em nossos lares, em nosso bairro, nos contactos pessoais de todo dia, precisamos não só conhecer como utilizar esses fatos no combate ao cancer da discriminação racial e da intolerância religiosa, afim de nos tornarmos parte da solução do problema, e não um elemento deste.

Questões de... etiqueta

UM AMIGO MEU, nomeado inventariante do espólio de uma parenta, teve de fazer uma lista de todos os bens. A boa senhora, extremamente econômica, gostava de guardar tudo e tivera o cuidado de pôr um rótulo em cada pacote. Um deles pareceu ao meu amigo o cúmulo da meticulosidade, pois dizia: «Colchetes de pressão desencontrados». Não esperava, porem, o que viu adiante: «Cordões curtos demais para serem usados».

—Carroll Smith

COM A ESPOSA doente, de cama, o marido foi à cozinha preparar-lhe uma xícara de chá. «Não consigo encontrar o chá,» gritou, minutos depois. «Ora,» retrucou a esposa, «nada mais facil de achar. Está bem na frente da prateleira da despensa, numa lata de chocolate com um rótulo que diz fósforos!»

—Alfred L. Prosser

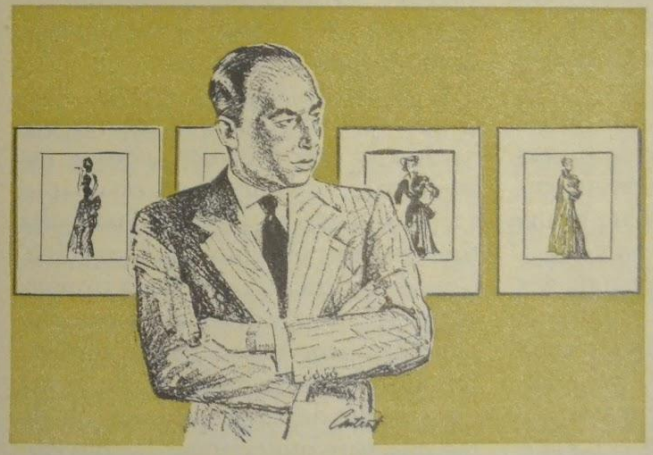
Como se impõem as modas

(Condensado de «The Atlantic Monthly»)

Por Stanley Marcus

NOS TEMPOS antigos, as modas eram muitas vezes ditadas por decreto da corte. Mais tarde, as mulheres de bom gosto, de projeção e de posses podiam, pelas suas seleções, influenciar a moda. Toda a indumentária era feita sob medida, sendo, por conseguinte, caríssima, até que, no início do século XX, veio a surgir a indústria da roupa feita. O estilo ainda era inspirado nas tendências estabelecidas por um punhado de mulheres chiques, mas a marca do fabricante começava tambem a revestir-se de certa autoridade.

As mulheres em toda parte já podiam adquirir lindos trajes em sua própria cidade, em vez de terem que fazer as suas compras nas casas de confecção sob medida, em París ou Nova York. A moda democratizou-se ainda mais quando o *rayon* passou a ser usado como fazenda econômica para a indumentária feminina, lá por volta de 1928. Figurinos de grande tiragem ensinaram às mulheres os critérios da moda e o barômetro do comprimento das saias.



A loja Neiman-Marcus, elegante estabelecimento de Dallas, no Texas, realizou, no ano passado, uma exposição de modas, e foi preciso recusar 20 mil pedidos de ingresso, por falta de espaço. Stanley Marcus é um dos vice-presidentes da companhia.

Mas muitas mulheres ainda não têm a noção do que é apropriado, a compreensão de *quando* e de *onde* devem usar determinado vestido e do que devem combinar com ele. Existe um grande setor inexplorado na educação, desde o plano primário: é a evolução do discernimento. Às mulheres, em sua maioria, falta esse critério, e algu-

mas estão cientes dessa falha. De forma, que, na dúvida, põem sempre o mesmo vestidinho preto, estejam desembarcando do *Queen Mary*, em pleno verão, ou assistindo a uma matinê musical. Sem dúvida, o vestido preto tem seu lugar, mas não convem abusar dele...

Certo dia, fui sujeito à prova de fogo: princípio *versus* expediente. Consultaram-me sobre um casaco de marta que um cavalheiro quase decidira comprar para sua filha, jovem de 16 anos que ia matricular-se num colégio elegante. Achei despropositado dar a uma adolescente um casaco tão caro; eu imaginava o desprezo de que ela provavelmente seria alvo por parte das colegas. Procurei interessá-la num casaco de preço mais modesto. O caixeiro lançou-me olhares negros, a menina ficou amuada, o pai irritou-se e acabou saindo. Em nome do bom gosto, eu sacrificara uma venda no valor de dois mil dólares.

No dia seguinte, entretanto, o pai estava de volta. A irmã dele dissera que eu tinha razão, pois uma menina de 16 anos não devia absolutamente usar um casaco de marta no colégio. Vendí-lhe, então, um *manteau* de 295 dólares, e assim conquistei um cliente para a vida toda. Decorridos seis anos, quando a filha se casou, o pai comprou-lhe afinal o casaco de marta...

O público de hoje fica às vezes perplexo com tantas influências: a propaganda comercial, as revistas de modas e até mesmo o cinema. Mas ainda há verdadeiras árbitras da moda. Não são a nata da sociedade como outrora, e nem as «dez mulheres mais bem vestidas» que os jornais norte-americanos escolhem anualmente. São as mulheres de bom gosto, nas universidades, no comércio, em casa, moças de todas as classes. Combatem a arregimentação geral, ousando trajar vestidos de gola alta ou baixa, saias curtas ou compridas. Cometem erros, mas, devido à sua tendência instintiva de dar personalidade à indumentária, apontam novos rumos que se tornam modas universais. Não se conformam com as imposições do comerciante ou do desenhista. Adaptam idéias de ambos; fornecem-lhes muitas outras.

O comerciante tem de observar esses ensaios de suas clientes e acalentar a fagulha da individualidade, porque é assim que nasce a moda. Certas senhoras são tidas como «freguesas dificeis» porque são excessivamente exigentes. Pois, quanto a mim, aprendí muito com tais freguesas.

Já dediquei horas a ajudar uma cliente de fino gosto a encontrar um vestido de preço módico, porque me ia inteirando do que ela queria quanto a côr, fazenda e silhueta. Sua bolsa tinha limites; seu gosto era magnífico. Uma dessas clientes deu-nos a inspiração para um tom de amarelo completamente novo. Vira-o numa pintura. O tom não existia na praça, de forma que tivemos de tingir todo um rolo de fazenda, para confeccionar-lhe um vestido de preço módico. No ano seguinte, esse matiz alcançou grande êxito popular.

Gasto muito tempo atendendo a mulheres de bom gosto que desejam

adquirir casacos. Guiado pelo discernimento delas, consigo pressentir a feitura que nossos estoques futuros deverão tomar: tamanho da gola, feitio do ombro, comprimento e tipo da manga. O comerciante alerta aprende a avaliar os clientes e a saber quais deverá observar.

O gosto do público em geral não é tão bom como o de certa minoria mais criteriosa, mas não é tão ruim quanto o imaginam os industriais e comerciantes. O público comprará mercadorias de mau gosto, se não tiver escolha, mas quase sempre acolherá qualquer produto de bom gosto.

A moda pode constituir uma influência educativa. Há dois anos eu soube que se preparava uma coleção especial de reproduções dos quadros de Paul Gauguin para comemorar, em 1948, o centenário do nascimento do pintor. Desde logo, resolvemos confeccionar uma coleção de vestidos em cores extraidas dessas obras. Conseguimos, a título de empréstimo, alguns dos quadros do pintor francês, que foram exibidos numa galeria especial. Afluiram multidões para ver a exposição, inclusive grupos de colegiais, trazidos pelos professores, afim de observar como a arte inspirava a indústria. Disseram-nos depois alguns dos educadores que a exposição de Gauguin provocara maior interesse pela arte, nas escolas, do que qualquer outro acontecimento de que se lembravam.

Há vários anos, duas senhoras, que haviam feito um estudo do vestuário do índio norte-americano, sugeriram que aí estava uma fonte inexplorada de inspiração para os criadores de modas. Seguindo esse conselho, nossos desenhistas apresentaram um magnífico sortimento de roupas e acessórios. Quando, após a guerra, se reiniciou o cultivo de tulipas na Holanda, surgiu uma série de trajes inspirados nos matizes dessas flores. Mandamos logo vir 5 mil delas por avião. Essa constante busca de novas idéias não só contribui para a venda da mercadoria, mas enriquece a comunidade que servimos. Alem disso, é divertida.

Claro, nem todas essas inspirações luminosas são bem sucedidas. Às vezes, escolhemos uma côr infeliz ou uma silhueta dificil. No ano passado, falharam-me os cálculos quanto à aceitação da cintura apertada. Recusei-me a acreditar que as mulheres usassem por muito tempo os espartilhos e outros desses verdadeiros instrumentos de tortura, e demoví nosso comprador da idéia de adquirí-los. Em breve verifiquei que me enganara.

O maior problema é saber quando a moda está em ascensão, quando já atingiu o auge e quando se inicia o declínio.

Nossos erros, em maioria, são de oportunidade, isto é, lançamos uma moda antes que o público esteja disposto a aceitá-la. Os modelos novos geralmente não dão lucro na fase primária porque pouca gente os quer. Tornam-se rendosos dentro de alguns anos e proporcionam lucros máximos ao atingir, por assim dizer, a maturidade, quando grande número de compradores se interessa por eles. A duração dessa fase é o que há de mais dificil

e importante para prognosticar, pois um equívoco pode redundar em graves prejuizos. Se a moda for apresentada depois do auge, acumulam-se estoques excessivos que têm de ser liquidados com grandes perdas. Se for subestimada, os clientes acorrem a um concorrente que tenha estoques do artigo procurado.

Alguns de meus prognósticos já nasceram mortos, outros excederam de muitos anos as minhas profecias. A gabardina surgiu como elemento da moda há uns dez anos e, segundo os cânones da profecia, já deveria ter morrido de velha. Achei há cinco anos que tinha alcançado o ápice, e avisei os compradores. Mas a procura continuou. No ano seguinte, eu tinha a certeza de que a moda acabara. A procura persistiu. Essa moda já contrariou todos os preceitos de que normalmente nos valemos, de forma que estou disposto agora a consultar uma vidente para me orientar... Enganei-me quanto à duração da moda do velocino para casacos, da côr vermelha viva e do sapato de bico aberto.

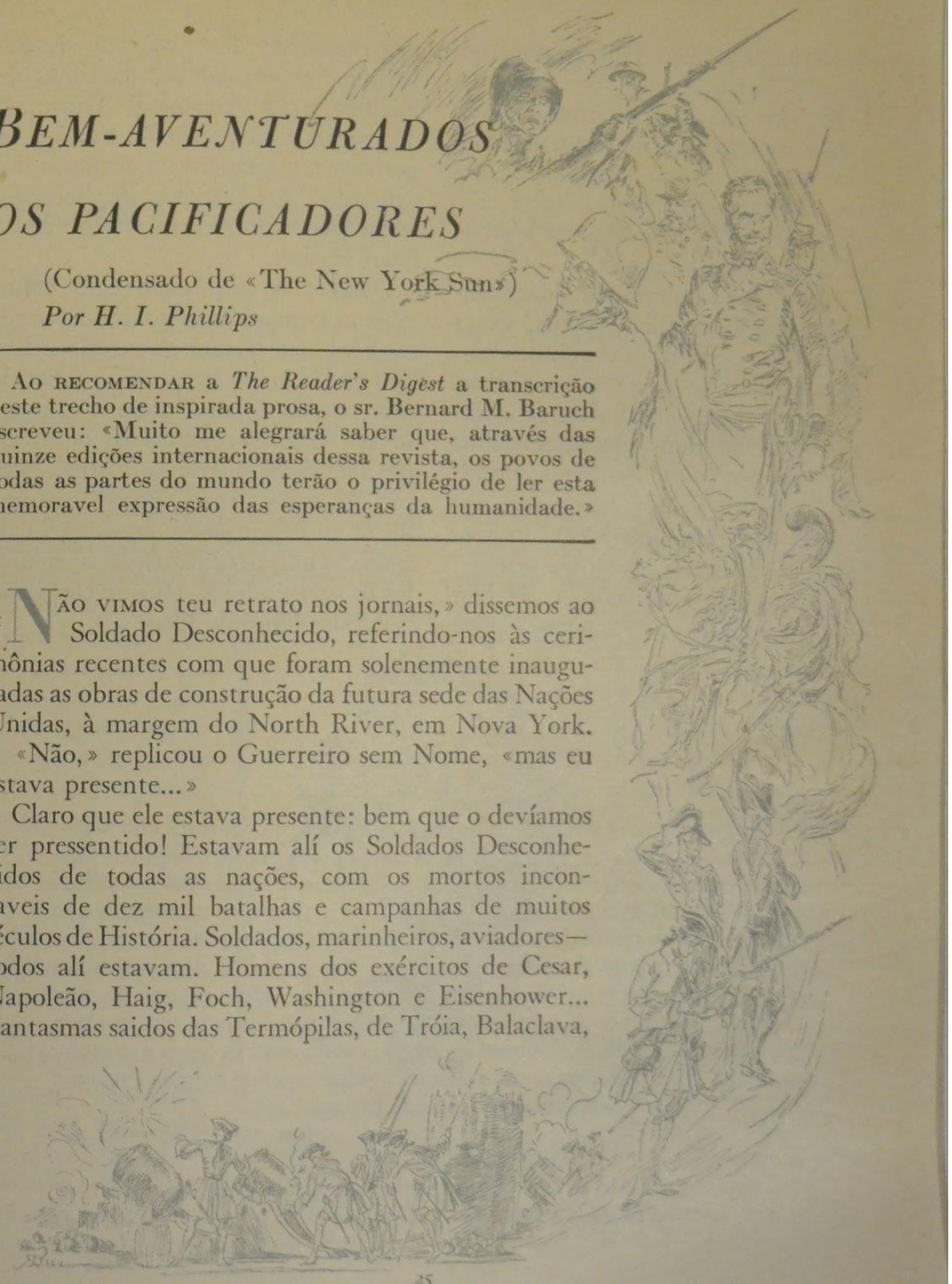
Tudo isso indica que a criação de modas não é ciência e que é tão dificil, para nós, acertar cem por cento, como o é, para os economistas, prever uma alta na bolsa de valores. O êxito, em ambos os casos, consiste em acertar mais vezes e errar menos vezes. E é impossivel acertar sem arriscar.

Tambem não é nada facil, para um estabelecimento varejista, manter normas de bom gosto. Mas é possivel, desde que a gerência saiba o que quer e esteja disposta a fazer valer seus conceitos. Em nossa loja já muitas vezes retiramos da venda mercadorias por acharmos que os compradores haviam errado ao encomendá-las. Sofremos um prejuizo de milhares de dólares com certo tipo de bolsa, só porque não nos conformamos com vender um artigo que não correspondia ao nosso critério. Rejeitamos a oferta de um fabricante de jóias de fantasia que propunha garantir-nos um lucro de 25 mil dólares, sem risco para nós, porque nos teríamos sentido envergonhados cada vez que víssemos uma cliente usando uma pulseira ou um broche de ornamentação exagerada. Entretanto, não nos consideramos heróis por sacrificar esses lucros. Achamos bom negócio perder um dolar para ganhar três. Sabemos que o movimento é maior porque os clientes têm confiança em nós.

Para acabar com as discussões

O DOENTE, cavalheiro de meia-idade, acabara de ser levado à sala de operações. No momento de começar a anestesia, perguntou qual seria o tamanho da cicatriz. O cirurgião deu-lhe uma resposta vaga. «Bem, doutor,» disse o paciente, «só tenho um pedido a lhe fazer. A cicatriz de minha mulher tem 11 centímetros e meio, e a da irmã dela, 10 centímetros. Queria que o sr. fizesse o meu corte maior do que essas duas cicatrizes juntas, para que elas não me caceteiem mais com o assunto.»

—W. O. M.



BEM-AVENTURADOS OS PACIFICADORES

(Condensado de «The New York Sun»)

Por H. I. Phillips

AO RECOMENDAR a *The Reader's Digest* a transcrição deste trecho de inspirada prosa, o sr. Bernard M. Baruch escreveu: «Muito me alegrará saber que, através das quinze edições internacionais dessa revista, os povos de todas as partes do mundo terão o privilégio de ler esta memoravel expressão das esperanças da humanidade.»

«NÃO VIMOS teu retrato nos jornais,» dissemos ao Soldado Desconhecido, referindo-nos às cerimônias recentes com que foram solenemente inauguradas as obras de construção da futura sede das Nações Unidas, à margem do North River, em Nova York.

«Não,» replicou o Guerreiro sem Nome, «mas eu estava presente...»

Claro que ele estava presente: bem que o devíamos ter pressentido! Estavam alí os Soldados Desconhecidos de todas as nações, com os mortos incontaveis de dez mil batalhas e campanhas de muitos séculos de História. Soldados, marinheiros, aviadores— todos alí estavam. Homens dos exércitos de Cesar, Napoleão, Haig, Foch, Washington e Eisenhower... Fantasmas saidos das Termópilas, de Tróia, Balaclava,

Waterloo, Château-Thierry, Guadalcanal e Bastogne.

E todos estavam presentes alí, com a dúvida estampada no rosto, mas com uma prece fervorosa nos lábios... Uma prece comum que parecia dizer: «Senhor, permití que desta vez seja de verdade e para sempre!»

Havia mulheres tambem, observando e rezando... Edith Cavell, Clara Barton, Joana d'Arc e as grandes hostes espirituais de mães, orfãs e viuvas.

Os fotógrafos, esbaforidos e desatentos, corriam em todos os sentidos, batendo chapas de ministros, diplomatas e prefeitos. Mas escaparam-lhes aqueles que verdadeiramente importavam. Não suplicaram «Mais um sorrisinho, só mais um, por favor! Um sorriso rasgado!» aos mortos vindos expressamente das praias de desembarque da Normandia, das ilhas do Pacífico, e dos desertos da África... E não rogaram tãopouco «A mão no ar, por favor, acenando!» a nenhum dos delegados dos infernos de Soissons, Mons, Khartum, Crecy, Blenheim, e Pearl Harbor.

Quando o crepúsculo caiu enfim sobre as escavadoras mecânicas, surgiu nos ares uma estranha aparição... Era a de um Homem Pregado na Cruz. E uma voz disse para quem a quisesse ouvir: «Bem-aventurados sejam os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos... Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.»

A salvação da mosca

Conta-se que certa vez, durante uma reunião de produtores cinematográficos, se travou uma verdadeira batalha entre Charlie Chaplin e uma mosca que não cessava de importuná-lo. Depois de inúmeras tentativas para afastar o irritante inseto, Carlitos exasperou-se e conseguiu que lhe trouxessem um mata-moscas. Enquanto prosseguiam as conversações o artista se manteve alerta, mata-moscas em punho e com um olhar ameaçador para a esquiva mosca. Vibrou-lhe três golpes sucessivos, sem resultado. Finalmente, a mosca pousou sobre a mesa, bem em frente a ele. Rubro de emoção, Chaplin levantou o mata-moscas, lenta e cautelosamente. Mas no momento de vibrar o golpe mortal, baixou a arma e deixou, propositadamente, que a mosca fugisse.

—Ora essa! exclamou um dos presentes. —Por que diabo você não a matou?

Chaplin encolheu os ombros, e respondeu:

—Não era a mesma mosca.

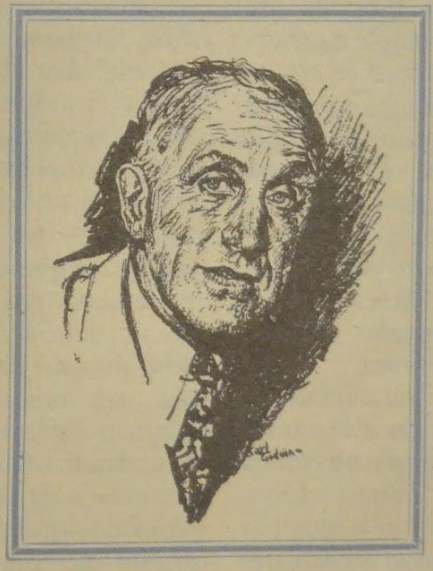
—M. M. Musselman, *It Took Nine Tailors*
(Ed., Whittlesey House)

Um herói do cais, sempre pronto a servir e a morrer

Um detective que soube perdoar

(*Condensado do «New York World-Telegram»*)
Por Fred J. Cook

As docas de Nova York são como um enorme cadinho onde se fundem inúmeros tipos humanos. Os homens que aí trabalham são de todas as nacionalidades e possuem os temperamentos e passados mais diversos. Têm eles em comum estas características: costas rijas, mãos e pés ageis, carater taciturno. Quem os interrogar sobre o seu passado logo concluirá que uma ostra é loquaz em comparação com eles... A razão é que, muitas vezes, o passado desses homens do cais é coisa de que nem é bom falar. Lá, onde a violência organizada explode frequentemente, ninguem esperaria encontrar tão requintada aplicação da regra que manda não fazer aos outros o que não desejamos que eles nos façam.



Esta é, pois, a história do homem que deu a sua amizade ao salteador que o baleara e lhe inflingira sofrimentos cruciantes e duradouros; é a história, tambem, do brutal *gangster* que, em reconhecimento à grandeza de alma do homem que lhe deu a derradeira oportunidade de viver honradamente, não lhe faltou com o seu apoio.

O primeiro personagem é o tenente John H. F. Cordes, há dez anos chefe da brigada de detectives do cais de Manhattan, e o único membro da Força Policial de Nova York que, até hoje, foi duas vezes condecorado com a mais alta recompensa concedida por essa força: a Medalha de Honra. É conhecido nas docas pelo nome afetuoso de «Johnny».

O segundo era John Whitton, a maldade personificada em um homem de 1,60 m de altura.

Certa noite escura, em março de 1923, estava Cordes de ronda, em substituição a outro detective, quando entrou numa charutaria. Atrás do balcão estavam dois homens ainda moços: um deles era Whitton, o outro o seu cúmplice Patrick Ahearn. Acabavam de assaltar a loja e de limpar a caixa registradora dos 80 dólares que continha. Tendo derrubado o caixeiro, que ficou estendido sem sentidos atrás do balcão, queriam agora fazer-se passar por empregados da casa. Mas o detective suspeitou logo de alguma irregularidade. Demorou-se na loja, remanchando, fingindo que não conseguia encontrar os charutos da sua marca preferida. Esse comportamento alarmou os dois salteadores e, assim que o detective virou as costas por um segundo, Ahearn exclamou: «Agora!» A primeira bala que Whitton disparou atravessou-lhe a palma da mão direita. Johnny agachou-se ao abrigo do balcão, e, com a mão esquerda, disparou um tiro, que foi ferir Ahearn no estômago. Mas uma segunda bala de Whitton furou-lhe o ombro.

O astuto detective caiu no chão, como se estivesse ferido de morte. Mas quando Whitton passou junto dele, fugindo para a porta, Johnny estendeu o braço, agarrou o bandido pela mão que empunhava a pistola, e fê-lo rolar por terra. Nesse instante um policial fardado entrou de chofre na loja. Tomando Johnny por um dos assaltantes, fez fogo contra ele; uma bala despedaçou a maxila do detective, indo alojar-se atrás da orelha. Esburacado de tiros, banhado em sangue, mais morto que vivo, Johnny foi levado com urgência ao hospital, onde passou dois meses de tormentos com o queixo cosido com fios metálicos.

Ahearn, que ainda não tinha ficha na polícia, foi mandado para um reformatório penal. Whitton foi condenado a 15 anos na prisão de Sing Sing. Restabelecido, o detective foi condecorado com a sua primeira Medalha de Honra e voltou ao serviço.

O sangrento incidente dessa noite gerou profundas transformações no carater de Johnny Cordes. A partir de então nunca mais ele andou armado, e aqueles que há muitos anos o conhecem, afirmam que a sua capacidade de estima dos homens e de compreensão dos problemas alheios se aprofundou por via do próprio sofrimento.

A resolução com que Johnny avançava, desarmado, em face das maiores ameaças de morte, era uma coisa que assombrava os colegas. Muitos presumiam que ele receava, sobretudo, cometer um erro semelhante ao do companheiro, que só por um triz não o matara. Todavia, ele tinha razões mais profundas para proceder assim: considerava-se melhor detective andando desarmado, do que se carregasse uma arma.

Um dos casos mais dificeis da sua carreira ofereceu-lhe a oportunidade de pôr à prova essa teoria, a que ele atribui o ter escapado com vida. Em 1927, estando um dia numa cabina telefônica, Johnny escutou o homem

da cabina vizinha dizer: «Pegamos seu irmão e o outro rapaz. Tirei dele a carteira do clube e vou rasgá-la em dois pedaços. Entregue o dinheiro ao sujeito que lhe apresentar a outra metade.»

Johnny procurou colocar-se de maneira a ver de relance as feições do vizinho, quando este saisse da cabina. Sendo excelente fisionomista, reconheceu logo nele um tal Joseph Marcus, tambem conhecido por Mickey White, procurado pelas autoridades como assassino de um chefe de polícia de Montreal.

O caso tinha todas as aparências de um rapto, mas Johnny não fora informado de nenhuma ocorrência do genero. Com os seus subordinados, o detective seguiu na esteira de Marcus até Brooklyn, onde o assassino se foi encontrar com outro indivíduo em quem os policiais reconheceram Dave Berman, raptor profissional e artista em assaltos à mão armada. Mais tarde Johnny veio a saber que o milionário Abraham Scharlin e seu sócio James H. Taylor haviam sido sequestrados, e que os seus raptores exigiam 400 mil dólares de resgate.

Certa manhã, Johnny seguiu Marcus até um parque onde Berman o esperava. O detective podia ver perfeitamente que cada um dos bandidos tinha dois revólveres, pois, ao sentarem-se num banco, repuxaram as coronhas para cima.

Quando Marcus e Berman sairam do parque, Johnny dirigiu-se a um policial em motocicleta que estava por alí, e disse-lhe: «Não me perca de vista, porque eu ando no encalço de dois conhecidos facínoras, e estou desarmado.»

«Dei a volta ao quarteirão para passar adiante deles,» conta Johnny, «e daí a pouco encontramo-nos cara a cara! Atravessei-me em frente deles e disse:—Mãos ao ar. Eu sou da polícia.»

Como era de esperar, Berman sacou logo do revolver, e o detective, peito contra peito, agarrou-o pelo pulso. Debatendo-se, Berman não podia fazer fogo. Marcus, que estava um pouco para trás e ao lado de Berman, puxou tambem da arma, mas Cordes serviu-se de Berman como de um escudo. O guarda da motocicleta, entretanto, aproximara-se e, na fração de segundo em que os três homens, envolvidos em luta, se separaram um pouco, fez fogo e meteu uma bala no coração do assassino canadense. Johnny, tendo arrancado o revolver da mão de Berman, deu-lhe um murro em plena testa. O caso teve grande repercussão na imprensa, e o resto da quadrilha de raptores bateu as asas, soltando os seus cativos.

«Se eu estivesse armado,» explica o detective, «o mais certo é que eles me tivessem liquidado. Eu puxava do revolver e eles atiravam—dois contra um, não podiam deixar de vencer.»

O chefe de polícia de Nova York, ao pregar a segunda Medalha de Honra no peito de Johnny como prêmio dessa proeza, disse: «Até agora não houve na Polícia outro homem com uma fé de ofício tão boa como a sua.»

Johnny Cordes, hoje um veterano

com 33 anos de serviço na força policial, é um homem pequeno, enérgico, de movimentos rápidos. Está sempre ajudando os outros. Tal foi o caso de Ahearn, o sócio de Whitton, ao sair do reformatório. O ex-salteador escreveu a Cordes, pedindo-lhe que o auxiliasse a arranjar emprego, e o detective assim fez.

Os anos correram, Whitton cumpriu a sentença toda em Sing Sing, mas, com o passado a pesar-lhe na reputação, não conseguia arranjar trabalho. Um dia resolveu telefonar ao detective. A esse respeito, diz Johnny Cordes:

«Tive sempre como regra que até o pior patife deste mundo pode contar comigo para obter emprego. Até hoje ainda não tive motivo para me arrepender de arranjar emprego para eles.

«Demos a Whitton um trabalho de carregador no Armazem 45,» continuou Johnny. «Passado algum tempo começou a correr a notícia de que o indivíduo que me tinha baleado estava trabalhando na estiva. Não tardou que ele perdesse o emprego.»

Johnny sorriu e abanou a cabeça: «Tive que arranjar outro trabalho pra ele, num armazem mais abaixo.»

Pouco depois, essa política do perdão deu os seus frutos, e bem impressionantes. Em fevereiro de 1941, alguem roubou uma caixa de metralhadoras do Armazem 54. Receando que as armas fossem cair nas mãos de bandidos, a polícia iniciou uma pesquisa intensiva.

«Estávamos num beco sem saida,» diz Johnny, «quando num feriado eu recebí um telefonema misterioso. Como eu não pude atender, alguem falou por mim e o indivíduo que chamou disse:—Diga a Johnny que procure no quintal dos fundos da gravataria da Rua 18, esquina da 12ª Avenida. Ele há-de achar alí o que está procurando.»

Johnny seguiu sem demora esse conselho, e foi encontrar as metralhadoras roubadas no tal quintal.

Três meses depois foi encontrado o cadaver de Whitton, boiando nas águas turvas do rio, com três balas na cabeça... O que se conta na zona portuária é que ele fora liquidado por haver fornecido ao detective aquela valiosa informação, mas Johnny não acredita nisso.

«Não, ele é que se meteu aí nalguma encrenca.»

Johnny já conseguiu emprego até hoje para mais de cem homens, a quem anteriormente havia prendido e feito condenar. «Cada criminoso a quem se dá trabalho é menos um ao serviço do crime,» declara ele. «E depois, quando sucede alguma coisa, como na história das tais metralhadoras roubadas, há sempre uma pessoa amiga que se lembra de nós...»

Pela altura em que Johnny recebeu a segunda Medalha de Honra, o Prefeito de Nova York ofereceu-lhe, como recompensa, a oportunidade de se aposentar para o resto dos seus dias, com o ordenado integral. Mas Johnny recusou a atraente proposta. A alegação dele talvez nos explique o seu êxito profissional: «Que é que o sr. quer fazer? Acabar com a minha distração?»

Muito mais se poderia fazer para *prevenir* esta debilitante enfermidade. Mas felizmente começam a registrar-se casos de tratamento bem sucedido

Febre ondulante—causa e remédio

Por Paul de Kruif

CONQUANTO seja perfeitamente possivel evitá-la, a febre ondulante — tambem chamada «febre de Malta» — ainda hoje tortura muitos milhares de seres humanos, chegando a causar mais vítimas do que a paralisia infantil.

Não há mesmo doença mais insidiosa; os mesquinhos micróbios que a provocam não matam suas vítimas de modo súbito e espetacular: preferem minar-lhes a energia, para deixá-las num estado de extrema fraqueza, que é justamente o sintoma principal da doença. Esses micróbios são como verrumas de dor dentro dos ossos de suas presas humanas, torturam-nas e chegam a incapacitá-las inteiramente com dores lombares; flagelam-nas com dores de cabeça; dão-lhes insônias; deixam-nas prostradas de febre durante meses, e mesmo anos; e chegam por vezes a matá-las, quando se fixam nas válvulas do coração.

Esta febre, que se manifesta em «ondas» (daí o seu nome), caracteriza-se pela sua capacidade de imitação, pois frequentemente se confunde com muitas outras doenças. Os médicos, iludidos, são levados por vezes a diagnosticar tuberculose, malária, febre tifóide, ou depressão nervosa. Em Dayton, nos Estados Unidos, foram operadas 12 pessoas que supostamente sofriam de apendicite, e duas outras que pareciam atacadas de inflamação da vesícula biliar. Ao estudar os orgãos extraidos, o dr. Walter M. Simpson concluiu que os 12 apêndices e as duas vesículas biliares estavam perfeitamente sãos. Nenhum dos doentes mostrou melhoras após a operação, e os exames de laboratório comprovaram depois que todos eles vinham sofrendo de febre ondulante.

Foi um jovem médico militar inglês, o dr. David Bruce, quem identificou os micróbios da febre ondulante, os quais foram por isso batizados de *brucella*. Bruce foi mandado em 1889 para a ilha de Malta, onde então grassava uma severa epidemia da enfermidade que se chamava de «febre de Malta». Ao analisar os baços de alguns soldados ingleses mortos pela doença, encontrou-os pululantes de micróbios, cuja origem se atribuiu mais tarde ao leite de cabra consumido na ilha.

As pesquisas posteriores vieram revelar que esses micróbios têm um pon-

to fraco, que de há muito nos devia ter habilitado a extirpar por completo a febre ondulante: *não se transmitem de homem para homem*. Insinuam-se em nosso organismo por via dos animais de criação—vacas, porcos e cabras, que nos infetam com três tipos diversos da referida doença.

Entre o gado vacum, os micróbios do gênero *brucella* determinam a chamada doença de Bang, ou aborto contagioso, a mais mortífera das enfermidades que ameaçam a indústria de laticínios. Pode-se descobrir, mediante exames de sangue, quais são as vacas contaminadas, e segregá-las das outras. Alem disso é possivel proteger por meio de vacina os animais não atacados, quando ainda bezerros.

O micróbio do porco contagia os fazendeiros, os veterinários e os açougueiros que entram em contacto direto com as carnes do animal, e essa ameaça só pode ser dissipada com a destruição dos micróbios que infetam os suinos. Mas, no caso dos *brucella* da cabra e da vaca—principalmente os últimos—a questão muda de figura, e há muito mais esperança de prevenção.

Os micróbios desse gênero, provenientes das vacas e cabras infetadas, introduzem-se no homem por via do leite cru e dos produtos do mesmo, tais como o queijo e a manteiga. Mas a pasteurização do leite aniquila todos esses germes.

Há alguns anos, o dr. Simpson constatou, no curso de poucos meses, 70 casos de febre ondulante em Dayton. A cidade decretou a pasteurização obrigatória do leite, e no ano seguinte não se registrou nem um só caso. Em Chicago, onde 99,8% de todo o leite consumido na cidade é pasteurizado, o Diretor da Saude Pública, Herman N. Bundesen, declarou que a febre ondulante transmitida pelo leite quase não pode ser considerada um problema para o seu Departamento.

A pasteurização é a mais simples medida, em grande escala, a tomar para a prevenção da febre ondulante: as autoridades sanitárias concordam, quase unanimemente, em que o leite para consumo humano deve ser sempre pasteurizado, dada a frequência do aborto contagioso, mesmo entre as melhores manadas de vacas leiteiras.

Os médicos que se defrontam com o problema da febre ondulante têm trabalhado incansavelmente para achar um remédio capaz de eliminá-la do organismo de seus doentes. Durante 20 anos experimentaram vacinas, soros e produtos químicos, mas tudo isso falhou.

Há dez anos, um grupo de médicos da Universidade de Minesota iniciou o tratamento sistemático apenas dos casos suficientemente graves para fazer acamar os doentes, e quando a enfermidade estivesse positivamente diagnosticada. Durante alguns anos nada acharam que fosse capaz de aniquilar os micróbios. A sulfadiazina, então nova, parecia prometer muito. Os doentes davam sinais de restabelecimento. A esperança cresceu. Mas a história posterior dos casos, cuidadosamente seguida, revelou somente um terço de curas, um terço de melhoras,

e um terço de recaidas. A penicilina foi um fracasso. A estreptomicina reavivou as esperanças, mas não chegou a curar completamente um só dos doentes.

Os aludidos cientistas só deram o primeiro passo decisivo no sentido da cura da febre ondulante, quando conseguiram sarar um doente que, aliás, veio a morrer. Esse homem estava doente havia dois anos, sem esperança, com os micróbios da febre ondulante a lhe corroer as válvulas do coração. Ministraram-lhe grandes doses de estreptomicina, mas as bactérias continuaram a desencadear suas ofensivas.

Por que era que a estreptomicina não o curava? Porque, segundo revelaram os exames de laboratório, os micróbios do doente se tinham tornado altamente resistentes a esse antibiótico. No entanto, esses mesmos micróbios se mostraram sensiveis à sulfadiazina. Os médicos passaram então a empregá-la em doses cavalares. Todos os *brucella* desapareceram do sangue do paciente, e não mais voltaram. Pouco a pouco, porem, e depois de ter registrado grandes melhoras, o doente foi mostrando dificuldades cada vez maiores em respirar, até que por fim seu coração parou. Feita a autópsia, verificou-se que os médicos haviam conseguido curar completamente a febre ondulante desse homem, mas quando já era tarde demais! Dois anos de enfermidade lhe haviam danificado irremediavelmente o coração.

Mas o triste caso do homem que morreu depois de curado pôs esses médicos num bom caminho, pois lhes inspirou um novo tratamento de medicação dupla: começaram por infetar com micróbios *brucella*, no laboratório, as gemas de milhares de ovos de galinha, fecundados; depois injetaram sulfadiazina em centenas desses ovos doentes, e estreptomicina em outras centenas. O tratamento não impediu que os ovos vingassem, mas verificou-se que todos os pintos que deles nasceram vinham infetados. Nos casos, porem, em que os ovos foram injetados *simultaneamente* com sulfadiazina e estreptomicina, os embriões não revelaram nem vestígios dos micróbios.

Em 1947, o grupo de Minesota dispôs-se a ensaiar o seu tratamento em seres humanos. Escolhidos os pacientes, ministraram-lhes doses de sulfadiazina por via bucal, e deram-lhes injeções intramusculares de estreptomicina em menor quantidade.

Um homem dado como perdido, com inflamação das válvulas cardíacas causada pelos *brucella*—até então inexoravelmente fatal—restabeleceu-se por completo. Outro doente, que estava de cama sofrendo dores medonhas em consequência da infecção de um nervo espinal, libertou-se dessa tortura. Um terceiro, a quem as dores lancinantes da infecção abdominal tinham inutilizado (nele, a febre ondulante simulava os sintomas da apendicite), restabeleceu-se rapidamente. Outros doentes, completamente incapacitados pela febre ondulante localizada na espinha, estavam de pé e andando, um mês após o começo do tratamento, e não tardaram em regressar ao trabalho.

Mais espetacular é o caso de uma doente que, enferma havia dois anos, fora tratada por 15 médicos, sofrera a extração da vesícula biliar, e acabara por ser internada em um sanatório de tuberculosos da espinha; e descobriu-se por fim que ela sofria de febre ondulante. Ao cabo de dez dias da medicação dupla, ela pôde sair do hospital, completamente curada.

Neste e em muitos outros casos, o poderoso tratamento por dupla medicação varreu de vez os *brucella* que infestavam o sangue dos doentes.

Os médicos da Universidade de Minesota fazem, porem, a seguinte advertência: há muitas pessoas em quem se diagnosticou a febre ondulante, na base, exclusivamente, de sintomas nervosos e da reação positiva da pele. Ora, esse exame não prova a presença da febre ondulante; mostra apenas que, a dada altura, a pessoa em questão esteve em contacto com os micróbios da doença. E o tratamento não é cura para uma doença que não seja febre ondulante.

A despeito da sua vitória, o referido grupo de médicos ainda não se considerava satisfeito. Esse tratamento tinha que ser ministrado nos hospitais, e saía muito caro. A salvação estaria em um tratamento por via bucal, com um remédio de confiança que pudesse ser ministrado pelos médicos de família. Pois esse recurso contra a febre ondulante parece estar agora em vias de realização.

Em setembro passado, o dr. Perrin H. Long e seus colaboradores do Johns Hopkins Hospital, de Baltimore, revelaram, em *The Journal of the American Medical Association*, a cura rápida de um indivíduo gravemente atacado de febre ondulante aguda: bastou que ele tomasse alguns comprimidos do novo antibiótico, a aureomicina. Desde então trataram-se mais quatro doentes, os quais ficaram completamente curados e não tiveram recaidas. O grupo de Minesota, trabalhando na Cidade do México em cooperação com o dr. Ruiz Castañeda, diretor do Serviço Mexicano de Combate à Febre Ondulante, acaba de observar o sensacional restabelecimento de 24 doentes, a quem foi ministrada a aureomicina por via bucal.

Se os fazendeiros, os peritos em saude pública e os legisladores se têm mostrado frouxos ou negligentes em organizar medidas de proteção pública contra a febre ondulante, pelo menos os homens de ciência dos Estados Unidos e do México estão agora resolvidos a emancipar a humanidade dos interminaveis sofrimentos a que essa doença dá lugar.

A VERDADEIRA prova de cortesia consiste em não mencionarmos que padecemos do mesmo mal de que se queixa o nosso interlocutor.

—*The Gas Flame*

FLAGRANTES DA VIDA REAL

ESTANDO de visita em uma pequena cidade, saí à procura de um tintureiro que me pudesse lavar uns ternos com a maior urgência. Finalmente, encontrei um cujo letreiro anunciava: «Lavamos e passamos em 24 horas». Depois de entregar os ternos, disse que voltaria no dia seguinte.

—Mas só ficam prontos no sábado, observou o proprietário.

—Como? protestei. —O sr. não anuncia que lava e passa a roupa em 24 horas?

—Claro que sim, retrucou ele, como que magoado pela minha reação. —Mas nós só trabalhamos oito horas por dia. Hoje é quinta-feira—oito horas hoje, oito na sexta-feira e oito no sábado. Total, vinte e quatro horas.

—F. D. M.

ELE TINHA 12 anos e acabara de ganhar as primeiras luvas de boxe. Como não tivesse companheiro para treinar, achou que eu talvez servisse. Eu era da mesma altura e tão inexperiente quanto ele; assim, acabamos por habituar-nos a treinar juntos todas as tardes, depois do colégio. Com o correr do tempo, porem, nossos treinos foram mudando de aspecto—cada dia, Ronald me fazia lutar com um colega diferente, enquanto me dava sugestões: «Cuidado com a esquerda! Guarda o rosto!»

Eu estava só, em casa, quando chegou um menino desconhecido. Era alto, forte, e imaginei logo tratar-se de um novo vizinho. Quando expliquei que Ronald não estava, o menino enrubesceu, e em seguida propôs: «Você quer lutar boxe comigo?»

Sem saber, ao certo, se o entendera bem, conduzí-o ao porão onde, em silêncio, sem nos olharmos de frente, calçamos as luvas e entramos no ringue improvisado. Imediatamente, uma saraivada de socos começou a martelar-me a cabeça e o estômago. Sentí o nariz inchar rapidamente e cheguei a desejar que uma morte instantânea me livrasse daqueles terriveis golpes. Só então, percebí que o menino resfolegava, de cansaço! Depois de cada investida, fazia uma pausa, sem cerrar a guarda. Esperei o momento próprio e avancei com o resto das forças que me sobravam.

O menino pulou fora do ringue, arrancou as luvas e, depois de atirar no

chão alguns níqueis, saiu correndo. Saí atrás, gritando:

—E o dinheiro, para que é?

Sem se voltar, o menino explicou:

—Ronald apostou comigo que nenhum garoto do colégio era capaz de vencer a avó dele, no boxe.

—M. G.

NA VÉSPERA da partida de meu tio para uma região lacustre, em gozo de férias, fui fazer-lhe uma visita. Encontrei-o de péssimo humor.

—Já não vou ter a quinzena que me prometeram. O diabo do meu chefe só me deu uma semana, e que se pode fazer no lago em uma semana? Não vou mais.

—Mas que pena! exclamei. —E então, que é que o sr. vai fazer?

—Bem, eu pensei bastante e acabei decidindo ir para a terra de ninguem —para o deserto tórrido, onde não há ninguem, nada que fazer e onde cada minuto parece uma hora. Vou me cacetear tanto e me cansar de tal maneira do maldito deserto que voltarei para o meu trabalho satisfeito, convencido de ter gozado, pelo menos, um mês inteiro de férias!

—G. B.

«TIA MARGÔ», como a conheciam todos, constituia, havia vários anos, um onus para a municipalidade. Semiinválida e sem parentes, vivia à custa da caridade de amigos. Certa vez, na época do Natal, fui visitá-la com meu marido e levar-lhe a habitual cesta de frutas e doces. Tia Margô, depois de agradecer-nos efusivamente, exclamou: «Gostaria, agora, que vocês vissem o meu maravilhoso presente de Natal.»

Tirando de sob o travesseiro um envelope com um cartão de boas-festas e uma quantia insignificante, disse-nos: «Com isto, vou comprar um brinquedinho de borracha que o bebê da minha vizinha possa morder—ele já está começando a dentição; e tambem um novelo de lã para a d. Maria, que é tão velhinha, coitada. O que sobrar, eu vou dar à d. Helena, a minha nova vizinha dos fundos, que está esperando um bebê muito breve—afim de que ela possa falar com o marido pelo telefone interurbano. Ele está num sanatório e não poderá passar o Natal aquí. Será um prazer enorme para ela ouvir a voz do marido. Não lhes disse que o meu presente era maravilhoso?»

Quando li o nome do remetente, no cartão de boas-festas, concordei sem hesitação. Era de uma das mais pobres vizinhas de Tia Margô—uma lavadeira. Sabia ela que o maior prazer de Tia Margô consistiria em participar plenamente das festas de Natal—não apenas recebendo, mas tambem dando.

—R. W.

Um idílio campestre na França

Compromisso na Normandia

A. J. Cronin

A. J. CRONIN exercia a medicina em Londres, e tinha uma boa clínica, quando, em 1930, adoeceu gravemente. Enquanto convalescia escreveu o romance *Hatter's Castle*, que o lançou em notavel carreira literária. Nos últimos 12 anos escreveu quatro *best-sellers: A Cidadela, As chaves do Reino, The Green Years,* e *Shannon's Way*, seu êxito mais recente.

QUANDO nosso automovel seguia pelas estradas ensolaradas da Normandia, entre campos cobertos de espigas douradas e pomares repletos de macieiras, já quase não víamos as cicatrizes da guerra: alguns fragmentos de metal enferrujado atirados à beira da estrada, um pedaço de um tanque destroçado meio oculto no emaranhado de uma sebe. Dir-se-ia que a guerra de há muito passara e fora de todo esquecida.

Era confortador contemplar o renascer da gleba arrasada, mas não se podia deixar de deplorar fossem tão escassos os testemunhos da invasão—esse grande e exaltado esforço que libertou aquele trecho fecundo da terra francesa. Ao chegarmos, porem, à hospedaria «Lion D'Or», na pequena aldeia junto a Avranches, onde passaríamos a noite, deparei com um pequeno vestígio que me reanimou e me fez sorrir. Escritas na vidraça fosca da porta do meu quarto, li estas obscuras palavras: «Johnnie Brown, soldado norte-americano, mora aquí».

Os rabiscos tinham sido feitos a lapis e podiam ser facilmente apagados. O fato de se conservarem alí interessou-me e, após o jantar, enveredando pela cozinha, falei sobre o assunto a Madame Delnotte, dona da modesta estalagem.

Como se debatesse consigo mesma se eu era ou não digno de sua confiança, sua expressão tranquila tocada pelos reflexos brilhantes das panelas de cobre alinhadas na parede, Madame Delnotte ficou a estudar-me. Olhou para a filha, Claire, que estava sentada junto à mesa a re-

mendar a roupa da casa, e em seguida, lentamente, com um ar de calma reminiscência, respondeu-me.

Sim, Johnnie fizera parte daquela expedição militar norte-americana que se empenhara na luta desencadeada em torno desse ponto focal entre Mortain e Avranches. Impossivel agora imaginar a severidade do conflito—a face de Madame Delnotte enrijou-se um pouco, enquanto se inclinava para a frente da cadeira. Não fora uma batalha comum, mas um combate que se arrastara durante semanas e semanas de indecisão e apreensões sem fim. Mortain, por exemplo, trocara de mãos nada menos que sete vezes. Em tais circunstâncias era necessário que parte das tropas, inteiramente exhaustas, fosse de vez em quando retirada das linhas por alguns dias afim de descansar e recobrar energias. E foi assim que Johnnie veio ter ao «Lion d'Or».

Era um rapaz calado, mas sorridente, de olhos e cabelos negros, alto para a sua idade. Acabara de concluir o ginásio quando rebentou a guerra. Apesar da sua reserva e do seu sotaque arrastado, Johnnie era o favorito de todos. Aceitava de boa veia toda sorte de trotes e Mme. Delnotte sabia, pelos camaradas dele, que o soldado era bravo em campanha. Alem disso, havia uma particularidade que o distinguia e distanciava dos demais: era um naturalista nato.

Nos períodos que lhe tocavam para descansar na estalagem, ele saía para os prados e florestas. Seguindo os trilhos ensombrados, marginava córregos e arroios de olhar alerta e inquiridor, parava para observar o vôo de um alcião, deitava-se ao comprido para estudar os movimentos de uma lontra ou de um rato aquático, separava o capim crescido para surpreender a fuga assustadiça e precipitada dos arganazes. Alí bem perto, a alguns quilômetros apenas, crepitava o inferno vivo da batalha; os rugidos da artilharia pesada inundavam os ares, chegando a produzir a impressão de que o céu acabara de explodir. Ainda assim Johnnie continuava, imperturbavel, na sua ocupação favorita. À noite, ao voltar com algum troféu, uma planta rara, uma nova borboleta, ou uma lagartixa dos areais de Salpaire, o seu rosto resplandecia de satisfação.

Nessa altura, bafejou-o um golpe da sorte: foi escalado para o serviço de transporte de suprimentos em Avranches, cujo quartel general fora instalado no «Lion d'Or». Já agora ele podia entregar-se com mais frequência às suas expedições. A princípio ia só, mas depois Claire, como que atraida pelo fervor heróico com que o soldado se consagrava à sua ocupação predileta, passou a acompanhá-lo. Era ela quem estava em sua companhia, no dia em que Johnnie encontrou num juncal um melro com uma perna partida e uma asa meio esmigalhada pela metralha.

Johnnie trouxe o pássaro para casa e era de ver a delicadeza e a habilidade com que tratava dos ferimentos do animalzinho. Enquanto Claire e a mãe observavam, ele encanou a perna fraturada, amarrou no lugar o coto da

asa partida, e, juntando os lábios em assobios acariciantes, induziu o arrepiado pássaro a bicar uma mistura quente de pão e leite. E, depois de deitá-lo numa caixa forrada de feno junto ao fogão da cozinha, ergueu calmamente o olhar e sorriu.

«Não se preocupem,» disse. «Ele vai sarar logo...»

Sentindo que as duas mulheres o encaravam, enrubesceu, e tentou desculpar-se, dizendo:

«Não há nada tão bonito na primavera como o canto do melro.»

Essa dedicação desinteressada pelas pequenas criaturas dos campos e das margens dos caminhos, tocou o coração das mulheres. Por toda parte, nos arredores, os homens se matavam uns aos outros, o ar estava pejado de morte e destruição, e, no entanto, o único intento desse rapaz simples e destemido era socorrer um pássaro ferido.

«Johnnie,» disse Mme. Delnotte de repente, «você tem um grande talento, que há-de torná-lo famoso.»

O rubor de Johnnie aumentou. Sob o estímulo desse elogio inesperado, começou a falar. Desde garoto desejara ser naturalista, antes mesmo de enfronhar-se nos maravilhosos livros de Audubon. Mas agora ele próprio queria escrever livros sobre a natureza, colecionar espécimes raros, enviar para os museus as preciosidades que descobrisse no estrangeiro. Como as condições fossem muito favoraveis naqueles bosques remotos da Normandia, quando a guerra acabasse ele gostaria de voltar, para dar início ao seu trabalho.

Assim que o rapaz parou de falar, houve uma pausa de silêncio. Então Claire, olhando-o timidamente nos olhos, disse em voz baixa: «Pois é, Johnnie, você tem que voltar.»

«Volto mesmo,» disse Johnnie, devolvendo-lhe o olhar com o seu sorriso claro e tranquilo. «Hei-de voltar.»

E Mme. Delnotte, retomando a narração depois de um breve intervalo, comentou: «Esses foram dias feli-

zes.» O inimigo, por fim, estava sendo repelido, e o povo já ousava pensar no futuro com confiança. O melro de Johnnie sarou e veio o grande dia em que, com a asa completamente curada, depois de alvoroçar-se com os primeiros saltos, ganhou o espaço, evolucionando sobre o páteo da estalagem, num doido delírio de alegria. Claro está que voou para o mato—Johnnie disse que ele ia em busca da companheira—mas periodicamente voltava, geralmente à tarde, para encarapitar-se no pulso de Johnnie e bicar um pedaço de maçã. Quando terminava de comer, como para mostrar que não tinha esquecido, sua pequena garganta dilatava-se e ele rompia numa série cascateante de trinados.

«Está pagando a refeição,» comentava Johnnie, sorridente.

À chegada do outono, quando a primeira geada pôs abaixo as folhas, o pássaro fez a sua visita de despedida, antes de voar para o sul. Pouco depois, Johnnie e seus camaradas de pelotão tiveram ordem de regressar à linha da frente.

«Ficamos tristes, naturalmente,» observou Mme. Delnotte, «mas não propriamente sucumbidos. Agora tudo parecia apenas uma questão de atravessar o Reno: o fim da guerra estava à vista.»

Fez nova pausa, e, embora eu esperasse com impaciência, não prosseguiu. Então, à medida que os minutos iam passando e se tornando opressivos, pareceu-me ter percebido a razão desse silêncio. Disfarçadamente olhei para Claire e logo em seguida em outra direção. Era evidente! A vitória levara Johnnie de volta para os Estados Unidos, onde as faceis promessas que fizera, sob a tensão emotiva da guerra, poderiam ter sido esquecidas com a mesma facilidade.

«Quer dizer,» observei por fim, «que Johnnie não voltou.»

Ambas me olharam, surpresas.

«Voltou, sim. Como não?» disse Mme. Delnotte, e, diante da minha confusão, teve um sorriso estranho. «Aliás ele está bem perto daquí. Vamos sempre visitá-lo. Por sinal amanhã é dia de visita...»

«Posso ir com vocês?» perguntei. Já agora eu daria tudo para conhecer Johnnie Brown.

Na manhã seguinte, depois do café com pão que acabara de sair do forno, entramos todos no automovel. Era uma manhã macia, o capim estava coberto de orvalho, a fumaça saía em espirais das chaminés—uma dessas manhãs em que a vida é uma delícia... Guiado por Mme. Delnotte, dirigí o automovel rumo à aldeia de Saint James. Ia pensando se não ouvira esse nome anteriormente. Penetramos na vilazinha pacata, subimos um lindo morro, e lá, no ponto mais alto, sim, lá, compreendí...

Em silêncio acompanhei mãe e filha através dos portões de ferro do bonito cemitério, passando por entre longas filas de toscas cruzes brancas, até que por fim paramos diante do túmulo de Johnnie Brown.

«Ele foi morto por uma mina terrestre... perto de Mulhausen... quinze dias antes do fim da guerra.»

A expressão de Mme. Delnotte, sempre tão sóbria e contida, desmanchara-se—tremiam-lhe os lábios, as lágrimas tinham-lhe umedecido os olhos. Relanceou o olhar pelo cemitério militar que se extendia no alto da colina, plácido e simétrico. A sua voz tremia e era quase um sussurro.

«O sr. compreende, Johnnie fica conosco... para sempre.» Agora ela chorava abertamente. «Nunca havémos de esquecê-los... nunca... Johnnie e esses outros bravos e queridos rapazes, pelo que eles fizeram por nós... pela França... e pelo mundo inteiro.»

Um sino tocou mansamente numa aldeia próxima e por fim afastamo-nos do cemitério. Voltamos vagarosamente pela Estrada da Libertação, onde, a assinalar cada quilômetro, está uma pedra com o brazão chamejante da liberdade. O manto do silêncio desceu sobre nós, unindo-nos pela emoção. Nesse momento—seria a minha fantasia?—clara e repentinamente, numa sebe distante, ou talvez fosse apenas no meu coração, ouví o canto de um melro...

Declarações inesperadas

Uma companhia seguradora emitiu uma apólice de seguro de vida em nome de um tal Samuel Johnson. O pagamento dos prêmios, feito pontualmente durante alguns anos, foi subitamente suspenso. Depois de ter mandado várias notas de cobrança, a companhia recebeu a seguinte resposta: «Prezado Senhor: Rogo-lhe nos desculpe por não podermos continuar pagando o seguro do Samuel. Ele faleceu em maio último. Atenciosos cumprimentos, Senhora Johnson.»

—Bob Feeney, no jornal *Democrat and Leader*, de Davenport (Iowa)

Um operário do Departamento de Obras Públicas estava enchendo um questionário que lhe foi submetido na repartição. À pergunta—«Quem é o seu superior imediato?»—respondeu, pronto: «Minha mulher».

—UP

Quando o governo norte-americano fez com que todos os seus funcionários enchessem os «questionários de lealdade ao Estado», uma senhorita embaraçou, com suas respostas, a junta fiscalizadora.

No espaço dedicado às suas atividades no exterior, a jovem escreveu: «Passei um ano na Alemanha, antes da guerra. Deverei ser, por isso, considerada nazista? Passei tambem um ano na Rússia. Deverei ser considerada comunista? Possuo, ainda, uma casa nas Ilhas Virgens. Ponto final.»

—Irving Hoffman, em *The Hollywood Reporter*

Eis um tema para discussão!

NÃO SE PODE ABARCAR O MUNDO COM AS PERNAS

Por
Bruce Barton

QUANDO NÓS, norte-americanos, ouvimos dizer que nosso país é «a mais poderosa nação do mundo», não nos devemos encher de orgulho, mas sim de profundas e graves apreensões. Quais foram as nações que desempenharam, antes de nós, esse papel? A Grécia, Roma, Portugal, a Espanha, a Holanda, a França, a Inglaterra, e a Alemanha. E a que foram reduzidas? A voltar-se, quase todas, para os Estados Unidos, afim de que estes as mantivessem em sua lista de pensões. Poderia aplicar-se a tais nações um epitáfio comum: «Quiseram abarcar o mundo com as pernas.»

Nenhuma nação pode arvorar-se em Deus da humanidade sem provocar sua própria destruição. O presidente dos Estados Unidos que tiver a coragem de fazer ao seu povo essa afirmação—e reforçá-la por meio de uma política exterior realista—fará jus não só à gratidão dos seus concidadãos como ao respeito das demais nações.

Não nos iludamos. Os Estados Unidos são hoje um dos paises mais antipatizados do mundo. Fazemos promessas exageradas, sem que tenhamos um programa para cumprí-las. Em todos os paises, há milhões de pessoas que foram induzidas à crença de que os Estados Unidos se comprometeram a resolver todos os seus problemas e dificuldades.

Ora, na realidade não podemos, simplesmente, executar tudo quanto se espera de nós. Não resolvemos, ainda, muitos dos nossos próprios problemas internos. Nossas ruas estão quase intransitaveis, devido ao congestionamento do tráfego; nossas escolas estão abarrotadas e as estradas de ferro desgastadas; temos deficiência de habitações para milhões de pessoas enquanto o problema da inflação solapa o poder aquisitivo do dolar. Entretanto, continuamos a prometer, e prometer, e prometer.

Aos paises ou aos grupos que se nos acercam com perguntas—«Que é que vocês propõem com relação a isto ou

aquilo?»—deveríamos responder: «Digam-nos primeiro o que vocês se propõem fazer, e nós veremos, depois, se podemos ou não colaborar.»

E, pelo amor de Deus, não continuemos a dizer às demais nações: «*Nós* não queremos nada.» Imagine-se o que acontece quando um representante norte-americano faz essa edificante declaração numa conferência internacional, ante delegações de paises que estão lutando arduamente pela sua própria sobrevivência. Nem um só dos presentes deixa de considerá-la como hipocrisia e mentira. E assim é, na realidade.

Queremos muitíssimas coisas. Queremos uma cooperação econômica mais estreita entre os paises europeus, para que eles não tenham de depender tanto da ajuda dos Estados Unidos. Queremos moedas estaveis e oportunidades comerciais razoaveis. Queremos a nossa parcela do petróleo do Oriente Médio. Queremos matérias primas e artigos que não produzimos ou que podem ser produzidos por outros paises em melhores condições.

Ouví, há poucos dias, uma exposição feita, em carater reservado, por uma personalidade norte-americana que esteve recentemente na Europa em missão oficial e jornalística e entrevistou as figuras mais expressivas da Inglaterra, França e Alemanha Ocidental. Disse ele: «Paul Hoffman, Administrador do Plano Marshall, é um homem de bem, e competente, mas tem sobre os ombros uma missão quase irrealizavel. Cada dia que passa, os paises europeus nos dão a entender que somos ainda mais responsaveis pelos seus problemas do que eles próprios. Muitos ingleses chegam ao ponto de declarar, francamente, que o Plano Marshall não foi concebido para benefício da Europa e sim dos Estados Unidos, que necessitam despender 10 bilhões de dólares anuais em alimentos, mercadorias e dinheiro afim de evitar o desemprego no país e escapar a uma crise econômica ruinosa. Tais pessoas acreditam, sinceramente, que nos estão prestando um favor ao aceitar os nossos dólares e os nossos produtos. Com o maior desembaraço, dispõem-se a continuar vivendo à nossa custa ainda por muitos anos.»

Os nossos delegados deveriam declarar, alto e bom som, nas conferência internacionais: «Senhores, queremos deixar bem claro que, para nós, a primeira coisa a considerar é o bem-estar e a segurança do povo norte-americano.» Essa é a linguagem que nenhum estadista estrangeiro deixará de compreender.

Enquanto nós—a nação mais poderosa—não definirmos com precisão e honestidade o que queremos, as demais nações não poderão elaborar planos construtivos.

Não há dúvida de que os Sovietes ambicionam o domínio do mundo. Mas não nos esqueçamos de que nenhuma nação conseguiu jamais manter esse domínio. Alexandre tentou-o, em seu tempo, mas o império não resistiu à sua morte: fraccionou-se, imediatamente, entre os seus inconciliaveis sucessores. O Império Romano, excessivamente extenso, ruiu ante as

investidas de um número relativamente pequeno de bárbaros. Hitler poderia ter batido a Rússia e conquistado temporariamente a Europa mas, antes mesmo da sua morte, as sementes da destruição do nazismo já teriam germinado nos corações dos seus próprios generais.

Pensemos, tambem, nas dificuldades que Moscou vem encontrando na Iugoslávia, com Tito, e em outros dos seus satélites. Tito, alem de eslavo comprovadamente russófilo, é comunista fanático. Moscou, entretanto, não sabe como lidar com ele. Pensemos, ainda, nas medidas policiais que o Kremlin tem de adotar para poder conservar-se no poder, na Rússia e nos satélites vizinhos.

Eis outro fator digno de nota: em nenhuma parte do mundo o comunismo venceria, hoje, um concurso de popularidade. Todos os povos querem a liberdade. Nenhum país jamais se pronunciou pelo comunismo em eleições livres ou chegou a ser dominado por uma ditadura comunista, exceto sob a pressão da força militar.

Mas suponhamos que a Rússia se torne ainda mais agressiva. Deveremos, por isso, empenhar-nos em uma terceira guerra mundial, na Europa? Essa é uma pergunta de suma transcendência e que cabe ao povo norte-americano responder. Poderá ainda haver vencedores numa guerra total? As duas guerras mundiais já deveriam ter ensinado que um povo, quando leva a destruição a outro, se vê depois obrigado, no seu próprio interesse, a reconstruí-lo. Quando se atira num inimigo, acerta-se num freguês; o país que ocupa o território de outro deverá prover à alimentação de dezenas de milhões de pessoas; a guerra significará, hoje, um irremediavel recuo na civilização, e, se resolver alguns problemas, *há-de criar muitos mais*. Um novo conflito acarretará o caos tanto para a Rússia como para os Estados Unidos e as demais nações que se vejam envolvidas no mesmo.

Nossa melhor esperança de paz reside numa política exterior *realista*, apoiada numa força aérea a tal ponto poderosa que nenhuma nação ouse atacar-nos. Até aí poderemos ir. Quanto mais cedo o fizermos, melhor será para todas as pessoas amantes da liberdade, no mundo inteiro. Mas, desde já, antes de aceitarmos novos compromissos para com outras nações, meditemos um momento e nos perguntemos, a nós mesmos: Não estaremos tentando abarcar o mundo com as pernas?

QUANDO interrogado por escritores principiantes sobre a fórmula milagrosa do seu êxito, o humorista Stephen Leacock costumava responder:

—Não há a menor dificuldade. Basta você pegar um pedaço de papel e um lapis e começar a escrever o que lhe for ocorrendo.

—Ah! É facil, respondia, pronto, o principiante.

—Escrever não é dificil, concluia Leacock,—mas ocorrer, meu caro, aí é que são elas!

—*The Wall Street Journal*

Meu tipo inesquecivel

Por Mabel Barbee Lee

TINHA EU dez anos quando conhecí Josiah Winchester. Ele e meu pai tinham-se juntado aos garimpeiros que procuravam ouro em Cripple Creek, mas a parecença entre os dois homens não ia mais longe. Meu pai era um autêntico garimpeiro, e dizia que Winchester nunca na sua vida pegara numa pá; que ele tinha a febre de enriquecer depressa, acreditando mais em logros do que em cavar o pão com o suor do seu rosto. Mas, para mim, ele era o Tio Si, pessoa cordial e adoravel, cujas mãos finas, sotaque brando, olhos risonhos e cinzentos, o tornavam bem diferente de todos os outros homens de Cripple Creek.

A família Winchester era quase tão pobre quanto nós. Os quatro cômodos da casa deles, bem perto da nossa, transbordavam de meninada. A mais velha das meninas, Susan, tinha a minha idade. A sra. Winchester, mulher gorducha, roliça e bem humorada, parecia não se importar de ter mais uma criança sempre agarrada às saias, e assim eu passava muito do meu tempo com Susan. A melhor hora do dia, para nós duas, era quando o pai dela chegava em casa para jantar.

Dizia ele: «Olhem aquí, suas bisbilhoteiras, que é que vocês estão procurando nos meus bolsos? Dêem o fora. Não tem nada pra vocês! Hoje ainda não ganhei o que espero... mas amanhã talvez ganhe.» Depois, agarrava um dos meninos mais novos e jogava-o no ar, quase até ao teto, enquanto os outros o puxavam pelas calças. «A gente chega em casa e en-

contra é isto: uma turma de meninos travessos! Agora sumam-se, que eu quero dar um abraço em sua mãe!»

Lavados os pratos da ceia e metidos os gurís a troxe-moxe na cama de armário, Susan ia buscar o tabuleiro de *parchesi*. «Que é que você está pensando, Susie? Quer-me pegar outra vez nesse jogo de tolos? Está bem: só uma partida, e acabou-se!»

A sra. Winchester puxava a cadeira para junto do lampeão de querosene, e começava a cerzir as meias da família, amontoadas no seu colo. Estava sempre pronta para aplacar as rixas que invariavelmente acompanhavam o jogo. Tio Si agitava o copo dos dados, murmurando entre dentes uma reza mágica da sua invenção, e, quando Susan e eu perdíamos, empurrava as fichas por sobre o tabuleiro com ar de triunfo. «Ânimo, minhas queridinhas!» dizia. «Só mais uma partida, e fico livre de vocês para sempre.»

Eram dois, três, quatro jogos... Não parávamos enquanto mamãe não aparecia a chamar por mim, lá da porta dos fundos: «Minha filha, você nunca aprende quando são horas de ir para casa?» Eu lançava um olhar de súplica à sra. Winchester, que dizia: «Por que a sra. não deixa que ela passe a noite aquí? Tem lugar de sobra no sofá, com Susan.»

Quando Tio Si partia para Denver numa das suas «grandes transações», Susan e eu nos sentíamos perdidas. Era frequente ele se demorar por longe tanto tempo, que parecia ter-nos esquecido completamente, e muitas vezes vi a sra. Winchester enxugando as lágrimas com o avental. Até que um belo dia ele reaparecia inesperadamente, e a casa voltava a encher-se de alegria. Proclamava a cada passo que não tardaria a enriquecer, e que não estava longe o dia em que todos havíamos de usar diamantes do tamanho de ovos.

E um dia a previsão deu mesmo certo! Em uma concessão de que Tio Si era sócio com direito a cinquenta por cento, descobriu-se minério que valia milhares de dólares a tonelada. Papai comentou: «É um dos melhores achados que até hoje se fizeram no distrito!» Ao ouvir a boa notícia, saí voando para casa dos Winchester, onde fui dar com a dona da casa pendurando na corda a roupa lavada. Disse-me ela: «Já me enganaram muitas vezes; nessa eu não caio. Quando Josiah me trouxer de Denver um casaco de pele de foca, talvez então eu acredite.»

O regresso de Tio Si foi uma festa. Apareceu bamboleando-se numa carruagem espalhafatosa, com os assentos atulhados de embrulhos de todos os tamanhos e feitios. Em vez do habitual chapéu de aba larga, trazia um coco preto, posto à banda, muito catita, e envergava um terno azul de listas cortado à última moda. Um lenço branco de seda voejava-lhe no bolso do peito, e quando se inclinou para nos beijar, a Susan e a mim, deixou o ar impregnado de água de colônia.

Pôs uma moeda de ouro na mão do cocheiro e disse: «Guarde o troco, moço. E me recomende à senhora!»

Susan e eu já estávamos desembrulhando os pacotes: havia brinquedos de todo jeito, quebra-cabeças, jogos de prestidigitação, uma lanterna mágica e, maravilha das maravilhas, um grande gramofone de concerto. Tinha comprado roupas para todos nós, um vestido de casimira vermelha, com um grande folho de seda, para mim, um vestido azul de lã de camelo, forrado de tafetá côr de cereja, para Susan, e, para nós duas, botas de cano com botões, de salto muito alto e biqueira comprida. Já estávamos prontas para ir pavonear-nos para cima e para baixo em plena avenida, muito ufanas das roupas novas, quando Tio Si nos chamou, exclamando:

«Venham cá, moças, e vejam que beleza!»

Sem quase ousarmos respirar, esperamos que ele abrisse uma comprida caixa de papelão, donde foi tirando folhas e mais folhas de papel de seda: até que, lá bem no fundo, surgiu o casaco preto de pele de foca!

Josiah Winchester não tardou muito em mudar a família para uma elegante moradia de pedra que havia comprado em Denver. Depois que eles partiram, eu costumava ir sentar-me, desolada e acabrunhada, nos degraus meio ruidos da varanda dos fundos da casa deles, fazendo esforços para imaginar que ainda ouvia, lá dentro, as gargalhadas de Tio Si.

Passado pouco tempo, começaram a correr entre os garimpeiros os boatos mais fantásticos sobre a maneira como Tio Si estava deixando escapar o dinheiro por entre os dedos, que nem azougue. Dizia-se, entre outras coisas, que Susan ia para a escola e voltava sempre numa carruagem, conduzida por um cocheiro de libré verde escuro. A escola de Miss Wolcott, que ela cursava, era só para grãfinas. Tinham mandado vir um cozinheiro lá dos confins do Sul, para fazer quiabo ao gosto de Tio Si. Muitos amigos novos, da alta roda, e parentes em quantidade, frequentavam agora a grande casa de 20 quartos, mas os velhos amigos não eram esquecidos. Nunca um garimpeiro batia naquela porta a pedir um adiantamento por conta de seus futuros achados, que não saisse satisfeito; e os donativos de caridade que Tio Si fazia, inspiravam artigos de fundo encomiásticos no jornal da cidade.

Quando Susan foi terminar seus estudos em Washington, Tio Si quis que eu a acompanhasse. Mamãe concordou, mas papai tinha outras idéias na cabeça. A concessão dele no Orizaba estava em vésperas de começar a render, e então ele estaria em condições de me mandar para um colégio onde eu pudesse aprender alguma coisa mais do que dançar o cotilhão... «O Winchester terá muita sorte se conseguir ficar com a mina dele,» disse papai a mamãe. «Anda lá metido com uns espertalhões, e um dia destes, você vai ver, ele há-de perceber que não tem onde cair morto. Aí é que ele vai saber o valor dos centavos...»

Era verdade que Tio Si nunca perdia o seu tempo a debater intrincadas transações legais. Afirmava com orgulho que a sua palavra era tão boa como

uma escritura, e confiava nos outros sem discutir, assinando papéis de todo gênero como se isso constituisse uma simples formalidade sem consequências. A dada altura levou a família inteira numa grande excursão pelo leste dos Estados Unidos. O jornal de Denver noticiou que os Winchester se tinham hospedado no Waldorf-Astoria, de Nova York, para passar as férias de Natal; que tinham alugado um palacete para passar a temporada de inverno em Palm Beach; depois, que iam comprar um iate de recreio para uso da família.

Mas um belo dia as notícias explodiram em *manchettes* nos jornais: Josiah Winchester voltara de chofre a Denver, para disputar o que restava de sua fortuna, já quase reduzida a nada.

Os espertalhões, sabidos nas manhas da lei, haviam-no esbulhado completamente dos seus direitos à mina de ouro, e Tio Si achava-se agora enrodilhado em uma teia de complicações legais. Duas vezes chegou a recorrer ao Supremo Tribunal do Estado, para ouvir no fim a mesma decisão: não havia prova suficiente para acusar de fraude quem quer que fosse. Era uma vez a fortuna de Tio Si, e não havia remédio! Perdeu a mansão de pedra; os amigos das horas de prosperidade desapareceram. E o jornal concedeu-lhe apenas, por último, uma breve referência: tinha-se mudado para o Arizona, onde projetava ocupar uma concessão de terras.

Estava eu no último ano do curso superior, quando tornei a ver Tio Si. Papai e mamãe tinham morrido, e no dia da colação de grau eu me sentia bem triste e sozinha. Foi quando chegou inesperadamente Tio Si. A custo o reconhecí: a sua silhueta, antes alta e graciosa, apresentava-se agora corcovada, e seu cabelo estava quase todo branco. Só os olhos cinzentos não haviam mudado, sempre prontos a irradiar um sorriso. Sentí na garganta um nó que não me deixava falar. Ele disse ternamente:

«Vamos, meu bem, não comece a chorar!» E torceu-me a orelha como se eu ainda fosse a menina de outros tempos. «Vim cá para assistir à sua formatura, tal qual seu pai faria, e estou tão orgulhoso como se fosse ele.» Começou a tatear nos bolsos do paletó esfiapado: «Você com certeza está precisando de uns trocados...» E em seguida colocou-me na mão uma moeda de ouro, de 20 dólares. Alguma coisa me disse no íntimo que devia ser a última que lhe restava.

«E nada de discussões; dinheiro é o que não falta... Estou tratando do maior negócio que já me apareceu. Daquí a pouco fico rico outra vez, e você e a Susie vão andar de casaco de foca! Ânimo, minha filha: esse ainda é o meu lema!»

Josiah Winchester nunca tornou a enriquecer, mas o tesouro que ele deixou na memória da mocinha que eu era, vale mais do que todas as minas de ouro. Porque tê-lo conhecido e me ter deixado encantar por ele, foram decerto as coisas que fizeram minha vida tão diferente do que, de outro modo, ela talvez houvesse sido.

«Às vezes há mais alegria e proveito em ser jovem aos 70 anos do que em ser velho aos 40»

—Oliver Wendell Holmes

EMPREGO PARA SEXAGENÁRIOS

(*Condensado de «The Christian Science Monitor» e de «California Monthly»*)

Por Virginia Wickersham

De um lado, a sociedade moderna faz o possivel para prolongar a vida do homem—enquanto, do outro, muitas vezes o dispensa por inutil devido à data que figura em sua certidão de nascimento.

«Os homens devem ser aposentados não segundo sua idade cronológica e sim de acordo com sua idade física e mental,» são as palavras de uma autoridade no assunto.

Um exemplo *sui generis* da execução prática dessa teoria é o «Clube dos Sessenta e Cinco», no Hastings College, a faculdade de direito da Universidade da Califórnia. Em vez de jubilar os professores à idade de 65 ou 70 anos,—como geralmente o fazem as universidades norte-americanas—Hastings não aceita um professor para um cargo efetivo, a menos que ele conte, no mínimo, 65 anos de idade e já tenha sido aposentado por uma das outras principais faculdades de direito do país.

O «Plano Hastings», que foi iniciado em 1940, é fruto de uma situação de emergência. Apenas um mês antes do início do semestre de outono, o Diretor David E. Snodgrass viu-se na necessidade de encontrar um catedrático para lecionar três matérias. Os professores de direito eram escassos, mas o diretor teve uma inspiração: de acordo com um julgamento rigoroso, fora aposentado por uma universidade vizinha, aos 65 anos de idade, um eminente professor de direito constitucional. Convidado por Snodgrass, ele aceitou entusiasmado a oportunidade de voltar ao magistério e, até hoje, leciona com satisfação no Hastings num regime didático de tempo integral.

Mais uma vez, em 1943, quando surgiu uma situação semelhante, o diretor contratou para o corpo docente outro «professor aposentado». Foi assim que nasceu o «Clube dos Sessenta e Cinco».

O sr. Snodgrass de novo pôs à prova sua idéia revolucionária depois da guerra, quando o Hastings College, como as demais universidades norte-americanas, se viu assoberbado por um elevado número de matrículas de ex-combatentes. Era mister ampliar o corpo docente e, por uma feliz circunstância, estava em disponibilidade um grande mestre de direito penal, um catedrático que fora aposentado pela Universidade de Stanford. Ainda outro professor de renome, autoridade

em processualística, foi nomeado pela escola. Desde então, mais cinco professores sexagenários ingressaram no corpo docente.

Em consequência dessa nova praxe, a faculdade reuniu um impressionante manancial de tirocínio letivo. Os estudantes gozam a vantagem de aprender com autoridades cujos livros são estalões em seus respectivos setores. Ademais, o fato de que as matrículas aumentam continuamente, constitui uma autêntica consagração do «Clube dos Sessenta e Cinco».

Camaradagem de motoristas

SUZANNE HANSON, jovem cantora do interior dos Estados Unidos, foi a Filadélfia para concorrer a uma bolsa de estudos do famoso Instituto Curtis.

—A sra. vai fazer os exames hoje? perguntou o chofer do taxi que a levava ao Instituto.

Suzanne respondeu afirmativamente.

—Cante, então, alguma coisa, propôs o motorista.

Surpreendida, a jovem não soube como excusar-se, e acabou entoando uma ária.

—Nada mal, disse ele, —mas o seu italiano está bastante fraco. A senhora ainda dispõe de uma hora, antes da prova?

—Disponho, respondeu-lhe a passageira.

—Então, vamos aproveitá-la bem.

Desligando o taxímetro, o motorista pôs-se a percorrer as ruas de Filadélfia, durante uma hora inteira, enquanto Suzanne cantava o seu repertório. Corrigiu-lhe todos os defeitos de pronúncia e chegou a dar-lhe vários conselhos sobre a voz.

Deixou-a à porta do Instituto minutos antes da prova, e desejou-lhe felicidade. A jovem conquistou a bolsa sem dificuldade.

—*Journal*, de Milwaukee

HÁ POUCO tempo, um agente de publicidade, em Nova York, tomou um taxi, deu «bom dia» ao motorista e pediu para ser levado a uma das estações ferroviárias.

O chofer arregalou os olhos.

—Não lhe cobrarei nada pela corrida, disse. —Sim, senhor! Parece mentira... Há 28 anos que estou na praça, e o sr. é a primeira pessoa que me dá bom dia!

Quando chegaram à estação, recusou-se a receber a importância marcada no taxímetro. O agente de publicidade surpreendeu-se tanto que se esqueceu de perguntar o nome do motorista.

—*New York Herald Tribune*

O urso negro pesa quase 200 quilos... e que força!

O bicho mais matreiro das florestas boreais

(Condensado de «Outdoors»)

Por David M. Newell

NÃO É à toa que se diz «forte como um urso», porque, realmente, não há nenhum animal do seu tamanho que se compare, em robustez, ao urso negro comum. De um golpe, é capaz de rachar o crânio de um boi. Certa vez, na Florida, seguí as pegadas de um deles, que matara um porco de 70 quilos e o carregara num percurso de quase meio quilômetro, provavelmente caminhando sobre as patas traseiras, pois não havia no solo vestígios de que tivesse arrastado a presa. Esse monstro havia também derrubado pequenos carvalhos de seis metros de altura, para pegar as bolotas...

De outra feita, seguí a trilha de um urso que, tendo sido colhido numa cilada, saira arrastando pelo mato o toro de madeira de uns 130 quilos, a que se achava pregada a corrente da armadilha.

A força bruta desses animais lhes é necessária, porque precisam procurar alimento nos mais variados ambientes e condições. São onívoros, devorando frutas, nozes, raizes, insetos, peixes, e qualquer outro animal que lhes caia nas garras—seja um rato ou um alce. Uma vez, abrindo o estômago de um urso depois de abatê-lo, encontrei nas suas entranhas um enorme enxame de maribondos. O bicho havia engulido esses demônios aferroadores sem a menor cerimônia.

Os ursos são loucos por mel, e para o obter sobem às árvores onde se aninham as abelhas bravas, ou furtam favos nas fazendas. Muitas vezes chegam a escalar postes telegráficos e arrancar-lhes os fios, por confundirem o ruido destes com o zumbido das abelhas. É curioso ver-se um desses animais tentando pegar formigas. Quando acha um bom formigueiro, enterra-lhe as patas e espera que os insetos, irados, venham picá-las; em seguida, passa a lamber as patas, saboreando gostosamente os himenópteros.

Muitos pescadores das regiões setentrionais sabem que não é de bom aviso deixar as canoas atadas à barranca dos rios, depois das pescarias, especialmente se nelas houver escamas de peixe, porque vêm os ursos famintos, e, sentindo o cheiro de peixe, tocam a arrancar as tábuas do fundo das embarcações, à procura do pitéu...

Os ursos cometem às vezes tamanha destruição, que até parece malvadez intencional. Um caçador de peles, em Ontário, contou-me o caso de um urso que penetrou em sua cabana, em pleno bosque, estragando tudo o que encontrou: esmagara todos os pacotes e caixas que continham alimentos; e no soalho da barraca havia uma repelente mistura de farinha de trigo, melado, arroz, açucar, feijão e café. A roupa estava espalhada por toda parte e os pratos quebrados. Com os dentes, o animal conseguira abrir várias dezenas de latas de conservas—frutas e legumes—pelo simples prazer de não deixar nada intacto.

Essas depredações acontecem comumente. São motivadas, creio, pelo «mau gênio» do urso, porque ele se irrita facilmente quando seus desejos são frustrados. O fato de achar uma cabana fechada, ou as provisões em latas, é o bastante para enraivecê-lo freneticamente.

Seu «temperamento» é, aliás, variavel: brincalhão num momento, pode eriçar-se de furor, sem nenhum aviso prévio. Devido mesmo a tais mutações, têm-se verificado muitos acidentes graves, principalmente nos bosques mantidos pelo governo em alguns paises, lugares esses em que os animais vivem em relativa liberdade, ficando os ursos muito mansos. Certa vez um turista desceu do automovel para fotografar um enorme urso, e, para que o animal se pusesse de pé, ele simulava manter na mão erguida qualquer coisa de comer. Descobrindo o logro, o animal subitamente se enfureceu, e, atacando o homem com uma das patas dianteiras, quase lhe arrancou o couro cabeludo.

Ao contrário do que se pensa, o urso não costuma abraçar a presa até matá-la; quando ele a sustenta nas patas, é para melhor poder ferrar-lhe os dentes. De uma feita vi um urso negro suspender um porco de uns 30 quilos e dar-lhe tamanha mordida no pescoço que o decepou. E, segundo o comentário do meu guia, «aquela cabeça de porco não estava presa com alfinetes!»

Embora à primeira vista pareçam lerdos e pesados, os ursos são capazes de grande velocidade, e conseguem, em pequenos percursos, vencer quase 50 quilômetros por hora.

Os ursos negros são os mais numerosos e mais largamente disseminados. Tenho seguido suas pistas ao longo de rios e regatos do Alasca, bem como em florestas situadas mais ao sul. É espantoso como se adaptam a quaisquer variações de clima, de região, e de condições de sustento.

O urso macho, de grande porte, pesa em média uns 180 quilos. Quando o animal se levanta sobre as quatro patas, sua altura pode chegar a uns 90 centímetros; mas quando se ergue nas patas traseiras, alcança às vezes quase

2 metros. A côr do pelo pode ser negra, canela, chocolate ou marrom claro; tem o focinho amarelado, e alguns ostentam uma mancha branca ou cinzenta no peito.

Nas regiões setentrionais, os ursos negros hibernam em covas ou sob a extremidade inferior de árvores tombadas. Procuram esses lugares não por medo ao frio, mas por já não encontrarem sustento suficiente. Cevam-se bem, durante o outono, e, de posse de boas camadas de gordura, podem ficar nesse sono constante desde novembro até abril. Durante o período de hibernação, seus aparelhos respiratório e circulatório funcionam muito lentamente.

Os ursos negros procriam durante o estio, e os filhotes—dois ou três ursinhos—nascem no fim do inverno seguinte, quando a mãe ainda se acha em hibernação. De olhos fechados ao mundo e quase sem pelo, os bichinhos ao nascer pesam menos de meio quilo. A natureza parece fazê-los assim pequeninos para que não exijam muito sustento, porque a mãe, para viver, ainda depende da gordura que traz armazenada no corpo.

Durante o primeiro mês, mais ou menos, os ursinhos só fazem mamar e dormir. Quando, porem, ao cabo de uns dois meses, deixam a cova, já estão do tamanho de um guaxinim. Gostam muito de subir às árvores menores, para que verguem sob seu peso; depois, oscilando o corpo, saltam ao chão e voltam a galgar de novo a árvore e vão repetir a brincadeira. Pelo outono, já os filhotes têm as dimensões de um cão de pastor, e sabem prover-se de tudo. Desmamados à idade aproximada de cinco meses, os ursinhos já aprenderam a caçar esquilos em suas covas, pegar peixes nas corredeiras, ou colher alimentos de outros modos.

As histórias que se contam sobre a ferocidade das ursas na defesa da cria, são geralmente exageradas. Quase sempre as ursas negras, quando encontram gente, deixam os filhotes sobre o tronco duma árvore e deitam a correr, afim de atrair para si a atenção de quem se aproxima.

Os ursos negros estão longe do perigo de extinção. Mesmo nas regiões densamente populadas, o seu número continua aumentando sempre. A despeito dos estragos que causam de vez em quando, os ursos são geralmente inofensivos ao homem, e constituem representantes bem característicos da fauna das regiões setentrionais.

ERA A primeira vez que eu visitava Los Ângeles. Quando o chofer do taxi, que discorria longamente sobre as belezas da cidade e as vantagens de se morar na Califórnia, fez uma ligeira pausa, perguntei-lhe:

—O sr. nasceu aquí?

—Nascí, sim senhora, respondeu-me com bom humor. —Há quatro anos...

—Marion Smith

Um recanto onde as velhas virtudes adquirem novo sentido

Guatemala, exemplo de como viver

(*Condensado de «Travel»*)
Por Nina Wilcox Putnam

Os médicos e professores não são os únicos que devem fazer cursos de atualização de conhecimentos. Todos poderíamos lucrar, tomando de quando em vez, um curso de atualização, sobre a essência do bem viver.

Há três anos, uma casa editora mandou-me à Guatemala. Partí, mal desconfiando que fosse visitar um país onde se renovariam minhas atitudes para com a vida e me seriam restituidos os critérios sólidos da juventude. Resolví ficar... e é aí que vivo hoje.

A Guatemala tem panoramas, cenas e costumes curiosos, em abundância. Mas o mais importante é a atitude de seus habitantes para com a vida, atitude essa muito semelhante aos princípios morais que atribuimos, tão ufanos, aos nossos antepassados e que, tantas vezes, desprezamos na prática.

Por exemplo, é rigoroso o respeito pela palavra dada. Meu primeiro contacto com essa relíquia do passado deu-se quando, querendo comprar uma casa, fui obrigada a fazer uma viagem aos Estados Unidos, para obter o dinheiro. O proprietário, Don Miguel, recusou-se a passar-me qualquer documento, dizendo que não era necessário. Voltei daí a 6 meses, preocupada por não haverem sido respondidas minhas cartas em que pedia desculpas pela demora, e receosa de que a casa tivesse sido vendida—o preço dos imoveis, eu o sabia, havia aumentado—mas Don Miguel me reservara a casa ao preço combinado.

—Mas o sr. podia tê-la vendido pelo dobro! exclamei.

—Dei-lhe minha palavra, respondeu, surpreso.

Don Miguel—homem de origem humilde, que progrediu pelos próprios esforços—não respondera às cartas porque não sabia ler nem escrever. Mas sabia o que significava uma promessa.

Na Guatemala, as riquezas não infundem especial respeito. A honestidade, sim; a religião, tambem; a bondade, igualmente. Mas o dinheiro, nunca! Este, aliás, nem sempre é usado nas transações. Quando tentei adquirir um gatinho branco, lindo como um floco de neve, a proprietária recusou-se a vendê-lo.

—Eu o troco por um frango branco, disse-me.

Minha experiência revelou-me que havia uma aversão geral à venda de animais vivos, especialmente gatos. Acabei levando o gatinho, mas não a troco de um frango. A proprietária convenceu-se de que eu realmente o estimava, e fez-me presente dele.

Mas um presente tem de ser correspondido. Assim foi que, quando vi um menino esculpindo uma Nossa Senhora, em alvo mármore nacional, comprei a estatueta e, decorrido um intervalo de cortesia, presenteei-a à antiga dona do gato, conquistando assim uma amizade.

É com satisfação que observo a importância das boas maneiras entre todas as classes da sociedade. As altas rodas obedecem a normas rigorosas; pelo menos exteriormente, sua conduta é irrepreensivel, pois, do contrário, seriam objeto de desprezo geral. Os jovens estão sempre sob as vistas de alguma pessoa mais velha, mas parecem divertir-se, apesar de todas as restrições.

Tal como na maioria dos paises latinos, na Guatemala atribui-se importância e dignidade à velhice. Sendo já de certa idade, regozijo-me em observar a deferência com que são tratadas as pessoas que já acumularam experiência de longos anos. A mulher mais idosa, em cada família, é a autoridade suprema e inconteste. Certa vez, ia fazer uma transação com um senhor de 48 anos, mas as negociações ficaram suspensas pelo espaço de 24 horas, porque ele não as podia concluir sem satisfazer primeiro as formalidades de família, sob pena de incorrer em descortesia.

—Terei, naturalmente, que ir primeiro ao interior, explicou-me com gravidade, para obter o consentimento de minha mãe.

Tudo isso, diga-se de passagem, tem constituido uma lembrança constante da força da vida familiar coesa.

Outro atrativo para mim é que aquí os preconceitos raciais são desconhecidos. Seria até ridículo professar «tolerância» de uma raça, tão desnecessário isso se faz.

Gosto da Guatemala principalmente porque lá é possivel praticar o culto da religião, aberta e simplesmente, sem embaraços. Ninguem se sente constrangido de entrar na igreja várias vezes por dia para orar. A caminho da igreja muita gente leva, pelas ruas, uma grande vela para oferecer em sinal de gratidão ou súplica à divindade. Quase toda a gente o faz. As igrejas ficam repletas e os fiéis se reunem em grandes vagas, cheios de veneração plena e confortadora.

Percebo com agrado que, na Guatemala, todas as religiões têm a mesma liberdade de culto que eu. Isso não só se refere a judeus e cristãos, pois milhares de índios desfilam pelas ruas em procissões pagãs com igual desembaraço, espargindo pétalas de rosa diante das pétreas imagens de seus deuses, no cume dos montes. Aqui, só a falta de religião é considerada um estigma.

A Guatemala tem lá seus inconvenientes, é claro, mas são secundários, próprios de um país que emerge dos arquivos poeirentos de uma grandeza esquecida. Portanto, apesar de certa falta de comodidade, gosto da Guatemala porque me proporcionou uma importante lição na atualização do código de ética que meus pais há muito me ensinaram.

Piadas

NUM CHÁ de intelectuais: «O sr. escreve? Que coincidência! Eu leio!»

—Dan Koerner, em *The New York Times Book Review*

O MARIDO à mulher: «Uma coisa eu devo reconhecer com relação aos teus parentes: gosto mais da tua sogra do que da minha.»

—Bill King, Chicago Tribune—N.Y. News Syndicate

A MOTORISTA ao inspetor de veículos: «Será que esta multa não anula a de hoje de manhã?»

—D'Alessio, Publishers Syndicate

UM CAVALHEIRO de aspecto austero, desvencilhando-se de uma sereia provocante: «Com licença. A senhorita está embaciando meus óculos.»

—Pearson, em *The Saturday Evening Post*

A JOGADORA de golfe, à companheira que acaba de dar uma tacada em falso: «Você está progredindo! Desta vez, a bola chegou a tremer!»

—Gregory d'Alessio, Publishers Syndicate

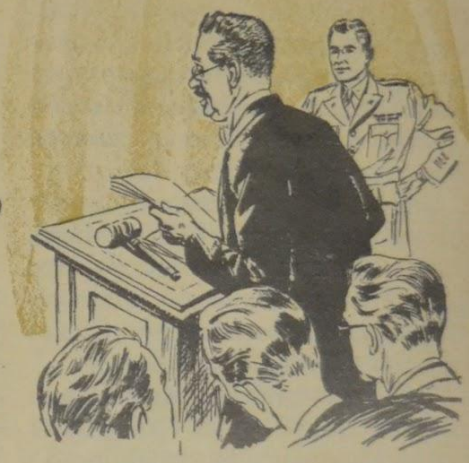
UM CASAL ao *maître*, num restaurante: «Uma mesa perto do garção, por favor.»

—Jack Markow, em *Collier's*

A FREGUESA na peleteria de luxo: «Se o meu marido não gostar deste casaco, o sr. me promete que não o aceitará de volta?»

—Gregory d'Alessio, Publishers Syndicate

Assembléias populares no Reno



(Condensado de «The American Magazine»)

Por Gordon Gaskill

HERR HEINRICH HÜGEL era apenas o funcionário que expedia as licenças de motorista no Distrito de Sinsheim, mas no seu minúsculo departamento agia como um verdadeiro soberano. Era um típico burocrata alemão. Um dia, por exemplo, escreveu a dois fazendeiros dizendo-lhes que viessem buscar as respectivas licenças na sexta-feira seguinte, o primeiro às 9 e meia da manhã e o segundo às 11 e 25. Como eram vizinhos, os fazendeiros fizeram juntos a viagem à cidade. Encontraram Herr Hügel sozinho na repartição, com as duas licenças, prontas, sobre a mesa.

Hügel entregou uma ao primeiro fazendeiro e, voltando-se para o segundo, trovejou:

—Não lhe disse que viesse às 11 e 25?

—Mas a licença está pronta, não está?

—Não discuta comigo! Quando digo 11 e 25 quero dizer 11 e 25!

Submisso, o fazendeiro pediu desculpas e saiu para matar o tempo até à hora marcada.

Os funcionários públicos alemães sempre procederam dessa maneira e os cidadãos, embora por vezes resmungassem contra semelhante tratamento, nunca sonharam em promover nenhum protesto formal. Era dever do bom alemão obedecer sempre aos funcionários do Estado.

O Distrito de Sinsheim está situado na zona norte-americana da Alemanha. Um belo dia, os incompreensíveis americanos organizaram uma reunião a que chamam «assembléia popular». Convidaram os habitantes do lugar a comparecer afim de que fizessem as perguntas que desejassem.

Ante as centenas de pessoas reunidas, o oficial norte-americano explicou que os funcionários não passavam de servidores do povo. Acrescentou que tanto ele como os funcionários ale-

mães alí presentes estavam prontos para responder às perguntas e observações que lhes fossem feitas. A princípio, não surgiram senão algumas perguntas tímidas e sem importância. Receberam respostas diretas e imediatas e o comício foi ganhando calor.

Um cidadão mais corajoso animou-se a assinalar a conduta de Herr Hügel. Contou o que sucedera aos dois fazendeiros e perguntou se se considerava justificavel tal procedimento. Outros lembraram histórias semelhantes.

O *Landrat* (prefeito distrital) prometeu investigar o caso. Uma semana depois, Herr Hügel foi demitido.

A curiosa «assembléia popular» alcançara algum resultado prático. Horas depois, a notícia circulava por todos os recantos do distrito. Um fazendeiro jovial interpretou os sentimentos de Sinsheim: «Estou começando a gostar da tal democracia. Os americanos talvez não sejam tão loucos como se diz!»

Por duas vezes em sua história (agora e durante a chamada República de Weimar, que precedeu a Hitler), os alemães provaram o sabor da «democracia». Em ambas as ocasiões, encontravam-se vencidos, de joelhos, em pleno caos. Hoje, a simples menção da palavra democracia provoca pilhérias amargas. Significa apenas, para elés, confusão e desordem, funcionários incapazes e estômagos vazios.

Entretanto, as «assembléias populares», abertas à livre discussão dos assuntos públicos, sem barreiras de qualquer espécie, têm contribuido de maneira notavel para dar aos alemães a verdadeira noção da democracia. A princípio surpresos, depois curiosos e, finalmente, entusiasmados, centenas de milhares de alemães estão reformando seu conceito do regime democrático.

Todas as noites, em algum recanto da zona norte-americana, realiza-se um desses comícios. Trata-se de uma tremenda luta contra a velha e enraizada tradição alemã por força da qual os cidadãos se curvavam temerosos, chapéu na mão, ante os funcionários por eles mesmos eleitos, dizendo apenas: «*Jawohl, Herr Bürgermeister!*» ou «*Natürlich, Herr Landrat!*»

Antes de iniciar a prática das «assembléias populares» numa comunidade alemã típica, as autoridades norte-americanas fizeram uma espécie de inquérito confidencial para conhecer a reação do povo. O *Landrat* indignou-se. «Fantástico! Imaginar-me exposto num pelourinho para divertimento do público!» O burgomestre não foi menos enfático: «Esses fazendeiros são gente inculta; não sabem o que lhes convem. Nós é que devemos pensar e decidir por eles!»

Muitas pessoas confessaram não ousar fazer aos prefeitos perguntas delicadas. «Eles sempre encontrarão um meio de se vingar de nós,» diziam, «seja reduzindo-nos as rações, negando-nos cupões para sapatos, metendo mais gente na nossa casa ou mesmo requisitando a casa toda.»

Apesar de tudo, após uma quinzena de persuasão, o comício foi realizado. Compareceram mais de mil pessoas; outras mil se postaram diante dos alto-falantes instalados na vizinhança. Já era uma da madrugada quando o oficial norte-americano propôs o encerramento do comício, mas a massa protestou vivamente: «Só agora é que estamos começando!» Quando o oficial declarou que promoveria outra assembléia no trimestre seguinte, os protestos se ouviram de novo: «Queremos uma por mês!»

Não faz muito tempo, o próprio *Landrat* confessou que estava gostando da inovação. «O povo fica sabendo que nós tambem temos os nossos problemas a resolver,» explicou. «E vê que não me é possivel satisfazer a todos.» Ele aprendeu, assim como um número crescente de políticos alemães, que o meio de adquirir a confiança pública e, assim, granjear votos, consiste em tratar com o público, nas assembléias, usando de sinceridade.

O êxito da idéia das assembléias populares é particularmente digno de nota sobretudo pelos sérios obstáculos que teve de vencer. O primeiro consistia no fato de ser «democrática» e, o segundo, por ter sido criação «norte-americana». A verdade é que ninguem tolera um exército de ocupação, por mais brando e prestimoso que seja. Não foi mesmo facil encontrar cidadãos alemães para integrar as comissões promotoras dos comícios. Um deles expressou-se com a maior franqueza: «Não quero meter-me em política. Se os americanos forem embora, os alemães dirão que fui colaboracionista; e se os russos chegarem, me classificarão logo como inimigo, agente americano.»

Mas, por uma simples razão, os comícios tiveram enorme êxito, apesar dos temores e preconceitos: produziam resultados práticos. A cidade de Nieder Fullbach, por exemplo, acabara de resolver não reabrir as escolas municipais porque a prefeitura não podia fornecer as carteiras. O comandante norte-americano sugeriu a convocação de um comício para tratar do assunto. Com surpresa geral, o próprio burgomestre, que era carpinteiro, fez a seguinte oferta: «A minha oficina está à disposição de quem quiser trabalhar, à noite, para fazer as carteiras.» Dezenas de voluntários se apresentaram imediatamente. A cidade mobiliou as escolas, dando ao país uma grande lição de democracia prática.

As assembléias serviram, ainda, para provar que as autoridades alemãs já dispõem de muito mais poder do que o povo supunha. Embora as autoridades de ocupação ainda retenham o controle dos altos postos do país, as demais funções administrativas já passaram, virtualmente, para as mãos dos próprios alemães. O povo reluta em acreditar nesse fato e alguns funcionários alemães disso se têm valido para justificar a sua própria ineficiência.

Algumas vezes, os alemães aproveitam-se das assembléias como uma oportunidade para fustigar o símbolo visivel dos seus inimigos: o solitário oficial norte-americano presente às reuniões. Num comício, ouví um homem gritar: «Por que razão a Alemanha é forçada a pagar pelo abastecimento aéreo de Berlim, se a crise foi provocada pelas potências ocidentais?»

Os presentes aplaudiram a interpelação. Quando o oficial das forças de ocupação replicou que o abastecimento de Berlim não custava à Alemanha um só centavo, recaindo todo o seu peso sobre os contribuintes norte-americanos e ingleses, os alemães, voluveis como sempre, o ovacionaram tambem. E quando um velho cidadão, de cabeça branca, se levantou para dizer que «só quem está a soldo da propaganda soviética poderá negar que a crise de Berlim foi provocada pela Rússia», o auditório prorrompeu em vigorosos aplausos.

Logo que o povo se convence de que os problemas cotidianos—racionamento imperfeito, distribuição inadequada de casas, etc.—constituem matéria de competência das suas próprias autoridades, as assembléias corrigem facilmente as injustiças.

A aldeia de Hassenberg estava cheia de refugiados alemães com roupas para remendar ou fazer e não havia, na localidade, uma só máquina de costura. Uma assembléia resolveu o problema: reuniu dinheiro bastante para adquirir duas máquinas. Outras mais serão compradas com o produto do insignificante aluguel cobrado pelo seu uso.

Outro comício tratou do fato de ninguem saber, ao certo, quando se procedia à entrega das rações de peixe; como consequência, uma boa quantidade do precioso alimento apodrecia. O *Landrat*, em virtude das interpelações recebidas, passou a divulgar, com antecedência, em todo o distrito, uma tabela com os horários da distribuição.

Esses pequenos resultados práticos, multiplicados por cem ou por mil, estão instilando, subrepticiamente, nos alemães uma noção que jamais tiveram: a de que a democracia deve começar em casa.

Os comícios têm servido, ainda, para neutralizar os rumores perigosos e alarmistas que os adeptos do comunismo faziam circular de propósito. Ventilados livremente nas assembléias populares, tais rumores são logo desfeitos.

Há provas evidentes de que os alemães estão dispostos a manter e desenvolver o sistema das assembléias. Um recente inquérito de opinião revelou que 95 por cento das pessoas aprovam essa prática. Foram frequentes os comentários como este: «De todas as inovações que os norte-americanos trouxeram à Alemanha, foi essa a que mais agradou.»

Sabedoria

UM AMIGO disse, certa vez, a Catão, o Antigo:

—É um absurdo que não tenhas uma estátua em Roma! Vou organizar imediatamente uma comissão.

—Não, replicou Catão. —É melhor que as pessoas perguntem: «Por que não foi erguida uma estátua a Catão?»—do que: «Por que foi erguida?»

—Thomas L. Masson, *The Best Stories in the World* (Doubleday, ed.)

Este pai transformou o escritório em sala de aulas, e sua filha é a aluna de um bem-sucedido programa de ensino a domicílio

Colégio para um aluno

(*Condensado de «Harper's Magazine»*)

Por Philip Curtiss

COMO É que um rapaz, impossibilitado por considerações financeiras de frequentar um curso superior, poderá adquirir instrução equivalente à universitária? Em milhares de famílias essa pergunta deve ter sido repetida. Pois eu posso respondê-la com absoluta segurança, visto que fundei meu próprio «colégio», e afirmo que meu empreendimento foi coroado de completo êxito.

O «colégio» foi criado para benefício exclusivo de minha filha mais velha, Jean, que ao tempo contava 16 anos.

Vivemos no campo, a mais de 15 quilômetros do ginásio mais próximo, e Jean era obrigada a levantar-se todo dia às seis e meia da manhã, para não perder o ônibus escolar. No inverno, o céu já estava escurecendo quando ela voltava a casa, e já era, portanto, tarde demais para fazer qualquer exercício ao ar livre sem prejuizo das horas de estudo; se o fazia, tinha de ficar agarrada aos livros até perto da meia-noite, e quando se deitava era com o despertador na mesa de cabeceira, sinistro como a ameaça dum pesadelo. Um dia minha senhora me disse, inquieta:

«Se esta menina continua na escola, daquí a um mês ela vai para um hospital. Será que você não poderia ensiná-la aquí em casa?»

Achei que valia a pena tentar.

Foi assim que, uma bela manhã, pelas nove, conduzimos Jean ao meu escritório, dissemos-lhe que trancasse a porta e lá ficasse até à uma da tarde. Em cima da carteira ela encontrou três livros—os *Ensaios* de Macaulay, *Tartarin de Tarascon*, de Daudet, e *Huckleberry Finn*, de Mark Twain—e um programa de trabalho de quatro horas, compreendendo três horas de leitura efetiva, com dez minutos de intervalo para «divagar» ao fim de cada meia hora de estudo, e uma pequena pausa para repouso.

Os intervalos de «divagação», sob o pretexto de lhe permitirem descansar a vista, tinham na realidade um

propósito muito mais sério. Toda pessoa amiga dos livros sabe que pode ajuizar do mérito de uma obra pelo número de vezes que, no curso da respectiva leitura, se surpreende, com o livro abandonado no regaço, entregue a devaneios que lhe foram sugeridos por alguma linha do texto. Eu disse a Jean que ela podia pensar no que quisesse, mas sabia que ela, até certo ponto, não poderia esquivar-se à fascinação do ritmo, das expressões e das idéias do autor que estivesse lendo.

Juntamente com o horário, a minha filha encontrou as instruções seguintes:

> Quando começar a ler um livro novo, não deixe de procurar o nome do autor na enciclopédia. Não tente decorar as datas certas de sua biografia; procure lembrar apenas que ele pertence «aos meados do século passado», ou «aos fins do séc. XVIII», ou «aproximadamente à época dos descobrimentos»; à medida que for lendo novos livros, procure recordar os autores que viveram pela mesma época, em diversos países. Quando ler História, procure ligar cada acontecimento de importância aos acontecimentos com os quais já esteja familiarizada.
>
> Vá lendo continuamente, como se fosse um romance; se, porem, perceber que não está formando uma *idéia clara* do que lê, mas somente *aproximada*, volte atrás e releia. Se lhe aparecerem nomes tais como «Richelieu», «O Príncipe Regente» etc., não vá logo procurá-los no dicionário; é provavel que as páginas seguintes os identifiquem. Não encontrando explicação, deixe a pesquisa para o fim do seu dia de trabalho.

Foi essa a única ordem formal que dei, desde a fundação do «Colégio Curtiss». Jean nunca opôs qualquer objeção às suas 4 horas de trabalho diário. Algumas vezes, quando doente, lia mesmo na cama; e cheguei a surpreendê-la, um dia, lendo o *Schiller*, de Carlyle, debaixo do capacete da ondulação permanente...

Por outro lado, nunca tentei esboçar um «curso ideal de leitura», e sempre me guiei por uma só regra geral: os livros devem ser escolhidos segundo os autores, de preferência aos assuntos, afim de que o estudante passe 4 horas por dia no convívio de alguns belos espíritos. Desde longe que eu vinha tentando, timidamente, sugerir que uma moça pode possuir o gosto mais apurado na escolha de roupas, e, ao mesmo tempo, estar familiarizada com os grandes autores; que essa combinação pode até tornar-se extremamente cativante; que têm vivido neste mundo alguns homens e mulheres de grande finura de espírito, e, se lhes oferecermos o mais leve pretexto, seus olhos cintilantes de espírito e inteligência nos hão-de sorrir por entre as páginas da História ou da literatura.

Os livros que a seguir lhe forneci eram clássicos do pensamento, da biografia e da literatura, ensaios e estudos críticos.

Não conservamos, bem entendido, uma lista completa de todos os livros lidos, pois eu sempre tenho querido evitar toda insinuação de que o meu propósito é «liquidar» certo número de volumes, ou pôr uma cruz em determinados autores, como se dissesse: «Deste eu já estou livre». Tãopouco temos tido exames, revisões ou problemas. Quando muito, interrogo-a com afetada indiferença, perguntando, por exemplo, isto:

«E então, que tal você acha Goethe?»

Ao que, suponho, Jean responderia: «Acho que ele é um patife!»—porque ela nunca perdoou ao poeta as recordações que ele nos legou de seus primeiros amores.

Jean tinha cursado dois anos de francês na escola, mas ao fim de três meses de esforços heróicos, cheguei à conclusão de que seu conhecimento do idioma ainda não lhe permitia ler com agrado um romance francês. E, como o objetivo do meu curso não era torturá-la, mas ajudá-la a amar os livros, abandonamos a leitura do francês, e em vez disso organizamos uma hora de contacto com obras sobre viagens, usos e costumes, com o fim de dar-lhe um panorama íntimo da vida cotidiana em ambientes muito distantes do nosso próprio meio.

Escolhia por via de regra os livros mais antigos, na pressuposição de que minha filha viesse, mais cedo ou mais tarde, a ler as obras novas que fossem aparecendo. O que está sucedendo em meu colégio, em suma, é o que poderia suceder a qualquer pessoa que se visse encerrada numa velha biblioteca, durante uma longa tempestade. Foi isso mesmo que me inspirou a idéia.

Por muitos anos eu havia notado, como aliás outras pessoas, que algumas das criaturas mais inteligentes e cultivadas que tenho conhecido foram criadas e educadas nas décadas de 1860 a 1870, e que, sem terem recebido o que se possa chamar instrução formal, haviam tido à sua disposição uma biblioteca antiga, bem guarnecida, e, alem disso, *muito poucas distrações*... Presumo mesmo que, à exceção dos ingleses, umas três quartas partes das maiores personalidades mundiais fizeram a sua cultura muito dessa maneira. Sabia eu contudo que, devido à variedade e à fluidez da vida de hoje, nunca seria possivel reproduzir com naturalidade as condições de outros tempos; procurei pois, reproduzí-las apenas artificialmente.

Quando iniciamos o curso, disse eu a minha mulher: «Você não deve esperar quaisquer resultados durante, pelo menos, os primeiros seis meses. E os *resultados reais* só se revelarão quando Jean chegar aos 34 anos.»

Entretanto, posso dizer que alguns *efeitos* se produziram quase instantaneamente. A conversação à mesa de jantar melhorou desde logo milagrosamente. Sem qualquer ajuda de nossa parte, Jean passou a acabar todas as frases que começava, a procurar palavras capazes de expressar o seu pensamente com rigor, em vez de rematar tudo com locuções banais. Tambem a orientação geral do seu espírito se tornou mais lógica. Durante todo esse período, Jean ia levando a vida mais natural que se pode imaginar: praticava esportes, ia a festas e bailes, e a nossa casa estava sempre cheia de gente moça.

Sinto-me, é claro, tão cônscio dos

limitações da minha idéia como qualquer dos meus leitores. Pode-se objetar, por exemplo, que o meu programa não prevê o ensino de ciências ou matemática. A isso responderei que minha filha nunca revelou a mais tênue aptidão para uma ou outra coisa, e que, durante a sua prévia passagem pela escola, aprendera o suficiente dessas matérias para fins puramente disciplinares. Se eu tivesse um filho com vocação para a mecânica, é evidente que o ideal para ele seria um bom curso científico; se, porem, por força das circunstâncias, ele tivesse de sujeitar-se ao meu programa, este teria sido totalmente diverso, e creio mesmo que, em matéria de idéias científicas originais, ele teria ido muito mais longe do que se poderia esperar.

A objeção mais frequente contra o meu programa seria talvez esta: «De fato, é um belo programa para uma menina de família, com muitos lazeres; mas a minha Helena tem que aprender alguma coisa mais prática, que a ensine a ganhar a vida!» Haverá, porem, cursos dessa ordem? Uma das coisas mais tristes da vida moderna é a idéia, tão disseminada, de que, «tirando um curso», um rapaz ou uma moça pode resolver de vez essa questão da vida profissional. Vêem-se por aí tantos jovens que frequentaram as melhores universidades e escolas técnicas, e que ao voltarem para casa passam a fazer justamente o que fariam se jamais houvessem recebido qualquer diploma. Por outro lado, sabemos de inúmeras pessoas, de ambos os sexos, que se distinguem em carreiras totalmente diversas daquelas para que foram originalmente preparadas. A culpa desse fato não cabe somente aos estudantes ou às escolas; está em que cometemos o erro de esperar da instrução alguma coisa que ela, só por si, não pode dar.

Assim, com franqueza, não levarei absolutamente em consideração esse aspecto do problema. Por agora, estou ensinando sem qualquer idéia preconcebida sobre a época e o modo em que meus ensinamentos possam dar fruto. É possivel que Jean algum dia tenha de ganhar o seu pão, pois, afinal de contas, todo o meu plano resultou mais da necessidade do que da opulência. Se algum dia minha filha me inquirir: «Por que é que você não me educou para cirurgiã, ou astrônoma, ou contadora?» —eu sentirei sem dúvida um remorso pungente. Mas se, como a maioria das moças de hoje, a intenção dela for apenas escolher alguma dessas ocupações modernas que exigem principalmente bom-senso e uma personalidade agradavel, os ensinamentos que lhe dei não lhe foram mais nocivos nem menos vantajosos do que os que ela poderia ter adquirido numa escola.

Seus ventos de inverno e mares encapelados são, a um tempo, atração e desafio

A fúria sombria do Atlântico

(*Condensado de «The New York Times Magazine»*)

Por C. B. Palmer

No INVERNO, o Atlântico Norte é um vasto ermo onde se unem o frio, o negrume e a violência. Os que nele viajam conhecem então o desconforto e possiveis perigos, mas desfrutam tambem espetáculos cuja grandeza selvagem os arrebata.

Essa zona é uma das rotas marítimas do mundo mais afetadas pelo tempo: nas 3 mil milhas de água que separam a Europa da América do Norte, chegam a desencadear-se simultaneamente três ou quatro temporais distintos, que rodopiam para leste. Encontram-se centros errantes de baixa pressão, e frentes frias que avançam do Labrador. Podem ver-se vagalhões erguidos pelo vento leste, e mares que correm para o ocidente. Reina um frio estranho, e o movimento é incessante. O vento sopra com violência, dias e dias seguidos, atingindo frequentemente a rapidez do furacão: 75 milhas à hora, e mais.

Os dias são quase sempre escuros, sob um dossel de nuvens de um cinzento sujo. Em meados do inverno a noite dura 16 horas, e, durante as 8 horas que decorrem do nascer ao pôr do sol, a meia-luz que paira é pálida e grisalha. Essa abóbada baixa e contínua de nuvens mede talvez 300 metros de espessura, e acima dela não brilha o sol: desenrola-se outra camada de nuvens. O negrume tinge e penetra tudo. Não há tintas verdes nem azuis à superfície do mar, que é negro e vidroso, pois a luz do sol não o trespassa.

O vento e a agitação do mar acordam por todos os lados um mundo de rumores interminaveis, mas abafados de modo estranho. As mãos do vento infatigavel tiram notas musicais de todas as arestas, cabos e aberturas do navio. De pé, na ponte do vapor, a gente ouve a nota grave das enxárcias, que vibram como grandes cordas sob o arco possante de invisivel músico. Os estais menores, as adriças, as antenas de rádio, as escadas de corda, as amuradas, a aresta de aço do que-

bra-mar—tudo canta, tudo zumbe e silva. Assemelha-se a um acorde poderoso de orgão, ou a um coro de vozes humanas, o que produz uma impressão de fantasmagoria... Um balanço brusco do navio contra o vento faz erguer esse som às alturas de um grito agudo.

As águas murmuram e marulham ao longo dos costados do navio. Erguem-se em grandes lombas côr de chumbo que rebentam à proa, ribombando e espadanando—logo desfeitas em branca espuma que desliza nos grandes planos inclinados, atropelando-se com rumor. Se a vaga embate no costado, ouve-se um estalo e um estampido surdo, seguido de uma derrocada, quando as águas se precipitam de novo no mar com um sussurro prolongado de cachoeira. Tudo quanto é movel dentro do navio se desloca, tilintando ou estrondeando—por vezes com o rumor de coisa que se estilhaça.

O vento e a umidade constante penetram-nos através das roupas. A água do mar só gela a 3 graus abaixo de zero, mas, como está em constante movimento, pode chegar a essa baixa temperatura sem gelar. Porem, se rebenta contra o navio e o vento a repuxa, desfeita em gotas, congela ao tocar no obstáculo, e crepita como os grãos de chumbo da espingarda. O gelo acumula-se depressa nos conveses e nas obras-mortas, formando uma película côr de pérola, ou as figuras mais grotescas e caprichosas. E o seu peso, se nada se opõe a essa acumulação, pode fazer virar um navio para sempre.

Não há um instante de imobilidade: as vagas correm sem fim, vindas de parte alguma para ir não se sabe onde. O navio parece deter-se, imovel, durante uma fração de segundo, na crista de uma vaga, mas logo abate, ou escorrega, ou afocinha até ao fundo, para recomeçar nova ascensão do outro lado. Quando o mar está realmente bravo, as ondas acarneiradas podem sacudir o navio como se ele tivesse batido num rochedo; são capazes de espedaçar as baleeiras, subir a bordo de roldão para arrebatar um homem do tombadilho, irromper galgando a proa, e varrer todo o navio até à ré, amolgando e rebentando de caminho os metais mais altos das obras-mortas.

Um navio a braços com o temporal constitui um espetáculo empolgante. Mesmo aqueles que têm longos anos de experiência no mar, olham fascinados a proa do navio que se afunda e arremete contra a montanha de água, hesita um momento como que incerta e fatigada, depois se ergue soberba, cachoando água pelas amuradas, e rompe caminho até à crista do vagalhão.

O mau tempo oferece cenas de uma beleza desolada e pungente: o mar pode mostrar-se negro, mas a cada vaga que passa e rebenta contra um obstáculo, espalha-se uma esteira cintilante de rendas brancas. E essa renda por sua vez se esfarrapa em longas fitas, que estriam a superfície do mar como os veios de um mármore.

Sucede por vezes que o céu clareia, e então a noite é como um veludo

negro polvilhado de diamantes em pó... O grande mastro oscila para trás e para diante, descreve curvas como um ponteiro irrequieto, tocando primeiro a Beteljauza, depois a Capela, e chega a descrever uma longa cortesia à própria Venus.

Mesmo no inverno, esse vasto ermo de águas do Atlântico Norte não se pode fechar à navegação, nem esta pode fazer rodeios para evitá-lo. Em média, transitam por ele, todos os dias, 40 a 50 navios. Para reduzir de certo modo os riscos do mau tempo, está-se organizando nessa região marítima uma rede internacional de navios de socorro e postos meteorológicos flutuantes, conhecidos pelo nome de «navios de estação oceânica». Esses navios irradiam boletins do tempo e faixas condutoras de rádio, são pontos de referência para a navegação aérea e tambem retransmitem mensagens radiofônicas.

A vida a bordo dos navios de estação é um misto de labor constante e estrênuo, e de certo grau de desconforto. No entanto, quando o navio vem de regresso à base, tudo isso passa. Os homens discutem aquela vaga que rebentou mesmo em cima da estrutura. Conversam sobre a beleza das auroras, dos golfinhos e mergulhões... Todos concordam que, afinal, a patrulha podia ter sido pior, comparada com outras, e que, da próxima vez que sairem ao mar, o tempo com certeza há-de estar melhor!

Não era para menos

CERTA VEZ, um redator de uma revista norte-americana chegou à redação com um chapéu novo. Enquanto estava conversando com o diretor, um colega examinou o chapéu, correu à loja onde este fora comprado e adquiriu um outro, absolutamente idêntico, inclusive com as mesmas iniciais gravadas na carneira. Havia uma única diferença: era três números maior que o original. De volta à redação, trocou os chapéus. No fim da tarde, quando o redator pôs o chapéu, este chegou a cobrir-lhe as orelhas. Profundamente intrigado, tirou-o e examinou-o. Lá estavam as iniciais—era, sem dúvida, o seu chapéu.

No dia seguinte, chegou ao escritório com o mesmo chapéu, que parecia perfeitamente ajustado à cabeça. Mal havia saido da sala, aproximou-se o malicioso colega para inspecionar o chapéu. Verificou que a carneira estava estufada com papel de seda; tirou, rapidamente, o papel e aplicou-o no primeiro chapéu, que colocou exatamente no mesmo cabide. Ao sair, o redator pôs o chapéu, que lhe ficou no alto da cabeça. Examinou-lhe, de novo, o interior, e saiu, apressado, rumo ao psiquiatra mais próximo...

—Robert Markewich

Tópicos para conversa

Gelett Burgess, em «Your Life»

PARA a maioria das mulheres, fumar é ainda hoje um gesto simbólico de emancipação, e não a satisfação genuina de um desejo. As mulheres, em suma, ainda não aprenderam quando, onde e como devem fumar. Quase todas se entregam a afetações visiveis. Olhe o leitor em sua volta, em qualquer restaurante: todas as mulheres presentes estão sentadas, de cotovelos fincados na mesa, com uma das mãos espetada no ar, segurando o cigarro entre dois dedos esguios—como se esperassem que algum atirador de circo viesse, com um tiro certeiro, cortá-lo em dois... E já vi até algumas moças que comem de garfo na mão direita e cigarro aceso na esquerda. Nenhum homem, por muito viciado que seja, seria capaz de estragar assim, ao mesmo tempo, o sabor da boa comida e o aroma do cigarro.

As mulheres puseram de lado todas as tradições de cortesia e consideração, no que concerne ao hábito de fumar. Os homens ainda respeitam meia dúzia de convenções; mas quem é que já viu uma mulher pedir licença à dona da casa, às pessoas mais idosas, aos seus superiores hierárquicos ou sociais—antes de acender o cigarro? Nenhum secretário do sexo masculino ousaria acender um cigarro sem licença do patrão, enquanto este lhe dita uma carta: o gesto seria considerado descortês e contrário aos princípios da eficiência. Mas as mulheres é que não se pejam de ofender a sensibilidade alheia, nem os mais elementares preceitos de segurança: já as tenho visto, nas lojas, encostadas ao balcão dos saldos, agitando o cigarro por baixo do nariz dos vizinhos indefesos, ou revolvendo montões de retalhos de tecidos inflamaveis, com a mesma mão com que seguram o cigarro aceso. Elas fumam na cadeira do dentista, nos ascensores, nos quartos dos doentes. As mulheres não entendem, nem talvez venham a entender nunca, a filosofia e o ideal da boa forma que os homens souberam criar no tocante ao uso do fumo. Coitadas, nem «amadoras» elas se podem considerar: não passam de comediantes...

Stephen Leacock, em «Answers»

PARA a criança de há 50 anos, o mundo era o gigantesco palco onde atuava a sua intensa imaginação criadora—obra da sua mente, sempre pronta a reagir a qualquer estímulo. Menino algum seria capaz de esquecer a passagem das *Aventuras de Tom Sawyer* em que este, guiado pela mão segura de Mark Twain, se perde no tenebroso horror da grande caverna arquitetada apenas por sua imaginação... Compare-se agora essa criança com o garoto típico de nossas modernas cidades, recostado na cadeira do cinema, saturado, imune às surpresas, desde os dez anos invulneravel às impressões novas da paisagem, sabido em matéria de assassinatos, precocemente cínico a respeito de mulheres—e para quem todas as obras-primas do mundo vão sendo reduzidas ao sensacionalismo do celulóide. O rádio e o cinema tornaram tão direta e tão facil a representação de todas as coisas, que a imaginação, inativa, se sente solicitada a adormecer. Já a própria rapidez elementar dessas representações exclui toda a profundidade; e a sua multiplicidade desafia a memória. Não restam, infelizmente, à criança de nossos dias, mais «impressões indeleveis».

Lewis Mumford, em «The Culture of Cities»

A ARQUITETURA moderna abriu nossos edifícios à luz do sol e ao ar livre. Mas, paralelamente, parece que vamos esquecendo, para nosso próprio risco, a necessidade concomitante de quietude e isolamento. Sem a liberdade de se entregar à contemplação, ao abrigo de olhares indiscretos e de interrupções mundanas, até o temperamento mais extrovertido acabará por sofrer. A cidade medieval tinha organizado refúgios para o espírito, formas acatadas de evasão às importunidades do século. Hoje, a degradação da vida interior atingiu o cúmulo. Basta dizer que o único lugar sagrado, impenetravel à indiscreção alheia, é o banheiro.

(Harcourt, Brace, ed.)

Eugene Young, em «Looking Behind the Censorships»

UMA DAS práticas mais enganadoras e decepcionantes da diplomacia, consiste naquilo que os ingleses chamam de *muddling through*—ou seja, tentar chegar à solução dos problemas às apalpadelas—e que, segundo eles explicam aos forasteiros, é uma das maiores «fraquezas» dos seus homens de estado. Nos momentos de crise, quando parece que o mundo vai rebentar em chamas, os homens encarregados de velar pelos interesses da Grã-Bretanha mostram-se frouxos e confusos; tergiversam, evadem as questões, envolvem-se em acres disputas. O mundo espera impacientemente que eles façam alguma coisa, mas eles limitam-se a sugerir um plano que se afigura pueril, e depois perdem um tempo infinito a discutir corolários insignifi-

cantes. Os ingleses mostram-se sempre muito tristes e contrariados com esse fato. Confessam-se desolados por não haver maneira de remediar esse defeito dos seus líderes. Mas que o observador não se deixe iludir! *O muddling*, esse indeciso tatear na névoa dos problemas, é a maneira mais conveniente de se esquivar a definir uma atitude, até haver chegado o momento justo. É um método que data de há séculos, e que se mostra hoje tão util e proveitoso, como nos dias distantes da Rainha Elisabete...

(Lippincott, ed.)

Sir James Jeans, em «The Mysterious Universe»

HÁ TRINTA ANOS, todos admitíamos que se estava a caminho de uma explicação final do Universo, segundo a qual este seria uma realidade mecânica, constituida por um agregado fortuito de átomos que executavam danças tão transitórias quanto vazias de significação, impelidos por forças sem qualquer finalidade. E a vida chegara por acaso a esse mundo todo mecânico, devido ao mesmo jogo de forças cegas.

Hoje, porem, são já numerosos os que afirmam—e essa concordância quase atinge a unanimidade no capítulo da Física—que a torrente de nossos conhecimentos se encaminha para uma realidade não-mecânica. O espírito não se nos afigura mais um intruso acidental nos domínios da matéria; começamos a suspeitar que é ele o criador e o regente dela. E o Universo começa a parecer-nos muito mais um grande Pensamento do que uma grande Máquina!

(Macmillan, ed.)

Carl Crow, em «400 Million Customers»

O NÚMERO e a extensão das cartas que os homens de negócio norte-americanos se julgam obrigados a escrever, é uma coisa que assombra os negociantes dos outros paises. A culpa dessa verborréia cabe, sem dúvida, à ultra-eficiente estenógrafa norte-americana, e à tendência à loquacidade, que a sua perícia exerce no patrão. Isto de escrever cartas quase chegou a tornar-se, em certos escritórios, um empreendimento dominante, como se se tratasse de escrever para publicar, e não como meio de atingir finalidades puramente práticas.

Francamente, depois de ter lido cartas desse gênero durante quase 20 anos, acho que podíamos mandar para o ferro-velho metade das máquinas-de-escrever dos Estados Unidos, e procurar marido para metade das estenodatilógrafas do país. As engrenagens dos negócios continuariam funcionando tão depressa como antes, e com muito menos desperdício de esforço e tempo. Se os homens de negócios fossem obrigados a ler, todas as manhãs, cópias das cartas que ditaram um ano antes, veriam logo que muitas delas tinham o dobro do tamanho necessário, e outras tantas eram inteiramente dispensaveis.

(Harper, ed.)

Como a natureza deu novas esperanças a um povo dominado pelo medo

BROTA VERDURA EM HIROXIMA

Por Tokushi Imamura

Conhecido jornalista japonês; diplomado pelo Ginásio McKinley de Honolulú e pela Universidade de Keio, em Tóquio

NO PRINCÍPIO de agosto de 1947, quando fazia dois anos que a bomba atômica fora jogada sobre Hiroxima, fui novamente àquela cidade e visitei o dr. Terufumi Sasaki, jovem cirurgião do Hospital da Cruz Vermelha que sobreviveu ao bombardeio e realizou operações de cirurgia plástica em mais de duas mil vítimas do ataque atômico. Voltei com uma estranha e comovente história.

«Brilha-estoura», disse-me ele, foi o expressivo nome que o povo de Hiroxima deu à misteriosa arma nova. Logo depois da explosão, o povo começou a ouvir dizer que durante 70 anos nenhum ente humano, nenhum animal nem planta alguma conseguiria viver em Hiroxima—que a radioatividade estava consumindo a vida até de minhocas, toupeiras e outros animais que vivem dentro do solo.

Tais histórias eram ouvidas primeiro em sussurros—aquí e alí; depois se repetiam em toda parte. As vozes foram-se elevando em crescendo e a população terminou presa de pânico. O povo, em massa, fugia da cidade com os seus haveres amarrados às costas.

Em um ambulatório não muito distante do Hospital da Cruz Vermelha, onde eram socorridas vítimas da bomba atômica, houve um verdadeiro pandemônio. Os doentes imploravam que os deixassem ir embora, exclamando: «A única coisa que nos espera aquí é a morte!»

O diretor do hospital procurava acalmar os doentes semi-loucos, mas ele próprio não tinha confiança na garantia que lhes estava dando. Sabia, porem, que os doentes não tardariam em morrer, se fossem afastados dos cuidados médicos.

«Esperem um pouco, que eu tive uma idéia,» disse ele aos doentes, em desespero de causa. «Vou plantar umas sementes de rabanete. Esperem. Esperem somente até vermos o resultado.»

Os dias se passaram. Dias lentos, cheios de ansiedade e temor. A fresca brisa prenunciadora do outono sa-

cudia os galhos nus das árvores, cujas folhas haviam sido arrancadas com a explosão. Cerca de dez dias depois, um dos doentes entrou ofegante na enfermaria: «Meus amigos, as plantas estão nascendo! As sementes brotaram—uns brotos miudinhos, mas brotaram!»

Houve uma correria para o jardim. Banhados pela fraca luz de um sol outonal, lá estavam, de fato, os brotos verdes surgindo do solo escuro. Todo o mundo caiu por terra para acariciá-los com dedos nervosos.

E então fez-se ouvir uma voz da janela da enfermaria—a voz rouca e sarcástica do doente que sofrera as piores queimaduras: «Vocês pensam mesmo que os brotos vão crescer? Esperem só. Eles vão murchar e secar assim, como eu.»

Na manhã seguinte, lá estavam os doentes de novo em volta do canteiro dos rabanetes. Alguem regou os brotos e construiu uma pequena cerca de bambús em volta. Cada dia que se passava, os brotos cresciam mais, e todas as manhãs os doentes se acocoravam ao redor da cerca, com um tênue raio de esperança refletindo-se nos rostos estoicos.

Certa manhã, muito cedo, uma doente cega ia tateando pelo jardim, os dedos remexendo o rico solo escuro. Suas mãos ansiosas hesitaram por um momento. Depois, de um salto, ela se ergueu, e a matutina placidez do hospital foi abalada pela sua voz aguda:

«Cresceu! O rabanete cresceu!»

Bem não acabara de gritar, e estava rodeada pelos outros internados. Nervosamente erguia o rabanete na mão. Em volta da boca havia terra; ela tirara uma dentada; e o gosto era mesmo de rabanete.

Os outros doentes estavam fora de si. Soluçavam, riam, choravam e gritavam. Alguns se ajoelharam e beijaram a terra; outros dançaram em volta da mulher cega; um outro arrancou mais um rabanete e o comeu.

Agora, passados dois anos, vi rabanetes, cenouras, batatas e nabos crescendo nos terrenos do hospital. Campânulas chinesas, dálias e crisântemos floriam exuberantemente.

«Ainda desconhecemos quais sejam os efeitos completos da radiação sobre os seres humanos,» disse-me o dr. Sasaki. «Algumas queimaduras ainda não foram curadas; muitos doentes ficaram completamente restabelecidos. O crescimento de legumes e plantas, porem, creio eu, foi o fator que mais contribuiu para dominar o pânico e fazer surgir uma nova esperança entre o povo de Hiroxima.»

O ATOR Gregory Peck, depois de ter aparecido em alguns filmes, foi, pela primeira vez ao Stork Club, famoso restaurante de Nova York. Todas as mesas estavam ocupadas e o *maître* lhe disse que teria de esperar.

—Diga a ele quem é você, Gregory, sussurrou o amigo que o acompanhava.

—Se é preciso dizer-lhe quem sou, respondeu Peck, —então é porque *não sou...*

—Leonard Lyons

As horas do dia não chegam para este inválido fazer tudo quanto quer fazer

HOMEM DE SORTE

(*Condensado de «The Rotarian»*)

Karl Detzer

O TELEFONE tocou no escritório de C. B. Vickers, em Búfalo, no Estado de Nova York, e o cavalheiro se virou lentamente para pegar o fone e atender. Era um dos seus vendedores, que andava lá pelo sul do Estado, e o chamava para lhe dizer: «Acabo de vender 700 válvulas! É uma empresa de transportes rodoviários que pretende instalá-las nos caminhões da sua frota. Para quando podemos garantir a entrega?»

«Prometa para já,» respondeu Vickers. «Vamos remetê-las imediatamente.»

Para pendurar o fone no gancho, teve que tatear durante alguns momentos, pois este inventor e próspero homem de negócios é cego há 25 anos. Depois, acomodou melhor o corpo na cama que lhe serve de escritório e laboratório desde que, em 1943, um ataque de artritismo o deformou e aleijou. Os seus males físicos não ficam por aí: é completamente surdo de um ouvido desde a meninice, e ouve com dificuldade do outro. Vive em um estado de dor constante. Mas sua voz é firme, sua inteligência apurada, e enorme o entusiasmo que sempre o anima.

«Sou um homem de sorte,» repete ele com frequência. «Tenho um negócio próspero e poucos aborrecimentos. Estou contribuindo com a parte que me toca para ajudar este nosso mundo a viver e progredir, concebendo e produzindo um grande número desses pequenos inventos e dispositivos que tornam a existência mais segura e mais agradavel. Só me queixo da falta de tempo para executar todas as coisas que tenho em projeto!»

A despeito de sua cegueira, e da deformidade do seu corpo entrevado, Vickers cumpre todos os dias um longo horário de trabalho, sempre ativo em consultas com engenheiros, desenhistas e mecânicos, vendedores e agentes de publicidade, mantendo-se em contacto com os fregueses distantes por meio do telefone, e comunicando-se com os mercados em busca das matérias primas que necessita.

Vickers recebe atualmente direitos de patente sobre umas doze invenções que registrou, a maior parte delas ar-

rendadas a fabricantes de automoveis. Sua fábrica—a Hydraulic Specialties Company (Companhia de Especialidades Hidráulicas)—produz as pequenas válvulas, tambem de sua invenção, que moderam a pressão nos freios das rodas dianteiras dos caminhões, evitando assim que estes derrapem nas estradas escorregadias.

Entre outras invenções dele contam-se um «borrifador» de gramados, a que se pode dar corda como a um despertador, para abrir e fechar a hora certa; um dispositivo de botão para torno mecânico, que aplica uma pressão de 950 quilos por centímetro quadrado; e um aparelho de homogeneização para entrepostos de leite.

O inventor vive na companhia do pai e de uma irmã, em um aprazivel subúrbio de Búfalo, e tem a cama-escritório instalada em um solário, em frente da sala de estar da família. Faz três anos que ele não põe o pé fora daquela cama. Deitado, não pode virar-se sem a ajuda de outra pessoa. Em uma mesa ao lado, acham-se o telefone, um rádio, e uma bola de barro mole, para modelar, que ele usa em vez de papel e lapis, para «anotar» as suas idéias inventivas.

Quem se senta ao lado da sua cama, vendo aquele corpo estropiado que gera constantemente energia, absorvendo o seu entusiasmo, escutando-o dar ordens e fechar negócios pelo telefone, chega a esquecer que ele é cego e que vive em permanentes dores. Esquece tambem que ele é quase surdo, e só dá por isso quando ele pede que lhe repita uma palavra ou frase.

Tem hoje 51 anos de idade. A sua primeira invenção foi um tinteiro que se podia virar sem que entornasse uma gota de tinta. Tinha ele ao tempo uns nove anos de idade, e, na escola, notou que os borrões de tinta eram acidentes de todos os dias. Imaginou então o tinteiro à prova de trambolhões, que pôs termo a tais acidentes, e conquistou o elogio de todos os professores. Vê-se bem que ainda hoje recorda com gosto essa distante etapa inicial da sua carreira de inventor.

Nesse mesmo ano instalou ele uma oficina de consertos no celeiro da família, onde remendava e reconstituia bicicletas para os meninos da vizinhança, e onde aprendeu não só a manejar as ferramentas, mas tambem o valor do dinheiro. Deixou a escola muito novo, afim de trabalhar em uma oficina mecânica, e a seguir, como desenhista, em um estúdio industrial.

«Foi uma sorte ter seguido esse caminho,» diz ele. «Apesar de cego, sou capaz de modelar qualquer objeto no barro; depois chamo um desenhista e digo-lhe exatamente o que é preciso que ele faça. Alem disso, sei o que se pode e o que não se pode fazer em uma oficina mecânica, de modo que nem eu nem os mecânicos perdemos tempo com tentativas de coisas inviaveis.»

Quando tinha 17 anos embarcou em um cargueiro como engraxador de máquinas, e passou assim alguns anos vagando pelo mundo, armazenando lembranças que hoje lhe são queridas. Na Primeira Guerra Mundial, apesar de já então ser surdo de um ouvido, conseguiu alistar-se na aviação canadense; mais tarde transferiu-se para a Força Aérea dos Estados Unidos, na qual desempenhou a função de piloto de provas. «Fui experimentando aparelhos novos, até que um dia tive um acidente sério. Fiquei gravemente ferido, e alguma coisa aconteceu aos meus nervos lombares.»

Daí resultou-lhe primeiro a cegueira; dois anos depois, havia perdido o uso de ambos os olhos. Os nervos lesados degeneraram pouco a pouco, acarretando-lhe o artritismo crônico, que acabou por imobilizá-lo em uma cama.

Trabalhando nas trevas, começou por imaginar pequenas inovações para aeroplanos, tirou patente de uma ou duas; em seguida voltou suas atenções para a hidráulica, ramo da ciência aplicada que tem servido de base à maioria de seus inventos e descobertas.

«Tenho dezenas de idéias para patentes de invenção que levam o tempo todo a martelar-me na cabeça,» confessa ele. «É possivel que muitas delas nunca venham a dar resultado, mas algumas tenho a certeza de que são suscetiveis de aplicação prática. Há tanta coisa nova a fazer, tanta coisa velha a melhorar, que verdadeiramente não há limites para as realizações de um homem. Basta a gente aplicar-se, pensar muito.»

Quando entende que tem o seu invento suficientemente trabalhado no cérebro, chama um desenhista, e, com as suas mãos magras e semiparalisadas, agarra o pedaço de barro de modelar. Então diz, por exemplo:

«Começaremos por fazer um disco com um diâmetro de 55 mm de medida exterior.» Seus dedos, ao mesmo tempo que ele fala, vão modelando no barro um disco aproximadamente das dimensões que descreve. «Em seguida fazemos um buraco redondo, exatamente no centro, assim.» Passa um dedo através do barro mole. «Depois fazemos um entalhe com 51 mm a partir da aresta...»

O desenhista vai escutando atentamente, inclinado para diante, vendo aquele pedaço de barro tomar forma e sentido, e anota ao mesmo tempo os algarismos que Vickers vai ditando. Quando acaba de tomar notas, repete-as em voz alta para Vickers, que o escuta atentamente, como se lesse na escuridão as provas de um texto.

«Muito bem,» diz o inventor por fim. «A coisa aí está. Quanto tempo será preciso para termos os desenhos?»

Na sua voz há sempre uma sugestão de que o assunto em apreço é urgente; ele sente que há tanta coisa a fazer, e o tempo corre tão depressa! Quando o desenhista se vai embora, Vickers repousa um pouco, acende um cigarro, tira algumas baforadas, e apaga-o com os dedos. É tempo de se lançar de novo ao trabalho!

Deita-se agora do lado esquerdo, com o corpo dobrado em dois, as mãos imoveis, o cérebro abandonado à torrente incessante das idéias. Mas o telefone interrompe constantemente essa concentração do espírito.

Diversos fabricantes de Búfalo o chamam, quando em suas fábricas e oficinas surgem problemas embaraçosos e urgentes, e Vickers nunca deixa de atendê-los, por mais ocupado que

esteja. Outros fazem jornadas frequentes até junto da sua cabeceira, para discutir com ele sérios problemas concernentes à produção. Os vendedores todos os dias lhe dão seus relatórios pelo telefone, estejam onde estiverem. O pai do inventor comenta:

«Estas contas de telefone atingem às vezes proporções aterradoras.»

«Ora, mas se esta é a única maneira de pôr-me em contacto com o mundo,» diz Vickers.

O inventor tem repudiado todas as formas de publicidade e propaganda pessoal. Só uma vez, antes desta, se deixou entrevistar. E o povo de Búfalo, exceção feita do reduzido punhado de industriais e homens de negócio com quem Vickers está sempre em comunicação, pouco ou nada sabe a respeito dele.

«Por que é que eles se haviam de interessar por mim?» pergunta. «Se eu consentisse que uma legião de repórteres me viesse entrevistar, era capaz de me transformar em objeto da curiosidade geral, coisa que não me agradaria nada. Eu não passo disto, um simples mecânico e homem de negócios. Não tenho nada de extraordinário que possa merecer as atenções do público.»

Sorrí, e o sorriso parece iluminar-lhe o rosto magro. Estende a mão e agarra o seu barro de modelar. E quando ele vira o braço, devagarinho, percebo que tem uma águia de asas abertas tatuada na pele branca—recordação dos dias em que percorria os mares. É uma águia robusta, audaciosa, de coração forte, e vê-se perfeitamente que não seria capaz de recuar uma polegada diante de quaisquer azares.

O lugar próprio daquela águia é o braço de Vickers. É bem o símbolo deste homem que conhece o sabor do êxito e se considera «um homem de sorte».

É proibido tocar nas estátuas...

O Rei Estanislau I da Polônia—à maneira do que faziam outros monarcas do seu tempo—desejava emular em tudo a magnificência de Versalhes, como a embelezara o bom-gosto de Luiz XIV. Repetiam-se as imitações de Versalhes, mais ou menos fiéis, por quase todas as capitais da Europa. O monarca polonês tinha suas grandes aléias, seus regatos e canais e outros detalhes ornamentais da corte francesa; era pequena, porem, a sua coleção de estátuas. Mas não seria por isso que Sua Majestade se deixaria sobrepujar pela pompa de París. Quando dava festas nos seus jardins, Estanislau costumava contratar modelos, homens e mulheres tal como Deus os fez; mandava vestí-los à maneira clássica, e ordenava que posassem em atitudes de deuses e deusas da Mitologia nas sebes e nichos de folhagem à margem dos regatos.

—*House & Garden*

Quanto cabe aos ricos?

Por William Hard

Devido, em parte, a um processo de evolução natural, e, em parte, aos impostos, milhões de cidadãos dos Estados Unidos percebem uma proporção cada vez maior da renda total da nação.

Esse fato—que não corresponde às muitas impressões errôneas correntes sobre a economia norte-americana—é revelado num panfleto publicado pelo Reverendo Edward A. Keller, diretor do Bureau de Pesquisas Econômicas da Universidade de Notre Dame. O padre Keller tomou das cifras oficiais divulgadas pelos Departamentos do Comércio e do Tesouro dos Estados Unidos, e organizou-as em quadros que mostram a verdadeira distribuição de todas as principais categorias de renda do país.

Ouve-se dizer comumente que a economia dos Estados Unidos é dirigida por um «punhado» de «capitalistas monopolizadores». Os quadros do padre Keller revelam, entretanto, que os indivíduos com renda mínima de 5 mil dólares anuais—cifra essa que abrange muitas rendas da classe média—percebem apenas 10,2% do total de ordenados e salários. O restante—89,8%—vai para o grupo que percebe menos de 5 mil dólares por ano.

Ademais, pagos os impostos de renda, a percentagem que cabe ao primeiro grupo decai para 5,5% do total de ordenados e salários. Hoje em dia, ainda que esse grupo «abastado» fosse completamente extinto, não sobraria de sua renda o suficiente para aumentar muito a dos demais cidadãos.

E quanto aos dividendos e juros, renda tipicamente capitalista? Os indivíduos da primeira categoria possuem grandes quantidades de apólices e ações de sociedades anônimas. Por outro lado, os indivíduos de renda inferior a 5 mil dólares têm milhões de dólares em contas de banco, seguros

de vida e caixas econômicas, tudo rendendo juros. Na realidade, este grupo aufere 69,4% desse tipo de renda. Os indivíduos que ganham mais de 5 mil dólares recebem apenas 17,3%.

Ora, dividendos e juros constituem uma renda auferida da inversão de capital—isto é, lucro. Está claro, portanto, que a parte preponderante desse lucro, longe de abarrotar os cofres dos ricos, é canalizada para os norte-americanos com renda inferior a 5 mil dólares anuais. É esse o verdadeiro capitalismo norte-americano.

Que aconteceu, então, aos norte-americanos com rendas superiores a 25 mil dólares anuais—os antigos «Reis da Economia»? Os cálculos do padre Keller historiam a situação destes, de 1917 a 1944.

Em 1917, pagos os impostos de renda federais, coube-lhes 6,7% da renda nacional distribuida a indivíduos. Depois, salvo no ano excepcional de 1928, começaram a decair. Em 1932—na gestão do Presidente Hoover—baixaram para 3,4% da renda nacional. Continuaram a decair, no governo Roosevelt. Em 1938, coube-lhes somente 3% da renda do país. Em 1944, descontados os impostos, recolheram aos seus bolsos privilegiados apenas 1,3%. Os estudos que o padre Keller fez dos anos posteriores convenceram-no de que não ocorreram importantes modificações desde 1944.

Se tais indivíduos realmente dominam a economia norte-americana, como são altruistas! De sua espontânea vontade reduziram deliberadamente a sua percentagem da renda global dos Estados Unidos para um quinto do que lhes coubera em 1917.

Uma ligeira diferença...

Por John McClain em «The New York Sun»

JOHNSON, empregado de um amigo meu, todos os meses remetia metade do ordenado para ser depositada em conta corrente num pequeno banco na sua cidade natal. Já havia dois anos que ele vinha fazendo aquela economia, e, quando foi passear em Nova York, em um fim de semana, o saldo da conta devia estar bastante apreciavel. Tendo gasto mais do que esperava, pediu a um amigo que lhe descontasse um cheque.

Uma semana depois, o amigo foi procurá-lo, pois o cheque fora devolvido pelo banco, com a declaração: «Sem fundos». Johnson reembolsou o amigo e, indignado, escreveu imediatamente uma carta ao banco, observando que ele devia ter em conta muitíssimo mais que a importância daquele cheque.

Em resposta, recebeu do banco a seguinte explicação: «Prezado Sr. Johnson: A expressão *sem fundos* nem sempre se refere ao depositante; às vezes aplica-se ao próprio banco.»

O que o serviço de assistência a domicílio pode representar para os doentes crônicos e suas famílias

Hospitalização a domicílio

(Condensado de «Woman's Home Companion»)

Por Murray Teigh Bloom

O HOSPITAL MONTEFIORE, de Nova York, vem empreendendo há dois anos uma experiência cujo assinalado êxito tem cativado as atenções de quantos desempenham papel de responsabilidade em questões de saude pública. Trata-se de um serviço denominado Assistência Médica a Domicílio, que habilita qualquer lar de família média a assumir as funções de «anexo» de um hospital, ainda que situado a algumas dezenas de quilômetros de distância. O doente crônico, ou aquele cujo restabelecimento se processa lentamente, pode assim receber em sua própria casa todas as atenções especializadas que teria no hospital, *vindo o tratamento a custar-lhe somente a quarta parte do que custaria se ele fosse internado numa enfermaria*. Eis um exemplo de como funciona esse serviço:

Havia três anos que a sra. Ruth Edwards se encontrava imobilizada numa enfermaria, após uma operação na coluna vertebral. Os médicos já a haviam prevenido de que provavelmente não voltaria a andar. Só com o auxílio de uns parentes o marido da doente conseguira ir governando a casa e cuidar do filho único.

A situação doméstica ia-se tornando já desesperada, quando o médico perguntou à enferma se ela gostaria de voltar para junto dos seus. Passados, porem, os primeiros momentos de alegria delirante, assaltaram-na dúvidas. Quem iria cuidar dela? Quem se ocuparia dos afazeres da casa? Quem lhe prestaria cuidados médicos?

Os médicos do hospital não tardaram em dar-lhe a resposta. Explicaram-lhe como um doente pode continuar recebendo os melhores serviços hospitalares em sua casa. Sendo necessário, o hospital manda empregadas domésticas assalariadas, que passam algumas horas por semana ajudando nas tarefas do lar. As enfermeiras visitadoras treinam um membro da família nos cuidados cotidianos de que o doente necessita. O hospital fornece os medicamentos e tudo quanto seja necessário ao tratamento. Se o doente tiver que voltar ao hospital, a ambulância vem buscá-lo sem demora.

A sra. Edwards voltou pois para casa, e logo na primeira semana dissipa-

ram-se todas as suas dúvidas sobre a assistência médica a domicílio. Um médico do hospital foi visitá-la três vezes; a experiente enfermeira visitadora e a empregada doméstica apareceram duas vezes. Era preciso ensinar a família a se amoldar às novas condições, e para isso o hospital mandou um funcionário do serviço social à casa dos Edwards. Um fisioterapista aparecia tambem a intervalos regulares, para dar massagens nos músculos das pernas da doente.

Submetida a esse tratamento durante algumas semanas, a sra. Edwards conseguiu enfim sentar-se na cama, com as costas amparadas num aparelho ortopédico fornecido pelo serviço da Assistência. Pouco depois já conseguia vencer um obstáculo maior: transferir-se sozinha da cama para a cadeira de rodas. Finalmente—e foi esse um dia memoravel—pôde manter-se em pé durante 30 segundos. Era a primeira vez, num período de quase quatro anos, que ela se erguia de pé. Daí em diante passou a usar muletas, e um belo dia recomeçou a aprender a andar novamente.

Perguntei-lhe um dia por que esse esforço conjugado, de tratamento médico e enfermagem, dera, segundo tudo indicava, melhor resultado em casa do que no hospital.

E ela respondeu: «No ambiente impessoal da enfermaria o doente não encontra o estímulo necessário para tentar vencer o impossivel. Ao passo que, em minha casa, eu tinha todos os motivos para me sentir continuamente solicitada a andar e a retomar assim o meu posto no seio da família. O médico e a enfermeira não visitam a gente com tanta frequência como no hospital, mas quando aparecem, a gente sente-se alvo de uma atenção *pessoal:* não é mais um número inexpressivo na enfermaria, mas um ser humano.»

O serviço de «assistência a domicílio», claro está, não faz milagres. O doente crônico, incuravel, não pode melhorar pelo simples fato de que regressa a sua casa. Mas o ambiente da família pode, pelo menos, oferecer-lhe horas mais agradaveis, mesmo que não concorra para o seu alívio físico; e cada pessoa tratada em casa cede lugar, no hospital, a outro doente—fator importantíssimo, dada a escassez presente de leitos nos hospitais.

UM JORNALISTA telefonou para a Embaixada Soviética em Londres afim de pedir uma informação. Uma voz de mulher atendeu ao telefone e foi logo dizendo:

—Ele não está.

—Quem não está? perguntou o jornalista.

—Com quem é que o sr. quer falar? retrucou a mulher.

—UP

COLOSSO DO CANADÁ

(*Condensado de «The Saturday Evening Post»*) Por Temple Fielding

A epopéia da Estrada de Ferro Canadian-Pacific, empreendimento que criou uma nação

UM COMERCIANTE inglês transpôs o Atlântico a bordo de um vapor da Canadian Pacific, na sua primeira viagem à América do Norte. Quando chegou a Montreal, a agência da Canadian Pacific trocou-lhe os cheques de viajante, emitidos pela Canadian Pacific, mandou transferir para a companhia de transportes Canadian Pacific as amostras que ele trazia consigo, e remeteu seus telegramas pela Canadian Pacific Communications. Em seguida, um luxuoso trem da Canadian Pacific levou-o a Quebec, onde o nosso viajante foi confiado ao Château Frontenac, hotel da Canadian Pacific... Já no elevador o cabineiro disse: «Com licença, o relógio do senhor está atrasado uma hora. São 11 e 5, hora da Canadian Pacific!»

«Ora essa!» explodiu o inglês. «Será que essa gente tambem é dona do tempo aquí?»

Com efeito, a Estrada de Ferro Canadian Pacific é muito mais do que uma simples empresa ferroviária. É um colosso industrial cujas operações subsidiárias se infiltram e prosperam em todos os recessos da vida do Canadá. A pedra angular desse império, que vale um bilhão e 700 milhões de dólares, é a grande via férrea que, com seus 33.600 quilômetros de trilhos, corta o Canadá de costa a costa. A em-

presa controla, alem disso, as seguintes companhias: a linha aérea norte-sul, que sobrevoa cerca de 8.500 quilômetros de solidão gelada; uma frota de 42 vapores; uma cadeia de 18 hotéis e locais para vilegiatura; uma agência financiadora e expedidora, que rivaliza com as melhores do mundo; uma rede telegráfica nacional e internacional com 320 mil quilômetros de fios; 400 mil hectares de terrenos, e a vasta e próspera empresa Consolidated Mining and Smelting, uma das maiores produtoras mundiais de metais e adubos químicos, que exporta para 53 paises.

Com o objetivo de iniciar a exploração dum país novo e de lançar a sua própria rede de comunicações, a Canadian Pacific viu-se forçada a imiscuir-se nos ramos de negócio mais estranhos. Atualmente a companhia explora banhos turcos, um cabaré, postos de bombeiros, companhias de ônibus, e a mais vasta das piscinas de natação, de água salgada, com teto de vidro, que existem no hemisfério americano! Ela está associada com empresas de seguros e com o telefone transcontinental. Possui mais caminhões do que qualquer outra empresa do Canadá. Seu Departamento de Recursos Naturais já gastou 130 milhões de dólares no fomento da imigração, colonização e irrigação do Oeste canadense. Fabrica ao mesmo tempo «água pesada», carros dormitórios e... macarrão.

A Canadian Pacific é um império sobre o qual se expandiu o Canadá—caso único na história, em que uma nação de importância foi, de certo modo, criação de uma empresa construtora. Sem ela, todo o território a oeste dos Grandes Lagos seria hoje, talvez, governado pelos Estados Unidos.

A federação do Canadá representa um desafio à maioria das leis da economia e da geografia. A estrutura natural do solo corre de norte para sul, devido a uma aberração geológica que divide a nação de meio a meio. Essa barreira pre-cambriana estende-se em ampla continuidade desde o Ártico até os Grandes Lagos. A região é tão inhóspita, que nunca foi possivel sequer rasgar através dela uma estrada de pavimento duro. Mas galgar essa desolação—como fez a Canadian Pacific com os seus trilhos—nada era em comparação com a imperiosa necessidade de unificar em uma só nação tantos e tão diversos fatores regionais: os britânicos imperiais e os anti-imperiais franco-canadenses, o Leste católico e o Oeste protestante.

Durante a Guerra Civil dos Estados Unidos, os ânimos andaram exaltados ao sul da fronteira, ao longo da qual as vizinhas colônias britânicas faziam agitação a favor do Sul escravagista. Para dissipar a ameaça da invasão dos nortistas, as regiões de Ontário, Quebec, Nova Brunswick e Nova Escócia constituiram, em 1867, a federação conhecida pelo nome de Canadá. O flanco da nova nação era altamente vulneravel. A Colúmbia Britânica era como um fruto maduro, prestes a tombar no regaço dos Estados Unidos. E foi então, à maneira de engodo para

atraí-la à nova federação, que o Parlamento Canadense se comprometeu a romper o continente de lado a lado, com uma estrada de ferro que estaria construida dentro de dez anos.

Era um compromisso temerário. O Saskatchewan e Alberta eram então parte dos territórios inexplorados do Noroeste. Nenhum ser vivo conseguira ainda transpor a muralha de suas montanhas. Ao fim de cinco anos de confusão, havia apenas algumas construções feitas à força de corrupção. A gente do Pacífico perdeu a paciência, e a Legislatura provincial da Colúmbia Britânica aprovou uma resolução segundo a qual, se a estrada de ferro não estivesse construida em maio de 1879, a província se desligaria da federação.

Tomado de pânico, o Parlamento apelou para a iniciativa privada. Seis milionários de espírito aventureiro constituiram um sindicato conhecido pelo nome de «Canadian Pacific» e, mediante um subsídio de 25 milhões de dólares, uma concessão de 10 milhões de hectares das melhores terras do ocidente, garantia de isenção de impostos por 20 anos e outras regalias, assumiram o compromisso de forjar a cadeia de aço que devia manter unida uma nação prestes a desintegrar-se.

A nova gerência escolheu e importou, para dirigir a construção, William Cornelius Van Horne, superintendente geral de uma empresa ferroviária de Chicago. Tendo conseguido entusiasmar as suas turmas de trabalho incitando-as a marcar novos recordes de rapidez através das pradarias, Van Horne levou 12 mil homens e 5 mil cavalos para as áridas solidões ao norte do Lago Superior. Lançou mão de tudo quanto pudesse navegar, rodar, deslizar ou correr, para levar suprimentos a esse exército de operários que estavam febrilmente escavando, dinamitando e lançando pontes, para abrir caminho através de centenas de milhas de verdadeiros pesadelos de engenharia, nessa Sibéria da América do Norte. Os rochedos eram tão resistentes, que a dinamite não tardou em esgotar-se; Van Horne erigiu sem demora três fábricas de emergência, para produzir explosivos. Na Baía de Jack Fish foi preciso romper quase 5 quilômetros de granito, para conseguir talhar um avanço de 900 metros; entre Sudburry e Cartier foi necessário rebaixar de 3 metros um lago, afim de encontrar apoio para o leito da estrada de ferro. O obstáculo mais temivel era, porem, a crosta de pântanos de musgo que encobria e disfarçava massas de água subterrânea; basta dizer que um só trecho desses terrenos pantanosos tragou três locomotivas e sete séries sucessivas de trilhos, antes de ser vencido. Houve um trecho, em especial, de cerca de 1.500 metros, que custou quase cinco dólares por centímetro.

A esta altura já os financiadores haviam gasto 27 milhões de dólares para alem do orçamento previsto. Apelaram para o Parlamento, na intenção de obterem mais 35 milhões, mas o requerimento foi arquivado; os credores reclamavam seu dinheiro em altos brados. A Canadian Pacific estava à

beira da catástrofe, quando um anarquista, chamado Louis Riel, veio salvá-la inadvertidamente—e, com ela, a Colúmbia Britânica.

No momento psicológico, Riel fomentou uma rebelião em Saskatchewan, fez-se proclamar governador, e massacrou toda a oposição. Quinze anos antes, quando esse mesmo aventureiro tomara o freio nos dentes, as tropas do Domínio haviam marchado durante seis meses para alcançar a cena da revolta. Quando chegaram as notícias dessa segunda rebelião, Van Horne aproveitou habilmente a oportunidade: garantiu que faria transportar 4 mil soldados em onze dias, pela sua ferrovia ainda inacabada.

Esse exército foi despachado em vagões abertos, sob um frio paralisante de 45 graus abaixo de zero, até onde alcançavam os trilhos, e em seguida transportado em trenós até ao trecho seguinte da estrada de ferro. Toda vez que paravam, os homens recebiam uma ração estimulante de cozido quente e café com rum. Dessa forma as tropas transpuseram os intervalos que entrecortavam a estrada. A transferência de Ottawa para Winnipeg levou ao todo quatro dias, e Riel foi enforcado sem perda de tempo. Esse serviço inesperado da defesa nacional como que acordou a consciência pública, e o subsídio financeiro foi aprovado sem mais demora.

Surgiam-lhes agora pela frente quatro cadeias de montanhas que os mapas não registavam. Enquanto as brigadas de construção de leste para oeste e de oeste para leste iam rompendo caminho em direção uma à outra, um grupo de batedores, chefiado pelo major A. B. Rogers, encontrou o último elo da imensa cadeia: a passagem terrestre do noroeste, através do Canadá, sonho dos exploradores desde a primeira tentativa de Humphrey Gilbert, em 1567. Os gastos da construção, todavia, subiam a alturas vertiginosas, em vidas e dinheiro. Era preciso escorar as faldas de montanhas como se fossem montes de feno. Construiram-se quilômetros e quilômetros de anteparos contra a neve, ao custo fabuloso de 2 dólares e meio por cm. Quando todas as outras alternativas falhavam, rompiam-se tuneis através do granito. Finalmente, quatro anos e meio após a Canadian Pacific haver assumido a responsabilidade da obra, as brigadas se encontraram no Eagle Pass. No dia 7 de novembro de 1885 foi cravado o último espigão.

Estavam enfim concatenados, por uma cinta de aço, dois centros de civilização a 4.200 quilômetros um do outro; mas, entre eles, jazia ainda meio continente de pradarias e serranias despovoadas. Afim de povoar essas terras imensas, a Canadian Pacific enviou ao estrangeiro um enxame de agentes, e não tardaram a chegar imigrantes irlandeses, suiços, húngaros, eslavos e italianos. A companhia edificou fazendas-modelo e adiantou grande parte das sementes. Outras regiões, pouco ferteis, foram rehabilitadas com obras de irrigação pela própria empresa.

Quinze dias após a travessia continental pelo primeiro trem, 18 mil caixas de chá foram transportadas diretamente do cais do Pacífico para Montreal. Mas o armador do navio embolsou o melhor dos lucros—coisa que muito angustiou a diretoria da empresa. Não poderia a Canadian Pacific mandar seus próprios navios até o Oriente? À força de paciência e loquacidade, conseguiram do governo a concessão do correio marítimo. A frota inicial de três vapores fretados foi-se expandindo até chegar, em 1939, a contar 52 navios, entre os quais os famosos *Empress of Britain* e *Empress of Canada*, ambos perdidos durante a Segunda Guerra Mundial.

No correr de toda a sua história, a grandeza da Canadian Pacific tem sido obra do exército de homens e mulheres que se orgulham de trabalhar naquela firma. Setenta por cento dos filhos de empregados da companhia, de há muitos anos, vão juntar-se aos pais no serviço da mesma. Ser empregado da Canadian Pacific constitui, geralmente, uma recomendação.

A reputação da Canadian Pacific provem, em grande parte, do cuidado com que ela trata os seus clientes. Um comerciante nova-iorquino ainda se refere, com visivel respeito, ao contacto que teve com os métodos da Canadian Pacific: em 1939, quando um dos *Empress* estava atracado em Hong-Kong, os passageiros foram convidados a registrar em cartões postais, as queixas que porventura tivessem a fazer. Não tendo gostado da comida chinesa que lhe tinham servido a bordo, o nosso viajante escreveu: «Os pratos chineses que servem a bordo são horriveis,» e pôs o cartão na caixa. Dois meses depois, em Melbourne, a 5 mil milhas de distância, recebia este cabograma:

> FICARÍAMOS MUITO GRATOS SE V.S. RADIOGRAFASSE À NOSSA CUSTA REPETINDO COM DETALHES SUA RECLAMAÇÃO COMIDA CHINESA. DESCULPAS E AGRADECIMENTOS.—CANADIAN PACIFIC, MONTREAL.

Nestes dois últimos anos, o colosso tem avançado a passadas velozes. Está procedendo a exames sobre um carro de passageiros dotado de rádio, poltronas desenhadas por um antropologista, terraço de observação, e todos os utensílios e dispositivos imaginaveis. A Consolidated Mining and Smelting ocupa-se agora da execução de um plano revolucionário: a construção de altos fornos, tão grandes que farão avançar de 20 a 40 anos as indústrias do chumbo e do zinco.

A maior corrente de desenvolvimento verifica-se hoje em direção ao norte. Antes da guerra, os grandes territórios árticos eram considerados sem importância econômica e política. Não havia, então, grande interesse em fazer pesquisas para encontrar ouro, rádio ou petróleo, visto como o transporte em grandes quantidades, a partir dessas terras desoladas, era uma coisa fora de qualquer cogitação. A guerra trouxe uma alteração radical desse modo de ver, quando os Estados Unidos e o Canadá tomaram o lugar da Canadian Pacific e suas instalações

desbravadoras, para construir a estrada do Alasca. Até à data, o Parlamento inaugurou pelo menos 22 postos avançados no Ártico. A Canadian Pacific está na vanguarda dessas obras de penetração, as quais levará avante, forçosamente, em bases comerciais.

Yellowknife, aldeia que deve sua prosperidade ao ouro descoberto na região, é exemplo clássico dos métodos da companhia. Dez anos atrás, tudo aquilo era mato, rochas e barracões de papel alcatroado, habitados por um punhado de garimpeiros. Hoje é uma próspera vila de 2 mil habitantes, com farmácias, lavanderias, cinema e um hotel. Deve o seu desenvolvimento tanto à Canadian Pacific, quanto ao ouro aí descoberto.

Entre Great Bear e Coppermine, junto ao mar gelado do extremo norte, encontram-se ouro, urânio e outros metais em grande abundância. A Canadian Pacific estuda atualmente a melhor maneira de os extrair e utilizar. Outras vastas regiões, até agora inexploradas, estão merecendo cuidadosa atenção neste mundo de hoje, em que predomina a aviação. A Canadian Pacific, com sua extensa rede de mais de cem subsidiárias, detem a chave-mestra da colonização e fomento dessa região, cuja importância avulta de dia para dia.

A flor da Paixão

(Vide p. 119)

a brotar uma verdura nova, de características singulares e desconhecidas. Não tardou que surgissem vistosas flores de forma estranha. O Redentor respondia de maneira delicadíssima à lembrança de tão devota adoradora, enviando-lhe a passiflora, que faria recordar no futuro, com mais firmeza do que os mais sólidos monumentos do cristianismo, os instrumentos principais da Sagrada Paixão.

Para nossos lavradores, para a humilde camponesa, essa flor é uma recordação milagrosa dos sofrimentos do Cristo. Durante a Semana Santa, ao contemplar as procissões populares, ao ver a estátua do

«Nazareno da túnica amorada
com a fronte ensanguentada,
o olhar do bom Deus,»

sente reviver em sua vida o drama sempre antigo e sempre novo do Calvário, chora suas próprias culpas, ora pelos pecadores, ama intensamente o seu Redentor e, quando vê a flor milagrosa, as lágrimas da antiga penitente voltam a cair como orvalho sobre as estranhas pétalas.

O MELHOR AMIGO DO HOMEM

Compilação de Alan Devoe

DAGON, o nosso *fox terrier* de pelo sedoso, viveu perto de 15 anos. Durante os seus últimos seis meses de vida, subir as escadas era para ele um verdadeiro problema, pois tinha que parar em quase todos os degraus.

Em uma cálida noite de verão, entretanto, pouco depois da meia-noite, ouví-o subir as escadas tão depressa como outrora o fazia. Veio para o meu lado da cama e eu afaguei-lhe a cabeça por alguns instantes; depois deu a volta e foi receber o mesmo carinho do meu marido, saindo, em seguida, para o quarto do nosso filho.

Fiquei um pouco preocupada e me levantei. Vi Dagon tocar o rosto do menino, que dormia tranquilo, correndo depois para o quarto de minha irmã. Dalí a um minuto ele descia as escadas correndo.

Intrigada e inquieta, resolví investigar o que se passava. Dagon estava deitado em baixo, ao pé da escada, em uma pose característica: as patas dianteiras cruzadas e a cabeça reclinada sobre elas, um pouco de lado. Estava morto.

Subira aos nossos quartos para darnos o seu último adeus.

—M.H.C.

EU IA dirigindo a carroça da fazenda pela estrada, quando notei um cãozinho «vira-lata» que me acompanhava, correndo à frente do veículo. Andara, assim, muito tempo, quando, lá adiante, à entrada de uma fazenda, surgiu um canzarrão de cara feia, que ficou esperando, de pelo eriçado.

O cachorrinho olhou indeciso para a ameaça que o esperava. Depois, olhou para mim e tomou uma decisão.

Correu para trás da carroça, armou um pulo e caiu lá dentro. Quando passamos pelo enorme cão, o meu pequenino companheiro olhou para baixo e o fitou com frio desprezo...

Depois de passarmos uma curva da estrada, o cãozinho pulou para o chão e continuou o seu caminho, a pé.

—W.A.A.

QUANDO a nossa cadela de pastor, Fan, teve os seus primeiros filhotes, nós os demos a várias pessoas. Ao chegar a segunda ninhada, ela nos levou até o celeiro para vermos os filhotes,

mas estes desapareceram naquela mesma noite.

À hora da comida Fan vinha sempre, mas depois fugia pelo mato a dentro, para o lado sul. Muitas vezes tentamos seguí-la, mas sempre conseguiu escapar-nos.

Um mês depois, em uma noite tempestuosa, ouvimos o choro abafado de um cachorrinho. Fomos procurar e encontramos Fan e toda a prole, sequinha e confortavelmente instalada em um buraco escavado por baixo da casa, no lado norte.

Fan corria sempre para o lado sul, até que a perdêssemos de vista, para depois voltar, contornar a casa, e se meter no esconderijo, do lado oposto. Assim, conseguira guardar, perfeitamente, o seu segredo. —F.B.

Explicação plausivel

William Beebe, o famoso biólogo, conta a seguinte história:

Uma senhora me trouxe, certa vez, o cadaver de uma carpa dourada, afim de que eu lhe explicasse a causa da morte daquele animalzinho de estimação. Para não desapontá-la, enrolei o peixe no meu lenço e metí-o no bolso do meu sobretudo, dizendo: «Mandarei à senhora, depois, o meu parecer.» Horas depois, na rua, já à noite, puxei o lenço do bolso e, quando me lembrei do peixe, este já havia escorregado e caido no meio da neve que cobria a calçada.

Enquanto eu procurava na neve com um fósforo aceso, uma voz se fez ouvir, inesperadamente.

—Que estará o amigo fazendo a estas horas, ajoelhado na neve?

Era a polícia.

—Procurando uma carpa dourada, respondí.

Seguiu-se uma longa pausa.

—O sr. disse uma carpa dourada?

—Disse, sim, repliquei. —Uma carpa dourada.

Depois de outra pausa, ouví:

—Ah, sim! E que tal se o sr. me acompanhasse? Eu sei de um lugar onde há carpas de todos os tipos.

—Não estou interessado em carpas de todos os tipos. O que eu quero é encontrar a que deve estar aquí, para poder dizer de que foi que ela morreu.

—Está bem, está bem, respondeu o policial, com bom humor. —Eu lhe dou cinco minutos para encontrar o peixe. Depois, o sr. vem comigo.

Após alguns instantes, exclamei: «Aquí está ela!» e exibí-lhe a carpa. O policial examinou-a cuidadosamente, olhou para mim e depois, aprumando-se, sacudiu a neve da calça e retirou-se sem dizer palavra.

—John A. MacDonald

Meu seguro para a velhice

(Condensado de «Your Life»)

Por Dorothy Blake

Toda a gente fala e pensa em seguro para a velhice, em termos de dinheiro. Quanto a mim, o seguro que desejo tem por base uma estabilidade íntima que não se expressa em contas de banco e que nenhum acontecimento nem qualquer fator externo poderá alterar.

Quem me levou a cogitar desse assunto foi o velho Andrews, que mora na casa em frente à minha. Que ele é velho, percebí quando veio visitar-me: percebí-o ao ver-lhe as mãos pacientemente cruzadas atrás das costas já dobradas ao peso dos anos; percebí-o tambem pelo seu comentário inicial:

—Estou achando os dias muito compridos. O sol aparece tão cedo e morre tão tarde... O dia custa a passar!

Para mim, porem, os dias são curtíssimos! Há tanto que fazer, tantas coisas fascinantes, tantas atividades a nos atrairem! No entanto temos a desalentadora impressão de que não poderemos aproveitar nenhuma dessas coisas plenamente—pelo menos não o poderemos fazer num só dia. Não me faltam agora energia, nem trabalho, nem responsabilidades; e tudo isso ilumina meus dias e dá enorme alegria às breves horas de lazer. Mas que me sucederá na velhice? Não me agrada a perspectiva de ter as mãos ociosas cruzadas atrás das costas, nem de achar que os dias são compridos.

«Ora!» dizem-me os amigos. «Para a velhice você terá seus filhos; eles serão parte de sua vida, e darão plenitude a seus dias.»

Pois é justamente o que não quero. Desejo ser para meus filhos uma amiga, não uma dessas mães idosas que não têm com que se distrair, nem relações sociais, nem atividades intelectuais; que vivem através dos filhos e netos; e que, sejam ou não economicamente independentes, vivem em absoluta dependência espiritual e mental. Sou mãe por fato biológico. Alem disso, porem, preciso ser uma personalidade e fazer-me digna, por meu próprio esforço, de partilhar com meus filhos a parte de sua vida que me quiserem dar.

Trato, pois, de indagar a mim mesma se tenho qualquer talento a desenvolver, alguma atividade à qual me possa dedicar, traços de carater a vencer, de maneira a não desapontar meus

filhos, quando, com a fria imparcialidade dos moços, me avaliarem, como avaliam a outras pessoas.

Certamente não existe seguro melhor para a velhice do que a capacidade de viver bem com os outros—com pessoas de todos os tipos, todas as idades, todos os pontos de vista. Tenho de estar constantemente alerta para fazer novas amizades, pois as antigas irão desaparecendo aos poucos. Tenho de aprender agora a ser tolerante e amiga, porque será quase impossivel adquirir essas faculdades aos 60 anos. Não se modifica uma personalidade a não ser através do penoso processo de desenvolvimento voluntário. Para mim, portanto, tornou-se uma espécie de esporte encontrar em todos os meus conhecidos alguma coisa de atraente e estimulante. E, por mais riscos que isso encerre, procuro sempre vencer a resistência das pessoas enfezadas, arredias, dificeis de abordar.

Muitas vezes, julgamos medíocre uma pessoa, mas chegando a conhecê-la melhor, percebemos que tem dotes extraordinários. Por exemplo: os choferes de taxi me fascinam quando falam por sobre os ombros, enquanto vão esfolando estribos pelo caminho. Durante as horas do dia ou da noite, à medida que cruzam as ruas da cidade, vão formulando uma filosofia da vida que muitas vezes me tem aberto verdadeiras janelas mentais, refrescando-me o espírito com um bafejo de coragem humana. Vendedores ambulantes, que batem à minha porta, têm contado episódios pessoais que revelam a bravura do espírito humano: pessoas mediocremente aparelhadas para a vida, com traços de personalidade e de talento, que encaram com denodo e bom humor a necessidade de lutar por uma existência rotineira.

Não me sendo dado evitar as marcas físicas da velhice, poderei no entanto conservar o espírito e o coração prontos a receber os entusiasmos da mocidade. Por isso faço questão de aproximar-me das crianças sempre que seja possivel, na esperança de beneficiar-me ao contacto de suas almas inocentes e de seu espanto e curiosidade perante as coisas mais corriqueiras—sua régia indiferença à opinião alheia, pública ou particular, o espírito aventureiro com que envolvem de encantos a existência, em vez de deixá-la correr segundo um ritmo puramente rotineiro. Preciso aprender a conter minha irritação diante das traquinices dos adolescentes, e a ouvir sem repulsa certas coisas que eles dizem. Se me tornar exigente e severa, não terei uma velhice plena e feliz.

Preparo-me tambem para a possibilidade de que minha vida social fique encerrada entre quatro paredes. Pretendo dedicar-me então às leituras que há muito tenho em mente. Desejo tomar um volume de Emerson, de Lafcadio Hearn ou de Conrad, e com eles retraçar as fascinantes viagens de seus espíritos de escol. Todos eles mencionam os livros de que gostaram e citam passagens favoritas. Seguindo essas referências até sua fonte, darei às leituras uma variedade e largueza que nenhuma bibliografia estereotipada poderia igualar.

Eis o tesouro de aventuras mentais e afetivas que me espera em minha velhice. É por essa razão que agora, na maturidade, leio tudo quanto posso, afim de conservar o espírito flexivel e alerta. O plano que pretendo pôr em prática na velhice terá de ser a continuação de hábitos e atividades desenvolvidos agora.

Na velhice terei lazer, tambem, para cuidar de meu jardim, ao qual, desde há muito, só tenho podido dedicar-me esporadicamente. Conhecí recentemente um herbanário que abriu novas perspectivas a meu espírito, contando-me histórias de gente antiga que plantava ervas destinadas aos mais variados fins, que seriam usadas como panacéias ou amuletos de amor; para perfumar o enxoval das noivas ou os lençóis da família. Dentre as muitas receitas invulgares que esse meu amigo descobriu em velhos livros de cozinha, destaca-se, por exemplo, uma torta de cereja com pétalas de rosa assadas sob a crosta. Um canteiro de ervas poderia dar-me plena satisfação mental até a idade de 90 anos ou mais. Poderei então visitar de vez em quando os meus vizinhos, presenteando-os com ervas tratadas de inúmeras maneiras. Haverá prazer maior do que compartilhar com os amigos os frutos de nosso trabalho? Não há dúvida: hei-de ter meu canteiro de ervas.

Daí passarei a dedicar-me a outra atividade, que hoje constitui apenas uma forma de distração ocasional: gosto muito de experimentar receitas culinárias, não só as de origem estrangeira e sabor fora do comum, como tambem as tipicamente nacionais, que nos são transmitidas de geração a geração. As ervas, que emprestam sutileza aos alimentos, são um encanto para o espírito. Todos—homens e mulheres—gostam de falar sobre suas receitas prediletas, e eu gosto de ouví-los, e até os induzo a dissertar a respeito. Quando a conversa gira em torno do assunto «cozinha», todos parecem perder qualquer timidez inicial, e revelam mesmo, sem inibições, as suas personalidades. Por exemplo: a melhor receita que conheço para fazer macarrão me foi dada por um amolador de tesouras, que costuma bater à minha porta periodicamente; e quem me deu minha receita favorita para bolos foi uma senhora que, dispensando o auxílio da cozinheira, prepara esplêndidos quitutes para o marido, aliás milionário. O fogão é, afinal de contas, o perfeito nivelador social...

Muitos dos que me lêem talvez considerem egoistas os meus planos para a velhice, e de fato o são em certo sentido; mas acho que podem ser postos a serviço de objetivos altruistas. Desejo ter uma velhice util e feliz, e não apenas uma segurança vazia.

É tambem por essa razão que continuo a contar histórias às crianças, o que foi outrora minha profissão e meu maior contentamento. Proporcionar distração e alegria a um grupo de crianças durante uma hora—há algo que nos convença tanto de que somos uteis? Os adultos podem mostrar-se atentos por mera cortesia; mas as crianças não têm esse verniz superficial e, se não lhes agrada a narrativa

ou o narrador, revelam de forma ruidosa a sua impaciência. Por outro lado, se lhes interessa a história, ficam de tal forma absortas, reagem de maneira tão comovente, que me sinto tomada de arrebatadora emoção.

Semana após semana, num dos bairros pobres de uma grande cidade, um rapaz de 18 anos que recebera parte de sua educação num reformatório, trazia a irmãzinha aleijada para ouvir-me as histórias. Aconchegada em meu colo, a menina fitava-me incessantemente enquanto ouvia as Aventuras do Gato Branco; e o irmão pedia-me repetidamente para contar outra vez o Casamento de Artur e Genoveva, com sua poesia de flores primaverís e suas promessas de amor e lealdade. Quando eu alcançar a idade do lazer, quero levar avante esse sistema de dar às crianças um pouco de beleza e imaginação, de que tanto precisam. Minha velhice nunca poderá ser desinteressante nem egoista, enquanto eu puder frequentar os centros de assistência social, enfermarias e outras instituições, e assim contribuir para dar alegria a criaturas privadas de muitos dos aspectos da vida.

Ao pensar na velhice, muita gente parece esquecer que onde quer que vamos, seja o que for que façamos, jamais nos afastaremos de nós mesmos. É, pois, a mim própria que estou preparando e modelando agora, para o seguro de minha velhice. Tenho de arranjar tempo, utilizar todo minuto possivel, para as ocupações que não são remuneradas em dinheiro. Quero viver plenamente enquanto tiver vida. Quero ser companhia agradavel para mim mesma, quando não dispuser de nenhuma outra. Quero tirar do mundo tudo quanto for possivel em matéria de felicidade e estímulo intelectual. Se assim fizer, estarei preparando o melhor seguro para a minha velhice—aquele que resulta do esforço pessoal.

Paul A. Porter conta-nos a seguinte história:

QUANDO FUI enviado à Grécia em missão econômica do governo norte-americano, os jornais comunistas daquele país deturparam o mais possivel as finalidades e objetivos de minha viagem. Por ocasião de um banquete que me foi oferecido na Macedônia, e cuja lista de oradores era interminavel, já passava da meia noite quando chegou a minha vez de falar. Cansado e um tanto sonolento, resolví dirigir-lhes apenas uma saudação breve, porem cordial. «Constitui para mim um grande prazer encontrar-me entre vós, nobres cidadãos da Grécia,» comecei. «Gregos e americanos, temos muito em comum: gostamos de comer e de beber e damos tudo por um bom dedo de prosa...»

No dia seguinte, o jornal comunista declarou que eu havia insultado os gregos, acrescentando: «O Embaixador Porter disse que somos tal qual os americanos: glutões, bêbados e faladores.»

—*Quote*

Frases notaveis

La Rochefoucauld: Os velhos se comprazem em dar bons conselhos quando já não podem dar maus exemplos.

Sydney Tremayne: As cartas que nunca deviam ter sido escritas, e precisam ser destruidas imediatamente, são as únicas que vale a pena guardar.

Mark Twain: O golfe é um meio excelente de estragar uma boa caminhada.

H. V. Wade: A mulher é uma criatura ilógica, que pergunta ao marido: «Onde é que você pôs as chaves?» Em seguida, sem esperar resposta, vai a determinado lugar e lá encontra o que procurava...

—*Detroit News*

Do jornal *Register*, de Des Moines: A ostra é um peixe com forma de noz.

C. E. Jerningham: Não fossem as desventuras de nossos vizinhos, e a vida seria positivamente insuportavel.

—*The Maxims of Marmaduke* (Coward-McCann, ed.)

Kenneth L. Krichbaum: O homem que resolve casar está talvez decidindo por si mesmo pela última vez.

—*The Saturday Evening Post*

Este provérbio romeno sintetiza a situação daquele país nos dias que correm: «Quando os russos nos ajudam, levam sempre alguma coisa.»

—*Time*

Jonathan Swift: Muito poucos são os que vivem o presente; a maioria se prepara para viver mais tarde.

Our Lady's Missionary: As pessoas se dividem em duas categorias: os pios e os ímpios. A classificação é feita pelos pios.

—Citado em *The Sign*

TERRA DE MILIONÁRIOS

(*Condensado de «Fortune»*)

No Texas e no Oklahoma, prósperos Estados da União norte-americana, sempre houve milionários. Mas agora existem tantos que o possuidor de uma fortuna de 5 milhões de dólares não é propriamente considerado milionário. Só depois dos 30 milhões é que ele merece o título de «ricaço».

O maior dos ricaços, e portanto, talvez, o homem mais rico dos Estados Unidos, é um proprietário de poços de petróleo chamado Haralson L. Hunt, cujos hábitos despretensiosos e cuja aversão às máquinas fotográficas o mantiveram quase desconhecido até dos próprios conterrâneos. Suas propriedades petrolíferas foram avaliadas em cerca de 263 milhões de dólares, e sua renda bruta *por semana* é calculada em mais de um milhão.

Em escala um pouco mais baixa, existem milionários em profusão nessa região do sudoeste norte-americano. Em Fort Worth, por exemplo, publicou-se a notícia de que uma família da cidade havia pago 3.447.000 dólares de imposto de renda correspondente ao ano de 1947. Apesar desse indício, não foi possivel identificar positivamente a família, entre tantas outras possiveis!

Conquanto se possam atribuir ao petróleo o maior número de fortunas no Sudoeste, e tambem as maiores, o gado e o trigo constituem fontes novas e consideraveis de riqueza, bem como as safras menores de arroz, tomates, milho e alfafa. Aliás, é dificil encontrar safra da qual um ou outro fazendeiro não tenha tirado grande lucro. De uma colheita de tomates, que cobria uma área de 80 hectares, no «Vale Mágico», ao longo do Rio Grande, já se apuraram 100 mil dólares.

Os gastos, naturalmente, são fabulosos. Os joalheiros de Houston, no Texas, não vêem nada de extraordinário numa venda de 20 mil dólares. Três das lojas de artigos para senhoras, na mesma cidade, declaram não ter dificuldade em vender vestidos que custam de 400 a mil dólares. Uma das lojas há pouco tempo pôs à venda quatro chapéus de pele de marta a 1.500 dólares cada um, e vendeu todos no mesmo dia. O agente dos automoveis Cadillac, em Dallas, vendeu, no ano

passado, mais de mil carros, e quando se abriu uma agência Rolls-Royce na mesma cidade, em fevereiro do ano passado, dois carros foram vendidos no primeiro dia, a 19.274 dólares cada um.

A loja Neiman-Marcus, em Dallas, mantem 90 mil contas de crédito, trezentas das quais sobem a mais de 50 mil dólares anuais, e algumas vão até 150 mil. Os fregueses que não podem vir até a cidade recebem muitas vezes, em suas fazendas ou campos petrolíferos, vendedores e modelos que lhes mostram jóias e roupas finíssimas.

São poucos os que fazem exibição de suas fortunas, mas há exceções. Harold Byrd, que dá a si próprio o apelido de Byrd «Poço-Seco», devido ao fato de ter perfurado mais de cem poços secos antes de encontrar petróleo, acha melhor «ajudar os outros e se divertir do que gastar dinheiro em bugigangas de 50 mil dólares». Há anos que ele vem contribuindo para a compra dos uniformes e instrumentos para a banda de 125 peças da Universidade do Texas. Todos os anos, no outono, ele abre as portas de sua propriedade florestal para receber os times de futebol do Texas e do Oklahoma, e uma legião de convidados célebres de todos os recantos dos Estados Unidos. No ano passado foram necessários 7 mil telefonemas para confirmar o comparecimento dos 850 convidados. Essas gigantescas churrascadas têm acompanhamento de orquestra, trovadores mexicanos e iguarias raras, sendo que numa dessas festas, em 1946, apareceu toda uma tribo de índios do Oklahoma para dançar à volta do repuxo de um terraço.

Para Byrd, essas diversões são «muito melhores e mais baratas que um cavalo treinado». Entre seus outros divertimentos notam-se «brincadeiras» como a que há pouco tempo proporcionou ao Bonehead Club de Dallas, organização de piadistas que pregam peças uns aos outros, fundada há 28 anos. Byrd presenteou 30 sócios do Clube com uma viagem de avião a várias estações de recreio mexicanas, num percurso de mais de 5 mil quilômetros.

Mas Byrd, como a maior parte dos «ricaços», torna a empregar seus capitais em petróleo ou em extensas fazendas. Esse interesse pelas propriedades rurais reflete o amor à terra que parece inato em todos os filhos dessa região. Por essa razão, os vistosos chapéus e botas dos *cowboys* se tornaram o traje tradicional na terra dos ricaços.

Entre os «menos ricos», milhares há que têm tambem satisfeito seu desejo de possuir terras. Em diversos lugares da região são já numerosas as fazendas menores que produzem lucros rápidos.

Os criadores estão voltando a empregar em gado enormes quantias. A qualidade dos rebanhos tem sido melhorada com a venda das reses inferiores e aquisição de gado de raça a preços extraordinários. Num leilão recente no Rancho Hereford, no Wyoming, dois reprodutores foram vendidos ao preço de 63 mil dólares *cada um*. Quando perguntaram a um velho fazendeiro quanto havia gasto num lei-

lão de Denver, após ter feito compras o dia inteiro, ele respondeu que não sabia direito—«uns 20 mil dólares ou coisa parecida.» Quando somadas, suas compras—que ele pagou na hora, com cheque—chegaram a perfazer o total de 38.570 dólares.

Vernon Frost, negociante de petróleo, lançou-se de uma vez no negócio de exploração de fazendas. Em 1945 adquiriu uma fazenda de algodão de cerca de 300 hectares perto de Houston, e iniciou a construção de uma fazenda-modelo. Em um ano e meio gastou 500 mil dólares em gado brâmane de puro sangue, currais à prova de fogo e aparelhamento complicado.

Muitos dos amigos de Frost acharam loucura gastar tanto numa coisa que, segundo eles, não daria lucro. Entretanto, ele está-se saindo muito bem, demonstrando que «a safra que dá mais lucro hoje é a da carne de qualidade». Com a ajuda de um especialista em conservação do solo, restaurou a fertilidade de suas terras e usa menos de meio hectare de terra por cabeça para pastagem, ao passo que a maioria dos texianos usa de 4 a doze hectares por animal. Este ano ele espera conseguir um lucro líquido de 60 mil dólares com a venda do gado brâmane.

O fazendeiro rico é pródigo com seu dinheiro. Em janeiro do ano passado, trezentos criadores de gado se reuniram em Denver no jantar anual da Colorado Hereford Association. Um dos convivas foi Jack Benny, conhecido comediante, que compareceu para vender em leilão 45 bilhetes para a transmissão radiofônica do seu espetáculo em prol da campanha contra a paralisia infantil. Os três primeiros bilhetes foram vendidos de uma só vez, por 1.350 dólares. O seguinte rendeu 550 dólares, e foi adquirido pelo fazendeiro Dan Thornton que, no ano passado, vendeu gado em leilão no valor de um milhão de dólares. Thornton deu a Benny o cheque e devolveu o bilhete, que foi então vendido por 1.175 dólares. No fim, Benny arrecadou 13.700 dólares. Confuso com tamanha generosidade, Benny ofereceu-se para tocar violino para os fazendeiros. Em resposta eles ofereceram mais 700 dólares com a condição de Benny *não* tocar...

Como muita gente já tem dito, nos Estados Unidos tudo é possivel.

Ação dupla

O DELEGADO de polícia da minha pequena cidade natal é, tambem, veterinário. Uma noite, sua mulher atendeu ao telefone:

—O sr. Thomas está? perguntou uma voz agitada.

—O sr. precisa do meu marido como veterinário ou como delegado?

—Quero ambos, foi a resposta imediata. —Não conseguimos fazer com que o nosso *bulldog* abra a boca, e há um ladrão preso nela!

—Wesley A. Clark

Três regras seguras, que todos podem usar vantajosamente

Como convencer os outros

(*Condensado de «Your Life»*)

Por Elmer Wheeler

JÁ LHE aconteceu apresentar ao seu chefe uma sugestão luminosa tendente a aumentar a eficiência no trabalho, e provocar nele apenas ressentimento? Ou oferecer algum "bom conselho" a sua esposa, ou aos vizinhos? Se já lhe sucedeu isso, o leitor concordará em que toda a gente se retrai contra a imposição de idéias alheias.

Quando alguem se aproxima de nós com alguma idéia nova, instintivamente reagimos, levantando uma barreira, pois sentimos que é preciso defender nossa personalidade. E somos todos suficientemente vaidosos para julgar nossas idéias superiores às dos outros...

Existem, porem, três regras, de eficácia já comprovada, para convencer os outros e despertar-lhes entusiasmo. Ei-las:

Primeira Regra: Use uma isca, não uma seringa de injeção... Pessoa alguma aceitará idéias alheias a menos que as adote como suas.

Durante a Primeira Guerra Mundial, dizia-se que o Coronel House era o homem mais poderoso do mundo por causa de sua ascendência sobre o homem mais poderoso do mundo: Woodrow Wilson.

—Aprendí, explicava House, —que o melhor modo de convertê-lo a uma idéia era injetá-la casualmente no seu espírito e deixá-lo pensar no assunto por sua própria conta.

Quando se deseja convencer alguem, deve-se fazer como o pescador: atirar a isca tentadoramente, fora do alcance da truta, e deixar que ela venha. Nunca seria possivel enfiar o anzol na boca do peixe, mas bem se pode atraí-lo com o anzol.

Não convem mostrar impaciência e sofreguidão. Basta expôr a idéia de maneira que possa ser notada.

«Você já pensou nisto?» — é melhor do que «Esta é a única solução». «Acha que este sistema dará certo?» — é mais eficaz do que «É assim que se deve fazer».

Deixe que os outros se apossem da idéia que lhes deseja transmitir; se assim acontecer, estarão definitivamente convencidos.

Segunda Regra: Apresente seus argumentos de tal forma, que eles acabem sendo defendidos pela própria pessoa que os repudiara. Ao resistir à impo-

sição de idéias alheias, as pessoas tendem instintivamente a opôr objeções, mesmo que seja só para salvar seu amor próprio. Convem dar-lhes uma oportunidade de discordar; para tanto, quem apresenta o argumento e quer vê-lo triunfar, deverá simplesmente cercá-lo de dúvidas e objeções.

«A melhor maneira de convencer a outrem,» dizia Benjamin Franklin com sabedoria, «é apresentar o argumento moderadamente e com exatidão: dizer que podemos, naturalmente, estar enganados, o que estimulará o ouvinte a aceitar o que temos a dizer e até mesmo dar uma reviravolta, passando a convencer-nos de nossa própria idéia, já que parecemos hesitantes. Mas se falarmos em tom decisivo e arrogante, só despertaremos antagonismo.»

Era essa a técnica empregada por Abraão Lincoln quando falava a um juri. Apresentava os argumentos de ambas as partes, mas sugeria sutilmente que o seu próprio ponto de vista era o mais lógico. Um advogado da parte contrária comentou certa vez: «Ele apresentou meus argumentos ao juri melhor do que eu mesmo poderia ter feito.»

Outra boa técnica consiste em apresentar a idéia à outra pessoa como se esta a tivesse inventado; começar, por exemplo, com uma frase assim:

«Você outro dia me deu uma idéia que me tem feito pensar...»

Um parlamentar famoso, mestre em usar esse processo, costumava conservar-se em silêncio durante as reuniões de comitês até que todos os membros se tivessem manifestado. Tomava nota das objeções e finalmente, depois de todos haverem dado seus argumentos, dizia ele:

«Senhores, parece-me que tudo quanto foi dito nesta reunião pode ser resumido da seguinte maneira...»

Apresentava então suas próprias idéias, e incutia-as aos outros.

Terceira Regra: Pergunte, em vez de afirmar. Patrick Henry, outro homem famoso pela sua proficiência em pregar suas idéias, era desconhecido na política quando, durante o período colonial dos Estados Unidos, foi eleito para a Câmara dos Comuns do Estado da Virgínia. Apesar de ser novato naquele mundo, todas as resoluções que apresentava eram adotadas. Em seu famoso discurso «Liberdade ou Morte», é interessante notar como usou de perguntas para transmitir suas idéias:

«Nossos irmãos já estão em luta— por que ficaremos nós inativos?

«Havemos de conservar-nos indolentemente reclinados?

«Que desejam os cavalheiros? A que aspiram? Será a vida tão preciosa ou a paz tão suave, que mereçam ser compradas ao preço da escravidão?»

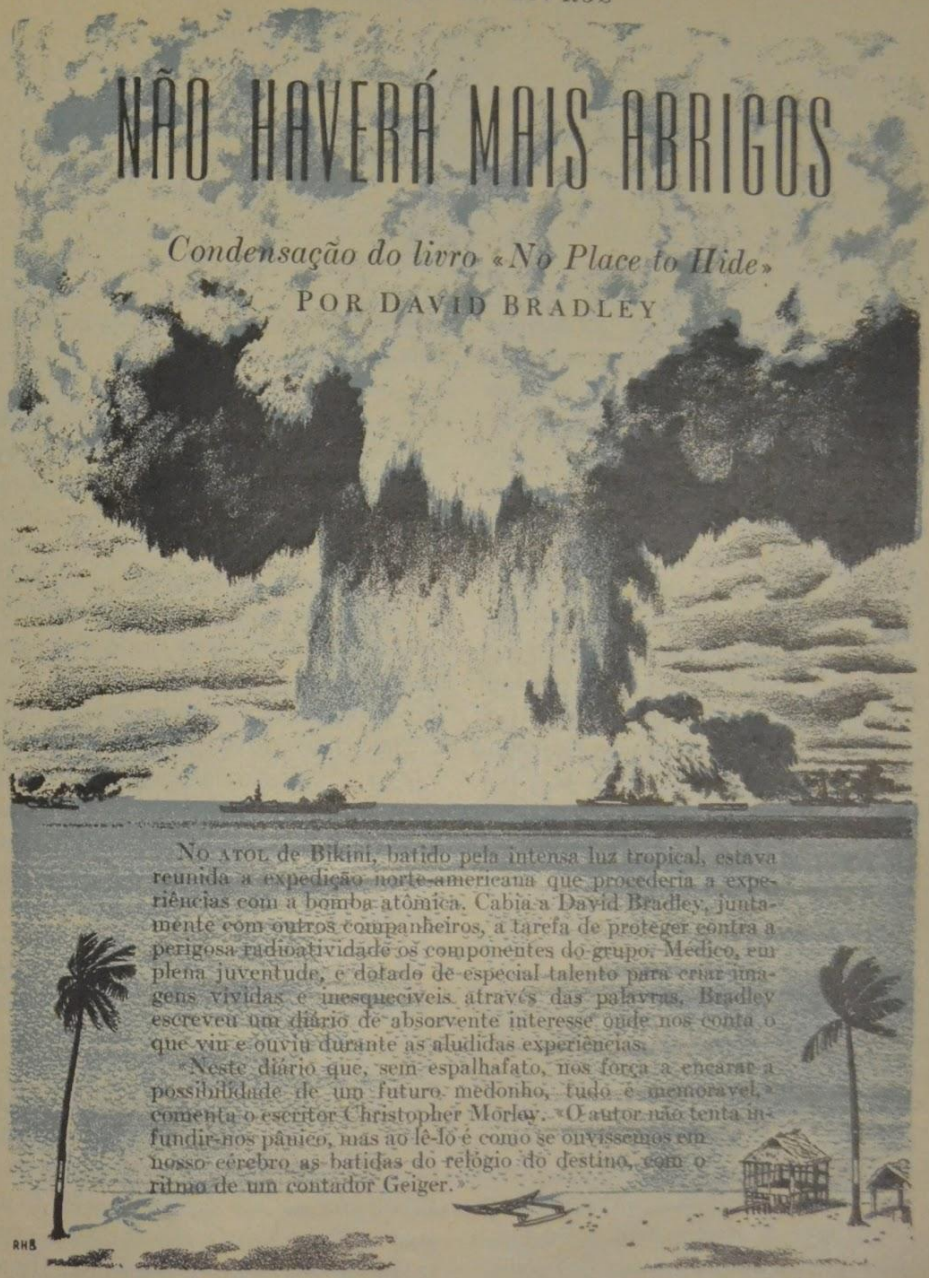
Quando a idéia é apresentada por meio de perguntas, dá-se aos outros uma oportunidade de participar dela. Não se lhes dita uma regra, pede-se-lhes uma resposta. Dá-se-lhes a oportunidade de se convencerem por si mesmos.

Experimente o leitor essas três regras, da primeira vez que quiser convencer alguem de alguma coisa.

NÃO HAVERÁ MAIS ABRIGOS

Condensação do livro «No Place to Hide»

POR DAVID BRADLEY



No atol de Bikini, batido pela intensa luz tropical, estava reunida a expedição norte-americana que procederia a experiências com a bomba atômica. Cabia a David Bradley, juntamente com outros companheiros, a tarefa de proteger contra a perigosa radioatividade os componentes do grupo. Médico, em plena juventude, e dotado de especial talento para criar imagens vívidas e inesquecíveis através das palavras, Bradley escreveu um diário de absorvente interesse onde nos conta o que viu e ouviu durante as aludidas experiências.

«Neste diário que, sem espalhafato, nos força a encarar a possibilidade de um futuro medonho, tudo é memorável,» comenta o escritor Christopher Morley. «O autor não tenta infundir-nos pânico, mas ao lê-lo é como se ouvissemos em nosso cérebro as batidas do relógio do destino, com o ritmo de um contador Geiger.»

Copyright, 1948, de David Bradley. Editora: Little, Brown & Co., Boston. Preço: $2.00

NÃO HAVERÁ MAIS ABRIGOS

Quinta-feira, 30 de maio

Estamos a algumas centenas de milhas a sudoeste de S.Francisco, rumando para Bikini. Já começou oficialmente, para nós, a «Operação Encruzilhada», que deverá abranger dois ensaios da bomba atômica. Estamos agora a menos de um mês da primeira experiência.

Os «passageiros» que vão a bordo do *Haven*—pessoal do exército e da marinha, e paisanos—são em número de algumas centenas, na maioria homens de meia idade, alguns deles cientistas de renome. Este grupo tem por objetivo proteger o pessoal da expedição contra os invisiveis perigos da radioatividade.

Sábado, 1º. de junho

Tivemos hoje nossas primeiras lições, lá em cima na ponte de navegação, bafejados pela aragem. Foi uma sessão sobre problemas de sigilo, com trechos escolhidos da Lei Federal de Espionagem. A impressão de quem escutava a palestra era que Bikini seria apenas uma etapa a caminho da penitenciária. Dada a natureza do nosso trabalho, quase tudo o que ficamos sabendo é potencialmente perigoso. A lei é tão ampla, que quase basta uma pessoa levar consigo uma régua de cálculo para se tornar suspeita!

Domingo, 2 de junho

Primeiro dia tropical. Acordamos mal repousados, sentindo-nos como crisálidas de traça num casulo superaquecido. O sol é de uma violência incrivel; o engenho científico, acumulado debaixo destas calvas veneraveis, está-se revelando por todo lado, em forma de turbantes esquisitos e bicos de papel para o nariz—mas sempre tarde demais... Ao que parece, nem os velhos e sábios conseguem aprender, ou pelo menos lembrar-se. Cochilam alguns instantes ao sol, e quando acordam sentem o corpo todo como que incendiado.

Quinta-feira, 6 de junho

Estão-nos ensinando agora a perceber a presença da radioatividade, e distribuiram-nos uma série de instrumentos com que temos de familiarizar-nos. As pontes do *Haven*, escaldantes ao sol, estão cheias de movimento: os monitores andam para cá e para lá em frente dos lingotes de chumbo onde estão alojadas diminutas fontes de radiação, inclinam-se sobre as suas caixinhas mágicas, atentos e calados, procurando ouvir através dos fones a barragem de estalidos registrados pelos contadores Geiger.

Pela abertura que os lingotes de chumbo têm num dos lados, jorra a torrente radioativa, tão firme como o jorro de água de uma mangueira. Visto que ela emana de uma fonte conhecida, e se desvanece ao quadrado da distância dessa fonte, torna-se possivel ensaiar e calibrar os instrumentos com bastante rigor. Com o tempo, o contador Geiger transforma-se numa espécie de «sexto sentido» do monitor, verdadeiro requisito para a sobrevivência na era atômica.

Quarta-feira, 12 de junho

Da quente monotonia do Pacífico deserto foi surgindo, no horizonte, uma linha de um amarelo brilhante, por trás da qual se desenhavam as silhuetas cinzentas de vários navios. Bikini! Uma casquinha de coral, semelhante a centenas de outras por aquí. Desconhecida até há pouco, sem memórias de esplendor nem de tristeza, torna-se agora de repente um ponto vermelho no mapa das preocupações humanas—verdadeira encruzilhada.

Em breve podíamos avistar os contornos da ilha, com seus densos palmares, o seu grupinho de cabanas, e as torres de aço no cimo das quais serão instaladas enormes máquinas fotográficas, controladas pelo rádio, para registrar a explosão. O atol é mais ou menos retangular, com 15 quilômetros de largura e uns 30 de comprimento. A ilha principal de Bikini forma o ângulo nordeste.

A dada altura entramos nas águas mansas da laguna côr de turquesa, onde fomos encontrar a frota agrupada no ancoradouro. Estão aquí todos os navios que vão servir de alvo, fundeados na sua derradeira formação. São na maioria navios antiquados, alguns deles famosos. Aquí está o terceiro dos maiores porta-aviões dos Estados Unidos, o *Saratoga*, indômito e célebre, tantas vezes atingido na guerra passada, mas ainda hoje rei da frota.

O centro da área do alvo está atulhado de navios: o *New York*, couraçado de 1912, parece velho e atarracado, um montão de sucata ao lado dos navios mais modernos; o *Pennsylvania*; o *Arkansas*; e dois velhos cruzadores, o *Pensacola* e o *Salt Lake City*. O mais estranho de todos é porem o gigantesco couraçado japonês *Nagato*, criação monstruosa, facil de reconhecer pela sua fantástica torre de controle de tiro. Este montão de ferro velho com muitos andares de altura parece ter sido atirado alí sem plano nem propósito, feito de todas as sobras da sucata norte-americana.

No próprio centro do alvo encontra-se o *Nevada*. Com suas graciosas obra-mortas piramidais, ainda é um elegante navio de guerra. Para tornálo mais visivel, pintaram-no completamente de vermelho.

Os interstícios desta massa de grandes navios foram preenchidos com destróieres, submarinos, transportes de ataque, lanchas de desembarque, diques secos de cimento—amostras de quase tudo quanto anda sobre as ondas do mar. A maioria são hoje relí-

quias navais. Entre os navios mais modernos, estão aí o porta-aviões ligeiro *Independence*, e o gracioso cruzador de linha *Prinz Eugen*, alemão.

O que aí está, naturalmente, é uma esquadra morta; sobre estes navios que esperam a sua prova suprema, paira alguma coisa da muda e enigmática tristeza dos cemitérios... Para lá da periferia, e na direção da ilha principal de Bikini, está ancorada a frota «viva», com todas as suas coloridas insígnias, bandeiras desfraldadas, sinais luminosos cintilando, canoas minúsculas singrando as águas em rastos de espuma.

Quinta-feira, 13 de junho

Esta experiência com a bomba é uma coisa altamente complicada, e, alem da Marinha, à qual cabe a responsabilidade da organização geral, muitas entidades participarão nela, tais como a Aviação Naval, o Exército, a Aviação Militar (que lançará a bomba), e centenas de técnicos e cientistas civís. Frank Larson e eu fomos destacados para o Grupo de Aviação Naval, cuja missão consistirá em praticar as primeiras sondagens cautelosas na área do alvo, após a explosão. Munidos da complicada aparelhagem de registro das radiações, realizaremos, em duas aeronaves da Marinha, uma série de vôos sobre a área da explosão, a altitudes cada vez menores, até encontrarmos sinais de radiação perigosa. Nossas observações, transmitidas pelo rádio para o navio de controle, servirão de guia aos planos subsequentes de entrada a bordo dos navios bombardeados, exames minuciosos e possivel salvamento das respectivas carcassas.

É evidente que não poderemos iniciar nossos vôos enquanto os ventos alísios não houverem varrido para longe a nuvem que a bomba arremessará aos ares, pois os pilotos estão proibidos de aproximar-se dela. A intensidade de radiação, presente nessa coluna de vapores ardentes, seria sem a menor dúvida mortal para os homens, mesmo que o avião pudesse escapar ao impacto.

Será dificil convencer essas pessoas dos perigos invisiveis implícitos na radiação. Alguns milionésimos de grama de rádio, alojados no esqueleto de um homem, podem ser-lhe fatais, como há anos se provou no caso dos operários que trabalhavam em fábricas de relógios com mostradores luminosos à base de rádio. Ora, as radiações que resultarem da explosão de Bikini serão, sem dúvida, equivalentes a *toneladas* de rádio!

Segunda-feira, 17 de junho

Hoje à tarde, o Comandante Pew, chefe da nossa esquadrilha de hidroaviões, convocou todos os seus homens para a sala de instruções. Dentro de menos de uma semana teremos o último ensaio geral. Os tripulantes desta esquadrilha são homens de bom tipo, sólidos, vigorosos, personagens encardidos que mascam chicle, e usam calção curto e sandálias recortadas de botas velhas de soldados. Vê-se logo que, para esta rapaziada, o moral não é problema.

Terça-feira, 18 de junho

Nos trópicos, amanhece depressa: o dia revela-se com a rapidez de uma chapa fotográfica. De repente, do nada uniforme da noite, surgem vagos perfís de coisas e, um momento depois, a praia, as torres e a laguna coalhada de navios, tudo se torna visivel.

Tom, Lars e eu, não tendo mais nada que fazer, tomamos o barco da manhã para Kwajalein, afim de vermos de perto esse cenário da guerra. Fomos até à pista de aviação, que ocupa dois terços da ilha. Os aviões que se destinam a tomar parte na «Operação Encruzilhada» estão sob guarda armada. Os aviões fotográficos têm um «P» negro nos lemes, sobre fundo alaranjado. Outros, destinados a registrar e medir a onda de choque da explosão atômica, apresentam, como emblema, um raio negro.

Dave's Dream (Sonho de Dave), o já famoso avião que lançará a bomba, e cuja tripulação vem praticando há meses a operação de lançamento, é facil de identificar pelo enorme «B» pintado a negro no estabilizador vertical. Acha-se a distância dos outros, e a rampa especial, construida para facilitar o carregamento da bomba, encontra-se a quilômetro e meio das instalações regulares. Não longe dela acham-se diversos barracões de aço corrugado e alguns cofres subterrâneos onde o segredo e os cientistas se mantêm em estrito isolamento.

Todas as formas de radiação—inclusive a que devemos esperar da explosão da bomba—são pequenas demais para serem sentidas ou vistas, demasiado sutís para terem cheiro ou fazer ruido. Mas as perturbações que elas determinam no ambiente podem registrar-se de muitas maneiras: pela nebulosidade que provocam em filmes fotográficos; pela cauda de cometa das partículas ionizadas em uma câmara Wilson de vapor saturado; pela descarga de um eletroscópio; pelos estalidos das descargas elétricas nos contadores Geiger.

No dia da explosão levarei comigo seis instrumentos, que terei de ler e interpretar: dois contadores Geiger ajustados a diferentes raios de sensibilidade; duas câmaras de ionização, uma ajustada para um grau de intensidade toleravel, outra para um grau de intensidade perigosa; um contador alfa ligado a um aspirador de ar, para indicação da presença de plutônio, altamente tóxico, na atmosfera; e um «protexímetro», que indicará a dose total. Tudo isso, junto, deve bastar para me dar uma medida aproximada da radiação. Os fones dos contadores Geiger registrarão o primeiro sinal de radiação, e as câmaras de ionização dirão se ela atingiu um nivel de perigo. A deficiência maior é a do contador alfa: este instrumento é de tal delicadeza, que as simples mudanças de temperatura e grau de umidade, ou mesmo a brisa que sopra do aspirador de ar, bastam para provocar-lhe um desequilíbrio.

Quarta-feira, 26 de junho

Dia límpido, de indolência, com roupas lavadas a secar ao sol. Muito mais facil, aquí, do que com a máquina

de lavar! A gente pendura a camisa numa corda, e instala-se a ler um livro. Passada a primeira bátega de chuva, ensaboa-se rapidamente a camisa, que ficou livre do sal. Depois ela volta à corda, e a gente volta ao livro. Vem outro aguaceiro tropical, que, depois de enxaguar a camisa, dá lugar ao sol quente e à brisa para acabarem o trabalho.

Nosso melhor passatempo aquí é nadar. A água da laguna é agradavelmente tépida; longe da praia, é bastante limpa e pululante de vida. Quem leva óculos de mergulhador, tem lá em baixo um mundo novo e fascinante para admirar. Esses óculos nos transportam de repente a um reino encantado. As formações coralinas, semelhantes a árvores e plantas, a penhascos e castelos, estão em volta de nós, no seu variegado esplendor.

Quinta-feira, 27 de junho

ENTRE outros preparativos para o dia da explosão, recebemos ordem de proceder à contagem de glóbulos do nosso sangue. Duvido que isso tenha o mais leve valor científico, mas exemplifica como é dificil ajuizar dos danos causados pela radiação e tomar as necessárias medidas preventivas.

As experiências feitas com animais têm ajudado a completar os nossos conhecimentos sobre a «doença da bomba atômica», pela primeira vez entrevista em Hiroxima e Nagasaqui. Os óbitos são diretamente proporcionais ao grau da radiação. Aqueles que morrem durante as primeiras horas, ou dias, expiram num estado de choque, como se sofressem duma queimadura «interna»—terrivel, embora indolor. Os que morrem nos primeiros 15 dias são vítimas de hemorragia, ou de infecção devida à deterioração do sangue. Aqueles que escapam a esse período crítico, poderão morrer de anemia daí a algumas semanas. Mas ninguem pode prever quais os efeitos mais remotos, a não ser este: algumas pessoas ficarão estereis para sempre.

Os radiologistas estão de acordo em que uma pessoa pode talvez absorver um décimo de um roentgen (unidade-padrão de radiação), sem sofrer consequências. Tal é aproximadamente a quantidade de radiação que a gente absorve quando tira uma radiografia comum do peito. Se uma pessoa sofre de úlcera do estômago, e se submete a exame num fluoroscópio, pode absorver entre 10 e 40 roentgens, o que provavelmente não lhe causará dano. Aliás, quando a radiação se limita a áreas reduzidas, como no tratamento do cancer, uma pessoa pode aguentar de 6 mil a 8 mil roentgens. Se, porem, a dose se espalhar por todo o organismo, bastariam algumas centenas dessas unidades para causar a morte.

É contra essa radiação do corpo inteiro que nos devemos resguardar, quando estivermos lidando com a bomba atômica.

Domingo, 30 de junho

PREPARATIVOS finais para todo o pessoal. Nestes últimos dias, as tripulações não têm largado os aviões. Estes foram lavados com gasolina da proa à popa, para que não haja nódoas de graxa capazes de recolher partículas radioativas da atmosfera. Quanto a nós, temo-nos ocupado tambem de carregar para bordo o nosso equipamento—instrumentos, máscaras contra gases, gráficos, óculos especiais, filmes, algodão para o nariz e assim por diante—verificando e tornando a verificar dez vezes as nossas listas.

Dia da explosão—Segunda-feira, 1º de julho de 1946

Nossos despertadores tocam às 3 e meia. Saimos aos trambolhões na escuridão, a caminho da Sede da Esquadrilha, onde se estão reunindo os pilotos e tripulantes. Na luz ainda indecisa, nossos passarões gigantes rodavam estrondosamente rumo à rampa de decolagem, com os motores espirrando faulhas e estampidos, nas verificações de última hora. Eu me sentí muito pequeno entre tamanhos «pássaros».

Pelas 5 e meia, ao raiar da aurora, já estávamos no ar, subindo lentamente até 2.500 metros. Servindo-me de uma pequena fonte de radiação, de bolso, ensaiei todos os meus instrumentos. Os contadores Geiger iam registando os seus estalidos—uns cem por minuto, como é normal. Os raios cósmicos não estavam manifestando qualquer excitação especial em face da próxima explosão.

A frota «viva» estava desdobrada debaixo de nós, e a uns 30 e tantos quilômetros avistava-se a frota do alvo, reunida a um extremo da laguna. Lá do alto, um avião, pairando tão acima de nós que nem o podíamos enxergar, remeteu-nos a mensagem por que esperávamos. Calmo e vagaroso, o bombardeiro do *Dave's Dream* ia dizendo: «Fala Clarabóia Um, Clarabóia Um. Faltam dez minutos para a primeira largada da bomba simulada. Primeiro lançamento de ensaio!»

A essa altura o Comandante Pew já circulava indolentemente sobre a área predeterminada. Tomamos posição atrás dele, a uns 800 metros de distância. Ao avistarmos outro aparelho, experimentamos de súbito o sentimento da solidão em que estávamos. Sabíamos que o céu, por cima de nós, estava coalhado de aviões, alguns a 8 e 10 mil metros de altitude, e não obstante nenhum deles nos era visivel.

A voz do alto bradou: «Fala Clarabóia Um. Faltam cinco minutos para o lançamento da bomba verdadeira. Estejam atentos.»

Cinco minutos!

«Clarabóia Um. Clarabóia Um. Faltam dois minutos para o lançamento da bomba verdadeira. Ajustem bem os óculos. Atenção!»

E depois, finalmente: «Vamos largar a bomba. Atenção...» A pausa pareceu-nos uma eternidade. «Bomba lançada. Bomba lançada. Bomba lançada...»

Passaram segundos—20—30—e nada podíamos ver através dos óculos escuros—35—40—reparei de repente que deixara de respirar desde o lançamento da bomba—50—60—e nada aconteceu.

Para nós, foi como se a bomba houvesse explodido sem ser anunciada. A bola de fogo que derretera alguns hectares da areia do deserto do Novo Mé-

xico, transformando-a em vidro, e fizera de Hiroxima um símbolo da deshumanidade humana, rebentou sobre os navios-alvo, crestando a pintura dos tombadilhos, mas à distância de 30 quilômetros não nos deu sinais de som, nem de luz, nem de choque.

Só depois avistamos, de repente, uma formidavel coluna de nuvens, densa, branca, rebentando em bolha por cima dos estrato-cúmulos, parecida com qualquer nuvem de trovoada —mas escalando o céu como nenhuma outra nuvem de tempestade o poderia ter feito. Não tardou que essa cabeça diabólica, em forma de cogumelo, começasse a espraiar-se. Subiu velozmente a dez ou doze mil metros, tomando a coloração rosa-queimado dos óxidos de azoto, e pareceu desdobrar-se nas alturas como um imenso guarda-sol.

Pouco depois já podíamos avistar toda a área do alvo: poucos navios se haviam afundado, se é que alguns chegaram a afundar-se. Mas muitos deles começavam a fumegar.

Encontrávamo-nos agora bem debaixo do imenso pálio de fumaça, e nossos instrumentos ainda nada registavam de especial. Mas, conforme nos aproximamos do centro do alvo, meus contadores Geiger começaram a voltar à vida com uma espécie de gaguejo nervoso. De começo estes sons eram espasmódicos, mas, mais perto do centro mesmo, onde os navios estavam mais densamente agrupados, os contadores pareciam cantar.

Nosso primeiro vôo correu muito bem. A única radiação era a que subia até nós, do mar e dos navios. Cada um dos navios do centro do alvo parecia atingir-nos com um feixe semelhante ao de um holofote, à medida que os sobrevoávamos. E à proporção que fomos baixando, em espiral, a radiação se foi intensificando progressivamente.

Pouco depois do meio-dia, estava concluida a nossa tarefa, e finalmente recebemos do avião de controle a desejada mensagem: «Voltem à base.»

Passada a tensão, todos nos sentimos de súbito exhaustos e esfaimados. Durante os vôos de controle não nos fora permitido fumar nem comer, não fosse alguem recolher do ar, por esses meios, alguma radiação de material perigoso. Impunha-se, pois, uma inspeção completa da aeronave: jogamos fora tudo quanto havia sido aberto ou encetado,—pacotes de cigarros, pão, frutas, até mesmo os restos do suculento bife que fizera parte de nosso desjejum nos ares, antes da explosão. Os nossos homens tudo aceitaram de cara alegre, especialmente quando eu dei minha aprovação a um enorme jarro de azeitonas frescas, e um pouco de carne em lata. Mas isso de não poder fumar é que era uma tortura. Até que, por fim, o tenente Lower não aguentou mais.

—Bradley, berrou ele no interfone, —diga uma coisa: se eu fumar agora, quando será que vou morrer?

—Que idade tem você, chefe?

—Trinta.

—Ah! Nesse caso pode viver mais uns 30 anos.

—Ora então, vou morrer muito mais depressa se não fumar já!

Depois disso, abandonamos todas as restrições.

Terça-feira, 2 de julho

Boatos que chegam da grande frota indicam que é geral a decepção a respeito da bomba: poucos navios se afundaram, e não são muitos os que ficaram seriamente danificados. Sem dúvida, muita gente que até agora se nutriu de fantasias a respeito da bomba, achará que tudo o que ficar aquem de um segundo Krakatoa é um completo fracasso!

Até agora, pelo menos, parece que escapamos à verdadeira ameaça inerente às armas atômicas, isto é, o penetrante e lento veneno da radioatividade. Das partículas radioativas altamente perigosas, que se produzem com a desintegração do átomo, a maior parte fora levada às alturas da estratosfera, onde pode diluir-se, tornando-se quase inofensiva ao voltar à terra. Desse ponto de vista, pois, esta nossa experiência em Bikini muito se assemelha às explosões em Hiroxima e Nagasaqui. A maior parte dos danos causados terá resultado apenas da violência da própria explosão.

Ontem à noite, um dos nossos pilotos decolou em um B-29, para ver se era possivel determinar a posição da nuvem produzida pela explosão. Não houve dificuldade em encontrá-la, a umas 200 milhas a noroeste do atol, grande massa de névoas radioativas, cheias ainda de sensações para os contadores Geiger.

Ao regressar a Kwajalein, verificou-se que os quatro motores do grande avião vinham cobertos de matéria radioativa; assim, foi preciso pô-lo de quarentena.

Quinta-feira, 4 de julho

Acompanhei hoje um grupo de fotógrafos da Marinha, que foram tirar vistas da frota de alvo. Ninguem parece saber ao certo quantos navios foram a pique, mas são muitos e evidentes os sinais do furor com que a explosão os sacudiu. O *Independence*, porta-aviões ligeiro, é agora uma imponente massa de sucata: a ponte de vôo rebentou, o convés do hangar desmoronou-se, e toda a complicada aparelhagem das torres de artilharia, passadiços e equipamento eletrônico foram pelos ares, ou estão pendentes do costado em uma desordem inconcebivel. O antigo couraçado *Arkansas*, que perdeu a maior parte das obras-mortas à retaguarda da ponte de comando, assumiu uma aparência muito mais «moderna»: para o transformar num porta-aviões, bastaria agora uma bomba comum...

Domingo, 7 de julho

O ensaio da bomba está quase passando à História. A nuvem de morte que se formou na segunda-feira passada, dissipou-se lá para o noroeste, e não é mais preciso ir atrás dela. As águas da laguna de Bikini voltaram a ser inofensivas, a maior parte dos navios já foram rigorosamente inspecionados, e estão sendo rebocados para o lugar onde vai rebentar a próxima bomba. Os homens de ciência têm andado por toda parte fazendo observa-

ções, recolhendo amostras e colecionando lembranças.

Um dos rapazes tinha agarrado um estilhaço de metal, pertencente ao navio que se supunha ter estado mais perto da explosão, e arrumou-o no baú ao lado da cama. Dias depois, alguem que andava alí perto experimentando um contador Geiger, começou a notar sinais de fortes radiações. Seguindo a pista destas, não tardou a achar o *souvenir*, e explicou ao dono deste, apavorado, que ele vinha dormindo sob um chuveiro de raios gama! A explosão tornou radioativos os objetos mais dispares: uma sineta de bronze dum navio; alguns remédios dum armário de pronto-socorro, que se achava numa coberta; e uma barra de sabão, que ficara submersa numa torrente de neutrons. Nunca se sabe que objeto, por insignificante que pareça, trará a marca invisivel da bomba. Por isso já se proibiu a todos os homens da missão a colheita de quaisquer recordações.

Quarta-feira, 24 de julho

As QUATRO bombas atômicas até hoje lançadas—no Novo México, em Hiroxima, Nagasaqui, e esta última—explodiram todas *no ar*, de sorte que a maior parte do material radioativo por elas produzido foi arrastado para a estratosfera. Mas a bomba que deve explodir amanhã será coisa bem diversa. A bomba está suspensa de um barco, não sabemos a que profundidade da laguna: em todo caso, não pode estar a mais de 55 metros, profundidade máxima da água alí, e provavelmente a muito menos. Os cientistas conhecedores das forças atômicas predizem que a explosão arremessará uma coluna de água de uns 800 metros de diâmetro, a muitos milhares de metros de altura. Toneladas e toneladas de água, vaporizada pelo calor intensíssimo, condensar-se-ão em uma nuvem, em volta do cimo dessa coluna, e começarão a chover sobre toda a área do alvo. Essa chuva, carregada de produtos da desintegração atômica, será mortífera.

Evitar a chegada do dia de amanhã é agora tão impossivel quanto deter o tempo, ou o pôr do sol que neste momento envolve de rosado esplendor a nossa ilha, os aviões e a laguna cheia de navios.

Sim, aproxima-se o dia de amanhã, a ser anunciado por um tiro de alvorada nunca visto, e «não há refúgio possivel cá por estas bandas...»

Quinta-feira, 25 de julho

ESTE DIA da segunda explosão raiou para nós às 3 da madrugada. A maioria dos homens mal tinham passado pelo sono. Os oficiais estavam-se reunindo na sala de prontidão dos pilotos. Em cima da mesa, um filtro pingava não sei que beberagem amarga e negra, que aceitamos como se fosse café.

O vôo até Bikini pareceu-nos mais curto do que antes. O Comandante Pew circulava sobre a posição prefixada, umas 15 milhas a nordeste do alvo, e o nosso avião seguia à retaguarda dele. O fotógrafo naval, instalado no centro da fuselagem, já montara seu volumoso equipamento. Um minuto antes do instante supremo, a tripulação agrupou-se junto das janelas, de olhos fitos nas vagas silhuetas dos navios de Bikini, perfiladas no horizonte.

Imagino que os membros desta expedição darão milhares de descrições diversas da explosão submarina; mas nem a soma de todas elas poderia dar o quadro real do que foi a grandeza e fulminante rapidez dessa explosão. Uma voz implacavel e calma estava dizendo:

«Dez segundos... cinco segundos... quatro segundos... três... dois... um!»

Nunca poderei dizer qual a última palavra ouvida, nem tãopouco qual fosse a côr daquele clarão. A mim pareceu-me vermelho; Lars jura que foi branco. O gigantesco relâmpago pareceu irromper ao mesmo tempo de todos os lados da frota,—e logo desapareceu. Onde ele tinha surgido, erguia-se agora uma coluna branca e monstruosa de água, que galgava cada vez mais alto. Depois, como um paraquedas que se abrisse de repente, desdobrou-se no cimo dela um formidavel cogumelo de vapor, hemisférico, que se foi dilatando velozmente em todos os sentidos, até atingir o nivel da primeira camada de nuvens, a uns 550 metros de altitude. Aí, como se houvesse embatido num teto de vidraça horizontal, começou a espraiar-se rapidamente, em grossos novelos que rolavam por baixo das nuvens. Lembro-me que me sentí alarmado à idéia de que nosso avião poderia ser atingido e esmagado por essa massa.

Nesse momento o grande repuxo central de água já se elevara a muitas centenas de metros de altura. Como que solidificado, ficou assim durante alguns segundos, com o topo envolto em um tumulto de vapores. Depois, vagarosamente, o monstruoso pilar começou a cair e a desfazer-se. Ao mesmo tempo, na base, ergueu-se um verdadeiro vagalhão de vapor e espuma, que subiu por sobre os navios e avançou velozmente para as ilhas.

Quando, um a um, os navios foram emergindo desse caos, e finalmente a comprida silhueta acinzentada do *Saratoga* rompeu dentre a névoa, todos tornamos a sentir-nos à vontade. O *Nevada*, o negro *Nagato*, o *New York* e muitos outros navios, em breve se tornaram reconheciveis; mas o *Arkansas*, esse velho e bonacheirão mostrengo de guerra, tinha sumido para sempre.

Daí a pouco, ao sobrevoarmos em círculos o centro da armada, começamos a registrar radiações, mesmo a uma altitude muito razoavel: vinham até nós, simultaneamente, dos navios e da água. No percurso de descida chegavam-nos apenas, através dos fones dos contadores, os estalidos irregulares de costume, que formam, por assim dizer, um pano de fundo. Depois, bruscamente, ouvia-se uma rajada de estalidos que iam aumentando pouco a pouco, até se fundirem no uivo agudo e contínuo da crescente radioatividade. O ponteiro de um contador Geiger subia velozmente para alem de toda a graduação; depois outro, ajustado a menor grau de sensibilidade, seguia-lhe o exemplo... Charlie Wells e eu nos cutucávamos, empolgados.

Em seguida, quase com a mesma inesperada rapidez, os uivos se acalmavam em nossos ouvidos, os ponteiros oscilavam e retornavam ao normal, indício de que havíamos transposto uma barragem de radiações.

Sempre que isso se dava, parecia-me um tanto estranho que os pilotos e o navegador ficassem tranquilamente a olhar para a frota, em baixo, ou a relancear a vista pelo painel dos instrumentos. Não era possivel! Devíamos estar sentindo a barragem de raios gama atravessar em rajada os nossos corpos. Mas não! E, sem embargo, ela estava alí e era bem intensa.

Realizamos somente dois vôos. Lars e Tom, 300 metros abaixo de nós, estavam em apuros, sob uma radioatividade tão intensa que só poderia aturar-se sem perigo durante alguns minutos mais. O avião de controle não tardou a transmitir ordem para que nossos dois aparelhos abandonassem o vôo de inspeção.

Por volta do meio-dia tornou-se evidente que o lindo porta-aviões *Saratoga* não tornaria a ver nascer o sol. Avistava-se, é certo, um coto das obras-mortas, a «ilha»—mas o resto fora-se em pedaços. Estava-se inundando lentamente de proa a popa, e começava a adernar de bombordo. O avião de controle remeteu-nos outra mensagem: devíamos descer para tirar algumas boas fotografias do *Saratoga*, a baixa altitude. Ninguem gostou dessa missão, porque o porta-aviões tinha com certeza um vultoso suprimento de torpedos na ponte.

Poucos chorariam a perda da maioria dos navios daquela frota anacrônica, mas o caso do velho porta-aviões era especial: pertencia ele à fase em que os Estados Unidos haviam dado mostra de vigor sem par. Tantos dos seus intrépidos irmãos—com suas tripulações em plena força da vida—dormiam o sono eterno em obscuras sepulturas submarinas, que nos repugnava ver o querido *Saratoga* ir para o fundo, ingloriamente, como qualquer peixe, nesta poça da bomba atômica.

Poucas horas após o meio-dia rumamos de novo a Kwajalein, e ouvimos dizer que o *Saratoga* se afundara por fim, nas águas da laguna, que mal cobriam o seu grande vulto escuro.

Sexta-feira, 26 de julho

De regresso a Bikini com a aurora. O avião de controle esperava por nós, com ordens de fazer um vôo baixo de reconhecimento sobre o atol inteiro. Isso fizemos, voando rente às ondas e às frondes das palmeiras, seguindo a linha de rebentação, da ilha para as restingas e de volta para a ilha, sempre ao redor do anel de recifes coralinos. A manhã estava linda, calma e transparente. De todos os lados se erguiam bandos de pássaros, fugindo em pânico ao passarmos, quase roçando, pelos seus pousos. As areias brancas e os matizes concêntricos dos recifes de coral pareciam de ágata, em contraste com o azul sereno do oceano.

Estávamos a muitas milhas da frota, voando sobre o mar largo. De repente os tubos dos Geigers saturaram-se de sinais e Bogart, que desta vez vinha comigo, deu um pulo como se o tivesse engatado a um deles pelo fundilho das calças. Verificamos então que íamos sobrevoando uma mancha de óleo que, muito embora a milhas do atol, devia provir da frota que servira de alvo à bomba.

Mas, por sobre a frota, era de notar como a radioatividade se dissipara durante a noite, de tal modo que os vôos a baixa altura se tornavam suficientemente isentos de perigo. Esse declínio era de esperar: muitos dos produtos da desintegração se desvanecem em poucos minutos ou em poucas horas; depois o declínio estabiliza-se rapidamente, deixando-nos a braços com outros agentes—os de ação prolongada.

Está quase terminada a nossa missão aérea. Não é mais necessário empregar os processos rudimentares para medir a intensidade, e começa a fase seguinte, a da inspeção minuciosa dos navios, da água, dos peixes e do coral. O objetivo principal consiste, é claro, em pôr de novo em marcha, tão depressa quanto possivel, os navios que serviram de alvo, e o pessoal da Marinha parece estar convencido de que isso não tardará muito.

No entanto, os efeitos desta bomba não se dissiparam como os das suas quatro predecessoras: sentem-se ainda em redor de nós. Por ora, são ainda muito restritas as operações que se podem realizar a bordo dos navios. Ainda é um perigo entrar em muitos deles. Todos os grupos de visita vão acompanhados de um técnico munido do seu Geiger, e é ele que resolve se há ou não riscos maiores em determinada área, navio ou tarefa. Em certos casos, passados poucos minutos, ele insiste em que os homens abandonem o local.

Sábado, 3 de agosto

Em sua maioria, os navios acham-se ainda sob quarentena, devido à sua radioatividade. Acima da flutuação, estes navios ainda se acham tão carregados, que só permitem curtas visitas, de 20 a 60 minutos. A maior parte da radioatividade dispersa na água parece ter-se dissipado. Mas continuamos verificando os evaporadores e canalizações de água de cada navio, pois uma distilação imperfeita poderia ter permitido que o material radioativo se infiltrasse na água potavel.

Os evaporadores do *Haven* tornaram-se muito perigosos, porque o depósito formado no interior dos tanques, representando o papel de uma esponja, absorveu partículas radioativas. Do mesmo modo, as canalizações de água salgada (para incêndio, privadas, etc.) dão tambem sinais de radioatividade, e é preciso fiscalizá-las quase todos os dias.

Aos homens da Marinha tudo isso deve parecer um pesadelo: conveses semelhantes aos de todos os navios, mas nos quais a gente só pode ficar alguns minutos; o ar que não se pode respirar sem máscara contra gás, apesar de ter odor igual ao do ar comum; a água onde é proibido nadar; e o saboroso atum e os lúcios, que não é permitido comer! É uma situação sem pés nem cabeça. E agora, dizem os médicos que estes navios, de tão perigosos, nem podem ir para o dique seco!

Matutei muitas vezes no que haviam de pensar os marinheiros, quando esbarravam com um destes vultos misteriosos todos metidos em macacões e máscaras esquisitas, de luvas e galochas, avançando de gatinhas nos corredores de um navio em boas condições, agitando uma caixinha preta e misteriosa por cima dos canos da água, e escutando atentamente nos fones, como se estes estivessem sintonizados para o sobrenatural... Seriam capazes de pensar que a sua querida Marinha estava caindo em mãos de loucos.

Sexta-feira, 9 de agosto

Hoje, excursão com um grupo de homens do Serviço de Pesca do Governo. Fomos dragar o centro da área do alvo, para tirar amostras do fundo do mar. A primeira rede cheia de areia que foi despejada na popa do nosso barco se mostrou tão radioativa que, num impulso de pavor, mandei lançar tudo aquilo ao mar.

Creio que nenhum de nós esperava encontrar radiações tão intensas no fundo, tantos dias após a explosão. Surge a questão de saber se o peixe que se nutre de pequenas algas poderá vir a ser destruido pelos materiais radioativos acumulados no seu corpo; e sendo assim, qual será então a sorte dos peixes maiores, que comem o peixe miudo: serão capazes de transmitir a praga da radioatividade?

Durante a tarde recebí ordem de passar uma inspeção no *New York*. As obras-mortas da popa são um emaranhado de lascas de aço; é preciso bombeá-lo quase continuamente, e o navio absorveu tanto material radioativo, que os gêneros nele armazenados, centenas de quilos de café, e a própria água doce, tudo ficou condenado.

A tarefa de hoje, contudo, é eliminar, o mais possivel, a contaminação. Haviam fracassado lamentavelmente todas as tentativas anteriormente feitas com baldes de água de sabão e jorros de água salgada lançados pelos barcos de combate a incêndios. Hoje o corpulento chefe de bombeiros muniu de escovas, água, e uma barrica de cal viva, os seus homens de botas altas, que praguejavam, riam e suavam: assim mesmo, depois de limpo o convés do navio, a nossa inspeção revelou que as invisiveis emanações continuavam tão ativas como antes. O chefe, perplexo, ficou olhando o mostrador do meu contador Geiger. O convés estava limpo, todos podiam ver isso; tão limpo, que até mesmo o almirante poderia comer do próprio chão o seu almoço. Sendo assim, que negócio era esse de radioatividade? E o chefe, não podendo aguentar mais, pediu:

—Doutor, o sr. me deixa «dar uma voltinha» nessa caixa?

Ajustei os fones às orelhas dele. De pé no convés, pôs-se a mover a caixa em volta, como me vira fazer, e, ouvindo com atenção, abanou a cabeça, comentando:

—Deve estar enguiçado. Só pego estática...

Quando lhe expliquei que nunca pegávamos outra coisa, ele ficou com um ar de dúvida:

—Bem, mas então o que são esses estalinhos? Significam alguma coisa?

—Sem dúvida, chefe! Cada um destes estalidos representa uma balinha que atravessa o corpo da gente. Acima de certa quantidade, dão pra matar.

Ainda não convencido, foi dar um giro pelo convés, levando o contador. Esse homem assistira a duas guerras neste mesmo convés, e uma ou duas balas extraviadas não eram coisa que o preocupasse muito. Finalmente arribou a um pontalete junto do qual repousavam alguns dos seus bombeiros. Sorriram para ele, vendo-o pesquisar aquela área com o contador Geiger. De repente ele se empertigou, bradando com rude autoridade:

—Vocês aí! Dêem o fora. Vocês não vêem que estão sentados em cima de uma armadilha infernal?

Os marinheiros dispararam como se tivessem tomado um choque elétrico, sacudindo o pó das calças e apalpando os fundilhos como se esperassem que alguma coisa lhes tivesse aderido. Como não acharam nada, desataram a rir. Um deles disse em tom de brincadeira:

—Ahhhh! Não faz mal, chefe. Eu já tenho tantos desses Geigers correndo dentro do corpo, que de noite até parece que eu estou todo iluminado, feito a Estátua da Liberdade!

O chefe tinha razão: no lugar onde o pontalete estava aparafusado ao convés, tinha-se acumulado grande quantidade de alcatrão, que absorvera um número enorme de radiações invisiveis. Quando eu mostrei isso aos marinheiros e os deixei escutar nos fones, deram a entender, pela expressão de seus rostos, que eu era uma velha rabugenta, disfarçada de médico naval, insistindo com eles para que pusessem as galochas antes de sairem na chuva; ou então, que estavam perdidos e condenados a uma rápida e completa dissolução... Não tinham bem a certeza de qual fosse a verdade.

Sábado, 10 de agosto

Hoje foi anunciada uma grande novidade: vamos abandonar a experiência que se convencionou chamar a «Operação Encruzilhada». As coisas não correram conforme se esperava. A frota de alvo, que devia regressar triunfante a Pearl Harbor e à Baía de São Francisco, invencivel como sempre, vai ficar ancorada aquí, com uma pequena tripulação olhando por ela. É uma confissão de grande alcance: todos estes navios estão carregados de radioatividade, a um ponto que excede de longe tudo quanto se esperava.

Quinta-feira, 22 de agosto

Estamos cada vez mais preocupados com o peixe. Os peixes miudos, dos recifes, que se nutrem de corais e de algas, vêm acumulando consideraveis quantidades de matéria letal. Os nossos radiologistas têm-no demonstrado da forma mais empolgante, por meio de «rádio-autógrafos» de peixes inteiros.

Faz-se isso cortando de alto a baixo, pelo meio, um pequeno peixe, e colocando-o, com o corte para baixo, sobre uma chapa fotográfica. Quando revelado, o filme apresenta a silhueta do peixe, em tonalidades esfumadas

que são proporcionais à radioatividade presente. Podem-se ver as guelras nitidamente desenhadas a negro, o longo intestino em circunvoluções, a grande mancha de radioatividade associada ao fígado, e as manchas menos acentuadas das glândulas reprodutoras. O resto do peixe—músculos, ossos, escamas—revela apenas vestígios de radiação.

Quase todos os peixes marinhos apanhados recentemente em volta do atol de Bikini se mostram radioativos. Duvido porem que a quantidade de radiação, que eles carregam consigo para outros pontos do Pacífico, venha a constituir perigo. Entretanto, quem poderia considerar-se seguro, em caso de guerra atômica, com grande número de bombas explodindo em portos e áreas costeiras?... Imagine-se agora o risco que todos correríamos, forçados a comer esse peixe, quando todos os outros artigos alimentícios se tornassem criticamente escassos!

Sexta-feira, 23 de agosto

TENDO provado, afinal, sem sombra de dúvida, que a água salgada, a cal viva, a creolina e o sabão, mesmo quando misturados com uma larga dose de pragas e palavrões navais, de nada valem na limpeza de navios impregnados de radioatividade, a Marinha resolveu agora experimentar a limpeza pelo jacto de areia, que, segundo parece, pode varrer toda a radioatividade, se a pintura for assim criteriosamente removida. Mas isso, é evidente, não constitui solução para o problema: não se pode «bombardear» com areia todo um navio durante uma batalha. Não é possivel bombardear com areia todo um porto, todo um estaleiro naval, ou toda uma cidade.

Rex Huff realizou outro dia uma experiência simples, mas reveladora. Vinha trabalhando com uma turma de limpadores de tombadilho. Quando chegaram à conclusão de que não havia cal viva, nem força de braço, capaz de limpar a radioatividade, Rex arrancou um pedaço de madeira do convés. Levou-o para a oficina de carpinteiro, onde o aplainou, medindo a radioatividade superficial após cada passagem da plaina.

Foi-lhe preciso arrancar uns 6 mm à madeira, para conseguir que desaparecessem os sinais de radioatividade. A conclusão dele foi que lavar e ensaboar só servia para ajudar os produtos da desintegração atômica a se entranharem mais profunda e duradouramente na madeira.

Tom, Lars e Rex Huff demonstraram, no laboratório, que os produtos da desintegração se podem remover somente quando se extrai a camada superficial da área afetada. Conseguiram, por meio dum ácido muito forte, extrair a radioatividade de amostras de tinta, aço, e assim por diante. Mas isso são resultados de tubo de ensaio—e não é em tubos de ensaio que vive a maioria das pessoas! O problema de libertar da contaminação a superfície total de um couraçado, ou os tijolos e o cimento duma possivel Hiroxima futura, continua praticamente sem solução.

Nenhum dos fatos observados na experiência de Bikini se revela mais importante a meu ver.

Sábado, 24 de agosto

TIVEMOS hoje o nosso primeiro caso urgente de radiação: Carter, Huff e eu fomos chamados à sala de operações, onde fomos encontrar um robusto marinheiro, de pouco menos de 20 anos, jazendo debaixo do clarão ofuscante dos refletores. O rapaz não estava propriamente sofrendo, mas pálido e suando de medo. Dois médicos navais, de avental, luvas e máscara, lavavam-lhe o ferimento com uma solução esteril. Era uma simples laceração superficial da base do polegar e, felizmente, estava ainda sangrando bem.

O dr. Williams mostrou-se visivelmente satisfeito com a nossa entrada, dizendo-me:

—Escute, Bradley: este rapaz cortou a mão num cabo, a bordo de um dos navios de alvo. Não me parece coisa grave, mas eu não sei que tratamento dispensar-lhe.

—Eu estava puxando um dos cabos quando isto aconteceu, explicou então o marinheiro,—e um dos especialistas dos contadores Geiger me disse que eu viesse pra cá.

—Sabe se ele examinou o cabo?

—Examinou, sim senhor. O cabo tinha estado mergulhado na água, e ele disse que era radioativo.

Meu pensamento voltou-se para os laboratórios e oficinas da bomba atômica. Lá, onde o pessoal trabalha com plutônio purificado, foi adotada a norma de proceder-se imediatamente a uma amputação em qualquer indivíduo na situação desse rapaz. O plutônio é rapidamente absorvido pelos golpes e lacerações, e, uma vez no organismo, fixa-se sem demora na medula dos ossos, onde, como o rádio, se pode tornar fatal mesmo em quantidades incrivelmente reduzidas.

Mas, nestas paragens, a maior parte dos produtos da desintegração são praticamente insoluveis, e não podem ser absorvidos com rapidez nem de longe comparavel, se é que chegam a sê-lo. O plutônio, nós o sabemos, está presente aqui, mas em pequenas frações. A idéia de me responsabilizar por uma amputação desnecessária repugnava-me; no entanto, cometer um erro na direção oposta seria ainda pior.

O dr. Williams, como se lesse no meu pensamento, observou:

—Eu já disse ao rapaz que talvez fosse preciso fazer uma amputação.

Ouvindo isso, o marinheiro fechou os olhos e não disse nada.

Examinamos com todo o cuidado a mão dele, assentando o contador Geiger mesmo em cima da ferida. Como não se registasse qualquer radiação, ficamos confiantes que a ferida poderia fechar-se sem perigo, nem necessidade de operar. Nunca houve um rapaz mais agradecido do que este, ao receber ordem de voltar ao serviço; nem, diga-se de passagem, um médico mais feliz de se ver dispensado de operar.

Domingo, 25 de agosto

OUTRO DIA radioso—e é o último que passamos em Bikini, um mês após lançada a segunda bomba. O dia tem

o esplendor extático que anuncia o fim do verão, mesmo nos trópicos. A laguna rebrilha em tons escuros sob as rajadas bruscas de vento, e o ar tem o cheiro do outono, e é de outono o aspecto do mar e do céu.

Quinta-feira, 12 de setembro

A MAIOR parte da frota de Bikini está agora em Kwajalein, onde é olhada com suspeita pelo destacamento naval estacionado em terra e com desespero pelo contingente que faz serviço no mar. Nossa presença aquí não é, evidentemente, desejada. Na verdade, todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, se associaram à «Operação Encruzilhada» são considerados como se fossem leprosos.

Quando se tornou evidente que os grupos que subiam nos navios de alvo arrastavam consigo, para os navios limpos, uma carga de radioatividade, pondo assim em risco todo o Programa de Segurança Radiológica, um navio particularmente interessante veio postar-se perto da frota de quarentena. É uma grande banheira gordurosa e negra, com uma estrutura que parece um dormitório estendendo-se a quase todo o comprimento do seu vasto convés, o que lhe dá o ar duma caserna flutuante. Esse navio está transformado agora em uma espécie de armário e chuveiro flutuante, e em vestiário de roupas especiais para todos os que entrarem nos navios de alvo.

Acompanhei hoje uma turma que ia a bordo do *Independence* afim de recolher munições. Subimos primeiro a bordo do navio-vestiário, onde nos deram, num recôndito cubículo, uma roupa de trabalho acabada de lavar, com as respectivas botas, luvas de borracha e equipamento de respiração de oxigênio. Assim apetrechados, atracamos ao costado do *Independence*, ajustamos nossos aparelhos de oxigênio, e subimos laboriosamente pelas redes de embarque.

O *Independence* é um verdadeiro navio-fantasma: o convés de vôo ficou todo rebentado, deixando as grossas pranchas de carvalho despedaçadas como madeira de caixotes; o convés do hangar tambem foi destroçado, e apenas lhe restam os esqueletos dos lados; as torres de artilharia e os passadiços, retorcidos, pendem dos costados; as portas ficaram de encontro aos anteparos, ou foram simplesmente arrancadas pela violência da explosão, e a água tinta de ferrugem, balançando-se para cá e para lá, chocalha nos conveses tambem enferrujados. A radiação não é de modo geral muito forte, conquanto por vezes estes charcos ferrugentos ainda façam cantar os nossos fones.

O caminho que leva aos paióis é uma confusão de passadiços e corredores negros, que mal se avistam através das embaciadas máscaras de oxigênio e dos constantes fios de suor que nos escorrem para os olhos. Todas as passagens e todos os compartimentos têm que ser inspecionados quanto à radiação e aos gases tóxicos. Não estávamos incumbidos de retirar as munições, mas somente de abrir os corredores e aprová-los para a entrada de futuras turmas de trabalho. Muitos dos navios estavam carregados de munições, desde pentes de metralhadora até torpedos. O trabalho de retirá-los é realmente hercúleo. Trabalhando com máscara de oxigênio, a gente precisa parar de meia em meia hora, e subir à ponte para respirar ar fresco. Duas horas nessas condições equivalem perfeitamente a um dia de trabalho normal.

Feita a visita, regressamos à caserna flutuante. Uma vez aí, ensaboam-se cuidadosamente os calçados, e separam-se as roupas para serem lavadas ou lançadas ao mar, consoante o grau de contaminação.

Tudo isso deve parecer incompreensivel aos marinheiros. Aquí estamos, teimando ainda em medidas de cautela extrema, quando as radiações tiveram já um mês e meio para dissipar-se! Mas o próprio fato de que a radiação parece estar-se dissipando, torna mais imperativa a prudência, porque podem ter ficado por aí materiais perigosos que o contador Geiger comum talvez não possa revelar. À medida que desaparece a radiação denunciadora, pode criar-se em nós uma confiança inteiramente infundada.

A frota condenada poderá continuar assim indefinidamente, sujeita, como indicamos, a bombeamento contínuo, ou ser rebocada para qualquer parte e posta a pique. Mas a radioatividade de seus conveses e obras-mortas «assentou» agora nas substâncias que poderão continuar sendo radioativas por centenas ou milhares de anos —praticamente por toda a eternidade.

Domingo, 29 de setembro

A RECOMPENSA final dos nossos labores, antes de partirmos para S. Francisco, foi um delicioso cruzeiro de pesca de seis dias, a bordo dum pequeno caça-minas: Lars, Tom, Carter e eu. Comandava o barco um oficial formado pela Academia de Anápolis, George Clancy, rapaz de 22 anos, independente e eufórico, que parecia ter nascido para comandar navios e chefiar homens.

Certa tarde, Clancy fez fundear o navio junto da ilha maior do grupo Rongerik, para onde haviam sido transferidos, seis meses antes, os 160 e tantos habitantes de Bikini. Ao aproximarmo-nos da praia, vimos uma flotilha de pequenas canoas de um só tripulante, largando ao nosso encontro com o objetivo de nos comboiarem para terra.

Aqueles nativos cumprimentaram todo o pessoal de bordo com um pomposo «Bom dia—como vai?», rematado por um aperto de mão solene e completamente frouxo. Só um deles sabia dizer mais do que isso em inglês. Evidentemente mandado alí pelo chefe para fazer um pedido ao nosso capitão, ele fez-se anunciar por estas palavras:

«Meu nome é Filipe. Agora vou dizer alguma coisa a meu respeito. Nós... Nós [aquí, um gesto indicando os companheiros] estamos com muita fome. Nós... não temos nada pra comer... ilha muito pobre. Nós... não temos muitos cocos... não. Há muitos dias só comemos peixe.»

Clancy ouviu respeitosamente a

reclamação, e prometeu-lhes farinha, açucar, cigarros e anzóis.

Quando desembarcamos, estavam agrupados na praia quase todos os moradores. Alí, após nova troca de cerimoniosos apertos de mão, fomos apresentados ao chefe, Rei Judá, ancião de pele enrugada, cabelo de prata, cujas reais vestes constavam ao todo de uma camisa branca um pouco esfrangalhada... Não falava inglês, mas recebeu-nos cordialmente, e convidou-nos para o seu «palácio» da aldeia. Rompeu a marcha até alí, seguido por um bando de pirralhos que lembravam uma cauda de cometa.

A pequena povoação constava talvez duma vintena de palhoças, na maioria feitas de madeiros atados com cordéis e cobertas de folhas de pandano cuidadosamente colocadas. Eram todas muito limpas, e algumas tinham pitorescas decorações entretecidas nas paredes e nos alizares das janelas. Os soalhos eram feitos de placas de madeira compensada, trazidas de Bikini pelos nossos sapadores, ou simplesmente cobertos de areia branca. Os sapadores tinham tambem montado diversas chapas onduladas, para recolher a água das chuvas em cisternas —único recurso desta gente em questão de água potavel.

Quando chegamos à sala de recepção do palácio real, ampla varanda aberta por todos os lados, ofereceram-nos uma mesa e um banco, ambos desconjuntados. Sentamo-nos todos, e os homens da tribo acocoraram-se quase todos em volta de nós, em atitude respeitosa. As mulheres ficaram de fora, patinhando de um lado para o outro com a curiosidade inexpressiva e o ar de vaga reflexão de galinhas ciscando num quintal. Daí a pouco, o rei levantou-se e pronunciou um discurso de agradecimento.

Depois, ao fim de um interminavel silêncio de espera—que Clancy sofreu com grande serenidade—os indígenas vieram, um a um, depor seus presentes na mesa desconjuntada: conchas, sacos de palha trançada, ventarolas, cintos ornados de conchinhas, saiotes de capim seco.

Depois de Clancy haver agradecido esses presentes, o rei levantou-se para fazer novo discurso em que, segundo Filipe nos explicou no fim, ele pedia que lhe dissessem quando poderia o seu povo regressar a Bikini. Não era tarefa agradavel ter que informá-lo de que isso ainda levaria muito tempo...

Todo o litoral de Bikini se encontrava banhado numa vasta mancha de óleo, profundamente impregnada de produtos da desintegração atômica.

Tentamos explicar-lhes que a água e os peixes ainda não oferecem segurança. Nada disso, é claro, eles podiam entender, mas a sua reação foi inconfundivel: «Ah. É muito triste.»

Esses 160 e tantos indivíduos não são os primeiros nem serão decerto os últimos que a inexoravel bomba atômica deixará empobrecidos e sem teto. Nessa questão, eles não têm voz nem escolha, e pouco poderão compreender do que se passa. Mas, desse ponto de vista, eles talvez não sejam muito diferentes de todos nós...

A flor da Paixão

(Capa)

Pelo Padre
Francisco José González, S. J.
Diretor da Faculdade de Letras da Universidade Javeriana de Bogotá

As FLORES que adornam a capa de SELEÇÕES chamam-se Passifloras, ou martírios. Originárias do Brasil, encontram-se, em infinitas variedades, em três continentes, mas principalmente na América Latina, onde são muito populares e queridas.

Esta planta, geralmente uma trepadeira, ornamenta os ranchos campestres, procura apoio nas árvores fortes das selvas tropicais e, com suas flores de um vermelho intenso ou um profundo azul em suas variedades mais vistosas, faz lembrar, à gente de nossas terras, um drama longínquo cuja representação vívida, durante a Semana Santa, fala ao coração dos povos americanos.

Acontece que a imaginação popular, desde os tempos mais remotos, viu nesta humilde flor, da qual Friederech encontrou duas espécies fossilizadas, uma relação íntima com os instrumentos da Paixão. Por uma curiosa semelhança, os estiletes, o ginóforo, os estames, a corola e o receptáculo converteram-se, quer nos três cravos, quer nas cinco chagas, quer na coroa de espinhos, quer nos açoites, quer no cálice da amargura, símbolos tradicionais do martírio de Jesús Cristo.

Foto: Henricks Hodge

Se quisermos encontrar a poesia autêntica do povo, precisamos deixar de lado o escalpelo da crítica, para não fazer murchar estas maravilhosas flores da imaginação. Uma lenda que, como toda lenda, é poesia pura, nos conta como veio a brotar a passiflora, não muito tempo depois do drama sangrento do Calvário, nos tempos de Tibério.

Diz, pois, o povo que Maria Madalena ia diariamente ao local onde fora crucificado o Mestre, para meditar piedosamente nos mistérios cristãos da dor.

Ela já vira o Ressuscitado, mas compreendeu que a obra de Jesús Cristo devia prosseguir no mundo através do sofrimento. Sua ternura não a deixava repousar ante a idéia dos martírios sem fim do Mestre adorado; e, ao meditar lentamente sobre cada um de seus passos na rua da amargura, ao ajoelhar-se comovida no próprio lugar da cruz, ao regar o solo com as lágrimas mais ardentes, sua alma se consolou e seu espírito se nutriu de alento.

Pouco depois, prossegue a lenda, viu-se recompensada a devoção dessa mulher tão santa, porque no próprio local em que o sangue divino regou a terra e onde tão abundantes caíram as lágrimas do amor, começou

(*Cont. na p. 86*)

★ AOS VIAJANTES E HOMENS DE NEGÓCIO

As viagens aéreas oferecem novas comodidades

— nos Aviões TUDOR da British South American Airways

QUER V.S. VIAJE a passeio ou a negócios — à Europa, às Antilhas, ou no interior do continente sul-americano — a British South American Airways lhe oferece novos prazeres:

O conforto duma cabina de luxo, sem ruido, com espaço de sobra para estender as pernas e mover-se à vontade; vôo a cerca de 8.000 metros de altitude, que evita o mau tempo das camadas mais baixas da atmosfera; quatro possantes motores Rolls Royce; mesa e lâmpada individuais; excelentes refeições gratuitas, quentes ou frias; serviço cortês por parte da tripulação — tais são algumas das vantagens que asseguram os novos aviões TUDOR.

Outra vantagem para o homem de negócios, especialmente: a frequência dos vôos da British South American Airways lhe permite chegar a destino, desempenhar-se do que tem a fazer, e regressar sem perda de tempo.

Rápido e frequente serviço continental entre Natal, Rio de Janeiro, São Paulo, Montevidéu, Buenos Aires, Santiago, Lima e Barranquilha (com ligação aérea para outros pontos de todo o continente), e serviço transatlântico de todos esses aeroportos para Lisboa e Londres, Antilhas, Miami, Bermuda, Gander, Irlanda e Açores.

V.S. já sabia que as remessas por avião saem às vezes mais baratas?

As remessas saem com frequência mais baratas por via aérea do que por via marítima porque:

O SEGURO é mais barato, pois se aplica a um período mais curto. Quanto mais valiosa for a mercadoria, maior é a economia.

A EMBALAGEM é menos cara, porque se podem usar caixas de papelão.

A ARMAZENAGEM é econômica: V.S. não precisa manter grandes estoques nos mercados estrangeiros. Basta que seu agente tenha amostras. Os pedidos satisfazem-se em poucos dias, por avião.

BRITISH SOUTH AMERICAN AIRWAYS

Passagens e Informes nos nossos escritórios em nove (9) cidades principais da America do Sul, ou nas Agências de Viagens.

Mais perfumadas que nunca!

COLÓNIAS DE FRAGRÂNCIA PERSISTENTE

Coty

O Mundo Marcha Sobre Papel

Se não houvesse papel, os negócios não andariam, o governo não poderia funcionar, a ciência e a educação não fariam progressos. O papel é essencial à civilização.

A primeira fábrica de papel da Nova Inglaterra foi construida em 1728. Foi o começo da grande indústria de papel de qualidade, e de maquinaria para fabrico de papel, que hoje floresce nessa região. E há mais de século e meio que The First National Bank of Boston está intimamente associado ao desenvolvimento dessa indústria básica da Nova Inglaterra.

Este Banco, o maior e mais antigo da Nova Inglaterra, acumulou 164 anos de experiência no financiamento de importadores e exportadores de artigos tradicionais na indústria da Nova Inglaterra, tais como lã, algodão, couro e papel, e dos produtos mais recentes da moderna ciência e tecnologia. Possuindo filiais em doze centros mercantís, desde Boston a Buenos Aires, de um corpo de especialistas em comércio externo, nos Estados Unidos e noutros paises, e correspondentes para assistir V.S. nos seus problemas de comércio externo, por intermédio da Divisão Estrangeira.

Suas consultas serão sempre cordialmente atendidas em qualquer filial do banco.

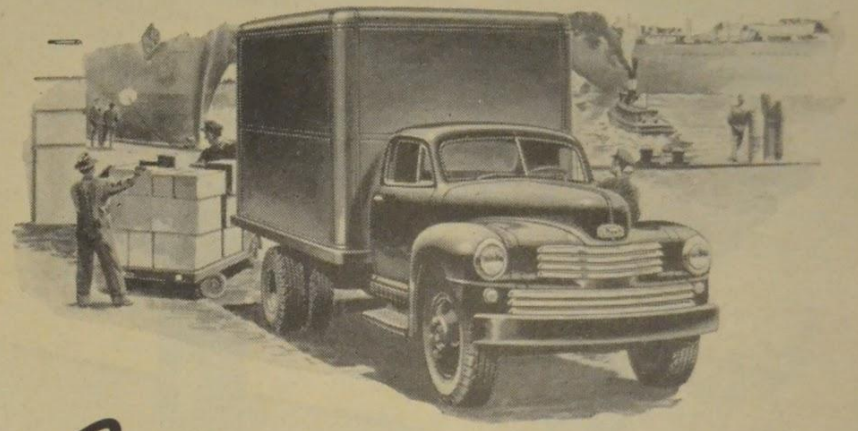
The FIRST
NATIONAL BANK of
BOSTON

★ *Fundado em 1784* ★

Membro da Corporação Federal de Seguro de Depósitos

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 2 Wall Street.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Rio de Janeiro, São Paulo e Santos, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

CAMINHÕES PARA ECONOMIA Nash



Cumprem a tarefa...

SEJA QUAL FOR... EM QUALQUER CLIMA!

Ponha um Caminhão Nash novo a seu serviço nas tarefas mais rudes. Sejam quais forem as condições da estrada ou do tempo . . . verá que ele faz entrega da carga com mais economia e mais pontualidade do que V. S. jamais imaginou.

Este desempenho superior funda-se em boas razões: na suave e econômica potência deste famoso motor Nash com válvula à cabeça . . . na robusta durabilidade do possante chassí Nash . . . na segurança dos grandes freios hidráulicos com 303 polegadas quadradas de superfície de forro . . . no arranque rápido e na rápida vaporização assegurados pela tubuladura "selada", exclusiva da Nash . . . E é garantido pela confiança tradicional que há mais de 45 anos caracteriza os Nash.

A escolha de duas distâncias entre eixos—3,38 e 3,99m.—torna as dimensões cabina-eixo adaptaveis a quase todos os tipos de carroceria.

Querendo saber de que modo um Caminhão Nash pode, com mais vantagem, levar suas cargas a destino, peça informações completas ao Distribuidor Nash.

Nash Motors

DIVISÃO DA NASH-KELVINATOR CORPORATION, DETROIT, MICHIGAN, E. U. A.

A SEU SERVIÇO

para melhores produtos de petróleo

Para reduzir as despesas de qualquer empresa não é preciso sacrificar a eficiência nem o aumento de produção. Usando-se os lubrificantes e combustíveis apropriados, podem-se conseguir esses três resultados simultaneamente. Assim—para tudo de que V.S. necessitar em matéria de automobilismo, indústria e transporte—pela conveniência de abastecimento e qualidade do produto, especifique sempre Texaco.

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores

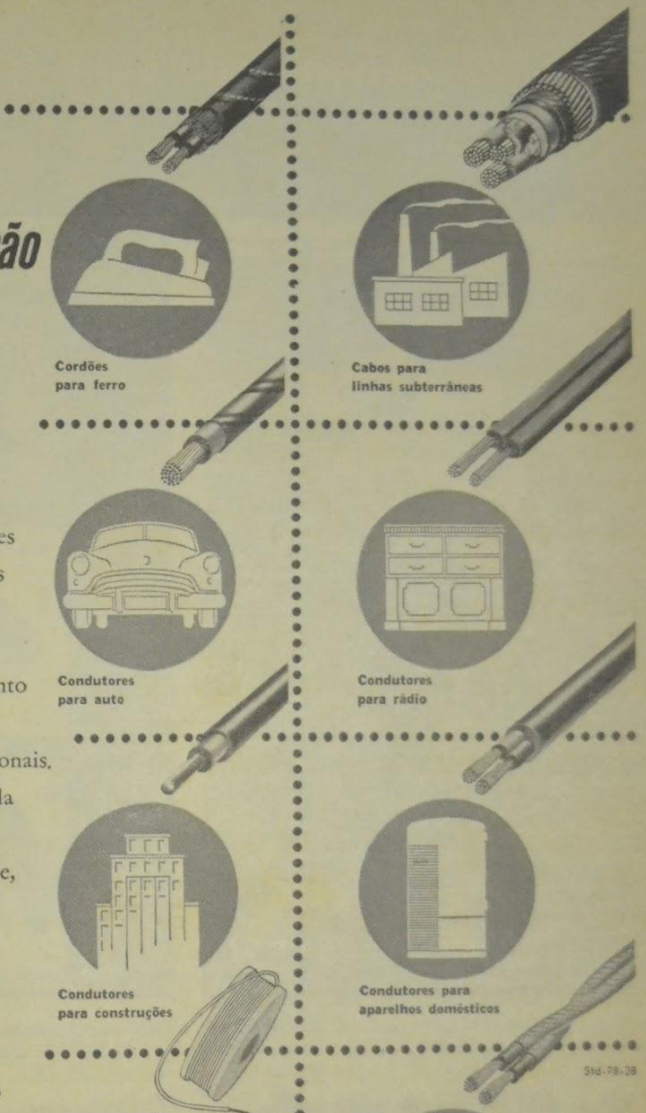
TEXACO
MARCA REGISTRADA

Usina de alquilação da refinaria Texaco em Port Arthur, Texas, E. U. A.

TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

Um condutor de qualidade *para cada aplicação*

Como pioneira da indústria de condutores elétricos em todo o mundo, há mais de 75 anos, a experiência da Pirelli tornou possível a produção dos melhores e de todos os tipos de condutores elétricos. São tècnicamente perfeitos. Os processos de laminação, estiragem e acabamento obedecem às mais rigorosas exigências dos padrões internacionais. Nem um só metro de fio sai da fábrica sem prévio contrôle. Pela sua tradicional durabilidade, os condutores elétricos Pirelli garantem ainda real economia.



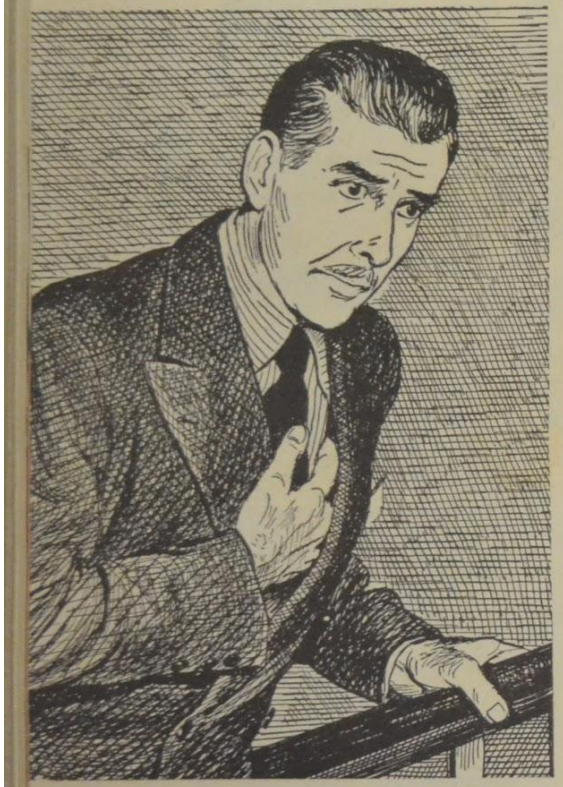
EXIJA SEMPRE ESTA MARCA

PIRELLI

Std-78-38

PIRELLI S.A. - COMPANHIA INDUSTRIAL BRASILEIRA - SÃO PAULO - BRASIL

3 maneiras de sobrepujar as doenças do coração



Não se alarme com um ataque cardíaco. Êle não se repetirá, graças aos novos progressos da medicina.

Não descuide destes sintomas. Revele-os ao médico antes que seja tarde.

Depois dos 40 anos, cada quilo é um castigo para o seu coração.

1. Não sobrecarregue seu coração. Se você desconfia que êle não está bem, não se preocupe. Poderá prejudica-lo ainda mais. Consulte o médico e fique tranquilo. Mesmo que êle confirme as suas suspeitas, poderá prestar-lhe auxílio inestimável. Graças ao raio-x, à radioscopia e à electrocardiografia, o diagnóstico é agora mais rápido e preciso. E novos medicamentos combatem melhor doenças do coração até agora consideradas sem esperança.

2. Conheça os grandes inimigos do coração. Os perigosos sintomas acima podem indicar endurecimento das artérias, pressão sanguínea alta, infeções, dentes ou amígdalas inflamadas ou o mais comum dos algozes do coração: excesso de pêso e de esfôrço. Ao primeiro sinal de anormalidade, procure o médico. Muitas complicações podem afligir o seu coração, mas nenhuma deve ameaçar sua vida, se diagnosticadas e tratadas a tempo.

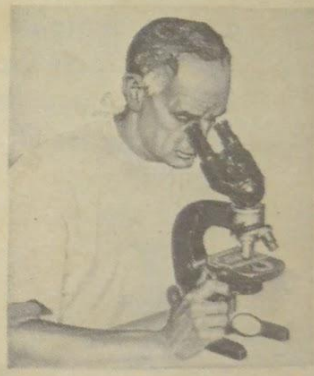
3. Proteja-se seguindo os conselhos abaixo:

1. Mantenha pêso adequado.
2. Faça, regularmente, exercícios leves.
3. Durma e descanse suficientemente.
4. Não abuse do fumo e dos estimulantes.
5. *Importantíssimo:* Visite o médico uma ou duas vezes por ano. Siga-lhe os conselhos.

Lembre-se: as doenças do coração têm ajudado muita gente a viver mais tempo, obrigando-as a cuidar-se melhor.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas do seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo, de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou conservar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas SQUIBB têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.

© 1948, E. R. Squibb & Sons



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS DESDE 1858

Eis o segrêdo de cozinheiros famosos:

Môlho Saroma

• Faça você também de Saroma seu segrêdo de cozinha. O picante sabor de carne dêste môlho dá gôsto muito melhor a sopas, saladas, pratos em que não entra carne . . . faz de qualquer prato de todos os dias um prato especial! Use-o na cozinha . . . sirva-o na mesa. Peça Môlho Saroma em seu armazém!

Gratis! Escreva para a Standard Brands of Brazil, Inc., Depto. S-149 Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro, pedindo o interessante folheto "Novo Produto! Novo Sabor! Saroma."

Produto da STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC., Rio de Janeiro

(Destaque aqui e devolvá-nos o cartão postal)

Devolva-nos este cartão para obter um exemplar gratis do próximo número de Seleções

INQUÉRITO ENTRE OS LEITORES

. . . AFIM DE MELHORAR A REVISTA . . .

Quais foram os SEIS artigos que mais lhe agradaram? Marque-os com uma cruz e obterá assim, GRATIS, O PRÓXIMO NÚMERO DE SELEÇÕES!

- ☐ A flor da Paixão
- ☐ O mundo é dos corajosos
- ☐ Força aérea para ganhar a paz
- ☐ Novo dentifrício contra a cárie
- ☐ Por que não há alojamentos em Paris
- ☐ «Um livro aberto é uma porta de luz»
- ☐ Como se impõem as modas
- ☐ Bem-aventurados os pacificadores
- ☐ Um detective que soube perdoar
- ☐ Febre ondulante . . . causa e remédio
- ☐ Flagrantes da vida real
- ☐ Compromisso na Normandia
- ☐ Não se pode abarcar o mundo com as pernas
- ☐ Meu tipo inesquecivel
- ☐ Emprego para sexagenários
- ☐ O bicho mais matreiro das florestas boreais
- ☐ Guatemala, exemplo de como viver
- ☐ Assembléias populares no Reno
- ☐ Colégio para um aluno
- ☐ A fúria sombria do Atlântico
- ☐ Tópicos para conversa
- ☐ Brota verdura em Hiroxima
- ☐ Homem de sorte
- ☐ Quanto cabe aos ricos?
- ☐ Hospitalização a domicílio
- ☐ Colosso do Canadá
- ☐ O melhor amigo do homem
- ☐ Meu seguro para a velhice
- ☐ Frases notaveis
- ☐ Terra de milionários
- ☐ Como convencer os outros
- ☐ Não haverá mais abrigos

TENHA A BONDADE DE INDICAR:

Sexo:_____ Idade:_____

Indique a seguir uma pessoa a quem deseja que enviemos o EXEMPLAR GRATUITO de Seleções

Nome_____

Endereço_____

Cidade:_____ Estado:_____

Profissão do chefe da família_____

(É favor indicar o ramo de negócio e o produto que fabrica) 4-49

REPRESENTANTES NO BRASIL:

RIO DE JANEIRO: José de Brito - Av. Gomes Freire, 28
SÃO PAULO: Hans Alex Loewenthal - Rua São Bento, 480 s. 301/2
PARANÁ: S. Rigler - Rua Cabral, 773 Curitiba
PERNAMBUCO: A. S. Castro Rua Aurora, 65 - Recife
RIO GRANDE DO SUL: Hess & Wolff Caixa Postal, 875 - Porto Alegre
BAHIA: Armando Brandão Pça. Conde dos Arcos, 4 s. 4 - Salvador
PARÁ: Bento Mendes Leite Rua João Alfredo, 91 - Belem

Distribuidor exclusivo em Petropolis - Est. do Rio
Alfaiataria Da Carolis - Av. 15 de Novembro, 348

BRASOLAN

Eis o segrêdo de cozinheiros famosos:

Môlho

Saroma

CARTÃO
Autorização N.° 94
RIO DE JANEIRO

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR ESTE CARTÃO

O SELO SERÁ PAGO POR

FERNANDO CHINAGLIA

AVE. PRESIDENTE VARGAS 502, 19.° ANDAR

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Grátis! Escreva para a Standard Brands of Brazil, Inc., Depto. S-149 Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro, pedindo o interessante folheto "Novo Produto! Novo Sabor! Saroma."

Produto da STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC., Rio de Janeiro

nas Montanhas e...

OS TRAJES DE ESPORTE
DA MAIOR FABRICA DO BRASIL

CONFECÇÕES
SARAGOSSY
RIO

MARCA REGISTRADA

na Praia

A FABRICA SARAGOSSY NO RIO DE JANEIRO

REPRESENTANTES NO BRASIL:

RIO DE JANEIRO: José de Brito - Av. Gomes Freire, 28
SÃO PAULO: Hans Alex Loewenthal - Rua São Bento, 480 s. 301/2
PARANÁ: S. Rigler - Rua Cabral, 773 Curitiba
PERNAMBUCO: A. S. Castro Rua Aurora, 65 - Recife
RIO GRANDE DO SUL: Hess & Wolff Caixa Postal, 875 - Porto Alegre
BAHIA: Armando Brandão Pça. Conde dos Arcos, 4 - s. 4 - Salvador
PARÁ: Beato Mendes Leite Rua João Alfredo, 91 - Belem

Distribuidor exclusivo em Petropolis - Est. do Rio
Alfaiataria De Carolis - Av. 15 de Novembro, 548

BRASOLAN

TODOS PREFEREM...

De Norte a Sul do Brasil, todos preferem sabonete Gessy. Porque Gessy é três vêzes mais econômico—custa menos, dura mais e é perfumado até o fim.

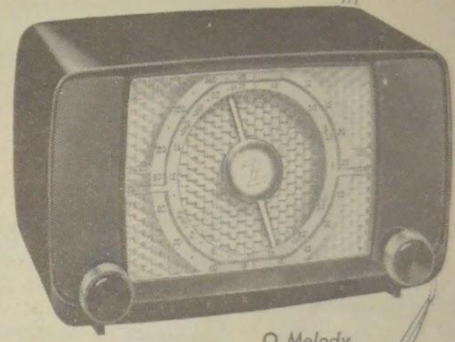
Prefira também GESSY

A maioria usa SABONETE GESSY

Um Emocionante Par Novo pela ZENITH

ESPLENDIDO DESENHO— PREÇO MODERADO

Um lindíssimo novo modêlo de mesa com poderoso circuito Zenith Consol-Tone. Recepção mundial em três faixas. Alto-falante Super Alnico V. Caixa de material plástico maravilhoso em Ebano ou Marfim.



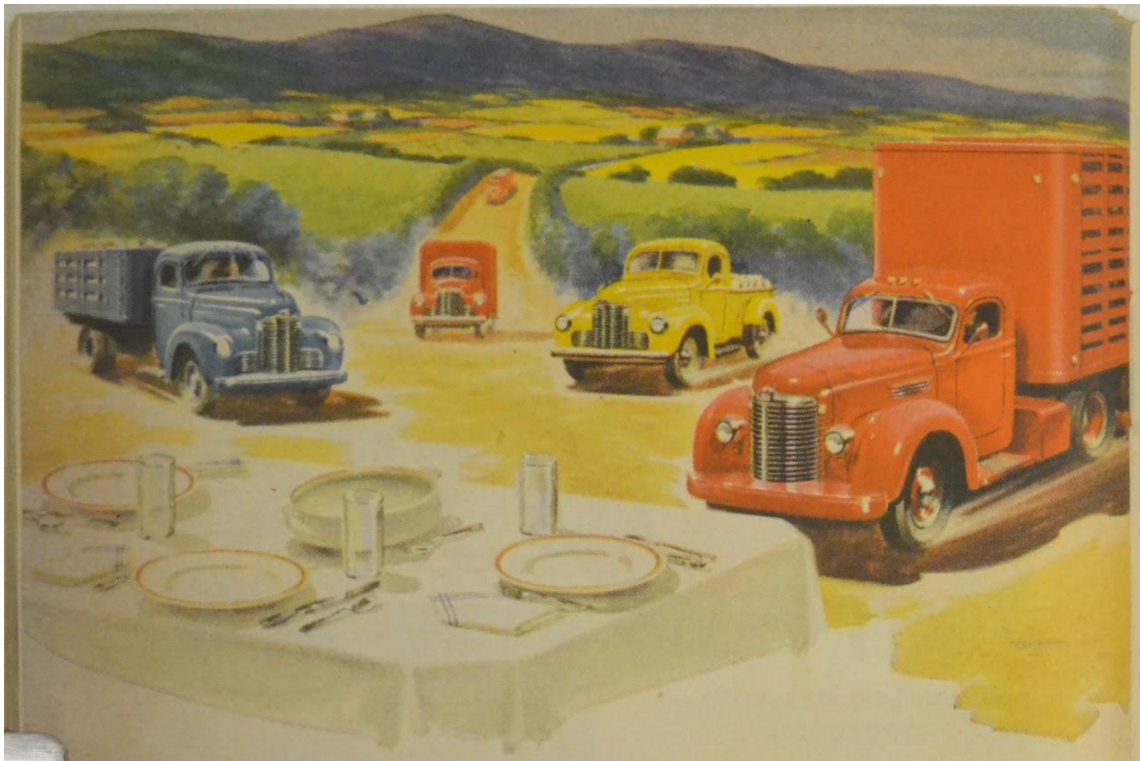
O Melody

O Maestro

BELEZA, POTENCIA, FUNCIONAMENTO EXCELENTE

Novo rádio de mesa DialSpeaker . . . combina um alto-falante mais grande de tonalidade clara e perfeita, com um mostrador enorme e fácil de ler. Recepção mundial nas faixas de ondas médias e curtas. Sintonização de Faixa Ampliada Magnascope. Caixa de Mogno legítimo.

ZENITH
INTERNATIONAL RADIOS



Dos campos ferteis à mesa do jantar . . .

Dos campos . . . das fazendas . . . para as mesas de jantar em toda parte! Os produtos agrícolas e o gado — alimento para um mundo faminto — movem-se rapidamente em caminhões International.

Os caminhões International servem os homens do campo em todas as fases do processo de distribuição. Oferecem ligação direta entre o terreiro e os campos distantes, entre a fazenda e a cidade. E nos trajetos longos e dificeis das estradas, há mais caminhões International transportando carga pesada do que qualquer outra marca.

Observe o simbolo IH e o emblema do diamante triplo dos International — eles identificam os milhares de representantes da International no mundo inteiro que estão prontos a oferecer-lhe informações seguras sobre os seus problemas em matéria de transporte e indicar-lhe o caminhão International do tipo adequado ao seu serviço.

INTERNATIONAL

Os caminhões International são de alta qualidade, resistentes e duraveis, produto de 42 anos de experiência na fabricação de caminhões.

INTERNATIONAL HARVESTER MAQUINAS, S.A.
Av. Barão de Tefé, 74 — Rio de Janeiro
São Paulo — Porto Alegre

INTERNATIONAL HARVESTER

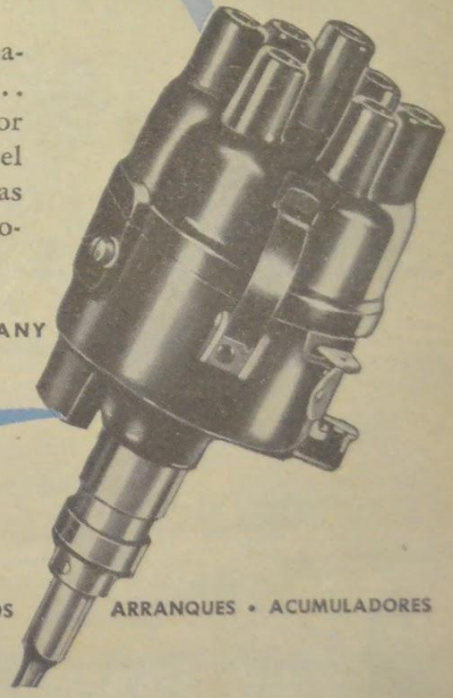
Tratores e máquinas agrícolas
McCormick-Deering International
Caminhões International
Força Industrial International
Refrigeração International

Passe-se para os Sistemas Eléctricos

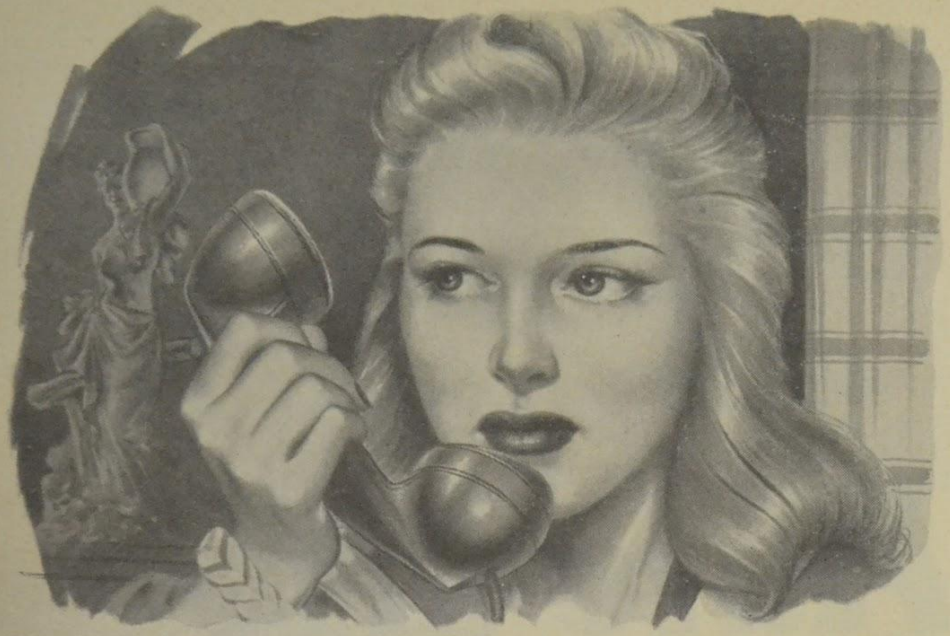
Auto-Lite

Para conservar o funcionamento em estado de novo . . . passe-se para Auto-Lite. Por nenhum dinheiro é possível adquirir-se melhores Sistemas Eléctricos para o seu automóvel.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division, Chrysler Building
Nova York 17, N. Y., E. U. A.



VELAS • FIOS E CABOS — ARRANQUES • ACUMULADORES



Agora... será o fim ou o princípio?...

Ouça, Nadir. Sempre nos namoramos por telefone. Agora, êle me enviou seu retrato e quer me ver... mas receio que o encontro seja o fim dêste novo romance. Que fazer?...

—Aceite meu conselho, Lucí. Adie o encontro e não use maquillage excessivo para ocultar imperfeições. Corrija manchas e espinhas com Leite de Colonia e obterá o encanto natural.

(Era um conselho de amiga. Lucí adquiriu beleza jovem e real. E quando se encontrou com "Ele", seu encanto natural conquistou-o... e foi o feliz princípio de um romance para sempre).

EMBELEZADOR BÁSICO

O depoimento de milhares de jovens e senhoras, em vários inquéritos, revelou que a mulher brasileira, famosa pela sua beleza, considera o Leite de Colonia o seu embelezador básico.

Não artificialize sua beleza! CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colonia!

É uma ilusão! Além de tornar a beleza artificial, o excessivo maquillage para encobrir as imperfeições é nocivo à vital respiração da pele. Corrija manchas, sardas, cravos e espinhas com Leite de Colonia. Aplique-o pela manhã, numa ligeira massagem protetora sôbre o rosto, colo e braços. Durante o dia, para fixar o pó facial... e, à noite, numa última limpeza da pele. E seu rosto ganhará aquela fascinante beleza real!

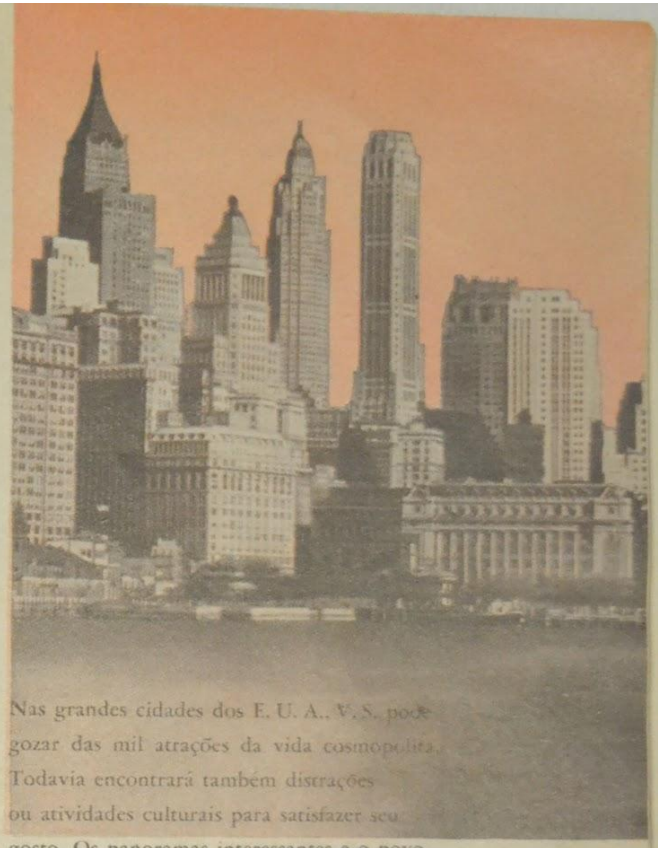
Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

As gigantescas sequoias, existentes no Sequoia National Park, são uma das atrações da California.

Pitorescos recantos lacustres e montanheses oferecem grande variedade de atividades sportivas.

Numerosos campos de Golf se encontrarão em todas as partes dos Estados Unidos.



Nas grandes cidades dos E. U. A., V. S. pode gozar das mil atrações da vida cosmopolita. Todavia encontrará também distrações ou atividades culturais para satisfazer seu gosto. Os panoramas interessantes e o povo amigo são mais uma certeza de que V. S. gozará esplêndidas férias de verão.

Verão nos E.U.A.

oferece aspectos agradáveis. Clippers rápidos, confortáveis e regulares conduzirão V. S. a qualquer dos 8 principais portos de entrada dos E. U. A. Daí, por meio de cômodas conexões, V.S. poderá chegar a qualquer cidade que pretenda visitar. As agências de turismo ou o mais próximo escritório da PAA terão prazer em preparar todos os detalhes da viagem.

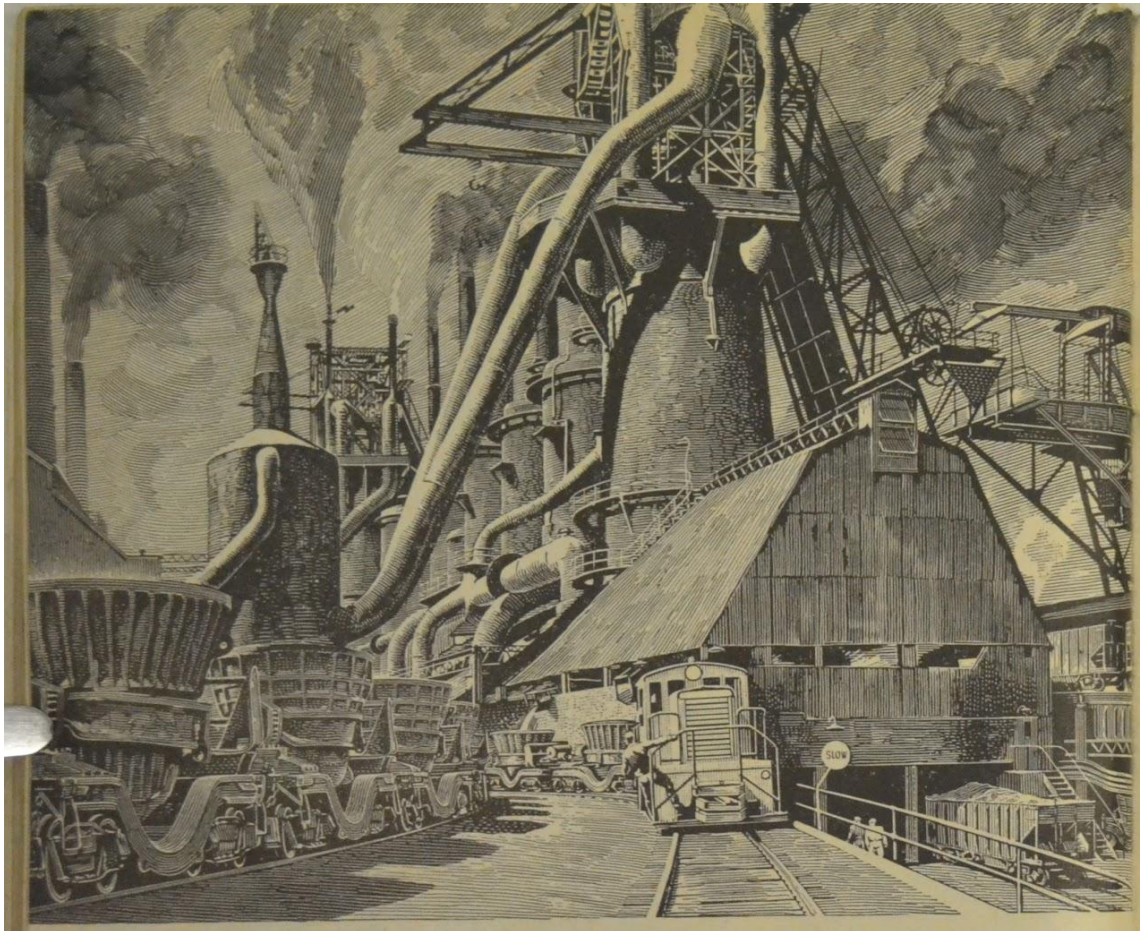
Veja-o Você mesmo
Vôe por Clipper
aos Estados Unidos

*Marca Reg. Pan American Airways, Inc.

PAA

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rêde dos Clippers Voadores



FATOR ESSENCIAL PARA... *Trilhos ou bolos*

O controle científico do calor elétrico é um *fator essencial* na laminação de um trilho ou no assar de um bolo. Aparelhos de controle térmico aperfeiçoados e fabricados pela General Electric são empregados em larga escala pelas usinas siderúrgicas de todo o mundo.

Onde quer que se faça uso da eletricidade, V. encontrará a experiência e os serviços do maior fabricante de produtos elétricos para a indústria e para o lar. A-9-2

GENERAL ELECTRIC
E. U. A.

Símbolo de Excelência EM TODO O MUNDO...EM TODOS OS LARES

O sol nunca se põe sôbre êste símbolo!

Em tôda parte onde há negócios há máquinas Burroughs

Ao redor do mundo e ao redor do relógio, as máquinas Burroughs estão economizando tempo e dinheiro e realizando um vasto volume de trabalho nos escritórios, em somas, contabilidade, estatística . . . Porque as fábricas Burroughs, em meio século dedicado ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de máquinas comerciais, fizeram do mundo sua esfera de ação. Hoje existem escritórios de vendas e serviço em 733 cidades principais de 76 países.

Máquinas de faturar

Existem máquinas Burroughs virtualmente para todos os gêneros de cálculo, contabilidade, estatística e também caixas registradoras. Onde quer que você se encontre, poderá negociar fàcilmente com um representante da Burroughs, e seja o que fôr que você faça ou venda, obterá maior eficiência com o auxílio das máquinas Burroughs.

Máquinas de contabilidade

CIA. BURROUGHS DO BRASIL, INC.
Rio de Janeiro: Rua da Alfândega, 81-A—1º
São Paulo: Largo Paissandú, 51—sobreloja

Agentes em todo o Brasil.

ONDE HÁ NEGÓCIOS HÁ LUGAR PARA AS MÁQUINAS

Burroughs

Representante em Portugal:
Robinson Bardsley & Co. Ltd.
Cais do Sodré—Lisboa

Melhores trabalhos datilográficos que Custam Menos

1873 THE FIRST TYPEWRITER 1948 — 75th ANNIVERSARY — REMINGTON RAND INC.

É isso que lhe oferece a nova Remington KMC DeLuxe . . . graças a suas muitas características exclusivas e vantagens especiais.

O elegante "Executype" permite fazerem-se correspondência e relatórios que V.S. se orgulhará de assinar. O funcionamento mais silencioso dá ao escritório um ambiente mais agradavel para o trabalho. A ação suave e rápida facilita à datilógrafa produzir *mais* e *melhor*.

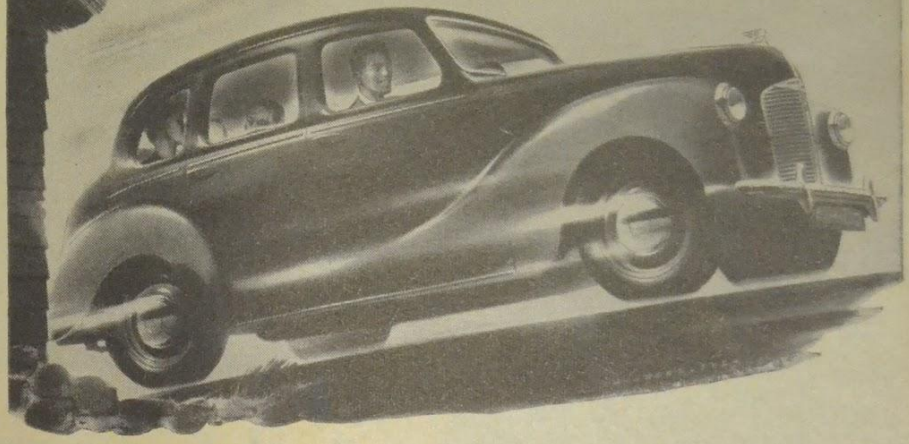
Acrescente-se a essas vantagens o KMC (Controle de Margens no Teclado) e um lindo acabamento cinza em dois tons . . . e V.S. verá porque a Remington KMC DeLuxe é a *sua* máquina-de-escrever!

ANTES DE SUBSTITUIR *suas máquinas-de-escrever, verifique as muitas vantagens da Remington KMC DeLuxe. Procure o representante mais próximo da Remington Rand . . . ou escreva à Remington Rand, Divisão de Exportações, Dept. H, 315 Fourth Avenue, New York 10, N. Y., U S.A.*

Remington Rand

O PRIMEIRO NOME ENTRE AS MÁQUINAS DE ESCREVER

O MUNDO ACLAMA O AUSTIN A40!



O atraente Austin A40 «Devon» é um carro superior em conforto, confiança e potência. Seu motor de 40 cavalos ao freio, válvula à cabeça, e 1.200 c.c., garante serviço de alta qualidade. A suspensão independente das rodas dianteiras torna a marcha suave seja onde for. Muitas outras características de qualidade, inclusive folga excepcional de espaço e ampla arrumação para bagagem, fazem do A40 o auto mais procurado deste ano.

AUSTIN—o carro de sua confiança!

Peça logo todos os informes a

Companhia de Propaganda Administração e Commercio (P.R.O.P.A.C.),
Caixa Postal 2168,
Av. Rio Branco, 85,
Rio de Janeiro.

Cranwood S/A (Importadora Commercial Cranston Woodhead S/A),
Caixa Postal 1773,
Porto Alegre.

THE AUSTIN MOTOR EXPORT CORPORATION LTD., BIRMINGHAM, INGLATERRA

Ambos usam a Fotografia

V. S., para instantâneos . . . inestimáveis lembranças das horas de folguedo de seus filhos.

Aí estão somente duas das muitas formas em que a fotografia—mediante a sua aplicação à ciência, à indústria, ao comércio, aos serviços públicos e à vida diária—beneficia a todos os membros da sociedade.

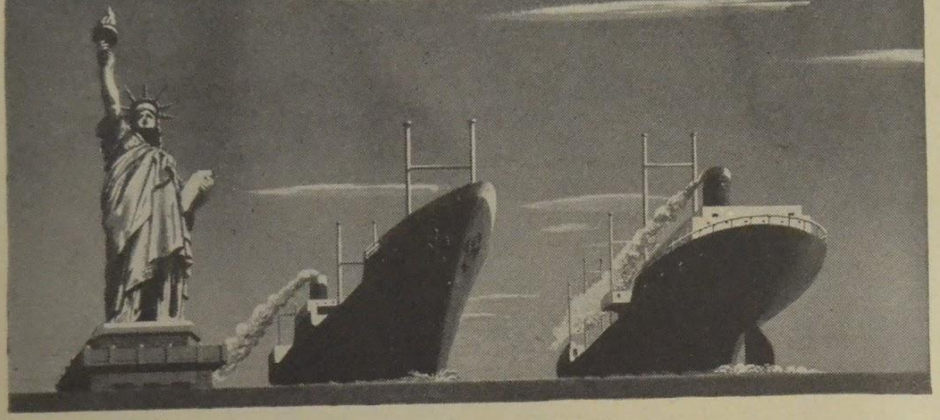
Kodak

"Kodak" é marca registrada

O Detective, para investigações . . . impressões digitais, caligrafias, armas de fogo, cenas de crimes e acidentes de trânsito. Esses dados são essenciais a fim de transmitir informes corretos aos tribunais . . . proteger os inocentes . . . submeter os culpados a julgamento.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

Nossos Negócios são *verdadeiramente* Internacionais



A Bethlehem Steel está empenhada no comércio internacional no sentido mais exato da expressão. Esta grande empresa produtora de aço, com fábricas nos litorais do Atlântico e do Pacífico, nos Estados Unidos, é muito mais do que uma grande empresa *exportadora*. A Bethlehem Steel *compra* e *importa* de 41 paises do mundo.

É preciso um mundo de produtos para fabricar uma tonelada de aço. Cromo, estanho, tungstênio, manganês, fluorita e muitos outros minérios são necessários para a fabricação de produtos de aço de vários tipos. E, indiretamente, a produção de aço requer importações enormes de produtos tais como cânhamo, borracha, polpa de papel, substâncias químicas e grande variedade de mercadorias.

Eis um ativo intercâmbio internacional — onde o mundo inteiro se une para produzir aço, um metal de uso universal.

A BETHLEHEM, EXPORTADORA DE AÇO, IMPORTA DE 41 PAISES

BETHLEHEM STEEL

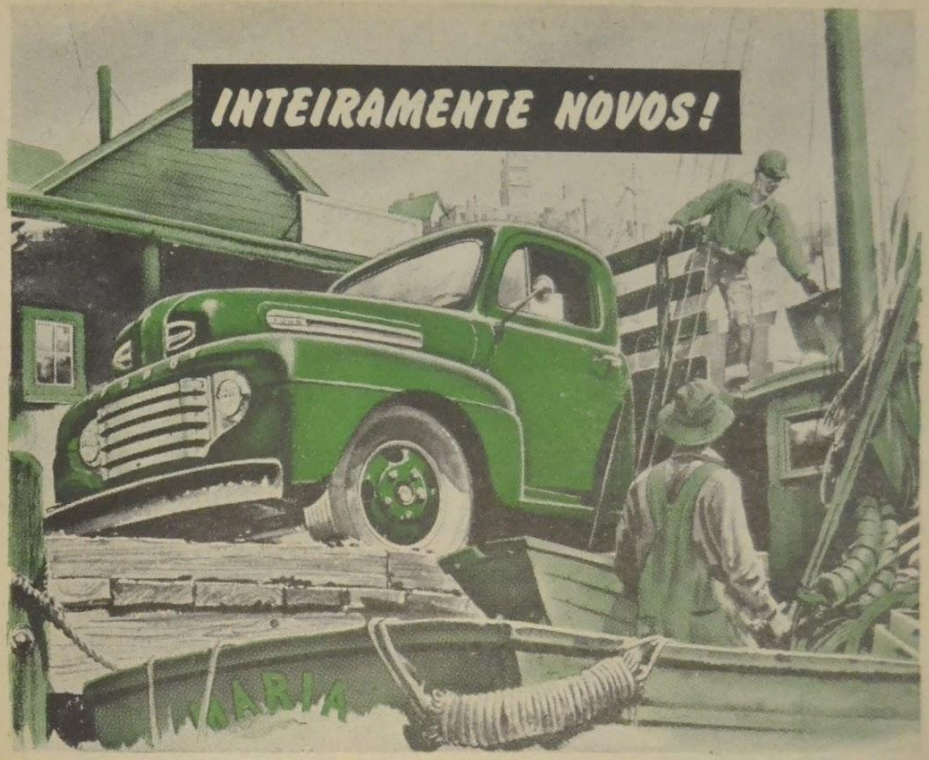
É preciso um MUNDO de produtos para fabricar uma tonelada de AÇO

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, New York 4, N. Y., E. U. A. Endereço telegráfico: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a, BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION RIO DE JANEIRO: Avenida Churchill, 129-4.° andar SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84



Superior Construção — resultante de um novo princípio mecânico que aumenta a durabilidade dos Caminhões Ford!

Superior Construção é a característica dos mais de 139 novíssimos modelos de Caminhão Ford . . . dos novos Ford para SERVIÇO PESADO de 145 HP . . . da nova cabina ultra-elegante . . . dos três novos motores Ford . . . de uma por uma das peças de todos os Caminhões Ford!

Superior Construção assegura aos Caminhões Ford supra-resistência, vantajosa por dois motivos: Torna-os insuperáveis em todos os serviços em geral, em vez de num só trabalho especializado. Confere-lhes maior durabilidade.

Superior Construção produto de habilidade e experiência. Nenhum outro fabricante pode igualar a experiência e os conhecimentos da Ford porque nenhum fabricou tantos caminhões!

VEJA OS NOVOS CAMINHÕES FORD DE SUPERIOR CONSTRUÇÃO NOS SALÕES DE EXPOSIÇÃO DO AGENTE DA FORD HOJE MESMO!

OS CAMINHÕES FORD *de Superior Construção*

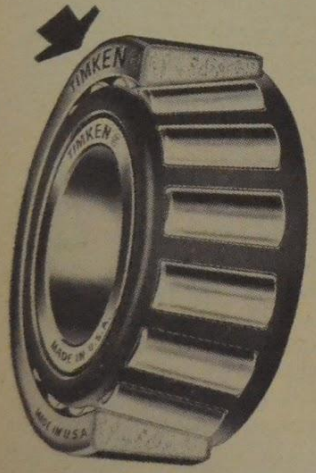
Construidos mais fortemente para durarem mais!

OS PERITOS EM SEGUROS DE VIDA ATESTAM QUE OS CAMINHÕES FORD DURAM MAIS!

ELE *TEM* QUE CONFIAR NA SORTE...

MAS O SR. NÃO PRECISA SE ARRISCAR

Certifique-se de que a marca Timken está estampada em cada rolamento cônico que comprar



Alguns rolamentos podem *parecer* com os rolamentos Timken, e podem até mesmo ser denominados «tipo Timken.» Mas, cuidado com as imitações! Compre *na certa*, procurando a marca Timken em cada rolamento cônico que adquirir. Sòmente os rolamentos cônicos Timken lhe oferecem *tôdas* estas vantagens: 1) desenho avançado, 2) rigoroso contrôle de qualidade, 3) precisão de manufatura, e 4) aços de composição especial.

Os rolamentos Timken têm sido preferidos pelos fabricantes, como equipamento original, por quase 50 anos, especialmente para vagonetes de minas, escavadoras, tratores... e onde quer que se trate de trabalhos pesados. Para ter certeza de obter o melhor rolamento cônico para *seu* equipamento, procure sempre a marca Timken em cada rolamento que comprar.

ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS **TIMKEN**

Marca Registrada
Reg. U. S. Pat. Off.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

Endereço telegráfico «TIMROSCO»

Representante exclusivo para vendas no Brasil

• THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY OF SOUTH AMERICA •

Rua Duque de Caxias, 729/731—Te. 52-6594 e 52-6595—São Paulo, Brasil

Um auxílio é sempre bom!

É indispensável a ajuda dos braços maternos, nos primeiros passos indecisos da criança que está começando a caminhar. É indispensável a ajuda do Leite de Magnésia de Phillips, nos primeiros esforços do delicado aparelho digestivo que está começando a funcionar. E através da nossa vida inteira, em todos os distúrbios gastro-intestinais, é sempre decisivo e eficaz o auxílio normalizador do Leite de Magnésia de Phillips, que:

A - Neutraliza o excesso de acidez no estômago;

B - Facilita a digestão;

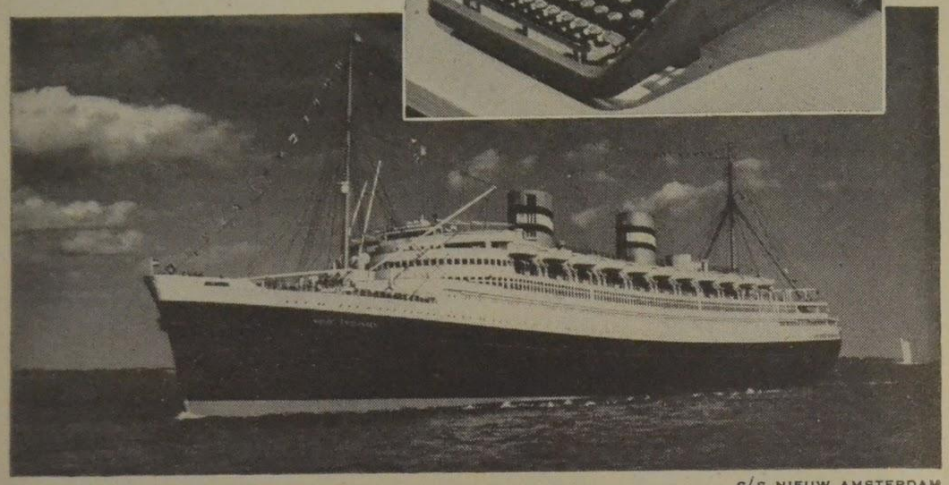
C - Limpa suavemente os intestinos!

O auxílio de ação tríplice para todo o aparelho digestivo

Leite de Magnésia de PHILLIPS

Tão suave para as crianças, tão eficaz para os adultos!

FAMOSOS VIAJANTES DO MUNDO!



S/S NIEUW AMSTERDAM

AS ROYAL VÃO MESMO a toda parte! Estão como em sua casa "trabalhando" em escritórios de todos os países.

Deve haver boas razões para a popularidade universal desta máquina de escrever. Mencionemos algumas:

As Royal são duradouras. São robustas. Ficam muito *mais* tempo em funcionamento—e perdem menos tempo em consertos.

A Royal é a mais eficiente. Poupa tempo e trabalho—o que redunda em maior produção por máquina!

A Royal tem caraterísticas únicas, notáveis, de eficiência e exatidão:

Margem "Mágica"—regula fàcil e ràpidamente as margens!

"Contrôle do Toque"—ajusta a tensão das teclas ao toque individual.

Retenção Automática do Papel—alisa o papel e mantem-no firme no seu lugar.

A Royal é a máquina que convem a *V.S.!* Peça ao revendedor que lhe mostre uma. E não deixe de ver a nova Royal Portátil, a primeira máquina-de-escrever portátil *verdadeiramente moderna* do mundo!

ROYAL

A Primeira Máquina de Escrever do Mundo

Royal Typewriter Co., Inc., Nova York

Representantes em todos os países do mundo

As mais lindas sereias afirmam:

RUGÓL
limpa, clareia
e embeleza
a pele, com
um só creme!

Quantas mulheres de peregrina beleza devem ao Creme Rugól o viço, o frescor e os encantos da mocidade... Sua dupla ação é rápida e infalível: nutre os tecidos, limpa e estimula tôda a pele. Rugól é o mais completo tratamento de beleza. Pelas suas extraordinárias virtudes é sempre indicado para eliminar cravos, rugas, manchas e espinhas. Permita que o Creme Rugól dê à sua cutis esta maravilhosa brancura e suavidade que tornam as mulheres tão lindas e cativantes... Comece a usá-lo hoje, para conservar a sua beleza amanhã...

MANTÉM EM SEGRÊDO A SUA IDADE

Creme **RUGÓL**

Aplique RUGÓL tôdas as noites, no rosto e no colo, em suaves massagens. Use-o também como base para a maquilagem diariamente.

TECnicamente perfeito!

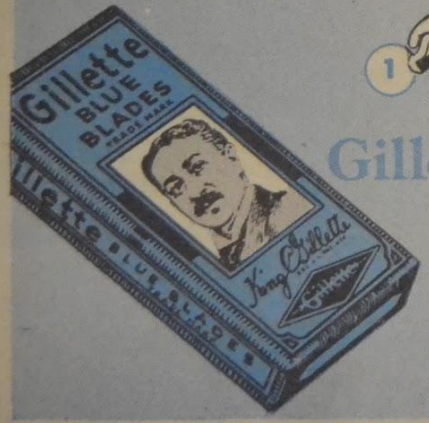
Êste o qualificativo que foi dado ao novo aparelho de barbear Gillette TECH, que apresenta as seguintes características superiores:

RESULTADO: maior segurança, suavidade, rapidez e economia, ou seja, completa satisfação no barbear.

1. **Frisos anti-deslizantes,** para proteção contra cortes, mesmo no caso de um gesto brusco.
2. **Aberturas amplas,** para impedir a acumulação da espuma, facilitando a limpeza sob um jato de água.
3. **Barra distensora,** para escanhoar ràpidamente a barba sem irritar a pele.
4. **Lâminas Gillette** de dois fios extensos, garantindo maior número de barbas por lâmina.

Use sempre as legítimas lâminas Gillette Azul!

Para maior confôrto de sua higiene pessoal, adquira um



Gillette
TECH

o aparelho de barbear TECnicamente perfeito

(*Continuação da segunda capa*)

dureceram durante os amargos anos de guerra, ainda tão vivos em nossa memória. Quando o povo inglês se defrontava com a mais dura das realidades, nossos produtores começaram a oferecer filmes com enredos realistas, imagens vivas da Grã-Bretanha e de sua gente. Tirando as câmaras dos estúdios, íamos lá fora, gravar em películas a própria vida. Havendo necessidade de cenas de rua, era aos logradouros de Londres que se dirigiam nossos operadores. Nas cenas que se desenrolavam em aldeias, os personagens tinham um ar de autenticidade inconfundivel, pois, na verdade, eram gente do próprio local. As atrizes jovens, com vestidos comuns e sem pestanas postiças e cabeleiras artificialmente lustrosas, agradavam muito mais, pois o público nelas reconhecia os seres humanos que eram. Quando nossos filmes passaram a basear-se na própria vida humana, sem recorrer a cenários de excessiva elegância ou a *boudoirs* forrados de cetim, quando começamos a filmar histórias verídicas sobre o próprio povo, nossas platéias foram aumentando dia a dia.

Filmes tais como «Nosso barco, nossa alma» e «This Happy Breed» refletiam a vida, permitindo ao corajoso povo britânico ver a si mesmo com o maior realismo daqueles dias de provações. Com essas películas e mais «Desencanto», que veio logo depois, nossa platéia transpôs as fronteiras da Grã-Bretanha. Havíamos aprendido aquilo que The Reader's Digest de há muito descobriu: o público não quer menos do que aquilo que cada um de nós possa dar com o esforço mais honesto.

Outra coisa que aprendemos—e o Digest bem o sabe—é que não há patriotismo nas bilheterias. Quando um inglês compra uma entrada de cinema, ou uma revista, deixa de ser inglês. É apenas uma pessoa que gosta do cinema ou da leitura. Não pergunta onde são feitos os filmes e as revistas. Só quer saber se são de boa qualidade.

A vasta família de leitores do The Reader's Digest demonstra todos os meses que, nesse desejo de ser tratado com justeza e maturidade, o povo é o mesmo de uma ponta do mundo à outra. A respeito uns dos outros, todos somos inevitavelmente curiosos. A compreensão que um homem possa ter da vida de outro ajuda-o em sua própria vida. Nessa curiosidade tão abençoadamente humana jaz nossa grande oportunidade de fomentar o entendimento entre povos e nações. Do Perú a Londres precisamos saber como se formam as vidas e os sonhos de nossos semelhantes. Através da imprensa, do cinema e do rádio precisamos permitir que os povos «se descubram» uns aos outros.

O sr. Jean Benoit-Levy, Diretor da Seção de Filmes e Informação Visual das Nações Unidas, assim resume a tese: «A própria missão do filme é dar a perceber aos homens que eles são todos irmãos. Pranto e riso, luta, fracasso e êxito—as coisas fundamentais da vida—não se atêm nem a nacionalidades nem a idiomas. São as raizes da humanidade.»

A indústria do cinema dispõe da técnica. Só lhe falta conservar a integridade de seus objetivos. Como o faz The Reader's Digest, precisamos dar ao mundo apenas o melhor. E é mister dar com ousadia, não *receando* o gosto do público, mas *confiando* nele.

Seleções

do Reader's Digest

CMDPU-LR
1975

SELEÇÕES
do Reader's Digest

Tomo XV, No. 88 Maio de 1949

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, 4.° piso, Vedado, Havana, Cuba.

Diretor.....Eduardo Cárdenas
Redator-Chefe.....José Famadas
Gerente: Roberto C. Sánchez

The Reader's Digest, fundado em 1922 por DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, seus atuais diretores e editores, é publicado em Pleasantville, Estados Unidos, e tambem na Inglaterra (Terence Harman, *gerente*, Londres); no Canadá (Fred D. Thompson, *gerente*, Montreal); e na Austrália (John Grant Cooper, *gerente*, Sydney).

Edições em outros idiomas: edição em alemão (Stuttgart) Alexander W. Post, *redator;* edição em dinamarquês (Copenague) Onni Kyster, *redator*; edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha, Eduardo Cárdenas, *diretor;* edição em finlandês (Helsinki) Seere Salminen, *redator*; edições em francês: (París) Pierre Denoyer, *redator*, Paul Thompson, *gerente;* (Montreal) Pierre Ranger, *redator;* edição em italiano (Milão) Mario Ghisalberti, *redator;* edição em japonês (Tóquio) Bunshiro Suzuki, *redator*, Dennis McEvoy, *gerente;* edição em norueguês (Oslo) Henrik Aubert, *redator*, edição em sueco (Estocolmo) Brita B. Hebbe, *redatora*.

Edições internacionais de The Reader's Digest: Barclay Acheson, *gerente geral;* Marvin McC. Lowes, *subgerente geral;* Hobart Lewis, *chefe de redação*.

Copyright 1949 de Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei, em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, total ou parcial, da matéria contida neste número.

Util para muitos — em todo o mundo

Com suas edições em onze idiomas, o Reader's Digest tem hoje leitores em quase todos os paises do mundo, servindo-os das mais variadas formas, como o demonstram os seguintes extratos de cartas recentemente recebidas:

De um caixeiro-viajante da Argentina

Como caixeiro-viajante tenho conseguido bastantes encomendas pelo fato de ter podido conversar com o freguês no momento oportuno acerca de algum adiantamento técnico ou científico, ou contar-lhe alguma anedota ou frase interessante que eu lera pouco antes na revista, na qual sempre encontro algo de novo para enriquecer minhas conversas com os clientes.

Carlos Cebral, Buenos Aires

De um chefe de família japonês

Como todos os membros de minha família lêem a edição japonesa dessa revista, propús a meus filhos (minha senhora já faleceu) que cada um marque as partes de cada exemplar que mais lhe interessam. Eu marco em preto; minha filha, aluna de um colégio de moças, em vermelho; meu filho, ginasiano, em azul. Os traços das palavras sublinhadas dão às páginas o mais vivo colorido, tornando-as mais informativas. Relendo-as, posso ver claramente, de mês para mês, o notavel desenvolvimento intelectual de meus filhos, e comprovo a grande e benéfica influência que a revista exerce sobre os jovens.

Koreyuki Kabeya, Tóquio

(Continua na terceira capa)

SELEÇÕES do Reader's Digest
Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.

Seleções do Reader's Digest, Volume XV, No. 88, May 1949. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, Vedado, Havana, Cuba. Subscription price: US $2.00 per year in Latin America; US $3.75 per year in the United States. Entered as second-class matter at the Post Office, Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at the Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

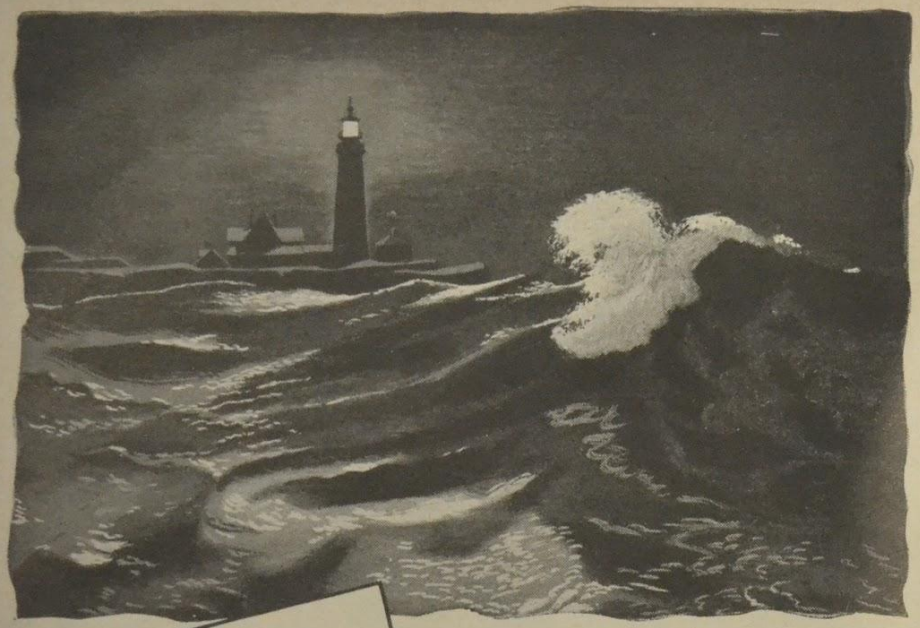
Impressa nos E. U. A.

Amigas e Colegas no Escritório

Durante tantos anos em que trabalharam juntas, Ela e Halda foram sempre as mais ligeiras no escritório. A Halda não fatiga, graças ao seu toque suave e marcha ligeira. A sua escrita é extremamente bela e a sua cor não cansa a vista. Ao aço sueco deve a sua construção robusta. Experimente a

HALDA
com sua bela letra

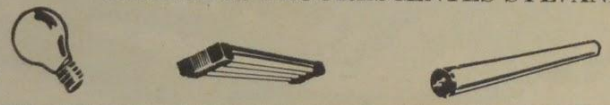
REPRESENTANTES:
Máquinas de Escritório "Facit" Ltda, Rio de Janeiro • Insubra S. A., São Paulo • Capelli & Cia, Porto Alegre • W. Andersen, Belém • Francisco Aguiar & Cia, São Luiz do Maranhão • João Mattos, Fortaleza • José Lôbo Comércio S. A., Recife • Importadora da Bahia, Bahia • Dumans & Cia Ltda, Victoria • João Scheffer & Co., Curitiba • Casa Marc Jacob S. A., Parnaiba Mattos Areosa & Cia, Manaus • Agencia Comercial Sueca Lda, Lisboa.



Como na faixa luminosa de um farol

. . . pode V. S. confiar na longa duração das Lâmpadas Fluorescentes Sylvania. Estas lâmpadas asseguram hoje serviço mais duradouro, mantêm sua luminosidade a mais altos niveis durante milhares de horas—são três vezes mais possantes do que as lâmpadas de 1946. Quando precisar de lâmpadas fluorescentes, vá à loja do Distribuidor da Sylvania, ou escreva ao endereço indicado abaixo.

LÂMPADAS FLUORESCENTES SYLVANIA



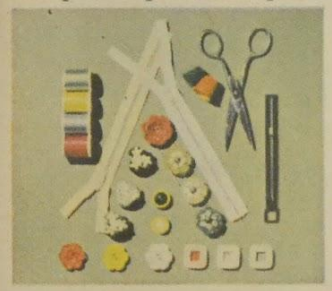
SYLVANIA ELECTRIC

SYLVANIA ELECTRIC PRODUCTS INC. ★ International Sales Division ★ 50 Broadway, New York 4, N. Y., E.U.A.

Tudo o que você precisa para suas costuras . . .

E sempre novidades, muitas novidades!

Uma visita a qualquer Loja Singer é sempre inspiração e prazer. Visite hoje mesmo a mais próxima de sua residência. Preços extremamente módicos.



Imensa variedade de artigos e acessórios para costura—desde tesouras e botões dos mais variados tipos, tamanhos e cores até fechos corrediços diversos.

E veja êstes maravilhosos aparelhos Singer: um caseador, que faz trabalho perfeito; pregador de fechos corrediços, ziguezagueador . . . e muitos outros!

. . . É a maravilhosa Singer Elétrica Portátil! Pequena e extremamente leve, ela faz todo o trabalho das máquinas grandes e com a mesma perfeição!

LOJAS SINGER

M. R.

Procure a mais próxima de sua casa na lista telefônica e peça o Serviço Mecânico Singer

Propriedade Intelectual Reservada Pela Singer Sewing Machine Company.

Caça, expressão máxima do esporte masculino

Blusa "Cambridge",

expressão máxima em trajes de esporte, só com a etiqueta da famosa marca:

A FABRICA SARAGOSSY NO RIO DE JANEIRO

REPRESENTANTES NO BRASIL:

RIO DE JANEIRO: José de Brito - Av. Gomes Freire, 28

SÃO PAULO: Hans Alex Loewenthal - Rua São Bento, 480 s. 301/2

MINAS GERAIS: Isonel Cosenza-Rua Rio de Janeiro, 195-s. 109-C. Postal 717-Belo Horizonte

PARANÁ: S. Rigler - Rua Cabral, 773 Curitiba

RIO GRANDE DO SUL: Hess & Wolff Caixa Postal, 875 - Porto Alegre

BAHIA: Armando Brandão Pça. Conde dos Arcos, 4 - s. 4 - Salvador

PARÁ: Bento Mendes Leite Rua João Alfredo, 91 - Belém

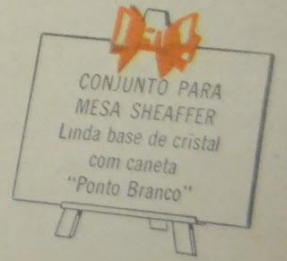
PERNAMBUCO: A. S. Castro - Rua Aurora, 65 - Recife

Distribuidor exclusivo em Petropolis - Est. do Rio Alfaiataria De Carolis - Av. 15 de Novembro, 548

BRASOLAN

SINTA ORGULHO AO PRESENTEAR

Sempre que desejar oferecer um presente de suprema distinção—escolha Sheaffer's. Sinta-se orgulhoso ao presentear alguém com uma Sheaffer's—V. estará dando um presente insuperável em qualidade e duradouro na eficiência! Quem recebe uma Sheaffer's orgulha-se de possuir uma "jóia que escreve." W. A. Sheaffer Pen Company, Fort Madison, Iowa, E.U.A. e Malton, Ontario, Canadá



SHEAFFER'S

Representantes exclusivos para o Brasil: **M. AGOSTINI & CIA. LTDA.** Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 11° and.

Representantes exclusivos para Portugal: **AZEVEDO & DUARTE LTDA.** Lisboa: Rua do Crucifixo, 76

Combina o mais perfeito sistema automatico com a tradicional PRECISÃO OMEGA!

Os próprios relojoeiros de todos os continentes o afirmam! Êste relógio é a mais notável criação da relojoaria suíça! Seu engenhoso sistema de auto-renovação da corda vem combinado com a precisão máxima . . . a Precisão Omega, consagrada oficialmente pelos famosos Observatórios de Teddington e Genebra. É o relógio automático de mais notável resistência e ainda, para mais elegância, de menor espessura! Em repouso, reserva de marcha até 40 horas. Corda automática e manual independentes. Amortecedor de choques. Omega Automático é o relógio mais procurado do mundo!

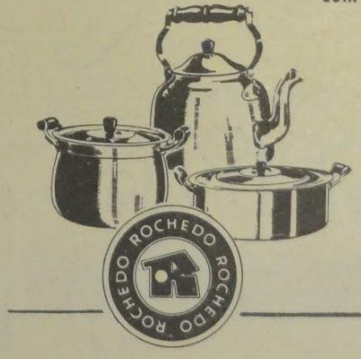
Ω
OMEGA
Automático

PRODUTO DA
OMEGA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE, GENEBRA—SUÍÇA **Tissot**

A PANELA QUE VOCÊ PRECISA

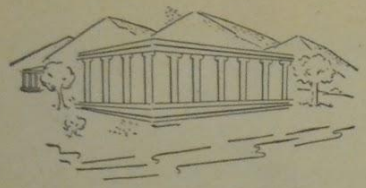
Compre agora!

Em qualquer loja, V. encontrará as famosas panelas de alumínio ROCHEDO — uma tradição na cozinha brasileira. Escolha suas panelas ROCHEDO em alumínio lixado, fôsco ou polido — e não esqueça os práticos caldeirões bojudos com botões na tampa e alças de baquelite.



A BOA COZINHA EXIGE
Rochedo
ALUMÍNIO DO BRASIL, S. A.

Uma qualidade para cada necessidade:
LUXO, EXTRA-FORTE, ROCHEDO, MARTELO FORTE, POPULAR
...e um acabamento para cada gosto:
LIXADO — FÔSCO — POLIDO



Nascida das espumas do mar,
Afrodite teve na ilha de Chypre
os seus templos mais famosos . . .

. . . E a deusa do Amor ressurge nesta NOVA COLÔNIA

Um perfume intenso, perturbante, voluptuoso, numa nova e admirável Colônia Coty, apresentada em estojos de rara beleza. Um presente e uma festa para todos!

COLÔNIA
CHYPRE
de COTY

Como Conseguir Melhores Colheitas

VEMOS AQUÍ uma plantação de abacaxís no Havaí, completamente livre de ervas daninhas, graças a que o solo foi tratado com Santobrite—o produto químico da Monsanto que destrói as plantas más. Quando se matam as ervas daninhas, os abacaxís crescem mais, tornam-se mais saudaveis, mais saborosos. Santobrite é igualmente eficaz no combate às ervas daninhas dos canaviais.

Outro produto químico da Monsanto que ajuda a obter melhores colheitas é o 2,4-D. As combinações desse preparado químico-agrícola estão ajudando os lavradores a obter mais cereais e outros valiosos gêneros agrícolas, dando morte às plantas parasitas. Melhora-se o rendimento das colheitas, e cortam-se os gastos de cultivo.

Se V. S. está interessado em conseguir melhores colheitas pela destruição das ervas daninhas, dirija-se a qualquer dos seguintes escritórios da Monsanto, ou ao agente local da Monsanto. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri, E. U. A.* • Monsanto Chemicals, Ltd., *Londres* • Monsanto (Canada) Ltd., *Montreal* • Monsanto (Australia) Pty., Ltd., *Melbourne*. Representantes nas principais cidades do mundo.

Santobrite: Marca Registrada nos E. U. A.

Peça as mais recentes publicações sobre o combate às ervas daninhas com 2,4-D e o Santobrite, à Monsanto Chemical Company, Foreign Dept., RD, St. Louis 4, Mo., E. U. A.

MONSANTO
PRODUTOS
QUÍMICOS E PLÁSTICOS

SERVINDO A INDÚSTRIA . . . QUE SERVE A HUMANIDADE

O combate às ervas daninhas é somente um dos milhares de aplicações que oferecem as centenas de produtos químicos e plásticos da Monsanto. São empregados em todas as indústrias, no mundo inteiro—para evitar perdas e estragos, para melhorar processos industriais, para obter melhor acabamento de produtos a menor custo, para melhorar vendas de artigos . . . Se V. S. tem qualquer dificuldade com sua indústria ou seus produtos, é provavel que a Monsanto possa ajudar em sua solução.

AI DE MIM!

Quando um Resfriado lhe entope o nariz...

Obtenha alívio melhor e mais rápido com estas gotas de DUPLO efeito!

1. DESOBSTRUI O NARIZ
... deixa respirar livremente!

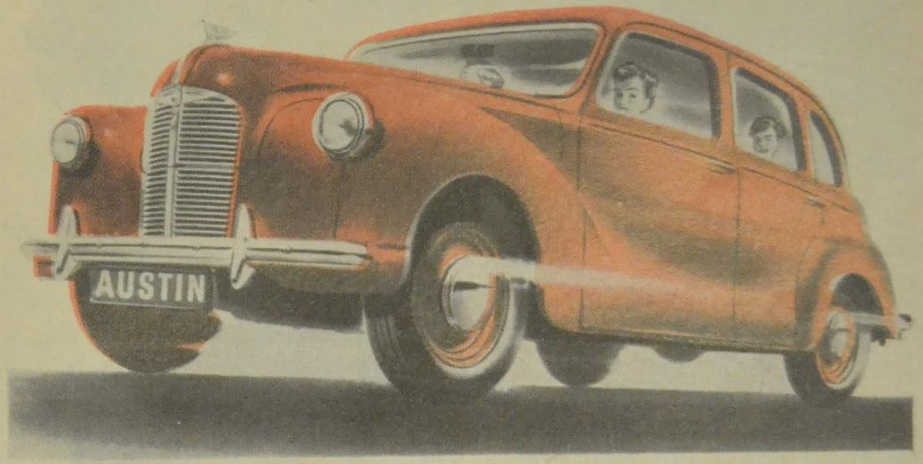
Espalhando-se rapidamente pelas passagens nasais, este medicamento mitigante reduz suavemente o entumecimento e a inflamação, desprende o muco, abre as vias nasais congestionadas, e torna fácil a respiração. *Mas não é tudo . . .*

2. ESTIMULA **as membranas nasais a debelar o resfriado!**

Você sente também uma sensação agradável, enquanto o Va-tro-nol tonifica e estimula as membranas nasais, incitando-as a debelar a infecção e abreviar o resfriado. Va-tro-nol, usado em tempo, pode *evitar* muitos resfriados!

VICK VA-TRO-NOL GOTAS NASAIS

O NOVO AUSTIN A40 ESTÁ NA VANGUARDA



O ESTUPENDO Austin A40 «Devon», com seu motor de 40 cavalos ao freio, 1.200 c.c. e válvula à cabeça, proporciona locomoção luxuosa combinada com potência e segurança.

Suspensão dianteira independente, assentos almofadados revestidos de couro, interior espaçoso, amplo compartimento para bagagem e inúmeras outras características que fazem do A40 o carro mais popular do ano.

AUSTIN — Nele se pode confiar!

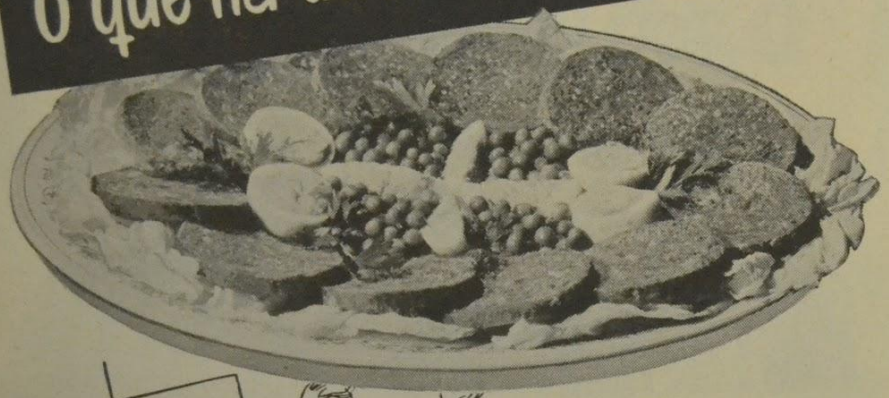
Obtenha detalhes completos das firmas:

Companhia de Propaganda, Administração e Comércio (P.R.O.P.A.C.)
Caixa Postal 2168
Av. Rio Branco 84, 14º
Rio de Janeiro

Cranston Woodhead & Co.
Caixa Postal 1773
Porto Alegre, R.S.

THE AUSTIN MOTOR EXPORT CORPORATION LTD., BIRMINGHAM, INGLATERRA

o que há de melhor na carne



Carne selecionada temperada
e preparada à nossa moda.
Já vem pronta para servir.

Swift

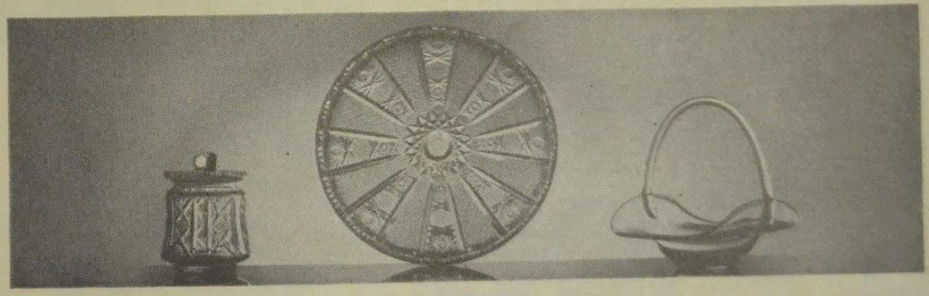
Companhia Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Presentes de Cristal

Examine os artísticos desenhos e o esmerado acabamento dos Cristais Prado e convença-se de que presentes que ostentam esta marca, são símbolos inconfundíveis de bom gôsto e distinção. Para obsequiar seus amigos ou para guarnecer sua própria residência, escolha Cristais Prado. Fabricados por hábeis e experientes artífices, rivalizam, tanto em preço como em qualidade, com os mais finos e renomados similares importados.

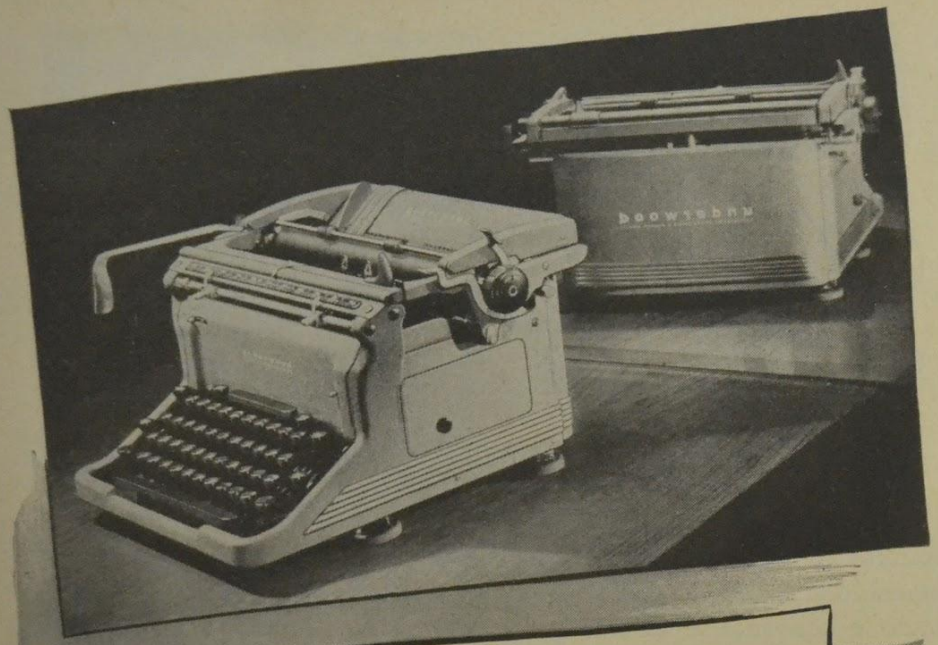
Os Cristais Prado apresentam, entre outras, a vantagem de poderem ser adquiridos em peças avulsas para completar ou ampliar jogos.



A marca dos cristais finos

CRISTAIS PRADO LTDA.

Avenida Celso Garcia, 1467 - São Paulo



Apresentamos A Nova
UNDERWOOD
DE LUXE COM TOQUE RÍTMICO
QUE PERMITE ESCREVER COM GRANDE EFICIÊNCIA E COMODIDADE

No momento em que V. S. a vir—com seus contornos nítidos, aerodinâmicos—saberá instintivamente que ela lhe dará uma escrita suave, sem esforço. Nesta Nova MÁQUINA DE ESCREVER UNDERWOOD DE LUXE encontra-se um grau elevado de perfeição num moderno desenho funcional . . . numerosos aperfeiçoamentos . . . além de todas as qualidades já comprovadas, que têm merecido a preferência das pessoas que usam a UNDERWOOD.

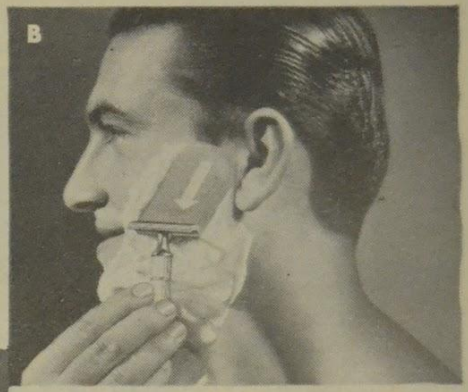
Vendas e Serviço no Mundo Inteiro
Consulte o vendedor local da Underwood ou escreva-nos

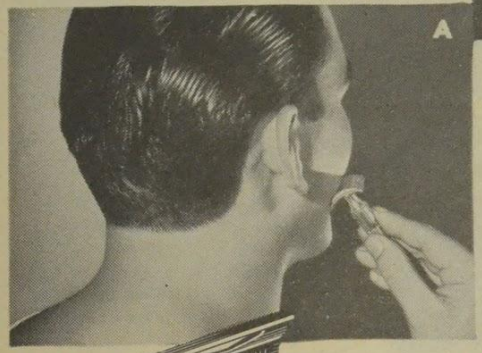
UNDERWOOD CORPORATION
Divisão Internacional
ONE PARK AVENUE, NEW YORK 16, E. U. A.
Máquinas de Escrever • Máquinas de Somar
Máquinas de Contabilidade • Papel Carbono
Fitas para Máquinas

SPEEDS THE UNDERWOOD WORLD'S BUSINESS
Underwood acelera os negócios do mundo

Conselhos para um barbear *mais perfeito*

1. Lave o rosto, de preferência com água morna.
2. Use um bom sabão de barba, formando espuma abundante, que lhe facilitará a tarefa.
3. Dê ao aparelho a inclinação indicada na figura A.
4. Sem pressão excessiva sôbre a pele, maneje o aparelho em sentido diagonal (fig. B).





5. Use o novo e já famoso Gillette Tech, desenhado especialmente para a lâmina Gillette Azul, que *custa pouco porque dura muito*. Gillette Tech possui frisos anti-deslizantes para maior segurança; tem uma barra-distensora para maior suavidade e não acumula espuma . . . pois é de limpeza instantânea.

Gillette TECH
O APARELHO DE BARBEAR TÈCNICAMENTE PERFEITO

"Sim, é bonito... mas essa corda nova é sensacional!"

disse ROBERT MONTGOMERY, quando informado sobre a nova corda DuraPower dos Relógios ELGIN

Robert Montgomery um dos "HOMENS MAIS BEM VESTIDOS" protagonista de "Um Homem Irresistível" filme da Universal-International.

*Feita de metal "Elgiloy". Patente requerida

V.S. pode usar um Relógio Elgin com a certeza de que ele é de uma elegância de estilo sem par, porque os Elgin são aclamados em toda parte pelos homens e mulheres "mais bem vestidos".

E a Corda DuraPower dos Elgin elimina 99% de todos os consertos devidos a quebras das cordas de aço! Vá ver sem demora os lindos Elgin novos.

Relógios

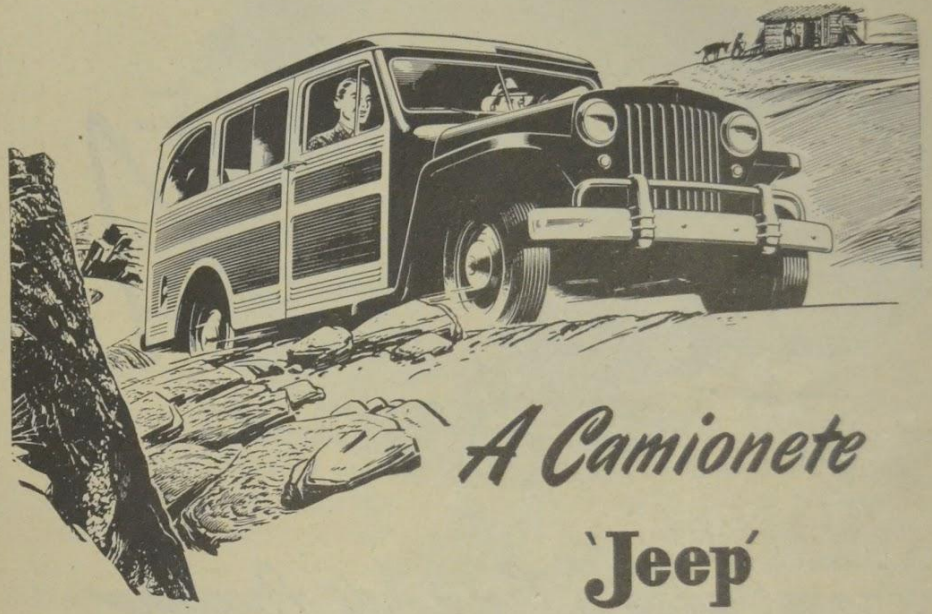
ELGIN

CERTOS COMO AS ESTRELAS!

Um símbolo genial da arte em relojoaria

OTTO STRAUS — RIO DE JANEIRO — DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA O BRASIL

Para o Transporte Confortavel e Economico

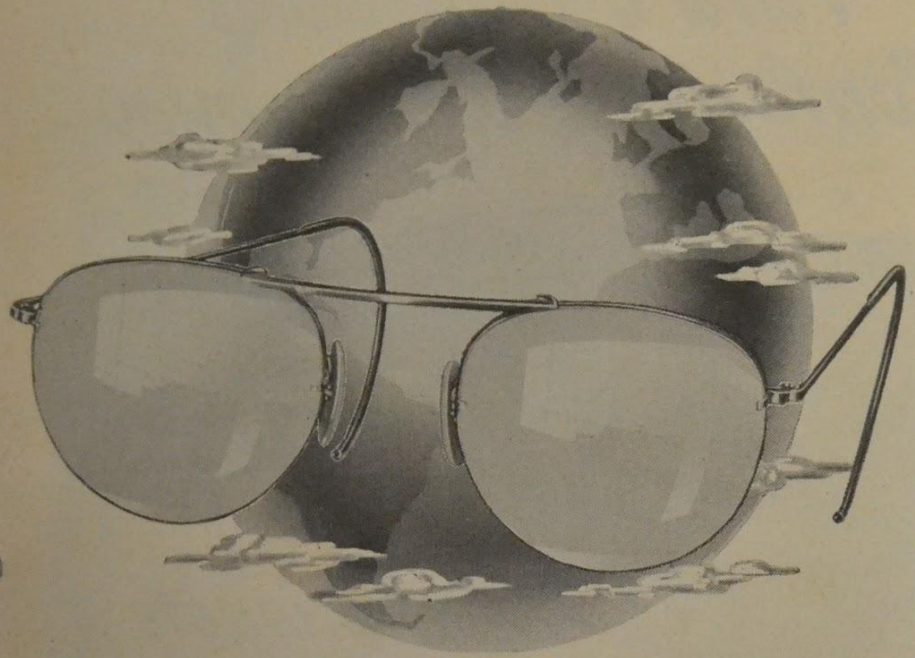


A Camionete 'Jeep'

A Camionete 'Jeep' reune ao conforto invulgar e à amplidão a economia de funcionamento e conservação que caracteriza os carros leves. É tão facil manejá-los e tão grande sua obediência ao comando, que guiá-los é um prazer. A estilização funcional dá à Camionete 'Jeep' um aspecto de distinção todo seu. O possante motor do 'Jeep' produz uma abundância de força imediata. A carroceria toda de aço, mais segura, tem lugar para seis pessoas, com amplo espaço para bagagens e pacotes. A Camionete 'Jeep' não é ultrapassada em economia, utilidade, nem valor. Nenhum outro automovel satisfaz tão completamente às diferentes necessidades de transporte particular e comercial.

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORP. — TOLEDO, OHIO, E.U.A.

VISÃO EFICIENTE PARA O MUNDO



...com Óculos e Lentes de Precisão

Uma visão eficiente e confortável permite-lhe trabalhar melhor, ganhar mais, ver melhor. Permite-lhe ainda melhor apreciar o que de belo há na vida. Visão eficiente usufruida por todos os indivíduos de sua comunidade significa uma Nação mais próspera e mais feliz.

Boa visão significa isso tudo. É uma responsabilidade para consigo mesmo, para com sua família e para com sua Nação proporcionar a seus olhos *o melhor*. As lentes e armações para óculos fabricados por Bausch & Lomb são conhecidos em todo o Mundo como os melhores artigos ópticos em existência.

Consulte seu oculista uma vez per ano.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL COMPANY ROCHESTER, N.Y., U.S.A.

RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, BUENOS AIRES

SELEÇÕES

TOMO XV
No. 88

do Reader's Digest

MAIO
de 1949

Condensações de artigos de interesse permanente

«Uma silenciosa epopéia de devoção juvenil»

Dois cavalheiros de Verona

Por A. J. Cronin

Autor do atual *best-seller Shannon's Way*, de *Hatter's Castle*, *As Chaves do Reino*, etc.

QUANDO rodávamos pelo sopé dos Alpes, fomos detidos por dois meninos logo à entrada de Verona. Eles andavam vendendo morangos silvestres e bagas que pareciam deliciosas. Esses frutos eram de um vermelho muito vivo e apresentavam um atraente contraste com o verde escuro das folhas que guarneciam os cestos de vime.

«Não comprem,» advertiu-nos Luigi, o nosso cauteloso chofer. «Os senhores vão encontrar frutas muito melhores em Verona. Alem disso, esses meninos...» Deu de ombros para mostrar que desaprovava o andrajoso aspecto dos garotos.

Um deles vestia uma esfarrapada camiseta de lã e umas calças caqui cortadas à altura dos joelhos; o outro uma túnica militar encurtada, larga demais para a magreza do seu corpo. Entretanto, aquelas duas figurinhas de pele morena, olhos escuros e graves, os cabelos por pentear, despertaram logo, não sei por que, a nossa simpatia. Meu companheiro falou aos garotos e descobriu que eram irmãos. Nicola, o mais velho, tinha 13 anos; Jacopo, que apenas chegava ao nivel da maçaneta da porta do carro, ia fazer 12. Compramo-lhes o cesto maior e prosseguimos na viagem.

Verona é uma cidade encantadora, cheia de

história, com silenciosas ruas medievais e esplêndidos edifícios de uma linda côr de mel. Ao que se diz, Romeu e Julieta alí viveram. Bombardeada na última guerra, a cidade perdeu as suas pontes, mas não a sua alegria e sedução.

Na manhã seguinte, ao sairmos do hotel, apenas tínhamos atingido a praça, avistamos os nossos dois amigos da tarde anterior junto ao chafariz, debruçados ativamente sobre suas caixas de engraxate.

Ficamos a observá-los por algum tempo; depois, como a freguesia deles tivesse escasseado, aproximamo-nos. Os dois nos saudaram com simpatia.

—Pensei que vocês ganhassem a vida vendendo frutas, disse eu.

—Nós fazemos uma porção de coisas, chefe, respondeu Nicola, muito sério. E olhou para nós com um lampejo de esperança. —Muitas vezes mostramos a cidade à gente de fora... o túmulo de Julieta... e outros lugares interessantes.

—Muito bem, respondí, sorrindo. —Vocês vão nos mostrar a cidade.

Enquanto percorríamos os principais pontos de Verona, meu interesse foi novamente despertado pela conduta dos garotos. Eram bastante infantís, e ainda ingênuos em muitos sentidos. Jacopo, apesar dos lábios demasiadamente descorados, era vivo como um esquilo. O sorriso de Nicola era sereno e aliciante. Sem embargo, notava-se naqueles rostos infantís uma seriedade que impunha respeito e um ar decidido que refletia sua maturidade precoce.

Na semana seguinte vimo-los com bastante frequência, pois se tinham tornado quase indispensaveis. Se queríamos um maço de cigarros norte-americanos, entradas para a ópera ou o nome do restaurante onde pudéssemos comer um bom ravioli, podíamos contar com eles. Nicola e Jacopo resolviam os nossos problemas, com invariavel competência e boa vontade.

O que neles mais chamava a atenção era a infatigavel disposição para o trabalho. Durante todos aqueles dias de verão, com o sol a escaldar, ou com a friagem que vinha das montanhas à noite, engraxavam sapatos, vendiam frutas, apregoavam jornais, conduziam turistas, levavam recados; enfim, exploravam todas as possibilidades que a perturbada situação econômica da cidade lhes abrira.

Uma noite, na praça deserta e batida de vento, demos com eles a descansar na calçada de pedra, sob o pálido arco dos combustores. Nicola estava sentado, o rosto marcado pela fadiga. A seus pés havia uma pilha de jornais ainda por vender. Jacopo, a cabeça repousada no ombro do irmão, ressonava. Era quase meia-noite.

—Ainda na rua a estas horas?

Nicola como que estremeceu, mas logo pousou em mim o seu olhar calmo e desembaraçado.

—Esperando o último ônibus de Pádua. Quando ele chegar, a gente vende todos os jornais.

—Mas é preciso mesmo esfalfarem-se desse jeito? A aparência de vocês é de cansaço.

—Nós não nos estamos queixando.

O tom com que falou, conquanto perfeitamente polido, fez-me desistir do interrogatório. Na manhã seguinte, porem, indo ao chafariz engraxar os sapatos, fiz esta observação:

—Nicola, pela maneira de você e Jacopo trabalharem, devem estar fazendo algum dinheiro. Vocês não gastam coisa alguma com roupas, mal se alimentam; quando vejo vocês comendo, é sempre pão preto com figos. Que é que vocês fazem do dinheiro?

O garoto enrubesceu vivamente sob a pele crestada. Depois, empalidecendo, baixou o olhar.

—Nós temos uns planos, disse ele com certa relutância.

—Que planos?

Sorriu contrafeito, com aquele seu ar distante que nunca deixou de me intrigar.

—Planos... repetiu em voz baixa.

—Bem, disse eu, —segunda-feira vamos embora. Posso auxiliar vocês em alguma coisa, antes de nossa partida?

Nicola meneou a cabeça, mas Jacopo, as narinas a palpitar, deixou escapar o seu desejo.

—Todos os domingos vamos para fora, até Poleta, a trinta quilômetros daquí, exclamou ele. —Vamos em bicicletas alugadas. Mas amanhã, já que o senhor é tão amavel, podia nos mandar no seu carro.

Eu já havia prometido a Luigi o domingo livre. Em todo caso, respondí que eu mesmo os levaria.

Houve uma pausa. Nicola encarava o irmão, constrangido e envergonhado.

—Não podemos dar esse trabalho ao senhor.

—Não será trabalho nenhum.

Mordeu os lábios, e, num tom mais alto, acedeu:

—Está bem.

Na tarde seguinte, rodamos em direção à pitoresca aldeola situada na encosta da montanha, entre bosques de castanheiros, com alguns abetos no alto da escarpa e um lago muito azul lá em baixo. Pensei que nosso destino seria algum casebre humilde. Mas, guiados pela vozinha es-

tridente de Jacopo, paramos em frente a uma casa de campo de telhado vermelho, cercada por um muro alto de pedra. Eu mal podia acreditar no que estava vendo, e, antes de recobrar a respiração, meus dois passageiros já haviam desembarcado.

—Não vamos demorar. Talvez uma hora só. Quem sabe o senhor gostaria de ir tomar qualquer coisa no café da povoação?

Ao dobrar o ângulo da parede, desapareceram.

Passados alguns minutos, seguí-os. Encontrei uma entrada lateral gradeada e, resoluto, toquei a campainha.

Apareceu uma mulher de aspecto simpático e de face rosada, com óculos de aro de metal. Admirei-me ao ver que ela vestia o uniforme branco das enfermeiras profissionais.

—Acabo de trazer dois garotos aquí.

—Ah, sim. O rosto dela iluminou-se; abriu o portão para me dar entrada. —Nicola e Jacopo, prosseguiu. —Vou levar o senhor lá em cima.

Conduziu-me por uma passagem enladrilhada até o prédio, que fora convertido em hospital. Atravessamos um corredor encerado e polido, entre enfermarias bem equipadas. Subimos pela escadaria e fomos a uma sacada, de onde se abrangia a vista dos jardins e do lago. No limiar de um compartimento a enfermeira parou, pôs o dedo nos lábios, e com um sorriso convidou-me a olhar através do vidro da porta.

Os dois meninos estavam sentados ao lado da cama de uma jovem de cerca de 20 anos. Na sua linda blusa de rendas, recostada nos travesseiros, os olhos repassados de ternura, ela escutava a conversa dos garotos. Apesar do leve corado das maçãs do rosto e da estranha imobilidade do corpo, percebia-se de relance a sua parecença com os irmãos. Sobre a mesa, ao lado de uma bandeja com frutas e de vários livros, via-se um vaso com flores silvestres.

—O senhor não quer entrar? perguntou-me em voz baixa a enfermeira. —Lúcia há-de gostar de vê-lo.

Meneei a cabeça e afastei-me. Sentí que não devia intrometer-me nessa feliz reunião de família. Mas, ao pé da escada, voltei-me e pedí à enfermeira que me contasse tudo quanto sabia a respeito dos garotos.

Ela não queria outra coisa. Explicou-me que os meninos, se não fosse a irmã, estariam sós no mundo. O pai viuvo, conhecido cantor do Scala, tinha sido morto no princípio da guerra. Logo após, uma bomba destruira-lhes a casa, jogando-os à vida das ruas. Eles, que só haviam conhecido o lado confortavel e civilizado da existência —Lúcia estudara canto—sofreram horrivelmente com a quase inanição e o frio de Verona.

Durante meses e meses eles mal conseguiram manter-se vivos, numa espécie de abrigo construido com suas próprias mãos no meio dos destroços. Veio então a guarda de elite alemã e estabeleceu o seu quartel general em Verona. Nos três terriveis anos que se seguiram, a cidade foi severa e desapiedadamente governada pelos intrusos. Os garotos acabaram odiando es-

ses indivíduos rudes e indesejaveis e, quando o movimento clandestino de resistência começou a tomar corpo, foram dos primeiros a alistar-se. Não foi apenas questão de «brincar de guerra». A extrema juventude e insignificância do tamanho, somada ao seu profundo conhecimento das montanhas vizinhas, tornaram-nos extremamente uteis. Foram aproveitados para levar mensagens às forças de libertação, e, missão ainda mais perigosa, para colher informações sobre os movimentos das tropas germânicas.

A boa enfermeira, cujos olhos se tinham umedecido, interrompeu por um momento a narrativa, para logo continuar com emoção ainda mais profunda:

—Não preciso dizer-lhe o valor que estes meninos mostraram. Saíam em plena escuridão, atravessavam as veredas das montanhas, levando, dentro dos sapatos, cartas pelas quais poderiam ter sido fuzilados. E quando tudo terminou, e por fim tivemos paz, eles voltaram para a querida irmã. E encontraram-na sofrendo de tuberculose da espinha, moléstia contraida durante as misérias da guerra.

Fez uma pausa, tomando alento.

—Se eles se renderam à fatalidade? Não preciso responder à pergunta. Trouxeram-na para cá, persuadiram-nos a admití-la no hospital. Nestes 12 meses em que ela tem sido nossa doente, já progrediu bastante. Há fundada esperança de que um dia ela volte a caminhar e a cantar. Naturalmente, tudo agora é tão dificil, a alimentação é tão cara e escassa, que não poderíamos tomar conta da moça, sem cobrar alguma coisa. Mas, todas as semanas, os irmãos de Lúcia, têm pago pontualmente as contas.

E acrescentou, com simplicidade:

—Não sei que é que eles fazem, não os interrogo a respeito. Quase não há trabalho em Verona. Mas, seja que trabalho for, estou certa de que eles o farão bem.

—E é mesmo, concordei. —Não podiam fazê-lo melhor.

Esperei do lado de fora até que os garotos saissem, e conduzí-os de volta para a cidade. Sentaram-se a meu lado, sem falar, num contentamento tranquilo. Da minha parte, tambem não disse palavra. Eu sabia que eles haviam de preferir a sensação de não terem violado o seu segredo. Mas essa silenciosa epopéia de devoção juvenil tocou-me profundamente. A guerra, com o seu cortejo de horrores, não lhes abatera o ânimo. E, se uma precoce maturidade os atingira, eles pelo menos souberam aceitá-la com brio e coragem. Suas ações sem eiva de egoismo, comunicando nova nobreza à vida, trouxeram a promessa de uma maior esperança para a sociedade humana.

Eu gostaria de passar toda a minha vida viajando, se pudesse dispor de uma segunda vida para passar em casa. —William Hazlitt

Os novos automoveis, apesar de maiores e mais luxuosos, são mais complicados, menos sólidos e de manutenção mais cara

Modelo 49... carros ou brontossauros?

(Condensado de «Advertising & Selling»)

Charlton Ogburn, Jr.

O AUTOMOVEL de 1949 é menos um automovel do que um iate terrestre construido não para atender às necessidades do motorista mas, aparentemente, para ser exibido nos salões e para ser reproduzido nos anúncios multicores. Suponhamos que me seja possivel conseguir um carro novo ao preço da tabela. Embora precise de um carro de quatro lugares, terei de comprar um de seis por um preço nunca inferior a dois mil dólares—capaz de acomodar no banco da frente um desenhista de modas e dois abastados negociantes e, no de trás, três moças de *shorts* com um equipamento completo de raquetas de tenis, bolsas de golfe e deslizadores aquáticos. De passagem, devo dizer que, não tendo piano, não necessito um carro com um compartimento para transportá-lo.

Por que razão, quando não necessito no painel fronteiro mais de cinco instrumentos, simples e legiveis, terei de pagar um dinheirão por uma estapafúrdia exibição de materiais plásticos, que mais parece uma dessas enormes caixas de música que se vêem em cafés e restaurantes?

Quando mal posso atender às despesas essenciais da minha casa, o que quero é um meio de transporte econômico e confortavel. É possivel que haja motoristas ansiosos por pagar bom dinheiro por uma tonelada supérflua de grinaldas cromadas, placas esmaltadas, grades folheadas para os radiadores, para-choques descomunais e meio metro de lata vazia em cada extremo da carroceria. É possivel que haja quem goste de estacionar esses «monstros» nos espaços das vagas ordinárias. O que eu critico é a presunção demonstrada pelos fabricantes de automoveis, nos últimos anos, de que os seus clientes têm a mania de esbanjar dinheiro e o gosto barato de um novorico.

Recentemente, uma conhecida minha trocou o seu Pontiac de 1941 por um desses anfíbios de 1949. Ao chegar a casa, satisfeita, verificou que o carro era tão largo que não deixaria espaço para abrir as portas dentro da garage e, alem disso, era comprido demais. Ela não teve outro remédio senão remover uma coluna de aço, de sustentação, substituir as portas da garage pelas do tipo de levantar, retirar a banca de ferramentas que tinha no fundo e uma escada que ligava a garage ao interior da casa. Gastou um dinheirão, só para abrigar o carro.

Vem-se observando, há três anos, que para baixar os preços exorbitantes dos automoveis é necessário aumentar consideravelmente a produção. Ora, para que a produção aumente, é indispensavel que os modelos sejam mais simples e que se faça rigorosa economia de materiais. Os novos carros não deveriam ser maiores do que o necessário para atender às conveniências da grande maioria dos compradores. Os fabricantes, no após-guerra, deveriam concentrar os seus esforços na produção de carros sólidos, de motores simplificados, com os acessórios ao alcance de todos. Os melhoramentos técnicos deveriam visar a economia do combustivel em atenção não só ao interesse do motorista, mas tambem à conservação das reservas petrolíferas do país. O carro do após-guerra, ao contrário, é maior e mais complicado do que nunca, consome aço e outros materiais escassos em quantidades exageradas, é de manutenção mais cara e tem motores mais potentes, em vez de mais econômicos.

Alem disso, custa muito dinheiro substituir os paralamas de um desses automoveis «maravilhosos» de hoje. Em alguns tipos, para se desamassar um paralama, é preciso cortar parte da carroceria. Não é qualquer mecânico que consegue, hoje, executar certos reparos que antes eram feitos com a maior facilidade. E isso custa um dinheirão.

Quanto tempo hão-de durar os novos carros? Penso que somente poderão responder à interrogação os próprios fabricantes, que jamais se preocuparam com a durabilidade dos automoveis de passageiros. Muito pelo contrário—sua política tem consistido em fazer tantas e tão rápidas modificações nos modelos, que o dono de um carro de dois anos tem a impressão de estar dirigindo um carro do tempo do onça. Por enquanto, ninguem conseguiu provar que o encarecimento dos carros de após-guerra seja devido a uma construção mais sólida e não a certas inovações introduzidas, tais como volante suave e cinzeiros que se esvaziam automaticamente.

O «aerodinamismo» é o responsavel pelo aspecto grotesco e pelo preço elevadíssimo do automovel moderno. Se pudéssemos pô-lo de rodas para o ar, com todos os «ocos» à mostra, veríamos que o seu aerodinamismo verdadeiro é muito menor do que se apregoa. Seja como for, eu uso o automovel para ir ao trabalho e passear nos fins de semana. Não pretendo inscrever-me em corridas automobilísticas. A Sociedade de Engenheiros de Motores muito se surpreenderia se sou-

besse que nunca me preocupei com a resistência que o ar possa oferecer à marcha do meu velho carro—pelo menos isso nunca me fez perder noites de sono.

Os «peritos» das fábricas não perdem a menor oportunidade de criar e adotar o maior número possivel de dispositivos que venham complicar cada vez mais o automovel. Antigamente, o acelerador de mão vinha em todos os carros e era utilíssimo, sobretudo no inverno, para fazer o motor «pegar», e durante as longas viagens, quando sobrevêm caimbras no pé direito. Foi eliminado pouco depois de 1930, provavelmente porque era apenas util e não condizia com a «decoração» do carro. Agora, está sendo fabricado de novo, mas precisa ser pago à parte. Com a viseira, aconteceu a mesma coisa. Desapareceu em 1931, quando surgiram os para-brisas inclinados, e acaba de voltar como acessório «extra».

Depois de terem produzido, por muitos anos, carros em que o campo visual do motorista era cada vez mais reduzido, os desenhistas acederam ao desejo de alguns «excêntricos» que desejavam ver aonde iam. A altura adicional dos para-brisas foi, entretanto, obtida mediante a construção de chassís mais baixos. Por isso, quando se tem de guiar numa estrada rural excessivamente abaulada ou através da neve, o mais aconselhavel é descer e prosseguir a pé.

Nos Estados Unidos, milhares de pessoas estão comprando os pequenos carros ingleses, apesar de proporcionalmente mais caros, por serem mais faceis de estacionar e dirigir e, sobretudo, mais econômicos. Se os fabricantes norte-americanos podem oferecer-nos um luxuoso «cruzador» por dois mil dólares, poderiam vender-nos um carro que se adaptasse melhor às nossas necessidades, que custasse apenas dois terços desse preço e exigisse menos despesas de manutenção.

Na natureza, todo processo evolutivo é dificil de inverter depois que ultrapassa certos limites. Os fabricantes de automoveis deveriam lembrar-se do caso do alce irlandês, cujos chifres cresceram tanto que ele não pôde mais caminhar e acabou morrendo. Chamo a atenção desses senhores tambem para o destino do famoso exemplo de bojo possante e aerodinâmico que foi o brontossauro.

Explicação

—Garção, disse o freguês, —estas costeletas de vitela não estão nada macias.

—Ah, doutor, respondeu o garção, —já fui açougueiro e posso garantir que há menos de um mês essas costeletas ainda corriam atrás de uma vaca.

—É possivel, retrucou o homem. —Mas não em busca de leite!

—*Topnotcher*

Veja-se o que está sucedendo na ilha «enteada» do Tio Sam

Porto Rico resolve seu dilema

(Condensado de «Future»)
Por Lloyd Stouffer

Há cerca de quatro anos, os jornalistas americanos que regressavam de Porto Rico podiam afirmar que o socialismo doutrinário estava ameaçando asfixiar naquela ilha a iniciativa privada, e que a única solução talvez consistisse em dar aos portorriquenhos a independência que eles em altas vozes reclamavam, abandonando-os assim à morte lenta pela fome, do lado de fora da muralha aduaneira dos Estados Unidos.

Hoje, porem, é muito outro o panorama.

O grito de independência já não se ouve tão frequentemente.

Pode-se afirmar até que o socialismo está rogando ao capitalismo que vá tomar o seu lugar. O governo de Porto Rico, por meio de isenções de impostos e outras regalias, vem oferecendo à iniciativa particular oportunidades desconhecidas em qualquer outro território sobre o qual flutue a bandeira da União Norte-Americana.

Graças ao novo programa de industrialização dessa ilha do Caribe, as empresas norte-americanas estão fabricando alí artigos de consumo, *isentos de todo e qualquer imposto*. Em alguns casos, o governo de Porto Rico chega a contribuir com uma parte do capital para a construção das fábricas. Outras vantagens são, ainda, a entrada livre de impostos, nos Estados Unidos, dos artigos manufaturados em Porto Rico, e os baixos fretes marítimos tanto para as matérias-primas quanto para os produtos industriais procedentes das Américas do Norte e do Sul, ou para lá exportados.

No avião que me levava a Porto Rico, tive o ensejo de trocar impressões com um industrial norte-americano, relativamente às suas transações com a Companhia de Expansão Indus-

trial de Porto Rico, iniciativa do governo. Disse-me ele: «Só o que nós poupamos em impostos, daquí até o dia em que findar o prazo de isenção, pagará de sobejo o custo da fábrica que estamos construindo. Alem disso, eu gosto de Porto Rico por motivos pessoais. O clima é muito estavel: o termômetro mantem-se alí a um nivel confortavel de 22 a 27 graus C durante o ano inteiro. Achamos uma linda casa no alto dum monte, a 15 quilômetros de S. João. Minha mulher adora aquilo lá.»

Sobem já a cerca de vinte as fábricas que foram erigidas na ilha por industriais americanos que pensam como esse meu companheiro de viagem. Uma das maiores empresas texteis dos Estados Unidos está em vias de instalar alí uma fábrica no valor de 4 milhões de dólares, para produzir tecidos estampados. Essa fábrica foi projetada pela referida Companhia de Expansão Industrial, que tem financiado uma parte consideravel da obra. Espera-se que, no futuro, essa empresa textil venha a montar mais nove fábricas, com uma produção anual equivalente à metade do valor de tudo quanto Porto Rico exportava, em média, no decorrer de um ano, antes da guerra.

Outros industriais norte-americanos estão-se preparando agora para transferir suas fábricas para Porto Rico. Certa empresa de Mineápolis está edificando toda uma nova colônia industrial junto à baía, em frente de S. João, e elaborando em Porto Rico os cereais e sementes que a ilha importava já processados. Cinco fábricas se encarregarão de produzir praticamente tudo o que a ilha consome em farinha, forragem, gorduras, óleos e sabão.

A Crane China Corporation vai abrir em Vega Baja uma fábrica no valor de um milhão de dólares, onde produzirá semanalmente 15 mil dúzias de peças de louça para restaurantes, utilizando argila descoberta na própria ilha.

Desejosa de atrair os forasteiros, a Companhia de Expansão facilitou à empresa internacional dos hotéis Hilton a importância de 5 milhões de dólares para erigir um luxuoso hotel de 300 quartos, que já está em vias de construção à margem da baía de S. Jerônimo, perto de S. João. A Hilton —que não pagará impostos durante 12 anos—está empatando 300 mil dólares em mobiliário e instalações.

Esses exemplos da febril atividade que hoje se manifesta em Porto Rico, não incluem dezenas de novas indústrias de menor envergadura, distribuidas pelas aldeias da ilha inteira, e que já estão fabricando moveis de bambú, bolsas para senhoras, chapéus, louças esmaltadas, jóias de fantasia, flores artificiais, e instrumentos de desenho.

Nesse ínterim, prossegue dia e noite a construção de novas habitações. Um só empreiteiro está erigindo, nos arrabaldes de S. João, uma povoação suburbana, que se chamará Puerto Nuevo. Constará de 6 mil pequenas casas de concreto, que os interessados podem adquirir em módicas prestações mensais, com garantia hipotecária subscrita pelo governo. Mal se acabam de construir, as casas são logo ocupadas.

O que tornou viavel, do ponto de vista financeiro, o programa de desenvolvimento industrial de Porto Rico, foi a sede insaciavel dos norte-americanos continentais. Durante a guerra, quando era grande a escassez de uisque nos Estados Unidos, os americanos recorreram ao rum. No correr de quatro anos de guerra, os Estados Unidos beberam cerca de 70 milhões de litros de rum portorriquenho, contra cerca de 20 milhões consumidos nos quatro anos precedentes. Ora, como o governo de Washington devolve ao Tesouro de Porto Rico todos os impostos que cobra sobre os produtos portorriquenhos vendidos nos Estados Unidos, o governo de Porto Rico arrecadou durante a guerra a verba de 162 milhões de dólares, só pela venda de rum.

Essa onda de prosperidade coincidiu com o despertar político da ilha. O povo portorriquenho uniu-se em torno de um lider notavel—Luis Muñoz Marin, cujo Partido Democrático Popular ganhara em 1940 uma pequena maioria na legislatura local, e que, em 1944, já conquistou todas as cadeiras, menos duas no Senado e duas na Câmara dos Deputados.*

*Em novembro de 1948, o sr. Muñoz foi eleito governador de Porto Rico, sendo essa a primeira vez que esse posto foi preenchido por voto popular. Anteriormente o governador da ilha era nomeado pelo presidente dos Estados Unidos.

Muñoz, que é filho de um grande procer liberal portorriquenho, e foi educado nos Estados Unidos, via que a terra da ilha, só por si, já não dava para sustentar a população sempre crescente. Da cana de açucar provinham uns 4 quintos da renda total. Porto Rico quase não produzia gêneros para seu próprio consumo, pela simples razão de que cada hectare de cana rende o suficiente para pagar a importação de 3 a 8 vezes os alimentos que a mesma superfície poderia render, se fosse cultivada para a produção de gêneros alimentícios.

Assim, a única esperança parecia estar na criação de novas indústrias que dessem trabalho à população, deixando-se a terra entregue à cultura da cana. Porque, embora Porto Rico não possua hulha, minérios, petróleo ou madeiras, dispõe entretanto de um precioso e abundante recurso natural —o seu povo inteligente, habilidoso e trabalhador.

A Companhia de Expansão Industrial foi fundada em 1942, e o governo da ilha lançou-se nos negócios industriais em larga escala. Munõz insistiu logo de início em que o seu único propósito era romper caminho para a indústria privada. Entretanto, aqueles que, dos Estados Unidos, observavam suas atividades, mostravam-se impressionados com a energia e competência do homem que Muñoz colocara à testa do programa de industrialização: Teodoro Moscoso Junior, rapaz dinâmico que, nestes últimos seis anos, não tem tido um só momento para se consagrar à próspera drogaria por atacado que

deixou em Ponce ao aceitar o novo cargo.

Moscoso é bem o exemplo da nova geração, que alia aos melhores princípios democráticos um sadio patriotismo, notavel energia e capacidade de direção.

O presidente de uma grande firma industrial observou a obra que se estava realizando sob a chefia de Moscoso, e convenceu-se. Mandou seus diretores de visita à ilha, em avião. Alí mesmo tomaram a decisão de adquirir a estamparia de tecidos, cujo projeto havia sido traçado pelos engenheiros de Moscoso.

As primeiras medidas de isenção de impostos foram estabelecidas pelo prazo de sete anos, a contar de primeiro de julho de 1947. Essa regalia foi depois ampliada para 12 anos—ficando entendido que, terminado esse prazo, seria adotada uma escala gradativa dos impostos normais, durante mais três anos. Em maio de 1948, a Legislatura isentou do imposto de renda todos os dividendos dessas indústrias durante o período de isenção de impostos.

Ainda outros aspectos desse vasto programa estão animando os industriais norte-americanos a tentar a sorte naquela ilha. Sob os auspícios do governo, foram já construidas 23 novas usinas de energia elétrica. Foi triplicada a verba para o ensino popular, que se encontrava lamentavelmente atrasado; dobrou o número de postos sanitários, urbanos e rurais; cerca de dois milhões de dólares foram empregados numa das maiores escolas técnico-profissionais do mundo, parte integrante da Universidade de Porto Rico, onde 7 mil estudantes serão expressamente treinados para ingressar depois nas novas indústrias fomentadas pela Companhia de Expansão.

A despeito dessas despesas tão práticas quanto necessárias, a dívida pública reduziu-se de 29 milhões de dólares, que era em 1940, para 9 milhões e meio, atualmente, ou seja, só dois por cento do total da renda orçada da ilha. (Em comparação, a dívida pública dos Estados Unidos equivale ao dobro da renda nacional.) O crédito de Porto Rico é hoje de primeira ordem, e o seu governo nunca deixou de solver um compromisso.

Embora sejam enormes as possibilidades que Porto Rico oferece às indústrias ligeiras, não se vá supor que a ilha seja um paraiso aberto a todo o mundo. Qualquer indústria nova que peça isenção de impostos tem que ser previamente estudada e aprovada, dando-se preferência às que ofereçam maiores probabilidades de lançar alí raizes permanentes.

Os norte-americanos que hoje exploram fábricas em Porto Rico confessam-se gratamente surpreendidos por encontrar tanta aptidão e boa-vontade numa terra que, dantes, supunham ser o paraiso da indolência. Eis alguns comentários típicos:

«Os portorriquenhos mostram-se ávidos de aprender, fazem esforços tenazes, e adquirem com assombrosa rapidez as aptidões essenciais.»

«Têm esplendida noção de responsabilidade. Ficam no seu posto até o último minuto do horário.»

«São sensiveis e orgulhosos; em Porto Rico, mais do que na maioria dos paises, o patrão vence ou falha nos seus problemas de mão-de-obra, segundo a sua capacidade para aquilatar os méritos pessoais do trabalhador.»

E é assim que, pela primeira vez na sua história, Porto Rico está atacando com vigor o dilema, há tanto considerado insoluvel, criado por esta situação: alto índice de natalidade em contraste com uma economia estagnada.

Precisa-se de instrumentos

Os MÚSICOS aquí reunidos encontram-se em situação dificil—foram privados dos seus instrumentos. Entretanto, a julgar pela posição que assumiram, o leitor deverá indicar, para cada caso, o instrumento respectivo. O leitor deve ser capaz de equipar sete dentre os dez componentes da orquestra. As respostas se encontram na página 68.

—B. F. Caslon e Bill Baily, em *The Saturday Evening Post*

Uma entrevista com o homem responsavel pelo programa de energia atômica dos Estados Unidos

Energia atômica: realizações e perspectivas

(Condensado de «Life»)

Por Archibald MacLeish

Archibald MacLeish, ex-Secretário de Estado Adjunto, dos Estados Unidos, teve recentemente uma longa conversa com David Lilienthal sobre o que está fazendo o seu país para solucionar os problemas da energia atômica. O diálogo aquí condensado dá-nos uma visão autorizada do estado atual desses problemas, e das suas possiveis repercussões futuras.

David Lilienthal, presidente da Comissão da Energia Atômica dos Estados Unidos, estava reclinado em uma funda poltrona da sua sala de estar. Aproximava-se a data do terceiro aniversário do bombardeio atômico de Hiroxima, e a nossa conversa não podia deixar de polarizar-se em torno dessa recordação severa, que é um aviso...

«A verdade nua e crua,» disse ele, «é que, do ponto de vista global, o mundo está hoje pior do que estava há três anos. Só porque certas datas imaginárias, fixadas para 1945, passaram sem que nada acontecesse, há quem diga que este terremoto criado pelo homem não é, afinal, tão perigoso como se supunha. Posso asseverar-lhe, porem, que ele é perigoso, perigosíssimo!»

«Sim,» respondí, «quando, em janeiro de 1947, foi organizada a Comissão da Energia Atômica, a intenção confessa dos Estados Unidos era organizar o controle internacional efetivo dessa nova fonte de energia. Mas, a 17 de maio de 1948, a comissão das Nações Unidas que estudava o controle internacional desistiu de sua tarefa. Os russos, que, durante dois anos e através de mais de duzentas reuniões, haviam persistido em discordar do resto do mundo, acabaram mostrando claramente que a comissão vinha perdendo o seu tempo. Agora que os russos rejeitaram a única forma de controle eficaz, que estão fazendo os Estados Unidos para realizar um

controle internacional efetivo? Que estão fazendo, alem de amontoar armas atômicas?»

«Amontoar armas atômicas não é coisa de somenos importância,» retorquiu Lilienthal. «Pelo menos, nesse ínterim, estamos elaborando uma solução humana e digna para um problema extremamente espinhoso. O nosso objetivo último continua a ser o controle internacional. Mas, impedidos por enquanto de atingir esse objetivo, fixamo-nos um alvo de alcance mais imediato: a supremacia norte-americana, não só em armas atômicas, mas tambem no desenvolvimento da energia atômica para fins médicos, industriais e agrícolas, e para o progresso do saber humano em geral.

«A maior esperança que hoje nos resta de conseguir o controle internacional efetivo consiste em demonstrar o poder multiforme deste novo instrumento e a sua utilidade potencial. Se o conseguirmos, será como se disséssemos ao mundo: Eis o que a energia atômica poderá fazer para o bem da humanidade—ou poderia, se estivesse sob o controle internacional—se conseguirmos libertá-la da sombra que pesa sobre ela enquanto permanecer em mãos somente de algumas nações.

«As consequências benéficas desta nova energia afetarão todos os homens. O cancer está em toda parte. Na Rússia tambem. Há carência de víveres em todo o mundo. E na Rússia igualmente. Necessita-se força-motriz no mundo inteiro. E na Rússia, pelo menos tanto quanto em qualquer outro país. Haverá assim algum grupo governante, por muito poderoso que seja, capaz de enfrentar o seu povo, após havê-lo privado desses enormes progressos humanos que os resultados iniciais nos permitem entrever? Privado deles só porque o seu governo resolveu voltar as costas ao resto do mundo? Se for possivel convencer os povos do mundo, mediante uma demonstração real, de que só por meio dum esforço comum se poderá explorar com vantagem para todos esta nova ciência, então a esperança duma paz verdadeira poderá tornar-se mais viva do que em nenhuma outra época da história.

«Os homens do Kremlin puseram suas melhores esperanças e jogaram seus melhores trunfos na sua capacidade de exceder o resto do mundo no terreno científico. Mas os russos devem saber, com certeza, que se os Estados Unidos conseguirem dominar a energia atômica em prol da humanidade, e ao serviço dela, sem com isso lesarem suas instituições liberais, essas instituições ficarão por muito tempo ao abrigo de qualquer ataque. Por outro lado, eles sabem que, se *eles* vencerem e os Estados Unidos fracassarem, então a tal revolução se tornará desnecessária, pois já terá ocorrido.»

«Em outras palavras: o sr. tem a esperança de dar provas concretas de que a era atômica pode ser não só pacífica e prodigiosamente fecunda, mas, ao mesmo tempo, uma era de liberdade, não é isso?»

«De um modo geral, é isso mesmo. Mas os Estados Unidos têm de con-

correr como nação democrática e alcançar especial relevo dentro dos moldes da democracia. Se não tivermos sempre diante dos olhos um propósito digno da humanidade, então nem valerá a pena tentarmos salvar o futuro.»

«Posto isso,» disse eu, «em que estado se encontram atualmente as operações?»

Lilienthal ficou em silêncio por alguns momentos. Depois, pesando cuidadosamente as palavras, disse: «Os Estados Unidos têm hoje em plena marcha uma obra que constitui o maior empreendimento científico, educativo, industrial, técnico e armamentista jamais registrado na história do mundo.»

Desenrolou um grande mapa dos Estados Unidos, no qual se viam certas localidades marcadas com pontos vermelhos e ligadas entre si por linhas parecidas com uma teia de aranha. «Aquí em Hanford, no Estado de Washington, acha-se o nosso estabelecimento industrial para produção de plutônio. Representa um dos maiores empreendimentos da nossa história, em tempos de paz.» O dedo do cientista percorreu depois no mapa o litoral do Pacífico, e deteve-se em Berkeley, na Califórnia: «Aquí, está-se erigindo o novo e gigantesco fragmentador de átomos, e temos físicos notaveis, como Lawrence, e químicos eminentes como Seaborg. Tambem se realizam algumas pesquisas extremamente empolgantes e significativas. Quanto às pesquisas básicas, de primeira importância para a consecução do nosso objetivo intermédio, essas estão sendo realizadas, é claro, em universidades e laboratórios do país inteiro.

«Saltemos agora para Grand Junction, no Colorado. Aí está o centro das nossas pesquisas de minério de urânio. As concentrações favoraveis são escassas. Estamos por isso tentando elaborar novas técnicas para a exploração e utilização de minério de baixo teor. Creio que jamais se empreendeu uma obra tão vasta e sistemática para a exploração de um só elemento.»

Do Colorado descemos ao Novo México: «Aquí, Los Álamos é o centro de pesquisa e produção de armamentos. Mas Los Álamos não é uma fábrica: é um laboratório. É aí que moram os homens a quem foram entregues os dados obtidos com as formidaveis explosões do campo de provas de Eniwetok, uma ilha do Pacífico, situada a sete mil milhas de distância; e os dados, não menos importantes, das minúsculas mas importantíssimas explosões feitas no cíclotron de Berkeley.

«Deste lado, em Ames, no Iowa, temos o grande químico Frank Spedding, e um enorme laboratório de processamento metalúrgico; alem disso, estão aí as instalações onde se dão os primeiros passos para a obtenção de urânio da pureza requerida. E agora, Chicago. O Laboratório Nacional de Argonne é um centro para professores e estudantes adiantados; a formação de pessoal novo é um aspecto essencial do esforço nacional para alcançar o

objetivo intermédio. Com sua aparelhagem e edifícios avaliados em 60 milhões de dólares, Argonne é tambem um centro de pesquisas e aperfeiçoamentos, onde se estudam reatores de trabalho util—isto é, pilhas que poderão vir um dia, daquí a dez ou vinte anos, a gerar força-motriz industrial e comercial—e reatores de alto fluxo—ou sejam, pilhas das quais poderemos deixar escapar um feixe de partículas de intensidade nunca antes atingida. Depois destes, o reator que desejamos obter é um que seja capaz de gerar calor para processos industriais ou de acionar uma turbina para produzir eletricidade. Tambem se estão fazendo, nos laboratórios de Argonne, experiências com uma pilha capaz de se reabastecer de combustivel por si própria.

«Temos depois Oak Ridge. É este um dos maiores empreendimentos industriais do país. Moram nesta cidade cerca de 36 mil pessoas. É aquí que a parte fragmentavel do urânio é selecionada, e daquí são tambem expedidos para todo o país, e para o estrangeiro, os isótopos, quer dizer, «átomos com rótulo», que se destinam a fins médicos e de pesquisa. De igual importância é o desenvolvimento do Laboratório Nacional de Oak Ridge, que, com o seu subsidiário, o Instituto de Estudos Nucleares de Oak Ridge, desempenha papel valiosíssimo num programa educacional em que tomam parte 19 universidades.»

Outros pontos vermelhos havia ainda no mapa, mas Lilienthal voltou à sua poltrona, dizendo: «O que o sr. vê aí, é a reconcentração de todos os recursos dos Estados Unidos numa obra das mais dificeis e exigentes que já temos empreendido.»

«Quais são, agora, as perspectivas de êxito?» indaguei.

«As perspectivas do futuro não são duvidosas, em meu entender, se empenharmos nesta obra tudo quanto possuimos.»

«E quais são os obstáculos?» perguntei.

Lilienthal refletiu demoradamente, e depois disse: «O maior obstáculo reside no paradoxo essencial de todo este empreendimento—o paradoxo de se manter segredo em ciência, segredo numa democracia... São coisas que simplesmente não se coadunam. E sem embargo, nós estamos hoje coletivamente empenhados numa empresa gigantesca, para a qual é indispensavel manter certa medida de sigilo. Os homens de ciência mostram relutância em trabalhar nessas condições anormais e pouco do seu agrado. As empresas industriais e as universidades preferem não se meter num trabalho desse gênero, com todos os riscos e contratempos adicionais—medidas de segurança preventiva, distintivos especiais, formalidades burocráticas, e a atmosfera de vigilância incessante.

«Há, por exemplo, um núcleo de informação de importância capital, que é conhecido apenas dos componentes da Comissão e de pouquíssimos outros indivíduos. A própria Comissão Conjunta da Energia Atômica, no Congresso dos Estados Unidos, pediu

que essa informação não lhe fosse comunicada! Quando a comissão técnica se encarregou do assunto, esse segredo não era sequer conhecido das mais altas patentes militares. No entanto, pode arguir-se com certa razão que esse assunto constitui um elemento essencial às decisões fundamentais que um povo livre tem que tomar por si próprio, se quer considerar-se realmente governado por sua soberana vontade. Esses dados são os seguintes: Quantas armas atômicas nós temos? Quanto tempo é preciso para produzí-las? É facil compreender por que é que esses dados devem ficar envoltos no maior sigilo.

«Outro exemplo é esta pergunta, a mais séria que habitualmente nos dirigem: Os russos têm ou não têm a bomba atômica? Ora, tudo quanto temos conseguido apurar sobre a marcha da energia atômica na U.R.S.S. constitui segredo da mais alta categoria. O motivo do segredo é manifesto. Os russos desejariam sem dúvida saber quanto é que nós sabemos sobre o que eles sabem...»

«Agora, que a comissão das Nações Unidas chegou a um impasse,» disse eu, «toda a nossa esperança de paz e liberdade mundial assenta na capacidade que os Estados Unidos tenham para alcançar o seu objetivo intermédio—liderança do país no setor da energia atômica. A seu ver, é possivel encontrar solução democrática para o problema do sigilo, que nos ofereça a necessária proteção, permitindo, ao mesmo tempo, que o povo norte-americano preserve a realidade da sua forma democrática de governo?»

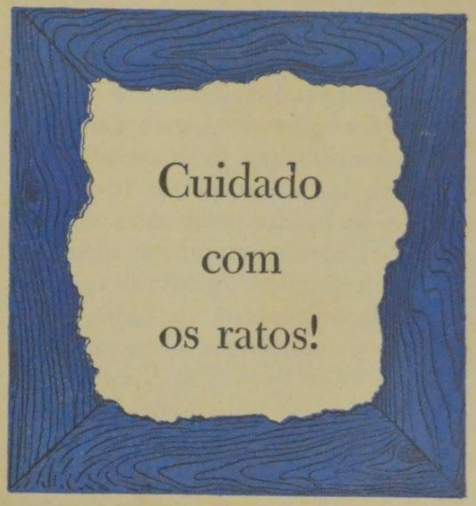
«Sobre isso eu não tenho a menor dúvida,» disse Lilienthal, «se o povo vir em que consiste o problema. E se conseguir vê-lo enquanto é tempo.»

Carne sem carestia

HÁ MILHARES de anos, em fuga para o norte, acompanhando o avanço do gelo, os mamutes da Europa e da Ásia fizeram uma última parada na Sibéria. Em manadas enormes, de número incalculavel, enterraram-se nos pântanos dominados pelo gelo, e morreram congelados. Uma vez ou outra, esses monstros são ainda encontrados em perfeito estado de conservação, depois desse lapso de 10 mil anos nos frigoríficos da natureza: o couro, o pelo, a carne, e até restos não digeridos da última ração, ainda em seus estômagos; ervas, folhagens e musgos encontram-se não mastigados, nas bocas desses gigantescos animais. Os agricultores da Sibéria cortam postas da carne vermelha desses animais, com que alimentam seus cães.

—*The Literary Digest*

Destruidor, perigoso e matreiro



(*Condensado de «Country Gentleman»*)

Cuidado com os ratos!

Por Alfred H. Sinks

O DR. CLARENCE M. TARZWELL, cientista do laboratório do Serviço Federal da Saude Pública dos Estados Unidos, perto da cidade de Savannah, trazia no compartimento traseiro de seu carro uma gaiola de arame cheia de ratazanas recem-capturadas. Uma delas conseguiu escapar. O dr. Tarzwell veio a encontrá-la mais de um mês depois, ainda aboletada no carro. A ratazana havia construido um ninho bem confortavel debaixo do banco, onde vinha aleitando nove filhotes. Enquanto isso, viajara de automovel por grande parte do país e, como é de supor, devia ter saido do carro muitas vezes, à noite, para se prover de alimento.

Uma rata enjaulada no laboratório cismou de escapar e pôs em prática artimanhas dignas de um sentenciado que tentasse fugir de uma penitenciária. Todas as noites, roia a madeira do assoalho da jaula em torno do cano da água. E todas as manhãs, antes da chegada do zelador, ela tinha o cuidado de cobrir com lixo o buraco feito. O empregado só veio a dar pelo truque da bicha depois de sua fuga.

Há duas espécies principais de ratos: o *Rattus norvegicus*, que é pardo e escava a terra; e o *Rattus rattus*, que é preto, menor e muito agil. Os da primeira espécie são mais agressivos. O rato preto, quando atacado, foge. Repita-se, porem, a experiência com uma ratazana parda, atacando-a com uma vassoura, e ela subirá pelo cabo para ir morder o atacante.

Os ratos pardos cavam profundos buracos, na primavera, geralmente perto de alguma reserva de alimento, e deixam-se ficar nessas covas até as primeiras geadas do outono. Então, mudam-se para os armazens e casas de residência. Esses ratos chegam a saltar a uma distância de um metro e sobem por onde quer que haja maneira de firmar os pés. Mas os outros, esses sobem as árvores, escalam os encanamentos e cabos metálicos, ou correm por uma parede de tijolos ou de cimento armado como se estivessem em pleno chão. Costumam fazer os ninhos nas árvores, debaixo de pedras, nos beirais de casas e nos sotãos. O rato escavador gosta de peixe e carne, ao passo que o outro prefere frutas e legumes. Ambos, porem, gostam de cereais.

Como calcular o número de ratos existentes numa chácara ou granja?

Harold Gunderson, do Iowa State College, especialista no assunto, formulou a seguinte regra prática:

Se a pessoa nunca vir um rato, mas uma vez por outra descobrir vestígios desses roedores em casa ou nos estábulos e silos, pode concluir que existem no lugar de um a cem ratos. Se encontrar ratos uma vez ou outra durante o dia, então deve haver de cem a quinhentos desses bichos; e se forem vistos muitos ratos durante o dia, haverá provavelmente de mil a cinco mil, que se entregam à faina de comer o que encontram, matar pintos, emporcalhar os víveres e causar inúmeros estragos.

«Muito poucos materiais de construção podem ser considerados à prova desses nocivos roedores,» afirmam os especialistas de Savannah. «Casos há, em que os ratos chegaram a fazer buracos em paredes de concreto de dez centímetros de espessura,» declara um desses técnicos.

O dente dos ratos é de um esmalte quase tão duro quanto os abrasivos de carboneto de silício. Para se provar a resistência de certas madeiras de construção, há no citado laboratório de Savannah uma jaula de ratos dividida por um tabique feito de madeira compensada e que dispõe de um buraco num dos cantos. Todas as noites, retiram esse tabique e põem em seu lugar outra divisão, feita do material que se deseja submeter ao teste. Os ratos, acostumados a passar por esse buraco para irem ter à comida, ao toparem com a passagem tomada pela placa de madeira, põem-se a roê-la durante a noite, dando assim a indicação da rigidez da mesma.

Em um desses testes verificou-se que os ratos levavam oito noites para roer uma passagem através de uma folha de *foamglass* de cinco centímetros de grossura. Uma folha de alumínio comum, de 12 centímetros de espessura, foi perfurada pelos ratos em seis noites. Experimentaram-se mais dez tipos diferentes de ligas de alumínio, e os roedores penetraram todas, excetuando-se apenas uma. E algumas dessas ligas eram mais rijas do que o aço empregado nas construções.

Há grande diferença de têmpera entre os ratos domésticos e os ratos selvagens. Nos testes mencionados provou-se, por exemplo, que tapumes e placas que durante 52 dias resistiram ao embate de ratos de laboratório, foram entretanto perfuradas num período de duas a quatro noites pelos ratos capturados no campo. Os ratos de laboratório acabam por compreender que o tapume é removido diariamente e que eles podem obter, durante o dia, toda a comida que quiserem. Resultado: tornam-se lerdos na faina de roer e têm que ser constantemente substituidos.

As campanhas de extermínio de ratos dizimam apenas uma pequena parcela desses roedores. Numa grande colônia de ratos, há sempre uns mais matreiros, que não tocam em comida envenenada e tãopouco se deixam pilhar pelas ratoeiras. Conhecem-se casos de velhas e sabidas ratazanas, que se aproximam de uma ratoeira de mola e a sacodem de um lado para o outro, até que o aparelho se desarma sem lhes causar dano; feito isso, comem a isca sem que nada lhes aconteça.

Mesmo os melhores técnicos na extinção de ratos, trabalhando sob as melhores condições, não esperam eliminar mais de 95 por cento. Os poucos que restam multiplicam-se com enorme rapidez. Teoricamente, um casal de ratos pode produzir cumulativamente, ele e seus descendentes, cerca de um terço de bilhão de ratos no espaço de três anos! A única maneira eficiente de lutar contra eles é mover-lhes guerra contínua.

Força da lógica

QUANDO eu servia na base aérea de Jacksonville, na Florida, obtive uma curta licença e telegrafei à minha senhora dizendo-lhe que viesse ao meu encontro. Como eu tivesse recomendado que trouxesse a menor bagagem possivel, Mary, com uma obediência pouco habitual, apareceu-me apenas com um vestido, desses que servem para todas as ocasiões, e uma bolsa pouco maior que as comuns.

Ao chegarmos ao hotel, verifiquei o meu erro. Esquecera-me de que, de acordo com o novo regulamento, todos os militares deveriam provar que as mulheres que os acompanhavam aos hotéis eram, realmente, suas esposas. Sem bagagem e sem a certidão de casamento, fomos sumariamente rejeitados. «Ordens são ordens,» disse-nos o gerente.

A essa altura, minha mulher não se conteve. Em termos candentes, verberou a minha estupidez e imprevisão. Quanto mais ela se exaltava, mais acanhado fui ficando, e olhei para trás para ver se o gerente nos estava ouvindo. Não perdera uma só palavra, e empunhava uma chave. «Quarto 804,» disse-me por fim. «Elas só falam assim com os maridos!»

—John H. Newton, Jr., em *The Saturday Evening Post*

Sugestão

SIR C. Aubrey Smith, o conhecido ator teatral e cinematográfico que faleceu recentemente, gostava de completa tranquilidade à hora do jantar. Certa vez, num restaurante de Hollywood, sentou-se próximo a um cavalheiro que não parava de trovejar imprecações contra a demora do garção.

—Que é que se tem de fazer para conseguir um copo d'água nesta espelunca? perguntou afinal o importuno.

Profundamente irritado, mas sem quebrar a linha de perfeito *gentleman*, o ator respondeu, em tom polido:

—Por que o sr. não tenta atear fogo às vestes?

—Joe Laurie, Jr., Press Features

Raramente os adultos sabem comportar-se em presença das crianças

Como se deve falar a uma criança

(*Condensado de «Mental Hygiene»*) Por Emily Rautman e Arthur Rautman

Ao serem apresentados a um gurí de cinco anos, muitos adultos ficam pouco à vontade, em situação comparavel à dum homem bem nutrido que se visse em frente dum tigre esfomeado. Quantas vezes nos espantamos ao ver pessoas que consideramos competentes tornar-se ineptas ao lidar com crianças!

Algumas pessoas de nossas relações, por exemplo, ficam sem saber o que dizer diante de um garotinho. Muito piores, porem, são os gárrulos adultos que insistem em «dar a nota» desde que põem os olhos naquela «criança tão engraçadinha», deixando-nos, ao despedirem-se, com uma criança que requer uma hora de penoso trabalho até voltar a ser uma criatura razoavelmente civilizada.

Não é raro estarmos calmamente sentados num restaurante, com o menino, e surgir algum estranho bem intencionado, passar a mão acariciadora nos cabelos da criança, fazer observações diversas—que lindo cabelo encaracolado! que belos olhos castanhos! e assim por diante—enquanto muitos dos presentes aprovam sorrindo; e depois ir-se embora, satisfeito com seu trabalho destruidor. Se antes dessa sessão laudatória estávamos gozando o prazer de uma boa refeição e da companhia do pequeno, o resto do dia fica estragado, pois o ligeiro incidente o encheu de vaidade, deixando-o irrequieto.

Alguns de nossos amigos trazem nos bolsos um generoso estoque de bombons e caramelos, que oferecem ao pequeno, mal o vêem, dizendo: «Vamos, coma! Sua tia não vai ficar zangada.» Parecem pressupor que é possivel conquistar a afeição duma criança habituando-a a acudir, como os cavalos, para ganhar um torrão de açucar.

Qual deve ser, pois, a atitude de um adulto na presença de uma criança? Deve, acima de tudo, lembrar-se de que uma criança é um indivíduo, não uma coisa ou um brinquedo, e falar-lhe como se fala a qualquer outra pessoa. Não exagere os agrados, fazendo-lhe cócegas, provocando-lhe o riso. Embora essa espécie de brincadeira tenha cabimento às vezes, é geralmente impossivel para a criança reconhecer o limite socialmente aceitavel dessa conduta. Ela se torna incapaz de parar, e aquilo que, de início, era um brinquedo inocente quase sempre a transforma num diabinho irritante, que passa a interromper a conversa dos adultos. E geralmente a criança acaba sendo castigada.

Não fale em linguagem tatibitate com as crianças. Apesar de saber que é errado, muita gente procura imitar a fala das crianças. Qualquer pessoa se ofende, com muita razão, se alguem procura imitar as imperfeições de sua linguagem. A criança deseja aprender a maneira *adulta* de falar, e não ver como um adulto é capaz de imitá-la e caçoar de sua pronúncia infantil.

O adulto não deve tentar parecer tolo. Diante de uma criança, a maioria dos adultos já ficam suficientemente abobados. Não precisam, pois, de usar deliberadamente essa tática como forma de distração, para disfarçar a incapacidade de assumir uma atitude adequada. Diga à criança o que tiver a dizer, e basta.

Se encontrar um adulto em companhia de uma criança, o melhor será provavelmente dirigir-se primeiro ao adulto e depois voltar-se para a criança, dizer-lhe algumas palavras de saudação e, se desejar, perguntar-lhe sobre alguma atividade do interesse dela. Não tente sustentar conversa dupla com o adulto e a criança ao mesmo tempo. Mas, faça o que fizer, não deixe a criança de lado, pois isso seria descortês, e a maioria das crianças não o tolera. Qualquer gurí esgotará todo o repertório de subterfúgios para obter pelo menos um pouco de atenção.

Seja qual for o seu parentesco com a criança, nunca se esqueça de que ela está sob os cuidados dos pais ou de outros responsaveis pelo seu comportamento e seu modo de vida. Será muito pouco generoso sujeitá-la a conflitos de autoridade. «Não se incomode com o que sua mãe diz. Aquí em minha casa você pode fazer o que quiser.» Não existem palavras capazes de causar maiores malefícios que essas, principalmente entre pais e avós. E nada poderá causar maior mal às crianças, pois daí em diante não saberão mais a que voz obedecer. Não custa nada dizer: «Pergunte a sua mãe se você pode fazer isso.» E assim agindo, conquista-se a simpatia dos pais. Talvez uma proibição que nos parece absurda represente para os pais uma precaução essencial, baseada em alguma experiência amarga.

Não tome ares de superioridade ante uma criança. Converse com ela a respeito de coisas que lhe interessem

e em termos compreensiveis. Principalmente, se fizer comentários sobre seus desenhos ou pinturas, suas tentativas em carpintaria, composição, música ou canto, concentre a atenção sobre o que a criança já realizou, não sobre a maneira por que o fez. Todo trabalho honestamente executado, seja em que nivel for, merece apreciação sincera; os comentários que fizermos acerca do trabalho permitirão à criança participar da conversa em vez de forçá-la a uma atitude de embaraço e desconfiança.

Não censure a criança por alguma coisa de que ela não tenha tido culpa. «Por que você não veio visitar-me como prometeu?» é pergunta maldosa e sem resposta, uma vez que a visita não terá dependido da vontade dos pequenos.

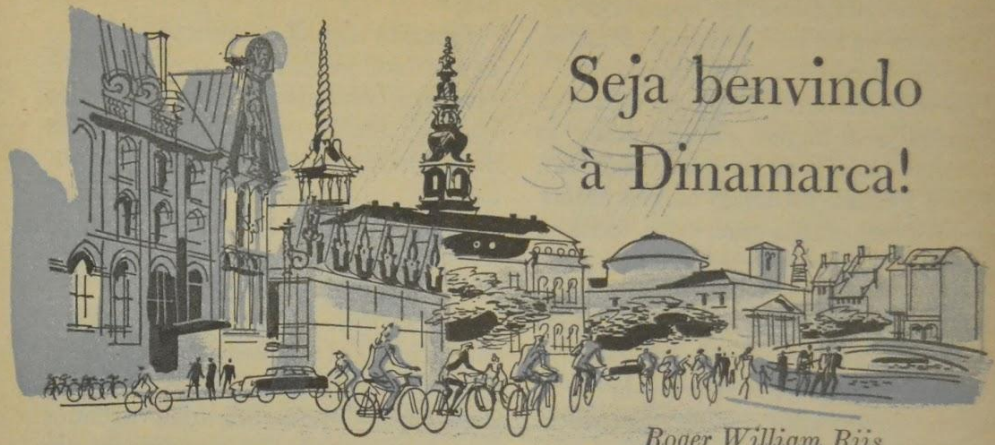
Se tiver algo a dizer aos pais, que não deseja que a criança ouça, nunca procure tratar do assunto em presença dela. Mesmo quando os petizes parecem absorvidos em seus brinquedos, não pense que pode falar a seu respeito, ainda que seja em língua estrangeira, sem que eles percebam que estão sendo o objeto da conversa. Provavelmente compreenderão o teor do que for dito, ou, o que é pior, talvez o percebam apenas imperfeitamente e preencham as lacunas com sua imaginação viva e seus receios. Idéias meio compreendidas e termos mal interpretados têm sido fonte de preocupações sérias para muitas crianças, especialmente porque na maioria dos casos mesmo as mais felizes se sentem perigosamente inseguras durante alguma fase de sua vida.

Quando a criança se machuca, é importante conservar a conversa em tom natural, mas sem denotar indiferença à sua dor. Devido à limitação de suas experiências, é principalmente observando e copiando as reações dos que a rodeiam, que a criança avalia seu próprio sofrimento. Portanto, usando expressões inadequadas de solidariedade ou pedindo-lhe que descreva ou reviva todos os desagradaveis pormenores de seu acidente, o que realmente fazemos é aumentar-lhe a dor. Quantas vezes se ouve dizer: «Oh, meu bem, como é que meu queridinho foi machucar-se desse jeito?» E quão raro é ouvir-se: «Sim senhor, levou um trambolhãozinho, hem?» Raramente, na verdade, se encontram adultos com o bom-senso de mudar de assunto e passar a falar de outra coisa, mais absorvente.

As crianças podem constituir um motivo de alegria, dando prazer a si mesmas e a todos quantos as rodeiam. Mas tambem podem ser fontes de atrapalhação e aborrecimento, de humilhação, dos mais fundos pesares humanos. Desejando avidamente aprender a viver num mundo adulto, esperam das pessoas mais velhas que estas lhes ensinem a alcançar esse objetivo. É, pois, responsabilidade indeclinavel de todo adulto, ao ser-lhe apresentada uma criança, fazer o possivel para ajudá-la em seus esforços no sentido de atingir a maturidade.

Um país modelar

Seja benvindo à Dinamarca!



Roger William Riis

«SEJA BENVINDO à Dinamarca!» dizem, no cais, os inspetores da alfândega—gente notoriamente sorumbática. Os choferes de taxi inclinam-se para trás e dizem: «Seja benvindo.» E são sinceros. O dinamarquês gosta dos forasteiros e de mostrar sua terra.

A Dinamarca compreende a península da Jutlândia, quatro ilhas grandes e umas 500 menores. Medindo apenas 240 quilômetros por 350, sua área não é grande, mas o país tem 7.360 quilômetros de litoral.

Afabilidade, flores e música—eis os aspectos mais característicos de uma visita à Dinamarca. Em maio, os gigantescos arbustos de lilás são verdadeiras dunas de côr; a arvorezinha denominada «chuva de ouro» cobre-se de amplos mantos dourados. Diante das casas brancas, de vigamento exposto, erguem-se, em junho, espessas sebes de lavanda de côr vívida. Depois, vêm as rosas... Toda encruzilhada rural tem, à guisa de praça, um enorme roseiral. As delegacias de polícia são recobertas de trepadeiras escarlates. Os dinamarqueses presenteiam flores constantemente, mesmo a homens. É comum verem-se homens com ramalhetes de flores no bolso do peito.

Dessa gente tranquila, diz-se: «Um dinamarquês: um livro; dois dinamarqueses: brindes e discursos; três dinamarqueses: música.» Entoam a canção «Há uma formosa terra», que descreve seus mares azuis e altaneiras faias banhadas de sol; duvido que haja uma canção dinamarquesa que não faça referência ao mar ou às faias. Para cada ocasião, fazem canções especiais. Cidades e aldeias têm canções próprias. Quando os dinamarqueses, fora do país, voltam, aos milhares, para os festivais de verão, reunem-se primeiro na sombria fortaleza de Kronborg, que data do século XIII. Suas ameias cin-

zentas e o Salão dos Cavaleiros ecoam as suaves harmonias do hino «Na Dinamarca eu nasci». Nenhum forasteiro pode ouví-lo sem se comover.

Atrás das flores e das melodias, há sólidas realizações. Terminadas as guerras napoleônicas, quase nada restou à Dinamarca senão baixios arenosos e urze, planta que mata todas as outras. Num século, entretanto, converteram a Dinamarca no mais eficiente país agrícola do mundo. O hectare dinamarquês rende três vezes a quantidade de trigo, de cevada ou de aveia que produz o hectare norte-americano, e duas vezes a de batatas.

A GRANJA dinamarquesa consiste num grupo de casas brancas, baixas, de vigamento exposto, cobertas de colmo, dispostas num quadrângulo e dotadas de páteo interior. Aninha-se no arvoredo, entre altas plantações. Os agricultores constituem fator predominante nessa terra. As granjas contam, em média, uns 15 hectares mas, através da cooperação, desfrutam da situação privilegiada dos grandes empreendimentos. As cooperativas têm um vasto campo de atividades: não só compram, fabricam e vendem, como tambem dominam um grande setor da política econômica nacional.

O ÍNDICE de analfabetismo é quase nulo. As famosas escolas populares não oferecem cursos obrigatórios, nem exigem frequência compulsória ou exames. «Não se destinam a completar a instrução,» explica o Ministro da Educação, sr. Hartvig Frisch. «Seu objetivo é despertar a mente dos alunos.»

Quando não há escassez de papel, a Dinamarca publica 15 vezes mais livros, por habitante, do que os Estados Unidos; muitos deles, aliás, romances de autores norte-americanos. São numerosas as livrarias bem sortidas. «Poeta» é título de distinção, que se usa como o de «doutor» ou «professor» em outros paises.

É uma terra eficiente, que produz, de um lado, os maiores motores Diesel do mundo e, do outro, Hans Christian Andersen. Conquistou mais prêmios Nobel, em relação à sua população, do que qualquer outro país.

A medicina dinamarquesa é adiantadíssima. Seus especialistas, que trabalham em colaboração, produzem soros procurados no mundo inteiro. A Dinamarca está incumbida da obra de combate à tuberculose em toda a Europa, devido ao êxito obtido pela campanha no país, financiada pela venda dos famosos selos de Natal. O índice de mortalidade da tuberculose, na Dinamarca, é de 30 por 100 mil habitantes, o menor do mundo, e lá já se havia praticamente extirpado a sífilis antes da guerra.

NÃO HÁ cartazes para macularem a formosa paisagem, nem clamorosos anúncios no rádio. A maior cervejaria —a Carlsberg—é administrada por cinco professores de destaque, e todo o lucro é destinado à educação, a pesquisas científicas e ao embelezamento das coletividades dinamarquesas. A rival da Carlsberg—Tuborg—segue a mesma orientação, pautada num sentido de responsabilidade social.

Interrogados sobre como adquirem seu evidente respeito à lei, os dinamarqueses respondem: «Ao educarmos nossas crianças, nunca dizemos: —Não faça isso. Sempre lhes dizemos: —Isso não se faz.»

O herói mais benquisto do país, Hans Christian Andersen, é uma realidade viva, tangivel, na Dinamarca de hoje. Acontecem coisas a todo momento que só seriam possiveis na terra de Andersen. Em que outro lugar uma cegonha enveredaria solenemente pelo trânsito de uma importante praça pública? O guarda de serviço, com igual solenidade, deu voz de prisão à ave e conduziu-a à delegacia sob a acusação de impedir o trânsito. A graciosa prisioneira foi cumulada de gentilezas pelo sargento e seus companheiros.

Certo entardecer sereno e longo (em junho, o sol só se põe lá pelas 23 horas) estava eu sentado num restaurante ao ar livre em Odense, cidade onde viveu Andersen. Súbito aproximou-se, vindo de uma travessa, um som de música suave, e surgiu um rapaz, que vestia um casaco do azul mais vivo e calças de vermelho berrante, pedalando ritmadamente uma bicicleta e tocando acordeão com ambas as mãos. Pareceu-me coisa natural, na cidade de Andersen.

A DINAMARCA é terra de castelos, pequenas jóias variegadas. Frederiksborg, Rosenborg, Kronborg, Fredensborg—esses pontilham o país. Muitos são museus que celebram os tempos em que a Dinamarca era potência mundial. Os dinamarqueses os visitam aos milhares, inclusive a Fredensborg, residência de verão do rei e da rainha. Os soberanos aproximam-se dos súditos, em vez de guardar-lhes distância. Quando o rei se dirige ao povo, diz: «Trago-vos saudações de Ingrid.» Se dissesse «a rainha», o povo o julgaria vaidoso.

AS CIDADES dinamarquesas têm as casas baixas, de fachadas harmoniosas, sinuosas ruas estreitas, inúmeras lojas luzidias, muitos parques e inúmeras vias aquáticas. As marés penetram em toda parte e os navios de todas as nações surgem inesperadamente no meio das cidades. As gaivotas são tão numerosas como os pombos em Veneza, e portam-se melhor...

QUEM não viu a Dinamarca não tem a menor noção dos fins a que se presta a bicicleta; dizem que há cinco milhões delas nessa terra de quatro milhões de habitantes. Famílias inteiras saem em fins de semana, os bebês em pequenos reboques, atrás dos pais. As rodas ficam ocultas sob sacolas e mochilas. Cães ou gatos ocupam o cesto; vi um cão e um gato recostados um ao outro num cesto, a contemplarem tranquilamente o desdobrar da paisagem.

A carga que os dinamarqueses transportam nas bicicletas é tanta, que a gente só acredita vendo. Um indivíduo, com um enorme sofá atravessado sobre a roda dianteira, embrenhou-se calmamente numa confusão

de carros de bombeiro em plena atividade no local de um incêndio. Outro, de cartola, casaca e gravata branca, levava uma coroa de flores, de mais de um metro de circunferência. É comum ver-se um homem com o braço à cintura de uma jovem, cada qual na respectiva bicicleta.

O CÉLEBRE prato nacional, *smørrebrød*, ou «pão-manteiga», é uma série inesgotavel de combinações de queijos, peixe, ovos, carne, frutas e hortaliças, dispostas em pilhas arquitetônicas sobre fatias de pão. É um acepipe excelente, especialmente acompanhado de *schnapps* e da dourada cerveja dinamarquesa.

A refeição, para o dinamarquês, é uma ocasião de grande encanto. A anfitriã engalana a mesa de bandeiras nacionais, um xadrez de fitas coloridas e cartões para assinalarem os lugares, com as cores nacionais dos convivas.

É inconcebivel, na Dinamarca, que alguem jamais sorva uma bebida sozinho. Apenas todos se sentam, iniciam o grande esporte nacional do *skaal*. O ritual é rígido; capta-se o olhar a alguem, ou vice-versa, bebe-se, levanta-se o copo de novo, em saudação, antes de o repor, fitando o outro fixamente. É um recurso cômodo; qualquer que seja a dificuldade trivial—linguística ou social—em que se esteja no momento, escapa-se num triz, dizendo simplesmente *skaal*.

Numa terra tão amistosa, os animais desfrutam privilégios excepcionais. Cavalos, cães, gatos, corças, patos, cisnes, gansos, vacas—convivem com os dinamarqueses num afeto mútuo. As lojas têm correntes à porta para «estacionamento» de cães, e vasilhas com água para eles. Em Tívoli, assombroso parque de diversões da capital, os patos caminham entre a multidão e as pessoas entre as aves, respeitando-se todos uns aos outros.

EM AMALIENBORG, residência dos soberanos, pode-se ver a cerimônia da rendição da Guarda Real—uma vintena de soldados saidos dos contos de fadas de Andersen, fardados de túnicas rubras cruzadas de bandoleiras brancas, e envergando altíssimos chapéus de pele de urso. Em 1940, esses soldados «de brinquedo», ao descortinarem as colunas blindadas nazistas, apontaram fuzís e abriram fogo.

«Que disparate,» refletí, «que a Dinamarca tentasse deter o maior exército da História com esses poucos soldados de ópera cômica!»

Logo, porem, sobreveio-me outra lembrança:

«Ah, mas esses soldados de brinquedo ainda estão aí, guardando o palácio; e onde está a *Wehrmacht*?»

MUITAS vezes não nos apercebemos da felicidade, porque ela não nos custou nada.

—Provérbio

Após 98 anos, a casa Steinway ainda é a primeira e continua a ser dirigida pela família do fundador

COMO SE FAZ UM BOM PIANO

(Condensado de «Collier's»)

Robert Sellmer

O GRANDE pianista Artur Rubinstein sabe perfeitamente o que lhe convem. Um dia, em Buenos Aires, vendo que lhe era impossivel desembarcar, em tempo de dar um concerto, o piano de estima que trazia a bordo do navio, resolveu apelar por telefone para a firma Steinway & Sons, de Nova York: no dia seguinte, cheio de júbilo, assistia ele às operações de descarga de um grande piano de cauda, que acabava de chegar em avião ao aeroporto da capital argentina. As despesas de transporte andavam por cerca de 900 dólares, mas o grande concertista preferiu pagar essa quantia, a ter que servir-se de qualquer outro piano.

Casos de fidelidade pianística, semelhantes a esse, são coisa comum na longa história daquela firma fabricante de pianos mundialmente famosos, a qual atravessa um período de 98 anos. Steinway é um dos derradeiros grandes nomes que restam das velhas sociedades comerciais constituidas de membros de uma só família. Os 326 mil pianos, fabricados pela Steinway desde que se fundou a companhia, sairam das mãos de cinco gerações con-

Sete dos oito Steinways atuais —de uma fotografia.

secutivas da mesma família; oito Steinways, da terceira, quarta e quinta gerações, estão hoje à testa da respectiva produção. Os rebentos mais jovens—e são sempre numerosos—fazem normalmente um aprendizado de três anos em uma das fábricas da família.

Esta instituição sem par distingue-se pelo inabalavel orgulho que nutre pelo seu nome. A firma tem hoje encomendas atrasadas de dois mil pianos, porque se recusa a simplificar detalhes de técnica, a adotar a produção em massa, a empregar materiais de qualidade duvidosa ou mão-de-obra insuficientemente treinada no ofício. Durante a grande crise econômica, quando as compras de pianos cairam, nos Estados Unidos, de 104 para 10 milhões de dólares ao ano, a firma esteve de portas virtualmente fechadas durante dois anos, preferindo isso a produzir um piano barato, que a poderia ter mantido em atividade. Declinou igualmente as propostas que lhe foram feitas, no valor total de um milhão de dólares, para consentir que o seu nome aparecesse como marca de rádios e de refrigeradores.

A produção de um piano Steinway representa nove meses de trabalho, e exige a intervenção de 400 artífices. Cada pavimento da fábrica oferece o espetáculo de um mar de pianos em várias fases de manufatura, escassamente franjado de alguns artífices, dispersos aquí e alí, e que parecem resolvidos a passar o resto de seus dias no acabamento das operações em que estão empenhados. Alí, ninguem trabalha sob pressão alguma, não se fazem estudos científicos dos movimentos dos operários, nem se vêem lemas para acelerar a produção. A Steinway gasta sete horas a executar uma operação—como a raspagem das camurças, por exemplo—que em outra empresa qualquer se executa normalmente em quinze minutos.

Um grande piano de concerto Steinway que, aliás, pesa meia tonelada, contem 12 mil peças—na maioria complicados e minúsculos pedacinhos de madeira, torneados a rigor, que devem jogar entre si à perfeição, e aguentar maus tratos sem conta. Acabados os milhares de ajustamentos da montagem de cada piano, aproxima-se um cavalheiro de alentada corpulência, armado dum bastão forrado de camurça, e desata a espancar furiosamente, uma por uma, as 88 teclas do instrumento. Todas as peças que se partem, sob esse «concerto» de pancadaria, são logo substituidas, e o vândalo torna a esbordoar o teclado, até que o instrumento se mostre capaz de manter-se ajustado.

«Esse tratamento poderá parecer um tanto brusco demais,» observava-me um vendedor de pianos da Califórnia, «mas, afinal de contas, dá grandes compensações. Um dia, o cômico Jimmy Durante apareceu aquí para alugar um Steinway; como sei de que maneira ele trata as coisas com que se exibe, recusei alugá-lo. Recebí logo um telegrama do presidente da Steinway, que me dizia: se um pedacinho de gente como o Durante for capaz de danificar um dos meus pianos, eu desistirei deste negócio, para ir fazer do-

ces. Em face disso, aluguei o piano ao comediante; é verdade que ele o arranhou todo, mas não conseguiu desafinar nem uma corda.»

A nata dos operários da Steinway são os afinadores, que endurecem ou amaciam as camurças dos martelinhos de modo que, quando eles ferem as cordas, se produza o desejado equilíbrio entre o brilho e a plenitude da tonalidade. O treinamento dum bom afinador leva alguns anos; e até grandes pianistas, como Paderewski e Rachmaninoff, têm confessado que seus ouvidos seriam insuficientes para essa delicada operação.

São frequentes os artífices altamente qualificados que trabalham na empresa há 50 anos e até mais. O serrador manual Charlie Braun, por exemplo, dos 82 anos de vida que conta, passou já quase 70 na fábrica. Fred Speyrer é exemplo de outro traço característico da Steinway: é superintendente de uma das fábricas, como já o foi seu pai, que durante 40 anos ajudou a fazer pianos Steinway. «Não há uma só seção na fábrica,» diz ele, «onde não se encontrem filhos, netos, sobrinhos ou genros de antigos empregados da casa, desde o Steinway da terceira geração, da presidência da firma, até ao Hobein, tambem da terceira geração, que faz caixas de harmonia em uma das fábricas.»

As qualidades tonais de um piano dependem das madeiras empregadas na sua construção. A qualquer altura se pode assistir às operações de têmpera por que passam em corrente contínua, dentro e fora do recinto das fábricas, os 600 mil metros de tábuas—bordo, pinheiro da Califórnia, abeto das montanhas do Leste, jacarandá do Brasil, álamo do Sul, mogno de Honduras, nogueira norte-americana. Essas operações duram quatro anos, e são indispensaveis a todas as madeiras empregadas na fabricação dos pianos. Metade dessa montanha de tábuas joga-se fora na inspeção final, porque não se mostrou à altura dos rígidos padrões de fabrico. O resto, que se aproveita, vai para as estufas de secagem, é cozido em óleo, reduzido a placas compensadas, encurvado sob pressões de muitas toneladas, torneado, entalhado à mão, lixado, envernizado, e «persuadido» de outras maneiras ainda a contribuir com robustez, riqueza de vibração e espírito para a fina percussão das cordas de aço.

O fundador da casa Steinway foi o alemão Heinrich Engelhard Steinweg, que em 1850 emigrou para os Estados Unidos acompanhado de cinco filhos e uma filha. Logo que se instalou na América, passou a chamar-se Henry E. Steinway e começou a fabricar pianos. Introduziu importante inovação na sua indústria, ao conjugar a estrutura de uma só peça de ferro fundido com cordas em dois planos superpostos, o que veio revolucionar completamente o traçado dos pianos. Artistas europeus da categoria de Liszt, Wagner e Berlioz escreveram palavras de entusiástico louvor a esse piano, que veio rasgar horizontes até então desconhecidos, em tonalidade, volume e brilho. As gerações seguintes desenvolveram novos tipos de caixa de har-

monia, aceleraram o jogo da mecânica e introduziram outros aperfeiçoamentos que ajudaram a reforçar a reputação da casa Steinway como a predileta dos grandes concertistas.

Parece estranho que uma empresa com tradições de aptidão técnica tão pachorrenta no fabrico de pianos, pudesse adaptar-se utilmente às atividades industriais da guerra: mas o fato é que, durante o recente conflito mundial, a sabedoria tradicional dessa família, no tratamento de madeiras e aplicação de colas, foi sem demora aproveitada e canalizada para a produção de milhares de asas e caudas de planadores de madeira compensada, para a Força Aérea norte-americana. Os campos da Holanda e da França ainda hoje estão juncados de muitos estilhaços de madeira que fora outrora destinada à fabricação de pianos.

O nome Steinway está de tão longa data associado, no espírito da maioria das pessoas, ao mundo pianístico, que aos membros dessa família se têm confiado os encargos mais inesperados. Quando o cantor Nelson Eddy estava em Cartum, em 1943, em *tournée* pelos acampamentos das tropas aliadas, o piano dele, que ia carregado na cauda de um caminhão largado a toda a velocidade, soltou-se, caindo na estrada, e ficou danificado. Ocorreu a alguem que havia um tenente Steinway na unidade local da Força Aérea, e foram chamá-lo na esperança muito vaga de que ele entendesse alguma coisa de pianos. O tenente, cujo primeiro nome era John, disse que sim, e que daria uma vista de olhos ao piano. Quando chegou a hora do concerto, essa noite, o oficial, que era bisneto do fundador da casa Steinway, tinha posto novamente o piano em condições de acompanhar o cantor.

Caixa de surpresas

UM HABITANTE de Belfast, na Irlanda do Norte, onde o vestuário é racionado estritamente, fez uma viagem a Dublin, no sul da ilha, onde não há racionamento para nada. Adquiriu, muito contente, um terno, sapatos, chapéu, meias, uma gravata, e até roupa de baixo. Colocou tudo na mala e entregou-a a um carregador para que este a levasse à estação, pouco antes da saida do trem para Belfast. O seu plano consistia em vestir a roupa nova no lavatório do trem e desfazer-se da velha, afim de que os agentes da Alfândega, em Belfast, nada tivessem a opor.

Depois de receber a mala, na hora aprazada, trancou-se no lavatório, despiu-se completamente e atirou a roupa velha pela janela. Só então descobriu que a mala não continha mais do que um maço de jornais e uma lista de telefones!

—Dan T. Moore, Jr.

Flagrantes da vida real

QUANDO tia Matilde foi passar uns dias conosco, no Ohio, levâmo-la, um domingo, para conhecer a Fazenda Malabar, pertencente ao escritor Louis Bromfield. Havia umas 500 pessoas visitando os estábulos-modelo e os rebanhos leiteiros. Bromfield, com um casaco bem surrado, calças velhas e um chapéu de aba larga, fez uma exposição aos visitantes sobre interessantes questões agrárias. Convidou-nos, depois, para uma excursão até o topo de uma colina de onde se podia admirar a belíssima vista do vale e da represa.

No caminho de casa, perguntei a tia Matilde o que mais a havia impressionado. Os olhos dela brilharam: «Aquele furo nas calças do sr. Bromfield,» respondeu ela.

—I. R.

NO TREM subterrâneo de Nova York, um menino, de ar melancólico, sentou-se no banco em frente ao meu. Trazia nos braços um cachorro envolto em ataduras; o quadro era dos mais comoventes.

—Que é que há contigo, meu filho? perguntou, com sua voz forte, um corpulento passageiro, cujo uniforme revelava seu ofício de chofer de caminhão.

—Meu cachorro está doente, respondeu o menino. —Como não temos dinheiro para pagar o veterinário, papai disse que eu tenho de levá-lo para a Sociedade Protetora dos Animais. E ouví dizer que se a doença for muito grave, eles matam o cachorro!

O homenzarrão olhou à volta.

—Pessoal, precisamos ajudar o menino. Com alguns niqueis poderemos deixar o garoto alegre e feliz.

Jogou alguma coisa dentro do chapéu e pôs-se a estendê-lo aos demais passageiros. Minutos depois, o menino descia do trem radiante, com o bolso a tilintar de moedas, cheio de esperança de salvar o seu querido e inseparavel companheiro.

—B. C.

UM DIA, a caminho das montanhas, minha esposa e eu paramos para apreciar uma exposição de tapetes coloridos, num barracão à margem da estrada. Numa cadeira de balanço, avistamos uma velha, descalça, com um vestido de algodão desbotado e um cachimbo, desses feitos de espiga de milho.

—Que espécie de fumo a sra. usa? perguntei.

A velha tirou o cachimbo da boca e sorriu.

—Para lhe dizer a verdade, meu filho, eu não fumo. Isto é só para dar côr local.

—I. S. Q.

seminado confusão na retaguarda das linhas norte-americanas na Normandia e, sob ameaça de assassinato, tinham forçado o Estado-Maior do general Eisenhower a manter o irado supremo comandante das forças aliadas virtualmente prisioneiro em seu próprio Quartel General, durante dez dias.

Mais de um ano antes, com menos de 50 homens, ele arrebatara Mussolini a uma guarda de 400 italianos, no pico de uma montanha, deixando o Duce tão surpreso quanto radiante. Esse rapto, levado a efeito com planadores e aviões pequenos, permitiu a Mussolini estabelecer um novo governo no norte da Itália e contribuiu para que os alemães prolongassem a resistência. O ditador italiano presenteou-o com um relógio de pulso, trabalhado; Hitler lhe deu a Cruz de Cavaleiro... e outras missões delicadas.

Em outubro de 1944, espiões alemães haviam informado que o almirante Nicholas Horthy, regente da Hungria, estava para renunciar à sua aliança com Hitler e se unir a Stalin. Skorzeny escalou o muro do castelo de Horthy, verificando então que o almirante fugira depois de irradiar a rendição de seu país. Alguem revelou o esconderijo de Horthy e, enquanto os russos procuravam forçar os portões, Skorzeny levou-o cativo para Munique. Na Iugoslávia, Skorzeny ajudara a impedir que Mihailovitch e Tito se unissem contra os alemães. Foi depois do incidente com Horthy que Hitler entregou ao seu homem de confiança a missão que viria coroar-lhe a carreira. O Fuehrer estava planejando um último e frenético golpe, uma estratégia de desespero. Contra a frente norte-americana, na acidentada região das Ardenas, fracamente guarnecida afim de poupar tropas para serem usadas em outros ataques, ele iria lançar suas últimas reservas estratégicas, encabeçadas por divisões blindadas de elite. Essas unidades avançariam para o norte, cercariam metade das tropas norte-americanas, inglesas e canadenses que se achavam na Europa, e se apoderariam dos seus enormes suprimentos bem como do seu melhor porto—Antuérpia. Segundo esperava Hitler, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha ficariam, assim, paralisados por tempo suficiente para que os alemães produzissem bombas V, aviões de propulsão a jacto e submarinos de novo tipo em quantidade capaz de assegurar-lhe a vitória final, apesar dos reveses já sofridos.

«Existe, porem, um obstáculo,» confessou Hitler secretamente a alguns de seus auxiliares. «Como tomaremos as pontes sobre o Mosa de maneira que nossas divisões blindadas o possam cruzar?... Ah, já sei! Tragam aqui o Skorzeny!»

Em uma sala secreta, onde se discutiam planos de guerra, no dia 22 de outubro, o Fuehrer—apresentando ainda contrações dos músculos faciais em consequência da explosão da bomba com que em julho pretenderam tirar-lhe a vida—confiou a Skorzeny seu audacioso estratagema. Skorzeny teria que escolher, entre as forças armadas, um destacamento especial

composto de 2 mil indivíduos destemidos, todos capazes de falar inglês. Eles usariam fardas de norte-americanos prisioneiros ou mortos, e seriam enviados para as linhas ianques como espiões, sabotadores e disseminadores de notícias tendentes a destruir o moral das tropas. A eles competiria tomar as pontes sobre o Mosa e garantir a passagem do grosso das tropas. Skorzeny tinha de estar pronto para agir em menos de dois meses.

Skorzeny reuniu os seus homens em Friedenthal (Vale da Paz!), perto de Oranienburg, e os familiarizou com o equipamento, as armas, as formações, a hierarquia e os costumes dos norte-americanos. «Não sejam demasiado marciais,» ordenou ele. «Nada de batida de calcanhares.» Dando-lhes cigarros norte-americanos, ensinou aos subordinados como acendê-los à maneira dos ianques. Receberam cartões de identidade do Exército ianque, dinheiro americano e até cartas e fotografias dos Estados Unidos. A operação foi cognominada de «*Greif*», ou seja, «Grifo», o animal mitológico.

Mas a operação não podia permanecer totalmente secreta. O Serviço de Informação do Primeiro Exército Norte-Americano interceptou uma ordem para que os soldados alemães que falassem inglês se apresentassem a Skorzeny. Conhecida, como era, a reputação deste, o coronel americano Benjamin A. Dickson fez uma comunicação, em 10 de dezembro, na qual declarava: «A ordem é obviamente um presságio de operações especiais de sabotagem, ataques a centros de comando e outras instalações vitais, por especialistas infiltrados nas fileiras ou lançados em para-quedas.» E acrescentou: «Um prisioneiro inteligente, cujas declarações coincidiram perfeitamente com fatos apurados, informou que se estão coordenando todos os meios possiveis para uma grande contra-ofensiva que se avizinha.»

Oficiais de alto posto, do Serviço de Informação dos Aliados, estavam, porem, em dúvida. Não foram mais enviadas tropas norte-americanas para a frente das Ardenas. E no dia 16 de dezembro os nazistas atacaram.

Enquanto 17 divisões alemãs, a que se seguiram mais 12, avançavam destruidoramente na batalha que se tornou uma das maiores da guerra, milhares de canhões alemães abriam caminho através das acidentadas Ardenas, então envoltas em neve. Entrementes, os «americanos» de Skorzeny, em *jeeps* americanos capturados, agiam livremente. Fazendo, para as unidades alemãs, sinais combinados, como o erguer de capacetes ou o piscar de lâmpadas de bolso com luz colorida, eles trafegaram pela agitada frente norte-americana, localizando pistas de aterrissagem de aviões e depósitos de suprimentos e explorando as vias por onde os reforços norte-americanos lutavam para alcançar o seu destino. Isso contribuiu para que a artilharia alemã infligisse pesadas perdas ao adversário. Os sabotadores obstruiram as estradas com troncos de árvores, arrebentaram fios de telefone, atrapalharam o tráfego, trocando as placas indicativas e, com a remoção de avisos

dos campos minados, destruiram caminhões. Um deles, envergando a farda da polícia militar norte-americana, postou-se numa encruzilhada e fez sinal a um regimento ianque indicando o caminho errado.

A princípio, poucos americanos se aperceberam de que entre eles havia inimigos disfarçados, agindo de maneira tão nociva. Mas no dia 18 de dezembro, em Aywaille, na Bélgica, a polícia militar interrogou três soldados que não conheciam a senha. Possuiam documentos segundo os quais eles pertenciam à Quinta Divisão Blindada e contaram histórias muito persuasivas, mas «eram excessivamente corteses». Isso foi o bastante para os levar a depender da misericórdia do tenente Frederick Wallach, ex-juiz alemão, evadido de Dachau e encarregado de interrogar os nazistas capturados pelo Primeiro Exército Norte-Americano. A estratégia que ele adotou consistiu em censurá-los por não terem vergonha de usar outro uniforme que não o do Exército Alemão. O truque surtiu efeito. «A história que eles contaram corrobora aquela ordem capturada,» Wallach relembrou aos seus superiores. Para muitos dos oficiais ianques, porem, o plano parecia «fantástico demais». Em breve, oficiais da Contra-Informação deram com um rádio e um código alemães em um *jeep* recapturado, e radiotelegrafistas norte-americanos ouviram tripulantes de *jeeps* enviar relatórios de danos infligidos a coberto de uniformes norte-americanos.

Isso motivou uma colossal caça a espiões. Soldados da polícia militar norte-americana e do Serviço de Contra-Informação, sempre que desconfiavam da nacionalidade dos tripulantes de *jeeps* e outros veículos, encostavam-lhes o cano do fuzil nas costelas e faziam-lhes uma série de perguntas corriqueiras, mas que só podiam ser respondidas com acerto por quem tivesse morado nos Estados Unidos. Alguns motoristas, amedrontados pelas perguntas, denunciavam-se involuntariamente, procurando acelerar o carro; outros, tentando varar as barreiras das estradas.

No dia 19 de dezembro, agentes da Contra-Informação descobriram dois supostos segundos-tenentes ianques em um *jeep* observando a passagem de reforços americanos. Inquiridos, exibiram atestados de vacina e medalhas de identificação, contando minuciosas histórias de sua vida militar. Tinham sido treinados, disseram eles, em Camp Hood. Quase satisfeito, um dos agentes perguntou:

—Já estiveram no Texas?

—Não, nunca, respondeu um dos alemães.

—Mãos ao alto! bradou o agente, puxando a pistola. —Camp Hood é no Texas!

Em Liége—num cruzamento do rio Mosa, um dos objetivos especiais de Skorzeny—tripulantes de um *jeep* arrojadamente indagaram onde ficava o quartel general da Zona de Comunicações. Instantaneamente, os homens se viram rodeados por soldados da polícia militar fortemente armados. Wallach foi chamado para aplicar a

técnica da «vergonha» a um tenente recem-capturado. Este em breve passou a dar nomes, descrevendo todos os oficiais de Skorzeny e fornecendo pormenores: a 150ª Brigada Panzer, tambem sob o comando de Skorzeny, usando tanques americanos, estava se fazendo passar por tropas ianques em retirada até que pudesse apoderar-se das pontes sobre o Mosa.

Levado ao quartel do Primeiro Exército para novo interrogatório, o tenente começou por dizer que contara tudo quanto sabia.

«Muito bem,» responderam-lhe. «Vamos levá-lo ao Comissário.»

Como a maioria dos alemães, o tenente tinha pavor dos russos e, diante de um gigante em uniforme do Exército Vermelho que lhe fazia perguntas em alemão com sotaque estrangeiro (pois era norte-americano), empalideceu, confessando com voz rouca: «Queremos pegar Eisenhower tambem. Skorzeny e outros farão o papel de oficiais americanos conduzindo generais alemães capturados para o Supremo Quartel General em Versalhes, afim de serem interrogados. Eles viajarão em automoveis americanos. Uma vez lá dentro do quartel-general, voltarão as armas para os membros do Estado Maior, e Eisenhower será raptado ou morto pelo próprio Skorzeny.»

A história podia ser pura invenção, mas o Supremo Quartel General das Forças Expedicionárias Aliadas (SHAEF), conhecendo Skorzeny, achou mais prudente acautelar-se. O Hotel Trianon e outros edifícios que alojavam o SHAEF foram cercados de arame farpado, tanques e quase mil soldados e elementos da polícia militar bem armados. Estes, nas estradas, examinavam os passes em pontos distantes e «saudavam» com interrogatórios e metralhadoras todos os que se aproximavam. Cinco agentes da Contra-Informação estavam encarregados de exigir que todos os visitantes de Eisenhower fossem identificados por um ajudante de ordens. O general mudou-se para uma casa no mesmo conjunto murado, cujas portas, janelas e teto estavam sob contínua vigilância. Por vários dias ele não saiu de casa, pois a Contra-Informação receava que atiradores inimigos o alvejassem de longe. Mas seu espírito ativo acabou por se rebelar e ele exclamou: «Às favas tudo isso! Eu vou dar uma volta!» Atendeu, porem, aos pedidos do seu Estado-Maior quando soube que, se não ficasse dentro de casa, os seus auxiliares imediatos destacariam, para protegê-lo, ainda mais soldados, tão necessários em outros setores da luta.

Entrementes, na Normandia, cerca de 50 tanques norte-americanos da 150ª Brigada Panzer haviam pegado de surpresa um batalhão blindado americano e liquidado metade dele. «Nossos próprios tanques estão atirando contra nós!» correu o alarme. Foram então destacados alguns soldados da polícia militar com instruções de comunicar qualquer movimento de tanques não estabelecido no plano de operações. Foi suspenso o tráfego no Rio Mosa, ambas as margens passaram

a ser patrulhadas e quem quer que tentasse atravessar o rio era preso e examinado. Por esse meio, foram presos 54 alemães em uniformes aliados ou à paisana.

Disseminando notícias de derrotas, os sabotadores da 150ª Brigada Panzer disfarçada estavam a ponto de atingir a última linha de defesa norte-americana avançada sobre o Mosa. Em Malmédy, Skorzeny encontrou a artilharia americana pronta para entrar em ação. Assim, antes de atacar, mandou soldados a pé para indagarem dos artilheiros quantas peças tinham, e de que espécie eram. Os espertos artilheiros agarraram os impostores, e os canhões deram a resposta. Os tanques americanos roubados foram destruidos e de suas ruinas foram retirados numerosos alemães, mortos e vivos, todos com fardamento americano.

O Primeiro Exército começou no dia 22 de dezembro a julgar os sabotadores em um tribunal militar. As alegações que faziam em sua defesa podiam ser assim resumidas:

Oficial: «Eu cumpro ordens. Se me mandassem atirar em minha mãe, eu atiraria.»

Soldado: «Pela mãe-pátria praticamos até mesmo os atos mais vis.»

Todos foram condenados por terem violado as leis de guerra ao usarem uniforme do inimigo atrás de suas linhas, para ludibriá-lo e praticar atos de espionagem e sabotagem. A sentença de morte foi executada em Henri Chapelle, na Bélgica, por um pelotão de fuzilamento.

Ninguem sabe quantos participantes da «Operação *Greif*» morreram em batalha, mas é certo que uns 130 foram executados após julgamento. A Contra-Informação do Primeiro Exército divulgou os seus nomes pela Rádio Luxemburgo, com detalhes sobre a «Operação *Greif*» e uma descrição dos oficiais ainda não capturados, especialmente Skorzeny. O corpulento austríaco chegou tão perto do campo de luta, que um fragmento de granada o feriu. Ele aguardava uma oportunidade de levar avante o que restava de sua 150ª Panzer, em sua missão de engano e morte. A irradiação foi a prova final de que a oportunidade lhe havia escapado. Relutantemente, Skorzeny disse aos seus desesperados colaboradores que tirassem os uniformes ianques. A «Operação *Greif*» estava *kaput*, fracassara.

SKORZENY agora representava um papel velado, porem importante, na missão de tornar o avanço aliado na Alemanha lento e oneroso. Como Chefe de Sabotagem do Serviço de Informação dos nazistas, semeava agentes secretos em todos os lugares de onde os alemães estavam prestes a retirar-se. Em acantonamentos e quartéis abandonados, eles colocavam explosivos ocultos por engenhosa camuflagem. Alguns eram de matéria plástica e podiam ser afixados nos cantos dos soalhos ou dos tetos. Havia armadilhas para serem colocadas em pianos, mapas enrolados ou tábuas de privada. Outras, assemelhando-se a pequenas pedras, seixos e até mesmo estrume, eram espalhadas pelas rodovias para

fazer explodir os caminhões. Uma das últimas coisas que Skorzeny fez foi desenhar e distribuir as cápsulas de veneno com as quais alguns figurões nazistas, inclusive Goering e Himmler, se suicidaram.

Quando Skorzeny se entregou às autoridades norte-americanas, disse que nunca pretendera, realmente, matar Eisenhower. Aquilo não passara de um plano que havia engendrado para entusiasmar os seus homens. Ele sabia que alguns seriam capturados, contariam a história e, assim, aumentariam a confusão. Com polidez, mas sem a menor hesitação, ele declarou: «Se eu o tivesse planejado, teria tentado; se tivesse tentado, teria conseguido.»

Ante um tribunal de 9 oficiais, em Dachau, a promotoria retirou algumas acusações, inclusive a implicação no famoso massacre de prisioneiros americanos em Malmédy. O incansavel ludibriador jurou que muitos outros soldados alem dos seus auxiliares, inclusive ingleses e russos, haviam usado uniformes inimigos, e que ele recomendara aos seus homens que usassem o disfarce para penetrar nas linhas norte-americanas, mas que despissem a farda antes de dar o primeiro tiro. No dia 8 de setembro de 1947, o tribunal, depois de somente duas horas e meia de sessão, pôs em liberdade Skorzeny e sete de seus ajudantes.

«Tive um julgamento leal,» disse Skorzeny, «e não fui fisicamente maltratado, embora me tenham feito passar 22 meses na solitária. Minha única reclamação é que alguem libertou... o relógio que Mussolini me deu.»

Como oficial da S.S., Skorzeny agora enfrentaria um tribunal alemão de desnazificação. Em sua prisão, na Alemanha, recebeu dos Estados Unidos cartas de admiradores, inclusive oferecimentos de auxílio, provavelmente em consequência dos artigos publicados pela imprensa a respeito de sua absolvição, o que provocou um sentimento de pena em alguns espíritos no outro lado do Atlântico.

Na manhã de 25 de julho de 1948, seu carcereiro, alemão, descobriu que ele tinha fugido.

«Esse homem tem muitos seguidores que estão em liberdade,» disse, enraivecido, seu promotor, o coronel Alfred J. Rosenfeld. «Acredita-se que eles tenham organizado um movimento clandestino e estejam esperando que Skorzeny assuma a chefia. Ele é o homem mais perigoso da Europa.»

O belo gigante de cicatriz no rosto, tão facilmente reconhecivel, ainda está à solta.

«*Ursada*»

—Veja este urso aquí no chão, prosseguiu o loquaz explorador. —Derrubei-o no Alasca. Foi um desses casos de escolha: ou ele ou eu.

—Claro, bocejou o interlocutor. —Não há dúvida de que o urso dá um tapete melhor.

—*The Wingfoot Clan*

CONTRA A AMIZADE, BUROCRACIA

(*Condensado de «Human Events»*)

Por Frank C. Hanighen

O sr. Karl Stefan, deputado federal nos Estados Unidos, conta um episódio que põe em relevo o contraste entre a humana inteligência do povo e a deshumana estupidez da burocracia.

A história começa realmente na própria circunscrição eleitoral do sr. Stefan, no Nebrasca. No ano passado, a cidade de Bloomfield decidiu «adotar» a cidade alemã de Kamen, no Ruhr, e lhe enviar, caridosamente, alimentos, dinheiro e outros donativos. Quando o sr. Stefan estava de partida para a Alemanha, afim de ver de perto a produção industrial, Bloomfield lhe mandou mais mil dólares para gastar em benefício do povo de Kamen.

Em Berlim, o parlamentar foi aconselhar-se com o general Clay, e este lhe sugeriu que gastasse o dinheiro em alimentos. O sr. Stefan, então, empregou os mil dólares na compra de pacotes de alimentos vindos dos Estados Unidos por intermédio da organização CARE.

Quando ele e sua senhora chegaram a Kamen, foram recebidos alegremente por uma enorme multidão. Herr Rissel, prefeito da cidade, conduziu-os até a Câmara Municipal onde se achavam reunidas as pessoas mais importantes do lugar. Um clube infantil de canto entoou uma canção em inglês e um grupo de meninas ofereceu ao casal Stefan um album de vistas da localidade. O sr. Stefan disse algumas palavras de agradecimento.

O prefeito manifestou a gratidão de Kamen à cidade de Bloomfield pela generosa oferta de alimentos. Sendo deficiente a ração diária de 1.800 calorias, que vinha sendo consumida, os pacotes de alimentos dariam aos habitantes de Kamen mais vigor para o trabalho.

«Se ao menos...» começou o prefeito, e hesitou. Havia uma coisa que ele não podia entender: o orgulho de Kamen era uma fábrica de rodas para vagões de carga; o material era muito necessário não só para o reparo das redes ferroviárias da Alemanha, tão gastas, como tambem para a exportação, afim de contrabalançar as despesas da importação de alimentos. No entanto, declarou com tristeza o prefeito, as autoridades de ocupação nas zonas britânica e norte-americana haviam decretado que a fábrica de rodas fosse desmontada, em cumprimento do plano geral de desmonte das fábricas. Era uma pena, porque os operários de Kamen perderiam seus empregos e a oportunidade de contribuir para o custeio da sua própria alimentação. O prefeito, muito delicadamente, sugeriu que tal situação precisava ser corrigida, e com isso concordou o sr. Stefan, que fora à Alemanha para verificar como se poderia dar impulso à produção industrial do país.

J. Robert Oppenheimer, alem de ser o homem que dirigiu a produção da bomba atômica, é um prodígio em outros domínios

O ETERNO APRENDIZ

(*Condensado de «Time»*)

O Instituto de Altos Estudos, de Princeton, em Nova Jersey, vai-se tornando cada vez mais conhecido dos físicos como lar de um autêntico herói contemporâneo da sua especialidade: o dr. J. Robert Oppenheimer, presidente da Sociedade Norte-Americana de Física, chefe do grupo de consultores técnicos da Comissão da Energia Atômica do governo norte-americano, e sem dúvida um dos maiores físicos teóricos do mundo. Para os leigos ele é o homem que dirigiu a produção da bomba atômica. Oppenheimer, que hoje tem 44 anos, é, desde 1947, diretor do Instituto—que, aliás, não se dedica à manufatura de bombas atômicas, muito embora os documentos referentes à energia atômica aferrolhados no seu cofre estejam dia e noite sob a vigilância de guardas armados.

Aferido pelos padrões mais exigentes, J. Robert Oppenheimer é um homem culto; mas sua insaciavel exigência o leva a julgar-se um «aprendiz» para quem o ofício ainda guarda muitos segredos. Seu pai, Julius, era um imigrante alemão, judeu, caloroso e expansivo, que ganhou muito dinheiro em Nova York, na importação de lanifícios; os Oppenheimer possuiam uma casa de campo e um apartamento de nove quartos banhados de sol, num bairro aprazivel da metrópole, com três originais de Van Gogh pendurados no salão. Julius babava-se por esse filho, levou-o quatro vezes à Europa, e só fazia questão de uma coisa: que o rapaz fosse «uma pessoa decente».

A sra. Oppenheimer era bondosa, mas severa. Naquela casa podia-se ter um pensamento impróprio ou rude, mas nunca era permitido externá-lo. Falando do passado, diz Robert: «Minha infância não me preparou para as coisas cruéis e amargas da vida.» Ele guarda, do rapazinho que era então, a desagradavel lembrança de um

«menino melífluo, repulsivamente bom».

À data em que recebeu o seu diploma da Escola de Cultura Ética, em Nova York, Robert era capaz de ler latim sem dicionário, já devorava Platão em grego antigo, compusera sonetos em francês, e manuseara tratados sobre a luz polarizada. Um colega desse tempo recorda que, enquanto as conversas dos rapazes se mantinham num plano intelectual, Robert se sentia à vontade; mas, quando se encontrava envolvido em prosa trivial, ficava apático, «como se estivesse morrendo de fome ou de sede». O jovem estudante disse um dia a um professor: «Sou o homem mais solitário do mundo.»

Quem pela primeira vez introduziu Robert em um laboratório, foi Augustus Klock, professor da referida Escola de Cultura Ética. O velho Julius—que já então começava a considerar o filho como uma espécie de instituição—conseguiu que Klock desse ao rapaz um curso intensivo de química. Robert completou em um mês e meio o programa de trabalho de um ano, o que levou Klock a comentar mais tarde: «Ele era tão brilhante, que nenhum professor, por muito que o quisesse, poderia tê-lo impedido de adquirir cultura.»

Durante todos esses anos nada lhe faltou, por muito caro que fosse, inclusive uma chalupa de 8 metros de comprimento, que ele batizou com o nome de *Trimethy*, formado com as primeiras sílabas de «trimethylene chloride». O seu maior prazer era navegar quando o vento encapelava as águas.

Sede de saber. Veio depois a Universidade de Harvard com a sua Biblioteca Widener, o que constituiu, no dizer de Oppenheimer, «o período mais estimulante de minha vida». Leu Dante em italiano, estudou chinês, mergulhou na filosofia e na matemática. Durante o terceiro ano tirou seis cursos e acompanhou outros quatro (quando a quota normal são cinco apenas). Gostava de fazer exames—da «nitidez e excitação» que os acompanham—e saía sempre entre os primeiros classificados. Um dos ditos de Oppenheimer tornou-se lendário em Harvard: «Fez tanto calor hoje, que a única coisa que fui capaz de fazer durante a tarde inteira, foi ficar deitado lendo a *Teoria dinâmica dos gases*, de Jeans!»

Em Harvard, Oppenheimer fez-se «aprendiz» de dois grandes mestres: o físico Percy Bridgman e o filósofo Alfred Whitehead, hoje falecido. Já tinha feito então esta importante descoberta: a melhor maneira de aprender, é encontrar a pessoa com quem se pode aprender.

Depois das horas de estudo, a conversação, na casa de Bridgman, percorria uma vasta gama de assuntos, dando ensejo a que Oppenheimer exibisse uma erudição por vezes irritante. Um dia, por exemplo, Bridgman identificou certa estampa como sendo a de um templo de Segesta, na Sicília, construido cerca de 400 anos antes de Cristo; Oppenheimer, sem tardar, corrigiu o mestre: «A julgar pelos capitéis das colunas, acho que foi edificado 50 anos antes disso!»

Ao fim de três anos, colou grau com distinção e louvor. No dia em que fez 21 anos, o pai lhe deu uma apreciavel quantia. Mas, havia pouco tempo, Robert lhe dissera: «Meu futuro é capaz de ser bem diferente do que você esperava.» O velho Julius não se preocupou.

Robert partiu para a Inglaterra, onde ia estudar com Lord Rutherford e Sir J. J. Thomson, da Universidade de Cambridge. Alí conheceu pessoalmente alguns dos maiores líderes da física—homens como Max Born, Paul Dirac e Niels Bohr. «A teoria dos *quanta* acabava de vir à luz. Foi uma época das mais empolgantes da física. Entrar naquele mundo era penetrar num reino encantado...»

Born o convidou para ir a Göttingen, onde ele conquistou, aos 23 anos, o grau de Doutor em Filosofia, vinte dias após ter-se matriculado. A tese de Oppenheimer era um trabalho brilhante sobre a mecânica dos *quanta*. Depois do exame oral, um colega perguntava ao físico James Franck que tal se portara o estudante, ao que ele respondeu: «Conseguí escapulir mesmo a tempo. Imagine que ele já estava começando a me fazer perguntas!»

Para o Oeste, rapaz! Oppenheimer retornou à pátria (após novos cursos em Leiden e Zurique) devastado por uma tosse pertinaz. Os médicos temeram a tuberculose, e aconselharam que ele fosse para o Oeste. Chegado ao Novo México, Oppenheimer arrendou um sítio, o *Perro Caliente*, perto de Santa Fé. Com um chapéu de aba larga na cabeça e uma barra de chocolate no bolso, gostava de cavalgar seus bons 60 quilômetros ao dia, por montes e vales, explorando a Serra Sangue de Cristo até ao cume. À noite, lia Baudelaire, à luz do lampião de querosene, mordiscando alcachofra e bebendo *Kirschwasser* de boa qualidade... Inventou por essa época um complicado jogo de tabuleiro, servindo-se dos desenhos geométricos de um tapete mexicano.

Em 1928, o Instituto de Tecnologia da Califórnia era um dos melhores centros de física do mundo. Tanto essa instituição como a Universidade da Califórnia queriam Oppenheimer, e ele conseguiu a maneira de ficar oscilando como um pêndulo entre as duas instituições. Em 1939, havia 25 estudantes de tempo integral na Universidade da Califórnia que preparavam suas teses sob a direção de Oppenheimer. No segundo semestre letivo, quando seguia para o sul, afim de reger o seu curso periódico no Instituto de Tecnologia, muitos dos alunos o acompanhavam. No percurso de automovel até Pasadena, paravam de vez em quando, para se entregarem a debates científicos, à beira da estrada.

É bom professor porque nunca deixou de ser estudante, e nunca deixaria de sê-lo. Nas horas de seminário ele lia sempre em voz alta alguma carta de um físico eminente seu amigo, inglês ou dinamarquês, ou comentava um boletim de física ainda cheirando à

tinta de impressão de alguma tipografia japonesa. Iniciados assim nas mais recentes notícias dos bastidores da física, seus estudantes se sentiam na vanguarda do saber novo.

Adquiriam tambem um pouco da intolerância do mestre em relação ao raciocínio barato, um pouco da sua apreensão intuitiva das dificuldades. Robert Millikan, prêmio Nobel de física, diz: «Oppenheimer criou na Califórnia uma excelente escola de física teórica, e os seus discípulos são hoje líderes da física moderna.»

Na Universidade, Oppenheimer não perdeu tãopouco a ocasião de fazer novo aprendizado, desta vez com o maior sanscritólogo do tempo, o professor Arthur Ryder, hoje falecido. Durante os longos serões do inverno, Ryder ensinava o físico a decifrar as escrituras sagradas dos hindús, e assim este aprendeu sua 8ª língua, o sânscrito. Oppenheimer ainda hoje as lê, para seu «próprio prazer», e por vezes para edificação dos amigos. Tem ele em particular estima este versículo: «a erudição é menos do que o bom-senso; procura pois a inteligência».

Coquetéis incendiários. Outras vezes, à noite, Oppenheimer reunia um grupo de estudantes diletos, e levava-os no seu carro amplo e veloz a cear regaladamente em um restaurante de S. Francisco. Nesses ágapes a conversa era sempre barata, e a comida sempre cara; mas era Oppenheimer quem pagava a conta... Conversador mais fluente agora do que nos tempos da timidez antiga, belo tipo de homem e celibatário, era muito disputado para jantares e outras reuniões sociais. Oferecia jantares só para solteiros, em que servia aos amigos os apimentados pratos mexicanos que ele próprio preparava, e coquetéis incendiários misturados com o rigor de uma fórmula química.

Depois desses festins, que acabavam tarde, ficava muitas vezes o resto da noite trabalhando em algum problema complicado. Uma vez, tendo convidado uma aluna da Universidade a dar um giro pelas colinas dos arredores, sentiu de repente a imperiosa necessidade de solucionar um problema de física, pulou do automovel para espichar as pernas e, a dada altura, embrenhou-se no bosque, desaparecendo no escuro da noite. Em outra ocasião, encorajado pelos coquetéis da sua própria lavra, resolveu telefonar a uma conhecida: só então reparou que não se lembrava do nome dela, e só se recordava de que o número da casa era uma potência de sete...

Oppenheimer, então com 35 anos, conheceu uma moça de nome Katherine numa festa em Pasadena, em 1939. Alemã de nascimento, morena e franzina, ela se especializara em fisiologia vegetal. Um ano depois, Katherine e Robert se consorciaram. Oppenheimer, referindo-se à revolução subsequente nos seus hábitos de cientista celibatário, diz que o casamento o forçou a levar uma vida mais metódica.

Com efeito, a esposa obrigou-o a mandar passar a ferro os ternos uma vez por outra, e persuadiu-o a usar

jaquetas de esporte em cores diversas, alem do seu habitual azul-cinzento. Ele se habituou a comer três refeições por dia e deixou de passar as noites em claro, exceto em ocasiões muito especiais. Oppenheimer, que tem uma teoria para cada coisa, formulou a seguinte regra para a educação de seus dois filhos: «Basta enchê-los de amor, que os frutos não deixarão de aparecer.»

A bomba atômica. Em 1943, o general Leslie R. Groves designou Oppenheimer para diretor do novo Laboratório Científico de Los Álamos. Ele, que nunca havia sequer sido chefe de um departamento de física, viu-se de uma hora para outra feito gerente supremo duma empresa no valor de 60 milhões de dólares, onde trabalhavam 4.500 pessoas, entre as quais se contavam físicos tão eminentes como Enrico Fermi e Niels Bohr. Mas Oppenheimer sabia pôr todos em intensa atividade, trabalhando ele próprio, às vezes, 20 horas por dia. Homem de 1,80 m de estatura, seu peso caiu para 52 quilos.

A 16 de julho de 1945, a experiência realizada no deserto do Novo México veio rematar aqueles arrastados meses de trabalho em Los Álamos. O general de brigada Thomas F. Farrell, que estava observando o cientista quando a bomba rebentou, relata: «A sua tensão aumentou visivelmente com os últimos segundos de expectativa. Mal respirava. Para se manter equilibrado, apoiou-se a um poste. Quando o locutor bradou *Agora!* e se viu aquela tremenda explosão de luz, seguida do fragor profundo da detonação, o rosto dele distendeu-se em uma expressão de enorme alívio.» Oppenheimer recorda que, nesse instante, lhe atravessaram a mente duas linhas das escrituras hindús: «Transformei-me na morte, a destruidora dos mundos.»

Sentimento de culpa. Los Álamos e suas consequências deixaram-lhe um «legado de preocupação». Como que para expiar esse sentimento de culpa, Oppenheimer lançou-se de corpo e alma na campanha a favor da regulamentação internacional da energia atômica. Foi nomeado para o comitê de sete membros que devia sugerir ao governo dos Estados Unidos a política a seguir de futuro a tal respeito. A Oppenheimer se devem muitas das idéias incorporadas no Relatório Acheson-Lilienthal, e grande parte da redação do documento, no qual se preconizava uma autoridade internacional para fiscalizar o desenvolvimento da energia atômica. «Robert é o único gênio autêntico que conheço,» afirma Lilienthal.

A um reporter que lhe perguntou quais eram as «limitações» da bomba, Oppenheimer retorquiu sagazmente: «As limitações consistem em que nenhum de nós quer ficar do lado onde ela cai.» Ainda está convencido de que é indispensavel organizar um programa internacional, e pelas razões mais francamente egoistas: «O monopólio atômico dos Estados Unidos é como um bloco de gelo derretendo ao sol.»

A árvore da ciência. Após Hiroxima, alguns físicos japoneses mandaram mensagens a Oppenheimer e a outros «colegas» norte-americanos, congratulando-se com eles pelo «excelente trabalho» que haviam realizado na desintegração nuclear. Para Oppenheimer isso nada tinha de extraordinário: o fato apenas ilustrava o carater internacional da ciência.

A física de guerra, acorrentada, já não era realmente ciência, afirmou ele perante um comitê de investigação do Senado dos Estados Unidos, em 1945: «Os fatos essenciais foram aprendidos em 1890, 1905 e 1920... e o que nós fizemos foi muito simplesmente pegar nessa árvore, coberta de frutos maduros, e sacudí-la com força, para dela cairem o radar e a bomba atômica.»

O melhor veículo. Diretor do Instituto de Altos Estudos, Oppenheimer vê nele uma espécie de «hotel intelectual» para pensadores que se achem de passagem, e ninguem pode prever qual será o próximo. Os cientistas exilados foram sempre bem acolhidos alí. E Oppenheimer observa: «A melhor maneira de divulgar o conhecimento é confiá-lo a um cérebro humano.»

Homenagem a Garcia

O SR. LEWIS DOUGLAS, Embaixador dos Estados Unidos na Grã-Bretanha, conta a seguinte história:

«O homem mais extraordinário que conhecí foi um mexicano pobre. Quando eu era menino, meu pai possuia uma pequena mina de cobre, nas proximidades de Nacozari, no norte do México. A única ligação da mina com a pacata cidade de 4 mil habitantes era uma estrada de ferro de bitola estreita. Jesús Garcia, alto e belo maquinista da estrada, era o meu ídolo. E ainda continua a sê-lo. Sua tarefa consistia em transportar os homens, com suas ferramentas e explosivos, até à mina, trazendo, de volta à cidade, o cobre extraido.

Um dia, depois de ter carregado os poderosos explosivos, parou o trem na estação para um dedo de prosa com os amigos. De repente, um deles exclamou:

—O seu trem está pegando fogo!

Garcia olhou para o trem e disse, imperturbavel, aos amigos:

—Mesmo que não sobre nada de mim, peçam ao padre para não deixar de rezar a missa.

Ato contínuo, correu à locomotiva e pôs o trem em marcha, a toda a velocidade. Minutos depois, uma explosão terrivel sacudiu toda a região.

Não sobrou nada de Garcia nem do trem, mas a cidade de Nacozari estava salva.»

—Mary Cremmen e Diana Mowrer, no *Sunday Times Advertiser* de Trenton, Nova Jersey

O velho franqueiro eludiu seus inimigos durante 15 anos e ludibriou-os até na última cartada

A derradeira fuga

(Condensado de «Rocky Mountain Empire Magazine»)

Por Fred Gipson

Autor de «Fabulous Empire» e «Hound-dog Man»

A TARDE ainda não começara a morrer quando o cavalo de vovô Branch apareceu na estrebaria. Estava enfreado, mas sem o resto dos arreios. Fiquei profundamente alarmado. Que teria acontecido a vovô? Teria rodado e morrido no matagal? Corrí para encilhar o cavalo e sair à procura dos seus restos mortais.

Já então vovô Branch vinha entrando, curvado ao peso dos arreios.

—Traga outro cavalo aí, menino! —Apanhe outra cilha e aquela soga nova que eu trouxe ontem da cidade. Depois, solte o cachorro. Vamos, depressa!

Eu estava morrendo por saber que é que tinha acontecido, mas não era hora de azucrinar vovô com perguntas. Quando voltei, trazendo o cachorro com que dávamos caça ao javalí e aos animais daninhos do matagal, ele já estava ensilhando o alazão.

Não pude conter-me por mais tempo e perguntei:

—Que foi que houve, vovô?

Vovô enterrou ainda mais o chapéu na cabeça.

—É o raio daquele maldito touro! O bandido fugiu de novo!

A pouco mais de um quilômetro da barranca do rio, vovô conseguira aproximar-se do chucro franqueiro que, durante muitos anos, todos os rancheiros da região vinham tentando agarrar ou matar. Vovô laçara-o, mas quando o touro disparou, a cilha que aguentava o laço partiu-se; vovô e a sela voaram por cima das orelhas do cavalo.

É evidente que ele teve de afrouxar o laço. Ninguem, a não ser montado, consegue deter a disparada de um touro.

—Mas com um cachorro para localizar o bicho, e com aquela boa cincha para aguentá-lo, havemos de apanhar o velhaco. Essa gente dos Pelly vai ver se eu já estou velho para os serviços de campo!

Os Pelly, donos da estância vizinha, tinham sido bons amigos de vovô até que um deles, por sinal um dos mais moços, lhe pediu um lugar de capataz. Declarara o jovem que um homem de 75 anos já não servia para as lidas da estância.

Isso ofendeu vovô profundamente. Desde então ele não quis mais saber de conversa com os Pelly.

Agora, balançando-se na sela, lá saiu ele a galope. Seguí-o logo atrás enquanto Rex, o nosso cão de caça, nos acompanhava na retaguarda.

Eu cavalgava com entusiasmo cada vez maior. Tinha 15 anos e até então nunca havia ajudado a correr um touro alçado. Ouvira os antigos contar das correrias dos velhos tempos atrás desses animais de chifres enormes, dentro do matagal. Mas esse tipo de gado desaparecera, já porque fora vendido, já porque fora exterminado, para dar lugar a melhores rebanhos. O único exemplar que ainda restava era precisamente o velho franqueiro. Era enorme, com compridos chifres recurvos que mediam de uma ponta a outra mais de metro e meio.

«E não pense que esses chifres são enfeites!» dizia Jim Doughty, um dos vaqueiros da vizinhança, com toda a convicção. Certa vez, Jim, tendo embretado o velho touro contra um barranco, acabou com o cavalo estripado a seus pés. Eram tantos os homens e animais que o touro já golpeara, que os vaqueiros mexicanos não mais saíam em seu encalço.

Numa pequena clareira, vovô apeou do cavalo e chamou o cão. Debruçando-se, mostrou na areia as marcas pontudas dos cascos do touro.

—Procura Rex, intimou. —Agarra ele!

Rex, depois de farejar o rasto uma ou duas vezes, acertou a direção. O rebate dos seus latidos ecoou nas ramagens, bonito que nem sino de igreja.

Vovô montou novamente. Seus olhos negros faiscavam de entusiasmo.

—Agora, menino, olho vivo, que a coisa desta vez não é de brinquedo!

Rex seguiu o rastro, vagarosamente a princípio, mas logo vovô e eu passamos a acompanhar os seus latidos num trote regular. Eu chegava a ouvir a batida de minhas pulsações. Na nossa frente havia um espesso cerrado. De repente, os latidos de Rex tornaram-se mais estridentes e excitados. Ouvimos violentos estalos dentro da macega e logo do outro lado surgiu o bicho. Nas suas pegadas ia Rex, ladrando a mais não poder, com vovô logo atrás, rompendo sulcos no matagal onde antes não existira trilha alguma.

Meu cavalo avançava como uma flexa pelo caminho aberto por vovô. Os arbustos chicoteavam-me o rosto, cegando-me, e por alguns segundos, assustado, fechei os olhos. Um galho seco veio bater com violência nas minhas costelas, restituindo-me à razão. A menos que se queira rebentar os miolos, não é de olhos fechados que se anda no matagal atrás de gado chucro.

O velho touro, de macega em macega, andou quilômetros e quilômetros. Saltava sobre o arame farpado das cercas, enquanto vovô e eu tínhamos de abaixá-las para dar passagem aos cavalos. Cruzou o rio a nado duas vezes. Não fora Rex, vovô e eu o teríamos perdido de vista uma meia dúzia de vezes.

Depois dos dois primeiros quilômetros eu já não esperaria segundo convite para abandonar a perseguição. Mas vovô, esse nunca pensaria em desistir. Continuei, pois, a seu lado.

Ao pôr do sol, Rex enrinconou o touro num capão de carvalhos. Quando nos aproximamos, o velho animal atroou os ares com um berro provocante. Parecia que meu couro cabeludo se despregava sob o chapéu.

Numa arremetida brusca, o bicho investiu contra vovô. O cavalo que ele montava, ligeiro como era, mal teve tempo de saltar para o lado. No mesmo instante, vovô atirou o laço, num pealo de reverso, com a mesma precisão de 50 anos atrás, apanhando na laçada as duas guampas do franqueiro. E num abrir e fechar de olhos, com um sofrenão, retesou o laço, enrolando-o na cabeça da sela.

O que se seguiu foi tão rápido que nunca compreendí bem como as coisas se passaram. Vi o touro atingir o fim do laço e o cavalo de vovô arrear sobre os joelhos. Vovô gritava e tentava pôlo de pé. Mas o animal ainda gingava ajoelhado quando o touro de novo investiu.

Sem tempo para pensar, esporeei meu cavalo e, colado à sua ilharga, joguei o laço por baixo, pealando as patas do touro. Foi tão pequeno o círculo em que fiz a manobra que a ponta da minha bota riscou o chão. Evitei que o touro atravessasse vovô com uma chifrada, mas mil vezes que eu tentasse repetir a manobra, nunca mais o conseguiria.

Por fim o cavalo de vovô firmou-se nas patas. Num esforço comum, vovô e eu derrubamos o touro—o mesmo demônio que durante 15 anos fugira à captura. Era o último animal bravio daquela região! Deixamo-lo deitado de lado, com as quatro patas bem atadas e amarradas ao tronco de um carvalho. No outro dia de manhã traríamos um touro manso, que poríamos na mesma canga com o prisioneiro.

—Ele há-de levar um dia ou dois para puxar este condenado até o curral, comentou vovô. —Mas acabará puxando. E quando chegar a hora, quero que Irv Pelly esteja por perto.

NA MANHÃ seguinte, os coiotes ainda uivavam anunciando o dia, e eu já estava de pé. Vovô, chegado à cozinha antes de mim, fazia o seu costumeiro «dejejum mexicano», isto é, café simples e cigarros. À luz amarela do candieiro eu podia perceber, pelas sobrancelhas franzidas e carregadas, que ele estava preocupado.

—Menino, disse ele, —estou pensando uma coisa. Ao que eu saiba, esse velho condenado é o último franqueiro alçado daquela tropa que os antigos vaqueiros espanhóis deixaram estourar aquí no matagal.

Encarou-me e continuou:

—Você sabe que isso aconteceu há cerca de 400 anos? Pois esse gado tem vivido aquí no matagal todo esse tempo, lutando contra as panteras, os ursos e os lobos.

—Sei, sim senhor, respondí. —Li isso num livro.

—Você aprendeu isso num livro? Pois eu, menino, lidei com esse gado. Rastreei franqueiros do Rio Grande ao aldeamento de índios de Injun, no Montana. Eu vi quando eles construiram cidades como Dodge City e Abilene. O franqueiro é que fez do Texas uma terra de gado, nutrindo este país, quando ainda não havia carne de outra qualidade!

Fez uma pausa e ficou olhando os quadrados vermelhos da toalha de mesa. E prosseguiu:

—E agora todos eles foram embora. E com eles, a boa gente e os bons cavalos daquele tempo. Disso tudo, o que resta são apenas cinzas e recordações.

Nunca tinha visto vovô desse jeito. De repente ele se levantou.

—Ora, que se danem, mas é o que vou fazer! Vou soltar o touro e deixar que ele viva o resto da vida no matagal.

Eu não podia acreditar.

—Mas, vovô, protestei. —E a sua diferença com Irv Pelly?

—Irv Pelly! trovejou vovô. —Esse gabola não chegaria perto de franqueiro alçado nem para o tocar de longe com uma corda!

Percebí que não era mais hora de dar palpites. Saí e fui ensilhar os cavalos.

Quando chegamos à clareira, o velho touro estava deitado na mesma posição em que o deixáramos na véspera — imovel demais, pareceu-me. Vovô saltou na frente e estava contemplando o animal, quando me aproximei.

—Matamos o bicho! disse ele.

Na sua voz rouca havia uma nota de sofrimento e a sua expressão era sombria.

—Não compreendo! queixou-se. —Esse touro já foi muito mais corrido e atropelado do que ontem. E não o quebramos nem o pisamos, ao amarrá-lo.

—Era bravio demais para a canga, observei. —Já li que alguns animais selvagens dão um jeito de morrer quando são agarrados.

—Você acha que foi isso o que ele fez? perguntou vovô, espantado. Com um fulgor no olhar, aprumou-se na sela. —É isso mesmo. Ele fez de propósito! Era tão teimoso que havia de fugir de qualquer maneira!

E baixando a voz: —E parece que desta vez fugiu pra sempre!

CENA de uma fita dos irmãos Marx:

—Está aí fora um cavalheiro com bigode preto, disse a Groucho sua secretária.

—Diga-lhe que já tenho um, respondeu Groucho.

—Jack Goodman e Albert Rice, *I Wish I'd Said That* (Simon and Schuster, ed.)

Frases notaveis

Duque de Windsor: A coisa que mais me impressiona nos Estados Unidos é a maneira como os pais obedecem aos filhos.

George Jessel: O orador de banquetes é um indivíduo que come um jantar que não lhe agrada, para no fim poder levantar-se e contar uma série de anedotas de que não se lembra bem, a uma série de pessoas que já estão fartas de ouví-las.

—*Esquire*

Joe Louis, ao perguntarem qual fora a pessoa cujas investidas mais o haviam magoado em sua carreira de pugilista, respondeu: «O diretor do Imposto de Renda...» —*Sportfolio*

Sydney Tremayne: Ninguem concorda com as opiniões do próximo; concordamos apenas com nossas próprias opiniões expressas por outra pessoa.

Lyman Beecher: A eloquência é um incêndio na lógica. —Do *Post* de Nova York

Samuel Gompers: O maior dos crimes contra a classe trabalhadora, é uma empresa que não dá lucro.

—*Newsweek*

J. Gilchrist Lawson: O homem que não faz senão gabar-se dos seus antepassados, confessa pertencer a uma família que mais vale morta do que viva.

—Citado em *The World's Best Epigrams* (Doran, ed.)

Gracie Allen: Meu marido não é homem para andar correndo atrás de outras mulheres: é muito fino, muito decente, muito velho para isso...

Lady Chesterfield: Minha filha, no dia em que você se resolver a deixar que um homem a beije, faça-o de alma e coração: nenhum homem gosta de beijar uma pedra.

Jack Seaman: Para uma moça, o beijo nunca é uma coisa inesperada; quando muito, pode vir um pouco mais cedo do que ela o esperava...

—*The Saturday Evening Post*

Logan Pearsall Smith: Nunca devemos rir da afetação de um jovem; ele está somente experimentando uma cara, outra e depois outra, até achar a que mais lhe convem.

—*All Trivia*

Bob Hope: Hoje, meu coração bateu 103.389 vezes, meu sangue percorreu 270 milhões de quilômetros, respirei 23.040 vezes, inalei 12 metros cúbicos de ar, pronunciei 4.800 palavras, movi 750 grandes músculos, e exercitei 7 milhões de células cerebrais. Estou cansado.

—*The Hollywood Reporter*

Sugestões que lhe serão uteis ao visitar algum país estrangeiro

Aproveite melhor suas viagens

(Condensado de «The Rotarian») *Por J. P. McEvoy*

Há VIAJANTES e há turistas. Estes vêem os aspectos e panoramas de um país, sem ver o país; e aqueles vêem o país e os panoramas. Os viajantes são recebidos com hospitalidade, porque demonstram um interesse especial; os turistas, com certo desprezo, por darem mostra apenas de curiosidade.

Um dos mais sensatos viajantes que eu conheço, viaja como provador de sopas: percorre o mundo inteiro apreciando os temperos típicos de cada país, estabelecendo comparações e colecionando receitas. Por isso que viaja com um objetivo determinado, consegue sempre afastar-se dos caminhos batidos.

Os apreciadores de jardins encontrarão, em todas as cidades do mundo, jardineiros que lhes mostrarão os seus. No caminho, verá os templos, os palácios e as ermidas. Não poderá deixar de vê-los. Mas se for ver apenas os panoramas, nunca poderá apreciar os jardins e seus donos.

Trata-se de um colecionador? Tenho um amigo que vai a toda parte, procurando cartas de baralho—as menores e as maiores do mundo; de madeira, de osso, e de pele de crocodilo. Em cada porto encontra-se um colecionador, de selos ou de moedas, de antigas edições ou de garrafas velhas. Mesmo que não falem o mesmo idioma, sempre aparecem os intérpretes, desejosos de ser uteis. Na companhia do colega, o colecionador há-de ouvir e ver mais coisas do que o mais infatigavel dos turistas.

Outro amigo meu «coleciona» missionários. «Que alegria sentem ao verme!» disse-me ele. «Trago-lhes notícias do resto do mundo, e eles, em troca, fazem-me ver o país em seus mais íntimos aspectos. Enviam-me, então, a outro grupo de missionários, com cartas de recomendação que me asseguram a mais afetuosa hospitalidade. Por viverem em lugares recônditos, conhecendo o idioma local, dirigindo escolas e hospitais, possuem conhecimentos de uma variedade infinita—um manancial de histórias e experiências que fascinaria qualquer turista—mas os turistas nunca se interessam por missionários.»

Por outro lado, um padre que conheço nunca visita outro clérigo. Visita—parece incrivel!—os guardas das

prisões. Encontrei-o na maior prisão do mundo, em Xangai, e ele informou-me de que seu interesse pelas instituições penais lhe tornara possivel viajar por toda parte, com prazer e proveito.

Os rotarianos encontrarão clubes no mundo inteiro. Os sócios e suas esposas terão todo o prazer em mostrar-lhes a cidade, indicar-lhe as melhores lojas, o melhor cabeleireiro, e o lugar onde se toma o melhor sorvete. No Egito, há as Pirâmides. Por trás das Pirâmides, mora o dr. George Reisner, grande egiptólogo, cujo endereço postal é simplesmente este: Pirâmides, Egito. Mas onde fui encontrar o dr. Reisner? No Rotary Club do Cairo, do qual é frequentador assíduo.

Muita gente me diz: «Para você, é facil. Como escritor, chegando a uma cidade estranha, basta-lhe visitar algum jornalista.» Geralmente os que assim me interpelam são médicos, advogados, banqueiros ou professores, e eu procuro lembrar-lhes que encontrarão médicos, advogados, banqueiros e professores, em toda parte. «Não há necessidade alguma de fazermos como estes turistas que vagam por aí a fora sem destino, ou que são levados daquí para alí, como gado,» costumo dizer-lhes. Um médico, meu conhecido, visita os hospitais e as clínicas, trocando experiências e adquirindo novos conhecimentos. Acaba por ser levado a uma porção de lugares de que os turistas, seus companheiros, nem ouviram falar.

Conheço um advogado que visita os tribunais, em todas as cidades por onde passa. Os músicos, ou amantes da música, acharão companheiros em toda parte. Quem gosta de pintura não deve limitar sua curiosidade às galerias, devendo antes procurar conhecer alguns artistas. Descobrirá o que há de mais interessante no país: a melhor comida ao mais baixo preço, e todo um tesouro de informações. Os artistas encontram sempre os lugares pitorescos—por isso mesmo que são artistas—e passam a frequentá-los, porque são baratos.

Não seja turista. Jogue fora o «guia de turismo» que comprou e vise algum objetivo de interesse. Quer sua paixão seja arquitetura ou orquídeas, tratar de crianças ou jardins, a pesca ou as danças populares, borboletas ou pontes, encontrará, em toda parte, quem tenha o mesmo interesse.

Numa viagem ao Japão concentrei-me no teatro—popular e clássico, óperas representadas por mulheres, espetáculos de variedades—onde um turista atrai a atenção da platéia tanto quanto qualquer dos números que se desenrolam no palco. Fui aos cinemas japoneses, e aos estúdios onde as películas são filmadas, ao teatro de fantoches, em Quioto, o único do gênero no mundo inteiro, e à escola Takarazka, perto de Cobe, onde centenas de moças japonesas aprendem a cantar, a dançar e a representar. Aprendí muita coisa, a respeito do teatro, porem ainda mais sobre o Japão.

Na viagem seguinte, concentrei-me nas escolas—a Universidade Imperial, jardins de infância, escolas rurais, o tradicional colégio de Pares, escolas para atletas, para gueixas, e até para

noivas. Não vi um só turista, em nenhum desses lugares, mas encontrei um bom número de viajantes realmente encantadores.

A pessoa mais bem informada que encontrei em Bali dirigia uma clínica de crianças, como passatempo. Todos os dias, às onze da manhã, uma fila de crianças iam ter a sua casa com dedos cortados, ferimentos, arranhões e dores de barriga, para tratamento gratis. Cuidando das crianças, travou ela conhecimento com os pais, que a convidavam para todas as festas e cerimônias religiosas da família, e enviavam a mais linda dançarina do lugar, sempre que ela recebia, afim de entreter-lhe os convidados.

Uma vez, quando trabalhava na indústria dos cartões de felicitações impressos, fui à Europa, à procura de papel feito a mão e de uma fita especial. Encontrei aldeias, na França, onde não se fazia outra coisa senão fitas, e, em cada casa, de uma espécie diferente. Conhecí uma família que vinha fabricando um papel maravilhoso, através de gerações—tendo isso começado antes de Colombo descobrir a América. Percorrí a França muitas vezes—uma vez concentrando minha atenção nas catedrais góticas; outra, apreciando os vinhos do país. Quando vi melhor a França, porem, fora dos caminhos já batidos, e através do que tem de realmente pitoresco, foi quando andava numa atividade puramente comercial em busca de papel e fita.

Não viaje para «mudar de ambiente». Tem algum interesse especial? Qualquer mania? Uma profissão? Uma habilidade particular? Leve-a consigo. Os cubanos chamam os turistas de «patos», porque costumam andar uns atrás dos outros, grasnando entre si e voltando satisfeitos ao ponto de onde partiram, muito embora hajam olhado para tudo sem ter visto nada.

Viaje com um objetivo, e alargará seus conhecimentos; mas se, ao contrário, andar por aí a fora com uma curiosidade vaga, voltará com os pés chatos. Não seja um «pato». Aproveite melhor suas viagens.

Dai de comer aos que têm fome...

NUMA movimentada esquina, em Nova York, um caminhão deixou cair um enorme recipiente cheio de leite. Este se espalhou logo pela rua. O inspetor de veículos fez parar o tráfego, afim de que o motorista pudesse apanhar o recipiente. No momento em que levava o apito à boca, para dar o sinal de tráfego livre, viu um gato aproximar-se e começar a lamber, calmamente, o leite. O apito não se fez ouvir e o tráfego continuou paralisado, apesar da luz verde ter mudado três vezes. O guarda só deu o sinal depois que o gato, já saciado, voltou para a calçada...

—*Drovers' Journal*

O PESO MORTO

(*Condensado de «The North American Review»*)

Por Stewart Edward White

TODAS as realizações individuais exigem, de início, a energia de quem arranca um peso morto. Todos precisamos, por assim dizer, de levitar-nos pelo nosso próprio esforço. Mas, tão depressa conseguimos desencadear nem que seja um leve movimento de partida, logo acodem em nosso auxílio forças de toda ordem, que desconhecíamos. As forças do crescimento estão sempre prontas a entrar em ação; mas, antes de poderem funcionar, devemos pelo menos arrancar-nos à inércia, preparar o terreno e plantar uma semente, pois ninguem virá fazê-lo por nós.

Todos temos relutância em empreender qualquer tarefa nova. Fazemos a ponta do lapis; pomo-nos a examinar a máquina de escrever; aproveitamos todas as distrações momentâneas. Somos como o gurí que se serve de todos os pretextos para adiar o momento inexoravel de mergulhar no banho de água fria.

«Tudo leva seu tempo para aquecer!» dizemos, à maneira de atenuante. Se temos que ler um grosso livro, ou escrever uma longa carta, retraimo-nos de fazê-lo até onde podemos—muito embora saibamos de antemão que teremos prazer em fazê-lo, logo que tivermos posto mãos à obra. Poucos de nós compreendemos a sabedoria que encerram estas palavras: «Se tem de ser mais cedo ou mais tarde, por que não há-de ser já?»

Mesmo nas coisas mais corriqueiras da vida, para vencer essa preguiça fundamental, é preciso fazer um esforço resoluto. Essa preguiça torna-se um peso morto que nos faz suar quando tentamos alguma coisa de importância, especialmente se é algo de novo, fora do ramerrão diário de nossos pensamentos e ações. Mas não vale a pena preocuparmo-nos com isso: a preguiça é o estado natural das criaturas. A questão é esta: estamos ou não dispostos, apesar de tudo, a arrancar-nos do ponto morto?

Somos indolentes devido à nossa tendência de identificar-nos a cada passo com o lado físico do nosso ser. É curioso observar quanto somos capazes de aturar deste nosso corpo—imposições que nunca aturaríamos de um estranho! Por muito frouxo que seja o nosso carater, há limites para o que podemos suportar dos outros, sob a forma de queixumes, exigências ou caceteação. Mas quando se trata de

nosso próprio corpo, dir-se-ia que lhe conferimos as honras de personagem privilegiado! Tratamo-lo, na verdade, como a um menino estragado de mimos: sempre que nos chama a atenção, projetamos sobre ele toda a intensidade do nosso espírito.

E qual é o resultado? Como todas as crianças mimadas, ele assume imediatamente uma importância excessiva. E quanto mais lhe fizermos caso, mais ele exige. Inventa coisas para prender a nossa atenção, exagera-as, insiste nelas; tenta regular toda a conduta de nossa vida consoante seus próprios padrões. Como todas as crianças mimadas, acaba pensando que vale mais do que toda a família.

A situação se torna mais complicada pelo fato de que, no início, quando ainda bebês, o nosso corpo *era*, com efeito, toda a família. Éramos então o corpo, e nada mais. Suas necessidades e exigências sobrepujavam todas as outras. Antes de passarmos a qualquer outra preocupação, era-nos forçoso assegurar nossa existência orgânica. O corpo nunca nos deixará esquecer esse fato, e só com grande relutância ele renuncia ao seu predomínio.

As idéias e ideais meramente físicos prendem-se sobretudo à alimentação, ao calor e ao conforto. Se nos deixarmos influenciar inteiramente por eles, passaremos a não querer senão sentir-nos alimentados e bem dormidos, e a não fazer senão o exercício indispensavel ao desempenho de nossas funções. As diversas formas inferiores da vida exibem essa idéia sob os disfarces mais atraentes. Mas, à medida que ascendemos a formas mais elevadas de vida, iremos encontrar uma qualidade de grande alcance, que chamamos de ambição: o animal quer viver um pouco acima da planta, e está disposto a empreender certa atividade migratória e experimental, ainda que seja à custa do desconforto físico.

O resultado desse esforço está em que nós, como seres humanos, queremos não só manter-nos em funcionamento, do ponto de vista biológico, como tambem conseguir e guardar coisas tais como o amor próprio e a boa reputação. Queremos entrar em contacto com coisas mais altas; expandir-nos, em suma. Esses incentivos são muito reais, e tão insistentes, na sua esfera, quanto o desejo de comer, de se manter quente e abrigado, que observamos na vida física. Mas não são, de modo algum, preocupações da esfera do corpo. Este pode-se ir governando à maravilha, sem dar-lhes atenção alguma.

E aquí é que começam as dificuldades. O corpo está acostumado a açambarcar toda a nossa atenção. Paralelamente, progredimos ao ponto de termos outros interesses. O corpo ficaria satisfeito com sentar-se ao sol e comer uma fruta. Segundo ele, há sempre alguma coisa que não está certa: ou é o vento frio demais, ou é uma dor-de-cabeça incubada. Quanto mais lhe damos ouvidos, mais ele reclama! Por outro lado, se nos decidirmos a não lhe fazer caso, as suas lamúrias não tardarão a extinguir-se.

Nosso corpo é um mecanismo; e só porque, em criança, começamos por

ser um simples mecanismo, conservamos a nossa atenção concentrada sobre ele, e acabamos por tomá-lo como sendo nossa própria personalidade. Dizemos: «estou doente», em vez de dizermos «alguma coisa que me pertence, o meu estômago, está doente». Não dizemos, contudo, que estamos «enguiçados», quando é o nosso automovel que funciona mal. Embora seja certo que não podemos andar sem o corpo, não é menos verdade que ele não pode fazer grande coisa sem nós. Para ir seja onde for, precisa que o guiemos.

Tudo isso serve para nos assegurar que a inércia, a relutância, a preguiça inerente à natureza humana, o «peso morto», em suma, não passa, afinal de contas, de um caso de atenção mal dirigida. Deixamo-nos concentrar demasiado sobre o que nosso corpo não quer fazer. Ele continuamente objeta que não vale a pena: para que amofinar-se? que vantagem há nisso? é muito difícil! E, já que nos sentimos inclinados a considerar nosso corpo como se ele fosse o nosso próprio Eu, escutamo-lo, e adotamos mais ou menos as suas idéias como se fossem nossas.

Não é uma humilhação? Pois se nem sequer chegamos a chamar a nós a direção das coisas que respeitam ao corpo, e que sabemos seriam boas para ele! Sabemos que não devíamos comer tanto, nem fumar tanto, nem beber tanto, e que devíamos fazer mais exercício físico. E não tomamos providência alguma! Consentimos que o menino mimado realize todos os seus desejos. E depois, engordamos e enchemo-nos de achaques.

Escusado será dizer que não podemos desprezar indistintamente a opinião do nosso corpo. Quando certos nervos nos dão o iniludivel alarme de que alguma coisa de sério se passa no lado direito do abdomen, será melhor consultarmos o médico, pois poderá ser uma apendicite. Mas o ponto a ter presente é que as lamentações do corpo, se as ouvirmos com indulgência, acabarão por se tornar demasiado insistentes.

Leva-nos isso de retorno à nossa primeira consideração, ou seja que o nosso primeiro ato, para vencer a inércia mortal que nos paralisa ao abordarmos uma tarefa nova, deve ser arredar do caminho, precisamente, a origem dessa inércia. Devemos convencer-nos de que somos capazes de arredá-la, reconhecendo que somos alguma coisa mais do que um corpo, e de que assim foi desde a primeira infância. Nós, como entidade, somos distintos da máquina orgânica. Nosso corpo é como o nosso automovel: alguma coisa de que somos donos, e que conduzimos.

Tambem é util compreendermos que essa inércia é uma coisa natural, inerente à constituição humana. Aquilo que chamamos de «fadiga mental» não é nunca uma coisa do espírito; está na própria natureza da nossa evolução e desenvolvimento. Não somos pessoalmente preguiçosos; nosso corpo é que é, de longa data, uma coisa inerte. E uma vez que soubermos ver o problema à luz da razão, podemos atacá-lo com firmeza.

Quando nos convencermos de que

esse peso morto é uma necessidade da nossa constituição, e não qualquer coisa de transcendente, então veremos que é preciso arrancá-lo por nosso próprio esforço, sem auxílio de estranhos. É uma tarefa estritamente de ordem pessoal, em que ninguem pode ajudar-nos. Mas, uma vez que conseguimos reunir forças para atacá-la, seja ela qual for, nada mais facil do que ganharmos rapidamente o ritmo do trabalho. Hesitamos em dar o mergulho, mas o efeito da água fria é sempre grato e salutar.

Vemos, pois, que há recompensas para os que sabem romper a inércia e aceitar o repto lançado pela indolência do corpo:

Saberemos então que o peso morto é sempre muito mais facil de levantar, do que nos deixara pressentir o enganador instinto orgânico.

Perfís psicológicos

Por Jean e Robert Boardman, no New York Herald Tribune

O Reverendo G. Bromley Oxnam conta-nos a seguinte história, que exemplifica a presença de espírito de um prelado:

Um domingo, quando o Bispo Sherrill ainda dirigia a Diocese de Massachusetts, um bêbado misturou-se com os fiéis que entravam na Catedral de S. Paulo, em Boston. Susteve-se de pé, como pôde, enquanto os sacristães e membros do coro desfilavam rumo ao altar. Encerrando a procissão, vinha o Bispo Sherrill, em cuja direção se precipitou o bêbado. O bispo saudou-o com um sorriso e ofereceu-lhe, em boa hora, o braço. Caminharam até o fim da nave, e então se acercou, nervoso, o sacristão-mor. «Este é um dos seus paroquianos,» disse o Bispo, libertando o braço e encaminhando-se para o altar.

Um médico, amigo nosso, recem-chegado das Bermudas, confessou-se fortemente tentado a instalar-se definitivamente nas ilhas, onde lera o seguinte aviso, à porta do consultório de um médico: «Horário das consultas: das 14 às 15 horas, uma quinta-feira sim, outra não.»

O Governador Dewey não goza de simpatias na lavoura porque tem o aspecto de citadino, sempre impecavelmente trajado. Certa vez, durante uma visita ao Estado de Nebrasca, um pé de vento desmanchou o penteado do Governador, que se encaminhava para a plataforma dos oradores. A satisfação de sua comitiva, com o providencial «desalinho», não estava fadada a durar muito: Dewey, ao assomar à tribuna, estava de novo irrepreensivelmente penteado. Interrogado a respeito, explicou: «Se não me tivesse penteado, todos pensariam que eu estava representando uma farsa.»

Meu tipo inesquecivel

Por Benedict Thielen

Romancista e contista, autor de «Friday at Noon», «Lost Men», etc.

Chamava-se Maurice, e era francês. Mas a nacionalidade não vem ao caso. Algumas das suas qualidades eram tipicamente francesas; entretanto, a soma das características que lhe davam personalidade podia encontrar-se em qualquer outro país. Quando nos conhecemos, desempenhava ele as funções de chofer, conduzindo um formidavel Renault a serviço duma família estrangeira, muito rica, que alugara uma casa de campo no Sul da França. Baixote, com uma bigodeira preta de pontas caidas que lhe dava um falso ar de melancolia, tinha uma discreta correção no seu uniforme azul-negro; sempre que era preciso, aparecia automaticamente, e terminado o serviço desaparecia do mesmo modo. Não levei muito tempo a compreender quanto ele era necessário, quantas vezes se repetia naquela família a frase: «Perguntem a Maurice, ele é que deve saber.» E Maurice sabia mesmo! Quer se tratasse de evitar que o aquecedor do banheiro roncasse como um vulcão prestes a explodir, quer de afugentar de casa os mosquitos, ou ainda de saber onde se devia jantar — ele resolvia tudo.

Ficava um momento calado, como perdido em reflexões. Se a resposta não lhe acudia de pronto, dizia assim: «Esperem um instantinho, até ver se eu

descubro a *combine.*» Palavra esta bem dura de traduzir, *combine*! É mais do que «solução»: implica ressonâncias de esperteza, manhas sub-reptícias, mas de modo algum deshonrosas. Púnham-nos à espera. De repente seus olhos se iluminavam, ele exclamava «Ah!» e a gente logo ficava sabendo que a dificuldade estava a caminho de solução.

Está visto que há milhares de pessoas capazes de fazer outro tanto; mas poucas o fariam com o inconfundivel faro de Maurice, e raras poderiam comunicar-nos, como ele, a perfeita impressão de deleite ao embrenhar-se nas sutilezas inerentes às situações mais banais da vida.

Só no dia em que um automovel entrou em minha existência é que eu pude apreciar, em toda a sua extensão, a capacidade que ele tinha de imprimir carater altamente dramático às coisas mais triviais deste mundo. Eu nunca tinha possuido nem dirigido um carro, e um dia perguntei a Maurice se ele achava que me podia arranjar um.

—Claro que posso, respondeu. E, arrancando um jornal que trazia dobrado no bolso, abriu-o na seção de anúncios e pôs-se a pesquisar. —Hummm... Aquí está, disse a certa altura. —Citroën, cinco cavalos, 12 mil francos.

Fomos ao endereço indicado no anúncio. Mas antes de tocar a campainha, Maurice virou-se para mim e, num murmúrio de conspirador, disse:

—Deixe que eu fale com ele. Não mostre nenhum entusiasmo.

O aspecto do automovel era ótimo, e o preço tão razoavel, que me custou aparentar indiferença diante dele. Maurice deu um suspiro, tocou o carro com um dedo cauteloso, como se temesse que o veículo se desmoronasse à mais leve pressão, e murmurou, lançando ao dono da prenda um olhar de desapontamento:

—*Doze* mil francos!...

—Esse carro sobe ladeiras que nem um rato! apressou-se a dizer o outro, ansioso. —Experimente e verá!

Maurice desviou o olhar de comiseração do dono para o carro, e deste novamente para o dono. Depois de alguma hesitação, subimos os dois no Citroën e largamos. Assim que se apanhou longe da vista do vendedor, Maurice acelerou a marcha e, durante dez minutos, correu como um louco por aquelas estradas. Depois parou, apeou-se, meteu-se de rastos por baixo do carro, de lâmpada em punho, e quando de lá saiu vinha acenando com a cabeça em sinal de aprovação:

—Carrinho bom mesmo! disse, dando palmadinhas afetuosas no capô. —Melhor do que eu podia esperar. Vamos oferecer dez mil francos ao homem.

—Mas, e se ele não aceitar? atalhei.

—Dez mil francos, repetiu Maurice com inabalavel firmeza.

Ao chegarmos de novo à garage, ele enxugou a testa como se acabasse de fazer uma dessas experiências tão penosas e revoltantes, que só era de admirar que o dono daquele carro ainda não estivesse na cadeia.

Está claro que acabamos conseguindo o carro pelo nosso preço, não sem a indispensavel troca de acenos de cabeça e olhares lamentosos, e finalmente o consumo de várias garrafas de vinho em companhia do proprietário.

Mas o grande drama foi quando eu iniciei minha aprendizagem com Maurice. Depois de ter assimilado as noções fundamentais do automobilismo —com o carro assente sobre quatro caixões, para que eu pudesse adquirir prática na mudança de velocidades e no uso do freio—saimos para a estrada. Nunca uma fita de cinema conseguiu exceder o empolgante poder melodramático das situações em que Maurice, imaginariamente, me envolveu.

Inclinado para a frente, com uma expressão de intensa concentração no rosto, ele erguia de repente um trêmulo indicador e bradava: «Cuidado! Olhe, alí mesmo, adiante do seu nariz! Uma pobre mãe com o filhinho nos braços; não, leva-o pela mão... Súbito, o menino se solta e dispara a correr pela estrada... A mãe dá um grito, corre atrás dele...» —aquí a voz de Maurice redobrava de emoção— «para salvá-lo! Tropeça, cai... Estamos quase em cima deles...» Com um estremeção de horror, cobria os olhos com a mão: «Pare!»

E eu parava, banhado em suor, julgando ouvir o barulho horripilante de ossos esmigalhados debaixo das rodas do meu monstro infernal de 5 C.V. Ainda hoje, quando avisto uma criança a meio quilômetro de distância à frente do meu carro, eu me sinto como um assassino potencial—um treino que não é nada mau para um automobilista.

Maurice aplicava sua imaginação criadora a todas as questões práticas. Inventou e fabricou, para sua própria conveniência, uma ferramenta que simplificava enormemente a retificação de válvulas; e instalou uma série de pequenos transformadores no meu escritório, para estabilizar a corrente elétrica local, cheia de altos e baixos, com o que, estou certo, ele me poupou a tortura de usar grossos óculos bifocais para o resto de meus dias. Mas não era o que ele fazia, o que me impressionava verdadeiramente: era a maneira de fazê-lo.

Em meio da mais delicada operação que implicasse o complexo conjunto de parafusos infinitesimais, molas e porcas de um carburador desmontado, Maurice depunha de súbito as ferramentas. Assentava as mãos nas ilhargas, abanando a cabeça, e interpelava severamente o objeto em questão: «Vaca!» —expressão forte e significativa na boca de um francês. Depois virava-se para mim, tirava de trás da orelha o infalivel cigarro feito à mão, meio fumado, e, sentando-se, expunha-me a sua filosofia sobre a maneira de lidar com os corpos inanimados. O fato é que, com o andar do tempo, dei por mim aplicando as teorias dele às pequenas dificuldades de minha vida cotidiana.

«Acima de tudo,» dizia Maurice, «nunca devemos deixar que estas coisas nos irritem os nervos. Quando o senhor vir que uma dificuldade está a ponto de lhe envenenar a paciência, largue tudo, sente-se, enrole um cigarro, afrouxe os músculos e fale de outra

coisa. Isto da gente se irritar não serve pra nada. Quando eu voltar ao trabalho, o senhor verá que é um minuto e fica tudo arranjado.»

E tinha razão. O parafuso que cem vezes lhe escorregara dos dedos, para se perder nos insondaveis interstícios da maquinaria, deixava-se atarraxar docilmente em seu lugar. Ainda hoje, passados vinte anos, muito me reconforta a imagem de tranquila pachorra que aquele homenzinho me deixou.

Da sua vida anterior ao nosso encontro, eu pouco sabia. Maurice costumava dizer com certo orgulho: «Eu sou um normando, e me arranjo seja onde for!» Eu sabia apenas que ele viera do Havre. Isso queria dizer, quase automaticamente, que, quando ainda muito jovem, conhecera a vida do mar. Era facil adivinhar que tinha passado bastante tempo em París: possuia o duro sotaque rolado dos *faubourgs*.

Perguntei-lhe um dia como é que ele viera instalar-se alí, no Sul, em vez de se deixar ficar na capital, e ele explicou: «Em París, eu trabalhava numa fábrica de automoveis. Ganhava ótimo salário. Mas a vida nas grandes cidades é muito complicada. Aquí a gente tem o sol e o mar. *La simplicité...*» Fez um gesto largo em direção a dois carros que estavam lado a lado na garage, um pequeno e um enorme. «*La simplicité!* Daqueles dois carros, se eu pudesse escolher, queria o menor. Quando enguiça, a gente pode consertá-lo sem ajuda de ninguem, ou empurrá-lo até a garage mais próxima. O outro pode andar mais depressa, concordo, e ser até mais confortavel, mas se um dia se escangalha—acabou-se! Só há um remédio: ficar esperando reboque. E ninguem nesta vida deve depender dos outros!»

Maurice não aceitava as coisas sem exame. Para ele, não se devia tragar inteira uma idéia, para regurgitá-la mais tarde e serví-la de novo em uma versão confusa e truncada. Era como uma peça de maquinaria complicada que se devia primeiro examinar à luz do dia, e em seguida desmontar com mil cautelas e paciência.

Quando acabou a Primeira Guerra Mundial, na qual Maurice lutou até o fim como soldado de infantaria, o regimento dele foi um dos escolhidos para a formatura de honra ao longo dos Campos Elíseos, na grande parada da vitória. «Depois de algum tempo, comecei a sentir-me cansado,» contava ele. «Essa história de ficar em pé, à toa... ainda mais em posição de sentido... As bandeiras desfraldadas, as bandas tocando, os generais passando a galope nos seus cavalos, com prodígios de equilíbrio para não cairem do estribo... Que é que isso tudo representava para mim? Em pé eu já tinha passado aqueles quatro anos de guerra, e quase sempre metido na água até os tornozelos. Meus pés doiam. De maneira que, como eu estava na fila da retaguarda, onde ninguem dava por mim, arriei a mochila e fui-me sentar no meio-fio. Enrolei um cigarro e fiquei descansando. Aí, um palhaço, com o distintivo da Legião de Honra na lapela, parou a meu lado e disse: —Então que maneiras são essas? O sr. fica sentado aí, fumando, enquanto se desenrola um acontecimento histórico da mais alta significação! Não tem vergonha? E é um soldado francês! Levantei os olhos para ele e respondí: —Meu amigo, estou aquí descansando um pouquinho—enquanto não chega a outra guerra!»

Tudo o que ele dizia ou fazia tinha sempre um fundo de duro realismo. Trabalhava para os ricos e, embora quase sempre em dificuldades financeiras, pois tinha família numerosa, nunca invejou os patrões.

«*Ah, les pauvres!*» costumava ele dizer. «Têm automoveis, meia dúzia de casas, iates... Iates! Já fui maquinista de um iate. Corrí todo o Mediterrâneo: Cannes, Nápoles, Atenas, o Egito. Pois quer saber o que eles fazem? Jogam bridge! Em toda parte, seja onde for! Jogam bridge e preocupam-se com a digestão.»

Passou a vida inteira em posição de subserviência, e no entanto nunca perdeu a dignidade pessoal. Nunca pedia um favor, nem esperava da vida senão o que se julgava capaz de arrancar dela com suas próprias mãos. Para ele, tudo consistia simplesmente em descobrir a *combine*. E nunca perdia o ânimo enquanto a procurava.

Foi Maurice quem primeiro me fez compreender que a medida do mérito dum indivíduo não está no que ele sabe, nem no que ele realizou, mas no que ele é. Quem for, como pessoa, bem sucedido, pode considerar-se altamente qualificado. E neste mundo transbordante de egos dilacerados, que mendigam nossa atenção, é consolador saber que ainda existem pessoas como ele.

Se Maurice, chegada a sua hora, tiver dificuldades para entrar no Céu (o que não creio), tenho quase a certeza de que não levará muito tempo para descobrir a *combine*. Daí a poucos dias, ele talvez esteja inspecionando, de testa franzida, os portões de São Pedro e sugerindo algum melhoramento dos gonzos ou fechos. Seria capaz até de instalar neles um «olho elétrico» para que os portões se abram automaticamente a quantos forem neles bater! E nesse caso, talvez ainda tornemos a encontrar-nos.

Salada russa

DIVERSAS senhoras, integrantes de um comitê de estudos da O.N.U., sentaram-se ao lado da minha mesa, num restaurante. Quando o garção perguntou a uma delas que molho preferia para a salada, se francês ou russo, a resposta veio, pronta. «Podíamos todas pedir molho russo,» sugeriu. «Talvez nos ajude a compreender os russos um pouco melhor.»

—Capelão Harold A. MacNeil

Um plano de educação concentrada, atualmente em experiência em dois estabelecimentos de ensino, promete êxito brilhante

Uma só matéria de cada vez

(*Condensado de «Pageant»*)

Por J. D. Ratcliff

O SISTEMA educacional norte-americano, empreendimento de muitos bilhões de dólares, continua a fornecer um produto deficiente. Os jovens saidos da linha de montagem frequentemente sabem menos de geometria e de inglês do que seus avós aprendiam em escolas muito mais modestas. As tentativas de sanar essa deficiência têm-se manifestado sob a forma de aumento de salários para professores e de ampliação de instalações. Pouco se faz, contudo, para atacar o problema pela raiz: a própria instrução.

Dois educandários, entretanto, fazem esforços neste sentido—o Hiram College, no Ohio, e a escola de meninos de Kiskiminetas Springs, em Saltsburg, na Pensilvânia. Os dois planos, semelhantes em seus pormenores, foram concebidos independentemente um do outro.

O sistema é simples: ensina-se uma só matéria de cada vez. Durante dois meses, o aluno só estuda espanhol; dois meses mais, só algebra, e assim por diante. Os professores não lhe disputam o tempo e não há conflito entre matérias interessantes e desinteressantes. Sob muitos aspectos, o plano se assemelha ao programa de instrução especializada do Exército dos Estados Unidos—cursos acelerados que alcançaram êxito notavel durante a guerra.

Em contraste com isso, vejamos o que ocorre na maioria dos cursos secundários de hoje: os alunos passam de uma disciplina a outra—do inglês à álgebra, da biologia ao francês. Os professores marcam as lições sem consultar os colegas—e os alunos, ou estão assoberbados de lições, ou, então, não têm o que fazer. Os exames vêm todos ao mesmo tempo e não há horas que dêem para estudar à noite.

Examinemos o «plano Kiski», em suas minúcias, porque o problema educacional é mais grave no curso secundário. Nessa escola, o plano é obra do dr. Lloyd M. Clark, diretor do estabelecimento desde 1941. Clark fora negociante próspero em Nova York—não um educador. Atacando o problema sem idéias preconcebidas, logo percebeu um fato que os educadores já sabiam havia anos: que 90% dos jovens não tinham nenhum gosto pelo

estudo. Estudavam o mínimo indispensavel, mas não gostavam. A álgebra não rivalizava com o rádio, nem o alemão com as revistas de histórias em quadrinhos.

Mas não seria possivel fazer com que os alunos *gostassem* de estudar? Durante meses, Clark preocupou-se com esse problema; afinal, lembrou-se um dia de uma conversação que tivera com o professor Bliss Perry, célebre lente de inglês da Universidade de Harvard. Depois de frequentar um curso de verão lecionado por Perry em 1915, Clark lhe dissera que havia aprendido mais, naqueles dois meses, do que nos dois anos de estudo anteriores.

«Isso não tem nada de extraordinário,» disse o professor Perry. «Você se dedicou a uma *única* matéria.»

Clark consultou outros educadores e convenceu-se de que os meninos estudavam mais e aprendiam melhor, quando a instrução lhes era ministrada em doses concentradas. Resolveu, então, experimentar um plano de ensino concentrado, no outono de 1944.

O ano foi dividido em quatro períodos letivos de nove semanas, com um período de revisão. Assim, o aluno estudaria quatro matérias por ano—o bastante para habilitá-lo em quatro anos a ingressar no curso superior. Não haveria uma série de exames acumulados todos ao mesmo tempo. O dia escolar seria dividido em seis períodos de uma hora cada um. O aluno que estudasse latim receberia lições em períodos alternados. Após uma hora de aula, passaria outra na sala de estudos, preparando-se para a aula seguinte.

Em teoria,—e aprovou na prática—aqueles que se dedicassem e fossem atentos terminariam o dia às 15 horas, sem lições para fazer. Isso lhes deixaria algumas horas para esportes, e as noites para passatempos e leituras.

Já foram reunidos dados suficientes para revelar o resultado prático do plano. No ano passado, somente quatro alunos foram reprovados, em comparação com 12 a 15 antes de instituido o plano.

Num sistema de notas à base de 100, os graus aumentaram, em geral, uns dez pontos: os alunos que tiravam 70 tiram hoje 80; aqueles que tiravam 80 conquistam distinção.

Surgem várias interrogações: o sistema não será excessivamente fatigante? é uma delas. Um inquérito entre alunos revela que o acham menos fatigante ou mesmo nada cansativo. Aqueles que prestam atenção às aulas, não têm exercícios para fazer em casa que os atormentem. Ademais, os alunos sentem-se estimulados pelo fato de aprender a matéria, em vez de simplesmente tentarem iludir o professor.

Não é essencial que se ofereça ao aluno certa variedade de matérias? Quem suscita essa questão se esquece de que é uma distração util passar do latim para os esportes, mas que para o aluno não é nada convidativo passar do latim para a trigonometria.

Enfim, que pensam alunos e professores sobre essa instrução concentrada? Não faz muito, realizou-se um inquérito entre alunos e somente

quatro por cento manifestaram vontade de voltar ao sistema antigo. Como diz um estudante, atualmente matriculado na Universidade de Princeton: «Uma vez que a gente se enfronha numa matéria, interessa-se por ela. E, quando se acha que a matéria é interessante, o resto é fácil. Para mim, a experiência foi um grande estímulo.»

O novo sistema tem recebido o endosso de educadores tambem. Disse o pedagogo J. E. Zeigler: «Meus alunos sabem muito mais do que os estudantes sabiam antes do início desse plano.» Outro mestre, professor de inglês, acrescenta: «Proporciona ao professor uma oportunidade maravilhosa. Não há limites ao que se pode ensinar ao aluno dessa maneira. Tive minhas dúvidas, no princípio, mas agora não consigo compreender por que não se generalizou ainda esse novo método.»

Um egrégio educador assinala que o plano não resolve todos os problemas didáticos. Não dará talento a um aluno retardado—mas oferece a todos oportunidade para aproveitarem ao máximo a capacidade intelectual que tiverem. Ensinar-lhes-á a perseverança na busca de soluções para os problemas, proporcionando, assim, valioso preparo para a vida adulta.

Nova atração para motoristas

HÁ AGORA, nos Estados Unidos, postos de gasolina em que os próprios motoristas enchem os tanques dos seus carros. O primeiro deles foi inaugurado em Los Ângeles, há pouco mais de um ano. Hoje, são encontrados em todo o sul da Califórnia, funcionam dia e noite e oferecem aos motoristas uma economia de cerca de um centavo de dolar por litro.

O custo inicial de um desses postos é elevado: cerca de 80 mil dólares. Como somente um grande volume de vendas pode compensar o fornecimento da gasolina a preço tão reduzido, cada posto exige uma imensa área e várias vezes o número de bombas dos postos comuns.

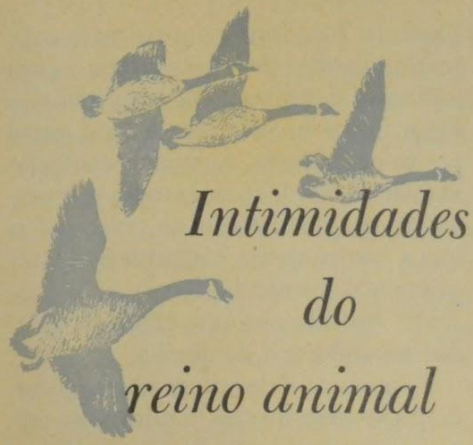
Só são necessários empregados para ligar as bombas e receber o dinheiro, depois que o freguês se serviu. Em lugar de homens, esses postos utilizam moças—com uniformes atraentes e... abreviados. Para poderem atender a um maior número de bombas, usam patins, em alguns dos postos.

—Robert J. Sullivan, em *The Wall Street Journal*; AP

Respostas a «Precisa-se de instrumentos»

(*Vide p. 13*)

1. Piano
2. Flauta
3. Violino
4. Gaita
5. Harpa
6. Fagote
7. Trombone
8. Pratos
9. Contrabaixo
10. Violoncelo



Intimidades do reino animal

Viveiro de tartarugas

TODOS os anos, no mês de maio, as tartarugas se congregam aos milhares ao longo do litoral do Golfo do México, numa extensão de muitos quilômetros, e aí põem seus ovos. É tal o ajuntamento, que as carapaças, de 60 a 90 cm de comprimento, ao movimentar-se pelas praias, produzem um estalido contínuo. Os mexicanos, que então aparecem para colher os ovos, caminham sobre aquele mar de tartarugas como em cima dum soalho em movimento constante. Encontrando local conveniente, a tartaruga escava um buraco onde deposita de 60 a 70 ovos, que depois cobre cautelosamente de areia. Daí a três dias, tão subitamente como apareceram, as tartarugas somem da praia.

Os caçadores de ovos—não apenas homens, mas abutres e coiotes tambem—começam a cavar na areia logo que os repteis depositam os primeiros ovos. Os homens demoram-se só um pouco mais do que as tartarugas, mas as aves e os carnívoros alí ficam durante todos os 21 dias que os ovos levam a abrir. É então que se assiste ao melhor do espetáculo; os filhotinhos começam a irromper da areia, como pulgões, e correm para o mar. A praia fica literalmente coberta deles; suas carapaças são ainda tão tenras, que os tornam facil presa de coiotes e abutres; mas, como são tantos, só uma pequena fração cai nas garras dos inimigos.

Mas nem depois de chegarem à água ficam a salvo os recem-nascidos: ao largo, reunidos em densos cardumes, esperam-nos os peixes... Apesar de tudo isso, as tartarugas-mães revelam muito juizo ao escolher aquele trecho da costa: porque logo abaixo do areal existem extensos baixios de rocha, esburacados como favos de abelhas, e é nesses recifes que a maior parte dos filhotes encontram refúgio e segurança, até que as suas carapaças se tornem duras.

—Lillian Leonard, em *Globe*

Advertência musical

O CANTO das aves é mais do que uma expressão de alegria ou um artifício de amor: é, primordialmente, uma declaração de direitos territoriais. Os machos da maioria das espécies migratórias vão para o norte na primavera, antes das fêmeas, e não cantam durante alguns dias. Depois, quando de repente um macho se põe a trinar, é como se proclamasse aos pássaros que o escutam: «Este território é meu, e quem o invadir será punido!» Passados cerca de 10 dias, chega a fêmea e declara seus direitos sobre o macho e

sobre o respectivo território. Alguns pássaros já têm o ninho meio construido quando a noiva chega.

Durante o período da incubação dos ovos, o macho canta com vigor; mas, quando os filhotes rompem a casca, ele é por vezes obrigado a abandonar o poleiro da cantoria, para ajudar a fêmea na colheita dos alimentos. O canto vai-se espaçando e diminuindo à medida que se aproxima o momento dos filhotes largarem o ninho, e, quando a família parte em viagem, não há grande necessidade de cantar, exceto ao anoitecer, para proclamar o direito a certo «território» onde as aves se empoleiram para passar a noite. Chegado o outono, os filhotes já são independentes, e as alegres canções da primavera e do verão deixam de fazer-se ouvir. Tornou-se desnecessário, então, cantar...

—Kerry Wood

Interpretação da dança

HÁ ALGUNS anos, o professor K. von Frisch, da Universidade de Munique, pôs-se em campo para descobrir por que razão, quando uma abelha descobre um campo de flores melíferas, não tarda que apareçam alí, misteriosamente, centenas de abelhas vindas todas da mesma colmeia. O professor edificou colmeias de observação, com janelas de vidro; pintou as abelhas de cinco cores diversas, e numerou-as segundo certo código, de modo a poder identificá-las facilmente.

A primeira abelha a descobrir o mel regressou à colmeia e descarregou o seu fardo; depois começou a dançar. Durante bem um minuto meneou e torceu o corpo para a esquerda e para a direita, e em seguida, com idêntico vigor, repetiu sua dança em outro ponto da colmeia. As outras atropelavam-se atrás dela, seguindo e observando de perto todas as reviravoltas que a companheira executava. A dança era acompanhada de um sinal odorante, emitido por uma glândula especial no abdomen da abelha.

Terminada a dança, as abelhas afastaram-se uma a uma, e sairam da colmeia. A abelha exploradora não só lhes indicara aonde ir, mas ainda que espécie de flor iriam sugar. Daí a poucos minutos tinham encontrado o local, e não por seguirem a bailarina, mas independentemente.

—*Literary Digest*

Transporte aéreo

NO DIZER dos ornitologistas, os beija-flores, ao migrarem para o sul, aproveitam muitas vezes como meio de transporte o ganso canadense, aninhando-se confortavelmente na plumagem macia e quente dessa grande ave. Os caçadores de gansos bravos têm notado com frequência que os passarinhos se soltam, voando, do seu «transporte aéreo», quando este é derrubado a tiro. Às vezes o próprio colibrí que vai «de carona» é abatido tambem...

—*New York Herald Tribune*

Viajante delicada

QUASE todos pensam que as borboletas são criaturas frageis, de vida efêmera, que esvoaçam dentro duma

área muito reduzida; ora a verdade é que muitas variedades delas, pelo menos 290, e muitas delas comuns, vivem longos meses e emigram a milhares de quilômetros de distância...

Quando as borboletas *Monarch* (*Danaüs archippus*), abundantes nos Estados Unidos, migram no outono para o sul, em nuvens cerradas, algumas deixam-se arrastar para o mar largo, e, levadas provavelmente pelos ventos favoraveis, chegam até à Inglaterra. Outra voadora digna de nota, a pequena *Terias Lisa*, amarela, tem aparecido diversas vezes em grande número nas Bermudas, vinda da América do Norte, que, no seu ponto mais próximo, dista mais de 600 milhas da ilha.

A borboleta dos cardos (*Vanessa cardui*) é vista com frequência em densas nuvens, voando ao longo da costa setentrional da África. Transpõe o Mediterrâneo e, depois de sobrevoar a Europa, chega à Inglaterra em junho; algumas delas chegam mesmo a atingir a Islândia! Observou-se na Califórnia, em 1924, um bando desses lepidópteros que tinha bem 65 quilômetros de largura, e que levou três dias a passar, a uma velocidade de uns 10 km por hora. O cientista que observou esse vôo calculou o número das borboletas em cerca de *três mil milhões*.

—Dr. C. B. Williams, Entomologista-Chefe do Posto Experimental de Rothamsted, na Inglaterra

AS BORBOLETAS são tambem aguerridas. Muitos machos tomam posse de determinada área, que defendem contra todos os intrusos. Ficam pousados dias e dias seguidos, numa folha ou tronco de árvore da sua preferência, donde se lançam a patrulhar o seu domínio. Se outra borboleta o invade, segue-se uma curta mas animada luta. Vencido o intruso, a borboleta volta à sua ronda, e muitas vezes se atira galhardamente a qualquer passarinho que cometa a imprudência de violar-lhe o território.

—Austin H. Clark, em *The American Scholar*

As andorinhas são pontuais

HÁ 160 ANOS que as andorinhas voltam todos os anos, pontualmente, no dia 19 de março, à Missão de S. João Capistrano, no litoral da Califórnia, tornando a migrar para o sul no dia 23 de outubro. A 18 de março surge nos ares, vindo do oceano, um bando de centenas de aves, espécie de guarda-avançada que circula algum tempo por sobre a Missão, dá meia-volta e desaparece na direção do mar. Os frades da Missão, nesse ínterim, põem-se a cavar e a regar com água uma vasta poça de lama onde as pequenas aves irão buscar o material para consertar seus ninhos. Ao romper da manhã seguinte, surge no horizonte uma nuvem baixa de andorinhas, que vai crescendo e se alastrando até quase esconder a luz do sol; o ar vibra e zumbe com o bater de miríades de asas finas como crescentes... De repente, enquanto o resto continua voando rumo aos canhões montanhosos que ficam mais longe, um grande segmento da nuvem de andorinhas separa-se das companheiras, desce sobre a Missão, e começa a grande batalha anual dos

pássaros, em que as andorinhas atacam e rechaçam os pardais e outras aves intrometidas que se apoderaram dos ninhos do ano anterior!

Diz a lenda que as andorinhas começaram por construir seus ninhos de lama sob os beirais duma antiga estalagem de San Juan, e que, quando o estalajadeiro destruiu os ninhos e as espantou dalí, elas foram encontrar boa acolhida na Missão, e nunca mais a esqueceram. Nestes últimos anos tem-se juntado grande multidão de pessoas para assistir à chegada das andorinhas, e a National Broadcasting Company chegou mesmo a fazer uma transmissão radiofônica especial, para que os seus ouvintes, em todo o território norte-americano, pudessem escutar o ruflar das asas de milhares e milhares de andorinhas.

—*Time* e *Sunset Magazine*

DURANTE muitos anos, uma senhora, de nome Nancy Harrington, habitou uma suntuosa casa na Quinta Avenida, em Nova York. Há cerca de dez anos, pretendendo passar o verão fora, ia fechar a casa, quando recebeu a visita de um francês, Henri La Roche, que se dizia representante da companhia que segurava a preciosa coleção de objetos de arte da sra. Harrington. «Estamos interessados em saber como a sra. costuma proteger-se contra os ladrões, enquanto a casa está fechada,» disse ele.

O leitor já deve ter adivinhado que La Roche não passava de um refinado gatuno. Tendo por cúmplice um funcionário da companhia de seguros, conseguia ser admitido nas casas dos segurados, que lhe mostravam as fechaduras, portas falsas e campainhas de alarme, chegando mesmo a indicar quais os objetos mais dignos de serem roubados. Depois de percorrer a casa da sra. Harrington, La Roche fez-lhe várias sugestões. Em primeiro lugar, deveria ela providenciar afim de que fossem suspensas as entregas diárias de leite e dos jornais. «Essas coisas,» explicou, «acumuladas na entrada das casas, constituem um verdadeiro convite ao primeiro ladrão que passar. Recomendo-lhe tambem que não baixe as venezianas, para não revelar que a casa está deshabitada.»

Na tarde seguinte à da partida dela, La Roche penetrou na casa, baixou as venezianas e empacotou cuidadosamente meia dúzia dos principais objetos de arte. Ao sair, pela porta principal, topou com dois policiais.

«Vou acompanhá-los calmamente,» observou La Roche. «Tenho horror a conflitos. Mas os senhores poderiam, pelo menos, explicar-me como souberam que eu me encontrava dentro da casa?»

Um dos policiais apontou para as venezianas baixadas. Em cada uma delas, em letras garrafais, liam-se as palavras: «Há ladrões aqui.»

—Billy Rose

O QUE OS HOMENS NOTAM NAS MULHERES

(Condensado de «Ladies' Home Journal»)

Por Judith Chase Churchill

AS PRIMEIRAS impressões são muito mais importantes do que, em geral, imaginamos. Pois parece que os homens não só «descobrem» certos aspectos inesperados da alma feminina como empregam toda uma série de recursos engenhosos para desvendar-lhe os menores segredos.

Antes de submetermos o problema a várias celebridades, acreditávamos que as primeiras impressões dos homens com relação às mulheres fossem bastante uniformes. Chegamos, porem, à conclusão de que eles são muito mais perspicazes do que jamais suspeitáramos.

Sir Norman Angell (escritor): «Julgo as mulheres, sobretudo, pelo que *deixam* de fazer. Se tiverem a coragem de exibir as unhas com que nasceram e forem discretas no uso do *bâton* e dos coquetéis—esses traços negativos indicarão pessoas que vale a pena conhecer mais de perto.»

Robert Taylor (astro cinematográfico): «Observo-lhes a maneira de caminhar. Tenho tanto horror ao andar artificial das melindrosas como às passadas largas, demasiado esportivas. É possivel dizer muito de uma mulher, a cem metros de distância, pelo seu modo de caminhar, antes mesmo de lhe termos visto o rosto.»

Bing Crosby (cantor popular): «A primeira coisa que observo numa mulher são os olhos. Se faiscam, é porque ela tem bastante espírito para receber bem um gracejo—e eu adoro gracejar com as pequenas.»

Michael Arlen (romancista): «Antes de mais nada, procuro ver se a mulher é interessante ou não. Depois, se *ela* me acha ou não interessante.»

Henry C. Link (escritor): «Vejo a mulher sob dois aspectos: o estético e o espiritual. Nos restaurantes, na rua, nos lugares públicos, olho-as como olharia a um quadro. Na vida social, porem, procuro conhecer-lhes a personalidade. Esta se mede pela extensão e desenvolvimento dos hábitos uteis ou de interesse para os demais. O que uma mulher faz pelos outros revela muito mais do que o que faz a si mesma.»

Guy Lombardo (regente de orquestra popular): «O estado de espírito é muito importante—a atitude de uma

mulher pode transformar-lhe, inteiramente, a aparência. Tenho visto mulheres de expressão tão radiante que nem chego a notar que espécie de roupa vestem ou, mesmo, se são louras ou morenas.»

Budd Schulberg (romancista): «Distingo logo as mulheres cujo único fito é serem interessantes, daquelas que têm a cabeça assentada e procedem como pessoas normais e não como manequins. Os manequins ficam bem nas vitrinas, mas uma mulher interessante sem pretensão decorativa é um prazer não só para os olhos como para o coração.»

Victor McLaglen (ator cinematográfico): «Noto-lhes, sobretudo, as mãos. Menos, porem, o feitio, do que a maneira de usá-las.»

Eddie Cantor (comediante): «O que vejo nos olhos das mulheres me evita trabalho e complicações.»

Victor Moore (ator cômico): «Gosto sempre de vê-las chegar e, algumas vezes, de vê-las partir.»

Aconteceu num ônibus

ARMAND WHOLLEY, motorista de um ônibus de Boston, notou com indignação que uma senhora, carregando nos braços um bebê, viajava de pé, enquanto vários homens se achavam refestelados nos assentos, lendo seus jornais. Armand encostou o ônibus no meio-fio, levantou-se e, curvando-se cavalheirescamente ante a senhora, ofereceu-lhe o seu lugar. «Pode sentar-se, minha senhora. Eu não posso ficar sentado nesse lugar enquanto a senhora estiver de pé.»

Envergonhados, vários homens pularam de seus lugares e dalí a pouco o veículo prosseguia viagem, com a senhora confortavelmente sentada.

—Milton G. Lambert, no *Post*, de Boston

EM UM ÔNIBUS, um passageiro, sentado ao lado de uma senhora idosa que tricotava tranquilamente, puxou de um cigarro e o acendeu. Ao soltar a primeira baforada, a fumaça foi toda para o rosto da senhora, que se limitou a sacudir a cabeça, nada dizendo. Como, porem, o vento continuasse a trazer para o seu rosto toda a fumaça do cigarro, ela, muito delicadamente, apontou para o aviso «É proibido fumar» e pediu que ele não continuasse. O homem, porem, não lhe deu atenção alguma.

Com os lábios apertados em muda indignação, ela meteu a mão na bolsa e, enquanto o fumante olhava distraido pela janela, cortou a ponta do cigarro com uma tesoura.

—Joe Harrington, no *Post*, de Boston

O «plano de recuperação européia» de um soldado agricultor

ALGO MAIS, ALEM DE PÃO

(Condensado de «Foreign Service»)

Por Karl Detzer

UM BELO DIA, em 1946, este jovem soldado do Indiana, de olhos azuis e alta estatura, foi informado de que em breve estaria a caminho de alem-mar. Sem perda de tempo, escreveu por via aérea à srta. Mildred Schlosser, funcionária do serviço agrícola na cidade de Terre Haute.

«Queira remeter-me sem demora quatro dólares de sementes de hortaliças,» dizia a carta. «É favor incluir tambem algumas de milho doce. Junto o cheque.»

Assinou a carta: «Birch Bayh, soldado.»

A srta. Schlosser não perdeu tempo: remeteu logo pelo correio dezoito pacotes de sementes. Birch Bayh, agora soldado, havia sido o seu melhor aluno nas aulas de agricultura que ela dava. Durante dois períodos foi ele, tambem, presidente de um clube agrícola juvenil, e o canteiro de tomates que ele cultivava na fazenda do avô, tinha ganho um prêmio de 200 dólares por ser a melhor horta do Indiana cultivada por um menor. Bayh tinha começado a estudar agricultura na Universidade de Purdue, quando, aos 19 anos, assentou praça no Exército.

Seu plano pessoal de restauração da Europa quase foi por água abaixo no porto de embarque. Ao descobrir os pacotes de sementes, o sargento objetou: «Que negócio é esse? O regulamento só permite levar equipamento militar e objetos de uso pessoal. Agora, sementes de hortaliça—jogue isso fora!»

Alí mesmo Bayh deu mostras de possuir o primeiro atributo da diplomacia: não disse nada. Logo em seguida rasgou um a um os envelopes de sementes e distribuiu estas pelos bolsos de todos os seus uniformes. Assim espalhadas, as sementes não chamavam a atenção, e os inspetores não deram por elas.

A companhia de Polícia Militar de

que ele fazia parte chegou finalmente a seu destino: uma pequena aldeia alemã, Hungen, a uns 56 quilômetros ao norte de Francfort. Bayh ia tirando, todas as noites, uma pitadinha de sementes dos bolsos, com grande gáudio dos camaradas; com mil cautelas, vagarosamente, foi selecionando e agrupando as sementes segundo as dezoito variedades a que pertenciam. Ao relembrar o fato, ele comenta: «Deu trabalho, mas eu estava resolvido a plantar uma horta.»

Hungen era uma aldeia sem valor estratégico, tendo suas casas e campos ficado intactos. Entretanto, como todo o resto da Alemanha, sofria de fome.

«E não era só fome de comida, não,» explica Bayh. «Seus habitantes tinham fome de outra coisa—de uma finalidade na vida. De tudo que tinham aprendido, nada deu certo. Tinham-lhes dito que, graças ao nazismo, seriam donos do mundo: e agora estavam dominados. Eles se sentiam um tanto confusos com isso. E não sabiam o que pensar de nós, americanos.»

Eram sobretudo as crianças que preocupavam o jovem soldado: aqueles meninos alemães, que lhe pareciam deprimidos e apáticos.

«Isso me aborrecia muito,» diz ele, «e um dia resolví falar com o cabo George Rademacher, da nossa companhia, encarregado das atividades juvenís naquela aldeia. Ele gostou da minha idéia da horta, e procurou o burgomestre, que prometeu ajudar.

«Lá bem nos confins da povoação encontramos um lote baldio, com uns 800 metros quadrados. A terra não parecia nada má. O prefeito nos emprestou um trabalhador com uma junta de bois para lavrar o terreno.»

Em seguida, Bayh mandou recado aos meninos da aldeia, dizendo que tinha trabalho para eles. Apresentaram-se noventa, pertencentes a 45 famílias. O número de meninas era quase igual ao dos meninos. Bayh marcou no terreno 45 lotes, cada um deles com uns 2 m x 6 m.

«Entreguei cada canteiro da horta a dois gurís,» explica Bayh, «geralmente dois irmãos. Assim, os gêneros que eles cultivassem ficariam em família. Trouxeram de casa as ferramentas, e o trabalho se iniciou.»

Seguiu-se um mês de chuva e frio. O soldado não quis distribuir as sementes enquanto a terra não estivesse devidamente enxuta. Nesse ínterim, pôs os meninos a trabalhar numa obra de interesse coletivo: com as madeiras e os pregos que o exército norte-americano lhes forneceu, edificaram um barracão para as ferramentas.

«Eu queria mostrar aos garotos que eles seriam capazes de fazer muita coisa, se trabalhassem juntos,» diz Bayh. «Poderíamos ter dado o barracão já pronto, mas não seria a mesma coisa. O importante era justamente que eles próprios fizessem a construção, e sentissem que aquilo era propriedade deles.»

Quando finalmente a terra já estava em condições de se poder lavrar, Bayh dividiu as suas preciosas sementes em 45 porções iguais, e os pequenos horticultores plantaram tomates, couves, nabos, cenouras, pepinos, milho, feijão, e outros legumes. Cada grupo porfiava em ser o primeiro a colher a safra e produzí-la em maior abundância e de melhor qualidade. Graças ao rapazola do Indiana, 90 pares de braços infantís passaram muito tempo ocupados, e 90 espíritos de jovens alemães se encheram da deliciosa preocupação de ver crescer o que haviam cultivado.

«Esses meninos,» acrescenta Bayh, «descobriram que, se cada um fizesse o que lhe competia, quando chegasse o inverno não precisariam recorrer ao governo, ou a qualquer organização de socorro, com a frequência antiga.»

Ao remeter-lhe os envelopes com sementes, a srta. Schlosser incluira na encomenda diversas sementes de flores sortidas. Graças a isso, Bayh pôde traçar uns canteirinhos de flores, que ficaram entregues à responsabilidade coletiva da gurizada.

«Os canteiros floridos faziam uma vista linda!» comenta ele. «Aos domingos de tarde vinha gente da aldeia só para ver as flores.»

Nesse verão os petizes produziram quantidades assombrosas de hortaliças. Cada família recebeu cerca de 15 quilos de repolho, três de feijão, quatro de nabos, seis de rutabagas, nove litros de espinafre e treze de tomates. Cada menino ainda levou para casa um pouco de salsa, pepinos, pimenta, beterraba, alface, couve e outros produtos da horta. Pode-se assegurar que, no inverno de 1947, a aldeia de Hungen teve farto suprimento de víveres. Os alemães, com o seu espírito de economia, recolheram cuidadosamente as sementes, e tornaram a semeá-las no verão de 1948, prosseguindo assim na obra que Birch Bayh iniciou.

Birch Bayh, que já deu baixa, vai regressar à Universidade de Purdue afim de estudar agricultura. «Se todos os meninos alemães houvessem participado desse trabalho de horticultura,» diz ele, «aposto que não haveria perigo de surgir outro Hitler nestes próximos 15 ou 20 anos. Aqueles meninos não precisam só de comida para o estômago: sentem falta também de sustento para o espírito.»

Num taxi, em Nova York, li a seguinte nota assinada pelo chofer:

«Prefiro que o sr. converse comigo
a que me dê gorjeta. Sinto-me só.»

«Sou um pouco filósofo, meu chefe,» explicou-me o chofer. «Depois de um bom dedo de prosa, a gorjeta é maior e tem a aparência menos de gorjeta que de um presente em dinheiro.» Ao descer, dei-lhe uma boa gratificação. «Vê como tenho razão?» disse ele, com um sorriso significativo.

—Hy Gardner, em *Parade*

Uma conhecida desenhista de figurinos quis tomar providências sobre a indumentária masculina...

A roupa faz o homem... *sentir-se incômodo*

Condensado do livro «Fashion is Spinach» *Por Elizabeth Hawes*

A IDÉIA de fazer alguma coisa pela indumentária do chamado sexo feio me ocorreu uma noite enquanto ouvia Frank Lloyd Wright, especialista em arquitetura moderna, que dissertava sobre as últimas novidades em casas «funcionais». O sr. Wright trajava a rigor: *smoking* e camisa de peito duro.

Toda vez que ele proferia a palavra «moderna» a camisa dava um estalo e quando dizia «funcional», ela lhe escapava do colete. Automaticamente, o orador comprimia a camisa sobre o peito e continuava com a sua dissertação.

«Fantástico!» murmurei comigo mesma, enquanto Wright disparava suas bombardas contra o passado arquitetônico. Depois disso, em subsequentes jantares a que comparecí, passei a fazer perguntas a vários convidados.

—O sr. se sente à vontade nessa indumentária? indagava, por exemplo, a um cavalheiro que eu notara metendo um dedo no colarinho para afrouxá-lo.

—Como?

—Eu queria saber se sua roupa é confortavel, repetia.

—Está claro!

—Deveras? Pensei que o colarinho estivesse ferindo o seu pescoço...

—A beirada do colarinho está um pouco áspera, explicava o homem, e logo acrescentava com ares de desafio:

—Mas esta roupa é muito boa!

Talvez fosse mesmo, mas o fato é que os cavalheiros invariavelmente se zangavam com as minhas observações sobre suas roupas. Ao chegar o verão, porem, eles já se apresentavam nas festas com ternos mais leves, ao invés dos *smokings*. Não obstante, as gotas de suor não tardavam a aparecer.

—Por que não tira o paletó? costumava perguntar-lhes.

O cavalheiro olhava para mim com surpresa e satisfação, mas logo suspirava, explicando:

—Não posso; estou de suspensórios...

—Por que não usa cinto?

—Os suspensórios são mais cômodos, era a resposta.

Lá isso é verdade. Para o conforto mais vale ter as calças fixadas com suspensórios do que levar uma tira de couro amarrada em torno do corpo; mas, por outro lado, são geralmente tão feios, que nenhum homem se animaria a exibí-los...

Quanto ao uso de cores claras, os homens sempre recebem com desprezo as minhas sugestões. «Só os afeminados usam essas cores,» diziam. E eu pensava: «Quando é que estes senhores deixarão de fazer alarde de sua masculinidade?» De fato, no tocante a modas, eles são tão vaidosos quanto as mulheres. Há alguns anos, não era considerado másculo o uso das camisas de colarinho aberto ou de roupas de cores mais vistosas, com exceção apenas das gravatas; e até há poucos anos não era de bom gosto usar camisas de colarinho mole.

Em meados de 1935, fui convidada por uma revista a fazer uns desenhos originais para roupas de homem. Entre os que apresentei havia um terno de passeio que tinha uma blusa frouxa, como as dos dentistas, e um paletó sem gola, em forma de *smoking*. (Eu já tinha observado que as golas dos ternos quase nunca assentam bem. São cortadas de modo a cair bem quando o dono está de pé, mas quando se senta, elas se amarfanham. Na verdade, o paletó de um terno «de bom corte» é uma coisa absurda, porque, para poder sentar-se, o cavalheiro tem que desabotoá-lo...) Os meus esboços mostravam tambem trajes de rigor com faixa de côr, e camisa macia que, em lugar de colarinho, levava um debrum. As minhas idéias despertaram muitos comentários, mas muito breve vim a compreender que nenhum homem compraria roupas feitas segundo meus desenhos, e por isso desistí de preocupar-me com a indumentária masculina.

Aconteceu, porem, que em 1937 tive uma conversa com Tony Williams, alfaiate de Nova York. Nesse ínterim vinham-se processando diversas transformações nas vestes masculinas. Já se consideravam másculas, afinal, as camisas de pano macio e de cores várias, e os cavalheiros não se recusavam a usar trajes de rigor em diversos tons. Sugerí então a Williams que ele fizesse alguns ternos segundo meus desenhos e que déssemos uma festa para apresentá-los em público.

Eu queria que esses ternos fossem a um tempo confortaveis e atraentes. Com a renitência de uma artista inspirada, decidí que os suspensórios deviam ser um objeto estético e adiantei que os de cadarços largos eram mais cômodos que os de tirantes estreitos, os quais machucam os ombros.

Procurei entre os meus conhecidos alguns cavalheiros que servissem de modelo para as minhas roupas. As vítimas—entre as quais havia um crítico teatral, um desenhista de cenários e um advogado—a princípio caçoaram do meu plano, mas depois cooperaram em tudo.

Na noite da festa, o criador de cenários apresentou-se com calças de um linho azul especial, que não amarrota; suspensórios de listas ligados ao cós por anéis de latão e usados sobre uma

blusa tambem de linho, de côr natural. A blusa levava na frente um fecho *éclair* e tinha um colarinho largo que podia ser abotoado ou aberto, segundo as condições do tempo. Esse traje, conforme eu explicava, era para usar na rua nos dias de calor, mas tão elegante que se podia usar tambem no escritório, ao receber visitas e clientes.

O crítico de teatro trajava uma túnica verde de linho, com um cinto e fecho *éclair* na frente; as calças eram de seda cinzenta, pesada, tendo um elástico no cós para substituir o cinto. Essa roupa era confeccionada de maneira que com ela os cavalheiros se sentissem tão confortaveis no verão como as esposas com seus vestidos leves.

Outro dos meus modelos apresentou-se com a simplicidade de quem vai a um jantar em família. Usava calças de marinheiro, de belbutina leve, atadas a cadarço pela parte de trás, e uma camiseta listada, de linho.

A indumentária do advogado era de lã azul escuro, sem inovações quanto às calças; mas a camisa era de seda fina e branca, do feitio das blusas de dentista, com o colarinho abotoado por trás, sem gravata. O paletó era aberto e sem gola, talhado de modo a cair frouxamente. O homem era espadaudo, e conquistou uma enorme salva de palmas ao surgir na sala, especialmente porque parecia sentir-se à vontade.

Um rapaz pertencente ao nosso grupo apresentou-se de calças negras de gorgorão, presas por alças ao sapato; o jaquetão, que ia até à cintura, era de gorgorão rosado; a camisa e o *cache-col* eram de seda branca. Era traje de rigor, e muito elegante.

Essas inovações eram meros ensaios, idéias embrionárias. A inutil gravata fora condenada ao limbo, o colarinho duro desaparecera e o colete ou era usado para dar um toque de côr, ou fora banido de uma vez.

Ignoro se os cavalheiros que tão bondosamente serviram de modelo para mim, voltaram a usar essas roupas. Mas isso não é o mais importante. O essencial é que pude imaginar, por alguns momentos, que a indumentária masculina pode ser confortavel, podendo evitar-se o horror dos pescoços metidos em colarinhos engomados; já eu sonhava com centenas de cavalheiros movendo-se livremente, durante o verão, em túnicas de linho e calças de seda. E pensei que, num futuro remoto, bem poderiam as mulheres deleitar-se vendo seus namorados e esposos a ostentar «linda plumagem», como sucede entre as aves...

PENSO sempre no céu aberto que seria este mundo se todos tratássemos nossos semelhantes como tratamos nossos cães.

—Albert Guérard, *Personal Equation* (Norton, ed.)

A estranha comunidade dos mórmones

(Condensado de «Country Gentleman»)

Por Katharine Best e Katharine Hillyer

Como 840 mil mórmones se seguraram contras as vicissitudes econômicas

DO PONTO em que estavam, no campo, atrás dos galinheiros, Clark Brinton e sua mulher não puderam ver os primeiros rolos de fumaça que irromperam pelo telhado da casa da fazenda. Quando se aperceberam, havia já no céu uma nuvem negra. Era tarde demais para qualquer providência. A casa estava envolta num mar de labaredas.

Durante o resto do dia, homens e mulheres, em sua maioria desconhecidos do casal Brinton, movimentaram-se entre a fazenda e a distante cidade de Salt Lake City, em automoveis e caminhões, trazendo roupas, moveis, lençóis, cobertores, utensílios de cozinha e alimentos. Ao anoitecer, o porão de uma casa vizinha estava transformado em confortavel apartamento, onde se instalaram os Brinton. Na manhã seguinte, começou o trabalho de *bulldozers*, e, no fim de dez dias, ficou pronta uma nova casa, no lugar da antiga, mobiliada, pintada e com jardim bem planejado.

Os Brinton não puderam agradecer a todos quantos os ajudaram. No momento em que se concluiram as obras, os habeis e desconhecidos trabalhadores regressaram às suas ocupações habituais, às suas fazendas e aos seus empregos. Nada quiseram receber, nem mesmo agradecimentos. Como membros da Igreja Mormon, fizeram por aqueles irmãos de crença o que

desejariam que os outros lhes fizessem, em situação idêntica.

O extraordinário Programa de Auxílios Mutuos da Igreja Mormon desenvolveu-se tanto nos últimos 16 anos, que todos os 840 mil filiados da Igreja de Jesús Cristo dos Santos dos Últimos Dias estão assegurados contra os reveses econômicos, sem excetuar o caso de uma «depressão» geral. Poderão manter-se sem uma única colheita durante vários anos. Continuariam sadios e aquecidos, pois os 110 armazens espalhados pelo território mormon dispõem não somente de estoques de alimentos como de combustiveis, remédios, roupas e materiais de construção.

As inundações do Rio Colúmbia, no ano passado, puseram à prova esse programa de assistência, pois 50 famílias mórmones tiveram todos os seus bens destruidos. Em poucas horas, o armazem local iniciava seus fornecimentos às famílias flageladas. Sendo insuficientes os estoques de alguns artigos, os gerentes do armazem se puseram em contacto imediato com os escritórios centrais em Salt Lake City.

«Tínhamos tudo em estoque, menos travesseiros,» diz Steward Eccles, chefe do Serviço de Distribuição, em Salt Lake City. «Convoquei os nossos voluntários, que em seis horas confeccionaram 105 travesseiros. Às quatro da tarde desse mesmo dia, todas as requisições, cerca de 20 toneladas de suprimentos, estavam em caminho da zona flagelada, numa procissão de veículos.»

O Programa de Auxílios Mútuos correspondeu a uma necessidade real. A idéia surgiu durante a crise de 1932, numa reunião extraordinária da Igreja. O plano, em síntese, consistia no seguinte: os 1.400 núcleos da seita, com 600 filiados cada um, deveriam iniciar um «programa de assistência» que abrangesse trabalhos agrícolas, de moagem, enlatamento, alfaiataria, mineração, carpintaria, enfim, as atividades mais adequadas às condições econômicas e as disponibilidades de mão-de-obra das respectivas localidades. O dinheiro dos dízimos da Igreja e os fundos coletados especialmente, deveriam ser aplicados na aquisição e equipamento de propriedades. Estas, dirigidas e desenvolvidas por voluntários mórmones, teriam os seus produtos permutados por outros das demais comunidades da mesma seita e armazenados em depósitos a serem construidos e mantidos tambem por voluntários.

O escambo entre os 1.400 núcleos se processa, hoje, em proporções consideraveis. Batatas de um núcleo do Idaho são trocadas por salmões de um núcleo do Óregon, por sabão de Provo, brinquedos de Ogden, blusas de Los Ângeles. Nenhum mormon necessitado, que receber bens e serviços do fundo comum se sentirá devedor a quem quer que seja. Em recompensa dos serviços que prestem à coletividade, enquanto fisicamente capazes, todos adquirem títulos legítimos a uma parcela do tesouro mormon.

Hoje em dia, é raro o fazendeiro mormon que não trabalhe de vez em quando como pedreiro, ou o chofer de caminhão que não crie mais alguns calos na mão durante a colheita das beterrabas. Durante os dezesseis anos de desenvolvimento dos Auxílios Mútuos, uns 670 mil fiéis doaram, em média, cerca de 16 horas de trabalho, por ano, à comunidade, executando as tarefas mais variadas, desde as de magarefe até a de confeccionar enxovais para bebês. Como resultado, a organização dispõe hoje de propriedades no valor de seis milhões de dólares —mais de sete mil hectares de terras cultivaveis, 65 postos de enlatamento de gêneros, elevadores de cereais, duas serrarias, uma fábrica de sapatos, uma de queijos, outra de sabão, um moinho de trigo e uma mina de carvão. O valor das mercadorias em estoque eleva-se a um milhão e meio de dólares.

A principal atividade dos centros de Auxílios Mútuos se desenvolve em torno da produção de alimentos. Tomemos um exemplo: certo dia, durante o verão de 1948, 104 homens se reuniram numa fazenda perto de Idaho Falls, às 4 e meia da madrugada e, em duas horas e meia, concluiram a colheita de beterrabas numa área de oito hectares. Tomaram, em seguida, seus automoveis e partiram para suas ocupações habituais.

Contribuiram, assim, com a sua quota de trabalho para a produção anual do núcleo a que pertenciam. A distribuição do trabalho é feita por um grupo de diretores, que calculam as necessidades de todos os núcleos da seita e a capacidade produtiva de cada um deles. As tarefas são cuidadosamente distribuidas e conscienciosamente realizadas.

Durante a época das colheitas, os postos de enlatamento de gêneros funcionam dia e noite. Os trabalhadores voluntários, homens e mulheres, organizam-se em turmas revesadas regularmente às oito da manhã, às quatro da tarde e à meia-noite.

Por vezes, certas tarifas não-agrícolas utilizam uma pequena parte dos fundos provenientes dos dízimos. Uma antiga escola de meninas em Logan, no Utah, foi inteiramente remodelada para servir de armazem regional. Esta remodelação custou apenas a insignificância de 15 dólares, paga por um serviço especial de pedreiro. Tudo o mais foi doado. Quatro empregados pagos trabalham no armazem, onde servem, diariamente, de 60 a 125 voluntários alternados como caixeiros, almoxarifes, enlatadores e costureiras.

O primeiro apelo foi dirigido aos mórmones desempregados, em Salt Lake City, no sentido de demolirem um velho edifício e iniciarem, com os materiais que pudessem recolher, a construção do primeiro armazem dos Auxílios Mútuos. Em pagamento, receberiam o excedente da produção agrícola que não encontrasse mercado. Em seis meses, ergueu-se o edifício, que é hoje o coração do sistema de armazens da seita. Dispõe de um grande depósito, um mercado, várias oficinas e uma garage para a conservação e consertos da frota de caminhões pesados ao serviço da organização. Atende às necessidades de 165 núcleos

(cerca de cem mil filiados) e tem um corpo de 30 empregados pagos e 200 voluntários por dia.

Todos os edifícios foram construídos pelos comerciantes e fazendeiros mórmones do local, sob a direção de eletricistas, bombeiros e carpinteiros da mesma seita. Uma das mais notáveis realizações foi a edificação de um imenso elevador de cereais, com capacidade para 112 mil hectolitros, feita por 640 homens, depois das suas horas normais de trabalho.

A disposição do mormon de bem servir, conscienciosamente desenvolvida e superiormente dirigida, tem produzido verdadeiros milagres nas situações dificeis. No outono de 1945, uma súbita inundação assolou a região nordeste de Salt Lake City, irrompendo através do cemitério municipal, e arrastando lajes, árvores e esquifes até um bairro residencial.

Em uma hora, os tétricos detritos invadiram seis quarteirões inteiros de casas. O bispo mormon da região pediu, pelo rádio, a assistência da organização de Auxílios Mútuos. Quatro mil homens apresentaram-se imediatamente. A metade teve de ser dispensada: não havia enxadas e carrinhos de mão para todos. Os que ficaram trabalharam a noite inteira, removendo lodo e detritos, consertando garages, cercas e portões, limpando parques e jardins. Não só os mórmones, mas muitas outras pessoas, tiveram essa legião laboriosa a seu serviço. Nas cinco noites seguintes, os homens proseguiram em sua faina, não deixando o mais leve sinal da enchente.

Embora menos espetacular, é igualmente importante o trabalho cotidiano no interior dos armazens. Cada um deles contem um mercado de gêneros alimentícios tão bom quanto os melhores da cidade. Com uma única diferença: não têm caixa registradora. Outras salas exibem moveis, vestuário e roupas de cama.

Só podem abastecer-se nos armazens os mórmones que apresentarem um atestado de necessidade, expedido pelo bispo do respectivo núcleo. Periodicamente, o bispo e uma senhora da igreja local visitam as famílias da comunidade. Se for comprovado o estado de necessidade, a família recebe um cartão que lhe dá direito a retirar dos armazens os gêneros de que necessitar. Há, ainda, um serviço de entregas semanais para as pessoas doentes ou sem meios de locomoção. Calcula-se que, desde a fundação dos Auxílios Mútuos, 430 mil mórmones foram abastecidos pelos armazens. Encabeçam a lista de prioridade as pessoas idosas; depois, as viuvas; em terceiro lugar, os mórmones que vivem na Europa. A contar de 1945, foram embarcados, para estes últimos, 107 vagões de alimentos, roupas, etc.

O objetivo inicial desse plano foi dar trabalho aos desempregados. Hoje, visa acumular reservas para fazer face às necessidades e incertezas do futuro. Para o mormon, a organização de Auxílios Mútuos é a sua apólice de seguros contra os reveses da vida, e o armazem regional o símbolo da previdência. Para ele, não há homens esquecidos.

Meio litro de sangue

Hal Borland

DIGAMOS que se chamava dr. Case. Era um médico da roça, da velha escola, grande amigo meu há uns vinte anos. Depois de nos havermos separado, passei a visitá-lo com frequência no seu vilarejo e ele contava-me, ocasionalmente, episódios da existência de pessoas que, juntos, havíamos conhecido. Foi assim que me falou de John e Louise.

John era um fazendeiro inculto, de grande estatura e forte como um touro. Tinha começado a vida com 50 cabeças de ovinos; ambicioso e frugal, daí a 10 anos era dono de 2 mil ovelhas e de extensas pastagens para as mesmas. Comprou depois uma fazenda de alfafa nos arrabaldes e começou a engordar os seus rebanhos. Chegado aos 45 anos de idade, era o que se chama um proprietário abastado.

Casou-se então. Louise era uma moça do lugar, que, havendo concluido o curso ginasial, fora trabalhar num restaurante da vila. Foi alí que John a conheceu, no verão do mesmo ano em que ela completou os seus vinte anos. Daí a pouco, o fazendeiro começou a aparecer no restaurante todas as manhãs às dez em ponto, para tomar a sua xícara de café. Vinha da fazenda e estacionava o automovel à porta do restaurante. Era tão pontual que a gente até podia acertar o relógio pela chegada dele... Metódico como um moinho de vento, e certo como as estações do ano.

Louise palestrava com ele a respeito do tempo, das colheitas e de inofensivas bisbilhotices locais. John, sem dizer palavra, olhava para ela, sorria, e balançava a cabeça em aprovação. No fim dizia: «Bom, são horas de voltar pro trabalho. Até amanhã.»

Durou isto bem uns três meses. Um dia, o dr. Case tinha parado alí para tomar o seu café depois de uma visita, e assistiu à cena. John disse à moça: «Louise, eu queria que você se casasse comigo.» Louise ficou quase sufocada com a surpresa, e por pouco ia entornando o café. Segundo me disse o médico, era como se os dois, John e Louise, estivessem alí sozinhos a conversar. A moça respondeu: «John, talvez eu me resolva. Mas me dê um dia ou dois pra pensar, sim?» John assentiu, tragou o café e despediu-se com a frase habitual.

Casaram daí a quinze dias, e foram passar a lua-de-mel em uma cidade de veraneio. Depois instalaram-se na fazenda de alfafa. Louise mandou pintar a casa toda, pôr papel nas paredes e mobiliou de novo os quartos com moveis vindos expressamente de uma ci-

dade próxima. Durante todo aquele primeiro ano andaram operários na casa, instalando a cozinha nova, construindo a varanda e revestindo-a de tela contra mosquitos.

Mas o dr. Case sabia perfeitamente que as coisas não corriam lá muito bem. Duas vezes John mandou chamá-lo para que ele examinasse a esposa, e o clínico percebeu que ela não vivia contente. Nem tãopouco gozava de saude: queixava-se de terriveis dores de cabeça, sem que o doutor conseguisse descobrir qualquer perturbação orgânica. A segunda vez que foi vê-la, perguntou-lhe se o marido a tratava «como devia ser». Louise respondeu que John era o melhor marido que uma mulher podia desejar, só que— bem, não falava quase nada, e uma mulher sempre gosta que lhe digam uma palavrinha. A partir de então, parece que as coisas entraram nos eixos. Poucas semanas depois, quando o médico a encontrou na vila, Louise disse-lhe: «Acho que eu estava era imaginando dores e doenças. Agora resolví ficar forte como o John!»

Só passado ano e meio é que o médico tornou a ter notícias do casal. Certa madrugada, por volta das três e meia, alguem o acordou aos murros na porta. Era John, que deixara o carro em frente da casa, com o motor em funcionamento. «Doutor,» disse ele, «Louise está muito mal. Nós precisamos do senhor, e depressa!» Louise estava no carro, quase desmaiando de dor. Tinham passado uns dias na fazenda de criação, e a dor lhe viera naquela mesma noite. A pobre ainda tentou fingir que não tinha nada, mas o sofrimento era tal que não se podia dominar. Perdera os sentidos no caminho, naquela viagem de cerca de 45 quilômetros.

O médico carregou-a para o seu pequeno hospital de 4 leitos, e a operou imediatamente. Apêndice supurado, coisa séria; mas pelo amanhecer a moça recobrou forças, e o dr. Case pensou que tinha ganho a partida. Disse ao marido dela que só daí a 24 horas poderiam saber o resultado, mas que, segundo lhe parecia, o pior já tinha passado. John chorou como um bebê. «Ela tem que escapar, doutor!» disse ele. «O sr. precisa dar um jeito!»

Pelo entardecer, porem, Louise tinha piorado. O doutor lhe deu duas transfusões de plasma, durante essa noite, mas apesar disso ela enfraquecia a olhos vistos.

—É que eu não tenho forças pra lutar, doutor, disse ela num sopro.

—Que conversa é essa? perguntou o clínico. —Então você não me disse que ia ficar rija e forte como o John?

Louise sorriu debilmente.

—John é tão forte que nem precisa de mim. Se ele precisasse, bem que teria dito, o sr. não acha?

—Louise, seu marido precisa de você, quer ele confesse quer não, insistiu o médico.

A doente abanou a cabeça e fechou os olhos. O dr. Case foi ao escritório, onde John esperava, e disse a este:

—Ela não quer sarar.

—Mas ela *tem* que sarar, doutor! bradou o marido. —Olhe, doutor, e uma transfusão não adiantaria?

O médico explicou que já lhe tinha dado plasma sanguíneo.

—Mas eu quero dizer é do *meu* sangue, doutor. Eu tenho sangue que chega para nós dois!

O médico o foi conduzindo pelo corredor, e indagou:

—Você gosta mesmo de sua mulher?

—Se não gostasse, não teria casado com ela.

—E chegou a dizer isso a ela alguma vez? inquiriu o médico.

Os olhos de John se esbugalharam de surpresa:

—Ora essa! Então eu não tenho dado a ela tudo que é preciso? Que é mais que eu posso fazer?

—Fale com ela, aconselhou o médico.

—Eu não sou homem pra falas, doutor. Que diabo, ela bem sabe! John agarrou o braço do médico com força insistindo:

—Dê meu sangue a ela!

O doutor refletiu um instante. Em seguida conduziu John para o pequeno laboratório do hospital, tirou-lhe uma amostra de sangue, e verificou de que tipo era.

—Bom, disse por fim. —Daquí a dez minutos, John.

O médico foi para o quarto da doente e lhe explicou que John queria dar-lhe uma transfusão de seu próprio sangue. Nos olhos dela brilhou uma chispa de interesse. A seguir, o doutor tomou-lhe o pulso: estava fraco e ligeiramente agitado... As probabilidades de salvação eram muito escassas. Chamou a enfermeira para o corredor e explicou-lhe em segredo o que tencionava fazer, rematando: «Eles nunca viram uma transfusão...»

Daí a momentos levou John para o quarto da enferma. A mesa de operações já estava colocada junto da cama, com uma cortina pendente entre uma e outra. Quando John se deitou na mesa, a enfermeira arredou a cortina. O marido estendeu à mulher a sua grande mão desajeitada, e disse:

—Agora, sou *eu* que vou curar você, Louise!

Sem olhar para ele, a doente murmurou:

—Por quê?

—Por que é que havia de ser? perguntou John.

—Não sei...

—Você é minha mulher, não é?

Não houve resposta. A enfermeira deixou cair a cortina, esfregou cuidadosamente o braço de John e espetou a agulha. John fez orgulhosamente uma flexão do músculo, e disse:

—Já vai, Louise!

Momentos depois, perguntou:

—Ela está reagindo bem, doutor?

Do outro lado da cortina, o médico cravara uma agulha no braço de Louise e ia tomando o pulso dela, que não revelava alteração. E informou:

—Vai indo bem, John.

—Como você se sente, Louise? perguntou o marido.

—Bem, respondeu ela num sopro.

—Com um litro do meu sangue em suas veias, você vai ver como fica forte, capaz de falar feito eu!

O pulso dela deu sinais de se fortalecer um pouco.

—John, murmurou.

—Que é?

—Eu te amo, John.

Houve um momento de silêncio, e John disse:

—Louise, você precisa ficar boa!

—Por quê? disse ela debilmente.

—Você tem que melhorar por minha causa. Eu preciso de você.

John hesitou, e depois, com a voz estrangulada de emoção, concluiu:

—Eu amo você!

O pulso da doente quase teve um surto.

—Por que você nunca me disse? interrogou Louise.

—Não pensei que fosse preciso...

O pulso estava agora firme.

—John, voltou ela. —Repita o que você me disse.

O homem hesitou, e depois anuiu:

—Eu amo você, Louise. Mais do que tudo neste mundo. Eu amo você e preciso de você, e se Deus quiser vou ajudar você a ficar boa!

O médico arrancou a agulha do pulso de Louise, tirou o frasco de plasma que tinha no cabide, escondido debaixo duma toalha, e pôs tudo de lado. Depois tomou de novo a pulsação da doente. Inacreditavel, mas o fato é que estava firme e forte.

—Como é que vão as coisas desse lado? perguntou John, que conseguira dominar a emoção. Mas Louise é que não pôde responder; o pranto não deixou.

—Ela está se portando à altura, disse o dr. Case. —Foi você que a salvou, John!

Fez um sinal à enfermeira, e esta arrancou a agulha do braço de John, retirou o frasco que estava pousado junto à mesa de operação, e arredou novamente a cortina. Em seguida saiu para o corredor acompanhada do médico.

Quando o dr. Case regressou, passados alguns minutos, John estava sentado, falando com a mulher, as mãos dela nas suas...

—Louise ainda estava muito mal, explicou o médico ao narrar-me essa história. —Mas eu sabia que havia de salvar-se. E se salvou mesmo.

—E o sr. chegou a dizer a verdade ao casal algum dia? indaguei.

O médico abanou a cabeça e respondeu-me:

—Para quê? O milagre chegava por si só. O sangue de John não era do tipo do sangue dela, e o mais certo é que a tivesse matado. Que diferença fazia se o sangue dele corria para um jarro, enquanto eu dava a Louise mais meio litro de plasma? O que ela precisava não era sangue, era do marido, do amor dele. E esse, ela conseguiu, rematou o dr. Case.

Economia

Um caixeiro-viajante de uma firma escocesa ficou detido nas Ilhas Orkney por um temporal, e telegrafou ao patrão pedindo instruções.

A resposta não tardou: «Comece férias de verão a contar de ontem.»

—*Cheers*

CAMINHO DA SOBREVIVÊNCIA

Condensação do livro «Road to Survival»

POR WILLIAM VOGT

Chefe da Seção de Conservação do Solo, da União Pan-Americana

«*Road to Survival* é um livro que há de chocar, e até talvez enfurecer muita gente,» escreve R. C. Cook em *The New York Times*. «Mas é sem dúvida uma antecipação de coisas futuras formulada por um homem de ciência a um tempo corajoso, sincero e competente.»

Copyright 1948 de William Vogt. Ed.: William Sloane Associates, Nova York. Preço: $4.00

CAMINHO DA SOBREVIVÊNCIA

Na ponte do seu cargueiro, em pleno Mar da Tasmânia, o capitão nota que uma tênue cortina de poeira desce sobre o mar. O vento sopra da popa, mas nessa direção não se encontra terra alguma a menos de mil milhas de distância. Embora lhe custe acreditá-lo, ele vê-se forçado a reconhecer que essa poeira vem da longínqua Austrália, soprada pelo vento. Abana a cabeça e pensa com gravidade: «Todo esse continente deve estar-se desfazendo em pó...»

Do outro lado do mundo, no Estado de Michoacan, no México, uma pobre índia cansada arrasta-se estrada a fora, carregando à cabeça a lata enferrujada de gasolina onde, diariamente, transporta a sua provisão de água—oito quilômetros até a fonte, e mais oito de volta a casa. Ela não sabe ler nem escrever, nem tem maneira de saber que, à data em que sua povoação foi fundada, havia alí perto uma fonte cristalina e fresca jorrando da encosta. A esteril paisagem que a rodeia, vastidão grisalha manchada de pequenos tufos de erva e de pita, nada lhe diz das ricas florestas que, outrora, ajudavam a cobrir de terra vegetal muitas léguas em redor da sua aldeia.

À margem duma estrada poeirenta, na China, Wong jaz por terra, morrendo de inanição como centenas de compatriotas que ele já viu expirar a seu lado, nesse mundo de fome que é o seu. Wong tem só 34 anos, mas aparenta 60. Em toda a sua vida, não se lembra talvez de um dia em que não sentisse os espasmos da fome. Mas nem fome já sente, e essa sensação é tão nova, que quase o leva a abençoar a morte próxima. No outro hemisfério, muitos seres humanos esforçam-se para reunir o alimento capaz de manter acesa, em Wong e milhões de seus irmãos, a chamazinha da vida. Mas nada disso ele sabe. E que lhe adiantaria sabê-lo? Sabe, sim, que já renunciou à esperança de viver, e que em parte alguma do mundo existe comida bastante para encher tantas bocas famintas.

Poderíamos multiplicar milhões de vezes essa galeria de retratos imaginários. Como amostra da humanidade contemporânea, cada um deles representa o seu papel no grande drama mundial—o da privação crescente que está ameaçando assolar todo o globo.

O homem tem-se conduzido, nestes últimos 300 anos, como se os recursos da terra fossem inesgotaveis. Com exceção de poucas e reduzidas áreas, ele tem mantido uma economia puramente extrativa, arrancando à terra os frutos da sua munificência, e pouco ou nada lhe restituindo. Onde ele não chegou a destruir de vez o solo e a água, tem pelo menos abusado da pastagem e da cultura, e, ao retirar da terra o gado e os frutos, tem arrebatado importantes minerais, arruinado a estrutura sumamente importante do solo; enfim, exhaurido o seu ambiente natural. Ao mesmo tempo, multiplicou sem previdência alguma o número das pessoas cujo sustento dependia desse ambiente.

Pelos excessos da criação de gados e os abusos do cultivo, a humanidade recuou pelo seu próprio pé até a beira dum abismo ecológico. Tem vivido à custa de letras promissórias. E agora, que essas promissórias se estão vencendo pelo mundo a fora, não poderemos adiar por muito mais tempo a respectiva liquidação.

Quando eu digo «nós», não quero dizer o vizinho alí do lado: refiro-me a cada um daqueles que lêem o seu jornal todos os dias, impresso na polpa das florestas evanescentes; a cada homem e mulher que come uma refeição arrancada a terras que, sem cessar, se reduzem de extensão; a cada pessoa que puxa a descarga de uma privada, desse modo poluindo um rio, desperdiçando matéria orgânica de grande fertilidade, e contribuindo para fazer baixar o nivel das águas subterrâneas; a todos os que envergam roupa de lã, proveniente de terras esgotadas de tanto lhes roerem o capim, calcadas por incontaveis cascos de gado, e sulcadas por chuvas que arrastam a camada superficial do solo para os rios, que depois irão inundar cidades a centenas de quilômetros de distância.

O mínimo denominador comum que rege nossas vidas, é a proporção entre as populações humanas e as reservas de recursos naturais, tais como o solo, a água, os animais e as plantas. Cada grão de trigo ou centeio, cada beterraba, cada ovo ou pedaço de carne, cada colher de azeite ou copo de vinho, precisa de um irredutivel mínimo de terra aravel para ser produzido. A terra não é elástica. À medida que aumenta o número dos seres humanos, diminui proporcionalmente a superfície relativa de terra produtiva.

Homens de boa vontade têm propugnado por um alto padrão de vida para a humanidade inteira. «Libertar o homem das privações»—tal foi a isca com que se incitavam os povos menos prósperos a darem seu apoio entusiástico à guerra. A monstruosidade desse logro devia tornar-se clara a quantos pensam em termos da capacidade de sustento humano que têm as terras do mundo.

A qualidade das terras varia muito. Enquanto um lavrador em determinada região poderá viver confortavelmente, e até enriquecer, com 60 hectares, em outra região um fazendeiro não menos trabalhador nem menos inteligente, precisará de 500 ou mesmo 700 para se manter, e à família, com decência. O fato de que ele precisa tanta terra mais que o outro, é indício da inferior capacidade de sustento do seu solo.

Essas diferenças de capacidade de sustento encontram-se no mundo inteiro. Não há duas pastagens nem duas plantações de algodão que produzam, mesmo teoricamente, a mesma quantidade de alimento ou de fibras texteis. E a produtividade varia ainda mais profundamente devido às enormes diferenças culturais entre os lavradores dos vários paises.

A triste realidade é que há no mundo gente em demasia para os limitados recursos de que ele dispõe para assegurar a todos um alto padrão de vida. Graças ao emprego das máquinas e à exploração dos recursos do globo em bases puramente extrativas, temo-nos esquivado até hoje a olhar de frente esse fato básico, inegavel. Mas a sentença traçada na face de cinco continentes nos vem dizer agora que está próximo o Dia do Juizo Final.

Mais bocas famintas

A POPULAÇÃO do mundo tem crescido enormemente nos tempos modernos. Antigamente, quando a população excedia à capacidade produtiva da terra local, muita gente morria de fome, já que faltavam os meios de transporte em massa e o recurso de armazenar os gêneros. A Revolução Industrial, ao multiplicar as oportunidades de trabalho, tornou acessiveis, ao mesmo tempo, novos meios de transporte, criou vastas cidades e nutriu-as com os frutos do Novo Mundo. A Europa industrial, ao introduzir raizes profundas nessas terras novas, e ao trocar seus produtos fabrís por gêneros e matérias-primas—na realidade, pelo solo e recursos naturais do Novo Mundo—achou o meio de ir alimentando uma população sempre crescente. E assim aumentou no Velho Mundo a pressão demográfica.

Foi então que Pasteur descobriu os micróbios e o papel que eles representam nas doenças. Os habitantes da Europa já viviam vidas mais longas, graças, por um lado, a um regime alimentar mais abundante e melhor, e por outro, a melhores redes de esgoto e de abastecimento de água. Os meios de combater um longo rol de doenças tornavam-se agora, nas mãos do homem, a arma mais eficaz contra a morte—e a população cresceu sem restrições. Soara a hora da Revolução Sanitária.

Era o que faltava para desencadear o aumento demográfico. Nos cem anos anteriores a 1940, a população do mundo atingiu a mais do dobro, passando de um bilhão para dois bilhões e duzentos milhões.

Os especialistas em nutrição calculam que, para se manter um padrão de vida suficiente, cada pessoa necessita pelo menos um hectare de terra. Mas a terra aravel do mundo chega hoje a pouco mais de dois quintos de hectare por cabeça, e está diminuindo rapidamente. Os excedentes agrícolas, comuns nos Estados Unidos, são bem raros em outros paises, e, o que é mais grave, conseguem-se em grande parte à custa dos abusos de que a terra é alvo, reduzida a pó e arrastada pelas águas. Com exceção de poucas e limitadas áreas do Velho Mundo, as florestas não estão sendo utilizadas em bases

de conservação: ao contrário, o homem as vem devastando inexoravelmente. As pastagens estão-se empobrecendo em quase todo o mundo, devido ao excesso da criação; os niveis das águas subterrâneas estão baixando, e cresce paralelamente o número dos rios indomados. O fato é, simplesmente, que no mundo não sobram terras araveis em quantidade suficiente para satisfazer os 50.000 estômagos que *diariamente* se vêm adicionando à população mundial.

É igualmente verdade que em poucas regiões do mundo a terra está sendo usada para produzir, em base permanente, as colheitas que lhe são mais apropriadas. Em vez disso, exploram-na para lhe arrancar, tão economicamente e tão depressa quanto possivel, todo o dinheiro que ela possa render—à semelhança do sistema que os industriais preconizam na sua esfera. Em outras palavras, a terra é explorada na base das chamadas leis econômicas, e com desprezo quase generalizado pelas leis físicas e biológicas a que ela está sujeita. O homem parte da premissa de que se um sistema é aceitavel para a indústria, deve necessariamente sê-lo tambem para a agricultura. Mas esse erro pode vir a revelar-se o mais desastroso que a humanidade já cometeu.

Ao mesmo tempo que antecipamos uma queda na capacidade de sustento humano da maior parte das regiões do globo, e um aumento acentuado das populações mundiais, devemos prever tambem uma queda marcada em nossos padrões de vida material. Embora a maioria das pessoas pareçam ignorá-lo, o fato é que os baixos padrões de vida já são realidade, e certamente cairão ainda mais. A inflação, expressa em termos de renda real, é já um indício. Outro sintoma são os vastos subsídios necessários para escorar a economia mundial.

Nunca houve uma crise que exigisse dos homens tanta lucidez nem tão resoluta liderança. Afortunadamente, estamos hoje armados de um número de conhecimentos superior ao de qualquer outra época; se tivermos a inteligência e a coragem necessárias para fazermos uso desse saber, ainda poderemos evitar a ruina da nossa civilização.

Mas não o conseguiremos por meios exclusivamente «políticos» e «econômicos»: será preciso olhar o homem em conjunto e o seu ambiente total. Acima de tudo, devemos compreender que cada área do globo não só tem uma capacidade limitada para sustentar vidas humanas, mas tambem que essa capacidade está diminuindo, à proporção que crescem as exigências a ela impostas. Enquanto essa idéia não se tornar parte integrante de nosso raciocínio, a ponto de influir poderosamente na política nacional e internacional, é pouco provavel que sejamos capazes de ver em que sentido se orienta o destino da humanidade.

O vilão máximo dessa tragédia do homem é a precipitação de chuva descontrolada. O homem rompeu o ciclo hidrológico—a queda da água do ar para a terra, e a sua subida subsequente desta para o ar, geralmente por evaporação da água dos mares—e, ao

fazê-lo, reduziu ao mínimo crítico as reservas de água disponiveis, provocando a erosão progressiva do solo e as inundações.

Em seu estado natural, nosso planeta acha-se em grande parte revestido de uma camada de terra vegetal, que absorve as águas da chuva e as vai libertando para baixo, sob a ação lenta da gravidade. A folhagem morta e os detritos das florestas, por exemplo, retêm tanta água, que a sua importância é capital no controle das inundações. À medida que o machado, a charrua, o fogo ou a pastagem destroem o arvoredo, as relvas e outras coberturas vegetais do globo, a terra vegetal vai desaparecendo. A certa altura a camada superior do solo começa a ser arrastada pelas águas ou dispersada pelo vento, e a essa erosão superficial quase imperceptivel, seguir-se-á outra, muito mais espetacular, que rasga a terra em sulcos e ravinas.

As alterações da própria estrutura dos solos contribuem para esse processo. O solo ideal, tal como o encontramos nas campinas, é granuloso e permite a melhor infiltração possivel das águas da chuva. Quando esses grânulos se desfazem devido aos métodos impróprios de cultivo, e à destruição da matéria orgânica, o solo fica mais compacto; torna-se mais denso. Se vem depois uma chuvada forte, os interstícios da terra, agora pequenos, saturam-se de água rapidamente, e como esta não pode abrir caminho para baixo, através do solo, é forçada a correr pela superfície. A rápida deslocação das águas não só dá aso a inundações catastróficas, como tambem carreia consigo a terra, para ir assorear lagos e reservatórios.

Uma das forças mais poderosas que influenciam a infiltração e o escoamento superficial das águas, e portanto a erosão das terras, é a substituição da vegetação natural pelas plantas de cultivo e rendimento. Os cereais de tão pequeno porte como o trigo, o centeio, a cevada e a aveia, causarão perdas de terra 16 a 40 vezes maiores do que os bosques, as florestas e as pradarias intactas; e as plantações de soja, milho, fumo e algodão, em fileiras, quando estas não seguem as curvas de nivel, causarão perdas cem vezes maiores.

Estou mesmo convencido de que o milho deve ter contribuido muito para a miséria do mundo; o milho deu volta ao globo, e, onde quer que foi plantado, tem destruido a terra. Desde a Cidade do Cabo à Coréia, especialmente nas abas dos montes, entre as populações mais atrasadas, esse cereal tem canalizado as águas das chuvas na sua marcha veloz para o mar, acelerando a erosão e reduzindo as reservas de água subterrânea. É assim que um milharal pode roubar a água de poços situados até a 80 km de distância.

Já se tem chamado à erosão o «cancer da terra». Quando combatida logo de começo, é em geral facil dominá-la; mas quando já degenerou em erosão de sulcos, podem tornar-se necessárias medidas heróicas e dispendiosas para detê-la.

A ação da chuva e do vento, não encontrando obstáculos, tem destruido completamente, em muitas regiões do globo, a camada superior do solo, nada deixando senão o subsolo e, no futuro, a rocha nua. O fluxo descontrolado das águas varreu consigo, da face da terra, civilizações antigas, da Mesopotâmia a Honduras. *Mas, até hoje, nunca o ciclo hidrológico sofreu tão graves deslocamentos, na presença de tantas centenas de milhões de seres humanos.*

Não é o homem quem poderá deter a chuva que continua caindo e escorrendo torrencialmente pelas abas dos montes, a uma velocidade determinada pela inclinação das mesmas; mas é possivel atenuar a descida das águas nas encostas suaves, lavrando em sulcos que sigam as curvas de nivel, isto é, segundo planos horizontais em torno das encostas, de maneira que cada sulco desempenhe as funções de um pequeno dique; e tambem cultivando faixas alternadas de cereais ou capins e de terras lavradas, afim de reter o humus que ainda consiga escapar à barragem dos sulcos em curvas de nivel. Onde a encosta for muito íngreme, o solo não pode ser cultivado sem destruir-se.

Contudo, nas terras excessivamente povoadas, como o Salvador, o Haití, a Grécia ou o Pandjab, o homem tem dificuldade em ajustar a sua exploração do solo às capacidades deste; o solo simplesmente não lhe oferece a necessária superfície de cultivo. Em tais regiões, torna-se imperioso cultivar cereais em terrenos acidentados, altamente suscetiveis à erosão—pois do contrário o povo morreria de fome.

Essa gente—muitas dezenas de milhões—que assim explora a terra com desrespeito das capacidades desta, constitui um mundo de «Pessoas Deslocadas» em acepção muito mais séria e grave do que as que definham nos acampamentos de refugiados da Europa. São Pessoas Deslocadas no sentido ecológico. Só podem alimentar-se e vestir-se, destruindo a própria terra em que vivem. São elas que devastam as florestas, desencadeiam a erosão das terras, exterminam os animais selvagens e facilitam as inundações.

Vândalos da terra

Àqueles que tendem a confiar cegamente nas terras da América do Norte, aconselhamos que olhem atenta e sagazmente os rios turvos da região. Há 300 anos, aproximadamente metade da área total dos Estados Unidos apresentava-se revestida de florestas que protegiam as reservas subterrâneas de água; a maioria dos rios eram cristalinos, o peixe pululava nos cursos de água, e a caça era abundante. As florestas eram tão espessas, nesse tempo, que, segundo já disse alguem, os esquilos podiam ir do Atlântico ao Mississipi sem pôr o pé no chão. E no Far West, para alem da pradaria, desenrolava-se outra grande cintura florestal.

Entre essas duas zonas de densa arborização, estavam os imensos domínios da relva, que, nas zonas de leste, crescia à altura da sela dum cavalo. Cerca de 75 milhões de búfalos percorriam essas pastagens naturais, sem danificá-las. Em quase toda essa vasta região os solos eram ricos e estaveis.

Os pioneiros norte-americanos entraram nesse mundo de tesouros, e em poucas décadas tinham reduzido à ruina milhões de hectares de terra virgem. Seus descendentes, até a quinta ou sexta geração, ainda hoje se esforçam para reduzir essas perdas.

Ao tempo da própria Revolução Americana as terras da faixa litorânea do Atlântico já se mostravam gastas, e os colonos as abandonavam quase com a mesma rapidez com que as devastavam. À medida que o homem norte-americano foi derrubando, queimando, drenando, lavrando e abrindo caminho para oeste, foi deixando atrás de si as ruinas de uma riqueza que desejaria não ter destruido, mas que ainda hoje ele próprio persiste em destruir.

Dentro de 150 anos, os Estados Unidos tinham perdido um terço do seu solo vegetal, mais de metade das suas florestas de alta qualidade, uma proporção indeterminada das suas reservas de água, e uma vasta mas incalculavel quota dos seus animais selvagens.

O resultado mais patente do desflorestamento, como do excesso de pastagem e dos maus processos agrícolas, é a erosão do solo. A civilização norte-americana, fundada sobre 23 centímetros de terra vegetal, perdeu, até hoje, uns 8 cm dessa base. Ao depor perante uma comissão parlamentar de inquérito, em 1939, o dr. Hugh H. Bennett afirmou: «Durante a curta existência desta nação, destruimos essencialmente 114 milhões de hectares de terra—terra de cultura e de pastagem. A erosão está destruindo ativamente outros 313 milhões de hectares. Estamos perdendo todos os dias, devido à erosão, o equivalente a duas fazendas de 56 hectares. Foi exatamente o que os Estados Unidos perderam, desde ontem, quando estivemos debatendo o assunto. Essa terra está perdida para sempre.»

A erosão do solo não é o único problema, pois é preciso considerar tambem a perda da fertilidade. Os solos virgens do Ohio, sem sementes seleccionadas nem combate aos insetos, rendiam outrora 87 hectolitros de milho e 52 hectolitros de trigo por hectare. As colheitas são hoje, em média, de 38 e 17 hectolitros, respectivamente. E esse rendimento por hectare, em um dos Estados agronomicamente mais adiantados, só se mantem com dificuldade, e à custa de enormes despesas. Isso basta para dar uma idéia da extensão dos danos causados pelos norte-americanos à produtividade das suas terras.

Um dos recursos naturais que mais deviam preocupar os norte-americanos, mas que pouco os preocupa, são as águas subterrâneas do país. O desflorestamento das bacias hidrográficas, e o abuso da terra, ao acelerarem o ritmo de deslocação superficial das águas da chuva, não só determinaram a erosão, como tambem diminuiram a massa de infiltração de águas nos terrenos que deviam reabastecer as reservas artesianas. Em boa parte do país, o nivel das águas subterrâneas está baixando. Perto de Baltimore caiu 45 metros em 32 anos. Em outras palavras, em 1949 é preciso escavar

um poço a mais 45 metros de profundidade do que teria sido preciso em 1917. Isto, como é óbvio, aumenta as despesas de captação de água, e aproxima-nos mais do dia em que a água não será suficiente para abastecer aquela cidade.

A destruição do solo e dos recursos a ele associados ainda acabará por afetar profundamente os Estados Unidos. À medida que os rios arrastam curso abaixo a riqueza natural, esta levará consigo, inevitavelmente, a queda do poder aquisitivo do povo norte-americano, e a consequente deslocação industrial.

A América Latina ameaçada

Todos os paises da América Latina, com exceção de três ou quatro, estão superpovoados, e só por via da destruição progressiva e acelerada de seus recursos naturais, eles ainda hoje conseguem dar alimento e abrigo aos seus cidadãos. A bancarrota biológica pende sobre suas cabeças como uma avalanche prestes a desabar. Aliás já é uma realidade no Haití e na República do Salvador, onde milhares de seres humanos estão morrendo lentamente de fome. O fator restritivo mais inexoravel, na América Latina, é a sua conformação geográfica: basta olhar de relance um mapa orográfico do continente, para se ver quanto é reduzida alí a terra plana disponivel para a agricultura. A Patagônia chilena e argentina é uma semi-estepe com a escassa precipitação anual de 33 cm de chuva. Produz somente um capim grosseiro, de baixo teor nutritivo, e é própria só para pastagem. Em certas áreas, devido ao abuso das pastagens, já se notam sinais de degeneração das terras com a invasão de plantas de inferior paladar; e, ao que se diz, vem sofrendo tambem a ação dos ventos erosivos. No Brasil, o elevado planalto pouco acidentado, a noroeste do Rio de Janeiro, possui terras pobres, é deficitário em chuvas, e, mais uma vez, só pode ser usado para pastagem ligeira. O nordeste do país é frequentemente vítima de secas devastadoras. Nas suas regiões planas, a enorme bacia do Amazonas está revestida de densa floresta que retem as águas da chuva. Seus solos porem são pobres, e, quando se derruba a floresta, as águas dissolvem e arrastam rapidamente os compostos químicos indispensaveis à terra, que em certos pontos chega a receber uma precipitação anual de mais de 2 metros de chuva. A matéria orgânica da superfície do solo oxida-se, sob as temperaturas excessivamente elevadas do sol tropical, segundo as palavras dum geógrafo, «com a rapidez com que arde o magnésio em pó».

As planícies litorâneas, muito expandidas nestes últimos 800 anos pelo depósito das terras que a erosão soltou das elevações interiores, sofrem tambem com os excessos de chuvas e de calor. A cultura da banana nas faixas litorâneas da América Central transforma por vezes, no curto lapso de 7 ou 8 anos, a floresta virgem em mato abandonado. Os *llanos* da Venezuela e da Colômbia têm, na sua maior parte, solo pobre, e recebem uma precipitação chuvosa pouco favoravel—ex-

cessiva durante certo período do ano, e deficiente no resto.

Com exceção dos pampas argentinos, as grandes regiões planas da América Latina têm tão baixa capacidade de sustento, devido à pobreza do solo ou às chuvas deficientes ou excessivas, que os fazendeiros se vêem em grande parte circunscritos a pequenos vales ou forçados a estabelecer-se nas encostas. Nestas, a terra está sendo arrancada pelas águas de sob os próprios pés dos lavradores, por assim dizer. A não ser que seja introduzida profunda modificação no tratamento das terras, o México será quase todo um deserto, dentro de cem anos; o Chile, em talvez menos do que isso. O rio Madalena, na Colômbia, com os seus 1.530 km de curso, carreia mais terra para o mar do que a rede do Mississipi-Missuri, que mede cerca de 6.500 km!

A tradição ibérica de centralização governativa, dando às capitais e às províncias uma quota-parte muito desproporcionada tanto da renda nacional como dos serviços administrativos, deixa pouca margem para uma gestão inteligente e responsavel dos recursos naturais. Por conseguinte, a América Latina encontra-se hoje a braços com um dos sistemas de economia extrativa mais vampíricos que se podem observar no mundo. Nessa obra de destruição sistemática de um continente, os madeireiros e os capitalistas norte-americanos têm desempenhado papel de relevo; a mesma insensatez que arruinou grande parte dos Estados Unidos, foi desencadear-se no ambiente muito mais vulneravel da América Latina, para arruinar os próprios meios de subsistência de milhões de seres humanos.

A destruição progressiva do solo é acelerada pelo sistema de agricultura primitiva herdado dos aborígenes. Sob esse sistema, que ainda prevalece em centenas de quilômetros quadrados de vários paises da América Latina, o lavrador limpa um pedaço de terra, cultiva-o durante alguns anos até que a fertilidade se tenha esgotado, e em seguida transfere-se para outro terreno, onde repete o mesmíssimo processo. Enquanto foi possivel deixar o primeiro terreno em regime de pousio durante 20 ou 30 anos, o sistema ainda dava resultados aceitaveis; mas à medida que o aumento da população foi tornando mais premente a necessidade de terra aravel, foi-se abandonando o sistema de pousio, e a exploração da terra resultou no desastre que hoje vemos.

Um dos mais graves problemas de todo o continente latino-americano é a carência de combustiveis. É provavel que pelo menos 75 milhões de indivíduos dependam alí mormente do carvão vegetal ou da lenha, para obter o calor necessário à cozinha, ao aquecimento, e até a aplicações industriais. As estradas de ferro inglesas da República do Salvador funcionam com locomotivas a lenha, isto em um país que está quase desnudado de florestas. Algumas ferrovias do Perú, do Brasil, do México e de muitos outros paises, alimentam-se do mesmo combustivel. No Brasil, chega-se a transportar a lenha para as locomotivas 150 km e mais, em caminhões e carroças. No mesmo país e no Chile, ainda se emprega madeira nos fornos de fundição de minérios, como no tempo dos espanhóis e portugueses do século XVI. E, apesar de que a lenha combustivel é decerto o artigo de extração mais importante em toda a América Latina, nenhuma das 20 repúblicas possui ainda um departamento florestal que, mesmo de longe, se possa considerar adequado, e não há uma só que não esteja exhaurindo o seu capital disponivel de madeiras uteis.

Em consequência dessa louca destruição das florestas, está-se desequilibrando todo o sistema hidrológico do continente. As águas, livres do freio que lhes impunha o revestimento vegetal das terras altas, estão desgarrando a superfície do solo, arrastando consigo pesadas massas de sedimento, inundando aldeias e cidades, obstruindo a navegação e aniquilando centenas de vidas.

É quase total a carência de organização no aproveitamento dos recursos naturais, e as possibilidades de conservação dos mesmos tornam-se ainda mais reduzidas, devido ao regime da propriedade agrária. Na maioria desses paises, enormes extensões de terra —e, virtualmente, em todos os paises, as melhores terras—acham-se nas mãos de grandes latifundiários. As melhores terras da América Central estão geralmente dentro das enormes plantações de café e fazendas de criação, ou pertencem a empresas estrangeiras. A massa do povo vê-se forçada a ir fixar-se nas abas dos montes, pelas ladeiras e em terrenos que os métodos usuais de agricultura só podem destruir. Não é raro, em alguns paises, vermos belas manadas pastando nas terras dos vales, alí depositadas devido aos métodos da cultura indígena, que rouba a terra dos altos; ora, um sistema racional de exploração da terra consistiria em plantar o milho nas terras dos vales e espalhar o gado nas encostas.

A exploração infrene da maioria dos latifundiários e sua frequente ignorância dos processos de agricultura racional, redundam em todos os abusos possiveis. Nada se faz para deter a erosão na maior parte dessas propriedades. No Chile, por exemplo, onde percorrí uns 16 mil quilômetros, vi sinais de erosão em bem mais de 90 por cento das encostas cultivadas, e na parte central do país, em *todas* as encostas por onde o gado pastava. Em toda essa extensão, só vi um campo onde fora adotado o sistema de cultivo em curvas de nivel!

Como muitos outros povos do mundo, os latino-americanos em geral deixaram-se fascinar pela palavra «industrialização», e crêem que o que essa palavra representa para outras regiões do mundo, pode aplicar-se igualmente a seus paises. Esquecem-se de que na América Latina a hulha, a que se deve o desenvolvimento industrial da Inglaterra, do continente europeu e dos E.U.A. só se encontra, no hemisfério sul, em pequenas jazidas de baixa qualidade. Alguns paises latino-americanos têm a esperança de captar energia hidroelétrica suficiente para o desen-

volvimento de centros industriais, mas não se lembram de que, onde há quedas d'água aproveitaveis, as bacias naturais estão sendo em geral desarborizadas sem conta nem medida, e ninguem parece levar em consideração o fato de que a vegetação florestal e a energia hidroelétrica são elementos estreitamente relacionados.

Acresce que, na América Latina, o solo tem tão baixa capacidade de sustento que, possivelmente com exceção da Argentina e do Brasil, o poder aquisitivo de seus povos—em outras palavras, o mercado interno—não se pode expandir a um ponto que mereça comparação com o dos paises europeus e norte-americanos. Limitados como são os seus mercados internos, a América Latina só no estrangeiro poderá vender os produtos da sua industrialização—e dificilmente ela poderia concorrer com os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Bélgica, a Suiça, a Tchecoslováquia, e no futuro com a Rússia.

A Europa faminta

Durante mais de cem anos a Europa extraiu, para sua manutenção, os frutos das encostas do Novo Mundo, da África do Sul, Austrália e Índia. Na época do apogeu da Inglaterra, os famosos bifes e costeletas do restaurante Simpson's, em Londres, arrebatavam consigo o azoto, o potássio, o fósforo e outros minerais arrancados ao solo de meio mundo.

No conjunto do continente europeu, cada pessoa dispõe somente de 3.600 metros quadrados de terra produtiva. Ainda assim, muitas nações da Europa, todas elas com população crescente, não só esperam ser alimentadas com os frutos de terras extra-européias, mas tambem—e até insistem nisso—em gozar padrões de vida *melhores* que os atuais. A verdade é que a Carta do Atlântico e a das Nações Unidas quase lhes prometeram isso mesmo... Mas o que os políticos não nos disseram, foi como é que haviam de repetir o milagre dos pães e dos peixes.

Se os europeus não fossem agricultores consumados—a maior parte da Europa ocidental cultiva a terra em bases de produtividade estabilizada—sua situação seria muito pior do que é hoje: pois, a despeito da guerra, dos massacres praticados pelos nazistas, e da malnutrição em certas regiões, a população da Europa (excluida a Rússia) aumentou de onze milhões entre 1936 e 1946; e espera-se que atinja 404 milhões em 1955, ou seja, *um aumento de 10 por cento em cerca de 20 anos*! Esse acréscimo de estômagos famintos, desacompanhado do correspondente aumento de terras araveis, é fisicamente equivalente ao incêndio sistemático de grandes depósitos de víveres.

Um dos casos mais trágicos da vasta disparidade entre os índices demográficos e a capacidade de sustento da terra, é o da Grã-Bretanha do século XX. Após a Revolução Industrial, a Inglaterra apoderou-se dos mercados mundiais, décadas antes dos seus futuros concorrentes. Com exceção da hulha, seus principais recursos eram a

energia e a habilidade do seu povo, e o fato de que ela foi «a primeira a chegar». Havia procura dos seus produtos em toda parte onde o homem tivesse poder aquisitivo, e tornava-se-lhe facil trocá-los por gêneros alimentícios e matérias-primas.

Em fins do século XIX, porem, ela começou a encontrar forte concorrência nas exportações. A sua quota na produção industrial do mundo caiu de 32 por cento, em 1870, para 9,2 por cento logo antes da Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, sua população quase dobrou. Ainda que não tivesse havido guerra, a situação da Grã-Bretanha seria, hoje, igualmente desesperada. A Inglaterra tem uma população de mil habitantes por quilômetro quadrado de sua terra aravel, o que equivale a dizer que, a despeito de uma técnica agronômica excelente, ela não pode de forma alguma produzir víveres suficientes para assegurar um padrão de vida decente aos seus habitantes.

A Grécia, país onde, segundo pretendem agora convencer-nos, será possivel «restabelecer» dentro de poucos anos a ordem democrática, produzia somente 60 por cento dos alimentos que consumia, mesmo em condições normais de paz. A terra aravel abrange apenas 25% do referido país montanhoso, e, como a maioria dos paises superpovoados, a Grécia tem abusado da terra. Sua produção de cereais, antes da Segunda Guerra Mundial, era a mais baixa da Europa. Os economistas andam agora projetando gastar algumas centenas de milhões de dólares para «elevar» o padrão de vida dos gregos: isso a despeito de que, antes da guerra, a Grécia tinha uma renda anual equivalente a 68 dólares por cabeça; de que ela sofreu sérios prejuizos com a guerra, e de que seu povo continua a reproduzir-se como antes. É de esperar que a Grécia, dentro de 59 anos, tenha dobrado a sua população—isto é, reduzido à metade a extensão de sua terra aravel, *per capita*. O que os economistas e os políticos não sugerem, é de que maneira a Grécia poderá «restaurar-se» com rapidez suficiente para equiparar seus recursos a essa safra de bebês em perspectiva.

A Itália dispõe da mesma quantidade de terra aravel *per capita* que cabe aos gregos: 0,30 hectares tão somente. O conde Carlo Sforza, ansioso de encontrar territórios onde pudesse descarregar o superavit de italianos esfaimados, bradava em 1946: «A Itália está superpovoada. Não temos recursos para dar de comer a tantas bocas!» No entanto, se a Itália continuar a multiplicar-se segundo os índices presentes, dentro de 74 anos ela terá menos de metade da terra produtiva que hoje possui por habitante.

A superpopulação que, no passado, tanto contribuiu para as desordens na Europa, continua sendo alí uma ameaça crescente. Uma Europa com 450 milhões de habitantes em 1975 será imensamente mais explosiva do que a Europa de 1935, com os seus 370 milhões. E o mais grave é que ela continuará sugando muito mais hectares de terras produtivas de outros con-

tinentes. Sim, porque a Europa já não tem terras a aproveitar.

A estabilização e a redução da população européia seria uma das passadas de maior alcance para a paz mundial. Os Estados Unidos da Europa, com metade ou um terço da sua atual população, poderiam talvez manter um padrão de vida que igualasse ou mesmo excedesse o dos Estados Unidos da América do Norte.

Entram em cena os japoneses

Quando o Almirante Perry escancarou as portas do Japão, há menos de 100 anos, foi como se tivesse aberto a caixa de Pandora. Entre 1600 e 1867, a população daquele país parecia estabilizada à volta de 26 milhões. Os óbitos equilibravam-se com os nascimentos, e a nação, ainda feudal, tinha pouco contacto com o resto do mundo. Essas condições mudaram, porem, logo após a visita de Perry. Com a introdução da técnica industrial moderna e da higiene, a população triplicou em cerca de 75 anos.

Com o aumento da pressão demográfica, os japoneses viram-se ante este dilema: rebaixar ainda mais os seus padrões de vida—já muito inferiores aos do Ocidente—ou expandir os meios de alimentar a população. Para sermos justos com o Japão, devemos reconhecer que, durante dezenas de anos, ele envidou todos os esforços no sentido de obter mais matérias-primas e víveres por meios puramente econômicos. Isto lhe foi denegado, ultimamente, sobretudo pelas altas tarifas norte-americanas.

Assim, o Japão, com uma população que subira para 76 milhões, vendo que lhe eram fechadas as vias do comércio, e não querendo limitar sua própria população, tinha que perecer de fome, ou combater. Muitos outros fatores influiram na decisão, como a atitude belicosa dos potentados financeiros e militares e a convicção de que o Japão tinha na Ásia um «Destino Manifesto»; nenhum desses fatores, contudo, possuia a força irresistivel do excesso de pressão sobre os meios de subsistência.

Infelizmente, o dilema do Japão ainda hoje se mantem, e sob uma forma agravada. Em 1950 o Japão terá uma população de 79 milhões. Tendo perdido agora a Ilha Formosa e a Coréia, bem como a Manchúria, áreas que lhe forneciam quantidades consideraveis de gêneros alimentícios, o Japão, com cerca de treze habitantes por hectare de terra aravel, não poderá provavelmente elevar o padrão de nutrição acima do nivel da mais elementar subsistência.

A Ásia e os seus milhões

Calcula-se que, durante este último século, cerca de 100 milhões de pessoas morreram de fome na China, onde existem hoje cerca de 500 milhões de estômagos a exigir alimento, todos os dias. Muitos outros milhões esperam a mesma sorte, pois a China dispõe de apenas uns 200 metros quadrados de terra aravel por cabeça, terra em grande parte sujeita a condições climatéricas desfavoraveis.

Graças ao cultivo em socalcos e à adubação intensa com fezes humanas, os lavradores de muitas regiões da China conseguiram organizar um sistema excelente de produção agrícola estabilizada. Mas o uso e abuso da maior parte do solo da China, tem sido o inevitavel resultado da procura imposta pela população sempre crescente, e todos os cânones da agricultura racional foram violados. À exhaustão do solo seguiu-se o estrago da erosão. A China é o teatro das mais destruidoras inundações do mundo, e calcula-se que um quarto da sua terra já perdeu toda a capacidade produtiva.

A China não tem por assim dizer reservas de território por onde se possa expandir, e as modernas técnicas agrícolas, que poderiam aumentar a produção em algumas das zonas cultivadas, são em grande parte inacessiveis ao seu povo ignorante e atrasado. A rega e a cultura de sequeiro oferecem esperanças de aumentar a produção de alimentos, mas é pouco provavel que os progressos possam atingir o ritmo do crescimento demográfico.

Muitos e grandiosos planos têm sido esboçados para salvar a China, tais como barragens para o controle das águas, rodovias, estradas de ferro, industrialização; mas, ainda que fosse possivel realizar a industrialização sonhada—coisa na verdade remota enquanto não reinar alí a paz interna—a China corre o perigo de sofrer um brusco aumento de população, como a Índia, que cresceu de 15 por cento em uma década. A rigor, a China *não pode alimentar mais gente*. Aliás, ela nem pode sustentar a população que já tem. A maior tragédia que a poderia vitimar, no presente, seria uma redução do seu índice de mortalidade.

Na Índia, onde a média da vida humana é de 32 anos—menos de metade do que é nos Estados Unidos ou na Grã-Bretanha—45 por cento da população morrem antes dos 10 anos; 65 por cento, antes dos 30. Apesar disso, a Índia continua sendo vítima de uma assombrosa fecundidade, e grande parte de sua terra, que já era por natureza altamente desfavoravel à existência do ser humano, acha-se de há muito despojada do revestimento vegetal.

O combustivel é tão escasso, que dezenas de milhões de pessoas só podem cozinhar com esterco seco. Esse pormenor dá uma idéia de como se acham devastadas as florestas que protegem os reservatórios naturais de água subterrânea. Em muitos pontos da Índia não há graveto, palha de arroz ou pé de milho que não seja utilizado como combustivel; as casas são feitas de lama, único material disponivel para as construções. E o caráter «sagrado» da vaca—que vagueia em liberdade pelos campos, destruindo a vegetação desesperadamente necessária para outros usos—rebaixa consideravelmente a capacidade de manutenção de terras já de si superexploradas.

A população da Índia passa hoje de 400 milhões, e é um economista indiano, o dr. Chandrasekhar, quem diz: «Mesmo ao nivel mínimo de 1.400 calorias, a Índia só pode nutrir

menos de 300 milhões de pessoas.» Não obstante, *a população da Índia cresce* de 14.000 pessoas por dia.

A Índia já começou a dar expressão a uma filosofia política de expansionismo. Um dos seus mais eminentes economistas, o dr. Mukerjee, escreve: «A política exclusivista que restringe a imigração em vastos espaços livres, como na Amazônia e na Austrália, milita contra as exigências da economia e da produtividade mundial... Vastas áreas improdutivas da América do Norte, hoje na posse exclusiva de criadores de gado, poderiam vir a ser revolvidas pelo arado e pela grade, se a imigração de indianos e chineses para alí fosse fomentada em escala suficiente...» Em outras palavras, a Austrália, o Brasil, os Estados Unidos e o Canadá deviam abrir suas portas aos maometanos, sikhs e hindús, de modo a reduzir a pressão de uma população sempre crescente.

No hemisfério sul, a situação do vizinho da Ásia, a Austrália, apesar de profundamente diferente, tambem não é muito animadora: pois a Austrália alcançou um dos mais altos padrões de vida do mundo pelo bem conhecido processo do marinheiro ébrio, isto é, atirando ao vento, literalmente, o seu patrimônio, e gozando à tripa forra. Segundo E. S. Clayton, «já se podem observar na Austrália, tanto nas pastagens como nas terras de cultura, sinais de erosão dos ventos, piores do que nos E.U.A., devendo-se notar que a terra vem sendo cultivada alí há cerca de um terço apenas do tempo.»

Uma das falsas concepções hoje mais espalhadas no mundo, é a que se refere à riqueza dos recursos naturais da União Soviética. Embora ela seja, sem dúvida, uma das nações mais ricas do mundo, a palavra «riqueza» é um termo relativo, e alguns geógrafos pensam que a U.R.S.S. já está superpovoada. Em termos do padrão de vida ocidental, não há dúvida de que o está.

A capacidade de sustento humano da imensa maioria das terras soviéticas é baixa. A Rússia possui a maior riqueza florestal do mundo (em grande parte demasiado distante dos meios de transporte para poder explorar-se) e incalculaveis riquezas minerais, mas o homem ainda não é capaz de alimentar-se de niquel, tungstênio ou petróleo. Bem mais de metade da União Soviética é constituida por tundras de subsolo congelado, florestas de coníferas em solos ácidos, ou montanhas. Milhões de quilômetros quadrados de território estão sujeitos a uma curta estação estival com chuvas escassas.

A Ucrânia, chamada o «celeiro dos Sovietes», tem um clima semi-árido. Na Rússia Branca, a agricultura é rigorosamente limitada por solos úmidos e ácidos. O interior da Sibéria consiste sobretudo em florestas e desertos. No nordeste dessa região há boas terras, mas as possibilidades de produzir alimentos são limitadas pelos prolongados invernos e pelos ventos secos.

Os cientistas soviéticos são de há muito reconhecidos como os mais eminentes do mundo em matéria de agronomia; ninguem melhor do que eles conhece as limitações que os solos e o clima lhes impõem. As notícias que chegavam ao exterior, antes de fechada a «Cortina de Ferro», deixavam perceber que se estavam tomando medidas promissoras no sentido de se estabelecer pelo menos uma longa trégua na luta contra a natureza.

Mas, às vantagens de um governo central com inclinações científicas, devemos opor a incompetência de uma burocracia em grande parte dirigida por pseudo-cientistas, e infiltrada pelo terror e pela política. A direção superior da agricultura tem-se concentrado progressivamente em Moscou, e chegou a tal ponto, que as fazendas coletivas nem sequer podem fazer as sementeiras sem ordem superior. É bem de crer que tal sistema dificilmente possa resistir ao caos.

As informações obtidas pelos viajantes que regressam da União Soviética, indicam que já se notam alí sinais de consideravel erosão do solo. John Fischer, autor de *Why They Behave Like Russians*, assim se expressa: «Nada se tem feito, praticamente, para evitar a erosão das terras... Nunca vi na Rússia ocidental um socalco ou simples barragem de águas. O cultivo em curvas de nivel é inteiramente desconhecido.»*

Nesse ínterim, a população do país continua a crescer assustadoramente. Graças aos recursos de que dispõem, os líderes soviéticos podem manter altos padrões de vida para muitos milhões de pessoas, mas não de certo para tantos habitantes quantos eles terão de nutrir, alojar e vestir dentro de algumas décadas.

*A União Soviética anunciou recentemente um vasto plano de 15 anos, para conservação dos solos.

África, continente pobre

O mais pobre dos continentes, do ponto de vista da capacidade de sustento, é a África. Em quase todo o continente a agricultura se pode considerar *marginal*. Não obstante, aumentam continuamente as exigências impostas ao seu solo. O Departamento de Estado dos Estados Unidos calcula que a população africana subiu de 151 para 173 milhões, entre 1936 e 1946, e que poderá alcançar 191 milhões em 1955.

O continente negro tem sofrido o atrito da civilização por mais tempo do que outro qualquer, excetuando-se a Ásia. O nivel das águas subterrâneas parece estar baixando em quase toda a África, em resultado do escoamento superficial e da evaporação crescentes. Em uma região dantes arborizada, onde dois centímetros de chuva podiam outrora manter regatos e rios durante algumas semanas, a mesma precipitação de chuvas mal consegue hoje alimentá-los durante 24 horas. Em certas regiões muitos cursos de água perderam o carater de permanência, ou desapareceram de vez; a desflorestação e o assoreamento estão ameaçando as cabeceiras do Nilo, do qual depende a economia do Egito.

Desde a sua integração com o mundo europeu, a África vem sendo arrastada por um dinamismo interior

a uma fatalidade quase tão certa como a das tragédias gregas. A um ambiente já desfavoravel, com baixa capacidade de sustento, vieram sobrepor-se a degenerescência progressiva da vegetação, as perdas crescentes de água desesperadamente necessária e a erosão do solo continuamente agravada, que fazem subir o índice das deficiências do ambiente a niveis cada vez mais altos. A presença dos europeus aboliu temporariamente os fatores naturais de correção da população africana: suprimiram guerras entre as tribos, destruiram as feras, fizeram circular no continente gêneros suficientes para vencer os períodos de fome—mas não introduziram medidas construtivas capazes de compensar a destruição do antigo estado de coisas. À luz da ecologia, não é dificil compreender por que razão alguem já chamou à África «Terra Moribunda».

O tempo voa

ESTA BREVE revista dos cinco continentes torna evidente que o homem passou a ocupar uma posição insustentavel, graças à transgressão prolongada, em grande escala, de certas leis naturais. Para poder rehabilitar-se, ele deve voltar a cumprir essas leis. Já se perdeu muito; mas a maior parte das riquezas que ainda nos restam podem multiplicar-se enormemente, assegurando-se a salvação do homem, contanto que trabalhemos depressa. O maior perigo está em não percebermos quanto é escasso este recurso irrecuperavel—o tempo.

A salvação da humanidade depende, acima de tudo, de duas coisas: (1) que nossos recursos recuperáveis se empreguem para produzir toda a riqueza possivel, mas somente em bases de conservação das reservas naturais. Não devemos exhaurir essas reservas, para as quais não há substituto. (2) Devemos ajustar a procura às nossas reservas, quer retirando menos *per capita* (ou seja, rebaixando os padrões de vida), quer reduzindo o número de bocas.

O primeiro passo a dar é uma definição bem clara dos problemas: qual é a capacidade de sustento de cada nação, e em que medida está ela sendo afetada pelo desflorestamento, pelo abuso das pastagens, pelos maus processos agrícolas e pelo assoreamento? Qual a tendência dos índices demográficos em cada país e no mundo inteiro? Quantas calorias por cabeça restarão disponiveis daqui a dez, vinte, cinquenta anos? Quantas proteinas, leite, queijo, frutas e legumes?

Conhecida a capacidade exata de sustento de cada nação, já poderemos saber precisamente até que ponto, na base da conservação da riqueza, paises como os Estados Unidos, o Canadá, a Argentina e a Austrália, podem dar excedentes à Europa e à Ásia superpovoadas. Em outras palavras, devemos saber não só o que é necessário a cada nação, mas tambem em que medida as suas necessidades podem ser satisfeitas, *sem agravar a destruição do capital mundial de recursos naturais*. Todas as nações podem legitimamente esperar partilhar dos excessos de produção das outras; mas não se pode exigir que uma nação se prive de seus recursos capitais para ajudar a alimentar o excesso de população de outro país.

O FATO de o homem não reconhecer que é indispensavel recorrer a métodos científicos no tratamento da terra, tornou impossivel, em muitas partes do mundo, a conservação eficaz da riqueza natural. A doença dum vale fluvial é infinitamente mais complicada do que a doença de um homem, quando mais não seja porque este é um dos seus mais importantes elementos; no diagnóstico e tratamento do mal deviam concorrer as aptidões especiais de climatologistas, hidrólogos, botânicos e zoólogos, bem como de conservadores do solo, silvicultores e peritos em pastagens. As nações não podem continuar a permitir-se o luxo de confiar esses problemas à gestão incompetente de advogados ou de engenheiros militares.

Será preciso educar dezenas de milhares de homens e mulheres, para fazer frente, em escala mundial, ao problema dos recursos. Impõe-se alargar e melhorar o treinamento dos homens de ciência; os sábios das nações hoje isoladas pelas barreiras dos idiomas e da pobreza, devem ter livre acesso a uma espécie de câmara internacional para a troca de conhecimentos científicos. Paralelamente, é mister organizar-se um vasto programa de educação popular.

A educação e a pesquisa serão porem inuteis, se não frutificarem em atos—em um programa que venha pôr os recursos naturais do mundo sob controle internacional. Deve-se regularizar o ciclo hidrológico no mundo inteiro, pela proteção às florestas, pela arborização e por meio de melhores práticas na exploração de fazendas e pastagens. Deve fomentar-se o rendimento das terras boas pelo aperfeiçoamento da agricultura, de modo a que possamos subtrair ao cultivo centenas de milhões de hectares que nunca se deviam ter lavrado. E as muitas dezenas de milhões de «pessoas deslocadas», do ponto de vista ecológico, que lavram tais terras, devem transferir-se para novos lares—retirando-se das encostas corroidas, das florestas degeneradas e das pastagens exhaustas.

Devem submeter-se as terras coloniais a uma espécie de tutela ecológica, do mesmo modo que se tem procurado salvaguardar a integridade dos «nativos». Organizações internacionais de cientistas deviam proceder à avaliação periódica do uso da terra, insistindo na aplicação de normas de conservação, e tornando os fideicomissários responsaveis pela destruição dos recursos naturais. A O.N.U. e as organizações dela dependentes deviam manter uma comissão de ecologia, dotada de poderes que lhe permitissem saltar sobre as barreiras burocráticas.

Impõe-se empreender uma campanha mundial contra o desperdício, inclusive o chamado «desperdício produtivo». Só porque uma nação possui grandes reservas naturais, não se justifica que ela as desbarate para criar empregos ou pseudo-riquezas. A conservação dos desperdícios sanitários, tanto do lixo como dos esgotos, é de

importância especial. Um dos maiores obstáculos à subsistência do homem moderno são os sistemas sanitários, altamente organizados, que anualmente despejam no mar milhões de toneladas de riqueza mineral e de matéria orgânica roubadas às fazendas, florestas e pastagens. Torna-se de ano para ano mais imperiosa a recuperação desses materiais, para fazer adubos e outros produtos; ao mesmo tempo, isso obstaria a que eles continuassem a poluir os cursos de água.

MAS TODAS as medidas de conservação possíveis seriam inúteis, se não mantivéssemos a procriação humana dentro de limites razoaveis. É evidente que, daquí a 50 anos, o mundo não poderá sustentar três bilhões de pessoas a um padrão de vida, pelo menos para a maioria, superior ao dos cules chineses. Mil ou mil e quinhentos metros quadrados não podem nutrir decentemente um homem, e ainda menos vestí-lo. Quando os números aumentam, aumenta com eles o abuso da terra. Se não se detem o crescimento das populações, só nos resta renunciar à luta.

A conservação só por si não virá salvar o mundo; e o mesmo se pode dizer da limitação demográfica. São indispensaveis outras medidas econômicas, políticas, educativas, etc.; mas todas as outras medidas estão condenadas ao fracasso se entre elas não incluirmos a limitação das populações e a conservação dos recursos naturais.

Não oferecemos as sugestões que aí ficam como um programa completo ou um plano de ação; faltam-nos o espaço e a competência indispensaveis para elaborar qualquer deles. As operações terão que variar segundo as épocas e os ambientes. Limitamo-nos a tentar esboçar os métodos gerais, baseando-nos em muitos anos de trabalho de conservação em vários paises.

Fica de pé a pergunta: a quem cabe realizar essa obra? A resposta ideal seria: a todo o mundo. Porque, tratando-se de problemas que interessam à espécie humana em seu conjunto, eles exigem a compreensão e a participação do maior número possivel de pessoas, do mais humilde pastor ou camponês ao mais poderoso estadista ou ao mais fecundo dos pensadores. Enquanto não suspendermos a marcha que nos leva ao desastre, nem invertermos a direção do cortejo, não há ajuda que possamos desprezar.

A história do nosso futuro, pelo menos a das próximas décadas, já está escrita. Apinhados como estamos, dois bilhões e um quarto de seres humanos na superfície decrescente do globo, encontramo-nos à mercê de forças históricas cuja direção dificilmente poderá ser alterada num futuro próximo.

A não ser que reajuste as suas normas de vida aos imperativos impostos pelos *limitados* recursos do ambiente, o homem terá que abandonar toda a esperança de prosseguir em sua vida civilizada. Como os porcos de Gadara, a humanidade precipitar-se-á num desfiladeiro revolvido pela guerra, para cair, entre escombros enegrecidos, numa existência digna de bárbaros.

A bandeira argentina

Por Jerónimo Remorino

Embaixador da República Argentina nos Estados Unidos

A ORIGEM das cores da bandeira argentina—azul celeste e branco—tem motivado grandes discussões e polêmicas entre os historiadores. Estamos convencidos de que elas apareceram pela primeira vez por ocasião das invasões inglesas do Rio da Prata, nos anos de 1806 e 1807. Os filhos da terra, preparando-se para a defesa, adotaram o azul e branco para suas fardas ao constituir o célebre corpo de Patrícios.

No dia 25 de maio de 1810, data da nossa revolução para emancipar-nos da Espanha, os patriotas ostentaram em seus chapéus essas cores, que se manteriam, já com carater definitivo, nos exércitos libertadores, à maneira de emblema.

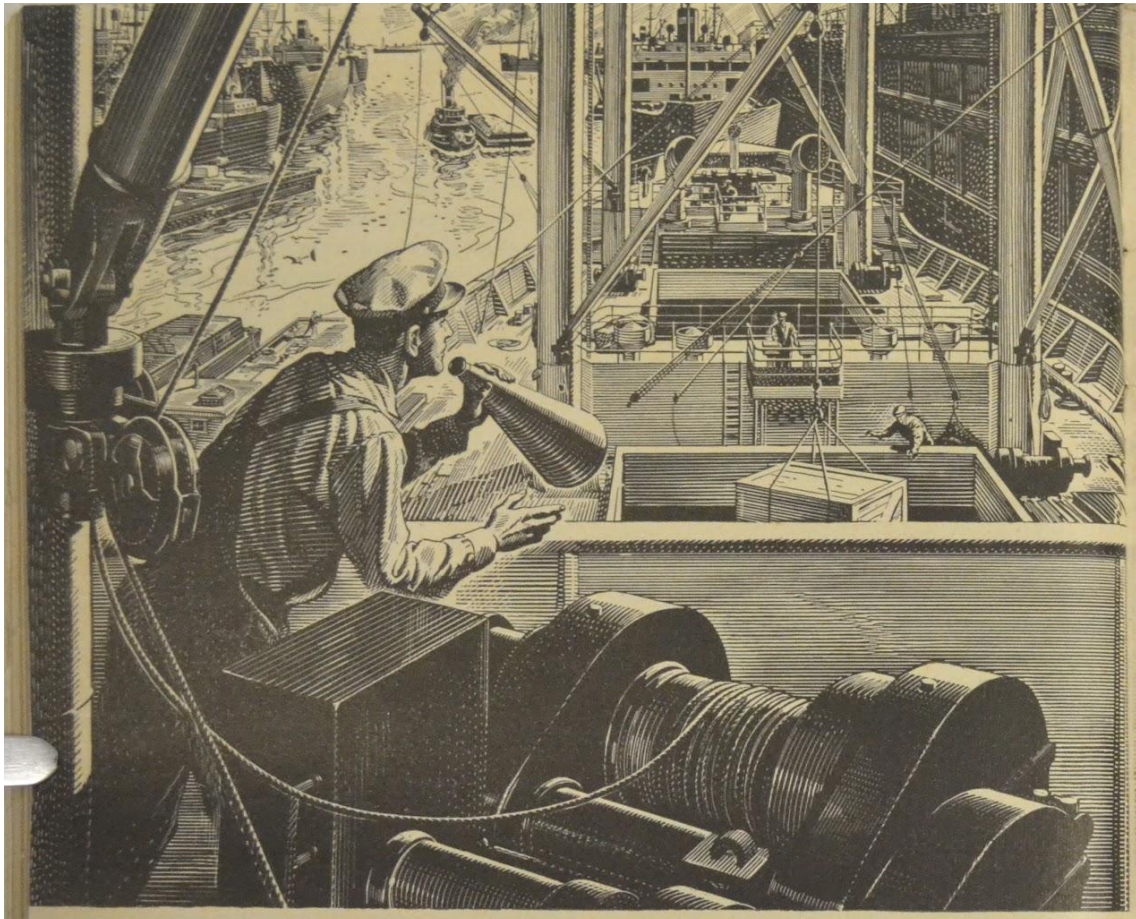
Não é possivel evocar o pavilhão argentino sem que surja a figura magnífica de seu criador, o general Manuel Belgrano. Obedecendo ao impulso de seu espírito latino, entregou generosamente, à causa da liberdade da pátria, seu coração e seu gênio. Foi uma luz que penetrou nas trevas da colônia; foi a ação servindo a uma só mística: a pátria.

Esse varão dileto nasceu na cidade de Buenos Aires a 3 de junho de 1770.

Aos 16 anos terminava seus estudos de latim, filosofia e literatura. Foi a Espanha afim de cursar direito. Egresso de Salamanca, prossegue em Madrí seus estudos de direito público e economia política, e com essa cópia de conhecimentos regressa a Buenos Aires com o posto de secretário do Consulado.

Poucos anos depois, devota-se ao movimento revolucionário de que foi um dos inspiradores. O místico doutrinário converte-se em soldado. Para barrar o caminho à marinha espanhola, e por ordem do Triunvirato de Buenos Aires, haviam-se construido baterias nas costas do rio Paraná. À frente destas encontrava-se Belgrano, e aí, ante as tropas patriotas, arvorou pela primeira vez, a 27 de fevereiro de 1812, a bandeira argentina: duas faixas azul celeste e uma branca no centro. Pela segunda vez tremulou em Jujuí, a 25 de maio do mesmo ano, com um sol no meio da faixa branca. O Congresso de Tucuman a consagrou como bandeira nacional em 20 de julho de 1816. E esta é a insígnia que os invictos granadeiros do general San Martín levaram através das fronteiras para libertar povos. Nunca para colher o botim dos vencidos. É a bandeira que serviu para redimir os irmãos, o símbolo de um povo que guardou ciosamente o lema de seu criador: a liberdade.

Foto: Leo Matiz



Uma tonelada de Carga . . . uma trouxa de roupas

QUAL DESTAS CARGAS É A MAIOR?

Guinchos elétricos movidos por motores G-E colaboram de maneira decisiva na rapidez e economia de carga e descarga dos navios. Há um motor G-E fabricado especialmente para cada tarefa . . . para cada condição de trabalho.

Onde quer que a energia elétrica sirva a humanidade, V. encontrará a experiência e os serviços do maior fabricante de produtos elétricos do mundo. A-9-8

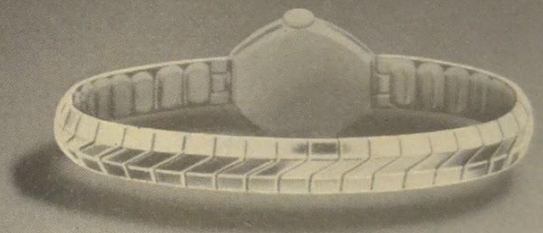
GENERAL ELECTRIC

E. U. A.

Símbolo de Excelência EM TODO O MUNDO...EM TODOS OS LARES

SÃO HORAS DE ENFEITAR SEU RELÓGIO—COM UMA LINDA PULSEIRA

JB *Champion*



Seu relógio parece mais novo e mais luxuoso quando o sr. o adorna com uma pulseira moderna da marca JB. São feitas para dar muitos anos de excelente serviço. Em estilos para homens e senhoras. Folheadas a ouro—amarelo, rosado ou branco. Algumas de aço inoxidavel.

Todas as pulseiras de relógio JB têm uma base *não-corrosiva*, que, em qualquer clima, garante a mais completa satisfação ao comprador.

Peça as Pulseiras de Relógio JB nas Lojas Mais Elegantes

Fabricadas nos E. U. A. por Jacoby-Bender, Inc.

Representantes exclusivos para venda no Brasil:

Hermes Fernandes & Cia., Ltda., Avenida Rio Branco 20, 19º andar, Rio de Janeiro

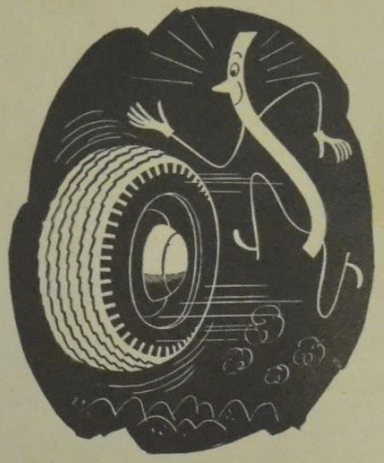
VOCÊ SABE QUE...

este inseto come animais vivos?

Antes da descoberta do Unguento 220, grande número de cabeças de gado eram literalmente devoradas vivas pela cicheira.

Hoje, os fazendeiros protegem o gado contra esta praga, empregando o Unguento Du Pont 220 que se mantem sempre misturado e pronto para aplicação.

Du Pont oferece outros produtos veterinários, tais como a Fenotiazina, contra os parasitos intestinais, e o "Delsterol", esterol animal ativado "D", para melhorar a alimentação das aves.



que os pneumáticos com nylon rodam mais?

Durante a última guerra os enormes aviões militares exigiram pneumáticos fortes, leves e à prova de choques. Pneumáticos fabricados com nylon demonstraram ser tão resistentes que hoje se o emprega nos pneumáticos de automóveis, ônibus, caminhões e tratores. O nylon por ser tão leve e elástico, e tão resistente ao calor e à ação dos produtos químicos é utilizado não só na indústria textil como também em muitas outras aplicações industriais.

O nylon e o Unguento Du Pont 220 são apenas duas das mais de 28,000 "coisas melhores para viver melhor... graças à química", fabricadas pela Companhia Du Pont.

DU PONT
MARCA REGISTRADA

Coisas Melhores para Viver Melhor . . . *Graças à Química*

E. I. DU PONT DE NEMOURS & CO. (INC.), WILMINGTON 98, DELAWARE, E. U. A.

Equilíbrio Perfeito

SIM, trata-se do *Golden State*, o novo leite em pó de requintada qualidade, muito mais saboroso e com fatores nutritivos perfeitamente equilibrados.

O *Golden State* dará a seus filhos mais saude e energia.

O *Golden State* é muito facil de preparar, e muito econômico.

Passe a usar *Golden State*— compre o leite que é

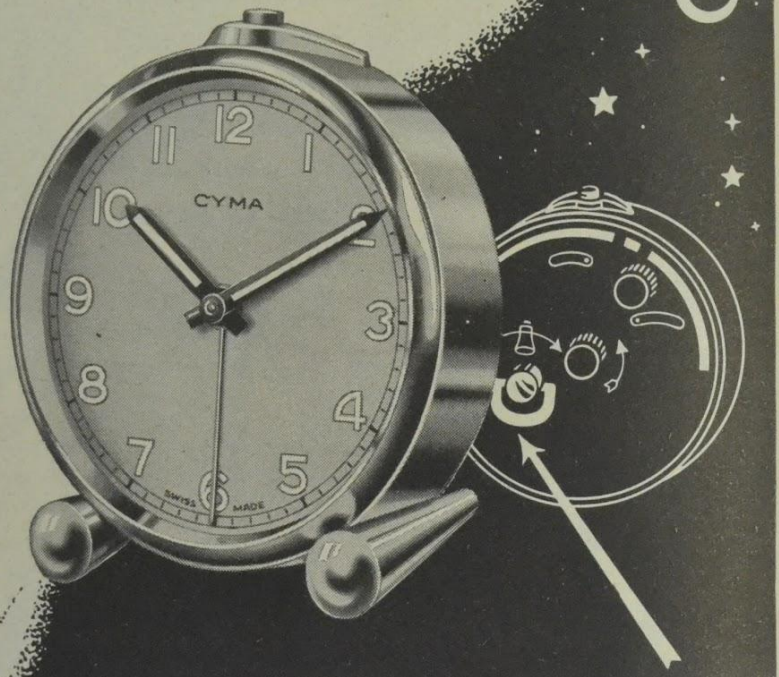
SUPREMO EM SABOR

Golden State LEITE EM PÓ
BRAND

GOLDEN STATE COMPANY, Ltd., SAN FRANCISCO 11, CALIFORNIA, E. U. A.

O novo despertador

CYMA



Uma única chave
dá corda simultaneamente
ao movimento e ao alarme

O despertador suisso de precisão

A EXPERIÊNCIA É O QUE VALE

VIAJE PÊLA PAA — MELHOR MANEIRA NÃO HÁ!

É a melhor maneira... por muitas razões: a última palavra em equipamento; serviço mais rápido, confortável e regular; funcionários que são especialmente treinados para proporcionar uma assistência cortez, tanto em terra como no ar. Todas estas vantagens são o resultado de 22 anos de experiência adquirida no transporte de milhões de passageiros e milhões de quilos de carga e correspondencia. Há um espírito pioneiro na Pan American Airways que procura oferecer SEMPRE o melhor em transporte aéreo. Porém, como base de toda a sua estrutura, há na PAA um fator humano que liga o tempo ao progresso: A Expêriencia é o que vale!

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

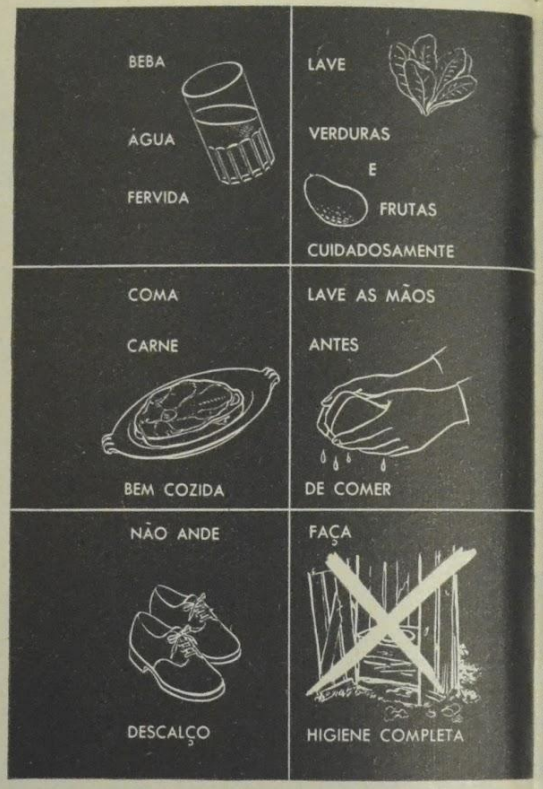
PAA

A Rêde dos Clippers Voadores

Proteja-se contra { Febre tifóide, Disenteria, Vermes

Quando estiver em lugares estranhos, tenha cuidado com alimentos e bebidas, possívelmente contaminadas.

A causa dessas doenças. Os vermes do amarelão penetram no organismo através da pele do seu pé. Outros germens causadores de doenças invadem o corpo, com os alimentos e líquidos. As moscas transportam parasitas e podem deixá-los nos seus alimentos. Eis alguns sinais da presença dêsses invasores, nos seus intestinos ou na corrente sanguínea; febre, perda de apetite, perturbações dos orgãos eliminadores. Tôdas essas doenças são graves e, às vezes, fatais!



Instalações sanitárias impróprias, mais que outro fator, permitem a ação danosa dêsses terríveis parasitas.

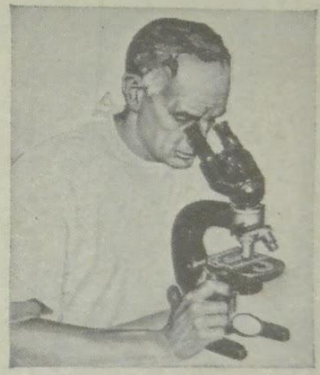
Proteja as portas de entrada—sua boca, seus pés. Use sapatos que cubram todo o pé, para evitar os vermes do amarelão. Desde que os outros germens podem atacá-lo, ùnicamente pela sua boca, êles são fáceis de ser evitados, se você seguir a orientação segura do seu médico. Estude o quadro acima. Mostre-o a seus filhos. Alguns exames indicam imediatamente ao seu médico, se você tem algum dêsses parasitas. Portanto, tenha cuidado. Se desconfiar de alguma coisa, chame seu médico.

Tôdas essas doenças poderiam desaparecer, se reconhecêssemos sua gravidade—e agissemos prontamente.

Conheça, de cor, estas 6 regras simples de segurança. (1) Peça ao seu médico que o vacine contra a febre tifóide. (2) Extermine os mosquitos de sua casa. (3) Ferva a água potável. (Os germens não resistem 10 minutos de fervura). (4) Lave os pratos e talheres com água quente e sabão. Esfregue o assento da privada. (5) Lave-se *sempre* que sair do banheiro e antes das refeições. (6) As mães devem isolar o doente de diarréia, e chamar o médico imediatamente.

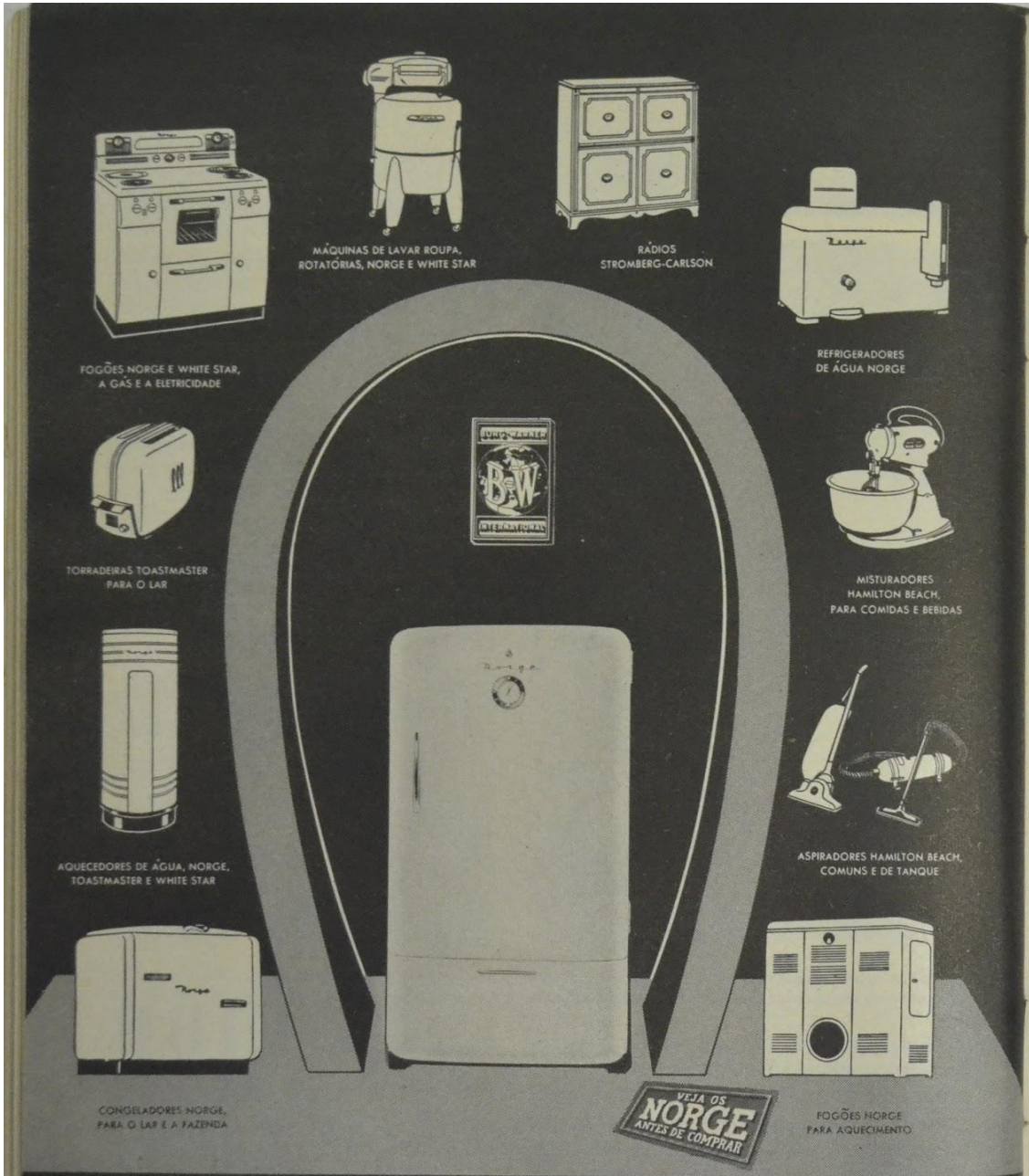
Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de SQUIBB têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.

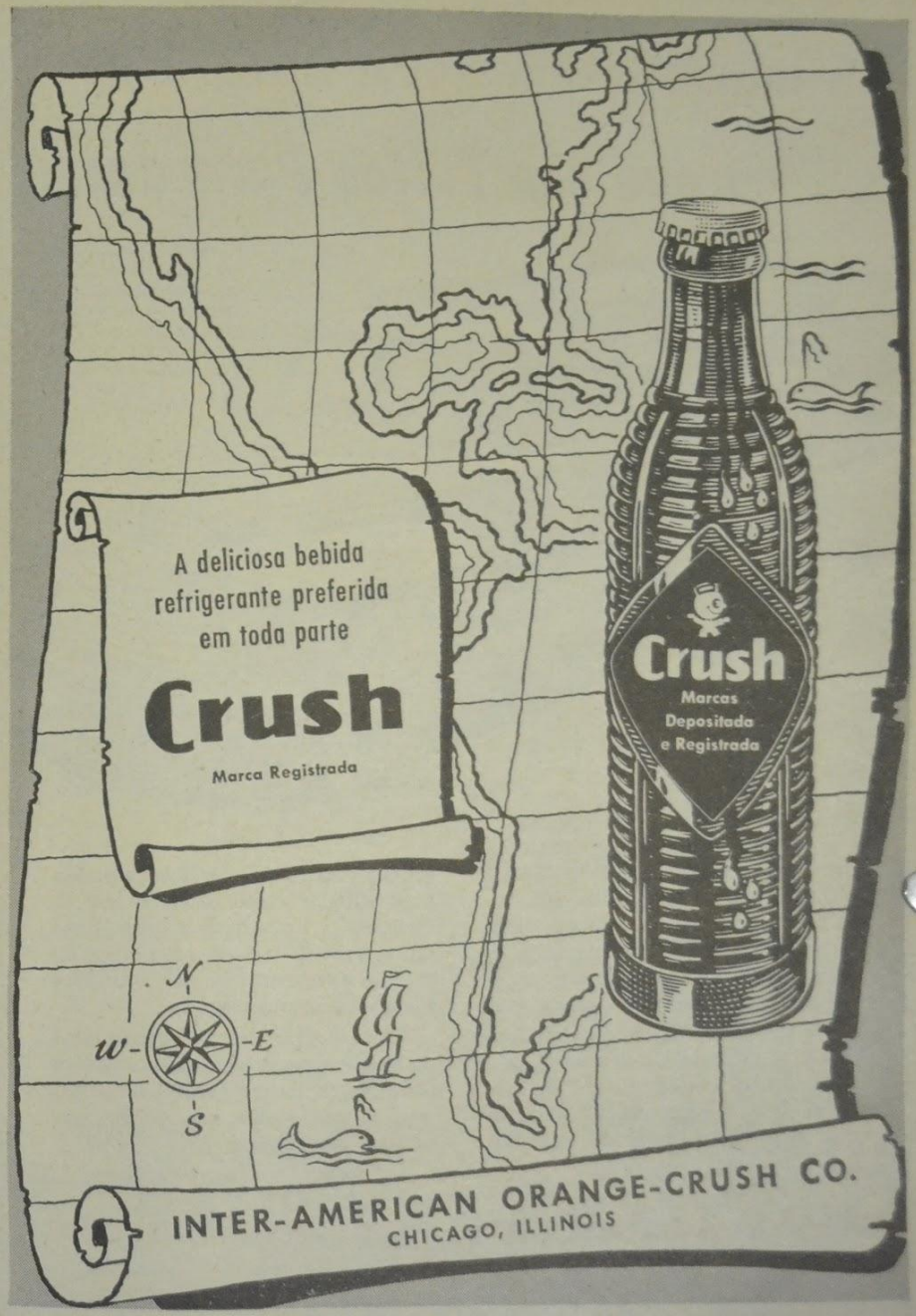
© 1948, E. R. Squibb & Sons



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS
DESDE 1858

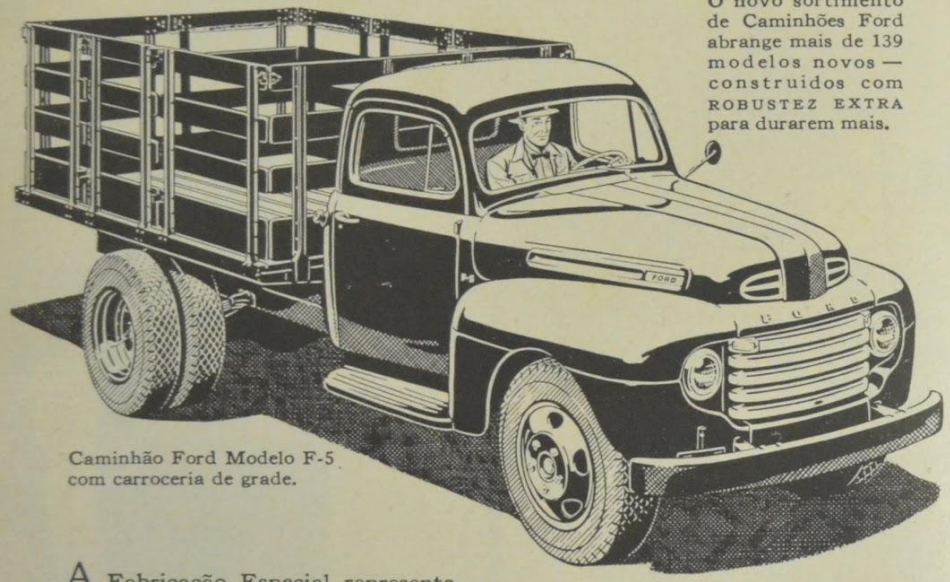

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA, ROTATÓRIAS, NORGE E WHITE STAR
RÁDIOS STROMBERG-CARLSON
FOGÕES NORGE E WHITE STAR, A GÁS E A ELETRICIDADE
REFRIGERADORES DE ÁGUA NORGE
TORRADEIRAS TOASTMASTER PARA O LAR
MISTURADORES HAMILTON BEACH, PARA COMIDAS E BEBIDAS
AQUECEDORES DE ÁGUA, NORGE, TOASTMASTER E WHITE STAR
ASPIRADORES HAMILTON BEACH, COMUNS E DE TANQUE
CONGELADORES NORGE, PARA O LAR E A FAZENDA
VEJA OS NORGE ANTES DE COMPRAR
FOGÕES NORGE PARA AQUECIMENTO
BORG-WARNER INTERNATIONAL
SEÇÃO DE APARELHOS ELÉTRICOS, DETROIT 26, MICH., E. U. A.
SEÇÃO INDUSTRIAL E DE ARTEFACTOS: Balanças sanitárias, cortadores, serras, moedores e amaciadores de carnes • Torradeiras, chapas de fazer waffles, e aquecedores de pão Toastmaster, tipo comercial • Ventiladores Holcomb & Hoke • Equipamento de intercomunicação Stromberg-Carlson • Refrigeradores e equipamento de calefação comercial • Telas "Koolshade" • Instalações Ingersoll completas, em combinação, de cozinhas, canalizações e banheiros • Resinas Marbon para fabricação industrial de borracha • Correntes e rodas dentadas industriais Morse • Pás, enxadas e escavadores Ingersoll.
SEÇÃO INDUSTRIAL E DE ARTEFACTOS
322 W. Lafayette Ave., Detroit 26
OFICINA DE EMBALAGEM
Auburn, Indiana
SEÇÃO AUTOMOTRIZ
206 South Michigan Ave., Chicago 4


A deliciosa bebida refrigerante preferida em toda parte
Crush
Marca Registrada
Crush
Marcas Depositada e Registrada
N
W
E
S
INTER-AMERICAN ORANGE-CRUSH CO.
CHICAGO, ILLINOIS

Os Caminhões Ford duram mais

. . . porque são Feitos Para durar!

O novo sortimento de Caminhões Ford abrange mais de 139 modelos novos — construidos com ROBUSTEZ EXTRA para durarem mais.



Caminhão Ford Modelo F-5 com carroceria de grade.

A Fabricação Especial representa ROBUSTEZ EXTRA em cada uma das peças essenciais. A ROBUSTEZ EXTRA da Fabricação Especial prolonga a existência util do veículo e dá aos Caminhões Ford uma margem de desempenho que os torna excelentes para trabalhos de toda espécie.

Há mais de 30 anos consecutivos que, nos Estados Unidos, se encontram mais Caminhões Ford em serviço, do que caminhões de outra qualquer marca (segundo os dados do registro oficial de licenças). Eis uma PROVA irrefutavel de que os Caminhões Ford duram mais. Fato ainda mais importante: os peritos de seguros *atestam* que os Caminhões Ford duram mais tempo.

Visite hoje mesmo o agente local da Ford e peça informação completa sobre os melhores caminhões Ford que já se fabricaram, desde que existem caminhões!

DIVISÃO INTERNACIONAL—FORD MOTOR COMPANY

OS PERITOS DE SEGUROS O ATESTAM—OS CAMINHÕES FORD DURAM MAIS!

OS QUE CAEM PARA SERVIR!

São vidas de séculos que o lenhador derruba para que melhor sirvam à humanidade. Depois, os tratores os puxam ou os caminhões os transportam, até novo destino. Em toda sua trajetoria para ser util, esse importante produto brasileiro — a madeira — segue sob o auxilio direto de produtos petrolíferos.

E a maior parte das vezes, é Esso que está presente, garantindo qualidade e suprimento perfeito e adequado, para máquinas, instrumentos de trabalho ou motores.

Esso auxilia o progresso do Brasil.

Standard Oil Company of Brazil

Um emblema de qualidade — Esso — Um símbolo de serviço

- EM QUALQUER RUA...
- EM QUALQUER ESTRADA...

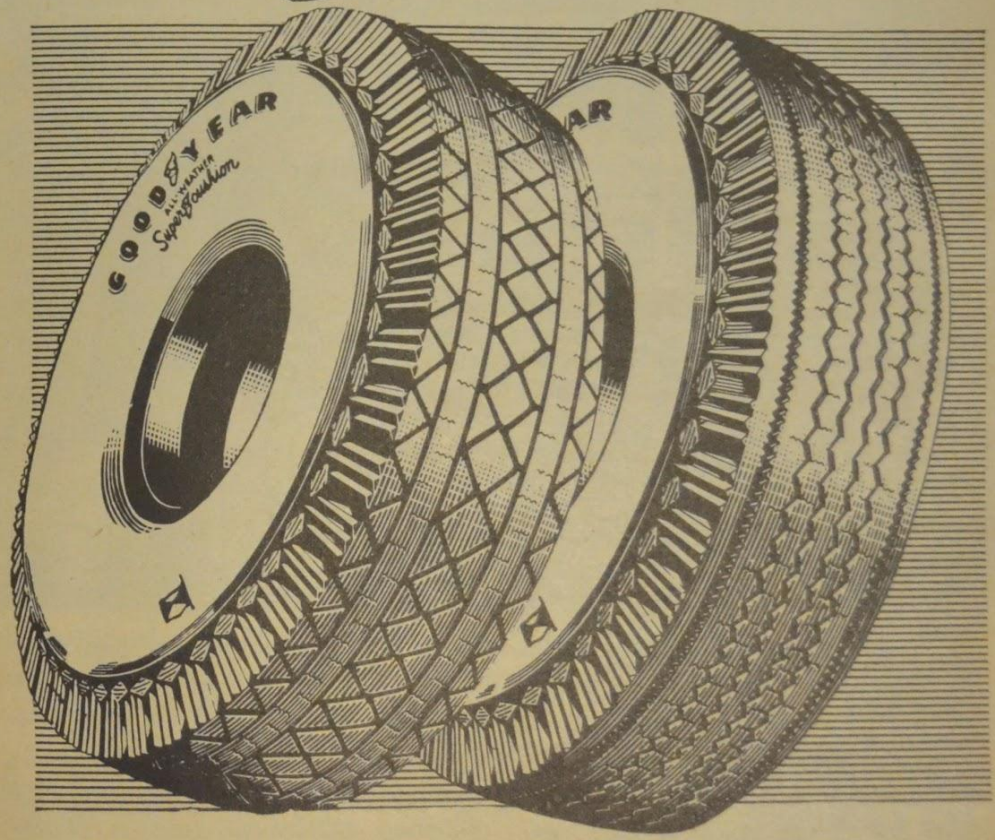
Mais confôrto para você...
com menos solavancos no seu carro!

PEDRAS...buracos...irregularidades do solo desaparecem da estrada quando seu carro roda com Super-Cushion. Porque Super-Cushion contém maior volume de ar com menor pressão e absorve os choques tanto laterais como verticais! Seu carro não trepida —como que *flutua* sôbre a estrada. Isto significa maior confôrto para você — maior proteção para seu carro.

Desde os aros de aço, usados em 1895, até os pneus Airwheel o progresso na fabricação de pneumáticos tem visado sempre proporcionar aos carros uma marcha mais confortável. E hoje Goodyear lhe oferece o máximo! Basta experimentar o pneu Super-Cushion uma vez para se convencer.

Super Cushion

NOVO PRAZER AO Volante!



criação e fabricação da **GOODYEAR**

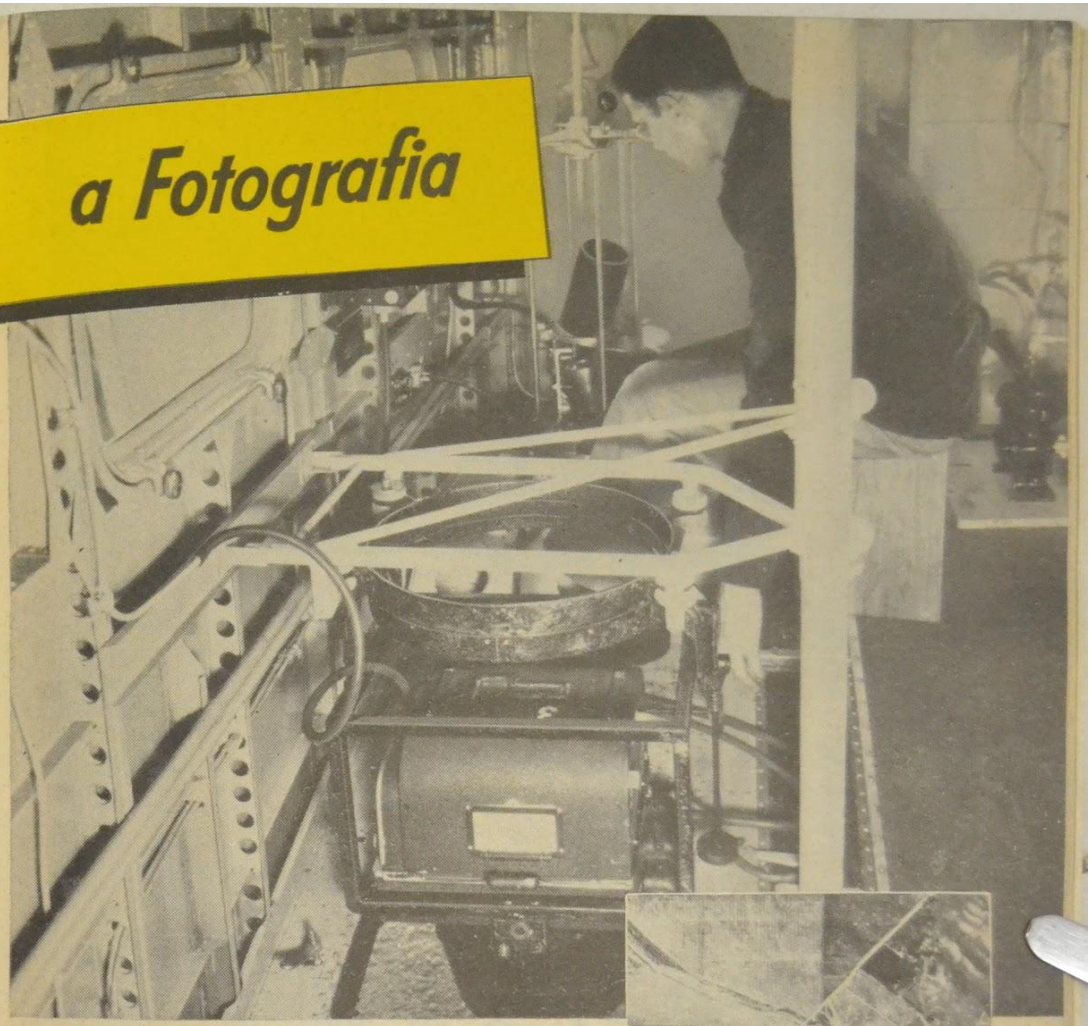
Ambos usam a Fotografia

V.S. para instantâneos como êste . . . que hão de figurar como as páginas mais preciosas do diário da família.

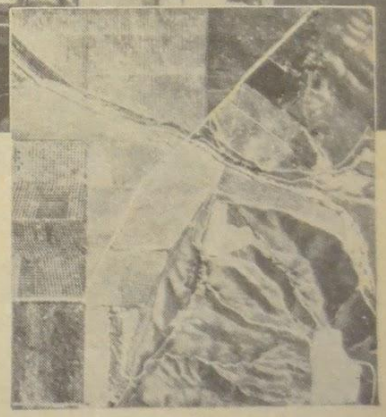
Aí estão somente duas das muitas formas en que a fotografia—mediante a sua aplicação à ciência, à indústria, ao comércio, aos serviços públicos e à vida diária—beneficia a todos os membros da sociedade.

Kodak

"Kodak" é marca registrada

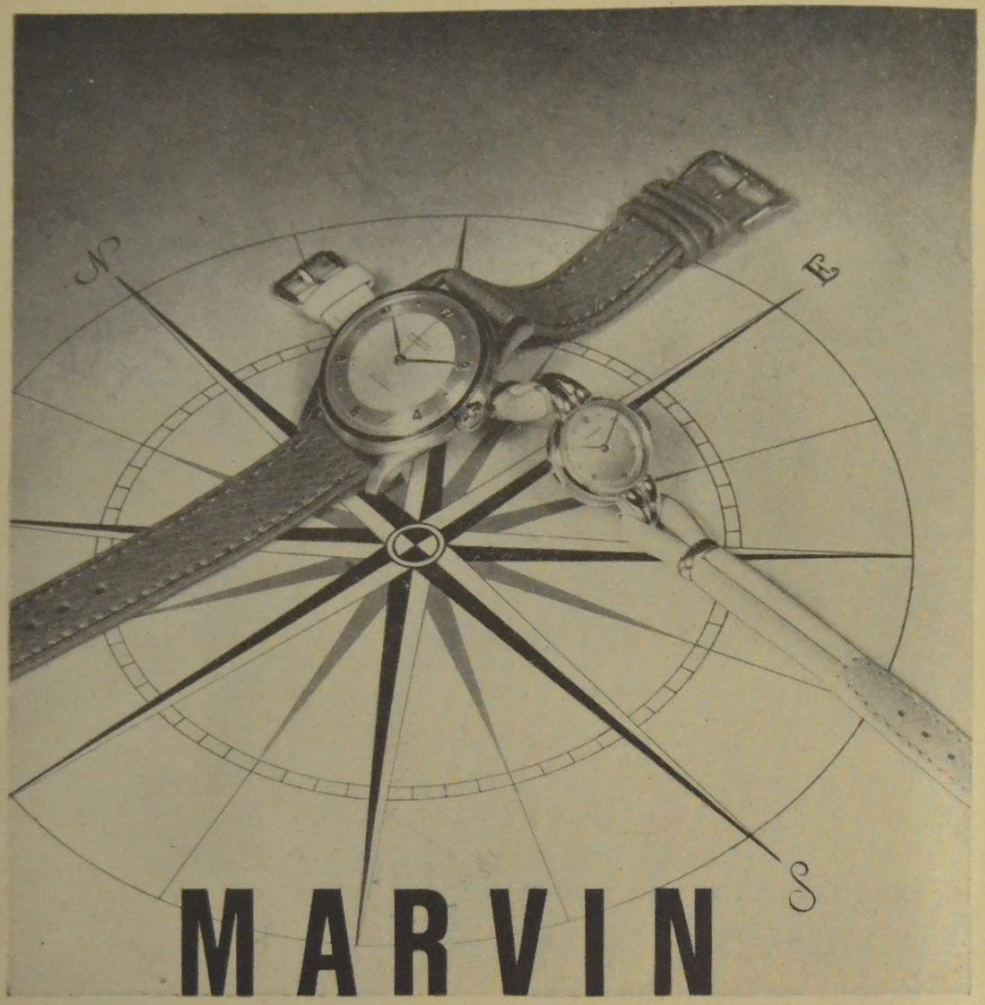


O cartógrafo, na fotografia aérea . . . indispensável no levantamento de mapas minuciosos e de áreas de grande extensão, essencial ao planejamento racional dos campos de cultura, estradas de ferro e rodovias, ao contrôle de áreas inundadas, cortes de florestas e exploração de minas.



Fotografia aérea Fairchild

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.



MARVIN

Para que as variações atmosféricas não afetem o rigoroso ajuste de suas peças — cuja precisão é nunca inferior a *um milésimo* de *milimetro* — Marvin possue admiravel dispositivo auto-compensador de temperatura.

RELOGIO MAIS TÉCNICO DA SUICAI

A WESTINGHOUSE PODE AJUDÁ-LO

a Melhorar o Serviço Ferroviário de sua Cidade

Se V.S. manufatura ou vende quaisquer artigos . . . devem interessá-lo estas sugestões da Westinghouse, que visam expandir os transportes ferroviários que servem à sua comunidade.

Em toda a parte é sensível e premente a urgência de transportar mais artigos mais depressa. Mas, dadas as condições presentes, poucas nações poderão expandir ràpidamente suas ferrovias. E no entanto, há alguns meios práticos pelos quais a Westinghouse pode ajudá-lo a melhorar ràpidamente o serviço de transportes por estrada de ferro na sua cidade:

Sugestões Sôbre os Meios de Aumentar de 20% o Rendimento do Material: Os engenheiros da Westinghouse podem ajudar V.S. a pôr o seu equipamento antiquado a par dos mais modernos padrões de serviço. V. S. pode esperar um acréscimo de 20% em rendimento, com um dispêndio mínimo em peças e aparelhagem nova.

Locomotivas de Tipos Novos, Mais Econômicas e Possantes: Podem-se poupar dinheiro e tempo com locomotivas que, rebocando mais vagões com maior rapidez, permitem deslocar maiores cargas. As inovações da Westinghouse nestes domínios abrangem: unidades de turbina a vapor, para maiores velocidades; locomotivas elétricas com 50% mais força; e, como último adiantamento, as locomotivas de turbina a gás, de grande capacidade.

A Westinghouse pode Fornecer, como Um Só Conjunto, Oficinas Completas para Reparação de Locomotivas, incluindo os trilhos, ferramentas, equipamento, facilidades de serviço, e todos os edifícios. Estas oficinas, que podem ser instaladas sob a direção dos técnicos da Westinghouse, permitem montar locomotivas novas ou executar grandes reparos.

Especificações e Aquisição de Redes Ferroviárias Completas: A Westinghouse pode asumir plena responsabilidade na execução de planos completos de expansão ferroviária, desde os projetos e especificações originais, até o treinamento do pessoal.

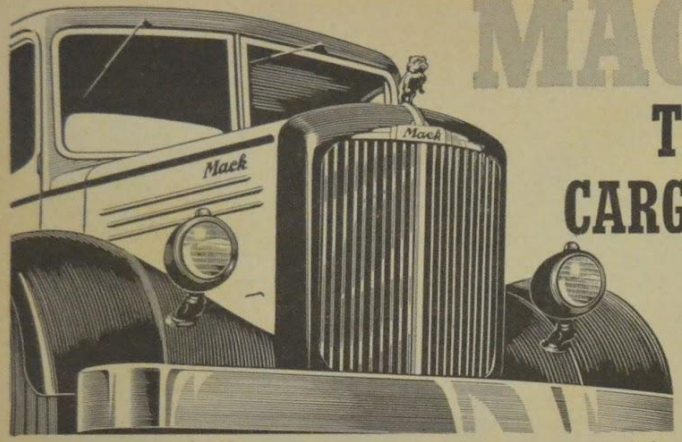
Para mais informações sobre estes serviços e equipamentos, queira comunicar-se com o Distribuidor da Westinghouse no seu país, ou escrever à Westinghouse Electric International Company, 40 Wall St., Nova York 5, E. U. A.

Este anúncio, como outros da mesma série, conta apenas parte de uma longa história. Faz muitos anos que a Westinghouse—onde V.S. encontrará vizinhos e amigos—vem Servindo o Mundo pela Eletricidade. Hoje, porem, nossa tarefa mais difícil não é sòmente vender ou aplicar produtos elétricos; é consagrar nossas pesquisas, capacidade fabril e perícia técnica à reconstrução da economia mundial.

Westinghouse *Produtos Elétricos para um Mundo Melhor*

A-2561X

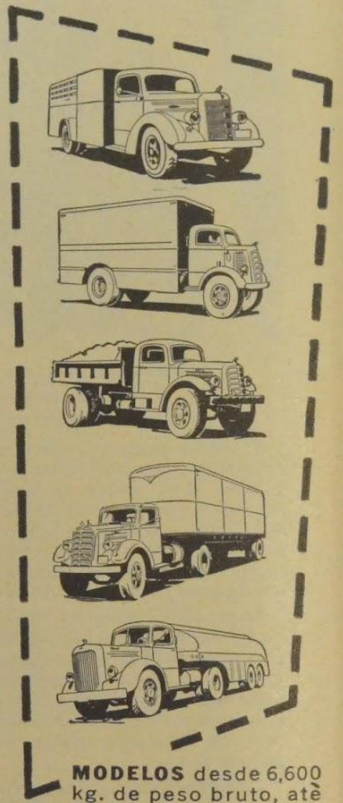
MACK ... para TRANSPORTAR CARGAS PESADAS!



• Sejam quais forem seus requisitos em matéria de transporte, V. S. verificará que um caminhão Mack a seu serviço representa muito mais trabalho realizado.

O sortimento completo dos Mack oferece-lhe uma ampla escolha de modelos para transporte lucrativo em todas as categorias de capacidade, a partir do veículo de 6,600 kg de peso bruto. Em tipos de caminhão simples ou trator — comuns ou de cabina sobre o motor — a motor diesel ou de gasolina. Motores, transmissões, eixos, distâncias entre eixos, tudo próprio para preencher requisitos específicos em todos os ramos de atividade.

Antes de comprar outro caminhão, vale a pena ir ao agente ou revendedor mais próximo dos Mack, e informar-se minuciosamente sobre estes robustos Mack de confiança.



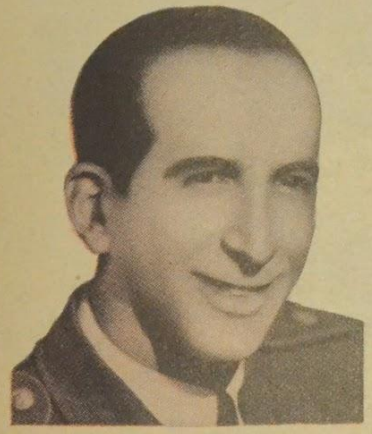
MODELOS desde 6,600 kg. de peso bruto, até 79,000 kg. de peso bruto total. Acionados a gasolina ou diesel.

Em toda a América Latina se ouve repetir:

"Forte como um Mack"

Mack Trucks, Inc., Empire State Bldg., New York, N. Y., E. U. A., Fabricantes dos mundialmente famosos Caminhoes, Onibus e Bombas de Incendio. A gasolina ou Diesel. Distribuidores nas principais cidades de America Latina.

HARO OLIVA — *Esgrimista de fama mundial*



HARO OLIVA, *famoso esgrimista, e durante muitos anos membro eminente da Equipe de Esgrima do Exército Mexicano.*

APARA GOLPES DE NAVALHA COM O WILLIAMS...

• Aceite o conselho de um campeão! Diz Haro Oliva: "Os cortes da navalha preocupavam-me mais do que golpes de espada, mas descobrí como me podia barbear bem com o Creme Williams, que contém Lanolina, tão boa para a pele. Com o Williams me barbeava melhor que nunca—mais depressa, com mais suavidade, e escanhoando melhor. Aconselho a experimentá-lo, quando tiver que comprar creme de barbear!"

• Rapidez, conforto, boa aparência, *valor!* É o que V.S. obtem ao barbear-se com o Williams, que contém Lanolina, o ingrediente que *faz bem à pele;* protegendo a contextura macia desta, permite a V.S. barbear-se mais depressa e com mais suavidade. Experimente o Williams, e convença-se pela própria experiência!

Há dois cremes à sua escolha: o Williams Simples e o Williams Mentolado

WILLIAMS CONTÉM A SUAVIZANTE LANOLINA

Cada dia há mais Kolynos-istas

Yvonne De Carlo

A famosa artista norteamericana tambem é Kolynos-ista porque quer tornar o seu sorriso mais encantador. Yvonne De Carlo é uma das estrelas do filme em Technicolor "Felonía," de Universal-International.

Em cada dia mais de 16.319.385 Kolynos-istas limpam os dentes com Kolynos.

Porque Kolynos, o creme dental de fórmula científica . . .

LIMPA MAIS
AGRADA MAIS
RENDE MAIS

Basta um centímetro na escova seca!

USE KOLYNOS—SEJA TAMBEM KOLYNOS-ISTA!

O SERVEL FUNCIONA SEJA ONDE FOR!

- **Conserva frescos os gêneros por muitos dias**
- **Faz cubos de gêlo em abundância**

Funciona a querosene, gás natural ou industrial, butano ou propano

Onde quer que more—na fazenda ou na cidade, em apartamento ou em casa própria, na serra ou na planície—V.S. pode desfrutar todos os benefícios da refrigeração moderna, graças ao Servel. Este refrigerador miraculoso vai a toda parte, e funciona seja onde for—porque não necessita corrente elétrica.

Seu sistema de refrigeração não tem peças moveis . . . nem uma só peça mecânica que exija consertos ou substituição! A baixa temperatura a que atinge, conservando os alimentos, é produzida por uma chama silenciosa e minúscula, de gás ou querosene. O Servel protege infalivelmente as frutas, os legumes, as carnes e os lacticínios . . . faz cubos de gêlo . . . e conserva frias as bebidas.

Em consequência, cerca de 3 milhões de lojas e lares no mundo inteiro usam o Servel. Escreva para o endereço abaixo, pedindo o folheto ilustrado.

Servel — *O REFRIGERADOR DIFERENTE*

SERVEL, INC., INTERNATIONAL DIVISION, 20 PINE STREET, NEW YORK 5, N. Y., U. S. A.

não apenas uma *nova fábrica* ...uma *nova era!*

As novas instalações da General Motors em São Caetano constituem o marco final de um programa de expansão de mais de 200 milhões de cruzeiros. Elas indicam o passo acelerado em que caminha o nosso país para uma nova era de progresso e estabilidade econômica, através da utilização das matérias primas e da mão de obra nacionais—alcançando-se assim um padrão de vida digno para todos.

Desde a sua fundação em 1925, a General Motors do Brasil vem promovendo a utilização destes preciosos elementos. Hoje, completadas as novas instalações, ela será facultada em escala ainda mais ampla e serão desenvolvidas ainda mais as excelentes condições de trabalho que a General Motors sempre frizou em oferecer a seus empregados. As novas instalações da General Motors virão alargar fronteiras ao progresso do Brasil.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

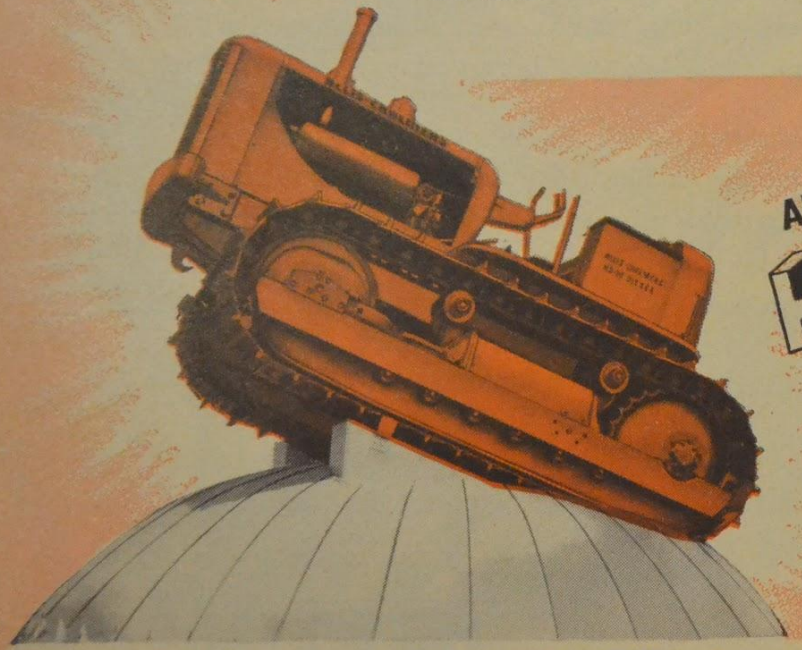
GM
GENERAL MOTORS

um grande trator para grande trabalho

NAS grandes obras de construção de estradas, barragens, e irrigação, no desbravamento de terras e outros vastos empreendimentos agrícolas, — onde quer que seja preciso um trator capaz de deslocar e manipular cargas máximas de terra, o HD-19 executa as tarefas com notável economia de tempo e de despesas.

Êste grande trator de esteiras, com o seu peso de 18 toneladas, incorpora muitas inovações de engenharia. Seu motor Diesel General Motors, de 2 ciclos e 163 C. V. ao volante, chega a produzir uma tração de 16.000 quilos na barra de tiro. O acionamento por conversor hidráulico de torção, engenhoso dispositivo que a Allis-Chalmers adaptou aos tratores, ajusta automàticamente a fôrça do motor à carga; o trator marcha automàticamente à maior velocidade possível, e utiliza todo o rendimento do motor, seja qual for a carga. Êste grande aperfeiçoamento redunda em operação mais suave, em maior rendimento de trabalho a menor custo, e em mais longa duração do trator e do equipamento.

Para informação mais completa sôbre êste exemplo do que há de melhor em traçado de moderno equipamento de construção, queira consultar o distribuidor da Allis-Chalmers na sua região.



O NOVO ALLIS-CHALMERS HD-19

Fabricantes de Maquinaria desde 1847

DISTRIBUIDORES NO BRASIL:

Companhia Brasileira de Maquinaria (COBRAMA)
Caixa Postal 725, Recife, Pernambuco

Cia. de Propaganda, Administração e Comércio (PROPAC) Av. Rio Branco 85, Rio de Janeiro

Industrial e Comércio Vitória, Ltda.
Caixa Postal 172, São Luiz, Maranhão

Sociedade Técnica de Materiais Limitada (SOTEMA)
Caixa Postal 1109, São Paulo

B. Soeiro & Co., Caixa Postal 383, Belem, Pará

ALLIS-CHALMERS
Depto. PD549 — Divisão de Tratores
Milwaukee 1, E.U.A.

Importadora de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias Ltda.
Av. Julio de Castilhos 333,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

J. G. Araujo & Co., Ltda., Caixa Postal 38,
Manaos, Amazonas

DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL: H. Vaultier & Cia. 43-45 Calçada Marquês de Abrantes, Lisboa.

Triunfo na Técnica da Fabricação do Aço
PRODUTOS DA BETHLEHEM STEEL

Começando pela extração do minério, e continuando até o embarque das peças acabadas, os produtos de aço da Bethlehem estão constantemente sob o rigoroso controle de técnicos com vasta experiência. É por isso que o aço da Bethlehem vem gozando de reputação mundial por sua qualidade e uniformidade dignas de confiança.

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se desse modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, New York 4, N. Y., E. U. A. Endereço telegráfico: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a,
BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Avenida Churchill, 129-4.º andar
SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

Fiéis

CHAMPION

Velas Favoritas do Mundo

Milhões de pessoas percorrem anualmente muitos milhões de quilômetros, atraidas pelos prazeres saudaveis da vida ao ar livre, e pela prática dos esportes que lhes são caros. Contam-se elas entre os frequentadores mais assíduos das estradas e rodovias de seus paises. Viajantes experimentados, insistem sempre em que seus carros, barcos a motor e outro equipamento motorizado, lhes dêem serviço fiel — e a maioria, naturalmente, insiste nas fiéis Velas Champion!

SIGA O EXEMPLO DOS PERITOS

EXIJA VELAS NOVAS CHAMPION

—AS FIÉIS VELAS PARA SEU CARRO

CHAMPION SPARK PLUG COMPANY • TOLEDO, U. S. A. • WINDSOR, CAN. • FELTHAM, ENG.

Apresentou-se ontem à noite na Opera de Paris... e debutará amanhã à noite no Teatro Metropolitano de Nova Iork. Todos os grandes concertistas da actualidade confiam na rapidez, no confôrto e na pontualidade dos aviões da K.L.M. para cumprirem os seus contratos.

"Todos viajam com a K.L.M. . . .

. . . . viajar de avião é muito natural para os holandêses"

Ha muitas gerações que os holandêses se impuzeram como habeis e empreendedores viajantes. Viajar com a K.L.M. é o mesmo que viajar confiada e calmamente.

Peçam informações quanto a passagens e frete ao vosso Agente local ou ao Representante mais proximo da K.L.M.

K·L·M

CIA REAL HOLANDESA DE AVIAÇÃO

1919 30 ANOS 1949

A Companhia de Aviação mais antiga do mundo, prestes a completar o seu 30º. aniversário.

Melhores trabalhos datilográficos que Custam Menos

1873 THE FIRST TYPEWRITER 1948 — 75th ANNIVERSARY — REMINGTON RAND INC.

E isso que lhe oferece a nova Remington KMC DeLuxe . . . graças a suas muitas características exclusivas e vantagens especiais.

O elegante "Executype" permite fazerem-se correspondência e relatórios que V.S. se orgulhará de assinar. O funcionamento mais silencioso dá ao escritório um ambiente mais agradavel para o trabalho. A ação suave e rápida facilita à datilógrafa produzir *mais* e *melhor*.

Acrescente-se a essas vantagens o KMC (Controle de Margens no Teclado) e um lindo acabamento cinza em dois tons . . . e V.S. verá porque a Remington KMC DeLuxe é a *sua* máquina-de-escrever!

ANTES DE SUBSTITUIR *suas máquinas-de-escrever, verifique as muitas vantagens da Remington KMC DeLuxe. Procure o representante mais próximo da Remington Rand . . . ou escreva à Remington Rand, Divisão de Exportações, Dept. H, 315 Fourth Avenue, New York 10, N. Y., U S.A.*

Remington Rand

o PRIMEIRO NOME ENTRE AS MÁQUINAS DE ESCREVER

Conversa entre mulheres...

UM PRODUTO

Johnson & Johnson

GRÁTIS!

Queira me enviar, gratuitamente, um exemplar do livreto "Ser quase mulher... e ser feliz", e 2 amostras de Modess, para o que estou remetendo Cr$ 2,00 para porte registrado.

ANITA GALVÃO Consultora Feminina da Johnson & Johnson
Caixa Postal, 5030 - São Paulo

Nome: ..... Idade: I-35

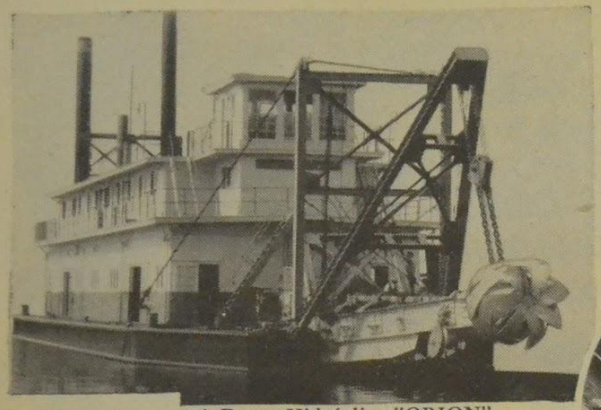
Rua: ..... No.: .....

Cidade: ..... Estado: .....

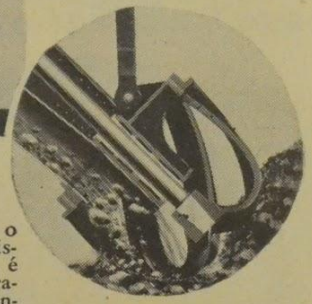
Escreva com letra bem legível

(Sentimos não poder atender pedidos vindos de fóra do Brasil)

As Dragas Hidráulicas ELLICOTT Melhoram Portos e Rios!



A Draga Hidráulica "ORION", de mangueira de 16 polegadas, trabalhando no porto de Ciudad Trujillo, República Dominicana



A escavadora desprende do fundo o material que se vê na fotografia. Misturado com a água, esse material é impelido por uma bomba, para a draga, e daí expulso para a terra pela mangueira flexível. Esta não se vê na fotografia.

A Ellicott faz dragas para:

ALARGAR
APROFUNDAR
MELHORAR:
Rios
Lagos
Portos
COMBATER:
Mosquitos
CONTROLAR:
Inundações
Drenagens
REMOVER:
Obstáculos
Sedimentações
ATERRAR:
Pântanos
Praias
Barragens
CONSTRUIR:
Canais
Portos
Atêrros
PRODUZIR:
Areia
Cascalho
Entulho

Os portos profundos e os canais mais seguros, melhorados graças às Dragas Hidráulicas Ellicott, fomentam o comércio mundial, atraindo navios de maior tonelagem e permitindo carregá-los mais depressa com valiosas mercadorias para exportação.

Mais anida: a importante navegação fluvial torna-se mais segura e melhor, porque os riscos de curvas apertadas, bancos de areia e lodo, se eliminam mais depressa com menor despesa.

A Ellicott vem há 63 anos fabricando dragas hidráulicas de confiança, inclusive todas as que tomaram parte na escavação do Canal do Panamá. Em seu próprio interesse, informe-se primeiro a respeito das Dragas Ellicott, porque elas são traçadas, fabricadas e exportadas por uma só empresa—concebidas e montadas para trabalhar de acôrdo com as condições locais. Escreva-nos ou telegrafe hoje mesmo, pedindo informações completas.

Dragas Hidráulicas ELLICOTT

ESCREVA OU TELEGRAFE—HOJE MESMO! Para informações completas, peça nossos prospetos ilustrados. E, desejando uma recomendação específica para o seu problema em matéria de dragagem, descreva-nos a obra que pretende executar. Sem compromisso algum.

Endereço: ELLICOTT MACHINE CORPORATION, 1627 Bush Street, BALTIMORE, MARYLAND, E.U.A.

Batida Royal de Chocolate e Amêndoa

Leve como espuma . . . macia como veludo! Sobremesa *nutritiva* . . . feita com o delicioso Pudim de Chocolate Royal. Compre vários pacotes e faça hoje uma Batida de Chocolate e Amêndoa . . . é tão facil!

Prepare um pacote de Pudim de Chocolate Royal, seguindo as instruções que vêm na caixa. Junte 2 gemas de ovos batidas e ¼ de colh. de chá de essência de amêndoas. Bata as 2 claras, até formarem suspiro, e acrescente gradualmente – batendo sempre – ¼ de xíc. de açúcar. Adicione lentamente a mistura das claras no pudim quente. Deixe esfriar e enfeite com nozes e creme batido.

Para aprender outras saborosas maneiras de servir os Pudins Royal, peça nosso folheto gratis. Queira dirigir-se a Royal Pudding, Depto. P-249, Caixa Postal 3215, Rio de Janeiro, D.F.

Chocolate, Baunilha, Caramelo

Agora existe uma nova

Parker "51"

- *nova beleza*
- *novos aperfeiçoamentos*
- *nova precisão*

14 CARACTERÍSTICAS DE PRECISÃO NUNCA ATÉ AGORA INCORPORADAS A QUALQUER CANETA

Novo sistema de enchimento "Foto-fill" torna o enchimento fácil e seguro.
Novo mostrador de tinta permite ver o nível da tinta.
Novo reservatório de vidro flexível. 30 anos de durabilidade previstos.
Novo regulador do fluxo da tinta assegura traços firmes e uniformes.
Novo dispositivo contra vasamento em viagens aéreas. Proteção maior por mais elevada que seja a altitude.
Nova pena, com ponta de "Plathenium." Dá suavidade nunca alcançada ao escrever . . . e mais 8 novos aperfeiçoamentos.

• • •

A caneta mais desejada do mundo . . . "51" escreve sêco com tinta líquida!

Representantes e Pósto Central de Consertos para

Brasil: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1° de Março, 9—1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: ANTÓNIO VIEIRA, LTDA., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: QUINTAS & IRMÃO, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: TEIXEIRA DA ROCHA, LTDA., C.P. 463—Lourenço Marques

Sorrisos que falam de amor...

perfumados com

CREME DENTAL **GESSY**

A espuma gostosa que clareia os dentes!

O toque leve

CAPAZ de ajustar-se instantaneamente às preferências pessoais de cada um, o levíssimo teclado da máquina de escrever portatil Smith-Corona é em toda parte o preferido das dactilógrafas. Criada pelos pioneiros das máquinas portateis, a Smith-Corona tem ainda características funcionais que a tornam mais veloz, mais segura, mais duradoura. Produz uma escrita de qualidade, que confere o mais alto crédito à sua correspondência.

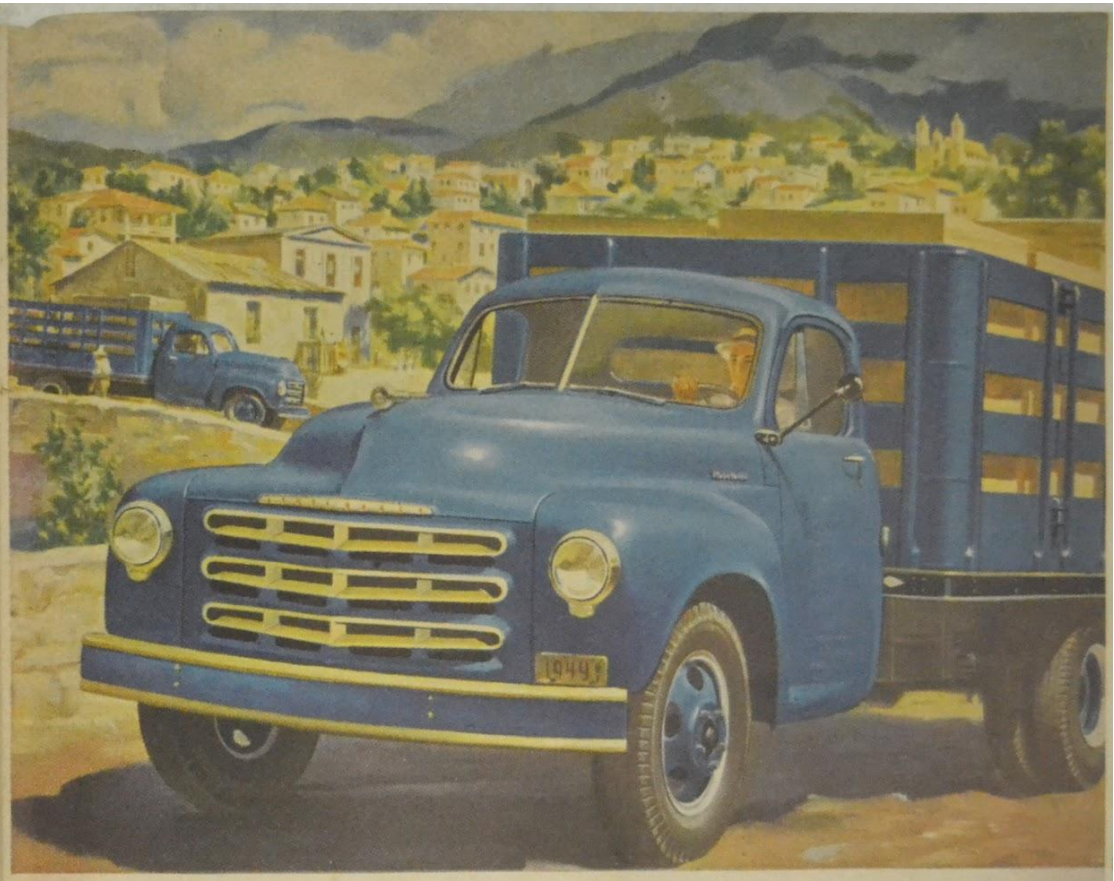
V. S. achará esplêndido este teclado universal — o mesmo espaçamento, largura e disposição das máquinas grandes de escritório. Muite leve e facil de transportar, sua robustez lhe assegura um serviço largo e isento de preocupações.

Vá examinar esta nova portatil Smith-Corona na loja do revendedor mais próximo. Verá que é um prazer possuir uma.

Em máquinas grandes para escritório, não há nada que iguale a Smith-Corona. Ela tem tudo!

Smith-Corona | **Máquinas** *Portateis*

L C Smith & Corona Typewriters Inc · Syracuse 1, New York, U.S.A.



Dimensões e distâncias entre-eixos para centenas de tarefas! A cabina do chofer é uma maravilha moderna de espaço, conforto, ampla visibilidade e ventilação controlada! Estribo do lado de dentro das portas — ao abrigo da intempérie! E o acesso ao motor, à ignição, aos fios do painel de instrumentos, em caso de serviço ou ajustamento, facilitado pelo novo tipo de capô!

Os Novos Caminhões Studebaker primam pela força de tração econômica!

V. S. ficará maravilhado quando vir com que ligeireza o novo caminhão Studebaker sobe ladeiras com pesadas cargas, e vence o que antes eram sérios obstáculos.

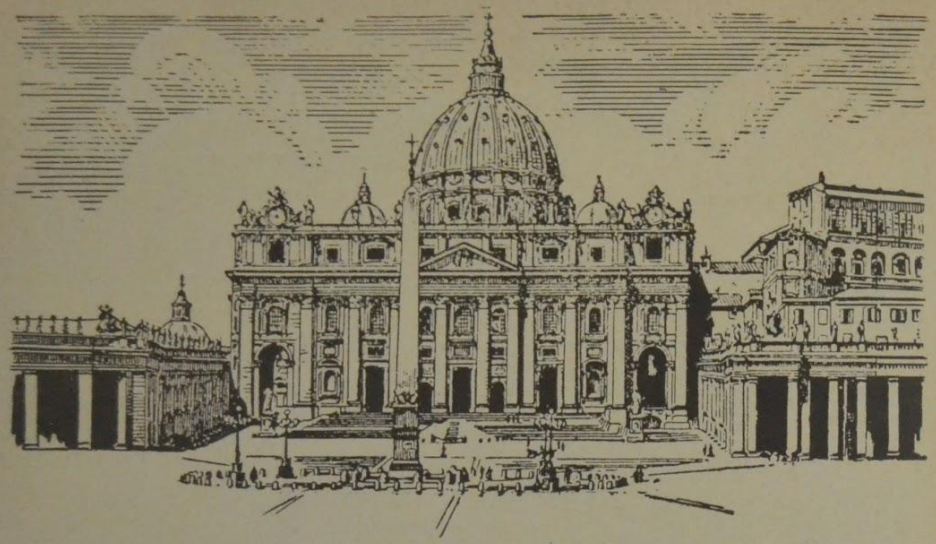
O segredo deste novo e assombroso rendimento é uma nova e brilhante aplicação da engenharia ao fabrico de caminhões — fruto de muitos anos de pesquisa exhaustiva da Studebaker.

O traçado aerodinâmico destes novos caminhões Studebaker não apresenta excessos de volume, mas oferece nova robustez estrutural.

O que é mais, o novo motor Studebaker para caminhão, de arranque instantâneo e alto binário, proporciona força barata de sobra, para qualquer emergência.

Logo que tiver ensejo, visite o mais próximo distribuidor do Studebaker, e informe-se.

The Studebaker Export Corporation, South Bend 27 Indiana, E. U. A. Telegramas: Studebaker



NÃO HÁ DUAS IGUAIS

★ O ÚNICO templo cristão que constitui uma obra-prima comum dos maiores arquitetos e pintores italianos, é a célebre Basílica de São Pedro, em Roma. Inaugurada em 1626, depois de 120 anos de trabalhos, é a realização mais grandiosa da Renascença.

★ O ÚNICO dentifrício que constitui uma obra prima comum de químicos, médicos e odontologistas, através de anos de pesquisas nos melhores laboratórios do mundo, é a moderna e científica PASTA DENTAL PHILLIPS. Antiácida e antissética a PASTA DENTAL PHILLIPS é a *única* que, protegendo a boca, neutraliza a acidez bucal e evita a cárie, conservando a beleza, o brilho e a brancura dos dentes. Deixe de lado um dentifrício antiquado e experimente a

PASTA DENTAL

PHILLIPS

A ÚNICA que possui o valor antiácido do

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

(*Continuação da segunda capa*)

De um professor da Suiça

Como professor de francês num instituto de Genebra, consulto frequentemente a revista em busca de assuntos para minhas aulas. A variedade de temas profundamente interessantes, escolhidos da imprensa mundial, proporciona assuntos inspiradores que oferecem exemplos estimulantes e práticos tomados da vida real, contemporânea. Após as horas de estudo, os artigos e as anedotas da revista recreiam o espírito tanto dos alunos como do professor.

George Wyss, Genebra

De um leitor sueco

Nenhuma revista teve jamais o dom de cativar-me o interesse e estimular-me a imaginação tanto quanto o Reader's Digest. Agradam-me muito suas interessantes narrativas tomadas da vida real. Todos os meses aprendo algo de novo e util sobre outros paises e outros povos. Ao mesmo tempo, muitas anedotas originais e certos artigos leves me proporcionam uma distração de primeira qualidade.

Ivar Carlsson, Wastjborke

De um leitor da Finlândia

Há uma espécie de vitamina espiritual em cada um dos artigos que VV.SS. publicam. Têm bom-humor e emoção, ao mesmo tempo que informam e instruem, e tudo é saturado de um admiravel espírito democrático. Na Finlândia sentimo-nos perdidos se não obtemos a revista.

Olavi Ketonen, Helsinki

De uma dona-de-casa australiana

Vivemos lá no interior do país. Privados de elementos para cultivar mais o trato social, esperamos a chegada do Reader's Digest como a visita de um amigo que viaja muito. Arrancando-nos do isolamento, a revista permite que desfrutemos melhor a vida rural. Para aqueles dentre nós que temos de viver longe do mundo, essa revista—com os fatos que revela, com sua independência, sua perspicácia, sua fé, seu bom-humor e imaginação—é uma delícia e uma verdadeira necessidade.

Sra. Millicent Sires, Hoyleston

De um jornalista dinamarquês

Muitas vezes, o modo pelo qual um assunto é tratado no Reader's Digest estimula a gente a aprofundar mais a questão, e a revista nunca deixa de adicionar dados informativos que sempre têm excepcional importância. Acrescente-se a isso o fato de ser tão estimulante o próprio estilo da revista, que, mesmo quando dominados pela fadiga após um dia longo e atribulado, nos sentimos reanimados e cheios de interesse, depois de lê-la.

Erie Olaf-Hansen, Hellerup

De um estudante alemão

Especialmente para nós, jovens (tenho 19 anos), é de grande valor o fato de que, por intermédio desta revista, possamos agora pôr-nos em contacto com as idéias e os escritores de muitos outros paises.

Eberhard Türk

Cr. $ 3,00

MAIO de 1949

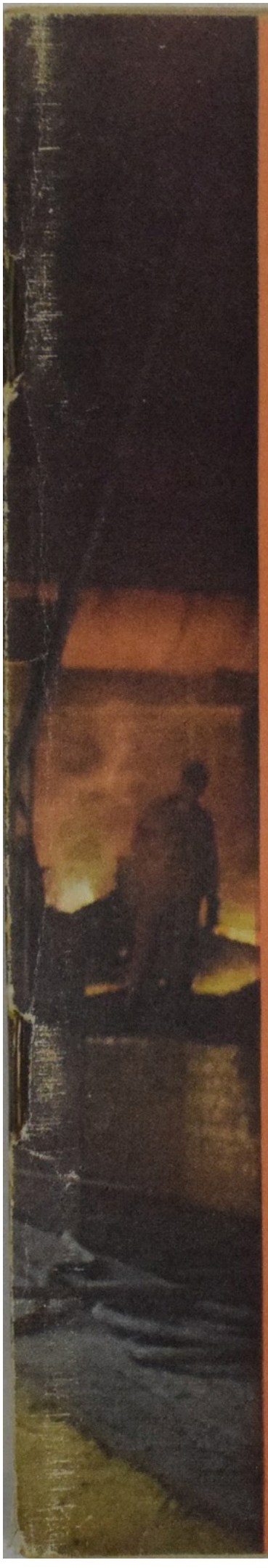
Seleções

do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

Dois cavalheiros de Verona	*A. J. Cronin*	1
Modelo 49... carros ou brontossauros?	*Charlton Ogburn, Jr.*	6
Porto Rico resolve seu dilema	*Lloyd Stouffer*	9
Energia atômica: realizações e perspectivas	*A. MacLeish*	14
Cuidado com os ratos!	*Alfred H. Sinks*	19
Como se deve falar a uma criança	*E. e A. Rautman*	22
Seja benvindo à Dinamarca	*Roger W. Riis*	25
Como se faz um bom piano	*Robert Sellmer*	29
Flagrantes da vida real		33
O homem mais perigoso da Europa	*T. M. Johnson*	35
Contra a amizade, burocracia	*Frank C. Hanighen*	42
O eterno aprendiz	*Time*	43
A derradeira fuga	*Fred Gipson*	49
Frases notaveis		53
Aproveite melhor suas viagens	*J. P. McEvoy*	54
O peso morto	*Stewart Edward White*	57
Meu tipo inesquecivel	*Benedict Thielen*	61
Uma só matéria de cada vez	*J. D. Ratcliff*	66
Intimidades do reino animal		69
O que os homens notam nas mulheres	*J. C. Churchill*	73
Algo mais, alem de pão	*Karl Detzer*	75
A roupa faz o homem... sentir-se incômodo	*Elizabeth Hawes*	78
A estranha comunidade dos mórmones	*K. Best e K. Hillyer*	81
Meio litro de sangue	*Hal Borland*	85
Seção de Livros — Caminho da sobrevivência	*William Vogt*	89

A bandeira argentina — *Fotografia* ..... capa; *Nota* ..... página 109



JUNHO de 1949

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

Como prolongar a vida . . . *Francis e Katharine Drake* 1
«Entre aspas» 6
Nova preparação para a maternidade . *Gretta Palmer* 7
A mulher mais dominante da Europa . . *Hal Lehrman* 11
Flagrantes da vida real 16
De quem são hoje os melhores submarinos? *Fletcher Pratt* 18
Conhece alguem mais honesto? 23
O enigma da bela nadadora . *A. Blackington e A. Abbot* 25
A grande corrida automobilística Nova York-París *Michael Scully* 29
Não é dinheiro o que se envia à Europa 36
Como se aprende a liderar os homens . *Henry C. Link* 37
Homo Americanus . . . . . *Bennett Cerf* 41
Psiquiatras e charlatães . . . . . *Morris Fishbein* 43
Nova figura mundial: St. Laurent, do Canadá *B. Hutchison* 46
Última lição de um mestre . . . . . *Billy Rose* 51
Velórios na Irlanda . . . . . *John McCarthy* 53
No palco, mas sem representar . *Cornelia Otis Skinner* 54
O maior dos dons . . . . . *A. J. Cronin* 57
Minha vida—Joe Louis . . . . *M. Berger e B. Nagler* 61
Como Stalin vê o amanhã 71
Em torno do Niágara . . . *Henry e Katharine Pringle* 75
Inimigo do teredem . . . . . *J. D. Ratcliff* 80
Nem tudo há de ser para os filhos . . . *I. A. R. Wylie* 83

Seção de Livros — Tão perto do coração . . . *Sterling North* 87

Índice 111

Volta Redonda—sonho e realidade — *Fotografia* . . . . *quarta capa*; *Nota* . . . . . *página 109*

SELEÇÕES
do Reader's Digest

Tomo XV, No. 89 Junho de 1949

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, 4º piso, Vedado, Havana, Cuba.

Diretor.....Eduardo Cárdenas
Redator-Chefe.....José Famadas
Gerente: Roberto C. Sánchez

THE READER'S DIGEST, fundado em 1922 por DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, seus atuais diretores e editores, é publicado em Pleasantville, Estados Unidos, e tambem na Inglaterra (Terence Harman, *gerente*, Londres); no Canadá (Fred D. Thompson, *gerente*, Montreal); e na Austrália (John Grant Cooper, *gerente*, Sydney).

Edições em outros idiomas: EDIÇÃO EM ALEMÃO (Stuttgart) Alexander W. Post, *redator;* EDIÇÃO EM DINAMARQUÊS (Copenague) Onni Kyster, *redator;* EDIÇÃO EM ESPANHOL para os paises hispano-americanos e Espanha, Eduardo Cárdenas, *diretor:* EDIÇÃO EM FINLANDÊS (Helsinki) Seere Salminen, *redator;* EDIÇÕES EM FRANCÊS: (París) Pierre Denoyer, *redator*, Paul Thompson, *gerente;* (Montreal) Pierre Ranger, *redator;* EDIÇÃO EM ITALIANO (Milão) Mario Ghisalberti, *redator;* EDIÇÃO EM JAPONÊS (Tóquio) Bunshiro Suzuki, *redator*, Dennis McEvoy, *gerente;* EDIÇÃO EM NORUEGUÊS (Oslo) Henrik Aubert, *redator;* EDIÇÃO EM SUECO (Estocolmo) Brita B. Hebbe, *redatora*.

EDIÇÕES INTERNACIONAIS DE THE READER'S DIGEST. Barclay Acheson, *gerente geral;* Marvin McC. Lowes, *subgerente geral;* Hobart Lewis, *chefe de redação*.

Copyright 1949 de Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei, em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, total ou parcial, dos artigos contidos neste número.

O maior tunel da Europa

Por Ernest Lefever

O TREM que vai do pequeno porto de Turku, na Finlândia, a Helsinki percorre a zona de Porkula, estrategicamente situada no Mar Báltico, diante da Estônia ocupada pela Rússia. A Finlândia foi obrigada, em 1945, a arrendar essa faixa territorial à União Soviética, por 50 anos, para servir de base naval e aérea, tendo sido desalojados todos os habitantes finlandeses.

Antes de entrar em Porkula, o trem para e baixam-se em todas as janelas as persianas de madeira especialmente construidas. Fecham-se as portas dos carros e os passageiros ficam mergulhados em completa escuridão.

Nos três anos que viví na Europa, logo após a guerra, como secretário itinerante da Associação Cristã de Moços, percorrí muitos dos enor-

(*Continua na terceira capa*)

SELEÇÕES do Reader's Digest
Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, Volume XV, No. 89, June 1949. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, Vedado, Havana, Cuba. Subscription price: US $2.00 per year in Latin America; US $3.75 per year in the United States. Entered as second-class matter at the Post Office, Pleasantville, N. Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at the Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

Impressa nos E. U. A.

Belêza
-para seu sorriso...
Frescor
-para seu hálito...

COM
CREME DENTAL GESSY
A espuma gostosa que clareia os dentes

Leves e flexíveis...

QUE ATÉ UMA CRIANÇA PODE MANEJÁ-LAS!

E, NO ENTANTO, SÃO TÃO FORTES E DURÁVEIS!

MANGUEIRAS

GOODYEAR

PARA JARDIM

COMO É LINDO SEU VESTIDO!

Eu mesma o fiz, no Curso de Corte e Costura Singer...

Faça também seus próprios vestidos... Peça informações na Loja Singer mais próxima e aproveite para admirar as novidades que a Singer lhe oferece:

A moderna Singer! Com os aparelhos Singer esta máquina admirável facilita os trabalhos mais lentos e complicados!

Echarpes de sêda natural ou de Rayon! Bonitos padrões e preços a escolher! Encontrará uma que combine com a sua toilette!

Imensa variedade de acessórios para costura — desde botões de vários tipos e tamanhos, a fechos corrediços.

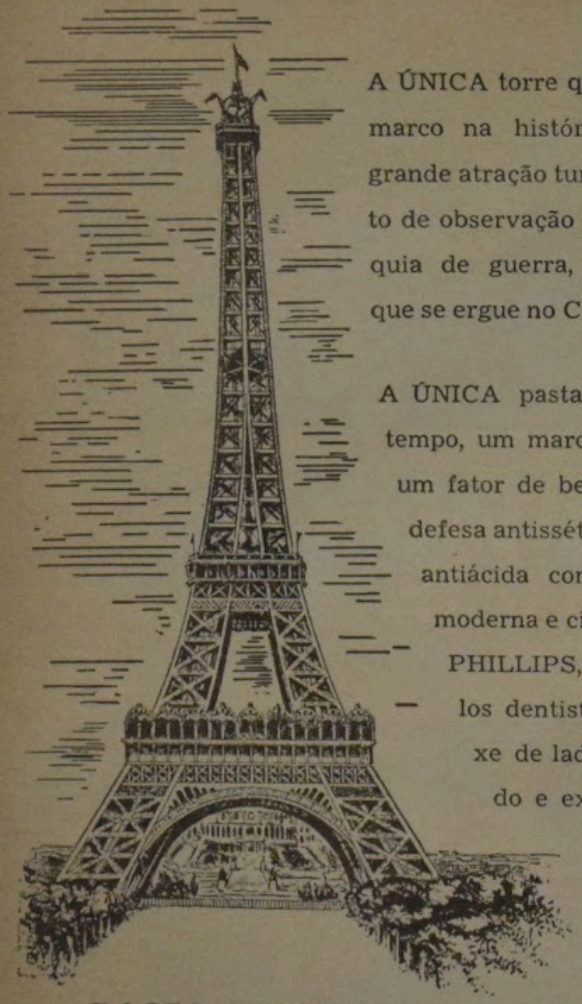
MÁQUINAS SINGER PARA COSTURA M. R.

LOJAS SINGER

Procure a mais próxima de sua casa na lista telefônica e peça o Serviço Mecânico Singer e de costura

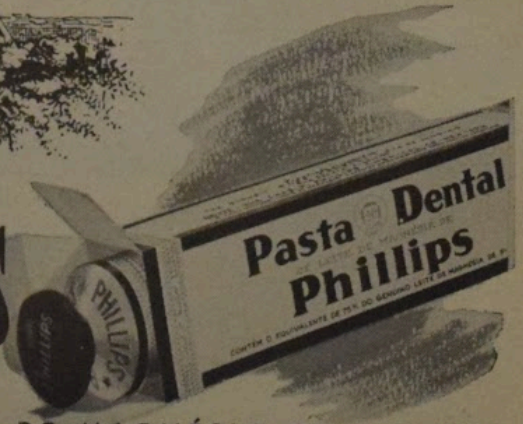
Propriedade Intelectual Reservada Pela Singer Sewing Machine Company.

NÃO HÁ DUAS IGUAIS



A ÚNICA torre que é, ao mesmo tempo, um marco na história da Arquitectura, uma grande atração turística, um importante posto de observação meteorológica e uma relíquia de guerra, é a célebre Torre Eiffel, que se ergue no Campo de Marte, em Paris.

A ÚNICA pasta dental que é, ao mesmo tempo, um marco na história da química, um fator de beleza para os dentes, uma defesa antissética do esmalte e uma arma antiácida contra a acidez bucal, é a moderna e científica PASTA DENTAL PHILLIPS, usada e aconselhada pelos dentistas de todo o Brasil. Deixe de lado um dentifrício antiquado e experimente a

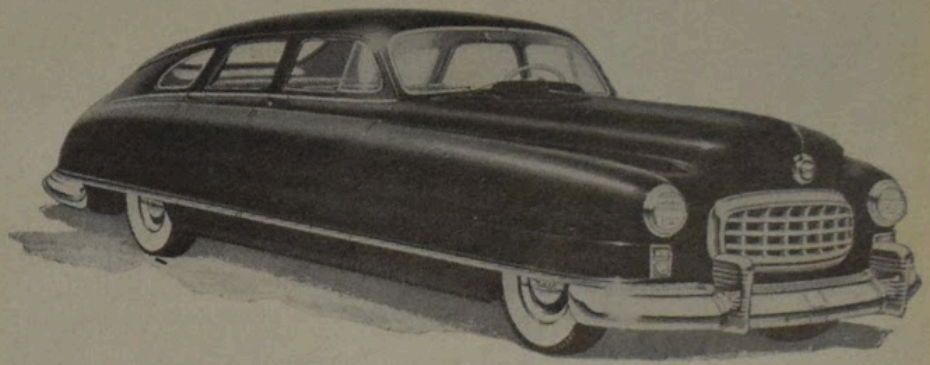


PASTA DENTAL

PHILLIPS

A ÚNICA que possui o valor antiácido do LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

AIRFLYTE



CERTAMENTE!

Quando V.S. vê um carro que é, de ponta a ponta, uma linha audaciosa e pura de corrida—

Certamente! É mesmo um *Nash Airflyte!*

Quando V.S. se senta num sofá com lugar para 4 pessoas—circundado por um grande para-brisa de uma só peça—e todos os instrumentos de controle no "Uniscope"—

Certamente! Está *EM* um Airflyte!

Quando os assentos se transformam em duas camas, e as molas são em espiral nas quatro rodas—e V.S. faz 11 a 13 quilômetros por litro de gasolina—

Certamente! É mesmo DONO de um Nash Airflyte "600"!

Nenhum outro carro lhe pode dar nem metade dessas emoções, nem *metade* dessas vantagens—

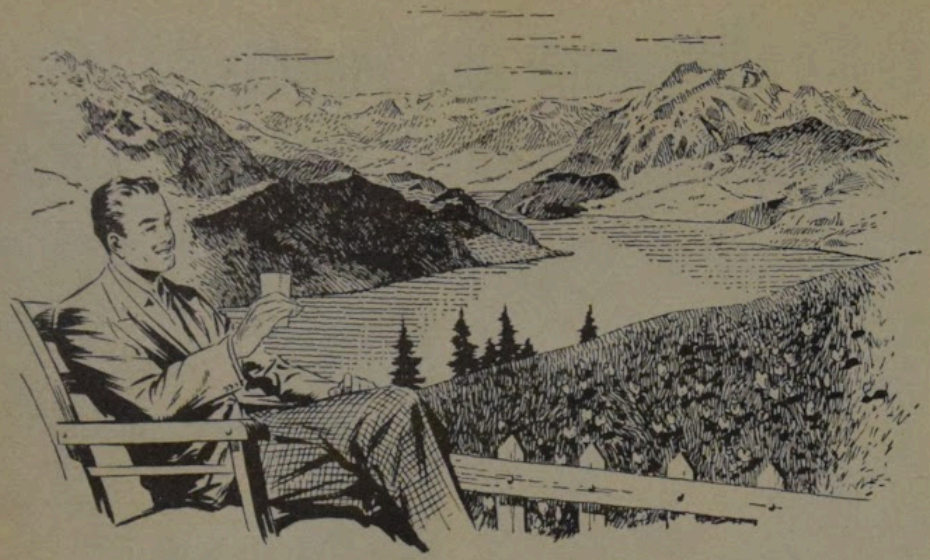
Pois somente o Nash é construido à moda *nova*—sobre longarinas, chassí e carrosseria soldados em uma só peça . . . de baixa suspensão . . . e no entanto, com maior espaço livre entre o fundo do carro e o solo.

NÃO DEIXE DE VER a última palavra em automóveis! Visite o agente Nash. Duas séries—o Nash "600" e o Nash Ambassador. *Ambos são Airflyte!*

Nash Airflyte

Magníficos Automóveis Desde 1902

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation
Detroit, Michigan, E. U. A.



O Poderoso Alimento Fortificante

dos fracos, esgotados e convalescentes

Alimentação rica e adequada - é o que os médicos recomendam, em primeiro lugar, aos fracos, esgotados e convalescentes. Essa é a razão por que, nos mundialmente famosos sanatórios de doentes de pulmão de *Davos* e *Leysin*, na Suiça, a nutritiva Ovomaltine é servida, diàriamente, aos seus internados. E tão notáveis são os resultados obtidos que, hoje, Ovomaltine é conhecida, em todo o mundo, como o poderoso alimento fortificante de crianças e adultos. Também, em tôdas as Olimpíadas, Ovomaltine vem sendo aceita como *alimento oficial* de tôdas as delegações para refazer rapidamente as energias de seus atletas após as mais árduas provas. Ovomaltine não pesa no estômago e facilita o trabalho do fígado. Tome-a misturada ao leite ou a outros líquidos. É saborosíssima!

Diàriamente, beba o seu copo de

OVOMALTINE

vale por uma refeição

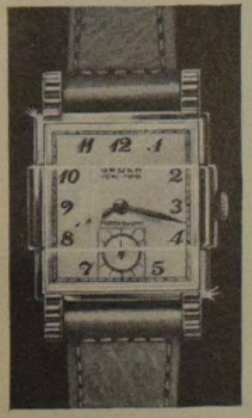
Produto genuinamente suiço. Produzido e enlatado na Suiça por Dr. A. Wander S. A. - Berne

LABORATÓRIO WANDER DO BRASIL S. A.

São Paulo: Rua Conde do Pinhal, 74 – Rio: Avenida Graça Aranha, 19-2.º and.

Como dizer-lhe "Eu te amo!"

Acompanhe suas palavras de exaltado amor com o presente que "diz tudo": um belíssimo relógio Gruen. Seja o Gruen Curvex, o único relógio de pulseira curvo, ou o Gruen Veri-Thin, um Gruen significa elegância e precisão— o presente *inesquecivel.*



GRUEN

o relógio de precisão

Distribuidores exclusivos para o Brasil:

Hermes Fernandes & Cia., Ltda.

Avenida Rio Branco 20, 19, Rio de Janeiro

Maior segurança *e confôrto...*

● Mais suavidade, rapidez e economia, ou seja: completa satisfação no barbear. Êste é o resultado dos aperfeiçoamentos incorporados ao novo Gillette TECH — o aparelho de barbear TECnicamente perfeito.

1. Frisos anti-deslizantes, para proteção contra cortes, mesmo no caso de um gesto brusco.

2. Aberturas amplas, para impedir a acumulação de espuma, facilitando a limpeza sob um jato dágua.

3. Barra distensora, para escanhoar a barba ràpidamente, sem irritar a pele.

4. Lâminas Gillette de dois fios extensos, garantindo maior número de barbas por lâmina.

ADQUIRA UM

Gillette TECH

Feito especialmente para as legítimas lâminas Gillette Azul.

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

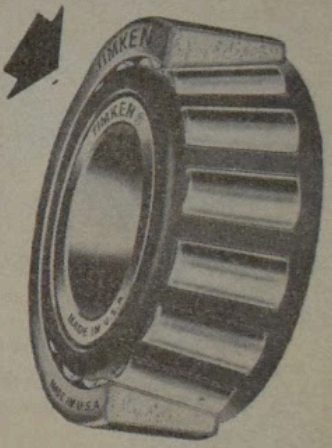
ELE TEM QUE CONFIAR NA SORTE

...MAS O SENHOR NÃO!

Verifique se a marca registrada "TIMKEN®" está estampada em todo rolamento cônico que comprar

Como pode V. S. ter a *certeza* de estar adquirindo o melhor rolamento cônico? Verificando a marca registrada "TIMKEN®" em todo rolamento cônico que comprar. Existem outros rolamentos *parecidos* com os rolamentos Timken, e até chamados "Tipo Timken" pelos imitadores. Entretanto, êles não são iguais ao Timken porque a The Timken Roller Bearing Company é a *única* fabricante de rolamentos cônicos que lhe proporciona tôdas estas vantagens: — 1) Desenho avançado; 2) Rigoroso contrôle de qualidade; 3) Precisão de manufatura e 4) Aço de composição especial Timken.

Os rolamentos Timken têm sido preferidos pelos fabricantes, como equipamento original, há cêrca de 50 anos. Portanto, tôda a vez que V. S. necessitar de rolamentos cônicos, verifique a marca registrada "TIMKEN", estampada no cone e na capa do rolamento que comprar.



TIMKEN ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS

MARCA REGISTRADA REG. U. S. PAT. OFF.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

Endereço Telegráfico "TIMROSCO"

Representante exclusivo para vendas no Brasil

The Timken Roller Bearing Company of South America, Rua Duque de Caxias, 729/731

Tel. 52-6594 e 52-6595, São Paulo, Brasil

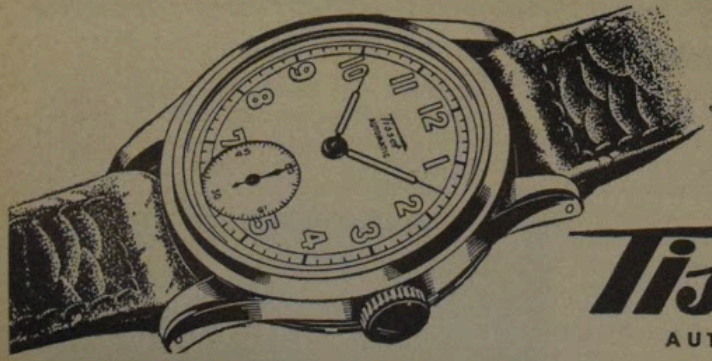
OPINAM OS MELHORES RELOJOEIROS DE TÔDAS AS PARTES DO MUNDO

"Cada dia que passa Tissot confirma sua reputação"

"O relojoeiro honesto e competente só pode aconselhar a seus clientes um relógio que tenha comprovado sua excelência através de uma longa tradição na relojoaria. *Cada dia que passa Tissot Automático confirma sua reputação* por sua precisão e regularidade."

diz M. A. J. Missiaen, presidente dos relojoeiros varejistas belgas

Vem de relojoeiros de todo o mundo o elogio dêste finíssimo relógio. É que êles o sabem de inteira confiança, com uma reputação de quase um século. Feito peça por peça, com extremo rigor, por peritos altamente especializados, Tissot Automático é de precisão irrepreensível, extrema resistência, impermeável ao suor e ao pó e cientificamente anti-magnético. Examine também o relógio aclamado pelos técnicos, o relógio cujo renome cresce cada vêz mais em todo o mundo.



Tissot

AUTOMÁTICO

OMEGA Produto da Société Suisse Pour L'Industrie Horlogère, Genebra—Suiça **Tissot**

Rico e saboroso! Êste Bôlo de Bananas e Laranja é mais gostoso e de textura mais fina porque é feito com Royal! O infalível Fermento em Pó Royal preserva seus preciosos ingredientes, evitando desapontamentos. Lembre-se... Royal só é vendido na famosa latinha vermelha.

BÔLO DE BANANAS E LARANJA

Misture: ..... ½ xíc. de manteiga com 1 xíc. de açúcar
Adicione, batendo: ... As gemas de 2 ovos
Peneire juntos: ..... 1¾ xícs. de farinha de trigo
3 colhs. (chá) de Pó Royal
½ colh. (chá) de sal
Adicione: ..... Os ingredientes secos à primeira mistura, alternando-os com ¾ de xíc. de leite
Junte: ..... As claras (de 2 ovos) em neve
Adicione: ..... 1 colh. (chá) de baunilha

Asse durante 25 minutos em dois taboleiros rasos. Forno regular. Depois de frios, una os dois bôlos e cubra-os com uma glace qualquer. Enfeite com rodelas de banana e laranja.

Se deseja receber o Livro de Receitas Royal, escreva para o Dep. FR-649, Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro. Produto da STANDARD BRANDS OF BRAZIL, Inc.

Esta lista deve completar-se de harmonia com as necessidades diárias de cada um, e é aquí, na matemática das calorias, que grande número de pessoas, não sujeitas a controle, cometem os erros mais desastrosos. Um homem de 60 anos precisa 35% menos de calorias do que um de 30, ainda quando ambos realizam trabalho idêntico. Depois dos 40, a «usina» da energia humana, que foi afrouxando gradualmente com os anos, não se pode manter ao ritmo anterior da conversão de calorias em energia. O resultado é que as calorias não convertidas começam a ser armazenadas—em volta da cintura ou, o que é pior, das artérias e dos orgãos internos. Muitas pessoas que tomam refeições leves deixam-se cair no hábito perigoso de «merendar» ou «fazar um lanche». Um geriatra encontrou a explicação do gráfico do peso crescente de uma dama que sofria dum «apetite de pássaro», nas nozes salgadas que, havia muitos anos, a cliente tinha o hábito de debicar todas as noites.

Quem, depois dos 40 anos, não aprende a reduzir a sua ração de gorduras, açúcares e amidos, está somente convidando a calamidade. São esses os «sabotadores» que cortam prematuramente o fio de tantas vidas com a congestão cerebral, a punhalada traiçoeira da angina, o endurecimento das artérias e as doenças da coronária. As estatísticas das companhias de seguros revelam que as pessoas nutridas, com alta pressão arterial, são 12 vezes mais suscetiveis às doenças do coração do que as pessoas de peso normal. Os médicos desmentem a crença comum de que é «natural» aumentar de peso quando se passa dos 40 anos,—pois a obesidade e o aumento geral do volume, na meia-idade provêm, quase sempre, dum regime alimentar impróprio.

Outros importantes meios de controle do programa de saude oferecido pela geriatria podem incluir a substituição dos hábitos de exercício estrênuo, por atividades mais moderadas, instruções sobre o repouso, ou massagens, ou até simplesmenteo uso de um tipo diferente de sapatos. Os arquivos médicos mostram que, após sujeitar-se aos cuidados geriátricos, a imensa maioria das pessoas se tornam mais vigorosas do que eram dantes, conseguindo positivamente retardar o envelhecimento.

É típica, a tal respeito, a história do casal Smith, que toda a gente julgaria andar pela casa dos 50. Na realidade, marido e mulher têm 62 e 60 anos, respectivamente. Faz alguns anos, o sr. Smith foi consultar o médico, porque os resfriados frequentes, os distúrbios digestivos e renais, e uma sensação de opressão no peito o vinham obrigando a perder dias e mais dias de trabalho. «Suponho que a razão de tudo isto é a idade,» disse ele ao geriatra. Mas o exame revelou alta pressão arterial, um sopro quase imperceptivel no coração, infecção descuidada de ambos os seios nasais, um rim afetado por uma prostata de há muito congestionada, e insuficiência de ácido no suco gástrico, que dificultava a digestão.

Quanto à senhora Smith, com o seu metro e sessenta de altura, seus 70 quilos de peso e a respiração arquejante, após a curta caminhada até o consultório do médico, pensava achar-se em boas condições de saude. Só que se resfriava facilmente, «não tinha energia para nada», e achava que tudo lhe irritava os nervos... A análise geriátrica verificou que quase todos esses distúrbios provinham dum regime alimentar mal equilibrado—insuficiência de líquidos, demasiados farináceos, e uma carência perigosa de tiamina—a vitamina contra a velhice, de que os nervos necessitam em doses crescentes a partir dos 40 anos.

Ora, desde então, os amigos do casal Smith, ao vê-los tão prazenteiros, exclamam: «Que é que vocês têm feito para ter tanta saude?» O marido há um ano que não falta um dia ao trabalho, a sinusite, curada pela penicilina, não voltou a manifestar-se, ele digere tudo quanto come, e a sua pressão arterial baixou consideravelmente! A senhora Smith voltou a vestir pela medida que usava aos 30 anos; o seu metabolismo, graças ao iodo, voltou ao normal; e ela sente-se tão alegre e bem-humorada como parece! Ambos os Smith estão muito gratos à ciência médica pelo revigoramento, totalmente inesperado, da sua energia e interesse vitais. Respondendo às perguntas dos amigos, estupefactos, dizem eles: «Coma menos, tome mais líquidos, arranje uma tabela de calorias, uma boa balança—e deixe o resto por conta do médico. É a maneira de esquecer o calendário, os aniversários—e a maneira de conseguir que eles de nós se esqueçam.»

«*Saidas...*»

No Bronx, em Nova York, o capitão John Cronin, chefe do Departamento de Pessoas Perdidas, saiu em procura de seus dois filhos e terminou por encontrá-los escondidos num cemitério. «Queríamos ver se você era mesmo eficiente,» explicou Alice, menina de onze anos.

—*Time*

Num parque de Nova York, um policial encontrou Ahmed Hassen dormindo numa árvore. Hassen explicou que decidira dormir em árvores por ser proibido dormir nos bancos.

—*Time*

Moss Hart conta que, certa vez, surpreendeu um menino trepado numa macieira de sua fazenda. O menino teve esta «saida»: «Uma das maçãs caiu e eu estava tentando pendurá-la de novo.»

—Irving Hoffman, King Features

«Entre aspas»

Anônimo: Contar vantagem talvez não traga felicidade, mas quem pescou peixe graudo não procura os becos escuros, ao voltar para casa.

Sacha Guitry: Quantas cartas são escritas só para ter um P.S.!

—*Toutes réflexions faites* (Les Éditions de l'Elan)

Kin Hubbard: As abelhas não são tão ativas quanto pensamos. Apenas não conseguem zumbir mais devagar.

—*Woman's Home Companion*

Alexander Pope: Nunca encontrei um homem que não fosse capaz de suportar a desgraça alheia resignado como um perfeito cristão.

Benjamin Disraeli: Há três tipos de mentira: mentira propriamente dita, mentira deslavada... e estatística.

Arthur Sommers Roche: A preocupação é um fio de medo que se infiltra em nossa mente. Quando não a combatemos, transforma-se num caudal onde desembocarão todos os demais pensamentos.

Charles Caleb Colton: Se não consegues conquistar o amor de uma mulher, enche-a de amor-próprio até a borda: o que transbordar caberá a ti.

—*Today's Woman*

Ruth Lemezis: A árvore é um objeto que permanece enraizado, no mesmo lugar, durante anos a fio, até que um belo dia resolve dar um salto e pôr-se bem em frente de um automovel dirigido por mulher.

H. G. Wells: A indignação diante do pecado alheio não passa de inveja com cara de beatitude...

Joe E. Lewis: Um banco é uma instituição que nos empresta dinheiro, sempre que podemos provar que não precisamos dele.

Lord Byron: Só teremos alegrias se as repartirmos: a felicidade nasceu gêmea.

Marlene Dietrich: O homem, em geral, se interessa mais pela mulher que se interessa por ele, do que por uma mulher de pernas bonitas.

—*Citado por Walter Winchell*

Montaigne: Ninguem está livre de dizer tolices; o imperdoavel é dizê-las com solenidade.

Chatham News: Beijar uma pequena é como abrir um vidro de azeitonas: basta tirar a primeira para que as outras saiam sem a mínima dificuldade.

NOVA PREPARAÇÃO PARA A MATERNIDADE

(*Condensado de «Collier's»*)

Por Gretta Palmer

As MULHERES que vão dar à luz no Grace New Haven Hospital constituem, talvez sem o saberem, o grupo de mães em que o mundo médico atual está mais interessado. Estão colaborando em um plano bienal cujo objetivo é investigar os méritos do método do «parto natural», idealizado por um obstetra inglês, o dr. Grantly Dick Read,* e introduzido em New Haven no ano passado.

Muitas dessas mães dão à luz sem sofrer nenhuma dor intensa, chegando mesmo a descrever o parto como experiência portadora de «êxtase», «alegria», «a maior emoção da vida». O parto natural não recorre, entretanto, a anestésico, analgésico, «sono crepuscular» ou hipnotismo.

Se assim é, perguntarão outras mães, por que não se deu o mesmo *comigo?*

Antes que protestem as mulheres que guardam do parto uma idéia de agonia intermitente e bárbara, é preciso frisar o seguinte:

1. Nem todas as mulheres, mesmo em New Haven, podem ter «parto natural»; nos primeiros 156 casos relatados, de cada cinco mulheres que seguiram o programa educativo prenatal uma não obteve resultado.

2. Das outras, quase metade das primíparas e cerca de um terço das restantes atravessaram um rápido período de dores no fim do segundo estágio da delivrança e receberam uma única dose de anestésico ou analgésico. Mesmo estas, porem, conservaram-se inteiramente conscientes na ocasião do nascimento da criança.

A teoria de Read atribui a maior parte da dor do parto à tensão causada pelo medo, pois a expectativa da parturiente, condicionada desde tenra idade, é ter o filho em meio de dor agoniante. As primeiras contrações uterinas produzem-lhe verdadeiro pânico; o tálamo, em função desse medo, envia o sinal de tensão ao sistema sim-

*Vide «O temor do parto», SELEÇÕES, agosto de 1947.

pático, por ele controlado. Assim, todo o organismo da parturiente fica tenso, pronto para lutar.

Quando o sistema simpático entra em atividade, a parte de seus nervos que se estende pelo útero tambem se ativa, pondo em jogo uma série de músculos que se opõem à abertura da passagem uterina.

Ao mesmo tempo, outros músculos, respondendo a estímulo local, continuam contraindo-se, trabalhando no sentido de expelir o bebê. Assim, parte do corpo trabalha febrilmente para impedir que outra parte cumpra a sua função. É desta luta íntima, segundo acredita Read, que nos partos sem complicação resultam as dores reais e agoniantes sofridas pela maioria das parturientes.

Em casos desta natureza, o obstetra geralmente tenta, e com razão, aliviar a dor com anestésicos ou analgésicos.*

Se, em lugar de *aliviar* a dor, os médicos pudessem *prevení-la*, muito se lucraria. E é justamente isso o que o parto natural parece conseguir.

Eis como começou o projeto no Hospital de New Haven: Joyce, jovem esposa dum estudante de medicina, lera sobre a técnica de Read e disse ao marido: «Quero ter meu filhinho dessa maneira.»

Ninguem em New Haven oferecia a preparação pre-natal que inclui certos exercícios específicos, parte da técnica de Read. Mas ao chegar ao hospital como parturiente, Joyce perguntou ao médico se conhecia o dr. Read.

O Dr. Frederick Goodrich, que sabia do método Read e um mês antes o havia discutido numa reunião médica, ficou encantado. Joyce conversou alegremente durante todo o parto e quando chegou a hora da anestesia o médico ofereceu-lhe a máscara. «Tire-a daquí—disse ela. Quero *apreciar* esta experiência.»

A parturiente e a criança estiveram sempre em excelentes condições e o dr. Goodrich ficou convencido de que valia a pena fazer uma nova experiência com o método. O chefe do serviço de obstetrícia, o dr. Herbert Thoms, tambem se interessou; e quando o próprio dr. Read veio aos Estados Unidos—em princípios de 1947—o dr. Thoms convidou-o a fazer conferências para os médicos de New Haven. Dentro de alguns meses, 20 mulheres solicitaram parto sem o uso de drogas.

Os resultados foram tão surpreendentes que o corpo médico do hospital decidiu experimentar o método Read em um terço das pacientes da enfermaria geral. Hoje, todas as parturientes da referida enfermaria têm o parto natural, nos casos normais.

Em sua primeira visita pre-natal à clínica, as futuras mães são convidadas para assistir a algumas palestras sobre saude materna. São aulas simples, em que todos se sentem à vontade, durante as quais muito do mistério que envolve o parto é eliminado pelo uso de modelos de gesso que mostram o organismo da gestante durante os vários estágios que precedem o parto, e pela refutação das velhas histórias das comadres.

*Vide «Prós e contras da anestesia no parto», SELEÇÕES, fevereiro de 1949.

Desde o princípio da gravidez, as mães são iniciadas na prática de exercícios que lhes permitirão ficar em repouso na posição que terão de assumir durante a delivrança. Tais exercícios devem ser feitos em casa, diariamente, assim como exercícios respiratórios que lhes proporcionarão bem-estar durante a gravidez e o parto.

Durante as visitas que faz ao hospital, a mãe trava conhecimento com as enfermeiras e os médicos da maternidade. Visita os quartos e a sala de parto, que assim não terão para ela, mais tarde, o terror do desconhecido.

Nessas visitas pre-natais, mulher alguma ouve falar em «dor». Falam-lhe de «contrações», o que significam e como, ao sobrevirem estas, a parturiente poderá respirar melhor e ficar em repouso. E salienta-se a *alegria* de ser mãe.

Quais os resultados, segundo a documentação colhida no hospital? Dentre as 69 primeiras pacientes, 7 não sentiram nenhum mal-estar (algumas estavam tão alheias às contrações, que a enfermeira teve de dizer-lhes que estas haviam chegado). Doze pacientes declararam ter sentido ligeiro mal-estar; dezesseis, mal-estar moderado; e cinco, mal-estar intenso. Vinte e nove declararam ter sentido dor: seis, ligeira; treze, moderada, e dez, intensa. Uma vez, porem, que o «mal-estar» de uma paciente pode constituir «dor intensa» para outra, estes dados não são científicos.

Mais significativos, talvez, são os testemunhos extraordinários de algumas dessas pacientes: «Sentí vontade de cantar»... «Tive ímpetos de chamar toda a gente e bradar a boa nova»... «Procurei *não* ficar à vontade, para verificar se meus exercícios realmente faziam diferença. Logo que fiz isso, a dor tornou-se horrivel, por isso fiquei de novo em repouso»... «Experimenta-se a sensação maravilhosa de quem atinge um fim colimado.» Bem típica é a seguinte afirmativa: «Nunca me ocorreu desejar anestésico. E nunca deixarei minha filha crescer com medo.»

Algumas das críticas mais acerbas ao parto natural vêm dos que confundem o método Read com o hipnotismo. O corpo médico do New Haven Hospital ri-se de tais críticas. Hipnotismo, explicam eles, é processo intencional; e nenhum esforço tem sido feito no sentido de hipnotizar as parturientes.

Alguns médicos, impressionados pelo método Read, pensaram entretanto que apenas pacientes particulares poderiam receber o longo preparo pre-natal necessário para extirpar receios nelas incutidos. A experiência de New Haven mostra que isso não é verdade: ligeiras palestras pelo médico, dadas a grupos de vinte ou trinta gestantes ao mesmo tempo, parecem suficientes para banir do espírito da maioria a ignorância e o medo.

Há casos em que o parto natural nunca poderá dar resultado. Os dados colhidos em New Haven indicam que mulheres de nivel intelectual muito baixo são incapazes de compreender o significado das palestras e não seguem à risca os exercícios. Outras são demasiado indiferentes e irresponsa-

veis para comparecer regularmente às aulas. Finalmente, certas mulheres sentem um medo tão arrasador que chegam a ser classificadas como neuróticas.

O ideal é começar a aplicação do método Read em tenra idade. Cerca de um quinto das mulheres preparadas por este método ainda sofrem consideravel dor e exhaustão. Podem parecer calmas e despreocupadas durante as visitas pre-natais ao consultório, mas, chegado o momento do parto, deixam-se dominar pelos antigos temores e não conseguem ficar à vontade. Tais casos só podem ser prevenidos se o parto natural se tornar tão comum que as meninas cresçam na expectativa de que ele é uma alegria, e não um sofrimento.

A verdade sobre a diferença entre o novo e o velho método foi expressa por uma moça que trabalha na portaria do hospital: «Antes, quando as mães saíam do hospital com os filhinhos, e os médicos diziam que esperavam vê-las no ano seguinte, a maioria respondia: —Isso é que não!

Hoje elas respondem:—Deus o ouça. Foi maravilhoso!»

Casamento feliz

O AMOR de Mark Twain pela esposa jamais diminuiu através dos longos anos de vida matrimonial. Sempre que ele se ausentava, escrevia-lhe cartas de amor quase todos os dias, chegando a mandar-lhe até quatro num só dia. Mesmo quando estava em casa, costumava escrever-lhe bilhetinhos que colocava na bandeja do café matinal, ou longas missivas que, inesperadamente, lhe punha na mão. No dia 27 de novembro de 1885, quando ela festejava seus 40 anos, dia em que fazia 17 anos que ficara noiva, dirigiulhe o marido a seguinte carta:

«Atingimos outro marco da estrada, minha querida, já bem longe do lugar onde começamos; volvendo o olhar, porem, vemos atrás de nós linda paisagem: vales ainda verdejantes, planícies ainda cheias de flores, colinas que dormem ainda, à tênue luz daquela longínqua manhã de abençoada memória. E aquí temos companheiros em nossa jornada—ah, que companheiros preciosos, tão inspiradores e lindos! E como tornam suave a caminhada! Nossos rostos estão agora voltados para o poente, mas eles estão conosco para segurar nossas mãos e dar firmeza a nossos passos e, enquanto conosco estiverem, à medida que nosso amor cresce e nunca diminui, nossa caminhada continuará por entre flores e verdes campos e a luz do crepúsculo será tão agradavel como o suave resplendor daquela distante manhã.

Teu marido.»

—*The Love Letters of Mark Twain*, compiladas por Dixon Wecter e citadas em *The Atlantic Monthly*

A mulher mais dominante da Europa

Ana Pauker—Dona da Rumânia

(Condensado de «Life»)

Por Hal Lehrman

ANA RABINSOHN PAUKER é sem contestação a mulher mais poderosa da Europa contemporânea. Oficialmente, ela é apenas a titular da pasta das Relações Exteriores da Rumânia. Mas na realidade, no carater de agente principal do Cominform na esfera russa da Europa, é ela quem dá as fórmulas do pensamento e traça a linha de conduta para as centenas de milhões de habitantes da metade oriental de um continente dividido. Na sua marcha ascensional para o poder, esta mulher tudo renunciou—família, amigos e pátria—para se entregar toda a uma só devoção: a União Soviética.

Ana Pauker não é bela. Suas formas são as duma lutadora, troncuda, com enormes mãos de lavadeira, o cabelo curto, grisalho e revolto. Tem uma voz profunda, num tom que reflete confiança, as maneiras vivas. É extraordinariamente dinâmica.

Uma das qualidades que a distinguem da maior parte dos marxistas profissionais, que habitualmente só conversam empregando ressonantes chavões proletários, é o seu encanto natural. Conversando, Ana fala à vontade, fluentemente e sem recorrer a clichês. Sabe tambem escutar quando os outros falam—hábito que faz dela uma revolucionária entre revolucionários. Adora as entrevistas coletivas à imprensa, aprecia uma boa piada e possui uma bem guarnecida biblioteca de novelas ligeiras. Mas nos discursos e artigos, ou no trato diplomático, ela cinge-se à rotina do Kremlin, e quando abre a boca é para deixar sair a torrente cacete de ambiguidades padronizadas.

A paixão marxista tomou conta dela de par com o «primeiro amor», ainda na adolescência. Filha de um paupérrimo açougueiro judeu, de nome Rabinsohn, ela era bastante estudiosa, quase erudita, e desde cedo ajudou a

Mas sobreveiu uma dificuldade. Walther declarou que seu motor não estava ainda numa fase de desenvolvimento que lhe permitisse propulsionar um barco tão grande; o submarino que ele desejava deveria ser umas cinco vezes menor que o previsto pelo novo desenho. Os especialistas em tática naval salientaram imediatamente que, mesmo com o motor de Walther, um submarino tão pequeno não poderia operar muito alem do Mar do Norte e do Canal da Mancha.

Em vista disso, o «submarino perfeito» teve que ser modificado para adaptar-se a métodos de propulsão menos revolucionários. O círculo inferior da figura em 8 ficou ocupado inteiramente por baterias. Estas tinham que ser carregadas por motores diesel e eram tão grandes que, se não se conseguisse um modo de carregá-las enquanto o submarino estivesse submerso, este teria que passar longos períodos de tempo na superfície. Assim, os engenheiros de Hitler usaram uma invenção capturada aos holandeses—o *schnorkel*, ou tubo de respiração—que possibilitava ao submarino mover-se com os seus motores diesel ou carregar as baterias ainda que submerso.

O *schnorkel* é um tubo de metal que sai da torre de comando, e que é provido de uma válvula no extremo superior, a qual se fecha quando uma onda a atinge. É quase imperceptivel, seja por observação visual, seja pelos aparelhos de radar dos aviões. Se, porem, o descobrem, o submarino pode recolhê-lo e, como já se acha em condições de submergir, pode descer rapidamente a grande profundidade. Certa vez, um submarino alemão, nessas condições, desceu a uns 300 metros. Com o *schnorkel*, o submarino pode viajar submerso enquanto durar o combustivel; pode fazer uma viagem de ida e volta pelo Atlântico, com tempo de sobra para patrulhamento de cruzeiro.

Com o *schnorkel*, os alemães conseguiram o submarino que denominaram Tipo XXI. Mas os engenheiros alemães, que prometeram a Hitler um esquadrão de submarinos Tipo XXI para novembro de 1944, demonstraram uma confiança exagerada na capacidade de sua indústria de converter desenhos em mecanismos práticos. Com efeito, os submarinos Tipo XXI não chegaram a entrar em ação até o fim da guerra, circunstância deveras apreciada pelo pessoal do serviço anti-submarino dos Aliados.

Que sucedeu depois? Dos 208 submarinos que os alemães estavam construindo na época da rendição, 120 eram do Tipo XXI. Os russos apoderaram-se de mais de metade desse número, nos diques de Stettin e Danzig. Um bom número dos melhores comandantes e engenheiros de submarinos da Alemanha desapareceram desde que desceu a Cortina de Ferro, e estão—ao que se presume—trabalhando para novos patrões. Outrossim, calcula-se que os soviéticos, em 1945, tinham muito mais de 100 submarinos; é possivel que eles os tenham adaptado ao Tipo XXI.

Os russos possuem tambem o submarino completo de Walther, com motor de peróxido de hidrogênio e tudo: lançaram um, em maio do ano passado. O motor grande que Walther desenhou para seu tipo aperfeiçoado de submarino de operações (Tipo XXVI) jamais chegou a ser completamente montado durante a guerra: os bombardeios aliados não o permitiram. Mais tarde, foram levadas amostras de peças para Londres, pelos Aliados ocidentais; mas os russos, ao que parece, têm algo mais. E, se alem de todos esses submarinos Tipo XXI, conseguiram bom resultado com seu Tipo XXVI, é possivel que estejam de posse da mais poderosa frota de submarinos do mundo.

Mas tambem pode ser que não. Os técnicos norte-americanos em submarinos acreditam que a resposta à criação do Tipo XXI grande é um tipo XXI de tamanho menor, mais facil de manobrar e capaz de submergir mais rapidamente. Eles ressaltam que 64 dos submarinos do Eixo postos a pique durante a guerra, foram destruidos por submarinos aliados: mais, em proporção aos efetivos em combate, que a quantidade destruida por qualquer outra arma, inclusive a aviação. A técnica de usar um submarino contra outro foi aperfeiçoada enormemente por dispositivos chamados *sonar*. Durante a recente guerra, os ingleses descobriram que um submarino pode equilibrar-se, imovel, durante várias horas, numa corrente de água fria bem abaixo da superfície, com suas baterias quase em inatividade. O submarino fica quase em completo silêncio, sem emitir sons nem refletí-los—uma perfeita estação de *sonar*. De um barco em circunstâncias como essas, o torpedo acústico—outro presente dos alemães—pode dirigir-se automaticamente na direção do som de um submarino inimigo que esteja cruzando perto da superfície, impulsionado por seus motores diesel conjugados com o *schnorkel*. É digno de nota o fato de que, dos nove submarinos previstos no programa de construções da Marinha Norte-Americana para 1948-49, três foram destinados especialmente ao serviço anti-submarino.

Mas um submarino não é apenas um instrumento mecânico; mais que isso, é um complexo, do qual é parte integrante e inseparavel sua tripulação. A eficiência do submarino depende de seus tripulantes. No serviço norte-americano de submarinos, os homens são escolhidos por um rigoroso processo de seleção. Em primeiro lugar, eles têm que demonstrar desejo de servir num submarino: ninguem é destacado para esse serviço sem o haver solicitado. Dentre os que se apresentam (todos devem ter menos de 27 anos de idade), cerca de 50% das praças e 20% dos oficiais não satisfazem as exigências estabelecidas. Um exame físico extremamente meticuloso elimina alguns deles; outros são reprovados nos exames escritos; o resto passa umas duas horas com um psiquiatra, para que se eliminem as personalidades instaveis.

Os que chegaram até esse ponto se dirigem então a uma torre de mergulho. Entram na câmara de pressão

nota dos pormenores necessários. «Amanhã,» prometeu ele, «você terá o contrato em ordem para assinar.»

No dia seguinte, bem cedo, os dois amigos tornaram a encontrar-se e o proprietário do navio disse ao outro: «Você é o que se chama um homem de sorte! Imagine que acabam de me dar a notícia de que o meu navio naufragou, antes de nós podermos assinar o contrato de seguro!»

O segurador alteou o busto em atitude de dignidade ofendida e replicou num tom de voz glacial: «Meu caro senhor, o seu navio já está no seguro!»

O primeiro prêmio do concurso foi concedido por unanimidade ao seguinte caso:

Certo madrileno foi à estação despedir-se dum amigo que partia. Estava na véspera de correr a famosa loteria espanhola, cujo primeiro prêmio era de dois milhões de pesetas.

—Vou agora mesmo comprar um bilhete da loteria, disse ele ao amigo.

—Então faça o favor de comprar um para mim tambem, disse o viajante.

E nesse momento o trem largou.

Ao regressar a Madrí, o viajante era esperado na estação pelo mesmo amigo, que lhe comunicou, alvoroçado:

—Olhe, o seu bilhete tirou a sorte grande!

—Mas como é que você sabe dizer qual dos dois era o meu?

—Ora essa, é muito simples! Eu pus um bilhete em um envelope marcado com o meu nome, e o outro num envelope com o seu.

Último tributo

Edmund Kurtz, em «Everywoman's Magazine»

EM PRINCÍPIOS de 1931, nossa companhia foi contratada para um espetáculo de gala, patrocinado pela Rainha Elizabeth da Bélgica. A incomparavel Ana Pavlova deveria exibir-se na famosa dança «O Cisne», e eu tocaria o violoncelo.

Três dias antes do espetáculo, recebemos de Haia a notícia da morte súbita da bailarina. Apesar da consternação que nos trouxe a perda da querida estrela, achamos que, dada a solenidade das circunstâncias, não se poderia cancelar a função. Assim, não se introduziu nenhuma alteração no programa, exceto a substituição da Pavlova por outras bailarinas, no curso dos diversos atos. Mas quando chegou o momento da apresentação de «O Cisne», viu-se apenas sobre o palco deserto um círculo de luz, azul prateado, deslizando de um lado a outro, como que acompanhando os passos da sublime bailarina. Foi enorme a comoção do auditório que, de pé, com os olhos cheios de lágrimas, prestou à inesquecivel artista o derradeiro tributo.

O enigma da bela nadadora

Por Alton Hall Blackington e Anthony Abbot

O DESAPARECIMENTO de Dorothy Sparks, a 20 de julho de 1942, será talvez lembrado como um caso que encerra ao mesmo tempo mistério, horror e autenticidade. Moça e bela, os companheiros viram-na um instante de pé, na margem do rio, em região solitária de New Hampshire, no nordeste dos Estados Unidos; um momento depois, ela havia desaparecido como que por encanto.

Dorothy fora, com um grupo de amigos, passar uns dias de férias no pitoresco cenário do desfiladeiro denominado Rocky Gorge (Garganta Rochosa), por onde corre o Rio Swift, entre agudas arestas de granito, a lançar-se em duas cataratas sucessivas, separadas tão só por uma bacia natural onde as águas se revolvem espumando com fragor e erguendo uma densa névoa. Para Dorothy, uma das mais intrépidas nadadoras da Universidade de New Hampshire, aquela bacia tumultuosa era um repto irresistivel. Deu um mergulho, nadou um pouco, e depois foi juntar-se aos companheiros para o piquenique.

O grupo passou alegremente a tarde, percorrendo as escarpas do rio. Quando já regressavam aos automoveis, alguem perguntou por Dorothy, e lembraram-se então de que ela se tinha deixado ficar para trás, no caminho; outros se recordavam de a ter avistado, silhueta recortada sobre uma rocha, à margem dos rápidos, logo acima da catarata superior.

Voltaram alí, rondaram, chamaram por ela: só o eco dos montes e dos vales respondeu aos apelos. Puseram-se então a bater as encostas em volta das quedas do rio. Um após outro, os rapazes do grupo mer-

gulharam no rio, acima e abaixo das duas cascatas. Edmund Pennypacker chegou mesmo a arremessar-se, imprudentemente, para dentro do turbilhão espumante das águas da bacia, na base da queda superior. Sentiu-se logo sorvido por inexoravel correnteza, para o fundo da bacia, em direção a uma fenda por onde a água se sumia tumultuosamente, lá bem no fundo da formação rochosa, caminho da segunda catarata. O nadador sentiu-se lançado, como de uma catapulta, através dessa fenda, e foi cair nas águas pouco fundas do sopé da catarata, para reaparecer mais longe, à tona, contuso e exhausto. Era positivo que, se o corpo de Dorothy houvesse ficado retido nas rochas aguçadas daquele funil submerso, teria sido inevitavel dar com ele. Ora, o corpo tãopouco se encontrava no fundo, logo abaixo da queda.

Os excursionistas, com o coração oprimido, compreenderam que só uma hipótese lhes restava admitir: Dorothy teria ficado presa na rocha, debaixo da cascata. E com certeza já estaria morta.

Apesar disso, alguns dos excursionistas continuaram mergulhando, enquanto outros, tomando seus automoveis, correram à povoação mais próxima para telefonar à polícia. Só duas horas depois chegaram alguns soldados da força estadual, acompanhados do médico-legista, do agente funerário e duma brigada de vinte guardas florestais.

Puseram-se logo a trabalhar, empunhando tenazes que faziam baixar e subir na ponta de longas hastes de bambú. Em dado momento, um dos soldados sentiu que as tenazes tinha arpoado alguma coisa de sólido; tornou a sondar no mesmo ponto, e dessa vez pescou um retalho esfrangalhado de seda côr-de-rosa: era um pedaço do maiô de Dorothy.

Assim, pois, o corpo da moça estava alí mesmo, colhido na armadilha das rochas, no mais denso da queda d'água. Como não seria possivel levantá-lo contra a força da cascata, os homens tomaram a resolução de desviar a correnteza das águas um pouco acima do precipício. Começava a escurecer, e bem que eles podiam ter raciocinado assim: «Melhor esperar até amanhã, para erguer uma barragem, e então retirar o cadaver.» Mas em vez disso, com resoluta tenacidade, decidiram não suspender seus esforços enquanto restasse alguma esperança.

Voltaram numa correria louca ao povoado, para trazer uns sacos vazios e algumas pás; depois, trabalhando com denodo na escuridão e às pressas, encheram de terra esses sacos, cortaram arbustos e fizeram rolar pedregulhos. Finalmente, amainou o trovejar das águas no precipício. Tinham conseguido desviar do seu curso u'a massa de água suficiente para dar à cascata, assim adelgaçada, uma translucidez espectral.

Foi então que Chick Whitcomb, um dos soldados, ao espiar através da espuma e poalha de água que subia do fundo da cascata, avistou u'a mão humana que balançava para cá e para lá dentro da água. Não tendo conseguido pegar aquela mão com o seu aguçado croque, Whitcomb gritou que lhe dessem uma vara comprida com um nó corrediço na ponta. Depois de muito esforço, conseguiu enfiar no laço aquele pulso oscilante, deu um puxão para apertar o nó e soergueu a mão fantasma quase até à superfície. Depois, enquanto os camaradas o seguravam pelo cinto e pelos calcanhares, mergulhou um braço na água fria, procurando alcançar aquela mão.

E foi então que, com um arrepio de espanto, ele sentiu aqueles dedos frios *enclavinhar-se em torno do seu pulso e apertá-lo!*

Que acontecera a Dorothy Sparks?

Quando os companheiros a viram pela última vez, a moça estava realmente apostando consigo mesma que seria capaz de atravessar os rápidos, acima da primeira cascata, pousando os pés descalços nos penedos da torrente à maneira de alpondras. Chegada a meio da torrente, porem, escorregou, caiu e foi imediatamente arrebatada pela água para alem da aresta da cascata. E assim mergulhou, de cabeça para baixo, como um fio de prumo, até o fundo do poço.

E aquí surge o enigma que talvez nunca se possa esclarecer: por que razão ela não foi arrastada para o orifício da comporta natural que conduzia à segunda catarata, como acontecera com o nadador Pennypacker? Em vez disso, Dorothy caiu por entre as águas da cascata e foi aterrar em uma saliência da rocha que se projetava debaixo e atrás do jorro das águas. Alí ficara retida, prisioneira, com o pé esquerdo entalado entre dois penedos, as pernas assentes na plataforma da rocha, e o resto do corpo pendente para trás, de costas, invertido da cintura para cima, cabeça, braços e cabeleira balançando no espaço.

Dorothy, de começo, reteve a respiração para não se afogar, e chegou a pensar que seus pulmões iam estourar. Por fim, tendo perdido a resistência, abandonou-se.... A sua surpresa, porem, foi tremenda:

«Santo Deus! Que milagre é este?» exclamou.

Sentiu que aspirava, não água—que a teria asfixiado—mas ar puro! Em torno dela a catarata rugia e espadanava. E, por incrivel que parecesse, aquele intervalo, que mal tinha a largura dum corpo humano, em que ela estava aprisionada, embora borrifada de poalha de água e bolhas rebentando, estava tambem cheio de ar lavado e respiravel! E Dorothy disse várias vezes a si mesma:

«Eu consigo respirar! Se ao menos alguem me encontrar antes que seja tarde demais...»

Seus lábios estavam a menos de quatro dedos da cortina estrepitosa das águas que caíam. A água pulverizada lavava-lhe o rosto e respingava sobre seu corpo, agora nu, pois, ao debater-se entre as rochas e a torrente, ela espedaçara o maiô. E alí caida, de cabeça para baixo, alagada e transida, podia avistar em volta a vaga luz, entre amarela e verde. Tentou gritar, mas o rumor das águas abafou seus debeis apelos.

para vencer terrenos acidentados; todos carregavam víveres e caixas de pronto socorro, pás e picaretas, ferramentas de reparos, peças sobressalentes e até armas de fogo!

Os estranhos tripulantes, envoltos em casacos de pele e couro, barretes de pele de urso, botas polares e óculos de viagem, estavam encarapitados no alto dessas pirâmides de apetrechos. O escritor Rex Beach, que observava aquela caravana funambulesca, voltou-se para um grupo de amigos: «Aposto mil dólares que nenhum deles vai chegar ao termo da viagem!» Embora o repto se afigurasse sensato à maioria dos homens de juizo, Fred Thompson, proprietário do Luna Park, o conhecido centro de diversões, aceitou logo a aposta.

Aqueles espantalhos com enormes óculos estavam-se aprestando para iniciar uma corrida através de três continentes, via norte dos Estados Unidos e daí por navio até o Alasca, onde projetavam atravessar o estreito de Bering sobre o gelo, e em seguida transpor a Sibéria e toda a Europa Oriental e Central até París.

Se esse percurso ainda hoje nos parece impossivel, imagine-se o que não seria em 1908, quando, fora das cidades, os Estados Unidos quase não tinham ruas e estradas pavimentadas; a Sibéria era uma terra praticamente sem caminhos; e o automovel, que então contava somente 18 anos de existência, era um mero passatempo de esportistas. Mas os fabricantes dessa novidade queriam demonstrar ao mundo inteiro que o carro a motor era uma realidade—e com largo futuro diante de si. Os patrocinadores da aventura eram dois jornais cheios de confiança: O *Times*, de Nova York e *Le Matin*, de París.

O *Times*, esse então, estava mais do que otimista: «Algum dia o tráfego mundial correrá por essa rota!» profetizava o conhecido jornal. Mas os cépticos eram numerosos. O *Daily Mail*, por exemplo, obtemperava: «Depois da mulher, o automovel é a coisa mais fragil e caprichosa desse mundo!» Outro escritor recusava-se a acreditar que homens e máquinas pudessem vencer os obstáculos indizíveis que os aguardavam no caminho.

Em todo caso, eles alí estavam, esperando o tiro de pistola da partida.

O *Protos*, alemão, era de formidanda aparência, monstro de 2.700 quilos de peso e 60 CV, manejado por engenheiros militares. (O carro americano tem hoje, em média, 100 CV.) O americano *Thomas Flyer*, era o segundo em tamanho, tambem com 60 CV; o *Zust*, italiano, e dois carros franceses, o *De Dion* e o *Moto-bloc*, eram de 40 CV. O outro concorrente francês era o minúsculo *Sizaire-Naudin*, de 12 CV, cujos motoristas prediziam que seria capaz de deslizar sobre lama ou neve... Cada carro levava dois motoristas e um mecânico. O *Thomas* conduzia tambem um correspondente do *Times*.

O tiro de largada, disparado às 11 e 15 da manhã, perdeu-se num crescendo ensurdecedor de explosões de motores, buzinadas, aclamações, músicas marciais. Comboiados por 200 autos, os corredores deram volta ao edifício do *Times* e rumaram para o norte, pela Broadway. Nos 13 quilômetros seguintes, até a Rua 200, a multidão alinhava-se ao longo da calçada, aclamando os audazes pioneiros. Chegados àquela rua, os carros da comitiva deram meia-volta, com um derradeiro coro de buzinas à guisa de adeus, e os seis autos lá foram roncan-

perioridade como liderado. Os outros não alcançavam postos de liderança porque não se distinguiam como liderados.

O maior Lider de todos os tempos definiu a arte de liderar nos seguintes termos: «Qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso servo; e qualquer que d'entre vós quiser ser o primeiro será servo de todos.» Jesús nunca ilustrou mais dramaticamente a sua definição de liderança do que quando lavou os pés dos seus discípulos.

Meus estudos sobre liderança levaram-me a definir a medida da personalidade como «aquela que o indivíduo atinge na conquista de hábitos e capacidades que possam interessar e servir a outrem».

Quais os hábitos e capacidades associados à liderança, e como podem ser desenvolvidos? Infelizmente, essas qualidades ainda não foram definidas com a mesma precisão com que se estabelecem os requisitos necessários à conquista de um diploma. A arte de liderar deve ser adquirida primacialmente através de atividades extracurriculares. Entretanto, valendo-me dos estudos já realizados, tracei seis normas para o desenvolvimento das qualidades que correspondem à arte de liderar.

1. *Os hábitos de trabalho em equipe ou de cooperação, que constituem a base da liderança, são adquiridos principalmente através das atividades em grupo.* Aprendemos a arte de servir, trabalhando e confraternizando com os demais, e não isolando-nos deles. Os indivíduos que se dedicam ao escoteirismo, ao trabalho em clubes agrícolas, em organizações escolares e religiosas ou aos assuntos da comunidade em que vivem, têm mais probabilidade de se tornarem líderes do que aqueles que se abstêm dessas atividades. Os pais que, pelo exemplo e pela disciplina, influenciam os filhos a se unirem a grupos adequados, concorrem para iniciá-los no caminho da liderança. Em matéria de cooperação, é mais importante agradar aos outros do que a nós mesmos. Esta é a primeira lição que deve ser ensinada no lar.

2. *A prática, no recesso do lar, de algumas habilidades sociais é importante no desenvolvimento da arte de liderar.* O rapaz tímido, que passa os dias a exercitar-se num instrumento musical, está desenvolvendo uma qualidade que pode transformar o seu retraimento em autoconfiança. Lembro-me de um rapaz acanhado que consumia horas e horas cansativas, praticando no piano. Certa noite, numa grande reunião social, refugiou-se no instrumento de sua predileção e começou a tocar. Não tardou muito, alguns rapazes e moças passaram a cantar e, antes que ele o percebesse, estava feito lider do grupo.

Quase que todas as qualidades que um indivíduo desenvolve ao ponto de tornar-se competente podem infundir-lhe confiança em si próprio e um certo grau de liderança. Nem é preciso que se trate de competência no reino da música, da arte ou da literatura. A capacidade de expressar-se perante um grupo, que pode ser adquirida através de frequentes recitativos em aula, cursos da arte de falar em público, ou em torneios oratórios, é uma das melhores qualidades de um lider. Mas, até as artes caseiras da cozinha, da costura, da jardinagem, de lidar com ferramentas ou de contar anedotas podem converter-se em fatores de liderança, se atingirem no seu desenvolvimento o necessário grau de superioridade. Qualquer indivíduo está em condições de adquirir alguma capacidade específica a tal ponto de proficiência que o habilite a interessar e servir aos outros.

3. *O hábito de bastar-se a si mesmo em questões financeiras é importante.* Muitas pessoas que parecem reunir condições de liderança não chegam a atingir a meta, precisamente porque deixaram de desenvolver hábitos que conduzem à independência financeira. Isto é o que o exame desses casos tem frequentemente revelado. Trata-se geralmente de filhos ou filhas de pais em extremo indulgentes, que lhes dão uma educação dispendiosa, sem lhes exigir responsabilidade nas lidas da casa; pais que lhes permitiram dirigir o automovel da família, sem exigir deles a tarefa de lavá-lo ou polí-lo de vez em quando—isto, sem falar no pagamento da gasolina; que não os encorajaram a trabalhar para ganhar algum dinheiro nas férias ou durante as horas vagas. Aprender a fazer algo que possa ser de utilidade para outrem é um passo fundamental no desenvolvimento da liderança. Para ser bom patrão, qualquer indivíduo precisa, antes de mais nada, aprender a ser um bom empregado.

4. *O brilho nos estudos pode contribuir ou não para a liderança.* O aluno estudioso que é tambem um bom lider está duplamente equipado, mas as duas qualidades não andam necessariamente juntas. Um estudo de 1.138 casos de líderes e não-líderes de 48 escolas secundárias norte-americanas revelou que alguns dos líderes tinham tirado notas altas nos cursos, ao passo que outros não. Somente se tinham tornado líderes aqueles que haviam, em atividades extracurriculares, desenvolvido os hábitos de trabalho em equipe ou a capacidade de cooperar.

5. *As atividades altamente organizadas, onde a competição é renhida, concorrem mais para o desenvolvimento da liderança do que as atividades dos grupos esporádicos.* É que exigem uma prática intensa e enérgica. Esportes como futebol, basebol, bola-ao-cesto e outros semelhantes constituem bons exemplos. No alto da lista estão as orquestras e os grupos corais, onde uma nota dissonante pode destruir o efeito do conjunto.

É significativo que tais atividades se concentram mais no grupo do que no indivíduo, não procuram tanto formar líderes como preparar conjuntos disciplinados.

6. *O emprego vigoroso das energias físicas é o denominador comum de atividades que desenvolvem a liderança.* Todas as atividades acima mencionadas exigem movimentos físicos. A própria palavra lider (do inglês *leader*) implica movimento: lider é aquele que vai à

frente e que mais estrenuamente precisa agir em proveito dos liderados.

O denominador comum das atividades que embaraçam o desenvolvimento da liderança é a falta de movimento corporal ou de esforço criador. Quem quer que esteja realmente interessado em desenvolver sua capacidade de lider, deve começar por fazer o inventário das horas semanalmente consumidas em passatempos estáticos e infecundos tais como ir ao cinema, ouvir rádio ou simplesmente ficar sentado. Se somente um terço desse tempo fosse aplicado a uma ou duas atividades criadoras, os resultados seriam compensadores.

Todas essas conclusões estão de acordo com o conceito de democracia, que realmente implica cooperação voluntária e trabalho de conjunto.

Por toda a parte o povo vem se afastando da democracia para se encaminhar no sentido da ditadura, preferindo a arregimentação socialista à cooperação voluntária. Isso é o resultado inevitavel a que chegamos por não havermos exercitado a todos os cidadãos nos hábitos da liderança e do trabalho em equipe da mesma forma que lhes transmitimos instrução e os ensinamos a pensar. Na Grécia antiga, da qual herdamos o conceito de democracia, as competições esportivas constituiam o próprio fundamento do programa educacional.

Os indivíduos, como a sociedade, têm de enfrentar o problema de estabelecer um melhor programa para o desenvolvimento da liderança. Façamos votos para que a nota essencial desse programa seja este axioma psicológico: *Todos nós podemos ser líderes por algum tempo se soubermos ser bons liderados durante a maior parte do tempo.*

O cúmulo do regionalismo

UM GRUPO de turistas, em visita aos campos de batalha da guerra civil, no sul dos Estados Unidos, ouvia os comentários grandiloquentes do guia local.

—Aquí, um punhado de jovens sulistas desbaratou 30 mil ianques. Acolá, um excelente regimento da Geórgia esmagou um corpo de exército ianque. Mais adiante, dois bravos rapazes da Virgínia capturaram um regimento inteiro de nortistas.

Finalmente, uma senhora do grupo, com inconfundivel sotaque nortista, interveio:

—Pelo que vejo, o Norte não ganhou uma só batalha?

—Nem uma sequer, minha senhora, respondeu o guia polidamente,—e nunca há-de ganhar, pelo menos enquanto eu for o guia daquí.»

—*The Saturday Evening Post*

Homo Americanus

Excertos do livro «Shake Well Before Using», de Bennett Cerf

PASSANDO, certa noite, pelo estúdio onde Ted Husing interpretava, com a emoção habitual, um dos seus programas radiofônicos, dois colegas resolveram pregar-lhe uma peça. Certos de que ele, em hipótese alguma, interromperia a irradiação, entraram no estúdio e arrancaram-lhe, à força, a camisa, as calças, os sapatos e as meias, deixando-o em cuecas. Ao sairem, disseram a um grupo de visitantes: «Não deixem de ir ao estúdio C, pois Husing está representando um dos seus papéis mais extraordinários.»

UMA JOVEM, recem-saida da Escola de Jornalismo da Universidade de Colúmbia, conseguiu um lugar de reporter num diário. Sua primeira reportagem foi aprovada pelo diretor, mas este lhe apontou algumas ligeiras inexatidões.

—Procure lembrar-se, concluiu ele, —de que foi Joseph Pulitzer, fundador da Escola de Jornalismo, quem disse que a exatidão representa para um jornal o mesmo que a virtude para a mulher.

—Isso não é lá muito exato, replicou a jovem, com ar triunfante. —O jornal pode sempre corrigir um erro, imprimindo uma retificação.

NUM ALMOÇO no Harvard Club, de Nova York, John Meeker contou, com orgulho, o seguinte:

—Eu estava sentado neste mesmíssimo lugar quando o falecido Edmund Pearson, autor de *Studies in Murder* (Ensaios sobre o homicídio), se aproximou e pediu para me ser apresentado. Naturalmente, fiquei lisonjeado mas perguntei: «O sr. está certo de que não me está tomando por alguma outra pessoa?» «Estou, sim,» foi a resposta. «O sr. é exatamente a pessoa a quem desejo ser apresentado. Nas três últimas tardes, tenho-o visto nesta cadeira, dormindo profundamente, com o meu livro nos joelhos. Desejava saber quanto é que o sr. quer para dormir com outro livro.»

UM JOVEM antologista tentou incluir uma peça de George Bernard Shaw em uma nova coletânea de trabalhos literários. «Espero que o sr. compreenda,» escreveu ao célebre dramaturgo, «que não me será possivel pagar-lhe os direitos autorais que o sr. costuma receber, pois sou ainda muito jovem.» Shaw limitou-se a responder: «Esperarei que você cresça.»

e o vizinho, espantado, há-de pensar que estou presa de grande emoção ou que vou ter um ataque. Afinal cruzo mesmo as pernas, mandando às favas a boa educação. Mas não tarda que a própria imobilidade provoque, em algum músculo recôndito, um tremor misterioso. E minha perna quer saltar como se o médico me estivesse examinando os reflexos nervosos.

Entre outras coisas horrorosas, assaltam-me impulsos surpreendentes e ridículos. Por exemplo: ponho-me a pensar no que sucederia se eu tirasse de súbito os sapatos, mostrasse a língua a alguma velhota pacata na primeira fila da platéia ou, levantando-me de repente, desse um beijo no orador. Acho graça nessas idéias loucas, mas daí a pouco me ocorre que elas podem transformar-se em obsessões.

Assim o tempo vai passando. Continuo a devanear, abanar a cabeça e aprovar, com sorrisos, as palavras do discursador. Sinto desejo de coçar-me, mas não ouso fazê-lo. Em dado momento, porem, começo a coçar-me, crente de que ninguem está olhando, mas sempre há alguem que me vê no momento mais embaraçoso. Mais cedo ou mais tarde, ouço as palavras «Em conclusão...» É como se fosse música a meus ouvidos e, desafogada, chego mesmo a prestar atenção aos derradeiros minutos do discurso. Aplaudo como todos, mas bato palmas com entusiasmo excessivo, tal é meu alívio. Levanto-me por fim. Meus pés já nãc dão sinal de vida, mas felizmente o sofrimento terminou.

Atenção, motoristas!

Em Indianápolis, nos Estados Unidos, um profissional de corridas automobilísticas, respeitando escrupulosamente as leis do tráfego, fez um percurso de 15 quarteirões em nove minutos e 35,1 segundos. Depois, com autorização da polícia, fez o mesmo percurso com excesso de velocidade, violando 52 dispositivos do regulamento do tráfego. Desta segunda vez, reduziu o tempo de apenas 3,9 segundos.

—*Time*

Solicitado a fazer uma palestra radiofônica de 15 minutos sobre as maneiras de guiar corretamente, um chofer de taxi de Detroit, que jamais tivera um acidente no milhão e meio de quilômetros que dirigira, limitou-se a dizer: «Não preciso de 15 minutos para explicar como se deve evitar acidentes. É muito simples: basta que a gente dirija com a idéia de que todos os outros são malucos.»

—*Collier's*

A soberba precede a ruina, e a altivez do espírito precede a queda
Provérbios, 16:18

O maior dos dons

Por A. J. Cronin

Há mais de 200 anos, em remota região rural do sul da Itália, viviam dois rapazes que eram amigos inseparaveis. Mário, inteligente e senhor de si, filho de um próspero proprietário de terras, orientava o outro. Anselmo, seu fiel companheiro, não muito adiantado em matéria de livros, era filho do sapateiro da aldeia.

Em suas andanças pelos arredores, Mário fazia graves dissertações sobre o futuro que o aguardava. Seus piedosos pais haviam-no destinado à Igreja, e essa perspectiva não lhe desagradava, pois gostava do cerimonial e já por várias vezes se impressionara com a dignidade e o esplendor do ritual católico. Mais do que outra coisa, desejava ser um grande pregador. Um dia em que os dois amigos se achavam à sombra de um parreiral, numa encosta batida de sol, Mário exclamou:

—Em verdade, eu daria tudo para ter o dom da palavra.

Anselmo contemplou-o com um olhar leal e afetuoso, e murmurou:

—Vou rezar todos os dias, Mário, para que você tenha esse dom.

Estranhando a observação—pois Anselmo nunca mostrara ser muito devoto—Mário explodiu numa gargalhada. E num gesto afetuoso em que havia um quê de superioridade envolveu num abraço os ombros do companheiro.

—Muito obrigado, amigo. Mas, de qualquer maneira, acho que vou estudar retórica.

Chegada a época própria, Mário internou-se na Abadia dos Capuchinhos. Durante alguns meses Anselmo vagou a sós pela aldeia. Não podendo, porem, suportar a separação, entrou tambem no mosteiro, onde se tornou, como irmão leigo, criado doméstico da Ordem. A diferença de situações mantinha os dois separados, mas pelo menos Anselmo vivia agora sob o mesmo teto de Mário, e quando trabalhava na lavoura, tratava dos animais ou esfregava o soalho do refeitório, podia trocar com ele um olhar expressivo ou mesmo algumas palavras.

Decorrido o prazo regular, Mário foi ordenado. No sábado de Aleluia, véspera do seu sermão inaugural, ao passar por um dos corredores do claustro, percebeu a sombra de alguem que estava à sua espera. Era Anselmo, que lhe disse:

—Felicidades, Mário... Lá estarei... rezando por você.

Na manhã seguinte, ao subir ao púlpito, a primeira pessoa que Mário reconheceu em baixo, esgueirada junto à coluna, a um canto da nave, foi Anselmo, que o fitava com olhos cheios de expectativa.

Encorajado por esse silencioso tributo, Mário pregou com grande brilho. Foi um sermão repassado de entusiasmo, um dos melhores já ouvidos na igreja do velho mosteiro. Depois disso, sucederam-se outros sermões, sermões mais fluentes e vigorosos, que arrebatavam os membros do capítulo e arrancavam lágrimas de orgulho ao irmão leigo, sempre na obscuridade, colado à coluna ao pé do púlpito.

Crescia gradualmente a fama do novo pregador. Quando lhe chegavam convites para pregar em outras igrejas da província, o Superior exortava-o a aceitar. E, como o costume da Abadia não permitisse que ninguem viajasse só, prontamente acedia aos pedidos de Mário, para que fosse Anselmo o seu acompanhante.

Passaram-se os anos. Juntos viajaram os dois por toda a Itália. Era inevitavel: Mário acabaria subindo na hierarquia eclesiástica. Foi feito pregador da corte, e, por fim, bispo de Abruzzo. Aí, no seu palácio episcopal, Mário vivia com grande pompa. Lisonjeado pela sociedade, procurado pelos príncipes da Igreja, cortejado pelos nobres, tornara-se poderoso. E agora, naturalmente, mal se dignava tomar conhecimento daquele humilde e diligente irmão que, apesar de curvado e sucumbido ao peso dos anos, ainda o servia com docilidade e modéstia, arrumando-lhe com amoroso cuidado as esplêndidas vestimentas, polindo-lhe as vistosas

fivelas dos sapatos, preparando-lhe, com perfeição, a taça de chocolate francês com que quebrava o seu jejum episcopal.

Mas um domingo, durante a predica, Mário apercebeu-se de uma vaga ausência no ambiente que o cercava. Perturbado por uma estranha sensação de intranquilidade, relanceou o olhar pelas proximidades do púlpito e notou que Anselmo não estava no lugar habitual. Bastante surpreendido, fez uma pequena pausa e só com alguma dificuldade retomou o fio do discurso. Felizmente, o sermão estava quase por terminar. Mas, assim que o concluiu, o bispo foi direito à sacristia, determinando que mandassem imediatamente chamar Anselmo.

Fez-se um momento de silêncio. Um velho padre explicou então com tranquilidade: «Ele morreu há quinze minutos...»

O rosto e o olhar contrafeitos do bispo ainda exprimiam incredulidade quando lhe explicaram: «Há meses que ele vinha sofrendo de um mal incuravel. Não queria que Vossa Reverendíssima soubesse, para não incomodá-lo.»

Uma onda de tristeza inundou o coração do bispo. Mais pungente, porem, do que a dor, era aquela estranha sensação íntima de malogro e frustração.

Numa voz alterada, disse que desejava ver o morto.

Levaram-no em silêncio a uma pobre cela, pequena e estreita, situada atrás das estrebarias. Alí, sobre o colchão de palha de um catre, metido no seu hábito velho e surrado, jazia tudo quanto restava do amigo de infância de Mário.

O bispo parecia meditar. Como é que ele, Mário, tinha podido viver no esplendor dos seus aposentos, quando o outro vivia naquela miseravel pobreza? Ficou olhando interrogativamente para o padre, e afinal indagou.

—Era aquí que ele morava?

—Era sim, Excelência.

—E como... como é que ele passava os dias?

—Senhor Bispo, respondeu o velho padre, muito admirado, —ele era o criado de Vossa Reverendíssima.

—Mas, alem disso?

—Tinha pouco tempo para outras coisas, Excelência. Mas todos os dias alimentava os pássaros no jardim com a comida de sua própria ração. Falava seguidamente com as crianças nos portões do palácio. Desconfio até que sustentava, à custa da cozinha, um grupo de mendigos. Alem disso... rezava.

—Rezava? Perguntou, com certa admiração, o bispo, como se a palavra lhe fosse desconhecida.

—Sim, para um irmão leigo, rezava prodigiosamente. E quando eu lhe perguntava para que, sempre sorria e dizia baixinho que era por uma boa intenção.

A expressão do bispo mantinha-se inexcrutavel, enquanto uma lâmina lhe cortava o coração. Mas, se não apreciara devidamente o valor de Anselmo, se sua atitude para com ele tinha sido distante naqueles últimos anos, não havia de ficar alí a recriminar-se. Tinha de embarcar imediatamente para Roma, afim de pregar na

lhe mais dois fortes socos no tronco, e rematei com um quebra-queixo. Max foi ao chão por alguns instantes, e quando se levantou, tornei a derrubá-lo com um *hook* de esquerda e com um murro cruzado de direita. Quando ele se pôs de pé, tornei a derrubá-lo com outra direita no queixo. Desta, ele não se levantou.

Mais tarde, na Alemanha, Schmeling fez correr o boato que eu o tinha batido com um golpe ilícito. É mais uma razão por que eu não gosto de Max Schmeling. Os filmes mostram claramente que eu não fiz nenhum *foul*, mas esses filmes não foram exibidos na Alemanha.

Não tornei a lutar em 1938, depois de ter batido Schmeling. Comecei a gozar o dinheiro que ganhara, a fazer tudo de que eu gostava. Há quem diga que eu esbanjava dinheiro, mas eu não acho. Organizei uma equipe de *softball*, que batizamos de Bombardeiros Pardos, e percorremos os Estados Unidos. A maior parte dos jogadores eram rapazes de East Detroit. Eu jogava de primeira base. Viajávamos em ótimos ônibus, comíamos bem e dormíamos em hotéis. Isso tudo junto me custou bom dinheiro e quando acabou a temporada, eu tinha gasto 50 mil dólares. Mas não acho que eu tenha jogado dinheiro fora. Gozei um pouco a vida.

E já que estou falando como gastei meu dinheiro, quero acertar o assunto de vez. Dei muito dinheiro a antigos lutadores que se encontravam sem recursos, mas não vejo nisso nada de mau. Fiz um donativo a um asilo de velhas, em Detroit, e continuo a dar alguma coisa todos os anos. Todas me tratam de «filho», o que me dá umas vinte mães... Algumas destas velhinhas andam pelos 90, e até pelos 100 anos de idade.

Quando ganhei dinheiro de verdade gastei muito com roupas. Mas isso talvez tenha sido porque, em criança, eu andava tão esfarrapado. Cheguei a ter uns 100 ternos, todos feitos sob medida em Nova York e Hollywood. Mas tudo passou: já não me interessam mais as roupas de grã-finos. Gastei bom dinheiro em automoveis de luxo, mas isso tambem já passou. Hoje dirijo muito pouco, só quando me dá na veneta afastar-me de todo o mundo. Isso acontece às vezes lá pelas duas ou três da manhã. Quando me sinto assim, não falo com ninguem: meto-me num carro e ponho-me a rodar, rodar até passar aquele estado de espírito.

Paguei os estudos de minha irmã Vunies, no ginásio e na universidade, do que muito me orgulho. Ela se formou em história. Hoje ensina inglês em Detroit. A pequena é mesmo inteligente e um orgulho para a família.

Paguei bom dinheiro pelas casas que comprei em Detroit para moradia de meus irmãos e irmãs e pelos prédios de apartamentos que Marva e eu adquirimos em Chicago, e que estão dando boa renda.

Nas ocasiões em que perdí dinheiro, o mesmo podia ter acontecido a qualquer outro que estivesse tentando explorar um negócio. Perdí mais de 40 mil dólares em um restaurante que comprei em Chicago. Outro negócio

que me deu prejuizo foi um restaurante especializado em galinha frita, em East Detroit. Só aí foram mais 25 mil dólares.

Apresentei-me para o serviço militar em Chicago. Falou-se que eu podia arranjar uns galões, mas eu não queria nenhuma regalia: só queria era ser soldado como os outros. Assentei praça como voluntário, e fui mandado para Fort Riley, no Kansas, onde tive minha instrução básica como qualquer recruta. Fiquei lá até que o Exército me mandou fazer uma *tournée* de boxe.

Foi então que eu descobrí coisas que me magoaram. Como eu já disse, enquanto estive no Alabama nunca ouví falar em questões de côr. Nunca estive em lugares onde tal preconceito se manifestasse e em toda minha carreira de boxe evitei essa questão. No Exército seguí a mesma conduta mas comecei a perceber, afinal de contas, que eu era um soldado americano que se batia pelo seu país como qualquer outro cidadão. Se eu estava lutando por uma causa, e essa causa era a liberdade para que os homens fossem iguais, o meu dever era erguer-me em defesa dela.

Um dia entrei numa estação de ônibus do Campo Sibert, no Alabama, para chamar um taxi pelo telefone, e estava sentado em um banco quando se aproximou de mim um soldado da polícia militar, e me disse que eu tinha que ir sentar no banco de trás. «O pessoal de côr senta lá atrás,» disse ele. Recusei levantar-me. Estava comigo Ray Robinson, o negro campeão de peso meio-médio. O polícia mandou chamar o chefe e nos levaram para o xadrês do quartel, onde o capitão me passou um pito. Disse ele: «Quando um soldado da polícia militar disser a você que faça uma coisa, você obedeça, se não quiser meter-se em encrenca.» Eu respondí: «Meu capitão, eu sou um soldado como qualquer outro soldado norte-americano e não quero ser empurrado para um banco de trás só porque sou negro.»

O caso chegou ao conhecimento do General Inspetor, em Washington, e veio de lá uma ordem acabando, no país inteiro, com a segregação de raças nos ônibus militares.

Quando me encontrava fora de um acampamento, obedecia às regras de segregação, mas o que não me parecia direito era a existência delas no Exército, onde todos os soldados estavam se batendo pela mesma causa.

Tornei a encontrar esses obstáculos no estrangeiro. Em 1943, fui promovido a sargento. Andei pelas Aleutas, pela África e pela Inglaterra, com uma *troupe* de pugilistas. Em Salisbury, na Inglaterra, tentei um dia, em março de 1944, comprar uma entrada em um teatro de paisanos. A bilheteira declarou que lamentava, mas o comandante norte-americano da área lhe dera ordem para não deixar entrar soldados de côr no teatro: só brancos. O incidente foi levado ao conhecimento do general John C. H. Lee, que era o auxiliar imediato do general Eisenhower. Fez-se um inquérito e o oficial que dera tal ordem foi recambiado para os Estados Unidos. Depois, o Quartel General emitiu uma ordem pela qual,

se o acesso a qualquer lugar fosse proibido a soldados americanos, seria para todos igualmente e não só para os negros.

Enquanto estive no estrangeiro, visitei a Inglaterra, a Escócia, a África e a Itália, terras que nunca sonhara ver quando era um gurí pobre em Detroit.

Marva teve um bebê em 1943, em Chicago. Demos-lhe o nome de Jacqueline. Já completou cinco anos e é bastante inteligente. Frequenta aulas especiais numa escola ligada à Universidade de Chicago. Já temos outro bebê, um menino que tem o meu nome. Nasceu em 1947. Parece-se comigo e tem constituição semelhante à minha —só que em miniatura. Diz Marva que eu estrago nossos filhos com mimo.

Marva e eu tínhamos conversado sobre a possibilidade de eu abandonar o ringue antes de me alistar. Ela achava que eu já tinha feito muito e ganhara nome. Eu tinha sido campeão de peso pesado mais tempo que qualquer outro *boxeur* e conquistara muitas amizades. Dizia ela que, se eu teimasse em continuar, alguem acabaria me derrotando, mais cedo ou mais tarde, e grande parte do que eu acumulara com esforço seria perdido. Até Mr. Roxborough me disse a mesma coisa. Ele queria que eu encerrasse a carreira enquanto era detentor do título. Por isso só tive duas lutas em 1946.

Acho que podemos viver bem com o dinheiro e as propriedades que possuimos hoje, e com o que eu for fazendo em lutas de demonstração. Tenho ainda as Empresas Joe Louis, que vão dando bem, e sociedade no Punch Joe Louis, um refresco que se está vendendo muito em 31 cidades dos Estados Unidos e até em paises da América do Sul. Sou tambem colega de Mr. Roxborough na vice-presidência de uma companhia de seguros de vida, em Detroit. Organizei para essa companhia os Clubes Juvenís Joe Louis—reuniões ao ar livre, piqueniques e coisas semelhantes, e faço parte do conselho deliberativo.

Organizei numa garage de Chicago uma escola de mecânicos para veículos motorizados, mas não quero ganhar dinheiro com ela. Nessa escola poderá entrar quem quiser, mas eu a imaginei sobretudo para rapazes de côr que ao sairem da escola tiverem dificuldade em encontrar emprego por causa da sua raça. Quero que essa escola seja para rapazes como eu próprio fui, que só podem trabalhar com as mãos.

Não tenho intenções de continuar nas lutas de boxe. Sei muito bem que, se continuar, serei vencido algum dia.

[Joe Louis foi campeão mundial durante quase 12 anos, defendeu o cetro em 25 lutas e, a 1º de março p.p., renunciou ao título, para se tornar empresário de boxe.—N. da R.]

COMO STALIN VÊ O AMANHÃ

Sumário de um debate

Baseado nas próprias palavras do ditador russo, um artigo recentemente publicado em Foreign Affairs, *dos mais interessantes que têm aparecido nos últimos anos, analisa as diretrizes capitais da política dos Sovietes com relação aos Estados Unidos.*

MUITA GENTE acredita que Stalin seja, no fundo, um homem razoavel, tão ansioso quanto qualquer outro mortal por ver os Estados Unidos e a União Soviética encontrar um meio de convivência pacífica.

Dentre os que assim pensam, destaca-se o Presidente Truman. Num discurso de improviso, feito em meados do ano passado, em Eugene, no Oregon, declarou: «Gosto de Stalin; é um bom sujeito. Mas, infelizmente, é um prisioneiro do Politburo. Se dependesse dele, faria, estou certo, acordos e concessões, e os respeitaria; mas não tem nenhuma liberdade de ação.» Em Kansas City, em dezembro último, o Presidente reiterou: «Há alguns líderes russos realmente ansiosos por promover um entendimento conosco.»

Outros norte-americanos, conforme assinala a revista *Time*, consideram Stalin como «um oportunista que diz ou faz o que lhe parece melhor—para ele—no momento. Há ocasiões em que age como revolucionário rubro, outras em que procede como um cidadão pacato que quer conviver em paz com os seus semelhantes. A confusão é agravada pela fama que se lhe atribui de impenetravel, de esfinge que ninguem conseguiu decifrar. Esta incompreensão do fenômeno Stalin é um dos fatores mais ponderaveis da política mundial contemporânea.»

Entretanto, o chefe vermelho vem definindo, da forma mais clara possivel, seus planos, seus objetivos e até mesmo sua estratégia. O estudo mais significativo que até hoje surgiu sobre Stalin é o publicado no número de janeiro da revista *Foreign Affairs*. O autor, que usa o pseudônimo de Historicus, é George Morgan, antigo professor de filosofia e, hoje, Primeiro Secretário da Embaixada Norte-

Americana em Moscou. Leu ele, em russo, tudo quanto Stalin escreveu entre 1º de janeiro de 1929 e 29 de março de 1948, bem como o que publicou de «capital importância» a partir de 1919. Guiado pelo seu atilado espírito crítico e excepcional conhecimento dos problemas, Historicus organizou uma verdadeira antologia de excertos das obras de Stalin, a qual, no dizer de Stewart Alsop, comentarista de questões internacionais, «constitui um espelho admiravel da teologia que inspira o ditador». «O artigo,» comentou a referida revista *Time*, «merece menção especial, pois se trata do primeiro a realizar essa tarefa de forma tão concisa.»

«Concisa» talvez não seja a palavra mais adequada. O artigo de Historicus tem 40 páginas, carregadas de citações de prosa marxista. Não é de facil leitura. Vários jornais e revistas, porem, têm conseguido «decifrá-lo», segundo a expressão de *Time*. Eis aquí alguns exemplos de comentários da imprensa:

«Sua leitura é amarga e trágica,» anotou o *Post-Dispatch* de St. Louis. «Destas páginas emerge o retrato, de corpo inteiro, de um fanático desejoso de lançar o mundo em outra guerra e depois em outras mais, até que o comunismo chegue a dominar todos os quadrantes da terra. O que o mundo valeria, então, para os comunistas ou para quem quer que seja, Stalin se abstem de definir. Não há dúvida de que ele tambem se abstem de pensar pois se o fizesse pressentiria, como qualquer pessoa sã, o caos inevitavel a que chegaria o mundo. E o fato é que pensam como ele todos os membros da hierarquia soviética.»

«Historicus não nega o rematado oportunismo de Stalin,» escreveu a aludida *Time*. «O que ele demonstra é que Stalin e o Partido Comunista mundial orientam as suas atividades, primordialmente, de acordo com diretrizes ideológicas, o que vêm fazendo há 25 anos, com uma coerência inflexivel. Em torno desse núcleo *teórico*, há um círculo que Stalin chama de *programa*. À volta desse círculo, um segundo—a *estratégia*—e, externamente, um último cinturão—a *tática*.

«A chave para se compreender Stalin está precisamente aí,» assinala Historicus: a tática pode ser sempre alterada, a estratégia frequentemente, segundo as circunstâncias; são as «campanhas» e «reivindicações» que surgem nos cabeçalhos dos jornais; mas não se admite a menor alteração no núcleo ideológico ou no programa. Para compreender a técnica da manipulação da *estratégia* e da *tática*, os comunistas—tanto quanto as suas vítimas em perspectiva—necessitam conhecer o âmago da teoria e do programa.»

«A teoria de Stalin assenta sobre o marxismo-leninismo. Não se trata de novidade ou doutrina secreta, mas é o que, principalmente, faz de Stalin o que ele é.»

«O primeiro ponto capital que emerge do artigo de Historicus,» escreveu Stewart Alsop no *Herald Tribune* de Nova York, «é a convicção que nutre Stalin da inevitabilidade da guerra entre o bloco soviético e o bloco de nações ocidentais lideradas pelos

Estados Unidos. Essa, a doutrina básica. As declarações feitas eventualmente por Stalin sobre a possibilidade de conviverem pacificamente as nações comunistas e as não-comunistas foram ditadas por motivos exclusivamente táticos.

«Stalin vê a formação de dois centros mundiais—o socialista, baseado na União Soviética, e o capitalista, baseado nos Estados Unidos. E prevê a luta entre esses dois centros pelo domínio da economia mundial, luta que decidirá a sorte do comunismo e do capitalismo no mundo inteiro. A inquestionavel premissa de Stalin (e de todos os seus sucessores potenciais) da inevitabilidade da guerra é, pois, a trágica realidade que o mundo atual deve encarar.»

«Em nenhuma das publicações de divulgação autorizada na Rússia, admitiu Stalin a possibilidade da coexistência indefinida do comunismo com o capitalismo,» observa o *Post* de Washington. «A documentação reunida por Historicus vem apoiar a tese de que Stalin sempre foi e continua a ser um crente obstinado e fanático da revolução mundial.»

«Para apressar o triunfo soviético, os comunistas deverão atiçar revoluções onde e como puderem e não há campo mais propício a essa atividade do que o período de desorganização que sucede às guerras,» sintetiza o *New York Times*. «Esse objetivo é alcançado pela exploração de cada choque de interesses ou, mesmo, de cada reivindicação, afim de preparar o terreno para a revolução. Os comunistas deverão empregar nessa tarefa todos os recursos, expedientes ou mentiras, sem nenhuma restrição de ordem moral.

«O golpe final só poderá ser evitado,» continua o *New York Times*, parafraseando Stalin, «pela rendição dos Estados Unidos ante o crescente cerco socialista.»

«Stalin, segundo a exposição de Historicus, considera os Estados Unidos como o baluarte do capitalismo, com um proletariado pouco esclarecido e dominado por líderes trabalhistas reacionários,» observa o *Post* de Washington. «No dizer do generalíssimo soviético, quando sobrevier uma crise revolucionária nos Estados Unidos, o colapso do mundo capitalista estará iminente. Entrementes, diz Historicus, Stalin procura executar planos de expansão industrial, na União Soviética, numa escala que nos faz crer que não espera o choque decisivo senão daquí a 15 ou 20 anos.

«De tudo isso se conclui que um entendimento com Stalin só será possivel se, ante o desenvolvimento da luta de classes, um armistício se afigurar ao ditador como elemento favoravel aos seus objetivos finais. Isso não quer dizer que não devamos aceitar o armistício, se nos for oferecido. Mas se nos deixarmos iludir quanto aos propósitos ocultos de Stalin, se tomarmos tal armistício por uma paz autêntica, estaremos repetindo os erros fatais de Teerã, Ialta e Potsdam e contribuindo para o êxito dos planos da nossa própria destruição.»

Ao assinalar esse ponto, a revista

Time transcreve «uma das citações de Lenine preferidas por Stalin, a qual tem sido amplamente divulgada: É inadmissivel a coexistência, por muito tempo, das repúblicas soviéticas com os estados imperialistas. Um dos campos deverá terminar por subjugar o outro. E até chegarmos a essa etapa decisiva, será inevitavel uma série de terriveis choques entre as repúblicas soviéticas e os estados burgueses.

«A isso, o indecifravel Stalin acrescenta o comentário seguinte: Nada mais certo.»

O fato de Stalin ter 69 anos não é razão para alimentarmos a esperança de uma nova orientação, observa o *Times-Picayune*, de Nova Orleãs. Pois «a maneira pela qual Stalin consolidou suas convicções é suficiente para nos convencer de que a ele sucederá, com toda certeza, o stalinismo.»

Historicus deu ao povo norte-americano «não só elementos de reflexão como de ação», comenta o referido *Post-Dispatch*, de St. Louis. As perspectivas são negras, confessa o mesmo artigo de fundo, «mas há um meio pelo qual as democracias poderão ser salvaguardadas sem o recurso à guerra,» observa-nos o sr. Morgan.

«Os Estados Unidos podem encabeçar a reação democrática contra os males do mundo que vêm sendo explorados em favor da revolução comunista. Podem mobilizar a sua portentosa capacidade produtiva tanto para promover a melhoria sistemática das condições de vida das massas populares, segundo as palavras de Stalin, como para obter lucros materiais.

«Os povos coloniais devem ser ajudados na realização dos seus ideais, em vez de ser abandonados à demagogia vermelha. Podem evitar-se as crises e os conflitos entre os estados capitalistas, que Stalin espera venham a facilitar a eclosão das revoluções de natureza comunista.

«O sr. Morgan conclui que o capitalismo e a democracia têm ainda 15 ou 20 anos para agir. O que fizerem ou o que deixarem de fazer nesse espaço de tempo determinará se o mundo, nos séculos vindouros, será escravo ou livre.»

Vida norte-americana

—SUA FILHA gosta dos Estados Unidos? perguntaram a uma refugiada.

—Gosta, sim! respondeu, entusiasticamente. —Ela casou com um americano: ele ajuda na casa, lava os pratos, cuida do bebê quando ela quer sair, faz tudo para ela!

—E o seu filho, como vai?

—Ah! o pobre rapaz vai muito mal, continuou a refugiada. —Ele casou com uma americana: tem que ajudar na casa, lavar os pratos, cuidar do bebê quando ela quer sair. O pobre tem que fazer tudo para ela!

Niagara Falls—meca dos recem-casados e das grandes empresas que procuram energia elétrica barata

Em torno do Niágara

(Condensado de «The Saturday Evening Post»)

Por Henry F. e Katharine Pringle

AS QUEDAS do Niágara—as famosas cataratas que, alimentadas por quatro dos Grandes Lagos, se despenham na fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá—são de há muito a estância de turismo favorita dos americanos recem-casados. No entanto, uma boa percentagem dos habitantes da cidade de Niagara Falls se sentem ofendidos quando ouvem chamar sua terra de «Capital da Lua-de-Mel»... Mas é claro que não protestam contra os muitos milhões de dólares que os jovens casais alí deixam anualmente. Preferem, porem, chamar a atenção do público para as indústrias tão prósperas que as cataratas atrairam ao lugar, com a sua produção de energia elétrica barata, e querem que a cidade seja antes conhecida no mundo pelo título semi-oficial de «Cidade da Energia».

Os moradores de mentalidade industrial aspiram com delícia a neblina saturada de emanações químicas, que paira sobre a cidade quando o ar está pesado. Os residentes menos materialistas, porem, se transferem para os subúrbios, onde são imperceptiveis aquelas emanações.

Ainda hoje é um mistério a razão por que as quedas do Niágara exercem tamanha atração sobre os recem-casados. Entretanto, é bem possivel que a explicação seja simples: o lugar tem uma situação muito central, visto que cerca de 70 por cento dos habitantes dos Estados Unidos e do Canadá vivem dentro dum raio de 800 quilômetros das cataratas. Um escritor, que alí esteve de visita em 1873, sugeriu uma razão lógica para a afinidade entre a cachoeira e os recem-casados:

O Niágara é o único lugar que, pela sua vastidão, se pode comparar à imensa ventura conferida a esses afortunados cavalheiros e damas que Cupido trespassou com suas divinas setas, e só a sua monótona majestade pode ajustar-se às abençoadas harmonias que lhes ressoam nos corações.

Há 300 anos que as quedas d'água do Niágara vêm desafiando a eloquência dos que têm tentado descrevê-las. O primeiro homem branco que as enxergou parece ter sido o padre Louis Hennepin, missionário franciscano que acompanhava o explorador francês La Salle. Alguns índios guiaram o padre até as cataratas, em dezembro de 1678, e, segundo a lenda, o franciscano arriou logo o altar portatil que carregava nas costas, para dizer a primeira missa. Alguns anos depois, o padre Hennepin escreveu uma narrativa de suas viagens, mas se deslumbrara a tal ponto, que lhe faltou exatidão. Entre outras coisas, o excelente sacerdote triplicou a altura do precipício. O ribombar das quedas, disse ele, era «mais ensurdecedor que o maior dos trovões. Quando, em pé junto da catarata, olhamos para o fundo desse abismo, o mais pavoroso de quantos há, apodera-se de nós o horror, e entontecemos de tal forma que não se pode olhar por muito tempo nem seguidamente para ele».

A cidade do lado americano do rio deve sua prosperidade quase inteiramente à riqueza tirada das cataratas, quer em turistas quer em energia elétrica, e é hoje uma urbe de 90 mil habitantes, com uma produção industrial superior a 200 milhões de dólares por ano. Em contraste com a cidade canadense de Niagara Falls, do outro lado do rio, a cidade americana tem um aspecto vulgar: o ambiente misto de parque de diversões e de quermesse barata torna-se evidente logo à saida do parque estadual, adjacente à catarata e à parte superior do rio. Ao longo das ruas se alinham os quiosques de cachorro-quente e as lojas de curiosidades baratas, onde se empilham até o teto as almofadas, as jóias de fantasia, e as quinquilharias de toda sorte. Na rua principal, as vitrinas dos fotógrafos exibem os pares de noivos felizes enlaçando-se em frente de um pano de fundo que reproduz as cataratas. Do lado do Canadá, em contraste, avistam-se graciosos terraços e matizados jardins. As raras lojas são discretas, recheadas sobretudo de artigos importados da Inglaterra.

Houve tempo em que Niagara Falls foi famosa como estância de veraneio para as famílias ricas. Antes de findo o século passado, estas levavam para lá seus filhos, criados e carruagens, em junho, e deixavam-se ficar até setembro. A partir de 1900 essa clientela começou a declinar.

«Acabou-se a freguesia dos grã-finos,» observava o ex-dono de um hotel outrora luxuoso. «A freguesia de agora traz o almoço em caixas de sapatos. . .»

Mas esses turistas modestos não são para desprezar. Mais de três milhões deles visitam a localidade todos os anos e, segundo se calcula, cada um deles deixa alí uma média de 10 dólares diários. É assombroso o número dos recem-casados. Vagueiam sem rumo certo, de braços dados, olhando-se com ternura, e tirando fotografias ao menor pretexto. O prefeito da cidade assina e concede-lhes um diploma de membros vitalícios do «Clube dos Noivantes de Niagara Falls», e os declara com direito «a todos os privilégios e regalias da organização, enquanto ambos forem vivos e observarem as regras da felicidade matrimonial».

As pessoas sedentas de glória e fama ainda tentam, uma vez por outra, transpor acrobaticamente os rápidos e o turbilhão de águas logo abaixo das quedas. As autoridades não conseguem impedí-lo. O mais recente desses heróis, William Hill Jr., realizou a dificil e arriscada proeza em 1945, metido em um tambor de aço—o mesmo em que seu pai já praticara o feito com êxito, alguns anos antes. Mas ninguem tentou nestes últimos tempos saltar ou descer as cataratas propriamente ditas. A primeira pessoa que desceu a Cachoeira da Ferradura, em outubro de 1901, foi uma professora primária, a sra. Anna Edson Taylor, que foi parar perto da margem canadense, onde a retiraram do barril ferida, a escorrer sangue, mas viva. Das cinco pessoas que até hoje tentaram assim, estupidamente, a sorte, três sobreviveram.

Vão longe, felizmente, os dias em que os equilibristas transpunham o abismo caminhando sobre uma corda. O maior de todos foi um francês chamado Blondin* que fez duas exibições sensacionais em 1859 e 1860, atravessando o lado inferior das cataratas sobre uma corda esticada de margem a margem. Blondin, chegado a meio caminho, fingia perder o equilíbrio, e as mulheres que o observavam da margem desmaiavam.

De longa data se compreendera que as águas torrenciais dos rápidos e das cachoeiras encerravam riquezas incalculaveis, e que só faltava descobrir a maneira de aproveitá-las. Em 1748 um negociante franco-canadense, Chabert Joncaire, escavara uma levada acima das quedas, para desviar uma parte mínima da massa dos rápidos, e erguera uma serraria mecânica. No século seguinte foram muitos os homens de iniciativa que apresentaram variados planos para utilizar a queda de 15 metros dos rápidos superiores—mas não as cataratas propriamente ditas.

*«Os arrojados acrobatas do Niágara», Seleções, março de 1943.

matando! suplicou ele finalmente.

—Dá-se por vencido?

—Estou que nem posso respirar! confessou Hiram, e deitou-se de costas no chão, de boca aberta, o corpo pedindo ar. —Aposto que você ainda é capaz de arrebentar com qualquer dançarino da feira! acrescentou, piscando o olho para as crianças.

—Ora... fez Samantha, como quem cede um pouquinho.

—Nós vamos! Nós vamos! gritaram os meninos, pulando pela sala.

Samantha olhou com ternura aqueles rostos felizes e abanou a cabeça, dizendo:

—Jeremias, não vá tão depressa, que eu ainda não prometí nada...

A sala ficou de repente tão quieta, que se podia ouvir o tique-taque do relógio.

—Mas que é que nós vamos usar em lugar de dinheiro, Jeremias? Botões?

—Eu por mim posso arranjar um trabalho qualquer, disse o garoto com orgulho. —Quem é o homem desta família?

Samantha voltou a sacudir a cabeça, e seu lábio superior tremia.

—O melhor é esquecer esse negócio, disse. —Essas feiras são um pecado e uma extravagância...

Nos DIAS que se seguiram, enquanto Jeremias se esforçava para juntar um dinheirinho com que pudessem ir à feira, Vovó continuou invocando a Sagrada Escritura contra a idéia.

—O amor do dinheiro é a raiz de todos os males, dizia ela. —A Bíblia está cheia de sermões contra os pecados da riqueza.

—Se Deus não me deixa ganhar esse dinheiro, quer dizer que Ele não quer que a gente vá à feira?

—Isso mesmo.

—Então, se Ele me *deixar* ganhar o dinheiro, quer dizer que Ele *quer* que a gente vá à feira, não é isso?

—Pode ser, fez Samantha, meio desconcertada. —Agora que você pôs a questão nesse pé, eu acho que Deus vai nos dar um sinal qualquer, pra ir ou pra não ir...

—Pode deixar, que eu vou ajudar Ele a nos dar o sinal direitinho, prometeu Jeremias. —Vou trabalhar que nem carregador. A senhora vai ver.

E foi assim que ele se pôs a bater todos os dias as estradas das redondezas procurando trabalho. Um fulano, que estava em cima duma cerejeira, rejeitou a sua ajuda porque os meninos comem muita cereja e quase não põem nenhuma na cesta. Bob Peters, o agente da estrada de ferro, declarou que havia anos, por assim dizer, não recebia um telegrama para entregar.

Era de quebrar o coração, ver como o Senhor se punha sempre do lado de Vovó e recusava a Jeremias um sinalzinho que fosse para ele ir à feira!

Até que um domingo, pela manhã, ao caminhar ao longo da cerca do pasto da fazenda, ele deparou com uns pés de sassafrás. Ajoelhado, lutou durante algumas horas para arrancar pedaços das raizes aromáticas, que ia metendo num saco.

«Isto é Deus Todo Poderoso me dando o sinal pra a gente ir à feira!» exclamou, exultando, e na manhã seguinte pôs-se a caminho da venda de Pete Grundy, para vender as raizes. Mas o negociante não o animou.

—Com isso daí, quase nem vale a pena fazer negócio, disse. —Não posso te dar mais de quatro centavos por quilo —ao todo, 36 centavos. Empurrou-lhe o dinheiro por cima do balcão e foi acabar a sua partida de damas com o velho Meeker. Depois atirou-lhe de lá um olhar expressivo e disse:

—Você quer ficar rico depressa? Então meta-se no mato e procure uma árvore com ninho de abelhas silvestres. Eu te pago 20 centavos o quilo.

Os olhos de Jeremias lançaram chispas.

—Como é que eu hei de achar um ninho de abelhas?

O vendeiro estava-se concentrando no jogo e quase nem ouviu.

—Hem? Ah, veja se encontra uma abelha, e vá acompanhando até dar com o ninho.

—Não é dificil, disse Jeremias. —Deus lhe pague, seu Grundy!

E disparou a correr porta a fora.

—A você pouco importa esperdiçar o tempo desse garoto, hem? censurou o Meeker.

—Ora, que é que vale o tempo naquela idade?

Jeremias foi dar com Matilda esperando por ele no lugar do costume, entre os dois velhos sicômoros. Ele saboreou em silêncio o seu segredo, durante alguns momentos, depois arrancou um punhado de cevada brava e começou a mexer com uma abelha.

—Pra que é que você está fazendo isso? indagou a menina.

—Abelha tem favo, tem mel, tem centavo! cantarolou ele.

—Que boa idéia! exclamou Matilda.

—Bem, encontrar mesmo o ninho, nós não encontramos ainda...

—Ah, mas a gente acaba achando! Por que é que não havemos de achar?

—Olhe, lá vai ela pro ninho! exclamou o garoto, com alegria.

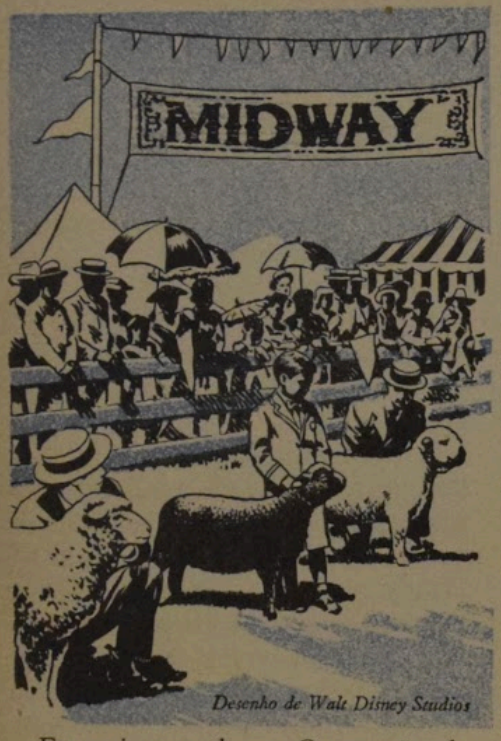
Os olhos das duas crianças ficaram pregados na cintilante abelha, que partia como uma seta em direção à colmeia silvestre, com a sua carga de ouro. Depois, sem fazerem caso das roseiras bravas que os arranhavam e espicaçavam nas canelas, partiram a correr atrás do seu tesouro.

—Lá vai outra! gritava Matilda de vez em quando.

Escalando com dificuldade uma colina pedregosa, de pastagem, chegaram por fim a um cume de rocha de onde se avistavam quilômetros de paisagem toda em retalhos de plantio. Esqueceram as abelhas por alguns minutos, e ficaram apontando e comentando as pequeninas maravilhas que se desdobravam a seus pés, até que de repente o encanto se rompeu:

—Matilda, e as abelhas?

Abrigando os olhos com a mão, por causa do sol, esquadrinharam a paisagem e daí a pouco o olhar sagaz de Jeremias lobrigou uma abelha que zumbia na carola duma aquilégia brava. Enxotada de longe, com cautela, para que largasse a flor, a abelha partiu velozmente, venceu a aresta do



Desenho de Walt Disney Studios

Estrugiram palmas. O coração de Jeremias fez-se pequenino: como é que Danny podia competir com animais de tão aristocrática linhagem?

O segundo concorrente, um rapaz chamado Marshall, anunciou:

—Shropshire Lad. Número 7.874, filho de Lassie Queen, e do carneiro Golden Thorn, Grande Campeão Nacional, filho de Hiram de Tróia!

Tornou-se a ouvir o rumor dos aplausos, tributados ao rapaz e ao seu exemplar de formosa lã. Os juizes continuaram percorrendo a fila de ovinos, fazendo a chamada e recebendo as respostas orgulhosas dos donos. Jeremias olhou em volta, tomado de pavor.

—Kincaid!

Ficou calado.

—Kincaid! Vamos, vamos, menino. Como se chama seu carneiro?

—Dan Patch II.

—Qual é a raça dele, meu filho?

Todos os olhares estavam cravados nele. Jeremias se ergueu e ficou empertigado ao lado do carneiro.

—Este meu carneiro preto não é desses puro-sangues de encomenda, pronunciou ele com voz nítida e altiva. —É só um Kincaid de Cat Hollow, como eu e Vovó.

O silêncio era tal, que se podia ouvir ao longe a música do carrossel.

—A mãe se chamava Jezebel. Mas o pai, não sabemos ao certo quem foi...

Uma risada estrondosa subiu da multidão.

—Podem rir à vontade! gritou Jeremias, dominando as lágrimas. —Mas ele é o melhor carneiro do mundo! Não tem medo de nada nem de ninguem. E é capaz de vencer qualquer desses carneiros de luxo, do mesmo jeito que... que Davi venceu Golias!

O riso foi atroador. O presidente do juri, muito alto, ergueu a mão a pedir silêncio e disse bem claro, para que todos o ouvissem:

—O seu carneiro tem umas espáduas bem bonitas, meu rapaz. E lã de boa qualidade tambem.

Acabado o exame, os juizes foram conferenciar, confrontando suas notas. Jeremias estava com a boca seca, a cabeça nas nuvens e um pouquinho nauseado com aquela espera que não se acabava.

Finalmente, com ar de solenidade, os três juizes voltaram para proclamar os prêmios. Um, dois, três passos—e não pararam em frente dele! Jeremias seguiu com os olhos esgazeados a elevada silhueta do presidente, que se encaminhou para o lindo Shropshire e proclamou:

—O comitê do concurso resolveu, por unanimidade, conferir a fita azul e o prêmio em dinheiro a este Shropshire Lad, pertencente ao sr. Marshall!

A multidão berrou e bateu palmas. Marshall, todo risonho, apertou as mãos dos juizes. Jeremias ficou especado, como tolo, quando Marshall passou por ele, cheio de orgulho, conduzindo o carneiro com a fita azul.

—Não faz mal, não, Danny, deixa estar! murmurou ele para o seu querido carneiro preto.

Virou a cabeça e, com os olhos turvos de lágrimas, procurou a sua gente; estavam todos encostados à grade, Matilda chorando sem rebuço, Vovó enxugando os olhos e Hiram mordendo furioso a ponta do charuto. Jeremias endireitou os magros ombros e dirigiu-se para a saida com o carneiro.

Atrás dele, a voz do juiz disse: —Um momento, pessoal. Espere aí, menino!

Jeremias virou-se e disse:

—Nós apanhamos, mas sabemos aguentar. Perdemos, está perdido.

—Gosto dessa forma de pensar, meu filho. E tambem gosto do seu carneiro. A dificuldade é que ele é preto. A gente não tem classificação para carneiro preto...

A multidão tornou a rir, mas com menos vontade, e Jeremias engoliu as lágrimas. Espiou com desconfiança o homem alto, de quem não esperava senão caçoada, e receando, ainda mais, as palavras de consolo.

Mas o juiz levantou a mão a impor silêncio:

—Um momento, minha gente. Este carneiro merece uma classificação especial! Criado numa fazendola dos montes, sem a ajuda de raça, ele mostra bem a influência do amor e dos bons tratos na criação de gado. Este animal tem boas linhas e uma lã fina e fofa. Nunca entrou neste recinto um carneiro mais bem tratado do que Dan Patch II, de Kincaid! Este carneirinho é um campeão em toda a extensão da palavra, e por isso nós decidimos conferir ao sr. Kincaid e ao seu carneiro uma recompensa que há três anos não concedemos a ninguem: o Prêmio Especial ao Mérito.

Aquela multidão parecia afinal menos cruel do que Jeremias tinha pensado, pois, ao ver o Juiz tirar a roseta e fita roxa da sua caixinha de couro, ela aplaudiu com muito mais estrondo do que nunca.

Jeremias chegava nesse instante, mentalmente, àquele versículo do Salmo 23 que diz: «...o meu cálice transborda.»

Tinham pois andado por fora e por longe, e descoberto o que jazia para alem do extremo distante da curva da estrada de ferro. Tinham ganho prêmios e erguido a cabeça diante de estranhos. E agora, no trem que os levava de volta à aldeia, estavam fatigados e contentes, ansiosos de tornar a ver os lugares conhecidos. De repente,

o trem entrou na curva que, durante tantos anos, fora o horizonte de suas existências. O coração de Jeremias deu um baque. Lá estava o elevador de cereais, o tanque de água, a igrejinha, a loja de Grundy — ah, não havia paisagem neste mundo tão bonita quanto aquela!

—Vovó, Matilda, Tio Hiram! Estamos chegando! exclamou.

—Louvado seja o Senhor! disse a velha, quando o trem foi entrando na estação. —Mas que ajuntamento é esse?

Ignoravam que Tio Hiram tivera a prodigalidade de gastar 35 centavos num telegrama, para dar a boa nova a Pete Grundy.

—Banda de música, e tudo! exclamou Matilda. —Olha mamãe alí, acenando feito doida!

—Hum! disse Hiram. —Até comitê de recepção!

Tudo correu exatamente como Jeremias gostaria de recordá-lo sempre: gente saindo de todas as portas; potros espinoteando, de cauda erguida, nos pastos; latas, banjos, gaitas e rabecas tocando ruidosamente em sinal de boas-vindas.

Estenderam-se mãos solícitas para ajudar Bob Peters, o chefe da estação, a arriar a grade de madeira onde vinha o carneiro, e o caixão das colchas de Vovó.

—Desafasta, pessoal! Por favor, não assustem o carneiro premiado!

De todas as bocas saíam comentários: «Ora, quem havia de dizer!» «Tirou o prêmio especial!» «Pois eu sempre disse que esse menino e o carneiro haviam de fazer boa figura!» «Jeremias, dá licença que eu toque nele?»

—E então, Vovó, gostou de andar de trem?

Sempre é melhor do que ir a pé...

Pete Grundy bradou:

—A festa hoje é por minha conta! Tenho duas caixas de limonada gasosa no gelo, seis melancias e um montão de sorvete.

Mais aclamações.

—Alinhar, pessoal! gritou Pete. —Em coluna por quatro, como numa parada de verdade. Hoje todo o mundo come de graça!

—Mas que é que eu vou fazer com Danny? disse Jeremias.

—Danny vai na frente! Traga ele pro armazem, disse Pete. —A festa é em honra dele.

Horas depois, a caminho de Cat Hollow, na carroça de Tio Hiram, Jeremias ia sentado no caixão das colchas de Vovó, sonhando com o futuro. Hiram voltou-se para trás e perguntou:

—Samantha, está satisfeita?

—Satisfeita? disse ela. —Estou tão satisfeita, que chega a me doer a consciência.»

Volta Redonda — sonho e realidade

(Capa)

José Garrido Torres
Economista brasileiro

A INDÚSTRIA siderúrgica é um velho sonho do Brasil. Foi tentada promissoramente, há um século, em Ponta d'Areia, pelo genial Mauá, o maior dos brasileiros, que a chamava de «mãe de todas as outras.»

Seu desenvolvimento não foi possivel na época, mas a visão da grande siderurgia, alavanca do progresso, baseada nas fabulosas reservas de ferro de Minas Gerais, persistiu na mente dos brasileiros. Ela se transmitiu de geração em geração e resistiu a todos os pessimismos e determinismos. O impacto da Segunda Guerra Mundial deu corpo, afinal, à idéia.

A moderna usina, erguida há sete anos apenas na «volta redonda» do Rio Paraiba, a 145 quilômetros do Rio de Janeiro e a 354 da cidade de São Paulo, os dois maiores mercados do país, constitui hoje um êxito retumbante. Dela sai hoje mais da metade da produção siderúrgica total do Brasil.

Volta Redonda exigiu quatro anos de trabalho árduo e pertinaz, em tempo de guerra. Sua estrutura foi levantada em constante desafio a sérios contratempos: afundamento de seu equipamento, em alto mar, pelo inimigo, maior capitalização pela elevação dos preços, ausência de mão-de-obra especializada, etc. Para o resultado obtido, muito contribuiu o governo de Franklin Roosevelt, com um empréstimo do Banco de Exportação e Importação, no montante de 45 milhões de dólares. Desejava ele a transformação do Brasil, amigo certo das horas incertas, no forte aliado de sua Pátria.

Ao iniciar-se, em 1942, a construção do grande núcleo industrial, houve estrangeiros e brasileiros que se mostraram céticos. A solução não se inspirava na clássica ortodoxia econômica. Não havia o próprio herético List condenado a industrialização das regiões tropicais?

Quando, finalmente, em 23 de junho de 1946, apareceu o primeiro fiozinho de aço, várias pessoas ainda duvidavam que o capital empatado fosse algum dia recuperado. Ao findar o primeiro semestre de 1948, entretanto, já Volta Redonda anunciava, com orgulho, um lucro líquido de Cr $75.600.000,00. Os acionistas receberam 6% de dividendo. A amortização do empréstimo havia tambem começado. Na segunda parte do ano, Volta Redonda acrescia sua produção de mais de 100 mil toneladas de aço laminado.

Havendo Volta Redonda alcançado, em menos de 3 anos de funcionamento, a capacidade prevista no

Foto: Helen Firstbrook Hector

seu plano inicial, seus diretores já cogitam de expandir sua produção em face da procura sempre crescente. A empresa produzirá, em maior volume, ferro gusa, lingotes de ferro, trilhos, barras, vigas, chapas finas e grossas, chapas galvanizadas, folhas de Flandres, todos indispensaveis ao desenvolvimento industrial do país; alem disso e do coque, fertilizantes e outros sub-produtos tais como benzol, alcatrão, naftalina, toluol, xilol, que são matérias-primas de outra indústria de capital importância—a química. Com o auxílio de Volta Redonda, o Brasil supriu-se em 1948 de aproximadamente 480 mil toneladas de aço—mais da metade do seu consumo. Expandida a usina, o Brasil terá perto de um milhão de toneladas de aço por ano, o suficiente para as necessidades atuais. As máquinas e equipamento de Volta Redonda são «Made in U.S.A.», mas dos seus milhares de empregados, entre os quais figuram 200 excelentes técnicos, somente 45 são norte-americanos. Hoje a grande usina produz aço, fabricado por brasileiros e para o Brasil. E até já o exporta.

O barulho e a agitação de Volta Redonda contrastam rudemente, talvez, com a calma pastoral do Vale do Paraiba de alguns anos atrás. Muitos há que prefeririam as colinas sossegadas e o panorama bucólico. Mas o roceiro analfabeto, primitivo e doente, que lutava para extrair do vale o seu magro sustento, sabe agora ler e escrever, está bem alimentado e convertido em um operário experimentado. Seu trabalho valorizou-se.

O velho sonho de Mauá e de seus patrícios é no presente uma esplêndida realidade. A modesta Ponta d'Areia de ontem é a majestosa Volta Redonda de hoje. A indústria siderúrgica, «mãe de todas as outras», irradiará a atividade que dará ao Brasil os meios de rasgar as suas minas, mecanizar a sua lavoura, transformar as suas matérias-primas, transportar a riqueza criada, de unificar, enfim, o seu mercado interno. Mas a força criadora que provocará essa expansão encontra-se no embrião que é Volta Redonda.

Coisas de Hollywood

Tendo de escrever uma composição, no colégio, sobre uma família pobre, a filha de um rico produtor cinematográfico assim se expressou: «Era uma vez uma família pobre. A mãe era pobre. O pai era pobre. Os filhos eram pobres. O mordomo era pobre. O chofer era pobre. A criada era pobre. O jardineiro era pobre. Todos eram pobres.»

—Carleton Young, citado por Erskine Johnson, NEA

Quando o conhecido agente de publicidade Art Franklin chegou de uma viagem de férias, um dos seus auxiliares pediu-lhe uma semana de folga. «Eu estive fora quinze dias,» trovejou Art. «Foram tambem as *suas* férias!»

—Earl Wilson, em *The New York Post*

ÍNDICE CLASSIFICADO

por assuntos

Tomo XV — *Janeiro a Junho de 1949* — Números 84 a 89

África
Um jardim zoológico natural ... *fevereiro* 93
Agricultura
Aventura agrícola sem precedentes *fevereiro* 75
Caminho da sobrevivência ... *maio* 89
Pomar que rende milhões, Um ... *janeiro* 106
Alemanha
Algo mais, alem de pão ... *maio* 75
Assembléias populares no Reno ... *abril* 57
Homem mais perigoso da Europa, O. *maio* 35
Alimentação
Aventura agrícola sem precedentes ... *fevereiro* 75
Coma, beba, e viva alegre! ... *fevereiro* 89
MSG para melhor sabor ... *março* 77
Animais
Bicho mais matreiro das florestas boreais, O ... *abril* 51
Jardim zoológico natural, Um ... *fevereiro* 93
Intimidades do reino animal ... *maio* 69
Melhor amigo do homem, O ... *abril* 87
Mundo alado ... *fevereiro* 27
Após-Guerra
Ainda brilha a estrela da esperança ... *fevereiro* 1
Brota verdura em Hiroxima ... *abril* 71
Ídolo do novo Japão ... *janeiro* 116
Argentina, A bandeira ... *maio* 109
Arte de Viver
Aproveite melhor suas viagens ... *maio* 54
Arte de ficar em casa, A ... *março* 74
Arte de não fazer nada, A ... *janeiro* 95
Coma, beba, e viva alegre! ... *fevereiro* 89
Como convencer os outros ... *abril* 97
Como prolongar a vida ... *junho* 1
Como Reginald Paget esperou a morte ... *janeiro* 65
Como se aprende a liderar os homens ... *junho* 37
Fale sem medo ... *fevereiro* 16
Fórmula para a presença de espírito ... *março* 15
Irritar-se faz mal à saude ... *fevereiro* 49
Meu seguro para a velhice ... *abril* 89
Mundo é dos corajosos, O ... *abril* 1
Palavras que nos guiam ... *fevereiro* 8
Peso morto, O ... *maio* 57
Tenho cancer ... *janeiro* 26
Tesouro que Ann Lee descobriu, O ... *março* 70
Assim se «lê o pensamento» ... *janeiro* 69
Automoveis
Grande corrida automobilística Nova York-París, A ... *junho* 29
Modelo 49... carros ou brontossauros? ... *maio* 6
Aventura
Daniel Boone, explorador audaz ... *janeiro* 51
Enigma da bela nadadora, O ... *junho* 25
Grande corrida automobilística Nova York-París, A ... *junho* 29
Homem mais perigoso da Europa, O ... *maio* 35
Meu encontro com um selvagem ... *março* 37
Nossa vida no Ártico ... *março* 95
Aviação
Contra acidentes: o avião eletrônico. *março* 53
Da aviação e da vida ... *janeiro* 123
Força aérea para ganhar a paz ... *abril* 3
Inventor da propulsão a jacto, O ... *março* 88
Vertigem da velocidade ... *fevereiro* 4
Biografia
(Bayh, Birch) Algo mais, alem de pão ... *maio* 75
Boone, explorador audaz, Daniel ... *janeiro* 51
(Braille, Louis) Deu janelas aos cegos ... *março* 1
(Carrington, Cal) Meu tipo inesquecivel ... *janeiro* 92
(Clapp, William F.) Inimigo do teredem ... *junho* 80
(Cordes, John H. F.) Um detective que soube perdoar ... *abril* 27
(Decker, Capitão Benton W.) Ídolo do novo Japão ... *janeiro* 116
(Duque de Windsor) Educação de um príncipe ... *fevereiro* 99
(Hrdlyka, Ferenc) Última lição de um mestre ... *junho* 51
(Louis, Joe) Minha vida—Joe Louis ... *junho* 61
Mikimoto, o rei das pérolas ... *março* 19

(Oppenheimer, J. Robert)
O eterno aprendiz ... *maio* 43
(Pauker, Ana) A mulher mais dominante da Europa ... *junho* 11
(Rommel, General Erwin) O que aconteceu realmente a Rommel *fevereiro* 11
(St. Laurent, Louis Stephen) Nova figura mundial: St. Laurent, do Canadá ... *junho* 46
(Sudan, Dr. Archer C.) Uma medalha para o médico ... *janeiro* 76
(Vickers, C.B.) Homem de sorte ... *abril* 73
(Whittle, Frank) O inventor da propulsão a jacto ... *março* 88
(Witten, Dr. John) Pai de 152 filhos ... *fevereiro* 19
Zacchinis—projeteis humanos, Os *fevereiro* 65

BRASIL
Volta Redonda—sonho e realidade *junho* 109

CANADÁ, Colosso do ... *abril* 81
Nova figura mundial: St. Laurent, do Canadá ... *junho* 46

CASAMENTO
Casar-se bem—mas com quem? ... *março* 57
Nem tudo há de ser para os filhos ... *junho* 83
Psicologia do amor ... *janeiro* 39

CEGUEIRA
Deu janelas aos cegos ... *março* 1

CIÊNCIA
Átomo, universo em miniatura, O *janeiro* 21
Contra acidentes: o avião eletrônico ... *março* 53
De quem são hoje os melhores submarinos? ... *junho* 18
Energia atômica: realizações e perspectivas ... *maio* 14
Eterno aprendiz, O ... *maio* 43
Inimigo do teredem ... *junho* 80
Magia do DDT na Grécia ... *fevereiro* 63
MSG para melhor sabor ... *março* 77
Não haverá mais abrigos ... *abril* 99
Vertigem da velocidade ... *fevereiro* 4

CIRCOS
Zacchinis—projeteis humanos, Os ... *fevereiro* 65

COMÉRCIO INTERNACIONAL, Novo impulso ao ... *janeiro* 99

COMUNISMO
Brechas na Cortina de Ferro ... *fevereiro* 85
Como Stalin vê o amanhã ... *junho* 71
Luta pelo poder na Itália, A ... *janeiro* 27
Mulher mais dominante da Europa, A ... *junho* 11
Terror soviético no Báltico ... *março* 60
Viví uma vida dupla ... *janeiro* 83

Conhece alguem mais honesto? ... *junho* 23

CONTOS
Areia ... *fevereiro* 70
Compromisso na Normandia ... *abril* 37
Derradeira fuga, A ... *maio* 49
Dois cavalheiros de Verona ... *maio* 1
Hóspede amoroso ... *março* 49
Maior dos dons, O ... *junho* 57
Meio litro de sangue ... *maio* 85
Presente fatal ... *fevereiro* 33
Tão perto do coração ... *junho* 87
Última lição de um mestre ... *junho* 51

CRIANÇAS
Agora é facil salvar os dentes das crianças ... *janeiro* 57
Como se deve falar a uma criança ... *maio* 22
Dois cavalheiros de Verona ... *maio* 1
Hóspede amoroso ... *março* 49
Nem tudo há de ser para os filhos ... *junho* 83
Pai de 152 filhos ... *fevereiro* 19
Tão perto do coração ... *junho* 87

CRIME
Luta pela fortuna de Garrett, A ... *março* 24
Presente fatal ... *fevereiro* 33

DESPORTOS
«É proibido comer grama» ... *janeiro* 42
Minha vida—Joe Louis ... *junho* 61

DETECTIVE que soube perdoar, Um ... *abril* 27

DINAMARCA, Seja benvindo à ... *maio* 25

DIREITO
Seremos todos contraventores? ... *março* 79

ECONOMIA
Como aumenta a riqueza ... *janeiro* 121
Não é dinheiro o que se envia à Europa ... *junho* 36
Não se pode abarcar o mundo com as pernas ... *abril* 42
Por que não há alojamentos em París ... *abril* 13
Porto Rico resolve seu dilema ... *maio* 9
Quanto cabe aos ricos? ... *abril* 77

EDUCAÇÃO
Agora é facil salvar os dentes das crianças ... *janeiro* 57
Algo mais, alem de pão ... *maio* 75
Carta aberta aos estudantes ... *janeiro* 45
Colégio para um aluno ... *abril* 61
Como se deve falar a uma criança ... *maio* 22
Como se educa o soldado ianque ... *janeiro* 108
Deu janelas aos cegos ... *março* 1
Emprego para sexagenários ... *abril* 49
Frutos da «Escola da Liberdade» no Japão ... *março* 85
Uma só matéria de cada vez ... *maio* 66
«Um livro aberto é uma porta de luz» ... *abril* 18

ENERGIA ATÔMICA:
realizações e perspectivas ... *maio* 14
Átomo, universo em miniatura, O *janeiro* 21
Não haverá mais abrigos ... *abril* 99

ESPIONAGEM
Homem mais perigoso da Europa ... *maio* 35
Viví uma vida dupla ... *janeiro* 83

ESTADOS UNIDOS
Em torno do Niágara ... *junho* 75
Não se pode abarcar o mundo ... *abril* 42
Podem as campanhas conquistar votos? ... *janeiro* 103
Quanto cabe aos ricos? ... *abril* 77
Terra de milionários ... *abril* 94

FILOSOFIA
O mundo é dos corajosos ... *abril* 1
Palavras que nos guiam ... *fevereiro* 8

FOME, A Índia livre ainda tem ... *março* 31

FOTOGRAFIAS (CAPAS)
Bandeira argentina, A ... *maio*
Coimbra ... *fevereiro*
Estátua de Bolívar em Caracas ... *março*
Flor da Paixão, A ... *abril*
Vindima, A ... *janeiro*
Volta Redonda—sonho e realidade ... *junho*

FRANÇA
Deu janelas aos cegos ... *março* 1
Por que não há alojamentos em París ... *abril* 13

GEOGRAFIA
Eden tropical ... *março* 44
Em torno do Niágara ... *junho* 75
Estranha comunidade dos mórmones, A ... *maio* 81
Fúria sombria do Atlântico, A ... *abril* 65
Guatemala, exemplo de como viver ... *abril* 54
Libéria desperta, A ... *fevereiro* 52
Nova Costa do Ouro, Uma ... *janeiro* 111
Seja benvindo à Dinamarca ... *maio* 25
Terra de milionários ... *abril* 94

GRÉCIA, Magia do DDT na ... *fevereiro* 63

GUATEMALA, exemplo de como viver ... *abril* 54

GUERRA
Compromisso na Normandia ... *abril* 37
De quem são hoje os melhores submarinos? ... *junho* 18
Fatos que devem *evitar* a guerra ... *março* 5
Homem mais perigoso da Europa, O ... *maio* 35
Por que tardou a notícia da rendição da Alemanha ... *janeiro* 60
Que aconteceu realmente a Rommel, O ... *fevereiro* 11

HISTÓRIA
Mistério da pedra de Kensington, O ... *fevereiro* 57
Peste Negra, A ... *março* 65

HUMORISMO
«Entre aspas» ... *junho* 6
Flagrantes da vida real ... *janeiro* 49
Flagrantes da vida real ... *fevereiro* 9
Flagrantes da vida real ... *março* 13
Flagrantes da vida real ... *abril* 35
Flagrantes da vida real ... *maio* 33
Flagrantes da vida real ... *junho* 16
Frases notaveis ... *fevereiro* 31
Frases notaveis ... *abril* 93
Frases notaveis ... *maio* 53
Homo Americanus ... *junho* 41
Modelo 49... carros ou brontossauros? ... *maio* 6
No palco, mas sem representar ... *junho* 54
Rir é o melhor remédio ... *janeiro* 115
Rir é o melhor remédio ... *fevereiro* 122
Rir é o melhor remédio ... *março* 93
Roupa faz o homem... sentir-se incômodo, A ... *maio* 78

ÍNDIA livre ainda tem fome, A ... *março* 31

INDÚSTRIA
Colosso do Canadá ... *abril* 81
Como se faz um bom piano ... *maio* 29
Nova Costa do Ouro, Uma ... *janeiro* 111
Pneumáticos que rodam 100.000 quilômetros ... *janeiro* 81

INGLATERRA
Educação de um príncipe ... *fevereiro* 99

Instantâneos pessoais ... *março* 73

IRLANDA, Velórios na ... *junho* 53

ITÁLIA
A luta pelo poder na Itália ... *janeiro* 27
Ainda brilha a estrela da esperança ... *fevereiro* 1
Dois cavalheiros de Verona ... *maio* 1
O maior dos dons ... *junho* 57

JAPÃO
Brota verdura em Hiroxima ... *abril* 71
Frutos da «Escola da Liberdade» no Japão ... *março* 80
Ídolo do novo Japão ... *janeiro* 116
Mikimoto, o rei das pérolas ... *março* 19

Libéria desperta, A ... *fevereiro* 52
Meu tipo inesquecivel ... *fevereiro* 79
Meu tipo inesquecivel ... *abril* 45
Meu tipo inesquecivel ... *maio* 61

MILITAR
Como se educa o soldado ianque ... *janeiro* 108

Mistérios do alem, Os ... *março* 34

MEDICINA
Agora é facil salvar os dentes das crianças ... janeiro 57
Como prolongar a vida ... junho 1
Febre ondulante—causa e remédio ... abril 31
Hospitalização a domicílio ... abril 79
Medalha para o médico, Uma ... janeiro 76
Nova preparação para a maternidade ... junho 7
Novo dentifrício contra a cárie ... abril 11
Novos «caçadores de micróbios», Os ... fevereiro 36
Prós e contras da anestesia no parto ... fevereiro 24
Psiquiatras e charlatães ... junho 43
Tenho cancer ... janeiro 26
MULHER
Como se impõem as modas ... abril 21
Meio litro de sangue ... maio 85
Mulheres o fazem melhor, As ... fevereiro 41
Nova preparação para a maternidade ... junho 7
Prós e contras da anestesia no parto ... fevereiro 24
Que os homens notam nas mulheres, O ... maio 73
MÚSICA
Como se faz um bom piano ... maio 29
NASSAU
Eden tropical ... março 44
NATUREZA
Bicho mais matreiro das florestas boreais, O ... abril 51
Cuidado com os ratos! ... maio 19
Derradeira fuga, A ... maio 49
Flor da Paixão, A ... abril 119
Fúria sombria do Atlântico, A ... abril 65
Intimidades do reino animal ... maio 69
Melhor amigo do homem, O ... abril 87
Mundo alado ... fevereiro 27
NEGÓCIOS
Como se faz um bom piano ... maio 29
Como se impõem as modas ... abril 21
Homem de sorte ... abril 73
Loja maior do mundo, A ... março 41
Mikimoto, o rei das pérolas ... março 19
Mulheres o fazem melhor, As ... fevereiro 41
Pomar que rende milhões, Um ... janeiro 106
Vamos todos pintar! ... fevereiro 83
PERÚ
A vindima ... janeiro 150
POLÍTICA
Podem as campanhas conquistar votos? ... janeiro 103
POLÍTICA INTERNACIONAL
Assembléias populares no Reno ... abril 57
Como Stalin vê o amanhã ... junho 71
Contra a amizade, burocracia ... maio 42
Energia atômica: realizações e perspectivas ... maio 14
Força aérea para ganhar a paz ... abril 3
Mulher mais dominante da Europa ... junho 11
Não é dinheiro o que se envia à Europa ... junho 36
Não se pode abarcar o mundo com as pernas ... abril 42
O que a O.N.U. tem feito ... janeiro 73
Por que tardou a notícia da rendição da Alemanha ... janeiro 60
Terror soviético no Báltico ... março 60
PORTO RICO resolve seu dilema ... maio 9
PORTUGAL
Coimbra ... fevereiro 123
PSICOLOGIA
Como convencer os outros ... abril 97
RELIGIÃO
A comunidade dos mórmones ... maio 81
Ainda brilha a estrela da esperança ... fevereiro 1
Bem-aventurados os pacificadores ... abril 25
Maior dos dons, O ... junho 57
Senhor, fazei-me instrumento de Vossa paz ... março 23
RETALHOS DO DRAMA COTIDIANO
Como Reginald esperou a morte ... janeiro 65
Lar para Tadeu, Um ... março 85
Tesouro que Ann Lee descobriu, O ... março 70
RUMÂNIA
A mulher mais dominante ... junho 11
RÚSSIA, Surpresas na ... fevereiro 44
Brechas na Cortina de Ferro ... fevereiro 85
Como Stalin vê o amanhã ... junho 71
Terror soviético no Báltico ... março 60
SEÇÃO DE LIVROS
Caminho da sobrevivência ... maio 89
Da aviação e da vida ... janeiro 123
Educação de um príncipe ... fevereiro 99
Homens contra chamas ... janeiro 135
Não haverá mais abrigos ... abril 99
Nossa vida no Ártico ... março 95
Tão perto do coração ... junho 87
TESTE
Vamos quebrar a cabeça! ... janeiro 91
Vamos quebrar a cabeça! ... fevereiro 73
Tópicos para conversa ... abril 68
TRABALHISMO
Clube grã-fino... para operários ... janeiro 67
VENEZUELA
Estátua de Bolívar em Caracas ... março 118
VIAGENS, Aproveite melhor suas ... maio 54

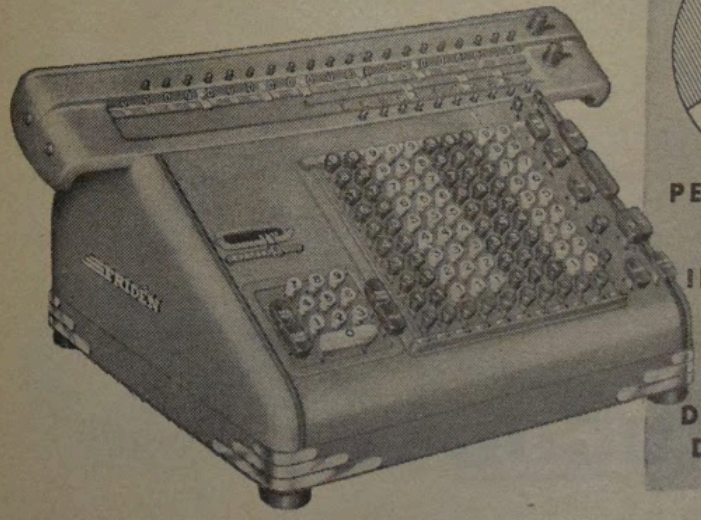
Quando Há Contas a Fazer...

V. S. pode confiar cegamente na Máquina de Calcular Automática FRIDEN para TÔDA a espécie de problemas em TÔDA a espécie de negócios

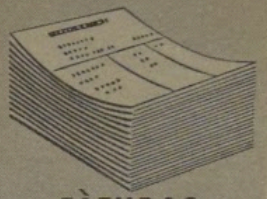
A FRIDEN resolve os seus problemas numéricos...com mais *facilidade, simplicidade e rapidez*...Telefone ao Representante local da Friden...Êle tem a máquina de calcular do preço, tamanho e capacidade que convém a V. S.

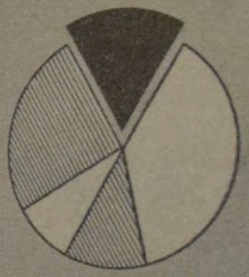
As Estações de Serviço Friden (incluindo instrução) encontram-se em tôdas as principais cidades do mundo.

FRIDEN
CALCULATING MACHINE CO • INC
HOME OFFICE AND PLANT • SAN LEANDRO, CALIFORNIA



PAGAMENTOS


FÀTURAS


PERCENTAGENS

INVENTÁRIOS
IMPOSTOS
CUSTOS
E
DISTRIBUIÇÃO
DE DESPESAS

Encantadoras damas da sociedade confirmam:

RUGÓL
é maravilhoso
tratamento
de beleza
num só creme

Deixe que passem os anos, sem macular os peregrinos encantos de sua mocidade... Aplique o Creme Rugól à noite, para clarear a pele, tornando-a limpa, fresca e transparente. Usado todos os dias, como creme embelezador, suaviza a cútis e lhe dá irresistível encanto. Rugól é muito indicado para as imperfeições da pele, porque elimina, ràpidamente, cravos, rugas, espinhas e manchas. Faça do Creme Rugól o seu permanente tratamento de beleza, com um só creme. Comece a usá-lo desde hoje.

Aplique Rugól tôdas as noites, no rosto e no colo, em suaves massagens de 3 a 5 minutos. Use-o também como base para a maquillagem.

Creme
RUGÓL

MANTÉM EM SEGRÊDO A SUA IDADE

A MARCA QUE IDENTIFICA OS MAIS FINOS CRISTAIS

PRADO BRASIL

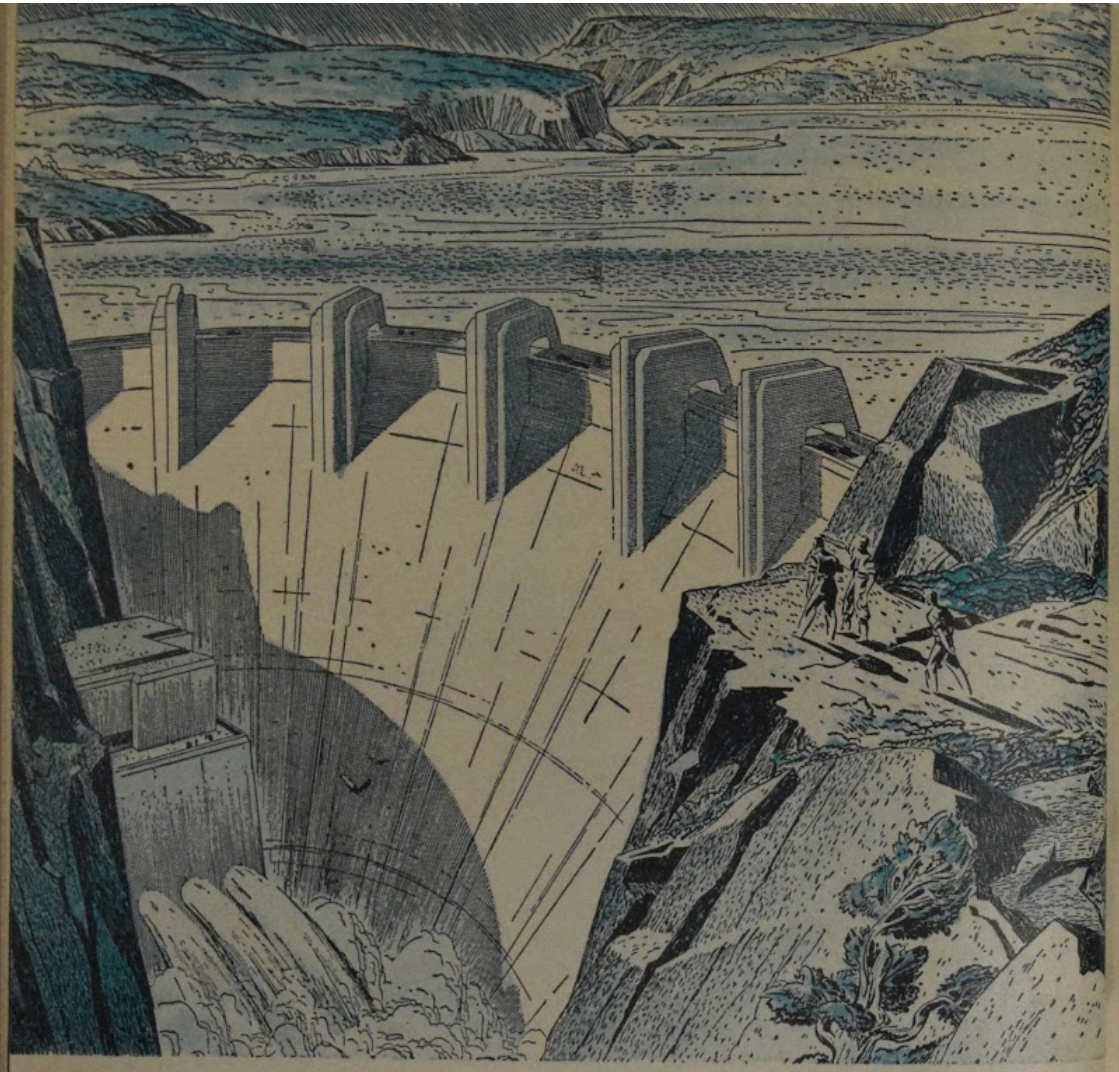
Dentre tôdas as artes universais, poucas requerem tanta perícia quanto a fabricação de cristais finos. Neste delicado mister os instrumentos quase nada representam. O segrêdo reside na habilidade do artesão que, ainda hoje, utiliza a mesma técnica com que os venezianos criaram tantas obras-primas, séculos atrás. Foi por isto que Cristais Prado, suplantando inúmeras dificuldades, reuniram os mais consumados artífices nacionais dessa aristocrática especialidade. E, com êles, conseguiram produzir cristais comparáveis aos melhores do mundo.

Grande variedade. Milhares de modelos em gravações artísticas, lapidações originais, decorações a ouro e a côres, foscações e gravações de pantógrafo, constituem a linha dos Cristais Prado.

A marca dos cristais finos

CRISTAIS PRADO LTDA.

Av. Celso Garcia, 1467 - S. Paulo



Os Homens que Fazem Oceanos...

O lençol areiento irá sumindo do Nordeste à medida que progredir a tarefa patriótica dos homens que fazem oceanos: as obras contra as secas. E as gigantescas massas dagua dos açudes poderão, postas em canais, lastrear de verde novamente aquelas terras.

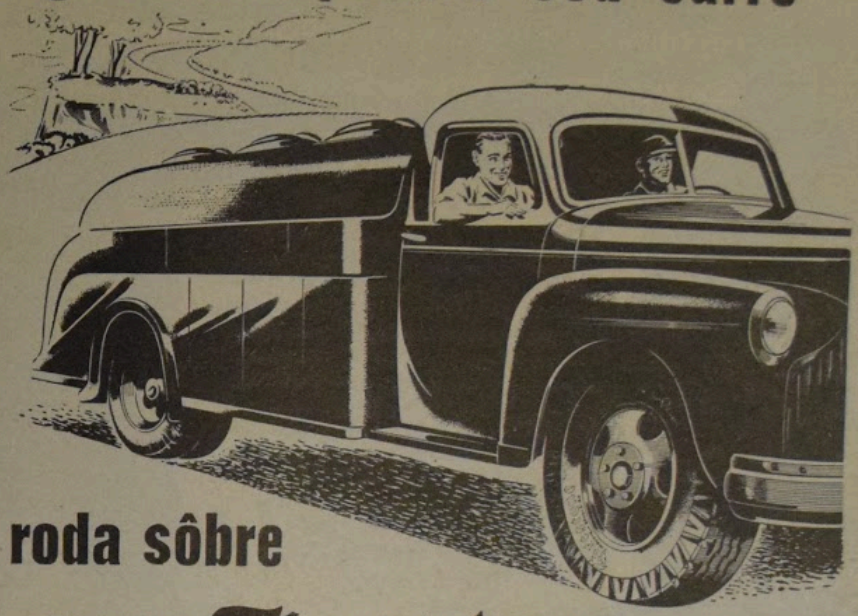
Milhares de homens e centenas de veículos ali têm empregado sua força. E a Standard Oil orgulha-se de, através de seus produtos, estar servindo, nesta, como em outras iniciativas, o bem estar e o progresso do país.

Esso auxilia o progresso do Brasil.

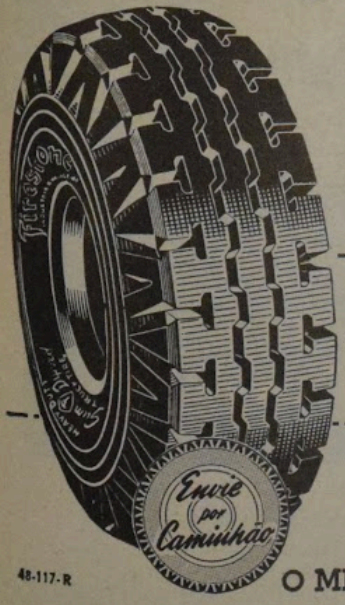
UM EMBLEMA DE QUALIDADE — **Esso** — UM SÍMBOLO DE SERVIÇO

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

A gasolina para o seu carro



roda sôbre pneus Firestone



Firestone é o pneu indicado para as marchas puxadas sôbre estradas ásperas. Seus caminhões darão mais lucros utilizando pneus Firestone "High Speed" Reforçados.

Para o bem de suas mercadorias e da economia nacional — Envie por Caminhão — estimule o Plano Rodoviário Nacional.

Firestone
INDÚSTRIA BRASILEIRA

48-117-R

O MELHOR HOJE... AINDA MELHOR AMANHÃ

PRODUTOS DA BETHLEHEM STEEL

conhecidos no mundo inteiro por serem

UNIFORMES E DIGNOS DE CONFIANÇA

Dispondo de usinas produtoras de aço nas costas do Atlântico e do Pacífico nos Estados Unidos, a Bethlehem é uma empresa de proporções continentais. Não obstante isso, a Bethlehem é totalmente *integrada*. Desde a extração do minério até o embarque do produto acabado, todas as fases da manufatura do aço da Bethlehem estão sob o mais rigoroso controle centralizado; seus técnicos especializados, seu equipamento e métodos aperfeiçoados dedicam-se a preservar a reputação mundial da Bethlehem no que concerne a confiança e uniformidade.

BETHLEHEM STEEL

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se desse modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, New York 4, N. Y., E. U. A. Endereço telegráfico: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a,
BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Avenida Churchill, 129-4.° andar
SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

A WESTINGHOUSE PODE AJUDÁ-LO

a Desenvolver a Capacidade Econômica do seu País

Para estimular o progresso mundial, a Westinghouse coloca à disposição dos Governos e da Indústria particular, *três* serviços excepcionais.

No mundo inteiro estão-se fazendo hoje planos de utilização industrial dos recursos naturais e da mão-de-obra, para aumentar a riqueza de cada país e elevar o nível de vida, pelo aumento da produção.

Tais planos variam muito de país para país, mas o requisito fundamental de todos eles é a Força Motriz . . . força que é preciso gerar e transmitir às minas, fábricas e lares . . . força para converter os recursos naturais em bens de uso e consumo . . . força para acionar os meios de transporte que hão de levar esses bens do ponto de origem aos pontos de venda, utilização, ou embarque. Essencial é tambem a criação, alem-mar, de mercados para a troca de produtos e serviços, em que se funda a prosperidade real das nações.

Todos esses aspectos do problema são complexos, altamente técnicos e intimamente relacionados entre si. De tal modo que, em muitos países, a indústria particular e o governo se têm visto na necessidade de consultar especialistas para a elaboração de planos, para a instalação e manutenção de meios de extração, produção e transporte, e para o treinamento do pessoal de exploração e gerência.

A Westinghouse Electric International Company vem de há muito orientando suas operações no sentido de conceder assistência em todas as fases da industrialização, desde a manufatura de equipamentos normais ou especializados, até à prestação de serviços técnicos especiais. Três dos departamentos da Companhia (abaixo descritos) estão organizados para prestar apoio completo.

Para obter a colaboração desses três departamentos da Westinghouse, e contribuir para a expansão econômica do seu país, basta que V.S. se aviste com o Distribuidor local da Westinghouse, ou escreva à Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York 5, E. U. A.

Estes departamentos da Westinghouse oferecem-lhe a assistência necessária

O Departamento de Projetos lhe assegura uma só fonte de assistência técnica, capaz de planejar e executar projetos elétricos e industriais de toda a ordem. Seu corpo de engenheiros e técnicos prepara traçados completos, e coordena a manufatura, o suprimento e a instalação de todo o equipamento e materiais.

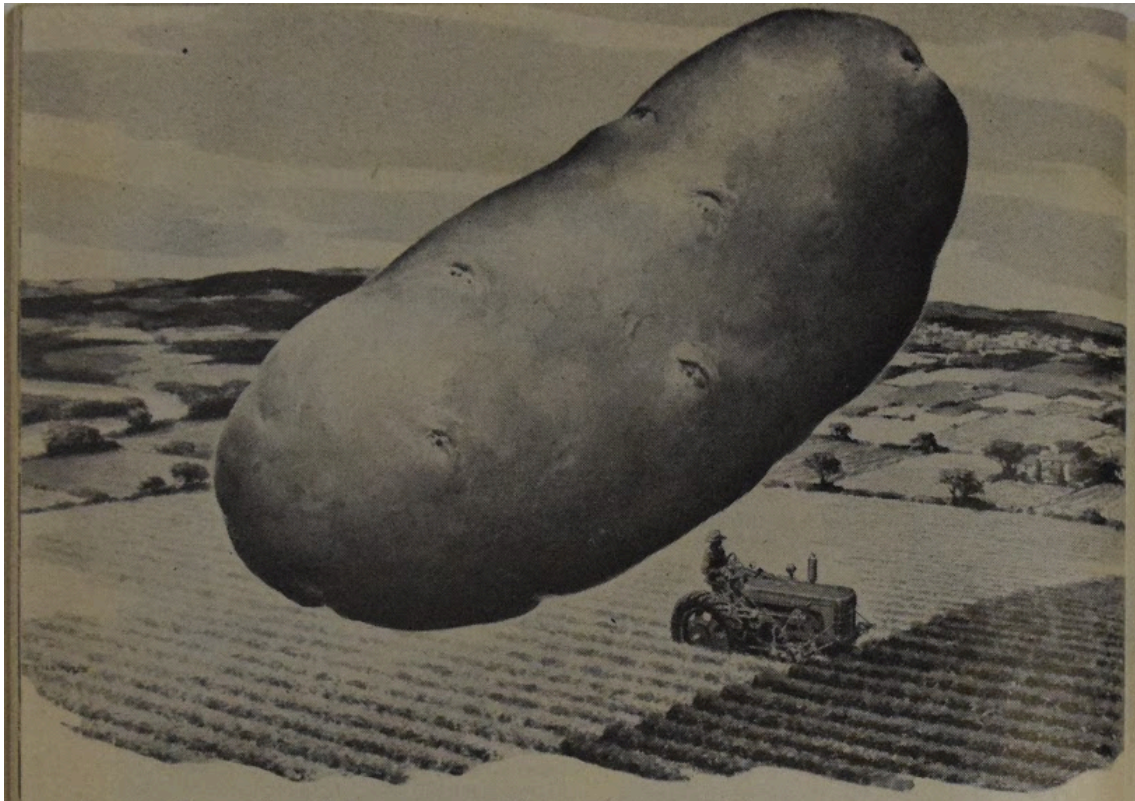
O Departamento de Companhias Associadas concede licenças às fábricas de material elétrico de qualquer país, para a manufatura de artigos protegidos pelas patentes da Westinghouse, de acordo com os estudos, os desenhos e os métodos da Westinghouse. Oferece tambem assistência na organização racional de usinas eficientes, e no treinamento do pessoal de nossos concessionários, nas próprias fábricas da Westinghouse nos Estados Unidos.

O Departamento de Importação ajuda os produtores de outros países a acelerar a venda de seus artigos nos Estados Unidos. Agindo como distribuidora de produtos selecionados, ou comprando os mesmos diretamente para revenda, a Westinghouse provê aos países interessados uma fonte vital de cambiais dólares.

Faz muitos anos que a Westinghouse—onde V.S. encontrará amigos e vizinhos—vem Servindo o Mundo pela Eletricidade. Hoje, porem, nossa tarefa mais difícil não é sòmente vender ou aplicar produtos elétricos; é consagrar nossas pesquisas, capacidade fabril e perícia técnica à reconstrução da economia mundial.

Westinghouse *Produtos Elétricos para um Mundo Melhor*

A-2502x



Assada, Cozida ou Frita — qual lhe apetece mais?

A International Harvester fornece a linha mais completa de máquinas agrícolas e implementos modernos. Aquí estão as ferramentas da lavoura mecanizada, feitas com rigor técnico, para produzirem maiores e melhores culturas em tôda parte.

A batata—produto básico e prato suculento—é um dos alimentos favoritos no mundo inteiro. Sim, a batata progrediu muito desde que foi descoberta crescendo a êsmo nos Andes sulamericanos. E sendo tão popular, o mundo exige mais, tanto quanto exige maiores quantidades de outros tipos de alimento.

A batata é uma das culturas cuja produção pode ser aumentada quando plantada e colhida por máquinas agrícolas International Harvester. E os homens que produzem tanto a batata como as demais culturas básicas, conhecem bem o símbolo IH—característico dos milhares de concessionários e distribuidores International Harvester no mundo inteiro—que mostram como a agricultura mecanizada produz mais alimento para todos, tanto nas grandes como nas pequenas fazendas.

INTERNATIONAL HARVESTER MAQUINAS, S. A.
Av. Barão de Tefé, 74—Rio de Janeiro
São Paulo — Porto Alegre

INTERNATIONAL HARVESTER

Tratores e Máquinas Agrícolas
McCormick-Deering International
Caminhões International
Fôrça Industrial International
Refrigeração International

Compramos COLLINS para o nosso pessoal porque os

COLLINS

SE MANTÊM MAIS AFIADOS

Os aperfeiçoamentos metalúrgicos tornam os gumes dos COLLINS mais rijos e afiados

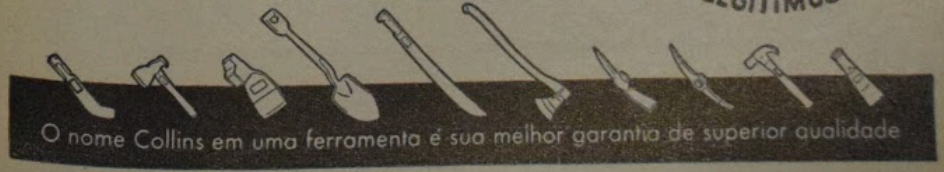
Novos melhoramentos em metalurgia proporcionam agora aos Collins um gume que se mantem afiado durante mais tempo do que antes. E isso significa que um trabalhador pode cumprir a tarefa de um dia com menos gasto de energia quando usa um Collins, que representa rigidez e superior qualidade. Pergunte a qualquer capataz de fazenda. Pergunte ao homem que empunha o facão. Todos são acordes em que não é possivel superar um autentico Collins, quanto a uniformidade, leveza, durabilidade e um gume rijo e sempre afiado. O comprador não conseguirá adquirir ferramenta melhor que essa.

COLLINS

"SEU AMIGO HÁ MAIS DE CEM ANOS"

THE COLLINS COMPANY, Collinsville, Conn., E.U.A.
Representante Direto: Jair Mastrandréa,
Rua Senador Queiroz 101. Caixa Postal
No. 2068, São Paulo, Brasil.

LEGITIMUS



O nome Collins em uma ferramenta é sua melhor garantia de superior qualidade

É NOVA!

A GRAY MAGIC ROYAL

NUNCA tem-se visto uma máquina de escrever como a nova Royal GRAY MAGIC!

De uma novíssima e suave côr cinzenta, é o protótipo de confôrto.

Veja porque a nova Royal GRAY MAGIC supera as demais.

Teclas Cômodas aos Dedos. De desenho especial, êste teclado proporciona mais espaço entre as fileiras, e suas teclas são *mais leves do que nunca ao táto.*

Olhe estas inovações!

Cilindro desmontável para maior facilidade na limpeza e mudança para cilindros especiais. O cilindro levanta-se com o polegar e o indicador.

Mudança rápida da fita sem complicações nem manchas de tinta nos dedos.

E . . . o famoso *Marginador "Magic."* Ajusta-se o cilindro, toca-se a alavanca, e a margem está fixa.

E outros pontos de vantagem, além dos bem conhecidos que a Royal sempre tem oferecido.

A NOVA

GRAY MAGIC ROYAL

Produzida pelo fabricante mais importante de máquinas de escrever no mundo.

ROYAL TYPEWRITER CO., INC., NEW YORK

Vendas e assistência técnica em todos os países do mundo.

Tradição de qualidade

— há mais de 75 anos

Pirelli é pioneira na criação e no desenvolvimento da indústria de condutores elétricos, em tôdas as suas aplicações. Usufruindo o imenso patrimônio técnico-industrial acumulado durante mais de setenta e cinco anos, Pirelli pode oferecer ao nosso mercado a maior soma de experiência na sua especialidade.

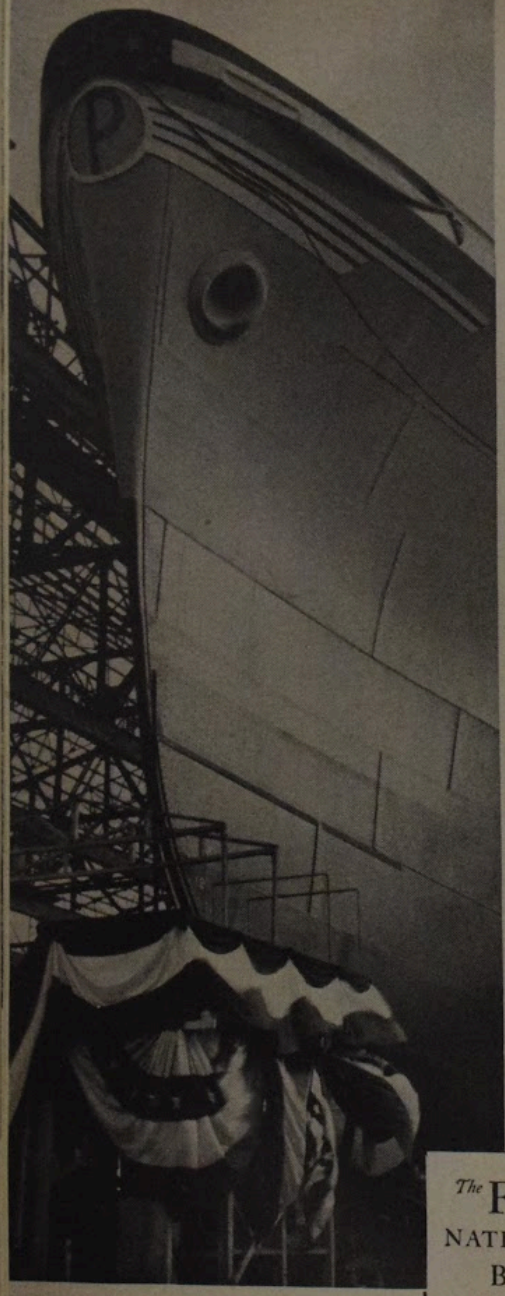
Std-PB-34

EXIJA SEMPRE ESTA MARCA

PIRELLI

PIRELLI S.A. - COMPANHIA INDUSTRIAL BRASILEIRA - S. PAULO - BRASIL

UM CONDUTOR DE QUALIDADE PARA CADA APLICAÇÃO



Os Navios da Nova Inglaterra Singram os Sete Mares

Os veleiros mais rápidos que, há cem anos, singravam os mares, eram os graciosos *clippers* construidos nos estaleiros da Nova Inglaterra. A construção naval ainda é hoje uma indústria de importância nessa região dos Estados Unidos. Nos estaleiros da Nova Inglaterra constroem-se navios de todos os tipos, desde os mais poderosos couraçados às menores canoas de pesca e botes de recreio.

The First National Bank of Boston está de há muito ligado à indústria de construção naval da Nova Inglaterra, e a *todas* as indústrias interessadas no comércio e navegação. Sendo o mais antigo e o maior banco da Nova Inglaterra, conta 165 anos de experiência no financiamento de importadores e exportadores, em todos os aspectos do comércio internacional.

Dispondo de um vasto corpo de especialistas nos Estados Unidos e no estrangeiro, de filiais em doze centros mercantís desde Boston a Buenos Aires, e de correspondentes no mundo inteiro, este Banco acha-se perfeitamente aparelhado para assistir V.S. na solução de seus problemas comerciais, por intermédio da sua Divisão Estrangeira.

Suas consultas serão sempre cordialmente acolhidas em qualquer das nossas filiais.

The FIRST NATIONAL BANK of BOSTON

★ *Fundado em 1784* ★

Membro da Corporação Federal de Seguro de Depósitos

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 2 Wall Street.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Rio de Janeiro, São Paulo e Santos, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

Formação Profissional

LASTRO DE DESENVOLVIMENTO TÉCNICO

Desde 1925, a Escola Técnica da General Motors do Brasil vem preparando milhares de técnicos para melhor servirem à indústria automobilística em todo o país. Com êsse mesmo espírito mantém também cursos para formacão especializada em refrigeração e em motores, nas suas Escolas Frigidaire e Diesel G.M. Além dêstes cursos têm nossos engenheiros a oportunidade de cursar o G.M. Institute, nos EE.UU., onde fazem dois anos de especialização, voltando sem nenhum compromisso com a General Motors. São fatos como êstes que evidenciam nossa confiança no desenvolvimento técnico do Brasil!

Chevrolet
Cadillac
Buick
Pontiac
Oldsmobile
Vauxhall
Bedford
G.M.C.
G.M. Coach
Motores Diesel G.M.
Aparelhos Frigidaire
Domésticos e Comerciais
Peças e Acessórios.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.

contribui para o progresso e o bem-estar

O mais recente romance de
PEARL BUCK
escolhido como o melhor

"Livro do Mês"

INSCREVA-SE no "Livro do Mês" e receba a seleção de Junho "Refúgio Tranquilo", de Pearl Buck, e um romance grátis: "Clara dos Anjos", de Lima Barreto, um dos maiores do grande escritor. "Livro do Mês", organização patrocinada pelos editores W. M. Jackson Inc., oferece, sem despesa extra, o melhor livro de cada mês por Cr$49,00, em linda e exclusiva encadernação. Os livros são selecionados por uma comissão de peritos, após inquérito entre as principais editoras do país. O sócio recebe também um ótimo livro-prêmio grátis para cada seis seleções compradas.

PREENCHA E REMETA ÊSTE COUPON

Queiram inscrever-me como sócio do "Livro do Mês", enviando-me, como primeira seleção, "Refúgio Tranquilo", de Pearl Buck, ao preço de Cr$49,00, e um exemplar GRATIS de "Clara dos Anjos", de Lima Barreto. Minha única despesa será o custo de cada seleção, e comprometo-me a aceitar um mínimo de quatro entre as seleções oferecidas durante um ano.

Enderêço para remessa dos livros: favor escrever em maiúsculas

Nome_____

Rua e Nº_____ Cidade_____

Estado_____ Assinatura_____

"LIVRO DO MÊS"

Rio de Janeiro: Caixa Postal 1482 • São Paulo: Caixa Postal 8-B
Porto Alegre: Caixa Postal 1701 • Recife: Caixa Postal 506
Salvador: Rua Tibúrcio Suzano, 46

A SEU SERVIÇO

para melhores produtos de petróleo

NOSSA atividade comercial se parece bastante com a de V.S. Só esforçando-se para alcançar mais eficiência e economia, é que conseguimos aumentar a produção e diminuir o custo por unidade. Ao especificar lubrificantes e combustiveis de qualidade Texaco, V.S. pode tornar esses benefícios extensivos aos serviços de sua empresa. Alem disso, V.S. assegura às suas operações uma fonte de abastecimento cômodo e de confiança, para atender a todos os seus requisitos em matéria de automobilismo, indústria e transporte.

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores

TEXACO
MARCA REG.

Usina para alquilação, da Refinaria Texaco, de Los Ângeles, Califórnia

TEXACO PRODUTOS DE PETRÓLEO

"Um mundo de diferença!"

No maravilhoso e novo "MAESTRO"

por ZENITH

Sim, seus programas preferidos—em ondas médias ou em ondas curtas internacionais—serão incomparavelmente melhores nêste ultra-possante Rádio "DialFalante."

Possui faixas ampliadas tipo exclusivo "Magnascope," que permitem sintonizar as estações de ondas curtas mais fácil e mais exata do que nunca. Caixa de mogno, de requintada beleza. Inteiramente à prova de umidade!

Modêlo 6S843

Zenith INTERNATIONAL RADIOS

Dê asas aos seus dedos

Você verá com grande surpresa como uma Halda, de fabricação sueca, lhe permite dactilografar depressa e com nitidez! Seu famoso "feather touch" (toque de pluma) baseia-se nas rápidas barras de tipo com 49 rolamentos de esferas. Seus tipos elegantes são admirados no mundo inteiro. Olhe para as suas linhas aerodinâmicas e para o suave tom verde de seu acabamento, que é uma atração para os olhos—leia o nosso prospeto!

HALDA

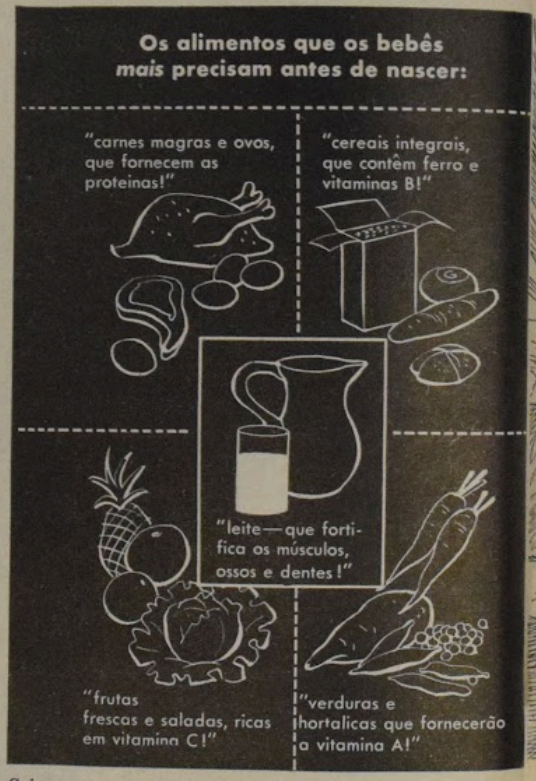
REPRESENTANTES:
Rio de Janeiro, Máquinas de Escritório "Facit" Ltda • São Paulo, Insubra S. A. • Bahia, Cia Importadora da Bahia • Belém, W. Andersen • Curitiba, João Scheffer & Co. Sucs. • Fortaleza, João Mattos • Manáus, Mattos Areosa & Ca Lda • Parnaiba, Casa Marc Jacob S. A. • Porto Alegre, Capelli & Cia • Recife, José Lôbo Comércio S. A. • São Luiz do Maranhão, Francisco Aguiar & Cia • Vitória, Dumans & Cia Ltda • • • Lisboa, Agencia Comercial Sueca Lda.

Se está esperando bebê . . . Leia estas boas novas!

Você e seu filho estarão mais seguros e saudáveis, com uma simples troca para uma dieta especial.

A descoberta mais fundamental e de maior alcance, dos últimos anos: exames sistemáticamente repetidos provaram que a *dieta adequada* realiza três autênticos milagres:

1. Diminui as perturbações comuns, tais como: cansaço, nervosismo, enjôo matinal, pressão alta, aumento de pêso, inchaço nos tornozelos e pés ou máu funcionamento dos rins.
2. Diminuição consideravel da mortalidade de mães e bebês.
3. Menos bebês nascidos com defeitos, como raquitismo e malformações ósseas.



Seis pequenas refeições por dia são melhores do que 3 refeições lautas . . . não sobrecarregam o estomago!

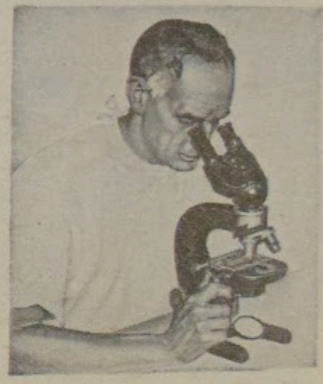
Por que essa dieta especial? Porque os médicos descobriram que as mulheres ingerem muito amido e doces, mas não o bastante de vitaminas e proteinas essenciais. Tal dieta, longe de consistir em pratos raros e complicados, é preparada à base dos alimentos simples indicados acima. Cuidando-se dessa forma, você verá que sua energia e bem estar durante a gravidez, se manterão sempre em alto nível. *Vale a pena* seguir *rigorosamente* os conselhos do seu médico. E lembre-se: deixe suas preocupações aos cuidados do médico.

"Quaisquer que sejam as suas preocupações, deixe-as aos cuidados do seu médico!"

Não se preocupe! Pergunte ao seu médico o que esperar, exatamente, durante os próximos meses. Então, você pode descansar sem receio. O médico conhece inúmeros meios para mantê-la em saúde perfeita durante a gravidez. E êle tornar-lhe-á o parto mais fácil graças a novas técnicas. Portanto, em vez de pedir conselhos a parentes e amigos, peça-os ao seu médico. Não tenha receio de fazer perguntas! Se sofrer alguma dor, perda de sangue, perturbações nos olhos ou dentes, *conte-lhe logo!* Isto é que importa.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de SQUIBB têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.

© 1949, E. R. Squibb & Sons



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS
DESDE 1858

Ambos usam a Fotografia

FOTO POR GENTILEZA DA TEXAS COMPANY

V.S. para tirar instantâneos como êste . . . imagens preciosas que alimentam suas recordações . . . e lhe permitem reviver os momentos felizes.

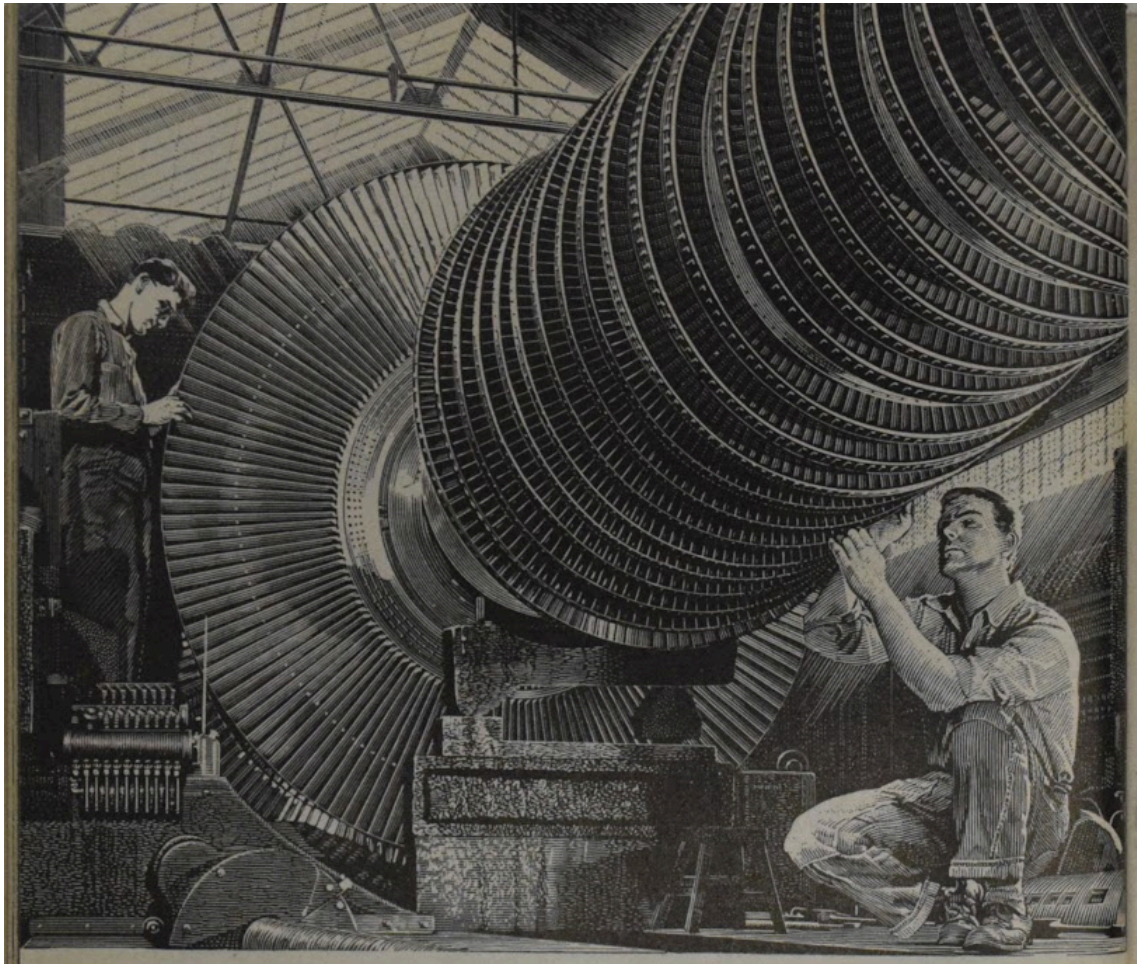
Aí estão somente duas das muitas formas em que a fotografia—mediante a sua aplicação à ciência, à indústria, ao comércio, aos serviços públicos e à vida diária—beneficia a todos os membros da sociedade.

O pesquisador de petróleo, para o registro sismográfico . . . das ondas de choque transmitidas à terra provocadas pelas explosões. Êstes gráficos são de importância capital na localização de poços de petróleo, o "ouro negro" essencial aos transportes, ao suprimento de força-motriz, luz e aquecimento aos lares, as fazendas e as indústrias.

Kodak

"Kodak" é marca registrada

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.



Produzindo mais luz para os lares

mais conforto para as crianças

Agora, mais que nunca, Paris será a Cidade Luz—mais crianças terão seus berços aquecidos, graças a êste nonovo turbo-gerador que fornecerá energia elétrica para 300.000 parisienses!

Sendo o maior turbo-gerador até hoje exportado dos E.U.A., 17 vagões foram empregados em seu transporte—14 engenheiros dirigiram sua instalação—num exemplo tipico das gigantescas tarefas executadas com pericia e economia pela G.E.

Os serviços e produtos da G.E. —maior fabricante de material elétrico do mundo—estão ao seu dispor em toda parte. A-9-4

GENERAL ELECTRIC
E. U. A.

Símbolo de Excelência EM TODO O MUNDO...EM TODOS OS LARES

Walter Prager, campeão mundial de descida em ladeiras, e vencedor de muitas provas internacionais de esquís. Treinador da equipe olímpica de esquís dos E.U.A. em 1948.

Veloz em esquís— e ao barbear-se!

● Prager atinge grande velocidade em esquís—e com o aparelho de barbear tambem. Barbeia-se com o Creme Williams, que contém *Lanolina*. A lanolina, suavizante da pele, permite-lhe barbear-se bem e depressa—dá ao seu rosto grande frescor e ótimo aspecto. O seu médico lhe dirá que *a Lanolina é boa para o seu rosto!*

Para barbear-se com rapidez e conforto nunca vistos— experimente o Williams amanhã mesmo. Há-de usá-lo para sempre!

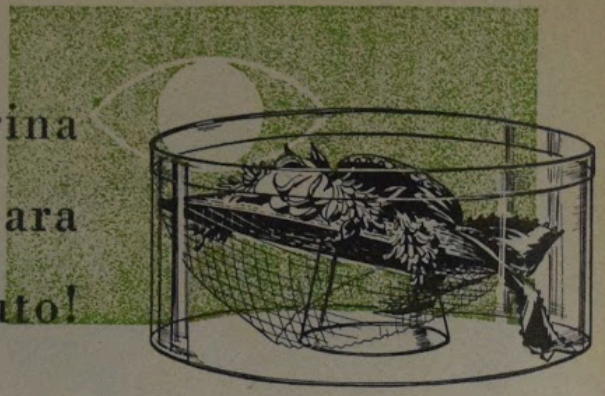
Walter Prager, treinador do time olímpico de esquís dos E.U.A. em 1948, e famoso esquiador, afirma:

"Para a vida ao ar livre, quem tem a pele sensível deve usar o Creme Williams. Contém Lanolina, que suaviza a pele e permite escanhoar-se bem e depressa!"

WILLIAMS CONTÉM A SUAVIZANTE LANOLINA

HÁ DOIS CREMES À SUA ESCOLHA: O WILLIAMS SIMPLES E O WILLIAMS MENTOLADO

Boa Vitrina para Seu Produto!



A VISÃO, só por si, determina 87 por cento de todas as impressões mentais. Essa a razão básica por que o êxito de venda de milhares de produtos se multiplica por meio dos Envólucros Vuepak da Monsanto. Envoltos em Vuepak claro como o cristal, os produtos se venderão mais facilmente, porque sua cor, contextura acabamento e desenho podem ser *vistos* pelo freguês. Os revendedores compreendem logo as vantagens da visibilidade do artigo, e dão lugares de destaque, na exibição, aos produtos à que o Vuepak dá especial atrativo. Os compradores reconhecem o valor extraordinário do próprio envólucro . . . uma cintilante caixa de brinde . . . e um recipiente que poderá servir em casa para outros fins.

V.S. pode obter informações completas sobre o aumento das vendas que o Vuepak permite; basta dirigir-se ao escritório ou representante mais próximo da Monsanto. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri, E. U. A.* • MONSANTO CHEMICALS, LTD., *Londres* • Monsanto (Canada) Ltd., *Montreal* • Monsanto (Australia) Pty., Ltda., *Melbourne* • Representantes nas principais cidades do mundo.

O Vuepak Monsanto é somente um, entre centenas de Produtos Químicos e Plásticos da Monsanto que servem a indústria. Este serviço à indústria interessa a todos os gerentes de todos os ramos de negócios. Ele leva ao melhoramento dos produtos, à diminuição dos gastos, ao aumento das vendas. Se V.S. tem alguma dificuldade, consulte a Monsanto. Talvez a Monsanto já tenha a resposta pronta.

Vuepak: Marca Registada nos E. U. A.

MONSANTO
PRODUTOS QUÍMICOS E PLÁSTICOS

AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA... QUE SERVE A HUMANIDADE

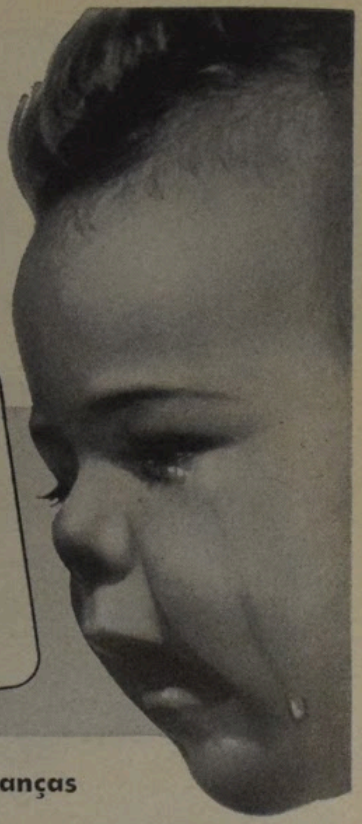
Peça impressos gratis sobre o Vuepak da Monsanto. Dirija-se à Monsanto Chemical Company, Foreign Department RD, St. Louis 4, Missouri, E.U.A.

Caminhões 'Jeep'
TRABALHAM GASTANDO MENOS

Os Caminhões 'Jeep' são fabricados para reduzir as despesas de transporte e funcionar satisfatoriamente sob as mais deficeis condições de terreno. Gastam menos gasolina e óleo; seus pneus duram mais tempo, e seu desenho estrutural facilita a conservação e os reparos. Os modelos com tração nas 4 rodas estão capacitados para 1 tonelada de carga util e são "feitos sob medida" para tarefas fora da estrada. Nos modelos comuns, com tração nas 2 rodas traseiras, sua capacidade é de ¾ a 1 tonelada de carga util, e sua economia é incomparavel nos transportes rodoviários. Esses dois modelos são apresentados numa grande variedade de estilos de carroceria padrão, todos eles com cabina fechada à prova de mau tempo, e opção de tomada de força-motriz nos modelos com tração nas 4 rodas.

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORP., TOLEDO 1, OHIO, E. U. A.

ATACA AS Gripes NAS RAIZES!



Por 2 vias diretas ao mesmo tempo:

1. PENETRA nas vias respiratórias até onde só os vapores inalados podem chegar diretamente.

2. DESCARREGA a congestão e a opressão de peito, como uma cataplasma quente e reconfortante.

É seguro, rápido, eficaz—e as crianças gostam dele a valer!

Que forma tão agradavel de tratar um resfriado ou gripe duma criança! Não tem nada que engolir. Nada que faça doer. Basta friccionar o peito, o pescoço e as costas, ao deitar, com o suavizante Vick VapoRub—e é ver como a sua dupla ação traz alívio depressa! Por duas vias *diretas* ao mesmo tempo:

SEM DEMORA, este agradavel unguento começa a desprender fortes vapores medicinais, que a criança inala a cada inspiração . . . respira diretamente . . . para desentupir o nariz, suavizar a garganta dorida, alivar a tosse e a irritação. E esses vapores duram horas!

AO MESMO TEMPO, o VapoRub atua tambem através da pele, como a quentura duma cataplasma. Bem-estar delicioso! Estimula a circulação, minora a opressão, descarrega a congestão.

CONTINUA DURANTE O SONO! Esta ação dupla e direta prossegue enquanto a criança dorme tranquilamente, cortando da noite para o dia muitas gripes e resfriados.

VICK VAPORUB

As gigantescas sequoias, existentes no Sequoia National Park, são uma das atrações da California.

Pitorescos recantos lacustres e montanheses oferecem grande variedade de atividades sportivas.

Numerosos campos de Golf se encontrarão em todas as partes dos Estados Unidos.

Nas grandes cidades dos E. U. A., V. S. pode gozar das mil atrações da vida cosmopolita. Todavia encontrará tambem distrações ou atividades culturais para satisfazer seu gosto. Os panoramas interessantes e o povo amigo são mais uma certeza de que V. S. gozará esplêndidas férias de verão.

Verão nos E.U.A.

oferece aspectos agradáveis. Clippers rápidos, confortáveis e regulares conduzirão V, S. a qualquer dos 8 principais portos de entrada dos E. U. A. Daí, por meio de cômodas conexões, V.S. poderá chegar a qualquer cidade que pretenda visitar. As agências de turismo ou o mais próximo escritório da PAA terão prazer em preparar todos os detalhes da viagem.

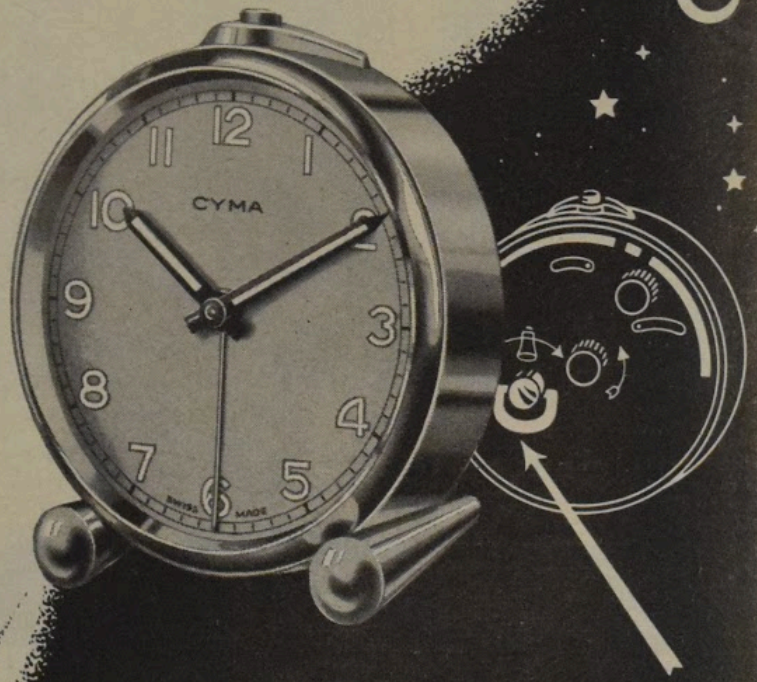
Veja-o Você mesmo
Vôe por Clipper
aos Estados Unidos

PAA

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rêde dos Clippers Voadores

O novo despertador

CYMA



Uma única chave
dá corda simultaneamente
ao movimento e ao alarme

O despertador suisso de precisão

CHYPRE
CHYPRE
CHYPRE

NOVA COLÔNIA

CHYPRE DE COTY

Só o Kelvinator . . .

TEM ESPAÇO PARA GÊNEROS REFRIGERADO DE ALTO A BAIXO!

É o primeiro refrigerador cujo armário oferece, de alto a baixo, espaço refrigerado para os alimentos!

Na parte superior—a enorme Câmara Congeladora, onde cabem 23 quilos de gêneros congelados e de cubos de gelo. Prateleiras amplas. O Vitalizador "Névoa Fria", em que os alimentos deterioraveis se conservam frescos por muitos dias. E na base do armário—o novo Vitalizador de Frutas . . . com amplo espaço adicional, refrigerado, onde as frutas e as bebidas se conservam frias e deliciosas.

Se o vir "de alto a baixo"—V. S. escolherá com certeza o novo e extraordinário Kelvinator!

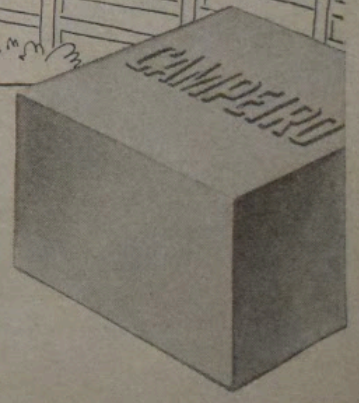
Para informações mais completas, visite o concessionário ou escreva diretamente à Kelvinator.

Kelvinator

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation
Detroit, Michigan, E. U. A.
Divisão de Exportação

LIMPA DE FATO!

É um verdadeiro prazer lavar roupa com Sabão Campeiro. É ativo, porque age por ação própria. Econômico, porque rende mais, com menos trabalho. E não estraga as mãos. Use-o para se convencer.



SABÃO CAMPEIRO

Lava melhor - Não estraga a roupa - Dura mais

Swift Cia. Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

A FABRICA SARAGOSSY
NO RIO DE JANEIRO

REPRESENTANTES NO BRASIL:
RIO DE JANEIRO: José de Brito - Av. Gomes Freire, 28
SÃO PAULO: Hans Alex Loewenthal - Rua São Bento, 480 s. 301/2
MINAS GERAIS: Isonel Cosenza-Rua Rio de Janeiro, 195-s. 109-C. Postal 717-Belo Horizonte
PARANÁ: S. Rigler - Rua Cabral, 773 Curitiba
RIO GRANDE DO SUL: Hess & Wolff Caixa Postal, 875 - Porto Alegre
BAHIA: Armando Brandão Pça. Conde dos Arcos, 4 - s. 4 - Salvador
PARÁ: Bento Mendes Leite Rua João Alfredo, 91 - Belém
PERNAMBUCO: A. S. Castro - Rua Aurora, 65 - Recife
Distribuidor exclusivo em Petropolis - Est. do Rio
Alfaiataria De Carolis - Av. 15 de Novembro, 548

BRASOLAN

(*Continuação da segunda capa*)

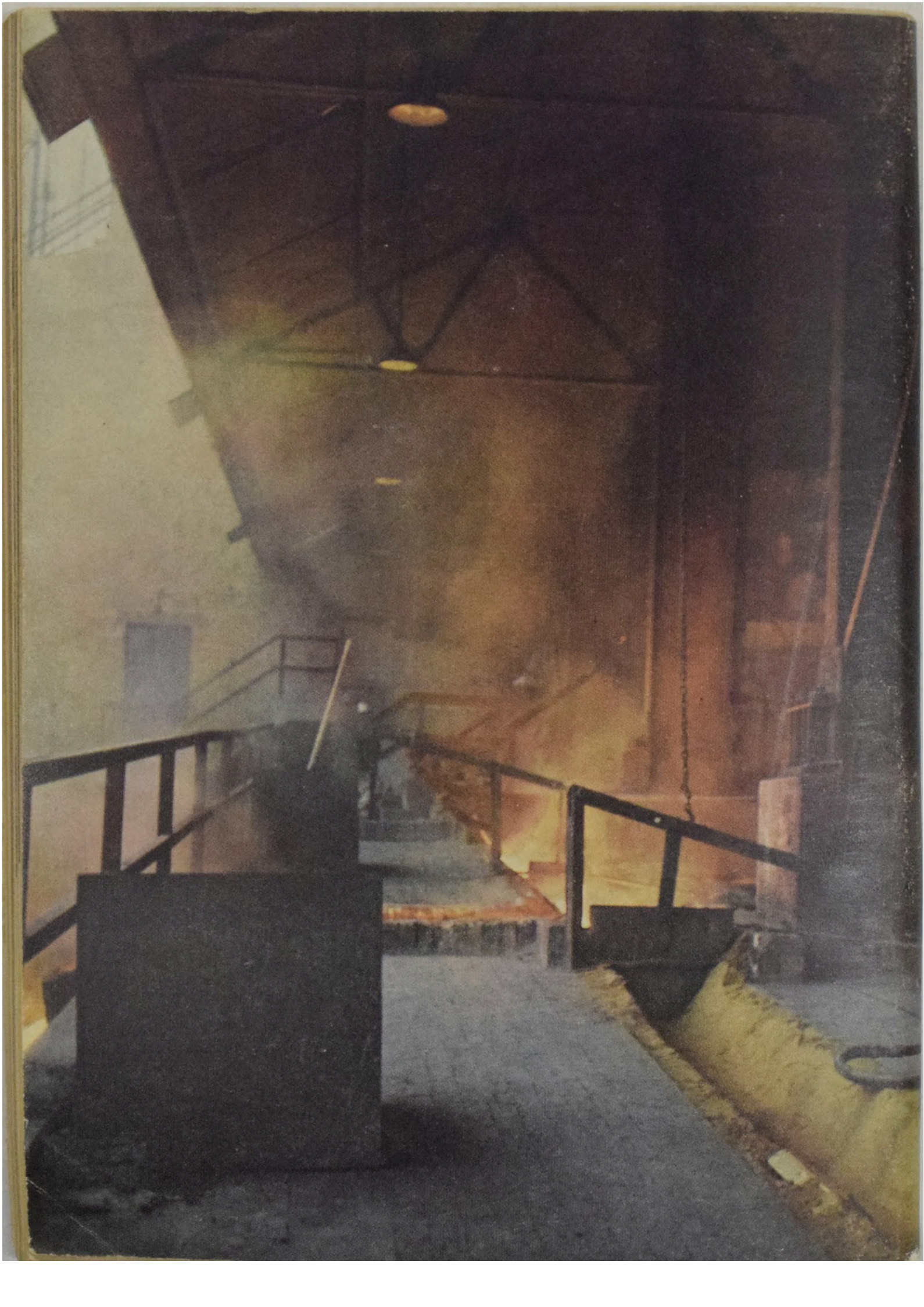
mes tuneis dos Alpes suiços, italianos e austríacos. Recentemente fiz uma viagem de três quartos de hora em um desses escuros trens e, então, compreendí pela primeira vez por que os finlandeses chamam Porkula de «o maior tunel da Europa.»

Antes que meus olhos se pudessem acostumar à escuridão daquele carro sem ar, surgiu um pequeno ponto luminoso. Um passageiro, não muito longe de mim, acendera uma lanterna de bolso. Com interesse, pude observar que utilizava o tênue raio de luz para ler um exemplar da edição finlandesa do «Reader's Digest». Esse quadro me pareceu um admiravel símbolo de como a luz e a informação conseguem penetrar as trevas.

Meu trabalho para a A.C.M., desde 1945, tem-me levado a umas quinze capitais européias e a cerca de vinte paises, da Finlândia à Itália e de Dublim a Budapeste. Em todos os lugares encontrei pessoas lendo o «Reader's Digest» e a maior parte, graças ao sempre crescente número de edições internacionais, lia-o em sua própria língua.

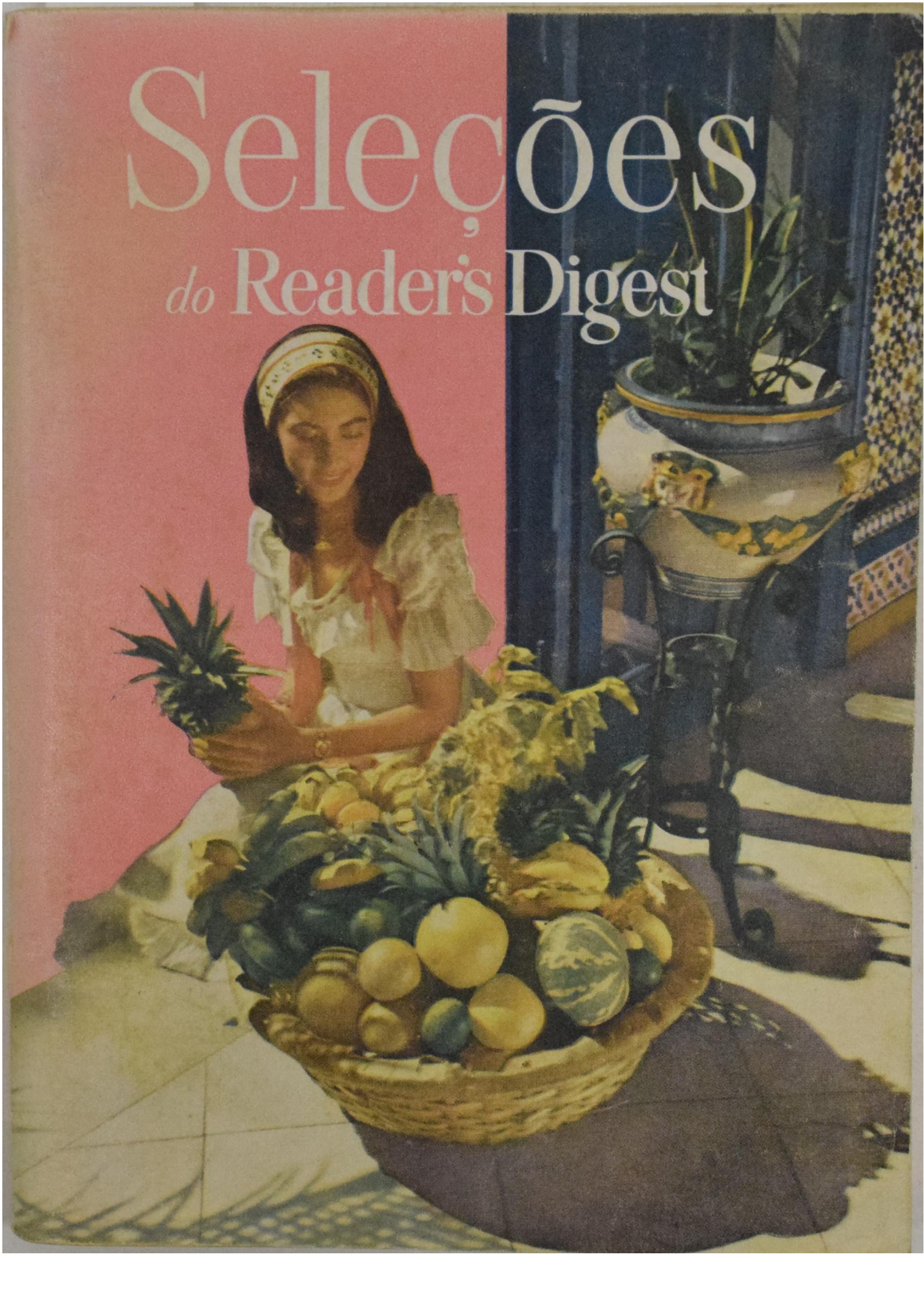
Fico particularmente grato pela edição alemã, recentemente lançada. Aos alemães, por certo, o tunel que estão atravessando agora parece escuro, e enormemente distante a luz do sol. Um exemplar do «Reader's Digest» é muito alentador não só porque traz um tênue raio de luz, como porque lhes lembra que, um dia, eles voltarão a receber a luz do sol.

Uma das maiores necessidades do mundo de hoje é ter melhor compreensão dos valores espirituais, culturais, científicos e políticos de uma vida de completa liberdade, valores esses que em nossos tempos têm sido séria e continuamente ameaçados. Em muitas partes do mundo há gente faminta de comida, de roupa, de abrigo, de todas as coisas materiais que contribuem para uma vida confortavel. Tais pessoas não se acham, porem, menos famintas de estímulos para a inteligência e o espírito. Tenho uma fórmula excelente para ajudá-las a saciar esta fome: o «Reader's Digest».



Seleções

do Reader's Digest



CAIXA-CB
1977

SELEÇÕES
do Reader's Digest

Tomo XVI, No. 91 Agosto de 1949

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, 4.º piso, Vedado, Havana, Cuba.

Diretor.....Eduardo Cárdenas
Redator-Chefe.....José Famadas
Gerente: Roberto C. Sánchez

THE READER'S DIGEST, fundado em 1922 por DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, seus atuais diretores e editores, é publicado em Pleasantville, Estados Unidos, e tambem na Inglaterra (Terence Harman, *gerente*, Londres); no Canadá (Fred D. Thompson, *gerente*, Montreal); e na Austrália (John Grant Cooper, *gerente*, Sydney).

Edições em outros idiomas: EDIÇÃO EM ALEMÃO (Stuttgart) Alexander W. Post, *redator;* EDIÇÃO EM DINAMARQUÊS (Copenague) Onni Kyster, *redator;* EDIÇÃO EM ESPANHOL para os paises hispano-americanos e Espanha, Eduardo Cárdenas, *diretor;* EDIÇÃO EM FINLANDÊS (Helsinki) Seere Salminen, *redator.* EDIÇÕES EM FRANCÊS: (París) Pierre Denoyer, *redator,* Paul Thompson, *gerente;* (Montreal) Pierre Ranger, *redator;* EDIÇÃO EM ITALIANO (Milão) Mario Ghisalberti, *redator;* EDIÇÃO EM JAPONÊS (Tóquio) Bunshiro Suzuki, *redator,* Dennis McEvoy, *gerente;* EDIÇÃO EM NORUEGUÊS (Oslo) Henrik Aubert, *redator;* EDIÇÃO EM SUECO (Estocolmo) Brita B. Hebbe, *redatora.*

EDIÇÕES INTERNACIONAIS DE THE READER'S DIGEST: Barclay Acheson, *gerente geral;* Marvin McC. Lowes, *subgerente geral;* Hobart Lewis, *chefe de redação.*

Copyright 1949 de Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei, em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, total ou parcial, da matéria contida neste número.

Já não vivem sós

Pelo dr. John G. Woods

Base de Broken Hill, Nova Gales do Sul, do Serviço Volante de Assistência Médica da Austrália

«BOM DIA, doutor.» O radiotelegrafista me desperta muito cedo pelo telefone que tenho junto da cama. «8XY está chamando para um caso médico de urgência. Espere um momento que vou fazer a ligação.» Ouve-se um breve estalido metálico e em seguida, do interior da Austrália, a 321 quilômetros de distância, a esposa do administrador de uma fazenda começa a explicar-me o caso nervosamente.

Pelo aparelho de rádio receptor e transmissor, receito uns calmantes para o marido, os quais ela pode obter na caixinha de socorro urgente do posto avançado mais próximo. Alem disso, indico o que deve preparar para nossa aterrissagem. Enquanto tomamos o café da manhã, o piloto do avião determina a rota que devemos seguir para chegar aonde se encontra o doente. Em qualquer das sete bases do serviço médico que percorre o interior da Austrália, a cena seria semelhante.

Duas horas mais tarde estávamos

(*Continua na terceira capa*)

SELEÇÕES Reader's Digest
Marca Registrada
Rez. U.S. Pat. Off.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, Volume XVI, No. 91, August 1949. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, Vedado, Havana, Cuba. Subscription price: US $2.00 per year in Latin America; US $3.75 per year in the United States. Entered as second-class matter at the Post Office, Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at the Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

Impressa nos E. U. A.

Conversa entre mulheres...

UM PRODUTO
Johnson & Johnson

GRÁTIS!

Queira me enviar, gratuitamente, um exemplar do livreto "Ser quase mulher... e ser feliz", e 2 amostras de Modess, para o que estou remetendo Cr$ 2,00 para porte registrado.

ANITA GALVÃO Consultora Feminina
da Johnson & Johnson
Cx. Postal, 5030-S. Paulo 1-HHHH-25

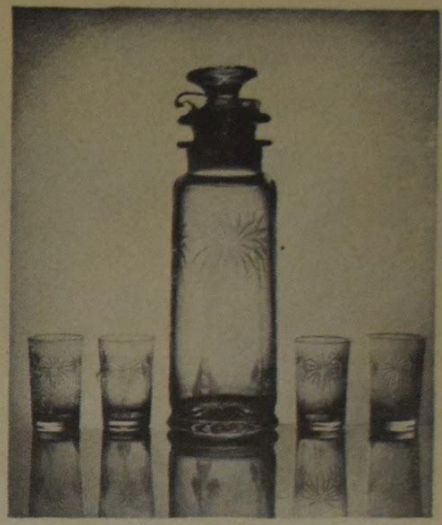
Nome:.....Idade:.....
Rua:.....N.º.....
Cidade:.....Estado:.....

Escreva com letra bem legível
(Sentimos não poder atender pedidos vindos de fora do Brasil)

Preferido no Rio de Janeiro como em toda parte

INTER-AMERICAN Orange-Crush COMPANY, CHICAGO, ILLINOIS

ALGO DE QUE SE PODE ORGULHAR



Nós nos orgulhamos—e você deve se orgulhar, também—dêstes cristais feitos por mãos brasileiras. Porque o fabrico de tais peças, desde tempos imemoriais, requer extraordinária habilidade de mão de obra e aprimorada técnica industrial. E êstes cristais brasileiros podem ser comparados com os mais finos, de qualquer parte do mundo.

PEÇAS AVULSAS—Os Cristais Prado apresentam, entre outras, a vantagem de—por serem fabricados no Brasil—poderem ser adquiridos em peças avulsas para completar ou ampliar jogos.

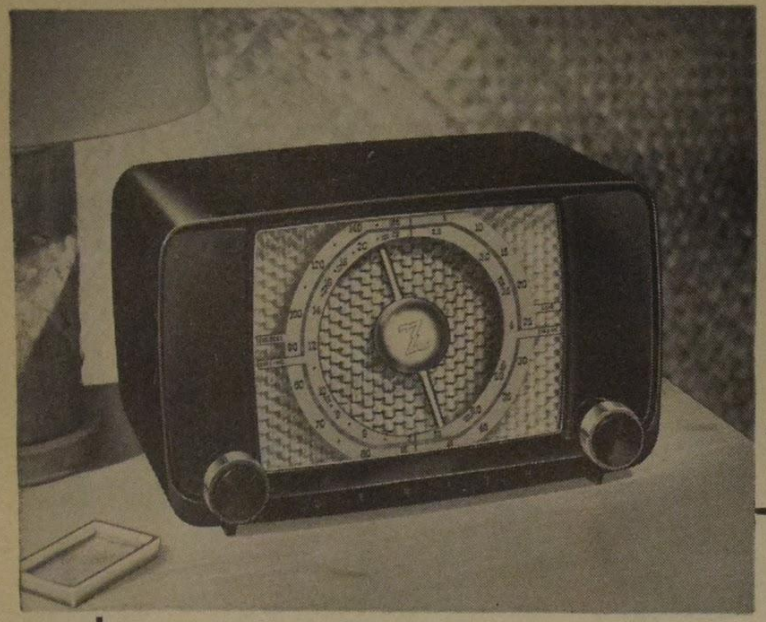
GRANDE VARIEDADE—Modelos em gravações artísticas, lapidações originais, decorações a ouro e a côres, foscações e gravações de pantógrafo, constituem a linha dos Cristais Prado.

UM ORGULHO DA INDÚSTRIA NACIONAL

A marca dos PRADO BRASIL *cristais finos*

CRISTAIS PRADO LTDA.

Avenida Celso Garcia, 1467 - São Paulo



THE ROYALTY OF RADIO

O Novo Zenith "Melody"— Uma Beleza Incomparavel!

V.S. vai ficar assombrado quando ouvir o volume poderoso e a rica tonalidade dêste finíssimo Rádio "DialFalante." Pega as estações de ondas médias e todas as de ondas curtas internacionais, para soberbo recreio de seus ouvintes. Inteiramente à prova de climas tropicais. Caixa luzidia com acabamento em ébano.

Em todas as agências

ZENITH
INTERNATIONAL RADIOS

"Posso me escanhoar... com Williams!"

—diz Oberdan Cattani, arqueiro campeão

"Uso o Creme de Barbear Williams, porque amolece os fios da barba, permitindo-me barbear facilmente. E, graças à lanolina que contém, posso me escanhoar diariamente, pois deixa sobre o rosto uma agradavel sensação de suavidade e frescor."

O Williams permite escanhoar bem. Isso dá ao rosto melhor aparência e melhor sensação. Só o Williams contém Lanolina, que conserva o rosto macio e evita que a pele se irrite. Compre o que há de melhor—sem pagar mais! Peça o Creme de Barbear Williams!

contém a suavizante Lanolina

Dois cremes à sua escolha: o Williams Simples e o Williams Mentolado

VOCÊ SABE QUE...

a dinamite põe os trens em marcha?

Evidentemente, não é a dinamite... mas são as explosões de dinamite que permitem extrair o carvão das minas—força matriz das locomotivas.

Nos campos petrolíferos, a dinamite facilita o descobrimento das jazidas de onde se obtem a gasolina que aciona os onibus e automóveis ... e a dinamite remove pedreiras e seca pântanos para dar caminho às estradas.

Engenheiros e empreiteiros preferem a dinamite Du Pont.

uma "vestimenta química" preserva a frescura dos cigarros?

Esteja o tempo sêco ou úmido, os cigarros conservam a frescura natural graças ao invólucro transparente e impermeável Du Pont. Esta "vestimenta química" preserva, também, a frescura de muitos produtos alimentícios, biscoitos e confeitos. O invólucro transparente Du Pont permite ver as mercadorias e as protege.

Os invólucros impermeáveis transparentes e a dinamite são apenas duas das mais de 28.000 "coisas melhores para viver melhor ... graças à química" fabricadas pela Companhia Du Pont.

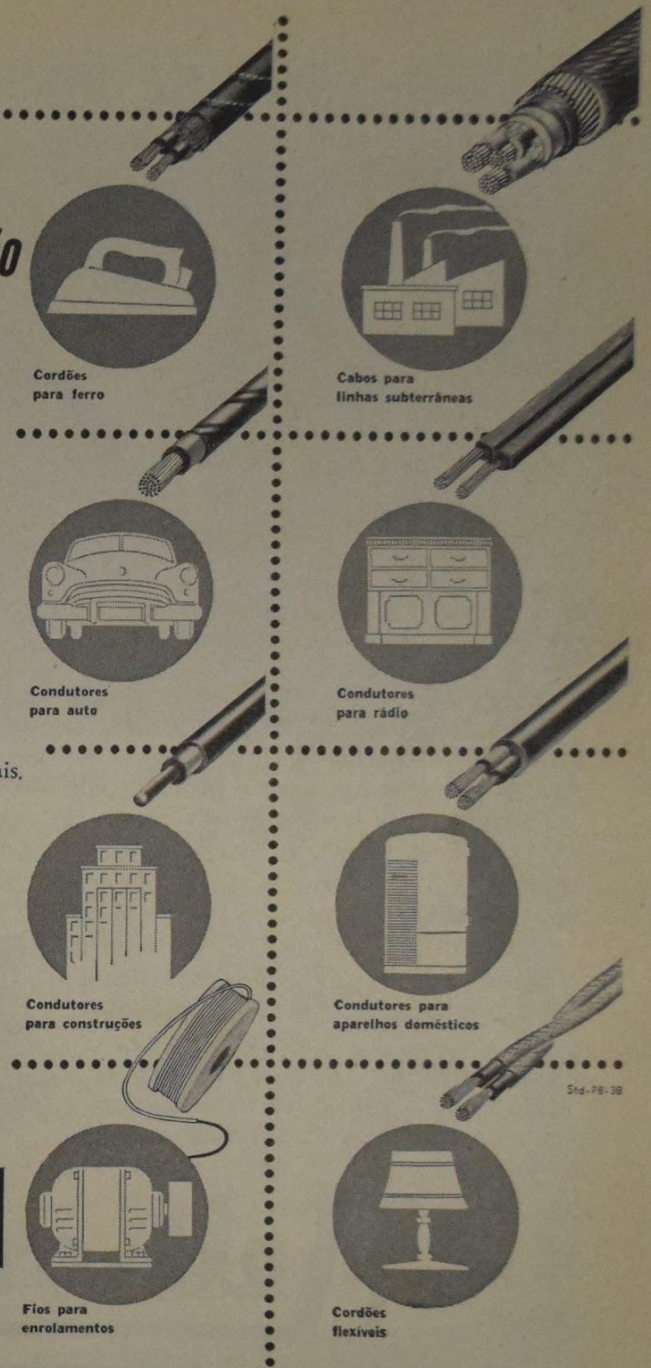
DU PONT

Coisas Melhores para Viver Melhor ... *Graças à Química*

E. I. DU PONT DE NEMOURS & CO. (INC.), WILMINGTON 98, DELAWARE, E. U. A.

Um condutor de qualidade *para cada aplicação*

Como pioneira da indústria de condutores elétricos em todo o mundo, há mais de 75 anos, a experiência da Pirelli tornou possível a produção dos melhores e de todos os tipos de condutores elétricos. São tècnicamente perfeitos. Os processos de laminação, estiragem e acabamento obedecem às mais rigorosas exigências dos padrões internacionais. Nem um só metro de fio sai da fábrica sem prévio contrôle. Pela sua tradicional durabilidade, os condutores elétricos Pirelli garantem ainda real economia.



EXIJA SEMPRE ESTA MARCA

PIRELLI

Std-PR-38

PIRELLI S.A. - COMPANHIA INDUSTRIAL BRASILEIRA - SÃO PAULO - BRASIL

Todos cantam sua terra

Pelos pampas imensos e pelas coxilhas ondulantes, o Gaúcho é impetuoso e livre como o sopro do minuano. Com o lenço e o sombreiro, a guasca indispensável e a bomba do chimarrão tradicional, é o galhardo trabalhador que se responsabiliza por toda a fabulosa pecuária do R. G.do Sul. O Gaúcho é, também, um amigo de MELHORAL. Nas jornadas campeiras, nunca dispensa a canha que o aquece, o fumo crioulo que o distrai e MELHORAL, que o livra da dor de cabeça, da gripe ou do resfriado.

No Brasil inteiro **Melhoral** **é o primeiro**

CONTRA DORES, GRIPES E RESFRIADOS

UNDERWOOD

EM TODAS AS PARTES DO GLOBO

A NOVA MÁQUINA UNDERWOOD DE LUXE, TOQUE RÍTMICO

MÁQUINA DE ESCREVER UNDERWOOD PORTATIL

MÁQUINA DE SOMAR UNDERWOOD SUNDSTRAND

Somente 10 teclas numéricas . . . o teclado mais veloz do mundo

MÁQUINAS DE CONTABILIDADE UNDERWOOD ELLIOTT FISHER

A única máquina de calcular com superfície plana para escrever. Inteiramente elétrica.

MÁQUINA DE CONTABILIDADE UNDERWOOD SUNDSTRAND

Funcionamento de toque . . . Somente 10 teclas numéricas

Vendas e Serviço no Mundo Inteiro • Consulte Concessionário Local da Underwood, ou escreva-nos

UNDERWOOD CORPORATION

International Division

ONE PARK AVE., NOVA YORK 16, N. Y., E. U. A.

Máquinas de Escrever • Máquinas de Somar • Máquinas de Contabilidade
Papel Carbono • Fitas para Máquinas

Sorrindo confiante para o futuro...
- porque seus dentes são protegidos por

CREME DENTAL

GESSY

A ESPUMA GOSTOSA QUE CLAREIA OS DENTES

FROTA BANDEIRANTE

UM NOME UM SIMBOLO

"Frota Bandeirante" é o nome genérico das aeronaves da Panair do Brasil - a maior companhia sulamericana de aviação transatlântica. E um nome que tem as dimensões de um símbolo. E, na Panair, é realmente um símbolo de regularidade, rapidez, eficiência e conforto.

Luxuosos "Bandeirantes", verdadeiros palácios voadores, unem em poucas horas Buenos Aires e Rio de Janeiro a Paris, Roma, Londres e outras metrópoles da Europa. Viaje pelos "Bandeirantes". Passageiro de um Constellation "Bandeirante", rodeado de conforto e atenções, V. S. desfrutará do prazer de uma magnífica viagem - ganhará tempo e fará também uma sensível economia.

Solicite informações às Agências de Viagens ou à

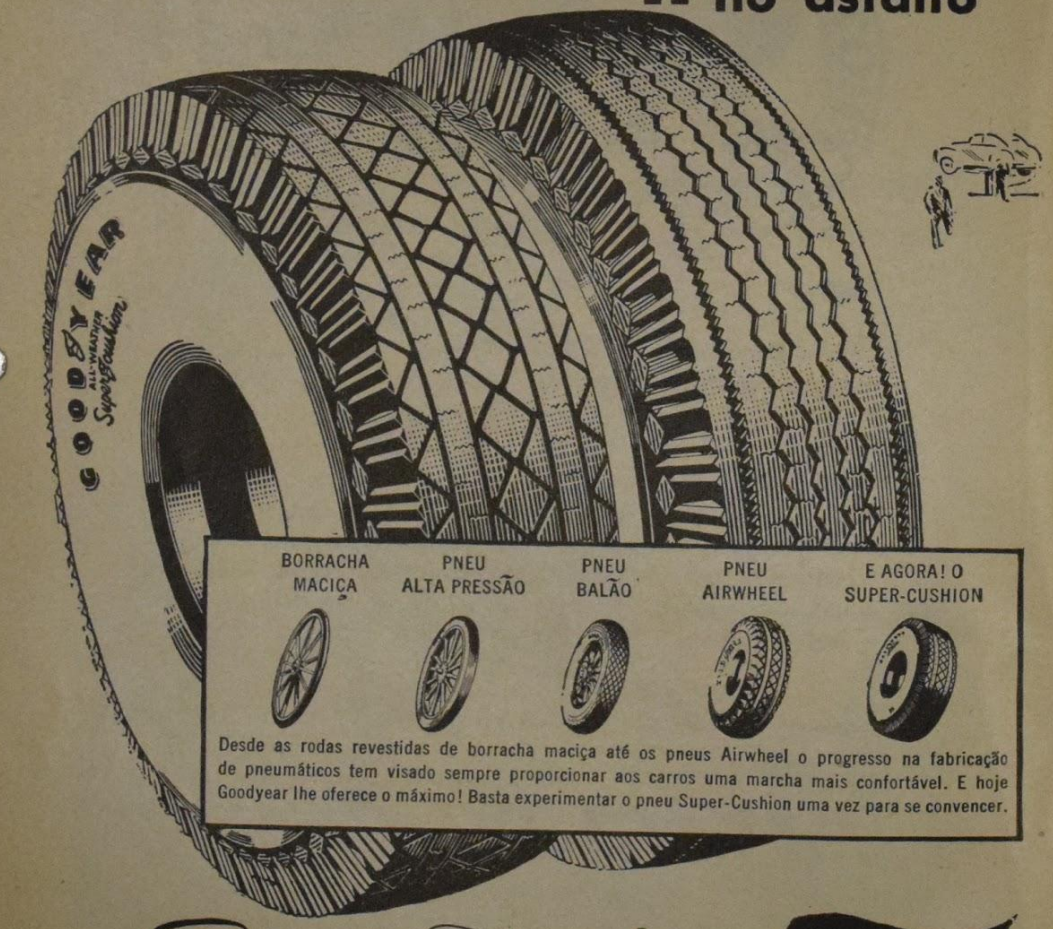
PANAIR DO BRASIL

GUIAR ASSIM É

-- em estradas não pavimentadas

-- no paralelepípedo

-- no asfalto

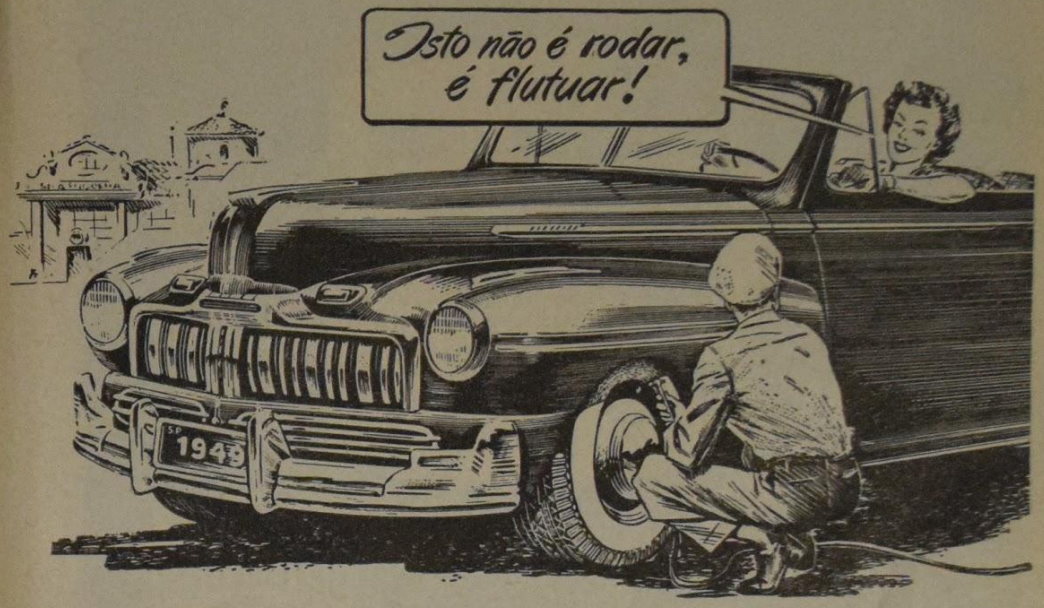


BORRACHA MACIÇA	PNEU ALTA PRESSÃO	PNEU BALÃO	PNEU AIRWHEEL	E AGORA! O SUPER-CUSHION

Desde as rodas revestidas de borracha maciça até os pneus Airwheel o progresso na fabricação de pneumáticos tem visado sempre proporcionar aos carros uma marcha mais confortável. E hoje Goodyear lhe oferece o máximo! Basta experimentar o pneu Super-Cushion uma vez para se convencer.

Super Cushion criação e fabricação da

OUTRA COISA!...



o carro sofre menos...

e você descansa mais!

SIM! Com Super-Cushion seu carro como que *flutua* sôbre as irregularidades do solo. Porque Super-Cushion é maior e mais largo—contém maior volume de ar com menor pressão. E *absorve* os choques, tanto laterais como verticais—o carro não trepida! Isto significa mais confôrto para você, maior proteção para seu carro.

GOODYEAR

AÇO FABRICADO PELA BETHLEHEM para TODO GÊNERO DE CONSTRUÇÕES

Seja qual for o tipo de construção que V.S. tenha em mente — fábricas, pontes, tanques para depósito, edifícios de escritórios, hotéis e bairros residenciais — lembre-se de que a Bethlehem está capacitada a satisfazer suas especificações em matéria de fabricação de aço. Isso, alem dos anos de experiência em resolver problemas da indústria de construção, é a garantia que V.S. tem de completa satisfação em todos os detalhes.

BETHLEHEM STEEL

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se desse modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, New York 4, N. Y., E. U. A. Endereço telegráfico: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a,
BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Avenida Churchill, 129-4.° andar
SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

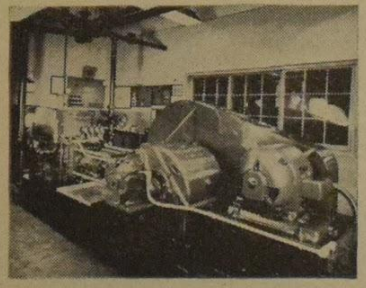
A Worthington

auxilia a sua fábrica a produzir com lucro

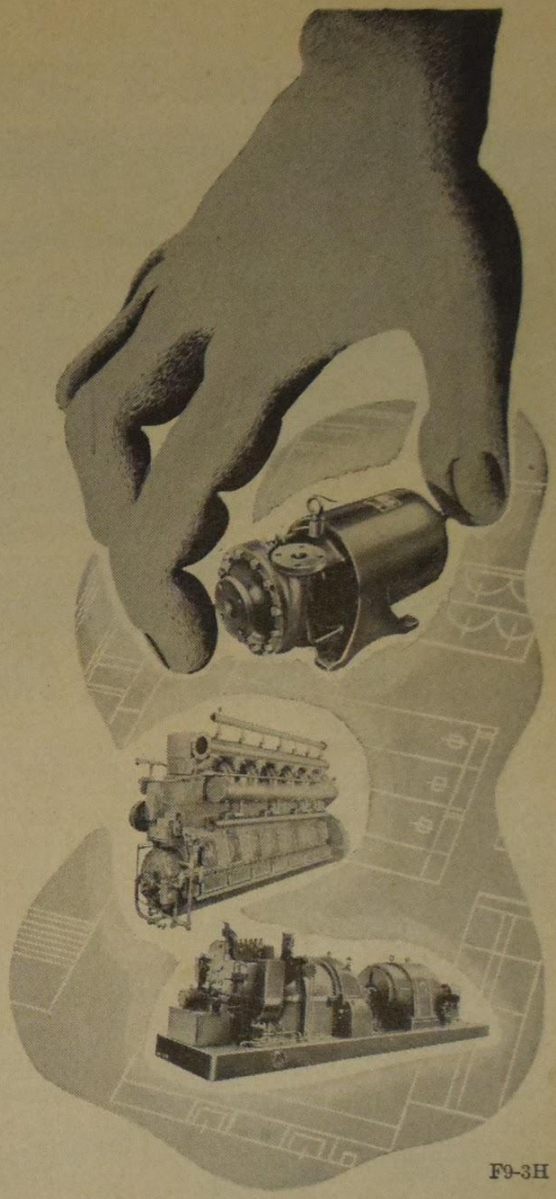
Dentre a grande variedade da maquinária fabricada pela Worthington, V. S. pode escolher para seu uso o equipamento que é conhecido em todo o mundo pelo seu rendimento, sua segurança e sua economia.

A conhecida marca Worthington estampada sôbre bombas, compressores de ar, turbinas a vapor, motores o máquinas de refrigeração significa longos anos (109) de experiência na industria de maquinária.

Quanto tiver problemas relativos a ar, líquidos ou referentes a energia, deixe que o representante local da Worthington o auxilie ou escreva à *Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Department, Harrison, N.J., U.S.A.*



Bomba Worthington acionada a motor instalada na Davol Rubber Co. A companhia informa que o funcionamento desta unidade aumentou grandemente o rendimento, eliminando praticamente as rejeições.



F9-3H

WORTHINGTON

EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

Bombas • Compressores • Motores • Turbo-Geradores
Maquinária de Construção • Refrigeração

Pergunta: COMO SE SUPERA O MELHOR?

Resposta: COM A NOVA GRAY MAGIC ROYAL!

LOGO AO VÊ-LA, V.S. dirá: "Que preciosidade!"

De uma suave côr cinzenta, a Gray Magic Royal é o protótipo da comodidade. É a mais moderna e a melhor máquina de escrever para o escritório e o lar!

Mas veja como a nova Gray Magic Royal supera o melhor. Note estas inovações—

Teclas Cômodas aos Dedos. De desenho especial, oferecem mais espaço entre as filas, *e são mais sensíveis do que nunca ao tato!*

Cilindro Desmontável. Para maior facilidade na limpeza e na mudança, o cilindro é levantável pelo polegar e o indicador.

Mudança da Fita rápida, sem complicações nem manchas de tinta nos dedos.

Marginador "Magic". Ajustase o cilindro, toca-se a manivela e come-ça-se a escrever, sem contratempos nem demora.

E outras bem conhecidas vantagens que a Royal sempre tem oferecido.

A NOVA GRAY MAGIC ROYAL

Produzida pelos fabricantes mais importantes de máquinas de escrever

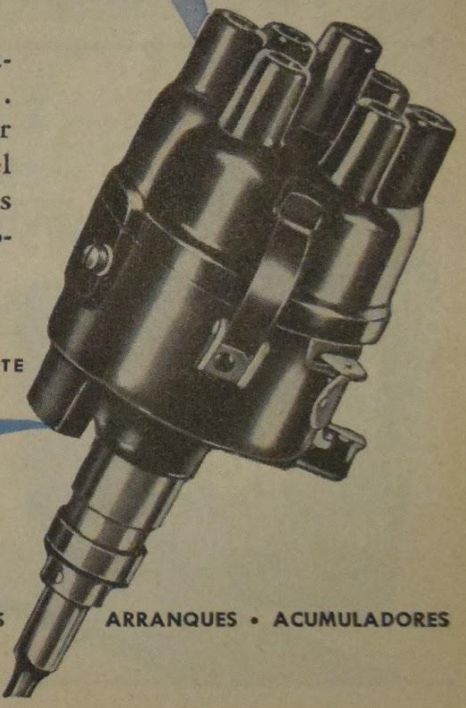
ROYAL TYPEWRITER CO., INC., NEW YORK

Vendas e serviços em todos os países do mundo

Passe-se para os Sistemas Eléctricos

Auto-Lite

Para conservar o funcionamento em estado de novo... passe-se para Auto-Lite. Por nenhum dinheiro é possível adquirir-se melhores Sistemas Eléctricos para o seu automóvel.



CIA ACUMULADORES PREST-O-LITE
Caixa Postal 2303, São Paulo

VELAS • FIOS E CABOS ARRANQUES • ACUMULADORES

"Eu prefiro as escôvas **Tek** por seu formato anatômico!"

"**Tek** é melhor para mim porque limpa melhor"

"E p'ra mim há um modêlo especial: **Tek** Junior! limpa, -é pequena e não machuca"

Mas todos concordam:

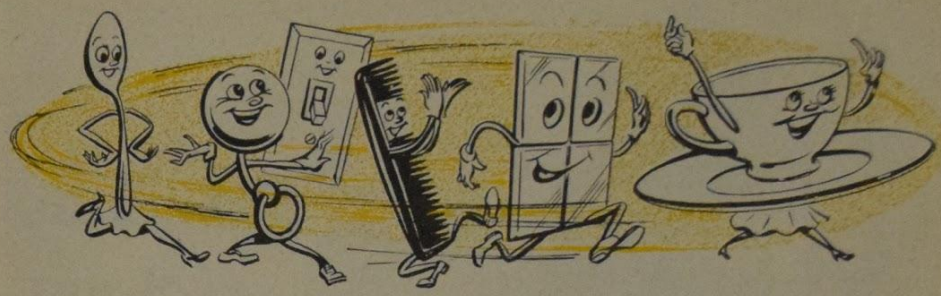
AS ESCÔVAS

Tek

DURAM! DURAM! DURAM!

PRODUTO DA

Johnson & Johnson



Para Lucrar, entre na Marcha dos Plásticos

QUER O SEU ramo de produção sejam grampos, quer casas . . . ou mil outros artigos . . . é provavel que V. S. possa empregar os Plásticos Monsanto . . . e *lucrar* com isto.

A família dos Plásticos Monsanto, que hoje serve praticamente todas as indústrias, inclui compostos de moldagem por termo-precipitação, compostos de moldagem termoplásticos, chapas, resinas industriais, película flexivel e película rígida contínua.

Muitas indústrias estão melhorando a qualidade e tornando mais atraente o aspecto de seus produtos, pela aplicação crescente de matérias plásticas. Desejando obter quaisquer informações sobre a escolha de materiais, processos, traçados, mercados e publicidade, escreva a qualquer dos escritórios da Monsanto aquí indicados, ou dirija-se ao representante da Monsanto em sua cidade. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri, E. U. A.* • MONSANTO CHEMICALS, LTD., *Londres* • Monsanto (Canada) Ltd., *Montreal* • Monsanto (Australia) Pty., Ltd., *Melbourne* • Representantes nas principais cidades do mundo.

AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA... MONSANTO PRODUTOS QUÍMICOS E PLÁSTICOS QUE SERVE A HUMANIDADE

Os plásticos são apenas um grupo entre centenas de produtos químicos e plásticos da Monsanto que servem a indústria. Esse serviço industrial é precioso para todos os dirigentes de todos os ramos de negócios. Ele conduz ao melhoramento dos produtos, à redução dos custos, ao aumento das vendas. Se V. S. tem alguma dificuldade, é provavel que a Monsanto possa dar-lhe a respectiva solução.

★ ★ ★

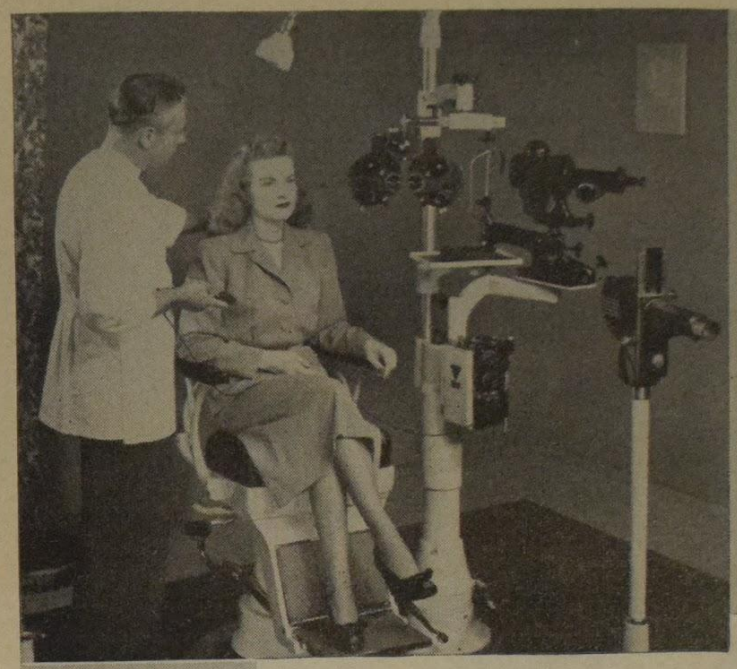
Peça o folheto "What Monsanto Plastics Can Do For You". Contem completos informes sobre os materiais plásticos. Dirija-se a Monsanto Chemical Co., Foreign Department RD, St. Louis 4, Mo., E. U. A.

Um auxílio é sempre bom

Como sabe que a mãozinha insegura do seu garoto requer o auxílio de um apoio para trabalhar com firmeza, saiba que também o seu delicado aparelho digestivo requer o auxílio do LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS para funcionar com perfeição. Ajude o seu filhinho a ter saúde, normalizando-lhe o estômago e os intestinos com a inefável ação antiácida e laxativa do LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

Tão suave para as crianças! Tão eficaz para os adultos.



PARA OS SEUS OLHOS SÓ O MELHOR SATISFARÁ

Sòmente ao mais experimentado lapidador é confiado o trabalho de lapidar diamantes. Sendo os seus olhos a mais rara e preciosa gema que Você possue, só a um competente especialista, possuidor dos melhores instrumentos oftalmológicos devem ser confiados. Êsses instrumentos fabricados por Bausch & Lomb são o resultado de quasi 100 anos de experiência na manufatura de microscópios, binóculos e outros instrumentos de precisão óptica e artigos oftálmicos.

Para obter o melhor Você desjará os produtos Bausch & Lomb com o que contribuirá individualmente para o bem estar visual do povo de sua Nação.

Visite seu oculista uma vez por ano.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL COMPANY • ROCHESTER 2, N.Y., U. S. A.

RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
BUENOS AIRES

Adquira a bela Champion... Use a Champion

Basta dizer

É favor mostrar-me a Pulseira de Relógio

JB *Champion*

Porque contentar-se com menos do que o melhor, quando a JB CHAMPION não custa mais! Há estilos para homens e mulheres ... folheados a ouro amarelo, vermelho ou branco. Alguns de aço inoxidavel.

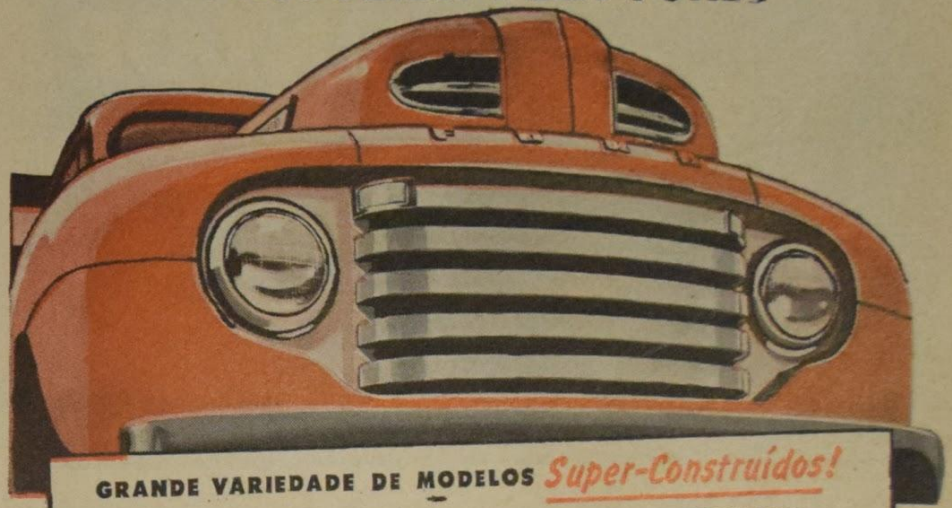
Para assegurar satisfação completa aos que a usam, em qualquer clima, todas as pulseiras de relógio JB têm uma base *não-corrosiva*.

Peça pelo Nome as Pulseiras de Relógio JB Champion ... nas principais lojas do ramo

Fabricadas nos E.U.A. por Jacoby-Bender, Inc.

Agente para venda no Brasil
Hermes Fernandes, Av. Rio Branco 20, 19º, Rio de Janeiro

AGORA! A MAIOR SÉRIE DE CAMINHÕES PRODUZIDA PELA FORD!



GRANDE VARIEDADE DE MODELOS *Super-Construídos!*

F-1
P.M.T. 2100 kg, 114". Carross.: Furgão, "Pickup," plataf. c/gradil, ambulância, ônibus rural.

F-2
P.M.T. 2600 kg, 122". Carross.: plataf. c/gradil, "Express," Furgão, ambulância e ônibus rural.

F-3
P.M.T. 3100 kg, 122". Carross.: plataf. c/gradil, "Express," ambulância e ônibus rural.

F-4
P.M.T. 4550 kg, distância entre eixos 134". (Com rodagem dupla) Carrosserias: plataforma com gradil.

F-5
P.M.T. 6900 kg, distância entre eixos 134", 158". Carrosserias: plataforma com gradil.

F-5
Cabine sôbre motor, P.M.T. 6900 kg, 110", 134", 158". Carrosserias: plataforma com gradil.

F-6
P.M.T. 7050 kg, 134", 158". Carross.: plataforma com gradil. Eixo traseiro de 2 velocidades.

F-6
Cab. s/motor, P.M.T. 7250 kg, 110", 134", 158". Carross.: plataf. c/gradil. Eixo tras. 2 vel.

F-7
P.M.T. 8630 kg, distância entre eixos 135", 159", 195". Pneus até 9.00-20. Motor V-8, 145 hp.

F-8
P.M.T. 9750kg, 135", 159", 195". Eixo traseiro de 2 velocidades. Pneus até 10.00-20. Motor de 145hp.

3 novos motores ... I Seis e 2 V-8 ... confortável cabine ... novo assento ... novo sistema de ventilação.

2 novos SUPER-CAMINHÕES para cargas brutas até 9.750 kg!

CAMINHÕES FORD
Super-Construídos!

FORD MOTOR COMPANY

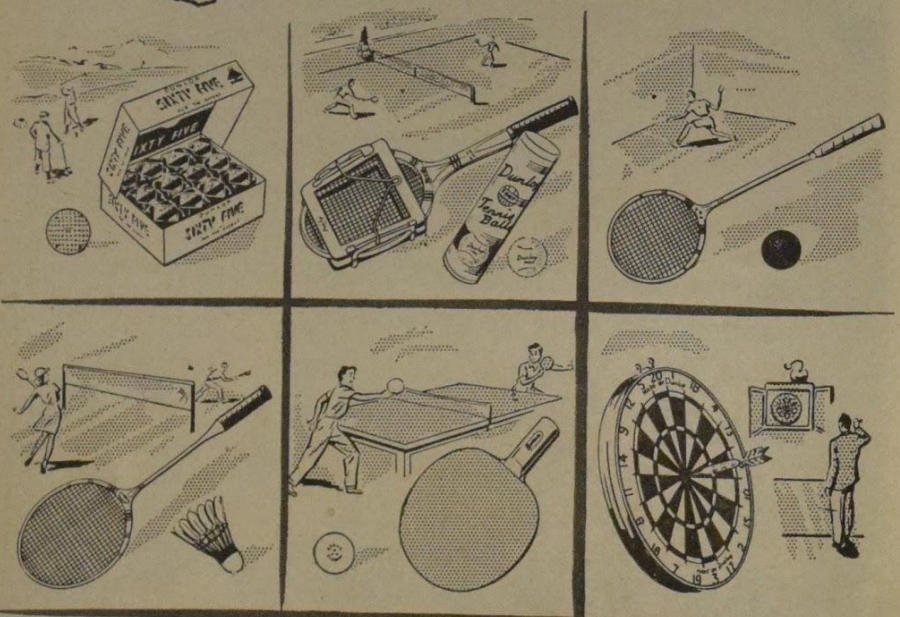
À BASE DE 6.106.000 CAMINHÕES LICENCIADOS NOS EE.UU., TÉCNICOS DE SEGURO PROVAM QUE .... OS CAMINHÕES FORD DURAM MAIS!

Somente algumas "linhas" —

SOBRE O FAMOSO SORTIMENTO DE

Artigos Esportivos

DUNLOP



Hoje, após 60 anos de liderança no fabrico de artigos esportivos, domésticos e industriais, a apurada qualidade e alta confiança da Dunlop são coisa que todos reconhecem.

A gerência, os operários e os técnicos das fábricas Dunlop no mundo inteiro fazem esforços constantes para tornar cada um dos produtos Dunlop o que de melhor pode produzir a mão e a experiência do homem. É esta insistência na qualidade que tem conquistado e continuará conquistando tão vasta aprovação mundial para o nome Dunlop.

OS PRODUTOS DUNLOP SÃO FABRICADOS NOS SEGUINTES PAISES: ARGENTINA, AUSTRÁLIA, ÁFRICA DO SUL, BRASIL, CANADÁ, E.U.A., FRANÇA, ÍNDIA, INGLATERRA, IRLANDA, NOVA ZELÂNDIA, PERÛ E SUÉCIA. *Filiais e Distribuidores no mundo inteiro.*

"Uma Carta Anônima... e Quanta Verdade!..."

Não dei a menor atenção à primeira carta. Dizia que minha beleza era mentirosa por causa do maquillage excessivo. Eu até ri... Era noiva e não temia o futuro.

Mas, de repente Jorge desfez o noivado. E nova carta me disse a verdade. "Sua beleza é falsa porque você disfarça e não corrige as imperfeições. Use Leite de Colonia."

Agora sei: beleza natural atrai ro mance. (É fácil conseguí-la con Leite de Colonia) Numa festa, en contrei Jorge. Procurou-me. Decla rou-se e reatamos o noivado.

EMBELEZADOR BÁSICO

O depoimento de milhares de jovens e senhoras, em vários inqueritos, revelou que a mulher brasileira, famosa pela sua beleza, considera o Leite de Colonia o seu embelezador básico.

Não artificialize sua beleza!... CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colonia!

Sim! A mentira é sempre condenável, mesmo em beleza! Evite a perigosa men tira do maquillage excessivo usado para disfarçar as imperfeições da pele e da uma impressão de falsa beleza. Corrija manchas, sardas, espinhas e outras erupções com Leite de Colonia. Use-o pela manhã, em massagens sôbre o rosto colo e pescoço... e, à noite, numa última limpeza da pele. E seu rosto ganhará aquela verdadeira beleza que os homens adoram.

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

COMO escreve mais depressa e suavemente, a famosa Máquina de Escrever Smith-Corona Portatil é preferida a todas as outras, em milhões de lares e escritórios de todos os continentes.

As mulheres, especialmente, admiram a leveza de pluma da Smith-Corona, ajustavel a todas as preferências individuais... seu manejo facil, de confiança... sua elegante aparência. Os homens aclaman a robustez de seu fabrico... sua velocidade...suas muitas características funcionais, que preenchem todos os requisitos da dactilografia.

Todos concordam: a Smith-Corona Portatil é *facil* de usar—com o seu "teclado de máquina de escritório" universal... *facil* de transportar—leve, compacta e cômoda... e *facil* de conservar por muitos anos!

Peça ao vendedor local da Smith-Corona que lhe faça uma demonstração das inúmeras vantagens desta Máquina Portatil.

E para o escritório, não há máquina grande que se compare com a Smith-Corona: ela tem tudo!

Smith-Corona

L C Smith & Corona Typewriters Inc · Syracuse 1, New York, U. S. A.

Máquinas *Portateis*

ATKINSONS

Perfumes que traduzem distinção

ENGLISH LAVENDER
Refrescante como as brisas matinais

MIRAGE
O perfume "tout Paris"

ENGLISH LOTION
SÊLO VERMELHO
Acento Britânico de Elegância

RUSSE
Colônia de exótica fragrância

GOLD MEDAL
A Colônia Tradicional

LINTAS AS-9

Todos usam a mesma marca

RAMENZONI

1894 SÍMBOLO DE QUALIDADE HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO 1949

Uma tentação à flor dos lábios . . . eis o Baton "New York" de Coty! De superior qualidade, o Baton "New York" de Coty permanece "mais tempo" em seus lábios, sem alterar-se e sem exigir retoques. Apresentado em tubos dourados, que são verdadeiras jóias, o Baton "New York" de Coty é um toque novo de beleza para o seu sorriso.

BATON

New York

13 CÔRES MODERNAS

Cr$ 14,00

Do México e de Cuba
à Terra do Fogo

SERVEL CONSERVA OS ALIMENTOS!

FUNCIONA A QUEROSENE, GÁS NATURAL OU INDUSTRIAL, BUTANO OU PROPANO

Hoje, em toda a América Latina, o Servel está levando a refrigeração moderna e de confiança a todos os lares, lojas, cantinas e clínicas. Isso porque, ao contrário de outros refrigeradores, o Servel funciona *em toda a parte!* Não precisa de motor . . . nem depende de energia elétrica. O frio constante é produzido por uma chama minúscula de gás ou querosene. O sistema de congelação não tem mecanismo que exija consertos ou cause interrupções de serviço. Muitos dos mais de 2.500.000 refrigeradores Servel, atualmente em funcionamento no mundo inteiro, contam mais de 15 anos de idade. Veja os novos modêlos na agência local da Servel, ou escreva ao endereço abaixo indicado pedindo prospeto ilustrado gratis.

- **Faz cubos de gêlo em abundância.**
- **Tem interior grande e ajustável.**
- **Refresca bebidas.**
- **Protege drogas e remédios.**

Procure esta insígnia de vitrina. Identifica o seu Agente Servel.

Servel — O REFRIGERADOR DIFERENTE

SERVEL REFRIGERATION

Servel, Inc.—International Division—20 Pine Street, New York 5, N. Y., U. S. A.

Uma coleção preciosa de "Seleções"

ENCADERNADA POR VOCÊ MESMO!

Seus exemplares de "Seleções" poderão figurar com destaque em sua biblioteca, adôrno para suas estantes, leitura preciosa sempre renovada, com as capas exclusivas agora ao seu dispor. São práticas, simples, elegantes!

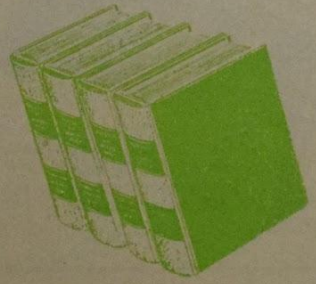
VEJA COMO É FÁCIL ENCADERNAR! — A capa vem pronta para seis números. E em menos de dois minutos, sem cola, sem tesoura, sem costuras, sem danificar uma só página, sem cortar, você colocará os exemplares, que poderá retirar quando queira.

DECORATIVAS E PERMANENTES. — Um verdadeiro livro para cada semestre, elegante na sua biblioteca, esta capa protege os seus exemplares, conserva-os limpos e novos.

ECONÔMICAS. — Cada capa semestral custa apenas Cr$ 18,00 e dura tôda a vida!

INDIQUE O SEMESTRE. — Ao fazer o pedido de uma ou várias capas, indique sempre quais os semestres que deseja encadernar. Há uma para cada semestre, desde o 1°. de 1942 até o 2°. de 1948.

ATENÇÃO! — Não remeta dinheiro em carta. Mande cheque, vale postal ou remessa registrada com valor declarado. Todos os agentes de Seleções têm estoque destas capas. Se não as encontrar em sua localidade, dirija-se a



FERNANDO CHINAGLIA
Av. Presidente Vargas, 502—19°. andar
Rio de Janeiro

A INTELECTUAL LTDA.
Viaduto de Santa Efigênia, 281
São Paulo

Poder concluir um negócio pessoalmente em qualquer parte do mundo, é sem dúvida a maior aspiração do negociante dos nossos dias... para quem o transporte aéreo, confortavel, pontual e seguro, representa um capital que rende bons juros.

"Todos viajam pela K.L.M....

...viajar de avião é muito natural para os holandeses"

Os viajantes escolhem hoje em dia a K.L.M. porque reconhecem a sua grande experiência em viagens de longo curso, reflexo das boas qualidades do povo holandês.

★

Peçam informações quanto a passagens e frete ao seu Agente local ou ao Representante mais próximo de K.L.M.

K·L·M
CIA. REAL HOLANDESA DE AVIAÇÃO
1919 30 ANOS 1949

A Companhia de Aviação mais antiga do mundo, prestes a completar o seu 30º. aniversário.

TOMO XVI
No. 91

SELEÇÕES
do Reader's Digest

AGOSTO
de 1949

Condensações de artigos de interesse permanente

Quem é este misterioso personagem?

O homem que assassinou Trotsky

(Condensado de «Plain Talk»)

Por Joseph Bornstein

ATRÁS das muralhas de uma penitenciária mexicana vive um prisioneiro misterioso. Os juizes que, em 1943, o condenaram por crime de homicídio, estavam convencidos de que era falso tudo quanto ele declarara sobre a sua própria identidade. Os jornais e revistas do mundo inteiro publicaram a sua fotografia e seus feitos mas não surgiu uma única testemunha para dizer que o conhecia. Há nove anos ele vem conseguindo ocultar sua verdadeira identidade e, com ela, os instigadores do seu crime.

O condenado desconhecido pretende chamar-se Jacques Mornard Vandendreschd e ser belga, nascido na Pérsia em 1904. É ele o assassino do homem a quem Stalin mais odiou—Leon Trotsky.

Nada se sabe de Vandendreschd anteriormente a 1938, ano em que Sylvia Ageloff, psicotécnica de 27 anos, empregada pela Junta de Educação da cidade de Nova York, abandonou o cargo para ir instalar-se em París. Pouco depois de alí ter chegado, travou conhecimento com um simpático rapaz que dizia chamar-se Jacques Mornard e andar estudando jornalismo na Sorbona. Ele a levou aos museus e aos teatros, aos restaurantes e cabarés. Tinha dinheiro à farta, e afirmava ser descendente de uma distinta família belga.

Um ano antes de Sylvia e Vandendreschd se terem conhecido, uma das irmãs dela tinha ido para o México, afim de ocupar o posto de secretária de Trotsky. A própria Sylvia contava

muitos amigos entre os trotskistas dos Estados Unidos. Mas o que nunca lhe ocorreu foi que Mornard pudesse ter qualquer razão secreta para cultivar a sua amizade. Ele parecia desinteressado da política em geral, e nunca mencionou sequer o nome de Trotsky.

Um dia, Mornard declarou a Sylvia que queria ajudá-la financeiramente, e revelou-lhe que a Argus Publishing Company anuira em pagar 3 mil francos por mês, se ela quisesse escrever artigos sobre psicologia. Sylvia ficou encantada com a oferta e passou a produzir um artigo por semana, que entregava ao amigo. Escusado será dizer que jamais os viu em letra de forma.

Logo nos primeiros tempos da sua ligação, Mornard tinha desaparecido durante algumas semanas. A 26 de julho de 1938, escrevia de Bruxelas à amiguinha, participando-lhe que a mãe dele ficara seriamente ferida em um acidente de automovel, mas que o pai, felizmente, escapara incólume. (Dois anos depois, tendo, ao que parece, esquecido essa carta, Mornard declarava à polícia mexicana que seu pai morrera em 1926, doze anos antes do pretenso acidente.)

Quando Sylvia quis fazer-lhe a surpresa de uma visita em Bruxelas, não o encontrou no endereço que ele lhe dera. Pouco depois, Mornard reaparecia em París, e Sylvia aceitou sem discutir a explicação de que ele fôra chamado com urgência à Inglaterra.

Em fevereiro de 1939, Mornard fez saber à amiga que o haviam nomeado correspondente de um jornal belga nos Estados Unidos. Ela devia regressar a Nova York, para onde ele tambem seguiria sem tardar.

Debalde a moça esperou por ele em Nova York. A dada altura, Mornard lhe comunicou, por cabograma, que estava tendo dificuldades em obter o visto de entrada nos Estados Unidos. Ela arranjou, então, um emprego no Departamento de Assistência Social da Cidade de Nova York, em Brooklyn.

Em setembro daquele ano, Mornard chegou finalmente a Nova York: chamava-se agora «Frank Jacson», e explicou que, sendo cidadão belga, estava sujeito ao serviço militar e não podia por isso obter permissão para vir para os Estados Unidos. Vira-se obrigado a pagar 3.500 dólares para conseguir um passaporte falso, canadense. Alem disso, mudara de profissão e passara agora a ser ajudante de um corretor europeu de matérias primas, que atuava no México. Sylvia ficou desapontada, mas ainda desta vez não suspeitou da história do amigo.

«Frank Jacson» partiu em outubro para o México, de onde não tardou a escrever que se sentia muito só... E insistia com Sylvia para que ela fosse ter com ele.

A esse tempo, o nome de Trotsky, que vivia em Coyoacán, perto da capital, figurava com frequência nas notícias dos jornais. Os líderes comunistas mexicanos exigiam que ele fosse expulso do México, chamando-lhe «aliado do imperialismo ianque» e «criminoso conspirador contra os interesses dos trabalhadores da Rússia e do México».

Vencido por Stalin nas suas pretensões a herdeiro de Lenin, Trotsky fôra sucessivamente expulso da U.R.S.S., da Turquia, da França e da Noruega. Continuara no exílio do México a combater Stalin e a sua linha política.

Em janeiro de 1940, Sylvia pediu uma licença de três meses e tomou um avião para o México. Alem de sua irmã, secretária de Trotsky, outros seus amigos e conhecidos de Nova York se encontravam alí tambem. Sylvia apresentou o amigo a muitas dessas pessoas.

Em março, ela teve que regressar ao emprego de Brooklyn, deixando Jacson em relações de intimidade com os seus novos amigos, especialmente os Rosmers, casal de franceses que eram hóspedes de Trotsky. Quando Jacson ouviu dizer que os Rosmers deviam embarcar para a França em fins de maio, e que a mulher de Trotsky tencionava acompanhá-los até o embarque, Jacson se ofereceu para levá-los de automovel ao porto de Vera Cruz. O oferecimento foi aceito.

Marcou-se a viagem para o dia 28 de maio. Entre as 3 e 4 da manhã do dia 24, cerca de 30 homens envergando uniformes de soldados da polícia mexicana, sob o comando de um indivíduo que vestia a farda de coronel do Exército, assaltaram a moradia do emigrado, desarmando e amarrando de mãos e pés os guardas que o policiavam. Robert Sheldon Harte, um dos guarda-costas privativos de Trotsky, foi metido à força em um dos carros dos assaltantes, e levado dalí.

Os invasores, tendo postado uma metralhadora no pátio da residência, crivaram de balas todas as portas e janelas. Ouvindo o barulho, Trotsky e sua esposa se atiraram da cama abaixo, e ficaram estendidos, imoveis no chão. A certa altura alguem entrou às escuras no quarto do casal, disparou diversos tiros à toa, e tornou a sair, aparentemente convencido de que não ficara alí ninguem com vida. Os Trotskys ouviram pouco depois os carros arrancar a toda a velocidade.

O mistério desse assalto ficaria para sempre insoluvel. O casal Trotsky tinha escapado ileso por milagre. Passadas poucas semanas, foi encontrado o cadaver de Robert Sheldon Harte, coberto de cal, no fundo dum poço.

Quatro dias depois do assalto, ou seja a 28, segundo o combinado, Jacson compareceu com o automovel na casa de Trotsky, para levar os Rosmers e a senhora de Trotsky a Vera Cruz. A família estava ainda tomando o desjejum e Jacson foi convidado a tomar café. Era essa a primeira vez que ele se via frente a frente com Leon Trotsky.

Joseph Bornstein foi durante 15 anos redator do importante semanário alemão *Das Tagebuch*, suprimido quando Hitler subiu ao poder. Serviu de 1941 a 1944 como subchefe da seção alemã de rádio, do Serviço de Informação de Guerra dos Estados Unidos. Como o assassino de Trotsky não foi julgado em público, o material deste artigo é fruto de penosas pesquisas e da concatenação de depoimentos de testemunhas, de memorandos dos funcionários que tomaram parte no inquérito, e de declarações de indivíduos que, em diversos paises, haviam conhecido o assassino. Este artigo fará parte de um livro, a ser publicado, sobre os casos célebres de crime político dos nossos tempos.

A partir de então, o belga foi sempre bem acolhido na casa do emigrado, que era agora uma verdadeira fortaleza, com portas duplas de aço, a controle elétrico, que substituiam a antiga porta de madeira da entrada. Taipais de aço maciço foram instalados nas portas e janelas dos aposentos particulares de Trotsky. Construiram-se tetos e soalhos à prova de bombas, e montaram-se barreiras de arame farpado; torres de vigia dominavam agora as cercanias da casa.

Mas Jacson, esse tinha liberdade de entrar e sair à vontade. Para os guardas e secretários, ele era um conhecido de Trotsky, que nele confiava.

Quando Sylvia chegou ao México para passar as férias, em agosto, foi encontrar Jacson com cara de doente e num estado, manifestamente, de grande tensão mental. A 10 de agosto, ambos foram convidados para um chá em casa do emigrado. Foi durante esse chá que, pela primeira vez, Jacson tomou parte em uma altercação política—relativa à linha de propaganda que Trotsky devia adotar para o futuro. O belga concordou inteiramente com o ponto de vista de Trotsky, e até se ofereceu para escrever um artigo em sua defesa. Coisa estranha, Sylvia Ageloff tomou partido contra Jacson e Trotsky.

Passada uma semana, Jacson levou o artigo ainda em forma de rascunho a Trotsky, para que este o lesse—«meia dúzia de frases sem pés nem cabeça,» como Trotsky diria depois à esposa. Mas o exilado prometeu ler o manuscrito final na quinta-feira seguinte.

Nesse dia, 20 de agosto de 1940, quando Jacson foi recebido, às 5 e meia da tarde, três dos amigos de Trotsky—Joseph Hansen, Charles Cornell e Melquíades Benitez—estavam trabalhando no telhado da casa, para ligar uma sirena ao sistema de alarma que devia funcionar em caso de novo «assalto». O guarda de serviço, Harold Robins, levou o visitante à presença do lider, que estava no quintal, dando de comer às galinhas e coelhos. Jacson anunciou a Trotsky que Sylvia não devia tardar: vinham despedir-se, pois tencionavam regressar a Nova York no dia seguinte. Depois, avistando Mme. Trotsky na varanda da casa, Jacson disse: «Estou com uma sêde medonha. Podia dar-me um copo d'água, por favor?» A sra. Trotsky notou que o rapaz estava nervoso, com a cara esverdinhada e que, contra o costume, vinha de chapéu e com uma capa dobrada no braço esquerdo.

Quando Jacson, seguido pela senhora, voltou para junto de Trotsky, este disse-lhe: «E então, vamos lá ler o artigo?» E foi andando adiante de Jacson; entraram ambos no escritório, e fecharam a porta.

Decorridos três ou quatro minutos, Mme. Trotsky, que estava na cozinha, assim como Robins e os três homens que estavam no telhado, ouviram «um berro horrivel, de cortar a alma—prolongado e agônico, meio grito, meio soluço...» Antes que eles tivessem tempo de chegar ao escritório, Leon Trotsky veio trambolhando porta fora, com o rosto banhado em sangue, entrou na sala de jantar e caiu pesadamente no chão.

Jacson estava ainda no escritório, em pé, com a boca aberta, de revolver em punho: Robins pulou em cima dele, e o derrubou. Num estado de aparente semi-inconsciência, Jacson lamentava-se: «Eles me obrigaram! Eles me obrigaram! Prenderam minha mãe...» Poucos segundos depois voltou a si, e debateu-se para fugir. Hansen ajudou Robins a subjugá-lo. Jacson, reconquistando a calma recusou-se a falar, dizendo apenas: «Sylvia não tem nada a ver com isto. Não, não foi a GPU. Eu não tenho ligações com a GPU.»

Os detectives que chegaram poucos minutos depois, encontraram o escritório salpicado de sangue por todos os lados, as cadeiras e mesas derrubadas, livros e papéis espalhados pelo chão. Junto da escrivaninha achava-se o instrumento do crime: uma picareta de ponta bem aguçada, montada em um grosso cabo de madeira.

Jacson descreveu a cena da maneira seguinte: Trotsky se tinha sentado à secretária, ficando ele de pé, à esquerda, logo atrás. Quando Trotsky começou a ler o manuscrito, Jacson tirou a arma, que trazia escondida debaixo da capa. «Levantei a picareta bem alto,» contou ele aos detectives, «fechei os olhos, e dei o golpe com toda a força.» Trotsky soltou um grito medonho, ergueu-se e atirou-se ao agressor, revelando uma força de espantar em um homem de 62 anos. Mas a picareta havia penetrado demasiado fundo, quase 8 cm pelo encéfalo a dentro, e 26 horas depois Trotsky era cadaver.

O assassino se tinha preparado bem: alem da picareta e do revolver, encontraram um punhal de 23 cm de comprimento cosido num bolso interior da roupa. Papéis de identificação ele não tinha: declarou que havia queimado o passaporte canadense. Na carteira acharam-lhe 890 dólares americanos e uma carta escrita a máquina, em francês. A assinatura «Jac» e a data, 20 de agosto de 1940, dia do atentado, haviam sido acrescentadas a lapis. Nessa carta, o assassino—ou alguem por ele—dava uma explicação do seu «ato de justiça», pedindo ao mesmo tempo a publicação da mesma, «no caso de me acontecer alguma desgraça».

A carta abre com esta declaração: «Sou descendente de uma velha família belga,» e o autor se apresenta como jornalista, que aderira em París à organização trotskista. Um dia, certo membro (não nomeado) do Bureau da «Quarta Internacional» de Trotsky, sugeriu-lhe que fosse ao México para se avistar com o lider; deu-lhe dinheiro e forneceu-lhe documentos falsos de identificação. Chegado ao México, Jacson sofreu inesperada desilusão: o «grande» Trotsky era realmente um carater desprezivel, um homem que, como afirmavam os stalinistas, «não tinha outro objetivo senão utilizar os que o seguiam, para alcançar seus fins pessoais». «Jac» ficou completamente curado das suas ilusões trotskistas

quando—dizia a carta—Trotsky lhe propôs que fosse à Rússia, para organizar atentados contra a vida de diversos indivíduos, a começar por Stalin.

«Jac» acrescentava que era noivo de «uma certa moça a quem amo com toda força de minha alma», mas que Trotsky exigira que ele rompesse com ela, só porque ela estava com a minoria no seu grupo. A carta rematava nestes termos: «É provavel que, depois do meu ato, ela não mais deseje ver-me; no entanto, foi tambem por ela que eu resolví sacrificar-me.»

Em um ponto destas declarações o assassino tinha toda razão: Sylvia Ageloff declarou que antes quisera nunca ter conhecido o homem que matara Leon Trotsky. Ao ser acareada com Jacson, logo em seguida ao crime, gritou-lhe: «Assassino sem vergonha! Miseravel agente da GPU! Oxalá eu não torne mais a ver você!» Com o rosto banhado em lágrimas, ela o acusou de ter cultivado sua amizade com o propósito único de assassinar Trotsky.

Os ORGANIZADORES do atentado esperavam, como é de crer, que o criminoso escapasse ou fosse morto; não estavam preparados para uma terceira possibilidade—que o próprio Trotsky ocasionou: prestes a mergulhar na inconsciência, moribundo, Trotsky apontou para o quarto ao lado, onde os guardas estavam espancando o assassino, e disse: «Não o matem—é preciso obrigá-lo a falar!»

Na sua primeira confissão oral, Jacson deu uma versão que, em muitos aspectos de importância, divergia da confissão escrita. Nem sequer pôde explicar essas contradições, e os investigadores se convenceram de que talvez ele nem mesmo fosse o autor da carta.

Minuciosamente interrogado sobre a sua identidade, o assassino repetiu o quanto já tinha dito a Sylvia; mas um funcionário da legação da Bélgica no México, após a demorada conversa que teve com o preso, declarou não acreditar que Jacson fosse belga: a maior parte das declarações dele, relativas à sua vida na Bélgica, eram incorretas, disse o diplomata, e o seu sotaque era antes o de alguem que tivesse aprendido a língua francesa na Suiça.

Quase todos os passos da investigação vieram avolumar a evidência de que Jacson (ou Mornard, ou Vandendreschd) não só mentia quanto à sua identidade, como toda a sua confissão era uma teia de mentiras.

Interrogado sobre o passaporte canadense, Mornard não pôde recordar pormenor algum, alem do nome «Frank Jacson.» Afirmou que nunca examinara o documento com atenção, e que não sabia quando nem onde «Frank Jacson» teria nascido.

Mas, nos arquivos do consulado norte-americano na Cidade do México, encontrou-se um pedido de Frank Jacson, para um visto de trânsito para Montreal, dando o número do passaporte, a data em que este fôra concedido, e o lugar e data do nascimento do portador: Lovinac, Iugoslávia, 13 de junho de 1905. As autoridades canadenses descobriram que, sob o número indicado no pedido de visto de Jacson, fôra concedido um autêntico passaporte canadense a um tal Tony Babich, súdito britânico naturalizado no Canadá, e nascido em Lovinac, na Iugoslávia, a 13 de junho de 1905. Mais aturadas pesquisas revelaram que Tony Babich partira para a Espanha durante a Guerra Civil, se alistara nas tropas fiéis, e morrera em combate, membro da Brigada Internacional. As autoridades espanholas haviam certificado o óbito.

O que aconteceu depois, pode ser deduzido das revelações do general Walter Krivitsky, antigo chefe do serviço de informação militar dos Sovietes na Europa ocidental, que abandonou Stalin, fugindo para os Estados Unidos, (e que mais tarde veio a ser encontrado morto, a tiros de revolver, no quarto de um hotel em Washington). No seu livro, *In Stalin's Secret Service* (No Serviço Secreto de Stalin), Krivitzky contou que, no tempo da guerra civil na Espanha, todos os membros da Brigada Internacional eram obrigados a entregar seus passaportes aos superiores. Os passaportes dos que morriam eram remetidos para Moscou, onde técnicos habeis os refaziam, para uso de agentes secretos que seriam mandados para o estrangeiro.

Durante o julgamento, a cela de Mornard esteve sempre bem fornecida de livros e discos de vitrola; suas refeições vinham de um restaurante de luxo; e tudo isso era pago pelos advogados dele, com fundos cuja proveniência se manteve sempre debaixo de estrito segredo profissional.

O julgamento arrastou-se durante muitos meses, e ainda corria quando Hitler invadiu a Rússia, tornando Stalin aliado temporário das democracias ocidentais. Finalmente, a 16 de abril de 1943, a Justiça mexicana sentenciou Jacques Mornard a 20 anos de prisão, pelo crime de homicídio premeditado. Na sentença escrita, os juizes declararam: «A atitude de Mornard, desde a época em que empreendeu a viagem ao México, até conseguir fazer contacto com Trotsky, e daí em diante, foi sempre de falsidade e artifício. A Côrte deve declarar que a viagem de Frank Jacson ou Jacques Mornard, ao México, foi efetuada só com a intenção de assassinar Trotsky.»

E no entanto, aqueles que o haviam mandado em missão ao México nunca foram traidos pelo homem que, ainda hoje, afirma chamar-se Jacques Mornard Vandendreschd!

Agora já se pode revelar os danos que a bomba é capaz de causar às cidades, e qual a melhor defesa contra ela

Já se sabe como é a bomba atômica

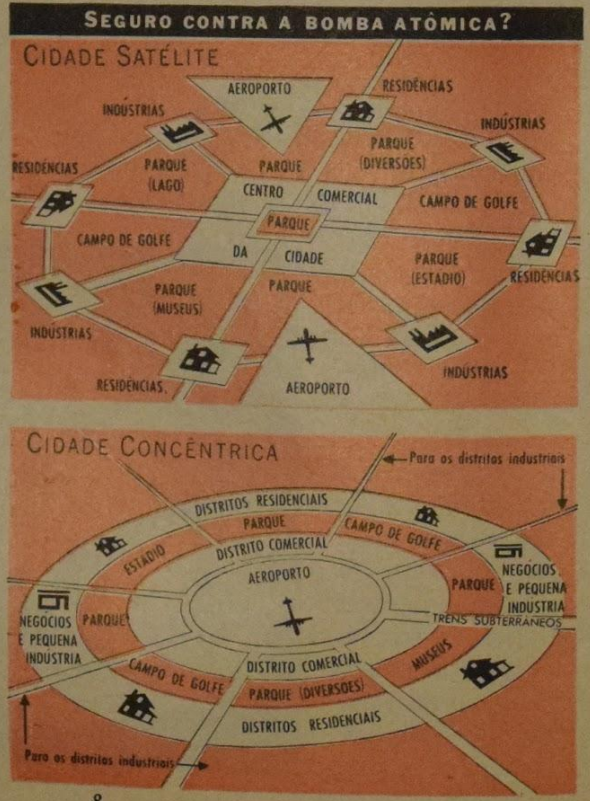
(Condensado de «U. S. News & World Report»)

Ao CABO de quase quatro anos de sigilo, os cientistas começam a tornar públicas informações pormenorizadas sobre a bomba atômica, sem violar os regulamentos de segurança.

Segundo essas descrições, a carga explosiva é aproximadamente do tamanho de uma laranja grande e pesa uns 13,500 kg. Presentemente, a produção já atinge a quase uma bomba por semana. Um dos maiores cientistas dedicados à física nuclear calcula que, concentrados todos os esforços na produção, esta poderia atingir a mil bombas em dois anos. O custo de cada bomba anda hoje por um milhão de dólares. O general Walter Bedell Smith, ex-embaixador dos Estados Unidos junto à U.R.S.S., crê que os russos possuem todos os conhecimentos científicos sobre a bomba.

Em seu livro *Must We Hide?**, o dr. R. E. Lapp, cientista especializado em física nuclear, revela o que a bomba atômica pode e não pode conseguir, quando lançada sobre cidades ou outros alvos estratégicos. Resumimos aquí as suas principais conclusões:

1. **O grande perigo** reside na alta concentração de pessoas e de indústrias nas grandes aglomerações urbanas. Os arranha-céus constituem alvos quase ideais. No entanto, a história de um ataque de surpresa, capaz de pulverizar virtualmente uma grande cidade, por meio de bombas clandestinamente introduzidas por agentes inimigos, não é digna de crédito.



2. **As explosões** nos grandes portos, causadas por bombas secretamente colocadas nos mesmos e detonadas debaixo da água para destruir as cidades por meio de uma «pulverização» de água radioativa, não se consideram praticaveis, a não ser que o porto em questão tenha profundidade suficiente para permitir uma explosão submarina do gênero da experiência de Bikini. A maioria dos canais nos portos dos Estados Unidos, por exemplo, medem de 9 a 12 metros de profundidade, ao passo que a lagoa de Bikini tem 53 metros. A explosão sub-aquática provocaria nesses portos uma «pulverização» relativamente pequena. Quando muito, seriam afetados alguns quarteirões da cidade.

3. **As bombas** secretamente introduzidas em uma cidade, na mala de mão de um sabotador, e detonadas ao nivel ou abaixo do nivel do solo, dentro de um edifício, só poderiam causar danos muito limitados. O máximo que se poderia esperar, seria uma cratera de pouco mais de 150 metros de diâmetro—menor que dois quarteirões.

4. **A poeira atômica.** Tampouco merece grande crédito a teoria segundo a qual seria possivel espalhar uma nuvem de partículas radioativas por sobre uma cidade, sem recorrer à explosão de uma bomba. «Para uma dispersão eficaz de poeiras radioativas, seria necessário lançar quantidades excessivamente grandes, com precisão, sobre o objetivo. As dificuldades decorrentes de um tal processo parecem desproporcionadas em relação aos resultados provaveis. Esses materiais não poderiam ser armazenados em grande quantidade, pois ficariam velhos e imprestaveis, desvantagem esta de tal ordem, que torna improvavel a guerra radioativa.»

5. **A radioatividade** resultante de uma explosão atômica pode ser mortífera até à distância, aproximadamente, de 1.200 metros contados desde o centro da explosão. Ainda assim, no caso de uma explosão no ar, a radioatividade não dura o suficiente para se tornar perigosa aos agentes de salvamento que acudam ao local. E a radioatividade deixada na água por uma explosão sub-aquática tambem não é necessariamente permanente. Os edifícios contaminados poderão estar em condições de segurança dentro de um ano. A maioria dos navios contaminados pela explosão de Bikini foram destruidos, não porque a radioatividade persistisse neles mas porque eram demasiado antiquados para justificar as despesas de descontaminação.

6. **As explosões no ar,** tais como as que se produziram sobre Hiroxima e Nagasaqui, constituem ainda o maior perigo para as grandes cidades. Uma só bomba explodindo no ar, na parte de Nova York onde há maior concentração de arranha-ceus, poderia causar uma mortandade de 200 mil

*Edição da Addison-Wesley Press, Cambridge, Massachusetts, E.U.A.

pessoas. Perto do centro da explosão, as paredes dos arranha-céus iriam pelos ares, juntamente com o pessoal que estivesse nos andares superiores. A construção dos arranha-céus, com as suas delgadas paredes erigidas em volta de uma estrutura de aço, oferece pouca proteção contra a radioatividade. Não obstante, mesmo «as pessoas que se achassem nos *subways* diretamente por baixo do centro da explosão, nada sofreriam com a mesma ou a radiação dela decorrente.»

Qualquer cidade de mais de 100 mil habitantes é vulneravel. Os melhores alvos, no entanto, são aqueles em que a concentração de população e de indústrias for maior. Nova York tem 8.100 pessoas por quilômetro quadrado. Los Ângeles, em contraste, como tem só 1.160 pessoas por quilômetro quadrado, é um alvo relativamente menos «rendoso».

A defesa contra a bomba atômica pode ser parcialmente conseguida. Cidades ou fábricas subterrâneas seriam excessivamente caras; mas um sistema apropriado de alarme, acompanhado de abrigos pouco dispendiosos, pode reduzir as baixas de 90%.

Para poder escapar a uma explosão atômica, uma pessoa necessita refugiar-se em um abrigo sem janelas, capaz de resistir à pressão e à radioatividade resultantes da explosão. Os abrigos de chumbo são os melhores, mas excessivamente caros. Dois metros de terra húmida asseguram uma proteção igualmente eficaz. Os meios mais práticos de proteção, nas cidades, são os abrigos de concreto. A meros 300 metros da explosão, uma laje de concreto com 80 cm de espessura pode assegurar a salvação; a 600 metros, bastarão 50 cm de concreto; a 1.200 metros, 15 cm serão suficientes. A 1.500 metros já não é preciso abrigo, como proteção contra a explosão propriamente dita.

A melhor maneira de assegurar a imunidade de fábricas, bairros comerciais e residenciais, seria refazer todo o traçado das cidades. A bomba atual não pode danificar áreas a 5 quilômetros do núcleo da explosão, de forma que as cidades planejadas deviam ser divididas em segmentos situados a cerca de 5 quilômetros uns dos outros, assim oferecendo um alvo pouco eficaz a uma bomba.

O dr. Lapp descreve as limitações da bomba nos termos seguintes:

1. A bomba de pouco vale contra um ataque terrestre. Poderá deter tropas e tanques somente em um setor de poucos milhares de metros, em uma frente que poderá medir centenas de quilômetros. Alem disso, o alto custo contribuirá para reduzir drasticamente a reserva de bombas.

2. As bombas do atual tamanho são demasiado caras para serem empregadas contra navios, submarinos e outros alvos reduzidos. Ainda não se pode fazer uma bomba pequena.

Em resumo, a bomba já se não afigura ser a «arma absoluta» de que em tempos nos falavam. Todavia, seus perigos reais, agora aparentes, virão a ter vasta influência nos programas de expansão futura dos negócios e na aparência das cidades do porvir...

As ciências médicas têm feito, nestes últimos 30 anos, mais progressos e mais curas do que nos 30 séculos anteriores

Os anos mais fecundos da medicina

Por Paul de Kruif

Meu pai morreu à idade de 60 anos, depois de ter vegetado durante dez sob uma dieta de fome, que era naquele tempo o único tratamento conhecido para o diabete. Minha mãe sofria da mesma doença, mas esta só a atacou depois de descoberta a insulina. Morreu com 82 anos, esperta, ativa e vivaz até o derradeiro alento de vida, em 1948. Mas a insulina e todos os outros recursos da ciência médica que a mantiveram viva, animosa e feliz muito para alem do que normalmente se poderia ter esperado—eram ainda totalmente desconhecidos quando meu pai expirou, em 1917.

Foi assim que, dramaticamente, se me tornou claro que os 30 anos decorridos desde a morte de meu pai foram as três maiores décadas da história da medicina. Nestes últimos 30 anos tem-se feito mais progresso na ciência de salvar vidas humanas, e mais recursos salvadores foram postos ao alcance de maior número de indivíduos, do que no correr dos trinta séculos precedentes.

Foi, por assim dizer, num abrir e fechar de olhos—um instante apenas em face da História—que a ciência conseguiu cortar as garras a muitas pragas que, antes, haviam causado a morte a centenas de milhões de pessoas indefesas. Uma verdadeira «epidemia» de milagres médicos veio, de fato, prolongar de um terço a duração média da vida humana.

Em 1917, não existiam quaisquer toxóides preventivos da difteria ou do trismo tetânico; nem sulfas para combater a septicemia, a meningite e a peste bubônica—a pavorosa praga que, em tempos, chegou a matar dois terços da população da Europa, em uma só pandemia; nem atebrina ou DDT para curar a malária, que outrora chegou a destruir povos inteiros, e com eles a respectiva civilização; nem uma vitamina sintética que comba-

tesse a malnutrição homicida, ou—com os novos hormônios sintéticos—protegesse a vida intra-uterina dos bebês, ou permitisse aos seres humanos em geral prolongarem a «força da vida.» Os reis da luta contra a morte, antibióticos tais como a penicilina, ainda não tinham começado a borbulhar nas retortas dos químicos. Os raios-X e o rádio ainda não tinham sido domados para se tornarem os grandes paladinos da vida humana na luta contra o cancer. Os cirurgiões ainda não haviam ousado fazer operações que hoje curam casos de tuberculose dantes considerados irremediaveis, ou evitam as hemorragias cerebrais, as síncopes cardíacas e os males renais, devidos todos eles à maligna hipertensão arterial.

Em 1917, de cada mil bebês nascidos com vida, 94 morriam antes de completar um ano. Os higienistas sob a direção do dr. Herman N. Bundesen, de Chicago, concluiram que métodos obstétricos rotineiros estavam matando milhares de recem-nascidos, e que, devido à imperfeita pasteurização, o leite matava outros muitos milhares de bebês.

A difteria era, há 30 anos, a causa de mais de metade dos óbitos devidos às quatro principais doenças da infância. Foi então que, na França, o dr. G. Ramon conseguiu transformar o veneno estrangulador do micróbio diftérico em um toxóide benigno, capaz de defender a vida humana. Atualmente, as estatísticas mostram que a difteria é um fator praticamente desprezivel em algumas cidades onde, anteriormente, fôra um verdadeiro terror. Em Chicago, por exemplo, *nem uma só criança morreu de difteria*, no ano passado. Isto, quando há 30 anos Chicago perdia anualmente mil crianças vitimadas por essa doença.

Uma inoculação semelhante está hoje arrancando à coqueluche o seu poder mortífero. As sulfas e a penicilina vieram reduzir a mortalidade pela escarlatina e a pneumonia como sequela do sarampo. Estas quatro doenças eram geralmente a grande ceifadora de vidas entre as crianças em idade pre-escolar. O raquitismo, que, mais do que outro qualquer fator, minava a resistência das crianças às infecções mortais, desapareceu realmente do rol das doenças graves, graças à vitamina D, descoberta pelo dr. Harry Steenbock, de Wisconsin.

Durante a primeira metade dessas três momentosas décadas, os óbitos devidos aos quatro grandes infanticidas cairam 20%; nos 16 anos seguintes, segundo os dados da Metropolitan Life Insurance Company, os óbitos diminuiram de 60%.

A higienização e pasteurização ganharam vitórias esmagadoras contra a febre tifóide, reduzindo os seus estragos de 99% no correr desses 30 anos fecundos; e o mesmo se deu em relação às várias formas de diarréia, que em 1917 se diz terem matado 80 mil americanos, contra 8 mil somente em 1946.

Em 1917 era geral o desânimo, na classe médica, quanto à possibilidade de se chegar a descobrir a cura da pneumonia e da tuberculose. Foi só

em 1938 que, na Inglaterra, o dr. L. E. H. Whitby empregou a sulfapiridina para aniquilar os pneumococos letais que estavam prostrando os ratos de laboratório; a substância se mostrou capaz de salvar tambem vidas humanas, embora causando sérios ataques de náusea a alguns pacientes. Foi o início de uma tremenda atividade na preparação de milhares de novas sulfas, até que o dr. Richard Roblin, da American Cyanamid, à frente de um exército de químicos de sólido preparo, conseguiu por fim produzir a rainha de todas elas, a sulfadiazina. Os médicos estão hoje em condições de derrotar o pneumococo, com o duplo golpe de penicilina e sulfadiazina.

Há já muitos anos que o decréscimo dos óbitos causados pela tuberculose vem sendo motivo de júbilo—e não obstante, o ceroso bacilo de Koch ainda mata anualmente muitos e muitos milhares de pessoas pelo mundo a fora, o que certamente não é nenhum motivo para dormirmos sobre os louros. O obstáculo mortal tem sido o longo repouso na cama e o tratamento cirúrgico dos tuberculosos, que agravam a carência atual de leitos nos hospitais da especialidade.

Mas parece que finalmente esse «bloqueio» se rompeu: o dr. Selman Waksman, e seus colaboradores da Universidade de Rutgers, descobriram a estreptomicina. O dr. E. J. O'Brien, de Detroit, revelou que, graças ao emprego preliminar dessa droga, é agora possivel operar os tuberculosos, salvando muitas vidas que dantes se consideravam perdidas. Esse antibiótico reduziu tambem de 50% o número de casos incipientes (e são centenas de milhares) que estavam condenados ao pneumotorax e a outras formas de tratamento demorado. Tudo isto está agora deixando livres os leitos hospitalares absolutamente indispensaveis para a *blitzkrieg* contra a «peste branca».

Na fase final destes 30 anos de progresso estonteante, assistimos ao início do «crepúsculo dos micróbios» que até agora destruiram bilhões de vidas humanas. A malária que, há 30 anos, causava muitas mortes e arruinava muitas existências, está hoje caminhando a passos largos para o desaparecimento completo, graças ao DDT destruidor de mosquitos, à atebrina, e tambem a uma droga de gosto muito menos desagradavel e de resultados muito mais rápidos, o *aralen*.

Os óbitos causados pela sífilis—a mais sinistra de todas as pragas que afligem o homem, dado o seu carater vergonhoso e secreto—têm caido consideravelmente nestes últimos dez anos. A cadeia mortal dessa infecção pode hoje romper-se, graças à penicilina e ao tratamento intensivo de 30 horas, em que o antibiótico se conjuga com os arsenicais, o bismuto e a febre artificial.

Duas outras doenças aterradoras que atacam o sistema nervoso—a meningite epidêmica e o trismo tetânico—sofreram nestes últimos trinta anos uma redução de 76% no número de óbitos que determinavam. A sulfadiazina detem as epidemias de menin-

gite; e o tetano desaparece quando seu toxóide preventivo é ministrado em uma só injeção com o preventivo da difteria, já largamente aplicado. Até mesmo os ultramicroscópicos virus, que eram invenciveis, tais como o virus da pneumonia, estão sucumbindo aos efeitos destrutivos da aureomicina, o antibiótico de ação quase universal, e o mais inócuo de todos eles.

E isto parece ser unicamente o princípio. Centenas de milhares de cogumelos ainda estão por ser experimentados. Pesquisas recentes levaram à descoberta da cloromicetina, que cura a febre tifóide. Essa doença roubava a vida a dez pessoas de cada cem que atacava, e para ela não se conhecia remédio algum. A mesma cloromicetina tambem cura doenças provenientes do raquitismo, tais como o tifo. A Neomicina, que acaba de ser anunciada pelo grupo de Rutgers, promete ser uma arma poderosa contra a tuberculose.

Há trinta anos, a anemia perniciosa era uma doença considerada fatal em cem por cento dos casos; surgiu então o tratamento pela dieta de fígado, descoberto em 1924 pelos drs. George Minot e William P. Murphy, de Boston, ambos Prêmio Nobel, e hoje, segundo os cálculos deste último, só nos Estados Unidos estão vivas e com saude cerca de 100 mil pessoas que devem a cura ao fígado ou aos respectivos extratos.

Quando percorremos a vasta frente de batalha ao longo da qual os cientistas, médicos e higienistas se têm batido no curso destes últimos 30 anos, bem podemos orgulhar-nos duma vitória que nada tem em comum com as vitórias de outras guerras que a história registra. É bem verdade que alguns destruidores de vidas humanas, como o cancer e as doenças cardíacas, continuam invenciveis; mas temos razões para crer e esperar que, mesmo nesse capítulo, se hão de fazer progressos consideraveis. Nesse ínterim, é impressionante a queda brusca dos índices gerais de mortalidade, entre 1917 e 1947. Ela corresponde a uma prodigiosa e acelerada subida do número de vidas salvas, que atinge muitos milhões.

Mas algo muito mais significativo se oculta por trás das cifras: cada unidade corresponde a um namorado que volta aos braços da sua querida, um pai de família que retorna ao seu posto de ganha-pão, um filho adorado que torna ao regaço dos pais, ou uma mãe que regressa à adoração dos filhos; cada um desses números é uma unidade mais de vida, de felicidade humana!

HÁ TRÊS coisas essenciais à felicidade: ter o que fazer, ter algo para amar e ter esperança em alguma coisa.

—Anônimo, citado em *This Week Magazine*

Eis a administradora do lar, «perpetuadora da cultura e da civilização»

Ocupação— dona de casa

(*Condensado de «Ladies' Home Journal»*)

Por Dorothy Thompson

UMA SENHORA minha conhecida, ao preencher um desses questionários oficiais, pôs de lado a caneta e deu um suspiro.

—Há uma pergunta que sempre me dá um complexo de inferioridade, disse. —É a que indaga sobre a ocupação da gente. Eu tenho que declarar: «Dona de casa.» Cá estou eu, uma mulher de meia idade, com curso universitário, e não fiz *nada* na vida. Não passo de uma dona de casa.

Não pude deixar de rir.

—O caso, respondí, —é que com essas três palavras você tem de explicar uma dúzia de ocupações nas quais você é perita. Dizer «dona de casa» é como se você dissesse: gerente comercial, cozinheira, enfermeira, motorista, costureira, decoradora, guarda-livros, despenseira, professora, secretária particular—ou apenas «benfeitora».

—Mas os benfeitores são os que fazem donativos em dinheiro, declarou ela modestamente.

—Nem sempre, retruquei. —Benfeitora é tambem a pessoa que ama a humanidade e dá algo de si por amor. Durante toda a vida você tem dado sua energia, aptidões, talento e serviço—por amor.

—É... talvez você tenha razão, disse ela. —Mas eu nunca cheguei a fazer aquilo com que sonhava na minha mocidade. Há 25 anos eu tocava piano muito melhor do que agora. E a minha educação universitária—perdida!

—Mas todos os seus filhos gostam de música, simplesmente porque você trouxe a música para o seu lar, objetei. —E sem disciplina mental para concentração, para enfrentar e resolver problemas e para saber dividir o tempo, você nunca teria realizado o que realizou. Você é uma das mulheres mais bem sucedidas que conheço.

Aos 21 anos, ela se casara com um professor de escola secundária, que lutava bastante. Tiveram três filhos, e nos primeiros 15 anos de casados viveram muito modestamente. Mas durante todo esse tempo sempre moraram numa casa encantadora e bem arranjada. Nunca comeram mal. Sempre se vestiram com gosto. Os filhos tinham boas maneiras, eram extremamente inteligentes e trabalhadores—o que economizou bom dinheiro aos pais, visto como grande parte da sua instrução foi custeada por bolsas de estudos que receberam. Aprenderam tambem a ser bondosos e a ter consi-

deração pelos demais, pois em sua casa havia sempre lugar para mais uma pessoa, e durante muitos anos morou com eles uma criança refugiada.

Para realizar o que aquela senhora realizou, dentro dos escassos recursos do marido, era preciso ter grande capacidade administrativa. Poderia ter ganho muito dinheiro como compradora em qualquer restaurante, pois conhecia as oscilações do mercado como a palma da mão e, com os gêneros mais baratos no momento, preparava sempre refeições deliciosas. Quando os filhos eram pequenos, fazia-lhes todas as roupas e a dela própria em grande parte. E uma vez encontrei-a empapelando a sala de estar. Quando «sobrava tempo», ela dactilografava os manuscritos do marido e lia as provas dos livros de autoria dele; acompanhava ao piano os filhos para lhes tornar mais divertido o estudo da música; seguia-lhes de perto as leituras escolares, para poder conversar com eles sobre os livros que estavam estudando. Quando eles foram para a universidade, começou ela a dedicar-se a obras cívicas, tomou parte em comissões encarregadas do problema de habitações, ajudou em festas beneficentes da igreja e tomou a iniciativa no movimento em prol de melhores escolas. Poucas mulheres que trabalham fizeram tanto quanto ela.

«Mas eu nunca cheguei a ganhar dinheiro,» é o lamento de muitas donas de casa.

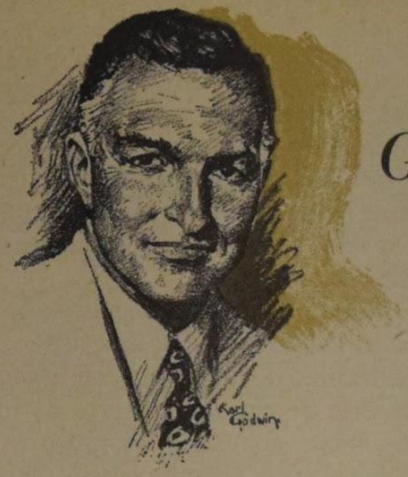
Se considerarmos a família como uma unidade, isso não é exato. Milhões de mulheres, pelos serviços que prestam e pela inteligência que demonstram, contribuem tanto quanto seus maridos para o bem-estar da família. Basta calcular o quanto se gastaria se fosse preciso contratar profissionais para fazer o que elas fazem! São as mulheres que têm de gastar a maior parte da renda da família—e têm de ser peritas em economia.

Quem poderia contratar substituta para uma mãe? Onde encontrar uma governanta que pense duas vezes antes de cada compra, confrontando o valor da mercadoria com o dinheiro de que dispõe? Em que mercado se pode comprar afeição, paciência, bom humor?

Quantos homens não teriam chegado ao desespero, nos momentos difíceis da vida por que todos temos de passar, se não fossem os sacrifícios «em surdina» de uma esposa carinhosa?

Alguem já disse: «Quando vires um grande homem, é porque sua mãe foi uma grande mulher.» Mas as mães admiraveis, como todos os grandes gênios, têm de se aplicar à sua missão. Não se trata de talento inato que se desenvolve sem esforço e naturalmente. E a maioria dos homens bons tiveram mães boas tambem. As crianças em geral aprendem muito das mães no que se refere à ética, à ambição e à coragem.

Aquela que dirige o lar, que educa, que cria um ambiente para a criança, é quem perpetua para sempre a cultura, a civilização e a virtude. Por conseguinte, se ela estiver desempenhando bem o seu papel, poderá responder com orgulho à pergunta sobre sua ocupação: «Dona de casa!»



Galo Plaza, agricultor e estadista

(Condensado de «The Pan American»)

Por Michael Scully

Este ex-toureiro e ex-herói do futebol tem pisado os calos de alguns indivíduos desde que assumiu a presidência do Equador—mas tem soluções que prometem curar os males de seu país.

GALO PLAZA é um homem de mais de 1,80 m de altura, atraente como um galã de Hollywood, e que, nos 43 anos de vida que conta, tem conhecido altos e baixos realmente excepcionais: foi ás do futebol (na Califórnia) e toureiro; vendeu maçãs na Broadway durante a crise, e chegou a ser comissário na marinha mercante. Acrescente-se a isso que foi embaixador de seu país nos Estados Unidos, grande fazendeiro, aplicador dos modernos métodos científicos à agricultura, e finalmente signatário da Carta das Nações Unidas. E hoje—é presidente da República do Equador. É bem verdade que talvez nem a famosa companhia de seguros Lloyd's ousasse segurar contra a instabilidade governativa um presidente do Equador, país que nestes últimos 18 anos já conheceu 18 presidentes... Mas, como Galo Plaza possui a fórmula para a solução fundamental dos problemas do Equador—e da América Latina em geral—e porque o seu país é uma miniatura da América Latina, pode bem ser que ele venha a tornar-se um dos homens mais importantes ao sul da fronteira dos Estados Unidos.

Para remediar os males da América Latina, não têm faltado os demagogos nem os visionários bem intencionados, que tentaram pôr em prática seus grandiosos projetos de assistência social, planos quinquenais e outras panacéias igualmente dispendiosas, e que, gastando dessa forma rios de dinheiro, falharam antes de se assegurarem uma economia sã capaz de produzí-lo. Plaza está procurando inverter esse processo e, para começar, pretende vedar todas as fendas por onde normalmente se escoava o sangue da economia equa-

toriana: desperdício de tempo, de energias humanas, de dinheiro e de recursos. Conseguiu ele persuadir o seu governo a trabalhar *para* o povo, em vez de viver à custa deste; promoveu um programa de aproveitamento das terras incultas, abrindo-as à colonização pelas classes urbanas subprodutivas; e está transformando o exército, que era um embaraço econômico, em uma fonte de benefícios.

Foi só por volta de 1920 que um punhado de jovens latino-americanos, compreendendo que a ordem feudal em que tinham nascido estava ficando anacrônica, se aprestaram para vir a ser, nos seus paises, os engenheiros, os cientistas e os líderes com preparo técnico que a vida moderna reclama. Plaza é o primeiro dentre eles a alcançar o poder político. Alem de gozar da confiança do seu povo, ele tem outro trunfo nas mãos, e de grande valia: uma mentalidade pan-americana. O que pensam e fazem os Estados Unidos é, muitas vezes, um enigma que confunde os líderes da América Latina; ora, Plaza conhece os Estados Unidos tão bem quanto um senador norte-americano.

A verdade é que ele nasceu na América do Norte: seu pai, o general Leónidas Plaza, era, então, ministro plenipotenciário do Equador em Washington. O rapaz criou-se, porem, no cenário pitoresco dum grande vale rústico, perto de Quito. Ao tempo, havia no Equador uma única maneira de um jovem demonstrar aquilo de que era capaz: era descer ao redondel da praça a enfrentar um touro! Galo e seus dois irmãos mais novos, Leónidas e José, ganharam fama como toureiros quando eram ainda simples escolares. Acabado o curso ginasial, Galo partiu para os Estados Unidos, afim de completar seus estudos na Universidade da Califórnia.

Embora nunca houvesse assistido a uma partida de futebol americano, a rude técnica do jogo pareceu apenas uma série de variantes suaves de um velho tema, aos olhos do moço que crescera a fazer «câmbios» e a meter bandarilhas no cachaço de touros desembolados. E foi assim que ele se tornou ás do popular esporte ianque. Tendo deixado a Universidade da Califórnia, foi colar grau em agronomia na Universidade de Maryland, e passou mais dois anos cursando a escola de serviço diplomático de Georgetown.

Sobreveio depois um brusco desvio nessa carreira, que tudo parecia indicar seria dedicada exclusivamente ao estudo: «Eu era então adido nominal da nossa legação,» recorda ele, «com autorização diplomática para importar bebidas alcoólicas, o que, sob o regime da Lei Seca, me tornou extremamente popular na cidade de Washington.» O velho general Plaza, informado do que se passava, cortou a fonte de renda do filho.

E Galo se achou sem vintem nas ruas de Nova York, na fase mais aguda da grande crise, que teve o seu quê de epopéia. «Foi então que eu comecei a aprender realmente alguma coisa,» diz Galo. «Tentei o futebol profissional, mas as minhas condições físicas eram pouco aceitaveis. Quis negociar em imoveis, mas naquela época ninguem comprava. Empenhei meu sobretudo, e depois andei vendendo maçãs nas ruas de Nova York—mas não conseguí vender muitas. Amigos não me faltavam, mas quem é que, em semelhantes apertos, se atreve a ir procurar os amigos?»

Em 1938, o presidente Aurélio Mosquera nomeou Galo Plaza para o cargo que tem sido sempre considerado como o mais dificil da administração: ministro da Defesa. Plaza iniciou imediatamente uma campanha afim de interessar o exército pelos esportes, desviando-o da política. Organizaram-se campeonatos de futebol, luta e box nos quartéis. Mas, se a medida alegrava os soldados, os generais não ficaram muito satisfeitos. E um dia, seis altos chefes, saudosos de sua antiga influência política, puseram-se a conspirar. O Gabinete se reuniu preocupado e taciturno. «Não há problema algum», disse Plaza. «Vou despedir os seis!»

Quando terminou a reunião do Gabinete, corriam boatos de revolução. Dizia-se que um batalhão nos subúrbios de Quito se havia revoltado. Plaza tomou seu carro e apresentou-se no quartel. A sentinela deteve-o. Em meio de brincadeiras, Plaza tomou-lhe o fuzil das mãos e, agarrando-o como se fosse um brinquedo, entrou no pátio do quartel e começou a dar ordens às tropas. A «revolução» estava abafada. Nessa mesma tarde foi dada baixa aos generais.

—Miguel Albornoz, na revista *Américas*

A fome era já sua íntima companheira quando ele finalmente conseguiu arranjar emprego de baixa categoria a bordo de um transatlântico. Foi sendo promovido, e era comissário de bordo, posto de bastante responsabilidade, quando um amigo da família, tendo-o encontrado, escreveu ao general Leónidas, contando-lhe o que vira. O velho telegrafou sem demora ao filho: «Volte para casa.»

As fazendas da família tinham andado um tanto à matroca, enquanto os seus representantes mais velhos passavam anos e anos no estrangeiro. Galo meteu mãos à obra e, com o seu treino, ergueu barragens e fez terraplenos que detiveram a erosão, enquanto as culturas rotativas iam restituindo a fertilidade à terra. Importou gado Holstein para o cruzar com as reses ossudas dos Andes, e não tardou que a primeira «combinada» do país, chegada a colheita, rolasse através das lindas searas de trigo, cevada e aveia. Foi especialmente contratado um médico para olhar pela saude dos trabalhadores rurais, e os rapazes índios, que nunca tinham conhecido nenhum passatempo, aprenderam a jogar futebol e basquetebol. Não admira, assim, que a produção das terras da família Plaza tenha decuplicado em 15 anos.

A experiência de Galo, entretanto, tornava inevitavel o seu ingresso na vida pública. Foi primeiro eleito conselheiro municipal de Quito, e depois prefeito. Prevendo o alastramento futuro da cidade, ele comprou em nome do Conselho muitas terras nos arrabaldes, que vendeu em lotes para cons-

trução de casas de família. Os lucros dessas transações foram aplicados na iluminação e pavimentação das ruas da capital.

Em seguida, foi nomeado ministro da Defesa e do Oriente, o território inexplorado que constitui a metade do Equador a leste dos Andes. Galo Plaza passou meses a cavalo, em avião e navegando em canoas, para levantar o mapa da região e estudar-lhe o solo. Quando soar a hora de se abrir o Oriente à colonização, ele saberá onde e como atuar.

Em 1940, o Equador foi dominado por uma ditadura, a de Carlos Arroyo del Río. Galo, oponente passivo da ditadura, recolheu-se à vida privada, até que seu irmão Leónidas, de gênio mais estourado, teve a inspiração de entrar no gabinete de trabalho de Arroyo e exigir que este renunciasse. Quando os guardas lhe barraram a entrada, ele ainda pôs um deles nocaute, mas foi subjugado e preso.

O delito político de Leónidas, que normalmente, segundo o costume, seria punido apenas com o exílio, valeu-lhe a sentença de 16 anos de prisão. Galo e José decidiram que ninguem podia ultrajar assim um Plaza. Mas deram tempo ao tempo, até chegar o Natal de 1943. Nesse dia, alguns Plazas bem ensaiados foram visitar o preso: José, com óculos e uma atadura no rosto, foi na companhia da esposa e de uma tia, levando um rádio que atroava os ares com música enquanto os quatro conversavam. Leónidas envergou rapidamente o casaco do irmão, pôs os óculos e a bandagem. Depois, quando Galo e os outros visitantes chegaram por sua vez, no meio de muitos cumprimentos e algazarra, o preso saía da cadeia com a mulher de José. Dalí a pouco o rádio tocava alegremente para as paredes de uma cela vazia...

O ditador, envergonhado, não quis confessar que fôra ludibriado, mas a notícia correu de boca em boca, e a onda crescente do riso malicioso começou a minar e corroer o poder de Arroyo. Poucos meses depois ele era deposto!

O governo seguinte instalou-se auspiciosamente e Galo Plaza foi nomeado embaixador em Washington e primeiro delegado do seu país às Nações Unidas. Mas o novo presidente, Velasco Ibarra, não tardou a ver-se a braços com a efervescência das insatisfeitas aspirações populares. E quando, abandonado pelo próprio partido, Velasco tentou impor sua vontade com o apoio do exército, Plaza, desgostoso, exonerou-se do cargo.

Em setembro de 1947, Velasco foi corrido por um golpe de estado, sendo sucedido consecutivamente por dois presidentes temporários, até que um banqueiro alheio à política assumiu provisoriamente a presidência com o compromisso de realizar eleições o mais cedo possivel.

Plaza apresentou-se então ao eleitorado como candidato independente.

«O fato político de capital importância aquí, é que o povo tem fome —e o povo não pode comer palavras,» declarou ele. E quanto a promessas, limitou-se a indicar o exemplo das suas fazendas: «Um retalho do Equador, reconstruido pelo trabalho e uma administração eficiente. Nós podemos dar ao Equador inteiro uma sã economia agro-pecuária, mas não enquanto dissiparmos nossas energias em combinações que nos permitam viver à custa do Tesouro Público . . . Façamos do Equador uma nação capaz de sustentar-se por si, e de respeitar-se.»

O resultado desta simples proposta foi que Plaza obteve sufrágios da direita, da esquerda e do centro.

Uma vez eleito, Plaza convidou seus atônitos oponentes a conferenciar com ele. «Uma idéia que ajude o Equador é sempre uma boa idéia, venha lá de onde vier!» explicou o novo presidente.

Em seguida lançou uma nova organização do funcionalismo. É tradição na América Latina que os empregos públicos são para aqueles que, independentemente das respectivas aptidões, ajudam um candidato a alcançar o poder. O questionário que agora tem de ser preenchido pelos candidatos a emprego público não faz referência alguma à sua filiação política mas é muito minucioso no tocante ao preparo e qualificações dos mesmos.

Em vez de entrarem pachorrentamente na repartição pelas 10 ou 11 da manhã, para se eclipsarem após o almoço, os funcionários cumprem hoje, religiosamente, o horário de oito horas de serviço. O próprio Plaza lhes dá exemplo, e os funcionários não podem legitimamente rebelar-se contra a regra que lhes concede apenas uma hora para almoçar, quando o presidente interrompe só durante 30 minutos o seu dia de doze horas de atividade, para comer um apressado lanche no gabinete. O escoamento das verbas foi eliminado. Os automoveis do governo, por exemplo, funcionam hoje com a gasolina racionada, e a polícia os apreende quando são usados fora das horas de serviço. Resultado: uma economia de 60 por cento nas contas de gasolina.

A terra desperdiçada é, porem, ainda o maior inimigo da economia equatoriana. Dos 3.300.000 habitantes do país, quase todos vivem em 15 por cento da área total; cerca de 40 por cento do território potencialmente produtivo, jaz inculto e despovoado. A costa, de quase 800 quilômetros, possui apenas um porto devidamente aparelhado—Guaiaquil. Plaza está atualmente promovendo a construção de uma estrada de 300 quilômetros que avança de Quito para o norte, até o porto, ainda primitivo, de Esmeraldas. Essa estrada virá abrir ao comércio 15.500 quilômetros quadrados das melhores terras do mundo para a cultura da bananeira, e permitir a utilização de um porto que fica um dia menos de distância dos mercados do Norte, do que Guaiaquil. Servidas de estradas, essa e outras regiões costeiras poderão produzir as frutas, o arroz, o café, o cacau e o gado que virão a fazer a prosperidade do Equador.

Plaza propõe-se criar uma classe média rural, por tradição a coluna vertebral das boas democracias, e está preparando com inteligente visão duas reservas de mão-de-obra: uma delas é

a multidão de vendedores ambulantes, carregadores, funileiros, etc., que vivem esgaravatando a mísera existência no círculo comercial, já superlotado, das cidades. Nas ruas de Quito e Guaiaquil, já hoje se vêem os membros dessa classe humilde folheando avidamente os livretos gratuitamente distribuidos pelo Governo, sobre a petição de terras, a construção de casas, o preparo das sementeiras e as medidas de higiene. E muitos deles vão pedir conselho e informações à repartição especialmente destinada a esse fim.

A segunda fonte de mão-de-obra é o recrutamento militar. Até agora, os ex-soldados, moços desempregados, quase todos analfabetos e, na sua indigência, presa facil de ambiciosos militaristas, eram a matéria-prima de pronunciamentos e revoltas. Plaza está transformando os quartéis em escolas capazes de dar a esses moços uma educação rudimentar que faça deles, ao deixarem o exército, homens aptos a construir suas próprias comunidades rurais, lavrar produtivamente as suas terras, e a contribuir para a estabilidade e progresso do Equador.

As próprias serranias, que foram sempre o grande peso morto do país, estão-se transformando em fonte de renda. Seus lagos espelhentos, seus picos cobertos de neve, suas aldeias índias que datam dos tempos do império inca, oferecem cenários que são dos mais belos do mundo. O presidente mandou construir, em pontos estratégicos, a primeira de uma série de confortaveis hospedarias e mercados para venda dos artigos de arte manual dos índios, atraindo dessa forma os turistas estrangeiros.

Os resultados futuros do programa renovador do presidente Plaza virão demonstrar se uma dúzia de paises latino-americanos serão capazes de modernizar seus hábitos e utilizar seus recursos naturais, de modo a poderem competir com outros, e triunfar, neste mundo do século XX.

Tortura... estética

A SENHORA entrou na casa de modas e apontou para um chapéu na vitrina.

—Aquele vermelho com plumas e cerejas, disse ela. —O sr. poderia fazer-me o favor de tirá-lo da vitrina?

—Como não, minha senhora, respondeu o empregado. —Com o maior prazer.

—Muito obrigada, disse a «freguesa», encaminhando-se para a porta. —É um chapéu tão horrivel que já estava me incomodando, cada vez que eu passava por aquí.

—*Successful Farming*

Flagrantes da vida real

DURANTE uma visita que fizemos a uma cidade de veraneio, levamos nosso carro a um mecânico, para alguns reparos no motor. O mecânico, um sujeito de cara fechada, trabalhou no automovel o dia inteiro e boa parte da manhã seguinte. Quando lhe perguntamos, receiosos, qual o preço do conserto, pôs-se a calcular mentalmente: «Vejamos. A dois dólares por hora, vem a ser 50 centavos.»

—Mas o senhor trabalhou pelo menos oito horas! objetamos.

—É verdade, respondeu ele,—mas se eu conhecesse o meu ofício como devia, poderia ter feito isso em 15 minutos.

—V. K

CERTA NOITE—uma noite de inverno suave e enluarada, bem pouco comum na Nova Inglaterra—chamou-me a atenção um jovem par que descia, de braços dados, por uma rua de Boston. Instantes depois, uma senhora, baixinha e de cabeça branca, suficientemente idosa para tomar essa liberdade, aproximou-se, e disse à jovem:

—Lembre-se sempre desta noite, deste lugar e deste momento. São coisas assim que a gente gosta de recordar quando chega à velhice.

Um rapaz que passava e a ouvira falar, acercou-se ao grupo.

—Se esta noite merece ser lembrada por esta jovem quando ficar velha, disse ele,—tambem merece ser lembrada pela senhora, quando *a senhora* ficar velha.

Ofereceu-lhe o braço e se afastaram, juntos.

—J. A. D.

MEU PAI estava sentado na varanda da loja, na nossa vila, quando se aproximaram dois homens, num automovel, forasteiros evidentemente. Um deles gritou:

—Você aí, diga-me uma coisa! Há quanto tempo esta vila está morta?

Papai olhou-os por cima dos óculos e respondeu:

—Não faz muito tempo, não. Os senhores são os primeiros urubús a aparecerem.

—B. S. C.

ANOITECIA. Era o fim do belo mas exhaustivo dia em que toda a família se reunira para festejar as bodas de nossos avós. Nos degraus da varanda, dois bisnetos brigavam ruidosamente por um par de patins. Mais adiante, dois «cowboys» davam caça a um primo «índio»; a filhinha de minha irmã chorava por ter arranhado o joelho; da cozinha, vinha a algazarra dos filhos e netos que lavavam os pratos.

Quando passei pela varanda, vi os

dois velhos conversando calmamente em suas cadeiras de balanço, e ouví vovô dizer a vovó:

—Cruzes! Juro que não foi minha intenção começar tudo *isto*, naquela noite em que te convidei a ir pra casa na minha *charrette*, depois da festa!

—E. D. B.

DIRIGINDO-SE a um preto velho que passava boa parte dos dias pescando, disse um fazendeiro:

Escute, meu velho, quero dar-lhe um dinheirinho, para você comprar peixe em vez de gastar todo o seu tempo aí com esse caniço na mão.

O negro velho sorriu e abanou a cabeça:

Seu dotô, tem coisa que dinheiro compra, mas tem coisa que não. Uma coisa que ele não compra é o gostinho da gente *sentí* a mordida na isca e a linha *tremê*.

—R. M.

QUANDO visitei a Academia Militar de West Point com um grupo de escoteiros, serviu-nos de guia um simpático cadete originário do sul dos Estados Unidos. Mostrando-nos um belo monumento, disse tratar-se de uma homenagem aos nortistas mortos na Guerra de Secessão. «Naturalmente,» observou o futuro oficial, «para mim é um tributo à pontaria dos sulistas...»

—A.R.D.M.

EM MEIO às guinadas que dava ao carro, na hora de maior movimento do tráfego, o chofer do taxi surpreendeu a minha amiga com as seguintes palavras:

—Estou observando a senhora, pelo espelho, desde que entrou.

—Está mesmo? perguntou ela.

—E devo dizer, continuou ele, galantemente, que a senhora sabe andar de taxi admiravelmente.

—R.M.

Psicologia

MESSMORE KENDALL, que foi secretário de Teodoro Roosevelt durante a campanha de propaganda da candidatura deste ao posto de governador do Estado de Nova York, recorda-nos um dos hábitos do famoso presidente dos Estados Unidos:

«Minha tarefa principal consistia em tomar ditados de cartas, em taquigrafia, dactilografá-las e levá-las para assinatura. Isso, a princípio, me desesperava, pois, por mais que eu caprichasse, ele sempre corrigia ou intercalava, a mão, novas palavras e até mesmo frases. Certa vez, passei uma carta a limpo e tornei a levá-la a Roosevelt.

«Não faça isso!» exclamou ele. «Eu sempre ponho correções a tinta. Dão às cartas um cunho mais pessoal.»

—*Never Let Weather Interfere* (Farrar, Straus, ed.)

Retalhos do drama cotidiano

Encontro fortuito

Por Paul Deutschman

DUAS interpretações se podem dar aos intrigantes resultados da viagem que o húngaro Marcel Sternberger, fotógrafo de Nova York, realizou na tarde de 10 de janeiro de 1948, num trem subterrâneo da grande metrópole.

Entenderão alguns que o impulso súbito que levou esse cavalheiro a visitar um amigo doente, e o ciclo fulgurante de acontecimentos dramáticos que daí resultaram, não são mais do que uma cadeia de felizes coincidências; outros quererão ver a mão da Divina Providência guiando tudo quanto nesse dia aconteceu...

Seja qual for a explicação, eis os fatos na sua singeleza:

STERNBERGER, fotógrafo-retratista, mora em um dos subúrbios de Nova York, e há muitos anos que adotou um percurso invariavel para ir de sua casa ao estúdio que possui na Quinta Avenida. Homem metódico, quase na casa dos 50, com uma basta cabeleira branca, olhos pardos sem malícia, e o entusiasmo elástico de um dançador de *czardas* da sua Hungria natal—Sternberger vai todas as manhãs no mesmo trem para a cidade.

Nessa manhã de 10 de janeiro, ele tomou o seu trem, como de costume. Mas, já a caminho, assaltou-o de repente a idéia de ir visitar o seu amigo e compatriota Laszlo Victor, que estava doente em sua casa, em Brooklyn, uma das antigas cidades que compõem a Nova York de hoje.

«Francamente, nem sei por que me ocorreu ir visitá-lo naquela manhã,» confessava-me o fotógrafo algumas semanas após o acontecimento. «Podia ter ido a casa dele depois das horas de serviço. Acho porem que a minha idéia foi que talvez lhe fizesse bem, se eu lhe levasse um pouquinho de ânimo...»

Tendo isso em mente, Sternberger mudou na parada seguinte para o trem de Brooklyn. Chegado alí, dirigiu-se para casa do amigo, onde se demorou até a tarde. Tomou então o *subway* que o devia levar ao seu estúdio, em Manhattan.

«O carro que eu tomei ia a transbordar de passageiros,» contou-me ele, «e não parecia ter jeito de eu arranjar

lugar para sentar-me. Mas, assim que entrei, um homem que ia sentado junto da porta deu um salto para sair, e eu lá conseguí encaixar-me no assento que ele deixou vago.

«Como vivo em Nova York há muitos anos, já não tenho por costume entabular conversa com estranhos. Mas, no meu carater de fotógrafo, tenho o hábito peculiar de observar as fisionomias dos meus semelhantes; assim, logo que me sentei, pus-me a estudar as feições impressionantes do passageiro que ia à minha esquerda: sujeito de perto de 40 anos, tinha nos olhos uma expressão de profunda melancolia. Estava lendo um jornal de língua magiar, e não sei o que me induziu a voltar-me para ele e a dizer-lhe em húngaro: Se não se importa, eu gostaria de passar os olhos pelo seu jornal!

«O homem pareceu surpreendido com essa interpelação na sua língua, mas respondeu com delicadeza: Pois não, pode lê-lo agora. Eu tenho tempo, mais tarde...

«Durante a meia hora que durou o percurso até o centro da cidade, fomos conversando como dois velhos conhecidos. O meu companheiro de viagem disse-me que se chamava Paskin; estudante de Direito no começo da guerra, na Hungria, os alemães tinham-no mandado para a Ucrânia, em um batalhão de trabalhos forçados. Aprisionado mais tarde pelos russos, estes lhe tinham posto uma enxada nas mãos, e o mandaram enterrar cadáveres de alemães... Acabada a guerra, fizera uns 5 mil quilômetros a pé, para regressar à sua terra, Debrecen, cidade bastante populosa da Hungria oriental.

«Eu próprio conhecia muito bem Debrecen, de modo que conversamos a respeito dela durante algum tempo. Depois, ele contou-me o resto da sua história: de regresso à cidade natal, foi encontrar ocupado por estranhos o apartamento onde os pais, os irmãos e irmãs haviam morado. Subiu depois ao apartamento onde ele mesmo morara com a esposa: estava igualmente ocupado por desconhecidos... E nenhum dos novos moradores ouvira sequer falar da família perdida!

«Ao deixar aquela casa, acabrunhado de tristeza, ouviu que alguem vinha correndo atrás dele e gritando: *Paskin bacsi! Paskin bacsi!*—o que significa Tio Paskin. Era o filho de uns antigos vizinhos, que o reconhecera. Acompanhou o pequeno a casa dos pais deste e ficou assim sabendo que toda a sua família tinha morrido: os nazistas levaram toda a sua gente, inclusive a esposa, para Auschwitz!

«Auschwitz, como todos sabem, era um dos piores campos de concentração. Paskin pensou nas câmaras de asfixia pelo gás, e perdeu toda a esperança de voltar a ver a família. Alguns dias depois, demasiado desgostoso para se demorar mais tempo na Hungria, que lhe parecia agora um cemitério, meteu-se de novo a caminho, transpondo a pé, clandestinamente, várias fronteiras, até que afinal chegou a París. Tinha conseguido emigrar para os Estados Unidos em outubro de 1947, precisamente dois meses antes do nosso encontro.

«Durante todo o tempo que ele falou, fui pensando, não sei como nem por quê, que havia naquela narrativa alguma coisa de familiar para mim... E de repente compreendí a razão. Uma senhora ainda nova, que eu conhecera tempos atrás em casa de uns amigos, era tambem natural de Debrecen; os nazis a haviam mandado para Auschwitz, donde mais tarde a transferiram para a Alemanha, como operária de uma fábrica de munições. Todos os seus parentes haviam perecido nas câmaras de gás. Posta mais tarde em liberdade pelos vencedores, viera para a América em 1946, na primeira leva de pessoas deslocadas. A história da pobre me comovera tanto, que eu tomara nota do seu endereço e telefone, na intenção de convidá-la a visitar minha família, o que talvez lhe desse algum alívio na horrivel solidão da sua atual existência.

«Parecia-me inacreditavel que pudesse haver qualquer ligação entre estes dois infelizes; mas, ao chegar à estação onde devia descer, em vez de saltar do trem, continuei a viagem e, a dada altura, perguntei ao meu companheiro, com uma voz que me esforcei por tornar natural: O seu primeiro nome não será *Bela*, por acaso?

«O sujeito empalideceu: É mesmo! Como é que o senhor soube?!

«Desatei a folhear atabalhoadamente o meu livrinho de endereços, e fui dizendo: Sua esposa não se chamava *Marya?*

«Julguei que o coitado ia cair com uma síncope! Marya, é isso mesmo! exclamou ele.

«Propús imediatamente que saíssemos daquele trem. Chegados à estação seguinte, agarrei o indivíduo pelo braço e arrastei-o a uma cabina telefônica. E enquanto eu procurava nervosamente, no meu livrinho, o número do telefone de Marya, ele ficou ao meu lado, em um estado de autêntico transe. Pareceu-me horas, e não minutos, o tempo que me custou conseguir que Marya Paskin respondesse do outro extremo da linha. (Vim a saber mais tarde que, apesar do seu quarto ficar mesmo ao lado do telefone dos hóspedes, ela não costumava responder as chamadas, porque tinha poucos amigos, e os telefonemas eram sempre para outros inquilinos da casa onde morava. Desta vez, porem, como mais ninguem estivesse em casa, depois de ouvir tocar muitas vezes, ela acabara por responder.)

«Quando, por fim, ouví a voz dela, eu disse quem era e pedí-lhe que me desse uma descrição do marido. A minha pergunta causou-lhe estranheza, mas assim mesmo ela me deu a descrição pedida. Perguntei-lhe então onde é que tinham morado, em Debrecen, e ela deu-me o endereço...

«Pedí-lhe que não cortasse a ligação, e virei-me para Paskin: O senhor morou com sua senhora na rua tal-e-tal, em Debrecen?

«Morei!» exclamou Bela, branco como a cal, e tremendo.

«Veja se tem calma, aconselhei. Está prestes a lhe acontecer uma coisa que até parece milagre. Pegue aquí neste fone, *e fale com sua senhora.*

«O pobre homem acenou que sim

e, mudo de assombro, com os olhos vidrados de lágrimas, agarrou o fone, escutou por instantes a voz da esposa, e de súbito bradou-lhe: É o Bela que fala! É o teu Bela!

«Depois desatou a gaguejar palavras ininteligiveis, num estado de agitação histérica. Vendo que ele estava tão nervoso que não podia dizer coisa com coisa, tirei-lhe o fone das mãos, e voltei a falar com Marya, que tambem parecia estar com a cabeça tonta.

«Fique aí mesmo, minha senhora! disse-lhe eu. O seu marido estará aí dentro de alguns minutos.

«Entrementes, Bela chorava como uma criança e repetia sem cessar: É minha mulher! Vou ver minha mulher!

«De começo, ainda pensei que seria melhor acompanhá-lo, não fosse ele, perturbado, desmaiar pelo caminho; mas logo concluí que um estranho seria demais junto deles, numa hora tão delicada. Empurrei Bela para dentro de um taxi, dei o endereço ao chofer, paguei adiantadamente a corrida e disse adeus ao meu companheiro de *subway*. Acho que ele nem me ouviu.»

O encontro de Bela Paskin com a esposa foi um momento tão pungente, de tão violentas emoções que, mais tarde, nem ele nem ela conseguiam lembrar-se do que então se passara.

«Eu só me lembro,» disse ela passado tempo, «de que, quando pendureio fone, fui direita a um espelho, como num sonho, para ver se o meu cabelo teria embranquecido de repente... A primeira coisa de que me lembro, em seguida, foi que um taxi parou em frente da porta, e eu vi meu marido correndo para mim... Dos pormenores não posso lembrar-me; só sei que, pela primeira vez depois de muitos anos, eu me sentí feliz!

«Até agora a gente custa a acreditar no que aconteceu. Nós dois tínhamos sofrido tanto!... Eu quase que perdí a capacidade de controlar o medo. Ainda hoje, todas as vezes que meu marido sai de casa, eu fico numa ânsia: será que lhe vai acontecer alguma coisa? que mo vão tirar outra vez?...»

O marido, esse está convencido de que já não há mal que o atinja. «A Providência nos juntou de novo,» diz ele com a maior simplicidade. «Estava escrito!»

As pessoas cépticas não deixarão talvez de atribuir ao mero acaso os memoraveis sucessos dessa tarde.

Mas seria o «acaso» que levou Sternberger a visitar o amigo doente em Brooklyn, e a tomar depois o trem numa linha do *subway* em que nunca tinha viajado? Seria o «acaso» que levou o homem sentado ao pé da porta a pular para a saida, no instante mesmo em que Sternberger entrava no carro? Seria por «acaso» que Bela Paskin ia sentado ao lado do fotógrafo, a ler o seu jornal de língua húngara?...

Seria o «acaso» — ou seria antes uma cadeia de acontecimentos sabiamente dispostos pela mão da Divina Providência?

O capitalismo não falhou no Velho Mundo: foram os capitalistas que trairam o capitalismo

Por que fracassaram os capitalistas europeus

(*Condensado de «Fortune»*)

Por Eric Johnston

Os homens de negócio europeus devem admitir que lhes cabe a parte do leão na responsabilidade pela invasão do socialismo na Europa. Minhas frequentes visitas ao Velho Mundo convenceram-me de que o capitalismo, como sistema, não falhou lá; foram os homens de negócio que trairam o capitalismo.

Para compreendermos por que a Inglaterra e a Europa ocidental mais e mais se abalançam rumo ao socialismo, ao passo que o capitalismo neo-estilizado dos Estados Unidos vai conquistando o apoio crescente do povo norte-americano, consideremos as vastas diferenças existentes entre os homens de negócio europeus e americanos.

É precípua a diferença de atitude para com a comunidade—para com o operário, o consumidor, o acionista. O homem de negócio europeu, de modo geral, não tem sentido de responsabilidade para com a sociedade como um todo; não tem consciência social, empregada a expressão com a acepção que nós, os norte-americanos, lhe atribuimos. Nem nunca teve.

Ao sufragarem a chapa socialista, há uns quatro anos, não estavam os ingleses optando entre economia livre e socialismo. A economia livre, como nós a conhecemos, não existia na Inglaterra. Os eleitores se viram na contingência de escolher entre monopólio e socialismo. Preferiram o socialismo.

O monopólio havia sido, durante gerações, o grande mal da indústria britânica. Homens de tendências açambarcadoras, sem leis que lhes refreassem as ambições monopolizadoras, dominavam todas as grandes indústrias. Na do aço, um sistema de cartel protegia até os mais ineptos produtores, mediante a fixação de preços tão elevados que lhes asseguravam lucro a despeito de seus métodos estultos e ruinosos. Nos Estados Unidos, fábricas desse tipo iriam irremediavelmente à falência.

Nas minas de carvão inglesas—ago-

ra nacionalizadas—o salário dos mineiros e suas condições de vida eram escandalosos. As companhias empacavam ante a idéia de modernizar seus métodos de produção. Agora, o governo trabalhista está promovendo a modernização, a adoção de melhores condições de trabalho, o pagamento de salários que permitam viver mais folgadamente.

A produção é sempre a chave do bom êxito ou da falência de qualquer economia. Na Inglaterra, na indústria manufatureira em geral, a produção por homem-hora é cerca de metade da alcançada nos Estados Unidos. Na mineração, é menos de 25 por cento. Das indústrias mais importantes, só a da construção naval iguala a produção norte-americana.

A administração britânica não tem o direito de responsabilizar o operariado por esta baixa produtividade. Administradores norte-americanos estão hoje obtendo na Inglaterra uma produção quantitativamente comparavel à dos EE. UU., em indústrias do mesmo ramo. Seus operários são operários britânicos típicos, mas as técnicas de produção e de relações com os trabalhadores são estritamente norte-americanas. Caso específico é o de um industrial de calçados que tem uma fábrica na Califórnia e outra na Inglaterra. A produção, por indivíduo, é quase a mesma em ambas.

A indústria britânica, em sua maneira de conduzir-se nas relações com o operariado, tem sido tão arcaica quanto em seus métodos de produção. Essas relações escoam dificilmente através do filtro do sistema de castas. O simples fato de ser ele o proprietário fazia do patrão um «superior». Do operário se esperava que «conhecesse seu lugar». Eram relações de senhor para servo, e o operário britânico não podia mais tolerá-las. Assim, quando ele compareceu às urnas, em 1945, arejou seu prolongado sentimento de frustração. Hoje, há homens nos altos postos do governo trabalhista cujo pensamento é influenciado pela lembrança de passadas injustiças feitas a eles próprios ou a suas famílias. Recordam-se de que foram tratados «a pontapés» em outros dias e «mantidos em seus lugares».

Na França, o industrial—tão afeiçoado ao monopólio e tão estreito de idéias como o inglês—carece, alem disso, de uma das mais importantes virtudes britânicas: o inglês paga seus impostos. O francês é um inveterado sonegador de impostos que se vangloria abertamente de manter três escriturações: uma para ele mesmo, outra para os acionistas e ainda outra para o fisco. Esta sonegação de impostos é assustadoramente grave, não somente para a França, mas para toda a Europa ocidental.

Conversei com homens de negócio, funcionários públicos, economistas e jornalistas e ouví de todos a mesma história. Certo economista notavel, relacionado com a Organização da Cooperação Econômica Européia, disse: «O Plano Marshall daria resultado na França se o homem de negócio francês desejasse a restauração econômica do seu país e mudasse de métodos. Eu gostaria de ver a Assembléia Francesa adotar e fazer executar um sistema simples de impostos. Esta é a chave dos problemas da França quanto a salários, preços, moeda, exportação e inversão de capitais. Afinal de contas, a produção francesa está restabelecida.»

Não é exagero dizer que as margens de lucro são raramente inferiores a 50 por cento e que frequentemente se elevam a mais de 100 por cento. Os ricos estão ficando mais ricos, e os pobres—mais pobres. O trabalhador não pode sonegar impostos, porque estes são descontados de seu jornal. Na corrida indisciplinada entre preços e salários, os trabalhadores têm, escassamente, o bastante para não morrer de fome. Algumas famílias de trabalhadores são forçadas a gastar, só em comida, até 85% de seus salários.

O industrial francês procede como se acreditasse que seu país estivesse a caminho do abismo. Transfere secretamente seus lucros para lugares «mais seguros»—Marrocos, Suiça, América do Sul. Na França, o mercado do ouro é livre, e todos—do camponês ao industrial ou negociante— estão comprando quanto ouro podem para guardá-lo em seu pé de meia.

O industrial italiano é tão monopolista quanto o inglês, e tão habil na sonegação dos impostos quanto o francês. Mas há uma coisa em que sobrepassa aqueles: protesta vociferantemente contra o socialismo, mas está perfeitamente disposto a consentir que o governo socialize os riscos dele, industrial. Um departamento do governo italiano é proprietário de quase 50 por cento da indústria pesada. Quando um homem de negócio vende seu estabelecimento ao governo, reserva para si o direito de controlá-lo administrativamente, de fixar seu próprio salário e de estabelecer a escala de salários. Mas não tem que se preocupar com prejuizos. O governo cobrirá as perdas em qualquer ocasião —como realmente acontece.

A consciência social é rara nos círculos industriais italianos, mas a posição social é consagrada pelos costumes. O industrial italiano promove seus subordinados segundo a posição social dos mesmos e não de acordo com o merecimento de cada um. À sua maneira, estão eles tão imbuidos da idéia de classe quanto um comunista.

Assim como não se pode condenar todo um povo, tambem não é possivel condenar todos os homens de negócio da Inglaterra, França e Itália. Há notaveis e animadoras exceções. Ouví vozes que começavam a clamar por métodos de produção mais eficientes, menor lucro por unidade, maior volume, e melhores relações entre empregado e empregador. Na França e na Itália, não ouví nenhum apelo para que os impostos sejam honestamente pagos, mas cedo ou tarde isso terá de acontecer, ou a economia européia irá por água abaixo.

Como homem de negócio norte-americano, orgulho-me do crescente desenvolvimento de nossa consciência social, mas tambem reconheço que o homem de negócio do meu país ainda se está penitenciando de sua oposição

às reformas econômico-sociais. Quanto mais desenvolvida for a nossa consciência social, menor será a necessidade de leis sociais. O caminho da ação voluntária está aberto à indústria: que ela dê expansão, no campo social, como já o faz no da técnica, ao seu gênio inventivo. No setor técnico, mal começa a funcionar uma nova máquina e já os planos de outra melhor estão sendo traçados. Podemos—e devemos—fazer o mesmo em prol de nosso pensamento social.

O grande problema com que hoje defronta o homem de negócio norte-americano, é o de encontrar novos meios de difundir os benefícios do capitalismo entre mais pessoas. Não me refiro à partilha da riqueza. Refiro-me à criação de uma nova riqueza para partilhar. Se nos esforçarmos nesse sentido tão eficientemente como trabalhamos pela produção e pela qualidade dos produtos, espalharemos os benefícios de nosso sistema e ampliaremos a confiança que nele deposita o nosso povo. Talvez consigamos até implantar uma confiança nova entre os europeus. E a ameaça do socialismo será afastada cada vez mais.

Pela boca morre o peixe...

DOIS PESCADORES alemães instalaram-se cada qual numa margem do Rio Spree, que separa os setores de ocupação russo e americano em Berlim. A sorte ajudava o do lado americano, que fisgava peixe após peixe. O pescador do lado russo não conseguia sequer uma mordida na isca. Irritado, acabou por gritar:

—Mas como é que você consegue pegar tantos peixes, quando eu estou aqui há horas e não pesco nada?

—Muito simples, bradou do outro lado o pescador do setor americano, —aquí os peixes não têm medo de abrir a boca.

—Robert Wadsworth

A presença de Lincoln

NUM DIA bastante quente, em Washington, um garotinho divertia-se molhando os pés no lago situado em frente ao monumento a Lincoln. Um velho implicante, surpreendendo o menino na inocente brincadeira, chamou um policial para que este o punisse pelo desrespeito.

—É, parece que o sr. tem razão, admitiu o guarda.

Depois, olhando para a bela estátua de Lincoln, acrescentou: —Mas pensando bem, *ele* não havia de se zangar...

—*This Week Magazine*

Um jovem cego que, vencendo a adversidade, se distinguiu porque—

Fez o impossivel

(Condensado de «Pic»)
Por B. F. Sylvester

NO INSTITUTO de Radiotécnica de Omaha, escola única do seu gênero no mundo, constitui um monumento vivo à fé e perseverança de um jovem que, um dia, resolveu demonstrar que os cegos podem guiar outros cegos à conquista de novos e amplos domínios de uma satisfatória autodependência.

Os cegos que estudam nessa escola são alí treinados como especialistas em consertos de rádios, toca-discos e aparelhos eletrônicos em geral. O fundador e diretor do Instituto, LaVon P. Peterson, um cego de 28 anos de idade, tem ainda em mente outros projetos para a organização de cursos de conserto de automoveis e utensílios domésticos, alem de um programa de treinamento de maquinistas e marceneiros.

Afim de treinar os estudantes cegos na maneira de se orientarem por entre o dédalo de condensadores, resistências, bobinas, válvulas e mil outras conexões soldadas que entram na montagem do mais insignificante dos rádios de mesa, Peterson viu-se obrigado a lhes fornecer apetrechos e dispositivos pelos quais o som e o tato substituissem a vista que lhes faltava. Foi-lhe preciso, depois, elaborar um método de instrução e—coisa de todas a mais dificil—convencer os cegos de que eles eram capazes de dominar a complexidade dum ofício que se tem mostrado, em tantos casos, fora do alcance das aptidões de muita gente fisicamente normal.

O sonho de Peterson—tornar-se ele próprio e tornar tantos outros cegos economicamente independentes, pelo treinamento técnico-profissional—data do tempo em que ele era um dos alunos de certa escola para cegos e surdos. Um dia ele declarou ao seu instrutor técnico-profissional que queria aprender a consertar rádios.

«Mas você vai queimar os dedos todas as vezes que pegar num ferro de soldar!» retorquiu o instrutor. «Alem disso, não existem ferramentas pró-

prias para serem usadas por cegos.»

Peterson afirmou que inventaria suas próprias ferramentas e acharia um jeito de evitar as queimaduras. E isso ele conseguiu, graças em parte a algumas noções elementares de rádio adquiridas, tempos atrás, quando ele costumava frequentar uma oficina de consertos de rádios. Passados poucos meses já havia montado uma oficina em seu quarto, no internato, e estava fazendo bom negócio, consertando rádios dos colegas.

Quando saiu da escola, em 1939, Peterson alugou casa e pendurou à porta uma tabuleta que dizia: «Oficina de Rádios Peterson». Depois montou um transmissor de onda curta para se comunicar à noite com os rádio-amadores. A mãe e os amigos liam para ele as revistas da especialidade, afim de ajudá-lo a manter-se a par das novidades que fossem surgindo.

A oficina era já um verdadeiro êxito financeiro quando, em 1942, Peterson a deixou para se consagrar a um emprego de guerra. Indo ocupar um lugar no corpo docente de uma escola de eletrônica, no curto espaço de dois anos ensinou 800 soldados e fuzileiros navais norte-americanos a fazer reparos de urgência em material de rádio de alta complexidade técnica, nas condições mais adversas — em completa escuridão.

Após a guerra, Peterson associou-se a dois colegas dotados de vista, para abrir uma nova oficina de conserto de rádios. O negócio corria bem, mas durante meses seguidos ele não fez senão pensar nos ex-combatentes que regressavam inválidos a seus lares. Por que razão é que esses cegos de guerra se haviam de resignar à triste tarefa de tecer cestos de vime ou tapetes, ou a vender lapis pelas ruas? Seguro do êxito que obtivera ensinando homens com olhos a trabalhar nas trevas, concluiu que podia fazer a mesma coisa com os condenados à escuridão perpétua da cegueira. Daí nasceu o Instituto de Radiotécnica.

A coisa não foi tão facil de começo. Seus esforços para conseguir empréstimos dos bancos esbarravam sempre na mesma resposta: «Lamentamos muito, mas o risco é demasiado grande.»

A despeito destes e outros desencorajamentos consecutivos, Peterson começou a desenhar ferramentas e aparelhos, usando modelos fabricados a mão, para diminuir as despesas. Certo dia, um freguês, satisfeito com o conserto do rádio do seu carro, foi à oficina manifestar sua satisfação. Durante a conversa que teve com o cego, perguntou a dada altura que era que estava dificultando os planos da escola.

—A falta de dinheiro, disse Peterson. —Apoio moral não nos falta, mas com boa-vontade não se pagam contas...

—E de quanto é que o sr. precisa? indagou o freguês.

—Acho que uns 5 mil dólares já davam para começar.

—Toda a minha vida não tenho feito senão jogar em palpites, respondeu o freguês. —Desta vez vou arriscar meu dinheiro em você.

Quando a escola se inaugurou—com uma sala apenas—em outubro de 1945, Peterson constituia todo o corpo docente, e os alunos eram só três. Mas dentro de seis meses tinham-se matriculado mais dez estudantes. Das fileiras da primeira turma que se formou, saiu um novo instrutor cego. As instalações foram-se expandindo, sendo acrescentada uma seção nova, para rapazes que, embora dotados de vista, sofriam de ataques, eram paraplégicos ou estavam de alguma outra forma parcialmente invalidados.

De início, os alunos acompanham preleções sobre os princípios gerais da eletricidade, tomando suas notas em caracteres Braille. Os que ignoram o sistema Braille têm que confiar na memória. O primeiro trabalho de laboratório consta de soldagens—aprendem a achar com os dedos o ponto a soldar, encaminhar o ferro em brasa para esse ponto até sentir-lhe o calor, e em seguida aplicá-lo ao ponto preciso onde os dedos se encontravam.

Mais tarde, aprendem a fazer suas próprias ferramentas e equipamento especial que inclui o adaptador Peterson para aferidores de válvulas. O tipo comum desses aparelhos tem uma agulha que indica ao técnico dotado de vista o que ele quer saber. O adaptador de Peterson utiliza o sentido da audição: os sons produzidos pela agulha no lado direito do mostrador indicam que a válvula está boa; no lado esquerdo, que não o está.

Os 60 rapazes cegos que, até agora, terminaram o curso na escola de Peterson, sairam dalí para a vida como técnicos, habilitados e cheios de confiança em si mesmos. Muitos têm hoje oficina própria. Cinco deles, seis semanas depois, já estavam ganhando o suficiente para viver.

Em janeiro de 1948, a Associação Comercial dos Jovens, dos Estados Unidos, organizou por votação, como faz todos os anos, a lista dos dez moços que mais se distinguiram em todo o país. Nela figurava o nome do dinâmico LaVon P. Peterson—o cego que veio provar serem os cegos capazes de guiar outros cegos...

Boas-Festas

O próprio exercício da odontologia, geralmente tão desagradavel, pode dar lugar a uns toques de bom humor. Um de meus amigos terminou, em dezembro, um tratamento dentário. No último dia, o dentista, empregando uma seringa diferente da que vinha usando, deu-lhe um bom jacto na boca.

—Essa tem um gosto supimpa, observou o paciente. —Que é?

—Ah, replicou o dentista com naturalidade, —é uisque. Eu costumo usá-lo na época de Natal.

—*Montrealer*

A Companhia do Canal de Suez, tão francesa quanto a sopa de cebolas, ainda continua a render milhões

O CANAL MAIS RICO DO MUNDO

(Condensado de «The Saturday Evening Post»)
Por Ernest O. Hauser

PROPRIEDADE de uma companhia privada, o Canal de Suez, que liga o Mediterrâneo ao Mar Vermelho, produz uma renda fabulosa. O tráfego, através das 101 milhas do canal de água salgada, é hoje mais intenso do que nunca. O petróleo dos poços norte-americanos da Arábia enviado à Europa de acordo com Plano Marshall, corresponde a cerca de dois terços da tonelagem transportada para o Ocidente.

A *Compagnie Universelle du Canal Maritime de Suez*, uma das mais extraordinárias aventuras da iniciativa particular, lembra uma antiguidade bem conservada, do tempo do daguerreótipo. Funciona de acordo com os termos de uma concessão de 99 anos feita a Ferdinand de Lesseps por Mohammed Said, o então vice-rei do Egito. A concessão expirará em 1968. Quem quiser saber qual será o destino do canal depois desta data, dirija-se à Esfinge.

Embora registrada como companhia egípcia, a sociedade é tão francesa quanto a sopa de cebolas. O canal foi construido por engenheiros franceses, com capitais franceses em sua maior parte; o público francês possui mais de metade das ações; dezoito dentre os 32 diretores são franceses. E é de um aristocrático palacete na Rue d'Astorge, em Paris, que o canal é administrado.

A concessão, ao nivel atual do mercado de títulos, vale 270 milhões de dólares e quem a adquirisse por esse preço ainda poderia, provavelmente, dobrar o capital antes do soar do gongo. As ações, emitidas ao valor nominal de 250 francos-ouro, custam hoje 110.000 francos e são dificeis de conseguir. Muitas constituem verdadeiro patrimônio de modestas famílias, que as passam zelosamente aos filhos e aos netos. Hoje, a maioria dos acionistas possuem três ações, duas ou mesmo uma só.

O governo britânico, proprietário de 43¾ por cento das ações, constitui a única exceção. O fato não deixa de ser irônico, considerados os doze anos de obstinada resistência dos ingleses à execução do projeto. Vendo o império ameaçado pela perspectiva de um caminho mais curto para a Índia, sob controle francês, a rainha Vitória procurou obstruir o plano por todos os meios, desde a pressão diplomática às ameaças e à própria chicana. A incrivel decisão e operosidade de Lesseps terminaram, entretanto, por vencer a partida. Em 17 de novembro de 1869, realizou-se a inauguração oficial do canal, cujo custo foi de 73.800.000 dólares. Em breve, dentre cada quatro navios que por ele transitavam, três eram britânicos, e seus capitães relutavam, acrimoniosamente, em pagar taxas a uma companhia em que o governo inglês não tinha voz nem voto.

A situação inspirou o famoso golpe de Disraeli. Sabedor, em 1875, de que o perdulário quediva do Egito projetava vender o seu lote de ações, o primeiro ministro da rainha Vitória pediu 4 milhões de esterlinos emprestados à Casa Rothschild, e fechou o negócio imediatamente, sem esperar a sanção do Parlamento. A manobra era inconstitucional, mas a inversão extremamente rendosa. Essas ações valem hoje mais de 20 milhões de esterlinos e, durante os últimos 50 anos, pagaram dividendos anuais raramente inferiores a 20 por cento do preço de aquisição.

A abertura do canal não poderia ter sido mais oportuna, coincidindo com o advento da navegação a vapor, a revolução industrial e a crescente necessidade de matérias-primas das colônias. Eliminadas 4.457 milhas da arriscada rota do Cabo da Boa Esperança (o canal encurtava de 43% a distância entre Liverpool e Bombaim), ficaram ao rápido alcance da Europa os cereais, o chá, a juta, a copra, os minérios, a borracha e as especiarias do Oriente. Abria-se tambem um conveniente escoadouro para a maquinaria, cimento, papel, tecidos e outros produtos do Ocidente.

Os 486 navios que transitaram pelo canal durante o primeiro ano formam um vivo contraste com o total de 5.972 em 1947, sendo ainda de notar que os navios de hoje são consideravelmente maiores. A companhia cobra as taxas mais altas que o tráfego comporta. Hoje a taxa é mais ou menos de 1.60 dólares (uns 30 cruzeiros) por tonelada para os navios carregados e metade para os que viajam em lastro, e cada passageiro paga o

mesmo que uma tonelada de carga.

Essas taxas são suficientemente baixas para atrair os navios que vão para a Índia e o Oriente Médio, ou de lá vêm. Entretanto, a vantagem que oferece aos que seguem a rota da Austrália é tão pequena que muitos preferem usar o caminho menos complicado à volta do Cabo.

A Convenção de Constantinopla, firmada em 1868, declara expressamente que o canal "estará sempre aberto, em tempo de guerra como em tempo de paz, a todos os navios mercantes ou de guerra, sem distinção de bandeira». Desse modo, quando parte da esquadra russa do Báltico atravessou o canal, em 1905, afim de dar batalha aos japoneses, a companhia cobrou, automaticamente, as taxas usuais por tonelada e por passageiro. E quando Mussolini, em 1935, enviou seus soldados através do Suez para conquistar a Etiópia, teve de pagar, de mau grado, o preço cobrado pelos seus 319 mil bem armados passageiros. A Inglaterra, em ambas as ocasiões, não viu com bons olhos a utilização do canal, mas nada pôde fazer.

As guerras mundiais, entretanto, são um mau negócio para o Suez. Na de 1914-18, a ameaça dos submarinos alemães fez com que a maioria dos navios aliados preferisse a rota do Cabo da Boa Esperança. Durante a última guerra, o canal foi atacado por aviões alemães 64 vezes; lançaram bombas e minas em quantidade, e 27 navios foram afundados ou danificados, paralisando-se o tráfego, inteiramente, durante 76 dias.

Quando a última mina magnética foi recolhida e os últimos transportes de tropas partiram com destino aos seus paises, a situação afigurou-se mais sombria do que nunca. A fome ameaçava assolar a Índia, as plantações de borracha da Península de Malaca estavam arruinadas e a guerra ensanguentava as Índias Holandesas.

Mas não tardaria um novo surto de prosperidade. Durante o ano de 1947, os carregamentos de petróleo que passaram pelo canal elevaram-se a 61 por cento de todo o tráfego comercial para o Ocidente, pagando os navios-tanques a média de 20 mil dólares em cada viagem de ida e volta.

Este pesado tributo naturalmente enfurece a Arabian-American Oil Company (ARAMCO). Em fevereiro de 1948, ficou concluida a primeira milha do oleoduto de 1.070 milhas destinado a evitar a passagem pelo Suez. Pelo gigantesco encanamento de aço deverão correr 110 milhões de barrís de petróleo por ano. Entretanto, nem mesmo esse desvio de rendas chegará a afetar seriamente as finanças do canal. Em 1951, se tudo correr bem até lá, a ARAMCO estará produzindo mais do dobro da capacidade do oleoduto.

Na opinião dos egípcios, o canal tem sido mais uma praga do que um benefício. «Trata-se da consequência deploravel de um passado humilhante,» declarou em París, na Assembléia das Nações Unidas, um importante membro da delegação egípcia. «Fomos forçados a fazer grandes concessões a potências estrangeiras

quando o Egito era um país semicolonial. Hoje, desapareceram todos esses privilégios, exceto o direito, concedido a uma empresa tipicamente estrangeira, de administrar o canal, com tropas estrangeiras para guardá-lo. Agora que somos uma nação soberana, situações como essa tornam-se intoleraveis.»

Sem meios de se livrar dos soldados britânicos, os egípcios, cada vez mais irritados, vingam-se na Companhia do Suez. Em 1937, a empresa aquiesceu, com relutância, em admitir um bom número de empregados egípcios e em nomear dois egípcios para o conselho diretor. Em 1947, o Egito votou uma lei exigindo que em todas as companhias egípcias 40% dos seus diretores fossem nacionais, bem como 75% dos funcionários de escritório e 90% dos operários.*

A batalha continua violenta. Alegando que 89 por cento dos 3.300 empregados da companhia são cidadãos egípcios, os diretores repelem a idéia de uma crescente egipcianização do corpo de funcionários, que inclui os antigos e experimentados pilotos da companhia.

«Conduzir um transatlântico ou um vaso de guerra através do canal,» explicou um funcionário da companhia, «é uma tarefa tão delicada como a de um relojoeiro. Exige longos anos de prática. Que aconteceria se substituíssemos nossos pilotos por egípcios inexperientes? Encalhariam um navio na areia, interrompendo o tráfego entre o Oriente e o Ocidente por várias semanas!»

Dos 137 pilotos da companhia, pouco menos de metade são franceses; um terço são ingleses e o restante é constituido por escandinavos, holandeses, alguns iugoslavos não-comunistas e dois norte-americanos. Todos têm diplomas de capitão e experiência como comandantes na marinha mercante. O Egito não dispõe de um corpo treinado de capitães de alto mar, e a nenhum dos quatro egípcios empregados no canal como pilotos confia a empresa navios de grande calado.

Qualquer que seja o resultado da controvérsia entre a companhia e o Egito, a prorrogação da concessão do canal não é nada provavel. Por esse motivo, a empresa já iniciou a amortização gradual do capital invertido. Uma vez por ano, um certo número de ações é recolhido e substituido por títulos de «*jouissance*». Esses títulos, embora não tornem os seus portadores acionistas da empresa, lhes dão o direito a um dividendo anual e a uma fração do que o governo egípcio pagar pelos edifícios e instalações do canal que não forem transferidos automaticamente para os egípcios ao termo da concessão, em 1968. Mais de 280 mil das 800 mil ações do capital já foram substituidas pelos títulos de

*Um despacho publicado no *New York Times* de 8 de março último informa: Novo acordo entre o governo egípcio e a Companhia do Canal de Suez, iniciado em 7 de março, estipula que nove de cada dez postos de chefia daquela empresa e quatro de cada cinco postos técnicos terão que ser ocupados por egípcios. O número de diretores egípcios tambem foi aumentado de dois para sete, em uma diretoria composta de 32 membros.

«*jouissance*». Estes são vendidos correntemente em París por um preço apenas 20 pontos abaixo das ações de capital—evidentemente porque os compradores esperam bons dividendos e uma boa fatia no momento da liquidação. As últimas ações de capital serão trocadas antes de passar a atual onda de prosperidade daquele canal.

Os descendentes dos faraós já ameaçam transformar o canal em uma via de comunicação egípcia. Mas enquanto houver navios sulcando os seus mares, Suez continuará a ser um ponto altamente estratégico. Para não o ver entregue à discrição da pequena e orgulhosa nação que possui as margens do canal, é possivel que as grandes potências marítimas insistam na adoção de um regime de controle internacional para que as portas daquela famosa via fiquem definitivamente abertas a todas as nações.

Piadas

UMA JOVEM à amiga: «Se eu pudesse combinar as qualidades dos dois, seria a moça mais feliz do mundo. Ronald é alegre, jovial, rico, bonitão, inteligente, e Henry quer casar comigo.»

—Irwin Caplan, em *Collier's*

UM CORRETOR de imoveis a um casal: «Sim, eu tenho uma casa mais barata, do preço que os srs. querem. Gostariam de dar um pulo até lá, para ver se ainda está de pé?»

—Salo, em *The Saturday Evening Post*

A ESPOSA ao marido furioso: «Normalmente, nunca me passaria pela cabeça abrir uma carta endereçada a você, mas o envelope declarava que esta era particular.»

—Leslie Stark, em *Collier's*

UMA SENHORA à amiga, durante um leilão: «Fiz lances para todos os objetos, na semana passada, e felizmente sempre houve alguem que fizesse ofertas mais altas!»

—J. Monahan, em *This Week Magazine*

A DONA-DE-CASA ao eletricista: «Com certeza quem mandou chamar o sr. foi a família que morava aquí antes de nós, mas eles já se mudaram há mais de um ano.»

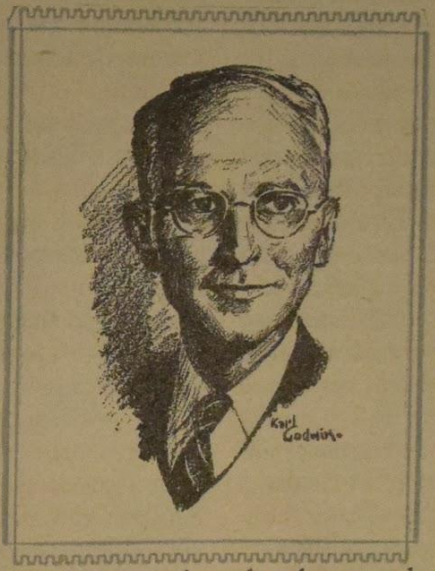
—Bill King, Chicago Tribune—New York News Syndicate

A MULHER ao marido, ao chegar em casa com o radiador do carro todo amassado: «Querido, você não imagina como o guarda foi simpático. Perguntou se eu queria que a Prefeitura mandasse retirar todos os postes da cidade.»

—Mort Walker, em *The Saturday Evening Post*

Aprendo a carregar minha cruz

(*Condensado de «Argosy»*) Por Frank Smathers



A sentença deste tribunal é que o réu seja mantido em prisão o resto de seus dias.

Quantas vezes observei, quando era juiz, o efeito destas palavras no preso, e vi o desengano e o desespero enuviarem-lhe o rosto ao antever ele uma existência sem liberdade. E depois, voltando a meu escritório, quantas vezes pasmei ao refletir na obstinada centelha que incita certos homens a continuarem lutando, mesmo depois de haverem desaparecido todas as razões lógicas para isso.

Só agora, no ocaso da vida, começo a compreender a centelha divina que sustenta o ânimo do condenado. Porque hoje eu sou, tambem, um condenado.

O «juiz» que quase destruiu minha vida é impiedoso e perito na arte da tortura. Todos os anos invalida centenas de seres humanos. É maior ceifeador da liberdade do que as paredes das prisões. Seu nome é—artrite.

Tinha eu 37 anos, e era juiz de um tribunal distrital, quando esse inimigo entrou, pela primeira vez, em meu organismo, na base da espinha. Lenta, mas inexoravelmente, ele foi subindo e enchendo-me todas as vértebras com sua presença sólida e óssea. Depois atacou outras juntas e está agora trabalhando sem cessar nos dedos de minhas mãos e nos dos pés.

Durante dez anos, os médicos sustentaram guerra vã contra uma enfermidade que eu jamais tive. Tomando as dores que eu sentia nas costas, pernas e ombros como sintoma de neurite, prescreveram-me medicação e dietas. Como falhasse o tratamento, sacrifiquei, em sucessão lenta, os dentes, as amígdalas e o apêndice. Depois o bisturí explorou-me as entranhas, da vesícula biliar até a próstata.

Finalmente, os esculápios declararam que, se eu desejava curar-me, devia ir repousar num clima quente por dois ou três anos. Isso significaria renunciar ao cargo de juiz, dissolver minha firma de advocacia, abandonar o fruto de anos de esforços e sacrifícios, e separar-me de meus amigos. Assim, eu e minha mulher continuamos em nossa cidade durante mais dois anos.

Mas a «neurite» piorava. A contra-gosto, em dezembro de 1920, fomos para Miami. Melhorei imediatamente, e seis meses depois minha placa reluzia ao sol tropical. Decorridos três anos, eu tinha todo o trabalho de advocacia de que, com a assistência de dois auxiliares, me podia incumbir. Melhor ainda, estava completamente restabelecido. Pelo menos, era o que eu pensava.

De repente, porem, os acessos voltaram com devastadora intensidade. Na Clínica Mayo, de Rochester, aonde fui para submeter-me a rigoroso exame em 1928, vim a saber finalmente que eu sofria de artrite. Nos anos que se seguiram, combatí a artrite e lidei com os problemas de uma próspera banca de advocacia. Por fim, em 1937, fui obrigado a abandonar tudo.

Começou então o que outras vítimas sem conta já tentaram—uma série de peregrinações a todos os lugares imaginaveis que prometiam melhoras. Tentei libertar-me da artrite calcinando-a no deserto do Arizona, dissolvendo-a em suor nas praias da Califórnia, congelando-a nas regiões nevadas do Canadá. Visitei famosas fontes termais. Ingerí drogas em quantidades que bastariam para curar ou matar um regimento. Durante dois anos, me alimentei exclusivamente de leite; durante mais dois, de frutas e legumes. Passei pelo suplício da radioterapia e dos raios X, submetí-me à tortura de 20 tratamentos por meio de febre artificial, e até sujeitei meu corpo ao veneno de várias cobras e a picadas de abelhas.

Escapei a todas essas medidas desesperadas. Mas a artrite tambem sobreviveu a elas!

Esse monstro, que agora já atingiu a base de meus maxilares, a tal ponto me desviou o queixo para um lado, que minha audição está prejudicada; e mastigar é, para mim, um tormento. Passo de cama 95 por cento do tempo.

Mas—não faço mais dieta. Não me submeto mais a calores causticantes, nem a suadores, nem a temperaturas álgidas. Não me sujeito mais a operações. Meu uso de medicamentos está reduzido ao mínimo. Tudo isso porque um incidente, ocorrido em 1940, mudou por completo meu modo de pensar. Nesse ano, numa famosa clínica do Canadá, conhecí uma senhora de pequena estatura, pálida e magra, horrivelmente desfigurada pela artrite. Notei, porem, em seus olhos uma centelha que me causou inveja. E ouvindo-a falar, fiquei convencido de que, por meio do sofrimento, ela havia encontrado vida nova, paz e felicidade na indestrutivel energia espiritual que é a essência do ser humano. Então, alí mesmo, compreendí que o monstro que me havia invadido

o corpo não poderia jamais conquistar-me o espírito. Eu construiria, dentro das paredes de meu quarto, com o material de meu próprio pensamento, uma vida nova e um novo mundo. De meus olhos para cima, eu estava são.

É dificil suportar a invalidez. O telefone toca, e não pode a gente levantar-se para atender. Sem auxílio, é impossivel sentar-se ou erguer-se, comer ou vestir-se. É amargo reconhecer que jamais se poderá guiar o carro ou atravessar a rua para conversar com um amigo.

Todavia, embora houvesse muitas coisas que eu não podia mais fazer, havia outras, e talvez mais nobres, que eu *podia* fazer. Podia ser melhor esposo, melhor pai, melhor amigo. Podia esforçar-me por praticar aquilo que Wordsworth disse ser «a melhor parte da vida de um homem bom—seus pequenos anônimos e esquecidos atos de bondade e de amor».

Por sorte, meus interesses na vida eram variados, e um cérebro ativo é menos vulneravel à dor. Meu rádio e eu estamos sempre a postos para o arremesso da primeira bola numa partida do campeonato de basebol, para as peripécias de um encontro de futebol numa tarde fria de novembro. Dá-me prazer constante dirigir, de meu leito de enfermo, o cultivo de nosso jardim. Como homem de leis, dou conselhos jurídicos a quantos me pedem e a alguns que não me pedem.

O tempo escorre lento, e aos dourados raios do sol que me entram pelo quarto a dentro, eu, com mais vagar, leio mais—religião, filosofia, ficção. A leitura deu-me a conhecer outros inválidos que não se deixaram abater: John Keats, que escreveu seus maiores poemas quando assolado pela tuberculose; Helen Keller, que superou obstáculos esmagadores e veio a ser uma das mais nobres mulheres do mundo; Florence Nightingale, que de seu leito de enferma organizou os hospitais ingleses.

Concluí que aquilo de que os inválidos mais necessitam é um empolgante entusiasmo por uma causa, qualquer boa causa. A minha, encontrei-a em meu ininterrupto interesse pela arte de bem governar. O fato de estar estirado numa cama não me impede de levantar a voz contra a corrupção em minha cidade. Tenho tambem lutado por aqueles que considero os melhores candidatos, nas eleições locais e nacionais. O curioso é que sofro menos. Lentamente, estou construindo uma resistência subconsciente à dor e às exigências da invalidez.

É reconfortante saber-se que, sob a superfície dos incômodos físicos, existe uma fonte abundante de alegrias espirituais compensadoras que poderiam passar despercebidas, não fosse o aguilhão dos sofrimentos corporais. Até a luz do sol, a cujo calor me esqueço de minha fraqueza, pode proporcionar-me uma felicidade como jamais sentí quando eu era descuidosamente sadio. Aprendí a achar prazer nas coisas simples—a brisa que agita as cortinas, o desabrochar de um rosado botão, lá fora. O que antes havia sido um vago interesse pela música,

transformou-se em paixão absorvente.

Aprendí que, no silêncio da noite, a doença pode aguçar no homem a percepção de Deus. Sempre fui religioso, mas agora sinto uma união mais íntima com o divino, resultando daí uma fé e coragem muito mais fortes que antes. O homem não pode, creio sinceramente, suportar sofrimentos constantes, físicos ou mentais, sem o reconhecimento e amparo de uma energia interior que o aproxima de Deus e que lhe dá forças para, num triunfo magnífico do espírito, elevar-se acima das dificuldades mortais e materiais.

Quando a dor lhe tortura o corpo, o inválido dorme intermitentemente talvez uma ou duas horas; e depois se encontra de novo com suas lembranças, seus problemas e seu Deus. Dessas horas de luta, ele arranca uma filosofia pessoal. Aprende uma nova humildade ao reconhecer que não é ele o centro do universo, senão apenas parcela insignificante de um plano principal. Começa então a perceber que todo homem tem a sua cruz e o seu Calvário.

Mesmo os meus piores dias têm sua dose de contentamento. Que importa a estranha carapaça que nos envolve, desde que estejamos vivos? A vontade de viver é mais forte que as dores físicas. Descobrí uma filosofia pessoal que pode enfrentar até as investidas selvagens—a que são tão suscetiveis os reclusos forçados—da impaciência, do tédio, da autocomiseração. E ao passo que me fui libertando progressivamente dos grilhões do medo, fui também compreendendo que o medo—e não a artrite—é o maior invalidador de homens.

Certa manhã, não faz muito, minha esposa acercou-se de meu leito para afofar-me o travesseiro. «Sei como deve sentir-se cansado de estar aí, sempre estirado,» disse ela com pena.

«Cansado?» exclamei realmente surpreso. «Vivo ocupado demais, para sentir cansaço.»

Tenho estado ocupado em aprender de novo a viver.

Verdade nua e crua

CERTA NOITE, num cassino, uma jovem bonita e elegante trazia no pescoço, preso a uma delicada corrente, um minúsculo avião de ouro. Um dos rapazes presentes pôs-se a observá-lo com tanta insistência que a jovem acabou por perguntar-lhe:

—Você gosta do meu avião?

—Para lhe dizer a verdade, replicou o rapaz, —eu não estava olhando para o avião. O que eu admirava era o campo de aterrissagem.

—Athos C. Abilhoa

Matemática da livre iniciativa: uma boa idéia + atividade intensa = 20 milhões de dólares

O «permanente» que rendeu milhões

A Batalha das Ondas do Cabelo

(Condensado de «Advertising & Selling»)

Ralph Wallace

EM APENAS quatro anos de intensa atividade comercial, em que há traços de gênio, os irmãos Neison e Irving Harris, de Chicago, ambos com bem menos de 40 anos, conseguiram transformar um pequeno negócio de artigos de beleza feminina em um gigante do ramo—a refulgente Toni Company, que não faz muito tempo eles venderam à Gillette Company pela soma de 20 milhões de dólares.

Mas os irmãos Harris não foram os únicos que lucraram com o produto da sua invenção: as mulheres dos Estados Unidos conseguem fazer hoje uma economia total de uns 200 milhões de dólares por ano, com a aplicação, que elas próprias podem fazer em casa, de um penteado permanente cujo preço oscila entre 0,89 e 2,75 dólares. A grande maioria desses permanentes são feitos com o estojo Toni. Existem no entanto mais umas 50 empresas concorrentes.

Até há poucos anos, os institutos e salões de beleza exerciam um férreo monopólio sobre o negócio dos permanentes. A súbita deserção de suas antigas clientes se deve, pelo menos, a três fatores principais: 1) A ondulação feita em casa custa apenas uma fração dos 5 a 50 dólares cobrados pelos salões de beleza. 2) A ondulação feita em casa dá com frequência resultados tão bons como a feita por profissionais, e até melhores, porque a solução química que nela se emprega é reconhecidamente mais branda do que as usadas pelos estabelecimentos, produzindo por isso ondas mais delicadas e de aparência mais natural. 3) Qualquer senhora pode aplicar a solução ao próprio cabelo, ou pedir a alguem da família que o faça por ela, e depois voltar aos seus afazeres domésticos, sem ter que perder tempo em um salão de beleza.

A epopéia dos irmãos Harris, principais promotores da ondulação a domicílio, começou com o pai deles, William Harris, que saiu de Nova York em 1900, com a idade de 12

anos, sem mais do que a camisa do corpo, para acabar conquistando um êxito fenomenal na menos plausivel de todas as carreiras—a de vendedor ambulante de penas de pavão nas pequenas cidades do interior dos Estados Unidos. Chegado aos 18 anos, já ele tinha fundado a sua própria firma, negociando em lã por atacado; antes dos 30 anos, tinha economizado mais de cem mil dólares, e hoje a William Harris Woolen Company, de St. Paul, é a maior empresa no gênero, fora da cidade de Nova York.

Neison e Irving herdaram do pai o espírito empreendedor. Após ter colado grau na Universidade de Yale, Irving, um moço alto, bastante tímido e reservado, obteve um posto administrativo em uma companhia de financiamento de compras de automoveis, em Mineápolis, do mesmo passo que Neison, um extrovertido, corpulento e dinâmico, comprava por cinco mil dólares metade das ações da Noma, pequena empresa de St. Paul, especializada em artigos para salões de beleza, que então lutava com dificuldades. Para animar o negócio, Neison lançou-se a uma vertiginosa campanha pessoal, correndo todas as cidades de importância do Meio-Oeste, para convencer as lojas de artigos de beleza a comprarem, para ondulação permanente, os chumaços quimicamente aquecidos que constituiam a especialidade da Noma. Em 1943, já ele tinha conseguido fomentar as vendas a tal ponto, que o capital inicial de 5 mil dólares passara a valer 100 mil.

Nesse ínterim, as ondulações a frio, aplicadas nos salões de beleza, nas quais o cabelo é umedecido com uma solução de tioglicolato de amônio, e depois enrolado em frisadores, tinham-se tornado tão populares, que tiravam 40 por cento do negócio dos permanentes feitos naqueles estabelecimentos por meio de frisadores aquecidos a eletricidade ou de chumaços com tratamento químico, processos esses que produzem ondas no cabelo amolecendo-o a alta temperatura. As mulheres nunca se conformaram com as complicadas máquinas elétricas, nem com o calor que sentiam no couro cabeludo; alem disso, a ondulação a frio poupava tempo e aborrecimento aos cabeleireiros. Dada a relativa simplicidade do processo, refletiu Neison, por que razão é que as mulheres não haviam de fazer a ondulação a frio em casa, elas mesmas?

Sua primeira tentativa—um estojo de ondulação, apresentado com uma embalagem rudimentar, e muito pouco anunciado, sob a nome de *Rol-Wav*—resultou em um fracasso tão rotundo, que Neison o retirou do mercado depois de ter perdido uns 25 mil dólares. No verão seguinte apresentou-se com um estojo inteiramente novo, aerodinâmico. Era já, basicamente, o «Toni» de hoje: um frasco de líquido ondulador, um neutralizador, frisadores, elásticos para segurar os frisadores, e papelotes para enrolar os caracóis um por um—tudo isto graciosamente embalado em uma caixa listrada de magenta e branco.

De começo, as lojas recusaram-se a aceitar fornecimentos de Toni, alegando que já havia no mercado grande número de excelentes preparados para ondulação a domicílio. Neison replicou com uma proposta que, pela sua fé inabalavel no produto oferecido, talvez não tenha igual na história do comércio. Eis o que ele dizia aos lojistas: «O senhor aceite uma consignação de estojos Toni no valor de 54 dólares, e nós pagaremos 54 dólares de anúncios do Toni no jornal daquí, com o nome da sua firma. Se os estojos não se venderem, nós aceitaremos a devolução.»

Este procedimento obteve um êxito retumbante. Os estojos completos vendiam-se por 2 dólares, mas as renovações sucessivas do material custavam só 1 dolar, o que tornava as ondulações posteriores à primeira muito mais baratas. As mulheres tomaram positivamente de assalto as lojas do ramo e as seções de perfumaria dos grandes estabelecimentos! Em 12 meses a venda anual passou a 800 mil dólares e dalí a dois anos atingia 4 milhões!

Irving foi então associar-se ao irmão, para ajudar a gerir a firma em constante desenvolvimento. Neison viajava, enquanto Irving se encarregava da produção e da publicidade. Em Pittsburgh—caso típico de campanha publicitária de «alta voltagem»—a inversão de 15 mil dólares em estoques em consignação, acrescida de outros 15 mil gastos em publicidade, estava reembolsada em menos de uma semana, e as lojas começaram a pagar adiantado os fornecimentos dos estojos Toni. Em Nova York, uma grande empresa tomou em consignação estojos Toni no valor de 30 mil dólares, recebendo a mesma soma em publicidade comercial, paga pela Toni—o que constituiu uma das mais vultosas transações do seu gênero em todos os tempos. Os Harris podiam-se permitir tais «riscos», porque para cada cliente que comprava o Toni pela primeira vez, havia três que renovavam o material do estojo de ondulação.

Em fins de 1946, a distribuição do Toni para venda a varejo abrangia os Estados Unidos de ponta a ponta. A publicidade em todo o país atinge agora um volume anual de sete milhões de dólares. Uma boa parte desse vultoso orçamento é absorvida pelos já hoje famosos anúncios: «Qual das duas gêmeas usa o Toni?» Uma gerente de publicidade passa todo o seu tempo à caça de gêmeas «glamorosas», que estejam dispostas uma, a receber uma ondulação Toni, e a outra, uma ondulação de salão de beleza, de elevado custo; em seguida, publicam-se seus retratos em revistas, jornais, e cartazes, sendo o público convidado a adivinhar qual das duas gêmeas é que usa o Toni.

Travando batalha para levar a ondulação a todas as mulheres do mundo, Toni mandou, o ano passado, seis pares das suas gêmeas mais atraentes à Inglaterra, para se exibirem alí em público. O mesmo grupo visitou a França e a Bélgica, enquanto outros grupos percorriam Cuba e o México. O Toni está já à venda na África do Sul, Inglaterra, Escócia, Irlanda, França, Bélgica, México, Cuba, Cana-

dá, Labrador e no Brasil. Outros países virão em breve juntar-se à lista. Só nas Ilhas Britânicas atinge um milhão o número das mulheres que já compraram as caixinhas de ondulação Toni.

A parte correspondente ao Toni no mercado das ondulações a domicílio pulou vertiginosamente para 86 por cento, em fins de 1948. Com o seu êxito sempre crescente, foi aumentando o ressentimento dos donos de salões de beleza, que viam os seus negócios diminuir assustadoramente. Começaram a correr boatos de que as ondulações feitas em casa queimavam o cabelo, corroiam-no até a raiz, ou causavam doenças da pele. Um salão de beleza de Chicago anunciou que se especializava «em reparar o cabelo estragado pelas ondulações caseiras». Uma loja de Nova York anunciou um «Permanente Especial Vitaminado, por 25 dólares, para cabelos danificados pela ondulação doméstica». No entanto, as reações da indústria começaram a revelar certa contradição, pois ao mesmo tempo outros salões de beleza proclamavam rejubilantes: «Ondulação Toni Aplicada por Profissionais.»

Mas, terão por ventura fundamento os boatos de danos causados ao cabelo? Após ensaios exhaustivos, a Administração de Drogas e Alimentos dos Estados Unidos declarou-se «inteiramente incapaz» de encontrar qualquer indício de danos sérios causados pelas ondulações domésticas, que parecem ser tão inofensivas ao cabelo como o sabonete comum o é à pele, ressalvados, claro está, os casos de possível reação alérgica.

Não quer isso dizer, todavia, que a ondulação a domicílio não possa ser ainda mais aperfeiçoada. O ano passado, Toni teve que reembolsar o custo de 3 mil estojos a outras tantas clientes não satisfeitas—ou seja, somente 0,01% dos 30 milhões de estojos que a empresa vendeu; mas, em todo caso, é o suficiente para provar que nem todas as mulheres são automaticamente capazes de aplicar a si mesmas uma ondulação perfeita.

O fato incontestavel, porem, é que os fabricantes de preparados para ondulações a domicílio vieram trazer ao orçamento das mulheres uma enorme economia—e talvez infligir uma derrota «permanente» aos permanentes de alto preço...

Um sovina acabara de ganhar, numa rifa, um automovel do último tipo. Longe de exultar com o fato, pôs-se carrancudo e mal-humorado.

—Mas que é que há contigo? perguntou um amigo.

—Veja você o que me aconteceu, retrucou o outro, mostrando-lhe um segundo bilhete. —Para que é que eu fui comprar tambem este outro, que saiu branco?

—W. N. Mackey, no *Courier-Journal* de Louisville

«Vivamos valentemente— como eles morreram...»

A 18 de Abril de 1945—um mês após ter sido proposto para a Medalha de Honra do Congresso—o cabo Edward G. Wilkin, atirador da 45ª Divisão de Infantaria dos Estados Unidos, caiu sob o fogo do inimigo, a leste da Linha Siegfried, que ele ajudara a romper. Quando seus restos mortais foram, enfim, depositados no cemitério da sua pequena cidade natal, outro soldado, o general Omar Bradley, comandante das tropas terrestres que combateram na Europa e atualmente chefe do Estado-Maior do Exército Norte-Americano, pronunciou as palavras que a seguir transcrevemos.

Condensação de um discurso do
General Omar Bradley

Estamos hoje aquí reunidos, nos vastos prados verdes desta calma cidade da Nova Inglaterra, não só para prestar homenagem a um bravo militar, mas tambem às gerações de resolutos moços que sairam de seus lares para ir defendê-los nos campos de batalha.

Desde que, à sombra destes olmeiros, existem homens livres que aquí trabalham, adoram a Deus e criam suas famílias, sempre os seus filhos foram chamados às armas para combater aqueles que ameaçavam destruir seus valores. Geração após geração, eles se viram forçados a deixar este pacífico vale, para se irem bater—e algumas vezes morrer tambem—em conflitos desencadeados sobre eles por causas remotas, alheias às suas vidas cotidianas.

É coisa facil para nós, que estamos vivos, honrar o sacrifício daqueles que pereceram: porque isso nos ajuda a apaziguar o sentimento de culpa que devíamos experimentar na presença deles. As guerras podem-se evitar tão certo quanto podem ser provocadas, e nós, os que faltamos ao dever de prevení-las, devemos assumir a parte da responsabilidade que nos cabe por essas mortes.

Eu não vim hoje aquí para consagrar a guerra e os seus malefícios, pelos sacrifícios e heroismos que a guerra produziu. Para cada homem a quem a guerra inspirou sacrifícios, coragem e amor, muitos mais há a quem ela degradou pela brutalidade, a dureza de sentimentos e a cobiça.

Estamos, antes, reunidos aquí para aprender—se de tal somos capazes—que os homens poderiam caridosamente conviver em paz, como juntos souberam morrer na guerra. Viemos aquí para perguntar por que é que os homens não sabem pôr na vida tanta bravura quanta põem na morte!

Em nosso ódio e repulsa à guerra, não devemos esquecer que as raizes desta se nutrem dos erros e faltas daqueles que só buscam a paz, tão certo quanto essas raizes assumem a forma das doenças e desígnios dos agressores.

Enquanto tivermos dentro de nós força moral, energia e sabedoria para mobilizar todos os nossos recursos contra qualquer agressão, seja qual for o aspecto que ela assuma—não poderemos fingir-nos inocentes sob a máscara da indiferença ou da negligência em relação aos conflitos que originam as guerras. Já sofremos o suficiente em duas guerras mundiais, para sabermos que a nossa não-comparticipação na paz equivale sem a menor dúvida à nossa comparticipação na guerra.

Ou empregamos nossa força, recursos e consciência, com a audácia e o fervor dos justos, em defesa da liberdade e da dignidade humana, ou teremos malbaratado essas reservas da paz, em proveito das forças que fazem fermentar novas guerras.

Este moço que hoje viemos aquí enterrar, foi vítima da loucura de todos os povos amantes da paz, que viraram as costas aos males do mundo. Porque, no momento mesmo em que os agressores conspiravam contra a paz do mundo, nós fechávamos os olhos para não vermos as suas ameaças, e, pela nossa vergonhosa inação, favorecíamos seu ataque inicial.

Na segurança de nossas distantes e tranquilas cidades, como esta, agarrados ao nosso conforto, repudiando o risco, procurando a salvação no refúgio e o refúgio nas palavras, renegamos o poder e a consciência, para nos alinharmos com aqueles que estavam prontos a comprar a paz a qualquer preço. Descobrimos, tarde demais, que o preço da paz era excessivo; e, para preservarmos nossa liberdade, tivemos que pagá-la com o sangue de nossos filhos.

Se algum dia este país voltar a rebaixar-se ao ponto de recorrer a expedientes para evitar as decisões dificeis que acompanham a verdadeira liderança, e as pesadas tarefas que a defesa reclama—correremos uma vez mais os perigos de todas as meias-medidas, e dissiparemos nossas energias e consciência como um catavento, ao invés de empregá-las como uma força.

Se recuarmos diante da necessidade de enfrentar audazmente as crises com princípios, resolução e força, então iremos muito simplesmente de crise em crise, improvisando expedientes, procurando soluções inofensivas, entorpecendo a nação com a droga de uma ilusória segurança. Se determinarmos os nossos princípios e orientação pelas contínuas mutações do dia-a-dia, ficaremos à mercê do primeiro agressor que queira abusar da nossa opinião pública e dizimar à vontade as nossas energias.

Para vivermos valentemente de acordo com convicções capazes de inspirar coragem aos povos do mundo, devemos pôr toda a nossa fé em planos de largo alcance—políticos, econômicos e militares—que não estejam sujeitos ao arrefecimento e ao olvido, consoante os paroxismos e as acalmias da tensão mundial.

É já tempo de aprendermos a guiar-nos pelas estrelas, e não pelos farolins de cada navio que passa!

QUINZE MINUTOS DE ESQUECIMENTO

(*Condensado de «Argosy»*)

Por Anthony Abbott

Julgou-se culpado de assassínio! —história autêntica de um dos casos mais empolgantes que têm passado pelo juri

—Kenneth Long, pronunciou o advogado de defesa, —confessa ter matado sua mulher?

O acusado, na cadeira reservada às testemunhas, olhou os jurados com uma expressão de desânimo nos olhos azuis. Da resposta que ele agora desse àquela pergunta, podia depender a sua liberdade—ou a morte na câmara de gás.

Respondeu em voz triste e arrastada:

—A julgar pelas aparências, Mr. Davis, acho que... eu *devo* ter matado...

Pesava sobre a sala um silêncio de horror tão profundo, que se poderia ter ouvido um lenço cair no chão. O acusado estava pronunciando a sua própria sentença de morte!

Ainda assim, o advogado de defesa voltou-se para o promotor público e murmurou com um sorriso:

—A testemunha é sua, senhor promotor.

O promotor ergueu-se para interrogar o réu, na ação movida pelo «Povo da Califórnia contra Kenneth Long». Na sala do juri de Martinez, amortalhada em silêncio, o réu foi convidado a descrever de novo, ponto por ponto, o episódio da morte de sua mulher, Bobbe Long, assassinada com uma faca de açougueiro.

Casados três anos antes, o sargento-aviador Long e a moça de olhos negros, alta e bem feita que lhe dera dois filhos, tinham morado em Richmond, na Califórnia. A certa altura Kenneth fôra transferido para Anchorage, no Alasca. Escreveu dalí à esposa, suplicando-lhe repetidas vezes que fosse para junto dele, mas Bobbe persistentemente recusou. Kenneth, finalmente, escreveu-lhe desesperado, ameaçando que voltaria a casa para tirar-lhe a vida, se ela não mudasse de idéia dentro de uma semana.

A 26 de junho de 1948, um dia após ter expirado o prazo do ultimato, Kenneth Long comprou uma almofada feita por índios, com bordados amarelos e roxos, e, munido deste vistoso presente de paz e de passagem de volta para toda a família, tomou o avião para a Califórnia.

As primeiras palavras da esposa, ao vê-lo entrar em casa, foram estas:

—Quantos dias de licença tem?

—Trinta.

—Nesse caso, você não pode ficar aquí. É até melhor que você fique logo sabendo tudo—eu estou apaixonada por outro homem!

E disse o nome dele.

Kenneth Long, homem de nervos sensiveis, e alem disso muito apegado à mulher, pôs-se literalmente de joelhos aos pés dela, e suplicou:

—Bobbe! Escute meu amor! Alí mesmo na esquina mora um padre. Eu bem sei que nós não somos da igreja dele, mas vamos falar com ele, expor-lhe o nosso caso e ver o que ele diz!

É dificil compreender por que razão a mulher anuiu a esse pedido, mas o certo é que o fez e, a instâncias do cura da paróquia, chegou mesmo ao extremo de concordar em ir com o marido para o Alasca. E para casa voltaram ambos de mãos dadas, marido e mulher, fazendo castelos... Uma vez no apartamento, Bobbe se trancou no banheiro. Quando de lá saiu, vinha transfigurada e disse a rir para o marido:

—Eu te enganei. Não vou contigo.

Depois, atirando-se estouvadamente para cima da cama, declarou sem rebuços que ele não era pai do seu segundo filho.

Esse inesperado e violento choque emocional deixou o sargento meio atordoado; daí em diante a confusão começou a fermentar na cabeça dele. Tudo o que, mais tarde, ele era capaz de recordar, era que se deixara cair novamente de joelhos aos pés de Bobbe, orando em voz alta; e como de repente tivera uma visão fulgurante que se assemelhava à de uma longa lâmina aguçada...

E o réu, confuso e acabrunhado, murmurou:

—Uma faca! Uma faca!....

Aí, chegou ao termo a sua narrativa. Depois da oração e da imagem da faca reluzente, um véu negro caira sobre a memória dele, apagando-a totalmente durante os 15 minutos em que o trágico acontecimento se produzira!

Quando voltou à consciência, o acusado dirigiu-se cambaleando à casa de um vizinho, a quem disse, ofegante:

—Creio que matei minha mulher.

Correram à casa dele e deram com Bobbe estendida no capacho, à entrada, moribunda, com uma ferida profunda no peito. Sobre o assoalho encontraram a faca de açougueiro.

—Só mais uma pergunta, disse o promotor. —Por que você diz que *deve* ter matado sua mulher?

—Porque eu e minha mulher éramos as únicas pessoas presentes.

—Estou satisfeito! bradou o promotor, triunfante.

O advogado de defesa enfrentou o pretório, sentindo que era chegado agora o momento supremo da defesa: se o juiz se pronunciasse contra, ele teria de dar por perdidas todas as esperanças de salvar o seu constituinte. O pedido que ia fazer, bem que ele o sabia, não tinha precedentes na história dos tribunais do crime.

Começou por dizer ao juiz que, sem conhecimento das autoridades, tomara a liberdade de proceder a uma experiência na cela do seu cliente. Encarregara dessa experiência o dr. Meyer Zeligs, professor assistente de clínica neurológica da faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia. Como médico da Marinha durante a campanha do sul do Pacífico, o dr. Zeligs tinha tido oportunidade de observar marujos e fuzileiros navais que sofriam de fadiga de combate, e os tratara por meio de uma droga, sódio pentatol, que tem a propriedade de afrouxar as inibições mentais, ajudando os pacientes confusos a revelar fatos passados consigo, cuja lembrança se acha submersa no inconsciente.

Para essa experiência, o advogado e o médico haviam introduzido secretamente na cela do acusado um aparelho de gravação sonora em fio. Uma agulha hipodérmica foi espetada numa veia do braço direito do preso, alí ficando durante os 50 minutos do interrogatório, a gotejar na torrente sanguínea o sódio pentatol que, assim, atingia o cérebro.

Quando viram que Long já respirava pesadamente, beirando a mais completa inconsciência, o advogado colocou um microfone em frente da boca do paciente, enquanto o dr. Zeligs lhe ia arrancando pouco a pouco a narrativa do que se passara, até o ponto em que a memória do preso parecia encontrar uma barreira. *Mas, sob a influência da droga, essa barreira de olvido se desmoronara*, e, falando como em sonhos, Long conseguiu reconstituir os acontecimentos daqueles 15 trágicos minutos.

O advogado pedia agora ao juiz Donovan que o autorizasse a fazer ouvir a gravação daquela entrevista, para esclarecimento do juri.

O promotor McBride opôs-se logo: não estava provado, disse ele, que o tal sódio pentatol fosse um «soro da verdade». Alem disso, a experiência fôra irregularmente praticada, sem notificação à Promotoria Distrital. A acusação não tivera ensejo de submeter o preso a interrogatório enquanto ele se achava sob a ação da droga. E, finalmente, a gravação não podia deixar de ser um amontoado de expressões altamente emocionantes, destinadas a explorar os sentimentos dos se-

nhores jurados. Em resumo, a acusação rematou classificando todos esses artifícios de truque sensacionalista.

O juiz, porem, discordou. O registro da conversa, disse ele, era como uma radiografia, podendo revelar os elementos sobre os quais um perito fundava o seu parecer. Depois, tendo ordenado o mais absoluto silêncio, indicou ao advogado, com um gesto, que prosseguisse. A defesa explicou:

—Até o momento presente, o próprio acusado não faz a menor idéia do que disse sob a influência da droga. Como este tribunal, como os senhores jurados, ele vai agora ouvir, pela primeira vez, a sua própria defesa!

A máquina começou a funcionar. Através dos alto-falantes todos os presentes podiam reconhecer a voz arrastada de Kenneth Long, recitando a sua narrativa até o momento em que a esposa lhe revelara o segredo do segundo filho. A essa altura o dr. Zeligs desligou o aparelho, e disse:

—Devo esclarecer que é a partir deste instante que Long começa a se lembrar daquilo que havia esquecido.

O aparelho recomeçou a funcionar, e o tribunal ouviu este diálogo:

Long: «Faca... Bobbe... Quem é esse homem?»

Médico: «Estava um homem presente?»

Long: «Estava... um homem... com uma faca...»

Médico: «Você já o tinha visto alguma vez?»

Long: «Não, nunca.»

Médico: «Que é que aconteceu em seguida, Kenneth?»

Long: «Bobbe disse: —Ele vai te matar, Kenneth, para nós podermos ser felizes os dois...»

(A esta altura, o tribunal podia ouvir o duplo soluçar da mesma voz—no aparelho, a voz sonolenta da gravação; a outra, a do réu, emocionado ao ouvir suas próprias palavras.)

Médico: «Que aspecto tinha o homem?»

Long: «Parecido comigo—mas era mais baixo... Saiu do banheiro... Trazia a faca de açougueiro na mão.»

Médico: «Você sabia que ele estava escondido lá?»

Long: «Não, eu não sabia que alem de mim e de minha mulher havia outra pessoa no apartamento. Eles tinham alugado outra casa, e viviam juntos, como marido e mulher. E ela queria levar os nossos filhos para onde eu nunca mais os pudesse tornar a ver.»

Médico: «Que é que você fez, ou disse?»

Long: «Eu roguei à minha mulher que não deixasse o homem me matar. E então, ele foi e matou Bobbe...»

Médico: «Você o viu matar sua mulher?»

Long: «Vi, sim senhor; ele deu duas facadas.»

Médico: «E que é que você fez?»

Long: «Eu não pude fazer nada—nem me podia mexer!»

Médico: «Por que então você disse à polícia que era *você* quem a tinha matado?»

Long: «O tal homem me mandou dizer. Ele me disse assim: —Ken, você agora chama a polícia, e diz que você é que matou. —E depois me deu a faca... Saltou pela janela dos fundos... Levava roupas de esporte... com calças azuis...»

Médico: «Como é que ele se chamava?»

Long: «Peck.»

O JUIZ bateu com o martelo na mesa, e fez uma pergunta que estava na mente de todos os presentes:

—Esse tal Peck existe realmente, e se existe, onde está?

Existia, com efeito, esse homem, William Peck, o derradeiro galã na vida breve de Bobbe Long. O advogado de defesa requereu que ele fosse intimado a comparecer sem demora ao tribunal.

A acusação concordou:

—O Estado deseja tanto quanto V. S. ouvir esse homem.

Peck foi depressa encontrado, e no dia seguinte subiu à cadeira dos depoentes. Nunca juizes, jurados, advogados e público devoraram tão avidamente com os olhos uma testemunha! Um murmúrio de assombro perpassou na sala do juri: «Ele *se parece* com Long! É mais baixo... *Usa* roupas de esporte... *e* calças azuis!»

E ainda assim—a não ser que se desse crédito à história contada por Long—era essa a primeira vez que aqueles dois homens se viam!

Peck, interrogado, confessou que tivera relações íntimas com Bobbe, e que ambos haviam alugado um apartamento sob o nome de sr. e sra. Peck.

Interrogado sobre o crime, respondeu que às 5 horas da tarde do dia 26 de junho de 1948, hora em que Bobbe fôra assassinada, ele se encontrava dormindo a sono solto no seu próprio apartamento; o casal Cox, seus amigos que moravam do outro lado da rua, vieram acordá-lo às 5 h 45, e ele os acompanhou à casa deles para tomar café. Tudo isso foi confirmado pelo casal. Não havia, pois, indício algum de que Peck houvesse estado presente no teatro do crime.

—Pode ir embora, sr. Peck, disse-lhe o juiz.

E Peck se foi do tribunal muito lampeiro, e do processo tão depressa como alí entrara...

Os jurados se retiraram então para decidir—eram 2 da tarde de terça-feira—com os ouvidos ainda cheios de argumentos e instruções do juiz.

Às oito da noite do dia seguinte, mandaram dizer ao juiz que estavam num impasse: na primeira votação, 9 se manifestaram pela inocência do réu, e 3 pela sua culpabilidade; e, decorridas mais de 24 horas, a minoria continuava inabalavel. Não poderia o juiz dissolver aquele juri?

—Que remédio! suspirou o juiz —Mandem comparecer ao tribunal a acusação e a defesa, o mais breve possivel, ordenou.

O advogado de defesa compareceu logo, mas tal não se deu com a acusação. E alí, já nas últimas do fantástico julgamento, um verdadeiro golpe de sorte veio ironicamente transtornar as coisas.

Esgotados os argumentos pró e contra, os jurados ficaram sentados na sua sala, repousando, felizes da cordialidade restaurada. Uma senhora do juri,

dirigindo-se ao chefe da «oposição», observou:

—Agora que está tudo acabado, quero lhe dizer que nunca poderei compreender a sua atitude!

—Que é que a senhora quer dizer com isso?

—Ora, um homem com a sua inteligência! Pois então não se vê logo que o pobre rapaz passou um mau bocado? Não é de admirar que o cérebro dele se tivesse desarranjado.

—Bem, disse o outro pensativamente, —afinal de contas, talvez a senhora tenha razão... Eu era até capaz de mudar o meu voto!

—Tambem eu! atalhou o segundo jurado da minoria.

—E eu tambem! concordou o terceiro.

E o voto final se tornou, assim, unânime. Quando o promotor público chegou ao tribunal, Long estava absolvido e em liberdade!

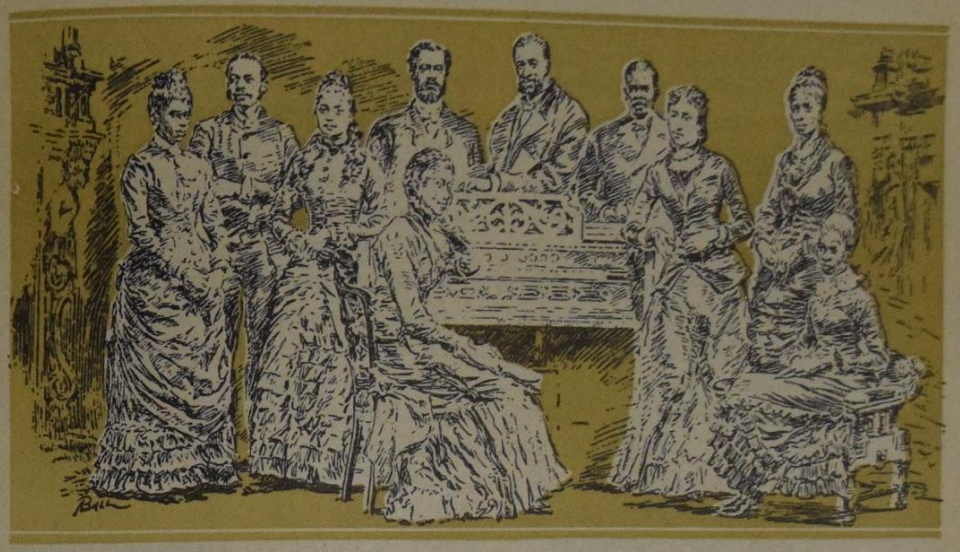
É EVIDENTE que este estranho e sensacional julgamento levantou na opinião pública algumas dúvidas que ainda não estão desfeitas. *Como é que Long podia ter esquecido, realmente, aqueles fatídicos 15 minutos?* O dr. Zeligs depôs que Long sofrera uma autêntica «amnésia de choque», do tipo que milhares de soldados sofreram em combate. A notícia de que a esposa tinha um amante, a declaração dela relativa ao segundo filho, foram para ele dois choques intoleraveis. Acrescente-se que a reputação e a integridade do dr. Zeligs estavam acima de qualquer suspeita.

Mas, então, por que é que não se procedeu a uma investigação judicial sobre Peck, o amante? O *alibi* deste homem não sofreu contradição. E mesmo a prova pelas impressões digitais, que devia haver no apartamento, resultaria nula, visto como Peck confessou ter tido encontros com a vítima naquela mesma casa. Por estranho que pareça, a prova que bastou para convencer o juri da inocência de Long, não foi suficiente para instaurar processo contra o outro indivíduo!

Este mistério ficará talvez pairando para sempre sobre o caso, o mais extraordinário dos dramas judiciais!

Indiretas

PARA impressionar favoravelmente, procure deixar-se impressionar (Paul Gibson)... Os antigos e estreitos caminhos, onde dois automoveis mal podiam passar sem colidirem, estão sendo substituidos por auto-estradas onde seis ou oito automoveis podem colidir ao mesmo tempo (*Erie Railroad Magazine*)... O que se chama «congestionamento» nos trens e ônibus é muito apreciado nas *boîtes* sob o nome de «aconchego» (Simeon Strunsky).



O triunfo dos Cantores do Jubileu

(*Condensado de «The Missionary Herald»*)

Por G. Robert Tipton

Ex-escravos, paupérrimos, levaram suas canções de cidade em cidade, enriquecendo o patrimônio musical do mundo

NAQUELE dia de junho de 1872, 40 mil pessoas haviam afluido ao Coliseu de Boston; no palco, entre outros artistas, estava um pequeno grupo de cantores negros, de cuja presença o auditório mal se apercebera. No entanto, quando chegou sua vez de cantar, eletrizaram os espectadores, e estes, erguendo-se, prorromperam em frenéticos aplausos. Contagiados pelo entusiasmo geral os outros músicos esqueceram-se de tomar parte no coro —«Glória, glória, aleluia». Johann Strauss, autor de tantas valsas inolvidaveis, agitava no ar o violino.

Não foi esse o único momento de triunfo que tiveram aqueles dedicados trovadores: cantando suas baladas tristes e místicas, conquistaram os corações de dois continentes. Haviam dado a si mesmos o título de Cantores do Jubileu do Coliseu, denominação inspirada no Ano do Jubileu, do Velho Testamento, ano em que os judeus se livraram do jugo egípcio. Poucos anos antes do espetáculo, esses cantores tambem haviam sido libertados.

Terminada a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, não tardou que se fundasse a Universidade de Fisk,

destinada a ministrar instrução aos ex-escravos. Nos arrabaldes da cidade de Nashville, no Tenessí, os estabelecimentos militares, antes usados como hospitais, foram convertidos em salas de aula e em dormitórios. O dinheiro era escasso. Afim de obter cartilhas, o novo educandário vendeu, como ferro velho, uma pilha de algemas enferrujadas que se encontravam nas prisões de escravos abandonadas.

Quem mais de perto sentia a falta de verba era George L. White, professor de música da universidade. Não estando esta em condições de comprar instrumentos, organizou um pequeno grupo coral que logo conquistou os aplausos das localidades vizinhas.

White, porem, sonhava com objetivos mais altos. Fazendo uso de seu último tostão, vasculhando o cofre da universidade para de lá sacar algum saldo disponivel, e pedindo empréstimos onde quer que fosse possivel obtê-los, partiu para o norte do país com o seu grupo de músicos.

A princípio só tiveram decepções. Seu primeiro recital com entradas pagas rendeu-lhes menos de 50 dólares; uma semana depois, em outra cidade, só compareceram 20 pessoas ao concerto, e este teve de ser cancelado.

De início, só cantavam «música de brancos». Quando, porem, começaram a oferecer às platéias as cantigas melancólicas da escravidão—aquelas que hoje se conhecem como *spirituals*, e naquele tempo se chamavam simplesmente «canções de escravos»—causaram profunda impressão nos ouvintes de raça branca.

Tudo teve início na cidade de Oberlin, no Ohio, durante uma assembléia religiosa. A pessoa encarregada de dirigir os trabalhos permitira, com certa relutância, que os cantores se sentassem atrás, na galeria, dizendo-lhes que, caso houvesse alguma pausa ou intervalo, poderiam cantar um número apenas.

O dia ia terminando e os raios rubros do sol poente coloriam os altos vitrais; cansados, os participantes já davam ritmo mais lento aos trabalhos da assembléia. E eis que, inesperadamente, se fizeram ouvir as etéreas harmonias de um cântico: «Foge... foge... foge... para Jesús.» Todos extasiaram-se ante a comovedora beleza da melodia. Desse dia em diante o coro da Universidade de Fisk dedicou-se quase exclusivamente aos *spirituals*, sendo recompensado por alentadoras ovações. Ainda eram, porem, muito mal remunerados. Aproximava-se o inverno, e dos componentes do coro só dois possuiam sobretudos, e todos precisavam de sapatos. Pagas as contas, mal lhes sobrava para as passagens do trem que os levaria a outra cidade, a outro recital.

Em Nova York e na Nova Inglaterra, foram encontrando aclamações crescentes e um número cada vez maior de dádivas: talheres, moveis, instalações de gás para os novos prédios escolares e até um grande sino cujas badaladas ainda hoje ecoam por todo o terreno da universidade. Uma semana de concertos, no Estado de Connecticut, deu-lhes uma renda líquida de 3.900 dólares.

De regresso a Nashville, com 20 mil dólares para sustento da escola pobre e incipiente, passaram pela capital do país, e cantaram na Casa Branca «Atravessa o Rio, Moisés». Quando terminaram, o presidente Grant lhes apertou as mãos, emocionado.

A glória maior, entretanto, viria depois. Em duas *tournées* triunfantes, os Cantores do Jubileu empolgaram a Europa inteira. Comoviam a todos que tiveram ocasião de escutá-los—desde a czarina da Rússia até as crianças pobres dos mais modestos bairros de Londres. Cantaram em hospitais, nas prisões e nas ruas; a própria rainha Vitória tomou sua carruagem no Palácio de Buckingham e foi ouví-los na casa de campo do duque e da duquesa de Argyll. Num jantar que lhes ofereceu Gladstone em sua residência campestre, o primeiro ministro dispensou a criadagem, declarando que ele e a esposa queriam ter a honra de servir os cantores.

Na Europa continental, foram recebidos quase com idolatria. A esposa do príncipe herdeiro da Alemanha chorou ao ouví-los cantar «Ninguem sabe as labutas por que já passei». Na Holanda não podiam sair à rua que não fossem aclamados pela criançada.

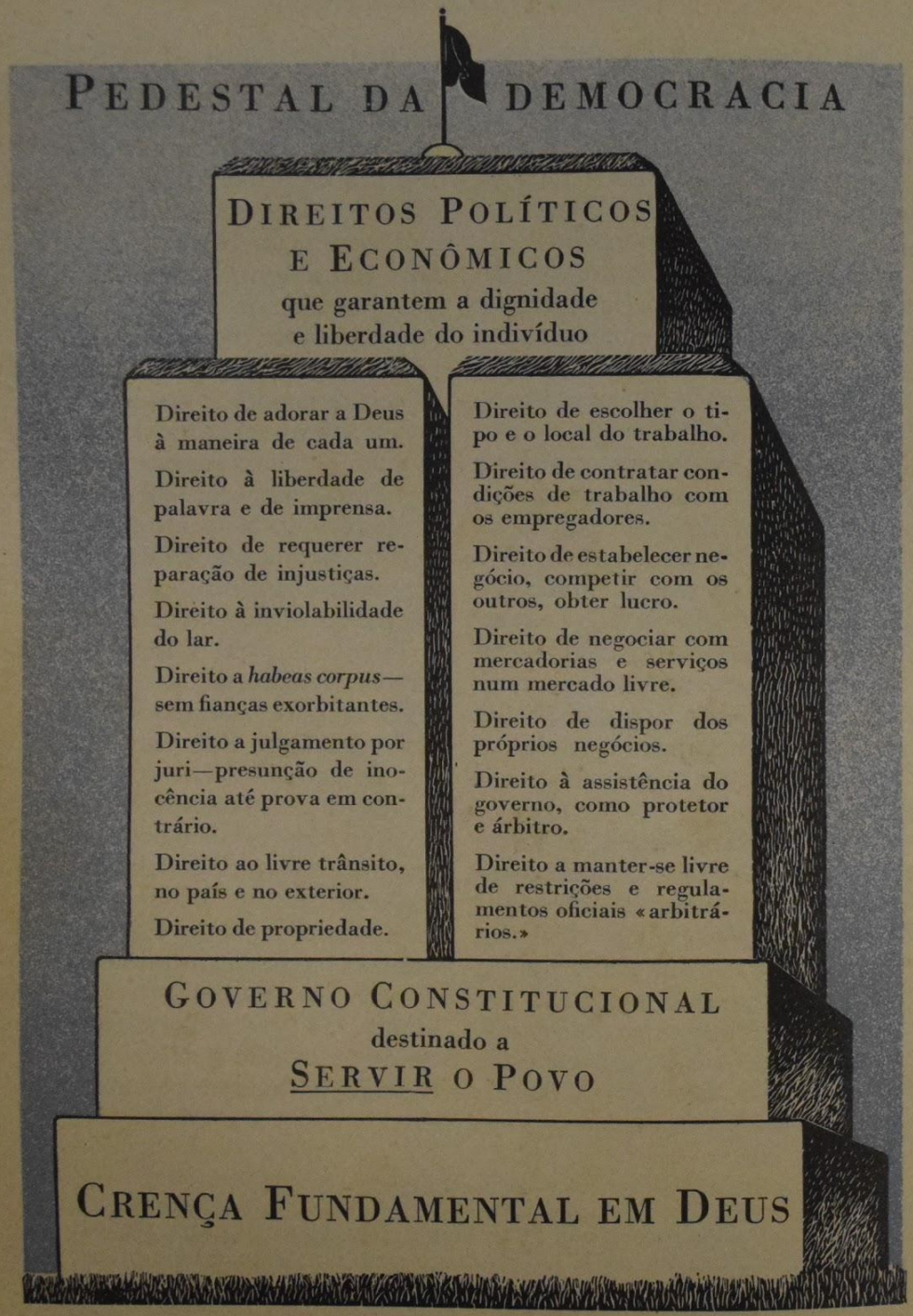
A um dos recitais compareceram os maiores críticos musicais da Alemanha, os quais se sentaram ameaçadoramente na primeira fila da platéia. A esse respeito, assim se exprimiu Ella Sheppard, pianista do grupo: «Eles não poderiam ter escolhido ocasião pior para ouvir-nos e julgar-nos. Basta dizer que, logo naquela noite, tínhamos somente um baixo para equilibrar nove vozes. Agrupamo-nos como sempre, juntando as cabeças e fazendo uma pausa para começar em uníssono perfeito. De repente, esquecidas todas as contrariedades e angústias, ouviram-se as primeiras notas de «Foge para Jesús». As notas pareciam flutuar no ambiente e ninguem saberia dizer ao certo em que momento começara a música. Bastou-nos ver de relance as expressões dos críticos: não escondiam seu pasmo. Havíamos triunfado...»

Triunfaram, realmente; e conquistaram os corações de meio mundo. Ao voltarem para os Estados Unidos, a Universidade de Fisk viu-se enriquecida de 150 mil dólares.

Desde esses triunfos iniciais, os trovadores vêm cantando sempre, em grupos sucessivos. No decurso de um ano, recentemente, deram 75 concertos nos Estados Unidos e nos paises do Caribe. Graças àqueles primeiros Cantores do Jubileu, os *spirituals*—essas baladas do negro norte-americano, cheias de emoção e misticismo—vêm trazendo um valor novo e incomensuravel à música universal.

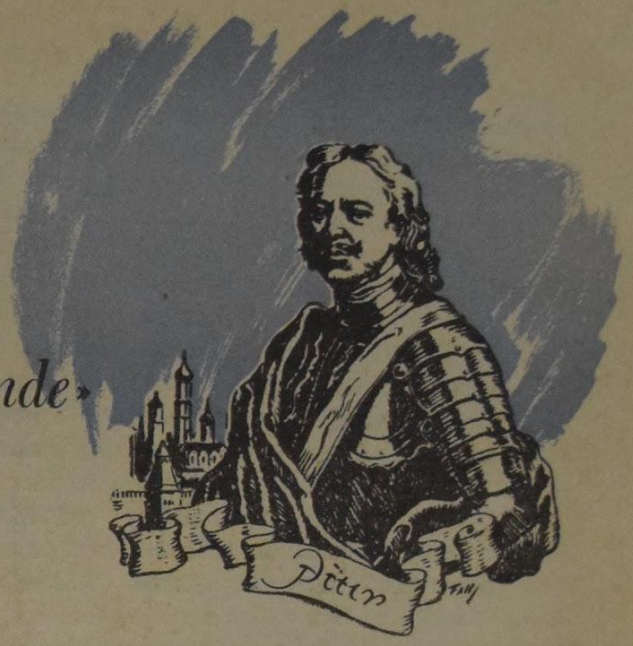
CARTAZ numa barbearia de Hollywood: «Não se preocupe com a queda do cabelo. Imagine se ele incomodasse, como um dente, e fosse preciso arrancá-lo!»

—Walter Winchell



Um homem idolatrado pelo atual regime russo

Pedro, «o Grande»



Por Edwin Muller

OS ATUAIS dirigentes da Rússia tributam uma extravagante admiração ao czar Pedro, conhecido há mais de dois séculos como Pedro, o Grande. Consideram-no como «o autêntico», e quase o equiparam a Lenine.

As razões estão à vista. Pedro, o Grande, fez da Rússia, até então amesquinhada e desprezada pela Europa ocidental, uma grande potência militar. Ele bateu o Ocidente, ocidentalizando a Rússia—e fê-lo sozinho, pela sua mão, contra a inércia e a despeito de violenta oposição.

PEDRO era um gurí de dez anos quando subiu ao trono, em 1682. Cresceu em uma atmosfera de medo e violência. Durante a infância e a adolescência, enquanto ele reinou sob tutela, a mãe e a meia-irmã mais velha disputaram entre si a regência do império.

Ele assistiu, por exemplo, ao episódio em que os *Strelzi* (a guarda real), incitados pela irmã, invadiram o Kremlin. Pedro os viu subir a escadaria principal do palácio, agarrar um velho nobre que tentava opor-se à invasão, e jogá-lo por cima da balaustrada sobre as pontas das lanças erguidas em baixo para o trespassar. Ele os viu passar três dias dando busca ao palácio, para descobrir seus parentes maternos: à medida que os iam encontrando, os soldados os retalhavam com suas alabardas.

Pedro ficou sofrendo de pesadelos o resto da vida; nunca foi capaz de dormir sozinho. Tinha violentos e inexplicaveis ataques de furor: ficava lívido, convulsões sacudiam-lhe o corpo, e ele agredia quem estivesse ao seu alcance.

Chegado aos 20 anos, o jovem czar media 2,05 m de altura, e era tal a sua força, que dobrava moedas de prata

com os dedos. Comia barbaramente, e quando dava para beber, bebia dez horas seguidas. Depois de ter bebido a noite inteira, era capaz de trabalhar todo o dia, ditando cartas enérgicas e disparando rápidas ordens aos seus ministros. Já então se intitulava «Czar de Todas as Rússias», mas o título pouco significava naquele tempo: a Rússia era grande em população e superfície, mas pequena era a sua importância na Europa.

Este atraso e fraqueza da nação eram devidos, principalmente, a um personagem que vivera quatro séculos antes—Gengiscã, «conquistador do mundo», cujas hordas mongólicas se haviam espraiado pela Rússia e uma boa parte da Europa. O ataque dos mongóis à Europa ocidental foi mera incursão. Mas na Rússia eles se instalaram firmemente. Durante mais de 200 anos, os descendentes de Gengiscã foram os senhores de Moscou.

Quando os mongóis, finalmente, foram expulsos, os russos encontravam-se muito atrasados em relação ao resto da Europa. Comparados com os seus irmãos eslavos da Polônia ou da Boêmia, eram ainda bárbaros. Desconfiavam do Ocidente, ao mesmo tempo que o temiam.

Os czares antecessores de Pedro haviam feito poucos esforços para aprender da Europa ocidental. Tinham, é certo, importado alguns engenheiros e soldados profissionais; mas conservavam-nos segregados num pequeno subúrbio de Moscou, não lhes consentindo contacto íntimo com os russos. Pedro passou grande parte da primeira mocidade nesse subúrbio estrangeiro. Entre os seus amigos mais chegados havia um aventureiro suiço, François Lefort, e um escocês, Patrick Gordon. As coisas que estes lhe contavam do Ocidente despertaram nele intensa curiosidade e o desejo de saber mais.

Quando assumiu plenos poderes, a sua preocupação capital era «abrir janelas para o mundo». Para isso havia só dois caminhos: o do Mar Báltico e o do Mar Negro. Mas a costa do Báltico estava em mãos da Suécia—o Colosso do Norte, fator de importância em todos os negócios europeus—e o Mar Negro pertencia aos turcos.

Havia muitos anos que a construção de navios e a navegação exerciam sobre o czar um verdadeiro fascínio. Decidiu pois, afim de atacar os turcos, construir a primeira frota de guerra da Rússia. Hordas de trabalhadores foram sem demora conduzidas sob o chicote, a trouxe-mouxe, para as florestas do Don, afim de cortar a madeira. Carpinteiros navais e calafates trabalhavam dia e noite. O próprio czar labutava ao lado dos seus homens, e era talvez o mais incansavel de todos os operários. Desse modo foram construidas muitas dezenas de pequenas embarcações de guerra.

Assim apetrechado, Pedro atacou por terra e mar o porto de Azov. Comandava a frota, de bordo de uma galé que construira com as suas próprias mãos. Conseguiu, é certo, apoderar-se temporariamente de Azov, mas essa aventura pôs a descoberto as fraquezas da Rússia: as tropas estavam

mal treinadas; as comunicações eram caóticas; ao exército faltava o apoio de uma produção industrial efetiva.

Pedro resolveu moldar uma Rússia nova, inspirada no Ocidente; iria à Europa ocidental aprender a sua técnica industrial e militar.

Em março de 1697, saía de Moscou uma delegação de aspecto o mais bizarro. Os enviados de categoria, chefiados por Lefort, exibiam opulentas vestes orientais e tantas jóias quantas podiam carregar consigo. Cada um deles levava um séquito de servidores, palhaços, anões e bobos. Eram ao todo 270 pessoas. Mas um dos membros dessa caravana, modestamente chamado de Peter Mikhailov, não levava jóias e ia vestido com a maior simplicidade. O czar resolvera viajar incógnito.

Para aprender a arte da construção naval, foi primeiro para o pequeno porto holandês de Zaandam, onde levou a existência de um operário comum, dormindo numa pequena casa onde acendia o lume com suas próprias mãos, e se levantava de madrugada para trabalhar nos estaleiros.

Visitando outros pontos da Holanda, de canhenho em punho, inspecionava serrarias, moinhos, fábricas de toda a ordem, sempre fazendo perguntas. Mandava para a Rússia amostras de toda sorte de máquinas e ferramentas. E por onde passava ia sempre contratando engenheiros e artífices, que tambem despachava para a Rússia, com a promessa de bons salários.

A sua curiosidade não ficou por aí: estendeu-se à medicina e à cirurgia. Aconteceu-lhe ver um dentista trabalhando em Amsterdã. Os dentistas eram, na época, desconhecidos na Rússia. Pedro o levou para os seus aposentos, aprendeu com ele a usar os instrumentos da profissão, e comprou-lhe um jogo deles. Levou dias praticando a nova arte nos membros da sua comitiva, arrancando indistintamente dentes bons e cariados.

A delegação prosseguiu viagem para a Inglaterra. Um observador legou-nos a descrição desses russos, que percorriam as ruas de Londres «espalhando pérolas e bicharia». Em Deptford, Pedro recomeçou a estudar construção naval. Alí morou ele, com alguns homens da sua comitiva, em uma casa pertencente a certo John Evelyn. Mais tarde o tal Evelyn apresentou um pedido de indenização pelos danos que lhe haviam causado os russos: «trezentas vidraças espatifadas, o soalho da cozinha rebentado, a cerca do jardim queimada como lenha, as grelhas da chaminé partidas e as tenazes torcidas, 21 quadros despedaçados, mesas diversas quebradas, colchões de penas estripados, lençóis rasgados...» E continuava a enumeração, um tanto longa.

De regresso ao continente, Pedro continuou limitando seus estudos às coisas práticas—transportes, mineração, manufaturas, treino militar. A cultura pouco o interessava. Entretanto, ouvira falar dum bárbaro processo de executar os criminosos—o suplício da roda. Manifestou desejo de assistir a uma demonstração. Quando lhe disseram que não havia de momen-

to um criminoso que merecesse tal castigo, o czar se impacientou: «Por que preocupar-se tanto com uma vida humana?» indagou ele. «Façam a demonstração com um dos meus servos!»

A GRANDE e frutuosa excursão findou abruptamente em Viena: Pedro recebeu alí a alarmante nova de que os *Strelzi* estavam marchando sobre Moscou. Essa guarda real, uma força de 20 mil homens, incluia muitos boiardos, que eram a nobreza hereditária do reino, e constituia um corpo independente, incontrolavel, que no passado fizera e desfizera czares.

Pedro regressou a Moscou às pressas. Alí chegado, soube que as notícias da rebelião eram exageradas. Fôra uma revolta mal organizada e indecisa, que Patrick Gordon, chefe do exército por nomeação do czar, facilmente subjugara, mandando degolar alguns dos cabeças e banindo os restantes.

Mas Pedro é que não era homem para se contentar com algumas decapitações e exílios como remédio: a sua intenção era estabelecer um regime novo, em que todo o poder repousasse no czar. Os boiardos e os elementos de outras classes influentes deviam ficar-lhe inteiramente subordinados.

Mandou, assim, realizar um expurgo—que foi de vulto, mesmo para os padrões russos... Mandou regressar do exílio os *Strelzi* banidos e prendeu outros; reuniu cerca de 10 mil rebeldes em um campo de concentração próximo de Moscou.

Vieram primeiro os interrogatórios —para obrigar os presos a denunciar os correligionários. Quatorze câmaras de tortura trabalharam dia e noite, muitas semanas seguidas. O czar em pessoa passou muito tempo assistindo ao suplício dos rebeldes.

Seguiram-se as execuções, no lugar onde é hoje a Praça Vermelha. Os condenados eram trazidos em carroças: a essa altura poucos se encontravam em condições de andar. O próprio czar se entretinha todos os dias a decapitar a primeira leva. Foram executadas ao todo 5 mil pessoas e 2 mil tiveram os ossos quebrados na «roda».

Depois desse grande expurgo Pedro ainda reinou 25 anos. Durante o seu reinado sempre se viam cadáveres naquela famosa praça.

ESTAVA agora o czar aprestado para edificar uma Rússia inteiramente nova. Tentou primeiro ocidentalizar a aparência do seu povo, proibindo o uso dos antigos vestuários, barbas e bigodeiras; para isso, certa noite, ele próprio agarrou os seus boiardos e, ante o assombro geral, cortou-lhes as barbas. Chegou mesmo a tentar alterar as maneiras usuais à mesa. Fez circular livros de etiqueta, em que se ensinava aos russos que eles não deviam mais chupar ossos, cuspir no chão, ou andar em casa de chapéu na cabeça.

Inaugurou um novo sistema econômico: indústria mais produtiva e uma agricultura aperfeiçoada. Mandou fazer pesquisas na esperança de descobrir carvão e ferro na Rússia. Melhorou muito a rede de transportes, mandando ligar entre si vários canais. Introduziu no país novas raças de gado.

O fim supremo de todos estes melhoramentos era o poderio militar—um exército profissional moderno, treinado segundo as regras ocidentais, e baseado no serviço militar obrigatório. Nenhuma das suas reformas teve como objetivo o melhoramento da sorte do seu povo, e isto era verdade em relação a todas as classes. Os boiardos, nobreza hereditária, viram sua independência restringida, e as suas fileiras engrossadas por grande número de novos nobres, criados pelo czar. A Igreja, que dantes tivera tão latos poderes, passou a viver sob o calcanhar do autocrata. Nem sequer a nova classe industrial ganhou muito com a mudança: seus lucros eram cerceados por novos e engenhosos sistemas de tributação. Mas, de todos, quem mais sofria era a gente do povo. Antes do governo de Pedro, alguns camponeses eram servos da gleba; outros, proprietários mais ou menos livres. Pedro os fez todos servos, impondo severas penas aos que fugissem das terras dos seus senhores. Eram obrigados a mudar-se para onde fossem mais necessários os seus braços. A mão-de-obra das fábricas recem-criadas era fornecida por escravos conscritos.

Pedro foi mestre na arte de governar pelo temor. Organizou uma rede de espiões e polícia secreta, quase tão extensa quanto a do atual regime russo. Quando algum súdito do czar pensava em conspirar contra o governo, lembrava-se logo do Grande Expurgo, dos esqueletos que via na praça pública—e desistia do intento.

PEDRO casara aos 16 anos, por vontade superior, com a filha dum boiardo, a qual lhe deu um herdeiro. Depois disso, ele não quis mais saber dela e acabou mandando encerrá-la num convento.

As mulheres nunca o impressionaram—com uma exceção: a de Catarina Skavronski, serva natural da Lituânia, mulher pequena e de bom gênio, gorduchinha e de feições grosseiras, que entrara de serviço no exército. Quando Pedro visitou as tropas, certa vez, ela lavou umas camisas para ele, provavelmente a gosto de seu senhor, pois este a levou consigo.

Catarina foi adquirindo notavel ascendência sobre o soberano de todas as Rússias. Era a única pessoa que sabia lidar com ele quando lhe vinham aqueles ataques de fúria. O czar passou a levá-la consigo a toda parte, e um belo dia resolveu finalmente fazê-la sua esposa.

DURANTE longos anos, enquanto Pedro desenvolvia a sua força militar, o rei Carlos da Suécia andava ocupado em outras regiões da Europa. Pedro aproveitou-se disso para se ir aproximando do Báltico. Conseguiu, por fim, firmar pé na costa, no ponto onde o Neva desagua no mar. Começou, então, a executar um plano que havia muito acarinhava: no entender dele, Moscou, a antiga capital, era um obstáculo ao estabelecimento da Rússia nova. Queria edificar uma nova capital, cidade moderna, porto de mar voltado para o ocidente em vez do oriente.

Construiu, pois, São Petersburgo, hoje Leningrado. Façanha inenarravel foi essa. Antes de se assentarem os alicerces, foi preciso cravar nos pântanos das margens do Neva centenas de milhares de estacas de madeira. Faltavam as ferramentas, mas em compensação a mão-de-obra era abundante. Os escravos de Pedro escavavam no lodo com paus e até com as próprias mãos. O chicote os incitava a trabalhar, quer nos dias abafantes do estio, quer sob as temperaturas frígidas do inverno subpolar. Por vezes o próprio czar empunhava o *knut*. Diz a história que pereceram na construção de São Petersburgo uns 200 mil homens.

Edificada a nova capital, o czar obrigou inúmeras famílias a sair de Moscou e de outras localidades para povoar a cidade do Neva. Foram trazidos negociantes e armadores. Ao impulso irresistivel da energia do monarca, a sua cidade tornou-se um porto florescente.

Chegou por fim a hora do ajuste de contas com Carlos da Suécia. A fase final dessa campanha, durante o rigoroso inverno de 1708, faz pensar nas invasões em que Napoleão e Hitler, mais tarde, encontrariam a derrota. Os exércitos de Pedro foram-se retirando diante dos suecos, esquivando-se a dar batalha. Conforme recuavam, os russos iam deixando a terra devastada. Os suecos gelavam de frio e morriam de fome, e chegada a primavera eram apenas a sombra de um exército. Na batalha de Poltava, Pedro os esmagou completamente.

O triunfo final não veio logo: a Suécia, agonizante, ainda tinha uns restos de poderio. Mas, em 1721, a paz de Nystadt deu a Pedro o que ele queria: o domínio seguro da costa do Báltico, da Finlândia ao Rio Niemen. Pedro conseguira por fim romper caminho até a Europa ocidental—fazendo da Rússia uma das grandes potências européias.

Nystadt foi o remate supremo da sua existência. Pedro celebrou a vitória em São Petersburgo, embebedando-se estrondosamente e espinoteando grotescamente pelas ruas da sua nova capital.

Seu outro objetivo específico—a conquista do Mar Negro—Pedro nunca realizou. A partir de Nystadt ele entrou em rápido declínio. Os excessos de toda ordem lhe haviam arruinado os rins. Tinha sífilis. Varriam-lhe o cérebro as alucinações...

Nos últimos anos de vida, Pedro andou beirando as fronteiras da loucura —se é que não as transpôs realmente. Antes praticara a crueldade com algum propósito; agora, era cruel por simples prazer. Mandava vergastar, torturar e executar padres e mulheres —sem razão alguma. Desconfiava de todo o mundo. Uma vaga de ódio ao czar correu a Rússia inteira, e muitos atentados foram praticados contra a sua vida.

Mas o episódio mais negro do seu reinado foi o caso de Alexis, seu filho nascido da primeira esposa. O rapaz fôra criado e educado pela progenitora. Tinha uma natureza inativa e submissa, mais parecido nisso com a antiga Rússia do que com a nova. De começo, Pedro tentara galvanizar esse rebento inerte, interessando-o em alguns dos empreendimentos que em seu cérebro, sempre ativo, germinavam. Quando viu que nada conseguia, o czar começou a suspeitar do filho. Não há provas evidentes de que Alexis tenha conspirado ativamente para derrubar o czar, mas o certo é que o filho se deixou tomar de medo, e fugiu para Viena. Pedro mandou emissários atrás dele, prometendo que nenhum mal lhe faria. E quando Alexis retornou à Rússia, foi metido na prisão. O tribunal, sob instruções do pai, o declarou culpado de traição. Diz-se que Pedro assistiu em pessoa à tortura e execução do filho.

Por fim, até a fiel Catarina se voltou contra Pedro: foi procurar a felicidade algures, e atraiçoou o marido. O czar descobriu tudo, pois os seus espiões estavam em toda a parte. Mandou decapitar o amante dela, após as torturas da praxe, e colocar no toucador de Catarina a cabeça do desgraçado, metida num vidro de álcool.

Pedro, o Grande, morreu em 1725, com 52 anos de idade. Pelo esforço isolado da sua mão, fizera da Rússia uma nação nova, forte na guerra—um poderoso agressor. E de si próprio fizera um ditador absoluto.

O que é duvidoso é se sua existência contribuiu para a felicidade ou o bem-estar de algum ser humano.

O Coronel David Marcus, criador do Exército de Israel, morreu liderando as forças da Haganah na Batalha da Estrada de Jerusalem, em junho de 1948. Este bilhete, encontrado em sua carteira, dirigido à esposa, revela que ele tivera o pressentimento da morte que o aguardava:

O veleiro

Estou na praia. Vejo um barco enfunar as suas velas brancas e afastar-se no mar azul, impelido pela brisa matinal. É um espetáculo de beleza e força que me detenho a contemplar até o barco tornar-se apenas um ponto branco na linha remota e indecisa onde o mar e o céu se encontram. Alguem, a meu lado, observa: «Já se foi!»

Foi aonde? Afastou-se, tão somente, da nossa vista. O mastro, o casco elegante continuam do mesmo tamanho que tinham quando se achavam ao meu lado. O veleiro continua tão capaz quanto antes de levar ao porto de destino as cargas recebidas. Não diminuiu de tamanho—sou eu que o vejo menor. E no momento exato em que alguem, a meu lado, diz: «Já se foi!» haverá outras vozes, mais alem, prestes a exclamar: «Lá vem o veleiro!» Assim é a Morte.

—Leonard Lyons

Os museus tambem podem ter vida

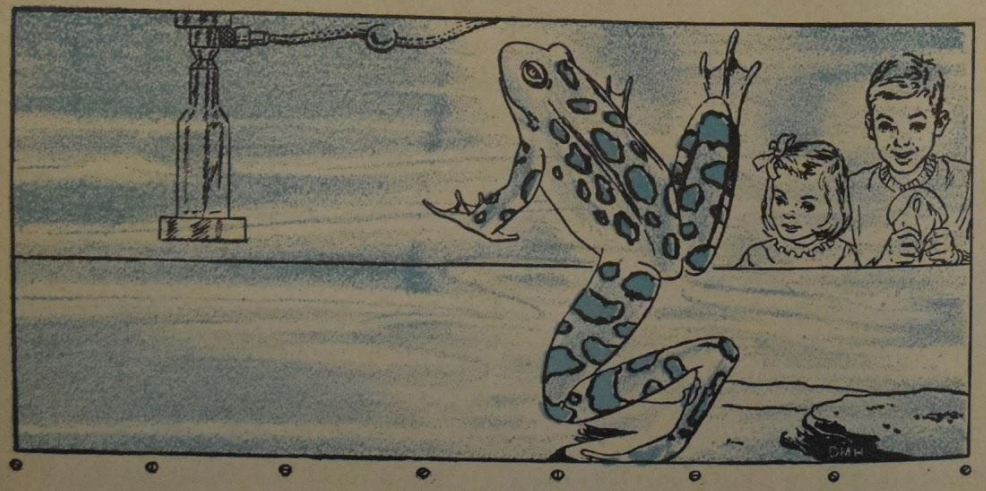
(*Condensado de «The Saturday Evening Post»*)

Por Harland Manchester

O Museu da Ciência, em Chicago, é mais gozado que um circo de cavalinhos!

CERTO DIA de calor, em maio do ano passado, aconteceu que as carteiras de muitas escolas primárias de Chicago ficaram desertas de seus pequenos ocupantes. Dado o alarma, a brigada de agentes especiais de vigilância escolar pôs-se em campo sem demora; alguns dos agentes dirigiram-se para as praias e parques de diversões, em busca dos faltosos, mas a sra. Mary Lusson, famosa pela sua colheita anual de gazeteiros, perseguiu a presa até ir dar com ela em um colossal edifício situado à margem do lago Míchigan, que margeia a cidade. Pegou alí, com a boca na botija, 60 vadios contentíssimos da vida. Por incrivel que pareça, essas crianças estavam em flagrante delito de... visita a um museu!

Para a maioria das pessoas, museu é um edifício imponente, onde visitantes graves admiram em silêncio as coleções aprisionadas em redomas de vidro. Mas o Museu da Ciência e Indústria, de Chicago, é um autêntico



parque de diversões científico, um gigantesco circo de máquinas e apetrechos em ação constante. Pode-se entrar em mangas de camisa, levando merenda para lá comer. Não é preciso jogar fora o cigarro, nem bater o cachimbo na ombreira da porta e guardá-lo no bolso, ao entrar. Por todo lado, alí encontramos luz, côr e movimento. A gente aperta botões e faz girar manivelas, desencadeando complicadas operações—e ao cabo de alguns instantes, sem dar por isso, já aprendeu alguma coisa de interesse.

Quer ver, por exemplo, a prova da rotação do nosso planeta, demonstrada por enorme pêndulo? Ou prefere talvez ver relampejar uma faisca de um milhão de volts, acompanhada do ribombar de um trovão? Ou talvez antes observar uma autêntica fundição, ou u'a máquina impressora funcionando? Tudo isso são apenas alguns exemplos, dentre as duzentas atrações concentradas no museu.

O gênio especializado do diretor, Lenox R. Lohr, e do seu pessoal, para dramatizar assuntos científicos os mais abstrusos, tem a sua melhor revelação no setor reservado à energia atômica. Talvez o leitor pense que pouca gente se daria ao trabalho de sair do seu ramerrão para detectar a radioatividade de um isótopo de estrôncio. Pois as crianças de Chicago choram só para ver isso...

O aparelho detector consta de um tanque de vidro cheio de rãs. Algumas delas ingeriram uma ração de estrôncio radioativo. No extremo dum botaló que se pode mover do lado de fora do tanque com o auxílio de uma pequena alavanca, está um contador Geiger—o «detective» da era atômica—que vai palpitando cada vez mais depressa, à medida que se aproxima do material radioativo. O pequeno Johnny agarra e faz girar a alavanca, procurando descobrir quais as rãs que contêm matéria radioativa, enquanto a meninada que o rodeia «torce» com animação, dando-lhe conselhos aos gritos. Para ajudá-lo nessa pesquisa científica, as luzes vão passando do azul ao verde, à medida que ele se acerca do que procura. Quando afinal o contador palpita furiosamente, e se acende uma luz vermelha, o pequeno achou a sua rã. E com isto ele se diverte mais que num circo de cavalinhos!

Se Johnny quer saber mais a respeito dessa nova e estranha força, não tem que ler nenhum cartaz: simplesmente levanta um bloco de urânio, e verifica que é muito mais pesado do que um bloco de aço do mesmo tamanho. Observando uma roda que gira, na qual estão presas chapas de chumbo e de outras substâncias, ele fica sabendo como é que podemos interceptar os penetrantes raios emitidos pelo urânio.

Outra demonstração de interesse muito especial para os meninos criados na cidade, é a Fazenda International Harvester. Vê-se alí uma casa de dimensões normais, com o respectivo celeiro e demais construções, tudo equipado com a mais moderna maquinaria, desde a unidade congeladora, na cozinha, até a ceifadeira-debulhadora de autopropulsão que se

recorta sobre o fundo do campo, desdobrado para alem do celeiro pela arte do cenarista, numa perfeita impressão de real imensidade. No estábulo imaculado encontra-se uma vaquinha Holstein, muito esperta e bem disposta, à qual estão extraindo mecanicamente o leite espumoso, que cai dentro de um tanque de vidro. A vaca mexe as orelhas, balança a cauda e muge docemente: mas quando lhe damos uma palmadinha carinhosa com a mão, no lombo, ela ressoa como uma pipa vazia: por dentro, toda ela é um engenhoso conjunto de engrenagens e mecanismos, e o leite que dá é sintético.

Uma das seções mais atraentes é a da mina de hulha, de tamanho natural, em plena atividade. Os visitantes são recebidos à entrada do poço por um mineiro enfarruscado, com seu capacete e lanterna de segurança. Entra-se num ascensor de mina verdadeiro, e por ele se desce até ao nivel das galerias subterrâneas, supostamente situadas a 180 metros abaixo da superfície. Tem-se a ilusão perfeita de que a pressão do ar vai aumentando, e até zumbem os ouvidos, à medida que se vêem passar velozmente as paredes rochosas do poço—muito embora estas não sejam mais que simples faixas pintadas, rolando como correias sem fim. E quando a gente pensa que chegou às entranhas da terra, encontra-se apenas a poucos metros do nivel da rua. Sai então do elevador, no fundo do poço, para respirar as emanações bolorentas da escavação da hulha, e ouvir o estrondo ensurdecedor das bombas e do descarregador rotatório, que está esvaziando os vagonetes cheios de carvão extraido das galerias. Para montar esta engenhosa exibição em dimensões naturais, foi preciso levar até alí alguns veios genuinos de hulha; e tudo é autêntico, inclusive os mineiros, que são veteranos das minas de carvão.

A seção mais discutida do museu é, no entanto, o «Milagre do Nascimento»—panorama visual do processo de concepção, gestação e nascimento do ser humano, preparado por professores da Universidade de Illinois. A fila dos visitantes segue ao longo de uma série de montras instaladas na parede, onde estão expostas as várias fases do desenvolvimento do feto, desde a concepção até o nascimento do bebê.

Em outras seções do Museu ouve-se um rumor contínuo de falas e risos. Mas quando os visitantes entram na sala do «Milagre», tudo se reduz a um murmúrio de respeito e atenção. Eu vi alí milhares de visitantes de todas as idades, esperando na fila que lentamente se ia escoando através da sala. Predominavam famílias em grupo. Meninos e meninas de escola primária examinavam atentamente os painéis, e apontavam coisas instrutivas aos progenitores boquiabertos. Grupos de ginasianas, as cabeças unidas, trocavam impressões sobre o que viam.

Este museu, inaugurado em 1933, encontrou-se em apuros financeiros seis anos depois. Os administradores da fundação viram-se obrigados a procurar um homem capaz de pôr o Museu em condições de viver de seus

próprios recursos. Escolheram o major Lenox R. Lohr, que já havia sido presidente de uma grande cadeia de radioemissoras. Com os seus 57 anos, Lohr é um indivíduo moreno e robusto, que irradia energia por todos os poros. Colecionador insaciavel de automoveis antigos, de velhas fitas de cinema, de «caça-niqueis», de armas de fogo, de moedas e selos, a sua grande residência em Evanston é, já por si, um museu.

Quando o major Lohr foi convidado a assumir a direção do Museu da Ciência, o seu primeiro cuidado foi meter-se a caminho para visitar quantos museus pudesse. A coisa que desde logo lhe chamou a atenção, foi o grande número de indivíduos que ele via parados à porta dos museus, fumando um cigarro. Depois, percorrendo os enormes salões revestidos de mármore, ouviu gente que se queixava de já ter os pés doridos. Viu crianças rabugentas de fome ou de impaciência, e escutou os guias papagueando lengalengas sem vida, aprendidas de cor. Viu interminaveis filas de vitrinas impecaveis, com seus letreirinhos muito desenhados e, com poucas e notaveis exceções, notou que em parte alguma se faziam esforços para transpor o abismo que separava o visitante dos objetos expostos—para mostrar como estes podiam afetar a vida cotidiana de qualquer pessoa.

O major Lohr regressou a Chicago transbordante de idéias e projetos. Começou por mandar retirar das paredes os avisos «É proibido fumar», e distribuiu convenientemente pelo museu os necessários cinzeiros. Instalou confortaveis salas de repouso e espalhou bancos por todo o edifício. Quem suspirar por sentar-se mais demoradamente encontrará alí oito salas de projeção, grandes e pequenas, onde se exibem filmes recreativos ou instrutivos, com demonstrações sobre assuntos os mais variados, tais como arborização, aço, radar ou micróbios; aos domingos pela manhã, há recitais de orgão e representações dramáticas por grupos estranhos ao museu. Finalmente, para os esfaimados, há um grande restaurante com boa comida a preço módico, e ainda um vasto refeitório para aqueles que, mais econômicos, já trazem o lanche de casa.

Atrair o público com tais serviços e um ambiente de cordialidade, era somente o primeiro passo. Em seguida, Lohr tinha que preencher os grandes espaços vazios do Museu com espetáculos empolgantes e instrutivos. Ao mesmo tempo, precisava poupar nas despesas.

A fonte mais promissora de material de exposição era a grande indústria. As exposições do Museu pertencem, desde o começo, a duas categorias: as que demonstram certas leis básicas da ciência, e que o Museu organiza só por si, e as exposições de carater tecnológico, patrocinadas pelas indústrias, tais como a rede ferroviária modelo, da companhia Santa Fé, com suas oficinas de locomotivas em miniatura, pátios de manobras, e sistemas de sinalização, desvios, etc.

A campanha do major Lohr foi co-

roada do êxito mais completo. Atualmente, 25 das maiores empresas industriais têm alí exposições, cujas instalações custaram entre 25 mil e 500 mil dólares cada uma. As indústrias preparam suas exposições com a ajuda dos peritos do Museu, pagam os materiais e a instalação, e ainda uma quota anual para cobrir as despesas de aquecimento e iluminação e os salários dos empregados encarregados de fazer as demonstrações.

O Museu não aluga espaço: concede-o como um privilégio. Estão proibidos os artifícios publicitários, mas o Museu faz menção bem clara do nome da empresa a que se deve cada exibição.

De par com a solvência do Museu, começaram a afluir as grandes massas, atraidas pelas fascinantes exibições sempre renovadas e pela atmosfera de liberdade que reina alí. O número de visitantes é muito superior a um milhão por ano, mas o que mais agrada o major Lohr é a duração média de cada visita, que passou de 55 minutos para três horas e meia.

Os educadores mais eminentes se entusiasmam com os engenhosos e estimulantes métodos de ensino que o Museu proporciona, e são numerosos os professores estrangeiros que vão alí fazer observações. Os professores utilizam os mostruários do Museu para completar seus cursos de ciências; todos os dias param em frente ao Museu ônibus fretados pelos colégios. Um corpo de 40 jovens e espertos demonstradores, na maioria estudantes de cursos superiores de ciência, guiam os visitantes através daquele mundo maravilhoso de máquinas e demonstrações, e de passagem vão explicando—sem lengalengas decoradas—de que é que trata cada seção. Não há nada de estático neste Museu: as exposições renovam-se constantemente, para se manterem a par do desdobramento incessante do panorama técnico e científico. Encontram-se atualmente na fase de projeto e ensaio uma dúzia de novas exposições. «Este Museu nunca vai ficar completo!» diz o major Lohr, «pois o que ele é, na realidade, é uma enciclopédia de folhas soltas, de tudo quanto a ciência e a indústria nos vão oferecendo de dia para dia.»

Etnografia

UM TURISTA, ao chegar ao Alasca, vendo esquimós pela primeira vez, notou que uma jovem local trazia às costas um filhinho, louro, de olhos azuis.

—Ele é puro sangue esquimó? perguntou, admirado.

—Meio.

—Meio quê? insistiu o turista.

—Meio fuzileiro naval, explicou a mãe.

—Robert C. Byers

A «fraca mulher» vive mais tempo—e origina um problema novo

QUAL É O «SEXO FRACO»?

(*Condensado de «The New York Times Magazine»*)

Por George Lawton

Psicólogo, autor de «Aging Successfully»

COMO EU ME considero um sujeito friamente científico, detesto a idéia de incitar as pessoas a discutir os méritos relativos dos sexos. Mas o caso é que o Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos afirma que as mulheres vivem mais tempo do que os homens—e as estatísticas do registro civil merecem-nos muito mais confiança do que todas as lendas antigas, todas elas invenção de homens, sobre o «sexo fraco»...

O fato é que, com exceção, talvez única, da musculatura e (oxalá não venha a arrepender-me de dizê-lo!) da imaginação criadora, as mulheres são praticamente iguais aos homens em todas as funções físicas e mentais, e em algumas aptidões se mostram mesmo superiores.

Uma rápida olhadela o revelará. O sexo que luta com mais dificuldades para vencer as frustrações, é aquele a que pertenço. Qualquer crise se torna sempre mais dificil para o homem, porque ele vive sob uma tensão maior para proteger o seu *ego*, e não perder «prestígio». O homem é menos capaz de enfrentar uma operação, um prejuizo financeiro, uma queda em sua posição profissional. Os homens são o sexo criador, visionário, sem espírito prático. Declaram e fazem guerras, escrevem epopéias, morrem pela ciência. Fornecem os maiores gênios e os melhores atletas. Desgraçadamente, dão tambem maior número de criminosos, mais casos de acidentes fatais, mais suicídios, mais casos de manicômio e de doenças mortais.

Talvez não devamos ir ao extremo de descrever o homem como sendo o «sexo fraco»—mas é decerto o sexo masculino aquele que se gasta mais depressa. A organização bioquímica da mulher tornou-a mais resistente à doença e às anomalias do que o homem. Ela possui mais hormônios sexuais, mais cálcio e nitrogênio, certas vitaminas em maior quantidade, e mais glóbulos brancos no sangue. A «fraqueza» da mulher é, de fato, a maior das ficções até hoje criadas pelos homens—e ela não é tão tola que se dê ao trabalho de desmentir a lenda... E por que é que havia de fazê-lo?

Em geral, o homem da categoria de renda média mata-se de tanto trabalhar, enquanto a esposa trabalha o menos que pode. À proporção que os luxos se tornam necessidade, sob a influência da intensa publicidade moderna, a mulher vai fazendo cada vez menos, e vivendo cada vez mais. Enquanto isto, o marido—pago o prê-

mio do seguro de vida—morre de síncope cardíaca!

Os homens morrem mais cedo, provavelmente porque são eles que aguentam a maior parte do esforço de ganhar o pão de cada dia, a alta pressão dos negócios e da concorrência. Não há negar que eles são objetos de utilidade para a mulher—mas o mal é que não duram o suficiente. As mulheres deviam meditar em tudo isto, e depois procurar a maneira de conseguir que os homens durem mais...

A esposa devia considerar o seu nivel de existência, e avaliar o trabalho que o marido é obrigado a realizar para mantê-lo. Poderia depois ponderar as consequências que uma tão grande pressão de trabalho pode ter na vida dele. Será o padrão de vida e o valor do provavel espólio uma compensação suficiente para a perspectiva de vir a ser, por muito tempo, uma «mulher só»?...

O maior problema da idade madura e do declínio, é talvez este da «mulher só». As estatísticas revelam que, em média, a esposa ficará viuva durante oito anos da sua vida, admitindo que não volte a casar. Deve-se isso ao seguinte: (a) a mulher vive, em média, mais quatro anos do que o homem; (b) a esposa é, em média, quatro anos mais jovem do que o marido. Se agruparmos as mulheres sós—viuvas, separadas e solteironas — chegaremos à conclusão de que dois terços das de mais de 65 anos vivem sem marido.

E esta mulher só, quem há de sustentá-la? Como é que ela pode ganhar a vida? Onde, como, e ao lado de quem é que ela há de viver? Como poderá ela conseguir a companhia e solidariedade de um homem? A solução científica desses problemas seria os homens se casarem com mulheres oito anos mais velhas do que eles—uma idéia que até hoje não tem conseguido despertar entusiasmo algum entre os homens. A verdade é que por algum tempo ainda haverá cada vez mais mulheres envelhecendo, e mais mulheres idosas vivendo em solidão.

Não é, porem, necessário que todas as mulheres sem marido sejam figuras de tragédia, nem sequer entes melancólicos. Muitas mulheres preferem viver sós, e se mostram perfeitamente auto-suficientes. Algumas levam vida mais util, mais plena, do que a vida de muitas mulheres casadas; e embora isso tenha alguns inconvenientes de vária ordem, a liberdade e a independência pessoal de quem vive só, mais do que os compensa.

Mas nem por isso a perspectiva ou a realidade de viver sozinha deixa de ser um sério problema para a maioria das mulheres. E é um problema que elas não podem facilmente descarregar nos ombros dos homens—porque o pobre, o querido, o «mais forte» dos sexos, simplesmente não vive tempo suficiente cá por este mundo...

DESCREVENDO a sua casa pré-fabricada, o ator Victor Moore observou: «A sala de visitas está um pouco justa demais para a minha cintura.»

As notícias que chegam de trás da Cortina de Ferro mostram o que sucede ao operariado quando o patrão é o Estado policial

PARAISO DOS OPERÁRIOS

Por Ferenc Nagy

COMO VIVE o trabalhador num país dominado pela União Soviética? Estará ele em melhores ou piores condições de vida do que antes?

Eu estava resolvido a achar por mim mesmo a resposta a essas perguntas—e não em vagas generalidades, mas em termos concretos de salário, horas, alimento e conforto. E, depois de haver interrogado cautelosamente mais de 1.300 pessoas de confiança, que vivem e trabalham por trás da Cortina de Ferro, das quais cerca de 200 eram empregados da indústria, nenhuma dúvida resta no meu espírito. O trabalhador—em nome de quem os dirigentes soviéticos exercem o poder—passa hoje pior que nunca nos paises satélites. É obrigado a trabalhar mais, e mais horas, por menor salário. Se deixa de produzir a sua quota de trabalho, é punido com severidade. Não pode fazer greve. Não pode nem protestar respeitosamente contra uma decisão do seu empregador, que é o Estado onipotente. Sua promoção depende, não de sua perícia como artífice, ou de sua iniciativa, mas de sua habilidade de fazer crer aos superiores que é um servidor devotado da causa soviética.

Tomarei como primeiro exemplo a Hungria, que é o meu país natal e aquele que melhor conheço. As condições de vida são alí, segundo pude verificar, típicas do que se passa nas outras nações satélites.

Recentemente, durante uma reunião obrigatória dos operários duma grande fábrica de Budapeste, um lider sindical, treinado na União Soviética, estava descrevendo em termos utópicos o que são as condições de existên-

FERENC NAGY foi primeiro ministro da República da Hungria, de fevereiro de 1946 a junho de 47. Durante esses meses decisivos, ele combateu vigorosamente, no carater de lider dos agrários húngaros, a introdução do comunismo no seu país. O golpe comunista que derribou o seu governo democrático tornou-se histórico, bem como a extorsão da sua renúncia levada a cabo pelos conspiradores de Budapeste, a serviço da U.R.S.S., que lhe raptaram um filho e o detiveram como refem. (*Vide* «Como os russos me despojaram do governo», *Seleções*, fevereiro de 1948.)

F. Nagy colaborou com Stephen K. Swift num livro recentemente publicado—*The Struggle Behind the Iron Curtain* (Macmillan). Hoje fazendeiro na Virginia, visitou recentemente grande parte da Europa. Algumas de suas conclusões acham-se expostas neste artigo.

cia do cidadão da U.R.S.S. Afirmou que o operário norte-americano, pelo contrário, é um pobre mendigo explorado, que vegeta em condições pouco superiores à escravidão. Quando ele acabou de falar, um velho ferramenteiro, curtido e nodoso, ergueu-se e observou: «Se tudo isso é verdade, então por que é que as autoridades deportam para a maravilhosa União Soviética os camaradas que não preenchem suas quotas de trabalho, ou que reclamam demais? Não seria mais razoavel mandar esses descontentes para os Estados Unidos—como castigo—e premiar os bons operários que obedecem fielmente ao Partido, mandando-os para a Rússia?»

O orador fez de conta que não tinha ouvido o aparte, mas indagou o nome do aparteante. Na manhã seguinte, muito cedo, dois agentes de polícia batiam à porta do velho operário. Dias depois, a família era informada de que ele «fôra transferido para a União Soviética, por tempo indefinido, para receber uma educação corretiva».

O trabalhador vive num temor constante de que uma observação imprudente ou um resmungo o façam cair nas mãos da polícia política. Para quem está de fora, é dificil compreender o horror constante infligido pelo Estado policial. O indivíduo não tem proteção alguma contra os caprichos da autoridade, que pode bater à sua porta às seis da manhã, eliminar-lhe a vida em uma hora, ou pô-lo nessa mesma tarde a caminho dum campo de trabalhos forçados, nos Urais. Tudo isso parece incrivel visto cá de fora, mas para um húngaro ou polonês é o pão de cada dia.

Durante a semana de 48 horas, hoje de regra em quase todos os paises controlados pela Rússia, o operário, em média, tem que produzir aproximadamente 50 por cento mais do que produzia em 1938. As autoridades de Moscou estabelecem para a Hungria uma quota de produção de tantos metros de tecido de algodão, e de tantas toneladas de aço. O governo de Budapeste, obedientemente, subdivide essa quota e determina a produção que deve caber a cada fábrica. A gerência desta, a seu turno, determina a quantidade que cada operário deve produzir. E se ele não preenche a sua quota, é punido.

A história de um de meus informantes—tecelão já de idade, muito competente, e que em tempos foi um fervoroso comunista—é típica de muitas outras: «Certa manhã, o mestre veio ao meu tear e disse-me que o subdiretor da produção queria falar comigo. O subdiretor é um sujeitinho gorducho, que foi garção até que, do dia para a noite, lhe deram aquele emprego. É um bom comunista, serviu bem o Partido como espia e correio, mas de tecelagem não sabe nada. Pregou-me um sermão por minha produção ter caido; tentei explicar-lhe que o trabalho tinha que ser exato, e que já não se podia ter confiança naquelas máquinas. O sujeitinho sacudiu a mão carnuda. Nada de desculpas. Desta vez, meu salário seria reduzido à metade durante um mês. Na

próxima vez, minha ração tambem seria reduzida. E se eu continuasse não produzindo a quota que me era exigida, disse ele, eu já sabia o que tinha a esperar. Alem disso, acrescentou, eu tinha feito algumas observações que pareciam indicar já não ser eu tão fiel ao Partido como fôra em tempos...

«Eu sabia perfeitamente o que me esperava! Não perdí tempo. Com a ajuda de um parente meu que mora perto da fronteira, conseguí fugir para a Áustria, escondido com minha mulher numa carroça.»

Muitos operários húngaros têm seguido o exemplo deste velho tecelão. A polícia austríaca calcula que, durante o ano passado, cerca de vinte mil refugiados da Europa central, principalmente húngaros, atravessaram a fronteira clandestinamente.

Em 1938, na Hungria, um maquinista perito ganhava, em uma hora de trabalho, o valor de 6 libras de pão. Durante a guerra, com a economia húngara em grande parte ditada por Berlim, ele ganhava três libras em uma hora. Pois agora esse mesmo maquinista trabalha uma hora para ganhar apenas uma libra de pão!

Um par de sapatos, que antigamente custava dois dólares, custa agora dez; um terno que se comprava por 20 dólares, anda hoje pelos cem. Enquanto isso, em muitas indústrias, o salário foi reduzido de dez a vinte por cento! O operário mal pode comprar hoje a comida que é concedida pelo cartão de racionamento (com uma única refeição boa por semana), pagar o aluguel duma moradia que há cinco anos ele não teria considerado habitavel, e substituir as roupas que lhe caem do corpo aos pedaços.

Uma nova aristocracia industrial tem crescido ao abrigo da Cortina de Ferro, em tudo semelhante à corrupta hierarquia dos sátrapas e tiranetes impostos pelo regime hitleriano. O degrau mais baixo dessa escada é o chamado «mestre-operário», que se encontra em todas as fábricas. É ele menos um técnico do que um agente de polícia e representante do Partido.

«Eu só queria que todos os operários que simpatizam com o comunismo ouvissem o tom de voz com que esses capatazes se dirigem aos homens sob suas ordens!» dizia-me um dos meus informantes. Um relatório hostil de um desses chefes pode acarretar não só a perda do ganha-pão, mas a desgraça e a morte.

O mestre comum recebe uma ração maior que a do operário em geral, melhor casa, férias pagas e—se conseguir provar que é um sólido esteio do Partido—tem possibilidade de promoção a importantes postos na gerência. O presidente da maior refinaria de açucar da Hungria, era, ainda não faz dois anos, um trabalhador braçal sem categoria em uma fábrica de farinhas. Tinha demonstrado ser, no Partido, um incansavel organizador, fanático denunciador de todas as atividades anticomunistas, e habil delator. O chefe atual da maior indústria elétrica do país foi outrora um garção. Dirigentes desta ordem não podem deixar de ser ineficientes nas tarefas para as quais não foram treinados.

Um dos artifícios preferidos para aumentar os fundos dos sindicatos ou do Partido, é a «subscrição popular» a favor duma causa para a qual o trabalhador não pode deixar de contribuir, sem se arriscar a tristes consequências. Recentemente, em uma fábrica da Hungria, um orador do Partido pediu aos operários que contribuissem com 1% do seu salário mensal para ajudar os guerrilheiros gregos de Markos. Era dever de todo bom comunista, disse ele, ajudar a causa da U.R.S.S. no mundo inteiro. Quando ele acabou de falar, levantou-se com dificuldade um operário idoso, comunista de longa data e muito respeitado por todos: «O trabalhador húngaro,» disse ele com energia «de bom grado sacrifica parte do seu pequeno salário para ajudar qualquer causa justa. Mas já que o rio Tisza acaba de inundar grande parte da Hungria oriental, não seria mais acertado gastar esse 1% de nossos salários para socorrer esses húngaros sem lar e sem pão, do que os guerrilheiros gregos?»

A assistência em peso atroou os ares com aplausos. Ao sair da fábrica, nessa tarde, o velho operário levou sumiço...

Ao colocar comunistas disciplinados nos postos estratégicos dos sindicatos, o Partido transformou estas organizações em instrumentos que cumprem sem discutir os seus decretos. Quando, por exemplo, o governo de Budapeste resolve que os salários da indústria textil são demasiado altos, manda recado ao conselho central do sindicato dos operários dessa indústria. O conselho central, obedientemente, anuncia que «por consentimento geral dos patrióticos membros do sindicato», os salários serão reduzidos... Quem quer que pretenda discutir a validade daquele «consentimento geral», já sabe que sem demora se encontrará a braços com a polícia política.

O operário individualmente considerado tem tão pouca voz na escolha do empregador, quanto na do sindicato ou dos seus líderes. No verão de 1948, o governo de Matias Rakosi virtualmente completou a nacionalização de todas as fábricas e empresas industriais da Hungria. O conselho operário de certa fábrica especializada em tábuas para soalhos, muito próspera, resolveu por unanimidade que seria preferivel conservar como gerente o antigo dono. O representante do Partido declarou que isso era impossivel: o novo gerente já estava escolhido, e era um bom comunista. «Mas,» objetou o presidente do conselho, «nós sempre tivemos melhores condições de trabalho e melhor salário do que outro qualquer operário desta indústria. O sr. Canalis pôs sempre acima de tudo os interesses dos trabalhadores. Todos nós, comunistas ou não, o sabemos.» O delegado insistiu e argumentou, mas os homens estavam inabalaveis: sem o ex-patrão, recusavam-se a trabalhar.

Assim, os agentes da polícia política tomaram conta do caso. Um dia, levaram Canalis à fábrica e reuniram os operários em volta dele. O ancião mal podia dominar a emoção que lhe embargava a voz: «Meus amigos,» disse ele «dizem-me que o progresso do socialismo impõe que o Estado tome conta da minha fábrica, para que a nossa produção continue e aumente. Está claro que eu devo obedecer. Rogo-lhes que voltem ao trabalho, e façam o que as autoridades lhes mandarem. Deus os abençoe e proteja!» Quando ele se retirou, quase todos os operários estavam com os olhos cheios de lágrimas.

Metodicamente, o Partido tem prosseguido na sua obra, desde as grandes lojas de departamentos às lojas pequenas, e dos grandes restaurantes aos minúsculos cafés. Todas as empresas, menos as insignificantes, estão sendo absorvidas pelas grandes organizações controladas pelo Estado, e pelas chamadas cooperativas, dirigidas por homens que merecem a confiança do Partido e obedecem as suas ordens. «Que tolos que fomos,» dizia-me um ex-comunista fervoroso, com um sorriso amargo, «em não percebermos que estávamos trocando um patrão com o qual podíamos discutir, por um patrão que nos faz frente com os *casse-têtes* dos policiais e com metralhadoras, sempre que abrimos a boca.»

Duas noites por semana, os operários húngaros são obrigados a assistir a «seminários operários», com o propósito aparente de debater problemas da fábrica ou oficina, e de dar a cada trabalhador o ensejo de ventilar suas queixas e sugestões. Mas na realidade o seminário consta, sobretudo, de palestras que os capatazes, e outros aspirantes à promoção dentro do Partido, fazem sobre as vantagens do comunismo, os horrores do sistema capitalista, e o futuro do mundo sob a direção benévola da U.R.S.S.

A terça-feira é o Dia do Partido em quase todo o país. Nessa noite, na presença dos gerentes e de alguns sátrapas locais do Partido, presta-se homenagem especial ao marechal Stalin e aos maiorais soviéticos, com canções alusivas, muitos brados e punhos erguidos. Em tais cerimônias instrui-se o operariado sobre tudo quanto ele deve fazer, desde os hábitos de alimentação até os de leitura e pensamento.

Estas reuniões contínuas do sindicato e do Partido constituem uma verdadeira maçada. Um homem que trabalhou exhaustivamente das 8 da manhã às 5 da tarde, talvez não volte para casa, depois dum serão político, antes da meia-noite. Com mais uma ou duas horas que ele leva no dia seguinte, incluindo uma caminhada, para chegar ao trabalho, o operário não consegue dormir o suficiente.

Mas isso não é coisa que preocupe o Partido. «O trabalhador comunista deve ser forte!» anunciava há pouco o *Pravda* em um ameaçador editorial expressamente dirigido aos paises satélites. «Deve-se preocupar mais com o seu trabalho do que com a comida e o conforto. Deve sacrificar tudo à causa do Estado, que o engrandeceu. E deve fazê-lo de muito bom grado; do contrário, o Estado não terá lugar para ele em nosso glorioso futuro.»

Tenho meditado muitas vezes no que sucederia aos trabalhadores dos paises ocidentais, se houvesse governos comunistas no poder. A orientação dos sindicatos trabalhistas seria

ditada pelos emissários russos aos congressos operários, onde ninguem poderia abrir a boca sem permissão. Quem fizesse greve seria fuzilado. O sindicato aprenderia que, se não reduzisse os salários de 15 por cento e aumentasse a produção de 20 por cento, os seus líderes seriam despachados para um campo de trabalhos forçados. Parece incrivel, não é verdade? Mas é isso o que acontece—nos paises que se acham dentro da Cortina de Ferro.

Juiz singular...

George Sidney, em «This Week Magazine»

NESTA história verídica, um famoso diretor de Hollywood recorda um episódio da sua meninice:

Nossa cidade jamais presenciara tamanha sensação em torno de um julgamento por crime de morte. Ted Donohue, o acusado, era honesto e trabalhador, mas era «estrangeiro»—nascera num dos Estados do norte. Todos sabiam que ele atirara em Mort Layton em legítima defesa, mas os Laytons eram politicamente poderosos e, estando próximas as eleições, o promotor público se pusera em campo para enforcá-lo.

O «tio» Harry, como todos o chamávamos, era o juiz. Nós, rapazes, tínhamos verdadeira veneração pelo velho magistrado, tendo constituido para mim uma honra excepcional o fato de ter ele consentido, no dia do julgamento, que eu me sentasse nos degraus que levavam à sua mesa. Não havia mesmo a menor cerimônia naquele tribunal. O discurso do promotor foi extremamente empolado, descrevendo o réu como um intruso na localidade e canonizando a vítima como a imagem do rapaz-modelo, paradigma de todas as virtudes. O discurso começara a inflamar-se quando notei, pela primeira vez, o charuto de «tio» Harry. O juiz estava fumando com indisfarçavel deleite, de olhos fechados, soltando longas baforadas. Quanto mais bramia o promotor, mais calmo e pacífico aparentava estar o magistrado. A cinza do charuto ia crescendo, pouco a pouco, e eu esperava, a cada instante, que caisse espetacularmente sobre a toga do juiz.

Não tardei em verificar que quase toda a sala tinha os olhos fixos na cinza do charuto. Os próprios jurados não estavam prestando a menor atenção ao discurso do promotor. Como os demais, pareciam hipnotizados pelo estranho charuto. O juiz continuou soltando baforadas enquanto a cinza crescia, crescia, como que desafiando a lei da gravidade. O charuto já se reduzira a uma ponta e a cinza estava ainda intacta quando o promotor concluiu a sua catilinária.

Os jurados estiveram reunidos apenas 20 minutos. Ao regressarem, Ted era um homem livre. Não haviam feito o menor caso das palavras eloquentes do promotor. Só então, o juiz sacudiu a cinza do charuto no soalho. Percebí, imediatamente, que com ela caira um pedaço de arame que fora, sem dúvida, introduzido no charuto para sustentá-la.

Nesse momento, o juiz apercebeu-se de que eu estava sentado quase a seus pés.

—Você não viu nada, não é, meu filho?

Não senhor, respondí, com os olhos fixos no arame.

—Até logo, disse ele. —O réu era inocente, mas eu não podia confiar nesses jurados de meia-tijela. E eu sempre imaginei que um dia chegaria a encontrar alguma utilidade para os grampos de minha mulher.

Argúcia dos animais

Compilação de Alan Devoe

O fenômeno ou faculdade a que chamamos «saber» tem uma infinidade de gradações; vai do instinto primitivo dos animais inferiores até o pensamento dos filósofos. Entre os animais, porem, sucedem episódios espantosos que demonstram os pontos de contacto entre o «pensamento» deles e o nosso. Os relatos que se seguem foram enviados por leitores ao Reader's Digest.

CERTO DIA de primavera, estando eu à margem de um pequeno rio, à espera de algum puxão em meu anzol, vi um guaxinim que caminhava tranquilamente para dentro da água, aliás rasa. Pescou um grande mexilhão, deu-lhe, esperançoso, uma mordida nas conchas fechadas, e em seguida colocou-o sobre uma pedra chata à tona d'água. Repetiu o processo com vários outros moluscos, e eu, observando, sorria para meus botões, pois sabia como é dificil abrir aquelas cascas... De repente o guaxinim desistiu e foi-se embora.

Daí a umas duas horas, porem, voltou e recolheu os mexilhões, agitando-os de um lado para o outro até que as conchas se abriram lentamente, e ele pôde saborear o conteudo. Ponderei alguns minutos e afinal atinei com o ardil do pequeno mamífero: o sol esquentava as pedras, os moluscos enfraqueciam-se sob aquele calor intenso e constante, e descerravam as conchas, entregando-se, por assim dizer, à gula do esperto guaxinim.

—J.K.

ERA O OUTONO, e o vento soprava com força nas montanhas, onde eu me achava trabalhando na derrubada e transporte de madeira. Em dado momento, deparei com uma imensa teia de aranha suspensa entre duas árvores que se achavam a cerca de dois metros uma da outra. A teia ainda não estava pronta: uma enorme

aranha preta e amarela trabalhava ao longo de sua orla. De repente duas folhas mortas, levadas pela ventania, foram cair bem no centro da teia. A aranha acorreu àquele ponto para examinar de perto a situação.

Com uma de suas longas patas dianteiras, agarrou o fio a que havia aderido uma das folhas. Da mesma forma pela qual um índio puxa a corda de um arco para soltar a flexa, a aranha esticou o fio e logo depois o largou. Da primeira vez, a folha ainda não caiu, nem da segunda; mas na terceira, soltou-se. O aracnídeo aplicou o mesmo estratagema à segunda folha.

—L.L.F.

ESTAVA EU lendo na sala, quando vi entrar um camundongo. Prendí a respiração, esperando. Seria o mesmo ratinho desaforado que, durante cinco noites seguidas, burlara a ratoeira e saira calmamente, levando a isca de chocolate? Pus-me a observá-lo, enquanto ele, com cuidados infinitos, se acercou da ratoeira por trás. De repente, dando um pulinho, «aterrissou» bem no meio da mola, equilibrando-se perigosamente, mas com notavel perícia. Então, cautelosamente, encostou a ponta do focinho na extremidade da mola.

O efeito não se fez esperar: a mola subiu violentamente, lançando o roedor a distância. E eis que o bichinho, sem se dar por achado, correu à ratoeira e apoderou-se do chocolate com ar triunfante, como se dissesse: «Deu trabalho, mas valeu a pena!»

—H.L.P.

CERTA MANHÃ, vi um casal de andorinhas que, tendo feito seu ninho num canto da calha do telhado de nossa casa, tentava agora, furiosamente, expulsar um pardal que lhes usurpara a moradia. As tentativas foram vãs. Daí a pouco, as andorinhas voaram para longe e trouxeram um reforço: seriam bem umas vinte delas. O «regimento» passou a atacar o pardal, descendo em mergulho até junto ao ninho, agitando as asas. Não adiantou nada: o pardal continuou imperturbavel.

De novo sumiram as andorinhas, mas duas horas depois voltaram, em vôo vertiginosamente rápido, acompanhadas da maior flotilha de andorinhas que já vi em minha vida. Foram direitas ao ninho, e cobriram-no com suas asas ruflantes. Segundos depois, desapareceram. Fui espiar o ninho. As andorinhas haviam-lhe tapado a abertura com argila fresca, à guisa de alvenaria!

Meses depois, durante forte tempestade outonal, o ninho despencou-se da calha e veio tombar no jardim. Abrí-o, e lá dentro encontrei o pardalzinho mumificado.

—F.J.L.

POR OCASIÃO de uma caçada, vi por acaso um esquilo que usava um processo realmente admiravel para esconder em lugar seguro seu suprimento de alimentos para o inverno. Subindo rapidamente por um pinheiro, arrancou com os dentes um pinhão, e desceu de novo para recolhê-lo cá em baixo. Foi depressa a uma fontezinha de forte correnteza, mergulhou o pinhão na água gelada, e em seguida correu rumo a um rincão sombrio sob o abrigo de grandes árvores.

Alí havia ele empilhado pelo menos uns 200 pinhões frescos, que jaziam congelados. Em questão de minutos, o último fruto congelou-se tambem. Naquele cantinho sombreado, o degelo só se daria na primavera. O esquilo inventara um frigorífico dos melhores!

—J.B.S.

NA NEVE ainda recente, perto de nossa casa na Nova Inglaterra, viam-se pegadas a indicar que havia raposa nas redondezas. Saimos, pois, num grupo para procurá-la pelos arredores, e um de nós levou na «expedição» o seu filhote de *fox terrier*, que ainda não recebera treinamento algum. Quando demos com a raposa, estávamos ocupando tais posições que ela só poderia rumar a uma clareira pantanosa, onde seria alvo facil. Correndo nessa direção, ela viu o cachorrinho.

Sem hesitar, aproximou-se dele aos saltos e guinadas. Encontraram-se afinal, focinho contra focinho, caudas meneando em sinal de alegria. Graciosa, cheia de floreios, pôs-se a brincar com o pequeno *terrier*, e este entrou na dança cheio de entusiasmo.

Pouco a pouco, metro a metro, a raposa foi atraindo o cachorrinho para a tal clareira. Rolavam um com o outro, trocando mordidas e patadas amistosas, até formarem, juntos, como que uma só bola de pelo vermelho e branco—uma bola peluda que se afastava cada vez mais dos caçadores, aproximando-se cada vez mais do rio...

De repente, bem à margem, o rolo se... desenrolou. Vimos de relance um raio avermelhado; era a raposa que escapulia. O cãozinho viu-se, de súbito, sem a sua companheira, o que lhe causou imenso espanto. E nós não conseguíramos dar sequer um tiro...

—E.D.M.

Delicadeza de sentimentos

EIS O BILHETE que meu tio-avô escreveu à esposa depois de um desentendimento que tiveram durante o 50º ano de casados:

«Minha querida mulherzinha: Deixemos as discussões para depois da lua de mel. Do marido que te adora, John.»

—Ellen Engel

SOBRE a lage que cobria a sepultura do marido, uma camponesa cinzelou, em letras rústicas e desiguais, o seguinte epitáfio: «Ele sempre foi muito agradecido.»

—Albert Edward Wiggam, *New Techniques of Happiness*, (Funk, ed.)

Eis uma doença que alastra seus domínios; mas suas vítimas podem viver muito e ativamente com o tratamento moderno

CRESCE O NÚMERO DE DIABÉTICOS

(*Condensado de «Harper's Magazine»*)

Por C. Lester Walker

EXISTEM hoje milhões de pessoas que sofrem de diabete e o desconhecem. Milhões de outras *sabem*, que têm diabete. E tudo indica que essa doença vai se alastrando cada vez mais.

O diabete é uma doença do pâncreas, pequeno orgão em forma de língua alojado atrás do estômago, que tem por função produzir duas secreções: uma, externa, que ele verte no intestino e outra, interna, que entra diretamente na circulação do sangue. Esta segunda secreção é conhecida pelo nome de insulina e dela depende a manifestação do diabete.

Durante o processo digestivo, os açúcares, os amidos e algumas gorduras e proteinas se transformam em glucose, tipo especial de açucar que o nosso organismo queima como «combustivel». Toda a glucose que não é assim consumida fica armazenada no fígado ou nos músculos, sob a forma de glicogênio ou de gordura. Mas nenhum desses processos, nem o de combustão nem o de armazenagem, pode consumarse sem a assistência dessa segunda secreção pancreática, a insulina. Por quê? Ninguem sabe explicar.

«Tire-se a insulina a um indivíduo,» são as palavras de um médico, «e é como se fechássemos hermeticamente a chaminé de um fogão!»

O pâncreas conta cerca de um milhão de células. Um belo dia estas células resolvem emancipar-se de todo controle, ou simplesmente fazer greve: começa então o indivíduo a sofrer de uma sede insaciavel, e a experimentar a incômoda necessidade de micções frequentes e excessivas. Cansa-se facilmente. Começa a notar que qualquer pequena ferida, um corte vulgar, leva mais tempo a cicatrizar do que seria natural. A fome não o deixa em paz; mas, a despeito do muito que ele come, a balança acusa perda de peso.

O que se passa é que a carência de insulina está impedindo o organismo de «queimar» o alimento, pelo que ele procura combustivel nas suas reservas de gordura. Na realidade, o doente entrou em um processo de inanição, de morte lenta pela fome.

Se nada vem pôr cobro a este processo, o diabético cai um dia em estado de coma, de que nada poderá despertá-lo a não ser uma dose de insulina. Mais de 25 anos após a sua descoberta, a insulina ainda hoje é—acompanhada de dieta—o *único* remédio específico contra o diabete. E os médicos sempre repetem que outro qualquer «remédio» só pode ser obra de charlatanice.

Embora seja ainda, fundamentalmente, a mesma substância que os seus descobridores, os canadenses dr. Banting e dr. Best, extrairam em 1921 do pâncreas de animais bovinos, a insulina apresenta-se hoje sob novas formas, graças às quais o tratamento progrediu de tal modo, que os diabéticos podem agora levar uma existência praticamente normal. A única fonte de insulina continua sendo o pâncreas de animais abatidos nos matadouros, devidamente reduzido a uma pasta. Mas os químicos conseguiram purificá-la e refiná-la, e agora a insulina simples ou «não-modificada» apresenta-se como um líquido límpido e aquoso, ou em forma de cristais. Quando injetada, produz imediatamente a diminuição do teor de açucar no sangue do diabético. Mas só é eficaz durante cinco a seis horas, passadas as quais é preciso voltar a tomá-la.

Existem hoje, todavia, dois novos tipos de insulina, capazes de vencer essa dificuldade. Chamam-se eles insulina de zinco-protamina e insulina de globina, sendo ambas combinadas com proteinas. Sua ação é mais retardada, mas por outro lado dura mais tempo. De harmonia com a dosagem e com as características do indivíduo, a protamina não começa a produzir efeitos senão quatro a seis horas após a injeção, mas age então durante 18 a 72 horas consecutivas. A globina começa a produzir efeitos dentro de uma hora, e mantem-se ativa durante 15. Desta maneira, o diabético pode tomar uma espécie de coquetel de insulinas—ou seja, uma mistura de vários tipos em uma só dose, «sob medida», na expressão de um clínico, «para ajustar-se ao estado do sangue, do ponto de vista do açucar.» Os dois tipos, de ação rápida e de ação lenta, se completam mutuamente. Hoje a maioria dos diabéticos não precisam tomar injeções de insulina mais que uma vez por dia.

O estudo das dietas, que se tem aperfeiçoado muito, veio melhorar tambem a técnica de tratamento do diabete. Antes de ter sido descoberta a insulina, as refeições do diabético eram um pesadelo de insipidez, constituidas por alimentos muito ricos em gordura, sem amido nem açucar. Os diabéticos de outros tempos ainda hoje resmungam ao recordar essa dieta: «Espinafre—cozido três vezes!» O diabético ainda hoje precisa comer com cautela, mas já pode incluir na sua lista quantidades satisfatórias de hidratos de carbono, gorduras e até

açúcares, contanto que não ganhe peso. Nem mesmo o álcool lhe é totalmente proibido, embora os vinhos doces, a champanha e a cerveja lhe estejam interditos.

Tempo houve em que a duração provavel da vida de um diabético andava por cinco anos somente—cinco anos sombrios, de lenta desintegração. Hoje, desde que se trate devidamente, ele tem excelentes probabilidades de viver tanto, com o diabete, quanto poderia esperar viver se não tivesse a doença. Um diabético até já pode fazer seu seguro de vida, desde que um médico declare por escrito que a doença está sob vigilância e tratamento.

Alem disso, e mais importante, o diabético pode levar uma existência enérgica e ativa. O absenteismo dos operários diabéticos, nas fábricas, durante a guerra, foi inferior ao dos não-diabéticos; e alguns altos postos de grande responsabilidade estão ocupados por pessoas que sofrem de diabete.

O grande tenista William F. Talbert sofre dessa doença há 20 anos. Apesar disso, tomou parte em 500 torneios, percorreu já um quarto de milhão de milhas para jogar por esse mundo alem—e recebeu até agora 10 mil injeções de insulina! Houve mesmo uma ocasião em que Talbert teve de jogar tenis mais de cem dias consecutivos, sem que com isso sofresse quaisquer efeitos nocivos. Um dia, devido a encontrar-se em estado de «choque insulínico», não pôde acordar de manhã: na véspera, à noite, tinha-se esquecido de comer alguma coisa antes de ir para a cama. Ficou 36 horas sem sentidos, e durante esse lapso, ignorando que ele era diabético, os médicos lhe fizeram punções lombares, com receio de que fosse um caso de meningite. Passou cinco dias no hospital, e três dias depois entrava de novo no campo de tenis, como se nada houvesse acontecido, para jogar contra o ás francês Borotra.

É fato comprovado que o diabete tem preferência pelas pessoas gordas. Em um grupo de diabéticos, é provavel que noventa por cento tenham sido obesos em certa época de sua vida. A perda de peso só se verifica com os estragos progressivos da doença. Quanto à verdadeira relação de causa e efeito que possa haver entre o diabete e o excesso de peso, é coisa em que os médicos ainda não conseguiram pôr-se inteiramente de acordo.

O diabete é positivamente um dos caracteres hereditários que na teoria mendeliana se chamam «recessivos»—isto é, segue os mesmos trâmites hereditários da calvície e do daltonismo, e pode passar em branco uma geração. Se marido e mulher sofrem de diabete ativo, os dados da medicina mostram que *todos* os filhos serão diabéticos, caso vivam o bastante.

Antes de descoberta a insulina, era raro uma diabética conseguir ficar grávida e se o conseguia, em metade dos casos a gravidez se malograva. Esta situação tem melhorado de maneira impressionante: em um estudo sobre as diabéticas grávidas, a dra. Priscilla White, da Faculdade de Medicina do Tufts College, observou um desequilíbrio dos respectivos hormônios sexuais, indispensaveis ao desenvolvimento normal e à expulsão do feto. Verificou tambem que o diabete tem tendência a endurecer as artérias da pelve, o que restringe o suprimento de sangue indispensavel ao nascituro. O resultado era, com frequência, que o bebê nascia morto. A dra. White tentou ministrar às parturientes diabéticas os hormônios de que elas careciam—estrógeno, estilbestrol e corpo lúteo. Noventa por cento das mulheres assim tratadas conseguiram dar à luz bebês vivos e perfeitos. Agora, graças a esse tratamento pré-natal, a mãe diabética tem probabilidades superiores a 25-para-1 de gerar filhos saudaveis.

Antigamente, a maioria dos diabéticos morriam vítimas do coma. Hoje, o coma diabético causa somente 3 por cento dos óbitos. É a arteriosclerose a causadora de 66 por cento das mortes de diabéticos, que são muito mais susceptiveis a esse mal do que os não-diabéticos. O endurecimento das artérias pode afetar qualquer orgão ou região do corpo—o coração, o cérebro ou os rins. Quando ataca as mãos ou os pés, a circulação torna-se deficiente, e é comum declarar-se a gangrena. Se ataca a retina, produz a cegueira. Infelizmente, o tratamento antidiabético nem sempre consegue evitar esses acidentes. Mas os médicos, sabendo que os diabéticos apresentam estágios mais avançados de arteriosclerose do que seria de atribuir somente à idade, têm esperança de que algum dia vejamos solucionado o enigma da arteriosclerose, graças ao êxito de futuras pesquisas sobre o diabete.

Nesse ínterim, que se há de fazer com os muitos milhões de diabéticos que ignoram o seu estado? A Sociedade Americana do Diabete espera poder descobrí-los por meio de uma campanha de publicidade, recentemente lançada, e com o auxílio dos clínicos gerais de todas as localidades. Assegura-se a análise gratis do sangue e da urina a todos os indivíduos que tenham hereditariedade diabética, ou que sejam obesos, sob a condição de que o interessado designe o médico ou a clínica a que devem ser remetidos os resultados da análise para a conveniente interpretação dos mesmos.

Seguindo o sistema adotado em 1947 pela cidade de Oxford, no Massachusetts, está-se praticando uma espécie de «peneiração» de determinadas localidades, em cooperação com o Departamento de Saude Pública dos Estados Unidos. Instalou-se naquela cidade, com sede no edifício da Prefeitura, um corpo de pesquisa do diabete, constituido por um médico, uma enfermeira de saude pública, um especialista em nutrição, um professor de higiene, e quatro técnicos de laboratório. Os agentes da util campanha solicitavam a toda a gente amostras de sangue e de urina, chegando muitas vezes mesmo a ir de porta em porta. Foi-se ao extremo de pôr em campo uma unidade movel de laboratório, para que não escapassem ao exame nem os anciãos nem as pessoas demasiado ocupadas.

Mais de 70 por cento dos cidadãos de Oxford se submeteram às análises, e para cada quatro diabéticos conhe-

cidos encontraram-se três que ignoravam sê-lo.

Na sua campanha atual para descoberta de novos diabéticos, a Sociedade acentua um preceito de capital importância: (a) se tem mais de 40 anos e excesso de peso, e (b) se algum de seus antepassados sofreu de diabete—mande fazer uma análise de sangue, para investigar a presença de açucar.

É quase incalculavel a importância de tais medidas para os muitos diabéticos que ignoram o seu estado: o dr. Charles H. Best, colega do dr. Banting, define o assunto nestas sucintas palavras: «É o diabético ignorado, como o diabético descuidado ou de pouca gravidade, quem mais sofre por falta de tratamento e está, por conseguinte, sujeito às piores complicações, tanto dos olhos como dos vasos sanguíneos. Tratemos pois de encontrá-lo e de educá-lo, antes que seja demasiado tarde.»

Curiosidades esportivas

Excertos de uma seção de «Collier's»

Num prado da Inglaterra, há alguns anos, um policial montado ajudava a manter em linha os cavalos de corrida. Ao sinal de partida, o cavalo do policial disparou à frente dos demais. Por mais que tentasse contê-lo, o cavaleiro não conseguiu senão atrasá-lo para o terceiro lugar. Na reta final, porem, não obstante os desesperados esforços do guarda, o cavalo avançou para o segundo lugar e cruzou a meta a menos de um pescoço do vencedor, que era pilotado por Freddy Archer, um dos maiores joqueis da Inglaterra.

—Dee Eckman

Por volta de 1930, a Universidade Estadual de Louisiana tinha um pugilista peso-pesado, com 1,95 m de altura, de nome C. D. Blaylock, conhecido pelo longo alcance dos seus braços. Teve ele, certa vez, por adversário um lutador do Mississipi, de estatura baixa mas troncudo. No segundo assalto, Blaylock desferiu um terrivel direito que teria, certamente, derrubado o adversário se o tivesse alcançado. Afim de evitar o golpe, o lutador de Mississipi avançou rapidamente e encostou-se no contendor. Sua cabeça, batendo no cotovelo de Blaylock, atuou como alavanca, aumentando a potência do golpe que, contornando-lhe a cabeça, terminou no queixo do próprio Blaylock. Atingido pelo próprio soco, o lutador agarrou-se às cordas, deu alguns passos no ringue, completamente tonto, e caiu. Pôs-se a si mesmo nocaute...

—G. A. Simes

Em defesa do porta-aviões

Por Fletcher Pratt

Atendendo ao grande interesse público em torno da atual controvérsia sobre o valor relativo das forças navais e aéreas, publicamos a seguir dois artigos, um em apoio da tese da armada e outro defendendo o ponto de vista da aviação. Fletcher Pratt, que escreveu o primeiro, é conhecida autoridade em assuntos navais e preparou o seu ensaio com a cooperação do Departamento da Marinha dos Estados Unidos.

Se algum dia chegar a Terceira Guerra Mundial, a sua maior arma ofensiva será a força-tarefa de porta-aviões. Sem ela, o resultado seria uma guerra de atrição, com consequências devastadoras, amargas e exhaustivas para ambos os campos.

Esse papel de trunfo bélico representa uma notavel volta ao porta-aviões, que, ainda não faz muito, em fins da guerra passada, era considerado um «tipo de transição», que acabaria desaparecendo dos mares tão depressa os bombardeiros conseguissem um raio de ação que lhes permitisse dispensar as bases avançadas ou o transporte a bordo de navios até certa distância dos seus objetivos.

Mas três coisas sucederam desde então: os caças de propulsão a jacto se tornaram o tipo corrente de avião de combate; os resultados do bombardeio estratégico da Alemanha e do Japão deram lugar a muitas e maduras reflexões; e o bombardeiro B-36, de grande raio de ação, já foi submetido a todas as provas. Antes deste último acontecimento, muita gente supunha que bastaria carregar uma porção de bombas atômicas a bordo de uma frota desses aviões, e despachá-la por sobre terras e mares, para destruir as cidades e as indústrias do inimigo, forçando-o assim a capitular. Mas está hoje demonstrado que tal não é possivel. O sr. Symington, Secretário da Aeronáutica dos Estados Unidos, declarou no seu relatório anual de 31 de dezembro de 1948, que «não se pode construir um bombardeiro estratégico capaz de executar um ataque contra um objetivo situado a uma enorme distância sem recorrer ao reabastecimento de combustivel em pleno vôo». E o reabastecimento durante o vôo não é só impraticavel do ponto de vista militar: até hoje ainda não foi possivel pôr em prática uma técnica adequada do mesmo, a despeito de vinte anos de experiências.

De fato, não existe presentemente, nem em perspectiva, o que se possa chamar de bombardeiro interconti-

nental. Ainda que existisse um bombardeiro com o necessário raio de ação, ele teria que ser acionado por motores de êmbolo—em essência, do tipo dos motores de automovel—porque o avião a jacto é um insaciavel bebedor de gasolina que não pode, ao decolar, levar consigo o combustivel suficiente para transpor um oceano nos dois sentidos. Ora, um bombardeiro com motores de êmbolo é como um passarinho indefeso diante de um caça de propulsão a jacto. Mesmo que o avião pesado conseguisse elevar sua velocidade para 725 quilômetros por hora,—que é, aproximadamente, o limite máximo para esse tipo de motor—os caças a jacto cairiam sobre ele à velocidade de 970 a 1.130 km por hora. O ganho seria portanto nulo. Quer dizer, as perdas em aviões de propulsão a hélice, sem escolta, quando defrontados por caças a jacto, seriam proibitivamente elevadas, do mesmo modo que as perdas de aviões americanos do tipo B-17, na Alemanha, começavam a se tornar alarmantes, até que se criaram os caças de largo raio de ação, para os acompanhar e proteger.

Mesmo que se fabricasse um bombardeiro intercontinental inteiramente satisfatório, há muitas razões para duvidarmos que ele pudesse ganhar uma guerra contra uma nação como a U.R.S.S., desacompanhado de alguma forma de ação militar em terra, tão sangrenta como custosa. Os nazistas foram alvejados durante a guerra com uma massa de explosivos equivalente a 500 bombas atômicas; e, a despeito desse fero bombardeio, que matou muitos alemães—300.000 deles civís—mas não conseguiu abater o espírito de resistência da Alemanha, a produção industrial do país sofreu apenas a insignificante redução de 2,71%! O Levantamento dos Bombardeios Estratégicos, dos E.U.A., concluiu que, em 1944, quando já os Aliados gozavam de incontestavel supremacia no ar e estavam concentrando o seu poder destrutivo sobre as fábricas de material aeronáutico da Alemanha, esta mais do que dobrara sua produção de 1942, do mesmo passo que duplicava a produção de explosivos e quintuplicava a de tanques e outros equipamentos blindados. O Levantamento dos Bombardeios Estratégicos, da Inglaterra, referiu que 25 por cento do esforço de guerra da Grã-Bretanha foi consumido em bombardeios que produziram somente três por cento dos resultados totais, e afirmou que a guerra teria terminado antes, se parte desse esforço houvesse sido concentrado na produção de equipamento de desembarque, cuja carência retardou de cerca de um ano a invasão da Europa.

O bombardeio estratégico em larga escala é incapaz de paralisar a produção de guerra: tudo o que ele produz é o terror e o sofrimento entre a população civil, dando pretexto a represálias. O bombardeio que realmente fez afrouxar a máquina de guerra hitleriana, foi o de tipo tático, que se exerceu sobre as estradas de ferro, os centros rodoviários e os canais interiores. E o mesmo é verdade em relação

ao Japão. A despeito do bombardeio que incendiou Tóquio, os japoneses, quando a guerra findou, tinham e estavam produzindo mais aviões do que nunca; só que esses aviões não podiam obter o combustivel indispensavel, porque os submarinos e aviões americanos lhes tinham cortado as linhas de abastecimento das Índias Orientais.

E esses ataques às linhas de comunicação do inimigo só tiveram êxito porque foram executados ao mesmo tempo que outros ataques de natureza diversa—por terra, na Europa, e através dos mares, de ilha em ilha, contra os japoneses. Foram estes outros ataques que reduziram o inimigo à dependência exclusiva das linhas de abastecimento que estavam sob o nosso fogo.

O mesmo se pode dizer de quaisquer outros ataques à retaguarda das zonas de combate, inclusive o bombardeio estratégico. De nada serve aniquilar as fábricas de aviões de caça do inimigo, se não lhe for imposta, paralelamente, a obrigação de utilizar tais aviões. Não há vantagem alguma em destruir as suas fábricas de tanques, a não ser que estejam em marcha, algures, operações militares em que a falta dessa arma se lhe torne fatal.

O bombardeio estratégico pode tornar-se uma tremenda arma de guerra, e até mesmo um fator decisivo, mas só quando põe em cheque a capacidade do inimigo para manter uma frente de combate em terra ou no mar. Confiar nesse bombardeio para derrotar o inimigo, especialmente um inimigo cujos recursos estejam tão disseminados e tão astutamente ocultos como os dos russos, equivale afinal a promover uma guerra longa, de destruição mútua. Para os Estados Unidos, isso seria tambem equivalente a avisar os seus aliados europeus de que esta nação se deixará ficar prudentemente a distância, abrigada pelos seus oceanos, enquanto eles forem perecendo.

Se eu estivesse na sede do Estado-Maior do Exército Vermelho, planejando uma campanha em resposta a uma ofensiva baseada no bombardeio estratégico, não deixaria de recorrer ao envio imediato de fortes contingentes militares para a França, a Escandinávia e a Holanda; transferiria a sede do meu governo para a França, montaria minhas fábricas nos paises conquistados e depois diria: «Muito bem, mandem agora as suas bombas atômicas. Conseguirão matar alguns dos nossos, mas matarão muito mais dos seus amigos e destruirão as coisas mesmas para cuja salvaguarda estão lutando. Entrementes, as fábricas da Europa ocidental irão produzindo bombas para nós lançarmos sobre vocês!»

A Marinha norte-americana entende que a sua função precípua, na hipótese de uma terceira guerra mundial, seria organizar e manter uma frente de combate de tal modo situada, que forçasse o inimigo a usar suas próprias fábricas e comunicações. E essa função, só por meio da força-tarefa de porta-aviões poderá ser plenamente desempenhada.

Graças à criação de artifícios modernos tais como o radar e o tubo de respiração *schnorkel*, os submarinos passaram a ter mais um novo papel—o de exploradores. Alguns podem transportar um punhado de tropas para uma rápida incursão de comandos, e outros estarão em condições de lançar projetís guiados, do tipo V-1, contra objetivos situados no interior do continente. Mas o propósito supremo dos submarinos é estrategicamente defensivo: evitar que o inimigo se sirva do mar, quer como via de transporte de tropas e mercadorias, quer como linha de avanço de forças armadas.

O propósito dos destróieres é igualmente defensivo: proteção de navios contra submarinos e aviões inimigos, exceto nos raros casos em que o destróier é empregado para apoiar um bombardeio preparatório de desembarque em praias. Talvez fosse possivel desempenhar melhor essa tarefa por meio de um navio especializado, que não desenvolvesse a velocidade que torna tão cara a construção de um destróier.

A maioria dos couraçados estão hoje amarrados nas docas, e o mais provavel é que assim continuem enquanto reinar a paz. Esses poderosos navios asseguram admiraveis facilidades de reabastecimento de combustivel às forças-tarefa, e proteção contra os aviões (basta dizer que, durante a guerra, nenhum navio que estivesse protegido por couraçados foi posto a pique por aviões) constituindo exatamente o que é preciso para apoiar um desembarque militar em um litoral fortificado, como se provou à saciedade desde as costas da Normandia à ilha de Okinawa. Mas são caríssimos, tanto na construção como na manutenção.

Está claro que, se os russos forem para diante com os couraçados que estão ou estavam construindo, os Estados Unidos terão que aprestar os seus próprios couraçados que hoje se encontram postos de lado. Apesar do valor do porta-aviões, são numerosos os casos em que a noite, o nevoeiro ou a agitação dos mares impedem os aviões de atuar, tornando-se muito arriscado expor os valiosíssimos porta-aviões a alguma surpresa por parte dos couraçados inimigos. Na última guerra, o couraçado alemão *Scharnhorst* afundou o porta-aviões *Glorious* durante um temporal; e se o almirante japonês Kurita tivesse podido atravessar o estreito antes do amanhecer, com os seus couraçados, ele teria facilmente mandado para o fundo os porta-aviões ligeiros norte-americanos que se achavam no Golfo de Leyte. É mesmo certo que, se nessa manhã a combatividade do almirante nipônico não houvesse fraquejado, ele teria podido, de uma ou outra forma, afundar todos eles!

A questão capital é que os couraçados, como os destróieres e os submarinos, atuam defensivamente na guerra moderna. Combinados, podem tornar perigosa ao inimigo a utilização do mar em sua superfície e até mesmo na sub-superfície. Com o auxílio dos aviões, podem tambem tornar inutilizavel para o inimigo o ar que cobre os

oceanos. Mas, até hoje, ninguem conseguiu ganhar uma guerra com medidas preventivas contra o que o inimigo pretendesse fazer: é preciso levar a guerra aonde ele se encontra, e a força-tarefa de porta-aviões é a única que o pode fazer. Consideremos agora essa força-tarefa; vejamos em que é que ela consiste, e o que é capaz de fazer que nenhuma outra pode realizar.

Uma força-tarefa de porta-aviões é constituida por vários grupos-tarefa. Cada grupo tem como centro certo número de porta-aviões—geralmente quatro. Vão estes comboiados por cruzadores pesados ou couraçados (para o caso de encontrar pelo caminho algum canhão inimigo), pelo menos dois cruzadores ligeiros (que podem manter-se à velocidade dos porta-aviões debaixo de mau tempo e dar-lhes a proteção da sua artilharia quando os destróieres se encontrem em dificuldades) e quatro a seis destróieres. Este grupo manobra como uma unidade independente. Pode ir a qualquer parte, dentro de um raio de 600 milhas, em 24 horas. Esta mobilidade é uma das defesas do grupo-tarefa em face de qualquer contra-ataque aéreo. Pode-se deslocar com tal rapidez que, antes que o inimigo possa mobilizar uma consideravel força de ataque, já ela mudou de paradeiro e as coisas se tornam arriscadas para a unidade que tente seguí-la.

A outra defesa consiste em que o grupo-tarefa faz parte de uma força-tarefa de porta-aviões, que hoje em dia se considera constituida por dois ou mais grupos. Estes grupos, semelhantes entre si, operam à distância de 10 a 12 milhas uns dos outros, o que lhes permite comunicarem-se pela radiotelefonia, mas tão separados, que mesmo uma bomba atômica não poderia atingir mais de um navio. Três dos porta-aviões levam exclusivamente aviões de caça—de preferência, aviões a jacto. Os outros podem carregar alguns caças, mas o grosso de seu equipamento será constituido por aviões de ataque, que representam a verdadeira potência ofensiva da força-tarefa.

Noite e dia há sempre no ar alguns desses caças, como defesa contra algum ataque súbito ou indiscrição das patrulhas inimigas. Se algum inimigo se acerca, os caças recebem ordem de ir atacar um alvo que mal podem avistar até o momento em que terão de abrir fogo.

E que dizer da vulnerabilidade dos porta-aviões, se o inimigo consegue romper as defesas e alcançá-los? O assunto tem sido largamente discutido, mas a história da guerra com o Japão mostra que eles não são tão vulneraveis como parecem. Ao cabo do primeiro ano de guerra, nem um só grande porta-aviões dos Estados Unidos tinha sido afundado por ataque aéreo, nem mesmo ao largo de Okinawa, onde os navios americanos eram forçados a manter-se concentrados em estreita área, pela necessidade de apoiar as tropas que operavam em terra, e onde os aviões-suicidas japoneses se lançavam sobre os seus alvos. Sessenta e três porta-aviões america-

nos, de todos os tipos, operaram nessa zona; cinco deles foram atingidos por suicidas, mas nenhum foi a pique. Entretanto, a operação custou aos japoneses cerca de sete mil aviões—o que, em economia militar, é um resultado nada compensador.

Se a velocidade e a força dos aeroplanos que atacam os porta-aviões têm aumentado desde então, cresceram paralelamente os meios de defesa a curta distância, com maiores canhões anti-aéreos de pontaria automática, que utilizam projetís com espoleta de aproximação. Mas o mais importante é, ainda, que uma força-tarefa de porta-aviões representa uma concentração da arma aérea demasiado grande, que se desloca com uma rapidez positivamente excessiva para que os aviões vindos de terra possam causar-lhe qualquer dano. Os aviões dispersos pelas bases terrestres não podem concentrar-se com rapidez suficiente. Durante a guerra, nem uma só vez as velozes forças-tarefa de porta-aviões deixaram de ganhar o domínio local dos ares, sempre que necessário, e nesse processo derribaram 11.238 aviões nipônicos de base terrestre, sem haverem perdido um só navio por ação dos mesmos. A força-tarefa de porta-aviões pode hoje assumir o domínio dos ares seja onde for, e mantê-lo até que se torne possivel estabelecer uma base aérea em terra.

Essa função tem um carater de cooperação, e não de rivalidade, com a Força Aérea. É uma função tática, e não estratégica. É perfeitamente concebivel, por exemplo, que uma força-tarefa de porta-aviões avançasse de repente em direção ao litoral inimigo, e lançasse os seus caças no ar, à guisa de lubrificante, para que os bombardeiros de grande alcance da Força-Aérea pudessem chegar aos seus alvos através da barragem dos caças inimigos.

A questão é que a entrada em cena do avião supersônico veio inverter a vantagem que o avião de base terrestre tinha sobre o aparelho lançado do porta-aviões. O avião deste último tipo, no tempo da guerra, tinha características de vôo menos favoraveis do que o seu irmão terrestre, porque precisava de ser mais resistente para aguentar os choques da aterragem no convés do navio. Todos os aviões a jacto se regulam hoje pelo mesmo tipo de construção. Mas um aparelho a jacto exige uma corrida muito extensa para se erguer no ar, ao decolar dum campo; ao passo que, de bordo dum porta-aviões, basta por assim dizer «dispará-lo» para o ar, sem o benefício da decolagem. Quer isto dizer que os aparelhos a jacto podem decolar de um porta-aviões quatro ou cinco vezes mais depressa do que de um aeródromo. O que sugere que, em caso de risco de ataque aéreo contra um estabelecimento militar ultramarino, seria preferivel dispor de uma força expedicionária de porta-aviões, pairando ao largo, a montar um campo de aviação em terra.

Mas a velocidade à decolagem não é a única vantagem que o porta-aviões oferece ao avião a jacto: o fator decisivo está no raio de ação deste. O bombardeiro de propulsão a jacto, capaz de voar mais de 3.200 quilômetros com sua carga de bombas e regressar à base sem elas, simplesmente não pode ser construido, devido à monstruosa quantidade de combustivel que seria obrigado a levar consigo. E um avião dessa ordem não dispensaria ainda as bases no alem-mar, tão caras quanto vulneraveis. Na guerra de porta-aviões, o raio de ação do bombardeiro a jacto se torna mais extenso graças ao raio de ação do navio, que lhe permite chegar a toda parte. Não existe no mundo um só objetivo que não possa ser atingido por um bombardeiro a jacto com um raio de ação de 2.700 km, com base em porta-aviões.

Os bombardeiros a jacto, com base terrestre, precisam de aeródromos avançados. Afim de substituir as bases terrestres por bases flutuantes que não carecessem de terras longínquas, quer amigas quer arrebatadas ao inimigo, os norte-americanos projetaram a construção de um gigantesco porta-aviões, o *United States*, de 65 mil toneladas. Seu objetivo era dar uma nova arma extraordinária à força-tarefa de porta-aviões. O custo de uma unidade dessas é elevado; mas é possivel construir dez porta-aviões desse tipo pelo mesmo preço que custaria instalar em terras distantes um aeródromo capaz de defender-se a si mesmo e provido de todos os navios e abastecimentos necessários.

Mas a Marinha norte-americana não tinha intenção de empregar os bombardeiros a jacto do *United States* em missões de bombardeio estratégico: não se adaptariam a esse objetivo, pois seriam menores do que o B-29, teriam apenas metade do tamanho dos da série B-50, e menos de um terço do tamanho dos B-36. A Marinha pensa exclusivamente em termos da sua própria missão, que é o domínio dos mares. Tudo o que vier ameaçar esse domínio, tudo o que se opuser a que a Marinha faça avançar a fronteira da América até às águas costeiras do inimigo—é um objetivo legítimo de ataque naval. Por exemplo, os bombardeiros de propulsão a jacto podem executar muito melhor as operações de lançamento de minas, de modo a enfraquecer, logo no começo de uma guerra, a ação dos submarinos inimigos.

Na Segunda Guerra Mundial, alguns dos aeródromos japoneses de Formosa estavam ao abrigo de cadeias de montanhas, no interior de ilha; a Marinha dos Estados Unidos teve que ir até lá para pô-los fora de combate, e estraçalhar seus aviões em terra, antes que o Exército americano pudesse avançar pelo mar até as Filipinas. É do mesmo modo provavel que, na próxima guerra, alguns dos aeródromos donde partirão os ataques contra as esquadras e comboios navais, estejam situados a 800 ou 1.500 km do litoral. O importante é dispor da potência necessária para sujeitar esses aeródromos a um ataque intensivo e de surpresa, para arrasá-los e mantê-los fora de ação, até que um comboio naval possa desembarcar as suas tropas, ou que se possa instalar

uma base avançada, ou mesmo até que uma esquadrilha de B-36 venha transpor a cortina de aeródromos que, de outro modo, poderiam lançar no ar nuvens de caças a jacto para destruí-los.

A Terceira Guerra Mundial não será decidida somente por bombardeios estratégicos, nem só por projetís orientados, nem pela concentração de todos os recursos em uma só arma de guerra: o inimigo lançará mão de todos os meios ofensivos, e nós devemos estar preparados para desencadear sobre ele toda a nossa potência ofensiva —e não apenas uma fração dela.

Que rata!

O dr. Frank H. Sparks, presidente do Wabash College, conta a seguinte história:

COMO MINHA memória para nomes não poderia ser pior, tenho de confiar sempre em minha senhora em todas as reuniões ou festas a que vamos. Certa vez, porem, em que nos distanciamos um do outro por alguns minutos, vi que se dirigia para mim uma senhora cuja fisionomia não me pareceu de todo estranha. Eu estava apertando-lhe a mão, muito efusivamente, quando passou por nós um cavalheiro que eu conhecia bastante bem.

—Alô, Fred, disse eu, ainda com a mão da senhora entre as minhas, —como vai a sua encantadora esposa?

—Você deveria saber, respondeu Fred.—Você está de mãos dadas com ela!

—*Quote*

O professor Max Radin, da Universidade da Califórnia, conta-nos esta história passada com um colega seu:

O COLEGA, conhecido pela sua distração, despertou certa manhã de sábado, sobressaltado pela súbita lembrança de que se esquecera de comparecer a um jantar, na quarta-feira anterior, em casa de uma dama da sociedade. Correu ao telefone e, quase sem fôlego, engrolou mil desculpas:

—Minha senhora, não sei como justificar a minha falta na quarta-feira passada. A senhora tem que me perdoar. Não sei como isso pôde acontecer.

Seguiu-se um longo silêncio do outro lado do fio, quebrado, afinal, pela voz seca e cortante da matrona:

—Não compreendo a razão das suas desculpas. O senhor *esteve* aquí na quarta-feira passada!

—Herb Caen, em *Chronicle* de S. Francisco

Um aviador replica

Em defesa do avião de longo vôo

Por Francis V. Drake

O autor tem largo tirocínio em vários setores da aeronáutica. Piloto da RAF, combateu na Primeira Guerra Mundial, sendo, posteriormente, instrutor de vôo do Exército norte-americano. Na Segunda Guerra Mundial, na qualidade de consultor civil da Força Aérea, pilotou aviões de todos os tipos, tanto nas frentes da Europa como nas do Pacífico. Fez diversos cruzeiros em porta-aviões. O sr. Drake já publicou numerosos artigos sobre o poderio aéreo, bem como o livro Vertical Warfare (*Guerra Vertical*).

A DEFESA do porta-aviões, como foi apresentada pelo sr. Fletcher Pratt, no artigo precedente, baseia-se em quatro proposições essenciais: (1) que não existe aquilo a que se possa chamar bombardeiro intercontinental e, ainda que existisse, jamais poderia penetrar as defesas inimigas; (2) que os bombardeios estratégicos não podem ser decisivos; (3) que, por isso, na Terceira Guerra Mundial, ainda será necessário estabelecer frentes de combate terrestres e marítimas; (4) que a função de estabelecer e manter tais frentes «só por meio da força-tarefa de porta-aviões poderá ser plenamente desempenhada». Afirma o sr. Pratt que, por conseguinte, a principal arma ofensiva será a força-tarefa de porta-aviões.

Os argumentos do sr. Pratt parecem depender quase completamente da validez de suas duas primeiras premissas. Haverá, mesmo, um bombardeiro intercontinental eficiente? Se o há, se ele pode atingir o âmago de um país inimigo e comprometer-lhe a economia de guerra, poucas pessoas negarão que seria melhor usá-lo do que aguardar o estabelecimento de «frentes de combate». Ademais, já que o sr. Pratt, em suas conjeturas sobre a Terceira Guerra Mundial, omite qualquer referência ao emprego estratégico da bomba atômica, devemos lembrar-nos de ser esta a arma suprema, que oferece a máxima destruição que se pode infligir ao inimigo.

O sr. Pratt afirma: «Não existe presentemente, nem em perspectiva, o que se possa chamar de bombardeiro intercontinental» e, como corroboração, cita uma declaração do sr. Symington, secretário da Aeronáutica. A afirmativa do sr. Pratt é errô-

nea; e a citação, mal interpretada.

Não há necessidade de encobrir com uma cortina de fumaça as realizações do B-36. Esses bombardeiros podem transportar uma bomba atômica a qualquer importante objetivo do globo e regressar ao ponto de partida. Um deles fez recentemente um vôo sem escalas, de ida e volta, do Texas ao Havaí, distância de 13.500 quilômetros, arremessando sua carga de bombas a meio caminho e aterrando com combustivel suficiente para mais 2.400 quilômetros de vôo. O B-36 atinge quase 645 quilômetros horários, a mais de 12 mil metros de altura, o que quer dizer que uma viagem, digamos, do Labrador a Moscou, consumiria pouco mais de 11 horas—menos, portanto, do que o vôo comercial de Nova York a Londres. Alem do B-36, há o B-50 e o B-29 modificado, cujos raios de ação efetivos, com o emprego de reabastecimento no ar, são praticamente ilimitados. O reabastecimento no ar não é «impraticavel», como alega o sr. Pratt; reabastecido quatro vezes no ar, um B-50 há pouco deu a volta ao mundo: cerca de 37.700 quilômetros em 94 horas.

A observação do sr. Symington, mal interpretada pelo sr. Pratt, não se referia ao B-36, e sim a um aparelho experimental. A declaração do sr. Symington, relativa ao B-36, é a seguinte: «Esse grande bombardeiro intercontinental pode, sem reabastecimento e sem pousar em nenhuma base ultramarina, alçar vôo deste continente, desempenhar sua missão de bombardeio estratégico e voltar ao ponto de partida nos Estados Unidos. Foi projetado e construido para ser um bombardeiro intercontinental e é, de fato, um bombardeiro intercontinental.» Em vista dessa declaração inequívoca, é dificil aceitar a asseveração do sr. Pratt, de que «está hoje demonstrado que tal [bombardeamento intercontinental] não é possivel».

O sr. Pratt, em sua exposição, é apaixonado ao ponto de admitir que, se houvesse um bombardeiro intercontinental, ele o encararia com desconfiança, pois o mesmo seria «como um passarinho indefeso diante de um caça de propulsão a jacto», que cairia sobre ele «à velocidade de 970 a 1.130 km por hora... as perdas... seriam proibitivamente elevadas... o ganho seria portanto nulo». Essa afirmativa não pode encontrar corroboração nos fatos. A altitudes de 12 mil metros e mais, os melhores caças a jacto—orientados, de terra, pelos melhores aparelhos de radar e pessoal escolhido—ainda não conseguiram abater o B-36. As razões técnicas são as seguintes:

1. O B-36 é dotado de motores de êmbolos superalimentados, afim de conservar a eficiência a altitudes extremas; os aviões a jacto alcançam eficiência máxima ao nivel do mar e não são suscetiveis de superalimentação. Ao nivel do mar, um caça a jacto desenvolve até algumas centenas de quilômetros horários mais do que o B-36; a 12 mil metros de altitude, porem, a vantagem se reduz a menos de 160 km horários.

2. Quando um caça a jacto ascende a 12 mil metros, a diferença entre sua velocidade máxima e a mínima em que pode manter vôo é diminuta, tanto assim que seu raio de viragem é de uns dois quilômetros e meio.

Os pilotos de caças já verificaram que abater um bombardeiro a 12 mil metros de altura, ou mais, é muito mais dificil do que a 6 ou 9 mil, altura em que voavam na Segunda Guerra Mundial. O general Hoyt S. Vandenberg, chefe do Estado-Maior da Força Aérea norte-americana, resume a situação nestas palavras: «As provas em Eglin Field revelaram que, a 12 mil metros, o B-36 não pode ser interceptado eficientemente pelos caças a jacto de que atualmente dispomos.»

Ademais, os bombardeiros atômicos B-36, transpondo as vastas solidões da estratosfera, não podem ser localizados visualmente à noite e são dificeis de descobrir, mesmo de dia. A intercepção é, portanto, na melhor das hipóteses, problemática, e as perdas não se aproximam das que foram registradas nos bombardeios a pequena altitude, da Segunda Guerra Mundial, apontadas pelo sr. Pratt.

Finalmente, o sr. Pratt afirma que «o bombardeio estratégico em larga escala é incapaz de paralisar a produção de guerra» e que, apesar dos golpes desfechados com «o equivalente a 500 bombas atômicas», foram mortos apenas 300 mil alemães, sendo reduzida a produção nazista de apenas 2,71 por cento. Mesmo sem apelarmos para outras estatísticas, tal cálculo é singular. A lista oficial japonesa, do número de mortes causadas por duas bombas atômicas, foi de 110 mil, mas o sr. Pratt recorre ao «equivalente» de 500 bombas atômicas para matar somente 300 mil alemães!

A porcentagem de 2,71 que o sr. Pratt extraiu do relatório do Levantamento dos Bombardeios Estratégicos, dos E.U.A., não se refere aos resultados de bombardeios de precisão contra fábricas e instalações específicas, conforme dá a entender. É, nas palavras do relatório, um cálculo «superficial, aliás bastante superficial», dos efeitos do bombardeio *sobre zona*, derivado dos ataques dirigidos propositadamente contra apenas dez cidades alemãs. Um exame mais cuidadoso do relatório teria revelado o resultado dos bombardeios *de precisão* contra determinados elementos vitais da economia alemã. No espaço de seis meses, depois de iniciados, em 1944, tais bombardeios de precisão em massa, a produção alemã de gasolina para aviação e de nitrogênio foi reduzida de 90 por cento; a produção de aço do Ruhr caiu seguramente 80 por cento e o peso sempre crescente de tais ataques de precisão impeliu o ministro de Armamentos e Produção de Guerra do Reich, Albert Speer, a relatar, a 14 de março de 1945: «A economia alemã descamba para um colapso inevitavel, dentro de quatro a oito semanas.» Essa situação desesperadora foi posteriormente corroborada pelo civil que presidiu ao levantamento do efeito dos bombardeios, o qual assim se expressou:

«Em princípios de 1945, antes da

invasão do país, a Alemanha chegava a um estado de paralisia. A produção de armamentos decaía irremediavelmente. O processo de desorganização e desintegração total estava bastante adiantado. Os exércitos ainda combatiam. Mas, com o iminente colapso da economia que os sustentava, havia positivos indícios de que os exércitos *teriam de abandonar a luta—toda luta organizada—dentro de poucos meses.* A Alemanha estava mortalmente ferida.»

Consideremos ainda o testemunho dos principais dirigentes da Alemanha durante a guerra. Albert Speer: «Creio que o bombardeio estratégico poderia ter conseguido a rendição da Alemanha—só os ataques à indústria química teriam bastado.» Dr. H. J. Schacht, ex-ministro das finanças: «Os bombardeiros destruiram a produção alemã.» Marechal de campo Albert Kesselring, comandante alemão no oeste: «O poderio aéreo aliado foi o maior fator individual na derrota da Alemanha.»

Todas essas declarações se referem apenas aos bombardeios com TNT; com bombas atômicas, uma destruição igual à que foi infligida à Alemanha nos dois anos e meio da maior ofensiva aérea, poderia ter sido causada em poucos dias—embora comparar bombas de TNT com bombas atômicas seja como comparar um fósforo com uma fornalha.

Diante de tais provas, não é um raciocínio militar perigoso pretender que o bombardeio estratégico não é eficiente? A bomba atômica é o golpe fulminante, e o bombardeiro intercontinental oferece a maneira mais rápida de desfechá-lo. Esse fato nos apresenta a razão mais imperiosa para considerá-lo desapaixonadamente: *O bombardeiro intercontinental afigura-se a única esperança realista, no setor militar, de conjurar a guerra.*

Em face de tal ameaça, existe pelo menos a possibilidade de que um agressor reflita antes de se lançar a um ato suicida. Na guerra de frentes sucessivas prevista pelo sr. Pratt, não surge em lugar algum a possibilidade de impedir a guerra ou, pelo menos, de encurtá-la.

Suponhamos, entretanto, que a força-tarefa de porta-aviões se tenha, de fato, transformado na maior arma ofensiva de uma guerra intercontinental. Antes que nossas forças possam atacar o inimigo, terão de colocar-se em posição. Durante a travessia do Atlântico, arriscar-se-ão aos ataques contínuos da frota submarina inimiga, inclusive dos modernos *schnorkels*, que desenvolvem duas vezes a velocidade dos submarinos utilizados na Segunda Guerra Mundial e que cobrem, por hora, mil milhas quadradas de oceano. A própria Marinha norte-americana demonstrou os perigos de tal empreendimento quando o almirante Duncan teve de relatar que toda a sua força-tarefa, constituida de seis porta-aviões, um couraçado, dois cruzadores e 23 contratorpedeiros fôra «afundada ou gravemente derrotada» em recentes manobras, realizadas ao largo da Terra Nova, após um ataque desfechado só por oito *schnorkels*.

Muito tempo antes de se aproximar do continente europeu, a força-tarefa estará sujeita aos ataques de bombardeiros de grande autonomia de vôo. Contra tal ataque, o sr. Pratt se fia muito nos couraçados, afirmando que «durante a guerra, nenhum navio que estivesse protegido por couraçados foi posto a pique por aviões». Tal declaração é extraordinária! O *Arizona*, o *Oklahoma*, o *Prince of Wales*, o *Repulse*, o *Tirpitz*, o *Cavour*, o *Roma* e seis couraçados japoneses foram *todos afundados por aviões*, durante a guerra. (É de se presumir que estivessem sob a proteção de si mesmos.) Até os porta-aviões são extremamente vulneraveis a ataques. O sr. Pratt se esquece de dizer-nos que 11 porta-aviões norte-americanos, 10 britânicos e 21 japoneses foram postos a pique durante a guerra. Desses 42 porta-aviões, 19 foram afundados por aviões, 20 por submarinos. E não é preciso afundar um porta-aviões para lhe destruir a utilidade em combate; atingido o navio no convés de vôo, ou adernado, ficam seus aviões na impossibilidade de decolar ou de pousar—e 60 por cento dos porta-aviões norte-americanos foram gravemente avariados, no decurso do conflito. Só em Okinawa, a aviação japonesa, partindo de bases terrestres, avariou 28 porta-aviões norte-americanos e 15 couraçados.

A velocidade é outro fator em que confia o sr. Pratt. Apesar de sua afirmativa de que 720 quilômetros horários na estratosfera permitem facil intercepção, ele se convence de que 25 milhas horárias (40 km), no mar, é muito rápido para semelhante interferência. É um cálculo bastante singular. O sr. Pratt diz ainda que uma força-tarefa integrada por porta-aviões, pode vencer 600 milhas em 24 horas—sem mencionar que os bombardeiros a jacto vencem a mesma distância numa única hora.

É igualmente enganoso falar de bombardeio atômico de uma força-tarefa com a alegação de que a «bomba atômica não poderia atingir mais de um navio». Custa crer que, nos dias de hoje, os porta-vozes da Marinha ainda manifestem tanto respeito pelo couraçado e tanto desprezo por uma força que a ciência nem sequer pode medir. Se os grandes navios estiverem agrupados—tática normal na última guerra—uma bomba atômica submarina poderá avariá-los todos seriamente. Se estiverem bem dispersos, cada porta-aviões se torna alvo ainda mais facil das bombas de TNT e dos submarinos.

Tomemos, por hipótese, uma guerra entre os Estados Unidos e a Rússia. Ainda admitindo que uma força-tarefa de porta-aviões rechasse qualquer assalto que encontrar em sua rota para chegar à área do ataque, terá ela de fazer frente a uma aviação russa de 12 mil aparelhos e uma concentração de submarinos hostís. A tudo isso, a frota poderá contrapor uma força total de cerca de 500 aviões pequenos, a maioria dos quais terá de permanecer na retaguarda para proteger os porta-aviões. Poderá isso, com justiça, ser chamado de «a maior arma ofensiva»?

Que poderá conseguir? Do litoral da Noruega a Moscou há uma distância de mais de 1.900 km; outros grandes centros da Rússia ficam 1.600 km mais longe. A Marinha não possui aparelhos, com base em porta-aviões, aptos a vencer tal distância e voltar. O sr. Pratt contempla a possibilidade de o Politburo despachar «fortes contingentes militares para a França, a Escandinávia e a Holanda», transferir a sede do governo para a França e, em suma, servir-se da carne dos aliados europeus como escudo para impedir o bombardeio atômico. Mas uma força-tarefa de porta-aviões seria impotente para impedir tal invasão que, de qualquer jeito, equivaleria ao suicídio político do Politburo, visto como significaria o abandono do território russo à destruição sistemática. Essa destruição poderia ser consumada por bombardeiros atômicos, com bases terrestres, prontos para investir, no primeiro dia, com força irresistível; não poderia ser realizada por navios que levassem uma semana de árduos combates para chegar à posição de atacar e que, mesmo então, não pudessem atingir os centros do poderio soviético.

É claro que nenhuma arma constitui uma garantia absoluta contra a guerra. Mas, seguramente, uma arma de ataque instantâneo, capaz de transpôr qualquer fronteira, oferece maiores esperanças do que o lento estabelecimento de «frentes de combate».

Raio de esperança

UMA ENFERMEIRA do departamento de raios X de um hospital teve a impressão de reconhecer uma das senhoras que esperavam para tirar radiografia do pulmão.

—A senhora já não tirou uma, há pouco tempo? perguntou.

—Uma só, não. Tirei três, respondeu ela. —A primeira não me produziu nenhum resultado. Mas, depois da segunda, comecei a me sentir muito melhor. É por isso que eu quero continuar o tratamento.

—*Times*, de Seattle

Cena de elevador

A ASCENSORISTA do hospital esperou em vão que o cavalheiro indicasse o andar a que se dirigia.

—Qual é o seu? perguntou afinal.

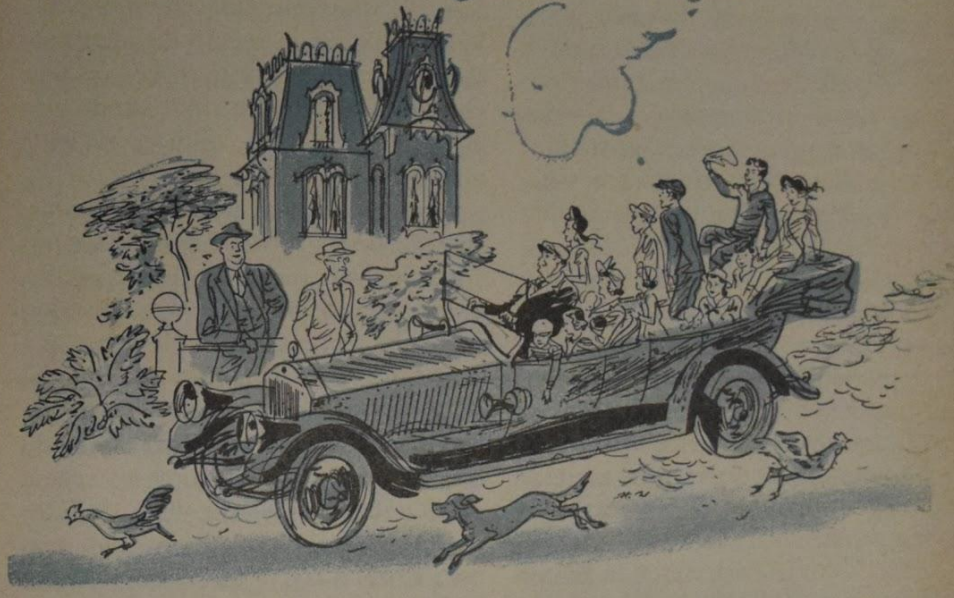
Os olhos do cavalheiro brilharam.

—É menino...

A jovem conduziu-o imediatamente ao sétimo andar—Maternidade.

—AP

Mais barato às dúzias



Condensado do livro *Cheaper by the Dozen*, de

FRANK B. GILBRETH, JR. E ERNESTINE GILBRETH CAREY

O CASAL GILBRETH tinha doze filhos, seis meninos e seis meninas, todos ruivos. Papai Gilbreth era um perito em racionalização do trabalho e acreditava que os princípios empregados tão eficazmente na direção científica de fábricas poderiam ser aplicados na educação da sua turbulenta família. Os filhos eram para ele verdadeiras cobaias, papel que desempenhavam a contento, embora, uma vez ou outra, mostrassem certa relutância. Dois deles, hoje casados e com filhos, escreveram um relato saudoso da sua vida em família sob o jugo do amado autocrata, relato que os críticos qualificaram de «impagável» e «gozadíssimo».

Cheaper by the Dozen é um grande sucesso de livraria—e uma das seleções do Book-of-the-Month Club.

Copyright 1948 de Frank B. Gilbreth, Jr. e Ernestine Gilbreth Carey. Ed. Thomas Y. Crowell Co.
432 Fourth Avenue, New York 16, N. Y., U.S.A.

MAIS BARATO ÀS DÚZIAS

PAPAI ERA ALTO, de cabeça grande, bochechas caídas, e usava sempre colarinho duro. Apesar de haver ultrapassado a casa dos cem quilos, tinha o caminhar sobranceiro de homem que triunfara na vida, e se orgulhava da mulher, da família e do êxito nos negócios.

Papai tinha ânimo e energia por três, e suficiente capacidade e confiança em si mesmo para não desmentir a impressão que causava. Era capaz de entrar numa fábrica, como a Zeiss na Alemanha ou a Pierce Arrow em seu país, e declarar que podia acelerar de 25% a produção. E sem dúvida o conseguiria.

Uma das razões de ter tido tantos filhos—eramos doze—era a convicção que alimentava de que ele e mamãe, trabalhando em equipe, alcançariam sempre resultados excelentes.

Papai praticava tudo o que pregava, sendo quase impossivel definir onde terminava sua empresa de administração científica e onde começava a sua vida particular. Em casa ou no escritório, era sempre o paradigma da eficiência. Abotoava o colete de baixo para cima, e não de cima para baixo, porque o primeiro processo lhe tomava apenas três segundos e o outro sete. Usava dois pincéis de barba afim de reduzir de 17 segundos o tempo que gastava para barbear-se. Nossa casa, em Montclair, no Estado de Nova Jersey, era uma espécie de escola de racionalização e de eliminação de movimentos inuteis, ou de «estudo dos movimentos», como diziam papai e mamãe.

Papai nos filmava lavando pratos, afim de poder estudar o meio de reduzir os nossos movimentos e apressar, assim, a conclusão do serviço. Instalou no banheiro quadros de deveres, que cada filho devia rubricar pela manhã e à noite, nas respectivas colunas depois de ter escovado os dentes, tomado banho, penteado o cabelo, feito a cama ou os deveres escolares. Era, de fato, uma verdadeira arregimentação, mas com doze filhos é necessário algum regime para prevenir o caos.

Havia quem dissesse que papai tinha tantos filhos que não conseguia lembrar-se de todos. Ele mesmo contava que, certa vez, mamãe tivera de se ausentar por uns dias e o deixara tomando conta da casa. Ao regressar, perguntara-lhe se tudo correra bem:

—Não tive nenhum problema, exceto com aquele alí, respondeu papai, —mas umas boas palmadas o puseram na linha.

Mamãe sabia enfrentar qualquer situação sem se alterar:

—Querido, aquele não é nosso; é o filho da vizinha.

Por vezes, a desordem que fazíamos

assumia proporções indescritiveis. «Vejam se conseguem reduzir isso a uma zoeira, ao menos por duas horas, que sua avó precisa descansar,» dissenos, certa vez, vovô Moller, quando fomos visitar a família de mamãe.

Embora fosse um disciplinador severo, papai tinha muito jeito para lidar com crianças e sabia mantê-las sempre «mobilizadas». E o que é mais, sabia respeitá-las. Achava que os adultos, em sua grande maioria, deixam de pensar no dia em que saem da escola; alguns até mesmo antes. «A criança, por outro lado, é impressionavel e tem ânsia de aprender,» dizia papai, «e não há limites ao que se lhe pode ensinar.»

Evidentemente, foi o amor às crianças, mais do que qualquer outra razão, que o levou a ter um bando delas. Mesmo com uma dúzia de filhos, não parecia estar satisfeito. Por vezes, olhava-nos e, dirigindo-se a mamãe, comentava:

—Não se incomode, Lillie, você fez o que pôde.

Sempre que voltava de alguma viagem, papai dava o «assobio de reunir», ainda da rua. O assobio significava que deviamos largar tudo e correr ao encontro dele—sob pena de sofrermos amargas consequências. À primeira nota, acorriamos todos em tropel, de todos os cantos da casa e do quintal. Por vezes, o encontrávamos empunhando o cronômetro, que sempre carregava, para ver em quanto tempo a família se reunia. O recorde era de seis segundos.

Papai tambem assobiava «reunir» quando queria saber quem tinha usado a sua navalha ou derramado tinta na escrivaninha. Ou então quando tinha tarefas especiais a distribuir. A maioria das vezes, porem, convocava-nos para distribuir magníficas surpresas, cabendo a melhor e maior ao que chegasse primeiro. Nunca sabíamos se nos esperava com boas ou más notícias, prebendas ou prêmios.

Por vezes, começava em tom severo:

—Quero ver as unhas. Estarão limpas? Vocês as andam roendo? Estão precisando de ser cortadas?

Surgiam, então, estojos de manicura de presente para as meninas, e canivetes para os meninos.

Em outra ocasião, apertava-nos as mãos solenemente, passando-nos, de surpresa, uma barra de chocolate. Ou então perguntava quem tinha um lapis, e terminava distribuindo-nos uma dúzia de lapiseiras.

E quando corríamos para abraçá-lo e dizer-lhe que tínhamos sentido saudade dele, comovia-se a ponto de não poder dizer palavra. Limitava-se a afagar-nos a cabeça e a dar-nos palmadas.

QUANDO papai comprou a casa de Montclair, descreveu-a como um casarão em ruinas, num bairro de casas velhas. No dia em que nos mudamos, papai apontava, no caminho, para todos os pardieiros que encontrávamos:

«É parecido com aquele,» dizia, «só que tem mais umas janelas quebradas e o quintal talvez seja um pouco menor. Vocês precisam compreen-

der que custa um dinheirão manter uma família como esta. Por isso é que não pude comprar coisa melhor. Teremos de ajeitá-la como pudermos.»

Quando chegamos a Montclair, ele levou o carro pelos piores bairros e parou, afinal, ao lado de um casarão abandonado, onde o próprio Drácula se sentiria mal.

—Você está brincando, não está? perguntou mamãe, esperançada.

—Mas o que é que há? Vocês não estão gostando?

—Mas papai, disse Ernestine, —isso é um pardieiro e eu não morava aquí

nem por um milhão de dólares!

—E eu, acrescentou Marta, —nem por dois milhões!

Lill começou a soluçar.

—Não vai ser assim tão ruim com uma boa pintura e umas tábuas cobrindo aqueles buracos, observou mamãe, para nos animar.

Papai, mal contendo o riso, rebuscou os bolsos em procura do caderninho de notas.

—Esperem um instante, exclamou. —Não é aquí! Voltem todos para o automovel. Bem que a casa estava me parecendo um pouco mais velha que da outra vez que a vi.

Levou-nos, então, para Eagle Rock Way, N.º 58, que era uma antiga mas bela construção apalacetada, com 14 peças, uma estufa para plantas, galinheiro, um galpão de dois andares, parreiras, roseiral e uma boa dúzia de árvores frutíferas. A princípio, pensamos que papai estivesse brincando outra vez.

—Esta é a casa, de verdade, disse. Eu levei vocês primeiro à outra e não tentei descrever esta casa porque... não queria que vocês tivessem uma decepção.

Compráramos nosso primeiro automovel um ano antes da mudança para Montclair. Embora o serviço de papai fosse delinear maquinismos complicados, ele nunca chegou a entender realmente o nosso carro. A manivela escapava-lhe da mão quando tinha de dar a saida, o óleo borrifava-lhe a cara quando ele mexia no motor, a engrenagem «arranhava» horrivelmente quando ele fazia as mudanças. Era um Pierce Arrow cinzento com duas buzinas de pera e um *klaxon* elétrico que papai tentava soar ao mesmo tempo, sempre que queria tomar a dianteira de outro carro.

Papai, francamente, não guiava nada bem. E como ia depressa, enchianos de terror, sobremodo a mamãe.

—Mais devagar, Frank, mais devagar, sussurrava ela, entre dentes.

Mas papai parecia que nunca a ouvia.

Acabamos instituindo um sistema de medidas de segurança: um de nós prestava atenção aos carros que se aproximassem, vindos das ruas da esquerda; outro atentava para o lado direito; um terceiro, ajoelhado no banco traseiro, ficava olhando pelo vidro de trás.

Quem se sentasse ao lado de mamãe e dos bebês, no banco da frente, tinha a seu cargo avisar a papai quando podia passar o carro da frente.

—Pode passar! gritava o vigia.

—Ponham a mão para fora, advertia papai.

Onze mãos—cada um contribuia com uma, exceto mamãe e os bebês—emergiam dos dois lados do carro, da frente, das cadeirinhas, e do banco traseiro. Tínhamos visto papai amassar para-lamas, matar galinhas e derrubar árvores, e estávamos decididos a não arriscar a vida.

Constituíamos um verdadeiro espetáculo quando saíamos com a capota abaixada. Em alguns lugares, chamávamos tanta atenção quanto um desfile de circo. Acorriam pedestres das ruas transversais, e crianças pediam que os pais as levantassem ao ombro afim de nos verem melhor.

—Como é que o senhor consegue criar tantas cabecinhas de fogo? perguntavam-lhe.

—O senhor ainda não viu nada, respondia papai. —Precisava ver os que ficaram em casa.

—E como é que dá de comer a essa turma toda?

Papai pensava um instante. Depois, virando-se e espichando-se para que os que se achavam mais longe pudessem ouví-lo melhor, dizia, como se tivesse chegado à conclusão naquele momento:

—Bem, é que tudo sai mais barato às duzias.

Quando menino, papai queria ser engenheiro-arquiteto e sua mãe, viuva, planejara mandá-lo para um instituto de tecnologia. Ao terminar o ginásio, porem, ele achou que os seus estudos trariam uma despesa excessiva para a família e, sem consultar a mãe, empregou-se como ajudante de pedreiro.

Diante do fato consumado, vovó Gilbreth conformou-se e passou mesmo a se perguntar: «Afinal de contas, o Presidente Lincoln não começou a vida como lenhador?»

«Mas se você vai ser ajudante de pedreiro,» disse ela, «por favor, procure ser um bom ajudante de pedreiro.»

Durante sua primeira semana de trabalho, papai fez tantas sugestões sobre maneiras de colocar os tijolos mais depressa e melhor, que o mestre de obras ameaçou várias vezes despedí-lo do emprego:

«Você está aquí para aprender; não me venha ensinar padre-nosso ao vigário.»

Papai nunca se incomodou com admoestações como essa. Já descobrira que nascera para o estudo de movi-

mentos e, em menos de um ano, montava um tipo de andaime que o tornou o pedreiro mais rápido da companhia. O andaime se baseava no princípio de que os tijolos soltos e a argamassa deveriam estar sempre ao nivel da parede em construção. Todos os pedreiros tinham de se curvar cada vez que apanhavam o material, menos papai.

«Isso não é inteligência,» caçoou o mestre de obras. «É pura preguiça de se agachar.»

Mas o mestre acabou mandando construir andaimes semelhantes para os demais pedreiros e aconselhou papai a enviar o original para o Instituto de Mecânica, onde conquistou um prêmio. Mais tarde, por indicação do próprio mestre, papai foi feito chefe de turma. Alcançou tais recordes de velocidade na execução das tarefas, que chegou a superintendente. Começou, depois, a trabalhar como empreiteiro. Aos 27 anos, tinha filiais em Nova York, Boston e Londres.

Mamãe era de uma família próspera. Encontrou-se com papai quando estava prestes a embarcar para a Europa numa dessas elegantes excursões turísticas tão em voga por volta de 1890.

Quando papai foi convidado para um chá em casa de minha mãe, afim de conhecer a família, encontrou numa das salas um pedreiro construindo uma lareira. Parou para observá-lo.

—É um trabalho interessante, disse papai em tom de conversa,—e parece facílimo. Não sei por que os operários de hoje acham que empilhar tijolos é uma especialização. Aposto que qualquer um é capaz de fazer isso.

—Por aquí, sr. Gilbreth, disse meu avô materno, indicando o caminho a papai. —Estamos tomando chá na varanda.

Papai não parecia nada apressado.

—Acho que é só pegar o tijolo, passar sobre ele um pouco de argamassa e colocá-lo no lugar.

O pedreiro voltou-se para observar aquele peralta gordo mas agil.

—Não tive intenção de ofendê-lo, meu amigo, disse papai com um sorriso amavel e conciliador.

A essa altura, o pedreiro não se conteve:

—Facílimo, heim? Pois então experimente!

E estendeu-lhe a trolha.

Papai, que não esperava senão por esse convite, sorriu e aceitou a colher de pedreiro. Apanhou um tijolo, empalmou-o devidamente, besuntou-o de argamassa com um movimento rotativo da trolha, colocou-o na lareira e raspou o excesso de argamassa. Fez a mesma operação com o segundo tijolo, e já ia alcançar o terceiro quando o trabalhador o interrompeu, tomando-lhe a colher.

—Já chega, seu pedreiro duma figa, exclamou o operário batendo-lhe cordialmente nas costas.—O senhor pode ser um janota, mas não me venha dizer que não lhe passaram pelas mãos milhares de tijolos.

—Facílimo, meu velho, facílimo! retorquiu papai, enquanto limpava as mãos, cuidadosamente, com um lenço alvo.

«Mas o que foi que sua família pensou dele?» perguntamos um dia a mamãe.

«Eu nunca cheguei a compreender bem por que,» respondeu ela olhando para papai, «mas acharam-no simplesmente encantador. Meu pai assegurou que não se tratara de exibição e sim de um recurso empregado por seu pai, para demonstrar ao futuro sogro que começara ganhando a vida com suas próprias mãos.»

Mamãe era diplomada em psicologia. Havia, pois, uma psicóloga e um técnico em estudo de movimentos a tentarem, juntos, explorar o terreno novo da psicologia da administração, e o velho terreno da administração psicológica de uma casa cheia de crianças. Foi com a convicção de que os métodos empregados na fábrica teriam igual êxito no lar que ele e mamãe estabeleceram um Conselho de Família nos moldes das juntas de empregados e empregadores.

O Conselho se reunia todos os domingos à tarde e embora suscitasse, não raro, verdadeiros tumultos, chegava a resultados concretos. Comissões de compras, devidamente eleitas, adquiriam os alimentos, roupas, moveis e material de atletismo. Uma comissão fiscal aplicava uma pequena multa aos que esbanjassem água ou eletricidade. Havia uma comissão de planejamento que verificava se as tarefas eram eficazmente executadas, e no prazo devido. As mesadas eram fixadas pelo Conselho, que tambem determinava as recompensas ou punições.

Uma das comissões de compras descobriu uma grande loja que nos oferecia preços de atacado para tudo o que quiséssemos, desde roupa branca até luvas de basebol. Outra adquiria conservas diretamente de uma fábrica, em enormes quantidades.

Foi o Conselho, tambem, que adotou o sistema de concorrência para a execução de determinados serviços especiais. Certa vez, Lill, então com oito anos, propôs pintar por 47 centavos uma cerca muito alta e grande que havia em nosso quintal. Como se tratava da proposta mais baixa, foi-lhe naturalmente confiada a tarefa.

—Ela é pequena demais para pintar a grade sozinha, disse mamãe a papai. —Não a deixe fazer isso.

—Qual o que! Ela precisa aprender a conhecer o valor do dinheiro e a cumprir o que for combinado. Vamos deixá-la.

Lill levou dez dias para executar o

serviço, trabalhando todos os dias quando chegava da escola, e os dias inteiros nos fins de semana. Fez bolhas nas mãos e houve noites em que não conseguiu dormir, de tão cansada. Papai ficou tão preocupado, que também não podia dormir. Mas fez com que ela cumprisse o contrato à risca.

Finalmente, quando Lill terminou a pintura, procurou-o banhada em lágrimas:

—Já acabei, disse ela. —Espero que o senhor esteja satisfeito. Agora, posso receber os meus 47 centavos?

Papai contou os níqueis.

—Não chore, querida. Papai fez isso para seu próprio bem. Se você for olhar debaixo do travesseiro, verá quanto o papai lhe quer.

O presente era um par de patins.

UM BELO DIA, papai chegou em casa com duas vitrolas e duas pilhas de discos. Assobiou o toque de reunir na porta da rua, e todos acorremos para ajudá-lo.

—Meninos, disse, —tenho uma grande surpresa para vocês: duas vitrolas e uma porção de discos bonitos.

—Mas nós já temos vitrola, papai.

—Eu sei, mas a que temos é a vitrola da sala de visitas. Estas são lá para cima. Não vai ser ótimo? Uma vai para o banheiro dos meninos, outra para o das meninas. Aposto que seremos a única família da cidade a ter uma vitrola em cada banheiro. Quero que vocês as toquem enquanto estiverem tomando banho, escovando os dentes ou ocupados com qualquer outra coisa.

—Mas que discos são estes? perguntou Anne.

—Bem, são muito divertidos. São lições de francês e alemão. Vocês não precisam ficar prestando muita atenção. Basta tocar. Eles acabarão por interessar vocês.

—Ora, papai!

Papai não tardou em cansar-se de diplomacia e psicologia.

—Calem-se e ouçam, gritou. —Gastei 160 dólares com esse material e vocês agora hão de usá-lo, queiram ou não. Se estas vitrolas não estiverem tocando todas as manhãs, do momento em que vocês acordam até descerem para o café, irei lá saber por quê.

Pouco tempo depois, todos nós «arranhávamos» um pouco de francês e alemão. Durante dez anos, as vitrolas recitaram lições no sobrado da nossa casa de Montclair.

Mais ou menos nessa época, papai conseguiu o lugar de consultor técnico da Remington e, com o processo de estudo de movimentos, ajudou a empresa a formar os dactilógrafos mais rápidos do mundo.

«Qualquer pessoa pode aprender a escrever a máquina, em três tempos,» dizia ele. «Garanto que consigo ensinar uma criança a escrever sem olhar para o teclado, em 15 dias.»

No dia seguinte, levou para casa uma máquina nova, uma faca dourada e um relógio Ingersoll. Desembrulhou-os e colocou-os na mesa da sala de jantar. Aquele que conseguisse datilografar mais depressa, no fim de 15 dias, ganharia a máquina de presente. A faca e o relógio eram prêmios de consolação, a serem conferidos levando em conta as diferenças de idade entre os concorrentes.

—O senhor sabe escrever a máquina, sem olhar para o teclado? perguntou-lhe Bill.

—Sei ensinar dactilografia. E a uma criança, ensino em 15 dias. Você não sabe que o professor de canto de Caruso não consegue dar nem uma nota? Está respondida a sua pergunta?

—Parece que sim.

Papai preparou diagramas do teclado e fomos proibidos de tocar na máquina enquanto não tivéssemos aprendido, de cor, a posição das letras em cada fila, e quais os dedos a que correspondiam. Afim de acelerar o treinamento, passava giz de côr nos nossos dedos: azul, nos mindinhos; vermelho nos indicadores, e assim por diante. Fez o mesmo com as teclas, no diagrama. Decorridos dois dias apenas, começávamos a «casar» com facilidade as cores dos dedos com as do teclado. Ernestine era a mais rápida e por isso foi a primeira a treinar na própria máquina. Quando, cheia de confiança, se aproximou da máquina, nós nos reunimos à volta dela.

—Ah! isso não vale, papai! exclamou ela ao levantar a tampa da máquina e verificar que havia uma pequena coifa cobrindo cada tecla.

Essas coifas são, hoje, comuns mas foi papai quem as idealizou e mandou fazer na própria Remington.

—Mas você não precisa ver, respondeu papai. —Faça de conta que as teclas são coloridas e escreva como se estivesse dedilhando no diagrama.

Ernestine começou devagar, mas os dedos foram pouco a pouco ganhando velocidade. Papai ficou de pé atrás dela, com um lapis na mão direita e o diagrama na esquerda. Cada vez que ela fazia um erro, papai batia-lhe com o lapis na cabeça.

—Não faça assim, papai, que machuca.

—Mas é pra machucar mesmo. Sua cabeça precisa ensinar aos dedos a não errarem.

No fim de duas semanas, todas as crianças de mais de 6 anos e até mamãe escreviam razoavelmente. Papai quis inscrever Ernestine num concurso nacional de velocidade como uma espécie de menina-prodígio. Mas mamãe o dissuadiu, ponderando:

—Não acho boa a idéia. Ernestine é muito nervosa e as crianças já estão bastante envaidecidas.

Papai achava que as refeições eram uma «perda de tempo inevitavel», tal como a hora de se vestir ou tomar banho. E como para ele todos os minutos deveriam ser aproveitados, utilizava a hora do jantar como período de instrução. Não nos era permitido falar, a não ser para tratar de algum assunto de interesse geral. E era papai quem decidia quais os assuntos que eram de interesse geral.

—O garoto mais burro do mundo está na minha classe de história, começava Anne.

—Ele é simpático? perguntava Ernestine.

—Isso não é de interesse geral, intervinha papai.

—Eu estou interessada, dizia Marti.

—Mas eu, prosseguia papai, —acho o assunto muito cacete. Se Anne tivesse visto na classe de história um menino com duas cabeças, aí sim, o assunto seria de interesse geral.

No começo das refeições, enquanto mamãe, numa cabeceira da mesa, servia os nossos pratos, papai, no outro extremo, enunciava o assunto para a conversa do dia.

—Encontrei-me hoje com um engenheiro que acaba de chegar da Índia, anunciou ele, um dia.

E todos ficamos desde logo sabendo que durante o resto daquela refeição até os detalhes menos interessantes sobre a Índia seriam considerados de interesse geral, enquanto que fatos acontecidos alí mesmo em Montclair eram classificados «sem interesse». Evidentemente, tudo o que se referisse à racionalização dos movimentos era sempre acolhido como de excepcional interesse.

—Quero ensinar a vocês como multiplicar, de cabeça, números de dois algarismos, anunciou papai certa vez, ao jantar.

—Não é de interesse geral, retrucou Anne.

—Aqueles que acham que não é de interesse geral podem levantar-se da mesa, disse papai, friamente. E depois de uma pausa:—sei que há uma torta de maçã para sobremesa.

Ninguem se retirou.

—Como todos, agora, parecem estar interessados, continuou,—vou explicar.

Tratava-se de uma operação bastante complicada para uma criança. Era necessário que guardássemos de memória os quadrados de todos os números até 25. Mas papai não se apressou e, no fim de dois meses, os mais velhos estavam familiarizados com os truques do cálculo.

Enquanto mamãe trinchava o assado, papai dava cálculos para fazermos mentalmente:

—Dezenove vezes dezessete?

—Trezentos e vinte e três!

—Certo. Muito bem, Bill. Cinquenta e dois multiplicado por cinquenta e dois?

—Dois mil, setecentos e quatro!

—Bravos, Marta.

Nessa época, Dan tinha cinco anos e Jack três. Uma noite, papai bombardeou Dan com perguntas sobre os quadrados dos números até 25. Tratava-se de um exercício exclusivamente da memória, que não envolvia problema de aritmética.

—Dezesseis vezes dezesseis?

Jack, sentado ainda na cadeira alta, ao lado de mamãe, deu a resposta:

—Duzentos e cinquenta e seis.

A princípio, papai se irritou porque pensou que algum dos mais velhos tivesse «soprado» a resposta.

—Estou fazendo a pergunta ao Dan. Os outros que calem a boca.

E voltando-se para Jackie, em tom suave:

—O que foi que você disse, meu filho?

—Duzentos e cinquenta e seis.

Papai tirou um niquel do bolso e assumiu um ar severo:

—Você foi guardando os quadrados de cor à medida que eu fazia as perguntas aos seus irmãos maiores?

Jack não sabia se aquilo era certo ou errado, mas disse que sim.

—Se me disser quanto é dezessete vezes dezessete, você ganha este niquel.

—Duzentos e oitenta e nove, veio pronta a resposta.

Papai passou-lhe o niquel e disse, voltando-se para mamãe, com a fisionomia radiante:

—Lillie, este garoto promete...

Depois da nossa, a maior família de Montclair era a dos Bruces, com oito filhos. Mamãe e a sra. Bruce tornaram-se grandes amigas. Certa vez, tendo chegado a Montclair uma senhora de Nova York, pertencente a uma espécie de sociedade nacional de controle de natalidade, alguem por pilheria enviou-a à casa da sra. Bruce.

—Teria o maior prazer em dar-lhe a minha cooperação, respondeu a amiga de mamãe. —Mas acontece que sou mãe de oito filhos e, por conseguinte, não creio ser a pessoa indicada para encabeçar um movimento desses em Montclair. Mas conheço a pessoa ideal para o posto; é uma senhora de qualidades excepcionais, espírito público, e que possui uma casa enorme, muito adequada para as reuniões. Vá falar com ela. É a sra. Frank Gilbreth.

Quando a mulher chegou à nossa casa e explicou o objetivo da visita, mamãe achou a situação tão engraçada que não quis que papai deixasse de presenciá-la.

—É um prazer travar conhecimento com uma pessoa devotada a tão nobre causa, disse papai quando mamãe o apresentou.

E chegando à porta, assobiou o toque de reunir. Ouviu-se, instantaneamente, um tropel de passos e bater de portas lá em cima. Momentos depois, toda a garotada invadia a sala de visitas.

—Nove segundos, disse papai, metendo o cronômetro no bolso.—Apenas três segundos mais do que o nosso recorde.

—Deus do céu! bradou a visitante. —O que é isso? Será uma escola? Não. Não me digam que...? Virgem santíssima! É isso mesmo. Todos têm a cara dos senhores. Coitada! exclamou, voltando-se para mamãe.

E saiu precipitadamente.

Passávamos o verão na praia, onde papai comprara um velho bangalô e dois pavilhões transportaveis que instalou nos flancos da casa. Ele e mamãe ocupavam um deles; o outro servia de dormitório para três crianças.

Papai prometera desobrigar-nos dos deveres escolares—dos discos de francês e alemão e dos livros de estudo. Manteve a promessa, embora disfarçadamente procurasse sempre ensinar-nos alguma coisa. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o código Morse.

—Tenho um meio de ensinar o código a vocês, sem vocês precisarem estudar, anunciou-nos, um dia, durante o almoço.

Respondemos que não queriamos aprender o código nem coisa alguma até à reabertura das aulas.

—Mas não se trata de estudo, replicou. —E aqueles que aprenderem primeiro receberão prêmios. Os que não se interessarem, vão arrepender-se.

Depois do almoço, apanhou um pequeno pincel e uma lata de esmalte preto e se trancou no banheiro. Na parede fronteira ao aparelho sanitário, pintou o alfabeto em código. Assim, ficava este bem em frente aos nossos olhos e a pouco mais de meio metro. O único meio de não ler era fechar os olhos. Papai passou os três dias seguintes, de pincel em punho, pintando o código em todas as paredes do bangalô e até mesmo no teto dos dormitórios. Pintou em código mensagens secretas nas paredes da varanda e da sala de jantar.

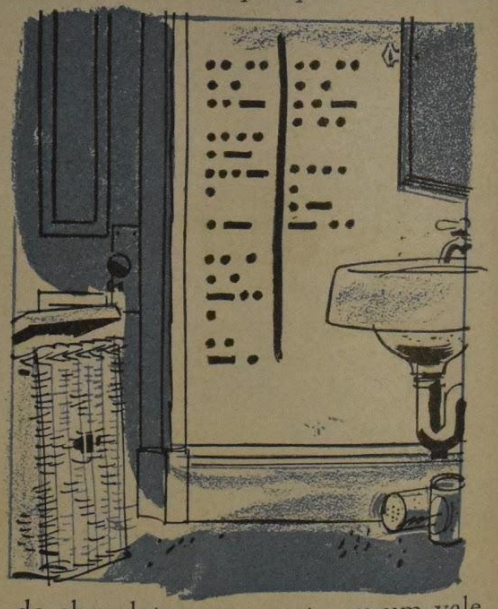
—Que querem dizer? perguntamos-lhe.

—Muitas coisas interessantes, respondeu em tom misterioso. —E bem engraçadas.

Copiamos o alfabeto em pedaços de papel e começamos a decifrar as inscrições.

Depois disso, papai passou a deixar, frequentemente, sobre a mesa da sala de jantar, pedaços de papel com mensagens em código. Traduzidas, revelavam frases como esta: «O primeiro que decifrar esta mensagem pode procurar uma surpresa no bolso direito da minha calça que está pendurada no cabide do meu quarto. Papai.»

No bolso, encontraríamos sempre um recompensa qualquer, uma barra



de chocolate, uma prata ou um vale para um sorvete na confeitaria da esquina.

Tal como papai planejara, no fim de poucas semanas conheciamos o código Morse a ponto de podermos trocar mensagens, na mesa, batendo com a ponta do garfo no prato. Quando uma dúzia de pessoas resolve «irradiar», simultaneamente, por esse sistema, o ruido torna-se insuportavel.

O êxito do sistema de inscrições nas paredes foi tão completo que papai decidiu empregá-lo para nos ensinar astronomia. Começou por despertar o nosso interesse improvisando um telescópio com um velho binóculo e um tripé de máquina fotográfica. Nas noites claras, levava-o para o jardim e punha-se a olhar, detidamente, as estrelas.

Juntávamo-nos à volta dele e insistíamos em olhar tambem pelo telescópio.

—Não me amolem! dizia. —Puxa! Pensei que aquelas duas estrelas iam se chocar! Mas passaram bem rentes.

—Papai, deixa a gente olhar, só um minutinho.

Finalmente, com ar de relutância, acedia ao nosso desejo. Víamos, então, o anel de Saturno, as três luas de Júpiter e as crateras da nossa própria lua.

Depois, papai pendurou nas paredes, perto do chão, umas cem ou mais fotografias de estrelas, nebulosas e eclipses solares. Se as tivesse pendurado na altura normal, em que se costumam colocar os quadros, os filhos menores não as veriam, explicou.

Havia ainda um pequeno espaço de parede disponivel, e papai não teve dificuldade em encontrar um meio de utilizá-lo. Cobriu-o com uma grande folha de papel milimetrado, com mil linhas no sentido do comprimento e mil no sentido da largura, contendo, pois, exatamente um milhão de minúsculos quadradinhos.

—É comum ouvir-se falar em um milhão, disse ele, —mas são poucos os que já viram um milhão de coisas ao mesmo tempo. Quem tem um milhão de dólares, tem exatamente tantos dólares quantos quadradinhos há nesta folha de papel.

—Você tem um milhão de dólares, papai? perguntou Bill.

—Não, respondeu papai, com certo pesar. —Mas, em compensação, tenho um milhão de filhos. A certa altura da vida, é preciso escolher-se entre uma coisa e outra.

Tanto papai como mamãe sempre desejaram ter muitos filhos e consideravam incompleto o ano que não lhes trouxesse um novo Gilbreth. No dia do casamento, decidiram ter uma dúzia de filhos, e alcançaram essa meta em 17 anos: seis meninos e seis meninas. Papai ficou ligeiramente desapontado por não ter havido pelo menos um caso de gêmeos. Não havia dúvida de que para ele, o meio mais eficiente de criar uma família grande seria ter logo uma ninhada, isto é, liquidar o assunto de uma só vez.

Só no último parto foi que mamãe pela primeira vez decidiu-se recolher a uma maternidade. O 12.º bebê, Jane, era esperado em junho de 1922, época em que deveríamos estar na casa de campo. Mamãe, que jurara não ter mais filhos naquela casa, devido à falta de conforto, resolveu ir para o hospital do lugar.

Os dez dias que mamãe passou fora representaram uma verdadeira tragédia para papai.

—Quero que você fique aquí até se sentir forte e bem disposta, dizia-lhe, no hospital. E acrescentava: —Naturalmente que estou ansioso pela sua volta. Não consigo fazer nada direito quando você não está em casa.

Mamãe achou o hospital maravilhoso: «Esperei até o décimo-segundo filho para descobrir quão mais cômodo é ter o bebê no hospital,» dizia.

Quando papai trouxe mamãe e Jane para casa, alinhou-nos, por idade, na varanda da frente. Jane, no berço, encabeçava a fila.

—O batalhão não está de todo mau, disse ele, orgulhoso como um general passando em revista a tropa. —Aí estão eles, Lillie, e o assunto fica encerrado. Você já se lembrou de que no ano que vem não vamos precisar mais do berço?

—Tenho pensado nisso, respondeu mamãe. —Vai ser mesmo um objeto inutil, não vai?

Papai abraçou-a enquanto os olhos dela se enchiam de lágrimas.

Quando Anne chegou ao último ano do ginásio, papai estava convencido de que a nova geração de meninas, de lábios pintados e meias enroladas abaixo do joelho, estava descambando francamente para a ruina.

«Que é que há com as meninas de hoje?» perguntava ele. «Será possivel que não vejam o que lhes vai acontecer se continuarem assim mostrando as pernas através de meias de seda e com os joelhos de fora?»

Quando as filhas mais velhas começaram a receber convites de rapazes para passeios, festas ou cinemas, papai insistia sempre em ir junto. Quando não podia ir, mandava Frank ou Bill em seu lugar.

—Já é muito cacete que o senhor fique plantado ao nosso lado todo o tempo, disse um dia Ernestine a papai. —Mas levar um dos gurís no banco de trás do carro, a dar risadas e a mexer conosco, é insuportavel. Nem sei por que é que os rapazes ainda nos procuram!

—Pois eu sei, respondeu papai. —E é justamente por isso que um de nós tem que ir com vocês...

As meninas se queixaram a mamãe.

—É o cúmulo que papai não confie em nós, disse Anne.

Mas mamãe, como sempre, ficou do lado dele.

Nos bailes, papai procurava sentar-se sozinho a um canto, o mais longe possivel da orquestra, e punha-se a examinar os papéis que levava numa pasta. A princípio, ninguem lhe prestava muita atenção, mas no fim de alguns meses passou a ser considerado como uma espécie de elemento indispensavel da própria «decoração» dos salões. Rapazes e moças costumavam levar-lhe refrescos. E papai era sempre encantador, em sociedade.

—Veja só aquilo alí! sussurrou Anne a Ernestine, certa noite, apontando para um grupo que se acotovelava à volta de papai. —Ele até parece a rainha da festa!

No domingo seguinte, à hora do ajantarado, papai renunciou formalmente à função de «ama-seca».

—Já estou cansado de pajear vocês, disse às meninas. —A garotada já está tomando confiança demais. Os rapazolas me batem nas costas e as moças me beliscam as bochechas e me convidam para dançar. Estão me tratando como a um velho intruso mas inofensivo.

E voltando-se para mamãe:

—Eu sei que a culpa não é sua, querida, mas seria muito mais facil se só tivessemos tido meninos.

As ilustrações que papai fazia para empresas de publicidade tinham, frequentemente, ligações com as suas experiências domésticas sobre estudo de movimentos. As gravuras e legendas criavam-nos problemas com os colegas ou amigos, especialmente quando os professores liam trechos alusivos aos quadros no banheiro, aos discos em francês e alemão e às decisões do Conselho de Família. Corávamos e desconversávamos, com grande desejo de que papai fosse um simples dono de sapataria, em alguma longínqua cidade do interior, e tivesse só um ou dois filhos—que não fôssemos nós.

Um cinegrafista que esteve em nossa casa de campo procurou filmar-nos, intencionalmente, de forma grotesca. Não lhe foi dificil. De boa fé, papai transportou a mesa e as cadeiras da sala de jantar para o quintal, onde a luz seria melhor, segundo o operador. E alí almoçamos, ante a objetiva cinematográfica, enquanto éramos atacados pelas moscas.

A cena apareceu, depois, nos jornais cinematográficos, precedida pela legenda: «Eis o almoço da família de Frank B. Gilbreth, o economizador de tempo.» Filmada de modo a acelerar nossos movimentos, a fita dava a impressão de que nos havíamos precipitado para mesa, passado pratos em todas as direções, desatinadamente, comido com sofreguidão, e saido da mesa, tudo em cerca de 45 segundos. O fundo da cena fez-nos descobrir a razão da insistência do cinegrafista, para que almoçássemos no quintal. Via-se, lá atrás, nossa roupa estendida na corda e, evidentemente, predominavam as fraldas.

Vimos a película no cineminha da localidade, onde provocou mais gargalhadas do que a comédia. Todo o mundo se virou para trás para nos olhar.

«Tomara que nunca a passem em Montclair,» repetíamos continuamente.

De vez em quando, tínhamos convidados para jantar e, segundo uma das teorias de papai, os hóspedes só se sentiriam à vontade se fossem tratados como qualquer de nós. Mas, na prática, como dizia mamãe e papai acabou concordando, só quem pertencesse a uma família de doze, chefiada por um perito em estudo de movimentos, poderia sentir-se à vontade no nosso meio.

Papai sabia receber com naturalidade e simpatia, e nós procurávamos imitá-lo.

«A senhora não precisa devorar a toronja como um porco,» disse Fred a uma professora da Universidade de Colúmbia que, tendo chegado atrasada, procurava alcançar-nos. «Se nós acabarmos primeiro, ficaremos esperando pela senhora.»

«Sinto muito, mas o senhor não vai poder comer a sobremesa enquanto não acabar toda a ervilha,» disse Dan, certa noite, a um convidado. «Papai não deixa. Ele nos disse que uma família pobre poderia viver uma semana, só com o que se põe fora nesta casa em um dia.»

«Papai, o senhor acha que o assunto do sr. Fremonville é de interesse geral?» aparteou Lill, interrompendo uma narrativa do visitante.

Papai e mamãe, e quase todos os convidados, achavam muita graça nessas observações e pouco embaraço revelavam.

Às vezes, depois das refeições, a barriga de papai roncava e, quando não havia pessoas de fora, nós fazíamos pilhérias a respeito. Quando roncava de novo, ele assumia um ar de espanto e acusava um de nós, com o dedo em riste.

—Billy, dizia. —Por favor! Não estou disposto a ouvir concerto de orgão.

Certa noite, um jovem engenheiro, o sr. Russel Allen, veio jantar conosco. Acontece que Jack, sentado numa cadeira alta em frente à visita, enguliu um pouco de ar e emitiu um arroto tão estrondoso que todos se voltaram para ele, espantados. Mais surpreendido do que ninguem, Jack assumiu um ar grave e, erguendo o bracinho, apontou o dedo para o convidado:

—Sr. Allen, por favor! Não estou disposto a ouvir concerto de orgão.

Quando estávamos sós, papai aproveitava para «polir» as nossas maneiras à mesa. Se um de nós, estando ao seu alcance, levava à boca uma colherada grande demais, os nós dos dedos de papai caiam em cheio sobre a cabeça do esganado.

—Na cabeça não! protestava mamãe.

Papai esfregava cuidadosamente as juntas dos dedos e retrucava:

—Tem razão. Deve haver lugares mais macios.

Se o transgressor estivesse no outro extremo da mesa, fora do seu alcance, papai fazia sinais a mamãe afim de que ela aplicasse o corretivo craniano. Mas mamãe, que nunca nos castigou e nem sequer nos ameaçou, não dava importância aos sinais. Papai deitava, então, o olhar no que estivesse ao lado do faltoso e, por meio de sinais, lhe ordenava executar, em seu nome, a sentença.

—Com os meus cumprimentos, dizia papai.

Quem descansasse o cotovelo sobre a mesa, correria o risco de sentir, subitamente, alguem pegar-lhe o pulso, levantá-lo e abaixá-lo fazendo o cotovelo golpear a mesa tão fortemente, que os pratos chegavam a dançar.

Essas práticas tornaram-se correntes, nelas tomando parte todos nós, exceto mamãe. Até o caçula se animava a executar os castigos, sem receio de represálias. Durante as refeições, olhávamos para papai e nos entreolhávamos continuamente, à espera de uma oportunidade. Papai tinha o maior cuidado com os próprios cotovelos mas, não raro, se distraia e violava o preceito. Castigar um cotovelo era uma das tarefas mais apreciadas, mas nada se comparava à gloria de aplicar o corretivo ao nosso próprio pai.

Quando ele era assim surpreendido, fazia logo uma grande encenação. Com uma careta de dor, esfregava o cotovelo e alegava não mais poder usar o braço durante o resto da refeição.

NENHUM de nós sabia, mas papai tinha uma lesão cardíaca havia vários anos. Na época em que as filhas mais velhas entraram para a universidade, o médico disse-lhe que ele teria pouco tempo de vida.

Notamos que papai emagrecera. Pela primeira vez em 25 anos, pesava menos de 100 quilos. Fazia pilhérias sobre isso, observando como era engraçado poder avistar, de novo, os pés. As mãos começaram a tremer-lhe um pouco e os cabelos foram-se prateando. Às vezes, quando jogava basebol com os rapazes ou rolava no chão com Bob e Jane, parava subitamente e dizia que já chegava de brincadeiras. E quando se afastava, percebíamos certa vacilação nos seus passos.

Tinha 55 anos e nós julgávamos que aquilo eram sintomas da velhice que se aproximava. Naturalmente, nunca nos ocorreu que papai pudesse morrer antes de estar «em condições e em tempo de morrer».

Ele soubera da lesão cardíaca antes mesmo do nascimento de Bob e de Jane. Conversou sobre isso com mamãe, examinando a possibilidade de deixá-la viuva, com toda aquela imensa prole.

Mamãe deu a resposta que papai desejava ouvir. «Não sei por que 12 filhos hão de dar mais trabalho do que 10,» disse. «Alem do mais, gosto de terminar o que comecei.»

A doença de papai era uma das principais razões da superorganização da nossa vida. Queria disciplinar-nos para que a falta dele não se fizesse sentir demasiado, habituando os mais velhos a se responsabilizarem pelos menores. Conhecia bem o peso do fardo que caberia a mamãe e desejava aliviá-lo tanto quanto possivel.

—Talvez amanhã, talvez em seis meses, disse-lhe o médico. —Um ano, no máximo, se você deixar o trabalho e ficar tranquilamente na cama.

—Qual! respondeu papai. —Não pense que me assusta. Tenho mais o que fazer.

Chegando em casa, escreveu a um cientista para legar seu cérebro a uma universidade, e afastou do pensamento a sombria perspectiva. A Conferência Mundial de Energia e a Conferência Internacional de Administração deveriam reunir-se seis meses depois, na Inglaterra e na Tchecoslováquia, respectivamente. Papai aceitou convites para falar em ambas, mas faleceu três dias antes da data em que tencionava embarcar para a Europa.

Enquanto esperava o trem para Nova York, telefonou da estação para mamãe. No meio da conversa, mamãe ouviu um ruido seco. Papai não falou mais.

Era uma manhã de sábado. Os filhos menores brincavam, despreocupados, no jardim. Alguns dos mais velhos encontravam-se na cidade, a serviço dos comitês de compras. Seis ou sete vizinhos sairam imediatamente para procurar os outros.

«Sua mãe quer todos vocês em casa,» disseram-nos. «Houve um acidente.»

Quando chegamos, soubemos que o acidente era a morte. Quinze ou vinte carros estavam parados à porta. Jackie, sentado junto da calçada, debulhava-se em lágrimas:

—Papaizinho morreu, dizia ele soluçando.

Ele era uma parte de todos nós, e em todos nós uma parte se extinguiu, tambem, naquele dia.

Operou-se uma transformação radical em mamãe. Antes de casar-se, todas as decisões dela eram ditadas pelos pais. Depois do casamento, por papai. Fôra de papai a sugestão dos doze filhos, assim como a de o casal tornar-se especialista em racionalização. Se ele se tivesse interessado por frenologia ou pela manufatura de cestos de vime, ela o teria acompanhado com igual interesse.

Enquanto papai viveu, mamãe teve medo de andar de automovel a certa velocidade, de aviões, de caminhar só à noite. Quando relampejava, trancava-se num grande armário de parede e tapava os ouvidos. Se as coisas não corriam bem no jantar, mal conseguia conter o pranto, tendo, por vezes, de sair da mesa. Os discursos que fez em público custaram-lhe um esforço inaudito.

Agora, de repente, passara a nada temer. Já não havia o que temer. Que poderia abatê-la, depois da provação suprema que fôra a perda de papai? Nunca mais a vimos chorar.

Dois dias depois da morte de papai, com a casa ainda rescendendo a flores, convocou uma reunião do nosso Conselho e nos disse que, com a colaboração de todos, esperava assumir a direção da família.

—Se vocês puderem tomar conta da casa até à minha volta, disse-nos ela, —embarcarei amanhã no navio que seu pai tencionava tomar. Irei fazer, em nome dele, os discursos que preparou para os congressos de Londres e de Praga. Creio que isto seria o que seu pai gostaria que eu fizesse. Mas, enfim, confio a vocês a decisão final.

Ernestine e Marta subiram para ajudar mamãe a arrumar as malas. Anne enfurnou-se na cozinha para providenciar o jantar. Frank e Bill foram para a cidade afim de tratar da venda do automovel a alguma casa de carros usados.

—É melhor que o comprador venha preparado para rebocar, disse Lill aos meninos. —Pois só mesmo papai sabia fazer o motor pegar.

Alguem perguntou certa vez a papai: «Qual é a vantagem de economizar tempo? Em que podemos empregá-lo?

«No trabalho, se a gente o preferir,» respondeu papai. «Na educação, nas artes, em momentos de lazer.» E, olhando para o interlocutor por cima do *pince-nez*: «Ou para jogar bola de gude, quando for essa a nossa inclinação...»

Dos males o menor

Nos seus primeiros anos de pianista profissional, Vladimir Horowitz chegava a sentir náuseas ao simples pensamento de ter de enfrentar platéias numerosas. Certa vez, minutos antes de iniciar um grande concerto, sobrevieram-lhe os desagradaveis sintomas.

—Não posso tocar hoje, declarou ao empresário. —Estou doente.

—Se não pode, não pode, replicou, furioso, o empresário. —Que se há-de fazer? Mas, pelo amor de Deus, entre em cena para desculpar-se.

Horowitz cambaleou até o centro do palco, percorreu com o olhar o mar de rostos e, mais hororrizado de falar que de tocar, precipitou-se para o piano e executou o programa do concerto tão bem quanto sempre o fizera.

—Howard Taubman, em *The New York Times Magazine*

Coisas de teatro

William Frith, o pintor inglês, conversava nos bastidores de um teatro com o encarregado das mudanças de cenário, que lhe dizia ter sido ator numa cidadezinha de província. Com efeito, representara ele nada menos que o «Ameleto».

—Muito interessante, comentou Frith. —Diga-me uma coisa, qual a sua concepção das relações entre Hamlet e Ofélia? Não acha que ele, por assim dizer, a amou insensata, mas perdidamente?

—Bem, eu não sei se o «Ameleto» amou a Ofélia assim, respondeu sem corar; só sei que *eu* sim.

—Walter Sichel, *The Sands of Time*

As frutas de Cuba

(Capa)

Por Fernando Ortiz

FRUTAS de minha terra! Pregão de Cuba e das demais Antilhas. Las Casas pensou que os índios não plantavam árvores com a idéia de colher-lhes os frutos, mas simplesmente «comiam-nos quando os encontravam por acaso». No entanto, cuidavam das árvores não só para os vivos como tambem para os mortos que, de noite, vinham saborear-lhes os frutos.

Colombo e os que depois dele mencionaram as coisas que encontraram nas Índias Ocidentais, disseram que as frutas eram «lindas», «muito cheirosas», «suculentas», «frescas», «apetitosas», por aí continuando com os maiores elogios. Falaram das frutas com tanto carinho como das mulheres insulares, e ainda hoje fariam o mesmo. O artista teve alguma intenção ao colocar junto ao cesto transbordante de frutas uma linda mulher mostrando um ananás. O ananás, rainha das frutas, em mãos da mulher, a rainha de Cuba.

Ao melhor tipo de ananás, que os índios conheciam por *yayama*, Oviedo confere a «primazia entre todas as frutas ... a mais linda das frutas que eu já vi, a de aroma mais agradavel e a que melhor sabor tem». Diz Anglería que o rei Fernando, depois de provar o ananás, concedeu-lhe a supremacia entre todas as frutas. Segundo Acosta, outro ananás foi oferecido a Carlos V, que «elogiou o aroma, mas não quis experimentar o sabor». (Aquele insípido imperador era filho de Joana, a Louca...) Alexandre de Humboldt disse que, depois de comer os ananases de Cuba—que são «o ornato dos campos de Havana»—não parecem exagerados os elogios que lhe fizeram os primeiros viajantes.

Do *mamey* disse Las Casas que era «fruta saborosa, odorífera e nobilíssima», «a melhor das frutas de caroço» e «talvez de grande parte do mundo»; «fruta de reis em aroma e sabor, e não muito menos em aspecto». Para Oviedo, essa fruta «é a melhor de todas que eu vi nas Índias ou fora delas».

Outra fruta havia—a ata—que julgavam «muito saborosa e suave, como um punhado de nata ou de manteiga», e comparavam com a *guanábana*, tambem «muito saborosa, ligeiramente acre, o que lhe dá o bom sabor». Da goiaba dirá Las Casas que «é a fruta muito apetitosa». Das opúncias dirão que são «fresquíssimas, saborosas e excelentes».

Em Cuba aconteceu às frutas o mesmo que às pessoas: umas se perderam, outras voltaram e muitas chegaram de grande distância. De algumas frutas indígenas com a *chirimoya*, o *jambo-rosa*, o *canistel*, o *ácana*, etc., nada nos dizem os cronistas. As *pitahayas*, os *hicacos*, as opúncias, os *iweros* e outras que eles mencionam são hoje quase desconhecidas.

Foto: Leo Matiz

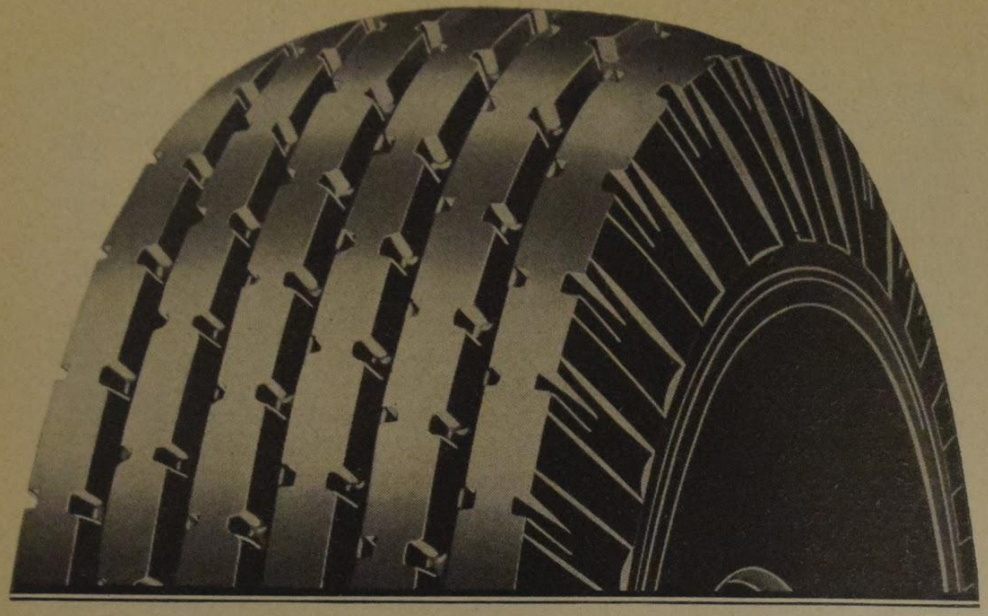
Alguns dos frutos da terra, esquecidos por muitos séculos, voltaram, reimportados da Espanha, como por exemplo o amendoim, que Oviedo desprezava, e que para Las Casas era «tão saboroso que nem nozes nem avelãs, nem outro fruto seco de Castela, por saboroso que fosse, se lhe poderia comparar».

Cada onda de imigrantes trazia para Cuba sementes de terras longínquas e aquí as plantava para que pudessem arraigar-se ao solo e frutificar. Do novo continente recebemos os cocos, o mamão, o jenipapo, o cacau, o abacate, o sapotí. Deste último dizia Oviedo: «A meu ver, é a melhor de todas as frutas, e muitos outros dizem o mesmo.»

Da Europa trouxeram as bananas, pelo menos uma espécie delas; os melões, as laranjas, os limões e outras auranciáceas, e algumas frutas que não se adaptaram à ecologia cubana. Da África procedem o tamarindo, a *cañandonga* e provavelmente os limões doces que lá são conhecidos por *ceutís*. E da amestiçada Ásia nos veio a deliciosa manga, com tal variedade de procedências, formas, cores e cruzamentos, que talvez possamos denominá-la a fruta mulata de Cuba. De muitas dessas frutas—das goiabas, por exemplo—fazem-se doces; e algumas, como as bananas, se cozinham de maneiras diversas, sempre gostosas. De outras se fazem refrescos famosos. Quem, tendo passado por Cuba, não saboreou a *champola* de *guanábana*, de ata ou de *chirimoya*? Tambem se fazia vinho, principalmente de ananás, que, com a indígena chicha de milho e a *sambumbia* originária do Congo, rivalizava com o rum extraido do suco desse «caule-fruta» que é a cana de açucar.

O domínio do dolar no século presente está modificando este quadro paradisíaco. Só se fomenta o cultivo de frutas que se possam vender em grande escala. Já quase não se planta o ananás *yayama*, porque apodrece facilmente e não serve para exportar, estando sendo substituido pelo ananás *boniama* («branco, redondo, doce e polpudo»), que não é tão bom, porem resiste mais. Por outro lado, aumenta de ano para ano a importação de frutas forasteiras, em detrimento dos frutos da terra, que se retiram dos mercados como que entristecidos com a ingratidão de seus compatriotas, o seu abandono, o monopólio e os impostos. E praticamente desapareceram tambem aqueles deliciosíssimos refrescos de frutas, hoje substituidos por bebidas engarrafadas — águas gasosas e açucaradas, de sabor e coloração produzidos por uma química inconfessavel.

As mulheres bonitas, entretanto, ainda existem em Cuba, cada dia mais atraentes e tentadoras, arrebatando para as cubanas «a primazia entre todas as do mundo», como se elas fossem as *yayamas* da humanidade. Haverá quem duvide disso? Mas, hoje em dia, somente nas fazendas e nos lares ricos e de gosto tradicional pode a mulher cubana coquetear diante de tão excelentes frutas tropicais, rivalizando com estas em colorido, frescura e dulçor, sem pensar que elas, de inveja, poderão ficar murchas, sem viço, com vontade de morrer...



U.S.ROYAL

De Luxe

Este é o pneu para maior quilometragem e marcha mais segura. Ano após ano, os principais engenheiros especificam os pneus U. S. Royal DeLuxe como equipamento original dos melhores carros do mundo—o que constitui a prova suprema da excelência destes pneus.

Fabricados com cordonel de rayon* especialmente preparado, esquentam menos na rodagem e proporcionam maior quilometragem, por isso que duram mais e são mais seguros.

**Nos de medida 6.50 e maiores.*

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."

Pneumáticos para agricultura | Pneumáticos para trabalho pesado | Botas "U. S." para varios usos | Mangueiras "U. S." | Correas de transmissão lisas e multi "V"

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., LTD.

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • No E. U. A., Nova York 20

Especiais-em tudo...

Excelentes

para lanches e jantarados, em deliciosos sanduíches . . . para pique-niques, grelhadas ou em dourados e saborosos churrascos.

Especiais, pelas carnes selecionadas de que são feitas . . . **especiais,** pelos processos exclusivos Swift por que são preparadas . . . **especiais,** por sua receita, criação das famosas cozinhas Swift . . . as salsichas Swift têm um sabor diferente, exclusivo, apetitoso. Experimente-as hoje mesmo. São deliciosas e ricas em valores nutritivos.

Swift

Cia. Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Tudo o que você precisa para suas costuras . . .

E sempre novidades, muitas novidades!

Uma visita a qualquer Loja Singer é sempre inspiração e prazer. Visite hoje mesmo a mais próxima de sua residência. Preços extremamente módicos.

Imensa variedade de artigos e acessórios para costura—desde tesouras e botões dos mais variados tipos, tamanhos e cores até fechos corrediços diversos.

E veja êstes maravilhosos aparelhos Singer: um caseador, que faz trabalho perfeito; pregador de fechos corrediços, ziguezagueador . . . e muitos outros!

. . . É a maravilhosa Singer Elétrica Portátil! Pequena e extremamente leve, ela faz todo o trabalho das máquinas grandes e com a mesma perfeição!

LOJAS SINGER

Procure a mais próxima de sua casa na lista telefônica e peça o Serviço Mecânico Singer

Propriedade Intelectual Reservada Pela Singer Sewing Machine Company.

Muitas e graves doenças são causadas pela *Deficiência Alimentar*

Cuidado! Se o Sr. se alimenta mal ou vive submetido à dieta devido à intolerância do seu estômago, esteja de sobreaviso contra o enfraquecimento geral do seu organismo, causado pela deficiência alimentar. Consulte seu médico. Ele lhe dirá sôbre o valor da inclusão de Ovomaltine na sua alimentação. Em 1780 hospitais norte-americanos, os médicos recomendam a nutritiva Ovomaltine aos doentes sob regime dietético. Poderoso alimento fortificante, Ovomaltine não pesa no estômago e facilita o trabalho do fígado. É riquíssima em cálcio, fósforo, ferro, vitaminas e carboidratos. Em colheradas, misturada ao leite ou a outros líquidos, tome e dê a seu filho, todos os dias, a saborosíssima Ovomaltine.

Diariamente, beba o seu copo de

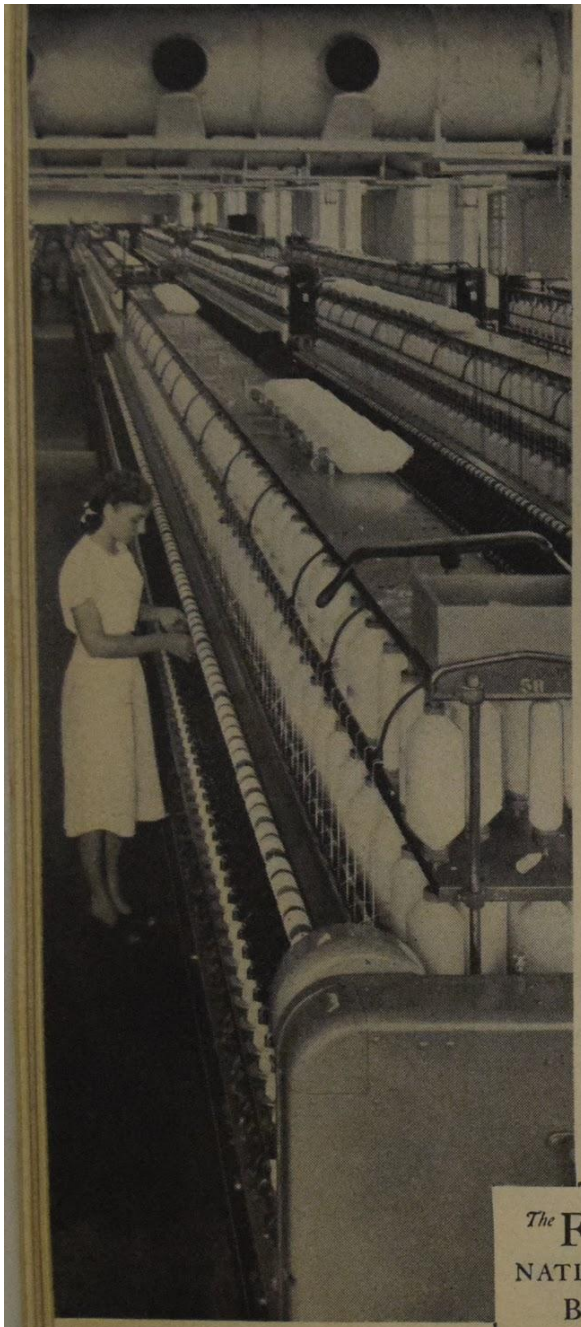
OVOMALTINE

vale por uma refeição

Produto genuinamente suiço. Produzido e enlatado na Suiça por Dr. A. Wander S. A. - Berne

LABORATÓRIO WANDER DO BRASIL S. A.

S. Paulo: Rua Afonso Celso, 671 - Rio: Av. Graça Aranha, 19 - 2.° and.



Mais de 50 Paises Adquirem Maquinaria Textil na Nova Inglaterra

A Nova Inglaterra, centro da indústria textil dos Estados Unidos, é tambem a grande fonte de suprimento mundial de *maquinaria* textil. Os nomes dos fabricantes deste ramo, na Nova Inglaterra, são conhecidos e respeitados no mundo inteiro.

The First National Bank of Boston vem trabalhando com os exportadores de maquinaria textil da Nova Inglaterra há quase um século. É uma característica da relevante posição deste Bànco no comércio mundial, que ele tenha mantido o primeiro lugar no financiamento de indústrias tradicionais da Nova Inglaterra—tecidos, couros, papel, e maquinaria utilizada nas respetivas manufaturas,—ajudando simultaneamente os importadores e exportadores nos domínios mais recentemente abertos à indústria e ao comércio.

Em *qualquer* domínio do comércio exterior, The First National Bank of Boston está preparado para assistir V.S. com os conhecimentos e a experiência adquiridos em 165 anos de operações relativas a importação e exportação. Com escritórios em doze grandes centros comerciais, de Boston a Buenos Aires, um vasto corpo de especialistas nos Estados Unidos e no estrangeiro, e correspondentes em toda a parte, o mais antigo e maior banco da Nova Inglaterra oferece facilidades ideais para solução de seus problemas de comércio ultramarino. Os pedidos de informação serão cordialmente acolhidos em qualquer escritório do Banco.

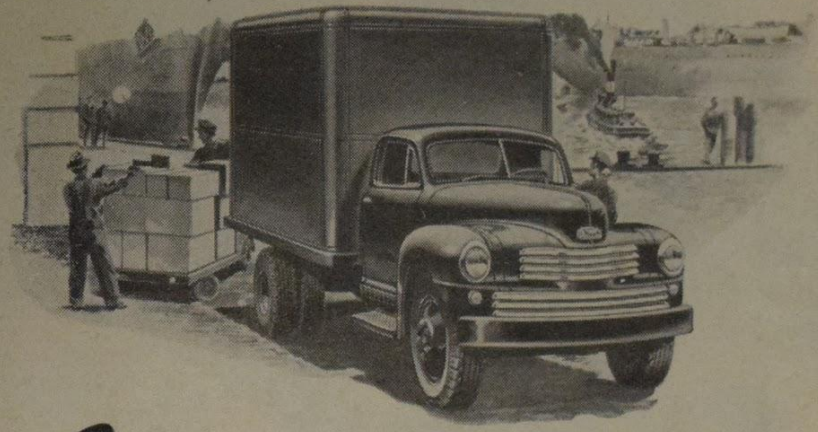
The FIRST
NATIONAL BANK of
BOSTON

★ *Fundado em 1784* ★

Membro da Corporação Federal de Seguro de Depósitos

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 2 Wall Street.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Rio de Janeiro, São Paulo e Santos, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

CAMINHÕES PARA ECONOMIA Nash



Cumprem a tarefa...

SEJA QUAL FOR... EM QUALQUER CLIMA!

Ponha um Caminhão Nash novo a seu serviço nas tarefas mais rudes. Sejam quais forem as condições da estrada ou do tempo . . . verá que ele faz entrega da carga com mais economia e mais pontualidade do que V. S. jamais imaginou.

Este desempenho superior funda-se em boas razões: na suave e econômica potência deste famoso motor Nash com válvula à cabeça . . . na robusta durabilidade do possante chassí Nash . . . na segurança dos grandes freios hidráulicos com 303 polegadas quadradas de superfície de forro . . . no arranque rápido e na rápida vaporização assegurados pela tubuladura "selada", exclusiva da Nash . . . E é garantido pela confiança tradicional que há mais de 45 anos caracteriza os Nash.

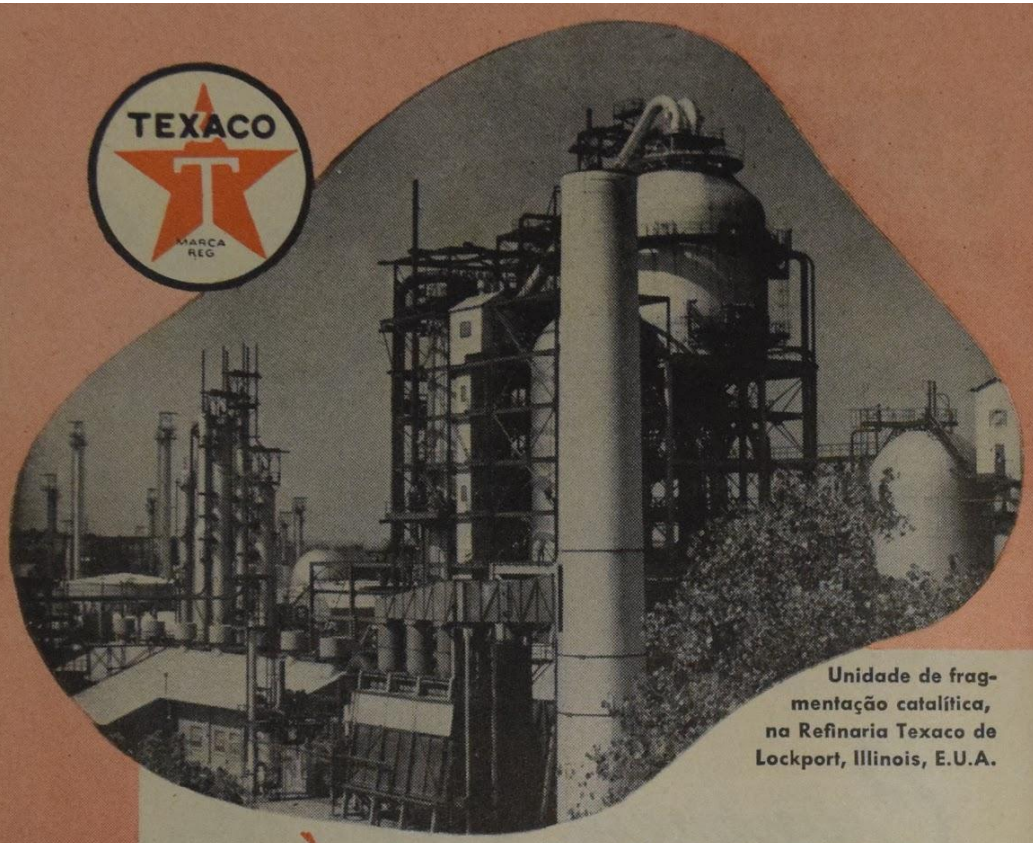
A escolha de duas distâncias entre eixos—3,38 e 3,99m.—torna as dimensões cabina-eixo adaptaveis a quase todos os tipos de carroceria.

Querendo saber de que modo um Caminhão Nash pode, com mais vantagem, levar suas cargas a destino, peça informações completas ao Distribuidor Nash.

Nash Motors

DIVISÃO DA NASH-KELVINATOR CORPORATION, DETROIT, MICHIGAN, E. U. A.

TEXACO



Unidade de fragmentação catalítica, na Refinaria Texaco de Lockport, Illinois, E.U.A.

À SUAS ORDENS

com melhores produtos de petróleo

• Dois fatores básicos, essenciais, habilitam V.S. a operar com eficiência e economia. Primeiro—lubrificantes e combustiveis de qualidade. Segundo—fontes de suprimento seguras e acessíveis, para que esses produtos de petróleo estejam sempre à mão, quando e onde forem necessários. Quando V.S. especifica *Texaco*, tem a garantia de ambas as coisas—para todas as necessidades de serviço automotor, industrial ou de transporte.

THE TEXAS COMPANY *e seus distribuidores*

TEXACO PRODUTOS DE PETRÓLEO

NOVO ALÍVIO!

QUANDO SEU FILHO SENTE-SE

SUFOCADO por uma GRIPE

A medicação intensificada pelo

"VAPORUB em VAPOR"

Dá alívio instantâneo e profundo a cada inspiração!

MÃEZINHA, a senhora já sabe que abençoado alívio consegue dar ao seu filho gripado, quando o fricciona com Vick VapoRub. Experimente-o agora desta maneira especial . . . para alívio *extra* . . . quando seu filho sofre de um penoso resfriado com tosse, que lhe sufoca os brônquios, entope o nariz, dificulta respirar e soltar o muco. É o *"VapoRub em Vapor!"*

Basta derreter uma colherada de VapoRub em água fervente, e deixar que a criança aspire os seus vapores concentrados.

A CADA INSPIRAÇÃO, esses vapores penetram fundo nas vias respiratórias congestionadas, até onde *somente* os vapores conseguem penetrar diretamente. Eles minoram a irritação, soltam os mucos tenazes, aliviam a congestão, e param a tosse!

E, PARA CONFORTO PROLONGADO:

Após o tratamento pelo "VapoRub em Vapor," à hora de deitar, friccione o peito, as costas e o pescoço da criança com VapoRub. O calor do corpo começa logo a desprender vapores do VapoRub que atuam durante horas, devagar e uniformemente, enquanto ela dorme. E, ao mesmo tempo, o VapoRub tem na pele o efeito de uma cataplasma quente. Experimente-o!

VICK VAPORUB

Eis o segrêdo de cozinheiros famosos:

Môlho

Saroma

• Faça você também de Saroma seu segrêdo de cozinha. O picante sabor de carne dêste môlho dá gôsto muito melhor a sopas, saladas, pratos em que não entra carne . . . faz de qualquer prato de todos os dias um prato especial! Use-o na cozinha . . . sirva-o na mesa. Peça Môlho Saroma em seu armazém!

Gratis! Escreva para a Standard Brands of Brazil, Inc., Depto. S-849 Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro, pedindo o interessante folheto "Novo Produto! Novo Sabor! Saroma."

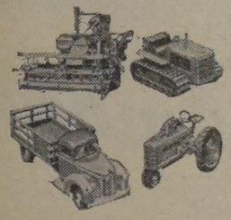
Produto da STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC., Rio de Janeiro

Alimento para o mundo faminto

A fome no mundo inteiro é hoje uma realidade. Em muitíssimas localidades do nosso planeta existem multidões de famintos.

A solução dêste problema—pão e alimento suficiente para todos—será o resultado de uma fórmula complexa que atinge estadistas e fazendeiros, indústria e agricultura. E o fator básico desta fórmula é o emprego constante das ferramentas modernas da agricultura mecanizada.

Foi através de melhor plantío, melhor cultivação e melhor colheita que o símbolo IH tornou-se tão familiar aos homens do campo. Este símbolo identifica os milhares de concessionários e distribuidores International Harvester no mundo inteiro, que mostram como a agricultura mecanizada produz mais alimentos para todos.



A International Harvester fornece a linha mais completa de máquinas fabricada atualmente. Equipamento agrícola mecanizado, feito com rigor técnico, para produzir maiores e melhores culturas em toda parte.

INTERNATIONAL HARVESTER MAQUINAS, S. A.
Av. Barão de Tefé, 74—Rio de Janeiro
São Paulo — Porto Alegre

INTERNATIONAL HARVESTER

Tratores e Máquinas Agrícolas
McCormick-Deering International
Caminhões International
Fôrça Industrial International
Refrigeração International

Kodak

Ambos

V. S., para filmes . . .

que fixará—e guardará para sempre—
os momentos venturosos da vida em
família. Êsses filmes constituem um
álbum animado . . . e se tornam mais
preciosos com o decorrer dos anos.

usam a Fotografia

O industrial, para filmes de treinamento . . .

indispensáveis para ensinar a grupos, mais rápida e
integralmente, o uso de novas ferramentas, novas
máquinas, novos processos. Êste método resulta em
melhor produção, dando aos operários mais confôrto,
segurança pessoal e satisfação.

Aí estão sòmente duas das muitas formas em que a fotografia —mediante a sua aplicação à ciência, à indústria, ao comércio, aos serviços públicos e à vida diária—beneficia a todos os membros da sociedade.

"Kodak" é marca registrada

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

Pequenos ferimentos podem resultar em graves infecções!

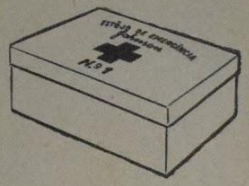
Ninguém está a salvo de um pequeno corte ou ferimento, aparentemente sem importância—mas que pode ser a porta de entrada de uma grave infecção. Principalmente as crianças. Por isso, deve-se ter sempre a mão o necessário para os primeiros curativos. Um rápido curativo pode salvar uma vida.

Johnson & Johnson

Esparadrapo Johnson Impermeável—aderência garantida. Não irrita a pele.

Atadura Adesiva BAND-AID—com tiro-tricina—poderoso antisséptico.

Gaze Belleview (Malha fechada) e **Gaze Brunswick** (Malha aberta) com grande poder de absorção.



Estojo de emergência Johnson—Contém todos os produtos mencionados, algodão hidrófilo e um livreto sôbre pronto socorro.

ÊSTES PRODUTOS SÃO ENCONTRADOS EM TÔDAS AS BOAS FARMÁCIAS

UM MUNDO DE SEGURANÇA PARA V. S. . . . NOS

CHEQUES DE VIAJANTE DO NATIONAL CITY BANK

Onde quer—e como quer—que V. S. viaje . . . para estar seguro, leve sempre no bolso os Cheques de Viajante NCB, que são aceitos no mundo inteiro, como moeda corrente. Se os perder ou forem roubados, V. S. será prontamente reembolsado. Custam somente 75 centavos de dolar cada 100 dólares. Compre-os no seu banco.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

Sede: 55 Wall Street, New York 15, N. Y.

O Primeiro em Comércio Bancário Mundial

Argentina
Buenos Aires
Flores
Plaza Once
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro
Pôrto Alegre
Recife (Pernambuco)
Santos
São Paulo

Chile
Santiago
Valparaiso

China
Xangai

Colômbia
Bogotá
Barranquilla
Medellin

Cuba
Havana
Cuatro Caminos
Galiano
La Lonja
Caibarien
Cárdenas
Manzanillo
Matanzas
Santiago

Filipinas
Manila
Cebú
Clark Field

França
Paris (Sucursal da IBC)

Hong Kong

índia
Bombaim
Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad St.
11, Waterloo Place

Japão
Tóquio
Osaca
Iocoama

México
Cidade do México

República do Panamá
Cidade do Panamá

Perú
Lima

Porto Rico
San Juan
Arecibo
Bayamon
Caguas
Mayaguez
Ponce

Singapura

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa
Cristobal

é do Brasil o nosso empregado mais rijo!

Saido das minas diamantíferas do país, o trabalhador mais resistente que a General Motors já admitiu vem prestando inestimáveis serviços nos setores em que o trabalho requer dureza e precisão. É do diamante que estamos falando. O diamante industrial, substância extremamente rígida, que se transforma numa ferramen ta que

impõe respeito nas mais difíceis operações de corte. Utilizando o diamante brasileiro, em grande quantidade, a General Motors aproveita mais esta matéria prima nacional para fomentar o desenvolvimento de nossas riquezas naturais.

★ ★ ★

CHEVROLET - CADILLAC
BUICK - OLDSMOBILE
PONTIAC - VAUXHALL
GMC - BEDFORD
GM COACH-FRIGIDAIRE
PEÇAS E ACESSÓRIOS
- GM DIESEL -

Três ferramentas-diamante: **"cluster" "single-point" "boring-tool"** *usadas nos EE. UU.*

Preparo científico do diamante

General Motors do Brasil S. A.

contribui para o progresso e o bem-estar

A MÁQUINA QUE TEM "MEMÓRIA"

CALCULADOR ELÉTRICO DUPLEX

ECONOMIZA DE 15 A 40% DE TEMPO

Os cálculos individuais obtidos no mostrador de baixo são aqui acumulados na "memória" . . . o total geral aparece automàticamente.

Com seu teclado elétrico de ação direta, soma, subtrai, multiplica ou divide instantâneamente. Os resultados são obtidos no momento em que se comprimem as teclas. Não se precisa operar barras de motor, alavancas ou outro contrôle qualquer.

Êste novo Calculador Burroughs—com sua "memória" própria—dá-lhe o resultado de cada cálculo e o resultado final, ou total, sem perda de tempo com mais cálculos. Assim, produzindo o trabalho com menos esfôrço, poupa-lhe tempo e reduz as despesas de custo dos cálculos. Existe variedade de modelos para tôdas as necessidades do seu negócio. Peça uma demonstração na execução de seu serviço de contabilidade.

CIA. BURROUGHS DO BRASIL, INC.

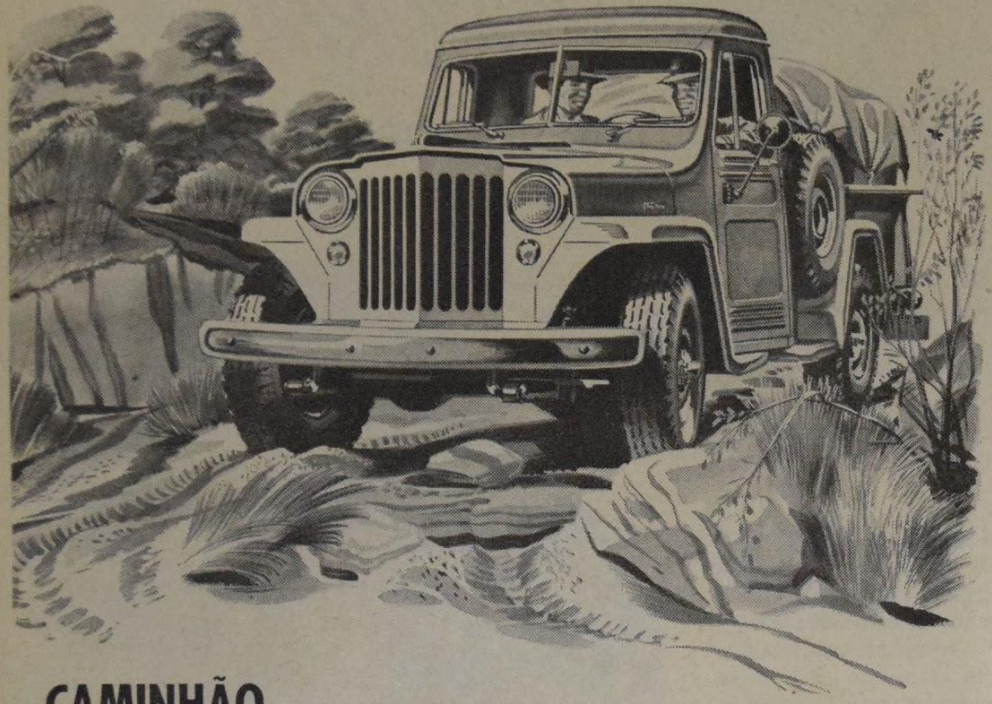
Rio de Janeiro: Rua da Alfândega, 81-A-1°—São Paulo: Largo Paissandú, 51—sobreloja—Agentes em todo o Brasil—*Representantes das máquinas Burroughs em Portugal: Robinson Bardsley & Cia. Ltd., Cais do Sodré, Lisboa.*

ONDE HÁ NEGÓCIOS HÁ LUGAR PARA AS

MÁQUINAS Burroughs

Máquinas de somar, calcular, de contabilidade e de estatística—Caixas registradoras—Serviço de Manutenção—Acessórios.

Quando E Forçoso Que o Carregamento Chegue



CAMINHÃO 'Jeep' DE TRANSMISSÃO NAS 4 RODAS

O caminhão 'Jeep' de transmissão nas 4 rodas é construido para enfrentar transporte dificil, e serviço pesado fora das estradas. A força de tração aplicada às quatro rodas lhe permite transitar em terrenos acidentados, galgar íngremes ladeiras, vencer más estradas, areais, lamaçais, ou a neve. Seu motor de 4 cilindros, altamente eficiente, consome pouco combustivel, e a sua resistente construção geral mantem as despesas de manutenção em baixo nivel. Este caminhão transporta uma carga util de 1 tonelada, e é encontrado em 4 tipos populares de carroceria, todos eles com cabina fechada, muito confortavel. Tambem são encontrados modelos com transmissão do tipo comum, em duas rodas.

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORP., TOLEDO 1, OHIO, E. U. A.

Os amenos dias de Outono são ideais para a sua viagem aos E. U. A. A temperatura é perfeita para se gozar a vida ao ar livre...e assistir às emocionantes competições atléticas. Mas há também passatempos mais calmos... lindos passeios de automóvel pelos campos blasonados de côres brilhantes.

Outono nos E.U.A.

Universidades famosas recebem estudantes de todo mundo...e oferecem cursos variados.

As maiores lojas apresentam uma grande variedade de artigos para cada gosto.

No Outono se inauguram novas peças teatrais, grandes concertos e "night-clubs".

As suas férias inesquecíveis nos Estados Unidos começam no instante em que V. S. embarca no luxuoso Clipper* da PAA, rumando então suave e velozmente a um dos oito principais portos de entrada d'este grande país, podendo dali visitar qualquer cidade de seu agrado. Faça os seus planos agora! As agências de viagens ou qualquer escritório da Pan American terão o máximo prazer em preparar todos os detalhes de sua viagem.

*Marcas Reg., Pan American Airways, Inc.

Veja-o Você mesmo— Voe por Clipper aos Estados Unidos

PAA

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rêde dos Clippers Voadores

Em qualquer idade você poderá ser bela

Os aniversários não têm importância quando seu rosto tem essa aparência sempre bela de uma cutis bem tratada. Um só preparado não poderá conseguir isso. Mas um conjunto harmonioso de cremes e tônicos preciosos, usados cientificamente como Elizabeth Arden aconselha, proporcionarão uma beleza real e perene.

LIMPE com Ardena Creme de Limpeza (para peles normais ou idosas) Ardena Brando Creme de Limpeza (para peles jovens).

TONIFIQUE com Ardena Tônico para a pele (para peles jovens ou normais) Ardena Adstringente Especial (para peles idosas).

SUAVIZE com Ardena Creme Velva (para peles normais ou jovens) Ardena Creme Vitaminoso para suavizar as linhas e rugas.

MAQUILLAGE Naturalmente, como base usará primeiro Pat-a-Creme, aplicando depois Rouge... Pó de Arroz. Illusion, Baton.

Elizabeth Arden

RIO DE JANEIRO: AVENIDA PRESIDENTE WILSON, 165

OMEGA - Cronómetro 30 m/m

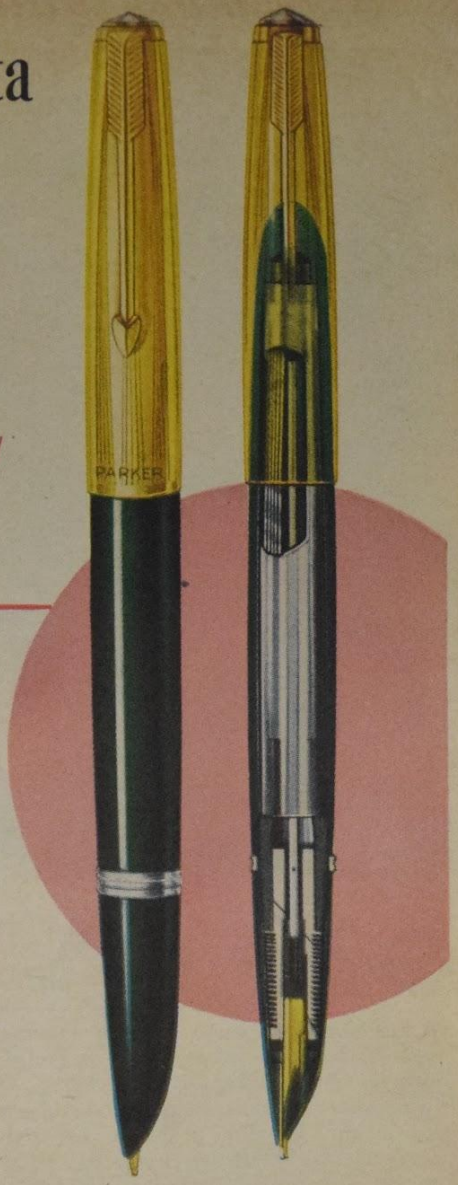
● Eis uma estupenda criação Omega, recorde de Precisão dos famosos Observatórios de Teddington e Genebra! O Cronómetro Omega 30 mm atingiu, em regulagem de alta precisão, os mais notáveis resultados nos anais da cronometria. Dotado de dispositivos próprios de correcção automática e regulagem perfeita, cada cronómetro vai acompanhado dum Certificado Individual de Marcha, prova de que foi submetido às mais rigorosas provas de regulagem, em cinco posições diferentes e sob as mais variadas condições atmosféricas. Aos que exigem o máximo dum relógio, Omega oferece o cronómetro calibre 30 mm, de linhas soberbamente elegantes e harmoniosas e Precisão em grau Supremo!

Ω OMEGA

OMEGA PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE—GENEBRA—SUICA Tissot

Nunca existiu caneta que satisfizesse tão plenamente!

A nova Parker "51"



● 14 novas características de precisão fazem desta nova "51" a caneta mais apaixonante e mais satisfatória que você já possuiu. O enchimento é mais fácil e seguro com o novo sistema "Foto-fill". Um mostrador especial permite ver o nível da tinta. O novo reservatório de tinta tem maior capacidade, permitindo escrever muito mais tempo. E o novo "contrôle aéro-métrico" oferece proteção maior contra o vasamento da tinta em vôos a grande altitude. Muitas outras características de primeira mão.

A caneta mais desejada do mundo..."51" escreve sêco com tinta líquida!

Representantes e Pôsto Central de Consertos para

Brasil: Costa, Portela & Cia., Rua 1° de Março, 9—1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: António Vieira, Ltda., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: Quintas & Irmão, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: Teixeira da Rocha, Ltda., C.P. 463—Lourenço Marques

As mais lindas sereias afirmam:

RUGÓL
limpa, clareia e embeleza a pele, com *um só creme!*

Quantas mulheres de peregrina beleza devem ao Creme Rugól o viço, o frescor e os encantos da mocidade... Sua dupla ação é rápida e infalível: nutre os tecidos, limpa e estimula tôda a pele. Rugól é o mais completo tratamento de beleza. Pelas suas extraordinárias virtudes é sempre indicado para eliminar cravos, rugas, manchas e espinhas. Permita que o Creme Rugól dê à sua cutis esta maravilhosa brancura e suavidade que tornam as mulheres tão lindas e cativantes... Comece a usá-lo hoje, para conservar a sua beleza amanhã...

MANTÉM EM SEGRÊDO A SUA IDADE

Creme **RUGÓL**

Aplique RUGÓL tôdas as noites, no rosto e no colo, em suaves massagens. Use-o também como base para a maquilagem diariamente.

-Chegou o "São" Vapor!

Meses a fio, no emaranhado dos igarapés amazônicos, nenhum sinal de vida quebra a terrivel solidão dos que ali vivem.

Por isto, quando, de raro em raro, surgem à vista as barcaças ou os minúsculos "gaiolas", ecôa pela floresta a saudação mística: — Chegou o "São" Vapor!

É que esse "São" Vapor — impulsionado por produtos Esso — lhes leva lembranças e utilidades: cartas, víveres, medicamentos, munição e o famoso Querosene Jacaré.

ESSO auxilia o progresso do Brasil.

SIMBOLO DE QUALIDADE — Esso — EMBLEMA DE SERVIÇO

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

O 50º Aniversário da Companhia Cujos Produtos V. S. Conhece pela Marca Registrada: TIMKEN

DESDE 1899 THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY VEM AJUDANDO A INDÚSTRIA A CONSEGUIR MAIS E MELHOR PELO DINHEIRO QUE PAGA

NINGUEM gosta de se arriscar a comprar produtos desconhecidos. E V.S. não precisa de correr tal risco quando adquire rolamentos cônicos, aço de liga, canos de aço sem costura e pontas substituiveis para brocas de furar pedra: a sua proteção consiste na marca "TIMKEN".

Marca registrada nos Estados Unidos, no México, e em toda a América Central e do Sul, "TIMKEN" identifica os artigos fabricados pela The Timken Roller Bearing Company.

A experiência de muitos anos tem mostrado que os produtos Timken são os melhores nos respectivos ramos. E mais de 16.000 homens e mulheres trabalham afincadamente para os manter nessa categoria. Não surpreende pois que se haja tornado um hábito em todas as indústrias procurar a marca registrada "TIMKEN".

TIMKEN

MARCA REGISTRADA REG. U. S. PAT. OFF.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

Endereço Telegráfico: "TIMROSCO"

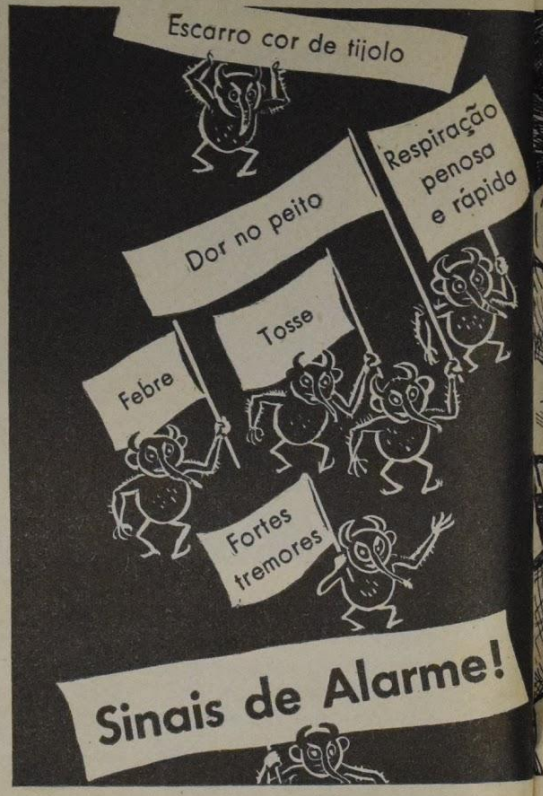
Representantes exclusivos para venda no Brasil

The Timken Roller Bearing Company of South America, Rua Duque de Caxias, 729/731

Tel. 52-6594 e 52-6595, São Paulo, Brasil

Qual é a boa nova sôbre Pneumonia?

Novos remédios, administrados pelo seu médico, podem salvar 9 de cada 10 doentes de pneumonia!



A pneumonia pode ocultar-se sob êstes sinais. Se tiver, febre, chame seu médico, vá para a cama!

P. O que há de novo no tratamento da pneumonia?

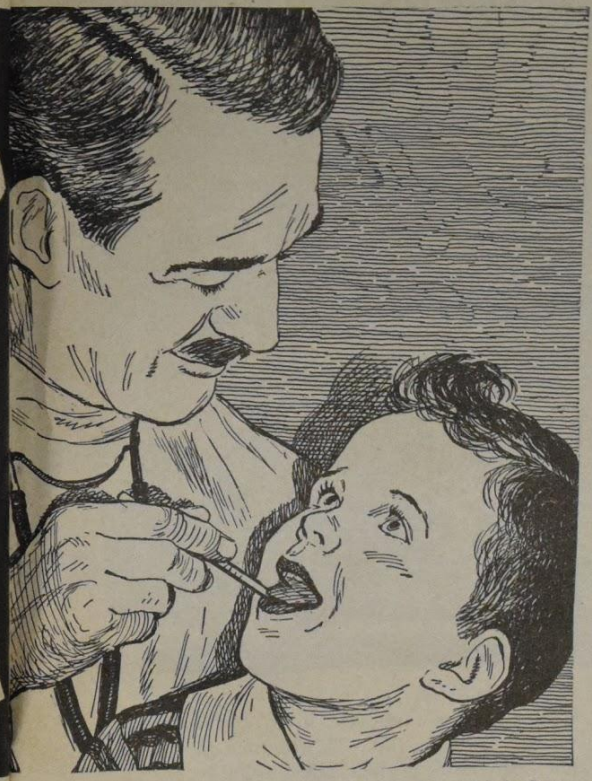
R. Com o auxílio dos novos medicamentos, *a maioria* dos casos de pneumonia pode ser curada. Mas o tratamento deve ser iniciado suficientemente cedo, pois a pneumonia é uma assassina astuta. Se um paciente está enfraquecido, com resistência diminuída, a pneumonia pode matar antes que os novos remédios possam agir. Como poderá você dominar essa doença? Conheça quando o perigo ameaça!

P. Quais são os sinais de pneumonia?

R. A pneumonia é uma inflamação grave dos pulmões. Ataca em ocasiões vulneráveis, como por exemplo:

1. quando você está exposto ao frio ou superaquecido.
2. quando você está muito cansado e abatido.
3. quando você tem um resfriado, gripe ou bronquite.
4. quando você está enfraquecido por uma operação, acidente, ou ferimento.

Quando aparecer uma febre—chame seu médico prontamente.

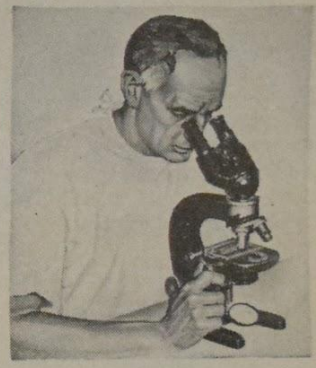


Quando tiver um resfriado forte, vá logo ao médico!

P. Quais são as 3 providências que, às vêzes, evitam a pneumonia?

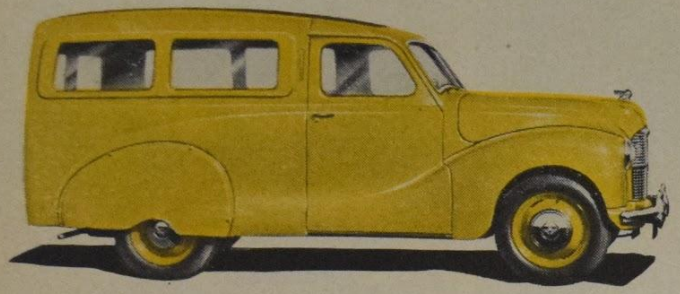
R. Se você começar a sentir que se resfriou, tome estas 3 providências: (1) vá para a cama; (2) tome líquidos em abundância; (3) consulte seu médico. A pneumonia custa caro pois pode deixá-lo de cama muitas semanas, ameaçando-lhe a vida! Lembre-se de que um resfriado pode ser o início de uma pneumonia. Ataque-o com inteligência, indo para a cama e chamando seu médico imediatamente.

● Esta é uma série de conselhos sôbre problemas básicos de saúde. Neles você verá como uma estreita cooperação com o seu médico pode não só salvaguardar, como também melhorar seu bem-estar diário e suas possibilidades de uma vida longa e saudável.



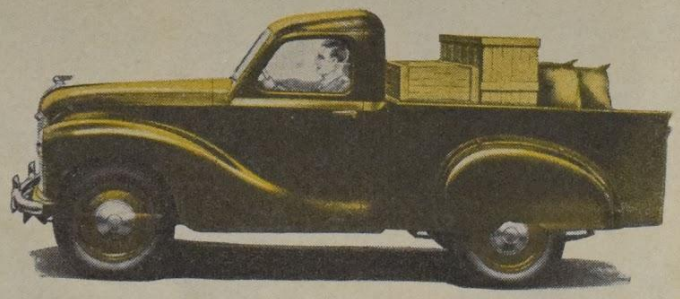
SQUIBB
MEDICAMENTOS
DESDE 1858

NOVOS AUSTINS QUE EXECUTAM QUALQUER TAREFA



O AUSTIN A40 "COUNTRYMAN" transporta seis passageiros, alem da carga. O assento de trás dobra-se e some no chão, deixando espaço para meia tonelada de carga —e amplo lugar para V.S. e os passageiros.

O AUSTIN "PICK-UP" A40 é um pequeno caminhão aberto, para todo serviço. Sua resistente carroceria carrega facilmente meia tonelada, e o taipal da retaguarda, preso por fortes dobradiças, pode ser baixado para aumentar o espaço util.



Existe ainda o CARRO DE ENTREGAS AUSTIN A40 ½ TON., *com 3,280 M³ de espaço para carga. Todas estes Austins oferecem o atraente estilo A40, suspensão dianteira independente e o possante motor Austin de 40 cavalos ao freio e válvulas à cabeça.*

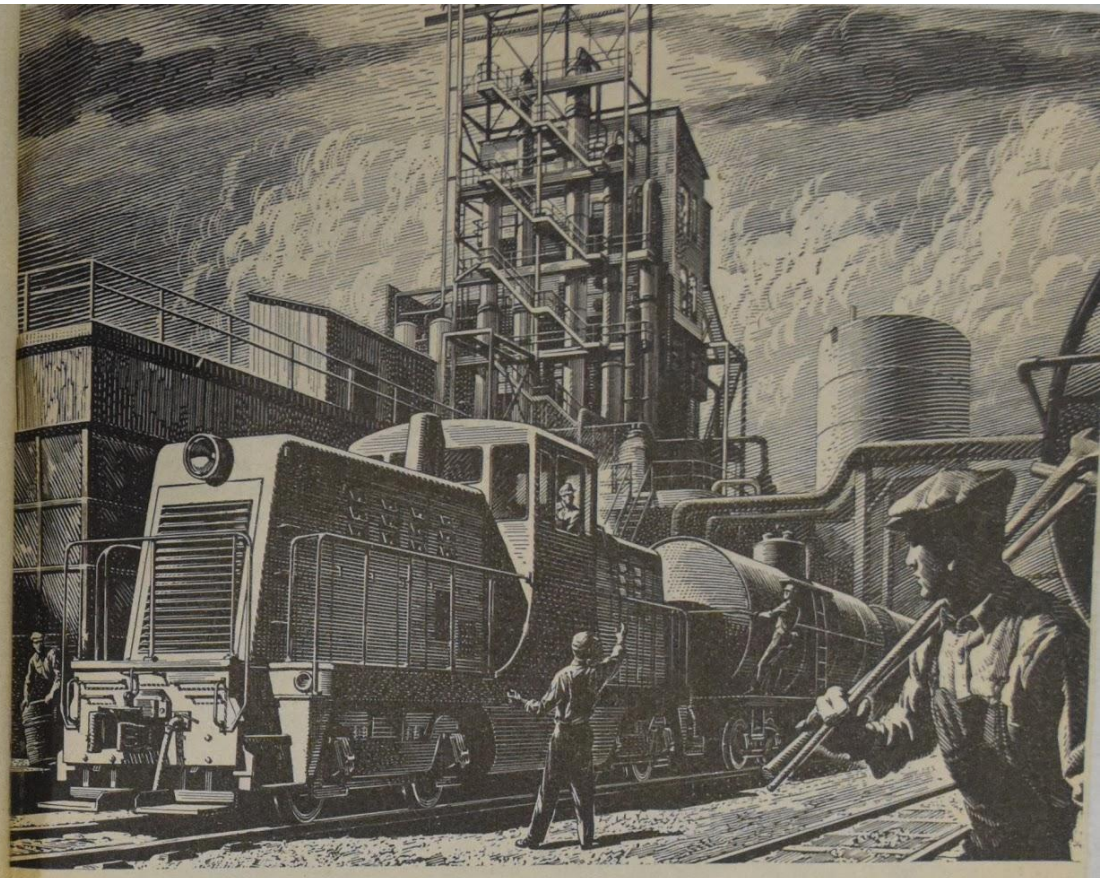
AUSTIN—Confie Nele

Peça já informações completas a:

Companhia de Propaganda, Administração e Comércio (P.R.O.P.A.C.)
Caixa Postal 2168
Av. Rio Branco 84, 14°,
Rio de Janeiro.

Cranston Woodhead & Co.
Caixa Postal 1773
Porto Alegre, R. G. S.

THE AUSTIN MOTOR EXPORT CORPORATION LTD., BIRMINGHAM, INGLATERRA



Se uma mulher fosse comprar

UMA LOCOMOTIVA...

Quando uma senhora vai fazer compras, procura marcas conhecidas—é severa no julgamento das que desconhece. Não seria de extranhar, portanto, vê-la tentando escolher criteriosamente uma locomotiva diesel-elétrica! . . . O seu problema se resumiria na procura da mesma marca que identifica os maravilhosos aparelhos elétricos de seu proprio lar—isto é, a marca da General Electric.

Os engenheiros, pela experiência de muitos anos, aprenderam a confiar na marca G.E. quando adquirem locomotivas diesel-elétricas, turbinas, geradores, motores ou qualquer outro equipamento elétrico industrial. Ao usar a eletricidade, lembre-se de que a experiência e os serviços da G.E.—maior fabricante de materiais elétricos do mundo—estão à sua disposição. A-9-6

GENERAL ELECTRIC
E.U.A.

Símbolo de Excelência EM TODO O MUNDO . . . EM TODOS OS LARES

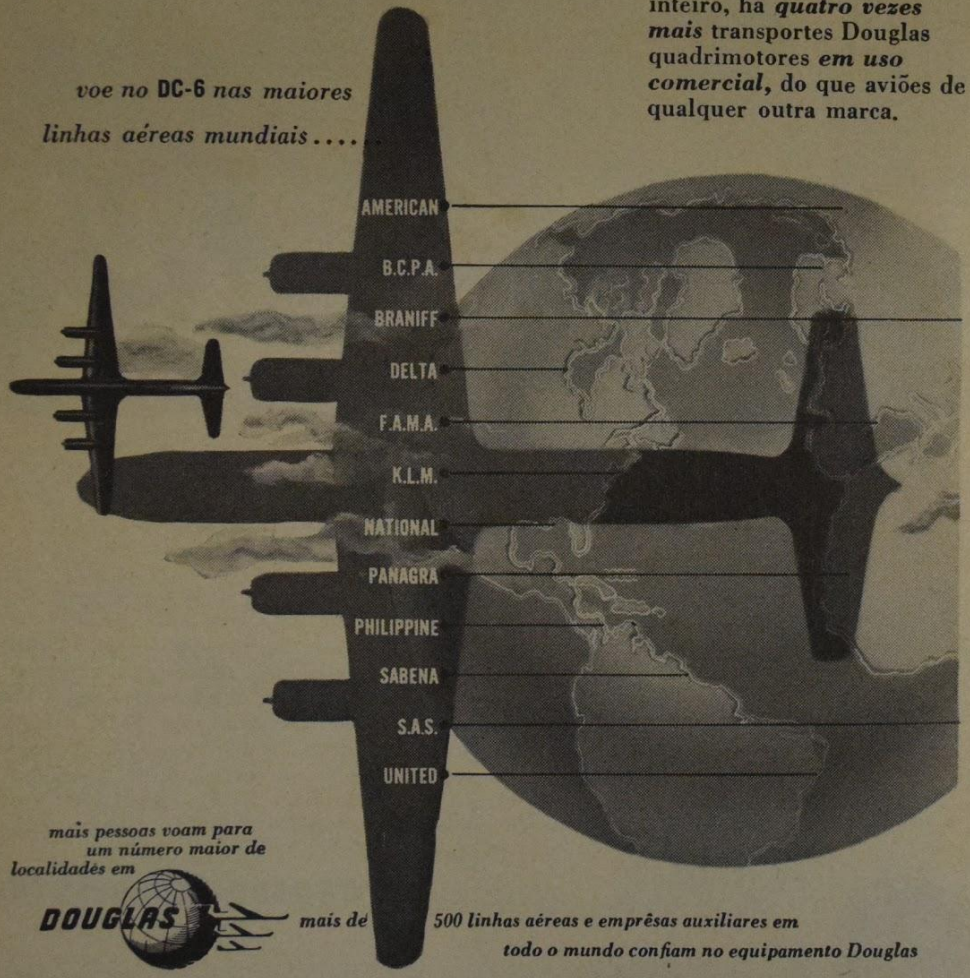
DOUGLAS

DC-6

supremo no ar
..sôbre todos os oceanos
companheiro eminente dos
..sôbre todos os continentes DC-4 DC-3

Com a velocidade de 8 km por minuto, o grande DC-6 corta os ares em conquista do primeiro lugar no serviço de confiança para transporte de passageiros a grandes distâncias—e em breve o Cargueiro Aéreo DC-6A transportará mais e mais mercadorias através do mundo! Hoje, no mundo inteiro, há *quatro vezes mais* transportes Douglas quadrimotores *em uso comercial*, do que aviões de qualquer outra marca.

voe no **DC-6** *nas maiores linhas aéreas mundiais....*



mais pessoas voam para um número maior de localidades em

DOUGLAS

mais de 500 linhas aéreas e emprêsas auxiliares em todo o mundo confiam no equipamento Douglas

descendo em círculo; a fumaça das fogueiras nos guia, indicando-nos a direção e a força do vento. Lençóis brancos presos ao solo, indicam o campo de aterrissagem improvisado. Uma operação de urgência restitui a vida a um homem util à sua família.

O piloto e eu nos preparamos para levantar vôo. Antes de dizer adeus, apanhamos no avião um pacote de revistas atrasadas que lhes enviam de presente dezenas de pessoas bondosas e sociedades de toda a Austrália. Quando nos despedimos, perguntamos se desejam mais alguma coisa.

—Bem, diz a esposa do administrador da fazenda,—sempre que os senhores puderem... Há dias Tom mencionou dois artigos nuns números velhos do Reader's Digest, a respeito dos quais estavam conversando uns amigos seus pelo rádio. Tomei nota das datas. «É realmente eficaz o DDT?» e um artigo sobre um novo remédio contra os ratos. E tambem outro número... o que traz o artigo «Minha filha poderá viver só».

E sorrindo tranquila, depois de olhar para o marido que dormia, acrescentou:

—Não estamos fazendo nenhuma exigência...

Hoje em dia as pessoas do interior não precisam viver isoladas. Trinta anos transformaram o interior da Austrália, desde quando o rev.º dr. John Flynn, que idealizou o serviço volante de assistência médica, viajava milhares de quilômetros no dorso de um camelo para atender a centenas de famílias dos primeiros colonizadores que necessitavam de socorro. Quem vive em qualquer parte do interior do país pode, hoje em dia, chamar o médico pelo rádio, quase com a mesma rapidez com que o poderia fazer se estivesse em Melbourne.*

Não foi possivel uma verdadeira colonização do interior enquanto os primeiros colonos não puderam levar suas mulheres para a fazenda, constituindo um lar cercado de razoavel segurança. Não era, entretanto, suficiente a simples segurança física. Devia-se contar tambem com meios satisfatórios para combater a solidão. A rede de rádios receptores e transmissores—única comunicação nestes ermos imensos—proporcionou uma solução ao problema.

Outra salvaguarda contra o devastador mal da solidão é a abundância de bom material de leitura. Nestes desolados areais, onde os caminhões Diesel de 15 toneladas entregam a correspondência mensalmente ou com menos frequência, o Reader's Digest e outras revistas são mais ansiosamente esperadas que nas cidades e povoados. Essa leitura estimulante e variada ajuda os colonos em toda parte a tornar a vida menos árida e solitária, mantendo e renovando o contacto com a atualidade do mundo inteiro. Com a sua maneira própria e interessante, esta revista coopera eficazmente para que nenhuma pessoa—por muito remoto que seja o lugar onde resida—ainda tenha que viver só.

*Vide «Aeronautas da medicina», Seleções, abril de 1947.

Cr. $ 3,00

AGOSTO de 1949

Seleções

do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

O homem que assassinou Trotsky	*Joseph Bornstein*	1
Já se sabe como é a bomba atômica		8
Os anos mais fecundos da medicina	*Paul de Kruif*	11
Ocupação—dona de casa	*Dorothy Thompson*	15
Galo Plaza, agricultor e estadista	*Michael Scully*	17
Flagrantes da vida real		23
Encontro fortuito	*Paul Deutschman*	25
Por que fracassaram os capitalistas europeus	*Eric Johnston*	29
Fez o impossivel	*B. F. Sylvester*	33
O canal mais rico do mundo	*Ernest O. Hauser*	36
Aprendo a carregar minha cruz	*Frank Smathers*	41
O «permanente» que rendeu milhões	*Ralph Wallace*	45
«Vivamos valentemente—como eles morreram...»	*Omar Bradley*	49
Quinze minutos de esquecimento	*Anthony Abbott*	51
O triunfo dos Cantores do Jubileu	*G. Robert Tipton*	57
Pedestal da democracia		60
Pedro, «o Grande»	*Edwin Muller*	61
Os museus tambem podem ter vida	*Harland Manchester*	68
Qual é o «sexo fraco»?	*George Lawton*	73
Paraiso dos operários	*Ferenc Nagy*	75
Argúcia dos animais	*Alan Devoe*	81
Cresce o número de diabéticos	*C. Lester Walker*	84
Em defesa do porta-aviões	*Fletcher Pratt*	89
Em defesa do avião de longo vôo	*Francis V. Drake*	97
Seção de Livros — Mais barato às dúzias	*Frank B. Gilbreth, Jr. e Ernestine Gilbreth Carey*	103

As frutas de Cuba — *Fotografia* ..... *quarta capa*; *Nota* ..... *página 122*

JULHO de 1949

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

Uma criatura assombrosa—o bebê	*George Kent*	1
Instantâneos pessoais		6
Lições da experiência socialista na Inglaterra	*Alfred Edwards*	7
Um médico nos confins do mundo	*Ralph Wallace*	13
O que o dinheiro não compra	*I. A. R. Wylie*	17
Flagrantes da vida real		21
Conferenciei 1.600 horas com os russos	*J. P. McEvoy*	23
A aldeia de Dom Guido	*George Kent*	29
Afinal—pneumáticos sem câmaras	*Myron Stearns*	34
Quem disse que são «tapados»?	*Vance Packard*	37
Cinco vezes à beira de uma morte injusta	*S. K. Brandon e D. Eddy*	41
Redescobrimento da vida	*Dorothy Thompson*	48
Os que rompem o bloqueio de Berlim	*Karl Detzer*	51
Qualquer um pode melhorar o mundo	*James Keller*	57
Meu tipo inesquecivel	*Patricia Rawlins*	61
Fatos que não sei explicar	*J. B. Rhine*	68
Um minuto que transformou uma vida	*Sherman Rogers*	71
«Entre aspas»		75
O caso de Mme. Kasenkina	*Fulton Oursler*	77
Mel de abelhas—dourada maravilha	*Donald C. Peattie*	84
Sanguessugas do erário	*E. T. Leech*	87
Por que não uma política sensata em relação à Espanha?	*Dewey Short*	88
Mecanização da lavoura	*Fortune*	93
Só mesmo em Hollywood...		96
Fita invisivel para remendar tudo	*Robert M. Yoder*	97
Seção de Livros — Como a Europa vê o Tio Sam	*André Visson*	101

O Lago de Átitlán — *Fotografia* ..... *quarta capa*
Nota ..... *página 118*

CMDPU-LR
1998

SELEÇÕES
do Reader's Digest

Tomo XVI, No. 90 Julho de 1949

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, 4.° piso, Vedado, Havana, Cuba.

Diretor.....Eduardo Cárdenas
Redator-Chefe.....José Famadas
Gerente: Roberto C. Sánchez

The Reader's Digest, fundado em 1922 por DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, seus atuais diretorese editores, é publicado em Pleasantville, Estados Unidos, e tambem na Inglaterra (Terence Harman, *gerente*, Londres); no Canadá (Fred D. Thompson, *gerente*, Montreal); e na Austrália (John Grant Cooper, *gerente*, Sydney).

Edições em outros idiomas: edição em alemão (Stuttgart) Alexander W. Post, *redator;* edição em dinamarquês (Copenague) Onni Kyster, *redator*; edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha, Eduardo Cárdenas, *diretor;* edição em finlandês (Helsinki) Seere Salminen, *redator*; edições em francês: (París) Pierre Denoyer, *redator*, Paul Thompson, *gerente;* (Montreal) Pierre Ranger, *redator;* edição em italiano (Milão) Mario Ghisalberti, *redator;* edição em japonês (Tóquio) Bunshiro Suzuki, *redator*, Dennis McEvoy, *gerente;* edição em norueguês (Oslo) Henrik Aubert, *redator*, edição em sueco (Estocolmo) Brita B. Hebbe, *redatora*.

Edições internacionais de The Reader's Digest: Barclay Acheson, *gerente geral;* Marvin McC. Lowes, *subgerente geral;* Hobart Lewis, *chefe de redação*.

Copyright 1949 de Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei, em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, total ou parcial, da matéria contida neste número.

Retrata o mundo todos os meses

Por Yousuf Karsh

Fotógrafo retratista de fama universal e autor de «Faces of Destiny»

Quando emigrei do Levante para o Canadá, já lá se vão 26 anos, encontrei aquí algo desconhecido na Armênia de minha infância: a liberdade de ser feliz. Havia tambem aquí liberdade para trabalhar. Em Ottawa, graças ao amistoso interesse do então primeiro ministro Mackenzie King, muitos grandes homens acederam em ser retratados por mim. Quando essas fotografias começaram a correr mundo, eu viajei seguindo o seu rastro e fazendo retratos onde quer que ia. E as personalidades mais importantes que conhecí foram sempre as mais simples, as mais francas.

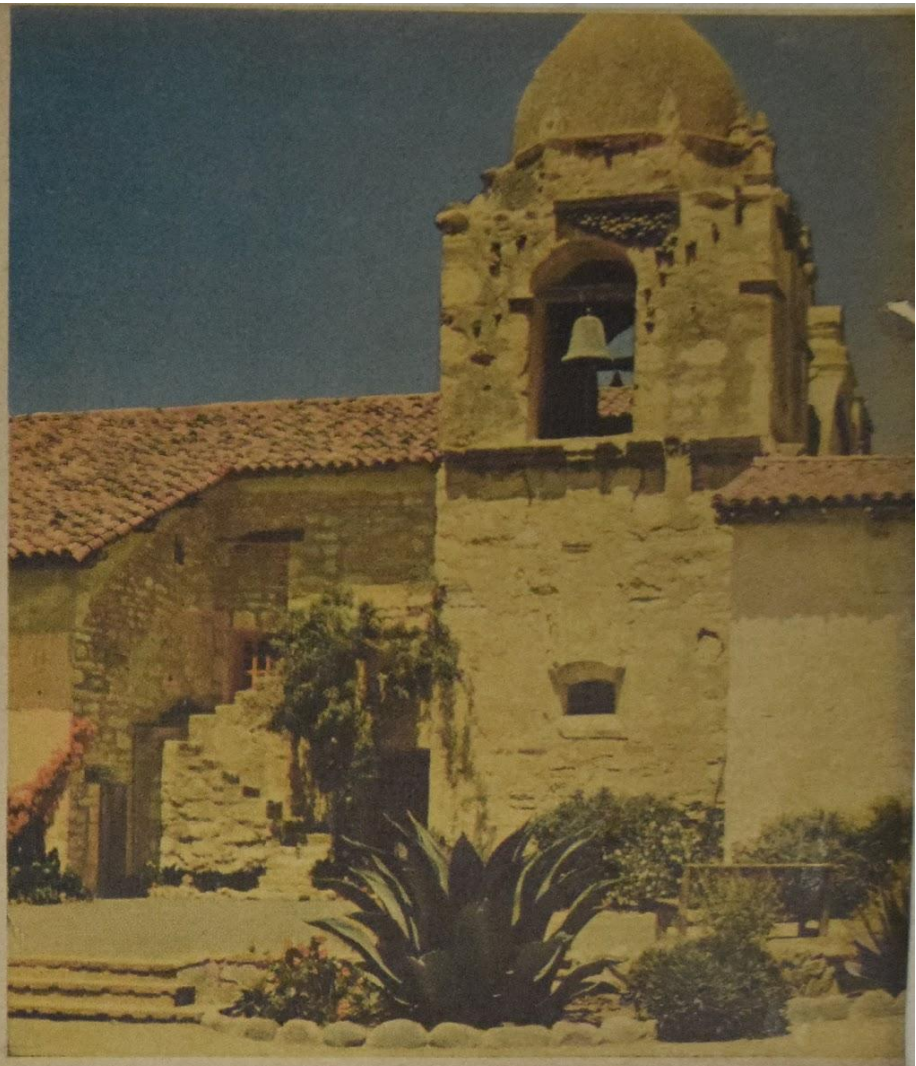
Recentemente fotografei Helen Keller, essa criatura maravilhosa que ilumina com seu espírito um mundo que ela percebe muito melhor que nós, que não somos cegos. Disse a Miss Keller que uma das primeiras vezes que eu tentara ler inglês foi há 15 anos, em um memoravel artigo do

(*Continua na terceira capa*)

SELEÇÕES Reader's Digest
Marca Registrada
Reg. U.S. Pat. Off.

Seleções do Reader's Digest, Volume XVI, No. 90, July 1949. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, Vedado, Havana, Cuba. Subscription price: US $2.00 per year in Latin America; US $3.75 per year in the United States. Entered as second-class matter at the Post Office, Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at the Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

Impressa nos E. U. A.



O mundo é um mosaico de lindas côres visíveis em tôda a parte. Pode-se captá-las usando filme Kodak de côres: Kodachrome para a maioria das câmaras miniaturas, para as de filme plano, e para as de cinema de amadores; Kodacolor para a maioria das câmaras de filme em rolos; Kodak Ektachrome que pode ser revelado em casa. Visite o revendedor Kodak.
Eastman Kodak Company, Rochester 4, N. Y., E.U.A.

Kodak para côres

"Kodak" é marca registrada

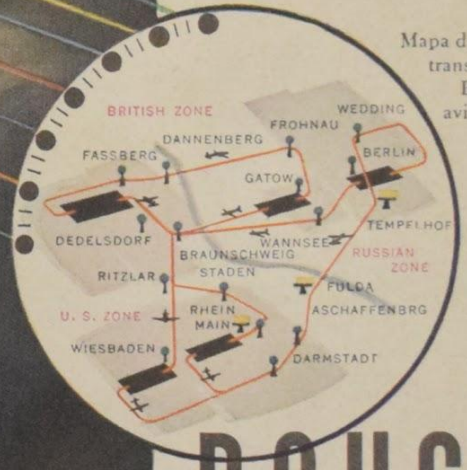
Kodak

a epopéia do cerco de Berlim

"Operation Vittles"

Dia e noite, com cronométrica precisão, e através de todas as intempéries, estes Douglas C-47, C-54, e o gigantesco C-74, aterrissando de 3 em 3 minutos, estabeleceram ***o recorde máximo na história dos transportes aéreos.***

Estes sólidos transportes Douglas, de inteira confiança — manobrados pelo habil e intrépido pessoal de vôo e de terra da Força Aérea — têm permitido manter viva uma cidade de dois milhões de almas. Os aviões Douglas romperam o bloqueio de Berlim e estão prontos a servir a humanidade onde quer que for preciso.



Mapa da operação do transporte aéreo para Berlim. Aterrissa um avião de 3 em 3 minutos

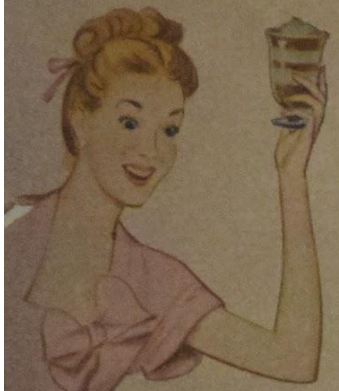
DOUGLAS

Os Douglas levam mais gente . . . e mais carga . . . a maiores distâncias.

CMDPU-CR
1978

Mães!

Os tentadores Pudins Royal são mais leves e de mais fácil digestão



OS dietistas afirmam que as sobremesas pesadas podem causar distúrbios na digestão. Não corra êste risco.

Sirva os Pudins Royal, que, embora leves, satisfazem. Grandes e pequenos apreciam a delicada textura dos saborosos Pudins Royal. Experimente ainda hoje um dêstes deliciosos sabores: Chocolate, Baunilha, Caramelo ou Morango. Fácil de preparar... e tão leve para a sua bôlsa!

Sugestões Royal

Experimente Creme de Arroz. Siga as indicações para fazer o Pudim de Baunilha Royal e junte 2 chícaras de arroz cozido. Salpique com noz moscada. Sirva-o gelado.

Cozinha em 5 minutos apenas

Gratis! Um folheto Royal ilustrado . . . novas modalidades de servir os Pudins Royal. Envie nome e endereço para a

Standard Brands of Brazil, Inc.

Dep. P-749 Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro

Em Portugal: João Machado da Conceição & Cia., Ltda., Rua da Conceição, 75-1-Lisboa

Motivo de orgulho

Tanto o chefe como a secretária se sentem orgulhosos das lindas cartas que a Halda escreve. A Halda é admirada no mundo inteiro pela sua escrita clara e firme, suas linhas aerodinâmicas, e sua côr de um verde suave que é um descanso para os olhos. As cartas saem escritas mais depressa e com menos fadiga—as aceleradoras barras de tipo e os 49 rolamentos de esferas produzem o "toque de pluma" que distingue esta máquina de escrever sueca.

HALDA

Dê Asas aos Seus Dedos—com a Halda. Peça o prospecto.

REPRESENTANTES:

Rio de Janeiro, Máquinas de Escritório "Facit" Ltda • São Paulo, Insubra S. A. • Bahia, Cia Importadora da Bahia • Belém, W. Andersen • Curitiba, João Scheffer & Co. Sucs. Fortaleza, João Mattos • Manáus, Mattos Areosa & Cia Lda • Parnaiba, Casa Marc Jacob S. A. - Porto Alegre, Capelli & Cia • Recife, José Lôbo Comércio S. A. • São Luiz do Maranhão, Francisco Aguiar & Cia • Vitória, Dumans & Cia Ltda • • • Lisboa, Agência Comercial Sueca Lda.

TRANSPORTE COLETIVO E CASA PRÓPRIA

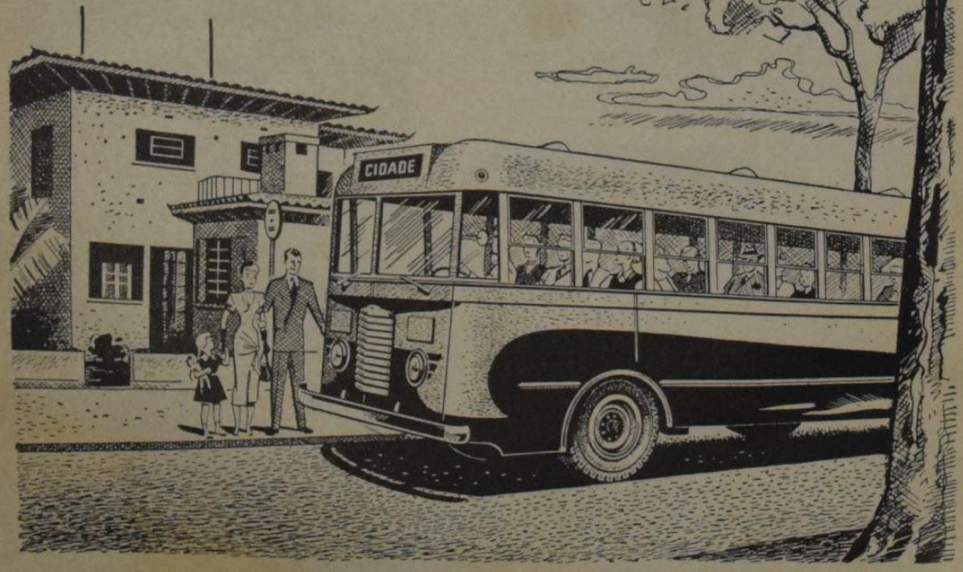
Imagine . . . os transportes coletivos contribuindo para que V. tenha sua casa própria! Pois é assim: os transportes coletivos, com a expansão que vêm tomando nas cidades brasileiras, facilitam a um número enorme de pessoas a oportunidade de poder edificar sua casa própria longe dos centros comerciais, em zonas mais saudáveis, onde terreno e construção são mais baratos!

A General Motors sente-se orgulhosa de estar colaborando de maneira eficiente, com os seus ônibus—notadamente os novos modelos de aço construídos em nossa terra com aço e materiais nacionais—para a solução dos problemas relacionados com o transporte . . . em todo o país!

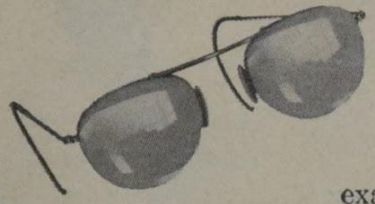
GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

contribui para o progresso e o bem-estar

Chevrolet - Cadillac - Buick - Pontiac -
Oldsmobile - Vauxhall - Bedford - G. M. C.
G. M. Coach - Motores - Diesel G. M. -
Aparelhos Frigidaire Domésticos e Comerciais
Peças e Acessórios



ESTARÁ VOCÊ VIVIENDO NA BRUMA POR CAUSA DE UMA VISÃO DEFEITUOSA?



O primeiro passo para se obter boa visão é submeter nossos olhos ao exame de um especialista e depois, si necessário, proporcionar-lhes óculos da melhor qualidade. A felicidade de qualquer de nós ou de uma nação, depende em grande parte de nossos olhos, de um povo com visão eficiente. Por isso devemos proporcionar aos nossos olhos *só o melhor*.

BAUSCH & LOMB é conhecida em todo o mundo como a fabricante dos melhores artigos ópticos. A marca B&L é sua garantia do melhor.

Consulte seu oculista uma vez per ano.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL COMPANY B&L ROCHESTER, N.Y., U.S.A.

RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, BUENOS AIRES

FIÉIS

CHAMPION

VELAS

Favoritas do Mundo!

Ás fiéis velas de ignição devem-se em grande parte o arranque rápido e o funcionamento suave e sem esforço do motor. Na opinião da maioria dos peritos em motores e dos automobilistas em geral, não há vela mais fiel do que a Champion—a Favorita do Mundo!—porque ela representa a última palavra em qualidade, valor, desempenho e fidelidade.

SIGA O EXEMPLO DOS PERITOS

EXIJA CHAMPION – AS NOVAS CHAMPION FIÉIS PARA SEU CARRO

CHAMPION SPARK PLUG CO. • TOLEDO, U. S. A. • WINDSOR, CAN. • FELTHAM, ENG.

Cada dia há mais Kolynos-istas

Risë Stevens

A bela e famosa cantora do Metropolitan House, de Nova York—automobilista nos dias de descanso—tambem é Kolynos-ista. Ela sabe que para conservar sua saúde tambem necessita de ar puro e cuidado com os dentes. Risë Stevens tambem é famosa artista dos discos da Columbia Records, Inc.

Em cada dia mais de 16.319.385 Kolynos-istas limpam os dentes com Kolynos

Porque Kolynos, o creme dental de fórmula cientifica...

LIMPA MAIS
AGRADA MAIS
RENDE MAIS

Basta um centímetro na escova seca!

USE KOLYNOS—SEJA TAMBEM KOLYNOS-ISTA!

Os ases de Wimbledon ou de Forest Hill apreciam sempre serviços rápidos e perfeitos .... tanto a bordo de um avião como ao jogar em terra o tenis.

"*Todos viajam pela K.L.M. ...*

...viajar de avião é muito natural para os holandeses"

Longas viagens, travessias de oceanos: que é isto para os holandeses?! Quando V.S. viajar, pela K.L.M., a excelência do serviço e a sensação de segurança imediatamente o impressionarão e convencerão.

Peça informações quanto a passagens e frete ao seu Agente local ou ao Representante mais próximo da K.L.M.

A Companhia de Aviação mais antiga do mundo, prestes a completar o seu 30º aniversário.

Poupe Trabalho na Limpeza

O SANTOMERSE No. 1—detergente e umectante da Monsanto, moderno e para todos os fins, limpa de fato . . . facilmente e depressa . . . E pode-se enxaguar e espremer perfeitamente. Experimente-o, e fará do Santomerse No. 1 o seu criado No. 1 na limpeza de maquinaria, louças, vidros, automoveis, superfícies pintadas, metais, tecidos e soalhos.

O Santomerse No. 1 produz espuma abundante em água crua ou pura, quente ou fria. É eficaz em soluções ácidas ou alcalinas. Torna a água "mais úmida" . . . faz com que ela se espalhe mais depressa . . . e penetre mais fundo.

Para obter informações completas pode dirigir-se a qualquer dos escritórios da Monsanto indicados abaixo, ou ao agente da Monsanto na sua cidade. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri, E.U.A.* • MONSANTO CHEMICALS, LTD., *Londres* • Monsanto (Canada) Ltd., *Montreal* • Monsanto (Australia) Pty., Ltd., *Melbourne.* Representantes nas principais cidades do mundo.

Santomerse: marca registrada nos E. U. A.

O Santomerse No. 1 é um, somente, entre centenas de Produtos Químicos e Plásticos da Monsanto que servem a Indústria. Esse serviço industrial é precioso para todos os dirigentes de todos os ramos de negócios. Ele conduz ao melhoramento dos produtos, à redução dos custos, ao aumento das vendas. Se V. S. tem alguma dificuldade, é provavel que a Monsanto possa dar-lhe a respectiva solução.

★ ★ ★

Peça o Boletim P-118 sobre os Dados de Aplicação do Santomerse No. 1. Dirija-se à Monsanto Chemical Company, Foreign Department RD, St. Louis 4, E. U. A.

MONSANTO
PRODUTOS
QUÍMICOS E PLÁSTICOS

AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA... QUE SERVE A HUMANIDADE

Não espere que piore o RESFRIADO!

USE ESTAS GOTAS NASAIS DE DUPLO EFEITO:

V. CONSEGUE deveras alívio rápido para o tormento do seu resfriado da cabeça, quando põe algumas gotas de Va-tro-nol em cada narina. Sua medicação suavizante e desopilante acalma rapidamente a irritação, desprende os mucos tenazes, "desentope" o nariz entupido, e lhe permite voltar a r-e-s-p-i-r-a-r! *Mas isso não é tudo . . .*

USADA PRONTAMENTE, a fórmula especial do Va-tro-nol *estimula* as mucosas nasais a repelir a infeção—e, assim, detem muitas vezes a evolução de um resfriado sério ou de uma gripe. Este *duplo* efeito do Va-tro-nol já foi ensaiado e deu provas eficazes em 17.353 casos clínicos, sob a direção superior de médicos!

VICK

VA-TRO-NOL **GOTAS NASAIS**

Não há barbas rebeldes para GILLETTE TECH!

O novo Gillette TECH faz qualquer barba com maior segurança, suavidade, rapidez e economia, porque apresenta êstes aperfeiçoamentos superiores e únicos:

1. Frisos anti-deslizantes, para proteção contra cortes, mesmo no caso de um gesto brusco.

2. Aberturas amplas, para impedir a acumulação de espuma, facilitando a limpeza sob um jato dágua.

3. Barra distensora, para escanhoar a barba ràpidamente, sem irritar a pele.

4. Lâminas Gillette de dois fios extensos, garantindo maior número de barbas por lâmina.

AUMENTE O CONFÔRTO DE SUA HIGIENE PESSOAL, BARBEANDO-SE COM UM

Use sempre as legítimas lâminas Gillette Azul!

Gillette TECH

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

Não pode haver relógios

Mais Finos!

OMEGA AUTOMÁTICO

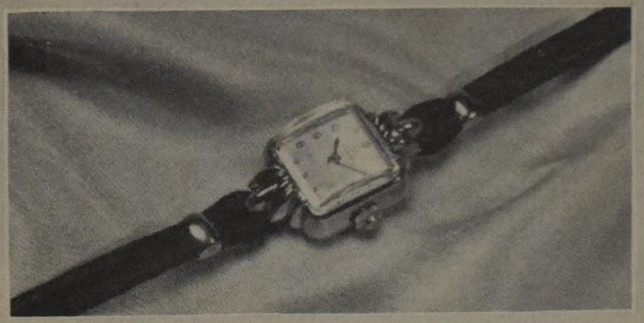
Combina a mais perfeita e engenhosa auto-renovação da corda com a Precisão Omega. É o relógio automático da mais notável resistência e ainda, para mais elegância, de menor espessura!

MODELO TEDDINGTON

De precisão oficialmente comprovada, porque sua máquina é exactamente igual à que detém desde muitos anos o primeiro lugar na célebre Prova Internacional de Precisão do reputado Observatório de Teddington, na Inglaterra.

CRONÓMETRO OMEGA 30 m/m

Precisão em grau supremo! Seu mecanismo assinala as mais notáveis performances dos anais da cronometria, graças a seu dispositivo especial de regulagem de alta precisão. É um cronómetro de pulso de classe única!



Realce para a elegância *Feminina...*

... e ainda possui a Precisão Omega!

Há um vestido para cada ocasião... Mas, sua elegância sempre se realça e completa com um fino e delicado relógio... com um Omega! É que esse relógio é uma pequena obra-prima da ourivesaria... E não é só... Omega lhe dá sempre o tempo certo, porque oferece esse ponto culminante da relojoaria suíça—a famosa Precisão Omega! Nos bons relojoeiros, admire os lindos modelos Omega!

Ω

OMEGA

O MÁXIMO DE PRECISÃO

FAZ MAIS PELO LAVRADOR

do que outro qualquer veículo

O 'Jeep' UNIVERSAL

O 'Jeep' Universal de transmissão nas 4 rodas é um carro que "vai-a-toda-parte" e "faz-tudo". É ideal para todo o serviço, desde a lavra da terra e a colheita, aos reboques e transporte de carga. Roda na estrada ou fora dela,—vai a lugares inacessíveis e faz coisas impossíveis a outros carros menos adaptaveis. Equipado com dispositivo (extra) para transmissão de força, o 'Jeep' leva a sua força-motriz aonde for preciso, acionando os mais variados tipos de maquinaria agrícola não rolante. Seu custo se distribui, assim, pelas mais diversas tarefas. O 'Jeep' executa maior variedade de trabalhos do que qualquer outra máquina agrícola.

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORP., TOLEDO 1, OHIO, E. U. A.

O GOLDEN STATE DÁ SAUDE E ALEGRIA ÀS CRIANÇAS

Aumenta de dia para dia o número das mães inteligentes que preferem o *Leite em Pó GOLDEN STATE* ... porque é riquíssimo em vitaminas, proteinas, cálcio e sais minerais.

Para o bem de seus filhos, minha senhora, dê-lhes *Leite em Pó GOLDEN STATE* às refeições ... para restaurar a energia que eles consomem quando brincam.

Verá que eles adoram seu fino paladar cremoso! É o leite ...

SUPREMO EM SABOR

Golden State BRAND **LEITE EM PÓ**

GOLDEN STATE COMPANY, Ltd., SAN FRANCISCO 11, CALIFORNIA, E. U. A.

Distribuidores no Brasil: SCHILLING-HILLIER S. A. INDUSTRIAL E COMERCIAL Rio de Janeiro

"MAQUILLAGE" PERFEITO...

com base Sub-Tint e Pó de Arroz "Air Spun"

Para sua beleza, um mundo novo se abriu quando Coty lançou o Pó de Arroz "Air Spun." Novos horizontes surgem agora com o novo SUB-TINT, creme base colorido, que prepara a epiderme para um "maquillage" uniforme, dando novo colorido à sua cútis.

Sub-Tint e Pó de Arroz "Air Spun"

Coty

Todos cantam sua terra

A cidade mineira de Ouro Preto, berço de heróis, teatro do imortal movimento libertador que foi a Inconfidência, é também um museu de inestimáveis relíquias. Os homens nascidos em Minas Gerais orgulham-se muito intimamente dos tesouros de Ouro Preto, um dos quais é a histórica Igreja de São Francisco de Assís, onde reluz, eternizado na pedra, o gênio do Aleijadinho. Também em Ouro Preto, como em todas as demais cidades das Alterosas, o cidadão mineiro, inteligente e prático, prefere Melhoral porque sabe que Melhoral é o analgésico de ação ultra-rápida e positiva.

No Brasil inteiro **Melhoral** é o primeiro

CONTRA DORES, GRIPES, RESFRIADOS

Como conseguir LUCRO com os Inventários

Hoje, mais do que nunca, é imperativo *prever as tendências* da procura—*aumentar os estoques* dos artigos cuja procura está aumentando—*reduzir a compra* onde a procura está caindo.

Hoje, V.S. necessita muito mais do que um simples registro dos estoques em mão e dos pedidos feitos: precisa de um verdadeiro controle dos inventários—um controle sensivel às flutuações do movimento de cada artigo—um controle que salte à vista e provoque providências destinadas a reduzir os estoques excessivos, causadores de prejuizos, e a evitar a redução de lucros resultante de estoques insuficientes.

Os sistemas e equipamento da Remington Rand lhe oferecem precisamente esse *controle de inventários—positivo e lucrativo*, ao mais baixo custo de operações.

Manter os inventários ao nivel da procura—atingir o índice ideal de movimento—dispor de registros que permitem a análise das tendências da procura—tudo isso se consegue com o Sistema Remington Rand de Controle de Inventários!

Tambem Sistemas Simplificados para melhor controle administrativo da Contabilidade . . . Produção . . . Vendas . . . Análises de Custos . . . Pessoal . . . Compras.

Para maiores informações sobre qualquer organização sistemática de negócios queira escrever à Remington Rand, Inc. Divisão de Exportação, Depto. A-21, 315 Fourth Avenue, New York 10, N. Y., E.U.A.

Remington Rand

O *PRIMEIRO* NOME EM ORGANIZAÇÃO SISTEMÁTICA

Crescido, bonito e gostoso...

e tão fácil de fazer!

Os bôlos feitos com A Dona são sempre melhores. Sua textura é mais leve e conservam-se frescos por mais tempo. A massa fica mais fácil de misturar também.

Bôlo de Chocolate "A Dona"

Derreter no fogo: 4 tabletes de chocolate (se quizer o bôlo bem escuro, acrescentar uma colher de sopa de chocolate em pó) • 1/2 chícara de açúcar • 1/2 chícara de leite. Deixar ferver e esfriar.

Peneirar junto: 2 chícaras de farinha • 1/2 colher de chá de sal • 1 colher de chá mal cheia de fermento em pó. **Bater** até ficar cremoso: 1/2 chícara de composto "A DONA" • 1 chícara de açúcar. **Acrescentar** 2 ovos, um de cada vez, batendo sempre. **Misturar** em seguida o creme de chocolate já frio. **Acrescentar** alternadamente a farinha peneirada com sal e fermento com 3/4 de chícara de leite • 1 colher mal cheia de bicarbonato diluído em um pouquinho de água quente • 1 colher de chá de baunilha. **Assar** em 2 fôrmas untadas com composto "A DONA" em forno quente durante 10 minutos, depois em moderado de 30 a 40 minutos.

COMPOSTO

A DONA

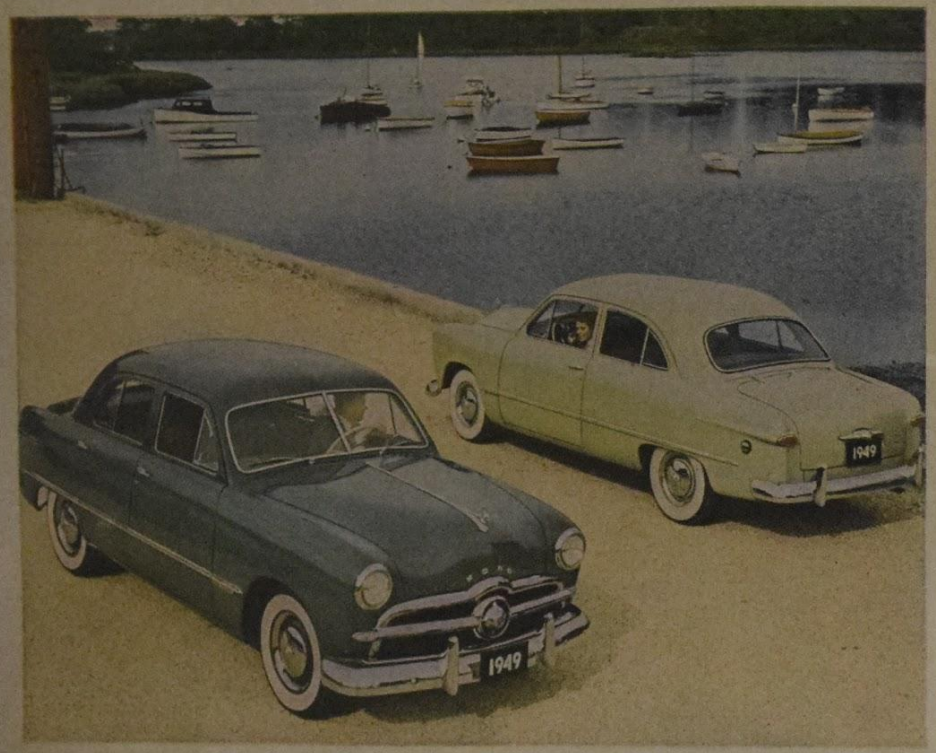
Swift

Companhia Swift do Brasil S. A.

LIVRO DE RECEITAS

Para receber o famoso Livro de Receitas Swift, envie 5 rótulos de diferentes produtos Swift para: Caixa Postal 4210, Dep. 1-25-A, São Paulo.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



Guie um FORD e SINTA a diferença!

Desde o primeiro quilômetro você já sente o valor do Ford. Sente a facilidade de guiar e a imediata obediência do seu novo e possante motor V-8. Sente o confôrto do seu novo molejo dianteiro e traseiro. Sente o poder dos freios extra grandes, agora 35% mais fáceis de aplicar. Sente a maior leveza da direção ultra-sensível. E por isso decide que . . . há um Ford em seu futuro!

Marcha Macia... *com assentos bem no meio do carro, não sôbre as rodas. Um centro de gravidade mais baixo dá maior estabilidade ao carro.*

FORD MOTOR COMPANY, SÃO PAULO, BRASIL

NOVO Há um Ford em seu futuro

SELEÇÕES

TOMO XVI
No. 90

do Reader's Digest

JULHO
de 1949

Condensações de artigos de interesse permanente

Este exigente personagem sabe o que quer, e como conseguí-lo

Uma criatura assombrosa— o bebê

(*Condensado de «Liberty»*)

Por George Kent

HÁ DIAS, um amigo meu voltou para casa em um estado de espírito folgazão e resolveu que havia de rolar no tapete e fazer tudo quanto fazia o seu bebê de seis meses. Quando o bebê se agitava, o mesmo fazia o meu amigo; e ele esbracejou, deu pontapés em todos os sentidos, arqueou o peito apoiando-se na cabeça e nos calcanhares para fazer a «ponte», sentou-se, deixou-se cair de costas... Ao cabo de meia hora, o meu robusto e saudavel amigo achava-se exhausto, e caía espichado no chão, arquejante! Quanto ao bebê, esse continuou alegremente nos seus exercícios, risonho como se não fosse nada com ele.

Aceite-se isso como ilustração do fato que a maioria das pessoas desconhecem: que o bebê, física, mental e psiquicamente, é muito mais forte do que nós, adultos. E posso prová-lo.

Ainda antes de nascer já ele é um assombro de força. Os médicos que têm estudado estas coisas por meio de delicados instrumentos, afirmam que o nascituro tosse, espirra, boceja, suspira, chupa o polegar, reage a cócegas. Até já houve quem o ouvisse chorar!

Certa mulher grávida contou que, tendo ido ao teatro, notou a dada altura que o feto, dentro dela, aplaudia como os outros espectadores. Outra se queixava de que não podia usar a máquina de lavar roupa, porque o zumbido desta provocava intoleraveis protestos por parte do seu jovem inquilino.

Outro fato notavel, atestado por médicos, é que o nascituro possui, embora inconscientemente, espírito de cooperação. Quando precisa de cálcio, recorre inexoravelmente às reservas da gestante. A natureza dá prioridade à criança, de modo que a mãe que sofra de carência de sais minerais, acabará sendo vítima de uma drenagem perigosa dos mesmos. Por outro lado, quando a gestante tem falta de hormônios—produto das glândulas de secreção interna—o bebê lhe dá com frequência o que ela precisa. Por exemplo, uma mulher que sofra de falta de secreção da tireóide, da pituitária, ou de outras glândulas endócrinas, poderá notar que o seu estado melhora durante a gravidez. O bebê produz o suficiente para ele e para a progenitora. Desta forma, mãe e filho põem seus recursos em comum.

Logo ao nascer, este assombroso indivíduo possui um coração que é, proporcionalmente, quase duas vezes maior que o de um adulto. A contagem do seu sangue acusa 6 milhões de glóbulos vermelhos—um a dois milhões mais do que nós possuimos. Respira mais depressa, tem melhor circulação, e o resultado é que já alguem lhe chamou «máquina de tremenda energia, palpitante e em constante crescimento». Ele tem mais ferro, mais cálcio, mais fósforo, mais vitaminas do que nós, adultos, e seu apetite é pantagruélico. Requer três vezes mais proteina, o que representaria quilo e meio de carne, ao passo que a proteina exigida pelo adulto se contem em apenas meio quilo. Alem disso, triplica de peso em um ano.

Ponha-se um recem-nascido na água—e ele nadará: com movimentos sinuosos, coleantes, parecidos com os de uma enguia. Infelizmente, ele nada literalmente «como um peixe»—isto é, com a cabeça debaixo d'água... Para que não se afogue, é preciso conservar-lhe a boca e o nariz acima da superfície. A dra. Myrtle McGraw, que fez numerosas experiências com bebês nadadores, conta-me que a melhor ocasião para se ensinar um bebê a nadar, é à idade de um ano, antes de ele ter adquirido receios e de ter perdido totalmente o instinto primitivo.

O recem-nascido é, com efeito, dotado de extrema robustez. Pode a gente suspendê-lo por um braço ou uma perna, sem que isso lhe cause dano, pois é bastante forte para aguentar seu próprio peso, dependurado por uma só mão. Até os pobres bebês esfaimados da Europa do após-guerra eram capazes disso! Um bebê é capaz de viver muito tempo privado de tudo, menos de água.

O capital mais importante do bebê, ao nascer, é a sua aptidão para sugar. Repare-se como ele vem apetrechado para isso: primeiro, o queixinho recuado, que lhe permite segurar bem com a boca o bico do seio materno; depois, aquelas duas bolas de gordura,

em forma de amêndoa, nas bochechas, para ajudar a sucção. Tem ele tambem um reflexo nervoso especial: dê-se uma leve pancadinha no lábio superior do bebê, e ver-se-á como ele estende logo a boca, como uma pequena ventosa, em posição de sugar.

Junte-se agora, ao superequipamento de que o bebê nasce dotado—sangue, coração, hormônios e sais minerais—uma verdadeira legião de anticorpos que ele recebe da progenitora. O resultado é a sua imunidade, durante os primeiros meses de vida, contra muitas doenças que mais tarde o virão assediar. É coisa virtualmente desconhecida um bebê com duas semanas ou menos ficar resfriado. Mesmo mais tarde, quando a família não faz senão espirrar e tossir, ele só apresentará sintomas benignos.

Existem no ser humano anticorpos benéficos que asseguram a imunidade; mas tambem os há maléficos, que provocam as chamadas alergias. O ser assombroso que acaba de nascer tem somente os anticorpos benéficos. O dr. Clement A. Smith, eminente pediatra da Universidade de Harvard, disse com perplexidade: «Por que razão a criança é tão afortunada, ainda não pudemos determinar.»

O dom supremo do bebê consiste, entretanto, na sua capacidade de adaptação à vida extra-uterina. Durante meses ele esteve alí, isolado e ao abrigo de choques, ruidos e sofrimentos do mundo externo, graças ao fluido amniótico e à parede abdominal. O nascituro encontra-se tão bem resguardado, que tem havido casos de a mãe cair, ou mesmo levar um ponta-pé, sem que o bebê sofresse quaisquer consequências.

Um belo dia, abruptamente—o nascimento. O bebê, até então comodamente instalado na sua câmara de ar condicionado, entra no mundo da luz e das sombras, do frio e do calor, das correntezas de ar, do barulho. Até alí, o alimento vinha a ele; agora é-lhe preciso procurar o alimento; habituado a flutuar num líquido, ele é forçado agora a jazer em uma cama que, por muito fofa que seja, ainda lhe parece dura demais. Livre até alí, praticamente, de todos os micróbios, vê-se agora assediado por enxames deles; e ele que, até então, não precisava de ar, vê-se de repente obrigado a dilatar os pulmões, achatados como uma folha, para respirar.

O bebê não é só fisicamente rijo: é esperto e habilidoso. Sabe o que quer, e como conseguí-lo. Para lidar com a sociedade humana, possui dois instrumentos; o sorriso e o vagido. O sorriso começa por ser uma vaga contração da face; mas o bebê não tarda a perceber que, utilizado oportunamente, o sorriso lhe traz compensações sociais, e enquanto o diabo esfrega um olho já ele está utilizando o sorriso para conseguir o que deseja. Sempre criador, ele não tarda a acrescentar-lhe um gorgolejo e, passado algum tempo, uma espécie de arrulho de prazer. O vagido ele emprega precisamente da mesma maneira—para atrair a mamãe, o papai, ou ambos, acompanhados do alimento, de roupas secas e de cuidados.

A rapidez com que a criança descobre o poder do sorriso e do vagido, é parte da sua fantástica capacidade de aprender. No decurso do primeiro ano, qualquer bebê normal aprende a dominar uma dúzia de aptidões e técnicas variadas, com rapidez tal que nenhum adulto poderia igualá-lo. Em um ano, ele aprende a engatinhar, a pôr-se em pé, a sentar-se, a andar. Antes de chegar aos dois anos, tendo partido do nada, já ele aprendeu uma linguagem. Aprende a conhecer o pai e a mãe, e um batalhão de parentes e amigos. A partir de então, o seu aprendizado consiste sobretudo em apurar aquilo que ele já sabe. Os conhecimentos básicos já lá estão todos.

Uma conhecida escritora disse que «se algum adulto conseguisse aprender em um ano tanto quanto um bebê, ele seria aclamado como um prodígio intelectual».

Segundo nos ensinou o dr. Arnold Gesell, da Universidade de Yale, o ser humano se desenvolve segundo um programa rigidamente prefixado. Quando os dentes começam a crescer, o queixo avança, a mandíbula se robustece, o aparelho digestivo se desenvolve, e o bebê está pronto para ingerir alimentos sólidos. A criança, quando nasce, já vem dotada de todos os músculos necessários para andar. É sabido que, amparados, muitos bebês têm dado os seus primeiros passos quando contavam apenas alguns dias de idade. Tente conseguir isso mesmo com o seu bebê de pouca idade: segure-o em pé, e verá que as perninhas dele executarão todos os movimentos apropriados. Mas o que falta aos bebês é o sentido do equilíbrio. Quando este se manifesta, a criança começa a andar. O mesmo pode-se dizer de outras aptidões mentais e físicas: todas elas têm a sua hora, e quando esta chega, o bebê as domina.

Chegados aqui podíamos parar; mas temos que tirar algumas conclusões. A nossa história tem, se assim o querem, uma «moral».

No bebê nós encontramos um ser assombroso—uma criaturinha a um tempo valente, rija e cooperativa. Ele chega ao mundo, pronto e ansioso para fazer parte da sociedade. Nós ficamos, é evidente, deleitados com a sua vinda, recebemo-lo carinhosamente e o amamos.

Mas nossa atitude em relação ao bebê é em grande parte negativa. Sobretudo para nossa própria conveniência, não tomamos conhecimento dos modernos conselhos da ciência, que permitem ao bebê traçar o seu próprio horário de alimentação. Dizemos «não» quando ele tem fome. Dizemos «não» quando ele molha a cama. E quando ele diz «não» nós dizemos «sim». Queremos forçá-lo a comer quando ele não quer—ou o que ele não quer. Obrigamo-lo a fazer suas necessidades sentado, antes que seu organismo esteja pronto para isso. Como somos maiores e mais fortes, levamos a melhor. E quando ele cresce e recusa fazer o que lhe mandamos, corremos com ele ao consultório do psiquiatra...

O que devíamos fazer, é indagar o que vai dentro de nós, em nosso

espírito e nosso coração. Este negativismo, esta perversidade, são inteiramente a nossa própria obra. Margaret Mead, a antropologista, descreveu um dia certa tribo da Nova Guiné, que não recusava nada aos seus bebês até estes chegarem aos sete anos de idade. Desse modo, em vez de se criarem como diabretes, eles se tornavam membros responsaveis e obedientes da família, dotados de doçura de carater. Não estou sugerindo que deixemos nossos filhos criarem-se à rédea solta. Tudo o que peço é que respeitemos o bebê, pois ele sabe, tão bem quanto nós, o que é importante para o seu bem-estar.

Quando um bebê chora de fome, é porque tem mesmo de chorar, não está fazendo manha. Em geral, o estômago da criança se esvazia em cerca de duas horas. Começam logo os movimentos e contrações que, mesmo nos recem-nascidos, são muito fortes e penosos. Os bebês sabem igualmente muito bem o que é bom para eles: A dra. Clara Davis, numa experiência que praticou na Universidade de Johns Hopkins, colocou algumas travessas com alimentos diversos em frente a um grupo de pequeninos, e deixou que eles comessem o que quisessem, e quanto quisessem. Um deles recusou os doces para preferir óleo de fígado de bacalhau; outro, como precisava de elementos minerais, serviu-se abundantemente disso; fez uma careta, é certo, mas continuou engulindo sal, porque era de sal que seu organismo estava mais necessitado na ocasião.

Assim, quem amar o seu bebê será tolerante com um ou dois de seus «fracos»; respeitará a personalidade dele com seus direitos e necessidades. Quem assim fizer, talvez não tenha a casa mais bem arrumada da cidade, mas terá crianças de primeira ordem, que serão, mais tarde, bons cidadãos.

Perigo invisivel

Os POSSUIDORES de automoveis novos, desses que têm a tomada de ar na frente, muito baixa, devem atentar para o seguinte acidente trágico ocorrido em Washington. Pouco depois de estacionar o carro, numa rua central, um motorista foi encontrado morto sobre o volante. A autópsia revelou que se tratava de um caso de envenenamento por monóxido de carbono. Segundo as investigações feitas, o carro estacionara logo atrás de um taxi cujo motor, ligado, deixava escapar o gás pelo cano de descarga. Experiências levadas a cabo em condições semelhantes indicaram que, em 22 minutos, a tomada de ar absorve esse gás do carro da frente em quantidade capaz de causar a morte.

—Adaptado de P. J. Valaer, em *Industrial Hygiene Newsletter*

Instantâneos pessoais

POTTER PALMER, conhecido capitalista de Chicago, era realmente devotado à sua bela e extravagante esposa. Em seu testamento, deixou-lhe tudo o que possuia, sem qualquer condição. Quando seu advogado lhe lembrou a possibilidade de a sra. Palmer vir a casar-se de novo, limitou-se a retrucar: «Nesse caso, o novo marido há-de precisar do dinheiro.»

—Ernest Poole, *Giants Gone: Men Who Made Chicago* (Whittlesey House, ed.)

UM JOVEM aspirante a poeta perguntou, certa vez, a Edwin Arlington Robinson:

—Qual o requisito mais importante para quem principia na poesia?

O poeta, falando por experiência própria, respondeu sem hesitar:

—Pouco apetite.

—E. E. Edgar

QUANDO o falecido William Knudsen tinha a seu cargo a produção de material bélico para o Exército norte-americano, telefonou a um dos vice-presidentes da General Motors em Detroit e pediu-lhe que fosse a Washington ajudá-lo a apressar os embarques de suprimentos militares.

—Mas o meu trabalho exige a minha presença aqui, foi a resposta do industrial.

—Diga ao seu presidente que eu preciso do senhor, insistiu Knudsen.

O vice-presidente retrucou que necessitaria de algum tempo para pensar e decidir sobre a proposta.

—Mas isso é claro, respondeu Knudsen, pode pensar. Eu fico esperando no telefone.

—Thomas H. Briggs

CERTA VEZ alguem perguntou ao professor Copeland, da Universidade de Harvard, por que ele morava no último andar do Edifício Hollis, em aposentos velhos e empoeirados. «Eu sempre hei-de morar lá,» respondeu o educador. «É o único lugar em toda esta cidade onde só Deus fica acima de mim.» E depois de uma pausa acrescentou: «Ele trabalha muito, mas em silêncio.»

—*Ladies' Home Journal*

O PRESIDENTE COOLIDGE contou-me este incidente sucedido com o filho dele, Calvin. «O rapaz estava trabalhando numa plantação de fumo no dia em que tomei posse da presidência. Alguns dos companheiros lhe disseram: Se meu pai fosse presidente eu não estaria trabalhando num campo de fumo! Ao que o jovem respondeu: Se seu pai fosse meu pai, vocês estariam, sim!»

—William Allen White, *A Puritan in Babylon* (Macmillan)

Um antigo membro do Partido Trabalhista da Grã-Bretanha narra como se desmoronou o seu sonho de um mundo melhor

Lições da experiência socialista na Inglaterra

Por Alfred Edwards
Membro do Parlamento Britânico

ATÉ 1945, compartilhei com meus colegas do Partido Trabalhista Britânico o sonho de um novo mundo que o socialismo viria criar, um mundo em que todos teriam uma vida melhor e mais cheia de significação.

Faz agora quatro anos que estamos no poder. Socializamos uma grande parte da vida industrial do país e submetemos o restante às diretrizes da planificação governamental. Passei longos anos discursando sobre os defeitos do capitalismo. Não retrato essas críticas. Mas acabamos de ver os dois sistemas funcionando simultaneamente, e só um cego poderá, ainda, afirmar que o socialismo é o meio de livrar-nos dos defeitos do capitalismo. O socialismo simplesmente não dá resultado. É preciso buscar algum outro remédio para as deficiências do sistema de iniciativa privada—mas sem que nos arrisquemos a proscrevê-lo.

Nós socialistas nos dedicávamos a descobrir os pontos fracos da indústria privada. Acreditávamos que o sistema fracassara por falta de planejamento; que faltava competência aos homens de negócio; que o operário era um escravo assalariado; que o mal do sistema era o espírito de ganância; e que quando fizéssemos a indústria produzir tendo em vista mais o consumidor do que os lucros, o trabalhador seria um homem livre e teria uma vida farta. Assim, nacionalizamos o Banco da Inglaterra, as ferrovias e o transporte rodoviário, a indústria de energia elétrica, a produção de carvão e a medicina. Projetamos, agora, nacionalizar a indústria siderúrgica.

Antes que esta última medida seja adotada, examinemos a situação do carvão, sob o regime de nacionalização, e a do aço, em mãos de particulares. Ninguem pretenderá alegar que a indústria carbonífera no sistema primitivo era modelar. Ante a trágica situação do país, tornara-se imperativo multiplicar a produção. O Partido Trabalhista encampou as minas, em nome do Povo, e votou um crédito de 25 milhões de libras esterlinas para mecanização e aumento da produção *per capita*. Entretanto, de junho a ou-

tubro de 1948, apesar da crescente mecanização e do fato de pertencer o carvão ao povo e não mais aos ávidos capitalistas, as minas produziram semanalmente 158 mil toneladas menos do que em 1938.

O operário terá deixado de ser um escravo assalariado? Ele ainda trabalha para ganhar o seu salário. Ainda tem patrão. Em lugar de trabalhar para um grupo de acionistas, trabalha agora para a vasta e amorfa massa chamada Povo. Em vez de um gerente com autoridade para resolver os casos que surgem a cada momento, há agora na mina um burocrata que não ousa dizer sim ou não sem enviar o problema, através de vários escalões ascendentes de burocratas, ao verdadeiro patrão, entidade remota com sede em Londres—o Conselho Nacional do Carvão.

A maioria das indústrias privadas vem acusando consideraveis aumentos na produção, desde 1945. O carvão, porem, acusa diminuição, fato que não escapou ao humor britânico. Quando Emanuel Shinwell foi transferido do Ministério das Minas para o da Guerra, Winston Churchill disse tratar-se de um bom augúrio, observando que enquanto ele, Shinwell, tivera a seu cargo as minas, não tivemos carvão; consequentemente, era de esperar que, agora, não tivessemos guerra. Um dos nossos caricaturistas pintou um mineiro dirigindo-se ao ministro das minas: «V. Excia. nos disse que no regime socialista ganhariamos mais dinheiro com menos trabalho. Pois bem, já estamos trabalhando menos. Quando é que vão pagar-nos mais?»

Não nos deveria surpreender o fato de que a interferência do governo não faz senão amortecer o ritmo do rendimento. As razões são óbvias. Em primeiro lugar, as minas de carvão estão sob a imediata direção de um funcionário público habituado a nada decidir sem os competentes pareceres dos seus superiores hierárquicos. Este método poderá ser tolerado nas repartições públicas, mas não na indústria, que requer decisões rápidas.

Eis um fato que, apesar de trivial, é bastante significativo: os mineiros, sobretudo os jovens, fazem questão de lavar-se e pentear-se ao terminarem o trabalho, pois saem da mina sujos e desgrenhados. Assim, gostam de encontrar no armazem da mina um fixador de cabelo chamado Brylcreem, muito apreciado pelas moças. Na indústria privada, o gerente mandaria sem demora suprir o armazem. Mas no regime atual, esse pedido insignificante teve que passar pelo representante local da mina, em seguida pelo comitê local, depois pelo comitê regional, chegando, finalmente, ao Conselho do Carvão, em Londres. A seguir, a papelada voltou pelos mesmos «canais competentes». Quando o mineiro recebeu o fixador, já tinha provavelmente perdido a pequena...

Em segundo lugar, o operário não produz mais pelo simples fato de estar trabalhando para um governo socialista em vez de para o patrão capitalista. Os homens dão a vida por um grande ideal, mas já não há dúvida de que só trabalham mais, por salários maiores

—sempre o intuito de lucro. E o governo socialista proclama não acreditar no sistema de lucros.

O próximo objetivo do socialismo é a indústria do aço, sem dúvida a mais eficiente da Inglaterra—e talvez do mundo. Produziu onze milhões de toneladas em 1938, e mais de quinze milhões em 1948, apenas com um ligeiro aumento na mecanização. Em trinta anos, não teve uma só greve. O nivel dos salários, em virtude de acordo, oscila com a flutuação dos preços.

Quando, à luz dos resultados da intervenção na indústria carbonífera, o partido começou a projetar a socialização do aço, levantei minha voz para opor-me à medida. E fui expulso do Partido. Estou convencido de que seria um crime transferir esta indústria tão eficiente para as mãos que desarticularam a produção da hulha. Acredito que os principais líderes do Partido não estejam ansiosos por consumar esta arriscada operação; mas o fato é que estão sendo compelidos pelos seus colegas mais radicais—principalmente por Aneurin Bevan, que ameaçou renunciar se o Partido não socializar a siderurgia. A Inglaterra poderia perfeitamente sobreviver à prometida renúncia do sr. Bevan, mas não sobreviveria à socialização da sua indústria siderúrgica.

O Partido Trabalhista participa da curiosa ilusão de que o governo é dotado de poderes mágicos para traçar um planejamento industrial perfeito. Essa ilusão se agrava com a crença errônea de que a indústria capitalista não é planificada. O conceito trabalhista de planejamento se resume na colocação de jovens diplomados pela Faculdade de Economia de Londres, sem nenhuma experiência, à testa de algumas das nossas maiores indústrias. E os seus planos, postos em forma esquemática, são executados por um grupo de funcionários públicos e políticos do Partido.

Alguns desses jovens planejadores mágicos têm encarregado empresas particulares de triplicarem a sua produção. Gritam, tal como G. D. H. Cole, prolífico escritor do Partido: «Produzam mais aço. De que servem 16 milhões de toneladas, quando precisamos de 25 milhões?» Mas por que não determinam o mesmo à indústria do carvão? O carvão lá está, no fundo das minas. Mas o país não dispõe, para a produção de aço, senão de sete milhões de toneladas de ferro e oito de sucata. A Inglaterra e os Estados Unidos têm esquadrinhado o mundo em busca de sucata, mas sem resultado. O «planejador», entretanto, não atenta para um detalhe insignificante como esse...

Comparemos o planejamento socialista com, digamos, o da Ford Motor Company, que é maior do que toda a indústria automobilística britânica reunida. Durante a guerra, visitei a fábrica Ford de bombardeiros, em Willow Run, onde os gigantescos quadrimotores B-29 eram produzidos à razão de um por hora. Pareceu-me inacreditavel que 35 mil peças—manivelas, rodas, parafusos, porcas, chapas, fios, instrumentos—pudessem convergir, simultaneamente, de todos os

cantos da fábrica para um único ponto de montagem, de acordo com o plano preestabelecido. Numa daquelas imensas aeronaves inacabadas, li uma tabuleta que dizia: «Este avião sairá às 3 h 15.» Decidí verificar a exatidão do aviso. Pouco antes da hora, pedí ao guia que me levasse ao hangar de onde deveria sair o monstro terminado. Quando correram as enormes portas e vi surgir o B-29, olhei para o meu relógio.

«Três e 16,» exclamei. E antes que acrescentasse: «Que precisão assombrosa!» o guia voltou-se para mim e observou: «O seu relógio está um minuto adiantado, Mr. Edwards.» É claro que aquele planejamento não fôra traçado por amadores.

Estamos aprendendo, embora por um preço exorbitante, que os homens que antes dirigiam as nossas grandes indústrias tinham um certo tino—precisamente o tino necessário à gestão de uma indústria. Comparemo-los com a administração da nossa indústria do carvão. O Estado é, hoje, proprietário das minas. O Partido Trabalhista dirige o Estado; os sindicatos operários dirigem o Partido. O dos mineiros é dominado pelo seu secretário, Arthur Horner, conhecido comunista que declarou publicamente que o país, se for à guerra contra a Rússia, não disporá de carvão. O gabinete trabalhista nomeia os administradores da indústria. Desse modo, verificaremos que o homem encarregado de uma importante região carbonífera é um antigo chofer de praça que se tornou lider de um sindicato de motoristas. Terá ele, sem dúvida, qualidades de lider sindical, mas nenhuma habilitação para gerir a indústria da hulha.

Que nos terá levado a supor que uma transferência de propriedade, das mãos do grupo que construira as empresas para as mãos de um grupo que nada construira, resultaria em benefício dos trabalhadores? Cometemos o erro de acreditar que os jovens economistas dariam melhores administradores por possuirem o sentido dos valores sociais, atributo que faltava aos velhos e gananciosos donos da indústria. Pouco a pouco, fui-me apercebendo de que nós, socialistas, falávamos como se nada tivesse ocorrido no setor industrial nos últimos 50 anos. Muitos industriais esclarecidos estão hoje mais avançados do que os próprios líderes do Partido Trabalhista e já compreenderam que os seus lucros e dividendos saem, de certo modo, da folha de pagamento dos operários. A ausência de desemprego no país é tão essencial à prosperidade dos patrões, como à dos trabalhadores. Houve um tempo em que eu acreditava que os operários eram contratados para fabricar mercadorias destinadas ao consumo das demais classes. Mas aprendí, depois, que a maior parte da produção é vendida à própria classe proletária. Os salários altos fizeram a prosperidade dos Estados Unidos—altos salários para os operários, altos lucros para os patrões. Ou todos se beneficiam, ou ninguem. Os líderes modernos do mundo dos negócios sabem disso.

A situação da Inglaterra é, hoje, das mais dificeis. O país não pode viver sem importar e não pode fazer aquisições no exterior sem ter, primeiro, o que exportar. Nossos automoveis, carvão, aço e produtos químicos têm de enfrentar a concorrência dos demais paises exportadores. Como poderão as nossas indústrias competir com as dos Estados Unidos ou as de outros paises capitalistas, se nossos produtos saem de fábricas socializadas, onde a produção baixa mantem os preços altos? Os líderes do Partido têm a resposta no fundo das suas consciências.

O Partido Trabalhista encampou as estradas de ferro e o transporte motorizado — ônibus e caminhões. Perguntei a Alfred Barnes, diretor do Conselho de Transportes, por que haviam socializado o transporte rodoviário. «Estou informado de que se tivéssemos tomado apenas as estradas de ferro,» respondeu ele, «não poderiamos aguentar a concorrência.» Retruquei: «Em outras palavras, isto significa que vocês estão dispostos a tornar o transporte rodoviário tão ineficiente como as estradas de ferro?» É possivel eliminar, por este meio, a concorrência das rodovias; mas quando se tratar de competir com indústrias privadas estrangeiras altamente eficientes, não poderemos superar a dificuldade pelo mesmo processo simplista de encampar nossos concorrentes.

A socialização fracassará sempre, porque não basta chamar um homem inteligente e dizer-lhe: «Você dirigirá a indústria cinematográfica.» A seleção dos dirigentes na indústria privada se faz por um processo tão simples quanto eficaz—ou o indivíduo tem êxito ou deixa o lugar. Mas quando cabe aos políticos escolher os dirigentes da indústria, os escolhidos são tambem políticos. Em suma, o êxito na política é caminho aberto para um importante posto industrial, com um gordo salário. É assim que funciona o socialismo na Inglaterra. E não há nenhuma perspectiva de mudança.

Há, ainda, outro aspecto alarmante que devemos considerar. Nosso Partido Trabalhista subiu ao poder corroendo os alicerces do velho Partido Liberal. Para se manterem no governo de 1906 a 1918, os liberais fizeram numerosas concessões aos trabalhistas em troca de apoio no Parlamento. Quanto mais concessões fazia o Partido Liberal, maior era o número de indivíduos que abandonavam suas fileiras, e mais posições conquistava o Partido Trabalhista. Devemos perguntar-nos, agora, se os comunistas conseguirão, por sua vez, corroer os alicerces do Partido Trabalhista. Os comunistas não são admitidos no Partido. Mas o são nos sindicatos, que controlam o Partido. A massa dos sindicalizados não dá maior importância a questões ideológicas. Quer um emprego, um bom salário, menos horas e melhores condições de trabalho. Se os líderes do Partido favorecem estes objetivos, pouco lhe importa a linha política partidária.

Dez homens, hoje em dia, influenciam fortemente a política do movi-

mento sindicalista. Um é o comunista Arthur Horner, da poderosa União dos Mineiros. O Sindicato dos Operários das Indústrias Elétricas, entre outros, está infestado de comunistas. Fico satisfeito em saber que os comunistas do movimento sindical, atuando através das suas figuras de proa, são os responsaveis pela pressão que vem sofrendo o Partido Trabalhista para a nacionalização da indústria siderúrgica. Quanto mais nos aprofundarmos na nacionalização, mais rígido necessitará ser o controle sobre o país. Os nossos velhos líderes socialistas, em sua maioria, não se ajustam a tais extremos. Afinal de contas, eles são, acima de tudo, ingleses. Os comunistas, entretanto, estão em condições de fornecer elementos particularmente aptos para o exercício desse controle. Se a experiência atual fracassar, dir-se-á aos trabalhadores que foi por falta de combatividade dos líderes do Partido Trabalhista. Essa, a história do insucesso de todos os governos de tendência socialista. E é das fileiras socialistas—e nunca das capitalistas—que têm saido sempre os impiedosos dominadores totalitários: os comunistas na Rússia, os fascistas na Itália, na Áustria e na Alemanha.

É enorme o número de apóstolos socialistas que, em outros paises, terminaram seduzidos pela idéia da força. Estão, entretanto, errados. Em 30 anos de organização socialista, a Rússia não conseguiu produzir abundância à força. Apesar de incluir o chicote e o campo de concentração entre os seus instrumentos de compulsão, teve, afinal, de admitir o estímulo do lucro. Passou a empregar incentivos e, o que é mais surpreendente, produziu o homem mais trabalhador da face da terra—o camarada Stakhanov—um tal prodígio de operosidade que foi orgulhosamente exibido em todo o país como o supremo exemplo, no mundo, da eficiência do escravo assalariado, quando movido pelo lucro.

A história dos últimos anos é desoladora para os que um dia sonharam com um mundo novo sob a égide do socialismo. A abundância que esperávamos produzir para todos só pode ser alcançada pelo trabalho intenso. E parece evidente que o homem só trabalhará intensamente sob um destes dois aguilhões: o lucro ou a força.

Cegos e «cegos»

UM TRANSEUNTE, ao jogar um niquel no chapéu de um cego, errou a pontaria e a moeda rolou na calçada. Como o mendigo tivesse saido imediatamente para procurá-la e recolhê-la ao chapéu, exclamou:

—Ora essa! Pensei que você fosse cego!

—Eu não sou o cego que faz ponto aquí, não senhor. Eu só fico aquí enquanto ele vai ao cinema.

—Neal O'Hara, McNaught Syndicate

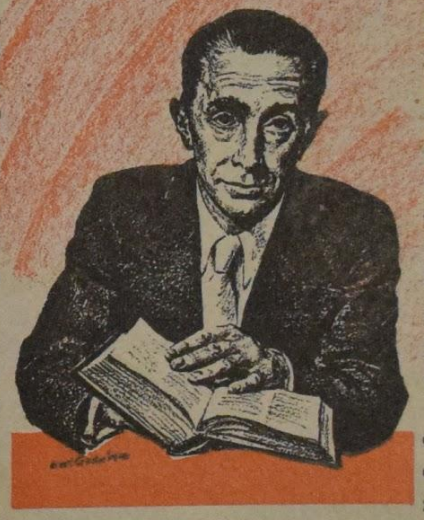
O médico solitário de cuja perícia e coragem dependem a saude e a vida dos habitantes do gélido norte da Suécia

Um médico nos confins do mundo

(Condensado de «United Nations World»)

Ralph Wallace

NUMA POBRE cabana da bravia Zona Ártica da Suécia—área de florestas impenetraveis e tormentas uivantes—um médico ajoelhou-se junto a uma paciente abatida, para lutar contra a morte. Na véspera, um lapão alucinado cambaleara a um telefone remoto para informar que a esposa estava passando mal com o seu primeiro parto. Durante 18 horas, o médico caminhara de esquí, numa temperatura de 40 graus abaixo de zero, para prestar assistência à parturiente e esforçar-se por salvar-lhe a vida.



Esse notavel médico—exemplo de abnegação e de competência—é Einar Wallquist, de Arjeplog, na Suécia. As dez mil milhas quadradas da região em que ele clinica são tão solitárias como o outro lado da lua. Caudalosos rios espraiam-se pela aterradora paisagem, comprimindo-se pelas gargantas em catadupas assassinas; montanhas cobertas de gelo estendem-se em ondas de granito até a fronteira da Noruega. Quando o tempo o permite, o médico acode aos casos de emergência em um avião-ambulância munido de esquís ou de flutuadores; se o tempo é mau, chega até os pacientes a pé ou de bote.

O próprio dr. Wallquist empresta um quê de paradoxal a esse seu tenebroso setentrião. Minúsculo, mas elegante—não tem mais de 1,52 m de altura, e não chega a pesar 50 quilos—é dotado de resistência ferrea. Tem o rosto vivo e, conquanto já haja completado 52 anos de idade, seus cabelos ainda são tão negros como o eram aos 20. Cen-

tenas de homens e mulheres, espalhados por todo o globo, devem a sua vida a esse médico intrépido. Durante a Segunda Guerra Mundial, salvou da escravidão nazista quase cinco mil refugiados evadidos da Noruega através de selvas e intempéries de arrepiar até exploradores veteranos. Para eles e para os aviadores norte-americanos e britânicos forçados a descer naquela inhospita região, o dr. Wallquist foi o providencial portador de cura e vida nova, da mesma forma que, há 25 anos, o vem sendo para seus 4.800 clientes habituais.

O dr. Wallquist passou a juventude na pequena cidade de Langed, no sul da Suécia. Seu pai, abastado fabricante de papel, deu aos filhos professores particulares e criadagem. O progenitor queria que o jovem Einar se fizesse engenheiro, especialista em polpa de papel. Mas Einar se rebelou: havia de ser médico. Completou em oito anos, e com distinção, os dez anos do curso de medicina da Universidade de Úpsala. Mas, durante todo o tempo que praticou como interno, conturbou-se com a perspectiva de uma carreira vazia, de médico da alta sociedade.

A essa altura, no longínquo norte, sobreveio uma tragédia—e com ela a oportunidade para o jovem Wallquist. Em princípios do decênio de 1921-1930, o epílogo da Primeira Guerra Mundial—a influenza—varreu a Lapônia sueca com a rapidez e o horror de um incêndio na mata. Em toda a enorme região circunjacente à pequena cidade de Arjeplog, situada a 185 quilômetros da estrada de ferro, não havia médico. Wallquist aceitou um posto de médico oficial.

Nenhum início na prática da medicina poderia ser mais desalentador. Os lapões revelaram-se especialmente suscetiveis ao temivel virus da influenza. Acompanhando os rebanhos de renas pelos ermos sem trilhas, viviam expostos ao vento, em barracas frias, feitas de peles daqueles animais, ou em cabanas construidas de ramos e turfa. Morriam como moscas.

Wallquist teve de se acostumar a três meses de inverno, em que o sol nunca nasce e em que a temperatura desce a mais de quarenta graus abaixo de zero. Tinha que ir de esquís às solitárias cabanas dos lapões, munido apenas de coragem, bússola e uns mapas rudimentares. Trabalhava, às vezes, 20 ou mesmo 24 horas por dia. «Fiz o possivel,» disse-me Wallquist, «mas não havia possivel que bastasse.» Chegada a primavera, já mais de mil lapões haviam perecido.

Finda a epidemia, Wallquist decidira dedicar a vida a essa gente que vivia isolada. Na selva a morte usava os mais variados meios de ceifar vidas humanas: frio, loucura provocada pela solidão, enfermidade, acidentes e feras. Mas tambem havia a esperança e a coragem.

Coragem como a de Eskil, o caçador que, ao voltar para casa, foi atacado por um gigantesco urso. Não tinha arma e, assim, atirou-se à neve, fingindo-se morto. O urso lacerou-lhe a cabeça e os ombros, lambendo-lhe o sangue. Em agonia, mas sem desfalecer, Eskil ouviu o urso afastar-se, mas foi só para voltar e renovar o ataque. De algum jeito, o caçador conseguiu sobreviver e rastejar quase um quilômetro até sua cabana. «Quando cheguei,» diz Wallquist, «fui encontrar Eskil só com a metade do couro cabeludo e com 55 ferimentos pelo corpo. Não obstante, restabeleceu-se. Gente rija, os lapões.»

Ou como no caso de Angol, rapaz de 18 anos, que quase rompeu a artéria femoral na virilha, quando talhava rena. O irmão, que no ano anterior observara o dr. Wallquist suturar-lhe um ferimento de machado, coseu o talho com a linha e agulha de sapateiro que todos os lapões sempre levam consigo. O pai correu dez quilômetros até o telefone mais próximo, afim de chamar Wallquist. Em oito horas, Wallquist transpôs a pé quase 50 quilômetros, saltando de moita em moita nos lúgubres pântanos, vencendo dunas de neve.

Wallquist compreendeu que somente uma intrincada intervenção cirúrgica poderia salvar o rapaz. Um rio vizinho, torrencial em virtude do degelo da primavera, oferecia a única saida. Carregaram Angol para um bote, que foi conduzido por cordas, através das corredeiras ululantes. Depois o bote foi içado e impulsionado por cima das barreiras de toras encalhadas, arrastado sobre o gelo pelos tripulantes, que saltavam a bordo quando a superfície congelada cedia sob os seus pés. Setenta e duas horas depois do acidente, Wallquist internava Angol num hospital de Estocolmo. Hoje, Angol é de novo forte e robusto.

No tenebroso norte de Wallquist, ouvem-se incontaveis casos de sua galhardia abnegada. Ouve-se como, horas a fio, aqueceu com o próprio corpo um paciente, a uma temperatura de mais de quarenta graus abaixo de zero, até que conseguiu interná-lo num hospital; como, após vinte anos de aplicação de tuberculina em todas as crianças, conseguiu reduzir de 80% o índice da tuberculose na Lapônia.

Quando Wallquist chegou a Arjeplog, em 1922, os únicos recursos de que dispunha eram seu estojo de cirurgião e as mãos. Mas insistiu com o governo para que este construisse um magnífico hospital de 50 leitos; e agora já tem duas pequenas enfermarias com três enfermeiras itinerantes, para servirem a vizinhança, um confortavel asilo para a velhice e um internato para os filhos dos lapões nômades.

Depois que os alemães invadiram a Noruega, em 1940, os grandiosos planos de Hitler, de construir uma nova ferrovia para ligar Oslo ao Cabo Norte, encheram a Noruega setentrional de milhares de trabalhadores escravizados, de todas as nacionalidades, que ansiavam por escapar para a Suécia. Mas 6.500 quilômetros quadrados de território deshabitado perlongavam a fronteira. Wallquist persuadiu a maior parte dos lapões e suecos sadios, da montanhosa e desolada região, a engrossarem as tênues fileiras das patrulhas de fronteira suecas.

Trinta cabanas de lapões abandona-

das foram providas de caixinhas de pronto-socorro, botas, meias, suéteres, cobertores, alimentos, lenha e fósforos. Avisos escritos em oito idiomas apontavam o caminho aos refugiados; um rádio de ondas curtas estava de prontidão, para pedir socorro. Não bastava que a brigada de voluntários patrulhasse incessantemente a esteril fronteira; se houvesse pegadas que denunciassem a presença de um fugitivo nas cercanias, todos os homens eram mobilizados para procurar a vítima enregelada.

Alguns fugitivos foram descobertos demasiado tarde, outros jamais o serão. Mas o planejamento cuidadoso e a perícia médica salvaram todos os cinco mil encontrados, com exceção de seis apenas. Centenas deles perderam mãos, pés, braços, orelhas. Outros resistiram a incriveis provações, como o jovem polonês que caminhou descalço durante 19 dias porque tirara as botas para friccionar os dedos congelados e não as conseguira calçar de novo. Um lapão encontrou um tcheco completamente nu, num frio de 26 graus abaixo de zero—a Gestapo tirara-lhe a roupa depois de uma tentativa de fuga anterior. O fato mais assombroso foi o seguinte: certo outono, um oficial ucraniano afundou nas águas de um rio ao pisar a fina crosta de gelo que as encobria; conseguindo galgar a margem, deixou-se ficar deitado no chão, e foi transformado num sólido bloco de gelo. Ficou assim imobilizado, até que uma patrulha de lapões o descobriu por acaso, 24 horas depois do acidente. Por incrivel que pareça, sobreviveu, depois de amputadas ambas as pernas.

O dr. Wallquist tem tido uma vida de incrivel utilidade e êxito, havendo nisso ultrapassado a maioria dos médicos. Já escreveu, nas «horas vagas», oito obras que constituiram sucessos de livraria. Após uma experiência demorada, recebida com encômios, provou pela primeira vez que o *lemming* —pequeno roedor, prodigiosamente fecundo, daquela região—era a fonte de misteriosa enfermidade, que ele provou ainda tratar-se de tularemia. E—talvez seu maior motivo de orgulho —trouxe ao mundo três mil crianças, todas sadias, no moderno hospital que se ergue onde, há 20 anos, havia apenas uma colina escalvada.

Rivalidade universitária

UMA CASA de corretagem, em Boston, pusera um anúncio pedindo «um jovem formado pela Universidade de Harvard ou o equivalente». Entre as respostas havia uma, de um jovem formado pela Universidade de Yale: «Quando V.S. se refere ao equivalente,» escreveu ele, «quer dizer dois diplomados pela Universidade de Princeton ou meio-dia de trabalho de um formado em Yale?»

—This Week Magazine

Uma reafirmação do velho preceito de que as melhores coisas da vida são de graça

O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

(*Condensado de «Your Life Magazine»*) Por I. A. R. Wylie

O AMOR ao dinheiro tem sido chamado a «raiz de todos os males». Mas o fato é que quase todos nós passamos a vida trabalhando por dinheiro, preocupando-nos com o dinheiro, chegando mesmo alguns a matar e a morrer pelo vil metal. O que fazemos para conseguí-lo e o uso que lhe damos são a medida indicadora do que somos—generosos ou avarentos, honestos ou deshonestos, econômicos ou perdulários. Mas, afinal de contas, que desejamos que o dinheiro nos dê?

Em duas palavras, creio que todos almejamos a felicidade e um futuro isento de apreensões financeiras.

A felicidade é uma emoção imensuravel. Podemos buscar e até comprar o prazer. A verdadeira felicidade, ao contrário, é um visitante misterioso que apenas os mais avisados sabem convidar, mas que algumas vezes surge inesperadamente. Um dos momentos mais felizes da minha vida nada me custou. Eu estava praticamente sem vintem e fui visitar uma artista amiga que se encontrava nas mesmas condições, para lamentarmos, juntas, a nossa situação. O estúdio dela, nos fundos de uma casa, dava para um quintal tranquilo, de onde se subia por um estreito lanço de escada. No patamar havia uma janela alta emoldurando um galho de macieira em flor que balouçava suavemente, iluminado pelos raios do sol primaveril. Nada mais que isso. Mas ante esse espetáculo de singela beleza, sentí-me subitamente possuida de uma sensação de alegria e de paz. Pensei comigo mesma: «Agora sei onde está a verdadeira felicidade; nunca mais serei totalmente infeliz.» Minhas dificuldades financeiras reduziram-se às justas proporções. E provavelmente graças a esse meu novo estado de espírito, conseguí vencê-las em pouco tempo.

A mulher extraordinária que ensinou à menina Helen Keller, cega, surda e muda, a tornar-se um ser humano evoluido e superior, soletroulhe, em suas mãozinhas ávidas de curiosidade, frases como esta: «As melhores e mais belas coisas do mundo não podem ser vistas nem tocadas, mas apenas sentidas no coração.» O mal da nossa educação, em geral, reside na importância exagerada que se atribui à aquisição de bens materiais, como medida de êxito. Não há dúvida que é uma lição facil de se dar. Não exige nenhum esforço espiritual convencer uma criança de que uma garage para dois automoveis, boas roupas e uma casa em bairro elegante constituem a base da vida ideal. É muito mais dificil ensinar-lhe que a felicidade—único elemento básico da vida ideal—não residindo em bens materiais, não pode ser comprada.

A felicidade não nos vem procurar acedendo a acenos de suborno, mas somente quando nossas portas estão abertas, hospitaleiramente, para recebê-la. O pior dos males que a falsa avaliação do dinheiro nos pode trazer é induzir-nos a fechar essas portas. Nós as fechamos, trancando os nossos bens, enquanto o hóspede esperado passa por elas sem se deter. Quando Cristo se referiu à dificuldade de os ricos ganharem o Reino dos Céus, queria, provavelmente, dizer que eles haviam perdido a capacidade de gozar o Céu, assim como haviam «vendido» a sua capacidade de usufruir as coisas realmente dignas de apreço neste mundo. Mas não são apenas os ricos os que malbaratam essa capacidade. Todos nós conhecemos pessoas remediadas ou pobres, de tal forma obcecadas pela idéia das coisas que suas famílias deveriam possuir e não podem adquirir, que nem sequer se apercebem do ramo de macieira em flor, ao lado da janela—ou mesmo do rosto afavel do vizinho.

No verão passado, estive na Inglaterra, onde o dinheiro, até certo ponto, perdeu a sua significação—o poder aquisitivo. Os que dele dispõem já não conseguem obter o que desejam. Roupas, comida, automoveis, gasolina e as antigas formas comuns de divertimento, todas essas coisas estão racionadas, ou não existem, ou são dificeis demais de conseguir. Entretanto, quem espera encontrar uma população triste e resmungadora, tem uma surpresa agradavel. Hospedei-me em casa de uma antiga colega que, nos tempos confortaveis de antes da guerra, vivia insatisfeita e queixosa. Tinha de tudo—e nada a agradava. Agora, que não tem muito de coisa alguma, são inúmeras as coisas que lhe agradam. Descobriu em si mesma caminhos que levam à felicidade, antes ocultos pelo dinheiro.

Nossa falsa avaliação do dinheiro assume formas distintas, segundo o tenhamos demais ou de menos. É conhecida a história dos dois homens que morreram afogados no Rio Hudson no mesmo dia. Um era um pobre que, tendo ganho cinco mil dólares no *sweepstake*, bebeu tanto para comemorar o acontecimento, que acabou caindo no rio. O outro era um milionário

que, tendo perdido a fortuna e ficado apenas com cinco mil dólares, decidira suicidar-se. Para esses homens, o mesmo dinheiro—demais para um, de menos para o outro—assumira tamanha importância, que ambos perderam a cabeça e, com ela, a vida. Naturalmente, não foi o dinheiro que os destruiu, mas o que o dinheiro representava para cada um: no caso do pobre, as inúmeras coisas sem as quais tivera sempre que viver; no caso do milionário, as tantas coisas sem as quais acreditava não poder viver.

No fundo da nossa exagerada preocupação pelo dinheiro está o desejo de assegurar e garantir o futuro. O dinheiro se nos afigura como a defesa contra as vicissitudes e surpresas do destino e tratamos de acumulá-lo como empilhamos sacos de areia nas margens de um rio que ameaça transbordar e afogar-nos. Minha teoria com relação ao problema do dinheiro, embora não seja aplicavel a casos especiais, pode ser util de um modo geral. Meu pai foi um financista visionário e a minha infância passou-se num ambiente de esplendor até que um dia os credores chegaram e levaram tudo, menos o fogão da cozinha. Fomos depois perseguidos de tal forma por contas a pagar, que adquirí um horror quase mórbido a dívidas.

Aos 18 anos, tive que trabalhar para viver. O primeiro conto que escreví foi vendido por 25 dólares. Encontrava-me, então, na Alemanha dando lições de inglês por um preço insignificante a jovens alemãs que, felizmente, nunca chegaram a descobrir quanto era fraca a minha ortografia. Usava as roupas velhas de minhas amigas. Mas à medida que melhorava a minha situação financeira, delineava-se o embate entre minhas tendências hereditárias e a cautela adquirida. Deveria guardar para os dias dificeis o dinheiro ganho ou usufruir imediatamente o que ele me podia proporcionar? Acabei encontrando um meio-termo. Economizo para os dias dificeis, mas não me deixo vencer pela ânsia de empilhar o dinheiro. Quando ganho bastante, permito-me umas quantas visitas a bons restaurantes e lojas, satisfaço alguns caprichos, ou mesmo caprichos de outrem (o que tambem é fonte de prazer). Mas quando as coisas não vão lá muito bem, ponho de lado, sem sacrifício maior, essas «extravagâncias». Mesmo durante os meus «vôos» mais arriscados, mantenho sempre à vista um bom campo de aterrissagem.

Não tem sido facil manter o meu equilíbrio orçamentário. Momentos há em que sinto crepitar dentro de mim a paixão pelo dinheiro—e apercebo-me de que o estou economizando apenas para possuí-lo. Em outras ocasiões, horroriza-me a lembrança do que é a extrema pobreza. Mas, cedo ou tarde, recupero a tranquilidade: restituo ao dinheiro o seu verdadeiro papel, isto é, o de meio para vários fins, e nada mais.

A vida nunca foi e jamais será estavel. A estabilidade é uma das muitas ilusões que surgem para se desfazerem ao embate com a realidade. Somos todos, ricos ou pobres, personagens de

uma grande aventura. Os que se preocupam demasiado com os possiveis tropeços tornam-se aventureiros vulneraveis e fracos.

O orgulho que associamos ao dinheiro é um falso orgulho que eleva este a um nivel irreal. Se soubermos manter o dinheiro no seu devido lugar — exclusivamente como instrumento de troca, sem valor intrínseco — poderemos enfrentar tanto o insucesso como a prosperidade.

Tudo pode acontecer

Excertos da seção de miscelânea da revista «Time»

Prisão... elástica. Em Tyler, no Texas, um juiz compreensivo aceitou a seguinte desculpa da sra. Harriett Wood, por ter estacionado mais que o tempo permitido em frente a uma loja de artigos para senhoras: presa em uma cinta, sem saida.

Animal sabido. Nas redondezas de Chicago, um cavalo de puxar arado, de nome Almirante, morria de calor uma tarde. Arrebentou então as correias e dirigiu-se para a cidade; entrando em um botequim, pôs a cabeça sobre o balcão, e foi premiado com um chope gratuito. O dono, cansado de procurar o animal, foi ao botequim tomar um trago e lá encontrou o cavalo. Tomaram juntos mais um chope e voltaram a arar o campo...

Pecadores... honestos. Em Shirley, no Massachussetts, o Rev. Ray Meserve realizou um serviço religioso «somente para os pecadores», tendo solicitado, delicadamente, aos «puros» que se abstivessem de comparecer. Resultado: teve uma casa cheia como nunca.

Conta corrente... Em Little Rock, no Arkansas, um ébrio contumaz, que muitas noites dormiu no xadrez por não ter dinheiro para pagar fiança, compareceu um dia à delegacia, oferecendo fazer um depósito de 10 dólares afim de cobrir dívidas futuras.

Caridade... cara. Em Nebraska City, no Nebraska, uma associação comercial levou três meses organizando uma exposição de cavalos, para fins de beneficência. Realizou-a afinal, tendo arrecadado 10.435,73 dólares e gasto, com a organização da festa, 10.435,41. O lucro de 32 centavos foi doado a uma instituição de caridade.

Altas pescarias! Ao largo de Santa Mônica, na Califórnia, os pescadores Woodrow Wakatsuki e Katsumi Nishitawa pegaram um peixe tão grande, que, ao puxá-lo para dentro do barco, este afundou com o peso do bruto.

Que mundo pequeno! Em Milão, na Itália, Paolo Gaudenzi, batedor de carteiras, pulou de um bonde depois de ter roubado uma carteira, olhou rapidamente para o fruto de seu «trabalho», correu atrás do bonde, pegou-o outra vez, e agrediu sua vítima. Na carteira estava um retrato da mulher de Paolo com a dedicatória: «Ao amante mais adoravel do mundo».

Flagrantes da vida real

O HOMEM que contratamos para cavar um poço artesiano no terreno de uma velha casa de campo que compráramos, parecia muito contrariado com o serviço. O máximo que conseguíamos arrancar-lhe, de quando em quando, era a profundidade atingida. Ao chegar, porem, aos 30 metros, saiu-se com um discurso que revelava a razão de sua atitude:

«Esta casa não precisava de uma fonte nova, não senhor. Sempre teve água suficiente até que os senhores, gente da cidade, vieram morar nela. Esse negócio de tomar banho todos os dias é que faz gastar a água toda. Se os senhores tomassem banho uma ou duas vezes por mês, como toda a gente, teriam água à vontade.» E, depois de uma pausa, acrescentou, em tom mais tolerante: «Tomar banho... Talvez seja mesmo questão de hábito. Tal qual a pinga.»

—J. G.

OS DOIS vaqueiros, Slim e John, não podiam conformar-se com a notícia da próxima chegada das primas, que planejavam passar uma boa temporada com eles. Entretanto, receberam-nas muito afavelmente, com um excelente jantar. Quando terminaram de comer, as primas se ofereceram para lavar os pratos.

«Não se incomodem. Nós nunca lavamos os pratos,» disse Slim, dirigindo-se à porta e emitindo um forte assovio.

Instantes depois, entravam na sala, em tropel, seis enormes galgos, que saltaram sobre a mesa e lamberam sofregamente os pratos de alumínio até deixá-los luzindo.

«As velhas partiram na manhã seguinte,» contou-nos John. «Não foi facil treinar os galgos, mas bem que valeu a pena.»

—L. M. M.

HAVIA dois pequenos engraxates na esquina e não tardei em verificar que escolhera o pior: depois de dez minutos, meus sapatos estavam quase tão sujos como antes. O outro menino nos observava com ar de desaprovação.

«Pode deixar que eu termino,» disse ele, pondo mãos à obra com grande perícia. «O senhor é o primeiro freguês dele,» explicou-me, enquanto dava o brilho. «Ele tem a mesma idade que eu — nove anos — mas desde os seis que eu engraxo sapatos depois da escola. O senhor pode pagar a ele.»

Evidentemente, paguei aos dois.

Ao receber o niquel, disse-me o «perito»: «Eu quis dar uma ajudazinha a ele, que já está velho demais para aprender no batente, como eu aprendí.»

—G. J. W.

—DANDO a sua corridinha, hem? disse o policial ao deter o motorista numa rua de movimento.

—Parece que sim, admitiu o motorista. E, como que jogando uma carta-da decisiva, acrescentou: —Sou sargento de serviço na inspetoria do tráfego. Hoje é o meu dia de folga.

O jovem policial continuou a encher a notificação de multa. Irritado, o sargento mostrou-lhe o distintivo:

—Acho que você não entendeu o que eu disse.

E, ante a impassibilidade do outro, ameaçou-o:

—Olhe, rapaz, algum dia *você* poderá ser mandado para a minha seção. Lembre-se de que eu serei o sargento.

O policial estendeu-lhe a notificação, com um sorriso:

—Muito bem, sargento, quando eu for mandado para lá, o *senhor* se lembrará de que vai ter um homem de bem para servi-lo.

—H. D. J.

UMA SENHORA, um tanto avantajada de cadeiras, entrou num trem subterrâneo superlotado, em Nova York, e parou ao lado de um operário vestido de macacão, inteiramente absorto na leitura do seu jornal. Havia, no banco, apenas um pequeno espaço entre ele e outro passageiro. A senhora disse-lhe alguma coisa que o fez levantar os olhos.

O homem examinou-a de alto a baixo, tirou do bolso um metro de carpinteiro e desdobrou-o vagarosamente. Depois, ante olhares curiosos, mediu-lhe a rotunda protuberância, olhou para o pequeno espaço de banco disponivel e, sacudindo a cabeça, dobrou o metro e continuou a ler o jornal.

Vermelha como um pimentão, a senhora afastou-se rapidamente.

—R. C. W.

O VERÃO passado, quando atravessávamos o Estado de Missuri, meu marido e eu passamos várias vezes por certo carro com chapa do Estado de Colorado. Estava sempre estacionado à margem da estrada, enquanto um casal, já de certa idade, cavava a terra ao lado. Na terceira vez em que vi o automovel, não me contive. Fiz meu marido parar e descí. A mulher acabava de cavar um buraco e quando me aproximei estava plantando, cuidadosamente, uma pequena árvore.

—A senhora me desculpe, disse eu. —Mas como já a encontrei várias vezes, queria perguntar-lhe o que está fazendo. Poderia dizer-me?

A interpelada olhou para o marido, que estava regando a planta, e ambos sorriram.

—Com muito prazer, disse ela. —Meus avós passaram por aquí numa diligência, em 1850. No ano passado, nós seguimos o caminho deles desde o Ohio até o Colorado. Mas nos pareceu que não era bastante percorrer, simplesmente, a mesma trilha. Por isso, estamos plantando essas mudas entre as cidades do caminho. Algum dia estas árvores estarão crescidas e em flor. Será para nós um prazer pensar que a paisagem ficou ainda mais bonita devido a nós.

—S. N. W.

Conferenciei 1.600 horas com os russos

IMAGINE o leitor que pudesse sentar-se para conversar com o homem que, no decurso de cansativas e interminaveis negociações, tem tido mais entrevistas com os russos de Berlim do que qualquer outro ianque, e lhe perguntasse: «Mas que querem afinal os russos? Como é que eles manobram? Que é que você tem aprendido no trato com eles?» O que se segue seria a resposta, tal como eu a ouví do coronel Frank L. Howley, o desassombrado e enérgico governador do setor norte-americano de Berlim.

—J. P. McEvoy, redator-itinerante do Reader's Digest

ATÉ HOJE, já conferenciei 1.600 horas com os russos. Refiro-me somente às entrevistas oficiais, às discussões entabuladas entre as quatro potências ocupantes: não conto aquí as centenas de discussões bilaterais e de reuniões extra-oficiais e mundanas. Tenho sido obrigado a conversar com os russos acerca de gêneros alimentícios e de carvão, de tiroteios e raptos, de bondes e esgotos —de eleições livres e repressão de tumultos. Depois disso tudo, acho que devo ter aprendido alguma coisa a respeito da maneira de lidar e conviver com os russos.

Esta história pode se dividir em três fases: a primeira—ou Era da Boa-Vontade—teve começo na altura em que tomamos assento em Berlim,

O CORONEL Frank L. Howley, que hoje tem 46 anos, alistou-se no Exército dos Estados Unidos mais de um ano antes de Pearl Harbor, cortando repentinamente uma carreira de assinalado êxito nos domínios da publicidade comercial. Treinou-se sucessivamente no Corpo Aéreo, nas forças blindadas e, por fim, na Administração Civil. O seu destacamento de administradores civís conquistou tais elogios em Cherburgo e París, que Howley acabou sendo escolhido para a espinhosa tarefa de governar o setor de Berlim ocupado pelos norte-americanos. No dia 4 de julho de 1949 terá ele completado quatro anos no exercício desse cargo.

ao lado dos franceses, dos russos e dos ingleses, na qualidade de amigos e aliados. A palavra de ordem era então: «Convencer os russos a estimar-nos.» Diziam-nos: «É verdade que não é facil entendê-los, mas eles estão dispostos a dar-nos uma oportunidade. É certo que estão sempre pedindo mais alguma coisa, mas vá dando, ainda que isso pareça absurdo ou seja absolutamente contrário aos acordos anteriormente feitos. Faça o possivel por se entender com eles, mesmo que, por algum tempo isso o magoe. Os russos acabarão contentes, tornando-se confiantes e cooperativos.»

Ora, este plano de «dar tudo e mais alguma coisa» teve um êxito tremendo junto dos russos. Verdade é que eles não podiam compreendê-lo bem —quanto a isso, muitos dos nossos tãopouco puderam compreender— mas mantiveram-se «sintonizados» enquanto a coisa durou... Tivemos festas grandes e pequenas, comemos juntos verdadeiras montanhas de iguarias, e bebemos oceanos de álcool. Demo-nos à maravilha, coletivamente—mas isso, para os russos, equivalia individualmente ao beijo da morte. Verificamos que os russos que se mostravam cordiais conosco, tinham um jeito misterioso de desaparecer.

Lembram-se do Marechal Jukov, herói de Stalingrado, o homem de cabelo branco do Exército Vermelho? Ele e o general Eisenhower eram «unha e carne»! Dando condecoração um ao outro. Sorrindo para a objetiva, de braços dados. Jukov era o símbolo de uma Rússia amistosa, nossa grande aliada com a qual nos sentaríamos para resolver todos os assuntos. Pois —Jukov levou sumiço! Um amigo meu, ao regressar há dias de Moscou, disse-me: «Houve quem visse Jukov na Criméia, há poucas semanas, guiando um pequeno carro, sem chofer.»

Quando tomamos oficialmente conta do nosso setor de Berlim, a 4 de julho de 1945, realizou-se uma cerimônia conjunta com os russos, tudo muito correto e solene. A bandeira russa foi arriada, içou-se a bandeira dos Estados Unidos, e tudo correu num mar de rosas. Mas, nessa mesma noite, o general Parks recebeu uma carta do quartel general do marechal Jukov, em que nos diziam que não devíamos ocupar o setor americano enquanto não houvéssemos cumprido determinadas formalidades complementares. O general Parks, suspeitando que aquilo era apenas um expediente dilatório dos russos, me deu ordem de fazer a ocupação e instalar os nossos sinais e letreiros—o que fizemos antes do amanhecer de 5 de julho. Os russos ficaram banzados, mas não ofereceram qualquer resistência, exceto no aeródromo de Tempelhof, onde o oficial de serviço nos mandou dizer que ia arrancar os nossos letreiros. Pulei para dentro de um carro e dirigí-me ao comando russo, onde fui encontrar o general Barinoff, a quem disse: «Para que discutir? Já aquí estamos, os letreiros estão colocados, e nós vamos ficar!»

O general percebeu perfeitamente a minha linguagem, pois era a mesma do catecismo russo. Os letreiros

não foram derrubados, e nós ficamos.

Depois do brusco afastamento de Jukov, a lua-de-mel entrou no minguante. É bem verdade que nós continuamos querendo bem aos russos, e fazendo esforços para que eles nos estimassem—isto diante de provas sempre crescentes de que estávamos somente tentando iludir-nos. Mas os russos tambem se iludiam a eles mesmos: começaram acreditando na propaganda que faziam a respeito da sua própria força. Em outubro de 1946, chegaram à conclusão de que podiam assenhorear-se de Berlim, por meio do sufrágio popular, em eleições livres. Qual não foi porem o seu assombro, quando os comunistas recolheram apenas 19% da votação total! O sonho que haviam nutrido, de conquistar o domínio político por via da propaganda e da infiltração, estava morto e enterrado. E assim acabou a Primeira Fase—ou seja a Era da Doce Ilusão.

A SEGUNDA FASE começou logo após as eleições. Poderiamos chamá-la de Era da Pressão—pressão para tornar insustentavel a nossa posição. Iniciou-se um período de sondagens constantes para encontrar um ponto fraco em qualquer das frentes: econômica, industrial, política. Se não encontravam resistência, avançavam. Se nós resistíamos, os russos erguiam os ombros e iam tentar em outro ponto. Aquí vão dois exemplos, escolhidos entre milhares.

Entregamos aos russos o edifício da direção do Reichsbahn, situado no nosso setor. Imediatamente eles reclamaram direitos de extraterritorialidade para esse prédio; quer dizer, tudo o que eles alí fizessem seria feito segundo os seus próprios regulamentos, muito embora estivessem no setor norte-americano. Uma noite mandaram uma força militar para tomar posse armada do edifício—isso numa época em que nós nem sequer podíamos entrar no setor russo, sem corrermos o risco de nos vermos envolvidos em um incidente por eles provocado. Pedí ao coronel Willard, comandante da tropa, cem homens armados de metralhadoras, lancei um cordão de isolamento em volta do edifício, e dei ordem para não se consentir a entrada de mais nenhum russo.

Pela meia-noite recebí um telefonema do comandante russo, o general Kotikov, de quem havia algum tempo eu estava sem notícias. Kotikov foi de uma correção extrema, muito solícito a respeito de minha saude, indagando como iam minha esposa e os meninos. Eu respondí que estávamos todos bem, muito obrigado, e perguntei-lhe a que é que eu devia a honra da chamada. O general perguntou-me se eu sabia que soldados russos e americanos estavam frente a frente e que havia o perigo de uma troca de tiros. Respondí que eu próprio tinha mandado os meus soldados para alí, mas que estes eram disciplinados e tinham ordem de não fazer fogo, a não ser quando fossem alvejados, e que eu tinha a certeza de que as tropas dele tambem eram disciplinadas. Kotikov perguntou-me o que eu tencionava fazer, e eu respondí que estava bem claro que todos

os soldados que ele tinha no edifício podiam retirar-se, e que nem mais um soldado russo entraria lá. Duas vezes ainda ele insistiu na possibilidade de um incidente, e eu polidamente repliquei que nós não iríamos provocar nenhum atrito e que seria uma excelente idéia se ele pusesse termo ao incidente que suscitara. Os nossos soldados ficaram, e os russos se foram.

O segundo exemplo demonstra uma truculência e uma insensibilidade que me deixaram completamente desasado. Tivéramos durante algum tempo um acordo com os russos, pelo qual eles forneciam certa quantidade de leite fresco, em troca da farinha de trigo que nós lhes entregávamos. Conquanto se houvesse combinado que eles deviam vir entregar-nos o leite, fui informado de que exigiam agora que nós o mandássemos buscar às fazendas do setor russo em nossos caminhões. Fiz-lhes saber que eles deviam entregar o leite nas condições estipuladas, e a resposta deles foi: «Se não mandam os caminhões—não recebem o leite.»

Isto foi num sábado. Se faltasse o leite, pelo menos 6.300 crianças de menos de um ano, que viviam no nosso setor, já na segunda-feira seguinte correriam o risco de morrer de fome. Lancei-me desvairadamente a procurar leite condensado ou qualquer outro leite, no nosso setor, e concluí horrorizado que não havia leite algum. Era um sério dilema: ou eu cruzava os braços, deixando que 6.300 bebês enfrentassem a morte dentro de 35 horas, ou aturava o desaforo. Uma vez que os russos pouco se importavam com as consequências, resolví engulir a afronta e mandei os caminhões buscar o leite.

Mas comecei imediatamente a organizar uma reserva de 200 toneladas de leite condensado, 150 toneladas de leite integral em pó, e gêneros alimentícios para trinta dias, para toda a população alemã do nosso setor. Os russos tinham mostrado as cartas: era evidente que iam servir-se dos abastecimentos como arma política, e sem dó nem piedade. Foi essa reserva de trinta dias, acrescida do milagroso socorro aéreo, que desbancou completamente os russos quando eles fecharam o anel do bloqueio.

E COM ISSO, chegamos agora à fase presente, a terceira. Se nem os votos nem a pressão podiam levar-nos a sair de Berlim, então havíamos de sair pela força. As comunicações ferroviárias começaram a ficar «temporariamente» interrompidas, devido a «dificuldades técnicas»; uma ponte estratégica ficava de repente «fechada para conserto», e os caminhões não podiam transitar por ela; as «comportas desarranjadas» impediam a passagem das barcaças—enquanto o inverno não vinha paralisar de todo a navegação. Nesse ínterim, se nós não queríamos que a população dos setores americano, inglês e francês morresse de fome, tudo o que tínhamos a fazer era entregar esses setores aos russos, que—assim eles diziam—se encarregariam de alimentá-la. Os russos confiavam em que nós não poderíamos

aguentar-nos nem 2 semanas e que seríamos forçados a sair, não por eles, mas pela própria população alemã enraivecida e levada ao desespero.

A história do socorro aéreo a Berlim já é conhecida. Ainda está ensinando aos russos alguma coisa que eles nunca imaginaram nós pudéssemos fazer. Pensavam eles que era facil blefar-nos ou assustar-nos. Não acreditavam que nós ousássemos correr o risco de averiguar se a população alemã era por nós ou contra nós.

Esta terceira fase deu-nos tambem algumas lições tão novas quanto valiosas, sobre a maneira de tratar com os russos. Não é possivel blefá-los nem assustá-los. Nem se pode fazer com eles um acordo, que eles não encontrem um jeito de o evadir, contornar ou passar por cima.

Parece haver só três maneiras de tratar com os russos. Entendem os diplomatas que se devem fazer as coisas à moda deles—em um elevado nivel de palanfrório internacional, tratados e acordos que as Grandes Potências elaboram, assinam e cumprem—até que uma delas resolve deixar de respeitá-los. Temos depois o que o Exército chama «a palavra de um militar e cavalheiro». Quando 42 dos nossos soldados de polícia se encontravam escondidos no setor russo, para escapar a violências, as mais altas autoridades acordaram em que eles seriam protegidos quando saissem do esconderijo, e que nos seriam restituidos a são e salvo. O general Ganeval, comandante do setor francês, insistiu, como medida de precaução especial, que o comandante russo desse a sua palavra de honra de que esse acordo seria religiosamente respeitado. O general Kotikov deu a sua palavra. Os policiais sairam do refúgio—e foram incontinenti metidos na cadeia.

Ainda não há muito tempo, o general Ganeval escreveu ao general russo, dizendo-lhe que as duas torres de rádio de Tegel constituiam um perigo para o socorro aéreo e que se os russos não as removessem em data determinada, ele o faria por sua conta e risco. E acrescentava, para não deixar dúvidas: «Eu tenho por hábito cumprir a minha palavra.» Os russos não fizeram caso, julgando que ele não se atrevesse a tocar nas torres. Mas, chegado a dia prefixado, o general Ganeval fez ir as duas torres pelos ares. Ficamos suspensos, à espera das consequências... Os russos fizeram muita algazarra, mas acabaram por calar-se.

Chego, assim, ao terceiro processo de lidar com os russos, e que identifico com o trato comercial dos homens de negócio norte-americanos. Quando uma das partes contratantes transgride uma cláusula do contrato, a outra parte fica com o direito de fazer o mesmo, ou até de anular o contrato. Isso os russos entendem bem. Se a gente lhes faz saber que eles não podem adotar impunemente qualquer prática menos correta e que, se o tentarem, a retaliação será pronta e severa—e depois os convence de que está resolvido a agir—então, é possivel lidar com os russos.

Darei a este respeito um exemplo.

Quando ocupamos o nosso setor atual, os russos vinham quase todas as noites fazer incursões, roubando, violando mulheres, assassinando. Mandamos dizer que isso tinha que acabar, mas eles não fizeram caso. Distribuí metralhadoras portateis pelos nossos soldados, e dei ordem de fazerem uso delas. Quando os russos viram que nós lhes liquidamos alguns homens, compreenderam que estávamos dispostos a cumprir a promessa, e então os estupros e assassínios acabaram.

Mais recentemente, houve uma vaga de raptos no nosso setor. Era sempre a mesma coisa, e em tudo conforme aos antigos métodos nazistas: três homens—um policial alemão, um detective à paisana, do serviço secreto soviético, e um intérprete—batiam à porta das vítimas entre as 2 e 3 da madrugada e arrastavam-nas para o setor russo. Andavam pegando assim elementos abertamente anticomunistas—homens e mulheres, professores, escritores, cientistas. Pois bem: metí alguns dos nossos soldados em carros de rádio-patrulha e, depois de eles terem feito fogo sobre algumas dessas brigadas de tratantes, esse negócio tambem acabou. É verdadeiramente consolador ver como os russos atendem depressa, quando a gente os força a pôr as cartas na mesa—mas é prudente, primeiro, ter os trunfos na mão...

Chegados aquí, para onde iremos agora? Continuaremos tentando, e esperando melhor sorte. Os russos crêem que nós nos cansaremos com os seus métodos de solapar o interior e demolir de fora para dentro, e que terminaremos por desistir. Estamos, é certo, bem cansados de tudo isso em Berlim; mas desistir, nunca!

Desde 1945 que venho gozando da companhia dos russos, ao dejejum, ao almoço, ao jantar e até altas horas da noite, sete dias por semana. Mas, sempre que me sinto cansado disso, procuro recordar como eu costumava ganhar corridas rústicas, quando era rapaz. Eu era menor do que os outros, de maneira que me davam uma vantagem de 30 segundos. Passados uns instantes eu me sentia fatigado e queria desistir; olhava para trás, avistava os meus rivais correndo nos meus calcanhares, e dizia comigo mesmo: «Se eu estou cansado, eles tambem devem estar—vou correr só até aquele cabeço!» Quando lá chegava, a minha vontade era deixar-me cair por terra; mas tornava a olhar para trás, e dizia comigo: «Eles tambem devem estar quase caindo no chão. Vou correr até aquela outra elevação, ainda que arrebente!» Pouco faltou para que arrebentasse mesmo, mas perder uma corrida foi coisa que nunca me aconteceu. Todos conhecem a história do campeão olímpico a quem perguntaram como é que ele conseguia ganhar sempre a corrida de 220 jardas. «Ora, eu corro com a maior velocidade que posso as 200 jardas,» disse ele, «e aí disparo a correr!»

E eu digo que talvez nós não estejamos ganhando nas 200 jardas—mas havemos de ganhar com certeza quando iniciarmos a disparada...

Esperança e vida nova para as crianças vítimas da guerra

A ALDEIA DE DOM GUIDO

(*Condensado de «The Baltimore Sunday Sun»*)

Por George Kent

Meia-noite, véspera de Natal de 1945... Na aldeia de Lanciano, nas montanhas da Itália, um padre pequeno, seco de carnes, retira uma pesada corrente de ferro e abre de par em par a pesada porta da estrebaria onde, deitados no chão de laje nua, dormem uns vinte meninos de 11 a 17 anos de idade. Cobertos com os pobres farrapos da roupa do corpo, os pequenos estão encolhidos de frio, com os joelhos tocando o queixo. Alguns, mais afortunados, ainda têm um cachorro que os ajuda a conservar o calor do corpo.

«Feliz Natal!» murmura o padre com amargura, e vai embora.

Os rapazes alí reunidos pertenciam todos a uma casta especial—a dos vagabundos, detritos deixados pela ressaca da guerra. Dizia-se que havia na Itália cerca de meio milhão de meninos nessas condições. Sem escola nem corretivo, eram sujos, perversos, imorais. Ninguem lhes tinha amor. Dir-se-ia que só uma virtude os ornava: a lealdade mútua, de grupo. Percorriam em bandos os campos, furtando quanto lhes viesse ao alcance das mãos. Muitos adultos viviam de explorá-los, enriqueciam no negócio dos objetos que eles roubavam. Uma câmara fotográfica Leica, por exemplo, que eles vendiam por 300 liras, era revendida pelo receptador adulto por umas 50 mil.

A polícia de Lanciano tinha dado uma batida e pegado uma dessas quadrilhas, inteira, e a encurralara na estrebaria de um quartel da região. Uma vez por dia, como aos animais metidos na jaula dum jardim zoológico, iam levar-lhes a gamela da comida.

Tal era a triste situação quando Dom Guido Visendaz alí chegou. Este padre, homem de 30 anos, baixo mas de constituição forte e com nervos de aço, tinha sido capelão do exército italiano durante a guerra, e fôra prisioneiro dos alemães. Encontrava-se em Roma quando, um dia, alguem o informou da existência de selvagens que aqueles meninos estavam levando em Lanciano. Obedecendo a um impulso irresistivel, o sacerdote tomou o trem e seguiu para lá.

Na manhã desse dia de Natal, quan-

do ele voltou à estrebaria, o seu *buon giorno* foi recebido com apupos e doestos grosseiros por parte dos pequenos enclausurados. Espera, pareciam eles dizer, nós vamos ensinar este padreco que o melhor que ele tem a fazer é agarrar as malas e ir embora para casa!

«Isso não é maneira de vaiar!» disse Dom Guido, com cara de desdem. «Nós fazíamos muito melhor na Alemanha, aos soldados da Gestapo! Era assim, escutem...» E deu-lhes uma demonstração perfeita.

Os pequenos ficaram mudos de espanto. Dom Guido agarrou então uma vassoura e desatou a varrer a imundície do chão. Depois foi buscar uma pá e começou a cavar a terra, no lado de fora do barracão. «Isto aquí é uma latrina,» explicou ele como se não falasse especialmente com ninguem. «Quando um exército chega a um lugar qualquer, a primeira coisa que faz é isto—cavar uma fossa. Não se pode viver na porcaria—é doença na certa.»

Em seguida arrancou a sotaina, rasgou-a pelo meio de alto a baixo, chamou um gurí cujo vestuário constava, ao todo, duma tanga de aniagem, e rapidamente cortou e coseu para ele umas calças. Com o resto do pano fez outra calça.

Dom Guido rezava todas as noites, pedindo a Deus que lhe guiasse os passos. Homem de cultura, dominando perfeitamente quatro idiomas, não lhe teria sido dificil encontrar cômodo emprego em algum seminário. Mas aqueles meninos vagabundos eram um repto lançado à sua consciência. O padre conseguiu persuadir os maiorais da vila a mandarem retirar os guardas e as correntes da estrebaria, e a consentirem que ele assumisse a tutela dos pequenos.

A maneira como ele se conduziu foi, desde o começo, uma surpresa para aqueles desherdados da sorte. Quando eles praguejavam, o padre não tentava silenciá-los. Ao contrário: «A vida aquí não tem nada de alegre, e vocês precisam desabafar de qualquer maneira!» explicava ele. Um dia disse: «Quero contar a vocês de que maneira eu fugí da amaldiçoada Gestapo, diabos a carreguem!» Os rapazes, assombrados, exclamaram: «O senhor rogou uma praga!» Dom Guido replicou incisivamente: «O que é bom pra vocês é bom pra mim. Mas vamos estabelecer já esta regra: praguejar é coisa feia, seja por quem for.»

Segundo uma reportagem de Charles Reber para o diário francês *L'Epoque*, muitas cidades de crianças têm sido fundadas na Europa Ocidental, afim de dar novo rumo à vida dos orfãos de guerra que ficaram sem lar. Entre as maiores conta-se Pestalozzi, erigida em Trogen, na Suiça, por 600 jovens daquele país que consagraram suas horas livres e suas férias aos trabalhos de construção.

Em julho do ano passado, o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas reuniu em Pestalozzi uma conferência de educadores e autoridades religiosas, para estudar a organização e os problemas das cidades de crianças da Europa. Dessa conferência resultou um programa de treinamento para instrutores, e de intercâmbio de instrutores e crianças entre as diversas aldeias. Novos centros deste gênero se irão criando, à medida que se tornarem disponiveis os fundos e os professores treinados.

O estratagema impressionou aqueles espíritos jovens, como nunca o teria conseguido qualquer admoestação. Foi o começo do fim da linguagem profana entre os moradores da estrebaria.

Os rapazes viram que o padre tinha muito em comum com eles: pegava pulgas e piolhos como qualquer um, e até chegou a ter uma erupção cutânea no rosto e no pescoço; alem disso, dormia ao lado deles nas lajes frias do chão. Um dia, Dom Guido meteu-se a rebocar as paredes escalavradas da estrebaria; a princípio, os pequenos ficaram a distância, indiferentes, olhando em silêncio os gestos do padre; mas não tardou que um deles empurrasse um saco de cimento para perto da parede; outro foi buscar um balde d'àgua: e dalí a pouco, quase sem saberem como, estavam todos ao lado do sacerdote, pondo reboco nas paredes.

Ainda hoje se podem ver nas paredes brancas as marcas de dedos infantís, porque, à falta de ferramentas, foi preciso aplicar e alisar o reboco com as mãos nuas. Acabada a reparação, Dom Guido pôs os moços a pintar imagens coloridas nas paredes. Muitas dessas imagens eram de anjos: tão sutilmente o padre soubera insinuar-se, que a religião se tornara parte integrante daquela atmosfera!

Mas o que ainda não havia na estrebaria eram moveis. Madeira não faltava: havia muita, logo acima da aldeia, nos montes Abruzos. Dom Guido pediu um caminhão emprestado aos serviços da UNRRA e, acompanhado de três dos rapazes mais velhos, trouxe de lá um grande carregamento de madeira. Deu metade em pagamento ao carpinteiro que lhes fez algumas mesas e cadeiras; o resto, o padre e seus pupilos transformaram em camas toscas.

A notícia correu célere pela Itália, entre os delinquentes desse mundo clandestino criado pela guerra: que em Lanciano havia um lugar onde se podia comer e dormir—e os jovens vagabundos começaram a afluir para alí. Não se faziam perguntas a quem chegava; posto ao corrente da meia dúzia de regras simples do recolhimento, o hóspede era informado de que podia ficar ou ir-se embora à vontade. O número dos recolhidos chegou a 80. (São hoje mais de 130.)

A estrebaria encontrava-se já tão abarrotada, que o ar se ia tornando irrespiravel. Mas a gente da localidade continuava a não fazer caso das súplicas do padre, que queria mais espaço. Uma noite, meio sufocado, Dom Guido acordou os seus rapazes e, com a ajuda deles, fez uma abertura na parede que os separava do quartel. Servindo-se de traves e barrotes velhos, instalaram uma porta. Esta operação noturna e clandestina era de molde a fascinar aqueles jovens ex-aventureiros. O fato é que eles se foram apoderando gradualmente de todo o andar térreo do edifício. O abismo que separava Dom Guido daqueles meninos das vielas fora-se estreitando, e quase desaparecera sob o estímulo do trabalho em comum e as claras provas que ele dera da sua devoção aos interesses dos pupilos. Mas o padre estava cansado e sentia desânimo: aos problemas de prover as necessidades elementares daqueles jovens facínoras, vinha acrescer-se a questão disciplinar. Alguns deles escapuliam para irem assaltar casas. Roubavam flores para vender. Dom Guido viu-se ameaçado pela polícia e pelos cidadãos irados. Até que um dia anunciou: «Meus filhos, eu vou-me embora. Estou farto disto!» A inesperada notícia foi acolhida com tristeza pelos garotos, que exclamaram num vozerio: «Não faça isso!»

O padre ficou um tanto surpreendido, e era bastante humano para sentir-se lisonjeado com aquela demonstração de fidelidade. Ao cabo de alguns momentos disse: «Vou então fazer um pacto com vocês. Para conseguir por aí as roupas, a comida e tudo o mais que vocês necessitam, preciso ficar com o espírito livre de outras preocupações. Daquí em diante, vocês ficam encarregados de velar pela disciplina. Não sendo assim, eu vou mesmo embora.»

Foi então que nasceu verdadeiramente o *Villaggio del Fanciullo* (Aldeia da Criança). Os rapazes elaboraram uma constituição, organizaram um «banco» e um tribunal, elegeram um prefeito e os encarregados do armazem. A aldeia passou a ser uma autêntica democracia, sem favores nem privilégios para ninguem. Durante uma reunião do conselho, a que eu assistí, Dom Guido levantou-se de repente com ímpeto para falar, antes de lhe ter sido dada a palavra: o presidente ordenou com firmeza que ele se sentasse e esperasse...

Os rapazes cumpriram a sua palavra. É certo que os problemas de disciplina não desapareceram completamente. Mas os atos criminosos e de violência foram substituidos pelas infrações menores, comuns em qualquer sociedade de rapazes.

Com o tempo, o *Villaggio* foi-se expandindo. Adicionaram-lhe uma oficina de carpinteiro, uma fábrica de sapatos, hospedaria, garage, oficina de ferreiro e hospital. À medida que se espalhava a notícia da sua existência, começaram a chegar os donativos provenientes de muitos paises, e numerosos auxiliares e professores vieram compartilhar os pesados encargos de Dom Guido.

Os rapazes passam metade do dia estudando na escola, e o resto do tempo aprendendo um ofício: carpintaria, olaria, alvenaria, sapataria, etc. O trabalho realizado nas oficinas rende-lhes o suficiente para satisfazer as necessidades diárias e para pagar os extraordinários no armazem ou no restaurante. Todas as semanas põe-se de lado uma reserva para o fundo de seguro contra doença ou acidente, e para o de sustento dos «cidadãos» mais pequenos, que não possam granjear tanto como os outros.

As pessoas que visitam a aldeia ficam impressionadas com a cordialidade que alí reina—uma atmosfera de bem-estar e confiança, própria de quem se sente em casa. Esses jovens não estão alí macaqueando o espírito cívico: estão-no vivendo, praticando.

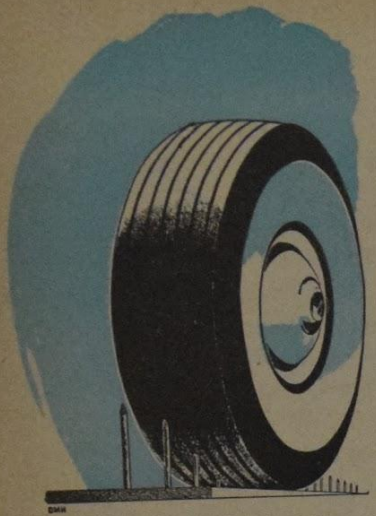
A aldeia é hoje, toda ela, um lugar adoravel, e o ritual de cada dia em tudo se harmoniza com as aparências. A manhã começa com um original toque de alvorada: um dos rapazes atravessa o dormitório correndo, e cantando: «Eu sou o Deus de todos, não há outro alem de mim.» Os rapazes cantam a caminho da escola e do trabalho. Cantando anunciam tambem as refeições e a hora da reza. Parecem ter-se livrado dos vestígios da delinquência a que os anos de guerra os arrastaram. Governam-se como os cidadãos de qualquer lugar, e talvez melhor, porque, até mesmo nos dias de maior penúria, esses moços conseguiram a maneira de proteger os mais fracos e pequenos e prover-lhes as necessidades. As dificuldades financeiras de Dom Guido, como é natural, não se acabaram ainda; mas ele hoje recebe ajuda dos Quakers americanos, da organização dos Pais Adotivos e de uma instituição suiça de beneficência.

Faz pouco tempo, estava Dom Guido viajando de noite pelas montanhas do norte da Itália, quando um tronco de árvore, atravessado na estrada, o forçou a parar o carro. Três bandidos menores de idade, armados de metralhadoras portateis, surgiram do escuro e exigiram que ele entregasse o dinheiro. Dom Guido declarou que não tinha dinheiro nenhum e que estava regressando da Suiça, onde tinha ido na esperança de levantar fundos para o seu *Villaggio*; e explicou-lhes o que era a pequena comunidade juvenil de Lanciano.

Os bandoleiros baixaram as armas e puseram-se a conferenciar, com as cabeças unidas, em voz baixa. Depois, aproximaram-se de Dom Guido e lhe entregaram 2 mil liras: «Veja se consegue organizar por aquí uma coisa parecida,» disseram, anelantes, ao despedir-se do humanitário sacerdote.

As GRANDES realizações só foram feitas por aqueles que acreditavam possuir, dentro de si, alguma força superior às circunstâncias.

—Bruce Barton



Afinal—pneumáticos sem câmaras

Fecham automaticamente os furos e não estouram

(Condensado de «Popular Science Monthly») *Por Myron Stearns*

Faz pouco tempo, um automobilista parou num posto de gasolina, para mandar lubrificar seu automovel. Quando o carro estava encarapitado no elevador hidráulico, o mecânico chamou a atenção do freguês para um prego cravado em um dos pneumáticos.

—Quer que eu lhe mude o pneu?

—Não. Deixe ver aí o alicate um instante, retorquiu o motorista.

E com aquela ferramenta extraiu o prego, que era comprido. O mecânico ficou à espera do silvo que, habitualmente, o ar produz ao sair de um pneu furado—mas não ouviu nada.

Tratava-se de um novo pneu, sem câmara de ar, dotado de alta resistência aos estouros, e capaz de fechar os furos por si mesmo—inovação recente das grandes fábricas de artigos de borracha centralizadas em Akron, no Ohio. Os fabricantes esperam que esta novidade venha a revolucionar a indústria dos pneus e câmaras de ar, que atualmente produz por ano cerca de 80 milhões de pneus para automoveis de passageiros e caminhões.

Afim de que um operador de cinejornal o filmasse, fez-se rodar um destes novos pneus 50 vezes em cima duma tábua da qual sobressaíam, como punhais, seis grandes pregos aguçados. Isso teria representado um número tremendo de furos em qualquer pneu comum e, não obstante, o pneu novo não deixou escapar o ar.

Um soldado da polícia estadual do Indiana, em um carro equipado com pneus sem câmara, perseguia a toda a velocidade um criminoso, quando começou a ouvir umas pancadas rítmicas que as rodas do seu automovel produziam no pavimento de concreto. Mas, em vez de afrouxar ou parar, continuou acelerado—e pegou o homem. Só depois foi investigar a causa daquele barulho: um dos pneus dianteiros levava um grosso parafuso cravado! O polícia simplesmente o arrancou e regressou ao posto.

É certo que um destes pneus sem

câmara *pode* rebentar, mas é dificil. Por exemplo, um caco de garrafa de cerveja partida pelo meio, que lhe faça um corte de 5 centímetros, pode dar cabo dele. Um destes pneus esvaziou-se quando um pedaço de cano de latão o perfurou, inserindo-lhe, assim, um «tubo de exhaustão» com mais de um centímetro de diâmetro. Mas, em geral, pode-se dizer que está eliminado o risco dos estouros repentinos.

Há muito tempo que se vinham fazendo esforços para produzir pneus à prova de furos. Há quase vinte anos que a Goodyear Tire & Rubber Company tem à venda, a preço de artigo de luxo, uma câmara de ar de forro duplo, denominada «*Lifeguard*». Na Feira Mundial de Nova York, há dez anos, a B. F. Goodrich Company, fabricante deste novo pneu sem câmara, expôs câmaras de ar feitas com uma camada de borracha macia e parcialmente vulcanizada, que fecha instantaneamente qualquer pequena abertura. Os tanques de gasolina à prova de balas, que na guerra passada permitiam aos aviões aliados voar por entre o tiroteio do inimigo, baseavam-se em idêntico princípio. Mas o custo muito mais elevado das câmaras de ar de segurança—cerca de quatro vezes mais caras do que as câmaras comuns—foi desde o começo um sério obstáculo à sua larga expansão. Agora, graças aos pneus sem câmaras de ar, já se tornou possivel vencer em parte o obstáculo do preço.

Estes novos pneus, nas dimensões mais comumente usadas de 6,00 x 16 polegadas, custam apenas alguns dólares mais do que os pneus com câmara de ar, de primeira qualidade, e alguns deles já percorreram mais de 64 mil quilômetros.

O novo pneu se deve ao gênio inventivo e à incansavel energia de Franz Herzegh, de Cleveland, Ohio, jovem engenheiro da Goodrich, especializado no estudo de novas idéias. Essa inovação resultou diretamente da necessidade que a guerra impôs de um pneu de combate. Já antes de Pearl Harbor, o governo dos Estados Unidos tinha pedido aos fabricantes que inventassem um pneu de combate capaz de rodar uns 120 quilômetros depois de furado por balas ou estilhaços de granada. A Alemanha e a França já possuiam um pneu do gênero, com enchimento de esponja de borracha. Introduzindo melhoramentos nesse tipo, os ingleses reforçaram as paredes laterais de um pneu de ar, resistente, com um revestimento de borracha capaz de aguentar uns 80 quilômetros de marcha depois de perfurado.

A dada altura, servindo-se de melhores compostos de borracha, próprios para reforçar as paredes dos pneumáticos, os experimentadores norte-americanos conseguiram pneus capazes de rodar, mesmo depois de furados, uns 240 km. O êxito do General Patton na sua avançada vertiginosa através da França, e pela Alemanha a dentro, foi em parte devido aos novos pneus de combate.

O forro de borracha muito resistente que se empregava nesses pneus

de guerra inspirou a Herzegh a sua idéia:

«Se o forro reveste totalmente o interior do pneu, evitando que o ar passe para a lona,» raciocinou ele, «por que não experimentar um pneu que adira hermeticamente ao aro da roda, de maneira a reter o ar comprimido no interior, sem necessidade de empregar uma câmara de ar?»

Enfrentando a opinião unânime dos maiores peritos em pneus, que afirmavam andar ele perdendo o seu tempo, Herzegh teimou nas experiências. Fizeram-se ensaios com centenas de compostos de borracha, afim de se conseguir um forro delgado (em vez do forro espesso dos pneus de guerra), que fosse capaz de aderir devidamente ao interior do pneu, em todas e quaisquer condições de flexão e de calor. A borracha «Butyl» preparada pela Standard Oil de Nova Jersey, solucionou afinal o problema: uma espessura de 1/10 de polegada dessa borracha mostrava-se capaz de manter o ar dentro do pneu, tão bem quanto uma sólida polegada de borracha comum.

Afim de conseguir um ajustamento hermético ao aro da roda, o pneu propriamente dito é feito com umas caneluras de borracha, ao longo da parte exterior do rebordo onde ele agarra o aro. Uma camada suplementar de borracha gomosa torna os pneus aptos a fechar automaticamente os furos. Uma válvula comum, como as que se empregam nas câmaras de ar, fica instalada no orifício habitual do aro da roda, por meio de porcas bem apertadas contra duas arruelas de borracha. Estes pneus enchem-se até à pressão ordinária dos pneus comuns, ou seja, 28 a 30 libras para os pneus de 6,00 x 16.

Herzegh não usa câmaras de ar nos pneus de seu carro desde 1942. Entretanto, a produção dos novos pneus sem câmara tem sido limitada, para se dar tempo a que os interessados aprendam rigorosamente a técnica, tanto da manipulação fabril, como de serviço. Os empregados dos postos de gasolina devem saber, por exemplo, que se um aro estiver deformado ou muito corroido pela ferrugem, o ar se escoará do pneu.

A companhia Goodrich está planejando produzir, em breve, uma quantidade destes novos pneus suficiente para suprir o mercado interno dos Estados Unidos. E pelo menos três outros fabricantes estão já hoje procurando criar os seus próprios tipos de pneus sem câmaras de ar.

HÁ ALGUNS anos, minha irmã comprou um vaso ordinaríssimo, pregou-lhe uma etiqueta de 5 dólares e, por pilhéria, colocou-o, sub-repticiamente, na vitrina de uma loja de luxo. Recentemente, encontrou-o no mesmo lugar. Durante todos esses anos, o público resistira à tentação. O proprietário, entretanto, seguiu bem as tendências de hoje: a etiqueta passara para 7 dólares e 50 centavos.

—Helen Bevens

Se o leitor gostar de cães, gatos ou cavalos, ficará triste ao ler este artigo

Quem disse que são «tapados»?

(*Condensado de «The American Magazine»*) Por Vance Packard

HÁ DOIS ANOS, mais ou menos, que se fazem no Jardim Zoológico do Bronx, na cidade de Nova York, sob a direção do dr. Bernard Riess, interessantes testes para aquilatar a inteligência dos animais. E os resultados até agora obtidos nessas curiosas experiências, já bastam para que julguemos nossos afins do reino animal por um prisma de maior respeito...

De todos os animais submetidos aos testes, o que mais se distingue na solução rápida dos problemas é o travesso chimpanzé; e, entre os mais «tapados», acham-se dois «fiéis amigos do homem»—o cavalo e o cão.

O cão, como se sabe, é inexcedivel na sua devoção irracional. E quanto a habilidades, qualquer cachorro bem amestrado chega a obedecer a determinados sinais para rolar no chão, saltar por dentro de um círculo ou ladrar. Mas esses truques, por interessantes que sejam, não implicam nenhum raciocínio. Ao contrário, quando um cão se defronta com algum novo problema a resolver, fora da sua rotina de aprendizagem, demonstra em geral grande estupidez. E não é porque não se esforce. Um cão é capaz de passar horas fazendo tentativas de receber de vez em quando uma cariciazinha do treinador.

Descobrir um incentivo eficaz é um problema para um treinador de animais. O incentivo da comida costuma dar bons resultados, mas não há-de ser qualquer comida. Os chimpanzés, entretanto, fazem das suas por mero estímulo à cachola ou simplesmente para deixarem o treinador a pentear macacos... Um psicologista encheu uma sala com brinquedos mecânicos e depois levou para lá um chimpanzé, saindo, em seguida, na ponta dos pés. Qual seria a reação do símio ante cada uma daquelas engenhocas quando es-

tivesse sozinho? O psicologista agachou-se e espiou pelo buraco da fechadura: o que viu foi um olho brilhante a espiá-lo do lado de lá... Outro investigador engendrou um teste, em que uma banana era dependurada à altura de dois metros, fora, portanto, do alcance do quadrúmano. Isto feito, o cientista colocou alguns caixões vazios alí por perto. Teria o símio astúcia bastante para empilhá-los e apanhar a fruta? Era o que restava ver. Mas o mono, medindo com um olhar a impossibilidade de alcançá-la, foi ter com o psicologista e puxou-o pelas calças para o ponto exatamente embaixo da cobiçada banana. E num instante, subindo pelo espantado professor, sentou-se-lhe no ombro, colhendo daí a fruta em um décimo do tempo que lhe teria sido necessário para amontoar os caixotes...

Um teste muito usado para aquilatar a inteligência dos animais, consiste em pôr comida em uma gaiola de arame cuja porta só pode ser aberta empurrando-se uma alavanca, pisando-se em um disco, ou por outra operação semelhante. O porco-espinho aprende depressa. Os representantes dessa espécie aprenderam logo a abrir a gaiola, e para fazê-lo tinham que empurrar alavancas, levantar um gancho, remover um batoque e dar voltas a uns botões. Em outra gaiola, em que o animal, para abrí-la, tem que caminhar várias vezes e em determinada ordem sobre um certo número de discos, os ratos brancos aprenderam a trabalhar com dois discos, e na mesma experiência um gatinho conseguiu entender uma combinação de sete discos. O campeão deste teste foi um macaco cebo que conseguiu abrir a jaula quando era necessário pisar os discos 22 vezes, sempre na mesma ordem.

Os cães saem-se sempre mal nestes experimentos. Um cão, submetido ao teste, passa pelos obstáculos sem lhes dar atenção; e, quando sucede abrir a jaula, é geralmente por mero acaso. Em certa ocasião, quando diversos cães tinham, por fim, aprendido, baixando uma alavanca, a abrir a porta da jaula, onde havia um osso de engodo, o psicologista deu um quarto de volta à jaula. Pois os cães, confundidos com isso, puseram-se a mexer com a pata no lugar onde estivera a alavanca, embora esta se achasse agora somente a alguns centímetros dalí.

Ao compararem o gato ao cão, os psicologistas hesitam em declarar qual deles demonstra mais habilidade. Em algumas experiências, é certo, o cão leva um pouco de vantagem. Mas os psicologistas julgam que isso talvez se deva ao grande desejo que tem o cão de satisfazer o dono.

E será esperto outro tão decantado amigo nosso, o cavalo? O professor Frank Beach, da Universidade de Yale, declara que «o cavalo falha mesmo nos testes de inteligência em que qualquer suino dotado de amor-próprio passa com facilidade». Os nobres equinos perdem tambem em comparação com as vacas.

Em um teste de escolha múltipla, um cavalo teve de entrar em competição com uma toupeira, um gato, um

cachorro e um macaco, e fez uma triste figura. O animal era colocado em uma sala com quatro portas em sequência, três das quais estavam sempre trancadas. Para obter comida, tinha de descobrir qual era a porta que não estava trancada. Havia, porem, uma indicação: a porta que num experimento ficava somente encostada estaria sempre fechada na vez seguinte. O macaco aprendeu logo a eliminar aquela porta. O cão e o gato, embora nunca tivessem aprendido a eliminar a porta trancada, iam experimentar todas as portas até descobrirem a que lhes desse passagem. O cavalo, porem, sem mostrar nenhum vislumbre de discernimento, persistiu em ir todas as vezes à mesma porta, que antes pudera abrir. Terminou o teste empatando com a toupeira, em último lugar.

Segundo afirma o dr. Riess, os animais em estado selvagem geralmente se saem melhor do que os outros nos testes de laboratório. Isso se dá, explica esse especialista, porque os animais criados em casa, ao contrário daqueles, nunca tiveram necessidade de lutar pela vida.

Crêem os psicologistas que dos animais selváticos do Novo Mundo, é o *raccoon*—espécie de guaxinim dos Estados Unidos e do Canadá—talvez o mais inteligente de todos. Têm-se visto casos em que esse mamífero volta à gaiola do teste, para manipular as alavancas e molas, por simples prazer. Em certo experimento, o psicologista havia preparado uma gaiola em que o animal, para abrí-la, tinha que comprimir pedais de dois tipos, puxar um cordão, levantar uma tramela, correr um ferrolho, abrir um gancho de arame e comprimir o botão de uma fechadura de pressão. Pois bem, ao cabo de um dado número de provas, o animalzinho estava dando conta dessa série de obstáculos no espaço exato de oito segundos!

A curiosidade animal é um índice de inteligência, e os *raccoons* são tão curiosos que, muitas vezes, isso lhes sai caro. Os caçadores de peles tiram partido desse pendor, ornamentando suas armadilhas com toda a sorte de penduricalhos. Outros animais tambem se aproveitam dessa curiosidade. Certa vez, um texugo e um *raccoon* estavam na mesma jaula e durante algum tempo ambos se respeitaram. Mas, a um dado momento, o texugo abriu uma enorme boca cheia de dentes aguçados e ficou nessa atitude passiva durante vários minutos. O vizinho, curioso, começou a se aproximar para ver o que era aquilo. Finalmente, quis olhar dentro da boca do outro. E o texugo—zás!—cerrou as mandíbulas como uma ratoeira! Quando, com gritos e a custo de muito espernear, o outro conseguiu libertar-se da maldita «armadilha», estava com o curioso focinho em petição de miséria!

Outro animal que os psicologistas têm em alta conta é o elefante. Com efeito, esses proboscídios aprendem facilmente a puxar cordas com a tromba, para assim obterem a comida. Na Índia, os elefantes executam proezas admiraveis, que exigem uma alta forma de esforço mental—e isso sem

muita interferência do homem. Por exemplo, fazem pilhas de toros de madeira e parecem compreender o princípio mecânico pelo qual estes deslizam para o rio. Servindo-se da tromba, o elefante coloca cuidadosamente um toro no plano inclinado; depois, dá-lhe um empurrão com uma das patas dianteiras e fica a contemplá-lo com admiração enquanto ele desliza para a correnteza.

Mas, de todos os animais, os que nos dão mais evidentes provas de pensar, são os grandes antropóides—os orangotangos, chimpanzés e gorilas. Os chimpanzés, por exemplo, realizam proezas de contagem que ultrapassam a habilidade de muitos povos primitivos ainda hoje existentes no mundo. O dr. John Wolfe, psicologista da Universidade de Yale, inventou uma espécie de «caça-níqueis», em que se usam fichas de jogo em vez de moedas. Cada vez que se põe na máquina uma ficha branca, sai uma uva. Pois bem, observando essa operação *uma única vez*, um chimpanzé, chamado Moos, pegou de uma ficha branca, meteu-a na abertura da máquina, e obteve logo a ambicionada uva!

Quando meia dúzia de chimpanzés estavam ficando loucos por fichas, o dr. Wolfe resolveu que os símios teriam de «fazer força» para conseguí-las. Colocou, então, as fichas num compartimento, de sorte que para obtê-las cada macaco tinha que suspender uma barra que pesava 8 quilos. Moos quase arruinou a saude com o esforço feito, mas tirou 185 fichas em 10 minutos. À medida que passava o tempo, notava-se que o chimpanzé trabalhava mais quando tinha pouco «dinheiro», do que quando dispunha de fichas em grande quantidade.

O dr. Wolfe organizou o teste seguinte de maneira ainda mais complicada. As fichas brancas continuavam a valer uma uva, mas com as azuis compravam-se duas; com um disco de latão não se adquiria nada, e as fichas amarelas conferiam ao chimpanzé o direito de dar um passeio «de cavalinho» nas costas do professor. Os monos muito depressa aprenderam a desprezar os discos de latão, preferindo sempre as fichas azuis às brancas.

Uma tarde, o dr. Wolfe soltou um ratinho branco no chão. Os chimpanzés têm muito medo de ratos, de sorte que quando um deles viu o roedor, correu ao monte de fichas, agarrou uma das amarelas, colocou-a no receptáculo da máquina e saltou ao ombro do psicologista, gritando freneticamente para que ele o levasse dalí para fora.

O dr. Robert Yerkes, professor da Universidade de Yale que dedicou uma existência ao estudo dos antropóides, afirma que os gorilas estão acima dos chimpanzés nas suas semelhanças psicológicas com o homem. Um dos seus gorilas tem quarto e cama próprios e sabe até servir-se do banheiro. Quando o bicho acha que é hora de dormir, desliga a luz, mete-se na cama e puxa as cobertas tal como se fosse uma pessoa.

Um erro judicial que provocou protestos e inspirou reformas

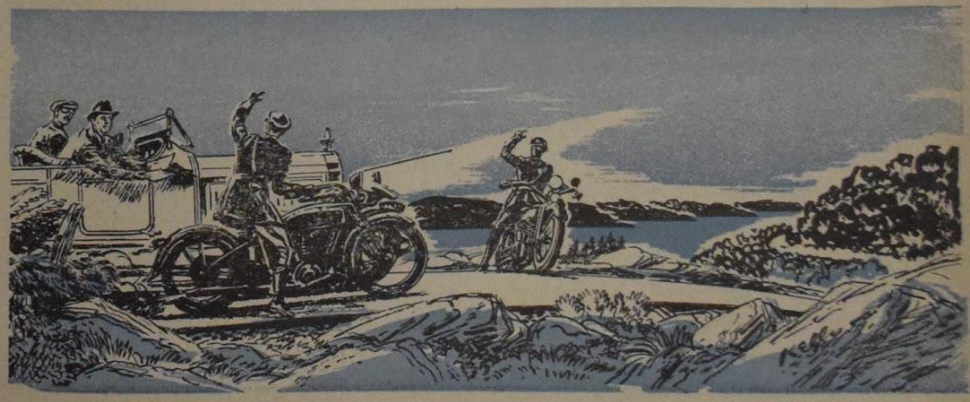
Cinco vezes à beira de uma morte injusta

(Condensado de «The American Weekly»,
Segundo narrativa feita por Stuart K. Brandon a Don Eddy

CHEGOU-ME há pouco a notícia da morte de Charlie Stielow. Raros se lembrarão ainda de que ele foi o personagem central de um dos casos de homicídio mais retumbantes que registra a história criminal dos Estados Unidos—cinco vezes a ponto de ser eletrocutado por um crime que não cometera! E no entanto, graças ao seu calvário doloroso, a vida e a liberdade das pessoas que se vêem colhidas nas malhas de um erro judiciário, estão hoje infinitamente mais garantidas.

Em março de 1915, Charles Phelps, rico viuvo de West Shelby, no Estado de Nova York, admitiu como empregado para todo o serviço na sua fazenda um homem corpulento e trabalhador, chamado Charlie Stielow. Para um pobre diabo que não sabia ler nem escrever, não era nada mau o emprego: ordenado anual de 400 dólares, pasto gratuito para a sua vaca, rações para o cavalo, e lenha para se aquecer. Ele e a mulher, que estava para dar à luz, ficariam residindo na fazenda. Um irmão dela veio morar com o casal.

Certa madrugada fria, duas semanas após ter assumido o emprego, ao



encaminhar-se para o celeiro da fazenda, Stielow encontrou, caido na porta de sua casa, o cadaver da governanta do patrão, Margaret Wolcott, vestida apenas com a camisa de dormir. A pobre mulher fôra assassinada a tiros de pistola. O homem correu logo à casa da fazenda, e foi encontrar o patrão moribundo, no chão da cozinha: Phelps fôra tambem baleado!

Espavorido, Stielow acordou o cunhado, Nelson Green, que correu com ele a chamar os vizinhos. Phelps expirou por volta do meio-dia, sem ter pronunciado uma palavra. Foi oferecido um prêmio a quem descobrisse e capturasse o assassino.

Um mês depois, Stielow e Green eram entregues às autoridades por um detective particular, George W. Newton, que apresentou uma pistola de calibre 22, propriedade de Stielow, e uma confissão não assinada, que ele disse ter sido feita por este último. Aturdido e confuso, Stielow somente soube tartamudear que Newton lhe havia prometido permitir-lhe voltar para junto da mulher—que estava então nas dores do parto—se ele confessasse que matara Phelps com a cumplicidade de Green. Na sua confusão, o infeliz repetia sem cessar: «Mas eu não posso ser condenado por um crime que não cometí!»

Devemos reconhecer que, como defesa, era bem pouco... Charlie repudiou no tribunal a sua confissão, mas meteu os pés pelas mãos, incapaz de contar fosse o que fosse coerentemente. O xerife depôs que ouvira a confissão oral de Stielow. Outra testemunha, que se intitulava «perito em armas de fogo», afirmou que as balas assassinas haviam sido disparadas pela pistola de Stielow. O juri declarou culpado o réu, que foi condenado à morte.

Green, que estava na cadeia, ao ouvir dizer que seria infalivelmente eletrocutado se não se confessasse culpado de cumplicidade, foi conduzido às pressas ao tribunal e, embrulhando as palavras no seu terror, confessou-se culpado. Foi condenado a prisão.

A Corte de Apelação confirmou a sentença proferida, e a execução ficou marcada para a madrugada de sexta-feira, 14 de abril de 1916, na Prisão de Sing Sing.

Na noite de 12 de abril, o subdiretor de Sing Sing, com quem eu havia trabalhado na adoção de certas reformas penitenciárias, apareceu no meu apartamento, em Nova York, e me disse, visivelmente perturbado:

—Esta manhã foi eletrocutado o bandido «Paper Box Kid». As últimas palavras que ele disse foram: «Não queimem o Stielow; esse desgraçado não é mais culpado do que vocês!» Outros condenados que estão na casa da morte acreditam tambem que o Stielow é inocente. Você quer ir comigo falar ao governador, e pedir-lhe que conceda um adiamento, para podermos estudar bem o caso?

Na manhã seguinte estávamos em Albany, conversando em palácio com o governador Charles S. Whitman, que se recusou a intervir. Um jornalista escreveu que o nosso apelo era uma «tentativa de obstruir a Justiça».

Fiquei furioso! Partí sem demora para West Shelby, onde cheguei à noitinha.

Com a ajuda do oficial de justiça do lugar, andei a conversar com diversos lavradores que conheciam Stielow. Um deles me informou: «Certa vez, o Charlie e eu encontramos uma cobra. Eu lhe disse que a matasse, mas ele me respondeu:—Eu é que não! Não tenho coragem de matar nem uma mosca!» Outro fazendeiro comentou: «Para que é que Charlie havia de matar o homem que lhe deu o melhor emprego de toda a sua vida?»

Cerca da meia-noite, eu tinha várias outras perguntas que, em meu entender, exigiam resposta: se Stielow erá o assassino, por que é que ele não tinha retirado o cadaver da governanta da porta de sua casa? Não seria mais lógico admitir que ela correra até alí para pedir-lhe socorro? Por que é que ele e Green haviam de ir solicitar auxílio aos vizinhos quando deram com Phelps ainda vivo? Se eles fossem os verdadeiros assassinos, tê-lo-iam liquidado antes que ele pudesse recuperar os sentidos e denunciá-los.

Nessa mesma noite redigí uma petição para a revisão do processo, alegando—talvez com mais esperança do que fundamento—que me fôra possivel reunir novas provas. O que me faltava, agora, era encontrar um juiz da Corte Suprema estadual que quisesse receber essa petição! O juiz mais próximo morava em Rochester, a cerca de 50 quilômetros de distância: tomei um automovel de aluguel e corrí até a casa dele; fí-lo pular da cama e conseguí persuadí-lo de que era seu dever humano dar uma derradeira oportunidade ao réu.

A ordem para sustar a execução foi imediatamente telefonada para a casa da morte de Sing Sing. Tinha efeito mandatório, até que a petição fosse discutida no tribunal. Assegurava-se assim a Stielow, ao menos por algum tempo, a possibilidade de defender a vida.

A imprensa acudiu ao nosso apelo e lançou-se com todo o seu peso à defesa de Stielow. E quando um reporter do *Tribune* de Nova York me acompanhou a Sing Sing para conversar com o condenado, o médico da prisão, que tinha feito o exame mental de Stielow, declarou-nos: «Está fora de dúvida que aquela confissão não foi escrita por Stielow. Pois se ele nem conhece todas as palavras que ela contem e é incapaz de contar uma história narrando os fatos em sua ordem cronológica.» Mais adiante, numa declaração espontânea, por escrito, o médico atestou: «Stielow é, mentalmente, uma criança. Deixa-se sugestionar com facilidade a dizer e a fazer coisas cujo alcance lhe escapa.»

Ainda assim, quando a petição para revisão do processo foi julgada, não pudemos produzir qualquer prova concludente, e a corte denegou ao réu o privilégio de novo julgamento. Mais uma vez marcou-se a data da execução.

Três outras vezes, durante a primavera e o verão, conseguimos ainda arrancar Stielow à cadeira elétrica no minuto supremo, com petições para

novo julgamento. Todas essas petições foram, porem, indeferidas, marcando-se novas datas para o cumprimento da sentença. Já era grande, a essa altura, o número dos luminares da jurisprudência e das pessoas de coração que se haviam oferecido para nos ajudar. Mas nem todos os nossos esforços conjugados bastavam para abalar os tribunais e o governador Whitman, que declarou publicamente estar convencido da culpabilidade do condenado.

Fomos forçados a procurar os serviços dum detective particular muito conhecido, para pôr à prova a integridade do detective Newton, o tal que arrancara ao preso a suposta confissão. Assistido por alguns auxiliares do nosso detective, que desempenhariam o papel de uma quadrilha de chantagistas, fiz-me passar por advogado da imaginária vítima, e contratei Newton para investigar o assunto. Newton foi, pouco a pouco, levado a crer que o estávamos pondo à prova para um caso mais importante. Instalamos um dictafone oculto no meu escritório, arrumanos os estenógrafos na sala vizinha, e eu mandei entrar o detective.

—Precisamos dum homem capaz de fazer bom trabalho, disse-lhe eu. —Você já conseguiu alguma vez resolver casos de importância como, por exemplo, pegar um assassino?

—Claro! respondeu ele. —Um deles até está em Sing Sing, aguardando execução.

—Ah, isso é muito interessante! Conte-me lá como foi.

—É o tal Stielow. Eu o fiz acreditar que me estava ajudando a descobrir o assassino real. Comecei por fazê-lo ficar todo nervoso, depois disse-lhe uma porção de coisas a toda a pressa, para o confundir, e no fim perguntei-lhe: «Charlie, quem foi que matou Mr. Phelps?» E ele respondeu: «Eu sei lá!» Então o levei para um hotel onde passamos toda a noite. Éramos três a interrogá-lo, até que por fim eu lhe disse que se ele confessasse ter matado Phelps, de cumplicidade com Nelson Green, eu o deixaria ir a casa ver a mulher. E quando ele fez a confissão, eu notifiquei imediatamente as autoridades.

A transcrição destas declarações foi sem demora apresentada ao governador Whitman, *que ainda assim as considerou insuficientes para justificar um ato de clemência.*

Concentramos então a nossa atenção na arma que, aparentemente, servira para praticar o crime. Mandamos examinar a bala e a pistola pelos peritos da Bausch & Lomb, fabricantes de lentes. As microfotografias que eles fizeram revelaram marcas inconfundiveis na bala, mas não foi possivel descobrir no cano da arma as ranhuras e arestas que lhes deviam corresponder: a bala, portanto, não saira daquela pistola. Mas, como a ciência da balística ainda estava na infância, esta prova foi tambem considerada insuficiente para desmentir o «perito» que depusera contra Stielow.

Só uma tênue esperança nos restava agora. A vítima costumava trazer no bolso uma carteira recheada de centenas de dólares, carteira essa que não fôra possivel encontrar após o crime. Um dia, um detective de confiança conseguiu dar com um taverneiro a quem um tal King a teria entregue. Ora, os sinais desse King coincidiam com os de um itinerante que fôra visto em West Shelby na véspera do crime. Os detectives andavam agora em busca dele.

Mas o tempo corria. Stielow devia morrer na madrugada de 29 de julho.

Na manhã de 28 de julho correu que o governador Whitman se dispunha a comutar a pena de morte em prisão perpétua. Mas, às 11 e 30 dessa noite, um reporter me comunicou pelo telefone:

—Whitman falhou à nossa espectativa!

—Veja se consegue desencantar um juiz da Corte Suprema! bradei eu, num impulso.—Quando souber de um, me telefone outra vez. E não o perca de vista!

Pendurei o fone e, desesperado, virei-me para minha mulher:

—Já não sei o que mais hei-de fazer!

—Peça a Deus, disse ela com firmeza.

Saí para o terraço e, na escuridão, roguei ao Criador que me desse inspiração e me guiasse no que eu devia fazer, se Stielow estivesse inocente. Nesse instante o telefone tocou. O reporter participou-me: «Encontrei o juiz—Charles L. Guy. Está na cama, em casa, na West End Avenue. Logo que você chegar aquí, ele o receberá.»

Às 3 da madrugada eu me encontrava na rua com o reporter e outros voluntários da nossa causa, debaixo dum lampião, e já eram quase 4 horas quando acabei de narrar os fatos ao nosso idoso juiz. Visivelmente comovido, ele disse com bondade:

—O senhor compreende bem que eu não tenho jurisdição no caso. Só o governador pode mandar sustar a execução. Está claro que, se os senhores possuem provas novas...

—Eu podia dizer a V. Excia. que achei provas novas, disse eu com toda a franqueza,—mas estaria mentindo. Estou convencido de que conseguiremos outras provas concludentes dentro destes próximos dias, mas hoje ainda não as temos. Neste momento, tudo o que podemos fazer é apelar para o coração de V. Excia., para que suspenda a execução dum inocente.

O juiz recostou-se na cadeira e cerrou os olhos. De repente empertigou-se com resolução e disse:

—Eu farei o que me pedem! Preparem os papéis.

Telefonei imediatamente ao chefe dos guardas de Sing Sing, Fred Dorner.

—O senhor está doido? respondeu ele.—Eu não posso adiar esta execução sem primeiro receber todos os papéis.

—Eu lhe levarei os papéis o mais depressa possivel, gritei.—Mas se você deixar morrer esse homem, fique sabendo que será culpado de homicídio!

—Bem, aquiesceu Dorner por fim, —veja lá então se anda depressa. Vou retardar o mais que puder.

Não tinhamos ainda rodado dois quilômetros, quando fomos detidos por excesso de velocidade. Apresentei

ao policial os papéis assinados pelo juiz, e ele bradou: «Siga atrás de mim!» Partimos a toda a velocidade, e por fim descemos como um tufão a última e íngreme ladeira que leva à penitenciária. Corremos à casa da morte, batemos com força, e a porta da câmara de execução abriu-se diante de nós. Entrevimos as faces indistintas das testemunhas alí reunidas, e ouvimos a voz de um pastor que dava o último conforto da religião ao condenado. Diante de mim desenhou-se a face coberta de suor de Dorner, que murmurou, rouco: «Eu já não podia retardar isto por muito mais tempo!»

Charlie Stielow estava de pé, sob a luz branca e ofuscante, com a cabeça raspada e as mãos atadas. Ergueu os olhos devagar e, ao reconhecer-me, sorriu com a sua habitual falta de expressão. Depois voltou-se para o ministro: «Eu não dizia ao senhor que Deus não me deixaria morrer?»

De regresso a Nova York paramos num botequim para tomar um café, e eu telefonei para o meu escritório. Minha secretária, quase histérica, me informou: «Os detectives acabam de prender um homem chamado King, e dizem que ele é o autêntico assassino!»

King estava enfim na rede e parece que tinha confessado tudo. Mas, quando Stielow voltou a comparecer ao tribunal, graças à petição recebida pelo juiz Guy, estava na inconcebivel situação de um homem que quase todo o mundo considerava inocente, mas que não podia ser absolvido por causa das formalidades técnicas da jurisprudência!

Por exemplo, a prova feita da culpabilidade de King não foi considerada suficiente para garantir a Stielow a revisão do processo. A transcrição das palavras que eu obtivera de Newton, mostrando que ele arrancara a confissão a Stielow por meio de coação, tambem não era prova suficiente, porque aos olhos da lei isso não constituia «prova nova»: o réu devia tê-lo revelado no seu primeiro julgamento!

Segundo a lei, a corte tinha que indeferir a petição de novo julgamento. Mais uma vez Stielow recorreu para a Corte de Apelação e de novo foi sentenciado a morrer, desta vez a 11 de dezembro.

Mas vinha agora, de repente, em nosso auxílio um aliado novo e até alí não pressentido—o povo de Nova York. Inflamado pelos editoriais desassombrados dos jornais, o povo se ergueu em verdadeira cruzada para salvar a vítima do erro judiciário. Organizaram-se preces coletivas nos templos. Milhares de panfletos foram distribuidos de porta em porta. Os telegramas e as petições entravam às carradas no gabinete do governador, que não podia deixar de levar em conta essas manifestações do sentimento popular.

A 3 de dezembro, Whitman comutou a sentença de Stielow em prisão perpétua. Mas o clamor do público redobrou: como era possivel que um inocente pagasse com a sua liberdade as formalidades da Justiça?

A 1.º de fevereiro de 1917, o governador finalmente nomeou George H. Bond, eminente jurista, assistente especial do procurador do Estado, para realizar uma investigação minuciosa do caso Stielow. O relatório de Bond, tornado público em maio de 1918, exonerava completamente os dois condenados! A 8 de maio, depois de haverem passado mais de três anos na prisão, Stielow e Green eram perdoados, e restituidos aos seus direitos políticos e civís. Ambos regressaram ao condado de Orleãs, para alí viverem o resto de seus dias.

Por toda a nação rebentava agora, furiosamente, um movimento de reforma que vinha ganhando força e volume. Espicaçados pela indignação do público, juristas sensatos reviram as leis arcaicas que regulavam a pena capital e a prova circunstancial. Os métodos brutais de interrogatório até alí adotados pela polícia foram declarados ilegais, e muitos tribunais se recusaram a admitir confissões, quando havia suspeita de coação. A ciência da balística progrediu de tal forma, que já se podia determinar agora, sem a menor dúvida, se uma bala assassina saira ou não da arma dum indivíduo suspeito.

Graças, em grande parte, à reação do público ante o caso pungente de Charlie Stielow, os direitos individuais estão hoje muito mais resguardados, sob a proteção da lei.

A voz do dono

UMA VIZINHA nossa, tendo de ausentar-se por alguns dias, confiou-me seis vacas de raça para que eu as alimentasse e ordenhasse. «Não deixe de tocar estes discos,» aconselhou-me. «Elas adoram música. Se alguma delas a incomodar, toque este aquí.» E indicou-me um pequeno disco. Logo à minha primeira tentativa, duas vacas se recusaram a ser ordenhadas. Lembrei-me do disco e corrí a pô-lo no fonógrafo. Surpreendí-me ao ouvir a voz da vizinha, em tom enérgico: «Olhem que não gosto de brincadeiras! Andem com isso!» Como por encanto, as vacas se puseram meigas como cordeiros e nunca mais me deram trabalho.

—Mildred Moore

QUANDO o cão policial da sra. Wood resolveu fazer diabruras no quintal de uma vizinha, esta telefonou à dona do animal para queixar-se. A sra. Wood pediu-lhe que pusesse o fone junto à orelha do cão. «Ted,» disse ela, «venha já para casa!» Ted partiu como uma bala para junto da dona...

—Burton Lindheim, em *The New York Times Magazine*

A juventude torna ao campo— e a uma vida mais feliz

Redescobrimento da vida

(*Condensado de «Ladies' Home Journal»*)
Por Dorothy Thompson

Há alguns anos, um rapaz do campo, meu conhecido, teve sorte maravilhosa. Vivia nas adjacências de um teatro de verão de certa fama. Inteligente e com pendor para as artes, pediu inscrição no teatro, como estudante aprendiz. Revelou-se ator nato e durante várias temporadas sucessivas conseguiu que lhe dessem papéis secundários. Certo dia, em Nova York, um empresário disse à diretora desse teatro que não sabia onde encontrar um jovem ator para desempenhar papel ingênuo numa produção a ser lançada. A diretora lembrou-se do talentoso aprendiz—que trabalhava na roça—e levou-o a Nova York para um teste. Ele conquistou o papel, estreando na Broadway em uma peça que foi um dos grandes sucessos de nossos tempos. Estava «feito».

Posteriormente, aceitou oferta de Hollywood e apareceu num filme que tambem fez sucesso. Aí, foi convocado para o exército. Durante os anos seguintes, teve muito tempo para refletir e perguntou a si mesmo: «Quererei passar o resto da vida em Nova York ou em Hollywood? Que é que realmente ambiciono na vida?»

Ponderou assim: «Nesta ilha do Pacífico, nunca sinto saudades das cenas de meu triunfo. Tenho saudades é da comunidade rural onde fui criado. Quero ter uma fazenda e casar com a jovem da roça a quem amo desde os dez anos de idade. Quero uma casa, rodeada de relva, e quatro ou cinco

filhos que levem a vida que eu tive.»

Assim foi que, desmobilizado o meu jovem amigo, atirou à cesta de papel os telegramas de seu agente em Nova York, sacou as economias que reunira com o seu êxito na Broadway e em Hollywood, e voltou para a sua terra natal. Comprou 40 hectares de terra da melhor qualidade, meia dúzia de boas vacas e umas máquinas usadas.

Sozinho, tendo unicamente o auxílio de um eletricista e de um bombeiro hidráulico, construiu uma casa, um estábulo e um galpão de ferramentas. Casou-se, a seguir, com a namorada e ocupou a casa.

Para equilibrar o orçamento até que a fazenda rendesse, aceitou emprego no jornal da cidadezinha mais próxima. Já escreveu uma peça teatral que está sendo examinada com interesse por um empresário. Se for aceita, ele abandonará o emprego no jornal para se dedicar à fazenda, que já prospera, e à pena. Nunca terá piscina de azulejos, mas tãopouco terá a amarga decepção de cair do pedestal da fama. Sente-se felicíssimo.

Certa amiga minha casou-se com um jovem advogado que exerce cargo secundário numa importante firma de Nova York. O marido tem todas as possibilidades de um brilhante e próspero futuro—mas um futuro ainda muito remoto; nesse ínterim, seu salário só lhes permite ocupar um exíguo apartamento de três peças, num dos bairros mais pobres da metrópole. Querem filhos, mas reconheceram que, nas atuais circunstâncias, terão de adiar essa felicidade.

Esse casal, conformando-se com viver num pardieiro, economizou o suficiente para comprar uma granja de 16 hectares, com pequena vivenda; e, na primavera que vem, o marido passará a exercer a profissão na cidade mais próxima em que ele julgar que ainda mais um advogado possa ganhar a vida. Eles sabem o que querem: não é a concorrência das grandes cidades, com suas distantes e provavelmente efêmeras satisfações da ambição e sua incapacidade de proporcionar uma vida decente. O que eles querem é estabilidade e independência.

Descortino hoje na América uma espécie de movimento, não organizado, mas que surge de um instinto assaz salutar. À medida que viajo pelo país, realizando conferências, encontro-me constantemente com moços e moças que conhecí há alguns anos, quando fazia preleções em universidades. Muitos eram alunos brilhantes que, na geração passada, teriam trilhado, diplomas em punho, o caminho dos centros de população, de indústria e de arte.

Hoje, encontro-os na terra natal, onde são diretores ou comentaristas de radioemissoras, escrevem para folhas locais, cuidam de problemas da coletividade, organizam debates, ampliam bibliotecas; são médicos e cirurgiões de pequenos hospitais; são advogados auxiliares em velhas firmas de advocacia. Não habitam minúsculos apartamentos em que o aluguel consome a quarta parte dos ordenados; não vivem ambicionando ir à Ópera, mas tendo que se contentar com o Museu;

desejando assistir às peças de êxito da Broadway, mas ganhando só para o cinema; alimentando, contra todas as probabilidades, a esperança de um dia passar à frente de alguns milhões de outras criaturas. Moram em apartamentos, sim, mas apartamentos rodeados de jardins, ou em pequeninas casas em ruas arborizadas. Levaram para a terra natal sua inteligência, suas ambições, sua instrução superior.

Tenho esperança de, algum dia, por vontade própria, acabar a vida numa aldeia, entre a espécie de gente com quem fui criada. A aldeia não ficará perdida em lugar remoto. Isso não existe mais hoje em dia. Os jornais da cidade chegam pela manhã, o rádio me manterá tão bem informada de tudo como aos outros; um automovel me conduzirá a grandes distâncias, obediente aos meus caprichos. Mas meus vizinhos serão vizinhos de fato, e não pessoas anônimas que eu encontre nas escadas; e meus amigos da cidade virão visitar-me, perguntando, às vezes: «Você não acha a vida aquí muito monótona?» Com mais frequência dirão, porem: «Tenho que confessar que invejo tanta paz e tranquilidade.»

O tédio, creio, está dentro da gente. As estações que se sucedem, os crepúsculos, o céu, um jardim—nada disso pode ser monótono. Nem o podem ser os livros—os realmente bons ou divertidos. A cozinha não é monótona, nem o é preparar-se uma refeição para si ou para visitas que cheguem, inesperadas, da vizinhança. E toda aldeia, por pequena que seja, tem seus dramas.

Nada de mais salutar para um país do que o retorno dos jovens para o interior, para os espaços abertos, ou relativamente abertos, levando para alí as energias, as idéias, o otimismo e a atitude progressista da juventude, e alí adquirindo a estabilidade que só alcançamos quando radicados em um lugar. As enormes metrópoles não são conducentes à independência; esta floresce melhor onde há amplidão de espaço e onde os homens são julgados pelo que são, porque a gente sabe *quem* são eles.

Pontos de vista

UM COMERCIANTE de Nova York, em viagem de negócios ao extremo sul dos Estados Unidos, impacientou-se com a calma indolente dos sulistas.

—Não sei como vocês conseguem realizar alguma coisa! exclamou, dirigindo-se a um velho fazendeiro que se espreguiçava sentado ao sol.

—Meu jovem amigo, retrucou o velho, —meu avô costumava dizer que vocês, nortistas agitados, acabam perdendo, na pressa, muito mais do que nós, com a nossa calma, deixamos de ganhar.

—Geneva H. Lynch

Relato flagrante, em primeira mão, da assombrosa tarefa que os aviadores aliados estão realizando a favor de dois milhões de alemães sitiados

Os que rompem o bloqueio de Berlim

(Condensado de «Forum») *Por Karl Detzer*

UMA DESTAS noites voei num dos aviões que estão socorrendo Berlim. Em poucas horas vi meio milhão de quilos de alimentos e carvão irromper dum céu chuvoso, para ir nutrir e aquecer a população faminta desta cidade de ruinas e espanto. Vi os jovens aviadores americanos, exultantes, fazer o impossivel para dar de comer aos seus inimigos de há três anos apenas.

Hoje o inimigo é a fome, que tem por aliados os russos.

A cerca de 480 quilômetros de Berlim, para lá dos últimos e tétricos postos avançados da zona soviética, acha-se o grande aeroporto construido pelos americanos—o Rhein-Main. Alí e em outros aeródromos, avista-se um interminavel cortejo de caminhões carregando alimentos e combustiveis, e é dalí que levantam vôo os grandes aviões quadrimotores.

Todo aquele dia, em Francforte, que fica perto, eu estivera ouvindo roncar os aviões lá no alto; às seis da tarde fui de automovel até o aeroporto, acompanhado dum sargento chamado Boyer. Caía uma chuva leve e o terreno estava coberto de neblina. No escritório de operações fui informado de que não poderiamos decolar antes das oito da noite. Fiquei a tomar café com um jovem oficial americano, de São Francisco, na companhia de sua esposa, uma bonita moça de Chicago. Ambos tinham trabalhado em Berlim, de onde haviam saido para casar-se, e agora iam regressar à metropole. Para

nos ouvirmos, éramos forçados a berrar por cima da mesa, pois estávamos a dois passos daquele barulho infernal de aeronaves chegando e partindo, e de caminhões de farinha, de passas, de conservas, passando velozes, a caminho das pistas de carregamento.

Chegou enfim a notícia de que o nosso avião estava pronto para decolar. Era preciso andar depressa, porque avião de socorro não espera por passageiro! Desatamos a correr, carregando nossos sacos de vôo. O avião estava já no pátio de manobra, entre outros vinte, ansiosos de penetrar na noite negra, com os motores girando estrepitosamente. Era um cargueiro aéreo, todo enfarinhado e enfarruscado, e não tinha poltronas—somente um banco corrido em toda a volta. Alí nos sentamos com malas de correio amontoadas aos pés. No avião iam oficiais americanos, ingleses, franceses, todos eles a caminho de seus postos na sitiada Berlim.

Rodamos para fora da rampa, com o nariz de nosso avião quase tocando a cauda do avião da frente, e outro avião atrás de nós, tambem a curta distância. Nestas operações de socorro não há tempo para muitas precauções. Espiando pela pequena vigia, redonda e suja, eu podia enxergar à retaguarda uns trinta aviões, recebendo carga ou tomando lugar na linha. O barulho dos motores era de ensurdecer.

Instantes após, a menos de 200 metros do avião precedente, começamos a correr. Quando as rodas de nosso avião se despegaram do concreto da pista, já outro aparelho vinha roncando, veloz, à nossa retaguarda, para se erguer no ar.

Chegou então um aviso pelo rádio: um avião naval acabava de aterrissar desastradamente numa pista escorregadia de Tempelhof, capotando e explodindo. Os bombeiros, envergando suas roupas de amianto, estavam tentando socorrer a tripulação. Não era possivel aterrarmos alí; mas tambem não podiamos voltar...

Aviões York, ingleses, estavam descarregando no aeroporto de Gatow, no setor inglês de Berlim, à razão de um aparelho de 4 em 4 minutos. Rumaríamos pois a Gatow, insinuando-nos conforme pudéssemos por entre os aviões britânicos. Custou-nos isso alguns minutos mais de precioso tempo, mas alí descemos enfim, menos de 60 segundos após o avião que nos precedia, e um minuto à frente do avião que nos seguia... Quando já íamos inclinando para aterrar, o piloto disse: «Estão vendo aquele pessoal lá em baixo? Aquela gente está sempre alí, espiando—dia e noite!»

No dia seguinte estava eu ao lado daquela gente; eu os vi tirar os bonés e murmurar com fervor, a cada avião que entrava: «Obrigado, obrigado, e Deus seja convosco!» Centenas de pessoas ficam assim, nos aeroportos, desde a manhã nevoenta até tarde da noite. Quando morre um aviador—e, nos primeiros seis meses do socorro aéreo, 36 aviadores ingleses e norte-americanos pereceram entre os escombros de suas aeronaves incendiadas—os alemães se reunem para rezar

pelas almas desses cavaleiros do ar, mortos na flor da vida. E escrevem cartas comovedoras às famílias dos sinistrados.

Berlim é como uma ilha em um mar de tropas soviéticas. Estão alí 2.500 soldados norte-americanos, e, formando um anel em volta deles, há cem mil dos mais aguerridos soldados russos, com tanques e artilharia. Se a guerra se declarasse de um momento para o outro, os americanos poderiam, quando muito, resistir durante meia hora! Mas alí estão e alí hão de permanecer, enquanto restar em Berlim um cidadão que precise da comida e do combustivel que eles lhe asseguram!

No dia em que iniciou o socorro aéreo, em junho de 1948, o general Lucius D. Clay, governador militar norte-americano, tinha dois transportes quadrimotores C-54, meia dúzia de bombardeiros e cerca de duas dúzias de bimotores C-47. A tonelagem transportada na primeira semana foi lamentavelmente diminuta, e a reserva de alimentos e combustiveis para 21 dias começou a sumir de modo alarmante. Clay pediu mais aviões, mais pilotos e mais pessoal técnico de terra. Pediu milhões de litros de gasolina, peças sobressalentes, oficinas de conserto, degeladores, mais aparelhos de rádio e equipamento de radar.

De todos os cantos dos Estados Unidos partiram os grandes aviões de transporte da Força Aérea. Vieram depois os C-54 do Comando do Alasca, com suas altas caudas vermelhas, e mais aeronaves, do Panamá, de Porto Rico, de Honolulu, do Extremo Oriente. A Marinha mandou tambem aviões para o abastecimento de Berlim, e tomou o lugar da Força Aérea no serviço de transporte transatlântico. Os ingleses despacharam todos os aviões que tinham disponiveis; os australianos e neo-zelandeses ofereceram tambem o seu punhado de aviões, e muitos homens para o serviço de pista.

Atualmente, 240 grandes aviões da Força Aérea e da Marinha dos Estados Unidos, 100 aparelhos ingleses York e Dakota, e alguns «vagões voadores», abertos à retaguarda, para o transporte de maquinaria pesada, despejam cada 24 horas cerca de cinco mil toneladas de alimentos, combustivel e suprimentos médicos na cidade sitiada. Em janeiro, as reservas de Berlim tinham subido do quantitativo de 21 dias para o de 30, isto a despeito do nevoeiro e do tempo invernoso.

Toda a Europa, tanto dentro como fora da Cortina de Ferro, conhece a história do abastecimento aéreo de Berlim. Oito mil rapazes americanos—pilotos e engenheiros, operadores de rádio e radar, choferes de caminhão e mecânicos—a estão escrevendo com êxito através dos céus da Alemanha, para que o mundo a veja. Ao lado deles labutam dois mil aviadores ingleses e algumas centenas de resolutos australianos e neo-zelandeses. Os franceses, não possuindo uma grande força aérea, contribuem com certo número de técnicos.

Esses aviões recebem carga em sete aeroportos de suprimento situados nas zonas britânica e americana da Alemanha. À medida que eles vão baixan-

do para aterrar em Berlim, os pequenos *jeeps* amarelos que formigam no aeródromo os vão guiando para as plataformas de descarga. Cada um desses carros tem na retaguarda um letreiro de gás neon, verde vivo: «Siga-me». Os aviões deslizam, rápidos, pelas pistas atravancadas, e seguem docilmente os *jeeps* até o ponto indicado.

Quando um avião se aproxima do lugar que lhe foi reservado para descarregar, sai ao seu encontro, trepidando, um formidavel caminhão de 16 rodas. Abre-se a porta lateral da aeronave, enquanto o caminhão recua para se pôr em posição favoravel. A precisão da manobra é espantosa: não se perde nem um segundo.

Os três homens da tripulação do avião descem às pressas por uma escada de mão, ou deixam-se escorregar até o chão por uma corda. O piloto é um capitão ou primeiro tenente da Força Aérea; o co-piloto é um tenente; e o mecânico, um sargento ajudante. São todos jovens e robustos—e estão horrivelmente cansados! Suas faces apresentam-se, muitas vezes, negras do pó do carvão que transportam. Não dormem o suficiente e não dispõem de tempo para fazer refeições regulares.

Um pequeno caminhão-cozinha sai ao encontro de cada aeronave que chega. Através de suas janelas abertas, avistamos um cozinheiro e duas copeiras alemãs. «Dois cachorros-quentes com bastante mostarda!» berra o piloto por entre o estrépito dos motores, acrescentando: «Café, simples!» O co-piloto agarra um sanduiche de carne picada e um refresco; o mecânico, uma xícara de chocolate e sonhos. Os tripulantes fustigados pelo frio batem os pés no chão congelado. Os aquecedores de bordo estão de há muito desarranjados na maioria dos aviões, mas o tempo não chega para consertos de pouca importância.

Ao cabo de dez minutos, o caminhão se afasta, levando a carga. Os aviadores, ainda mastigando os sanduiches, já marinharam a bordo do seu pássaro gigantesco. O co-piloto agarra o microfone: «Pronto para decolar,» comunica ele à torre de controle.

«Entre na fila,» ordenam da torre.

A torre do aeroporto de Tempelhof é uma das instalações mais importantes do mundo de hoje. Washington e Londres, París e Moscou não a perdem de vista: espiam-na com insistência, e as decisões dessas capitais são em boa parte inspiradas pela eficiência dela...

Mas a «torre» é somente um barracão de tábuas, montado no alto de umas estacas de madeira, muito acima do terraço do edifício da direção, com seus seis andares. As amplas janelas abrem sobre as pistas brancas e paralelas do aeródromo. Sentados a uma comprida mesa, cinco jovens soldados americanos, com os fones presos aos ouvidos, guiam a interminavel procissão de aviões que chegam, dando instruções sobre a descida e mantendo-os perto uns dos outros o bastante para que não se perca nem um minuto.

Não há um instante de distração para estes rapazes, sempre agarrados à exigente tarefa que se impuseram. No dia que eu lá estive, o oficial de serviço era um tenente da Força Aérea, de 25 anos; dois sargentos e dois cabos, de 23 anos de idade, constituiam o pessoal imediatamente subordinado. Diante de cada homem vê-se um microfone, e uma fila de alto-falantes em cima da mesa fazem um barulho infernal. Em uma sala de baixo, outros soldados estão marcando os vôos em um grande quadro de despacho.

Lá fora vai-se adensando o nevoeiro, e as luzes côr de laranja das pistas são agora de um ocre sujo. As aeronaves já começam a chegar atrasadas; com o radar não se pode dar-lhes entrada tão depressa quanto num dia de sol. Os homens da torre falam nos microfones e os alto-falantes respondem aos berros. Um cabo está dizendo: «Tempelhof chamando vôo 79. Pode entrar, 79! Qual é a sua posição?»

«Distância 8 quilômetros, altura 600 metros,» responde o aviador.

Outro alto-falante diz em voz estridente: «Motor número três parado! Preciso mecânico.»

Um dos sargentos responde: «Roger!» e dá à manivela dum telefone. O outro sargento vem repetindo: «Torre chamando 92. Pode entrar, 92!» Depois vira-se para o tenente: «Vôo 92 não responde.» O tenente agarra um microfone e chama o avião, mas não obtem resposta. O sargento ergue os olhos para o céu, que vai escurecendo: «Talvez seja ele que vem lá em cima,» diz. «Parece que tem encrenca.» A aeronave tenta aterrar. Os quatro praças dão instruções, aos gritos, para que os outros aviões se conservem no ar. O tenente faz o sinal de chamada ao caminhão de socorro e à ambulância. O avião ruma para a pista; aproxima-se a grande velocidade. Sente-se crescer a tensão na torre. O avião toca a pista e não capota... Todos respiram aliviados!

«Torre chamando vôo 63,» diz um sargento, com toda a calma. «Pode aterrar. Número 51, siga o 63. Encurte a distância.»

Sempre a mesma rotina...

No inverno passado, embora os aviões de socorro estivessem transportando milhares de toneladas, o nevoeiro que cobriu os campos de pouso dias e dias seguidos, deu aos russos alguma esperança. Os pilotos faziam vôo cego através da pior intempérie registrada em 32 anos, e todos os aviões precisavam de ser guiados pelo radar, para a aterrissagem.

Uma noite em que o nevoeiro era mais cerrado, certo piloto recebeu ordem pelo rádio para fazer uma aterrissagem por instrumentos. Atrás dele vinham alinhados doze outros aviões. Os pilotos, atentos às ordens, ouviram o primeiro colega responder: «Vai haver uma pequena demora. Não consigo encontrar meus remos!» Os outros pilotos deram uma gargalhada, e a tensão aliviou. Todos aterraram a salvo. Não tardou muito que uma onda de frio viesse dissipar o nevoeiro.

Quatro quintos do peso da carga, aproximadamente, consistem em carvão, mas dois terços do volume da

mesma são ocupados por comestíveis —na maior parte, alimentos deshidratados. O carvão é exclusivamente usado na produção de energia elétrica e de gás para a cozinha. A população da cidade está derrubando as grandes árvores dos parques, afim de fazer lenha para aquecer suas casas.

Alem do aeródromo inglês, há um novo campo de aviação no setor francês. Quando o General Clay resolveu construir este último, os russos acharam graça. Sabiam que em toda a cidade não existia cimento nem asfalto suficiente para pavimentar nem uma pista. Alem disso, quando sairam do setor ocidental de Berlim, abandonando-o aos Aliados, tinham levado todos os *bulldozers*, misturadores de concreto e máquinas de pavimentar.

O general Clay pôs 30 mil alemães de ambos os sexos a trabalhar com pás, picaretas e carrinhos de mão, aterrando as crateras abertas por bombas no terreno. Os vagões voadores trouxeram maquinaria pesada. Quando uma escavadora mecânica era grande demais para ir inteira, os mecânicos a cortavam com maçarico elétrico, e voltavam a soldá-la em Berlim! Os aviões do socorro aéreo carregaram milhões de quilos de cimento e de asfalto para construir as pistas de aterragem de quilômetro e meio de comprimento. E hoje os aviões já podem aterrar nessas pistas, carregados de alimentos.

Se bem que o forte dos carregamentos seja para o leste, com destino à cidade, os aviões têm transportado carga especial nos seus vôos de regresso. Um mês houve, por exemplo, durante o qual transportaram três mil crianças que precisavam de mais leite e verduras do que lhes concedia a ração de Berlim. Esses meninos estão hoje ganhando peso e recobrando boas cores nas fazendas das zonas inglesa e americana.

Naquele domingo de janeiro último, em que o socorro aéreo completou 200 dias de operação, Berlim resolveu —sem avisar os americanos—celebrar a data, prestando homenagem aos aviadores que lhes estavam levando o pão de cada dia. Pela manhã cedo, as ruas em volta do aeroporto começaram a encher-se de gente que envergava o melhor dos seus farrapos. Levavam modestos presentes aos aviadores—pequenos brinquedos talhados a mão, pratas ou porcelanas velhas que haviam escapado entre as ruinas da cidade. Todo aquele dia os berlinenses agradecidos continuaram afluindo alí, aos milhares. Rompiam os cordões de isolamento e invadiam o aeroporto para entregar pessoalmente os seus presentes aos aviadores.

Os habitantes de Berlim perderam, em média, uns 7 quilos de peso desde o começo do bloqueio. Mas eles culpam disso os sovietes, ao mesmo tempo que registram a sua gratidão pelo socorro. Oitenta e cinco por cento dos eleitores acorreram às urnas em dezembro último, para as eleições livres na cidade sitiada, e 99 por cento deles consignaram os seus votos contra o comunismo.

QUALQUER UM PODE MELHORAR O MUNDO

Condensado do livro «You Can Change the World», de*

James Keller

Fundador, em 1945, do movimento dos Christophers

«É melhor acender uma vela do que invectivar as trevas»—diz um velho provérbio chinês.

Numa pequena cidade da Califórnia, um jovem negro, que estudava para o professorado, aceitou trabalho, nas horas vagas, num posto de gasolina, para sustentar-se a si e à esposa até concluir o curso. Mas alguns fregueses objetaram: queriam comprar gasolina somente a brancos. O proprietário ia demitir o rapaz, quando uma vizinha indagou:

—Quantos fregueses o senhor perderá se ficar com o empregado?

—Uns 18 ou 20.

—Se eu lhe conseguir 20 clientes novos, o senhor o manterá no emprego?

—Sem dúvida.

Esta senhora indignada conseguiu não somente os 20 fregueses novos, mas ainda cinco de sobra. Ela fazia parte dos *Christophers*, um grupo, cada vez maior, de homens e mulheres unidos com o propósito de contribuir para a transformação deste planeta em um mundo melhor.

Que é um *Christopher?* É uma pessoa que acredita na responsabilidade individual pelo bem comum e que se dispõe a executar uma determinada obra; um homem ou mulher comum, pronto a trabalhar e a se sacrificar. É realmente assombroso constatar os resultados conseguidos individualmente por gente humilde, imbuida de fé e de zelo.

Conquanto sob os auspícios da Igreja Católica, o movimento compreende, entre seus adeptos, indivíduos de todos os credos. Não tem sedes ou comitês nem faz reuniões; não tem lista de sócios nem cobra mensalidades. De um escritório central, em Nova York, são de vez em quando enviados boletins a mais de cem mil interessados; esse é o único vínculo existente entre eles. Cada qual crê que, só e sem ajuda, tem um posto na guerra entre o bem e o mal. E tem de acreditar que dispõe, como indivíduo, de um poder capaz de transformar o mundo.

*Editado por Longmans, Green & Co., 55 Fifth Ave., New York 3, N.Y.

Uma demonstração de como o esforço individual se multiplica, foi realizada num comício patriótico de cem mil cidadãos que encheram o Coliseu de Los Ângeles, certa noite escura, sem estrelas. A multidão foi tomada de surpresa quando o presidente disse:

«Todas as luzes vão ser apagadas, mas não tenham receio.»

Nas trevas, riscou um fósforo.

«Quem estiver vendo esta pequenina luz queira exclamar: Sim!»

Um vozerio ensurdecedor partiu da assistência.

«Assim tambem fulgura um ato de bondade num mundo de maldade. *Vejamos agora o que acontece se cada um de nós acender um fósforo.*»

Num instante, quase cem mil minúsculas chamas banharam de luz a imensa arena—fruto da colaboração de cem mil indivíduos, cada um fazendo a parte que lhe tocava. É assim que funciona o movimento *Christopher*.

Não importa quem somos, nem nossa condição ou onde estamos, nós podemos melhorar o mundo. Como indivíduos, todos temos importância. Valemos alguma coisa.

Lembre-se da gigantesca campanha epistolar que contribuiu para esmagar as forças radicais, no recente pleito eleitoral da Itália. Milhões de cartas foram enviadas dos Estados Unidos, por pessoas de ascendência italiana, animando parentes a votarem contra o totalitarismo. O homem que provocou aquela brilhante campanha foi um barbeiro de Southampton, no Estado de Nova York.

Irritado com as críticas e mentiras veiculadas no Velho Mundo contra coisas norte-americanas, exasperou-se ainda com o fato de que as pessoas que ressentiam tais ataques nada faziam para os repelir.

Resolveu, então, intervir pessoalmente.

Primeiro, escreveu para parentes em Santa Catarina, na Sicília, relatando a vida feliz que levava. A seguir, escreveu para os parentes da esposa. Depois, persuadiu o filho, médico, e a filha, especialista em dietética, a escreverem tambem. Simultaneamente, apelou para os jornais e até para o Presidente Truman, pedindo auxílio para mobilizar toda a nação nessa campanha. Todos concordaram em que a idéia era boa, mas impraticavel. Várias organizações desejaram-lhe êxito, mas nada mais fizeram.

O barbeiro, entretanto, apaixonado pela causa que defendia, não desanimou. Continuou a pedir ajuda. Paulatinamente, a idéia começou a tomar vulto. Negociantes, jovens esposas estrangeiras de pracinhas, donas de casa, associações de antigos combatentes, sociedades cívicas e líderes religiosos aderiram. O ininterrupto gotejar de cartas para a Itália transformou-se em torrente; o triunfo democrático, para o qual o movimento contribuira, deu alento à Europa inteira.

Um único homem iniciara isso, porque se erguera de seu círculo restrito e egoista para galgar um mundo mais amplo, de potencialidades inimaginaveis.

Sem espetaculosidade, mas de inúmeras formas, dezenas de milhares de *Christophers* estão ativos, e jamais na história houve tão premente necessidade de tais iniciativas, pois o mundo hodierno padece de um mal da alma, chamado materialismo. Se subsistir a tendência para o paganismo, é apenas uma questão de tempo para que as nações sofram colapso interno. Foi o que sucedeu à Alemanha.

Milhões de honrados cidadãos já há muito se esqueceram da verdade básica de que os direitos fundamentais do homem provêm de Deus *e não do Estado!* Já não se lembram de que, com efeito, a finalidade precípua do Estado é *garantir* tais direitos outorgados por Deus.

Acreditar que esses direitos estejam seguros hoje em dia, é viver na ilusão.

O corretor da bolsa de títulos que sacrificou o padrão de vida da família para aceitar um emprego público e defender princípios justos, é um *Christopher*. Tambem o é a jovem epiléptica que, do leito, num pequeno hospital da Califórnia, se pôs a escrever uma seção de jornal que «salientaria o bem existente na vida que nos envolve, em vez de fazer justamente o contrário». Um jornal de pouca projeção publicou suas palavras; afluiram cartas—e, por incrivel que pareça, a jovem já quase se restabeleceu da epilepsia. Os médicos sabem a razão: ela abandonara a si mesma e seu mundo circunscrito, elegera um ideal na vida, e assim, conjurara as frustrações espirituais e emocionais.

O caso da esposa de um operário revela a inestimavel força da mulher que trabalha obscuramente no lar. O marido disse-lhe que os «vermelhos» se estavam apoderando da direção de seu sindicato. «Não se meta nisso!» aconselhou-o ela. «Só dará encrenca.»

Mas um *Christopher* explicou como o afastamento da gente decente dos sindicatos era justamente o que os «vermelhos» queriam. Daí em diante, ela animou o marido a assistir a todas as reuniões, induziu-o a persuadir outros, instou-o a candidatar-se à presidência do sindicato. Em suma, é esse o histórico do processo pelo qual um grande sindicato foi arrebatado a uma minoria esquerdista organizada. Uma única mulher, animada do espírito dos *Christophers*, foi o bastante para atear a chama.

Em casa, em nossas relações pessoais, devemos pôr em prática o amor fraternal e transmitir a mensagem do que há de bom na vida. À medida que cresce o nosso amor ao próximo, constatamos que aumentam as nossas próprias forças. Aprendemos a discordar sem sermos importunos. Tornamo-nos mais acessiveis. Compreendemos melhor por que é que *todos* querem ser realmente benquistos e não apenas tolerados. Continuamente descobrimos qualidades apreciaveis até nos piores indivíduos. Sentimos um calor íntimo, vemos as coisas com simpatia humana; naturalmente cometemos erros, mas podemos rir-nos deles. Nosso espírito imperecivel dará alento a todos que encontrarmos em nosso caminho.

A própria vida assumirá um sentido novo, de exultação, porque estaremos

consumando o destino para o qual fomos criados: o de amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos.

«Detestamos o cristianismo e os cristãos,» proclamou Anatoly Lunacharsky, que foi comissário de educação da União Soviética. «Mesmo os melhores deles têm de ser considerados nossos piores inimigos. Apregoam o amor ao próximo e a misericórdia, o que é contrário aos nossos princípios. O que queremos é o ódio... Só então conquistaremos o universo.» (Citado no *Izvestia*.)

A única coisa que aterroriza os ímpios de todo o mundo é o temor de que, algum dia, todos quantos acreditam em Cristo despertem—*e comecem a pôr em ação a sua crença*.

Uma vez que isso aconteça, a maioria dos problemas que assediam a humanidade desaparecerá da noite para o dia.

Crianças de hoje

—MAMÃE, perguntou uma menina de dez anos, filha de ingleses, —como é que a princesa Elizabeth *sabia* que ia ter um bebê?

Antes que a mãe pudesse responder, a irmã mais moça, de cinco anos, adiantou-se, com ar superior:

—Ora, ela sabe ler, não sabe? Pois estava em todos os jornais!

—Sra. E. M. Darlaston, em *John Bull*

UM FUNCIONÁRIO do governo inglês, em serviço no Egito, estava em vésperas de regressar à Inglaterra. Como seu filho tivesse demonstrado sempre um encanto muito especial pela estátua do general Gordon, em que este está montado num camelo, levou o garoto para uma última visita, de despedida.

—Adeus, Gordon, disse o menino, entre soluços.

O pai comoveu-se com a sensibilidade patriótica do filho. No caminho, este perguntou inesperadamente:

—Papai, quem é *aquele homem* que está montado no Gordon?

—*The British Weekly*

O porquê de «Ike»

COMO NÃO gostava que chamassem os seus filhos Arthur e Edgard de «Art» e «Ed», a mãe do general Eisenhower decidiu dar ao terceiro filho um nome que não pudesse ser abreviado: Dwight. «Ela tinha razão,» explica o general. «Ninguem pode abreviar o meu nome. Por isso é que todos me chamam de Ike...»

—Morton Downey, citado por Leonard Lyons

Meu tipo inesquecivel

Por Patricia Rawlins

A IMAGEM mais remota que guardo do Tio William é esta: um gigante de grandes barbas emaranhadas, em pé diante do lume que ardia e estalava na lareira de nossa sala de estar, em uma tarde de domingo e de neve, enquanto nós, quatro crianças sentadas a seus pés, escutávamos maravilhadas a narração de suas aventuras no Polo Norte, lá no ano distante de 1897... As montanhas de gelo flutuante haviam esmigalhado o navio que ele comandava. Seguido de doze tripulantes, lá fôra ele rompendo caminho nas vastidões desertas do planalto polar, fustigado pela ventania inexoravel e pela neve. Os exploradores, um após outro, foram perecendo, gelados... E só o Tio William conseguira regressar vivo ao mundo dos civilizados!

Depois dessa emocionante narrativa, nós nos apoderávamos do Tio William todas as vezes que ele aparecia lá por casa. Ele ia plantar-se no seu lugar favorito, em frente da lareira; acariciava as barbas pensativamente durante alguns instantes; depois cruzava as mãos nas costas, e começava a contar... Assim, revivemos com ele o duelo que travou um dia, nas selvas do Iucatã, quando uma jibóia de 15 metros de comprimento lhe saltara em cima, lá do alto de uma árvore. Seus músculos formidaveis, retesados de esforço, se avolumavam nas mangas do casaco para nos descrever a força bruta com que ele agarrara a serpente e pouco a pouco a forçara a afrouxar seu amplexo de morte.

Com ele sofremos, amarrado e amordaçado no fundo de uma piroga de

índios guerreiros; e quando ele virou a canoa, rebentando as cordas com tremendo arranco, e escapuliu nadando debaixo da água até à margem, com um crocodilo a seguí-lo de perto—nós até paramos de respirar! Tio William tinha muitas vezes consigo a prova material de suas façanhas: um pedaço da corda esfiapada com que os índios o haviam amarrado; e nós a examinávamos com profunda reverência, passando-a de mão em mão.

As histórias com que ele fascinava nossos pais e os amigos de casa, eram menos macabras, mas nem por isso menos empolgantes. Segundo parece, ele conhecera pessoalmente quase todos os soberanos da Europa, e podia descrever um jantar de gala no Palácio Real de Buckingham ou um chá a bordo do iate do Kaiser, em Kiel, com tanta eloquência quanta punha em fazer-nos ouvir o vento gelado, uivando através dos desfiladeiros do Nanga Parbat. O fato é que os adultos adoravam tanto quanto nós a narrativa das aventuras de Tio William.

Chegara ele à nossa pequena cidade em 1905, repimpado em um imponente automovel de marca européia, sobre o qual se empilhavam as malas, e acompanhado de um criado chinês. Espreitando por trás das cortinas, mamãe não o reconheceu logo—pois se havia dez anos que nem notícias tinha dele! «Quem poderá ser?» perguntou-me ela, franzindo a testa. Depois soltou uma exclamação e correu ao encontro dele. Tio William sorriu, apertou-a num abraço de quebrar costelas e bradou na sua voz de trovão: «Estou chegando de minha viagem à roda do mundo, mana!» E entrou em casa com tanto à-vontade, como se houvesse estado ausente dois dias apenas.

Resolveu instalar-se para viver na nossa vila. «Já estou farto de viagens,» confessou ele a papai. «Vou comprar uma fazenda por aquí, e dedicar-me à lavoura.»

A maioria das pessoas maduras do lugar não simpatizaram com o Tio William à primeira vista. Wing, o chinês taciturno, o carro Mercedes com seus brutos faróis de latão, e as barbas do meu tio—tudo era para causar estranheza! E a vila se recolheu discretamente, desconfiada, não esperando dalí boa coisa...

Mas os desconfiados enganavam-se redondamente. A propriedade meio desprezada que ele comprou tornou-se em poucos anos uma das fazendas mais prósperas de toda a região. O dono, embora evidentemente rico, mourejava nos campos. Os trabalhadores da fazenda contavam episódios reveladores de sua força e resistência. As maçãs, as abóboras e o milho da fazenda do Tio William ficaram famosos, ganhando, invariavelmente, todos os primeiros prêmios na feira agrícola regional.

Para Tio William, contudo, o puro e simples trabalho era uma explicação demasiado singela do seu triunfo. «Tudo isto é o resultado dos truques que eu fui aprendendo por esse mundo a fora. Vejam estes limões, por exemplo: um velho frade siciliano ensinou-me um dia...» De começo, os vizinhos

o escutavam com bastante cepticismo; mas, com o rodar do tempo, até o mais refratário dos fazendeiros começou a pedir-lhe conselho.

Quando cheguei aos meus 14 anos, Tio William era já considerado uma espécie de instituição pública na vila. Às sextas-feiras de tarde, ele descia a Rua Central instalado no que ele chamava a sua «equipagem», e era um verdadeiro acontecimento. O Mercedes, com Wing a conduzí-lo, rodava majestosamente até à porta do banco. Tio William esperava que o banqueiro aparecesse para recebê-lo. Só então descia da «equipagem», tirando o chapéu em resposta à saudação. «Continuamos sem sinais de chuva,» adiantava o banqueiro, respeitosamente. «Está ficando ruim para as colheitas...»

Tio William tinha um complicado ritual meteorológico: molhava o dedo na boca e ficava com ele espetado no ar alguns minutos, relanceando os olhos penetrantes pelo céu, em todas as direções, primeiro farejando cautelosamente os ares, depois tomando inalações profundas. Finalmente pronunciava a sua previsão: «Eu, se fosse o senhor, não me preocupava com as colheitas. Até diria que vamos ter chuva depois de amanhã!» E o melhor do caso é que quase sempre dava certo...

Aquela entrevista semanal no gabinete do banqueiro era de uma importância consideravel para os negócios do lugar. Em uma dessas sextas-feiras, eu o acompanhei na excursão habitual. As cotações da bolsa haviam caido muito, corriam alarmantes boatos de craque, e o banqueiro estava, naturalmente, apavorado. Falou com Tio William dos empréstimos que tencionava cobrar sem demora, de algumas hipotecas que tencionava executar... «Espere um pouco,» disse o Tio William. «Quando eu estive em Boston, a semana passada, falei com alguns amigos, gente aliás de bastante influência, e troquei impressões com o Secretário do Tesouro, que por acaso estava de passagem por lá. Todos eles concordaram num ponto: não vai haver nenhum craque. E se o sr. executa as hipotecas, vai mas é perder dinheiro...» Quando meu tio acabou de falar, o banqueiro acenava a cabeça em sinal de aprovação. Tio William fez-lhe uma preleção sobre não sei que moedas romanas que ele havia encontrado nas ruinas de Herculano, e um discurso sobre o valor do ouro como base monetária.

Depois do banco, era a vez da farmácia. Tio William tinha dado ao boticário uma coleção de ervas que ele próprio colhera no Tibete, segundo explicou. Cada um dos frasquinhos de feitio exótico era acompanhado de instruções minuciosas, escritas com a caligrafia de meu tio, precisa e fina como gravura em cobre. O farmacêutico havia experimentado as ervas um pouco descrente, mas elas deram resultado, e a sua fama se espalhou até os confins do condado.

Após uma conferência nos fundos da loja, sobre os negócios públicos da vila—pois o boticário era tambem vereador—Tio William se encaminhava para o gabinete do xerife. Ambos

tinham um fraco especial pelo Crime. A técnica do enforcamento era um dos tópicos prediletos dessas palestras, e Tio William conhecia toda a história do macabro assunto. Ele próprio vira enforcar piratas nas margens do Iangtsequiang, estivera presente quando o famigerado assassino Rutherford caiu pelo alçapão do cadafalso, na Prisão de Pentonville, e vira garrotar certo número de condenados na Espanha. Para reforçar essa troca de impressões, Tio William sacava, de um dos inúmeros bolsos da imensa sobrecasaca, um frasco de aguardente feita por ele próprio segundo uma receita especial que, afirmava, lhe fora dada por um monge russo! O xerife ia bebericando o nectar e escutava meu tio, positivamente fascinado.

Convencido, enfim, de que tudo nos seus domínios corria da melhor maneira possivel, Tio William, na sua «equipagem», rodava a caminho de casa—um velho edifício baixo e espaçoso, de muitas portas, e com escadas onde menos se esperava. Pendiam das paredes os troféus do corredor de mundos—azagaias africanas, *boomerangs* australianos, cimitarras, máscaras usadas em cerimônias religiosas, cabeças de animais—e cada objeto tinha a sua história. Só uma das salas estava vedada às crianças: a biblioteca.

E foi alí que, no dia em que completei meus 18 anos, descobrí, por acaso, o segredo do Tio William. Ele tinha saido, Wing estava ocupado na cozinha, e eu fui encontrar a porta da biblioteca entreaberta. Tomada de irresistivel impulso, penetrei na ampla sala, cujas paredes estavam completamente forradas de estantes e arquivos, tudo cuidadosamente etiquetado —África, China, Tibete, Ervas e Drogas, Crime, etc. Sobre a mesa de leitura, viam-se alguns volumes abertos e um bloco coberto de notas do próprio punho de Tio William. Inspecionei aquilo: era evidente que ele andava agora absorvido no estudo da caça de grandes animais. Fiquei tão absorta na leitura de notas e livros, que o primeiro aviso que tive da aproximação de meu tio foram as suas sonoras passadas no corredor. Perdendo a compostura, pulei duma janela aberta, dei a volta ao edifício, entrei pela porta da frente e disse que tinha andado passeando pelo jardim. Tio William, com suas habituais maneiras senhorís, deu-me parabens pelo meu aniversário e ofereceu-me um anel que comprara no Japão.

O sábado seguinte foi um dos dias mais horriveis de minha vida. Na reunião do Clube de Informações, meu tio fez uma palestra sobre... a caça aos grandes animais da selva! Compreendí de repente que ele estava contando uma história que eu tinha lido em um dos livros abertos em cima da mesa da biblioteca—e contando-a como se tivesse acontecido com ele! A essa narrativa outras se seguiram, cuja proveniência eu reconhecí igualmente... Depois da sessão, voltei a casa meio estonteada, fui para o meu quarto e chorei amargamente.

Transbordante de juvenil indignação, resolví espionar meu tio e, tão depressa tivesse provas suficientes, desmascará-lo, revelando toda a chocante verdade! Fiz averiguações junto a alguns dos seus amigos mais chegados e fui escrevendo minhas conclusões em um diário especial. Durante uma visita a minha avó, em Boston, encontrei um cavalheiro de idade que conhecera muito bem o Tio William. Com o que ele me contou, pude completar a «crônica» de meu tio.

Tio William era, na realidade, engenheiro mecânico. Depois de ter lutado por alguns anos com dificuldades, inventara um mecanismo que viera aperfeiçoar muito os motores navais. Fizera fortuna com as patentes. «Homem curioso, esse seu tio,» rematou o cavalheiro de idade. «Nunca eu pensei que ele fosse capaz de ganhar tanto dinheiro. Andava sempre metido com os livros, sonhando com eles, ou ajudando pessoas a sair de enrascadas. Passou muito mais tempo a cuidar dos outros, do que de seus próprios interesses. Acho que é talvez o único homem realmente *bom* que eu jamais conhecí.»

De regresso a casa, no trem, fui matutando no que o cavalheiro me dissera e a luz se fez no meu espírito. Tio William poderia não ter nadado no rio Ambla, nem escalado as encostas do Nanga Parbat, mas sem dúvida tinha representado o papel de Bom Samaritano em nossa vila.

Uma vizinha contou-me depois um episódio que eu ignorava. Certa noite de inverno, quando o vento zumbia feroz lá fora, ela viu a filhinha moribunda. Tio William soube disso e pôs-se logo a caminho, debaixo da tremenda nevasca. À porta da pequena casa da fazenda encontrou o médico, que lhe disse: «Não há esperanças. É pneumonia e a pequena não tem resistência.»

Tio William entrou na casa, puxou uma cadeira para junto da cama da doentinha, e meigamente agarrou-lhe a mão: «Meu bem, disseram-me que você está melhorando!» A menina olhou para ele e tentou sorrir: «Tio William,» murmurou, «conte uma história, sim, Tio William?» E Tio William contou.

Era a respeito de um palácio que ele tinha comprado nas montanhas da Grécia. Descreveu-lhe as árvores, as flores, os animais esquisitos que lá viviam. «Assim que você ficar boa,» acrescentou ele, «metemo-nos em um grande navio, você mais eu, e vamos visitar o palácio. Dalí iremos a Constantinopla, e talvez até à Índia. Conheço lá um sujeito que é treinador de elefantes...» Tio William falou, falou, e gradualmente a criança foi dando sinais de uma mudança incrivel, até que, relaxada a tensão, adormeceu.

Quando o médico voltou, ao amanhecer, ainda Tio William estava sentado à cabeceira da menina, que respirava brandamente e já não tinha as faces afogueadas. O médico a examinou e no fim disse com vagar, enquanto retirava o estetoscópio do pescoço: «Pois bem, você, William, deve ser melhor médico do que eu: esta criança está salva!» O gigante ergueu-se e espreguiçou-se: «Sim, pela graça de Deus, doutor!» disse ele. O médico voltou os olhos para aquela cara vin-

cada e bondosa: «Sim, é verdade: pela graça de Deus, e com o pequeno auxílio de uma das Suas melhores criaturas...»

A maioria das boas ações de Tio William ficavam, porem, anônimas. Houve, por exemplo, o caso daquele aleijadinho, Sonny, que vendia jornais de porta em porta. Uma tarde de muito vento e chuva, meu tio avistou da farmácia o pequeno caminhando pela rua, apoiado nas suas muletas, para entregar seus jornais aos fregueses. «Que é isso!» exclamou ele indignado. «A gente não pode tolerar semelhante coisa nesta terra! Um pobre aleijado distribuindo jornais com um tempo assim! Vamos dar um jeito nisso agora mesmo.»

Poucos dias passados, uma sociedade muito conceituada pelo êxito que obtivera no tratamento de crianças aleijadas, escreveu à mãe de Sonny, dizendo que um anônimo lhe fizera uma doação para o tratamento do pequeno na clínica. Ao mesmo tempo, o banqueiro declarou-lhe que ela devia passar a receber um cheque todos os meses, até que Sonny estivesse em condições de voltar a ganhar a vida. A boa mulher, orgulhosa e trabalhadeira, bem se esforçou para descobrir o nome do generoso benfeitor, mas tanto o banqueiro como o farmacêutico declararam ignorá-lo, pois Tio William os ameaçara de ir até à violência física se eles o denunciassem. «E uma ameaça de seu tio não é coisa para se levar na brincadeira!» disse-me o banqueiro, ao narrar-me o caso, em carater absolutamente confidencial. «É um homem com um gênio terrivel. Olhe que um dia quase que o vi partir um camarada pelo meio—um carroceiro que o Tio William viu espancando o cavalo mais do que lhe pareceu de justiça...»

Os anos correram. Casei, tive filhos, e as histórias de Tio William continuaram sendo para meus filhos tão empolgantes quanto o haviam sido para nós. Embranquecera-lhe a barba, mas todas as sextas-feiras, repimpado na sua velha «equipagem», conduzida por Wing, ele continuava a percorrer majestosamente a Rua Central. A vila se expandira; mas o Tio William continuava a ser tratado com a deferência que sempre esperava. Os sucessores do banqueiro e do farmacêutico saíam à rua para ajudar o corpulento ancião a apear-se do carro, e escutavam as suas narrativas com o mesmo respeito e interesse de seus predecessores.

Uma noite o novo médico da localidade tocou a campainha de nossa casa. «É por causa do Tio William,» disse ele, calmamente, quando atendemos à porta. «Receio que a doença seja grave. Ele quer falar com a senhora.» Fomos dar com Wing de pé à porta da biblioteca—a sala proibida! «O patrão está aquí, minha senhora,» disse o chinês, com a cara enrugada, tão impassivel como sempre, mas com os olhos marejados de lágrimas, que tentava disfarçar.

Tio William estava deitado no imenso divã de couro. «Venha, Patricia, sente aquí a meu lado,» disse ele. «Quero lhe dizer adeus. O meu coração nunca mais foi o que era, desde aquela expedição ao Himalaia...» Fez um gesto na direção das estantes carregadas de livros: «Você vai cuidar destes meus velhos amigos, não vai? Eles serão tambem bons amigos seus.» A sua grande mão nodosa estendeu-se a procurar a minha: «Vá, vá minha filha, nada de prantos. Eu tive uma vida maravilhosa. Cada instante foi uma alegria para mim...» Sua voz sumiu, reduzida a um sopro: «Um desses dias havemos de subir o Nanga Parbat, você não quer? É tão lindo...» E, com um leve suspiro, Tio William cerrou para sempre os olhos.

Piadas

LOCUTOR de rádio: «Ouçam amanhã à noite—à mesma hora, nesta mesma estação—o mesmo noticiário desanimador.»

—Chon Day, em *The Saturday Evening Post*

A ESPOSA ao marido: «Vou fazer compras. Voltarei daquí a uns 20 dólares.»

—Gregory d'Alessio, Publishers Syndicate

O TREINADOR de time de futebol, procurando estimular os jogadores: «Aquí estamos, invictos, sem pontos perdidos e prontos para começar o primeiro jogo do campeonato.»

—Bill King, em *The Saturday Evening Post*

UMA SENHORA a um escritor: «Creio que temos alguma coisa em comum—o senhor escreveu um livro, e eu já li um.»

—Salo, no *Daily Tribune*, de Chicago

UMA JOVEM ao admirador, num cassino: «Creio que vou tomar mais um uisque. Quando eu bebo, você fica tão espirituoso.»

—Bill King, em *Collier's*

A MULHER ao marido: «Está bem, reconheço que sou gastadeira. Mas desafio você a encontrar em mim outra extravagância.»

—Stamaty, em *Pic*

UMA SENHORA, enfeitando-se para sair, à filhinha: «Vá dizer a seu pai que *apenas* estou começando a fazê-lo esperar.»

—Chon Day, em *The Saturday Evening Post*

Serão as «mensagens dos mortos» uma forma de telepatia?

Fatos que não sei explicar

(*Condensado de «The American Magazine»*)

Por J. B. Rhine
Professor de Parapsicologia na Duke University, autor de «The Reach of the Mind»

DELAS experiências de laboratório, na Duke University, nós que lá trabalhamos há 17 anos sabemos que a comunicação de mente para mente, sem auxílio dos sentidos é fato comprovado. Atualmente, investigamos outros fenômenos psíquicos, que a ciência ortodoxa relegou ao monturo da superstição.

Nossas pesquisas são incrementadas pela cooperação de pessoas que contribuem com a matéria prima de sua experiência pessoal no terreno dos fenômenos psíquicos, para a análise de laboratório. Como exemplo, existe o caso de uma jovem que sonhou com o irmão postado na proa de um navio que naufragava. Ele tinha um telegrama na mão e estava rodeado de parentes em pranto. A irmã viu nitidamente o nome do barco—*Anderson*.

Mais tarde, recebia um telegrama que a informava de que o irmão perecera no torpedeamento do navio-tanque *Republic*. Ao pedir mais pormenores, soube que o nome do capitão do navio era Anderson.

Isto é o que chamamos manifestação psíquica verídica, pois o sonho da jovem tinha os atributos de relato de um fenômeno que realmente acontecera, mais ou menos no momento em que ela sonhara com ele. Era óbvio que ela fizera um relato verídico do que sonhara. Se ela quisesse exagerar, provavelmente teria dito que o nome do navio que vira no sonho era *Republic*.

Um indivíduo que mora no Texas contou que, certa noite, quando se preparava para dormir, seu pai entrou no quarto, vestido de macacão todo manchado de graxa, e com semblante tristonho.

«Papai!» exclamou o filho, estendendo-lhe a mão.

O pai deu-lhe um forte aperto de mão e, subitamente, desapareceu. A essa altura, soou a campainha da porta. Atordoado, o jovem precipitou-se escada abaixo. Lá estava um mensageiro, com um telegrama que participava a morte do pai na Califórnia, na garage onde trabalhava.

No nosso laboratório, aceitamos esses relatos não como prova de coisa alguma mas sim como fonte de possíveis sugestões para futuros estudos.

Cada fenômeno indica como o inconsciente comunica suas apreensões ao consciente.

No caso do sonho da irmã com o naufrágio, o último pensamento do irmão poderá ter sido a respeito dela. Inconscientemente, talvez tivesse ele enviado uma alucinada mensagem, empregando aquelas forças latentes de que sabemos tão pouco.

Talvez o mecânico da Califórnia se tivesse lembrado, pouco antes de morrer, de que a mais desoladora consequência de sua morte seria o choque que a notícia causaria ao filho. Talvez, através do estranho fenômeno a que chamamos telepatia, o pai se houvesse projetado em pensamento de maneira tão viva, que o filho chegou a *vê-lo* no quarto.

Outro habitante do Texas, um banqueiro, natural da França, relata que, certa noite, apanhou o romance de Willa Cather, intitulado *Death Comes for the Archbishop*. Lera o livro na véspera e, assim, abriu-o a esmo, encontrando-se no meio do capítulo que narra a morte do velho arcebispo. Na primeira leitura do volume, tal cena não lhe provocara emoção especial. Mas, desta vez, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e ele começou a soluçar. Ocorreu-lhe então que a única vez em que chorara, depois de adulto, foi quando sua mãe morrera, na França, onde o pai ainda vivia.

Começou a refletir: «Se a única vez em que chorei depois de adulto foi quando morreu minha mãe, então agora, que choro de novo, deve ser pela morte de meu pai.»

No dia seguinte, recebeu um cabograma que lhe participava a morte do pai, ocorrida na hora em que ele lera o capítulo do livro.

«Pura coincidência!» dirão os leitores. Talvez. Mas esperamos que o exame desses casos nos sugira experiências mais aperfeiçoadas.

Um de nossos muitos correspondentes comunicou-nos que uma estenógrafa da Carolina do Norte, perdida num devaneio, à mesa de trabalho, se apercebeu de que estivera escrevendo no bloco de tomar ditados. O que ela escrevera espantou-a: «Olhe onde está a água.» Durante o dia, sentiu-se dominada por um desejo imperioso de ir até à estrada que passava por cima de uma represa situada nas adjacências. No dia seguinte, de novo foi obcecada pela vontade de ir ao açude e persuadiu o marido a levá-la. Lá foram encontrar uma multidão aglomerada, enquanto se procedia à busca de um automovel que tombara da ponte. No carro viajavam um rapaz e sua mãe. O filho salvara-se a nado, mas o corpo da senhora ainda estava no carro submerso.

A estenógrafa sentiu-se embaraçada ante a rapidez com que a sua estranha história circulou entre o povo, e evitava falar do caso.

A propósito: decorrido um ano, o filho da afogada respondeu a processo e foi condenado por haver assassinado sua progenitora para receber o valor do seguro de vida da mesma.

Tais fenômenos psíquicos são muito comuns. Nem sempre são racionais; duvido, aliás, que tenham alguma

coisa que ver com a razão, tal como a entendemos. É por isso que tantas pessoas que já experimentaram tais fenômenos relutam em relatá-los, receando duvidarem de sua integridade mental.

Certa senhora disse-nos, há tempos, que, enquanto passava um fim de semana em casa de uns amigos, sentiu irresistivel ímpeto de voltar para casa. Acabou convencendo alguem a levá-la. Ao chegar, descobriu o marido dormindo na sala, quase sufocado pela fumaça que enchia o recinto. O tapete ardia, incendiado por fagulhas que haviam saltado da lareira.

Era nítido exemplo da apreensão clara, desperta e consciente de um acontecimento que ocorrera fora do alcance e alheio ao conhecimento do aparelho sensório humano.

Há tempos, recebemos uma carta de um sargento da Legião Estrangeira, natural da Rumânia, em que relatava certas circunstâncias curiosas da morte de sua bisavó. Esta morrera na presença de seis testemunhas, proferindo, à última hora, frases desconexas. No delírio, descreveu minuciosamente o seu enterro. Mencionou uma torre em conserto, que seria visivel do cemitério e exclamou: «É uma vergonha rir em tal momento.»

É interessante notar que, enquanto baixavam o ataude à cova, dois dias mais tarde, um operário no andaime da torre que ela mencionara soltou subitamente uma gargalhada. Em seu confuso monólogo, a anciã tambem mencionara um cão negro que seguiria o cortejo, irritando os que o acompanhavam. Tal cão negro, realmente, compareceu no dia do enterro, molestando os circunstantes.

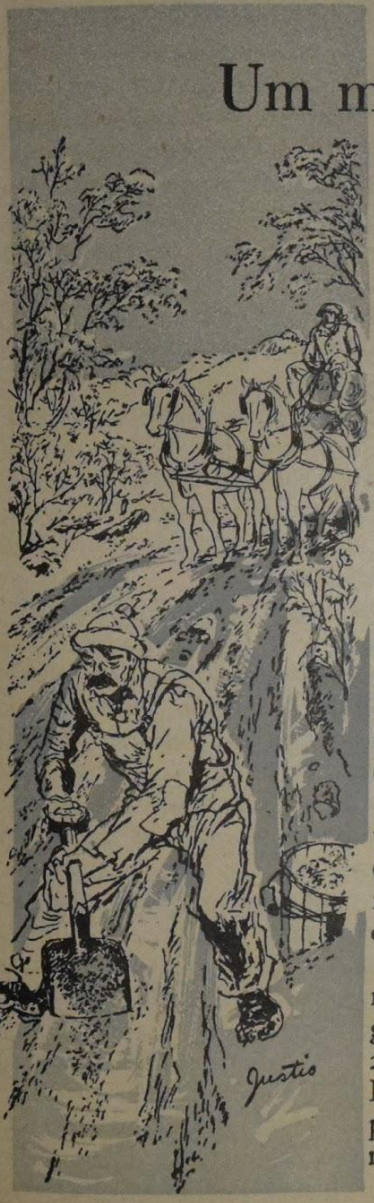
O caso é mais um desses fenômenos que não podemos explicar, mas é característico da maneira pela qual a percepção extra-sensorial transpõe o limiar do inconsciente, para penetrar no consciente.

Precisamos de muito mais indicações como essas, provenientes dos casos que nos são encaminhados. Poderão dar-nos novas perspectivas de como a mente funciona e do que ela é na realidade. Utilizando os meios mais dignos de confiança de que podemos dispor, temos de averiguar se os atributos a que chamamos psíquicos são ou não indícios de um ser transcendente que não é de todo mortal. Os estudos que estamos fazendo de manifestações espontâneas constituem parte importante do processo de encarar esse magno problema.

Palavra mágica

UM ESCRITOR de programas radiofônicos, conhecedor dos menores segredos de Hollywood, tem uma técnica especial no uso do telefone. Quando a secretária de algum indivíduo importante pergunta: «Sobre que assunto o sr. deseja falar com ele?» responde, em tom cortante: «Quero saber quais são as intenções dele com relação a minha esposa!» A ligação se faz imediatamente.

—Matt Weinstock, *My L.A.* (Current Books, ed.)



Um minuto que transformou uma vida

(*Condensado do livro «Foremen: Leaders or Drivers?»*)

Por Sherman Rogers

TEMOS um filho que é um rapagão louro, chamado Tony. Muita gente me tem perguntado: «Por que você lhe pôs esse nome?»

Há 43 anos, eu trabalhava num acampamento de lenhadores. Derrubávamos as árvores durante o verão e arrastávamos os troncos, depois das primeiras nevadas do outono, em deslizadores, até o rio, seis quilômetros distante. Havia no caminho três colinas bem íngremes. Eu espalhava areia na colina número 1. Um italiano agressivo, de nome Tony, era encarregado de fazer o mesmo na colina número 2, a mais perigosa.

Tony levava uma vida isolada e amarga. Falava pouco inglês mas praguejava como ninguem, em qualquer idioma do mundo. Nunca ouví dirigirem-lhe uma palavra amistosa. Era natural que ele pagasse na mesma moeda.

Certa manhã, o superintendente do acampamento teve de ir à cidade e deixou-me encarregado da turma de serviço. No verdor dos meus 20 anos, fiquei encantado com a incumbência. Entretanto, um súbito pressentimento me fez perguntar-lhe como deveria proceder se os homens se recusassem a acatar minhas ordens.

—Despeça-os, replicou o superintendente.

—Muito bem, observei. — Então trate de contratar outra turma, pois antes da sua volta esta aquí estará dissolvida.

Pouco depois, fui procurado pelo velho escocês proprietário das terras.

—Escute uma coisa, disse-me ele, —você agora é o chefe e eu não quero interferir com a sua autoridade. Mas sei que tenciona despedir o Tony.

—O senhor deve ser um perfeito adivinho, respondí.

—Confesso-lhe, continuou o velho, —que sentirei muito se isso vier a acontecer. Há 40 anos que exploro este negócio e Tony é o homem mais digno de confiança que jamais conhecí. Sei que ele é briguento e tem ódio a tudo e a todos, mas o fato é que é o primeiro a chegar ao trabalho e o último a sair. E não tivemos um só acidente naquela colina desde a chegada dele, há oito anos. Antes, todos os anos perdíamos homens e cavalos. Enfim, faça como entender.

Logo que ele se retirou, saí ao encontro de Tony disposto a fazê-lo ouvir o que havia muito desejava dizer-lhe. Ao aproximar-me da colina número 2, parei para observá-lo durante vários minutos, até perceber o que estava fazendo.

Espalhar areia nas estradas é uma tarefa muito especial: o encarregado põe-se a espalhar areia sobre a esteira de gelo ao aproximar-se o deslizador com a carga, afim de mantê-lo em marcha lenta. Mas não era isso o que Tony estava fazendo naquele momento.

A temperatura descera a vários graus abaixo de zero. Tony, com uma pá cheia de areia, procurava secá-la em uma pequena fogueira. Apesar do frio, vestia apenas um velho macacão. Em vez de luvas grossas de couro forrado, calçava apenas luvas comuns, de lona. Tiritava de frio, mas em lugar de aquecer o seu corpo tão mal abrigado, procurava secar a areia afim de tornar ainda mais segura a passagem do deslizador seguinte—precaução extraordinária que não constava das instruções de serviço.

Aproximei-me dele e disse:

—Bom dia. Você sabe que o chefe hoje sou eu?

Tony limitou-se a emitir um grunhido.

—Bem, prosseguí,—você sabe que eu tencionava pô-lo na rua?

Um segundo grunhido afirmativo foi a resposta.

—Mas ninguem vai despedir você, concluí.

Tony ergueu a cabeça para olhar-me. Contei-lhe, então, palavra por palavra, o que me dissera o velho escocês.

Tony deixou cair a pá que sustentava e vi que seus olhos se encheram de lágrimas.

—Mas por que ele não me disse isso oito anos atrás?

Afastei-me rapidamente e não tornei a vê-lo naquele dia. Ao anoitecer, quando chegaram os trabalhadores, ouví um dos capatazes comentar ruidosamente: «Vocês viram como o italiano estava hoje? Espalhou areia suficiente para cobrir uma dúzia de ladeiras; subia e descia como se tivesse asas; e não é que o diabo do homem chegou até a sorrir!»

Mais tarde, ouví um grito: «Alô, chefe!» Era Tony. Perguntou-me se eu gostaria de ir jantar em casa dele.

—Você sabe cozinhar? perguntei.

—Não, respondeu.—Mas Maria sabe *molto bene*.

—Com que, então, você é casado? indaguei, surpreso.

—Como não! Temos quatro *bambini* que são uma beleza!

Caminhamos rapidamente, pois o frio cortava de verdade. Chegamos, afinal, a uma pequena clareira no fundo da qual havia uma casa de troncos.

A um assovio de Tony, a porta abriu-se instantaneamente. Uma mulher, alta e gorda, correu ao nosso encontro, seguida por quatro crianças. Tony dava gritos de satisfação ao correr, por sua vez, a abraçá-las.

Aquele homem, em quem eu apenas vira o praguejador mal-humorado e rixento, revelava-se um pai carinhoso e jovial. Perguntei a mim mesmo se minhas opiniões sobre os estrangeiros em geral não seriam igualmente errôneas.

—Entre, chefe, a janta está pronta.

Durante a refeição, Tony e Maria conversaram contínua e animadamente em italiano. Num dado momento, Maria levantou-se, aproximou-se de mim e me beijou.

—Eh! Tony, que negócio é esse? perguntei.

—Eu contei pra Maria que o senhor é o primeiro chefe que disse que eu sou bom trabalhador. Isso fez Maria se sentir contente.

Eu teria ainda muito o que contar sobre essa noite. Vi uma mulher ajoelhada ao lado da cama dos filhos pedir a Deus, num inglês arrevesado, que fizesse deles bons cidadãos. Pedia tambem ao Senhor que as demais crianças compreendessem os seus filhos e não mais os chamassem por apelidos depreciativos.

Descreveu-me ela, depois, o desgosto dos filhos ao serem objeto de pilhérias na escola por estarem vestidos pobremente e não conhecerem bem o idioma. Compreendí, então, o que devem sofrer os filhos de estrangeiros com as pilhérias e trotes dos colegas.

Dois dias depois, fui à escola, afastei da aula, sob um pretexto qualquer, os dois italianinhos e fiz um apelo aos meninos e meninas presentes, para que os ajudassem, cordialmente, em lugar de os menosprezarem. Quando me retirei, pude constatar que terminaram as provações para os filhos de Tony.

Doze anos depois, eu caminhava por uma estrada no Estado de Washington, à procura da propriedade de um amigo, quando, a certa distância, avistei um homem vestido decentemente, empertigado como um cano de espingarda. Perguntei-lhe como chegar ao lugar aonde ia. O homem, em vez de responder-me, pôs-se a olhar-me fixamente. Gritei-lhe, de novo, a pergunta e ele saiu correndo ao meu encontro. Só então o reconhecí.

—Tony! exclamei.—Que surpresa encontrar você aquí.

—Sou o chefão desta zona, respondeu ele, rindo.

Tony tornara-se, efetivamente, superintendente de uma empresa construtora de estradas de ferro numa das mais prósperas regiões do Oeste norte-americano. Deu-me ótimas notícias da família. O filho mais velho deveria ingressar na universidade naquele ano. E concluiu:

—Se não fosse aquele minuto de conversa com o senhor, no acampamento, eu acabava um dia matando alguem. Foi um minuto que mudou toda a minha vida. O senhor gastou uma hora na escola e mudou tambem a vida das crianças.

E depois de uma pausa:

—Por que as pessoas não procuram compreender mais e odiar menos?

—É o que me venho perguntando a mim mesmo, nestes 12 anos, respondí.

Necessidade, mestra da vida

Em certa manhã de inverno, quando ia no auge a crise econômica nos Estados Unidos, sentou-se no saguão de um hotel, em Omaha, um homem chamado A. H. Graenser. Não tinha no bolso senão alguns centavos, e acabara de ser informado de que não poderia entrar no quarto enquanto não pagasse as contas atrasadas. Toda a sua bagagem—inclusive o próprio sobretudo—encontrava-se no quarto. Urgia tomar uma providência sem perda de tempo. Caminhou até à janela, mas não pôde ver o frio e inhóspito mundo exterior porque o vidro estava completamente embaciado. Lembrou-se, então, do que lhe dissera um velho químico alemão. Sabão de glicerina, esfregado num vidro e removido com um pano seco, evitaria o embaciamento.

Na farmácia mais próxima, gastou o último niquel numa barra desse sabão. Sentou-se num banco do parque fronteiro e cortou a barra em 24 pedaços iguais. Imaginou, logo, um nome para o produto. Pôs-se, então, a percorrer os postos de gasolina próximos. Esfregando o sabão nos parabrisas e bafejando-os para demonstrar a excelência do produto, conseguiu vender os pedaços, facilmente, a 15 centavos, cobrando 1 dolar e 50 pela dúzia. Em três tempos, liquidou o estoque. Correndo da farmácia ao banco do jardim e daí aos postos de gasolina, Graenser encerrou o dia com uma féria de 27 dólares.

Depois de ter percorrido todas as garages e postos de gasolina da cidade, Graenser começou a viajar. Seu produto não tardou a ser vendido envolto em papel estanhado, em caixas de doze.

Três meses depois, chegava a Detroit com um automovel e mil dólares no bolso. Com esse capital, fundou a Companhia de Produtos Presto, hoje próspera, produzindo toda sorte de vernizes e preparados para limpeza.

—W.E.R. (Comprovado pela United Press)

«Entre aspas»

Gian Vincenzo Gravina, escritor italiano do século XVIII: A pessoa cacete é aquela que nos priva da solidão sem nos fazer companhia.

Henry J. Taylor, jornalista: Nós, os norte-americanos, confiamos demasiado nas estatísticas. Lembrem-se da triste história do homem que se afogou num riacho cuja profundidade *média* era de 50 centímetros apenas.

Hendrik Van Loon, escritor e historiador contemporâneo: Para que um comitê chegue a conclusões práticas é preciso que tenha apenas três membros, que um esteja doente e outro ausente.

Sir Ralph Richardson, ator cinematográfico inglês: A arte de representar consiste em conseguir que não se tussa na platéia.

—Citado em *The English Digest*

Joseph Joubert: As crianças precisam mais de exemplos que de críticas.

The Sign Magazine: Há pessoas que acreditam em tudo, desde que lhes seja sussurrado.

Guiney's News: As mulheres são capazes de guardar um segredo tão bem quanto os homens. Apenas será necessário maior número delas para guardá-lo.

—Citado em *Ladies' Home Journal*

Nelia Gardner White, escritora: Muitas pessoas se queixam de que suas preces não são atendidas, simplesmente por não se aperceberem de que a resposta foi *não*.

Future Magazine: O que preocupa os pais não é o que as filhas sabem, e sim a maneira por que vieram a sabê-lo.

La Rochefoucauld, escritor francês do século XVII: Por que havemos de ter memória tão boa para guardar os mais íntimos detalhes de um episódio ocorrido conosco, e memória tão má que não nos lembramos de quantas vezes já narramos esse mesmo episódio à mesma pessoa?

Mark Twain, escritor americano do século XIX: Gostamos do homem que tem a franqueza de dizer de cara o que pensa, desde que estejamos de acordo com ele.

Clarence E. Bleicher, alto funcionário da Chrysler Corporation: Quando topo, na fábrica, com uma tarefa de difícil execução e não encontro um meio facil de realizá-la, mando que o problema seja entregue a um operário preguiçoso. Ao fim de dez dias, ele descobre o meio mais facil de levá-la a cabo. Adotamos, então, o seu método.

Samuel Butler, satirista inglês do século XIX: com fé apenas, não se chega a realizar muito; mas sem fé, não se realiza nada.

Bob Hope, cômico do cinema: O cúmulo da preguiça: *Atirar* beijos.

Edward Artin, escritor: As mulheres estão atualmente em posição desvantajosa; os homens já podem viajar com velocidade maior que a do som.

—*The Saturday Evening Post*

The Sign Magazine: A parcimônia é uma virtude admiravel—sobretudo nos nossos antepassados.

Hillsboro Rotarian, de Illinois: Muita gente deixa de procurar trabalho quando encontra emprego.

Sacha Guitry, escritor e ator francês: Quanto menos inteligente é a pessoa, mais desdenhosa, e quanto menos conhecer a vida, mais *blasé* será.

Mexican-American Review: Este mundo pertence mesmo à mulher! Quando nasce um homem, perguntam logo: «A mãe como está passando?» Quando ele se casa, exclamam: «Que noiva linda!» E quando ele morre, perguntam: «Quanto deixou para a viuva?»

Sem cerimônia...

HENRY HORNER, ex-governador do Illinois, contou certa vez a seguinte história: «Quando eu era menino, meu avô me dizia que era muito feio esmigalhar bolachas dentro da sopa e que eu não deveria fazê-lo, sobretudo quando estivesse em casa de gente de cerimônia. Obedecí, mas nunca tomei uma sopa sem sentir vontade de infringir a regra. Em 1933, comparecí a um almoço oferecido pelo Presidente Roosevelt a seis governadores do Meio-Oeste dos Estados Unidos. Eu conversava com o meu vizinho da esquerda quando ouví, vindo do lado direito, onde estava o Presidente, um ruido que me estarreceu—o característico ruido de bolachas ao serem esmigalhadas. Voltei-me, incrédulo, e vi o Presidente da República, expoente da família mais aristocrática dos Estados Unidos, esfarelando bolachas sobre a sopa, com naturalidade e elegância. Interrompí, em meio, a conversa, agarrei minhas bolachas e apertei-as com ambas as mãos, fazendo cair no meu prato uma chuva de migalhas, e mandei às favas o meu querido avô pelos 50 anos que me fizera perder.»

—Lloyd Lewis, *It Takes All Kinds*
(Harcourt, Brace, ed.)

Três contra a tirania—fatos que ocasionaram uma das mais sensacionais reportagens do ano passado

O CASO DE MME. KASENKINA

Por
Fulton Oursler

QUANDO, naquele dia de verão, certa senhora se atirou de uma alta janela do consulado da Rússia em Nova York, o baque de seu corpo no pavimento repercutiu em todo o globo. Mas naquela ocasião o mundo inteiro só teve notícia de uma parte dos fatos.

Os não interessados diretamente no caso não souberam que Mme. Oksana Stepanovna Kasenkina não teria dado aquele salto espetacular, se a jovem esposa de um fazendeiro de Connecticut e o irmão dela, um advogado noviço, não tivessem metido o nariz num assunto que, aparentemente, não era da conta deles. Os dois irmãos deram início a uma série de acontecimentos cujo momento culminante contribuiu, mais do que qualquer outro fato antes ou depois ocorrido, para dar a conhecer aos americanos a doblez e crueldade soviéticas.

Agora, com o consentimento de ambos os irmãos, a história pode ser contada.

Começa numa casa de campo de Ridgefield, Connecticut, na manhã sufocante de domingo, 8 de agosto de 1948.

Ao voltar cedo da igreja, a família reunira-se em torno da mesa para o café matinal, e Daniel McKeon distribuia entre as crianças os suplementos dominicais com histórias de quadrinhos. Louise, esposa e mãe, loura e jovem, lia atentamente o *New York Times*. «Que coisa horrivel!» exclamou ela subitamente; e pôs-se a ler, em voz alta, uma notícia de primeira página. No sábado, uma viuva de 52 anos fôra raptada, por funcionários soviéticos,

Mme. Oksana Stepanovna Kasenkina

O autor baseou seu artigo em minuciosa investigação pessoal dos fatos aquí relatados.

de uma propriedade perto de Nyack.

«Vejam só o que aconteceu!» ajuntou Louise emocionada.

A sra. Kasenkina, que se encontrava neste país como professora dos filhos dos delegados russos às Nações Unidas, recebera, dez dias antes, ordem de regressar a Moscou. Havia sido reservada passagem para ela no navio soviético *Pobeda*. Ao invés de embarcar, ela escondeu-se. E depois de haver o navio largado do porto, escapou e foi refugiar-se em Valley Cottage, residência da condessa anticomunista Alexandra Tolstoy, filha do célebre romancista. O propósito de Mme. Kasenkina era permanecer nos Estados Unidos e naturalizar-se norte-americana. Mas sicários soviéticos foram arrancá-la a seu refúgio, e agora se temia que ela fosse despachada à força para a Rússia, afim de ser eliminada.

Estas acusações foram refutadas. Segundo Jacob M. Lomakin, consul geral soviético, que agora, em sua residência de Nova York, mantinha a referida senhora sob sua «proteção», ele a havia resgatado do cativeiro na casa da condessa. Conhecido pelos repórteres como um sujeito intratavel, o avinagrado Lomakin era agora todo sorrisos. Asseverava desejar que se soubesse toda a verdade. Os repórteres aglomerados em seu escritório foram apresentados a uma senhora pálida, vestida de preto, com os olhos pardos cercados por olheiras vermelhas.

«Esta é Mme. Oksana Stepanovna Kasenkina,» disse Lomakin. «Ela veio conosco de boa vontade. Quer ir para a Rússia.»

Essas asseverações foram obsequiosamente confirmadas pela própria mulher. Para repórteres experimentados, porem, aquele assentimento parecia apenas um ato de amedrontada obediência: notaram os olhares inquietos dela e a maneira como retorcia as mãos.

Naquela úmida manhã de domingo, esta reportagem foi lida no resguardado recesso de milhões de lares americanos; mas a nenhum de nós ocorreu que devíamos ou podíamos tomar qualquer providência a respeito.

Louise McKeon, porem, encarando o marido, disse com sincera emoção:

—Os prisioneiros das autoridades russas sempre concordam com seus carcereiros. Há meios horriveis de forçá-los a isso. Estou convencida de que essa mulher está, na realidade, a caminho da morte.

—É provavel, aquiesceu o marido.

—E não será feito nada em favor dela?

—Bom, você sabe, o consulado é, para todos os efeitos, território soviético...

—Por que não agimos *nós* mesmos? exclamou Louise, indignada.

Dan McKeon encarou-a assombrado. Brilhava uma nova luz nos olhos de sua esposa, uma chama de abnegação. Dadas, porem, as suas obrigações de dona de casa, e mãe de seis filhos, e a sobrecarga de deveres para com seu clube e a igreja, como podia Louise deixar-se arrebatar assim por aquela idéia? Ao encontrar a explicação Dan sorriu. Aquilo era resultado de uma conversa recente com um dos seus

amigos—o padre James Keller, fundador dos Christophers—que vem pregando inspiradamente sua firme convicção de que qualquer pessoa, com atos desinteressados, pode causar mudanças extraordinárias no mundo.

«Mas que posso *eu* fazer?» havia Louise perguntado ao padre Keller. «Eu, simples dona de casa, enterrada em Connecticut, não posso cooperar para melhorar o mundo.»

«Mesmo que você estivesse enterrada no Alasca!» respondera Keller. «Abandone esse sentimento de inutilidade pessoal e tente fazer alguma coisa alguma vez. Quando você o fizer, não estará sozinha; o Bom Deus estará a seu lado para ajudá-la.»

E agora, nesta manhã de domingo, Dan McKeon compreendia que para sua esposa havia chegado o «alguma vez», e que ela ia tentar fazer alguma coisa!

—Mas que é que você pode fazer num caso destes? argumentou ele. —Só o Departamento de Estado pode entender-se com a Rússia Soviética.

—Pouco importa. Hei-de fazer *alguma coisa!* disse Louise com lágrimas na voz.

Dan McKeon levantou-se e foi abraçá-la.

—Está bem, querida, conte comigo, disse.—Vejamos... Que é que podemos fazer?... Por que não fala com seu irmão? Peter é advogado. E ele chega hoje de Nova York.

Ora, Peter Hoguet era um advogado novato; formara-se havia um ano apenas, e só recentemente fôra aprovado pela Corte Estadual, para exercer a profissão. Quando Peter chegou à casa da irmã, esta e o marido verificaram que o rapaz tambem estava indignado com o caso de Mme. Kasenkina. O jovem advogado não via, porem, possibilidade de fazer coisa alguma a respeito.

—Mas nenhum norte-americano poderia, impunemente, raptar outro norte-americano, não é verdade? interpelou Louise.—É permitido aos russos violar nossas leis?

—Mana, isso não é da *nossa* conta.

A isto Louise respondeu com uma pergunta penetrante:

—*Bem, se não é da nossa conta, então a quem compete agir?*

Peter Hoguet encolheu os ombros e não respondeu. Mas segunda-feira de noite, enquanto regressava de trem para Nova York, aquela pergunta não o deixava em paz: «*Se não é da nossa conta, então a quem compete agir?*»

Terça-feira pela manhã, passou pelo escritório de um amigo, advogado de grande tirocínio.

—As mulheres têm cada idéia! começou Peter, como por acaso, e contou a exaltação de sua irmã.

Mas o amigo exclamou:

—Ela tem razão. A quem compete agir, já que não é a nós?

A partir desse momento o jovem Peter Hoguet viu seus dias transformados num melodrama vivo.

PRIMEIRO, decidiu recorrer a um princípio legal mais velho que a Magna Carta —o *habeas corpus*— direito assegurado a qualquer cidadão, convencido de que outro está ilegalmente

detido, de trazer esse outro perante uma corte de justiça onde os fatos sejam verificados.

De preferência a requerer sozinho o exercício desse direito, Peter pensou que sua ação teria mais peso se ele se apresentasse como representante de uma organização patriótica. Assim, solicitou o apoio de Christopher Emmett, da Common Cause, Inc. Com a cooperação do sr. Emmett, a petição foi redigida; e quarta-feira de tarde, Peter Hoguet tinha sua primeira audiência profissional no foro com um magistrado—o juiz Samuel Dickstein, do Supremo Tribunal do Estado de Nova York. Em seu requerimento, alegou ele que uma mulher estava sendo detida, contra sua própria vontade, no consulado russo, «mediante coação, má fé, e terror sobre ela exercido».

Tão convincentes foram seus argumentos que, ao sair, levava ele em seu poder uma intimação endereçada a Jacob M. Lomakin, consul geral soviético, para comparecer perante o Supremo Tribunal de Manhattan, em Foley Square, na manhã seguinte, quinta-feira, às 10 horas, trazendo consigo «a pessoa física de Oksana Stepanovna Kasenkina, por V.S. detida e aprisionada, segundo se diz».

Agora, tudo o que Peter tinha a fazer, era deitar mãos em Lomakin, um dos homens mais esquivos de Nova York. Estudou as fotografias publicadas nos jornais para gravar na memória a imagem de sua presa—rosto magro e pálido; fronte a pique, talhada em precipício; olhos como cisternas profundas, quase vazios de luz.

Segundo o protocolo legal, um advogado registrado na Corte não entrega pessoalmente suas intimações. De modo que Peter chamou um amigo, outro jovem advogado, Hugh Donahue, comandante, em Nova York, da associação dos Veteranos de Guerras Estrangeiras.

Encontraram-se no saguão do Hotel Pierre, na Quinta Avenida, esquina da Rua 61, em frente à imponente e marmórea fachada da mansão ocupada pelos funcionários do consulado soviético. Quase no mesmo instante em que os dois chegaram, como se forças invisíveis já os estivessem ajudando, uma limusine preta parou em frente ao consulado, e um homem magro e pálido, com uma testa cortada a pique, saltou para o passeio.

«Lomakin!» gritou Peter. A intimação estava em seu bolso; já não havia tempo para entregá-la a Donahue; o formalismo legal tinha que ser mandado às favas. Peter atravessou a rua correndo, enquanto um pelotão de repórteres cercava o consul. Furioso com a emboscada, Lomakin apalpava os bolsos e tocava nervoso a campainha da porta; infelizmente para ele, estava sem chave. Peter galgou os degraus de mármore, brandindo a intimação.

«Sr. Lomakin? Isto é uma ordem de *habeas corpus* para a sra. Kasenkina.»

Lomakin escondeu as mãos atrás das costas. Mas Peter meteu a intimação por baixo do peito do casaco abotoado do consul. Lomakin agarrou o detestado documento para atirá-lo à rua, e esse gesto de furor perdeu-o; a intimação do tribunal havia chegado às suas mãos.

«Sr. Lomakin,» exclamou Peter enxugando o rosto, «o senhor já está intimado. Até a vista, no tribunal.»

Às DEZ HORAS da manhã seguinte, o jovem advogado comparecia a Foley Square. Ele, que jamais tivera uma causa, viu-se cercado de cinegrafistas. Na sala do tribunal reuniu ele suas testemunhas—a condessa Alexandra Tolstoy e seus companheiros de Valley Cottage. Mas onde estavam Lomakin e Mme. Kasenkina? Ousaria o funcionário russo desrespeitar uma intimação do Supremo Tribunal de Nova York?

Quando o juiz Dickstein tomou assento, Peter Hoguet ergueu-se e declarou: «Meritíssimo sr. Juiz, estou pronto para iniciar.»

Mas a Rússia não estava pronta. Em verdade, era como se Peter Hoguet estivesse batendo com a cabeça numa cortina de ferro. Em Washington, Alexander S. Panyushkin, embaixador soviético, havia declarado que «a suposição absolutamente inadmissível» de que Lomakin pudesse, à força, deter a sra. Kasenkina, era «incompatível com a dignidade» das funções consulares. E o Departamento de Estado telegrafara a Thomas E. Dewey, governador do Estadó de Nova York, sugerindo que o juiz Dickstein suspendesse qualquer ação. Este aquiesceu ao apelo por duas razões absolutamente sensatas:

1. Fôra recebida de Lomakin uma comunicação em que ele dizia precisar de prazo para consultar sua embaixada. Segundo o critério equitativo dos tribunais americanos, esse prazo devia ser-lhe concedido.

2. Era necessário consultar o Departamento de Estado, sobre se Oksana Kasenkina havia entrado no país sob a proteção de imunidades diplomáticas ou como simples funcionária do consulado. Este detalhe tinha importância capital no caso.

O que o juiz e Hoguet não sabiam, era que um navio soviético estava de partida marcada para a meia-noite daquela quinta-feira; dentro de algumas horas, Mme. Kasenkina seria embarcada nele. Se isso acontecesse, a ordem de *habeas corpus* jamais seria executada.

A sra. Kasenkina sabia que deveria ser passageira do tal navio. Enquanto Peter Hoguet, sombrio e descoroçoado, esperava de pé no tribunal, a pálida senhora continuava detida num aposento do terceiro andar da casa da Rua 61.

Pela janela aberta, chegavam até ela os ruidos da cidade: automoveis, caminhões, a voz estridente das crianças no Central Park, alí perto. Pombos de cauda em leque adejavam no peitoril da janela; mas Stepanovna nada via. Esmagada pelo desânimo, perdida num mundo de nuvens mentais, deixava-se ficar afundada numa cadeira de balanço. Disse a amigos que mal ouvia a música do rádio portatil, pousado sobre a escrivaninha. Se os guardas houvessem suspeitado de que Ka-

senkina entendia um pouco de inglês, certamente o rádio não estaria alí, no aposento.

Mme. Kasenkina retornara, em pensamento, ao ano de 1937. Era ela então professora em um instituto biológico de Moscou, e seu marido era tambem professor. Altas horas da noite, pancadas violentas na porta de entrada vieram despertá-los; a casa foi invadida por policiais soviéticos, que lhe agarraram o marido e o arrastaram para fora. Ela nunca mais o viu; nem soube jamais de que o acusavam.

Desde então, ela começou a sonhar com evadir-se da União Soviética. Mas ocultando astutamente essa esperança, continuou a representar o papel de fanática serventuária do estado totalitário. Trouxeram-na, afinal, para os Estados Unidos. Estava decidida a nunca mais voltar para a Rússia. Ao invés disso, porem, alí se encontrava ela, enjaulada como um animal—e ninguem, em parte alguma, pensava ela, se importava com o que lhe acontecesse.

Foi então que se ergueu e caminhou até a janela. Ao olhar para a rua, viu algo que a surpreendeu, não obstante seu nebuloso estado mental. Uma multidão, que a polícia mantinha a distância, fitava a fachada da casa em que a guardavam prisioneira. Que havia feito acorrer até alí toda aquela gente? Ela precisava tentar compreender, tentar desanuviar o próprio cérebro. A noite anterior, uma enfermeira viera a seu leito e, enfiando-lhe no braço uma agulha, injetara-lhe nas veias o narcótico frequentemente usado pela polícia soviética. Sob sua influência, o pensamento da pessoa narcotizada entra em estado de sonho, e qualquer resolução é impossivel; o objetivo da droga era, segundo me disse a sra. Kasenkina, quebrantar-lhe a vontade.

Com os olhos ainda nublados pela dose, confusa, quando tão desesperadamente queria pensar, Mme. Kasenkina dirigiu-se, cambaleando, para o banheiro. Abriu com dedos incertos a torneira de água fria e espargiu o líquido gelado na cabeça e no rosto. Agora começava a pensar mais claramente. Ao encaminhar-se de novo para a janela, ouviu que mencionavam seu nome pelo rádio! Que estaria dizendo o locutor, com voz tão nervosa? Prestando atenção, percebeu que repetiam seu nome, mal pronunciado, mas claramente. E como insistisse, atenta, foi dominada pela emoção. Pelo menos uma parte do que ouvia, podia ela compreender.

Fôra promovida ação judiciária em favor dela! Esta notícia lhe reanimou o coração e o espírito. Agora compreendia por que a multidão se aglomerava na rua, lá em baixo. Não estava abandonada; a sorte de um indivíduo ainda significava algo na América. *Alguem havia agido; alguem se havia interessado! Toda aquela gente se interessava por ela!*

Nesse inefavel momento de consciência; Mme. Kasenkina sentiu-se capaz de qualquer sacrifício que pudesse proclamar irrefutavelmente ao povo a verdade. Voltou-se resolutamente para a janela aberta. Inclinando-se por sobre o peitoril saliente, olhou, da altura de três andares, para o pavimento de concreto de um pátio interno e murado, lá em baixo. Foi um instante de agonia. Dois andares abaixo, estava um fio telefônico, estendido através do pátio. Alvejando, com o corpo, aquele fio, ela se atirou. E o fio, embora quase lhe decepasse a mão, atenuou-lhe a queda e salvou-lhe a vida.

Todos quantos leram os jornais sabem o resto da história. De seu leito, no Hospital Roosevelt, a inválida Mme. Kasenkina foi uma testemunha mais convincente contra a tirania, do que jamais teria sido se houvesse comparecido ao tribunal. E com que tremendo abalo para o mundo!

O consul geral Lomakin foi obrigado a abandonar a América, em ignomínia. Outros funcionários foram tambem chamados à Rússia. No pelourinho do noticiário internacional, eles, e com eles o poderoso Molotov, foram expostos como desfaçados mentirosos. Não somente nos Estados Unidos, mas em todo o mundo, o caso de Mme. Kasenkina galvanizara a opinião pública contra o brutal desrespeito soviético às normas jurídicas.

Hoje, Louise McKeon sabe que seu velho amigo, o padre Keller, tinha razão; um indivíduo pode, isoladamente, provocar acontecimentos de grande alcance. Os planos de vida de seu irmão tambem foram alterados. Abandonando as ambições de uma banca de advocacia, Peter Hoguet aceitou um cargo público em Washington.

E Mme. Kasenkina? Quase curados os ferimentos e as fraturas sofridas com a queda, vive agora retirada num solitário recanto de Long Island, nas cercanias de Nova York, e dedica a maior parte do tempo a escrever um livro a respeito de suas experiências pessoais. Nunca mais se sentirá ela sozinha; porque se acha unida em espírito a todos aqueles que, como ela, estão dispostos a morrer, para que a liberdade viva.

Insônia

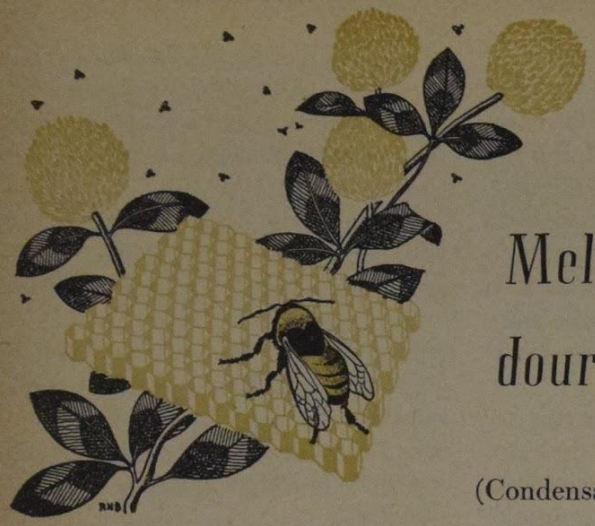
Um comerciante de Nova York chegou ao escritório, pálido, com profundas olheiras, devido à insônia que o perseguia:

—Por que você não conta carneiros? aconselhou o sócio. —É o melhor processo de cura conhecido.

Na manhã seguinte, o comerciante voltou mais abatido que nunca.

—Contei até 50 mil, disse ao sócio. —Depois, tosquiei os carneiros e fiz 50 mil sobretudos. Aí foi que surgiu o problema e fiquei acordado o resto da noite: *onde conseguir 50 mil forros para os sobretudos?*

—Nathan Ausübel, *A Treasury of Jewish Folklore*, (Crown, ed.)



Mel de abelhas—dourada maravilha

(Condensado de «Nature Magazine»)

Por Donald Culross Peattie

O mais doce e puro dos alimentos —dádiva de pequenas vidas ardentes e dedicadas

HÁ CERCA de quinze mil anos, na Espanha, um artista esculpiu nas paredes de uma caverna a figura de um contemporâneo seu, da Idade da Pedra, roubando o produto dourado de um ninho de abelhas. Nos milênios que se seguiram, ninguem pôde descobrir ou inventar um alimento mais puro e mais doce que o mel.

Devido ao seu principal ingrediente —a levulose, ou açucar das frutas—o mel é quase duas vezes mais doce que o açucar de cana. Que açucar poderia rivalizar em aspecto com o brilho de raios de sol que o mel conseguiu fixar? Ou igualar o aroma do trevo, da maçã, da tília ou da flor de laranjeira? Todos os açúcares de mesa, tal como o sal, têm o mesmo gosto característico. Cada mel, porem, tem o seu sabor próprio. Um epicurista levaria a vida inteira para descobrir, provar e classificar todas as possiveis modalidades do nectar que as abelhas extraem de milhares de plantas.

O mel é o mais puro dos alimentos. Quando «amadurecido», possui uma tal concentração de açúcares que as bactérias nele não sobrevivem mais de uma ou duas horas. Num sarcófago egípcio, foi encontrado mel de 3.300 anos—o tempo o tornara escuro e denso, mas ainda era puro mel. O mel não pode ser adulterado. Se diluido em água, fermenta. A própria cera das colmeias, produto das glândulas das abelhas, não pode ser eficazmente imitada. Consequentemente, só existe à venda o verdadeiro e puro mel.

Pela sua pureza e doçura, o mel tem entrado simbolicamente nas cerimônias nupciais desde o tempo dos egípcios até aos nossos dias. Na Roma antiga, punham-se gotas de mel na soleira da moradia dos recem-casados, originando-se daí o costume de ser a noiva carregada nos braços do noivo ao transpor os umbrais da casa. Da Hungria ao Indostão, o mel—em forma de bolo, tomado no vinho, usado nos rituais íntimos ou nas cerimônias públicas—faz parte do rito matrimonial, sendo os primeiros e risonhos tempos da vida conjugal chamados *lua-de-mel* em muitos idiomas.

Este antigo e misterioso alimento é uma das maravilhas do mundo, o produto de intrincadas relações entre as abelhas—o mais evoluido dos insetos —e as flores, os mais belos ornamentos do mundo vegetal. A natureza modelou as flores de forma a atrair as abelhas, e os corpos das abelhas de modo a se ajustarem às flores e melhor poderem polinizá-las e utilizar-lhes o polen e o nectar. Não fossem as abelhas, estariam, talvez, extintas umas 10 mil espécies de flores; e se não fossem as flores, seria impossivel a vida das abelhas.

Quando o sol está a pino sobre o meu jardim, nos dias quentes e úmidos, a produção de nectar nas pétalas das flores da minha laranjeira chega ao máximo. Uma deliciosa fragrância se espalha pelo ar e, embora eu só possa sentí-la a uma curta distância, é suficiente para atrair abelhas de colmeias longínquas. Há um zumbido alegre sobre a árvore enquanto elas acariciam as flores e se deliciam com o nectar colhido. Antes do anoitecer, cada uma terá de transportar, de volta à colmeia, cerca de 10 vezes o próprio peso em nectar. Calcula-se que para produzir meio quilo de mel as abelhas têm de fazer 40 mil viagens.

A abelha é a mais fiel e cuidadosa amiga das flores. Os zângãos, as borboletas, os colibrís saltam de flor em flor, misturando toda a sorte de polens. Somente a abelha é fiel a uma espécie de flor, em cada época do ano—a que oferecer a maior quantidade de nectar. Desse modo, a cada corola não levam senão o mesmo polen, e fazem apenas um tipo de mel de cada vez. É por isso que o apicultor pode vender tipos tão uniformes de mel ou combinações dos tipos mais finos.

Quando a secreção do nectar chega ao auge, no fim da primavera e começo do verão, as abelhas, literalmente, matam-se de tanto trabalhar. Faz parte do destino de cada boa operária morrer voando, ao tentar levar para a colmeia um último carregamento. Depois de duas a seis semanas de intenso labor, caem, sem que as demais sequer o notem, em algum campo ou lago. Mas o seu lugar é logo ocupado por uma noviça. Cada abelha é apenas um minúsculo elemento do incessante tráfego aéreo que, para abastecer um só agrupamento de colmeias, chega a alcançar um movimento de mais de 27 milhões de quilômetros de vôo, anualmente. Para manter uma colônia, são necessários 136 quilos de mel; para assegurar um excedente, afim de que tambem nos seja possivel saboreá-lo, as operárias necessitam voar muitos milhões de quilômetros mais.

Cada gota de nectar contem gran-

de número de sais minerais, enzimas e alimentos: traços de ferro, cobre, manganês, potássio, sódio, fósforo, proteinas e vitaminas. A abelha não precisa conhecer química orgânica, mas os que se dedicaram ao assunto poderão explicar por que motivo muitos diabéticos, para os quais o açucar é mortal, podem tolerar o mel; e por que é que este ajuda os recem-nascidos a reterem o cálcio e crescerem mais fortes e com melhores dentes.

Os próprios entomologistas não sabem exatamente de que maneira o nectar das flores se transforma em mel. Vários apicultores experientes, que as observaram detidamente, contam-nos que, na colmeia, as abelhas se dedicam a passar as suas cargas de nectar para as bocas das pequeninas que ainda não «saem de casa». Estas são vistas movendo continuamente a língua. Parecem estar fazendo evaporar a água do nectar e, provavelmente, adicionando-lhe enzimas que convertem o açucar em levulose e dextrose. Depois, enchem com o produto dessa elaboração as células dos favos novos. Mesmo depois de fechadas essas células por uma camada de cera, as enzimas continuam atuando sobre os açúcares. Em poucas semanas, o mel «verde» amadurece e o apicultor o recolhe para o oferecer no próprio favo ou, após extraí-lo por força centrífuga, vendê-lo como essa verdadeira essência de um dia claro de verão—o puro mel de abelhas.

Somente de certas flores podem as abelhas produzir mel realmente apetitoso. De outras espécies, originam-se os tipos de mel escuro, de cheiro forte, usados largamente pelos fabricantes de balas e doces. Levados ao fogo, esses tipos perdem o cheiro forte mas conservam intactos o seu valor nutritivo, a sua doçura e demais propriedades. Os produtores de cigarros e charutos adquirem anualmente milhões de quilos de mel inferior para conservar a frescura e dar sabor ao fumo. Esse mel tambem é usado em loções para as mãos, xaropes contra a tosse e... bolas de golfe!

Os apreciadores de mel, através dos séculos, sempre foram exigentes na sua escolha. Na Grécia antiga, os atenienses obtinham o tipo de mel mais delicado no Monte Himeto. O segredo do mel do Himeto reside no nectar de uma florzinha agreste, o tomilho. O mel da Ilha de Malta, famoso na Idade Média, deve o seu sabor à flor de laranjeira, e o célebre mel de Gatinais, no sul da França, retira do sanfeno seu gosto peculiar. O mel de pau da Floresta Negra é feito com a resina das agulhas dos pinheiros.

O mel é ainda mais do que um alimento perfeito: é a dádiva de milhares de pequenas vidas, ardentes e dedicadas. É o resultado de uma integração maravilhosa entre a abelha e a flor. É uma gota perfeita, de formação lenta, quintessência da evolução natural. Receber essa gota sobre a língua é participar, com a Natureza, de um sacramento.

SANGUESSUGAS DO ERÁRIO

(Condensado de «The Pittsburgh Press»)

Por E. T. Leech
Diretor de *The Pittsburgh Press*

O MUNDO inteiro está sendo varrido por uma epidemia de «venha a nós». Quase todos querem alguma coisa à custa de outrem. Essa epidemia provem da crença de que o governo pode, de algum jeito, proporcionar assistência e segurança econômica ao povo, a qualquer custo e qualquer que seja a dívida pública.

Quanto mais o governo provê, tanto mais se lhe exige. Uma das consequências do auxílio oficial é a geral diminuição do sentido de responsabilidade. A resolução e autodeterminação individuais decrescem concomitantemente com o aumento das despesas públicas. Esse fenômeno paralelo já destruiu várias nações. Permitiu a uns poucos milhares de bárbaros aniquilarem o poderoso Império Romano. Os romanos chegaram a depender do Estado em matéria de alimentação, abrigo e diversões. Na sofreguidão de conseguirem segurança econômica à custa do erário, tão inseguros acabaram que tudo perderam.

O Estado é apenas um grande número de indivíduos. Em última instância, está sujeito às mesmas limitações que o indivíduo, às mesmas consequências da má administração. Tomemos, por exemplo, as dívidas: todos os governos e suas subdivisões políticas—estados, cidades, municípios—devem enormes somas.

Todos estão sujeitos a fortes pressões para proporcionarem mais serviços e maiores benefícios. Todos têm que aumentar os impostos e lançar empréstimos para atender a um público insaciavel.

A impressão popular é de que o governo pode extrair dos ricos e das grandes companhias o dinheiro de que necessita, de forma que a maior parte do povo possa usufruir benefícios sem pagar o custo. Mas ninguem obtem nada de graça. Todos são onerados com a dívida. Todos pagam impostos —direta ou indiretamente.

Não há, em país algum, indivíduos ricos em número suficiente que permita ao governo financiar-se à custa deles. Ainda que o governo se apossasse de todos os bens das grandes empresas, mesmo assim não poderia equilibrar o orçamento. Mas daria cabo das empresas e dos empregos que elas proporcionam. Na verdade, tudo o que as grandes firmas pagam ao governo torna-se um dos elementos determinantes do custo dos produtos que manufaturam—importante fator do custo de vida de todo o mundo.

Somente a compreensão mais generalizada desses fatos fundamentais pode impedir a tragédia que sobrevirá inevitavelmente se a teoria de dar-tudo-a-todos subsistir, irrefreada.

Um congressista norte-americano comenta a estranha atitude dos Estados Unidos em relação ao país mais anticomunista da Europa

Por que não uma política sensata em relação à Espanha?

Por Dewey Short
Deputado Federal pelo Estado de Missuri

POR QUE tratamos com Stalin, mas recusamos entender-nos com Franco? Talvez se possa encontrar a resposta em *Alice no País das Maravilhas*, mas nunca no livro do bom senso.

Não temos embaixador em Madrí. O embaixador do general Franco em Washington (que o é apenas em carater oficioso), José Felix de Lequerica, absteve-se até agora de apresentar suas credenciais, para evitar uma possivel rejeição; nosso comércio com o povo espanhol está tolhido numa teia de vagas contradições.

Enquanto isso, a Grã-Bretanha entrou num acordo comercial de 320 milhões de dólares com o governo de Franco; a França concedeu um crédito de 40 milhões de dólares às ferrovias espanholas; a Suécia, a Irlanda, a Holanda, a Suiça, a Turquia e outras nações assinaram tratados comerciais com a Espanha; e os dezesseis paises europeus incluidos no Plano Marshall estão incrementando suas relações comerciais com o governo de Franco. Assim, os dólares do erário norte-americano, distribuidos pelo Plano Marshall, estão sendo usados por outras nações para fomentar o intercâmbio de mercadorias com a Espanha.

Nossa atitude em relação à Espanha é igualmente fantástica e prejudicial, sob outros aspectos.

A produção potencial de alimentos da Espanha e sua sólida indústria textil são fatores de reconhecida importância nos planos gerais para alimentar e vestir a Europa ocidental. No ano passado, a Espanha forneceu três milhões de toneladas de generos alimentícios e texteis, reduzindo, assim, a carga imposta à nossa indústria e ao nosso sistema de transportes. É claro que é de nosso próprio interesse expandir a produção e exportação espanholas desses produtos, que seriam pelo menos triplicadas se a Espanha pudesse obter dos Estados Unidos, em quantidade suficiente—não como um presente, mas por compra—fertilizantes, maquinaria agrícola, equipamento de transporte e, acima de tudo, algodão.

O DEPUTADO Dewey Short visitou a Espanha, em novembro do ano passado, como chefe da delegação congressista que estudou *in loco* a situação da Europa, e como presidente da Comissão de Assuntos Militares da Câmara de Deputados dos Estados Unidos. O sr. Short vem sendo eleito para o Congresso desde 1935, sem interrupção. Antes de ingressar na política, foi professor de filosofia e psicologia do Southwestern College, no Kansas, e por três anos foi pastor metodista em Springfield, no Missuri. O deputado Short tem viajado muito pela Europa, desde seus tempos de estudante.

Não é segredo que o nosso alto comando militar, ao calcular a equação de defesa européia, reserva um importante papel à Península Ibérica. O nosso auxílio à Grécia e à Turquia, contra a expansão comunista—na realidade, toda a nossa política no Oriente Próximo—tem como objetivo evidente proteger as entradas orientais ao Mediterrâneo. O bom senso exige que a mesma atenção seja concedida à entrada ocidental, cuja chave está em poder da Espanha.

Aliás, esse é o fato que explica o interesse enorme de Moscou pelos negócios internos da Espanha. Se os amigos do Kremlin conseguissem, a qualquer momento, pôr pé firme na Península e, do outro lado, na costa hispano-africana, o Mediterrâneo viria a ser um lago vermelho.

A posição geográfica da Espanha torna-a, claramente, um baluarte e cabeça de ponte contra uma agressão do Leste. Os Pirineus fazem da Península Ibérica uma fortaleza natural de que, numa hora crítica, pode depender a vitória.

Essa fortaleza é defendida, hoje, por um exército de cerca de 400 mil homens, podendo-se dispor de uma reserva de dois milhões de veteranos, para reforços. Estão sendo construidos aeródromos modernos, apropriados para os maiores aviões de bombardeio. Alí está uma base primária de operações—sem a desvantagem dos quinta-colunas pró-Sovietes que, infelizmente, têm de ser tomados em consideração na maioria dos paises do Atlântico. Numa ocasião em que a Europa ocidental, com espírito realístico, delineia planos militares e em que se elabora um Pacto do Atlântico, uma Espanha forte e amiga seria um valioso ativo militar.

A nossa política antifranquista não pode ser justificada por dúvidas tardias sobre as sangrentas origens revolucionárias do governo de Franco, pois—no dia 1º de abril de 1939—os Estados Unidos reconheceram incondicionalmente o atual regime espanhol; por essa época, virtualmente todas as outras grandes potências tinham estabelecido relações inequívocas com Madrí.

Não se pode, tãopouco, invocar o carater do regime de Franco para explicar a nossa embasbacadora atitude. Se aceitarmos a idéia de que um integral intercurso diplomático significa aprovação moral de um governo estrangeiro, então como explicar a normalidade de nossas relações diplomáticas atuais com governos de todos os matizes políticos imaginaveis, desde a Argentina até a Rússia Soviética? Temos pleno contacto político não só com inimigos recentes, como a Itália, mas até com os governos da Polônia,

Bulgária, Rumânia e Tchecoslováquia, os quais foram por nós acusados publicamente de usurpar o poder pelo terror. Poderá a nossa atitude em relação à Espanha ser, talvez, justificada pela conduta de Franco na recente guerra? O comportamento de todos os paises neutros, no continente europeu, foi oportunista, por necessidade: seu objetivo primordial foi não romper definitivamente com nenhuma das duas coligações em luta, já que não saberiam qual das duas conseguiria a vitória.

Enquanto o *Diário* do dr. Goebbels denunciava Franco por sua recusa em auxiliar os nazistas, Churchill, então primeiro ministro da Inglaterra, declarava à Câmara dos Comuns, em 1944: «Não resta a menor dúvida de que se a Espanha houvesse cedido à pressão alemã, a nossa tarefa teria sido muito mais árdua. O potencial de ataque da Espanha, que poderia ter sido dirigido contra nós, atingiu o auge quando as forças americanas e britânicas desembarcaram no norte da África.»

Na mesma época, o presidente Roosevelt, em carta pessoal a Franco, escrevia: «A sua nação e a minha são amigas, na mais completa acepção da palavra... Estou convencido de que o governo e o povo da Espanha desejam manter sua neutralidade e permanecer fora da guerra.» Essa neutralidade correspondia perfeitamente aos nossos maiores interesses militares.

A 10 de dezembro de 1948, Churchill reafirmou esse fato ante o Parlamento: «A Espanha,» disse ele, «recusou-se a ajudar os alemães a tomar Gibraltar e entrar na África; e a forma pela qual o general Franco tratou Hitler e Mussolini constitui um monumental exemplo de ingratidão.»

Cerca de 4 mil aviadores norte-americanos, forçados a buscar abrigo na Espanha, foram soltos para voar e lutar novamente: o governo de Franco não os internou, ao contrário do que fizeram outros paises neutros, inclusive a Rússia. Só Berlim e Roma censuraram Franco por sua política durante a guerra. A Espanha jamais

colaborou com os nazistas tão abertamente quanto a União Soviética durante o período de agosto de 1939 a junho de 1941. Boicotar a Espanha, usando como pretexto a sua atuação durante a guerra, é coisa sem nexo.

Por que motivo, então, contribuimos para manter a Espanha fora das Nações Unidas? Por que não restauramos nossa representação diplomática normal? Por que consentimos na exclusão da Espanha do Programa de Recuperação Européia e dos planos para a segurança do Atlântico?

A resposta é simples e se encontra na recente declaração de Churchill ante a Câmara dos Comuns: «Afirmo que, positivamente, há mais liberdade na Espanha de Franco que em qualquer país atrás da Cortina de Ferro.

«É grande erro permitir-se que as objeções legítimas que existem contra Franco e sua forma de governo constituam uma barreira entre o povo espanhol e as potências do mundo ocidental com as quais aquele povo tem tantos laços naturais. Essa atitude, longe de contribuir para a queda de Franco, só tem, até agora, consolidado sua posição.

«É fato que eu concordei, em Potsdam, em que a Espanha não deveria ser convidada a ingressar nas Nações Unidas; mas isso, eu o fiz *na esperança de obter completa cooperação russa, para um real instrumento de paz mundial.*»

Embora outros paises neutros tivessem sido admitidos, as portas das Nações Unidas foram cerradas para a Espanha, afim de apaziguar Moscou. A recomendação da Assembléia das Nações Unidas, no sentido de que fossem retirados os chefes das missões diplomáticas em Madrí, foi outro ato nessa tragicomédia de apaziguamento.

A futilidade desse apaziguamento ficou provada e é geralmente reconhecida. Em quase todos os outros aspectos, ele foi abandonado; mas o ostracismo da Espanha continua, por pura e simples inércia, sendo levado a extremos tão risiveis, que a Espanha não é convidada a conferências internacionais sobre assuntos tais como aeronáutica civil, saude, e salvamento no mar.

Na enunciação original do projeto de reerguimento da Europa, o sr. Marshall, então secretário de estado dos Estados Unidos declarou: «Nossa política não é dirigida contra nenhum país ou doutrina.» A despeito disso, a Espanha foi mantida fora do plano—para facilitar a entrada da Rússia. E, muito embora a União Soviética não só se tenha negado a entrar, como haja até obrigado seus satélites a rejeitar a nossa oferta e a organizar o Cominform para sabotar os esforços norte-americanos, a Espanha continua fora do Plano Marshall. Em meio a uma vital guerra fria contra o comunismo, a nação mais anticomunista é relegada ao isolamento, para agradar a Moscou. Existe neste país uma persistente minoria antifranquista que vive numa constante tentativa de disseminar o mito de que a opinião pública norte-americana se sentiria ofendida se fosse posto um termo à nossa atual política para com a Espanha. Qualquer inqué-

rito honesto da opinião pública demonstrará que tal asserção não tem fundamento e que, na realidade, a maioria do povo norte-americano receberia com agrado uma modificação da nossa atual política.

O sr. Churchill referiu-se a «laços naturais» que unem a Inglaterra à Espanha. Esses laços são mais numerosos e significativos em relação ao nosso próprio hemisfério. Quase todos os paises latino-americanos têm arraigadas ligações culturais e sentimentais com a Espanha. Não importa quais seus sistemas políticos, eles ressentem as repetidas humilhações impostas à mãe-pátria. Esses paises sabem muito bem que as sanções políticas e econômicas postas em vigor contra a Espanha foram, em primeiro lugar, inspiradas por Moscou, e têm sido mantidas em grande parte pela pressão exercida por grupos que recebem ordens de Moscou. Eles não podem mais conciliar isso com a nossa ardente profissão de fé anticomunista, da mesma forma que os norte-americanos dotados de raciocínio lógico tãopouco o podem fazer.

Chegou a ocasião de estabelecer relações normais com a Espanha. A ambiguidade das atuais diretrizes constitui um contínuo triunfo político para o Kremlin. A Espanha—estratégica, comercial e politicamente—é indispensavel ao bom êxito do Plano Marshall, à vitória em nossa guerra fria e à nossa segurança, caso sejam os Estados Unidos forçados a um conflito armado.

Recurso engenhoso

UM HOMEM da nossa cidade morreu num acidente de tráfego, não deixando à esposa nenhum seguro e apenas uma pequeníssima quantia. A jovem viuva, apesar de achar-se no terceiro mês de gravidez, recusou, delicadamente, todas as ofertas de auxílio. «Eu hei-de me arranjar sozinha,» dizia, «pois tenho um bom plano.» Efetivamente, ao nascer a criança, a mãe encontrava-se no melhor hospital da localidade, com a mais completa assistência médica. Perguntei-lhe como se dera o milagre.

—Foi muito simples, explicou-me. —Vendí bilhetes a um dolar cada um, e prometí ao portador do que fosse premiado a metade da quantia que eu apurasse no total das vendas. Os amigos de meu marido me ajudaram bastante, passando quase 5 mil bilhetes.

—Mas como é que se concorria ao prêmio? indaguei, curiosa.

—Cada pessoa, ao adquirir o bilhete, tinha direito a um palpite. O vencedor foi aquele que adivinhou com maior aproximação a data e a hora do nascimento de meu filho.

—Helen B. Castle

São enormes as possibilidades que o futuro reserva à agricultura mecanizada

Mecanização da lavoura

(Condensado de «Fortune»)

SÃO NUMEROSOS os aspectos surpreendentes da agricultura na atualidade, mas o mais surpreendente é, talvez—mau grado o grande progresso da mecanização—não estar ainda terminada a revolução agrícola Mesmo nos paises mais adiantados, está apenas iniciando a etapa final.

A revolução agrícola começou nos princípios do século passado, com a invenção de um arado de «bico de pato», de tipo cientificamente eficiente. A primeira segadora mecânica produzida industrialmente apareceu em 1847. Seguiram-se a grade de discos, o cultivador, o gadanho, o carregador de feno e dezenas de outros aparelhos agrícolas. Quase todos os aparelhos fundamentais, usados atualmente pelos lavradores, existiam já antes de 1900. Em seguida, durante os primeiros quarenta anos deste século, o problema consistia em substituir a força animal pela mecânica. O catálogo atual da International Harvester Company contem mais de 350 páginas de aparelhos de tração mecânica, para lavrar, plantar, cultivar e ceifar.

A adoção da roda dianteira do tipo de triciclo, para tratores, deu a esta máquina maior maneabilidade, tornando-a apta para o cultivo em filas. Os pneumáticos de borracha emprestaram-lhe maior velocidade e dirigibilidade. Quando utilizado como máquina estacionária, o motor do tra-

tor veio acionar uma variedade de mecanismos, desde cavadeiras de buracos para mourões até sacudidores de nogueiras. Entre outros aparelhos agrícolas, citam-se as picadeiras e enfardadeiras de feno, cavadeiras de beterrabas e de batatas. Um fabricante está até procurando fazer u'a máquina para arrancar as pedras do terreno, pulverizá-las, e espalhar o pó sobre o solo.

Apesar de tudo, o lavrador não está completamente satisfeito. Os proprietários de grandes e pequenas fazendas, unanimemente, queixam-se sobretudo das avarias que os seus aparelhos sofrem. Os reparos consomem muito tempo e dinheiro, visto que, enquanto a máquina está encostada, o lavrador pode perder muitas vezes o valor da mesma nos prejuizos ou danos causados às suas safras.

Os lavradores tambem se queixam de que os fabricantes de aparelhos têm pouca iniciativa. Os aperfeiçoamentos só aparecem de longe em longe, não obstante serem frequentes as oportunidades para a adoção de melhoramentos simples e evidentes.

Muitas das queixas do fazendeiro podem, contudo, ser atribuidas à sua própria falta de cuidado. Ele comumente abusa dos seus aparelhos. Em muitos casos, os danos são inevitaveis, já que as máquinas têm de trabalhar no pó, na lama, sobre pedras e em outras circunstâncias desfavoraveis. A invenção da colhedeira de algodão, pela International Harvester, ficou paralisada por mais de três anos, até que se encontrou um meio de impedir que o líquido dos insetos esmagados grudasse nos 600 fusos farpados da colhedeira. (A solução foi um sistema de lubrificação para umedecer os fusos.) Constantemente surgem obstáculos semelhantes, dificultando a construção de aparelhos resistentes aos maus tratos.

A indústria se defende aludindo ao fato reconhecido de que no passado os lavradores auferiam rendas diminutas. Era óbvio que os aparelhos tinham de ser fabricados economicamente, para que os fazendeiros os pudessem comprar. Em alguns casos, isso determinava o emprego de peças de ferro fundido, relativamente frageis, ao invés de aço especial. A indústria, obrigada a manter baixos os preços, limitou sua margem de lucros, não dispondo, portanto, de grandes reservas para custear pesquisas.

As máquinas não só poupam trabalho, como apresentam outras vantagens de importância ainda maior. Executando suas tarefas mais rapidamente do que o braço humano, permitem ao lavrador proteger-se melhor contra os riscos do tempo. Mesmo depois de um longo período chuvoso, ele consegue fazer a sementeira em tempo, como o fizeram no ano passado milhares de lavradores na zona produtora de milho dos Estados Unidos, quando recuperaram aquilo que parecia resultar numa perda total. Por serem poucos os dias ou as horas mais propícios para a colheita de qualquer cultivo, pratica-se hoje comumente, em milhares de fazendas, o trabalho noturno à luz de projetores.

O agricultor, entretanto, sabe que,

ano após ano, os juros, a depreciação e os consertos podem reduzir seriamente os seus lucros, a não ser que ele tire o máximo rendimento de suas máquinas. A compreensão desse fato levou muitos fazendeiros a adquirirem mais terras, afim de poderem auferir maiores benefícios do dinheiro empatado em implementos agrícolas. Isso faz conjeturar até que ponto pode ser econômica a mecanização. Aquí e acolá, alguns fazendeiros em grande escala parecem que já levaram a mecanização ao ponto máximo.

Por exemplo, há vinte e cinco anos, Saul Camp começou a dedicar-se ao cultivo do algodão, na Califórnia. Hoje, ele e seu filho James têm uma fazenda de 4.500 hectares, tirando dela uma renda anual bruta de oito milhões de dólares, em algodão, beterraba, batatas e feno, alem de alimentar 40 mil cabeças de gado. Aplicaram 250 mil dólares em 350 máquinas agrícolas, entre as quais figuram 50 tratores de serviço pesado, três ceifadeiras de beterrabas, de 4 mil dólares, e 11 colhedeiras de algodão no valor de 9 mil dólares cada uma. Só empregam 500 trabalhadores. Mas o solo duro da Califórnia desgasta os aparelhos com tanta rapidez que as despesas de conservação absorvem grande parte da economia de mão de obra. Os custos de reparação de uma colhedeira de algodão chegaram a quatro mil dólares em um ano. Não obstante essas despesas, a margem geral de lucros é boa—ao redor de dez por cento.

Charles F. Seabrook e seus três filhos, que dirigem uma fazenda de hortaliças de seis mil hectares em Nova Jersey, levaram a mecanização até ao preparo de alimentos congelados, tendo o total das vendas, no ano findo, ultrapassado a cifra de 13 milhões de dólares. Dispõem de 190 tratores. A inversão total em aparelhos agrícolas se eleva a mais de um milhão de dólares. Os programas intensivos de cultivo e o trabalho intenso dos dias de colheitas elevam as despesas de conservação a cerca de 25% do custo do equipamento novo. Se bem que a maior mecanização nos últimos dois anos reduziu à metade o número de trabalhadores do campo, ainda se empregam 700 homens que executam certas operações, para as quais ainda não existem máquinas.

Não se deve supor que a mecanização da agricultura norte-americana seja completa. Os fazendeiros ainda utilizam dez milhões de cavalos e muares, sendo 60 por cento de todo o trabalho nas fazendas feito ainda a mão. As fazendas de lacticínios, de criação de gado e de pomicultura são as menos mecanizadas. O trato do gado e a colheita de frutas exigem uma alta dose de habilidade e cuidado de que as máquinas ainda não dispõem.

Se a mecanização da lavoura, nos setores onde ela mais avançou, está longe ainda de ser perfeita, considere-se que apenas se iniciaram as pesquisas fundamentais. Na opinião dos geneticistas, dos agrônomos, dos entomologistas e dos engenheiros especializados na matéria, só agora é que começam a esboçar-se as enormes possibilidades do futuro.

SÓ MESMO EM HOLLYWOOD...

RUTH HUSSEY conta-nos a história de uma atriz que telefonou, em prantos, a uma amiga:

—Acabo de saber que meu marido resolveu divorciar-se de mim.

—E que há de extraordinário nisso? perguntou a amiga, com a maior naturalidade.

—Bem, continuou a atriz, acontece que o meu psiquiatra foi passar uns dias fora e eu nem sei o que pensar!

—Erskine Johnson, NEA

UMA SENHORA, muito irritada com um filme que acabara de ver, enviou uma veemente carta de protesto à Warner Brothers, em que declarava que películas daquela ordem eram um insulto à inteligência dos espectadores. «Por que,» perguntava ela, «insistem os senhores em produzir fitas tão abominaveis quando há, nas estantes das bibliotecas, tantas obras clássicas e magníficas histórias?» Dias depois, recebia o seguinte telegrama da Warner Brothers: «Inteiramente de acordo. Dirija-se à Paramount. O filme é deles.»

—Palma Wayne

HÁ POUCOS anos, um escritor de Hollywood, contratado à razão de mil dólares semanais, entrou em conflito com a administração do estúdio. Como o contrato ainda devesse vigorar por mais seis meses, os diretores resolveram vingar-se, designando-o para servir como mensageiro. Certo dia, o moço de recados, regiamente pago, teve ordens de servir de guia a um grupo de visitantes, por sinal acionistas do estúdio. No fim da visita, durante a qual o escritor se desdobrara em atenções, um dos presentes, encantado com tanta amabilidade, ofereceu-lhe 10 dólares de gorgeta.

Era o momento que o escritor ansiosamente aguardava.

«Muito agradecido,» respondeu polidamente, «mas eu já sou muito bem pago como mensageiro. Vejam—aquí está um dos meus cheques—mil dólares por semana,» acrescentou com ar triunfante.

Excusado dizer que houve «tempo quente» no escritório da administração, minutos depois.

—Erskine Johnson, NEA

DEPOIS de um exhaustivo dia de trabalho no estúdio, a estrela pôs um vestido de baile, desses bem decotados, sem ombros, e aprontou-se para ir a uma festa.

—Estou tão cansada, disse ao marido, —que é um verdadeiro sacrifício sair de casa hoje.

—Nesse caso, respondeu o marido, em tom cordial, —por que você não veste alguma coisa e vai dormir?

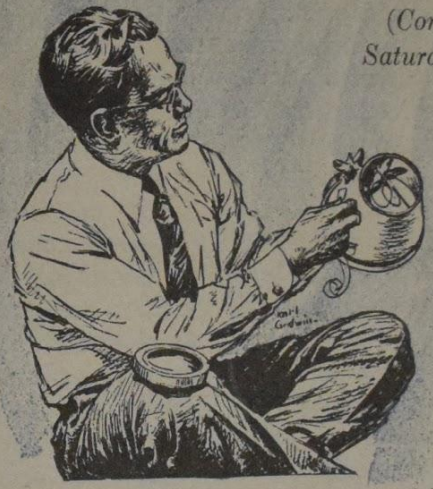
—Andrew B. Hecht

Tudo se pode emendar—graças à solução de um problema... que não existia

Fita invisivel para remendar tudo

Robert M. Yoder

(Condensado de «The Saturday Evening Post»)



ESTE ANO, o público usará mais de um milhão de quilômetros de uma fita incolor, quase totalmente invisivel, que terá milhares de diferentes usos, nenhum dos quais corresponde à finalidade que o seu inventor tinha em mente.

As moças em vestidos de noite usam-na para pregar ramalhetes aos ombros nús. Heróis da tela usam-na para prender orelhas «de abano». Rapazes solteiros remendam a roupa e os avicultores consertam ovos com casca quebrada. A fita tem sido usada como pontas de cordões de sapato e para impedir que as crianças cocem as picadas de mosquitos. Usa-se para apanhar fiapos que ficam pegados a roupas de lã, para enfeitar embrulhos de presentes e para emendar dentaduras postiças. Algumas senhoras até colam pedaços de fita na testa enquanto fazem as tarefas domésticas, certas de que, não podendo franzir os sobrolhos, evitam assim o aparecimento de rugas.

Richard G. Drew, que inventou a fita colante conhecida pela denominação «Scotch», andava em busca de um material quase invisivel, que servisse para fechar pacotes envoltos em celofane, tais como os de balas, bombons e artigos de confeitaria. Foi, porem, surpreendente a diversidade de aplicações que se encontraram para o seu produto. O comum é o inventor ter que procurar aplicações para suas idéias. Mas, neste caso, os consumidores é que sugerem novos usos.

Deve-se à sorte o êxito da carreira de Drew. Em 1921, o laboratório de pesquisas da Minnesota Mining & Manufacturing Company, de St. Paul, ia dobrar o seu quadro de pessoal com a admissão de um auxiliar. Candidatou-se Drew, respondendo a um anúncio anônimo.

Enquanto seguia o curso de engenharia da Universidade de Minnesota, Drew, durante um ano e meio, ganhava a vida tocando banjo em pequenas orquestras de dança. Sobrecarregado, resolveu abandonar os estudos, para ganhar a vida com o seu banjo. Ao mesmo tempo, fazia um curso de desenho de máquinas, por correspondência. Ao responder ao anúncio, teve a idéia de escrever a carta no papel timbrado da escola. A companhia viu em Drew um rapaz que procurava progredir na vida e escolheu-o entre dezesseis candidatos.

A companhia fabricava lixa, sendo uma das tarefas de Drew a de levar amostras de novos tipos às oficinas de pintura de automoveis. Nesse tempo, toda a gente queria carros pintados a duas cores, trabalho que apresentava certas dificuldades. Era preciso cobrir uma parte da carroceria, enquanto se pintava a pistola a parte descoberta. O material usado para cobrir a parte que não se queria pintar, mesmo quando ficava no lugar, deixava frequentemente infiltrar-se a tinta. Os pintores usavam toda a sorte de fitas gomadas, inclusive esparadrapo. Alguns faziam a sua própria goma, com que colavam o papel sobre a superfície que queriam proteger. Não obstante, nada conseguiam que fosse realmente satisfatório.

Um dia, ao entrar numa garage de St. Paul com um maço de lixas, Drew deparou com um pintor que trovejava imprecações: este tinha usado uma fita gomada, que procurava remover com um pouco d'água, mas o esmalte, cobrindo a fita, a tinha impermeabilizado, e não permitia à água penetrar para amolecer a cola. Quando a fita foi arrancada, a pintura tambem se desprendeu.

Drew observou com perspicácia que o pintor precisava era de uma fita cuja goma não secasse de todo. Ora, isso era justamente o que o pintor tinha pensado, mas onde encontrá-la? «Não se preocupe,» disse-lhe Drew, com o desenfreado otimismo dos inexperientes, «vou fabricá-la.»

Drew notou que certa mistura de óleos vegetais, preparada nos laboratórios da companhia, permanecia pegajosa depois de ser aplicada. Passou, então, essa goma em tiras de papel, que levou ao pintor. «Isso parece papel pega-moscas,» observou este, com certo ceticismo; mas arriscou-se a usar o papel num automovel que estava pintando. A fita aderiu bem e se despegou facilmente, mas, ao ser arrancada, levou consigo parte da pintura.

O pintor voltou a soltar imprecações e Drew voltou ao laboratório, onde, durante mais seis meses, preparou várias misturas de óleo de linhaça, resinas e nafta, adicionando chicle para dar-lhes elasticidade. Finalmente, experimentou a cola de marceneiro, dando-lhe uma consistência pegajosa com glicerina. O resultado parecia satisfatório, mas era preciso que a fita pudesse ser enrolada, sem, entretanto, ficar grudada. Isso era um osso duro de roer. Drew resolveu o problema, cobrindo o lado gomado com uma gaze.

A fita foi um sucesso. Por um bordo, prendia-se firmemente à carroceria, e pelo outro se fixava ao papel que cobria a parte em que a tinta não devia cair. Feita com 5 centímetros de largura, a fita levava uma faixa de goma de 1 centímetro de largura junto de cada margem. Isso economizava goma, mas os pintores reclamavam: «Por que não põem goma em toda a fita? Essa companhia é tão econômica que até parece escocesa!» A companhia passou, então, a gomar toda a superfície, mas adotou o nome «Scotch» (escocesa).

Depois de passar o entusiasmo inicial, os fabricantes de automoveis começaram a achar defeitos. Levava-se tempo para separar a gaze e quando a carroceria era metida no forno, a goma às vezes derretia. Durante dezoito meses a fábrica continuou a fazer experiências, fracassando sempre. O invento foi, então, posto de lado, e Drew voltou ao laboratório onde a lixa era submetida a experiências. No primeiro dia de trabalho, porem, lembrou-se de um papel especialmente tratado que se usara para lixa na fábrica havia três anos. Com esse tipo de papel, fez uma fita gomada que podia ser enrolada sem grudar, dispensando o revestimento de pano.

Voltaram então a pesquisar uma nova massa adesiva, que não se derretesse em altas temperaturas, conseguindo descobrí-la ao fim de alguns meses. Tinham nas mãos um êxito garantido, precursor de uma vasta série de fitas gomadas, para uso industrial.

De todas, a mais conhecida é a fita transparente, obra prima de Drew. Nos dias prósperos de 1928, mais e mais produtos surgiam no mercado envoltos em atraentes papéis de celofane: café, bolinhos, presuntos, camisas e centenas de outros artigos. Ninguem tinha, entretanto, descoberto um meio prático para fechar o envoltório de celofane. Nem o próprio Drew pensou no assunto, senão depois de passado um ano ou mais.

Era evidente que a solução consistiria numa fita de celofane gomada com um adesivo transparente. Mas, raciocinou ele, se a goma ficasse pegada em um lado do papel, tambem se pegaria ao outro quando se enrolasse a fita. Seria, portanto, necessário um papel cujos lados fossem um pouco diferentes um do outro. Todos os entendidos no assunto sabiam que era quase impossivel aplicar-se a uma película tão fina um tratamento especial.

Não obstante, Drew tomou um pedaço de celofane comum e aplicou-lhe uma camada de goma. Prevendo o resultado desconsolador, grudou outro pedaço de celofane nas costas do primeiro. A seguir despregou-os. A segunda folha saiu limpa, havendo a goma permanecido na folha em que fora aplicada. Fez outras provas, sempre com o mesmo resultado: a goma ficava sempre na mesma folha, e a outra folha saía sempre limpa. O dificil problema, que havia deixado todo o mundo perplexo, na realidade não existia. Eis aí a origem prosaica de uma grande idéia que criou uma indústria. Deu-se isso em 1930. Parecia

que Drew tinha inventado, justamente no meio de uma crise avassaladora, um produto próprio para uma época de prosperidade. Paradoxalmente, foi a própria dificuldade econômica que contribuiu para que o novo produto fosse um grande sucesso. Todo o mundo precisava economizar, prolongar a vida util das coisas, e a fita gomada transparente de Drew era um meio barato de consertar páginas de livros, desenhos e plantas, estores, etc. O mundo estava-se despedaçando. O momento era, pois, oportuno para apresentar um novo material de remendo.

A fábrica produz atualmente 124 variedades e tamanhos de fita, aplicaveis a inúmeras finalidades industriais —fitas de papel, de película de acetato, de pano, de matéria plástica; fitas de côr para identificar fios elétricos, fitas para proteger concreto fresco, fitas para toda sorte de serviço em que se precisa cobrir uma superfície. Mas a que conquistou um lugar na vida cotidiana de todos foi a fita transparente de Drew.

Notícias dignas de destaque

Dorothy Goodwin Trueblood, em «Good Business»

ENCONTREI recentemente, perdidas entre artigos sensacionalistas e *manchettes* berrantes, duas pequenas notícias, dessas que comprovam a bondade inata do homem. Uma se intitulava «O silêncio salva a casa de uma viuva». Durante um leilão de propriedades sequestradas por falta de pagamento de impostos, foi posta à venda uma pequena casa pertencente à viuva de um veterano da Segunda Guerra Mundial, com cinco filhos. Quando o leiloeiro pediu lances, a multidão guardou absoluto silêncio. Finalmente, a mulher criou coragem, depois de esquadrinhar detidamente a bolsa.

—Ofereço 15 dólares, animou-se a dizer.

—Vendida, declarou o leiloeiro, enquanto os presentes trocavam sorrisos de satisfação e desafogo.

A outra notícia se intitulava «Como 1.159 rapazes ajudaram um soldado cego». Havia cerca de dois mil compradores numa venda de sobras de guerra do exército norte-americano. Um trator, que estava à venda, era particularmente cobiçado por todos. Alguns o queriam para uso nas próprias fazendas, outros para revendê-lo com lucro. O soldado cego planejara utilizá-lo na mina de carvão próxima a sua casa. Em tais casos, faz-se um sorteio para regular a prioridade das opções. Coube ao soldado cego o número 1.160. Julgou perdido o trator. Entretanto, os 1.159 candidatos que o precediam foram sucessivamente desistindo de adquirí-lo.

Notícias como essas não mereciam um destaque todo especial?

COMO A EUROPA VÊ O TIO SAM

Condensação do livro «As Others See Us», de

ANDRÉ VISSON

SENDO EU um dos 13 milhões de norte-americanos que nasceram no estrangeiro, sinto-me particularmente cônscio, tanto do privilégio como da responsabilidade que implica o fato de ser-se cidadão dos Estados Unidos. Nascido e criado na Europa, sei com que esperança ela volve os olhos para a América do Norte; mas sei tambem quantas idéias falsas e quantas suspeitas ela nutre em relação aos Estados Unidos.

Quando, depois da guerra, visitei o velho continente, chocou-me e entristeceu-me verificar que muitas das idéias errôneas anteriores ao conflito estavam agora mais enraizadas do que nunca, e que, paralelamente, haviam germinado novas dúvidas e desconfianças.

Lembrei-me então de que, antes de vir para os Estados Unidos, eu tambem partilhava dessas falsas idéias, e sentí que talvez fosse meu dever para com a Europa, onde nascí, e para com a América, de que sou filho adotivo, expressar e mesmo, sendo possivel, extir-

«As Others See Us», copyright 1948, de André Visson.
Ed.: The Country Life Press, Garden City, N. Y.

par esses errados conceitos e desconfianças. Os europeus desejam ardentemente obter da América o auxílio econômico que lhes assegure a recuperação. Mas receiam, ao mesmo tempo, que os americanos se valham desse auxílio para tirar vantagem do enfraquecimento da Europa.

Anseiam eles pelo auxílio militar dos Estados Unidos contra a expansão dos Sovietes; mas desconfiam que os americanos estejam planejando transformar as Ilhas Britânicas em um enorme porta-aviões para o lançamento de bombas atômicas, e que estejam dirigindo olhares cobiçosos para as colônias ultramarinas dos europeus, como possiveis bases da estratégia aérea e naval dos Estados Unidos. Consideram o exército do Tio Sam como autêntica «brigada de incêndio» do mundo ocidental, e gostariam de contar com mais «bombeiros» norte-americanos. Mas, ao mesmo tempo, receiam que alguns desses «bombeiros» possam, por descuido, jogar um cigarro aceso demasiadamente perto do paiol de pólvora europeu.

Confessa o velho mundo que necessita dos norte-americanos, tanto na qualidade de «banqueiros», como na de «polícia militar». Mas receia que estes não estejam preparados nem política nem psicologicamente para desempenhar o papel de líderes da Europa.

Bem sei que muitos dos meus concidadãos norte-americanos me perguntarão: «Mas acha assim tão importante a opinião que os europeus fazem de nós? Nós não desejamos impor-lhes a nossa liderança. Se eles podem aproveitar o nosso auxílio para pôr a casa em ordem, de modo a se sentirem ao abrigo de qualquer agressão estrangeira, e a nunca mais terem de pedir-nos socorro, nós teremos o maior prazer em auxiliá-los, mesmo sem contarmos antecipadamente com a sua efusiva gratidão.»

Infelizmente, enquanto a União Soviética for a maior potência militar do continente europeu, a Europa ocidental estará em sério perigo e necessitará a liderança dos americanos. Pela própria natureza da democracia, entretanto, essa liderança não pode ser imposta: deve ser aceita de livre vontade.

Ora, para se dispor a aceitar essa liderança, a Europa ocidental deve familiarizar-se melhor com os Estados Unidos. Sobretudo, tem que corrigir seus infundados preconceitos. Os americanos são hoje, aos olhos do europeu do ocidente, o mesmo que os franceses eram, depois da Primeira Guerra Mundial, para a Europa oriental: não só paladinos da democracia, mas banqueiros tambem. Ora, é sabido que o banqueiro pode ser respeitado, às vezes mesmo lisonjeado, mas raramente é amado. Com efeito, quase todos o invejam e com frequência o maldizem. A posição dos Estados Unidos na Europa ocidental torna-se ainda mais delicada pelo fato de que os norte-americanos entraram alí não como conquistadores, mas como amigos. O conquistador tem direitos; o amigo tem somente obrigações.

Nota-se hoje, entre os intelectuais da Europa ocidental, uma crescente curiosidade a respeito da nação à qual se vêem obrigados a pedir auxílio. Mas tambem se nota entre eles uma tendência a repetir a velha crença de que a América tem muito pouco que oferecer, em matéria cultural e intelectual. Referem-se aos Estados Unidos como o país da «comida enlatada, da música enlatada, das idéias enlatadas». Denunciam a «mecanização» da civilização americana, achando que todos os seus esforços criadores se concentraram nas realizações materiais, com prejuizo da vida intelectual e espiritual.

Habituados a julgar sua própria civilização, não através do seu progresso científico e mecânico, mas antes pelas suas expressões artísticas, perguntam esses europeus: «Onde estão as catedrais da América, onde estão os Shakespeares, os Rembrandts e Beethovens da América?» São perguntas idênticas às que os atenienses do terceiro século antes de Cristo faziam, quando os romanos começavam a impor-se aos outros povos do Mediterrâneo. Orgulhosos de seus monumentos, de seus magníficos teatros, de seus grandes filósofos, do seu gosto artístico e requinte intelectual, os atenienses diziam então aos romanos: «Tendes a superioridade militar e sois muito mais ricos do que nós; mas nem todo o vosso poderio e riqueza serão capazes de arrebatar a nossa superioridade intelectual e cultural.»

Veio isto a chamar-se de «complexo ateniense». Hoje encontramos complexo idêntico na Europa ocidental.

O «complexo ateniense» é particularmente acentuado na França, dominando o pensamento da maioria dos intelectuais franceses no que tange aos Estados Unidos e ao seu povo. Afirmam eles que representam a civilização do homem, em contraste com a civilização da máquina, que é a norte-americana. Obcecados pelo velho clichê europeu da «mecanização americana», eles têm da vida nos Estados Unidos uma visão deformada.

Embora estejam sofrendo da carência de carnes e gorduras, os franceses consideram as conservas que lhes chegam da América como o cúmulo da abominação. Uma senhora francesa de muita cultura perguntou a minha mulher quando é que nós tencionávamos levar nosso filho à Europa, para que ele pudesse ter «uma alimentação boa e saudavel». Um distinto médico francês procurou convencer-nos de que o leite das vacas «não civilizadas» da França era mais alimentício do que «o leite americano, pasteurizado, homogeneizado e enriquecido com vitaminas».

Mas não é só na França que se verifica o «complexo ateniense». Este afeta igualmente o pensamento de muitos outros intelectuais da Europa ocidental. Os próprios intelectuais alemães, que fogem da zona soviética da Alemanha, para se refugiarem sob as asas da águia americana, queixam-se por vezes de que os americanos «não passam de russos com as unhas tratadas e as calças vincadas».

E esse complexo—a crença na superioridade de uma civilização mais an-

tiga, e o sentimento de frustração ante uma civilização mais nova que toma a dianteira—não está circunscrito à Europa: já transpôs o oceano e tem influenciado o pensamento de muitos intelectuais da América Latina, que sempre se sentiram mais ligados à Europa do que aos Estados Unidos.

A América do Norte é, para o latino-americano, uma moça sadia, endinheirada e dinâmica, com gosto e inclinações muito diversos dos seus, mas que ele é obrigado a desposar porque a geografia e a história lhe impuseram a necessidade de forjar o futuro em comum. É, decididamente, o que ele chama um «casamento de conveniência»!

Ao mesmo tempo, a Europa é para ele a amante entrada em anos, mas ainda com encantos; a amante da mocidade, a que ele continua a sentir-se preso por laços sentimentais e intelectuais.

Graças aos vigilantes guardas atômicos que protegem a dama ianque, o latino-americano poderá gozar em plena segurança todos os artigos e apetrechos técnicos do conforto moderno. Mas ele se pergunta se poderá ser tão feliz com a esposa norte-americana, como o foi com a sedutora amante européia.

O sonho norte-americano

Os INTELECTUAIS desempenham na Europa um papel de muito maior relevo do que os seus colegas norte-americanos, tanto na vida pública como na formação da opinião pública. É talvez por isso que muitos intelectuais europeus interpretam o americanismo como uma ameaça à sua situação privilegiada de mentores da civilização ocidental. O sonho dos ianques, julgam eles, é substituir os homens pelas máquinas, e os pensadores pelos mecânicos. Os Estados Unidos e a União Soviética tornam-se assim, a seus olhos, duas facetas ou expressões diversas da mesma Civilização da Máquina, que eles temem.

Os errados conceitos da Europa acerca dos Estados Unidos pululavam já muito antes de haver este país alcançado o seu nivel atual de primeira potência do mundo. Alguns observadores clarividentes, como por exemplo o francês Alexis de Tocqueville, que visitou os Estados Unidos em 1831, ou o inglês James Bryce, que fez diversas viagens à América na penúltima década do século XIX, reconheceram a repercussão de largo alcance que a experiência democrática norte-americana teria sobre o futuro da civilização ocidental. Mas os observadores dessa ordem estiveram sempre em minoria. A maior parte dos europeus que visitavam os Estados Unidos, sentiam-se perturbados, e até chocados, com essa nova sociedade que acreditava *ser mais importante fazer subir o nivel das massas, do que elevar indefinidamente à perfeição as obras literárias, filosóficas e artísticas da elite intelectual.*

Um dos princípios básicos da filosofia americana, «um homem vale tanto quanto outro qualquer»—era decididamente inaceitavel para a Europa. Pôr em dúvida a superioridade dos intelectuais, admitir que os não-intelectuais fossem tão meritórios quanto aqueles, era, aos olhos dos intelectuais europeus, a maneira mais direta e segura de minar os alicerces da cultura ocidental.

Aos olhos dos britânicos

NENHUMA nação da Europa ocidental se sente mais chegada aos Estados Unidos do que a Inglaterra, e nenhuma se sente mais infeliz quando suspeita que tal solidariedade vai assumindo um carater de dependência.

Os franceses sofrem com a sua dependência econômica e militar em relação aos Estados Unidos, mas consolam-se com a idéia de que são intelectualmente superiores e de que continuarão a sê-lo por muitos anos.

Mas aos ingleses nem sequer resta esse conforto. É bem verdade que, tal como os franceses, eles se têm considerado, de há muitas gerações, como «superiores» aos norte-americanos, do ponto de vista intelectual e, sobretudo, cultural. Mas a Inglaterra considerava-se a Roma—mais do que a Atenas—da moderna civilização ocidental. Seus historiadores, como Gibbon, inspiraram-se sempre no exemplo de Roma; seus escritores, como Kipling, têm divulgado esse conceito. Seus vice-reis da Índia, e os jovens oficiais dos exércitos coloniais, consideram-se há muito como descendentes diretos dos administradores e legionários de Roma. Mas, agora que os Estados Unidos estão se tornando uma nova Roma, agora que os administradores e os jovens militares americanos mantêm a ordem na Grécia e no Japão, na Alemanha ocidental e no Oriente Próximo, que restará dessa magna missão histórica da nação inglesa? Num mundo que, de dia para dia, se vai encolhendo mais, e mais rapidamente, não há lugar para dois impérios romanos.

Os ingleses mostram-se gratos pelo auxílio que, durante a guerra, lhes prestaram os seus parentes mais jovens de alem-mar. Mas o orgulho britânico ressente a necessidade de pedir auxílio repetidamente. E os ingleses estão resolvidos a não seguir os amistosos conselhos que tantos «jovens» americanos oferecem, na melhor das intenções, ao fatigado e empobrecido «tio» inglês...

O inglês gosta de ver no norte-americano uma espécie de «sobrinho», filho dum irmão mais moço que montou um negócio rendoso no ultramar, e se casou com uma mulher de raça mestiça e de duvidosos antecedentes sociais. Esta mãe não anglo-saxã deve ser responsavel pelas diferenças que se notam entre pai e filho. Mas, graças a Deus, o «sobrinho» ainda tem bastante sangue inglês nas veias! Carece talvez de experiência e de educação e refinamento, mas é muito competente e empreendedor, segue à risca os preceitos da família e tem um coração de ouro. Já por duas vezes ele correu em auxílio do velho tio, quando este se viu ameaçado por salteadores estrangeiros, e generosamente lhe emprestou dinheiro para o conserto do velho solar e para manter em marcha os interesses da família. Mas deu tambem a entender, na sua

maneira um pouco rude, que o «tio» se devia ajudar a si mesmo, adaptando-se às novas condições, cortando as despesas e modernizando o seu antiquado equipamento.

Isto causou grande irritação ao velhote, que resmungou no *Economist* de Londres: «Será que você é tão simplório, para julgar que sua riqueza e força atuais são o resultado de alguma virtude superior? Em minha opinião, você apenas teve mais sorte!»

Tal qual a maioria dos europeus, os ingleses criticam os ianques porque estes julgam o Velho Mundo pelos padrões norte-americanos e porque tendem a ultra-simplificar as coisas. Mas eles próprios têm caido no mesmo erro, julgando certas situações dos Estados Unidos segundo os padrões da Europa, e havendo, por sua vez, ultra-simplificado determinados problemas.

Na opinião de muitos ingleses, o isolacionismo e o idealismo dos ianques são apenas expressões diversas da mesma «falta de maturidade política». Os americanos, dizem eles, andam correndo mundo à procura de povos oprimidos aos quais possam indicar, como um farol, o caminho da salvação. Acham os ingleses que as virtudes dos Estados Unidos são ainda mais irritantes do que os seus vícios. Certo funcionário de alta categoria me disse uma vez, em tom que ressumava mais do que simples ironia: «Nós tudo podemos perdoar a vocês, americanos, menos a sua superioridade moral.»

Mas os ingleses temem tanto o «nacionalismo econômico» quanto o idealismo dos norte-americanos. Os conservadores da direita vêem na pressão econômica da América a «assustadora influência de um vigoroso e agressivo rival econômico». Os trabalhistas da esquerda desconfiam que a América capitalista emprega pressão econômica para «impor à Inglaterra subjugada a necessidade de voltar a uma economia capitalista desenfreada».

O *Economist*, de Londres, adverte-nos de que esse misto de intervencionismo político e de inação econômica dos americanos «pode vir a transformar os paises europeus, hoje colaboradores agradecidos, em clientes irritados, e intensificar em toda a parte o anti-ianquismo irracional, agora infelizmente tão difundido». A crítica que os esquerdistas ingleses fazem aos Estados Unidos, afirma o *Economist*, constitui autêntica fobia, resultante, por certo, da frustração das esquerdas. Tinham estas profetizado que as medidas socialistas levariam a Inglaterra do após-guerra à prosperidade; mas, em vez da prosperidade, os ingleses estão levando vida muito mais austera do que nos dias do conflito armado. Os ingleses da esquerda, desiludidos e tomados de susto, estão ávidos de encontrar um bode expiatório. E acham que o encontraram na pressão que o capitalismo americano vem exercendo sobre a Inglaterra.

Mas o que eles não tomam em consideração, é que o capitalismo norte-americano foi sempre diferente do capitalismo europeu. Tanto nos Estados Unidos como na Europa, o capitalismo teve suas raizes no princípio da livre concorrência. Mas o capitalismo europeu tende a esquecer esse fato: seduzido pela vantagem imediata dum lucro maior, começou a eliminar a concorrência, por meio dos cartéis, visando como objetivo último, o monopólio. Tendo conseguido assumir uma posição privilegiada, o capitalismo europeu estagnou, perdeu o vigor, abrindo assim a porta ao capitalismo de Estado e ao socialismo. Por outro lado, o capitalismo americano, mantendo o princípio da livre concorrência, continuou a ser vigoroso e dinâmico. Mas a Europa ocidental, inclusive a Inglaterra, não se compenetra desse fato. Encara o sistema econômico americano como uma forma extrema do capitalismo, isento de todos os freios que eles impuseram ao seu próprio capitalismo. Considera-o uma espécie de selva, onde os fortes podem estrangular impunemente os fracos e regalar-se com os seus despojos. Noventa por cento dos europeus nunca ouviram falar das leis norte-americanas contra os trustes ou, quando muito, as consideram simples «cortina de altas intenções econômicas e princípios morais», ao abrigo da qual os homens dos grandes negócios partilham o espólio do pequeno comerciante.

Todos esses ingleses e demais habitantes da Europa ocidental que tanto criticaram sua própria variedade de capitalismo, sentem-se naturalmente muito mais propensos a criticar o capitalismo norte-americano, que consideram caótico. Gostariam de poder acreditar que a América é responsavel pelos maus dias que eles estão passando. Odeiam ver o mundo reduzido a uma caricatura que mostra a «Economia Planejada»—um sujeito maltrapilho—dirigindo-se ao «Livre Empreendimento»—cavalheiro de próspera aparência—para lhe suplicar: «Moço, pode me dar um niquel?»

O próprio *Economist*, de Londres, sempre tão capaz de estimar e compreender os Estados Unidos, adverte esse país de que, embora não haja na Grã-Bretanha muita gente que «acredite na tese comunista, segundo a qual o propósito deliberado e consciente da política norte-americana é arruinar a Inglaterra e tudo quanto ela representa, a verdade é que os fatos se podem interpretar nesse sentido».

Mas não é somente a política econômica americana o que irrita os ingleses: estes ficam furiosos diante da «complacência com que os ianques atribuem toda a boa sorte da América aos usos e costumes do país, insistindo por isso com o resto do mundo para que este os adote, sem levar em conta as circunstâncias e as oportunidades». Nenhum americano inteligente negaria que seu país lucrou imensamente com a abundância de recursos naturais e com o fato de ter dois oceanos a protegê-lo de agressão estrangeira. Mas a esmagadora maioria dos americanos estão convencidos—e, a meu ver, com toda a razão—de que lhes foi possivel tirar o máximo proveito da fartura com que a natureza brindou os Estados Unidos, *porque estes aderiram aos princípios básicos da li-*

berdade, da dignidade humana e da economia da livre concorrência.

Por outro lado, desde o fim da guerra que muitos ingleses estão ansiosos de provar a si mesmos—e ao resto do mundo—que nos Estados Unidos há menos tolerância e menos progresso social do que na Inglaterra. Forçados a confessar que seu país já não é tão poderoso nem tão próspero quanto os Estados Unidos, eles se consolam com o pensamento de que, sob o socialismo, eles pelo menos têm em mais alto grau uma «democracia genuina».

Nenhum americano bem informado negará que os ingleses estão mais avançados do que os Estados Unidos em legislação social. Mas o americano perguntará tambem: *Será lícito interpretar a legislação social avançada como sendo, invariavelmente, um progresso social? Não será o caso que um excesso de legislação social constitua na realidade os óculos, o aparelho contra a surdez, a dentadura postiça e as muletas com que nos armamos para fazer face à decrepitude crescente da nossa sociedade envelhecida? Não serei eu que negue a sua utilidade. O que pergunto é se são, de fato, marcos miliários do progresso social.*»

Duas revistas americanas têm publicado resumos de primeira ordem das caricaturas que os ingleses fazem dos americanos. «Muitas pessoas perfeitamente normais sob outros pontos de vista,» comentou a *Newsweek*, «estão plenamente convencidas de que a América é povoada de homens corpulentos que ostentam gravatas pintadas a mão, chapéus de aba larga, e charutos; e por mulheres fanhosas, vestidas com espavento e com saias que chegam ao chão; e que os americanos vivem numa orgia de bebidas geladas, especulações, linchamento de negros e perseguição de liberais.»

E a revista *Time*, ao elogiar Lewis W. Douglas, embaixador dos Estados Unidos na Inglaterra, afirma que «ele permanece genuinamente americano e, no entanto, consegue ser a antítese da caricatura grotesca que tantos ingleses têm formado do tipo americano: sujeito espalhafatoso, de roupas não menos espalhafatosas, e sempre pronto a dar uma palmada condescendente nas costas doridas dos ingleses.»

Os intelectuais ingleses, contudo, encaram os americanos através de sentimentos mais complexos: convenceram-se, há muito, de que os americanos sabem ganhar dinheiro mas não sabem gastá-lo; de que os americanos levam uma vida monótona; de que todos eles têm as mesmas opiniões acerca de tudo e as exprimem da mesma forma, e de que os políticos e homens de negócio da América carecem de cultura e de boas maneiras. Desnecessário seria dizer que tem havido observadores com uma visão menos acrimoniosa dos Estados Unidos. Mas é enorme o número dos intelectuais ingleses—e o mesmo se pode dizer dos europeus em geral—que têm acolhido e continuam acolhendo com alvoroço qualquer prova nova da «vulgaridade e inferioridade» dos americanos.

«Vista deste trágico continente europeu, a poderosa América não parece feliz!» exclama Harold J. Laski, um dos líderes do Partido Trabalhista.

J. B. Priestley, romancista e teatrólogo inglês, encontrou em Nova York, «um profundo sentimento de inquietação, mal-estar, de corações ansiosos e sem lar; cidade cheia de gente que, após três rápidos tragos, começa a sonhar com outras paragens».

Cyril Connolly, o brilhante diretor de *Horizon*, revista literária e artística de Londres, fez uma viagem aos Estados Unidos, para compreender e amar os americanos. Mas tambem ele confessou que os achou infelizes: até os americanos ricos são «sorumbáticos». «Em todas as famílias respeitaveis se encontra um alcoólatra.» Assim, depois da meia-noite, muitos norte-americanos «brigam ou choram»... As características mais flagrantes da sociedade americana parecem ser a «corrida geral à psiquiatria, os elevados índices de loucura e suicídio».

A maneira como muitos europeus abordam a América do Norte é cheia de contradições. Fazem esforços para compreender os motivos que tornaram os Estados Unidos tão prósperos e tão poderosos, mas ao mesmo tempo exageram com avidez todos os seus defeitos. Assim, acentuam tudo quanto, em sua opinião, contribui para tornar os americanos «inferiores» aos europeus.

Democracia sem classes

NADA PODE confirmar tão cabalmente a convicção dos franceses, para quem os norte-americanos «são realmente destituidos de civilização», como as histórias de linchamento. Por isso eu acho que nada poderia ser mais lamentavel do que ver um homem da estatura intelectual de Jean-Paul Sartre—um dos mais eminentes escritores franceses do após-guerra, acolhido com geral aclamação nos Estados Unidos—escrever uma peça teatral em que se apresenta o linchamento como uma das instituições fundamentais da vida americana. A única personagem «decente» dessa obra é uma meretriz—mas até essa acaba por submeter-se às ameaças dum senador hipócrita do Sul, e do seu filho, que, supostamente, representam a «classe dominante» dos Estados Unidos.

Não consigo compreender os motivos que levaram Jean-Paul Sartre—que pela primeira vez visitava o país cujos exércitos libertaram a sua pátria da opressão nazista—a escrever um melodrama tão sintético, e a fazê-lo passar como um quadro da vida normal dos Estados Unidos. Sartre não é comunista, mas não resta dúvida que tem deste país um conceito extremamente errôneo.

Para o intelectual europeu não há nada mais dificil de compreender do que o americanismo, pelo simples motivo de que não existe na Europa nada que se lhe assemelhe.

As nações européias consideram-se como grandes famílias que se expandiram. Os Estados Unidos da América são o exemplo único de uma grande nação que se fundou, não sobre laços de sangue, nem sobre princípios etno-

gráficos—mas sobre uma idéia e um ideal. Mas, como a América do Norte não se constituiu segundo o padrão das nações européias, «ela não pode» ser uma nação. Muitos europeus me têm perguntado: «Como pode você falar de nação americana, quando os Estados Unidos não têm camponeses, que são a raiz de todas as nações européias?»

Diversamente da América, as democracias européias, nascidas em fins do século XVIII, não criaram uma sociedade sem classes. Limitaram-se a adaptar a antiga sociedade européia aos novos princípios democráticos, sem destruir as classes. Quando, no século XX, o comunismo e o fascismo lançaram à democracia européia o desafio dos seus conceitos de uma sociedade sem classes, muitos europeus, desapontados com os seus regimes imbuidos de espírito de classe, se deixaram seduzir pela nova fórmula, sem terem devidamente em conta o caráter autoritário da mesma. Mas os americanos, que de há muito haviam fundado uma sociedade democrática sem classes, não se deixaram cair no conto do vigário.

O escritor francês Roussy de Sales foi um dos raros europeus que compreenderam que ser americano é «um ato de fé». Mas, como tantos outros europeus, ele não conseguiu apreender o verdadeiro sentido do americanismo. Achou que a essência do americanismo era um «sentimento anti-europeu»; que os americanos tinham de rejeitar e condenar a Europa, para poderem confirmar a sua fé nas instituições próprias. E, como muitos outros intelectuais europeus, ele se ressentiu diante do que chamava de «messianismo americano».

É dificil imaginar-se a intensidade do ressentimento que os norte-americanos provocam entre os europeus, quando se põem a falar de suas elevadas intenções e de sua devoção aos ideais humanitários e morais. Todas as palavras dessa ordem, que acodem com natural sinceridade aos lábios de qualquer ianque, soam ocas e falsas aos ouvidos do europeu.

COM FREQUÊNCIA os europeus censuram os americanos pelo seu hábito de fazer «sermões» e pela sua atitude «religiosa» diante da vida. A diferença radical entre a maneira como o norte-americano e o europeu abordam o cristianismo e os problemas religiosos, explica, creio eu, muitas das falsas idéias que os europeus nutrem a respeito dos Estados Unidos. Na Europa, a religião se ocupa essencialmente das relações entre o indivíduo e o seu Deus, e de preparar o homem para ir ao encontro da morte com dignidade e confiança. Na América do Norte, pelo contrário, a religião se infiltrou na vida do indivíduo. Ocupa-se não só das relações entre o homem e Deus, mas tambem entre o homem e seus semelhantes. Põe menos ênfase na vida religiosa do que na «vida reta» do homem. Seu interesse está não só nas relações do homem com Deus, mas tambem nas suas relações com a família, a sociedade, e até com o mundo em geral.

Por isso, muitos europeus, embora não sejam agnósticos nem partidários de qualquer filosofia esquerdista, não podem compreender a atitude religiosa do americano. Embora não possam deixar de entender que muitos americanos acreditam na boa-vontade e na retidão de pensamento, eles perguntam com espanto como é que o cristianismo se pode considerar uma força política liberalizante, e sentem-se inquietos sempre que escutam os norte-americanos falar em termos quase místicos de uma «missão no mundo».

OS EUROPEUS do continente que visitavam os Estados Unidos antes da Primeira Guerra Mundial, sentiam-se em geral chocados pelo puritanismo dos americanos. Os que, porem, visitaram o país entre as duas grandes guerras, e depois desta última, sentiram-se chocados com a carência de freios sexuais e a tendência geral a «justificá-la» pelas novas teorias científicas. Ao mesmo tempo, os visitantes europeus, especialmente os que vêm da França, sempre se confessaram impressionados pela posição que a mulher ocupa nos Estados Unidos.

Segundo a escritora que fez a crítica da obra de Robert E. Sherwood, *The Best Years of Our Lives* (Os melhores anos de nossa vida) na revista de Jean-Paul Sartre, *Les Temps Modernes*, «a heroina do livro personifica a típica mulherzinha norte-americana, bonita e bem cuidada, mas totalmente desprovida de personalidade e de cultura real, que do amor só possui noções farmacêuticas, e nenhuma experiência calorosa ou sensual». Quer trabalhe quer não, a mulher americana «domina o marido e o seu livro de cheques». O marido faz o que pode para tornar a vida dela tão agradavel quanto possivel. «Em troca, ela o trata como a um menino ingênuo, com o qual, de tempos a tempos, se digna brincar.»

Outro alvo predileto das críticas européias, é o excesso da bebida. Desde o inglês William Cobbett, grande admirador das instituições americanas no começo do século XIX, até à não menos amistosa jornalista francesa Geneviève Tabouis, que observou os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, os europeus sempre censuraram a América a este respeito.

Os europeus referem-se frequentemente aos ianques como sendo grandes sonhadores, que procuram escapar às horrendas realidades refugiando-se nas fitas de Hollywood, nas histórias de quadrinhos, e no álcool. Entretanto, poderia alegar-se em resposta que os americanos não absorvem, *per capita*, mais álcool do que os europeus, especialmente os do norte e leste da Europa. Creio que os escandinavos, os russos e os poloneses bebem mais do que os norte-americanos. É bem sabido, por exemplo, que, em questão de bebida, poucos americanos seriam capazes de rivalizar com os militares soviéticos durante um banquete.

Se alguem pergunta aos europeus que indústria é que eles consideram como tipicamente americana, eles provavelmente dirão em esmagadora

maioria: a propaganda comercial. Os europeus imaginam que o americano vive todo o dia sob a influência da sugestão de grandes cartazes, e toda a noite ao clarão de deslumbrantes letreiros luminosos, nos quais se cantam ditirambos aos cigarros americanos, à goma de mascar e às bebidas de cola. Supõem eles que os céus da América estão sempre coalhados de aviões e balões fazendo propaganda dos frutos da produção em massa dos Estados Unidos. Acreditam que os anunciantes americanos não hesitam em violar a intimidade de uma família enlutada, a santidade de uma igreja ou a paz de uma sepultura.

Poucos críticos europeus foram bastante argutos para observar, como Cyril Chessex, jovem suiço que fez uma vívida narrativa da sua permanência na América durante os anos da guerra, que os americanos embora peritos na publicidade de tudo quanto produzem, têm negligenciado fazer justiça ao seu próprio país. Nenhuma outra indústria americana tem feito tanto para tornar conhecidos lá fora os usos e costumes dos Estados Unidos, como o cinema de Hollywood; e nenhuma oferece aos estrangeiros uma imagem tão falsa e deformada do país.

Um rapaz sueco que chegou aos Estados Unidos em um grupo de estudantes europeus, deixou registrado o seu assombro por ter encontrado gente de sua própria classe: «A julgar pelo cinema, eu supunha que todos aquí eram milionários ou *cowboys!*» Segundo me disseram alguns amigos franceses, os filmes americanos é que faziam com que eles não visitassem os Estados Unidos, pois lhes deixavam a impressão de que nas cidades norte-americanas uma pessoa podia a qualquer momento ser vítima dum *gangster* ou dum *G-man*; e que só os milionários podiam permitir-se uma vida confortavel. E dois jornalistas europeus, que fantasiavam o que é a redação de um jornal norte-americano pelo que viam no cinema, perguntavam com espanto como é que um homem podia trabalhar em uma atmosfera tão febricitante e deshumana, sem enlouquecer!

Se Hollywood não dá uma imagem verdadeira da vida americana, o mesmo se passou com os soldados ianques que estiveram em outros paises. É preciso reconhecer que nunca um exército pôde refletir com rigor, em terra estrangeira, a vida dos nacionais no seu próprio país. Até em tempo de paz, muitos turistas, no estrangeiro, se apartam de certas regras de conduta, que habitualmente respeitam no seu país. E um exército no alem-mar não se conduz, positivamente, como se estivesse em um piquenique de escola paroquial.

Muitos pracinhas americanos, saudosos da pátria, sentiram a imperiosa necessidade de «desabafar» em terra estranha, onde o modo de viver é tão diferente do de sua terra, e onde a moral (assim lhes disseram) é tão frouxa. A atenção de muitos europeus sentia-se naturalmente atraida para esses elementos conspícuos ou indisciplinados do exército do Tio Sam, do

mesmo modo que os expedicionários americanos só pareciam reparar nos europeus que os logravam. Pode-se compreender assim que os libertadores da Europa ocidental, em vez de dissiparem as antigas concepções errôneas, as tenham, antes, agravado.

A nossa única esperança é que os europeus venham a esquecer a barulhenta e irritante minoria, e compreendam que a imensa maioria dos norte-americanos era constituida pelos bem comportados, cujo procedimento, por ser normal, não chamou a atenção. Seria proveitoso, acho eu, que os europeus soubessem que os expedicionários mal comportados não só eram severamente punidos pelas autoridades militares ianques, como ainda foram condenados pela opinião pública norte-americana.

SERIA DE ESPERAR que nada tornasse a América do Norte tão popular aos olhos da Europa como o Plano Marshall. Pois muitos europeus vêem a coisa por outro prisma. Ficaram satisfeitos ao saber que os americanos estavam desejosos de ajudá-los, mas sentiram-se duvidosos quanto aos moveis desse auxílio. Por que é que nós, os ianques, havíamos de meter ombros a uma empresa de tamanhas proporções? Era uma coisa inteiramente estranha à sua experiência, de forma que não podiam deixar de desconfiar.

O correspondente diplomático do semanário conservador francês *Carrefour* censurou asperamente o moderado governo francês de coligação, por haver este aceitado o Plano Marshall incondicionalmente, como se ele «fôra dádiva tocante de uma vovó generosa», sem ter pedido nada em troca.

A maioria dos europeus estão convencidos de que o socorro norte-americano consistirá na remessa dos excedentes de produção. É-lhes dificil compreender que a ajuda americana à Europa custará ao contribuinte norte-americano, em média, pelo menos 120 dólares por ano, para nada dizer das repercussões que tudo isso possa ter no custo geral da vida nos Estados Unidos.

Segundo um inquérito feito para sondar a opinião britânica, 57 por cento das pessoas ouvidas receavam que os Estados Unidos quisessem «ter voz na gestão dos interesses britânicos». Os trabalhistas da ala esquerda não foram os únicos a suspeitar da América: os jornais ultra conservadores de Lord Beaverbrook clamavam: «Não troquemos a soberania econômica da Inglaterra por uma *omelette* de ovos deshidratados da América!»

Na França, 47% da população suspeitavam que o Plano Marshall fôra ditado pela «necessidade (da América) de mercados estrangeiros, para evitar a depressão»; 15% o atribuiram ao desejo que teriam os Estados Unidos de intervir nos negócios internos da Europa. Somente 18% mostraram acreditar que a ajuda dos americanos era motivada por um sincero desejo de ver a Europa restaurada.

Seria justo e legítimo remeter os céticos europeus às obras de um dos mais clarividentes observadores da vida americana, o inglês James Bryce.

Escrevia ele em 1888, no seu grande livro *The American Commonwealth*, prestando tributo ao sentimento humanitário da América: «A democracia não ensinou aos americanos somente . . . como alcançar a igualdade: ensinou-lhes tambem a fraternidade. Esta palavra já passou de moda no Velho Mundo . . . e no entanto, *há nos Estados Unidos uma espécie de bondade, um senso de camaradagem humana, um reconhecimento dos deveres de ajuda mútua entre os homens, mais forte do que em parte alguma do Velho Mundo, e mais forte, sem dúvida alguma, do que nas classes alta e média da Inglaterra, da França ou da Alemanha.*» (O grifo é meu.)

Estou profundamente convencido de que as palavras de Bryce ainda hoje são verdadeiras.

Tentei até aquí passar em revista as críticas e as erradas concepções dos europeus em relação aos norte-americanos, ao seu carater e à sua maneira de viver. Os ianques não se irritam diante da crítica honesta: ao contrário, recebem-na com boa vontade. Acreditando firmemente no progresso, estão convencidos de que há sempre lugar para introduzir melhoramentos. O que eles ressentem, porem, é serem ridicularizados. E, no espelho deformador das falsas concepções dos europeus—muito à parte da imagem intencionalmente caluniosa oferecida pela imprensa soviética—os Estados Unidos vêem-se muitas vezes refletidos como uma caricatura.

Durante uma visita que fez à Europa, já depois da guerra, Henry Cabot Lodge, Jr., senador pelo Massachusetts, ficou assombrado ao ouvir as idéias expressas por dois franceses conservadores. Um deles, médico rico, estava convencido de que, se os Estados Unidos vinham tomando a dianteira à França no domínio da medicina, era somente porque os americanos tinham à sua disposição «todos esses pobres diabos» com os quais os cientistas podem «fazer contínuas experiências». O outro, rico político profissional, acreditava que os Estados Unidos pretendiam reconstituir a Alemanha como sua futura aliada contra a Rússia, porque a Rússia tirara à América muito do seu comércio!

Os americanos ficam chocados ao verificar que o seu sistema capitalista de livre iniciativa, que os ajudou a constituirem uma nação de cuja assistência depende hoje metade do mundo, é considerado por muitos estrangeiros não-comunistas não só obsoleto, mas até «um perigo para a paz do mundo». É universal a crença de que a América procura levantar o nivel de vida internacional com o fito de poder vender os excedentes da sua sempre crescente produção em massa.

Muitos escritores e jornalistas europeus que visitaram os Estados Unidos são em boa medida responsaveis pelas idéias erradas que a Europa forma da América do Norte. Em lugar de tentarem pôr a claro o que os europeus e os americanos têm em comum, eles se concentraram antes nos contrastes—e carregaram nas tintas. Descreveram os

fenômenos norte-americanos que eram raros ou inexistentes na Europa—milionários, negros, estrelas de Hollywood, *gangsters*; retrataram a civilização mecânica da América como se ela estivesse transformando em escravos os homens, seus senhores. Não deixaram de pintar nada do que pudesse assombrar os seus leitores e fazê-los rir à custa de uma gente de hábitos e costumes tão esquisitos.

Alguns escritores americanos devem partilhar tambem da culpa desta visão deformada da América. Dentre eles, os que recusaram aceitar a vida norte-americana tal como ela era e, na sua cruzada apaixonada em prol do melhoramento das condições sociais do país, criaram o que ficou sendo conhecido como «literatura inconformista», são ainda hoje os mais largamente lidos na Europa, e com frequência mal-interpretados. Essas denúncias violentas das injustiças sociais foram aceitas como a representação fiel da vida norte-americana em geral.

Nenhuma propaganda pelo rádio oficial, por muito eloquente e sincera, poderá desfazer da noite para o dia todas as erradas concepções correntes na Europa a respeito dos Estados Unidos, muitas das quais se baseiam em diferenças reais de cultura. Mais firmes que as muralhas de Jericó, elas não tombarão em pó ao som das trombetas americanas... Mas devemos levar os europeus a compreender—e, de caminho, confirmá-lo a nós mesmos—que, *embora a América do Norte e a Europa ocidental falem muitas vezes uma linguagem econômica diferente e percorram estradas culturais diversas, o fato é que ambas se estão encaminhando firmemente para os mesmos objectivos políticos e até morais.* Devemos compreender que o que nos aproxima é a *nossa crença comum na dignidade humana e no direito do indivíduo à liberdade.*

Eu próprio emigrei para os Estados Unidos cheio dos preconceitos comuns a milhões de europeus. Acreditava que os americanos só se interessavam pelo dinheiro; que sua vida era dominada pela estandardização e a pressa febril; julgava que os americanos eram provincianos, ingênuos, e viviam convencidos de que tinham a solução não só para seus próprios problemas como tambem para os do mundo inteiro.

É verdade que vim a conhecer muita gente interessada em ganhar dinheiro, mas não mais do que os europeus; alem disso, depois de o haverem ganho, essas pessoas não se davam por contentes em usá-lo exclusivamente para seu benefício pessoal ou de suas famílias: sentiam-se na obrigação de contribuir para o bem-estar de outros, tanto na sua própria pátria como no estrangeiro. Eu sei muito bem que os europeus não acreditam em «homens de negócio humanitários», mas devo confessar que, pela minha parte, prefiro os homens de negócio humanitários aos egoistas!

Conhecí tambem muitos americanos «provincianos» para quem o que se passava alem dos horizontes do seu campanário não tinha interesse algum. Mas, não adotariam muitos europeus

essa mesma mentalidade «provinciana»—que, em termos mais gerais, se pode chamar de isolacionismo—se vivessem na sua Europa a existência pacífica e contente de uma pequena comunidade americana, e ouvissem falar da confusão em que o Hemisfério Ocidental fôra mergulhado pelos Estados Unidos imperialistas e totalitários, que, depois de haverem tragado o Canadá e a América Central, ameaçavam agora a independência das repúblicas da América do Sul? Estou certo de que, em tal caso, os europeus seriam mais provincianos e mais isolacionistas do que os ianques.

Os europeus gostam de pôr em relevo a «ingenuidade» dos americanos. Julgam que é ingenuidade pensar que todos os povos têm direito à liberdade e à independência. E ainda mais ingênuos podem parecer-lhes os norte-americanos quando, numa proporção de 68%, declaram que de bom grado se submeteriam ao racionamento de gêneros alimentícios, para enviarem comida aos seus ex-aliados. Mas, ainda que uma tal «ingenuidade» pareça um defeito aos olhos dos europeus, eu só posso fazer votos para que os americanos permaneçam para sempre «ingênuos».

Os intelectuais europeus como Duhamel, Priestly, Sartre, continuam a repetir que os americanos são fundamentalmente «infelizes». Mas existem milhões de seres humanos, dentro e fora da Cortina de Ferro, que pensam na América como se ela fosse o paraiso terreal!

Não contesto que haja, e eu já tenho encontrado, americanos infelizes, em todas as classes sociais. A felicidade não se faz só de automoveis, refrigeradores e rádios. Mas as razões por que muitos americanos se sentem infelizes, só podem honrá-los: alguns se sentem infelizes por causa do conflito entre a expressão material de sua civilização e o que em suas almas ainda resta do antigo puritanismo; a causa mais frequente do descontentamento é, porem, a consciência do abismo que ainda separa os ideais americanos de certas condições objetivas da existência. O general Omar Bradley, chefe do Estado-Maior do Exército norte-americano, declarou publicamente: «Nota-se com demasiada frequência uma trágica disparidade entre o que praticamos e o que pregamos.» Uma nação cujos líderes militares pensam como o general Bradley, não pode recear o confronto com qualquer democracia da Europa ocidental.

Contrariamente ao que tantas vezes têm dito os críticos europeus, os Estados Unidos nem querem impor a sua autoridade, nem querem voltar as costas à Europa. E é positivamente falso que os europeus que se tornam cidadãos americanos sejam induzidos a repudiar a Europa e a condená-la. Quando eu me naturalizei americano, minha formação e cultura de europeu não foram consideradas como um defeito: ao contrário, foram aceitas como uma contribuição para o tesouro cultural da grande comunidade norte-americana, da qual passei a fazer parte. Ninguem me fez sentir uma solução de continuidade entre meu passado

europeu e meu presente americano.

A salvação da civilização ocidental não pode, na verdade, depender exclusivamente da América—nem tão-pouco da Europa. *Necessitamos uns dos outros, uma vez que o que chamamos de civilização ocidental é a síntese das civilizações européia e americana.* Uma não se deve considerar superior à outra. Ambas têm suas forças e suas fraquezas, suas vantagens e desvantagens. Separadas, ficariam em perigo mortal. Unidas, podem, e estou convencido de que conseguirão, vencer na luta presente pela posse dos mais preciosos dons do homem: a dignidade e a liberdade.

Cada norte-americano que ajudar pelo menos um europeu a compreender os Estados Unidos, os seus objetivos e métodos de alcançá-los, terá prestado uma contribuição pessoal para a causa mais importante dos nossos tempos.

O Lago de Atitlán

A 1.500 METROS acima do nivel do mar, enchendo a vasta cratera de um vulcão extinto, estende-se no interior da Guatemala o Lago de Atitlán. Esse nome, como outros da toponímia centro-americana, vem da antiga língua mexicana e significa «junto da água». Uma muralha de montanhas margeia o lago ao norte e a leste, e ao sul fecham a gigantesca bacia os vulcões de Atitlán, San Lucas e San Pedro. O lago estende-se por 40 quilômetros e, embora receba as águas caudalosas de vários rios, não tem desaguadouro conhecido.

A topografia da região torna esse lugar um dos mais belos do continente. A história e a lenda lhe emprestam um forte atrativo espiritual. O moderno viajor recreia-se com a encantadora paisagem e aprecia as delícias do clima de eterna primavera.

Nas faldas escarpadas dos montes que circundam o lago, cresce espessa mata de perpétuo verdor; nos claros do bosque medram hortas e milharais, e à borda das tranquilas águas levantam-se pitorescas povoações indígenas que dão vida ao extenso panorama. A natureza aquí oferece todo o seu esplendor com primitiva candura. O céu, de um azul claro e brilhante, reflete-se com suas nuvens de formas caprichosas no espelho da água. E quando o sol chega ao ocaso e desce sobre o vulcão de San Pedro, uma festa de cores incendeia o céu, passando rapidamente do violeta ao carmesim e do azul ao rosa, com tão grande variedade e riqueza, que em vão tentaria o artista reproduzí-la com seus pincéis. Algumas vezes, no entanto, sopram sobre o lago ventos tempestuosos que fazem soçobrar o barco do pescador desprevenido. Mas logo volta a tranquilidade, e esse recanto do paraiso surge de novo, com mais frescor, rejuvenescido; o céu se tinge novamente de azul e branco e os vulcões aparecem, majestosos e serenos, testemunhas da eternidade daquela paisagem. «O Lago de Como,» disse Aldous Huxley, «parece-me atingir o limite permitido do pitoresco, mas Atitlán é Como com adornos adicionais de vários e imensos vulcões.»

Dominando o grandioso panorama, ergue-se o vulção de Atitlán, cuja cúspide roça as nuvens, a 3.500 metros acima do mar e cujo fogo interior de há muito se extinguiu.

—Adrián Recinos

O SERVEL VAI A TODA PARTE

Funciona seja onde for, com Querosene, Gás Natural ou Industrial, Butano ou Propano

- **Conserva os alimentos frescos dias e dias**
- **Produz cubos de gêlo em abundância**

Hoje, o Servel leva a refrigeração moderna, de confiança, a mais de 2.500.000 lares e estabelecimentos—alguns deles situados nas mais remotas regiões do globo. Isso porque não usa motor . . . nem depende de energia elétrica. Como o Servel não tem, no seu sistema de refrigeração, maquinaria que se desgaste ou exija consertos, assegura mais anos de serviço fiel a baixo custo. Uma pequenina chama de gás ou querosene produz o frio constante que protege os alimentos e as drogas farmacêuticas, refresca bebidas, e faz cubos de gêlo. Para informações completas, queira escrever ao endereço abaixo indicado ou visitar o revendedor mais próximo.

Procure esta nova insígnia de vitrina. Identifica o seu Agente Servel.

Servel — **O REFRIGERADOR DIFERENTE**

SERVEL — REFRIGERATION

Servel, Inc.—International Division—20 Pine Street, New York 5, N. Y., U. S. A.

O Controle Da Produção Na Bethlehem
garante a Qualidade do Aço

Utilizando técnica especial e métodos adiantados de produção, os peritos da Bethlehem mantêm constante controle de todas as fases da manufatura do aço. Em resultado, quando V. S. der preferência aos produtos da Bethlehem, obterá aço de alta qualidade, uniformidade e confiança.

BETHLEHEM STEEL

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se desse modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, New York 4, N. Y., E. U. A. Endereço telegráfico: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em todas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sobre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION RIO DE JANEIRO: Avenida Churchill, 129-4.° andar SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

AGORA

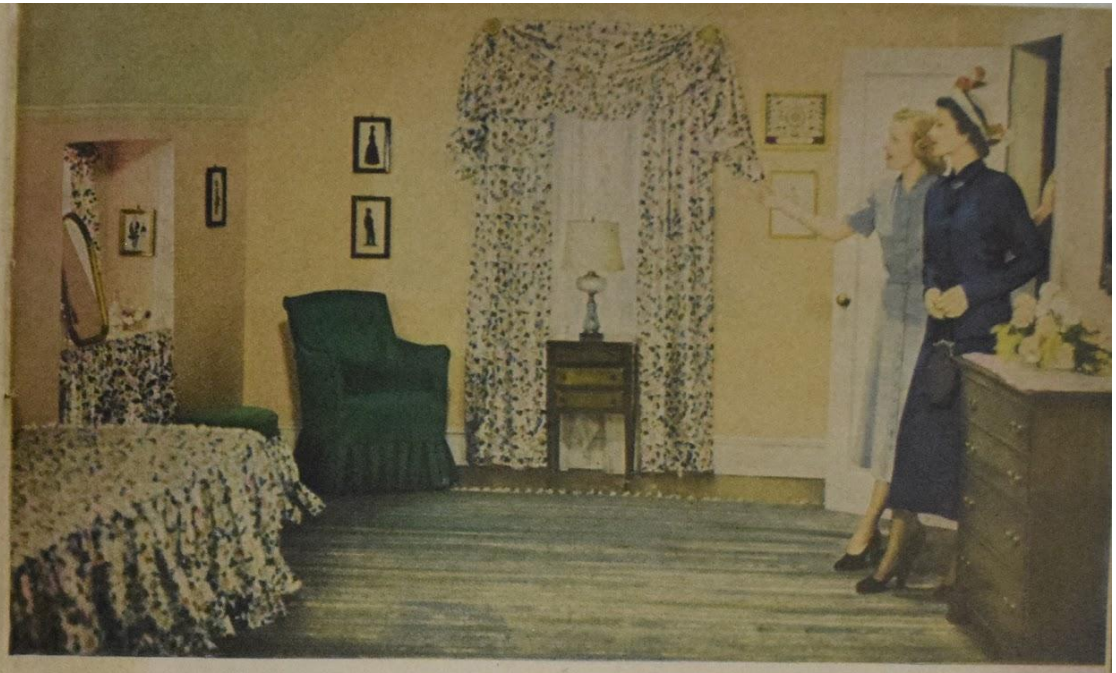
– fabricadas por novo PROCESSO AMERICANO!

GOIABADA e MARMELADA "CICA"

Êsse novo processo garante 100 % de pureza. Submetidas a alta concentração a vácuo, conservando todas as vitaminas, aroma e sabor dos frutos frescos.

COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS ALIMENTÍCIAS "CICA"

AG.-PETTINATI



SUA CASA FICARÁ UM ENCANTO . . .

Aprenda a decorá-la no "Curso Singer de Decoração do Lar"!

Inscreva-se hoje mesmo. Aprenderá a fazer tantas coisas bonitas, que ficará espantada com sua própria habilidade e com a economia que isso representará.

Aprenderá a encapar suas poltronas com aparência profissional e mais a seu gôsto . . .

. . . a fazer bonitas cortinas, cortinados e inúmeros outros ornamentos para sua casa . . .

. . . e fará tôdas essas maravilhas na sua Singer Elétrica Portátil ou na máquina de pé.

LOJAS SINGER

Procure a mais próxima de sua casa na lista telefônica e peça o Serviço Mecânico Singer e de costura

M.R.

Propriedade Intelectual Reservada Pela Singer Sewing Machine Company.

Escolha ao seu gosto!

Veja as novas e lindas cores Sheaffer e escolha ao seu gosto entre os inúmeros modelos e tamanhos.

LEMBRE-SE! AO ESCOLHER SHEAFFER . . . ESCOLHE O MELHOR! **SHEAFFER'S**

Representantes exclusivos para o Brasil: **M. AGOSTINI & CIA. LTDA.**, Matriz e Posto Central de Consertos. Rio de Janeiro — Av. Presidente Vargas, 502 — 11°
Representantes exclusivos para Portugal: **AZEVEDO & DUARTE, LTDA,**. Rua do Crucifixo, 76 — Lisboa

W. A. SHEAFFER PEN CO., FORT MADISON, IOWA, E.U. de A., MALTON, ONTÁRIO, CANADÁ

AQUELES QUE BRILHAM
...com GLOSTORA!

"Uso GLOSTORA porque não dou p'ra andar arrepiado!"

Oscarito

O irresistível Oscarito, atração inconfundível do teatro e do cinema nacionais, é mais uma das figuras de primeira linha que atestam pùblicamente a sua preferência por GLOSTORA. É mais uma afirmação valiosa de que os campeões da popularidade, em todo o Brasil, usam GLOSTORA, o único preparado para os cabelos que é rigorosamente moderno e cientìficamente perfeito. Oscarito não anda empastado, nem engordurado. Anda precisamente bem penteado, com a famosa Exatidão-Glostora!

Glostora

um perfume discreto, um penteado correto.

FABRICANTES DE NOVAS PAISAGENS

Lance-se sobre uma região erma e vazia a fita pardacenta das estradas bem pavimentadas! Poucos anos depois, a paisagem terá a vida que veio das mãos dos homens de iniciativa — as fazendas, os campos lavrados, as industrias agrícolas — criados por aqueles que ali foram levados pelo irresistivel convite das boas estradas. *Quem quer que deseje aumentar as estradas perenes do seu Estado ou municipio, terá no Departamento de Asfalto da Standard Oil Company of Brazil um elemento disposto à mais decidida cooperação para solução dos problemas relativos à pavimentação.*

ESSO auxilia o progresso do Brasil.

Standard Oil Company of Brazil

Emblema de qualidade

Esso

Símbolo de serviço

VOCÊ SABE QUE...

a cánfora sintética desbancou a canforeira?

A cánfora sintética substitue em todas as aplicaçoes a cánfora natural, destilada da canforeira. Porque ela é igual à cánfora natural, sob todos os pontos de vista!

Por exemplo: É ideal para a preparação de unguentos, loções, preparados para a péle e injeções. As pastilhas de cánfora têm grande aplicação para combater a traça e como desinfetantes.

A cánfora Du Pont se vende sob a forma de um pó e em pastilhas de onça e meia onça. Na manufatura de plásticos, película fotográfica e outros produtos, recomenda-se o emprêgo da Cánfora Técnica Du Pont.

os rolamentos de nylon estão eliminando as azeiteiras?

Em muitos tipos de máquinas, os rolamentos de nylon tornaram desnecessária a lubrificação.

Nas máquinas para cargas leves, os rolamentos de nylon não exigem lubrificação, mesmo a altas velocidades. Frequentemente, para cargas moderadas usa-se apenas água.

Oleos, vários produtos químicos, solventes e altas temperaturas de 162°C. não afetam os rolamentos fabricados com plástico nylon Du Pont.

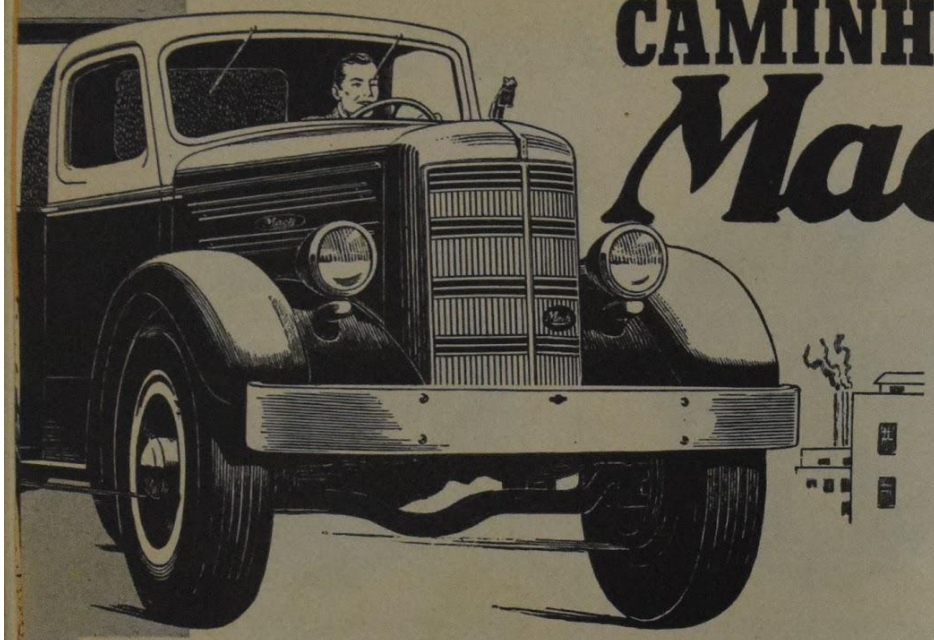
(A cánfora e o nylon Du Pont são apenas dois entre os mais de 28,000 produtos fabricados pela Companhia Du Pont.)

DU PONT

MARCA REGISTRADA

Coisas Melhores para Viver Melhor . . . *Graças à Química*

E. I. DU PONT DE NEMOURS & CO. (INC.), WILMINGTON 98, DELAWARE, E. U. A.



CAMINHÕES Mack

Potência Adequada... Construção Adequada para todos os ramos de atividade!

• O sortimento completo de Caminhões e Tratores Mack lhe oferece uma variada escolha de modelos, a partir do veículo com peso bruto de 6 toneladas e meia.

De ponta a ponta, em todas as suas peças, eles são construidos com reservas extras de força e resistência; dotados de grande número de características exclusivas que asseguram ótimo desempenho através de uma quilometragem mais longa, proporcionadora de maiores lucros.

Antes de comprar um novo caminhão, escreva ou fale ao Distribuidor da Mack mais próximo, para ficar sabendo em todos os pormenores como os Mack são capazes de reduzir as despesas e aumentar a eficiência dos seus negócios.

Em toda a América Latina se ouve repetir:

"Forte como um Mack"

Mack Trucks, Inc., Empire State Bldg., New York, N. Y., E. U. A. Fabricantes dos mundialmente famosos Caminhões, Ônibus e Bombas de Incêndio. A gasolina ou Diesel. Distribuidores nas principais cidades da América Latina.

UM NOME UM SIMBOLO

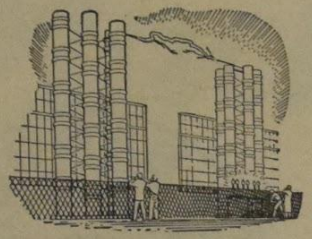
"Frota Bandeirante" é o nome genérico das aeronaves da Panair do Brasil - a maior companhia sulamericana de aviação transatlântica. E um nome que tem as dimensões de um símbolo. E, na Panair, é realmente um símbolo de regularidade, rapidez, eficiência e conforto.

Luxuosos "Bandeirantes", verdadeiros palácios voadores, unem em poucas horas Buenos Aires e Rio de Janeiro a Paris, Roma, Londres e outras metrópoles da Europa. Viaje pelos "Bandeirantes". Passageiro de um Constellation "Bandeirante", rodeado de conforto e atenções, V. S. desfrutará do prazer de uma magnífica viagem - ganhará tempo e fará também uma sensível economia.

Solicite informações às Agências de Viagens ou à

PANAIR DO BRASIL

Modêlo em escala do Empire State Building e imediações, New York City



Onde os raios caem

POR ENCOMENDA

42 raios caem anualmente no mais alto edifício do mundo—o "Empire State", de New York.

Para verificar a protéção que o "Empire State" oferece à área circunvizinha, técnicos da General Electric prepararam uma miniatura do edifício em seus laboratórios, bombardeando-o com raios artificiais. Visava a experiência aperfeiçoar os meios de proteção contra as descargas elétricas. Todo produto G.E. é submetido a pesquisas igualmente meticulosas. Ao usar a eletricidade, lembre-se de que a experiência e os serviços da G.E.—maior fabricante de materiais elétricos do mundo—estão à sua disposição. A-9-5

GENERAL ELECTRIC

E.U.A.

Símbolo de Excelência EM TODO O MUNDO... EM TODOS OS LARES

Uma Colhedeira Utilíssima

Simplicidade, adaptabilidade e operação econômica, eis o que distingue a Colhedeira Allis-Chalmers "All-Crop". O modelo aqui representado inclui motor auxiliar, que provê energia mais do que suficiente para fazer a colheita, quaisquer que sejam as condições.

A colhedeira Allis-Chalmers "All-Crop" (Colhe-Tudo) conquistou fama mundial por ceifar e colher grande número de produtos agrícolas . . . a baixo custo.

Em uma só operação, a "All-Crop" ceifa, debulha, limpa e ensaca os cereais ou sementes. Esta máquina de tanta utilidade e de baixo preço tem colhido com êxito mais de 100 diferentes produtos. Dois homens bastam para fazê-la funcionar, e os gastos de funcionamento se mantêm em um mínimo.

Além disso, suas reduzidas dimensões e pêso leve asseguram custo módico de embarque e entrega.

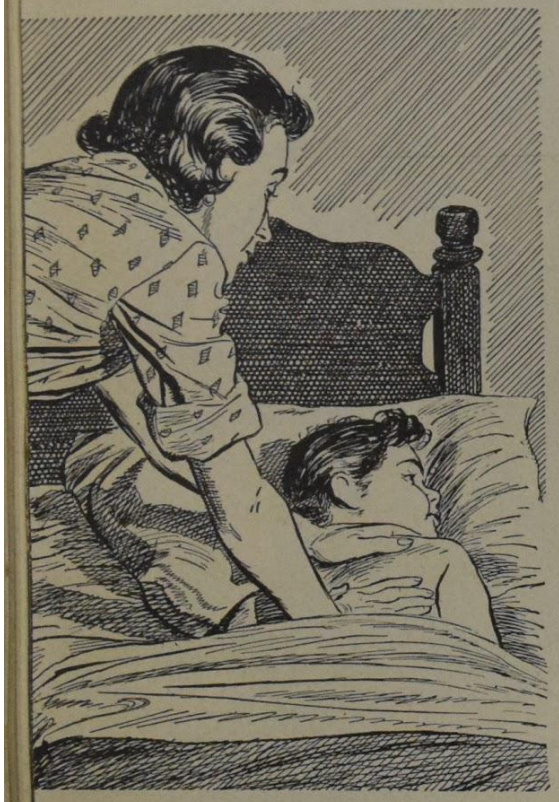
Milhares de colhedeiras Allis-Chalmers "All-Crop" estão servindo hoje no mundo inteiro, dando lucro a seus donos sob as mais variadas formas. Nenhuma outra colhedeira tem conquistado tantos e tão fiéis amigos! O Distribuidor Allis-Chalmers na sua região, de bom grado lhe prestará informações completas sôbre esta máquina excepcional.

FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1847

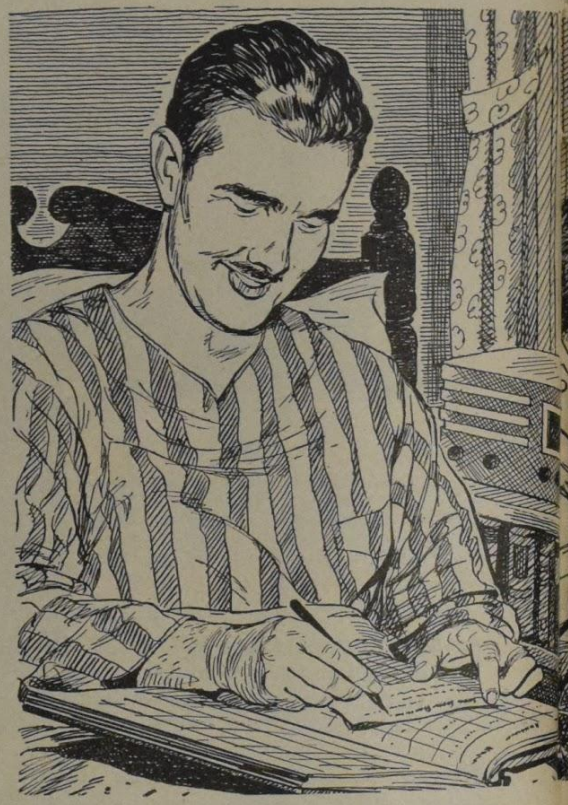
ALLIS-CHALMERS

DEPTO. PD749 — DIVISÃO DE TRATORES — MILWAUKEE 1, E. U. A.

50% Das Doenças Crônicas Podem Ser Evitadas



Doença crônica—o mais deprimente inimigo do homem! A vítima sofre anos seguidos.



Ajudar nos negócios de família é uma das melhores formas para um inválido ajudar-se a si mesmo.

Pequenos distúrbios na infância podem ser os precursores de má saúde. Observe-os!

Metade dos doentes crônicos tem menos de 45 anos. Quantas pessoas têm um inválido na família? A causa dessa invalidez pode ser o coração, câncer, perturbação renal, alta pressão sanguínea, malária, disenteria ou vermes intestinais. Doenças crônicas são tão comuns porque os primeiros sintomas são, muitas vêzes, descuidados, permitindo sérios danos, antes de começar o tratamento. Compete, habitualmente, à mãe, perceber os sinais de perigo e providenciar o médico em tempo.

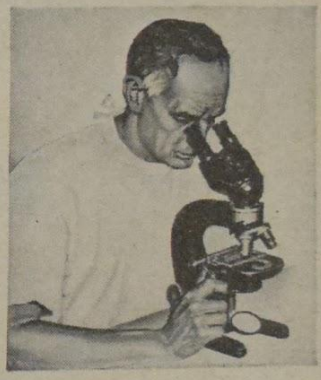
Se há um inválido em sua casa, deixe que ele tome parte ativa na vida da família. Estar ocupado, sentir que é querido e necessário, levanta admiravelmente o moral do enfermo.

Por mais séria que seja a doença, o paciente não precisa sentir-se semi-morto, inútil, vendo apenas passarem as horas, pelo fato de ser inválido. Colaborando com seu médico, você pode promover tratamentos e exercícios que o farão sentir-se melhor.

Para proteger-se — exames médicos periódicos. É tão simples, tão fácil e custa tão pouco, proteger-se e aos seus contra a invalidez parcial ou completa. Faça um exame médico, anualmente; seus filhos devem fazê-lo duas vêzes ao ano. Assim, seu médico poderá perceber, antes que você as note, doenças que podem resultar em meses ou anos de horríveis sofrimentos. É a única forma de proteger sua família. Portanto, marque imediatamente hora para ir ao médico.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes, do mundo, de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de SQUIBB têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.

© 1949, E. R. Squibb & Sons



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS DESDE 1858

VIAJE PÊLA PAA - MELHOR MANEIRA NAO HÁ!

A EXPERIÊNCIA É O QUE VALE

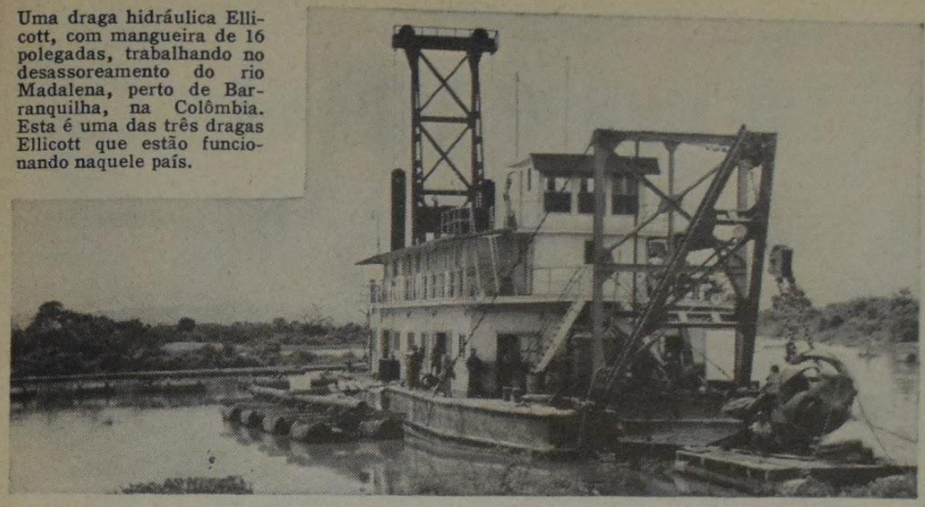
É um feito digno de nota manter com êxito em operação uma linha aérea por 22 anos consecutivos, transportando milhões de passageiros, milhões de quilos de carga e correspondencia entre os quatro cantos da terra. A organização de uma linha aérea exige mais que um certo tempo de vida -- exige homens, equipamento e instalações -- exige, sobretudo, um fator humano que possa fundir estes três elementos: EXPERIÊNCIA. O progresso da Pan American World Airways é o resultado de um alto padrão de serviço, proporcionando a V.S. o tipo de transporte aéreo que o fará concordar conosco quando afirmamos: Viaje pêla PAA -- Melhor maneira não há!

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rêde dos Clippers Voadores

PAA

Uma draga hidráulica Ellicott, com mangueira de 16 polegadas, trabalhando no desassoreamento do rio Madalena, perto de Barranquilha, na Colômbia. Esta é uma das três dragas Ellicott que estão funcionando naquele país.



Portos e Rios MELHORAM MAIS DEPRESSA com as Dragas Hidráulicas ELLICOTT

A ELLICOTT FAZ DRAGAS PARA:

ALARGAR, APROFUNDAR, MELHORAR:
Rios
Lagos
Portos

VENCER:
Mosquitos
Inundações
Drenagens

REMOVER:
Obstáculos
Sedimentações

ATERRAR:
Pântanos
Praias
Represas

CONSTRUIR:
Canais
Portos
Aterros

OBTER:
Areia
Cascalho
Entulho

As dragas hidráulicas Ellicott melhoram *mais depressa* os portos e rios, bem como outras fontes de riqueza natural. Isso deve-se a que as dragas Ellicott dispensam as barcaças que habitualmente transportam o material dragado. Estas dragas bombeiam o material, misturado com água, através uma mangueira que o leva ao destino determinado!

As dragas hidráulicas Ellicott são o que se encontra de melhor em maquinaria de dragagem. Há 63 anos que a Ellicott vem construindo dragas hidráulicas de qualidade—inclusive *todas* as que foram usadas na escavação do Canal do Panamá! As dragas Ellicott duram muito tempo, e mais de 75% das que foram construidas antes de 1928 ainda hoje estão em serviço. Informe-se sem demora do emprego das dragas Ellicott. Escreva ou telegrafe pedindo o novíssimo catálogo Ellicott.

ESCREVA OU TELEGRAFE HOJE MESMO! Para informações completas, peça os prospetos ilustrados. E se deseja uma recomendação específica para solucionar seu problema de dragagem, descreva-nos a obra que pretende executar, sem qualquer compromisso.

ELLICOTT

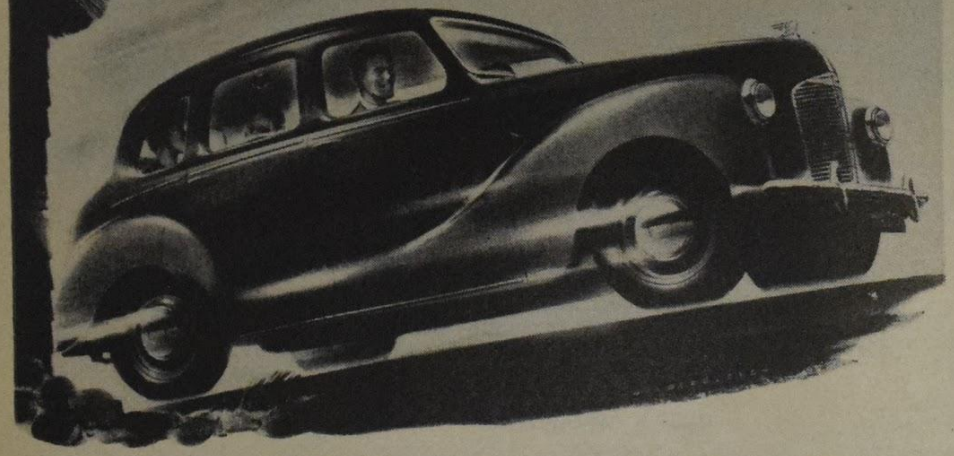
©1930 ELLICOTT MACHINE CORPORATION - TRADE MARK REG. U.S. PAT. OFF.

Dragas Hidráulicas ELLICOTT

ELLICOTT MACHINE CORPORATION

1627 Bush Street **Baltimore, Maryland, E. U. da A.**

O MUNDO ACLAMA O AUSTIN A40!



O atraente Austin A40 «Devon» é um carro superior em conforto, confiança e potência. Seu motor de 40 cavalos ao freio, válvula à cabeça, e 1.200 c.c., garante serviço de alta qualidade. A suspensão independente das rodas dianteiras torna a marcha suave seja onde for. Muitas outras características de qualidade, inclusive folga excepcional de espaço e ampla arrumação para bagagem, fazem do A40 o auto mais procurado deste ano.

AUSTIN—o carro de sua confiança!

Peça logo todos os informes a

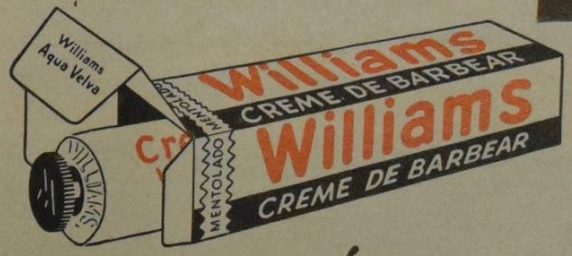
Companhia de Propaganda Administração e Commercio (P.R.O.P.A.C.), Caixa Postal 2168, Av. Rio Branco, 85, Rio de Janeiro.

Cranwood S/A (Importadora Commercial Cranston Woodhead S/A), Caixa Postal 1773, Porto Alegre.

THE AUSTIN MOTOR EXPORT CORPORATION LTD., BIRMINGHAM, INGLATERRA

Arrisca-se com os tigres—mas nunca com os cremes de barbear!

Frank Buck, famoso caçador de feras, diz: "Na caça de animais selvagens, exponho o rosto às intempéries—fico com a pele hipersensível. Por isso levo sempre, nas minhas expedições, o Creme Williams com Lanolina. Esta amacia meu rosto, dá-lhe frescor e elasticidade. Minha aparência melhora, e sinto-me melhor, depois de me barbear com o Williams."

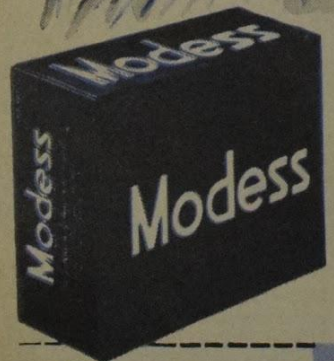


Se quer aparência agradavel e bem-estar depois de barbear-se, experimente Williams com Lanolina. Esta é um ingrediente especial do Williams, que protege a contextura da pele. Deixa-lhe o rosto suave e com ótimo aspecto.

WILLIAMS CONTÉM A SUAVIZANTE LANOLINA

HÁ DOIS CREMES À SUA ESCOLHA: O WILLIAMS SIMPLES E O WILLIAMS MENTOLADO

Conversa entre mulheres...



UM PRODUTO

Johnson & Johnson

GRATIS!

Queira me enviar, gratuitamente, um exemplar do livreto "Ser quase mulher... e ser feliz", e 2 amostras de Modess, para o que estou remetendo Cr$ 2,00 para porte registrado.

ANITA GALVÃO Consultora Feminina da Johnson & Johnson
Caixa Postal, 5030 - São Paulo 1-GGGG-25

Nome: ..... Idade: .....
Rua: ..... No.: .....
Cidade: ..... Estado: .....

Escreva com letra bem legível
(Sentimos não poder atender pedidos vindos de fora do Brasil)

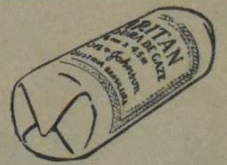
PRONTO SOCORRO

para evitar infecções!

Ninguem pode prever até onde vai um pequeno ferimento, que não é imediatamente cuidado. Qualquer cortezinho que não fôr cuidado *na hora* pode ser a porta aberta para uma grave infecção. Para que facilitar? Os primeiros cuidados são os mais importantes. Faça logo uma limpeza e um rápido curativo. E, para os curativos, exija

Atadura Adesiva BAND-AID-Completo curativo, com poderoso antisséptico. Cxa. de 5, Cr$2,00.

Gaze Belleview (Malha fechada) e **Gaze Brunswick** (Malha aberta) com grande poder de absorção.



Ataduras Johnson - com bordas compressadas para não desfiar.

Esparadrapo Johnson - Impermeável - aderência garantida; não irrita a pele.

ÊSTES PRODUTOS SÃO ENCONTRADOS EM TÔDAS AS BOAS FARMÁCIAS

Johnson & Johnson

O NOME DE MAIOR CONFIANÇA EM PRODUTOS CIRÚRGICOS

FEITOS POR MÃOS

Brasileiras

Desde a longínqua época dos fenícios, a indústria de cristais tem se baseado na perícia de artesãos consumados, trabalhando com instrumentos extremamente simples. É por isto que Cristais Prado reuniram os mais hábeis artífices nacionais dessa difícil arte para, seguindo as tradições dos mestres "sopradores de vidro", produzir cristais comparáveis aos melhores do mundo—feitos por mãos brasileiras.

GRANDE VARIEDADE—Milhares de modelos em gravações artísticas, lapidações originais, decorações a ouro e a côres, foscações e gravações de pantógrafo, constituem a linha de Cristais Prado.

PEÇAS AVULSAS—Os Cristais Prado apresentam, entre outras, a vantagem de—por serem fabricados no Brasil—poderem ser adquiridos em peças avulsas para completar ou ampliar jogos.

A marca dos PRADO BRASIL *cristais finos*

CRISTAIS PRADO LTDA.

Avenida Celso Garcia, 1467 - São Paulo

ATKINSONS

Perfumes que traduzem distinção

ENGLISH LAVENDER
Refrescante como as brisas matinais

MIRAGE
O perfume "tout Paris"

ENGLISH LOTION
SÊLO VERMELHO
Acento Britânico de Elegância

RUSSE
Colônia de exótica fragrância

GOLD MEDAL
A Colônia Tradicional

Após o banho de mar...

Um banho de Beleza!

— com sabonete Gessy. Sua espuma ativa e vitalizante rejuvenesce e suaviza a cútis. Prefira sabonete Gessy – custa menos, dura mais e é perfumado até o fim!

A maioria usa

SABONETE GESSY

Para as suas Férias

O CASACO DE GABARDINE DE LÃ E A CALÇA MESCLA CINZA

O CONJUNTO IDEAL - SÓ COM A FAMOSA ETIQUETA SARAGOSSY

A FABRICA SARAGOSSY NO RIO DE JANEIRO

REPRESENTANTES NO BRASIL

RIO DE JANEIRO. José de Brito - Av. Gomes Freire, 28

SÃO PAULO. Hans Alex Loewenthal - Rua São Bento, 480 s. 301/2

MINAS GERAIS Isonel Cosenza-Rua Rio de Janeiro, 195-s. 109-C Postal 717-Belo Horizonte

PARANA S Rigler - Rua Cabral, 773 Curitiba

RIO GRANDE DO SUL Hess & Wolff Caixa Postal, 875 - Porto Alegre

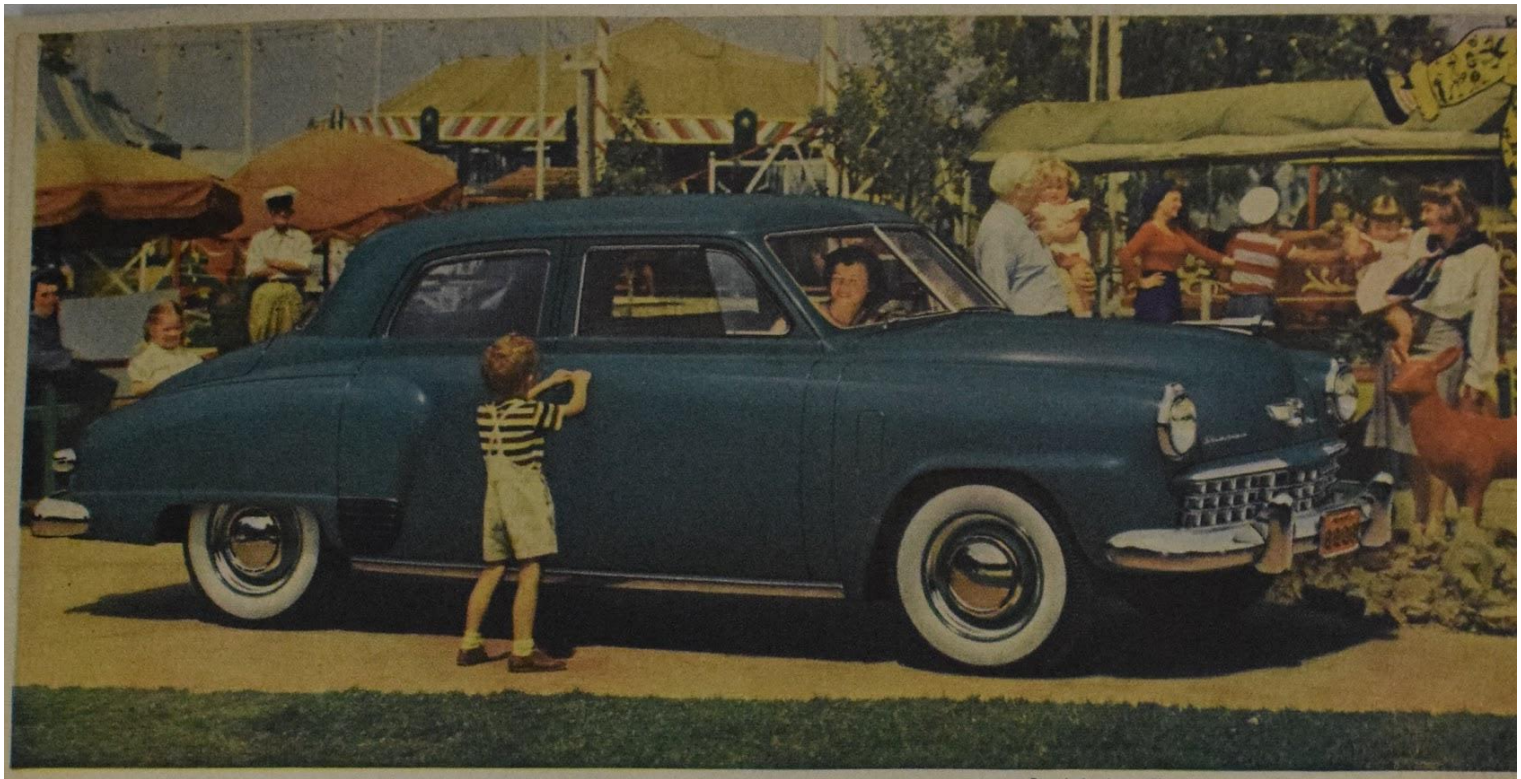
BAHIA: Armando Brandão Pca. Conde dos Arcos, 4 - s. 4 - Salvador

PARÁ Bento Mendes Leite Rua João Alfredo, 91 - Belém

PERNAMBUCO A S Castro - Rua Aurora, 65 - Recife

Distribuidor exclusivo em Petropolis - Est. do Rio Alfaiataria De Carolis - Av. 15 de Novembro, 548

BRASÓLAN



Studebaker Champion, sedan de 4 portas

Todos os que possuem este carro, que é um sonho, têm orgulho em dirigí-lo!

V. S. poderá simular naturalidade ante a sua boa sorte, quando possuir o novo e aerodinâmico Studebaker—mas não conseguirá enganar os seus amigos.

Eles sabem que o seu novo Studebaker é uma visão nova de beleza por fora e por dentro. Todos desejariam possuí-lo.

Todo o mundo tem boas razões para invejar o possuidor de um Studebaker. Nenhum carro do após-guerra se lhe assemelha em economia de gasolina e óleo—conforto—maravilhosa facilidade de manejo—freios que se ajustam automaticamente—visão ampla por todos os lados.

Visite a exposição de carros Studebaker mais próxima e veja com seus próprios olhos o carro de seus sonhos. É uma obra-prima da indústria automobilística.

STUDEBAKER

The Studebaker Export Corporation
South Bend 27, Indiana, E. U. A.
Cabogramas: STUDEBAKER

(*Continuação da segunda capa*)

Reader's Digest, no qual ela descrevera a comovedora beleza de um pôr-de-sol. «Depois de conhecê-la,» acrescentei, «não mais tornarei a associá-la, em minha lembrança, a um poente, mas sim a um amanhecer.»

Vivamente respondeu Miss Keller: «Como desejaria eu que todos os homens adotassem o amanhecer como lema e esquecessem as sombras do anoitecer!» Tal otimismo infunde humildade e inspiração.

Quando retratei Einstein, não faz muito tempo, perguntei-lhe:

—De quem devemos esperar a futura segurança do mundo?

O famoso sábio respondeu simplesmente:

—De nós mesmos.

Parece-me que esses dois grandes filósofos de nossos tempos sintetizaram duas verdades muito simples, porem frequentemente esquecidas, que se refletem em cada edição do Reader's Digest: o otimismo construtivo e uma ênfase democrática na própria confiança individual, combinada com um sentido de consideração pelo próximo. Ao apresentar essas verdades universais, o Reader's Digest pratica o que nós, os fotógrafos retratistas, lutamos por conseguir em nossas obras: a eliminação dos detalhes desnecessários, para ressaltar os traços essenciais. Isso, longe de diminuir, reforça a compreensão e plenitude que uma boa fotografia deve apresentar.

Um bom retrato é resultado de um completo e intenso trabalho: cuidadosa escolha das mais significativas características do original, e habil exclusão de tudo o mais. Nessa técnica, sobressai o Reader's Digest. Lê-lo, é enfrentar, cara a cara, a vida em todos os seus diversos aspectos—na tragédia e no triunfo, em centelhas reveladoras do âmago da natureza humana e de seu cálido *sense of humor*. Meses após meses, o mundo se detem por um momento ante a lente desta revista que tudo vê—lente que focaliza com exatidão tudo quanto apresenta interesse.

Ninguem disporia do tempo necessário para ler toda a matéria de que se extrai um único número do Reader's Digest. Todos podemos, entrentanto, saborear o fruto dessa tarefa. As horas que dedico ao Reader's Digest em um atarefado mês são as mais remuneradoras de quantas consagro à leitura. Para mim, suas páginas oferecem um desfile sempre cambiante de vívidos, transcendentais e estimulantes panoramas dos acontecimentos do mundo inteiro, e retratos de homens e mulheres obscuros, ou notaveis, que neles tomam parte.

SETEMBRO de 1949

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

Como capturamos a sucurí do Amazonas . *Willard Price* 1
Não existem «crianças médias» . *J. Roswell Gallagher* 5
Spaak, estadista da Europa . . . . . *Andre Visson* 8
Dádiva celestial para a medicina . . . *Paul de Kruif* 13
Um mundo de pesadelo . . . . . *Dorothy Thompson* 17
Golpe final . . . . . *Irvin Ashkenazi* 19
A segunda promessa do casamento . . *John A. O'Brien* 25
Culto às flores, alegria da China . . . . . *Nora Waln* 28
Ouro e suor em Durban . . . . . *Martin Flavin* 31
Eles mesmos fazê-lo? Impossivel! . . . *Stanley High* 37
A evolução da sra. Roosevelt . . . . . *John Reddy* 41
Precisam de mais visitas . . . . . *Anne Comer* 48
Monsieur Jolivet obtem seu trator . . *Stephen White* 51
O animador do Plano Marshall . . . . *Noel F. Busch* 55
Flagrantes da vida real 59
Medellín: esforço e democracia . . . *Michael Scully* 61
Não estava no papel . . . . . *Grady Johnson* 65
Meu tipo inesquecivel . . . . . *Betty MacDonald* 69
Instantâneos pessoais 74
Grandes mentiras que todos repetem . *Bruce Hutchison* 75
Negócio rendoso — «curar» a calvície *Journal of the A.M.A.* 80
O rei democrata da Noruega . . . *Abel Abrahamsen* 83
O terceiro filho é o mais facil . . . . *Shirley Jackson* 87
O petróleo é da Venezuela . . . . . *Fortune* 92
Carta aberta aos pais . . . . . *Dwight D. Eisenhower* 97

Seção de Livros — Terra de leite e mel . . . . *W. L. White* 101

Benito Juárez — *Fotografia* . . . . . *quarta capa*
Nota . . . . . *página 124*

SELEÇÕES
do Reader's Digest

Tomo XVI, No. 92 Setembro de 1949

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, 4.° piso, Vedado, Havana, Cuba.

Diretor.....Eduardo Cárdenas
Redator-Chefe.....José Famadas
Gerente: Roberto C. Sánchez

THE READER'S DIGEST, fundado em 1922 por DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, seus atuais diretores e editores, é publicado em Pleasantville, Estados Unidos, e tambem na Inglaterra (Terence Harman, *gerente*, Londres); no Canadá (Fred D. Thompson, *gerente*, Montreal); e na Austrália (John Grant Cooper, *gerente*, Sydney).

Edições em outros idiomas: EDIÇÃO EM ALEMÃO (Stuttgart) Alexander W. Post, *redator;* EDIÇÃO EM DINAMARQUÊS (Copenague) Onni Kyster, *redator;* EDIÇÃO EM ESPANHOL para os paises hispano-americanos e Espanha, Eduardo Cárdenas, *diretor;* EDIÇÃO EM FINLANDÊS (Helsinki) Seere Salminen, *redator;* EDIÇÕES EM FRANCÊS: (París) Pierre Denoyer, *redator*, Paul Thompson, *gerente*; (Montreal) Pierre Ranger, *redator;* EDIÇÃO EM ITALIANO (Milão) Mario Ghisalberti, *redator;* EDIÇÃO EM JAPONÊS (Tóquio) Bunshiro Suzuki, *redator*, Dennis McEvoy, *gerente;* EDIÇÃO EM NORUEGUÊS (Oslo) Henrik Aubert, *redator;* EDIÇÃO EM SUECO (Estocolmo) Brita B. Hebbe, *redatora*.

EDIÇÕES INTERNACIONAIS DE THE READER'S DIGEST: Barclay Acheson, *gerente geral;* Marvin McC. Lowes, *subgerente geral;* Hobart Lewis, *chefe de redação*.

Copyright 1949 de Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei, em todos os paises que o exigem. Proíbe-se a reimpressão, total ou parcial, da matéria contida neste número.

Um foco de luz

O Seminário do Rio de Janeiro

EXISTEM na América Latina 70 milhões de pessoas que não sabem ler nem escrever. Dezenove milhões de crianças em idade escolar carecem de escolas. As estatísticas demonstram que na maioria dos paises latino-americanos a percentagem de crianças que não frequentam escola é superior à de adultos analfabetos, o que vem indicar que cresce o analfabetismo na América.

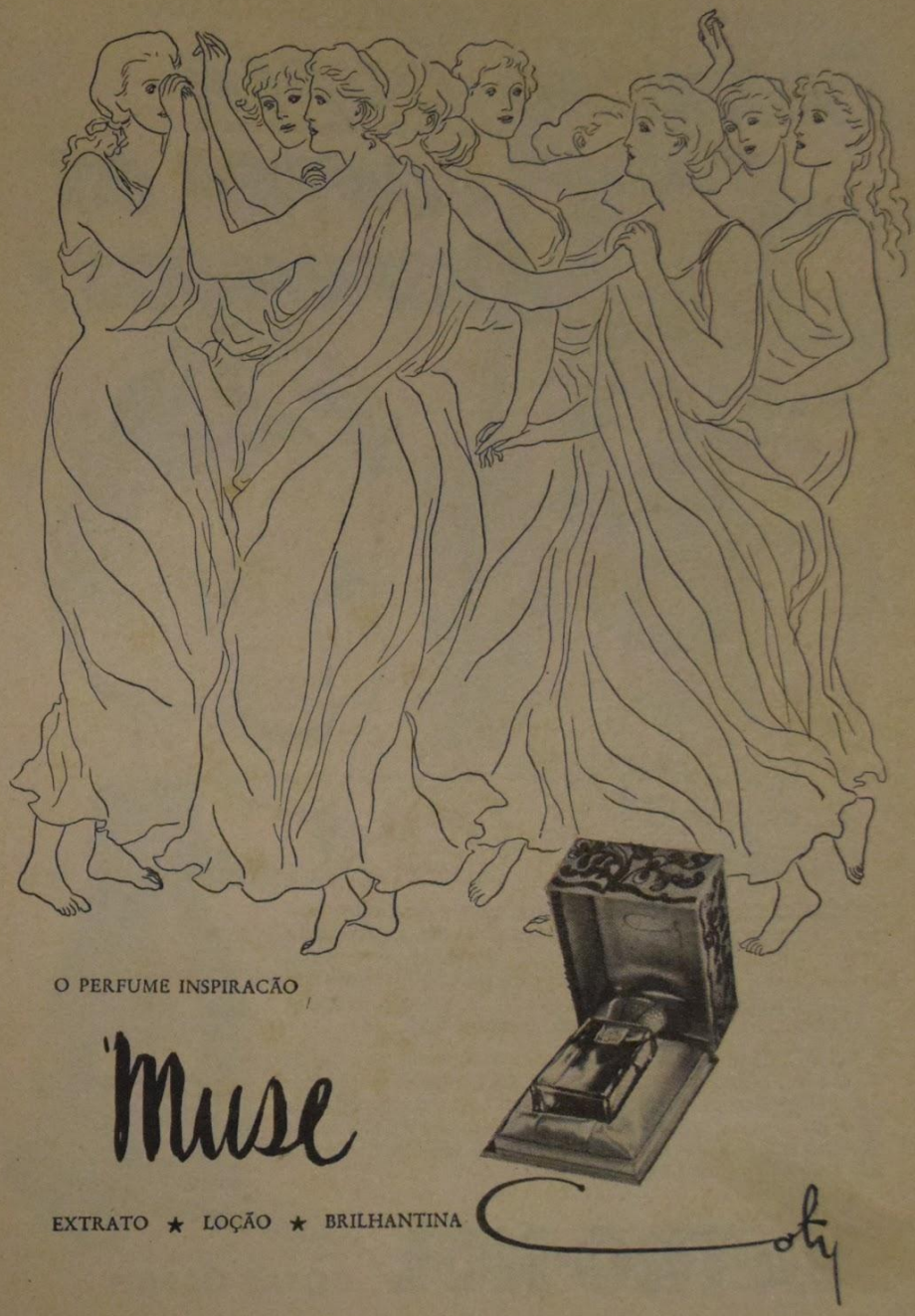
Diante de tal situação, reuniu-se no Rio de Janeiro, em julho deste ano, o Seminário de Alfabetização e Educação de Adultos, sob os auspícios da UNESCO, da Organização dos Estados Americanos e do Governo do Brasil, com o objetivo de organizar a campanha contra esse inimigo que mina as bases da nossa civilização. Educadores de 23 paises americanos, inclusive do Canadá, dos Estados Unidos e de Porto Rico, e observadores da Inglaterra, da Holanda, da Itália, do Egito e da Índia, uniram seus esforços afim de projetar a

(*Continua na terceira capa*)

SELEÇÕES Reader's Digest Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, Volume XVI, No. 92, September 1949. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, Vedado, Havana, Cuba. Subscription price: US $2.00 per year in Latin America; US $3.75 per year in the United States. Entered as second-class matter at the Post Office, Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at the Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

Impressa nos E. U. A.



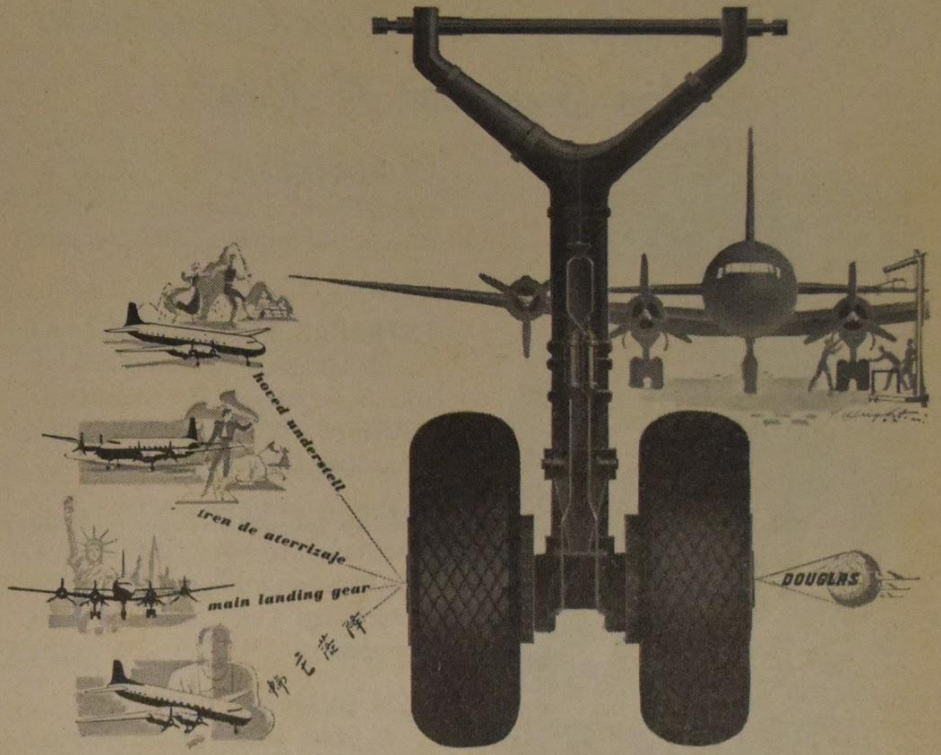
ESTAS GOTAS NASAIS DE DUPLO EFEITO DÃO

PROTEÇÃO DUPLA CONTRA OS RESFRIADOS!

DELICIOSO CONFORTO ao respirar será o seu, num instante, quando puser algumas gotas de Va-tro-nol em cada narina. Sem demora... *em segundos!*... a medicação especial do Va-tro-nol suaviza a irritação das mucosas, desobstrui o nariz entupido, permitindo que V. S. volte a respirar livremente, com uma sensação de frescura deliciosa!

E ALEM DISSO: Usada prontamente, a fórmula especial do Va-tro-nol estimula as mucosas nasais a repelir a infecção —e, assim, detem muitas vezes a evolução de um resfriado sério ou de uma gripe. Este *duplo* efeito do Va-tro-nol já foi ensaiado e deu provas eficazes em 17.353 casos clínicos, sob a direção superior de médicos!

VICK
VA-TRO-NOL GOTAS NASAIS



em qualquer terra em qualquer lingua...

as peças sobressalentes DOUGLAS

servem a mais transportes aéreos do que todas as outras combinadas

V.S. encontrará a Douglas sempre aparelhada para lhe fornecer peças sobressalentes garantidas, diretamente saidas da fábrica, para os aviões dos tipos DC-3, DC-4, e DC-6: para a Europa, a África e o Oriente Próximo, do depósito da própria Douglas em Bruxelas—para a América do Sul, a Ásia e a Austrália, da fábrica Douglas na Califórnia—a peça que V.S. *precisar*, será despachada com *rapidez*.

Douglas Aircraft Co., Santa Monica, Cal., E.U.A. Divisão Européia, 1470 Chaussée de Haecht, Aeródromo de Haren, Bruxelas, Bélgica
Cabogramas: "DOUGLASAIR" Santa Mônica ou Bruxelas

Os Pneumáticos Do Seu Caminhão Estão Sujeitos A Isto?

VIAGENS LONGAS? Os pneus U. S. Royal Fleetway são protegidos cientificamente contra a acumulação de calor.

ESTRADAS ESCABROSAS? As almofadas amortecedoras colocadas sob a superfície de rolamento resistem aos choques e esfoladuras; aumentam a quilometragem.

TRÁFEGO PESADO? A superfície de rolamento especial facilita a direção e assegura proteção contra a derrapagem nos pavimentos escorregadios.

SEJA QUAL FOR O SERVIÇO... V. S. pode confiar nos Fleetway, para maior quilometragem a custo mais baixo por quilômetro!

U. S. ROYAL FLEETWAY

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."

Pneumáticos para automóveis | Pneumáticos para agricultura | Mangueiras "U. S." | Botas "U. S." para varios usos

UNITED STATES RUBBER COMPANY • US • TRADE MARK •

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., LTD.

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • No E. U. A., Nova York 20

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

O MONUMENTO QUE RESTA FAZER

Saudando a mecanização como o grande imperativo do progresso agrícola, ninguem pense em desdenhar a figura heroica do enxadeiro. Pois, a ele se devem a grandeza da agricultura brasileira, as colheitas fartas que enchem carros, caminhões, vagões, saveiros, "gaiolas" e navios.

A Organização Esso orgulha-se de fornecer o Querosene Jacaré que ilumina sua choupana e atender aos veículos que transportam suas colheitas ou lhe levam os produtos industrializados da cidade.

Standard Oil Company of Brazil

emblema de qualidade

Esso

Símbolo de serviço

3 CAMISAS

NUMA SÓ CAMISA DE ESPORTE "SARAGOSSY"
A ULTIMA CREAÇÃO COM A FAMOSA ETIQUETA
Modelos em todas as côres.

A FABRICA SARAGOSSY
NO RIO DE JANEIRO

REPRESENTANTES NO BRASIL:
RIO DE JANEIRO: José de Brito - Av. Gomes Freire, 28
SÃO PAULO: Hans Alex Loewenthal
Rua São Bento, 480 s. 301/2
MINAS GERAIS: Isonel Cosenza-Rua Rio de Janeiro, 195-s. 109-C. Postal 717- Belo Horizonte
PARANÁ: S. Rigler - Rua Cabral, 773
Curitiba
RIO GRANDE DO SUL: Hess & Wolff
Caixa Postal, 875 - Porto Alegre
BAHIA: Armando Brandão
Praça. Conde dos Arcos, 4-s. 4 - Salvador
PARÁ: Bento Mendes Leite
Rua João Alfredo, 91 - Belém
PERNAMBUCO: A. S. Castro - Rua Aurora, 65 - Recife
Distribuidor exclusivo em Petropolis - Est. do Rio
Alfaiataria De Carolis - Av. 15 de Novembro, 548

BRASOLAN

Todos os que sabem o que é viajar, concordam em que não é facil ultrapassar em confôrto e pontualidade uma viagem aérea.

"Todos viajam pela K.L.M....
....viajar de avião é muito natural para os holandeses"

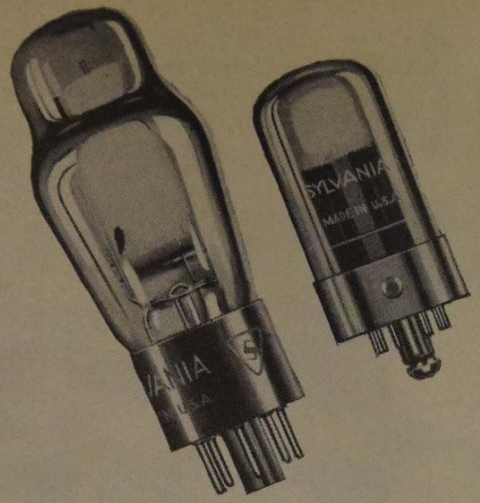
Destinados pela sua situação geográfica a serem os pioneiros em transportes e comunicações, os holandeses especialisaram-se neste gênero de atividades e, por isso, a K.L.M. continua a bem servir.
A nossa experiência é garantia da nossa eficiência.

Peça informações quanto a passagens e frete ao seu Agente local ou ao Representante mais próximo da K.L.M.

K·L·M
CIA REAL HOLANDESA DE AVIAÇÃO
1919 30 ANOS 1949

A Companhia de Aviação mais antiga do mundo, prestes a completar o seu 30º. aniversário.

Para Melhor Qualidade e substituição a baixo custo



VÁLVULAS DE RÁDIO SYLVANIA

As válvulas Sylvania para rádios oferecem serviço excelente e duradouro—a baixo custo. O sortimento Sylvania inclui válvulas normais e de encaixe, tipos miniatura e subminiatura—e também diodos de cristal.

Para todas as informações, consulte o distribuidor autorizado da Sylvania

SYLVANIA ELECTRIC PRODUCTS INC. International Sales Division
50 Broadway, New York 4, N. Y.

Verniz . . . das Pontas dos Dedos às Pontas das Asas

Quer se precise de um verniz para as unhas—quer para as asas de um avião—quer ainda para mil outros empregos—é quase certo encontrar-se, entre as 15.000 fórmulas da Monsanto, precisamente o produto desejado para o serviço em questão.

Os vernizes, esmaltes e revestimentos protetores da Monsanto abrangem os fabricados especialmente para se aplicar a metais, madeira, plásticos, couros, tecidos ou combinações de diversos materiais. Os vernizes e revestimentos da Monsanto, fabricados com produtos básicos modernos, podem ser aplicados pelos processos que V.S. hoje emprega, e utilizando o mesmo equipamento.

Se V.S. desejar pormenores completos sobre os acabamentos da Monsanto . . . escreva a qualquer dos escritórios da Monsanto, ou comunique-se com o mais próximo representante da Monsanto. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri, E.U.A.* MONSANTO CHEMICALS LTD., *Londres* • Monsanto (Canada) Ltd., *Montreal* • Monsanto (Australia) Pty., Ltd., Melbourne. Representantes nas maiores cidades do mundo.

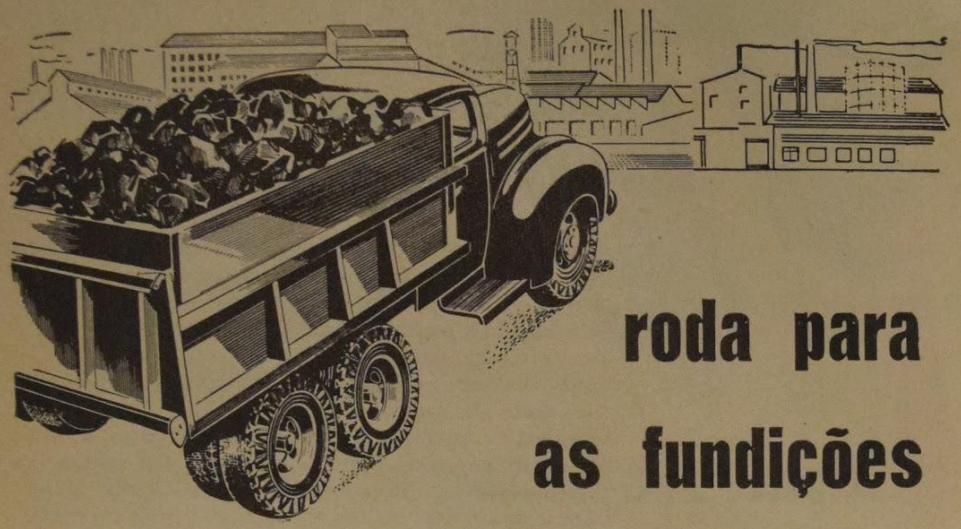
Peça dados sobre a aplicação dos revestimentos Monsanto à sua própria indústria, escrevendo à Monsanto Chemical Company, Foreign Dept. R. D., St. Louis 4, Missouri, E. U. A.

MONSANTO
PRODUTOS
QUÍMICOS E PLÁSTICOS

Os esmaltes e vernizes constituem apenas um grupo entre centenas de Produtos Químicos e Plásticos da Monsanto que servem a Indústria. Este serviço à Indústria é precioso para a administração de qualquer empresa, pois consegue o melhoramento dos produtos, a baixa do preço de custo e o aumento das vendas. Se tem alguma dificuldade, provavelmente a Monsanto lhe poderá oferecer a solução.

SERVINDO A INDÚSTRIA... QUE SERVE A HUMANIDADE

O minério que forja o progresso



roda para as fundições em pneus Firestone

Cargas gigantescas de minério rodam da mina às fundições em pneus FIRESTONE. Há um pneu FIRESTONE para cada tipo de transporte. Anti-derrapante seguro — carcassa reforçada — maior resistência — a melhor borracha do mundo, são características inconfundíveis dos pneus FIRESTONE.

Para o bem da economia nacional e das suas mercadorias — Envie por caminhão — estimule o Plano Rodoviário Nacional.

Firestone

INDÚSTRIA BRASILEIRA

O MELHOR HOJE... AINDA MELHOR AMANHÃ!

Encaderne você mesmo sua coleção de

"Seleções"

Você deve ser um dos milhares de leitores que colecionam carinhosamente os exemplares de "Seleções". Para valorizar essa coleção e sua estante de livros, você pode agora, pessoalmente, encadernar, por semestre, os seus exemplares, em lindas capas de percalina.

VEJA COMO É FÁCIL ENCADERNAR! — A capa vem pronta para seis números. E em menos de dois minutos, sem cola, sem tesoura, sem costuras, sem danificar uma só página, sem cortar, você colocará os exemplares, que poderá retirar quando queira.

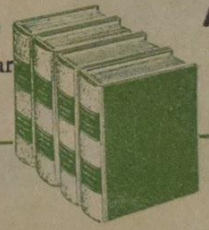
DECORATIVAS E PERMANENTES. — Um verdadeiro livro para cada semestre, elegante na sua biblioteca, esta capa protege os seus exemplares, conserva-os limpos e novos.

ECONÔMICAS. — Cada capa semestral custa apenas Cr$ 18,00 e dura tôda a vida!

INDIQUE O SEMESTRE. — Ao fazer o pedido de uma ou várias capas, indique sempre quais os semestres que deseja encadernar. Há uma para cada semestre, desde o 1.º de 1942 até o 2.º de 1948.

ATENÇÃO! — Não remeta dinheiro em carta. Mande cheque, vale postal ou remessa registrada com valor declarado. Todos os agentes de Seleções têm estoque destas capas. Se não as encontrar em sua localidade, dirija-se a

FERNANDO CHINAGLIA
Av. Presidente Vargas, 502—19.º andar
Rio de Janeiro



A INTELECTUAL LTDA.
Viaduto de Santa Efigênia, 281
São Paulo

DELICIOSAS

... e como são convenientes para as donas de casa!

ERVILHAS FRESCAS O ANO INTEIRO

Em qualquer período do ano, mesmo fora da "época", saboreie ervilhas tenras e frescas com Swift!

CONVENIENTES

Evite o trabalho de descascar, lavar e preparar... as ervilhas Swift já vêm prontas para servir!

SEMPRE À MÃO

Tenha-as sempre ao alcance da mão, todo o ano, em sua dispensa!

DELICIOSAS

Preparadas e enlatadas imediatamente, conservando todo o frescor e sabor da ervilha natural... como se fôssem colhidas da própria lata

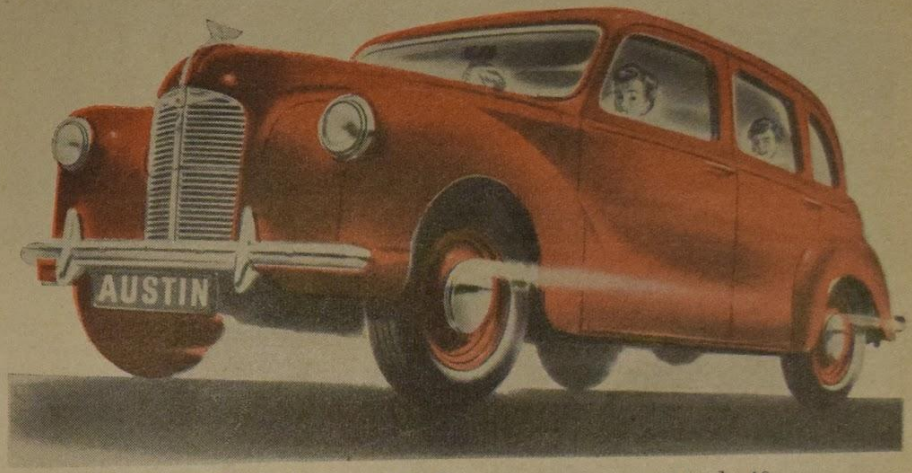
COM

Swift

Cia. Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

O NOVO AUSTIN A40 ESTÁ NA DIANTEIRA



O ESTUPENDO Austin A40 «Devon», com seu motor de 40 cavalos ao freio, 1.200 c.c. e válvula à cabeça, proporciona locomoção luxuosa combinada com potência e segurança.

Suspensão dianteira independente, assentos almofadados revestidos de couro, interior espaçoso, amplo compartimento para bagagem e inúmeras outras características que fazem do A40 o carro mais popular do ano.

PEÇAS E SERVIÇO. A Organização dos Serviços Austin presentemente abrange o mundo inteiro e, assim, os proprietários de carros Austin podem nela confiar para conseguir peças, reparos e serviço.

AUSTIN — Confie Nele

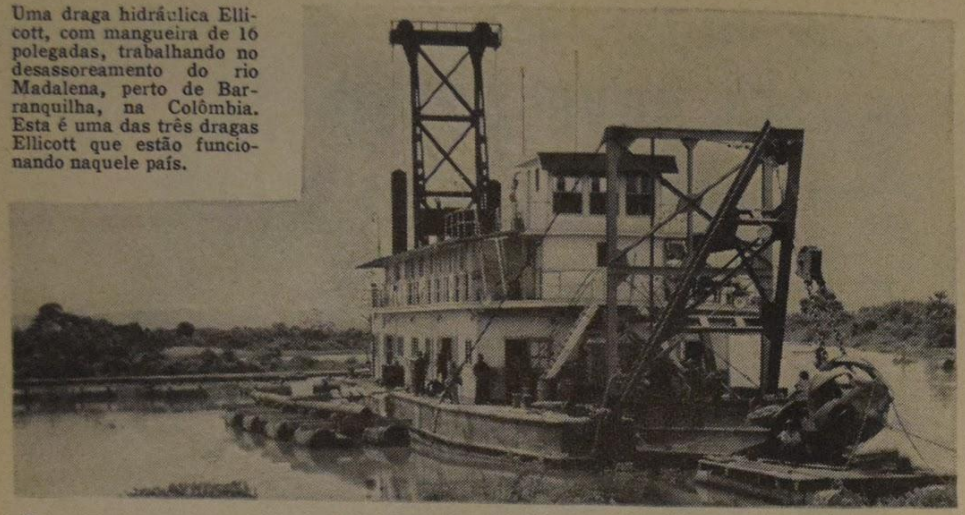
Obtenha detalhes completos das firmas:

Companhia de Propaganda, Administração e Comércio (P.R.O.P.A.C.)
Caixa Postal 2168
Av. Rio Branco 85, 14º Rio de Janeiro

Cranwood S/A (Importadora Commercial)
Caixa Postal 1773
Rua General Camara 84/102
Porto Alegre, R. S.

THE AUSTIN MOTOR EXPORT CORPORATION LTD., BIRMINGHAM, INGLATERRA

Uma draga hidráulica Ellicott, com mangueira de 16 polegadas, trabalhando no desassoreamento do rio Madalena, perto de Barranquilha, na Colômbia. Esta é uma das três dragas Ellicott que estão funcionando naquele país.



Portos e Rios MELHORAM MAIS DEPRESSA com as Dragas Hidráulicas ELLICOTT

A ELLICOTT FAZ DRAGAS PARA:

ALARGAR, APROFUNDAR, MELHORAR:
Rios
Lagos
Portos

VENCER:
Mosquitos
Inundações
Drenagens

REMOVER:
Obstáculos
Sedimentações

ATERRAR:
Pântanos
Praias
Represas

CONSTRUIR:
Canais
Portos
Aterros

OBTER:
Areia
Cascalho
Entulho

As dragas hidráulicas Ellicott melhoram *mais depressa* os portos e rios, bem como outras fontes de riqueza natural. Isso deve-se a que as dragas Ellicott dispensam as barcaças que habitualmente transportam o material dragado. Estas dragas bombeiam o material, misturado com água, através uma mangueira que o leva ao destino determinado!

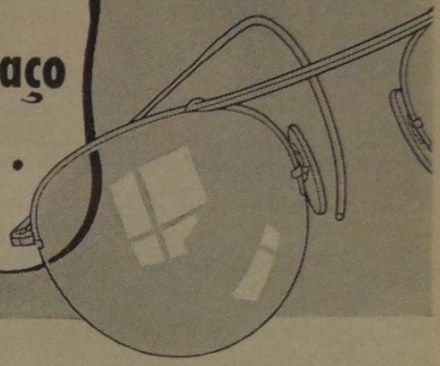
As dragas hidráulicas Ellicott são o que se encontra de melhor em maquinaria de dragagem. Há 63 anos que a Ellicott vem construindo dragas hidráulicas de qualidade—inclusive *todas* as que foram usadas na escavação do Canal do Panamá! As dragas Ellicott duram muito tempo, e mais de 75% das que foram construidas antes de 1928 ainda hoje estão em serviço. Informe-se sem demora do emprego das dragas Ellicott. Escreva ou telegrafe pedindo o novíssimo catálogo Ellicott.

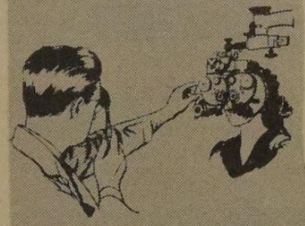
ESCREVA OU TELEGRAFE HOJE MESMO! Para informações completas, peça os prospetos ilustrados. E se deseja uma recomendação específica para solucionar seu problema de dragagem, descreva-nos a obra que pretende executar, sem qualquer compromisso.

©1930 ELLICOTT MACHINE CORPORATION-TRADE MARK REG. U.S.PAT. OFF.

Dragas Hidráulicas ELLICOTT
ELLICOTT MACHINE CORPORATION
1627 Bush Street **Baltimore, Maryland, E. U. da A.**

Somente um pedaço de Vidro, *mas...*





Pode significar visão aguçada e clara . . . ajudar V. S. a ganhar mais dinheiro . . . dar-lhe momentos mais agradaveis . . . contribuir para sua segurança e bem-estar . . . e até ajudar seu país. O bem-estar de umã nação depende em alto grau das aptidões e da saude de seus filhos. Tão importante quanto isso é a eficiência visual. Entre as melhores lentes do mundo estão as da Bausch & Lomb,—a companhia que há cerca de 100 anos vem fabricando microscópios, binóculos, oftalmoscópios, refratores e outros instrumentos ópticos e científicos, e materiais oftálmicos. Procure sempre a marca B&L.

Consulte seu oculista uma vez per ano.

BAUSCH & LOMB
OPTICAL COMPANY • ROCHESTER 2, N.Y., U. S. A.
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
BUENOS AIRES

O TRATOR FORD FOI CONSTRUÍDO PARA DAR MAIS LUCROS NOS TRABALHOS AGRÍCOLAS!

Trator Ford, equipado com semeadeira Kelly

Arando, gradeando, cultivando, ceifando —e em outras tarefas agrícolas—a principal vantagem do trator Ford é dar maior rendimento por alqueire, acelerando o trabalho.

É muito fácil de manejar e permite levantar ou abaixar os implementos—num instante —com um simples toque na alavanca. Seus característicos são o resultado da grande experiência da Ford, na construção de mais de 1.250.000 tratores.

Dearborn
EQUIPAMENTO AGRÍCOLA

Há uma linha extensa de Equipamento Agrícola Dearborn, construído especialmente para trabalhar com o Trator Ford.

Ford TRATOR

FORD MOTOR COMPANY
São Paulo, Brasil

Eu prefiro **Tek** porque limpa melhor

Eu prefiro **Tek** *Junior* porque é pequena e não machuca

Eu prefiro **Tek** porque dura muito mais

SIGA A MAIORIA... USE

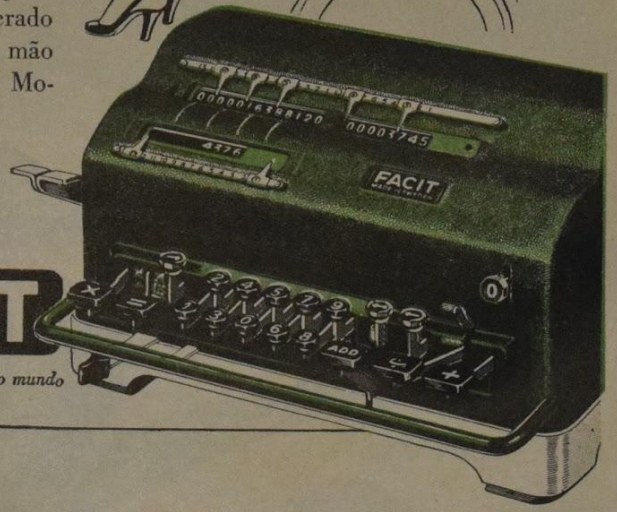
Tek

A ESCÔVA PREFERIDA NO BRASIL!

UM PRODUTO
Johnson & Johnson

Pronto... tão depressa?!

É assombroso como *qualquer pessoa* pode calcular rapidamente com uma Facit! O teclado simples, de dez teclas, para ser operado com a mão esquerda, deixa a mão direita livre para escrever. Modelos variados, desde o calculador manual até o calculador inteiramente automático.



FACIT

a máquina de calcular mais exportada do mundo

REPRESENTANTES:

Rio de Janeiro, Máquinas de Escritório "Facit" Ltda • São Paulo, Insubra SA • Bahia, Cia Importadora da Bahia • Belém, W. Andersen • Curitiba, João Scheffer & Co • Fortaleza, Lima & Albuquerque • Manáus, Mattos Areosa & Ca Lda • Porto Alegre, Capelli & Cia • Recife, Ramiro Costa & Cia • San Luiz do Maranhão, Pinheiro Gomes & Cia Ltda • Vitoria, Vivacqua Irmaos SA • Lisboa, Sociedade Comercial Luso-Americana Lda.

A FROTA BANDEIRANTE

UM NOME UM SIMBOLO

"Frota Bandeirante" é o nome genérico das aeronaves da Panair do Brasil - a maior companhia sulamericana de aviação transatlântica. E um nome que tem as dimensões de um símbolo. E, na Panair, é realmente um símbolo de regularidade, rapidez, eficiência e conforto.

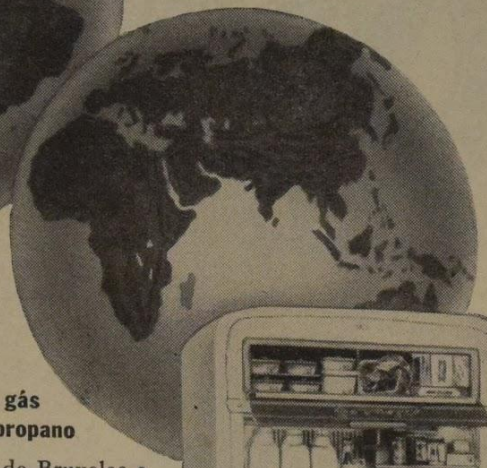
Luxuosos "Bandeirantes", verdadeiros palácios voadores, unem em poucas horas Buenos Aires e Rio de Janeiro a Paris, Roma, Londres e outras metrópoles da Europa. Viaje pelos "Bandeirantes". Passageiro de um Constellation "Bandeirante", rodeado de conforto e atenções, V. S. desfrutará do prazer de uma magnífica viagem - ganhará tempo e fará também uma sensível economía.

Solicite informações às Agências de Viagens ou à

PANAIR DO BRASIL

Nos dois hemisférios...

O SERVEL CONSERVA FRESCOS OS ALIMENTOS



- **Faz cubos de gêlo em abundância**
- **Refresca as bebidas**
- **Protege drogas**

O Servel trabalha a querosene, gás natural ou industrial, butano ou propano

Desde o México à Índia . . . de Bruxelas a Buenos Aires, o Servel está levando o benefício da refrigeração moderna e de confiança aos lares, e às lojas, cantinas e clínicas. Ao contrário dos outros refrigeradores, o Servel funciona *em qualquer parte!* Isso, porque o seu sistema de congelação *diferente* utiliza uma chamazinha de gás ou querosene em vez de peças moveis para produzir frio constante. O Servel não tem maquinaria que se desarranje e cause o estrago de comidas, ou exija consertos. É por isso que muitos dos mais de 2.500.000 Refrigeradores Servel que hoje funcionam por esse mundo, têm mais de 15 anos de serviço. Para informação pormenorizada, visite o revendedor local do Servel, ou escreva para o endereço abaixo indicado.

Procure esta insígnia na vitrina — ela identifica o revendedor Servel . . .

Servel *O REFRIGERADOR DIFERENTE*

SERVEL REFRIGERATION

Servel, Inc. • International Division • 20 Pine Street. New York 5, N. Y., U. S. A.

VOCÊ SABE QUE...

a química transforma os móveis em campos de recreio?

A despeito do maltrato que as crianças infligem aos móveis, êles conservam-se como novos quando estofados com matéria plástica "Fabrilite." Não importa quanto se os esfreguem e sujem-se, água e sabão são o bastante para restaurar tôda a beleza original.

"Fabrilite" se presta para tudo que está sujeito a uso constante. Não trinca nem desbota fácilmente e resiste às godruras, à transpiração e ao frio.

Em móveis para o seu lar, restaurantes ou assentos de ônibus, "Fabrilite" Du Pont dura mais e é mais atraente.

que há fazendas para "cultivar" tintas?

Você talvez ignore que a tinta com que foi pintada a sua casa ou a predileta cadeira de seu jardim foi aperfeiçoada em "viveiros para tintas."

Nessas "fazendas," painéis pintados são expostos a todos os tipos de condições climatéricas e atmosféricas, a fim de assegurar que as tintas prestarão bom serviço. As "fazendas" para tintas são um dos meios que a Companhia Du Pont utiliza para ensaiar e comprovar suas magníficas tintas para exteriores e interiores.

As tintas e os plásticos para estofamentos são duas das 28.000 "coisas melhores para viver melhor" fabricadas pela Companhia Du Pont.

DU PONT

MARCA REGISTRADA

Coisas Melhores Para Viver Melhor... *Graças à Química*

E. I. DU PONT DE NEMOURS & CO. (INC.) WILMINGTON 98, DELAWARE, E.U.A.

A WILLYS-OVERLAND APRESENTA
UM NOVO CARRO DE PASSAGEIROS COM TRAÇÃO NAS 4 RODAS

Camionete 'Jeep'

DE TRAÇÃO NAS 4 RODAS

A Willys-Overland,—a maior fabricante mundial de veículos com tração nas quatro rodas—apresenta agora a camionete 'Jeep' de tração nas 4 rodas.

Como o 'Jeep' Universal, êste modelo vai a qualquer parte e ao mesmo tempo tem as linhas e o desenho prático duma camionete.

Com sua carrosseria e seu teto construidos todo de aço, se consegue mais segurança com menos despesa na manutenção; os assentos removíveis permitem ao proprietário empregar êste carro como coche de passageiros ou veículo de carga.

Com a sua tração nas 4 rodas, esta nova camionete 'Jeep' é incomparavel para transitar fora das estradas: para esse fim, o veículo tem potência e tração excepcionais, pois é impelido pelas quatro rodas, em vez de só duas como nos carros convencionais.

Sobe ladeiras íngremes . . . atravessa a lama, os areais, a neve . . . funciona em terrenos intransitaveis para automoveis que não possuam tração nas quatro rodas.

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORPORATION
Toledo 1, Ohio, E.U.A.

Delicioso Bôlo "Salpicado" de Chocolate! Rico e de textura mais fina...porque é feito com Royal! Mais de 3 gerações de donas-de-casa têm dado preferência ao Fermento em Pó Royal. Peça Royal ao seu fornecedor. Vendido sòmente na famosa latinha vermelha.

BÔLO "SALPICADO" DE CHOCOLATE

Misture: ⅔ de xíc. de manteiga com 1½ xícs. de açúcar
Adicione, batendo: 3 ovos, um a um
Peneire juntos: 2½ xícs. de farinha de trigo, 3 colhs. (chá) de Pó Royal, ½ colh. (chá) de sal
Adicione: Os ingredientes secos à primeira mistura, alternando-os com 1 xíc. de leite
Adicione: 1 colh. (chá) de baunilha
Junte: 2½ colhs. (sopa) de chocolate a metade da massa

Asse em duas fôrmas untadas, em forno regular, durante meia hora. Depois de frio una os bôlos com glace. Misture ½ colher (sopa) de chocolate a um pouco da glace para "salpicar" o bôlo.

Se deseja receber o Livro de Receitas Royal, escreva ao Dep. FR-949, Caixa Postal 3215, Rio de Janeiro. Em Portugal: João Machado da Conceição & Cia., Ltda., Rua da Conceição, 75-1-Lisboa.

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc.

COMO É LINDO SEU VESTIDO!

Eu mesma o fiz, no Curso de Corte e Costura Singer . . .

Faça também seus próprios vestidos... Peça informações na Loja Singer mais próxima e aproveite para admirar as novidades que a Singer lhe oferece:

A moderna Singer! Com os aparelhos Singer esta máquina admirável facilita os trabalhos mais lentos e complicados!

Echarpes de sêda natural ou de Rayon! Bonitos padrões e preços a escolher! Encontrará uma que combine com a sua toilette!

Imensa variedade de acessórios para costura — desde botões de vários tipos e tamanhos, a fechos corrediços.

M. R.

LOJAS SINGER

Procure a mais próxima de sua casa na lista telefônica e peça o Serviço Mecânico Singer e de costura

Propriedade Intelectual Reservada Pela Singer Sewing Machine Company.

Cada dia há mais Kolynos-istas

Dinah Shore

A famosa artista norte-americana tambem é Kolynos-ista porque sabe que precisa realçar seus dentes divinos, ao cantar sob a luz deslumbrante dos reflectores. Dinah Shore é famosa artista dos discos da Columbia Records, Inc.

Todos os dias mais de 16.319.385 Kolynos-istas limpam os dentes com Kolynos

Porque Kolynos, o creme dental de fórmula científica...

LIMPA MAIS
AGRADA MAIS
RENDE MAIS

Basta um centímetro na escova seca!

USE KOLYNOS—SEJA TAMBEM KOLYNOS-ISTA!

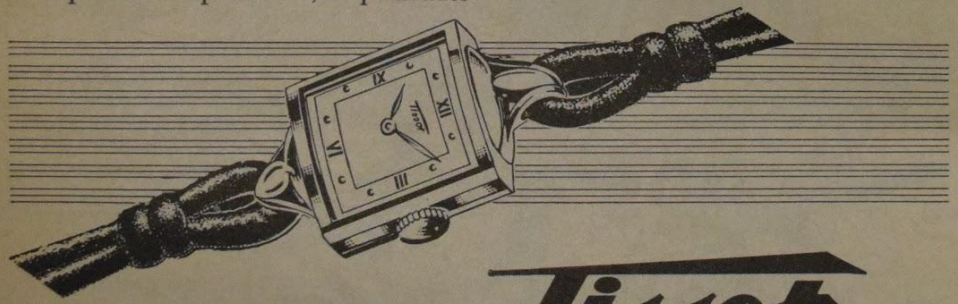
OPINAM OS MELHORES RELOJOEIROS DE TÔDAS AS PARTES DO MUNDO

"Uma das mais belas criações da indústria suíça de relógios"

". . . por isso é que nos pedem tantos relógios Tissot, muito mais, realmente, do que podemos fornecer. É com verdadeiro prazer que o recomendamos aos nossos clientes, porque temos a certeza de que ficarão sempre satisfeitos."

diz M. Vincent, membro da Casa Clerc, estabelecida na Place de l'Opéra, Paris.

Quem viajar pelo mundo verá a confirmação. Em tôda parte os relojoeiros são unânimes em louvar os relógios Tissot para senhoras, porque, além de extraordinàriamente elegantes, em cada um deles se encontra o trabalho de técnicos altamente especializados. São de precisão irrepreensível, de qualidades anti-magnéticas cientificamente comprovadas, impermeáveis ao suor e ao pó, extremamente resistentes e de grande beleza! Daí o orgulho com que as senhoras ostentam um relógio Tissot. É um relógio aclamado pelos relojoeiros de todo o mundo!



Tissot

OMEGA Produto da Société Suisse Pour L'Industrie Horlogère—Genebra—Suíça Tissot

SELEÇÕES

TOMO XVI
No. 92

do Reader's Digest

SETEMBRO
de 1949

Condensações de artigos de interesse permanente

Como capturamos a sucurí do Amazonas

(Condensado de «Argosy)»

Por Willard Price

NÃO SE PODE riscar um fósforo numa anaconda. Foi o que constatamos em nossa viagem pelo Amazonas. Meu companheiro era Roderick Campbell, que apanha animais selvagens para jardins zoológicos e circos. Viajávamos a bordo do batelão dele, um barco de duas toneladas, munido de uma choça de colono que servia de cabina. Essa cabina, ou «toldo», não tinha janelas, e o interior era escuro.

Roderick sempre riscava um fósforo numa trave do «toldo», para acender o fogareiro. Certa manhã o fósforo não acendeu. Roderick repetiu a tentativa várias vezes, depois riscou em outra viga. O fósforo acendeu logo—e pudemos então ver o que

Uma anaconda de 7 metros é um adversário temível

havia com a primeira trave: uma enorme serpente estava enrolada nela. Roderick tentara riscar o fósforo nas escamas do ofídio.

Percebemos assombrados que fitávamos uma sucurí, provavelmente a maior cobra do mundo. Seu único rival, em tamanho, é o pitão real da Índia.

Nossa serpente deveria ter uns 7 ou 8 metros de comprimento e mais de trinta centímetros de diâmetro. O corpo era de um ominoso verde-escuro, e a cabeça negra. Os olhos estavam fixos sobre Roderick. Lem-

brei-me das histórias dos índios, de que a sucurí pode hipnotizar o homem e outros animais com aqueles olhos terriveis. Não acreditava em tais contos mas desviei o olhar e arrastei meu companheiro para o tombadilho.

Estávamos atracados à margem, numa enseada cheia de caniços, e os índios que nos acompanhavam achavam-se em terra. Geralmente, mostravam-se dispostos a auxiliar Roderick a capturar um espécime, mas quando lhes comunicamos a novidade da sucurí, não revelaram entusiasmo. Seu porta-voz, Xingú, disse:

—Nunca apanhamos sucurí. Os índios todos têm medo dela.

—Mas vocês fazem mascote da gibóia.

Xingú sorriu.

—A gibóia é nossa amiga; a sucurí, a pior inimiga: a «engole veados» é cheia dos demônios.

Quando Xingú usou o nome indígena da anaconda, Roderick teve uma inspiração. Havia entre os seus espécimes uma pequena corça.

—Talvez pudéssemos usar a corça para atrair a cobra à terra. Então, poderíamos amarrá-la com cordas.

Antes de buscar a corça, Rod espiou para dentro do toldo afim de certificar-se de que o ofídio ainda lá estava. Desembarcou triste.

—Foi-se embora, disse. —Há um grande rombo no toldo. Ela deve ter mergulhado.

Enquanto estávamos alí, o pesado barco foi sacudido como que por um terremoto. Não eram ondas, pois a superfície estava calma.

—É a sucurí! exclamou Xingú. —Aí deve haver um ninho de sucurís.

Roderick imediatamente pôs os homens a construir uma forte jaula de bambú. Estendeu uma corda do mastro do batelão até uma árvore que ficava a uns 12 metros da praia e atrelou a corça a essa corda, à margem do rio. A seguir, preparou três laços, um para a cabeça do reptil e os outros dois para a cauda. A jaula foi colocada junto à árvore. Agora, só faltava a anaconda.

Ocultamo-nos no mato e ficamos à espera. Eu não adquirira o hábito da paciência como o meu companheiro e, decorridas três horas, já não me podia conter.

Avisando Roderick por meio de gestos, transpús a praia e entrei na água. O leito apresentava um grande declive. Primeiramente certifiqueime de que não havia piranhas. Em seguida, procurei algo que se assemelhasse a um ninho de anacondas. Era dificil enxergar no fundo. Parecia um matagal, com longas canas viscosas e repugnantes ao tato. Cepos submersos se entrecruzavam e, debaixo, poderia haver abrigo para animais pequenos, mas nunca para uma sucurí.

Voltei à tona para respirar e tornei a mergulhar. Perscrutei a ribanceira íngreme. De repente, estava à boca de uma gruta subaquática. Duas pequenas cobras, de um metro e meio, sairam da caverna e nadaram por entre as canas. A seguir, surgiu a cabeça medonha de uma sucurí adulta.

Quase tomado de pânico, subí

rapidamente para a superfície e galguei a praia.

—Que foi que você viu? murmurou Roderick.

—Sucurís em família! respondí. —Você está sentado bem em cima da toca. Há uma grande caverna que passa justamente por aquí.

Alguma coisa semelhante ao periscópio de um submarino surgiu à tona d'água. A sucurí adaptou-se à vida aquática: o nariz se acha situado de tal forma que ela pode respirar enquanto mantem a cabeça quase completamente submersa. De vez em quando, as ondulações da água permitiam que se divisassem os olhos. Destacavam-se do crânio, de maneira a poder enxergar não só para cima e para a frente, mas tambem para baixo, habilidade essa que as cobras terrestres não têm. A julgar pela distância entre ambos os olhos, a cabeça deveria ser enorme.

Vinha diretamente para onde estava a corça. Chegou à margem, emergiu da água e pousou no barranco. A corça avistou-a e pôs-se a estrebuchar violentamente, os cascos escarvando a areia e lançando seixos na boca do reptil.

Roderick havia alcançado a árvore sorrateiramente e pôs-se a puxar a corda. O índio postado à outra extremidade, no convés, soltava-a pouco a pouco. Paulatinamente, a corça era conduzida à árvore. A cobra seguia-a. Cada vez que ela se dispunha ao bote, Roderick lhe tirava a corça do alcance. Quando esta chegou à árvore, a sucurí vinha a dois metros atrás.

Meu companheiro, com um grito, nos deu o aviso e saltou do esconderijo, tendo já pronto o laço para a cabeça do monstro. Avançamos, de dois lados, com as cordas para a cauda.

Qualquer erro de nossa parte seria agora muito sério. A cobra estava pronta para o bote. Antes que o conseguisse, era preciso que lhe laçássemos a cabeça e a cauda. Roderick atirou o laço sobre a cabeça bojuda e apertou-o no delgado pescoço. A ponta da corda passava pela jaula e saía do outro lado. Com a cauda atada e imovel, seria possivel arrastar a serpente à jaula, palmo a palmo.

Não seria, porem, tão simples. Roderick fora feliz, mas nós só havíamos conseguido assentar um dos dois laços. Quando a cobra avançou, agitando a cauda, a corda foi arrancada violentamente às mãos dos índios.

Colhido na órbita da cauda que se agitava, fui derrubado. Xingú acudiu arrojadamente com o outro laço. Súbito, a cauda o envolveu. Ele lutou para se livrar. O gigantesco ofídio, com seus movimentos constritores, podia espremer-lhe a vida em poucos minutos.

Ao mesmo tempo, a serpente avançava sobre Roderick. Ao recuar, ele tropeçou e caiu. Disse depois que, naquele instante, seu espírito evocou tudo quanto ouvira a respeito de anacondas que devoravam o gado, de um cavalo encontrado no estômago de uma delas, e de homens que perderam a vida em luta com essa cobra gigantesca. Mas, enquanto o espírito se detinha, o corpo reagia rápido. Esquivou-se à trajetória da cabeça golpeante e saltou de pé.

A cobra voltava os maxiliares para Xingú, cujo corpo continuava preso nos seus possantes anéis. A sucurí não é venenosa, mas tem uns temiveis dentes pontiagudos e, uma vez que apanha a presa, deglute a vítima progressiva e inexoravelmente, através de sua garganta elástica. Antes, porem, que o ofídio pudesse fechar a bocarra, Roderick atirou-se-lhe à cabeça e cravou-lhe os polegares nos olhos. Manteve-se firme enquanto a sucurí se agitava e contorcia. Os aneis da serpente afrouxaram e Xingú foi atirado ao mato.

Agarramos mais uma vez o laço da cauda, e Roderick e dois índios puxaram o da cabeça. O monstro sinuoso foi aos poucos arrastado à jaula. Afinal, a cabeça atingira o outro extremo da prisão, mas ainda sobravam três metros de cobra do lado de fora! Passamos o laço da cauda pelas barras e, assim, o corpo ficou todo enjaulado. Cerrada a porta, terminara a caçada.

Mas surgiu novo problema. As pancadas daquele músculo de 7,5 metros ameaçavam espatifar a jaula. O melhor meio de tranquilizar uma cobra é alimentá-la. Entre seus espécimes, Roderick tinha um javalí. Os 40 quilos do animal dariam justamente um bom bocado para a sucurí. Decorrida meia hora, a cobra dormia, com uma enorme protuberância no ventre.

—Não teremos preocupações por um mês inteiro, observou Roderick, satisfeito. É o tempo que leva para fazer a digestão.

Os pais se aborrecem demasiado, afirma este médico que há mais de 15 anos vem estudando os adolescentes

Não existem «crianças médias»

(Condensado de «The Atlantic Monthly»)

Pelo dr. Roswell Gallagher
Médico escolar da Phillips Academy, Andover, Massachusetts

SAM ACABAVA de completar 14 anos de idade; pesava 68 quilos, media 1.78 m de altura, e quase já se poderia barbear todos os dias. Seus professores do curso ginasial se queixavam de que Sam não dava provas da maturidade que lhes parecia ser própria de um moço aparentemente já adulto, e com aquele corpanzil. E comentavam: «Este rapaz está sempre fazendo coisas bobas, infantís.»

O pai de Sam andava exasperado, e a mãe perplexa: «Sam está sempre cansado, dorme 14 horas de cada vez, não faz caso do que a gente lhe diz, e não se abre conosco. O doutor acha que ele é fisicamente perfeito? É normal?»

Outro pequeno, Billy, morava na mesma rua. Os pais dele interessavam-se mais ou menos pelos mesmos assuntos que os de Sam, e os dois rapazes tinham-se alimentado sensivelmente da mesma maneira. Mas Billy, com 16 anos, pesava somente 52 quilos, media 1,62 m de altura, e embora uma leve penugem houvesse começado, havia pouco, a despontar-lhe na face, não tinha motivo sério para barbear-se. Até o terceiro ano ginasial, ele tinha sido um aluno modelo. A partir de então, suas notas começaram a baixar e Billy se mostrava desatento, menos desejoso de participar dos interesses da classe. Em casa, tornou-se retraido, procurando evitar as festas e reuniões da família. A mãe, preocupada, levou-o ao médico. Este mandou sair a progenitora do gabinete, e arrancou ao rapaz a confissão da causa real daquela inquietação, daquele descontentamento: o fato de que o seu desenvolvimento se estava processando com mais lentidão do que seria de esperar.

Ora, tanto Sam quanto Billy *são* jovens normais. Os adolescentes variam enormemente no ritmo e modo de seu desenvolvimento. O peso *médio* de certo grupo de escolares era, segundo se concluiu, de 57,50 kg, mas a variação individual de peso ia de 36 a 90 quilos! Não existe um peso médio exato, nem estatura média correta, nem grau escolar preciso para nenhuma idade; nem há tampouco uma

idade «média» em que os rapazes possam tornar-se responsaveis, dirigir automovel, ficar fora de casa até tarde da noite, ou escanhoar o rosto.

Um rapaz pode sentir-se bem e feliz, e vir a tornar-se um adulto excelente, embora pese menos do que a média, ou tenha «crescido 15 cm no ano passado»... As autênticas anomalias do crescimento são raras.

É perfeitamente natural e sensato que os pais se interessem pelo crescimento e amadurecimento de um moço; mas, nem o ritmo do seu crescimento, nem o fato de ele ser ou não ser «médio», tem qualquer significação. O mais que se pode fazer pelo rapaz, nesse ponto de vista, é dar-lhe boa comida e afeto. Os pais não se devem preocupar, nem levá-lo a preocupar-se.

Todos os rapazes gostam de sentir-se rodeados de segurança, afeição, e confiança. A indiferença que eles aparentam, e os seus passos incertos, hesitantes, a caminho da independência, são somente indícios das suas necessidades interiores e do seu sentir. E não há maneira mais rápida, nem melhor, de roubar-lhes essa segurança, do que mostrarmo-nos supersolícitos com eles, sujeitá-los a uma apreciação crítica constante, e a comparações demasiado frequentes com um gráfico —ou com o filho da vizinha...

De par com as diferenças físicas, há as diferenças de interesses pelas coisas intelectuais, de controle das emoções, de qualidade dos juizos. É facil compreender a queixa dos pais ou professores. «Este pequeno ficou acriançado!»—mas é lamentavel que ouçamos tantas vezes criticar um rapaz, só porque ele tem a idade... que deve ter. É raro o moço que não deseje «crescer» —que não aspire a comportar-se como um adulto. E aquele que hoje é traquinas e brigão, pode muito bem ser que daquí a um mês olhe com reprovação a conduta tumultuosa dos seus colegas de classe no cinema.

«Quando é que Tom se decidirá a ter interesse pela escola? Só pensa em festas, em pequenas e em por que nós não precisamos do automovel tanto quanto ele! Em que idade, afinal, é que os rapazes tomam a sério a escola? O doutor quer fazer o favor de falar com ele?»

Eu não tinha a menor idéia de qual fosse, em média, a «idade de tomar a sério a escola», mas falando com Tom, encontrei nele um delicioso conversador, que acrescentou muitos pormenores uteis aos meus conhecimentos do *swing*. Nos dois anos seguintes, Tom veio ao meu consultório frequentes vezes. Era raro falarmos da escola. O importante era que *ele* falasse e tivesse um ouvinte atento que custasse a lhe dar conselho ou fazer sugestões. Seus pais tinham de há muito desistido de exortá-lo e de recorrer às ameaças semi-sérias—e foi então que se produziu o que algumas pessoas, esquecendo que estão lidando com jovens, chamam de «milagre»: Tom estava já no último ano do curso e não tinha vindo falar comigo fazia já um mês; um belo dia ele irrompeu no meu consultório. Agitando no ar e pondo debaixo do meu nariz o boletim escolar, desatou a fazer comentários entusiásticos sobre as suas habilidades de estudioso.

Esse júbilo depressa se desvaneceu, mas o zelo escolar tem persistido. Não se trata de desejo de fazer figura, senão de real interesse pelo estudo. O rapaz atira-se agora às disciplinas com a grande reserva de energia que foi acumulando durante todos aqueles anos. Nem sempre isso acontece, mas tenho certeza de que não existe uma idade «média» em que tal aconteça forçosamente.

Os adolescentes não são máquinas—novinhas, reluzentes, cansativamente idênticas entre si, acabadas de sair da linha de montagem. Capazes, por vezes, de nos fazer perder a cabeça com sua inexplicavel indolência e seus bruscos e inesperados golpes de humor, são transbordantes de uma faculdade que os adultos, infelizmente, perderam: a capacidade de mudar subitamente. A estandardização pode ser desejavel na indústria; mas, nas pessoas, como na vida, a variedade tem sempre seus encantos. O «médio» não é, por certo, nem melhor, nem mais desejavel do que o invulgar...

O terceiro violino

NAS PROXIMIDADES do Carnegie Hall, em Nova York, há um Paganini de subúrbio que toca para ganhar o pão de cada dia, arranhando com mão trêmula as cordas do seu violino. Uma noite, dois cavalheiros que tambem ganham a vida tocando violino passaram pelo local e notaram que o chapéu do velho músico ainda estava vazio. Bronislav Gimpel, conhecido solista e regente da sinfônica da rede emissora ABC, e Max Cahn, violinista da mesma rede, decidiram tomar parte no *show*.

Cahn tirou o seu violino da caixa e tocou «Souvenir». Em três tempos, formou-se um grande ajuntamento de populares. Todos remexeram nos bolsos em procura de níqueis. A fisionomia do velho violinista iluminara-se. Gimpel empunhou, tambem, o violino e juntou-se a Cahn num dueto. O público aplaudiu-os calorosamente.

O concerto poderia ter continuado indefinidamente. Mas Cahn e Gimpel temiam a chegada da polícia, que poderia interpretar aquele concerto de esquina como perturbação da ordem. Decidiram encerrar o ato. O «terceiro violino» acompanhou-os numa valente mas claudicante execução do hino nacional americano. Entre os aplausos da platéia, choveram as moedas.

O Paganini de subúrbio curvou-se, em demorada reverência, e depois contou a féria da noite. Eram 75 dólares. Gimpel e Cahn guardaram seus violinos no estojo e foram para casa assoviando....

—Harriet Van Horne, no *World Telegram*, de Nova York

Um grande homem de uma nação pequena

Spaak, estadista da Europa

(Condensado do livro «Men Who Make Your World»)

Por Andre Visson

«NÃO PRECISA o delegado soviético andar à cata de explicações complicadas para nossa atitude. Dir-lhe-ei, em termos que só o representante de uma nação pequena pode usar, a base em que ela se firma: é medo de vós, medo de vosso governo, medo de vossa atitude!»

Assim se expressou Paul-Henri Spaak, primeiro ministro e ministro das Relações Exteriores da Bélgica, perante a terceira Assembléia Geral das Nações Unidas, em París. Sua resposta às vituperações de Andrei Vishinsky foi a mais forte acusação à Rússia jamais feita oficialmente por um estadista de responsabilidade.

Falando por milhões de europeus desventurados, Spaak reprovou severamente a delegação soviética. «Vós nos tornais inquietos,» disse ele, «porque em cada um dos paises aquí representados mantendes uma quinta-coluna comparada com a qual a quinta-coluna de Hitler era apenas um pelotão de escoteiros!»

Corpulento, com seus cento e poucos quilos de peso, Spaak se parece muito com Winston Churchill: a mesma fronte vasta e saliente, o mesmo franzir de sobrolhos, os mesmos óculos com armação de chifre, o lábio inferior agressivo, a papada, e até o mesmo jeito de erguer os braços, como a querer seguir os remígios de sua oratória empolgante.

Não há floreios de retórica latina na eloquência de Spaak. Apela fundamentalmente para o bom senso. Todavia, não pôde ele esconder uma corrente subterrânea de emoção quando defendeu o Plano Marshall, em París. «Sei que amanhã de manhã dirão que sou um servo do imperialismo americano, vendido a Wall Street! Eu vos afirmo, porem, que sem o Plano Marshall a Europa está perdida!»

Considerado aos cinquenta anos de idade, tanto por diplomatas como por jornalistas, o mais completo estadista da Europa e o mais incansavel batalhador em prol da unidade européia, Paul-Henri Spaak é, entretanto, pouco conhecido fora do círculo daqueles que seguem as deliberações das Nações Unidas, pelas quais foi eleito presidente da primeira Assembléia Geral. Seu domínio da língua inglesa é limitado e sua congênita modéstia, bem como o seu agudo *sense of humor*, levam-no a evitar qualquer publicidade pessoal.

Embora lider do Partido Trabalhista da Bélgica, Spaak tornou possivel a seu país atingir prosperidade no após-guerra, não por meio do socialismo, mas por meio da economia livre. Está convencido de que sua pátria, da mesma forma que os outros países da Europa, só poderá continuar a progredir mediante maior integração política e econômica. Um funcionário norte-americano observou: «Spaak conseguiu fazer que nos esquecêssemos de sua nacionalidade. Para nós ele não é belga, mas europeu.»

A Organização da Cooperação Econômica Européia, criada em París para encarregar-se da aplicação do Plano Marshall no Velho Mundo, é para ele o berçário de onde espera ver emergir uma nova Europa.

Perguntaram-lhe certa vez a que qualidades devia o seu êxito político, ao que Spaak respondeu sem hesitar: «À paciência e ao desejo de encontrar um denominador comum. É infinitamente mais importante frisar o que povos de opiniões, credos e nacionalidades distintas têm em comum, do que ressaltar em que são diferentes.»

Toda a sua vida política tem sido, de fato, caracterizada por esse desejo de descobrir «o denominador comum.» Bateu-se primeiro por essa finalidade dentro de seu próprio partido, e conseguiu manter coesos não somente os chamados intelectuais e os sindicalistas, senão tambem os flamengos e os valões. Isso era importante, porque a Bélgica, entre as duas guerras, estava seriamente ameaçada de crescente ruptura entre os valões, de língua francesa, que até 1914 haviam exercido posição dominante, e os flamengos, de língua flamenga, que reclamavam «autonomia cultural».

Mais tarde, em governos de coalizão dos três mais importantes partidos belgas, Spaak teve de manter unidos trabalhistas, liberais e católicos, quer de tendências conservadoras, quer progressistas. Foi então que compreendeu a necessidade de conciliar o programa socialista de seu partido com a filosofia de economia livre dos outros partidos, para assegurar a unidade belga nos anos dificeis de antes e depois da guerra.

A ele se deve o Benelux—união econômica da Bélgica, Holanda e Luxemburgo à qual foi dado o apodo de «Spaakistão». Imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, bateu-se ele por uma organização regional da Europa ocidental, e em março de 1948 viu-a parcialmente realizada. Quando os céptico lhe perguntavam qual o valor dessa aliança entre a Inglaterra,

a França, a Bélgica, a Holanda e o Luxemburgo, cujos potenciais militares eram mais ou menos zero, ele gracejava: «Nossos paises podem ser cinco zeros; mas se os Estados Unidos estivessem dispostos a ajuntar mesmo que fosse uma unidade à frente desses zeros, teríamos um número bem impressionante.»

Spaak foi dos primeiros a endossar a idéia de um Conselho da Europa para elaborar a constituição de uma Federação Européia. Ele conhece perfeitamente os obstáculos que bloqueiam a idéia federativa e acredita que passará, pelo menos, outra geração antes de serem eles vencidos. A esse respeito Spaak gosta de citar um dito do príncipe Guilherme da Holanda: «Não é necessário que se tenha esperança de êxito antes de se tentar realizar algo, nem é necessário ter êxito para continuar tentando.» Essa atitude pode tambem explicar por que Spaak não se deixa dominar pelo desânimo, não obstante os muitos insucessos das Nações Unidas.

Como sua pátria, Paul-Henri Spaak é produto de duas correntes ancestrais. Seu pai, poeta e diretor da Ópera Real de Bruxelas, era de origem flamenga. Sua mãe—filha de um preeminente lider do Partido Liberal da Bélgica e a primeira mulher a entrar para o Senado belga—é valã.

Durante a Primeira Guerra Mundial, aos dezessete anos de idade, Paul-Henri Spaak tentou alistar-se no Exército belga, na França. Capturado pelos alemães, passou dois anos num campo de prisioneiros. Depois da guerra, sua condição de veterano proporcionou-lhe o ensejo de concluir em dois anos e meio os estudos de direito que requerem, ordinariamente, cinco anos de frequência. Amigos da família ofereceram-lhe uma lucrativa banca de advogado, mas ele seguiu o exemplo materno e meteu-se na política. Foi eleito para a Câmara dos Deputados da Bélgica em 1932.

Uma tempestade revolucionária ameaçava a Europa. O comunismo na Rússia, o fascismo na Itália, o nazismo nascente na Alemanha, estavam banindo da Europa a democracia. O povo falava da nova democracia social. Lembrando-se das origens revolucionárias da democracia política, Spaak perguntou a si mesmo se a nova democracia social não teria que chegar por meio de uma revolução. Não tardou muito a compreender, porem, que as forças revolucionárias que o cercavam eram antiliberais e totalitárias; e ele estava decidido a não renunciar às liberdades conquistadas por seus ancestrais, de formação liberal. Uma viagem a Moscou firmou-o em seu repúdio ao sistema totalitário. Convenceu-se de que a democracia social só poderia ser atingida por meio de evolução. Rompeu com seus amigos extremistas e começou a bater-se pela participação do Partido Trabalhista num governo de coalizão com os liberais moderados e os católicos conservadores.

«As realidades políticas e econômicas,» diz Spaak, «são infinitamente mais importantes que todas as ideologias políticas.»

Em março de 1935 ele telefonou a sua mãe, senadora: «Mamãe, se seu telefone ficar com defeito, queixe-se a mim. Sou o novo ministro das Comunicações!» O primeiro ministro Paul van Zeeland havia dado a Spaak a pasta dos Transportes, Correios e Telégrafos. Um ano mais tarde—tinha ele então 37 anos—foi-lhe confiado o Ministério do Exterior. Desde então, durante a guerra, o exílio e a libertação, vem respondendo pela política exterior de seu país.

Tornou-se amigo e confidente do rei Leopoldo, sem jamais perder as maneiras simples e democráticas que o fizeram popular em toda parte. Excelente tenista, jogou certa vez uma partida com o rei da Suécia, então de visita à Bélgica. Como os repórteres lhe perguntassem quem havia ganho, Spaak levou o dedo aos lábios: «Por favor, meus senhores! É segredo diplomático!» E quando um amigo insistiu na pergunta, Spaak replicou, com um sorriso de malícia nos olhos: «Então vocês acham que eu não pareço um desportista honesto, ou será que tenho cara de cortezão?»

Mas a tempestade que enegrecia os céus não deixou a Spaak muito ócio para seu esporte favorito. Na manhã de 10 de maio de 1940, o embaixador da Alemanha foi procurá-lo em seu gabinete para anunciar-lhe que a invasão já havia começado. Spaak não lhe deu tempo de ler a declaração formal de guerra. «Não, eu falarei primeiro,» interrompeu ele; e, sem escolher palavras, deu larga expansão ao que pensava da agressão de Hitler e das consequências que a Alemanha havia de sofrer.

Spaak foi para o exílio com outros membros do gabinete. Os quatro anos que viveu em Londres e as quatro viagens que fez aos Estados Unidos durante o conflito, prepararam-no para suas atividades de após-guerra. Jamais teve dúvidas sobre quem ganharia a guerra, mas estava preocupado com a paz. Logo depois de Pearl Harbor, escreveu a um amigo em Washington: «Doravante devemos preocupar-nos com o futuro. A mim me parece terrivelmente complicado, e receio muito que não atinjamos a paz. Tenho a impressão de que a humanidade—e principalmente os estadistas—não mudaram ainda suficientemente com a guerra!»

Alem de seu trabalho como ministro do exterior, Spaak se dedica tambem aos problemas internos da Bélgica. Conseguiu que seu país viesse a ser uma ilha próspera de economia livre, numa Europa de após-guerra mais ou menos entregue a rígidos controles do Estado. Mas não pôde unificar a opinião de seus concidadãos sobre um assunto que a todos apaixonava: o retorno do rei Leopoldo, que permanecera na Bélgica durante a ocupação mas fôra levado para a Áustria pelos nazistas, quase no fim da guerra. Os socialistas e a maioria dos liberais se opunham à volta de Leopoldo, ao passo que os católicos lhe eram leais. Os flamengos eram favoraveis ao rei, e os valões lhe eram contrários. Os meios conciliatórios falharam. Spaak decidiu então que as eleições parla-

mentares dessem aos belgas ensejo de manifestar democraticamente sua opinião sobre todos os problemas nacionais, inclusive sobre o rei.

Segundo ele, duas pessoas fizeram que jamais tivesse opinião demasiado alta de si mesmo: «minha mãe e Albert, meu chofer.» Quando, em 1944, Spaak voltou à Bélgica liberada, Albert, que há anos trabalha para ele, deu-lhe as boas-vindas dizendo: «Até que enfim o senhor voltou. Não foi facil, para mim, sustentar três mulheres.» «Que três mulheres?» perguntou Spaak. «A senhora sua mãe, sua mulher, e a minha.» Durante os anos da ocupação, quando tudo era escasso, Albert soube catar provisões para a mãe e para a esposa de Spaak. Spaak afirma que Albert é um dos poucos homens para os quais não tem segredos e cuja sensatez o ajuda a avaliar as reações do povo.

Na Europa, poucos líderes democráticos se mantiveram no poder mais tempo que Spaak. Várias vezes tentou renunciar à pasta de primeiro ministro afim de devotar-se inteiramente aos problemas internacionais, mas foi sempre chamado de novo ao cargo. Não obstante isso, protesta veementemente quando o qualificam de insubstituivel. «Homem insubstituivel ou infalivel é coisa que não existe numa democracia,» diz ele. «Tenho cometido vários erros; mas por sorte, sempre que errei, a maioria de meus concidadãos cometeu o mesmo erro!»

Boas razões

UM CONHECIDO meu encontrou em Washington um velho amigo e surpreendeu-se com o seu aspecto saudavel e próspero. O amigo—que trabalhara em vários departamentos governamentais e na UNRRA durante o período em que estes haviam sido alvo de viva controvérsia—explicou-lhe que estava, então, servindo no Departamento do Interior, numa campanha nacional de exterminação dos ratos. «Estou contentíssimo,» acrescentou, com um suspiro de alívio. Todo o mundo é contra ratazanas.»

—Jean e Robert Boardman, no *Herald Tribune*, de Nova York

QUANDO Helen Hayes fez um apelo ao Senado no sentido de serem admitidas crianças refugiadas nos Estados Unidos, um dos senadores aparteou-a:

—Quer dizer que a senhora adotaria uma criança sem nunca tê-la visto?

—Pois se eu não vi a minha própria filha senão depois que ela me chegou às mãos!...

—*World Digest*

A aureomicina revela-se o mais admiravel dos antibióticos até hoje descobertos—e o mais facil de usar

Dádiva celestial para a medicina

Por
Paul de Kruif

A CIÊNCIA acaba de colocar nas mãos dos clínicos mais uma arma salvadora de vidas humanas, que é assombrosamente facil de usar. A aureomicina, derivada de um bolor côr de ouro, cura muitas doenças de origem microbiana que resistem à ação de todos os outros remédios. E, como se ministra por via oral, dispensando injeções, pode-se aplicar rapidamente e com facilidade, quer no consultório do médico quer na casa do próprio doente.

Este poderoso pó de ouro (assim o apelidaram os seus descobridores) tem propriedades curativas a um tempo mais seguras e de maior alcance do que mesmo as de suas prodigiosas parentas, a penicilina e a estreptomicina. A penicilina aniquila muitos micróbios mortíferos, mas é impotente contra certas bactérias e bem assim contra os minúsculos organismos chamados rickettsia e virus. A estreptomicina, conquanto util no tratamento de males como a tuberculose, tem que ser injetada, muitas vezes sob a mais estrita vigilância médica, no hospital; e geralmente os mortais não gostam que lhes andem espetando agulhas pelo corpo...

Os médicos de clínica geral vinham de há muito ansiando por que a ciência pusesse ao seu dispor um antibiótico inofensivo e de ação múltipla, que se pudesse ministrar por via bucal. Ainda não faz três anos, descobriu-se a primeira «pista» segura nos Laboratórios Lederle, da American Cyanamid Company. Juntamente com centenas de outros organismos, estava-se analisando alí, do ponto de vista da sua ação antibiótica, certo bolor de côr dourada, o «A-377», fungo tão humilde e obscuro, que nenhum cientista o havia ainda estudado, ou sequer batizado. Mas, logo ao primeiro ensaio de combate a certos micróbios mortíferos, ele causou uma promissora hecatombe entre mais de 50 espécies diferentes de germes!

Havia nos Laboratórios Lederle um eminente pesquisador, o falecido cientista hindú dr. Yellapragada Subba-Row, que concentrou as pesquisas coletivas de mais de cem investigadores

na estabilização do bolor e na intensificação da sua capacidade produtora de certo ingrediente que tão espetacularmente destruia os germes. Os pesquisadores serviram ao sensitivo bolor uns caldos de habilidosa composição, que multiplicaram a produção da aureomicina; por meio dos raios ultravioleta conseguiram provocar novos mutantes do bolor—superprodutores do novo antibiótico.

De vários departamentos dos Laboratórios Lederle começaram a afluir sensacionais observações: a aureomicina curava as infecções de pneumococos, de estreptococos e de estafilococos, nos animais, com uma rapidez e um vigor que faziam lembrar a gloriosa penicilina. Mas a aureomicina fazia mais! Enquanto a penicilina não dava resultado no combate a um vasto grupo de bactérias causadoras de infecções das vias urinárias, a aureomicina revelava-se poderosa nesse domínio. As experiências davam-na tambem como capaz de debelar infecções tais como o tifo malaio, a febre purpúrea das Montanhas Rochosas e a febre «Q» da Califórnia.

Parecia ainda inacreditavel que a aureomicina pudesse levar a sua mágica ação mortífera até o mundo dos ultramicroscópicos virus. Mas provou-se que, em pequenas doses, punha os camondongos ao abrigo de enormes inoculações de virus da psitacose, ainda mesmo quando o virus era injetado diretamente no encéfalo dos animais.

Nunca um remédio revelara uma tal combinação de ferocidade contra uma vasta gama de micróbios mortíferos, a par de tamanha inocuidade para o homem. Após os testes de toxicidade a que se procedeu com os ratos, calculou-se, na base do peso relativo, que se poderia ministrar a um ser humano, sem perigo, a fantástica dose de 150 gramas!

Mas um rato não é um homem. Qual seria o poder da aureomicina perante as doenças do organismo humano? O pó de ouro revelou possuir uma característica que é nova na história da terapêutica: *provou, quase invariavelmente, ser mais capaz de salvar vidas quando aplicado aos seres humanos, no combate a muitos germes terriveis, do que quando ministrado aos ratos, camondongos e coelhos nos laboratórios experimentais!*

Dezesseis meses somente após ter entrado esse bolor no regime de pesquisas—tal é hoje a rapidez fulminante da pesquisa industrial em massa—o respectivo antibiótico revelou ser a primeira cura verdadeiramente eficaz para qualquer doença de virus nos seres humanos. O dr. L. T. Wright, de Nova York, aplicou-o à penosa e deformadora doença venérea denominada linfogranuloma.

Em Maryland e na Virgínia, a febre purpúrea das Montanhas Rochosas (que tem por agentes certos rickettsia) é por vezes transmitida por um carrapato aos lavradores e pessoas que vão ao campo em piqueniques. Até há pouco, de cada cinco indivíduos atacados, um morria. Quatro médicos da Universidade de Johns Hopkins relatam agora uma série de casos dramaticamente curados pela aureomicina,

sem que se haja registrado um óbito sequer.

Em seguida o milagroso pó de ouro deixou boquiaberto o mundo médico, ao curar uma doença infecciosa contra a qual, dantes, a ciência era absolutamente impotente: a pneumonia primária atípica, vulgarmente chamada pneumonia de virus, que é muito comum e pode tornar-se a mais cacete de todas as enfermidades de não excessiva mortalidade. É uma doença debilitante, que acabava por consumir-se... ou consumir o paciente, após longa estadia no hospital. Não se tinha constatado a presença de qualquer virus real, que justificasse a denominação popular de «pneumonia de virus».

Os médicos da Johns Hopkins e outros grupos de experimentadores deram um golpe fatal nessa doença. O tratamento era o mais simples que jamais se conheceu para uma doença grave—umas poucas de cápsulas douradas de aureomicina, ministradas diariamente pela boca.

«Os resultados foram assombrosos,» diz o dr. Perrin H. Long, autoridade famosa em sulfas e antibióticos. Em um período de 24 a 48 horas, a febre, que chegava a atingir 41 graus, desaparecia; acabavam-se os dolorosos acessos de tosse; os raios X revelavam o desvanecimento das consolidações pulmonares. Chegaram relatos de várias fontes independentes—das faculdades de medicina das Universidades de Harvard e de Colúmbia—confirmando a cura relâmpago. E, assim, a pneumonia de virus, que era uma doença prolongada e dispendiosa e obrigava a muitas semanas de desconforto no hospital, pode hoje ser tratada em casa, em poucos dias, unicamente com a assistência do médico da família. É esta tambem a primeira vez que se tornou possivel curar uma doença infecciosa antes de se lhe conhecer a causa.

Devemos acentuar que a aureomicina não é um antibiótico gênero panacéia. Não tem, por exemplo, o efeito da estreptomicina sobre a tuberculose; a coqueluche resiste-lhe; o outro antibiótico de recente descoberta, a cloromicetina, é muito mais eficaz na cura da febre tifóide; certos bacilos, cuja presença se nota, por vezes, nas infecções das vias urinárias, resistem à sua ação mágica; os virus da poliomielite, da gripe, da raiva e do sarampo, permanecem refratários aos seus prodigiosos efeitos de grande alcance.

No entanto, de todos os remédios antimicrobianos que hoje conhecemos, a aureomicina é o de mais variadas aplicações. Oito bebês recemnascidos, em Baltimore, estavam infectados por variedades de estafilococos resistentes às sulfas e à penicilina. A aureomicina curou-os todos, incluindo um pequenino que estava às portas da morte com um abcesso do pulmão. Os médicos da Universidade de Harvard verificaram que a aureomicina ministrada pela boca era tão poderosa contra a pneumonia pneumocócica, quanto as doses máximas de penicilina ministrada em injeções. Tendo aplicado a aureomicina em 100 casos os mais variados de infecções comuns e perigosas, aqueles pesquisadores conclui-

ram que ela curava muitas das que se mantinham resistentes à penicilina e às sulfas.

O micróbio chamado enterococo pode tornar-se um dos germes mais mortíferos de quantos conhecemos. Esse agente mórbido aventura-se às vezes a sair do intestino humano, seu habitat natural, onde é inofensivo, e invade o cérebro ou o coração, onde se torna um assassino sinistro. Pois a aureomicina já curou meningites enterocócicas! E para maior esperança nossa, curou o primeiro caso de endocardite bacteriana sub-aguda a que foi aplicado.

A aureomicina—segura, simples, e de múltiplos efeitos—é um maravilhoso instrumento novo ao serviço dos clínicos gerais. Faz poucos anos, por exemplo, era necessária toda uma complicada técnica de laboratório e hospital para verificar se um caso de pneumonia era provocado pelo pneumococo, pelo bacilo de Friedlander, pelos rickettsia da febre purpúrea, ou pelos virus da febre «Q» ou da psitacose. Hoje, o médico da família já não precisa de investigar o agente patogênico: uma vez feito o diagnóstico de pneumonia, pode abrir a maleta e tirar a aureomicina para ministrar ao doente.

Os drs. N. V. Peterson e R. B. Hadley, de Rye, no Estado de Nova York, referem bons resultados na aplicação da aureomicina aos casos de sinusite crônica e aguda. O dr. Douglas Sprunt, de Memphis, no Tennessee, declara tê-la aplicado com êxito na disenteria amebiana, que é uma das doenças intestinais mais espalhadas no mundo.

As infecções da pele, que tantas vezes iludem os esforços dos especialistas—impetigo, pioderma, certos eczemas, úlceras varicosas—têm sido favoravelmente influenciadas pelo unguento de aureomicina. Os médicos de clínica geral podem aplicá-lo. A sífilis, que sempre exigiu os cuidados de dermatologistas, reage favoravelmente à ação das cápsulas de aureomicina, ingeridas pela boca, na fase inicial da infecção, segundo refere um dos mais eminentes especialistas dessa doença, o dr. Paul A. O'Leary, da Clínica Mayo. Esta momentosa descoberta está sendo confirmada por outras pesquisas, e há hoje esperanças de que o clínico da família possa vir a extirpar a temerosa doença venérea no seu próprio consultório.

A aureomicina pode ter um efeito desagradavel: náuseas, às vezes seguidas de vômitos. Mas essa reação pode ser combatida, em geral, pela aplicação simultânea de doses de hidróxido de alumínio. E o dr. Long declara que os médicos devem ter cautela quando a ministrarem aos pacientes que sofrem de colite mucosa. Desde que tenham presentes esses avisos da prudência, os clínicos estão hoje em condições de tratar a imensa maioria das doenças infecciosas nas suas fases iniciais, reduzindo consideravelmente a necessidade de hospitalização dos doentes, e da intervenção de especialistas. É por isso que se pode considerar a aureomicina uma verdadeira dádiva celestial para a medicina.

Uma visão do futuro—através de óculos vermelhos

Um mundo de pesadelo

(*Condensado de «The Washington Star»*)

Por Dorothy Thompson

HÁ UMA relação direta entre as declarações e incitamentos de Maurice Thorez na França, de Togliatti na Itália, de Pollitt na Inglaterra, dos comunistas alemães na Zona de Ocupação Soviética, e o julgamento de onze líderes comunistas norte-americanos.

Todos esses homens são comparticipantes de uma grande estratégia política universal. Graças à franqueza dos comunistas europeus, essa estratégia se tornou, no presente, matéria indiscutivel, —muito embora se conforme com os planos comunistas inflexivelmente seguidos, desde a Revolução Bolchevista na Rússia, até hoje.

Em última análise, cada comunista, pertença ele a que país pertencer, só tem uma pátria: a União Soviética. Segundo esse conceito, as guerras internacionais são inevitaveis, até o dia em que o mundo inteiro estiver sovietizado. Em todas as guerras internacionais a União Soviética é «por definição»—segundo a fórmula de Thorez—a nação não-agressora, que se bate em defesa própria. Se, por exemplo, a União Soviética ataca outra nação sem qualquer aviso, como já o fez em 1939, o ato não é agressivo, mas sim um gesto prudente, mera previsão defensiva. Inversamente, quem quer que resista a um ataque por parte da U.R.S.S., será «por definição» um agressor imperialista.

No caso de rebentar uma guerra entre a União Soviética e qualquer outro Estado, os partidos comunistas devem prestar à União Soviética todo auxílio material e apoio moral. Devem sabotar as obras de defesa, provocar levantes nas forças armadas, organizar greves, tentar transformar a guerra internacional em guerra civil, e acolher os exércitos soviéticos de braços abertos, como «libertadores».

Estas «teses» têm sido abertamente confirmadas pelos comunistas europeus, e são partilhadas pelo Partido

Comunista dos Estados Unidos, cujos dirigentes, membros do Comitê Central, estão hoje sendo julgados pelo crime de conspiração por advogarem o uso da força para derrubamento do Governo.

A conspiração comunista para derrubar pela força todos os governos não-comunistas, é hoje um fato indiscutivel. A única coisa que pode suscitar dúvidas e controvérsias, é a palavra «advogar». Os comunistas «advogam» o derrubamento de governos, somente quando for chegado o momento «certo» de agir.

Um momento «certo» será, por exemplo, aquele em que se desencadear uma vasta crise, com desemprego em massa, permitindo-lhes chegar ao poder agarrados à sombra de um movimento «liberal» ou de «frente popular», semelhante ao de Henry Wallace. Mas, se os governos «burgueses» não puderem ser derrubados de dentro, a tese comunista sustenta que, eventualmente, eles serão derrubados de fora, graças ao ataque da União Soviética e de seus aliados.

Tambem aí, mais uma vez, a questão é somente a da escolha da oportunidade «certa». A oportunidade «certa» soará para os Sovietes dentro de três a cinco anos, isto é, quando—se os planos lhes correrem bem—eles tiverem constituido a sua força aérea, amontoado uma boa reserva de bombas atômicas ou de outras armas superdestrutivas, e quando a situação interna dos Estados Unidos se mostrar favoravel ao ataque.

Esse ataque será simultaneamente desencadeado—contra a Europa, pela invasão da infantaria; e contra a América, pelo ar, com o objetivo de pulverizar de um só golpe as principais indústrias e de criar o pânico.

Na desmoralização geral que se há de seguir, os líderes comunistas locais iniciarão um movimento popular a favor da capitulação imediata com o fim de «salvar vidas humanas».

Tudo isto parece um pesadelo mas, afinal de contas, o mundo em que hoje vivemos é um mundo de pesadelo...

Defesa

ARTHUR RUBINSTEIN, afim de poder ensaiar para um concerto, disse ao criado que não estaria em casa para ninguem. Quando o telefone tocou, uma voz feminina perguntou pelo pianista. Apesar do clangor dos acordes de Rubinstein, que vinha da sala ao lado, o criado informou calmamente que seu patrão não estava em casa.

—Não está? protestou a dama. —Mas se o estou ouvindo tocar!

—Engana-se, minha senhora, replicou François, imperturbavel. —Sou eu que estou tirando o pó do teclado.

—Jack Lait, Jr. no *Eagle*, de Brooklyn

É verídica esta história trágica e violenta do pugilismo

GOLPE FINAL

Por
Irvin Ashkenazy

EU VIERA de carona no caminhão rumo ao sul, e naquela sombria madrugada de setembro desembarquei no povoado de Lake City, no norte da Florida. Encontrando um desses restaurantes que ficam abertos a noite inteira, entrei, descansei a mala no chão e pedí um sanduiche.

Àquela hora só havia mais um freguês: um velhote magro, que tomava uma sopa. Sob a aba amolecida de seu velho chapéu panamá, descia-lhe pela nuca o cabelo grisalho. Olhou-me com fixidez por um momento e, ao ver em minha mala as etiquetas da Universidade da Florida, sorriu e perguntou:

—Eu não vi você na A.C.M. de St. Augustine uns meses atrás? Você ganhou o campeonato de pesos-pesados amadores...

Um tanto ou quanto surpreso, fiz que «sim» com a cabeça.

O velho calou-se e depois acrescentou, pensativamente:

—Naquela época você não estava com essas cicatrizes em cima dos olhos...

Contei-lhe que me fizera pugilista profissional.

—Deixou a universidade, então?

—Não, senhor, ao contrário: virei profissional para poder pagar os estudos.

Daí a pouco, rodou o tamborete e sugeriu:

OS FATOS constantes desta narrativa sucederam, realmente, ao seu autor, Irvin Ashkenazy, que, por óbvias razões, trocou os nomes de algumas das pessoas e localidades em apreço. Ashkenazy, conhecido há tempos como o «poeta-pugilista», atualmente escreve argumentos para programas radiofônicos e poemas que vêm sendo publicados em várias revistas norte-americanas de grande projeção nos Estados Unidos.

—Se está a caminho da universidade, posso levá-lo no meu carro. Vou pr'aqueles lados...

Aceitei. No calhambeque, quase tão antigo como o dono, ele me foi contando histórias sobre os gigantes do pugilismo de outrora. Desde 1910 dedicara-se a treinar boxadores e cuidar de seus interesses financeiros. Agora estava aposentado—«mais ou menos», segundo sua expressão—mas no momento ajudava um colega a procurar um peso-pesado capaz de enfrentar Billy Terry na noite seguinte, em Tampa, numa luta importante, de dez *rounds*. O que ia medir forças com Terry quebrara a mão na véspera, quando em treinamento.

Fez-se silêncio, e depois o velho quis saber:

—O seu nome o que é? Polaco?

Respondí-lhe que não era polaco; era hebraico. Saira direitinho do Gênesis...

Durante um tempo enorme, manteve os olhos pregados na estrada escura, sem dizer palavra. Era sempre a mesma história, pensei: a gente revela que é judeu, e fica esperando... esperando as portas fecharem-se sem ruido.

De repente ele disse, como de si para si:

—Quer saber duma coisa? Eu às vezes fico matutando que é que eu teria feito se tivesse nascido judeu.

Esse tipo de reação eu nunca havia experimentado. Sentí no coração um calor novo.

—Ora, retruquei,—teria sido igualzinho ao que foi.

Meu interlocutor sacudiu a cabeça.

—Qual nada! Se eu tivesse nascido judeu, teria sido obrigado a lutar muito mais para progredir. Teria que ser muito preparado, feito você. Assim talvez eu chegasse a ser alguma coisa.

A penumbra começava a ceder lugar à primeira luz pálida da manhã. Meio sem jeito, um tanto acanhado, disse ao velho que não era bem na cidade universitária que eu ia ficar. Pediria outra carona até Miami.

—Mas eu pensei que você fosse voltar para a escola...

Ia mesmo, mas antes tinha que receber uns cobres dum indivíduo chamado Willie. Acontece que um empresário me convidara a ir com ele e seu grupo de pugilistas fazer uma *tournée* de lutas, e o tal Willie era o encarregado dos pagamentos. No fim das viagens, Willie deu sumiço com 500 dólares que me cabiam. Ele costumava parar em Miami, e se não o achasse lá eu estava disposto a esperá-lo, lutando aquí e alí para manter-me.

—Ora, esqueça esse dinheiro, observou o velho de mau humor. —Faça de conta que o gastou nos estudos.

Expliquei-lhe que, se não embolsasse aquela quantia, jamais receberia meu diploma. Precisava pelo menos de 300 dólares para saldar minhas dívidas do ano passado e, assim, começar o novo ano.

Silêncio outra vez. Em seguida ele indagou:

—Com quem você lutou no verão?

Murmurei alguns nomes.

—Com esse pessoal? É tudo gente rija, uns Tarzans do box!

Esclarecí que o empresário da *tournée* me dera adversários de renome desde o início, criando em torno de mim uma aura de fama para efeito de publicidade.

—Que patife! balbuciou o velho. —Atirar um amador novato contra gente como essa! Você conseguiu aguentar até o fim com algum deles?

Tirei da carteira um maço de recortes de jornais, antigos e meio carcomidos. Querendo ler e guiar ao mesmo tempo, o velho quase provocou um desastre.

—Essa é boa! sussurrou. —E você venceu todos eles!

Passados uns instantes, acrescentou:

—Escute aquí: fique em Tampa que eu arranjo pra você enfrentar o Terry logo mais à noite. Assim você ganha seus 300!

A SENHORIA do velho—continuemos a chamá-lo assim—era uma mulherzinha de cabelos brancos que, ao vê-lo chegar, perguntou com um misto de tristeza e ansiedade:

—É *esse aí* que vai lutar com o Billy?

—É esse, sim, fez o velho bruscamente.

A senhoria me deu de comer e em seguida fui dormir no quarto dele.

Quando acordei, as janelas me mostraram que lá fora era noite. Junto à cama estava um homem baixo, troncudo, de olhos empapuçados, que com os dedos apalpava os músculos de minhas pernas. Percebí que entendia do riscado, e o velho explicou:

—Esse é J. D., meu treinador.

Aliás, vim a descobrir depois que o J. D. era tambem chofer de taxi.

Enquanto eu me vestia, fui contando ao velho que havia dois anos não tinha notícia do Terry. Fôra um lutador excelente. Que fizera nesse intervalo?

—Ele sujou o nome, foi a resposta, em tom amargo. —Esta luta de hoje é uma tentativa dele de voltar ao pugilismo. Mas a verdade é esta: ele vai procurar vencer porque ninguem lhe pagou pra se fingir de derrotado!

Quando lhe perguntei se Terry teria capacidade para lutar se de fato o quisesse, o velho balançou lentamente a cabeça:

—Se ele tivesse seguido meus conselhos, chegaria a campeão dos pesos-pesados...

Creio que me mostrei surpreso, pois o velho logo concluiu, com aspereza:

—Fui empresário do Terry há tempos.

O RUIDO crescente dos aplausos e vaias chegou até o vestiário.

—Acabaram as semifinais, observou J. D.

O velho, abraçando-me, anunciou:

—Esse rapaz sabe jogar box. O diabo é que faz todo o treinamento em *dancings* e bares. Se você o aguentar seis *rounds*, considere-se vencedor. Mas antes disso... cuidado! É um camarada sujo, dado a truques e manhas.

Quando me erguí ao sinal do gongo, Terry avançou pelo ringue num assalto concentrado, cujo objetivo era derrubar, pela surpresa e pela força bruta, minha defesa medíocre. Recuei, quase

agachado, e recebí tudo nos braços, nas luvas e nos ombros. Deixei que ele viesse, pulando ao redor. Quando chegou bem perto, embaracei-lhe os braços e sem contudo entrar em *clinch*, para que ele esperdiçasse energia em suas tentativas furiosas de esmurrar-me por dentro.

Terminado aquele ataque inicial, Terry percebera que eu não era nenhum amador, o que deve ter-lhe dado uma espécie de desespero, pois precisava muito vencer.

Súbito, irrompeu-me no cérebro uma explosão de estrelas, uma agonia que me cegou momentaneamente. Meu adversário me lançara o polegar bem no olho. Caí nas cordas, sem enxergar nada, e os socos esmagadores de Terry reverberavam até minha nuca, descendo até os rins. Conseguí cair em *clinch*. Terry, porem, desvencilhou-se batendo com a cabeça ferozmente em minha testa. Vi miríades de estrelas outra vez; mas nesse instante o gongo soou.

O velho protestou vigorosamente contra aquele *foul*, mas o juiz limitou-se a dar de ombros; não vira nada...

No segundo assalto, Terry já poupava sua resistência, que não era muito maior que a minha, e eu esperava que ela fosse acabando; assim, a luta perdeu muito de seu dinamismo. A assistência batia os pés, qual metrônomo gigantesco, vaiando, querendo fúria... De repente, Terry investiu contra mim, e sentí uma metralha de couro... Recuei outra vez, mas ele me «fechou», agarrando-me os cotovelos. Cara a cara, rosnou:

—Luta! Luta, seu judeu covarde!

E cuspiu-me no rosto.

Durante um segundo—uma fatia áspera do tempo—só pude olhá-lo, imovel. Em minhas reações emotivas durante as lutas, nunca eu sentira ódio. Medo, talvez. Ódio pessoal, porem, nunca. Mas dessa vez... Empurrei-o e ele foi parar do outro lado do ringue, nas cordas; estas o repeliram elasticamente, e eu me acerquei...

Daí a minutos, tive a sensação de estar flutuando numa nuvem, em pleno espaço. Lá longe, uma voz dizia: «Seis!» Ao ouví-la, percebí que aquilo não era nuvem nem nada: era chão, e chão duro... «Sete!» Quando disseram «Oito!» conseguí erguer-me sobre um joelho, e ao «Nove!» pus-me de pé. Cuspí os pedacinhos de dente esmigalhado e minha boca tremeu com a dor lancinante dum nervo exposto.

Terry avançou rápido, tentando o golpe final. Amortecí seu ataque, virando-me de tal modo, que ele acabou encostado nas cordas. Atirando contra ele todo o peso dos meus 100 quilos, arrastei-o selvagemente pelas cordas, sabendo que estas marcavam-lhe as costas como se fossem vergastas. Enquanto o juiz procurava apartar-nos, pisei-lhe os pés. Os socos que eu dava em Terry não tinham grande poder traumático, mas era meu pulso que o feria, e não as juntas dos dedos, e o cordão das luvas deixava uma cicatriz a cada golpe. Quando o juiz, afinal, conseguiu intrometer-se entre nós, aproveitei a distância e lancei um murro, mas de propósito não o atingí:

meu braço resvalou e o cotovelo «por acaso» alcançou Terry em plena face! Ele cambaleou e, vendo que eu novamente me aproximava, ergueu o joelho num *foul* evidente. A multidão prorrompeu em vaias estrondosas. Virei-me, porem, de maneira a receber na coxa a rótula dele; enquanto isso, minha esquerda foi parar com raiva na mandíbula de Terry. Caiu ao chão. Fui logo saindo pelas cordas, mal parando para ouvir o fim da contagem. Só me detive um instante, porque algo me chamou a atenção: o velho subira de repente ao ringue e, levantando Terry pelas axilas, arrastava-o até o seu canto.

Mais tarde eu e o velho fomos a um pequeno restaurante, e percebí que ele tinha um aspecto cansado. Deu-me um maço de notas: 300 dólares. Separei 75 dólares para entregar-lhe, mas ele me perguntou:

—Pra que é isso?

Expliquei que eram os 25% da praxe—a comissão do empresário. Rejeitou o dinheiro, protestando:

—Você não me deve nada não, meu filho.

Pouco depois comentei:

—Infelizmente fui obrigado a fazer luta suja. O senhor não viu como ele agiu?

O velho concordou com um gesto, sem me encarar de frente. E perguntou:

—Você tenciona se formar?

Respondí que sim, meio espantado com a interrogação.

—Faz muito bem. Forme-se, progrida!

J. D. apareceu correndo e me avisou:

—Se a gente não se apressa, perde o ônibus. O senhor não vai à estação conosco?

O velho não se mexeu. Afinal, com um suspiro, disse:

—Pra lhe dizer a verdade, estou meio pregado...

Apertei-lhe a mão, despedindo-me:

—Adeus, então... E muitíssimo obrigado.

Na estação dos ônibus, J.D. deu-me um aperto de mão.

—Não te incomodes, que o velho daquí a pouquinho está te arranjando mais dinheiro facil...

Lembrei-lhe que os 300 não haviam sido propriamente «dinheiro facil», mas em todo caso ganhara-os bem depressa. Nos olhos empapuçados de J. D. eu vi uma surpresa momentânea. Instantes depois, sorrindo tristemente, me disse:

—Ora, rapaz, comigo não precisa disfarçar não... Você ganhou foi 130 só, quer dizer, os 20% do que entrou na bilheteria. Eu vi a hora em que o velho recebeu os 130 do gerente.

Não tive tempo de interrogá-lo a respeito, pois o ônibus se pusera em movimento. J. D. fez-me embarcar precipitadamente.

No dia seguinte, escreví ao velho, perguntando se ele de fato desembolsara 170 dólares do seu próprio dinheiro, para completar os 300. Não me recordava do endereço da pensão e por isso enviei a carta aos cuidados do estádio. Escreví duas outras, mas o correio devolveu todas com a declara-

ção de que o destinatário não fôra encontrado.

Dalí a dois meses, recebí um telegrama de J. D. oferecendo-me uma luta importante em Tampa. Acedí. Foi esperar-me na estação e levou-me às pressas para um taxi.

—E o velho, como vai? fui logo perguntando.

Parou, tomado de surpresa.

—Ele morreu. Você não sabia?

Tive a impressão de que alguem me dera um pontapé no estômago.

Quis saber de detalhes, e ele os supriu:

—Foi na manhã seguinte à luta. A senhoria encontrou ele morto, estirado na cama. Apagou feito lâmpada gasta...

Calei-me, sem poder mesmo falar. Afinal, indaguei se o falecido não deixara família.

—Só o filho, disse J.D.

—Que filho?

J.D. encarou-me de súbito. Absorvendo, por assim dizer, minha expressão de pasmo, seus olhos refletiam algo de curioso, indefinivel, quando me respondeu:

—Você então não sabia? O Billy.

Todo o cuidado é pouco

AGORA que acabamos de montar nossa casa com gosto e elegância, é natural que minha mulher e eu queiramos proteger os nossos belos moveis. Não poupamos despesas para estofar a mobília da sala de visitas com o melhor material. E que prazer, poder conservar o estofo cobrindo-o com grossas capas!

Os abajures necessitam constante proteção, para conservarem a beleza original. Excusado dizer que até hoje não retiramos os envólucros de papel celofane com que vieram da loja. E, naturalmente, conservamos tambem as sobrecapas dos livros. Há pessoas que dizem que as encadernações existem para serem vistas e admiradas. Mas, para mim, essa é mais uma razão para mantê-las bem protegidas.

A nossa mesa de jogar cartas, com tampo de couro, tem selo de garantia da fábrica. Entretanto, pusemos-lhe, imediatamente, um forro. Como poderia o tampo de couro deixar de ressentir-se se fôssemos jogar em cima dele?

Depois que o soalho da sala de jantar foi encerado, atormentou-nos a dificuldade de conservá-lo convenientemente. Cobrimo-lo com um tapete, mas ficamos com o problema de proteger o tapete. Alem disso, como proteger a mesa de jantar? Finalmente, decidimos fazer nossas refeições na cozinha.

Agora, não sabemos o que fazer na cozinha. Duvido que, mesmo tirando os sapatos na porta, consigamos conservar indefinidamente o nosso belo linóleo.

—Scott Corbett, em *Better Homes & Gardens*

Quantos casamentos vão por água abaixo por causa de simples palavras irritadas!

A SEGUNDA PROMESSA DO CASAMENTO

Baseado no livro «Courtship and Marriage»*

Pelo Rev. John A. O'Brien
Professor de Filosofia da Universidade de Notre Dame

ÀS DUAS HORAS da manhã, alguem bateu à porta. Eu tinha então 23 anos de idade, fôra ordenado recentemente e estava só na reitoria. Aquele seria meu primeiro chamado para prestar assistência a um enfermo.

«Padre,» suplicou o homem a quem abrí a porta, «quer ter a bondade de acompanhar-me? Minha mulher diz que não quer mais saber de mim—e desta vez a coisa é séria!»

Durante a caminhada pelas ruas desertas ele confessou-se culpado: «Tenho muito mau gênio. Digo coisas que magoam e ferem. Brigamos, então, como cão e gato. Embora,» ajuntou ele reflexivamente, «nós nos queiramos bem.»

Passei uma hora a rogar à irritada esposa que desse a seu marido mais uma oportunidade. Teimosamente, ela insistia em responder com a cabeça que não, quando me ocorreu evocar o dia de seu casamento; o voto que haviam feito ambos de se receberem e de velarem um pelo outro «tanto na dor como na alegria...» Quando percebí que seu olhar se amansava, recordei-lhe o ensinamento do Mestre: perdoar como esperamos ser perdoados.

Às 3 e 30 da madrugada os dois se ajoelharam, ergueram a mão direita e pronunciaram este voto: «*Prometo solenemente que, em nenhuma ocasião, dirigirei palavras duras, de ameaça ou de raiva a minha esposa... a meu marido. Assim me ajude Deus!*»

Esse momento de oração e de promessa foi, na realidade, o ponto de partida de uma vida nova. Restaurado o sentimento de consagração do dia do casamento, eles souberam conservá-lo até o fim. Esta cena, ocorrida há 33

*Copyright 1949 de John A. O'Brien. Ed.: St. Anthony Guild Press, Paterson 3, N. J.

anos, está viva em minha memória como se tivesse acontecido ontem. A percepção que ela me deu de uma das mais funestas e menos necessárias causas de fracasso do casamento, aprofundou-se e confirmou-se com o tempo.

Desde então celebrei centenas de casamentos, e em cada um deles disse aos cônjuges em seguida à cerimônia matrimonial: «Acabastes de pronunciar o voto de fidelidade. Há outra promessa que é quase tão importante para a salvaguarda de vossa felicidade. Prometei reciprocamente que jamais falareis com dureza um ao outro. Agora, neste momento sagrado, mal podeis conceber a possibilidade de surgirem divergências entre vós. Elas, porem, surgirão, porque sois humanos. Todavia não há desentendimento, pouco importa quão sério, que não possa ser resolvido se o analisardes com sincero desejo de mútua compreensão.»

Peço-lhes então que repitam as mesmas palavras pronunciadas pelo casal que visitei naquele meu primeiro chamado «para assistir um enfermo», e, embora pareça isto extraordinário, jamais soube que qualquer destes casamentos tenha ido por água abaixo.

É claro que uma simples resolução não é panacéia para casais infelizes: não há elixir mágico para as enfermidades do coração. Mas todos os recem-casados precisam ter à mão um recurso mediante o qual possam preservar a beleza e o esplendor do amor, em meio às realidades da vida. Poucos sabem que as palavras ásperas, mais do que os gestos bruscos, são como o cupim que pode minar alicerces. Quando uma palavra áspera provoca discórdia, cada um dos dois se encontra logo na necessidade de defender sua posição. Está em jogo um «princípio», pensam eles; mas na realidade não se trata senão de vaidade e orgulho. A paz, que com um simples e amavel pedido de desculpa podia ter sido logo restaurada, torna-se extremamente dificil.

Objetarão os cépticos que se alguns podem aprender a dominar-se, outros são demasiado geniosos; explodem antes de haverem tido tempo de pensar e então o mal está feito. É, naturalmente, mais dificil para os impulsivos cumprir o voto; mesmo, porem, os de ânimo irreprimivel, uma vez convencidos dos danos permanentes que podem ser causados por uma palavra malévola, passam a ser cuidadosos.

Quando por aí se diz que aqueles a quem eu caso não se separam, há quem retruque que isto acontece porque o Catolicismo proibe o divórcio. Mas a Igreja não proibe a separação; não é o divórcio que tenho de combater, senão a quebra da vida conjugal, a destruição do lar.

—Padre, disse-me recentemente um jovem, —quer ajudar-nos, a mim e a Florrie, a fazermos as pazes, antes que nosso casamento se perca?

—Como foi que isso começou?

—Eu critiquei a comida que ela prepara... fiz comparação com a de minha mãe.

—Não acha que sua mãe devia, naturalmente, ter mais experiência do que Florrie?

—Sei disso, padre, concordou Joe. —Se eu não tivesse perdido as estribeiras, teria pedido desculpas.

Quando fui falar a Florrie, na casa dos pais dela, encontrei-a tambem sentindo-se muito infeliz. Todavia, de tamanha mistura de amor e teimosia e orgulho são feitos os mortais, que ela estava decidida a não voltar para casa se Joe «não lhe suplicasse de joelhos.» Como todos nós odiamos fazer o primeiro gesto conciliatório! Eu a conduzí a terreno neutro, até o carro em que Joe nos esperava. Antes de deixá-los, fí-los se ajoelharem e prometerem solenemente que jamais, no futuro, falariam asperamente um com o outro —e posso afirmar que tambem para eles, acabou a infelicidade.

Há quem pense que uma explosão de cólera seja alívio benéfico para o corpo e para a alma. É, de fato, venenoso engulir ressentimentos e depois deixar que eles fermentem em silêncio. Mas podemos libertar-nos deles sem rebenter como um vulcão.

Afirmam os psiquiatras que é salutar o desabafar-se a gente com alguem que escute com amistosa simpatia. Esse desafogo restaura a paz de espírito e faz-nos encarar normalmente os fatos. Desgosto compartilhado é desgosto dividido a meias; desgosto recalcado é desgosto dobrado. Mas com quem pode a esposa magoada falar? Com seu marido! Juntos, devem examinar a situação.

O que o coração deseja não é explodir, mas aliviar-se; e o meio sadio de conseguir alívio é, para o queixoso, explicar com clareza ao outro por que se sente vítima de ofensa ou injustiça. As sugestões feitas com boas maneiras são geralmente tomadas em consideração. Mas quando gritadas com raiva, assanham ressentimentos. Entra então em cena a teimosia. As palavras mais dificeis de pronunciar em todas as línguas são: «Foi minha culpa... Sinto muito... Por favor, perdoe-me.»

O melhor meio de resolver tais situações é evitar que elas se desenvolvam. Quando não extirpada no começo, a tendência para as rixas pode tornar-se crônica. Ao prestar depoimento perante um tribunal de divórcios, em Los Ângeles, certa senhora disse que seu marido se enfurecera por não ter ela limpado uma pequena mancha na parede.

«Ele me disse, repetidamente, que eu era má dona de casa porque não havia limpado a mancha. Depois, um dia, ele próprio resolveu limpar a mancha com água e sabão. Esfregou-a; mas ao invés de desaparecer, a mancha aumentava cada vez mais—e ele ficava cada vez mais furioso. Pus-me a observá-lo e parece que isto o irritou ainda mais. Finalmente, pôs-se a berrar colérico e deu-me um soco em pleno rosto.»

Essa maldita mancha da parede é como que um símbolo da palavra áspera que pode causar desentendimento e animosidade sempre crescentes.

Já lá se vai muito tempo, um sábio mestre escreveu: «Em verdade, a minúscula língua é capaz de grandes coisas. Notai como a pequena chama pode fazer arder a grande floresta... O homem que não ofende com palavras —eis aí o homem perfeito.»

Culto às flores, alegria da China

(Condensado de «Atlantic Harvest»)

Por Nora Waln

Os usos e costumes diferem, mas todos os povos têm em comum o amor às flores.
—Provérbio chinês

NA PROVÍNCIA de Hopei, lá no norte, passara o tempo dos aguaceiros, e dessa vez não chovera. Fazia três dias que viajávamos sobre planícies, vales e colinas, e nada víramos de verde a não ser nos lotes irrigados, perto das aldeias.

A vetusta trilha calçada de pedras subia por uma faixa estreita em plena escarpa. Esperamos em baixo até que acabasse de descer uma fila de cules carregados: os fardos que levavam às costas erguiam-se acima de suas cabeças. No entanto, mau grado o peso, o que puxava a dianteira inclinou-se subitamente até à beirada do precipício e os outros o seguiram pelo mesmo caminho.

Terminada que foi a passagem deles, iniciamos nossa escalada. À minha frente ia meu cule carregador. Ao chegar àquele ponto em que os outros desviaram o rumo, vi que ele esvaziava

---

NORA WALN é filha de uma família de *quakers* de Filadélfia que há mais de um século vem negociando e entabolando correspondência com a família Lin, de Cantão. Foi visitá-la, e lá se deixou ficar durante muitos anos, passando a maior parte de seu tempo na «Casa do Exílio» construida há séculos no longínquo Hopei, por um Lin, cujo casamento desagradara ao pai.

num barranco as últimas gotas de seu cantil. Lá em baixo, perdida no pó entre as pedras, uma rosa agreste nascera e vicejara—que flor perfeita, que belos matizes e que fragrância esplêndida! Disse o meu cule: «É de coisas assim que deriva nossa fortaleza de espírito.»

ESTÁVAMOS na província de Kwangtung. O templo, imundo, dava mostras de abandono. Caçoei com o abade a propósito da poeira no rosto de Buda. Não me respondeu logo. Levou-me por um corredor estreito e sem luz, abriu uma porta e fez-me sinal para que entrasse. Encontrei-me então num minúsculo jardim à beira de um barranco. No humo pujante e muitas vezes cultivado, não havia grama inutil nem ervas daninhas. Para impedir que a terra descesse pelo declive, levando consigo o jardim, construira-se na orla um muro baixo com pedras cuidadosamente colocadas.

Naquele jardim, o abade falou: «O que se acha em um altar nada mais é que símbolo da religião . . . é numa flor que se revela o coração de Deus.»

Não tive resposta. A meus pés cresciam lírios brancos e esbeltos, e em cada um deles brilhava um coração de ouro. Por cima de minha cabeça floresciam as magnólias.

Retirando cautelosamente um punhado de amores-perfeitos com uma pequena pá, o abade plantou-os num vaso de barro. «Leve-os para casa,» disse. «Se busca sinceramente a verdade, há-de encontrá-la no convívio de uma flor.»

MINHA criada, chamada Calva III, bufava de raiva. Imagine-se que um mendigo imundo armara uma barraca improvisada de encontro à parede de nossa casa em Nanquim, e lá se refestelara para morar, bem junto ao portão que dava passagem do jardim ao atalho na colina. Ele não podia ficar, anunciou a empregada; ora, cada vez que soprasse uma brisa não se sabe que horriveis doenças seriam levadas para dentro de casa. Era até provavel que a Menina Pequena morresse de cólera!

Calva III saiu, disposta a repelir o indesejavel. Fui descobrí-la mais tarde, sentada no chão do quarto de costura, a pregar a bainha de um lençol, ocupação a que se entregava para acalmar-se quando muito agitada.

—O mendigo foi embora? indaguei.

—Ah! Então venceu você na discussão? prosseguí, provocando-a.

—Nem falei com ele, explicou. —Ele tem uma muda de jasmim crescendo num pote quebrado, que colocou no lugar mais abrigado daquela barraca miseravel. O chá era pouco, mas o que havia ele o compartilhava com a flor. Um homem desses não há-de fazer mal a ninguem. A gente às vezes se preocupa demais com a saude do corpo, e esquece a saude do espírito. Mandei que lhe dessem um pouco de arroz e peixe.

O AMOR dos chineses às flores tem sido recompensado pela perícia que adquiriram no seu cultivo—perícia que chega às raias do gênio. Cultivam-nas com mimos e cuidados extremos.

As gerações transmitem umas às outras um rico cabedal de conhecimentos e de sensatez com relação aos caprichos e exigências das diferentes plantas; e há entre eles, igualmente, um manancial enorme de escritos sobre jardinagem, baseados nas observações de muitos séculos. Na biblioteca da Casa do Exílio há 40 livros, todos tidos como clássicos, somente sobre a cultura dos crisântemos; e outros tantos com referência às árvores anãs.

Os chineses não gostam de colher suas flores, e raramente o fazem. Quando as exibem em alguma exposição ou feira, deixam-nas ficar em vasos ou mesmo plantam-nas em canteiros.

No tempo de calor, protegem as plantas levando-as aos pontos mais frescos da propriedade; e defendem do sol, por meio de empanadas, as árvores em florescência, as videiras e as flores. Já tive ocasião de ver, em pleno verão e com o sol a pino, esta admiravel gente abanando com um leque alguma florzinha moribunda. No inverno, conservam as plantas em abrigos de papel, com as raizes enfiadas em humo que se mantem a certa temperatura por meio de ar quente que circula em canos subterrâneos aquecidos a carvão.

Esses abrigos constroem-se hoje seguindo-se à risca um decreto de um dos governantes de Wei, que viveu há mais de dois milênios. Este ordenou que fossem desenhados com tal simplicidade, que pudessem ser feitos até pelos mais pobres e menos ilustrados entre seus súditos. Nas temperaturas extremas, os floristas envolvem os botões em saquinhos individuais de papel com pequenos orifícios que servem de respiradouros.

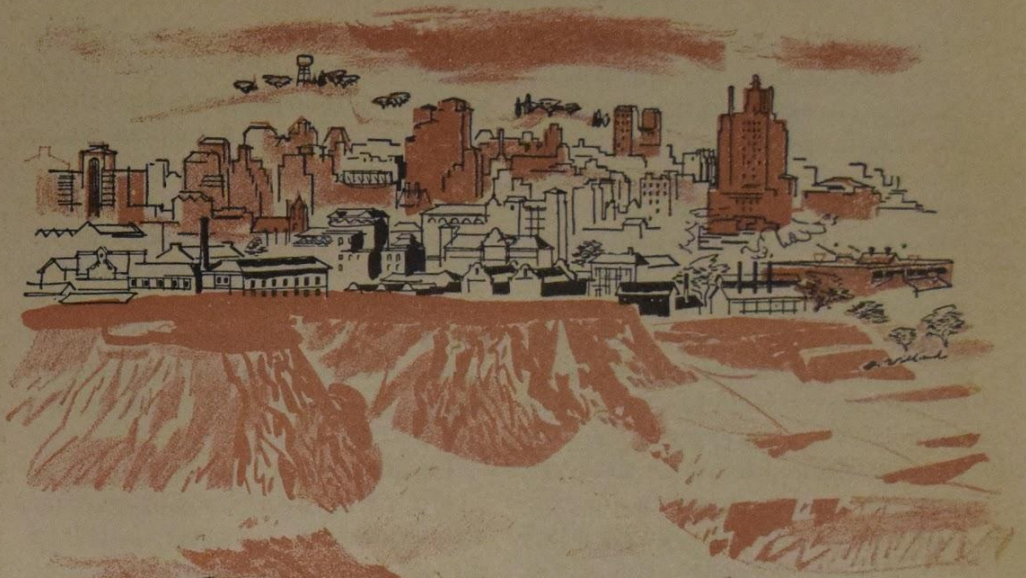
Embora tenham um trabalho insano para cultivar suas plantas com perfeição, eles as vendem por preços espantosamente baixos. Um deles declarou-me, certa vez, que as flores são necessárias a um coração refinado; e se houver um país em que seu alto preço faça delas objetos de luxo, essa terra ainda não terá aprendido nem os mais corriqueiros rudimentos de civilização.

SEM SABER bem onde estava, ia pedir a um guarda civil que me indicasse o caminho. Vi, porem, que ele estava ocupado, e decidí esperar, encostando o automovel ao meio-fio. Empregando o bule de chá como se fosse regador, borrifava água sobre os pés de flox que arrumara em torno do seu posto naquela rua moderna, pavimentada a concreto.

Ao terminar, deu-me a informação de que eu precisava. Antes, porem, de mandar-me prosseguir, disse: «Não há um dia em que as flores deixem de abençoar a China com sua formosura e seu encanto. No resto do mundo é assim tambem?»

O AMOR não consiste em conservar os olhos fitos um no outro, mas em olharem ambos para o futuro, na mesma direção.

—Antoine de Saint Exupéry



Ouro e suor em Durban

(Condensado de «Harper's Magazine»)

Por Martin Flavin

Autor do romance «Journey in the Dark», prêmio Pulitzer

ERAM 7 e 45 da manhã quando Mr. Brooks me veio buscar no hotel em Johannesburgo, para me levar a uma mina de ouro. Johannesburgo é uma ilha urbana na plena e triste vastidão sul-africana: cidade de quase um milhão de habitantes, dos quais cerca de metade são negros. É uma cidade tipicamente mineira, tendo como centro um horrendo bairro comercial, congestionado, rodeado de uma franja de atraentes subúrbios, tudo isso circunscrito, mas a respeitavel distância, por um anel de bairros de miséria a mais desoladora que eu já vi. Seguem-se depois os depósitos de entulho das minas—pirâmides de pedra pulverizada, côr de oca, que não deixam de ter sua beleza, embora fria, mas certamente impressionante em contraste com o azul carregado do céu.

«O ouro está onde a gente o encontra»—neste caso, num inferno da África do Sul, a mais de dois mil metros de profundidade...

A verdadeira riqueza da África do Sul não são os diamantes, mas o ouro, que está para aqueles na proporção de 10:1. Perto de 300 mil trabalhadores indígenas se empregam nas minas do

metal amarelo—por via de contrato com a duração média de 14 meses, renovaveis, claro está, e quase sempre renovados. A mão de obra é largamente recrutada nas Reservas da população indígena, que cobrem talvez um oitavo da superfície total do país. Os negros constituem quatro quintos da população. As Reservas não têm recursos para sustentá-los, nem mesmo em um regime de subsistência mínima, e os desgraçados vêem-se diante deste dilema: ou sair das Reservas, ou morrer lentamente a fome. Os sindicatos operários e a Lei vedam-lhes o exercício de quaisquer funções qualificadas. Dessa maneira, não falta mão de obra a baixo preço, para a agricultura, para as minas, e para toda sorte de serviço humilde. Isso explica os bairros de miséria pavorosa. E a doença, e a criminalidade. E tambem, a extração anual de ouro no valor de 400 milhões de dólares.

O CARRO levou-nos para fora da cidade, e rodamos finalmente em uma estrada ampla, ladeada pelos vazadouros das minas e, a distância, pelas zonas de moradia dos nativos: Sophiatown, esquálida favela de 60 mil almas—habitações de 4 cômodos albergando uma família em cada peça, com uma só torneira de água para todos, no pátio, e com um balde servindo de privada. Mais longe ainda, avista-se Meroka, acampamento pestilento de 60 mil pobres sitiantes, em uma espécie de terra-de-ninguem; abrigos feitos de rebotalhos de toda espécie: latas velhas, trapos, sacos e pedaços de tábuas podres. Não esqueçamos que, nesse elevado platô africano, o frio é por vezes de rachar, e a chuva dura com frequência muitos dias.

A nossa caravana chegou por fim aos esmerados edifícios de tijolo onde estão instalados os escritórios da Durban Roodepoort Deep, uma das minas realmente profundas da região—2.700 metros. Estão empregados alí 10 mil homens, que moram em dois agrupamentos de casas.

Levaram-nos a uma espécie de telheiro, onde envergamos os macacões e colocamos os capacetes na cabeça. Brooks veio correndo, para nos anunciar que nos esperava alguma coisa que raramente os visitantes tinham a sorte de ver: a fundição de lingotes de ouro. Ao entrar na fundição, vi os operários, negros, nus da cintura para cima, munidos de grossas luvas de amianto, e de palas nos olhos, retirando um tijolo de ouro maciço do interior de uma pequena fornalha. O lingote vinha metido no seu molde, parecido com uma forma de pão, e tiraram-no do forno com uma pá semelhante à de padeiro. Fizeram-no esfriar rapidamente, e o despejaram no chão de terra batida, onde outros lingotes de ouro jaziam, frios e negros, como se fossem tijolos sem valor.

Formamos uma roda, cheios de assombro e respeito, e um superintendente anunciou: «Esse ouro vale 400 mil dólares!» Alguem observou que parecia coisa facil agarrar um lingote e fugir com ele: «Ora, apanhe um e experimente,» respondeu o funcionário.

O lingote, de uns 27 quilos, era demasiado pequeno para o seu peso—ou demasiado pesado para o seu tamanho... Em todo caso, não havia jeito de uma pessoa o agarrar facilmente.

Um empregado branco me perguntou de onde é que eu vinha e eu lhe disse que era da América. Ele riu-se: «Vocês, americanos, compram todo o nosso ouro. Nós o extraimos da terra, e ouví dizer que vocês o tornam a enterrar em um lugar qualquer, acho que se chama Kentucky...»

«É mesmo,» respondí.

«Parece uma bobagem. Então não seria mais simples deixá-lo ficar enterrado aquí?» O homem calou-se, raspou a superfície de um lingote de ouro com a escova de arame, e acrescentou: «Para se extrair e fundir um desses tijolos, são necessárias cinco mil toneladas de rocha. Isso representa muito trabalho e muito suor.» Perguntei-lhe o que é que os negros pensavam disso, e ele respondeu não acreditar que os africanos jamais tivessem ouvido falar do assunto: «Mas, quando ouvirem, acho que vão rebentar de tanto rir...» concluiu ele.

Andamos uma curta distância até a barraca do ascensor, onde nos muniram de baterias elétricas para as lâmpadas dos capacetes; alguns nativos nos trouxeram pesados capotes. Ante a nossa surpresa, «Vão precisar deles,» disse-nos o guia. «Lá em baixo faz muito calor, e os senhores vão sentir um frio danado quando estiverem voltando para a superfície.» Vimos então subir a gaiola com grande barulho. Metemo-nos dentro dela, apertados como sardinhas, e baixamos ao poço—1.500 metros de descida sem uma pausa.

Encontramo-nos em uma espaçosa caverna iluminada a eletricidade, onde havia trilhos que corriam ao longo de um dos lados até desaparecer nas galerias escavadas na rocha. Não se viam sinais de grande atividade; nem, a dizer a verdade, encontramos atividade digna de nota em qualquer dos pontos aonde nos levaram. Custava crer que naquela mina trabalhassem quatro mil homens!

Ouviu-se um ruido surdo, vimos brilhar frouxamente as lâmpadas dos capacetes, e surgiu um trem na caverna: vagonetes de báscula, cheios de pedregulhos e empurrados a mão cada um por dois trabalhadores—rapazes nus da cintura para cima, troncos reluzentes de suor, e o branco dos olhos branco que nem barriga de peixe. Ao passarem por nós, arrastando pesadamente os pés, não vinham conversando nem troçando, nem praguejando ou lamentando-se: vinham silenciosos

e impassiveis, tristes; como bois de charrua, que não sabem o que estão fazendo nem a razão por que o fazem, e se sentem pouco à vontade, embaraçados sob o desconforto de uma tarefa contrária à natureza e, não obstante, doceis e resignados. Tal era a expressão que se lia nos olhos da maioria daqueles negros, na mina e onde quer que os víssemos a serviço dos brancos: distribuindo coquetéis num *party*, ou labutando na estiva das docas da Cidade do Cabo—doceis e resignados, tristes e como que estranhos ao ambiente.

O ar da mina estava quente e viciado a ponto de causar tontura. Era como se nos houvessem enrolado na cabeça um cobertor úmido e pegajoso. Meu macacão ficou logo ensopado de suor e água condensada da atmosfera. Acendemos as lâmpadas dos capacetes, e nos embrenhamos pelo tunel. A água pingava do teto e escorria pelas paredes, que pareciam de granito e não estavam solidamente escoradas. Por todos os lados ouvíamos o gotejar monótono e obsessivo.

«Quanto é que se paga aquí aos naturais?» inquirí. «Dois xelins por dia,» respondeu o guia. «E, está claro, casa e comida.»

«E qual é o salário mínimo para os brancos que trabalham na mina?» O homem indicou um número que andava por onze vezes o salário dos negros. «Mas o trabalhador branco tem que pagar sua própria casa e alimentação,» corrigiu Brooks. «O negro está muito melhor sob vários pontos de vista, sem contar que tem assistência médica e tudo o mais que precisa!» Se o negro aguentasse no trabalho os 14 meses do contrato, e economizasse, sairia dalí no fim com 44 libras no bolso! «É muito dinheiro para um negro,» concluiu ele.

Continuamos avançando com dificuldade, tunel afora, até o ponto onde ele se alargava de novo em uma caverna. Encontramos alí uma espécie de caique, empinado sobre a proa, quase na vertical. O guia explicou: «Isto é um plano inclinado.» Para descer àquele poço, escavado obliquamente, empregam-se uns botes de ferro que deslizam sobre trilhos e se parecem na realidade com assadeiras, munidas de tampas que se aferrolham. Como não havia bancos, sentamos no chão. As tampas se fecharam com estrondo, e lá nos fomos poço abaixo—até parecia que estávamos metidos num caixão de defunto, escorregando em uma montanha russa!

Quando a tampa se tornou a abrir com estrépito, achamo-nos em outra caverna, a 1.800 metros de profundidade, mais quente e mais úmida ainda do que a primeira. Pulamos de nosso «caixão», e fomo-nos arrastando por um tunel que parecia deserto, até que por fim nos chegou aos ouvidos o trepidar abafado de uma broca de ar comprimido—rumor que quase nos pareceu hospitaleiro no lúgubre silêncio daquela catacumba. Dobramos uma esquina, e deparamos com dois negros e um capataz. O homem da broca andava abrindo um furo no teto; a sua pele, naturalmente de azeviche, estava toda cinzenta de suor

empastado em pó de pedra. Era um moço zulú, na plenitude da força física, descendente de uma raça orgulhosa e aguerrida. De pé, agarrando a broca, cujo peso o forçava a dobrar os joelhos, pousou em nós o mesmo olhar inexpressivo e baço dos seus irmãos de raça—triste e alheio.

Continuamos a andar até outra caverna, onde encontramos uma gaiola à nossa espera. As grades de ferro fecharam-se com estrondo, e lá descemos de novo, mais 450 metros. Estávamos agora a 2.250 metros de profundidade! E ao fim da jornada só nos esperava outra caverna gotejante, mais úmida e mais quente do que a anterior. A atmosfera era tão espessa, que quase se podia nadar—se nos restassem forças para tentá-lo.

—O trabalho é um bocado duro, cá nesta profundidade, observou o guia. —Mas «o ouro está onde a gente o encontra...»

—Vamos ver se estou entendendo isso direito, disse eu. —O senhor quer me dizer que esses homens trabalham a esta profundidade por 2 xelins diários, sem que ninguem os obrigue?

—São nativos, disse o homem. —E o emprego não é compulsório.

—E depois, oito horas não é assim tanto tempo! comentou Brooks para animar a conversa.

Mas um minuto alí era demasiado longo; uma hora, um pesadelo; e oito horas, qualquer coisa que vai alem da imaginação!

Entramos em seguida em uma câmara de dimensões regulares onde, finalmente, achamos sinais de vida: uns vinte naturais trabalhavam alí com pás e picaretas. A atenção dos turistas concentrou-se em alguma coisa que o guia-chefe nos estava indicando na parede, com o foco da sua lâmpada de bolso—um veio de côr esverdinhada, pouco mais largo do que a minha mão: era alí que o ouro se ocultava. Parecia incrivel que alguem pudesse perseguir aquele veio pela terra a dentro—como quem se lembrasse de seguir um vaso capilar através do corpanzil de um elefante!

—Está aí, disse o guia. —É isso o que nós procuramos. E para o conseguir é preciso arrancar montanhas de rocha.

VOLTAMOS à superfície em dois pulos, na vertical; nada de planos inclinados. Depois de nos lavarmos e mudarmos de roupa, fomos conduzidos no carro ao grupo das residências dos trabalhadores indígenas. Teria mais ou menos um hectare de extensão, e era orlado de pequenas casas de tijolo, semelhantes a caixões enfileirados.

Dirigimo-nos para a porta aberta de uma dessas casinholas, e entramos: consistia em um só compartimento de uns 5 x 5 m mais ou menos. Diante da porta via-se um pequeno fogão. O resto do quarto estava ocupado por tarimbas de madeira, sobrepostas até o teto. Contei 24, mas era dificil enxergar na penumbra, e posso ter-me enganado. O interior era limpo e tão bem arrumado, que me fez pensar em uma caserna. Os moradores estavam em casa, alguns deitados, outros sentados nas tarimbas, e outros ainda de

pé, como recrutas bisonhos na presença dum oficial, na incômoda posição de sentido, sem saberem bem o que fazer.

Informaram-nos de que havia alí um campo de futebol e criquete, onde as equipes indígenas jogavam suas partidas; de que, uma vez ou outra se exibia uma fita de cinema, embora os assuntos tivessem que ser escolhidos com muito critério, pois que a maioria das películas estão muito acima da compreensão dos negros. Disseram-nos que havia tambem um hospital com dois médicos brancos de serviço. Levaram-nos a um escritório onde se encontrava o fichario relativo aos trabalhadores—fichas grandes, com as impressões digitais, a história pessoal de cada um e o registro completo das faltas em que qualquer deles houvesse incorrido.

Não resistí ao desejo de fazer uma pergunta:

—Como é que estes homens podem passar sem as suas mulheres, sendo a maioria deles moços e vigorosos?

O guia hesitou, e em seguida explicou com indiferença que «passavam perfeitamente». Alguma coisa havia, porem, no tom de sua voz, que me dissuadiu de insistir.

Acompanhou-me depois até o automovel um ministro da igreja anglicana que tomara parte na nossa excursão e era chefe de uma missão nos bairros miseraveis de Sophiatown.

—Sou capaz de apostar, disse ele, —que nestas redondezas não há uma moça negra que não tenha um bebê, ou não esteja em vésperas de tê-lo... Quanto aos alojamentos, são autênticos alfobres de perversões de toda a ordem. Estas condições só se toleram porque os infelizes têm a pele escura. Mas,—e o pastor sorriu—está claro que para os senhores, americanos, esta questão não é novidade nenhuma. Os Estados Unidos tambem têm o seu problema de raças...

—É mesmo, disse eu. —Temos lá esse problema. Ou pelo menos assim me parecia... antes de eu ter visitado a África.

Clínico exemplar

O VELHO médico nunca se recusara a atender a um chamado—de rico ou de pobre—mas, naquela noite, estava exhausto.

—O senhor tem algum dinheiro? perguntou ao paciente que o despertara no meio da noite.

—Claro que tenho.

—Nesse caso, chame o novo médico. Já estou velho demais para sair da cama e ir ver clientes que podem pagar a visita.

—Marie Brandt

O reitor de uma universidade resolve, com uma idéia original, o problema de alojamento

Eles mesmos fazê-lo? Impossivel!

(Condensado de «The Kiwanis Magazine») *Por Stanley High*

«TALVEZ nestes 10 hectares,» disse Sam Marble, jovem reitor do Wilmington College, «possamos lançar um projeto que demonstrará o grau de vitalidade dos princípios que serviram de base a esta escola.»

Nessa universidade de Ohio, fundada há 78 anos e onde havia estudantes morando em barracas, *trailers*, barracões e sotãos, um novo dormitório para rapazes tornara-se imprescindivel. Quando Marble comentou com um grupo de colegas reitores que em vez de arrecadar dinheiro para construir o dormitório da universidade, ele iria deixar a construção a cargo dos próprios estudantes, estes comentaram: «Impossivel! Nós não temos poderes nem sequer para *contratá-los* para trabalhar.»

No dia 13 de abril de 1948, Marble lançou o projeto «impossivel» numa gigantesca reunião de seus 600 estudantes. Mostrou-lhes uma planta do dormitório, bastante grande para que todos a vissem, dizendo-lhes:

—Aquí está. É um prédio de estilo colonial, com cinco alas, a ser construido com blocos de concreto, com fachada de tijolos vermelhos. Alojará 80 rapazes. Cada ala representa 5.400 homens-horas de trabalho, isto é, um dia de trabalho pesado para cada estudante—moça ou rapaz—por ala. Se a vontade de terem o edifício for grande, vocês o terão. Quem quer contribuir com um dia de trabalho?

O grupo inteiro de estudantes levantou-se como um só homem.

—Vocês já construiram a primeira ala, disse Marble.—Quantos darão outro dia de trabalho para a segunda?

Novamente a resposta foi unânime. E antes que Marble passasse para a ala número três, Bill Hilgeman, um rapaz ruivo, ex-marinheiro, zagueiro da equipe de futebol da universidade, tomou a palavra.

—Vou contribuir com 50 horas de trabalho. Que tal?

A assembléia em peso—estudantes e professores—foi à mesa assinar o compromisso. Muitos ofereceram também 50 horas de trabalho e alguns até cem.

—Vocês acabam de oferecer trabalho no valor de 45 mil dólares, disse o dr. Marble, depois de fazer a soma.

—O dormitório está garantido.

—Quando começamos? perguntou alguem.

—Agora mesmo, disse Marble.

O terreno para o novo prédio foi medido e estaqueado pelo professor de física. Um comerciante de Wilmington, com experiência em construção, arrecadou todas as pás disponiveis na cidade. Choveu o dia inteiro, mas ao anoitecer a maior parte das excavações tinha sido feita a mão.

Dalí a menos de um ano, as paredes do primeiro andar estavam quase prontas. A inauguração do dormitório está projetada para o início do ano letivo, no outono próximo. O «impossivel» já é quase realidade.

Trabalhando antes e depois das aulas, em feriados e fins de semanas, estudantes e professores já doaram quase dez mil horas de trabalho. Como a maioria dos alunos de Wilmington tem que trabalhar para custear as próprias despesas, no todo ou em parte, alguns dispõem de pouco tempo para dedicar à construção; mas o rol de membros do «Clube da Centena de Horas» é longo e está sempre aumentando. Alguns estudantes já ultrapassaram o marco das 200 horas, e vários professores dele se aproximam. O próprio dr. Marble já completou uma centena.

«Tanto em religião quanto em filosofia,» disse o professor de filosofia, dr. Jesse Stanfield, «encontramos referências a cooperação. Aquí, trabalhando arduamente, ombro a ombro, em vez de simplesmente falar sobre cooperação, nós a estamos praticando.

Muitos estudantes, melhor habilitados para trabalhos mais leves, comprometeram-se para quando a construção chegasse à fase do madeiramento e da instalação elétrica. Tornando-se, em pouco tempo, peritas em misturar e espalhar argamassa e em rejuntamento, as moças já acumularam maior soma de horas que os rapazes. «Claro que é trabalho pesado,» disse Elizabeth Little, que com 175 horas de trabalho bate o recorde entre as estudantes, «e o dormitório não é para nós, moças. Mas é para o bem da universidade, o que quer dizer para o bem de todos nós.» As moças esperam assumir parte ainda maior do trabalho na primavera e verão próximos, quando chegar a vez de pintar, fazer o acabamento, assentar o chão de asfalto.

Conforme esperava o dr. Marble, a idéia transpôs os muros da universidade. O presidente do conselho administrativo da universidade emprestou um misturador de cimento «pelo tempo que for preciso». Um pedreiro da localidade tomou a si o encargo de dirigir o assentamento dos blocos de concreto. Uma firma construtora ofereceu uma turma de operários para ajudar a levantar a cumeeira. Um eletricista ofereceu-se para superintender a instalação dos fios elétricos, e a companhia de luz e força da cidade está fornecendo energia elétrica de graça, afim de iluminar o local no trabalho noturno. Operários de fábricas locais têm trabalhado ao lado de estudantes e professores, e várias outras universidades têm enviado delegações de colaboradores.

«Quer o senhor dizer,» perguntou um fabricante de material de construção, «que nesta época em que todo o mundo pede auxílio, estes jovens estão dispostos a ajudarem-se a si próprios?» Uma vez convencido da realidade, sua firma ofereceu as telhas e os ladrilhos necessários à construção. «Os estudantes estão fazendo tudo isso por si mesmos e sem remuneração alguma?» perguntou um fabricante de luvas. E doou 300 pares de luvas industriais, forradas de couro. A maior parte dos blocos de concreto foi doada por um construtor local. A U.S. Steel Corporation contribuiu com o cimento.

O dr. Marble cita Emerson: «A educação deveria ser parte palavras, parte adoração e parte trabalho.» E acrescenta: «Nossas universidades têm trabalhado magnificamente com palavras; algumas sairam-se bem na parte de adoração. Mas o trabalho da espécie que Emerson tinha em mente fôra posto de lado. Não será isto, talvez, um de nossos erros? Seja como for, estamos obtendo agora mais do que um novo prédio. Estamos estabelecendo melhor ligação entre a educação e a vida. E temos outros planos para quando este projeto estiver terminado.»

Os professores dizem que o moral da Universidade melhorou cem por cento. «Isto me custou 40 dólares,» disse um estudante, ainda macilento de seu trabalho noturno na construção. «Eu já havia pago minha taxa de transferência para outra universidade, mas não quis perder esta bela ocasião—preferí perder o dinheiro.» «Pela primeira vez» declarou outro, «sinto que realmente faço parte de alguma coisa importante.»

Um professor, a princípio temeroso de que tanto trabalho extra-curricular prejudicasse seriamente os estudos, disse-me que se verifica exatamente o oposto: com poucas exceções, os estudantes com maior número de horas aplicadas à obra são os que estão produzindo mais em trabalho escolar. «Parecem estar adquirindo o hábito de trabalhar arduamente,» diz ele.

Não é apenas Wilmington que se entusiasma com este projeto. Falando na solenidade da inauguração oficial do dormitório, já parcialmente acabado, Herbert Hoover declarou que «a idéia revolucionária do *ajuda-te a ti mesmo*», posta em prática por esta uni-

versidade, constituia um passo importante na produção de «homens e mulheres fora do comum, capazes de assumir a liderança neste país». Benjamin Fine, redator da seção educacional do *New York Times*, descreveu o plano e o espírito que o anima como algo «único e estimulante no campo da educação superior».

«O Wilmington College,» disse um jornal em artigo de fundo, «descobriu em um único processo, um excelente substituto para o futebol, um ótimo antídoto para a mera aprendizagem, uma nova técnica escolar e o bem-estar insubstituivel que decorre do fato de trabalharmos com as nossas próprias mãos.»

Pequenos dramas da vida

Tal como foram narrados a Bart Hodges

W. B. Hartsfield, prefeito de Atlanta: Tive meu primeiro insucesso na política por volta de 1920, quando era candidato à Câmara Municipal de Atlanta. Em todas as esquinas ou aglomerações públicas, eu era visto distribuindo folhetos de propaganda e cumprimentando todo o mundo. Um belo dia, um amigo avisou-me que numa rua residencial próxima ia realizar-se uma reunião política. Não sabia bem o endereço, mas logo avistamos grande número de carros estacionados e um grupo de pessoas no jardim de uma casa.

Entrei logo em ação, distribuindo folhetos e vigorosos apertos de mão. Surpreendeu-me, porem, a fria maneira com que me recebiam. Apelando para o que me restava de coragem, pus-me a retribuir os olhares glaciais com um sorriso cada vez mais expansivo. Finalmente, já nas escadas da casa, murmurei:

—Arre, isto nem parece reunião política; mais parece um enterro.

—Meu caro, observou alguem a meu lado, —isto é mesmo um enterro!

O cantor Tony Martin: Há vários anos, fui convidado para tomar parte num grande festival de caridade, no Auditório Cívico de Chicago. Afim de manter o espetáculo em permanente movimento, os artistas foram solicitados a não repetirem os seus números senão uma vez.

Quando chegou a minha vez, cantei três canções e, a instâncias do auditório, cantei o meu bis e retirei-me. Em caminho para o camarim, ouví a platéia continuar a aplaudir-me—mais fortemente do que nunca!

Não tive outro remédio senão aparecer pela terceira vez. A ovação foi estrondosa. Fiz repetidas reverências, até o meio do palco, e cantei mais uma canção. Agradecí, então, comovido, os generosos aplausos e retirei-me, ante as gargalhadas do público.

O mestre de cerimônias, empunhando o microfone, exclamou: «Se pudermos fazer calar Tony Martin por um momento—desejaria repetir a Mr. Willkie: Seja benvindo a Chicago!»

—Do livro *Life's Little Dramas*, editado por Duel, Sloan & Pearce

Por que a popularidade da senhora Roosevelt tem continuado a aumentar em seu país e ainda mais no estrangeiro

A evolução da sra. Roosevelt

(*Condensado de «The American Mercury»*)

Por John Reddy

Quando, no ano de 1933, a posse do marido no alto posto de Presidente a arremessou aos olhos da consciência nacional algo assombrada, a sra. Eleanor Roosevelt afigurou-se a todo o mundo ser a síntese acabada da *clubwoman* americana —espécie de implacavel benfeitora que metia o nariz nas minas de hulha e fazia conferências nos clubes femininos, com a sua voz aguda, quase estridente, sobre as virtudes da dança popular da Melanésia. Não tardou que os Republicanos começassem a resmungar contra as interminaveis viagens aéreas que ela empreendia; os congressistas do sul, a praguejar contra a simpatia que ela revelava pelos negros; os seus admiradores, a se assombrar com a sua espantosa energia, e os artistas de variedades a imitar as suas risadinhas de um trêmulo inconfundivel.

Mas após algumas centenas de palestras, incontaveis milhares de quilômetros pelo ar, e transcorridos 16 anos, a sra. Roosevelt se tornou uma excelente oradora, e não só é respeitada e admirada em seu próprio país, como é ainda mais popular no estrangeiro. Quando, por exemplo, ela atravessou o recinto onde estava reunida a Assembléia Geral das Nações Unidas, após aprovada a Declaração dos Direitos do Homem, que ela pacientemente tangera e guiara, como a um rebanho, durante três anos, aquela massa de centenas de delegados pôs-se em pé e tributou-lhe prolongada ovação—pela primeira vez prestando tão honrosa homenagem a um dos seus próprios membros. Quando foi assistir à inauguração de uma placa em memória do marido, na histórica Abadia de Westminster, em Londres, e recebeu o grau de dou-

JOHN REDDY, correspondente de jornais e colaborador de muitas revistas, é tambem o diretor de um programa radiofônico que apresenta a sra. Roosevelt e sua filha Anna.

tora *honoris causa* da Universidade de Oxford, à sua passagem os homens se descobriam e as senhoras batiam palmas. O *News Chronicle*, de Londres, disse em artigo de fundo: «Ela tem andado ao lado de reis, mas nunca perdeu o espírito simples de mulher do povo.» Até quando visitou a Alemanha, em 1946, ela foi calorosamente acolhida, apesar de ter dito aos próprios alemães que eles se deviam reconhecer culpados pelo desencadeamento da guerra.

A revista *Time*, que não poucas vezes tem satirizado a sra. Roosevelt e sua família, dizia há pouco, por ocasião de seu aniversário: «Com 64 anos de idade, Anna Eleanor Roosevelt é talvez hoje a mulher mais conhecida no mundo inteiro. Ela conseguiu inverter a sorte tradicional das viuvas de presidentes dos Estados Unidos, ao ganhar consideravelmente em prestígio e estatura.» Quando o magazine *Woman's Home Companion* perguntou aos seus leitores qual era, dentre os americanos vivos, o que eles mais admiravam, a sra. Roosevelt ganhou, com boa margem, do General Eisenhower, do General Marshall e do Presidente Truman.

A sra. Roosevelt faz-se ver e ouvir talvez com mais frequência, e por mais vias, do que qualquer outra pessoa que hoje se dedica à vida pública: por intermédio da sua crônica diária «Meu Dia», publicada em mais de 80 jornais norte-americanos; da sua página mensal de consultas que dantes aparecia em *Ladies' Home Journal* e sai agora em *McCall's* (revista que tambem vem publicando, em série, o segundo volume das suas memórias do tempo em que morava na Casa Branca); do seu programa de rádio «Eleanor e Anna», em que ela e a filha se fazem ouvir através de mais de 200 estações norte-americanas; dos seus livros; e das suas inúmeras palestras e entrevistas.

Com um pouquinho menos de 1,83 m de altura, Mrs. Franklin Delano Roosevelt (como prefere que a tratem), é uma figura de respeitavel imponência. Não fuma, só bebe um copo de vinho em ocasiões solenes, detesta o *bridge*, abomina o hábito de mascar chicle, e não usa cosméticos. Tem uma fisionomia quase sempre séria, e seu rosto, especialmente quando em repouso, é tão grave que atinge as raias da severidade. Ao mesmo tempo, é de uma simplicidade extrema: lava as suas próprias meias, anda de trem subterrâneo como toda a gente, e é louca pelos cinco filhos e 17 netos que tem. Os desconhecidos que a pegam em um trem ou avião, não trepidam em lhe fazer confidências das complicações familiares, devidamente documentadas com as fotografias amarrotadas da esposa e dos meninos.

Embora provenha de uma família proeminente e rica (o antigo presidente Teodoro Roosevelt era seu tio), a infância de Anna Eleanor Roosevelt nada teve de excepcional, nem permitia futurar que ela viesse a ser um dia a mulher mais famosa do mundo. Era uma garotinha solitária e dolorosamente tímida, que chegou a usar durante algum tempo um colete de barbatanas para corrigir uma deformação da coluna vertebral, e se referia a si mesma como sendo um «patinho feio». «Minha mãe vivia num quase constante aborrecimento com a minha falta de beleza,» escreveu ela no primeiro volume da sua autobiografia, *This Is My Story*. «Esforçou-se, pois, para me educar de forma que minhas maneiras pudessem compensar a minha carência natural de graças, mas seus esforços conseguiram apenas tornar-me mais agudamente cônscia de minhas deficiências.»

Ficou orfã de pai e mãe antes de chegar aos 10 anos, e daí em diante foi criada no ambiente estrito da casa da avó materna, à margem do rio Hudson; recebeu sua instrução em escolas da França e da Inglaterra. Seu casamento com o primo em quinto grau, Franklin, teve duas sombras: divergências com a sogra, e a tragédia da paralisia infantil que atacou o marido em 1921. Mas a adversidade só parece ter fortalecido ainda mais a sua decisão de auxiliar o esposo a retomar a carreira pública, que tão auspiciosamente se iniciara. Nos anos de esforço paciente que se seguiram, e no papel de esposa de um homem público—ao ser Roosevelt eleito governador do Estado de Nova York, aprendeu ela muita coisa sobre a política e a natureza humana.

Assim, quando Franklin Roosevelt rematou a sua luta contra a invalidez, fazendo-se eleger Presidente dos Estados Unidos, a esposa levou para a Casa Branca um carater espartano, a curiosidade de um detective e uma inesgotavel energia.

«Mamãe nunca cruzava os braços quando via que era preciso fazer alguma coisa,» diz sua filha. O resultado foi que a nova «Primeira Dama» se embrenhou a fundo em um vertiginoso turbilhão de atividades. Iniciou uma série de entrevistas coletivas à imprensa, escreveu e fez palestras remuneradas, entregando a obras de caridade a maior parte dos proventos, filiou-se ao sindicato dos jornalistas, andou numa dobadoura pelo país inteiro, investigando as condições de vida nas cadeias e nas favelas e tornou-se a mais discutida de todas as consortes presidenciais de que reza a história dos Estados Unidos.

Com a morte do Presidente Roosevelt, em 1945, julgou-se que Mrs. Roosevelt passaria à obscuridade, mas ela se tornou mais ativa do que nunca, especialmente na esfera das relações internacionais.

Durante os doze anos que passou na Casa Branca, a sra. Roosevelt manteve sempre uma penosa serenidade diante de tudo, mesmo dos ataques pessoais. Mas ultimamente tem-se notado uma certa severidade de atitudes, da sua parte, em relação a diversos problemas, e em especial no que tange à Rússia. Ela, que tantas vezes fôra acusada de simpatia pelos comunistas, por causa da sua amizade com grupos de jovens ligeiramente «avermelhados», nos Estados Unidos, tornou-se uma crítica severa dos Sovietes, que se sentem molestados com isso, a ponto de, há pouco, o *Izvestia* lhe chamar «lacaia hipócrita do capitalismo». A sua desassombrada sinceridade é provavelmente o resultado de ela se ver livre

da sua antiga responsabilidade de mulher do Presidente, e tambem dos ensinamentos que tem colhido nos rudes debates travados com os delegados da U.R.S.S., nas Nações Unidas.

Ao se saber, em dezembro de 1945, que o Presidente Truman a nomeara delegada junto às Nações Unidas, houve quem considerasse a sua escolha bastante inepta, se bem que de boa fé. O fato é que ela demonstrou possuir excepcionais aptidões para o debate, reforçadas por uma vontade inabalavel e um rápido golpe de vista, que a habitual mansidão da sua aparência não deixava adivinhar. No ano passado, na assembléia de París, a sra. Roosevelt defrontou vigorosamente o delegado soviético junto ao comitê de que ela fazia parte, o prof. Pavlov, e houve mesmo uma ocasião em que ela o censurou com tal energia, que o professor proclamou em altos brados que ela o «insultara».

«Eu não gosto de altercar com o professor Pavlov,» disse ela, «porque sei que ele é forçado a dizer as coisas que lhe mandam, de modo que realmente nem vale a pena responder-lhe. Mas se eu deixasse as suas declarações desenfreadas sem resposta, ele poderia sair daquí pensando que levara a melhor.»

A sra. Roosevelt é sem dúvida o delegado de maior influência pessoal nas Nações Unidas, e o mais insignificante e mesmo impensado dos seus gestos tem alí inesperadas repercussões. Ainda há pouco ela observava, em sua crônica diária, que os franceses passam muito tempo à mesa, para comer, o que, na pena da escritora, era um encômio à qualidade da cozinha francesa e à capacidade de saborear a vida que caracteriza os franceses. «Imagine-se qual não foi o meu horror,» confessou ela pouco depois aos seus ouvintes do rádio, «quando descobrí que o Ministério dos Negócios Estrangeiros da França dera instruções para que, daí em diante, sempre que eu estivesse presente em qualquer função oficial, a refeição contasse menos pratos, e estes fossem servidos mais depressa!»

Quando as Nações Unidas estão em sessão, a sra. Roosevelt se levanta às sete da manhã, e muitas vezes trabalha continuamente até depois da meia-noite. Apesar de já ter 64 anos, e ser quase surda de um ouvido, anda sempre com uma pressa medonha, em grandes passadas e inclinada para a frente como um esquiador que desce uma vertente. Esse ritmo febril atingiu o ápice em París, no outono passado, enquanto ela assistia alí diariamente a três sessões das Nações Unidas: de manhã, à tarde e à noite. Nos intervalos, ela achava tempo para entrevistas, encontros e discursos; para ditar o «Meu Dia,» e transmitir o seu programa de rádio para os Estados Unidos. Houve um dia em que ela aproveitou a hora do almoço para transmitir o seu próprio programa para a América, por onda curta; participar em uma mesa redonda, em francês, através do rádio francês; dar uma entrevista, tambem em francês, para o rádio suiço; e falar em inglês ao microfone da Rádio Luxemburgo. Em seguida, engoliu às pressas uma tigela de

sopa de alho e batatas, mastigou uma fatia de pão e correu para tomar parte na reunião do seu comitê.

«O segredo da incansavel atividade da sra. Roosevelt é a sua aptidão para fazer diversas coisas ao mesmo tempo e a sua capacidade para continuar a trabalhar quando os demais já estão com a língua de fora.» Assim se expressa Malvina Thompson, sua secretária e amiga íntima há 26 anos.

A sra. Roosevelt tem, realmente, artes engenhosas para fazer mais de uma coisa a um tempo. Antigamente, ao levantar, fazia ginástica mas ultimamente, em vez disso, faz a cama, virando o colchão todos os dias, para se manter em boa forma. Muitas vezes, enquanto conversa com as visitas ou dá uma entrevista, faz tricô—ou debulha ervilhas. Está sempre engendrando meios de combinar vários deveres. Uma vez tentou ditar o «Meu Dia» enquanto tomava banho. Mas viu-se forçada a renunciar ao hábito de trabalhar enquanto se banhava, desde que duas vezes em París deixou transbordar a banheira, de tão absorvida que estava com os seus «deveres», como ela chama os seus relatórios diários para as Nações Unidas.

Ao fim de um dia que deixa a maioria dos delegados esfalfados nas suas cadeiras preguiçosas, a sra. Roosevelt «repousa» abrindo a correspondência. Recebe perto de mil cartas por semana, metade delas em línguas estrangeiras, a maior parte proveniente de pessoas obscuras, movimentos e organizações, quase todas pedindo ajuda de uma ou de outra forma. Estes pedidos vão desde súplicas para que ela tome a defesa de grupos minoritários perante as Nações Unidas, até os apelos de esposas inconsolaveis para que descubra o paradeiro dos maridos desaparecidos. Às mais importantes, a sra. Roosevelt responde pessoalmente. «Não autoriza ninguem a usar a assinatura dela,» diz sua secretária. «Quando alguem recebe uma carta assinada por ela, significa isso que ela mesma a escreveu.»

A aptidão da sra. Roosevelt para entrar instantaneamente em repouso, é o que lhe permite manter um horário de estarrecer. Ainda há pouco ela confessava: «Às vezes consigo cochilar uns instantes durante os debates do comitê, quando é um delegado de um país satélite dos Sovietes que está falando. Eu sei que ele não fará mais do que repetir o que já disse o delegado da U.R.S.S....»

É tambem capaz de cair rapidamente no sono, num trem ou automovel; mas pôs-se na defensiva contra esse hábito desde que, um dia, tirou um cochilo inadvertidamente quando conduzia seu carro e esbarrou com outro.

Uma das desvantagens de tamanha concentração de energia, é que a sra. Roosevelt não tem ensejo de saborear alguns dos aspectos menos graves da existência. Certa moça fez contudo, recentemente, esta observação que não é destituida de perspicácia: «É bem verdade que Mrs. Roosevelt é séria, e que talvez ela não tenha muito *sense of humor*. Mas, se fosse preciso, para fazer bem a alguem, ou praticar um ato meritório, estou certa que ela

seria mais cômica do que o próprio Carlitos!»

Em outubro passado, participava ela, na Inglaterra, de um jantar oferecido pela sua velha amiga, a Marquesa de Reading. Herbert Morrison, estando particularmente interessado em conversar com a sra. Roosevelt, pedira que lhe dessem um lugar ao lado dela. Quando os convidados se sentaram, a dona da casa percebeu que tinha posto Morrison à direita da sra. Roosevelt, ou seja, do lado em que ela não ouve bem. Lady Reading começava a tartamudear qualquer desculpa sobre um erro na distribuição dos lugares, quando Mrs. Roosevelt a interrompeu delicadamente: «Stella, você não precisa tanta diplomacia comigo. Eu bem sei que você quer que o Herbert fique do lado em que eu ouço bem...»

Eleanor Roosevelt detesta as cerimônias e os salamaleques, especialmente quando eles lhe dizem respeito. Recusou sempre os guarda-costas, mesmo quando estava na Casa Branca, e sempre a vêem entrar sozinha nos elevadores, nos taxis e no *subway*.

Vincent Murphy, subgerente do hotel Waldorf-Astoria, de Nova York, relata os esforços e as dores de cabeça que aquele grande estabelecimento tem tido para dispensar à sra. Roosevelt a recepção que é devida a um hóspede de tal categoria: «Sempre que ouvimos dizer que ela vem assistir a uma cerimônia aquí no hotel, nós lhe telefonamos e perguntamos por que porta ela tenciona entrar, para termos alí alguem que a receba. A resposta é sempre: «Que tolice, eu conheço o Waldorf por dentro, tão bem quanto a minha própria casa!»

Em face disso, a gerência do Waldorf manda postar empregados de categoria em todas as entradas. «Pára um taxi à porta,» diz Murphy com triste resignação, «e Mrs. Roosevelt pula no passeio com a agilidade de uma gazela. Um dos subgerentes corre a saudá-la com o devido respeito, mas ela sorrí, sem parar; só diz—Boa noite, e lá continua, apressada, direita à sala onde tem que ir. Os nossos empregados bem que tentam acompanhá-la, mas ela passa à frente de todos!»

Como oradora, a viuva do Presidente Roosevelt é constantemente reclamada, nos Estados Unidos e no estrangeiro. Fala francês, italiano e alemão, embora não tenha a mesma fluência nas três línguas. Conquanto fizesse muitos anos que não falava o alemão, insistiu em pronunciar nesse idioma o discurso para que a convidaram as doutoras de Stuttgart, em outubro de 1948. Afim de polir a pronúncia um tanto «enferrujada», levou todo o tempo da viagem aérea a ensaiar-se... Um dos ouvintes comentava depois: «É esta a primeira vez na história que o vencedor se dirige ao vencido na própria língua deste. Isso me dá motivo para acreditar em uma democracia livre.»

Quando se fala que ela poderia ser nomeada embaixatriz junto de algum Estado estrangeiro, ou candidatar-se para um cargo público, a sra. Roosevelt nega o boato como uma coisa «demasiado boba para se discutir». «Se eu me candidatasse a qualquer posto, não poderia evitar a aura que meu marido deixou, o que seria ao mesmo tempo uma vergasta para me baterem, e uma alavanca para eu realizar obras. Ora, eu acho ambas as coisas inconvenientes. A minha esperança é que me deixem continuar trabalhando para consolidar as Nações Unidas.»

«Por que é que a senhora trabalha tanto?» perguntava eu recentemente à sra. Eleanor Roosevelt, ao fim de um dia particularmente extenuante, em París.

«É uma cadeia ininterrupta de coisas,» explicou ela. «O que me interessa sobretudo é o meu trabalho de delegada junto às Nações Unidas; mas eu não poderia desempenhar essas funções com suficiente eficácia, se não estivesse em contacto permanente com grupos europeus e norte-americanos, que me permitem saber o que o público pensa das Nações Unidas, e se não escrevesse e falasse no rádio para explicar o que a nossa organização está fazendo. Às vezes lembro-me do tempo em que eu era pequena, e podia sentar-me para ler ou coser, e penso: Ah! que bom que seria! Mas eu não posso abandonar nenhuma das coisas em que me encontro ocupada presentemente...»

Piadas

UMA SENHORA, que viajava com uma amiga, ao piloto do avião: «Por favor, não me vá andar mais depressa do que o som. Nós queremos conversar.»

—B. Tobey, em *This Week Magazine*

PUGILISTA, amparando-se nas cordas: «Esse gongo bem que podia parar de salvar-me!»

—Perry Barlow, em *Collier's*

ENTRE jovens modernas: «Conhecemo-nos da forma mais estranha —imagine que fomos apresentados.»

—Melisse em *The Saturday Evening Post*

MÃE, tentando persuadir o filho a comer: «Vamos, queridinho, faz de conta que é areia.»

—Bill King, em *Woman's Home Companion*

GAROTA, atendendo ao telefone: «A Maria não está no momento. Quem fala é a irmã dela, de 1,65 m, 52 quilos, loura e de olhos azuis.»

—Kirk Stiles, em *Collier's*

Os internados dos hospícios, diz uma visitadora semanal, são seres humanos como nós—apenas, mais humanos

Precisam de mais visitas

(*Condensado de «The Washington Post»*)

Por Anne Comer

Segundo narrativa feita a Edith M. Stern

ÀS QUINTAS-FEIRAS de tarde, represento o papel de dona de casa numa festa em que todos os convidados são loucos. Escoltados por enfermeiros, eles marcham dos vários pavilhões do Hospital St. Elizabeth, na cidade de Washington, para o salão de recreio dirigido pela Cruz Vermelha, sob cujos auspícios trabalho como voluntária.

Preparando-me para o meu primeiro dia como dona de casa, asseguraram-me que nenhum doente capaz de tornar-se violento estava incluido na lista dos convidados; que eu só teria de haver-me com «enfermos crônicos e mansos» ou com «homens e mulheres perturbados por manias inofensivas». De qualquer forma, não pude evitar uma estranha sensação quando me vi entre 200 pessoas que, eu sabia, não estavam em seu juizo perfeito. Alguns, bem vestidos e com ar lúcido, aparentemente em nada se distinguiam da gente que se aglomera nos saguões de hoteis ou clubes. Havia entre eles adolescentes de olhar expressivo e anciãos de maneiras amaveis. Outros, porem, caminhavam com um jeito esquisito ou tinham um olhar abstrato, distante. Muitas mulheres usavam o *rouge* em manchas sangrentas. Alguns enfermos mantinham conversação contínua consigo mesmos ou com suas «vozes».

Minha primeira hora no salão apinhado, passei-a miseravelmente contrafeita. Mas a total ausência de inibições por parte dos doentes era tão comunicativa, que cedo as minhas próprias se desvaneceram.

Quando alguem se encontra sob uma barragem de perguntas diretas e comentários pessoais, não pode encerrar-se em si mesmo por muito tempo. Um velho observou: «Você tem bonitos dentes. São naturais?» Antes de finda a tarde, haviam-me perguntado a idade, se eu gostava de meu marido, quanto ganhava ele, se eu tinha filhos e por que não tinha!

Quando me convencí de que entre aquela gente eu tinha de ser, a exemplo deles, eu mesma, sem artifícios, comecei a sentir-me perfeitamente a

gosto. Em nenhum lugar por mim frequentado jamais experimentei, como alí, a sensação de bem-estar que resulta de dedicar-se alguem aos outros, sem pensar na impressão que porventura possa causar.

Um velhinho de aparência amavel convidou-me para dançar e aceitei. Tendo notado que um jovem corpulento, de cabeleira negra, estivera a observar-nos atentamente, perguntei-lhe: «Gostaria de dançar, tambem?» «Não sei dançar,» resmungou ele. Oferecí-me para ensinar-lhe. Temos tido «aulas» regulares desde então, e ele é bom discípulo.

Todas as semanas, quando eu volto ao St. Elizabeth, encontro um acolhimento agradecido que não tem paralelo no mundo exterior. Essa gente aprecia extraordinariamente as menores atenções. Fico frequentemente comovida pela maneira como correspondem ao pouco que faço. Um velho atacado de tremores, a rabiscar com um coto de lapis na mão vacilante a resposta a um concurso cujo prêmio era de 50 mil dólares, encarou-me e disse: «Do que eu ganhar nisto, quero que a maior parte seja para você, porque tem sido tão boa comigo.» «Devia haver mais uma quinta-feira na semana,» disse-me certa vez outro internado. E ainda outro observou: «Você faz mais por este hospital do que ninguem.»

Isto, naturalmente, não é verdade. Mas por outro lado é certo que os visitadores voluntários contribuem com algo que o pessoal do hospício não pode dar: criam, nos enfermos a confortadora e estimulante convicção de que alguem, absolutamente alheio à instituição, se interessa por eles. É muito importante para aqueles que dormem, comem, se exercitam e até se banham sujeitos sempre a uma rotina regimentar, sentirem-se alvo de atenção especial. A digressão distrai-os de suas manias; e como é da natureza de sua enfermidade o serem egocêntricos, tudo quanto provoque intercâmbio com outras pessoas é uma espécie de tratamento.

Qualquer doente, não importa quão preocupada ou deprimida seja sua aparência habitual, tende a erguer a cabeça se um visitador voluntário lhe fala para saudá-lo, oferecer-lhe cigarros, ou para perguntar-lhe como vai o bebê de sua filha. O visitante torna-se amigo de cada um daqueles a quem dirigiu a palavra e precisa fazer esforço para reconhecê-los a todos e chamá-los pelos nomes.

O voluntário aprende a evitar conversas sobre assuntos que possam exaltar os doentes, tais como política e religião. Sobretudo, não deve nunca pôr em dúvida a mania dos enfermos. Quando uma velhinha afirma que lhe roubaram um diadema de pérolas e diamantes na noite anterior, ou um rapaz diz que o país está indo por água abaixo porque o Presidente baixou um decreto que abole os elevadores, não se discute. De um modo geral, porem, a conversa corre fluente. Os convidados falam do que vai no seu íntimo com muito mais liberdade do que nós, que temos inibições normais. Desse modo, chegamos a conhecê-los melhor do que

a qualquer de nossos amigos. Com eles, só me refiro a mim mesma para responder a perguntas; mas sei que muitos dos enfermos mentais, meus amigos, se preocupam mais afetuosamente comigo e com minhas atividades do que meus amigos sãos.

Naturalmente, há os irritadiços que se comportam de maneira pouco amistosa para com todos. De alguns não consigo arrancar senão uma resposta seca quando os cumprimento, enquanto não se acostumam comigo. Há também momentos dificeis em que as festividades não decorrem sem complicações. O bateria é um alcoólico, o violinista acredita que inventou a televisão, e a pianista é uma jovem muito doente que sofre de alucinações. Às vezes a música pára sem quê nem porquê. Nem sempre consigo induzir a orquestra a recomeçar.

Muitos de meus convidados têm um agudo *sense of humor*. Certo dia em que eu estava distribuindo cigarros, um internado perguntou: «Quantos posso tirar?» «Dois», respondí. Ele sorriu e disse: «Vou tirar quatro, então. Tenho dupla personalidade.»

Com o passar dos meses, tenho observado a melhoria dos doentes. Logo no começo, conhecí um cientista tão nervoso que sua conversa era uma torrente de coisas desconexas. Depois, passou a enunciar sentenças que se seguiam logicamente. Com o decorrer do tempo, falava menos—porem melhor. Agora está de visita à família. Na maioria dos casos as melhorias não se manifestam tão claramente. Muitos, embora passada a fase aguda da enfermidade, tendem a ficar mais ou menos como estão agora, o resto da vida.

Não importa o que por eles eu faça, eles fazem mais por mim. Posso chegar lá sentindo-me abatida, mas cedo me esqueço de mim mesma e de minhas preocupações. No meu trato com o mundo exterior, verifico que entendo mais os outros, porque vi tanta gente despida de quaisquer fingimentos dar largas aos pensamentos crus e recônditos que o resto de nós delicadamente escondemos. Ganhei em tolerância.

Cresce o número de homens e mulheres que dedicam um pouco do seu tempo livre a trabalhar em hospícios. Promovem jogos de cartas e de prendas e reuniões musicais. Levam a passeio pequenos grupos de enfermos nos terrenos do hospital, ou saem com eles à rua para compras ou para o cinema. Lêem em voz alta para os doentes, escrevem cartas para eles, distribuem livros e revistas, tocam discos. Assumem a responsabilidade de classes e clubes dramáticos. Outros, com habilidades específicas, ajudam no salão de beleza ou ensinam música, pintura, trabalhos manuais. E como os reclusos gostam de tudo isso!

Até agora, porem, somente uma minoria das centenas de milhares de internados em hospícios que poderiam ser beneficiados pelo esforço dos voluntários, está sendo por eles atendida. Muitos, muitos mais voluntários são necessários.

Um exemplo expressivo de como o Plano Marshall está revitalizando o sistema econômico europeu

Monsieur Jolivet obtem seu trator

(*Condensado de «New York Herald Tribune»*)

Por Stephen White

Le Petit Entrevin é um povoado na França central onde os campos verdes cobrem as ondulações do terreno; onde as galinhas ciscam nas estradas de terra, e as mulheres tiram a água dos poços de pedra. É lá que se encontra o sítio de Monsieur Albert Jolivet, com 40 hectares de terra fertil. A produção foi sempre boa, mas este ano ele espera que seja ainda melhor, pois recebeu um trator novo, graças ao Plano Marshall.

M. Jolivet se ofenderia à simples idéia de receber um trator de presente. Pagou por ele bom dinheiro, e à vista—mais de 500 mil francos. Mas não fosse o Plano Marshall, jamais poderia ter convertido os seus francos num trator norte-americano, novinho.

Durante longos meses, seu nome figurara nas listas de uma companhia norte-americana, fabricante de tratores. Mas ele não dispunha senão de francos. A companhia americana não queria receber francos pois não podia adquirir as matérias primas nem pagar os seus operários em francos.

Por sua vez, M. Jolivet não tinha meios de converter os seus francos em dólares. Necessitava, para isso, encontrar alguem que não só possuisse dólares como tambem necessitasse de francos para adquirir mercadorias francesas. O problema era ainda mais agravado pelo fato de ter a França muito pouco que vender.

Para resolver o dilema, os Estados Unidos e 16 paises europeus decidiram alterar o curso normal dos negócios. O governo norte-americano pediu a esses paises que enumerassem as suas necessidades e prometeu cooperar na solução do problema da escassez de dólares.

Depois de amplas discussões, os paises organizaram as listas dos materiais de que mais necessitavam para a sua reconstrução. Os tratores constituiam um dos itens da lista francesa. Quando o plano foi aprovado, a Confederação Geral da Agricultura, organização dos agricultores franceses, distribuiu o número total de tratores disponiveis pelos diferentes distritos, e comissões

distritais distribuiram-nos aos indivíduos considerados bons fazendeiros.

M. Jolivet pagou ao agente da companhia de tratores o preço em francos. A companhia entregou o dinheiro ao governo francês, e o governo norte-americano pagou à companhia uma importância equivalente em dólares.

Foi assim que M. Jolivet conseguiu o seu trator. Mas como se explica o giro do dinheiro—os francos recebidos pelo governo francês e os dólares pagos pelo governo norte-americano? Aí está a alma do Plano Marshall. Os dólares sairam do bolso do contribuinte norte-americano. São a sua contribuição para a reconstrução de um mundo pacífico. Ele não os receberá de volta mas espera com esse dinheiro comprar estabilidade e paz.

Os francos deverão ser gastos pela França na recuperação econômica do país. Em Donzère Mondragon, perto de Orange, no rio Ródano, um exército de trabalhadores franceses está empenhado nas obras preliminares de uma grande represa. Se tudo correr bem, estará terminada em 1952 e poderá fornecer imediatamente 300 mil kw de força.

Quando os francos de M. Jolivet foram depositados no Banco da França, o governo estava preocupado com a produção de energia elétrica. Centenas de bilhões de francos seriam precisos para aumentar a produção até o nivel das necessidades normais. Mas o governo não dispunha de tais recursos.

Como conseguí-los? Os governos podem fazer empréstimos externos—mas a França era um país arruinado, politicamente instavel, sem meios de atrair capitais. Podem, por outro lado, aumentar os impostos—mas os impostos vigentes já haviam atingido um nivel perigosamente alto. Podem recorrer às emissões—mas isso conduziria a uma inflação desastrosa.

Os 500 mil francos de M. Jolivet forneceram a resposta. Estes e bilhões mais, de milhares de outros Jolivets. Segundo o Plano Marshall, esse dinheiro, correspondente a todas as mercadorias vendidas aos consumidores franceses, deve ser posto de lado pelo governo francês afim de constituir o que se chamou de «fundo de contrapartida.» Esse fundo é empregado para reconstruir e reaparelhar os países que recebem assistência pelo Plano Marshall.

Como o seu emprego oferece riscos, o governo norte-americano tem voz e voto na sua aplicação, baseando-se no fato de que, se as transações se estivessem processando normalmente, o «fundo» pertenceria aos Estados Unidos. A França não poderá, por exemplo, empregá-lo em despesas ordinárias do governo. Utilizado sem restrições, poderia agravar consideravelmente a inflação. Utilizado para reaparelhar e reconstruir—como uma inversão de capital—o dinheiro é representado, franco por franco, por instalações permanentes que poderão, com o tempo, amortizar o valor da inversão e superá-lo.

Até agora, foram liberados 140 bilhões de francos do fundo de contrapartida. Só na indústria de produção de energia elétrica, cerca de 100 bilhões de francos, grande parte dos quais é dinheiro do fundo de contrapartida, estão sendo empregados este ano. O fundo ajudará a França a quase duplicar a sua capacidade produtiva de energia elétrica.

M. Jolivet necessitava de um trator, e o Plano Marshall ajudou-o a conseguí-lo. Ele precisa, igualmente, de eletricidade. Com os próprios francos de Jolivet, a França está tratando de suprí-la, auxiliada pelo Plano Marshall.

De tempos em tempos, M. Jolivet necessita de outras coisas—um terno de roupa, por exemplo. A França não produz lã suficiente para o seu consumo e os Estados Unidos não são grandes exportadores desse produto. Para que M. Jolivet tenha uma roupa nova, a lã terá que vir da Austrália.

Para se comprar essa lã, é preciso dispor-se de libras australianas ou inglesas. Ora, para conseguir libras, a França precisará vender aos ingleses que, no momento, não estão em condições de adquirir os vinhos franceses ou outros produtos de qualidade.

Esta situação afeta seriamente a grande indústria textil francesa, que beneficia e tece a lã bruta; afeta, por outro lado, a *haute couture* de París, os alfaiates e os comerciantes do ramo em todo o país. Na realidade, chega a ser suficientemente séria para ameaçar o próprio sucesso do Plano Marshall, se não for remediada em tempo.

Mas o remédio já está indicado no programa de auxílio. Certos fundos são atribuidos aos paises do Plano Marshall sob a condição de estenderem eles a outras nações participantes auxílio equivalente, nas suas próprias moedas. Como resultado, a indústria textil francesa, que necessita de lã da Austrália, paga-a em francos que são depositados no Banco da França. A Inglaterra retira dos seus fundos o equivalente em libras e paga ao produtor australiano. A fábrica de tecidos recebe a lã e se põe a trabalhar; o alfaiate faz a roupa, o comerciante a exibe na vitrina e M. Jolivet a compra para usar nos domingos.

Desse modo, o sangue é impulsionado através das artérias do comércio internacional. O sistema é complicado e dispendioso e, certamente, não poderá continuar indefinidamente. Entretanto, está desemperrando a engrenagem econômica daqueles 16 paises.

Como os problemas de M. Jolivet parecem ter girado unicamente em torno de moedas, muita gente pensará que, nesse caso, bastaria que as nações ocidentais promulgassem uma lei tornando as respectivas moedas livremente conversiveis, de país a país. Mas a dificuldade não reside no dinheiro, e sim nas mercadorias que o dinheiro representa. Tornar o franco livremente conversivel importaria em lhe tirar o poder aquisitivo, pois a França ainda não pode exportar em quantidades suficientes para contrabalançar as importações.

O objetivo do Plano Marshall é restaurar esse equilíbrio. Durante quatro anos, os Estados Unidos fornecerão os fundos de que a Europa necessita para revitalizar a sua economia. Espera-se que no fim desse período a máquina possa continuar a funcionar

por si mesma. Se a França necessitar de tratores norte-americanos, venderá nos Estados Unidos mercadorias suficientes para poder comprar tratores ou quaisquer outros produtos.

O Plano Marshall custa caro aos Estados Unidos. Por conseguinte, esse país, com muita razão, insiste em que a economia européia seja restaurada o mais depressa possivel. Essa exigência, por sua vez, traz complicações.

Suponhamos, por exemplo, que a Europa necessitasse apenas de uma fundição de aço. A Bélgica, digamos, quereria a fundição e a França tambem. Em condições normais, os dois construiriam cada qual a sua fundição, sobrevivendo a que melhor pudesse resistir à concorrência. Mas como são os Estados Unidos que arcam com as despesas, exigem que os paises europeus decidam entre eles qual deverá ter a fundição—com a ameaça implícita de que se eles não o fizerem, então os próprios Estados Unidos resolverão o impasse.

Trata-se, evidentemente, de uma intervenção norte-americana nos assuntos internos da Europa. Mas quem oferece uma alternativa?

Entrementes, M. Jolivet ara o seu campo com o novo trator e espera a chegada da roupa nova e o barateamento da energia elétrica, tudo graças ao Plano Marshall. Mas M. Jolivet não se detem um minuto sequer a pensar no Plano Marshall. Ele pagou o trator e pagará pela eletricidade e pela roupa nova.

«O Plano Marshall?» diz o nosso amigo francês. «Não tenho nada a ver com ele. Não me foi dado nenhum presente.»

O cidadão norte-americano, sobrecarregado de impostos, poderá ficar um pouco desapontado ao ouvir essas palavras de M. Jolivet mas, na realidade, elas refletem apenas o fato de estar o Plano Marshall tonificando a Europa pelas veias, aplicando uma injeção no ponto mais afastado possivel. É por isso que quando as mercadorias chegam às mãos de M. Jolivet, lhe parecem aquisições ordinárias.

Os Estados Unidos se considerarão recompensados ao verem a França, forte e sadia, retomar o lugar que lhe compete no concerto das nações. M. Jolivet, jovial, trabalhador e persistente, produzirá este ano com uma eficiência jamais obtida, graças ao seu trator. Plantará mais trigo, mais aveia e mais cevada do que antes. Foi isto o que ele disse. E Monsieur Jolivet e milhões de outros Jolivets parecem ser homens de carater, que cumprem o prometido.

Caradura

Tendo comparecido a um casamento sem ter sido convidada, uma senhora assim se explicou: «O fato de não me terem convidado não me aborreceu a ponto de impedir a minha vinda.»

—Sra. E. C. Rieth

Paul Hoffman, supervendedor da indústria automobilística, conduz em alta velocidade as operações do Plano Marshall

O animador do Plano Marshall

(*Condensado de «Life»*)

Por Noel F. Busch

Paul Gray Hoffman, o homem de negócio que, no carater de chefe do Plano Marshall, desempenha a invulgar tarefa de despender anualmente cerca de cinco bilhões de dólares saidos do bolso do contribuinte norte-americano para reerguer a economia da Europa ocidental, é um senhor de meia-estatura, já um pouco encanecido, maneiras afaveis e grandes reservas de energia. Apesar de contar já 57 anos, seus olhos azuis escuros conservam o brilho da mocidade, e seu rosto mostra habitualmente uma expressão de contido bom-humor, como se a qualquer momento ele esperasse ver ou ouvir alguma coisa interessante, e até mesmo divertida. A sua fala é agradavel e incisiva, e ele sabe escutar o interlocutor com a mesma atenção com que se exprime.

Hoffman passou 25 anos de sua vida vendendo automoveis ou dirigindo vendedores de automoveis, e tão bem soube conduzir-se, que aos 34 anos já era milionário. Foi em seguida vice-presidente encarregado das vendas da Studebaker Corp., e mais tarde seu presidente. Um negociante de Nova York que, não há muito, o ouviu falar de problemas internacionais, observou: «Tomara que Hoffman abandone o cargo público e volte aos negócios. Ele é um vendedor tão bom, que eu até gostaria de comprar alguma coisa da mão dele!»

Hoffman foi nomeado para o seu atual cargo graças, sobretudo, ao seu magnífico trabalho do tempo da guerra, durante a qual dirigiu o Committee for Economic Development (Comitê de Fomento Econômico). As funções do CED consistiam em estudar a maneira de os Estados Unidos prevenirem um violento retraimento econômico, durante o período da re-

conversão da produção de guerra para a de paz. Antes de chefiar o CED, Hoffman já se tinha interessado em obras públicas, como diretor do Socorro Unificado à China.

Não é de surpreender que, aos olhos dos europeus, Hoffman se afigure uma personalidade rara e de assombrar: por tradição, a Europa foi sempre buscar os seus homens de estado em um segmento especial da sociedade, no qual os serviços públicos escolhem os seus melhores «cérebros.» Nos Estados Unidos, ao contrário, muitos dos melhores «cérebros» vão para a vida dos negócios, e o público só chega a usufruir-lhes os serviços depois de terem passado nos severos testes desse imparcial campo de provas. O resultado, dentro de uma tradição que data de Benjamin Franklin e se prolongou nos nossos dias até Bernard Baruch, é o homem de negócios-estadista—tipo de que Hoffman é a encarnação perfeita.

Hoffman criou-se em uma pequena cidade do Estado de Illinois. Depois de ter passado um ano na Universidade de Chicago, abandonou os estudos para se empregar em uma agência de venda de automoveis. Começou como carregador, e mais tarde foi promovido a aprendiz de vendedor.

Em 1909 só a gente rica podia ter automovel. A vantagem principal de ser vendedor, era que isso implicava a posse ou pelo menos o usufruto de um desses emocionantes veículos.

Hoffman foi vender carros não só na cidade mas tambem nas zonas rurais vizinhas, onde muitos dos residentes poucas vezes tinham visto um automovel, e muito menos teriam pensado em adquirir um...

Alí, Hoffman tinha à sua exclusiva disposição todos os fregueses potenciais. O único problema estava em descobrir quais eram os melhores! Chegando a um povoado, ele se encaminhava logo para o banco local e oferecia ao diretor levá-lo a casa no carro, para almoçar. No caminho, em vez de tentar vender um automovel ao banqueiro, ele lhe fazia perguntas a respeito da vizinhança. Os médicos eram ainda melhores informantes de possiveis compradores de automoveis.

Hoffman, que então contava uns escassos 20 anos, conseguiu assim atingir um volume de vednas que ultrapassava o da maioria de seus colegas de Chicago, lançando-se em uma carreira triunfante.

Em 1915, casou-se com Dorothy Brown, filha de um homem a quem Hoffman nunca conseguira vender um carro... O círculo familiar de Hoffman é hoje constituido por cinco filhos e uma filha, duas noras, vários netos e uma pupila, filha de Júlio de Diego, afamado retratista espanhol. Quando o pintor se divorciou da esposa, os Hoffmans propuseram que a filhinha, Kiriki, que então tinha 4 anos, fosse viver com eles. Atualmente com 21 anos, é ela estudante de uma universidade.

Quando em Washington, Hoffman mora em um apartamento de 5 peças, e é servido por uma cozinheira de côr, chamada Marion. Vai para o trabalho a uma hora extremamente cedo:

oito da manhã. Muitos dos íncolas de Washington têm o hábito inveterado dos almoços sociais que duram duas horas; Hoffman prefere uma refeição ligeira e rápida. Quanto ao jantar, geralmente é qualquer coisa que Marion improvisa para ele e os convidados, gente do serviço, que o chefe traz para casa. A sra. Hoffman e uma boa maioria dos filhos e netos continuam instalados na espaçosa residência da família, na Califórnia.

Depois da Primeira Guerra Mundial, quando Hoffman, tenente de artilharia, deu baixa do exército, foi ser distribuidor dos carros Studebaker em Los Ângeles. Em 1925, a Studebaker convidou-o para vice-presidente encarregado das vendas. A Studebaker, que é a mais antiga das empresas fabricantes de automoveis dos Estados Unidos, prosperou notavelmente até 1933. Quando a crise geral a forçou a entrar em falência, a direção foi entregue a Hoffman, sendo-lhe atribuidos plenos poderes, e a presidência do conselho de administração passou para o seu amigo Harold S. Vance.

Os precedentes mostravam que uma companhia fabricante de automoveis que declarasse falência estava de fato perdida. Os revendedores, receando não ser possivel conseguir peças sobressalentes e assistência técnica, abandonavam o navio que naufragava. Hoffman teve artes de convencer os seus revendedores de que a companhia ia escapar do desastre; a lealdade deles lhe permitiu reerguê-la. Em 1935, a Studebaker livrava-se da liquidação, e Hoffman se tornara a mascote da indústria automobilística.

No carater de chefe do Comitê de Fomento Econômico, Hoffman realizou uma experiência que equivalia a um curso universitário de cinco anos de economia e sociologia aplicadas, sob a direção dos maiores especialistas dos Estados Unidos, o que, acrescentado às suas restantes qualificações, fez dele o eleito natural para o posto que presentemente ocupa.

Ao montar a organização destinada a desembolsar, a favor da Europa, o dinheiro dos contribuintes norte-americanos, em proporções que reduzem ao nanismo a filantropia doméstica do Presidente Roosevelt, Hoffman realizou uma das mais grandiosas mobilizações de talentos já registradas nos anais da capital federal. A ECA «peneirou» para esse efeito os outros departamentos do governo americano, as instituições de ensino superior e as indústrias da nação, com um zelo que se pode classificar de imparcial. Dentro de seis meses, Hoffman tinha conseguido despachar missões para 16 dos 19 paises e territórios abrangidos pelo Plano Marshall, e organizado um eficiente departamento nacional. Esse serviço conta hoje com 3.150 funcionários.

A metamorfose de Hoffman—de vendedor de automoveis a estadista mundial—operou-se com muito pouco escarcéu. Dir-se-ia que, para ele, essa transfiguração de um interesse cívico puramente local (o de conseguir melhorar as estradas para poder vender mais carros) em um interesse

global (o da restauração da velha Europa de modo a salvaguardar o mundo livre) foi a coisa mais simples e natural deste mundo. E o certo é que ele se mostrou capaz de aguentar essa transição sem perder nem o equilíbrio, nem o senso pessoal dos valores.

Balanço do ano de 1948

População dos Estados Unidos	140.000.000
Menos: Pessoas com 60 anos ou mais	20.000.000
Sobram para trabalhar	120.000.000
Menos: Pessoas menores de 21 anos	54.000.000
Sobram para trabalhar	66.000.000
Menos: Funcionários federais e seus dependentes adultos	21.000.000
Sobram para trabalhar	45.000.000
Menos: Forças armadas e seus dependentes adultos	15.000.000
Sobram para trabalhar	30.000.000
Menos: Funcionários estaduais e municipais e seus dependentes adultos	15.000.000
Sobram para trabalhar	15.000.000
Menos: Pessoas dependentes de pensões federais e estaduais	10.000.000
Sobram para trabalhar	5.000.000
Menos: Pessoas que vivem de rendimentos, e seus dependentes	3.000.000
Sobram para trabalhar	2.000.000
Menos: Pessoas em hospitais e prisões; alienados e inválidos	1.500.000
Sobram para trabalhar	500.000
Menos: Funcionários de organizações religiosas e beneficentes	400.000
Sobram para trabalhar	100.000
Menos: «Boas-vidas» e outros que não querem trabalhar	99.998
Sobram para trabalhar	2

DOIS—EU E OUTRO «SOBRINHO» DO TIO SAM

e ele que trate de se mexer, pois eu já estou cansado de trabalhar sozinho.

A estatística acima é uma mistura de fatos e fantasia, com o fito de apontar, em traços caricaturais, o aumento do número de dependentes do Tio Sam e a diminuição dos que produzem e contribuem para a riqueza do país.

—John T. Flynn em *Plain Talk*

FLAGRANTES DA VIDA REAL

UM RAPAZ e uma moça, pobremente vestidos, embora com muito asseio, entraram na loja onde eu estava fazendo compras.

—Eu queria ver um vestido de noiva e uma grinalda, pediu a jovem.

A vendedora trouxe-lhe um lindo vestido e sugeriu que o experimentasse. Pouco depois, uma figurinha radiante, toda de branco, surgiu ante os olhos marvilhados do rapaz.

—Posso embrulhar o vestido? perguntou a vendedora.

—Não. Infelizmente não posso comprá-lo. Só queria que meu marido me visse vestida de noiva. Casamo-nos há poucos minutos.

—T.G.

UN AMIGO MEU, que tem de acordar todos os dias ao romper d'alva afim de pegar o trem para Nova York, acostumou-se a aproveitar os 40 minutos do trajeto para um bom cochilo. Quando o condutor lhe pede a passagem, tira-a do bolso, automaticamente, sem chegar a despertar de todo. Certa manhã, enquanto ressonava tranquilamente, sentiu que alguem lhe batia suavemente no ombro. Com os olhos semicerrados, procurou a passagem e exibiu-a. Mas a mulher, que estava ao lado, lhe deu uma cutucada, despertando-o logo. Era domingo de manhã e estavam fazendo a coleta das espórtulas, na igreja.

—R.S.S.

OS PILOTOS norte-americanos que tomaram parte no socorro de animais, por ocasião das grandes tempestades de neve do começo deste ano, no Oeste dos Estados Unidos, revelaram eficiência excepcional; ninguem está mais convencido disso do que um antigo fazendeiro de Natrona, no Estado de Wyoming. Enrolado num enorme capote de pele de urso, que há muitos anos não tirava da mala, o fazendeiro percorria uma pequena estrada quando o motor do automovel se desarranjou.

Mal se pôs o fazendeiro a caminhar pelo campo coberto de neve, em direção à fazenda mais próxima, ouviu o roncar de um avião que se aproximava. Para surpresa sua, um C-47 deu um mergulho e passou a poucos metros do local. O piloto avistara o «animal» e se apressara em jogar-lhe um fardo de feno.

—C.M.C.

MINHA MÃE chegou da Austrália para visitar-nos, com um visto de permanência de seis meses. Mas gostou tanto da estadia, e nós estávamos tão tristes com a próxima partida dela, que meu marido escreveu ao Departamento de Imigração pedindo prorrogação de seis meses no visto.

A resposta oficial foi a seguinte: «Quem pede uma prorrogação da estadia da sogra merece que nada lhe seja negado.»

Minha mãe, encantada, fez questão de levar o documento quando regressou à Austrália.

—V.B.D.

EU ADMIRAVA a vitrina de uma loja quando vi aproximar-se uma família —uma menina dos seus quinze anos, um rapaz, o pai e a mãe. Esta última, ainda moça e bonita, vinha sendo empurrada numa cadeira de rodas, o que muito me penalizou.

Para surpresa minha, quando passavam a meu lado, a senhora disse jovialmente «Agora, o seguinte»—e pulou da cadeira. A filha sentou-se e o rapaz voltou a empurrar a cadeira.

Naquela família de turistas, ninguem havia de se queixar de dores nos pés.

—L.M.R.

NA CIDADE de Albuquerque, no Novo México, um índio que vendia enfeites nativos e colchas nos cafés e outros lugares frequentados por turistas, travou relações com várias pessoas. Uma delas deu-lhe de presente de Natal um cobertor eléctrico. É possivel que tenha querido pregar-lhe uma peça, mas o fato é que o índio o tomou a sério.

No inverno, sai sempre enrolado no cobertor. De tempos em tempos, entra numa loja, descobre uma tomada onde ligar o cobertor e espera até esquentá-lo bem. Depois, sai de novo para as ruas geladas, perfeitamente aquecido e confortavel.

—V.N.C.

Observação tocante

AS MULHERES são adoraveis, sobretudo quando se passa um ano inteiro sem se enxergar uma sequer. O nosso barco estava nas águas da Nova Guiné todo esse tempo, quando soubemos da chegada de três enfermeiras da Cruz Vermelha à praia de Holândia. O comandante convidou-as a virem jantar a bordo e ordenou que um jovem guarda-marinha as fosse buscar em terra. Eu estava conversando com o oficial intendente quando o rapaz chegou. Correu para nós e exclamou, quase sem fôlego: «Uma das pequenas escorregou ao saltar do bote e eu a amparei! Estive com ela nos braços!»

O intendente acenou com a cabeça, o olhar imerso em doces reminiscências: «Eu tambem já toquei numa. Como são macias, heim?»

—Charles E. Parker, Jr., em *The Saturday Evening Post*

Medellín: esforço e democracia

(Condensado de «The Pan American») *Por Michael Scully*

A população de Medellín oferece aos forasteiros algumas idéias originais sobre o que pode ser a vida nos trópicos

SE O LEITOR falar em Medellín a qualquer agente de viagens, o mais certo é que ele tenha de consultar o mapa, afim de saber onde fica essa cidade colombiana. Porque Medellín não faz esforços para atrair os turistas —não espalha cartazes de pequenas bonitas emolduradas por orquídeas, espreguiçando-se ao sol, junto de piscinas; não blasona de clima ideal, nem de magnífica hospitalidade, nem de uma culinária de fazer água na boca, nem de todo o conforto da vida moderna enquadrado numa cultura amadurecida em trezentos anos. E no entanto, Medellín tem todos esses encantos e mais alguns dignos de registro, tais como minas de ouro, plantações de orquídeas, cafezais de primeira ordem, indústrias que são modelos de eficiência, e alem de tudo isso—um povo admiravel!

A melhor maneira de chegar a Medellín, intrigante e oculto paraiso, é galgar de avião a muralha de serranias que envolve quase por completo a província de Antióquia, região com nada menos de 75 mil quilômetros quadrados de superfície. Desce-se então, planando sobre um grande vale de forma elíptica, no meio do qual, surgindo de um centro comercial ultramoderno e reluzente, se espraia Medellín, com os incontaveis telhados

vermelhos rareando à medida que sobem as verdes encostas que a circundam. De um dos aeroportos mais movimentados da América do Sul, o automovel nos leva rapidamente para um dos seus melhores hotéis.

Medellín é uma vibrante e próspera cidade de 265 mil habitantes—que em dez anos aumentou de 100 mil—mas, se não fossem os edifícios modernos que se erguem por todos os lados, nunca suspeitaríamos disso: o trânsito, apesar de intenso, é silencioso, porque a lei proibe o uso das buzinas. As ruas são as mais limpas que eu já vi, desde o Canadá até o Cabo Horn. Quem as percorre durante o dia, pode ver as orquídeas que crescem nas árvores, no centro da cidade. De noite reina uma atmosfera de calorosa hospitalidade que nos intriga, até descobrirmos que todas as casas—tambem por força da lei—têm uma luz acesa em frente da porta.

Medellín, a sete horas de Miami por avião, está somente a 690 quilômetros ao norte do equador, mas encontra-se a cerca de 1.500 metros acima do nivel do mar. O resultado é uma temperatura média anual de 21 graus centígrados—ideal ao meio-dia para se nadar, mas que, à noite, nos obriga a usar cobertor.

É aquí que a gente nota como é risivel a idéia de que todos os povos tropicais são indolentes. Os sinos das igrejas repicam todas as manhãs às 4 e meia, chamando os fiéis à primeira missa; as barbearias, as vendas e estabelecimentos similares abrem às seis, e às sete a população está em plena atividade. Mas não há pressa nem empurrões. Parece que todo o mundo leva para o trabalho o melhor de suas sorridentes maneiras e de sua crença religiosa. A maioria das fábricas tem um nicho na parede com uma imagem religiosa; em uma fábrica de tecidos vi cerca de 20 imagens. Mas a piedade desta gente não é solene nem soturna: canta-se pelas ruas, nos cafés conversa-se animadamente e com humor, e as danças são de uma alegria espontânea. A religião é um elemento estabilizador em uma existência feliz.

O americano Byron Canney que, em 1911, foi do Massachusetts para lá, afim de tomar conta dos interesses que seu pai possuia nas minas da região, e nunca mais de lá saiu, ilustra essa concepção jovial da vida com a seguinte história: «Outro dia, quando Don Juan Uribe veio falar comigo, o elevador estava enguiçado. Pois esse meu amigo subiu cinco andares para discutir, com o entusiasmo de um adolescente, um projeto de negócio que talvez não venha a produzir resultado senão daquí a cinco anos—e olhe que Don Juan já tem 90 anos!»

Que é que sustenta esta aprazivel civilização? «Um senso profundo do bem comum,» diz o industrial Carlos Echavarría. «Nós aquí nunca tivemos uma acentuada distinção de classes. Sempre dependemos uns dos outros, e procuramos dar uma oportunidade ao nosso semelhante.»

A organização industrial de tecelagem que Echevarría montou, e que vale uns 15 milhões de dólares, é exemplo flagrante do que ele quer dizer

com essas palavras: a maior parte dos 13.500 acionistas são empregados, pequenos negociantes ou agricultores, mecânicos e empregados domésticos. Os oito mil operários compram os seus gêneros alimentícios, vestuários e outros artigos indispensaveis, nos armazens da própria companhia pelo preço do custo, e pagam somente um quinto do aluguel corrente nas casas de construção moderna que ocupam. Todo operário, ao completar 25 anos de serviço, recebe de presente a casa onde mora. Muitas outras indústrias seguem a mesma orientação.

A província de Antióquia começou a ser explorada em 1541, e o povoado que depois veio a ser Medellín foi fundado em 1616. O isolamento fez do lugar um refúgio para os rijos vascos espanhóis, povo de espírito independente, que não podia sentir-se feliz sob o cetro dos reis feudais da Espanha. Muitos deles trouxeram mulher e filhos, e ainda hoje se nota o predomínio de descendentes puros dos vascos. Mas esses colonizadores foram encontrar alí um tipo de índios altamente civilizados, os catios. Desde o começo houve um entendimento mútuo. Em vez de uma luta de conquista, processou-se uma amigavel fusão de raças. E hoje é esse o único lugar de todos os paises indo-hispânicos onde a gente não encontra sinais do conflito latente entre conquistados e conquistadores.

Durante 250 anos, essa população sustentou-se da agricultura e da exploração das areias auríferas, ao abrigo da sua muralha de montanhas. O contacto contínuo com o mundo exterior só se iniciou com a procura crescente do café, em fins do século XIX. Só em 1914 se construiu uma estrada de ferro, de 190 km, cujos tuneis furam serras até Puerto Berrío, à margem do sinuoso Rio Madalena, de onde a mercadoria desce até o mar em embarcações. Ainda hoje as vias de transporte à superfície constituem uma combinação tortuosa de estradas de rodagem e de ferro, e águas fluviais.

Com exceção de Berlim durante o bloqueio, Medellín é talvez a cidade que mais depende do tráfego aéreo no mundo. Até 60 aviões chegam a entrar alí diariamente, quase todos eles grandes cargueiros, transpondo a cadeia de montanhas. O transporte de víveres e de grande parte da produção industrial é feito pelo ar, o mesmo sucedendo com a exportação de orquídeas destinadas aos Estados Unidos.

O cidadão cuja intrepidez conseguiu finalmente abrir Antióquia ao influxo exterior, é Don Gonzalo Mejía, homem de elevada estatura e 63 anos de idade. Em 1909, sendo então um moço rico que viajava pela Europa, Don Gonzalo se deixou fascinar por essa nova maravilha—o avião. O imaginoso jovem depressa concebeu uma idéia derivativa: uma espécie de batelão acionado por hélices de avião, que pudesse navegar no Rio Madalena, de tão pouca profundidade, e cujos bancos de areia eram um constante pesadelo para os navios de maior tonelagem. Passou cinco anos em París e Nova York, e gastou uma fortuna tentando realizar esse sonho. Por volta de 1915, os seus trenós aquáticos já

tinham conseguido reduzir em 70 por cento a duração da jornada do platô interior da Colômbia até o mar. Veio depois a Primeira Guerra Mundial paralisar o tráfego fluvial, e quando ela terminou, Don Gonzalo estava falido.

Viveu depois algum tempo dando lições de línguas e explorando um negócio de confeitaria. Passados poucos anos, tinha erigido em Medellín o primeiro grande hotel e edifício de escritórios, no qual estava incluido um teatro com 4 mil lugares; e produzia as primeiras fitas de cinema da Colômbia. Tudo isso ele perdeu na crise de 1929, mas os prejuizos só lhe abriram o caminho para um plano que ele embalava intimamente, desde a primeira vez que vira uma hélice... Tendo conseguido o necessário apoio financeiro, fundou uma empresa que é hoje uma das mais ativas linhas nacionais de navegação aérea.

Desde então, organizou mais duas linhas aéreas, uma delas especialmente para solucionar o problema do fornecimento de carnes a Medellín. As melhores terras colombianas para criação de gado ficam a 725 km de distância, e o costume era até então levar o gado por terra, transpondo as serras—uma jornada de 25 a 40 dias, que chegava a roubar 90 quilos de carne a cada animal! A linha aérea de Mejía transporta agora a carne em duas horas, já pronta para o mercado, e ao mesmo tempo serve outras cidades e alguns campos petrolíferos.

Se existe alguma coisa que caracteriza em especial os habitantes dessa aprazivel cidade, é um senso de igualdade que tem alguma coisa do espírito dos Quakers. Mejía, por exemplo, possui uma frota de taxis, e quando ele chamou um carro para nos levar a dar uma volta pela cidade, fiquei, surpreendido ao dar com o chofer sentado no assento traseiro do veículo. «Como ainda não sei aonde vamos, o melhor é que eu próprio dirija,» explicou Don Gonzalo. Quando nos detivemos junto de um passeio, um caixeiro de uma loja, vendo aquele proeminente cidadão sentado ao volante, enquanto o chofer ia repimpado no assento dos fregueses, observou com bom humor: «*Qué chofer tiene, joven!*»

Don Gonzalo riu-se, eu me ri, e o chofer tambem se riu.

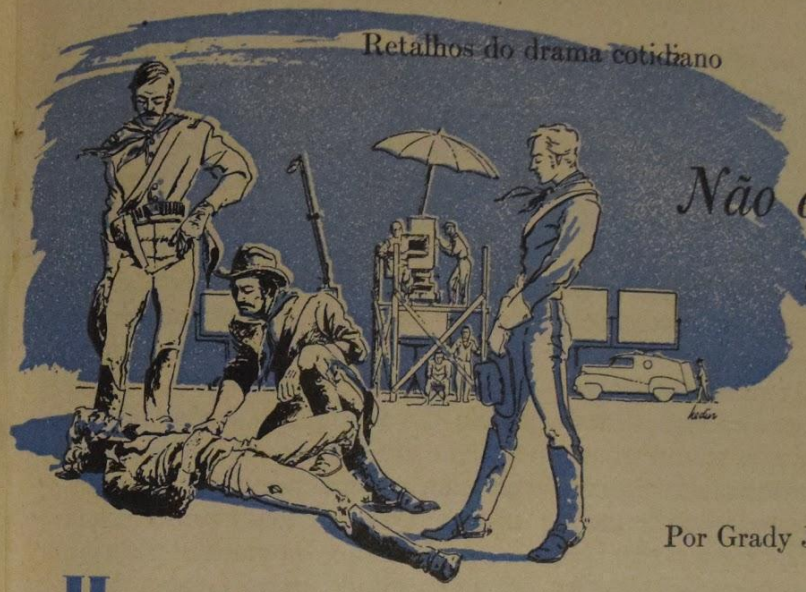
Tal é o espírito que reina em Antióquia—lugar tão civilizado quanto é possivel encontrar-se neste mundo de hoje.

A voz interior

UM MISSIONÁRIO, ao traduzir na África o Evangelho de S. João para certo dialeto, não conseguindo encontrar uma palavra que expressasse «acreditar», resolveu consultar um nativo cristão. O negro pensou alguns instantes e, depois, ponderou: «Não quererá dizer *ouvir com o coração?*»

—*Sunday School World*, citado em *Negro Digest*

Retalhos do drama cotidiano



Não estava no papel

Por Grady Johnson

HAVIAM sido instalados no deserto trilhos de alumínio para os pneumáticos das câmaras cinematográficas e, na areia ao pé de uma alta e escarpada colina, cintilavam enormes chapas de folha, refletindo a luz intensa do sol.

«Todos aos seus lugares!»

Na placidez do Vale dos Monumentos, no Utah, a voz calma do diretor-assistente soou rouca. Três artistas de renome, em uniforme de cavalaria, afastaram-se para deixar passar um «extra» de meia idade e cabelos longos. Ficaram a vê-lo deitar-se em frente da câmara, e logo se juntaram à cena.

O silêncio era completo. Um gavião, apenas, dava voltas preguiçosas num céu que parecia de platina.

Fechou-se a tampa da câmara, com um estalido. Um homem se pôs em frente da objetiva, segurando um quadro indicador que dizia: «Argosy Pictures. *She Wore a Yellow Ribbon** Cena 137. Diretor, John Ford. Tecnicolor.» Depois, fez uma coisa inesperada: em vez de olhar para o cinegrafista-chefe, virou-se para ver o «extra» que jazia no chão, atrás dele.

A essa altura, todos estavam olhando tambem para Rudy Bowman. Ele deve ter sentido o peso daqueles olhares, porque virou a cabeça e, pensativo, se pôs a estudar o gavião. Tinha chegado a hora, a oportunidade que ele havia aguardado tanto tempo. Seria capaz de dizer a sua parte?

Enguliu em seco e olhou para a máquina. Um dos artistas principais, ao seu lado, piscou-lhe o olho. Bowman sorriu e respirou fundo.

O diretor Ford fitou-lhe os dedos entrelaçados. «Roda,» disse quase num murmúrio.

Bowman levantou o queixo e uma

*Título no Brasil: «A legião invencivel».

luz brilhou-lhe nos olhos. Todos alí conheciam sua história.

Lá para o começo do século, seus vizinhos estavam certos de que o jovem Rudy Bowman, com sua beleza de menino, ia ser cantor ou ator profissional quando crescesse. Por ocasião do Natal, quando tomava parte em peças sacras ou cantava nos coros, seu cabelo louro e ondulado e sua bela voz de soprano faziam dele uma verdadeira sensação. E Rudy tinha confiança em si. Costumava dizer que sempre conseguia o que desejava; era só ter perseverança. De um modo ou de outro, tinha ele ganho a bicicleta, o ponei e a espingarda que tanto queria. Quando fez 24 anos, casou-se com a moça de quem gostava e conseguiu o emprego que almejava. Ao que parece, sua teoria estava dando resultados.

Mas certo dia—3 de novembro de 1918—o praça Rudolph Bowman, com mais sete outros, arrastava-se em direção a uma posição da artilharia alemã, perto do rio Mosa, quando de repente a terra explodiu em frente deles. Todos pereceram instantaneamente, menos Bowman. Com o sangue escorrendo da garganta, tentou gritar por socorro mas não pôde articular um som. A granada tinha-lhe despedaçado as cordas vocais.

A respiração tambem se tornou difícil. É que uma parte da traquéia havia sido cortada, formando uma válvula que se fechava sempre que ele respirava profundamente. Só conseguia ar controlando a respiração, inhalando devagar e pouco. Quase sufocado, pensou muitas vezes que a morte seria um alívio. Mas cada vez que chegava a ponto de renunciar a qualquer esforço para sobreviver, algo lhe dizia que esperasse um pouco mais.

Recolhido duas horas mais tarde, teve de esperar a noite toda num posto de pronto socorro antes de ser enviado ao hospital. Embora tivesse estado 89 dias na frente de batalha, ele não dormiu naquela noite, com medo de se sufocar.

No dia seguinte, em um hospital situado em Barois, os médicos prepararam-se para operá-lo. As enfermeiras já tinham o eter pronto quando, muito aflito, Bowman se pôs a gesticular pedindo papel e lapis. Fraco com a dor e perda de sangue, conseguiu rabiscar: «Estou controlando a respiração. Se me derem eter, fico sufocado.»

O médico mais que depressa, fez uma incisão na garganta de Bowman e introduziu uma sonda para que ele pudesse respirar.

Depois de 13 meses e de mudar 11 vezes de hospital, o único som que Bowman conseguia articular era o de um pigarro. Enfermeiras e médicos olhavam-no com dó — preenchendo um questionário, ele havia escrito que desejava ser ator.

Um dia Bowman resolveu fazer experiências com o seu pigarro. Descobriu, então, que podia variar o som contraindo a garganta e forçando o ar a subir do diafragma. Dentro em pouco ele começou a transformar aqueles roncos abdominais em palavras guturais isoladas. As enfermeiras, acostumando-se aos ruidos estranhos, aprenderam a compreender alguns deles. Um cirurgião, deduzindo que Bowman estava falando com as dobras ventriculares da garganta, cortou-lhe um pouco do tecido da cicatriz afim de melhorar os sons.

Vendo que havia esperanças para ele, a Administração dos Veteranos mandou Bowman para um instituto de surdos-mudos. Durante oito meses ele exercitou diariamente os músculos do diafragma e da garganta, até cair de cansaço.

Num dia de setembro de 1920, Bowman encaminhou-se, nervoso, para o palco do Arsenal de St. Louis. Ia exibir a sua «voz». Foi uma exibição monstruosa ou, pelo menos, patética, promovida pelo instituto e a Administração dos Veteranos. Em sons estridentes e inhumanos, Bowman não só «falou» como «cantou» «A Cidade Santa».

Na assistência, ouviu-se o choro de uma criança. Depois de terminada a canção, Bowman explicou: «Foi Bonita, minha filhinha. Fico contente que ela me tenha ouvido tão bem, a ponto de se aborrecer.»

Mandou-se um disco da canção para a Biblioteca do Congresso, em Washington. A Administração dos Veteranos descreveu a façanha de Bowman como um dos casos raros de uma pessoa ter conseguido falar sem possuir as cordas vocais. Esse «milagre» provocou exames e mais exames por parte dos médicos.

Lá por 1920, Bowman foi para Hollywood. Naquele tempo as fitas eram silenciosas e a voz do ator não fazia diferença. Conseguiu emprego como cinegrafista-assistente e trabalhou tambem como «extra» em vários filmes, em cenas de multidão.

Mas depois veio o cinema falado. Técnicos amigos seus aconselharam-no a desistir da idéia de conseguir um papel em que houvesse diálogo. Diziam que sua voz, apesar de constituir um autêntico prodígio, pouco mais era que um grunhido.

Mas Bowman recusou-se a desistir. Ia continuar a exercitar sua voz—e esperar. Todos os dias punha em prática o esforço tremendo de tentar falar. Uma hora de exercício deixava-o rouco vários dias. Enquanto isso, por causa de sua aparência vistosa, obtinha mais papéis que o comum dos «extras». Seu cabelo castanho claro, comprido atrás, seus bigodes e costeletas grisalhos faziam dele o favorito dos diretores. Mas ele não deixava de alimentar esperanças de que um dia lhe dessem a oportunidade de dizer algumas palavras, embora insignificantes. Esse desejo era mais forte do que qualquer outro que jamais tivera.

Foi aí que Bowman conheceu o diretor John Ford, que tambem havia sido ferido na Primeira Guerra Mundial. Ford, sempre que pode, dá emprego a veteranos que tenham sido feridos em combate. Como quase todo o mundo na indústria cinematográfica, ele conhecia Bowman de vista e ouvira sua história. Enquanto conversavam, Bowman confessou, rindo, o seu desejo de falar ante a câmara. Ford teve uma idéia: estava para iniciar um filme novo, no qual um soldado mori-

bundo tinha que dizer três linhas. «Rudy», disse ele, «acho que você vai conseguir o que quer. É só esperar um pouco.»

E era por isso que, a 3 de novembro de 1948—30 anos depois que uma granada lhe «destruira» a voz—Rudy Bowman, com 58 anos de idade, estava deitado na areia de um deserto, em frente da câmara cinematográfica, tomando parte numa película falada.

Ford disse: «*O.K.*, fale.»

Das torturosas entranhas do abdomen, através da garganta contraida pelos músculos e pela emoção, sairam as primeiras palavras de Rudy Bowman para a câmara. Eram ásperas e estridentes, mas pareciam mesmo palavras de soldado velho.

«Não se incomode comigo ... capitão,» disse o «soldado moribundo». «Espero que me perdoe a presunção...mas gostaria de recomendar o rapaz... pela maneira como dirigiu o combate...»

Aquí a voz de Bowman sumiu. Por suas faces rolavam lágrimas que iam cair na areia quente. Maravilhoso desempenho, que não estava no papel. Ele enguliu em seco, contraiu os músculos do estômago novamente e continuou: «... na mais perfeita tradição ... da cavalaria.»

A voz tinha sido perfeita para um moribundo. E a interrupção tambem.

Fred Kennedy, um *double* rijo de corpo e de espírito forte, murmurou: «Você é o primeiro homem que me fez chorar!»

Bowman levantou-se e se afastou, para esconder as próprias lágrimas. Ele havia esperado um longo tempo...

Lógica feminina

Esbaforido e carregado de malas, o marido apontou para o trem que acabava de partir:

—Se você não tivesse levado tanto tempo para aprontar-se, censurou à esposa, —não o teríamos perdido.

—É isso mesmo, foi a réplica imediata. —Mas se você não me tivesse apressado tanto, teríamos de esperar muito menos tempo pelo próximo trem!

—*The Wall Street Journal*

Perguntaram a uma senhora da nossa cidade, que bem merecia o apelido de «tagarela perpétua», se ela, alguma vez, antes de dizer alguma coisa, se detivera a pensar um segundo sobre o que ia dizer. «Mas como?» replicou ela, solenemente. «Como poderia eu saber o que penso sobre um assunto, antes de ter ouvido a minha opinião?»

—Murl Corbett

Meu tipo inesquecivel

Por Betty MacDonald

Autora de *The Egg and I* e *The Plague and I*

Tenho a certeza de que mulher alguma jamais foi alvo das atenções de um pretendente mais simpático ou singular do que Mike Gordon. Em vez de flores ou de bombons, Mike mandava-me presentes tais como a metade de um boi; 24 caixotes de maçãs; quatro dúzias de pares de meias *nylon* com pequenos defeitos; 288 latas de sopa de ervilhas; seis suéteres tiroleses feitos a mão, todos idênticos e nenhum do meu número; 200 espigas de milho; uma dúzia de presuntos; 367 barras de sabonete perfumado.

A pedra que deslocou essa avalanche de presentes foi uma apresentação casual, num almoço, em 1934. Conquanto eu já tivesse sido casada e fosse mãe de dois filhos, contava então apenas 26 anos; e, visto que Mike andava entre os 70 e 100, jamais me ocorreu que se considerasse meu pretendente e que procurasse, antepor-se a qualquer possivel candidato.

O aspecto de Mike era de um anãozinho jovial: não tinha nem metro e meio de altura, possuia uma ligeira franja de cabelos brancos amarelados, pequenos olhos azuis faiscantes, rochonchudas bochechas rubras e uma barriguinha redonda, sempre fartamente salpicada de cinzas de cigarro.

Eu e Mike descobrimos que provínhamos da mesma cidadezinha, logo no primeiro dia, no tal almoço, enquanto nosso conhecido comum fôra apanhar o sobretudo.

Quando o nosso conhecido voltou, Mike disse calmamente, para espanto meu: «Conheço Betty desde sua infância. Dava-me com a mãe e o pai dela—homem rico e famoso.» Descobrí mais tarde que Mike era feito criança, diante da verdade. Considerava o respeito aos fatos um sinal de fraqueza, como o temor aos camon-

dongos. Dizia o que lhe desse na cabeça; depois, chegava a acreditar ele mesmo e procurava fazer com que os outros acreditassem tambem.

Naquele tempo, eu ainda não sabia que todos os amigos de Mike tinham que ser «ricos» ou «famosos». Quem não fosse seu amigo era «caipira».

Convidei Mike para conhecer minha família e passamos um serão delicioso, ouvindo Mike e mamãe evocar os dias fabulosos da nossa cidade natal, quando a mineração do cobre estava no auge.

A casa e o próspero negócio de madeiras de Mike ficavam numa pequena cidade situada no coração da zona de cultivo de maçãs, no leste do Estado de Washington. Setembro é o mês da maior colheita de maçãs e setembro de 1934 assinalou o início, no seio de minha família, de um interminavel desfile de caminhões lotados dos presentes que Mike mandava. O primeiro caminhão trouxe 24 caixotes de maçãs. Cada maçã media seus quinze centímetros de diâmetro. Soubemos então que Mike tinha a mania de comprar tudo do maior que houvesse e em quantidades máximas. «Mais e maior» era o seu lema. Daquele dia em diante, a casa cheirava a moenda de maçã e zumbia como colmeia, com as crianças correndo toda hora ao porão, em busca das frutas.

Aquela primeira remessa de maçãs conquistou para Mike o coração de minhas filhas, Anne e Joan, que contavam cinco e seis anos de idade, respectivamente. Houve muitas ocasiões, mais tarde, em que Mike chegou a irritar-me, mas jamais a adoração que as crianças lhe votavam vacilou. Não era de admirar, pois seu lema de «mais e maior» era a realização do sonho de toda criança.

«Adoro uvas,» disse Anne a Mike, certo dia. Na semana seguinte, o expresso entregou duas cestas de dez quilos de uvas. «As cerejas são minha fruta predileta,» disse Joan. E todos os anos, no tempo de cerejas, Mike enviava caixotes de cinco quilos, de enormes cerejas.

Com os amigos de Mike descobrimos que seus presentes eram a única característica dele que lhes infundia horror. Se alguem observava que tinha predileção por determinada espécie de batatas, no dia seguinte Mike mandava descarregar à sua porta uma tonelada de batatas de espécie diferente... Outro mencionava gostar muito de certa qualidade de presunto e recebia imediatamente dez presuntos de uma outra qualidade, do gosto de Mike.

E Mike era como uma criança, com os presentes—exigia que se gostasse do que ele trazia e obrigava o presenteado a abrir, enquanto observava radiante, uma caixa que continha 144 vidros de molho indiano.

Eu creio que a obsessão de Mike pelas riquezas e pela fama era consequência do desejo de obliterar uma origem humilde, mas não tenho certeza, porquanto nem eu nem nenhum de seus muitos amigos jamais tivemos a menor idéia dos seus antecedentes. Certa vez, disse-me que seu pai fôra um comandante britânico e que sua mãe era russa. Mas depois todos os amigos ricos e famosos de Mike começaram a clamar contra o comunismo e ele logo abandonou essa versão. Quando a relembrei, desmentiu que jamais a tivesse relatado.

«Minha mãe era sueca,» disse ele. «Meu pai morreu quando eu era pequenino, de forma que não sei o que ele era.»

Mike dirigia automovel como tudo que fazia: com superlativos—da maneira pior e mais rápida. Felizmente, seu carro era pintado de um vermelho vivo e quando a gente o via aproximar-se enveredava pelo mato até que o bólide passasse. Seu método de dirigir consistia em sentar-se ao volante, pisar o acelerador até em baixo e apodar de «caipiras» a quantos lhe surgissem no caminho.

Duas semanas antes do primeiro Natal, depois que nos conhecemos, Mike visitou-nos para saber que presentes minhas filhas queriam. «Conheço Papai Noel muito bem,» disse ele, e Joan observou: «Natural; ele é do seu tempo!» Mike riu gostosamente e sacou de uma caneta e de um caderninho de apontamentos. Anne disse que queria uma boneca; um carrinho de bebê, para a boneca; máquina de costura e patins «de bilhas». Joan disse que queria uma bicicleta; um trem elétrico, patins «de bilhas» e uma espingarda de ar comprimido.

Eu interpús: «Tambem conheço Papai Noel. Eu sei que este ano ele está trabalhando para o governo, com um ordenado miseravel, e é melhor que vocês reduzam essas listas já, antes que ele ache que vocês são muito pedinchonas.» As crianças lançaram-me olhares de reprovação e modificaram as listas para uma boneca, um trem, caixas de tintas e patins de rolamento de esferas.

Três dias antes do Natal, o «expresso» entregou à nossa casa o que parecia serem todos os artigos da seção de brinquedos de uma grande loja. Na manhã de Natal, Anne e Joan ficaram empolgadas. Mike provara que realmente conhecia Papai Noel.

As festas que Mike dava estavam bem de acordo com a sua índole—eram as maiores e as mais fartas. Morava num apartamento debaixo dos escritórios de seu negócio de madeiras, mobiliado num estilo *sui generis*. Tudo era vermelho, tudo ostentava monograma e o apartamento estava sempre aquecido à temperatura de 26 graus. No banheiro, havia cortinas de veludo vermelho, com enormes monogramas a ouro; papel higiênico perfumado; sabonete com monograma; um tapete oriental e uma prateleira repleta de frascos de perfumes caros. As demais dependências tambem eram magnificamente superadornadas e continham curiosas velharias como, por exemplo, uma lâmpada que era uma odalisca seminua perscrutando um globo de cristal iluminado.

Anfitrião encantador, Mike conhecia o segredo que garante o sucesso de uma festa: boa comida, bons vinhos e gente sociavel. Qualquer ocasião era pretexto para uma festa na casa de Mike, e os convivas transpunham

centenas de quilômetros de montanhas para comparecer. Bebia muito pouco, mas frequentemente preparava para os convidados misturas de arrepiar. Numa festa, havia frutas e flores congeladas em cada um dos ângulos de uma pedra de gelo de 100 quilos, cujo centro fôra escavado para receber o refresco.

Mike era egrégio cozinheiro e tornara o seu criado filipino o encanto dos *gourmets*, mas os repastos eram tão fartos que desanimavam a gente. Lembro-me de um piquenique que ele ofereceu. As oito pessoas que compunham minha família deveriam dirigir-se para a margem de certo rio, às quatorze horas; não deveríamos levar nada conosco. Quando chegamos lá, Mike já estava; havia desembarcado e estendido sob as árvores dez quilos de galinha frita, cinco quilos de almondegas, cinco de salchichas, oito caixotes de refrescos e cerveja, um barril de salada de batatas, picles, azeitonas e ovos cozidos, e cinco litros de coquetel. Mike, que nunca comia durante o dia, não provou nada; mas queixou-se amargamente porque não devoramos toda aquela montanha de comida.

Uma característica de Mike que eu achava quase insuportavel era justamente aquela que o tornava querido das crianças: a sua mania de mandão, os programas que impunha aos convidados. Quando projetava uma festa ou excursão, estabelecia um horário rígido, que abrangia frações de minuto, e os convidados tinham que observá-lo à risca.

Quando íamos visitá-lo, de trem, recebia-nos na estação e logo nos levava para o automovel, traçando ao mesmo tempo o programa. «A primeira parada,» dizia, «será para o almoço. Não comam demais. Vou oferecer um jantar hoje e quero que tenham apetite. Depois do almoço, visitaremos Margaret, em seguida Corinne, depois Berle, depois Marguerite, depois Bea, e depois a esposa do doutor e, a seguir, iremos para casa descansar, antes do jantar. Convidei dez casais, mas disse-lhes que não ficassem até muito tarde porque temos de nos levantar cedo no dia seguinte, para darmos um passeio até o Lago Chelan. Ficaremos lá um minuto para que vocês apreciem o panorama, depois seguiremos para a Represa Coulee—dez minutos alí—depois iremos ao Lago Moses.»

E ele seguia o programa traçado. Fico irritada só com a simples evocação disso, mas as crianças adoravam. As rápidas mudanças de cenário e o movimento constante faziam de suas visitas a Mike uma delícia.

Apreciavam ainda o fato de que Mike se levantava às quatro horas da madrugada, de forma que, quando desciam as escadas às cinco, em vez de serem reprovadas e mandadas de novo para a cama, como era costume em casa, eram recebidas cordialmente e mimadas com café e o que sobejara da sobremesa da véspera.

As crianças eram o verdadeiro amor da vida de Mike, e ele sempre as tratava com dignidade e cortesia. Por mais atarefado que estivesse, ouvia atentamente as queixas contra professoras rabugentas, mães injustas, colegas desleais; casos de sonhos interessantes e de fitas emocionantes. Mike não tinha *sense of humor*, segundo o meu ponto de vista, mas nenhuma história que as crianças contassem era demasiado batida ou sem graça para passar sem aplausos.

Mike usava a mesma frase para tudo de que gostasse: «Lindo, lindo, lindo!» Aplicava-a à interpretação de um grande tenor; às folhas, no outono; a um prato de doce de leite; aos sapatos novos de uma criança; a um carregamento de madeiras. Enquanto vivermos, eu e minha família sempre ecoaremos, quando virmos folhas de outono, a exclamação de Mike: «Lindo, lindo, lindo feito ouro!»

Quando me casei com Donald MacDonald, depois que Mike me fizera a corte, via «expresso», durante oito anos, imaginei com certo alívio que o dilúvio de presentes cessasse. Qual, nada! Mike e Don se conheceram, e a admiração foi mútua. Don achava Mike um assombro, divertido e encantador. Mike se referia a Don como «um grande e belo sujeito—escocês, como eu». Os presentes continuaram, mas sob nova forma. Presentes tais como pequenos motores, 200 litros de preparados para impedir o congelamento do radiador do automovel e caixas de uisque escocês substituiram as meias *nylon* e os bombons. E a coisa foi continuando. Mike nos fazia a corte a ambos...

Durante todos os anos em que o conhecí, procurei coisas com que lhe pudesse retribuir as gentilezas, a generosidade. Fazia desenhos, mandava-lhe quadros, andava sempre à cata de algum objeto que estivesse ao alcance de minhas posses e de que ele já não tivesse 60 iguais. Depois, eu e Don conjugamos as nossas forças, mas era uma causa perdida: cada vez que mandávamos um presente a Mike, ele correspondia com outro que era duas vezes maior e oito vezes mais caro.

Foi um problema que avultou com o decorrer dos anos, até que, em 1945, escreví meu livro, «The Egg and I» e passei a ser, para surpresa minha, «rica e famosa». Não podia ter feito nada que o recompensasse mais completamente. Mike levava no carro dúzias de exemplares do livro, atirando-os a todo o mundo com a observação: «Já vendidos dez milhões de exemplares—está agora na 86ª impressão. O maior sucesso depois da Bíblia.»

Quando Mike morreu, há um ano, seus muitos amigos se excederam para prestar-lhe exéquias faustosas. Geralmente evito os enterros por considerá-los rituais bárbaros e antiquados mas, nesse caso, a cerimônia era justamente o que Mike teria desejado. O altar e até as paredes da igreja estavam repletos de flores; o ataúde, coberto de orquídeas. «Lindo, lindo, lindo!» ele teria exclamado.

O ministro proferiu um breve elogio a Mike, à sua bondade e generosidade, seu amor às crianças, e terminou com a afirmativa de que o extinto entrara no reino dos céus. E eu fiquei fazendo votos para que o ministro estivesse equivocado, pois sabia que Mike preferiria estar com toda aquela gente «rica e famosa»...

Instantâneos pessoais

VICTOR MOORE, o comediante do cinema norte-americano, dá sempre a impressão de estar meio aturdido e espantado, e por isso os vendedores inescrupulosos e outros espertalhões crêem ver nele a encarnação do «trouxa» perfeito. Mas ai daquele que o provocar alem de certo limite! Faz pouco tempo, havendo sido assediado longamente por um indivíduo insistente que lhe queria vender diamantes e perfumes «de contrabando», Victor pegou-o pelo braço, conduziu-o até o teatro onde representava naquela temporada e, apontando para seu próprio nome no cartaz, exclamou:

—Está vendo? Aquele sou eu, ouviu? *Eu* é que estou tapeando os outros!

—Lewis B. Funke, no *New York Times Magazine*

BEATRICE LILLIE, conhecida atriz inglesa, escreveu ao proprietário de uma estância nas Bermudas, pois desejava alugá-la para alí passar suas férias. Respondeu ele: «Minha estância fica situada numa ilhota, de modo que a senhora terá necessidade de meu barqueiro para transportá-la toda vez que for à cidade. O aluguel da estância é 25 mil dólares, mas, caso a senhora deseje os serviços do barqueiro, o total será 30 mil.»

Veio logo um cabograma de Beatrice, nestes termos:

«Favor enviar urgente fotografia barqueiro.»

—Bennett Cerf, em *The Saturday Review of Literature*

UM JORNALISTA perguntou ao ator William Powell, em Hollywood, como ele conseguia, apesar da idade, manter-se fisicamente em tão perfeita «forma».

—Bem, acontece que tenho uma piscina, respondeu o ator.—Todos os dias olho para ela detidamente. Penso muito no tenis e falo sempre sobre golfe. Depois começo a preocupar-me pelo fato de não fazer exercícios físicos suficientes. Como o senhor sabe, as preocupações emagrecem. Magreza é saude. Aí está a explicação.

—*Evening News*, de Edinburgh

O PRESIDENTE Coolidge convidou, certa vez, alguns amigos a jantar com ele na Casa Branca. Estes não sabendo bem como portar-se à mesa em lugar tão elegante, resolveram imitar Coolidge em tudo. As coisas correram bem até à hora de servir-se o café. Cheias as xícaras, Coolidge despejou parte do líquido num pires. Os convidados fizeram o mesmo. Em seguida o presidente acrescentou-lhe açucar e leite. Nova imitação. Coolidge então abaixou-se e pôs o pires no chão, para o gato da casa

—Henry Charles Suter

Grandes mentiras que todos repetem

(Condensado de «Maclean's»)

Por Bruce Hutchison

Redator de «Free Press», de Winnipeg, Canadá

O DR. JOSEPH GOEBBELS, falecido e não-pranteado ministro da Propaganda nazista, afirmava que, se se diz uma mentira bem grande com bastante frequência, ela será com o tempo acreditada. Apresento agora a tese de que a Grande Mentira do dr. Goebbels, adornada devidamente para fins locais, está penetrando e corrompendo a nossa sociedade norte-americana; sim, estamos nos enxurdando num mar de inverdades.

Consideremos a brilhante parada das mentiras que passam diariamente pelas nossas cabeças e que são tidas como verdades.

À frente do desfile, marcha um complexo e vago emaranhado de falsidade a que podemos chamar de **A Mentira da Abundância.** Segundo ela, o mundo é uma fonte ilimitada de riquezas; todo indivíduo poderia possuir o que quer que desejasse, bastando para isso que mudássemos nosso método de produzir e distribuir mercadorias. Essa mentira é jovem ainda —tem, talvez, cem anos de idade. É provavel que nenhuma mentira tão poderosa em seus efeitos tenha jamais invadido a mente da família humana. Fundamentando-se nessa mentira, as revoluções têm engolfado muitas nações, grandes estados têm sido espoliados ou convertidos em prisões. Na tentativa de adquirir riquezas inexistentes, grande parte do mundo foi reduzida à penúria e à fome.

Isso não quer dizer que não possamos melhorar nossos métodos de produzir e distribuir mercadorias. As nações industriais têm-se dedicado a melhorá-los durante os últimos cem anos, ou até mais, de forma tal que um indivíduo que esteja recebendo auxílio aos desempregados encontra-se hoje em situação melhor—no que concerne a aquisição de mercadorias —que a de um trabalhador remunerado por seu tempo integral na época de nossos avós. Contudo, nas circunstâncias atuais, não há riquezas ilimitadas.

Se combinarmos as rendas nacionais do Canadá e dos Estados Unidos e dividirmos o total pela população conjunta de ambos os paises, veremos que,

em média, não podemos ter todos a esperança de ser ricos. Não importa como redistribuamos nossos bens, nós do continente norte-americano—obesos e opulentos, pelos padrões de outros povos—somos pobres em relação aos padrões impossiveis que estabelecemos para nós mesmos. Embora seja fato que as nossas riquezas deverão aumentar (caso possamos evitar uma quebra ou depressão final), esse aumento só ocorrerá se criarmos um sistema de produção ainda mais eficiente—e isso leva tempo.

A Mentira da Abundância não falsifica apenas os fatos sobre nossa renda atual, mas adultera tambem o fato profundo e mais alarmante de que o nosso capital básico—a substância da própria terra—está sendo exhaurido, de que o solo está sendo estripado, de que se lhe roubam o petróleo e os minerais, de que as florestas estão sendo devastadas. Indubitavelmente, o fato mais importante de nossa época é que a população do mundo está aumentando numa razão muito maior do que a capacidade da terra de alimentá-la. A família humana, embriagada de mentiras, está começando quietamente a morrer de fome.

Ainda assim, os políticos oferecem-nos, ao invés dos fatos, gigantescos serviços públicos que não podemos custear; propõem, solenemente, que gastemos o que não possuimos, comamos o que não produzimos, desfrutemos o que não existe e—mais estranho que tudo—que se reduzam simultaneamente os impostos. Com esse fim em vista, propõem que adotemos rumos que jamais produziram, em lugar algum, tanta riqueza como a que ora temos; rumos que, provavelmente, viriam a diminuir a que possuimos, e que, com toda a certeza, destruiriam nosso direito de usufruí-la como homens livres.

Se isso continuar por tempo suficiente, a desilusão inevitavel que terá de sobrevir ameaçará a base fundamental do sistema democrático: Se os homens se tornarem desesperados pelo malogro de suas falsas esperanças, e insistirem em alcançar uma riqueza que não existe, terminarão por demolir não só o nosso sistema econômico, mas tambem toda a estrutura da liberdade, a qual, uma vez perdida, não pode ser recuperada senão após anos de labuta e de miséria. Isso, precisamente, foi o que aconteceu a uma grande parte do mundo.

Outro instrumento político, **A Mentira do Dinheiro,** diz-nos que podemos custear qualquer serviço prestado pelo Estado ou qualquer orçamento nacional, quer pela emissão de mais dinheiro, quer pela arrecadação de impostos mais altos dos ricos.

A teoria de mandar imprimir mais dinheiro não necessita de refutação, entre um povo já familiarizado com a inflação. Quanto a onerar com maiores impostos os ricos, basta dizer que as estatísticas oficiais demonstram que, se todas as pessoas de renda acima da média forem deixadas sem um vintem, ainda assim o Estado não terá dinheiro suficiente para custear

uma décima parte das coisas que A Mentira do Dinheiro nos promete. Em vista disso, temos que aceitar o fato matemático de que é o cidadão comum quem paga pela maioria dos serviços do Estado.

Outro mito em que de há muito acreditamos, neste continente, é o de que de uma ou outra forma somos melhores que os povos de outros continentes. Essa é **A Mentira da Superioridade Norte-Americana**—tese baseada principalmente em nosso padrão de vida superior. Mas ainda que tivéssemos criado esse padrão superior de vida somente pelo nosso engenho natural, isso significaria apenas que somos mais capazes que outros povos, não que somos melhores. De modo geral, as pessoas de altos padrões de vida são mais virtuosas que as de baixos padrões. De fato, a nossa prosperidade relativa se tornou possivel somente porque tropeçamos com a mais rica faixa de terra que restava no globo, e a pilhamos. Se considerarmos como tantos povos têm conseguido viver em tão pequenos espaços de terra, com tão poucos recursos—como, por exemplo, na Inglaterra, Holanda, Bélgica ou Suiça—poderemos afirmar com honestidade que temos conseguido mais de nosso fabuloso continente do que outros o teriam feito, se o tivessem encontrado?

Essa Mentira da Superioridade, esse racismo disfarçado—em nós, que estamos sempre denunciando o racismo em outros povos—é algo mais que uma desagradavel infração ao código das boas maneiras. Essa mentira tem efeitos profundos e malignos sobre os negócios do mundo. Foi nela que se originou o isolacionismo norte-americano, o qual nos persuadiu de que não só poderíamos, mas até deveríamos viver apartados de outros povos que carecem do bom senso necessário para serem prósperos como nós. Começamos a aprender, agora, que não podemos viver sós, e que se não partilharmos nossa riqueza, pelo intercâmbio de mercadorias, cairemos na alternativa de dá-la indefinidamente, para proteger-nos, ou então lutar por ela. Mas o sentimento subconsciente de superioridade permanece vivo, para envenenar as nossas relações com outros povos, especialmente os povos da Ásia. Até que a nossa arrogância de adolescentes seja substituida pela humildade do adulto, não se poderá dizer que estamos preparados para assumir a liderança moral do mundo, ora confiada a nós.

A Mentira do Sacrifício Heróico conseguiu tambem um lugar importante no confuso divagar do pensamento da América. De acordo com essa mentira, o povo da América do Norte tem-se dessangrado para salvar a humanidade da fome, e quase não se lhe agradece o sacrifício.

Ninguem deveria subestimar o que os Estados Unidos e o Canadá têm feito pelos outros povos nestes últimos anos. Tomando o volume por base de apreciação, nunca antes se viu uma coisa assim. Mas, tambem, nunca antes houve um volume de riquezas tal como o nosso. A verdade é que, com exceção de possiveis casos indi-

viduais, este continente, como um todo, não fez sacrifício algum por ninguem. Nossa iniciação em altruismo não é senão uma ostentosa prosperidade. Chamar a isso sacrifício é não somente falso, mas até um tanto indecente. Até agora, estabelecemos um limite alem do qual recusamos dar qualquer coisa a quem quer que seja. Esse limite é o nosso atual padrão de vida. Num continente onde domina a irreverência, pelo menos o padrão de vida é sagrado. Quando os nossos políticos e economistas asseveram que esgotamos os nossos meios de auxiliar a Europa ou a Ásia, eles querem simplesmente dizer que não podemos mais fazer coisa alguma, a não ser que nos disponhamos a usar menos mercadorias para nosso próprio usufruto —que estejamos dispostos a fazer o sacrifício de que já nos vangloriamos.

Com efeito, é ridículo chamar a isso sacrifício. Estamos em guerra, hoje—um novo tipo de guerra, feito com armas econômicas e com as armas ideológicas. Numa guerra como essa, o poderio da Inglaterra e da Europa continental é-nos imprescindivel. Não importa a que custo, a Inglaterra e o continente europeu têm que ser salvos. É então um sacrifício reduzir nosso padrão de vida, para salvá-los? Nesse caso, deveríamos dizer que um homem está fazendo um sacrifício quando paga o prêmio de um seguro de incêndio, para proteger a sua casa.

A importância do padrão de vida é, já por si, uma mentira. A crença de que uma nação ou civilização deve ser julgada pela sua riqueza manifesta-se através de toda a História. Nós negamos a veracidade dessa proposição em nossas vidas individuais: desde há muito tempo que abandonamos a idéia de idolatrar os homens por serem ricos. Se essa conclusão é verdadeira para o indivíduo, deve-o ser tambem para o grupo de homens chamado sociedade. Não que uma sociedade pobre seja preferivel a uma rica: quanto mais rica, melhor, desde que não perca a perspectiva dos seus objetivos. Mas as nações que buscam riquezas ilimitadas convertem-se em agressores que empobrecem a todos. É então que os paises onde mais predomina a abundância se tornam presa facil de bárbaros pobres impelidos pela ambição.

Confunde-nos, outrossim, o que poderíamos chamar de **A Mentira do Preto ou Branco,** segundo a qual uma sociedade tem que ser baseada completamente no princípio da livre concorrência ou controlada inteiramente pelo Estado; ou tem que deixar o sistema de competição decidir absolutamente tudo, até o último vintem de uma viuva, ou permitir que o Estado tome todas as decisões, até sobre o comprimento das saias. Nessa batalha simulada entre dois fantasmas, ignoramos a melhor lição da nossa história: que, numa sociedade livre, nada é completamente branco ou preto. O cinzento é a côr do homem livre. Tudo deve ser resolvido por um critério soberano: dará bom resultado, e—se fracassar—permitirá à sociedade experimentar livremente outra coisa? A experimentação, o processo de tentativa e erro são os fatores responsaveis pela nossa grandeza e que tornaram possivel a nossa liberdade.

E assim chegamos à derradeira mentira, **A Mentira da Desordem Universal.**

Dizemos que estamos empenhados numa guerra de idéias: a idéia de liberdade, contra a idéia de escravidão. Mas que é liberdade? A idéia de liberdade não se baseia em dogma político algum, mas na tese original de que o Universo é um sistema ordenado e de que todo homem tem um lugar e um objetivo na ordem universal. Se admitirmos que o Universo não tem objetivo nem ordem, nenhum homem tem o direito inerente a ser livre, e o único meio de se conseguir lei ou ordem está nas mãos de um pugilo de homens habeis que podem dar ordens a todos os outros. Essa é a teoria do nazismo alemão, do comunismo russo, e de todos os outros sistemas de tirania, através dos séculos.

Os que concordam em que os russos estão certos quanto à natureza do Homem e do Universo, aceitam *ipso facto* sua religião confusa e, com o tempo, adotarão seus métodos temporais. Se os materialistas conseguirem impor suas idéias, mais vale que abandonemos a luta já, pois que o inimigo terá vencido a guerra de idéias. Mesmo que obtivéssemos uma vitória militar, seríamos derrotados, porque ao destruir o inimigo estaríamos estabelecendo seu modo de vida, alterado somente nos detalhes.

A pergunta de importância capital —de se o Ocidente aceitará ou não, por fim, essa Mentira da Desordem Universal—só pode ser respondida pelo indivíduo. Se ele abandonar sua fé em Deus e em si mesmo, estamos perdidos.

Estratégia de tribunal

O FAMOSO advogado A. S. Trude e o eminente clínico dr. Frank Billings eram vizinhos, em Chicago. Certo dia, tendo sido chamado ao Tribunal, como perito, Billings depôs contra Trude. O advogado imaginou logo um meio de neutralizá-lo.

—O sr. Marshall Field foi seu cliente, não foi? começou.

—Foi.

Trude prosseguiu:

—Onde se encontra o sr. Field?

—Já morreu.

Trude continuou a mencionar outros clientes de Billings que haviam falecido. Cada vez que Trude perguntava: «Onde se encontra ele?» o médico era forçado a responder: «Já morreu.»

—Muito obrigado, é o que queria saber, concluiu o advogado. E venceu o pleito.

—Leonard Lyons

A Comissão de Cosméticos da A.M.A. publica um relatório sobre os «remédios» para a caspa e queda do cabelo

Negócio rendoso— «curar» a calvície

(*Condensado de «The Journal of the American Medical Association»*)

Todas as cidades dos Estados Unidos possuem um ou mais estabelecimentos que, pretextando algum processo «infalivel» ou «exclusivo» para a prevenção ou a cura da calvície, oferecem ao público um exame gratuito do couro cabeludo e um «diagnóstico» feito por um «perito em cabelo», «especialista em moléstias do couro cabeludo», ou (mais cientificamente falando) um «tricologista». Esses nomes pomposos de grande ressonância sugerem, aos olhos dos crédulos e incautos, um mundo de conhecimentos especializados e de treino científico. Mas tais «autoridades» auto-diplomadas não são médicos nem, até onde em geral é possivel averiguar, têm quaisquer qualificações—alem de uma cabeleira basta, um cérebro sempre alerta para negócios, e um insaciavel apetite de dinheiro facil.

Os honorários desses charlatães rivalizam por vezes com os que se pagam por dificeis operações cirúrgicas, e saem dos bolsos de milhares de pessoas, em pagamento de tratamentos perfeitamente ineficazes da queda do cabelo ou da odiosa caspa. Um cliente, por exemplo, queixa-se de que, após 30 sessões de tratamento, teoricamente capazes de curá-lo da caspa, pelo preço de 200 dólares, o «perito» lhe declarou que o resultado negativo da «cura» era devido ao número insignificante de sessões. Outro pagou 450 dólares por 60 visitas; acabado o tratamento, com o cabelo e o respectivo couro em pouco melhor estado do que no começo, foi prevenido de que, se não continuasse a se tratar, parte dos resultados já alcançados seriam perdidos.

Os métodos desses «especialistas» constituem um quadro característico e familar. Os «tônicos» capilares são geralmente aplicados com massagens que, segundo se diz, estimulam a circulação do sangue e desse modo provocam o crescimento do cabelo. Certa firma faz a massagem somente de determinadas áreas da cabeça, supostamente onde os vasos sanguíneos mais importantes entram no couro cabeludo. Outra pratica a massagem curvando o cliente de modo que a cabeça fique mais baixa que a cintura. Outras ainda empregam vibradores mecânicos, escovas elétricas, ou um aparelho de sucção. Nenhuma dessas práticas, escusado será dizer, tem qualquer base científica, e a experiência de muitos anos mostra que nada valem.

Em raros casos, a massagem contínua pode produzir uma penugem rala semelhante à que se vê no crânio de alguns recemnascidos. Mas essa penugem não se pode considerar como um autêntico crescimento de cabelo: depois de ter atingido cerca de um centímetro, em geral cai e não volta a aparecer...

A publicidade comercial de tônicos capilares e de tratamentos do couro cabeludo abunda em testemunhos e em fotografias do gênero «antes e depois»; esses testemunhos são, muitas vezes, escritos de boa-fé por pessoas que não possuem a mais leve noção da natureza da queda do cabelo. Por exemplo, 3 meses após certas doenças, choques nervosos ou acidentes, o cabelo pode cair. Em casos tais, não é preciso recorrer a tônicos capilares nem a tratamentos do couro cabeludo: geralmente o cabelo volta a crescer por si só. Mas o espírito humano mostra-se sempre muito mais propenso a acreditar nos meios artificiais do que no poder da natureza. Essa gratidão mal dirigida redunda com frequência na publicação de tais testemunhos.

Não há nenhum ingrediente mágico nos chamados «tônicos» para o cabelo. A maior parte deles ajudam, é certo, a dar boa aparência à cabeleira—mas a sua milagrosa eficácia não vai mais longe. São perfeitamente incapazes de fazer crescer o cabelo ou de curar a caspa.

Tão depressa um produto químico-farmacêutico se torna aceito pelo público como uma espécie de panacéia, vemo-lo surgir logo nas fórmulas de preparados para o cabelo ou o couro cabeludo. Os preparados de sulfamida estão sendo largamente empregados para esse fim, a despeito de serem absolutamente destituidos de valor para o tratamento do cabelo. Tambem, do mesmo modo, não há prova alguma de que os hormônios ou as vitaminas aplicadas ao couro cabeludo possam influir no crescimento do cabelo, nos casos de calvície comum. A notícia vinda recentemente a público em um jornal, de que uma universidade estrangeira tinha aplicado injeções de Vitamina B para curar a calvície, com certo resultado, não foi averiguada pela ciência. Ainda assim, os charlatães agarram-se invariavelmente a notícias dessa ordem, sem atender à origem nem à autenticidade das mesmas, e fazem delas a base de novas e aventurosas empresas comerciais.

Quanto à caspa comum, sabe-se que é parte de um processo fisiológico normal. As células mortas desprendem-se constantemente da superfície de toda a pele do corpo; esse desprendimento se torna mais notado no couro cabeludo, porque o cabelo retem e empasta as películas. Poucas e simples medidas bastam, em geral, para sanar esse estado de coisas. A massagem diária, suave, do couro cabeludo, fará soltar as películas desprendidas, e a subsequente passagem da escova as removerá dos cabelos. Pode-se tornar necessário um xampú de três em três ou de quatro em quatro dias. Se essas medidas não derem resultados satisfatórios, deve-se consultar um dermatologista.

A palavra «seborréia» se tornou invariavel bordão de toda a publicidade de tônicos e tratamentos do couro cabeludo. Trata-se de um distúrbio funcional das glândulas sebáceas da epi-

derme, cuja causa é ainda desconhecida; e a correlação—se é que existe—entre a seborréia e a queda do cabelo é muito discutivel. Conquanto a seborréia se possa propagar ao corpo inteiro, a perda do cabelo só se observa no casco, e nunca em qualquer outra área pilosa do corpo. A seborréia deve ser tratada por um médico. Quanto ao emprego de remédios contra a caspa, devemos impugná-lo por todos os meios, pois eles podem mesmo provocar sérias reações da pele.

Os remédios mais antigos de que há memória são os que pretendem curar a queda do cabelo. No entanto, pouco ou nada se sabe ainda hoje a respeito das causas reais ou da cura desse fenômeno. A sua forma mais comum e mais importuna é a «calvície prematura», que ocorre quase exclusivamente no homem, no curso da segunda ou terceira década da vida. A tendência à calvície é hereditária, e é muito provavel que as explicações mais vulgares e correntes das suas causas—lavagem frequente, chapéu apertado, chuveiro quente, vida sedentária, e quejandas—não tenham fundamento algum nos fatos.

Afim de se criar uma vasta procura para os artigos que «fazem crescer o cabelo», a metade masculina da população vê-se bombardeada com anúncios cujo propósito imediato é o de tornar os homens conscientes ou receosos da calvície. Alguns indivíduos, sem razão plausivel, deixam-se apavorar. A primeira coisa a indagar é se uma pessoa está ou não perdendo realmente mais cabelo do que seria de esperar. A perda de certa quantidade de cabelo é normal. Alem disso, geralmente a orla frontal da cabeleira do adulto abre por cima dos olhos umas entradas, que substituem a linha reta característica das crianças.

Tornando-se progressiva a queda do cabelo, deve-se consultar um clínico competente, para que proceda a um exame rigoroso. Em certos casos, pouco numerosos, poderá verificar-se a existência de um ligeiro distúrbio glandular, suscetivel de correção. Desaparecido esse distúrbio, a perda de cabelo tende a atenuar-se. Ou, examinando-se o passado desse indivíduo, pode-se encontrar um distúrbio físico ou emocional, causador da queda do cabelo. Mas se o estado geral de saude for satisfatório, o caso em questão pode ser de calvície prematura—se a pessoa é ainda jovem—ou então a pura e simples calvície resultante da idade mais avançada, contra a qual não há nada a fazer. A ciência médica ainda desconhece a existência de qualquer substância, dispositivo ou processo, por meio do qual se possa regenerar o cabelo perdido em tais circunstâncias.

O GRAU de civilização do homem mede-se pela sua capacidade de flanar criadoramente.

—Curtis Bok, *I Too, Nicodemus* (Knopf, ed.)

A simplicidade do rei Haakon causa espanto aos estrangeiros—mas não aos noruegueses

O rei democrata da Noruega

(Condensado de «Coronet»)

Abel Abrahamsen
Jornalista norueguês

UMA SENHORA bem vestida, estrangeira de visita à Noruega, tomou lugar junto de um cavalheiro de certa idade, naquele bonde de Oslo, capital do meu país. Quando, chegada à parada, ela se levantou para sair do carro, o homem se ofereceu galantemente para ajudá-la a carregar a mala. A senhora agradeceu a amabilidade e depois, com uma exclamação, disse ao cavalheiro que a cara dele lhe era familiar. «Não admira, minha senhora,» disse ele. «Eu sou o rei Haakon, e é possivel que a senhora já tenha visto algures o meu retrato.»

O soberano ia então, como sempre, desacompanhado de guardas. Há quem o tenha visto com frequência fazendo compras, ou sentado num banco de jardim, ou comendo em algum restaurante. Haakon é tambem entusiástico frequentador dos cinemas. Diz-se até que quando enverga o seu uniforme se aproveita do desconto de 50% de que gozam os militares... Estas e outras histórias parecidas causam espanto aos meus amigos estrangeiros; mas nós não achamos nisso nada de extraordinário. São inúmeros os meus compatriotas que entram diariamente em contacto com o rei.

Haakon mandou o filho, Olav, à escola pública. Quando chegava o dia do seu natalício, o príncipe herdeiro escrevia no quadro negro: «Estão todos convidados para a minha festa de aniversário.»

A popularidade de que goza o soberano da Noruega baseia-se em mais alguma coisa do que a sua despretensiosa cordialidade ou acessibilidade. Quando Haakon fez 75 anos, em 1947, a Noruega apareceu toda coberta de

retratos seus. Um visitante americano teve a seguinte piada: «Este sujeito deve estar-se candidatando para a reeleição!» É evidente que ele não sabia que o rei Haakon fôra, de fato, eleito. Eis como as coisas se passaram:

Em 1905, quando a Noruega se separou da Suécia, depois de ter estado quase cem anos unida a ela sob um rei comum, o governo norueguês ofereceu o trono ao príncipe Carl da Dinamarca. Mas Carl pediu que a escolha fosse confirmada pelo povo, e não apenas pelos políticos. Assim, por sugestão do pretendente, procedeu-se a um plebiscito e setenta e oito por cento dos eleitores noruegueses o escolheram para seu rei! Então Carl, adotando um nome real tradicional na Noruega, Haakon, mudou-se para a sua nova pátria.

Pouco depois de ter alí chegado, o novo rei pôs-se a percorrer o país, e em toda a parte foi calorosamente acolhido. Mas recebeu tambem sérias e contínuas advertências no tocante ao lugar que o rei ocupa na vida da Noruega. Na recepção que lhe foi oferecida em uma pequena aldeia de pescadores, por exemplo, certo orador, apontando para uma grande laje, lhe disse que, no tempo dos Vikings, os camponeses costumavam decapitar seus reis em cima daquela pedra, quando eles se excediam no exercício do poder...

De regresso a Oslo, o rei Haakon observou com um brilho de bom-humor nos olhos: «Escutei 300 discursos, e todos eles me disseram a mesma coisa—que neste país em nada eu devo meter o bedelho!» Depressa se tornou evidente que Haakon entendia, por assim dizer instintivamente, as tradições e ideais noruegueses, e que ele era justamente o tipo de soberano que a Noruega desejava.

O esporte nacional do país é o esquí, e o povo norueguês encontrou no seu rei um esportista nato. Ainda agora, com 77 anos, o seu porte vigoroso e marcha resoluta proclamam o atleta natural que alí vai. Quando chegou à Noruega, nunca tinha praticado o esquí, mas lançou-se logo a grimpar e a descer as encostas revestidas de neve, com um zelo que satisfez mesmo os mais fervorosos entusiastas.

Haakon soube sempre desempenhar as funções de rei com uma singeleza impressionante. Nada o incomoda tanto quanto sentir-se alvo da veneração do povo, e tem uma capacidade única para pôr outros à vontade em sua presença. Faz alguns anos, um funcionário local de certa região distante, exercendo o privilégio de que todos os noruegueses gozam, solicitou uma audiência ao soberano. O homem foi introduzido no gabinete do rei e, após demorado silêncio, conseguiu murmurar: «Queira perdoar a minha conduta se ela não é correta, mas eu não estou habituado a tratar com reis.»

«Não faça caso, meu amigo,» respondeu o rei magnânimo. «Eu tambem não estou acostumado a ser rei.»

Os noruegueses, que são francos e diretos, gostam da maneira pouco complicada como, por exemplo, a família real arranja os serviçais do palácio—anunciando, muito simplesmente, na seção «Precisa-se» dos jornais.

Para os moços e moças da Noruega, Haakon não é um rei distante e nebuloso de balada, mas um ente real, cheio de calor e compreensão. Um dia, acompanhado de seu ajudante de ordens, ele passou junto de um bando de crianças que brincavam na neve. Quando uma bola de neve lhe deu com força na nuca, o oficial começou a descompor o culpado. O rei o interrompeu, piscando o olho para o gurí ruborizado de vergonha:

«Não ralhe com ele. Quando eu tinha essa mesma idade, um dia atirei uma bola de neve na rainha Vitória.» Depois, rindo consigo, acrescentou: «Mas ninguem conseguiu descobrir nunca quem foi o autor da façanha.»

Por 35 anos o rei Haakon VII reinou sobre uma Noruega próspera e pacífica. Até que, na manhã de 9 de abril de 1940, um paisano inconspícuo que se hospedara em um hotel de Oslo, fazendo-se passar por vendedor de meias, desceu as escadas uniformizado de general alemão, e assumiu o comando das unidades militares nazistas que começavam a ocupar a Noruega, caindo em para-quedas, desembarcando de navios, ou usando diversas táticas tipo cavalo de Tróia.

Em Oslo, o rei, o governo e o Storting (Parlamento) repeliram o ultimato pelo qual a Alemanha exigia que a Noruega aceitasse o seu jogo. Os emissários de Adolfo Hitler impuseram ao rei um novo primeiro ministro, Vidkun Quisling. Haakon fez-lhes notar que o partido de Quisling nunca alcançara mais de dois por cento do sufrágio total dos noruegueses, em qualquer eleição, e recusou nomeá-lo.

Muito embora a maioria dos jornais e das estações de rádio da Noruega estivessem já então em poder do inimigo, a notícia da firme atitude do soberano correu veloz, e a paralisia, que fôra a primeira reação da Noruega à invasão nazista, se transformou em denodada resistência.

Entrementes, por ordem do alto comando alemão, o rei Haakon se tornou o primeiro dos seus objetivos militares: iniciou-se uma caçada em grande escala através dos bosques e montanhas do sul da Noruega, onde ele e o governo da Noruega Livre tinham procurado refúgio.

Os bombardeiros pulverizaram aldeias e mais aldeias indefesas, na esperança de que o rei pudesse estar escondido em alguma delas. Mas Haakon, sempre em movimento, raras vezes dormia duas noites seguidas no mesmo lugar. Chegou até a atravessar clandestinamente um território infestado de alemães, em um trem de correio, disfarçado, com óculos pretos e um chapéu a três pancadas. A despeito de ter 68 anos de idade, recusou sempre os privilégios especiais que lhe eram oferecidos, no tocante a comida e aposentos.

A batalha era demasiado desigual para poder durar muito, e na primeira semana de junho de 1940, a Inglaterra e a França anunciaram que se viam forçadas a evacuar as forças militares que vinham prestando apoio aos no-

ruegueses. Findara a campanha norueguesa, que durara exatamente 63 dias!

A 7 de junho, aniversário da separação da Suécia, Haakon, reunindo o gabinete pela derradeira vez na Noruega, lançou uma proclamação, dando as razões por que se via obrigado a sair do país. Encerrou a reunião com lágrimas nos olhos, dizendo: «Deus abençoe a Noruega!» Depois, partiu para a Inglaterra num cruzador inglês.

No coração do povo, o soberano permaneceu como um símbolo da Noruega Livre. Num gesto de desafio aos nazistas, os noruegueses escreviam por toda a parte as iniciais do seu rei: *H-7*. O símbolo aparecia gravado nos troncos das árvores, pintado em letras de mais de metro e meio no asfalto das estradas, e até nas paredes dos quartéis alemães... E quanto mais os nazistas as proibiam, mais elas apareciam. «Viva o rei!» se tornou a saudação habitual entre os noruegueses, que não falavam do «dia em que a guerra acabar,» mas do «dia em que o rei voltar».

Esse grande dia chegou, finalmente, a 8 de maio de 1945. As forças alemãs que estavam na Noruega se renderam aos heróicos homens e mulheres da Guarda Nacional—o exército clandestino da Noruega que, desde o começo da ocupação, vinha atormentando os alemães. E a 7 de junho, hoje feriado nacional na Noruega, o fiorde de Oslo apareceu coalhado de embarcações alegremente engalanadas, para saudar o cruzador inglês *Norfolk*, que entrava majestosamente no porto trazendo a bordo o rei Haakon e os membros da família real. Quando, uma vez mais, Haakon pôs os pés no solo norueguês, um brado atroador encheu os ares, lançado por milhares de jubilantes cidadãos: «Viva o rei!»

Na antiga Noruega era costume os Vikings darem a seu rei um navio, quando ele revelasse coragem excepcional em combate. Um dia, em junho de 1948, o rei Haakon VII foi presenteado com um reluzente iate, a que fôra dado o nome de *Norge*—Noruega; presente do seu povo, digno tributo a um rei que, de tantas formas, representa os ideais de vida dos noruegueses.

Esse presente régio esconde uma história tocante. No verão de 1947, iniciou-se uma subscrição nacional destinada à coleta de fundos para um presente a ser oferecido ao rei, no seu 75º natalício. Até os confins da Noruega, os homens de negócio, as crianças das escolas, os pescadores, as donas de casa, contribuiram para uma subscrição nacional. O próprio rei devia decidir como o dinheiro seria aplicado, mas uma estipulação se fez por imposição popular: conhecendo a generosidade do soberano, o povo exigia que o dinheiro fosse gasto em benefício pessoal dele.

Ao saber disto, o rei Haakon, com os olhos úmidos de gratidão, expressou o seu reconhecimento. E, depois de muito pensar, anunciou que havia uma só coisa que ele gostaria de ter:

«Desde que prestei serviço na Marinha,» explicou o rei da Noruega, «sempre tive o desejo de possuir um iate. Mas nunca tive dinheiro que chegasse para comprar um...»

Algumas observações pertinentes e... impertinentes

O terceiro filho é o mais facil

(Condensado de «Harper's Magazine»)

Por Shirley Jackson

Autora de «The Road Through the Wall» e «The Lottery» e, até recentemente, mãe de dois filhos

HÁ MUITA gente sentimental que acha que as mulheres têm um terceiro filho porque gostam realmente de crianças. Alguns espirituosos asseguram que as mães com duas crianças travessas em casa darão *tudo* em troca de dez dias de tranquilidade num hospital. Minha situação é mais ou menos intermediária. Mas estou inteiramente de acordo com os que dizem que o terceiro filho é o mais facil.

Como se tratava do meu terceiro, as tão cacetes formalidades congratulatórias foram consideravelmente simplificadas. Ninguem, por exemplo, se lembrou de nos mandar uma daquelas delicadas camisinhas de lã côr-de-rosa. Recebemos apenas um par de sapatinhos de lã—brancos, enfeitados com botõezinhos de rosa—que alguem nos mandara quando nasceu o meu primeiro filho e que eu dera a uma amiga que tambem acabara de ter o primeiro bebê. Ela, por sua vez, o enviara a uma conhecida comum que teve gêmeos; esta última mandou-me o par de sapatinhos com um cartão em que se lia «Com muitos beijos para o Bebê»—e ainda enrolados no mesmo papel de seda côr-de-rosa, só que ligeiramente amarrotado.

Tudo parecia correr normalmente até o assus-

tador momento em que pulei da cama às 2 da madrugada. Quando acendí a luz, meu marido perguntou, sonolento:

—Já vai nascer a criança?

—Não sei bem ainda, respondí, nervosa.

Estava procurando o despertador, que costumo esconder afim de acordar de todo enquanto o procuro para travar a campainha.

—Você quer que eu me levante? perguntou sem nenhum entusiasmo.

—Não consigo encontrar o despertador, disse eu.

—Despertador? perguntou. Acorde-me daquí a cinco minutos.

Tirei uma novela policial da mala que arrumara havia um mês, senteime na poltrona e enrolei-me num cobertor. Às 7 e meia, telefonei ao médico e disse-lhe que logo que tivesse dado café às crianças e lavado a louça, correria para o hospital. Ele concordou e prometeu-me que se encontraria comigo lá. Tínhamos a convicção de que eu estaria de volta antes do pôr do sol.

Fui para a cozinha cantarolando alegremente. De vez em quando, parava para apoiar-me no espaldar de uma cadeira e tomar fôlego. Meu marido contou-me depois que encontrou a xícara e o pires no forno, mas acho que ele estava preocupado demais para que seu depoimento mereça fé. Tenho a lembrança nítida de que fiz tudo normalmente, como de costume.

Meu marido desceu e me perguntou, polidamente:

—Você quer que eu ajude a preparar o café?

—Não precisa, respondí. Parei um segundo para retomar fôlego e tranquilizei-o com um sorriso. —Sinto-me *tão* bem!

—Você se importaria, disse ele, cortezmente —se eu tirasse este ovo do meu copo?

—Claro que não, repliquei. —Não sei como é que foi parar aí.

—Não tem importância, querida. É só que eu quero beber água.

Ele e meus filhos seguiam-me com um olhar estranho e eu continuava a distribuir sorrisos tranquilizadores. Sentia-me, de fato, esplendidamente bem, embora ligeiramente tonta e com dores. Passei a mão na cabeça do meu filho:

—Então, como é? perguntei.—Queremos um menino... ou um menino?

—Você devia sentar-se, atalhou meu marido.

Só aí me convencí de que ele tinha razão. Pus de lado o garfo e o sorriso tranquilizador:

—Acho melhor eu me apressar.

Como não temos automovel, meu marido chamou um taxi e levou a minha mala para baixo.

—Você precisa tomar conta das crianças, disse-lhe, algo afogueada. —E fazer com que comam direito. Escola, pensei, gatos, escovas de dentes, meias por serzir, roupa por lavar... —Eu deveria fazer uma lista, disse, vagamente. —Deixe um recado para o leiteiro. Sabão, tambem. Estamos precisando de sabão.

—Claro, claro, repetia meu marido.

A muito custo, metí-me no taxi.

—Estarei lá dentro de uma hora, disse meu marido, nervosamente.—E não se preocupe.

—Tudo correrá muito *bem*, repliquei. —Não se preocupe.

—Não há razão para preocupar-se, falou o chofer do taxi a meu marido, e nos pusemos a caminho do hospital zigzagueando de um lado para o outro da rua afim de evitar os solavancos.

—Vai fazer um dia bonito, disse eu ao motorista. —Bem quente para esta parte do ano.

—Ontem tambem esteve quente.

—Quente de verdade, concordei.

O motorista que, evidentemente, evitava olhar-me pelo espelho, continuou, bastante nervoso:

—Provavelmente, amanhã tambem vai fazer calor.

Depois de uma pausa, respondí em tom duvidoso:

—Não sei se o tempo se manterá quente *até lá*. Pode ser que refresque.

—Bom... começou a dizer, mas nesse instante, ouvindo um gemido meu, acelerou o carro.

Depois de uma manobra requintada, paramos à porta do hospital e o motorista desceu rapidamente. Tomou-me pelo braço e levou-me até à mesa de registro. «Olhe aquí,» disse para a enfermeira de serviço, e sumiu da minha vista.

—Seu nome? perguntou a enfermeira.

—Nome? balbuciei, divagando. Lembrei-me afinal, e respondí.

—Idade? prosseguiu ela. —Sexo? Profissão?

—Escritora, respondí, confusa.

—Dona de casa, disse ela.

—Escritora, insistí.

—Porei só dona de casa.

—Escute uma coisa...

—Nome do seu marido? interrompeu-me. Endereço? Profissão?

—Ponha só: dona de casa, respondí. —Não me lembro do nome dele.

—Legítimo?

—O quê?

—Seu marido é o pai da criança? A senhora tem marido?

—Por favor, implorei. —Posso subir para o quarto?

Ela fez um sinal para outra enfermeira. Esta me tomou pelo braço que todo o mundo segurava naquela manhã e levou-me delicadamente até o elevador.

O médico chegou meia hora depois. Não havia dúvida de que tinha tomado três xícaras de café e saboreado o seu excelente charuto. Bateu-me no ombro e perguntou:

—Então, como é que vamos?

—Quanto tempo o senhor acha que vai demorar...

—Não temos que nos preocupar com *isso*, por enquanto, respondeu, rindo. Depois, dirigindo-se à enfermeira, acrescentou: —Se a senhora precisar de mim estarei lá em baixo, no café.

—Pode estar certo de que o chamarei, se precisar, disse-lhe eu em tom ameaçador.

A enfermeira, com a voz mais suave possivel, observou-me:

—Escute, querida. Não queremos que o maridinho se assuste.

Abrí os olhos. Meu marido se sentara ao lado da cama. Tinha o ar de quem se continha para não gritar.

Apertei a campainha e a enfermeira voltou correndo.

—Tire-o daquí, bradei.

—Está be-e-e-e-m, disse a enfermeira. E começou a passar a mão na minha testa, para acalmar-me. —O lugar do maridinho é aquí mesmo, acrescentou.

—Ou ele sai, ou saio eu!

Nesse momento, entrou o médico.

—Soube que você tinha chegado, disse jovialmente, apertando a mão de meu marido. —Você está pálido.

Meu marido esboçou um sorriso.

—Até hoje, nunca perdí um único pai, continuou o médico, dando-lhe uma palmada nas costas. E, voltando-se para mim:

—E como é que vamos?

—Pessimamente.

O médico deu uma risada.

—Eu vou lá para baixo, disse ele a meu marido. —Não quer vir?

Naquela manhã, ninguem parecia chegar ou sair de vez. Eu abria os olhos e via todos à minha volta; daí a pouco, abria-os de novo e já não havia ninguem. Desta vez, uma enfermeira muito simpática estava a meu lado, esfregando-me o braço com um pedaço de algodão.

A picada da injeção, inesperada, fez com que eu começasse a rir nervosamente. Quando abrí de novo os olhos, enxerguei uma mulher ao lado da cama. Não era uma enfermeira, mas uma criatura humana, com um roupão de banho azul.

—Estou no quarto em frente, disse ela.

—Eu estava rindo, objetei com toda a dignidade que me restava.

—Eu ouví, continuou ela. —Talvez seja amanhã, quem sabe?

—A senhora tambem vai ter criança? perguntei-lhe.

—Algum dia, respondeu-me com ar melancólico. —Estive aquí há duas semanas porque comecei a ter dores. Mandaram-me voltar para casa e esperar um pouco mais. Três dias depois, tornei a vir, devido às dores. Insistiram de novo: Espere um pouquinho mais, em casa. Ontem, não aguentei e vim outra vez. Por enquanto, não me mandaram embora.

Comecei a dar socos na parede.

—Não faça isso, disse ela. —Alguem poderá ouví-la. Este é o meu terceiro. Com os dois primeiros...

—Este é o *meu* terceiro. E pouco me importa que me ouçam ou não.

—Meus filhos, continuou ela, —cada vez que chego em casa, perguntam-me: Onde está o bebê? Meu marido fica me levando e me trazendo.

—Dizem que o terceiro é o mais facil! disse eu.

E tornei a rir nervosamente.

Segundos depois, ao abrir os olhos, vejo meu marido instalado confortavelmente numa poltrona.

—Eu perguntei, disse ele, bem alto, —se você se importava que eu lesse.

—Olhe, respondí. —Eu tenho alguma coisa para ler? Aquí estou, sem nada para fazer nem ninguem com quem conversar e você aí sentado, lendo!

—Como é que vamos? perguntou o médico.

Pareceu-me, de repente, muito mais alto. À sua volta, as paredes do quarto como que balançavam.

—Doutor! exclamei, e creio que o meu tom era bastante mais alto do que eu pretendera. —É melhor o senhor me dar logo...

Afagou-me a mão e, nesse instante, enxerguei meu marido no lugar do médico.

—Não grite dessa maneira.

—Não estou gritando, protestei. —Não quero mais saber disso. Mudei de idéia e não quero mais nenhum filho. Quero ir embora para casa e não pensar mais no assunto.

—Eu sei *precisamente* como você se está sentindo, disse-me.

Minha resposta foi uma palavra que eu conhecia, mas que nunca esperei ouvir dos meus próprios lábios de senhora educada.

—Não grite, bradou meu marido. —E, *por favor*, não repita essa palavra.

Olhei-o com um ar de dignidade e perguntei.

—Quem foi que a usou? Eu ou você:

—Tudo vai bem, disse o médico. —Não vai demorar.

As paredes se moviam a meu lado. Vi a mulher do roupão azul acenar-me da porta do quarto dela.

—Simpatizou comigo pelos perigos por que passei, disse eu ao médico. —E eu gostei dela porque se apiedou de mim.

—Vai tudo muito bem, disse o médico. —Prenda a respiração.

Sentí-me, de repente, tão inacreditavelmente bem, que fechei os olhos.

—Foi uma tarde agradabilíssima, disse ao médico. —Muito obrigada por nos ter convidado. Divertimo-nos muito. Da próxima vez, o senhor precisa vir à nossa...

—É uma menina, anunciou o médico.

—Sara, respondí polidamente, como se a estivesse apresentando a ele.

Nessa altura, meu marido estava sentado ao lado da cama, rindo alegremente.

—É uma menina!

—Eu sei, observei. —Eu estava lá.

Não havia dúvida de que tudo estava terminado, pois eu já conseguia avistar os meus pés debaixo do lençol.

A porta abriu-se e um rosto apareceu. Era a mulher do roupão azul.

—A senhora vai voltar para casa outra vez? perguntei-lhe.

—Não. Acho que seria loucura voltar. Foi menino ou menina?

—Menina, respondí.

—Menina, repetiu ela. E comentou: —Dizem que o terceiro é mais facil....

Às vezes, um indivíduo que se considera um espírito aberto a todas as idéias é simplesmente poroso demais para reter uma convicção.

—*Banking*

A maior produtora de petróleo do mundo
canaliza para a Venezuela mais riqueza do que de lá extrai

O petróleo é da Venezuela

(Condensado de «Fortune»)

ATUALMENTE, a maior área de produção de petróleo do mundo jaz sob as águas, de um azul-preto, do Lago Maracaibo, na Venezuela, e em suas margens orientais, verdejantes de palmeiras. E a maior produtora de petróleo é a Creole Petroleum Corporation, subsidiária da Standard Oil (New Jersey) e concessionária dos direitos de extração de mais da metade dos 4 bilhões e 400 milhões de barrís do valioso ouro negro das comprovadas reservas daquela zona.

No ano passado, a Creole extraiu 230 milhões de barrís de óleo, que lhe renderam mais de 200 milhões de dólares líquidos. Isso parece tão facil como apanhar cocos. Mas não é assim. A Creole luta mais para se manter, arrosta problemas mais singulares e desempenha maior variedade de funções sociais do que qualquer empresa nos Estados Unidos. A começar pelo presidente da Creole, o robusto e esforçado Arthur T. Proudfit, e através de toda a escala administrativa, os dirigentes da empresa dedicam a maior parte do tempo, não à obra específica de extrair petróleo do solo, mas à administração de uma «sociedade petroleira», de parceria com o povo da Venezuela.

A função da Creole em tal sociedade—um de cujos aspectos é a entrega ao governo da Venezuela, a título de impostos e concessões, de 50 por cento da renda auferida—constitui um notavel capítulo nos anais das relações internacionais do comércio norte-americano. A diplomacia comercial da Creole redundou em benefícios para a firma e para o progresso econômico e social do povo da Venezuela. É um expressivo exemplo de como uma grande empresa extrangeira, graças aos seus próprios esforços, consegue ambientar-se magnificamente na América Latina.

A Creole adotou, para sua orientação, a seguinte premissa: «O petróleo do subsolo da Venezuela pertence à Venezuela. Só adquire, porem, valor para a Venezuela se for localizado, extraido e trocado por dinheiro que proporcione ao povo melhor alimentação, melhor moradia, melhor saude, mais segurança econômica e motivos para gozar a vida e o trabalho. Estamos transformando o maior recurso natural do país em sua maior fonte de renda. Isso nos une numa sociedade, mutuamente profícua, para a qual cada um de nós contribui com a sua parte.»

Essa declaração, dirigida ao pessoal da Creole, e jamais alardeada ao público, compreende, como objetivos da empresa, a utilização do maior número possivel de cidadãos do país (presentemente, 94 por cento dos empregados são venezuelanos), cooperação com as autoridades, máxima aquisição possivel de materiais no mercado interno, constantes inversões, no país, de capital a longo prazo, proteção às artes e participação em obras de caridade e civismo.

«Nossa tarefa principal,» diz o presidente Proudfit, «é convencer o público de que não somos um grande polvo e mostrar-lhe que canalizamos para a Venezuela mais riquezas do que dela extraimos».

A Creole estabeleceu para o seu pessoal normas de vida e de adestramento que frequentemente ultrapassam as aparentes necessidades comerciais. Tanto sob o aspecto diplomático, quanto sob o financeiro, jamais a Creole agiu com tanto acerto como ao decidir-se, desde cedo, a dar aos empregados venezuelanos oportunidade de subirem tanto e tão rapidamente quanto possivel.

Dos 20 mil e 500 empregados, cerca de 19 mil são venezuelanos. Operários especializados de toda categoria, até a mais alta (a de perfurador), capatazes, muitos superintendentes e praticamente todos os contadores e auxiliares de escritório são venezuelanos natos. Tambem o são dezenas de geólogos, engenheiros de petróleo e demais técnicos graduados. Por lei, são venezuelanos todos os 76 médicos e, pelo bom senso, todos os advogados. E, coroando tudo isso, o dr. Guillermo Zuloaga foi recentemente designado para a gerência, e o dr. Siro Vázquez para chefiar a produção.

A Creole vem há anos fazendo grandes dispêndios, não só com o adestramento prático de empregados venezuelanos nas técnicas mecânicas e comerciais, mas tambem com bolsas de estudo, em universidades da Venezuela e dos Estados Unidos, para especialidades que vão da engenharia civil, mecânica e de minas, à geologia, química e medicina.

Outro programa original e compensador é o curso preparatório da Creole. Todos os novos empregados contratados nos Estados Unidos são obrigados a frequentá-lo. Seu objetivo principal é eliminar uma das maiores causas da prevenção contra o comércio estrangeiro na América Latina—o homem de negócios que *no habla español*.

O curso inclui familiarização com

a história, costumes e leis da Venezuela, praxes da companhia e requisitos do trabalho. Os resultados são assombrosamente profícuos para o melhoramento das relações trabalhistas no estrangeiro, onde a simples falta de comunicação entre o chefe ianque e o operário latino é, de há muito, um pomo de discórdia.

Os novos empregados da Creole, ao serem inscritos no curso, recebem uma carta com as boas-vindas do presidente Proudfit, em que este assinala que «segundo a nossa praxe, grande parte das suas funções consistirá em preparar seus colegas venezuelanos para executarem o trabalho que V.S. executa e em transmitir-lhes a técnica e os conhecimentos que possui». Tudo isso é muito lógico, considerando-se a despesa extraordinária necessária para se transportar, dos Estados Unidos, um funcionário e sua família, cumulá-lo de gratificações e regalias e proporcionar-lhe vida luxuosa—presumindo-se que ele não arrume as malas e embarque a primeira vez que a esposa descobrir um escorpião no quarto.

As escolas para os operários e seus filhos, construidas e mantidas em todos os campos em exploração pela indústria do petróleo, muito contribuiram para a elevação do nivel educacional do país. Por exemplo, em dez anos a Creole reduziu o índice de analfabetismo de seus empregados, de 82 para 12 por cento—uma lição que os governos tiveram presente ao levar avante o plano nacional de construção de escolas.

Alem de atividades tais como a construção rodoviária (de 20 por cento das estradas modernas da Venezuela) e da aquisição de todos os materiais e serviços possiveis na praça local, a Creole tomou a dianteira da indústria no apoio financeiro da Companhia Venezuelana de Economia Básica. Essa é a entidade fundada por Nelson Rockefeller para reduzir o custo dos gêneros alimentícios mediante o estabelecimento de rígidas normas de produção e distribuição. A Creole, a Shell e a Mene Grande (Gulf) estão invertendo mais de 15 milhões de dólares na C.V.E.B., que já possui uma empresa de pesca, granja avícola, centros modelares de horticultura e pecuária, e entrepostos.

Desde o início fez-se sentir a necessidade de programas médicos e sanitários. A maior parte das pesquisas de petróleo era empreendida em regiões em que a malária, a disenteria, o tifo, a varíola e a subnutrição eram tão endêmicas como os mosquitos e a pobreza. À indústria petroleira em geral atribui-se a notavel obra de saneamento dos campos, com benefícios que se estendem a grandes áreas do país. Os resultados mais impressionantes foram obtidos, inquestionavelmente, com a campanha do DDT contra o mosquito da malária, no lindo campo da Creole em Caripito, conquistado à selva da Venezuela oriental. A Creole custeou integralmente a campanha no primeiro ano—1947—e agora o governo contribui com metade das despesas. Resultado: a malária caiu do primeiro para o quinto lugar, entre as enfermidades da Venezuela oriental.

De igual importância é a seção de medicina preventiva da Creole, a qual não só exerce papel decisivo na escolha dos sítios para os acampamentos, sob o aspecto sanitário—inclusive com a idealização de planos para abastecimento de água potavel, escoamento de esgotos e demais serviços—como tambem publica um boletim médico sobre diagnóstico e tratamento das moléstias encontradas na Venezuela. O boletim é distribuido, às expensas da Creole, aos 1.700 médicos do país.

PROUDFIT foi nomeado presidente da Creole em 1945, pouco antes de uma revolta de jovens oficiais do exército entregar o poder à Ação Democrática, partido esquerdista. A Standard Oil de Nova Jersey não poderia ter encontrado em todos os seus domínios um homem mais bem capacitado para lidar com a nova situação surgida na Venezuela. Proudfit começara como auxiliar de perfurador, no México, e compreendia a predominante tendência de maiores conquistas sociais para as massas. O problema, no entender de Proudfit, consistia em «provar que eramos necessários a esse progresso».

Tal convicção foi robustecida pela simpatia pessoal que ele vota aos venezuelanos. Proudfit e a Creole, por conseguinte, dedicaram os três anos imediatos a uma verdadeira cooperação com as autoridades venezuelanas, baseada na aceitação do programa enunciado pelo governo, de impor reformas sociais, trabalhistas e econômicas. No ano passado, os contabilistas da Creole, auxiliados por colegas da mesma indústria, cooperaram na formulação de leis que os obrigam a repartir os lucros com o governo em qualquer ano em que, deduzidos os impostos e direitos de concessão, sobrar à companhia um lucro superior à importância cobrada pelo fisco.

O novo governo fomentou a constituição de uma federação de cerca de 40 sindicatos trabalhistas, a qual abrangia elementos políticos de todos os matizes. Como resultado disso, as negociações subsequentes, entre as empresas e os operários, compreenderam grande número de reivindicações de inspiração comunista. A Creole, como principal representante da indústria, à mesa de negociações, revidou com a oferta de ordenados e benefícios inesperadamente liberais, repelindo, ao mesmo tempo, qualquer invasão das prerrogativas da administração. O governo apoiou a posição assumida pela Creole; os operários conquistaram aumentos de 86 por cento, nos contratos de 1946 e 1948, mas não ingerência na administração da empresa.

A revolução de 24 de novembro último, em que o exército voltou à cena para depor o primeiro governo eleito pelo povo em toda a história da Venezuela, foi desalentadora para os elementos responsaveis da indústria petroleira. É ainda cedo para se lhe avaliarem as consequências políticas, mas os efeitos econômicos sobre a indústria parecem nulos.

A Creole está perfeitamente preparada para fazer face à nova situação.

Afinal de contas, a companhia já conquistou amigos na Venezuela, de leste a oeste e da esquerda à direita. A simpatia popular que vem granjeando há tanto tempo na Venezuela é uma garantia contra contingências muito mais incômodas que as oscilações da curva da produção e distribuição do petróleo. O melhor indício da equanimidade da Creole, quanto ao futuro da Venezuela, são os 500 milhões de dólares que pretende inverter no país nos próximos quatro anos.

Isso, porque a Creole não é apenas a maior produtora de petróleo do mundo: é talvez o mais importante posto avançado da técnica e do capital norte-americanos no estrangeiro, e sua função é provar que tais instrumentos podem ser utilizados para a exploração dos recursos naturais de outros povos sem com isso explorar tais povos—podem ser utilizados, em realidade, para a conquista de um padrão de vida infinitamente superior, para todo o mundo.

Variações sobre o amor

UMA DAS grandes coisas do casamento é o prazer que proporciona a duas pessoas de viverem, a um tempo, duas vidas. Cada qual não só percorre a jornada da sua vida como adquire uma passagem extra para a do outro, e isso alem da vantagem de obterem dois pontos de vista pelo mesmo dinheiro.

—Frances Lester Warner, *Inner Springs* (Houghton Mifflin, ed.)

O CASAMENTO baseado apenas em superficialidades não passa de admiravel tentativa de perpetuar um breve episódio.

—Svend Hansen, em *Langelands Folkblad*

ACHO QUE um homem e uma mulher deveriam escolher-se para a vida inteira pela simples razão de que uma longa vida, com seus acidentes e tropeços, mal chega para um homem e uma mulher se entenderem; ora, na compreensão está o amor. O homem que compreende uma mulher está apto a compreender admiravelmente tudo o mais.

—J. B. Yeats, *Letters to His Son, W. B. Yeats, and Others*, ed. por Joseph Hone (Dutton, ed.)

O CORAÇÃO do homem pode ter um santuário secreto onde uma única mulher é admitida, mas é cheio de ante-salas que raramente estão vazias.

—Helen Rowland, *This Married Life* (Dodge, ed.)

QUANDO uma mulher disse a Somerset Maugham que estava em dúvida atroz sobre se amava ou não determinado homem, o escritor respondeu:

—Só há uma prova definitiva para o amor: a senhora seria capaz de usar a escova de dentes dele?

—Leslie F. Hannon, em *New Liberty*

O MELHOR remédio para o coração partido consiste em partí-lo de novo.

—Sam Mentz, citado por Frances Rodman, no *New York Times Magazine*

O CASAMENTO não é um destino—é uma jornada.

—Paul Popenoe, em *Journal of Living*

QUEM CASA por dinheiro, paga-o bem pago.

—Provérbio

Como transformar o espírito da escola que seus filhos frequentam

CARTA ABERTA AOS PAIS

Por Dwight D. Eisenhower

Presidente da Universidade de Colúmbia

DUAS RAZÕES me levam a dirigir esta carta aberta aos pais.

Em primeiro lugar, todos nós emergimos recentemente de uma guerra em que estiveram em jogo a liberdade individual e o governo livre. As lições dessa guerra não terão sido aproveitadas completamente enquanto nós, nossos filhos e nossos netos, não conhecermos as múltiplas formas sob as quais a liberdade ainda está sujeita a ataques e não estivermos aparelhados mental, espiritual e fisicamente para conjurar toda ameaça. Tal plenitude de conhecimentos e de preparo é função direta da educação e não pode ser obtida a menos que cada um de nós se prontifique a pronunciar-se, para advertir ou aconselhar. O trabalho de equipe—força ilimitada que faz do homem o senhor de seu universo—não se consegue por entendimento tácito.

A segunda razão pela qual escrevo esta carta é a seguinte: pouco após minha chegada à Universidade de Colúmbia, assistí a uma reunião de administradores escolares e descobrí com eles algumas das dificuldades que entravam a constituição de um sistema educacional plenamente satisfatório. Esses educadores vêem na situação atual uma ameaça concreta ao futuro do sistema de governo livre. Conquanto o funcionamento eficiente dos processos democráticos exija alto nivel de educação, esses homens receiam que as normas educacionais possam, mesmo, decair. Em suma, para eles a escassez de professores habilitados é uma tragédia.

Esse problema afeta a *todos* os cidadãos—e não apenas àqueles que têm filhos ou netos.

Aventuro-me a dizer que, hoje em dia, um dos fatores que dificultam a educação é encararmos a escola como alheia à nossa vida cotidiana. A escola já não é um importante centro social e humano da localidade, como o foi nos tempos da vida simples, em que o professor era reconhecido e respeitado como lider da comunidade, sempre recebido com prazer em todos os lares. Estaremos esquecendo de que lar e escola têm de trabalhar lado a lado no preparo da juventude, afim de

criar cidadãos eficientes para uma livre sociedade democrática?

Quase todos trabalhamos arduamente para dar aos nossos filhos todo o conforto possivel no lar. Protegemo-lhes a saude, procuramos dar-lhes bons exemplos de vida moral, de conduta e de maneiras. Talvez até os estejamos mimando.

Entretanto, complacentes, descuidados mesmo, matriculamos nossos filhos em escolas que pouco conhecemos. Excetuando talvez nosso comparecimento a alguns raros atos solenes, jamais as visitamos, interessando-nos pouco pelo carater ou pelo bem-estar dos professores aos quais confiamos essa grande responsabilidade. Estaremos plenamente cônscios de que a participação pessoal na vida escolar dos filhos é um privilégio desfrutado somente nas democracias? As ditaduras não admitem que o cidadão participe da educação de seus filhos.

A julgar pelos nossos atos, parecemos responder: «Em casa, o filho é o que há de mais importante no mundo; na escola, não é nada mais que um componente de uma instituição custeada por impostos.» E a solução não se encontra simplesmente no dinheiro, apesar da sua premente necessidade. Há certas coisas na vida que não podem ser compradas: uma delas é a devoção—devoção a um propósito, a um ideal, a uma comunidade, a uma criança.

Quase todos nós somos devotos apaixonados do sistema democrático de vida. Essa expressão pode ter sentido um pouco diferente para cada um de nós, mas existe um entendimento comum suficiente, quanto à essência do conceito. Assim, instintivamente tememos e nos opomos a qualquer doutrina política que, segundo cremos, possa vir a concentrar todo o poder nas mãos do governo, fazendo do indivíduo um servo do Estado. A escola é o veículo mais importante para transmitirmos o patrimônio da liberdade. Nossas convicções democráticas são fruto da educação proporcionada por pais e professores que acreditavam na dignidade, na liberdade e nos direitos do homem; que, com palavras e exemplos, nos ensinaram a prática da dignidade, o uso da liberdade, o exercício de direitos, sem infringirmos direitos iguais de nossos semelhantes.

Hoje, nas escolas, nossos filhos adquirem atitudes definitivas a respeito dessas mesmas questões básicas, criam «predisposições mentais» que os acompanharão através da vida. Essa «predisposição mental» condicionará o padrão político e humano do futuro. Em tão grave assunto, nada poderá ser deixado ao acaso ou aos sonhos de fantasistas.

Presumimos, é claro, que os mestres tenham a mesma lealdade e devoção que nós às grandes virtudes da liberdade humana e dos direitos do indivíduo. A lealdade e a devoção, entretanto, são qualidades humanas que florescem quando devidamente apreciadas, que se avigoram quando as responsabilidades são compartilhadas. Se nossos filhos hão-de ter, na escola, instrução e orientação dedicadas, então

os professores deverão sentir e conhecer o nosso interesse—deverão sentir que nos orgulhamos de colaborar na educação de nossos filhos.

Que fizemos, entretanto, para assegurar-nos de que os professores estão cientes da nossa solidariedade? Convidamos os professores a visitar-nos? Visitamo-los nas aulas? Conhecemos as condições em que são obrigados a trabalhar? Acreditamos que são bem pagos, que recebem o bastante para poderem tambem criar os filhos decentemente e mandá-los, tambem, à escola? Que fizemos para garantir que os professores não venham, pela nossa indiferença, a se considerar vítimas do nosso sistema político e econômico, em vez de brilhantes exemplos de como este recompensa a inteligência e a dedicação? Se não os convencermos do respeito que votamos à sua posição e prestígio, como podemos esperar que eles revelem a mesma preocupação que nós em incutir nos educandos os princípios da liberdade?

Há muitas facetas do problema de proporcionar educação adequada às crianças das escolas primárias e secundárias, mas o que podemos fazer, na qualidade de pais, de avós ou de meros cidadãos é simples e imediato.

Mediante esforços conjuntos e individuais, podemos cooperar com o professor, podemos convencê-lo de que temos interesses e propósitos comuns, mostrar disposição de proporcionar-lhe meios adequados para o exercício de sua profissão e de respeitá-lo como um componente de primordial importância da coletividade. Podemos procurar que seus vencimentos correspondam à sua importância para o futuro bem-estar de uma sociedade livre. Tudo isso podemos fazer—enriquecendo, ao mesmo tempo, a educação de nossos filhos com um exemplo persuasivo da eficiência da cooperação e do valor do esforço individual.

Em alguns paises, existem associações de pais e professores em centenas de distritos, onde a relação entre o lar e a escola se tem mantido em base de perfeita cooperação. Alí, professores competentes e entusiastas, colaborando com pais conscienciosos, educam os alunos para o exercício inteligente da cidadania.

No lugar em que vive, o cidadão —sozinho e sem ajuda—não pode igualar tal realização, embora os seus esforços individuais, por menores que sejam, possam redundar em múltiplos benefícios para os seus filhos e para aqueles que os ensinam. Mas, aliado aos seus vizinhos e aos professores da sua escola, poderá superar tudo o que já foi realizado até aquí. Ninguem precisa arcar com responsabilidades superiores às suas forças. A solução encontra-se no trabalho em equipe.

A associação de homens e mulheres cujos antecedentes e talentos são diversos—treinados em muitos misteres, em planejamento e organização, na concepção e aplicação de idéias—garante aos professores, aos alunos e à escola a atenção e a solidariedade humana que tornam rica toda comunidade democrática, por precária que seja sua situação financeira. O carinho não substitui os impostos. Mas, mãos

prestativas e corações calorosos podem transformar o espírito de uma escola.

Com boa vontade e carinho, podemos assegurar que nossos filhos serão criados com a permanente compenetração do quanto a liberdade significou para aqueles que a desfrutaram, do quanto sua perda significou para aqueles que foram escravizados. A base do êxito é a união indissoluvel entre lar e escola, união esta que não hesita em reconhecer a bondade divina e por ela dar graças. Juntos, pais e professores podem incutir nos jovens a necessidade da fé, da compreensão, do trabalho. Tal associação poderá resguardar o maior tesouro humano: a liberdade individual.

Canções dentro da noite

Emma Calvé, a famosa cantora lírica, encontrava-se só, em Veneza, quando se verificaram as ocorrências descritas a seguir

EU ESTAVA sozinha. Fazia uma semana que esperava, agoniada, uma carta que chegou, afinal, acabrunhadora e irremediavel. Um profundo desespero se apoderou de mim. Cheguei a desejar a morte. Debruçada sobre o parapeito, fiquei olhando para as águas escuras do canal, sonhando com a libertação que um simples movimento poderia trazer-me. Nesse momento, um som atravessou o meu desespero. Era a voz de um gondoleiro que ritmava as remadas com suas melodiosas canções.

Ah! Cantar ainda uma vez, antes de morrer! Joguei a capa aos ombros e saí pela noite. Encostado ao pé da escada de pedras, um barco baloiçava suavemente. Instantes depois, eu deslizava nele, ao longo do silencioso canal. Pus-me a cantar todas as canções que conhecia, com toda a energia da minha alma. Tristes ou alegres, ternas ou trágicas, elas foram brotando dos meus lábios, aos borbotões. Cantei como se fosse, de fato, a última vez, pondo nas canções toda a minha força, o meu desgosto e a minha própria vida; transmití às sombras da noite tudo o que possuia de beleza e arte.

Somente quando se exhauriu a minha voz, foi que me apercebí da estranha situação em que me encontrava. À minha volta se comprimia um grande número de pequenos barcos chegados de todos os lados, cheios de gente que sussurrava, surpresa ante o espetáculo.

Encolhí-me sob o toldo da gôndola, com o pensamento único de me esconder. Procurei refúgio no meu hotel.

Na manhã seguinte, recebí, com um ramo de flores, o seguinte bilhete: «De Paul e Jeanne, que se amam muito e a quem a senhora proporcionou uma noite inolvidavel. Que Deus a abençoe e conserve a Centelha Divina que lhe deu!»

Estas últimas palavras tiveram o poder de despertar a minha alma. Pude, afinal, rezar e render graças a Deus por estar ainda viva. Todos os anos, nesse mesmo dia, onde quer que eu esteja, recebo de Paul e Jeanne algumas linhas—mensagem inspiradora de amor e gratidão.

—Excerto do livro «Minha vida». Ed., Appleton

SEÇÃO DE LIVROS

Terra de leite e mel

Condensado do livro «Land of Milk and Honey»

de W. L. WHITE

ESTA obra é a autobiografia (tal como foi narrada a W. L. White) de Vasili Kotov, que até recentemente foi cidadão da União Soviética.

«Sua leitura,» escreveu John Marquand na revista *Book-of-the-Month Club News*, «projeta uma nova luz sobre o maior problema moral da atualidade—o conflito com a mentalidade forjada pelos Sovietes.»

Copyright 1949, de W. L. White. Ed.: Harcourt, Brace & Co., 383 Madison Avenue, Nova York.

TERRA DE LEITE E MEL

Em *Terra de Leite e Mel*, W. L. White reproduz a história verídica de um piloto russo, Vasili Kotov, que conseguiu fugir para os Estados Unidos, depois da guerra.

Eis aquí o absorvente relato da vida de Kotov na Rússia soviética—da sua infância e educação e das circunstâncias que levaram o jovem aviador russo a abandonar a terra natal e procurar o seu futuro num país estrangeiro e desconhecido.

PARA SE compreender o que aconteceu a Galya e porque a história dessa moça chegou a constituir a razão principal da saida de Vasili Kotov da Rússia, é indispensavel remontar aos anos em que tanto eles como a Revolução eram jovens, e juntos sonhavam com grandes e belas coisas—tal como o fazem sempre as crianças e as revoluções.

Vasili, que nasceu em 1914, no começo do que se chama agora na Rússia a Primeira Guerra Imperialista, nada se lembra daquela guerra, nem da Revolução. Tinha apenas três anos quando Lenine e Trotsky galgaram o poder. Seu pai, operário qualificado de uma fábrica de tecidos, aprovara sinceramente a Revolução de 1917.

Os anos escolares de Vasili foram os mais felizes de sua vida na União Soviética, sobretudo os de 1924 a 1928, quando a Nova Política Econômica de Lenine não só tornou possivel o funcionamento do pequeno comércio como permitiu aos camponeses a venda dos seus produtos no mercado livre. Foi uma época de fartura de alimentos, bons calçados, e roupas para toda a família Kotov.

O fato mais importante da vida dos meninos e meninas da escola de Vasili consistiu no ingresso na organização intitulada Jovens Pioneiros. A diretora era uma moça que já fazia parte dos Jovens Comunistas ou Comsomols, e almejava ser admitida, um dia, no Partido. Tinha por missão ensinar as crianças a esqueceram as suas «religiões».

Industriados por ela, os colegiais iam de casa em casa numa divertida

«caçada» de ícones. Quando uma dessas imagens tradicionais era encontrada, o menino da casa era intimado a fazê-la desaparecer no prazo de um mês, sob pena de ser expulso dos Jovens Pioneiros. Não havia pior ameaça, pois todos os divertimentos infantís eram proporcionados pela organização.

Certa vez, tendo havido barulho na escola porque um menino fôra surpreendido com uma pequena cruz que recebera secretamente do avô, Vasili fez várias perguntas a seu pai sobre religião. O pai, que não era religioso, disse-lhe apenas que não pensasse mais naquilo. A evasiva, porem, não satisfez a mãe de Vasili, que comentou:

—Eu ainda tenho fé, mas é possivel que vocês, da nova geração, possam viver sem ela.

Devido à influência de suas famílias, conta Vasili, alguns meninos se opuseram à campanha contra os ícones e não ingressaram nos Jovens Pioneiros. Tornaram-se «crianças perdidas». Podiam continuar na escola, e alguns chegaram mesmo a entrar para a Universidade, mas como não pertenciam aos Comsomols, jamais poderiam candidatar-se a membros do Partido, que era a aspiração máxima de todos os jovens comunistas.

Quando Vasili tinha 14 anos, havia na classe uma menina muito bonita. Tinha cabelos castanhos, ondulados, a pele clara e os olhos grandes e cinzentos, que não cessavam de sorrir para ele. Filha de polonesa, seu rosto era fino, o nariz alto e reto que lhe dava um belo perfil, e o corpo mais esbelto do que o comum das mulheres russas. Chamava-se Galya. O pai estava muito bem empregado como engenheiro.

Galya era boa aluna e embora, nos exames, sempre desse «cola» aos companheiros que não sabiam bem as questões, jamais empregava esse recurso em seu próprio benefício. Quando o professor lhe perguntava alguma coisa que ela ignorava, Galya levantava-se e dizia: «Não sei.» Todos gostavam dela.

Sobressaía-se em literatura. Suas composições poéticas eram muito apreciadas e, às vezes, lidas em classe pelo professor, o que fazia Galya, enrubescida, baixar a cabeça. E como era, além disso, a mais bonita da classe, os meninos começaram a escrever-lhe bilhetinhos.

Vasili era um dos assíduos autores desses bilhetes, mas por acanhamento ou por considerar a família dela muito acima da sua, nunca se animou a assiná-los. Um dia, Galya pôs-se a conversar com ele sobre as cartas dos meninos e disse-lhe que a maioria vinha cheia de tolices.

—Mas há um, porem, que escreve coisas muito bonitas mas, observou ela, ele nunca assina.

Procurou, então, alguma coisa dentro dos bolsos do casaco e tirou um punhado de cartas dele. Vasili sentiu logo os grandes olhos cinzentos rindo gostosamente. Não havia dúvida de que ela descobrira o segredo desde o começo.

Continuou a escrever-lhe, e agora recebia respostas. Encontravam-se frequentemente, às escondidas, depois

das aulas, e caminhavam juntos pelas ruas de Moscou, simulando admirar as vitrinas das lojas.

Certo dia, em um desses passeios, Vasili parou.

—Galya, eu estou louco por você, disse, visivelmente embaraçado.

Ela não respondeu. Corou tambem e continuou muda.

—E você? insistiu ele.

Passaram-se ainda vários segundos, até que ela, de cabeça baixa, disse, quase imperceptivelmente:

—Eu tambem...

Quando, afinal, levantou os olhos, havia neles o sorriso de sempre mas, desta vez, lágrimas tambem. Galya tirou a mão de baixo do capote, e Vasili a pegou carinhosamente. Pessoas menos reservadas a respeito dessas coisas, diz Vasili, não poderão avaliar o que esse momento representou para eles—era a primeira vez.

Um ano depois, o pai de Vasili morreu. Afim de poder sustentar a mãe, o rapaz teve de abandonar a escola e empregar-se numa fábrica. Inevitavelmente, ele e Galya começaram a se distanciar um do outro, embora não o desejassem.

Nesse ano, o Governo começara a desapropriar as terras dos camponeses para coletivizá-las. Cerca de 100 deles foram empregados na fábrica onde Vasili trabalhava. Era triste o espetáculo que ofereciam. Viviam em dois grandes dormitórios, sujos e cheios de fumaça, jamais sorriam e raramente dirigiam a palavra aos operários da cidade, por considerá-los simpáticos ao Partido que se apossara das suas terras.

Certo dia, em 1930, Vasili deparou com uma longa fila de pessoas de rosto tristonho marchando para dentro de vagões de carga, sob uma escolta de soldados. Quando soube que se tratava de fazendeiros—os kulaks—que haviam possuido muitas cabeças de gado e muitos alqueires de terra e, por isso mesmo, eram agora enviados para trabalhos forçados na Sibéria, Vasili olhou-os sem compaixão. Eram eles, segundo ouvira, os responsaveis pela escassez de ovos, manteiga e até de pão em Moscou. Estavam, pois, simplesmente recebendo a punição merecida.

Foi tambem aí que, pela primeira vez, ouviu falar de campos de trabalhos forçados, e acredita tratar-se dos primeiros que se criaram.

Em 1933, Vasili viu realizar-se o seu maior sonho: entrar para a universidade. Sua irmã mais velha casara-se com um engenheiro, bem remunerado, que pudera ajudar na manutenção da mãe de Vasili e da irmã mais moça. Vasili conseguiu que a fábrica o chamasse para trabalhar à noite, quando faltava algum operário e, como o governo pagava a cada universitário uma pensão de 65 rublos por mês (o que chegava, pelo menos, para uma boa refeição diária), além de lhe dar dormitório e livros, pôde ele matricular-se no Instituto Técnico de Moscou.

Durante o seu terceiro ano no Instituto, onde estudou engenharia, Vasili fez amizade com um rapaz de nome Alexei Chernov, filho de um engenheiro do Comissariado da Indústria Pesada. A mãe de Alexei era diplomada pelo Conservatório de Música e pianista de mérito. Ambos os pais de Alexei haviam sido educados sob o regime czarista. Viviam num bonito apartamento de quatro peças, com legítimos tapetes persas, moveis de luxo, piano de cauda, e tinham duas criadas.

Entre as relações de Alexei, destacavam-se Nina, jovem de compleição delicada, e a quem ele amava; Oxana, campeã de natação, de olhos azuis e cabelos dourados; e Yasha, talentoso judeuzinho ucraniano, capaz não só de recitar poemas de Heine e Pushkin, como de escrever poesias ele próprio.

Vasili tornou-se, em breve, membro desse grupo de intelectuais. Alexei revelou-lhe todo um mundo de cultura falando-lhe de Shakespeare, Goethe, Dickens e Balzac e emprestando-lhe livros. A família de Alexei não só discutia livros e teatro como tambem o que se passava na Rússia. Ouvir tais comentários era, para Vasili, como tomar um vinho forte, pois aqueles seus amigos não só desaprovavam certas coisas como se animavam a dizê-lo. Sentia-se como no ápice de uma montanha a observar a Rússia toda, espraiada ante os seus olhos.

Quando Vasili lhes falou dos camponeses da sua fábrica, que não riam nunca, o pai de Alexei, que acabara de chegar dos Montes Urais, onde estavam sendo construidas novas fábricas, contou-lhe ter visto centenas de milhares de camponeses, que se haviam transportado para lá, os quais viviam em barracões, através do horrivel inverno siberiano, sem cobertores, tendo para aquecê-los apenas primitivos fogões sem chaminé, que deitavam fumaça continuamente. A alimentação que recebiam constava apenas de sopa e pão.

Nessa altura, Yasha falou. Havia passado as férias na sua província natal, na Ucrânia, onde ouvira a descrição dos sofrimentos do povo por ocasião da fome de 1933 causada pela seca e pela coletivização. Naquele inverno, a população das aldeias se alimentara de folhas e do bagaço de beterraba, depois de extraido o açúcar. Na cidade do próprio Yasha, durante os piores meses, haviam morrido de 30 a 40 pessoas por dia. O Governo limitara-se a enterrá-las em valas comuns.

Desse modo, Alexei e seus amigos conversavam abertamente sobre coisas que não podiam escapar aos olhos de toda a gente na Rússia. Parecia a Vasili que eles falavam como patriotas russos, a respeito de lamentaveis ocorrências do seu país, com o intuito de encontrar meios de corrigí-las.

Depois de uma dessas conversas, Alexei disse a Vasili que desejava falar-lhe em particular. Quando chegaram ao apartamento do primeiro, Vasili notou no amigo um estranho nervosismo.

—Acho que já conheço você bastante para poder falar-lhe com toda a franqueza, começou Alexei. —Não estou de acordo com o que se passa atualmente em nosso país. A coletivização, que destruiu a vida das aldeias, é apenas uma parte da história. A imprensa anuncia constantemente que estamos passando de simples país agrícola a

grande potência industrial. A verdade é que estamos vivendo uma tragédia; essa transformação está sendo precipitada, à custa de tremendos sacrifícios para o povo russo. Nada disso é necessário. Meu pai tentou convencer o governo dessa realidade. Mas como não é membro do Partido Comunista, dizem que ele não passa de um engenheiro antiquado, que não pode compreender o ritmo acelerado da nossa era revolucionária. Chegam a admitir que os métodos do atual regime exigem um sacrifício muito maior de vidas. Mas dão ao sangue russo tanto valor como às águas de um mar estrangeiro.

Fez aí uma pausa. Vasili sentou-se sem nada dizer. Nunca ouvira palavras tão amargas.

Alexei continuou:

—O que queremos saber, Vasili, é se você se contenta simplesmente em falar ou se está disposto a fazer alguma coisa.

Vasili compreendeu, então, que se tratava nada menos do que de um convite para juntar-se a um agrupamento político secreto. Calculou que deveriam fazer parte do mesmo, Yasha, Oxana, Nina e talvez outros colegas da universidade. Seguiu-se um longo silêncio, quebrado afinal por Vasili, que respondeu vagarosamente:

—Vou pensar.

Embora muita coisa lhe parecesse errada no seu país, nunca lhe ocorrera a idéia de que o sistema pudesse e, muito menos, devesse ser alterado. Por isso, a luta que essa conversa suscitou na mente de Vasili durou vários dias. Quis ouvir o conselho de alguem que lhe inspirasse inteira confiança. Procurou o cunhado que, apesar de membro do Partido, era homem sensivel e de bom coração.

O cunhado ficou profundamente irritado.

—Diga-me quem são essas pessoas, exigiu.

Vasili recusou-se a denunciá-las, mas não aderiu ao grupo secreto: como fosse avesso a causar complicações e temesse, agora, as consequências que poderiam advir para sua família, deu a Alexei uma resposta que foi compreendida imediatamente por todos—afastou-se do amigo.

As idéias de Bukharin haviam sido muito discutidas na universidade. Bukharin, um dos íntimos amigos de Lenine e membro do Politburo, declarara, em discurso ao Partido, que a ditadura já não era necessária, podendo ser substituida, sem perigo, pela democracia, uma vez que já se havia estabelecido o socialismo na Rússia e as classes inimigas tinham sido abolidas.

Estas declarações, em 1934, suscitaram grandes esperanças em todo o país, sobretudo entre os intelectuais. Muitos passaram a perguntar:

«Por que não? Agora que já não existem classes, por que não são permitidos outros partidos alem do comunista? Por que proibir a apresentação de candidatos da oposição? E plataformas oposicionistas? Não seria sinal de um progresso salutar?»

Nessa altura, Stalin e seus partidários intervieram: essas opiniões eram tão antimarxistas e antileninistas quanto reacionárias. As palavras de Bukharin não eram senão écos do decadente liberalismo burguês.

O ANO DE 1936 foi o ano dos grandes «expurgos». Quando começaram as prisões, Moscou foi dominada por uma onda de terror. Toda a vida social se paralisou. Quem poderia assegurar que o amigo que a gente convidava para jantar, não seria detido, mais tarde? E nesse caso, como justificar-se ante a polícia? As pessoas evitavam até mencionar o nome de Stalin, com medo de que as suas palavras pudessem ser mal interpretadas. Um operário da fábrica de Vasili foi condenado a cinco anos de trabalhos forçados apenas por ter dito, talvez com a maior inocência: «Stalin agora tem mais poder do que o czar!»

Certa manhã, Alexei, Yasha, Nina, Oxana e quatro outros colegas não compareceram às aulas. Na reunião geral, foi anunciado que eles haviam sido presos como Inimigos do Povo, por conspirarem com os Capitalistas do Ocidente. Quatro dias depois, Vasili foi intimado a comparecer à sede da NKVD.

Um policial baixote, de olhos sanguíneos e rosto amarelado por excesso de trabalho noturno, fez-lhe, a princípio as usuais perguntas sobre a família. Vasili percebeu que o homem já conhecia todas as respostas. A seguir, o agente perguntou quais eram os seus melhores amigos e sobre que assuntos conversavam.

—Nenhum deles falou alguma vez contra o nosso Sistema Soviético?

—Não.

—Você conhece o acusado Yasha?

—Conheço.

O policial, que fumava continuamente, abriu a gaveta, tirou um *dossier*, examinou-o durante um minuto e continuou:

—De acordo com as provas que temos, às 6 horas da tarde de 3 de abril, uma estudante, que é mãe, estava tentando acalmar o filhinho de seis meses com canções de ninar. O acusado Yasha—e isso em sua presença—disse então à mãe: «Não use esses suaves processos burgueses! Lembre ao menino que ele é um cidadão soviético. Ele calará a boca imediatamente, pois é o que todos temos que fazer.» Imagino que você não se lembre disso, não?

—Não me lembro, respondeu Vasili.

Uma hora depois, na rua, olhando para o céu aberto, Vasili fez um voto solene de nunca fazer pilhérias semelhantes ou, sequer, dar-lhes atenção. Pela primeira vez, apercebeu-se de que tudo, até mesmo as piadas dos estudantes, ia ter aos ouvidos da polícia. (Só muito mais tarde Vasili descobriu que o delator era um colega, de nome Popov, grandalhão e pouco inteligente, a quem muitas vezes ele ajudara nos deveres escolares.)

EM 1938, Vasili Kotov recebeu o seu diploma. Era, agora, engenheiro da Força Aérea, classificado entre os melhores da turma. Como tambem já tivesse o *brevet* de aviador, conseguiu emprego na seção de provas de uma

fábrica de aviões, perto de Moscou. No fim de três meses, ganhava o excelente salário de 1.200 rublos por mês e era nomeado chefe de um grupo de dez engenheiros.

Um deles era o seu velho amigo Boris, um dos seus três companheiros de quarto na universidade. Antes da Revolução de 1917, o pai de Boris fôra administrador das propriedades de um burguês rico. Boris tivera sempre o cuidado de mencionar este fato em todos os formulários que enchera para pleitear empregos. Até então, havia sido sempre aceito.

Uma noite, Boris, profundamente agitado, procurou Vasili.

—Hoje de tarde, disse Boris,—passei uma hora na delegacia da polícia política. O agente da NKVD perguntou-me o que o nosso grupo pensava do Governo Soviético. Respondí que todos éramos filhos da Revolução, vivíamos muito contentes e nada tínhamos contra o Governo.

Boris continuou a descrever o interrogatório:

—Isso tambem é verdade com relação ao seu chefe—Vasili Kotov?

—Meu chefe?! exclamou Boris, com surpresa. —Eu o conheço desde menino e respondo por ele como por mim mesmo.

—Não há dúvida, prosseguiu o investigador. —Mas de agora em diante, o senhor terá que vir ao meu gabinete de quinze em quinze dias, a esta mesma hora, afim de relatar-me as conversas que tiver ouvido no seu grupo de trabalho. Estamos especialmente interessados em Kotov, no que diz e pensa e nos possiveis erros que vier a cometer. Não temos nada contra ele. Mas como está numa posição muito importante, não podemos correr riscos.

—Espionar Vasili Kotov, o meu melhor amigo? insistiu Boris.

—Exatamente.

A essa altura, Boris olhou o interrogador firmemente e replicou:

—Não. Isso é uma coisa que eu não posso fazer.

O investigador retrucou-lhe o olhar.

—Se estivéssemos em outro país, ou então na Rússia dos czares, você estaria espionando para um governo inimigo do povo. Mas no Estado Soviético, governo e povo são uma só coisa. Quem ajuda o governo a desmascarar os seus inimigos, ajuda a nação, o povo, a sua família e a si próprio. Queremos certificar-nos de que nenhum inimigo da nossa Revolução está em contacto com Kotov.

Boris, após um longo silêncio, perguntou:

—Mas por que razão fui eu o escolhido?

O que se seguiu, parecia uma partida de xadrez. O policial da NKVD reclinou-se na cadeira e tamborilou com os dedos sobre a mesa.

—Em primeiro lugar, porque você vem merecendo a nossa confiança. Você foi empregado numa fábrica de aviões, na indústria mais importante da Rússia, apesar de sua família não pertencer ao proletariado. Segundo nossas informações, sua mãe continua sendo uma mulher religiosa. Os vizinhos dizem que todos os anos ela se

recusa a subscrever a quota que lhe corresponde de obrigações do governo, mas, como você deve saber, (dirigiu, então, a Boris, um olhar significativo) nós aquí desta repartição somos razoaveis. Este pequeno detalhe sobre sua mãe não tem a menor importância, ainda quando somado ao fato de seu pai, antes da Revolução, ter-se locupletado como agente de um burguês rico, explorador do povo.

«Nossa tarefa consiste em anotar coincidências. Em relação à sua família, houve mais uma, recentemente. Há poucas semanas, no restaurante da fábrica onde seu pai é guarda-livros, verificou-se um envenenamento proveniente da alimentação. No dia seguinte, 200 operários faltaram ao trabalho. Três morreram...

—Mas isso foi descuido! protestou Boris. —Alguem serviu carne estragada.

—Justamente, observou o policial. —Mas nós não nos precipitamos em associar essas três coincidências. Reservaremos o nosso juizo para quando analisarmos as informações que você nos trouxer de Vasili Kotov. Mencionei estes fatos sobre sua família, a que não demos maior importância, apenas para mostrar-lhe que seremos igualmente tolerantes para com seu amigo Kotov. Dou-lhe dois dias de prazo para decidir-se.

—Ouça, Boris, exclamou Vasili, interrompendo o relato do amigo. —Você não tem o direito de arriscar a sua vida nem a de sua família. Não pode recusar o encargo.

Boris sacudiu a cabeça.

—Nunca farei nada contra você.

—Mas não será preciso, lembrou Vasili. —De quinze em quinze dias, discutiremos a espécie de relatório que você deverá apresentar. E mencionaremos alguns erros, desses que acontecem a qualquer um. Assim, acharão que você é um bom agente. E se alguem deve vigiar-me, é muito melhor que seja você.

Boris sentou-se, imovel, com os olhos presos no chão. Depois, levantando-se, apertou as mãos do amigo com emoção:

—Muito obrigado, Vasili, muito, muito obrigado.

CHEGAMOS agora a uma parte desta história que, segundo Vasili, é da maior importância. Lembra ele aos leitores que se nos paises ocidentais uma mulher realmente bem vestida pode passar despercebida, na Rússia Soviética constitui uma tal raridade, que toda a gente se volta para olhá-la, perguntando-se quem será e o que fará.

Poderá ser a esposa de um diplomata estrangeiro ou de um alto burocrata do Kremlin; uma escritora ou uma atriz soviética, pois estas ganham salários fabulosos. Muita gente se detem diante do Teatro Bolshoi apenas para vê-las entrar e sair.

Há na Rússia, ainda, uma outra pequena classe de mulheres elegantes. Vestem-se com apuro e possuem rostos tão belos quanto os das atrizes. Em Moscou, é comum ver-se uma dessas jovens ora no teatro com um homem, ora no grande restaurante do Metro-

pole Hotel com outro, ou passeando com um terceiro no *foyer* do Teatro Bolshoi. Entretanto, os velhos conhecedores de Moscou (quem sempre viveu em uma grande cidade acaba penetrando-lhe os segredos) não se arriscam a aproximar-se delas, por mais bonitas que sejam. Sabem muito bem que são agentes da NKVD e que empregam os seus encantos como arma para sacar informações de estrangeiros ingênuos ou dos incautos funcionários soviéticos provincianos que se encontrem sob suspeita.

Um dia, Vasili foi mandado a Leningrado afim de inspecionar alguns motores de avião. Quando caminhava por uma das ruas da cidade, chamou-lhe a atenção, pouco adiante, uma jovem vestida elegantemente, ao lado de um homem tambem trajado com especial apuro. Vasili notou na moça qualquer coisa que lhe pareceu estranhamente familiar. Alcançou-os na esquina e não pôde conter a exclamação:

—Galya! Como vai você?

—Vasili! Que está você fazendo em Leningrado?

—Viagem de negócios. E você?

—Tambem tenho negócios aquí.

—Onde é que você está morando? perguntou ele.

E só então notou que ela não o havia apresentado ao companheiro.

—No Hotel Europa, respondeu Galya.

—Posso telefonar para lá?

—Claro que sim. Telefone, disse a jovem, já atravessando a rua.

No dia seguinte, a telefonista do Hotel Europa informou-o de que lá não havia ninguem com aquele nome. Vasili resolveu ir certificar-se pessoalmente. Por coincidência, quando entrava no saguão do hotel, Galya vinha saindo do elevador.

Pareceu surpreendida, mas logo sorriu.

—Vasili, por que não me telefonou? Já estou atrasada para um encontro.

—Informaram-me que você não morava aquí.

—Esquecí-me de dizer que tenho outro nome.

—Por que? Você está casada?

—Estive, disse ela.

—Divorciou-se?

—É uma longa história, respondeu, num tom desanimado.

—Então, vamos jantar juntos amanhã?

—Ótimo! Onde vai ser?

Ele deu o nome do restaurante. Mas, na hora combinada, Galya não apareceu.

Em 1941, no fatídico 22 de junho, os nazistas, com os quais os sovietes haviam firmado um importante acordo comercial e um pacto de amizade, atacaram subitamente os novos «amigos». Seus exércitos cruzaram as fronteiras russas e, durante três horriveis meses, penetraram fundo, no país, fazendo milhões de prisioneiros.

A fábrica de Vasili enviou-o à frente ucraniana afim de experimentar um novo tipo de bombardeiro. Embora fosse civil, ele decidira empregar o avião em autênticas missões de combate por ser esse o meio mais eficaz de pôr à prova o aparelho. De volta de uma dessas missões, o avião caiu e Vasili feriu-se no peito. Restabeleceu-se, porem, rapidamente e enviou seu relatório sobre os pontos fracos observados no bombardeiro, sendo então designado para provar um Spitfire cedido pelos ingleses como amostra de fornecimentos futuros.

Num dos dias sombrios do outono de 1941, Vasili teve de fazer uma curta visita a Moscou, já cercada pelo inimigo. O governo, antes de mudar a capital para Kuibyshev, fechara todas as fábricas e determinara a evacuação dos operários e de todos que não fossem necessários à defesa de Moscou. Acontecia, porem, que na cidade havia ainda muita gente que não se importava com a proximidade dos alemães. O clarão dos canhonaços nazistas já podia ser visto do telhado das casas; no severo *blackout*, piscavam apenas as lanternas dos policiais da segurança política, examinando os papéis dos transeuntes. Vasili vagava através da sinistra escuridão quando ouviu, de súbito, vindo de algum lado, os acordes animados de um *jazz*. Ficou tão chocado como se tivesse ouvido o clangor de saxofones no momento mais solene de um funeral.

Notou que estava em frente de um edifício que antes da guerra havia sido um teatro. Um filete de luz escapava por baixo da porta. Empurrou-a e entrou. Viu um imenso salão cheio de luz e alegria. As cadeiras tinham sido retiradas para dar lugar a uma enorme pista de baile. No palco, a orquestra tocava estridentemente para delícia dos pares elegantes que enchiam a sala. Mais do que essa expansão de alegria numa hora negra da história russa, deveria revoltar qualquer patriota o fato de que entre os presentes não havia quase ninguem fardado.

Depois de observar um pouco a alegria reinante, Vasili decidiu afastar do pensamento essas cogitações. Afinal de contas, trabalhara arduamente e bem merecia distrair-se. Que os demais tivessem ou não igual direito, pouco importava. Embora suas botas de aviador e a jaqueta de couro forrada de pele não fossem lá muito adequadas para um baile, decidiu comprar o ingresso.

Enquanto a orquestra tocava, Vasili começou a observar as moças. Seus olhos se fixaram numa figurinha esbelta, de vestido de seda rosa pálido. O cabelo macio caía-lhe sobre os ombros, como na última moda ocidental. Era Galya!

Ao atravessar o salão em direção à jovem, Vasili rememorou o breve encontro de Leningrado em que ela não lhe apresentara o homem que a acompanhava e, no dia imediato, a baldada espera no restaurante. Como sabia pouco, hoje, a respeito dela—nem mesmo o nome! Ela o reconheceu imediatamente.

—Vasili! Ou estarei vendo um fantasma? E que belo fantasma! Você já se lembrou de que nunca dançamos juntos? Este é o último número e quero dançá-lo com um fantasma. Hoje, já trabalhei tanto que faço jus a esse prazer.

Em seus braços, leve como uma pluma, Galya encostou o corpo gracioso ao do companheiro, suave e confiante-

mente. Seu cabelo macio e perfumado roçava no rosto de Vasili. Quando a música parou, ele perguntou-lhe se poderia levá-la a casa. «Claro», foi a resposta.

Morava num bom edifício de apartamentos, numa das melhores ruas da cidade. Quando ela acendeu uma vela, Vasili correu os olhos pelo quarto afim de se certificar de que não havia cachimbos, navalhas, sapatos ou outros sinais de homem.

Galya ofereceu-lhe vodka. Durante algum tempo, conversaram sobre a guerra, as aventuras dele, sobre tudo, exceto sobre eles mesmos. De repente, ela disse:

—Não falemos mais nessas coisas. Lembremo-nos dos nossos saudosos tempos de colégio que, felizmente, nunca tiveram nada que os estragasse. Esses dias ainda são nossos, assim como esta noite. Procuremos tambem não estragá-la.

Levantou-se, devagar, e, com os olhos presos aos dele, aproximou-se, segurou-lhe a cabeça e beijou-o avidamente. Mas, de súbito, recuou.

Teria sido tão simples se ela fosse apenas uma bela desconhecida, a sós com um aviador numa cidade em guerra. Que importaria o que fizessem?

Mas Vasili não podia conformar-se com o ar misterioso de Galya, que antes não lhe ocultava nem os pensamentos.

—Galya, disse ele, conte-me tudo.

Ela levantou-se, rapidamente, e encheu um outro copo de vodka.

—Que espécie de homem é você? perguntou sem encará-lo. —Uma moça lhe dá um beijo e você insiste em filosofar!

—Você não é uma moça qualquer. É Galya. Enquanto eu não souber tudo o que aconteceu, não terei senão parte de você.

Sem responder, ela atirou-se na cama e cobriu o rosto com as mãos. Depois, deixou-se ficar em silêncio, com os olhos fixos no teto. A vela não tardou em extinguir-se, lentamente. Galya, porem, não se moveu.

Continuou na cama ainda por muito tempo, sem dizer palavra. Era a mesma colegial que ele conhecera, mas assoberbavam-na agora problemas tão sérios que não podia, sequer, revelá-los.

Afinal, em plena escuridão, começou a falar, a princípio lentamente.

—Em 1936, eu estava na Universidade de Moscou e a adorava. Havia escrito uma peça em verso que fôra considerada boa. Nossa Sociedade Dramática estava em vias de encená-la. E embora eu não amasse ninguem como amara você, gostava da minha vida e confiava no futuro.

«Uma noite, meu pai não chegou do trabalho à hora costumeira. Naqueles anos do expurgo, todos sabiam o que significava isso. Eu e minha mãe sentamo-nos, à espera, até muito depois da meia-noite, sem ousar falar no que poderia ter acontecido. Às três da madrugada, conseguí, finalmente, persuadí-la a ir deitar-se. Às três e meia, papai chegou, muito pálido, dizendo que precisava dormir e que conversaria conosco na manhã seguinte. Mas, às quatro, vieram bater à nossa porta.

«Eram dois homens. Mandaram-nos sentar, quietos, e começaram a revistar tudo, a examinar livros, ler cartas e a empilhar um sem número de coisas para levar. Depois, tendo dito a meu pai que teria cinco minutos para arrumar a maleta e despedir-se de nós, foram esperá-lo do lado de fora.

«Você se lembra de mamãe. Pois bem: teve uma crise de nervos, ora chorando, ora gritando, perguntando a papai o que fizera de tão horrivel para provocar semelhante desgraça. Não pude suportar a cena e corrí para meu quarto. Papai veio atrás de mim, fechou a porta e ajoelhou-se a meu lado, abraçando-me.

«—Querida, disse ele,—se eu puder sobreviver ao que me espera, será para voltar algum dia para o lado de vocês. Só lhe peço uma coisa: cuide bem de sua mãe. Faça tudo para acompanhá-la, ajudá-la e protegê-la, afim de que não venha a passar fome. Lembre-se sempre disso.

«Nesse momento, os policiais abriram a porta do meu quarto e levaram papai. Seguiram-se momentos dolorosos, com mamãe.

«No dia seguinte, procurei o diretor da Universidade, contei-lhe o que se passara e pedí-lhe que me conseguisse um emprego qualquer na secretaria afim de que eu pudesse sustentar minha mãe e continuar o curso.

«—Não há nenhum emprego disponivel, disse ele. —Alem disso, você terá de abandonar a escola imediatamente.

«—Mas por que? perguntei.

«—Porque seu pai é um Inimigo do Povo, respondeu ele, sem se animar a encarar-me.

«—Mas isso não é verdade! E de qualquer maneira, ninguem ainda disse nada contra mim!

«—Você terá de ir embora hoje, e não volte mais, insistiu ele, ainda sem me encarar.

«Nessa mesma noite, bateram outra vez à porta. Era a polícia, para intimar-nos a deixar o apartamento no prazo de três dias.

«—Mas para onde iremos? perguntou mamãe.

«—Qualquer lugar fora de Moscou. Vocês não podem mais continuar na cidade.

«Resolví tentar explicar nossa situação à polícia. Na manhã seguinte, lá estava eu, chorando, em uma seção da NKVD. O funcionário ouviu-me enquanto lhe falei sobre papai e, finalmente, sobre o meu trabalho na escola, frisando que cada frase da minha peça fôra escrita dentro do espírito do nosso grande Plano Quinquenal.

«Quando terminei, ele recostou-se na cadeira e riu.

«—Acho que você se esqueceu da luta de classes, disse ele. —Tambem faz parte do Plano Quinquenal.

«—Que quer dizer com isso?

«—Há gente demais que gosta de escrever e não são poucos os que têm talento. Mas só queremos escritores com a ficha limpa. Não podemos gastar o tempo dos nossos professores com pessoas como você.

«—Mas diga-me, então, qual é a acusação que fazem a meu pai?

«O rosto dele fechou-se.

«—Nunca mais faça essa pergunta, concluiu, rudemente.

«Quando cheguei a casa, mamãe me disse que alguem acabara de telefonar, procurando por mim. Na terça-feira seguinte, eu deveria voltar à mesma seção da polícia e procurar o mesmo funcionário que me atendera. Entrementes, poderiamos ficar no apartamento mais duas semanas.

«Passei aqueles três dias matutando. Por que motivo nos autorizavam, tão inesperadamente, a continuar em Moscou? Por que desejaria a NKVD tornar a falar comigo?

«Na terça-feira, quando entrei, o policial me disse:

«—Sente-se. Conte-me, agora, tudo de que se lembrar, desde os tempos de menina.

«O relato não levou muito tempo. Que tem a contar uma jovem universitária? Falei, apenas, da minha infância, dos dias de colégio—contei até que me apaixonara por você—das aulas da universidade, dos meus amigos, do trabalho, dos meus projetos para o futuro. Quando terminei, ele me disse:

«—A julgar pela sua história, você é uma jovem soviética extremamente patriota.

«—Creio que sou.

«—É o que vamos ver.

«Em seguida, olhou atentamente para o meu rosto e pediu que me voltasse para um lado, depois para o outro.

«—Você é bem bonita.

«Disse-me isso não como um homem a uma mulher mas como um criador falando de um cavalo de corrida. Não gostei nada.

«—Naturalmente, continuou ele, você não está hoje nos seus melhores dias. Com certeza esteve chorando. Descanse um pouco e volte daquí a três dias. Traga-me, então, algumas fotografias suas.

«Eu já estava a meio caminho de casa quando comecei a suspeitar das intenções dele. Decidí-me, imediatamente, a recusar. Mas depois, pus-me a refletir sobre as consequências da recusa. Podíamos ser mandados para alguma aldeia do extremo norte do país.

«Na minha visita seguinte, ele examinou os retratos que levei e disse:

«—Eu tinha razão, você é mesmo bem bonita. Alem disso, tem o rosto aberto e franco, o que é muito util. Que diria se eu a convidasse a trabalhar para nós?

«Eu esperava essa proposta, mas, simulando surpresa, respondí:

«—Nunca me passou pela cabeça trabalhar para a NKVD...

«Ele recostou-se na cadeira e olhou-me, entrefechando os olhos.

«—Estou-me lembrando, neste momento, da sua primeira visita. Você era uma patriota cheia de entusiasmo. Não havia nada que não fizesse pela nossa Revolução!

«—Mas não poderei demonstrar o meu patriotismo de outro modo?

«—Nós, da NKVD, abandonamos tudo pela Revolução. Se você é a boa patriota que diz ser e deseja provar que não teve participação alguma no crime de seu pai, fará o mesmo. Dou-lhe dois dias para pensar.

«No caminho de casa, pensei em suicidar-me. Mas quando cheguei e olhei para mamãe, lembrei-me das recomendações de papai. Se eu me matasse, como poderia ela viver? Resolví capitular. Agora, Vasili, você já sabe de tudo.

—Em Leningrado, disse Vasili lentamente,—você me disse que tinha outro nome porque se casara.

—É verdade, disse Galya.

—Com quem?

—Com um agente da NKVD. Eu sempre achei que não nos deveriamos casar. Mas ele não me deu ouvidos. Conhecia a minha espécie de trabalho, mas me disse que seu amor era tão grande que não se importaria. E isso era quase verdade. Mas o fato é que, no fundo, era um homem realmente honesto e não dava para esta coisa. No fim de certo tempo, não suportava mais a idéia de saber-me em companhia de outro homem. Mesmo que fosse apenas para jantar. E, naturalmente, como você deve imaginar, o meu emprego não era apenas para jantar com eles...

—Onde está ele agora? perguntou Vasili.

—Está morto.

—Como foi?

—A princípio, começou a trabalhar mal. Depois, a fazer críticas. Um camarada o denunciou e ele foi fuzilado.

—E em que consiste o seu trabalho agora? inquiriu Vasili.

—Várias pessoas já foram fuziladas por minha causa, disse depois de longa pausa. —Aí está, Vasili, acrescentou ela,—toda a história daquela colegial que, ao seu lado, sonhou um dia conhecer tão bem os segredos do coração humano que pudesse vir a escrever belas histórias, uteis à nossa Revolução.

—Agora, que você sabe de tudo, quero que se vá embora. Oh, querido, vá embora para sempre!

A aurora despontava. Durante a noite, a neve caira cobrindo as ruas, o topo das chaminés e até as muralhas do Kremlin; o manto macio e branco escondia todas as coisas feias da querida cidade.

A ONDA germânica quebrou-se contra as defesas de Moscou e contra o inverno russo, o mais rigoroso em todo um século. Havendo sido fechada, como as demais, a fábrica de Vasili, quando os alemães estiveram a pique de tomar a capital, ele, a mãe e a irmã mudaram-se para Kuibyshev. Mais tarde, passado o perigo imediato, a fábrica foi reaberta e ele regressou a Moscou com a família. Vasili, porem, não tardou a ser convocado pelo exército e destacado, como capitão, para o corpo de bombardeiros. Após um breve período de treinamento, foi mandado para a frente de batalha.

Numa missão de combate, o avião de Vasili foi duramente alvejado por caças alemães. Ele e a tripulação, saltando em para-quedas, conseguiram juntar-se aos guerrilheiros russos na retaguarda das linhas alemãs. Mais tarde, com o auxílio dos guerrilheiros, regressou à sua unidade, mas por várias semanas não lhe foi permitido voar, aguardando que a NKVD conferisse todos os detalhes da sua história.

Isto se tornara necessário porque alguns aviadores abatidos haviam regressado dizendo terem sido ajudados pelos guerrilheiros quando, em realidade, tinham-se tornado espiões do inimigo. Vasili, entretanto, não se resignava à inação forçada.

Com a esperança de apressar a sua reincorporação às esquadrilhas de combate, decidiu ir pessoalmente ao quartel-general da Força Aérea. Lá encontrou o seu velho companheiro de turma, Popov,—aquele que não brilhava pela inteligência, o colegial a quem tantas vezes ajudara nos deveres escolares. Era ele, agora, coronel, encarregado de todas as atividades da NKVD numa divisão inteira, enquanto Vasili não passava de simples capitão.

Curioso é que nenhum dos antigos colegas tivesse alcançado uma situação tão destacada quanto a de Popov. Os melhores alunos, em 1936, eram Alexei e Yasha, que Popov tanto invejara. Pois os luminares haviam desaparecido e o estúpido chegara a coronel!

Nessa noite, encontraram-se no quarto de Popov para beber e conversar sobre os velhos tempos de colégio. Vasili notou que, depois de quatro copos de vodka, os olhos de Popov mal podiam focalizar os objetos. Decidiu aproveitar a oportunidade.

—Escute, Popov, você se lembra daqueles colegas nossos, Alexei, Yasha e os outros, que foram presos em 1936? Que é feito deles?

Popov sorriu.

—Perguntei-me quanto tempo você levaria para fazer essa pergunta, respondeu. —Aqueles espertalhões! Você os conhecia bem, não? Alguns deles, bem demais. Em 1935, você se hospedou três vezes na casa de verão da família de Alexei. Mas não se incomode. Isso já faz muito tempo... E, afinal de contas, você não era propriamente um deles. Alexei parecia a você um menino educado e simpático. Mas era um espião.

Popov deu um murro sobre a mesa, e prosseguiu:

—Um inimigo! Um cão! Queria recuperar tudo o que a família possuira antes da Revolução. Com esse fim, o pai procurou articular uma grande organização: o patife andava atraindo uma porção de rapazolas para a sua causa!

«Imagino que o velho traidor o tenha impressionado com sua amavel hospitalidade. Por que razão iriam eles incomodar-se com um pequeno proletário como você, saido do que eles costumavam chamar de sargeta? Só queriam, seu bobo, fazer de você um instrumento deles. E a mãe, aquela pianista encantadora! Eu tambem sei que ela tocava Beethoven muito bem, embora não me considerassem inteligente bastante para merecer a honra de um convite dela! Aquela encantadora assassina tambem fazia parte da tal organização.

Vasili sentou-se, esmagado por aquela torrente de ódio e inveja a jorrar de um homem que nos tempos de escola não passara de um toleirão, medíocre e ignorado. Popov estava completamente embriagado.

—Mas nem todos tinham levado

vida melhor antes de 1917, objetou. —Yasha, por exemplo, veio de uma aldeia no sul. Que fim levou?

—Ah! Yasha! Um espertalhão! Com aquela veia poética e um coração que sangrava pelos sofrimentos do povo!

—Mas que é feito deles? insistiu Vasili.

—Alexei foi logo fuzilado com o pai. Quanto a Yasha, fomos particularmente brandos. Não sei mesmo por que. Talvez porque, como diz você, ele tenha vindo de uma família pobre. Recebeu apenas dez anos de sentença num campo de trabalhos forçados. Quando rebentou a guerra, os prisioneiros desses campos tiveram a oportunidade de ingressar nas fileiras. Os que aceitaram, foram destacados para os Batalhões de Assalto e enviados para as frentes onde a luta era mais intensa, com a promessa de perdão depois da guerra. Apenas um em cada dez podia ter esperança de escapar com vida. Yasha não foi um desses. Aquele grande e terno coração está agora apodrecendo nalguma vala a leste de Gomel.

—E Oxana?

—Ah! O nosso Vasili não se esquece das meninas! Mas quem poderia esquecer a adoravel Oxana, que conquistou tantos prêmios de natação apenas porque os juizes não davam atenção à técnica, mas àquele belo corpo! Ante o nosso interrogatório, a adoravel atleta foi a primeira a capitular. Os outros, ficaram calados dias inteiros. Mas a tagarelice dela deu para encher vários volumes.

—Você se lembra de Nina? disse.

—Claro que me lembro da namorada de Alexei! Esta foi diferente. Miuda, esbelta, fragil, parecia que um vento era capaz de carregá-la. Pois bem, foi a que nos deu mais trabalho. Resistiu semanas a fio. Uma vez, deixaram-me espiar por trás de uma tela de arame e cheguei quase a desejar que ela estivesse do nosso lado. Mas é claro que acabamos por vencer-lhe a obstinação. Onde se encontra agora, não sei nem interessa.

Depois, inclinando-se para a frente, com o corpanzil vacilante, Popov apontou o dedo em direção a Vasili.

—E você? É hoje um grande aviador, cheio de condecorações. Mas sabe que posso liquidá-lo de um momento para outro? Eu poderia ter feito isso naquela ocasião porque, afinal de contas, você mentiu um pouco, Vasili! Você disse, no interrogatório, que conhecia os outros apenas ligeiramente. Mas eu, a quem você ajudava em física e química, sabia um pouco mais. Por que não o denunciei? Não porque desejasse salvar um técnico insignificante, mas porque sabia que, na realidade, você ainda era um dos nossos. Pois bem, continue conosco! Não se esqueça de que apenas começamos, e iremos longe!

Popov, certamente, não se lembraria de nada na manhã seguinte.

—Diga-me, perguntou Vasili, —qual é a situação geral? Como vai a guerra?

—A situação? Estamos marchando para o oeste, Vasili! Já estamos a caminho de Bucareste e de Varsóvia.

Mais alem, esperam-nos cidades ainda mais interessantes e gente mais brilhante do que os gênios da nossa turma... E pianos tambem, mas não para traidoras como a mãe de Alexei. (A essa altura, Popov fechou os olhos. A cabeça pôs-se a oscilar de um lado para o outro.)—Para pessoas que tocarão os hinos da nossa Revolução, balbuciou. —Para essas, todos os pianos do mundo!

A cabeça caiu, então, pesadamente, sobre a mesa. Vasili despiu o antigo companheiro e arrastou-o para a cama.

Ao aproximar-se o fim da guerra, os exércitos russos deslocaram-se para o ocidente e os soldados soviéticos, às centenas de milhares, conheceram pela primeira vez uma vida diferente da que levavam—as casas brancas e limpas da Rumânia, as lojas e restaurantes luxuosos de Bucareste, os silos da Hungria, o encanto melancólico e o refinamento de Viena.

Vasili tambem foi para o ocidente com a sua esquadrilha, e os seus olhos se abriram, igualmente, nos paises «burgueses», para coisas que jamais conhecera. A liberdade de dizer o que se pensa deixou-o perplexo.

Quando veio a paz, havia entre as pessoas deslocadas e perdidas na Europa milhões de russos, prisioneiros de guerra ou civís tocados para a retaguarda pelos alemães em retirada. Muitos desses russos haviam decidido não regressar à mãe pátria, que os tratara de forma tão brutal—com a coletivização forçada, as prisões no meio da noite, e os sombrios campos de trabalhos forçados nas paragens desoladas e gélidas da Sibéria.

Afim de atrair novamente esses deslocados e ressentidos, os Sovietes enviaram uma missão de repatriação e Vasili foi destacado para servir junto à mesma, em París. O verdadeiro chefe da missão era um certo general Vikherev, que usava uniforme da Força Aérea mas de aviação não entendia patavina. Na realidade, Vikherev era um general da NKVD e, como sói acontecer, preferira o disfarce de outro uniforme. Era baixote, dos seus 38 anos, com uma vasta cabeleira e tinha os olhos penetrantes, típicos da NKVD. Na sala de almoço, uma mesa especial fôra reservada para ele e seus favoritos.

Segundo o Acordo de Yalta, todos os russos que se encontravam fora da U.R.S.S. deveriam ser repatriados, quisessem ou não. Muitos não queriam voltar: os soldados que haviam lutado ao lado dos alemães, sob as ordens do general e trânsfuga Vlassov; milhares de civís que haviam acompanhado as tropas alemãs em retirada, por não quererem mais continuar a viver sob o regime soviético; cerca de cem mil pessoas encontradas pelos alemães em campos de trabalhos forçados e que tambem haviam acompanhado os nazistas; e, finalmente, os oficiais e soldados capturados em ação, estes por medo de serem condenados, pois a lei comunista considera crime a rendição. Ao dirigir-lhes a palavra, Vikherev empregou uma tática ardilosa: o governo reconhecia as duras provações que haviam atravessado e, uma vez

terminada a guerra, passara uma esponja no passado, oferecendo a todos as melhores boas-vindas na pátria. Na verdade, porem, logo que se encontraram em mãos soviéticas, muitos repatriados foram mandados para os piores campos siberianos.

Na França, centenas de milhares de soldados russos tentaram esconder-se em trajes civís. Conseguiram empregos e viviam felizes. Muitas mulheres russas casaram-se com franceses e já tinham filhos. Entretanto, o novo governo francês, virtualmente dominado pelos comunistas, nada negou a Vikherev. Moças russas chegaram a ser presas em caminho da pretoria e levadas, à força, para os campos de repatriação. O governo francês não levantou a menor objeção contra tais atos. Um dos homens de Vikherev disse a Vasili: «Nós prenderíamos até o próprio De Gaulle, se Vikherev nos ordenasse!»

Alem disso, Vikherev postava seus agentes secretos onde quer que se reunissem russos. Seus informantes mais valiosos eram ex-oficiais do exército de Vlassov, que faziam propaganda contra Stalin. Finda a guerra, agentes de Vikherev procuraram alguns desses homens e lhes prometeram que tudo seria esquecido se eles se prontificassem a delatar os nomes dos demais componentes do exército de Vlassov. Ansiosos por salvar a própria cabeça, esses homens puseram-se a trabalhar tão arduamente que Vikherev, em pouco tempo, tinha a história quase completa de todos os seguidores de Vlassov.

A reação de Vasili ante esses processos foi influenciada não apenas pela sua própria experiência mas tambem pela de outro aviador, Nikolai, que, como ele, fôra enviado à França para servir na comissão de repatriação. Uma das missões dadas a Nikolai havia sido a de pilotar um avião enviado ao encontro de Vikherev na neutra Suíça, onde um grande número de russos buscara asilo. Depois dessa viagem, Nikolai contou a Vasili o que vira.

Cerca de 50 mil russos se tinham refugiado na Suíça depois da guerra. Os suíços não os queriam lá. Temiam, sobretudo, a proximidade do Exército Vermelho, que ocupava a maior parte da Europa. Por isso, o grupo de Vikherev fôra bem recebido, conseguindo das autoridades tudo o que pedisse.

Vikherev estava particularmente interessado num jovem aviador soviético, rapagão de 20 anos apenas, que depois de haver lutado bravamente, voara com o seu caça, logo depois do fim da guerra, para a Zona Americana, declarando desejar viver nos Estados Unidos. Os americanos deram-lhe duas horas para retirar-se do aeródromo ou ser detido e entregue aos russos, seus aliados. O rapaz voou, então, para a Suíça, acreditando que seria internado e protegido. Antes da Revolução, muitos exilados políticos, inclusive Lenine, lá haviam vivido em segurança.

Vikherev, entretanto, protestou vivamente junto às autoridades suíças, declarando que não lhe viessem com bonitas tiradas jurídicas sobre neu-

tralidade e internamento. O rapaz não passava de um criminoso que roubara bens do Estado Soviético! O aviador, quando levado à primeira entrevista com Vikherev, não fôra informado de que os suíços haviam capitulado.

Vikherev estava sentado à sua mesa. Nikolai, presente na sala, não perdeu um só detalhe do encontro.

Quando entrou, o rapaz mal podia esconder o nervosismo e o medo.

—Tenente, começou Vikherev —que é que o você pensa que está fazendo na Suíça?

—Quero viver aquí, respondeu o rapaz, esforçando-se por manter a voz firme.

—Que é que você acha que não anda certo na União Soviética?

—Nada, mas eu quero viver é aquí.

—Por que pregar essa mentira? rosnou Vikherev.

—Bem, disse o rapaz, já que o senhor insiste em saber a verdade... eu já não podia aguentar mais.

—Já não podia aguentar mais! retrucou Vikherev zombeteiramente.— Você é um ladrão muito ordinário. Roubou aquele avião pensando que os suíços lhe pagariam bom dinheiro por ele. Um avião fabricado pelos nossos operários soviéticos! Você vai partir amanhã de manhã.

—Que quer dizer com isso? perguntou o rapaz, empalidecendo.

—Isso que você ouviu, respondeu Vikherev, levantando-se e caminhando em direção a ele.

—O senhor não pode obrigar-me! gritou o rapaz. —Estou internado. Até Lenine pôde ficar neste país! A polícia do czar nada conseguiu fazer!

—Muito bem, disse Vikherev, suavemente.—Então, você é um segundo Lenine, hein?

Ato contínuo, prosseguiu Nikolai, Vikherev desfechou violento soco no rosto do aviador, arrancando-lhe um dente da frente. O rapaz bateu com a cabeça contra a parede e caiu pesadamente.

Seguiram-se alguns segundos de completo silêncio. Lentamente, o jovem levantou-se, e, empertigando-se, a custo, mas já sem vestígio de medo no olhar, encarou Vikherev com firmeza:

—Há seis semanas, eu era um aviador que lutava pelo meu país. Poderia meter dez balas no seu peito com o simples apertar de um botão. Agora, como terminou a guerra, tipos como você podem fazer destas coisas a pessoas como eu. Muito bem. Mas, pelo menos, você vai ficar sabendo o que todos os russos decentes pensam da NKVD! Você não é nada mais que um espião disfarçado num uniforme da Força Aérea Soviética, uniforme em que homens decentes morreram pela pátria! E quer saber por que tentei escapar, mesmo apesar de ter lutado e perdido dois irmãos, sacrificados pelo mesmo ideal? Por causa de cães imundos, como você! E fique sabendo de uma coisa: quando vocês andam pelas ruas da Rússia, o ódio se acende em todos os corações. Algum dia, uma centelha fará explodir esse ódio imenso. Por isso, que me importa se me matarem amanhã? Há muitos outros russos que odeiam a vocês tanto quanto eu e que hão de viver o bastante para presenciar esse dia!

O rapaz lançou-se contra Vikherev mas foi contido pelos outros, que o derrubaram e começaram a lhe dar ponta-pés. Nikolai saiu rapidamente da sala e caminhou até à porta da rua, onde acendeu um cigarro.

—Senti naquele rapaz um irmão, explicou a Vasili,—falando as minhas palavras, lutando a minha luta. Se eu tivesse continuado na sala, tambem me teria lançado à garganta de Vikherev.

Poucos dias depois, Vasili e Nikolai receberam ordem de comparecer ao aeroporto ao meio-dia, afim de tomar um transporte militar que os levaria de volta à Zona Soviética. Por que?

—Talvez seja o fim da nossa missão no ocidente, disse Vasili.

—Talvez, admitiu Nikolai.

—Mas por que não nos mandaram voltar num dos aviões da própria comissão? lembrou Vasili.

O avião só partiu muito tarde. Tudo correu perfeitamente enquanto sobrevoaram o norte da França. Vasili se distraia observando a neblina espessa e baixa que parecia leite derramado nos campos verdes. De repente, com sobressalto, notou que saía fumaça do motor da direita, provavelmente devido a algum entupimento na entrada de óleo, e, mais, que estavam perdendo altitude rapidamente.

Correu a comunicar o fato ao piloto. Este retrucou, com impaciência, que já estava tentando fazer uma aterrissagem de barriga. Ofereceu cordialmente a Vasili um copo de vodka. Estava, visivelmente, um tanto embriagado.

—Não sou nenhum idiota, disse Vasili, pensando na espessa neblina que vira.—Por que não deixa saltar os que quiserem arriscar-se?

—Pois que saltem! respondeu o piloto, mal-humorado.—Eu vou tentar a aterrissagem de qualquer maneira. Os que estiverem com medo de ficar comigo que pulem.

Quando Vasili e Nikolai acabaram de afivelar os para-quedas, estavam a uns 500 metros, se tanto, da rasteira cerração. Outro oficial, major de artilharia, declarou que pularia tambem. Os demais ficaram indecisos e acabaram resolvendo continuar no avião.

Vasili foi o último a saltar. Quando alcançou o solo e começou a desembaraçar-se do para-quedas, avistou, através da cerração, a pouco mais de um quilômetro, uma coluna de fumaça negra.

Nikolai tambem estava ileso. Nunca mais viram o major de artilharia, embora ambos tivessem visto abrir-se o para-quedas dele. Imediatamente começaram a caminhar pela mata em direção à coluna de fumo. Encontraram a carcassa do avião em chamas, e, ao lado deste, corpos mutilados que ainda fumegavam. Provavelmente, a queda não fôra vista nem ouvida pela população do lugar, pois eles eram as primeiras pessoas a chegar à cena do desastre.

Estiveram imoveis por um minuto, ante o espetáculo dos compatriotas

mortos. Nikolai tentou dizer alguma coisa, mas não pôde. Vasili sugeriu, então, que fizessem os disparos de continência aos mortos.

Uma hora mais tarde, já ao cair da noite, puseram-se a caminhar por uma estrada que os levou a uma aldeia onde havia um pequeno hotel. O proprietário não pareceu surpreender-se ao ver os uniformes soviéticos; depois de receber o pagamento, deu-lhes um quarto e levou-lhes uma garrafa de conhaque. Nikolai encheu os cálices, pôs a garrafa de lado, olhou para Vasili e disse-lhe:

—Agora estamos oficialmente mortos em ação.

Aquele pensamento já havia germinado no cérebro do companheiro tambem. Agora, se o quisessem, poderiam continuar no ocidente sem pôr em perigo a segurança das suas famílias na Rússia.

Nesse momento, Nikolai anunciou a sua decisão. Tinha uma tia em Bruxelas, que conseguira sair de Petrogrado depois da Revolução. Tentaria encontrá-la e ganhar a vida na Bélgica.

Apertaram-se as mãos e beijaram-se, à moda russa. Nikolai saiu e Vasili ficou só no quarto, só naquele país, só no mundo. E tinha que tomar uma decisão.

Horas mais tarde, uma garrafa vazia de conhaque e um pires cheio de pontas de cigarro indicavam a dificuldade da resolução. Havia muitas semanas que, no fundo do coração, escondia o intenso desejo de continuar a viver no mundo ocidental. No momento, porem, em que a oportunidade lhe sorria, todos os rostos russos que amara emergiam das brumas do passado como a chamá-lo de volta. Fez um retrospecto de toda a sua vida de cidadão soviético, pondo os bons aspectos num prato da balança, os maus no outro e atentando, de cada vez, para as oscilações do fiel. Qual era o objetivo desse Sistema, dessa Revolução pela qual derramara o seu sangue, pela qual Galya, tantos anos antes, desejara escrever histórias e cantar bravas canções? Podia um Estado ter outro objetivo que não fosse a felicidade do seu povo? Que outro governo, em toda a história humana, recebera apoio tão irrestrito quanto o que fôra dado, com orgulho, pela jovem geração soviética a seus líderes? E de que forma havia sido correspondida essa confiança?

Pouco antes do amanhecer, recordou aquela noite em Moscou, quando se podia ver do teto das casas o clarão dos canhonaços nazistas. Quando tudo parecia perdido num mundo que ameaçava ruir. E como Galya, afinal, começara a falar, ela, a jovem que tão ardentemente sonhara com a felicidade na época em que tanto eles como a Revolução eram ainda jovens e sadios. E a entoação que pusera em suas últimas palavras:

«*Agora, que você sabe de tudo, quero que se vá embora. Oh, querido, vá embora, para sempre!*»

Naquele momento inesquecivel, em Moscou, a aurora despontava, mas aos olhos de Vasili tudo mudara de aspecto. Os soldados caminhando sobre a neve, as muralhas do Kremlin, a sua adorada Rússia, tudo lhe pareceu diferente depois daquela noite.

Vasili pôs de lado o seu último cigarro. A aurora despontava tambem sobre aquela outra rua, naquela aldeia estrangeira. Se partisse imediatamente, estaria longe quando descobrissem o avião incendiado.

Já faz três anos que Vasili está nos Estados Unidos, onde encontrou refúgio seguro, depois de uma escapada que, por motivos óbvios, não pode ser descrita. Está, hoje, ganhando o suficiente para se manter. Tudo o que ele deseja é viver tranquilamente, na terra de liberdade que adotou como segunda pátria.

Cortejo fúnebre

Um comerciante de S. Francisco foi ao velório de um amigo. Não tencionava acompanhar o enterro, pois necessitava regressar urgentemente ao escritório. Ao sair, porem, verificou que o seu automovel se achava entre outro automovel e o carro funerário. Resignado, teve de esperar, seguindo este até o primeiro cruzamento, por onde tratou de escapar.

Quase um quilômetro depois, notou, horrorizado, que a fila imensa de carros do enterro o havia seguido. Tomado de compreensivel pânico, acelerou o carro o quanto pôde e, na primeira curva, estacionou ao lado da estrada, desceu e, como se fosse um estranho, simulou estar substituindo um pneumático. O cortejo continuou, solene, pela estrada que certamente não o levaria ao cemitério... Aonde foi parar o séquito, ele próprio jamais ousou indagar.

—*Examiner*, de S. Francisco

Sabe com quem está falando?

Um distinto cavalheiro da nossa cidade costuma contar um episódio da sua meninice ao qual atribui uma grande influência no sucesso da sua carreira. O pai falecera quando ele tinha apenas 12 anos, deixando a viuva sem recursos para manter os filhos. Seguiram-se tempos dificeis.

Certa vez, um vizinho bondoso ofereceu-se para comprar uma roupa nova para o menino. Quando chegaram à loja, o empregado, vendo que se tratava de um caso de caridade, trouxe uma roupa barata, de pano inferior. O benfeitor protestou, indignado: «Você não sabe quem é este menino? É o *John Adamson*. Traga *a melhor* roupa que houver na casa!»

Humildemente, com profunda emoção, Adamson conclui a história: «Desde esse dia, tenho procurado corresponder à maneira enfática por que ele pronunciou o meu nome.»

—Sra. Millard Murphey

Benito Juárez

(Capa)

Por Luís Quintanilla

Embaixador do México junto à Organização dos Estados Americanos

INAUGURADO EM 1910, quando o México celebrava o centenário de sua independência, o monumento ao «Benemérito das Américas» se ergue no coração da formosa capital mexicana. A obra se deve à inspiração do arquiteto Heredia, habilmente interpretada pelo escultor Lazaroni. O hemiciclo que rodeia o grupo alegórico, destinado a exaltar a memória do grande Patrício, estende seus braços de mármore em generoso gesto, como se a alma imortal de Juárez quisera estreitar sempre esse povo por cuja emancipação lutou com incrivel tenacidade. Guardando o Herói, vêem-se de pé a Glória, que leva uma coroa, e a República, que descansa a sua espada em terra, como que simbolizando o fim da luta, e empunha na destra o facho do Progresso.

Humilde indígena de raça pura, Benito (Pablo) Juárez nasceu no povoado de Guelatao, perto de Oaxaca, a 21 de março de 1806. Sua biografia é simples. Recebeu da Igreja a sua primeira instrução. Formou-se em direito e chegou a ser magistrado da Corte Suprema. Como governador de seu Estado natal, de 1847 a 1852, pratica suas convicções liberais sendo por isto perseguido pelo ditador Santa Anna. Escapa para Nova Orleãs e volta ao México em 1853. Ocupa a pasta da Justiça no governo de Comonfort tendo, então, oportunidade de aplicar as primeiras medidas do programa que culminou com a Constituição liberal de 1857. Sucessor legal de Comonfort, Juárez desconhece a presidência *de facto* do conservador Zuloaga e estabelece seu governo em Veracruz, governo esse que é reconhecido pelos Estados Unidos em abril de 1859. Nesse mesmo ano proclama as Leis de Reforma. Em 1861, depois de haver derrotado os conservadores, Juárez entra na Cidade do México e é eleito Presidente da República. Mas, depois de três anos de sangrenta luta civil, o país se acha em bancarrota. Juárez suspende provisoriamente o pagamento da dívida nacional e isso dá a Napoleão III, imperador dos franceses, o pretexto para enviar ao México, de comum acordo com a Inglaterra e a Espanha, uma expedição militar que obriga Juárez a declarar guerra à França, em 1862. Dois anos mais tarde, o arquiduque da Áustria, Maximiliano, apoiado por Napoleão III, chega ao México e se faz coroar imperador. O intruso aristocrata se apoiava em mais de 30 mil soldados franceses. Contudo, Juárez não renuncia à presidência nem abandona as suas responsabilidades. Em

Foto: Leo Matiz

1867, Maximiliano é capturado em Querétaro e executado após rápido julgamento. Juárez volta, então, vitorioso à capital e seu povo o reelege Presidente. A 18 de julho de 1872, o Presidente Juárez morre na Cidade do México. Mas será que se pode, realmente, dizer que Juárez tenha morrido?

Personagem taciturno, Juárez é a encarnação humana da vontade de um povo. Juárez é o próprio México, como Bolívar é a Venezuela, Lincoln os Estados Unidos, e Martí Cuba. E é ainda algo mais: não só modelo de patriotismo, como defensor da independência do governo civil e expoente da ideologia liberal. Lutou pela integridade do governo com a mesma determinação com que se bateu pela libertação do território nacional. E qualquer dessas vitórias teria bastado para lhe assegurar a consagração histórica. O fato de haver triunfado como patriota contra o invasor estrangeiro, e como cidadão contra os privilégios do militarismo e do clericalismo, faz de Juárez um vulto histórico de inusitadas proporções. Não é que ele tenha sido antireligioso, como tampouco foi contrário ao estrangeiro. Era essencialmente homem de fé. Nunca poderíamos imaginá-lo em atitude céptica. Juárez foi um desses gigantes de tão grande estatura que, avançando para alem da paisagem que os cerca, descortinam o remoto horizonte. Em vão uma minoria de fanáticos tentou empanar-lhe a glória. Seu pedestal ergue-se tão alto que nunca chegará o pântano a enodoar tão veneravel figura. Hoje, como ontem e amanhã, Juárez Índio mexicano, Juárez Benemérito das Américas, Juárez Herói universal, continua sendo paradigma de quem se dedique à nobre causa de velar sem descanso pela independência de sua pátria e pela integridade do governo civil. A seus detratores, Juárez não precisa responder: sua obra é a melhor resposta. A seus admiradores, dentro e fora do México, Juárez tampouco precisa infundir estímulo: sua vida é a sua melhor mensagem.

Jantar de cerimônia

CERTA NOITE, comparecí a um grande banquete em Washington com um vestido de cetim preto. Logo que me sentei, o guardanapo deslizou pelo meu colo escorregadio. Meu companheiro da esquerda, um inglês muito simpático, recolheu-o rapidamente. Pouco depois, sentí que ele me tocava o joelho. Procurei afastar a cadeira, mas a pressão da mão dele continuou.

Exigí-lhe, então, em voz baixa, uma explicação.

«Minha senhora,» replicou, imperturbavel. «Não me é muito agradavel mergulhar debaixo da mesa a cada instante, para pescar um guardanapo. Por isso, estou tentando prender com um alfinete a ponta do seu guardanapo ao meu. Depois, prenderei o meu na aba do colete, afim de poder comer em paz. Eu sempre trago um alfinete para essas ocasiões.»

—Beth Holden

«Entre aspas»

Louise Erickson, estrela de rádio-teatro: Talvez os beijos não transmitam micróbios, mas não há dúvida de que reduzem a resistência.

—Citada por Larry Wolters no *Tribune*, de Chicago

Claude Callan: Este mundo está cheio de compensações. As desgraças alheias nunca são tão graves como as nossas, mas, em troca, os filhos dos outros são sempre piores.

—*Times*, de Kansas City

P. J. Toulet: Se você estiver com razão, argumente como homem; caso contrário, discuta como mulher.

—*Les trois impostures*

Mark Twain: Ser bom é nobre, mas ensinar aos outros a serem bons é mais nobre ainda—e é mais facil.

Frank Wedekind: Preocupado em demasia com a Esquerda e a Direita, o mundo se esqueceu de que há ainda o Acima e o Abaixo.

—*The Recorder*

Oscar Wilde: Experiência é o nome que costumamos dar aos nossos erros.

Bertrand de Jouvenel: Com o tempo, uma sociedade de carneiros acabará gerando um governo de lobos.

—*The Listener*

Duncan Caldwell: Nenhum povo soube inventar mais recursos para poupar tempo do que o norte-americano; entretanto, nenhum dispõe de menos tempo...

—*Coronet*

Marlene Dietrich: Quando as pessoas me olham, lembram-me a assistência de uma partida de tenis—só que as cabeças do público se movem de cima para baixo.

—*Cue*

O presidente Lowell, da Universidade de Harvard, explicando por que as universidades acumulam tanta sabedoria: os calouros trazem sempre alguns conhecimentos; os diplomandos não levam nenhum; por isso, o saber vai-se acumulando com os anos.

—Brooks Atkinson, no *New York Times*

Evan Esar: A arte de andar não se perdeu completamente. Ainda nos é forçoso, pelo menos, andar até à garage.

Don Marquis: Nunca devemos deixar que uma tentação passe por nós, sem tirarmos partido dela. Pode bem ser que ela não volte mais.

Exchange Express: Uma moça recatada não persegue um homem; nunca se viu uma ratoeira perseguir um rato.

EXTRATO COLÔNIA LOÇÃO

Mirage

o perfume "tout Paris"

nova inspiração

ATKINSONS

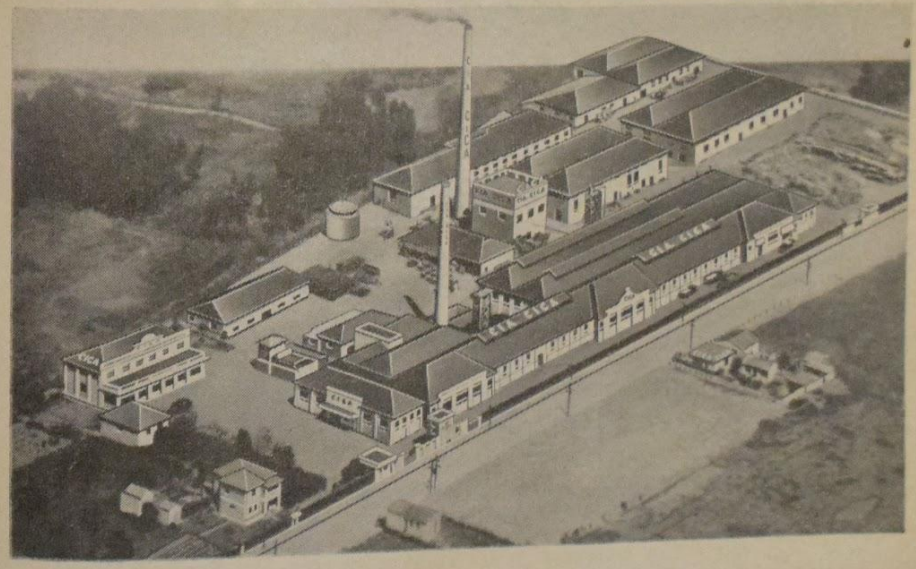
JUNDIAÍ

COMP. IND. CONSERVAS ALIMENTÍCIAS

CICA

MARCA REGISTRADA

A maior e mais moderna fábrica de conservas alimentícias do Brasil



SE A MARCA É CICA
BONS PRODUTOS INDICA

MEMORANDO

A quem tenha bons produtos para vender

Suponha que, em vez desta carta que nós lhe dirigimos, esta página contivesse uma fotografia do seu produto . . . acompanhada da respectiva descrição.

Sabe quantas pessoas o ficariam conhecendo?

Mais de um milhão* de pessoas, só no Brasil, lêem todos os meses um número novo de Seleções. Em média, o leitor passa de 3 a 4 horas lendo cada exemplar, e volta a folheá-lo umas seis vezes!

Outros inquéritos revelam que ele se lembra de pelo menos ⅓ dos produtos anunciados em cada número. Alguns dos anúncios que constituiram objeto de pesquisa foram lembrados por 77% dos leitores interrogados!

Eis aquí alguns exemplos do que nos escrevem importantes firmas brasileiras sobre os resultados obtidos graças a essa leitura atenta dos anúncios:

«*Não resta a menor dúvida de que os anúncios de* Seleções *têm tido grande influência nas vendas dos produtos J. B. Williams em todo o nosso território.*»
— MARIO BOZZANO, São Paulo

«*Nossos anúncios em* Seleções *estão-nos trazendo centenas de cartas provindas de todo o Brasil. Precisaremos semanas para respondê-las todas!*»
— JAIR MASTRANDREA, São Paulo Máquinas Agrícolas Collins

«*Julgamos os anúncios publicados em* Seleções, *por algumas das principais fábricas e firmas exportadoras dos Estados Unidos, de uma grande eficácia em despertar interesse no Brasil.*»
— PROSDOCIMO & CIA. LTDA., Curitiba
(Distribuidores dos Produtos Zenith, Borg-Warner, etc.)

«*Achamos que* Seleções, *no Brasil, chega praticamente às mãos de toda a gente que vale a pena alcançar . . . e cremos que ela é o meio apropriado para os fabricantes de equipamento e maquinaria fabril espalharem no Brasil a boa nova de seus produtos.*»
— BERT KELLER S. A., Máquinas Modernas, São Paulo

Seleções faz mais do que "selecionar" *boa* leitura para V.S.! Ela seleciona *bons* leitores que são *bons* freguezes para *bons* produtos.

Se os produtos que V.S. vende não estão representados nestas páginas, por que não escreve V.S. ao fabricante que representa, instando-o a apoiar seus esforços de venda, anunciando a esses bons freguezes os bons produtos que *ele* tem? . . . Ou então, escreva a J. B. Thomas, Seleções do Reader's Digest, 230 Park Avenue, Nova York, 17, E.U.A., que lhe dará toda a informação no que tange à publicação de seus anúncios nesta revista.

*1.131.500 (A mais recente média de cirulação mensal—só no Brasil—é de 282.865; 4 leitores por exemplar)

Mais felizes com Golden State

O Leite em Pó Golden State ajuda a criar meninos e meninas saudaveis e felizes—porque possui todos os elementos necessários para o vigoroso desenvolvimento das crianças.

O Golden State é leite de vaca, fresco e rico, ao qual se extraiu somente a água. Deve insistir sempre pelo *Leite em Pó Golden State*, porque êle é

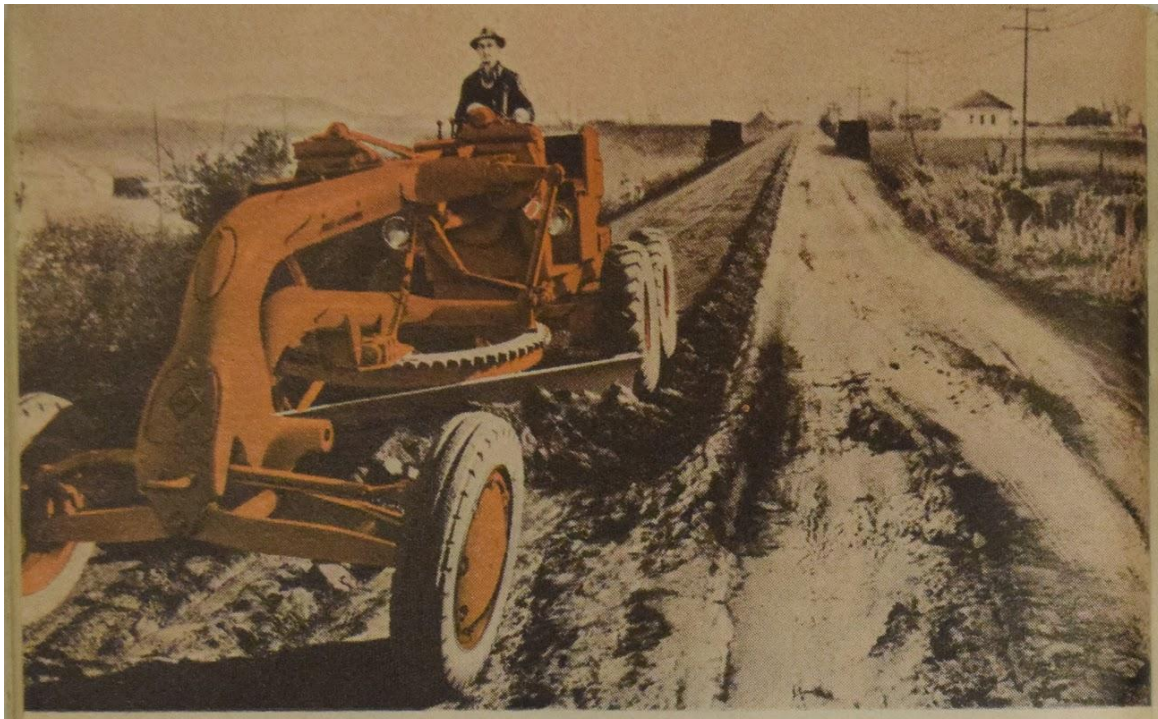
SUPREMO EM SABOR

Golden State

LEITE EM PÓ

Distribuidores no Brasil: SCHILLING-HILLIER S. A. INDUSTRIAL E COMERCIAL, Rio de Janeiro

GOLDEN STATE COMPANY, Ltd., SAN FRANCISCO 11, CALIFORNIA, E. U. A.



ESTRADA avenida para uma vida melhor

As estradas são as avenidas que levam a uma vida melhor . . . a maior prosperidade nacional. À medida que as rodovias melhoram e se expandem, a vida humana se torna mais plena, mais rica, mais aprazível.

Uma das máquinas mais flexíveis, mais econômicas, mais *úteis*, de que hoje se dispõe para construir e manter estradas em boas condições é a Moto-Niveladora. A Allis-Chalmers oferece quatro tamanhos de moto-niveladoras, em modelos acionados por motores Diesel de 2 ciclos, da General Motors.

Seja qual fôr a tarefa, a moto-niveladora é a máquina essencial. Acaba com a lama e os sulcos das estradas, onde estas não têm pavimentação dura. Abre valas, dá abaulamento ao leito das rodovias para lhes permitir a devida drenagem . . . espalha o material da nova pavimentação . . . mistura o asfalto . . . ou re-nivela a estrada inteiramente, de margem a margem.

As inúmeras aplicações da moto-niveladora de auto-propulsão, fazem dela a mais maleável . . . a mais útil de tôdas as máquinas de construção de estradas. Onde a Natureza impede ou interrompe o fluxo do trânsito . . . as moto-niveladoras ajudam a restaurá-lo — e em qualquer estação do ano!

ALLIS-CHALMERS

DEPTO. PD949 • DIVISÃO DE TRATORES • MILWAUKEE 1, E. U. A.

Fabricantes de maquinaria desde 1847

Os Produtos da Bethlehem são Embarcados NA USINA...

Indo Diretamente ao seu Destino

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço nos Estados Unidos que fica situada à beira de um estuário. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se assim ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

A Bethlehem Steel é uma empresa de proporções continentais, porem totalmente *integrada*. O controle centralizado da produção trouxe à Bethlehem Steel uma grande reputação pelos seus produtos uniformes e de confiança.

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, New York 4, N. Y., E. U. A. Endereço telegráfico: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a,
BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Avenida Churchill, 129-4.° andar
SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

GRAVES INFECÇÕES PODEM RESULTAR DE PEQUENOS FERIMENTOS!

Ninguém está a salvo de um pequeno ferimento, que parece sem importância. E ninguém pode prever as conseqüências! Por isso, a melhor hora para fazer um curativo é JÁ! Um pouco depois pode ser muito tarde para evitar uma grave infecção. Faça logo uma limpeza a tenha sempre à mão produtos Johnson para ligeiros curativos.

Johnson & Johnson

O NOME DE MAIOR CONFIANÇA EM PRODUTOS CIRÚRGICOS

Atadura Adesiva BAND-AID Com tiro-tricina - poderoso antisséptico.

Gaze Belleview (Malha fechada) e **Gaze Brunswick** (Malha aberta) com grande poder de absorção.

Ataduras Johnson Com bordas compressadas para não desfiar.

Esparadrapo Johnson Impermeável - aderência garantida. Não irrita a pele.

ÊSTES PRODUTOS SÃO ENCONTRADOS EM TÔDAS AS BOAS FARMÁCIAS

PANCHO SEGURA joga o tenis dos campeões

(MAS TEM O ROSTO ULTRA-SENSÍVEL)

● *"A exposição ao sol e ao vento torna meu rosto muito sensível. Mas é sempre facil barbear-me quando uso o Creme Williams, que contém a Lanolina."*

Pancho Segura, natural do Equador, ganhou as seguintes provas:

Campeonato Nacional de Tenis de quadra coberta, E.U.A., 1946
Campeonato de Tenis na grama, Southampton, 1943, 1945, 1946
Duplos Profissionais, torneio nacional, E.U.A., 1948

O Williams permite escanhoar bem. Isso dá ao rosto melhor aparência e melhor sensação. Só o Williams contém Lanolina, que conserva o rosto macio e evita que a pele se irrite. Compre o que há de melhor—sem pagar mais! Peça o Creme de Barbear Williams!

CONTÉM A SUAVIZANTE LANOLINA

Tem dois cremes à sua escolha:
O Williams Simples e o Williams Mentolado

Ambos

V. S. para instantâneos, lembranças dos momentos felizes da infância de seus filhos . . . Recordações imorredouras que se conservam de geração a geração!

usam a Fotografia

O engenheiro, para o registro ultra-rápido de imagens . . . essencial ao estudo de processos e de máquinas que se movem mais depressa do que a vista humana pode perceber. Tais estudos permitem aumentar e tornar mais econômica a produção de artigos de melhor qualidade.

Aí estão somente duas das muitas formas por que a fotografia— mediante a sua aplicação à indústria, ao comércio, à ciência, aos serviços públicos e à vida diária—beneficia a todos os membros da sociedade.

Kodak

"Kodak" é marca registrada

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E.U.A.

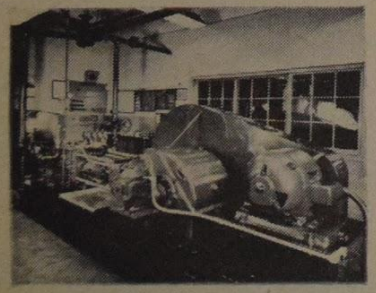
A Worthington

auxilia a sua fábrica a produzir com lucro

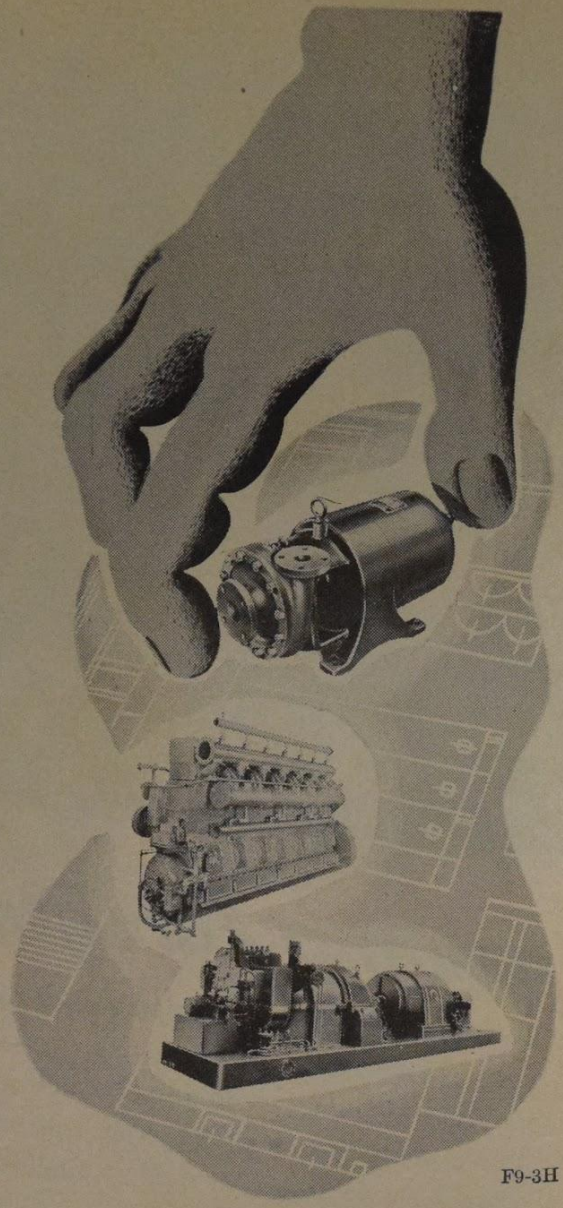
Dentre a grande variedade da maquinária fabricada pela Worthington, V. S. pode escolher para seu uso o equipamento que é conhecido em todo o mundo pelo seu rendimento, sua segurança e sua economia.

A conhecida marca Worthington estampada sôbre bombas, compressores de ar, turbinas a vapor, motores o máquinas de refrigeração significa longos anos (109) de experiência na industria de maquinária.

Quanto tiver problemas relativos a ar, líquidos ou referentes a energia, deixe que o representante local da Worthington o auxilie ou escreva à *Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Department, Harrison, N.J., U.S.A.*



Bomba Worthington acionada a motor instalada na Davol Rubber Co. A companhia informa que o funcionamento desta unidade aumentou grandemente o rendimento, eliminando praticamente as rejeições.



F9-3H

WORTHINGTON

EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

Bombas • Compressores • Motores • Turbo-Geradores
Maquinária de Construção • Refrigeração

Os amenos dias de Outono são ideais para a sua viagem aos E. U. A. A temperatura é perfeita para se gozar a vida ao ar livre...e assistir às emocionantes competições atléticas. Mas há também passatempos mais calmos... lindos passeios de automóvel pelos campos blasonados de côres brilhantes.

Outono nos E.U.A.

Universidades famosas recebem estudantes de todo mundo...e oferecem cursos variados.

As maiores lojas apresentam uma grande variedade de artigos para cada gosto.

No Outono se inauguram novas peças teatrais, grandes concertos e "night-clubs".

As suas férias inesquecíveis nos Estados Unidos começam no instante em que V. S. embarca no luxuoso Clipper* da PAA, rumando então suave e velozmente a um dos oito principais portos de entrada d'este grande país, podendo dali visitar qualquer cidade de seu agrado. Faça os seus planos agora! As agências de viagens ou qualquer escritório da Pan American terão o máximo prazer em preparar todos os detalhes de sua viagem.

*Marcas Reg., Pan American Airways, Inc.

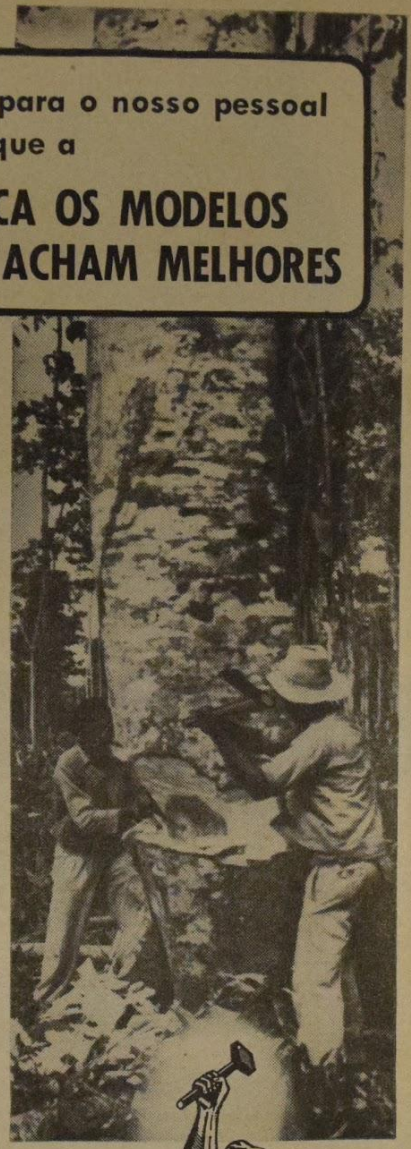
Veja-o Você mesmo— Vôe por Clipper aos Estados Unidos

PAA

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rêde dos Clippers Voadores

Adquirimos Collins para o nosso pessoal porque a

COLLINS FABRICA OS MODELOS QUE OS HOMENS ACHAM MELHORES



Há um COLLINS que é sempre "o modelo ideal" para cada trabalhador

Collins conhece os trabalhadores e as ferramentas que eles preferem... sabe quais os modelos que melhor se ajustam às suas mãos, quais os que se podem manejar em toda e qualquer tarefa, e os que menos cansam às pessoas que os usam. Essa é a razão porque há mais de 100 anos os trabalhadores contam com a Collins para fabricar os modelos que satisfazem. E agora, com aços melhorados, a qualidade dos Collins tornou-se melhor que dantes. Hoje, como no século passado, os Collins são a melhor aquisição que V.S. pode fazer.

COLLINS

"SEU AMIGO HÁ MAIS DE CEM ANOS"

THE COLLINS COMPANY, Collinsville, Conn., E.U.A.
Representante Direto: Jair Mastrandréa,
Rua Senador Queiroz 101. Caixa Postal
No. 2068, São Paulo, Brasil.

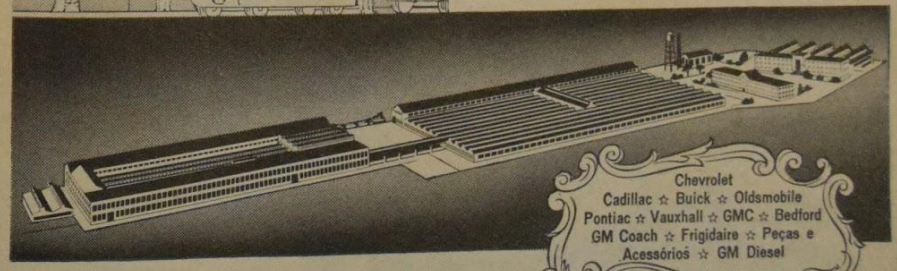
O nome Collins em uma ferramenta é sua melhor garantia de superior qualidade

Crescendo com o Brasil!

Aparelhando-se para acompanhar o prodigioso desenvolvimento de nossa terra e para atender à crescente procura de seus produtos, a General Motors do Brasil S. A. elevou com recentes obras a área edificada de suas instalações industriais em São Caetano, São Paulo, a **um milhão** de pés quadrados.

A notável ampliação feita permitirá o emprêgo dos mais modernos métodos de produção e o funcionamento de novas linhas de montagem, a fim de manter, no futuro como até aqui, a honrosa preferência dispensada aos produtos GM.

E assim... continua a General Motors crescendo com o Brasil, para servir ao Brasil!



Chevrolet
Cadillac ☆ Buick ☆ Oldsmobile
Pontiac ☆ Vauxhall ☆ GMC ☆ Bedford
GM Coach ☆ Frigidaire ☆ Peças e Acessórios ☆ GM Diesel

General Motors do Brasil S.A.

contribui para o progresso e o bem-estar

FIÉIS

CHAMPION

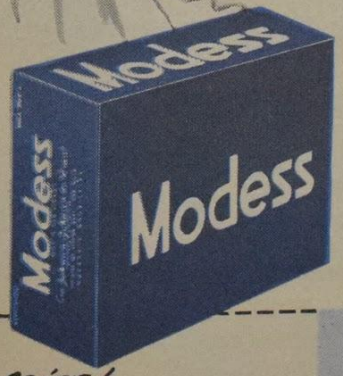
VELAS

Favoritas do Mundo!

Aonde quer que V. S. for, verá que quase todos os turistas que usam automovel se atêm às Velas de Motor CHAMPION, porque eles, como a maioria dos automobilistas, sabem que o nome de CHAMPION é sinônimo de confiança. Foi isso que tornou as CHAMPION as Favoritas do Mundo — prova positiva e real de que representam a última palavra em qualidade, valor, desempenho e confiança.

CHAMPION SPARK PLUG COMPANY: TOLEDO, U. S. A. • WINDSOR, CAN. • FELTHAM, ENG.

Conversa entre mulheres...



UM PRODUTO

Johnson & Johnson

GRÁTIS!

Queira me enviar, gratuitamente, um exemplar do livreto "Ser quase mulher . . . e ser feliz", e duas amostras de Modess, para o que estou remetendo Cr. $2,00 para porte registrado.

ANITA GALVÃO Consultora feminina da Johnson & Johnson
Departamento SEE — Caixa Postal, 5030 — São Paulo

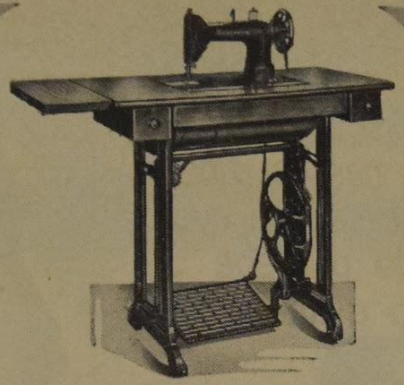
Nome:.....Idade:.....

Rua:.....N.º.....

Cidade:.....Estado:.....

Escreva com letra bem legível

(Sentimos não poder atender pedidos vindos de fora do Brasil)



Todas as mulheres do mundo costuram com Husqvarna

A marcha ligeira, macia e silenciosa assim como a sua alta precisão, tornou a máquina de costura sueca um movel dos mais apreciados. Cose tanto para a frente como para trás; o dispositivo alimentador pode-se baixar, suspendendo assim a marcha, e a máquina é acionada tanto a pé como a eletricidade. A própria máquina é de côr verde agradavel, que não reflete a luz. As mulheres do mundo inteiro sabem apreciar a Husqvarna como uma dádiva para a vida toda.

Husqvarna Vapenfabriks Aktiebolag

HUSKVARNA · SUECIA

Representantes: **BRASIL.** B. Moreira & Cia., Ltda. RIO de JANEIRO.
PORTUGAL. Sociedade Luso-Sueca, Ltda. LISBOA, ÉVORA, COIMBRA, FARO.
Gunnar & Ca., Ltda. PORTO, BRAGA, VIANA do CASTELO, AVEIRO.
Abilio Paes Cabral, Ltda. TORRES NOVAS, CARTAXO, TOMAR.

O PONTO BRANCO-SÍMBOLO DE DISTINÇÃO

A única linha completa e nova de instrumentos de escrita leva o nome SHEAFFER e V. pode identificar fàcilmente a qualidade SHEAFFER—a melhor do mundo—pelo PONTO BRANCO—Símbolo de Distinção.

O PONTO BRANCO é a sua garantia de que o instrumento de escrito que o ostenta é a última palavra em qualidade, beleza e funcionamento.

encontra-se sòmente nos melhores instrumentos de escrever da Sheaffer

W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, E. U. de A., Malton, Ontario, Canadá.

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro:
Av. Getúlio Vargas, 502, 11° and.

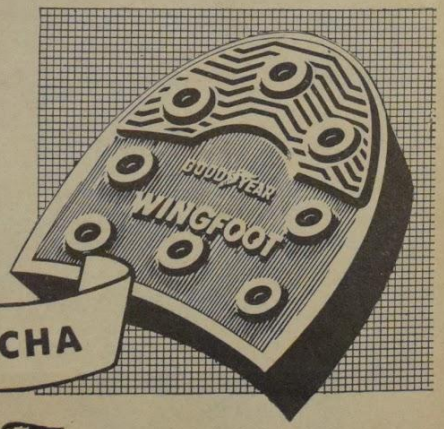
Representantes exclusivos para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo 76
Lisboa

SHEAFFER'S

Um grande passo...

para seu confôrto!

Os maiores higienistas são unânimes em aconselhar o uso de saltos de borracha para tornar o passo mais flexível, mais leve, mais confortável. Proteja, pois, sua saúde e aumente seu bem-estar, usando Saltos de Borracha Goodyear.



SALTOS DE BORRACHA

GOODYEAR

Onde é que os gatos têm

A ALTURA DE TRÊS ANDARES?

. . . só mesmo nesta rua modelo em miniatura, onde se estuda cientìficamente um novo sistema de iluminação.

Realizando intensivos estudos preliminares num modelo em miniatura especialmente construido, a General Electric pode com facilidade projetar o mais adequado e perfeito sistema de iluminação, tanto para uma cidade como para uma simples loja.

Ao usar a electricidade, lembre-se de que o lider nas pesquisas, engenharia e fabricação de materiais eléctricos está ao seu dispor. Os produtos G.E. são encontrados em toda parte. A-9-7

GENERAL ELECTRIC
E.U.A.

Símbolo de Excelência EM TODO O MUNDO . . . EM TODOS OS LARES

Você sabe { POR QUE / COMO / QUANDO } seu bebê deve ser vacinado?

Vacinação—guardiã da saúde do seu bebê! Graças a ela, muito menos bebês morrerão êste ano.

P. Como ajuda, a vacinação?

R. É a única forma segura de proteger seu bebê contra: varíola, difteria (crupe), coqueluche. Veja o que a vacinação fez em apenas uma geração: reduziu à metade o número de mortes por essas doenças. Ainda assim, as autoridades médicas concordam que a difteria e a varíola não podem ser exterminadas até que (1) tôdas mães compreendam a necessidade vital vacinação e (2) imunizem seus filhos que o médico recomende.

Faça, a si mesmo, esta promessa: salvaguardar seu filho, fazendo com que êle seja vacinado!

P. Em que doenças a vacinação é eficaz?

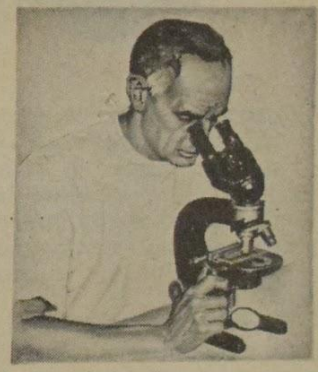
R. Coqueluche, varíola, difteria são os inimigos invisíveis dos bebês e crianças. Êles atacam com rapidez, quase sem aviso. E uma criança doente pode infeccionar, logo, muitas outras na vizinhança. Certifique-se de que seu filho está protegido contra essas doenças, durante o período escolar. A vacinação é uma forma simples, rápida, econômica e pràticamente indolor, de proteger seus filhos! Consulte seu médico sôbre ela, hoje mesmo.

Faça vacinar seu filho, enquanto êle tiver apenas alguns meses!

P. Com que idade você deve vacinar seu filho?

R. Contra *coqueluche:* de 3 a 6 meses. Contra *varíola:* 6 meses ou antes; repita a vacinação quando êle entrar para a escola. Contra a *difteria:* de 6 a 9 meses; repita entre 18 e 24 meses, quando êle entrar para a escola e aos 12 anos. Seguindo êsse programa, ficará tranquila, pois seu filho estará a salvo dessas doenças. Não adie. Consulte seu médico hoje mesmo e informe-se sôbre a vacinação.

Esta é uma série de conselhos sôbre problemas básicos de saúde. Neles você verá como uma estreita cooperação com o seu médico pode, não só salvaguardar, como também melhorar seu bem-estar diário e suas possibilidades de uma vida longa e saudável



SQUIBB

MEDICAMENTOS
DESDE 1858

● Quer seja a gasolina, quer o óleo diesel o que mais lhe convem para as condições especiais dos seus problemas de transporte — ambos servem para que os Caminhões Mack o ajudem a ganhar mais dinheiro. Isso, porque só os Mack apresentam uma grande variedade de tipos de caminhões acionados a gasolina ou a óleo diesel.

V.S. encontra um Mack acionado a gasolina que lhe proporciona transporte de confiança, a baixo custo, qualquer que seja a capacidade desejada, a partir de 6½ toneladas peso bruto do veículo. Para os senhores carregadores que podem utilizar motor diesel, a Mack oferece três motores que produzem economia de dois modos: maior quilometragem por litro, custo menor por litro. A gasolina ou a diesel — quando V.S. adquire um Mack para o seu servico, as despesas baixam e os lucros sobem!

A Mack Fabrica Melhores Diesels Porque a Mack Tem Mais Experiência

22 anos de aperfeiçoamento garanten cada um dos motores Mack Diesel.

A Mack tem produzido mais caminhões a motor diesel do que outro qualquer fabricante — mais de 15.000 só durante a última guerra.

Em toda a América Latina se ouve repetir:

"Tan Forte como um Mack"

Mack Trucks, Inc., Empire State Building, New York, N.Y., E.U.A. Fabricantes dos mundialmente famosos Caminhoes, Onibus e Bombas de Incendio. A gasolina ou Diesel. Distribuidores nas principais cidades de America Latina.

(*Continuação da segunda capa*)

maneira mais eficaz de fazer chegar a todos os rincões do continente e a todas as massas populares os melhores sistemas para o ensino da leitura e da escrita.

A instrução—ou pelo menos o saber ler e escrever—é o mais essencial instrumento do homem moderno. A nutrição, a saude, qualquer forma de trabalho, seja agrícola ou industrial, requerem o domínio de certos princípios que a ciência e a técnica colocaram ao alcance de todos; e é claro que esses princípios chegam ao povo sobretudo por intermédio da leitura. Mundos de maravilhas se abrem ante os olhos que lêem, mas as sombras da ignorância cerram todo o horizonte ao iletrado. É facil compreender a situação de inferioridade, desapontamento e incapacidade de uma pessoa que, no mundo moderno, não saiba ler.

Existe ainda muito por fazer para melhorar a existência dos povos da América. Regiões inteiras do continente reclamam com urgência o auxílio das últimas conquistas da ciência; em verdade, achamo-nos ante os humbrais de uma nova era em que os frutos de muitos séculos de esforço no campo da cultura, da ciência e da indústria poderão tornar-se acessiveis aos povos que agora despertam. Para muitos milhões, entretanto, permanecerá fechada a porta do progresso, a menos que seja ganha a luta contra o analfabetismo.

O Seminário do Rio de Janeiro é a primeira experiência internacional, em que se coordenam todos os organismos mundiais para a educação, a ciência, a saude, o trabalho e a agricultura, em um único esforço, com um objetivo único: acabar com o analfabetismo na América. O Seminário, dividido em cinco grupos, tendo cada participante uma responsabilidade individual de trabalho, foi planejado pelo dr. Guillermo Nannetti, delegado da Colômbia e membro do Conselho Executivo da UNESCO. Uma exposição de educação fundamental esteve à disposição dos investigadores que, ao regressarem a suas pátrias, levaram consigo as experiências e os resultados obtidos, afim de impulsionar um movimento continental.

Os diretores de SELEÇÕES estão identificados com os propósitos e trabalhos da conferência do Rio de Janeiro. A revista, dentro de sua esfera, tem abordado várias vezes este problema. (Em 1946, distribuimos nos paises de língua espanhola da América Latina mais de meio milhão de exemplares do nosso folheto *Como enseñar a leer por el Método Laubach.*) Entretanto, ante a magnitude do problema, todo esforço isolado é insuficiente. É, pois, sumamente alentador ver concentradas em um foco de luz, no Rio de Janeiro, as forças vivas de tão poderosas instituições, dedicadas à meritória tarefa.

AL
BENEMERITO
BENITO JUAREZ
LA PATRIA

OUTUBRO de 1949

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

Pressão arterial alta? Não se alarme — *Joseph Weitzenkorn* 1
Este mundo em que vivemos — *Freling Foster* 7
A cidade que morreu de medo — *Albert Q. Maisel* 9
A guerra de Stalin contra os camponeses — *Ferenc Nagy* 14
O dia em que empinamos os papagaios — *Frances Fowler* 19
O Aga, Aly e Rita — *Robert Coughlan* 22
O livro de Vovó — *Pamela Hennell* 27
A escola rodante do Canadá — *Blake Clark* 31
Pacto do Atlântico—senda de prosperidade — *W. Hard e A. Visson* 36
Piloto de um meteoro — *Time* 41
Cuidado com os dólares falsos: — *Frederic Sondern, Jr.* 43
Não temamos o progresso — *Raymond B. Fosdick* 49
Instantâneos pessoais 53
Nosso esqueleto fala — *Wilton M. Krogman* 55
De tudo se encarrega a Agência Cook — *Charles J. Rolo* 59
Minhas lutas com Jack Dempsey — *Gene Tunney* 63
Retrato de Robinson Crusoe — *Louis Kronenberger* 68
Ar envenenado — *Bill Davidson* 71
Flagrantes da vida real 75
Criar pássaros é divertido — *Mildred Stevenson* 77
Os derradeiros momentos de um homem livre — *Michael Padev* 80
Tom Campbell, o rei do trigo — *Joseph Kinsey Howard* 85
Novo teto para Roberta — *William F. McDermott* 89
Louis de Rochemont, o «diabo à solta» do cinema — *Eugene Lyons* 94

Seção de Livros — Fronteiras perdidas — *W. L. White* 99

Colombo fala com a rainha Isabel — *Fotografia* quarta capa; *Nota* página 120

SELEÇÕES
do Reader's Digest

Tomo XVI, No. 93 Outubro de 1949

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, 4.° piso, Vedado, Havana, Cuba.

Diretor.....Eduardo Cárdenas
Redator-Chefe.....José Famadas
Gerente: Roberto C. Sánchez

THE READER'S DIGEST, fundado em 1922 por DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, seus atuais diretores e editores, é publicado em Pleasantville, Estados Unidos, e tambem na Inglaterra (Terence Harman, *gerente*, Londres); no Canadá (Fred D. Thompson, *gerente*, Montreal); e na Austrália (John Grant Cooper, *gerente*, Sydney).

Edições em outros idiomas: EDIÇÃO EM ALEMÃO (Stuttgart) Alexander W. Post, *redator;* EDIÇÃO EM DINAMARQUÊS (Copenague) Onni Kyster, *redator;* EDIÇÃO EM ESPANHOL para os paises hispano-americanos e Espanha, Eduardo Cárdenas, *diretor;* EDIÇÃO EM FINLANDÊS (Helsinki) Seere Salminen, *redator;* EDIÇÕES EM FRANCÊS: (París) Pierre Denoyer, *redator*, Paul Thompson, *gerente;* (Montreal) Pierre Ranger, *redator;* EDIÇÃO EM ITALIANO (Milão) Mario Ghisalberti, *redator:* EDIÇÃO EM JAPONÊS (Tóquio) Bunshiro Suzuki, *redator*, Dennis McEvoy, *gerente;* EDIÇÃO EM NORUEGUÊS (Oslo) Henrik Aubert, *redator;* EDIÇÃO EM SUECO (Estocolmo) Brita B. Hebbe, *redatora*.

EDIÇÕES INTERNACIONAIS DE THE READER'S DIGEST: Barclay Acheson, *gerente geral;* Marvin McC. Lowes, *subgerente geral;* Hobart Lewis, *chefe de redação*.

Copyright 1949 de Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei, em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, total ou parcial, da matéria contida neste número.

Ajuda-nos a manter o equilíbrio

Pela Sra. Clyde R. Scott

Mãe da campeã mundial de patinação de 1947 e 1948, e campeã olímpica de 1948, Barbara Ann Scott

CERTA VEZ tive ocasião de ouvir Lord Tweedmuir dizer aos rapazes que terminavam o curso da escola militar de Kingston, Inglaterra: «Considerem sempre como um tesouro as suas horas livres; são os únicos momentos que realmente lhes pertencem.» Tanto minha filha Barbara como eu estamos sempre nos defrontando com esse problema—o de encontrar alguns minutos de equilíbrio e sossego entre as horas inteiras cheias de afazeres de toda sorte.

As graciosas evoluções de um campeão do patim proporcionam deleite a quem as observa, mas para atingir aquele resultado é preciso uma longa e extenuante prática. Quer se trate da patinação livre, ao compasso da música, quer de um *ballet* na pista congelada, ou de patinagem artística—a quintessência da «caligrafia no gelo»—para se produzir uma exibição perfeita são necessários anos inteiros de paciêntes e tediosos exercícios.

(*Continua na terceira capa*)

SELEÇÕES Reader's Digest
Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, Volume XVI, No. 93, October 1949. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, Vedado, Havana, Cuba. Subscription price: US $2.00 per year in Latin America; US $3.75 per year in the United States. Entered as second-class matter at the Post Office, Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at the Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

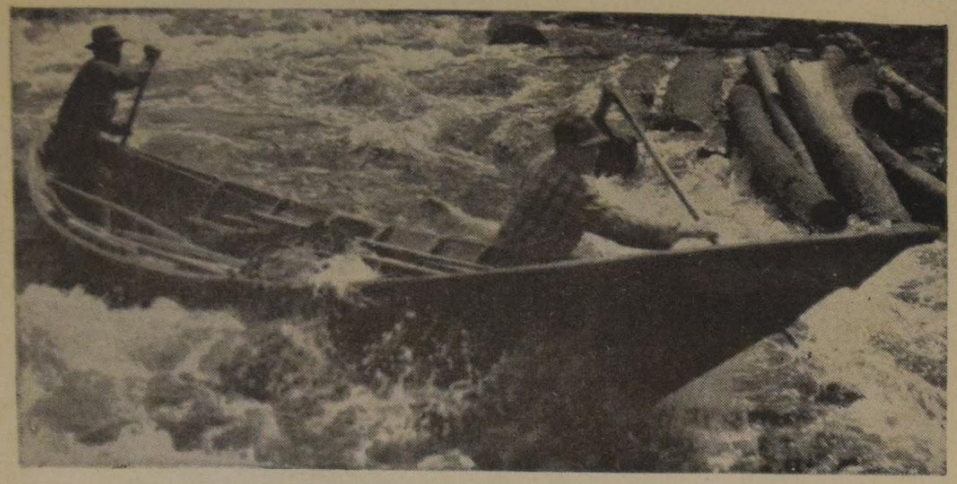
Impressa nos E. U. A.

Resguardada
como dentro duma
bola de vidro

A máquina do
CYMA
TRIPLEX
deve á perfeita protecção da sua caixa especial a sua vitoriosa resistência á infiltração de todas as POEIRAS e IMPUREZAS

CYMA
TRIPLEX
ANTI-CHOQUES • CONTRA-POEIRA • ANTI-MAGNÉTICA

ELE TEM QUE CONFIAR NA SORTE...

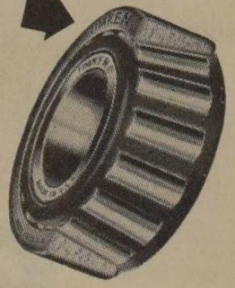


...MAS O SENHOR NÃO!

Alguns rolamentos podem *parecer* com os rolamentos Timken®, e podem até mesmo ser denominados «tipo Timken». Mas, cuidado com as imitações! Compre *na certa*, procurando a marca Timken em cada rolamento cônico que adquirir. Sômente os rolamentos cônicos Timken lhe oferecem *tôdas* estas vantagens: 1) desenho avançado, 2) rigoroso contrôle de qualidade, 3) precisão de manufatura, e 4) aços de composição especial.

Os rolamentos Timken têm sido preferidos pelos fabricantes, como equipamento original, por quase 50 anos, especialmente para vagonetes de minas, escavadoras, tratores . . . e onde quer que se trate de trabalhos pesados. Para ter certeza de obter o melhor rolamento cônico para *seu* equipamento, procure sempre a marca Timken em cada rolamento que comprar.

Verifique se a marca registrada "TIMKEN®" está estampada em todo rolamento cônico que comprar



TIMKEN ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS

MARCA REGISTRADA REG. U. S. PAT. OFF.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

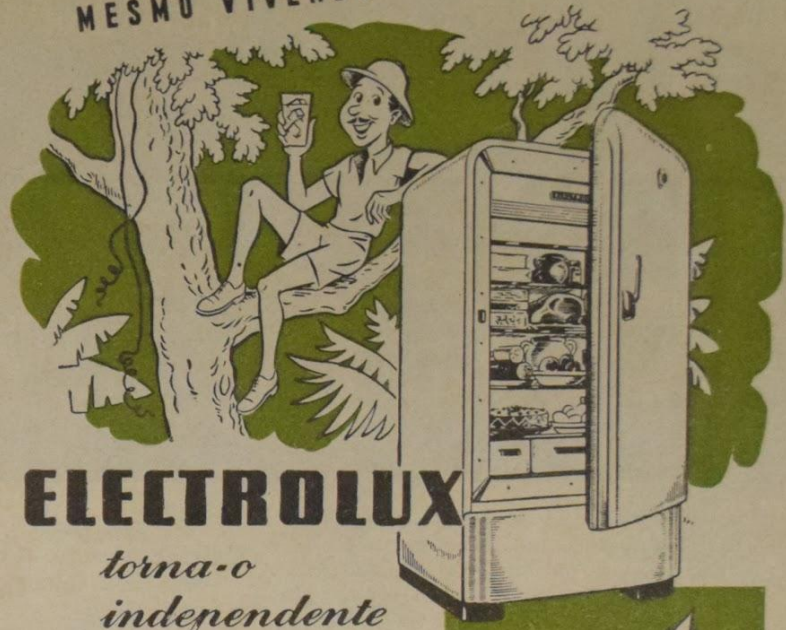
Endereço Telegráfico: "TIMROSCO"

Representante exclusivo para vendas no Brasil

The Timken Roller Bearing Company of South America, Rua Duque de Caxias, 729/731

Tel. 52-6594 e 52-6595, São Paulo, Brasil

MESMO VIVENDO NA FLORESTA



ELECTROLUX

torna-o independente

Onde quer que viva, pode gozar dos benefícios de um Refrigerador Electrolux. Sem motor ou outras peças móveis, sujeitas ao uso e desgaste, êsse engenhoso sistema de refrigeração opera silenciosa e economicamente, ano após ano, sob as mais variadas e severas condições climatéricas.

A CHAMA QUE GELA

Uma lâmpada comum, de querosene, aciona o Electrolux. É por conseguinte:

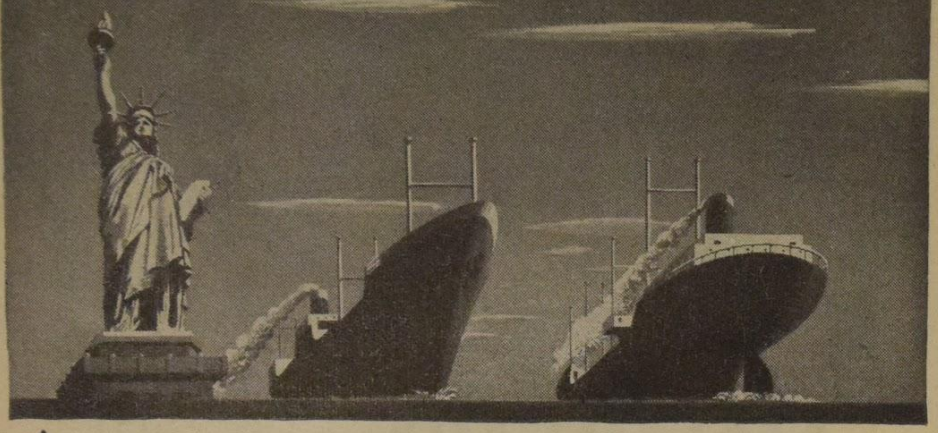
De fácil manejo
Garantido - Durável
Econômico.

ELECTROLUX — UM PRODUTO SUECO

a marca mundial DE QUALIDADE

Cia. Electrolux S.A. - Rio, São Paulo, Santos, Niterói, Petrópolis. • Mattos Areosa & Cia. Ltda. - Manáus. • Pereira Pinto & Cia. - Belém. • Moraes & Cia., Ltda. - São Luiz. • Moraes S.A - Parnaiba. • Dummar & Cia. - Fortaleza. • Paula, Irmãos & Cia., Ltda. - Mossoró. • M. Martins & Cia. - Natal. • Carvalho, Dutra & Cia., Ltda. - Cajazeiras, João Pessôa. • Moura, Perez & Cia., Ltda. - Recife • Gonçalves, Luz & Cia., Ltda. - Maceió. • Vieira, Garcez & Cia. Ltda. - Aracajú. • V. Muller - Bahia. • Dumans & Cia., Ltda. - Vitória. • Distribuidora Mercantil Ltda. Campos. • Cia. Fabio Bastos Comércio e Indústria - Belo Horizonte. • G. Garcelon - P. Alegre.

Nossos Negócios são verdadeiramente Internacionais



A Bethlehem Steel está empenhada no comércio internacional no sentido mais exato da expressão. Esta grande empresa produtora de aço, com fábricas nos litorais do Atlântico e do Pacífico, nos Estados Unidos, é muito mais do que uma grande empresa *exportadora*. A Bethlehem Steel *compra* e *importa* de 41 paises do mundo.

É preciso um mundo de produtos para fabricar uma tonelada de aço. Cromo, estanho, tungstênio, manganês, fluorita e muitos outros minérios são necessários para a fabricação de produtos de aço de vários tipos. E, indiretamente, a produção de aço requer importações enormes de produtos tais como cânhamo, borracha, polpa de papel, substâncias químicas e grande variedade de mercadorias.

Eis um ativo intercâmbio internacional — onde o mundo inteiro se une para produzir aço, um metal de uso universal.

A BETHLEHEM, EXPORTADORA DE AÇO, IMPORTA DE 41 PAISES

BETHLEHEM STEEL

É preciso um MUNDO de produtos para fabricar uma tonelada de AÇO

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, New York 4, N. Y., E. U. A. Endereço telegráfico: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a, BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Avenida Churchill, 129-4.º andar
SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

ATKINSONS

Perfumes que traduzem distinção

ENGLISH LAVENDER
Refrescante como as brisas matinais

MIRAGE
O perfume "tout Paris"

ENGLISH LOTION
SÊLO VERMELHO
Acento Britânico de Elegância

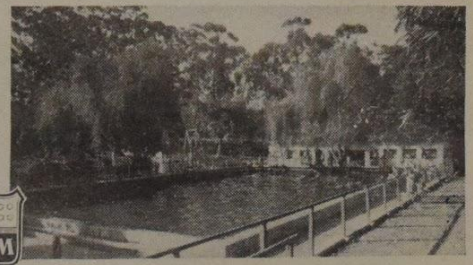
RUSSE
Colônia de exótica fragrância

GOLD MEDAL
A Colônia Tradicional

LINTAS AG-9

para a família G.M.B.!

Situado a pequena distância de suas instalações em São Caetano do Sul, São Paulo, o General Motors Esporte Clube, fundado em 1935 e dotado dos mais modernos aparelhamentos, constitui mais uma realização da General Motors no seu vasto plano de elevar sempre mais o confôrto e o padrão de vida dos nossos trabalhadores. Nas amplas e completas instalações próprias do G.M.E.C., os operários, funcionários e diretores da General Motors, depois de suas horas de trabalho, se reunem como membros de uma só família em sadia confraternização, para realizar festas e bailes e praticar esportes. E enquanto refazem as energias dispendidas no trabalho cotidiano, recreando o espírito e o físico, os filhos se divertem no majestoso Parque Infantil que completa o clube.



GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

contribui para o progresso e o bem-estar

CHEVROLET - BUICK - PONTIAC - OLDSMOBILE - VAUXHALL - BEDFORD - GMC - GM COACH
FRIGIDAIRE - PEÇAS E ACESSÓRIOS - GM DIESEL

Mais à frente do que nunca...

a Nova Aero-metric Parker "51"

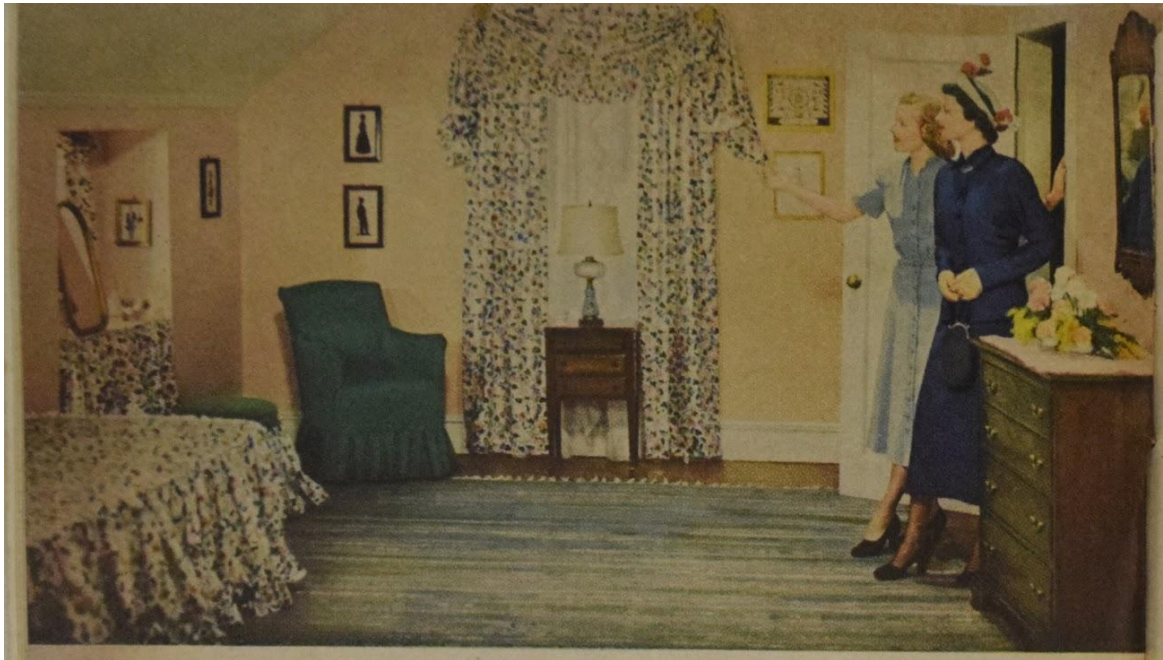
● Você nunca possuiu uma caneta assim! É a famosa Parker "51", agora completamente *nova* e *diferente* em 14 aspectos importantes. Veja e experimente hoje mesmo seus notáveis aperfeiçoamentos.

NOVO—sistema de enchimento "Foto-fill" • mostrador de tinta • reservatorio de vidro flexível • regulador do fluxo da tinta, exclusivo • dispositivo contra vasamento em vigens aéreas... e mais 9 grandes aperfeiçoamentos.

A caneta mais desejada do mundo

Representantes e Pôsto Central de Consertos para

Brasil: Costa, Portela & Cia., Rua 1° de Março, 9—1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: Antônio Vieira, Ltda., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: Quintas & Irmão, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: Teixeira da Rocha, Ltda., C. P. 463—Lourenço Marques



SUA CASA FICARÁ UM ENCANTO . . .

Aprenda a decorá-la no "Curso Singer de Decoração do Lar"!

Inscreva-se hoje mesmo. Aprenderá a fazer tantas coisas bonitas, que ficará espantada com sua própria habilidade e com a economia que isso representará.

Aprenderá a encapar suas poltronas com aparência profissional e mais a seu gôsto . . .

. . . a fazer bonitas cortinas, cortinados e inúmeros outros ornamentos para sua casa . . .

. . . e fará tôdas essas maravilhas na sua Singer Elétrica Portátil ou na máquina de pé.

M.R.

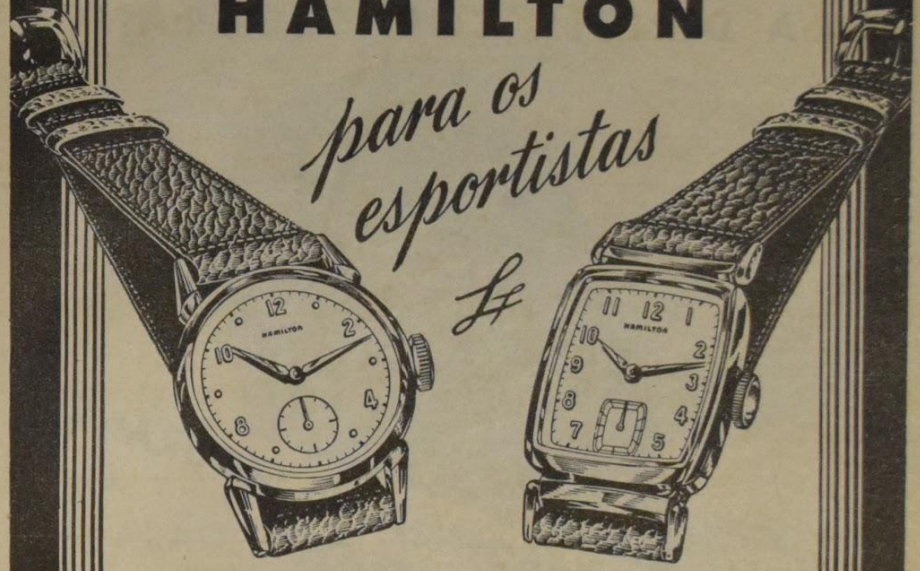
LOJAS SINGER

Procure a mais próxima de sua casa na lista telefônica e peça o Serviço Mecânico Singer e de costura

Propriedade Intelectual Reservada Pela Singer Sewing Machine Company.

UM NOVO HAMILTON

para os esportistas



Inteiramente protegidos contra a umidade e o pó, êstes Hamilton especiais completam o traje mais rigoroso. São o brinde ideal para os homens de ação, os esportistas. Mais de 50 anos de perícia técnica dos artífices dos E.U.A. converteram o Hamilton no "Relógio de Qualidade das Américas".

HAMILTON

O Aristocrata dos Relógios

U.S. ROYAL

De Luxe

PARA DIRIGIR COM SEGURANÇA

MAIS QUILOMETRAGEM-MAIS SEGURANÇA

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."

Pneumáticos para caminhões | Pneumáticos para agricultura | Arames e cabos elétricos | Mangueiras "U. S." | Correias de transmissão lisas e Multi "V"

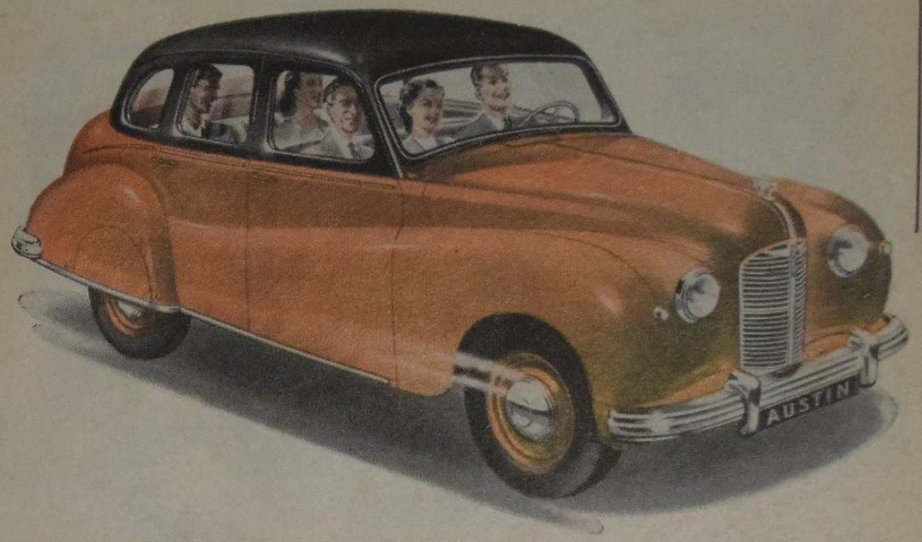
UNITED STATES RUBBER COMPANY · US · TRADE MARK

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., LTD.

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • No E. U. A., Nova York 20

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

Hoje Novo—Amanhã Famoso!



O SALÃO AUSTIN A70 "HAMPSHIRE"

Aquí está um esplêndido novo Austin... que lhe dá todo o espaço de que V.S. precisa e toda a força que poderia desejar—sem grandes despesas de manutenção. Tem motor de 68 cavalos ao freio e válvulas à cabeça, suspensão dianteira independente—e a alavanca de mudança montada na coluna do volante, deixa espaço para três pessoas se sentarem à vontade no banco dianteiro. É um carro que a gente se orgulha de possuir—este salão A70 "Hampshire" de soberbo estilo.

PEÇAS E SERVIÇO. O Serviço Austin estende-se hoje pelo mundo enteiro, e nele podem confiar os possuidores de Austins estejam onde estiverem, para conseguir peças, serviço e consertos.

AUSTIN—V.S. pode confiar nele!

Obtenha detalhes completos das firmas:

Companhia de Propaganda, Administração e Comércio (P.R.O.P.A.C.),
Caixa Postal 2168,
Av. Rio Branco 85, 14°,
Rio de Janeiro

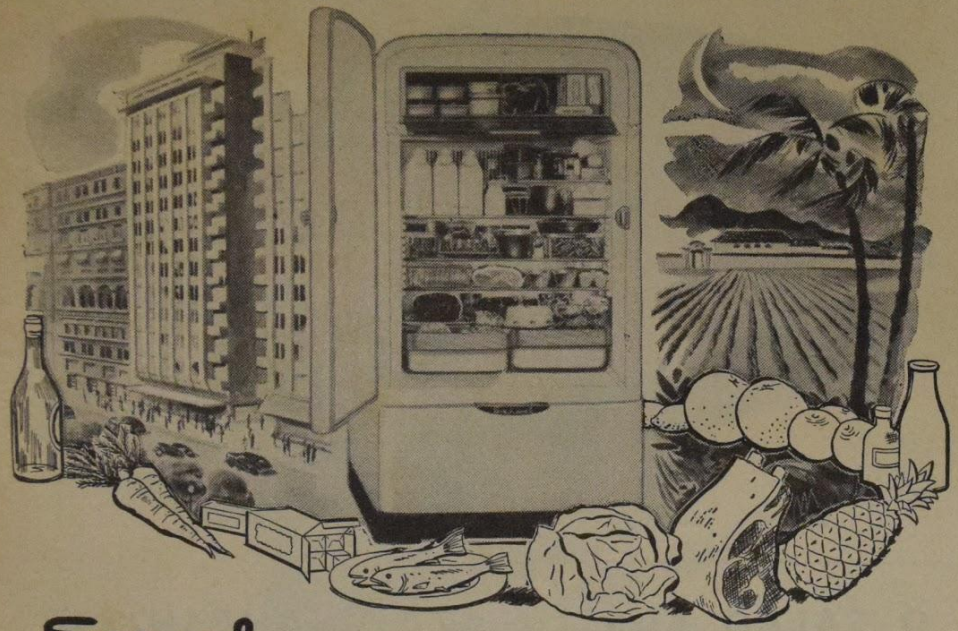
Cranwood S/A, Importadora Commercial,
Caixa Postal 1773,
Rua General Camara 84/102,
Porto Alegre, R.G.S.

THE AUSTIN MOTOR EXPORT CORPORATION LTD., BIRMINGHAM, INGLATERRA

Quer V.S. Viva num Apartamento—quer numa Fazenda . . .

O SERVEL CONSERVARÁ SEMPRE SEUS ALIMENTOS

• Faz cubos de gêlo em abundância • Refresca bebidas



Servel Funciona a querosene, gás natural ou industrial, butano ou propano

As famílias que vivem na fazenda e possuem um Servel, gozam hoje da mesma refrigeração moderna e de confiança que os donos de Servel nos apartamentos urbanos. Porque o Servel—ao contrário de outros refrigeradores—funciona *em qualquer parte.* Não depende de motor nem de maquinaria alguma. Uma chama minúscula, de gás ou querosene, toma o lugar das peças moveis na produção de frio constante. É por isso que quem possue um Servel nunca se aborrece com desarranjos de motor, que causam estragos de comida e consertos caros. É por isso também que o Servel presta mais anos de fiel serviço. Mais de 2.500.000 Servels estão em serviço no mundo inteiro, muitos deles há mais de 15 anos. Para maiores informações, queira escrever ao endereço abaixo, ou visite o revendedor local do Servel.

Procure esta insígnia na vitrina. Identifica o revendedor do Servel . . .

Servel O REFRIGERADOR DIFERENTE

SERVEL REFRIGERATION

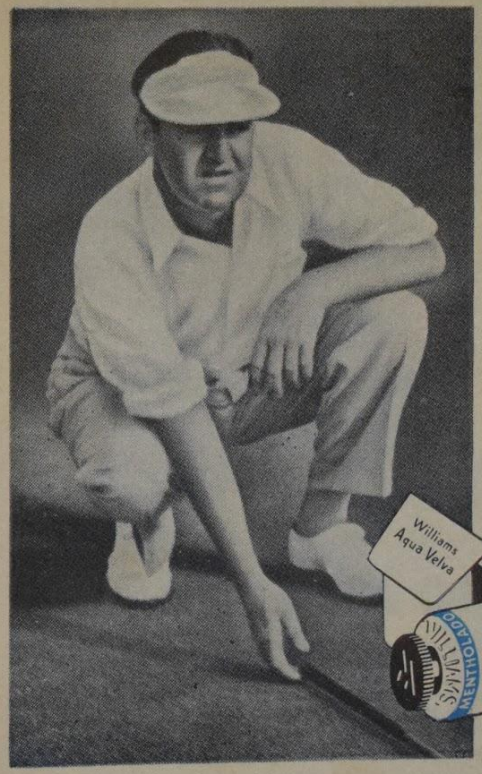
Servel, Inc. • International Division • 20 Pine Street, New York 5, N. Y., U. S. A.

O GOLFE É DURO

—para o rosto!

DIZ O CAMPEÃO BOBBY LOCKE:

"Quando jogo o golfe debaixo duma soalheira de rachar pedras, ou nos dias de frio húmido e cortante, fico com o rosto dorido e sensível. Mas, quando uso o Creme Williams de Barbear, que contém Lanolina, posso escanhoar-me a rigor e sem sofrer—não fico arranhado, nem irritado, nem com o rosto a arder. É realmente um bálsamo para a pele!"



Os médicos receitam com frequência a LANOLINA para suavizar a epiderme irritada. A LANOLINA do Williams permite-lhe barbear-se primorosamente sem se maguar—deixa-lhe o rosto fresco e macio. E o Williams não custa mais do que outra qualquer marca! Compre hoje mesmo um tubo.

WILLIAMS

CONTÉM A SUAVIZANTE LANOLINA

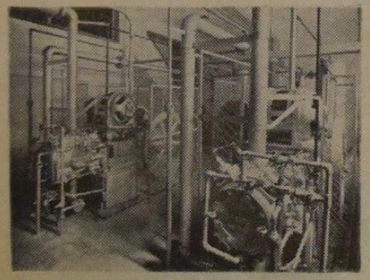
Tem dois cremes à sua escolha: o Williams Simples e o Williams Mentolado

Maior Rendimento Tirado do Ar

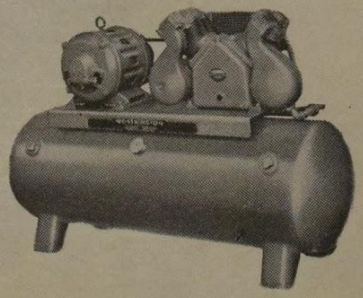
com os Compressores de Ar Worthington

O famoso emblema das "asas" num compressor de ar Worthington significe fôrça abundante, funcionamento fácil, silencioso e contínuo, e longa duração.

V. S. pode contar com os Compressores de Ar Worthington para produção de ar comprimido pelo custo mais baixo. O distribuidor Worthington local pode auxiliá-lo a escolher o modêlo de que precisa—ou escreva à *Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Department, Harrison, N. J., U. S. A.*



Compressor Worthington de 9 x 9, um só estágio, acionado por um motor de 30 H. P., instalado na fábrica da Coty, S.A.B., no Rio de Janeiro.



F9-16H

WORTHINGTON

EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

Bombas • Compressores • Motores • Turbo-Geradores
Maquinária de Construção • Refrigeração

CHEGOU

Super FLIT

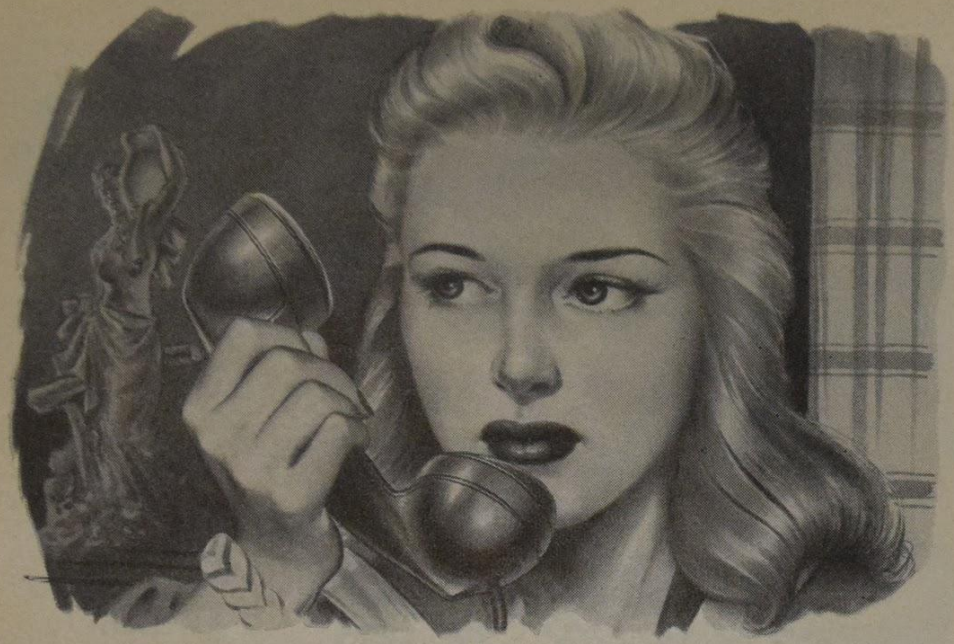
com a garantia do oval

ESSO

NOVO ASSOMBROSO FULMINANTE

5 INSETICIDAS NUM SÓ

PIRETRO-ROTENONA-TIOCIANATOS - CLORDANA-DDT



Agora... será o fim ou o princípio?...

Ouça, Nadir. Sempre nos namoramos por telefone. Agora, êle me enviou seu retrato e quer me ver.. mas receio que o encontro seja o fim dêste novo romance. Que fazer?...

—Aceite meu conselho, Lucí. Adie o encontro e não use maquillage excessivo para ocultar imperfeições. Corrija manchas e espinhas com Leite de Colonia e obterá o encanto natural.

(Era um conselho de amiga. Lucí adquiriu beleza jovem e real. E quando se encontrou com "Ele", seu encanto natural conquistou-o... e foi o feliz princípio de um romance para sempre).

EMBELEZADOR BÁSICO

O depoimento de milhares de jovens e senhoras, em vários inquéritos, revelou que a mulher brasileira, famosa pela sua beleza, considera o Leite de Colonia o seu embelezador básico.

Não artificialize sua beleza!... CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colonia!

É uma ilusão! Além de tornar a beleza artificial, o excessivo maquillage para encobrir as imperfeições é nocivo à vital respiração da pele. Corrija manchas, sardas, cravos e espinhas com Leite de Colonia. Aplique-o pela manhã, numa ligeira massagem protetora sôbre o rosto, colo e braços. Durante o dia, para fixar o pó facial... e, à noite, numa última limpeza da pele. E seu rosto ganhará aquela fascinante beleza real!

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

ATACA AS Gripes NAS RAIZES!

Por 2 vias diretas ao mesmo tempo:

1. PENETRA nas vias respiratórias até onde só os vapores inalados podem chegar diretamente.

2. DESCARREGA a congestão e a opressão de peito, como uma cataplasma quente e reconfortante.

É seguro, rápido, eficaz—e as crianças gostam dele a valer!

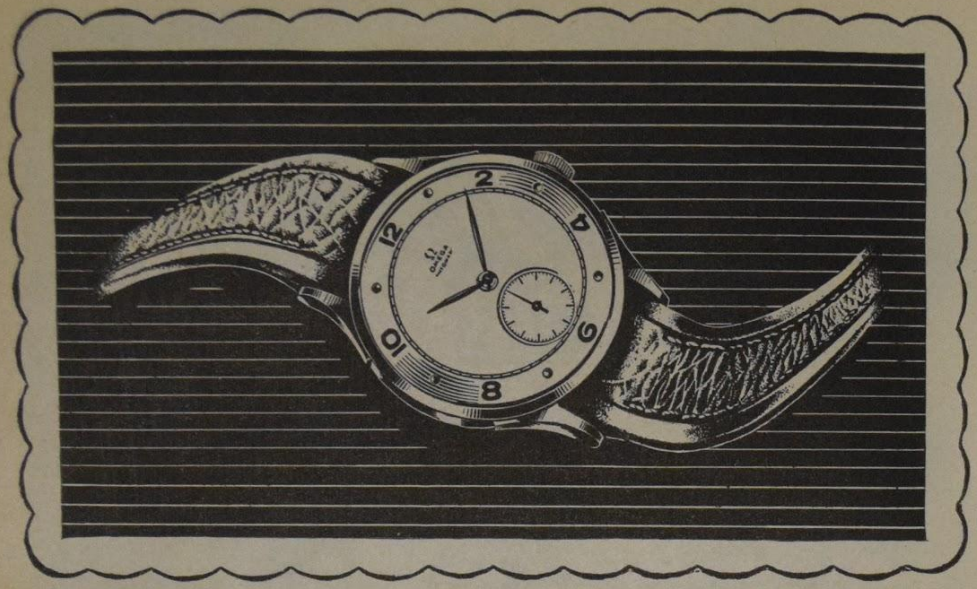
Que forma tão agradavel de tratar um resfriado ou gripe duma criança! Não tem nada que engolir. Nada que faça doer. Basta friccionar o peito, o pescoço e as costas, ao deitar, com o suavizante Vick VapoRub—e é ver como a sua dupla ação traz alívio depressa! Por duas vias *diretas* ao mesmo tempo:

SEM DEMORA, este agradavel unguento começa a desprender fortes vapores medicinais, que a criança inala a cada inspiração... respira diretamente... para desentupir o nariz, suavizar a garganta dorida, alivar a tosse e a irritação. E esses vapores duram horas!

AO MESMO TEMPO, o VapoRub atua tambem através da pele, como a quentura duma cataplasma. Bem-estar delicioso! Estimula a circulação, minora a opressão, descarrega a congestão.

CONTINUA DURANTE O SONO! Esta ação dupla e direta prossegue enquanto a criança dorme tranquilamente, cortando da noite para o dia muitas gripes e resfriados.

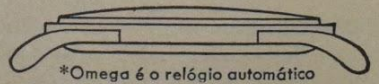
VICK VAPORUB



O RELÓGIO QUE VOCÊ PODE *esquecer* EM SEU PULSO

... porque dá corda a si mesmo e possui ainda a Precisão Máxima ... a Precisão Omega!

Sim ... é bem essa a verdade ... Coloque-o em seu pulso. E lembre-se dêle apenas quando precisar da hora certa, a hora dada com precisão máxima, a Precisão Omega. De notável resistência, antimagnético, impermeável ao suor e ao pó, o Omega Automático é também de singular elegância e beleza, por ser o relógio automático de mais reduzida espessura. Omega é o relógio mais procurado no mundo, mesmo na Suíça. É por tudo isso que êle é também digno de sua confiança. Examine-o ainda hoje em qualquer relojoeiro de classe. Modelos em aço, folheado e ouro.



*Omega é o relógio automático de mais reduzida espessura

Ω OMEGA *Automático*

OMEGA Produto da Société Suisse Pour l'Industrie Horlogère — Genebra — Suíça TISSOT

Evite que o seu trabalho o leve ao sanatório !

Atenção! Se você vive sujeito a um regime de trabalho intenso com grande desgaste de energias físicas e mentais, evite que seu organismo chegue a um ponto de enfraquecimento que o leve até ao sanatório. Reforce suas energias orgânicas com Ovomaltine — o poderoso alimento fortificante! Devido à sua rápida ação tônica, Ovomaltine vem sendo adotada, oficialmente, nas Olimpíadas, para fortalecer os atletas e refazer suas energias prontamente, após as mais árduas provas! É também o alimento servido diàriamente aos doentes de pulmão dos famosos sanatórios de Davos e Leysin, na Suiça. Ovomaltine não pesa no estômago e facilita o trabalho do fígado. É riquíssima em cálcio, ferro, vitaminas e carboidratos. Tome e dê ao seu filho Ovomaltine. É deliciosa!

Diariàmente, beba o seu copo de

OVOMALTINE

vale por uma refeição

Produto genuinamente suico. Produzido e enlatado na Suica por Dr. A. Wander S.A.—Berna.

LABORATÓRIO WANDER DO BRASIL S. A.

São Paulo: Rua Afonso Celso, 671 - Rio: Avenida Graça Aranha, 19 - 2.º andar

Record 5325

Veja o que a Química Adiciona ao Óleo

ENTRE outros serviços que presta à Humanidade, a Química criou aditivos para os óleos lubrificantes, que redundam em melhores resultados na lubrificação, menos desgaste e maior duração dos motores, maior satisfação para quem os utiliza. Tais aditivos oferecem as qualidades que não se encontram nas reservas de óleo em estado natural. A Monsanto é lider mundial no aperfeiçoamento e produção desses aditivos.

Entre os serviços extra que V. S. obtem quando os óleos lubrificantes são melhorados pelos aditivos da Monsanto, temos: (1) Quando faz frio, o óleo flui mais livremente . . . os motores arrancam mais depressa; (2) evita-se a corrosão dos rolamentos; (3) os óleos conservam por mais tempo a sua capacidade de lubrificação; (4) os motores mantêm-se limpos internamente.

Se V. S. está interessado em conhecer os pormenores completos, escreva a qualquer dos escritórios da Monsanto, ou ao representante mais próximo. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri, E. U. A.* • MONSANTO CHEMICALS, LTD., *Londres, Inglaterra* • Monsanto (Canada) Ltd., *Montreal, Canadá* • Monsanto (Australia) Pty., Ltd., *Melbourne, Austrália*—Representantes nas principais cidades do mundo.

★ ★ ★

Os Aditivos Monsanto para Petróleo são apenas alguns dos Produtos Químicos Monsanto que servem a indústria petroleira . . . apenas alguns dos centenares de Produtos Químicos e Plásticos Monsanto que servem a indústria em geral. Se V.S. deseja melhorar seus produtos, reduzir custos ou aumentar as vendas, consulte a Monsanto: talvez que Monsanto já tenha a resposta ao seu problema.

MONSANTO
PRODUTOS QUÍMICOS E PLÁSTICOS

SERVINDO A INDÚSTRIA . . . QUE SERVE A HUMANIDADE

Escreva pedindo o prospeto gratis "Chemistry and Oil". Dirija-se à Monsanto Chemical Company, Foreign Dept. RD, St. Louis 4, Mo., E. U. A.

Seu dinheiro compra mais!
Kelvinator . . . FRIO DE ALTO A BAIXO!

Aquí tem V. S. o *máximo* de refrigerador que pode comprar dentro do preço que lhe convem pagar . . . com espaço para alimento em *toda a altura* interior . . . *refrigerado* de alto a baixo!

Em cima—encontra V. S. a ampla Câmara para Alimentos Congelados do Kelvinator, com capacidade para uns 23 quilos de gêneros congelados e cubos de gelo. Espaço imenso nas prateleiras. A grande zona "Névoa Fria" onde, num frio super-úmido, os doces, as saladas, e as sobras de comida destapadas se conservam frescas *dias e dias*. E, imagine só, na parte mais baixa, onde antes nunca havia frio, a maravilhosa novidade do Vitalizador de Frutas refrigerado!

Compre o refrigerador mais valioso de todos—o Kelvinator!

Para mais informações, queira dirigir-se ao Agente local ou escreva diretamente à Kelvinator.

Kelvinator

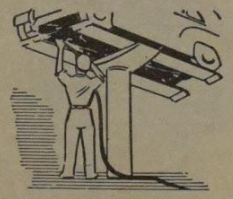
Divisão da Nash-Kelvinator Corporation
Detroit, Michigan, E.U.A.
Divisão de Exportação

ATLANTIC

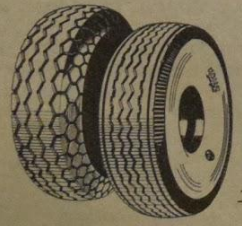
Associe o nome ATLANTIC às necessidades do seu carro!

1. A gasolina etilada Atlantic assegura vida nova e plena a seu carro, com a máxima economia.

2. O Atlantic Motor Oil de "Ação Dupla" limpa e lubrifica, protegendo as partes vitais do motor.



3. O pneu Kelly-Springfield, resultado de 55 anos de experiência, garante suavidade de marcha e a máxima quilometragem.



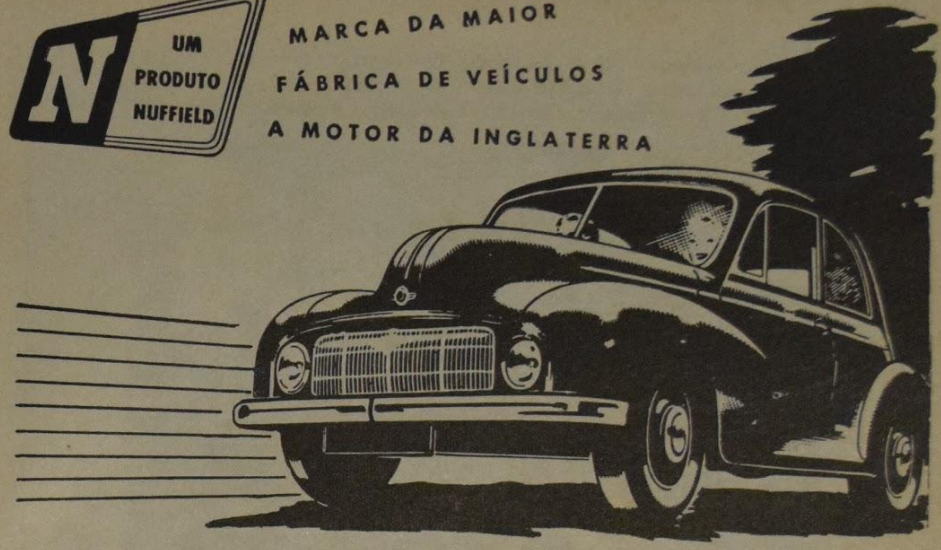
4. A bateria Atlantic, de confiança e durabilidade, assegura arrancadas mais rápidas.

ATLANTIC REFINING COMPANY OF BRAZIL

GASOLINA • MOTOR OIL • LUBRIFICAÇÃO • PNEUS • BATERIAS

N UM PRODUTO NUFFIELD

MARCA DA MAIOR FÁBRICA DE VEÍCULOS A MOTOR DA INGLATERRA



MORRIS MINOR

O Supremo Carro de pequeno porte

★ **CONFORTO DE UM CARRO GRANDE.** Espaço excepcional para um automovel desta força. Maior espaço para as pernas e bancos mais largos. Todos os assentos dentro da base das rodas.

★ **REQUINTES DE UM CARRO GRANDE.** Suspensão dianteira independente para melhor controle de direção. "Monoconstrução" para maior resistência. Espaço para bagagem superior a 7 pés cúbicos.

★ **ECONOMIA de funcionamento e de manutenção.** Mais quilômetros por litro de gasolina diminuem a despesa de funcionamento. A tradição de confiança da Morris representa economia de manutenção.

Riley — Os carros que dão um excelente rendimento, com grande conforto e beleza de linhas.

MG — A famosa marca que, nos últimos anos, tem sempre saido vitoriosa nas competições internacionais.

WOLSELEY — O soberbo trabalho de carroceria aliado à excelência de sua fabricação torna o Wolseley supremo na sua classe.

NUFFIELD EXPORTS LTD · COWLEY OXFORD · INGLATERRA · Escritório em Londres: 41 Piccadilly · Londres · W1

Distribuidores autorizados

SOCIEDADE COMERCIAL ANGLO-BRASILEIRA DE MOTORES
85 AVE. RIO BRANCO 13
RIO DE JANEIRO, BRASIL

A.M. ALMEIDA LTDA.
RUA DA ESCOLA POLITECNICA 39-39A
LISBOA, PORTUGAL

Deslocando-se de conferência para conferência em redor do mundo internacional, o diplomata aprecia o descanso, o confôrto e o bem-estar das viagens por avião.

"Todos viajam pela K.L.M....

....viajar de avião é muito natural para os holandeses"

Viajar à volta do mundo com segurança e pontualidade está na massa do sangue dos holandeses. Quando reservar a sua passagem na K.L.M. partirá tranquilo e sossegado pois sabe de antemão que se confiou a homens tradicionalmente seguros.

Peçam informações quanto a passagens e frete ao seu Agente local ou ao Representante mais próximo da K.L.M.

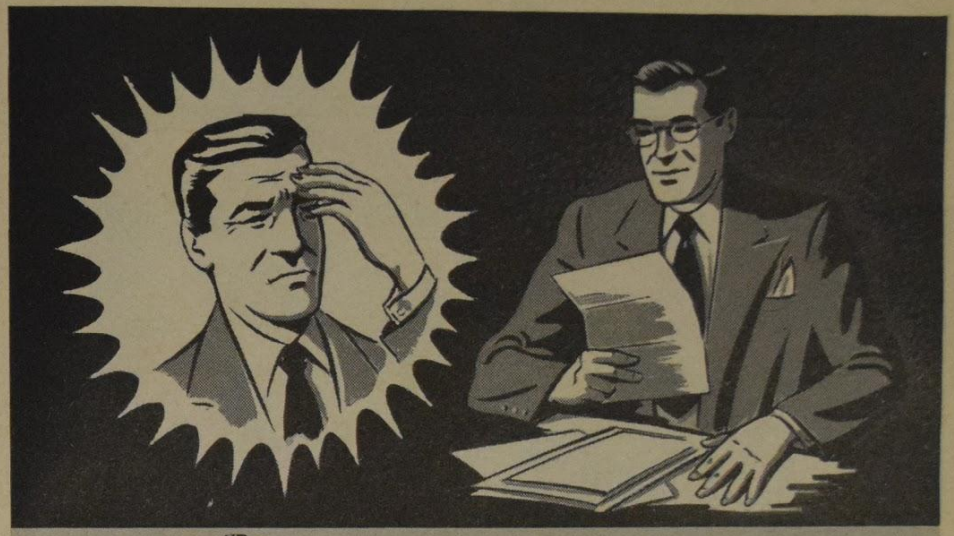
A Companhia de Aviação mais antiga do mundo, prestes a completar o seu 30º. aniversário.

TODOS PREFEREM...

De Norte a Sul do Brasil, todos preferem sabonete Gessy. Porque Gessy é três vêzes mais econômico—custa menos, dura mais e é perfumado até o fim.

Prefira também GESSY

A maioria usa SABONETE GESSY



SEU SUCESSO DEPENDE
DE SEUS OLHOS . . .

Si sua visão é deficiente seu sucesso no Mundo dos negócios está sendo retardado, seu bem estar perjudicado e sua família preocupada. Porque deixar isto acontecer? A ciência ótica moderna aperfeiçoou novas técnicas que permitem a correção de quasi todos os defeitos da visão.

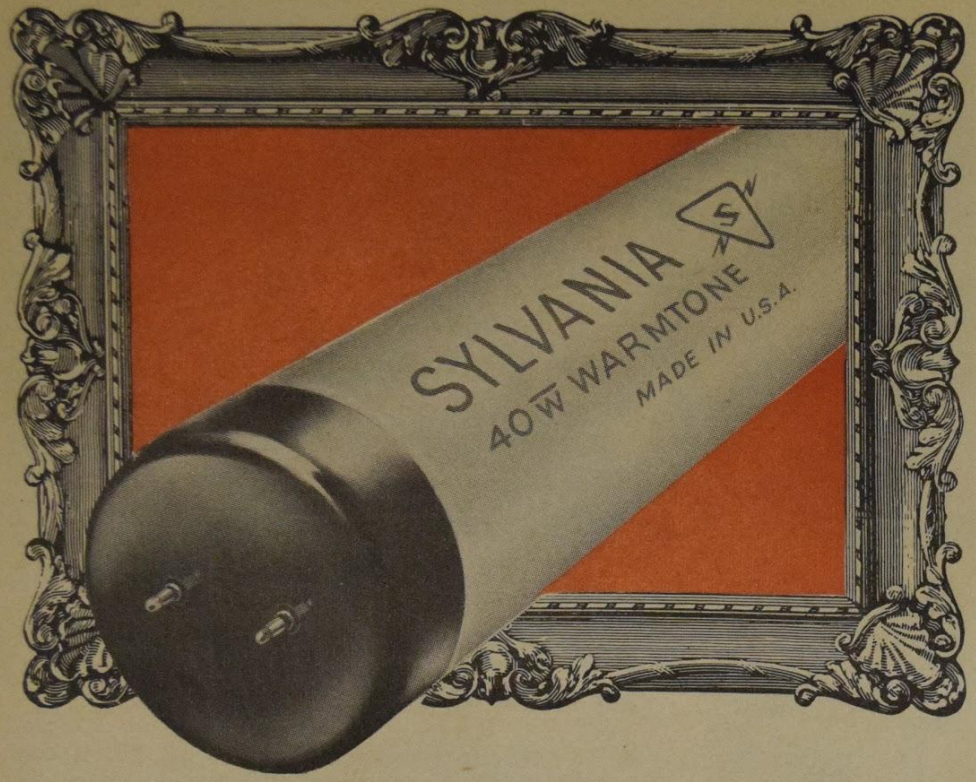
Bausch & Lomb, conhecida em todo o mundo pelos instrumentos óticos, lentes e armações para óculos que produz, poderá ajudá-lo auxiliando seus olhos a ver melhor. Com visão eficiente Você se tornará mais útil à sua comunidade e ao seu Paíz. Quando precisar de artigos de ótica procure a marca B&L.

Visite seu oculista uma vez por ano.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL COMPANY • ROCHESTER 2, N.Y., U.S.A.

RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
BUENOS AIRES



Hoje em dia ha mais claridade!

Há três anos passados, era apenas de 2500 horas a duração nominal das lâmpadas fluorescentes. Hoje, as Lâmpadas Fluorescentes *Sylvania* têm uma vida útil de *7500 horas*—ainda que o ciclo de acendimento seja de três horas!

Deve-se esta tão prolongada vida útil aos novos aperfeiçoamentos técnicos exclusivos da Sylvania. Testes afetuados durante um período de dois anos, com 11.000.000 de lâmpadas em serviço prático, demonstram que se lucrará este excesso de serviço comprando-se Lâmpadas Fluorescentes Sylvania.

Para informes completos, consulte nossos distribuidores autorizados.

SYLVANIA ELECTRIC

SYLVANIA ELECTRIC PRODUCTS INC. ★ International Sales Division ★ 50 Broadway, New York 4, N. Y., E. U. A.

SELEÇÕES

TOMO XVI
No. 93

do Reader's Digest

OUTUBRO
de 1949

Condensações de artigos de interesse permanente

Pressão arterial alta?

Não se alarme

Por Joseph Weitzenkorn

O DR. Charles A. R. Connor, diretor clínico da Sociedade de Cardiologia dos Estados Unidos, ao confirmar os fatos médicos atestados neste artigo, acrescenta o seguinte: "Só é de lamentar que a esperança e conforto que estas observações produzem, tenham atingido até agora a tão pouca gente. Seria tambem de desejar que muitas companhias de seguros reconsiderassem a sua atitude na questão de conceder apólices a indivíduos que sofrem de hipertensão não complicada. Igualmente desejavel seria que os empregadores abolissem as restrições vigentes, quanto à admissão de indivíduos nessas condições de saude."

NA SALA de espera da clínica de hipertensos do Columbia-Presbyterian Medical Center, de Nova York, aquela senhora de meia-idade esperava pacientemente que chegasse a sua vez de ser examinada. Estava um pouco trêmula, pois se levantara da cama de onde não saía havia 12 anos. Sofria de alta pressão sanguínea. Alguem lhe falara a respeito da clínica do Presbyterian Hospital, e a boa senhora, apelando para forças supremas, decidira-se a quebrar a rotina de sua existência de acamada crônica. E alí estava sentada, interiormente dividida entre a esperança, o medo e a dúvida.

Examinada, a sua pressão arterial

estava a 20/12. O coração revelava somente levíssima lesão. Declarou ela que a sua hipertensão tinha começado pelo menos 20 anos antes, e que o médico acabara por mandá-la recolher-se à cama.

—Isso foi há 12 anos? E a senhora tem passado todo esse tempo na cama? perguntaram os médicos.

Ela respondeu afirmativamente.

—Sem nunca se levantar?

—Bem, tornou ela com timidez, —só para ir ao banheiro.

—E caminhava?

—Oh, não. Eu me arrastava.

Os médicos da clínica ficaram assombrados. Habituados como estavam ao mórbido pavor que as pessoas têm da hipertensão arterial, era aquele talvez o caso mais extremo que já lhes viera parar às mãos. Instaram com a senhora para que largasse a cama e retomasse uma existência normal. Disseram-lhe que o seu medo era exagerado, que ela tinha todas as probabilidades de viver muitos anos com saude, contente e feliz; pelo menos, tantos anos quantos se ficasse na cama... À parte o conselho que lhe deram de viver consoante a sua idade, não opuseram quaisquer restrições à sua atividade.

Hoje—passado muito tempo—essa «enferma» é um ser humano sadio e contente, que trabalha e mantem o seu lar. E a pressão arterial? É ainda a mesma. A clínica não tentou reduzí-la, pois está interessada em coisas mais importantes, como seja dissipar os receios que acabrunham os hipertensos, receios que lhes dominam a vida, lhes liquidam os negócios, e os mandam para o exílio de estações de água e dietas, ou para a cama, chorando e gemendo. Do muito que tem aprendido sobre a hiperpiese, a clínica do Presbyterian Hospital chegou à conclusão de que a coisa mais importante é transformar os hipertensos acabrunhados em seres humanos felizes. Nesse sentido, seu êxito é um fato. Aquele hospital tem averiguado coisas impressionantes, relativamente a esse estado temeroso que aflige milhões de pessoas.

Uma observação de capital importância feita pela clínica refere-se ao significado da pressão alta—fator esse que provavelmente é o maior motivo de alarma para o doente. Geralmente, as pessoas que registram apenas uma leve ou moderada elevação da pressão arterial, não se preocupam muito com o seu estado. É a pressão alta que determina receios e ansiedades constantes. Mas os médicos daquela clínica têm observado milhares de casos, no decurso desses últimos 25 anos, e chegaram à conclusão de que, uma vez que a pressão arterial tenha subido acima do nivel normal, pouca diferença faz a altura a que ela chegue.

Isto não quer dizer que não devemos dar importância à hipertensão. De modo algum. A hipertensão é um estado sem o qual as pessoas passariam muito melhor. O que os médicos da clínica afirmam é, no entanto, que uma vez que se sofra de hipertensão, não importa que esta suba muito ou pouco, acima do normal. Não se passa pior com uma pressão de 25/15, do

que com uma pressão de 20/12, ou de 16/10. Não estamos por isso mais propensos a sofrer uma congestão cerebral, apresentar dilatação cardíaca, ou ainda qualquer outro mal associado à hipertensão, e as probabilidades de viver são tão boas quanto as de qualquer hipertenso.

Nunca é demais ressaltar esse ponto. As pressões muito elevadas reduzem o indivíduo a um estado de devastação mental. Os doentes tornam-se autômatos titubeantes e receosos de trabalhar, têm medo de se divertir e são incapazes de gozar a vida. Muitos são os médicos que ainda crêem que, quanto mais alta for a pressão, pior está o doente. Mas as observações e conclusões da clínica não corroboram essa teoria, que já tem cabelos brancos.

Ademais, são tantas as pessoas que sofrem congestões dormindo, quantas acordadas; e tantas em repouso, quantas trabalhando. No entanto, desnecessário é dizer que a pressão arterial é mais baixa quando dormimos ou estamos inativos. Talvez o leitor esteja interessado em saber que as paredes das artérias podem aguentar uma pressão duas vezes maior do que jamais se registrou em casos de hipertensão. Junte agora esses fatos, e tire suas próprias conclusões sobre a melhor maneira de viver, mesmo quando se tem hipertensão...

A COMPANHIA de seguros «The Metropolitan Life Insurance Company», de Nova York, procedeu durante dez anos a um inquérito entre 241 dos seus empregados, que sofriam de hipertensão arterial. Os resultados foram apresentados pelo dr. Hilmert A. Ranges, no número de maio de 1949 da revista *The Medical Clinics of North America*. A maioria desses 241 indivíduos manteve-se trabalhando, e livre de sintomas, entre 10 e 25 anos. A maior parte tinha electrocardiogramas normais. Só um terço revelou panorama hipertensivo—e menos de metade desses últimos revelou sintomas de diminuição das reservas cardíacas, tais como fadiga ou falta de ar. Uma mulher com pressão de 19/14 teve um cardiograma hipertensivo típico, durante nove anos, mas nem assim, durante todo esse período, mostrou quaisquer sinais de síncope cardíaca, nem a nenhuma altura se queixou de quaisquer sintomas cardíacos.

Desse grupo, somente 52 doentes se queixaram de fadiga, dores de cabeça ou síncope cardíaca congestiva. Um exame cuidadoso revelou que muitas dessas queixas e sintomas resultavam de outras causas orgânicas. O inquérito declara sobriamente que se devia exercer a máxima cautela, para evitar atribuir-se tudo o que de mau se revela no hipertenso, àquela causa exclusiva. E o relatório conclui: «Parece oportuno voltar a acentuar aquí o fato de que muitas pessoas que padecem de hipertensão podem ter uma existência prolongada e isenta de sintomas.»

Os especialistas da clínica de hipertensão do Columbia-Presbyterian Hospital reuniram mais de duas mil observações, feitas em hospitais, clínicas, consultórios particulares, e organizações industriais. Dentre todos esses casos, selecionaram os 300 que apresentam as histórias mais pormenorizadas e dignas de confiança. A idade dos doentes desse grupo oscilava entre 11 e 85 anos. Nenhum sofrera de hipertensão menos de dois anos. Alguns haviam tido os seus casos observados durante mais de 40 anos. A

duração média da doença, nesse grupo, era de 13 anos.

Os médicos chegaram, por fim, a traçar um claro panorama do que a doença fazia, nas suas diferentes formas e fases, a pessoas de todas as categorias, em condições as mais variadas e durante diversos lapsos de tempo. Compararam casos de hipertensão moderada com casos de hipertensão mais séria. Observaram os traços físicos e mentais característicos dos pacientes. Fizeram exames de fígado e de rins, e perscrutaram o globo ocular. No caso de morte, procediam a exames microscópicos das artérias, inspecionavam orgãos e pesavam corações.

Uma das observações mais significativas foi a de que a hipertensão não é o monstro destruidor que se supõe ser. Presentemente, 255 daqueles 300 pacientes intensivamente examinados, estão ainda com vida! Recordemos que a média dos hiperpiésicos sofria do mal havia 13 anos, e que três deles o tinham havia mais de 40 anos.

A conclusão torna-se evidente: os hipertensos podem viver dezenas de anos com boa saude.

Outra pesquisa ainda foi levada a efeito pela clínica, com o fim de determinar a época da vida em que a hipertensão se declara com mais frequência. Isso é um ponto dificil, porque muitas pessoas vivem anos e anos com hipertensão, sem se darem conta dela. Mas um estudo cuidadoso de 2.147 casos permitiu descobrir 200 cujas fichas mostraram uma pressão arterial normal durante vários anos, antes de se declarar a hipertensão.

A impressão geral é que a hipertensão é uma moléstia que ocorre depois da meia-idade. Mas o estudo de 200 casos revelou que ela começa muitas vezes na mocidade, ou na primeira fase da idade adulta. Cento e oitenta e quatro pacientes sofriam dela antes dos 40 anos. E cada um dos 200 já tinha a sua hipertensãozinha antes de chegar aos 48...

Dos 2.147 casos observados, somente cinco por cento, ou seja, pouco mais de cem indivíduos, sofriam de hipertensão «maligna»—quer dizer, revelavam complicações sérias, de rápida evolução.

Outra crendice corrente, e escusado será dizer, absurda, é que existe uma relação constante entre a pressão arterial normal de um indivíduo e a sua idade. Depois da maturidade, a pressão sanguínea se altera, como resultado de qualquer estado patológico latente. Aquela crença é duplamente absurda, porque se preocupa somente com o índice da pressão menos importante—que é a sistólica. Considere-se a pressão de 12/7, por exemplo. O primeiro número representa a pressão sistólica—quando o coração entra na pulsação. O segundo é o da pressão diastólica—ou do instante em que o coração repousa. Esta última—a pressão mínima constante exercida sobre as artérias—é a mais importante, e é com ela, principalmente, que os médicos se preocupam. E no entanto é a pressão sistólica que os leigos levam em consideração ao compará-la com a idade.

A pressão arterial, pois, não sobe

normalmente com a idade. E como a hipertensão se manifesta na juventude, a vida provavel das pessoas que sofrem de hipertensão é mais longa do que se supõe.

Admitido isso tudo, ainda assim, não será a hipertensão uma coisa que seria melhor a gente não ter? Não é fato que ela prejudica o coração, os rins e os vasos sanguíneos? A resposta é que tal não se dá obrigatoriamente. É discutivel que a alta pressão sanguínea, em si mesma, represente o papel de vilão nessas complicações.

Uma mulher com uma pressão de 23/14—pressão considerada alta—durante mais de 16 anos, foi radiografada. Comparadas com as radiografias tiradas 16 anos antes, as radiografias recentes provaram que o tamanho do coração dela não aumentara durante todo o período da hipertensão.

É claro que o coração de um indivíduo que sofre de hipertensão funciona sobrecarregado. Trabalha mais arduamente, no seu esforço de impelir o sangue através de milhares de artérias mais apertadas. Mas o coração humano tem vastas reservas de energia. Não esqueçamos que ele repousa durante cerca de metade da vida. E os médicos já hoje duvidam que a dilatação do coração seja exclusivamente resultante da hipertensão arterial.

A mesma coisa se pode dizer no tocante a outras complicações associadas à hipertensão. Não se verifica qualquer conexão positiva entre a arteriosclerose e a hipertensão, conquanto elas frequentemente se manifestem ao mesmo tempo. A hipertensão arterial não causa necessariamente a arteriosclerose, e esta não determina fatalmente aquela. Pode-se tratar de processos inteiramente independentes, que estão dando lugar a uma, ou a outra, ou a ambas.

Os hipertensos queixam-se em geral de dores de cabeça, nervosismo, fadiga, dificuldade em dormir, ou então de que o coração dá saltos no peito. Mas muita gente que não sofre de hipertensão se queixa dos mesmos males! Acontece tambem que o estado de preocupação anormal, característico do hipertenso, pode facilmente acarretar-lhe todos esses sintomas, ou alguns deles—ou então, ele pode imaginá-los. Se uma pessoa, por exemplo, passa a noite toda acordada, dizendo de si para si, «Ó meu Deus, então não é que eu tenho hipertensão?»—não seria justo acusar a hipertensão pela sua insônia!

Uma firme conclusão é possivel tirar dos criteriosos estudos da clínica: *O grau de hipertensão não tem nada que ver com coisa alguma*. Nem com a hipertrofia cardíaca. Nem com o mal da coronária. Nem com a arteriosclerose. Nem com os derrames cerebrais. Nem com qualquer espécie de danos orgânicos ou vasculares. Nem, finalmente, com a própria morte. A altura real da pressão arterial significa, precisamente... *nada!*

Há uma fria lógica científica em apoio dessas conclusões. A hipertensão arterial não é de modo algum uma «doença» real. É um sintoma, da mesma maneira que a febre é um sintoma, e não a doença ela mesma. Alem disso,

a intensidade de um sintoma não significa necessariamente que a doença seja grave.

Assim, se o médico disser que o leitor tem alta pressão arterial, não se deixe apavorar. Não é caso de jactar-se do seu estado, mas tambem não precisa alarmar-se. Não tem que se preocupar com o nivel da sua hipertensão, nem com saber há quanto tempo já vem sofrendo dela.

Deve, naturalmente, tratá-la com o devido respeito. Confie nos exames periódicos aconselhados pelo seu médico, e leve ao conhecimento dele todos os sintomas que apareçam. Cada indivíduo requer o seu tratamento individualizado, pessoal; não tente receitar a si mesmo.

Aquí tem, por último, o animador conselho da clínica aos seus hipertensos: Liberte-se do medo. Não se retraia da vida normal. Diante de si ainda há talvez muitos anos de vida e saude. Viva pois esses anos com alegria e confiança!

Acabamos de passar quatro meses numa «cidade morta», antigo e abandonado centro de mineração, onde não se paga aluguel e a vida é a mais pacata possivel. Nós nos havíamos perdido na estrada e fomos dar num desses velhos e desertos centros mineiros do Novo México.

Quarenta casas bem conservadas, uma loja, escola, centro de diversões, hotel, três bares e uma agência dos correios lá estavam, batidos pelo belo sol do deserto. Instalamo-nos no hotel, cujo fogão estava em perfeito estado. Havia combustivel à vontade—lenha e carvão—e água numa bomba em frente aos correios.

As casas, construidas e mobiladas pela companhia proprietária da mina de carvão, eram todas iguais. Cada sala de estar tinha tapetes, uma mesa com tampo de mármore, sofá, duas cadeiras, um retrato de Sir Galahad e dois livros—*Black Beauty* e *Little Nell*. Na copa, havia pratos realmente bonitos; numa espécie de depósito, encontravam-se as lâmpadas dos mineiros, ferramentas, macacões e revistas velhas de quase meio século.

O pequeno cemitério, cercado de sebe viva, contava a história do fim súbito da cidade. Havia 30 túmulos com os mesmos dizeres, de vítimas de um desabamento na mina. De acordo com o costume da época, todos se mudaram logo após o desastre.

Fomos visitados seis vezes, por velhos mineiros de olhos iluminados. Recebemo-los cordialmente, demo-lhes de comer e alimentamos os seus burros. Ouvimos, depois, atentos, as histórias dos fantasmas que povoavam a localidade.

Agora, persegue-nos continuamente a lembrança da cidade silenciosa e perdida no meio do deserto ensolarado.

—Maureen Eden

ESTE MUNDO EM QUE VIVEMOS

(*Condensado de uma seção de «Collier's»*)

Por Freling Foster

Dentre os 125 diferentes métodos de pescaria usados pelos chineses, um dos mais engenhosos consiste em levar, num dos bordos do barco, uma tábua pintada de branco, que desce em rampa de uns 45 graus, da amurada até a superfície da água. Por uma razão qualquer desconhecida, ao verem essa tábua brilhando ao luar, os peixes não podem resistir à tentação de saltar sobre ela e, assim, caem dentro do barco.

Na Inglaterra do século XVII, usavam-se pequenos freios adaptaveis à boca e destinados a impedir os portadores de falar. Eram presos à cabeça por um cadeado e serviam para impor silêncio às mulheres cujo tagarelar contínuo incomodava as famílias ou os vizinhos.

A dieta, como recurso para emagrecer, é, em geral, mais eficiente do que os exercícios físicos. Na maioria dos casos, para perder meio quilo precisaremos andar quase 60 quilômetros.

Quando nos sentimos abafados numa sala quente e mal arejada, costumamos dizer que estamos «com falta de ar». Na realidade, porem, a sensação desagradavel que sentimos é produzida pelos nossos poros, que não podem descarregar o excesso de calor e humidade devido à estagnação do ar. As experiências têm provado que pessoas confinadas em salas mantidas nessas condições, não sentiram alívio ao respirar, por meio de tubos, o ar exterior. Outras pessoas, colocadas ao ar livre, nada sentiram apesar de respirarem, continuamente, por meio de tubos, o ar viciado da mesma sala.

Não nos enrubescemos apenas no rosto e no pescoço. Membros de tribos primitivas, quando nus, coram frequentemente até à cintura, não sendo raros os casos de modelos que, posando nuas, coram o corpo inteiro.

Tudo pode ser reproduzido em miniatura—exceto o universo. Tal impossibilidade é evidenciada pelo fato de que se a terra fosse representada por uma bola com um centímetro de diâmetro, a estrela mais próxima—Alpha Centauri—teria de ser colocada a mais de 30 mil quilômetros de distância.

Uma loja de Nova York escandalizou o país, em 1876, ao anunciar que poria à venda um completo sortimento de roupas brancas para senhoras. Até então, tais peças eram sempre feitas em casa, sendo consideradas demasiado íntimas para serem compra-

das em público. Alem disso, as «imencionaveis», quando estendidas na corda para secar, eram sempre cobertas por um lençol, que as protegia do possível olhar atrevido de algum transeunte do sexo masculino.

Um dos mais curiosos truques provocados pelas tempestades magnéticas é fazer que uma conversa através de um fio telefônico passe para uma «faixa» de rádio nas imediações, em pleno funcionamento; o diálogo é assim irradiado sem que disso se apercebam os interlocutores. Há pouco tempo, devido a tal fenômeno, uma conversa telefônica íntima, em Nova York, foi ouvida em meio a um programa de rádio retransmitido em cadeia pelas principais estações norte-americanas.

Um médico de París, o dr. René Laënnec, foi consultado em 1816 por uma senhorita que sofria do coração. O médico, por acanhamento, não querendo encostar o ouvido ao peito da moça, para auscultá-la, enrolou um pedaço de papel, fez dele um tubo e notou que, através deste, percebia o bater do coração muito claramente. Daí veio ao dr. Laënnec a idéia do invento que se tornou famoso—o estetoscópio.

Eficiência... ou cadeia

Excerto de «The New Leader»

O que se segue é a transcrição literal de uma notícia publicada no número de 16 de dezembro último, do *Pravda*, orgão do Partido Comunista da União Soviética.

«O Promotor Público da Região de Saratov comprovou a produção de cigarros de qualidade inferior da Fábrica de Fumo de Saratov, do Ministério das Indústrias Gustativas da U.R.S.S. Os cigarros postos à venda continham diversas misturas estranhas, quantidade insuficiente de fumo, e estavam envoltos, ademais, em papel rasgado.

«O diretor da fábrica, D. K. Ovchinski, foi condenado a sete anos de prisão; o engenheiro-chefe, P. V. Kireyev e o chefe da produção, V. I. Podshivalin, a cinco anos cada um.

«A Primeira Oficina de Costura de Erivan vinha entregando sistematicamente aos seus fregueses roupas de baixa qualidade. O engenheiro-chefe, A. T. Avakyan, e o chefe da produção, A. G. Manukyan, foram condenados a cinco anos de prisão cada um.

«A fábrica de fechaduras de Dniepropetrovsk, produziu 72.740 unidades de qualidade inferior. Os responsaveis, o supervisor técnico, G. K. Adartyan, e o chefe da produção, A. V. Kozlov, foram condenados, respectivamente, a cinco e a sete anos de prisão.»

É possivel que o mistério de Point-of-Pines envolva uma advertência aos atuais habitantes do Sudoeste dos Estados Unidos

A cidade que morreu de medo

(*Condensado de «Arizona Quarterly»*)

Albert Q. Maisel

No alto das montanhas do leste do Arizona, os arqueólogos descobriram uma das maiores povoações indígenas, cidade de mais de cinco mil almas, fundada mais ou menos no começo da era cristã. Juntamente com amplas residências, salas para cerimônias, armazens, belos trabalhos de cerâmica e esqueletos bem conservados, os cientistas desenterraram um dos mistérios mais impressionantes de todos os tempos.

A cidade de Point-of-Pines não morreu de morte natural.

Uma noite—cem anos antes de Colombo—o seu povo recolheu-se à hora habitual. No dia seguinte, todos os habitantes, homens, mulheres e crianças, abandonaram precipitadamente a cidade, deixando para trás os seus tesouros—jóias, machados de pedra, flechas preciosas e brinquedos infantís. Na fuga desabalada, até mesmo panelas foram deixadas sobre o fogo.

E nunca mais voltaram.

Qualquer que tenha sido a causa que os levou a abandoná-la, a cidade permaneceu intacta, até que a ação do tempo começou a corroê-la e as nuvens de pó a cobrí-la lentamente, ocultando-a aos olhos do mundo durante seis séculos.

Nos últimos três anos, sob a direção do professor Emil W. Haury, da Universidade de Arizona, e do sr. E. B. Sayles, curador do Museu Estadual, cientistas e estudantes têm procedido a escavações afim de reconstituir, através dos séculos, a história do desenvolvimento gradual e do súbito colapso daquela civilização.

Já se sabe ao certo que os habitantes da cidade não eram nômades. Libertara-os do nomadismo a planta miraculosa que é o milho. Em suas primeiras casas rústicas, foram encontrados

depósitos de forma circular cavados no chão, com cerca de metro e meio de profundidade, cobertos por um tampo feito de fibras trançadas e lama. Nesses silos primitivos, eram armazenados os preciosos grãos, depois de moidos laboriosamente pelas mulheres, que os esfregavam com uma pedra no côncavo de um bloco de lava.

Chegaram, depois, do norte, novos habitantes—os anasazi, palavra que no idioma navajo significa «os antigos». Pacificamente, construiram os seus vilarejos de pedra ao longo das choupanas dos primitivos habitantes. Com o correr dos séculos, começaram a utilizar as rochas vulcânicas da vizinhança. Por meio de machados de pedra, faziam blocos quadrados de rocha que, com enorme esforço, transportavam encosta abaixo até à cidade. Afim de se pouparem ao trabalho de construir novas casas de quatro paredes, começaram a adicionar «puxados» às estruturas centrais—ou mesmo a levantar mais um ou dois andares. O maior desses aglomerados chegou a ter 800 compartimentos, só no andar térreo, estendendo-se por quase meio quilômetro.

Afim de alimentar a crescente população, os anasazi desenvolveram um extraordinário dom para as obras de engenharia. O planalto que habitavam, de quase dois mil metros de altitude, era semi-árido. As enxurradas produzidas pela fusão das nevadas e pelas chuvas de verão deixavam a terra praticamente esteril. Com surpreendente intuição, os anasazi traçaram uma linha de barragem e levantaram quilômetros de muros de pedra que detinham as enxurradas e as distribuiam por milhares de pequenos terraços engenhosamente dispostos. Essa obra deve ter-lhes custado pelo menos um século de trabalho pois eles não dispunham de nem um animal de tração. Pouco a pouco, porem, os campos foram prosperando e os depósitos de víveres puderam proteger os habitantes contra a ameaça da fome no inverno.

Tudo isso pode ser reconstituido pelos arqueólogos. Sabem eles que a abastança desenvolveu a arte, pois a cerâmica encontrada nas camadas mais profundas é rústica e primitiva ao passo que a dos últimos anos—o Período Áureo, de 1000 a 1200 D.C.—ostenta intricada e policrômica decoração e uma enorme variedade de linhas e formatos.

Point-of-Pines deve ter sido um

empório comercial para várias civilizações indígenas num raio de quase mil quilômetros, pois muitas das suas obras de cerâmica são feitas de barro não encontrado no planalto ou apresentam motivos e cores característicos de regiões situadas a centenas de quilômetros. De acordo com os vestígios encontrados, os homens de Point-of-Pines empreendiam viagens a pontos tão distantes como Chihuahua, no México, à zona do rio Grande e às terras dos índios do deserto, onde estão hoje as cidades de Phoenix e Tucson.

Seu comércio, porem, não se limitava à cerâmica. Depois das colheitas e antes das piores nevadas, os homens desciam para a região de Gila curvados sob o peso de fardos de pele. Voltavam com carregamentos de algodão das terras quentes. Combinando o algodão com as fibras de iuca, as mulheres teciam um pano macio e resistente.

De quando em vez, os homens faziam viagens ainda mais longas. As mulheres anasazi usavam bonitas jóias confeccionadas com madrepérola, que só poderia ter vindo da costa do Pacífico, mais de 1.000 km distante. Seus longos cabelos negros eram enrolados em coques presos por grampos de osso de veado. A hematita—óxido de ferro, vermelho vivo—era usada como *rouge*. Os alunos de Haury encontraram torrões compactos desse corante, cuidadosamente guardados em potezinhos, intactos depois de mais de 500 anos.

Os arquitetos de Point-of-Pines planejaram e construiram amplos *kivas* (salões de cerimônia) um dos quais com cerca de 300 metros quadrados, onde poderiam sentar-se—ou melhor, acocorar-se—500 pessoas. Havia, tambem, muitos outros *kivas* menores, encravados, em parte, no chão e nos quais se entrava por meio de uma escada que descia de uma abertura no teto. Essas salas subterrâneas, sem janelas, ofereciam um dificil problema de ventilação. Os engenheiros anasazi resolveram-no cavando um tunel horizontal através de uma das paredes e uma espécie de chaminé, vertical, até à superfície. O ar quente e a fumaça que emanava da lareira, localizada bem em baixo da abertura central, escapavam através de respiradouros no teto, ao mesmo tempo que entrava o ar fresco pelo tunel lateral.

A vida era boa em Point-of-Pines—tão boa que é dificil imaginar-se por

que seus habitantes teriam abandonado o planalto paradisíaco. Os arqueólogos têm elementos para nos assegurar que a cidade não caiu em mãos dos índios apaches, como aconteceu a outras povoações do Sudoeste. Por onde passavam, esses ferozes nômades deixavam casas incendiadas, com as vigas tombadas sobre os corpos das vítimas. Não há nada disso em Point-of-Pines.

A fome é uma hipótese que tambem foi posta de lado. Haury e Sayles encontraram, em muitas casas, milho e favas carbonizados.

Teria sido alguma peste a responsavel pelo êxodo? Não, pois nesse caso teriam sido encontrados os corpos dos que tivessem ficado agonizantes, abandonados como o foram os fogões e os utensílios de cozinha. Nem um só corpo foi achado.

Como explicar, pois, a evasão em massa? Haury e Sayles têm uma teoria que se baseia em um fato seguramente comprovado pela cronologia dos anéis das árvores estudada pelo dr. A. E. Douglass,* seu colega, e que cobre um período de dois mil anos. Os anéis das árvores constituem a própria história do regime de chuvas. E as observações feitas pelo dr. Douglass em milhares de amostras de árvores revelam que uma grande seca assolou toda a região do Sudoeste dos Estados Unidos durante 23 anos, de 1276 a 1299.

Tal flagelo terá ocorrido pelo menos 100 anos antes do pânico verificado em Point-of-Pines. Não obstante, há muitos sinais de que a seca assinalou o fim do período áureo da cidade. Não há dúvida de que os campos cultivados em terraços e os armazens cheios de cereal ajudaram a tribo a se manter ainda por vários anos. Alem disso, foram cavados poços de um tipo especial, encontrados somente em outro ponto da terra: na longínqua Mesopotâmia. Esses poços tinham a forma de imensos cones invertidos e eram cavados de modo a atingir as fontes de água mais profundas. Os habitantes devem ter descido por esses poços todos os dias, sob um céu seco e um sol escaldante, afim de encher com o líquido precioso milhões de vasos para regar as terras ressequidas e salvar o milho.

À medida que os anos de seca se prolongavam por décadas, os anasazi foram tendo que aprofundar cada vez mais os seus poços, até que os pacientes carregadores de água precisavam fazer três círculos completos, em caracol, para atingir a minúscula poça, no fundo.

Graças a esse sistema de poços, puderam sobreviver até a chegada das chuvas, mas a longa sucessão de anos tão terriveis deve ter ressequido tambem o coração dessa brava gente. Do ano 1300 em diante, sua florescente cultura entrou em rápida decadência. Os sobreviventes, definhados e enfraquecidos pelas duas décadas de provações, tinham de suportar gente demais, envelhecida prematuramente na luta insana contra o flagelo da seca.

Já não havia lazer para a intricada confecção de jóias ou a pintura de objetos de cerâmica. Os próprios mortos já não eram honrados com cerimônias especiais e enterrados com os seus cães, os seus melhores perús, machados e utensílios. Os enterros passaram a limitar-se à remoção dos corpos para quartos abandonados, de cambulhada com vasos quebrados e outras bugigangas.

Os anos de decadência dos anasazi foram-se arrastando; parecia-lhes impossivel restaurar a prosperidade de outrora. Nas reuniões do conselho, no Grande Kiva, devem ter surgido, com crescente insistência, sugestões no sentido de fugirem, de uma vez, aos males que os perseguiam.

Só lhes faltava uma centelha para fazer explodir aquela tensão psicológica. Talvez a centelha tenha sido a palavra «apaches». Em 1385, estes vândalos queimaram e saquearam o povoado de Gila, a apenas 150 km de distância. Essa notícia deve ter sido suficiente para precipitar a fuga.

Para onde teriam ido os anasazi? Os hopi e zuni, que viviam a cerca de 300 km para o norte, eram tambem anasazi e intimamente ligados aos habitantes de Point-of-Pines. Não foi encontrada entre os modernos hopi nenhuma lembrança legendária da chegada, em massa, dos seus irmãos do sul. Sabe-se, porem, que as populações das aldeias zuni aumentaram consideravelmente em fins do século XIV.

Tudo mais acha-se envolto em mistério. Cientistas prudentes que são, Haury e Sayles não se atrevem a predizer que encontrarão a solução. Limitam-se a declarar: «Temos ainda 20 anos de escavações, pelo menos.»

Se vier a ser decifrado, o mistério de Point-of-Pines poderá ser de inestimavel utilidade para o Sudoeste norte-americano. As condições econômicas dessa região são, até hoje, precárias. Cidades como Tucson e Phoenix estão chegando ao equivalente moderno da «idade de ouro» de Point-of-Pines e o crescimento de suas populações vai tornando cada vez mais dificil e problemático o abastecimento de água. É possivel que se venha a encontrar no fundo da terra, sepultada com o segredo de Point-of-Pines, uma advertência secular ao homem moderno, cuja existência facil nessa bela terra de sol está tambem ameaçada pelo espectro da seca.

*Veja «Lendo o passado no cerne das árvores», Seleções, março de 1942.

Na Inspetoria de Veículos

O EXAMINADOR ao requerente de carteira de motorista:

—Que quer dizer o motorista quando põe o braço fora da janela?

—Bem, isso depende, respondeu o candidato.—Se for uma mulher, significa que ela vai virar para a direita ou para a esquerda, ou sacudir a cinza do cigarro, dar marcha à ré, ou parar. Ou está simplesmente apontando para uma loja de chapéus.

—*Albertan*, de Calgary

Os camponeses da Europa central e oriental estão sendo inexoravelmente levados à escravidão

A GUERRA DE STALIN CONTRA OS CAMPONESES

Por Ferenc Nagy

Ex-primeiro ministro da Hungria,

que acaba de fazer uma extensa viagem pela Europa

HÁ VÁRIOS anos já, uma furiosa guerra fria, geralmente ignorada pelos de fora, vem raivando entre Moscou e seus subservientes governos satélites de um lado, e os camponeses da Europa central e oriental do outro. Os fazendeiros de espírito democrático, dos paises dominados pela Rússia, são o único setor da população cercada pela Cortina de Ferro que persiste na luta contra a ditadura de Stalin, o aniquilamento da liberdade individual e a expropriação da propriedade privada. Do resultado de sua resistência depende, em larga escala, o futuro do Velho Mundo, e talvez de boa parte do Novo.

O objetivo comunista é transformar os fazendeiros da Europa central e oriental—que constituem a maioria da população da maior parte desses paises—em trabalhadores proletários que, sem propriedade privada, trabalhem nos vastos estabelecimentos coletivos possuidos e administrados pelo Estado, por salários que o Estado determine. É dificil avaliar a brutalidade dos meios usados para tal fim. A mim, agora em minha pacífica fazenda, na Virgínia, parece-me quase incrivel que, há poucos meses, estivesse eu ouvindo o que me contava essa gente perseguida e exasperada, que está sendo levada à prisão, à tortura e à morte, pelo simples fato de desejar possuir sua terra e ganhar o pão cotidiano à sua maneira. Mas foi o que ouví, e a história seguinte é um caso típico.

Numa pequena aldeia húngara, um dos fazendeiros locais entrou na taberna para tomar um copo de vinho. Conservou-se prudentemente calado quando dois desconhecidos, que se diziam camponeses de outra região do país, começaram a falar de política. Criticaram eles as leis agrárias, amaldiçoaram as escandalosas exações impostas sobre as colheitas, e condenaram o governo. Após cerca de uma hora, o fazendeiro não aguentou mais. Aqueles homens eram, evidentemente,

companheiros de infortúnio. E ele se expandiu tambem. Os outros acenavam com a cabeça em assentimento a tudo quanto ele dizia. Cedo, na manhã seguinte, os dois estavam à porta do fazendeiro. Mostraram suas credenciais—polícia política. O fazendeiro foi condenado por sabotagem e traição e removido para a U.R.S.S. para «educação correcional». Nunca mais se soube dele.

A guerra do comunismo ao fazendeiro começou, na Rússia, nos primeiros dias do regime vermelho. Por volta de 1920, o governo de Moscou compreendeu que a bolchevização nacional seria impossivel se não se anulasse o poderio dos camponeses proprietários de terras, que controlavam o abastecimento alimentar do país. Por meio de propaganda e promessa de generosas recompensas, Moscou agitou as classes camponesas mais pobres, as dos possuidores de pouca ou nenhuma terra, contra os *kulaks*—fazendeiros que possuiam terra bastante para empregarem lavradores a jornal. Finalmente os camponeses mais pobres foram aguilhoados a «se revoltarem» contra os *kulaks*. Então, atendendo ao «grande apelo popular», o Governo Soviético expropriou os *kulaks* e com suas terras fundou fazendas coletivas. Centenas de milhares de fazendeiros espoliados foram removidos para a Sibéria, e muitos milhares morreram no caminho, durante um dos mais sangrentos episódios da história russa. Mais tarde, até as menores fazendas foram expropriadas, de modo que hoje o fazendeiro independente já não existe na U.R.S.S.

É exatamente isto o que os governos satélites, por ordem de Moscou, estão fazendo agora na Europa central e oriental. Na Rumânia, por exemplo, aproximadamente a metade da terra cultivavel já está em mãos do governo, e é lavrada por trabalhadores agrícolas chefiados e pagos pelo Estado. Os camponeses que ainda possuem terras, são obrigados a trabalhar dois dias por semana nas fazendas do governo, por um salário que, no fim do mês, corresponde ao custo de um pão.

A primeira medida de Moscou para a bolchevização dos fazendeiros da Polônia, Rumânia, Bulgária e Iugoslávia, foi criar um regime de terror para eliminar os líderes camponeses. Depois que Mikolajczyk, presidente do partido camponês da Polônia, foi exilado, mais de 10 mil polacos com influência entre os camponeses de suas respectivas localidades, foram presos e desterrados para a U.R.S.S. Na Rumânia, o lider camponês Maniu e 18 mil de seus mais leais seguidores foram encarcerados por «traição». Da maioria deles, nunca mais se teve notícia. O porta-voz dos camponeses da Bulgária, dr. George M. Dimitrov, conseguiu evadir-se; mas seu substituto, Nikolai Petkov, foi executado e 12 mil pessoas foram arrancadas de seus lares e removidas para a Rússia. Os comunistas, chefiados por Mathias Rakosi, apoderaram-se do governo da Hungria em 1947, impuseram o exílio a mim e a Bela Varga, e despacharam Bela Kovacs—o terceiro dos principais representantes dos camponeses—

para a U.R.S.S. Quase todos os nossos mais jovens líderes camponeses foram presos por «conspiração contra a República do Povo». Deles, mais de 8 mil estão agora na Rússia, em campos de concentração e de trabalhos forçados.

Mesmo sem liderança, porem, os camponeses húngaros eram demasiado numerosos e demasiado fortes para que o governo de Rakosi pudesse intimidá-los e reduzí-los à inatividade imediata. De modo que se recorreu ao sistema russo. A imprensa e o rádio começaram a falar com insistência da «tirania dos *kulaks* e de sua vergonhosa exploração do trabalho escravo». Todos os dias, faziam-se apelos aos camponeses mais pobres para que «quebrassem o jugo» e exigissem uma «distribuição equitativa da propriedade».

Várias reformas agrárias haviam sido instituidas por governos não comunistas do após-guerra, para repartir os latifundios baroniais entre pequenos fazendeiros e entre trabalhadores agrícolas que nunca tinham possuido terra. Essa partilha era rigorosamente feita sem qualquer consideração partidária. Depois que o governo Rakosi galgou o poder, foram estabelecidos comitês regionais controlados pelos comunistas, e só os membros do partido passaram a ser aquinhoados com essas terras.

Simultaneamente, ao passo que aos fazendeiros menores se davam alimárias e sementes, e se lhes permitia usarem tratores e outras maquinarias modernas de propriedade do governo —raras na Europa oriental—quem quer que possuisse mais de 6 hectares era asfixiado por impostos exorbitantes. Uma exação principal arrancava ao fazendeiro de posses consideradas médias, cerca de 50 por cento de suas reservas financeiras, e até 75 por cento das reservas aos mais abastados. O imposto territorial anual sobre todas as propriedades de mais de 4 hectares e a taxa do fomento agrícola sobre as propriedades de mais de 6 hectares são praticamente confiscatórios. Esses impostos estão arrastando rapidamente os fazendeiros a contrair dívidas para cuja liquidação o governo se apodera das propriedades.

O Estado decretou que um lavrador a jornal só pode trabalhar quando e onde escalado pelo serviço de intercâmbio do trabalho, que é controlado pelos comunistas. Quando um *kulak* requer o escalamento de mão de obra para a sua propriedade, aquela repartição faz orelhas moucas.

Acontecem ainda outras coisas na Hungria. Todos os anos, o conselho de produção agrícola determina o que, e em que espaço de terreno, cada fazendeiro cultivará. Sempre que essas «normas de produção» são estabelecidas, os conselhos locais escolhem alguns *kulaks* e lhes atribuem quotas que eles não podem, provavelmente, satisfazer. Finalmente, essa falta é «descoberta» pelos inspetores do governo, e os fazendeiros são presos por crime de sabotagem. As sentenças variam de prisão por longo prazo e multas confiscatórias, até desterro e morte. Com as terras expropriadas a esses desventurados, o governo húngaro já montou umas 2 mil vastas fazendas coletivas.

A idéia do coletivismo agrícola, como originalmente exposta pelo governo com atraente propaganda, pareceu boa a muitos camponeses. Cada um deles teria um amplo pedaço de terra, sementes e fertilizadores a preço barato, tratores e combinadas quase de graça, do almoxarifado do governo—e prosperidade assegurada pelo Estado. Para muitos fazendeiros, a promessa de eficiência no trabalho e de facilidade nas vendas fazia sentido.

«Isso foi antes de sabermos o que realmente acontece,» disse-me um lavrador de uma fazenda coletiva, que fugira para a Áustria. «O chefe diz o que se deve plantar e quantas horas se deve trabalhar. Quando não se semeia ou colhe num certo tempo a quota estipulada, é cortada a ração de alimento ou dividendo—como são chamados esses salários de fome. Os capatazes das fazendas coletivas são agentes da polícia e delatores, não lavradores. Ninguem ousa queixar-se de nada, com medo de punição.» Na Hungria, agora, o camponês com um hectare de terra é tão violentamente contrário ao coletivismo agrícola, como o que tem 80 hectares—a maior extensão de terra que um indivíduo pode possuir.

A ordem desceu de Moscou a todos os paises satélites: os camponeses que possuem terras, grandes ou pequenas, devem ser olhados como perigosa classe capitalista, e eliminados. A verdadeira batalha começou.

O camponês da Europa ocidental é sóbrio e sempre se alimentou a si mesmo e aos seus. Come suas próprias batatas, transforma seu próprio trigo em farinha, e a farinha em pão. Para esmagar essa independência, foram criados tão altos impostos sobre as colheitas e sobre a criação, que ao fazendeiro individualista não sobra nem o bastante para se alimentar a si mesmo. A exação do outono de 1948, na Hungria, deixou o camponês com um estoque de cereais que só lhe permitia aguentar-se até janeiro de 1949. A partir de então, ele se viu na contingência de recorrer ao Estado para o próprio sustento. Qualquer «mau comportamento político» é logo punido com a cassação do cartão de racionamento.

Os camponeses responderam a essas confiscações com vários ardís. O «sistema da bicicleta», por exemplo, tornou-se muito comum. Quando o trigo e o centeio, já segados, ainda se encontram no campo, homens e mulheres saem de noite em suas bicicletas e estendem um pedaço de lona perto de um montão de molhos de espigas. Com a bicicleta de cabeça para baixo, encostam a roda trazeira nas espigas e giram-na rapidamente. Depois que a debulhadora improvisada termina seu trabalho, arrumam novamente os molhos e voltam para casa com um saco de grãos.

Estes estratagemas são lamentavelmente ineficientes contra o poderio do Estado. Pelotões motorizados de agentes comunistas patrulham os campos e, em visitas de surpresa, devassam as fazendas para verificar as plan-

tações e criações. Quando o comandante de um pelotão não fica satisfeito com as contas que lhe são prestadas, pode confiscar imediatamente tudo quanto o fazendeiro possui—cavalos, tratores, sacos de cereais, ou dinheiro. Pode tambem infligir o castigo que lhe pareça apropriado—de multa a espancamento brutal.

Os celeiros da Hungria estão cheios até o teto, e o excedente, enviado para a U.R.S.S., sobrecarregou de tal maneira os celeiros da Rússia ocidental, que milhares de toneladas de grão foram deixadas a apodrecer. Oficialmente, porem, o governo de Budapeste proclamou a existência de uma desastrosa escassez de alimentos que «ameaça a própria existência da República do Povo». O coletivismo, declarou Rakosi, é a única salvação. No futuro, só as fazendas coletivas receberão sementes e fertilizantes a preço baixo. Será proibida a venda a indivíduos, de tratores e outras máquinas agrícolas pesadas. E, finalmente, os impostos e as exações sobre as colheitas nas fazendas privadas, serão proibitivos.

Mas o fazendeiro da Europa central e oriental é muito mais instruido e mais inteligente que o russo. Por muitas gerações, ele tem sido o sustentáculo de seu país, na paz como na guerra. «Se eu fosse o marechal Stalin,» disse-me um jovem camponês, coletivista à força, «eu não confiaria demasiado em nossa lealdade ou auxílio, se jamais alguma ameaça pesar sobre nossa própria República do Povo.» Ele estava falando por milhões de outros.

«*Saidas*» *inesperadas*

UM PROFESSOR de Nova York, visitando a Universidade da Califórnia, em Los Ângeles, acompanhado do diretor de uma das faculdades, o qual lhe servia de guia, ficou impressionado com a imponência dos edifícios, os extensos gramados cercados de eucaliptos e os campos de atletismo.

—Extraordinário! disse ele.—E quantos estudantes tem a Universidade?

—Deixe-me ver, respondeu o diretor, pensativo.—Calculo ao redor de um por cento.

—*Script*

A BORDO de uma fragata canadense, Jones, foguista de primeira-classe, prestava exame para promoção.

—Que passos o senhor daria no caso de um escapamento de ar na caldeira? perguntou o maquinista-chefe.

Jones refletiu um momento e respondeu, com segurança:

—Passos rápidos em direção à sala de caldeiras.

—Glen McNeil

Horas de infância, cuja mágica recordação se prolongou pela vida a fora...

O dia em que empinamos os papagaios

(*Condensado de «Parents' Magazine»*)

Por Frances Fowler

«LINHA!» gritou meu irmão, entrando pela porta dos fundos como um pé de vento. «Precisamos de muito mais linha!»

Era sábado e, como sempre, dia de grande azáfama lá em casa, pois, conforme diz a Escritura, «seis dias trabalharás e farás toda a tua obra», e nesse tempo todos nós tomávamos a letra a sério. Lá fora, papai e o sr. Patrick, o vizinho do lado, andavam entregues a suas tarefas de jardinagem.

Dentro de suas casas, mamãe e a sra. Patrick procediam às grandes limpezas da primavera. Aquele dia ventoso era ideal para dar uma limpeza em regra nos armários e arejá-los. Nas cordas do quintal já as roupas de lã drapejavam na aragem viva.

Não sei como foi, os pequenos tinham conseguido escapulir para os terrenos baldios dos fundos, levando suas arraias de papel. E agora, correndo o risco tremendo de que o irmão fosse agarrado para o detestavel serviço de bater os tapetes, eles o tinham mandado a casa, com o recado de arranjar mais linha para as arraias. Parece que não havia limites para as alturas a que os papagaios podiam subir naquele sábado de ventania!

Mamãe foi espreitar pela janela. O céu estava dum azul resplandescente; a brisa, fresca e estimulante. E lá em cima, em pleno mar de azul, vogavam grandes nuvens brancas, ao sabor do vento. O inverno tinha sido longo e rigoroso, mas a primavera havia enfim chegado.

Mamãe relanceou os olhos pela saleta em desordem, com a mobília toda desarrumada para a grande limpeza espartana, e voltou a fixá-los no quadrado da janela: «Andem daí, meninas, vamos levar a linha aos rapazes, e ver como eles empinam os papagaios. É só um minuto!»

Já a caminho, encontramos a sra. Patrick, que ria com ar de culpa, acompanhada pelas filhas.

Nunca se tinha visto um dia como aquele para soltar papagaios! Deus não nos oferece dois dias assim no correr de um século... Demos toda a

nossa linha aos papagaios, e mesmo assim eles continuaram subindo e subindo, até que já mal se podiam distinguir no céu, pequeninas estrelas de papel côr de laranja. De vez em quando, enrolando a linha, puxávamos um deles para baixo, devagar, até que ele, aos pulos e esticões, vinha bater no chão—só para termos o prazer de tornar a soltá-lo ao capricho do vento! E que alegria não era correr por alí a fora, aos ziguezagues, arrastando-o no ar, para daí a pouco vermos os nossos pobres movimentos de criaturas presas à terra refletidos na majestosa dança das arraias no céu azul! Escrevemos mensagens em pedacinhos de papel, os «estafetas», que depois mandávamos subindo pelo fio acima. Lenta, irresistivelmente, os «estafetas» marinhavam até chegar aos papagaios. Não havia dúvida que todos os nossos desejos, assim transmitidos, se haviam de realizar!

Até os pais largaram a enxada e o martelo, e foram juntar-se ao grupo. Nossas mães, rindo como meninas de escola, tambem seguraram os fios por alguns momentos. O vento lhes arrancava os caracóis das toucas, esguedelhando-as, jogando-lhes os cabelos nos olhos, batendo e colando os aventais caseiros em torno de suas pernas. E à nossa alegria vinha misturar-se alguma coisa de parecido com o êxtase. Pois se até as pessoas crescidas estavam brincando conosco! Em dado momento olhei para mamãe, e ela me pareceu realmente bonita. E passava bem dos 40!

Nunca chegamos a saber como foi que as horas correram naquele dia de supremas alegrias. Não havia mais horas: tudo era um momento presente que se perpetuava, dourado e arrebatador. Acho que todos estávamos um quase nada embriagados. Os pais esqueceram seus deveres e compostura; os filhos deixaram de lado as rixas e os despeitos. Pensei confusamente: «Talvez tudo seja assim no Reino dos Céus...»

Escurecia já quando, ébrios de ar livre e sol, nos encaminhamos sonolentamente para casa. Acho que comemos uma ceia qualquer, e que ainda se fez uma espécie de arrumação, pois no dia seguinte, domingo, Dia do Senhor, a casa tinha uma aparência suficientemente digna...

A coisa estranha foi, porem, que não voltamos a mencionar aquele dia inigualavel! Eu, por mim, sentia um vago embaraço em falar disso. Com certeza, ninguem tirara daquilo tanto e tão fundo gozo como eu! Fechei essa memória à chave no mais fundo de mim, onde costumamos guardar «as coisas que não podem ser, e no entanto são...»

Os anos passaram, até que um dia eu andava como uma tonta de um lado para outro, na minha cozinha do apartamento urbano, fazendo esforços para dar conta de mil pequenas tarefas, enquanto a minha guria de três anos teimava, em brados, que queria ir ao parque ver os patinhos.

«Mas eu *não posso* ir!» exclamei. «Tenho isto e mais aquilo que fazer, e quando terminar vou estar muito cansada.»

Minha mãe, que estava de visita lá em casa, levantou os olhos das ervilhas que eu lhe dera para descascar e disse: «Está um dia maravilhoso, faz calor mas sopra uma brisa fresca e agradavel. Faz-me lembrar aquele dia em que empinamos os papagaios.»

Parei, como galvanizada, entre o fogão e a pia. A porta que estava trancada no fundo de mim se abriu de repente, arremessando-me uma golfada de recordações. Arranquei o avental, e disse à minha garota: «Vamos, você tem razão. Está um dia tão bonito que é uma pena perdê-lo.»

Mais dez anos passaram . . . Era logo após uma grande guerra, e tínhamos levado toda a noite fazendo perguntas ao nosso soldado de regresso, o mais jovem dos Patrick, sobre as suas experiências de prisioneiro. Ele falou à vontade, mas depois calou-se e ficou muito tempo em silêncio. Em que estaria ele pensando—em que negras e medonhas coisas?...

De repente seus lábios se abriram num sorriso e ele disse: «Olhem aquí, vocês estão lembrados... Não, que idéia, quem se havia agora de lembrar! Talvez esse dia não tenha deixado em vocês a impressão que me deixou...»

«Lembrados do quê?» indaguei.

«Quando eu estava no campo de prisioneiros, e as coisas não nos corriam muito bem, eu costumava pensar muito nisso...Vocês se lembram do dia em que empinamos os papagaios?»

Chegou o inverno, e com ele o dia triste de ir levar nossas condolências à sra. Patrick, cujo esposo acabava de falecer. Eu temia essa visita. Não podia imaginar como é que a sra. Patrick se havia de habituar agora à solidão.

Conversamos durante algum tempo a respeito de minha família e dos netos dela, e da grande mudança por que passara nossa cidade. Depois ela se calou, de olhos descidos no regaço. Puxei o pigarro, embaraçada. Era preciso que eu dissesse alguma coisa, uma palavra de conforto na dor—e ela ia com certeza começar a chorar...

Mas, quando voltou a erguer os olhos, a sra. Patrick sorria! E disse: «Imagine, estava aquí sentada pensando... Henry se divertiu tanto naquele dia! Frances, você se lembra daquele dia em que empinamos os papagaios?»

Resposta inesperada

ROSSINI, o compositor italiano, foi informado de que alguns ricos admiradores franceses planejavam erigir uma estátua em sua honra.

—Quanto custará? perguntou.

—Cerca de 10 milhões de francos, foi a resposta.

—Dez milhões! exclamou o compositor. Por cinco milhões eu mesmo me instalaria no pedestal.

—Bennett Cerf

Fatos e histórias a respeito de um deus que se diverte como homem, e de seu herdeiro que desposou uma estrela do cinema

O AGA, ALY E RITA

(Condensado de «Life»)
Robert Coughlan

CERTA VEZ, quando o romancista francês Maurice Barrès viajava pela Síria, encontrou um grupo de nativos a orar em frente a um retrato, numa capela erguida à beira da estrada. Barrès reparou no retrato e disse com assombro: «Mas esse homem é o Aga Khan, do Ritz. Vocês estão certos de que ele é deus ? Muitas vezes eu o encontrei nas corridas em París.» O sacerdote do grupo disse com dignidade: «E por que não poderia um deus ir a París e às corridas, se ele assim o quisesse?»

A incontestavel lógica desta resposta explica muitas coisas que, para a mentalidade ocidental, parecem incongruentes na carreira de Sua Alteza, o Mui Nobre Aga Khan, e na vida de seu filho mais velho, Aly Khan. Por direito de herança, as probabilidades de Aly vir a ser, oportunamente, uma entidade divina, são douradas. Portanto, é lícito aos seguidores de seu pai pensarem: «Por que não poderia o filho de um deus ir a festas, dirigir automoveis de corridas e casar com Rita Hayworth, se ele assim o quisesse?»

De fato, o ponto de vista dos sectários do ismaelismo—ramo da religião muçulmana de que o Aga Khan é o Imame ou lider espiritual—é que o Aga Khan e sua família não têm apenas o direito de gozar os prazeres do mundo, senão tambem o dever de procurá-los. O Profeta Maomé disse: «Para onde quer que te voltes, verás a mão de Deus.» Se a mão de Deus está em toda parte, segue-se que quanto mais intensamente se viva, tanto mais perto se estará da comunhão com o Todo-Poderoso.

Como pastor espiritual de cinco milhões de fiéis, o Aga Khan deve dar o bom exemplo. Pode-se admitir certos momentos de hesitação e escrúpulos, como os que ocorrem a muitos líderes espirituais; mas de Sua Alteza jamais se dirá que vacilou ante uma terceira porção de *soufflé* ou a perspectiva de passar uma temporada em Deauville.

O próprio Aga Khan afirma que «é preciso conhecer a vida para não ser dominado por ela». Assim sendo, tornou-se-lhe necessário passar boa parte de seus dias na Europa, onde há tanto

ensejo de acumular sabedoria. Seu dever era claro—e o Aga Khan dedicou-se a cumprí-lo com uma mentalidade e um físico perfeitamente adequados à função. Curioso insaciavel, perspicaz, o seu bom humor sempre alerta e sua simpatia fizeram dele um hóspede bem-vindo em toda parte e um anfitrião desejavel. Dispõe de tanto vigor e vitalidade que mesmo agora, aos 72 anos, e após várias operações sérias, desperta com os passarinhos e joga seu golfe todas as manhãs.

O Aga Khan, que foi feito Imame aos oito anos, vem sendo nas últimas décadas assunto de mexericos, de assombro e de muitos contos mirabolantes—estes últimos falsos em sua maioria.

A história que mais o irrita é aquela segundo a qual a água por ele usada no banho é engarrafada e vendida a seus fiéis, que a consideram um elixir eficaz contra a má sorte e os maus espíritos e, quando bebida, boa para curar caspa. «Isso é uma história horrivel,» diz o Aga Khan. «Eu a detesto. Nós temos, de fato, uma espécie de água benta, como a dos católicos, e muita gente já terá tido ocasião de ver os nossos fiéis levaremna consigo.»

Uma série interminavel de lendas gira em torno à fortuna do Aga Khan. Diz-se que ele tem dois e meio bilhões de dólares em ouro acumulado em seus cofres de Bombaim, e que só sua coleção de rubís vale 250 milhões de dólares. Isso de ter ouro inerte em cofres subterrâneos é coisa que repugna a Sua Alteza. Houve tempos em que ele foi acionista de mais de cem companhias e disso lhe ficou a reputação de habil financista. «Agrada-me dizer que sempre tive confiança na Texas Company,» disse ele recentemente. «Soube, logo no começo, dos depósitos de petróleo da Arábia, de modo que tive ensejo de tirar proveito disso.»

O discernimento do Aga Khan em matéria de cavalos de corrida é igualmente sem paralelo. Quatro de seus cavalos já ganharam o Derby de Epsom Downs, na Inglaterra. Aly, que herdou boa

parte da sagacidade do pai neste campo, comprou o ano passado metade dos interesses dos estábulos e assumiu-lhes a administração. A manutenção destes estábulos custa cerca de um milhão de dólares por ano, mas o Aga Khan está convencido de que seus cavalos rendem bastante para cobrir os gastos. De fato, só a venda de cavalos e o preço cobrado pela fecundação de animais alheios, têm dado mais do que isso.

Outra história que entristece Sua Alteza é a que diz que todos os anos ele é pesado em ouro ou diamantes por seus sectários e utiliza o dinheiro para seus prazeres pessoais. A verdade é que somente duas vezes foi pesado em ouro: uma por seus seguidores da Índia, e outra pelos da África, por ocasião de seu jubileu de ouro como Imame. O valor total do ouro foi cerca de 235 mil dólares. A pesagem de potentados em ouro é um costume tradicional indiano, mas em diamantes não tem precedentes. Isto aconteceu há três anos, quando se comemorava o jubileu de diamante do Aga Khan, ao completar ele 60 anos de serviços religiosos. Foi então pesado, primeiro em Bombaim, onde a balança registrou 110½ quilos, isto é o equivalente, em diamantes, a 2 milhões e 200 mil dólares. Depois, no mesmo ano, na África oriental, seu peso em diamantes correspondia a apenas um milhão e 400 mil dólares, porque ele havia perdido 220 gramas e porque seus sectários africanos, menos abastados, se serviram de pedras menos valiosas. Excetuando algumas gemas que guardou como lembrança, o ouro e os diamantes foram devolvidos a seus seguidores para o custeio de escolas, hospitais e outras obras uteis à comunidade.

O Aga Khan herdou numerosos palácios, objetos de arte e outros pertences reais, inclusive uma coleção de rubís avaliada em cerca de dois e meio milhões de dólares (não 250 milhões, como frequentemente se diz). Muitas dessas propriedades, inclusive os rubís, são transferiveis com as funções de Imame, e portanto passarão oportunamente a Aly e Rita.

O Aga Khan tem ainda uma vultosa receita que lhe vem de seus seguidores, na forma de tributo anual. A seita está disseminada por toda a Índia, África oriental, África do Norte, Oriente Médio e Ásia. O Aga Khan diz que só usa, para seu sustento pessoal e de sua família, cerca de dez por cento da importância dos tributos, e que devolve o resto na forma de doação para escolas, bolsas de estudo, troféus esportivos, hospitais, para os escoteiros ismaelitas e as tropas de guias femininas, bem como para a reparação de mesquitas e outras inumeraveis boas obras.

Segundo declara o Aga, sua árvore genealógica começa com o Profeta Maomé, 1.300 anos atrás. Ele nasceu na Índia, mas seus ancestrais recentes são todos persas. Seu avô, Hasan Ali Shah, jovem da corte real da Pérsia, mereceu as boas graças do Fateh Ali Shah que lhe deu a alcunha de «Aga Khan». «Aga» é um tratamento tártaro de respeito, como «sahib» ou «excelentíssimo senhor». «Khan» é uma palavra mongólica que significa «rei» ou «chefe». A alcunha pegou, e o soberano oficializou-a mais tarde, tornando-a hereditária.

Sob tão protetora sombra o Aga Khan I medrou, e foi ele quem fundou a fortuna que deu ao presente Aga Khan o ensejo de começar bem a vida.

Não obstante suas muitas viagens empreendidas desde a juventude, o Aga Khan jamais descuidou dos seus deveres como Imame. É verdade que tais deveres não eram penosos, pois ele próprio diz: «Sou como um monarca constitucional—os outros fazem a maior parte do trabalho pesado.» Mas para ele, a Índia, e particularmente Bombaim, foi sempre o seu lar; alí passava um mês, todos os invernos, para dirigir serviços religiosos, realizar casamentos, receber peregrinos e dar conselhos. Os verões, passava-os em Poona. Atendido por mil servidores, vivia a vida de um típico nababo indiano.

Destacava-se, entretanto, pela soma de conhecimentos que havia acumulado. Sua mãe, mulher expedita e decidida, supervisionara-lhe os estudos com severa devoção e dera aos mestres dele absoluta autoridade disciplinar. Daí resultou que o jovem Aga Khan cedo conquistasse a reputação de sabedoria. Aos 16 anos, quando uma peste devastava a Índia, ele se fez vacinar várias vezes em público para convencer seus seguidores de que esse mistério do Ocidente merecia confiança. Exerceu atividade política na Índia, onde organizou a Liga Muçulmana. Mais tarde, representou a India na Liga das Nações. Em 1937, como coroação de sua carreira nos negócios internacionais, foi eleito presidente da Assembléia desta última.

Uma das falsas histórias que o atingem pessoalmente e que ele detesta, diz que ele tem quatro mulheres e mantem um harem. Como maometano, é claro, cabe-lhe o direito de ter quatro esposas; mas como homem ocidentalizado, ele repudia esse direito por motivos de bom gosto e sabedoria. Teve quatro mulheres, é certo, porem nunca mais de uma de cada vez.

Sua segunda esposa, uma linda bailarina italiana, deu à luz Aly Khan a 13 de junho de 1911. Aly passou a juventude na Itália, França e Suiça. Dedicou-se a automoveis de corrida e aprendeu a voar. É excelente ginete e joquei-amador: montou mais de cem vencedores. Mas as matérias escolares aborreciam-no e na maioria delas saiu-se sofrivelmente. «Infelizmente,» disse certa vez o Aga Khan, «Aly teve uma educação inteiramente ocidental. Seu árabe não é suficientemente bom para torná-lo aceitavel na sociedade dos paises orientais.»

Durante a guerra, Aly serviu no Exército da França, e na Legião Estrangeira Francesa; com os ingleses, na África do Norte e na Índia; e com os norte-americanos, no Sexto Grupo do Exército, durante os desembarques no sul da França. Exerceu várias funções, de combatente a ocupante de cargos no governo militar; subiu de segundo-tenente a tenente-coronel e ganhou a Cruz de Guerra com Palmas,

da França, e a Estrela de Bronze, dos Estados Unidos.

Em 1935, aos 24 anos, Aly foi o terceiro vértice de um triângulo, no processo de divórcio promovido por Thomas Loel E. B. Guinness, herdeiro da fortuna dos célebres cervejeiros ingleses. A ex-sra. Guinness e Aly casaram-se em París uma semana após o divórcio. Tiveram dois filhos: Karim Aga, agora com 12 anos, e Amyon Mohamed, com 11. O casamento, entretanto, transformou-se, por acordo mútuo, numa simples combinação legal.

Foi precisamente a legalidade desse arranjo que causou mais tarde tamanho reboliço em todo o mundo. As minúcias da assídua corte que Aly fez a Rita Hayworth devem ser conhecidas de quantos saibam ler: como se encontraram na Riviera há um ano, a visita de Aly a Hollywood, as viagens ao México e a Cuba, o bizarro vôo à Irlanda e ao continente europeu, perseguidos de perto por fotógrafos e repórteres.

O escândalo foi sensacional e o Aga Khan não gostou. «A princípio,» disse ele, «a idéia desse casamento me era sumamente desagradavel. Mas depois conhecí Miss Hayworth. Ela é sedutora! Tão recatada e doce. Sim, uma jovem encantadora, verdadeiramente excepcional.»

Rita e Aly planejam fazer a casa de Aly em Cannes—o *Chateau de l'Horizon*—sua residência principal no futuro, com frequentes viagens às suas outras casas. Aly, assim de repente, pode lembrar-se de que tem residências na Irlanda, França, Paquistão, Índia, Iraque, Síria, Irã e África. Rita, de quando em vez, dará uma fugidinha a Hollywood para filmar, porque não tenciona abandonar a carreira... Aly e seu pai estão de acordo com isso. O Aga Khan diz: «Seria lamentavel que Rita não continuasse com seus filmes. É bom para Aly tambem. Isso o manterá interessado.»

Há poucas razões para duvidar que as funções de Imame e a renda pecuniária correspondente passem a Aly por morte do pai. Todavia é concebivel que, por algum motivo, Aly não venha a ser Imame.

«Não é possivel prevermos o que pode acontecer,» disse o Aga Khan recentemente. «É claro que Aly comete loucuras com seus carros e aviões e há anos que, praticamente, vem tentando matar-se.» No caso de que algo aconteça a Aly, o seu meio-irmão, Sadruddin, herdará o título.

O Aga Khan não tem a menor intenção de permitir que o assunto se transforme em problema tão cedo. Espera exercer suas funções por muitos e muitos anos ainda. Sua mãe morreu com 90 anos, e seu avô, Aga Khan I, atingiu os 81. Aga Khan III não vê por que não será ele capaz de alcançar igual longevidade.

Só COMEÇAMOS a gozar as férias quando elas terminam.

—A. G. Gardiner

O LIVRO DE VOVÓ

Por Pamela Hennell

CHEGARA aos 99 anos—idade imensa e terrivel, quando a gente viveu para ver o seu mundo cair em pedaços! Curva e toda encarquilhada, como um pequeno carvalho batido de muitos temporais, mas resistindo ainda com bravura e firmeza, todo o mundo na nossa pequena cidade daquele vale da Califórnia a conhecia por «Vovó».

Quanto a John Riley, pouco devia passar dos 50. Tinha sido em tempos um dos melhores advogados da cidade. Mas isso foi antes de seu filho ter sido morto, por um acidente, durante uma caçada. A partir de então, John perdeu todo o gosto de viver; meteu-se na bebida, tornou-se fraco, moleirão, e fugiu-lhe a clientela.

Ora, naqueles dias da «corrida ao ouro» (já lá vão mais de cem anos) Vovó saira do Missuri para a grande e acidentada jornada até a Califórnia, onde devia ir viver com um tio; mas, quando lá chegou soube que, enquanto ela estava em caminho, ele havia sido assassinado por causa do ouro que possuia. A moça resolveu então fixar-se em uma daquelas tumultuosas povoações abertas a todos os ventos, decidindo abrir uma escola; casou-se com um madeireiro, de quem teve seis filhos—e sobreviveu a todos eles. Depois disso, foi morar com uma sua bisneta, Alice, que tambem ficara viuva, e com as duas filhinhas dela.

Quando já passava dos 80, e não saía de casa, Vovó compreendeu que se estava deixando dominar pelo hábito de viver no passado, como é tão próprio dos anciãos.

«Assim que a gente começa a falar muito das suas recordações, é sinal de velhice!» dissera ela com a sua risada comunicativa. «E torna-se cacete como quê!»

E assim, em vez de falar, começou a escrever a história da sua vida acidentada e pitoresca. A família habituou-se pouco a pouco a ouvir o matracar da velha máquina de escrever. Todos os dias ela trabalhava um pouquinho no seu livro, recusando a toda a gente, inclusive Alice, o privilégio de o ler enquanto não estivesse concluido. Estava quase cega e surda, mas a coragem não a desamparava.

Um dia, já Vovó contava 99 anos, Alice adoeceu e foi mandada para um hospital perto de Sacramento; uns amigos recolheram as duas garotinhas. Vovó recusou-se terminantemente a sair de casa para ir viver com estranhos, sentindo que se tornaria uma carga para eles. Tampouco aceitava auxílios em dinheiro, muito embora as suas parcas economias estivessem quase consumidas. Toda a população do lugar passou a viver numa preocupação constante por causa dela, uma velhinha assim, tão só.

Tendo ouvido dizer que as duas meninas não estavam contentes onde se encontravam, Vovó começou a desesperar-se. Um belo dia, pela manhã, o dono da casa vizinha a encontrou trêmula, de pé, junto da garage. Envergava o seu melhor vestido de outros tempos, um tanto desbotado, e segurava na mão uma bolsa de compras já muito gasta. Perguntou ao vizinho se ele seria capaz de levá-la ao centro da cidade.

O homem, horrorizado, recusou. Havia bem 15 anos que ela não descera à Rua Direita! O esforço podia ser demasiado para a sua debilidade. «Olhe que eu não sou tão velha assim!» replicou a velhinha. «Se o senhor não me levar eu vou a pé!»

O vizinho a levou no carro até o escritório de John Riley. Os olhos quase cegos de Vovó não podiam notar o desalinho do escritório, nem o desalinho ainda maior do advogado. Sorriu para ele, com o sorriso afetuoso dos velhos tempos: «John, eu não me vou demorar muito, porque sei que você tem uma porção de clientes à espera. Só quero pedir-lhe um favorzinho.»

John nem pôde responder, com um nó na garganta, de vergonha. Quanto tempo fazia que não entrava um cliente no escritório?... Um mês, dois meses?... Vovó fôra sempre sua amiga, desde criança, quando ele costumava ir roubar pêssegos no quintal dela. Nebulosamente, tentou lembrar o que ouvira dizer a respeito dela naqueles últimos tempos...

Remexendo na sua velha bolsa de compras, a fragil velhinha tirou lá de dentro um grosso maço de papéis: «John, eu tenho andado a escrever um livro. Você acha que haverá alguem que se interesse em publicá-lo?»

John tirou-lhe das mãos trêmulas o manuscrito, e fê-la sentar-se numa cadeira. Sim, bem que ele se lembrava do tesouro de ricas experiências que ela conhecera nos primeiros dias do Velho Oeste! Lembrava-se tambem de ouvir dizer que ela, quando jovem, colaborara muitas vezes, com as suas histórias, no jornal da terra.

«Não esteja com cerimônias,» atalhou Vovó. «Quero que você me diga a verdade. Talvez o livro não preste para nada.»

O advogado folheou o manuscrito de Vovó, reparando de passagem nos nomes pitorescos que saltavam das páginas. Por fim ergueu os olhos para ela: «Vovó, isto que aquí está é bom,» pronunciou a meia-voz. Depois, lembrando-se que ela não ouvia bem, gritou-lhe ao ouvido: «Eu acho que é muito bom! Veremos o que se pode fazer. Vou mandá-lo a um editor de Nova York.»

John levou-a no carro para casa. Dez dias depois, cheio de júbilo, foi participar-lhe que o editor tivera tempo de ler somente alguns capítulos do livro, mas ficara tão impressionado, que lhe remetera 100 dólares pela opção, e prometia mandar mais dinheiro em breve, por conta do pagamento dos direitos autorais.

Foi um dia de grande orgulho para a boa velhinha. Mandou sem demora voltar para casa as duas meninas, e tomou uma governanta para olhar pela casa.

John passou a trazer-lhe todos os meses 100 dólares, acompanhados de uma carta em que o editor descrevia o progresso da publicação do livro: os seus redatores andavam empenhados em verificar fatos e datas, e em burilar o manuscrito antes de mandá-lo para a tipografia.

John parecia tambem rejuvenescido pelo triunfo de Vovó: passou a beber menos, até que um dia deixou completamente de beber. Atirou-se de novo ao trabalho com o entusiasmo de outros tempos, e os habitantes do lugar começaram a voltar ao escritório dele com consultas e processos.

Passado algum tempo, Alice regressou a casa, convalescente. Vovó, agora com 100 anos completos, e totalmente cega, sustentava a si e a três pessoas da família com as mensalidades que ia recebendo por conta da publicação do livro. Toda a cidade se sentia orgulhosa dela.

Naquela manhã, três meses após o seu 100º aniversário, Vovó não se levantou da cama: havia semanas que as forças lhe vinham faltando cada vez mais. Quando o médico lhe declarou que ela não tinha senão alguns dias mais de vida, a velhinha revoltou-se: estava pronta a deixar este mundo, mas primeiro queria ver o seu livro publicado!

«A senhora vai vê-lo,» prometeu John. Mais tarde ele informou que havia telegrafado ao editor e que recebera boas notícias. Haviam apressado o trabalho na tipografia e o primeiro exemplar lhe seria enviado dentro de poucos dias.

Daí em diante foi só a força de vontade que manteve acesa a chamazinha daquela vida que se extinguia. No dia em que John apareceu com o livro publicado—um grande e grosso tomo com o título e o nome dela gravados na capa—a velhinha estava já meio inconsciente. Embora não pudesse ver, podia tocar o volume, tatear o seu nome com os dedos encarquilhados. As lágrimas encheram-lhe os olhos sem luz:

«Afinal de contas, eu não fui um fardo para ninguem,» murmurou.

Mergulhou pouco a pouco na inconsciência, e duas horas depois expirava tranquilamente, ainda agarrada ao seu precioso livro.

Pouco depois Alice pegou no livro, pôs-se a folheá-lo e, assombrada, olhou para John:

«Mas... é um livro de folhas em branco!» exclamou.

«Espero que você me perdoe,» disse John. «Nunca houve livro algum. Vovó já não via bem, para escrever a máquina. E como não ouvia o sinal da campainha, quando o carro da máquina chegava ao fim de uma linha, continuava escrevendo, sem saber que frases e até parágrafos inteiros ficavam reduzidos a uma pasta negra de tinta ao fim de cada linha. Eu não podia dizer-lhe isso, compreende? Não podia arrancar-lhe a última esperança, desiludí-la...»

«E o editor?» disse Alice quase sem voz. «Ele lhe mandava dinheiro todos os meses!»

Aí John ficou vermelho. Alice pôde compreender tudo. Ele próprio escrevera as cartas do editor; e para fazer os pagamentos adiantados, tinha vendido o seu automovel... E Alice ficava sabendo agora por que motivo John continuava a usar as mesmas roupas surradas, apesar de lhe terem voltado os constituintes...

Ideal inatingivel

A ISENÇÃO de ânimo absoluta é inatingivel: mesmo quando empregamos o melhor dos nossos esforços, até o limite da nossa capacidade de investigação e de reflexão, para alcançar uma decisão justa, chegamos a um momento em que não nos resta senão encerrar a fase especulativa e agir dogmaticamente de acordo com as nossas conclusões. O homem que esperar até redigir um testamento absolutamente justo, morrerá sem concluí-lo.

—George Bernard Shaw

Expediente

EU ESTAVA de visita em casa de uma amiga que acabara de afixar a tabuleta «Aluga-se um apartamento. Não se aceitam crianças»—quando alguem bateu à porta. Surgiu-nos um menino, dos seus cinco anos, de ar sério. Enquanto revirava o chapéu em suas mãozinhas, disse, com dignidade: «Minha senhora, lemos o letreiro na janela e desejamos saber se o apartamento ainda está vago.» Fez uma pausa, enguliu em seco e prosseguiu: «Não tenho crianças. Somos só eu e meus velhos pais.»

Na calçada, avistamos um casal jovem em ansiosa expectativa. É claro que conseguiram o apartamento.

—Dolores Noyer

Ontário encontrou a maneira de levar o ensino às crianças que vivem em lugares remotos

A escola rodante do Canadá

(Condensado de «National Home Monthly»)

Por Blake Clark

AS CRIANÇAS que vivem lá nas distantes solidões setentrionais da província de Ontário não estão privadas de ensino. Vão à escola—e escola bem especial que ela é—servindo-se dos mesmos meios que seus pais adotam para tratar da vida naquele país de invernos rigorosos: raquetas de neve, trenós puxados a cachorros, e canoas. Quanto à escola, não passa de um vagão adaptado, que se atrela à cauda de um trem cargueiro, e se desengata ao chegar a um minúsculo povoado, para abrir as portas, durante cinco dias, ao ensino da meninada local. Antes de ir embora com a escola, a reboque de outro trem, para levar a luz da instrução a um povoado mais distante, o mestre deixa aos seus alunos exercícios domésticos suficientes para mantê-los proveitosamente ocupados durante as cinco semanas seguintes.

Sete dessas escolas rodantes funcionam hoje em Ontário, fazendo visitas periódicas a 31 postos isolados de povoamento. Durante um ano escolar elas percorrem para mais de três mil quilômetros. Os professores moram com suas famílias nos próprios carros. Servindo-se duma bem fornida biblioteca circulante, e dos livros didáticos oficialmente adotados em Ontário, eles conseguem levar aos filhos de caçadores de peles, de empregados braçais ferroviários, de garimpeiros e de índios, os únicos lampejos que esses jovens recebem do mundo situado para alem da curva da estrada.

O «reitor» dessa faculdade sobre rodas é Fred Sloman, homem robusto e suave, de cabelo grisalho e faces rosadas, cujos lábios articulam tão naturalmente uma citação de um clássico, como suas mãos empunham o machado. É ele a um tempo professor, conselheiro e amigo dos que vivem dentro de seu raio de ação de 250 km.

Fred Sloman decidiu consagrar-se ao ensino quando estava na cama de um hospital, convalescendo dos ferimentos que recebera durante a Primeira Guerra Mundial. Ao lado dele jaziam três pobres soldados analfabetos lá dos distantes sertões do Canadá. «Que pena,» pensava ele, «que a estes homens, desejosos de combater pelo seu país, tenha sido negado o privilégio mesmo da educação elementar!»

Acabada a guerra, Sloman se inscreveu voluntariamente para ensinar na primeira escola rodante que se criou, patrocinada pelo serviço escolar público de Ontário. A primeira parada do carro-escola era o «Quilômetro 220». Os meninos que estavam diante do mestre eram sujinhos e confrangedoramente tímidos. Não conheciam as canções infantís, nem as histórias tradicionais, familiares às outras crianças; ignoravam até as mais simples histórias da Bíblia.

Alex, moço de 16 anos, filho de um caçador de peles, nunca vira uma escola, fosse de que espécie fosse. Ninguem na família dele sabia ler nem escrever. De boca aberta, assombrado, ele escutava o mestre que tentava dar-lhe uma idéia do tamanho do mundo, explicando que os trens que seguiam para o oeste, depois de passar o «Quilômetro 220», continuariam rodando de dia e de noite, durante quase uma semana, para chegarem por fim ao Oceano Pacífico, «lago mil vezes mais extenso do que todo este sertão»!

Depois de ter ouvido falar de mais maravilhas, em um só dia, do que ouvira em toda a sua vida passada, Alex pegou no lapis e na ardósia orlada de letras que ele se esforçara por copiar fielmente, e disse com humildade: «Puxa! Aposto que esse pessoal lá de Toronto, se soubesse que este carro vinha parar no meio de gente como nós, nem sequer se tinha dado ao trabalho de o arranjar tão bem arranjado!»

Sloman se esforçou por abrir os olhos daqueles meninos da selva para o sem-fim de coisas belas e sedutoras que até então eles vinham olhando sem ver, todos os dias.

«Quantas árvores vocês conhecem?» perguntou ele um dia à sua classe. As únicas árvores que os pequenos sabiam identificar eram o pinheiro e a bétula, porque essas eram as que eles abatiam para fazer lenha. Sloman pediu a Toronto que lhe mandassem 52 pequenas amostras de madeiras polidas. Um garoto incrédulo, de pouco mais de doze anos, protestou: «Não pode haver tantas árvores crescendo por esse mundo!» Mas não tardou muito que os rapazes virificassem que, só naquela redondeza, existiam 26 das 52 variedades.

Um dia, Johnny Nelson trouxe para a escola um calhau de aparência pouco vulgar. Sloman explicou que aquela pedra, como todas as rochas da vizinhança, pertencia ao estrato chamado laurenciano, que segundo se crê foi a primeira camada daquele território a emergir à tona das águas que, em tempos prehistóricos, o recobriam. A classe ficou boquiaberta! Pois não era que alí mesmo, onde eles estavam,

tinha começado o mundo! Aquela rocha foi o primeiro objeto de um pequeno museu. Outro aluno apareceu depois com um reluzente pedaço de quartzo; outro contribuiu com um fragmento de metal meteórico, que mergulhara na terra nas proximidades do Quilômetro 220; e outros, ainda, trouxeram pontas de flexas dos índios.

Sloman e os seus alunos cobriram as paredes do vagão com objetos que encerravam, cada um, uma história. Mostradores de relógio de madeira, cuidadosamente feitos na própria escola, mostravam as horas em vários pontos do globo em dado momento do dia. Um galho de algodoeiro, com seus frutos, servia para mostrar do que são feitos muitos tecidos. Por trás dos quadros negros, que podiam ser retirados, estavam cartas geográficas, estampas, e um mapa celeste com as estrelas mais importantes visiveis nas várias estações do ano.

«O saber sempre é uma grande coisa!» observou um dia Alex, filho de um caçador de peles, abanando a cabeça.

«Que quer você dizer com isso?» perguntou Sloman.

«Ora, antigamente quando nos mandavam buscar a vaca no pasto, era um trabalho bastante cacete. Mas agora, a gente no caminho se põe a espiar as nuvens, ou as rochas, ou até um besouro, e quando dá por si já está em casa de volta, e parece que foi tudo uma brincadeira.

Sloman levou um dia Wilbur Kowalchuk e mais cinco rapazes a Toronto, onde eles puderam ver arranhacéus, casas-fortes de bancos, restaurantes. Para eles, até a caixa do correio, na esquina duma rua, era uma fascinante surpresa. Quando viram o carteiro abrí-la para tirar a correspondência, um deles observou: «O menos que tem alí dentro são 500 cartas!» Poucos anos depois, quando Wilbur se tornara já empregado da estrada de ferro, mandou 25 dólares ao seu antigo professor, acompanhados deste

recado: «É para o senhor fazer o favor de levar um pequeno a Toronto, como fez comigo.»

Sloman, que nunca tem mais de 16 alunos de cada vez, e com frequência três ou quatro somente, está em condições de dar a cada pequeno uma grande dose de atenção pessoal, individualizada. Mas pensa que o número de dias que a criança passa na escola pouco importa relativamente. «A coisa mais importante,» declara ele, «é desenvolver na criança o incentivo para aprender. Uma vez conseguido isso, é como se um mundo novo se abrisse diante dela!»

Sloman não pode resistir à tentação de ensinar tambem os adultos solitários que, por acaso, entram no carro-escola. Certo domingo à tarde, um jovem trabalhador dos bosques veio alí para trocar a sua ordem de pagamento, e assinou-a de cruz, suspirando: «Era bem bom se eu tivesse ao menos aprendido a assinar o meu nome!»

«Olhe aquí, William,» disse Sloman pondo-lhe um pedaço de giz na mão e agarrando outro para si. «Faça como eu.» E traçou um V no quadro. «Agora repita assim,» ordenou, dobrando o V para formar um W. A mão do rapaz foi seguindo, trôpega, as instruções do mestre, até ter copiado quatro vezes o nome, W. Gatey. Aí, Sloman chamou a esposa: «Venha aquí um minutinho.»

Quando a mulher entrou, Sloman apontou para o que William tinha escrito no quadro, e indagou: «Você é capaz de ler isso?»

«Claro que sou,» respondeu ela. «W. Gatey.»

Nesse instante inesquecivel, o jovem trabalhador compreendeu que ele era tambem capaz de usar as ferramentas do saber.

Com as suas magras economias, Sloman comprou uma pequena máquina de filmar, de 16 mm, e foi tirando filmes dos bebês novos que encontrava por onde passava. Na viagem seguinte, cinco semanas depois, todas as famílias que residiam não muito longe da estrada vinham ver os filmes. As mães notavam como as outras arrumavam os seus filhos. Os cabelos passaram a ser penteados, as unhas aparadas e limpas, os vestidos passados e as camisas engomadas...

Quando as jardineiras e os vasos de plantas que a sra. Sloman tinha nas janelas do carro-escola provocaram elogios, Fred escreveu a uma grande empresa de sementes pedindo amostras, que depois ele e a esposa distribuiam por aquela gente, com as necessárias instruções sobre a maneira de semear e cuidar. Não tardou que as flores começassem a brotar por aquelas janelas até então nuas, e os quintais mostrassem seus rebentos ao lado de quase todas as cabanas e dormitórios coletivos.

Os Slomans conseguiram criar uma feliz família de cinco filhos, naquele lar ambulante de dois cômodos. Margaret, de 16 anos, dois gêmeos de 10 anos, Fredda e Bill, e alem disso um gato, uma cadela com dois cachorrinhos, contribuem para tornar o lar mais alegre e animado. A filha Elizabeth já está no segundo ano da Faculdade de Medicina, e Joan, que se bacharelou em matemática, trabalha hoje em estatísticas. Na parede, sobre a cabeceira de Elizabeth, vê-se a fotografia de um vagão de estrada de ferro, meio arruinado, com a inscrição familiar, escrita com intenção humorística pelo punho do pai: «*Home, Sweet Home*» (Lar, Doce Lar).

Raras vezes Sloman se encontra com um dolar a mais no bolso. Extravagâncias tais como mandar parturientes para o hospital, levar rapazes de visita a Toronto, pagar as despesas de remessa de trouxas de roupa usada, oferecidas por simpatizantes aos amigos necessitados que ele tem—tudo isso ajuda a consumir o seu magro salário.

Mas onde ele encontra a sua maior compensação não é no dinheiro: é nos ex-alunos, como Tony, enteado de um caçador de peles, e que é hoje capataz da maior fábrica de niquel do mundo; ou como François, Rolfe e Maurice, que são guardas do serviço florestal contra incêndios; ou ainda como Jessie, Althea e Meredith, filhas respetivamente de um ferroviário, de um operário braçal, e de um caçador de peles, e que hoje são enfermeiras. Os desejos e ambições deste pioneiro estão inextricavelmente entretecidos com os do povo que vive ao longo da via férrea.

E quando o veloz expresso transcontinental passa trepidante, pelo desvio onde o carro-escola estaciona tranquilamente, o veterano condutor Charlie O'Leary aponta para ele, e explica a um passageiro interessado: «Dentro daquele carro mora um casal que tem feito mais pelo Canadá do que outra qualquer pessoa nesta linha. São as pessoas dessa fibra que transformam um continente em uma nação.»

Ingenuidade

NO INVERNO passado, um aviador norte-americano, em vôo para Bagdá com uma tripulação de três homens e transportando dois cães, observou que a gasolina se esgotara. Sem poder tentar a aterrissagem, devido ao nevoeiro, ligou o piloto automático e atirou-se em para-quedas com os companheiros, deixando no avião os animais.

Os camponeses da Anatólia viram um avião passar através de uma estreita garganta nas montanhas, baixar sobre o vale e aterrissar suavemente em um campo.

A notícia espalhou-se logo por toda a região. Os turcos passaram a encarar o futuro com mais otimismo. Sabiam, agora, que os russos não levariam a melhor. Os incriveis norte-americanos possuiam cachorros treinados para pilotar aviões!

—Time

Pacto do Atlântico= senda de prosperidade

Por
William Hard e Andre Visson

Doze paises ocidentais são agora aliados militares. Por que não podem tambem ser aliados econômicos?

O PACTO do Atlântico Norte cria uma comunidade militar do Atlântico Norte. Isso significa que os Estados Unidos terão de auxiliar a Europa ocidental a rearmar-se.

O Pacto destina-se primordialmente a garantir a paz a todos os seus signatários. Mas deverá, ainda, proporcionar-lhes prosperidade, já que prosperidade e paz são interdependentes.

A contribuição norte-americana para o Programa de Rehabilitação Européia terminará em 1952. Os Estados Unidos já terão, nessa época despendido cerca de 17 bilhões de dólares, em empréstimos e donativos, e o Programa terá permitido à Europa vencer uma crise aguda. Mas terá sanado o maior mal da Europa Ocidental, seu déficit comercial com o resto do mundo? O prestigioso *London Economist* afirma que o déficit da Europa ocidental, em 1952, ainda poderá continuar à razão de três bilhões de dólares anuais. E acrescenta o seguinte:

«Se não forem tomadas medidas ulteriores, depois de 1952, o abalo causado ao sistema econômico europeu pela suspensão do auxílio norte-americano provocará deslocamentos sociais e econômicos tais que comprometerão a estabilidade política européia.»

Portanto, alem de despenderem bilhões de dólares para a rehabilitação militar da Europa, os Estados Unidos poderão ver-se forçados a continuar, mesmo depois de 1952, o dispêndio de bilhões de dólares com a prolongada enfermidade econômica da Europa ocidental. É uma perspectiva desagradavel—desagradavel para os brios da Europa Ocidental, desagradavel para a bolsa, já excessivamente onerada, do povo norte-americano.

No exercício findo a 1.º de julho último, os Estados Unidos despenderam, em auxílios ao estrangeiro, aproximadamente *sete bilhões de dólares*, ou seja, cerca de 120 dólares para cada norte-americano que exerce trabalho remunerado. Já é tempo para que se procure criar no Atlântico Norte, uma prosperidade que não dependa do auxílio unilateral. É tempo de se fundar uma Comunidade Econômica do Atlântico Norte em que, em todos os seus setores, possa haver uma *circulação* de benefícios econômicos. Somente através de tal circulação é que se pode conseguir uma prosperidade autêntica e crescente, seja lá onde for.

O Pacto do Atlântico Norte reconhece tal fato em seu Artigo Segundo. É um artigo que tem atraido relativamente pouca atenção; entretanto, dele poderá depender a salvação daquela aliança. Estipula que as partes signatárias «*buscarão eliminar conflitos, em suas praxes econômicas internacionais, e fomentarão a colaboração econômica entre todos os signatários ou entre quaisquer deles.*»

Mas vejamos uma assombrosa lacuna do Pacto. Seu Artigo Nono prevê a constituição de um comitê militar que promova ação militar conjunta. Em nenhuma parte do Pacto, porem, é prevista a criação de um comitê econômico que fomente ação *econômica* conjunta. No entanto, é somente a solidez econômica integral dos paises do Atlântico Norte que lhes poderá suster o poderio militar conjunto, em tempos críticos.

O Comitê Militar previsto no Pacto deveria imediatamente ser reforçado por um Comitê Econômico. Tal comitê subsistiria após a suspensão do Plano Marshall, em 1952, e seria mantido durante os 20 anos de vigência do Pacto. Deveria ser integrado por homens que, no setor das questões econômicas, fossem do porte dos generais no setor militar.

O Comitê Econômico estudaria propostas que visassem à melhoria das praxes comerciais internacionais, tanto da Europa ocidental como dos Estados Unidos e do Canadá. Primeiramente, porem, da Europa Ocidental. Que é que há com ela? Vamos relatar alguns incidentes ocorridos não há muito.

A Inglaterra, no ano passado, agindo em meio a um labirinto de restrições cambiais, concedeu aos turistas britânicos câmbio para irem à França, mas não para visitarem a Bélgica. A Bélgica nada fez para merecer essa injúria. No ano corrente, os turistas britânicos poderão levar à França a importância máxima de £ 50, mas somente £ 35 à Bélgica.

A França, agindo dentro do mesmo labirinto de restrições cambiais, proibiu no ano passado *toda* importação procedente da Bélgica.

Não faz muito tempo, mil novos tratores italianos estavam encostados, enferrujando nos parques das fábricas. Ao mesmo tempo, outros paises europeus, ainda emaranhados no labirinto das restrições cambiais, não adquiriam tratores à sua vizinha, a Itália, mas sim, através do Plano Marshall, aos Estados Unidos.

Há milhares de operários italianos na França. A França precisa deles.

Mais uma vez, porem, surgem os embaraços cambiais! Os operários italianos experimentam dificuldades em remeter dinheiro às respectivas famílias, na Itália. Portanto, grande número pretende voltar a seu país, o que prejudicará não só a França como tambem a Itália, onde já reina grande desemprego.

A par das restrições cambiais na Europa ocidental, formulam-se planos econômicos ultranacionalistas. E que arma de dois gumes eles podem ser!

O governo britânico, no ano passado, decretou que 45% dos filmes de longa metragem exibidos nos cinemas da Grã-Bretanha fossem de origem nacional. Recurso engenhoso, se não houvesse no mundo tal coisa como a retaliação! Mas há.

Os fabricantes de filmes norte-americanos voltaram-se para o continente europeu. O governo da França decidiu conceder 121 licenças anuais para a importação de filmes norte-americanos, falados em francês, e somente 65 para os filmes de todos os demais paises, inclusive da Grã-Bretanha. O governo da Holanda resolveu fixar a quota de 40 semanas para a exibição de filmes norte-americanos e somente 12 semanas para os filmes de todos os demais paises, inclusive da Grã-Bretanha.

Isso não é senão guerra econômica aberta. Significa dores de cabeça e prejuizos para todos. É completamente incompativel com a amizade econômica que deveria reinar entre os signatários do Pacto do Atlântico. Seria um caso próprio para se submeter à consideração de um Comitê Econômico do Pacto do Atlântico Norte.

Animemo-nos com o fato de que tal comitê encontraria alguns progressos alentadores na Europa ocidental. Constataria que a Administração de Cooperação Econômica, orientada pelo sr. Hoffman, realiza progressos no sentido de persuadir os paises da Europa ocidental a estabilizar as respectivas moedas e a abandonar progressivamente as restrições cambiais. Verificaria que a Bélgica—expoente máximo da «economia livre», na Europa ocidental — já abandonou muitas restrições.

Certo progresso tambem já foi feito no sentido de revogar outras barreiras ao comércio. Tais barreiras são o único obstáculo que impede a Europa ocidental de atingir plena prosperidade. Sir Arthur Salter, diretor, durante muitos anos, da Seção Econômica da Liga das Nações, salienta tal fato com ênfase. Escrevendo em *Foreign Affairs*, afirma que, se os paises da Europa ocidental estabelecessem entre si um mercado isento de toda a interferência oficial nacionalista, poderiam fabricar mercadorias de exportação suficientes para cobrir *todas* as importações de matérias-primas, e de gêneros alimentícios.

Isto é, o déficit comercial da Europa ocidental seria liquidado e, concomitantemente, desapareceria o principal motivo da sua necessidade de dólares provenientes dos contribuintes norte-americanos. Os norte-americanos naturalmente se interessam profundamente por esse aspecto da questão. Dizem alguns: «Que os paises da Europa ocidental sigam o exemplo das 13 colônias norte-americanas e constituam os Estados Unidos da Europa: um só país, dotado de uma única moeda, legislatura e executivo centralizados, e sem barreiras comerciais internas.» Mas os europeus ocidentais são de muitas linhagens, de muitas culturas diferentes e antagônicas, e falam muitas línguas. Fundí-los num único povo é tarefa árdua que consumirá largo tempo.

Nesse ínterim, a Europa ocidental terá de trabalhar com o que possui. Já conta com três novas entidades que muito prometem. Uma delas é a Organização de Cooperação Econômica Européia, que busca harmonizar os planos econômicos de todos os paises participantes do Programa de Rehabilitação da Europa.

A segunda é o Conselho da Europa, constituido pela Grã-Bretanha, França, Bélgica, Luxemburgo e Holanda, e que será estendido a outros paises da Europa ocidental. Representa o maior passo que a Grã-Bretanha já se dispôs a dar, no sentido da constituição dos Estados Unidos da Europa. Será dotado de um comitê de ministros de Estado dos paises participantes e de um orgão consultivo, composto de representantes escolhidos pelos paises filiados.

A terceira é a União Econômica entre a Bélgica, Luxemburgo e a Holanda. No próximo ano, essas três nações, conquanto se mantenham politicamente independentes, tornar-se-ão um único país, no setor econômico. Foi uma das mais dificeis e, ao mesmo tempo, mais admiraveis realizações internacionais de nossos tempos. O exemplo poderia ser seguido, até certo ponto, por outros grupos de paises europeus.

Um Comitê Econômico do Pacto do Atlântico Norte, com representantes tanto da Europa como dos Estados Unidos, poderia reunir as maiores sumidades do setor econômico de ambos os continentes, para incrementar os trabalhos das três instituições. É somente por meio de tais trabalhos minuciosos como esse que se poderá vir a concretizar o magno ideal da formação dos Estados Unidos da Europa. Através do Comitê Econômico do Pacto do Atlântico Norte, os norte-americanos muito poderiam contribuir para tal realização, que seria não somente uma benção para a Europa, mas um benefício para eles tambem.

E os europeus, no Comitê, sem dúvida gostariam de ponderar que talvez alguns dos direitos aduaneiros e quotas de importação em vigor nos Estados Unidos, bem como restrições sobre exportação e imigração, não contribuem para o bem-estar geral da Comunidade Econômica do Atlântico Norte. Estudadas tais ponderações, poderão encontrar-se soluções mutuamente vantajosas.

Lembremo-nos de que a Europa ocidental e os Estados Unidos reunem o maior cabedal de conhecimentos técnicos e de capacidade industrial.

Os Estados Unidos almejam a paz

econômica com a Europa ocidental. Se ambos tivessem completa paz econômica e, consequentemente, sobrepujante força econômica no plano internacional, tornar-se-iam tão respeitados por qualquer possivel inimigo que as possibilidades de terem de invocar as cláusulas militares do Pacto do Atlântico Norte ficariam muitíssimo reduzidas.

Quanto à formulação *e o rompimento* de tratados, isso é um nunca acabar. Os tratados vigoram somente enquanto trazem vantagens aos seus signatários. Façamos votos de que o Pacto do Atlântico Norte tenha vida longa, a serviço da causa da paz mundial. Forjemos, para tanto, indissoluveis vínculos de bem-estar geral e de interesses econômicos entre os povos que o Pacto busca unir na colimação de um objetivo comum.

Maneira facil de complicar as coisas

UMA ESPECIALISTA em economia doméstica, diplomada pela universidade estadual, fazia uma demonstração culinária perante um grupo de senhoras de fazendeiros.

—Tomemos um ovo de um galináceo, explicou ela, —e cuidadosamente perfuremos-lhe a base. Repitamos o processo no extremo superior. Depois, aplicando os lábios a uma das aberturas, façamos descarregar o conteudo do invólucro calcáreo por meio da pressão exercida pelo ar expelido dos nossos pulmões.

Uma das presentes, senhora de 85 anos, voltando-se para a vizinha, comentou, baixinho:

—Formidavel esse novo processo! Quando eu era mocinha, só se fazia um buraco em cada lado e se soprava!

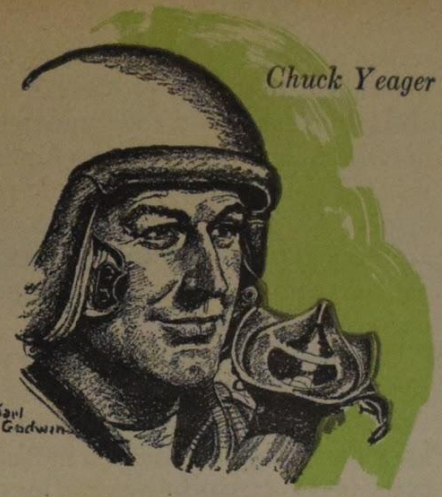
—Dorothy McDonald

Olho por olho

NUMA exposição de gado leiteiro, uma conhecida autoridade no assunto foi convidada para servir de juiz. Pouco antes do encerramento, a comissão organizadora do certame, querendo divertir-se à custa do juiz, perguntou-lhe se ele ainda podia julgar um grupo de novilhas que não figuravam no programa. O juiz concordou e os promotores da pilhéria apresentaram-lhe um pequeno rebanho de lindas jovens, de maiô.

Sem denotar qualquer surpresa, o juiz passou-as em revista examinando-as detidamente. Depois, voltando-se para o auditório: «Meus senhores e minhas senhoras. Esta é a primeira vez que sou chamado a julgar um grupo de novilhas cobertas com mantas. Se os guardas removerem as mantas das candidatas, procederei ao julgamento.»

—«Winkie» Hollenbach



Chuck Yeager é, aos 26 anos, rei da velocidade no ar

Piloto de um meteoro

(Condensado de «Time»)

NO INTERIOR do Deserto de Mojave, a cerca de 110 quilômetros de Los Ângeles, existe um estranho lago artificial. Mede 18 quilômetros de comprimento por seis de largura, tem margens bem definidas, que parecem praias. Mas, exceto num breve período, após uma das raras chuvas que alí caem, o lago nunca tem água. Sua superfície plana e lisa é constituida por uma escura lama rubra, ressequida, sólida como cimento. Sua única embarcação é um desgastado modelo de couraçado, construido de madeira, há muitos anos, para servir de alvo aos bombardeiros. Acima do navio simulado, nos brilhantes céus do deserto, trovejam as verdadeiras naves do Lago Seco de Muroc. O Muroc é o melhor campo de pouso do mundo.

Muro furado. Isolada do mundo pelo deserto e pelo sigilo militar, a Base Aérea de Muroc é uma estranha comunidade. Tudo que alí se faz é dedicado à aviação militar. Dá-se especial atenção à velocidade. Neste setor, tambem existe um rei: o capitão «Chuck» Yeager, de 26 anos de idade, modesto piloto de provas, de olhos azuis e sorriso contagioso. O que distingue Chuck Yeager, mesmo entre os pilotos craques de Muroc, é o fato de que seu nome está fadado a figurar com destaque nos anais da aviação. Chuck foi o primeiro homem a romper o temido «muro sônico» e a voar a velocidades superiores à do som.* Isso foi a 14 de outubro de 1947. Não faz muito, ao concluir a 31ª aterragem no notavel avião especialmente concebido para o seu grande feito, Chuck observou com displicência: «Já fizemos tantos furos no muro sônico que de qualquer parte do Mojave se podem ver os buracos.»

Tudo por amor. O piloto de provas Yeager, cuja folha de serviços

*1.224,550 km horários, ao nivel do mar, à temperatura de 14° C; 1.065,390 km horários, em alturas entre 10.769,20 m e 32.000 m, onde a temperatura se mantem a 55° C abaixo de zero.

registra 64 missões de combate sobre a Alemanha, sabia dos perigos que defrontava quando se dispôs a pilotar o curioso e pequenino, porem velocíssimo, foguete Bell X-1. Substituiu um piloto de provas civil, Chalmers Goodlin, que conduzira o perigoso aparelhozinho a uma velocidade somente dois décimos menor que a velocidade do som. Ofereceram a Goodlin uma polpuda remuneração (consta que 150 mil dólares) para conduzí-lo a toda a velocidade, mas as condições da oferta não o agradaram. Outro piloto civil experimentou o X-1, mas desistiu precipitadamente. Nessa altura, a Força Aérea interveio e confiou a tarefa a Chuck Yeager, que a aceitou como parte de suas funções normais de capitão.

O X-1 é o primeiro «avião experimental» da Força Aérea. Jamais se cogitou de usá-lo como «avião de operações»; parece-se mais com um tunel aerodinâmico voador. Preso ao bojo de um B-29, o minúsculo aparelho é alçado a cerca de seis mil metros de altura, de onde o soltam. Ao contrário do que acontece com os motores que necessitam de ar para funcionar, seus rojões não perdem a força a grandes velocidades ou altitudes. O X-1 sobe vertiginosamente à atmosfera rarefeita e dispõe ainda de força suficiente para ganhar velocidade enquanto durar o combustivel—dois minutos e meio, à força máxima.

Ainda não foram tornados públicos os dados numéricos sobre a performance do X-1. A Força Aérea limitou-se a informar que o avião já excedeu de centenas de quilômetros a velocidade do som. É provavel que já tenha ultrapassado 2.100 quilômetros horários e alcançado altitudes superiores a 18 mil metros, um recorde para aviões. O grande segredo—o que acontece quando se supera a velocidade do som—está muito bem guardado.

Chuck Yeager já realizou evoluções com o X-1 em toda a escala de velocidades do aparelho. Já picou, rolou e fez *loopings*. Quando a indústria estiver produzindo normalmente aviões de velocidade maior que a do som —o que, segundo os cientistas, havemos de alcançar um dia—os pilotos serão gratos ao X-1, o primeiro avião a transpor o limite ultra-sônico, e a voltar com informações.

A obra futura. É um segredo conhecido de todos que, em breve, um modelo do X-1, muito aperfeiçoado, estará pronto para decolar. Inúmeros curiosos nas adjacências dos campos de aviação da Califórnia calculam que o avião deverá subir a alturas muito superiores a 30 mil metros. A essa altitude a atmosfera é tão rarefeita que nela deve ser possivel alcançar velocidades espantosas.

Os colegas de Chuck têm certeza de que ele pode pilotar o novo meteoro tal como deve ser pilotado. Voltará sem incidentes—eles têm certeza—dos confins da estratosfera, aterrando com velocidade diabólica no lago acolhedor. A seguir, voltará para casa e dirá à jovem esposa que foi um vôo «como os outros»...

Enérgicos e habeis agentes do Serviço Secreto americano fazem guerra constante às quadrilhas de falsários nacionais e internacionais

Cuidado com os dólares falsos!

(*Condensado de «The American Mercury»*)
Por Frederic Sondern, Jr.

UMA BRIGADA de agentes de polícia arrombou a pesada porta, e invadiu aquele antigo pavilhão de caça situado nas matas das colinas que servem de pano de fundo a Marselha, no Sul da França. O falsário Louis Bertillo, que estava «emitindo» um punhado de notas de 20 dólares da Reserva Federal dos Estados Unidos, levantou os olhos e deparou com uma dúzia de pistolas. Debaixo de uns sacos de farelo para galinhas, a polícia encontrou, no porão, dois milhões de dólares em notas falsas do Tesouro americano—todas elas de rara perfeição.

Assim terminou, ainda não há muito, um caso particularmente complicado que levou dois agentes do Serviço Secreto de Washington aos *bas-fonds* de París e Marselha.

Esse negócio de falsificar dólares é coisa velha, e foi, em tempos, um problema quase puramente interno; mas desde que findou a guerra, ele se

tornou internacional. O dolar é o valor preferido dos europeus. Aproveitadores internacionais, muitos refugiados e homens de negócio, pagam elevadas somas pelo dinheiro americano, no mercado negro, e são portanto as vítimas ideais para os falsificadores europeus.

Os moedeiros falsos dos Estados Unidos voltaram tambem à atividade —uma grande atividade. Em 1946, apareceram somente uns 65 mil dólares em notas falsas, mas em 1948 o Serviço Secreto apreendia mais de três milhões de dólares—o que constituiu a maior colheita dos últimos tempos.

O Serviço Secreto é uma das mais antigas (e, não obstante, menos apregoadas) instituições que, nos Estados Unidos, têm a seu cargo velar pelo cumprimento da Lei. Criado ao terminar a Guerra Civil, como dependência do Departamento do Tesouro, para reprimir uma invasão de notas falsas que ameaçava subverter o sistema monetário do país, sua jurisdição se circunscreve à proteção da moeda e dos títulos e obrigações do Governo dos Estados Unidos, à luta contra falsificações e fraude, e à guarda pessoal do Presidente e sua família.

Caçar moedeiros falsos exige tempo, habilidade e paciência. Não basta que o Serviço Secreto pegue um passador de notas falsas: impõe-se-lhe, a partir desse último elo da cadeia, ir até a fonte de suprimento, ou até os artífices que fabricam as notas.

Para o melhor desempenho da sua delicada missão, os agentes do Serviço Secreto se tornaram especialistas em «passar o laço», ou seja, operar secretamente dentro da própria quadrilha de falsificadores e passadores. Para «passar o laço», o agente deve saber falar a gíria do mundo do crime e conhecer toda a complicada psicologia e o *modus operandi* dos criminosos profissionais. Sua vida pode depender da aptidão de se acomodar a qualquer situação, ainda a mais imprevista; de se fazer passar por caixa infiel de um banco, ou estivador assassino. A prova de que esses homens aprenderam a dominar perfeitamente sua dificil tarefa, é que nestes últimos 25 anos nem um só agente do Serviço Secreto morreu no cumprimento do dever.

O caso que rematou de maneira tão dramática no sul da França, teve início em Washington, em setembro de 1947. Os bancos da região atlântica dos Estados Unidos vinham remetendo para a sede do Serviço Secreto notas falsas de tal perfeição, que chegavam a iludir até os caixas mais experimentados. O papel e a tinta indicavam que essas notas eram fabricadas na Europa. Entravam nos Estados Unidos no bolso de imigrantes que as tinham adquirido no continente europeu, com as suas derradeiras economias, na esperança de com elas poder começar a vida no Novo Mundo. A Prefeitura de Polícia de París e a Scotland Yard de Londres comunicaram o aparecimento de notas falsas do mesmo tipo. O Serviço Secreto suspeitava que as notas eram fabricadas na França.

Dois agentes de Washington, Forrest Sorrels e Albert Whitaker, foram destacados para París, e lá chegados, imediatamente se apresentaram ao inspetor Louis Poirier, na Prefeitura de Polícia. O francês ficou espavorido diante do plano de ação que os dois americanos sugeriam: Sorrels e Whitaker, representando o papel de americanos de má reputação, que se viram obrigados a sair de Nova York às pressas, propunham-se frequentar os cafés das ruas escusas de París onde o mundo da ilegalidade faz os seus negócios. Poirier tomou, com relutância, as medidas necessárias à execução do plano.

Os dois americanos armaram-se em vendedores ambulantes de entorpecentes e de moeda falsa. Não decorrera muito tempo e eles já tinham conseguido comprar algumas das notas falsas em cuja pista andavam; averiguaram, igualmente, que a proveniência delas era uma perigosa quadrilha de corsos, com quartel general nas vizinhanças de Marselha.

O inspetor Poirier foi colhendo ao mesmo tempo novas informações: um impressor parisiense, apavorado, queixou-se à polícia de que um bando de corsos lhe assaltara à mão armada a oficina, encaixotara toda a maquinaria e fugira com ela! O seu ajudante, um excelente mecânico, sumira na companhia dos bandidos.

Sorrels e Whitaker logo descobriram que a esposa do mecânico se correspondia com este por intermédio da posta restante de Marselha. Forjaram então um telegrama em que ela se dizia doente, mandaram-no ao marido, e assim conseguiram atraí-lo a París. Preso e rigorosamente interrogado, ele confessou tudo, e deu indicações precisas sobre a sede da quadrilha. Poucos dias depois, Bertillo e os seus dez cúmplices estavam na cadeia.

Existem em Nova York e Chicago —centros tradicionais de operação dos moedeiros falsos dos Estados Unidos —verdadeiros sindicatos clandestinos, prontos a fornecer papel, tinta, prensas e mais equipamento a qualquer moedeiro falso de «boa reputação», e alem disso a facilitar-lhe a saida do produto, na base de percentagem. Se a falsificação for de excepcional qualidade, o fabricante poderá chegar a receber 35 dólares pelas notas com o valor facial de 100 dólares. Entretanto, o preço corrente para as notas desse valor anda entre 7 e 15 dólares. O sindicato cobra aos intermediários —os atacadistas do negócio—duas ou três vezes mais. E os «atacadistas», por sua vez, fazem o lucro que podem com os «passadores».

Uma das primeiras quadrilhas que, acabada a guerra, voltaram ao negócio da moeda falsa, foi o bando de Soroka, que operava em Nova York e Nova Jersey. Essa quadrilha foi liquidada, porem, em três semanas, sem que tivesse conseguido passar uma única nota falsa.

Em fins de 1946, a rede de informadores do Serviço Secreto, que opera no mundo do crime, deu notícia de que Soroka, vulgo «Jersey Joe», andava negociando uma operação de notas falsas com certo impressor que

de há muito era suspeito às autoridades federais. (Note-se que o Tesouro dos Estados Unidos mantem sob discreta vigilância os impressores e gravadores excepcionalmente habeis.) Foi destacado para investigar esse caso um agente de uma distante seção local de pesquisas, sob o nome suposto de «Mr. Caselli», traficante de narcóticos.

Caselli chegou a Nova York, e começou a frequentar os pontos habituais do «ramo». As sentinelas do mundo do crime acharam que ele tinha credenciais impecaveis: tudo indicava que ele estava relacionado com «gente de confiança» na costa do Pacífico, e era «diplomado» de uma penitenciária. Caselli conseguiu por fim falar com o próprio Soroka, que ficou encantado quando o opulento vendedor de entorpecentes revelou interesse em notas falsas. «Jersey Joe» mostrou ao seu novo amigo um exemplar de notas de 20 dólares que o impressor já estava produzindo, e Caselli propôs logo comprar-lhe uma larga quantidade.

Nesse ínterim, todos os passos de Soroka eram cautelosamente seguidos por agentes discretos, e todos os seus chamados telefônicos investigados. A identidade e a organização do sindicato foram, gradualmente, tomando forma concreta. Mas o caso estava a ponto de ir por água abaixo no dia em que os sócios de «Jersey Joe», desconfiados, instaram com ele para que averiguasse mais detidamente a «idoneidade» de Caselli.

Foi então que os agentes armaram um destes lindos truques que, aos olhos dos criminosos profissionais, têm qualquer coisa de magia: Soroka tinha começado a fazer perguntas a respeito de Caselli ao pessoal do seu valhacouto favorito. Um espião do Serviço Secreto lhe disse: «Eu, pessoalmente, não conheço Caselli muito bem. Mas acaba de chegar da costa do Pacífico um figurão de categoria. Eu posso pôr você em contacto com ele. Soroka aceitou e foi. O figurão era de respeito! Sentado em solitário esplendor num bar elegante, tratou «Jersey Joe» com desdem, mas condescendeu em confirmar que Caselli era de confiança.

Caselli e Soroka chegaram finalmente a acordo quanto ao preço: 7.800 dólares legítimos contra 100 mil de notas falsas. Joe queria que o pagamento fosse feito em seu apartamento, mas Caselli insistiu em fazê-lo no hotel em que estava hospedado, no centro da cidade. Chegados alí, Joe entregou uma caixa de papelão cheia de notas falsas, em troca de um maço de notas autênticas, mas todas marcadas para efeito de identificação, e já se ia retirando muito contente da sua vida, quando os agentes do Serviço Secreto e detectives de Nova York lhe cairam em cima. A essa hora, outros agentes andavam por outras partes pegando os membros da quadrilha em suas ratoeiras. Entre eles o impressor das notas. Daí a poucos dias, o «sindicato» de Soroka estava todo no xadrez; as chapas das notas, habilmente gravadas, eram apreendidas, e o governo tinha em mãos todas as provas para a incriminação.

A maioria dos moedeiros falsos, porem, caem nas garras da polícia mediante processos muito mais demorados e menos espetaculares. O ano passado, por exemplo, um casal viajando num elegante carro conversivel, parou em frente da barraca de vendas de uma fazenda, à beira de uma estrada do Illinois, para comprar um perú, fazendo o pagamento com uma nota de vinte dólares. O fazendeiro pesou a ave, e deu o troco ao freguês, que o meteu imediatamente no bolso, sem se dar ao trabalho de contar. A mãe do fazendeiro, que estava ajudando, teve a intuição repentina de que alí havia trapaça: nem mesmo a gente rica da cidade compra galináceos daquele preço, sem espiar o peso na balança, e muito menos guarda o troco de tanto dinheiro sem contar! Veio-lhe à lembrança um aviso do Serviço Secreto, que estava afixado no banco da localidade, e logo registrou o número da licença do conversivel. A nota, conforme se verificou, era falsa, e o banco informou o Serviço Secreto.

Era o ensejo que a seção local de Chicago vinha esperando: havia tempo que, no Meio-Oeste, andavam circulando notas falsas de vinte dólares, mas o Serviço Secreto ainda não pudera descobrir uma pista que o levasse ao fabricante.

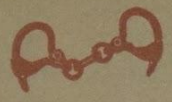
Iniciou-se cuidadosa vigilância do motorista do conversivel, um tal de George Kanakes; os agentes secretos o passavam de um para outro, como se fosse uma bola de futebol. Dentro de uma semana, tornara-se evidente que Kanakes não era um simples passador de notas, mas talvez tambem um «atacadista». Os agentes, que são dotados de um faro especial para a «personalidade» do criminoso, presumiram que ele fosse homem para dar com a língua nos dentes debaixo de um bem conduzido interrogatório. Prenderam-no, e viram que tinham razão: o homem disse tudo o que sabia a respeito do seu fornecedor, e prontificou-se a cooperar na prisão dele.

De combinação com o Serviço Secreto, Kanakes fez uma encomenda de notas falsas; Mike Aretos, que era o «atacadista» mais importante do sindicato, entregou as notas; os agentes do Serviço Secreto estavam perto, olhando. Após mais algumas semanas de expectativa e vigilância, os agentes prenderam John Brennan, perito litógrafo, e o chefe do sindicato, Joe Moschiano. Dum esconderijo situado atrás dum painel da parede, na garage de Moschiano, retiraram 300 mil dólares em notas falsas. Outros membros da quadrilha entregaram mais 300 mil —uma amostra somente dos muitos milhões que eles se preparavam para estampar e distribuir!

Os falsificadores têm tentado todos os meios concebiveis para imitar o trabalho do Serviço de Gravura e Impressão do governo dos Estados Unidos, mas sempre lhes escapa alguma coisa. O papel das notas americanas é fabricado segundo uma fórmula secreta numa usina cujo produto nunca foi duplicado. As chapas que servem para estampar as notas são o fruto do trabalho conjugado de uma dúzia de especialistas de excepcional aptidão.

Só alguns gravadores de invulgar competência—a maioria dos quais trabalha para o Serviço de Gravura e Impressão—são capazes de gravar corretamente as efígies dos presidentes que figuram nas notas do Tesouro. Para talhar os intrincados ornatos que figuram nas molduras, é necessário o uso de maquinaria complexa, enorme e caríssima. A impressão faz-se em prensas de traçado especial. O número das notas e o selo do Tesouro são estampados por outras máquinas complicadas.

A despeito de tudo isso, entre 1930 e 1940, a falsificação de notas voltou a atingir proporções assustadoras. O governo empreendeu então uma vigorosa campanha educativa, para esclarecimento do público, e ao cabo de um ano tinha conseguido eliminar quase por completo essa ofensiva de notas falsas. Mas, depois da guerra, os falsários voltaram a pulular, e não é demais aconselhar cautela às pessoas que receberem notas americanas de fonte inidônea.



Explicações

CERTA MANHÃ de inverno, extremamente fria, um fazendeiro avistou o vizinho rachando lenha. Até aí, nada de extraordinário. O vizinho, porem, estava vestido com uma longa camisola de flanela.

—John! gritou o fazendeiro. —Por que cargas d'água estás rachando lenha, com esse camisolão de dormir?»

—É que eu, toda minha vida, me vestí de manhã diante da lareira acesa, e não gosto de mudar de hábitos.

—Joyce Ingalls

UMA VIZINHA nossa tem quatro filhos pequenos. Certa manhã, no verão passado, depois de pendurar na corda, como de costume, a roupa lavada, hasteou na frente da casa a bandeira nacional.

—Carol, qual a razão da bandeira hasteada? perguntei. —Hoje não é feriado.

—Pode não ser feriado nacional, respondeu-me rindo, —mas para mim, bem que é. E olhando para a roupa estendida: —Hoje é o primeiro dia, depois de oito longos anos, que não tenho nenhuma fralda na corda!

—Lois R. Austin

UM CARTEIRO, ao entrar no jardim de uma casa, viu um enorme cachorro rosnando ferozmente. O homem hesitou.

—Não tenha medo, gritou de dentro da casa uma senhora, em tom tranquilizador. —Ele foi vacinado.

—*Times*, de Kansas City

«O futuro pertence àquilo que pode crescer»

Não temamos o progresso

(Condensado de «New York Times Magazine»)

Raymond B. Fosdick
Ex-presidente e fideicomissário da Fundação Rockefeller

QUANDO o derradeiro glaciar se retirou do cantinho da América que hoje se chama Connecticut, deixou atrás de si grandes penedos. Alguns deles encontram-se no meu sítio, e há cerca de quinze anos que venho observando um desses rochedos de muitas toneladas, na sua luta, de antemão perdida, contra um freixo. A árvore cresceu, evidentemente, de uma semente que se alojou em uma pequenina cavidade na rocha. Quando pela primeira vez a vi, era já uma planta vigorosa, que soubera talhar na rocha um confortavel ninho, para insinuar suas raizes. Desde então, pouco a pouco, seu crescimento irresistivel transformou a imponente massa de rocha em uma série de fragmentos.

Tal é a lei da vida. O futuro pertence não aos rígidos absolutos, mas às coisas que forem capazes de crescer —quer seja uma árvore, quer uma democracia.

Chega a parecer estranho que se torne hoje necessário acentuar um princípio tão familiar como esse, mas o fato é que estamos vivendo em uma época de incertezas e de medo, e o medo produz em nós uma espécie de astigmatismo espiritual. Nem por um momento duvidamos de que a nossa geração tenha razões para ter medo, e todos os motivos para resistir à ameaça que o determina. Mas eu me refiro ao medo como um mal em si, e aos seus efeitos sobre as emoções e reações humanas.

Para começar, o medo gera e sustenta uma hostilidade instintiva contra o crescimento. Crescer é transformar-se, e nas horas de ansiedade o homem tende a agarrar-se com unhas e dentes ao abrigo do presente, ou põe toda a sua fé na nostalgia do passado. Mas a torrente da história nos está arrastando irresistivelmente para o futuro, e a ilusão de que a segurança consiste em deter a transformação é talvez a forma mais perigosa de desequilíbrio que flagela a alma humana.

Nada neste mundo é estático, e

muito menos as nossas idéias. Os valores se alteram de época para época, e a interpretação aceita por uma geração raras vezes satisfaz a geração seguinte. As próprias concepções que temos da liberdade e da democracia não são princípios estáticos. A concepção da liberdade está, hoje, uma vez mais, assumindo um significado mais amplo. Nossa geração está meditando na ameaça que, para a liberdade, provem da pobreza e da insegurança, das condições econômicas e sociais em que os seres humanos não podem ser livres. Em muitos paises, inclusive a própria América do Norte, esta nova concepção da liberdade está fazendo esforços para se tornar ouvida e, diante de nossos olhos, está-se processando uma irresistivel alteração em outros pontos de vista mais antigos.

A Democracia precisa tambem de ser re-interpretada de geração em geração. Seus limites não ficaram para todo o sempre definidos pela filosofia política do século XVIII. Ela é, antes, uma fé dinâmica em constante crescimento, um ajustamento que perpetuamente se processa e evolui entre justiça e liberdade, entre as exigências da sociedade e os direitos do indivíduo. Esse ajustamento, porem, nunca se realiza de maneira absolutamente perfeita e final; é um problema que se renova e prolonga pelos séculos a fora, e que a humanidade é forçada a solucionar repetidamente.

Este conceito familiar precisa de ser mais uma vez acentuado no presente, devido ao nosso receio atual do comunismo que está arrastando alguns de nós a crer que toda mudança é de algum modo subversiva, e que todo aquele que advoga idéias novas é provavelmente simpático ao comunismo. Devíamos tê-lo sempre presente. Se somos a favor do direito da igualdade de trabalho para todos, ou nos preocupam as liberdades cívicas, ou se somos contrários aos preconceitos religiosos ou raciais, imediatamente nos tornamos suspeitos de participação consciente na Frente Comunista, ou pelo menos como instrumentos cegos de Moscou. Raras são as organizações ou empreendimentos progressistas que, nestes últimos anos, não tenham sido apodados de «comunistas». São inúmeros os casos de professores de todos os graus do ensino que a pressão do ambiente tem reduzido pelo medo a um esteril silêncio, e o próprio púlpito não tem ficado imune a esse temor.

O trágico do caso é que tudo isso faz, inconscientemente, o jogo dos comunistas, pois identifica a Rússia soviética com todo o processo da transformação social.

Abundam, não há dúvida, os argumentos contra o comunismo: é uma fachada que encobre uma tirania cruel, é um brutal engodo pelo qual milhões de seres humanos confusos e esfaimados se vêem persuadidos ou forçados a renunciar suas liberdades em troca de promessas utópicas. Mas, pespegar um labéu de comunista num indivíduo só porque ele, seja onde for, aspira a uma existência mais perfeita; classificar de subversivos os

anseios de igualdade humana e de uma vida digna, objetivos últimos da nossa democracia—equivale a conceder aos comunistas todos os melhores argumentos, e a fazer uma farsa da fé que nos anima e sustem.

Não é que eu subestime a necessidade de manter os comunistas afastados das esferas do governo, ou de extirpar a traição onde quer que ela se acoite. Não podemos tolerar uma lealdade dividida, nem uma lealdade que responda aos cordões manobrados em Moscou: precisamos saber quem são os nossos inimigos. Mas se, no nosso afã de extirpar o mal, nós formos proscrever igualmente o bem, os danos serão irreparaveis. Não devemos proceder como se o termo comunismo cobrisse todos os planos e sonhos dos homens que desejam transformar este nosso mundo em um lar convidativo em que todos possam viver, em vez do lugar inhóspito que ele é, onde se luta e onde se morre de frio e de fome.

É parte da estratégia comunista, sem dúvida, reduzir-nos pelo pavor a uma posição que parece identificar a democracia com fórmulas antiquadas de pensamento social.

Tão preocupados andamos com o que o comunismo poderá fazer à nossa democracia, que perdemos de vista o mal que nós próprios poderemos fazer a esta, esporeados pelo medo. Em presença do desafio autoritário, começa a erguer-se outro autoritarismo; à caça aos herejes, responde-se com outra caça aos herejes; os homens transfiguram-se precisamente naquilo que querem combater! Combater o fogo com o fogo é um lema facil mas perigoso, que no passado traiu mais de uma boa causa. Isso é o que o medo faz de nós. Se as táticas dos Sovietes conseguem induzir-nos a tentar eliminar o dissentimento, e a medir a lealdade pelo conformismo, então é caso para dizermos que eles conseguiram levar-nos a bater em retirada, antes mesmo de ter começado a batalha.

A democracia tem hoje lugar proeminente no mundo, justamente porque acolhe e permite a diversidade de opiniões. Não tem havido até hoje um credo fixo a que os cidadãos sejam obrigados a submeter-se, nem uma Sibéria para os não-conformistas intelectuais ou espirituais. Nossa vida nacional tem sido até hoje vigorosa e saudavel, porque os dissidentes se têm sentido encorajados a pensar criticamente a respeito da ordem política, social e econômica em que vivemos.

«Se, em nossa constelação constitucional, existe uma estrela fixa,» declarou em um de seus acordãos a Corte Suprema dos Estados Unidos, «ela é que nenhum funcionário da nação, seja ele humilde ou elevado, pode decretar o que é ortodoxo em política, religião, ou em outras matérias de opinião, ou forçar os cidadãos a confessar por palavras ou atos a sua fé nessa ortodoxia.»

É essa filosofia do crescimento que nos tranquiliza e reconforta na crise presente. O comunismo, ao encerrar-se em uma ortodoxia de ferro, está firmando a sua própria sentença. Os

comunistas nos atiram em rosto o crime de sermos os defensores de um *status quo* em desintegração; mas são eles que estão de olhos voltados para trás, são eles que se estão esforçando para criar um estado de coisas muito mais rígido e mais absoluto do que qualquer outro que o mundo jamais conheceu.

Stalin se vangloria da sua «nova ordem». As democracias possuem uma nova ordem baseada na capacidade de cada geração experimentar o que Lincoln chamou de «renascimento da liberdade». Na evolução da democracia temos um mundo perpetuamente jovem. Só os homens livres ousam pensar; e só através de pensamentos livremente expressos a alma de um povo se pode manter viva.

Os Estados Unidos vistos de fora

UM CIENTISTA italiano, em visita aos Estados Unidos, percorria as dependências de uma grande fábrica de lacticínios, quando se verificou um escapamento num cano e o leite jorrou em todas as direções. Imediatamente, um operário com toda a calma fechou a válvula principal, e outro pôs-se a soldar o ponto de escapamento.

O visitante ficou perplexo. «No meu país,» observou, «todo o mundo teria começado a correr e a gritar; ninguem teria pensado em fechar a válvula principal a não ser quando tudo já estivesse inundado. Ter-se-iam divertido a valer e passado o resto do dia comentando o acidente.» Depois, abanou a cabeça e concluiu: «É por isso que há aquí tantos casos de esgotamento nervoso—vocês não sabem gozar a vida!»

—Bernice B. Cronkhite

DOIS DENTISTAS suiços, depois de uma excursão pelos Estados Unidos, resumiram assim as suas impressões: «Tudo aquí é automático. Máquinas automáticas torram o pão, servem os refrescos, mudam os discos dos fonógrafos. A cerveja é fria como gelo. Os bifes, as verduras e o leite são congelados. Tudo é refrigerado—até as próprias mulheres.»

—*Time*

UM FUNCIONÁRIO subalterno soviético, depois de viajar alguns meses nos Estados Unidos, a serviço do seu governo, foi interrogado sobre o que achava do país. «Há coisas realmente dignas de admiração,» disse ele, «mas estou muito desapontado com outras. As cidades são muito deficientes em matéria de instalações higiênicas. Na União Soviética, por exemplo, em todas as grandes estações ferroviárias há um posto público de exterminação de piolhos. Aquí nos Estados Unidos, ainda não vi nenhum.»

—Donald Patterson

Instantâneos pessoais

DURANTE uma tempestade, a bordo de um avião, o tenor Lauritz Melchior tirou-me de uma situação dificil. O avião cruzava o centro da tempestade. As hélices, iluminadas pelo fogo de Santelmo, pareciam rodas de fogos-de-artifício, e faiscas elétricas fuzilavam nas asas do aparelho como espadas num duelo. A aeromoça veio à cabina de pilotagem dizer-me que uma passageira, apavorada, estava gritando, e podia causar pânico entre os outros. Passei então ao compartimento dos passageiros com o intuito de acalmar a senhora. Mas já não foi preciso...

De sua cadeira, no fundo do avião, Melchior começou a cantar. Todos se viraram para ver quem era e, a seguir, uma senhora que estava na frente começou a acompanhá-lo—a princípio meio temerosa, depois a toda a força. Três passageiros entraram tambem a cantar, e em pouco o famoso tenor havia organizado um quarteto. Melchior cantava com grande entusiasmo e a mulher, que antes gritava, agora cantava com os outros.

Nunca uma grande voz terá sido usada para fim tão invulgar...

—Hy Sheridan, em *The Saturday Evening Post*

—MEU CONTRATO com o *Chicago Tribune* expira em julho, disse-me o humorista Ring Lardner numa tarde de março de 1919, no bar do antigo Waldorf. —Depois, gostaria de escrever uma coluna para o seu sindicato.

—Ficaremos encantados com a sua colaboração, respondí.

Cerca de seis semanas depois, quando Lardner já se encontrava em Chicago, disseram-me que uma empresa jornalística rival estava tentando contratá-lo. Redigí imediatamente um telegrama: «Informado oferta nosso concorrente. Partirei amanhã para Chicago afim discutir detalhes e assinar contrato sua satisfação.»

Recebí a seguinte resposta: «Se você entendesse alguma coisa de contratos, saberia que fizemos um no bar do Waldorf, em presença de cinco testemunhas, três das quais não estavam bêbedas.»

Durante os 20 anos em que escreveu para nós, o nosso contrato continuou sendo o do bar do Waldorf.

—John Wheeler, presidente de The Bell Syndicate, Inc., em *Pitching in a Pinch*

CERTA NOITE, depois do espetáculo, o gerente do teatro disse a Ethel Barrymore que duas senhoras desejavam falar com ela.

—Dizem que foram suas companheiras de escola, explicou ele.

—Companheiras de escola! exclamou Ethel. —Pode trazê-las nas cadeiras de rodas!

—*The Playbill*

HOMER BIGART, correspondente de guerra do *New York Herald Tribune*,

agraciado com o Prêmio Pulitzer, é tão gago quanto o rei da Inglaterra. Certa vez, durante uma conferência coletiva à imprensa, o soberano, caminhando pela sala, pôs-se a conversar ora com um, ora com outro jornalista, o que deixou Bigart sobre brasas.

«Se ele fa-fa-lar co-co-migo,» sussurrou ao colega mais próximo, «vai haver um inci-ci-dente internacional dos-dos-dos diabos!»

—*Plain Dealer*, de Cleveland

Bob Woodruff, diretor da Coca-Cola, convidou Edgar Bergen para caçar em sua fazenda, na Geórgia. Bergen e outro convidado avistaram um perú e atiraram ao mesmo tempo. O perú foi abatido e cada qual reivindicou as honras da pontaria.

—Só há uma maneira de esclarecer a dúvida, disse Bergen.

O conhecido ventríloquo dirigiu-se ao local onde o perú caira morto, levantou-lhe a cabeça e perguntou:

—Quem foi que te matou, perú?

O perú respondeu, sem hesitar:

—Foi você, Bergen.

—Leonard Lyons

Michael Romanoff, o famoso «Príncipe Mike» de Hollywood, deu uma «facada» de dez dólares no ator Jimmy Savo. Alguns anos depois, quando Mike entrara numa fase de grande prosperidade, encontrou-se com Jimmy e pagou-lhe 50 dólares.

—Mas eu só lhe emprestei 10, protestou o ator.

Mike ajustou o nó da gravata, passeou o olhar pelo céu e, adotando uma atitude altaneira, disse:

—Um Romanoff nunca pede emprestado menos de 50.

—*New York Times Magazine*

Ao chegar a Toronto, em visita oficial, Lord Louis Mountbatten pediu uma relação das pessoas que ficariam a seu serviço, inclusive os motoristas e criados, com notas sobre as respectivas folhas de serviço, condecorações recebidas, etc. Com muito esforço, um dos seus ajudantes de ordens conseguiu essas informações, dactilografou-as e levou-as a Mountbatten. Por ordem do almirante, pôs-se a ler a relação, pausadamente. Mountbatten ouviu-o com a maior atenção e, desse dia em diante, passou a chamar pelo nome todos os que o serviam, referindo-se, familiarmente, ao passado e às experiências de cada um.

—Napier Moore, no *Financial Post*, de Toronto

Depende...

—Onde está o Henrique? perguntou um menino da vizinhança.

—Não sei ao certo, respondeu a mãe de Henrique. —Se o gelo do lago estiver tão espesso como ele pensa, estará patinando. Se estiver tão fino como eu penso, estará nadando.

—Sra. Fiske, em *Woman's World*

Os ossos narram fatos que ajudam a solucionar crimes, preencher lacunas na história, e verificar o estado de saude dos vivos

NOSSO ESQUELETO FALA

(*Condensado de «Scientific American»*)

Por Wilton Marion Krogman

Catedrático de antropologia física da Universidade da Pensilvânia

O esqueleto de um ser humano, vivo ou morto, denuncia infalivelmente ao cientista a história física da pessoa. Raça, sexo, idade, estatura, doenças graves e, às vezes, a causa da morte, são fatos registrados no crânio, na pelvis e nos ossos «longos» dos braços e das pernas—mesmo quando os ossos tenham sido enterrados há séculos. O método de compilação desses dados é tão exato, hoje em dia, que se torna de grande importância para o criminologista, o historiador e o arqueólogo, sendo aplicado até ao esqueleto vivo por meio de raios X, para verificação do crescimento e do estado de saude.

O esqueleto revela os seus segredos principalmente pela comparação das medidas antropométricas. As características étnicas, por exemplo, manifestam-se claramente. O negro tem o crânio alongado e achatado, com as órbitas afastadas, o plano facial fortemente inclinado e os ossos dos braços longos em proporção aos das pernas. Esses elementos são sensivelmente diferentes na raça branca. O antropólogo não somente consegue identificar cada tipo racial com facilidade, como tambem, se o exemplar não é «puro», pode geralmente determinar o grau de miscigenação.

Há anos, algumas crianças que brincavam num fosso descobriram vários ossos humanos. Estudando-os, um antropólogo fez um retrato anatômico do morto. Segundo o cientista, tratava-se de uma mulata de 33 anos de idade, com 1,69 m de altura e cerca de 55 kg de peso. Esses elementos possibilitaram a identificação de uma moça de côr, desaparecida, cujas medidas antropométricas se achavam arquivadas na polícia. A ficha consignava, efetivamente, a morte de uma mestiça das raças branca e negra, de 33 anos e meio de idade, com 1 metro e 70 centímetros de altura e 57 quilos de peso!

Essa surpreendente aproximação dos dados não foi pura coincidência. O sexo revela-se claramente no esque-

leto: o crânio, por si só, contem os caracteres determinantes em nove casos entre dez, e a pelvis em 98 por cento das vezes. Corroborando-se mutuamente esses dois elementos, a identificação é positiva. A capacidade craniana da mulher é uns 200 centímetros cúbicos menor que a do homem; as arcadas supraorbitárias e as apófises mastóideas são menos proeminentes. O osso pélvico da mulher é mais largo, e todo o seu esqueleto é mais delicado e mais gracioso.

O anatomista pode calcular a estatura de um morto por meio de uma fórmula baseada no comprimento do femur. A estatística demonstra que a altura de um homem é igual a 1,88 vezes o comprimento desse osso, mais 813,06 milímetros; a da mulher é 1,945 vezes o comprimento, mais 728,44 milímetros. Fórmulas semelhantes podem ser aplicadas à estrutura do homem desde o período glaciário. Por exemplo: o Homem de Neanderthal, de há 100 mil anos, media apenas 1,63 m de altura, ao passo que o Homem de Cro-Magnon, que apareceu 75 mil anos depois, já tinha atingido uma estatura de 1 metro e 83 centímetros. Pouco depois, deve ter-lhe sobrevindo um meio adverso, pois a sua estatura baixou a 1,70 m. Atualmente, nos Estados Unidos, a nova geração é mais alta que a de seus pais, e esta, por sua vez, é mais alta que a precedente.

A possibilidade de se determinar cientificamente a *raça* de um indivíduo pelo exame do esqueleto, valeu uma fortuna a um índio mestiço do Oklahoma, não há muito tempo. Seu filho havia desaparecido aos 18 anos de idade, deixando um terreno onde posteriormente se descobriu petróleo. Quando o pai reivindicou os direitos de exploração, seu requerimento foi indeferido, porque não se podia provar que o filho morrera. Sabia-se, porem, que, em viagem num trem de carga num Estado vizinho, falecera num acidente, um jovem cujas características físicas correspondiam às do filho. Exumado o cadaver por mandado judicial, os antropólogos determinaram, ao fim de três dias de exame, que o esqueleto pertencia a um índio mestiçado com negro, com cerca de 1,70 m de altura, e de 18 ou 19 anos de idade. Outras medidas dos ossos correspondiam tão de perto à descrição do rapaz desaparecido, que o tribunal reconheceu a sua identidade. O pai recebeu então uma verdadeira fortuna em petróleo.

Conhecem-se mais índices característicos da idade do que de qualquer outro elemento de identificação. Todos os ossos longos crescem de centros de ossificação, pela adição de cálcio e de outras substâncias. Desde o nascimento até à idade de cinco anos, esses centros aparecem sucessivamente. Dos cinco aos 12 anos, crescem em tamanho. Dos 12 aos 21 anos, processa-se a união entre eles. Observando as modificações, é possivel determinar, com aproximação de alguns meses, a idade de um indivíduo de menos de 21 anos.

Depois dessa idade, colhem-se outros elementos nas restantes partes do esqueleto. Os 22 ossos do crânio são

unidos por suturas que, com o correr dos anos, desaparecem sucessivamente, em etapas rigorosamente exatas. As linhas das três suturas do alto do crânio começam a desaparecer, a primeira aos 22 anos, a segunda aos 24, e a terceira aos 26. Desaparecem completamente aos 35, 42 e 47 anos, respectivamente. Durante esse quarto de século, o estado das suturas revela a idade com aproximação de um ano ou menos.

A contextura dos ossos constitui outro elemento revelador, visto que, depois dos 30 anos de idade, os ossos chatos começam a perder o seu abastecimento de sangue. Tornam-se secos e frageis, e podem encolher-se. Essas características permanecem imutaveis, mesmo depois de mil anos de sepultura. O exame do esqueleto de Tutankhamon, por exemplo, revelou com precisão que sua idade, ao morrer, era de 18 anos. A idade do sogro, sepultado nas proximidades, era apenas de 30 anos. Verificou-se, outrossim, que havia parentesco de sangue entre eles, em razão de uma semelhança ancestral na conformação das suas ossaturas. Esses fatos auxiliaram os egiptólogos a reconstituir o retrato de uma antiga dinastia, demonstrando, assim, a contribuição do antropólogo para preencher lacunas na história que fogem aos recursos dos historiadores.

O esqueleto é portador tambem de indícios patológicos, que se apresentam na contextura ou no tamanho e forma dos ossos. Há poucos anos foram encontrados no Missuri, Estados Unidos, os esqueletos de duas crianças numa das elevações de terreno em que os índios costumam sepultar seus mortos. O exame revelou que ambas as crianças eram da raça branca, de dois e de cinco anos, respectivamente. Os pregos de ferro batido, dos caixões, indicaram que haviam sido enterradas cem anos antes. Por que haviam sido sepultadas aí, numa região que era certamente hostil? O estudo dos esqueletos demonstrou que ambas as crianças tinham sido vitimadas pela subnutrição. O quadro reconstituido pelos cientistas revela uma família de emigrantes que demandava o oeste, atravessando planícies habitadas pelos índios e sofrendo toda sorte de privações. As crianças por fim morreram, e foram enterradas no lugar onde havia menos probabilidades de que os índios as encontrassem.

Hoje, o conhecimento do cientista sobre o crescimento dos ossos é aplicado à solução de uma questão de suma importância: como se define uma criança sadia? O médico pode determinar, talvez com um dia de aproximação, a data em que este ou aquele osso deve aumentar de tamanho e mudar de forma e contextura, e saber se os ossos estão assimilando devidamente os elementos minerais. Se a radiografia mostra que os ossos contêm linhas brancas, indicadoras de crescimento estacionado, ou que se apartam do normal, o médico fica de sobreaviso. Poderá rever os antecedentes patológicos, modificar o regime de alimentação e iniciar o tratamento, antes que seja tarde.

O esqueleto, mudo e descarnado, que ao leigo parece ser a única parte

universalmente uniforme do corpo humano, é um repositório de fatos sobre a saude e o modo de vida e, com bastante frequência, sobre a causa da morte. É o melhor indicador, ao alcance da ciência, da evolução do indivíduo e da raça. Nosso esqueleto fala ao anatomista, fornecendo-lhe dados que não se poderiam encontrar em nenhuma outra fonte.

Faro que assombra

Com a palavra o dr. Leon F. Whitney, conhecido criador e treinador de cães-de-fila. O cão-de-fila é um animal de orelhas caidas, de aspecto tristonho, mas com a curiosidade de um mexeriqueiro de aldeia. Adquiriu má reputação, no passado, e está fazendo tudo para rehabilitar-se.

Os antepassados dos atuais cães-de-fila eram pesadões, deselegantes e barulhentos. Quando iniciávamos a perseguição de criminosos foragidos, os cães faziam tanta bulha que todo o mundo acorria, frustrando, muitas vezes, a perseguição. Entretanto, através de persistentes experiências e cruzamentos, conseguimos criar cães-de-fila silenciosos. Poderão soltar alguns grunhidos quando a «caça» estiver muito próxima, mas esse é o máximo de emoção que revelam.

Embora possam parecer inuteis neste século do automovel, dos odores classificados e da investigação científica dos crimes, os cães-de-fila ainda exercem um papel importante. A Polícia Estadual de Nova York tem sempre alguns dos meus cachorros, aos cuidados do sargento W. W. Horton. Um dos casos mais interessantes em que intervieram foi o de um assassinato em Port Jefferson, Long Island. Embora não houvesse indícios suficientes, a polícia concentrou sua atenção em certo indivíduo. Conseguiu um pé de meia pertencente ao suspeito e soltou a cachorra Safo na pista. Trata-se de uma cadela silenciosa, das mais «aerodinâmicas» do país: pesa apenas 34 quilos (em contraste com os sessenta dos antigos cães-de-fila).

O que aconteceu deixou perplexo o próprio sargento Horton. Safo começou a correr ao longo de uma vala que costeava a estrada local. Não havia pegadas no chão nem qualquer indício de que alguem passara por alí. Safo percorreu uma boa légua, saltando pedras e macegas; depois, tomou por um atalho, entrou em um velho automovel, farejou-o, desceu e partiu, em linha reta, em direção a uma casa onde encontramos o dono da meia, que tudo confessou.

A extraordinária façanha de Safo tem a seguinte explicação: o homem fez todo o percurso de automovel; seus pés não tocaram o chão até chegar à casa. O traço olfativo da sua passagem, evidentemente, escapou do automovel para as macegas da orla da estrada. Mas não me perguntem de que maneira Safo conseguiu acompanhá-lo. Apesar de treinar cães-de-fila há muitos anos, ainda fico embasbacado diante das proezas que executam.

—Contado a Kyle Crichton, em *Collier's*

De tudo se encarrega a Agência Cook

(Condensado de «The Atlantic Monthly»)

Por Charles J. Rolo

A agência Thos. Cook & Son organiza desde uma visita a um arranha-céu novaiorquino a... uma caçada em plena selva

SE O LEITOR quiser caçar galos silvestres na Escócia, Thos. Cook & Son incumbe-se de preparar tudo; e com a mesma eficiência ajudará um pai preocupado a escolher para seus filhos uma escola em qualquer parte do mundo, encarregando-se de levá-los e trazê-los. Ao escrevermos esta crônica, há algum agente da Cook acompanhando turistas a algum local de especial interesse e dificil acesso, no lombo de camelos, elefantes ou lhamas; ou em veículos e barcos os mais exóticos. A famosa companhia, em suma, topa tudo em matéria de transportes.

Há pouco tempo embarcou um esqueleto humano da Suiça para Nova York, servicinho assás delicado, pois, como se sabe, as alfândegas do mundo inteiro olham os esqueletos com certa frieza... A agência tem enviado cobras por via aréa, de sua filial em Durban para institutos ofiológicos e laboratórios onde se preparam soros. Publica um catálogo com o seguinte título: «Preços de Serpentes Sul-Africanas, entregues f.o.b. Aeroporto de Nova York», onde se vê que a mamba, verde ou preta, custa 120 dólares, ao passo que uma gibóia de três metros de comprimento se vende por 240.

O escritório da agência Cook em Nova York oferece excursões de variados tipos: desde uma subida ao miradouro de Radio City, por 1 dolar e 25 centavos, até uma expedição de 86 dias do Cairo à Cidade do Cabo, passeio que fica em 6.200 dólares. Nesse preço se incluem espetáculos como as danças tribais, uma parada numa aldeia de pigmeus, outra entre

os gigantescos Watusi, e um dia dedicado a surpreender e fotografar no Parque Zoológico de Hluhluwe, sob a proteção de guardas armados, o rinoceronte branco, espécie quase totalmente extinta. Não faz muito, um milionário sul-americano contratou com a Cook a organização de uma caçada que lhe ficaria em 35 mil dólares e lhe proporcionaria caçadores profissionais, um médico, carregadores nativos, armas e material fotográfico.

No escritório da companhia, em Londres, há um departamento especial dedicado aos príncipes hindús, que trata única e exclusivamente das complexas exigências desses potentados. A agência lhes facilita as enormes quantias de que necessitam, põe suas jóias no seguro e faz compras para eles. Um marajá, de visita aos Estados Unidos, solicitou a Cook que encontrasse um esconderijo decente para seu herdeiro que, segundo julgava o pai, estava em perigo de ser raptado por *gangsters*. O problema foi resolvido com grande simplicidade: um dos funcionários da companhia, residente no bairro de Brooklyn, hospedou em sua casa o principezinho.

Thos. Cook & Son mantem 324 escritórios em 53 paises, os quais atendem em conjunto, a uns 5 milhões de pessoas por ano. O número de seus funcionários eleva-se a mais de 10 mil, e 95% deles são naturais do país onde se encontra a agência. Na sucursal de Haifa realizou-se um verdadeiro milagre: funcionários árabes, judeus e ingleses têm trabalhado lado a lado harmoniosamente mesmo quando reinava a maior violência na Palestina.

Esse império fundou-se por acaso, como atividade subordinada a uma campanha pró-temperança. Thomas Cook nasceu em Derbyshire, na Inglaterra, em 1808 e, muito pobre, foi obrigado a abandonar a escola aos 10 anos. Aos 20 trabalhava numa casa editora ligada à Associação Batista, e foi nomeado «missionário de aldeia». A principal de suas tarefas consistia em lutar contra o uso de bebidas alcoólicas.

Em junho de 1841, Cook leu a notícia de que se inauguraria em breve uma ferrovia na região, e ocorreu-lhe a idéia de aproveitar a locomotiva a vapor no fomento da temperança. Marcara-se um comício contra o álcool que seria levado a efeito numa localidade a uns 20 km dalí. Cook conseguiu que a Estrada de Ferro Midland pusesse um trem especial à sua disposição e lhe cedesse passagens de ida e volta pelo preço da passagem simples. Compareceram 570 pessoas para ouvir pregar as virtudes da água fria... Em seu regresso, os «turistas» foram alvo de comemorações especiais por serem considerados audazes aventureiros, e não tardou que outras sociedades se dirigissem a Cook para pedir auxílio na organização de suas excursões. A 5 de julho de 1841, instalando sua sede em Leicester, Cook lançou a empresa que viria a ser famosa.

O primeiro cruzeiro de turismo ideado por Cook, no ano de 1845, não foi grande coisa em matéria de viagens marítimas. Após uma volta pela Gales do Norte, Cook levou seus clientes, em navio fretado, à ilha de Man e em seguida a Dublin. Mais tarde publicou um guia relativo ao trajeto percorrido, sistema que se generalizou, sendo hoje comumente usado. Nesse ínterim, ele assinara um contrato com as principais ferrovias inglesas, as quais se comprometiam a pagar-lhe uma comissão sobre todos os bilhetes vendidos; aliás, é assim que trabalham desde então todas as agências de viagens que se prezam.

Em 1852, Cook mudou sua sede para Londres, dando a seu filho John a chefia do novo escritório. Tendo vendido 400 mil bilhetes para a Exposição de París de 1855, passou a dedicar-se às viagens internacionais.

Nessa época não se podia comprar um bilhete único para uma viagem de trem através de mais de um país nem havia horários para viagens a lugares mais longínquos; era impossivel obter informações fidedignas que permitissem planejar excursões por diversos paises. Decidido a corrigir essa falha, Cook realizou uma expedição de reconhecimento pela Europa toda, e pelo caminho ia persuadindo as estradas de ferro e os hotéis a aceitar seus bilhetes e cupons que davam direito a acomodações e refeições por preços previamente estipulados. Compilou tambem o primeiro manual realmente completo sobre viagens internacionais, quer de trem quer de navio. No ano passado chegou ao escritório de Nova York uma carta contendo cinco cupons de refeições que, adquiridos em París em 1894, nunca haviam sido usados. O missivista pedia reembolso, e a companhia enviou-lhe imediatamente um cheque de 12 dólares.

Certo de que «as viagens são uma forma de trabalho missionário», Cook almejava, havia muito, abrir para benefício dos turistas os santuários religiosos da Palestina. Negociou uma série de tratados com os líderes beduinos e estes, em compensação, resolveram permitir aos infiéis usar à vontade os caminhos das caravanas. Foi a agência Cook que deu impulso ao turismo de inverno no Egito. Sob o estímulo da companhia, erigiu-se um hotel de primeira classe em Luxor, que nessa ocasião não passava de uma sonolenta aldeiazinha árabe; e das ruinas dos templos de Luxor e Karnak foram removidos os escombros que lhes ocultavam os tesouros. Afim de manter sua flotilha de vapores do Nilo, a Cook instalou estaleiro e oficinas próprias em Boulac, perto do Cairo. Na Segunda Guerra Mundial as Oficinas de Boulac, dotadas de uma fundição de consideravel tamanho e de um grande dique flutuante, desempenharam papel de relevo na rápida campanha de reconquista do Egito.

Aliás, não foi essa a primeira vez que o governo britânico pediu ajuda militar à empresa Cook. Em 1884, grupos de sudaneses, encabeçados pelo «Mahdi Louco», cercaram a pequena guarnição inglesa em Cartum, comandada pelo general Gordon. O Ministério da Guerra de Sua Majestade, assustado ante a dificuldade de

mandar uma força expedicionária Nilo acima, encarregou dessa tarefa a agência Thos. Cook & Sons. Cook fretou 28 transatlânticos usados na linha Inglaterra-Alto Egito, mobilizou 27 vapores e 650 barcos a vela no Nilo, e forneceu 800 baleeiras para transpor os rápidos. O reforço militar não chegou a tempo de salvar Gordon, mas Cook recebeu uma citação do governo britânico.

Em 1872, Thomas Cook acompanhou pessoalmente um grupo de nove pessoas na primeira viagem turística de circunavegação, a qual durou 222 dias. Cook ficou escandalizado com os carros-dormitórios nos trens dos Estados Unidos, observando puritanamente que «misturar pessoas desconhecidas, e dos dois sexos, num único vagão é coisa que choca profundamente os viajantes ingleses». As sensibilidades feridas, porem, sentiram-se mais que compensadas ao contemplar os novos panoramas e tiveram momentos de emoção e surpresa quando, por acaso, viram um desfile de 500 índios da tribo Sioux passando perto do trem.

Graças a suas viagens pelo mundo, Thomas Cook conservou-se forte e empertigado até os seus últimos dias. Faleceu, aos 84 anos, em 1892; seu filho, John, só viveu mais sete anos. Este último foi substituido por seus dois filhos, Frank e Ernest. Nas três décadas que se seguiram, a agência Cook tornou as Bermudas conhecidas como local incomparavel para luas de mel e férias, e levou o turismo ao Mar das Antilhas. Despertou interesse pelas cenas exóticas do Oriente, lançando a mania que impeliu muito viajante rico a Balí lá por volta de 1920. Buscando, sem cessar, novas emoções para seus clientes, carregou turistas às Ilhas Cook e Tristão da Cunha e a Zamboanga, nas Filipinas, antigo núcleo de selvagens, caçadores de cabeças humanas.

Nenhum dos irmãos Cook teve filhos varões e por isso a companhia foi vendida, em 1927, a uma empresa; depois, durante a última guerra, as ações foram compradas pelas quatro principais ferrovias inglesas. Ao serem nacionalizadas, em 1948, as estradas de ferro na Inglaterra, a agência Cook tornou-se, para todos os efeitos, propriedade do povo britânico.

A Cook é ainda pioneira em matéria de viagens. Agora que o avião possibilitou a muita gente passar suas férias de quinze dias em paises estrangeiros, a agência dedica-se a patrocinar viagens aéreas internacionais, seguras e confortaveis mas despidas de luxo. A novidade oferecida pelas linhas de navegação aérea transatlântica—passagens mais baratas para excursões «fora da temporada»—foi o primeiro passo nesse sentido.

As crianças necessitam de amor, sobretudo quando não o merecem.

—Harold S. Hulbert

Como o «Douto em Shakespeare» derrotou o «Demolidor de Manassa»

Minhas lutas com Jack Dempsey

*Condensado do livro em preparo, «The Aspirin Age: 1919–1941»**

Por Gene Tunney

Por volta de 1920 todo o mundo se riu da insistência com que eu afirmava que derrotaria Jack Dempsey para conquistar o campeonato mundial de peso-pesado. Para mim, essa afirmativa era razoavel, porque se baseava em probabilidades calculadas.

Em 1919—quando, como campeão meio-pesado da Força Expedicionária Americana (F.E.A.), eu fazia exibições para as tropas da infantaria norte-americana na Renânia alemã—ouví falar do novo fenômeno do pugilismo profissional que, nos Estados Unidos, estava inflamando os adeptos do boxe. Como tinha a idéia de continuar minha carreira de boxador ao retornar à vida civil, perguntei ao cabo McReynolds, inteligente reporter esportivo que em tempos de paz escrevera sobre várias lutas de Dempsey, que tal era este.

«É um Jack Dillon agigantado,» respondeu McReynolds.

Jack Dillon foi um peso-médio muito conhecido—um verdadeiro massacrador rápido, astuto, com punhos de aço. Refletí um momento e disse: «Dillon foi derrotado por Mike Gibbons, não foi? Talvez Jack Dempsey possa ser derrotado do mesmo modo.»

James Joseph («Gene») Tunney abandonou o pugilismo em 1928 como campeão peso-pesado invicto, para dedicar-se aos negócios em larga escala, e é hoje cidadão eminente de Stamford, no Connecticut. É presidente de uma companhia construtora; presidente do conselho diretor de uma companhia de pneumáticos e artefatos de borracha; diretor de um banco, de uma companhia de produtos químicos e da Eversharp, Inc. É autor de *A Man Must Fight*. Durante a última guerra foi diretor do programa de preparação física da Marinha dos EE. UU.

**Ed.: Simon & Schuster, Inc., 1230 Sixth Avenue, Nova York.*

Mike Gibbons fôra o lutador supremo de seus dias, um perfectibilista da nobre arte. Dillon não conseguira pôr-lhe a luva em cima.

«Sim,» disse McReynolds refletidamente. «Quando Dempsey for derrotado, há-de ser por um pugilista habil que disponha de boa defesa.»

Isto, dito por um homem que conhecia a técnica do ringue e havia estudado o estilo do campeão, fez nascer em mim uma idéia empolgante. Eu sempre dera particular atenção à velocidade e à defesa, características do estilo de Mike Gibbons. Desde os meus dias de garoto, quando vivia às voltas com luvas de boxe, sempre me preocupei mais em esquivar-me de golpes do que em desferí-los. Talvez um dia eu viesse a ser o grande Mike Gibbons para o agigantado Jack Dillon.

Pouco tempo depois tive ensejo de observar Dempsey pessoalmente. O Demolidor de Manassa, que havia posto Jess Willard a nocaute na luta pelo título máximo, iria defender em 1921 o seu título contra o francês Georges Carpentier. Eu estava no programa, numa das preliminares do encontro Dempsey-Carpentier—honra que me foi concedida unicamente por causa de meu título, uma vez que nosso grupo de pugilistas da F.E.A. estava longe de poder competir com os profissionais. Depois de minha luta (ganhei por K.O. técnico) agachei-me a um canto do tablado, para observar o Demolidor em ação. Carpentier estava em desesperadora situação de inferioridade; mas um exame atento de Dempsey confirmou, para mim, a opinião de McReynolds de que uma defesa correta poderia baldar a agressividade esmagadora do campeão.

A prova definitiva de nossa teoria, tivemo-la em 1923, quando Dempsey enfrentou o peso-pesado Tom Gibbons, irmão mais moço de Mike, e, como Mike, um boxador consumado. Pela primeira vez o Demolidor não conseguiu pôr na lona um oponente.

Na luta Dempsey-Carpentier notei ainda outra coisa. No segundo assalto, Carpentier recuou o braço direito, como fazem os lançadores com as bolas de basebol, e depois descarregou com todo o vigor de que era capaz um soco alto no maxilar de Dempsey. Como pudera este deixar-se atingir por um direito tão claramente anunciado era, para mim, incompreensivel. O fato é que Dempsey, por um momento, vergou sobre os calcanhares, abalado. Mais tarde, a vulnerabilidade do campeão a um assalto da direita foi demonstrada ainda mais sensacionalmente quando o corpulento mas desajeitado Firpo o marretou violentamente com direitos e quase conquistou o título.

Verifiquei que a tática defensiva podia ser suplementada com um direito de surpresa, dado com todo o vigor. Tanto Carpentier como Firpo eram famosos por seus golpes de direita. Jack, porem, jamais esperaria de mim um soco de igual força. Eu estava catalogado como boxador defensivo, com soco de espanador de penas...

A verdade é que eu podia marretar duro, mas não o fazia por medo de quebrar as mãos, que haviam sido muito machucadas em lutas da F.E.A. Para revigorá-las, trabalhei num campo de madeireiros, até que elas se enrijeceram bastante para suportar o choque de um soco tão violento quanto me fosse possivel dar. Nos combates subsequentes minhas mãos me deram pouco motivo de preocupação.

Por ironia da sorte, conquistei meu direito a disputar o campeonato de peso-pesado, derrotando Tom Gibbons, irmão de Mike, cujo estilo eu procurava assimilar. A respeito de minhas probabilidades de vitória contra Dempsey, a opinião pública era, entretanto, quase uma só: nenhuma. Os repórteres esportivos remoiam interminaveis descrições das tristes coisas que me iriam suceder.

Um dia, durante uma visita a meu campo de treinamento, Brian Bell, reporter da Associated Press, viu sobre minha mesa de cabeceira o romance de Samuel Butler, *The Way of All Flesh*. Sempre gostei de ler e agora lia com um objetivo prático: descobrira que os livros me ajudavam a repousar durante a época do treino; aliviavam a tensão nervosa e desviavam meu pensamento da luta. Mas Bell viu naquilo um bom furo de reportagem. Em vez de conversar comigo sobre pugilismo, interrogou-me sobre livros. Disse-lhe que gostava de Shakespeare. Isso era o que ele precisava! A AP divulgou a reportagem por todo o mundo e assim nasceu a lenda do shakespearianismo de Tunney. Foi uma sensação.

Um dos principais seguidores de Dempsey em seu campo de treinamento correu a dizer a Jack às gargalhadas: «Ele está no papo, Campeão! Aquele... anda por lá, lendo livros!»

O ridículo enfureceu-me. Mas não conseguiu abalar-me a teimosa crença na exatidão de minha lógica. E talvez tenha levado o campeão a confiar demasiado. Dempsey não era homem que menosprezasse um adversário, mas era dificil para ele escapar à influência de tão esmagadora zombaria.

Quando finalmente nos defrontamos no ringue de Filadélfia, as coisas se desenrolaram tão de acordo com os meus planos, que a luta quase perdeu o interesse para mim. Durante o primeiro minuto do encontro, negaceei Dempsey umas duas vezes e depois desfechei-lhe um soco de direita, o golpe mais violento que jamais dei. Não conseguí pô-lo fora de combate. Jack era resistente; mas ficou abalado, aturdido. Sua força, agilidade e pontaria diminuiram. De então em diante foi questão de atacá-lo mais do que ele a mim, negaceando quando ele arremetia, acumulando pontos, atingindo-o com golpes repetidos e destruidores. A decisão veiu automaticamente e com ela o cetro de campeão mundial de todos os pesos.

A verdadeira celeuma da década, a controvérsia sobre a «contagem longa», resultou de meu segundo combate com Dempsey, no ano seguinte, em Chicago. Até hoje, em qualquer bar, é possivel provocar discussão em torno do assunto. Quanto tempo esteve Tunney na lona, depois que

Dempsey o derrubou? Teria ele podido levantar-se, se a contagem houvesse sido normal?

Para mim, o mistério consiste em não saber eu como Dempsey conseguiu atingir-me da maneira que o fez. Isso ocorreu no sétimo assalto. Eu estivera dominando a situação todo o tempo. Estava lutando em minha melhor forma quando, de repente, Dempsey fez uma entrada e me atingiu com um golpe curto de esquerda.

Jack era tão agil e preciso que num ataque feroz a curta distância, quando tudo acontece rápido, podia acertar no mais perfeito boxador que aparasse o golpe ou o evitasse com uma saida de lado. Mas para um pugilista experimentado, ser atingido por um esquerdo curto durante uma troca ordinária de socos, é simplesmente vergonhoso. Para mim, a única explicação é que uma contusão que eu sofrera no olho direito quando em treinamento me deixara com um ponto morto na vista. O curto esquerdo de Dempsey deve ter sido lançado dentro da área desse ponto—eu nem o vi.

Fiquei tonto. Dempsey investiu para liquidar-me, com uma descarga cerrada de esquerdos e direitos que me levou às cordas. Finalmente caí sentado na lona. Do que aconteceu durante os poucos segundos imediatos, não tive conhecimento então. Contaram-me tudo depois.

Ao árbitro fora especialmente ordenado que não começasse a contagem senão depois que o boxador que houvesse derrubado o adversário estivesse num canto neutro. Dempsey continuou de pé, curvado sobre mim. O árbitro recusou-se a começar a contagem enquanto ele não se afastasse. Esta dilação custou a Jack a perda de quatro segundos.

Quando recuperei a consciência do que ia em volta, a contagem estava em dois. Nada sabia do que ocorrera; sabia apenas que dispunha de oito segundos ainda. Não tinha dúvidas de que me podia erguer. Meu cérebro estava claro. Havia treinado bem é duramente, e me recompús rápido do castigo que acabara de sofrer. Só um tolo deixa de aproveitar-se, é claro, da contagem completa. A questão era saber como agir depois.

Nunca antes eu fôra atirado à lona. Mas havia sempre considerado esta possibilidade e planejado, antes de cada luta, a tática a seguir ao levantar-me.

Estava certo de que Dempsey arremeteria para o golpe de graça. Deveria aproximar-me para um corpo a corpo, afim de ganhar folego? Isso não parecia aconselhavel, pois ele batia demasiado duro e rápido, com golpes curtos. Gente que estivera no campo de treinamento de Jack havia me dito que o jogo de pernas dele não era muito bom, que ele se tornara menos agil. Esta era a saida—jogar minhas pernas contra as dele, e guardar distância até estar eu certo de me haver recomposto completamente.

À contagem de nove levantei-me. Jack investiu furiosamente para liquidar-me. Evitei-o, rodando em círculo. Minhas pernas nunca haviam estado em melhores condições. Ele tentou

teimosa e desesperadamente acompanhar meu jogo—mas era lento. De repente, de puro desespero, parou na lona e rosnou, desafiando-me a enfrentá-lo e lutar.

Foi o que fiz—mas não antes de estar seguro de que minhas forças, agilidade e reflexos se haviam normalizado. Já então as pernas de Dempsey estavam tão pesadas que pude atingí-lo virtualmente à vontade. Ele estava quase perdido quando soou o gongo final—mas aguentara até o fim com corajosa pertinácia.

Teria eu podido levantar-me e continuar lutando sem aqueles quatro segundos mais? Só posso dizer que à contagem de dois voltei a mim e me sentí em boa forma. Faltavam oito segundos. Não considerando a «contagem longa», eu ainda tinha quatro segundos. Estou certo de que teria podido levantar-me e valer-me do meu jogo de pernas superior, exatamente como fiz.

O debate em torno da «contagem longa» provocou enorme pedido popular de uma nova luta Dempsey-Tunney. Tex Rickard estava ansioso por promovê-la. O primeiro encontro Dempsey-Tunney dera uma renda bruta de mais de um milhão e 700 mil dólares; o segundo, quase 2 milhões e 250 mil. Rickard estava certo de que a terceira luta renderia três milhões. Eu estava disposto e com vontade. Planejara aposentar-me após outro encontro de campeonato e queria tirar disso o máximo proveito possivel.

Mas Jack recusou-se. Os socos que ele recebera em torno dos olhos em suas duas lutas comigo, alarmaram-no. Aquilo que o protegia de ser atingido no maxilar—seu estilo de conservar o queixo baixo, metido entre os ombros—fizera com que os golpes caissem mais acima. Ele temia a desgraça que tem vitimado tantos boxadores—a cegueira.

Jack Dempsey foi um grande pugilista—talvez o maior que jamais pisou o ringue. Fez mais pelo esporte que todos os boxadores profissionais de seu tempo. Seu nome tinha um prestígio mágico, que não se apagou até hoje, apesar de transcorridos 20 anos.

Eu gostaria que nós nos tivéssemos enfrentado de novo quando ambos estávamos, indubitavelmente, em nossas melhores condições. Poderíamos haver decidido muitas coisas, das quais a mais importante para mim é saber se um boxador técnico pode sempre derrotar um pugilista de grande agressividade.

Continuo a dizer que sim.

Relatividade

UMA SENHORA caridosa levou um grupo de crianças ao circo—crianças cegas, surdas ou mudas. Depois do espetáculo, um dos ceguinhos lhe disse: «Tive muita pena dos meninos surdos. Não ouviram a música, o urrar do leão nem as palmas da platéia. Não ouviram nem as passadas do elefante!»

—Martha Lupton, *They Tell a Story* (Droke, ed.)

Retrato de Robinson Crusoe

Por Louis Kronenberger

Condensado da introdução do livro *Robinson Crusoe and A Journal of the Plague Year**

PARA o mundo em geral, por muito que o celebrem, *Robinson Crusoe* não é um livro para homens, mas um livro para leitura de meninos. É alguma coisa que quase todo o mundo leu, muito embora nem toda a gente se lembre talvez de o ter lido; é, ou era até há pouco, um elemento tão característico da adolescência quanto, digamos, o papagaio, a atiradeira e o circo.

E não obstante, quando há poucos anos eu voltei a ler o *Robinson Crusoe*, fiquei arrebatado de entusiasmo. Enquanto aquele homem estiver prisioneiro na sua ilha solitária, o leitor tambem não pode sair de lá. E, por todo o tempo que dura esse estágio, sentimos que estamos na presença de uma obra-prima, e do que quase dá vontade de declarar um milagre.

Pois, por muito triste que pareça a condição de um homem completamente só em uma ilha, quem é que já viu Robinson sob esse prisma, ao ler o livro? Defoe faz com que nós—ou o eterno gurí que em nós persiste—o invejemos, em vez de o lamentar. Crusoe é rei de quanto a sua vista abraça; e tudo quanto eram, na realidade, obstáculos capazes de quebrar as forças ao mais destemido, se transforma a nossos olhos, mil e uma vezes, em gloriosas oportunidades. Não estamos em presença de um pobre diabo que, condenado por assim dizer a degredo solitário numa ilha deserta, se visse obrigado a procurar o sustento e a esquivar-se ao dente dos canibais: Robinson Crusoe é, antes, um homem que tem toda uma ilha para seu recreio;

*Copyright, 1948, de The Modern Library, Inc., Nova York 22, Nova York.

que pode construir-se tantas residências e logradouros quantos lhe dite a fantasia, e percorrer como um senhor feudal as suas florestas, vagar livremente ao longo de suas praias, e pastorear as suas cabras, fazer suas colheitas e pilhar à vontade o navio. Há em tudo isso, por assim dizer, algo da aurora do mundo; e não obstante, de par com as oportunidades inexploradas do Primeiro Homem, Crusoe tem todas as aptidões e conhecimentos inveterados de muitas gerações de ingleses. Há uma satisfação criadora e saudavel em observar como ele, só pela sua mão, converte aquele Eden rústico em uma Inglaterra em ponto pequeno e bem arrumadinha.

Isso nos leva, agora, a uma coisa ainda mais estranha: o fato de ser a história de Crusoe tão intensamente interessante, só porque o próprio Crusoe é tão incrivelmente cacete. Sim, mas para ele fazer o que fez, tinha que ser quem era! Para edificar uma segunda Inglaterra, ele tinha que crer fanaticamente na primeira. De todos os grandes heróis de ficção, Crusoe é seguramente aquele que, em carne e osso, mais nos teria caceteado. Não tem humor, nem encanto, nem largos horizontes mentais, nem graça de percepção. É pernóstico, é crasso, e hipócrita até o âmago. Mas, se ele nos oferece quase tudo quanto há de árido e rude no carater britânico, exemplifica ao mesmo tempo tudo quanto há de admiravel nesse mesmo carater: é robusto, auto-confiante, prático, imperturbavel—a verdadeira essência, em suma, dessa raça que julga impró-

DANIEL DEFOE tinha 60 anos de idade, era pai de sete filhos, estava arruinado e incapaz de conseguir emprego como jornalista, quando, em desespero de causa, começou a escrever obras de ficção. Nos 12 anos que se seguiram escreveu nove romances, um dos quais se tornou a mais popular das histórias de aventuras que o mundo já conheceu. O primeiro volume de *The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe*, foi publicado em 25 de abril de 1719. O segundo volume, *Further Adventures*, apareceu em agosto. Excetuados os eruditos, poucos sabem que ainda havia um terceiro e fraco volume, intitulado *Serious Reflections. Robinson Crusoe* teve oito edições completas no curso de um ano, e já apareceu em quase todas as línguas conhecidas.

A história foi inspirada ao autor pelas aventuras de um marinheiro escocês, Alexander Selkirk, que, tendo uma rixa com o capitão, pediu que o desembarcassem em uma ilha deshabitada, 300 milhas ao largo da costa do Chile, onde conseguiu vegetar uns cinco anos. Socorrido e recambiado para a Inglaterra, ele se tornou uma nova maravilha do tempo, e Defoe foi entrevistá-lo em Bristol.

Durante sete anos Defoe deu voltas à história na cabeça, até que por fim o marinheiro insolente e boçal se transformou nesse Robinson Crusoe cheio de recursos de imaginação e de coragem. Ornando a novela com mil pormenores imaginários, deu-lhe a ilusão de realidade. O gênio de Defoe transfigurou a narrativa monótona de Selkirk em um romance que nada, até hoje, conseguiu exceder em verossimilhança e dramaticidade.

prio a um homem resmungar, e indigno de um *gentleman* gabar-se.

Outros leitores têm notado de que habil maneira Defoe permitiu que Crusoe ficasse, logo desde o começo, munido de equipamento e ferramentas exatamente suficientes para se manter com vida, e, com o decorrer do tempo, conseguir algum conforto. Defoe preparou tambem até o requinte, acrescentarei eu, o instante em que devia findar a solidão total do herói. Com efeito, no decurso do tempo chegamos ao ponto em que Robinson conseguiu realizar, em matéria de civilização, tanto quanto ele acha possivel, ou nós, leitores, achamos divertido; é o ponto em que, em outra novela de concepção mais corriqueira, o herói, após longa e árdua luta, acabou por encher o pé-de-meia, e está pronto para arranjar uma consorte. Mas Defoe não pode oferecer uma consorte ao nosso herói: nem ele precisa, esta é a verdade!—um companheiro, pelo menos aos olhos do leitor, produzirá exatamente o mesmo efeito.

Assim, zás! aparece na areia aquela pegada singular que, decorridos duzentos anos, ainda hoje é mais dramática e empolgante do que todas as impressões digitais das melhores histórias de detectives. E a dada altura surge em cena o selvagem, que ainda é hoje o mais famoso de todos os servos. Uma vez que tem o «Sexta-feira» ao seu dispor para o educar, Crusoe já se pode empenhar no seu grande papel secundário de inglês: tendo conseguido só por si fazer uma pequena Inglaterra, ele transforma o seu «Sexta-feira», tambem só por si, numa Índia em miniatura! Depois disto, e de uma série de escaramuças com os canibais, é-lhe enfim consentido regressar à pátria.

Outras aventuras acontecem no livro, evidentemente—da mesma forma que muitas aconteceram antes do naufrágio. Mas os episódios picarescos da obra, conquanto vivos, não são parte do «milagre»; o «milagre» pertence à ilha: os esforços de Crusoe para erguer uma cerca ou cozer um pote de barro; o fato de, dados A e B, conseguir C; e o fato de, dados A, B e C, chegar ao resultado D—e assim por diante, ao infinito. Esta prodigiosa variedade de recursos, esta determinação de arrancar do caos o conforto, de transformar a selva em Estado de um só homem, em que Crusoe é ao mesmo tempo arquiteto e construtor, administração e mão de obra, homem do povo e rei, desperta em nós uma reação deliciosa. O livro tambem tem muito que oferecer-nos em emoções e *suspense*—veja-se, por exemplo, o encontro com os lobos, que é de gelar o sangue. E é o maior de todos os livros para meninos e rapazes, porque se compõe, em partes aproximadamente iguais, de intriga aventurosa e de história de êxito. De acordo com isso, esse sujeito paulificante, de quem, na vida real, teríamos fugido aos berros, conseguiu prender e reter para sempre a fantasia da humanidade.

AR ENVENENADO

(Condensado de «Collier's»)

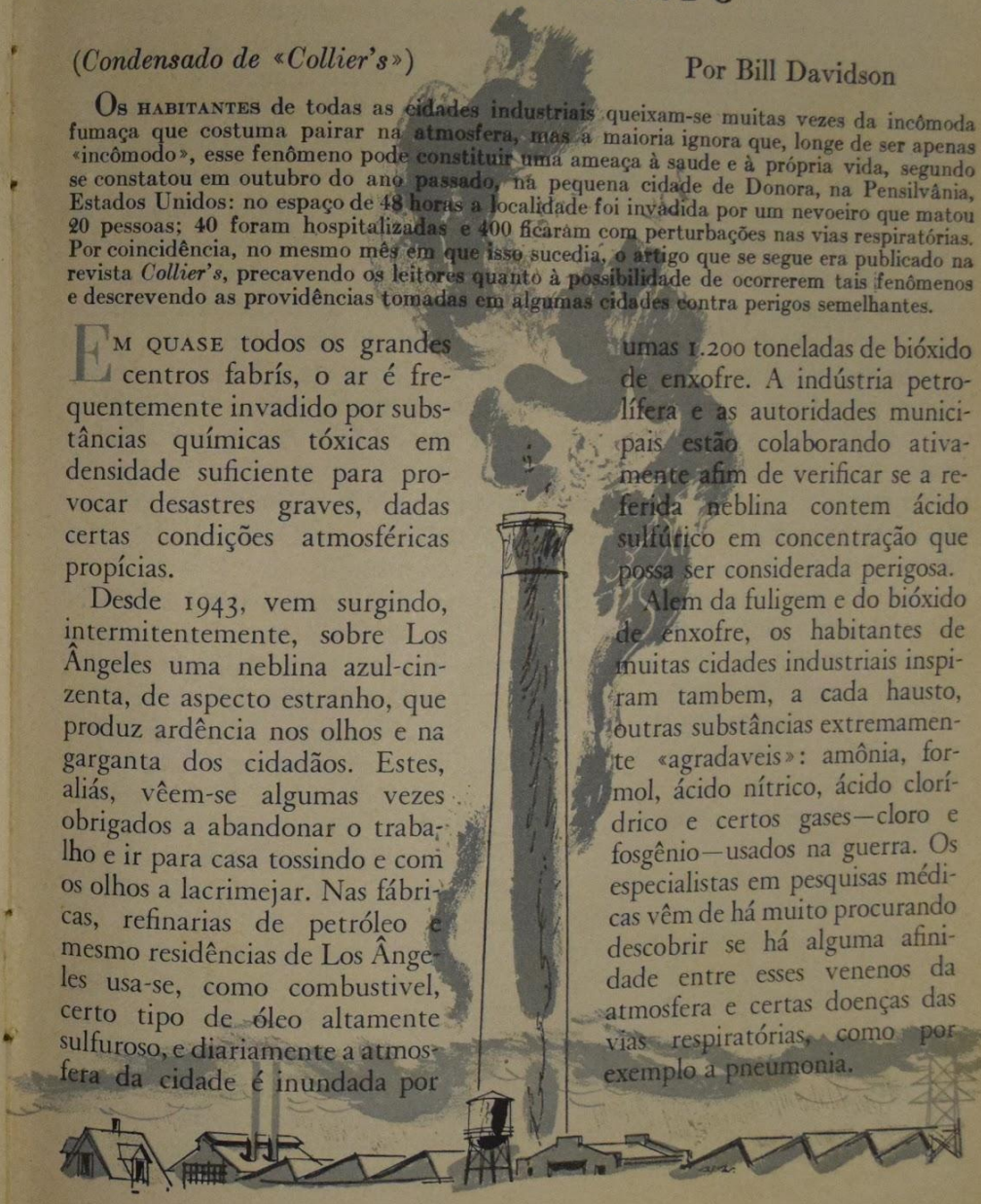
Por Bill Davidson

Os HABITANTES de todas as cidades industriais queixam-se muitas vezes da incômoda fumaça que costuma pairar na atmosfera, mas a maioria ignora que, longe de ser apenas «incômodo», esse fenômeno pode constituir uma ameaça à saude e à própria vida, segundo se constatou em outubro do ano passado, na pequena cidade de Donora, na Pensilvânia, Estados Unidos: no espaço de 48 horas a localidade foi invadida por um nevoeiro que matou 20 pessoas; 40 foram hospitalizadas e 400 ficaram com perturbações nas vias respiratórias. Por coincidência, no mesmo mês em que isso sucedia, o artigo que se segue era publicado na revista *Collier's*, precavendo os leitores quanto à possibilidade de ocorrerem tais fenômenos e descrevendo as providências tomadas em algumas cidades contra perigos semelhantes.

EM QUASE todos os grandes centros fabrís, o ar é frequentemente invadido por substâncias químicas tóxicas em densidade suficiente para provocar desastres graves, dadas certas condições atmosféricas propícias.

Desde 1943, vem surgindo, intermitentemente, sobre Los Ângeles uma neblina azul-cinzenta, de aspecto estranho, que produz ardência nos olhos e na garganta dos cidadãos. Estes, aliás, vêem-se algumas vezes obrigados a abandonar o trabalho e ir para casa tossindo e com os olhos a lacrimejar. Nas fábricas, refinarias de petróleo e mesmo residências de Los Ângeles usa-se, como combustivel, certo tipo de óleo altamente sulfuroso, e diariamente a atmosfera da cidade é inundada por umas 1.200 toneladas de bióxido de enxofre. A indústria petrolífera e as autoridades municipais estão colaborando ativamente afim de verificar se a referida neblina contem ácido sulfúrico em concentração que possa ser considerada perigosa.

Alem da fuligem e do bióxido de enxofre, os habitantes de muitas cidades industriais inspiram tambem, a cada hausto, outras substâncias extremamente «agradaveis»: amônia, formol, ácido nítrico, ácido clorídrico e certos gases—cloro e fosgênio—usados na guerra. Os especialistas em pesquisas médicas vêm de há muito procurando descobrir se há alguma afinidade entre esses venenos da atmosfera e certas doenças das vias respiratórias, como por exemplo a pneumonia.



O Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos levou a efeito, entre 1932 e 1933, um estudo tendente a averiguar quais eram as cidades do país onde o ar era mais intensamente poluido. O dr. I. Hope Alexander, diretor da Saude Pública de Pittsburgh, fez então uma descoberta sensacional: as quatro cidades que, desse ponto de vista, eram as piores (Pittsburgh, Boston, Baltimore e S. Luís) eram, respectivamente, a 1ª, 2ª, 4ª e 5ª dos Estados Unidos em número de óbitos causados por pneumonia. Segundo a teoria do dr. Alexander, corroborada, aliás, por outras autoridades, os complexos alcatrões e ácidos encontradiços no ar poluido atacam as membranas muito sensiveis do aparelho respiratório, tornando-as menos aptas a combater bactérias e virus invasores. O dr. Clarence A. Mills, professor de medicina experimental da Universidade de Cincinnati, declarou recentemente: «As mortes causadas pela pneumonia, pela tuberculose e pelo cancer pulmonar são de 3 a 5 vezes mais frequentes entre os homens residentes em bairros onde se respira ar sujo, do que entre os moradores de subúrbios limpos.»

Até 1940, a atmosfera da cidade de S. Luís, no Minesota, era obscurecida por tais nevoeiros umas 4 horas em cada 24 horas. No jornal *Post-Dispatch*, daquela cidade, apareceu certa vez esta descrição de um dia típico: «Às 10 da manhã a visibilidade era nula, e os automoveis moviam-se a passo de cágado, com os holofotes acesos. Mesmo assim, muitos deles acabavam subindo às calçadas ou trafegando contra a mão. De nada valia a luz dos postes de iluminação pública. Os consultórios dos médicos ficaram repletos de doentes com sintomas de sinusite e a boca ressequida e ardente devido à irritante fumaça.»

A 13 de novembro de 1939, Ralph Coghlan, principal articulista do aludido jornal, ia guiando seu automovel a caminho do trabalho quando, de súbito, verificou que levara o veículo passeio acima. Por sobre o radiador surgiu o rosto aflito de um estafeta cuja bicicleta fôra derrubada pelo carro do jornalista. O ciclista levou apenas um susto, mas o sr. Coghlan ficou suando frio. Ao chegar à redação, escreveu um veemente artigo de fundo, exigindo providências contra a polução do ar. Os resultados não tardaram a surgir.

O prefeito nomeou um comitê de cidadãos, que meteu mãos à obra, contando com a colaboração do sr. Raymond R. Tucker, funcionário da Prefeitura encarregado do assunto. Chegaram, sem demora, a uma solução simples. A cidade vinha usando carvão altamente volatil e fumarento, e o ar era poluido principalmente por bilhões de partículas de alcatrão e carvão, resultantes da combustão incompleta. A solução seria, pois, queimar combustiveis menos volateis (tais como petróleo, gás ou carvão antracitoso) ou então usar dispositivos mecânicos que permitissem a combustão completa do carvão betuminoso sem produção de fumaça.

O Conselho Municipal promulgou novas posturas sobre a matéria. Os fiscais da repartição de Tucker, todos com cursos universitários especializados, puseram-se em campo afim de esclarecer os infratores quanto aos princípios da combustão. Os infratores que não faziam caso dos avisos eram processados e multados. Os industriais começaram, então, a instalar alimentadores e ventiladores em suas usinas. O *Post-Dispatch* passou a publicar um quadro de honra, cada vez maior, com os nomes dos que estavam prestando sua colaboração à campanha, e esta assumiu as proporções de verdadeira cruzada.

No inverno seguinte a cidade testemunhou um autêntico milagre: o observatório meteorológico local registrou somente *uma hora* de neblina industrial intensa. Pela primeira vez em quase cem anos, S. Luís viu o sol quase constantemente durante todo o inverno. Os médicos da cidade comunicaram uma queda de 40% nas infecções do aparelho respiratório.

Muitas outras cidades, impressionadas com o êxito alcançado em S. Luís, adotaram programas similares. Desde o fim da guerra, Pittsburgh eliminou 68% do nevoeiro da cidade. Los Ângeles, cuja campanha muito se assemelhou à de S. Luís, verificou, porem, que seu problema era mais complexo. Aninhada, por assim dizer, entre colinas, a cidade sempre esteve envolta por uma ligeira e inofensiva cerração. Em 1943, entretanto, deu-se grande influxo de indústrias bélicas, que vieram provocar a disseminação da neblina perniciosa.

Entre os que cooperaram na luta contra tal perigo estava o dr. Louis C. McCabe, funcionário do Bureau de Minas do governo norte-americano, homem de grande inteligência e capacidade que, tendo sido coronel do exército de seu país durante a guerra, dirigiu para os Aliados a exploração das minas na região belga do Ruhr e do Saar.

Havia no nevoeiro de Los Ângeles algum elemento prejudicial à saude pública, mas ninguem pudera ainda identificá-lo. As pesquisas do dr. McCabe tendem a corroborar a teoria do bióxido de enxofre. Ele prevê que daquí a um ano mais ou menos a situação estará normalizada. Nesse ínterim, seus auxiliares vêm examinando chaminés, locomotivas e caminhões a óleo Diesel, procurando localizar fontes de fumaça excessiva e bióxido de enxofre.

Em qualquer campanha destinada a desintoxicar a atmosfera, a cooperação da indústria é o fator primordial, simplesmente porque caberá à indústria financiar as medidas corretivas. Os industriais sempre se mostram mais dispostos a prestar essa colaboração quando as autoridades lhes demonstram de que maneira poderão recuperar as importâncias despendidas ou mesmo lucrar financeiramente graças à campanha. Um dia, por exemplo, McCabe disse ao presidente de uma companhia de fundição e refinação de Los Ângeles:

—O senhor sabe o que as chaminés de suas fábricas lançam ao ar?

—Sei, é claro! É óxido de chumbo.

—E o senhor sabe que óxido de chumbo vale uns 10 centavos por libra?

Descreveu então, ao industrial, um método de captar essa substância química, bastando fazer que a fumaça seja filtrada em fibras de vidro, passando por uma câmara em forma de barraca. Esse dispositivo custou 40 mil dólares. Mas por meio dele a referida companhia está captando 15 barrís de óxido de chumbo por dia, no valor de 20 dólares o barril, ou seja o total de 1.800 dólares semanais.

Os gases semelhantes ao bióxido de enxofre podem ser captados por sistemas de lavação, empregados agora, por exemplo, numa fundição canadense cuja fumaça impregnada de bióxido de enxofre costumava devastar as safras nas regiões agrícolas adjacentes. O produto assim recolhido é levado pela companhia a uma fábrica de amônio, sua subsidiária, afim de produzir sulfato de amônio, substância muito empregada em adubos e munições. Consta que a aludida firma canadense aufere hoje maiores lucros da captação de bióxido de enxofre do que dos produtos originalmente fabricados.

O dispositivo mais eficiente contra a polução do ar é talvez o precipitador Cottrell*, o qual carrega de eletricidade cada uma das minúsculas partículas de fumaça à medida que vão subindo pela chaminé. As partículas são então captadas numa chapa que, com carga elétrica oposta, produz o efeito de um eletro-imã.

A Detroit Edison Company instalou «cottrells» em suas chaminés há mais de 20 anos, o que lhe custou, então, centenas de milhares de dólares. Hoje, a companhia obtem apreciavel lucro, vendendo, às fundições de alumínio e magnésio, a cinza em suspensão captada pelo método acima descrito.

Apesar de tudo, porem, têm sido insignificantes os resultados dessas campanhas, considerando-se o problema em seu conjunto. A Bélgica e a Inglaterra promulgaram leis especiais e enérgicas no sentido de combater a polução da atmosfera urbana. Outros paises, inclusive os Estados Unidos, parecem estar dispostos a ficar inertes até o dia em que haja um desastre de trágicas proporções.

*Ver «O sábio que não quis ser rico», Seleções, julho de 1948.

Rivalidade

FRED ASTAIRE jura que ouviu o seguinte diálogo num canto do estúdio:

—Meu noivo, disse a primeira extra, —conta a todos que vai casar-se com a moça mais bonita do mundo.

—Que descarado! exclamou a outra.—Fazer uma coisa dessas depois de estar noivo de você tanto tempo!

—Mitch Woodbury, em *Blade*, de Toledo

FLAGRANTES DA VIDA REAL

NA MEIA-LUZ de um restaurante de Hollywood, li e relí o cardápio sem encontrar nada que me apetecesse. Avistei, porem, numa mesa próxima, uma senhora que tinha diante de si um soberbo prato de salada—de um verde refrescante e apetitosamente apresentada.

—Traga-me a mesma salada daquela senhora, pedí ao garção.

O rapaz examinou com o olhar a outra mesa, curvou-se e me segredou ao ouvido:

—Minha senhora, *aquilo* é o chapéu dela.

—M.P.

O CRIADO do carro-dormitório acabara de me despertar e eu, ainda sonolento, estava sentado à beira do leito, barbado e desgrenhado. Uma senhora e a filha passaram por mim em direção ao carro-restaurante no momento em que eu descia para dirigir-me ao lavatório.

«Não se impressione,» ouví a mãe dizer à filha em tom encorajador, «eles *todos* têm essa cara quando acordam.»

—H.F.S.

NA MANHÃ imediata à da minha operação, apesar de eu ainda não ter recobrado a completa consciência do que se passava à minha volta, a enfermeira insistiu em trocar-me a camisola do hospital por uma das que eu trouxera de casa, em pentear-me cuidadosamente e aplicar-me pó de arroz e um pouco de *bâton*. Dando um passo para trás, examinou, com real prazer, a sua obra de «decoração».

«Ótimo!» disse ela. E acrescentou, como que em segredo: «O dr. Culpepper detesta ver os seus pacientes com ar de doente.»

—M.W.E.

«POSSO FALAR com a pessoa encarregada de colocar cozinheiras?» perguntou um senhor ao aproximar-se do guichê de informações de uma grande agência de empregos. Levado à seção competente, indagou:

—Foi o senhor quem me mandou uma cozinheira ontem?

O empregado consultou o fichário e respondeu com um sorriso de satisfação:

—Fui eu mesmo.

—Nesse caso, disse o visitante, —o senhor me daria um imenso prazer se pudesse vir jantar comigo esta noite.

—C.R.

QUANDO minha mulher resolveu comprar um novo aspirador de pó, a vendedora que foi em casa fazer a demonstração era tão gorda que arquejava e gemia ao se curvar para executar o serviço. Eu estava matutando qual teria sido o motivo que a levara a aceitar tal emprego, quando ela se virou para mim e, rindo, disse: «Eu sei o que é que o senhor está pensando. Eu aceitei este emprego porque desejo emagrecer e detesto fazer ginástica. Assim, vou perdendo uns quilozinhos e ainda por cima me pagam!

—R.F.

QUANDO cheguei ao centro de uma pequena cidade, em junho último, os sinos da igreja estavam tocando uma melodia muito popular e notei que as pessoas em geral tinham um ar alegre e feliz.

—Que é que há por aquí, perguntei a um homem que assoviava acompanhando os sinos.

—Ah, nossos sinos sempre tocam em dias muito especiais. Em 25 de dezembro, badalam as canções de Natal; no dia de Ações de Graças, hinos... em cada dia santo, eles lembram ao povo que há um motivo para regozijo.

—Mas eu não sabia que hoje era dia santo.

—Dia santo, propriamente, não é, mas é o começo do verão. As colheitas são mais verdes, as flores desabrocham mais bonitas, os pássaros cantam mais docemente. Por isso, tocamos os sinos e damos graças ao Todo-Poderoso pelo Seu amor, revelado na prodigalidade da natureza.

—S.G.

UM TURISTA, tirando fotografias de lugares desertos no Novo México, avançou quanto pôde com o seu automovel no leito seco de um velho rio. De um casebre quase em ruinas, na encosta de um morro, um velho saiu-lhe ao encontro para trocar as saudações costumeiras.

—Que lugar bonito! disse o turista.

—Mora aquí há muito tempo?

—Coisa de 40 anos.

—Imagino que o senhor tenha se arranjado muito bem.

—Como não? Calculo ter ganho cerca de um milhão de dólares. Naturalmente, não recebí nada. Tenho trabalhado para mim mesmo...

—H.B.B.

Coisas de hoje

A FAMÍLIA criticava o rapaz por sair com determinada moça, insistindo em que devia selecionar melhor suas companhias.

—Sinto muito, papai, respondeu o rapaz.—Mas com o carro que temos é impossivel conseguir moça melhor.

—Sra. E. T. Fehlings

(Condensado de «Recreation»)

A longa lista dos que gostam de pássaros inclui desde freiras até criminosos

Criar pássaros é divertido

Por Mildred Stevenson

ANTES da guerra, Leon L. Gardner, coronel norte-americano que vivia nas Filipinas com sua senhora, resolveu comprar um passarinho para distrair-se da monotonia da vida militar. Mas logo foi adquirindo outros e, um belo dia, os pássaros tomaram conta da casa—dormiam nos sapatos, roubavam algodão do banheiro e fitas métricas dos cestos de costura, e acabaram por despedaçar um acolchoado em busca de material para construir ninhos.

Muitas outras pessoas, como o casal Gardner, levam um passarinho para casa com a idéia de dar um pouco de vida ao ambiente e acabam por descobrir que a ave lhes pode proporcionar inúmeras formas de distração. Em muitos casos, alem de trazer alegria, até dá lucro.

Foi o caso, por exemplo, de George Burton, um *cowboy* de espetáculos do *Far West*, que ganhou um periquito quando estava convalescendo num hospital. A ave gostava de empoleirar-se num lapis e aprendia as coisas com muita facilidade. Assim, o interesse de Burton pelos pássaros foi crescendo e daí a 8 anos apresentava um elenco de 273 periquitos num filme de longa metragem, em que havia todos os requisitos da praxe: o enredo amoroso, o «mocinho» e o vilão. Os personagens dirigiam automovel, executavam piruetas equestres e no trapézio. Enfim, era uma divertida comédia!

Há gente de toda espécie interessada em pássaros. As crianças têm até os seus clubes próprios. Em Nova Orleães há uma freira que cria aves e vende-as para conseguir dinheiro para obras de caridade. E em Michigan há um preso que cria canários mas, em lugar de vendê-los, limita-se a

dá-los de presente às crianças.

Robert Stroud, duas vezes assassino, para encher a solidão dos 33 anos que passou na prisão de Leavenworth, criava canários tambem. Nunca tinha ido alem do 3.º ano primário, mas gostava de ler livros de biologia, e aprendeu a dissecar os pássaros que morriam, chegando até a escrever um bom livro sobre as doenças dos canários.

Fala-se de um comerciante que vende até 65 mil pássaros por ano, e existem centenas de donas de casa que vendem uns dois ou três. A família de Clovis Russell, que vive no Texas, ganha uns 50 mil dólares anuais com a venda de aves; começaram o negócio com umas poucas aves, no valor de 20 dólares, isso há treze anos.

Certa vez, Bruce White, um caixeiro viajante de Frederick, Maryland, que possuia pássaros quando menino, resolveu comprar um canário para sua netinha. Mas como não se agradasse de nenhum, o vendedor da loja, irritado, sugeriu que ele próprio fosse criá-los. O nosso homem seguiu o conselho e, desde então, tem ganho, no seu Estado, todos os prêmios que se oferecem aos criadores de canários, tendo chegado a presidente da associação de criadores. Possui mais de 400 pássaros no porão de sua casa, inclusive um periquito que aprendeu a abrir a própria gaiola e que, quando se vê livre, vai soltar os outros. Há tambem um gaio que diz: «Olá, Lídia!» e sapateia.

Quem desejar pássaro cantor ou falador deve comprar um macho, porque as fêmeas são silenciosas. As aves domésticas vivem de 8 a 12 anos; são limpas e a sua alimentação é barata. Os pássaros que nascem nas gaiolas não são infelizes; e os que são aprisionados aprendem depressa que o alimento garantido e a proteção que lhes é dispensada compensam a perda de uma liberdade à mercê dos inimigos. Os canários têm sido criados em gaiolas por tantas gerações que se tornaram incapazes de defender-se.

Papagaio cinzento

Ultimamente, o periquito da Austrália vem pondo em perigo a popularidade do canário. Sua côr vai do verde claro ao lilá. Treinado em pequeno, aprende a assobiar melodias e, se for ensinado por uma mulher de voz aguda, consegue falar em três meses, chegando a adquirir um vocabulário de cem palavras em um ano.

Para satisfazer a procura cada vez maior de pássaros exóticos, os negociantes de aves devassam as Américas Central e do Sul, a Austrália, a China, a Índia e as Filipinas. As espécies de pintassilgos côr de morango, de voz melodiosa, procedentes da Índia, os pintassilgos multicores da Europa e os pardais de Java com seus bicos côr de rosa e plumagem branca sobre os ouvidos, são dos mais baratos, entre os pássaros preferidos. Mas os tucanos argentinos, com bico de 20 centímetros, são bem caros.

Um dos pássaros palradores mais interessantes é a pega oriental. Em 1900, algumas delas foram transportadas para o Canadá. Conta-se que um fazendeiro, confundindo uma delas com um corvo, já ia atirar, quando o pássaro gritou: «Veja lá para onde aponta essa espingarda!» Pelo menos essa é uma das muitas histórias que se contam sobre tais aves.

O Jardim Zoológico de Washington possuia uma pega muito esperta. Quando os visitantes indagavam o que tinha acontecido com seu companheiro, ela respondia solenemente, antes que o guarda tivesse tempo de falar: «A outra morreu.» Sempre que aparecia um visitante do sexo masculino, o pássaro perguntava em alta voz: «Como vão as verbas, senador?» Se lhe davam uma moeda, agarrava-a mais que depressa, e corria a enterrá-la no chão. E cada vez que os guardas limpavam o viveiro, encontravam vários dólares.

Os papagaios continuam sendo grandemente apreciados, pois são divertidos, leais e vivem muito tempo. Houve um que, apesar de já ter 20 anos quando adquirido por um artista, ainda o acompanhou em suas *tournées* durante mais quarenta.

Há pouco tempo, fui visitar William S. Hinman, um senhor que começara a criar pássaros depois da morte da esposa porque, dizia, «eles me proporcionam algo diferente em que ocupar o meu pensamento». Ele descobriu que os filhotes dos pássaros são tão brincalhões e amorosos quanto os gatinhos.

Durante a guerra, Hinman doou seus periquitos amestrados ao Hospital St. Elizabeth, de Washington, para serem utilizados no tratamento de doenças mentais. E sente-se plenamente recompensado ao relembrar a história de Jim, um jovem marinheiro que ficara mudo e abobado após dois anos de combate no Pacífico. Durante cinco meses os médicos tentaram em vão despertar sua mente adormecida e fazê-lo falar. Foi então que um auxiliar da Cruz Vermelha levou um dos periquitos para o pavilhão onde ele se achava. O pássaro pousou numa cadeira e principiou a tagarelar, fazendo os pacientes rebentar de riso. Jim olhava-os sem compreender.

O periquito voou então para o ombro de um dos pacientes. Este segurou-o por alguns segundos e teve uma idéia: pôs a ave na mão inerte de Jim.

Todos ficaram mudos e ansiosos ao ver Jim fitar o periquito. De repente, ele fechou sua mão enorme sobre o pássaro e meteu-o no bolso. Ouviu-se um murmúrio pelo pavilhão. O médico acorreu, assustado, mas se deteve. A ave, com a mão de Jim ainda a segurá-la, espiava para fora do bolso, muito contente da vida. Foi quando Jim voltou a falar pela primeira vez.

Pega oriental

«Ele está com frio,» disse, sorrindo. «Aquí ficará quentinho.»

Oito semanas mais tarde Jim deixou o hospital. O periquito foi com ele.

Impressionante testemunho ocular do ousado desafio de Nikola Petkov à tirania comunista

Os derradeiros momentos de um homem livre

Adaptação do livro «Dimitrov Wastes No Bullets», *de Michael Padev*

HÁ ALGUM tempo atrás, saiu clandestinamente da Bulgária um documento que consigna, com tal eloquência, a fé inabalavel de um homem na liberdade e na democracia, que deveria ser incorporado ao patrimônio espiritual de todos quantos participam da mesma fé. O homem, Nikola Petkov, lider dos partidos da oposição no Parlamento búlgaro, foi enforcado pelos comunistas em setembro de 1947. O documento foi divulgado no livro de Michael Padev como uma parte eloquente da sua irrefutavel análise da «justiça comunista».

Os riscos de vida não constituiam novidade para Petkov. Durante a guerra, foi várias vezes recolhido a prisões ou campos de concentração pela sua luta contra a propagação do virus nazista na Bulgária. Entretanto, a profunda sinceridade e coragem que o caracterizavam só foram conhecidas em toda a sua extensão depois que os comunistas tomaram o poder. Em seu primeiro discurso no Parlamento, assim se dirigiu à bancada comunista: «Os senhores só mantêm o controle do país através do terror, da intimidação e da brutal interferência na vida dos demais partidos.» A réplica dos comunistas foi pérfida e direta. Acusaram-no de «conspiração» contra o governo e lembraram-lhe a sorte de Mihailovich, da Iugoslávia. Petkov limitou-se a responder: «Não tenho medo de balas.»

Na tarde de 5 de junho de 1947, Nikola Petkov chegou ao edifício do Parlamento à hora habitual. A discussão do dia deveria concentrar-se no projeto da nova constituição e esperavam-se debates calorosos. A história que se segue é contada por um dos mais íntimos amigos de Petkov, membro, como ele, do Parlamento e encarcerado tambem, algum tempo depois.

Ed.: Eyre & Spottiswcode Ltd., 15 Bedford St., Londres.

QUANDO cheguei ao Parlamento, era evidente que algo de anormal estava acontecendo: o edifício fôra inteiramente cercado por milicianos uniformizados. O ambiente, no interior, era tenso.

Reunimo-nos à volta de Nikola Petkov, que estava tão perplexo como todos nós. Quando soou o tímpano, eram quase três da tarde. Sentamo-nos em nossos lugares habituais.

A maioria comunista achava-se presente em peso. Evidentemente, havia recebido instruções para chegar à hora marcada. Com exceção de George Dimitrov, estavam tambem presentes todos os membros do gabinete. Vasili Kolarov, presidente da Assembléia, levantou-se e disse: «Tenho uma importante comunicação a fazer antes de dar início aos trabalhos do dia.»

Seguiu-se um silêncio pesado.

«Recebí hoje uma carta do promotor do Tribunal de Sófia solicitando-me que pedisse a vossa autorização para a prisão do deputado Nikola Petkov.»

A bancada comunista explodiu, imediatamente, em «Bravos!» «Apoiado!» Via-se que fôra bem industriada sobre a atitude a tomar. A tática do golpe de surpresa deixou-nos atônitos por um momento. Continuamos sentados, como que paralisados.

Voltamo-nos todos para Nikola. Lívido, o chefe e companheiro limitou-se a dizer-nos: «Afinal de contas, isso era mesmo de prever.» Os que estavam mais próximos, apertaram-lhe a mão.

Quando os brados e vociferações comunistas amainaram, o presidente anunciou que o assunto deveria ser resolvido imediatamente. Suspenderia a sessão, por 20 minutos apenas, afim de que a Comissão de Justiça, do Parlamento emitisse o seu parecer, na forma da Constituição.

Nikola levantou-se. «Isto é inconstitucional!» gritou. Mas suas palavras se perderam no troar das invectivas comunistas: «Fora!» «Traidor!» «Para as galés!»

Durante a interrupção dos trabalhos, os membros da oposição se reuniram para tomar uma decisão. Cinco ou seis deputados foram logo destacados para irem à casa de Petkov salvar parte dos arquivos do partido e algumas cartas. Outros tiveram a mis-

são de reunir alguma roupa interior, um sobretudo, uma escova de dentes, sabão e dois lençóis, ou seja, o «enxoval» de prisão que ele tantas vezes usara nos tempos do fascismo. Outros, ainda, partiram para levar a notícia a amigos influentes.

Todos esses grupos, porem, regressaram imediatamente—ninguem podia abandonar o prédio. As portas estavam guardadas por grupos de milicianos armados, e todos os telefones haviam sido desligados. Encontrávamo-nos inteiramente isolados do mundo exterior.

Não nos restava senão passar os últimos momentos em companhia de Nikola. Deu-nos as suas instruções: alguns detalhes sobre os seus problemas de família e os nomes de dois advogados que estavam preparados para defendê-lo. Logo depois, soou de novo o tímpano e entramos todos na sala de sessões.

«A Comissão de Justiça,» anunciou Kolarov, «recomenda que Nikola Petkov seja privado das imunidades parlamentares.»

Desta vez, a oposição foi a primeira a intervir. Levantamo-nos, como um só homem, e bradamos: «É uma vergonha! Isto é um regime de terror!»

Os comunistas, porem, três vezes mais numerosos, acabaram por abafar as nossas vozes. Não obstante, crivamos de apartes os quatro ou cinco oradores comunistas, que falaram em favor da prisão de Petkov. Interrompemo-los aos gritos de «Fascistas!» «Ditadores!» «Assassinos!» Quando foi dada a palavra ao Ministro do Interior, recebemo-lo com apupos: «Abaixo o ditador!» «Olhe para suas mãos—estão tintas de sangue!»

Chegou, finalmente, a vez de Nikola fazer uso da palavra. Foi o último a falar antes da votação. Apesar da terrivel tensão emocional em que nos encontrávamos, fizemos-lhe uma ovação estrondosa. Decidimo-nos a ouvílo de pé. É claro que ele nada havia preparado antecipadamente. Sua voz estava irregular, por vezes trêmula. Falou lentamente e foi forçado quase a berrar, pois o sistema de alto-falantes foi desligado de todas as bancadas, exceto da comunista. Desse modo, Nikola, sozinho, sem microfone para ampliar-lhe a voz, teve de lutar contra 300 comunistas cujo vociferar retumbava ensurdecedoramente através dos alto-falantes. Os estenógrafos haviam parado de tomar notas, em obediência, sem dúvida, a instruções da mesa. Limitaram-se a observar que todo o discurso fora «inaudivel».

Nikola começou ridicularizando as precauções da polícia. Sentia-se, de certo modo, lisonjeado, disse ele, por ver que o governo julgara necessário mobilizar um regimento inteiro de comunistas, armados de metralhadoras, para prender um só homem, que sempre andara desarmado. Os métodos de intimidação e de terrorismo eram um produto da mentalidade comunista, prosseguiu ele, já aos brados.

«Continuais no poder graças, apenas, à força bruta. A pistola e as galés são o vosso único argumento. Sou dos que favorecem outro argumento—a liberdade de palavra—liberdade que

temeis mais do que qualquer outra coisa.

«Escolhestes mal a vossa vítima. Quantas vezes vos disse que não tenho medo de morrer? Nunca tive guarda-costas e jamais temí o contacto direto com o povo. Vós vos chamais representantes do povo mas não ousais abandonar as vossas casas fortificadas. Quando meu pai foi primeiro ministro, tambem não temia o contacto com o povo e nunca admitia a presença de guarda-costas. Foi assassinado nas proximidades deste mesmo prédio porque os seus inimigos—inimigos da democracia e da liberdade—temiam, tanto quanto vós, a liberdade de palavra e preferiam, tambem como vós, argumentar com pistolas na mão. Há vinte anos, meu irmão, então chefe do partido que hoje tenho a honra de dirigir, foi tambem abatido nas ruas de Sófia pelas mesmas balas assassinas dos inimigos da liberdade de palavra.

«Se há tradições políticas na minha família, aí estão elas. E serei fiel a estas tradições, como o foram meu pai e meu irmão. Se me esperar o mesmo fim, considerá-lo-ei tambem como parte integrante da tradição da minha família. Não há maior privilégio para os que amam a liberdade do que morrer por ela.»

Estas palavras e a expressão compungida do orador tiveram efeito sobre toda a Câmara, e o próprio vozerio da bancada comunista atenuou-se quase por completo.

Voltei-me para os comunistas. Percebia-se a inquietação de muitos; via-se que não haviam gostado e não se sentiam à vontade. Nas palavras de Nikola, havia algo mais do que um desafio, feito com sua proverbial coragem e intrepidez.

«Não estou fazendo a minha defesa,» continuou. «Embora este atentado vise à eliminação da minha pessoa, não é a mim que fere—mas ao próprio regime parlamentar, à democracia, à liberdade, à dignidade humana.»

Sua voz tornou-se mais profunda e mais alta. Com grande eloquência, prosseguiu:

«Acusam-me de estar envolvido em conspirações. Declaro abertamente jamais ter tomado parte em qualquer conspiração contra o governo. Eu e meu partido reconhecemos apenas um meio de exercer nossa missão de membros da oposição—o meio legal, democrático, o da liberdade de palavra, da realização de eleições livres. Sempre nos mantivemos fiéis a esses princípios—o da legalidade, o da conquista do poder através dos métodos constitucionais, o da evolução em vez da revolução. Somos democratas, detestamos as conspirações; acreditamos e continuaremos a acreditar na liberdade, apesar da máquina de terror que ora se volta contra nós.»

Tais palavras exasperaram os comunistas. Aos brados de «Morte ao traidor!» cortaram-lhe o discurso. Convencido de que de nada valeria tentar prosseguir, Nikola voltou-se para nós. Pelo rosto desciam-lhe suor e lágrimas. Agarrou-se com ambas as mãos à tribuna e gritou-nos:

«*Da ji-vee e svo-bo-da-ta!*» (Viva a liberdade!)

Repetiu e tornou a repetir essas palavras, pronunciando-as sílaba por sílaba. Compreendemos o que queria dizer. Uma das táticas preferidas da bancada comunista no Congresso consistia em cantar, a plenos pulmões, certos ditos como «Viva Dimitrov» ou «Stalin, Tito, Dimitrov». Nikola queria que empregássemos o mesmo recurso com a frase «Viva a liberdade!»

Pusemo-nos imediatamente a bradá-la. Uma, duas, dez vezes, vinte vezes. Arrebatara-nos o entusiasmo. Os cem deputados da oposição sentíamo-nos como um só corpo e uma só alma. Os comunistas se enfureceram. Havíamos exercitado, com o maior êxito, a sua tática favorita. Nada mais se ouvia no Parlamento a não ser o nosso coro veemente — «Viva a liberdade! Viva a liberdade!»

A essa altura, os comunistas levantaram as mãos. Era já a votação, descrita mais tarde no comunicado oficial como «aprovação unânime da maioria». Os mais agressivos da maioria comunista, cerca de vinte, dirigiram-se à tribuna. Saltando sobre bancos, sobre papéis e deputados caidos, precipitamo-nos tambem para a tribuna, cercando-a completamente. Alguem começou a cantar «Ele tomba na luta pela liberdade» e todos o acompanhamos. Não teve limites a irritação comunista. Esta era a canção da Resistência, da luta subterrânea contra os alemães, e extremamente popular entre comunistas e não-comunistas.

A primeira tentativa dos comunistas de forçar a barricada humana que cercava Nikola não teve êxito. Mas eles persistiram. Não tardou muito que sacassem as pistolas, para voltar à carga apoiados por milicianos armados. Nossa resistência foi vencida.

Deste modo, Nikola Petkov foi arrancado de nosso meio. Seguimo-lo ao longo dos corredores até ao portão da entrada. Quando foi atirado no automovel da polícia, recomeçamos a bradar sílaba por sílaba, «Viva a liberdade!» O carro afastou-se, a toda a velocidade, seguido por outros veículos militares.

Menos de quatro meses depois, após um julgamento que não passou de um cínico simulacro de justiça, Petkov foi executado.

Nikola Petkov deu a vida pela liberdade num país que mal chegara a usufruí-la. Para todos aqueles que vivem sob o signo da liberdade, o sacrifício desse democrata constitui um belo e estimulante exemplo de coragem e desprendimento.

Filosofia simples

O VELHO fazendeiro abanou a cabeça e olhou-me com ceticismo quando terminei minha dissertação sobre o aumento do custo da vida. «Minha senhora,» objetou ele, sorrindo, «observe as coisas que a rodeiam. Não é o custo da vida que está alto. São as pessoas que estão vivendo alto demais.»

—Margaret T. Longstreth

O pai lavrava 32 hectares com uma junta de bois; o filho cultiva 26.000 com arados de 24 metros, produzindo safras que valem milhão e meio de dólares

Tom Campbell, o rei do trigo

(*Condensado de «Harper's Magazine»*) Por Joseph Kinsey Howard

HÁ MIL e oitocentos anos, sob os auspícios do poderoso Senado romano, acometeu-se uma das maiores empresas literárias de todos os tempos. Ao ser terminada, haviam sido traduzidos para o latim 32 volumes e se haviam distribuido exemplares a todas as bibliotecas. Os volumes constituiam o tratado de Mago sobre agricultura cartaginesa — o primeiro estudo agrícola de carater científico de que se tem notícia. Essa obra serviu de base para numerosos estudos posteriores e foi de incalculavel valor para os romanos enviados para a África Setentrional com a incumbência de aumentar a produção de víveres.

A erosão e a negligência haviam causado grandes danos aos campos da Itália. Os fazendeiros que regressavam ao lar, depois de participar das guerras do Império, encontravam as suas terras com uma capacidade produtiva tão reduzida que não logravam tirar dela o seu sustento e, consequentemente, passavam a convergir para as cidades. Nessa crise, as novas províncias eram as que poderiam salvar Roma da fome; Cartago chegara a ser a cidade mais rica do mundo antigo, graças, em parte, à descoberta de um sistema de produção de cereais em grande escala, em terrenos semiáridos. Mago pensou, com razão, que o segredo residia no fator energia, ou seja, a utilização em massa do braço escravo. Cartago industrializou a agricultura e, durante muitos séculos, os seus campos e os da Sicília, que havia sido província sua, alimentaram Roma.

Hoje, o fator energia na agricultura é o motor de combustão interna. O sucessor de

Mago e o paladino da mecanização agrícola mais conhecido em todo o mundo, é um norte-americano de cabeça encanecida, corpo delgado e musculoso, chamado Thomas D. Campbell. O Norte da África, afirma Campbell, pode e deve transformar-se, novamente, num celeiro para a Europa faminta.

O seu entusiasmo pelo potencial alimentar dessa região não é um capricho súbito; há trinta anos que Campbell vem pensando no assunto e, até hoje, já escreveu três relatórios para os governos da França e dos Estados Unidos. Em sua opinião, os campos do Norte da África podem, no curso de um ou dois anos, aumentar de 50% a sua produção e, futuramente, talvez de 150%. Isso pode ser conseguido, acentua Campbell, sem que se dissipem os recursos do solo.

A África Setentrional Francesa produz agora de 21 a 25 milhões de hectolitros de trigo por ano, e de 25 a 28 milhões de hectolitros de cevada, enviando apenas uns oito milhões de hectolitros dos dois cereais para a Europa, isto é, menos de cinco por cento do que o continente necessita. O rendimento dos trigais é, em média, de seis hectolitros por hectare, ou seja menos da quarta parte do que produzem os campos de trigo dos Estados Unidos, e o rendimento da cevada não é muito melhor. Contudo, grande parte da zona litorânea da África do Norte, entre as Montanhas Atlas e o Mediterrâneo, é tão fertil quanto as planícies setentrionais dos Estados Unidos e tem um clima semelhante.

Contudo, os utensílios de que se serve o camponês da África do Norte são os mesmos que se usavam na época de Mago, com a diferença única de que já não se dispõe do trabalhador escravo. As fazendas são de pequeno tamanho; para cultivá-las, o agricultor emprega um arado de madeira, de modelo antiquíssimo, tirado a boi ou a cavalo, e não raras vezes, puxado pela sua própria mulher. Para ceifar, usa a foice; o trigo é debulhado a pau ou simplesmente soltam-se os bois no campo e com as suas pisadas o trabalho é feito; para separar a palha do grão, o trigo é jogado ao ar e o vento se encarrega de fazer a separação. Levando em conta todas essas limitações, temos que convir que o rendimento de seis hectolitros por hectare, embora exíguo, é um triunfo da laboriosidade do árabe e, especialmente, dos seus filhos. Os garotos, desgrenhados, correm como lagostas pelos campos polvorentos, recolhendo os grãos que se desprendem das espigas com os golpes da segadeira.

O primeiro passo no plano de Campbell será estabelecer fazendas cooperativas experimentais subsidiadas pelo governo, uma em cada um dos paises norte-africanos que estão sob o domínio da França. Em seguida, será fornecido a cada agricultor um arado de aço. Alem disso, Campbell propõe que a cooperativa are, com equipamento mecanizado, as terras que se encontram perto da sua fazenda de demonstração. Quando as colheitas atingirem um vulto que o justifique, a cooperativa enviará por toda a região

tritícula as suas máquinas debulhadoras e combinadas.

Caberá às fazendas cooperativas de demonstração, em primeiro lugar, ensinar aos naturais qual a semente apropriada e como se deve semeá-la. Tentar-se-á convencer os árabes de que, mesmo em suas limitadas terras, valerá a pena deixá-las descansar durante o verão. Ser-lhes-á ensinado, igualmente, o sistema de arar para captar a preciosa água da chuva, e a maneira de lutar com êxito contra as ervas daninhas.

Finalmente, será necessário prover o armazenamento e o transporte de grandes colheitas. Não existem hoje, virtualmente, armazens de depósito para produtos agrícolas na África do Norte. Os nativos levam os seus sacos de trigo ao mercado em lombo de burros. As estradas são poucas e más, de modo que o caminhão comum não serviria nessas regiões. Campbell, porem, conhece algo melhor do que o caminhão comum. Ele o demonstrou em 1947 e 1948 aos funcionários da França e da Tunísia que visitaram a sua fazenda do Estado de Montana.

Depois da guerra, o Exército norte-americano ficou com centenas de «semilagartas»—caminhões feios, de frente larga e achatada, com rodas comuns no jogo dianteiro e mecanismo de trator de lagarta no traseiro. Podem carregar sete toneladas de carga ou arrastar um peso três vezes maior; manobram-se com facilidade, são rápidos e se adaptam a quase qualquer terreno.

Campbell, que sabia muito bem o que se lograra fazer com as «semilagartas» durante a guerra, comprou doze dessas máquinas e converteu-as em caminhões de tração nas quatro rodas. Adquiriu em seguida onze semi-reboques militares. Conjugado ao caminhão adaptado, cada um destes pode transportar 247 hectolitros de trigo, que pesam umas 19 toneladas métricas, do campo para o depósito, a uma velocidade de 56 quilômetros por hora. A carga de um reboque dá para encher um vagão do tipo usado na África do Norte, ou pode substituí-lo quando não se disponha de serviço ferroviário.

Contudo, a «semilagarta» não é mais do que um exemplo espetacular da maneira como Tom Campbell utiliza equipamento militar barato, porem adaptavel. A sua última aquisição é um caminhão M-6, veículo que na guerra se utilizou no serviço auxiliar de tanques, o qual foi convertido em trator diesel de 450 cavalos de força—o maior de sua espécie que já se construiu. Este trator arrasta um grupo de arados que tem 24 metros de largura e pode arar 324 hectares em 24 horas. Não obstante o seu peso —34 e meia toneladas métricas—a pressão exercida sobre o solo pelas gigantescas esteiras é inferior à de um calcanhar humano. Por conseguinte, não danifica o terreno como o faziam muitos dos grandes tratores.

A fazenda de Campbell, no Estado de Montana, é a maior plantação de trigo, de propriedade privada, em todo o mundo. De determinado local, o visitante pode abranger com os olhos

um vale dourado que vai terminar numa serra de sombras azuladas. O vale contem 45 quilômetros semeados de trigo. A colheita leva duas semanas, embora as máquinas combinadas possam ceifar e debulhar 14 mil hectolitros de trigo por dia, que são levados aos depósitos.

A fazenda de Campbell é um vasto laboratório. A pulverização para matar gafanhotos e ervas daninhas foi pela primeira vez usada em grande escala em 1948. Um trecho de terra tão infestado de ervas daninhas que ia ser abandonado, foi pulverizado ao custo de três mil dólares e, a seguir, produziu 40 mil dólares de trigo. Quando Campbell notou que as sementeiras de linho nas vizinhanças dos seus campos de trigo atraíam gafanhotos, consultou entomologistas do governo, sobre o uso de venenos para combater a praga. A droga, empregada oportunamente no linho, poderá destruir a praga antes que esta ataque o trigo, podendo salvar o próprio linho; se a experiência for bem sucedida, será conveniente o plantio do linho em faixas de terras adjacentes aos grandes trigais.

Os 26 mil hectares de Tom Campbell, com os seus tratores de 425 cavalos de força e os seus arados de 24 metros, muito se distanciam dos 32 hectares, da junta de bois e da gadanha com que o seu pai começou! No entanto, a maior e a mais mecanizada fazenda de trigo nasceu daquela modesta herdade, porque a penosa faina dos pais incutiu no jovem Campbell a resolução de entregar às maquinas a execução desse árduo trabalho.

Durante a Primeira Guerra Mundial, já ele se interessava nos planos de cultivar trigo em grande escala, em terras até então virgens. Pensou na África do Norte, mas esse plano foi abandonado devido à presença de submarinos alemães no Mediterrâneo, e Campbell decidiu então selecionar terras nos Estados Unidos. Com o apoio financeiro do Banco Morgan, ele arrendou 38 mil hectares no Estado de Montana. No segundo ano de operações, sobreveio a maior seca dos anais do Estado e a empresa Morgan-Campbell fracassou. Campbell comprou por 150 mil dólares os contratos de arrendamento, a maquinaria, que havia custado 400 mil dólares, e o resto dos haveres da companhia.

Mas a seca continuou até 1926, repetiu-se em 1929, e pelo ano de 1934 a sociedade devia quase um milhão de dólares. A situação começou a mudar no ano seguinte, quando a empresa passou a saldar as suas dívidas e a expandir-se.

Na última década, a fama de Campbell espalhou-se por todo o mundo. Ele viajou pela Rússia Soviética, França e África do Sul como consultor técnico em assuntos agrícolas; ainda não lhe restou tempo para aceitar os convites feitos por três paises da América Latina. Mas, acima de tudo, Campbell acalenta o velho sonho de há 30 anos e aspira a ver chegar o dia em que possa ajudar a converter as ferteis planícies do litoral norte-africano numa florescente cornucópia para uma Europa faminta.

Como o heroísmo de uma garotinha tocou o coração de uma cidade

Novo teto para Roberta

(Condensado de «Christian Herald»)

Por William F. McDermott

ERA NA Feira Mundial de Chicago, em 1934, e o bebê, uma menina, pedacinho confrangedor de humanidade, jazia dentro de uma campânula de vidro, na exibição de incubadores de bebês da exposição. Pesava somente 1.600 gramas, e muitas pessoas, ao contemplá-la, perguntavam se ela seria capaz de resistir... As próprias enfermeiras duvidavam que a ciência médica e a afeição humana conseguissem aguentá-la com vida. Se ao menos tivessem podido prever o futuro!

Nos começos de 1949, o bebê prematuro se tornara uma fragil menina de 14 anos. Sofrera repetidos ataques de sarampo; a febre reumática a ameaçava. Aos sete anos esteve hospitalizada durante meses com tuberculose dos olhos e parecia condenada à cegueira. E no entanto, Roberta Lee Mason conseguira vencer tudo isso, e saira dessas provas com a alma intacta e robustecida!

A vida da família era de autêntica pobreza. O pai, Walter Mason, era um simples chofer de caminhão, e a mãe, Mildred, lutava dia e noite para manter seus sete filhinhos vestidos e alimentados.

A mãe trabalhava fora, e Roberta, por ser a mais velhinha do rebanho, deixou a escola no sétimo ano, para cuidar dos irmãos. Pesava uma miséria —menos de 32 quilos—e, não obstante, o trabalho que ela conseguia produzir, cozinhando, lavando roupa, limpando a casa e cuidando dos bebês, era coisa de assombrar. Depois disso tudo, à noite, ainda distribuia jornais na vizinhança.

Mas, o ano passado, viu chegar enfim a hora da grande esperança da família: a construção de uma casa só deles, em meio hectare de sua propriedade, num dos subúrbios de Chicago. Essa modesta residência foi quase que inteiramente construida pelas mãos da família; primitiva, não tinha banhei-

ro, nem aquecimento, nem instalação elétrica. Se queriam água, precisavam de ir buscá-la em casa de uma vizinha, a um quarteirão de distância, e a única fonte de aquecimento era um fogão a querosene instalado na salinha de estar. Mas, mesmo pobre, era a casa dos seus sonhos, e todos se sentiam muito felizes.

O dia 17 de fevereiro deste ano amanheceu ventoso e frio, mas parecia afinal um dia como tantos outros do inverno. Quando a mãe saiu para o trabalho, Roberta levou os quatro irmãozinhos consigo para a cozinha. (Os dois mais velhos estavam fora, um em visita a amigos, o outro na escola.) Roberta estava dando banho num dos gurís, quando ouviu um estampido tremendo e viu um clarão: era o fogão da saleta que explodira! A pequena bateu a porta de comunicação da cozinha com a saleta, e correu para a rua com os irmãos. Mas só então reparou que lhe faltava o mais novinho, Leroy, de 3 anos de idade, e voltou a toda a pressa à casa.

Quando abria a porta, queimando a mão na maçaneta, a golfada súbita de gases do incêndio arremessou-a para trás, escancarando a porta de par em par. Chegou-lhe aos ouvidos um choro abafado, sinal de que a criança estava alí, embora ela não a pudesse enxergar através da fumarada negra do óleo incendiado, que tudo escondia, menos as labaredas enfurecidas. A saleta era um braseiro, com chamas lambendo as cortinas, as madeiras e a mobília.

Roberta deitou-se de bruços no chão e foi rastejando por alí a dentro, indiferente ao perigo, tateando entre a fumaça para encontrar o irmão. Achou-o, finalmente, debaixo de uma mesa. A essa altura o seu vestido já fumegava, e só não pegara fogo porque ainda estava ensopado de água, pois ela acabara de lavar a cozinha.

As chamas crestaram-lhe as faces, os ombros e os braços, mas assim mesmo ela conseguiu arrastar-se como um verme para fora daquele inferno. Teve porem, antes disso, a inspiração de cobrir a cabeça e os ombros do irmãozinho com o seu próprio vestido. Quando se apanhou na cozinha, correu para a porta de saida; mas a violência do incêndio a tinha fechado. A pequena correu para a janela, rebentando as vidraças com os punhos e os braços chamuscados. Capaz enfim de respirar, conseguiu abrir a porta e saiu.

Reunindo as últimas forças que lhe restavam, correu aos trambolhões até a casa mais próxima, levando nos braços o irmão desmaiado. Alí, perdeu os sentidos nas escadas da frente. Uma vizinha, a sra. Gertrude Martinek, ao ver aquilo, embrulhou as duas crianças em cobertores.

«Nem se lhe podiam ver os olhos,» contava depois essa vizinha. «Uma das orelhas parecia meio comida pelo fogo, e metade do cabelo estava chamuscado.»

Chegada ao hospital, os médicos a envolveram logo em ataduras da cabeça aos pés, e fizeram-lhe transfusões de sangue. A vida dela pendia de um fio—seus pulmões, enfraquecidos por muitas doenças, podiam ceder à infecção provocada pelas chamas e pela fumaça. Receava-se tambem que ela perdesse ambas as mãos, devido às queimaduras de terceiro grau. Mas a ciência, a habilidade de quem a tratou, e o ânimo da própria pequena ganharam a batalha. Do acidente, Roberta apenas conservará algumas cicatrizes no pescoço e nos braços.

A história da luta heróica da jovem foi, é claro, registrada com destaque pela imprensa. Por todo o país, os jornais publicaram fotografias dos irmãos, de pé junto da cama de Roberta, olhando assombrados para aquela figura toda enrolada em gazes, bem como aspectos do interior sinistrado da modesta habitação. A generosidade pública manifestou-se imediatamente da forma mais auspiciosa.

Como por obra de mágica, apareceram nas lojas e escritórios da cidade receptáculos marcados «Para Roberta». Os vizinhos organizaram uma subscrição. O *Daily News*, de Chicago, patrocinou a criação do «Fundo para Socorro a Roberta». Cartas garatujadas por crianças, contendo contribuições em moedas, amontoaram-se juntamente com os envelopes de adultos, com notas e cheques. Um garoto mandou uma nota da 5 dólares com este recado: «Deus te abençoe, Roberta, e permita que ninguem te furte estes cinco dólares.» Até da Irlanda veio uma contribuição! No total, receberam-se mais de 12 mil dólares, hoje na sua maioria empregados em títulos destinados a garantir a educação da heroina.

Houve um verdadeiro dilúvio de presentes, vindos de toda parte—relógios de pulso, bonecas, rádios, suéteres, cachecóis. As crianças mandaram a Roberta goma de mascar e lenços; uma pequena mandou-lhe um cachorrinho. A Veterans of Foreign Wars, associação de ex-combatentes, concedeu-lhe o Diploma de Mérito, e 100 dólares para ajudar a sua educação. Uma seção local da Legião Americana conferiu-lhe uma medalha, a primeira concedida nestes últimos 30 anos, e lhe fez presente de um relógio de pulso com uma dedicatória gravada.

Mas, de todos os presentes, o mais impressionante foi o que lhe fizeram os sindicatos operários e a indústria de construção—uma casa confortavel, erigida no mesmo local da que ardera. A idéia foi sugerida pelo *Herald-American*, de Chicago, aos dirigentes dos sindicatos e às empresas de materiais de construção.

«Dêem-nos os materiais, e nós entregaremos a casa pronta em 21 dias!» tal foi a promessa de Michael Sexton, presidente do Sindicato dos Carpinteiros, que se ofereceu para dirigir gratuitamente as obras—com a ajuda dos pedreiros, canteiros, estucadores, bombeiros, eletricistas, caldeireiros, vidraceiros e pintores. Uma firma de arquitetos fez o projeto de graça, e as empresas de construção forneceram tambem gratuitamente materiais e equipamento.

Nove dias após o incêndio, iniciava-se a edificação da casa. Uma pá mecânica limpou os destroços da casa incendiada, e um *bulldozer* nivelou o terreno. Nem a chuva gelada nem o

lamaçal conseguiram afugentar os operários. A escuridão tambem não pôde detê-los, porque o Corpo de Bombeiros de Chicago mandou um caminhão-holofote que inundou de luz o local. O dono de um restaurante remeteu sanduiches e café quente para alimentar os trabalhadores voluntários. Por volta da meia-noite estavam lançados os alicerces!

Iniciado o trabalho de carpintaria, presidentes de sindicatos, que havia muitos anos não pegavam numa ferramenta, trabalharam ao lado de seus homens. Gerentes houve, de empresas de materiais de construção, que envergaram os macacões para ajudar a descarregar madeiras, tijolos, cimento, materiais isolantes, e outros artigos igualmente doados. A vizinha, sra. Martinek, abriu as portas de sua casa e, auxiliada por outras pessoas das redondezas, serviu gratuitamente mais de mil refeições.

Ao fim da primeira semana de trabalho febril, a casa estava em pé, e já lhe fôra posto o telhado. Na cerimônia da cumeeira, dois dos irmãos de Roberta, ajudados pelos trabalhadores, subiram ao telhado e içaram bandeiras americanas. Na segunda semana terminou-se, com rapidez nunca vista, o revestimento interior. Depois, em dias consecutivos, ficaram instalados o banheiro, a cozinha, e o que há de mais moderno em sistemas de aquecimento. Dez caminhões gigantescos foram descarregar humo negro para se fazer o gramado.

Os presentes de mobília e utensílios choveram sobre a pequena heroina e a sua família assombrada. Um negociante de tapeçarias pregou uma orquídea no ombro todo envolto em ataduras de Roberta—era a primeira orquídea que ela via—e disse-lhe que queria contribuir para a casa nova com tapetes no valor de mil dólares. Uma companhia de seguros contra incêndios doou uma apólice de seguro geral, válida por cinco anos. Um florista ofereceu-se para manter sempre floridos os parapeitos das janelas.

A 27 de março a enfermeira de Roberta vestiu-a com um vestidinho azul e cobriu-lhe os ombros com uma capa cujo capuz quase lhe encobria as ataduras do pescoço. À passagem dela pelos longos corredores do hospital, os doentes aclamaram-na de suas camas. À porta, esperava-a uma limusine com chofer de libré.

Quando o carro se acercava da casa nova, as buzinas de centenas de automoveis postados ao longo do caminho rugiram em coro numa saudação ensurdecedora. Roberta não pôde conter o assombro ao dar com a encantadora casa nova, de cuja varanda os seis irmãos e irmãs lhe faziam gestos frenéticos de saudação. Tambem lá estavam a mãe e o pai. E, para coroar isso tudo, uma banda de música entoava a conhecida melodia de «*Home, Sweet Home*».

O vento cortante de março não arrefeceu o entusiasmo de milhares de pessoas reunidas em volta do palanque erigido diante da entrada principal da casa. O pastor, do alto dessa tribuna, invocou a benção divina sobre a pequena heroina e a sua nova casa, e o prefeito de Chicago, Martin H. Kennelly, lhe prestou tambem uma homenagem.

O momento culminante foi, porem, aquele em que Roberta se viu soerguida até à tribuna, e cortou com uma tesoura a fita que vedava a entrada da casa, inaugurando-a assim. Sexton, o Presidente do Sindicato dos Carpinteiros, teve a incumbência de oferecer à jovem heroina uma chave de ouro.

A menina do coração forte ergueu devagarinho um braço, e o passou em volta do pescoço taurino do corpulento irlandês, murmurando: «Está tudo tão lindo... Eu me sinto tão feliz... Deus abençoe a vocês todos!...»

E Roberta transpôs lentamente os umbrais da porta. Estava enfim na casa dos seus sonhos.

Coisas de Hollywood

HEDY LAMARR, conhecida em Hollywood como geniosa, teria dito em uma entrevista:

—Tenho sincero respeito por quem me diz francamente, na cara, que estou errada.

O seu agente de publicidade comentou:

—Não duvido que ela me respeite se eu discordar dela. Mas onde irei arranjar outro emprego?

—Jimmy Fidler

UM MAGNATA do cinema, depois de ouvir numa festa um excelente barítono, observou que o cantor poderia ser uma revelação no cinema.

—Você não sabe quem ele é? perguntou-lhe um amigo. —O nome dele é Lauritz Melchior.

—Que importa? respondeu o produtor. —O nome, a gente muda.

—Ann Parks, em *The Sign*

UM ESCRITOR descrevia uma cena ao diretor Mike Curtiz quando este o interrompeu para dizer como a cena deveria ser representada. O escritor tentou continuar, mas Curtiz o deteve com um sinal:

—Por favor, não fale enquanto eu o estiver interrompendo.

—Sidney Skolsky, N. Y. Post Syndicate

UM DIRETOR cinematográfico, conhecido pelos longos discursos que costumava fazer após os banquetes, expressa-se, hoje em dia, com a maior brevidade possivel. Quando lhe indagaram a que se devia a mudança, explicou:

—A uma observação que ouví acidentalmente. Durante uma pausa num dos meus discursos, alguem perguntou ao vizinho: «Que é que vem depois desse discurso?» E o outro respondeu: «Quarta-feira.»

—*Star*, de Montreal

Louis de Rochemont: o «diabo à solta» do cinema

Por Eugene Lyons

O cinegrafista cujo dinamismo transformou o filme documentário em fabulosa fonte de renda

DURANTE os primeiros meses da guerra de 1914-18, um sabotador alemão, Werner Horn, teve o seu nome nos cabeçalhos dos jornais norte-americanos ao fazer ir pelos ares uma ponte entre os Estados Unidos e o Canadá em Vanceboro, no Maine. Preso, foi conduzido à cidade de Portland. Os cinegrafistas acudiram em enxames para filmar a cena do encarceramento do sabotador, mas, tendo chegado tarde demais, retiraram-se desapontados. Poucos minutos depois, entrava esbaforido na delegacia policial da cidade um rapazola de 17 anos, fotógrafo independente de uma cidadezinha quase desconhecida. Quando viu que chegara tarde, teve a idéia de filmar uma reconstituição da cena, e tão habil foi sua persuasão, que o delegado anuiu ao pedido do rapaz. O filme que daí resultou, imediatamente adquirido por uma grande empresa de jornais cinematográficos, teve as maiores repercussões para a indústria do cinema dos nossos dias.

O jovem fotógrafo livre-atirador, que dera provas de tão vivos recursos de imaginação, era Louis de Rochemont, que, desde então, conseguiu convencer os frequentadores de cinemas do valor, como diversão, dos filmes que reconstituem acontecimentos reais. No carater de produtor de *shorts* tais como a série *Marcha do Tempo*, e de filmes de grande metragem como *Belonave*, *A Casa da Rua 92* e *O Justiceiro*— ele aperfeiçoou a tal ponto a técnica da reconstituição, que esta se transformou num tipo de filme, conhecido como «semi-documentário». Nestes últimos meses, os estúdios mais importantes de Hollywood têm lançado filmes inspirados no tipo de realismo criado por Louis de Rochemont, os quais são rodados no próprio local dos acontecimentos.

A princípio, Rochemont foi acusado de haver «falsificado» a sua cine-reportagem sobre Werner Horn, mas defendeu-se com calor e convicção. Segundo argumentou, o reporter cinematográfico tem tanto direito a descrever uma cena com imagens, depois de consumado o evento, quanto o reporter de jornal a descrevê-la com palavras. Alem disso, afirma Rochemont, a reconstituição torna muitas vezes o episódio mais claro e pormenorizado do que a própria «realidade».

A mais recente demonstração de sua teoria ele a dá em *Lost Boundaries** («Fronteiras Perdidas»), filme há pouco distribuido, no qual vemos desenrolar-se a existência de uma abastada família na Nova Inglaterra, que de repente os vizinhos descobrem ter sangue mestiço. A história é autêntica —Rochemont nunca filmou nada que fosse pura ficção—e o estudo minucioso das reações de uma típica comunidade norte-americana, ante um dilema de profundo alcance social, resultou altamente significativo; mas é evidente que neste, como em outros casos, era impossivel filmar os acontecimentos à medida que eles se desenrolavam.

Rochemont não foi o primeiro nem o único cineasta a adaptar o estilo jornalístico à tela. Tem sido, porem, de uma felicidade fora do comum, do ponto de vista do êxito de bilheteria, com os seus documentários. Foi ele o primeiro a conjugar o impacto da realidade do cine-jornal com a perspectiva da narração hollywoodiana, e a obter desse modo o que ele classifica de «essência do bom drama—a ilusão da realidade».

Quando Rochemont filma no local autêntico, o seu elenco não só consta de atores profissionais, mas tambem de moradores do lugar, que ele consegue persuadir a enfrentar a câmara. Diz ele que isso reforça o realismo dos filmes.

Essa inovação começou como fruto da necessidade. Quando Louis se meteu pela primeira vez a filmar—era então um colegial de 12 anos, em Massachusets — nem dinheiro tinha sequer para comprar a máquina. Atores, está claro, era coisa com que nem podia sonhar. Ajudado pela oficina mecânica local, fabricou com suas próprias mãos uma câmara de manivela. Assim equipado, dirigia-se a uma cidadezinha das vizinhanças, e punha-se a filmar o pessoal da terra entregue aos seus afazeres diários, nas ruas, nas igrejas, nos piqueniques, à porta de cinemas e teatros; e depois vendia ao empório cinematográfico do lugar, o «documentário local» assim realizado. Calouro ginasial ainda, conseguia embolsar dessa forma uns 30 a 40 dólares por semana.

Durante esses anos de colégio, ele começou já a dar «furos» que haviam de tornar seu nome lendário entre os cinegrafistas de atualidades.

Antes de finda a Primeira Guerra Mundial, alistou-se na Marinha dos Estados Unidos, chegando a alcançar a classificação de oficial da carreira de

*Baseado na condensação do livro de W. L. White que aparece neste número de Seleções.

comando. Uma das memórias desse tempo de que ele mais se orgulha, foi a de ter conduzido uma divisão de destróieres desde Napoles até Fire Island, às portas de Nova York. Mas a Marinha deu-lhe sempre muita margem para as suas atividades de operador cinematográfico. Quando Kemal Atatürk expulsou os gregos de Esmirna e fundou, em 1922, a República Turca, Louis estava presente para registrar esses triunfos. Quando os arqueólogos abriram o túmulo do famoso faraó Tutankamon, e quando os russos brancos fugidos do Exército Vermelho vitorioso embarcaram em Odessa—Rochemont lá estava rodando a manivela.

Em 1923, demitiu-se da Marinha e foi trabalhar na International Newsreel. Entre 1920 e 1930, deu várias vezes a volta ao mundo com a sua câmara, ou acompanhado de brigadas de *cameramen* sob a sua direção, tendo como centros de operação Nova York, París, Istambul ou Singapura.

Quando uma empresa rival conseguiu os direitos exclusivos de filmagem da expedição do almirante Byrd ao Polo Norte, Rochemont não desistiu de filmar o grande empreendimento, para a International. Fez uma combinação com os operadores que acompanhavam a expedição de Amundsen, realizada na mesma ocasião, de modo a poder servir-se do dirigivel *Norge* como ponto de observação para filmar a partida de Byrd de Spitzberg. O comandante de um destróier norueguês foi persuadido a levar o negativo, imediatamente, de Spitzberg para Tromsö, de onde ele foi despachado sem demora para a Inglaterra e os Estados Unidos. Rochemont, assim, deu um «furo», suplantando os seus concorrentes, que tinham comprado a exclusividade da filmagem.

Aproximadamente por essa época, os entusiastas do turfe andavam delirantes com a notícia de que o famoso cavalo de corrida inglês *Papyrus* ia ser embarcado para os Estados Unidos, afim de correr no Belmont Park, de Nova York, contra *Zev*, campeão do famoso Kentucky Derby. Mais uma vez, uma empresa rival comprara os direitos exclusivos de filmagem. Ia começar a memoravel corrida, quando um caminhão em forma de gigantesco barril de cerveja, onde os espectadores tinham estado comprando refrescos, rodou para junto da pista de corrida. Ninguem suspeitava que esse barril tinha um certo número de vigias bem disfarçadas, através das quais as câmaras de Rochemont registraram a corrida completa.

Rochemont casou-se em 1930, e estava passando a lua de mel na Índia, quando teve o ensejo de filmar as sangrentas desordens de Bombaim, para a Fox Movietone News. As autoridades britânicas ficaram aborrecidas quando souberam que um cinegrafista americano estivera em pleno tumulto. Dois detectives à paisana foram procurar Rochemont em seu hotel, e cortesmente, porem com firmeza, reclamaram os filmes. Louis resistiu, mas por fim, com ar acabrunhado, entregou-lhes uma lata com a etiqueta «Desordens de Bombaim».

Semanas depois regressava a Nova York e, com um sorriso triunfante, indagava do seu chefe:

—E então, que tal foi o sucesso dos tumultos?

—Que tumultos?

—Oh homem de Deus! Eu conseguí que uma enfermeira levasse o filme clandestinamente para Londres. Estava marcado «Festival Indiano».

Aquilo de festivais nativos era um assunto tão batido no mercado cinematográfico, que a lata nem sequer chegara a ser aberta! O documentário proibido foi então programado e alcançou êxito retumbante no mundo inteiro.

Preocupado com a marcha dos acontecimentos no mundo, em 1933, Rochemont produziu por conta própria um documentário de grande metragem intitulado *The Cry of the World*. Esse filme terminava com a imagem profética, em *Close-ups*, de meninos que bem poderiam vir a ser as vítimas de uma nova guerra. Exibido na Broadway às expensas de seu autor e produtor, esse filme lhe custou as economias de uma vida inteira de trabalho. Tinha-se antecipado demasiado aos acontecimentos ...

Mas essa despesa foi util como ensaio de um novo tipo de filme—o que apresenta a história contemporânea sob forma visual. No ano seguinte Rochemont iniciou a série intitulada *Marcha do Tempo*.

Conquanto seu nome andasse pelas telas do mundo havia um quarto de século, Louis nunca tinha entrado num estúdio de Hollywood, a não ser como simples visitante, até que, em 1943, renunciou os seus interesses na *Marcha do Tempo*, para dar ingresso na Twentieth Century-Fox, como produtor. Alí, ele se recusou a aceitar os moldes tradicionais da exagerada fantasia de Hollywood. Ao tempo que outros estúdios importantes recusavam comprar trechos soberbos de filmagem de combates no mar, Rochemont pedia mais e mais. Dezenas de cinegrafistas continuaram febrilmente a filmar as cenas de guerra, até que, finalmente, ele se achou na posse de todo o material que viria a transformar no filme *Belonave*, epopéia documentária da viria de um porta-aviões. Esse filme ganhou o «Oscar» da Academia Cinematográfica de Hollywood, e ocupa lugar de destaque entre os melhores filmes de guerra já produzidos. Seguiram-se-lhe *A Casa da Rua 92* e *13 Rue Madeleine*, que registraram episódios autênticos de espionagem durante a Segunda Guerra Mundial.

Hoje, mais uma vez como produtor independente, este homem incansavel não dá sinais de afrouxar o ritmo em que trabalha. Homenzarrão corpulento de 1,80 m de altura, com uma densa cabeleira castanha emaranhada, e o aspecto perpetuamente afadigado de um assoberbado reporter de casos policiais, ele parece explodir de impaciente energia.

«O sono e o repouso não figuram no programa dele,» diz um dos seus colaboradores. «Já o tenho visto trabalhar quatro dias e quatro noites seguidas, para aperfeiçoar uma cena. Para ele

qualquer trabalho se transforma em um grande empreendimento. Rochemont está sempre moendo o ouvido da gente com iniciativas entusiásticas.»

Ainda há pouco ele conseguiu convencer dois homens dos mais cabeçudos da indústria do cinema, Matthew Fox, de Hollywood, e o famoso J. Arthur Rank, magnata do cinema inglês, a consignar três milhões de dólares para a mais ambiciosa das empresas até hoje tentadas nos domínios do cinema educativo—uma experiência no terreno que Rochemont chama de «geografia humana». Com esses 3 milhões, ele produziu 36 filmes de 20 minutos, rodados em 30 paises diferentes, para acompanhar os livros escolares das quarta, quinta e sexta séries primárias. «O que nós queremos demonstrar,» diz o produtor, «é que as pessoas que vivem em condições diferentes das nossas nem por isso são anormais; os iglús dos esquimós são tão naturais no Ártico, como os arranha-céus em Nova York.» Centenas de escolas já adotaram esses filmes para o ensino pela imagem.

O seu mais recente filme, *Lost Boundaries* («Fronteiras Perdidas») exemplifica bem o método de Rochemont. Foi quase todo tirado numa cidade não muito longe daquela onde os acontecimentos dramáticos que representa se passaram realmente. Não se usou nenhum cenário artificial. Rochemont tem muitos amigos nessa região—vive com a esposa e os dois filhos em uma fazenda a uma légua de distância—e não encontrou dificuldade alguma em obter entrada em casas particulares e edifícios vários, que lhe serviram de cenário.

Como de costume, Rochemont misturou gente da localidade com atores profissionais. Durante alguns dias, os profissionais, sem se aperceberem de que o pároco da igreja, que figurava entre eles, não era um colega de profissão, conversaram com ele na linguagem mais irreverente que se pode conceber atrás de bastidores. Imagine-se o embaraço em que não ficaram quando descobriram que o «colega» era na realidade pastor da igreja episcopal do lugar!

Lost Boundaries foi recusado pelas grandes empresas de Hollywood uma após outra, devido a ter como assunto a questão racial do negro. Mas Louis de Rochemont pouco se importa: há 35 anos que ele segue o seu caminho, e cada vez isso lhe agrada mais.

Personalidade

LEIA, todos os dias, alguma coisa que ninguem esteja lendo. Pense, todos os dias, em alguma coisa em que ninguem esteja pensando. Faça, todos os dias, algo que ninguem teria a loucura de fazer.

Não há nada pior para o espírito do que fazer sempre parte da unanimidade.

—Christopher Morley

FRONTEIRAS PERDIDAS

Condensação do livro «Lost Boundaries»,

de W. L. WHITE

OS TREZE milhões de negros que existem nos Estados Unidos constituem, para a democracia americana, um dos maiores problemas sociais dos nossos dias. Haverá contingência humana mais dramática do que a dos norte-americanos de sangue negro cuja pele se tornou branca devido aos cruzamentos ancestrais e que, na ânsia de melhorar as suas condições de vida, são levados a querer passar por brancos?

Esta é a história comovedora e autêntica, embora sob forma de ficção, de uma família em vias de cruzar a fronteira da côr, isto é, a linha que separa os pretos dos brancos. Esta família existe, realmente. Todos os dias, milhares de outras famílias vivem situações igualmente constrangedoras. W. L. White, já famoso pelos seus vários livros de interesse universal, traz à baila nessa obra um dos mais inquietadores dramas com que se confronta a consciência humana.

Copyright, 1947, de W. L. White. Ed.: Harcourt, Brace & Co., Inc., 383 Madison Ave., Nova York.

FRONTEIRAS PERDIDAS

ANTES de saber o que foi dito a Albert Johnston quando completou 16 anos, e por que não lhe foi dito antes, o leitor precisará conhecer os seus antecedentes. Fôra ele, até então, um menino como qualquer outro da Nova Inglaterra. Seu pai era o principal médico da cidade de Gorham, Estado de New Hampshire, onde Albert cresceu brincando nas colinas vizinhas, aprendendo a esquiar e tomando parte nos acampamentos de escoteiros. Cursou o ginásio com as melhores notas, foi eleito presidente da turma, e tomou lições de piano—típico exemplo de menino norte-americano e *yankee*,* tanto na aparência como no sotaque característico.

Sua ascendência era tambem essencialmente americana com a exceção única de dois bisavós alemães de tipo moreno aos quais Albert devia, segundo sua mãe, o fato de ser mais escuro que os seus colegas, ter olhos castanhos, nariz alto e saliente, e os cabelos negros e crespos.

Quando Albert tinha 15 anos, a família mudou-se para Keene, cidade um pouco maior mas, como Gorham, típica da Nova Inglaterra, com a sua igreja congregacional do século XVIII na praça principal, com o seu torreão alto a destacar-se por sobre as copas dos olmos. Seu pai, que pedira um ano de licença para estudar radiologia em Harvard, trabalhava agora no principal hospital da cidade e Albert, que tencionava cursar a faculdade de Dartmouth, foi matriculado no Colégio Mt. Hermon, próximo a Keene.

Um dos colegas de Albert era preto e como os pretos, nas zonas rurais de New Hampshire, constituiam verdadeira raridade—só uma vez ou outra se via uma preta, cozinheira de algum veranista—Charlie Duncan, filho de Tedd Duncan, foi uma verdadeira surpresa para Albert. Charlie, que se fez muito estimado em Mt. Hermon e, mais tarde, chegou a ser o lider de sua classe em Dartmouth, era um dos estudantes mais brilhantes. Pertencia tambem à equipe de esquí e estava um ano na frente de Albert, que ao fim do penúltimo ano do curso, foi eleito capitão para o ano seguinte.

Mas a essa altura, ocorreu um pequeno incidente. Tendo o treinador deixado de incluir Albert no conjunto que iria representar o colégio numa grande competição em Meriden,

*Assim são chamados os habitantes da Nova Inglaterra (região nordestina dos Estados Unidos que compreende seis Estados: Maine, New Hampshire, Vermont, Massachusetts, Rhode Island e Connecticut) e, de modo geral, os estadunidenses do Norte em contraposição aos seus patrícios do Sul.

Charlie Duncan declarou aos seus companheiros: «Acho que Amendoim (apelido de Albert no colégio) esquia melhor que eu.»—E ofereceu-se para renunciar a seu lugar na delegação, em favor dele.

O treinador acabou prometendo que os dois seriam incluidos. Quando Albert voltou para casa naquele fim de semana, sentia-se orgulhoso com a distinção que lhe fôra feita.

Sua casa era uma das mais bonitas de Keene. Ocupava um grande terreno de esquina, numa das melhores ruas residenciais da cidade. O menino notou, ao chegar a casa nesse fim de semana, que algo de anormal acontecera. O pai, que pressentira a aproximação da guerra, fôra um dos primeiros a atender à convocação de voluntários para a Marinha, tendo-lhe sido prometido o posto de capitão-tenente. Depois, teriam surgido dificuldades. A Marinha parecia fora de cogitação. O pai estava visivelmente perturbado e falava a todo o momento com a mulher. Nada disseram ao rapaz. O pai já havia tomado alguns tragos. A Marinha, de certo, o tinha recusado por velho de mais, ou por muito gordo, ou coisa parecida, pensou Albert.

Não vendo razão para tanto aborrecimento, Albert decidiu tomar um banho, telefonar para duas garotas conhecidas e combinar um passeio para aquela mesma noite.

Enquanto enchia a banheira, começou a contar aos pais o incidente ocorrido na escola com Charlie Duncan. Albert até hoje se lembra da reação de seu pai ao ouvir os elogios que fez a Charlie. Levantou-se bruscamente e disse à mulher:

—Vou contar tudo, de uma vez.

A mãe gritou, do quarto ao lado:

—Não, não faça isso! Nunca diga nada!

—Tenho que contar, respondeu o pai.

E, chegando à porta do banheiro, disse:

—Feche a torneira, meu filho. Quero dizer-lhe uma coisa.

—O que é, papai?

—Você não é branco.

Albert ainda tem bem viva na memória a sensação que se apoderou dele. Depois de um minuto de silêncio, perguntou:

—Mas como?

—Sua mãe e eu somos de côr, respondeu o pai.

Albert estava sem camisa e não chegou a se vestir para o encontro combinado. Vagarosamente, dirigiu-se para o quarto dos pais.

Soube, então, que tanto os seus avós maternos como os paternos eram de côr, embora não o parecessem. Albert deveria, entretanto, guardar segredo para não prejudicar o pai e não precipitar a revelação aos irmãos mais novos. Explicaram-lhe, então, o que significava «passar» e por que o pai o fizera —não por envergonhar-se de ser de côr, mas tão somente para assegurar o sustento da família. Nessa altura, a mãe perguntou-lhe como se sentia, agora que sabia da verdade.

Albert respondeu que se orgulhava da sua raça e esperava poder fazer alguma coisa por ela. O pai alegrou-se

tanto que se levantou, de um salto, e lhe apertou a mão. Como era a primeira vez que isso acontecia, daquele modo, Albert sentiu-se lisonjeado. Mas foi-se perturbando à medida que os pais lhe contaram os detalhes da sua história.

THYRA JOHNSTON, mãe de Albert, vivera em Nova Orleães até os 9 anos. O avô dela, James Baumann, fora capitão do porto daquela cidade. Originário da Alemanha, casara-se com uma preta em Nova Orleães. O pai de Thyra, Sam Baumann, tinha um emprego nos correios, mas quando os democratas elegeram Woodrow Wilson, em 1912, conseguiu ser transferido para Boston com receio de que a segregação racial se estendesse até às repartições federais. Em Boston, alugou um pequeno apartamento e seus filhos, de pele bastante clara, cursaram a escola primária e depois o ginásio. Na classe, eram os únicos de sangue mestiço e passaram despercebidos entre as demais crianças. A família tinha alguns amigos entre a pequena colônia negra de Boston, mas procurou sempre mantê-los afastados dos demais.

Thyra Johnston tem a pele clara e macia, cabelo castanho claro, ondulado, e olhos azuis. Depois de completar o curso comercial, foi contratada como estenógrafa pela companhia Mellin, de produtos alimentícios. Ao preencher a ficha de candidata ao emprego, declarara ser de raça branca. O pai jamais permitira que saisse com rapazes de côr. Quando Joe Carter, negro retinto, *halfback* da Brown University, a convidara para assistir ao jogo Brown x Harvard, juntamente com um grupo de amigos de côr, o pai se opusera terminantemente, com receio de que fosse vista e reconhecida.

«Papai era claro e bonito,» diz Thyra. «Levara-nos de Nova Orleães,» explicava ela, «para fugir aos excessos do preconceito racial. Eu gostava de Joe, mas meus pais achavam que se me casasse com um homem escuro, eu estaria regredindo.»

Ela encontrou Johnston durante uma viagem de férias a Chicago, em 1923. Estudante do curso pré-médico da Universidade de Chicago, Johnston era um pouco mais escuro do que Thyra, mas não a ponto de recusarem vender-lhe uma poltrona, para ver as irmãs Duncan em «Topsy and Eva», embora fosse particularmente vivo o preconceito dominante nos teatros de Chicago contra os negros e mulatos. Na véspera da partida dela, Johnston levou-a para visitar a Universidade, onde os pretos tinham dormitório separado. Pediu-a, então, em casamento, tendo-se celebrado a cerimônia no Natal do ano seguinte, em Boston.

ALBERT JOHNSTON nascera em Chicago, a 17 de agosto de 1900, sendo registrado como de côr preta, embora seu pai—que trabalhava como corretor de imoveis e necessitava passar por branco, para não perder o emprego—procurasse evitar as visitas de pessoas de sua raça.

No ginásio, todos os seus amigos, rapazes e moças, eram brancos.

«A princípio,» recorda o dr. Johnston, «achava as moças de côr desagradaveis, mas acabei por achá-las mais interessantes ainda do que as brancas. Incluido entre os mulatos da Universidade, não era convidado para as reuniões sociais. Mas nem eu nem os outros nos incomodávamos com o fato. Tínhamos o nosso próprio clube e nos divertíamos entre nós.»

Depois do casamento, a Faculdade de Medicina custou-lhe um esforço tremendo. Quando Albert nasceu, Thyra teve que ficar em Boston enquanto o marido fazia o possivel para sustentar-se, pagar as taxas de matrícula e frequência, e enviar algum dinheiro para a família, trabalhando à noite numa agência dos correios e, durante as férias, como porteiro ou garção.

Na época da formatura, antes de receber o diploma, cumpria-lhe servir como interno num dos hospitais de primeira categoria. Como os hospitais de pretos não figuravam nessa classe, Johnston escreveu aos que eram considerados os mais liberais do país, com a esperança de que o aceitassem. Alguns pareciam acolhê-lo com todo o interesse até verificarem, na entrevista pessoal, que era mulato. Foi, afinal, aceito pelo Maine General Hospital, de Portland, onde não lhe perguntaram a que raça pertencia. E o diploma obtido na Faculdade de Medicina de Rush nada diz quanto aos antecedentes raciais do diplomado—prova apenas que teve capacidade intelectual para concluir um dos mais rigorosos cursos de medicina do país.

No Maine General, o dr. Johnston fez-se muito estimado. «Saí-me muito bem desde que pude vencer o receio de que minha identidade racial fosse desvendada,» informa-nos ele.

Depois dessa fase, passou a jogar tenis e a dançar com toda a gente, tal como o faziam os demais internos.

Mais tarde, disseram-lhe: «Quando você chegou, pensamos que fosse filipino, havaiano, ou talvez judeu—não sabíamos bem o que você era.»

O dr. Johnston sorriu com eles. Enquanto não lhe fizessem a pergunta direta, por que haveria de contar-lhes a verdade?

Quando terminou o estágio, o chefe da clínica ofereceu-lhe vários empregos. O diretor do hospital apontou-lhe uma oportunidade ainda melhor. Um velho amigo seu, o dr. Bryant, falecera recentemente em Gorham, New Hampshire, deixando excelente clientela. A viuva oferecia o consultório completo por mil dólares, apenas. A perspectiva parecia sedutora ao jovem dr. Johnston. Graças à boa impressão que causava, não teve dificuldades em levantar um empréstimo no banco de Gorham, para financiar a transação. E foi assim que se lançou à intensa atividade de médico do interior.

A clínica exigia certa compreensão humana e o dr. Johnston jamais se esquecerá do seu primeiro chamado. Depois de haver viajado o dia inteiro de automovel, pela sinuosa estrada do Monte Branco, batida pelo vento e por uma tempestade de granizo, e chegado a Gorham exhausto, foi chamado a ver um paciente às três da ma-

drugada. Encontrou-o instalado numa poltrona, fumando tranquilamente.

—Que é que o senhor tem? perguntou o médico.

—Hemorroidas, grunhiu o velho fazendeiro *yankee*.

—Há quanto tempo?

—Dezoito anos.

—Está com muitas dores hoje?

—Não.

O fazendeiro queria apenas saber se o novo médico era preguiçoso ou se atenderia, realmente, em caso de necessidade. Depois disso, foi constantemente solicitado e, como estava começando a ganhar bem, animou-se a mandar buscar a mulher e os filhos.

Havia um certo preconceito de raça na cidade, principalmente entre as velhas famílias *yankees* e os católicos franceses que chegavam do Canadá. A Ku-Klux-Klan estava se organizando. Havia, provavelmente, algum preconceito contra judeus, mas até mesmo a K.K.K. abria exceção para o velho Abe Stahl, que morava na Rua Central e era o único judeu da cidade. Todos sabiam que o velho Abe era um homem de bem. Quanto aos pretos, estavam fora de cogitação, pois em Gorham, ao que se soubesse, não havia nenhum. Embora ninguem suspeitasse dos Johnstons, Thyra vivia preocupada pensando no que haveriam de fazer quando os filhos crescessem.

«Talvez não seja preciso fazer nada,» dizia o marido.

Os amigos de côr que tinham em Boston sabiam que os Johnstons estavam passando por brancos em Gorham. Acostumados com casos semelhantes, nada fizeram que pudesse ferí-los. Alguns não gostavam da idéia, mas estes, segundo Thyra, eram em geral escuros demais para tentarem «passar».

Em pouco tempo, foram alargando o círculo de relações. À medida que faziam verdadeiros amigos—amigos que pouco se importariam se soubessem que eles eram mestiços—foram-se animando a mudar para uma casa própria. A casa que adquiriram, de três pavimentos, estava situada no alto de uma colina; tinha um grande *hall* e duas salas de visitas. Cederam o jardim para a árvore de Natal do templo, e a casa para a festa, a que compareceu toda a sociedade de Gorham. A comissão organizadora feminina reuniu mais dinheiro do que nos anos anteriores. A recepção de Ano Novo esteve igualmente concorrida e, em breve, a casa dos Johnstons era a mais alegre e popular da cidade.

Estavam na casa havia já três anos quando partiram para Boston afim de que o dr. Johnston, a quem fora oferecido um lugar de radiologista de um hospital próximo, pudesse fazer um curso de especialização na Faculdade de Medicina de Harvard. Ao que lhe constasse, era o primeiro homem de côr a estudar radiologia na famosa universidade.

Afim de evitar que os filhos se encontrassem com os velhos amigos pretos de Boston, alugaram um apartamento em Brookline. O pequeno Albert, então com 11 anos, matriculou-se na Lawrence School, onde teve o primeiro contacto com a questão do

preconceito racial. Havia na escola uma alta percentagem de judeus e como ele ainda fosse mais moreno do que estes, perguntaram-lhe imediatamente: «Você é marrano?»

Mas o menino não deu maior importância à interpelação. Algum tempo antes, em Gorham, mal notara o quanto sua mãe se havia perturbado quando ele, brincando com a criada franco-canadense, a chamara de «francesa» e ela, com presença de espírito, logo retorquiu, chamando-o de «tiçãozinho».

De qualquer modo, ficou satisfeito quando terminou o ano e pôde voltar para a escola de Gorham. No ginásio, colocou-se no quadro de honra e, embora a princípio não fosse bom no esquí, acabou conseguindo o segundo lugar numa competição organizada pelo colégio. Destacava-se tambem ao piano. Quando, na igreja local, acompanhou seu irmão menor no hino «Abençoai esta casa», não só comoveu os presentes até às lágrimas, como lhes arrancou aplausos em pleno templo.

O pastor da igreja, que estudara na Mt. Hermon School, em Massachusetts, recomendou Albert aos diretores daquela escola. E no momento em que seu pedido de matrícula era deferido, o pai era contratado como radiologista do Hospital de Keene, resultado de seus trabalhos em Harvard. Muito lhe custou mudar-se de Gorham, onde a família parecia tão promissoramente enraizada e querida. O dr. Johnston era tão conhecido em todas as casas que os cachorros o recebiam sem ladrar. Tratava-se, porem, de um passo avante na sua profissão, uma oportunidade que ele não podia perder.

Em Keene, algumas senhoras da igreja vieram logo visitá-los, mas já não era a mesma coisa. Keene era uma cidade maior e, por conseguinte, mais fria, sem a intimidade familiar a que se haviam habituado em Gorham. Os Johnstons começaram de novo a se preocupar com o problema da côr.

Na Mt. Hermon, o primeiro companheiro de quarto de Albert foi um irlandês agressivo (que não se demorou muito na escola) o qual se pôs logo a examinar-lhe a pele morena.

—Que é que você é, afinal de contas? Judeu, grego ou o quê? Aposto que você tem é sangue de negro.

Albert não lhe deu atenção, mas daí em diante passou a pensar como era que um pouco de sangue alemão podia fazer tanta diferença.

Depois de três anos em Keene, os Johnstons sentiram-se suficientemente garantidos e se animaram a comprar a espaçosa casa que até agora haviam alugado num dos melhores bairros residenciais da cidade. Johnston, que acompanhava de perto as notícias dos jornais, sentia que a guerra se aproximava. Muito antes de Pearl Harbor, foram feitos apelos aos médicos para se alistarem e, por duas vezes, a Marinha ofereceu-lhe um posto de oficial.

«Não tenho dúvidas de que passarei no exame se a Marinha me aceitar,» explicou ele à mulher. «Digam de nós o que disserem, teremos proporcionado aos nossos filhos uma boa base para triunfarem na vida.»

O médico passou a acompanhar os acontecimentos com o mais vivo interesse, ansioso por prestar serviços se o país fosse envolvido na luta. Apesar de saber que os candidatos ao oficialato seriam sujeitos a uma rigorosa investigação, no caso dele perigosa, decidiu arriscar-se e foi a Boston para prestar o exame físico. Voltou muito animado. A Marinha deveria estar ansiosa por contratá-lo, pois em todo o país havia apenas 2.500 radiologistas, muitos dos quais já haviam passado da idade regulamentar.

Pouco depois, recebeu a visita de um jovem bem apessoado que lhe explicou ter sido enviado pelo Serviço de Informação da Marinha para fazer-lhe algumas perguntas. Depois de consultar um papel que trazia consigo, começou:

—O senhor formou-se em 1924 pela Universidade de Chicago?

—Exatamente, respondeu o médico.

—Consta-nos que o senhor, apesar de se ter registrado como branco, tem sangue de preto.

—Quem pode conhecer a espécie de sangue que corre nas veias da gente? retrucou Johnston.

O jovem, que fôra convidado a sentar-se, levantou-se.

—Muito obrigado, doutor. Era só isto o que desejava saber. E retirou-se.

Thyra procurou animar o marido:

—Talvez eles só tenham querido constatar que você não é propriamente preto.

Foi em vão. Poucos dias depois, chegava uma carta da Diretoria do Pessoal dizendo que o pedido fôra indeferido «por não haver V. S. preenchido os requisitos físicos necessários».

Sua situação perante os amigos e colegas tornou-se embaraçosa. Todos sabiam que ele estava ansioso por alistar-se. Que explicação poderia dar-lhes?

Se a Marinha e o Exército «brancos» não o aceitavam, insistia a esposa, por que não engajar-se no Exército «negro»? Era preferivel juntar-se aberta e francamente aos seus irmãos de raça a não ir para a guerra de forma alguma. Ele resolveu agir através de alguns amigos de côr, gente influente, e conseguiu, assim, que seu caso fosse levado até o juiz William Hastie, no Ministério da Guerra. Mas não tardou em desiludir-se de todo, quando seus amigos, supostamente influentes, confessaram que nada podiam fazer. Foi nessa tarde que o jovem Albert chegou de Mt. Hermon elogiando o colega preto, Charlie Duncan, que se prontificara a ceder-lhe o lugar na delegação esportiva.

ATÉ O MOMENTO em que fechou a torneira do banheiro para ouvir o que o pai tinha a lhe dizer, Albert fôra exatamente como os demais meninos de New Hampshire, tendo diante de si quase tudo o que a vida oferece, podendo comer e dormir onde quisesse, desde que pagasse, convidar qualquer moça para passear ou dançar, escolher a carreira que mais lhe agradasse e seguí-la até onde sua capacidade o permitisse. Dissera ao pai que se orgulhava da sua raça, e se orgulhava mesmo. Entretanto, não sabia ainda ao

certo o que significava ser «de côr». A verdade é que a sua pessoa não havia mudado. Por que, então, não deixar que as coisas continuassem a correr como dantes? Ninguem precisava saber de seu segredo. O melhor, seria guardá-lo para si.

Quando voltou à escola, porem, sentiu que não se podia manter segredo. Lá estava ele, no último ano, fazendo parte do coro da igreja, e do orfeão, redator-assistente do anuário da turma e capitão do *team* de esquí. Que aconteceria se viessem a saber? Talvez nada demais. Mas quem poderia prever?

Deixou de marcar encontros com as colegas. Não que desejasse assumir tal atitude. Mas sempre que planejava sair com uma jovem, começava a pensar: «E se ela descobrir?» No ano anterior, figurara no quadro de honra, mas agora suas notas começavam a baixar. De que valia estudar e esforçar-se para conseguir um bom emprego ao sair do colégio? Se fosse descoberto, a que espécie de empregos ficaria limitado? Talvez estivesse estudando matérias que lhe seriam inuteis na vida prática. A mudança nele operada começou a preocupar os seus professores.

No primavera, foi organizada no colégio uma «mesa redonda» para analisar os problemas internos e externos dos Estados Unidos. Albert pôs-se a trabalhar de verdade. Colheu na biblioteca profuso material sobre o problema do negro norte-americano e apresentou-o de forma tão eloquente que os colegas, sem nada suspeitarem, chegaram a perguntar-lhe: «Por que é que *você* está tão interessado nesse assunto?»

A idéia de que houvesse discriminação racial até mesmo em Mt. Hermon passou a perseguí-lo. Charlie Duncan fôra aceito, é verdade, mas não haveria alguma quota? Se 20 ou 30 jovens de côr passassem no exame de admissão, seriam aceitos? Asseguraram-lhe que sim e ele se sentiu mais confortado.

Mas, como bem se lembra, terminou o curso em Mt. Hermon «num estado deploravel».

Embora sua preferência recaisse na Universidade de Dartmouth, requereu tambem matrícula na Williams, onde compareceu para uma entrevista pessoal, tendo sido rejeitado por julgarem «insuficientes as notas alcançadas no curso ginasial». Suas notas, sem dúvida, haviam baixado consideravelmente, mas ainda assim estavam acima da média requerida pelas universidades em geral. Por isso, a reação do pai foi esta: «Eles devem ter investigado.»

Que teria realmente ocorrido? Teria sido a entrevista pessoal responsavel pela rejeição? A criada franco-canadense não o chamara um dia de «tiçãozinho»? E por que seu colega de quarto no primeiro ano de ginásio insistia tanto em dizer: «Aposto que você tem é sangue de negro»? Agora que sabia da verdade, Albert começou a procurar inflecções próprias dos negros na fala de pessoas aparentemente brancas e a se perguntar se os outros não fariam o mesmo com relação a ele.

Em meio, porem, a essas amargas reflexões, chegou a carta de Dartmouth, aceitando-o como aluno. Pelo menos, aquele problema estava resolvido.

Mas em Dartmouth sentiu-se ainda mais estranho ao meio do que em qualquer outro lugar ou colégio. A maioria dos rapazes tinha os olhos voltados para a guerra e se preparava para conseguir postos de oficiais. Isso, naturalmente, parecia a Albert fora de cogitação.

Estava, como bem o recorda, num terrivel estado de espírito. Tinha impulsos estranhos, como o de ir para o topo de uma alta torre (único lugar onde pensava poder estudar) e, ao mesmo tempo, temia a tentação de atirar-se lá de cima. Em outras ocasiões, queria morrer. Suas notas foram baixando sensivelmente a ponto de o pai retirá-lo da universidade e enviá-lo a Boston para consultar um conhecido psiquiatra negro. O psiquiatra, porem, nada encontrou de anormal. O fato é que o rapaz não sabia o que queria. Durante três semanas, trabalhou na agência dos correios de Boston como amanuense e carteiro, mas como as tarefas eram «simples demais», largou o emprego e voltou para casa.

Decidiu, então, tentar a Marinha. O pai advertiu-o de que jamais entraria pela porta da frente. Mas o rapaz foi aprovado no exame para enfermeiro-auxiliar e enviado para um estágio de treinamento em Rhode Island. Recebeu notas tão altas que os instrutores lhe perguntaram se não desejaria fazer o curso de rádio. Albert recusou-o incontinenti, pois correria o risco de ser enviado para uma das bases navais do Sul, onde o preconceito é mais acirrado.

Sem outra coisa a fazer durante todo o dia a não ser esfregar conveses de navios e pensar, o rapaz foi ficando cada vez mais deprimido e nervoso.

Relata ele: «Numa noite de dezembro, o fundo do meu estômago parecia que ia sair e comecei a tremer, amedrontado, sem saber por que. Fui mandado para a enfermaria de psicopatas e, durante cinco dias, não me deixaram usar navalhas, facas ou garfos. Finalmente, submeteram-me a vários exames e eu procurei colaborar com os médicos o quanto pude, tudo lhes dizendo exceto no tocante ao assunto da côr. Perguntaram-me se eu gostaria de abandonar a Marinha e disse que sim. Na realidade, fiquei radiante com isso.

«Enquanto esperava os papéis de baixa do serviço, costumava discutir política com os outros doentes e creio que trazia sempre à baila a questão racial. Lembro-me de que um dia, no calor de uma discussão, acabei dizendo que tinha sangue negro. Sempre que falava no assunto, dizia que os negros deviam gozar dos mesmos direitos sociais dos brancos. Alguns dos pacientes retrucavam que eu, com aquelas idéias, ainda acabaria sendo linchado.»

Sua mãe, quando ele voltou para casa, ficou extremamente preocupada com esses pontos de vista, porque, como explicava, era «o mesmo que atear fogo no paiol». O pai ficou ainda mais acabrunhado pois havia alimentado as mais risonhas esperanças em torno do futuro daquele filho dominado agora por tão profunda indiferença pelo seu próprio destino. Conseguiram, por fim, persuadí-lo a empregar-se numa fábrica de tinta de escrever em Keene, mas o rapaz abandonou o emprego pouco depois.

Uma única coisa parecia dar-lhe ainda algum prazer. Durante os três anos de Mt. Hermon, não tocara piano uma só vez, ele que revelara tanta aptidão em menino. Agora, sentia-se atraido de novo pela música e, pela primeira vez, escreveu uma composição, uma triste melodia que parecia inacabada.

Nessa altura, o pai, profundamente abalado pelo curso dos acontecimentos, decidiu tomar providências mais radicais. Planejou mesmo internar o rapaz num hospital militar, idéia que revoltou sua esposa. Declarou esta, peremptoriamente, que cuidar do rapaz era obrigação da família, não de estranhos.

Entretanto, que poderia a família fazer por ele? A melancolia de Albert continuou inalterada.

«Eu tinha medo de encontrar estranhos e não sabia por que,» conta Albert. «Mudava de idéia a todo momento e tinha constantes atritos com meu pai.»

NESSA ÉPOCA, pouco depois da Páscoa, Walt, antigo colega de Albert em Gorham, convidou-o a irem juntos tentar a vida em Syracuse, no Estado de Nova York. Por que não?

Quando se fica na companhia de um velho amigo vários dias e se tem alguma coisa na cabeça, é dificil que não se acabe por contar tudo. Assim, quando chegaram a Syracuse, Albert já havia revelado a Walt seu segredo. E o curioso é que Walt não deu a menor importância ao caso.

«Muito bem, você tem sangue de negro, e que mal há nisso? Não vejo a menor razão para você estar tão preocupado.»

Essas palavras como que lhe tiraram dos ombros o peso enorme que ele carregava havia mais de um ano.

Em Syracuse, os rapazes decidiram ir até Buffalo, afim de ver as cataratas do Niagára e, depois, seguir para Cleveland. Nesta última cidade, Albert tinha um tio que morava no bairro dos pretos e trabalhava no bar de um rico clube local. Foram procurá-lo e ele arranjou-lhes emprego numa fábrica de armamentos. Depois do trabalho, iam a *night clubs*.

«Passamos uma temporada magnífica,» diz Albert. «Alguns dos lugares a que íamos eram bons, outros eram muito ordinários, mas todos eram sempre interessantes.»

Foi nessa época que, pela primeira vez, uma jovem de côr o fascinou. Tudo não passou de uma impressão fugaz, mas o fato é que jamais havia experimentado atração semelhante.

Não tardou que Walt e Albert se sentissem de novo inquietos, sobretudo o último. Tinha outros parentes em Chicago e outros mais na costa do Pacífico, a quem desejava visitar. Já não tinha medo das pessoas, sentia apenas curiosidade. Por que não par-

tiam logo para conhecer o país, de verdade? Walt achou a idéia excelente.

Em Chicago, Albert soube que seu primo Ben Prescott morava num dos apartamentos Rosenwald. Estiveram em cerca de 50 deles sem encontrar uma cara branca, sequer. Walt não só não se importava com isso, como achava tudo muito divertido. O primo hospedou-os por alguns dias e apresentou-os aos amigos. Albert pode então constatar, mais uma vez, que havia inúmeras moças de côr, tão interessantes quanto as garotas de Gorham ou de Keene. Uma das coisas que mais o haviam acabrunhado, depois de ouvir a revelação do pai, fôra precisamente imaginar qual seria a reação das jovens que ele conhecera, se viessem um dia a descobrir a verdade.

Quando partiram para o Oeste, pedindo carona aos automoveis que passavam pela estrada, Albert tinha no bolso apenas cinco dólares com que contavam manter-se até chegar à costa do Pacífico. Caso contrário, haviam de conseguir alguma coisa. Na saida de Chicago, os guardas os interrogaram, mas ambos tinham em ordem os papéis de baixa das Forças Armadas.

Chegaram a Los Ângeles meio famintos e quase em farrapos. Albert vendeu o relógio de pulso por 12 dólares, com o que fizeram uma refeição e compraram calças novas antes de procurarem a casa dos parentes de Albert.

Dentre estes, destacava-se o tio Fred e a mulher. Albert sabia que esse tio era bastante claro e que se havia casado com uma mulher um pouco mais escura. E, tambem, que tinham um filho e viviam perto de Sugar Hill, bairro negro, assim chamado devido ao Sugar Hill do Harlem, onde moram os negros ricos de Nova York.

«Foi uma grande surpresa para mim,» recorda Albert. «Era um bairro extenso, com lindas palmeiras, gramados bem cuidados e casas de três pavimentos que nada ficavam a dever às mais bonitas casas que eu conhecera. Quando se toca a campainha da porta da rua, aparece em geral uma criada de côr. Nesse bairro moram os médicos, advogados, engenheiros e comerciantes pretos, a maioria dos quais ganha bom dinheiro, não dos brancos, mas dos próprios pretos.

«Era a primeira vez que eu encontrava minha tia. Mas quando perguntei por meu tio, percebí logo que algo havia acontecido. Ele tivera uma boa casa de negócio que lhe rendia bastante. Contribuia, tambem, para várias organizações de beneficência. Não obstante, seus inimigos viviam espalhando que ele, na realidade, não se interessava em ajudar a sua raça, que só pensava em si mesmo e se havia tornado um «capacho de branco».

«Provavelmente terá havido outras razões. Mas o fato é que meu tio acabou por divorciar-se da mulher e se casou com uma branca, mudando-se para outro Estado, onde passava por branco. Minha tia, apesar de profundamente ferida, jamais traira o segredo do marido. Aliás, nenhum preto o

faz, apesar do amargo ressentimento com que vêem um mestiço «passar para o outro lado». Admitem que um mulato claro passe por branco temporariamente, afim de poder completar os estudos ou se manter em um emprego. Mas esperam que, socialmente, conviva com os da sua côr.

«Logo que cheguei, minha tia telefonou para comunicar a nova ao ex-marido. Embora ele gostasse muito de mim quando eu era pequeno, recusava-se agora a me receber e limitou-se a desejar-me «muitas felicidades». Com certeza, teve medo de que eu fosse escuro e pudesse suscitar alguma suspeita na mulher ou nos amigos brancos.

«O número de mulatos, muitos dos quais agora passam por brancos, cresce rapidamente. O último recenseamento feito acusou a existência de 12.800.000 negros e mulatos nos EE. U.U. Acredita-se, porem, que haja ainda mais uns 13 milhões de mestiços não registrados oficialmente como tais, grande número dos quais passam por brancos ou simplesmente ignoram o fato de terem sangue negro.

«Só em nossa família, podemos contar 50 que parecem brancos. Sobe a muitos milhares o número des mestiços que conseguem «passar», inclusive no Sul dos Estados Unidos. Alguns, apesar de terem a pele bem morena, viajam livremente nos Estados sulinos em carros *pullman* e em ônibus porque as companhias têm hoje receio de cometer erros, pois têm sido acionadas por gregos, judeus, e indivíduos de outras raças de pele escura.

«Muitos dos morenos claros que «passam», como foi o caso de meu tio, nunca mais são vistos pelos irmãos de raça. Verifiquei que a única ambição de meu primo de 17 anos era «passar». A mãe, que não poderia sequer pensar nisso, opunha-se vivamente. Afinal de contas, já perdera o marido, que «passara para o outro lado». Essa vontade de passar por branco é grande entre os rapazes de sangue negro mas de epiderme clara.

«Verifiquei, ainda, que frequentemente os mulatos claros têm preconceito contra os mais escuros e que muitos não convivem, em absoluto, com os pretos. Os líderes políticos de côr, são, em maioria, claros. Costuma-se justificar esse fato dizendo-se serem eles mais espertos devido ao cruzamento de sangue, mas a realidade é bem outra: são escolhidos por lhes ser mais facil tratar com os brancos. Entretanto, nas artes e nas ciências, os mulatos claros não predominam. Os sociólogos encontram entre os negros puros o mesmo grau de inteligência que encontram entre os mestiços claros.

«Em geral, quando as barreiras do preconceito racial começam a ruir, os brancos preferem os mulatos aos negros. Uma cantora como Lena Horne, por exemplo, pode morar em Hollywood, ao passo que um homem como Rochester, pelo fato de ser bastante escuro, dificilmente o conseguiria.

«O preconceito cresce sempre em função do número de indivíduos da minoria. Se há apenas uma ou duas famílias de côr numa cidade, o preconceito em geral é insignificante ou

inexistente. Quanto maior a probabilidade de casamento inter-racial, tanto mais forte se torna o preconceito.

«Durante as minhas viagens através do país, penso que conseguí conhecer com exatidão o grau de preconceito do americano branco em geral. Ignorando que eu era de côr, muitos me diziam: Reconheço que os negros têm direito à instrução e ao trabalho. Conheço mesmo muitos negros e mulatos inteligentes e trabalhadores. Mas acho que eles devem ficar no seu lugar.

«Entretanto, quando tais indivíduos chegam a conhecer de perto um negro, o preconceito geralmente se dissipa. Uma conhecida me contou, por exemplo, que quando trabalhava num escritório em Boston, uma das colegas, que era da Carolina do Sul, ameaçara abandonar o emprego se a firma contratasse certa funcionária de côr. A empregada foi, afinal, contratada e poucas semanas depois as duas saíam para almoçar juntas.

«Muitos brancos se envergonham dos preconceitos e frequentemente procuram escondê-los. Se chego, por exemplo, ao dormitório de rapazes de alguma universidade com um colega de côr, todos dizem que têm muito prazer em conhecê-lo e convidam-no a sentar-se. Entretanto, se eu chegasse com um rapaz branco, que eles não conhecessem, mal se dariam ao trabalho de olhar para ele. Os negros ou mulatos que têm tido contacto frequente com brancos acostumaram-se tanto a esse «exagero de polidez» quanto ao preconceito aberto.

«Minha tia de Los Ângeles deu-nos a mais cordial acolhida. Mas quando eu lhe disse que Walt era branco puro, ficou realmente embaraçada. Gozava ela de alto conceito entre os negros de Sugar Hill e explicou-nos que se soubessem que hospedava um branco em sua casa, seria alvo de acerbas críticas.

«Acabou, porem, encontrando uma saida: resolveu apresentá-lo como um primo, mulato-claro. Walt não fez a menor objeção—prestou-se, mesmo, de bom grado, à simulação.

«Minha tia comprou-nos roupas novas e deu uma grande festa em nossa honra, para a qual convidou os filhos e filhas dos principais médicos e advogados de Sugar Hill. Eram pessoas educadas e de boas maneiras. Havia-as de todos os tons: um era negro como carvão, outros tinham a pele alva e outros ainda eram o que os negros chamam *mariny*—tipo intermediário bem definido, de pele dourada e cabelo encarapinhado.

«Era a primeira festa de gente de côr a que eu comparecia. As pessoas de côr são, em geral, mais afaveis com os desconhecidos do que os brancos, mas as suas festas tendem para maior rigor. As jovens estavam todas de vestido de baile e o serviço de *buffet* correu impecavelmente. Depois de nos perguntarem de onde éramos, as perguntas seguintes se repetiam, infalivelmente: Como é que nos tratam por lá? Ou: Lá não há muita gente de côr, não é mesmo? Ou ainda: Você está «passando»?

De um modo geral, excetuadas essas perguntas clássicas, as conversas em nada ficavam a dever às que se têm nas melhores recepções da Nova Inglaterra. Apenas se notava, como era natural, certa ênfase na questão racial. Discutiu-se sobre música, livros e universidades—os assuntos prediletos dos jovens de nossa idade—mas sempre em termos de comparação dos brancos e pretos. Era uma atitude que eu até então desconhecia.

«Perguntaram-me: Onde foi que você estudou? (pergunta da maior importância). Quando respondí Dartmouth, passei logo a ser «importante». Acharam curiosíssimo o fato de eu não ter sabido, até pouco antes, que era de côr. Surpreenderam-se quando lhes contei que meu pai clinicava exclusivamente entre os brancos e, mais ainda, que ele tinha um seguro de vida de elevada importância pois, segundo me disseram eles, muitas companhias de seguros ou se recusavam a segurar as pessoas de côr ou limitavam as apólices a um pequeno valor.

«A alta sociedade de côr, como disse, é mais cheia de cerimônias e formalismo do que a de New Hampshire que eu conhecera, e minha tia, depois desta e de outras festas, censurou-me por ter sido demasiado exuberante. Comecei a encontrar tabús pela frente. Por vezes, eu mencionava ter estado no Ciro's, no Mocambo ou noutras das *boîtes* elegantes de Hollywood. Vi que não gostavam. Limitavam-se a dizer-me, friamente: Nós não costumamos ir lá.

«Eu protestava dizendo que eles deveriam tentar ser admitidos, e minha tia retrucava com firmeza: Não, Albert, isso não se faz aquí.

«Meu ponto de vista era simples: por que deixaria de fazer as coisas a que me habituara, simplesmente por ter sabido que tinha sangue negro? Os pretos de Los Ângeles eram, em sua maioria, originários do Sul e tinham sempre vivido estritamente como negros. Evitavam misturar-se com os brancos porque se sentiam indesejaveis, e, portanto, só estavam à vontade no seu próprio meio.

«Foi pouco depois da minha chegada que vim a conhecer Helene. Ela estudava com brilhantismo na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e era das moças mais requestadas de Los Ângeles. Um pouco mais escura do que eu, era linda e, sobretudo, inteligente. Apesar de muito alegre e jovial, sabia encarar a vida com seriedade e desejava servir, tanto quanto pudesse, à causa dos negros. Todos os seus estudos em Berkeley eram inspirados por esse ideal.

«O pai falecera anos antes e a mãe se havia casado com um médico eminente. Jantei muitas vezes em casa dela. Interessou-se tanto pela minha história como eu pela dela, e fez-me mil perguntas sobre minha vida entre os brancos e sobre as atividades de meu pai. Quis, sobretudo, saber como haviam sido as minhas relações com as moças brancas, se eu as havia beijado, etc. Fiz-lhe perguntas idênticas, pois eu não sabia mais sobre a gente de côr do que ela sobre os brancos.

«Foi tambem nessa época que voltou o meu interesse pela música. Minha tia alugou um piano e, pouco de-

pois, encontrei um primo de mamãe, Leon, que havia composto *Quando as andorinhas voltam a Capistrano* e *Quando é hora de dormir lá no Sul.* Mas foi sobretudo por causa de Helene que sentí a necessidade de compor alguma coisa de valor—que a fizesse orgulhar-se de mim.

«Inscreví-me na Universidade da Califórnia do Sul, para estudar música seriamente, aproveitando as vantagens oferecidas pelo governo aos ex-soldados. Alem disso, recomecei a praticar esquí e, ao fim de alguns meses, fui eleito secretário do clube desse esporte de inverno. Acredito que tanto no clube como na Universidade me tenham tomado por branco, apesar de eu não lhes ter dito o que era. Entretanto, não vi nenhum motivo para não levar nas excursões os meus amigos de côr. Certa vez, convidei uma colega de Helene e meu primo. A jovem recusou o convite, embora não fizesse objeção à minha convivência com os brancos. Quando minha tia soube que eu levara meu primo, ficou furiosa. Ele era bem claro, como o pai, e não teria dificuldade nenhuma em «passar». Minha tia achava que eu estava exercendo má influência sobre o filho, e que eu não passava de um «capacho de branco».

«Na Universidade, por outro lado, alguns negros diziam que eu, por esnobismo, evitava dirigir-lhes a palavra, o que não era verdade. Aquela sensibilidade exagerada acabou por me irritar. Decidí-me, pois, a abandonar a casa de minha tia e aquela atmosfera que me parecia carregada de tabús e suspeitas, e ir morar numa das residências da Universidade—ter, enfim, a vida normal de estudante que sempre levara em New Hampshire.

«Meu primo Leon gostou muito da idéia, dizendo-me: Você tem um objetivo pela frente e se for necessário «passar» para atingí-lo, não hesite.

«A colega de Helene teve igual tolerância, mas me advertiu: Você vai ter trabalho para convencer Helene. Ela foi criada de modo diferente do seu.

«Achei que ela não tinha razão, mas quando contei a Helene o meu plano, limitou-se a ouvir-me calmamente e a dizer: Muito bem, se é isso o que você quer, faça.

Depois disso, sempre que a procurava, ela estava «muito ocupada». Sua voz ao telefone continuava cordial, mas perdera o calor de outrora. Era como se eu tivesse cruzado uma espécie de fronteira. Eu nunca admitira a existência de fronteiras e recusava-me a aceitá-las. Mas agora, quando saía com moças brancas, sentia que já não era a mesma coisa. Verificava que tínhamos pouco em comum e tornei a preocupar-me com a reação que teriam se viessem a saber que eu não era branco. Voltou-me o velho temor, a mesma sensação de insegurança.

«Nessa ocasião, fui internado num hospital, para uma operação que, apesar de não ter gravidade, me prendeu ao leito por dez dias. Minha tia soube, mas não foi visitar-me nem sequer me telefonou. Helene tampouco. Provavelmente, haviam cortado relações

comigo, considerando-me «do outro lado». Ou evitaram visitar-me afim de não me comprometer junto aos meus amigos brancos. Qualquer que tenha sido o caso, o resultado foi o mesmo.

«Todos os meus projetos haviam desmoronado de novo e logo que me deram alta do hospital, arrumei a mala e voltei para casa. Walt já havia partido algum tempo antes.

«Logo que cheguei, começaram os atritos com meu pai. Disse-lhe que não me sentia em condições de voltar à escola e ele me acusou de não ter nenhuma ambição na vida. Tal não era verdade, pois eu então me dedicava à música, com afinco.

«Mas o fato é que eu ainda não sabia o que fazer com relação à faculdade e acabei empregando-me num restaurante de beira de estrada, nas cercanias de Keene. De noite, voltei a sair seguidamente com as moças do meu antigo grupo, o que me preocupava tanto quanto na Califórnia, quando saía a passeio com moças brancas. Finalmente, depois de ter saido com uma jovem várias vezes seguidas, decidí contar-lhe o meu segredo. Ela interrompeu-me dizendo que a maioria das companheiras já havia suspeitado, ou mesmo ouvira dizer alguma coisa, mas que nenhuma dera importância ao fato.»

Naturalmente, essa era uma revelação agradavel, mas a verdade é que o terrivel segredo começava a se espalhar, pelo menos em Keene. Albert pôde verificar, então, que mesmo na tolerante Nova Inglaterra, a intolerância se ergue ao menor indício de possibilidade de casamento. Uma jovem, por ter sido vista na companhia de Albert, foi censurada pelo namorado. Os pais de outra moça, por sua vez, observaram: «Albert, naturalmente, é um dos rapazes mais finos e educados que conhecemos; pena é que...»

Apesar de tudo, as coisas começaram a endireitar-se e o rapaz decidiu matricular-se na Universidade de New Hampshire, cujo departamento de música era dos melhores. Albert sentia que estava fazendo o máximo pela sua própria rehabilitação.

Entrementes, à medida que o segredo se difundia, começou a notar que seus irmãos menores, Donald e Anne, tambem estavam tendo os seus problemas. Paul era pequeno demais para ser informado da verdade. Donald, quando soube, a princípio não acreditou, mas depois, ante a realidade, sua alma foi invadida por uma profunda tristeza. «Mas se eu tenho os traços de gente branca!» protestou.

Correu ao primeiro espelho e observou, longa e preocupadamente, o encaracolado de seus cabelos louros, os olhos castanhos, a pele clara.

Donald até hoje não se conformou. Quando Anne faz qualquer referência ao fato de não serem brancos, ele sempre diz: «Fale mais baixo!»

Quanto a Anne, que é un ano mais moça, deu aos pais a satisfação de «orgulhar-se», de fato, da sua origem. «O meu namorado,» contou ela, «disse-me que isso não tem importância.

E na escola, até hoje, ninguem me disse nada que me deixasse em situação embaraçosa.»

«Naturalmente,» acrescenta ela, «uma vez ou outra alguem deixa escapar uma alusão involuntária. Se uma moça, por exemplo, oferece cigarros num grupo e omite alguma, esta última, sem pensar, pode dizer: Que é que há? Você acha que eu não sou branca?

«A isso segue-se um silêncio incômodo para todos.»

Com 16 anos, Anne é muito bonita, com grandes olhos escuros, linda pele morena, e cabelos castanhos, ondulados e sedosos. Tanto ela como o irmão Donald, são muito estimados no ginásio de Keene. Donald joga hoquei e é capitão da equipe de futebol; Anne foi eleita vice-presidente da sua turma, e chefe da torcida. Mas, por vezes, ela se sente inquieta. Tudo vai muito bem em Keene, onde todos a conhecem. «Mas sempre que há jogos com colégios de outras cidades,» conta ela, «fico sem saber qual será a reação das chefes de torcida das equipes que vêm jogar conosco.»

Teve ela, recentemente, uma discussão com algumas colegas, uma das quais perguntou-lhe com quem pensava casar-se, ao que ela respondeu que seria com alguem igual a ela.

—Que quer dizer você com isso?

—Apenas com alguem igual a mim, insistiu ela, um tanto descontente porque a situação não era facil.

E QUE É FEITO do dr. Johnston? O incidente com a Marinha deixou-lhe uma profunda cicatriz. «Antes,» diz ele, «eu era muito sociavel.» Ainda sorrí e cumprimenta as pessoas que encontra na rua, mas pediu demissão do Rotary Club e nunca mais frequentou a loja maçônica. «Acho que estou ficando mesmo sorumbático,» confessa ele. E, mesmo sem propósito, repete a velha história do piano branco: uma professora de música sonhava, desde menina, ter um belo piano de cauda, branco e com pernas douradas. Depois de muitos anos, seu sonho transformou-se em realidade. Mas, nessa ocasião, o piano pareceu-lhe um piano qualquer. Apesar de ser branco, e de ter pernas douradas, o som que emitia não podia comparar-se ao do piano de seus sonhos.

Depois do incidente com a Marinha, que, sem dúvida, deveria ter transpirado até o hospital, Johnston não notou nenhuma diferença no tratamento que lhe era dispensado. Não obstante, nunca mais procurou fazer amigos. Contentava-se em «ficar sentado, ganhando o suficiente para viver, e nada mais».

Por que? Mas que outra coisa lhe resta fazer? Em 1944, convidado a trabalhar com o radiologista-chefe da Universidade de Wayne, cuja faculdade de medicina é a mais importante de Detroit, achou que não tinha outro recurso senão recusar. Como costumava haver em Detroit conflitos de origem racial, Johnston teria de «passar» completamente e arriscar-se, permanentemente, a ser descoberto e perder todas as suas oportunidades.

Por outro lado, constava-lhe que

receberia, em breve, proposta de uma grande universidade negra do Sul. Deveria ele, porem, submeter a família às condições sociais deprimentes que ainda reinam naquela região do país? «Penso tambem em mim mesmo,» diz o médico. «Eu precisaria de cinco anos para habituar-me à vida que lá se leva.»

Quando viaja, o dr. Johnston ainda encontra o preconceito de raça muito disseminado. Em convenções médicas, colegas seus do Sul dizem-lhe, com toda a franqueza: «Johnston, você simplesmente ignora o problema. Falta aos negros não só inteligência como a noção, que você e eu temos, dos valores morais. Você tem que tratá-los tendo isso em mente.»

«E tenho de ouví-los calado,» comenta Johnston, «aturar tudo e sentir-me como se fosse um traidor.» Pessoalmente, não teria hesitado em proclamar, de público, a sua origem. Mas, se o tivesse feito, teria chegado aonde chegou? Em compensação, sentiu agora que, apesar de todas as suas realizações e de tudo o que fizera pela família, nenhum reconhecimento fôra dado à sua raça pelo seu trabalho. É esta reflexão que o faz lamentar-se a si próprio: «Tenho uma vida vazia. Há momentos em que tudo me parece tão ilusório quanto o piano branco de pernas douradas.»

QUE SE PENSA dos Johnstons na Nova Inglaterra, agora que várias pessoas conhecem o segredo? Embora os Johnstons não o saibam, existe um zumzum, há um ano. «Você acha que eles são mesmo de côr?» perguntam-se os amigos e conhecidos. Só em New Hampshire é que a resposta teria pouca importância.

A maioria das pessoas na Nova Inglaterra, porem, procura dar provas de tolerância não esmiuçando o caso. Não seria delicado demonstrar muito interesse pelo assunto ou mencioná-lo em presença dos Johnstons. Como bem observou um médico que trabalha no mesmo hospital que o dr. Johnston: «Ele nunca me disse nada; por que haveria eu de puxar o assunto?»

Por que não haveriam os filhos de brincar com os companheiros e levar a vida normal de colegiais? Por que não haviam os Johnstons de morar numa das casas mais bonitas de Keene, no melhor bairro da cidade? Em New Hampshire, ninguem fazia a menor objeção.

E em Gorham, cidade muito menor, onde os Johnstons eram conhecidos ainda mais intimamente, e onde julgavam que o segredo poderia ser mais facilmente guardado? Tê-lo-ia mesmo sido?

A sra. Ensign Barrett, mulher do farmacêutico, lembra-se bem do dia em que viu descer do automovel, com seu marido, «aquele forasteiro baixote e moreno escuro». Enquanto caminhavam em direção à porta, ela disse de si para si: «Quem será aquele camarada que Ensign vai trazer para nossa casa?» Gorham, porem, não tardou em conhecer melhor aquele forasteiro, o médico dedicado que acorria, pressuroso, a todos os chama-

dos, a qualquer hora do dia ou da noite.

Segundo a sra. Barrett, a questão de raça não era propriamente «discutida», isto é, não era tratada oficialmente em nenhuma reunião mais numerosa como as do Círculo das Damas. Mas, desde o princípio, o fato era mencionado com frequência. Havia qualquer coisa diferente com a família Johnston, e a sra. Barrett se lembra de ter trocado idéias sobre o assunto com algumas amigas—seriam eles mulatos, índios, ou descendentes de negros da Jamaica? Decidiram, porem, mudar de assunto e deixá-los em paz, pois, como concluiu a sra. Barrett, «o que quer que o dr. Johnston seja, a verdade é que ele é um homem muito distinto».

Este, o veredicto da Nova Inglaterra.

QUANTO a Albert, que está cursando agora a Universidade de New Hampshire, foi logo convidado para fazer parte de uma das sociedades acadêmicas. Esquivou-se, é claro. Suponhamos que tivesse aceito e a questão da côr viesse à baila e alguem propusesse que ele fosse eliminado? Seria justo criar uma situação tão delicada?

Mas o que realmente o influenciou foi o encontro com Bill Ballard numa «mesa redonda» sobre problemas nacionais e internacionais. Quando se tratou da questão racial, Bill, um dos poucos negros da Universidade, rapaz culto e inteligente, do estofo de Charlie Duncan, levantou-se e expôs o ponto de vista dos negros.

Albert Johnston, que não se manifestara ainda, procurou depois Ballard para dizer-lhe que apreciara de modo especial as suas palavras porque ele tambem era de côr. Ballard fitou-o com um olhar penetrante e disse que nunca desconfiara disso. Mostrou-se muito satisfeito e prometeu guardar segredo, se Albert assim o desejasse.

Depois de terem conversado longamente a este respeito, Albert declarou:

«Afinal de contas, por que não confessá-lo abertamente? Por que carregar, durante toda a vida, o fardo da mentira? O melhor meio de ajudar os negros não será levantando-me e proclamando, orgulhosamente: Sim, sou um deles? E depois, se a gente chega a realizar alguma coisa de belo ou de util, não é justo que se saiba que foi produto da raça negra? E não se estará traindo a própria raça quando a gente a nega?

Bill advertiu-o de que tal atitude não resolveria o problema. A discriminação racial ainda subsistiria por muitas décadas.

«Mas,» continuou Bill, com certa tristeza na voz, «talvez possa ajudar a atenuar os extremos, fazer com que a fronteira entre as duas cores não seja tão marcada.»

Albert Johnston lembra-se tão nitidamente dessa conversa quanto da revelação que lhe fizera o pai, anos antes, em Keene, à porta do banheiro: «Meu filho, você não é branco.» Naturalmente, alguns dos seus amigos mais chegados haviam conhecido e guardado o segredo. Provavelmente, a maioria dos outros amigos ouvira alguma coisa ou desconfiara. E talvez um bom número de outras pessoas que não o conheciam ou não o estimavam tivesse suspeitado sempre da verdade.

Na realidade, porem, a suspeita de um grande número de pessoas é muito diferente da convicção geral que possa existir em torno de um determinado fato. É por isso que Albert Johnston ainda se recorda perfeitamente até da sala onde ouviu o discurso de Ballard —pequena sala de conferências com uns 20 estudantes, algo indiferentes, sentados em cadeiras estofadas.

Quando chegou a sua vez de opinar, Albert ainda sentiu resistências dentro de si. Não era obrigado a proclamar o seu segredo aos quatro ventos. Se o fizesse, jamais poderia recuar. Teria de passar o resto da vida de lapis em punho a preencher fichas onde ressalta a pergunta: «Raça: Branca ou Preta?» E se ele revelasse o segredo, dalí em diante a resposta só poderia ser uma.

Lembra-se de que os estudantes o ouviram sem maior interesse até o momento em que declarou que se julgava em condições de fazer uma contribuição util à discussão, por ser, ele próprio, um mestiço. Essas palavras produziram na sala a maior sensação. Os presentes se entreolharam, fizeram o máximo silêncio e passaram a concentrar a mais viva atenção na exposição do orador.

E que diferença fez?

Na Universidade de New Hampshire, quase nenhuma, que ele perceba. Seus amigos ainda são os mesmos e continua a adquirir novos com a mesma facilidade dos seus colegas brancos. O seu drama afigura-se-lhe agora uma tempestade num copo d'água.

Ele se sente mais senhor de si.

Já não tem segredos, já não tem o que temer. Já pode prosseguir na composição do concerto que tencionava pôr aos pés de Helene, peça que o Departamento de Música da Universidade considera de real valor, harmoniosa e inspirada.

Questões de linguística

HÁ OS QUE falam por experiência e os que, por experiência, deixam de falar... Opinião de um humilde velho: «Dinheiro é bom, mas a gente bem que perde um tempão pra ganhá ele.» (Ernest Young).

Vocabulário: Arquivo—lugar onde a gente perde as coisas organizadamente. (T. Harry Thompson)... Motorista—pessoa que, depois de assistir a um desastre, guia cuidadosamente por alguns quarteirões. (King Features)... Cidade—grande comunidade onde as pessoas se sentem solitárias coletivamente. (Herbert V. Prochnow)... «Ignorância,» disse uma menina, «é quando a gente não sabe uma coisa e alguem o descobre.» (*The Optimeta*)

Colombo fala com a rainha Isabel

(Capa)

Alejandro Sux

A CENA que a capa reproduz (tomada do Museu Histórico de Quebec, Canadá) é uma reconstituição da entrevista de Cristovão Colombo com a rainha Isabel.

A audiência tem lugar na improvisada Sala do Trono que se instalou na Alhambra de Granada, fortaleza e palácio mourisco no último baluarte do islamismo da Península Ibérica, que acabara de cair nas mãos de Isabel de Castela e Fernando de Aragão.

Em primeiro plano aparece Colombo expondo a viabilidade de seu plano. O globo terráqueo, que ele faz girar com as mãos, representa o que, em 1492, foi construido por Martin Behaim, de Nuremberg, e Paolo Toscanelli, de Florença, famosos cartógrafos que comungavam na teoria do navegador.

Na extremidade direita, sentada em uma cadeira de estilo gótico, de madeira trabalhada, que faz as vezes de trono, Isabel a Católica ouve atentamente as explicações de Colombo. É a terceira vez que os dois se avistam em um lapso de cinco anos, mas esta entrevista será a definitiva, a transcendente; foi nela que se decidiu o nascimento do Novo Mundo. A grande rainha tomou a si e ao seu reino de Castela, que governava separadamente, apesar de seu casamento com Fernando de Aragão, a responsabilidade total da empresa, mau grado a oposição da junta de sábios encarregada de examinar o plano de Colombo, composta de personalidades tais como Frei Fernando de Talavera, confessor da rainha, teólogo notavel e homem de ciência; Antonio Martínez de Jarava, considerado um dos homens mais sábios de sua época, e Diego de Deza, catedrático de teologia e professor particular do príncipe D. João, filho dos monarcas.

O terceiro personagem é Frei Juan Pérez Marchena, prior do convento da Rábida, onde Colombo achara seguro refúgio e inteligente proteção.

A entrevista da rainha Isabel com Colombo faz parte das reconstituições históricas exibidas no Musée Historique, de Quebec. Os personagens são de papelão, exceto as cabeças e mãos que foram modeladas, fundidas em cera e coloridas por Albert Chartier. Os cenários, a indumentária, etc. são obra do desenhista-historiador Robert Tancrede. Ambos franceses, idealizaram museus similares em París e Montreal. O último foi inaugurado em 1947, como o de Quebec, e o primeiro em 1882, por seu fundador Alfred Grévin, do qual recebeu o nome.

Foto: Michael Lavelle

Seus calcanhares suportam em média

toneladas diàriamente

Se multiplicarmos o pêso de um homem (80 k), pelo número de passos que êle dá em média diàriamente (12.185), verificamos que isto equivale a uma tração aproximada de 974 toneladas! Por isto os higienistas aconselham o uso de saltos de borracha para tornar o passo mais flexível e mais leve.

SALTOS

GOODYEAR

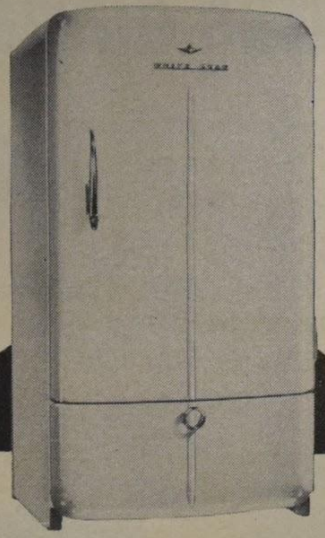
Fogões DeLuxe a gás natural, industrial, engarrafado ou butano.

Fogões DeLuxe elétricos, inteiramente automáticos, com todas as comodidades modernas.

BORG-WARNER B-W INTERNATIONAL

Agora V. S. pode modernizar a sua casa completamente à la "Star",—com todos os utensílios domésticos. Dirija-se ao vendedor dos produtos White Star

Lavadoras DeLuxe com rolos de auto-ajustamento para espremer a roupa.



Refrigeradores DeLuxe 6 a 8 pés cúbicos.

Aquecedores d'água, eléctrico, a óleo, a gás. Capacidades 113 a 568 litros.

UTENSÍLIOS WHITE STAR

BORG-WARNER INTERNATIONAL

SEÇÃO INDUSTRIAL E DE UTENSÍLIOS, DETROIT 26, MICHIGAN, E. U. A.

Seção Automotriz, Chicago 4, Ill. Oficina de Embalagem: Auburn, Ind. Telegramas: BORINTICO

Uma coleção preciosa de "Seleções"

ENCADERNADA POR VOCÊ MESMO!

Seus exemplares de "Seleções" poderão figurar com destaque em sua biblioteca, adôrno para suas estantes, leitura preciosa sempre renovada, com as capas exclusivas agora ao seu dispor. São práticas, simples, elegantes!

VEJA COMO É FÁCIL ENCADERNAR!—A capa vem pronta para seis números. E em menos de dois minutos, sem cola, sem tesoura, sem costuras, sem danificar uma só página, sem cortar, você colocará os exemplares, que poderá retirar quando queira.

DECORATIVAS E PERMANENTES.—Um verdadeiro livro para cada semestre, elegante na sua biblioteca, esta capa protege os seus exemplares, conserva-os limpos e novos.

ECONÔMICAS.—Cada capa semestral custa apenas Cr$ 18,00 e dura tôda a vida!

INDIQUE O SEMESTRE.—Ao fazer o pedido de uma ou várias capas, indique sempre quais os semestres que deseja encadernar. Há uma para cada semestre, desde o 1.° de 1942 até o 2.° de 1948.

ATENÇÃO!—Não remeta dinheiro em carta. Mande cheque, vale postal ou remessa registrada com valor declarado. Todos os agentes de Seleções têm estoque destas capas. Se não as encontrar em sua localidade, dirija-se a

FERNANDO CHINAGLIA
Av. Presidente Vargas, 502—19.° andar
Rio de Janeiro

A INTELECTUAL LTDA.
Viaduto de Santa Efigênia, 281
São Paulo

A MÁQUINA BURROUGHS DE SOMAR

sempre soma lucros...

REPRESENTADOS POR:
rendimento de trabalho
economia de tempo
economia de esfôrço
exatidão

MODÊLO 9 10 53—
Operação elétrica—
10 colunas de capacidade, totalizando até 999.999.999,90.

★Fácil de adaptar manivela para operação manual. Existe a mesma máquina só manual e mais de 40 modelos diferentes de máquinas de somar elétricas e manuais para todos os fins. Peça uma demonstração no seu serviço.

ONDE HÁ NEGÓCIOS HÁ LUGAR PARA AS MÁQUINAS

Burroughs

CIA. BURROUGHS DO BRASIL, INC.

RIO DE JANEIRO, Rua Visconde de Inhaúma Nº 134-12º andar

SÃO PAULO
Largo Paissandú, 51—sobreloja

AGENTES EM TODO O BRASIL

REPRESENTANTES EM PORTUGAL
Robinson Bardsley & Co. Ltd.
Cais do Sodré, Lisboa

Máquinas de somar, calcular, de contabilidade e de estatística—Caixas registradoras—Serviço de Manutenção—Acessórios.

"Estamos, enfim, confortavelmente sentados..."

"Todos nós temos pecado e sido indignos do conforto glorioso de que facilmente poderíamos ter gozado..." Assim falava Samuel Butler no século XIX. O que teria ele dito se vivesse na Idade Média, imagine-o quem quiser! Bancos e escabelos, arcas e cadeirões duros, eram então usados por todas as classes sociais para satisfazer o desejo de conforto do corpo humano. A nobreza, no entanto, tratava-se muito bem. Seus assentos, se não mais macios nem confortaveis, eram pelo menos moveis! Nos primeiros tempos do século XVI, algum negociante de iniciativa imaginou que a vida seria muito mais facil, se ele colocasse almofadas nos assentos de pau. A idéia pegou, e em fins daquele século os estofos haviam invadido a indústria de cadeiras; os assentos e encostos destas apareciam almofadados.

No reinado de Carlos II já o desejo do luxo se tornara geral. As *bergères*, inteiramente almofadadas e estofadas, se tornaram muito populares. Apreciava-se a decoração, e a talha de madeira era muitas vezes dourada ou pintada; os estofadores usavam bordados, aplicações e veludos de belas côres. Foi esse o momento decisivo na luta do homem pelo conforto dos moveis que lhe serviam de assento. As modas evoluiram. Ao tempo da Rainha Ana, os espaldares das cadeiras eram em geral mais altos; no começo do reinado de Jorge III voltaram a ser baixos. Pernas curvas, rococós, talhas complicadas, vieram e passaram. Nomes como Chippendale, Hepplewhite e Sheraton se tornaram símbolos de qualidade; desenhavam-se cadeiras para comer, escrever, repousar, e para atender a todas as necessidades humanas. Havia elegância, dignidade, simplicidade; havia curvas horrorosamente deformadas, e ornatos sem sentido. Mas as cadeiras continuavam a ser um luxo. Com a revolução industrial e a introdução da maquinaria, a maior distribuição da riqueza e a subida geral do nivel de vida criaram a procura das cadeiras feitas a máquina.

Satisfeita essa procura inicial, os fabricantes pensaram a sério em produzir cadeiras baratas, em estilos vendaveis, de tanto conforto quanto podiam assegurar. Assim apareceu o enchimento de crina e mais tarde as molas.

Só em 1928 se veio descobrir o material ideal para estofos. Um grupo de cientistas que trabalhavam em Fort Dunlop, na Inglaterra, produziram almofadados de espuma de latex, criando uma nova indústria. O público depressa percebeu suas muitas vantagens. Alem de ser de um requintado conforto até então desconhecido, o almofadado de espuma de latex Dunlopillo não tem molas nem enchimentos que rompam o forro ou saiam dele, ou se desgastem; é isento de poeira, germes e umidade, e refratário à vermina. O Dunlopillo é leve, facil de manipular, e ocupa menos espaço. Não se afunda no meio, nem se deforma, e evita que o forro se gaste. Os movimentos de quem nele se senta fazem circular livremente o ar, através de milhões de minúsculas células pneumáticas intercomunicantes, mantendo a temperatura interior muito baixa e confortavel.

Suas outras aplicações são demasiado numerosas para indicar aqui, mas basta mencionar os colchões e os assentos de ônibus, aviões, cinemas e teatros. O espectro de Samuel Butler deve estar hoje sentado, com certeza, em absoluto repouso e contentamento... em Dunlopillo—o Almofadado Original de Espuma de Latex!

A EXPERIÊNCIA É O QUE VALE

VIAJE PÊLA PAA — MELHOR MANEIRA NÃO HÁ!

É a melhor maneira...por muitas razões: a última palavra em equipamento; serviço mais rápido, confortável e regular; funcionários que são especialmente treinados para proporcionar uma assistência cortez, tanto em terra como no ar. Todas estas vantagens são o resultado de 22 anos de experiência adquirida no transporte de milhões de passageiros e milhões de quilos de carga e correspondencia. Há um espírito pioneiro na Pan American Airways que procura oferecer SEMPRE o melhor em transporte aéreo. Porém, como base de toda a sua estrutura, há na PAA um fator humano que liga o tempo ao progresso: A Expêriencia é o que vale!

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

PAA

A Rêde dos Clippers Voadores

Já "sentiu" o novo Ford?

Sinta seu confôrto e amplidão! Assentos de 1m45 e 1m55 de largura proporcionam confôrto extra! Espaço de sobra para 6 pessoas robustas!

Sinta sua facilidade de manobra! Para estacionar, para o tráfego nas ruas e nas estradas—sinta a "vivacidade" de seu motor . . . a leveza de sua direção . . . a segurança de seus freios 35% mais fáceis de aplicar!

(Pneus de faixa branca fornecidos a preço adicional)

Sinta a suavidade de sua marcha! Os assentos estão entre os eixos, bem no meio da carrosseria de espêssa chapa de aço!

Sinta sua fôrça! Só o Ford, em sua classe de preço, oferece um motor V-8 de 100 c. v., possante e suave. Até 10% a mais de economia de combustível!

Ha um NOVO *Ford* em seu futuro

Guie um Ford e SINTA a diferença

FORD MOTOR COMPANY

O tempêro
é que faz a salada!

O ÓLEO "A DONA"
é que faz o tempêro!

Swift

Cia. Swift do Brasil S. A.

HA MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Foram-se os tempos das aventuras aéreas... Hoje em dia, todos podem gozar os benefícios de uma viagem aérea, pelo Brasil ou para o Exterior, nas velozes e confortáveis aeronaves da Panair do Brasil. Proporcionando aos passageiros o máximo de comodidade, aliado ao máximo de rapidez, a Panair do Brasil fá-los sentirem-se a bordo, como se estivessem em casa. As viagens aéreas que tornaram o mundo pequenô, são hoje em dia, tão simples e cômodas, que ninguém foge ao prazer de utilizar o avião para cobrir grandes ou pequenas distâncias, sem abandonar o bem estar doméstico. Consultem nossas agências sobre os seus planos de viagens.

PANAIR DO BRASIL

A MAIOR REDE AEROVIARIA SUL-AMERICANA

Um Mundo Só... graças aos CHEQUES DE VIAJANTE do NATIONAL CITY BANK

Aonde quer que V.S. vá, este mundo ainda é *um só*, se V.S. levar consigo os Cheques de Viajante do NCB . . . porque eles são como uma moeda universal, segura, que se pode usar em toda a parte. Se perder ou lhe roubarem os cheques, será prontamente reembolsado. O custo é módico: *75 cents* por 100 dólares. Pode comprá-los em qualquer banco.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

Matriz: 55 Wall Street, New York 15, N. Y., E. U. A.

O Primeiro nos Negócios Bancários Mundiais

Argentina
Buenos Aires
Bartolomé Mitre 502
Flores
Plaza Once
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro
Porto Alegre
Recife (Pernambuco)
Santos
São Paulo

Chile
Santiago
Valparaiso

China
Xangai

Colômbia
Bogotá
Barranquilla
Medellin

Cuba
Havana
Calle Presidente Zayas 402
Cuatro Caminos
Galiano
La Lonja
Caibarien
Cárdenas
Manzanillo
Matanzas
Santiago

Filipinas
Manila
Calle Juan Luna
Port Area
Cebu
Clark Field

França
Paris (IBC Branch)

Hong Kong

Índia
Bombaim
Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad St.
11, Waterloo Place

Japão
Tóquio
Osaca
Iocoama

México
Cidade do México

Panamá
Panamá

Perú
Lima

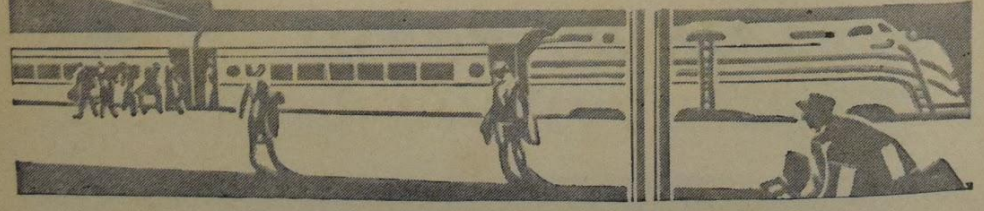
Porto Rico
San Juan
Arecibo
Bayamon
Caguas
Mayaguez
Ponce

Singapura

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa
Cristobal



Qual é a Verdadeira Ginger Rogers?

famosa estrela cinematográfica (Veja-a o resposta mais abaixo)

As velas também são todas parecidas, mas

AS VELAS AUTO-LITE são *"Engenhadas para a Ignição"*

Por muito parecidas que sejam as velas de ignição V.S. sempre acertará 100% se escolher as velas Auto-Lite ideadas para a ignição.

E V.S. acertou 100% se escolheu a menina da esquerda como sendo a verdadeira Ginger Rogers, famosa estrela de cinema. A da direita é Callie Goode, moradora em East 46th Street, Nova York, que nos revela que os reporters fotográficos a confundem constantemente com Ginger Rogers.

Portanto, se as velas de ignição lhe parecem ser todas iguais, seja esperto—compre só as velas Auto-Lite, com as quais são providas muitas das mais famosas marcas de automóveis.

CIA. ACUMULADORES PREST-O-LITE

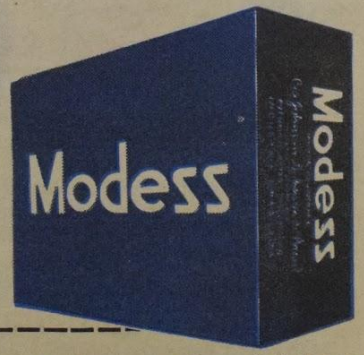
Caixa Postal 2302 São Paulo

AGORA! A nova vela de ignição Auto-Lite "Resistor" torna possível uma marcha mais suave do motor ao ralenti, uma melhor recepção do rádio; proporciona maior economia . . . com uma duração mais longa do electrodo.

2 problemas todo mês?...

e é tão fácil resolvê-los de-fi-ni-ti-va-men-te!

Porque preocupar-se *mensalmente* com o problema de seu confôrto e proteção — e êsse outro problema, não menor, que é o constrangimento de lavar as "toalhinhas" — quando tem ao seu dispor uma solução tão fácil: MODESS! Modess é higiênico, macio e seguro. Porque é feito cientificamente, ponto por ponto, para seu confôrto e proteção. E cada absorvente só é usado uma vez — não é preciso lavar! Resolva, *definitivamente*, êsses dois problemas de todo mês, usando MODESS!



GRÁTIS! Queira me enviar, gratuitamente, um exemplar do livreto "Ser quase mulher... e ser feliz", e 2 amostras de Modess, para o que estou remetendo Cr$ 2,00 para porte registrado.

ANITA GALVÃO - *Consultora Feminina de Johnson & Johnson*
Dep. H-6, Caixa Postal, 5030 • São Paulo

NOME :..... IDADE :.....
RUA :..... No. .....
CIDADE :..... ESTADO :.....

Escreva com letra bem legível.
(Sentimos não poder atender pedidos vindos de fora do Brasil)

Adquira a bela Champion... Use a Champion

Basta dizer
É favor mostrar-me a Pulseira de Relógio

JB Champion

Porque contentar-se com menos do que o melhor, quando a JB CHAMPION não custa mais! Há estilos para homens e mulheres . . . folheados a ouro amarelo, vermelho ou branco. Alguns de aço inoxidavel.

Para assegurar satisfação completa aos que a usam, em qualquer clima, todas as pulseiras de relógio JB têm uma base *não-corrosiva.*

JB

Peça pelo Nome as Pulseiras de Relógio JB Champion . . . nas principais lojas do ramo

Fabricadas nos E.U.A. por Jacoby-Bender, Inc.

Agente para venda no Brasil
Hermes Fernandes, Av. Rio Branco 20, 19º, Rio de Janeiro

Encantadoras damas da sociedade confirmam:

RUGÓL
é maravilhoso tratamento de beleza
num só creme

Deixe que passem os anos, sem macular os peregrinos encantos de sua mocidade... Aplique o Creme Rugól à noite, para clarear a pele, tornando-a limpa, fresca e transparente. Usado todos os dias, como creme embelezador, suaviza a cútis e lhe dá irresistível encanto. Rugól é muito indicado para as imperfeições da pele, porque elimina, ràpidamente, cravos, rugas, espinhas e manchas. Faça do Creme Rugól o seu permanente tratamento de beleza, com um só creme. Comece a usá-lo desde hoje.

Aplique Rugól tôdas as noites, no rosto e no colo, em suaves massagens de 3 a 5 minutos. Use-o também como base para a maquillagem.

Creme **RUGÓL**

MANTÉM EM SEGREDO A SUA IDADE

Memorando a um consumidor em busca de bons produtos

Como bom e cuidadoso comprador, V.S. antes de fazer uma compra percorre várias casas, examina vários artigos. Todos os anos seus pés andam muitos e muitos quilômetros em busca dos melhores produtos para V.S. e sua família.

Esse esforço físico pode ser consideravelmente reduzido com a leitura cuidadosa de bons anúncios—confortavelmente, em casa. À medida que, em número sempre crescente, vão aparecendo bons produtos, as páginas de SELEÇÕES os vão mostrando a V.S.

Eis aqui uma amostra do que leitores como V.S. nos escrevem a respeito dos anúncios de SELEÇÕES:

"Os anúncios nos informam explicitamente de todos os bons produtos do mercado mundial, manufaturados pelos melhores fabricantes. Com toda sinceridade digo que os anúncios são o que mais me agrada em SELEÇÕES."

Ulysses da Silva Moraes, Goiânia, Goiás

"Meu rádio e minha geladeira elétrica foram comprados depois de ler os anúncios dessa revista. Em breve comprarei, pelo mesmo modo, o meu automovel. As ilustrações de cores vivas e as explicações claras fazem-me tomar uma imediata decisão, sem que tenha nenhuma dúvida, pois me parecem sinceras e honestas."

Luiz F. Nunes, Jacarepaguá, Rio

"Ler SELEÇÕES é como ter em suas mãos uma vitrina de tudo que de bom existe no comércio e na indústria, o que torna mais facil a escolha."

José Rodrigues de Oliveira, Vitória, Espírito Santo

Folheie estas páginas outra vez. Se V.S. fosse percorrer as vitrinas da cidade, onde poderia encontrar uma tão grande variedade de bons produtos destinados a tornar a sua vida mais confortavel, mais agradavel e mais saudavel?

Quando vir um anúncio de um produto que não possa encontrar nas lojas da localidade onde mora, leve SELEÇÕES e mostre o anúncio. A casa poderá encomendar o artigo especialmente para V.S. e para outras pessoas que tambem desejem o melhor.

SELEÇÕES—O Mercado Onde Bons Fregueses Encontram Bons Artigos.

Kodak

Ambos

V.S. para instantâneos . . .
como o desta jovem encantadora
com a sua mamãe, o qual fará
parte de um tesouro inestimável:
o álbum da família.

usam a Fotografia

O fotomecânico, para a confecção de chapas . . . essenciais na reprodução econômica de desenhos para tecidos, metais, plásticos e cerâmica . . . para adornar o vestuário e objetos de uso diário . . . no preparo de anúncios que descrevam com clareza e gràficamente os novos produtos, na propaganda de serviços ao público . . . e ilustração de revistas, jornais e livros.

Aí estão somente duas das muitas formas em que a fotografia—mediante a sua aplicação à ciência, à indústria, ao comércio, aos serviços públicos e à vida diária—beneficia a todos os membros da sociedade.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

"Kodak"—marca registrada desde 1888

Cada dia há mais Kolynos-istas

Xavier Cugat

O famoso diretor de orquestra e violinista latino tambem é Kolynos-ista, porque tem que sorrir diante do público que o aclama, e sabe que dentes mal cuidados prejudicam o sorriso. Xavier Cugat é um popular artista dos discos da Columbia Records, Inc.

Em cada hora, mais de 1.359.949 Kolynos-istas limpam os dentes com Kolynos

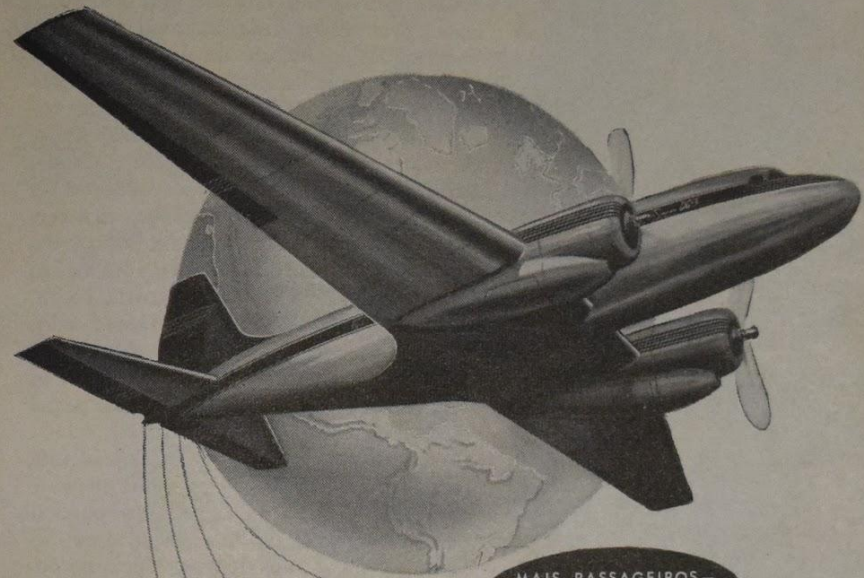
Porque Kolynos, o creme dental de fórmula científica...

LIMPA MAIS
AGRADA MAIS
RENDE MAIS

Basta um centímetro na escova seca!

USE KOLYNOS—SEJA TAMBEM KOLYNOS-ISTA!

asas novas..velocidade nova..potência nova para o mais famoso avião do mundo



A Era da Aviação deve mais ao **DC-3** do que a outro qualquer avião jamais construido. Ele é conhecido e aceito por mais gente do que qualquer outro transporte aéreo.

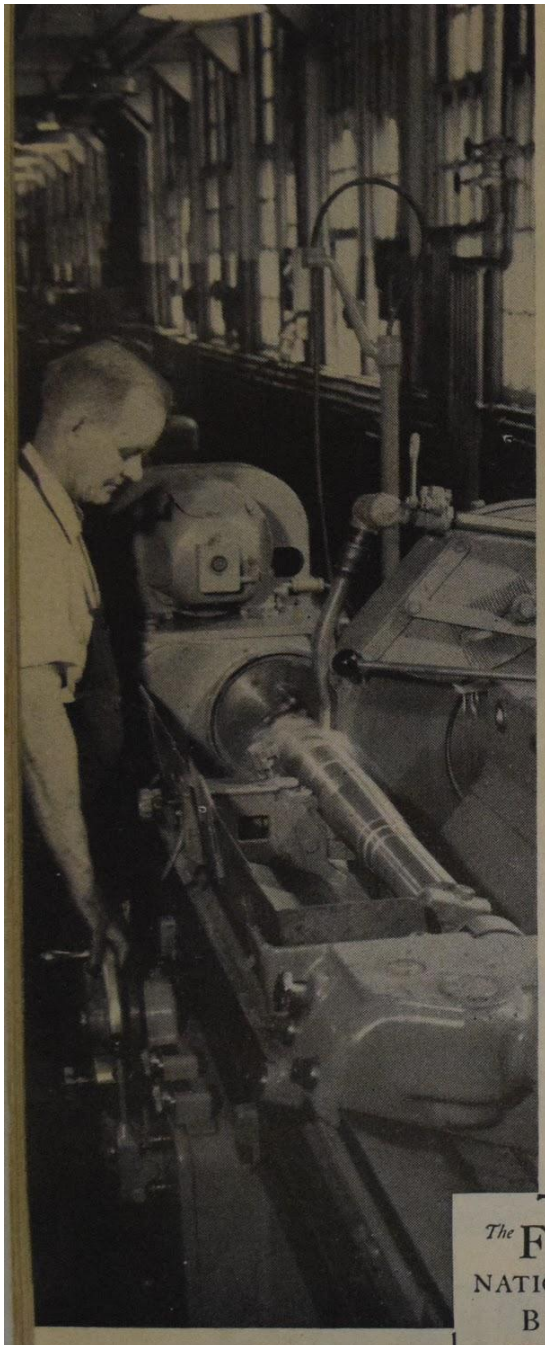
E agora a Douglas passa a rasgar novos horizontes com o seu **Super DC-3.** **Aumenta** a velocidade, a carga util, a economia neste avião ultra-moderno! **Aumenta** a eficiência no embarque de passageiros e de carga! **Aumenta** a performance na decolagem, na subida, na estabilidade, no control e na potência!

- MAIS PASSAGEIROS — Acomodações para 30 a 38 passageiros
- MAIS VELOCIDADE — agora 400 km. à hora, em cruzeiro
- MAIS ECONOMIA — menos despesas de operação
- MAIS CONVENIENCIA — no embarque de passageiros e carga

Mais gente voa a mais lugares nos

DOUGLAS **SUPER DC-3**

Douglas Aircraft Co., Inc., Santa Monica, Calif., E.U.A. Divisão Européia—Aérodrome de Haren, Bruxelas, Bélgica



Os Abrasivos Vão de Todo o Mundo para a Nova Inglaterra — E da Nova Inglaterra para o Mundo Todo

Os abrasivos são, hoje em dia, tão essenciais à produção em massa, como o próprio homem. Na qualidade de material usado para amolar e polir, são os abrasivos fatores indispensaveis ao acabamento de quase todos os artigos de precisão que se fabricam — de aviões a fechos *éclair*. E a Nova Inglaterra é um dos centros mais importantes do fabrico de produtos abrasivos. Para os fazer, é preciso reunir materiais vindos dos quatro cantos do mundo: diamantes da Africa do Sul e da América do Sul, lacas da India, latex da América do Sul e de Malaca, criolita da Groenlândia. Os abrasivos, depois de prontos, são exportados para todas as partes da terra, a fim de desempenhar papel capital nas indústrias mundiais.

The First National Bank of Boston está intimamente associado a essa indústria — e a todas as indústrias cujos produtos participam dos negócios de importação e exportação. Com 165 anos de experiência no comércio exterior, a Divisão Estrangeira do maior e mais antigo banco da Nova Inglaterra assiste os negociantes com o seu vasto corpo de peritos, tanto nos Estados Unidos como no estrangeiro, e através das suas filiais em doze centros comerciais de Boston a Buenos Aires.

Seja qual for o seu problema de comércio internacional, o seu pedido de informações será cordialmente acolhido em qualquer agência deste banco.

The FIRST NATIONAL BANK of BOSTON

★ *Fundado em 1784* ★

Membro da Corporação Federal de Seguro de Depósitos

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 2 Wall Street.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Rio de Janeiro, São Paulo e Santos, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

Mais Nutrição pelo que Paga com a Deliciosa AVEIA QUAKER

A Aveia Quaker dá às pessoas ativas os elementos indispensáveis para conseguirem vibrante energia e grande resistência. A Aveia Quaker oferece todas estas importantes vantagens em um só alimento nutritivo e delicioso. A Natureza mesma põe estes valiosos elementos na Aveia Quaker! E' a forma natural de conquistar saúde e vigor.

Coma a Aveia Quaker todas as manhas para assim se manter ágil e robusto durante o dia inteiro!

Veja porque a Aveia Quaker resulta Baratíssima!

MAIS ENERGIA ..... é rica em hidratos de carbono
MAIS FORÇA ..... é abundante em proteinas
MAIS RESISTÊNCIA .. proporcionada pela Tiamina (Vitamina B_1)
MAIS GOSTO ..... apetitoso sabor para o paladar

SIRVA ESTE PEQUENO ALMOÇO PARA ENERGIA

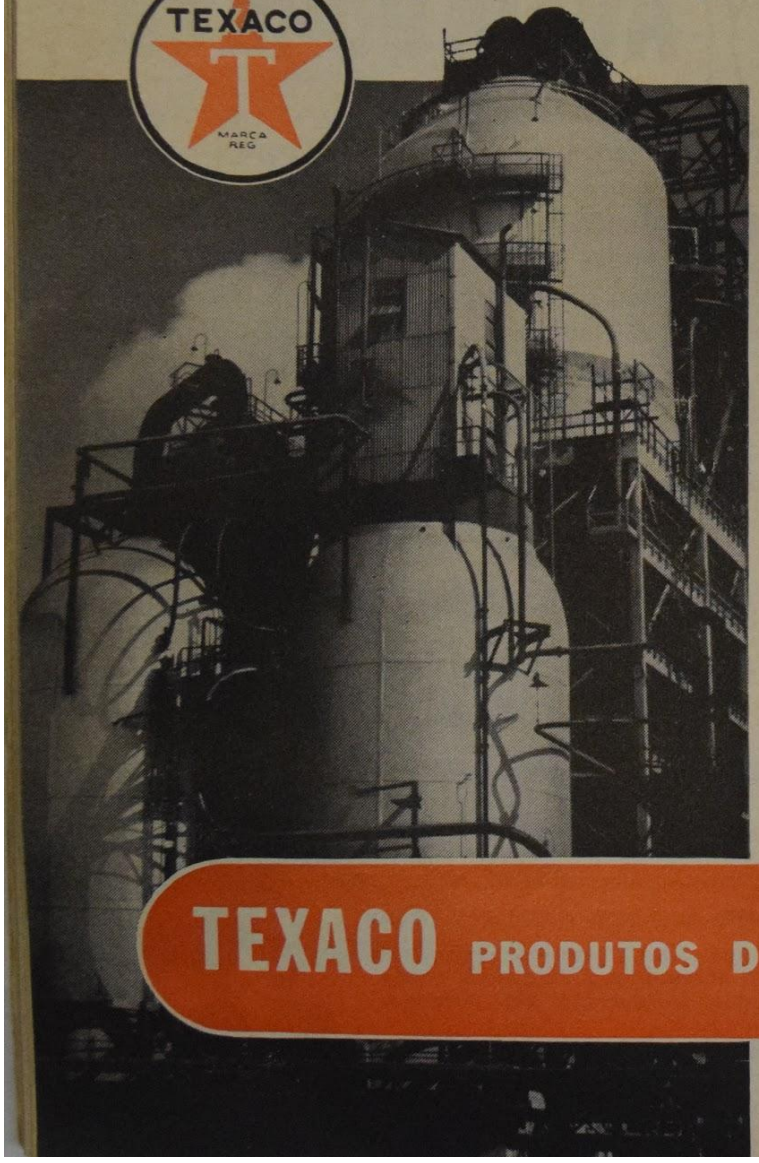
Ferva 2 xícaras de água. Acrescente sal. Quando a água estiver fervendo acrescente 1 xícara de Aveia Quaker. Cozinhe mexendo durante 2½ minutos. E... pronto!

A SEU SERVIÇO

para melhores produtos de petróleo

TEXACO

MARCA REG



O produto adequado— no lugar próprio— quando V.S. o necessita. É dessa maneira que se consegue manter a eficiência de exploração ao mais baixo custo. *Texaco* lhe assegura não só lubrificantes e combustiveis de qualidade, como tambem uma fonte de abastecimento digna de confiança, porque todas as fases da produção, da refinação e da distribuição se acham sob o controle da *Texaco*. Sejam quais forem suas necessidades em matéria de veículos a motor, indústria ou transportes, especifique invariavelmente *Texaco*.

THE TEXAS COMPANY

e seus distribuidores

TEXACO PRODUTOS DE PETRÓLEO

Unidade de cracking catalítico na Refinaria Texaco de Los Angeles.

Eu só uso **Tek** porque é **ANATÔMICA** e limpa melhor!

Eu só uso **Tek** JUNIOR porque é **PEQUENA** e não machuca!

Eu só uso **Tek** porque **DURA MUITO MAIS**

SIGA A MAIORIA... USE

Tek

A ESCOVA PREFERIDA NO BRASIL!

UM PRODUTO

Johnson & Johnson

SUPER BALÃO

SEGURANÇA
CONFORTO
ECONOMIA
ELEGANCIA

O novo Firestone **SUPER-BALÃO** absorve os choques e vibrações em vez de transmiti-los ao chassis e à carrosseria... assegura menor desgaste do carro — evita reapertos frequentes—além de proporcionar uma espantosa firmeza nas paradas. O Super-Balão é o pneu mais usado nos modelos 1948-49. Adote-o também para o seu carro!

O criador dos pneus balão

Firestone

INDUSTRIA BRASILEIRA

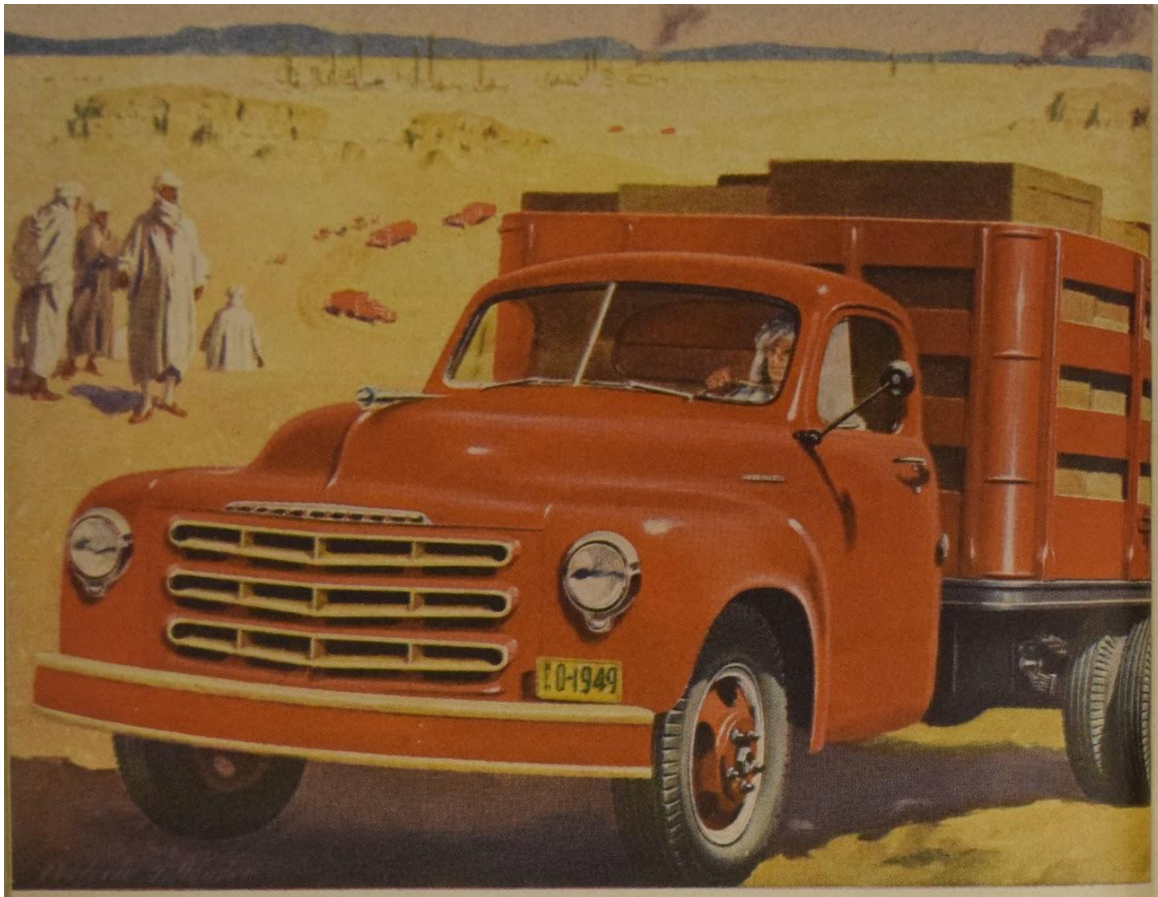
48.109

O MELHOR HOJE... AINDA MELHOR AMANHÃ

Um modêlo para cada uso...
todos da mesma marca

RAMENZONI

1894 SÍMBOLO DE QUALIDADE HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO 1949



Os caminhões Studebaker reduzem os custos em todos os grandes negócios do mundo!

"Escreva-me pessoalmente,"
diz R. A. Hutchinson

Presidente de The Studebaker Export Corporation e conhecido de centenas de homens de negócio no mundo inteiro, R. A. Hutchinson agradece os pedidos pessoais de informação a respeito dos caminhões Studebaker, por parte dos interessados. Queira escrever ou telegrafar-lhe, sem nenhum compromisso

O rasto das rodas dos caminhões Studebaker escrevem uma mensagem de economia a todos os homens cujos negócios estão sobrecarregados com despesas de transporte.

Sim, hoje em dia o desempenho dos caminhões Studebaker é reconhecido no mundo inteiro como padrão de confiança nos transportes automoveis.

Seja qual for o seu problema de carga e transporte, existe sempre um forte, possante e elegante novo caminhão Studebaker para fazer o trabalho—e um revendedor da Studebaker nas proximidades, que de bom-grado ajudará V.S. a fazer uma escolha acertada.

Visite a exposição Studebaker mais próxima na primeira oportunidade.

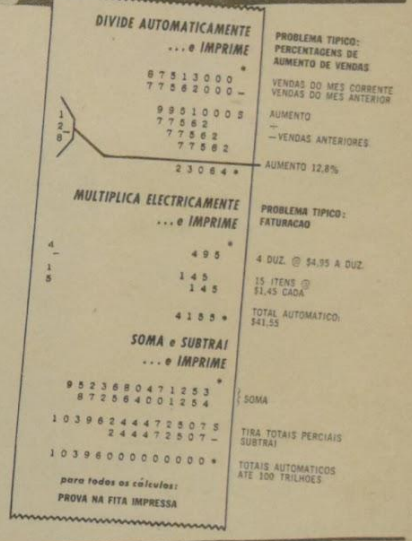
THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION
South Bend 27, Indiana, E.U.A. Cabogramas: "Studebaker"

SÓ o Calculador Impressor lhe dá um registro GRÁFICO

Este Calculador Impressor imprime automaticamente na fita todos os elementos do cálculo e resultados. Não é preciso forçar a vista em mostradores dificeis de ler, nem repetir os problemas para tirar a prova.

O Calculador Impressor Elétrico permite fazer operações mais rápidas, mais faceis e menos dispendiosas, com um controle simples de 10 teclas, teclas de operações de facil alcance, total e "limpeza" automáticos.

Mas veja V.S. mesmo. Escreva pedindo o prospeto gratis "Command Performance" à Remington Rand Inc., Export Division, Dept. A-11, Nova York 10, N. Y., E.U.A.

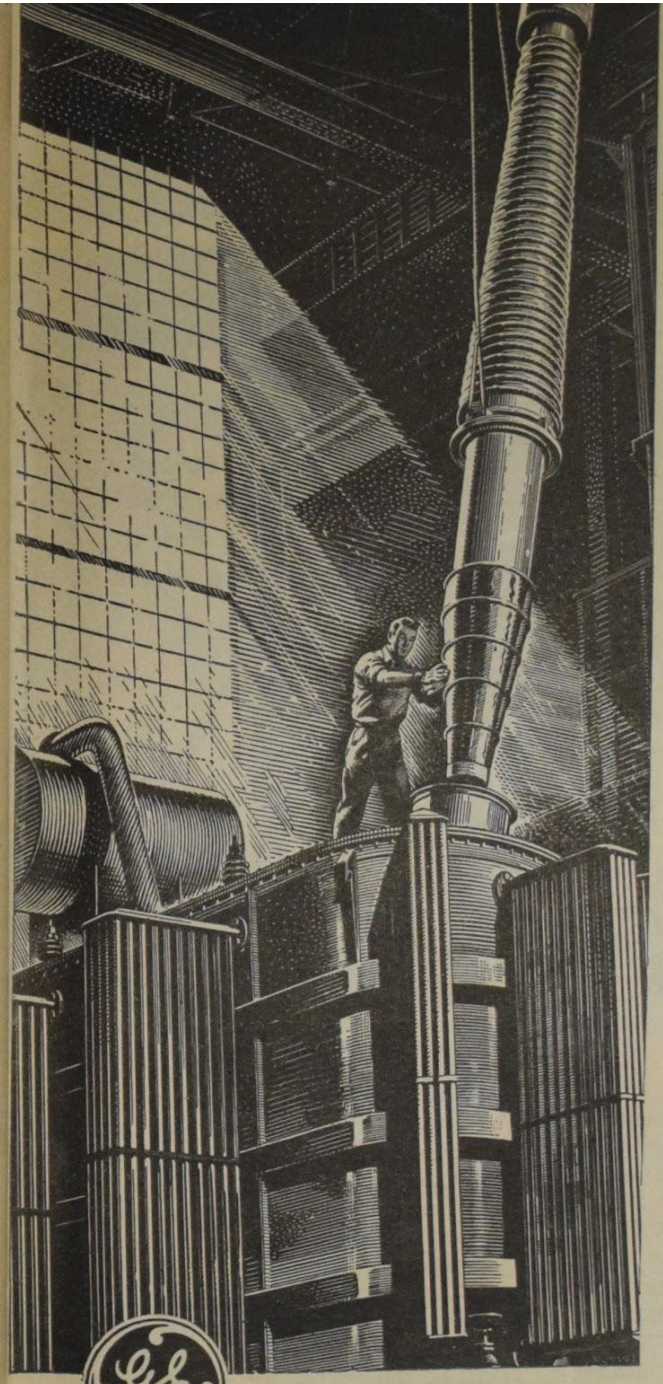


O novo Calculador Impressor Automático Remington Rand

A ETIQUETA "SARAGOSSY" NAS CAMISAS DE ESPORTE SIGNIFICA: CORTE ANATOMICO - FINO GOSTO E QUALIDADE SUPERIOR

REPRESENTANTES NO BRASIL:
RIO DE JANEIRO: José de Brito - Av. Gomes Freire, 28
SÃO PAULO: Hans Alex Loewenthal - Rua São Bento, 480 s. 301/2
MINAS GERAIS: Isonel Cosenza - Rua Rio de Janeiro, 195-s. 109-C. Postal 717 - Belo Horizonte
PARANÁ: S. Rigler - Rua Cabral, 773 Curitiba
RIO GRANDE DO SUL: Hess & Wolff - Caixa Postal, 875 - Porto Alegre
BAHIA: Armando Brandão - Praça. Conde dos Arcos, 4 - s. 4 - Salvador
PARÁ: Bento Mendes Leite - Rua João Alfredo, 91 - Belém
PERNAMBUCO: A. S. Castro - Rua Aurora, 65 - Recife
Distribuidor exclusivo em Petropolis - Est. do Rio
Alfaiataria De Carolis - Av. 15 de Novembro, 548

BRASOLAN



Seus avós teriam inveja

DESTE TOQUE MÁGICO!

Como seus avós invejariam o toque mágico de seus dedos, ao virar um interruptor ou sintonizar um rádio, pondo ao seu dispor os benefícios de um vasto sistema eléctrico! Para que essa energia, produzida por grandes usinas à distância, possa ser utilizada no lar, enormes transformadores elevam-lhe a voltagem, transmitindo-a às sub-estações.

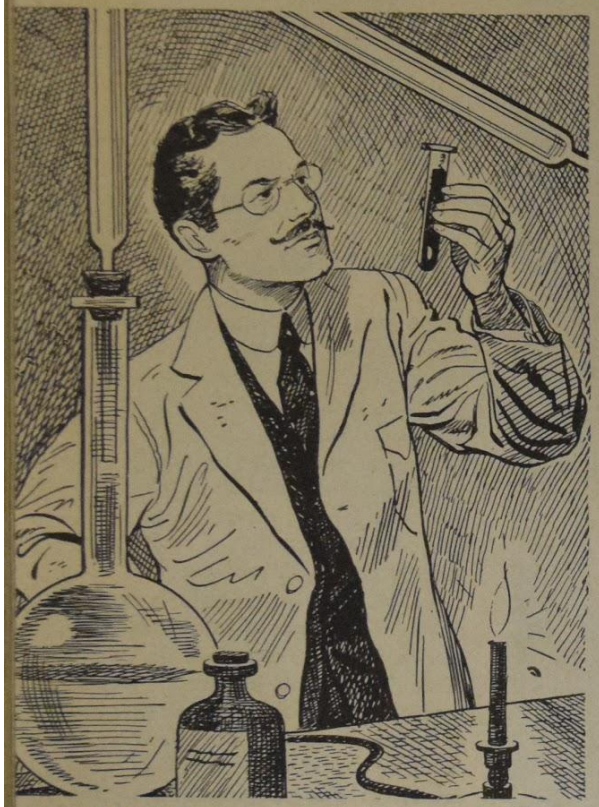
A G.E. fabrica transformadores de todos os tipos e tamanhos. Na ilustração, vê-se uma fase da instalação da bucha de um grande transformador capaz de fornecer energia eléctrica a toda uma fábrica. Mas há também transformadores G-E que cabem em uma campainha ou outros mecanismos de baixa voltagem.

Ao usar a electricidade, lembre-se de que o líder nas pesquisas, engenharia e fabricação de materiais eléctricos está ao seu dispor. Os produtos G.E., para a indústria e para o lar, são encontrados em toda parte. International General Electric Company, Inc., New York. A-9-8

GENERAL ELECTRIC
E.U.A.

Símbolo de Excelência EM TODO O MUNDO . . . NA INDÚSTRIA E NO LAR

O que controla a diabete?



A descoberta da insulina, há 28 anos, tem possibilitado o salvamento de um sem número de vidas!

Diabete engana muito . . . às vezes começa tão disfarçadamente que o paciente não percebe sua terrível ameaça!

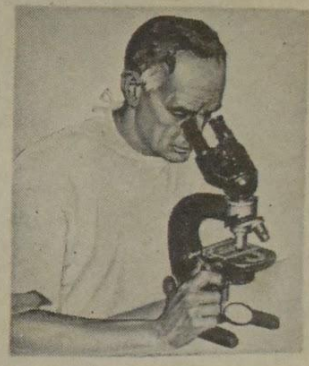
Exercícios, como a natação e caminhadas, são importantes. Seu médico lhe dirá que exercícios deve fazer.

P. O qué diabete?
R. Um grave distúrbio do pâncreas, que impede seu corpo de usar e reter açúcar. Porque o açúcar fornece energia, você não pode viver sem êle. Antes de 1921, os diabéticos estavam condenados. O único tratamento era uma dieta de fome. Depois, com a descoberta da insulina que devolve ao corpo a capacidade de armazenar e usar açúcar, foram salvos milhões. E, o que é melhor: a insulina é abundante e custa relativamente pouco!

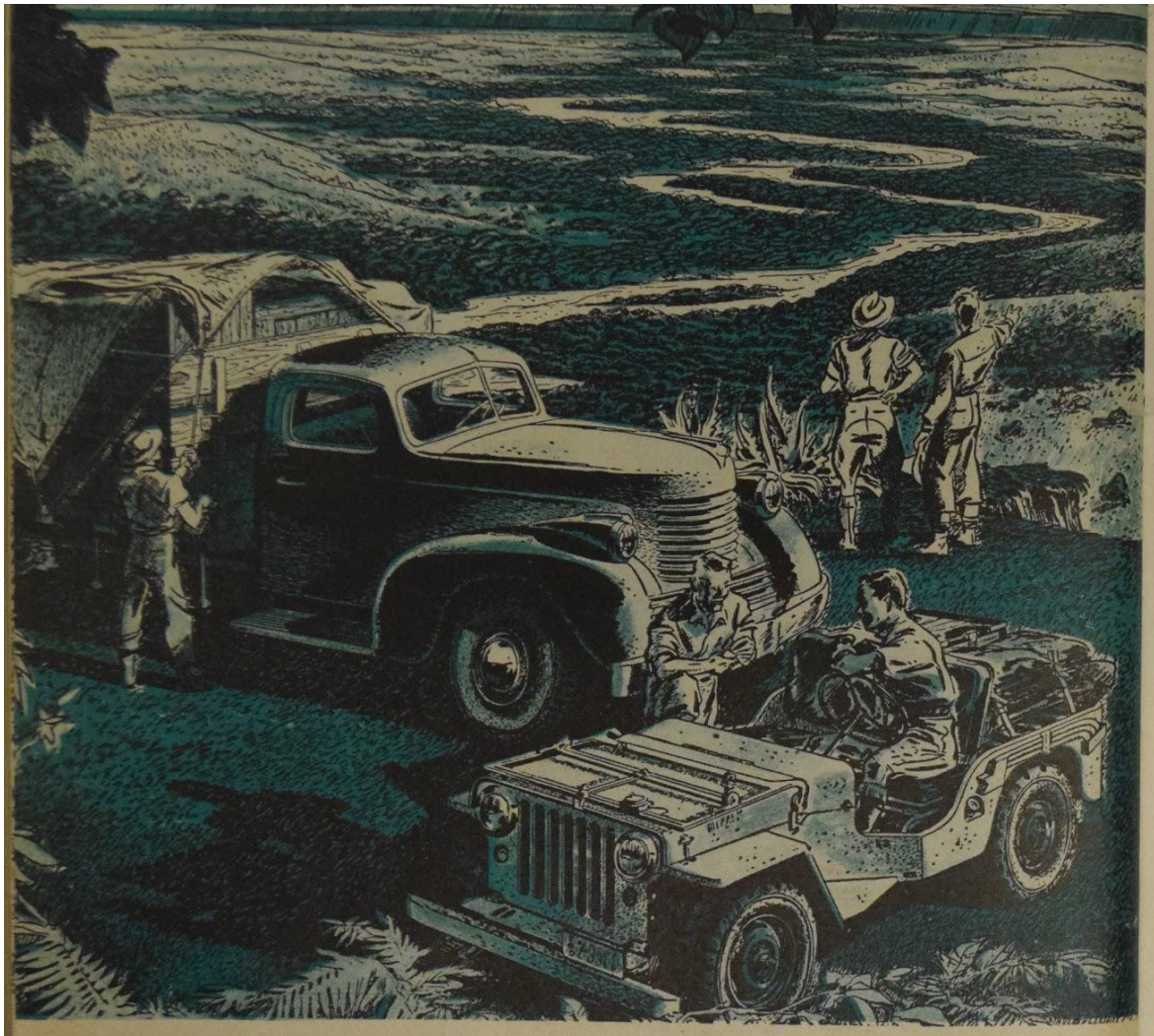
P. Você é do "tipo diabético"?
R. Estudos feitos demonstram que a maior parte dos doentes têm de 40 a 60 anos, têm excesso de pêso ou um antepassado diabético. De cada 20 diabéticos, 17 têm excesso de pêso. Comer demais obriga as células do pâncreas, produtoras de insulina, a trabalhar demais, podendo até inutilizá-las. Mas V. talvez não perceba os sintomas da diabete. Só há um meio de ter certeza: peça ao seu médico um exame de urina, como parte do seu exame médico regular.

P. Qual é a boa notícia sôbre o contrôle da diabete?
R. Graças à insulina, à dieta (diabéticos podem comer os mesmos alimentos que suas famílias, mas em proporções diferentes), aos exercícios, muitas curas ocorrem anualmente. Se você fôr diabético, verá que pode gozar a vida e viver tanto quanto o faria normalmente, seguindo as instruções do seu médico. Lembre-se, porém, que sòmente êle pode controlar a diabete; siga-lhe os conselhos!

Esta é uma série de conselhos sôbre problemas básicos de saúde. Neles você verá como uma estreita cooperação com o seu médico pode, não só salvaguardar, como também melhorar seu bem-estar diário e suas possibilidades de uma vida longa e saudável.



SQUIBB
MEDICAMENTOS
DESDE 1858



Novos Pioneiros dos Sertões...

Quando os pioneiros seguem, abrindo caminhos pelo sertão, já não os acompanha o tropel dos animais. Outros rumores quebram hoje o silencio dos vazios sertanejos: os motores dos caminhões e dos "jeeps", que levam os homens empreendedores, rumo ao caminho do Oeste.

Tambem a esses bandeirantes de hoje, a Standard Oil presta, nos pontos os mais distantes, o auxilio de seus produtos petrolíferos.

Esso auxilia o progresso do Brasil.

UM EMBLEMA DE QUALIDADE **Esso** **UM SÍMBOLO DE SERVIÇO**

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

(Continuação da segunda capa)

Barbara começou a patinar quando tinha sete anos e desde então nunca cessou de treinar. Quando está praticando, apresenta-se na pista às oito da manhã. Almoça enquanto se recongela o *rink* e só volta para casa às sete da noite. A todo o tempo traz em mente os sete severos juizes que a observam enquanto ela, inteiramente só, se apresenta na pista onde não existe marca alguma que a guie em suas evoluções.

Este horário, mantido durante nove meses de cada ano—mais arrumar e desarrumar malas, conceber indumentárias, traçar itinerários, arranjar a música e organizar os programas dos espetáculos—deixam escasso tempo para outras atenções. Por sorte, a instrução escolar de Barbara foi inteligentemente dirigida pela mesma professora a cujo cargo estiveram as netas do governador geral do Canadá enquanto ele e sua esposa moravam em Ottawa.

Como a maior parte das pessoas muito atarefadas, Barbara e eu aprendemos a dar grande valor a todos os breves momentos que conseguimos reservar para nós mesmas. Descobrimos como aproveitar os escassos minutos livres que nos restam entre as entrevistas que temos que conceder, as pequenas pausas entre sessões de treinamento de Barbara e os intervalos de espera dos trens que temos de tomar. A nós, como a todas as pessoas que, no mundo inteiro, vivem assoberbadas, o Reader's Digest ajuda a cumprir as nossas múltiplas e variadas ocupações, sem que percamos o sentido da perspectiva. Como oferece à nossa imaginação estímulo e variedade, essa pequena e extraordinária revista faz para nós as vezes de guia, filósofo e amigo, e nos proporciona o equilíbrio mental que é tão necessário na vida diária, como o equilíbrio físico o é na pista de patinação.

Creio que a leitura do Reader's Digest constitui um prazer em grande parte pelos mesmos motivos que contemplar um campeão do patim significa um deleite. A árdua missão de preparar a revista é feita por um corpo de redatores peritos que a ela se consagram. Trabalhando pacientemente, selecionam, burilam, dão polimento. Eliminam tudo que de desnecessário encontram nos artigos e abandonam até o último parágrafo aquilo que não traz nenhum interesse efetivo ao trabalho examinado. O público só vê o resultado final, aparentemente obtido sem esforço algum.

Quando Barbara e eu viajávamos pelo estrangeiro, o Reader's Digest sempre era incluido em nossa bagagem. E por onde quer que passássemos, encontrávamos as tão simpáticas e familiares capas de suas edições internacionais: na Escandinávia, na Suiça, em París ou em Londres. Chegamos a perceber que milhões de pessoas, em muitas línguas, se uniam a Barbara e a mim para agradecer ao Reader's Digest—agradecer por uma obra mestra que é realizada todos os meses.

NOVEMBRO de 1949

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

Um aluno atrasado	*Winston S. Churchill*	1
Rir é o melhor remédio		6
Como os fazem confessar	*Konrad Heiden*	7
Abramos todas as portas	*T. E. Murphy*	13
Fábrica fantástica de radioisótopos	*Don Wharton*	17
Ave carniceira	*Alan Devoe*	22
Colóquio com uma rainha	*Max Eastman*	25
Um apelo à tolerância	*Henry M. Robinson*	30
Perseguido pelos cães	*Daniel P. Mannix*	33
Quem é Dean Acheson	*Fortune*	39
Acabou-se o enjôo	*Horace Sutton*	43
Suécia—terra de luz	*Ralph Wallace*	46
É melhor a fábrica pequena?	*Edwin Muller*	51
Flagrantes da vida real		55
Como vão as coisas na Rússia?	*John B. White*	57
Colonos na vizinhança	*William Drake*	61
Renasce a costura no lar	*Eleanor Lake*	65
O grande inovador	*John Kobler*	67
Baltimore limpa as favelas	*Karl Detzer*	72
Minha mulher é negociante	*Anônimo*	75
Contemple o universo!	*David O. Woodbury*	79
O trabalho «ingrato» do professor	*Wilma Morrison*	91

Seção de Livros — Conquista em Nova York — *Ethel Rosenberg* — 93

O Aleijadinho — *Fotografia* — capa
Nota — página 116

CMDPU-LR
01983

SELEÇÕES
do Reader's Digest

Tomo XVI, No. 94 Novembro de 1949

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, 4.° piso, Vedado, Havana, Cuba.

Diretor.....Eduardo Cárdenas
Redator-Chefe.....José Famadas
Gerente: Roberto C. Sánchez

THE READER'S DIGEST, fundado em 1922 por DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, seus atuais diretores e editores, é publicado em Pleasantville, Estados Unidos, e tambem na Inglaterra (Terence Harman, *gerente*, Londres); no Canadá (Fred D. Thompson, *gerente*, Montreal); e na Austrália (John Grant Cooper, *gerente*, Sydney).

Edições em outros idiomas: EDIÇÃO EM ALEMÃO (Stuttgart) Alexander W. Post, *redator;* EDIÇÃO EM DINAMARQUÊS (Copenague) Onni Kyster, *redator;* EDIÇÃO EM ESPANHOL para os paises hispano-americanos e Espanha, Eduardo Cárdenas, *diretor;* EDIÇÃO EM FINLANDÊS (Helsinki) Seere Salminen, *redator;* EDIÇÕES EM FRANCÊS: (París) Pierre Denoyer, *redator*, Paul Thompson, *gerente;* (Montreal) Pierre Ranger, *redator;* EDIÇÃO EM ITALIANO (Milão) Mario Ghisalberti, *redator;* EDIÇÃO EM JAPONÊS (Tóquio) Bunshiro Suzuki, *redator*, Dennis McEvoy, *gerente;* EDIÇÃO EM NORUEGUÊS (Oslo) Henrik Aubert, *redator;* EDIÇÃO EM SUECO (Estocolmo) Brita B. Hebbe, *redatora*.

EDIÇÕES INTERNACIONAIS DE THE READER'S DIGEST: Barclay Acheson, *gerente geral;* Marvin McC. Lowes, *subgerente geral;* Hobart Lewis, *chefe de redação*.

Copyright 1949 de Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei, em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, total ou parcial, da matéria contida neste número.

«*Um instrumento de compreensão internacional*»

—General Lucius D. Clay

FAZ CINCO ANOS, no Japão, na Alemanha e na Itália, era crime contra o Estado possuir-se um exemplar do Reader's Digest. Hoje em dia, o Reader's Digest é publicado no território e no idioma de cada um dos paises do Eixo. Em suas páginas, mês após mês, centenas de milhares de nossos ex-inimigos aprendem o que significa a liberdade tal como é praticada nos Estados Unidos.

«A democracia, com tudo o que ela implica,» declarou em Tóquio o general MacArthur, «baseia-se no conhecimento inteligente que dela

(*Continua na terceira capa*)

SELEÇÕES do Reader's Digest
Marca Registrada
Reg. U.S. Pat. Off.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, volume XVI, No. 94, November, 1949. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, Vedado, Havana, Cuba. Subscription price: US $2.00 per year in Latin America; US $3.75 per year in the United States. Entered as second-class matter at the Post Office, Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at the Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

Impressa nos E. U. A.

VÃO E VOLTAM À "PORTEIRA DO MUNDO"

Da "Porteira do Mundo", rio abaixo, o São Francisco rasga o peito do Brasil, numa das mais uteis vias fluviais do continente. Por ele sobem e descem as barcaças e os valorosos "gaiolas", mensageiros do progresso para o "Vale das Maravilhas".

Nesse, como em muitos outros misteres, Esso está sempre presente, através da variedade de seus produtos petrolíferos, como testemunha e personagem do progresso brasileiro.

Esso auxilia o progresso do Brasil.

Standard Oil Company of Brazil

Um emblema de qualidade — Esso — Um símbolo de serviço

Tudo o que você precisa para suas costuras . . .

E sempre novidades, muitas novidades!

Uma visita a qualquer Loja Singer é sempre inspiração e prazer. Visite hoje mesmo a mais próxima de sua residência. Preços extremamente módicos.

Imensa variedade de artigos e acessórios para costura—desde tesouras e botões dos mais variados tipos, tamanhos e cores até fechos corrediços diversos.

E veja êstes maravilhosos aparelhos Singer: um caseador, que faz trabalho perfeito; pregador de fechos corrediços, ziguezagueador . . . e muitos outros!

. . . É a maravilhosa Singer Elétrica Portátil! Pequena e extremamente leve, ela faz todo o trabalho das máquinas grandes e com a mesma perfeição!

LOJAS SINGER

Procure a mais próxima de sua casa na lista telefônica e peça o Serviço Mecânico Singer

Propriedade Intelectual Reservada Pela Singer Sewing Machine Company.

O relógio mais procurado...

mesmo na Suíça!

Na pátria dos melhores relógios do mundo, na Suíça, Omega vê confirmada sua preferência universal—é o relógio mais procurado. Omega Automático combina, com o mais avançado sistema de auto-renovação da corda, a famosa Precisão Omega, oficialmente consagrada pelos grandes Observatórios de Teddington, Inglaterra, e Genebra e Neuchâtel, Suíça. 3 vêzes seguidas a cronometragem, de suma responsabilidade, das Olimpíadas, foi confiada a Omega. Isso prova que Você também pode ter confiança em Omega. Siga o exemplo de milhões, guie-se pela experiência de quem sabe: escolha um Omega Automático, o relógio de Precisão Máxima . . . o relógio automático de menor espessura . . . o relógio mais procurado!

Corda automática e manual independentes •
Em repouso, reserva de marcha até 40 horas •
Antimagnético • *Inoxidável* • *Vidro inquebrável*

Ω OMEGA *Automático*

OMEGA PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE—GENEBRA, SUÍÇA Tissot

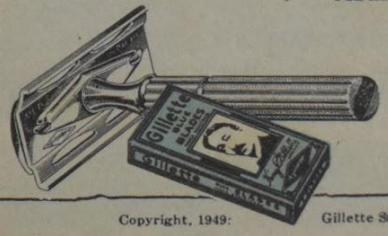
NÃO SE IRRITE!

Para quê perseguir, em vez de ser perseguido? . . . Os homems que não se barbeiam—ou se barbeiam mal, ou com imitações—perdem muitas ocasiões...

USE GILLETTE

SIM, A LÂMINA GILLETTE!

Mas, quanto ganha o homem que se barbeia *diariamente!* E para bem fazer a barba, com suavidade e sem se irritar, não há nada como a Lâmina Gillette Azul e a máquina Gillette de precisão...



O HOMEM BEM ESCANHOADO É HOMEM SOLICITADO

Copyright, 1949: Gillette Safety Razor Co. (Reprodução autorizada)

TRUBENIZADO?

Sim, Trubenizado, ou melhor: TRUBENIZED, *que é a designação corréta de um processo quimico (Pat. Bras. 22.420). Por este processo os colarinhos são tratados na fábrica com uma "goma permanente", ligando a entretela com o fôrro e tecido exterior. Esta "goma permanente" tem duração pràticamente indefinida.*

Os colarinhos não precisam ser engomados depois da lavagem. Conservam sempre sua aparência bonita e elegante.

CAMISAS com colarinho TRUBENIZADO encontram-se em todas as boas casas no Brasil com estas marcus de garantia

USA. Pat. 22.420
TRUBENIZED
passar úmido - sem goma

Para destacar sua personalidade use CAMISAS

Tannhauser
DESDE 1893

Os homens inteligentes trajam corretamente, porque sabem quão importante é a boa apresentação para vencer na vida. Da indumentária masculina a camisa merece especial atenção.

"TANNHAUSER" desde 1893 especializou-se em camisas. Mais de 50 anos de prática e os métodos mais modernos de fabricação estão à sua disposição nas belíssimas camisas

Tannhauser
DESDE 1893

O 'JEEP' TEM FORÇA PARA TODOS OS SERVIÇOS DE UMA FAZENDA

O 'Jeep' Universal de transmissão às quatro rodas tem força de sobejo para o transporte e o reboque fora das estradas. Tem força para fazer serviço de trator nos campos, em qualquer estação do ano, e no entanto trabalha igualmente bem na estrada como "pick-up", caminhão-rebocador ou carro de serviço geral. Quando equipado com transmissão de força extra (opcional), o 'Jeep' fornece força-motriz abundante e pronta para acionar grande diversidade de implementos e máquinas agrícolas. Os fazendeiro de todo o mundo preferem o 'Jeep' porque é capaz de ir a mais lugares e de executar maior variedade de tarefas do que qualquer outro veículo.

O 'Jeep' UNIVERSAL
DE TRANSMISSÃO NAS 4 RODAS

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORPORATION
Toledo 1, Ohio, E.U.A.

Um Bonus Que O Espera

Metade dos 148 milhões de habitantes dos Estados Unidos vivem no Vale da Luisiana—ou Vale do Mississipi—e metade dos negócios da nação são alí realizados.

Esse é o maior mercado da América Latina!

A Luisiana é a sentinela postada à porta desse vale, o maior e mais rico de todos os vales. A maneira *mais econômica* e eficiente de exportar para essa região, ou importar dela, é usar os portos da Luisiana—Nova Orleães, Baton Rouge, e Lake Charles. Isso devido a que os fretes no interior, para importação e exportação, favorecem os portos da Luisiana em relação aos do Atlântico Norte.

E atualmente, os interesses econômicos da Luisiana, liderados pela Casa Internacional e pelo Mercado Internacional de Nova Orleães, estão empenhados em um programa, extensivo a todo o vale, de incrementar as importações da América Latina—agindo no carater de vendedores *a serviço de V.S.* nessa região nova e dinâmica.

• • •

Para informações mais pormenorizadas sobre os portos da Luisiana —Lake Charles, Baton Rouge e Nova Orleães,—queira escrever ao

DEPARTMENT OF COMMERCE AND INDUSTRY
STATE CAPITOL • BATON ROUGE, LA., E.U.A.

EA-5-A

Tríplice Proteção...

Trìplicemente protegida contra os assaltos do tempo, está a mulher que aprendeu o tríplice segrêdo da beleza descoberto por Elizabeth Arden — que diàriamente LIMPA, TONIFICA, SUAVIZA — revigorando assim uma pele naturalmente bela, ou restituindo o original encanto à cútis que tem sido descuidada.

CREME DE LIMPEZA

TÔNICO PARA A PELE

ESPECIAL ADSTRINGENTE

CREME DE LARANJA

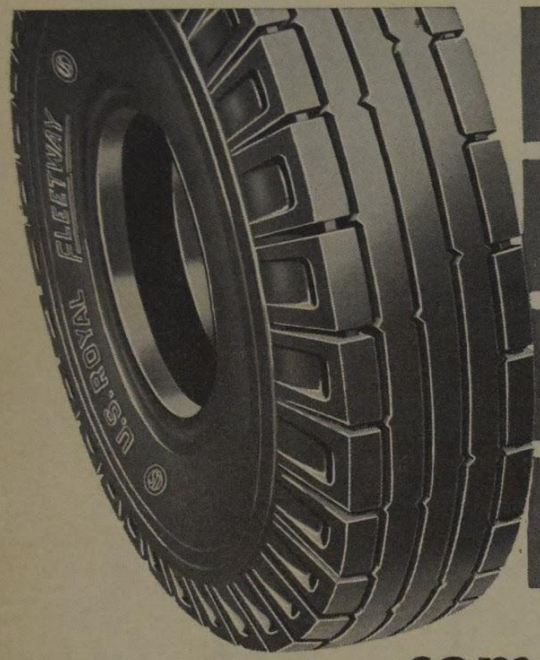
CREME VELVA

Elizabeth Arden

PARIS NOVA YORK LONDRES

RIO: Av. Pres. Wilson, 165 - Fone 22-2040

SÃO PAULO: 6.ª Sobreloja Casa Anglo-Brasileira - Fone 4-4144



melhor qualidade

mais resistência

mais recauchutagens

mais quilometragem

com

U.S. ROYAL

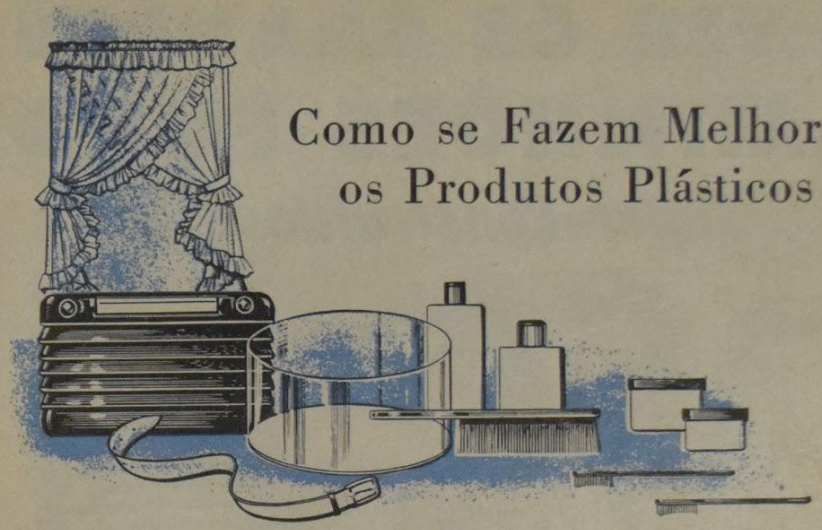
Fleetway

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., LTD.

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • No E. U. A., Nova York 20

UNITED STATES RUBBER COMPANY · US · TRADE MARK

PROGRESSO PELA CIÊNCIA



Como se Fazem Melhores os Produtos Plásticos

MILHARES de artigos de matéria plástica, uteis e atraentes, são hoje melhores em virtude do uso de Santicizers —nome registrado de um grupo de plasticizadores especiais da Monsanto, que tambem muito contribuem para economias no custo de produção.

Os melhoramentos oferecidos por Santicizers Monsanto compreendem propriedades muito desejaveis, tais como: flexibilidade; resistência ao deslustre; resistência à humidade e à intempérie; fixidade de cores; volatilidade relativamente baixa; grande plasticidade; resistência aos óleos; estabilidade térmica; dureza; resistência a arranhões; estabilidade dimensional; maior brilho; viscosidade mais baixa a temperaturas de moldagem.

* * *

Para dados técnicos sobre Santicizers, queira escrever a qualquer dos escritórios da Monsanto, ou comunique-se com o representante local da Monsanto. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri, E. U. A.* • MONSANTO CHEMICALS, LTD., *Londres, Inglaterra* • Monsanto (Canada) Ltd., *Montreal, Canadá* • Monsanto (Australia) Pty., Ltd., *Melbourne, Austrália.* Representantes nas principais cidades do mundo.

Santicizers são apenas um grupo, entre centenas de Produtos Químicos e Plásticos da Monsanto que servem a Indústria. Este serviço à Indústria é importante a todos os dirigentes de todos os negócios pois consegue melhoramento dos produtos, redução do preço de custo, aumento das vendas. Se V.S. tem algum problema a resolver, o mais provavel é que a Monsanto lhe possa dar a solução.

Santicizer: Marca Registrada nos E. U. A.

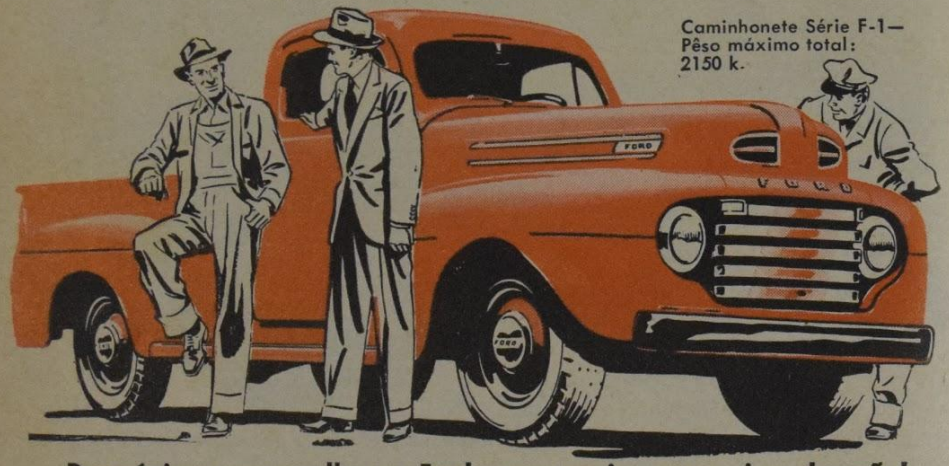
Senhores Industriais: Para receber um exemplar do novo livro "Monsanto Plasticizers" queiram escrever à Monsanto Chemical Co., Foreign Dept., RD, St. Louis 4, Missouri, E.U.A.

MONSANTO
PRODUTOS
QUÍMICOS E PLÁSTICOS

SERVINDO A INDUSTRIA . . . QUE SERVE A HUMANIDADE

VÁ VER OS GRANDES CAMINHÕES FORD

Super-Construídos!



Da próxima vez, escolha um Ford—para maior economia e duração!

● Escolha o seu caminhão, na maior e mais completa linha de caminhões até agora apresentada pela Ford: um modêlo para cada tarefa. Novas cabines de luxo, para maior confôrto do motorista. Nova e maior accessibilidade para inspeção e serviço. 3 novos motores: um novo "Seis" e dois novos V-8. Até 145 hp! 2 novos super-caminhões com pêso máximo total até 9.750 k. E com cada Ford, o senhor adquire o resultado da experiência acumulada pelo fabricante que já construiu mais caminhões que qualquer outro.

CAMINHÕES *Super-Construídos* FORD

1949 — 1959

Super-construção para maior duração

Baseando-se em estudos feitos com 6.106.000 caminhões registrados nos EE. UU., técnicos de seguros provam que os Caminhões Ford Duram Mais.

FORD MOTOR COMPANY

GOLDEN STATE significa Energia EXTRA para Brincar ou Estudar

Nos hospitais, nas escolas, asilos de orfãos e instituições congêneres, o *Leite Em Pó Golden State* é o preferido.

E com razão: distingue-se pela energia nutritiva e é SUPREMO EM SABOR! É fonte de saude, força e felicidade para as crianças que o tomam todos os dias.

Prefira V. tambem, desde hoje, o *Leite Em Pó Golden State*, e continuará a preferí-lo para toda a vida!

SUPREMO EM SABOR

Golden State
BRAND
LEITE EM PÓ

Distribuidores no Brasil: SCHILLING-HILLIER S. A. INDUSTRIAL E COMERCIAL Rio de Janeiro

GOLDEN STATE COMPANY, Ltd., SAN FRANCISCO 11, CALIFORNIA, E. U. A.

"Não admira que o Elgin leve a palma!"

diz JAMES STEWART

"Estilo elegante—e a corda DuraPower significa funcionamento soberbo"

JAMES STEWART—eleito o homem mais bem vestido do cinema—no filme "Sangue de Campeão," da Metro Goldwyn Mayer.

V.S. partilhará do entusiasmo de Jimmy Stewart pelos novos Relógios Elgin. São de estilo chique e distinto. E sua beleza é o escrínio da assombrosa corda DuraPower. Escolha um Elgin para V.S., ou para a pessoa bem-amada. Vá vê-los na sua relojoaria.

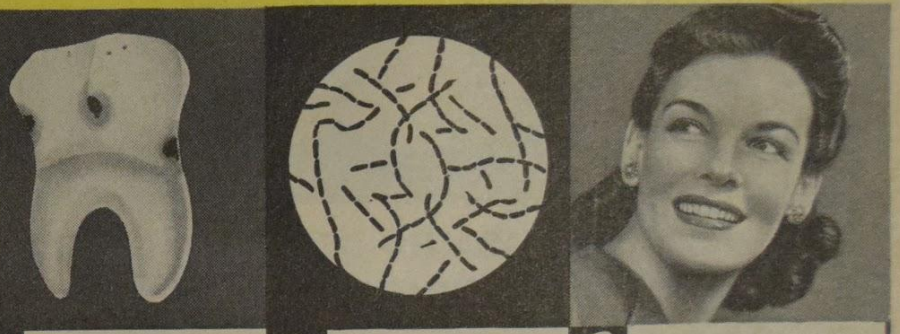
Elgin National Watch Co., Elgin, Ill., E.U.A.

ELGIN

"certos como as estrelas"

Otto Straus—*Rio de Janeiro—Distribuidor Exclusivo no Brasil*

GUERRA À CÁRIE DENTÁRIA!
SÓ KOLYNOS A COMBATE
por estas 3 formas



1. ELIMINANDO
OS ÁCIDOS DA BOCA

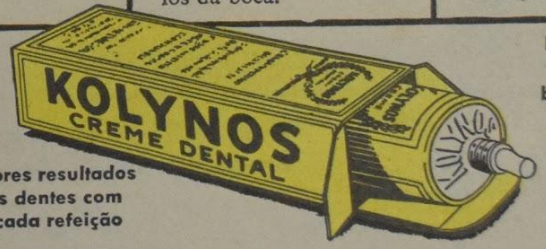
Os ácidos da boca que causam a cárie são neutralizados quando os ingredientes antiácidos da Kolynos entram em contacto com eles.

2. DESTRUINDO
AS BACTÉRIAS

As provas científicas realizadas por famosas universidades norte-americanas e européias demonstram que Kolynos chega a destruir 92 por cento dos lactobacilos acidófilos da boca.

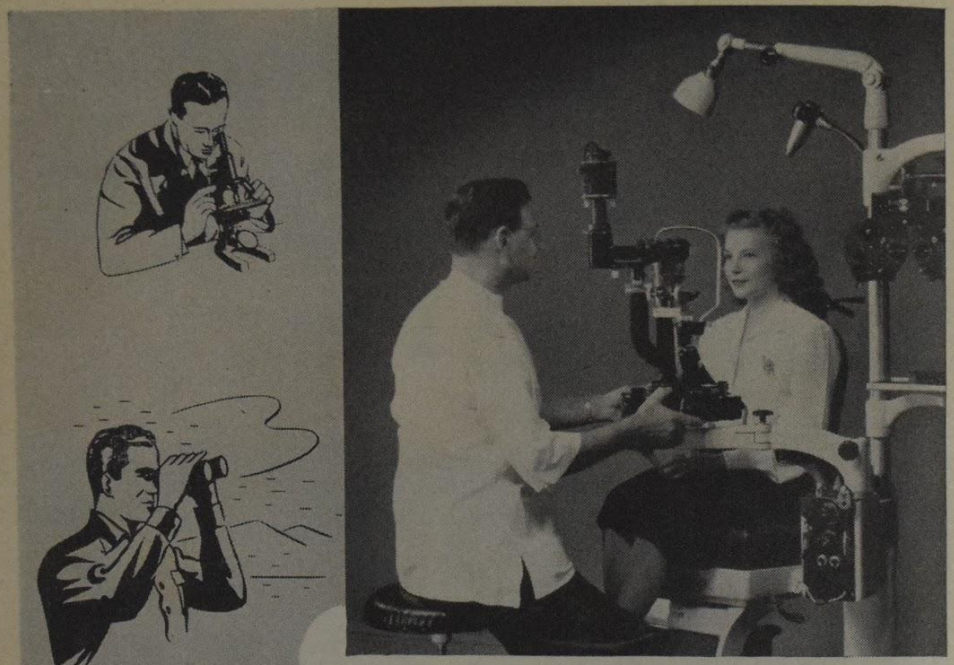
3. LIMPANDO
NA PERFEIÇÃO

A espuma penetrante de Kolynos arrasta consigo as partículas de comida que a escova deixou . . . e deposita os agentes polidores no esmalte dos dentes, evitando a acumulação de mucina.



De sabor delicioso, e ECONÔMICA: basta um centímetro

Obtenha melhores resultados escovando seus dentes com Kolynos após cada refeição



TRABALHO DE PRECISÃO EXIGE INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

Seus olhos representam o mais preciso instrumento ótico conhecido. Eles são o que de mais precioso Você possue. Deles Você depende para sua segurança, para seu confôrto, para ganhar o pão de cada dia. Os instrumentos óticos de precisão e artigos oftálmicos de Bausch & Lomb incorporam o resultado de pesquizas constantes realizadas durante quasi 100 anos de estudo e experiência.

Nas mãos de especialistas treinados êles contribuirão para o bem estar de sua comunidade e de sua Nação. Quando precisar de artigos de ótica procure a marca B&L.

Visite seu oculista uma vez por ano.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL COMPANY • ROCHESTER 2, N.Y., U. S. A.

RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
BUENOS AIRES

Lucro e Tranquilidade

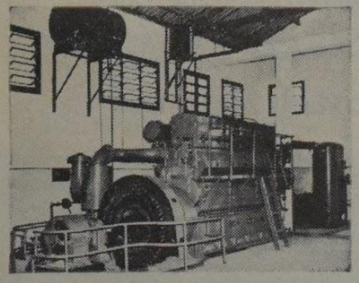
com um

MOTOR DIESEL WORTHINGTON

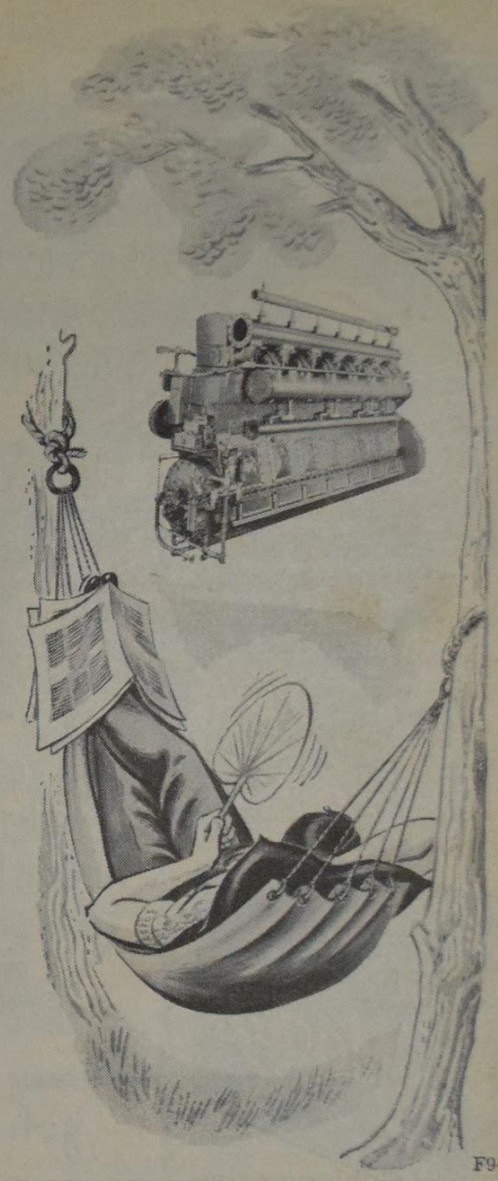
Os resultados obtidos em casas de fôrça no mundo inteiro provam que se pode contar com un motor Diesel Worthington para um funcionamento perfeito e econômico.

Atualmente, motores Diesel Worthington de muitos tamanhos e tipos—somando milhões de H. P. instalados—estão funcionando sem virtualmente quaisquer problemas de manutenção e conserto.

O representante WORTHINGTON local, corpo integrante de uma organização mundial de vendas e serviço, pode fornecer-lhe maiores detalhes—ou escreva à *Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Depart'ment, Harrison, N.J., U.S.A.*



Motor Diesel Worthington instalado recentemente no Fiação e Tecelagem Santa María, Fortaleza, Ceará.



F9-8H

WORTHINGTON

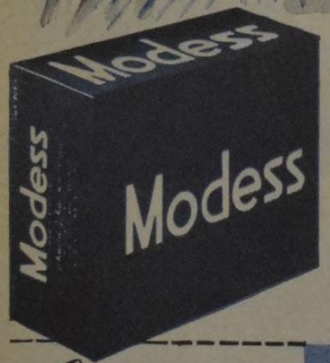
EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

Bombas • Compressores • Motores • Turbo-Geradores
Maquinária de Construção • Refrigeração

Conversa entre mulheres...

Ih! Sônia... experimentei usar **Modess**, e nunca imaginei que pudesse ser tão confortável, tão macio e seguro!

Ora, Nancy, é pena que você tenha perdido tanto tempo! Estou usando **Modess** há muitos anos e desde a primeira vez já sabia que tinha encontrado o absorvente higiênico perfeito!



UM PRODUTO
Johnson & Johnson

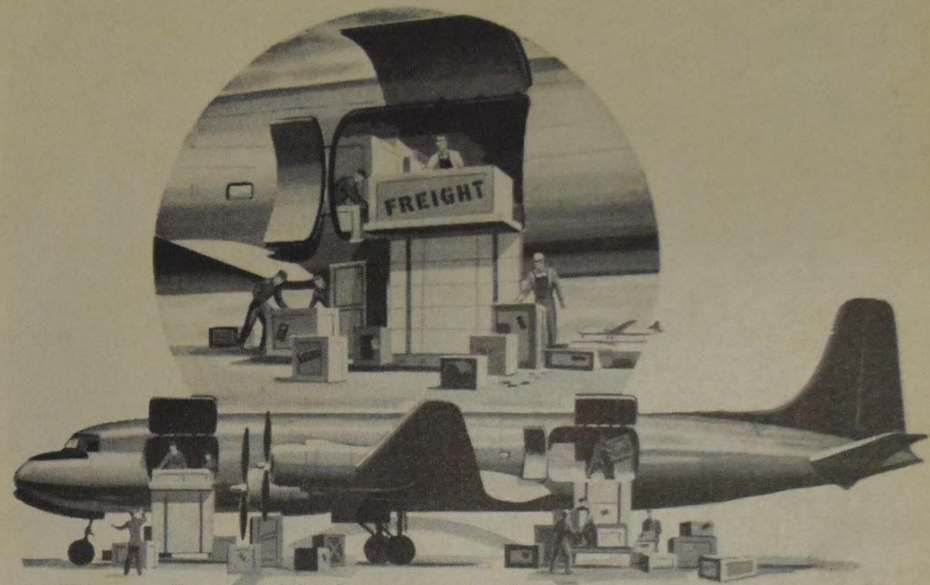
GRÁTIS!

Queira me enviar, gratuitamente, um exemplar do livreto "Ser quase mulher... e ser feliz", e 2 amostras de Modess, para o que estou remetendo Cr$ 2,00 para porte registrado.

ANITA GALVÃO Consultora Feminina da Johnson & Johnson
Caixa Postal, 5030 - São Paulo 1-GGG-25

Nome: ..... Idade: .....
Rua: ..... Nº.: .....
Cidade: ..... Estado: .....

Escreva com letra bem legível
(Sentimos não poder atender pedidos vindos de fora do Brasil)



A Douglas inicia uma nova era:

a era do FRETE aéreo

O que o *Liftmaster* fará pela vindoura *Era do Frete Aéreo*

- *2 aviões farão o trabalho de 3*
- *3 encarregados da manutenção farão o trabalho de 4*
- *2 unidades monetárias darão o rendimento de 3*

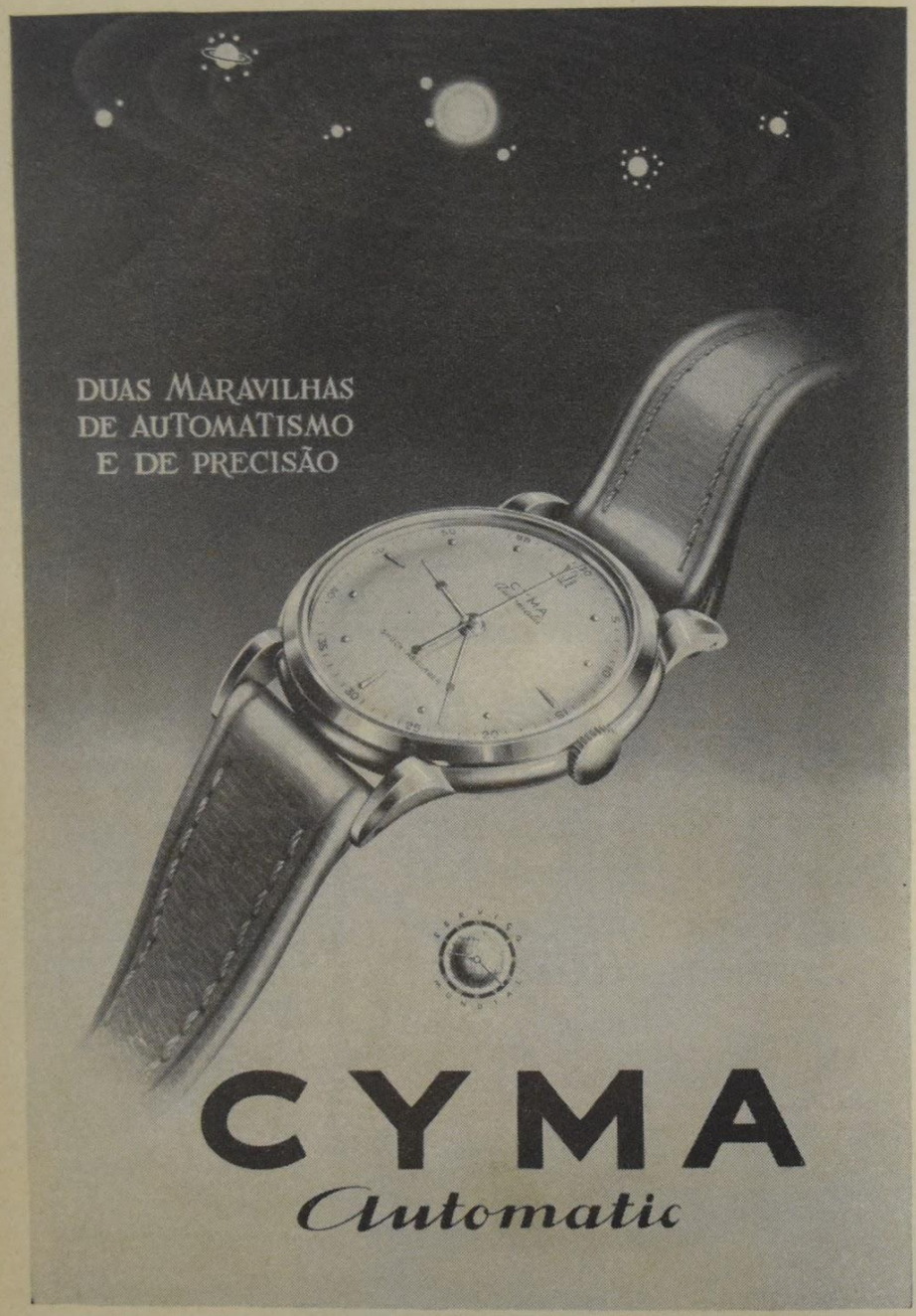
Os céus do mundo inteiro vão vibrar dentro em breve à passagem de um novo e gigantesco "cargueiro do ar," de motor com superalimentação—quando o veloz **Douglas DC-6A Liftmaster** começar a deslocar 15 toneladas de carga, para os pontos mais distantes do mundo, a 480 km por hora.

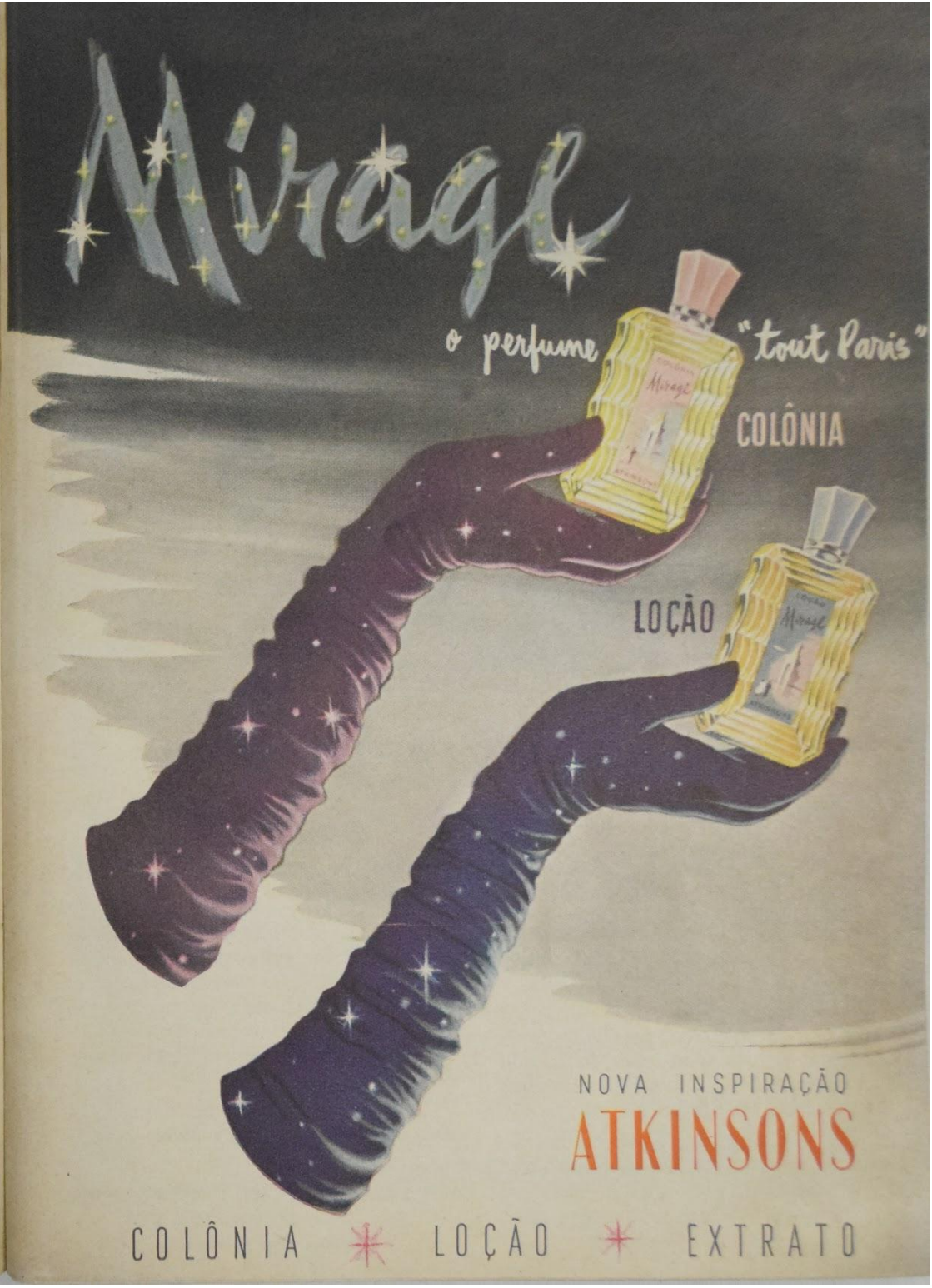
Pioneira da Era da Aviação, a Douglas contribui agora para o advento da Era do Frete Aéreo, com o **Liftmaster DC-6A**— correspondente, no ramo do transporte de carga, do famoso DC-6, de confiança demonstrada em bilhões de milhas de vôo no transporte de passageiros.

Mais pessoas—mais carga—voam a mais lugares pelo

DOUGLAS **DC-6A LIFTMASTER** *(presentemente em construção)*

Douglas Aircraft Co., Inc., Santa Monica, Cal. • Divisão Européia: Aérodrome de Haren, Bruxelas, Bélgica


DUAS MARAVILHAS
DE AUTOMATISMO
E DE PRECISÃO
CYMA
Automatic


Mirage
o perfume "tout Paris"
COLÔNIA
LOÇÃO
NOVA INSPIRAÇÃO
ATKINSONS
COLÔNIA ✳ LOÇÃO ✳ EXTRATO

Anunciando a "futura moda" em carros

O NOVO STUDEBAKER 1950

O MUNDO inteiro espera sempre o inesperado por parte da Studebaker—e êle aquí está: a "futura moda" em autos!

É um carro novo, arrebatador—mais um triunfo dinâmico, fruto das novas idéias da Studebaker sôbre desenho de automóveis.

Um "Champion" Studebaker, de sensacionais inovações no campo dos carros de baixo preço, encabeça uma série completa de Studebakers para 1950, completamente novos.

Todos os carros têm maiores distâncias entre os eixos, e maior comprimento total—o novo rendimento com mais alto poder de compressão—o revolucionário conforto de marcha das molas em espiral Studebaker, de auto-estabilização.

Visite uma agência Studebaker e veja êstes modelos de 1950—a "futura moda" em carros!

THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION
South Bend 27, Indiana, E. U. A.
Telegramas: Studebaker

UNDERWOOD

EM TODAS AS PARTES DO GLOBO

A NOVA MÁQUINA UNDERWOOD DE LUXE, TOQUE RÍTMICO

MÁQUINA DE ESCREVER UNDERWOOD PORTATIL

MÁQUINA DE SOMAR UNDERWOOD SUNDSTRAND
Somente 10 teclas numéricas . . . o teclado mais veloz do mundo

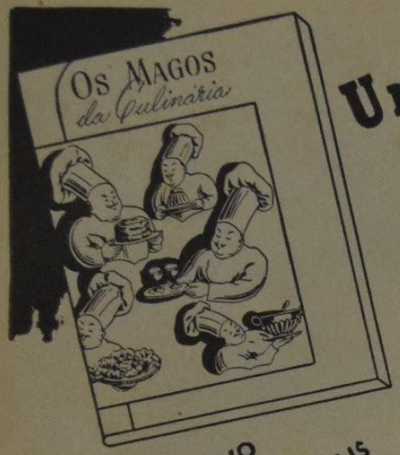
MÁQUINAS DE CONTABILIDADE UNDERWOOD ELLIOTT FISHER
A única máquina de calcular com superfície plana para escrever. Inteiramente elétrica.

MÁQUINA DE CONTABILIDADE UNDERWOOD SUNDSTRAND
Funcionamento de toque . . . Somente 10 teclas numéricas

Vendas e Serviço no Mundo Inteiro • Consulte Concessionário Local da Underwood, ou escreva-nos

UNDERWOOD CORPORATION
International Division
ONE PARK AVE., NOVA YORK 16, N. Y., E. U. A.

Máquinas de Escrever • Máquinas de Somar • Máquinas de Contabilidade
Papel Carbono • Fitas para Máquinas



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro de Receitas "OS MAGOS DA CULINÁRIA" onde encontrará **65** receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.

O NOVO PACOTE É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E MAIS BARATO!

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

À "MAIZENA DURYEA" 50
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"

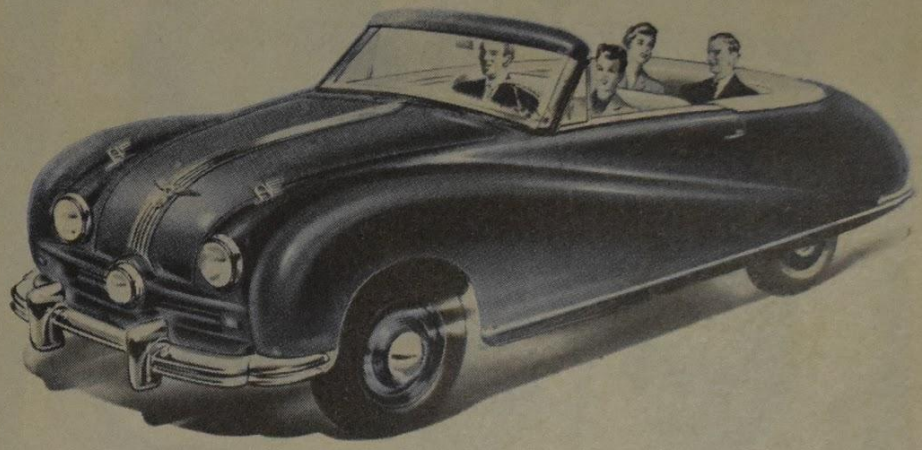
NOME_____

RUA_____

CIDADE_____ ESTADO_____

LTDA.

O FAMOSO CAMPEÃO AUSTIN - CONVERSIVEL "ATLANTIC" A90



Sensação máxima do automobilismo atual... o Austin "Atlantic" A90, de linhas alongadas, acabamento interior luxuoso e de marcha extremamente segura e veloz.
O A90 é detentor de 63 records americanos de carros de passeio, ganhos quando cobriu 19.070 quilômetros em 7 dias, em Indianápolis, E.U.A. Oferece-lhe o que há de melhor em automobilismo atualmente, em carros abertos ou fechados.

CARACTERÍSTICAS do A90: 88 H.P. ao freio, motor de carburadores gêmeos, de válvula à cabeça; alavanca de mudança na coluna do volante; parabrisa curvo; jogo dianteiro com suspensão independente.

PEÇAS E SERVIÇO: O Serviço Austin estende-se pelo mundo inteiro, e os donos de Austins podem, em toda a parte, confiar neles, para obter peças, assistência técnica e consertos.

AUSTIN - Confie Nele!

OBTENHA DETALHES COMPLETOS DAS FIRMAS:

Companhia de Propaganda, Administração e Comércio (P.R.O.P.A.C.),
Caixa Postal 2168,
Av. Rio Branco 85, 14°
Rio de Janeiro

Cranwood S/A, Importadora Commercial,
Caixa Postal 1773,
Rua General Câmara 84/102,
Porto Alegre, R.G.S.

THE AUSTIN MOTOR EXPORT CORPORATION LTD.-BIRMINGHAM-INGLATERRA

EU GOSTO DE **Tek** PORQUE **DURA MAIS**

EU GOSTO DE **Tek** JUNIOR PORQUE **NÃO MACHUCA**

EU GOSTO DE **Tek** PORQUE **ATINGE TODOS OS DENTES**

SIGA A MAIORIA USE

Tek

A ESCÓVA PREFERIDA NO BRASIL

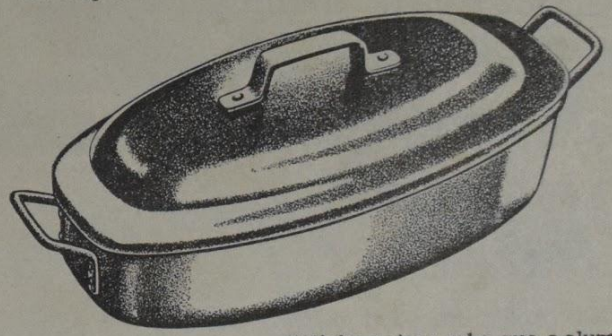
UM PRODUTO

Johnson & Johnson

"Mais gostoso, só em alumínio Rochedo"
— disse o peixe

...e o almoço naquele dia foi um sucesso!

Realmente, tôda bôa dona de casa deseja que, de sua cozinha, saiam pratos gostosos e nutritivos, para dar alegria e saude à sua familia.



"Minha patroa sabe que o alumínio Rochedo ajuda a cozinhar melhor. Uma bateria de cozinha adequada preserva o sabor e as vitaminas da comida... E Rochedo é tão fácil de manter limpinho e brilhante!"

...Os utensílios de alumínio Rochedo são oferecidos em quatro qualidades: EXTRA FORTE, ROCHEDO, MARTELO FORTE e POPULAR. Uma satisfará ao seu orçamento. Vá conhecê-las em qualquer loja!

A BÔA COZINHA EXIGE

Rochedo

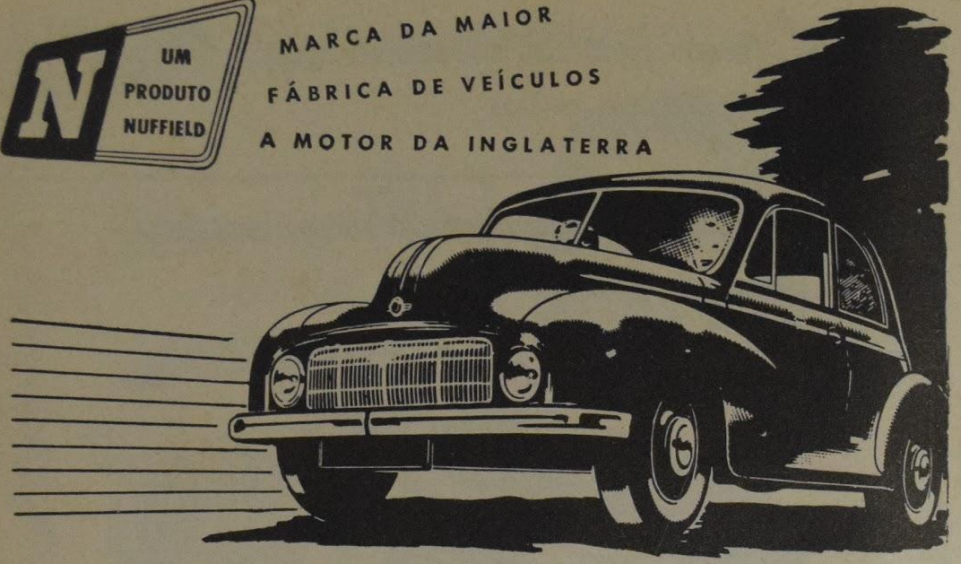
EXTRA FORTE - ROCHEDO - MARTELO FORTE - POPULAR

ALUMÍNIO DO BRASIL S. A. - São Paulo

R-101.013-R

N UM PRODUTO NUFFIELD

MARCA DA MAIOR FÁBRICA DE VEÍCULOS A MOTOR DA INGLATERRA



MORRIS MINOR

O Supremo Carro de pequeno porte

★ **CONFORTO DE UM CARRO GRANDE.** Espaço excepcional para um automovel desta força. Maior espaço para as pernas e bancos mais largos. Todos os assentos dentro da base das rodas.

★ **REQUINTES DE UM CARRO GRANDE.** Suspensão dianteira independente para melhor controle de direção. "Monoconstrução" para maior resistência. Espaço para bagagem superior a 7 pés cúbicos.

★ **ECONOMIA de funcionamento e de manutenção.** Mais quilômetros por litro de gasolina diminuem a despesa de funcionamento. A tradição de confiança da Morris representa economia de manutenção.

Riley — Os carros que dão um excelente rendimento, com grande conforto e beleza de linhas.

MG — A famosa marca que, nos últimos anos, tem sempre saido vitoriosa nas competições internacionais.

WOLSELEY — O soberbo trabalho de carroceria aliado à excelência de sua fabricação torna o Wolseley supremo na sua classe.

NUFFIELD EXPORTS LTD · COWLEY OXFORD · INGLATERRA · Escritório em Londres: 41 Piccadilly · Londres · W1

Distribuidores autorizados

SOCIEDADE COMERCIAL ANGLO-BRASILEIRA DE MOTORES
85 AVE. RIO BRANCO 13
RIO DE JANEIRO, BRASIL

A.M. ALMEIDA LTDA.
RUA DA ESCOLA POLITECNICA 39-39A
LISBOA, PORTUGAL

É **tão** delicioso!

Crush

Marcas Depositada e Registrada

Preferido no México como em toda parte

INTER-AMERICAN Orange-Crush COMPANY, CHICAGO, ILLINOIS

FIÉIS

CHAMPION

VELAS

Favoritas do Mundo!

Quando se reune um grupo de corredoes de automovel, pode-se apostar que, cedo ou tarde, a conversa deles recairá no assunto de velas. Isso, porque as velas são essenciais à máxima velocidade, flexibilidade e confiança. As Champion reunem sempre os sufrágios desses peritos, pois não existe outra vela que proporcione resultados sequer comparaveis com a funcionamento das Champion, em competição aberta nas pistas de corridas. É por isso que as Champion continuam à frente na preferência do público—lugar que mantêm há mais de um quarto de século.

SIGA O EXEMPLO DOS PERITOS

USE CHAMPION—AS VELAS DOS CAMPEÕES!

CHAMPION SPARK PLUG COMPANY • TOLEDO, U. S. A. • WINDSOR, CAN. • FELTHAM, ENG.

SELEÇÕES

TOMO XVI
No. 94

do Reader's Digest

NOVEMBRO
de 1949

Condensações de artigos de interesse permanente

Meninos mais espertos progrediram e chegaram a aprender grego e latim; o «atrasado» Winnie Churchill só aprendeu inglês... mas de que forma!

UM ALUNO ATRASADO

Condensado do livro «My Early Life», de
Winston S. Churchill

Vistos em conjunto, os anos que passei na escola só me causaram um dasânimo consideravel.

Todos os meus contemporâneos me pareciam sob vários pontos de vista mais bem adaptados às condições do nosso pequeno mundo. Eram muito melhores do que eu, tanto nos esportes, como nos estudos. E não é nada agradavel a gente sentir que fica para trás, logo no começo da corrida.

A primeira vez que me ameaçaram com a escola, eu tinha sete anos de idade. Era, a esse tempo, o que as pessoas crescidas, com a sua displicência habitual, chamavam de «um problema». Embora muito do que eu, até então, ouvira dizer da escola me tivesse causado uma desagradavel impressão, aliás inteiramente confirmada depois pelos fatos, pensei que seria divertido sair de casa da família, para viver na companhia de tantos outros meninos, e que grandes seriam as nossas aventuras. Tambem me disseram que «os dias da escola são os mais felizes na vida de uma pessoa». Todos os meninos adoravam a escola! Alguns de meus primos se sentiam bastante tristes—assim me diziam—quando vinham para casa, em férias. Interrogados a respeito, os primos não confirmaram a asserção: limitaram-se a sorrir...

Foi numa sombria tarde de novembro que ouví morrer na distância o rodar da carruagem em que minha

Copyright da editora, Odhams Press Ltd., Londres

mãe ia embora, deixando-me na escola; e me vi conduzido à sala de aulas, onde me deram ordem para me sentar a uma carteira. Todos os outros meninos estavam no recreio a essa hora, e eu tive de ficar sozinho com o mestre que, mostrando-me um delgado livro de capa verde-oliva, disse, abrindo-o em uma página bem gasta de tanto folheada:

—Isto que aquí está é uma gramática latina. Você tem que aprendê-la, continuou, apontando uma série de palavras rodeadas de um filete. —Voltarei dentro de meia hora, para ver o que você aprendeu.

Imagine-se pois aquela tarde triste e eu, com o coração pesado, sentado em frente da declinação de *mensa*.

Que diacho é que aquilo quereria dizer? Para mim, era uma bobagem sem pés nem cabeça. Entretanto, uma coisa eu era sempre capaz de fazer: aprender de cor.

No prazo marcado, o mestre reapareceu:

—Então, aprendeu o que lhe mandei?

—Acho que já sou capaz de *dizer* isso, repliquei.

E papagueei a declinação de *mensa*.

O mestre se mostrou tão satisfeito com minha habilidade que até me deu coragem para lhe fazer esta pergunta:

—Que quer dizer isto?

—Significa o que diz—*mensa*, a mesa.

—Então, por que é que *mensa* tambem significa «ó mesa», continuei,—e que é que «ó mesa» significa?

—*Mensa*, «ó mesa», é o caso vocativo, explicou o mestre. —Você diria assim se falasse com a mesa.

—Mas isso é coisa que eu nunca faço! deixei escapar em meu honesto espanto.

Tal foi o meu primeiro encontro com os clássicos, dos quais, segundo ouço dizer, muitos dos nossos grandes homens têm auferido tanto gozo e proveito.

O castigo corporal desempenhava um grande papel pedagógico no nosso programa. Duas ou três vezes por mês, todos os alunos, em forma, entravam na biblioteca, e os delinquentes, um ou mais conforme o caso, eram arrastados para um compartimento contíguo, e vergastados até ficarem a escorrer sangue, enquanto os outros permaneciam sentados, trêmulos, ouvindo os berros de dor dos punidos. Quanto eu odiava essa escola, e que existência de ansiedade eu levei alí, durante mais de dois anos! Não fazia progresso em nenhum dos esportes, e pouquíssimo nos estudos. O meu maior prazer era a leitura. Quando eu tinha nove anos e meio, meu pai me deu um exemplar da *Ilha do Tesouro*, e ainda me lembro do deleite com que o devorei de ponta a ponta. Meus mestres viram imediatamente em mim um menino ao mesmo tempo atrasado e precoce, lendo livros que estavam acima de minha idade, e apesar disso, figurando no fim da classificação! Isso os ultrajava. Eles tinham inesgotaveis recursos de coação a seu dispor, mas eu era teimoso. Aquilo em que minha razão, imaginação ou interesse não encontrava

atrativos, eu simplesmente não queria ou não podia aprender. Nos doze anos que passei em escolas, não houve ninguem que conseguisse convencer-me a escrever um verso latino ou a aprender grego, a não ser o alfabeto. Para estimularem meu frouxo interesse, eles me diziam que o sr. Gladstone lia Homero para se distrair —o que, aliás, lhe ficava muito bem...

Mal havia completado 12 anos, quando entrei na região inhóspita dos exames. Para mim, aquilo foi uma grande e dura prova! As disciplinas que mais caras pareciam aos mestres, eram invariavelmente as que eu menos apreciava. Eu gostaria de ser examinado em história, poesia, ou então que me fosse permitido escrever ensaios. Os examinadores, ao contrário, mostravam uma decidida parcialidade pelo latim e pela matemática. Alem disso, eu teria gostado que me pedissem para dizer o que eu sabia; eles sempre tentavam perguntar-me o que eu não sabia! Quando eu de bom grado teria exibido meus conhecimentos, eles se esforçavam em pôr em relevo a minha ignorância. O resultado único e lastimavel desse tratamento foi que eu nunca fiz boa figura num exame.

Isso é verdade, sobretudo no que tange ao meu exame de admissão à escola de Harrow. O diretor, o dr. Welldon, deu mostras de grande compreensibilidade ao considerar minha prosa latina; e grande discernimento ao ajuizar de minhas aptidões gerais. Coisa tanto mais notavel, quanto é certo que eu não fui capaz de responder nem a uma sequer das perguntas da prova de latim. Escreví meu nome no topo da folha de papel. Depois escreví o número da primeira pergunta—I. Após demoradas reflexões, tracei um parêntese em volta dele—(I). Mas daí em diante não conseguí pensar nem recordar nada que fosse verdadeiro ou pertinente à pergunta. A propósito, não sei donde nem como veio uma série de borrões e dedadas juntar-se à prova. Durante duas horas contemplei aquele triste espetáculo, até que os bedéis piedosos vieram tirar-me a folha de papel da prova. Foi desses ténues indícios de sabedoria que o dr. Welldon tirou a conclusão de que eu era digno de entrar para a Harrow. Coisa que muito o honra, pois mostra que ele era homem capaz de ver alem das aparências: um homem que não se limitava a julgar o que um pedaço de papel dizia. Fiquei tendo por ele, para sempre, a mais elevada consideração.

Na devida altura fui colocado nos últimos lugares da classe atrasada, e continuei durante cerca de um ano nessa despretensiosa situação. Contudo, pelo fato mesmo de me demorar tanto tempo na classe inferior, fui ganhando imensa vantagem sobre os rapazes mais espertos. Todos eles continuaram a aprender latim, grego, e matérias igualmente esplêndidas. Mas eu aprendí inglês... Éramos, os de baixo, considerados tão obtusos, que só poderíamos aprender inglês. Como eu me conservei no 3.º quarto da lista três vezes mais tempo do que qualquer outro aluno, recebí ensino triplicado. Aprendí, portanto, a fundo. Foi assim que assimilei até o tutano a estrutura essencial da frase inglesa comum—que é uma nobre e bela coisa. E quando, em anos posteriores, os meus colegas de escola, que tinham recebido prêmios e distinções por saberem escrever tão belas poesias em latim e vigorosos epigramas gregos, tiveram que retornar ao inglês comum para ganhar a vida, não me pareceu que me levassem vantagem alguma.

Julgava-se incongruente que, enquanto eu parecia estagnar na classe inferior, me fosse atribuido um prêmio, a que toda a escola podia concorrer, por declamar 1.200 versos dos *Lays of Ancient Rome*, de Macauley, na presença do diretor, sem ter cometido um só erro. Conseguí tambem passar no exame preliminar para o Exército, ao passo que muitos rapazes que estavam acima de mim foram reprovados. É verdade que andei nisso com um bocado de sorte. Nós sabíamos que, entre outras coisas, teríamos que desenhar de memória o mapa de um país escolhido ao azar. Na noite anterior ao exame, à guisa de preparação final, eu pus dentro de um chapéu os nomes de todos os mapas que figuravam no atlas, e tirei à sorte a Nova Zelândia. Apliquei então todo o poder da minha memória à geografia desse Domínio. E no dia seguinte, a primeira questão não era outra senão esta: «Desenhe o mapa da Nova Zelândia...» Daí em diante toda a minha educação se orientou no sentido de levar-me a ingressar na Academia Militar de Sandhurst. Oficialmente, eu nunca cheguei a sair da escola inferior de Harrow.

Custou-me três tentativas a entrada em Sandhurst. Havia cinco matérias, das quais a matemática, o latim e o inglês eram obrigatórias; das facultativas, escolhí francês e química. O inglês e a química eram os únicos «reis» que eu tinha nas mãos... Mas era indispensavel uma trinca para ganhar o lance. Tinha forçosamente que encontrar um terceiro trunfo. Latim, eu não pudera aprender. O francês era interessante, mas algo complicado. Só me restava pois a matemática, para a qual eu me voltei —melhor, me atirei—com desespero!

Naturalmente, o que eu chamo de matemática é o que os examinadores do Serviço Público consideram indispensavel para se passar num exame muito elementar. No entanto, dei o mergulho e em breve me encontrava num estranho corredor de senos, co-

senos e tangentes. Eram coisas, aparentemente, da máxima importância, sobretudo quando multiplicadas entre si, ou por si próprias! Tinham tambem este mérito: era possivel aprender de cor muitas das suas evoluções. No meu terceiro e último exame surgiu-me uma pergunta a respeito desses co-senos e tangentes, em uma situação altamente complicada, com parênteses e radicais, a qual deve ter tido influência decisiva sobre toda minha vida futura. Por sorte, eu já tinha visto a cara horrenda daquela expressão matemática alguns dias antes, e reconhecí-a logo à primeira vista.

Desde então, não mais voltei a encontrar nenhuma dessas estranhas criaturas. Com o meu terceiro e bem-sucedido exame, elas se desvaneceram como as fantasmagorias de um delírio. Todos me afirmam que esses cálculos são da mais alta utilidade em engenharia, astronomia e coisas do mesmo jaez. Ainda bem que há inúmeras pessoas dotadas de propensão natural e de gosto para tudo isso; como os grandes jogadores de xadrez, que jogam 16 partidas simultâneas, de olhos vendados, e morrem geralmente muito cedo, de epilepsia.

A questão prática é que, se não me tivessem feito aquela pergunta em particular, a respeito de tangentes e co-senos, eu poderia muito bem ter entrado para a Igreja, e pregado sermões ortodoxos em um espírito de audaciosa contradição com o meu tempo. Poderia ter-me dedicado às finanças, e acumulado uma fortuna fabulosa. Poderia até ter ido parar no foro, com o resultado de que muitas pessoas que hoje se regalam com o segredo das suas culpas íntimas poderiam ter sido enforcadas.

Olhando agora para trás, os anos da escola foram os únicos que considero sáfaros e tristes na minha vida. Foram, não haja dúvida, amenizados pelo riso e as exaltações da juventude. Mas confesso que, sem dúvida alguma, teria preferido fazer o aprendizado de pedreiro, ou entregar recados como estafeta. Teria sido uma coisa real; teria sido natural; ter-me-ia ensinado muito mais; e eu o teria feito muito melhor.

Sou todo a favor das escolas—mas não quero tornar a pôr lá os pés...

Minha prima foi das primeiras jovens que se alistaram no Corpo Auxiliar Feminino da Marinha. Logo depois, o seu contingente foi levado a um edifício comprido e estreito que tinha apenas duas portas—uma em cada extremo. A porta dos fundos dava para o consultório onde uma médica faria o exame físico das voluntárias. Inteiramente despidas, as jovens esperavam em fila, profundamente encabuladas. De repente, a porta do consultório se abriu e surgiu a cabeça de um velho enfermeiro, que bradou jovialmente «Fechem os olhos, meninas, que eu vou passar!»

—George E. Wisner, em *The Saturday Evening Post*

RIR É O MELHOR REMÉDIO

INTERROGADA sobre qual era o seu passatempo favorito, uma candidata a emprego respondeu: «Coleciono garrafas, dessas que dão à praia, contendo mensagens.»

O empregador mostrou-se ansioso por saber detalhes de tão curioso passatempo.

«Aos domingos,» explicou a jovem, «costumo ir à praia e me deito na areia, à espera de que as ondas me tragam alguma garrafa com mensagens de náufragos. Ainda não encontrei nenhuma—mas enquanto isso descanso a valer.»

—Glenn W. Gillette, em *Profitable Hobbies*

NUMA FESTA, três senhoras conversavam sobre a vida no lar e os respectivos maridos.

A primeira observou: «Em todos esses anos de casados, meu marido e eu nunca trocamos uma só palavra indelicada.»

A segunda suspirou: «Quem me dera poder dizer o mesmo que você, minha querida!»

A terceira acrescentou: «Por que não? *Ela* não o disse?»

—Mary Lewis Coakley

POUCO DEPOIS do regresso da notavel expedição polar do almirante Byrd, alguem perguntou a um dos membros da mesma qual era a coisa de que ele sentira mais falta durante a viagem. «Tentação,» foi a lacônica resposta.

—*The Jax Air News*

DEPOIS de uma semana de hotel, um viajante cansou-se de dar gorgetas ao porteiro, aos *boys*, aos garções, à chapeleira. Quando alguem bateu à porta, ele perguntou:

—Quem é?

—É o *boy* de serviço. Telegrama para o senhor.

Os olhos do hóspede se iluminaram. Acabava de ocorrer-lhe uma idéia genial.

—Pode jogar por baixo da porta, ordenou.

Seguiu-se um momento de hesitação.

—Não posso, não senhor.

—Ora essa! Por que não? perguntou o hóspede, irritado.

—Não posso, retrucou o *boy*, em tom decidido, porque o telegrama está numa bandeja.

—Leo W. Beckstrom

O COWBOY CANTOR do cinema Gene Autry conta que, certa vez, quando se exibia para um grupo de meninos, caiu do cavalo em que fazia piruetas. Mal levantara a cabeça do chão, ainda zonzo, ouviu um garoto observar ao companheiro: «E ele não canta melhor do que monta.»

—*Blade*, de Toledo

Este caso, digno de nota, mostra como os comunistas anulam a resistência moral de seus presos, sem recorrer à brutalidade física

Como os fazem confessar

(Condensado de «Life») Konrad Heiden

QUANDO o Exército Vermelho tomou Berlim, em maio de 1945, capturou o rádio-propagandista nazista Hans Fritzsche, que revelaria, posteriormente, um dos mais desconcertantes segredos comunistas: o método, ou pelo menos um dos métodos, mediante os quais obtêm «confissões» destinadas a serem por eles depois exploradas nos julgamentos políticos que promovem para efeito de publicidade em todo o mundo. O desenrolar dos acontecimentos, porem, fez com que Fritzsche fosse julgado, não por uma corte comunista, mas pelo tribunal internacional de Nuremberg, instituido para julgar criminosos de guerra. Na prisão de Nuremberg, Fritzsche anotou com minúcias o tratamento que recebera dos comunistas. Essas notas, publicadas em livro na Suiça (*Hier spricht Hans Fritzsche*, Interverlag A. G., Zurique), e suas declarações perante o tribunal de Nuremberg, constituem um documento extremamente elucidativo.

Fritzsche foi coagido a fazer o que os comunistas queriam, sem que estes recorressem a espancamentos, estupefacientes ou ameaças de represálias contra sua família. Não obstante isso, a «confissão» por ele assinada teria dado azo a que um tribunal soviético o condenasse «legalmente».

Cinquenta dias após sua captura, Fritzsche foi encerrado na sinistramente famosa prisão Lubianka de Moscou. Desnudaram-no alí completamente para um exame físico. Meteram-lhe a mão na boca e, súbito, ele sentiu uma série de dores exasperantes. Ao passo que Fritzsche se apoiava, cambaleando, à parede, o examinador observava calmo os três dentes de ouro que lhe arrancara e que, a seguir, colocou sobre uma mesa, ao lado da caneta-tinteiro de ouro que ele antes tomara ao prisioneiro.

Ainda nu, Fritzsche foi então submetido, da cabeça aos pés, a meticuloso exame médico feito por uma doutora. Meteram-no, depois, numa cela de um metro de comprimento por um de largura, conhecida, nos campos de concentração da Alemanha, pelo nome do «féretro vertical». Nessas celas,

é impossivel ao encarcerado deitar-se. Só pode ficar de pé ou de cócoras. Os féretros verticais não têm janelas, mas dentro deles uma lâmpada elétrica está sempre acesa. Após algumas horas, o prisioneiro começa a sentir como se as paredes estivessem a esmagar-lhe o rosto. Dias depois, o terror mental é mais violento que o sofrimento físico. Uma dessas celas, segundo os cálculos de Fritzsche, serviu-lhe de residência durante várias semanas. Impossivel dizer o tempo exato porque não podia distinguir entre os dias e as noites.

No primeiro dia, passadas várias horas, a porta da cela abriu-se e um guarda acenou-lhe que saisse. Conduziram-no por um longo corredor, forrado com tapetes de borracha, vazio e silencioso, marginado por fileiras de celas quietas como tumbas. Chegou finalmente a uma porta à qual montava guarda uma mulher fardada.

Do outro lado da porta, viu-se de novo num ambiente normal e urbano. A sala era imensa e luxuosa. Fizeram-no sentar numa cadeira confortavel e ofereceram-lhe cigarros. «Guarde o maço,» disseram-lhe. Um civil de maneiras afaveis perguntou-lhe amavelmente se tinha alguma idéia do motivo por que fôra levado para Moscou. Fritzsche respondeu, atrevido: provavelmente para ser enforcado. O comissário riu-se: «Que idéia faz da União Soviética, Herr Fritzsche! Não estamos interessados em eliminá-lo.»

Começou então uma longa, estimulante, mas sobretudo douta conversa sobre as origens da guerra russo-alemã. Fritzsche teve bom senso bastante para não defender Hitler. Quanto a ele próprio, nunca lhe haviam dito nada; não era cúmplice da agressão alemã. Ao comissário pareceu melindrar tanta modéstia; ele, comissário, não hesitaria em admitir que a Rússia havia planejado de longa data atacar a Alemanha em 1942. A armadilha era clara demais e Fritzsche continuou a desviar-se dela. Bem, não gostaria Fritzsche de expressar suas próprias idéias por escrito? O tom era tão amistoso que o preso ousou dizer que não poderia fazer isso encerrado num féretro vertical. Claro que não, disse o comissário. Aquilo era coisa temporária. Breve Fritzsche teria uma cela melhor. O carcereiro reconduziu o prisioneiro a seu féretro vertical—e tomou dele os cigarros.

Haviam-no deixado sem comer durante cerca de 24 horas. Suas amedrontadas cogitações sobre os métodos russos de fome, foram interrompidas por uma aparição de ofuscante alvinitência—um cozinheiro-mor, de boné e avental, que trazia solenemente uma fatia de pão preto e uma chávena de água quente e cristalina, batizada com o nome de chá. Esse regime de pão e água foi, praticamente, todo o seu *menu* durante os dois meses seguintes.

Os muitos interrogatórios posteriores não tiveram o carater cordial do primeiro. Faziam-no sentar numa cadeira, em frente a uma luz intensa que o cegava. A voz do comissário vinha da sombra, e logo a seguir a do intérprete. Onde estava o ouro do Reichsbank? Onde havia Goering escondido os tesouros de arte que roubara? Quais eram os membros da quinta coluna na Rússia? Com perguntas insidiosas os inquisidores tentavam apanhá-lo em mentira. De que perna o dr. Goebbels era capenga? E então, não importa qual a resposta, seguia-se um enxurro de insultos.

A inabalavel presunção russa deixava Fritzsche boquiaberto. A superioridade de tudo quanto fosse russo era o alicerce sobre o qual se fundava o mundo mental da Rússia. Em três anos, os Estados Unidos e a Inglaterra não haviam podido derrotar o Japão; a Rússia meteu-se, e o inimigo foi abatido em três semanas. Esse descomedido menosprezo de qualquer opinião diversa teria sido ingênuo em outras circunstâncias; mas alí, era esmagador.

Cada um dos inquiridores prometia a Fritzsche que lhe seria dada outra cela muito breve. A pouco e pouco percebeu que lhe estavam oferecendo uma oportunidade. Todo prisioneiro da NKVD tem um direito supremo: o de dar a resposta esperada. O fato de que seu destino depende, em última instância, dele mesmo, é-lhe martelado na cabeça.

O estado mental e físico de Fritzsche era cuidadosamente observado. Levavam-no até as raias do desespero—mas nunca ultrapassavam esse limite. Debilitado pela fome, exhausto por não dormir, atordoado hipnoticamente por luzes sempre ofuscantes e estupidificado pelo isolamento, estava a ponto de afundar-se num desequilíbrio nervoso. Transferiram-no então para uma cela mais ampla onde foi fazer companhia a cinco prisioneiros.

Esses enclausurados eram, na maioria, russos. Segundo eles, um encarcerado na Lubianka deseja, a princípio, com ansia desesperada, saber qual será seu destino; mais tarde, porem, considera-se com muita sorte se lhe dizem, pelo menos, quando chegará qualquer decisão.

Altas horas da noite, uma chave arranha a fechadura e entra um guarda. Um dos prisioneiros é levado. Os outros sabem que um tribunal misterioso de três homens se reune em sessão, na Lubianka, uma ou duas vezes por mês. Esses juizes nunca vêem o acusado nem ouvem testemunhas. Limitam-se a examinar documentos, na maioria «confissões». O preso chamado durante a noite pode estar a caminho de um campo de trabalhos forçados—ou pode ser libertado.

Fritzsche compreendeu que uma confissão poderia levar o tribunal a agir. Infelizmente, não sabia ao certo que espécie de confissão esperavam dele. Atacou-o a doença mental peculiar aos internados na Lubianka: tentava furiosamente adivinhar que respostas poderiam ser satisfatórias para o comissário.

Após curta permanência na cela para seis, as condições de Fritzsche melhoraram um pouco e ele foi devolvido à solitária. A fome tornou-se horrivel. Começou a perder a capacidade de concentração e tropeçava quando a caminho dos interrogatórios. Só em agosto, ele o soube depois, umas colheradas de caldo foram adicionadas a seu regime de pão e água.

A crise decisiva chegou abruptamente, em meados de setembro. Quatro sessões de um processo inquisitorial. A primeira foi uma espécie de conferência selvagem sobre as atrocidades alemãs, cheia de detalhes horriveis e vociferada durante hora e meia. Fritzsche perdeu a cabeça e gritou: «Não é verdade, não é verdade!» Mas o comissário gritava mais alto que ele.

No interrogatório seguinte o tom mudou completamente. Não havia mais acusações—apenas conversa fiada. O comissário perguntou, como por acaso, quais as condições em que estava Fritzsche vivendo na Lubianka. Ainda solitária, pão e água quente e um pouco de caldo? O comissário, um tal coronel Letschev, mostrou-se horrorizado. Aquilo devia ser engano. Aquela situação iria mudar imediatamente. Dentro de dois dias, Fritzsche seria transferido para um lindo lugar no campo, fora de Moscou. Bastava que Fritzsche preenchesse uma formalidadezinha sem importância—a assinatura do protocolo final.

Até que enfim!

O protocolo apresentado a Fritzsche para assinatura não era inteiramente um conglomerado de mentiras; era uma síntese venenosa de dezenas de tímidas e cautelosas declarações por ele feitas no correr de dez semanas. Ele não negara haver chefiado o departamento de rádio do ministério de propaganda do Reich. O protocolo punha em sua boca estas palavras: «Fui o principal colaborador de Goebbels em sua criminosa propaganda em prol das guerras de conquista.» Os muitos discursos que ele fizera contra o comunismo tinham sido transformados numa confissão formal de haver ele fomentado ódio contra a Rússia e seu povo. Fritzsche admitira que em um dos comentários por ele irradiados havia cometido um engano ao mencionar certos algarismos; o protocolo fazia-o dizer: «Eu me servia de dados falsos.»

Fritzsche declarou corajosamente que de modo algum assinaria aquele documento.

«Prefiro fingir que não ouví isso,» disse o comissário. «Pode negar que essas declarações foram feitas pelo senhor?»

Fritzsche respondeu: «Eu as fiz de maneira completamente diferente.»

«Bem, vejamos, em que termos as fez?»

Ainda sob a ilusão de que estava protestando, Fritzsche se dedicou, com afinco, a ajudar o comissário a retificar o protocolo. Queriam que ele fizesse suas sugestões, disse o comissário, porque desejavam que o documento fosse fiel.

Durante as três noites seguintes o coronel Letschev ficou brabo, bajulou, prometeu, mentiu. Apenas o protocolo fosse assinado, Fritzsche seria removido para o tal lugar no campo e teria toda a comida que quisesse. Sim—pensava Fritzsche—se o tribunal das três sombras concordar. Obcecava-o essa autoridade misteriosa que operava de algum ponto perdido nos recessos da Lubianka. Aqueles três homens podiam ou não cumprir as promessas do coronel Letschev. Mas ele tinha que jogar com a sorte; era a única esperança de escapar à solitária e talvez à morte pela fome. Na terceira noite, assinou enfim.

Não haviam sido empregados os «métodos da Gestapo», nem hipnotismo, nem estupefacientes. Fritzsche explica assim sua rendição total: «Os psicólogos do ocidente não reconhecem o fato simples de que a esperança é mais forte que o medo. Portanto, a esperança está mais disposta a fazer concessões.»

Pouco depois, aberta a porta da cela de Fritzsche, um oficial e um guarda entraram com uma bandeja enorme, carregada de boa comida. Os dois apertaram a mão do preso, felicitaram-no e disseram-lhe que se servisse. De então em diante, passou a viver melhor do que jamais vivera na Alemanha durante anos. Deram-lhe sabão, toalha, uma camisa limpa e uma escova de dentes. A prisão na solitária acabou. Passou a ser tratado como «um dos nossos».

Pouco tempo mais tarde, um avião levou-o de volta a Berlim onde foi morar numa luxuosa vivenda. Passeava pelas ruas e fazia excursões de automovel. Seus guardas curvavam-se ante ele para falar-lhe. Foi alí que soube que seria julgado em Nurembergue como criminoso de guerra.

Em Nurembergue, quando o general Rudenko, chefe da acusação soviética, começou a ler a confissão assinada por Fritzsche, este o interrompeu: «Senhor Promotor, isso não está correto. Eu assinei esse depoimento, mas nenhuma das perguntas me foi feita dessa maneira, nem minhas respostas foram dadas nos termos que aí aparecem.

Lord Lawrence, juiz inglês que presidia ao tribunal, e que ouvia tudo aquilo com evidente assombro, disse: «Um momento! O réu quer dizer com isso que não assinou esse documento, ou que o assinou?»

Fritzsche repetiu que havia assinado o documento embora não contivesse fielmente suas declarações.

«Por que, então, assinou?» perguntou Lord Lawrence.

O réu declarou: «Assinei-o após vários meses de rigorosa reclusão numa solitária. Esperava conseguir pelo menos que me sentenciassem, para pôr termo assim ao meu internamento na Lubianka.»

Fritzsche foi absolvido. Mais tarde, foi julgado por uma corte alemã de desnazificação e está agora cumprindo nove anos num campo-prisão.

Se os russos houvessem coagido Fritzsche a fazer sua «confissão» com espancamentos e narcóticos, este teria sido apenas mais um caso horrivel dentre os muitos de nossos dias. O que caracteriza a ação da NKVD é que ela tem por objetivo não somente a confissão, mas tambem a conversão. O monstro quer ser amado por sua vítima. No caso de Fritzsche, como em muitos outros, esta finalidade foi atingida. Aparentemente, Fritzsche não guarda ressentimento contra a NKVD; parece, ao contrário, sentir uma admiração mórbida pelos seus métodos. Quer fazer-nos crer que a NKVD não é uma câmara de torturas,

senão, mais propriamente, algo como «uma severa instituição religiosa para a formação de fanáticos». É o que ele diz, após haver quase morrido de fome. A rendição de um indivíduo pela força não seria mais completa.

Fritzsche diz que sabe de muitos alemães que passaram pelo horrivel purgatório da Lubianka e depois entraram para o serviço da União Soviética, «sem nutrir ressentimentos». Ele poderia, sem repugnância, ter procedido do mesmo modo, e os Sovietes teriam aceito sua adesão.

Respostas

UM JOVEM candidato a animador de um programa de rádio, quando lhe perguntaram se era casado, respondeu:

—Ainda não, mas ando pensando nisso.

O diretor indagou, então, que tipo de moça preferia.

—Bem, respondeu o candidato,—o tipo de moça que não poderia interessar-se por um homem como eu!

—Donna Mae Sutton

QUANDO o examinador, na prova de arte culinária, pediu a uma jovem que indicasse alguma coisa começando com a letra M, necessária para preparar maionese, a jovem respondeu, sem hesitar: «Mãe».

John Crosby

À pergunta sobre se era casado, um candidato ao emprego de chofer de caminhão numa fábrica deu a seguinte resposta:

—Não, mas estou acostumado a cumprir ordens, se é isso o que o senhor quer saber.

—Dick Micks, no *Evening Star News*, de Culver City, Califórnia

O RAPAZ e a moça queriam casar-se imediatamente. Ele, soldado com 48 horas de licença, correu com a noiva, enrubescida, à casa do vigário.

—Impossivel, disse este. —Mesmo uma autorização especial demoraria mais tempo do que as horas de sua licença.

Os noivos trocaram olhares desolados mas, de súbito, um sorriso iluminou o rosto do rapaz.

—Nesse caso, sugeriu, com ar de quem descobrira a pólvora, —o senhor não poderia dizer só algumas palavras para nos unir durante o fim de semana?

—*Indian Horizon*

Será você um espírito criador ou um «televidiota» de aldeia?

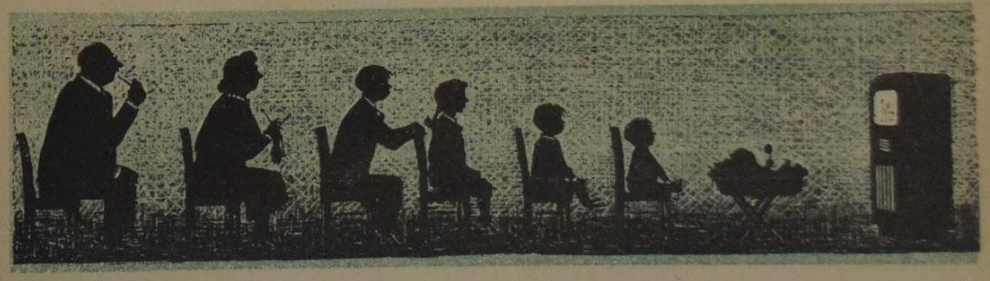
ABRAMOS TODAS AS PORTAS

Por T. E. Murphy

SE A NATUREZA continuar fiel às suas normas, todos teremos, no futuro, olhos de boi, orelhas de elefante e assento enfestado—para que possamos ver, ouvir e sentar melhor. Os braços e as pernas ficarão reduzidos a simples apêndices semelhantes a salsichas; a cabeça se atrofiará, transformando-se em mero elemento de ligação entre os sentidos em uso: a audição e a vista. Assim será porque nos estamos tornando rapidamente meros ouvintes e contempladores, com demasiadas coisas para ver e ouvir, e não bastantes para fazer.

Este processo, que começou há quatro décadas, está agora atingindo sua conclusão lógica com o advento da televisão. Deixamo-nos ficar passivamente a olhar os que se empenham em lutas pugilísticas, os que amam, jogam basebol e futebol, e até os que comparecem a serviços religiosos. (Os católicos tiveram de ser advertidos de que assistir à missa dominical por televisão não preenche a obrigação imposta pela Igreja.) Por causa desses passatempos, estamos renunciando a boa parte do que nos foi legado. E com isso estamos tambem roubando a nossos filhos. Os grandes clássicos da literatura infantil são, hoje, livros jamais abertos, terreno inexplorado. Permitimos que fossem suplantados pelas historietas de quadrinhos em jornais, revistas e livros.

Viver é mais do que ver e ouvir. É *realizar*. Confesso que acredito piamente na heresia segundo a qual é muito mais interessante beijar pessoal-



mente uma pequena bonita do que ver um fantasma realizar este ato na tela. Prefiro bater bola com um grupo de garotos a presenciar a melhor equipe de futebol em ação. De noite, prefiro pintar um quadro ou fazer uma torta de cerejas a repousar meus calos escutando velhas e gastas anedotas de rádio.

Não. Não sou contrário aos esportes que requerem espectadores. Durante o ano é possivel que eu vá ver algumas lutas, jogos de basebol e partidas de futebol entre clubes universitários. Gosto disso em doses homeopáticas. Mas não permito jamais que tal coisa me empolgue a vida.

Faz alguns anos, entrei no escritório de um notavel advogado já encanecido e encontrei-o a ler os poemas de um obscuro poeta do século XIX. Alinhavam-se por trás dele volumes sobre astronomia, botânica, geologia. Como eu manifestasse surpresa ante o vasto alcance de sua leitura, ele me disse: «A vida é um corredor com muitas portas. Apresso-me em abrir tantas quantas me seja possivel, antes que a última me seja aberta.»

Refletí nesse conceito o dia seguinte quando tentei, em vão, conseguir um carpinteiro que me pusesse uma tela de arame no alpendre. Eu tinha, na biblioteca, um livro que dizia como fazê-lo, e pela primeira vez em minha vida construí algo com minhas próprias mãos. O acabamento da obra não foi de perito. Mas experimentei a emoção de executar algo que sempre julgara acima de minhas possibilidades. Abrí, naquele dia, uma pequena porta—a primeira de muitas outras.

É importante lembrar que por estranha que seja a porta que planejamos abrir, há sempre peritos prontos a guiar-nos—*gratuitamente*. Você quer pintar um quadro? Há centenas de livros que ensinam a fazê-lo, livros em que os grandes mestres derramaram a sua experiência arduamente adquirida. Quer construir uma piscina ou uma mesa de cozinha? Dedicar-se à escultura nas horas de ócio? Aprender francês ou italiano? Poderá fazer tudo isso se tiver bastante curiosidade para abrir uma porta.

Uma de minhas portas favoritas escancara-se para o mundo da lavoura. O lavrador «livresco» é ridicularizado em anedotas sem conta. Eu sou um deles e a mim pouco se me dá que o saibam.

Certo vizinho meu que, havia 50 anos, vinha cultivando o mesmo tipo de milho, tinha a tendência de olhar com desprezo para os lavradores «literários». Fiz-lhe presente de um punhado de sementes híbridas.

Semanas mais tarde fui visitá-lo. «É o único milho que presta,» disse o meu amigo. «Eu gostaria de conhecer alguma coisa mais a respeito dessas sementes.»

Há muita gente tímida que receia tentar coisas novas. Conheço um indivíduo que, por vinte anos, se dedicara à fotografia. Certo dia, após um grande acontecimento local, perguntei-lhe que tal lhe haviam saido os instantâneos. Surpreendeu-se. «Só receberei as cópias daquí a uns dois dias,» respondeu-me.

«Não me diga que você não revela e não copia as suas fotografias!»

E ele, com um movimento dubitativo da cabeça: «Creio que isso envolve conhecimentos técnicos acima do meu alcance.»

Levei-o à drogaria mais próxima. «Olhe,» disse-lhe eu, «veja a etiqueta desta lata de revelador. Você sabe ler, não sabe? O fabricante escreveu essas instruções para você.»

Dedicou-se ao assunto e hoje é um fotógrafo completo.

Durante a guerra, certa senhora que conheço andava desanimada com o preço dos vestidos. Como ignorasse completamente a arte de coser, procurou e encontrou todas as instruções de que necessitava em manuais e guias de moldes. Hoje, embora os vestidos estejam mais baratos, continua a costurar para si mesma. «Agora tenho o que fazer enquanto ouço rádio,» diz ela.

Em minha opinião, fazer coisas para si mesmo é imprescindivel à formação de uma personalidade integral e ao gozo de uma vida interessante. Durante os dois últimos anos, pintei cinquenta ou mais quadros a óleo, na maioria maus. Escreví algumas poesias e li muitas mais. Assei de tudo—desde pão até tortas. Estudei espanhol e geologia. E como tenho quatro filhos, tambem pesquei, patinei, joguei futebol, fiz bonecos de neve. joguei *badminton*. Tudo isso sem prejuizo de meu trabalho cotidiano no jornal.

Creio ferventemente que o instinto criador do homem é a marca de contraste que o distingue dos seres irracionais. Uma das anomalias de nossa civilização está em que os esforços mais intensos no sentido de satisfazer essa necessidade de criar que é inerente ao homem, são feitos nos hospícios.

As manifestações desse instinto não se limitam ao fato de «fazer alguma coisa». Conheço uma senhora de meia-idade rodeada de parentes adultos que redecorou o porão de sua casa, transformando-o num clube para adolescentes. Em poucos anos, milhares de rapazolas e mocinhas se achegaram à sua influência afetuosa e agradavel. Um casal de meia-idade, sem filhos, dedicou-se a assumir funções paternas temporárias, acolhendo em seu lar crianças confiadas à tutela do Estado. Não guardavam para si nenhuma parcela do dinheiro que recebiam do Governo; economizavam-no para empregá-lo na educação desses orfãos. Criaram dezenas de crianças e encontraram nisso alegria.

Certo industrial meu amigo começou a vida como compositor de canções e depois foi trabalhar numa fábrica. Construiu muitas máquinas e ganhou bastante dinheiro. Mas só depois que organizou o orfeão de seu bairro, conseguiu satisfazer suas ambições. «Às vezes,» diz meu amigo com orgulho, «eles cantam até algumas das canções que escreví.»

Isso são portas que se escancaram para mundos novos. São pequenas proclamações de independência, contra a transformação do homem num ser sem personalidade que se senta, escuta e olha.

Certo filósofo observou que o homem vive na cela de uma prisão forrada de espelhos. Hoje esta prisão está forrada de alto-falantes e telas de projeção. Tudo bem, até certo ponto. Mas para que a vida seja completa, temos que evadir-nos dessa cela, levando conosco nossos filhos. Para eles, o perigo de virem a ser uma raça de superautômatos é maior, porque a adaptação começou mais cedo.

É preciso ensinar-lhes, com o nosso exemplo, a abrir portas. Mostrar-lhes o valor de um vasto campo de interesses, em contraste com a pequenez de uma vida estreitamente pautada; a diferença entre a passiva aceitação das coisas como são, e a aventura de investigar. Qual o resultado? O resultado é simplesmente este: a diferença entre o homem inteligente e criador e o homem «televidiota».

Senhores jurados

UMA SENHORA rica estava sendo acionada por uma doméstica que caira de uma pequena escada e exigia uma gorda quantia, a título de indenização. Ante os olhos dos jurados, foi exibido o corpo de delito: a própria escada, tida como desconjuntada e perigosa. O advogado da defesa, homem corpulento, de ombros largos, dissertou sobre a solidez de construção da escada e, para comprovar a sua tese, subiu os quatro degraus e ficou de pé no topo. Depois, afim de liquidar o caso, deu um salto sobre a escada, que se espatifou, voando pedaços em todas as direções.

O advogado levantou-se, imperturbavel. «Como os senhores vêem,» disse ele com a maior calma, como se tivesse planejado a cena, «a escada não podia ser de construção mais sólida. Era tão sólida que para quebrá-la foi preciso que um homenzarrão como eu pulasse sobre ela com todo o seu peso.» Venceu a questão.

—Fred Rodell, em *Life*

Simplificação

OS PROCESSOS modernos de economia de tempo invadiram até o terreno dos bilhetinhos amorosos trocados pelos gurís nas escolas. Uma professora de Denver, Colorado, conta que encontrou o seguinte bilhete em poder de um dos seus alunos do curso primário:

«Querida Mary.
«Você gosta de mim? ...(Sim) ...(Não)
«Marque com um X.»

—AP

Sub-produto pacífico da bomba atômica— «o mais util instrumento de pesquisas surgido desde a invenção do microscópio»

Fábrica fantástica de radioisótopos

(*Condensado de «The American Mercury»*)

Por Don Wharton

A FÁBRICA mais estranha e, talvez mais importante do mundo acha-se situada num pequeno vale, 16 quilômetros adentro dos portões que guardam a área vedada de Oak Ridge, no Estado de Tennessee. No edifício encontra-se uma pilha nuclear de reação em cadeia, maior do que um vagão ferroviário, a qual produz, não material desintegravel, para bombas atômicas, e sim produtos radioativos para pesquisas científicas. Tais produtos chamam-se radioisótopos. Cientistas conservadores, homens que medem as palavras, dizem que o radioisótopo é «o mais util instrumento de pesquisas surgido desde a invenção do microscópio.» Tal instrumento já está sendo utilizado na medicina, na agricultura e na indústria.

Os radioisótopos já receberam vários apelidos: «traçadores», «átomos rotulados», «espiões de laboratório». Esses termos todos derivam da capacidade que os radioisótopos têm de denunciar sua presença mediante irradiações acusadas pelo contador Geiger. Segundo o dr. Paul Aebersold, chefe da Divisão de Isótopos da Comissão de Energia Atômica, tais isótopos permitem uma grande dilatação da faculdade humana de «ver» e de «classificar.» Os radioisótopos permitem-nos «ver», ou acompanhar, quantidades de matéria menores do que jamais o foi possivel, e distinguir certas manifestações atômicas impossiveis de serem diferenciadas de nenhuma outra forma. Se misturarmos uma pitada de radiocarbono com 5 mil toneladas de carbono comum, bastará uma única colherada dessa mistura para nela encontrarmos a presença do radiocarbono.

No interior da fábrica de Oak Ridge, só se vê, da pilha atômica, a sólida superfície de concreto, pontilhada de meia dúzia de orifícios quadrados, cerrados com tampas metálicas. Por trás daquele muro, num gradeado construido de urânio e de grafita, processa-se a reação em cadeia, semelhante à da bomba atômica—só que, no caso,

é retardada pela grafita e controlada por hastes de boro. Nessa reação em cadeia, os neutrons, normalmente encerrados no núcleo de cada átomo, jorram em quantidades astronômicas; o fluxo, em toda a pilha, é de um bilhão de neutrons por segundo, em cada espaço do tamanho da unha do dedo mínimo da mão de um homem. Os radioisótopos são geralmente elementos químicos, tais como o carbono, o cobalto e o ferro, tornados radioativos na pilha e sujeitos a intenso bombardeio de neutrons, pelo espaço de uma semana, de um mês, ou ainda mais.

As medidas de segurança são complexas. Em toda parte do edifício os contadores Geiger registram a radioatividade. Todo operário leva na lapela uma pequena chapa que é examinada semanalmente para se constatar quanta radioatividade absorve, e carrega no bolso um medidor, do formato de uma grande caneta tinteiro, o qual é conferido diariamente.

Antes de colocar na pilha os materiais a serem bombardeados, é necessário deter a reação em cadeia, pois, do contrário, as emanações pelos orifícios poderiam ser mortíferas. O material selecionado é colocado em pequenas provetas de alumínio, as quais são dispostas em orifícios, num bloco de grafita. O bloco é introduzido na pilha por um técnico que, para isso, se serve de um longo atiçador de metal. A seguir, a reação em cadeia é reiniciada.

Segunda-feira é o dia de abertura—dia em que as provetas são retiradas da pilha. Interrompe-se a reação em cadeia, leva-se a uma das aberturas da pilha um receptáculo de chumbo, em forma de tunel, montado em rodas, e empurra-se o bloco de grafita para dentro da pilha. Técnicos resguardados por paralelepípedos de chumbo, observando o trabalho através de espelhos e munidos de tenazes especiais, retiram os tubos dos orifícios e colocam-nos em cofres de chumbo, os quais são transportados para a seção de expedição.

Desde 1946, a Oak Ridge já fez mais de 8 mil embarques de radioisótopos. Mais de cem remessas são feitas semanalmente, por avião, trem e caminhão. O número está-se duplicando e reduplicando, com o decorrer das semanas. Alguns radioisótopos são tão ativos, que um grama apenas tem que ser acondicionada numa blindagem de chumbo, colocado num caixote de madeira, do tamanho de uma grande mala, o volume todo pesando 110 quilos. Outros são acondicionados em embalagens de concreto. E uns quantos, cuja emissão de raios é fraca, são remetidos em pequenos frascos, em invólucros de papelão.

Antes de construida a pilha de Oak Ridge, alguns radioisótopos já haviam sido produzidos pelos cíclotrons. Mas a quantidade era pequena e o custo, proibitivo. Recentemente, a Oak Ridge produziu, ao custo de 7.200 dólares, quantidade de radiocarbono igual à que seria produzida por mil cíclotrons, ao custo de 100 milhões de dólares. A Oak Ridge publica um catálogo de preços de isótopos, os quais oscilam entre $1,10, para uma unidade de radiofósforo, e $2.168, para a unidade de európio.

A mais estreita coordenação entre produção e embarque é necessária porque certos materiais têm curta «semivida»—desintegram-se rapidamente. Alguns radioisótopos têm uma semivida de frações de segundo; a mais curta duração dos produtos embarcados da Oak Ridge, corresponde ao rádio-sódio, com uma semivida de 12 horas, o que quer dizer que, em 12 horas, emite a metade de sua irradiação total. Por outro lado, o carbono 14 tem uma semivida de 5 mil anos.

Quando uma remessa de, digamos, radiocobalto é recebida num dos 300 laboratórios que atualmente utilizam radioisótopos, o processo é o seguinte: um técnico aproxima-se do enorme caixote de 110 quilos, trajando capacete de matéria plástica, respirador, avental e luvas cirúrgicas de borracha e punhos de matéria plástica. Desatarracha as dobradiças externas, levanta a tampa do caixote e retira as ferramentas especiais que a Oak Ridge inclui em cada caixote. Servindo-se de um instrumento de cabo comprido, extrai os pinos de uma caixa de chumbo, de 10 centímetros de espessura. A seguir, levanta a tampa e retira outro instrumento, com o qual extrai um pequeno tubo de alumínio, que é colocado sobre uma mesa de trabalho coberta por uma bandeja de aço inoxidavel. A seguir, protegido por uma blindagem de chumbo, e servindo-se de outro instrumento, desatarracha a tampa do tubo, para extrair outro, menor, de alumínio. Trata-se do tubo que esteve na pilha de Oak Ridge. Arranca-lhe a tampa selada e, por meio de um espelho, vê a substância negra, pulverizada que é o radiocobalto.

As pesquisas com radioisótopos já proporcionaram novos conhecimentos no setor da medicina. Por exemplo, o rádio-hidrogênio permitiu aos cientistas descobrirem que, no corpo humano, a água passa de um lado ao outro através das paredes dos vasos sanguíneos à razão de cerca de 20 barrís por dia. O rádio-sódio revelou que o sal injetado num braço, sai em forma de suor ao cabo de 75 segundos. O radioiodo já foi utilizado para localizar tumores cerebrais, *antes* da incisão cirúrgica. O rádio-sódio já foi usado no estudo da circulação do sangue e para verificar se a amputação é indicada e onde melhor convem amputar.

A aplicação do novo recurso à agricultura é exemplificada por uma experiência efetuada com nogueiras. Quando as nogueiras frutificam, na primavera, muitas nozes podem ficar com defeitos se a árvore não assimilar uma quantidade adequada de fósforo. Para descobrir como o fósforo penetra nas nozes, os cientistas colocaram fósforo no solo, junto às raizes de um pé de nogueira, e introduziram-no, tambem, num orifício perfurado no tronco de outra nogueira. O radiofósforo exerce a mesma ação química que o fósforo comum, podendo, ademais, ser facilmente pressentido pelo contador Geiger. Constatou-se, assim, que o fósforo colocado junto à raiz não era assimilado pela safra do mesmo ano mas que, introduzido no tronco, era

absorvido pelas nozes da árvore inteira.

O fertilizante de superfosfato, adicionado de radiofósforo, foi aplicado às algodoeiras, em cinco processos diferentes. Depois, examinando-se as plantas com o contador Geiger, quando brotaram as folhas, à meia-maturidade e à plena maturidade, os cientistas descobriram qual o processo que proporcionava mais fósforo às plantas, na época mais oportuna. Estudos análogos já se fizeram com o milho. A cana de açucar foi tratada com radioisótopos para se ampliarem os conhecimentos sobre a fotossíntese, a produção de açucar pelas folhas verdes. Os pesquisadores adicionaram traços de radiofósforo a 56 quilos de adubo espalhado sobre o trevo, e sua presença foi constatada, depois, no feno, no leite da vaca que comeu o feno e, afinal, nos ossos do bezerro que bebeu o leite.

Na indústria, algumas das mais significativas aplicações do radioisótopo tem sido nas pesquisas básicas, cujos resultados são sumamente técnicos. A Companhia Dupont utiliza o radioenxofre nos estudos da borracha sintética. Meia dúzia de grandes companhias usam esse elemento de estudos para melhorar os metais. As grandes companhias petrolíferas empregam o radiocarbono para dilatar os seus conhecimentos sobre a extração de gasolina do carvão.

Um problema comum, na desobstrução de oleodutos, é o fato de que, quando a raspadeira de metal enguiça dentro do tubo, perdem-se dias a fio para localizá-la. Há pouco, a Pure Oil Company montou um cilindro contendo radiocobalto na raspadeira, que limpava o oleoduto de 145 km, entre as cidades de Toledo e de Detroit. Enquanto a raspadeira avançava pelo cano, impulsionada por pressão hidráulica, um contador Geiger acusava as radiações, que transpunham um metro de terra, de forma que, a qualquer momento, se podia localizar a posição da raspadeira.

A Socony Vacuum tem utilizado radioisótopos para solucionar um dificil problema, na produção de gasolina para a aviação. O processo de refinação exige a extração de ácido fluorídrico dos tanques, que medem seis metros de altura e o controle constante da quantidade de ácido ainda restante. O ácido fluorídrico é tão corrosivo que destrói os indicadores comuns. Atualmente, usa-se uma engenhosa boia que contem um radioisótopo, a qual, subindo e descendo com o nivel do ácido, acusa sua posição enquanto um contador Geiger capta as radiações que atravessam as paredes de aço do tanque. Da mesma forma, a Ford Motor Company está usando o radiocobalto para medir a quantidade de metal em fusão nas cúpolas da fundição.

No ano passado, colocaram na pilha atômica de Oak Ridge, por um mês, um anel de êmbolo, enviando-o, a seguir, aos laboratorios da Standard Oil, na Califórnia, onde o mesmo foi instalado num motor Diesel. Colocou-se óleo novo no motor e a máquina foi posta a funcionar. A curtos intervalos, retirava-se algum óleo, que era examinado; o contador Geiger acusava quanto metal o anel havia perdido por desgaste. Ao invés dos morosos e dispendiosos testes tradicionais, que necessitavam repetidas desmontagens do motor, este novo método é rápido, econômico e exato. Por exemplo: pode acusar o desgaste mínimo de três centésimos de miligramo de metal. Futuramente, os conhecimentos adquiridos sobre o atrito poderão conduzir a aperfeiçoamentos nos lubrificantes.

Procurando induzir um fabricante de sabonetes a incluir em sua fórmula um produto emoliente, uma pequena firma viu-se diante do problema da possivel permanência do emoliente nas mãos, depois de lavadas e enxutas. A firma consultou os laboratórios Tracerlab, de Boston, primeira companhia do mundo a explorar um ramo baseado exclusivamente nos sub-produtos da bomba atômica. A Tracerlab adicionou radioiodo ao emoliente, misturou-o com sabão líquido e mandou cinco homens lavar as mãos com a mistura. Lavadas e enxutas as mãos, o contador Geiger revelou que a metade do emoliente ainda estava presente na cutis.

A United States Testing Company montou recentemente um laboratório «radioativo» em Hoboken, no Estado de Nova Jersey, para efetuar pesquisas com radioisótopos. Para um fabricante, estudá a duração da graxa de sapato. Quando outro industrial pediu informações exatas sobre a durabilidade de uma cera de assoalhos, a United States Testing adicionou radiocobalto à cera, aplicou-a ao assoalho e realizou testes a intervalos fixos, com o contador Geiger. Recentemente, um fabricante de tintas quis cifras exatas sobre o tempo que a água salgada levaria para corroer seu produto e avariar o casco de um navio. A United States Testing, utilizando água salgada radioativa, conseguiu dados exatos, em vez de se fiar no processo de repetidas provas e estimativas.

Tais pesquisas ampliam nossos conhecimentos e contribuem para aumentar e melhorar a produção industrial. As pequenas fábricas, tanto como as grandes, beneficiam-se enormemente com este novo e assombroso instrumento de pesquisas.

Depois de insistentes telefonemas, conseguí que um dos irmãos Marx, Harpo, se comprometesse a tomar parte num festival de beneficência. Para ter certeza de que não faltaria, fui pessoalmente buscá-lo em seu apartamento. Quando ia fechando a porta, o telefone tocou.

—Não é melhor voltar para saber do que se trata? perguntei.

—Não, disse Harpo,—nada disso. É capaz de ser você outra vez.

—Myra Thompson, citada por Bennet Cerf em *The Saturday Review of Literature*

Um assassino de plumas...

AVE CARNICEIRA

(*Condensado de «The American Mercury»*)

Alan Devoe

Como é do conhecimento dos escritores de ficção, um criminoso qualquer não inspira tanto terror; para que seja daqueles «de arrepiar», tem que ser um tarado, com todas as características do crime—algum tipo fora do comum.

Caso semelhante se nota com certa ave, na aparência inofensiva: a pega boreal, vulgarmente apelidada de «ave carniceira». E bem lhe quadra esse nome.

Observar um gavião peneirando no ar, e depois vê-lo flechar para a terra, no encalço da presa que tem em mira, é apreciar uma façanha estupenda. Talvez o ato predatório choque um pouco o observador, com o rapineiro no seu mergulho de morte sobre a vítima incauta. Desculpa-se o gavião, que é por necessidade uma ave caçadora. Mas, no tocante a pegas, até mesmo velhos naturalistas se ressentem de sua intempestiva voracidade.

A pega boreal aparenta ser, e de fato é, uma ave canora. Do tamanho de um tordo, de plumagem azul-cinza e branca, até se parece com ele. É de canto agradavel, misturando em seus gorgeios notas trinadas e sonoras; seu ninho é cuidadosamente forrado de penas e macios capins. Tem os pés delicados e pequenos de um pássaro de gaiola. Uma raja negra cobre-lhe os olhos, num efeito de meia-máscara, dando-lhe um aspecto simpático e um tanto felino. Assim é a pega boreal, em suas linhas gerais de aparência e canto, a qual, em dado momento, se revela de uma voracidade que causa espanto.

É mais sanguinária do que o gavião. Não tem o tamanho deste, nem as suas armas apropriadas à carnificina; —mas sobram-lhe maus instintos. Basta-lhe o bico agudo, curvo, serrilhado,—um terrivel instrumento de morte! A um dado momento, o seu canto se transforma em gritos raivosos; está pronta para atacar qualquer ave do seu tamanho, ou mesmo maior,—atacar e matá-la numa rajada de ferocidade. A pega pousa num fio telegráfico, ou num galho de árvore baixa, e soltando seus trinados, espreita o que vai pelo chão—o saltar de um gafanhoto, um rato que passe, um pardal ou outro pássaro pequeno que voe. Não

havendo nada à vista, ela ensaia novas variações, com que arremeda outras aves. Imita então, repetidamente, o chilrar de um passarinho novo, atraindo desta maneira outras aves da vizinhança.

Esperta e vigilante, a pega lança-lhes um rápido olhar e marca logo a que mais lhe apetece. «Talvez aquele pardal, que está alí, naquele galho...» E veloz como um raio, ei-la que se atira à presa! É velocíssima, mas o espantado pardal tambem o é. E porque ela nunca ataque de um salto, como o gavião, começa agora uma terrivel caça ao pardal.

Não dispondo de garras, a pega tem que prender e sujeitar sua vítima no chão. É preciso alcançá-la no vôo, sobrepor-se-lhe, e por fim abatê-la vencida. É uma luta fantástica, às vezes a vôos rentes ao chão, ou em lances horizontais e doidos ziguezagues. O pardal perseguido dá voltas, sobe e desce, negaceia, mete-se por dentro das moitas, contorna postes, tudo! Com incrivel sagacidade, a pega não o larga, subindo quando ele sobe, desdobrando maior velocidade para alcançá-lo e forçá-lo a descer ao chão. Agora, ao invés das suas notas sonoras, solta ela seu grito agudo de assassina: *Quiiiii! Quiiiii!*—que parece o silvo penetrante de um apito de latão. O terror da perseguição está na atitude do perseguidor, pois não é tanto o rugir raivoso de um assassino que mais horroriza a vítima—mas quando ele ri diabolicamente...

Mais algumas viravoltas e negaças, mais rapidez e fúria, e por fim a pega dá com o pardal de asas rotas em pleno chão. Porque lhe faltem garras para uma dilaceração em regra, a pega vale-se do bico forte e recurvado, com que martela a cabeça de sua presa, até moê-la de bicadas e por fim matá-la.

Agora, agarrando a sua vítima, voa com ela para uma árvore próxima, onde guarda a sua reserva de comida. Essa árvore é geralmente um espinheiro, contra cujos espinhos, escolhendo sempre os mais fortes e agudos, a pega boreal engancha o pardal. É possivel que ela o trague de uma vez, ou então, cortando-lhe a cabeça com o bico, lhe coma simplesmente os pulmões. Ou talvez não o coma; resolva guardá-lo como reserva, segundo elas costumam fazer. Matam simplesmente pelo prazer de matar. A «despensa» de uma pega contem às vezes meia dúzia de passarinhos ou mais, que ela devora aos poucos, quando lhe apetece...

Os espinheiros já hoje não são tão abundantes nos lugares onde há pegas. Mas essas aves carniceiras descobriram um recurso: servem-se agora das farpas dos arames das cercas. E quando não há espinheiros nem arame farpado, as pegas colocam os pardais e outras caças na forquilha de alguma árvore, torcendo as pernas do passarinho, para segurá-lo bem, como se fossem um pedaço de arame.

Os naturalistas sabem que, sem exceção, a vida se nutre de outras vidas. Na natureza repetem-se mortes a cada instante, como tambem há nascimentos, diversão e felicidade. Não se devem, pois, incriminar as pegas por seguirem a regra geral.

Mas, seja como for que apreciemos o fato natural, aquele grito fino—*quiiiii!*—é sempre chocante. E que dizer daquela fuga desesperada, dos golpes e reviravoltas, das bicadas de morte... e dos corpos das vítimas, sem cabeça, enganchados nos espinheiros?

Não é dificil de se conciliarem tais atos predatórios com a sanha mortífera dos gaviões, aves armadas de bicos e garras para matar... O que preocupa os filósofos da natureza é que faça o mesmo uma avezinha como a pega boreal, essa ave carniceira...

Oh! As mulheres!

BENNY FIELDS vangloriava-se de que sua mulher podia falar horas a fio sobre qualquer assunto. «Pois minha mulher,» retrucou-lhe Leo Cohen, «nem precisa de assunto.»

—Earl Wilson, N. Y. Post Syndicate

O MARIDO já não sabia mais o que fazer para agradar a esposa, do tipo dessas que vivem queixando-se. No dia do aniversário de casamento, ela comprou-lhe duas gravatas, uma verde e outra amarela. Apesar de ele se ter derretido em agradecimentos, a mulherzinha se pôs a suspirar:

—Ah! aposto que você não gostou do meu presente.

—Mas querida, você não vê que adorei as gravatas? Vou já lhe provar.

Retirou, então, a gravata que trazia e pôs a amarela.

—Pronto! exclamou, radiante.

A mulher olhou-o tristemente e suspirou de novo:

—Você não gostou da verde, hein?

—Leonard Lyons

—QUERIDO, perguntou a mulherzinha, —meu chapéu está bem no meio da cabeça?

—Está, respondeu o marido, impaciente. —Agora, apressa-te que já estamos atrasados.

—Sinto muito, retrucou ela, —mas vamos ter que voltar. Este tipo de chapéu não é para ser usado bem no meio da cabeça.

—M. E., em *Capper's Weekly*

ELES atravessavam a cidade na hora do tráfego mais intenso. No volante, o marido recebia uma saraivada contínua de advertências da mulher: «Cuidado com aquele carro amarelo... Devagar agora...» Finalmente, com a voz mais suave deste mundo, ele procurou tranquilisá-la: «Calma, querida. Eu tenho toda confiança em você quando estou dirigindo.»

—Eleanor Clarage, no *Plain Dealer*, de Cleveland

Colóquio com uma rainha

Por
Max Eastman

«É BOA a sensação de ser rainha?» perguntei.

«Aqui na Grécia, pelo menos, é a melhor possivel porque envolve um trabalho criador, que afasta o tédio comum à maioria das cortes.»

«Vossa Majestade se sente superior devido ao sangue real que tem?» A rainha Frederica é neta do kaiser Guilherme II, soberano por direito divino, e eu estava preparado para perdoá-la se me respondesse afirmativamente.

«Não,» respondeu, enfaticamente, «em absoluto.»

«Qual a sensação que Vossa Majestade teve, em menina, ao descobrir que era princesa?»

Não se tratava de um interrogatório psicanalítico ou de uma Inquisição: sorríamos ambos, cordialmente. Eu havia chegado ao palácio num curioso estado de espírito. Republicano ardente, precisava manter uma certa arrogância cortês; nada de reverências e salamaleques. Como simples plebeu que sou, sentia-me nervoso e acanhado. A gentil dama de companhia atendeu-me com grande deferência e acalmou-me os nervos com uma xícara de café turco na ante-sala. (Na Grécia, nada se consegue a não ser por meio de uma boa xícara de café.) Mas eu ainda estava trêmulo quando fui levado à presença da soberana.

Presença de uma adoravel jovem, esbelta, de olhos vivos, num elegante vestido de linho côr de rosa, a qual caminhava em minha direção com um sorriso nos lábios, saudando-me graciosamente: «Muito prazer em conhecê-lo!»

Embora seja mãe de três filhos, parece quase uma menina, com os olhos sempre alegres e um leve arrebitado do nariz, que lhe dão um encanto extraordinário.

Sentamo-nos em um sofá em frente à lareira, numa sala que mais parecia de um modesto lar que de um palácio, e pusemo-nos a conversar como se fôssemos amigos de muitos anos. Por isso, pareceu mesmo natural quando, pouco depois, observei, num

sorriso: «Desde menino que, por simples curiosidade, desejo fazer a um rei ou a uma rainha algumas perguntas de natureza pessoal.»

«Pois que venham as perguntas,» disse ela, com afabilidade. «Estou igualmente curiosa por conhecê-las.»

Foi assim que comecei o diálogo transcrito linhas atrás. E quando perguntei como se sentira, em menina, a rainha respondeu:

«Sentí-me algo perplexa. Costumava discutir o assunto comigo mesma, com toda a seriedade. Com que direito pode alguem colocar-se acima dos demais sem ter lutado para chegar lá? Esta reflexão me perturbou por muito tempo e o senhor sabe como foi que conseguí apaziguar as minhas dúvidas? Lendo Platão. Como o senhor deve lembrar-se, ele dividiu os cidadãos em diferentes grupos: os trabalhadores e comerciantes, os soldados e os líderes. Cada grupo tinha as suas funções específicas e os líderes, afim de poderem preencher as suas, tinham de ser educados e treinados especialmente desde a infância. Evidentemente, para poderem receber este treinamento, tinham de ser escolhidos previamente. Fiquei em paz com a minha consciência ao decidir usar da minha própria situação hereditária como o faziam os líderes na doutrina de Platão.»

Excetuados os comunistas fanáticos, dificilmente se encontrará uma pessoa na Grécia que não tenha louvores para o resultado desta decisão. Desde o ministro do Exterior (antigo primeiro ministro), Tsaldaris,—que me disse: «Ela não só tem bom senso como noção exata dos acontecimentos»—aos recrutas de um acampamento militar que a carregaram nos ombros até o alto de uma colina, onde a soberana partilhou o rancho com eles, é unânime a opinião de que ela é uma criatura de dotes excepcionais, uma benção para o país.

Socialmente, a Grécia é um país tão democrático como qualquer outro. Não tem aristocracia, nem duques, condes ou barões—apenas o rei, a rainha e o povo. É o que torna possivel os contactos diretos entre eles, prática que o rei Paulo e a rainha Frederica têm cultivado intensamente. Desde que subiram ao trono, em abril de 1947,* têm passado a maior parte do tempo viajando através das áreas mais desoladas do país, fazendo amigos no povo, ouvindo-lhes as queixas, inquirindo das suas necessidades. «Praticamente, ainda não habitamos o palácio,» disse-me a rainha.

Viajar pelo devastado interior do país é extremamente cansativo, alem de ser, ou ter sido, uma temeridade, devido à presença de bandidos nas montanhas, comandados pelos comunistas. Mas tais percalços intimidaram tão pouco a rainha quanto ao rei, um rapagão desempenado e atlético. Ao chegarem a uma cidade, param o carro nas imediações e caminham em meio do povo até a rua principal. Não há arautos, cerimonial, guardas reais, polícias montadas e nem mesmo sinais da presença de agentes da polícia secreta. Qualquer pessoa pode dirigir-se aos monarcas, caminhar a seu lado, chegar bem perto deles e tirar-lhes fotografias. No edifício da prefeitura, dão audiência pública e discutem livremente os problemas da região ou do país, mostrando-se incansaveis. Dificilmente algum outro estadista *conhecerá* o seu país de forma tão pessoal e direta como o rei Paulo e a rainha Frederica da Grécia.

*Após a morte do irmão de Paulo, Jorge II, que voltou ao trono em consequência do plebiscito de 1946, em que obteve 72% dos sufrágios.

«Que quer V.M. dizer, precisamente, quando se refere ao trabalho criador da rainha da Grécia?»

«Vou dar-lhe alguns exemplos concretos,» respondeu-me a soberana. «A Grécia, como consequência do seu esforço titânico ao lado dos aliados, sofreu mais do que qualquer outro país do mundo. Primeiro os italianos, depois os nazistas, e agora os comunistas atacaram, bombardearam e devastaram o país a ponto de arrasarem completamente certas regiões. Quase quatro mil cidades e aldeias foram destruidas. Ainda agora, de quando em vez, os comunistas devastam mais uma. O senhor sabe o que isto significa para uma mulher? Significa que o país está cheio de crianças famintas, sem amor e sem lar. Esta é uma das minhas tarefas—salvar esses orfãos da morte e evitar que cresçam física e moralmente deformados. Em suma, fazer desse material humano uma geração nova, sadia de corpo e forte de espírito como o foram os seus pais, que tombaram lutando pela liberdade. Não acha um trabalho criador?»

A cabeça da rainha estava coroada de cachos castanhos arrumados com tanta naturalidade que lhe davam mais o aspecto de uma estudante de universidade do que de uma soberana. Não usava mais jóias do que uma jovem universitária. Apenas duas pedras de jade verde, encastoadas numa pulseira de prata, adornavam-lhe o braço esquerdo. As sobrancelhas, apesar de muito espessas, não eram arrancadas, atributo de realeza que eu gostaria que as jovens dos nossos paises democráticos tivessem o bom gosto de imitar. Em conjunto, deu-me a soberana uma tal impressão de naturalidade que só pode revelar o seu verdadeiro feitio ou então a mais extraordinária vocação teatral.

«Organizei um comitê com esse objetivo,» continuou ela, «e já temos sob os nossos cuidados 18 mil dessas crianças, recolhidas a 48 centros diferentes. Já iniciamos a construção de novos centros para abrigar mais 25 mil crianças.»

Eu havia visitado um desses centros na praia de Santo André, onde se encontram 700 meninos e meninas de 6 a 14 anos de idade. Examinei as camas, provei do almoço que comiam, conversei com os pais adotivos, visitei as salas de aula, a nova capelinha, toda branca; observei-os na hora de recreio ou regando os pequeninos canteiros de legumes. O prédio fôra outrora um cassino bombardeado pelos alemães e reconstruido para servir de lar para os orfãos da guerra. Até mesmo os menorezinhos pareciam estar felizes.

Os olhos da rainha, de um azul escuro, iluminaram-se quando lhe descreví a minha visita.

«Tudo foi feito sem um centavo, sequer, do Governo,» disse ela, «e sem um centavo do estrangeiro. O meu primeiro apelo, divulgado pelo rádio e pelos jornais, trouxe donativos no valor de 4 milhões de dólares. Todos contribuiram, pobres ou ricos. Os sindicatos resolveram que todos dessem um domingo de trabalho, o que rendeu cerca de 240 mil dólares. Os comunistas, naturalmente, protestaram vivamente chamando-nos de monarco-fascistas e dizendo aos operários que a rainha lhes estava roubando o dia de salário. Os sindicatos, porem, mantiveram-se inabalaveis. Os operários figuram entre os melhores elementos do país. São esclarecidos e sabem muito bem que são os comunistas os autores dos ataques e depredações que deixam na orfandade as crianças que procuramos socorrer.»

Eu soube, por outra fonte, da resolução com que a rainha se entregou ao salvamento dessas crianças. O rei estava doente, em janeiro de 1948, quando Konitsa, cidade-chave próxima à fronteira da Albânia, foi recapturada pelas forças legais. Havia 250 crianças num acampamento em Konitsa e a cidade se encontrava sediada e sob bombardeio havia oito dias. A rainha, que se achava em Janina, acorreu em socorro dessas crianças. Mas o comandante-em-chefe disse-lhe que a estrada estava minada e não oferecia a menor segurança.

«Muito bem,» retrucou ela, «irei a cavalo, pelas montanhas.»

Mas isso seria ainda mais perigoso, protestou o general. E como ela insistisse em ir por um ou outro dos caminhos, ele acabou concordando em que a rainha fosse pela estrada regular, sob a condição de ser guardado o maior sigilo possivel. Uma das pontes fôra destruida e ela teve de caminhar vários quilômetros, pela madrugada, até encontrar um *jeep* que a esperava do outro lado. Ninguem o soube, então, e são poucos os que sabem, hoje, que a rainha da Grécia foi o primeiro civil a entrar em Konitsa, depois da recaptura da cidade. Foi saudada com lágrimas pelos soldados extenuados pelo combate e exultantes pela vitória e teve de fazer-lhes um discurso na praça pública. A própria rainha contou-me como foi o discurso.

«Era o primeiro que fazia em toda a minha vida,» disse ela, «e fiquei realmente aterrada. Durante um minuto, confesso que não sabia o que dizer.»

«Mas o que foi que V.M. disse?»

«Apenas uma frase. Limitei-me a dizer: Meu marido está doente e o meu lugar deveria ser a seu lado, mas acho que ele vos ama ainda mais do que a mim, pois me enviou para acompanhar-vos, em lugar dele.»

A rainha sempre se refere a «meu marido», nunca a «o rei», mas descreve as realizações dele com tanto entusiasmo como as suas próprias. Entre outras atividades, está ele dirigindo sete escolas agrícolas espalhadas no país e inaugurou recentemente em Laros, no Dodecaneso, um reformatório-modelo para jovens «bandidos», de 16 a 20 anos. Na Grécia, eles são chamados «bandidos» e não comunistas, nem vermelhos ou nem mesmo guerrilheiros. E, em sua maior parte, o são, realmente, segundo pude constatar pessoalmente ao tentar identificar algum ideal político entre cerca de 300 deles, que entrevistei na prisão. No dia da inauguração, o rei fez um discurso aos rapazes, muitos dos quais, ou mesmo quase todos, haviam cometido assassinatos, incêndios ou assaltos a mão armada em estradas. A rainha reproduziu-me alguns trechos desse discurso:

«Não guardamos provas contra ninguem. Tudo quanto se refere ao passado foi destruido. Só pensamos no futuro de vocês. Queremos prepará-los para enfrentar com sabedoria os problemas da vida e transformá-los em bons cidadãos da Grécia.»

Há um abismo entre a frieza da República de Platão e o monarquismo social que a rainha me descrevia. O que me dizia tinha muito mais de cristão que de platônico.

Conscientemente ou não, a rainha planeja introduzir inovações radicais no sistema que Platão delineou para a formação dos líderes. Tenciona, segundo me disse, mandar o filho, o príncipe herdeiro, trabalhar nas minas e fazendas da Grécia afim de conhecer, por experiência própria, os problemas da vida com que se defronta a maioria dos homens.

«Antes que se vá,» disse ela quando me levantei, «quero contar-lhe uma pequena história. Uma história verdadeira.

«Nossa única preocupação, quando fundamos o reformatório de Laros era com relação aos habitantes da ilha. Como o senhor sabe, faz só dois anos que as Ilhas do Dodecaneso foram devolvidas à Grécia e podia parecer até inamistoso enviar-lhes 700 bandidos como um gesto de boas-vindas! Ficamos realmente apreensivos quanto à reação que teriam os habitantes. Os rapazes chegaram à ilha duas semanas antes do Domingo de Páscoa. Nesse dia, o povo de Laros fez uma procissão e marchou até o reformatório carregando uma bandeira grega. Pediram que os rapazes fossem concentrados no pátio e o padre, que caminhava à frente da procissão, dirigiu-lhes a palavra:

«Nós, os cidadãos de Laros, lutamos 700 anos para reconquistar esta bandeira. Sabemos bem o que ela representa. E vamos confiá-la à vossa guarda porque estamos certos de que sabereis defendê-la.

«Os rapazes ficaram profundamente comovidos. Muitos não se contiveram e exclamaram que não eram dignos sequer de tocá-la:—Chegamos a lutar contra a nossa própria pátria! Mas os habitantes da vila insistiram e os rapazes acabaram aceitando a bandeira que foi por eles mesmos içada à frente de prédio.

«Este é o tipo de compreensão e ajuda que nos dá o povo grego. O senhor ainda tem alguma dúvida sobre as minhas razões para estar encantada de ser rainha da Grécia?»

Um apelo à tolerância

(*Condensado de «Christian Herald»*)

Por Henry Morton Robinson

PARÍS, 1870. O exército prussiano está sitiando a capital da França. Na Sorbona, Gaston de Paris discorre brilhantemente sobre *A Canção de Rolando*. Durante vários séculos julgara o mundo que este nobre poema épico tinha origens francesas; mas as pesquisas de Gaston de Paris terminaram por levá-lo a outra conclusão inexoravel. Acima do rugir da artilharia inimiga, as palavras com que encerra a conferência soam distintamente: «Meus colegas, peço-vos permissão para lembrar, ainda uma vez, que as origens deste imortal poema são germânicas e não francesas. Não devemos permitir que um ódio passageiro venha prejudicar o conceito que formamos de uma raça vizinha. Nesta hora de derrota iminente, proclamemos ao mundo que a verdade não conhece fronteiras de nacionalismo.»

A atitude de Gaston de Paris sempre se me afigurou um perfeito exemplo de tolerância—virtude através da qual os espíritos livres derrotam o fanatismo e o ódio. Porque tolerância é mais que complacência, e este exemplo revela parte da coragem e do espírito de justiça que sua prática requer.

Tolerância é mais que indulgência. Bem interpretada, *representa um esforço cordial e positivo no sentido de compreendermos as crenças, práticas e costumes de outro indivíduo, sem que para isso sejamos obrigados a aceitá-los ou deles compartilhar.*

A tolerância militante defende e protege os direitos de um oponente. O famoso aforismo de Voltaire: «Não concordo com o que dizeis, mas defenderei até à morte vosso direito de dizê-lo,» constituirá, para todos os séculos, a perfeita expressão do ideal de tolerância.

Tolerância não significa relaxamento moral. Ao assumirmos uma atitude de simples apatia para com nossos princípios, não estamos sendo tolerantes—sofremos apenas de indolência espiritual. «Muito do que se faz passar por tolerância,» disse John Morley, «é apenas uma forma pretensiosa de não possuir opiniões próprias e pessoais.» Tornamo-nos, porem, intolerantes, quando tentamos forçar o próximo a aceitar as nossas opiniões.

Os espíritos pouco iluminados julgam, como é sabido, possuir o monopólio de todas as verdades. Quem exigir prova disso, sentirá logo o peso dos punhos desses indivíduos. A verdade, porem, é maior que qualquer conceito individual, formado a seu respeito, e mais forte que qualquer punho. Lembremo-nos, tambem, de quantas opiniões e sentimentos vigorosamente defendidos que, com a passagem dos anos, têm perdido o seu significado para nós. Muitos outros terão provavelmente o mesmo destino. A observação de Renan, segundo a qual *nossas opiniões se tornam fixas quando paramos de refletir*, devia ser suficiente para nos prevenir o espírito contra qualquer insistência teimosa em nos julgarmos infalivelmente certos.

Observada desse ponto de vista, a tolerância torna-se o baluarte da liberdade social e individual e o elemento primeiro para qualquer progresso cultural que uma sociedade espere realizar. A liberdade de religião e de imprensa, e o direito de reunião, que constituem a própria forma dos governos democráticos, encontram suporte nos diques de tolerância laboriosamente construidos e apoiados pelo *indivíduo*. Porque, quando deixamos de praticar a tolerância em nossas vidas individuais, prejudicamos toda a estrutura.

A democracia é o princípio da tolerância estendido às esferas da política. A tolerância *preserva* as minorias em vez de destruí-las. E essas minorias, por seu turno, realizam uma função valiosa, servindo de freio, junto ao partido que se encontra no poder. É esta uma das bases principais do governo democrático. Sem a tolerância, a democracia não poderia sobreviver.

A necessidade imperiosa de tolerância se faz sentir em centenas de esferas da nossa sociedade atual. Os sindicatos trabalhistas, ao firmarem seus novos poderes, têm dado mostras, repetidas vezes, de uma intolerância excessiva e lastimavel. Há anos, nos Estados Unidos, quando as companhias ferroviárias, lutando com dificuldades econômicas, pediram aos seus empregados que aceitassem voluntariamente um corte nos salários, o representante de um desses sindicatos respondeu: «Que vão para o inferno! Não estamos dispostos a ceder coisa alguma—nem um fio de cabelo!» Os mais ardentes simpatizantes das classes operárias hão de concordar em que não é sobre tais bases que se podem iniciar negociações tolerantes. Por outro lado, há, entre os capitalistas, muitos que, de certo, não revelam manter uma atitude realmente tolerante para com os que trabalham em suas indústrias.

Permitam-me citar, como um apelo à tolerância, as palavras com que o cardeal Newman descreveu a universidade ideal: «Um lugar onde o intelecto possa mover-se e pesquisar livremente, certo de que alí encontrará os seus iguais nalguma atividade antagônica, e os seus juizes no tribunal da verdade. Um lugar onde a pesquisa e a investigação são levadas avante; as descobertas, verificadas e aperfeiçoadas. Onde a pressa irrefletida se torna inócua e se põem à mostra os erros pelo confronto das idéias.» É este o verdadeiro caminho educacional que leva à tolerância—e não há outro.

Há um grave risco, é claro, em admirarmos a tolerância de um modo puramente abstrato. Podemos veri-

ficar o quanto ela é necessária no governo, nas questões internacionais e nos negócios, esquecendo que é igualmente imprescindivel no nosso próprio lar. Não é bastante sermos teoricamente tolerantes para com outra nação se não o formos para com o indivíduo que trabalha no escritório ao lado do nosso. Tudo quanto se tem dito e escrito em favor da tolerância de nada valerá se não compreendermos o fato de que ela é, sobretudo, um estado de espírito ou, melhor, um estado de alma, e que deve ser, por isso mesmo, inteiramente pessoal.

De todos os preceitos, «amarás o teu próximo» é o menos suscetivel de ser imposto, por ser, exatamente, o mais espontâneo e voluntário. Quando o infringimos, as penalidades que sofremos não são menos rigorosas, porque recaem sobre nós mesmos.

Profecia...

EM SEU livro *Family Circle*, a conhecida atriz Cornelia Otis Skinner conta-nos de seu começo no palco, quando representou num teatrinho escolar. «Meu pai era um espectador mais do que interessado: era agoniado. A presença do famoso ator produzira uma certa emoção no auditório, predominantemente feminino. O fato de Otis Skinner estar assistindo pela primeira vez ao desempenho de sua única filha, parecia a todos um acontecimento digno do maior interesse. Por isso, quando baixou o pano, os espectadores acorreram de todos os lados para ouvir os comentários de papai. Ele levantou-se, empertigou-se e, voltando-se para mamãe, trovejou: «Arre, Maud, não há dúvida que ela não tem o menor jeito para isso—Graças a Deus!»

—Publicado por Houghton Mifflin

Escocesa da gema

QUANDO eu e minha avó, uma escocesa encantadora, costurávamos o meu vestido de noiva, perguntei-lhe:

—Conte-me alguma coisa sobre o seu vestido de noiva, vovó. Foi a senhora mesma quem o fez?

—Como não, respondeu-me. —Era de tafetá azul—com anquinhas e um decote em V.

—Que bonito devia ser, disse eu. —Miudinha como a senhora é, e com os cabelos louros, devia estar linda de azul.

—Não estava não, foi a resposta surpreendente que ouví. —Como choveu muito no dia do casamento, vestí o meu velho casaco escocês.

—Beryl T. Yocum

Empregado no balcão de uma sorveteria do Wisconsin, ele faz maravilhas com seus cachorros de olhos tristes

Perseguidos pelos cães

(Condensado de «The Saturday Evening Post»)

Por Daniel P. Mannix

A FORÇA policial tinha seguido a pista de Ray Olson, suspeito do crime de rapto, até uma cabana isolada perto de Cable, no Wisconsin. Quando dois dos policiais se acercavam cautelosamente da porta, Olson abriu fogo e os matou; depois, tendo-lhes tirado as pistolas, mergulhou nos bosques, onde ninguem ousava perseguí-lo. O xerife deu então ordem: «Vão buscar o George Brooks com os cães sabujos!»

Brooks é um homem magro e sério, e um dos poucos que neste mundo conhecem a arte antiga e curiosa de trabalhar com cachorros na caça ao homem. Nestes últimos 15 anos seus serviços já foram requisitados mais de duas mil vezes. Seus cachorros têm farejado o rasto de assassinos, crianças perdidas, loucos fugidos do manicômio e penitenciários evadidos.

No caso de Olson, George Brooks viu-se a braços com uma das tarefas mais sérias de sua carreira. «Para trabalhar com os sabujos,» explica ele, «a gente precisa saber por onde é que o homem passou, ou ter um «guia olfativo»—qualquer coisa em que ele tenha pegado, para que os cães possam conhecer-lhe o cheiro. Na altura em que cheguei a Cable, bem umas mil pessoas já teriam andado em volta dos cadáveres das autoridades. Não era possivel encontrar o guia olfativo, nada de que eu pudesse ter certeza que só Olson havia tocado.

«Em face disso, levei os cães para dar uma volta de quase um quilômetro de raio, em torno da cabana; eles descobriram um rasto, e levantaram os olhos para mim, como que a perguntar o que haviam de fazer. Eu disse: O

homem fugiu. E eles se lançaram na pista. Durante três dias, eu, os cachorros, e 175 policiais seguimos aquela pista. Encontramos ruinas fumegantes de cabanas incendiadas. Olson ateava fogo a todos os lugares onde dormia, para ter certeza de que não deixava rasto que os cães pudessem farejar. Mas os meus sabujos davam uma volta em torno do lugar; farejando, encontravam a pista do outro lado, e continuavam a perseguição.»

Em seguida, Olson se refugiou em uma zona lacustre, toda semeada de ilhotas minúsculas. Sabendo que o cheiro não persiste em cima da água, ele fazia jangadas, e viajava milhas e milhas ao longo dos canais, por entre as ilhotas. Mas ele tinha que descer em algum lugar e os cães sempre acabavam descobrindo o rasto dele. Passadas duas semanas, certo dia Olson desceu em terra firme, para cortar caminho. Brooks podia ver, pela direção em que os cães avançavam, que o fugitivo se encaminhava para um lago distante. Uma parte da expedição meteu-se em carros para lhe ir cortar a retirada. Quando se aproximavam do lago, avistaram Olson correndo para um bote; mas este não pôde correr muito: logo caiu varado por uma saraivada de balas...

George Brooks não tem na vida nenhum interesse alem dos seus cães. Nunca lê uma revista nem um livro, e nunca viu um filme falado. Afim de acompanhar os seus cachorros, tem uma vida espartana, e se alimenta quase exclusivamente de carne picada. Tem hoje 51 anos de idade; em rapaz, dedicava-se a treinar perdigueiros, e depois consagrou-se aos canzarrões. «Com eles pode-se trabalhar o ano inteiro, e uma vez que a gente vê esses grandes cachorros farejando a pista dum foragido, nunca mais é capaz de se interessar por outra caçada qualquer,» explica ele.

Quando jovem, tencionava tornar-se farmacêutico mas, já na escola superior, faltou-lhe o dinheiro, e teve que se empregar no balcão de uma sorveteria. Isso se passou há 25 anos, e George ainda hoje lá está... Quando o chamam para ir com os seus cães à procura de alguem—e recebe três ou quatro chamados por semana—deixa a casa por algumas horas e, em certos casos, até mesmo durante dias. O dono da loja, William Donadurer, refere-se a ele nestes termos: «George nunca cobra dinheiro pelos serviços de seus cachorros. Esses cães têm feito um bem incalculavel, e se ele pode consagrar-lhes tanto tempo e dinheiro, eu acho que, por minha parte, posso tambem sacrificar os seus serviços...»

O primeiro cão de George, Lady, tinha somente quatro meses de idade quando ele o importou da Inglaterra, em 1932. Mal ele tivera tempo de fazer a cama para a cachorrinha, num canto da garage, quando um xerife local o chamou: «Ouví dizer que você acaba de receber um cão de caça,» disse o funcionário mantenedor da ordem. «Faça o favor de trazê-lo para aquí, já. Três homens roubaram um banco em Mindoro. Um deles, nós conseguimos balear através do parabrisa do carro em que iam fugindo. Os

outros dois meteram-se na floresta.»

George ainda tentou explicar que Lady era muito novinha, sem treinamento, e alem disso estava enfraquecida pela longa viagem.

«Vou dar autoridade oficial a você e ao seu cachorro,» insistiu o xerife. «Esteja aquí dentro de uma hora.»

Uma hora depois, George e a sua Lady chegavam ao local onde se encontrava o carro espatifado dos salteadores. Ao lado, ainda estava o cadaver do ladrão. Lady começou logo, por instinto, a farejar uma pista, coisa pouco comum em um cachorro sem treino. Farejou o rasto dos fugitivos até a margem do rio Black. O xerife concluiu que os ladrões tinham atravessado a corrente a nado, mas Lady se recusou a sair daquele lugar. Finalmente o xerife ordenou que George arrastasse a cadela à força dalí para fora, e experimentasse pô-la a farejar na outra margem. Lady não foi capaz de dar com pista nenhuma. Mais tarde, ambos os assaltantes foram presos, e George foi de propósito à penitenciária, para averiguar como é que eles tinham desorientado a sua cachorra.

Os homens se riram: «Nós estávamos metidos debaixo da água, a dois metros da margem, respirando por uns caniços ocos! Se voce tivesse soltado essa cachorra, ela tinha pegado a gente direitinho.»

Desde então, George já teve mais de quarenta sabujos. Desses, ele considera cinco como verdadeiramente «grandes». Os sabujos são selecionados e cruzados especialmente para terem um focinho muito largo, capaz de sentir qualquer cheiro; beiços pendentes que possam, à maneira de leques, agitar os odores do terreno quando o cachorro fareja; e grandes orelhas caidas, que formam como que uma bolsa à retaguarda do nariz do cão, para reter os cheiros, quando o animal corre de cabeça levantada. Mas um faro realmente bom, num cachorro, é um dom tão precioso como o de uma grande voz em um cantor lírico! Tambem é preciso que o cão esteja disposto a trabalhar num rasto dias e dias seguidos e seja capaz de suportar as condições mais adversas. Têm acontecido casos de George treinar um cão durante mais de um ano, para no fim chegar à conclusão de que o animal não é capaz de aguentar as dificuldades de uma tarefa pesada.

O treino se faz com o auxílio de um ajudante, que, postado a certa distância, chama o cachorrinho. O ajudante dá de comer ao cão, que delira de alegria com este jogo inesperado. Passados alguns dias, quando os cachorros se dirigem para ele, o ajudante dobra uma esquina, correndo, deixando cair pelo caminho um lenço ou qualquer outro objeto que possa servir de guia olfativo. George incita o cão a farejar o lenço, repetindo: «O homem fugiu!» Gradualmente o treino se vai tornando mais complicado. O ajudante passa pela parte central da cidade, para que o animal se habitue a selecionar determinado cheiro no labirinto de cheiros das calçadas apinhadas de gente, e através do tráfego mais intenso. Passado algum tempo, o ca-

chorro não vive senão para aquilo: destrinçar pistas no meio da confusão de odores.

George anda sempre com os cachorros atados à correia. Um cão que segue um rasto é indiferente a tudo o mais, e é capaz de se deixar esborrachar por um auto que se atravesse em seu caminho, ou por um trem que avance direito a ele. O sabujo é um animal possante, e quando pega um rasto deixa-se desvairar e puxa a trela como um touro. Isso obriga o dono a usar um cinturão de couro grosso e muito largo, com anéis a toda a volta, onde se prendem as correias. Um homem que levasse as trelas na mão não poderia aguentar o esforço por mais de uma ou duas horas; mas, graças ao cinturão, George consegue andar durante dias, muito embora o corpo lhe fique coberto de equimoses causadas pelos puxões incessantes dos animais.

Os cães que correm soltos são treinados a dar latidos, de modo que o dono possa seguí-los; mas George ensina os seus a trabalhar calados. Uma criança perdida pode-se assustar com os latidos, a ponto de perder a cabeça e se atirar duma ribanceira ou se precipitar num rio. Os latidos servem tambem de aviso aos criminosos. Como é indispensavel que os cães se exercitem todos os dias, e George se recusa a deixá-los sair do canil quando não seja para pô-los a seguir uma pista, é-lhe preciso recorrer aos serviços de meninos que, por alguns niqueis, se prestam a fazer pistas para os cachorros. Os pequenos procuram, por todos os meios, iludir os cachorros, mas George crê que ninguem é capaz de ludibriar um sabujo.

Muita gente acredita vagamente que o cheiro de uma pessoa impregna de certo modo as suas pegadas; na realidade, o cheiro é emitido pelo corpo todo. Fica pairando no ar como uma fina névoa, à passagem da pessoa, e depois, pouco a pouco, vai caindo no chão. Os sabujos são muitas vezes capazes de achar no ar a pista de um homem, à distância de quase um quilômetro, se uma brisa úmida estiver soprando na direção deles. Um amigo apostou um dia com George que os cães dele não seriam capazes de pegá-lo. Passou horas decrevendo um curso complicado, em seguida voltou ao ponto de partida para observar o trabalho dos cães: quando George lhes deu o guia olfativo, os cachorros não fizeram caso algum da pista—limitaram-se a caminhar direitinho ao lugar onde o amigo se escondera.

Dois meninos a quem George pagara para fazer pistas, estavam tão resolvidos a atrapalhar a pesquisa dos cães, que passaram uma hora debatendo-se através dum pântano, metidos até à cintura em água fria. Quando os animais se acercaram do lugar, farejaram no ar o rasto ainda fresco dos meninos, lá do outro lado do pântano, deram a volta a este, e em cinco minutos encontraram os garotos exhaustos de cansaço!

Acontece por vezes que um cachorro é capaz de seguir até o rasto de um homem que vá de automovel. Os cães de George ajudaram a prender um gatuno que havia roubado um

posto de gasolina. A primeira coisa que ele fez foi deixar que os cães cheirassem a caixa registradora arrombada. Os cães seguiram o cheiro do homem por cinco quarteirões; aí, sentando-se em terra, deram a entender que ele fizera alguma coisa de inesperado—no caso, tomara um automovel que o esperava alí. De repente, King, o melhor cão que George já possuiu, recomeçou a farejar. Caminhou mais um quarteirão e meio, até onde o homem descera do carro para entrar em casa. King podia bem ter farejado no ar o rasto ainda fresco do homem, lá adiante, mas havia uma brisa forte soprando desse lado, e George acha que ela levou o cheiro do gatuno pelas janelas do carro, e o odor se foi depositar ao longo da base dos edifícios.

Na terra mole e úmida, o odor pode durar quase 15 dias. Na terra seca e quente desaparece em poucas horas. Parece que parte dele se mete pela terra abaixo, pois quando em busca de uma pista já velha, «fria», o cachorro esgaravata na terra, fareja e continua a andar. Os sabujos chegam a revolver intencionalmente a folhagem caida por terra, para dar com um rasto que persiste em baixo dela.

George crê que o feito mais extraordinário que seus cachorros já realizaram teve lugar em Minesota. Depois de ter escrito uma carta despedindo-se da vida, um homem desapareceu, e havia bem uma semana que as autoridades o andavam procurando. Encontraram o carro dele, abandonado à beira de uma estrada, e George pôs King na trilha do ténue cheiro deixado pelo desaparecido. King guiou os homens até uma cidade vizinha, onde continuou farejando a calçada, muito embora incontaveis pessoas já houvessem passado alí nos seis dias decorridos desde o desaparecimento do homem. Foram dar com o suposto suicida almoçando em um restaurante.

Mas a maior missão que George já teve, foi o caso de Jens Thompson. Este era um lavrador que um dia teve uma desavença com os vizinhos, matou a tiro quatro deles, e depois fugiu para a floresta. O crime ocorreu em tempo de seca. Já sabemos que o terreno seco é pouco propício ao farejo, mas durante quatro dias os batedores seguiram os cães através de espessas matas. King, o famoso canzarrão de George, tanto farejou a poeira quente e seca do chão, que lhe sobreveio uma hemorragia pulmonar! Assim mesmo, foi para a frente. Ao quinto dia, os cães iam atravessando um milharal, quando King parou e desenterrou com as patas um sabugo que alguem tinha roido. Jens se detivera alí para comer milho e depois tinha enterrado o sabugo!

Nos dez dias seguintes, George dormiu no rasto do fugitivo. A dada altura, Thompson, desesperado, pulara de uma rocha. Os cachorros obstinados deram o salto—e George foi atrás deles, preso pelas trelas!

Fazendo um esforço supremo para despistar os cães, o fugitivo levou quase um dia inteiro para subir um morro praticamente inacessivel, e depois retornou seguindo uma linha paralela ao seu próprio rasto. Ao re-

gressar, a chuva começou a cair. Quando os cães se acercaram do morro puderam farejar no ar úmido a pista ainda fresca. Em vez de subir o morro, foram diretamente à nova trilha. O fugitivo, exhausto, rendeu-se sem opor resistência.

Depois da perseguição aos criminosos, a maioria dos casos confiados a George é de crianças perdidas. Os cachorros são ideais para esse gênero de trabalho, mas muitos pais receiam utilizá-los, devido à noção errônea de que os animais podem atacar a criança e machucá-la. A verdade, porem, é que os sabujos são bastante mansos. Foram criados primitivamente como cães de caça, e o seu aterrador denominativo em inglês *bloodhounds* (cachorros de sangue) significa somente que eram cães puro-sangue, do mesmo modo que fazemos referência a cavalos puro-sangue.

Muita gente tem perguntado a George por que razão é que ele não larga o seu emprego no balcão da sorveteria, para se dedicar de todo a seus cães.

«Se eu fizesse isso,» confessou-me ele, «nunca mais poderia empregar meus cães na descoberta de um caso sem cobrar pelo serviço. Muitos dos chamados que recebo são de pessoas que não têm posses para me pagar: o lavrador cuja mulher desapareceu em uma nevasca, ou o pescador cujo filho se extraviou. Enquanto eu estiver no emprego, tenho ordenado certo, e posso sair com os cães sempre que me apetece. É assim que eu prefiro!»

Sabedoria em pílulas

PERGUNTEI, certa vez, a uma senhora que havia criado com êxito uma numerosa família, qual o segredo do seu sucesso. A resposta que me deu contem mais sabedoria do que todos os livros sobre educação dos filhos. «Limitei-me a fazer com que cada um tivesse tudo o que merecia, bom ou ruim.»

—Dell Wislon

UM DIA, queixei-me a meu marido:

—Estamos sempre tão ocupados. Nunca tenho tempo para fazer as coisas que quero.

Sua resposta merece ser lembrada:

—Se eu fosse você, não ligava. Você está sempre tão ocupada com as coisas que realmente quer fazer, que não acha tempo para as coisas que pensa que quer fazer.

—Gertrude M. Armstrong

Parece um árbitro de elegância—mas poucos secretários de estado têm sido tão bem talhados para o cargo

QUEM É DEAN ACHESON

(*Condensado de «Fortune»*)

ALGUEM já observou que o provincianismo, característico da administração Truman, termina abruptamente no gabinete do Secretário de Estado. O Presidente confiou esta pasta a um homem conhecido pela sua agilidade mental e excepcional competência. Dean Acheson, alem disso, é de uma rara elegância inata, que não o abandona nem mesmo quando ele se encontra de *shorts*, transpirando, entretido a podar as árvores da sua fazenda, em Maryland. Esta combinação de competência e elegância nem sempre lhe tem sido util. Não obstante a sua comprovada capacidade como homem público, muitos compatriotas seus, ainda imbuidos das velhas e rudes tradições de pioneiros, desconfiam do talento aliado à elegância e tendem a confundí-lo com a superficialidade, quando não com coisa pior.

A realidade, porem, é muito outra. Os traços salientes na personalidade do Secretário de Estado são a sua operosidade e eficiência extraordinárias. Sua inteligência é multiforme, agil e disciplinada. Tanto na carreira jurídica como nas funções públicas que exerceu, Acheson destacou-se pela capacidade invulgar de assimilar e analisar rapidamente uma cópia vultosa de dados. Espirituoso—para não dizer quase cômico—possui um repertório inesgotavel de anedotas, que conta aos amigos ou em público. É possivel que seus métodos diplomáticos sejam dos mais suaves mas, frequentemente, mesmo quando argumenta com as palavras mais precisas, cerra-se-lhe o sobrecenho e eriçam-se-lhe os bigodes e sobrancelhas.

O traço mais marcante de seu caráter é a sua capacidade de confrontar um grande problema e dominá-lo com clarividência e segurança; seu interesse primordial reside nas pessoas, nos acontecimentos, no comportamento

humano. Nos últimos dez anos, tomou parte saliente no delineamento do controle internacional da energia atômica, no desenvolvimento da Doutrina Truman e do Plano Marshall, nos trabalhos da Comissão Hoover para reestruturação da engrenagem administrativa do país. Entregou-se a essas atividades com a atitude filosófica de que errar é humano mas emprestando-lhes, ao mesmo tempo, vigor, eficiência, fé inabalavel e, sobretudo, um perfeito senso de proporção, próprio de um homem culto e civilizado.

Não será preciso dizer que o seu temperamento, tão avesso aos dogmatismos, é incompativel com o espírito que anima o comunismo soviético. Dean Acheson, que é claramente um individualista, escreveu há tempos: «A crença no indivíduo está na massa do nosso sangue e constitui a característica fundamental do nosso país. Imprime, mesmo, certa impressão de desordem à nossa maneira de ser e de viver, que desorienta e ilude alguns críticos estrangeiros.»

Acheson não esconde o seu conservantismo filosófico, tão de se esperar num cético do seu calibre—conservantismo impermeavel aos arrebatamentos e que não pode ver senão com cautelas e reservas todas as tentativas de mudança revolucionária da ordem mundial.

Sua vida tem sido das mais bafejadas pela sorte. Dotado de inteligência e magnetismo pouco comuns, nasceu num lar privilegiado, cercado de conforto e de estímulos intelectuais. Seu curso jurídico foi tão brilhante que o escolheram para servir como assistente do falecido juiz Brandeis, da Suprema Corte dos Estados Unidos. Tornou-se um secretário admiravel, tanto pela presteza e elegância com que servia o chá das segundas-feiras aos inúmeros e brilhantes amigos do magistrado, como pela eficiência profissional com que desempenhava as suas funções jurídicas. Certa vez, nos primeiros tempos, o jovem advogado fez algumas citações incorretas de textos legais. «Ouça, Dean,» disse-lhe o juiz, «você está aquí para corrigir os meus erros, não para introduzir os seus próprios». Acheson ficou com Brandeis por dois anos, em lugar de um apenas, como era de praxe.

O efeito natural do contacto íntimo com o juiz Brandeis foi intensificar no jovem Acheson o interesse pelos aspectos sociais do direito. Fez intensas leituras no campo da teoria social, embora confesse hoje que Karl Marx foi-lhe sempre demasiado «duro de digerir». «Mas têm-me falado dele,» acrescenta.

Empregou-se, depois, num escritório de advocacia recem-constituido em Washington, ao qual ainda pertence. Sua primeira tarefa consistiu em ajudar os chefes do escritório na representação do Governo norueguês, em Haia, onde este pleiteava fosse arbitrado o valor dos navios apreendidos pelo Governo dos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial. Os experimentados juristas tiveram oportunidade de pôr à prova as belas qualidades do jovem assistente. Um deles confessou, mais tarde, que às vezes se

sentia intimidado pela personalidade de Acheson e aplicou-lhe a descrição que William James fizera de seu colega George Santayana: «O peixe mais brilhante que já saiu da água.» Acheson e seus chefes venceram a questão contra o Governo dos Estados Unidos.

Quando ainda na Faculdade de Direito de Harvard, Acheson casou-se com Alice Stanley, a bela companheira de quarto de sua irmã no Wellesley College. Em 1923, os Acheson adquiriram a tradicional casa que, consideravelmente aumentada, ainda é hoje a residência do casal em Washington. Nos primeiros anos em Washington, tiveram um filho e duas filhas.

Acheson progrediu rapidamente na advocacia, provocando consideravel inveja entre os elementos mais jovens do escritório. Seus dotes profissionais eram de tal forma notaveis, que a sua reputação não deixou de crescer continuamente, mesmo quando perdia uma questão. Quando a primeira administração de Franklin D. Roosevelt começou a recrutar elementos novos, foi oferecida a Acheson a sub-secretaria do Tesouro. Como o Secretário Woodin se encontrava gravemente enfermo, a nomeação significava entregar ao jovem advogado a chefia interina do importante departamento.

Nessa função, ele teve um atrito famoso com o Presidente Roosevelt. Tendo principalmente em vista a existência de obrigações do Governo em ouro, Acheson discordava fundamentalmente da orientação do Presidente de controlar os preços das mercadorias mediante a «manipulação» do preço do ouro. Disse francamente ao Presidente que considerava tal prática contrária ao espírito das leis vigentes. O Presidente respondeu-lhe que não queria saber se a operação poderia ou não ser feita, mas *qual* a melhor maneira de executá-la.

Intempestivamente, Roosevelt anunciou a renúncia de Acheson. Mas quando, apesar do incidente, Acheson compareceu à posse do seu sucessor, Henry Morgenthau, o Presidente observou-lhe: «Dean, você é um perfeito cavalheiro.» Pouco tempo depois, quando outro político renunciou, enviando uma carta vulcânica ao Presidente, este passou a carta a um dos seus secretários: «Diga-lhe que procure Dean Acheson e aprenda como renuncia um cavalheiro.»

Em 1941, a instâncias de Cordell Hull, Acheson voltou ao governo como Secretário Adjunto de Estado. Teve a seu cargo os assuntos econômicos do Departamento e, mais tarde, a ligação com o Congresso. Revelou-se um expoente altamente informado sobre as questões do momento—a lei de empréstimos e arrendamentos, a UNRRA, o acordo monetário de Bretton Woods e a Carta da O.N.U.

Em julho de 1945, Acheson julgou que, finda a guerra e executado o programa legislativo do Departamento de Estado, podia regressar às suas atividades privadas. Os quatro anos como Secretário Adjunto haviam constituido um pesado onus financeiro para quem percebia, como advogado, proventos sete ou oito vezes maiores que os do posto. Mal deixara o De-

partamento, em férias, o Secretário Byrnes instou com ele para que voltasse como Sub-Secretário.

Quase imediatamente, ele se viu envolvido por problemas da mais alta transcendência—a atitude dos Estados Unidos com relação à energia atômica, a mudança para uma política mais enérgica com a Rússia, a gigantesca aventura do Plano Marshall. Byrnes constituiu no Departamento de Estado o Comitê de Energia Atômica e colocou Acheson na presidência. Dentre os resultados obtidos, destaca-se o famoso relatório Acheson-Lilienthal, o primeiro a indicar como as nações, se realmente o desejassem, poderiam colocar o desenvolvimento da energia atômica sob controle internacional. O relatório serviu de base à formulação da política dos Estados Unidos, exposta por Bernard Baruch nas Nações Unidas.

As declarações de Acheson, em nome do Departamento de Estado, indicativas da mudança de orientação com relação à Rússia, remontam a princípios de 1946. Tornou-se imediatamente alvo de veementes ataques da imprensa russa e de um protesto oficial de Molotov: «. . . o inadmissivel procedimento de Mr. Acheson . . . rudemente difamatório e hostil à União Soviética.» Entrementes, dedicava-se o Sub-Secretário à sua maior realização até hoje —a de arquiteto-chefe do Plano Marshall. Posto sobre o taboleiro mundial este desnorteante trunfo político-econômico, Acheson achou que podia, afinal, renunciar e tratar de restaurar a sua própria economia. Foi o que fez, a 1.º de julho de 1947, regressando à sua firma de advocacia.

Mas já no começo deste ano, o Presidente Truman chamou-o de novo à vida pública. Dificilmente outra nomeação de Secretário de Estado terá recaido num homem tecnicamente tão bem preparado para o cargo. Acheson não tem apenas sete anos de experiência multifária no Departamento; durante boa parte do último ano e meio, serviu como vice-presidente da Comissão Hoover, dedicada ao planejamento da reorganização administrativa do país, e teve ocasião de estudar e delinear a reforma do Departamento de Estado. Acheson parece estar filosoficamente preparado para as situações dificeis e transcendentes. Em junho de 1946, tendo manifestado a esperança de que a razão ainda pudesse conduzir a um *modus vivendi* com a União Soviética, acrescentou que «é significativa a denominação que damos aos nossos problemas. Costumamos chamá-los de dores-de-cabeça e acreditamos que nos bastará tomar uma pílula para que eles desapareçam. Mas os males a que nos referimos são de outra índole. Assemelham-se à dor do labutar incessante para a conquista do pão de cada dia, e nos acompanharão até à morte. Precisamos compreender que o perigo, a incerteza, a necessidade de nos mantermos vigilantes, disciplinados, sempre a postos para qualquer emergência, nos acompanharão por toda a existência. Trata-se de uma situação nova para nós, à qual não nos acostumaremos facilmente.»

Sofre de enjôo quando anda de automovel, avião ou navio? A dramamina, há pouco descoberta, evita esse mal-estar em 96 por cento dos casos

Acabou-se o enjôo

(*Condensado de «The Saturday Review of Literature»*)

Horace Sutton

O DR. LESLIE N. GAY, diretor da Clínica de Alergias do Hospital Johns Hopkins, ao procurar a maneira de curar um caso de urticária, descobriu uma nova substância que cura o enjôo dos viajantes em 96% dos casos.

Essa nova droga tem um nome científico quilométrico, mas é comercialmente conhecida por uma denominação muito mais curta—dramamina.

Se o leitor, ao embarcar em um navio, ou dez minutos antes de subir no avião, tomar 50 miligramas desse preparado, o mais certo é que possa comer como um touro durante a viagem, sem nunca deitar carga ao mar... Os comprimidos, pequenos e amarelos, são adquiridos mediante receita médica e custam uma insignificância.

Uma senhora grávida, que o dr. Gay estava tratando dum caso de urticária, tambem sofria de enjôo, sempre que andava de automovel ou de bonde. Depois de haver tomado dramamina, a doente não só se viu livre da urticária, como tambem descobriu que a viagem de bonde, para voltar a casa, deixara de causar-lhe náuseas.

Em face disso, o dr. Gay começou a fazer experiências com a dramamina. Quando percorreu a Europa, o ano passado, realizando conferências, levou consigo um suprimento daquela droga. Pouco depois de o vapor ter zarpado em direção a Londres, já ele andava ministrando o remédio aos componentes da delegação olímpica norte-americana que haviam enjoado. Todos os atletas ficaram aliviados graças à nova droga, e nenhum deles apresentou quaisquer efeitos desagradaveis.

Logo após o seu regresso aos Estados Unidos, o dr. Gay entrou em contacto com o general Omar Bradley, chefe do Estado-Maior do Exército. Mês e meio depois, o dr. Gay e um assistente, o dr. Paul R. Carliner, eram convidados a fazer experiências com a dramamina a bordo do navio-transporte do Exército norte-americano *General C. C. Ballou*, de 13 mil toneladas, estreito e de muita altura acima da linha d'água. O *Ballou*, carregado de tropas que iam render parte das forças de ocupação da Ale-

manha, fez todo o caminho de Nova York a Bremerhaven jogando fortemente, enfrentando os temporais que nessa época do ano são os piores do Atlântico. No dizer de Gay, «nunca se viu coisa semelhante». Doze horas após termos deixado o porto de Nova York, os corredores do navio estavam apinhados de soldados em tal estado, que nem forças tinham para alcançar as privadas. Em uma hora apenas, todos esses homens já se sentiam bem.

Dos 300 casos de enjôo então tratados, 288 registraram completo alívio. Todos os casos de alívio parcial foram considerados de resultado negativo. Quando os homens recuperaram a normalidade, suspenderam-se em certos casos as doses de dramamina. Oitenta e nove deles tornaram a enjoar. Nova aplicação da droga curou em uma hora 84 desses 89. O comandante do transporte, recordando a viagem anterior de Bremerhaven à América, durante a qual fôra necessário ministrar mais de cem injeções intravenosas de solução salina aos soldados deshidratados pelo enjôo, classificou essa travessia experimental do *Ballou* como «um grande momento da medicina». Os soldados submetidos ao tratamento não ficaram menos encantados, e até improvisaram um espetáculo intitulado «Do Horror ao Bom-Humor em 24 Horas».

A descoberta de Gay virá substituir milhares de remédios, uns, fruto de charlatanismo, outros, bem intencionados, que há mais de dois mil anos vinham sendo recomendados para aliviar o enjôo resultante do movimento. Enquanto alguns médicos receitavam sedativos tais como brometo de potássio, outros prescreviam estimulantes, como seja café bem forte, duas horas antes do embarque. Alguns recomendavam ao doente ficar deitado, conservar os pés quentes, comer pequenas quantidades de biscoito seco, ou tomar conhaque fraco, ou soda. Os viajantes experimentados diziam sempre: «O remédio é não olhar para o horizonte e não tomar aspirina.»

A tudo isso, o comentário do dr. Gay é este: «Tome meio comprimido de dramamina no momento em que o navio levanta ferro, e meio comprimido em intervalos de quatro a seis horas. Leve vida normal, coma de tudo, e faça o que bem entender. «A dramamina atua tambem sobre o enjôo de avião, de automovel ou de trem, de «montanha russa», e até mesmo sobre a tonteira ordinária. O enjôo dos viajantes tem sido atribuido aos movimentos do fluido que enche os canais semicirculares do ouvido interno: os surdos-mudos nunca enjoam. De algum modo, ainda desconhecido de Gay e de Carliner, a dramamina atua sobre o líquido dos canais semicirculares, quer seja estabilizando-lhe o conteudo, quer controlando-lhe a pressão.

O dr. Gay tem sido abordado com pedidos de informações do cirurgião-mor da Marinha Sueca, da Real Força Aérea Britânica, e de um faroleiro que sofre um ataque de enjôo todas as vezes que, remando o seu bote, vai a terra para se abastecer de provisões. Marinheiros de carreira confessam em voz baixa que toda a vida têm sofrido de enjôo. Um general, que ficou curado graças à dramamina, escreveu com a sinceridade de quem se viu livre dum empecilho: «Quero agradecer-lhe do fundo do coração, ou talvez fosse melhor dizer, do fundo do meu estômago!»

O dr. Gay, a quem a descoberta dará celebridade mas nenhum dinheiro, lamenta que não haja sido possivel descobrir a dramamina durante a última guerra. Até mesmo o mais moderno dos remédios contra o enjôo, antes da dramamina, tinha sobre os doentes um efeito depressivo, produzindo alucinações e nebulosidade mental, que eram, muitas vezes, piores que o próprio enjôo. Gay é de opinião que «muitos homens que estavam a bordo de navios torpedeados, perderam a vida porque não tinham forças nem para arrastar-se até os barcos de salvamento».

Muitos dos pacientes de Gay, que nunca haviam ousado viajar a grandes distâncias, vão agora a todos os pontos do globo. Pensa o cientista que o efeito da sua droga sobre o turismo vai ser tremendo. «Uma coisa,» diz Gay, «ela vai com certeza trazer para as companhias de navegação: aumento da conta dos seus fornecedores de víveres.»

Arranjo de Kreisler

UMA SENHORA, no restaurante, perguntou ao garção quem era o cavalheiro sentado à mesa vizinha. «Mr. Kreisler,» foi a resposta.

A senhora projetou-se, encantada, para a mesa de Kreisler:

—O senhor poderia dar-me o seu autógrafo? Há tanto que desejava encontrá-lo para dizer-lhe do imenso prazer que nos proporcionou, a meu marido e a mim. Tivemos um dos primeiros automoveis fabricados pelo senhor!

Sorrindo, Fritz Kreisler autografou o cardápio e entregou-o à senhora. O autógrafo dizia: «Com os agradecimentos de Walter P. Chrysler.»

—Theo Lester

A taça ao vencedor

UM PAI de trigêmeos, entusiasmado, escreveu a Teodoro Roosevelt participando-lhe o grande acontecimento. Conhecido encorajador de grandes famílias, o presidente enviou ao homem uma bela taça.

«A taça já me pertence?» escreveu de volta o pai a Roosevelt, «ou terei que conquistá-la três vezes?».

—Merriman Smith, *A President Is Many Men* (Harper, ed.)

Suécia— terra de luz

Ralph Wallace

A Suécia é, aos olhos do viajante, como uma explosão do espectro solar: todos os parques, as margens das estradas e as jardineiras das janelas são uma orgia de flores variegadas, durante o verão de dias longuíssimos; no inverno, as águas dos incontaveis lagos e rios são como jóias incandescentes, refletindo os fogos da iluminação nórdica. Dizemos iluminação, e é assim mesmo: porque a Suécia, com seu vasto sistema hidroelétrico, queima tantos quilowatts por cabeça quanto os Estados Unidos. «A luz é tão barata,» dizia-me um sueco, «e anima tanto o espírito da gente!»

As paredes estucadas dos prédios, nas cidades, são um verdadeiro arco-íris: verde suave, encarnado, amarelo, rosa e roxo...O interior das casas é uma selva delicada, com as paredes revestidas de hera e outras trepadeiras. Em um apartamento de dois andares, vi uma árvore—uma autêntica árvore—plantada no meio da casa, crescendo pela curva da escada acima. «Estamos cá nos confins do Norte,» dizia-me o dono da casa, «mas temos o estio no coração.»

No dia 30 de abril o país inteiro incendeia-se em fogueiras—sobrevivência de um festival pagão com que os naturais saudam o «regresso do sol». A 24 de junho, celebrando o solstício do verão, as cidades da Suécia ficam repentinamente desertas, e as águas cintilantes do golfo e do mar se ponteiam de banhistas que bebem sol por

todos os poros. Após o longo e tristonho inverno, essas férias em massa parecem uma necessidade espiritual. Durante várias semanas é quase impossivel tratar de qualquer negócio.

Contrariamente à opinião geral, a maioria dos suecos tem o cabelo castanho ou negro, e não louro. E, para classificação das mulheres suecas, só há uma palavra: lindas! Só a Nova Zelândia e a Holanda podem ufanar-se de uma duração média da vida humana superior à da Suécia: talvez porque o comum dos suecos se sente pouco inclinado a deixar-se exaltar seja pelo que for. Os homens têm em média 1,75 m de estatura, o que faz deles uma das raças mais altas do mundo.

Geograficamente, a Suécia é um paradoxo vivo. A Corrente do Golfo, com as suas águas tépidas, vai desfazer-se contra as costas ocidentais, e no entanto uma sexta parte do território nacional jaz acima do Círculo Polar Ártico. Comprida e estreita, a Suécia com seus 320 quilômetros de largura e 1.600 de comprimento, é apreciavelmente maior do que a Califórnia.

Viajar torna-se extremamente facil. Dezesseis mil quilômetros de ferrovias, em grande parte eletrificadas, envolvem na sua rede o país inteiro, conjugando-se com elas as linhas de ônibus e de aviões. Os preços dos hotéis—sem dúvida os mais asseados do mundo—começam em cerca de dois dólares e meio por pessoa. Um jantar custa a ninharia de 70 centavos de dolar. A comida, em plena Europa assolada pela fome, é alí assombrosamente abundante, com exceção do *smörgåsbord*, que nos restaurantes de Nova York se tornou uma lenda de prodigalidade, e na Suécia sobrevive somente sob uma forma reduzida, para os turistas.

O que se torna mais dificil é beber. Realistas como são, os suecos não querem nem ouvir falar de «leis secas»,—mas conseguiram complicar de tal forma beber-se um «traguinho», exigindo talões de racionamento e impondo regulamentos, que o consumo *per capita* de bebidas alcoólicas caiu, nestes últimos 30 anos, à metade do que era. Não se pode pedir uma bebida sem encomendar ao mesmo tempo uma refeição; é verdade, tambem, que ninguem obriga o freguês a comer essa refeição... O resultado é, com frequência, (embora nenhum restaurante sueco ouse confessá-lo em público) pôr-se diante do freguês uma coisa chamada «prato de apresentação», que por qualquer razão insondavel, é quase sempre um pouco de *petit-pois*.

É espantoso como a Suécia consegue produzir o suficiente para alimentar uma população de seis milhões e meio, quando se sabe que não chega a 10% da sua superfície a terra aravel. E ainda exporta muitas toneladas de manteiga e de *bacon* para a Inglaterra. Igualmente estranho é o fato de a cultura de batatas, acima do Círculo Ártico, dar 40% mais de rendimento do que no sul da Suécia; os morangos, embora menores, são muito doces. Esses fenômenos resultam de que a atividade biológica das plantas é muito

estimulada pelo sol do Ártico, o qual no verão brilha quase durante 24 horas por dia.

O gênio dos viveiristas suecos, combinado com os extremosos cuidados dos agricultores, aumentou de 60% a produção do trigo e de outros cereais, desde o começo deste século. Os fazendeiros suecos conseguem tirar a média de 28 hectolitros de trigo por hectare, ou seja, quase duas vezes a colheita média dos Estados Unidos e Canadá.

A Suécia extrai da beterraba todo o açucar que consome. Ufana-se de ter mais de uma árvore frutífera por habitante, de um consumo de leite superior ao dos Estados Unidos, e de grandes colheitas de centeio, cevada, batatas e aveia. O milho não se pode cultivar com lucro nessas latitudes; mas o gado engorda à custa de serragem—que os químicos suecos transformam em rações de excepcional qualidade.

O RIKSDAG, o Parlamento representativo da Súecia, é o mais antigo da Europa, datando de 1435. No século XVII os guerreiros suecos haviam ocupado e governavam a Estônia, a Finlândia, metade da Letônia, duas províncias do norte da Alemanha, a Noruega central, e uma vasta área do território onde hoje se ergue Leningrado. Incapaz de manter tamanho império, a Suécia o renunciou, e recolheu-se, faz mais de cem anos, a uma confortavel neutralidade e a um dos mais altos padrões de vida do mundo. «A mesma coisa que os alemães teriam feito,» observava um amigo meu, «se tivessem tido bom senso.»

A Suécia é um estado «tampão» contra o comunismo. Alem de ter aumentado de mil aviões de combate a sua força aérea, desde o fim da guerra, muitos deles guardados em hangares subterrâneos, a Suécia possui um exército excepcionalmente forte e bem armado. Não quer isso dizer que a União Soviética, se estivesse disposta a pagar um pesado tributo de sangue, não acabaria conquistando a Suécia. Mas é significativo o fato de que Hitler, com muito mais poderio aéreo e naval do que a U.R.S.S., duas vezes planejou essa empresa—e duas vezes desistiu dela.

Hoje, o rei Gustavo V—que é, com seus 91 anos, o mais velho monarca reinante, e tambem um dos mais bondosos e inteligentes do mundo—tem mais ou menos a mesma autoridade simbólica do rei da Inglaterra ou, em outras palavras, não tem autoridade alguma, exceto a do imenso respeito que até os mais ardentes socialistas votam às suas opiniões. Durante a recente guerra (nisso estão de acordo quase todos os observadores) a orientação superior do rei, que era diariamente consultado pelo seu primeiro ministro Per Albin Hansson, já falecido, permitiu à Suécia sustar com uma dos mãos a invasão nazista, e com a outra manter a amizade dos aliados.

O rei Gustavo é homem simples e despretensioso. Conversa fluentemente em quatro línguas, fuma cigarros um atrás do outro, e ainda vai muito lesto à caça do alce. Quando o rei tinha 88 anos, vi-o num dia de verão, em Saro, pular do cais à água e nadar para o largo como um golfinho.

A personalidade do rei é profundamente humana. Certo dia, como um potentado estrangeiro, de visita à Suécia, se confessasse admirado de que o rei não tivesse guarda-costas, o soberano sueco retrucou com uma frase que se tornou um epigrama nacional: «Não vê os meus guardas? Pois eu tenho 6.500.000!»

A MARINHA mercante sueca, com os seus 2 milhões de toneladas, rivaliza com a da França e a da Holanda. E os estaleiros da Suécia já têm encomendas para mais 1.600.000 toneladas. A maior parte dessa frota é constituida por modernos navios a motor, entre os quais o *Gripsholm* e o novíssimo *Stockholm*, que é um dos mais belos transatlânticos a motor que sulcam hoje os mares do mundo.

Perto de cem mil suecos são donos de botes a vela ou a motor, o que significa que as águas dos centros de esporte náutico, como Estocolmo e Gotemburgo, estão sempre coalhadas de ageis e pitorescas embarcações. A bicicleta é a um tempo esporte e necessidade, havendo mais de 3 milhões delas—duas pelo menos em cada lar—que são utilizadas na condução para o trabalho.

A Suécia continua sendo—proporcionalmente ao número de habitantes—a nação mais inventiva do mundo. Os seus cidadãos têm oferecido à humanidade invenções tão variadas e importantes como os rolamentos de esferas, a hélice de parafuso, luzes quase perpétuas para os faróis, e os micrômetros Johansson que podem medir até 1/10.000 de polegada—invenção sem a qual nenhuma fábrica de automoveis ou aviões dos Estados Unidos poderia existir.

As cooperativas de consumo, embora originárias da Inglaterra, alcançaram seu máximo aperfeiçoamento na Escandinávia. Nas grandes cooperativas suecas negocia-se com frutos da terra, acessórios para motores, seguros, gêneros alimentícios, casas e até lâmpadas elétricas. Pode-se dizer que todas as cidades e aldeias suecas se orgulham do seu *Konsum*—loja-mercado onde se encontra de tudo. Esses prósperos estabelecimentos transacionam uma quinta parte da alimentação nacional, com um volume anual de vendas superior a 300 milhões de dólares. Os preços são baixos, e mais de um milhão de suecos (aproximadamente, uma pessoa por família) pertencem a grupos cooperativistas.

É igualmente digno de nota que, com exceção dos produtos agrícolas, as cooperativas, apesar do seu meio século de experiência, não eliminaram a iniciativa privada em nenhum ramo de negócio—o que significa muito simplesmente que o realismo do cidadão sueco reconhece que um estado totalmente cooperativista seria uma coisa tão desastrosa quanto um estado monopolista.

POR TRÁS da sua aparência muitas vezes fria ou indiferente, os suecos têm bom coração. As verbas concedi-

das pelo governo para auxiliar a reconstrução da Europa devastada pela guerra somavam mais de 500 milhões de dólares ao acabarem as hostilidades; cerca de 300 mil crianças da Noruega ocupada pelos nazistas receberam, durante a guerra, uma refeição quente por dia, resultado de donativos voluntários. Até à primavera passada, sob os auspícios do falecido conde Folke Bernadotte e da Cruz Vermelha Sueca, cerca de um milhão de refeições haviam sido servidas a crianças subalimentadas de Berlim—ato de assombrosa generosidade, uma vez que Berlim está a cargo dos aliados e não da Suécia. Até Marselha foi brindada com um lar de repouso para crianças convalescentes, donativo da Cruz Vermelha Sueca.

O ato potencialmente mais audacioso da filantropia sueca, foi a criação de um refúgio para mais de 30 mil estonianos e letões que haviam fugido ao domínio dos Sovietes. Diz-se ironicamente na Suécia que esses refugiados oferecem geralmente o espetáculo de uma parada, em que vem primeiro o refugiado, atrás dele um agente da embaixada soviética, à paisana, e em seguida o agente da polícia secreta sueca, que vigia a ambos. A despeito das ameaças da U.R.S.S., a Suécia se recusa firmemente a devolver-lhe um só refugiado que seja.

A filantropia dos suecos, alem de generosa, pode caracterizar-se tambem por um agudo bom senso. Uma das organizações filantrópicas mais prósperas da Suécia, que consagra seus fundos a fins caritativos gerais, chama-se «Fundo das Flores»—porque os suecos mandam para a organização o dinheiro que deveriam empregar na compra de flores para enterros.

Estocolmo tem sido chamada a cidade mais bela do mundo. A sua arquitetura vai do estilo medieval ao ousado estilo moderno. O centro da cidade velha, edificado no século XIV, contem o altaneiro vulto do palácio real e dezenas de antigos edifícios, todos apinhados em uma ilha de ruas estreitas, ao passo que, nas elevações que rodeiam o porto, se erguem magníficas e modernas casas de apartamentos, com varandas para a maioria dos inquilinos.

Estocolmo está envolta numa rede de inúmeros canais, salpicada de lagos que reluzem e cintilam, e dividida por muitos cursos de água que correm dos lagos para o Báltico. Esses cursos de água não são apenas belos, mas utilíssimos, porque sua forte correnteza evita que se gelem no inverno, e nessa estação os caminhões da limpeza pública depositam milhares de toneladas de neve nas suas águas, onde ela se derrete sem demora.

A chegada a Estocolmo, quer seja no inverno, quando o porto fica subitamente encoberto por uma cortina de neve, e não menos subitamente se descobre de novo; quer no verão, quando o sol arranca reflexos caleidoscópicos dos edifícios—é sempre uma experiência empolgante. Não pode haver um visitante que entre ou saia de Estocolmo sem sentir-se comovido até o fundo do coração.

Exemplo modelar de descentralização na indústria, aproximando patrões de empregados e permitindo a estes uma vida melhor

É melhor a fábrica pequena?

(*Condensado de «The Atlanta Journal»*)

Por Edwin Muller

Ao norte da Geórgia, nos Estados Unidos, fica situada Cornelia, cidadezinha de 1.800 habitantes, onde a paisagem é repousante e aprazivel—montanhas azuladas à distância e, mais perto, o verde eterno das terras de pasto banhadas pelas águas do Rio Chattahoochee. A cerca de três quilômetros do lugar vê-se o moderno edifício de uma fábrica produtora de Lumite, novo material plástico de cores vivas, feito de petróleo e sal—fábrica de um andar só, cercada de relvados e arbustos. Aí se observam os resultados dos esforços de um homem no sentido de dar solução a um dos problemas mais espinhosos em matéria de capital e trabalho, isto é, convencer o operário de que ele vale como homem e como trabalhador, e de que os patrões estão cientes disso.

A referida fábrica de Lumite constitui uma divisão da Chicopee Manufacturing Corporation, sediada em Gainesville, a uns 35 km de distância, e esta, por sua vez, é subsidiária da Johnson & Johnson, produtora de ataduras, esparadrapos e grande variedade de artigos de outros gêneros. A Johnson & Johnson controla 41 instalações fabrís espalhadas pelos Estados Unidos, Canadá e outros paises.

Quando visitei, sozinho, aquela fábrica, fui parando aquí e alí para ver as máquinas de perto. Toda vez que me detinha, o operário ou operária a cujo cargo se achava o maquinismo explicava-me a natureza do trabalho em apreço. Todos se interessavam pelo serviço, orgulhosos do produto para cuja manufatura contribuiam.

Fui até o escritório para falar com Harry Purvis, homem ainda jovem, que dirige o departamento de produção; queria perguntar-lhe sobre sua política trabalhista. Soube, porem, que não havia tal coisa. Aliás, Purvis deu-me a impressão de reagir mal à palavra «trabalhista». Para ele, o que havia eram homens e mulheres que trabalhavam na empresa, alguns aos teares, outros às mesas, no escritório. Ao aludir a eles, dizia sempre «nós» em vez de usar a palavra «eles».

A fábrica Lumite, embora proprie-

dade da Johnson & Johnson, é na realidade uma empresa bastante autônoma. Purvis, que por sinal começou a vida junto a um tear, já lá se vão 20 anos, está encarregado de comprar matéria-prima e abastecimentos, adquirir e manter em bom estado a maquinaria, admitir e treinar os operários e fiscalizar a própria fabricação. Na sede da Johnson & Johnson, em New Brunswick, Nova Jersey, ficam apenas o departamento legal e o de contabilidade.

Para os operários, o patrão é Harry Purvis, pessoa acessivel, e não um vago «chefe» que nunca aparece. Para Harry, seus superiores são uma espécie de conselheiros aos quais pode recorrer sempre que precise de assistência.

Quase nunca, porem, pede auxílio. Tratando-se de algum problema referente à própria manufatura, vai consultar os operários. A Lumite é um produto novo, e Purvis conversa frequentemente com os homens incumbidos das máquinas, a propósito de possiveis modificações no processo fabril. Os operários são remunerados pelas sugestões que fazem. É por meio dessas conversas que se resolvem questões do interesse dos trabalhadores: regulamentos de segurança, medidas profiláticas, divisão do pessoal em turnos de serviço, etc.

Qualquer candidato a emprego é acolhido com toda a consideração, como se fosse um freguês. Recebido sem demora no confortavel escritório principal, é tratado com cortezia quer haja vaga quer não. Se houver vaga, é levado a Harry Purvis e recebe um «curso de instrução», aprendendo o que é a companhia, o produto, suas finalidades, o processo de seu fabrico. Em seguida é informado das funções que lhe caberão e do lugar que ocupará entre os demais.

Há um elemento dinâmico em todas as funções dos operários, pois vigora alí a premissa de que há sempre uma maneira melhor de levar a cabo certa e determinada tarefa. Cumpre aos operários descobrir essa maneira.

Na manufatura da Lumite, as operações de pura repetição de movimentos vão sendo relegadas, cada vez mais, às máquinas automáticas. A função primordial do operário consiste em fiscalizar a máquina, e é preciso que ele realmente a entenda.

Os operários acabam conhecendo muito bem não só os seus colegas como o serviço de cada um, aprendendo a distinguir entre os de primeira categoria e os medíocres. Purvis, aliás, está a par de tudo isso: se, por exemplo, descobre que um operário incumbido da calandragem tem jeito para engenharia, providencia afim de que a empresa o ajude a matricular-se numa escola especializada.

Seria bem dificil, numa grande fábrica, esse espírito de cooperação entre patrão e operários. É por isso que a Lumite jamais será uma fábrica gigantesca, embora suba astronômicamente a procura do produto. A companhia poderia expandir-se a ponto de duplicar seu atual número de operários (226), mas não lhe seria permitido ir muito além desse limite. Se houvesse necessidade, a firma se dividiria—da mesma forma pela qual a Lumite se separou da Chicopee—formando uma entidade à parte.

Quando a Lumite se desligou da Chicopee, Harry Purvis trouxe de Gainesville uns 30 operários-chaves. Os restantes foram recrutados por alí mesmo, geralmente entre filhos de fazendeiros. Alías, quando se tornam industriários, os rapazes do campo continuam, nas horas vagas, a ajudar suas famílias na lavoura.

Na Lumite, o trabalho é de oito horas diárias, cinco dias por semana. Assim sobra bastante tempo para as lides agrícolas; a rapaziada planta legumes, cria galinhas e, às vezes, algumas cabeças de gado, e em geral come do que produz. Dividindo assim suas atividades entre a indústria e a agricultura, o operário adquire uma independência bem apreciavel. Caso perca o emprego, não será uma catástrofe. É isso, justamente, o que desejam Purvis e seus superiores. Já ficou provado que, quanto mais independente seja o operário, menos probabilidades terá de largar o emprego. Segundo acreditam os diretores da Johnson & Johnson, o que leva um homem a mudar frequentemente de trabalho é a insatisfação com o emprego e com a vida—e daí provêm, em muitos casos, as greves e os conflitos trabalhistas.

Talvez Harry Purvis e os outros administradores ganhem mais que os operários e morem em casas melhores, mas trabalham ao lado deles nas mesmas obras de carater social ou religioso, e os filhos de uns e outros matriculam-se nas mesmas escolas. E quando Purvis vai pescar, é provavel que leve consigo um dos operários. São essas coisas que contribuem para apagar quase por completo as diferenças entre o capital e o trabalho.

A Lumite não é, em absoluto, um paraiso da indústria na terra. Em todo caso, quem lá trabalhe, entra e sai satisfeito todos os dias. E isto produz bons resultados: a Lumite nunca sofreu greves nem quaisquer outros atritos sérios.

Abstive-me, por enquanto, de mencionar Robert Johnson, porque ele próprio evita aparecer. Ele, porem, é a alma desse projeto que se tornou bela realidade.

O general Johnson (conquistou a patente na última guerra) herdou o controle da Johnson & Johnson há 23 anos, época em que a companhia restringia suas atividades quase inteiramente às instalações de New Brunswick, já mencionadas. À medida que a empresa foi crescendo, decidiu afastar-se da tendência para grandes expansões industriais, com direção centralizada. Resolveu descentralizar o mais possivel. Assim, construiram-se novas fábricas em outros locais do mesmo estado, em outros estados e em outros paises.

É claro que não cabe à Johnson & Johnson a exclusividade da descentralização na indústria. Há indústrias em que isto não seria viavel, mas na maioria das fábricas pode e deve ser alcançado, e as mais progressistas já vêm adotando o sistema. Robert Johnson adiantou-se, todavia, aos ou-

tros, num ponto: descentralizou não somente os processos fabrís, mas tambem a direção da empresa.

O caso da Johnson & Johnson indica que o problema da inquietude entre os trabalhadores pode ser resolvido dentro da estrutura da tecnologia moderna; que não é necessário os governos imporem soluções; que estas são encontradas na cooperação entre patrões e empregados, e que a fórmula é simples: o operário precisa estar contente não só com o trabalho, mas tambem com a sua maneira de viver.

Estrategistas

POUCO DEPOIS de terem chegado novos inquilinos para a casa ao lado da nossa, encontrei na minha correspondência um envelope endereçado a eles. Fui levá-lo, imediatamente, e travei conhecimento com os recem-chegados. Um ou dois dias depois, vi outro vizinho fazer a mesma coisa. Na manhã seguinte, chamei a atenção do carteiro para os repetidos equívocos na entrega da correspondência.

—O senhor já conheceu a gente nova? perguntou-me, com um olhar significativo.

—Já, respondí. —É um casal muito simpático.

—Não há melhor maneira de fazer as pessoas se conhecerem, concluiu o carteiro, com um sorriso de satisfação.

—G. S. Anderson

COMO A maioria das mulheres, ela vivia pedindo ao marido que a ajudasse a mudar os moveis de lugar. Quando a esposa foi passar alguns dias com os pais, o marido achou que era chegado o momento de pôr fim à incômoda mania. Mandou mudar o papel de todos os quartos e salas da casa, de acordo com instruções muito especiais.

A esposa mostrou-se encantada com a redecoração da casa mas, minutos depois, já lhe pedia que a ajudasse a mudar o sofá de lugar. Quando arredaram a pesada peça, não conteve uma exclamação de desgosto. Atrás do sofá, a parede não fôra coberta—nem tãopouco atrás dos outros moveis!

—Eugene Salmi

UM CONHECIDO meu, corretor de seguros, sempre que vê nos jornais a fotografia de algum jovem nomeado para cargo de importância, corta-a cuidadosamente e manda retocá-la de forma a fazer com que o jovem aparente 65 ou 70 anos. Depois, vai ao escritório do jovem, e manda-lhe entregar o retrato retocado, com o seguinte bilhete: «Que é que V.S. pretende fazer por este ancião?»

De cada três pessoas visitadas, uma faz logo um seguro que lhe garanta uma pensão na velhice.

—Anúncio de *Parade*, na revista *Tide*

Flagrantes da vida real

NAS GRANDES cidades norte-americanas há os chamados *sight-seeing buses* —ônibus especiais para mostrar aos forasteiros, por certo preço, as atrações turísticas do local. Certo dia, em Salt Lake City, vi o chofer de um desses veículos, rapaz jovem ainda, parado na calçada, procurando atrair fregueses. Daí a pouco surgiu uma senhora avoenga em trajes arcaicos e pitorescos; alta e graciosa, envergava um vestido de renda preta que lhe ia até os tornozelos, mal deixando ver seus sapatos antigos de botão. Sobre os ombros levava um chale de crochê, e na cabeça um vasto chapéu negro enfeitado com uma única rosa que balançava para cima e para baixo, à medida que a mulher andava.

O chofer, todo animado, propôs:

—A senhora quer ver alguns dos aspectos mais interessantes da cidade?

Ela então, com a maior dignidade, respondeu:

—Moço, um dos aspectos mais interessantes da cidade sou eu mesma.

—M.C.

TODO sábado à tarde vovô se postava junto ao rádio para ouvir a irradiação da ópera, mas naquele dia não apareceu. Passamos o tempo todo preocupadíssimos, a indagar daquí e dalí, e estávamos a pique de telefonar à polícia, quando a porta se abriu e ele entrou tranquilamente.

—Onde foi que o senhor esteve? perguntamos, ansiosos.

—Ora, fiquei cansado de ouvir ópera, replicou vovô com indiferença. —Resolví ir ao teatro e pedir um lugarzinho no palco. Não só me deram um dardo para carregar de um lado para outro, como tambem me deixaram cantarolar um bocadinho...

—L.W.

MEU MARIDO e eu caminhávamos pelas ruas de nossa cidadezinha à hora do crepúsculo, em pleno verão, quando vimos dois homens, evidentemente forasteiros, parados a admirar o majestoso sol poente que coloria todo o horizonte montanhoso.

—O poente aquí é sempre bonito assim? perguntou um deles.

—Quase sempre, respondí.

—Puxa! Para uma cidadezinha deste tamanho, é admiravel! —R.H.A.

TOMEI um taxi do aeroporto de Toledo para a cidade, com mais quatro

passageiros, e, quando nos pusemos a caminho, o chofer, virando-se para trás, deu a cada um de nós um charuto cintado com uma etiqueta que dizia «Já nasceu—e é menino!» Demos-lhe parabens efusivos, e quase todos lhe oferecemos gorgetas especiais.

Naquela mesma noite fui jantar num restaurante, e contei ao grupo que estava comigo a história do motorista. Daí a pouco, um senhor, sentado a uma mesa próxima, dirigiu-se a mim, dizendo:

—Com licença. Não pude deixar de ouvir o que o senhor contou, e devo dizer-lhe que eu e minha senhora tambem chegamos ontem e viemos do aeroporto num taxi que só pode ter sido o mesmo. Ontem o bebê era uma menina... —W.S.

QUANDO minha filha se casou, «emprestei-lhe» a Maria, nossa empregada, para ajudar o jovem casal nas primeiras semanas em sua casa recem-construida. Maria, porem, não se sentiu à vontade na cozinha ultramoderna—verdadeiro laboratório todo brilhante de cromo e verniz. Olhou com certo pavor o «fogão dinâmico com termostato e controle unificado de temperatura»; com respeito, mas sem admiração, contemplou a máquina de lavar roupa e pratos com «retrocesso elétrico». Daí a três dias, lá vinha Maria para minha casa outra vez, a despeito de todos os rogos do casal. Havia dado à minha filha a seguinte explicação:

—A senhora não precisa de cozinheira, não! A senhora quer é um engenheiro, isto sim. Cruz, credo! A gente bota uma coisa onde não deve, e lá sai a carne torcida, prontinha para passar a ferro. Não senhora! Fiquei parada ontem vendo trabalhar aquelas máquinas complicadas, e falei cá comigo: «Cai fora daquí Maria. Esses aparelhos para poupar trabalho cansam muito a gente!» —G.R.B.

NO VERÃO do ano passado fui à Nova Inglaterra, onde fiz amizade com um velho marujo que, em seus 50 anos no mar, circunavegara o globo várias vezes e ainda tomava o avião frequentemente para ir a Nova York. Uma tarde estávamos sentados na varanda da casa dele, quando parou na estrada um automovel e a senhora que o guiava perguntou qual era o caminho para uma cidade situada a uns 50 quilômetros de distância dalí.

—Não sei, não senhora, respondeu o velho lobo do mar.—Para lhe dizer a verdade, nunca saí deste povoado em minha vida.

Depois que o carro se afastara, indaguei:

—Por que foi que você mentiu desse jeito?

—Ora, eu sempre minto assim. Em primeiro lugar, o rapaz do posto de gasolina sabe informar melhor. Alem disso, imagine o entusiasmo dessa gente quando volta para casa e conta a todo o mundo que conheceu um velho pitoresco na Nova Inglaterra! —J.G.

A economia da U.R.S.S. talvez seja menos sólida do que se imagina.

COMO VÃO AS COISAS NA RÚSSIA?

(*Condensado de «The Atlantic Monthly»*)

Por John Baker White

PARA se ter um quadro exato da situação da indústria soviética, é necessário reunir mil e uma informações esparsas e juntá-las cuidadosamente como se fossem as peças de um gigantesco quebra-cabeças, descartando sempre aquilo que não merecer fé ou não puder ser documentado. A conclusão a que se chega é a seguinte: apesar dos aumentos consideraveis na produção e do progresso substancial na reparação dos danos causados pela guerra, há pontos de consideravel debilidade na estrutura industrial da Rússia de hoje.

Os dirigentes da economia soviética estão particularmente preocupados com a crise verificada na produção da indústria leve. No ano passado, quando o rublo foi revalorizado, provocando o consequente reajustamento de preços e salários, os líderes soviéticos compreenderam a necessidade de expandir consideravelmente a produção de artigos de consumo, afim de manter incentivados os trabalhadores. Um relatório russo assegura que a produção da indústria leve em 1948 excedeu em 6% o alvo preestabelecido. É possivel que assim seja, mas uma parte consideravel da produção foi declarada imprestavel.

Na seção do Conselho de Representantes dos Trabalhadores de Moscou, reunido em dezembro último, ouviram-se varias críticas à má qualidade das mercadorias. Prosorov, um dos vice-presidentes, declarou que «em muitos casos se evidenciara a qualidade inferior». Cheprakov, Ministro da Indústria Leve, referiu-se a «deficiências graves». O *Pravda* de 10 de dezembro de 1948 taxou de «absurda e ridícula» a situação, afirmando existirem mercadorias no valor de milhões de rublos encalhadas nas lojas porque ninguem as queria comprar. O jornal advertia tambem os diretores das fábricas de que se as condições não melhorassem, eles, «sem dúvida, travariam conhecimento com as leis soviéticas, que cominam severas penas para os responsaveis pela produção de baixa qualidade». Foi o que aconteceu.

A Promotoria Pública do M.G.B. (Ministério da Segurança do Estado) agiu com rapidez e rudeza, divulgan-

O TENENTE-CORONEL John Baker White representou a Inglaterra em várias conferências internacionais em Genebra e é o autor de *Red Russia Arms*, *A soldier Dares to Think* e *The Soviet Spy System*. Diretor da Liga Econômica de 1926 a 1945, especializou-se no estudo do rearmamento alemão. É membro do Parlamento britânico desde 1945.

do, pouco depois, os resultados da investigação. Eis alguns dos exemplos típicos:

Oficinas de Fundição Mecânica, Leningrado. Produção sistemática de artigos de baixa qualidade. Escopros enviados a outras fábricas foram considerados imprestaveis. As chaves-inglesas ajustaveis tinham as roscas encravadas e as cabeças frouxas. O diretor Garibyan e o engenheiro-chefe Glinchikov foram condenados a ficar «privados de liberdade» por cinco anos.

Oficina de Costura, Moscou. Produção reincidente de roupas para homens, impossiveis de usar. O diretor Tarachkov foi sentenciado a cinco anos de prisão.

Mina de Carvão, Província de Stalin. Produção de carvão contendo alta percentagem de cascalho. O gerente Anisimov foi condenado a cinco anos de prisão.

Indústrias Reunidas de Makeyevka, Província de Stalin. De 7.770 rodas de cultivadores entregues à oficina metalúrgica de Mariupol, apenas 217 não tinham defeitos. O engenheiro-chefe Chvdakov e o chefe do Departamento de Controle Técnico, Radchenko, receberam ambos a pena de cinco anos de prisão.

Os casos que acabamos de citar estão longe de esgotar a lista e o inquérito sobre as causas da má qualidade da produção continua a ser feito em numerosas fábricas da União Soviética.

Há provas concretas de ineficiência em muitos outros campos. No inverno passado, um editorial do *Pravda* referiu-se à «situação intoleravel» existente na indústria da madeira, sobretudo no setor dos transportes.

Surgiram tambem dificuldades por ocasião da colheita de algodão no ano passado. Um relatório datado de 18 de novembro último, informou que «havia sério perigo de perda de grande parte da safra, devido às demoras verificadas na colheita. Os chefes do Partido nas Repúblicas de Uzbek, Kazakh e Kirghiz não estão tomando as providências necessárias... No Distrito de Tashkent, por exemplo, há um grande número de agricultores que não estão tomando parte na colheita do algodão, e os que o estão, apenas executam metade das tarefas que lhes são confiadas. Igual situação prevalece em toda a Província de Fergan.» Esta crise, que parece ter origem na resistência passiva dos camponeses, foi finalmente superada mediante o emprego de brigadas de choque de trabalhadores.

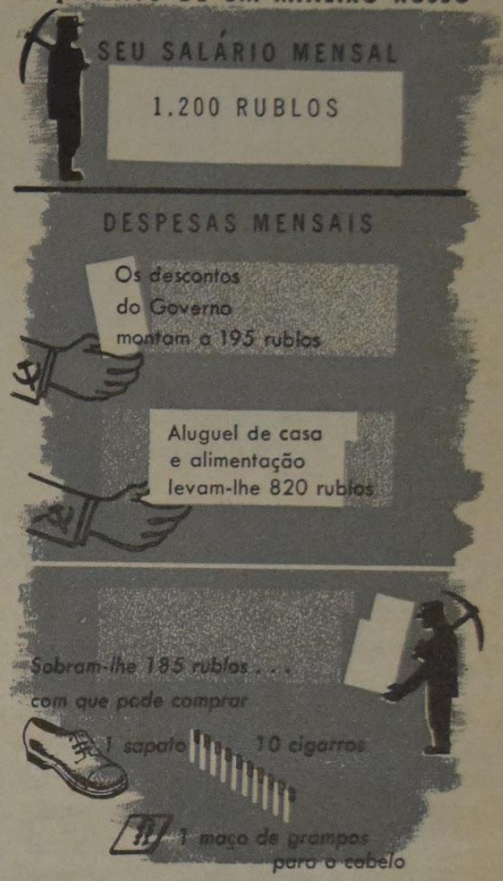
O desperdício de material devido à precariedade do planejamento e dos métodos de produção não seria tolerado, nem por uma semana, na indústria britânica ou norte-americana. A extensão desse desperdício é evidenciada nos relatórios sobre os progressos alcançados nos últimos tempos. Nove meses após a instituição, pelo Ministério da Industria Leve, de uma campanha contra o desperdício na província de Sverdlovsk, foi economizado material suficiente para a manufatura de mais 392 mil pares de botas, 168 mil peças de roupa de malha e dezenas de milhares de casacos e outras vestimentas.

Um estudo da indústria siderúrgica soviética, baseado no confronto da produção com o número de operários, revela que a organização do trabalho é deficiente. Mediante o uso dos métodos ingleses de produção, o rendimento de muitas fábricas poderia ser obtido com apenas dois terços dos operários. O atraso em que se encontram muitas indústrias soviéticas comparadas às norte-americanas ou às da Europa ocidental, é indicado pelo orgulho com que anunciam melhoramentos adotados muitos anos antes nos paises capitalistas.

Não há igualdade comunista nos salários pagos pelo Estado. A seguinte tabela foi compilada exclusivamente de publicações oficiais soviéticas:

Salários Mensais	*Rublos*
Doutor em História, Academia de Ciências	8.000
Palhaço de Primeira-classe, Circo de Moscou	6.000
Engenheiro-chefe de mina	4.000
Professor primário	1.200
Foguista experimentado	900
Eletricista	800
Guarda-livros	800
Operária sem grande experiência, em serraria	500
Foguista sem grande experiência	260
Aprendiz de serraria	200

Estas cifras só adquirem real significação quando as comparamos com os preços das mercadorias nas lojas do Estado. Um par de sapatos, de qualidade inferior, custa 300 rublos; uma roupa feita, de homem, de 600 a 700 rublos; um vestido, 400 rublos. O preço da carne de vaca chega a 200 rublos o quilo no «mercado livre»; os cigarros custam 2 rublos cada um,



uma caixa de fósforos até 20 e um maço de grampos para o cabelo, 15 rublos.

Muitas das deficiências e dificuldades da indústria russa são provavelmente devidas à exhaustão física e mental do proletariado. A recuperação que vem sendo conseguida desde 1945, impôs aos trabalhadores um esforço sem precedentes na história do próprio Estado Comunista. O plano soviético de obter o máximo rendimento de cada indivíduo é extrema-

mente simples—e deshumano. Para cada trabalhador, fixa-se certo «rendimento normal» sem o qual não faz jus ao salário mínimo. Os preços dos gêneros alimentícios e dos artigos essenciais são fixados num nivel que torna impossivel viver apenas com tal salário. É, portanto, indispensavel que o operário exceda o «rendimento normal» não apenas um ou dois dias por semana, mas todos os dias, o ano inteiro. Quando o Estado deseja aumentar ainda mais a produção, ou eleva o rendimento exigido ou aumenta o preço dos artigos de primeira necessidade.

A economia soviética repousa tambem, por outro lado, na exploração de uma grande massa de presidiários. Ninguem, a não ser o Ministro da Segurança do Estado, sabe a quantos milhões se eleva o número desses trabalhadores-escravos. Não têm salário de espécie alguma e as rações que recebem apenas chegam para mantê-los vivos. Alem dessa forma de trabalho, o Governo soviético adotou recentemente um sistema quase idêntico ao da Frente do Trabalho nazista. Jovens russos são convocados para servir em acampamentos onde recebem instrução pre-militar e são empregados em construções de interesse nacional. Constituem as chamadas «Reservas do Trabalho do Estado», força movel que é utilizada como brigada de choque e transferida rapidamente de uma função para outra.

Ao observador estrangeiro, parece que o ponto vulneravel da economia russa é o esforço excessivo exigido das classes trabalhadoras. O proletariado não tem meios para protestar contra o ritmo acelerado imprimido à produção, pois os sindicatos fazem parte da própria engrenagem governamental. O operário não pode, sequer, tomar uns dias de descanso, pois se não alcançar o rendimento mínimo não terá o que comer, e se faltar dois dias ao serviço correrá o risco de passar seis meses num campo de trabalhos forçados.

Em tais condições, o operário comum, forçado a competir em produção com o trabalhador-escravo, pode dar um apreciavel rendimento por muito tempo, mas quando ele chega ao limite da resistência, sobrevem geralmente o colapso completo do esforço produtivo. Há indícios—embora ainda imprecisos—de que certos setores do proletariado russo se aproximam desse limite da resistência. Se tal acontecer, mesmo em uma ou duas indústrias-chaves apenas, toda a fisionomia do plano econômico soviético se transformará, rápida e profundamente.

Assim é facil

A MELHOR maneira de se aproveitar bem um jardim consiste em pôr um chapéu de palha de aba larga, roupas leves e folgadas, ter numa das mãos uma pá e na outra um refresco gelado, e indicar a alguem onde deve cavar.

—Charles Barr, citado por Frances Rodman, no *New York Times Magazine*

A família Caperelli conseguiu criar um lar em ambiente que lhe era por certo bem hostil

COLONOS NA VIZINHANÇA

(*Condensado de «The American Magazine»*)

Por William Drake

OS NOVOS moradores cairam entre nós num lindo sábado de primavera, em 1941. Esta nossa povoação é uma típica localidade semi-urbana da classe média, cujos habitantes são na maioria gente de «colarinho e gravata». Nessas condições, os recem-chegados Caperellis tornavam-se o que há de menos desejavel.

Papai Caperelli, homem de 50 anos e de físico possante, com uma cabeleira ondulada e olhos negros faiscantes, fez recuar o caminhão decrépito para entrar no lote vizinho ao nosso, e deu a mão para ajudar a mulher a descer. Então, da retaguarda do caminhão, vimos sair em cascata mais nove Caperellis—homens, mulheres e crianças—e, com eles, ferramentas, madeira velha, uma barraca, utensílios de cozinha, cestas com comida, um barril de cerveja, um rádio portatil, e um cachorro de aparência pouco recomendavel!

Soltando gritos de júbilo, os Caperellis se es-

palharam por sobre o terreno da sua nova propriedade. Era quase meio hectare de verdadeira selva, pantanosa em certos pontos, coberta de densa vegetação de roseiras silvestres e de arbustos enfezados, mas os Caperellis tinham morado em um bairro pobre de uma grande cidade, desde que chegaram da Itália, cinco anos antes, e agora, ávidos de natureza, agarravam punhados de terra que esfarelavam entre os dedos, falando todos ao mesmo tempo numa algazarra tremenda.

Em seguida, armaram a barraca, fizeram uma fogueira enorme, tiraram as comedorias das cestas, abriram o rádio bem alto, e durante todo o dia cantaram e se divertiram. Quando a noite caiu, dividiram-se em duas turmas, e dormiram uns na barraca, outros no caminhão.

No dia seguinte, antes do anoitecer, tinham erigido no seu terreno uma rude cabana de papel alcatroado. Os vizinhos indignados, gente da classe média a cambar para a alta, reuniram-se em assembléia de protesto. Mas, depois de muito deblaterar, chegou-se à irremediavel conclusão de que ninguem podia impedir os Caperellis de fazerem o que muito bem entendessem em seu próprio terreno.

A família de imigrantes constituiu assim o seu reino pequenino e isolado em meio de um mundo hostil—Papai Caperelli, porem, compreendendo ser um dever cívico, ofereceu-se para fazer parte da nossa brigada de bombeiros voluntários. Foi recusado. «Demasiado velho,» disse o chefe.

Todas as manhãs, durante a semana, os Caperellis adultos saíam no caminhão para ir trabalhar em uma obra, onde ganhavam bons salários. Quando regressavam, à tarde, descansavam apenas o tempo suficiente para o jantar que Mamãe Caperelli preparara numa fogueira, e lançavam-se ao trabalho com denodo—arrancando raizes, assentando as manilhas, e escavando para o alicerce da futura residência.

E as mulheres mourejavam não menos do que os homens. Fizeram um vasto jardim, ajudaram a cavar os alicerces, e construiram galinheiro, casa para os coelhos e abrigo para uma cabra.

A família trabalhava em comum todos os domingos desde o romper da manhã até ao escurecer. Até os gurís da família manejavam as pás e enxadas, e mais tarde ajudaram a misturar o cimento. Nunca em minha vida conhecí uma família, mesmo nas estações de veraneio mais caras, que fosse capaz de divertir-se tanto como aqueles Caperellis, quando trabalhavam em meio de brados atroadores e canções em coro!

Chegado o tempo do frio, eles tinham completado a construção de um amplo porão e instalado água, gás e eletricidade com as suas próprias mãos. Isso lhes permitiu passarem a viver dentro de casa.

Nem a guerra conseguiu deter aquela atividade de pioneiros obstinados. Giuseppe, Rocco e Vincent foram convocados, e o tio Domenico arranjou emprego em uma fábrica de material de guerra. Ficou o Papai Caperelli

sozinho com as mulheres e as crianças, mas assim mesmo se foi erguendo, acima do porão, a estrutura de dois andares de blocos de cimento. Depois, Mamãe Caperelli, Rosa e Juanita ultimaram a cobertura do telhado, enquanto os gurís içavam os materiais de construção com cordas e roldanas.

Alguns dos vizinhos murmuravam entre dentes que era indigno, próprio de gente de classe inferior, as mulheres darem o espetáculo de trabalhar daquela maneira; mas eu tenho a impressão de que as distantes antepassadas desses vizinhos tambem não se tinham recusado a ajudar seus maridos, colocando a cobertura de suas cabanas.

Algo, porem, aconteceu logo depois, que veio determinar na comunidade uma franca mudança de atitude.

Certa manhã, a tragédia bateu à porta toda branquinha dos Bradleys, casal já idoso que morava em frente aos italianos. A senhora Bradley sofreu uma hemorragia cerebral, e o marido, que já estava entrevado pelo artritismo caiu sem sentidos ao tentar locomover-se da cama para o telefone. O mais que pôde fazer antes de desmaiar foi bater na vidraça de uma janela, e gritar por socorro.

Os Caperellis ouviram-no gritar, e correram em auxílio. Ajudaram a conduzir a sra. Bradley ao hospital, e o tempo que ela esteve ausente fizeram todo o trabalho doméstico por ela e cozinharam para o semiparalítico. Nem um centavo as mulheres da família Caperelli quiseram aceitar por seus serviços; «Então pra que servem os vizinhos,» dizia Rosa, «se não pra ajudar uma pessoa num caso de necessidade?»

Passado tempo, poucas semanas antes de acabada a guerra, Vincent Caperelli morreu na frente do Pacífico. A notícia, quero crer, deixou todo o mundo um tanto envergonhado na nossa vizinhança.

Quando os outros rapazes regressaram da guerra e o tio Domenico voltou da fábrica de armamentos, ergueram-se as paredes de uma segunda casa, esta para o filho Giuseppe e sua mulher.

Mas o que realmente galvanizou, comoveu, surpreendeu e satisfez a nossa cidadezinha, foi a fase final dos empreendimentos construtivos dos Caperellis. O verão passado, Papai Caperelli comprou uma montanha de tijolos de segunda mão. Vinham ainda cobertos de argamassa seca, e à primeira vista não prestavam para nada; mas a família inteira meteu mãos à obra, afanosamente, separando os tijolos uns dos outros e limpando-os da argamassa. A pequena Angelina raspava os tijolos um por um com uma escova de aço, e Fernando, o de 3 anos, limpava-os criteriosamente com uma vassourinha.

Em seguida, Papai Caperelli, ajudado pelos filhos, começou a aplicar um revestimento novo aos seus prédios. Os tijolos usados tinham uma contextura suave, que falta aos tijolos novos, e aqueles horrores de ontem se transformaram em lindas casas.

Desde então, eles construiram duas garages duplas, onde guardam os três automoveis que hoje possuem, alem

do caminhão; plantaram grama, flores e arbustos decorativos. Ambas as casas são muito espaçosas, e se conservam imaculadamente asseadas. Cada uma tem dois banheiros, máquina de lavar roupa, refrigerador e congelador doméstico. Onde, faz agora oito anos, encontraram uma selva, os Caperellis possuem hoje, livre e alodial, uma pequena propriedade que deve valer bem uns 50 mil dólares.

Mas isso não é tudo: não menos importante é o lugar que eles souberam conquistar no respeito e afeição da sua comunidade. São hoje aceitos por todos, como aquilo que são de verdade: bons vizinhos e bons cidadãos. Dois dos membros da família pertencem ao Corpo de Bombeiros Voluntários.

Quanto aos pequenos, foram prontamente aceitos como companheiros pelos nossos filhos e os filhos dos outros vizinhos. Tony, que está agora no ginásio, quer ir para uma universidade estudar arquitetura, e Angelina tem esperança de tirar diploma de enfermeira.

Os Caperellis são hoje, portanto, membros plenamente acatados de uma comunidade que de começo os hostilizou. E, com franqueza, nós ganhamos com isso muito mais do que eles...

A difícil arte do diagnóstico

Os médicos norte-americanos ainda falam de um caso aparentemente incuravel de esquizofrenia curado por Edward Strecker, professor de psiquiatria da Universidade da Pennsylvania, na presença dos seus alunos.

O dr. Strecker levava, certa vez, meia dúzia de estudantes em visita ao pavilhão de Doenças Nervosas e Mentais do Pennsylvania Hospital. Aproximaram-se da cama de Laura, que se achava internada havia mais de quinze anos, perseguida pela obcessão de se encolher toda até ficar como se fosse uma bola. Tinha de ser alimentada à força e havia três anos que não pronunciava uma só palavra. «De acordo com as características da doença», explicou o professor, «Laura conseguiu isolar-se inteiramente do mundo exterior. Não sabemos o que a terá levado a esse extremo mas, segundo a teoria de Freud, ela regrediu à infância e está procurando voltar à posição do feto.» Nesse momento, chamaram o dr. Strecker ao telefone.

Laura ergueu a cabeça, viu-o sair da sala e falou: «Vocês já ouviram asneira maior?» Depois dessa reação, começou a restabelecer-se tão rapidamente que pôde deixar o hospital no fim de poucas semanas. Levou, daí em diante, uma vida normal e morreu dez anos depois, de uma afecção cardíaca.

—Greer Williams, em *The Saturday Evening Post*

A preferência das donas de casa pelos vestidos feitos por elas próprias aumenta tremendamente a venda de fazendas, moldes e máquinas de costura

Renasce a costura no lar

(Condensado de «Vogue») *Por Eleanor Lake*

O hábito de coser em casa que, com a invasão das roupas feitas, poucos anos antes da guerra, parecia estar desaparecendo, tomou novo impulso de 1939 para cá. Milhões de mulheres que não conheciam a diferença entre pregas e ilhoses agora falam em embutidos, *ruches*, *raglan* e outras complicações, com a autoridade de especialistas, e sabem julgar a qualidade das fazendas tão bem quanto suas avós.

Nos mil centros de costura mantidos pela Companhia Singer, nos Estados Unidos, há bem meio milhão de senhoras frequentando cursos de corte e costura, de 16 horas de duração. Há um centro em Nova York que tem 19 classes para mocinhas, enquanto que outro, cujos cursos são para adultos, têm uma lista de espera de dois meses, para matrícula. E num terceiro, na Califórnia, surgiu um dia uma noiva com suas damas-de-honra, que foram fazer os próprios vestidos para a solenidade. Há casos de mães e filhas que frequentam o mesmo curso e fazem vestidos umas para as outras.

Esse entusiasmo das costureiras-amadoras fez com que as vendas de tecidos triplicassem de 1941 para cá, deixando as fábricas de máquinas de costura—que aumentaram suas vendas de 50% desde 1940—em apuros para conseguir atender ao acúmulo de encomendas. Fez igualmente subir a venda de moldes de 44 milhões em 1939, para mais de 100 milhões no ano passado.

Nas escolas secundárias norte-americanas a costura tomou o lugar da arte culinária como matéria predileta nos cursos de economia doméstica, e mais de meio milhão de jovens pertencentes a clubes rurais estão aprendendo a fazer seus próprios vestidos. As seções dos jornais que tratam de costura recebem um número seis ve-

zes maior de cartas do que as de culinária ou de conselhos de beleza.

As fábricas de tecidos verificaram que em 1948 venderam mais a particulares do que à indústria de roupas feitas, antes tão importante; só naquele ano, 400 milhões de peças de vestuário haviam sido feitas em casa. Em vez de empilhar as fazendas num canto escuro, as lojas agora as expõem de maneira atraente, em salas decoradas com gosto, numa profusão de espelhos e balcões—fazendas modernas como jersei imitando pele de leopardo, tecidos sintéticos, tecidos com fios de alumínio e outros.

Em muitas cidades, as mais importantes lojas de departamentos têm andares inteiros dedicados às costureiras, onde se encontram desde miudezas (linhas, fechos *éclair*, etc.) até máquinas de costura e especialistas para auxiliar as principiantes. Na casa Wanamaker, de Filadélfia, por exemplo, há um centro para escolares, com seis máquinas à disposição delas depois das aulas, mesas para cortar e escaninhos com chave para guardar o trabalho inacabado. E uma loja de certa cidadezinha do Sul anuncia que a dona de casa pode entrar de combinação e sair com um traje completo, feito por ela própria.

As máquinas de costura modernas franzem, pespontam, pregueiam, serzem, bordam, fazem bainhas e casas, e costuram até por cima de alfinetes (o que evita o trabalho de alinhavar as costuras retas). Coisas como o marcador de bainha automático, as tesouras de picotar e o sistema dos alfaiates de alinhavar com linhas de côr, seguindo as instruções do molde, usadas antigamente só pelos profissionais, hoje fazem parte dos apetrechos e técnicas de qualquer amadora.

Mais de 250 mil senhoras já adquiriram manequins de matéria plástica. Aquecida a certa temperatura, a matéria plástica é moldada sobre o corpo, reproduzindo-lhe a forma com exatidão.

Todas as grandes fábricas de moldes têm especialistas que viajam pelo país todo, fazendo palestras e organizando desfiles de modas nas lojas mais importantes. É comum a assistência chegar a mil ou 1.500 mulheres. Numa loja de Chicago já se formaram 150 mil senhoras em vários cursos de costura.

Os moldes, então, têm evoluido imensamente desde o dia em que foram postos à venda pela primeira vez, há 75 anos. Esses pedacinhos de papel de seda que as donas de casa hoje espalham na mesa de jantar são o resultado de milhares de estudos científicos sobre o corpo humano. E hoje é tão facil usar moldes quanto seguir uma receita culinária já experimentada e aprovada.

Costurar em casa constitui uma grande satisfação. Permite à mulher moderna criar para si algo original. Um modelo novo é como um desafio à habilidade de quem costura, do mesmo modo que uma receita nova o é para a boa cozinheira—e, ao passo que as obras-primas da arte culinária desaparecem no curso do jantar, as obras-primas da costura podem ser admiradas por longo tempo.

Raymond Loewy traduz sua paixão pelos contornos harmoniosos em desenhos industriais e grandes vendas

O GRANDE INOVADOR

(Condensado de «Life»)

Por John Kobler

RAYMOND FERNAND LOEWY, o famoso desenhista industrial, jamais deu a algum artigo por ele desenhado mais atenção do que à sua própria pessoa. Loewy se esmera em sua aparência tanto quanto, digamos, no traçado da carroceria refulgente, de vidro e cromo, do Studebaker, seu desenho de maior êxito no após-guerra. Aos 55 anos, sua plástica é regulada por banhos turcos, raios ultravioleta, ginástica e regime alimentar.

Tal auto-estilização tem preocupado Loewy toda a vida. Praça de pré na Primeira Guerra Mundial aos 22 anos de idade, talhou a própria farda, pois não queria envergar o uniforme de corte comum. Seu abrigo era o mais bem decorado em toda a frente ocidental. Em meio às explosões de granadas, atapetou-o, empapelou-o e ornou-o com *panneaux*,—material de cores suaves trazido de París. Transformando em carreira essa mania de embelezar o ambiente, Loewy tornou-se proeminente no setor do desenho industrial.

Misto de estilizador, engenheiro e pesquisador da psicologia do público, o desenhista encontra seu campo de ação na misteriosa esfera do gosto e preconceito populares. Poucos fabricantes tentariam lançar no mercado um grampo de cabelo que fosse, sem consultar um desenhista. Os desenhos de Loewy muitas vezes produzem resultados espetaculares para os seus clientes. Isso não causa assombro a Loewy. «Só um mau desenhista não consegue mais economias para seu cliente do que o honorário que este lhe paga,» diz ele.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Loewy provou sua teoria quando aceitou o repto de George Washington Hill, iracundo presidente da American Tobacco Company, já falecido, o qual sustentava que a embalagem do cigarro Lucky Strike não podia ser

melhorada. Loewy eliminou os dizeres que apareciam no verso do maço, imprimindo nos dois lados a marca registrada, de forma que, quando os fumantes jogassem fora o maço vazio, a marca ficaria sempre bem visivel, caisse ele no chão do jeito que caisse. Em 1942, mudou a côr predominante no maço de verde para branco, consoante sua teoria de que o branco tem mais valor identificador. Como resultado dessas modificações, as vendas aumentaram de cerca de 20 por cento. Os honorários de Loewy foram de 30 mil dólares.

A empresa Raymond Loewy Associates, composta de quatro sócios, dos quais o principal é o sr. Loewy, seu fundador, com escritórios em Nova York, South Bend, Chicago, Los Ângeles e, no estrangeiro, em São Paulo e Londres, já desenhou ou aperfeiçoou centenas de produtos, para mais de 300 clientes. Os artigos variam desde uma lata de leite, arredondada, inoxidavel e à prova de bactérias, até os produtos de um gigantesco frigorífico, inclusive as pílulas contra cólera suina que este fabrica. Os serviços de Loewy foram até procurados por um fabricante de mausoléus. O grande desenhista declinou do convite. «Não posso melhorar a morte,» disse. Em muitos dos desenhos da sua firma, a beleza é mais do que superficial. Quando o navio *Morro Castle* se incendiou, Loewy pôs-se a analisar os fatores de segurança marítima. O resultado foi a instalação de moveis e guarnições só de metal, desde as poltronas até os abajures, atualmente equipamento normal em todos os navios da Panama Line. Mais tarde, Loewy viajou de ônibus centenas de quilômetros, prestando atenção às queixas dos viajantes e consultou, depois, um cirurgião ortopédico. Seu novo ônibus experimental lançado pela empresa Greyhound, é um espaçoso modelo de três niveis, dotado de assentos anatômicos, lavatório, bebedouro com água gelada, e de uma cabina para o chofer, com visão ampla, desimpedida. Com o mesmo espírito rijo, deixou-se sacudir durante muitas horas ao volante de um caminhão-rebocador de 15 toneladas, da International Harvester—para benefício futuro dos choferes, que agora dispõem de descansos para os braços, ventilação cruzada e apoio para seus rins torturados.

Seja qual for o produto, quase sempre sai da oficina de Loewy com linhas aerodinâmicas. Isso se justifica, ainda mesmo quando não está em jogo a resistência ao ar, porque, nas palavras de Loewy, «satisfaz os anelos de boa aparência e simplificação». O cliente mais aerodinâmico de Loewy é a Estrada de Ferro Pennsylvania. Loewy começou, em 1934, com a locomotiva, cujos dois mil rebites expostos lhe davam o aspecto hirsuto de um monstruoso javalí. Construiu um modelo em argila, de um metro de comprimento, processo esse que permite ao desenhista tentar modificações em três dimensões, logo que as idéias lhe ocorram. Acabou demonstrando como uma locomotiva podia ser soldada numa única peça, lisa e polida. A companhia construiu 57 delas, que custaram a quantia de 18 milhões de dólares.

Em 1936, Loewy avançou mais e pôs-se a dar linhas aerodinâmicas ao resto do trem, sem desprezar requintes como o meio de impedir que as xícaras de café entornassem. O tráfego de passageiros aumentou de 37% nos trens aperfeiçoados—em grande parte, porem, à custa dos outros trens da mesma ferrovia.

O centro nervoso dessas atividades multiformes é o escritório de Nova York, o qual ocupa o 12º pavimento do edifício situado na Quinta Avenida nº 580, e o estúdio erguido no terraço do prédio vizinho. Alí, numa confusão de pranchetas, argila, gráficos e modelos, os sócios de Loewy produzem mais inovações do que sua grande clientela pode consumir. Para animar o moral próprio, redecoram o escritório todos os anos. O ambiente é um misto de *atelier* de artes e ofícios e de alegre feira de amostras. Do interior de seu suntuoso gabinete, o sócio fundador contempla tal exuberância com ar de pai orgulhoso, rodeado de seus filhos-prodígios. Mas raramente participa das brincadeiras.

Os sócios o tratam de «Mr. Loewy» e ele costuma tratá-los tambem pelo sobrenome. A sociabilidade exuberante e a piada na ponta da língua causam-lhe inquietação. Numa reunião social de homens de negócio a que fôra obrigado a comparecer, Loewy, muito retraido para participar da alegria geral, voltou-se em desespero solene para um sócio seu: «Por favor, diga alguma coisa engraçada.»

O interesse de Loewy pelos exercícios fisicos tem um aspecto predominantemente terapêutico. Não compartilha do entusiasmo do público norte-americano pelas competições esportivas.

Escolhido como o «Homem Mais Bem Vestido» de 1941, e candidato perene ao título de Homem Distinto, nos Estados Unidos, possui um guarda-roupa constante de umas três dúzias de ternos e muda de trajes no mínimo três vezes por dia.

Em Nova York, Loewy e sua segunda esposa moram em um resplandescente apartamento de cinco peças, situado perto da Quinta Avenida. Quando chega o inverno, fogem para Palm Springs, na Califórnia, onde Loewy construiu uma casa no deserto, dotada de piscina em forma de ameba, a qual se intromete pela sala de estar, para confusão dos convidados, que às vezes caem dentro d'água.

No verão, o casal divide o tempo entre Nova York, uma casa de praia na Riviera e uma mansão do século XVI, situada numa propriedade de 32 hectares perto de París.

«Funcionalismo» é um termo que surge na conversa de Loewy tão frequentemente como «aerodinâmico», mas o visitante que espera encontrar o mais rigoroso e ultra-moderno «funcionalismo» em suas casas poderá ficar confuso. «Afinal de contas,» observa Loewy, «uma das preocupações do funcionalismo é a boa aparência.» Assim, a par de dispositivos modernos tais como raios luminosos dirigidos e adornos com curvas que evitem o acúmulo de pó, há conchas iluminadas,

dragões e escrínios orientais, estatuetas de *biscuit* e paredes ornadas de figuras do século XIX.

Na sua meninice, em París, Raymond foi empolgado pela moderna beleza dos trens, aviões e automoveis, enchendo seus cadernos de desenhos com aperfeiçoamentos que idealizava. Aproveitando a tendência demonstrada pelo rapaz, seus pais matricularam-no num curso de preparação para a faculdade oficial de engenharia. Mas nessa altura, desencadeou-se a guerra européia.

Loewy emergiu da Primeira Guerra Mundial com a patente de capitão, sete condecorações, inclusive a *Croix de Guerre*, mas sem dinheiro. Seu irmão, Georges, que morava nos Estados Unidos, conseguiu a promessa de uma colocação para Raymond, nos laboratórios de pesquisas da General Electric. Ainda envergando o uniforme de capitão, única roupa que possuia, Raymond embarcou num transatlântico.

Em alto mar, fizeram uma coleta para as viuvas e os orfãos dos marítimos. Loewy tinha somente 40 dólares. Fez, então, como sua contribuição, o desenho de uma passageira elegante, o qual pôs em leilão. Ficou estupefacto quando o seu trabalho foi arrematado por 150 dólares. O comprador, um diplomata britânico, convenceu o desenhista de que sua fortuna estaria no desenho de figurinos e, ao desembarcarem, recomendou-o a Condé Nast, diretor das revistas *Vogue* e *Vanity Fair*.

Das modas, Loewy passou ao comércio. Um de seus primeiros grandes clientes foi a grande loja Macy's, que o contratou como vitrinista. Era prática comum naquela época colocar na vitrina uma verdadeira multidão de manequins numa profusão de mercadorias—vendas por saturação. Loewy, trabalhando com as cortinas fechadas, desprezou todos os manequins menos um, uma dama de vestido de *soirée*, e, com insolência calculada, deixou-lhe caida aos pés uma capa de *vison*. Quando o gerente da loja se restabeleceu do choque sofrido, foram trocadas palavras ásperas, do que resultou a renúncia de Loewy.

Mas a marcha do progresso não podia ser detida. Em breve, a seção de propaganda de companhias conservadoras, tais como a White Star Line e a Shelton Looms, pagavam a Loewy 60 mil dólares anuais por suas arrojadas idéias. Foram os diretores da Hupmobile que o atrairam para o rico setor do desenho automobilístico, do que, aliás, inicialmente se arrependeram. Logo de saida, Loewy quis dar inclinação aos parabrisas e baixar o chassís, inovações que os técnicos da Hupmobile consideraram excêntrica loucura. Para os convencer, alterou um carro à sua própria custa. Por fim os técnicos deram a mão à palmatória, e o Hupmobile de 1930 foi construido de acordo com as especificações de Loewy.

Frequentemente, num espírito de reflexão, Loewy peleja com o grande imponderavel de seu mister: os fatores psicológicos que atraem o comprador para uma determinada côr ou forma, de preferência a outras. «Contam-me os psiquiatras,» diz ele, «que o formato das coisas despertam inconscientemente toda espécie de associações de idéias e que, quanto mais simples a forma, tanto mais agradaveis as associações. Tomemos, por exemplo, uma humilde forma de geléia. Dentre todos os tipos, a mais simples, com forma de seio, sempre foi a mais popular. O inconsciente poderá, ainda, explicar o valor tatil de muitos materiais. As matérias plásticas talvez devam parte de seu êxito à sensação de calor e de vida que produzem ao tato.»

Um visitante encontrou, certa feita, Loewy a contemplar embevecido uma dúzia de ovos de galinha, que ele havia disposto sobre a lareira, rodeados de bibelôs de marfim. «Tenho pena de os comer,» explicou Loewy. «Que concepção tão linda! A forma é funcionalmente perfeita, símbolo do progresso! Se o ovo tivesse qualquer outra forma, a vida da galinha seria intoleravel.»

Verbetes

Peixe: Criatura que sai de férias mais ou menos na mesma época em que saem os pescadores.

—Paul H. Gilbert, General Features

Amigo da perfeição: Pessoa que aceita, de bom grado, todos os sofrimentos e, frequentemente os inflige a outrem.

—Kenneth L. Krichbaum em *The Saturday Evening Post*

Eficiência: Habilidade de se conseguir alguem para executar as tarefas de que não se gosta.

—Edward H. Dreschnack

Economia planificada: A que inclui tudo nos planos, exceto economia.

—Carey Williams, Publishers Syndicate

Desculpa: gentileza atrasada.

—*Colonial Planning News*

Hóspede ideal: Aquele que consegue fazer com que a pessoa que o hospeda se sinta em casa.

—Marcelene Cox em *Ladies' Home Journal*

Consciência: Vozinha fina e sussurrante que nos diz que alguem nos está olhando.

—Anônimo

BALTIMORE LIMPA AS FAVELAS

(Condensado de «Survey Graphic»)

Por Karl Detzer

Qualquer cidade pode adotar o plano prático de Baltimore

A CIDADE norte-americana de Baltimore, no Estado de Maryland, está fazendo uma limpeza em suas favelas. Não se trata de demolí-las —apenas de efetuar uma limpeza. Desse modo Baltimore já conseguiu melhorar, mais depressa e com menos despesa do que outras cidades das mesmas proporções, um maior número de casas pobres. Isso não vem solucionar o problema da habitação, mas pelo menos é um modo econômico de evitar a destruição, embora temporária, de centenas de velhas moradias.

Em vez de demolir esses prédios para dar lugar a novos, Baltimore deixa que os moradores continuem em suas casas, enquanto se tomam as providências necessárias para tornálas seguras e higiênicas. Reforçam-se paredes, consertam-se telhados, abrem-se mais janelas, removem-se as instalações sanitárias antiquadas, instalam-se banheiros novos, pinta-se, tiram-se as cercas velhas, limpam-se e impermeabilizam-se os porões, exterminam-se os ratos. Tudo isso aumenta o valor das propriedades, com uma despesa relativamente pequena.

Esse plano de Baltimore—que qualquer cidade pode copiar—é uma solução temporária mas realista, até que alguma empresa particular ou o governo construa os milhares de casas populares de que a cidade necessita. Essa faxina se processa com o concurso de uma lei sanitária inteligente, posta em prática sem violências ou favoritismos; de um destacamento especial de policiais bem treinados, de um destemeroso juiz municipal, e com a cooperação entre proprietários e inquilinos—estes, desejosos de continuar morando nas casas; aqueles, ansiosos por impedir a demolição de seus prédios.

Antigamente o departamento municipal de saude pública—o mais antigo dos Estados Unidos—não tinha poderes para condenar as casas por suas condições anti-higiênicas. Mas o dr. Huntington Williams, diretor do departamento, persuadiu o conselho

municipal a votar uma lei autorizando-o a estabelecer regulamentos sanitários e ordenar a demolição das casas que constituissem focos de doenças. Quando terminou a guerra, realizou-se uma investigação, descobrindo-se que um quarto da população da cidade vivia em casas que seriam fatalmente condenadas se suas condições fossem submetidas a uma inspeção sanitária.

Surgiram, entretanto, duas entidades que resolveram ajudar. O jornal *Evening Sun* designou um reporter e um fotógrafo para contar a história das favelas. A cidade leu a reportagem e compenetrou-se do problema. Ao mesmo tempo, Frances Morton, uma jovem alta, de olhos castanhos, visitadora social do Hospital Johns Hopkins, organizou um comitê denominado agora Associação Cívica de Planejamento e Moradias, que cresceu a ponto de contar atualmente milhares de sócios cônscios de seus deveres, e constitui a verdadeira força do movimento em prol das habitações higiênicas.

No começo, o dr. Williams teve dificuldades, pois quando dava ordem de efetuar a limpeza numa casa que fosse, em todo um quarteirão, havia gente que alegava estar sendo perseguida. Nos primeiros casos chegou a haver complicações legais e um deles levou um ano até ser resolvido pelo mais alto tribunal do estado, que manteve o ato da autoridade. Depois disso, porem, quando ele decidiu adotar um plano de ação no sentido de efetuar a limpeza da cidade, quarteirão por quarteirão e casa por casa, não houve mais protestos. Quem paga pelos consertos é o proprietário, com direito de cobrar um pequeno aumento no aluguel.

Organizou-se ainda em Baltimore um comitê para fazer cumprir as leis referentes a moradias e, em princípios de 1947, concedeu-se prioridade na limpeza a 308 quarteirões em seis zonas diferentes da cidade. Em janeiro de 1949 já havia 32 quarteirões terminados e o trabalho ia adiantado em outros vinte e seis.

Os quarteirões terminados conservam as mesmas casas antigas e os mesmos inquilinos, mas tanto uns como outros estão quase irreconheciveis. Há luz, ar e asseio nas casas. Foram eliminadas as privadas nos quintais, assim como o foram os ratos, os barracões atulhados, as cercas velhas. Cada casa tem seu banheiro próprio. Os bairros têm um ar diferente, com tudo pintado de novo, e jardins cheios de arbustos e flores. E todo o mundo se orgulha de manter as casas em ordem.

O inspetor da polícia, que chefia o destacamento de vinte guardas encarregado de fazer observar as leis referentes às moradias, escolhe seus homens, levando em conta não só a inteligência como tambem a capacidade —guardas que antes de entrar para a polícia eram carpinteiros, eletricistas, bombeiros, pedreiros— e que sabem o que se pode fazer e a que preço. Trabalhando aos pares, eles mantêm vigilância nos bairros para que não se repitam as lamentaveis condições anteriores e não haja violações das medidas sanitárias, assim como investigam

com todo o cuidado as causas das reclamações dos proprietários, inquilinos ou vizinhos.

Em dezoito meses, o departamento de saude pública e esses guardas conduziram 2.452 pessoas a um tribunal especial; 1.495 delas tiveram de pagar multas e foram obrigadas a efetuar a limpeza e consertos necessários. As outras já tinham tomado as necessárias providências quando seus casos foram examinados. Nesse mesmo lapso de tempo o destacamento policial tinha descoberto 31.366 casos de violação das leis sanitárias e conseguira convencer os culpados a remediá-las, sem intimação judicial.

Mas se não fosse essa instituição singular de Baltimore—o Tribunal de Habitações—nem a polícia nem o departamento de saude pública poderia fazer coisa alguma. Os tribunais municipais comuns não tinham tempo para prestar a devida atenção aos problemas de moradia, e foi preciso convencer o governador a nomear um magistrado e um tribunal especiais para tratar unicamente do assunto. O juiz desse tribunal é um jurista de fala macia chamado Harry S. Kruger, que não hesita em multar nem o proprietário rico, por deixar de consertar goteiras, nem o inquilino, quando não usa tampa na lata do lixo.

Pelos quarteirões terminados já se podem medir as realizações de Baltimore; o trabalho mostra o que poderá ser feito no resto da cidade e em outras metrópoles.

Com a receita dos impostos, a cidade espera ainda recuperar com lucro a quantia dispendida em dar cumprimento às leis de moradia. Mas Baltimore não está pensando só no dinheiro: pensa tambem na saude e no moral de seus habitantes.

Anúncios classificados

Da seção «Precisa-se», de um jornal de Londres: Fumante que não tem dinheiro para comprar cigarro pelos preços atuais, precisa de um método para vencer o vício. Pede-se não sugerir como recurso a força de vontade.»

—*Time*

Aviso «Pessoal», em *The Saturday Review of Literature:* «Cavalheiro, com idade suficiente para já ter juizo, deseja corresponder-se com pessoa do sexo feminino que não seja tão idosa.»

Do *Sentinel-News*, de Santa Cruz, Califórnia: «Vende-se uma casa de cachorro, nova, por 10 dólares. Serve para cachorro grande ou marido pequeno».

MINHA MULHER É NEGOCIANTE

(*Condensado de «Canadian Home Journal»*)
Anônimo

Há 15 anos que minha mulher lê livros sobre a maneira de conciliar o casamento com uma profissão. Em duas palavras, a fórmula consiste em ocultar engenhosamente do marido o fato de ser ele um apêndice perfeitamente dispensavel. Sempre encontro desses livros pela casa e, quando os leio, me sinto como um paciente que estivesse observando em todos os seus detalhes uma operação feita no seu próprio corpo.

Se eu algum dia vier a escrever um livro, o título será, certamente, «Como Conciliar a Profissão de Esposa com a de Negociante». Consistirá numa coletânea de conselhos aos maridos no sentido de que se aconselhem, a si mesmos, permanentemente, a não serem tão suscetiveis. Por experiência própria, sei que não é nada facil. Cheguei a criar calos no meu orgulho masculino e a reconciliar-me com o fato de que tudo quanto se relaciona com a minha vida conjugal envolve, inevitavelmente, complicações.

Ir para a cama dormir, por exemplo. Não se trata, apenas, de vestir o pijama, bocejar e meter-me na cama ao lado da minha legitimíssima esposa. Quando a mulher tem uma profissão, uma bonita carreira pela frente, surgem os problemas. Frequentemente, quando acabo de me acomodar, com o último romance policial na mão, e ela com uma revista, o telefone toca e uma voz anuncia que há um telegrama para ela: «Nove dúzias vestidos panamá serão despachados amanhã. Jake.»

Acabou-se o ambiente de tranquilidade familiar. Fico com a sensação de estar me metendo na cama com uma vice-presidenta. Minha mulher começa, então, a conciliar as duas coisas. «Isso não tem nenhuma importância,» diz ela. «Para mim, você vale muito mais do que nove dúzias de vestidos de panamá... O telegrama diz por que via serão despachados?»

Volta e meia, fico tentado a dizer-lhe que se ela não abandonar os negócios e não ficar em casa como uma senhora que se preza, tratarei de encontrar uma «uvinha» qualquer, dessas que para contar acima de dez têm que tirar os sapatos.

Conhecer os amigos de minha mulher tambem não é tão simples como parece. Uma esposa qualquer costuma dizer: «Apresento-lhe meu marido.» Nada mais simples. Mas eu nunca sou apresentado. Sou «explicado». Na semana passada, encontrei-a almo-

çando com dois cavalheiros. Senteime, à minha mesa, sem saber o que fazer: se deveria ir até a mesa dela e fazer o papel de marido antiquado ou esconder-me atrás do jornal e tratar de dominar a minha irritação. Decidíme pela primeira fórmula. Minha mulher apresentou-me; seus amigos, evidentemente, nem ouviram direito o meu nome. Só me deram atenção mais tarde, quando ela disse: «Sinto muito, meu bem, pela complicação desta manhã com as garrafas de leite. Mas quando saí, você estava ressonando tão tranquilamente que achei que você ainda estaria dormindo quando viessem buscá-las.»

Sentí que os dois cavalheiros estavam «deduzindo» a natureza das nossas relações. Nessa altura, vieram as explicações. «Vocês não entenderam que era meu marido? Pois é; ele trabalha na firma...»

Minha mulher passou imediatamente à Regra n.º 34, que consiste em nunca deixar o marido com a impressão de que o emprego que tem não é suficientemente importante. Há momentos em que penso mandar gravar nos meus cartões de visitas: «Sou o marido de Fulana de Tal. Estamos casados há 15 anos. Declarei-lhe meu amor num barquinho a remo, como se ela fosse uma mulher como as outras.»

Logo nos primeiros tempos de casados, aprendí que os maridos emancipados devem eliminar completamente todas as modalidades de ciume. Mas o fato é que até hoje não me pude habituar a ver homens de negócio, em festas e coquetéis, batendo familiarmente nas costas de minha mulher e perguntando-lhe «Como é que você chegou em casa naquela noite? Você estava mesmo *alegrezinha...*» Depois, vêm as explicações. «Não foi propriamente uma festa. É que passamos pelo Dragão de Ouro depois do desfile de modas.»

Eu e minha mulher de vez em quando nos encontramos casualmente na cidade mas nunca indagamos o que o outro anda fazendo. Há pouco tempo, almocei com uma jovem que queria o meu conselho sobre determinado emprego. Era realmente bonita e tudo ia muito bem até que avistei minha mulher no fundo do restaurante. Sorriu. Era o sorriso n.º 98, de «Não Interfira no Trabalho de Seu Marido.» Deu-me a sensação que tive certa vez quando uma senhora da nossa rua me surpreendeu roubando maçãs no terreno dela e se limitou a entregar-me uma cesta. Eu preferiria que minha mulher me tivesse fulminado com o olhar, como qualquer esposa normal. Eu me sentiria, então, como um marido que está, realmente, vivo.

Enfim, incidentes como este não chegam a ter maior gravidade; mas há um outro aspecto que é fundamental. Gostaria de que minha mulher me esperasse à porta de casa com um fio de ferro de engomar rebentado ou que soluçasse por eu ter demorado demais. Gostaria de poder proporcionar-lhe uma agradavel surpresa, mostrando-lhe dois ingressos para o *ballet* ou oferecendo-lhe o dinheiro para dar de entrada por um casaco de peles.

Quando chego a casa, minha mulher em geral ainda está no escritório. Quando rebenta o fio do ferro-de-engomar, ela chama imediatamente o eletricista para emendá-lo. Vai ao *ballet* com as amigas e já comprou, com o dinheiro dela, um casaco de *agneau rasé* e uma capa de marta.

O homem gosta de se sentir chefe da família, o responsavel, como o homem primitivo que chegava à caverna com a caça nas costas, disposto a escorraçar algum intruso. Há anos que me sinto como um acessório de luxo, agradavel mas perfeitamente desnecessário.

Há muito tempo que fiz com minha mulher a seguinte combinação: eu supriria as necessidades da casa, ela o supérfluo. Nada mais razoavel. Mas o fato é que o homem gosta, com razão, de alegrar a esposa, de vez em quando, com um presentinho. Não tardei em me convencer de que seria inutil tentá-lo: tudo quanto poderia constituir uma agradavel surpresa, ela mesma comprava.

Devo ser um dos raros indivíduos no mundo cuja mulher não se queixa de não ser levada a lugar nenhum para distrair-se. Meu problema consiste precisamente em descobrir algum lugar aonde ela ainda não tenha ido. Quando as mulheres dos meus amigos se põem um pouco dificeis, basta que eles acenem com a possibilidade de irem jantar num *grill* elegante onde os garções se inclinam, atenciosos, e o horizonte se lhes desanuvia como por encanto.

Tentei uma vez esta tática. Levei minha mulher a um lugar que me fôra indicado por um amigo. Acabava de ser inaugurado, era um pouco fora de mão e tinha todas as condições para vir a ser uma das mais agradaveis *boîtes*. Quando o garção nos deu o cardápio, ela me perguntou se eu achava que o pato assado estaria bom.

«Se me permite,» interveio o garção, «é exatamente igual ao que a senhora comeu no almoço. E parece-me que a madame gostou muito.»

Minha mulher quebrou o silêncio constrangedor que se seguiu, esclarecendo que lá estivera com um comprador da firma, afim de discutir uma transação.

«O escritório é tão barulhento,» concluiu ela, mansamente.

Outro pequeno prazer que não está ao alcance do homem casado com uma mulher que se dedica a negócios, é a solidariedade nas pequenas tribulações de cada dia. Logo que nos casamos, eu costumava, à hora do jantar, contar-lhe as complicações que me tinham surgido no escritório, na expectativa de que ela se interessasse e as deplorasse comigo. Mas minha mulher não é desse tipo.

Tenho, por vezes, impulsos quase irreprimiveis de cuidar dela, de pô-la na cama, de correr à procura de um saco d'água quente ou de preparar-lhe um bom café. São essas pequeninas e deliciosas atenções que consolidam os laços conjugais. Mas minha mulher leu em alguma parte, há muito tempo, que quando se tem uma carreira, todos os obstáculos devem ser eliminados. Mesmo que estivesse com malária,

nada a impediria de ir à cidade, se necessário fosse. Toda a vez que assumo ares protetores, ela nem toma conhecimento da minha presença, como se eu fosse um dois-de-paus.

A vida de casado já tem problemas de sobra para que ainda a queiramos complicar com uma carreira feminina. Qualquer das duas já constitui, por si, um emprego absorvente.

Se eu tivesse que recomeçar tudo outra vez, escolheria para esposa a moça que fizesse o bolo de chocolate mais gostoso no nosso bairro. O diabo é que eu tenho a certeza de que acabaria escolhendo a mesma moça... Ou será que me esquecí de mencionar que minha mulher tambem combina a arte culinária com a carreira e com o marido?

Pede-se silêncio

Robert C. Ruark, United Features Syndicate

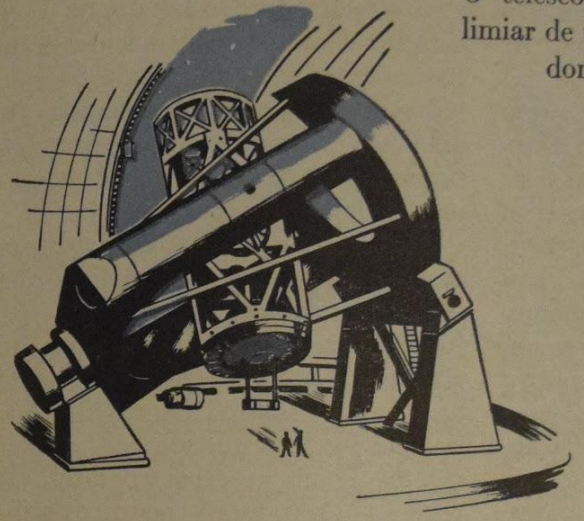
UM HOMEM, no Estado da Geórgia, teve a inspirada idéia de sugerir a instituição da semana do «Deixe-me em paz.» Durante esses sete dias de bendita imunidade, as pessoas poderão sair à rua certas de que ninguem em caso algum, lhes pedirá coisa nenhuma.

Este país necessita um descanso das boas obras, dos incitamentos à generosidade e à ação. Precisa tambem de umas férias dos vendedores de artigos de consumo, dos festivais de caridade, da consciência social e da economia planificada.

O homem moderno assemelha-se a um cachorro novo treinado por seis pessoas, cada qual com convicções arraigadas e antagônicas sobre a maneira de realizar o treinamento. O cachorro é empurrado, compelido, repreendido, azucrinado, inspirado, suplicado e intimidado. Todos os dias, os «algozes» obrigam-no a comprar este sabão, aquela conserva, esta cinta, aquele automovel, estas pílulas, aquela casa. Os sabichões da imprensa e do rádio ditam-lhe a política, os hábitos, anunciam-lhe a situação do país e do mundo. Ele recebe, ainda, instruções inviolaveis sobre o matrimônio, a arte de criar os filhos, a saude, a riqueza e o repouso. Orientam-no sobre educação, vida sexual, inversão de capitais. Incutem-lhe o temor de imaginárias fraquezas d'alma. Este pobre diabo é intimado a curar o cancer, a livrar-se de afecções cardíacas, a enviar flores à sua mãezinha, a amar os cães, a evitar acidentes de tráfego, a usar emplastros, a economizar, a dar esmolas e a comprar apólices do Governo—e isto todo santo dia.

No fim de um ano, este evangelhismo não poderá deixar de ter criado uma massa de complexos, esperanças, medos e desesperos. Não perca tempo. Corra à farmácia para comprar o tônico de nervos de Mme. Moscowitz. Leia *O Grito*, a *Revista da Moda*. Não precisa enviar dinheiro. Não perca tempo. Minha senhora, sua vida é uma eterna aspiração sem o nosso aspirador. Deite-se no colchão X. Contribua. Economize. Compre. Observe. Preocupe-se. Pense.

Como ia dizendo, acho magnífica a idéia da semana do «Deixe-me em paz». Nem todos podem tirar umas férias e sair a correr mundo em um veleiro, mas o nosso amigo da Geórgia apresenta uma solução viavel e barata que muito se aproxima disso.



O telescópio de Palomar leva-nos ao limiar de uma era nova de prodígios nos domínios da astronomia

Contemple o universo!

Por David O. Woodbury

com acréscimos extraidos de um artigo do mesmo autor, recentemente publicado em Collier's

(Condensado do livro «The Glass Giant of Palomar»)

O MAIOR explorador de estrelas do mundo, o telescópio Hale de 200 polegadas (5,08 m) do observatório do Monte Palomar, na Califórnia, cuja inauguração há tanto tempo se esperava, tirou enfim as suas primeiras fotografias do céu. O grande aparelho iniciou as suas tentativas no sentido de rasgar o véu dos segredos do universo exterior, de surpreender os sinais incrivelmente debeis de luz que talvez possam dar-nos a compreensão real da criação. Já ele revelou mundos estelares tão remotos, que a luz deles, que impressionou a chapa fotográfica, já andara milhões de anos pelo espaço, datando dos dias em que o nosso planeta era apenas recem-nascido.

A construção do gigantesco telescópio teve início em 1928. Para instalação desse instrumento, que muitos cientistas consideram como a maior realização do nosso século, foi escolhido o Monte Palomar, perto de San Diego, na Califórnia. O espelho do telescópio tem 200 polegadas de diâmetro, e é seiscentas ou setecentas vezes mais penetrante do que o olho humano, podendo penetrar três vezes mais longe nos espaços siderais do que o maior telescópio que se lhe segue em potência, para arrancar à obscuridade bilhões de estrelas até aquí invisiveis. Graças a ele, será possivel determinar eventualmente a natureza física e química de estrelas que são um mistério desde a infância da astronomia. Por meio dele, esperam os astrônomos atacar, enfim, problemas tão tremendos quanto o da forma, dimensões e origem do próprio universo.

O gigante de vidro de Palomar é

fruto dos sonhos de um homem—o dr. George Ellery Hale, fundador do Observatório do Monte Wilson, na Califórnia, e remate supremo de mil artes e invenções, o mais primoroso instrumento, em suma, que os maiores cientistas do mundo podiam ter concebido. Infelizmente, o homem a quem sobretudo se deve a sua concepção e construção, não viveu o bastante para vê-lo em funcionamento. Em junho de 1948, mil ilustres homens de ciência e líderes em outros domínios de atividade reuniram-se no Monte Palomar e, em merecida homenagem à obra do sábio, solenemente batizaram o gigantesco instrumento astronômico com o nome de Telescópio de Hale. E o consagraram —como o dr. Hale teria desejado—ao progresso dos conhecimentos humanos a respeito do universo.

Ainda com vinte e poucos anos de idade, George Hale tinha inventado o espectro-heliógrafo e embrenhara-se em estudos do sol, os mais minuciosos até então tentados. Aos 29 anos era nomeado primeiro diretor do Observatório Yerkes, da Universidade de Chicago. Alí, tendo à sua disposição uma lente de 40 polegadas—ou seja, o maior dos «refratores» que já fôra possivel utilizar com resultados—Hale e seus colaboradores descobriram centenas de estrelas duplas até então desconhecidas, mediram a distância a que se encontram centenas de outras estrelas, e fizeram os primeiros estudos da composição química das manchas solares. Mas Hale precisava de mais luz para as chapas fotográficas que, no telescópio, vinham substituindo agora a vista humana. Mais luz queria dizer lentes maiores—e maiores lentes eram coisa impossivel. Um delgado disco de vidro com mais de 40 polegadas de diâmetro é incapaz de aguentar seu próprio peso e, portanto, de manter inalterada a sua forma.

Para Hale, o telescópio se tornara muito mais do que um ampliador de imagens próximas, como Venus ou Júpiter: era u'a máquina capaz de concentrar a luz incrivelmente debil de estrelas distantes, de modo a que ela pudesse ser estudada com instrumentos como o espectrógrafo. Os telescópios refratores—nos quais o observador olha diretamente as estrelas através de lentes—haviam atingido o limite de suas possibilidades. Hale voltou-se então para o tipo «refletor», em que enormes espelhos côncavos recolhem a luz das estrelas e a refletem num aguçado ponto focal. Em 1903, foi para a Califórnia afim de montar no Monte Wilson um observatório maior, financiado por Andrew Carnegie.

No Monte Wilson, graças ao espelho côncavo de 60 polegadas, com mais do dôbro da potência do refrator de Yerkes, a ciência da astrofísica avançou a passos de gigante. O grande espelho recolhia tanta luz de uma só estrela, que se tornou possivel fazer a análise química de corpos estelares situados a milhões de bilhões de quilômetros de distância. Pôde-se obter assim o conhecimento das temperaturas, idades e distâncias de milhares de estrelas, e os meios de executar um

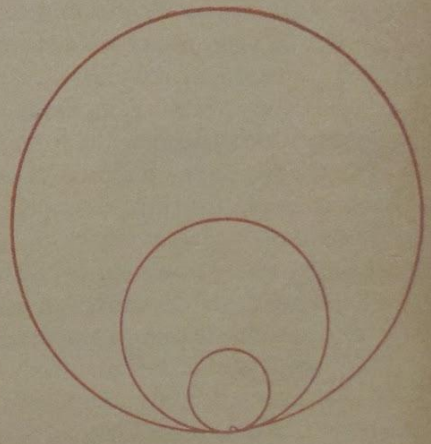
programa de levantamento da carta do universo e de estudo da evolução estelar.

Foi então que John Hooker, homem de negócio de Los Ângeles, fascinado pelo trabalho do jovem astrônomo, lhe ofereceu dinheiro para a aquisição de um espelho de 100 polegadas. Mas nenhum fabricante de vidro dos Estados Unidos ousava empreender a fundição de uma peça daquele tamanho, e do peso de 5 toneladas. Em todo o mundo, só existia um grupo de artífices capazes de tentá-lo: os velhos sopradores de vidro da floresta de St.-Gobain, na França. Hale persuadiu-os a tentar, mas eles a nada se comprometeram. Quando enfim vazaram no molde o seu primeiro disco, a massa de vidro em fusão aprisionou grandes nuvens de bolhas de ar. Considerando isso um fracasso, os vidreiros franceses enterraram o disco debaixo de um monte de estrume, a fim de o conservarem, e vazaram três discos mais, cada qual pior que o anterior. Desanimados, desenterraram o primeiro disco, e o embarcaram para a Califórnia, declarando-se convencidos de que era impossivel construir um telescópio de 100 polegadas.

Hale, porem, resolveu que, se havia de existir um telescópio de 100 polegadas, então aquele vidro teria que ser aproveitado. Mandou, portanto, dar começo às delicadas operações de esmerilhar e polir a face do espelho —um trabalho tão delicado que durou quatro anos.

Concluido em 1918, o telescópio de 100 polegadas foi, durante 30 anos, o instrumento mais poderoso da astronomia. Não só determinou com rigor a posição de uns dois bilhões de sóis que, segundo parece, constituem a nossa galáxia, mas tambem localizou 10 mil das imprecisas nebulosas espirais que andam lá tão longe, que a luz da que nos fica mais vizinha leva 900 mil anos para chegar à Terra. Tornou tambem evidente que esses «universos insulares» se afastam em todas as direções a tremendas velocidades, o que originou a teoria de Sir Arthur Eddington, segundo a qual o universo foi outrora uma bola de gás que agora começa a condensar-se e a expandir-se, ninguem sabe para onde. Trouxe

Tamanho comparado das lentes



Da menor à maior:

Telescópio de Galileu (1609)—2¼ polegadas de diâmetro
Telescópio de Yerkes (1896)—40 polegadas de diâmetro
Telescópio do Monte Wilson (1918)—100 polegadas de diâmetro
Telescópio de Hale (1948)—200 polegadas de diâmetro

noções novas sobre essas estranhas «novae» que fulguram e desaparecem repentinamente, e induziu os homens de ciência a especular sobre se o nosso sol explodirá um belo dia, ou cairá morto de repente, arrastando com ele a humanidade para o esquecimento. E os seus resultados foram de tamanho valor para a compreensão do átomo, que vieram abrir domínios inteiramente novos na química e na física.

Entretanto, esse espelho de 100 polegadas oferecia mais problemas do que encontrava soluções. Por exemplo: serão as nebulosas grandes massas primitivas de gás, ou galáxias de estrelas altamente organizadas, e até talvez mundos, como o nosso? Estarão elas realmente fugindo de nós, como quer a teoria de Eddington? Será o espaço «curvo», como o afirma Einstein, ou irão as nebulosas avançando para todo o sempre, incontavelmente espalhadas através do infinito do espaço e do tempo? Hale não podia ter descanso enquanto essas imperiosas perguntas reclamassem resposta. Esses pareciam ser, por fim, os mistérios fundamentais do universo, e a solução dependia de cada vez mais luz, e de telescópios cada vez maiores.

O entusiasmo de Hale conquistou o interesse do Rockefeller General Education Board. Dentro de um ano estava estabelecido um fundo de 6 milhões de dólares, numerário proporcionado pelos Rockefellers, para a construção de um observatório completo, dotado de um telescópio refletor de 200 polegadas.

A primeira questão a saber agora era se seria possivel fundir um disco de vidro com essa dimensão. Os espelhos astronômicos são feitos de pesados discos de vidro polidos na face superior, e que têm de ser bastante espessos para se manterem rígidos. Mas o vidro muito grosso dilata-se e contrai-se desigualmente sob a ação do calor ou do frio. Assim, ao cair da noite, pode ser que a face do espelho se haja deformado vários milionésimos de polegada. Ora, para que um telescópio seja de confiança, não se pode tolerar uma deformação superior a 2 milionésimos de polegada. Já o vidro do telescópio de 100 polegadas tinha de ser conservado frio, durante as horas de calor diurno, por meio de cobertores de feltro; muito pior seria o comportamento da massa de 20 toneladas do disco de 200 polegadas.

O problema de Hale consistia em encontrar o vidro cuja superfície se mantivesse inalterada, exata, quaisquer que fossem as mudanças de temperatura. Há anos passados, o professor Elihu Thomson, inventor brilhante, já lhe dissera: «Se você alguma vez precisar de um espelho maior, empregue o quartzo fundido. Quase que não reage às mudanças de temperatura.» Hale correu a conferenciar com Thomson, que lhe disse: «Eu farei o espelho que você quer.»

As tentativas de criação do disco gigante duraram dezoito meses, e absorveram uns mil dólares por dia. O primeiro espelho experimental de Thomson, com 8 polegadas, é ainda hoje a mais bela e mais permanente superfície óptica do mundo. Conseguiu-se chegar a fazer um disco de 22 polegadas, mas ao cabo de tantos esforços, a experiência do espelho de quartzo foi um fracasso doloroso.

Hale sentia-se envelhecer, estava doente e bastante desanimado. Que havia ele de fazer agora?

Um perito sugeriu o vidro Pyrex, que podia ser fundido como qualquer outro vidro, mas cujo coeficiente de expansão era somente um terço do do vidro comum.

Pyrex converteu-se pois no último recurso. Ainda mesmo que ao espelho faltasse a extraordinária estabilidade do quartzo, isso representaria apenas interrupções de menor monta, e só em noites muito más. O mais animador do caso era que uma grande empresa vidraceira, a Corning Glass Works, estava pronta a fazer o espelho por uma estimativa inacreditavelmente módica do custo total. Assinou-se o contrato, e um experimentado físico e engenheiro, George V. McCauley, ficou encarregado da execução. Pensava ele poder vazar grandes massas de Pyrex de cada vez; mas onde vazá-las, aí é que ele já não se sentia tão seguro. É possivel soprar pequenos objetos de vidro em moldes de aço; mas um grande disco assim irradiaria demasiado calor. Resolveu-se então adotar moldes de tijolo refratário.

O primeiro disco, de 26 polegadas, foi bem sucedido. Seguiu-se-lhe outro, de 30—já muito mais complexo, que em vez de ser uma peça sólida tinha o fundo em treliça, assim concebido para reduzir o peso, melhorar a rigidez e diminuir a tendência a armazenar calor. Para fundir um disco de tal natureza, McCauley construiu um molde que parecia uma gigantesca forma de torta, com grande número de ilhotas de tijolo, ou machos, cimentados no fundo.

Indicava-se agora um disco de 60 polegadas. McCauley firmou bem os 55 machos. Mas, quando o vidro fundido ao rubro se chocou com o tijolo, os machos se soltaram! O cimento que os fixava não tinha suficiente resistência.

Novamente McCauley dobrou as dimensões do disco e, desta vez, fixou os machos à base com vigas de ferro. Chegou assim, com o tempo, a obter um disco perfeito, com 120 polegadas. (Esses primeiros discos viriam todos a ser utilizados no complexo de espelhos do grande telescópio.) E agora... ao espelho de 200 polegadas.

Surigiram, porem, novas complicações. Os resultados de experiências anteriores indicavam que um disco de vidro com 200 polegadas levaria de seis a nove anos para esfriar, ou «recozer», com perfeita segurança, sem dar sinais de deformidade. McCauley, desenvolvendo a sua própria teoria de recozimento do vidro, resolveu que o grande disco de Pyrex se poderia esfriar em pouco menos de um ano. Confiante nisso, passou a se ocupar com a construção do forno tipo «colmeia», com que se devia cobrir o molde para conservá-lo quente enquanto se vazasse o vidro; da complicada estrutura de assentamento que devia aguentar as 30 toneladas do molde e do vidro; do elevador e ferrovia que deviam

transferir dalí o disco pronto; e do forno de recozimento, com suas centenas de serpentinas de aquecimento elétrico controladas por termostatos, que não deixariam que o disco arrefecesse mais de 4 décimos de grau Centígrado por dia.

Estava à porta o Grande Momento. McCauley fez seus cálculos: os fundidores peritos podiam tirar 180 quilos de vidro fundido da fornalha, vazá-lo no molde, e voltar em dois minutos para retirar mais. Ele era um mestre em temperaturas, e homem de sangue-frio nas grandes emergências. Não obstante, ainda torcia para que tudo saisse bem.

Um mês antes da data prevista, foi reforçado o forro de um tanque de fundição do tamanho de uma casa de quatro cômodos, e fez-se subir a respetiva temperatura a 1650 graus C. Dia e noite, brigadas de homens começaram a carregá-lo de areia e de substâncias químicas. A massa de vidro cresceu no tanque, até que por fim a carga de 60 toneladas de «fusão» estava pronta.

Chegou uma tarde de sábado. A vila de Corning começava a transbordar de milhares de forasteiros vindos de todos os cantos dos Estados Unidos. No interior da fábrica, os carpinteiros levantavam uma alta plataforma, do cimo da qual os espectadores, em pequenos grupos, poderiam observar o grande acontecimento. Ao mesmo tempo, os operários desimpediam um grande espaço no chão, afim de que um grupo de cientistas dos mais eminentes do mundo pudesse instalar-se alí para, de lugar privilegiado, assistir à operação. Às 10 horas em ponto abriu-se o gás do forno e a temperatura começou a subir progressivamente.

No domingo, 24 de março de 1934, devia-se começar a vazar o vidro às 8 da manhã em ponto. McCauley teria preferido não sentir-se nervoso... Mas as incógnitas são tantas! O chão, em volta do tanque de fusão, está completamente desimpedido, e a brigada de operários para descarga encontra-se a postos. McCauley verifica em silêncio todos os detalhes: as portas da fornalha estão em condições, o sistema de carro aéreo para fazer correr as pesadas panelas de fundição está pronto, e os comutadores funcionam bem. A temperatura da colmeia é exatamente a necessária. E McCauley, calmo, dá o sinal.

Entra no tanque a primeira panela. Músculos tensos no longo cabo de seis metros, os homens o mergulham como uma concha na massa ígnea, depois, gemendo e suando, o levantam a transbordar. Fecha-se a porta. A uma ordem breve, a panela, agora tambem rubra de calor, suspensa do carro aéreo, dá entrada na colmeia pela porta escancarada. McCauley espia ansioso por um pequeno orifício de observação. Quando o vidro líquido entra em contacto com os tijolos, ouve-se um leve silvo. McCauley afasta-se com um sorriso.

Outra panela mergulha na massa fundida, é transportada para a colmeia e despejada por outra porta. A primeira, virada de boca para baixo, está sendo raspada por um operário que

lhe arranca do fundo o resíduo pegajoso de vidro mole, e depois, rapidamente, lança-lhe um jacto de água fria. E a panela volta à massa fundida. Os homens trabalham ritmicamente: os cientistas olham aquilo tudo fascinados, até mesmo com certa humildade. Na meia luz, os guias começam a conduzir lentamente os espectadores para observarem, da plataforma.

A corrida continua assim por muitas horas. De dois em dois minutos, descarrega-se uma panela no molde. Os machos estão já submersos—até agora não houve o menor contratempo.

Mas, de súbito McCauley brada: «Charlie, pare já com as panelas!» Através do vidro preto do orifício de observação, ele avistou uns matacões negros que flutuavam na superfície lisa do vidro líquido: alguns dos machos se haviam soltado do fundo! As vigas de ferro que os retinham na base cederam sob a ação do calor.

Cai sobre a assistência um silêncio compungido, e McCauley manda abrir as portas da colmeia. Depois, alguns homens munidos de longas barras, afrontando um fulgor de cegar, começam a bater e a cortar os machos, tentando reduzí-los a fragmentos. E de certo modo o conseguem. Mas, enquanto observa, McCauley não para de pensar—o seu espírito já está projetando construir novo molde, com os machos solidamente enraizados no fundo, para fazer um novo disco de 200 polegadas.

Entretanto, nada diz em voz alta. Calmo, dá ordem para que se continue a vazar o vidro. Às seis horas, precisamente dez horas após o início, o molde está cheio.

À meia noite o disco foi levado até o forno de recozimento, e içado para dentro dele. Durante três dias, desaranjos do mecanismo impediram que ele se fechasse hermeticamente. Mas isso não os deteve. John Hostetter, diretor de pesquisas da Corning, e McCauley já tinham concordado em repetir a operação. Intencionalmente, regularam o forno para dez vezes a sua razão normal de recozimento, curiosos de saber se isso produziria no vidro dez vezes a deformidade calculada. E foi isso o que se verificou, 30 dias depois, quando eles levantaram a grande laje e a depuseram no chão, fria. Prova essa a mais valiosa da teoria de McCauley. No entanto, as deformidades eram ainda tão ligeiras, que o disco poderia ser utilizado, sendo necessário, como um «sobressalente».

Na experiência seguinte, McCauley fixou os machos ao fundo do tanque, com vigas de aço de resistência especial, e dotou cada um deles de uma corrente refrescante de ar. No dia 2 de dezembro de 1934 foi vazado o segundo disco. Desta vez eram poucos os visitantes, na maioria cientistas. Trabalhavam agora no vazamento duas turmas de operários, e o disco estava terminado no molde ao fim de seis horas. Nenhum dos machos se soltou do fundo, para prejudicar a superfície. McCauley sentiu que podia enfim descansar.

Este novo gigante deslizou brandamente para dentro do forno de recozimento onde, durante dez meses,

devia ir perdendo gradualmente o calor. Passou o inverno, depois a primavera. O calor ia-se escoando da grande massa de vidro, sob rigoroso controle. Depois, em meados do verão, sem aviso prévio, as águas do vizinho rio Chemung começaram a subir. A água invadiu o porão do edifício. A aparelhagem elétrica do arrefecedor estava exatamente no caminho das águas. A inundação foi subindo polegada por polegada. Se a corrente elétrica falhasse, mesmo que fosse só por uma hora, todo o processo de recozimento ficaria prejudicado! Hostetter e McCauley apelaram para todos os homens disponiveis, afim de se erguer uma barreira de sacos de areia. Os carpinteiros montaram a toda a pressa as formas para um dique de concreto; os pedreiros começaram a construir com urgência um muro de tijolos. Durante 24 horas esses homens trabalharam desesperadamente, metidos até à cintura nas águas lodosas. Mas a água continuava subindo.

Chegava agora à altura dos fios condutores: não tardaria que centelhas começassem a saltar entre as conexões e se manifestasse um curto-circuito. Diques e sacos de areia foram abandonados; impunha-se erguer o aparelho, a talha, acima do nivel da inundação.

Cortou-se a corrente. Durante 72 horas o recozidor ficou desligado, e o calor foi-se escoando do disco, sem controle. Durante 72 horas McCauley trabalhou naquele lodo, acompanhado dos seus homens, até que o transformador e os cabos elétricos ficaram levantados muito acima da água, sendo possivel abrir de novo a corrente elétrica para restituir a vida ao forno.

Três meses faltavam ainda para chegar ao termo o processo de recozimento, e bem duros que eles foram para McCauley. Por fim, foi tirado o disco frio e aparentemente incólume. Com as suas próprias mãos, o engenheiro arrancou dos machos a massa incrustada nas nervuras do fundo, e de tão impaciente, nem notou as bolhas que isso lhe causava. Em seguida, com o aparelho próprio, começou a submeter a teste, ponto por ponto, a vasta superfície do espelho. Qualquer deformidade que alí houvesse não poderia escapar-lhe. É assim que procede o engenheiro consciencioso.

Finalmente, McCauley voltou-se para John Hostetter, e com um suspiro disse: «Acho que você pode telegrafar para a Califórnia. O dr. Hale já pode levar o seu espelho!»

Quatro anos depois, demasiado cedo para ver plenamente amadurecidos os frutos do seu sonho, o dr. Hale morria. Mas as fotografias do céu que já foram tiradas demonstram, sem qualquer sombra de dúvida, que a visão do dr. Hale se está tornando realidade.

Com esse instrumento prodigioso, podemos agora encontrar resposta a enigmas que há muitos séculos vêm tantalizando a humanidade. Poderemos ficar sabendo de que tamanho é o universo, e de que é que ele é feito. Poderemos saber como foi que ele principiou, e o que ele fez, e quando, durante o longo transcurso de eras geológicas. Poderemos até ousar predizer o que o universo irá fazer agora, e de que maneira ele acabará. O tempo em que vivemos é verdadeiramente digno de nele termos nascido.

A promessa de tão vastos e novos conhecimentos devia reduzir à humildade o mais arrogante. Em todas as eras os homens se maravilharam diante das estrelas, e a sua aparente permanência lhes tem sido um conforto. Os seus desenhos prodigiosos no espaço nos têm inspirado e tranquilizado. Não as compreendíamos, e ainda hoje não as conhecemos. Mas a certeza crescente de que «lá em cima» existe um plano e uma ordem, por muito longe que alcancemos ver, é um reforço tremendo para a fé humana! Todos nós teremos muito a ganhar, em novas dimensões espirituais, com aquilo que os astrônomos possam descobrir de futuro.

Com todas as suas tremendas possibilidades, o telescópio gigante é somente, em si mesmo, uma excelente máquina de alta precisão, para fotografar estrelas, com um milhão de vezes mais poder de penetração do que a retina humana. Suas fotografias são tiradas na calma e escuridão do topo de uma montanha, em filmes pouco maiores do que cartões postais, com uma exposição que chega a durar uma hora. O primeiro relance de olhos a um negativo revelado, pouco poderia dizer-nos. Só depois de essas pequenas chapas terem sido ampliadas muitas vezes, é que se vêem surgir as imagens prodigiosas dos flamejantes mundos lá de cima.

A exploração da abóbada celeste, tal como se efetua no Monte Palomar, tem qualquer coisa de estranho e alheio ao mundo. Ao anoitecer, um astrônomo, acompanhado de um assistente, sobe de automovel até o cimo da colina, que não é muito alta; e entra na semiobscuridade do vasto observatório, matutando no estado de limpidez do céu, trocando idéias a respeito dos problemas especiais que o programa dessa noite lhes reserva. Uma vez lá dentro, os dois homens se separam: um vai para a estação de observação, lá bem no alto, no «pescoço» da máquina gigante, e o outro dirige-se para o quadro dos botões de comando, um movel parecido com um orgão, no andar principal.

Metido numa roupa de paraquedista, forrada de lã, o observador se instala na cadeirinha da pequena cápsula de aço que está suspensa dentro do telescópio. Um sinal de luz palpita em frente dele, trocam-se duas palavras pelo telefone interno, e começa a jornada pelos espaços.

O telescópio gira suavemente, entra em posição, acertando o passo pela deslocação do globo terrestre. A cúpula movel se desloca por instantes com um surdo rumor de trovão subterrâneo, e para. No campo visual do ocular do observador entra agora uma estrela-guia refletida lá para cima pelo imenso espelho de baixo. O observador manipula com destreza os comandos que situam a estrela na cruz capilar do centro do ocular. Em seguida, ele empurra para a posição devida o suporte da chapa fotográfica, e puxa fora a tampa. Uma luz, demasiado

tênue para impressionar a vista humana, começa a embeber-se imperceptivelmente na emulsão da chapa.

Durante uma hora, ou mais, não se percebe um movimento, nem se registra um som alem do zumbido abafado e distante dos motores que mantêm o telescópio inflexivelmente apontado ao seu alvo. Depois, retira-se a exposição, e uma palavra dita pelo fone, ao assistente, faz deslocar o gigante em direção a outro objetivo celeste, e começa uma nova operação fotográfica.

E assim durante toda a noite. O observador, com os membros dormentes, entorpecidos das longas horas de imobilidade que passou na sua acanhada gaiola, é trazido para baixo pelo comprido braço da plataforma curva do elevador. Retira-se então para a câmara escura, onde revela as chapas e as coloca no secador. Do outro lado do topo da colina, ele irá encontrar uma cama quente e confortavel, no «mosteiro» lindamente mobiliado, onde dorme o seu sono diurno.

Esses trabalhos, cuidadosamente planejados, continuam enquanto a lua está invisivel. Acabada a tarefa, o astrônomo volta para sua casa com uma caixinha cheia de chapas de vidro, cujos pontinhos criptográficos podem talvez encerrar a solução de um novo segredo do universo.

Vem então a grande e autêntica emoção—o exame da «colheita», feito na calma do gabinete, sob microscópios especiais. Horas e horas, dias e dias seguidos, ele esquadrinha as fotografias. A comparação com outras chapas, a avaliação do negrume de certas imagens, o estudo das formas e dimensões—tudo isso o mantem ocupado pelas duas semanas que dura o luar. Nesse meio-tempo, é claro, os colegas dele, postados por seu turno no Monte Palomar, vão trabalhando com os espectrógrafos gigantes que o luar não impede de funcionar. Lentamente se vai revelando assim a estrutura do universo, de uma fertilidade inacreditavel, até que de súbito uma descoberta é feita.

Essa descoberta é talvez uma «ilha» de estrelas nunca observada. Ou talvez seja alguma coisa de novo na magnificente tapeçaria de luz de uma nebulosa mais próxima. Talvez seja mesmo uma quase imperceptivel mudança na posição de algum objeto escassamente visivel mas familiar. De qualquer maneira, alguma peça infinitesimal que virá encaixar-se no empolgante quebra-cabeça cósmico—tal é o objetivo do trabalho de cada dia no observatório.

O plano geral de ataque é verificar como é que milhões de mundos estelares exteriores, chamados galáxias, estão distribuidos, de modo a poder-se construir um modelo exato do universo inteiro. As dificuldades serão incomensuraveis. Será preciso tirar milhares do fotografias e de espectrogramas, para se ficar sabendo a que distância estão realmente essas pequenas manchas de luz. Os astrônomos têm que analisar a côr da luz; têm que comparar entre si, números incriveis de objetos, servindo-se das galáxias mais próximas como guias. Têm

que tentar pegar estrelas individuais —em sistemas estelares cem vezes abaixo do mínimo de visibilidade para o olho humano—e estudá-las como hoje estudam as estrelas já conhecidas das nossas próprias constelações.

Tarefa impossivel? Não mais impossivel do que a de abrir de meio a meio e estudar um átomo com a largura de meio centésimo-milionésimo de polegada, como os físicos estão hoje fazendo...

Para realizar a maior parte do seu trabalho, esse telescópio de 200 polegadas será conjugado com outro instrumento menor, conhecido como máquina fotográfica de Schmidt. O gigante de Palomar é de uma potência tão concentrada, que pode fotografar um retalhinho de céu de tamanho não superior à área coberta à visão pela cabeça de um alfinete colocado a um braço de distância, ao passo que a câmara Schmidt, de 48 polegadas, alí instalada, pode abranger em uma só fotografia uma área talvez mil vezes maior!

A grande Schmidt será empregada em uma pesquisa sistemática do céu, afim de se encontrarem certas manchas que podem conter algumas das respostas que a astronomia anda buscando. Se o telescópio de 200 polegadas tivesse que levar a cabo essa pesquisa sozinho, calcula-se que seria preciso tirar 600 mil fotografias—tarefa que exigiria alguns milhares de anos de trabalho... Graças à câmara Schmidt, isso poderá fazer-se em 4 anos somente.

Exemplo de como a Schmidt é empregada para desbastar os domínios de novas descobertas, podemos ir buscá-lo à nossa familiar Via Láctea. As nuvens de poeira que perpassam por entre os milhões de sóis de que é formada a Via Láctea, têm até hoje obstruido a visão humana do universo que se estende para alem dela. Uma das fotografias da Schmidt indica a existência de uma «janela», ou uma brecha, nessa cortina de poeira negra. Através dessa brecha, pode-se enxergar uma galáxia distante. Trata-se de uma importante descoberta que, embora esperada, nunca fôra possivel efetuar, porque nenhum telescópio era capaz de abranger um campo tão vasto como o faz a câmara Schmidt.

A pesquisa preliminar dessa galáxia terá sido feita, assim, quando o gigante de Palomar estiver pronto para trabalhar nesse retalho da esfera celeste.

A Schmidt revelará igualmente, de quando em vez, o raro acidente cósmico chamado *supernova*—que é uma estrela comum que de repente fulgura com um brilho milhões de vezes maior do que o habitual. Quando se tornar a verificar o fenômeno, o telescópio gigante será assestado sobre a estrela, para se estudar em pormenor o que talvez venha a revelar-se como sendo o nascimento ou morte de uma estrela.

Embora os telescópios de Palomar tenham sido concebidos para uma tarefa especializada, que não acentua particularmente o estudo dos planetas, os astrônomos projetam lançar um olhar investigador aos nossos mais próximos vizinhos. O dr. Edwin P.

Hubble, autoridade mundial no que respeita ao universo exterior, julga possivel tirar fotografias que virão terminar de uma vez para sempre a fascinante controvérsia sobre os famosos canais de Marte. Existirá vida em Marte? Ou serão as vagas evidências de canais alí existentes, apenas uma ilusão da óptica humana?

Infelizmente a questão não poderá ficar decidida nestes próximos cinco anos, porque o planeta Marte só em 1954 estará em posição favoravel para uma escrupulosa inspeção. E a nossa própria atmosfera é um meio fotográfico tão instavel, que mesmo o melhor instrumento do mundo talvez não seja capaz de tirar fotografias que nos revelem todos os fatos.

Ainda outra pergunta espicaça a imaginação dos homens—e, naturalmente, a dos astrônomos: Haverá outras terras no universo? Terão outras estrelas os seus planetas, tal como o nosso sol? E, sendo assim, haverá neles homens, talvez armados de telescópios, perscrutando os espaços em nossa procura?

Talvez nunca cheguemos a sabê-lo, pois a luz refletida por um planeta microscópico, lá bem no âmago do espaço, é tão debil, que talvez nenhum telescópio possa registrá-la. Mais uma vez, o fator contrário aquí é ainda a nossa atmosfera, carregada como está de vapor de água e de incontaveis átomos de gás, que absorvem e deformam a luz que vem dos espaços.

Pelo presente, teremos que contentar-nos com este tênue fato: entre os bilhões de estrelas do universo, a lei das médias insiste em que *deve* existir, algures, qualquer coisa de parecido com o nosso próprio sistema solar.

Laconismo

O DR. John Abernethy, famoso cirurgião e homem de poucas palavras, recebeu a visita de uma mulher capaz de concorrer com ele em laconismo. A cliente mostrou-lhe uma das mãos, bastante inflamada.

—Queimadura? perguntou o médico.

—Contusão.

—Compressas.

No dia seguinte, a mulher voltou ao consultório e o diálogo foi o seguinte:

—Melhor?

—Pior.

—Mais compressas.

Dois dias depois, a mulher apareceu de novo.

—Melhor?

—Boa. Quanto é?

—Nada! exclamou o doutor. Nunca vi mulher mais sensata!

—*Illustrated Weekly of India*

Quem lança a profissão ao descrédito?

O TRABALHO «INGRATO» DO PROFESSOR

(*Condensado de «The School Bulletin»*)

Por Wilma Morrison
Redatora escolar do «Portland Oregonian»

OS PROFESSORES, dia a dia, por palavras descuidadas e declarações propositadamente equívocas, lançam sua profissão a tal descrédito, que afugentam do magistério os estudantes jovens.

Tudo por causa das lamentações. É uma minoria em pranto, mas como o som se multiplica!

Já não me refiro às queixas inevitaveis, que se ouvem em qualquer escritório; nem às lamúrias sobre ordenado, sempre presentes em todo negócio. Quero referir-me a esta melancólica lamentação: «sacrifiquei os melhores anos de minha vida e vejam só onde estou.» Ouve-se nos clubes, nos bondes, nas reuniões de professores e, de vez em quando, lê-se em artigos sensacionais, em jornais e revistas. É um miasma envolvente que mata o entusiasmo da juventude pelo ensino, antes mesmo que os jovens descubram o que é o magistério.

Os jovens, especialmente as moças, não ponderam: «Gostaria de ensinar, mas o ordenado de professor não basta.» Para a maioria, o ordenado inicial parece bom—mais do que se obteria nas agências de publicidade, no comércio varejista, no jornalismo ou em qualquer das demais profissões, nas quais, alem disso, não existe certeza de se obter colocação imediata, logo após a formatura. Com efeito, os jovens escolhem a profissão segundo a satisfação que a mesma lhes parece oferecer.

Talvez a queixa mais insidiosamente prejudicial seja a de que o público não toma conhecimento do professor—considerando-o sem importância na sociedade. Quando o professor ou diretor se queixa, por vezes através da imprensa, de que é escravo incompensado dos pais que jamais se dignam falar com ele, exceto sobre a nota obtida pelos filhos, o jovem, à procura de uma carreira vitalícia, exclama: «Às favas o magistério—quem é que quer ser humilhado?» Na realidade, o professor não é um ser desprezado ou maltratado—salvo na imaginação de alguns deles.

Estarão tais professores cegos, diante do fato de que possuem uma chave mágica para abrir os corações e lares de sua cidade ou de seu bairro? Dispõem das crianças, e de nenhuma outra forma se chega melhor aos pais do que através dos filhos. Interesse-se um

mestre pelo meu filho, esteja disposto a falar-me no progresso dele, e seu nome será para mim o da pessoa mais encantadora, inteligente e maravilhosa que eu conheço.

Saberão os professores que muitos dos pais que mais inteligentemente se interessam pela educação, têm horror a falar-lhes, com receio de que os professores pensem que os estejam bajulando em favor dos filhos? Perceberão como esses pais querem conversar sobre educação e entendem bastante do assunto?

Muitos professores são amaveis, naturais e, espontaneamente, se aproximam dos pais de seus alunos. Mas muitos outros se portam como se quisessem manter-se na defensiva, com receio de que se aproveitem deles.

Tal atitude pode ser inevitavel quando o professor considera que sua função se limita apenas a injetar doses de álgebra, de inglês ou de espanhol no cérebro dos alunos. A exígua equação: aluno = álgebra não constitui de modo algum uma boa base para se travarem amizades. Mas, para o professor que vê no aluno uma equação humana, que sente a responsabilidade pelo seu desenvolvimento geral, existe o dividendo de uma amizade, não só com o aluno, mas tambem com toda a sua família.

Há bastantes professores que não fariam outra coisa neste planeta senão ensinar. Pessoas que, quando aludem à sua profissão, nos fazem invejar a vida que desfrutam. Oxalá suas vozes não se percam nas lamentações, recentemente amplificadas, de «coitado do professor».

Corpo de delito

O ENCARNIÇADO promotor público, ao interrogar o jovem pugilista acusado de agressão física, só faltava insultá-lo. Sob a saraivada de palavras, o pugilista acabou admitindo ter dado um «empurrãozinho» no demandante.

—Um empurrãozinho, heim? bramiu o promotor, a quem ocorrera uma idéia capaz de comprometer o lutador. —Mostre-me exatamente como foi que o senhor fez.

—V.S. quer mesmo que eu lhe mostre como foi que o empurrei?

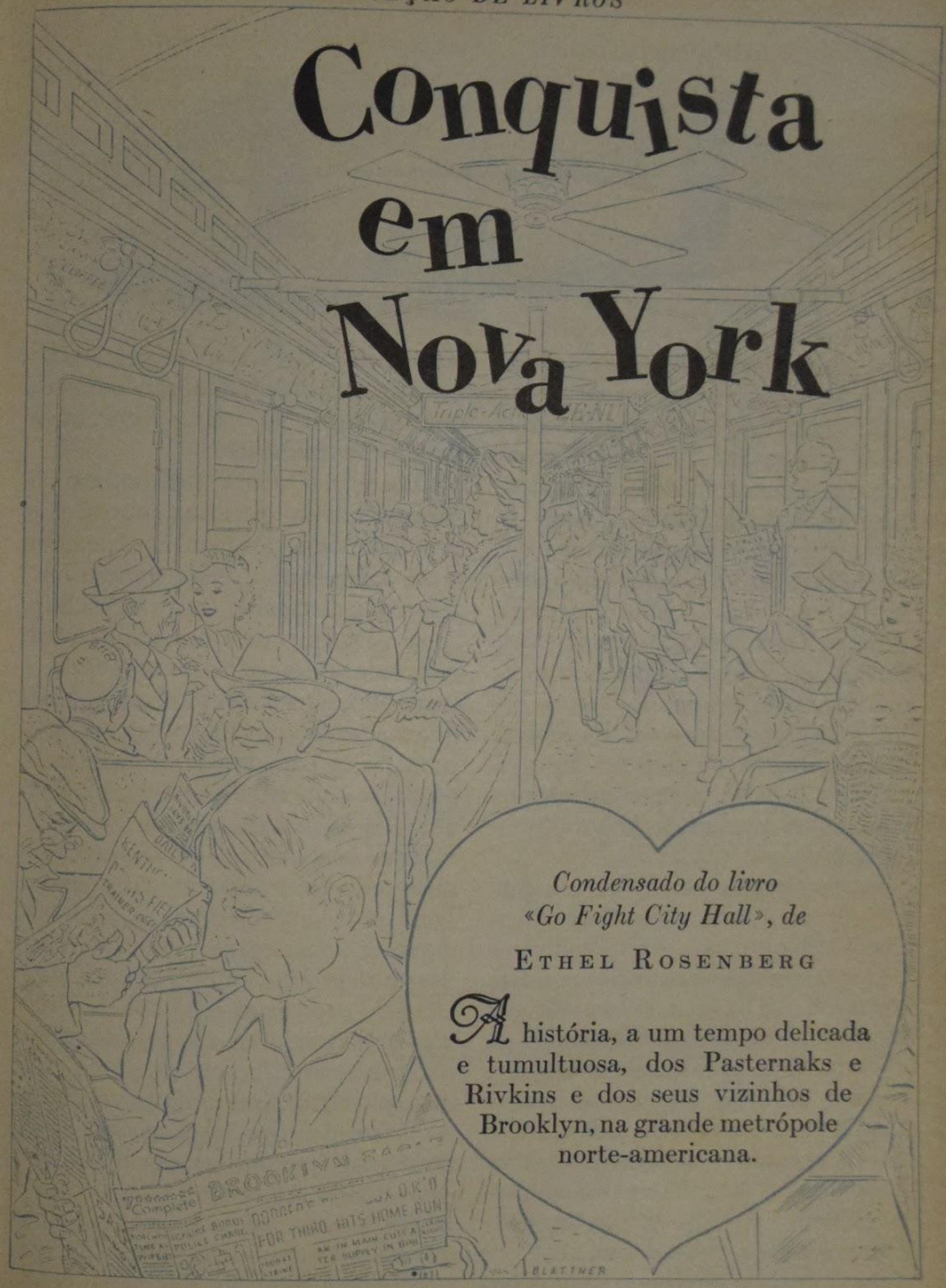
—Exatamente, respondeu o promotor.

Os olhos do pugilista se iluminaram. Pulou da cadeira e atirou-se sobre o promotor, derrubando-o violentamente. E, voltando-se para os jurados, disse, com o sorriso mais inocente deste mundo:

—Foi coisa de um décimo da força que empreguei agora.

—Margaret Cox, citada por Irving Hoffman em *The Hollywood Reporter*

Conquista em Nova York

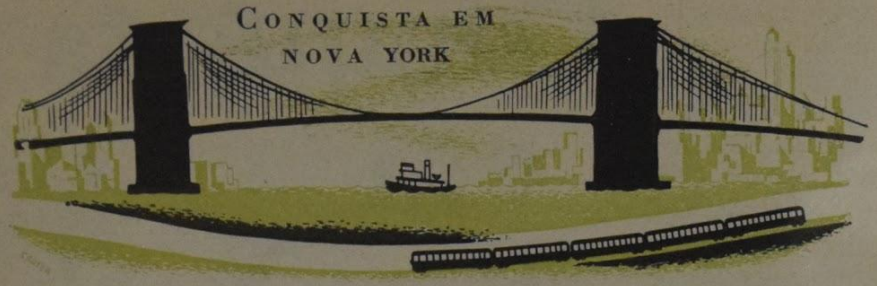


Condensado do livro «Go Fight City Hall», de

ETHEL ROSENBERG

A história, a um tempo delicada e tumultuosa, dos Pasternaks e Rivkins e dos seus vizinhos de Brooklyn, na grande metrópole norte-americana.

Copyright, 1949, Ethel Rosenberg. Ed.: Simon & Schuster, 1230 Sixth Avenue, New York 20, N.Y.



No começo desta história, Júlio Pasternak é um jovem de 80 anos. Você pensa que ele mudou desde então? Seus olhos castanhos ainda faiscam, as bochechas coradas ainda ficam rubras quando se zanga, a penugem branca por cima das orelhas faz ressaltar ainda mais o luzidio da vasta calva. Júlio Pasternak recusa-se a envelhecer. Sua esposa costuma dizer: «Júlio? Qual! Não morrerá nunca, irá aos 120.»

Se você conhece o sr. Pasternak, saberá por certo o que pensa dos subways da B.M.T., a bendita ferrovia subterrânea que liga Brooklyn a Manhattan.

Para ser exato, o sr. Pasternak chega a gostar da hora dos empurrões. Evidentemente, o sr. Pasternak não é (se me permitem a expressão) nenhum trouxa. Gosta da hora do atropelo mas tambem não despreza o seu conforto.

Toda santa manhã, bem cedinho, ele e a sobrinha Hannah tomam o trem que passa por Brooklyn, até o fim da linha. Aí, com toda a calma, instalam-se no expresso vazio, confortavelmente, do lado da janela, e seguem para a cidade como gente de classe. Gastam com isso mais uma boa meia hora. E daí? Você acha que o sono da manhã é mais importante do que um lugar no trem subterrâneo? Está muito enganado.

O sr. Pasternak é um homem de hábitos, como qualquer outro. Levanta-se todas as manhãs à mesma hora, toma banho, veste-se, tem uma pequena discussão com a mulher, desce para encontrar a sobrinha Hannah, toma sempre o mesmo trem e corre para o mesmíssimo banco. Logo que se instala, o sr. Pasternak costuma preparar-se para um bom cochilo. A seu lado, com igual precisão, Hannah abre um livro e põe-se a ler.

Uma vez que outra, ao invés de começar a ler imediatamente, ela esboça um sorriso triste para o tio. Aqueles olhos negros e grandes, feitos para a alegria e o amor, por que haveriam de parecer tão úmidos de lágrimas? Ora essa, dirá o leitor, isso não é da nossa conta. Se a moça quer chorar, que chore. Isso é o que você pensa, leitor de coração de pedra. O sr. Pasternak, porem, fica penalizado.

—Bonito dia, diz ele.

Ela se volta para o tio, com os olhos mais úmidos ainda. Emite um «mmm» tristonho e mergulha na leitura.

—Será que lhe custa muito conversar um pouquinho? insiste ele.

—Não tenho nenhum assunto, responde ela, afinal, e recomeça a leitura.

Pasternak rí jovialmente.

—Uma jovem como você sem nenhum assunto? Não precisaremos ter conversas transcendentes. Qualquer coisa que lhe venha à cabeça... disse ele. Fez uma pausa como se uma idéia lhe tivesse surgido, de repente. —Por que é que Sammy Horowitz não tem aparecido?

—Hum! Sammy Horowitz! disse ela, com enfado. —Eu lhe agradeceria se o senhor não voltasse a mencionar esse nome.

—Muito bem, muito bem, concordou Pasternak. —Pensei que vocês fossem namorados...

—Uma vez por todas, retrucou ela, com ar feroz. —Não tenho namorado algum e peço-lhe que não me fale mais nesse assunto.

E mergulhou os olhos, de novo, na leitura. Pasternak ficou sentido. Deixara de dar o seu cochilo para consolar a sobrinha, e recebia aquela paga. Você pensa que vale a pena ser amavel? De maneira alguma! Não trocaram palavra até à estação da Rua 34, onde Hannah desce.

No dia seguinte, encontram-se e caminham calados, até o trem. O leitor crê que Pasternak é um homem capaz de abrigar ressentimentos? E logo contra a sobrinha predileta? Não!

—Bom dia, diz ele, depois que ambos se instalam confortavelmente no trem. —Parece que vai fazer um dia bonito.

Estamos numa manhã quente e úmida de agosto; a umidade do ar, misturada com os odores do caminho subterrâneo, ameaça asfixiá-los. A jovem sorrí.

—Parece mesmo.

Esta prova de reconciliação faz com que o rosto de Pasternak se ilumine como um céu de verão.

—Hannah, suspira.— Hannah. Que lindo nome. Que lindo. Um belo nome numa bonita moça.

Ela enrubesce.

—Ora, titio.

Pasternak insiste.

—Os rapazes não lhe dizem?...

—Tio Júlio, diz Hannah,—quero pedir-lhe um grande favor. Não me fale mais em rapazes. Não quero mais falar nesse assunto.

—Mas isso não é coisa que uma moça como você diga, retruca Pasternak com ar severo. —Uma moça da sua idade já deveria até estar casada e com filhos. Que é que você está esperando?

—Por favor, implora Hannah. —O sr. é igualzinho a mamãe. Já lhe disse que não quero discutir mais isso.

Pasternak fica irritado.

—Por quê? insiste ele. —Por quê? É só o que quero saber.

—Muito bem, responde a jovem. —Vou lhe dizer por quê. Já queimei meus dedos uma vez. É por isso. Agora, não quero mais saber dos homens. Estão riscados da minha vida, para sempre. E se o senhor não se importa, tio Júlio, vamos mudar de assunto.

Pasternak dá um suspiro de alívio.

—Só isso? Pensei que houvesse alguma coisa de sério.

A jovem lançou-lhe um olhar furioso.

—Só isso! exclamou. —O meu coração está partido em mil pedacinhos e o senhor ainda diz que pensou que fosse alguma coisa de sério.

Pasternak encolheu os ombros.

—Sério. Que é que não é sério aos 19 anos? Uma espinha no nariz, o fio da meia que escapou, uma noite de sábado sem cinema... Sério. Tudo é sério.

Desta vez, realmente ofendida, Hannah não quer mais conversa. Agarra o livro e põe-se a ler. Uma página. Duas páginas. Levanta a cabeça, com os olhos perdidos no infinito. Depois lê outra página. Move-se no banco, inquieta, sem conseguir acomodar-se.

—Tio Júlio...

—Estou ouvindo. Que é que há?

—Não olhe agora, mas o senhor está vendo aquele rapaz sentado perto da porta?

Pasternak, apesar da recomendação, volta-se imediatamente para o local indicado.

—Rapagão simpático, diz ele. —E me parece que ainda está solteiro.

—Não estou interessada no estado civil dele, sussurrou Hannah. —Mas ele está me fazendo ficar nervosa. Não para de olhar para mim.

—Ele tambem tem bom gosto, aprovou Pasternak.

Procurou encontrar o olhar do rapaz e sorriu. O rapaz sorriu tambem para ele, encantado. Hannah, de repente, interessa-se vivamente pelo livro. O rapaz olha-os sem saber como aproximar-se. Com o trem abarrotado, não conseguiria, disfarçadamente, infiltrar-se até o banco de Hannah. Enquanto Pasternak estudava, tambem, a situação, o jovem tirou do bolso um pedaço de papel e escreveu alguma coisa. Depois, dobrou-o e pediu, muito polidamente, a uma senhora sentada próximo:

—Poderia fazer-me a gentileza de passar este papel ao cavalheiro do banco de trás e pedir-lhe que o passe ao senhor que está atrás dele?

A passageira olhou-o, primeiro, e depois encolheu os ombros. Será que custa alguma coisa fazer-se uma pequena amabilidade? Passa o bilhete ao homem de trás e este a Pasternak, que lê: «Meu nome é Howie Weissman. Ela é casada?»

Howie! Mas este mundo é mesmo pequenino! O neto de Pasternak chama-se tambem Howie. Que coincidência!

—O nome dele é Howie Weissman, diz Pasternak exibindo o papel a Hannah.

Ela afasta-lhe a mão, friamente.

—E que tem isso? É um nome muito comum.

Hannah estava por demais absorvida na leitura mas Pasternak observava que enquanto ele escrevia a resposta, a sobrinha procurava seguir-lhe, com o rabo dos olhos, os movimentos do lapis. No verso do bilhete, escreveu: «Howie. Bonito nome. Dos que ela gosta. Não é casada. Você pode chamar-me tio Júlio.» Tocou, depois, no ombro do passageiro do banco em frente.

—Desculpe-me, disse ele, —mas

queria pedir-lhe o obséquio de passar este bilhete àquele rapaz que está junto da porta. É muito importante.

O bilhete começou a trafegar, de novo. A esta altura, as pessoas à volta começam a se interessar. Olham para Howie, para Hannah, depois para Pasternak. A gente que anda nos trens subterrâneos é mesmo muito curiosa. Mete-se em tudo. Agora, o bilhete está de volta.

«Muito obrigado, tio Júlio. Qual é o nome dela?»

«Hannah.»

«Lindo nome numa linda jovem.» Isto Pasternak não pode deixar de mostrar à sobrinha. Ela volta a cabeça, com ar desdenhoso, depois de ler o bilhete. Neste momento, o trem para na estação da Rua 14 e Howie levanta-se, com evidente relutância.

—Adeus, Hannah!

Ela nem sequer levanta os olhos do livro. Howie encolhe os ombros.

—Adeus, tio Júlio.

—Adeus, Howie, respondeu Pasternak, —passe bem.

—Por que o senhor tinha de tagarelar com ele? protestou Hannah.

—Que mal há nisso? perguntou o tio, com ar inocente.

—Não vivemos todos neste mesmo mundo de Deus?

—O senhor não devia ter falado nada com ele. Vai pensar que o senhor gosta de ser «pau de cabeleira».

E levantou-se, para descer na Rua 34, tão furiosa que esqueceu o livro no banco.

Na manhã seguinte, os três estão sentados nos mesmos lugares. Hannah procura verificar se Howie está olhando para ela. Está.

O rapaz tem um bloco de papel na mão e adota a atitude de quem vai desenhar. Empunhando um lapis, estica o braço e começa a medir o rosto de Hannah, tal qual um artista profissional. Os passageiros se põem a seguir-lhe os menores movimentos e sorriem para Hannah, que fica vermelha como um camarão.

—Que estará fazendo? pergunta ela, vexada mas curiosa.

—Parece que está fazendo o seu retrato, responde Pasternak. —Mas vou perguntar.

—Não, não faça isso. Vamos fingir que não estamos ligando importância, sussurrou a moça.

A cena se repete vários dias seguidos. Todas as manhãs, o mesmo ritual e as mesmas pessoas esticando o pescoço para ver o desenho, sorrindo para Hannah, olhando outra vez para o desenho e rindo. E, entrementes, os bilhetinhos indo e vindo entre os dois conspiradores.

De Pasternak: «Diga-me uma coisa, Howie. Em que é que você trabalha?

Howie: «Estudo contabilidade.»

—Está vendo? diz Pasternak a Hannah, —ele está estudando....

—Hum! exclama a sobrinha. Guarda-livros!

Mas ela não está interessada no que Howie vai ser e sim no que está fazendo naquele momento. Embora procure aparentar o contrário, está louca por ver os desenhos. Pasternak tambem.

Finalmente, este se levanta e diz em tom incisivo:

—Howie, Hannah quer ver os desenhos. Venha hoje até à Rua 34 para descermos juntos.

Hannah agarra-se fortemente ao braço do tio, encabulada, sem saber para onde voltar o rosto.

—Mas, titio! Todo o mundo está nos olhando.

Que pode ela fazer? Afinal de contas estamos num país livre e não se pode impedir que alguem desça na Rua 34 se assim o desejar. Pasternak acompanha-os até um banco da estação, onde se sentam.

—Esta é Hannah, diz ele apresentando-a a Howie.

—Pensa que eu não sabia? Alô, Hannah.

Vamos e venhamos. Vocês acham que ela devia desfeitear o rapaz, ela que é uma moça tão bem educada?

—Muito prazer em conhecê-lo, respondeu, cerimoniosamente.

—O prazer é todo meu, ajuntou Howie, apertando-lhe a mão.

—E os desenhos? reclamou Pasternak impaciente.

Com muita relutância, o rapaz exibiu os desenhos. Pasternak examinou-os e trocou olhares com a sobrinha. A jovem estava muda de espanto.

—Diga-me uma coisa, proferiu Pasternak, —é assim que você vê minha sobrinha? Valha-me Deus!

—Claro que não, protestou Howie, vivamente. Hannah é... Hannah é...

Podia-se ver nos olhos dele o que Hannah era.

—É provavel que o senhor não acredite, mas este é o rei Jorge V.

Hannah começou a rir nervosamente.

—Não posso conter o riso, disse ela. —Todo esse tempo... e eu *posando*... Ah, confesso que posei mesmo... Cheguei a ficar lisonjeada... O rei Jorge, *rei Jorge!*» Tira o lenço da bolsa, quase a soluçar.

—Eu explico, diz Howie. —Palavra que explico.

—Muito bem, admite Hannah. —Explique-se.

—Mas aquí nesta plataforma de estação? pergunta Pasternak com ar de desgosto. —Alem do mais, você já está atrasada para o trabalho. Por que não hoje de noite? perguntou, piscando para Howie. —Hoje de noite, você apareça lá por casa...

—Mas! diz Hannah. —Tio Júlio, *será possivel?!*

—Ué, por que não? retrucou Pasternak em tom severo. —Um rapaz lhe pede delicadamente...

—Está bem, *está bem*, interrompe Hannah. Pode vir por volta das 8.

Dá o endereço e afasta-se apressadamente.

—Mamãe, diz Hannah durante o jantar, —esta noite, vem um rapaz aquí em casa.

A sra. Rivkin arregala os olhos, encantada. Fica ofegante. Põe a mão no queixo, como quem está maquinando alguma coisa. —Porei a mesa de bridge na sala de visitas para servirmos um chá mais tarde.

—Por favor, mamãe, interrompe-a

Hannah, preocupada. —Quero lhe pedir um grande favor; não se ponha a imaginar coisas.

—Imaginar coisas? Mas que coisas? perguntou a sra. Rivkin com ressentimento.

—Em primeiro lugar, nada sei ainda a respeito de Howie Weissman, começou Hannah.

—Weissman? interrompe a sra. Rivkin.

—Não soa nada mal, pensa. Weissman. Hannah Rivkin Weissman. Mme. Howie Weissman. Quero lhe apresentar minha filha casada, a senhora Weissman.

—De que é que ele vive? perguntou, com seu espírito prático.

—Estuda, respondeu Hannah.

—Estuda! exclamou a sra. Rivkin, adiando automaticamente o casamento. —Quem sabe lá quanto tempo ainda terá de ficar na escola?

Hannah não esconde o seu desagrado ante o curso da conversa.

—Isso me é absolutamente indiferente, diz com frieza. —Trata-se apenas de um rapaz que me vem fazer uma visita. Pelo menos desta vez—e é só o que peço—gostaria de ver um rapaz vir à nossa casa e não ser imediatamente «incorporado» à família.

—Esses não são modos de uma menina se dirigir à mãe, repreende a sra. Rivkin. —Vejam só! *Incorporado* à família! Pois bem. Não abrirei a boca. Ficarei sentada, imovel como um manequim. Vai ver que você tambem não quer que eu me sente na sala. De certo, não quer se envergonhar da sua mãe, velha e ignorante.

Estava realmente ofendida. Imaginem se teria ousado falar daquela maneira à sua mãe! Essa mocidade de hoje!

Ruminando essas reflexões, a sra. Rivkin lava a fruteira, arruma uma pilha de frutas, perigosamente alta, e irrompe na sala de visitas com o pesado fardo. Resmungando, coloca sobre as mesinhas alguns pratos com doces e nozes. Não abrirá a boca, por coisa nenhuma deste mundo. Ficará muda como uma porta.

Hannah, ante tais preparativos, sente-se desesperar. Por que, por que mamãe não compreende?

—Mamãe, começa Hannah com doçura, —não tive intenção de ofendê-la. Tentei, apenas, pedir-lhe um favor.

—Não abrirei a boca, interrompeu-a, combativa, a sra. Rivkin, afastando o ramo de oliveira que lhe estendia a filha.

Howie Weissman, sem imaginar os problemas que estava criando, caminha pela rua entregue aos seus próprios pensamentos. Que suave criatura é Hannah. Com certeza, há-de ter por mãe um monstro com duas cabeças; é o que em geral acontece com moças do tipo dela. O rei Jorge! O velho rei Jorge! É o único retrato que sei fazer, mas como me abriu caminho! O velhote ficou logo caido por mim. Tio Júlio. Tomara que Hannah tenha o mesmo bom gênio.

Na esquina, interrompe esses pensamentos para se olhar, um instante, no vidro de uma vitrina. Não é feio nem bonito. Alto, mais magro que gordo. Embora com 24 anos apenas, o cabelo

já começava a recuar-lhe da fronte ampla. Retoca o penteado e ajusta o nó da gravata. Sou um tipo comum, pensou. Um desses que passam despercebidos na multidão. É possivel que ela nem sequer simpatize comigo.

Quando Hannah abre a porta para recebê-lo, parece, como ele, ligeiramente nervosa. Apresenta-o à mãe.

—Muito prazer, articula a sra. Rivkin. —Sente-se, Howie.

Ele se senta no sofá; Hannah, muito empertigada, instala-se numa poltrona. A sra. Rivkin levanta o sobrolho significativamente para a filha, mas esta parece incapaz de dizer palavra. O mesmo não acontece à mãe.

—Aceita umas cerejas, Howie?

—Não, muito obrigado, respondeu o rapaz, amavelmente.

—E uma laranja? insistiu a sra. Rivkin. Ou talvez prefira maçãs?

—É muito amavel da sua parte, mas confesso que não tenho a menor fome.

—Mas será preciso ter fome para se comer uma fruta? perguntou a sra. Rivkin, com ar perplexo. —Pois então, coma um docinho. Para isso, não vá me dizer que precisa ter fome.

—Talvez ele não queira mesmo nada, interveio Hannah.

Howie previne a crise empalmando rapidamente um docinho. A sra. Rivkin sorrí, satisfeita.

—Você ia me falar sobre os desenhos, disse Hannah, afinal.

Mas a sra. Rivkin intervem.

—Hannah me disse que você está estudando. Quanto tempo ainda lhe falta para terminar o curso?

Não nota que Hannah cerrou o sobrecenho.

—Na realidade, diz Howie, —já estou praticamente com o curso concluido. Tenho um emprego à minha espera na mesma companhia em que estou trabalhando agora depois das aulas.

—Bravos! exclama a sra. Rivkin, encantada. —E desculpe-me a pergunta. Que é que está estudando?

—Espero diplomar-me em contador.

Um contador diplomado! Ouviram?

—Howie, diz a sra. Rivkin, transbordando de felicidade. —Você não quer um cafezinho?

—Muito obrigado, minha senhora. Jantei há pouco.

—Mas não aceitaria uma ameixa?

Howie capitula.

—Sobre os desenhos...

—Ah, sim, os desenhos, disse Howie. —Tudo começou durante a guerra.

Imediatamente, a sra. Rivkin se comove.

—Você esteve na guerra? E que idade tinha quando foi?

—Dezoito. E fiquei quatro anos, respondeu o rapaz, antecipando-se à pergunta seguinte.

—Dezoito anos! exclama a sra. Rivkin. —Imagino os maus momentos por que deve ter passado a sua boa mãe. Coitada!

—Mamãe, intervem Hannah, —talvez Howie prefira esquecer a guerra.

—E não terá ele razões de sobra? Howie, insiste a sra. Rivkin, —você não está comendo nada. Prove uma pera. Estão doces que nem mel.

Howie aceita a fruta e procura, em defesa própria, fazê-la render o máximo possivel.

Nesse momento, soa a campainha da porta.

—Quem será? indaga a sra. Rivkin. —Talvez seja o Sammy Horowitz, diz ela olhando significativamente para Howie. —É louco por Hannah... Ela é tão requestada...

—Vou ver quem é, diz Hannah, precipitadamente.

Segundos depois, volta com Pasternak.

Tio Júlio pisca o olho para Howie.

—Então? Você já contou a história do rei Jorge?

—Ainda não cheguei lá, tio Júlio.

—Então comece de uma vez, comandou Pasternak, jovialmente.

—Adoro desenhar, começou o rapaz. —Acontece comigo, porem, um fato curioso: tudo o que desenho acaba sempre parecendo com o rei Jorge V. É uma dessas coisas que acontecem, a gente não sabe como.

A essa altura, a sra. Rivkin, que o ouvia com crescente pasmo, observa:

—Howie, você talvez devesse ir ao médico.

—Não estou maluco, não, assegurou-lhe Howie.

—Sua mãe será inglesa? perguntou, solícita.

—Não, nasceu aquí mesmo em Nova York, esclareceu Howie. —E nunca se impressionou com o rei, se é isso o que a senhora está pensando.

A sra. Rivkin arregalou os olhos.

—Howie, retrucou ela, no tom mais austero deste mundo, —você não devia falar dessa maneira antes de se casar.

Pasternak olhou para a irmã, para Hannah, sentada na beira da poltrona, e para Howie, cercado de frutas, nozes e bombons.

O jovem começa a dar mostras de que sente o peso do assédio.

—Por que diabo estão vocês dois, na flor da idade, sentados aquí dentro, numa noite tão bonita? pergunta Pasternak severamente. —Por que não vão dar uma volta, por que não vão ao cinema? Quando forem velhos, terão tempo de sobra para ficar em casa.

Howie dirige-lhe um olhar agradecido.

—Apoiado! brada, alacremente. —Vamos ao cinema, Hannah?

Logo que os dois saem, a sra. Rivkin volta-se para Pasternak:

—Ele não comeu nada.

—Você acha que ele vai morrer de inanição? perguntou Pasternak com sarcasmo.

A AMPLA e arejada cozinha da sra. Pasternak é a peça mais aprazivel do apartamento. É o lugar onde o casal gosta de se instalar à noite, após o jantar. Naturalmente, depois de certa idade, uma cadeira dura, de encosto reto oferece mais conforto que as estofadas. Sei que não estou dizendo novidade para ninguem.

Naquela noite fria de outubro, Pasternak está com o nariz enfiado no jornal e a mulher entretida na costura quando chega uma visita—a sra. Rivkin, ansiosa por contar os progressos da filha.

—Já faz dois meses que estão de namoro, anuncia, exultante. Assim, com a ajuda de Deus, é possivel que saia alguma coisa, breve.

As duas mulheres suspiram de contentamento. A sra. Rivkin, em seus sonhos, já vê a filha vestida de noiva; a sra. Pasternak indaga a si própria se um dos modernos vestidos pretos não sentaria bem na sobrinha. Nessa altura, a sra. Rivkin se levanta:

—Já vou indo. Howie disse a Hannah que hoje ia lá em casa. Sandra Markowitz tambem vai.

—Que é que Sandra vai fazer lá? Se fosse comigo, eu não gostaria nada, observa a sra. Pasternak em tom decidido.

—Mas elas são tão boas amigas! lembra a sra. Rivkin, já um tanto inquieta.

—Amigas? retruca a sra. Pasternak. —Amigas assim, quanto mais longe, melhor...

A sra. Rivkin, com ar intrigado, volta ao seu apartamento, no mesmo andar do edifício. Germinava no seu pensamento a semente da dúvida. Talvez Frieda tivesse razão. Talvez devesse fazer com que Hannah telefonasse a Sandra pedindo-lhe que não viesse. Sim, o melhor era não procurar sarna para se coçar. Mas era tarde! Ao abrir a porta, já ouve as moças conversando na sala de visitas.

—Você já chegou, Sandra? cumprimentou-a, notando que a jovem estava elegante e atraente como nunca.

—Alô, sra. Rivkin, mamãe lhe mandou muitas lembranças.

A sra. Rivkin responde secamente:

—Muito obrigada. Não se esqueça de lhe dar tambem as minhas lembranças.

Examina a visitante, dos pés à cabeça, e depois a filha, com ar de crítica. Hannah deveria ter posto um pouco mais de *rouge*, diz consigo mesma. Ao lado de Sandra, com toda aquela maquilagem carregada, parece pálida demais.

—Que vestidinho que você foi botar! exclama, sem se lembrar de que havia aprovado a *toilette* poucas horas antes.

—Acho que Hannah está tão bem, observa Sandra, confortavelmente certa de constituir, no seu elegante vestido preto com enfeites dourados, um contraste berrante com a amiga; sabe tambem que o vestido, graças a um *soutien* bem modelado, realça de maneira engenhosa os encantos do seu busto.

—Ponha qualquer outra coisa, diz a sra. Rivkin à filha. —Ponha o vestido prateado.

—O vestido prateado? pergunta Hannah, perplexa. —O que compramos para o casamento da Beatriz? Só para ficar sentada aquí na sala?

—Sua mãe talvez queira que você impressione o rapaz, observou Sandra, em tom indolente, passando suavemente a mão bem tratada no penteado moderno.

—Não preciso impressionar o Howie, respondeu logo Hannah. —Acho que ele gosta de mim tal qual sou.

—Já estou, realmente, ansiosa por conhecê-lo.

Nesse momento, como que atendendo ao desejo de Sandra, Howie tocou a campainha.

—Deixem-me atendê-lo, precipitou-se Sandra. —Estou louca para ver a cara que fará quando a porta se abrir e ele me encontrar, em vez de Hannah.

E antes que as Rivkins se refizessem da surpresa, Sandra correu à porta e abriu-a com vivacidade.

—É você, Howie! diz, num suspiro. —Howie! continua e, num gesto impulsivo, cuidadosamente estudado, estende-lhe as mãos, docemente.

Howie a princípio fica algo aturdido, embora agradavelmente.

—Alô, diz ele, segurando-lhe as mãos. —Alô...

—Howie, suspira Sandra, outra vez, dando-lhe a impressão de que passara a vida à espera daquele momento.

A sra. Rivkin, que a seguira até à porta, observa a cena com indizivel horror.

—Howie, você vai entrar ou vai ficar aí a noite toda, de mãos dadas com Sandra? diz ela, em tom cortante.

Howie larga rapidamente as mãos da jovem, cumprimenta a sra. Rivkin e Hannah e acrescenta:

—Vocês me prepararam mesmo uma surpresa...

—É, não é? comenta Hannah friamente. —Estou contente que você tenha gostado.

—Então, você é que é a Sandra, diz Howie, jovialmente, fazendo com os olhos o circuito completo da sala.

A sra. Rivkin e Hannah observam-no, a primeira desesperada, a última subitamente irritada.

—Por que é que estamos todos de pé? Sente-se Sandra. Sente-se, Howie.

Sandra afunda na poltrona fronteira ao sofá onde Howie e Hannah se instalam.

—Estas saias modernas são tão estreitas, desculpa-se Sandra, levantando a vestido para cruzar as pernas.

Tanto Howie como Hannah, num relance, podem admirar as pernas bem torneadas de Sandra envoltas em finíssimas meias *nylon*.

Mas será *possivel?* É o que Hannah se pergunta, em silêncio, avaliando agora a amiga sob nova luz.

Mas será *possivel?* É tambem o que se pergunta Howie, emitindo, mentalmente, um assovio característico. Mas que garota do outro mundo!

A sra. Rivkin sibila:

—Sandra, não fica bem você suspender tanto a saia. Que é que Howie vai pensar?

—Não penso nada, não, pilheria o rapaz.

—Sim senhor, Howie. Levadinho, hein? observa Sandra.

—Howie, intervem, desesperada, a sra. Rivkin, —você não está comendo nada. Por que não come uma fruta?

—Acho que não quero, minha senhora. Pelo menos, não agora.

Sandra desliza subrepticiamente da poltrona e vem sentar-se no braço do sofá.

—Vamos, Howie, diz ela, —coma uma frutinha. Um cachinho de uvas, sussurra, empurrando-lhe uma uva na boca.

—Se você quiser me dar assim... capitula Howie, inclinando a cabeça

para trás e prendendo o olhar no dela.

Os minutos que se seguem são intensos, com Sandra flertando melosamente, Howie passeando nas nuvens e as Rivkins chegando ao ponto de saturação. A sra. Rivkin não se contem mais.

—Sandra, você não está cômoda aí.

—Estou sim, disse Sandra, sempre sorrindo para Howie. —Estou muito à vontade.

—Não está, não senhora, retrucou a sra. Rivkin num tom que não admitia contradição.

Sandra pisca o olho para Howie e volta, com relutância, para a poltrona e exibe, de novo, ao cruzá-las, as lindas pernas, enfurecendo ainda mais a sra. Rivkin e Hannah.

Mas a sra. Rivkin não está disposta a aturar mais.

—Howie, diz ela, delicadamente, —não que eu queira apressá-los, mas você e Hannah vão a algum lugar esta noite ou não vão?

—Tenho que ir embora, diz Sandra, enterrando-se ainda mais na poltrona.

—Por que não vem conosco? pergunta Howie gentilmente. —Estou certo de que Hannah gostará muito que você venha.

—Como não, concorda Hannah, fuzilando a amiga com o olhar. —Será mesmo muito agradavel.

—Muito obrigada, mas não vou poder ir, relutou Sandra, à espera da polida insistência de Hannah e Howie.

Mas a sra. Rivkin, que não tem pela frente nenhuma regra de etiqueta, corta logo a discussão:

—Se ela não pode ir, não pode. Sandra, aquí está o seu casaco. Vou acompanhá-la até à porta. Não se esqueça de dar lembranças à sua mãe.

Não chega propriamente a expulsar Sandra de casa, mas suas maneiras não deixavam dúvida de que estava disposta a tocá-la, escada abaixo, se necessário fosse.

Depois de uma porção de «adeusinhos» e de um olhar comprido, muito especial, para Howie, Sandra parte, afinal. A sra. Rivkin acha que é chegado o momento de ir procurar alguma coisa na sala ao lado.

—É, diz Howie, quando o silêncio entre ele e Hannah se torna demorado e incômodo, —sua amiga parece mesmo ser uma moça e tanto.

—Você deve saber, replica Hannah, secamente. —Você não fez senão cortejá-la.

—Eu não podia ser indelicado, podia?

—Deus do céu! fuzilou-o Hannah. —Não com Sandra, naturalmente. Só comigo e com mamãe, isso sim.

—Com você e sua mãe? Mas como?

—Quando mamãe lhe oferece uma fruta, você nem se digna aceitar. Naturalmente, não sabíamos que você ainda precisa que a gente lhe ponha a comida na boca...

—Mas escute aquí, Hannah, interrompe-a Howie.

—Ora, não falemos mais nisso.

Hannah está prestes a debulhar-se em lágrimas.

—Acho melhor você ir-se embora, diz ela, mal controlando a voz. —Estou com muita dor de cabeça...

—Não há nada que eu possa fazer por você? pergunta Howie, condoido.

—Há, sim, responde Hannah, —vá-se embora. Quanto mais cedo, melhor.

A esta altura, Howie está seriamente ofendido.

—Muito bem, se é o que você quer.

—É exatamente isso o que quero.

—Bem, talvez eu ainda consiga alcançar Sandra.

O bater da porta da frente faz com que a sra. Rivkin se precipite para a sala de visitas.

—Onde está Howie? pergunta, apreensiva.

—Já se foi.

—Já se foi? E não volta?

—Não sei, explode Hannah. —E, ademais, não me interessa.

A sra. Rivkin sente um frio percorrer-lhe a espinha.

—Isto não são modos de uma menina falar, retruca. —Eu bem que lhe disse para pôr o vestido prateado. Você não me dá atenção...

—Por favor, mamãe, quero ficar sozinha, diz Hannah, e começa a chorar. —Vou dar-lhe uma lição em regra, ameaça, entre soluços. —Ele pensa que é o único varão sobre a terra.

NA MANHÃ seguinte, quando Pasternak e Hannah se sentam no expresso vazio, ele puxa a conversa.

—Sua mãe me disse que você e Howie tiveram uma briga. É verdade?

—É, limita-se Hannah a dizer.

—Qual! Vai ver que foi pura bobagem. Que há de fazer um rapaz se uma moça se enfeita para ele?

—Francamente, tio Júlio, não desejo mais ver o Howie, por coisa nenhuma deste mundo. Palavra de honra, já estou farta de todos eles, e para sempre.

—Outra vez? pergunta Pasternak, num suspiro.

E logo se põe a maquinar algo...

Quando Howie entra no trem, troca acenos com Pasternak e olha para Hannah, que não se digna, sequer, voltar-se para o seu lado. Hum! pensa Pasternak, ela vai fazê-lo pagar pelo que aconteceu ontem. As mulheres, diz consigo mesmo, jovens ou velhas, não se conformam de não extrairem o máximo de tragédia de cada episódio da vida.

—Howie, brada Pasternak,—você hoje vai descer na Rua 34.

Howie faz um sinal de assentimento enquanto Hannah murmura aos ouvidos do tio:

—Titio! Quando é que o senhor vai deixar de se meter na minha vida?

—Quem é que está se metendo na sua vida agora? pergunta Pasternak, com ar inocente. —Só porque você está zangada com Howie acha que todo o mundo tem que cortar relações com ele?

A resposta de Hannah é categórica:

—Não quero mais saber dele, nunca mais.

—Fiz eu alguma objeção a isso? perguntou Pasternak. —Se você não quer, não quer, está acabado.

Na Rua 34, Howie desce primeiro e fica esperando pelo velho e a sobrinha.

—Alô, tio Júlio. Alô, Hannah. Ainda zangada comigo?

A jovem não lhe dá resposta.

—Hannah me disse que nunca mais quer ver você, diz Pasternak a Howie, gravemente. —Não é exato, Hannah?

—Exatíssimo, confirma ela, altiva.

—Escute, tio Júlio, diz Howie. —Quando eu cheguei, ontem, encontrei solto na casa dela um tigre devorador de homens e agora Hannah está zangada porque a presa fui eu. Mas que podia eu fazer?

—Que é que podia ele fazer? apoiou-o Pasternak, voltando-se para a sobrinha. —Se você convida uma moça como Sandra, de quem é a culpa?

—Acontece que Sandra é a minha *melhor* amiga, retruca Hannah, com frieza.

—Eu ainda tenho aquelas entradas para sábado à noite, diz Howie a Pasternak. —Naturalmente, se Hannah não quer mais ir...

E encolhe os ombros.

—Você acha direito isso? Pasternak repreende severamente a sobrinha. —Fazer o rapaz gastar dinheiro à toa? Você pensa que dinheiro se colhe nas árvores? Por que é que você não faz logo as pazes, se é isso o que ele está lhe pedindo, tão delicadamente? E alem disso, prossegue Pasternak, com esperteza, —que grande satisfação você dará a Sandra se ela puder dizer que tirou Howie de você.

—Ela não poderia tirar de mim o que não me pertence, diz Hannah com o olhar distante. —Mas já que ele comprou as entradas...

Pasternak pisca para Howie.

—Está bem, Howie. Vocês se encontrarão no sábado à noite. Não é verdade, Hannah?

—Se ele quiser...

—Claro que quero, diz Howie. Mas, acrescentou, dirigindo-se a Hannah, —se você vai continuar a falar comigo por intermédio de outra pessoa, acho melhor comprar mais um ingresso, para o tio Júlio.

Hannah sorriu, afinal.

—Que bobagem, Howie. Quem ouve você falar pode até pensar que nós tivemos mesmo um malentendido ou coisa parecida.

Quando ela se afasta, os dois a acompanham com os olhos, com uma expressão de incredulidade.

—Não lhe conto nada, diz Howie. —Houve um momento ontem em que Hannah me pareceu uma reprodução exata da mãe. Perdão, corrigiu logo, —que não vá nisso nenhuma ofensa.

—Que outra coisa se pode esperar das mulheres? filosofou Pasternak.

Poucas semanas depois, Sandra foi outra vez visitar as Rivkins.

—Como você está bem, Sandra! exclama Hannah.

Sandra acaricia os belos cabelos louros que lhe caem sobre os ombros. Olhe, que estão bem mais louros, nota a sra. Rivkin com satisfação. E a lambisgóia nos fazia crer que o louro era natural!

—Como é que vão as coisas? pergunta Sandra, referindo-se evidentemente a Howie. —Você continua namorando aquele rapaz... como é mesmo o nome dele?

—Continuo, sim, respondeu Hannah, já um tanto intrigada.

—Tudo bem?

—Como assim?

—Quero dizer, ele já se manifestou? Você está levando a coisa a sério, não? indagou Sandra, curiosa.

—Eu e Howie somos apenas bons amigos, respondeu Hannah secamente.

Sandra esboça um sorriso irônico e Hannah pensa consigo mesma como se deixara iludir tanto tempo pela amiga.

De súbito, a sra. Rivkin arregala os olhos. Boquiaberta, leva a mão ao coração. Um anel! Sandra está com um anel! Volta-se para Hannah e faz-lhe sinais com os olhos. Hannah, que tambem já viu o anel, franze o sobrolho, mas não lhe fica bem fazer perguntas.

A todo momento, Sandra abana com donaire a mão que ostenta o anel. Depois, estende o braço, completamente, e põe-se a admirar o anel.

—Gostam de brilhantes? pergunta.

—Bem, isso é questão de gosto. Eu, pessoalmente... diz a sra. Rivkin contendo a própria opinião, mas não sem um ar de profunda aversão.

—Eu gosto, diz Sandra, dirigindo à sra. Rivkin um olhar malicioso. —Bem grandes, como este.

Nesse momento, já não é possivel deixar de constatar a existência do anel no dedo de Sandra.

—Fiquei noiva, anunciou.

—Ótimo! disse logo Hannah. —Parabens.

—Parabens, ecoa a sra. Rivkin, que já está com a noite estragada. —Mas quanto tempo durou esse namoro?

—Apenas dois meses, conta Sandra. —Ele não perde tempo!

Vejam, pensa a sra. Rivkin, esta é das tais moças que perseguem um homem e quando ele menos espera, zás, está noivo. Não é como Hannah, que tem até medo de abrir a boca para não ferir as suscetibilidades de Howie.

—Preciso ir-me embora, diz Sandra, levantando-se. —Só queria transmitir-lhes a boa nova, pois sabia que ficariam muito contentes. Sinto não poder esperar por Howie.

—Desejo-lhe todas as felicidades, diz Hannah.

Um pesado silêncio cai sobre a sala de estar dos Rivkins depois da saida de Sandra. Hannah volta ao seu livro, mas não consegue concentrar-se na leitura.

—Bem posso avaliar o que ela terá conseguido, diz a sra. Rivkin. —Com tanto dinheiro, só pode ser um velho.

—Não sei por quê, protesta Hannah. —Afinal de contas, Sandra é muito bonita.

A sra. Rivkin recebe esta afirmativa como uma punhalada no coração.

—Bonita! Não sei o que é que vocês consideram bonita. Você acha que ela se deu ao trabalho de vir até aquí só para nos participar o noivado? Ela veio foi para nos mostrar a rapidez com que consegue pescar um rapaz. Só para isso.

Hannah resolve sair para conversar um minuto com tio Júlio. Sente-se deprimida. Ela era a minha *melhor* amiga, pensa.

—Hannah, pergunta o velho Pasternak, ansioso. —Que é que houve? Você está com o ar de quem chega de um enterro, Deus me livre!

Hannah, com esforço, esboça um sorriso.

—Sandra esteve lá em casa agora. Encontrou um rapaz há dois meses e já está noiva.

—Não diga! observa Pasternak com um ar de pessoa entendida. —Com certeza ela foi lhe mostrar o anel, não?

Hannah fez um sinal de assentimento.

—Noiva, resmunga a sra. Pasternak. Aposto que foi ela mesma quem comprou o anel.

—Oh, tia Frieda, protestou Hannah. —Não diga uma coisa dessas.

—Isso não pode durar, conclui, positivo, o tio Júlio. —Essas coisas, quando acontecem assim depressa, não servem. Gosto dos rapazes que levam tempo para se decidir. Só aí é que se pode saber se eles são de fato rapazes direitos e constantes.

Os PAIS de Howie tinham ingressos para o último espetáculo da companhia de Molly Picon. O sr. Weissman, porem, depois de um árduo dia de trabalho e pensando no que o esperava no dia seguinte, recusou-se a arredar o pé da cadeira.

—Por que você não leva o Howie? sugeriu à mulher.

Chamou, depois, Howie, contou-lhe dos ingressos e pediu-lhe que lhe fizesse o favor de acompanhar a mãe.

—Você vai gostar, Howie, assegurou a mãe, animadamente. —Você já conhece a Molly Picon. É de se morrer de rir.

—Não sei, reluta Howie. —Confesso que não me sinto com a menor vontade de ir. Por que é que papai não vai?

—Howie! (a voz da sra. Weissman adquiriu um tom severo) Se eu fosse uma moça, você logo pularia. Mas como se trata de sua mãe... não. Para que servem as mães? Para cozinhar, trabalhar a vida toda para os filhos...

—Por favor, mamãe! protesta Howie. Põe de lado o livro e se prepara para sair.

Chegam ao teatro um pouco atrasados. A cortina já subira e é com dificuldade que eles localizam seus lugares. Um homem, na fila de trás, não se contem:

—Sente-se, minha senhora!

A sra. Weissman volta-se e encara o reclamante:

—Eu tenho que tirar o meu casaco, o senhor não acha?

Acomoda-se, finalmente, e os espectadores podem concentrar a atenção no palco. Molly Picon está cantando. Uma explosão de aplausos aclama-a no final do número.

—Ah, esta Molly! comenta uma senhora ao lado da mãe de Howie.

—É mesmo gozadíssima.

—Minhas senhoras, intervem o homem da fila de trás, —por favor...

—Psiu, mamãe, diz Howie. —Você está incomodando os outros.

—Howie, não me venha ensinar o que devo fazer!

Howie se submete. A mãe trava com a vizinha as mais cordiais relações, provocando «psius» de todos os cantos do teatro. O rapaz percebe que a vizinha insiste em que ela aceite uma

maçã cujo mastigar é ouvido durante todo o primeiro ato. Profundamente embaraçado, (o homem de trás já havia comentado: «Que apetite, puxa! Vejo que as senhoras, com a graça de Deus, não morrerão de fome esta noite») Howie nem se anima a olhar para a companheira de sua mãe. Quando as luzes se acendem, no final do primeiro ato, tem a maior das surpresas. Sua mãe acabava de se voltar para a nova amiga, com um sorriso cordial, quando esta, levando a mão à boca, mal contem um grito de espanto:

—Howie!

O rapaz fica rubro, depois empalidece. Tem os olhos presos na sra. Rivkin e em Hannah, que se põe lívida. Antes que ele pudesse articular qualquer som, a sra. Rivkin tomou a palavra:

—Mas que mundo pequeno, este! Imaginem. E nós quase que não vínhamos hoje. Não me diga nada, Howie. Esta tem de ser sua mãe. Os olhos. O nariz. Se eu a encontrasse na rua, por certo que a reconheceria logo.

Howie faz valentes tentativas para dizer alguma coisa, mas a sra. Rivkin não terminou ainda.

—Há meses que venho dizendo a Howie: Howie, por que não se hão de conhecer as nossas famílias? Para que esperar? Você precisa trazer os seus pais aquí em casa qualquer dia, costumo dizer. Não é mesmo, Howie?

O sorriso da sra. Weissman transforma-se em careta.

Howie faz as necessárias apresentações.

—Esta é sra. Rivkin, mamãe. (Procura evitar o olhar da mãe.) Minha mãe, sra. Rivkin. E esta é Hannah.

—Muito prazer em conhecê-la.

Hannah assume um ar discreto, o oposto de sua mãe.

—Mas que prazer, brada a sra. Rivkin, apertando vivamente a mão da sra. Weissman. —Eu bem sabia que a mãe de Howie tinha de ser encantadora como ele. Já tenho perguntado inúmeras vezes como a senhora vai, como a senhora é, não é mesmo, Howie?

—Muito amavel da sua parte.

A voz da sra. Weissman é de gelo, mas os transportes da sra. Rivkin não conhecem barreiras. Que coincidência feliz!

—Howie, eu digo sempre, como é que até agora você não levou Hannah para conhecer seus pais? A mãe, pelo menos, tem o direito de ver a moça que o filho está namorando, não é mesmo, sra. Weissman? Não me diga que você tem acanhamento da sua própria mãe, Howie. Não foi o que eu disse, Howie? Minha Hannah é o que a sra. vê, prossegue a sra. Rivkin com crescente ardor, —e não tenho por que escondê-lo—os rapazes são loucos por ela. Mas se ela se decidir por Howie, não serei eu quem porá obstáculos.

—Minha mãe é «coruja» demais, interrompe Hannah, forçando um sorriso.

Gostaria de estar morta, pensa Hannah consigo mesmo. Preferia estar morta.

A sra. Weissman está prestes a explo-

dir mas, por sorte, as luzes se apagam para o segundo ato. O dinamismo da sra. Rivkin, porem, não arrefece. Como já viu três vezes a peça, conhece-lhe os menores detalhes.

—A senhora vai ver, diz à mãe de Howie, em tom de confidência. —Ele esconde o relógio debaixo do tapete mas depois se esquece e pisa nele. Agarra o braço da sra. Weissman. —Está vendo? exclama, exultante. Não lhe disse?

—Não se dê ao trabalho de contar-me, diz a sra. Weissman. —Eu mesma posso ver o que vai acontecer.

—Não, intervem o homem da fila de trás, —não guarde segredo. Que pena! Se eu a tivesse conhecido antes, não teria gasto dinheiro com a entrada. Bastava ter ido à sua casa para ouvir toda a história.

A sra. Rivkin não lhe dá atenção e continua a prodigalizar à mãe de Howie detalhes das cenas seguintes. Para a sra. Weissman, a noite estava irremediavelmente estragada. Como é que Howie se animara a guardar segredo do namoro tanto tempo? Vir a saber de tudo por meio de pessoas desconhecidas...

—É preciso que os outros me digam o que o meu próprio filho está fazendo, diz ela ao ouvido de Howie.

—Pelo amor de Deus, mamãe, sussurra ele. —Não vamos discutir aquí.

Mas a sra. Weissman chega a uma decisão súbita. —Vou-me embora para casa, declara ao filho. —Mas não quero privá-lo de tão agradavel companhia. Você pode ficar.

—Por favor, mamãe!

Howie sabe que é inutil discutir com ela mas ainda o tenta: —Que é que vai parecer?

—Pouco me importa, respondeu-lhe a mãe, levantando-se e caminhando rapidamente em direção à porta.

Howie saiu-lhe no encalço.

—Talvez ela não se esteja sentindo bem, diz a sra. Rivkin, quase de pé, sem poder explicar a fuga dos Weissmans. —Acho melhor eu ir ver.

—Deixe que se vá! implora Hannah.

Enquanto isso, Howie continua a correr atrás da mãe, furioso. Tambem era demais, pensou. Claro que devia ter sido para ela um choque saber daquela maneira, que ele estava namorando a moça. Mas quando é que ela não se chocara ao saber que o filho saira a passeio com alguma jovem? Quando é que deixara de advertí-lo de que tomasse cuidado para não se comprometer?

—Então é aquela que você anda namorando? pergunta a mãe sem se voltar para olhá-lo.

—Hannah é uma ótima moça...

A sra. Weissman muda de tática.

—Vejo que tudo está decidido. Eu e seu pai não precisamos saber de nada. Mas espero que para o casamento você nos convide...

—Será possivel?!

Howie fica exacerbado. Já estou farto de ser tratado como criança, pensa. Já estou farto de toda essa historiada, de mamãe, da sra. Rivkin e de Hannah tambem. Mulheres! Só servem para criar problemas. Por que não deixam a gente em paz?

Ao sr. Weissman, basta um rápido olhar para perceber que algo aconteceu entre a mulher e o filho.

—Vocês se divertiram? perguntou, cautelosamente.

—Como não! responde a mulher, desmanchando-se em lágrimas. —Pois se tive o imenso prazer de conhecer a futura mulher de Howie e a sogra.

O marido suspira fundo. Adeus, paz. Adeus, sossego.

—Que foi que aconteceu? pergunta à mulher, apesar da certeza de que nada neste mundo a impediria de contar-lhe.

—Howie, diz-lhe o pai, —vamos a pé até o clube.

Howie não levanta os olhos, que tem presos na ponta do cigarro.

—Não estou com vontade de caminhar, papai.

—Quero conversar com você onde ela não nos ouça, sussurrou o pai, apontando para a cozinha.

Howie não está para conversas mas, minutos depois, caminha ao lado do pai numa rua tranquila.

—Howie, começou o velho Weissman, sem encará-lo. —Talvez você ache que não é da minha conta, mas de qualquer modo vou-lhe perguntar. Você tem saido com aquela moça, depois que sua mãe a encontrou no teatro?

Howie atirou o cigarro na calçada.

—Não, disse bruscamente.

—Por que? Você mudou de idéia a respeito dela?

—Não adianta nada discutirmos o assunto, respondeu Howie, impaciente. —Não mudei de idéia. Apenas não tive mais vontade de ir lá. Só isso.

—Mas você, nem ao menos, chamou-a ao telefone?

—Não, papai, e preferia não falar mais nisso.

O sr. Weissman olha para o filho e sacode a cabeça.

—Qual, você ainda é um menino, diz com suavidade. —Só se pode parar a bola de neve no topo da colina, meu filho, não no meio da encosta. Agora, é tarde demais.

—Se eu quiser acabar, rosnou Howie, —acabarei. Já estou farto da interferência de mamãe e da mãe dela. Que é que mamãe pretende fazer da minha vida, afinal de contas?

Os olhos do sr. Weissman brilharam. —Ela o que quer é que você volte a ser o menino de antigamente...

—Eu não sou mais nenhuma criança.

—Então, proceda como homem, conclui o sr. Weissman.

Howie olha para o pai.

—Que é que o senhor quer dizer com isso?

—Não é minha intenção indicar o que você deve fazer, Howie. Só mesmo a você cabe resolver o problema, sem se importar com sua mãe ou com a mãe dela. Só acho que a moça merece que se esclareça, de uma vez, qual a posição dela.

—Nunca falei com ela em casamento, papai. Palavra de honra.

—Então você não gosta realmente dela?

Caminham em silêncio por alguns momentos.

—Aí é que está, papai. Gostar, eu

gosto. Elaé uma moça direita, muito agradavel, encantadora mesmo.

—Então qual é a dúvida?

—É que não me sinto ainda em condições de casar, confessa Howie.— Nós saimos, nos divertimos e nada mais.

A cabeça do sr. Weissman se move lentamente para a frente e para trás.

—Isso não serve, Howie. As moças decentes como Hannah querem é casar-se, formar um lar, ter filhos. Se você só quer tomar o tempo dela, então devia dizer logo.

—Hannah sabe muito bem o que penso do casamento.

—Então, ela sabe o que você pensa do casamento, argumenta o velho Weissman. —Mas você não pergunta o que *ela* pensa. Há duas semanas que você não a procura. Se mudou de idéia, muito bem. Mas proceda como um homem. Marque um encontro e diga-lhe: «Hannah, isto está se tornando sério demais e eu queria esclarecer que não estou pensando em casar-me. Você me perdoe, mas acho melhor você procurar outra pessoa.» O que você não pode é sair com a moça todo esse tempo e, de repente, zás, desaparecer. Nem um telefonema, nem uma explicação, nem nada.

Howie sente-se vencido.

—O senhor tem razão, papai. Eu não devia ter feito isso com ela. Afinal de contas a culpa não é dela. Vou procurá-la e dizer-lhe, francamente, que está tudo acabado.

O sr. Weissman parece estar engulindo um sorriso.

—Ande logo, diz ele, empurrando o filho para dentro da farmácia da esquina, —telefone de uma vez para a moça e marque um encontro.

—Obrigado, papai, diz Howie, realmente grato.

O velho Weissman despede-se com um aceno. Howie entra na cabina do telefone, disca o número e fica tamborilando com os dedos, nervoso, à espera que atendam.

—Alô, Hannah, aquí é o Howie.

Depois de um breve momento de silêncio, ela responde, friamente.

—Ah, é você...

—Escute, Hannah. Você pode se encontrar comigo no sábado, à uma hora, junto dos leões? (Eles costumavam encontrar-se nos leões, em frente à biblioteca pública, na Rua 42.)

—Não sei se vou poder, diz ela num tom de indiferença. —Creio que estarei ocupada.

—Por favor, Hannah, insiste o rapaz, —é importante.

Segue-se uma pausa.

—Importante? Bem, nesse caso... à uma hora, então, junto dos leões.

NA TARDE de sábado, em caminho para o encontro com Hannah, Howie vê um casal de noivos correr alegremente para o automovel que os esperava, depois de haverem posado, risonhos, para o fotógrafo, nas escadas da igreja. Howie olha-os irritado. Casamento, pensa ele. Um homem nunca sabe em que se está metendo.

Olha para o relógio. Uma hora. Hannah já o deve estar esperando, em frente à biblioteca. Mas o que ele tem a dizer não tomará tempo. Volta a repetir, mentalmente, as palavras que estudara.

«Escute, Hannah,» dirá, sem rodeios. «Gosto muito de você, mas estou cansado de receber ordens de todo o mundo.»

Ela baixará depressa as pálpebras, ocultando os olhos castanhos, magoados. Expressivos, os olhos de Hannah. Depois, dirá provavelmente, mal contendo o tremor da voz: «Não compreendo, Howie. Estou certa de que nunca disse nada...»

«Não,» replicará ele. «Reconheço que você nunca disse nada de mais. Mas nem precisava, com sua mãe atirando-me indiretas a todo momento.»

Não é que eu não goste da sra. Rivkin, diz consigo mesmo, irritado. Ela até que, a seu modo, é uma mulher de bom coração. O que eu queria era que ela parasse de ouvir a marcha nupcial cada vez que me enxerga. «Acho que toda moça deveria casar-se e ter filhos enquanto é jovem.» Isso lá é coisa que se diga a todo momento? Ele ainda nem se manifestou e ela já se pôs a escolher nomes para os netos.

É exatamente isso que vai dizer a Hannah. «Ouça, Hannah, passamos juntos momentos muito agradaveis, mas confesso que sua mãe já me está saturando.»

É certo que Hannah tambem fica para morrer com a tagarelice da mãe. «Mamãe, *por favor!*» Gostaria de ter em dólares o número de vezes que ouviu Hannah fazer esse apelo. Mas, não há remédio! Na cabeça da sra. Rivkin, há uma obcessão incoercivel —casamento. Não há quem aguente.

«Olhe, Hannah,» dirá ele. «Eu gosto de você e você gosta de mim. Mas não sou o único rapaz no mundo. O mar está cheio de peixes.»

«Talvez fosse bom darmos uma voltinha,» dirá ela, provavelmente, e então começarão a caminhar à volta do pequeno parque que fica nos fundos da biblioteca. Atrairão, certamente, a atenção dos transeuntes, pois Hannah, a esta altura, estará sem dúvida chorando, inconsolavel. Que diabo! Que situação, a sua! O melhor era mesmo acabar com tudo, de uma vez.

Olha de novo para o relógio. Está atrasado. Hannah é sempre tão pontual. É mais uma coisa que aprecia nela. Se diz que vai chegar à uma, chega mesmo. Sentirá falta dela, por várias razões. Se a mãe não o tivesse azucrinado tanto, era bem possivel que o namoro tivesse dado em alguma coisa.

Está agora próximo à biblioteca. Atravessa a rua e caminha rapidamente em direção ao leão do lado de lá da escadaria. Lá estava Hannah, tal qual previra, esperando por ele, pacientemente.

Vai direto ao assunto.

—Olhe, Hannah, preciso falar com você.

—Eu tambem, Howie, preciso muito falar com você.

—Um momento, Hannah, antes que você me diga...

—Não, Howie, ouça-me primeiro... Estive pensando, no caminho para cá...

—Eu tambem, ajuntou Howie. —E é precisamente sobre isso que quero conversar com você.

—E quero desabafar tudo de uma vez, prosseguiu ela, disposta a não ceder-lhe a palavra. —Howie, para ser breve e precisa, queria dizer-lhe que o nosso namoro está definitivamente acabado.

Howie arregala os olhos, surpreso.

—Como? Tudo acabado?

—Não sou nenhuma tola, Howie. Sei bem o quanto mamãe o irrita, mas a intenção dela é boa e tudo o que faz julga ser para o meu bem. Ela simplesmente não compreende... (a voz de Hannah começa a tremer) e eu não posso fazer nada...

—Que bobagem, diz ele, —quem é que está ligando para o que ela diz?

—Eu, respondeu Hannah, corando. —E não gosto que ninguem seja constrangido a casar-se comigo.

—Francamente, Hannah, você está imaginando coisas, protesta ele. —Ninguem precisa ser constrangido a se casar com você. O rapaz que conquistar você deve dar-se por muito feliz.

Ela o encarou, um instante.

—É muito amavel da sua parte dizer-me isto, observou, friamente. —Bem, imagino que você precise ir indo. Não vale a pena prolongarmos a história. Só quero que você fique sabendo que gostei sempre muito da sua companhia.

Ele segurou-lhe o braço.

—Olhe, Hannah, ninguem está me constrangendo, de forma nenhuma. Não ligo a mínima para o que sua mãe diz. Sei bem o que são as mães à antiga. Não tenho uma tambem? Elas têm boas intenções. Precisamos é compreendê-las e aceitá-las como são.

Hannah procura retirar o braço.

—Por favor, Howie, você não precisa ser polido. Compreendo tudo, perfeitamente.

Howie segurou-lhe o braço, mais fortemente ainda. Mas isso, afinal, não é coisa que se faça, pensou. Depois de todos esses meses, largar-me dessa maneira?

—Ouça, Hannah, não sou mais nenhuma criança. Já estou em idade de assentar a minha vida. E se sua mãe quer tanto se ver livre de você, por que não lhe faremos a vontade?

Saltam lágrimas dos olhos de Hannah.

—Oh, Howie, não me diga essas coisas se você não as está sentindo realmente.

—É a pura verdade, Hannah. Eu gosto de você. Tenho é estado fora de mim. Só agora, de repente, é que vejo as coisas com clareza. Coisa engraçada, ainda há pouco, vi dois noivinhos saindo da igreja e comecei a pensar sobre o casamento (Howie ri). As coisas que passam pela cabeça de um homem... Você não acreditaria.

—Você é que não acreditaria no que passou pela minha cabeça enquanto eu vinha vindo para cá, confessa Hannah. —Nunca pensei que chegássemos a nos entender...

—Nunca? perguntou ele, estreitando-a contra o peito.

—Quando estivermos casados, prometeu Hannah, —ninguem mais lhe ditará ordens. Na nossa casa você é quem manda.

—Que jóia você é, Hannah. Vamos nos sentar um pouquinho no parque?

Subiram os degraus, contornaram a biblioteca e caminharam para o parque.

Aposto que a sra. Rivkin vai chamar a si todo o mérito da «vitória», pensa Howie, com tolerância. Quando a gente chega a conhecê-la melhor, vê que não é tão má quanto parece. Não há dúvida de que ela não me deu uma folga. Mas, vamos e venhamos, uma mulher com filha para casar deve ter tambem os seus problemas...

Entendam... se puderem

NUMA LOJA, ouví a vendedora, que acabara de deixar cair a caneta no chão, dizer à freguesa: «A vantagem dessas canetas esferográficas é que mesmo depois de cairem não escrevem pior do que antes.»

—Bill Gold, no *Post*, de Washington

UMA JOVEM, explicando à outra como se jogava boliche: «Tenha cuidado para não derrubar todos os paus com a primeira bola, senão você sai lograda—não tem direito a jogar a segunda bola.»

—*Sunday Register*, de Des Moines, Iowa

HOMEM ao amigo: «Eu e Elisa estamos nos dando muito bem, depois que nos separamos.»

—*Star* de Nova York

UMA jovem à companheira:

—Puxa, Lillian, você precisa se apressar, senão vai chegar tarde.

—Não, replicou a amiga, —eu já disse ao Joe que ia chegar atrasada. Por isso, tenho tempo de sobra.

—*PM*

NUM rink de patinação, rapazes e moças com casacos vermelhos, azuis e verdes formaram um extenso cordão que serpenteava ao som de uma conga. Diante do belo efeito coreográfico, uma senhora na assistência comentou: «Que maravilha! E tão *real*—tal qual como no cinema.»

—*PM*

«Há momentos,» confidenciou a esposa à melhor amiga, «em que acho que meu marido é o mais paciente, o mais suave e o mais cordato dos homens; mas há ocasiões em que acho que ele não passa de um grandessíssimo preguiçoso!»

—Dan Bennett

O Aleijadinho

(Capa)

Condensado de um artigo de
Vianna Moog

Por mais que se percorra o Brasil, e não apenas o Brasil, mas as duas Américas, em busca de museus, de catedrais e lugares históricos, para efeitos de contemplação, aferição e confronto de valores artísticos, nada se encontrará comparavel em matéria de arquitetura, torêutica e escultura, sobretudo de escultura, à obra realizada em Minas Gerais, na segunda metade do século XVIII, por Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido em nossa época pela alcunha de Aleijadinho. Para descobrir algo semelhante ao conjunto de monumentos que ele legou à posteridade, é preciso ir um pouco mais longe no espaço e no tempo. No espaço, talvez seja preciso estender a investigação ao velho mundo, e no tempo, remontar à Renascença. Porque talvez não em outra parte ou em outra época poderemos identificar os verdadeiros contemporâneos do Aleijadinho.

Com uma diferença: os gênios do Renascimento tiveram a seu favor a plenitude da força e da saude, enquanto Antônio Francisco Lisboa, atingido pelo mal de Lázaro em meio da vida, teve que superar as dores lancinantes que o flagelavam e triunfar sobre a deformação física e as tremendas limitações que a doença atroz e implacavel lhe impunha, para transmitir ao mundo as suas comoventes mensagens de beleza. Mais ainda: no caso do Aleijadinho, o meio, a época, as circunstâncias históricas e sociais, as instituições, os preconceitos de raça, de classe e de nacionalidade, quase tudo lhe seria adverso.

Para começar, nasceu escravo. Filho natural de um carpinteiro português e de uma escrava africana, não seria o fato do pai tê-lo declarado livre por ocasião do batismo, que o havia de imunizar por completo da lembrança e da influência do signo fatal que presidiu ao seu nascimento.

Da infância do Aleijadinho, sabe-se apenas que a passou toda em Vila Rica, onde aprendeu as primeiras letras e possivelmente o seu pouco de latim. Que outra espécie de instrução poderia oferecer-lhe a Vila Rica daquele tempo? A atual Ouro Preto, então mero ajuntamento de casas de taipa e toscas capelas escondidas na espessura dos arvoredos, durante a primeira metade do século XVIII não conheceu outra preocupação que não fosse o ouro. Não havia lugar para outras cogitações.

Quatro dos profetas de Congonhas do Campo, esculpidos em pedra-sabão pelo Aleijadinho.
Foto: Matiz

Entretanto, se faltou ao Aleijadinho uma adequada instrução secundária, não se pode dizer que lhe faltassem oportunidades de realizar uma excelente educação técnica. Terminado por volta de 1750 o período de esplendor na exploração do ouro das minas, começa em Vila Rica o ciclo da grande urbanização. Já não são somente garimpeiros e faiscadores que confluem agora para Minas. São tambem os mestres santeiros de Portugal, da Baía e do Recife, arquitetos, escultores, medalhistas, gravadores, em cujo convívio, tanto por aprendizado direto, como por efeito de saturação psicológica inconsciente, faria o Aleijadinho o seu mais fecundo aprendizado.

Nesse período, Antônio Lisboa é antes um diletante do que um artista. Às vezes arquiteto, outras escultor, ainda não se lhe nota uma vocação marcante e definitiva. As grandes lembranças que os contemporâneos guardam dele, nessa fase de saude, que vai até aos 45 ou talvez até aos 47 anos, é a de um mestiço cheio de vida que se diverte. Baixo, pardo escuro, atarracado, de pescoço curto e nariz regular, embora um pouco pontiagudo, cabelo crespo e anelado, de voz forte e fala arrebatada, ele gosta de bródios e festanças retumbantes e não perde bailes.

De repente, esse homem desmedido e exuberante, que parecia vender saude por todos os poros, entra fisicamente a declinar. Entumecem-lhe os dedos das mãos e dos pés, o corpo se lhe arqueia, a sua fisionomia adquire uma expressão leonina, uma deformidade progressiva apodera-se dele para não mais o abandonar.

Começa aquí uma das mais dolorosas e edificantes via-crucis de todos os tempos. A doença progride sem destruí-lo, obrigando-o a arrastar-se em joelheiras de couro, e a usar uma armação que os seus escravos lhe amarram ao coto dos braços, a bem dele poder controlar o cinzel e o martelo. Mas à medida que nele a matéria se desintegra, o espírito se lhe enrijece. Ainda terá ambições mundanas e esperanças de cura? Nem uma coisa nem outra. Ele agora distribui com os pobres todo o dinheiro que ganha, tal como S. Francisco de Assís, o santo de sua devoção.

Daquí por diante, ele terá apenas uma paixão: criar, trabalhar. Trabalha sempre, não para nunca. Ante-manhã, já os escravos, que são tambem seus auxiliares e discípulos, o conduzem em liteira cerrada para junto dos blocos de pedra a que ele vai dar forma e vida. E alí permanece o Aleijadinho, ora no recesso das igrejas em construção, ora na penumbra das abóbadas, ora ao ar livre dos átrios, oculto sempre por uma tenda que o protege dos olhares dos curiosos, até que não haja mais luz para continuar.

Mas, fato estranho na sua singularidade: esse homem que procura esconder-se de tudo e de todos, que se esgueira pelas ruas à sombra dos crepúsculos, que não quer ser notado, que se cobre com uma capa e um chapéu de abas largas para que ninguem o reconheça, vai deixando por toda a parte as marcas de sua passagem. E que marcas! Em Ouro Preto, a portada da Igreja de São Francisco e os altares laterais de São João e Nossa Senhora da Piedade; em Sabará, o frontispício, o púlpito, a balaustrada e as atlântidas que ladeiam a nave da Igreja do Carmo; em Congonhas do Campo, as sessenta e quatro figuras dos Passos, o São Jorge da Matriz do Pilar, os doze profetas do Santuário... Os profetas de Congonhas do Campo! Como respiram saude essas estátuas! Não se diriam a obra de um artista mutilado. Majestosas, serenas, tranquilas, um rumor de perenidade parece incorporá-las à paisagem que as envolve.

Não, não há dúvida: o criador dessas maravilhas era um homem da Renascença extraviado no século XVIII. E um genio tocado de um halo de santidade.

Senhoras que ocupam lugares de destaque na vida moderna, obrigadas a assistir a reuniões internacionais, declaram-se absolutamente a favor da excelência, conforto e conveniência dos transportes aéreos.

... e naturalmente preferem os aviões da K.L.M. porque sabem que...

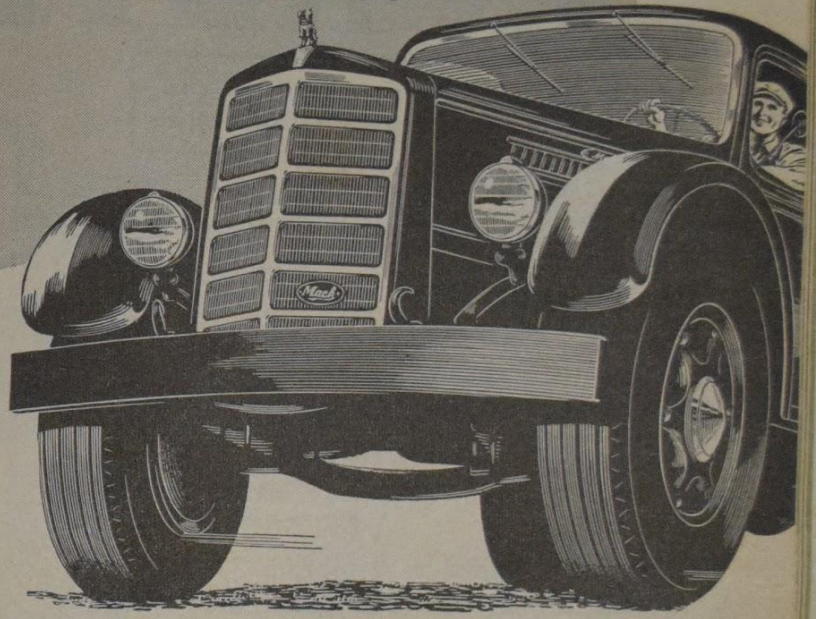
...viajar de avião é muito natural para os holandeses"

Os viajantes deste século escolhem os aviões da K.L.M. porque avaliam a excelência e a experiência que os holandeses herdaram em tudo quanto respeita a viagens de longo curso.

A Companhia de Aviação mais antiga do mundo, prestes a completar o seu 30º. aniversário.

Peçam informações quanto a passagens e frete ao seu Agente local ou ao Representante mais proximo da K.L.M.

CAMINHÕES *Mack* pagam em trabalho



Os Caminhões Mack o servem melhor porque, para começar, são de melhor construção. Materiais do mais alto grau! Características avançadas e exclusivas! Mecanismo resistente de ponta a ponta! Tudo isso contribui para o melhor desempenho que V.S. obtem dos Macks.

Existe um caminhão Mack para transporte econômico e de confiança em todos os graus de capacidade, começando com o veículo de peso bruto de 6½ toneladas, para cima. Aos transportadores que possam empregar diesels, a Mack oferece três grandes motores diesel que asseguram dupla economia — mais quilômetros por litro, e menos custo por litro. A gasolina ou a diesel — quando um Mack entra a seu serviço, as despesas diminuem e os lucros aumentam!

• • •

E de seu interesse fazer uma visita ao distribuidor mais próximo dos Mack, e obter toda a informação sobre as vantagens que um Mack lhe pode dar.

Em toda a América Latina se ouve repetir:

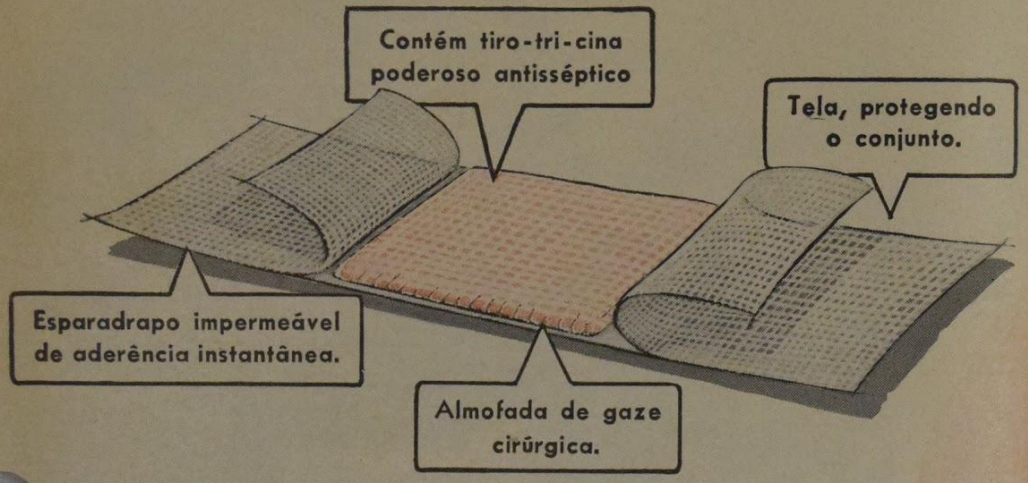
"Tan Forte como um Mack"

7688

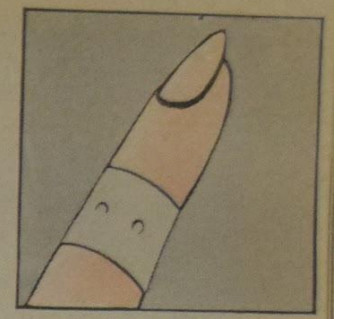
Mack Trucks, Inc., Empire State Building, New York, N.Y., E.U.A. Fabricantes dos mundialmente famosos Caminhoes, Onibus e Bombas de Incendio. A gasolina ou Diesel. Distribuidores nas principais cidades de America Latina.

Evite infecções usando êste

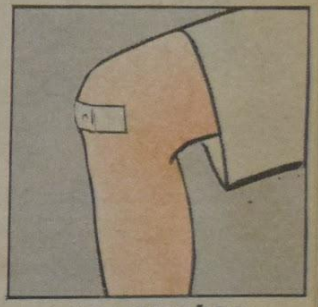
CURATIVO RÁPIDO



A atadura adesiva Band-Aid é um curativo rápido e completo. Esparadrapo impermeável, almofada de gaze e o poderoso antisséptico tiro-tri-cina — tudo reunido num só curativo! Pronto para uso imediato! É a proteção ideal contra infecções. E tiro-tri-cina não arde. Cura ràpidamente sem dor. Tenha sempre em casa ataduras adesivas Band-Aid. Evitará, assim, muitas infecções que podem ter conseqüências graves.


CORTES

ESPINHAS


CONTUSÕES

BOLHAS D'ÁGUA

ATADURA ADESIVA

BAND-AID

CONTÉM TIRO-TRI-CINA

Johnson & Johnson

Triunfo na Técnica da Fabricação do Aço

PRODUTOS DA BETHLEHEM STEEL

Começando pela extração do minério, e continuando até o embarque das peças acabadas, os produtos de aço da Bethlehem estão constantemente sob o rigoroso controle de técnicos com vasta experiência. É por isso que o aço da Bethlehem vem gozando de reputação mundial por sua qualidade e uniformidade dignas de confiança.

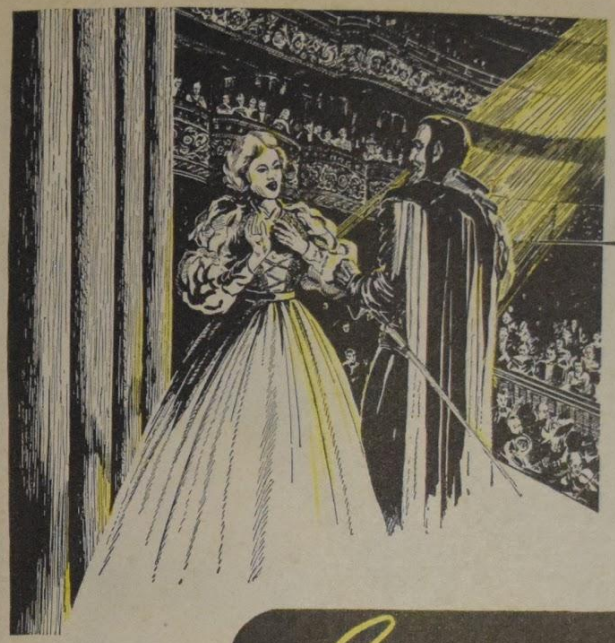
A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se desse modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, New York 4, N. Y., E. U. A. Endereço telegráfico: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a, BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION RIO DE JANEIRO: Avenida Churchill, 129-4.º andar SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84



O inverno traz consigo a brilhante temporada lírica dos Estados Unidos. Além desses grandiosos espetáculos - insuperáveis pelo valor artístico, colorido e beleza - cada região do país tem suas atividades culturais e artísticas próprias, que atingem o climax na temporada de inverno.

Inverno nos E.U.A.

Os sensacionais esportes de inverno atraem milhares de adeptos aos lagos gelados e as montanhas cobertas de neve.

As praias tropicais da Flórida, Califórnia e Golfo do México, banhadas pelo sol, oferecem ao turista uma oportunidade inigualável de repouso sadio e confortável.

Os amantes dos esportes podem apreciar competições atléticas em recintos fechados, tais como hockey, basketball e lutas de box.

Londres
...agora apenas 13 horas de New York pelo novo CLIPPER DOIS ANDARES "Tipo-América"*

O inverno nos Estados Unidos oferece, realmente, uma grande variedade de atrações. E num rápido, confortável e luxuoso Clipper* da PAA - V S. fará a viagem mais agradável de sua vida. As Agências de Viagens ou o escritório da PAA mais próximo terão grande satisfação em providenciar *todos* os detalhes de sua viagem.

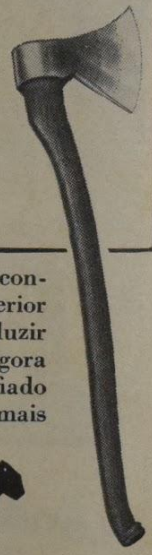
*Marcas Reg., Pan American Airways, Inc.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rêde dos Clippers Voadores

PAA

VIAJE PÊLA PAA -- MELHOR MANEIRA NÃO HÁ!

Compramos COLLINS
para nossos trabalhadores
porque as
COLLINS
SÃO MELHOR EQUILIBRADAS



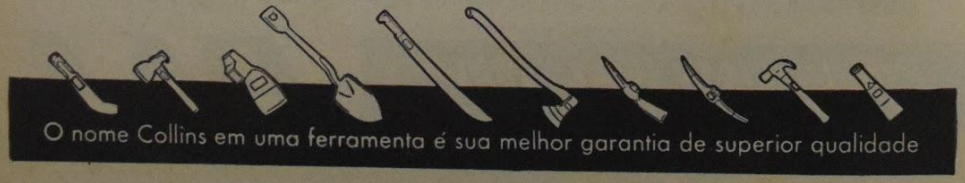
Mais facil de manejar, confortavel ao punho, tornando mais leve a tarefa.

Os trabalhadores no mundo inteiro preferem Collins para cumprir bem suas tarefas. Eles preferem seu equilíbrio facil, a firmeza e conforto que se tem ao empunhar uma ferramenta Collins. Este desenho superior torna o trabalho menos fatigante, e significa que um homem pode produzir mais sem cansar-se tanto. Alem disso, a alta qualidade dos aços Collins, agora melhor do que nunca, graças à moderna metalurgia, proporciona gume afiado e resistente que corta com facilidade a mais rija madeira ou fibra. Hoje, mais do que dantes, Collins dá o máximo em troca do dinheiro que o freguês paga.

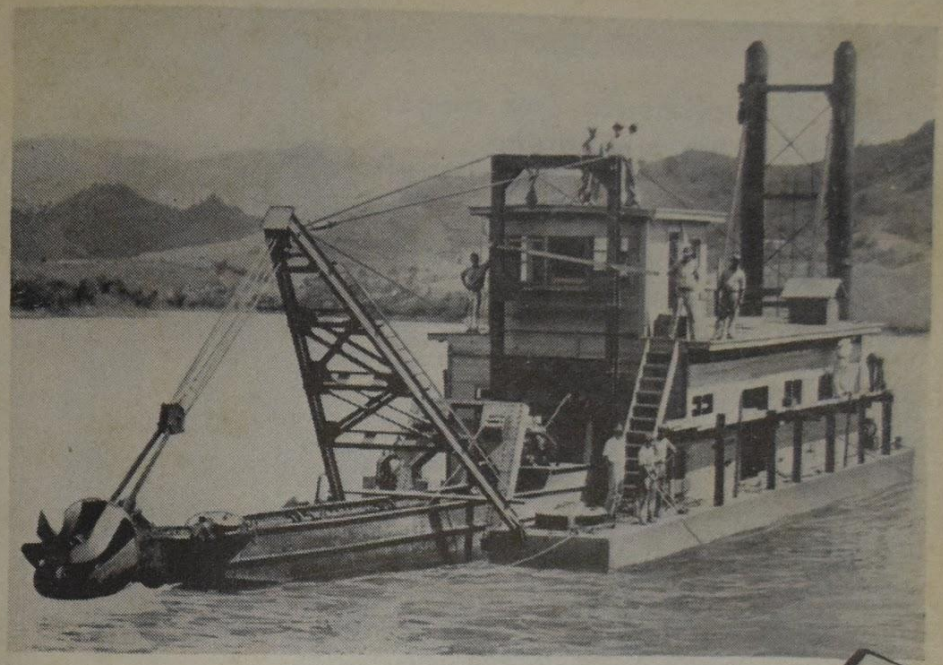
COLLINS

"SEU AMIGO HÁ MAIS DE CEM ANOS"

THE COLLINS COMPANY, Collinsville, Conn., E.U.A.
Representante Direto: Jair Mastrandréa,
Rua Senador Queiroz 101 Caixa Postal
No. 2068, São Paulo, Brasil.



O nome Collins em uma ferramenta é sua melhor garantia de superior qualidade



Uma Draga Hidráulica ELLICOTT Aumenta a Capacidade do Reservatório de Guayabal

A ELLICOTT CONSTRÓI DRAGAS PARA:

ALARGAR, APROFUNDAR, MELHORAR:
Rios
Lagos
Portos
COMBATER:
Mosquitos
CONTROLAR:
Inundações
Drenagens
REMOVER:
Obstáculos
Sedimentos
ATERRAR:
Pântanos
Praias
Represas
CONSTRUIR:
Canais
Portos
Terraplenagens
PRODUZIR:
Areia
Cascalho
Material de atêrro

A Administração de Fontes Fluviais de Porto-Rico via-se a braços com o problema do lôdo no Reservatório de Guayabal. Esta draga hidráulica *Ellicott* de 12 polegadas (30,5 cm.) solucionou o problema . . . removeu todo o lôdo e aumentou a capacidade do reservatório, de 7,4 para 12 milhões de metros cúbicos de água. Acabado êsse trabalho, a draga foi desmontada e transportada por terra para a capital, São João, afim de realizar importantes trabalhos de dragagem no pôrto.

Há mais de 60 anos a Ellicott vem construindo dragas hidráulicas semelhantes a essa, para melhorar os recursos naturais e remover aluvião, lama, sedimentos e pedras do fundo de portos, rios, lagos, etc. Querendo saber de que maneira as dragas *Ellicott* podem ser-lhe úteis, escreva ou telegrafe à *Ellicott Machine Corporation*, 1627 Bush Street, Baltimore 30, Md., E.U.A.

ELLICOTT *Dragas Hidráulicas*

Maior rendimento com menor esforço com a màquina de somar elètrica "ODHNER"

Um leve toque nas teclas de comando... e a máquina trabalha com rapidez de relámpago.

Conheça essas vantagens exclusivas: Teclado reduzido de 10 teclas de inscrição e 4 teclas de comando.

Subtração direta e saldo negativo marcado automaticamente de vermelho.

Espaçamento automático antes dos sub-totais e totais.

Cortador de papel transparente - Funiconamento silencioso.

Tambem existem modelos manuais.

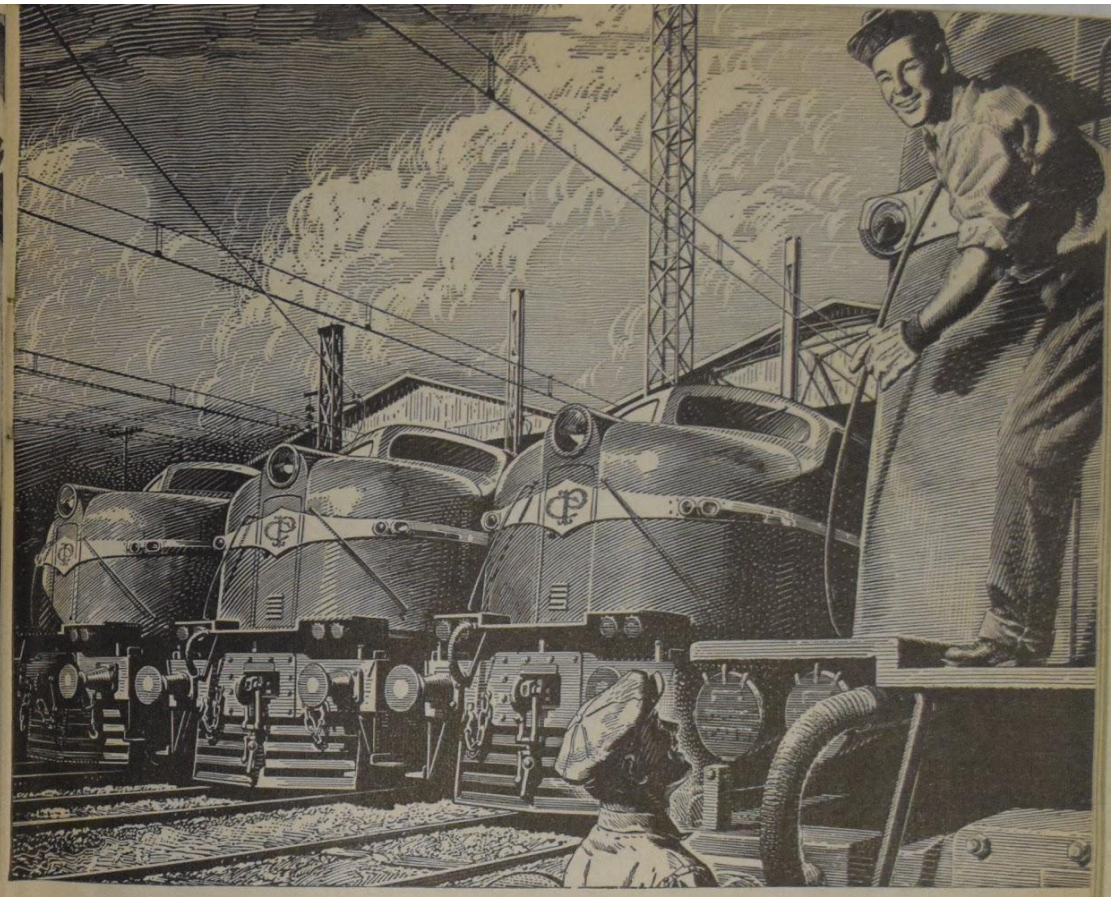
Feita por engenheiros suecos do famoso aço sueco, para servir a V.S. por toda a vida.

ORIGINAL-ODHNER

Peça ume demonstração!

A/B ORIGINAL-ODHNER, GOTEMBURGO, SUÉCIA

Agentes em Portugal: Sida Ltda, **Lisboa**
Agentes no Brasil: Machinas Importadora Ltda, **Rio de Janeiro** e **Sao Paulo.** Francisco Aguiar & Co, **Sao Luiz – Maranhao.** Adolpho Ballalai Jr., **Bahia.** Casa Coates Ltda, **Porto Alegre.** S/A Comércia e Industria Mattos, **Fortaleza.** Walter Hendler & Co., **Recife.** Casa Marc Jacob, S/A, **Parnaiba.** Souza, Mesquita, **Manaos-Amazonas.**



Servindo com eficiência a

MILHARES DE FAMÍLIAS

Em tempos idos cada família era obrigada a plantar ou caçar para alimentar-se—fazer suas próprias roupas e construir seus próprios abrigos. O desenvolvimento dos transportes pôs termo a isso. Porque é o intercâmbio comercial constante e a facilidade de viajar que estimulam os negócios e a indústria, forjando o progresso.

A G.E. tem liderado o desenvolvimento e a modernização dos transportes. A nova frota de locomotivas eléctricas que agora serve ao Brasil é típica da assistência que a G-E presta ao progresso de um país. Projetores para os páteos de manobras, chaves, controles e numerosos outros equipamentos eléctricos G-E contribuem também para a solução dos problemas de transporte, aquí e em todo o mundo.

Ao usar a electricidade, lembre-se de que o líder nas pesquisas, engenharia e fabricação de materiais eléctricos está ao seu dispor. Os produtos G-E., para a indústria e para o lar, são encontrados em toda parte. International General Electric Co., Inc., New York. A-9-9

GENERAL ELECTRIC
E.U.A.

Símbolo de Excelência EM TODO O MUNDO . . . NA INDÚSTRIA E NO LAR

Foram-se os tempos das aventuras aéreas... Hoje em dia, todos podem gozar os benefícios de uma viagem aérea, pelo Brasil ou para o Exterior, nas velozes e confortáveis aeronaves da Panair do Brasil. Proporcionando aos passageiros o máximo de comodidade, aliado ao máximo de rapidez, a Panair do Brasil fá-los sentirem-se a bordo, como se estivessem em casa. As viagens aéreas que tornaram o mundo pequenô, são hoje em dia, tão simples e cômodas, que ninguém foge ao prazer de utilizar o avião para cobrir grandes ou pequenas distâncias, sem abandonar o bem estar doméstico. Consultem nossas agências sobre os seus planos de viagens.

PANAIR DO BRASIL

A MAIOR REDE AEROVIARIA SUL-AMERICANA

REPRESENTANTES NO BRASIL:

RIO DE JANEIRO José de Brito - Av. Gomes Freire, 28

SÃO PAULO Hans Alex Loewenthal - Rua São Bento, 480 s 301/2

MINAS GERAIS Isonel Cosenza - Rua Rio de Janeiro, 195-s 109-C Postal 717 - Belo Horizonte

PARANÁ S. Rigler - Rua Cabral, 773 Curitiba

RIO GRANDE DO SUL Hess & Wolff Caixa Postal, 875 - Porto Alegre

BAHIA Armando Brandão Praça. Conde dos Arcos, 4 - s. 4 - Salvador

PARÁ Bento Mendes Leite Rua João Alfredo, 91 - Belém

PERNAMBUCO A. S. Castro - Rua Aurora, 65 - Recife

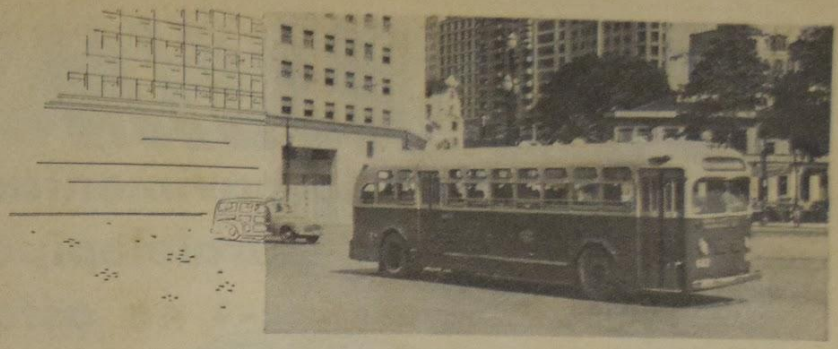
Distribuidor exclusivo em Petropolis - Est. do Rio Alfaiataria De Carolis - Av. 15 de Novembro, 548

Sorrisos que falam de amor...

perfumados com

CREME DENTAL **GESSY**

A espuma gostosa
que clareia os dentes!



hoje parece brincadeira...

o que ontem foi muito sério!

O serviço de ônibus no Brasil se iniciou mais ou menos há um quarto de século. Para a época a aparelhagem técnica já era revolucionária... embora hoje pareça irrisória. Foi sem dúvida um grande passo no campo dos transportes coletivos. Com o correr dos anos a técnica permitiu melhorias que revolucionaram os conceitos de confôrto, estética, rapidez e segurança. E hoje, para o transporte da população, estão aí os modernissimos ônibus da General Motors — Chevrolet, GMC e GM Coach — justo orgulho da indústria automobilística.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A. – *contribui para o progresso e o bem-estar*

Chevrolet ☆ Cadillac ☆ Buick ☆ Oldsmobile ☆ Pontiac ☆ Vauxhall ☆ GMC ☆ Bedford ☆ GM Coach ☆ Frigidaire ☆ Peças e Acessorios ☆ GM Diesel

GUIAR ASSIM É

-- em estradas não pavimentadas

-- no paralelepípedo

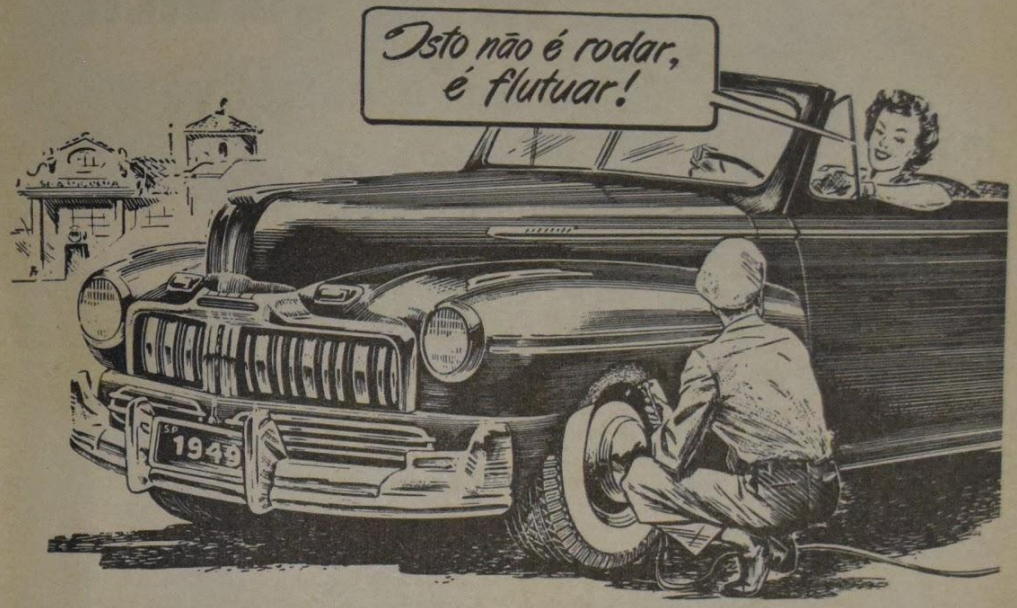
-- no asfalto

BORRACHA MACICA	PNEU ALTA PRESSÃO	PNEU BALÃO	PNEU AIRWHEEL	E AGORA! O SUPER-CUSHION

Desde as rodas revestidas de borracha maciça até os pneus Airwheel o progresso na fabricação de pneumáticos tem visado sempre proporcionar aos carros uma marcha mais confortável. E hoje Goodyear lhe oferece o máximo! Basta experimentar o pneu Super-Cushion uma vez para se convencer.

Super Cushion criação e fabricação da

OUTRA COISA!...



o carro sofre menos...

e você descansa mais!

SIM! Com Super-Cushion seu carro como que *flutua* sôbre as irregularidades do solo. Porque Super-Cushion é maior e mais largo—contém maior volume de ar com menor pressão. E *absorve* os choques, tanto laterais como verticais—o carro não trepida! Isto significa mais confôrto para você, maior proteção para seu carro.

GOODYEAR

DIZEM OS MÉDICOS

"A AVEIA QUAKER

é tão nutritiva e

Fácil de Digerir"

A deliciosa Aveia Quaker proporciona a V. S. grande quantidade de importantes elementos nutritivos em um excelente cereal, grão integral.

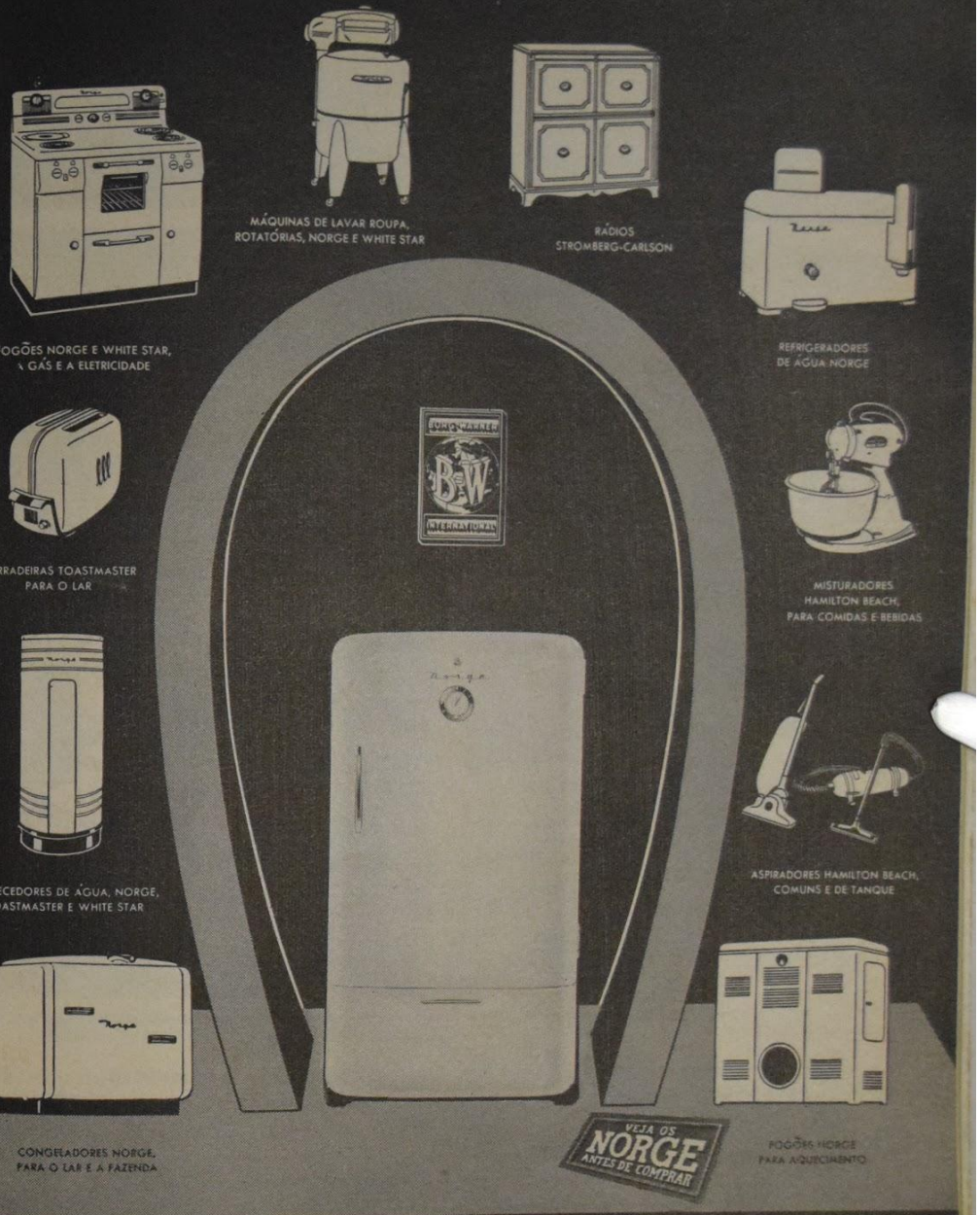
Rica em Vitamina B_1, que transforma o alimento em combustível do corpo, a Aveia Quaker ajuda a acumular resistência contra o cansaço. Por suprir o alimento requerido sem grande esforço para o sistema digestivo, este alimento "natural" é preferido pelas pessoas idosas, pelos jovens durante os anos de crescimento e pelos adultos que levam uma vida ativa. A Aveia Quaker é o pequeno almoço perfeito para *toda* a família!

MAIS RAZÃO DO QUE NUNCA PARA SE COMPRAR A AVEIA QUAKER!

- **MAIS ENERGIA** ..... é rica em hidratos de carbono
- **MAIS FORÇA** ..... abundante em proteinas
- **MAIS RESISTÊNCIA** . devida as ricas propriedades da Tiamina (Vitamina B_1)
- **MAIS PRAZER** ..... todos gostam do seu sabor delicioso

Como se deve preparar um PEQUENO ALMOÇO GOSTOSO E NUTRITIVO

Ferva 2 xícaras de água. Acrescente sal. Quando a água estiver fervendo, acrescente 1 xícara de Aveia Quaker. Cozinhe mexendo durante 2½ minutos. E . . . pronto!



BORG-WARNER INTERNATIONAL

SEÇÃO DE APARELHOS ELÉTRICOS, DETROIT 26, MICH., E. U. A.

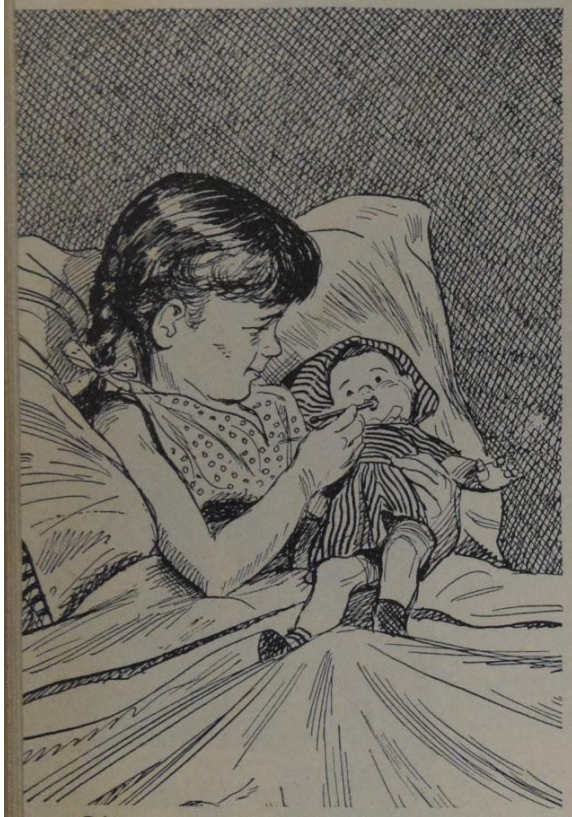
SEÇÃO INDUSTRIAL E DE ARTEFACTOS: Balanças sanitárias, cortadores, serras, moedores e amaciadores de carnes • Torradeiras, chapas de fazer waffles, e aquecedores de pão Toastmaster, tipo comercial • Ventiladores Holcomb & Hoke • Equipamento de intercomunicação Stromberg-Carlson • Refrigeradores e equipamento de coleta comercial • Telas "Koolshade" • Instalações Ingersoll completas, em combinação, de cozinhas, canalizações e banheiros • Resinas Marbon para fabricação industrial de borracha • Correntes e rodas dentadas industriais Morse • Pás, enxadas e escavadores Ingersoll.

SEÇÃO INDUSTRIAL E DE ARTEFACTOS
322 W. Lafayette Ave., Detroit 26

OFICINA DE EMBALAGEM
Auburn, Indiana

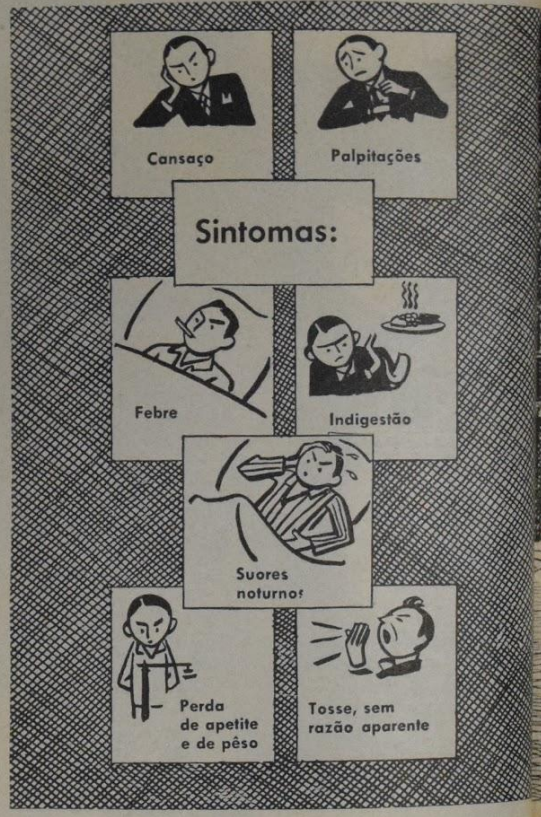
SEÇÃO AUTOMOTRIZ
206 South Michigan Ave., Chicago 4

Não tenha medo da tuberculose!



Crianças, especialmente meninas, são as mais sensíveis à tuberculose.

A tuberculose ainda mata milhões! E no entanto, não deveria matar! Porque hoje o seu médico sabe como controlá-la e curá-la. Entretanto, para ser curada, ela deve ser descoberta *a tempo*, por exame clínico. Se você viver até os quarenta anos, sem ser atingido pela terrível moléstia, é bem possivel que nunca mais a adquira. Mas, entre quinze e trinta anos, a tuberculose ainda mata milhões anualmente, em todo o mundo. Procure manter os seus longe do contato com tuberculosos. Lembre-se, a tuberculose é uma doença *contagiosa!* Seus germes são transmitidos dos doentes para os sãos!



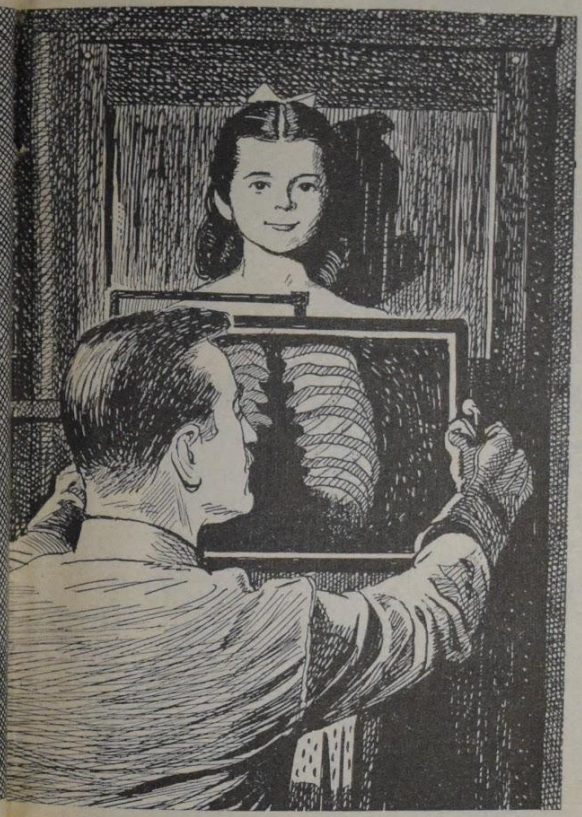
Se você notar algum desses sintomas, consulte imediatamente seu médico!

Como vencer a tuberculose

Conheça seus sintomas (mostrados acima). Atenção neles, especialmente nas crianças.

Evite a infecção. Use leite pasteurizado ou fervido. Evite aqueles que tossem e escarram sem cuidado. Evite contato com os tuberculosos.

Proteja-se contra o enfraquecimento! Durma o suficiente. Faça exercícios ao ar livre. Coma bem. Não trabalhe nem se divirta em excesso. Faça exames médicos *inclusive Raios-X dos pulmões.*

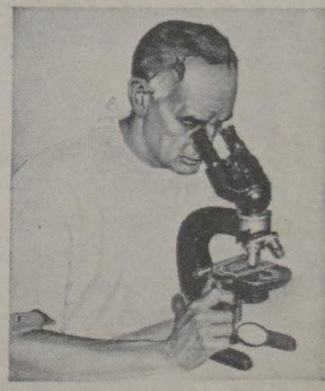


Para sua segurança, vá você mesmo e leve seus filhos também, para tirar uma chapa dos pulmões.

Porque vale a pena tirar uma chapa dos pulmões?

1. A tuberculose no início, às vezes, não é evidente, mas o Raio-X descobre-a.
2. A tuberculose diagnosticada em tempo *pode* curar-se.
3. Descobrir a tuberculose e tratá-la em tempo, garante a sua segurança e a dos demais.
4. A tuberculose, descoberta tardiamente, é dificil de ser curada. Leva mais tempo e é muito dispendiosa.
5. Uma chapa dos pulmões é o mais barato "seguro de saúde" que você pode comprar.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas do seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo, de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou conservar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas SQUIBB têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

Vestidos, Bôlsas, Calçados . . . e seu CARRO!

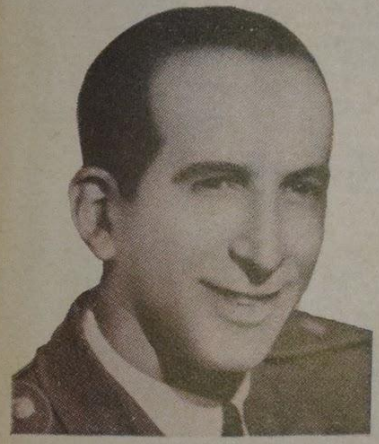
Qualquer que seja o artigo, sua qualidade e acabamento dependem de uma variedade de lubrificantes industriais que assegurem o perfeito funcionamento das máquinas que os produzem.

Os lubrificantes industriais "Atlantic," de alta qualidade, estão satisfazendo os mais exatos requisitos de lubrificação encontrados nos diversos tipos de indústria do Brasil.

A mesma razão que guia os industriais na escolha dos lubrificantes "Atlantic," conduz o automobilista consciencioso a associar o nome Atlantic às necessidades vitais de seu carro, preferindo também o ATLANTIC MOTOR OIL de Ação Dupla, a GASOLINA Etilada ATLANTIC, a Lubrificação Especializada ATLANTIC, as Baterias ATLANTIC e os Pneus KELLY-Springfield.

ATLANTIC REFINING COMPANY OF BRAZIL

HARO OLIVA—*Esgrimista de fama mundial*



HARO OLIVA, ***famoso esgrimista, e durante muitos anos membro eminente da Equipe de Esgrima do Exército Mexicano.***

APARA GOLPES DE NAVALHA COM O WILLIAMS...

● Aceite o conselho de um campeão! Diz Haro Oliva: "Os cortes da navalha preocupavam-me mais do que golpes de espada, mas descobrí como me podia barbear bem com o Creme Williams, que contém Lanolina, tão boa para a pele. Com o Williams me barbeava melhor que nunca—mais depressa, com mais suavidade, e escanhoando melhor. Aconselho a experimentá-lo, quando tiver que comprar creme de barbear!"

● Rapidez, conforto, boa aparência, *valor!* É o que V.S. obtem ao barbear-se com o Williams, que contém Lanolina, o ingrediente que *faz bem à pele;* protegendo a contextura macia desta, permite a V.S. barbear-se mais depressa e com mais suavidade. Experimente o Williams, e convença-se pela própria experiência!

Há dois cremes à sua escolha: o Williams Simples e o Williams Mentolado

WILLIAMS CONTÉM A SUAVIZANTE LANOLINA

Todas as mulheres do mundo costuram com Husqvarna

A marcha ligeira, macia e silenciosa assim como a sua alta precisão, tornou a máquina de costura sueca um movel dos mais apreciados. Cose tanto para a frente como para trás; o dispositivo alimentador pode-se baixar, suspendendo assim a marcha, e a máquina é acionada tanto a pé como a eletricidade. A própria máquina é de côr verde agradavel, que não reflete a luz. As mulheres do mundo inteiro sabem apreciar a Husqvarna como uma dádiva para a vida toda.

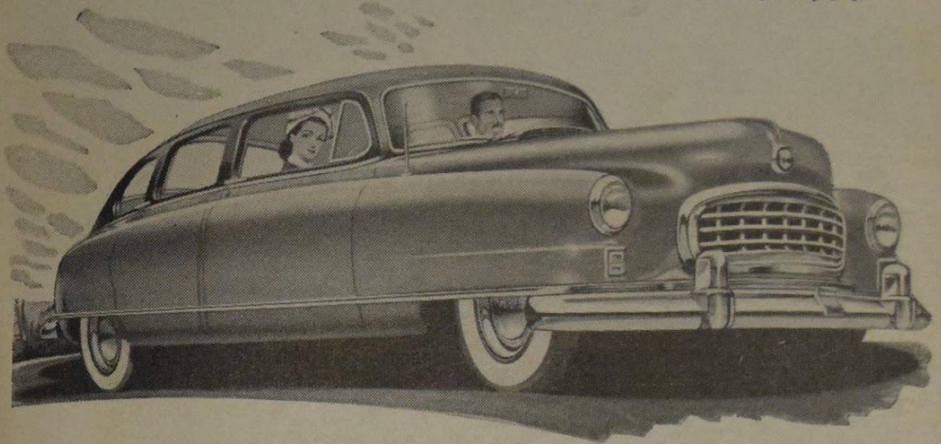
Husqvarna Vapenfabriks Aktiebolag

HUSKVARNA · SUECIA

Representantes: **BRASIL.** B. Moreira & Cia., Ltda. RIO de JANEIRO.
PORTUGAL. Sociedade Luso-Sueca, Ltda. LISBOA, ÉVORA, COIMBRA, FARO.
Gunnar & Ca., Ltda. PORTO, BRAGA, VIANA do CASTELO, AVEIRO.
Abilio Paes Cabral, Ltda. TORRES NOVAS, CARTAXO, TOMAR.

A CONSTRUÇÃO AIRFLYTE

Oferece-lhe Agora os Carros Mais Modernos de 1950



COM MOTORES SUPER-POTENTES

Conheça o que faz um automovel diferente —a *Construção Airflyte!*

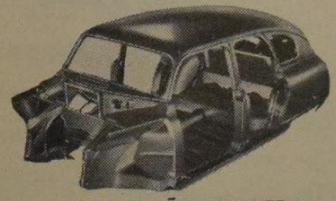
Descubra essa nova "rodoviabilidade" . . . a marcha silenciosa, sem vibrações nem matracolejo . . . a solidez e segurança dos Nash Airflytes. Veja essa beleza nova que corta os ares ofercendo *menos* 20% de resistência ao vento que a média dos carros de traçado atual!

Aquí temos nova potência de alta-compressão que é um verdadeiro assombro— e os novos anéis de óleo "Seal-Flex", que representam um rendimento novo do motor para o dobro da quilometragem.

Aquí temos uma economia nunca dantes possivel—mais de 200 quilômetros por 20 litros de gasolina, nesse espaçoso Nash Statesman Airflyte, de 6 passageiros.

Tanto no Nash Statesman Airflyte como no Nash Ambassador Airflyte, V. S. achará o conforto, a performance e as linhas que sempre sonhou desfrutar em um carro!

Veja todas as novidades do Nash 1950— hoje mesmo, no revendedor Nash mais próximo!



CONSTRUÇÃO AIRFLYTE

Uma só unidade de soldagem, de assombrosa resistência . . . duas vezes mais rígida . . . para sempre livre de rangidos e matracolejos . . . proporciona novo conforto na direção, nova economia de gasolina.

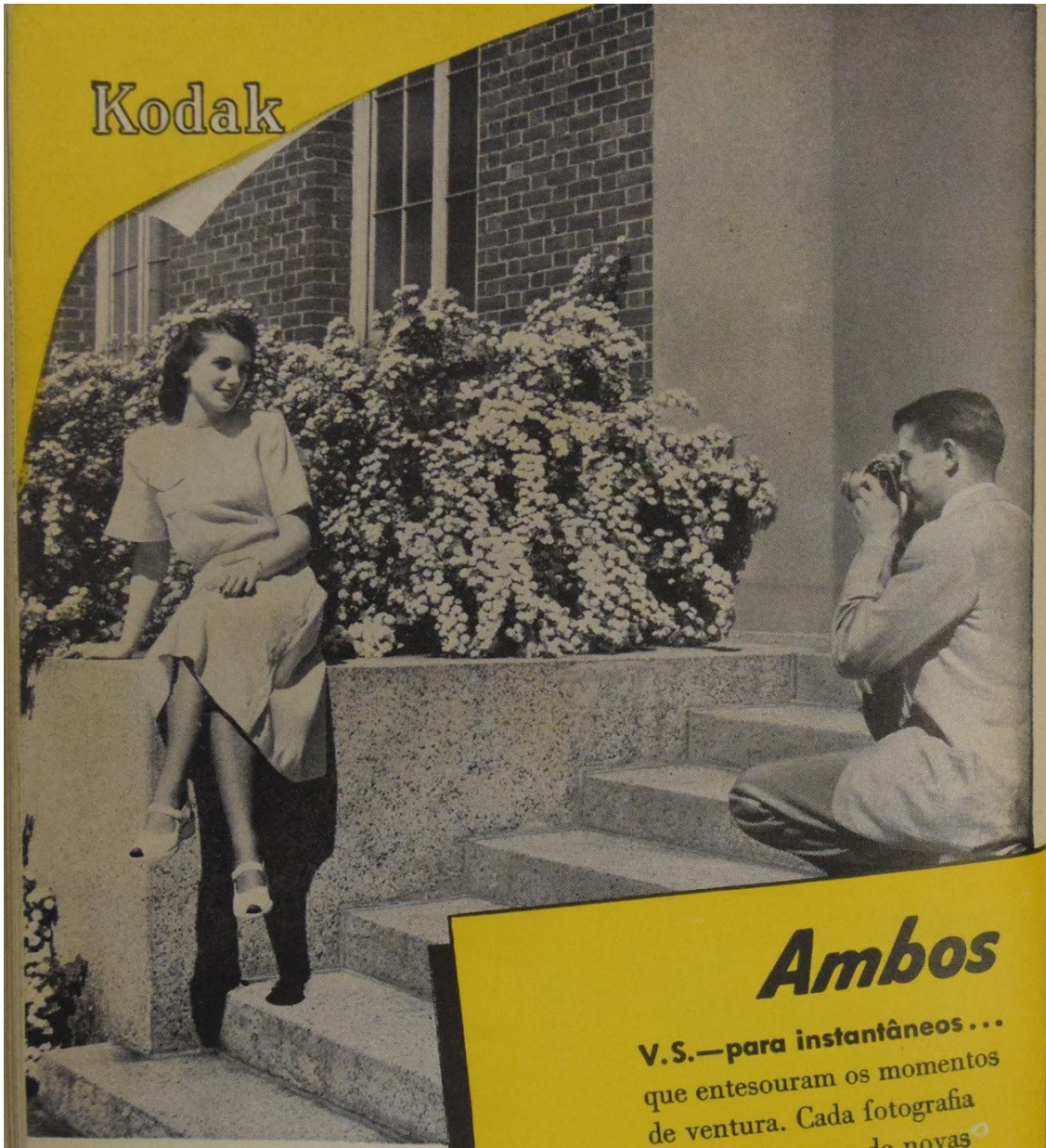
Nash Airflyte

GRANDES CARROS DESDE 1902

NASH EXPORT DIVISION, Nash-Kelvinator Corp., Detroit 32 Mich., E. U. A.

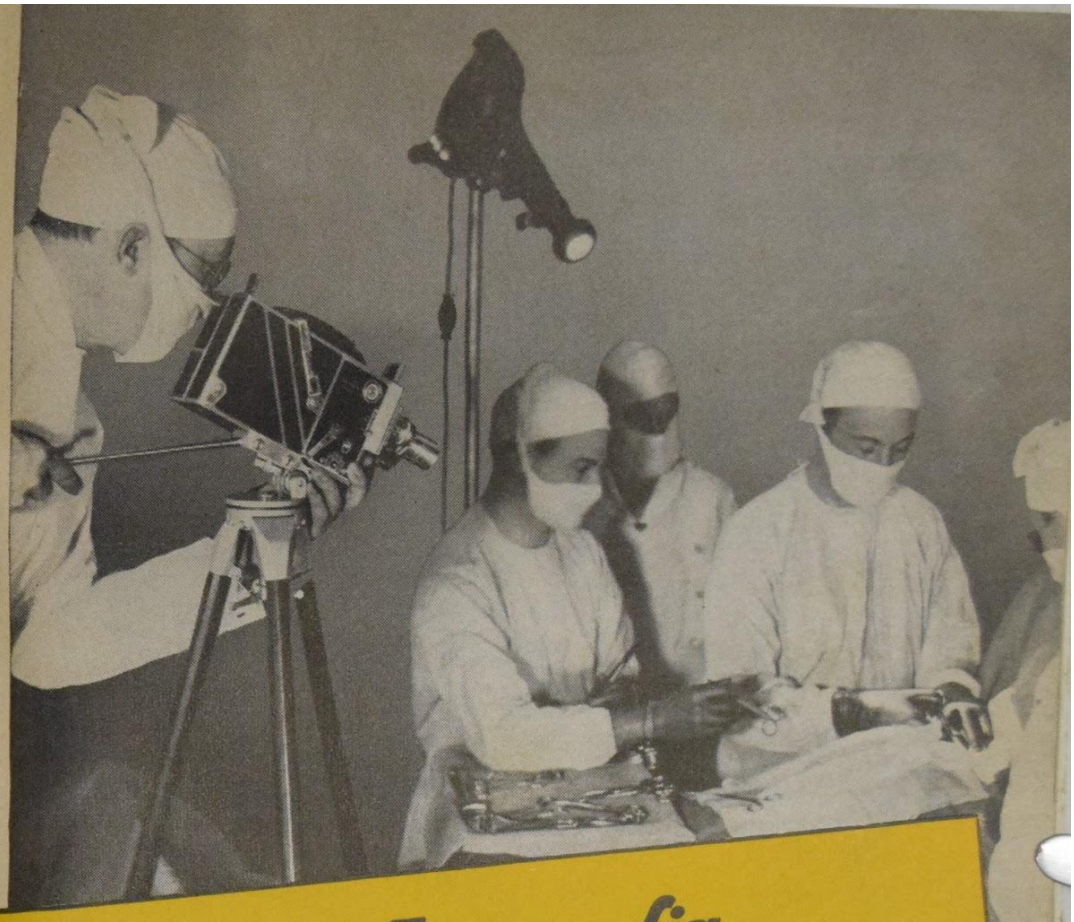
VIDA MELHOR COM MELHORES ESTRADAS

Kodak



Ambos

V.S.—para instantâneos . . . que entesouram os momentos de ventura. Cada fotografia tirada, enriquece de novas recordações o album de família.



usam a Fotografia

O médico, para fotografias e cinematografia . . . essenciais ao registro claro e acurado dos últimos progressos da ciência médica moderna e da cirurgia, em demonstrações práticas a colegas, estudantes e pacientes em todo o mundo. Dêste modo, milhões de pessoas se beneficiam ràpidamente com os mais recentes aperfeiçoamentos da medicina moderna.

Aí estão somente duas das muitas formas em que a fotografia— mediante a sua aplicação à ciência, à indústria, ao comércio, aos serviços públicos e à vida diária—beneficia a todos os membros da sociedade.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E.U.A.

"Kodak"—marca registrada desde 1888

...a melhor compra!

. . . porque são feitos com ingredientes cuidadosamente selecionados para assegurarem o máximo de pureza e valor nutritivo. Carnes, frutas, verduras, geléias e compotas — pratos ricos e saborosos — para tôdas as ocasiões. Garantidos pela marca de qualidade por excelência: SWIFT!

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

O MODÊLO C apresenta três variantes, dando ao comprador a escolha de: (1) rodas dianteiras duplas (ilustração à direita), (2) uma só roda dianteira, ou (3) duas rodas dianteiras de bitola larga e eixo ajustável. As rodas traseiras podem ser colocadas em oito posições diferentes, tornando assim possível o cultivo em filas a intervalos variáveis.

Um trator para muitos serviços

A agricultura moderna exige tratores extremamente práticos, capazes de desempenhar as operações essenciais para a obtenção de boas colheitas, tais como lavrar o terreno e preparar as sementeiras, plantar, adubar, cultivar, etc.

O Modêlo C Allis-Chalmers é um trator dêsse gênero. Tem como acessórios uma série de implementos de contrôle hidráulico, especialmente desenhados para êste modêlo de trator, e que são fàcil e ràpidamente engatados à máquina. Estes implementos fazem com que o condutor possa executar tôdas as operações de lavoura com rapidez e precisão.

O Modêlo C bem como os outros modêlos de tratores Allis-Chalmers estão contribuindo enormemente para o desenvolvimento da agricultura moderna em tôdas as partes do mundo. Consulte o distribuidor da Allis-Chalmers na sua região para obter informações mais detalhadas.

ALLIS-CHALMERS

Depto. PD1149 — Divisão de Tratores — Milwaukee 1, E.U.A.

Fabricantes de Maquinaria desde 1847

CHEGOU

Super FLIT

com
a garantia
do oval

ESSO

NOVO
ASSOMBROSO
FULMINANTE

5
INSETICIDAS
NUM SÓ

PIRETRO-ROTENONA-TIOCIANATOS - CLORDANA-DDT

NUNCA DANTES TANTA RAPIDEZ . . . TANTA FACILIDADE . . . TANTA *Beleza!*

Disponiveis em todos os teclados

Um relance de olhos à nova Smith-Corona . . . e V.S. ficará convencido de que ela é a mais bela máquina de escrever portatil que já viu! Desenhada para prestar um bom serviço, estilizada para ser bela, o seu acabamento beige-pardo granitado, e as teclas de um verde repousante se casam com a côr do ambiente, no lar ou no escritório. V.S. terá orgulho em possuí-la . . . e verdadeiro prazer em usá-la!

O Brinde Ideal Para Todos

ESTUDANTES . . . cultiva os hábitos de aplicação e disciplina, estimula a expressão pessoal.

NEGOCIANTES E PROFISSIONAIS . . . indispensavel aos dirigentes, advogados, escritores e negociantes que viajam.

TODA A FAMILIA . . . uma necessidade prática em todos os lares . . . facilita a correspondência social e o registro de contas e fatos.

Smith Corona

A Portatil Mais Veloz do Mundo

L C SMITH & CORONA TYPEWRITERS INC SYRACUSE 1, N. Y., E.U.A.

Delicioso, com um gostinho de hortelã! Este Bôlo de Chocolate com Hortelã é uma sobremesa delicada e aplaudida, se feito com Fermento em Pó Royal. Para conseguir melhor sabor e textura mais fina confie no Royal—que se vende sempre nas famosas latinhas vermelhas.

BÔLO DE CHOCOLATE COM HORTELÃ

Misture:	¾ de xícara de manteiga ou gordura com 1⅔ xícara de açucar
Adicione, batendo:	4 ovos um a um
Adicione:	112 gramas de chocolate amargo derretido
Peneire juntos:	2⅓ xícaras de farinha 3 colheres das de chá de Fermento ROYAL 1 colher das de chá de sal
Adicione:	Os ingredientes secos à primeira mistura, alternando-os com 1½ xícara de leite
Adicione:	½ colher das de chá de baunilha ⅛ de colher das de chá de extrato de hortelã

Use duas formas rasas de 23 cm de diâmetro, untadas. Forno regular. Deixe esfriar e cubra com açucarado e nozes.

Emeraude

a jóia-fragrância

de

Coty

SINTA ORGULHO AO PRESENTEAR

Sempre que desejar oferecer um presente de suprema distinção—escolha Sheaffer's. Sinta-se orgulhoso ao presentear alguém com uma Sheaffer's—V. estará dando um presente insuperável em qualidade e duradouro na eficiência! Quem recebe uma Sheaffer's orgulha-se de possuir uma "jóia que escreve." W. A. Sheaffer Pen Company, Fort Madison, Iowa, E.U.A. e Malton, Ontario, Canadá

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos para o Brasil: **M. AGOSTINI & CIA. LTDA.** Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 11° and.
Representantes exclusivos para Portugal: **AZEVEDO & DUARTE LTDA.** Lisboa: Rua do Crucifixo, 76

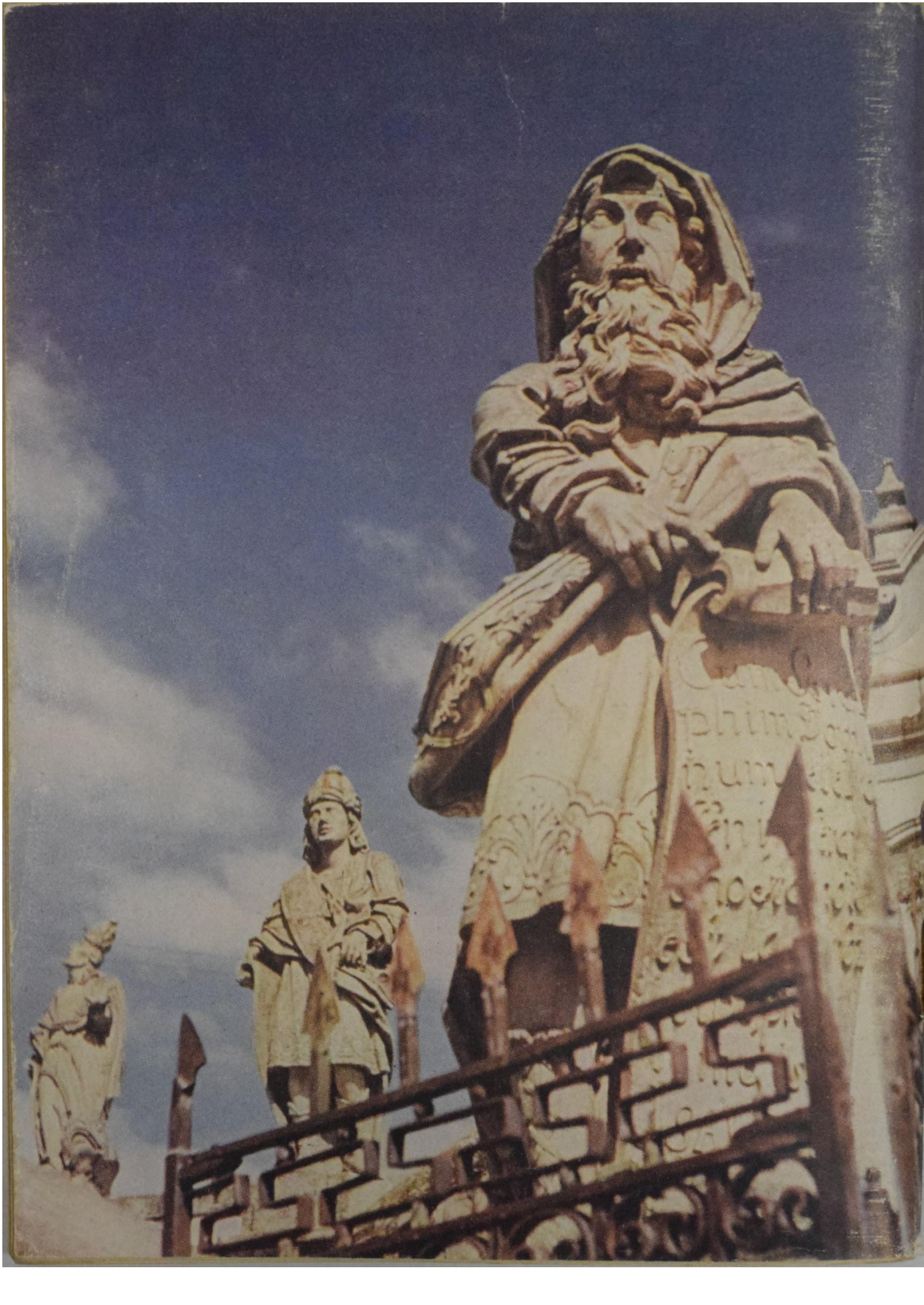
(*Continuação da segunda capa*)

se tenha, conhecimento esse que só pode ser adquirido mediante disseminação geral da verdade. Isto se aplica especialmente ao Japão, país cuja necessidade vital é destruir uma falsa doutrina que no passado lhe serviu de rumo. O Reader's Digest, que tem uma enorme circulação entre o público japonês, tem sido mais fundamentalmente util no esforço para atingir esse desiderato do que qualquer outra publicação. Estou reconhecido pela sua ajuda nesta obra de reforma de um povo, a mais importante jamais empreendida na história.»

O Reader's Digest começou a publicar-se no Japão em junho de 1946. A acolhida que lhe dispensaram os japoneses ultrapassou todas as expectativas. Suas edições se esgotavam completamente poucas horas depois de aparecerem nas bancas dos jornais. Hoje, vende-se o total sem precedentes de 1 milhão e 300 mil exemplares por mês.

No outono de 1946 apareceu o Reader's Digest tambem em alemão e italiano. Saudado pelo general Lucius D. Clay como «um instrumento de compreensão internacional... extremamente util para nós na realização de nosso objetivo na Alemanha», *Das Beste aus Reader's Digest* se converteu na revista mais procurada nas zonas não-soviéticas do Reich. Mau grado a escassez de papel, sua circulação é de 331 mil exemplares. O Reader's Digest em língua italiana, *Selezione dal Reader's Digest*, é comprado todos os meses por 435 mil italianos.

O entusiasmo destes novos leitores é especialmente alentador para os diretores da revista neste momento, quando os povos do Japão, da Alemanha e da Itália se dirigem rumo à liberdade na «mais importante obra de reforma jamais empreendida na história».



DEZEMBRO de 1949

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

Torre de esperança	*Time*	1
Flagrantes da vida real		7
68 argonautas contra o mar	*Carl B. Wall*	9
Donas de casa, não trabalhem tanto!	*G. M. Varga*	16
Beaumarchais—libertador esquecido	*Austin Strong*	19
«Entre aspas»		23
A fantástica negociata do automovel Tucker	*L. Velie*	24
Férias escolares remuneradas		30
Rádio e urânio no Ártico	*Francis e Katharine Drake*	32
O pai	*John Steinbeck*	37
Ainda se pode ajudar a China	*Gen. C. L. Chennault*	40
Rir é o melhor remédio		45
Contra a luta de classes	*Walter W. Cenerazzo*	46
Goze a vida enquanto é tempo	*Billy Rose*	51
O médico que odiava assassínios	*Frederic Sondern, Jr.*	53
Negócios em grande escala para o reerguimento do mundo	*Ralph Wallace*	57
O melhor amigo do homem		61
Pesca milagrosa com o «olho eletrônico»	*Don Eddy*	63
Salomões infantís		68
Vice-Presidente, encarregado de fazer o bem	*T. E. Murphy*	69
Instantâneos pessoais		73
Cuidado com os tubos fluorescentes quebrados!	*Laird S. Goldsborough*	75
A americanização de um mujique	*Paul Friggens*	78
Prisão sem muros	*Frederic Sondern, Jr.*	83
Altos e baixos—a história do fecho *éclair*	*B. Vogel*	89
Seção de Livros — Esboços de minha aldeia	*John Gould*	93

A Virgem de Luján — *Fotografia* ..... capa; *Nota* ..... página 113

SELEÇÕES
do Reader's Digest

Tomo XVI, No. 95 Dezembro de 1949

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, 4.º piso, Vedado, Havana, Cuba.

Diretor.....Eduardo Cárdenas
Redator-Chefe.....José Famadas
Gerente: Roberto C. Sánchez

THE READER'S DIGEST, fundado em 1922 por DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, seus atuais diretores e editores, é publicado em Pleasantville, Estados Unidos, e tambem na Inglaterra (Terence Harman, *gerente*, Londres); no Canadá (Fred D. Thompson, *gerente*, Montreal); e na Austrália (John Grant Cooper, *gerente*, Sydney).

Edições em outros idiomas: EDIÇÃO EM ALEMÃO (Stuttgart) Alexander W. Post, *redator;* EDIÇÃO EM DINAMARQUÊS (Copenague) Onni Kyster, *redator;* EDIÇÃO EM ESPANHOL para os paises hispano-americanos e Espanha, Eduardo Cárdenas, *diretor;* EDIÇÃO EM FINLANDÊS (Helsinki) Seere Salminen, *redator;* EDIÇÕES EM FRANCÊS: (París) Pierre Denoyer, *redator*, Paul Thompson, *gerente;* (Montreal) Pierre Ranger, *redator;* EDIÇÃO EM ITALIANO (Milão) Mario Ghisalberti, *redator;* EDIÇÃO EM JAPONÊS (Tóquio) Bunshiro Suzuki, *redator*, Dennis McEvoy, *gerente;* EDIÇÃO EM NORUEGUÊS (Oslo) Henrik Aubert, *redator;* EDIÇÃO EM SUECO (Estocolmo) Brita B. Hebbe, *redatora*.

EDIÇÕES INTERNACIONAIS DE THE READER'S DIGEST: Barclay Acheson, *gerente geral;* Marvin McC. Lowes, *subgerente geral;* Hobart Lewis, *chefe de redação*.

Copyright 1949 de Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei, em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, total ou parcial, da matéria contida neste número.

«*Repositório de idéias inestimaveis*»

Por Hortense M. Odlum

Conhecida mulher de negócio, ex-presidente da firma Bonwit Teller, Inc.

POR ASSOCIAÇÃO de idéias, o magazine Reader's Digest lembra-me sempre a minha profissão, dedicada a *magazins*, os armazens de modas. Na realidade, existe uma analogia entre um e outro, pois a revista é como um grande bazar que oferece, em forma cômoda e com o prestígio de seu nome, os mais novos e melhores produtos do mundo inteiro.

Na época atual, seria inconcebivel que quando um homem precisasse de uma gravata de seda tivesse que ir buscá-la na China ou que fosse obrigado a tomar um navio para a Escócia todas as vezes que desejasse fazer um terno de lã. A

(*Continua na terceira capa*)

SELEÇÕES Reader's Digest
Marca Registrada
Reg. U.S. Pat. Off.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, volume XVI, No. 95, December, 1949. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., Calle 23, No. 105, Vedado, Havana, Cuba. Subscription price: US $2.00 per year in Latin America; US $3.75 per year in the United States. Entered as second-class matter at the Post Office, Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at the Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

Impressa nos E. U. A.

Desenho novo e original
Perfeição nova no funcionamento...

A Máquina "Pessoal" REMINGTON

toda nova

Eis uma portátil que lhe dará um prazer inesquecível na datilografia! Logo que suas mãos tocarem êste teclado novíssimo, adaptado aos dedos, reconhecerá nesta uma máquina-de-escrever soberba! Ficará cativado por sua beleza . . . encantado com seu estilo moderno, a harmonia de suas côres—desejará usá-la como base para a decoração da sala inteira. Veja esta esplêndida Remington Portátil—e não se esqueça de examinar-lhe as características novas e exclusivas, que lhe permitirão escrever com mais rapidez e facilidade. Há-de querer adquirir esta Remington Portátil *toda nova*, que poupa tempo à família toda—e presta grande auxílio aos meninos em seus trabalhos escolares. Remington Rand Inc.

Remington Rand

O PRIMEIRO nome em máquinas de escrever

Mais do que um *Presente*

um tributo ao bom gôsto!

Êstes lindos estojos, que contêm verdadeiras jóias de Coty, têm o dom de encher de luz os olhos de quem os recebe. São o presente ideal entre pessoas de requinte e bom gôsto.

Talco para toilette— Colônia
Cr$ 120,00

Talco— Colônia
Cr$ 80,00

Colônia— Pó—Baton— Rouge
Cr$ 120,00

Três Colônias
Cr$ 150,00

Pó de Arroz— Colônia
Cr$ 70,00

Coty

Conversa entre mulheres...

UM PRODUTO

Johnson & Johnson

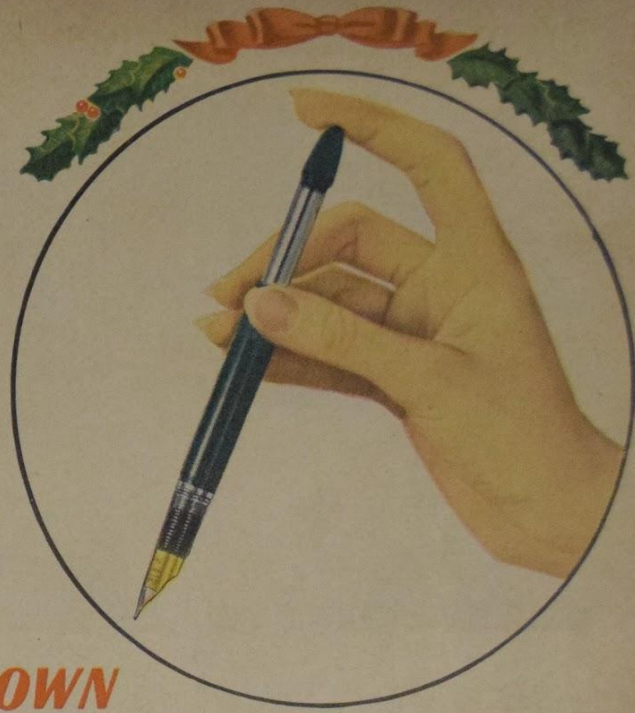
GRÁTIS!

Queira me enviar, gratuitamente, um exemplar do livreto "Ser quase mulher... e ser feliz", e 2 amostras de Modess, para o que estou remetendo Cr$ 2,00 para porte registrado.

ANITA GALVÃO Consultora Feminina
da Johnson & Johnson
Cx. Postal, 5030 - S. Paulo I-HHH-25

Nome: ..... Idade: .....
Rua: ..... N.º .....
Cidade: ..... Estado: .....

Escreva com letra bem legível
(Sentimos não poder atender pedidos vindos de fora do Brasil)



PARA
O NATAL
OFERECA
UMA
SHEAFFER'S
TOUCH DOWN

A CANETA MAIS FÁCIL DE ENCHER, DO MUNDO

TRIO SHEAFFER'S "CREST DE LUXE"
Caneta "Touchdown", Lapiseira "Fineline", Esferográfica Sheafferiter. Côres: Azul, Verde, Preta, Marrom e Vermelho vinho

Sheaffer's "Touchdown" é a única caneta do mundo que pode ser abastecida com um só golpe de pressão. Além disso, o seu alimentador, de capacidade muito superior à comum, torna o reabastecimento menos frequente. Examine esta nova e maravilhosa caneta no seu revendedor Sheaffer's. Ela ocupará o primeiro lugar na sua escolha de um presente de Natal. W. A. Sheaffer Pen Company, Fort Madison, Iowa, E.U.A. e Malton, Ontario, Canadá.

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI COMERCIO S.A.
Rio de Janeiro: Rua Teófilo Otoni, 96.
Representantes gerais para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo, 76—Lisbôa

Dois proveitos cabem num saco...

- quando quiser linho, especifique LINHO IRLANDÊS

Lençois de linho num dos mais luxuosos apartamentos de Quitandinha... Linho Irlandês, naturalmente! A administração de Quitandinha, como a dos melhores hoteis, também *sabe* que dois proveitos podem caber num saco — e que o Linho Irlandês tanto é belo e macio, como durável e, portanto, econômico. Sim, o Linho Irlandês, aristocrata dos linhos, custa menos porque dura muito mais!

53.034-R

The Irish Linen Guild
BELFAST
(Associação dos Produtores do Linho Irlandês)

Hoje tem Bôlo!

Sim! Um delicioso bôlo com gostinho de hortelã! Faça-o sempre com o Fermento em Pó Royal para conseguir a textura mais fina e o melhor sabor . . . uma festa para o paladar! Diga: "Hoje tem bôlo . . ." e as crianças virão correndo para o lanche!

BÔLO DE CHOCOLATE COM HORTELÃ

Misture:	¾ de xícara de manteiga ou gordura com 1⅔ xícara de açucar
Adicione, batendo:	4 ovos um a um
Adicione:	112 gramas de chocolate amargo derretido
Peneire juntos:	2⅓ xícaras de farinha 3 colheres das de chá de Fermento ROYAL 1 colher das de chá de sal
Adicione:	Os ingredientes secos à primeira mistura, alternando-os com 1½ xícara de leite
Adicione:	½ colher das de chá de baunilha ⅛ de colher das de chá de extrato de hortelã

Use duas formas rasas de 23 cm de diâmetro, untadas. Forno regular. Deixe esfriar e cubra com açucarado e nozes.

REPRESENTANTES NO BRASIL:
RIO DE JANEIRO José de Brito - Av. Gomes Freire, 28
SÃO PAULO - Hans Alex Loewenthal - Rua São Bento, 480 s. 301/2
MINAS GERAIS: Isonel Cosenza - Rua Rio de Janeiro, 195 - s. 109 - C. Postal 717 - Belo Horizonte
PARANÁ S. Rigler - Rua Cabral, 773 Curitiba
RIO GRANDE DO SUL: Hess & Wolff Caixa Postal, 875 - Porto Alegre
BAHIA Armando Brandão Praça Conde dos Arcos, 4 - s. 4 - Salvador
PARÁ Bento Mendes Leite Rua João Alfredo, 91 - Belém
PERNAMBUCO - A. S. Castro - Rua Aurora, 65 - Recife
Distribuidor exclusivo em Petropolis - Est. do Rio
Alfaiataria De Carolis - Av. 15 de Novembro, 548

BRASOLAN

Apaixonados duma noite no palco, apaixonados para sempre amanhã. Viajando por dever de ofício ou por seu belprazer, os grandes ases do teatro apreciam a pontualidade, o conforto e a eficiência das viagens por avião . . .

. . . e naturalmente preferem os aviões da K.L.M. porque sabem que . . .

. . . viajar de avião é muito natural para os holandeses"

Em todo o mundo os holandeses são conhecidos como viajantes habeis e empreendedores que herdaram uma tradição secular na arte de bem viajar. Voar nos aviões da K.L.M. é o mesmo que voar com confiança e à vontade.

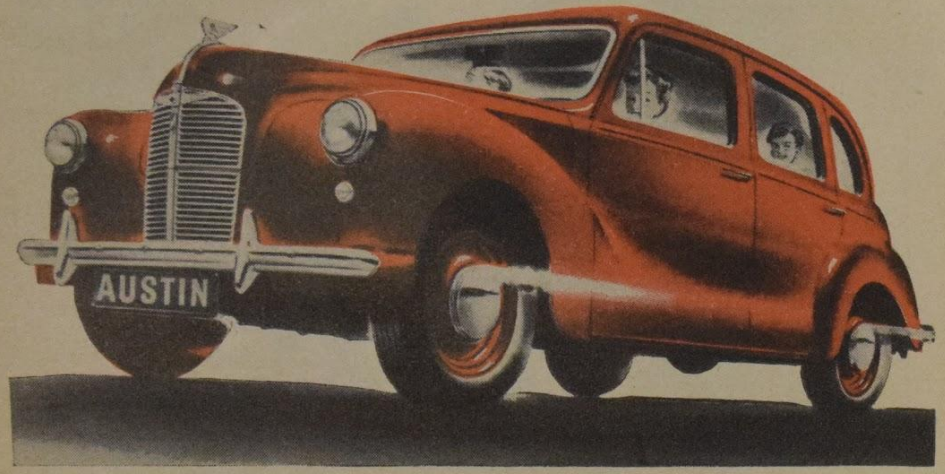
Peçam informações quanto a passagens e frete ao vosso Agente local ou ao Representante mais proximo da K.L.M.

K·L·M
CIA. REAL HOLANDESA DE AVIAÇÃO
1919 30 ANOS 1949

A Companhia de Aviação mais antiga do mundo, prestes a completar o seu 30º. aniversário.

1.300.000.000

DE QUILÔMETROS RODADOS PELO A40



O Austin A40 "Devon" Um bilhão e trezentos milhões de quilômetros em menos de dois anos—essa a quilometragem combinada dos carros Austin A40 nas estradas do mundo. Em todos os paises esses excelentes carros vêm acumulando quilômetros e quilômetros rodados, sem dar preocupações aos seus possuidores e, antes, proporcionando-lhes sempre performance e baixo custo. Quem possui um Austin proclama alto e bom som estas qualidades do seu carro.

Repare nestas características do A40 "Devon" • 250 a 285 km por 20 litros de combustivel. • motor de 40 cavalos ao freio e válvulas na cabeça com lubrificação a pressão total. • Suspensão independente das rodas dianteiras. • 2 pontos de suspensão interior no centro do chassí. • Estofos de couro ou couro e pano. • Ventilação interior com dispositivo para limpar o vapor do para-brisas.

PEÇAS E SERVIÇO. O Serviço Austin abranje a AMÉRICA DO SUL e os possuidores de carros Austin em toda a parte podem nele confiar para a obtenção de peças sobressalentes, serviço e reparos.

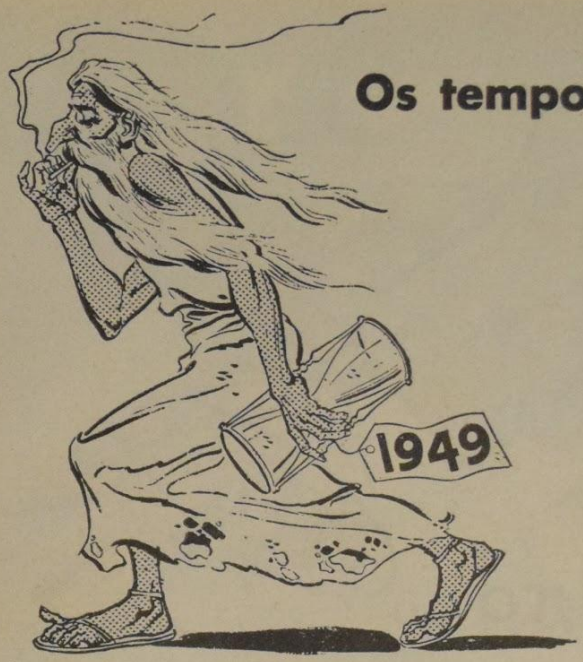
AUSTIN—Confie nele!

PEÇA MAIORES INFORMAÇÕES A:

Companhia de Propaganda, Administração e Comércio (P.R.O.P.A.C.)
Caixa Postal 2168
Av. Rio Branco 84, 14°, Rio de Janeiro

Cranston Woodhead & Co.,
Caixa Postal 1773,
Porto Alegre, Brasil

THE AUSTIN MOTOR EXPORT CORPORATION LTD., BIRMINGHAM, INGLATERRA



Os tempos mudam...

...mas a preferência

pelos cigarros

Continental

permanece!

uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

Escoadouro DO

COMÉRCIO DO HEMISFÉRIO

Os portos da Louisiana—Baton Rouge, Lake Charles, Nova Orleães—são os escoadouros comerciais da grande bacia do Rio Mississipi, o vale mais rico do mundo.

Nessa região ebuliente de atividade vive metade da população dos Estados Unidos, e transaciona-se metade das compras e vendas de toda a nação.

Instituições como a Casa Internacional, o Mercado Internacional, a Zona de Comércio Exterior de Nova Orleães, e as Câmaras de Comércio das três cidades, estão ansiosas de indicar a V.S. a maneira mais lucrativa de fazer negócio com esse grande mercado novo.

Saidas frequentes de vapores diretos ligam os portos da Louisiana a todos os grandes portos da América Latina, e—o que é ainda mais importante—*as tarifas de carga no interior, para exportação e importação, favorecem os portos da Louisiana em comparação com os do norte do Atlântico.*

• • •

Representa isso maior economia e maior eficiência—*para V.S.!* Desejando mais informações, queira dirigir-se ao

DEPARTAMENTO DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA
STATE CAPITOL • BATON ROUGE, LA., E.U.A.

seu presente de *Natal de 1949*

• Se deseja que seu presente de Natal seja a todo instante recordado, como um símbolo permanente de amizade fiel, ofereça um Tissot. Há graciosos, aristocráticos modelos femininos. Há modelos para homens, de sóbria, requintada beleza. E, em todos êles, as características Tissot que os relojoeiros de todo o mundo proclamam com entusiasmo: a precisão irrepreensível, a incomparável solidez, o amortecedor de choques, as qualidades antimagnéticas cientificamente comprovadas. Sim, ofereça um Tissot e sua lembrança dêste Natal estará sempre viva e presente.

Para homens—
desde Cr$ 675,00
Para senhoras—
desde Cr$ 750,00

Tissot
desde 1853

OMEGA Produto da Société Suisse Pour l'Industrie Horlogère—Genebra—Suiça **Tissot**

Quando Há Contas a Fazer . . .

Podeis confiar cègamente na Máquina de Calcular Automática FRIDEN para TÔDA a espécie de problemas em TÔDA a espécie de negócios

A FRIDEN resolve os vossos problemas numéricos... com mais *facilidade, simplicidade e rapidez*... Telefone ao Representante local da Friden... Êle tem a máquina de calcular do prêço, tamanho e capacidade que vos convém.

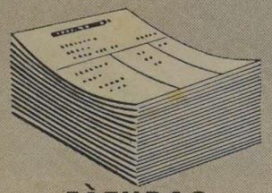
As Estações de Serviço Friden (incluindo instrução) encontram-se em tôdas as principais cidades do mundo.

FRIDEN

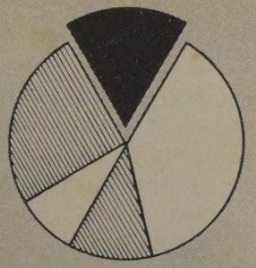
CALCULATING MACHINE CO · INC

HOME OFFICE AND PLANT · SAN LEANDRO CALIFORNIA

PAGAMENTOS



FÀTURAS



PERCENTAGENS

INVENTÁRIOS IMPOSTOS CUSTOS E DISTRIBUIÇÃO DE DESPESAS

Mais Cereais... Mais Alimentos Graças aos Produtos Químicos Agrícolas da Monsanto

A QUANTIDADE de comida que se põe na mesa depende muitas vezes da vitória ganha sobre os insetos... da vitória sobre as ervas daninhas. A Monsanto é uma fonte superior de "munições" para derrotar essas pestes destruidoras dos gêneros alimentícios. Exempio:

Os insetos que atacam as sementeiras e o gado, e os que invadem os lares, são aniquilados pelo Santobane*, o DDT da Monsanto. O Nifos*-T é poderoso contra os acarinos, os afídios, os tripes, e outras pragas do pomar, da fazenda e da estufa. Nas plantações e nos capinzais, o Monsanto 2, 4-D faz murchar as ervas parasitas de grande folhagem, sem danificar as culturas. Para informações a respeito destes e de outros produtos químicos Monsanto que servem a agricultura, comunique-se com o representante mais próximo da Monsanto. MONSANTO CHEMICAL COMPANY, *St. Louis 4, Missouri, E.U.A.* • MONSANTO CHEMICALS LTD., *Londres* • Monsanto (Canada) Ltd., *Montreal* • Monsanto (Australia) Pty., Ltda., *Melbourne* • Representantes nas maiores cidades do mundo.

*Marca Registrada nos E. U. A.

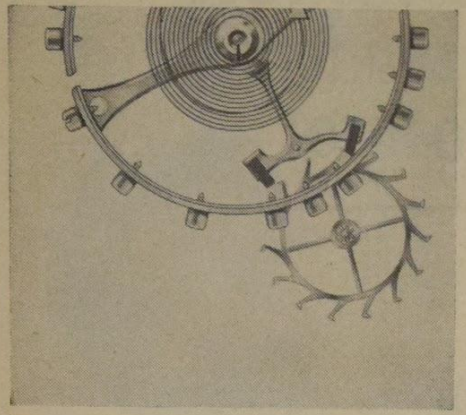
Os produtos químicos para a agricultura são somente um grupo, entre centenas de produtos químicos e plásticos Monsanto que servem a indústria. Este serviço à indústria é valioso para todos os dirigentes de todas as indústrias. Leva ao melhoramento dos produtos, à redução dos custos, ao aumento das vendas. Se V.S. tem algum problema, o mais certo é que a Monsanto o possa resolver!

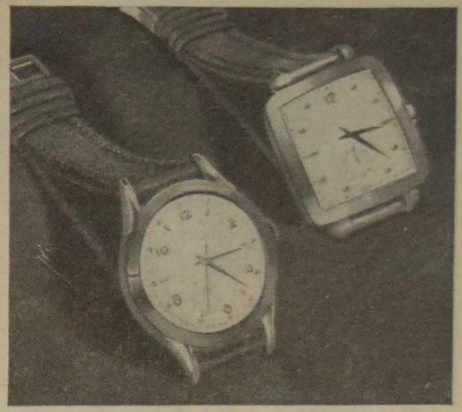
MONSANTO
PRODUTOS QUÍMICOS E PLÁSTICOS

Peça os prospetos técnicos sobre inseticidas e herbicidas da Monsanto. Escreva à Monsanto Chemical Company, Foreign Department RD, St. Louis 4, Missouri, E.U.A.

SERVINDO A INDÚSTRIA... QUE SERVE A HUMANIDADE

Um Relógio Suíço é um Brinde inesquecível





1 Um relógio suíço é presente digno de reis. Belo e certo, faz recordar para sempre a quem o deu. Quando se oferece um relógio suíço de qualidade, com âncora de rubís, dá-se o melhor em cada grau de uma extensa gama de preços. O relógio suíço, com âncora de rubís, é, de fato, o preferido do mundo inteiro!

2 A todos é indispensável um bom relógio, para se poderem manter ao ritmo acelerado da época febril em que vivemos; quer dizer um relógio suíço com a âncora do escapo guarnecida de rubís.

3 Entre os muitos modelos de relógios suíços, há os de corda automática, resistentes à água e ao choque, cronómetros, cronógrafos, e outros que combinam tôdas ou algumas dessas características.

Só em um Relógio Suíço de Qualidade se encontram tôdas estas Vantagens

1. Mecanismo legítimo com âncora de rubís—invento suíço, sem o qual *nenhum relógio regula com o rigor exigido pela máxima pontualidade.*

2. Volante de âncora e cabelo feitos de liga metálica especial, adaptavel ao calor dos trópicos e ao frio das montanhas . . . *pormenor que não se encontra em nenhum relógio comum de baixo preço.*

3. Rubís da máquina todos lapidados, polidos e montados com microscópica precisão . . . *fator absolutamente essencial á longa vida do relógio.*

4. Mão-de-obra esmerada, de artífices suíços. Peças submetidas a rigorosas provas de extrema exatidão.

5. Cúmulo de elegancia . . . Os relógios da última moda, os mais belos e práticos à venda nas Américas e na Europa, são *os de fabricação suiça.*

Uma âncora de *rubís em um*

Relógio Suíço é sinônimo de qualidade

Os FABRICANTES DE RELÓGIOS DA SUÍÇA

VOCÊ SABE QUE

a côr permite que pérolas artificiais rivalizem com as de um sultão?

Graças aos corantes químicos de Du Pont, o colar de preço módico compete em beleza com o tesouro de um sultão.

Os pigmentos Du Pont são utilizados na confecção de belíssimas jóias de resina acrílica "Lucite," solas de sapatos de neoprene em côres e muitos outros artigos modernos e atraentes, de borracha e matérias plásticas.

As côres resistem à luz, às lavagens, ao calor e ao frio. E contudo, o seu em prêgo altera muito pouco ou mesmo nada, o preço desses belíssimos e económicos artigos.

que os químicos põem obras de arte ao alcance de toda gente?

Outrora, cristais finos e a cerâmica eram privilégio de poucas pessoas. Hoje, graças aos corantes econômicos preparados pelos químicos, esses artigos estão ao alcance de todas as bolsas. Os corantes Du Pont utilizados na decoração e marcação de formosíssimas baixelas, cristaleria e jarros artísticos a preços acessíveis. Essas côres não desbotam, e duram tanto quanto os artigos que embelezam.

Os corantes para plásticos, cerâmica e vidraria fazem parte das 28.000 "coisas melhores para viver melhor ... graças à química" fabricadas pela Companhia Du Pont.

DU PONT

Coisas Melhores Para Viver Melhor... *Graças à Química*

E. I. DU PONT DE NEMOURS & CO. (INC.), WILMINGTON 98, DELAWARE, E.U.A.

Walter Prager, campeão mundial de descida em ladeiras, e vencedor de muitas provas internacionais de esquís. Treinador da equipe olímpica de esquís dos E.U.A. em 1948.

Veloz em esquís — e ao barbear-se!

● Prager atinge grande velocidade em esquís—e com o aparelho de barbear tambem. Barbeia-se com o Creme Williams, que contém *Lanolina*. A lanolina, suavizante da pele, permite-lhe barbear-se bem e depressa—dá ao seu rosto grande frescor e ótimo aspecto. O seu médico lhe dirá que *a Lanolina é boa para o seu rosto!*

Para barbear-se com rapidez e conforto nunca vistos— experimente o Williams amanhã mesmo. Há-de usá-lo para sempre!

Walter Prager, treinador do time olímpico de esquís dos E.U.A. em 1948, e famoso esquiador, afirma:

"Para a vida ao ar livre, quem tem a pele sensível deve usar o Creme Williams. Contém Lanolina, que suaviza a pele e permite escanhoar-se bem e depressa!"

WILLIAMS CONTÉM A SUAVIZANTE LANOLINA

HÁ DOIS CREMES À SUA ESCOLHA: O WILLIAMS SIMPLES E O WILLIAMS MENTOLADO

Adquira a bela Champion... Use a Champion

Basta dizer

É favor mostrar-me a Pulseira de Relógio

JB *Champion*

Porque contentar-se com menos do que o melhor, quando a JB CHAMPION não custa mais! Há estilos para homens e mulheres ... folheados a ouro amarelo, vermelho ou branco. Alguns de aço inoxidavel.

Para assegurar satisfação completa aos que a usam, em qualquer clima, todas as pulseiras de relógio JB têm uma base *não-corrosiva*.

JB

Peça pelo Nome as Pulseiras de Relógio JB Champion ... nas principais lojas do ramo

Fabricadas nos E.U.A. por Jacoby-Bender, Inc.

Agente para venda no Brasil
Hermes Fernandes, Av. Rio Branco 20, 19º, Rio de Janeiro

Mecanize SUA LAVOURA COM ECONOMIA, isto é, com o TRATOR FORD

TRATOR FORD equipado com Arado de Aivecas

VEJA o que lhe oferece o TRATOR FORD

● Qualquer que seja o seu trabalho agrícola — com arados, grades, ceifadeiras, cultivadores etc. — execute-o com o Trator Ford. É mais fácil, dá menos trabalho e é mais rendoso.

Entre suas características destacam-se transmissão de 4 velocidades, breques "Duo Servo," direção do tipo de rolamentos esféricos e o Contrôle Hidráulico Extra-Sensível. Peça informações no revendedor Ford mais próximo.

Dearborn EQUIPAMENTO AGRÍCOLA

Há também uma linha extensa de Equipamento Agrícola Dearborn, construída especialmente para trabalhar com o Trator Ford.

TRÊS GRANDES VANTAGENS:

CONTRÔLE HIDRÁULICO EXTRA-SENSÍVEL
Levanta ou abaixa os implementos, com um simples toque na alavanca!

CONTRÔLE AUTOMÁTICO DE PROFUNDIDADE
Em terrenos mais ou menos planos, mesmo que o solo seja de condições variáveis, os implementos permanecem em profundidade constante.

CONTRÔLE AUTOMÁTICO DE ONDULAÇÃO
Em terrenos de superfície irregular, desde que o solo seja uniforme, os implementos permanecem na profundidade escolhida.

FORD MOTOR COMPANY, São Paulo, Brasil

Ford TRATOR

Onde quer que for... Onde quer que esteja...

O SERVEL CONSERVA OS ALIMENTOS FRESCOS!

Funciona a querosene, gás natural e industrial, butano ou propano

More onde morar—pode V.S. dispor da refrigeração moderna e de confiança, do Servel. Isso porque o Servel funciona *em qualquer lugar*. Não tem motor . . . não está à mercê de energia elétrica. Em vez disso, uma pequena chama de gás ou querosene produz frio constante e cubos de gêlo. Não tem peças mecânicas que se desgastem ou exijam conserto. Muitos dos mais de 2.500.000 refrigeradores Servel que hoje funcionam pelo mundo a fora, há 18 ou 20 anos vêm prestando um fiel serviço. Se quiser receber o folheto ilustrado Servel, peça-o ao endereço abaixo.

• Faz cubos de gêlo em abundância • Tem um interior espaçoso e adaptavel • Refresca bebidas • Conserva drogas

Procure esta insígnia na vitrina. Ele identifica o vendedor do Servel.

Servel O REFRIGERADOR DIFERENTE

SERVEL REFRIGERATION

Servel, Inc. • International Division • 20 Pine Street, New York 5, N. Y., U. S. A.

Presunto Swift - feito com tenros pernís escolhidos entre milhares, para agradar a seu paladar. Transforme pratos comuns em verdadeiras iguarias usando Presunto Swift. Para receber o Livro de Receitas, envie 6 rótulos diferentes de produtos Swift, com nome e enderêço, a: Dep. 25, Caixa Postal, 4210 S. Paulo.

Swift

Cia. Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Presentes do céu...

Seja qual for o tipo da caneta Waterman's que V.S. escolher para dar de presente . . . desde a mais modesta às de luxo, V.S. sabe que ela é sempre um primor de precisão caligráfica e de beleza exterior. É por isso que todo o mundo gosta de receber como presente uma Waterman's!

Waterman's

CANETAS-TINTEIRO • LAPISEIRAS • TINTAS

O NOVO

Caribe Hilton

SÃO JOÃO, PORTO RICO

Gema do Caribe . . . Inauguração em Dezembro

O grandioso Caribe Hilton... o maior e mais encantador hotel do Caribe... breve abrirá as suas portas na pitoresca São João, na encruzilhada das Américas. Com os seus 300 quartos todos com um aprazivel ar condicionado, cada um com a sua sacada voltada para o oceano, de onde se desfruta exótica vista tropical, o Caribe Hilton oferecerá a última palavra em conforto moderno.

Hilton Hotels International

C. N. HILTON, Presidente

Escritório em Nova York · THE PLAZA · 5th AVENUE AND 59th STREET

HOTÉIS DO GRUPO HILTON

Em Chicago
THE STEVENS e
THE PALMER HOUSE
Em Nova York
THE PLAZA e
THE ROOSEVELT
Em Washington, D.C.
THE MAYFLOWER
Em Los Angeles
THE TOWN HOUSE
Em Dayton, Ohio
THE DAYTON BILTMORE
Em El Paso e Lubbock, Texas
THE HILTON HOTEL
Em Albuquerque, Novo Mexico
THE HILTON HOTEL

A MÁQUINA BURROUGHS DE SOMAR

$ sempre soma lucros... $

REPRESENTADOS POR:
rendimento de trabalho
economia de tempo
economia de esfôrço
exatidão

MODÊLO 9 10 53—
Operação elétrica—
10 colunas de capacidade, totalizando até 999.999.999,90.

★Fácil de adaptar manivela para operação manual. Existe a mesma máquina só manual e mais de 40 modelos diferentes de máquinas de somar elétricas e manuais para todos os fins. Peça uma demonstração no seu serviço.

ONDE HÁ NEGÓCIOS HÁ MÁQUINAS

Burroughs

Máquinas de somar, calcular, de contabilidade e de estatística—Caixas registradoras—Serviço de Manutenção—Acessórios.

CIA. BURROUGHS DO BRASIL, INC.

RIO DE JANEIRO, Rua Visconde de Inhaúma Nº 134-12º andar

SÃO PAULO
Largo Paissandú, 51—sobreloja

AGENTES EM TODO O BRASIL

REPRESENTANTES EM PORTUGAL
Robinson Bardsley & Co. Ltd.
Cais do Sodré, Lisboa

SELEÇÕES

TOMO XVI
No. 95

do Reader's Digest

DEZEMBRO
de 1949

Condensações de artigos de interesse permanente

No Instituto Sloan-Kettering de Nova York, os cientistas dedicam-se à mais ambiciosa das tentativas para vencer o cancer

TORRE DE ESPERANÇA

(Condensado de «Time»)

O Memorial Hospital, um enorme conjunto de edifícios relativamente novos, situados na parte média da ilha de Manhattan, em Nova York, não é um lugar jovial, nem mesmo no grau em que os hospitais o costumam ser. Contudo, a sala 102L é, alí, uma das salas que apresentam mais animação. Às sextas-feiras pela manhã enche-se do alacre vozerio de crianças. Um garotinho, com um revolver de espoleta, faz pontaria no avental branco do médico e uma menina gorducha embala a sua boneca. E no entanto, segundo os atuais conhecimentos da medicina, essas crianças têm um triste destino: sofrem de leucemia, o cancer do sangue, para o qual não se conhece cura real.

O Memorial é o maior hospital de cancerosos do mundo. Ao seu lado, ergue-se uma torre de esperança—o edifício de 14 andares do Instituto Sloan-Kettering de Pesquisas do Cancer, o mais ambicioso laboratório dessa especialidade do mundo inteiro. O diretor, tanto do hospital como do laboratório, é o dr. Cornelius Rhoads. Ao fazer outro dia uma visita à sala 102L, como sempre faz, observou as crianças atacadas de leucemia.

«Só podemos conseguir algum resultado com 25% dessas crianças,» disse ele, «e assim mesmo, só simples melhoras passageiras, que cedem lugar a novos ataques que se vão sucedendo talvez de forma ainda mais violenta. Há pessoas que perguntam

por que prolongamos a vida a esses enfermos se sabemos que estão condenados à morte. Mas agora estamos obtendo cada vez melhores resultados. Quem sabe se, quando passada a sua última remitência, já não teremos em mão algum recurso realmente valioso?»

O dr. Rhoads, homem de 51 anos, de cabelos grisalhos cortados rentes, olhos azuis e um constante sorriso nos lábios, foi chefe da Divisão Médica do Serviço de Guerra Química do Exército dos Estados Unidos na última guerra. A guerra lhe incutiu um enorme respeito pelo que se pode conseguir quando os cientistas, notoriamente individualistas, resolvem trabalhar em conjunto. Compelidos pela urgência da guerra, os cientistas atacaram os seus problemas num sistema de cooperação mútua e em poucos anos conseguiram o que levaria décadas para ser obtido se estivessem trabalhando com o ritmo moroso dos tempos de paz. Por que não empregar os métodos de guerra nas pesquisas do cancer? pensou Rhoads.

É homem que diz o que pensa e o diz com clareza e frequência. E sua palavra persuasiva conseguiu alguma coisa. Em 1945, Alfred P. Sloan, Jr., presidente do Conselho Diretor da General Motors, doou quatro milhões de dólares para ser organizado o Instituto Sloan-Kettering, sob a direção do dr. Rhoads. O imponente edifício foi inaugurado oficialmente em abril de 1948.

O dr. Rhoads tem esperanças de que o Memorial Hospital, com seus patéticos doentes, propicie uma cooperação semelhante à verificada na emergência da guerra.

«Algumas autoridades,» diz ele, «pensam que não podemos resolver o problema do cancer enquanto não fizermos uma grande descoberta—uma descoberta básica, inesperada, talvez num campo que, aparentemente, não tenha relação com os problemas que atacamos. Discordo dessa opinião. Acho que o que já sabemos nos autoriza a prosseguir na luta, empregando no ataque todas as nossas forças.»

Células facínoras. O cancer não é um inimigo exterior que possa ser atacado em campo aberto, como um invasor estrangeiro. A doença se assemelha a uma guerra civil entre as próprias células do organismo. Às vezes, por motivos que a medicina ainda não pode compreender, acontece que uma célula orgânica difere das células normais. Multiplica-se desgovernadamente e vai crescendo, tornando-se numa massa inutil de tecido desordenado. Esse tumor comprime nervos, introduz-se entre os orgãos ou os invade. Frequentemente essas células revoltosas se intrometem no sangue e se espalham pelo corpo. Onde se aninham desenvolvem-se em «metástase»—tumores secundários, tão perniciosos quanto os primeiros.

Ao que se sabe, o organismo não é capaz de criar anticorpos contra o cancer, como o faz contra a difteria e a febre tifóide: alimenta muito bem as células destruidoras, deixa-as crescer sem qualquer controle e morre quando elas lhe eliminam alguma função vital.

Bisturí e radiação. Presentemente, a única maneira que se conhece de curar o cancer é pela destruição: o bisturí do cirurgião ou a radiação (raios X e rádio). Tais métodos dão resultado em algumas formas de cancer.

O cancer da pele, por exemplo, quase sempre pode ser removido tão completamente que não volte a aparecer. Outros cânceres situados em lugares acessiveis podem tambem ser destruidos.

Os cancerosos em geral reagem bem a uma operação séria mas morrem poucos dias depois. Não há muito tempo os pesquisadores do Sloan-Kettering descobriram que os doentes haviam morrido em virtude de uma deficiência de potássio no sangue. Quando, nos casos novos, foi administrado o potássio, os pacientes sobreviveram à operação. O dr. Rhoads crê que o progresso já feito nos métodos de tratar e operar, auxiliado por um diagnóstico feito na fase inicial, pode salvar do cancer um terço ou a metade do número de pessoas que atualmente morrem dessa moléstia.

Efeito diferencial. Há, porem, milhões de doentes que a cirurgia não pode salvar. Muitos são os casos de cancer que envolvem orgãos vitais que não podem ser perturbados, ou de metástases que se alastram tão rapidamente pelo organismo, que o cirurgião não consegue encontrá-las para removê-las todas. Para lidar com tais cânceres é necessário um agente que tenha um forte «efeito diferencial», isto é, que mate as células do cancer sem molestar o tecido normal. Já se conhecem algumas dessas drogas mas não são suficientemente boas.

Todas as semanas, dúzias de novos preparados químicos chegam ao Sloan-Kettering procedentes de laboratórios comerciais, fábricas de produtos químicos, cientistas das universidades e médicos. As que são julgadas possuir forte efeito biológico são experimentadas em cânceres plantados em ratos brancos.

Moças e ratos. Essa experiência é feita em grande escala. Moças com preparo técnico adequado sentam-se a uma mesa tendo diante de si gaiolas com ratos e pedacinhos de cancer de ratos em bandejas de vidro. Com grande perícia, uma jovem apanha um fragmento de cancer com o trocarte (cânula pontuda, com mandril). Espeta o trocarte na pele da barriga de um rato, empurra para cima, localizando-o sob uma das pernas dianteiras, e implanta o cancer com o auxílio do o mandril.

Uma vez decorrido o tempo necessário para que o cancer «pegue», injeta-se no rato uma dose pouco menos

que letal do produto químico que se experimenta. Mais ou menos depois de uma semana, mata-se o rato. A moça então abre-o de cima a baixo e mede o cancer que, geralmente, é então uma massa redonda, de coloração rosa acinzentado, do tamanho da unha de um dedo polegar. Se o tumor não tiver crescido tanto quanto se esperava, o preparado químico vai para a lista dos que merecem ser novamente experimentados.

Ovos e tubos. Outro tipo de experiência é feita com ovos. Uma das jovens examina um ovo fertil em uma luz forte, encontra o embrião em desenvolvimento e faz uma abertura na casca, por cima do mesmo. Planta um pedacinho de cancer no embrião e fecha o orifício com uma chapinha de vidro e cera. O ovo é então colocado em uma incubadora. À proporção que o embrião cresce, cresce o cancer tambem, geralmente até ficar do mesmo tamanho do pinto. As drogas são experimentadas injetando-as na gema do ovo e observando-se pela janela aberta na casca o efeito que elas produzem no cancer.

Outro método é a cultura de tecido. Pedaços de cancer são grudados nas paredes de um tubo de ensaio em que se coloca a seguir uma solução nutritiva. O tubo é fechado e colocado em uma roda, que se acha em posição vertical, dentro de uma incubadora. À proporção que a roda se vai movendo, lentamente, a solução vai banhando o tecido canceroso que cresce com vigor como se estivesse em um organismo vivo. As drogas podem ser experimentadas adicionando-se as mesmas à referida solução.

O Sloan-Kettering já experimentou mais de 1.500 agentes químicos. Seis deles provaram ter bom «efeito diferencial» contra um ou mais tipos de cancer dos ratos. Algumas dúzias de outros produziram um efeito menor. Tais resultados não são absolutamente desanimadores.

A cidade da célula. O dr. George B. Brown, chefe da Divisão de Química Proteínica, e os seus assistentes estão estudando a química tanto das células normais como das células cancerosas, procurando divergências que possam explorar.

A química das células é um estudo tremendamente complicado. Sabe-se que as células contêm certos produtos químicos, mas estes não estão combinados ao acaso como sais dissolvidos numa retorta. Cada célula é como uma metrópole complexa.

É muito dificil ter-se uma compreensão, por muito rudimentar que seja, do funcionamento da célula viva, em constante estado de mutação. Mas o grupo de cientistas do dr. Brown já conseguiu um importante êxito no estudo do sistema de reprodução das células. Usaram um composto artificial, o 2,6-diaminopurina, no qual esperavam achar o poder de diferenciação que procuravam para a destruição das células do cancer. É bem verdade que o «2,6» prolongou de 60% a vida de ratos atacados pela leucemia. Destruiu ou controlou tumores em ratos. No homem atuou como um paliativo mas não realizou curas.

Experimentando os virus. O dr. Rhoads e seus colaboradores acreditam que nenhuma possibilidade deve ser desprezada, por muito pouco que seja o que possa prometer. Por trás de uma porta em que se lê: «Entrada Proibida», (só se pode transpô-la depois de se ser imunizado) trabalha a simpática dra. Alice Moore, que fez experiências com virus em ratos cancerosos, obtendo resultados negativos. Experimentou o virus do herpes (inflamação da pele e membranas mucosas) e os resultados tambem foram negativos. Injetou, então, o virus letal da encefalite russa de primavera e verão. Dentro de uns quatro dias os tumores se transformaram em bolhas de pus. Todas as células cancerosas pareciam ter morrido. Mas dalí a quatro dias, os ratos morreram de encefalite. Não obstante, o virus tinha demonstrado um notavel efeito diferencial. Dirigiu-se para o tumor, lá se desenvolvendo antes de atacar o cérebro.

A dra. Alice Moore tem esperanças de que se possa «ensinar» o virus da encefalite a não procurar o tecido cerebral, e a preferir cada vez mais os tumores.

Pesquisando o solo. Um dos mais interessantes programas do Sloan-Kettering trata do «solo» (como diz o dr. Rhoads) no qual crescem as células do cancer. O crescimento das células normais é controlado pelos hormônios no sangue. Há muito tempo é fato sabido que os hormônios esteróides (assim chamados porque contêm em comum o núcleo «esteróide») são intimamente relacionados com o cancer.

O principal cientista que, no Sloan-Kettering, trabalha com o esteróide é o dr. Konrad Dobriner—um alemão de nascimento, baixo e gordo—e a matéria-prima de sua ciência é a urina humana, na qual se encontram «metabolitos» esteróides (produtos decompostos oriundos dos hormônios que o organismo usou e eliminou). Os assistentes do dr. Dobriner recolhem urina, durante meses ou até anos, das pessoas que eles pretendem estudar. Extraem os esteróides em uma longa série de tediosos processos e os identificam pela sua característica absorção da luz infravermelha.

Dobriner já conseguiu resultados assombrosos. A urina de cada pessoa apresenta um esteróide diferente mas nos seres humanos que gozam de saude existe uma semelhança geral. Em cerca de dois em cada três doentes de cancer, entretanto, aparece um novo esteróide: o «11-hidroxietiocolanolono».

A Dobriner parece que a presença desse esteróide pode indicar não somente cancer mas, em alguns casos, uma anormalidade hormônica capaz de propiciar-lhe o aparecimento.

Dobriner salienta, porem, que a presença do esteróide não é teste satisfatório para descobrir o cancer incipiente. O resultado não é muito certo, leva muito tempo, e é assás dispendioso (10 mil dólares para um trabalho completo). À medida que o cientista coleta mais informações, outros fatos surpreendentes vão aparecendo. Por exemplo: pessoas com hipertensão ar-

terial geralmente excretam um esteróide especial. Ninguem sabe qual a causa desse fenômeno, mas Dobriner tem esperanças de descobrí-la. Ao que parece, os misteriosos esteróides têm relação direta com todas as modificações verificadas nas células orgânicas. «Quem quiser conhecer o cancer,» diz Dobriner, «tem que entender de velhice, hipertensão e degenerescência. Assim, é possivel que as pesquisas sobre o cancer venham a descobrir, como uma espécie de sub-produto, a causa do envelhecimento.

Laboratório humano. O laboratório mais importante do Sloan-Kettering é o grande hospital contíguo.

Um bom exemplo do intercâmbio de pesquisas e estudos clínicos são os trabalhos da Divisão de Investigações Clínicas do Memorial Hospital, chefiada pelo dr. R. W. Rawson, e os do dr. L. D. Marinelli, no tratamento do cancer da tireóide com iodo radioativo. Como a glândula tireóide sofregamente absorve o iodo (que emprega na produção de um hormônio), os médicos esperavam que uma tireóide cancerosa absorvesse o iodo radioativo 131 em quantidade suficiente para matar as células revoltosas. Infelizmente a tireóide normal absorveu quase todo o iodo. As células da tireóide cancerosa, especialmente as metástases em distantes regiões do corpo, absorveram tão pouco, que mal foram afetadas.

O dr. Rawson e seus colaboradores conceberam um modo engenhoso de contornar essa dificuldade. Primeiro, removeram a tireóide do paciente e, com ela, o cancer original. Isto deixou as metástases que, descobriram eles, geralmente se compunham de células cancerosas que retiveram ligeiros vestígios da função normal da tireóide. Com a extração da glândula, as células degeneradas começaram a agir como se fossem tireóides. Estimuladas por drogas próprias, começaram a receber o iodo e a transformá-lo em hormônios tireóideos. O dr. Marinelli, então, ministrou iodo radioativo ao doente. Os tumores prontamente absorveram o iodo e, em alguns casos, foram destruidos pela radiação.

Talvez... O dr. Rhoads sabe que nem ele, nem ninguem no mundo ainda descobriu a cura do cancer. Mas o Sloan-Kettering, não resta a menor dúvida, está empregando todos os esforços nesse sentido. De seu gabinete no 13.º andar, o dr. Rhoads pode acompanhar o trabalho de uma impressionante coleção de armas com que se combate o cancer: os ovos com suas janelinhas de vidro, os tubos com tecidos cancerosos, movendo-se na roda; os perigosos virus, os sábios químicos, biologistas e clínicos, todos trabalhando como um só homem para derrotar o inimigo comum.

Talvez neste momento, no Memorial Hospital, uma vida, estraçalhada de dor, amortecida pela morfina, esteja bruxoleando nos seus derradeiros momentos. O dr. Rhoads não é um técnico calejado. Seus olhos, que refletem confiança, entristecem quando ele sabe dessas coisas, que acontecem todos os dias. «É preciso impedir,» diz ele, «que isso continue para sempre.»

Flagrantes da vida real

UM PROFESSOR de uma universidade americana, conhecido pela sua calma excepcional, foi despertado, recentemente, às quatro horas da madrugada, pela campainha do telefone: «Seu cachorro está latindo e não me deixa dormir,» disse uma voz irritada de mulher.

O professor agradeceu e desligou. Às quatro horas da madrugada seguinte, a mesma senhora acordou com a campainha de seu próprio telefone tocando insistentemente: «Minha senhora,» disse o professor, «eu não tenho nenhum cachorro.»

—N. M.

O DIRETOR nova-yorkino de uma película sobre estradas de ferro que estava sendo filmada no sul dos Estados Unidos, decidiu que seria necessário um «close-up» das rodas gigantescas de uma locomotiva girando a toda a velocidade. «Arranjem outra locomotiva e construam, presa a ela, uma plataforma baixa, quase ao nivel da terra, para as máquinas de filmar e os operadores,» explicou, entusiasmado. «Coloquem as duas locomotivas na linha central, separadas por um trilho, sincronizem a velocidade de ambas e filmem uma corrida entre as duas. A cena será o próprio símbolo do dinamismo dos trens.»

Seus auxiliares e assistentes já se precipitavam a cumprir-lhe as ordens quando um maquinista, debruçando-se da janela de uma velha locomotiva cujo motor roncava pacientemente, alí por perto, disse: «Ouça, meu velho, você quer tirar esta fita com a câmara em terra firme? Pois não precisa de outra locomotiva, nem de plataformas, nem precisa arriscar a vida dessa gente.»

O diretor olhou-o com um ar de mofa, mas o maquinista insistiu: «Coloquem a câmara aí ao lado desta locomotiva, focalizem as rodas da frente e fiquem prontos para filmar.»

Decidindo que não valia a pena ofender o pobre homem, o diretor concordou. O maquinista desceu do trem com uma lata na mão, lubrificou um pouco os trilhos sob as rodas da frente, subiu de novo na locomotiva e pôs o motor em marcha. «Podem filmar,» gritou, confiante.

As rodas da frente, sem encontrarem fricção alguma, puseram-se a rodar com uma rapidez que teria levado o trem, estrada a fora, a uma veloci-

dade de 120 quilômetros por hora. O maquinista acenou alegremente ao pasmado diretor cinematográfico, do alto de uma locomotiva que não se movia, nem uma polegada.

—A. L. M.

APÓS SETE meses de permanência no hospital, em consequência de um ataque de paralisia infantil aos quarenta anos de idade, estava eu, certa feita, sentado no solário, observando as pessoas que, lá embaixo, na rua, subiam e desciam das calçadas como se aquilo fosse a coisa mais facil do mundo.

Para mim, não era, pois essas calçadas como que têm meio metro de altura para quem anda num aparelho, de muletas, e com pouca força nos músculos. «Ninguem aprecia o que tem, até perdê-lo,» observei a um doente novo que se achava a meu lado, igualmente metido num pesado aparelho. «—Olhe aquela gente andando lá embaixo. Aposto como nem pensam nessas coisas tão simples que fazem com as pernas.»

O outro concordou cordialmente e eu ainda ia desenvolver minhas reflexões filosóficas, quando reparei que ele não estava olhando para os transeuntes em questão. Não podia—era cego.

—P. R. B.

O PLANO de Eletrificação Rural, perto de Nevada, no estado de Missuri já havia sido completado. As casas tinham fios elétricos e o equipamento todo estava em ordem. Ao anoitecer, a companhia ligou a corrente para uma experiência final. Depois, desligou e iniciou-se um levantamento estatístico, afim de verificar para que fim os habitantes do lugar tinham usado a eletricidade.

—Eu cozinhei com meu novo fogão elétrico, disse uma jovem dona de casa.

—Eu liguei minha nova máquina de lavar roupa, disse outra.—Já vinha acumulando roupa suja por várias semanas, confessou.

Mas uma velhinha disse:—Só fiz olhar para meu velho que havia muitos anos eu não enxergava depois do anoitecer.

—D. L. M.

UMA JOVEM entrou na taverna de uma cidade na zona pecuária do Texas e dirigiu-se para uma balança que ficava a um canto. Mas antes de subir na plataforma, virou-se para mim e perguntou:

—Quanto calcula que eu pese?

Como era esbelta, calculei uns 53 quilos. Voltando-se para outro homem, sentado na mesa ao lado da minha, repetiu a pergunta.

—Aí por volta dos 59, calculou o outro.

O ponteiro da balança parou em 59 e meio.

—Mas como foi que o senhor calculou tão bem? perguntei-lhe, surpreso.

—Ora, meu velho, já vendí e comprei muito gado. Calculo sempre em primeiro lugar, pelas traseiras.

—J. D. B

68 argonautas contra o mar

(*Condensado de «Argosy»*)
Carl B. Wall

Mais de mil furacões de que há notícia têm varrido a morta vastidão do Mar dos Sargaços. Um desses temiveis temporais pegou no seu torvelinho uma pequena chalupa a bordo da qual, o ano passado, um punhado de estonianos fugiam à sanha dos comunistas, em demanda da América. Esta empolgante narrativa da terrivel experiência desses foragidos baseia-se nas conversas repetidas que o autor teve com dois dos intrépidos argonautas: o comandante do barco e o ex-advogado de Tallin, Albert Tischler, homem de 36 anos.

Sexta-feira, 10 de setembro de 1948, às 4 da tarde.

Na casa do leme do *Prolific*, o capitão Berndt Anderson, de 38 anos de idade, espia com inquietação as nuvens de trovoada que se acastelam no horizonte. Segundo as suas últimas observações, o navio encontra-se agora a umas 1.300 milhas a sueste de Jacksonville, na Florida. Bem que ele sabe que, nesta época do ano, essas são águas perigosas. Mas carece por completo dos meios de verificar se os seus temores são ou não fundados: as baterias do rádio falharam; e não há sequer um barômetro a bordo! De todos os navios que, a essa hora, cruzam o Atlântico, o dele é talvez o menos apto a fazer frente ao furacão que se avizinha.

Segue a bordo do *Prolific* uma estranha companhia: sessenta e oito homens, mulheres e crianças, refugiados da Estônia ocupada pelos comunistas. O capitão Anderson, magro e esgalgado finlandês de mais de 1,80 m de altura, calvo e de olhos azuis e tranquilos, é a bordo o único homem que entende de navegação. Diplomado pela famosa Escola Naval de Turku, na Finlândia, ele conseguiu pilotar a entrevada chalupa de 21 metros de comprimento através de mais de 5 mil milhas de mar, levando apenas um

relógio de pulso a lhe servir de cronômetro, um sextante amolgado e estalado, uma bússola, e um mapa elementar do Atlântico. Baixando o olhar daqueles céus ameaçadores, para o tombadilho da sua casca de noz, vêm-lhe à memória as palavras do capitão K., que renunciou o comando do *Prolific* pouco antes de este largar da Suécia: «Levar tanta gente para o mar num navio velho e carunchoso como esse, é um verdadeiro crime. Se quiserem ir, arranjem outro comandante!»

Anderson não teve outro remédio senão assumir ele o comando. Tinha uma fé teimosa naquele calhambeque de 67 anos de idade e no objetivo da sua viagem: arrancar aqueles homens, mulheres e crianças à tirania dos Sovietes, levando-os para uma vida nova e melhor.

Hoje, como de costume, a vista do tombadilho do *Prolific* é um espetáculo que ofende os olhos do marinheiro escrupuloso: uma fila de pessoas espera à porta da única privada, uma guarita que mais parece um caixão de madeira. Depois de alguem se servir dela, para lavá-la é preciso içar do mar, a pulso, um balde de água. Quanto à água de beber, armazenada como vem em tanques não cimentados, já provocou alguns casos de disenteria a bordo.

Amarrados ao longo da amurada de estibordo e de bombordo, vêem-se quatro enormes caixões de batatas meio podres. Desde que o *Prolific* saiu da Suécia, há 50 dias, essas batatas têm sido o prato de resistência de todo o pessoal a bordo. Uma fogagem vermelha cobre os corpinhos de cinco das crianças que alí viajam. Uma criancinha de 15 meses, Jaan, arde há três dias numa febre de 41 graus. Um bebê de seis meses, Paul, nem pode abrir os olhos com as chagas que lhe roem as pálpebras. Os lábios de Virve, menina de 2 anos, estão tão inchados que ela nem pode comer.

Entre as mães que vêm a bordo, a causa dessas doenças é motivo de acaloradas discussões: se será a comida, ou a falta de banho, ou a picada daqueles insetos pretos, de casca dura, que pululam no bafio do porão. O nivel da água nos tanques vai baixando ameaçadoramente, e há oito dias que não chove.

Oito da noite.

A curva do horizonte é de quando em quando trespassada por silenciosos relâmpagos. O vento sopra em rajadas bruscas, desiguais. Daquela massa de negrume vêm as ondas acarneiradas, cristadas de espuma lívida, para rebentar em interminavel sucessão contra o costado do navio.

Cobrindo o sussurro das vagas, chega-lhes agora o surdo ribombar da trovoada. A chuva desaba, e as mães das crianças doentes se esforçam para recolhê-la em baldes e panelas: mas o balanço do convés não lhes permite manter o equilíbrio. Vendo que se fecha mais a escuridão da noite e do temporal, o capitão manda recolher todo o mundo ao porão, menos os quatro homens necessários à vigia da noite.

Sábado, 11 de setembro, às 3 da madrugada.

O *Prolific* vê-se agora batido por ventos de 40 milhas à hora. Uma rajada furiosa arranca e rasga a mezena remendada, meio podre, e os farrapos que dela ficam pendentes estalam no ar, através do tombadilho, como chicotes.

O jovem Voldemar S., um dos poucos homens de bordo que possuem experiência do mar, trepa ao mastro de mezena para soltar as cordas embaraçadas. Um enfrechate podre rebenta, e ele cai de 5 metros de altura no convés, enterrando num braço a lâmina da faca com que estava cortando as cordas. Torceu o tornozelo, que lhe dói insuportavelmente. O temporal pôs fora de combate um dos mais uteis tripulantes.

Onze da manhã.

As ondas varrem continuamente os tombadilhos, e por isso é preciso conservar as escotilhas fechadas. Para fornecer ar às pessoas que estão lá dentro, Eduard R. abre um pouco uma clarabóia entre dois assaltos das vagas. Na ponte da meia-nau, onde se abre a porta para o porão que serve de dormitório, Walter S. está de guarda, e só abre quando alguem bate. Se é mulher, ele a acompanha, dando volta ao navio, até à privada da ré. As águas do mar atravessam agora livremente as tábuas nuas da guarita, e quando alguem se serve dela, não é mais preciso jogar água. Havendo mandado colher os rizes, e com o motor auxiliar de um só cilindro trabalhando ao máximo, o capitão Anderson vai conseguindo enfrentar os mares que embatem sem cessar no navio, e manter o calhambeque no curso de noroeste. O cozinheiro, ao tentar ferver água na cozinha, com o jogo da embarcação, escaldou as mãos e os pés, e sofre horrivelmente. É mais um, o segundo, que fica fora de combate.

Sete da noite.

O sol desaparece por trás da cortina de chuva que rodopia e da espuma desfeita das vagas imensas. Como se a atingisse a explosão de uma bomba, rebenta uma janela da casa do leme, e mil estilhaços de vidro vão bater na parede fronteira.

O capitão chama todos os homens disponiveis, e manda arriar a vela do mastro grande. Aqueles homens, que na Estônia eram empregados de escritório, lavradores, mecânicos, advogados, guarda-livros, rompem caminho até o convés, a muito custo. A chuva cerrada e contínua, que de repente ficou fria, fere-lhes os torsos quase nus como uma saraivada contínua de chumbo. A água salgada quase os cega. Agarrados uns aos outros, ao mastro, ao cordame, travam luta com os 20 metros quadrados de lona, com aquela confusão de cordas fustigantes. A trovoada ribomba sem cessar. Faiscas arroxeadas descrevem fulgurantes arabescos no céu da noite, e vão ferir o mar revolto a poucos metros de distância do navio...

Os homens conseguiram por fim enrolar a vela grande, apertando-a bem em torno da retranca e descem ao

porão, exhaustos e doridos das vergastadas implacaveis da chuva e dos encontrões dados contra a amurada. Dois deles têm costelas fraturadas; um terceiro, o pulso deslocado e inchado. Ao leme, o capitão Anderson, olhando para a rosa dos ventos através da bitácula embaciada de sal, repara que o navio ruma agora para nordeste: quer isso dizer que perdeu o governo! Tudo o que ele pode esperar agora é tentar manter-se flutuando e, livrar-se, das vagas e do vento com a ajuda do motor auxiliar.

Domingo, 12 de setembro, às 6 da manhã.

Nas Bermudas, onde já chegou aviso da aproximação do furacão, começam a mandar os aviões para terra firme, afim de salvá-los da fúria dos ventos—cuja velocidade é agora calculada em 130 milhas por hora. No porão do *Prolific*, onde 60 pessoas vão amontoadas num acanhado espaço de pouco mais de 9 metros por 5, o ar tornou-se praticamente irrespiravel com o mau cheiro de suor, excrementos, vômitos de enjôo, e roupas de crianças que há muito não são mudadas. Ninguem ousa, porem, abrir a clarabóia. Mesmo estando ela trancada, a água do mar, quando passa a onda, entra em tal quantidade no porão, que nada alí está seco. Nos catres, que mais parecem caixotes, erigidos em dois andares em ambos lados do porão, os meninos doentes agarram-se com desespero a suas mães.

Em pleno coração do negro vendaval não há amanhecer: é somente uma lenta mudança da escuridão completa para um crepúsculo cinzento e sinistro. Desaba sem cessar no tombadilho uma carga de chuva e de espumas do mar. Incapaz de enxergar através dela, o timoneiro é obrigado a orientar-se pelos estremeções do navio, à medida que este balouça, ora na crista ora no abismo dos vagalhões. É tão extenuante esse esforço, que os pilotos se rendem a vinte minutos de intervalo. O capitão Anderson, que há mais de 50 horas não dorme, mantem-se constantemente ao lado do timoneiro.

As vagas, que se erguem ameaçadoramente acima da altura do mastro grande, com seus 17 metros de altura, passam rugindo ao longo do fragil navio a mais de 60 milhas à hora. De vaga a vaga há um intervalo de 400 metros. Cada 15 segundos o navio é obrigado a erguer-se diante delas e a galgá-las—do contrário será submerso.

É pouco depois do alvorecer que o *Prolific* se vê pela primeira vez invadido à popa por uma vaga gigantesca. Muitas toneladas de água lhe submergem o tombadilho cerca de um metro. Em baixo, no porão, a pressão tremenda dessa massa de água determina um sossego sobrenatural... Até as crianças param de choramingar. O latejar penoso do velho motor diesel falha como o de um coração enfermo. Durante alguns longos segundos parece que a morte está iminente.

Ao leme, o capitão Anderson agarra a roda com as suas manápulas, e espera o embate da onda seguinte. Se o *Prolific* não consegue erguer-se diante dela, está perdido. Teria razão, no fim

de contas, o capitão que renunciara o comando? Enquanto espera, durante esses interminaveis segundos, Anderson murmura de si para consigo: «Senhor, não terá sido um crime de minha parte?» Os outros homens da casa do leme e as mulheres do porão infecto esperam em silêncio. As velhas tábuas do *Prolific* estremecem, rangem debaixo do esforço horrivel. Por fim, o navio se liberta daquela imensa carga de toneladas de água, e se soergue morosamente, a custo, para enfrentar o novo vagalhão que se aproxima, ameaçador.

Mas a culapada causou grandes estragos; toneladas de água invadem o porão, a bomba automática deixou de funcionar, já nem é possivel consertá-la. Lá em baixo há quase 25 cm de água acima das pranchas do porão. Mais alguns centímetros de água—e a minúscula embarcação poderá submergir.

A bomba manual de emergência, no convés, tem os seus homens todos a postos, mas a arruela de couro, esponjosa, desfaz-se em lama. Oito homens formam então uma brigada de esgotamento e, munidos de baldes, começam a despejar laboriosamente a água do porão. É preciso fazer passar os baldes pela clarabóia. Dois homens, presos por cordas ao mastro grande, abrem e fecham a tampa da clarabóia durante o breve intervalo das vagas. Jacob O., ex-sapateiro que tem enjoado quase toda a viagem, está ocupado a cortar, da gáspea grossa de uma bota de trabalho, uma nova arruela para a bomba.

Três da tarde.

A despeito de estar reparada a bomba de mão, ainda restam mais de 15 cm de água chocalhando de lado para lado no soalho do porão. Um bebê de 5 meses de idade escorrega dos braços da mãe, que perdeu os sentidos, e por pouco se afoga! Faz muitas horas que as mulheres rezam em altas vozes, e agora entoam com firmeza o *Meie Isa*: «Padre nosso, que estais no céu... Seja feita a vossa vontade...»

Oito da noite.

O *Prolific* escapou a uma nova culapada, depois à terceira. Quarenta baús que iam amarrados no convés, a meia-nau, desapareceram, bem como os caixões de batatas.

A escotilha do porão está tão fraca, que dois dos homens mais jovens se amarram atravessados em cima dela, com cordas, para tentarem quebrar com seus corpos a violência do embate das ondas! Não tarda vinte segundos que seja preciso carregá-los, semi-inconscientes, para o porão.

O homem que vai ao leme percebe de repente que este já não obedece devidamente às ordens da roda. Rastejando, o carpinteiro August T. vai então quase até o extremo da ré, e verifica que o tubo de ferro que envolve a cana do leme está rachado. Enrola e aperta bem em torno dele uma porção de arame de enfardar, forçando as estaladelas a se unirem de novo, por meio de cunhas que entala sob os arames. Se o navio der guinadas, ainda que seja só por minutos, está perdido.

Segunda-feira, 13 de setembro, às 8 da manhã.

A pancadaria do mar desconjuntou por tal forma a proa e os tabuados do casco, que o *Prolific* está fazendo água abaixo da linha de flutuação. A despeito dos esforços da brigada de escoamento, e o manejo contínuo da bomba manual, a água sobe implacavelmente lá em baixo. Na casa das máquinas a água já começa a lamber o metal superaquecido do diesel, evaporando-se e enchendo de névoa o acanhado recinto. Homens negros de graxa, extenuados, todos eles sem dormir há mais de 72 horas, trabalham com denodo no escoamento da água, para evitar que ela afogue o motor. No porão, homens e mulheres procuram calafetar o casco, pondo cobertores e roupas de cama contra as costelas do navio, e empurrando-os com os seus corpos, num esforço desesperado para deter a infiltração.

Há três dias que ninguem come nada, a não ser pão duro ensopado de água salgada. As crianças doentes nada comeram. A água dos tanques é agora uma espessa mixórdia de ferrugem e lodo, e está imprestavel para beber.

Três da tarde.

Para o capitão Anderson e os homens que o acompanham na ponte, torna-se pela primeira vez perceptivel, através do rugir do vento e das vagas, o surdo murmúrio das vozes que rezam lá em baixo. O furacão está amainando. Lentamente, a cortina de chuva e espumas pulverizadas se desfaz, pondo a descoberto as montanhas de água verde-gris e depois o horizonte.

À maneira que o vento se modera, as cristas das ondas já não vêm rebentar sobre o convés. Abrem-se as escotilhas, e a brigada de escoamento, apta a trabalhar agora mais depressa, começa a levar vantagem à infiltração do casco. Até as mulheres, armadas de tachos e panelas, ajudam a despejar a água do porão. Servem-se dos cobertores e das roupas do corpo como de esponjas para enxugar. Dentro de poucas horas o porão do navio está seco, o suficiente para permitir que os homens calafetem as pranchas desajustadas, com trapos embebidos em alcatrão. O *Prolific* ainda faz água, é certo, mas a bomba manual já é capaz só por si de vencer a inundação.

Terça-feira, 14 de setembro, às 9 da manhã.

O *Prolific*, com um nordeste fresco lhe enfunando a vela grande, singra garbosamente para oeste. Arrastado pelo temporal, descaiu para um ponto a umas 190 milhas a sudoeste das Bermudas, e está agora na rota de Wilmington, na Carolina do Norte, o porto da América que lhe fica mais perto.

Filtra-se a água em panos, e ferve-se no fogão da cozinha. O cozinheiro prepara um caldo com os únicos gêneros que restam a bordo: farinha molhada de água do mar e açucar. Pensa ele que, com um prudente racionamento, haverá comida dessa qualidade para mais sete dias.

A maioria dos viajantes vão espojados ao sol, no convés. Lá em baixo, as crianças, embrulhadas em roupas secas, estão-se refazendo da febre. Um dos jovens apanha a sua gaita, e toca baixinho uma canção popular da Estônia. Ergue-se a acompanhá-lo um coro de homens e mulheres...

O capitão Anderson, sempre na casa do leme, vira-se a olhar o oriente, por sobre a grande curva das vagas, na direcão geral da Europa, da Rússia...

«Está vendo, Stalin? Está vendo?» diz o bravo comandante com um sorriso.

Seis dias depois, a 20 de setembro, o *Prolific* entrava a salvo no porto de Wilmington. Ao cabo de meses de investigações, as autoridades da Imigração puseram em liberdade os passageiros. Os homens têm agora empregos diversos nos Estados Unidos e no Canadá. Muitos foram trabalhar na lavoura. Quanto ao *Prolific*, pelo qual esses infelizes pagaram 18 mil dólares —as economias de sua vida inteira!— estava tão danificado pelo furacão, que, vendido em hasta pública, no cais de Wilmington, rendeu apenas mil e quatro dólares.

Endereço errado

Recentemente, os diretores de um banco enviaram flores aos diretores de outro banco da mesma cidade, felicitando-os pela inauguração da nova sede. O cartão que acompanhou as flores continha, porem, as seguintes palavras: «Sentidos pêsames.»

No dia seguinte, o florista, responsavel pelo engano, foi ao banco pedir desculpas. O que sobremaneira o aborrecera, acrescentou, fôra a entrega de outras flores num funeral com o cartão destinado ao banco: «Parabens pela sua nova instalação.»

—George O'Connor no *Sun*, de Binghamton

Pontos de vista

Durante uma das grandes tempestades de neve que caem no Oeste dos Estados Unidos, tão poucas pessoas foram à igreja num domingo que o pastor ficou algum tempo sem saber se pronunciaria o longo sermão que havia preparado ou um menor, que já fizera uma vez. Finalmente, decidiu-se pelo novo, em que trabalhara a semana inteira. Perguntou, depois, a um dos fazendeiros presentes o que achara do sermão. «Muito bom,» respondeu o paroquiano, «mas se eu levasse uma carroça de feno para alimentar o gado durante uma tempestade e só me aparecessem umas poucas cabeças, ninguem me faria gastar com elas todo o carregamento.»

—Virginia Horne

Este perito em eficiência põe a dona de casa na berlinda

Donas de casa, não trabalhem tanto!

(Condensado de «The American Magazine»)

Por Gideon M. Varga

Engenheiro industrial; professor de métodos de simplificação de trabalho, na Universidade de Colúmbia

«ACORDO todas as manhãs,» lamentava-se esta jovem esposa, «cheia de ânimo e de projetos de fazer a meu marido a surpresa de lhe preparar uma boa torta para o jantar; de levar os meninos ao museu; de começar a tricotar aquele sueter que prometí a mamãe...

«Atiro-me logo ao trabalho da casa, para me ver livre dele mais depressa. Ao dar meio-dia sinto-me esgotada e irritavel—e ainda me encontro metida até o pescoço em fraldas e pratos sujos! Acho que sou a dona de casa mais ineficiente deste mundo!»

Essa aflita mãe de família não é, no entanto, menos eficiente do que milhões de outras donas de casa, incluindo talvez minha própria mulher. As mães de família levam vida espinhosa, produzindo todos os dias muitas horas de trabalho forçado, mas o fato é que a maioria delas podiam desempenhar suas tarefas, no mínimo, com menos um terço do esforço—e desempenhá-las melhor—se consagrassem um pouquinho mais de atenção à maneira de simplificar o trabalho. No lar, como na indústria, a chave da eficiência consiste em ter as ferramentas «pre-arrumadas», ao alcance da mão, e em tirar proveito de cada gesto ou movimento.

Certa ocasião o serviço de extensão da Universidade de Rutgers pediu a 300 donas de casa do estado de Nova Jersey que analisassem qualquer uma das suas habituais tarefas domésticas e procurassem conceber a maneira mais facil de dar conta dela. Foram elas capazes de conseguir, em média, uma economia de 41% de tempo, e de 56% de «quilometragem». Por exemplo, uma senhora achou que vinha desperdiçando 30 horas por ano—e uns 8 quilômetros de caminhada—pelo simples fato de que guardava a lata de café em um armário, a cafeteira em outro, e a colher de medir o café na gaveta dos talheres.

Estou convencido de que todas as mulheres poderiam economizar meia hora por dia, se eliminassem o que nós, na indústria, chamamos «operações de busca, localização e seleção», e se tivessem um lugar certo, e facil de alcançar, para guardar cada coisa.

Uma das falsas concepções mais correntes é que os objetos da classe das panelas e caçarolas devem estar todos arrumados no mesmo lugar. A verdade é que seria muito mais lógico arrumar cada coisa no lugar onde ela deve começar a ser utilizada. As caçarolas devem-se guardar perto do fogão, mas a panela de banho-maria deve ficar perto da torneira—visto como sempre se começa por enchê-la de água. A saladeira deve estar perto do refrigerador, as facas junto da pia.

A dona de casa anda, em média, 50 metros para fazer uma cama. Essa caminhada poderia reduzir-se consideravelmente, se ela fizesse primeiro a cama de um lado, antes de passar a fazê-la do outro. Mas 90% das donas de casa preferem continuar a correr à volta da cama.

Do mesmo modo, a maioria das donas de casa lavam e enxugam conscienciosamente a louça logo depois de cada refeição, muito embora fosse mais higiênico e mais rápido escaldá-la somente, e deixá-la escorrendo e secando por si. É tambem um desperdício de tempo passar a ferro os pijamas, lençóis, roupas de baixo, calças de bombazina e toalhas de banho.

A maioria das mulheres, quando fazem bolos, é pelo sistema «dificil». Quando querem fazer 100 biscoitos, recortam a massa com um cortador de boca redonda, depois tornam a juntar e a amassar os restos, para voltar a recortá-los. Seria muito mais simples—e não menos gostoso—fazê-los quadrados! Podem-se cortar 100 biscoitos quadrados na massa estendida, dando-lhe 18 golpes rápidos, em linha reta, com a faca—9 em cada sentido.

Faz alguns meses, a New York Heart Association organizou uma cozinha-modelo para as donas de casa que precisam poupar energias, por sofrerem de alguma doença orgânica. As panelas, caçarolas e tigelas, em vez de estarem amontoadas em armários com prateleiras quase ao nivel do chão, encontram-se à mão, mas não empilhadas, em uma espécie de armário rotatório, que qualquer pessoa pode fazer girar. As mesas de trabalho são altas, chegando quase aos cotovelos, para que a mulher não tenha que se curvar. As louças estão arrumadas em um armário que se abre pelos dois lados, instalado entre a pia e a mesa onde a família come, o que poupa vários quilômetros de caminhada. Os guardanapos, os descansos de prato, os galheteiros e talheres estão em outro armário aberto, perto da mesa onde se come. Só esse armário economiza, pelo menos, 20 viagens por dia.

Aprendemos há muito, na indústria, que quem se curva muito acaba com dores nas costas. Uma dona de casa de Nova Jersey, descobriu que as dores crônicas de que sofria nas costas desapareceram quando ela colocou na pia um estrado, de fabrico doméstico, que elevou de alguns centímetros o fundo da mesma. Milhões de mulheres se dobram todos os dias sobre tanques de lavar roupa, mesas de trabalho e tábuas de engomar demasiado baixas, que se podiam erguer a um nivel tal, que a mulher não tivesse de se curvar tanto.

As mulheres levam tambem sete ou oito horas por semana, passando roupa a ferro, com os pés latejando de dor, e 15 horas por semana junto da pia, quando a verdade é que podiam fazer seu trabalho com muito mais agrado, sentadas em uma cadeira de altura suficiente. Não há uma cozinha em 100 que tenha hoje uma cadeira dessas! Outra cadeira que devia estar sempre perto da cozinha, é a velha e confortavel cadeira de balanço. A cadeira de balanço ajuda a aliviar a tensão do corpo fatigado, mais depressa do que outro qualquer recurso de que eu tenha conhecimento.

O telefone é uma grande ameaça à eficiência. Algumas grandes firmas industriais têm resolvido que, durante certas horas do dia, só sejam recebidos os telefonemas de urgência. As donas de casa deviam poder fazer o mesmo. Conheço mesmo uma que o faz. Minha mulher recusou-se, ainda não há muito, a telefonar à sua amiga Edna a respeito de certo encontro: «Ela não gosta que a chamem de manhã,» explicou, «porque é nessas horas que ela faz o trabalho doméstico.»

A simplificação do trabalho pode-se transformar em uma espécie de jogo em que entre toda a família. Inclua-se no rol dos ajudantes todo o pessoal com mais de quatro anos de idade. As crianças podem lavar os pratos ou limpar o chão com o aspirador. Comunique-se ao garoto que as cestas de papel ficam a cargo dele. Dê-se a cada criança a incumbência de arrumar seu próprio quarto.

Eu recomendaria que a dona de casa, para conquistar duas horas de liberdade pessoal por dia, adotasse estas duas medidas economizadoras de tempo e de energia:

1. Tire da cozinha tudo quanto não for essencial ao trabalho realmente necessário. Jogue fora as dúzias de aparelhinhos e bugigangas que foi acumulando mas que só raramente usa.

2. Faça um inventário dos utensílios e dos gêneros. Em seguida, reconstitua todos os movimentos que tem de fazer para usá-los, e designe para cada coisa um local facil de alcançar, do lugar onde tenha de começar a usá-las.

3. Vá pela casa a fora, de quarto em quarto, e faça outro inventário de todos os pontos onde tenha que se curvar, pôr-se nas pontas dos pés, ou tatear com as mãos. Veja se lhe é possivel executar cada operação de maneira menos fatigante e com menos dispêndio de tempo.

4. Observe de que modo executa cada uma das suas tarefas, e veja se não haverá maneira mais facil e mais simples de desempenhá-las. Se considerar cada tarefa como um desafio ao seu engenho, depressa chegará à conclusão de que o governo da sua casa lhe pode dar uma grande medida de satisfação pessoal!

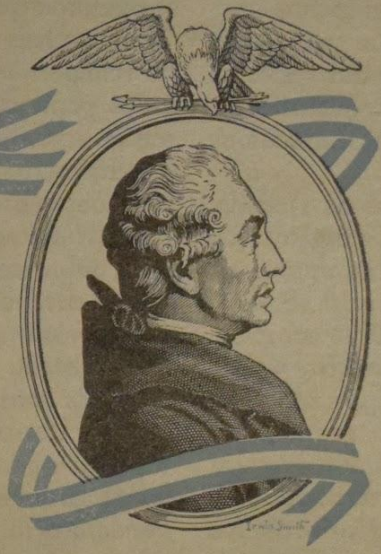
Só há uma regra para o bom conversador—é aprender a ouvir.
—Christopher Morley

A história quase ignorada de Pierre de Beaumarchais, dramaturgo, poeta e homem de espírito, e do seu papel decisivo na Independência dos EE.UU.

Beaumarchais—libertador esquecido

(Condensado de «Coronet»)

Austin Strong
Autor de «Three Wise Fools,» «Seventh Heaven,» e outras peças



CERTO dia de junho de 1776, poucas semanas antes de haver sido assinada a Declaração de Independência dos Estados Unidos, um coche dourado rodou aos solavancos pelas ruas de París e foi-se deter à porta de uma imponente residência da Rue de Condé. O *grand seigneur* que dela se apeou ordenou aos lacaios que carregassem para o salão as pesadas sacas escondidas debaixo das mantas de agasalho. Chegado ele próprio à sala, mandou embora os lacaios e fez vir suas duas irmãs, que foram dar com ele despejando no tapete o conteudo das sacas—um milhão de libras de ouro!

«O rei de França me deu em segredo esse dinheiro,» disse ele numa voz sacudida pela emoção. «Vocês estão assistindo a uma página da história, pois este ouro que aquí está no chão representa o nascimento de um povo livre—a nação americana!»

Quem assim falava era um grande e audacioso paladino da liberdade—Pierre Augustin Caron de Beaumarchais. Muitos anos depois, em 1870, John Bigelow, que foi embaixador dos Estados Unidos na França, havia de escrever: «Beaumarchais prestou incalculaveis serviços aos Estados Unidos. De nenhum setor recebemos nós socorro mais oportuno, e se não fôra a sua iniciativa, nenhum nos teria chegado de outros setores.»

Beaumarchais nasceu em París em 1732. Muito moço ainda, foi aprendiz de relojoeiro na oficina do pai. Depois de bem treinado no ofício, conseguiu dar entrada na corte de Versalhes, graças ao modelo de escapo que inventou, tão minúsculo, que o relógio se poderia usar no dedo, como um anel. Luiz XV ficou encantado, e encomendou outro relojinho idêntico

para a sua favorita, a célebre Mme. Pompadour.

O jovem relojoeiro era galante, ebuliente de alegria e espírito. Na coleira da sua cadela ele tinha gravado estas palavras: «Eu sou Mlle. Follette. Beaumarchais me pertence. Vivemos no Boulevard.» Tornou-se um consumado músico, inventor, poeta, editor e comediógrafo. Pouca gente se dá conta de que foi ele quem escreveu *Barbeiro de Sevilha*, e *Bodas de Fígaro*.

A pedido do ministro da fazenda, Beaumarchais planejou a organização de uma firma comercial que mais tarde se chamaria Banco de França. Publicou a primeira edição completa das obras do seu indefectivel amigo Voltaire. Nomeado magistrado especial pelo rei, para julgar famintos, homens e mulheres, acusados de caçar clandestinamente nas terras do rei, ele pôde ver com seus próprios olhos o que era a inexoravel crueldade da monarquia absoluta. Juiz, pagou muitas vezes do seu bolso as multas que era obrigado a impor aos infelizes. Mas essa experiência lhe instilou na alma um ódio inabalavel à autocracia.

Os áulicos da côrte de Luiz XV votavam inveja a esse *parvenu* que tão depressa conquistara as graças do soberano. Um dia, durante uma reunião de aristocratas, um cortesão puxou do seu magnífico relógio de ouro e, dirigindo-se a Beaumarchais, disse:

—Segundo entendo, Monsieur, é este o seu ofício?

Beaumarchais replicou:

—Receio muito ter perdido a habilidade manual, desde que abandonei o ofício.

O cortesão estendeu-lhe o relógio e insistiu:

—Rogo-lhe que o conserte.

—Vou tentar, mas a falta de prática me tornou muito desajeitado.

Fingindo que examinava o relógio, Beaumarchais deixou-o cair no chão. O relógio despedaçou-se e as delicadas peças rolaram em todas as direções.

—Lamento imensamente, disse ele com um sorriso. —Mas eu bem que o tinha avisado da minha falta de jeito!

O nobre senhor, enraivecido, envolveu Beaumarchais nas malhas de um capcioso processo-crime. O caso nunca chegou a ser julgado, mas Beaumarchais perdeu temporariamente os seus direitos civís. Se não fosse a proteção que o rei lhe dispensava, teria ficado arruinado para o resto da vida. Para ajudá-lo, Luiz XV mandou-o em missão secreta à Inglaterra, afim de rehaver certas cartas roubadas que, se caissem em mãos dos ingleses, poderiam precipitar uma guerra. Beaumarchais conseguiu recobrá-las.

A segunda visita que fez a Londres constituiu outro marco na sua vida: lá conheceu Arthur Lee, que fôra tomar o lugar de Benjamin Franklin como agente das Colônias Americanas na capital britânica. Por um estranho capricho da sorte, esse americano arrogante e pretensioso, que viria a tornar-se o mais irreconciliavel inimigo de Beaumarchais, foi o primeiro que lhe falou da Revolução Americana.

Perfeitamente cônscio do ilimitado

desespero das massas populares francesas, Beaumarchais ficou entusiasmado ao ouvir falar dos valentes que, do outro lado do oceano, lutavam pela liberdade. Lee revelou-lhe que o exército da América, organizado às pressas, estava sem recursos e dispunha quando muito de uma libra de pólvora para cada soldado.

Regressando a toda a pressa a Versalhes, Beaumarchais suplicou ao tímido soberano e ao seu relutante ministro dos negócios exteriores, Vergennes, que mandassem os necessários apetrechos de guerra aos combatentes americanos. Seu plano era o que há de simples: organizaria uma firma comercial fictícia, Roderique Hortalez & Cia., por meio da qual compraria secretamente munições e as mandaria aos americanos, em navios de propriedade da firma. Desse modo ninguem poderia saber quem é que tinha fornecido as munições—muito especialmente os ingleses.

Mas, como os colonos americanos não tinham dinheiro, ele estava disposto a aceitar em pagamento certas quantidades de fumo e de anil, cuja venda na França tornaria comercialmente viavel a empresa de socorro à Revolução Americana. Persuadiu por fim o rei a lhe emprestar um milhão de libras; o soberano conseguiu outro milhão da Espanha, enquanto Beaumarchais, com o seu próprio dinheiro e a ajuda de alguns amigos, reunia o terceiro milhão.

Começou sem demora a comprar navios e a escolher capitães experimentados. Em breve tinha reunido uma frota de mais de 40 veleiros, e a firma Hortalez & Cia. se tornou uma das maiores casas comerciais da França. Finalmente, em começos de 1777, o filho do relojoeiro encontrou-se um dia no cais do Havre, acenando o seu tricórnio em adeus a três majestosos navios, os primeiros da sua frota a partir para o Novo Mundo.

O general George Washington a essa data tinha perdido a cidade de Nova York, e retirara para a Pensilvânia, com seus exércitos maltrapilhos numa situação virtualmente desesperada. Muitos americanos já pensavam que era chegado o fim, quando um dia um veloz barco de pesca entrou em Portsmouth, trazendo novas de espantar: três navios franceses, pesadamente carregados, o haviam saudado em alto-mar e tinham rogado que voltasse bem depressa ao porto com a boa-nova da ajuda que estava a caminho, para as forças de Washington.

Quando a frota de Beaumarchais fundeou por fim em Portsmouth, os colonos deliraram de alegria, ao verem desembarcar 25 mil espingardas, outros tantos uniformes, 200 canhões, toneladas de pólvora e balas. Alem disso, Beaumarchais lhes remetia 500 mil libras em ouro, para insuflar vida nova ao desvalorizado papel-moeda das Colônias.

Beaumarchais tornou assim possivel que as tropas americanas se batessem com os ingleses em igualdade de armas, durante a feroz campanha de 1777, e ganhassem por fim a batalha de Saratoga.

Durante aquele inverno e a primavera seguinte, muitos navios iludiram consecutivamente o bloqueio inglês. Beaumarchais adiantou dinheiro ao jovem Lafayette, para que este o desse à América. Mandou aos americanos o patriota polonês Pulaski e o general von Steuben, o velho cabo-de-guerra que, com seus severos métodos prussianos, fez um exército disciplinado da tropa maltrapilha que eram as hostes da independência.

É possivel que o plano secreto para a obtenção de armas da França tenha sido concebido por Arthur Lee, mas foi Beaumarchais quem venceu a resistência do rei, comprou os suprimentos e os despachou para Washington. No entanto, ainda antes de terem chegado os primeiros navios de socorro, Lee escrevia ao Congresso, reclamando só para si todo o mérito de haver persuadido o rei da França a mandar auxílio à nascente república. Do mesmo passo, prevenia o Congresso de que Beaumarchais andava ludibriando simultaneamente o seu rei e a América, ao transformar o donativo gratuito de Luiz XV em uma transação comercial. Uma vez que o rei impusera a Beaumarchais, sob juramento, o mais estrito segredo quanto à operação, o generoso francês não podia defender-se em público, e assim o Congresso dos Estados Unidos saudou em Lee o salvador da rebelião.

Com grande desapontamento de Beaumarchais, todos os seus navios regressaram da América quase vazios, levando somente uma pequena parte do fumo e do anil prometidos pelo Congresso. Beaumarchais esforçou-se para explicar que os fundos que conseguira do rei da França, da Espanha, e dos seus amigos, eram empréstimos a serem pagos com o produto da venda da carga recebida da América; o Congresso, inabalavel, teimou que as munições e dinheiros recebidos eram donativos, e não empréstimos.

Com o tempo, é certo, o Congresso dos Estados Unidos acabou reembolsando o rei mas nunca pagou a Beaumarchais, que faleceu em 1799, à beira da falência.

Pouco depois de Beaumarchais ter expirado, Talleyrand escreveu ao ministro da França em Washington, dando-lhe instrumentos para que apoiasse as reclamações dos herdeiros de Beaumarchais: «Um cidadão francês que arriscou *toda a sua fortuna* pelo bem dos americanos, devia ser ouvido quando reclama tão somente honestidade e justiça.»

Os próprios herdeiros, ao apelarem para o Congresso dos Estados Unidos, diziam: «Segundo as contas de Beaumarchais, o Congresso lhe devia em 1793, inclusive os juros, mais de 3.800.000 libras. O sr. Alexander Hamilton reduziu essa soma, pelos seus cálculos, a 2.280.000 libras. Paguem-nos ao menos a quantia fixada pelo sr. Hamilton.»

Trinta e seis anos após a morte de Beaumarchais, sua filha viu-se na alternativa de aceitar 800 mil libras—ou nada. Resignou-se a aceitar essa quantia,—pondo assim termo ao caso infeliz de Pierre de Beaumarchais, o libertador esquecido.

«Entre aspas»

Fred Allen: Sou a favor das longas caminhadas, especialmente quando são dadas por pessoas que me aborrecem.

Robert Benchley: Levei quinze anos para descobrir que não tinha o menor talento para escrever, mas não pude desistir porque a essa altura, eu já era famoso demais.

Abraão Lincoln: Tato é a capacidade de descrever os outros tal como eles se julgam.

Christopher Morley: Qualquer homem que valha alguma coisa, ao chegar aos 45 anos de idade já acumulou uma coroa de espinhos; o problema está em aprender a usá-la com certa graça.

William Feather: Se nós gostássemos, realmente, de trabalhar, ainda estaríamos lavrando a terra com paus e transportando tudo nas costas.

Robert Frost: Banco é o lugar onde nos emprestam um guarda-chuva quando faz bom tempo e o tomam de volta quando começa a chover.

John Galsworthy: O idealismo aumenta na proporção direta da distância a que nos achamos de um determinado problema.

Honoré de Balzac: É um absurdo tão grande pretender que um homem não pode amar sempre a mesma mulher, como afirmar que um bom artista precisa de vários violinos para tocar uma peça.

Dr. Charles D. McIver: Quem educa um homem, educa um indivíduo; quem educa uma mulher, educa uma família.

Sidney Smith: Ele tem momentos de silêncio que tornam sua palestra adoravelmente encantadora.

Dwight D. Eisenhower, Presidente da Universidade de Columbia: Creio, firmemente, que o exército de pessoas que exigem uma centralização da autoridade cada vez maior e uma dependência cada vez maior do Tesouro Federal são realmente mais perigosas para nossa forma de governo que qualquer ameaça externa que possa ser tramada contra nós.

Josephus Henry: Criança é gente miuda a quem os pais não consentem fazer o que eles faziam quando eram daquela idade.

W. Boyd Gatewood: Poucas pessoas vão ao médico quando pegam um resfriado: preferem ir ao teatro.

Preston Tucker e seu «golpe» de 26 milhões de dólares

A fantástica negociata do automovel Tucker

(Condensado de «Collier's»)

Por Lester Velie

O «PRIMEIRO automovel completamente novo a surgir em 50 anos» teve sua estréia, certo dia de junho, há dois anos. Na maior fábrica do mundo, em Chicago, onde, durante a guerra, se haviam fabricado motores para Superfortalezas Voadoras B-29, três mil revendedores, procedentes de todos os quadrantes do globo, miravam com interesse o Torpedo Tucker, «um automovel realmente moderno, descendente em linha direta dos campeões dos autódromos».

Segundo as informações da companhia, tratava-se de um automovel que tornaria antiquado tudo o que existia no gênero. Pesaria 450 quilos menos do que os de sua classe, e seu revolucionário motor traseiro permitiria um rendimento de 280 quilômetros por 20 litros de gasolina e «velocidades de cruzeiro de 160 quilômetros por hora.»

Em meio a um silêncio de expectativa, as cortinas se abriram, revelando uma sensacional criação *grenat*, de linhas tão baixas e aerodinâmicas que levou um jornalista a escrever: «Esse carro, mesmo parado, dá a impressão de estar fazendo 150 quilômetros por hora.» Ostentava um terceiro holofote, o «olho ciclópico,» instalado no meio do nariz, e para-lamas dianteiros recurvados como as azas semifechadas de uma ave que pairasse no espaço.

Lindas jovens desfilavam no estrado, cada qual levando consigo uma réplica, em *papier-mâché*, de uma das 800 peças que o Tucker teria eliminado, atirando-a delicadamente a um barril de lixo. A seguir, Preston Thomas Tucker, presidente da Tucker Corporation, meteu-se no Torpedo e desceu triunfalmente uma rampa de uns quinze metros. O carro foi imediatamente cercado pelos guardas da fábrica. «Olhem mas não toquem,» advertiram.

Despido do *glamour*, o Tucker era um tanto diferente. Durante sete horas, antes de inaugurada a exposição, os mecânicos haviam trabalhado febrilmente para montar o carro, depois de sua carroceria ter, vergonhosamente, cedido até o chão. O chassí ultrapesado e os 300 quilos de chumbo utilizados na construção precipitada da carroceria feita a mão eram muita coisa para o sistema de molejo de alumínio.

Um mecânico curioso alí presente poderia ter verificado ainda outras anomalias do Tucker. Não possuia marcha a ré. Para o motor ser posto em funcionamento era preciso a intervenção de uma força exterior, fornecida por baterias auxiliares. Os instrumentos dispostos no painel não estavam ligados ao carro. A carroceria fora aproveitada, em parte, de um Oldsmobile de 1942. Apelidado o Ganso de Lata, pelos próprios engenheiros de Tucker, o carro só seria capaz de andar uma pequena distância com força própria.

A estréia do carro fez parte de uma incrivel série de acontecimentos que, culminando com o colapso da mistificação Tucker, tragou 26 milhões de dólares, tanto de gente de dinheiro como de pessoas de pequenos recursos. A troco do direito de vender o «carro de amanhã,» negociantes de 39 paises estrangeiros entraram com quantias individuais de mil a 40 mil dólares; 1.800 agentes norte-americanos pagaram, ao todo, 6 milhões e 300 mil dólares. Cinquenta mil pessoas que viviam de seus salários, arrebatadas pelo que se dizia do miraculoso veículo, empregaram 17 milhões de dólares de suas economias em ações da Tucker Corporation. Ainda outros, endinheirados, no afã de conseguir inscrição na lista dos futuros compradores, pagaram dois milhões e 300 mil dólares por capas de assentos, aquecedores e demais accessórios, para um automovel que não estava, e nunca esteve, sendo fabricado.

Dos 26 milhões de dólares que Tucker conseguira, só restavam, em maio do corrente ano, segundo os síndicos do governo federal, exatamente 69.035 dólares. Que aconteceu a esses milhões? Os investigadores do governo vasculharam durante vários meses as ruinas daquele império automobilístico sem automoveis, para encontrar a explicação. Os peritos contadores oficiais descobriram, entre outros fatos, o seguinte:

Os diretores e organizadores retiraram cerca de quatro milhões de dólares dos fundos da companhia. Dessa importância, 750 mil foram para os bolsos de Tucker.

A firma despendeu um milhão e onze mil dólares para anunciar como fatos concretos idéias experimentais que poderiam levar anos para serem aperfeiçoadas.

A companhia custeou as despesas de Tucker e de sua família no Hotel Drake de Chicago, durante 6 meses. Nas despesas compreendiam-se roupas e diversões que a família mandava pôr na conta do hotel. A firma despendeu indiretamente 44 mil dólares com um iate para Tucker, pelo qual este pagara 23 mil. Supostamente destinado a pesquisas sobre motores marítimos, o iate tinha dois tripulantes, um dos quais se dava o título de «técnico encarregado das bebidas».

Que havia Tucker realizado? Os síndicos do governo federal declara-

ram em seus relatórios que ele nem sequer dispunha de «linhas de montagem... ferramentas, matrizes e acessórios semelhantes . . . para fabricar um automovel.» A troco dos milhões de dólares desaparecidos, Tucker podia apresentar, como principal elemento de seu ativo, apenas 49 modelos experimentais, construidos a mão.

Tucker foi criado em Detroit: durante os dois anos em que frequentou o curso secundário, foi reprovado em desenho mecânico, artes mecânicas e álgebra. Iniciou sua carreira comercial como mensageiro da General Motors. Posteriormente, chegou ao posto de gerente do tráfego de uma cervejaria de Detroit—e foi demitido sob acusação de ter tentado reunir um número suficiente de procurações dos acionistas para poder assumir o controle da cervejaria.

Durante a guerra, Tucker interessou Andrew J. Higgins, construtor naval de Nova Orleães, em um carro de assalto e uma torre de canhão de cujas patentes é detentor. Higgins achou que a torre de canhão oferecia possibilidades e contratou Tucker para organizar uma companhia com o fim de aperfeiçoar o invento. Decorridos dois anos, Tucker era despedido. «Pusê-mo-lo na rua por haver falsificado despesas e sacado mais que o ordenado estipulado,» disse Higgins.

Tucker iniciou a sua aventura automobilística, encomendando desenhos coloridos de seu futuro «Torpedo Tucker.» Os desenhos prometiam assombrosas inovações: para-lamas dianteiros moveis que se virariam com as rodas; olho ciclópico e assento do motorista situado no centro porque, segundo Tucker, os fabricantes de carros de corridas haviam constatado que, a grandes velocidades, o carro não podia ser controlado com o volante situado de lado. (Quando os construtores procuraram transformar os desenhos em plantas, verificaram que o veículo comportaria apenas um passageiro na frente e outro atrás.)

O sócio de Tucker era A. H. Karatz, ex-advogado de Minneapolis, que cumprira pena de três anos e meio na penitenciária estadual de Illinois, por uma chantagem feita com um banco em Chicago. Karatz levou o seu sócio a Floyd D. Cerf, corretor de Chicago. Tucker exibiu os seus desenhos.

«Mas não podemos financiar uma simples idéia,» observou Cerf. «Precisamos de uma fábrica, de uma organização e de qualquer coisa parecida com um produto.»

«Se é isso o que é preciso, eu o conseguirei,» disse Tucker.

Poucos meses depois ele anunciava a estréia do «Torpedo Tucker... com princípios de engenharia provados por 15 anos de rigorosos testes».

O anúncio foi apresentado a um público sequioso de automoveis, em janeiro de 1946. Na revista *Pic*, hoje extinta, o público leu:

«O primeiro super-automovel a passar da prancheta para a fase de produção está sendo montado em Detroit.

«Associado ao finado Harry Miller, construtor de carros de corridas de renome mundial, Preston Thomas Tucker contribuiu para a criação de bólides que venceram 14, de 16 corridas, no autódromo de Indianápolis.»

Uma leitora interessada foi a sra. Miller, viuva do criador de carros de corridas. Tucker, disse ela a seu advogado, nunca teve nada que ver com a criação dos carros Miller. Certa vez, em 1935, negociara com a Ford a adaptação, por Miller, de dez Fords V-8, em carros de corridas. Nesse negócio mal sucedido (os carros não conseguiram colocação em Indianápolis) Tucker serviu apenas de agente comercial.

Os leitores, entretanto, crivaram de perguntas a revista *Pic*. Animado pela repercussão favoravel, Tucker se dispôs a conseguir a gigantesca fábrica de motores das B-29, construida pelo governo, em Chicago, ao custo de 71 milhões de dólares e provida de 100 milhões de dólares de maquinarias. Muitos concorrentes disputaram tal prêmio, mas Tucker obteve o contrato de arrendamento—com a ajuda de prestimosos funcionários públicos que mais tarde entraram para seu serviço. O processo que adotou para conseguir o contrato foi qualificado pelo senador Homer Ferguson, do Estado de Michigan, como «um dos mais flagrantes casos de má administração do programa de liquidação das fábricas de guerra».

Tendo concordado em pagar um milhão de dólares de depósito pelo aluguel, em quatro prestações, Tucker primeiramente entregou ao governo um cheque pessoal no valor de 25 mil dólares o qual jamais foi descontado. A seguir, mandou um cheque de 150 mil, que os funcionários extraviaram. Quando Tucker enviou novo cheque, o funcionário, Oscar H. Beasley, indagou do banco de Tucker, sendo informado de que o sacador tinha menos de 3 mil dólares em depósito.

Tivessem Beasley (que posteriormente recebeu da Tucker Corporation proventos de mil dólares mensais) e outros funcionários consultado o Registro de Patentes, teriam descoberto (em 1946) que jamais se emitiram patentes sobre invenções automobilísticas em nome de Tucker, «o inventor automobilístico». Tivessem investigado mais alem, teriam constatado que Tucker fôra acusado de sonegação de imposto de renda em 1942, 1943 e 1944. Mas Tucker conseguiu a fábrica, não obstante tudo isso, nos termos de um acordo que lhe concedia prazo para obter financiamento.

Organizada uma empresa, contratados os diretores e alugada a fábrica, Tucker só precisava de dinheiro—20 milhões de dólares. Tucker e seus associados estudaram a lista daqueles que haviam pedido informações sobre a nomeação de agentes. Os candidatos sofregamente largavam o dinheiro, tendo alguns pago até 50 mil dólares. Em breve, a Tucker Corporation dispunha de várias centenas de milhares de dólares de capital em movimento.

Tucker e Karatz procuraram de novo o corretor Cerf. Desta vez, Cerf comprometeu-se a vender quatro milhões de ações da Tucker, a cinco dólares cada uma.

A seguir, tomando a seu cargo a mis-

são de promover a venda de títulos, Tucker teve que se dirigir a um orgão oficial: a Comissão da Bolsa de Títulos. Em sua declaração de registro, Tucker omitiu tantos fatos e deturpou tantos outros que a Comissão emitiu uma advertência especial aos acionistas: a forma como os fundos da Tucker Corporation tinham sido utilizados «suscitava graves dúvidas sobre se tem sido mantida uma administração correta dos fundos da corporação».

A Comissão distribuiu a advertência à imprensa e enviou-a a quatro mil corretores—muitos dos quais lidariam com as ações da Tucker. Mas quem lê a letra miuda de tais documentos oficiais?

Numa campanha alucinante, no verão de 1947, Tucker transportou via aérea seu carro, o Ganso de Lata, feito a mão, sem marcha a ré, e pouco rodado, numa série de exibições em Nova York, São Luiz, Boston, Toronto e outras cidades. O carro atraiu um milhão e meio de espectadores e contribuiu para a venda de ações. Tucker teria alcançado o seu alvo de 20 milhões de dólares se o Estado da Califórnia não tivesse proibido a campanha em seu território, alegando fraude, o que veio interromper, assim, a torrente de dinheiro, que já chegara a 17 milhões de dólares.

De novo em Chicago, Tucker mandou sua agência de publicidade descrever, em anúncios de duas páginas nas principais revistas, «O Sucesso Do Ano—Como 15 Anos de Provas Produziram o Primeiro Carro Completamente Novo a Surgir em 50 Anos.» Na fábrica, os engenheiros ficaram assombrados ao ler anúncios que davam a entender já estarem solucionados problemas que eles nem sequer haviam considerado.

Os fabricantes de automoveis geralmente desenham primeiramente o motor e o chassí, partindo daí para construir a carroceria. Tucker principiou com o desenho da carroceria. Não tendo conseguido um motor próprio, comprou três motores Franklin de avião, refrigerado por ar, e enviou-os a uma oficina mecânica de Ypsilanti, no Estado de Michigan, a qual era nominalmente de propriedade de sua mãe mas, em realidade, administrada por ele próprio. Denominada Ypsilanti Machine and Tool Company, estava instalada num galpão situado detrás da casa de sua progenitora.

A oficina não dispunha nem de engenheiros, nem de aparelhamento para adaptar motores de avião, refrigerados por ar, em motores de automovel, refrigerados por água. Portanto, a Tucker Corporation forneceu ambos os tipos—e depois pagou à oficina 114 mil dólares pelo serviço.

Tucker confiou à mesma oficina, em 1948, o desenho de uma transmissão. A Corporation pagou à oficina 223.105 dólares. Em troca, recebeu 25 transmissões adaptadas de carro Cord. O filho de Tucker, Preston, Jr., varejou os depósitos de ferro velho do Oeste, à procura de carros Cord abandonados dos quais as transmissões foram extraidas e enviadas a Ypsilanti.

Nesse ínterim, Tucker adquiria fama de inventor. Em Los Ângeles, a

Exposição Mundial de Inventores, certame organizado por dois empresários, atraía grandes multidões com a exibição de um carro Tucker, feito a mão. Em sinal de gratidão, os empresários perguntaram a Tucker o que gostaria de receber como presente. Tucker respondeu que uma grande taça com inscrição apropriada, que relatasse suas realizações na indústria automobilística. O primeiro relatório anual da firma, remetido a 50 mil acionistas e a dois mil agentes, mencionou o prêmio, referindo que o mesmo fôra conquistado «em concorrência com ilustres cientistas, engenheiros e inventores de todo o mundo».

Tucker tinha a sua taça mas, em março de 1948, estando iminente a primeira reunião anual de acionistas, ainda não havia uma linha de montagem. Os operários trabalharam febrilmente, durante duas semanas, para improvisar tal linha de montagem. Quando cerca de 1.700 acionistas foram admitidos à fábrica, viram uma linha de montagem, aparentemente em pleno funcionamento, com quarenta e tantas carrocerias (cujas peças haviam sido precipitadamente feitas a mão) dispostas ao longo da mesma.

Terminado o feliz espetáculo para os acionistas, Tucker e seus colegas realizaram uma reunião sombria. O dinheiro se esgotara. Sem ele, não poderia haver produção em massa.

Tucker via esgotar-se tanto o tempo, como o dinheiro. A empresa enviara seu primeiro balanço à Comissão da Bolsa de Títulos. Os peritos do governo deram uma olhadela no balanço e despacharam incontinenti uma turma de fiscais. O resultado da devassa, que encheu 700 páginas de um relatório, foi tão sensacional que a Comissão o entregou ao Procurador Geral da República, que o fez descer ao Promotor Federal de Chicago. Este convocou o tribunal do juri.

Em fins do verão de 1948, Tucker fechou a fábrica e demitiu dois mil operários. Ele próprio tambem estava desempregado, mas não desocupado. Acionistas e revendedores decepcionados moveram-lhe processos em número tal que um observador calculou que 500 advogados a favor e contra Tucker estavam envolvidos nos litígios. Um tribunal mandou suspender-lhe o ordenado, de 50 mil dólares anuais, e a ajuda de custo ainda mais munificente. Afinal, foram nomeados síndicos para a Tucker Corporation, num processo de falência.

Milhões de indivíduos estavam convencidos, pela propaganda, de que Tucker possuia um carro revolucionário, pronto para ser fabricado. O autor do presente artigo acompanhou Tucker numa viagem de Chicago a Detroit, no Torpedo, de côr cinza-pérola, feito a mão. Paramos para almoçar perto de Lansing e uma multidão se aglomerou em torno do arrojado modelo.

«É um carro único,» exclamou um admirador.

«Não há outro que se lhe compare,» opinou outro.

«Por que aquela gente de Washington e Detroit não deixa o senhor fabricar os carros, Mr. Tucker?»

Férias escolares remuneradas

Agente de assinaturas

UM DIA, estava eu na parada esperando o ônibus, quando vi um rapazinho que, munido de papel e lapis, abordava todas as pessoas que compravam alguma revista na banca de jornais. Aquilo despertou-me a curiosidade, e aproximando-me dele, perguntei-lhe o que andava fazendo. O pequeno explicou que estava tomando nota dos nomes e endereços: tencionava ir no dia seguinte bater à porta desses compradores, e propor-lhes que tomassem uma assinatura da publicação que acabavam de adquirir alí. Disse-me que com isso conseguia resultados excelentes, porque quase toda a gente ficava surpreendida com o engenhoso plano que ele concebera para arranjar clientela. Perguntava ele, tambem, quais os outros magazines que o freguês comprava regularmente, e desse modo conseguia por vezes vender duas e três assinaturas à mesma família.

—Dana K. Franklin

Guarde este embrulho

DOIS ESTUDANTES ginasiais montaram um serviço de assistência às compradoras, no canto duma loja central, cedido pelo dono. Por uns niqueis, qualquer senhora que ande fazendo compras pode deixar os seus pacotes guardados no «serviço», e continuar a dar suas voltas sem ter de carregar embrulhos. Quando a freguesa vai alí buscar os seus pacotes, um dos rapazes a ajuda a carregá-los até ao automovel ou à parada do ônibus. O «serviço» é tambem um centro de informação para os compradores pouco familiarizados com a cidade. Muitas pessoas vindas de fora da localidade fazem grande economia de tempo, graças às informações que os rapazes lhes dão sobre onde encontrar a loja ou o artigo que elas procuram.

Com uma receita de 3 a 7 dólares por dia, chegado o fim das férias do ano passado, os pequenos puderam orgulhar-se duma continha de 150 dólares cada um, na Caixa Econômica! E o dono da loja tambem lucrou com essa iniciativa dos rapazes—aumentando o movimento e o volume de transações da casa.

—J. E. Mason, Jr.

Cuida dos bebês—e os fotografa

UMA PEQUENA do ginásio local ganhou no verão passado mais 125 dólares do que teria ganho normalmente pelos serviços que presta tomando conta de bebês, na ausência dos pais, graças a esta simples e engenhosa idéia: todas as vezes que ia ficar numa casa, olhando por uma criança, levava consigo a máquina fotográfica. Como as crianças a conheciam e tinham confiança nela, era-lhe muito facil bater chapas. A sua aptidão para conseguir poses cheias de vida e fora do comum, facilmente convencia os pais, que ficavam satisfeitíssimos, a pagar até 4 dólares por uma das melhores ampliações!

—Florence Garrison

Tampos de carteiras ficam como novos

DOIS PEQUENOS meus conhecidos não tiveram muita dificuldade em convencer as autoridades escolares da necessidade de consertar e polir de novo os tampos das carteiras onde a passagem dos estudantes deixa sempre a sua marca—a lapis ou a canivete... Trabalhando os dois à maneira de «linha de montagem», Warren lixava a madeira com uma lixadora elétrica, alugada, e George o seguia, munido de verniz e pincel. Cobrando uma quantia fixa por carteira, a «sociedade» fez um lucro bruto de 120 dólares em 50 horas de trabalho, durante as férias.

—R. M. Woodbury

Ferro velho, renda nova

HÁ POR AÍ muita gente que deseja ver-se livre de cangalhos e velharias acumuladas no porão ou no forro da casa, numa garage ou num barracão. Pois eu faço essa limpeza à razão de meio dolar por hora, e no fim ainda consigo ganhar, vendendo o que recolho, mais do dobro dessa quantia!

Andava eu trabalhando no porão duma casa vizinha, o verão passado, quando reparei que a moradora tinha alí umas camas de ferro, velhas, e uns fardos de papel. Quando lhe perguntei se me dava aquele ferro velho para vender, ela disse: «Pois claro, meu filho!» Recebí 4 dólares pelo meu trabalho, e ganhei 5,50 dólares na venda dos cacarecos. Todas as casas que, desde então, tenho limpado, me renderam papéis velhos, trapos e peças de metal, de que os donos desejavam livrar-se.

—Kirk Wolford

As torneiras pingam?

HAVERÁ ALGUMA casa onde não exista pelo menos uma torneira que não vede bem?... Esta mesma pergunta fez a si mesmo, já em fins de junho, o filho de um amigo meu. E quando deu por si—tinha em mãos um negócio para as férias! Comprou uma coleção de arruelas de borracha de vários tamanhos, uma ferramenta especial para remodelar válvulas, uma chave inglesa ajustavel, uma chave de parafusos, e depois foi de porta em porta oferecer-se para consertar as torneiras que pingassem, ou retificar as sédes das válvulas, por uma quantia módica—o que poupava ao freguês a despesa duma torneira nova. Logo no primeiro dia de negócio ele embolsou 3,80 dólares. E quando as aulas reabriram, tinha feito 300 dólares líquidos!

—Karl Koch

A persistência e imaginação de Gilbert LaBine tornaram acessivel o urânio em um momento decisivo da história do mundo

RÁDIO E URÂNIO NO ÁRTICO

(Condensado de «The American Mercury»)

Por Francis e Katharine Drake

A PAISAGEM ártica se desenrolava sob um céu pálido de maio. No primeiro plano avistava-se a face gelada de um lago, dura como pederneira. Em volta, até onde a vista podia alcançar, a neve se acumulava em grandes cavidades no leito das rochas prehistóricas. Em toda essa áspera e merencória vacuidade, um só vulto solitário se movia—o de um homem que envergava uma *parka* e calçava pesados sapatos com espigões de aço, marinhando penosamente a penedia que marginava uma reentrância do lago, tambem gelada. Chegado ao alto, o homem percorreu com olhar atento as rochas que o rodeavam, deteve-se a contemplar um veio negro retinto, salpicado de manchas verdes, amarelo-canário e alaranjado. Curvou-se, apanhou um fragmento e ficou a olhá-lo, a sacudí-lo, a jogá-lo no ar, a sopesá-lo quando ele voltava a cair na palma da sua mão resguardada na luva. Um segundo depois, empunhava a sua picareta de mineiro, erguia-a no ar e baixava-a para ferir o solo...

Esse vulto solitário que percorria a pé a sua concessão mineira no telhado do mundo, naquela manhã de 16 de maio de 1930, não podia de modo algum pressentir as forças monstruosas que dormitavam no seio daqueles rochedos informes, nem os acontecimentos esmagadores que decorreriam da sua descoberta. E no entanto, sem esse homem e sem essa descoberta, a Era Atômica bem poderia ter ido nascer em outro continente!

Gilbert LaBine, o solitário homem da picareta, nasceu na fazenda de seu pai, perto de Pembroke, no Ontário, em 1890. Suas memórias de infância se povoaram de coloridas imagens dos exploradores de ouro que regressavam do famoso Klondike com histórias de achados prodigiosos. Isso lhe deu desde cedo uma vocação decidida para a carreira de explorador de minas.

Contava ele apenas 15 anos, quando deu em sua mãe um beijo de adeus, e lá se foi para juntar-se à multidão de

aventureiros que pululavam na região de Cobalt, no Ontário, na época dos ricos achados de 1905. Desmentindo todos os cálculos das probabilidades, dentro de poucos meses ele tinha dado com um filão de prata. Ainda mais: vendeu o filão por cinco mil dólares e os velhos garimpeiros começaram a dizer que ele tinha esse instinto da sorte, chamado «faro natural», para encontrar minérios preciosos. LaBine ainda não tinha 17 anos quando, ao dar com um segundo filão de prata, recusou por ele uma oferta de 25 mil dólares, verificando, pouco depois, que o teor da mina era demasiado baixo para consentir uma extração remuneradora. Ignorante de geologia, os cálculos lhe haviam saido errados. Para vencer precisava algo mais do que o «faro natural», e logo o compreendeu assim: necessitava conhecer a mineração científica.

Ganhando a vida de acampamento em acampamento, o jovem LaBine ia aproveitando aquí e alí o ensejo de escutar as palestras que os peritos do governo faziam pelos campos de minas; manuseava amostras de minérios em laboratórios de ensaio; decorava os mapas multicores dos minérios do Canadá, e devorava todos os livros de ensino e folhetos de que podia lançar mão. Antes da idade em que muitos dos seus contemporâneos saíam da universidade, já ele tinha adquirido uma base prática e científica, rara entre os exploradores de minérios do Canadá.

Em 1913, um famoso geólogo, o dr. W. G. Miller, andava tentando despertar o interesse público por um minério de recente descoberta, a pechblenda, matéria-prima para extração do rádio. O preço do rádio era, ao tempo, 120 mil dólares por grama, e toda a provisão mundial do mesmo somava a algumas dezenas de gramas.

Miller já tinha conseguido verificar a presença de pechblenda em gangas do Canadá, mas em proporções infinitesimais. LaBine mandou vir amostras do estrangeiro, e estudou as propriedades físicas desse mineral de excepcional densidade, tomando nota da sua estrutura esponjosa e das peculiares alterações, verdes e amarelas, do seu componente—urânio.

Mais de quinze anos levou ele para pôr em uso prático esses conhecimentos esotéricos—mas o milagre acabou se realizando. LaBine tinha feito bom dinheiro durante esses anos todos. Tendo obtido êxitos consideraveis em suas explorações de ouro, prata e cobre, e gozando já de uma reputação que não tinha rival nos círculos mineiros do Noroeste, ele chegara a presidente da Eldorado Gold Mines, Ltd. Em 1928, Gilbert LaBine propôs um audacioso plano aos acionistas da companhia.

Havia muitos anos que ele estava convencido de que os ricos depósitos que revestiam a região de Ontário e a do Lago Escravo, que então surgia, se prolongavam pelo Noroeste deshabitado até a orla gelada de Oceano Ártico. Diretamente na passagem deles desdobrava-se o adormecido Lago do Grande Urso, bacia de águas interiores quase do tamanho da Terra

Nova. Os caçadores índios de peles que de lá voltavam traziam histórias de grandes formações rochosas em escarpas—e essas formações, como LaBine sabia, sugeriam afloramentos de minério. Mas afloramentos de quê? De ouro? De prata? Talvez, quem sabe, de um novo Klondike?

Outra coisa ainda disse ele aos seus acionistas: julgava possivel penetrar nessa região em avião. O fato de que a companhia aprovou a primeira tentativa de exploração aérea do Noroeste—empresa sem precedentes, que obrigava à penosa penetração desses territórios por brigadas de índios em trenós, com muitos meses de antecipação, para instalar depósitos de combustivel, e seguindo mapas tão vagos daquelas paragens solitárias, que chegavam a omitir massas de água mais amplas do que o canal da Mancha—dá bem a idéia do que eram a sua autoridade e prestígio.

Aquela expedição de um só membro aterrissou no Lago do Grande Urso no estio de 1929. Quando, poucas semanas depois, o piloto «Punch» Dickens, veterano da selva gelada, alí voltou para retomar o seu passageiro solitário, foi encontrá-lo cansado e desiludido. LaBine tinha seguido os afloramentos por mais de 120 quilômetros da costa do lago—e encontrara cobre, chumbo, cobalto e um pouco de prata. Mas nada vira que pudesse inflamar de fato a imaginação de um pesquisador. Para oeste, através do distrito de Forte Norman, desenrolava-se a via de regresso. Do avião, contudo, LaBine olhou, como que hipnotizado, para a distante margem leste do lago. De repente, indagou do piloto: «Como estamos de gasolina?» Dickens informou que ainda havia um tanque intacto. «Nesse caso, vamos lançar uma vista de olhos lá por aquele lado,» disse LaBine.

Sobrevoando a margem leste à altitude de 150 metros, LaBine avistou quase no derradeiro quilômetro do percurso uma grande quantidade de manchas de côr, que surgiam e sumiam misteriosa a abruptamente: verde, amarelo, laranja, preto... *Preto!* Quase que ele podia jurar—uma intrigante estria negra ziguezagueando através de um colo de terra, perto de uma ilhota.

«Vou passar o ano que vem fazendo uma pesquisa sistemática da margem oriental,» declarava LaBine pouco depois aos seus acionistas. «Se os senhores não aprovam minha idéia, muito bem. Isto vai custar bom dinheiro!» Uma vez mais, porem, os acionistas lhe deram plenos poderes.

Foi em 28 de março de 1930 que LaBine, acompanhado do seu velho amigo e camarada de garimpagem E. C. St. Paul, regressou ao Lago do Grande Urso. A narrativa das sete semanas que se seguiram é matéria para outra história. Para o explorador daquela região, o frio cortante como navalha, o teimoso patinhar por sobre a neve e o gelo, as perigosas sortidas pelo interior, os infinitos desapontamentos, são coisas de todos os dias.

A 16 de maio pela manhã, St. Paul acordou com uma dor cruciante nas órbitas, a visão reduzida a um borrão intoleravel. A neve o cegara! Era coisa que podia durar semanas ou meses. Aplicando com urgência cataplasmas sucessivas de folhas de chá, LaBine passou horas e horas combatendo a inflamação, até que por fim o tratamento deu resultado. St. Paul, é certo, ainda estava cego, mas a dor abrandava. Podia ficar só, por uma ou duas horas.

LaBine resolveu então percorrer em todos os sentidos a área que rodeava o acampamento, situada ao abrigo de um promontório que se adelgaçava para oeste, na direção do lago. Avançando cautelosamente nas suas botinas de espigões de aço, começou a galgar a íngreme encosta, até o espinhaço. Chegou ao cimo sem incidente. Aí, de súbito, o coração desatou a latejar-lhe com violência: a curta distância adiante dele estendia-se uma pequena reintrância do lago, espécie de baía com uma ilhota. E alí, serpeando através um promontório que havia de ficar memoravel (hoje famoso sob o nome de Ponta LaBine), tornava a reluzir aquele diabólico veio de minério negro!

Meia hora depois, a picareta impaciente de LaBine arrancava do solo um torrão de pechblenda do tamanho de uma cesta de papéis. Através dele assomavam claramente as «credenciais» do urânio—a estrutura esponjosa, as alterações côr de laranja, verde e amarelo. O filão, sobre o qual ele se encontrava agora, media quase dois metros de largura, o que era um pródigo contraste com as minúsculas amostras que ele tinha estudado até então. Por todo o lado em redor dele se viam rochas pontilhadas daquele fantasmagórico brilho de cobalto, em grande concentração. E quando LaBine começou a seguir o sinuoso veio, deu inesperadamente com um penhasco de cobre com bem 30 metros de altura. Mais cinquenta passos, adiante dele, estendiam-se depósitos de cobalto, manganês, niquel, e inacreditaveis conglomerados de bismuto puro.

Caminhando como num sonho, encontrou um veio de minério de prata, de alto teor, com seis metros de largura. E alí, para alem dele, estendia-se de súbito não uma—mas outra, e mais outra estria negra! Três afloramentos de pechblenda, nada menos. Ele acabara de descobrir a mais rica fonte de rádio e de urânio do mundo inteiro!

LaBine largou a picareta e respirou fundo. Até que por fim o sonho se fazia realidade—rádio em barda para todo o mundo! Não enxergou logo, claro está, os outros poderes ocultos dentro daquele minério; nem podia adivinhar que por esse minério se viriam a gastar bilhões de dólares, que para ele se edificariam vastas fábricas a milhares de quilômetros de distância.

A partir de 1930, esse homem, pioneiro da primeira refinaria de pechblenda do Novo Mundo, quebrou sozinho o monopólio estrangeiro do rádio, forçando o respectivo preço a uma vertiginosa descida de 45 mil dólares por grama. Depois, em 1939, a cisão do átomo de urânio deu o sinal de partida na grande competição entre os físicos nucleares, para decifração dos segredos da fissão atômica. Em

1940 os institutos científicos da Alemanha nazista, abandonando outros planos de trabalho, conseguiam incitar os seus mais habeis pesquisadores a fazerem esforços desesperados nessa direção. Em 1941 os cientistas britânicos e americanos seguiam-nos de perto. Em 1942, o sábio italiano Fermi e o seu grupo de Chicago ganharam a frente, triunfalmente, e conseguiram provocar a primeira reação nuclear em cadeia. Agora, um só ponto de interrogação essencial restava, no caminho que levaria ao Projeto Manhattan da bomba atômica, e era este: onde ir buscar a quantidade necessária de matéria-prima?

Para assombro de todos, ela estava ao alcance da mão. Logo em maio de 1942 a mina ártica de LaBine estava pronta a fornecer o negro óxido de urânio, praticamente puro—várias toneladas por mês, a princípio, quantidade que cedo se duplicou.

Compreendendo a importância decisiva de se ter uma reserva de urânio, ao entrar na corrida internacional, mesmo antes de realizada a reação em cadeia, LaBine já tinha entrado em regime de produção intensiva. Para executar esse plano, afrontando a reprovação de bancos e acionistas, ele e seu irmão, Charles, jogaram na balança as suas fortunas pessoais, inteirinhas: cerca de um milhão de dólares. Até que ponto essa patriótica ação veio acelerar a realização da Bomba Atômica, é coisa que até hoje nunca ficou esclarecida. O que é positivo é que, sem ela, os jornais de 14 de agosto de 1945 não teriam anunciado em letras garrafais a rendição dos japoneses.

Gilbert LaBine, o homem que descobriu a mais sensacional jazida de todos os tempos, não é hoje rico. Em janeiro de 1944 as concessões árticas, (agora chamadas Port Radium), juntamente com as refinarias secretas de Port Hope em Ontário, foram oficialmente expropriadas dos 3.500 acionistas da Eldorado Gold Mines, Ltd., para se tornarem propriedade exclusiva—e todo-poderosa—do Domínio do Canadá.

LaBine é, aos 60 anos, um homem ereto e enérgico, tão rijamente musculoso como sempre, e embora os anos lhe hajam trazido muitas honrarias, continua sendo, de alma e coração, um garimpeiro. Membro do Conselho da Universidade de Toronto, e presidente de meia dúzia de empresas mineiras, foi-lhe tambem conferida a Ordem do Império Britânico. Poucos casos se registram na história, em que as ações de um indivíduo tenham afetado a existência de tantos dos seus semelhantes.

Eis o sábio conselho de minha tia às pessoas que saem em férias: «Decida primeiro sobre as roupas e o dinheiro de que vai precisar; depois leve metade das roupas e o dobro do dinheiro, que você passará uma temporada maravilhosa.»

—Sra. F. C. Bingham

Retalhos do drama cotidiano

O pai

Por
John Steinbeck

TINHA sete anos e era muito orgulhoso—o que quer que isso signifique. Os cabelos cresciam-lhe espetados para a frente, como topete de ponei, e quando ele estava cansado, um dos olhos se desviava um nadinha—menos porem do que há um ano. Sentia-se melhor, agora que a casa não lhe dava mais aquela sensação de presença envolvente da situação horrivel.

Passara o tempo em que tinha de subir para o quarto, sentindo a opressão de um ambiente que o magoava. Já não era assim, e não mais ficava estendido na cama, de noite, a ouvir um som que não era de fato um som, mas uma espécie de angústia, a respeito da qual não saberia nem pedir explicação. Em casa, agora, estava bem. Na rua é que se sentia mal. Os garotos tinham começado onde o horror da casa acabara.

Sentava-se na saliência do rodapé da fachada e ficava a ver os taxis que passavam, um após outro, interminavelmente, amontoando-se quando o sinal fechava, e continuando a rodar quando aparecia a luz verde.

Quando Alvin dobrava a esquina, a dois quarteirões de distância, podia pressentí-lo, e um calafrio lhe arrepiava a pele. Alvin não dizia nada. Nenhum dos garotos dizia coisa alguma; mas *aquilo* estava em seus olhos, no olhar com que miravam, olhar que o mortificava com uma pungente sensação de vergonha culposa. A princípio fugira e evitara a companhia dos outros; mas nem sempre era possivel fugir e, ademais, sentia-se muito só.

Talvez o primeiro não houvesse sido Alvin. Talvez houvesse sido Max ou Georgie ou qualquer outro. Todos tinham começado mais ou menos ao mesmo tempo.

Estava ele, aquele dia, sentado como de costume na saliência do rodapé da fachada a ver os taxis e a meninada, os velocípedes e os carrinhos de bebês, as amas e os garotos maiores atirando bolas de tenis uns aos outros, de um lado para o outro da rua, por cima do tráfego. Súbito, um deles—Alvin ou qualquer outro, não importa qual—gritou: «Onde está seu pai?»

O que devia ter respondido era: «Está viajando.» Mas não o fez. A pergunta atingiu-o como um soco na

JOHN STEINBECK, um dos mais eminentes escritores americanos, conquistou a atenção nacional, pela primeira vez, quando foi publicado, em 1935, seu romance *Tortilla Flat*, inspirado nos costumes e na vida dos pescadores da Califórnia. Sua reputação continuou a crescer com o aparecimento dos romances *Of Mice and Men* e *The Grapes of Wrath*, ambos mais tarde transformados em filmes inesqueciveis. John Steinbeck é tambem autor de vários volumes de contos notaveis.

boca do estômago. Pelo menos foi assim que a sentiu. Sabia que aquilo era pura crueldade. Os garotos não queriam perguntar; queriam era dizer aquilo, para humilhá-lo e feri-lo. Esta era a intenção.

Era verdade, sim, que seu pai estivera fora de casa, viajando, centenas de vezes—mas não desta vez. Sabia disso, e subitamente compreendeu que todos eles tambem sabiam. Não respondeu à pergunta.

Três garotos repetiram-na então com uma cantilena em uníssono: «Onde está seu pai? Onde está seu pai? Onde está seu pai?»

Apanhado de surpresa, mentiu: «Meu pai está em casa.»

Desta vez foi mesmo Alvin quem falou:

«Ah, é? Então por que ninguem o vê?»

«Está trabalhando, em casa. Não sai à rua porque não quer.»

Após haver dito isso, todo seu ser se contraiu, tenso. Tinha que sustentar o dito. Não podia recuar. Chegou a imaginar que o que dissera podia ser verdade. Sentiu impulsos de entrar em casa para averiguar—talvez ele estivesse no porão, na lavanderia ou atrás daquela touça de mato, no fundo do quintal.

Um dos meninos mais crescidos interrompeu, por um instante, o gesto de lançar a bola de tenis ao outro lado da rua e disse:

«Está maluco. Eles estão divorciados.»

Aquela era a palavra—a palavra contundente que todos murmuravam, que ninguem ousava pronunciar abertamente. Não podia nem perguntar o que significava, porque ela fazia parte da tragédia e ninguem, jamais, falava dela. Uma palavra acima do alcance de sua compreensão, sem sentido, louca —mas carregada de insulto.

Foi então como se ouvisse a si mesmo gritar repetidamente: «Meu pai está em casa, está em casa, está em casa.» E como se se visse arremetendo em ataques furiosos e rápidos, esmurrando ora um ora outro garoto, ao passo que todos eles riam e evitavam os golpes. Viu-se a si mesmo agarrando Mary Finley e dando-lhe um pontapé na canela. Viu tudo isso como costumava ver coisas quando estava para adormecer; coisas como o gigantesco gato cinzento que viajava no teto do trem elevado. Mas deve ter havido briga de fato, porque sua mãe saiu de casa, levou-o para o quarto e leu coisas para ele ouvir, embora ele não conseguisse entender o que ela lia.

Depois desse incidente, porem, alguma coisa deve ter acontecido porque ninguem mais pronunciou a palavra, que estava entretanto sempre presente nos olhos de todos. Teria sido melhor que a gritassem na cara dele para que tivesse ensejo de reagir. Mas não podia dar-se por achado porque os outros não a mencionavam, nem mesmo Alvin. Não podia dizer: «Está em casa, sim, trabalhando.» Não podia dizer: «Era mentira. Está fora, de viagem.» E a coisa horrivel continuava alí, estagnada, apodrecendo dentro dele. Quando só, podia esquecê-la; mas não quando os garotos olhavam para ele, nem quando desviavam o olhar.

Por algum tempo, chegou a pensar em consultar Tony, o jornaleiro; mas foi deixando para depois e não pôde mais fazê-lo. A coisa horrivel tinha afundado e se fôra aninhar no lugar em que as sombrias coisas secretas se encontram—todas as coisas vergonhosas como: Por que foi que a cortina pegou fogo? Ou: que paradeiro levou o novo abridor de latas? Havia um montão de coisas assim, nas profundezas sombrias do esconderijo vergonhoso.

Naquele dia, sentou-se na saliência do rodapé da fachada e pôs-se a bater no chão com os saltos, daquele jeito que estraga os sapatos, coisa que não se deve fazer. Ficou-se a olhar para os taxis que passavam. À esquerda, viu Tony sair de dentro de sua pequena loja e arrumar os jornais da tarde na banca exterior de madeira. Duas moças dobraram a esquina e entraram na loja de Tony.

Sabia que Alvin se estava aproximando. Vira-o dobrar a esquina a dois quarteirões—um quarteirão e meio, agora. Pensou em levantar-se devagarinho—bem devagarinho; em dar um soco na cara de Alvin. Tateou o punho da mão direita com os dedos da esquerda.

De repente, uma sensação esquisita —uma sensação estranha e explosiva, no peito. Algo apenas pressentido havia causado isso. Olhou rápido para a direita e era verdade. O pai tinha dobrado a esquina e caminhava apressado para ele, a gingar, como era seu jeito.

A sensação sufocante paralisou-o. Susteve a respiração. Parou de bater no chão com os saltos. O queixo caiu-lhe sobre o peito e ele ficou sentado, imovel. Fechou os olhos.

Ouvia os passos do pai na calçada. Pararam em frente dele. Sabia que o pai se sentara a seu lado, na saliência do rodapé.

Ouviu-lhe dizer: «Alô!»

Respondeu, «Alô!» bem baixinho, sempre de olhos fechados.

E, subitamente, gritou:

«Ele está aquí! Vocês querem vê-lo?»

O ATUAL regime de importações e exportações na Europa tem provocado situações curiosas. Quando Gunnar Myrdal, economista sueco, jantou em casa de Jean Monnet, em París, o dono da casa desculpou-se por não poder oferecer-lhe nem um pedaço do famoso queijo francês Camembert. Tinha, porem, o autêntico Stilton inglês. No dia seguinte, Myrdal almoçou em Londres com Sir David Waley, que lamentou não poder servir-lhe queijo Stilton. «Em compensação,» disse ele, «vou oferecer-lhe o genuino Camembert francês.»

—*Sunday Times*, de Londres, citado em *Worldover Press*

Deve o mundo ocidental agir agora ou esperar que os comunistas conquistem todo o território da China?

Ainda se pode ajudar a China

O general Claire Lee Chennault voou recentemente da China a Washington, trazendo consigo o plano de uma campanha destinada a deter o avanço das forças comunistas na China. O pai dos lendários «Tigres Voadores» tem visto muita coisa na China, nestes últimos dez anos. Eis, em essência, o seu plano.

—J. P. McEvoy

OUVE-SE dizer a cada passo que é demasiado tarde para sustarmos o avanço dos comunistas na China; que tal avanço não tem, afinal, grande importância, porque os chineses, individualistas por natureza, acabarão «absorvendo» os vermelhos, exatamente como, em tempo idos, absorveram os mongóis e os manchús. Diz-se que os comunistas chineses são diferentes dos outros, e que os seus senhores da guerra se convertarão em outros tantos Titos, desobedientes às ordens promanadas de Moscou. Afirma-se, por último, que devemos deixar «assentar a poeira», e fazer então alguma coisa, se ainda nos parecer que valha a pena e a despesa.

Eu sustento que ainda não é demasiado tarde, mas que o tempo que nos resta é curto—e precioso. Os chineses poderão, sim, vir a absorver os comunistas, mas não será na minha vida, nem na de quem me lê. Agora mesmo os comunistas se estão espraiando por toda a China, e melhor seria que se lhes cortasse o passo enquanto é tempo. A Segunda Guerra Mundial teve início na Ásia, com a invasão japonesa da Manchúria, e alí podería ter sido detida, com uma fração, somente, do que, mais tarde, foi preciso gastar em vidas e dinheiro.

Será que os líderes da China vermelha se tornarão outros tantos Titos? É um pensamento otimista! Ainda outro dia o ditador comunista Mao Tsetung proclamava: «Nós estamos integrados na frente mundial anti-imperialista, encabeçada pela U.R.S.S.» Melhor do que ninguem ele o deve saber.

Aqueles que, ao contrário do que se dá comigo, nunca se bateram por todos os cantos da China, nem a sobrevoaram toda, não podem compreender que a Terceira Guerra Mundial se esteja forjando agora alí—e rapidamente. Será possivel deter e

conter a avalanche comunista na Ásia, do mesmo modo que ela foi entravada na Europa? Se assim for, a Terceira Guerra Mundial poderá ser evitada, porque a Rússia sabe perfeitamente que a guerra em duas frentes levou a Alemanha à derrota desastrosa em duas grandes conflagrações, e duvido que os seus dirigentes venham a cometer o erro de provocar algum conflito enquanto não considerarem bem seguro o seu flanco na China comunista.

Mas não há tempo a perder. Os comunistas já tragaram as províncias mais ricas e mais populosas da China —metade do país e dois terços da população total. São homens disciplinados e inexoraveis, que exterminarão impiedosamente toda e qualquer oposição. O fatalismo oriental dá pouco valor à vida humana. Não hesitariam eles, pois, em liquidar metade da população de qualquer província que se rebelasse contra o seu jugo; e os sobreviventes fariam então o que lhes fosse ordenado. As massas orientais ainda não viram disciplina tão despótica desde os dias distantes do Gengiscã.

Se não forem detidos, os vermelhos inundarão todo o resto da China. Uma vez na fronteira da Indochina, nada os impedirá de se apoderarem de todo esse país. Seguir-se-á o Sião, depois a Birmânia—e a vez da Índia virá logo. A península de Malaca, as Índias Orientais Holandesas e as Filipinas seriam tão impotentes para resistir-lhes, quanto Cuba ou o México o seriam, se uma grande potência inimiga subjugasse os Estados Unidos. Se os comunistas chegarem a dominar aqueles paises, os Estados Unidos não poderão ficar de braços cruzados, enquanto eles se forem transformando em poderosos aliados da União Soviética, voltados contra a América. Esta seria forçada a bater-se pela sua própria sobrevivência.

Ora, torna-se possivel deter os comunistas precisamente alí onde os exércitos imperiais japoneses se viram incapazes de avançar mais—e esses exércitos eram muito mais poderosos e infinitamente mais bem equipados do que qualquer dos que os comunistas puseram em campo na China. Essa linha de defesa é a formidavel barreira natural de montanhas e desertos que se desdobra por 2.400 quilômetros, desde a fronteira meridional da Mongólia até o mar do sul da China. O exército japonês foi incapaz da transpô-la. À retaguarda dessa linha estão 150 milhões de chineses, na sua maior parte robustos montanheses, por tradição defensores intemeratos das suas províncias contra os invasores. No extremo noroeste encontram-se as províncias maometanas de Níngsia, Kansú e Chingai. Seus líderes têm mantido toda essa região livre de japoneses e de comunistas. Na sua longa marcha de 1926, os vermelhos tentaram estabelecer-se em Kansú, mas foram rechaçados após encarniçada luta. Ao sul dessas três províncias está a rica bacia do Sechuan. Encerrada em um anel de intransponiveis montanhas, essa província gigantesca—maior do que a Alemanha, e mais po-

pulosa do que a França—nunca foi subjugada desde os tempos anteriores a Rublaicã.

Com suas prolongadas fronteiras em comum com a Birmânia e a Indochina francesa, o Iunan ocupa a posição estratégica mais importante da Ásia, nesta emergência. É região de altas montanhas, facil de ser defendida, e poderia cortar cerce o avanço dos comunistas. Kueichow, província acidentada e elevada, pode ser defendida. Finalmente, de guarda ao acesso da China livre ao mar, temos as províncias de Kuangsí e Kuangtung, áreas onde é firme e enraizada a tradição de independência e de resistência à invasão. Os chineses dessa vasta região não querem o comunismo. São comandados por homens competentes, e poderão manter indefinidamente a sua linha se os Estados Unidos lhes proporcionarem armas, auxílio e comércio.

Conheço palmo a palmo todos os arrozais, todas as estradas, todos os rios dessa parte da China; sei por experiência própria o que se pode conseguir com uma força de combate, pequena mas eficiente e resoluta contra o que se afigura serem obstáculos invenciveis. Dizia-se que os Tigres

Voadores não poderiam aguentar três semanas de combate contra os japoneses e, não obstante, com 250 homens apenas e oito milhões de dólares, nós varremos a força aérea nipônica dos céus da China, e pela primeira vez em três anos, pusemos as cidades chinesas ao abrigo dos bombardeios. Mais tarde, a nossa reduzida aviação, graças à linha de socorro aéreo sobre a grande corcova montanhosa do sul da Ásia, e partindo de bases situadas à retaguarda dessa barreira, afundou milhões de toneladas de navios japoneses, e evitou que os soldados do Império do Sol Nascente consolidassem suas conquistas e dominassem toda a China.

As linhas dos exércitos vermelhos da China estão hoje excessivamente estendidas, como estiveram as dos japoneses; e são, como estes, vulneraveis a uma força aérea de grande poder ofensivo. O que hoje é preciso, é imaginação e audácia do gênero da que então foi posta em prática. Uma China livre pode detê-los, acossá-los e manietá-los! Poderá cortar-lhes as comunicações, atrapalhar-lhes os transportes, dinamitando as pontes, arruinando as estradas, minando os portos e os rios, paralisando o tráfego ferroviário. Em tais condições, os comunistas não poderiam edificar seu poderio industrial e militar.

Uma pequena força-tarefa aérea, em cooperação com as forças terrestres, iria aumentar imensamente a eficiência da defesa. Os comunistas não têm ainda aviação de combate—e possuem somente alguns aviões para ligação e transportes. Quinhentos aviadores estrangeiros, um punhado de habeis Tigres Voadores internacionais—ingleses, americanos, franceses, polacos, filipinos, etc., somados aos combatentes da China Livre—conteriam os comunistas com um dispêndio mínimo.

Quanto a reconquistar a China comunista, nem valeria a pena pensar nisso. Alem de desnecessário, é tarde demais para tal. Algumas das pessoas com quem tenho falado a respeito, criticam este plano, por não o acharem suficientemente grandioso. O que essas pessoas querem é um cósmico projeto pan-asiático, com uma data de Aliados e Estados-Maiores Conjuntos, e mil mapas de batalhas, e 19 cópias a carbono de todos os papéis a serem trocados entre os mil-e-um serviços. Não vêem a questão que realmente importa. E por isso mesmo, perderão o ensejo. Um grupo de metralhadoras, bem treinado e decidido, pode defender uma garganta de montanha contra um pequeno exército. A China Livre tem essa garganta de montanha, e para aguentá-la não precisa um plano cósmico.

Estou convencido de que esse plano militar e econômico custaria entre 100 e 200 milhões de dólares anualmente. A troca de produtos chineses—principalmente matérias-primas—por artigos de manufatura americana compensaria uma boa parte desse desembolso. Toda e qualquer ajuda econômica e militar seria, naturalmente, supervisionada por pessoal competente, de modo a garantir que esse

auxílio fosse canalizado para os fins em vista. A China aceitaria de bom grado essa fiscalização.

Tive ensejo de expor este plano nos seus menores detalhes, perante comissões do Congresso dos Estados Unidos e a muitos dos mais altos dirigentes militares e econômicos dos Estados Unidos. Os militares não me fizeram grandes objeções, exceto aqueles que entendem que o plano devia ser mais amplo. Os peritos financeiros que conhecem a China, concordam comigo em que esse plano tornaria possivel ao Japão comerciar com a China Livre, pois então ele conseguiria obter os suprimentos de que carece da Formosa e do Ainão, e das ricas províncias à retaguarda da Muralha da China Livre, delas importando estanho, volfrâmio, antimônio, cerdas, arroz, alumínio, carvão, peixe, chá, ferro, madeiras, óleo de tungue, peles, couros, ovos, penas e açucar.

Todos esses artigos são necessários para alimentar o povo ou reconstituir as indústrias do Japão. Muitos desses artigos são tambem necessários aos Estados Unidos. E todo esse território da China requer enormes quantidades de aço, maquinaria, algodão, petróleo e artigos de consumo, para desenvolver seus recursos naturais e suas indústrias, e estabelecer um padrão de vida mais elevado.

Se esse reservatório de recursos naturais e mercado consumidor potencial for tragado, então o Japão ver-se-á forçado a negociar com a China comunista, e não poderá resistir à pressão no sentido da sua própria comunistização. É indispensavel reter tambem o Ainão e a Formosa, pois que se essas ilhas cairem em mãos comunistas, as comunicações dos Estados Unidos com o Japão e as Filipinas ficarão cortadas, e estes dois arquipélagos ver-se-ão isolados da América, e portanto insustentaveis, perdidos.

Não é tarde demais—por enquanto. A ajuda militar necessária para manter a zona indicada não é grande; o que mais se necessita alí são rifles, metralhadoras, bazucas, morteiros ligeiros e artilharia a dorso, com as respectivas munições. Algum transporte motorizado e equipamento de comunicação serão tambem precisos. Os Estados Unidos têm vastos estoques de excedentes e de equipamento militar que se vai antiquando nas ilhas do Pacífico e que seria de grande utilidade no sentido de rearmar a resistência da China não-comunista. E uma pequena força aérea poderia infligir estragos tremendos ao inimigo.

Mas, se nós esperarmos que os comunistas consolidem seus formidaveis ganhos territoriais na China, eles acabarão engolfando o resto da Ásia, desenvolvendo seus imensos recursos naturais, doutrinando e mobilizando suas vastas reservas de mão de obra—e então é que nós não teremos mais alternativa senão a de nos batermos para defender a própria vida.

RIR É O MELHOR REMÉDIO

UM RAPAZ, todo aflito, chegou correndo vertiginosamente ao cais das barcas, saltou sobre uma nesga de água e caiu fragorosamente no tombadilho da embarcação.

—Por um triz não alcanço! disse, ofegante, ao levantar-se.

—Pra que tanta pressa, moço? perguntou um tripulante. —Esta barca está mas é chegando...

—*Unique*, da Universidade do Utah

DURANTE a guerra, um caixeiro-viajante entrou numa confeitaria de aldeia e ficou espantado ao ver um queijo Roquefort, *avis rara* naquela época. Antegozando o prazer da esposa ao ver acepipe tão precioso, perguntou se o queijo aguentaria bem a longa viagem até a cidade onde residia.

—Escute, meu filho, respondeu o dono da confeitaria. —Com esse queijo já não pode acontecer mais nada...

—R.S.F.

—PUXA, rapaz, que cara! São as preocupações?

—Ora se são! Tenho tantas, que elas já estão fazendo fila e se me acontecer qualquer coisa hoje, só vou poder me preocupar daquí a quinze dias.

—Paul Trinkle, no *Courier-Journal* de Louisville

PASSANDO por uma esquina deserta numa noite escura, um pedestre ouviu uma voz que assim lhe falava das trevas:

—O cavalheiro pode ter a gentileza de ajudar a um pobre faminto? E a voz acrescentou:

—Não tenho nada no mundo. Só este revolver...

—*Columns*, da Universidade de Washington

O PESCADOR descrevia aos amigos sua última pescaria, e metera na história o inevitavel peixe «deste tamanho», que conseguira escapar.

—Era deste comprimento, sem favor! gesticulava, indicando as dimensões do bicho. —Nunca vi na minha vida um peixe assim!

—Acredito, foi o comentário sucinto de um dos ouvintes...

—*Lejeune Globe*, citado por Bruce Patterson (King Features)

A RECEM-CASADA entrou numa peixaria e pediu ostras, ao que o caixeiro perguntou:

—A senhora quer das grandes ou das pequenas?

—Não sei bem... hesitou ela. —Mas são para um rapaz que usa colarinho 39.

—*West Lynn Works News*

—QUE MARAVILHA! exclamou o gênio russo, que, não se sabe como, conseguira obter um tentador catálogo de uma grande loja de departamentos norte-americana. —Quanta coisa nova para se inventar!

—*Register*, de New Haven

A opinião franca de um lider trabalhista

CONTRA A LUTA DE CLASSES

Por Walter W. Cenerazzo

Presidente do Sindicato dos Empregados na Indústria de Relógios dos E.U.A.

É ÚNICA no mundo a maneira como funciona o capitalismo nos Estados Unidos e no Canadá. Em nenhum outro país existe um movimento trabalhista vigoroso, a defender seus pontos de vista dentro da própria estrutura das empresas. Em outras nações o movimento trabalhista tem natureza política, e almeja obter reformas através de legislação especializada. Os sindicalistas norte-americanos sensatamente repudiam esse aspecto político do trabalhismo, pois estão convencidos de que os operários alcançarão resultados muito mais marcantes em entendimento direto com os empregadores.

Nos Estados Unidos já não há muitos milionários, e lutamos para eliminar a pobreza extrema. Todos somos classe média, quer se trate do presidente de um banco quer do vigia do prédio. Todos queremos casa própria, automovel, escola para nossos filhos e, enfim, um padrão de vida elevado.

A esse regime eu chamaria, de preferência, «capitalismo cooperativo». Para mim isso equivale a uma estreita colaboração entre o acionista, o empregador e o empregado, tendo em mira os seguintes objetivos: manter no nivel mais alto possivel a prosperidade da empresa, para que (1) o acionista seja compensado com dividendos justos; (2) o patrão seja remunerado suficientemente pela gestão dos negócios; e (3) o operário receba paga adequada por um número justo de horas de trabalho, sendo-lhe tambem assegurados estabilidade no emprego e um sistema de aposentadoria e pensões que toda companhia próspera pode garantir.

Sem lucros, nenhuma companhia poderá jamais obter novas inversões de capital necessárias à expansão dos negócios ou à aquisição de ferramentas modernas indispensaveis à produtividade nos nossos dias.

Os empregadores devem compenetrar-se de que recai sobre eles a seguinte decisão: manter a indústria em funcionamento eficiente e em plena produção, ou deixar que a direção se torne reacionária, como sucedeu na Inglaterra, sob a gestão dos conservadores, durante as duas últimas gerações. Cumpre aos empregadores providenciar para que todos os elementos componentes do capitalismo cooperativo aceitem suas responsabilidades.

De dez anos para cá tem-se desenvolvido um «mercado de vendedores», isto é, a procura tem sido maior que a oferta. Nesse período os empregados aprenderam a trabalhar de uma maneira que deveria ter sido evitada por todos os meios. A função dos vendedores limitou-se a anotação de encomendas. A gerência das empresas inclinou-se a «deixar o barco correr», sabendo que não era necessário esforçar-se para obter lucros. Quanto aos operários, convenceram-se de que era preciso conseguir prerrogativas imediatamente, não deixar para um amanhã incerto o que poderia ser feito naquele período de vacas gordas, sem levar em conta que, sendo obtidos os aumentos de salário sem uma elevação correspondente na produtividade do trabalhador, os referidos aumentos tinham de ser acrescentados ao custo da produção. Resultado: hoje em dia os refrigeradores, automoveis e todos os outros artigos que fazem parte do padrão de vida da classe média custam quase duas vezes mais que há dez anos.

Presentemente, o mercado é dos compradores—a oferta já alcançou a procura. Os artigos começam a empilhar-se nas prateleiras. Todos os ramos de negócio vão-se tornando mutuamente concorrentes. Os preços estão baixando. O ponto de equilíbrio entre a receita e a despesa das companhias subiu a um nivel muito mais alto do que há dez anos. Eis aí, a meu ver, o problema primordial a ser encarado por trabalhadores, patrões e acionistas. Será possivel continuar realizando negócios durante uma queda no mercado, quando se acha tão alto o aludido «ponto de equilíbrio»?

É possivel, com uma condição: as empresas precisam *funcionar eficientemente*.

Isso nos traz a outro assunto: a necessidade de esclarecer o operário sobre o funcionamento do capitalismo. Nós, que confiamos no regime da iniciativa privada, temos o dever de explicá-lo aos homens que trabalham em nossas próprias empresas.

Digamos, por exemplo, que um agitador se levante numa reunião sindical e exija um aumento de 30 centavos por hora; como é possivel que os operários entendam que tal aumento, numa companhia onde trabalham duas mil pessoas, custaria à empresa 1.248.000 dólares? Para a média dos industriários, um aumento de 30 centavos de dolar por hora representa 12 dólares por semana. Não sabem que no ano passado e no atrasado a companhia

---

WALTER W. CENERAZZO iniciou sua carreira como tipógrafo, tornando-se mais tarde funcionário da Federação Americana do Trabalho tendo a seu cargo a tarefa de angariar novos sócios para os sindicatos. Em seguida, organizou um sindicato independente composto de empregados de três conhecidas fábricas de relógios: a Waltham, a Elgin e a Hamilton. Embora haja sempre lutado habil e valorosamente pelos direitos dos operários, distinguiu-se desde o início por sua boa-vontade em cooperar com os empregadores no sentido de promover uma produção industrial mais eficiente.

só fizera 800 mil dólares e que, consequentemente, tal aumento a levaria à bancarrota. O operário ignora que a companhia precisa reservar 250 mil dólares anuais para a substituição de maquinaria afim de conservar-se em pé de igualdade com suas concorrentes.

O lider trabalhista que tentasse manter os operários a par dessas verdades econômicas seria logo considerado «vendido» à companhia. Precisamos convencer-nos de que, via de regra, o lider sindical é empregado pela empresa para ser um operário especializado, e que foi escolhido pelos colegas para representá-los por ser uma pessoa decente e não por entender de economia.

Por isso digo que os empregadores precisam preparar-se para ensinar as bases da economia capitalista a seus operários. Essa tarefa só pode ser realizada em cada empresa para orientação de seus próprios empregados.

Creio firmemente que um operário esclarecido é leal tanto à companhia como ao sindicato. Em minha opinião o empregador que se opõe à sindicalização é um agitador de classes; e o operário sindicalizado que vê na companhia uma adversária, é tambem um agitador. Precisamos ter em vista os interesses tanto da companhia quanto dos sindicatos. Nossos objetivos têm de ser os mesmos. Nossa principal preocupação deverá sempre ser a prosperidade da companhia. Sim, porque quando não há lucros a empresa começa a declinar, com prejuizo para empregados e empregadores.

Como poderemos manter os operários bem informados, leais aos patrões e ao sindicato? Educando-os, ensinando a cada um deles, honestamente, as realidades econômicas.

Caberia ao presidente da empresa dizer aos operários quais são os problemas com que luta a companhia; qual a natureza desta; como se formou o capital; quais são suas obrigações financeiras anuais; qual a concorrência que ela enfrenta; qual é o custo de produção por unidades; e quais as partes componentes desse custo. Deve explicar tambem a importância de anunciar o produto e a necessidade de proceder a pesquisas constantes.

O presidente deveria dar tais esclarecimentos a cada um de seus operários, não através de livros complexos, mas pessoalmente, afim de que os empregados compreendam que o presidente da firma é um ser humano como eles próprios e que, como qualquer um deles, só come três vezes por dia, veste um terno, guia um automovel, tem as mesmas fraquezas...

O diretor que tiver a seu cargo a produção deverá explicar por que é que se fazem certas coisas de determinada maneira; explicar qual a relação entre o capataz e os operários; explicar por que a produção precisa ser controlada. Em suma: explicar aos operários o seu trabalho e os problemas a ele relacionados. Em seguida deverá estimulá-los a fazer perguntas afim de dissipar quaisquer dúvidas.

O gerente de vendas deverá explicar o que é a concorrência e como se obtêm os pedidos, indispensaveis para que os empregados continuem trabalhando. O contador lhes dirá quais os fatores que contribuem para aumentar o custo unitário, e por que razões é essencial manter baixo esse custo. A maioria dos operários se surpreenderá ao saber quanto a firma precisa dispender em impostos municipais, estaduais e federais. Outro assunto a ser esclarecido a todos os operários são as despesas da firma com seguro-desemprego, previdência social, aposentadoria e pensões, férias e feriados remunerados, seguro-acidente e outras garantias oferecidas ao operário, sobre cujo custo ninguem reflete.

Haverá entre os industriais alguns, de mentalidade mais antiquada, para quem nada disso é «da conta dos operários». Discordo dessa opinião. Se os empregadores não oferecerem aos industriários informes corretos, surgirão sempre agitadores prontos a informá-los erroneamente. Quanto a mim, não tenho a menor dúvida sobre isto: tanto para os industriais como para seus empregados, é muito melhor que os últimos sejam devidamente esclarecidos do que permitir aos agitadores difundir informações errôneas.

Os empregadores deverão, alem disso, explicar aos empregados que, utilizando certas técnicas na oficina ou na fábrica, poderão reduzir o custo unitário, facilitando assim à companhia vender com lucro, o que redundará em benefício dos próprios operários. Voltemos ao estado de coisas que prevalecia há 50 anos, quando o empregado, entrando sem-cerimoniosamente no escritório do chefe dizia: «Patrão, achei um jeito de fazer o serviço de maneira mais simples e melhor. Quer vir dar uma espiada?» O patrão ia olhar e pesava os prós e contras. O operário não perguntava quanto lhe pagariam pela sugestão; fazia parte da equipe e desejava realizar o que lhe cabia.

> O SR. Cenerazzo apresenta aquí uma sugestão construtiva. As relações entre industriais e operários melhorariam consideravelmente se os empregadores falassem clara e francamente aos empregados sobre a situação dos negócios. A meu ver, essa providência resultaria, em grande maioria dos casos, numa cooperação estreita e compreensiva por parte dos empregados.
>
> Ao mesmo tempo, julgo conveniente alertar os empregadores, avisando-os de que seria desastroso tentar dizer aos operários apenas meias-verdades, ou valer-se de truques para obter certas concessões. Não há nada que provoque mais ressentimento do que a hipocrisia disfarçada em honestidade. Somente a franqueza mais absoluta dissipará as amargas desconfianças que se vêm acumulando através dos anos.
>
> Quero tambem alertar os operários: mantenham sempre, em seus sindicatos, um alto nivel de integridade e responsabilidade, à guisa de armas contra ataques injustos; mas nunca deixem de cooperar com os patrões afim de aumentar a produção. Isso só pode contribuir para o bem de todos. Nunca façam exigências descabidas. Não se façam cúmplices dos empregadores em detrimento do público, contribuindo para aumentar os preços, afastar os concorrentes de maneira pouco leal, ou obter subsídios excessivos do público.
>
> Se se observarem as medidas acima apontadas, haverá campo para a melhor das cooperações.
>
> —*Paul H. Douglas, Senador pelo Illinois*

Na concessão de promoções, deveriam levar-se em conta as idéias apresentadas pelo operário no sentido de aperfeiçoar o produto, e seu interesse no trabalho. As recompensas monetárias são esquecidas logo que a quantia tenha sido gasta. As promoções constituem recompensa permanente, pois representam aumento no salário, e a família do operário sabe que a melhoria foi devida ao interesse que ele demonstrou pelo trabalho.

Aos que alegam que o sindicato se oporia a tal sistema, direi que é tempo de dizer a esses líderes sindicais, de maneira inequívoca, quais são as realidades econômicas da firma, esclarecendo que a liberdade de palavra é fator essencial na maneira de viver do povo norte-americano. Mas lembrem-se de que essa liberdade tem como corolário a obrigação de dizer a verdade e a de escutar sugestões construtivas por parte dos líderes trabalhistas.

Se todas as companhias iniciassem a execução de um plano semelhante, sem dúvida alguma a economia nacional se expandiria cada vez mais. Nossos operários estariam bem informados e dispostos a lutar pelo que consideram justo, quando surgissem os agitadores.

É ANIMADOR que os industriais, em algumas empresas norte-americanas, já tenham dado este excelente passo rumo a um ambiente mais sadio no campo das relações entre empregadores e empregados: começaram a adotar o sistema de levar os operários «atrás dos bastidores», como propõe, de maneira tão construtiva, o sr. Cenerazzo. Num recente artigo-de-fundo, a revista *Collier's* observa que, entre outras, as companhias General Foods, International Harvester e Glenn L. Martin, estão tentando «explicar aos operários como funciona o regime de lucros, e quais as razões que o justificam».

Essa atitude constitui, em minha opinião, um pouco mais do que uma espécie de seguro econômico. É tambem um meio de aumentar a produção—e aumentá-la é essencial para equilibrar nossa economia, nesta época em que tanto se lhe exige. Gostaria que a sugestão do sr. Cenerazzo fosse adotada universalmente pelos industriais. Quando o for, não serão necessárias tantas leis, e diminuirão nossas preocupações quanto à economia do país.

—Irving H. Ives, Senador por Nova York

Somente os que preconizam a economia dirigida, em moldes socialistas, desejam a intervenção do governo no campo trabalhista. Nós, porem, que queremos ver o trabalhador, o patrão e o acionista cooperando para manter baixos os preços, permitir a distribuição de dividendos aos acionistas e uma remuneração adequada para a administração, e salários justos para os operários,—alem da segurança que só uma empresa próspera pode oferecer—não precisamos de leis que nos tolham os passos. O que nos faz falta é educação: os empregadores devem proporcioná-la o mais depressa possivel, antes que seja tarde.

NÃO HÁ DUAS pessoas iguais—para satisfação de ambas.

—Baltimore and Ohio Magazine

Goze a vida enquanto é tempo

Extraido de «Pitching Horseshoes», serie de crônicas de

Billy Rose

UMA SENHORA que vive em Montreal mandou-me há pouco tempo uma história muito interessante a respeito de duas irmãs, pedindo-me porem que não revelasse os seus nomes, e com razão, como veremos adiante.

Em 1912 morria em Quebec certo viuvo, deixando uma modesta herança a duas filhas que por ele tinham olhado carinhosamente. Uma semana depois do enterro, as duas irmãs começaram a fazer os seus planos.

—Eu gostaria de viajar, disse Luisa, a mais nova—para visitar os lugares acerca dos quais tanto temos lido.

—Mas não temos dinheiro que chegue para isso, disse a outra, Miriam.

Chegada a primavera, as duas irmãs alugaram uma pequena loja na península de Gaspé, e a atulharam de mercadorias diversas. Durante alguns anos as duas atraentes e ativas moças fizeram dessa loja o entreposto comercial mais concorrido daquelas bandas da solidão canadense.

Um dia parou diante da porta um automovel com chapa da Florida, do qual saltaram dois moços bem parecidos, para comprar umas latas de conservas. Saidos que foram, diz Luisa à irmã:

—Miriam, vamos fechar a loja por um mês, este inverno, e passar umas férias em Miami, onde faz calor. Talvez fosse bom gastarmos um pouco desse *bâton* que temos na loja.

—Se formos embora, a freguezia passará a comprar em outra casa! objetou Miriam.

Dez anos depois, as duas irmãs tinham economizado dinheiro que dava para o resto dos seus dias.

—Que vantagem temos em juntar mais dinheiro? indagou Luisa. —Vendamos a loja, e vamos para a Califórnia. E depois, talvez para o México. Quem sabe? até podíamos achar dois rapazes que nos agradassem e se casassem conosco...

Ainda dessa vez a irmã mais velha se opôs:

—Não há quem nos pague por esta loja o que ela vale!

No ano seguinte, apareceu um indivíduo que quis comprar a loja, mas as negociações fracassaram quando Miriam insistiu por um preço mais de dez vezes superior à média dos lucros de um ano. O homem abriu outra loja nas vizinhanças, e nos cinco anos seguintes as duas irmãs trabalharam noite e dia para aguentar a concorrência.

Em 1938 o rival desistiu finalmente do negócio e, com a grande prosperidade trazida pela guerra, as duas ir-

mãs voltaram a ampliar o estabelecimento.

Uma noite, foi isto há dois invernos passados, Luisa, que já andava pelos 50 anos, voltou sozinha da loja para casa. Ao cortar caminho por um lugar deserto, escorregou, caiu e quebrou uma perna. Ninguem podia ouvir-lhe os gritos; quando pela manhã um vizinho a encontrou, a pobre tinha pegado uma pneumonia, e três dias depois entregava a alma ao Criador.

Nunca mais tornou Miriam a pôr os pés na loja, e o enterro da irmã nunca teve igual naquela região: urna de bronze, lápide toda esculpida, marcando o lugar do seu eterno repouso.

Na primavera seguinte, Miriam dirigiu às autoridades um estranho pedido: desejava trasladar o cadaver da irmã para a Califórnia. Obtida a autorização, foi a urna carregada num avião especial, e Miriam a acompanhou para cuidar da segunda inumação.

Poucos meses passados, segunda licença para desenterrar a irmã: desta vez a urna seria embarcada para o México.

A última vez que a minha amavel informante de Montreal ouviu falar da velha Miriam, a urna de bronze estava a caminho de Havana.

E a história se acaba aquí, só me restando supor que hoje, uma urna irrequieta deve estar repousando algures numa cova aberta de fresco, enquanto, não longe do cemitério, instalada numa cadeira de balanço, na varanda de um hotel de turistas, uma velhota rica medita longamente sobre qual será o lugar do mundo que a mana gostaria de visitar a seguir...

Lapsos

De um jornal de Missuri: «A noiva recebeu um bonito broche de brilhantes juntamente com vários outros lindos artigos de vidro trabalhado.»

—Citado em *Successful Farming*

Delegado russo, numa sessão do Conselho de Segurança das Nações Unidas: «Terei de pedir a Moscou novas obstruções.»

Na seção «Precisa-se», do *Chronicle*, de São Francisco: «Cozinheira e arrumadeira com grande experiência. Honesta, dia inteiro ou só meio dia.»

—Citado por Herb Caen, no *Chronicle*, de São Francisco

O chefe de seção, em férias no México, recebeu o seguinte telegrama dos seus auxiliares: «Desejamos esteja aproveitando bem suas férias; nós estamos!»

Ursula Krulls

O médico que odiava assassínios

(Condensado de «Argosy»)

Por Frederic Sondern, Jr.

Sir Bernard Spilsbury, extraordinário detective científico.

Na Inglaterra, até o começo deste século, um assassino esperto tinha boas probabilidades de escapar à punição de seu crime. Os detectives da Scotland Yard não tardavam em capturar o suspeito; mas provar-lhe a culpabilidade perante os meticulosos tribunais britânicos era muito mais dificil. Foi Sir Bernard Spilsbury, com a introdução da ciência exata do laboratório nas salas de julgamento, quem corrigiu essa falha. «Odeio assassínios,» disse ele certa vez, «e dediquei minha vida a fazer que esse crime, o mais imperdoavel de todos, não seja proveitoso para quem o comete.»

Sir Bernard Spilsbury, cientista quieto e modesto, foi durante 35 anos o principal patologista do British Home Office (departamento que entre outras funções exerce a da administração da justiça) e um dos pioneiros da moderna medicina legal. Seus depoimentos contribuiram para a condenação de mais de cem perigosos facínoras.

A estréia de Spilsbury, em Londres, perante a corte de justiça, foi espetacular. Aconteceu isto em 1910. Na sala de sessões, apinhada de gente, do tribunal londrino conhecido pelo nome de Old Bailey, o dr. Hawley Harvey Crippen estava sendo julgado por um crime que lhe poderia custar a vida. A promotoria pública acusava Crippen de haver envenenado a própria esposa, de havê-la esquartejado e enterrado no porão, e de haver de-

pois fugido com a secretária dele para o Canadá. O advogado da defesa afirmava ter Belle Crippen abandonado o marido, e não ser absolutamente dela o cadaver que a polícia descobrira enterrado em cal viva. Do que restava da morta foi extraida uma quantidade de veneno mais do que letal; porem a única porção identificavel do cadaver era um quadrado de pele de cerca de 15 centímetros de lado. Se a acusação pudesse provar que esse fragmento de pele vinha de um abdomen de mulher e que a marca peculiar nele encontrada era a cicatriz de uma incisão cirúrgica, então o corpo era o de Mrs. Crippen, que se submetera, poucos anos antes, a uma operação abdominal então rara.

Bernard Spilsbury foi chamado a depor. Alto, sereno e convincente, impessoal em suas declarações, o jovem cientista explicou como seu microscópio revelara características epidérmicas que não deixavam dúvidas. A pele vinha do baixo abdomen—secções de tecidos musculares específicos e inconfundiveis haviam-lhe permitido localizá-la com uma aproximação de uma polegada. «E não há dúvida,» concluiu ele, «de que isto é a cicatriz de uma operação abdominal.» O juri concordou com ele. Hawley Crippen morreu na forca.

Anos mais tarde, um colega perguntou a Spilsbury por que se dedicara àquela especialidade macabra que lhe rendia tão pouco, quando poderia ter tido clientela extremamente lucrativa. O doutor respondeu: «Resultado de haver eu, quando menino, lido muito Sherlock Holmes. E tambem porque todo crime desperta em mim uma curiosidade insaciavel.»

O mais conhecido de todos os casos solucionados por Spilsbury é o que se refere aos brutais «Assassinatos de Recem-Casadas na Banheira.» George Joseph Smith era um sujeito bem parecido e um tanto simpático que, no espaço de três anos, se casara três vezes. Suas esposas haviam, aparentemente, desmaiado na banheira, escorregado para dentro d'água e morrido afogadas. Os bens das falecidas, em todos os três casos, passaram a Smith.

Os pais de uma das vítimas, porem, leram por acaso as reportagens da imprensa a respeito das duas outras recem-casadas que «se haviam afogado acidentalmente.» A descrição do amargurado esposo, em cada um desses casos, pareceu-lhes familiar, e eles mandaram os recortes dos jornais para a Scotland Yard, juntamente com seu próprio relato do que ocorrera com sua filha. Smith foi preso.

A acusação foi pouco convincente—até que Spilsbury compareceu ao tribunal para depor. Com espanto de todos, uma banheira pequena foi arrastada para a sala do juri. Uma das enfermeiras do doutor, em ampla roupa de banho, entrou na banheira. Aquela era a mesma banheira, Spilsbury explicou, em que havia morrido uma das mulheres de Smith, e a enfermeira era quase exatamente da mesma estatura da morta. Ele fez então que a enfermeira tomasse todas as posições em que uma mulher, ao desmaiar, poderia escorregar ou cair. Naquela banheira, afogamento acidental era definitivamente impossivel. De repente o doutor agarrou a enfermeira pelos tornozelos. «Observem isto,» disse ele, enquanto içava as pernas da moça para o ar. A cabeça da voluntária substituta das senhoras Smith escorregou para dentro d'água. Ainda a sustentar as pernas da enfermeira, Spilsbury demonstrou que a posição do corpo tornava toda resistência impossivel e podia causar a morte em poucos minutos. Súbito alguem gritou no tribunal: «Ela está se afogando tambem!» A pobre enfermeira foi apressadamente retirada da banheira e teve de ser reanimada com respiração artificial.

Smith foi condenado e morreu na forca.

Depois houve o caso de Voisin, o Magarefe. Um lixeiro encontrou, num subúrbio londrino, o corpo de uma mulher, sem cabeça e sem pernas, metido num saco. Depois de examinar os despojos, Spilsbury «aventou uma sugestão». Disse ele que a polícia devia procurar dois culpados: um magarefe profissional, homem vigoroso; e uma mulher.

No dia seguinte, o inspetor encarregado do caso comunicou a Spilsbury que graças a uma marca de lavanderia se havia descoberto a identidade da morta. Chamava-se Emilienne Gerard. Uma busca em seu apartamento revelara manchas de sangue—evidentemente no local em que fôra assassinada. «Mas parece que não há nenhum magarefe profissional entre as relações dela,» ajuntou o inspetor com um sorriso.

«Deve ter havido,» resmungou Spilsbury enquanto remexia uma gaveta. Alí encontrou ele um vale de 50 libras, assinado por um tal Voisin. «Descubra esse homem,» disse Spilsbury, «e penso que encontrará o assassino, sua cúmplice, o local onde Mme. Gerard foi morta, e talvez até a cabeça e as pernas desaparecidas. Ela não foi assassinada aquí. Essas manchas de sangue são lambuzadelas e não respingos. Quando a cortaram, o sangue deve ter respingado.»

Voisin foi apanhado. Havia sido magarefe. Em seu apartamento encontraram-se respingos de sangue, apressadamente lavados, mas inconfundiveis. Em seu bolso estava a chave da adega onde ele enterrara a cabeça e as mãos de Mme. Gerard, que ele assassinara, auxiliado por uma dama de companhia, porque a vítima havia ameaçado cobrar o vale. Depois do crime, Voisin fôra—sem resultado—ao quarto da morta em busca do documento comprometedor e, de propósito, deixara alí manchas de sangue para despistar a polícia quanto ao local do assassínio.

Durante o julgamento de Voisin o doutor explicou suas deduções. Os restos mortais de Mme. Gerard mostravam as marcas de inúmeros ferimentos causados por um instrumento contundente, como uma barra de metal. Mas nenhum deles era mortal. Os golpes deviam ter sido desferidos por uma mulher. O assassínio fôra cometido depois, com a técnica facilmente reconhecivel de um experimentado açougueiro.

Embora a maneira direta como Spilsbury prestava seus depoimentos fizesse seu trabalho parecer muito simples, a verdade é que cada um dos mais complicados casos lhe tomava semanas, e às vezes meses, de pesquisa e experiências. Tinha pavor de errar, porque sabia que um depoimento baseado em provas defeituosas podia facilmente ter como consequência a condenação de um inocente. Por isso era tão pertinaz e esmiuçador quando depunha em favor do réu, como quando argumentava contra ele.

Costumava contar a todos os seus alunos de medicina legal a seguinte história. Annie White, senhora já madura, mestre-escola da vila de Hampshire, fôra encontrada morta na cama. Depois que o médico legista deu como causa da morte a ingestão de excessiva dose de narcótico e atestou que o corpo estava coberto de bolhas, a opinião pública se voltou imediatamente contra o marido da morta, bem mais moço que ela, malquisto e, sabidamente, o beneficiário do testamento. Murmurava-se que ele havia envenenado a esposa e tentado queimar o cadaver.

Spilsbury examinou meticulosamente o cadaver e a casa, inquiriu os vizinhos e amigos da morta e retornou a Londres para redigir seu relatório. Mrs. White tinha-se suicidado. Ela guardava o narcótico que costumava tomar contra insônia num armário fechado e jamais permitia que qualquer outra pessoa o dosasse para ela. A droga não podia haver sido adicionada sorrateiramente à sua comida ou bebida em quantidade letal, porque tinha um sabor amargo inconfundivel. As bolhas haviam sido causadas pela dose excessiva do narcótico.

Desgraçadamente a publicação do relatório de Spilsbury foi retardada. Entrementes o marido—homem impressionavel e violento—não pôde suportar as murmurações da gente da aldeia. Atirou-se sob as rodas de um trem. O doutor jamais se esqueceu deste caso. «Cabe aos senhores enorme responsabilidade,» costumava ele dizer aos estudantes da Academia Metropolitana de Polícia, «na preservação de vidas e da felicidade alheia. Nunca se esqueçam disto.»

Faz alguns meses, em seu laboratório, na universidade, Sir Bernard Spilsbury inclinou em sua direção um fogareiro Bunsen, e abriu a válvula do gás, sem acendê-lo. Alguns minutos depois estava morto. Tinha ele então 70 anos e vinha, havia muito tempo, sofrendo de uma artrite torturante e mutiladora. Sabia que nunca mais poderia operar de novo ou resolver outro caso. E ele vivia unicamente para o seu trabalho.

Um boêmio impenitente decidiu reformar-se. No primeiro dia, cortou os cigarros. No segundo, cortou a bebida. No terceiro, as mulheres. No quarto, passou a cortar bonecos de papel.

—Mary Holmes, citada por Austine no *Times-Herald*, de Washington

A World Commerce, companhia dirigida por um grupo de homens eminentes, procura intensificar o comércio internacional por meio de dólares e permutas

Negócios em grande escala para o reerguimento do mundo

(*Condensado de «The Christian Science Monitor»*)

Ralph Wallace

No outono passado, a fábrica de anilinas Casella, num subúrbio de Francfort, na Alemanha, apesar de autorizada pelas autoridades de ocupação a funcionar livremente, viu-se a braços com dificuldades insuperaveis. As bombas aliadas haviam destruido quase inteiramente as dornas e a maquinaria e a empresa não dispunha de recursos quer para os reparos indispensaveis quer para a aquisição dos produtos químicos básicos.

Em setembro, porem, começaram a chegar máquinas e matérias-primas da Suíça, dos Estados Unidos e do Canadá. As dornas foram reparadas e, por volta de janeiro, o número de operários em atividade atingia o índice máximo de antes da guerra: 600.

A prodigiosa restauração da fábrica Casella se deve a uma organização—única no gênero, em todo o mundo—intitulada World Commerce, com sede no nº 25 da Broad Street, em Nova York. Empresa estritamente comercial, embora nem sempre vise alcançar lucros, a World Commerce tem à sua frente uma luzida plêiade de personalidades familiarizadas com os problemas mundiais, como Edward R. Stettinius, antigo secretário de Estado; James F. Cavagnaro, da Transamerica Corporation; e William J. Donovan, diretor do O.S.S. durante a última guerra. A operação feita com a Casella, na qual a World Commerce foi reembolsada em corantes pelos 500 mil dólares que adiantou, sob a forma de máquinas e produtos químicos, constitui um exemplo típico da maneira como opera a firma nova-iorquina.

Os objetivos que persegue são de duas ordens: cooperar na restauração econômica dos paises estrangeiros, fornecendo-lhes matérias-primas em troca de produtos acabados, ou mediante permuta direta de mercadorias para contornar dificuldades de ordem cambial. No ano passado, por exemplo, a Iugoslavia e a Bulgária devastadas pela guerra não dispunham de dólares suficientes com que atender à pre-

mente necessidade de certas drogas e produtos farmacêuticos. Havia, porem, nos dois paises estoques de pimenta no valor de 300 mil dólares. A World Commerce adquiriu a totalidade desses estoques e exportou, em troca, um suprimento de sulfa e de penicilina suficiente para o consumo de um ano.

Pelo menos em parte, a World Commerce está começando a preencher a lacuna deixada pelo retraimento forçado do chamado «merchant trading» inglês. Durante todo o século que precedeu a última guerra, uma boa parte da renda de Londres provinha dos representantes de grandes companhias financeiras espalhadas pelo mundo. Compravam, por exemplo, toda a produção de sardinhas enlatadas de Portugal, com libras esterlinas—então a moeda mais estavel e desejavel—e vendiam as sardinhas na América do Sul ou nos Estados Unidos, sem que tais sardinhas tocassem jamais um porto britânico. Da mesma maneira, mediante a taxa de um e meio por cento ao mês, compravam a safra de chá de um plantador indú para vendê-la em Buenos Aires.

«As restrições cambiais adotadas pela Inglaterra—por imposição de circunstâncias independentes de sua vontade—prejudicaram seriamente a posição privilegiada dos comerciantes ingleses,» disse-me um funcionário da World Commerce. «Entretanto, sem esse tipo de operações e a garantia de uma moeda forte, o intercâmbio comercial no mundo tenderá sempre a diminuir. O que estamos tentando fazer consiste precisamente em encher esse vazio por meio de acordos para trocas em espécie ou garantia em dólares.»

A organização lida com produtos os mais exóticos, desde a cera de carnauba do Brasil às sementes de *psyllium* da Índia. Já vendeu estanho da China à África do Sul, embarcou farinha de trigo dos Estados Unidos para o Brasil, comprou enxofre da Noruega, carvão vegetal da Bratislava, e já enviou sal industrial para o Japão no valor de 5 milhões de dólares. Forneceu ao Governo mexicano 300 mil dólares em tratores e *bulldozers* para a construção de estradas e 400 mil em maquinaria para as minas inglesas de carvão (ambas operações na base de financiamento e cobrança de comissão) e está agora negociando a instalação de uma fábrica de conservas na Coréia.

Recentemente, uma firma construtora inglesa necessitou de tubos de aço para um oleoduto no Oriente Médio. A encomenda—no valor de 600 mil dólares—foi dada a uma usina do Ruhr. Mas o ferro tinha de ser adquirido na Áustria e a firma inglesa não podia dar a garantia de pagamento em dólares, exigida tanto pela companhia alemã como pela austríaca. A World Commerce forneceu essa garantia e tornou possivel não só o emprego de várias centenas de operários durante um mês como o aumento da disponibilidade de petróleo do Oriente Médio para a Inglaterra e os Estados Unidos.

A World Commerce foi constituida em 1946 com o título de «British-American-Canadian Corporation» por um inglês, John A. R. Pepper, e um canadense, Sir William Stephenson, que haviam passado grande parte da guerra nos Estados Unidos como membros de várias comissões britânicas. Stettinius passou a fazer parte da firma em 1947 e a denominação foi substituida pela atual, que descreve melhor os seus propósitos. Seguiu-se, pouco depois, a adesão de Frank T. Ryan, diretor da John J. Ryan & Sons., os maiores comerciantes do mundo de resíduos de algodão. Com Ryan na presidência e Pepper na vice-presidência, a World Commerce expandiu-se rapidamente e tem hoje agências em 12 paises e numerosos representantes espalhados pelo mundo.

Uma das primeiras transações da empresa foi com *rayon* italiano. Antes da guerra, este produto figurava com destaque entre as exportações da Itália mas agora, até mesmo o grupo Snia Viscosa—os maiores fabricantes de *rayon* do país—tinha as mãos atadas pela extrema escassez de carvão e polpa de madeira. O problema era dos mais complexos. Em primeiro lugar, o fornecimento de carvão tinha de ser autorizado pela Comissão Européia do Carvão, com sede em Londres, e depois pela Comissão Mista de Combustiveis, de Washington. Simultaneamente, os fornecimentos de polpa de madeira para *rayon* (com a competente garantia de pagamento em dólares) tinham de ser contratados na Suécia. A operação, finalmente consumada, envolveu a inversão de um capital superior a 3 milhões de dólares. A World Commerce foi reembolsada em fibras e fios de *rayon* para venda no mercado norte-americano, onde a procura era particularmente intensa.

Na Itália, após o recebimento da primeira remessa de carvão e de polpa de madeira, a Snia Viscosa reabriu ou ampliou enormemente as instalações das suas dez fábricas e, daí por diante, pôde comprar o carvão e a polpa de madeira de que necessitava. O número de operários quadruplicou, chegando recentemente a 45 mil. «Se houvesse uma centena de World Commerces», disse-me um comerciante italiano, «o Plano Marshall não teria sido necessário.»

Tambem importante para a recuperação mundial foi o auxílio prestado pela World Commerce à agricultura, no Extremo Oriente. Sem os fertilizantes de potassa, as terras do Japão, quase inteiramente exhauridas, estavam ameaçadas de se tornarem de todo improdutivas; as importações de carbonato de potássio foram subitamente interrompidas no ano passado quando a Zona Russa da Alemanha—de onde provinha o fertilizante—foi bloqueada pelas forças norte-americanas como medida destinada a conter as atividades do mercado negro e, logo depois, contra-bloqueada pelos russos.

Depois de seis meses de negociações, chegou-se a um acordo para o embarque de carregamentos de potassa pelo porto polonês de Stettin, no Báltico. Serão transportadas para o Japão, em 22 navios especialmente fretados, 250 mil toneladas do produto—o suficiente para o consumo de um ano—no va-

lor de 18 milhões e 500 mil dólares, financiados pela World Commerce. Os peritos calculam que um ano de abastecimento de fertilizante representa um aumento de 100 milhões de dólares no valor dos alimentos produzidos no Japão.

Neste momento, agentes da companhia estão percorrendo o Canadá e os Estados Unidos para adquirir mais de 3 mil cabeças de gado, da raça canadense Holstein-Friesian. A Itália perdeu 20% do seu rebanho leiteiro devido à falta de forragem e ao corte. O consumo de leite decresceu a um mínimo tal—oito vezes ainda mais baixo que o da Alemanha devastada—que a tuberculose e o raquitismo aumentaram de modo alarmante em todo o país.

Por sugestão de Ryan, a associação de criadores italianos dirigiu um apelo à E.C.A. e obteve 1 milhão e 850 mil dólares para a compra de 2 mil vitelas, mil bezerros e 60 touros, em 1949. A World Commerce comprará e embarcará esse gado mediante uma comissão. Espera-se que, no total, as compras se elevem a 40 mil cabeças. A produção de leite das Holsteins canadenses é mais de duas vezes maior que a das vacas italianas das planícies da Lombardia—a melhor zona de criação da Itália. Não só aumentará consideravelmente a produção de leite como a de queijo para ser vendido no exterior em troca de divisas de que tanto necessita o país.

Os diretores da companhia consideram da maior importância o aumento das importações por parte dos Estados Unidos. «Enquanto não intensificarmos de forma adequada as nossas importações, não poderemos estabelecer em bases sólidas e duradouras as nossas relações de intercâmbio,» declara Ryan. E Stettinius acrescenta: «Exportamos locomotivas e automoveis mas deixamos de exportar a nossa técnica, de que as demais nações necessitam para a expansão das suas economias».

É por isso que a World Commerce se empenha em mandar máquinas e matérias-primas para a Casella, polpa de madeira e carvão para a Snia Viscosa, o melhor gado para a Itália, com a convicção de que, no fim, os Estados Unidos importarão mais corantes da Casella, *rayon* da Snia Viscosa e queijos italianos.

Os planos para o futuro são ainda maiores. Estão em estudos um empréstimo de 15 milhões de dólares às fábricas de tecidos de algodão da Europa ocidental afim de habilitá-las a adquirir algodão nos Estados Unidos; outro, de 20 milhões, para restaurar as estradas de ferro da Espanha, a ser amortizado mediante importações de chumbo, sal, minério de ferro e pirita; e um terceiro, ainda de maior vulto, para o México.

A World Commerce está procurando demonstrar, sobretudo, que o comunismo pode ser contido pela rehabilitação industrial de todos os paises que se encontram fora da Cortina de Ferro. Em todos os casos em que interveio, expandindo a produção e criando empregos, a companhia tem comprovado a sua tese.

O MELHOR AMIGO DO HOMEM

Compilado por Alan Devoe

TODO AQUELE que gosta de cachorros sabe histórias que contaria, se não receasse ser tomado por mentiroso. Felizmente *este* caso tem o testemunho corroborante de moradores de Denver: os que costumam passar pela Avenida Dezoito e que, quase todos os dias, observam com interesse um pacífico ancião canino que vagabundeia por aquela zona e que resolveu, à sua maneira, o problema de atravessar ruas.

A Avenida Dezoito é escoadouro de uma corrente de tráfego tão intenso que só um pedestre muito seguro de si mesmo ousa esgueirar-se por entre ela. Nosso velho amigo não confia em prodígios de agilidade. Ao descer da calçada, encolhe uma das patas dianteiras e avança, coxeando, para o meio da Avenida, com lamentavel dificuldade. Devagar, com muitas vacilações e guinadas, arrasta-se até a calçada oposta, enquanto os veículos, imoveis, esperam respeitosamente. Apenas o comovedor viandante está a salvo e o estrondo do tráfego recomeça, quatro patas caninas se plantam, de novo, no chão, e lá se vai ele às cabriolas, sadio como sempre e alegre como de costume.

—B. C. H.

MARK TWAIN, meu grande perdigueiro ruivo, apoiou-se pesadamente sobre meus joelhos, para induzir-me a dar-lhe uma fatia de presunto. Como nada recebesse, ergueu-se, e cedendo aparentemente a um irresistivel impulso de carinho, atirou as patas e o peito sobre meu regaço. Mesmo assim, nada de presunto.

Estava eu tomando a refeição matinal. A mesa fica ao lado de uma janela que dá para um vasto gramado. Súbito, Twain se empertigou, na atitude imovel que assume quando espreita caça, com os olhos fitos num ponto qualquer, lá fora. Instintivamente voltei a cabeça para ver o que lhe atraira a atenção. Apenas me virei, ele tambem se virou—na direção de meu prato. Surgiu, rápida, uma língua vermelha, e uma fatia de presunto desceu pela goela do meu perdigueiro.

—Rev? W. J. A.

ACONTECEU isto naquele terrivel 23

Ilustração de Diana Thorne, de «*Drawing Dogs*»; Studio Publications Inc., ed.

de outubro de 1947, quando o fogo devastou o condado de York, no Maine. Fôra ordenada a evacuação da vila de Newfield, situada no caminho do gigantesco incêndio. Veloz, passava um caminhão por uma rua que, de um lado, já estava em chamas, quando súbito o chofer viu uma senhora idosa surgir de uma das casas do lado ainda não atingido pelo incêndio. O chofer parou o caminhão, e ajudou-a a subir para o assento dianteiro, onde, encolhendo-se toda, a pobre mulher conseguiu acomodar-se junto a um enorme cão.

A longa viagem, através dos campos desolados, com o fogo a arder de ambos os lados da estrada, foi um verdadeiro suplício. Pode-se imaginar o que sentia aquela senhora que abandonara seu lar e seus haveres à devastação. E o cachorro tambem imaginou—ou pressentiu, ou compreendeu. Enquanto o caminhão se esgueirava por entre muralhas moveis de chamas, voltou-se de repente, fitou-a bem dentros dos olhos, e depois se inclinou delicadamente para farejar-lhe o rosto. Ela sentiu um peso no regaço. Estava o cão a oferecer-lhe uma de suas enormes patas para encorajá-la, naquela situação penosa.

É tudo quanto queria contar-lhes a respeito desse cachorro. Jamais, porem, esquecerei o que a compaixão desse «melhor amigo de uma anciã» significou, aquele dia, para mim—porque eu era a passageira do caminhão.

—G. E. H.

CERTA TARDE, trouxe para casa um cão de caça, que havia passado os primeiros oito meses de sua vida num enorme cercado onde, salvo à hora em que lhe davam de comer, só raramente via criaturas humanas. Era grande, abrutalhado, brabo. Quando, aquela noite, fui chamado a negócio e tive de sair de casa, tranquei-o no porão.

Ao retornar, tarde da noite, abrí a porta dos fundos—e da sombra um peso enorme e rosnante caiu-me sobre o peito. Poderosas mandíbulas aferraram-me o braço que eu, instintivamente, erguera para proteger a garganta. E então uma vozinha infantil chamou: «Quieto, Baby!»

Não tardei a saber que minha filhinha, comovida pelo uivar do animal que estranhava o ambiente de sua prisão, havia trazido um travesseiro e cobertores para a cozinha, e depois soltara o cachorro. Ambos se tinham aconchegado juntos, no chão, para passar a noite.

Eu fôra o intruso. Por isso, quase tive a jugular dilacerada e perdí tambem um cão de caça. Daquele momento em diante, Baby só reconheceu um senhor.

—V. C. V. N.

OS HOMENS são como os vinhos: a idade azeda os maus e apura os bons.

—Cícero

Muitos barcos de pesca dispõem agora de um aparelho que lhes permite ver o fundo do mar...

Pesca milagrosa com o «olho eletrônico»

(Condensado de «Science News Letter»)

Por Don Eddy

GRAÇAS à argúcia de um cientista norueguês, um aparelho eletrônico, que a princípio nada mais era que um auxiliar da navegação, hoje em dia permite aos pescadores, em qualquer parte do mundo, «ver» a sua presa, instantânea e claramente, debaixo d'água, quer faça sol, quer desabe um temporal, entre a névoa ou na noite mais escura.

Tal aparelho, que colocou a Noruega na liderança da pesca científica e presentemente é usado em navios de pesca de muitas nacionalidades, é o DR Bendix (Registrador de Profundidade Bendix). Nos Estados Unidos existem ainda, alem da Bendix, duas outras firmas que fabricam aparelhos semelhantes. Minha experiência pessoal habilita-me a atestar a eficiência de tal aparelho. Alem de mostrar onde se encontram os peixes, indica aproximadamente o número deles, a rapidez e a direção em que seguem e, em muitos casos, a sua espécie.

Certa vez, ao largo dos cabos da Carolina, pude eu observar como o capitão Roy Goodwyn, ao leme do seu barco de rede varredoura, perseguia um cardume de *menhaden*, peixe aparentado com o arenque e que é uma das

variedades comerciais mais apreciadas. Em frente do timão do barco estava uma caixa aproximadamente do tamanho de um rádio portatil. Através da face dessa caixa ia-se desenrolando lentamente um rolo de papel. Esse papel tinha umas linhas verticais que representavam a área submarina à frente e em baixo do barco; linhas horizontais, numeradas, indicavam a profundidade.

À maneira que o navio ia avançando, duas penas desenhavam horizontalmente, através do gráfico, duas linhas quase paralelas. A de cima, correspondia à superfície do oceano, e a de baixo mostrava o perfil irregular do fundo. Entre essas duas linhas, outras penas iam traçando garatujas esquisitas, umas vezes distintas entre si, outras, com mais frequência, em molhos ou novelos. «Esses novelos são os peixes,» disse-me o capitão Goodwyn. E ficou observando o mostrador do aparelho, até que um grande emaranhado de linhas se formou a cerca de 12 metros de profundidade e uns 30 à frente. Dando o sinal à casa das máquinas para reduzir a velocidade, o capitão explicou: «Encontramos um cardume de *menhaden*.»

Até o advento do localizador de peixe, os cardumes eram descobertos por vigias experimentados. Embora estes não pudessem enxergar muito abaixo da superfície do mar, principalmente com mau tempo, o capitão Goodwyn quis ser fiel à tradição e mandou três homens para o cesto da gávea. Continuavam eles a não dar notícia de peixe, muito embora o enorme cardume fosse perfeitamente visivel no gráfico do localizador.

O capitão Goodwyn mandou descer os escaleres com a rede varredoura e foi dirigindo os homens que as tripulavam, até que o cardume ficou completamente cercado. Descida a rede ao fundo, a linha foi puxada, fechando o fundo do saco. Não tardou que 90 mil cintilantes *menhaden* começassem a cair em catadupas da rede para o fundo do porão, destinados a se transformarem em vitaminas, óleos cosméticos, rações de gado e fertilizantes para a agricultura. «Se não fosse esse aparelhinho que o senhor aí vê, tínhamos perdido todo esse peixe,» disse-me o comandante. «Calculo ter pegado com ele, este ano, um milhão de peixes mais do que teria pegado sem ele...»

O localizador de peixe funciona segundo o princípio das ondas sonoras. Há muitos anos que se sabia que o som podia ser ouvido sob a água. O físico francês Dominique François Jean Arago declarou, em 1807, que o som podia ser empregado sob a água para se medir distâncias ou profundidades. Vinte anos mais tarde, um grupo de cientistas que efetuavam experiências no Lago de Genebra, na Suiça, determinou a velocidade do som na água em 1.435 metros por segundo, aproximadamente—ou seja, alem de quatro vezes mais depressa do que no ar. Seria possivel utilizar essa noção para medir a profundidade das águas? Quando, em 1912, o *Titanic* abalroou com um *iceberg* e se afundou com a perda de 1.517 vidas, o protesto clamoroso daí resultante estimulou os homens de ciência a fazerem pesquisas e experiências.

O professor R. A. Fessenden desenvolveu, nos Estados Unidos, um poderoso oscilador capaz de produzir sons de grande intensidade, dentro da água, e um instrumento para converter em medidas de distância a duração da viagem do som. Mas os sons emitidos por esse instrumento se confundiam muito facilmente com ruidos tais como a rebentação das ondas ou o girar das hélices. Os sábios Langevin e Chilowsky, na França, criaram um aparelho para emitir sons tão agudos, que se tornavam inaudiveis para o homem, mas podiam ser registrados por instrumentos especiais de escuta.

Em 1919, o departamento hidrográfico da França captou o som do eco nas águas da Baía de Biscaia. Por volta de 1925 os detectores de ecos estavam prontos para servir na marinha mercante, afim de permitir localizar escolhos e obstáculos. Tais aparelhos são hoje empregados no mundo inteiro como auxiliares da navegação.

Quando em funcionamento, um dispositivo especial, instalado no fundo do navio, emite uma torrente contínua de sons, que se propagam em cone que se vai alargando à proporção que se afastam as ondas sonoras, tal como uma chumbada de caça, e, ao atingirem um corpo sólido, devolvem ao navio um eco definido. Capturado esse eco, o aparelho computa instantaneamente o tempo decorrido desde a emissão do som, traduz esse tempo em distância linear, e calcula as dimensões do objeto, a sua forma e densidade relativa. Certos instrumentos do gênero (alem dos que se fazem nos Estados Unidos, há um na Inglaterra e outro no Canadá) transmitem ao navegador parte dessa informação por meio de piscar de luzes ou de sons de campainha, mas no aparelho Bendix a informação aparece em forma de gráfico, traçada a tinta no papel.

Os primeiros experimentadores destes auxiliares da navegação eram perturbados pelas interferências. Por vezes, em águas profundas, sem que se registrasse a presença de qualquer obstáculo conhecido num raio de vários quilômetros, os sons retrocediam ao encontrar corpos a uma distância relativamente pequena do navio e, ao que parecia, esses corpos estavam em marcha. Tratava-se, sem a menor dúvida, de peixe.

O peixe continuou sendo um elemento perturbador para os navegadores que utilizavam o aparelho detector de ecos, até que um norueguês, o dr. Oscar Sund, já falecido, consultor de pesquisas biológicas do Instituto Norueguês da Pesca, compreendeu que o detector de eco se poderia transformar em um meio muito simples de encontrar mais peixe para matar a fome do mundo. Em 1935 saiu um navio a caminho da zona piscosa de Lofoten, ao largo da costa norte da Noruega. Ia no comando o dr. Gunnar Rollefsen, ajudante do dr. Sund, hoje diretor do Instituto e delegado do seu país junto ao subcomitê das Nações Unidas encarregado de estudar os problemas da pesca no mundo inteiro.

Muito antes de terem atingido os cardumes, o dr. Rollefsen recebeu ecos que ricocheteavam de corpos estranhos, logo acima do fundo do mar, em território supostamente despovoado de peixe. Rollefsen disse: «Creio que se trata de peixe, a 70 ou 80 braças de profundidade!» Os pescadores lançaram as linhas a 75 braças, e pegaram bacalhaus.

Por estranho que pareça, os donos de barcos pesqueiros não se mostraram entusiasmados com a notícia do Instituto, nem mesmo depois que um barco comercial da frota de Vindenes, que partira de Bergen, com uma única pescaria pagou o custo do detector de eco: 10 mil coroas. Essa apatia devia-se em parte ao alto custo do aparelho, mas na maior parte dos casos era sinal do teimoso apego dos pescadores aos métodos de seus avós. Essa resistência desapareceu quase completamente e hoje quase todos os maiores navios da Noruega que se dedicam à pesca do arenque, e mais de metade dos seus bacalhoeiros de alto mar, levam a bordo aparelhos detectores de peixe. Estão-se descobrindo assim novos territórios de pesca, e a colheita anual de arenque e bacalhau da Noruega aumentou já de um terço. O governo norueguês, não obstante sua escassez de dólares, autorizou a exportação de mais 300 mil dólares este ano, para a compra de mais aparelhos DR Bendix.

O instrumento auxiliar de navegação DR Bendix é uma resultante da Segunda Guerra Mundial. Os planejadores militares dos Estados Unidos encomendaram à Bendix Aviation Corporation um tipo portatil de indicadores de profundidade, capazes de funcionar sem ruido e em completa escuridão, em pequenos botes de borracha, afim de descobrir os campos de minas marítimas ao longo do litoral inimigo, e para levantar mapas dos portos inimigos como preparativo de invasão. Uma vez que os sinais luminosos e sonoros estavam fora de consideração, os sábios da eletrônica criaram o método gráfico, e os DR Bendix precederam as tropas de invasão em muitos pontos de desembarque. Não se consentiu que chegasse aos ouvidos do público nem um murmúrio da sua existência, até que em 1944 a marinha de guerra dos Estados Unidos, considerando muito importantes para o fomento da alimentação mundial as capacidades detectoras de peixe desse aparelho, destacou um caça-submarinos para tomar parte em experiências ao longo da costa do Pacífico. O caça-submarinos explorou águas onde se desconhecia por completo a existência de peixe—e por todos os lados encontrou pesca. Logo depois da guerra, barcos de pesca começaram a instalar DR Bendix.

O comandante de um barco-pesqueiro canadense recentemente ficou louco de raiva quando o seu novo aparelho detector de peixe não ficou instalado a tempo de ele poder zarpar em companhia do resto da flotilha. Saindo do porto com uma hora de atraso, ia ele singrando na esteira dos outros navios, quando o engenheiro da Bendix, que estava a bordo na qualidade de observador, percebeu

uma grande concentração de peixe logo à vante. «Não pode ser!» contrariou o capitão. «Pois se todos os barcos da flotilha já passaram por aquí, por cima deles!» Mas o homem da Bendix o persuadiu a lançar as redes,—e muito antes da noite o navio estava de retorno à doca, com o porão atulhado de arenque.

Na primavera passada, muito embora nenhum pescador houvesse suspeitado sequer da presença de peixe no local, primeiro barco cubano equipado com o aparelho detector eletrônico pegou muitas toneladas de peixe no porto de Havana. Tão impressionado ficou o governo cubano, que consignou imediatamente fundos especiais para equipar os sessenta maiores barcos pesqueiros da nação. Resultado: o cruzeiro médio dos barcos de pesca baixou de 25 para 15 dias, e a colheita média quase dobrou. A indústria vem adaptando o localizador de peixes a toda sorte de trabalhos. Quatro grandes companhias de petróleo que exploram o Golfo do México e o Lago Maracaibo, na Venezuela, usam o DR Bendix para registrar as mais ligeiras ondulações do fundo, do golfo e do lago, as quais podem indicar a existência de depósitos de petróleo.

Um DR custa aproximadamente de Cr$20.000 a Cr$50.000, conforme seu tamanho e alcance. A procura é tremenda por parte dos que pescam por prazer, mas a Bendix resolveu reservar quase toda a sua produção aos pescadores comerciais, na convicção de que esse assombroso aparelho se deve concentrar na tarefa tão importante de arrancar mais comida para a humanidade, das quase inexhauriveis reservas do mar.

O ROMANCISTA francês Honoré de Balzac sabia apreciar as boas coisas da vida. Quando um velho tio, usurário, lhe deixou em testamento uma pequena fortuna, Balzac participou o acontecimento aos amigos nos seguintes termos: «Ontem, às 5 da manhã, meu tio e eu trocamos esta vida por outra melhor.»

—Eddo Galassi, citado em *Storia*

O PÁROCO de uma igreja no Estado de Connecticut fez um sermão especial no Estado de Vermont, onde estava passando as suas férias. Recebeu, depois, de um dos fiéis, lacônico como geralmente o são os habitantes de Vermont, o maior elogio de toda a sua vida sacerdotal. O homem apertou-lhe a mão e, sorrindo, disse com afabilidade: «Não conseguí dormir enquanto o ouvia.»

—Kenneth M. Swezey

SALOMÕES INFANTÍS

TODOS os domingos de tarde, cinco crianças precoces do programa «Tribunal Infantil» fazem com que os ouvintes de rádio, nos Estados Unidos, dêem gostosas gargalhadas. Essas crianças, de cinco a doze anos de idade, apresentam, de improviso, soluções engraçadíssimas aos vários problemas enviados pelo correio por pais desanimados, ou propostos diretamente no auditório por outros pirralhos. Aquí vão alguns exemplos:

«MEU FILHINHO não quer lavar as mãos e o rosto quando se levanta e quando vai dormir porque acha que é um esforço duplo e, portanto, desnecessário.»

«Faça com que ele lave uma das mãos e um lado do rosto de manhã e a outra mão e o outro lado do rosto de noite.»

«A AMA-SECA que contrato por hora para olhar as crianças come tudo o que encontra na geladeira.»

«Só deixe na geladeira latas de conserva e quando sair leve o abridor de latas.»

«TODAS as noites tenho que me levantar várias vezes para levar copos e copos d'água a minha filhinha, que está sempre com sede. Que fazer?»

«Deixe ela dormir na banheira.»

«SEMPRE que mando meu filho fazer uma compra ou dar um recado, ele se perde. Que me aconselha?»

«Deixe que ele se perca. Lembre-se do que aconteceu a Cristovão Colombo quando ele se perdeu.»

«RECEIO que as outras crianças caçoem de mim, ao me virem ir para a aula de dança, com calções de veludo e sapatos de verniz. Mas não posso mudar a roupa lá porque não há lugar nenhum.»

«O quê! Nem um banheiro? Então pode contar com um problema muito maior do que esse.»

UMA SENHORA queixou-se de que seu filhinho, que fôra submetido a uma operação de amígdalas, estava cobrando três centavos aos garotos da vizinhança para mostrar-lhes a garganta sem amígdalas. «Como impedí-lo de fazer isso?» perguntou ela.

«Ora, é facil. Faça com que ele coma alho durante alguns dias.»

MUITAS vezes as perguntas feitas pelos garotos são mais curiosas que as respostas. Por exemplo:

«Por que é que mamãe faz com que eu vá para a cama todas as noites quando estou acordada e me tira da cama todas as manhãs, quando estou dormindo?»

Enquanto as demais seções desta empresa rendem lucros, o Departamento de Relações Cristãs segue rumo independente, auxiliando os aflitos.

Vice-Presidente, encarregado de fazer o bem

(*Condensado de «The Kiwanis Magazine»*)
Por T. E. Murphy

NO ANO passado, um réu em julgamento por crime passivel de pena de morte escreveu para um fabricante de sapatos de borracha, em Bristol, no Estado de Rhode Island, dizendo-se vítima de uma trama e pedindo ajuda.

Quase no mesmo dia, um jovem de uma fazenda do interior escrevia ao mesmo fabricante: «Conseguí uma bolsa de estudos para um ótimo colégio particular, mas a única roupa que possuo é um macacão já gasto.»

Decorridas três semanas, o réu era absolvido da acusação de homicídio e o jovem da fazenda dispunha de indumentária completa, dos pés à cabeça.

Esses são apenas dois entre centenas de casos quase mágicos que se devem a Maurice C. Smith e a seu irmão, William H. Smith, proprietários e diretores da Bristol Manufacturing Corporation. Os Smith acreditam que os problemas alheios tambem os afetam. Todos os dias, chegam-lhes cartas provenientes de todos os quadrantes do globo. Na maioria, os pedidos são apenas de orientação e conselhos, mas alguns pedem auxílio material. Um clérigo, de 91 anos de idade, precisa de um par de sapatos. Um penitenciário precisa de uma máquina de escrever para aproveitar o seu dom literário. Uma senhora idosa precisa de dinheiro para uma operação de catarata. Os que merecem, obtêm aquilo de que precisam. Todas as cartas são devidamente examinadas.

Essa fantástica obra de altruismo teve início há dois anos, quando William Smith procurou o irmão, presidente da firma. «Só pensamos em lucro,» disse ele. «Façamos alguma coisa completamente altruista. Fundemos uma seção dedicada exclusivamente a fazer o bem.»

«Vou pedir a Deus que nos ajude,» respondeu Maurice.

Poucos dias mais tarde, Maurice consultava o rev°. dr. Dale D. Dutton,

pastor da Igreja Batista Central, de Providence. «O senhor gostaria de ter um cargo em que pudesse condenar o mal, propugnar o bem e agir como lhe parecesse melhor?»

«Que pastor não gostaria?» respondeu Dutton prontamente.

Dalí a poucas semanas, o dr. Dutton era nomeado vice-presidente da Bristol Manufacturing Corporation, encarregado do Departamento de Relações Cristãs. «Saia a praticar o bem,» foi só o que Smith lhe disse. «Aceite ordens somente de Deus.»

Durante os dois últimos anos, o dr. Dutton tem percorrido o país, aconselhando e socorrendo os necessitados e realizando obras pias, segundo a propria consciência. Sua paróquia é o país inteiro. Numa semana, poderá estar em Dallas, pedindo auxílio para a campanha em prol dos necessitados; na seguinte, poderá ir a Chicago, para falar com um homem que está a ponto de abandonar a esposa e os dois filhos.

Quando lhes perguntam sobre a obra do dr. Dutton, os irmãos Smith dão de ombros. «Não sabemos. Não damos as ordens, Afinal de contas, ele não trabalha para *nós*.»

Milhares de cartas são encaminhadas ao Dr. Dutton todas as semanas. Somente durante os quatro meses iniciais, os pedidos de dinheiro somaram mais de um milhão de dólares. Pedidos recebidos de pessoas desequilibradas ou de espertalhões podem ser identificados rápida e facilmente. Todos os demais apelos são cuidadosamente considerados: o convalescente de tuberculose que tem de encontrar trabalho leve, o veterano de guerra que precisa de um tipo especial de cadeira de rodas, a paciente de um hospital de alienados que poderá obter alta desde que lhe seja encontrado um lar.

Uma professora do Kentucky escreveu que as crianças de sua escola eram muito pobres para comprar galochas. Inclusas na carta havia folhas de papel em que estavam meticulosamente traçados moldes dos pés de todos os alunos. O departamento do dr. Dutton doou-lhe 21 pares de galochas.

O Departamento de Relações Cristãs foi inicialmente alvo de muitas criticas. Mas os críticos já se calaram. E, dessa experiência, uma grande verdade surgiu para Maurice Smith. «Descobrí,» diz ele, «que são inúmeros os casos de pessoas às voltas com problemas que seriam facilmente resolvidos por outros, se estes estivessem suficientemente interessados em ouvir e em aconselhar.»

O proprietário de uma pequena loja do centro do país escreveu que estava caminhando para a falência porque seus métodos comerciais eram inadequados. Smith passou um telegrama para um comerciante das adjacências, seu representante, o qual deu conselhos que sanaram a dificuldade do lojista. Um caixa que cometera um desfalque e estava quase alucinado de remorso, foi persuadido a confessar o peculato. Os patrões deram-lhe ensejo de restituir a importância subtraida.

Aqueles que conhecem os antecedentes de Maurice Smith não se surpreendem com essa aventura quixotesca. Há dezesseis anos, Smith era superintendente da maior fábrica de Bristol. Os donos, que não moravam naquela cidade, mandaram fechar a fábrica, lançando milhares de pessoas ao desemprego. Ofereceram a Smith um emprego em outro lugar, mas ele recusou. «Sentí responsabilidade perante aquela gente com quem trabalhara tanto tempo.»

Ele foi de porta em porta, angariando fundos para iniciar um novo empreendimento, uma fábrica de sapatos de borracha. A soma que reuniu foi desalentadoramente pequena. Smith estava prestes a desistir, quando ouviu um sermão na Igreja Batista do Calvário, em Providence. O total dos desempregados aumentava dia a dia e o pastor clamou: «Qualquer homem que tenha capacidade para organizar um negócio e criar empregos para seus semelhantes está faltando ao seu dever se não o fizer.»

Maurice Smith diz: «Aquela mensagem parecia dirigida a mim.» No dia seguinte, pediu dinheiro emprestado à progenitora, na maior parte proveniente do seguro que o pai deixara ao falecer. Começou então a árdua tarefa.

Smith desenhou o calçado, servindo ainda de químico-chefe e de gerente de vendas. Durante dois anos, ele, a esposa e os três filhos alimentaram-se por 6 dólares semanais. Nunca sacou mais de 15 dólares de sua conta corrente.

O mesmo espírito manifestou-se entre os operários. Certo dia, quando chegou um carregamento de borracha crua, de que havia grande necessidade, Smith achava-se ausente. O chofer do caminhão disse a Tony Arruda, um dos principais esteios de Smith: «Temos de receber 300 dólares em dinheiro, ou levar de volta o material.»

Tony reuniu um dolar aquí, cinco alí, entre seus amigos na fábrica, e a borracha não voltou.

Gradualmente, a companhia se estabeleceu em bases mais sólidas, até que, hoje em dia, dá trabalho a 800 operários. Jamais se registrou greve ou séria disputa trabalhista entre eles. Grande percentagem é constituida de católicos, de ascendência portuguesa. Alguns se mostraram desconfiados, a princípio. Estaria o dr. Dutton procurando catequizá-los?

«Se Smith é o animador, não se preocupem,» disse-lhes o padre católico da localidade.

Poucas semanas depois de iniciada a obra do Departamento de Relações Cristãs, a Fundação Nacional contra a Paralisia Infantil escreveu para Bristol: «As vítimas da poliomielite, com um pé afetado, têm de comprar dois pares de sapatos de cada vez. Vítimas de amputações têm de comprar dois sapatos, embora só precisem de um. Haverá alguma solução?»

Os Smith encontraram-na. Fundaram a Benefit Shoe Foundation, sociedade beneficente. Enormes estoques de calçados foram adquiridos

a outros fabricantes. As vítimas de poliomielite e das amputações foram informadas de que podiam comprar sapatos desirmanados a preços inferiores aos de custo. Os irmãos Smith cobrem, do próprio bolso, os prejuizos sofridos pela entidade.

Tanto Maurice Smith como o dr. Dutton admitem que é impossivel atender a todos os pedidos ou ser bem sucedido em todos os casos. Mas acreditam que a experiência poderia ser o início dum grande movimento.

«Depois de 20 anos de púlpito,» diz o dr. Dutton, «estou convencido de que, para sustar a maré sempre crescente do paganismo, os eclesiásticos devem abandonar, muitas vezes, a sua posição para ir ao encontro dos casos que a vida real apresenta.»

Maurice Smith não faz segredo do fato de que acha que o dr. Dutton tem o melhor cargo da companhia. «Nada me agradaria mais do que uma oportunidade para fazer o mesmo.»

Lógica feminina

UMA SENHORA queixou-se na garage de que o carro estava gastando gasolina demais. O empregado, avistando o acelerador de mão inteiramente aberto, no painel dos instrumentos, perguntou-lhe:

—A senhora sabe para que serve esse botão?

—Ah, esse botão, respondeu a motorista, com certa displicência, —como eu nunca o uso, mantenho-o sempre puxado para pendurar nele a minha bolsa.

—Abbie M. Mercier

NO BALCÃO de perfumes de uma loja em Hollywood, a vendedora insistia com a freguesa:

—Veja que fragrância deliciosa. Asseguro-lhe que, com este, a senhora não pode errar.

—É estranho, disse a freguesa, —em geral, os anúncios de perfumes dizem precisamente o contrário.

—Fred S. Fox

UMA JOVEM parou no balcão de uma loja afim de apreciar a exposição de um novo preparado para o belo. Como que pesando na mão um dos comprimidos, perguntou, com interesse:

—Quantos destes eu precisaria tomar para ficar com o cabelo ondulado?

—Elizabeth Clarkson Zwart, no *Tribune*, de Des Moines, Iowa.

INSTANTÂNEOS PESSOAIS

AS ENFERMIDADES que atormentaram os últimos anos de John Barrymore restringiram-lhe consideravelmente as atividades habituais. Só lhe era permitido comer ou beber em doses mínimas, e não podia fazer o menor esforço.

Certa vez, depois de servir-lhe o insignificante jantar de costume, a enfermeira perguntou-lhe:

—O senhor deseja mais alguma coisa?

—Sim, creio que sim, respondeu o ator. —Você pode me trazer um selo? Acho que vou ler um pouco.

—Donald Peterson, em *Coronet*

UM DIA, durante uma viagem de trem, James Whitcomb Riley foi severamente repreendido pelo condutor por ter cometido, involuntariamente, uma pequena infração das normas da companhia.

—Você não vai dar-lhe uma boa resposta? inquiriu exaltado, o amigo que o acompanhava. —Nem ao menos dar parte deste homem à companhia?

—Não, respondeu Riley. —Para mim, o assunto está encerrado. Se este desagradavel indivíduo pode aturar-se, a si próprio, durante toda a vida, por que não hei-de aturá-lo por uns poucos minutos?

—*The Christian Science Monitor*

FIORELLO LA GUARDIA, quando prefeito de Nova York, chegou ao seu gabinete, certa manhã, sem a menor noção do que seria o programa do dia. Cabia-lhe, como primeira tarefa, dar as boas-vindas a três membros da Comissão de Compras da União Soviética.

Sem dar-lhe tempo para respirar sequer, a secretária introduziu na sala três cavalheiros, perfeitamente barbeados, de unhas manicuradas, impecavelmente trajados, com calças listradas e polainas. Ao mesmo tempo, com precisão militar, curvaram-se os três, polidamente, ante o prefeito. La Guardia pareceu ficar momentaneamente ofuscado pelo esplendor dos visitantes. Depois, olhou para o seu próprio terno —surrado, com as calças frouxas, sem vinco, os punhos roidos da camisa. Um sorriso iluminou-lhe o rosto. «Senhores,» disse ele, estendendo-lhes a mão, «eu represento o proletariado!»

—James C. G. Conniff, em *Victorian Magazine*

ROBERT SHERWOOD, ilustre escritor e autor teatral, tem a altura espetacular de 2 metros. Quando perguntaram ao falecido Robert Benchley se o conhecia, o popular humorista imediatamente subiu numa cadeira, estendeu a mão sobre uma cabeça imaginária e respondeu: «Se o conheço! Claro! Conheço-o desde quando ele era deste tamanho!»

—Collie Small, em *Collier's*

DURANTE A GUERRA, eu vendia cosméticos numa loja elegante de Washington. Devido à falta de empregadas, tive de trabalhar até o sétimo mês de gravidez.

Numa tarde de sábado, as freguesas estavam excepcionalmente dificeis de contentar. Uma estrela do cinema, sobretudo, disse-me várias coisas desagradaveis, só porque não tínhamos mais em estoque o seu perfume predileto. Aproveitando uma pequena trégua, depois que ela saiu, tratei, ainda que exhausta, de pôr em ordem os meus mostruários. Mal havia subido numa escada quando ouví alguem dirigir-me a palavra num tom afetuoso e solícito: «Meu bem, você não devia estar fazendo todo esse esforço. Você precisa ter cuidado.» Sentí que meus olhos se enchiam de lágrimas. Volteime lentamente e avistei o rosto suave e bondoso de Eleanor Roosevelt.

—Margaret Crowley Masheter

A ÚNICA VEZ em que vi o general George S. Patton ficar sem saber o que dizer, foi durante as manobras de 1942, no deserto do sul da Califórnia. Patton corria num *jeep* por uma estrada, a grande velocidade, quando bradou subitamente para o motorista: «Pare!» Pulou do carro e correu para um poste telefônico. No alto do poste, estava um rapaz, de caqui surrado, sem quepi e com a túnica aberta, tentando consertar um fio. «Desça!» rugiu Patton.

O rapaz olhou para baixo, para o general impecavelmente uniformizado. «Estou ocupado,» respondeu.

Patton só faltou subir no poste. Mal contendo o acesso de fúria, repetiu a ordem. O rapaz encolheu os ombros e acabou descendo. Mas, horror dos horrores, não fez continência. As veias da testa do general pareciam prestes a rebentar enquanto verberava o rapaz pelo estado das calças, pelas botinas por engraxar, pela túnica desabotoada.

Finalmente, no auge da exaltação, concluiu: «Você é uma vergonha para minha divisão. Não posso tolerar uma coisa dessas. Dê-me o seu nome e o da sua companhia!»

Era a primeira oportunidade que o rapaz tinha de falar. Encarou o general firmemente e disse: «Meu nome é Joe Johnson. Minha companhia é a Southern California Telephone Company. E o senhor pode muito bem ir plantar batatas!»

—Bob Considine (INS)

POR OCASIÃO de uma visita que fizeram a Londres, o rei Haakon, a rainha e o príncipe herdeiro Olav da Noruega compareceràm a um concerto da Corte. À soprano que se exibia, faltava tanto afinamento quanto lhe sobrava volume de voz. Durante um intervalo do concerto, o pequeno príncipe curvou-se ao ouvido do pai e perguntou:

—Papai, é verdade que ela costuma cantar na prisão, para os sentenciados?

—É sim, meu filho, respondeu o rei. —E lembre-se disso toda vez que você se sentir tentado a fazer alguma coisa errada!

—Henrik Aubert

Perigoso veneno se oculta nessas belas lâmpadas

Cuidado com os tubos fluorescentes quebrados!

Por Laird S. Goldsborough

CENTENAS de milhões de tubos fluorescentes estão sendo usados atualmente em fábricas, lojas, escritórios e residências em todos os paises. Essas roliças e luzidias lâmpadas continuarão, certamente, a ser usadas no futuro. Dão mais luz, consomem menos eletricidade e têm vida longuíssima. Entretanto, como contêm uma substância altamente venenosa, poderão, quando quebradas, afetar seriamente a pessoa que as manusear sem a devida cautela. É tal o perigo que oferecem que a Associação Internacional de Chefes de Corpos de Bombeiros publicou recentemente um folheto com o seguinte título: «As Lâmpadas Fluorescentes Contêm Uma Substância Extremamente Venenosa». Os agentes das companhias de seguros dos Estados Unidos e Canadá estão recebendo circulares das respectivas empresas recomendandolhes que alertem toda dona de casa para esse perigo. O Departamento de Limpeza Pública de Nova York ordenou aos lixeiros que separassem as lâmpadas fluorescentes que encontrassem, para serem submetidas a um tratamento especial. São atiradas em terreno lamacento e esmagadas por pesados *bulldozers*. A Marinha dos Estados Unidos obriga os seus homens a usar luvas e óculos de proteção para retirar as lâmpadas estragadas e destruí-las.

Não há nenhuma advertência impressa no envólucro das lâmpadas fluorescentes que compramos. Deveria haver. Faz três anos que a Westinghouse, a General Electric, a Sylvania e outros grandes fabricantes de lâmpadas fluorescentes começaram a recomendar uma série de precauções aos estabelecimentos industriais. Tais recomendações, porem, ainda não chegaram às donas de casa. Os perigos não estão circunscritos à indústria. Nos Estados Unidos, cerca de 20 por cento das casas particulares que usam eletricidade têm uma ou mais lâmpadas fluorescentes.

Não poderia ter passado pela cabeça de nenhum técnico que as lâmpadas gastas pudessem vir a ser usadas como lanças, sabres para esgrima ou para bater na bola de basebol. Entretanto, é o uso que muitas crianças lhes têm

dado. Em artigo no *Journal of Industrial Hygiene and Toxicology*, três cientistas do Huntington Hospital, da Universidade de Harvard, estudaram recentemente um caso típico. «Um menino de 12 anos apareceu com pequenos pontos inchados e indolores à volta do queixo. Três meses antes, estivera brincando com outros companheiros num terreno baldio onde haviam encontrado alguns tubos velhos de luz fluorescente. Um dos meninos, achando que seriam excelentes para jogar basebol, rebateu uma garrafa com um deles. O tubo partiu-se e alguns estilhaços alcançaram o companheiro no lado direito do pescoço. O médico retirou os pedaços de vidro, limpou e suturou a ferida.» Entretanto, três meses depois, o ferimento, apesar de dar sinais de cicatrização, continuava a apresentar um aspecto estranho. «Cicatrizes espessas se foram formando. Debaixo de cada uma, sentia-se a presença de uma espécie de quisto. Impôs-se uma intervenção cirúrgica.» Dois meses depois da operação, o menino voltou ao hospital com a mesma manifestação no rosto. Nova intervenção teve de ser feita.

Em Union City, no Estado de Nova Jersey, outro menino, que gostava de brincar de *cow-boy*, tropeçou e caiu quando empunhava uma lâmpada fluorescente, a qual se lhe espatifou nas mãos. Recebeu seis pontos no talho da mão direita e dois no da esquerda. Seguiram-se curativos e outros tratamentos que não conseguiram curá-lo. Há esperança de que o menino venha a sarar completamente, por meio da cirurgia plástica. Os funcionários do serviço de saude pública de Nova Jersey fornecem instruções especiais sobre o tratamento de casos semelhantes. Segundo o dr. Harrison S. Martland, médico oficial do Condado de Essex, os ferimentos devem ser lavados imediata e cuidadosamente com uma solução antisséptica e a observação mais cuidadosa deve ser mantida afim de notar qualquer sintoma de infecção profunda. Caso esta se manifeste, não restará outro recurso senão a remoção cirúrgica de todo o tecido infectado.

Quando os suportes da lâmpada estão frouxos ou defeituosos, o tubo fluorescente pode cair no chão e partir-se espalhando fósforo em pó. Para esses casos, a Associação Internacional de Chefes de Corpos de Bombeiros dá os seguintes conselhos oportunos às donas de casa: «Não remova os cacos com a mão. A primeira coisa a fazer é sair da sala e esperar que o pó assente no chão. Depois, recolha os cacos com uma pá de lixo e uma escova. De preferência, molhe o local antes de varrê-lo. Passe ainda no chão um pano molhado que deverá ser jogado fora logo depois.»

Qual a causa do perigo? As lâmpadas, afim de produzirem a radiação fluorescente, contêm compostos fosfóricos com certa quantidade de glucínio. A cicatrização lenta dos ferimentos (naturalmente, nem todos os que se cortam com tubos fluorescentes apresentam os mesmos sintomas) é atribuida pelos cientistas à presença do glucínio.

Em Washington foi constituido há poucos meses um Comitê Médico Consultor sobre Glucínio, presidido pelo dr. J. G. Townsend, do Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos, e com a participação de médicos da Westinghouse, General Electric e Sylvania. Depois de discussões amistosas, as três grandes companhias aquiesceram em suspender o emprego do glucínio na fabricação de suas lâmpadas fluorescentes. Os estoques existentes, porem, continuarão a ser vendidos ao público. Os peritos declaram não saber, ainda, qual o sucedâneo a ser empregado. Segundo um funcionário do Departamento de Saude de Nova York, tal sucedâneo tem sido descrito como um «halo-fósforo», termo que em química, nada define.

Uma vez que os novos tubos poderão ainda conter elementos venenosos, o Comitê Médico sobre Glucínio aconselha que as precauções anteriores no manuseio de tubos fluorescentes sejam mantidas até nova ordem.

Nunca ponha lâmpadas fluorescentes num incinerador porque o fogo não destrói o veneno. Não permita que crianças as toquem, sequer. Nunca as misture com o lixo comum.

Quando intactas, não apresentam o menor perigo e oferecem vantagens notaveis. Uma lâmpada comum, de filamento, tem como máximo de vida mil horas. As fluorescentes dão, em geral, mais de duas mil horas de uso e alguns tipos aperfeiçoados resistem até 8.500 horas. Isso significa que, numa cozinha moderna, por exemplo, a dona da casa poderá passar cinco anos sem precisar substituir as lâmpadas. Oferecem, ainda, vantagens inestimaveis ao comércio. Sob a sua luz, os casacos de pele parecem mais belos e sedosos. E o mesmo acontece com os cristais, brilhantes e outros artigos de luxo. Os fregueses de restaurantes ficam encantados de parecerem mais jovens e saudaveis sob os raios fluorescentes.

Mas trate como um verdadeiro veneno as lâmpadas que estiverem fora dos suportes.

Juizo crítico

Fui visitar a Galeria Nacional de Arte, de Washington, em companhia do meu irmão, ex-combatente da última guerra. Ambos admiramos o belo quadro de Renoir representando Diana nua e o cervo que acabava de matar. Passei adiante, mas meu irmão continuou imovel, pensativo, em frente à Diana. Fiquei um tanto encabulada, com receio de que os demais visitantes notassem a insistência com que admirava o nu. Finalmente, voltou-se para mim e comentou, muito sério: «Você sabe duma coisa: aquela flecha nunca poderia ter matado aquele animal.»

—Loris Troup

A extraordinária história de Sam Bober

A americanização de um mujique

(Condensado de «Prairie Schooner»)

Por Paul Friggens

NUMA TRANQUILA manhã de junho, há 45 anos, a aldeia de Borzova, na Rússia, alvoroçou-se com a chegada de um antigo pintor de construções civís que alí residira e que antes emigrara para os Estados Unidos. Voltava agora, calçando sapatos de couro e envergando um bem talhado terno de lã e uma preciosa camisa branca. O homem falou para as gentes boquiabertas das maravilhas inacreditaveis que vira: camponeses morando em «palácios» de três e quatro cômodos, banheiros onde água quente e fria por artes mágicas jorrava das torneiras; escolas gratuitas. O emigrante rematou a sua fabulosa narrativa com a surpresa máxima, incrivel: «Um dia entrei numa fila para apertar a mão do presidente dos Estados Unidos!»

Sabedora dessa escandalosa mentira, a polícia meteu o pintor no xadrez, sob a acusação de incitar os súditos do czar todo-poderoso à subversão das coisas russas. Mas essas histórias de encantar não tinham caido em orelhas moucas. Sam Bober, menino de 12 anos, de cabeleira emaranhada e pés descalços, ficou noites e noites seguidas sem poder pregar olho, no seu catre de palha, remoendo o que ouvira da boca do pintor, sonhando com aquela América maravilhosa.

Os tempos corriam dificeis para os Bobers de Borzova. Benjamim, pai da família, arrancava penosamente o pão para os filhos, cultivando um pequeno pedaço de terra. Como não havia então escolas para os pobres, ele, com tremendo sacrifício, juntava 25 rublos por ano para pagar os estudos de hebraico e assuntos bíblicos de seu filho Sam. Passado pouco tempo, já Sam caminhava uma boa légua até uma aldeia vizinha, para ensinar outras crianças a ler e a escrever. Sobrevieram então os pogrons, as matanças de judeus.

Uma noite, alguem veio despertar os Bobers e os aconselhou a se refugiarem na sinagoga local. As portas do templo judeu, mais fortes que

as outras, resistiram; mas muitas das casas da aldeia foram deixadas em ruinas. Depois dessa noite de terror, Sam persuadiu a família a fugir para os Estados Unidos.

Levaram muito tempo a economizar dinheiro para a viagem, até que finalmente juntaram o suficiente para a passagem do pai, que seria o primeiro a partir. O homem conseguiu chegar a St. Louis, no Missuri, onde arranjou trabalho numa estrada de ferro, como limpador de carros Pullman. Dois anos depois, em 1906, já ele tinha economizado o bastante do seu modesto salário de 40 dólares por mês, para mandar vir a mulher e os quatro filhos para junto de si; Sam, que era o mais velho, tinha agora 15 anos.

Na Rússia, mesmo nessa época, ninguem tinha o direito de deixar a comunidade a que pertencia. Hannah Bober teve que utilizar os serviços de um «subornador» profissional, para poder atravessar com a família a fronteira da Rumânia, a quase 50 quilômetros de distância da aldeia. Viajando somente à noite, a família conseguiu, no terceiro dia, chegar em segredo a uma fazenda, onde Sam se apaixonou à primeira vista por uma pequena de olhos negros, Rose Stolar, a quem ele falou em termos exuberantes do seu sonho da América. Ao escurecer, os namorados se separaram e os Bobers conseguiram atravessar o rio Prut, após subornar os guardas de ambas as margens.

Transpuseram depois o Atlântico encurralados em um porão fétido, onde se alimentavam de arenque, ameixas secas e pão bolorento. Na manhã do nono dia de viagem o vapor passou em frente da Estátua da Liberdade. O pai os esperava em St. Louis, onde alugara apartamento no terceiro andar de um sobrado na Biddle Street, rua em que o ar estava sempre cheio de fuligem. Os Bobers não puderam lobrigar o sol durante semanas e semanas seguidas, através daquela fumaça densa, mas apesar disso aquela rua era para eles o cantinho mais belo do mundo.

Sam encontrou trabalho, sem demora, em uma fábrica de biscoitos, a três dólares por semana, e matriculou-se na escola noturna. Voltou para casa transbordante de alegria: «Mamãe, imagine só, eles me aceitaram na escola!» bradou ele.

Aos sábados à noite os Bobers alugavam uma toalha e um sabão por três centavos, e entravam na fila para a grande festa da semana—uma esfregação em regra na casa de banhos públicos. Aos domingos Sam começou a relacionar-se com outros rapazes que encontrava nos parques da cidade. De princípio, caçoavam dele porque tinha as pernas curtas e falava um inglês atrapalhado, mas em breve estavam todos amigos e ele organizou o clube de esportes dos rapazes de Biddle Street.

Mais adiante, Sam conseguiu um emprego melhor, numa empresa gráfica, e descobriu que nos Estados Unidos era possivel ter-se um emprego que pagasse mais do que o estrita-

mente indispensavel para viver. Ao fim de quatro anos, havia economizado o bastante para o luxo de umas férias de dez dias nas montanhas. Foi essa jornada que o lançou na carreira que havia de lhe absorver o resto da vida.

Na escola noturna ele havia lido uma passagem de Jefferson que rezava assim: «Aquele que consegue duplicar o seu alimento merece um lugar logo abaixo do Criador.» Vendo com seus próprios olhos um retalho da natureza americana, Sam sentiu palpitar no íntimo o amor profundo à terra. Regressou logo a St. Louis e meteu-se na biblioteca pública para estudar os programas das escolas agrícolas. Mas faltava-lhe dinheiro e crédito necessários para se matricular em qualquer das melhores escolas: inscreveu-se então para fazer um curso de um ano em um pequeno colégio. Todas as manhãs pulava da cama às cinco para as pequenas tarefas domésticas, trabalhava oito horas no campo e nos celeiros e passava duas horas nas aulas.

Conseguiu assim arranjar trabalho em uma fazenda de Indiana, onde o encarregaram de dar de comer ao gado. Bober queria engordar os porcos à sua maneira; o administrador teimava nos processos que lhe eram familiares. Resolveram repartir os cevados em duas varas iguais—que passaram a ser alimentadas cada uma segundo o critério do respectivo encarregado. No fim, Sam arrecadou mais 300 dólares que o administrador; por isso o dono da fazenda o convidou a deixar o barracão para morar na casa grande da fazenda um casarão de 10 cômodos. Sam não cabia em si de contente.

No inverno seguinte, Sam entrou na Escola Agrícola do Míchigan, para estudar pastagens e rações de gado. Depois pediu emprego como administrador duma fazenda pecuária em Montana. O dono da estância, um tal Joseph Riley, irlandês grandalhão e que falava sem rebuços, relanceou os olhos àquele homenzinho de pernas curtas, e esteve vai-não-vai para mandá-lo trabalhar no preparo da carne. Mas os olhos expressivos e suplicantes de Sam o fizeram mudar de intenção. Entregou-lhe um revolver, e disse-lhe que tivesse cuidado com os *bohunks*, vaqueiros de espirito desordeiro que costumavam embriagar-se aos sábados à noite.

Essa fôra a grande oportunidade de Sam. Ele guardou a pistola, e comprou uma vitrola para o barracão. Havia na estância vaqueiros de várias nacionalidades, e Sam tocava para eles as canções nacionais preferidas de cada um—marchas alemãs, romanzas italianas, polcas de Boêmia. Conversavam da vida na América, comparando-a à dos seus paises de origem. Sam encomendou livros sobre os Estados Unidos, para ler àqueles homens rudes durante os interminaveis serões de inverno.

Quando Joseph Riley morreu, dois anos depois, o rancho foi vendido, e Sam Bober juntou-se aos colonos que acudiam a ocupar as últimas terras livres oferecidas pelo governo. Conseguiu arranjar assim 65 hectares a uns 8 quilômetros de distância da cidadezinha de Newell, em South Dakota, nas pradarias varridas pelo vento. Ergueu uma cabana forrada de papel alcatroado e cavou um poço. Custava dinheiro levantar cercas e melhorar a terra, de modo que o jovem imigrante decidiu ir trabalhar na estação experimental agrícola que o governo mantinha em Newell. Em 1916 já havia poupado dinheiro de sobra para voltar a St. Louis e casar-se com Rose Stolar, que acabara vindo com a família para a América, na esteira dos Bobers.

Sam e a esposa meteram-se a caminho através das pradarias de South Dakota, aos solavancos de uma *charrette* nova, e por fim lá chegaram em frente à cabana de papel alcatroado». Aquí estamos!» exclamou Sam, jubilante. «Aquí onde?» choramingou Rose. Não se enxergava uma casa nem viv'alma muitos quilômetros em redor.

Mas, na manhã seguinte, Rose acordou ao som de uma voz de mulher que cantava lá fora: uma vizinha atenciosa viera até alí no seu carro, para cumprimentar os recem-casados. Um pouco mais tarde chegou outro vizinho, trazendo uma porção de carne, e explicou: «Abatemos agorinha mesmo.»

Os Estados Unidos estavam agora em guerra. Sam ainda tentou alistar-se mas foi rejeitado por ter as pernas tão curtas. Não podendo combater, resolveu consagrar-se ao incremento da produção de gêneros alimentícios. Percorreu as planícies para organizar o primeiro Escritório Agrícola da região. Alguns dos vizinhos pensavam que ele não estivesse certo da bola, mas Sam estava convencido de que andava cumprindo um alto dever cívico. Costumava dizer à mulher: «Em Borzova a gente não tinha o direito de organizar coisa alguma!»

Bober organizou tambem a primeira linha telefônica cooperativa da região. Os estancieiros fizeram postes de troncos de árvores, instalaram a sua própria linha, e elegeram Sam tesoureiro. O serviço telefônico custava aos assinantes a ninharia de 25 centavos de dolar por mês.

Sam, entretanto, não perdia o ensejo de ir aprendendo as novas práticas agrícolas na fazenda experimental do governo. Viajava por toda aquela região, fazendo demonstrações sobre a maneira como os fazendeiros podiam obter maiores lucros se adotassem melhores processos de cultura. Organizou então um negócio de sementes e economizou dinheiro para comprar mais terras—chegando a ver-se dono de mais de 4 mil hectares, dos quais reservou 1.200 para as suas culturas experimentais de sementes.

Mostrou aos fazendeiros como eles podiam cultivar alfafa em terras secas e produzir duas vezes mais forragem do que com capins nativos. Desenvolveu um sistema de rodízio que produzia melhores cereais e destruia o mato e os cactos. Depois de acurados ensaios—mais de 30 mil dólares ele gastou experimentando culturas que fracassaram—conseguiu introdu-

zir novos cereais e gramíneas que lhe eram remetidos por outros viveiristas. Um tipo de trigo refrátario à ferrugem—o kubanka, vindo da Rússia — rendeu-lhe 35 hectolitros por hectare; do outro lado da estrada, os vizinhos, que semeavam as variedades tradicionais, colhiam pouco mais de 6 hectolitros.

Sam prosperou e os seus fregueses se contavam em todo o país, e até no estrangeiro. Em 1927, a sua semente de alfafa cossaca conquistou o primeiro prêmio na Exposição Internacional de Gado e Cereais de Chicago, em concorrência com 400 plantadores de todo o mundo. O governo russo fez uma encomenda. Calvin Coolidge convidou Bober a conferenciar com ele sobre problemas agrícolas em Black Hills, onde estava passando umas férias—e o imigrante de Borzova realizou enfim o seu sonho de apertar a mão de um presidente! Poucos anos depois o presidente Roosevelt escolheu as vigorosas sementes de Bober para semear as suas terras de Hyde Park, e o acompanhou pessoalmente numa volta pelas suas plantações.

Os Bobers não tinham descanso com tantas atividades sociais. Sam tornou-se presidente do Community Club e presidente distrital da Cruz Vermelha. Discretamente, ajudou várias crianças menos favorecidas da sorte, católicas e protestantes, a seguirem cursos escolares. Cheio de orgulho mandou seus filhos homens para uma escola superior. Ambos os rapazes serviram na última guerra. Louis é hoje sócio do pai, Jack ainda está cursando a faculdade, e a filha Mira Lee é professora pública em Denver, no Colorado.

Sam foi eleito recentemente o «homem do ano» no seu condado, e um jornal do Estado declarou em artigo de fundo: «Nós precisamos de mais Sam Bobers!» Essa frase tanto se aplica à América—como ao mundo inteiro... Porque o pequeno camponês de Borzova soube plantar nos Estados Unidos as sementes do alto espírito cívico, a par dos seus cereais e gramíneas.

Pontos de vista

MINHA AVÓ costumava dizer: «A fonte da Providência é profunda. Os baldes que levamos à fonte é que são pequenos.»

—Glenn Ford, em *Today's Woman*

UM NEGRO velho de Texas opina sobre a questão racial nos Estados Unidos: «Eu cá vejo a coisa assim: o Sul odeia o negro como raça mas gosta dele como pessoa; o Norte odeia o negro como pessoa mas gosta dele como raça.»

—Julianne Dominguez

Uma promissora e sensacional experiência na regeneração de criminosos

Prisão sem muros

(Condensado de «Rocky Mountain Empire Magazine»)

Por Frederic Sondern, Jr.

UM VELHO guarda, destacado para servir no Instituto Federal de Correção, em Seagoville, no Estado do Texas, não tardou em solicitar transferência para outra penitenciária. «Mr. Cozart,» explicou ao diretor, «uma prisão não pode ser dirigida desse modo! Sem muros, sem grades, sem pistolas e com um regulamento tão liberal.» Reed Cozart sorriu. «Fique um pouco mais, meu caro. Você vai ver como dá certo.»

Hoje, este guarda, assim como todos os seus colegas de Seagoville, acredita firmemente que os infratores da lei, em geral, podem ser enclausurados, punidos e reformados muito mais eficientemente através da psicologia do que pela violência.

O Instituto de Seagoville pode parecer tudo, menos uma prisão, nem mesmo uma colônia correcional. A cerca que delimita, apenas em parte, os seus campos bem cuidados e os belos gramados à volta dos edifícios de tijolos vermelhos, limpos e acolhedores, foi posta mais para conter as pessoas de fora que as de dentro; no portão da entrada, uma corrente comum e um guarda desarmado constituem as únicas barreiras. Entretanto, durante o ano passado, escaparam apenas dois dos 500 convictos—cujos crimes vão desde pequenos furtos até assassinatos.

Os presos vivem em grandes bangalôs, cada qual num quarto confortavel e que nunca é fechado a chave. Três vezes por dia, formam em filas para ser contados; não há, porem, marchas em formação militar nem as demais cerimônias sombrias que os penalogistas sempre julgaram necessárias. Os guardas andam desarmados. No refeitório, pequenas mesas para quatro substituem as antigas e compridas mesas das penitenciárias. Os presos são conhecidos pelos seus nomes, não por números; o diretor Cozart acha que pode exercer um controle muito mais eficaz sobre quem

não perdeu a sua identidade. E o resultado é que os motins e as desordens comuns às demais prisões são desconhecidos em Seagoville.

É geralmente aceita a teoria penal de que os criminosos mais velhos, empedernidos, completam a corrupção dos mais novos. A situação em Seagoville, de modo geral, desmente esse conceito.

Há algum tempo, um rapaz de 19 anos foi mandado para lá afim de cumprir sentença por furto de automoveis. Já havia estado em vários reformatórios e prisões; da primeira vez, aos 12 anos de idade, por furto a mão armada. Tratava-se, aparentemente, de um desses rapazes incorrigiveis e perigosos que, quando não são liquidados por outros bandidos, acabam na cadeira elétrica.

A princípio, o procedimento do rapaz correspondeu à reputação que tinha. Gritalhão, arrogante e indisciplinado, violou todas as regras, provocou os guardas, recusou-se a trabalhar. A condescendência e a persuasão foram tão ineficazes como as ameaças e punições. O diretor estava prestes a desistir e a mandar o jovem para outra instituição mais rigorosa quando, inesperadamente, interveio no caso um dos velhos convictos—ladrão de bancos e dos correios, de notoriedade no seu tempo.

«Nunca pude compreender por que e como o velho sentenciado operou o milagre,» conta o diretor. «Ele que era um dos presos mais rudes e menos comunicativos da prisão.»

O rapazola passou a ouvir com acatamento as admoestações e conselhos do grisalho prisioneiro. Pouco a pouco, foi-se dissipando a sua insolência e rebeldia.

«Mr. Cozart,» disse ele, um dia, «não sei o que havia de errado comigo durante todos esses anos. Mas estou começando a ver que não passei de um doido varrido.»

O diretor, que conhecia bem os ardís daqueles que procuravam causar boa impressão afim de obterem o livramento condicional, suspeitou, a princípio, da sinceridade do rapaz. Os fatos, porem, acabaram por dissipar as suas dúvidas. Completamente transformado—agora calmo e cordial—o rapaz deixou o Instituto já com um emprego à sua espera. Desde então, sua vida tem sido próspera e feliz.

Interroguei um dos guardas sobre o fenômeno de Seagoville. Ele afastou-se do grupo que trabalhava sob a sua supervisão, tirou o capacete e coçou a cabeça. «Sempre fui um guarda rigoroso. E tinha mesmo que ser assim em Alcatraz e em outras prisões onde trabalhei. Lá, nunca me arriscaria a dar as costas a um grupo como este. Seria expor-me a levar uma enxadada na cabeça. Aquí, poderia até mesmo deitar-me e dormir, certo de que, ao acordar, esta gente estaria trabalhando da mesma forma. Um velho guarda como eu não pode acreditar nessas coisas senão vendo-as com os próprios olhos. Quase todos aquí se convenceram de que o trabalho honesto no fim dá mais resultado do que o deshonesto. É o que eu os ouço dizer, constantemente, uns aos outros.»

Originariamente uma prisão para mulheres, o Instituto de Seagoville foi requisitado durante a guerra para servir de campo de concentração de estrangeiros inimigos. Quando o Departamento de Prisões recebeu o prédio de volta, as penitenciárias federais estavam tão perigosamente superlotadas que o diretor-geral James V. Bennett teve de usar as instalações do Instituto imediatamente. Nomeou para dirigí-lo um dos seus mais competentes funcionários, Reed Cozart, originário do Texas, de ombros largos e voz macia, então servindo como subdiretor da Penitenciária de Leavenworth.

«Não me mandem presos enquanto eu não tiver novos guardas, arame farpado, torreões e armas,» pediu Cozart. «Não se esqueçam de que esta prisão foi construida só para mulheres.»

O diretor-geral, um dos mais notaveis penalogistas da atualidade, sorriu ante o alarma do seu subordinado. «Reed,» disse ele, «vou mandar-lhe os guardas que pede. Mas você não terá, desta vez, nem arame, nem torreões, nem pistolas. Você terá de usar o cérebro como sucedâneo. Escolha os prisioneiros com cuidado. Provoque-lhes o amor próprio, o carater, os sentimentos. Tenho um palpite de que isso dará bons resultados. Se assim for, teremos iniciado um novo tipo de prisões.»

Na primeira leva de prisioneiros que chegou a Seagoville, havia muitos que ainda tinham a cumprir grande parte de pesadas sentenças. Reed Cozart não teve ilusões quanto às dificuldades que lhe cabia vencer. Sabia que todo o sistema penitenciário federal se baseava no tratamento dos prisioneiros segundo os méritos de cada um; que os piores elementos mereciam ir para Alcatraz e os melhores para Seagoville. Mas como evitar os erros? Se um único sentenciado escapasse, poria a perder todo o plano. O grande trabalho de Bennett como pioneiro da modernização e humanização do sistema federal de prisões poderia ser retardado vinte anos.

Cozart reuniu os presos e declaroulhes: «Todos vocês sabem muito bem que quem quiser escapar daquí poderá fazê-lo sem grande dificuldade. Quero, apenas, frisar que o fugitivo terá a sua pena acrescida de cinco anos e *não* voltará para Seagoville. Não se esqueçam de que dos 175 mil presos recolhidos às penitenciárias federais nos últimos dez anos, apenas onze conseguiram fugir.» Fez uma pausa, afim de que todos pudessem refletir sobre a advertência. «Mas se trabalharmos dentro do mesmo espírito, construiremos uma instituição que só trará benefícios a todos.»

Seagoville recebe, agora, três categorias de presos. Os únicos destacados especialmente para o Instituto são os escolhidos dentre os detentos de todas as penitenciárias federais do país que tiverem demonstrado, pelo bom comportamento, aplicação ao trabalho e a sua atitude em geral não só um grande desejo como capacidade de se rehabilitarem. Os tribunais federais do Texas e dos Estados vizinhos enviam trans-

gressores da lei com sentenças até três anos. Há, ainda, um grande número de prisioneiros militares, sentenciados pelas cortes marciais a longas penas, que se apresentaram como voluntários para participar das experiências de combate à malária que o Departamento de Saúde Pública está levando a cabo em Seagoville.

Os recem-chegados passam várias semanas numa ala especial onde são submetidos a uma disciplina mais rigorosa e enclausurados à noite. Depois desse estágio, são levados à comissão de classificação.

Assistir a uma reunião dessa comissão constitui uma experiência inestimavel. O médico da prisão, especialista em psicologia do criminoso, identifica, num relance, o doente simulado e trata-o com maior rigor; em compensação, dispensa aos efetivamente doentes as atenções e cuidados que só se poderiam obter com o tratamento médico mais caro. O secretário da prisão, o funcionário que recomenda os livramentos condicionais e o chefe da guarda auxiliam o diretor em suas decisões, de importância capital para um grande número de seres humanos.

«Sente-se, meu filho,» disse o diretor a um jovem, visivelmente amedrontado, que foi levado à presença da comissão no dia em que lá estive. Quando o rapaz se acalmou um pouco, o diretor fez-lhe mais ou menos o mesmo discurso que pronunciara ao tomar posse do cargo.

«Diga-me,» perguntou, «para que você queria aquele automovel roubado e os entorpecentes?» Sob o interrogatório experiente do diretor, o rapaz contou a triste história que os funcionários das penitenciárias ouvem tão frequentemente—um lar pobre, falta de controle por parte dos pais, más companhias. O encarregado dos livramentos condicionais fez um sinal de assentimento.

«Que é que você gostaria de fazer aquí?» perguntou Cozart.

«Fui criado numa fazenda, antes dos meus pais se terem mudado para a cidade. Gostaria de ser fazendeiro.»

O diretor prometeu fazer o que pudesse nesse sentido. O rapaz saiu com um brilho novo nos olhos.

«Acho que poderemos fazer alguma coisa por ele,» disse o diretor. Os demais concordaram.

O seguinte era um latagão desempenado, de vinte e tantos anos, em quem se notava um mal disfarçado ar de insolência. «Roubo e assalto a mão armada em território federal», disse o diretor. «Várias contravenções anteriores. Agora, meu filho...»

O preso, depois de ouvir com seriedade impecavel o sermão do diretor, contou-lhe uma história semelhante à do rapaz que o precedera. Tratava-se, porem, de uma declamação evidentemente estudada. Queria dirigir o trator da prisão. «Por favor, *seu* diretor», concluiu, quase em lágrimas, «me dê uma oportunidade, por favor!»

Quando se retirou, o chefe da guarda abanou a cabeça. «Esperto e perigoso. Ou fugirá ou nos dará muito trabalho. Não creio que possamos fazer nada com ele. O lugar dele

é numa prisão com muros.» O médico e o outro funcionário concordaram. O diretor tambem, dizendo: «Não há dúvida. A única coisa que nos resta fazer com tipos como este é trancafiá-los o mais tempo e o melhor possivel».

Em visitas sucessivas a Seagoville, pude apreciar, sob diferentes aspectos, o edificante trabalho de rehabilitação humana que está sendo levado a cabo. Espalhados pelos pontos extremos dos 240 hectares de terra da fazenda que produz a maior parte do alimento consumido no Instituto, havia uma dúzia de convictos entregues ao trabalho pesado da lavoura. Nenhum guarda, sequer, à vista. Separava-os do mundo exterior apenas a cerca baixa que evitava a passagem do gado. Um deles saudou cordialmente o guia que me acompanhava. «Aquele foi um facínora da pior espécie; cometeu quase todos os crimes previstos na lei. Não queria atender a ninguem por coisa alguma quando chegou aquí. Agora, veja a transformação. Trabalha como se a fazenda fosse dele. Os outros tambem. Não pensam senão nas colheitas e no gado.»

Nas salas de aula, onde os detentos que não têm o curso primário comparecem obrigatoriamente; na biblioteca; nas oficinas bem equipadas, onde os presos podem aprender carpintaria, eletricidade e outros ofícios; na sala de passatempos sempre cheia; em toda a parte, a mesma atmosfera de tranquila operosidade. Vêem-se detentos caminhando com energia, de cabeça erguida, pelos pátios do Instituto. Se param para falar, fazem-no com naturalidade; jamais formam os grupos furtivos que são vistos nas demais prisões, aos cochichos, pelos cantos.

Na sala de visitantes, há vários grupos de poltronas confortaveis; nada há que lembre as telas de arame das prisões comuns; apenas um único guarda, discreto e afavel. «Desse modo, ninguem tem do que se envergonhar,» diz o diretor. «E se um homem tem que se regenerar, é necessário que ele conte com a mais ampla cooperação e compreensão por parte da família.»

Várias semanas antes de completar a sentença, cada prisioneiro é submetido a uma série intensa de conferências e entrevistas pessoais, muitas das quais com homens de negócios e outros profissionais que lhes dão conselhos práticos sobre os empregos mais faceis de conseguir, no momento. «Eu achava que era tudo em pura perda,» disse-me um comerciante, «até que me convencí de que se tratava, de fato, de um trabalho construtivo.» Poucos dias antes do livramento, o preso é autorizado a escolher um terno de roupa dentre uma coleção variada e de bom talhe. «Uma roupa decente representa muito para o amor próprio de um homem», observou-me o diretor.

Dos 1.500 homens que passaram pelo Instituto nos últimos quatro anos, apenas 150 foram de novo detidos por outros crimes.

O diretor-geral James V. Bennett fez-me, com a maior seriedade, esta advertência: «Quando você escrever

sobre Seagoville, não deixe o leitor ficar pensando que se trata de uma panacéia para os nossos problemas penitenciários. Longe disso. É preciso que haja uma Alcatraz para os incorrigiveis. Ora, isso não impede que se tente, por todos os meios, ajudar os que podem ser regenerados. Este é o objetivo da prisão. Mais de metade dos 70 mil homens e mulheres que foram postos em liberdade no ano passado estará de volta às penitenciárias dentro de cinco anos. Essa é a dura realidade. Precisamos encontrar um meio mais eficaz de proteger a sociedade. Seagoville está começando a demonstrar que se pode realizar alguma coisa nesse sentido.»

Por que não experimentar?

Nos 500 ANOS que nos separam da invenção de Gutenberg, não se verificou nenhum melhoramento na apresentação gráfica das palavras. Os olhos do leitor se movem ao longo de uma linha, depois de outra, como uma lançadeira de tear. Entretanto, a tendência natural do homem é ver um objeto tanto vertical como horizontalmente. Impõe-se, por isso, uma modificação drástica na feição gráfica das páginas.

Robert B. Andrews, diretor do órgão estudantil da Southern Methodist University, introduziu um novo arranjo gráfico a que chamou *Square Span*. Experiências feitas no Agricultural and Mechanical College, do Texas, publicadas em *The Texas Outlook*, revelaram que a maioria dos leitores podem alcançar maior velocidade de leitura com o novo sistema do que com textos impressos na forma tradicional.

No *Square Span*
Que você está lendo agora
cada grupo é lido
como um todo
não como palavras separadas.

Observe com que facilidade
estes grupos são vistos.
Os olhos podem, desse modo,
focalizá-los naturalmente

sem o esforço que lhes impõem
as linhas estreitas e sucessivas.
Menos saltos no fim das linhas
produzem menos
interrupções do pensamento.

Tambem os pensamentos
formam grupos de palavras,
tornando mais rápida a compreensão
e mais completa a assimilação.

O tamanho ideal
dos grupos de palavras
em *Square Span*
ainda não pode ser determinado com precisão.
Por exemplo

poderão, talvez, ser utilizadas
unidades que tenham
duas, três ou mesmo quatro
linhas em profundidade.

Um crítico
já admitiu
que o *Square Span* pode vir a ser
o Ford «de bigode»
da leitura.

Altos e baixos— a história do fecho *éclair*

(Condensado de «Coronet»)

Por Bertram Vogel

PERGUNTE a qualquer pessoa quais os inventos mais complexos da nossa época, e é pouco provavel que ela inclua o fecho *éclair*. No entanto, o pequeno fecho relâmpago, que se pode comprar em qualquer loja e que faz parte de várias peças do vestuário de homens e mulheres, é tão complicado que por quase meio século desafiou o engenho de alguns dos gênios inventivos mais argutos.

A idéia nasceu em 1891. Um inventor chamado Whitcomb L. Judson, que se cansou de amarrar os cadarços dos sapatos e tinha pena dos amigos que lutavam com os cordões dos coletes das esposas, concebeu um engenhoso conjunto de colchetes em cadeia, com uma peça corrediça para enganchá-los e desenganchá-los automaticamente. Judson patenteou a sua descoberta e depois exibiu-a na Exposição Columbiana de Chicago, em 1893. Alí, o coronel Lewis Walker, jovem advogado comercial, ficou maravilhado. Convicto de que com isso podia fazer uma fortuna, Walker organizou a Universal Fastener Company e contratou Judson para aperfeiçoar o seu invento. Por dois anos Judson projetou e fabricou, até obter um par de correntes que pudesse ser adaptado ao calçado e fechado por uma peça corrediça. Entusiasmados, o coronel e Judson fizeram à mão alguns exemplares, mas verificaram a impossibilidade de construir uma máquina para fabricá-los.

Não foi senão em 1905 que Judson e seus colaboradores correram para o gabinete de Walker, proclamando que haviam construido uma máquina prática. Correram todos em polvorosa para a oficina, puxaram uma alavanca, taparam os ouvidos com as mãos enquanto a máquina moia o metal, e depois extrairam um reluzente fecho corrediço. O coronel, contentíssimo, mandou tocar os apitos da fábrica e encomendou um barril de cerveja para a celebração. Então puxou a alavanca outra vez. A alavanca

funcionou, mas não a máquina.

Judson desanimou, mas o coronel não se deixou levar de vencida. Tendo conhecimento de que a Westinghouse, havia pouco, contratara os serviços de um jovem e brilhante engenheiro sueco, Gideon Sundback, Walker ofereceu-lhe emprego na sua indústria do fecho «C-Curity».

A resposta foi imediata: «Eu fabrico dínamos,» escreveu Sundback. «Quem quer saber de fechos?»

Mas seis meses depois Sundback viu por acaso um fecho C-Curity. Desse momento em diante, não quis mais saber de dínamos. Dentro de um ano, tinha inventado um fecho corrediço mais aperfeiçoado—pois o original costumava abrir-se nos momentos mais inoportunos. Desenhou tambem uma máquina para a sua fabricação. Não obstante, o fecho ainda não corria nem se fechava com a regularidade desejavel—e já haviam desaparecido os últimos restos do capital da companhia.

Nesse momento crítico, o agente de uma firma que tinha uma conta a cobrar da companhia de Walker entrou para um dedo de prosa. Não deu grande importância ao fato de haverem os operários e vendedores abandonado o emprego. «Agora que vocês se livraram dos parasitas, usem os miolos.»

«Está bem,» retrucou Sundback. «Aguentarei firme se você me vender a crédito 400 dólares de fios.» O agente concordou.

A Talon, Inc., originadora e a maior fabricante do ubíquo fecho corrediço, fabrica num ano fechos suficientes para circundar duas vezes a terra pelo equador.

Por mais indecifravel que pareça a sua ação, o princípio do fecho Talon é realmente simples. Consiste essencialmente numa série de pontas colocadas a curto intervalo, que se encaixam em olhetes rasos. Com paciência e mão firme, é possivel enganchar um fecho a mão, mas a peça corrediça o faz muito melhor e mais facilmente. Uma vez endentada, a saliência é fixada no lugar pela colocada imediatamente acima, visto que não há espaço para virar e soltar-se.

A verdadeira maravilha não é o fecho, mas as complicadas máquinas automáticas e de precisão que o fabricam. Numa extremidade entram grandes rolos de arame e grandes carreteis de fitas, e pela outra ponta, saem os fechos, à razão de um milhão por dia. O fecho *éclair* é um produto de precisão, em que algumas das dimensões não admitem uma variação de mais de 0,0005 de polegada.

Assim mesmo, há uma tarefa que tem de ser feita a mão: um regimento de operários junta as duas metades de cada fecho.

Os fechos são feitos de ligas de cobre, alumínio ou niquel. A Talon uma vez executou um pedido de algumas centenas de fechos folheados a ouro para bolsas de luxo, e tambem já fez fechos de prata.

—*Harland Manchester*

Durante quatro anos, Sundback trabalhou sozinho, enquanto que o coronel exercia a advocacia para manter a empresa e sustentar a família. Certa vez, durante esses anos magros, Walker saldou uma conta de 150 dólares do armazem com ações da sua companhia—ações que então nada valiam mas que posteriormente se transformaram numa fortuna para o negociante.

Por volta de 1912, Sundback havia projetado um fecho que consistia num par de fitas que se mantinham unidas por uma série de prendedores de mola que se podiam separar e depois endentar por meio de um cursor. Mas não foi facil convencer o público de que o novo fecho era melhor do que o antigo. Por mais quatro anos a companhia perdeu dinheiro. Então, em 1917, um alfaiate de Brooklyn aplicou com bons resultados, um fecho corrediço a um cinto para dinheiro, tendo vendido um grande número aos marinheiros do estaleiro naval próximo. A Marinha dos Estados Unidos, sempre pronta a aprender com os seus marujos, logo aplicou o fecho a um traje para aviadores.

Em 1921, a B. F. Goodrich Company teve a idéia de equipar galochas de cano alto com fechos corrediços, tendo dois anos depois adotado o nome «zipper» como marca de fábrica para o novo calçado. O artigo teve enorme aceitação.

Foi só quando a crise iniciada em 1929 estava no apogeu, que um fabricante de vestidos, procurando uma novidade para incentivar a venda do seu artigo, resolveu experimentar o fecho. Dentro de um mês terminou a luta para Walker, e logo a famosa modista Madame Schiaparelli exportava vestidos em que o fecho corrediço percorria todo o comprimento, da gola à barra. Ao mesmo tempo, um alfaiate em apuros consentiu em coser os tais fechos nas calças dos ternos para estudantes. Em pouco tempo o alfaiate estava nadando em dinheiro.

A fábrica de fechos, cujo nome passou a ser Talon, Inc., em 1928, produz atualmente mais de um milhão de fechos *éclair* por dia. Visto que as finalidades a que se destinam os fechos variam grandemente, a companhia emprega técnicos para estudar os problemas especiais. Para as aberturas de inspeção de aviões, foi construido um fecho curvo que permite inspecionar os pontos vitais com um mínimo de esforço e de demora. O tapete de um grande salão de baile de um hotel de Nova York tinha que ser dividido em partes e depois de cada baile novamente cosido a mão. A Talon fabricou o fecho mais longo do mundo, para que o tapete se pudesse «desmontar.»

Um dos mais novos produtos Talon consiste num aperfeiçoamento de um artigo produzido durante a guerra para o Exército e a Marinha. Tem o aspecto do fecho comum, mas, com um só puxão da orelha, pode ser desfeito instantaneamente. Está sendo extensamente aplicado a jaquetas e paletós.

A patente primitiva de Judson caducou há muito tempo, mas a Talon,

Inc., ora dirigida por Lewis Walker, Jr., neto do falecido coronel, controla muitas patentes posteriores. Se bem que tenha concedido licença a outros fabricantes para produzir fechos corrediços, a Talon, fabrica uns 400 milhões de fechos por ano, ou seja, mais que todos os seus concorrentes reunidos. Suas vendas atingiram em 1948, o total de 30.679.622 dólares.

O dr. Sundback, que ainda se sente mais à vontade na oficina do que no seu gabinete de diretor, continua a mexer com o fecho. Sobre os seus projetos, não diz nada a ninguem.

«Se eu não passar um fecho *éclair* na boca, quem poderá fazê-lo?» pergunta ele impassivelmente.

Cine-jornal

PIERRE DE GAULLE, Prefeito de París, percorria o imenso edifício da Prefeitura em busca de espaço quando encontrou um letreiro com os seguintes dizeres: «Bureau de Indenizações de Prejuizos Causados pela Inundação de 1910.» Dois octogenários de barbas brancas, verdadeiros matusalens, mostraram-se muito surpreendidos com a visita. Um ligeiro exame no arquivo revelou que todas as indenizações haviam sido pagas. E a última, para ser exato, em 1913.

Mas como ninguem lhes tivesse mandado fechar a seção, os dois funcionários passaram os 36 anos seguintes recebendo os salários, regularmente, e preparando, com todo vagar, o relatório final a ser apresentado às autoridades municipais.

—Volney D. Hurd, em *The Christian Science Monitor*

UM VIAJANTE recem-chegado da Inglaterra conta ter lido à porta de um cinema de Londres o seguinte cartaz: «Novo e sensacional filme americano de aventuras no Far-West. Legendas em inglês.»

—*This Week Magazine*

EM NUREMBERG, na Alemanha, uma senhora, já de certa idade, decidida a tomar de qualquer maneira um trem superlotado, tentou meter-se por uma janela a dentro. Ficou, porem, imprensada com metade do corpo para fora. Um homem, que passava pela plataforma, não hesitou em valer-se da oportunidade para furtar-lhe os sapatos.

—Robert C. Lewis, no *New York Times Magazine*

EM HENDON, subúrbio de Londres, 96 casais de jovens estão morando com parentes—mas não com os próprios. A troca de parentes deu ótimos resultados: em cada lar, há hoje muito menos discussões e mais cuidado na conservação dos moveis. Um comitê local de habitações promoveu as permutas, e todos vivem felizes.

—AP

Esboços de minha aldeia

Condensação do livro «And One to Grow On» de

JOHN GOULD

NO EXTREMO nordeste dos Estados Unidos, encontra-se o Estado do Maine —região áspera, rochosa, cheia de lagos e prodigamente dotada pela natureza. Sua maior riqueza, porem, é o povo, com sua vida simples e primitiva. John Gould escreve com muito carinho a respeito dos velhos marujos de longo curso e de muitos outros tipos populares entre os quais ele cresceu e que com ele compartilharam da vida aconchegada, cordial e estimulante de uma cidadezinha do litoral do Maine.

Copyright, 1949, John Gould. Ed., William Morrow & Co., 425 Fourth Ave., Nova York 16, N. Y.

ESBOÇOS DE MINHA ALDEIA

NÃO FOI a geografia que fez a minha vila. É certo que a natureza lhe fôra pródiga e desde que os turistas descobriram o Maine, a paisagem adquiriu um valor novo. Mas é sobretudo a gente que me interessa.

Tudo quanto sou, ou o que aspiro a ser, devo ao fato de ter sido criado naquela pequena vila do Maine. Foi lá que aprendí a caminhar descalço pelas estradas poeirentas, a colher flores e frutas, e a pescar nas águas velozes. Foi lá que aprendí a não ter papas na língua, fosse com quem fosse, e tambem a reconhecer o momento oportuno de calar a boca. E foi lá que sentí pela primeira vez a alegria, a paz e a satisfação de todo homem a quem foi dado o ensejo de conhecer aqueles com quem vive, e de conhecê-los até ao âmago.

Quando eu era um gurí, já iam longe os dias da navegação a vela e, desde então, a vila como que se distanciara um pouco do mar. Mas tempo houve em que aquele pequeno porto mandou frotas a todos os mares do mundo, e os «serranos»—como ainda hoje o povo do litoral do Maine trata as pessoas que lavram a terra, têm lojas ou trabalham com máquinas—partilhavam a tal ponto da mentalidade da gente do mar, que o apelido não tinha razão alguma de ser. Filhos de ex-capitães de navios que haviam percorrido os mares da China, ganhavam a vida cultivando batatas e milho, sem que por isso deixassem de saber como armar as velas de uma embarcação, e muitos deles conservavam certificados de marinheiro, como lembrança dos seus ancestrais. Nossas velhas casas eram grandonas, com varandim à volta, pois haviam sido feitas por carpinteiros navais, nos momentos de folga entre terminar um navio e assentar a quilha de outro—e nossos sotãos estavam atulhados de curiosidades vindas de todos os cantos do mundo. Os antigos capitães do mar que restavam no meu tempo viviam a velhice num vagar pachorrento, temperado com histórias de suas façanhas, e eu conhecia bem a todos eles.

Havia tambem na vila pessoas que nunca tinham saido dalí. Mas conheciam a existência de lugares distantes,

e era sabido que, se não tinham viajado, não era porque lhes tivesse faltado o ensejo, mas porque tinham preferido deixar-se ficar em casa. Na minha vila cada homem fazia o que muito bem entendia, e todos achavam que isso é que estava certo. Qualquer um podia ter ido mares a fora. Nossos lavradores eram tão cosmopolitas quanto os irmãos, tios ou filhos que tinham visitado Bangkok ou Calcutá, e a sua contribuição para a existência da terra valia tanto quanto a destes últimos. Para os rapazes que começavam a abrir os olhos para a vida, eles não eram menos divertidos nem instrutivos. Isso de fazer mel ou cidra de maçã tambem era uma arte, e não era lidando com o velame de um brigue em pleno Pacífico, três dias ao largo de Valparaiso, que se podia aperfeiçoá-la.

A beleza do caso era que, no meu tempo, essa variedade de coisas formava como que uma unidade, e a vila tinha assentado em um novo modo de vida. Havia sempre na terra alguem a quem a gente se podia dirigir para fazer ou aprender fosse o que fosse. Estou em que tínhamos de tudo alí. Assim era o Maine desse tempo.

UMA DAS PONTAS de terra que se alongavam pelo nosso portinho a dentro, fôra em tempos a pastagem dos fundos da fazenda de Frank Blaisdell: pastagenzinha típica do Maine, semeada de calhaus, de moitas de zimbro, roseiras silvestres e samambaias doces. Estava tambem coberta de framboesas negras, que não têm nada que se lhes compare para fazer geléias. Havia por alí, em abundância, arandos e airelas das ilhas, e não sei quantos frutos mais. Mas aquelas framboesas pretas tinham um quê de especial, e se tornaram uma tradição da vila. Todos os anos, chegado o verão, íamos em bandos colhê-las. Tomávamos um bote, e atravessávamos o porto, para passar o dia enchendo de bagas os nossos baldes, com um só intervalo para o piquenique. Frank Blaisdell costumava acompanhar-nos nessas excursões, e nunca se opôs a que colhêssemos as suas framboesas: sabia tão bem como nós que elas eram de domínio público.

Ora, que é que havia de acontecer? Um dia, um ricaço de Nova York, um dos primeiros veranistas que por lá apareceram, chegou à vila e comprou toda aquela ponta de terra. Pagou bom dinheiro, no dizer de Frank, e mandou levantar uma cerca a toda a volta. Era uma rede de arame com estacas de metal! Custou-lhe aquilo uma fortuna. Nós, os habitantes da vila, não estranhamos, porque compreendíamos como se sentem as pessoas em cuja família a posse da terra não é tradição. O pobre do homem tinha uma noção entranhada de propriedade. Levara talvez uma vida de escravidão, trabalhando numa profissão qualquer que odiava, para poder finalmente retirar-se para o Maine e comprar um pedaço de terra; quando se viu dono dela, naturalmente, levantou uma cerca para ter sempre diante dos olhos a prova do que era muito seu.

De começo, aquela cerca não nos preocupou muito: quando as fram-

boesas amadureceram, fomos até lá, pulamos a cerca e as colhemos. Havia um grande carvalho num canto de terreno, com um galho pendente para fora, que nos permitia transpor a cerca sem dificuldade, com baldes e tudo. Mas poucos dias depois o homem de Nova York afixou um aviso: «É proibida a entrada». Serrou o galho da árvore, e ameaçou de prisão quem quer que saltasse a cerca. Ficamos francamente desapontados, como se nos tivessem roubado um direito inalienavel. Daí em diante só íamos colher as framboesas quando ele não estava no sítio. Caso contrário, víamos as framboesas amadurecer ao sol, como dantes, desprender-se dos arbustos e cair no chão, enquanto o sujeito de Nova York passeava ao longo da sua cerca de arame, muito ufano dos seus direitos de proprietário.

Alguns anos depois, esse forasteiro achou que a estrada que levava ao seu sítio deixava muito a desejar. Precisamente pela altura em que a indignação pública atingia o rubro, por causa das framboesas, o homem encontrou o comissário de estradas da região, Arthur Mercennes, e disse-lhe que seria uma boa idéia se ele mandasse construir uma estrada nova até a ponta da propriedade. Arthur respondeu que era uma esplêndida idéia, e que uma estrada de rodagem, de seis faixas, pavimentada com blocos de ouro maciço, seria na verdade um grande melhoramento. Palavra puxa palavra, e o comissário acabou esborrachando o nariz do outro com um soco.

O homem de Nova York moveu ação, mas quando percebeu que todo o mundo na vila queria fazer parte do tribunal do juri, desistiu. Depois tentou fazer política com o caso e derrotar o comissário nas eleições seguintes. Ainda conseguiu publicar um artigo no jornal da terra, reclamando que se abrisse a verba de cinco mil dólares para construção de uma estrada transitavel até ao cabo. Arthur Mercennes replicou que essa estrada só serviria para duas coisas: uma, seria levar o pessoal até à ponta para ver o nova-iorquino, e ninguem o queria ver; e a outra, trazer o nova-iorquino à vila, o que ele, Arthur, considerava de todo desnecessário. O projeto foi rejeitado, e Arthur viu-se reeleito por uma maioria que jamais conseguira antes!

É curioso como essas coisas persistem. Em anos mais recentes muita gente de bem tem construido casas e bangalôs ao longo da estrada da Ponta Blaisdell. Apesar disso, a estrada nunca mais foi consertada, e duvido muito que o seja enquanto aquela cerca estiver alí, a impedir que a gente colha as framboesas.

O CAPITÃO Newcomb, um dos nossos veteranos lobos do mar, reformara-se depois de passar muitos anos navegando. Mas quando a salsugem lhe caiu da pele, ele achou que estava farto da vida em terra, e voltou ao seu ofício como comandante de um velho vapor, o *Lalage*. Esse navio andara na linha das ilhas costeiras até ficar decrépito, e muito depois de já não prestar para nada, arquejava ainda pela baía, para dar ao capitão Newcomb o

pretexto de andar como um fantasma sobre as águas do mar.

As viagens do navio estavam sujeitas a horário e rota, mas o capitão Newcomb nos levava aonde quiséssemos ir, e às vezes ficava à nossa espera para trazer-nos de volta ao porto. Os trens e as estradas ofereciam maior comodidade, mas muita gente continuava descendo ao porto para viajar no barco dele. Era um preito de homenagem a um passado que fôra lindo.

Ao tempo em que eu comecei a andar à solta, o *Lalage* tinha uma tripulação de três homens: comandante, cozinheiro e maquinista; isso, muito embora, por aquele litoral, seja com frequência o maquinista quem faz o melhor pão, e o cozinheiro quem dirige a navegação. O *Lalage* tinha felizmente o contrato das malas do correio, e o capitão Newcomb andava sempre organizando abaixo-assinados para frustrar as pretensões da estrada de ferro, que afirmava poder despachar o correio muito mais depressa nos seus trens. Todo o mundo assinava as petições do capitão, e isso devia causar impressão no Departamento dos Correios, visto como o capitão Newcomb conseguiu conservar por muito tempo o privilégio, apesar de haver dias em que a gente não recebia correspondência alguma, se lhe dava na telha ancorar num sítio qualquer para jogar uma partidinha de bisca.

O capitão Newcomb não tomava muito a sério aquele negócio do vapor: sabia que era um homem liquidado. Levava sempre na casa do leme uma espingarda para caçar aves marinhas, e muitas vezes o *Lalage* não aparecia no porto até bem depois do anoitecer, porque o capitão se entretivera na caça... Os passageiros, se alguns havia, não tinham voto no assunto. Aparecessem os gansos bravos ao alcance de tiro, o capitão ia mesmo atirar neles; e se os passageiros eram do tipo impaciente, não tinham remédio senão impacientar-se enquanto ele caçava. No entanto, os passageiros lhe faziam companhia, na maior parte dos casos, e o bilhete de 20 centavos lhes valia muitas horas de requintado prazer venatório, mesmo que o desembarque se fizesse fora de horas.

Certa manhã de outono, uns caixeiros viajantes se aprontavam para sair da vila no trem, quando alguem lhes mencionou o *Lalage*. Acharam a idéia interessante, dirigiram-se ao cais e compraram passagem para Rockland. O capitão foi muito franco com eles: contassem com um possivel atraso, pois, embora ele tivesse intenção de rumar para as bandas de Rockland, os gansos marinhos estavam entrando aos bandos, e ele tinha vontade de abater uns quantos. Os viajantes ficaram encantados! Alugaram ou pediram espingardas emprestadas e compraram munições. De caminho adquiriram tambem uma boa provisão de bebidas. O *Lalage* apitou, a máquina resfolegou, gingou penosamente, e lá foram todos eles no que, segundo a Comissão de Serviços Públicos, era uma «viagem regular de carreira».

Durante três dias não houve notícias do *Lalage*. Mais tarde, por todo aquele litoral, os pescadores contariam

que o tinham visto uns aquí, outros alem. O capitão Newcomb e os seus viajantes pararam em vários pontos da costa para comprar munições e aguardente, mas era sempre em direção a um bando de gansos que eles navegavam: davam uma descarga, arriavam a canoa, e iam pegar a caça abatida. Foi fixado um prêmio de cem dólares para o melhor atirador, e logo ao primeiro tiro o capitão se colocou à cabeça.

O *Lalage* trazia 467 gansos a bordo quando encostou ao quebra-mar de Rockland, e os viajantes desembarcaram, apregoando que se tinham divertido a valer. O capitão Newcomb regressava ao nosso porto duas marés depois, e nós, os moços, o ajudamos a distribuir os gansos. Não se perdeu nem uma pena: a Sociedade de Senhoras da Igreja Batista aproveitou toda a plumagem para fazer um edredão para uma família de pobres.

Lá de longe em longe, algum passageiro mais irascivel ia queixar-se do serviço à sede da companhia; mas esta, que afinal de contas já estava falida mesmo, acho que não ligava às reclamações. Muito antes de morrer o capitão Newcomb, já a companhia deixara de existir como tal, e o mais certo é que o velho lobo-do-mar tenha pago bom dinheiro do seu próprio bolso, para manter o vapor à tona d'água.

Mas os tempos foram de mal a pior para o capitão: veio primeiro aquela lei sobre a caça da primavera e, embora ele não a obedecesse, sempre lhe causou certa mágoa. Depois, as coisas chegaram a um ponto, que já quase ninguem queria andar no vapor. A estrada de ferro conseguiu afinal arrancar-lhe o contrato da mala postal. Dias havia em que o capitão botava pressão nas caldeiras e saia do porto, para voltar daí a pouco para amarrar. Amanheceu finalmente o dia em que o *Lalage* não se mexeu mais do amarradouro. A chaminé foi enferrujando, e um dia despencou-se com a ventania. O *Lalage* estava liquidado.

No dia em que o capitão morreu de um acidente quando ajudava a pôr as telhas no quartel dos bombeiros, todo o mundo disse que era uma vergonha terem deixado que ele subisse ao telhado. Aquelas pernas outrora ageis, que tinham marinhado a mastreação de veleiros em todos os mares do mundo, estavam perras. Faltava-lhe, aos oitenta e tantos anos, a ligeireza de antanho. Mas, uma vez que ele decidira ajudar a pôr as telhas, não havia em toda a vila forças capazes de demovê-lo disso. Se quebrasse a cabeça, era por sua conta: e quebrou mesmo. Ninguem se surpreendeu muito.

O *Lalage* ainda ficou amarrado ao cais por algum tempo, depois foi rebocado para a praia exterior da ilha Big Muffin, e encalhado alí. Quem tiver interesse em vê-lo, ainda poderá encontrar alí os restos da carcassa.

NESSE TEMPO a comida era realmente para alimentar, e nossas mães eram acima de tudo boas cozinheiras. Por muito que as mulheres de hoje saibam carregar a mesa de iguarias, não o fazem nem com o jeito nem com a fartura daqueles tempos. Essa

diferença é em parte uma questão de atitude, porque nossas idéias sobre as regras de vida sofreram grande mudança. Na minha mocidade, o aparelho digestivo ainda sabia que tinha que trabalhar para ganhar o seu sustento. Ninguem jamais falou aos nossos estômagos sobre vitaminas nem calorias. O importante era ter o que comer! Éramos então, em dietética, de uma ignorância lamentavel, mas enchíamos a barriga, e isso nos dava grande prazer.

A nossa refeição matinal tinha por dever dar-nos forças até o meio-dia, que era a hora de jantar. Toda a sólida estrutura da vida americana se alterou quando o jantar degenerou em uma coisa muito mais refinada, —o almoço, uma simples merenda. Almoço, naquele tempo, era apenas uma coisa que a gente de vez em quando metia dentro de uma cesta, para levar a um piquenique. Mas o jantar, essa era a refeição do meio-dia, e constava sobretudo de carne com batatas e torta de fruta. Quem não comesse um bom jantar—tal era a crença geral—é porque não estava bem e precisava portanto de um bom tônico. A ceia, à noite, não era muito diferente do jantar, exceto que, em geral, havia algum creme ou pudim à sobremesa. Eram frequentes os pudins «índios» às vezes mais volumosos do que a própria ceia. Um prato inteiro de fruta picada era uma grande sobremesa. Fiquei desolado quando ela foi transferida para o começo da refeição, servida em pequenas taças, sob o nome de «salada de fruta». Nunca poderei concordar com isso de começar pela sobremesa, porque mamãe nos ensinou que nunca devíamos comer coisa alguma imediatamente antes da ceia.

Antes de irmos para a cama havia uma quarta refeição, por assim dizer extra-programa, e que nós chamávamos de «beliscar qualquer coisinha». Era, às vezes, uma refeição bastante abundante, mas em geral dávamo-nos por satisfeitos com um assalto à lata de biscoitos, ou com um bolo coberto de açucarado de framboesas. Até a fatia de pão fresco e cheiroso coberto de melado e açucar mascavo, que nós devorávamos ao voltar da escola, podia-se considerar uma quinta refeição, pelos padrões desta moderna geração, que come como passarinho.

Ora, nenhum desses pratos de que nos nutríamos suculentamente era aclamado como «bom para a saude». A nossa obrigação era beber o leite até o fim, mas esse leite era extranho e bárbaro, pois nunca passou pelas dispendiosas manipulações que a chamada higiene moderna hoje nos impõe. Comíamos verdura e saladas, mas nunca por causa da saude: comíamos porque gostávamos; ou então não gostávamos, e não comíamos.

Tínhamos uma fé inabalavel na eficácia dos alimentos bem cozinhados. Comíamos copiosos ensopados e pratarrões de carne cozida. Era uma pachorrenta culinária, a dos dias do fogão a lenha; e contrária à moderna convicção de que cozinhar é tirar ao alimento o que ele tem de bom. Hoje em dia, as pessoas não cozinham a comida: assustam-na ao calor... No nosso

tempo, quando as cenouras, as batatas, as cebolas e a carne saíam do fogão, vinham todas cantando a mesma música. Um ensopado preparado numa dessas modernas panelas de pressão, pode vir transbordante de utilíssimas vitaminas, mas o seu sabor não é coisa que faça um homem se apegar a sua mãe, como eu fiquei apegado à minha. Mamãe cozinhava de fato!

TAL QUAL as outras donas de casa do Maine, minha mãe raras vezes usava uma receita culinária. Quando uma dona de casa do Maine diz «eu boto um pouquinho de manteiga», não há forças de imaginação que possam avaliar o sentido dessas palavras. Outras mulheres botam tambem um pouco de manteiga, e não há critério mortal para assegurar qual delas acertou na quantidade, —porque não há tal quantidade exata, o rigor é absurdo, e todas elas têm razão. Reduzir uma receita culinária a termos de gramas ou de colheres de mesa, é aniquilar todo o discernimento e critério que fazem de uma mulher uma boa cozinheira.

Isso mesmo era o que se passava com os bolos para as ceias da Grange. Nenhum deles era feito segundo uma receita, e nunca havia dois iguais. Os cartões postais de convocação às reuniões da Grange rematavam sempre com esta frase: «As pessoas que não tenham sido solicitadas expressamente, façam o favor de trazer bolo.» Todas as que haviam sido «solicitadas» pelo comitê da ceia o eram para levar feijão cozido, presunto frito, conservas picantes, creme, e tortas de fruta. Mas o jovem que olhasse a coleção de bolos exposta em cima da mesa de uma dessas ceias da Grange, tinha de ficar otimista com relação à vida.

Os bolos para as ceias da Grange não eram parte da rotina caseira. Eram preparados, via de regra, durante a tarde, e constituiam um ritual inteiramente à parte. Ao anoitecer todo o mundo ia para a Grange carregando o seu bolo numa bandeja.

A competição era renhida, e toda a mãe de família fazia questão de sobressair. A cozinheira que cobrisse de glace um bolo de duas camadas, e o coroasse de nozes e marmelo cristalizado, tinha probabilidade de se tornar famosa. Mas, justamente nessa noite, podia ser que lhe surgisse pela frente a sra. Wallace, por exemplo, com o seu bolo «à lavradora» sem glace de espécie alguma! A sra. Wallace trazia tambem uma tijela, um batedor de ovos, uma jarra de nata grossa, e um cesto de pêssegos. Chegada à Grange, ela batia a nata, derramava-a em cima do bolo, e o coroava com pêssegos frescos cortados ao meio! Não se pode bater a nata muito tempo antes de servir o bolo, de sorte que a sra. Wallace, que não estava disposta a ficar atrás das outras, vinha preparada para terminar a sua obra-prima no próprio lugar do consumo.

Não quer isso dizer que aparecessem na Grange bolos mal confeccionados. Alguns pareciam melhores que os outros, mas era pura ilusão de óptica. Descobrí um dia que o melhor bolo que jamais apareceu na Grange estava

longe de ser um primor de beleza. Tinha mesmo um aspecto tão inferior, que muita gente não lhe deu importância. Mas, uma noite, eu comí uma fatia desse bolo, e concluí que Deus havia prendado com munificência a pobre mulher de pescador que realizara aquela maravilha! O bolo continha café—autêntico café forte de pescador, —airelas das ilhas, e uns veios de qualquer coisa parecida com altéia. Só um gênio da culinária poderia ter harmonizado todas as substâncias incongruentes que entravam na confecção dessa obra-prima. Depois de ter feito essa descoberta, muitas vezes em nossas reuniões eu procurava o bolo primoroso e comia-o quase inteirinho. Mas não tive o bom-senso de calar o bico, e um dia os outros garotos descobriram meu segredo. Daí a tempos houve um jantar na Grange e não me deixaram uma migalha do meu bolo preferido!

Aprendí assim a não tirar conclusões apressadas só pela aparência das coisas. Qualquer gurí verá que não há como provar *todos* os bolos, e às vezes mesmo comer várias fatias de cada um, para se chegar a uma decisão acertada. Desse modo, pode crescer armado de seguros poderes de discriminação, e não se deixará iludir com facilidade.

ORVILLE LINSCOTT era um velhote muito asseado, que vivia na sua casinha caiada de branco numa fazendola à beira-mar. Um dia encontrou uns ovos de pato bravo e lembrou-se de pôr uma galinha para chocá-los: dentro de alguns dias os ovos abriram e ele viu-se dono de nove patinhos! Orville construiu uma capoeira muito jeitosa, com uma rede de arame de quase dois metros de altura, à prova de raposas, e deixou os bichinhos entregues ao cuidado da galinha. Todos eles se criaram, e isso foi para o velhote um grande motivo de orgulho.

Chegado o outono, certa manhã Orville foi deitar o milho aos patos e dar-lhes, como de costume, dois dedos de prosa, quando descobriu que, em vez de nove, tinha agora 33 patos. Todos eles, menos os nove da casa, pareciam alucinados, atirando-se de asas abertas de encontro à cerca de arame. O caso era simples: durante a noite, um bando de patos da mesma raça, que voava para o sul, foi saudado com tamanha hospitalidade, pelos nove patinhos, que os migradores resolveram descer e investigar o assunto. Comeram a ração da noite e alí se deixaram ficar de visita. Mas quando, na madrugada seguinte, obedecendo ao instinto que a estação lhes ditava, tentaram pôr-se de novo a caminho, encontraram-se sem espaço bastante para levantar vôo. Tudo quanto podiam fazer era atirar-se contra a cerca.

Orville lançou-lhes algum milho, e quando os patos domesticados vieram comer, ele os agarrou e atou-lhes na canela umas tiras de celulóide para os identificar. Depois, passou o resto do dia pegando um por um os patos bravos, que aprisionou numa espécie de aprisco fechado, dentro do palheiro. A armadilha voltou a funcionar: na manhã seguinte ele tinha outra vez

duas dúzias ou mais de aves, e daí em diante, até chegar o inverno, fez um grande negócio pegando patos bravos.

Naquele tempo, os caçadores de patos estavam autorizados a usar patos vivos como chamarizes, e Orville resolveu criar e vender os seus patos aos caçadores, para esse fim. Na primavera seguinte, chegada a época da cria, outros patos cairam na cerca de arame, e Orville instalou definitivamente, e em grande escala, o seu negócio de patos. Tudo correu muito bem até que certa manhã ele apareceu em nossa casa queixando-se com muita mágoa de que alguem, ou alguma coisa, lhe estava furtando os patos. Ouvia durante a noite um grande grasnar: corria à capoeira, e não notava nada de anormal. E no entanto, todas as manhãs lhe faltavam alguns patos! Meu pai disse que supunha conhecer a razão, e que ia dar um jeito. Aquela noite, cravou uma vara muito comprida no centro da fazenda de Orville, com uma armadilha de aço montada na ponta. Era sempre assim que nós pegávamos mochos e falcões nas vizinhanças do galinheiro.

Logo no dia seguinte, antes do café da manhã, Orville correu ofegante à nossa casa, com a notícia de que tínhamos pegado um mocho do tamanho de um boi, e que o monstro estava empoleirado no alto da vara, dando estalos com o bico que nem um danado. A armadilha tinha-o pegado por uma garra, sem lhe fazer mal nenhum. Orville estava resolvido a guardar o mocho, por ser tão grande, e, assim, construiu-lhe uma gaiola de arame. Não havia dúvida que era um grande mocho. Maior eu nunca vira. Andei à roda da vara até ficar tonto, para vê-lo torcer o pescoço, mas o diabo do mocho era capaz de dar uma dúzia de voltas com a cabeça! Pulava, dava estalos com o bico, e fez tal barulho, que mesmo depois de o terem coberto com um pedaço de lona, meu pai e Orville passaram um mau bocado para tirá-lo da armadilha e metê-lo dentro da gaiola. O mocho recuou então para um canto, deu estalos com o bico, fechou e abriu a membrana dos olhos, e deu-nos a perceber que estava zangado de fato. Nos dias seguintes todo o mundo foi visitá-lo, e Orville não cabia em si de vaidade. Que era um magnífico mocho, ninguem podia negar.

Mas a brincadeira estava apenas começando. Um mocho tambem come. E ficamos sabendo que os mochos têm hábitos alimentares bem estranhos. Comem inteirinha sua presa, e depois regurgitam o que não lhes convem. Não comem todos os dias, mas só quando lhes dá na cabeça. Dentro de uma semana, ou coisa assim, tornou-se evidente que o mocho de Orville gostava de galinha, e a gente da vila ficou muito satisfeita ao saber que já podia dar destino às galinhas que morriam. Toda a gente tem, de vez em quando, uma galinha que morre. Assim, passados poucos dias, Orville tinha acumulado um estoque razoavel delas. O mocho comeu uma, regurgitou, e deu-se por satisfeito. Orville meteu o resto das aves mortas no seu carrinho de mão, levou-as lá para

trás do palheiro e alí as enterrou.

Mas aquilo fôra um mau começo. A morte de uma galinha é coisa imprevista, e não havia horário certo para ele se guiar quanto à chegada das defuntas. Orville não tinha coragem de recusar as doações. O mocho comia quando lhe dava na veneta, e uma provisão de galinhas era coisa util. Chegou a altura em que qualquer outro teria desistido, mas Orville gostava do seu mocho, e estava disposto a enterrar galinha cinco dias seguidos, só para poder dispor de uma em bom estado ao fim da semana. Quando o gogo devastava um galinheiro, o infeliz dono atirava as vítimas na carroça e levava-as a casa de Orville. Este agradecia muito, e fazia-lhes logo o enterro. O mocho só comia a fina flor das galinhas mortas. O dono não lhe dava nenhuma das que a doença houvesse devastado aos poucos; só lhe servia as que tinham morrido de morte fulminante, no esplendor da vida.

Foi então que algum entendido lembrou que os mochos gostam muito de ratos, camundongos e cobras, e que a dieta só de galinha podia acabar minando a saude do bicho. Aí, os donos de casa passaram a esvasiar as suas ratoeiras em caixinhas de morangos, que levavam a Orville; as ratazanas, quase todas do tamanho de guaxinins, eram carregadas na ponta de uma vara. A mudança não desagradou o mocho. Veio o outono, e a provisão de galinhas mortas decaiu, mas em compensação tínhamos agora os cadáveres de maritacacas. Eram estas delicadamente dissecadas para evitar algum distúrbio indevido, mas em breve a gaiola do mocho já cheirava pior do que qualquer maritacaca, sozinha ou em bando. Com efeito, aos comentários seguiram-se as queixas, e pediu-se a Orville que mudasse o mocho do gramado para um sítio afastado, perto do mar. Orville se recusou a fazê-lo, porem construiu uma gaiola maior e transferiu o mocho para um lugar limpo. No dia em que ele queimou a gaiola velha, a fumaça lilás ficou pairando como um pálio por cima da vila durante uma semana fazendo com que os moradores preferissem morrer a aturar semelhante perfume.

Não tardou muito que a gaiola nova, exceto no tempo de frio, cheirasse tanto como a velha. O mocho não dava mostras de amansar, e nem o próprio dono podia abrir a porta da gaiola que não fosse atacado. Orville fez então, num dos lados da gaiola, uma abertura gênero alçapão, através da qual podia, com uma enxada, raspar do chão da gaiola alguns dos resíduos mais ofensivos. Mas os hábitos de um mocho têm raizes ancestrais, e não houve forma de lhe incutir quaisquer noções de asseio. Quando o vento soprava para a terra, o desconforto dos moradores se tornava indizivel, e mesmo que uma forte brisa soprasse no sentido oposto, a presença do mocho se fazia sentir a uma distância consideravel. A sra. Stevens ainda tentou um abaixo-assinado, mas poucas pessoas se prestaram a apoiá-la. Nós conhecíamos Orville bastante bem, e tambem conhecíamos a sra. Stevens.

Ao cabo de dez anos, o próprio Orville se deu por farto. Os donativos de cadáveres duraram todo esse tempo, e o trigo mourisco atingia uma altura fabulosa naquele cemitério de bichos. Orville se tornou assim possuidor de uma das fazendas mais ferteis do Maine. E além disso, a menos perfumada do todo o país. Até que um dia ele começou a falar em se desfazer do mocho: «Acho que o melhor é eu livrar-me dele,» dizia, em parte para sondar a opinião dos vizinhos, e em parte para se animar. Gostava muito do seu mocho. Por que motivo, eu não sei, mas o fato é que gostava. Finalmente meteu o mocho num engradado, e o remeteu para o Jardim Zoológico de Boston.

A vila ficou delirante. A gaiola foi arrastada para o campo e queimada, e até que o vento se lembrou de mudar de rumo, toda a gente dormiu com as janelas fechadas. Pela primeira vez, em muitos anos, os moradores se deram conta de que era preciso voltar a enterrar as galinhas mortas. Mas acharam que valia bem a pena.

Infelizmente, o trem de Boston chegou certa manhã, trazendo o mocho de Orville, com grade e tudo! O diretor do Jardim Zoológico mandou uma carta, agradecendo a penhorante lembrança, e participando que já tinha um mocho. Orville teve que armar nova gaiola e à tarde quase todo o povo da vila o foi visitar, e poucos eram os que não levavam uma galinha, um rato, ou qualquer outro acepipe.

Até que, uma bela noite, pouco depois de regressar, o mocho fugiu. Houve quem pensasse que Orville o soltara, por não ter maneira mais elegante de liquidar o caso. Outros viram nisso a mão da sra. Stevens. Alguem o fez, pois a gaiola estava fechada com um cadeado. O certo é que nunca mais tornamos a pôr a vista no mocho.

Não sei bem dizer como é que esta história do mocho influiu na minha formação, mas acho que influiu mesmo.

Um dos médicos da vila era conhecido em todo o estado; não era absolutamente um típico médico antigo do interior. Era para nós uma grande sorte tê-lo ao nosso lado, mas ele se adiantara, em muitos sentidos, à sua época, e uma ou duas vezes quase teve de deixar a vila por haver falado com desdem de certas medicações caseiras tradicionais, como os sinapismos de mostarda e as fumigações.

Quando penso nele, passados tantos anos, chego à conclusão de que ele sabia mais do que devia: era um médico bom demais. E alguma coisa lhe faltava, com efeito, pois era o dr. Pillsbury quem gozava de maior prestígio, tendo uma vida mais ativa e, suponho eu, maior clientela, visto como tratava muita gente que os outros médicos rejeitavam por não lhe encontrar sintomas de doença. É verdade que o dr. Pillsbury estava, em muitas coisas, a par do progresso, mas nunca deixava de receitar um sinapismo, se o doente entendesse que um sinapismo lhe faria bem, e mandava fumigar a casa até o fundo do quintal, se o cliente o exigisse.

A verdade simples é que há médicos que tratam doentes, e médicos que tratam pessoas. O dr. Pillsbury tratava as pessoas. Havia alí famílias que o punham acima de Deus e o consideravam bastante mais acessivel, nas horas de aperto. Fazia mais de cinquenta anos que clinicava na vila, e poucas pessoas haveria alí às quais ele não pudesse receitar de olhos fechados.

O dr. Pillsbury era uma dessas raras criaturas que sabem um pouquinho de tudo. Chegou até a frequentar uma escola de veterinária o tempo suficiente para adquirir certas luzes sobre as moléstias dos animais. Quando ia visitar algum doente, não era raro encontrar na mesma casa um cão ou uma vaca passando mal, e queria estar apto a assistí-los. A maioria dos médicos entendem que os animais estão abaixo da dignidade do clínico. Mas o dr. Pillsbury estava sempre pronto a dar uns pontos num couro rasgado pela farpa de uma cerca, ou a tratar um perdigueiro, e estas coisas sempre são muito apreciadas. A morte de um cão tambem pode fazer subir as lágrimas aos olhos da gente, e há muitos lavradores a quem a saude do gado preocupa mais do que a da esposa—não serão todos, mas há alguns. Todo médico devia compreender isso, e assim era o dr. Pillsbury.

O seu consultório pouco mais era do que um gabinete de trabalho. Não se viam alí estojos com instrumentos cirúrgicos de aspecto homicida; tinha livros de medicina nas estantes, mas tambem tinha livros de direito, obras clássicas, e tudo quanto lhe interessasse. Sempre que a gente entrava no consultório, ia encontrá-lo mergulhado na leitura. Às vezes, se estava de maré, antes de fechar o livro, ainda nos lia alguma passagem. Nem me espantaria se me dissessem que alguns doentes se esqueciam do motivo por que iam consultar o médico, antes mesmo de ele se resolver a lhes examinar a língua.

Um dia, um fazendeiro foi chamá-lo porque a mulher ia dar à luz. O dr. Pillsbury saiu de casa debaixo de medonha tempestade de neve, só para verificar, logo à chegada, que a parturiente podia ter esperado ainda mais seis horas. Em vista do mau tempo, resolveu ficar, e sentou-se para ler; mas toda a leitura que havia naquela casa era uma Bíblia e um compêndio de estenografia. Foi assim que, naquela tarde, o dr. Pillsbury aprendeu estenografia, e não lhe faltaram mais tarde ensejos de apreciar a utilidade desses conhecimentos. Quanto à Bíblia, ele já a sabia de cor e salteado!

Uma noite, enquanto esperava que lhe aviassem uns medicamentos na farmácia, ficou discutindo sobre remédios caseiros com alguns indivíduos que lá costumavam fazer ponto. Disse que não se sentia tão inclinado como outros médicos a desprezar os tratamentos das velhas comadres, e contou-nos o caso de uma mulher atacada de erisipela. O tratamento que ele receitara não estava dando grande resultado, e a avó da família lhe garantiu que conhecia um remédio mais eficaz. Resolveram então dividir entre si a doente, e cada um começou a

tratar o lado que lhe competia. Daí a poucos dias, vovó levava a melhor. O remédio dela consistia na aplicação de airelas esmagadas. O dr. Pillsbury começou a estudar o assunto e concluiu, afinal, que o ácido da fruta era o mesmo que se empregava no unguento por ele receitado para a erisipela. O motivo pelo qual a receita caseira dava mais resultado do que a pomada, era que a concentração do ácido era maior nas bagas silvestres. «Desde então, eu só uso airelas,» disse ele. Acho que essa atitude demonstrava grande sabedoria e bom-senso.

Como todos os médicos de roça, ele se valia dos recursos que encontrava à mão, e tinha praticado todas as proezas de que rezam os livros: cortara apêndices em cima de mesas de cozinha, e fizera operações enquanto uma pessoa segurava o candeeiro e outra o paciente. Mas o dr. Pillsbury era, acima de tudo, um filósofo. Chegava mesmo a citar Aristóteles nas assembléias da vila, e todo o mundo o escutava. Aplicava os seus conhecimentos humanísticos a quase tudo o que fazia, e sabia tirar ressonâncias da gente da nossa vila como o virtuose as tira de um piano.

Um dia, o Dan Thurlow, que nunca soubera o que era estar doente, ficou apavorado ao sentir-se mal, e mandou chamar o médico. Estava doente de verdade, como viemos a saber depois, mas o dr. Pillsbury é que não o confessaria enquanto visse o doente tão alarmado. Quando entrou no quarto do cliente, ao ver um jornal em cima da cama, comentou: «Ah, um jornal! Há dois dias que não leio as notícias.» E sentou-se alí mesmo, perto da janela, e começou a lê-lo.

—Mas doutor, disse Dan. —Eu estou doente!

—Sim, ouví dizer. Você vai melhorar.

—Mas, que diacho, doutor, não fique aí sentado a ler. Eu me sinto muito mal!

—E ainda há de sentir-se muito pior antes de melhorar! Este jornal publica uns artigos tão tolos! Aquí tem um, a especular sobre o que pensa a Europa. Que é que o diretor de um jornaleco de Portland sabe do que vai pela Europa? Por que é que ele não escreve antes a respeito do que se passa no Maine, coisas que pode ser que ele conheça? Acho que vou escrever-lhe uma carta dizendo-lhe isso mesmo.

—Pelo amor de Deus, doutor, faça o favor de largar esse maldito jornal e de me dar uma pílula ou qualquer coisa!

—Oh, imagino que foi para isso mesmo que eu vim aquí. E então de que se queixa o meu amigo? Dói-lhe alguma coisa?

—Eu me sinto muito mal. Acho que vou morrer.

—É? E daí? A gente morre! Não faz diferença nenhuma aos que aquí ficam. E se você morrer, verá como essa gente esquece a mágoa depressa. E a você tambem não fará diferença nenhuma. Mas então? Comeu alguma coisa que lhe fez mal? Milho verde, ou mariscos?

O Dan acabou melhorando, e não se cansava de contar a toda a gente a conversa que tivera com o doutor: «Aquele homem infernal,» comentava ele, «sabia muito bem o que estava fazendo. Me deu tanta raiva, que naquela hora eu até lhe podia ter torcido o gasganete! Nem me lembrava mais que estava doente. Passado tempo vim a saber que ele já tinha visto aquele jornal no quarto de uma dúzia de doentes, e até o tinha levado para ler em casa!»

Do MODERNO ponto de vista sociológico, a «Fazenda dos Pobres» de outros tempos não era recomendavel. Mas a da nossa vila era bem boa, e cumpria à altura o seu propósito. Costumávamos visitá-la quando havia festa e, aliás, foi na despensa da Fazenda que eu beijei uma moça pela primeira vez, e ganhei como prêmio um bolo de melado, por sinal que bem grande e gostoso. Quem me deu o beijo, e me conseguiu esse prêmio doce, durante um jogo de «correio», foi Mabel Pitcher, a filha do administrador da Fazenda.

Mabel gostava muito de dar festas de aniversário, e a mãe dela não se importava de bater o sorvete e preparar doces e sanduiches. Alem de nós, os meninos, e da família de Mabel, havia sempre nessas festas quatro ou cinco das pessoas que moravam na Fazenda. Não era senão justo, pois se tratava de gente simples, nossa conhecida, amiga de todos nós, e que alem disso pagava sua manutenção.

A nossa Fazenda dos Pobres nunca deixou de dar lucro. Efetivamente, raras vezes a chamavam «dos pobres», e o nome pelo qual merecidamente a identificavam, era o de «Fazenda da Vila». As pessoas que lá moravam tinham bons cômodos, alimentação farta, e emprego segundo a habilidade de cada um. Era um pedaço de terra bem fertil, e até os velhos meio entrevados encontravam alí o que fazer, nos campos e durante as colheitas. Todo o mundo tinha alguma coisa que fazer. No inverno teciam tapetes, as mulheres passando o gancho através da tela, para encher os desenhos, e os homens sentados em redor, de tesoura em punho, cortando roupas velhas. Até nos anos piores, a nossa Fazenda da Vila conseguiu fechar o seu balanço sem prejuizo.

Henry MacLean, que antecedera o pai de Mabel na gerência da Fazenda, administrou-a durante 25 anos, e o seu relatório anual à assembléia da vila era um acontecimento. Eu costumava levar um tabuleiro com charutos e fumo de mascar, que vendia na assembléia para ganhar uns cobres, e foi assim que tive ensejo de ouvir MacLean fazer o seu discurso sobre os negócios da Fazenda. Oxalá a memória não me faça atraiçoar o pitoresco das suas palavras:

«Senhor presidente, meus senhores. O relatório impresso deste ano está pedindo algumas explicações aquí e alí, mas não são coisa de grande monta. Pusemos a parelha a trabalhar durante 45 dias ao todo, no cascalho e na neve, mas essa parelha não dá grande coisa na estrada, e tenho esperança de que poderemos trocá-la, para

o ano que vem, por outra mais forte. Acho que devíamos pôr de parte o dinheiro que ganhamos com ela o ano findo, como reserva para compra da nova parelha. Embora eu esteja disposto a conservar a velha, se os amigos mandarem, acho que devíamos pensar em substituí-la. Agora, quanto à renda que tiramos do corte de madeiras, não foi o que eu desejaria, mas se os amigos continuam a comprar a sua lenha nos estaleiros e nas serrarias, então não têm razão para se queixar. Se me fizerem as suas encomendas antes de primeiro de junho, posso arranjar-lhes umas cem carroças sem dificuldade alguma, e terei, dessa maneira, dinheiro adiantado que chegue para comprar uma parelha nova para o serviço.»

Henry MacLean continuava nesse tom, descrevendo a situação e os seus planos sobre as colheitas, as bagas silvestres, o jardim, etc., e acabava pedindo a aprovação de uma verba de 300 dólares para o exercício seguinte. Depois, alguem fazia um discurso elogiando os cuidados que Mac dispensava aos residentes da Fazenda, e a sua grande dedicação ao trabalho. Nunca se levantava uma objeção à verba pedida. Aquilo era realmente um empréstimo, porque, no fim do exercício, era certo, Henry liquidaria isso tudo, e muito mais. Efetivamente, no ano seguinte, as contas acusavam um lucro líquido de 700 dólares, sem contar o saldo a transportar referente ao valor da batata para semente.

No dia em que Mac se aposentou, os eleitores lhe deram um presente em dinheiro e um belo relógio. E ele continuou a morar na Fazenda da Vila, que havia administrado por tanto tempo, tecendo alegres reflexões sobre a sua carreira, enquanto o pai de Mabel ocupava o posto dele, e se esforçava por gerir a fazenda com a mesma competência.

A nossa vila sofreu o assalto das idéias modernas, e um dia resolveu-se vender a Fazenda; hoje a população considera os velhos «bocas inuteis», como qualquer outra comunidade que se ufane de ser «moderna»! Mas eu é que ainda me lembro do orgulho com que Mabel e a gente da sua família diziam às outras pessoas: «Nós moramos na Fazenda da Vila!» Era um bom lugar para se morar, e talvez o melhor que eu já vi para uma festa de aniversário.

Nos tempos da minha infância, os escoteiros brilhavam pela sua ausência na nossa vila: mas eu nunca sentí a falta deles... Nunca aprendí a esfregar dois pauzinhos para acender uma fogueira. No meu tempo achava-se muito mais prático riscar um fósforo. Tudo o que o nosso treino exigia, era que soubéssemos conservar os fósforos bem secos, dentro de garrafas de vidro vedadas com cera. Aprendemos a pôr os fósforos no frasco, de cabeça para baixo, para que os pudéssemos tirar sem molhá-los, se tivéssemos os dedos úmidos; tambem nos ensinaram que um fósforo úmido pode acender se a gente o esfregar primeiro no cabelo. Sabíamos como juntar gravetos para fazer uma fogueira, mesmo depois de

alguns dias de chuva. Sabíamos entrar encharcados na floresta, e sair de lá secos. Isso mesmo fizemos muitas vezes.

Todos tínhamos rifles calibre .22, mesmo os gurís de pouca idade. Quando chegávamos à idade de frequentar o ginásio, já sabíamos manejar rifles de caçar cervos, e espingardas de dois canos. Sabíamos tambem que as armas de fogo se destinavam unicamente a caçar animais, e que não devíamos apontá-las para alvos que não quiséssemos atingir. Nunca um de nós levou um tiro. A maior virtude de nossas armas de fogo era, porem, que elas nos levavam a penetrar nos bosques em qualquer estação, no bom e no mau tempo. E foi nos bosques que nós aprendemos a armar a tenda, a fazer um acampamento, a acender fogueira, a preparar um bom jantar, e a dormir enxutos ainda que chovesse a cântaros.

E está claro que nenhum rapaz do Maine se considerava bem criado, se não tivesse aprendido a pescar. Vivíamos então ainda na era do caniço. Em lugar dos complicados aparelhos atuais, cada vez que íamos à pesca cortávamos com o canivete uma vara de amieiro, e carregávamos no bolso tudo o que o esportista de hoje chama pomposamente de «equipamento de pesca». Toda essa coleção de objetos—um pedaço de linha grossa, vários anzóis comuns espetados numa rolha de cortiça que servia de bóia, e alguns pregos para o caso de precisarmos de pesos—aquilo tudo representava para nós uma despesa de três centavos!

Meu pai levou-me pela primeira vez para pescar quando eu tinha cinco anos, e diz ele que eu peguei uma truta que pesava meio quilo. Mas o meu verdadeiro mestre de pesca foi o Bill Damon, o homem que pegava peixe mesmo quando não os havia.

Esse Bill era grande responsavel pelas gazetas que fazíamos. Se nos encontrava a caminho da escola numa bonita manhã de primavera, perguntava-nos: «Se vocês pudessem escolher, o que é que preferiam: ir à escola ou ir pescar?» Era, nem mais nem menos, um desafio, e todos nós preferíamos ir pescar; mas Bill só levava um de cada vez.

Ir à pesca com Bill era uma coisa tão banal, que um dia, quando a professora perguntou na aula se alguem sabia por que motivo o Robert Sawyer tinha faltado, eu respondí sem pensar: «Foi pescar com Bill Damon.» Robert nunca me pediu satisfações, e a professora não voltou ao assunto. Porque, a verdade seja dita, ir à pesca com Bill era aprender mais do que as escolas podiam ensinar-nos.

Bill não consentia nunca que o propósito supremo da pesca fosse pegar peixe. Pelo caminho havia ovos de insetos, e a couve «maritacaca» começando a romper entre o musgo: tudo nós devíamos ver e observar. Ele sabia o que as trutas gostavam de comer em cada época, e nos ensinava a pôr a isca no anzol. Mais tarde, começava a usar moscas, e mostrava-nos a maneira de atá-las à linha. Aquele homem tinha o dom de assar uma truta num lume de carvão, que era uma

maravilha de gosto; e quando cismava de levar a mochila, sabia fazer uma sopa de truta tão deliciosa, que a panela cheia mal dava para nós dois.

Ainda hoje não posso ir pescar, que não ouça lá bem no fundo de minha memória o desafio de Bill: «Prefere ir à escola ou pescar?» A verdade é que eu preferia a pesca, pois Bill me ensinou tão bem a arte de procurar as coisas que fossem de interesse, que um ribeiro, mesmo sem truta, ainda hoje é para mim um prazer!

Outra pessoa que nunca poderei esquecer é o capitão Ethan Starbird, e a maneira como ele me ensinou a fazer nós. Sentava-se com a perna de pau atravessada no espaldar duma cadeira, e enquanto eu praticava na tal perna, sob a vista dele, toda a sorte de nós e laços, ele falava e falava... As histórias do capitão Starbird eram inesgotaveis!

—Um dia eu aceitei o desafio da Marinha Britânica para uma corrida, começava ele. —O prêmio era uma pipa de rum, e eu ganhei. (É claro que se ele não tivesse ganho, nunca eu ouviria contar a história, —não era eu tão pequeno que o não compreendesse...)

—É assim? indagava eu.

Não estava pondo em dúvida a veracidade daquele principiozinho de história; referia-me somente ao nó que estava praticando. O capitão ficava olhando, todo dobrado em cima da perna de pau:

—Passe agora o laço pela parte de baixo... Isso!

E lá continuava com a sua história.

—Liverpool era uma grande terra pra corridas a vela. Os ingleses tinham muito respeito pelos barcos do Maine: sabiam que nós os preparávamos como devia ser, mas o que eles nunca aprenderam foi a calcular suas próprias possibilidades. Aceitavam qualquer desafio, imprudentemente, muitas vezes; mas sempre o faziam, e quando apanhavam uma coça, pagavam sem bufar, vinham apertar-nos a mão, e só lhes faltava pedir-nos perdão de nos terem dado o trabalho de vencê-los. Quem quer que tivesse um barco de frota, a sua ambição era levá-lo a Liverpool, e ganhar uma corrida antes que o seu cordame ficasse estragado. Passe agora a ponta livre para a mão esquerda.

—Assim?

—Não, moço. Passe por baixo do polegar, assim: agora dê a volta... Pois bem, como ia dizendo, nem eu sei bem como é que a *Joyce Ann* conseguia tomar tamanha velocidade, e eu pensei que talvez não fosse mau disputarmos uma corridinha. De sorte que, ao entrarmos de vento em popa nas águas inglesas, passamos por entre toda a Marinha Britânica, muito galhardos, saudando e apitando. Um dos navios respondeu à saudação e desafiou-nos para uma corrida por uma pipa de rum! Eu apitei, como sinal de que aceitava, mandei dar todo o pano que tínhamos e tocamos para a frente. Pois nem queira saber: tudo quanto era navio naquelas águas desatou a correr conosco, e de velas enfunadas pelo mar a fora, em volta de nós, que até parecia um comboio! Havia chalupas, corvetas, brigues, e tudo quanto se possa imaginar, e os marinheiros trepados nos mastros saudavam-nos, e nós respondíamos. Aquilo parecia a cauda de um tufão passando por uma fábrica de lençóis, com todo aquele pano a adejar ao vento, e lá íamos nós correndo como danados a caminho da glória, que já nem sabíamos, no meio da confusão, qual era o navio que nos tinha lançado o desafio!...

«Agora acertou, moço; não meta essa ponta outra vez, e não puxe a corda com tanta força. Deve-se deixá-la um pouquinho frouxa... E no fim da correria, nós acabamos vencendo aqueles navios todos! Vencemos por uma boa dianteira, e depois navegamos para terra, recolhemos as velas e por fim ancoramos. Não lhe conto nada; chegado o anoitecer, aproximou-se do nosso navio um batelão, um marujo subiu a bordo, as calças largas batendo ao vento, curvou-se num cumprimento tão exagerado que até a espinha lhe deu um estalo, e disse solenemente: «Sua Excelência, o Lorde Fulano de Tal, Guarda do Selo e Cavaleiro Comandante da Ordem do Banho, apresenta seus cumprimentos e deseja satisfazer as obrigações da aposta que perdeu...» Qualquer coisa assim, num estilo floreado. Fomos olhar da amurada, e que vejo eu? O batelão trazia 42 pipas de rum da Jamaica! Era uma carga de impor respeito! Retribuí os cumprimentos, e mandei convidar o tal Lorde para vir tomar um trago conosco, a bordo do meu navio; mas ele nunca apareceu.

«Eu não sabia que tinha competido com toda aquela gente e, muitos anos depois, eu ainda tremia, só de pensar quanto teria de pagar se tivesse perdido a corrida! Acho que em certas horas é melhor a gente ignorar as consequências provaveis dos nossos atos.»

Quando ele acabou de contar a sua história, eu já tinha gasto corda que dava para aparelhar uma escuna, e a perna de pau do capitão Starbird tinha nós de que os escoteiros jamais ouviram falar...

Chegou finalmente aquele fim de junho, e a igreja congregacional estava toda enfeitada com balsâminas e grandes açafates de malmequeres por todos os lados. O organista rompeu a marcha, e a minha classe do ginásio dirigiu-se em forma até os bancos, para ouvir o discurso da colação de grau. Os rapazes iam todos muito arrumados, de jaquetão azul, alguns deles vestindo calças compridas pela primeira vez nesse dia. As moças de vestido branco, quase todos feitos em casa, e com ramos de flores—algumas compradas no florista, mas sobretudo lilases e peônias dos jardins. Era o termo de nossa infância. A comunidade havia feito por nós o que lhe estava ao alcance, oficial e extra-oficialmente, e agora estávamos alí para ouvir a palestra do pastor, síntese de meia hora que remataria a nossa educação, e nos exortaria a seguir fielmente certos preceitos que nos haviam ensinado.

Falou-nos ele da vantagem da nossa educação naquela tranquila localidade costeira, onde o povo reunia tantas qualidades e virtudes, e onde a

lição era bem clara para quem fosse capaz de reconhecer os valores e integrá-los em sua vida. Disse-nos que nem sempre são os grandes feitos que levam ao melhor êxito, e que bem andaríamos se aprendêssemos a viver contentes e a tirar proveito do gênero de vida em que fôramos criados. Falou-nos do mar e da floresta, das aves e dos frutos; do verde que brota da terra após a neve e o frio do inverno; das tempestades e do luar. Falou das pessoas cujo exemplo devia ser uma visão sempre presente ante nossos olhos—e muitas ele mencionou pelo nome. Estavam alí presentes algumas delas—e todas eram amigos ou parentes. Falou-nos dos esforços da nossa vila, da sua existência em comum. Falou das recreações—dos piqueniques e das festas. Disse-nos que se aproximava o dia em que o mundo teria quase esquecido as coisas que nós sabíamos. Incitou-nos a persistir, e a nunca esquecer que nossa infância fôra de tal natureza, que muitos homens nos haviam de invejar. Quanto aos estudos, disse ele, podíamos ambicionar mais altos graus, mas aqueles que não o fizessem, guardariam para todo o sempre no coração a nossa vila, e onde e quando quer que fôssemos, aprenderíamos cada vez melhor, com o tempo, que era a nossa vila que nos tinha criado—e criado bem! «Escrevei com a vossa conduta a visão que a aldeia natal deixou em vós,» concluiu ele, «e fazei-o com clareza, porque outros virão ler o que for escrito, e ficarão sabendo quanto foi invulgar o meio em que vos criastes.»

Tornamos a orar, o organista executou a marcha novamente e saimos da pequena igreja, para enfrentar o que o mundo nos oferecesse. Não poucos ficaram na vila, alguns talvez para sempre. Mas todos nos lembramos dessas coisas, e sabemos que o pastor tinha razão. Quer queiramos, quer não, onde quer que formos, essa visão irá conosco, porque nada poderá apagar de nossa alma as lembranças que nela deixou gravadas a minha vila natal.

Índice Classificado de Seleções

para os leitores que o solicitarem

O índice de assuntos de Seleções correspondente ao segundo semestre de 1949 foi impresso separadamente, em um folheto de 4 páginas, do mesmo formato da revista, e será enviado gratuitamente aos leitores que o solicitarem.

Se V.S. coleciona Seleções ou a usa como fonte de consulta, esse Índice Classificado será de grande utilidade. Para obtê-lo, basta pedí-lo, pessoalmente ou pelo correio, a

Fernando Chinaglia
Seleções do Reader's Digest
Avenida Presidente Vargas, 502, 19° and.
Rio de Janeiro

A Virgem de Luján

(Capa)

Por Monsenhor Gustavo J. Franceschi

Da Academia Argentina de Letras

Começos do século XVI... A caravana que vinha de Buenos Aires e se dirigia para Salta havia acampado no *pago* de Luján. Ao amanhecer do segundo dia, gauchos enrijecidos no trabalho do campo recolheram as juntas de bois e avivaram os fogos para preparar o churrasco e o leite do desjejum. Os carreiros apanharam as aguilhadas. Depois de saudar Maria Santíssima com uma oração, entre latidos de cães e gritos de incitamento, a caravana tomou rumo. Todas as carroças se moveram, menos uma. Depois de tentarem várias vezes, chegaram à conclusão de que a dificuldade residia em uma pequena caixa que continha uma imagem da Virgem, de terra-cota, que viera da Espanha, de pouco mais de 50 centímetros de altura. Não tinha caráter artístico marcante mas era uma figura muito piedosa. Ia consignada a um senhor de Salta. Considerou-se, então, que a Providência queria que a imagem ficasse alí naquelas paragens.

Estamos agora no século XX. O legado apostólico junto ao Congresso Eucarístico Internacional de Buenos Aires, Cardeal Eugenio Pacelli, quis visitar o santuário nacional. Quando entrou no templo e rezou sua missa ao pé da imagem milagrosa, foi todo um povo que se fundiu em admiravel unidade, rezando com o enviado pontifício.

Entre essas duas datas decorreram quatro séculos de história nacional. Ante o altar de Luján, ofertaram-se as bandeiras conquistadas nas vitórias pátrias; e nos dias de grandes calamidades, para Luján se dirigiam as peregrinações que imploravam a misericórdia divina.

Primeiro humilde choupana de argila, anexa a uma estância; logo depois, uma capelinha de tijolos de barro, coberta de palha; em seguida uma pequena igreja em estilo colonial e por fim uma monumental basílica de torres góticas, o santuário de Luján tem registrado as etapas do crescimento da nação. A Virgem desta invocação é padroeira do Uruguai e do Paraguai, além de o ser da Argentina. Até na Itália, na França e na Espanha vi reproduções de sua imagem. E alí tambem a devoção à Virgem de Luján é expressão de um sentimento supranacional que faz confraternizarem-se em uma só piedade homens de raças diversas e confere o máximo alcance à frase de um de nossos estadistas: «América para a humanidade.»

Foto: Leo Matiz

NÃO SE IRRITE!

Homens há que nem de joelhos convencem . . . Porque quando não se barbeiam — ou barbeiam-se mal ou com imitações — deixam má impressão . . .

USE GILLETTE

SIM, A LÂMINA GILLETTE!

Barbear *todos os dias* evita contratempos desagradáveis; e para barbear-se bem, com suavidade e sem irritação, nada há como a Lâmina Gillette Azul legítima e a máquina Gillette de precisão.

O HOMEM BEM ESCANHOADO
É HOMEM SOLICITADO

Copyright, 1949: Gillette Safety Razor Co. (Reprodução autorizada)

As mais lindas sereias afirmam:

RUGÓL
limpa, clareia e embeleza a pele, com *um só creme!*

Quantas mulheres de peregrina beleza devem ao Creme Rugól o viço, o frescor e os encantos da mocidade... Sua dupla ação é rápida e infalível: nutre os tecidos, limpa e estimula tôda a pele. Rugól é o mais completo tratamento de beleza. Pelas suas extraordinárias virtudes é sempre indicado para eliminar cravos, rugas, manchas e espinhas. Permita que o Creme Rugól dê à sua cutis esta maravilhosa brancura e suavidade que tornam as mulheres tão lindas e cativantes... Comece a usá-lo hoje, para conservar a sua beleza amanhã...

MANTÉM EM SEGRÊDO A SUA IDADE

Creme RUGÓL

Aplique RUGÓL tôdas as noites, no rosto e no colo, em suaves massagens. Use-o também como base para a maquilagem diariamente.

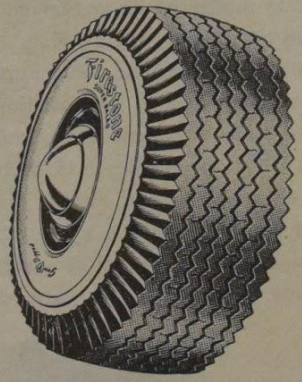
Você já viajou num Super Balão?

O MELHOR HOJE... AINDA MELHOR AMANHÃ

Super Balão Firestone

Sim—os pneus Super-Balão oferecem suavidade de marcha e segurança inéditas.

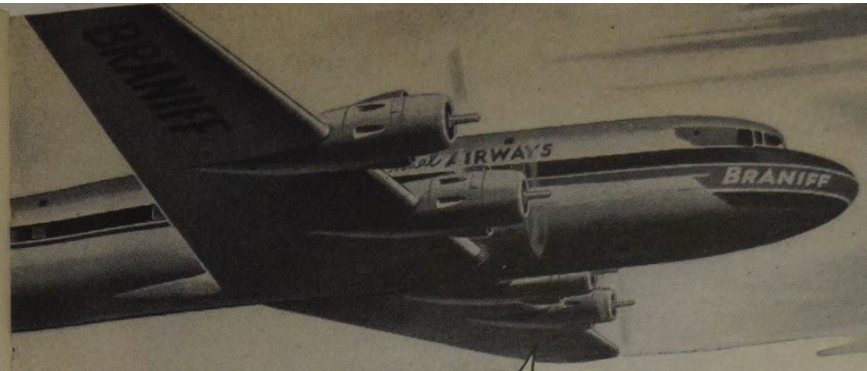
O Super-Balão, resultado da experiência acumulada pela Firestone desde 1922 — quando criou o primeiro pneu *balão*—roda em maior volume de ar a baixa pressão (apenas 24 lbs.), para mais conforto... e tem *skid-resistors* de desenho científico, para maior segurança do seu carro... e da sua vida!



Super Balão **Firestone**

INDÚSTRIA BRASILEIRA

O CRIADOR DOS PNEUS BALÃO

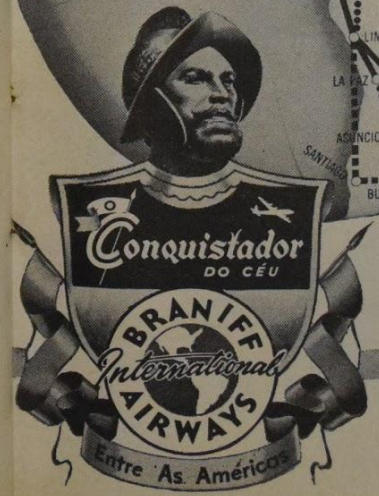


APRESENTANDO

O Conquistador DO CÉU

A Braniff se orgulha de apresentar O CONQUISTADOR DO CÉU, a última palavra em serviço aéreo entre as Américas. Não há nada melhor nem mais rápido do que as aeronaves da Braniff, os Douglas DC-6, com ar condicionado, que fazem 480 quilômetros por hora, navegando sob a orgulhosa flâmula do CONQUISTADOR DO CÉU.

Escolha um luxuoso leito ou uma repousante poltrona reclinavel,—e esteja amanhã mesmo nos Estados Unidos! De caminho saboreie deliciosas refeições. Experimente o serviço individualizado que fez da Braniff a eleita dos viajantes experientes.



BRANIFF
International AIRWAYS

Avenida Rio Branco, 277
Rio de Janeiro, Brasil
Telefone 42-1704

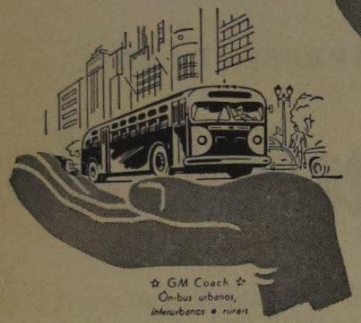
Miller, Goddard & Cia., Ltda.
Praça Ramos de Azevedo, 264
São Paulo, Brasil

Para informações, dirija-se ao escritório local da Braniff, ou ao seu agente de viagens. Escritórios nas 46 maiores cidades da América. Todos os vôos da Braniff levam passageiros, correio e carga.

Seu bem-estar é o nosso objetivo

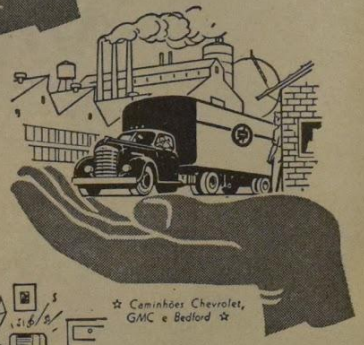
Chevrolet ☆ Cadillac
Buick ☆ Oldsmobile
Pontiac ☆ Vauxhall

☆ Frigidaire ☆
Refrigeração doméstica



☆ GM Coach ☆
Ônibus urbanos,
interurbanos e rurais

☆ Frigidaire ☆
Refrigeração comercial e
industrial



☆ Caminhões Chevrolet,
GMC e Bedford ☆

☆ GM Diesel ☆
Motores estacionários
Conjuntos geradores
☆
Peças e Acessórios

Tôda uma extensa linha de produtos GM da mais alta qualidade é posta a serviço de todos nos mais variados setores da atividade humana. Nas ruas e nas estradas... nos lares e nas escolas... nas fábricas e nos escritórios o bem-estar contido nos produtos GM representa o mais significativo dos nossos objetivos – o de sermos úteis! E tal satisfação é acentuada pelo fato de tudo fazermos para impulsionar a economia brasileira utilizando progressivamente matérias locais contribuindo assim para o desenvolvimento da riqueza nacional.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

contribui para o progresso e o bem-estar

Para crescer forte **seu filho precisa de**

Ovomaltine - o poderoso alimento fortificante!

Duas vezes mais do que o Sr. e a Sra. precisam! Sim, seu filho - para crescer forte - precisa de duas vezes mais do que um adulto: Vitaminas, Cálcio, Fósforo, Ferro e substâncias minerais. Se o organismo dele não receber as doses suficientes de Vitamina A, o seu crescimento é retardado e mesmo paralisado! Se lhe faltar Fósforo e as Vitaminas do Complexo B, seu apetite diminui sobrevindo a perda de pêso e o nervosismo! Êle requer ainda Vitamina D e Cálcio, para o bom desenvolvimento dos ossos e dentes e ferro para enriquecer o sangue. Todas essas indispensáveis substâncias podem ser ministradas ao seu filho através da saborossísima Ovomaltine misturada ao leite. Adotada em inúmeras clínicas infantis, Ovomaltine é ainda o alimento oficial dos atletas das Olimpíadas. Tome e dê ao seu filho a nutritiva Ovomaltine.

Diàriamente, beba o seu copo de

OVOMALTINE

Vale por uma refeição

Produto genuinamente suiço. Produzido e enlatado na Suiça, por Dr. A. Wander S. A. - Berna

LABORATÓRIO WANDER DO BRASIL S. A.

São Paulo: Rua Afonso Celso, 671 - Rio: Avenida Graça Aranha, 19 - 2.º andar

Record 5320

TRUBENIZADO?

Sim, Trubenizado, ou melhor: TRUBENIZED, *que é a designação corréta de um processo químico (Pat. Bras. 22.420). Por este processo os colarinhos são tratados na fábrica com uma "goma permanente", ligando a entretela com o forro e tecido exterior. Esta "goma permanente" tem duração pràticamente indefinida.*

Os colarinhos não precisam ser engomados depois da lavagem. Conservam sempre sua aparência bonita e elegante.

CAMISAS com colarinho
TRUBENIZADO
encontram-se em todas as boas casas
no Brasil com estas marcas de garantia

USA. Pat. 22.420
TRUBENIZED
passar úmido - sem goma

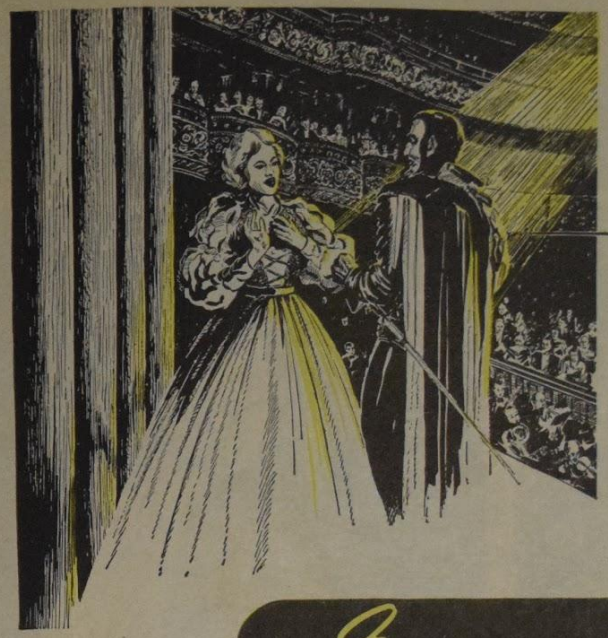
Elas admiram a elegância!

CAMISAS Tannhauser DESDE 1893 SÃO ELEGANTES

Ha camisas „TANNHAUSER" para todos os gostos. Esplêndidas tricolines, cuidadosamente cortadas e caprichosamente costuradas tornam as camisas

Tannhauser
DESDE 1893

um produto de mais alta classe.



O inverno traz consigo a brilhante temporada lírica dos Estados Unidos. Além desses grandiosos espetáculos - insuperáveis pelo valor artístico, colorido e beleza - cada região do país tem suas atividades culturais e artísticas próprias, que atingem o climax na temporada de inverno.

Inverno nos E.U.A.

Os sensacionais esportes de inverno atraem milhares de adeptos aos lagos gelados e as montanhas cobertas de neve.

As praias tropicais da Flórida, Califórnia e Golfo do México, banhadas pelo sol, oferecem ao turista uma oportunidade inigualável de repouso sadio e confortável.

Os amantes dos esportes podem apreciar competições atléticas em recintos fechados, tais como hockey, basketball e lutas de box.

Londres
...agora apenas 13 horas de New York pelo novo CLIPPER* DOIS ANDARES *"Tipo-América"*

O inverno nos Estados Unidos oferece, realmente, uma grande variedade de atrações. E num rápido, confortável e luxuoso Clipper* da PAA - V. S. fará a viagem mais agradável de sua vida. As Agências de Viagens ou o escritório da PAA mais próximo terão grande satisfação em providenciar *todos* os detalhes de sua viagem.

*Marcas Reg., Pan American Airways, Inc.

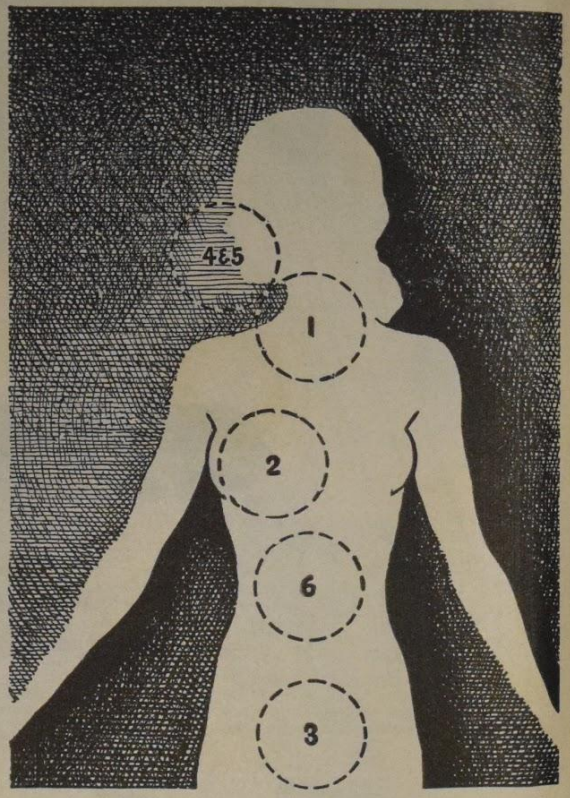
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rêde dos Clippers Voadores

PAA

VIAJE PÊLA PAA — MELHOR MANEIRA NÃO HÁ!

Notícias animadoras sôbre Câncer

Mamãe deixando o hospital, inteiramente restabelecida!



Milhares de pessoas anualmente *não morreriam*, se denunciassem, em tempo, êstes sinais.

Se o seu caso é de câncer em começo, seu médico *pode* salver-lhe a vida.

A ciência ganha terreno contra o câncer!

Cientistas do mundo inteiro estão enfrentando o problema! Fazem experiências com hormônios, por exemplo, e com substâncias novas, rádio-ativas e químicas, na esperança de encontrar um novo tratamento. E de grande importância é saber o público que o câncer pode ser dominado quando *descoberto logo no início* e convenientemente tratado. Felizmente para todos, o câncer em geral manifesta-se por sintomas definidos.

Conheça os 6 sintomas do câncer!

Se notar algum dêstes sintomas—procure o seu médico!

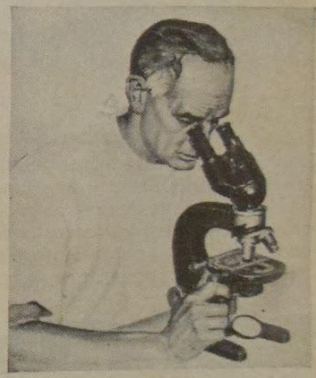
1. Rouquidão ou tosse—sem estar resfriado.
2. Qualquer nódulo persistente—embora sem dor.
3. Hemorragia irregular oriunda de orifícios naturais do corpo.
4. Qualquer *ferida* que se prolongue por *mais* de um mês, especialmente na boca, na língua ou nos lábios.
5. Mudança de coloração, de consistência, ou súbito crescimento em manchas, verrugas ou cicatrizes —particularmente em cicatriz de queimadura.
6. Perda de apetite; distúrbios persistentes em hábito normais de eliminação; indigestão prolongada.

O câncer incipiente pode ser controlado!

Hoje, se diagnosticado no início, o câncer é controlável na maioria dos casos. E a presença de qualquer dêsses sinais não quer dizer que o snr. tenha precisamente câncer. Em 100 mulheres que procuraram uma grande clínica para exame, 98 não apresentavam câncer. Não tenha medo de consultar. Lembre-se de que o perigo *maior* está na *demora*. Não negligencie. Se tiver qualquer dúvida, *consulte o seu médico imediatamente!*

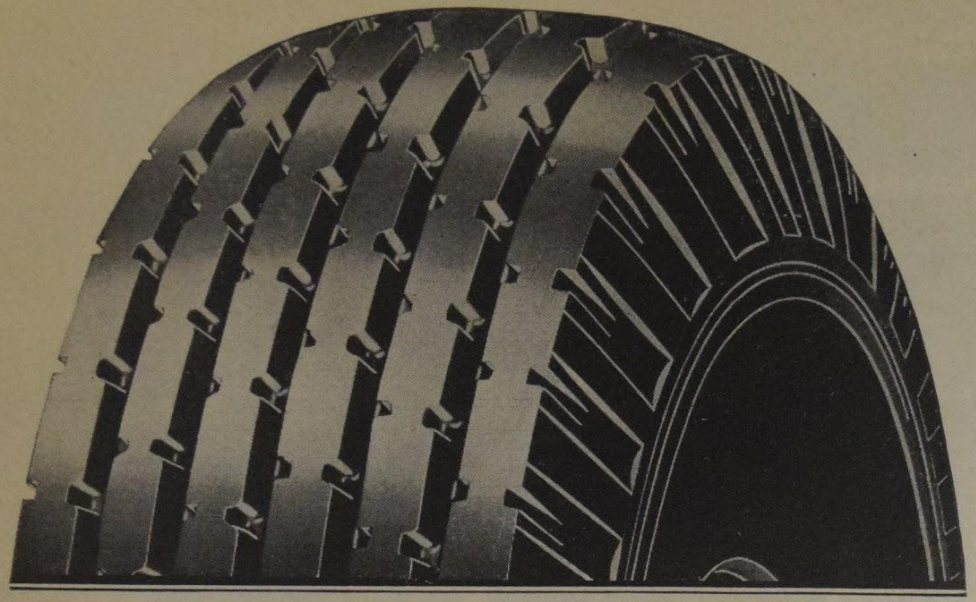
Esta é uma série de conselhos sôbre problemas básicos de saúde. Neles você verá como uma estreita cooperação com o seu médico pode, não só salvaguardar, como também melhorar seu bem-estar diário e suas possibilidades de uma vida longa e saudável.

© 1949, E. R. Squibb & Sons



SQUIBB

MEDICAMENTOS DESDE 1858



U.S.ROYAL

De Luxe

Este é o pneu para maior quilometragem e marcha mais segura. Ano após ano, os principais engenheiros especificam os pneus U. S. Royal DeLuxe como equipamento original dos melhores carros do mundo—o que constitui a prova suprema da excelência destes pneus.

Fabricados com cordonel de rayon* especialmente preparado, esquentam menos na rodagem e proporcionam maior quilometragem, por isso que duram mais e são mais seguros.

***Nos de medida 6.50 e maiores.**

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."

Pneumáticos para agricultura | Pneumáticos para trabalho pesado | Correias transportadoras | Mangueiras "U. S." | Correas de transmissão lisas e multi "V"

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

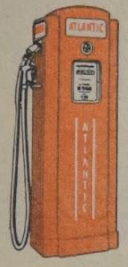
UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., LTD.

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • No E. U. A., Nova York 20

ATLANTIC

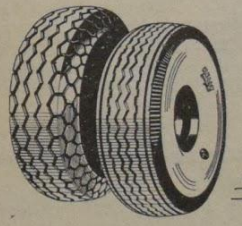
Associe o nome ATLANTIC às necessidades do seu carro!

1. A gasolina etilada Atlantic assegura vida nova e plena a seu carro, com a máxima economia.



2. O Atlantic Motor Oil de "Ação Dupla" limpa e lubrifica, protegendo as partes vitais do motor.

3. O pneu Kelly-Springfield, resultado de 55 anos de experiência, garante suavidade de marcha e a máxima quilometragem.



4. A bateria Atlantic, de confiança e durabilidade, assegura arrancadas mais rápidas.

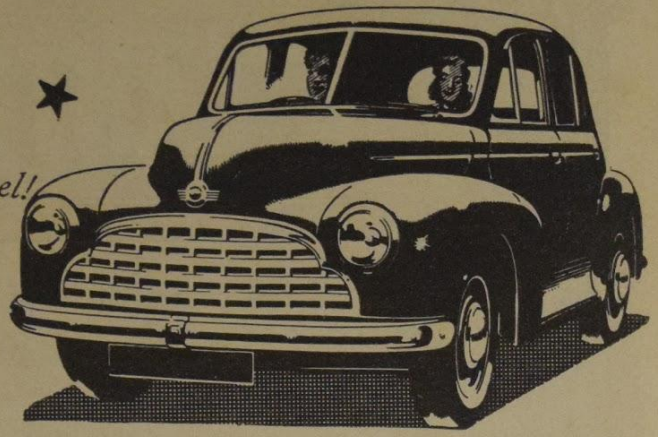
ATLANTIC REFINING COMPANY OF BRAZIL

GASOLINA • MOTOR OIL • LUBRIFICAÇÃO • PNEUS • BATERIAS

UM PRODUTO NUFFIELD

O DISTINTIVO DA MAIOR
ORGANIZAÇÃO BRITÂNICA
PRODUTORA DE AUTOMOVEIS

O mais alto valor do mundo automovel!



MORRIS Oxford

Eis Aquï as Razões . . . .
Mesmo para o MORRIS, cujos padrões de valor são afamados no mundo inteiro, este novo MORRIS OXFORD marca um novo recorde. Seu novo motor oferece maior potência. Sua nova carroceria tem graça e elegância, e assegura aos passageiros espaço que é um verdadeiro luxo. Outros requintes são: suspensão dianteira independente, assento diantero de uma só peça, mudança de velocidades na coluna do volante . . . e ainda muitas outras características que fazem do MORRIS OXFORD o mais alto valor do mundo automovel!

Riley — Os carros que asseguram soberba performance, com grande conforto e beleza de linhas.

MG — A marca famosa que vem ganhando continuamente, por muitos anos, nas competições internacionais.

WOLSELEY — Soberba carroceria, aliada à excelência do mecanismo, torna o Wolseley supremo na sua classe.

NUFFIELD EXPORTS LTD · COWLEY · OXFORD · INGLATERRA · Escritório em Londres: 41 Piccadilly · Londres · W 1

Distribuidores autorizados

SOCIEDADE COMERCIAL ANGLO-BRASILEIRA DE MOTORES
85 AVE. RIO BRANCO 13
RIO DE JANEIRO, BRASIL

A.M. ALMEIDA LTDA.
RUA DA ESCOLA POLITECNICA 39-39A
LISBOA, PORTUGAL

Na cidade e no campo sempre a mesma marca

RAMENZONI

1894 SÍMBOLO DE QUALIDADE HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO 1949

14 novas características de precisão na

Nova *Aero-metric* Parker "51"

● Agora você pode ser um dos primeiros a dar ou possuir o que há de mais novo —a bela e Nova "51". Nunca foi tão fácil escrever nem tão agradável. A Nova "51" tem os seguintes aperfeiçoamentos importantes:

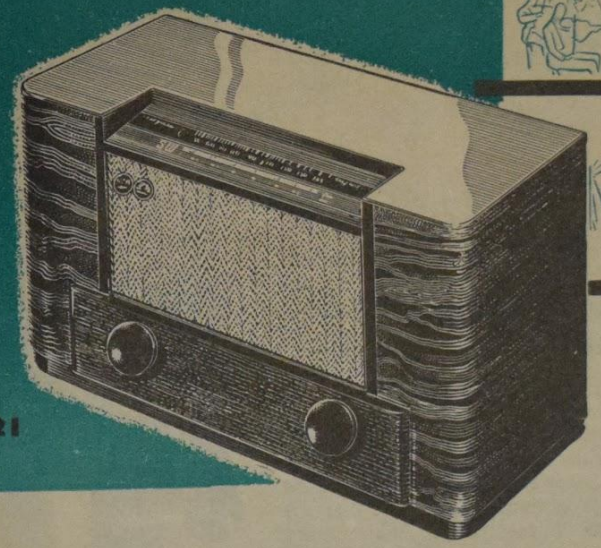
NOVO—sistema de enchimento "Foto-fill" • mostrador de tinta • reservatório de vidro flexível • isolamento de 5 camadas • dispositivo contra vasamento em viagens aéreas • pena com ponta de "Plathenium" . . . e mais oito grandes aperfeiçoamentos.

A caneta mais desejada do mundo

Representantes e Pôsto Central de Consertos para

Brasil: Costa, Portela & Cia., Rua 1° de Março, 9—1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: Antônio Vieira, Ltda., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: Quintas & Irmão, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: Teixeira da Rocha, Ltda., C. P. 463—Lourenço Marques

A voz de um RCA



Lembrará sempre o seu presente de Natal

● Dê como presente de Natal algo que fale sempre de sua amizade. E o 5Q21 é a melhor voz para falar em seu nome: um rádio modernissimo, prático, fácil de transportar para qualquer aposento da casa, dotado da famosa "Garganta de Ouro", uma exclusividade técnica e científica da RCA Victor. Examine-o ainda hoje em qualquer revendedor

Quem nunca ouviu a "Garganta de Ouro", não ouviu o que há de mais perfeito em rádio

RCA VICTOR

Um motor limpo representa

Potência

É por isso que vale a pena usar somente Havoline Motor Oil

A fórmula exclusiva do Havoline lhe permite eliminar o carbono e o lodo, que saem tão cãros—limpando o motor ao mesmo tempo que o lubrifica. Um motor limpo desenvolve mais *potência*, dá mais quilometragem por litro de gasolina e resulta em mais baixas despesas de manutenção. O Havoline combate a corrosão tambem — outro inimigo da potência e duração de um motor. E distilado para elininar dele as impurezas prejudiciais. Passe hoje mesmo a usar Havoline — à venda em toda a parte. *The Texas Company e seus distribuidores.*

UM PRODUTO SUPREMO

TEXACO

"Eminência, a cama está feita"

A SER humano passa, em média, 25 anos da sua vida na cama. "A cama abrange a vida inteira, pois nela nascemos, nela vivemos, e nela havemos de morrer." Pensamento talvez não desagradavel hoje, mas que nem sempre assim foi.

A cama dos gregos antigos era uma armação de madeira com uma tábua à cabeceira e tiras de couro entrecruzadas, sobre as quais assentavam peles; tambem era chique naquele tempo dormir no chão, em camas de folhas cobertas com peles. Mais tarde, nos começos da Idade Média, punham-se tapetes no chão ou em cima de bancos encostados na parede e, sobre êles, colchões recheados de penas, lã ou crina.

No século XIII alguem se lembrou de fazer catres de madeira com espaldar de pesados embutidos, talhas e pinturas. Em muitos inventários figuram camas dobradiças, concebidas para as viagens.

No século XV os lados, espaldares e pés das camas de carvalho, tinham buracos por onde passavam as cordas que seguravam o colchão. Nos 50 anos seguintes foram introduzidas três características novas: a madeira veio substituir os panos, puseram-se colunas aos quatro cantos, e paineis de talha à cabeceira. Daí em diante manteve-se o traçado geral, e só os colchões variaram. A cama do progressista Cardeal Wolsey tinha oito colchões "recheados com 13 libras de lã cardada e cobertos com doze *ells* (13,70 m) da mais fina holanda."

O fabrico de camas de metal em grande escala começou em Birmingham e arredores, na Inglaterra, nos meados de século XIX. E foi em Birmingham que, em 1928, os cientistas de Fort Dunlop produziram os almofadados de Espuma de Latex, —o maior progresso de todos os tempos em matéria de conforto da cama!

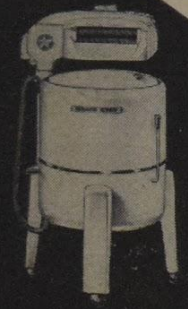
O Dunlopillo é o Latex "acrizado", isto é, que, ao servir, "se arcondiciona" automaticamente, graças a milhões de células intercomunicantes; e não é preciso batê-lo nem virá-lo. Resiste aos germes e às traças, e dura muito mais do que as próprias camas. Hospitais, hotéis, navios, estradas de ferro e inúmeros lares gozam hoje, no mundo inteiro, da branda compressibilidade do Dunlopillo—o colchão que traz à mente os versos:

★ *"Ó cama, ó cama! Ó deliciosa cama!*
Para o corpo cansado és céu na terra."

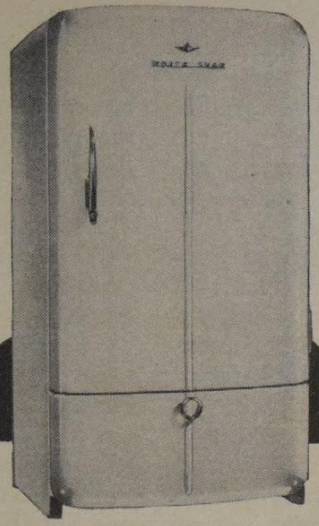
Fogões DeLuxe a gás natural, industrial, engarrafado ou butano.

Fogões DeLuxe elétricos, inteiramente automáticos, com todas as comodidades modernas.

Agora V. S. pode modernizar a sua casa completamente à la "Star",—com todos os utensílios domésticos. Dirija-se ao vendedor dos produtos White Star



Lavadoras DeLuxe com rolos de auto-ajustamento para espremer a roupa.



Refrigeradores DeLuxe 6 a 8 pés cúbicos.

Aquecedores d'água, eléctrico, a óleo, a gás. Capacidades 113 a 568 litros.

UTENSÍLIOS WHITE STAR

BORG-WARNER INTERNATIONAL

SEÇÃO INDUSTRIAL E DE UTENSÍLIOS, DETROIT 26, MICHIGAN, E. U. A.

Seção Automotriz, Chicago 4, Ill. Oficina de Embalagem: Auburn, Ind. Telegramas: BORINTICO

"Que maravilha se esconde neste presente de Natal!"

disse **ELIZABETH TAYLOR,** ao ver os novos e lindos ELGIN . . . e ao saber da maravilhosa Corda DuraPower

Eleita pela Academia de Modas como "a mulher mais bem vestida" dos Estados Unidos . . . ELIZABETH TAYLOR estrela do filme da Metro Goldwyn-Mayer "Traidor"

A Corda DuraPower evita 99% dos consertos devidos a desarranjos das cordas de aço.

ELGIN

CERTO— COMO AS ESTRELAS

● As mulheres "mais bem vestidas," como Elizabeth Taylor, e os homens "mais bem vestidos," ostentam com orgulho os novos Relógios Elgin. Porque a beleza desses relógios conquistou a Medalha de Ouro de Estilo, concedida pela Academia de Modas.

Mas o mecanismo dos Relógios Elgin não é menos distinto: mão-de-obra exceptional em todas as peças . . . e a Corda DuraPower! *Não há no mundo inteiro outro relógio que apresente esse elemento de suprema segurança para a precisão de funcionamento!* À sua escolha, Relógios Elgin em diversos estilos e preços.

Otto Straus—*Rio de Janeiro—Distribuidor Exclusivo Para o Brasil*

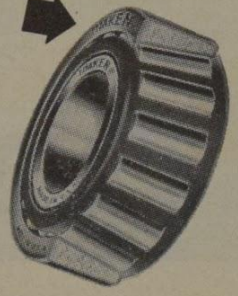
ELE TEM QUE CORRER RISCOS...

MAS V.S. PODE ESTAR SEGURO!

HÁ outros rolamentos cônicos que se *podem parecer* com os rolamentos Timken®. Alguns imitadores chegam mesmo a chamá—los de "tipo Timken". Mas *não são* rolamentos Timken! Nem são tão *bons* quanto os rolamentos Timken. V.S. está correndo riscos sempre que usa essas imitações.

A Timken é a *ùnica* fabricante de rolamentos que lhe assegura *todas* estas enormes vantagens: 1) desenho inovador; 2) rígoroso controle de qualidade; 3) fabrico de precisão; 4) aços de análise especial. Assim, quando V.S. comprar rolamentos para o equipamento que fabrica, ou para substituição dos mesmos, procure sempre a marca registrada "Timken" estampada no rolamento.

Verifique se a marca registrada "TIMKEN®" está estampada em todo rolamento cônico que comprar



TIMKEN ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS

MARCA REGISTRADA REG. U. S. PAT. OFF.

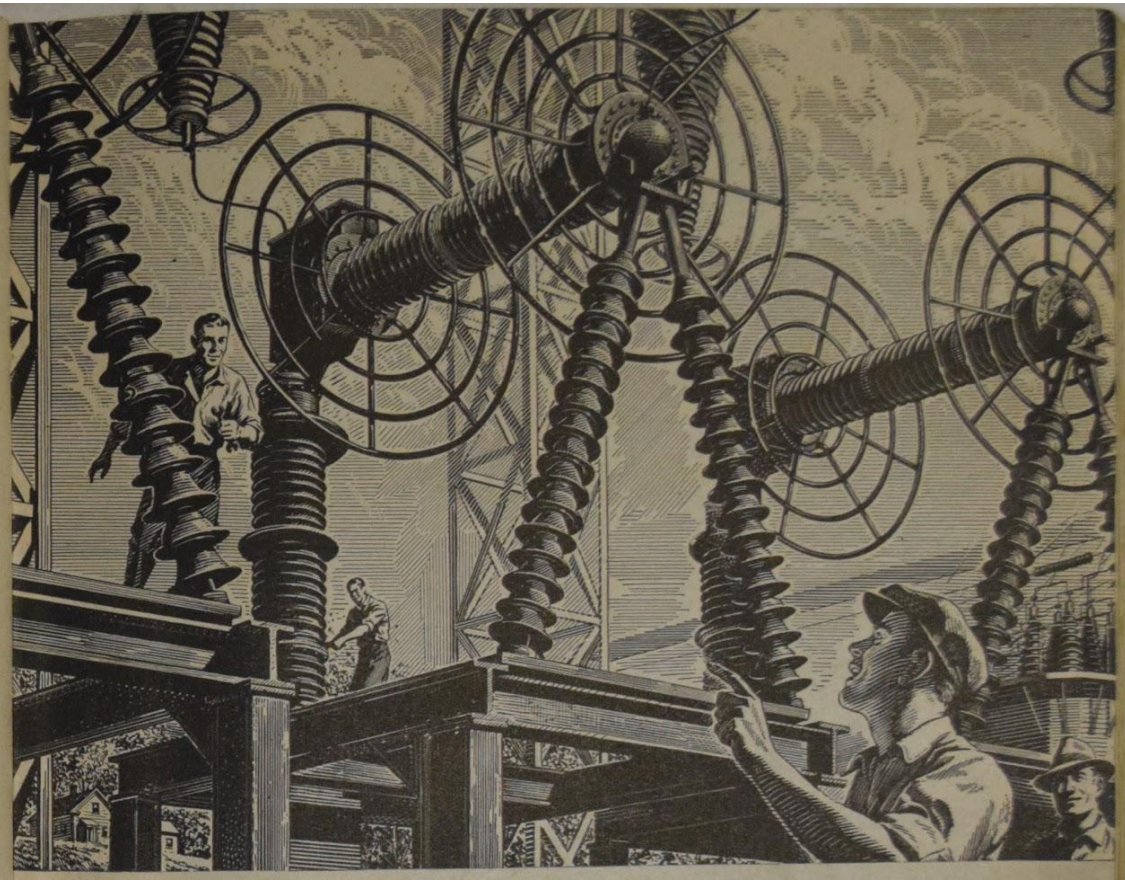
THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

Endereço Telegráfico: "TIMROSCO"

Representantes exclusivos para venda no Brasil

The Timken Roller Bearing Company of South America, Rua Duque de Caxias, 729/731

Tel. 52-6594 e 52-6595, São Paulo, Brasil



Obrigando uma força perigosa a

SERVÍ-LO COM SEGURANÇA!

Quando o homem capta as forças da natureza a fim de aumentar o seu conforto, medidas seguras de controle se impõem. Um arco de corrente numa linha principal de força pode produzir uma explosão semelhante à dinamite.

A G.E. desenvolveu precauções seguras e eficientes, como o imenso disjuntor G.E. a óleo, aquí ilustrado, que desliga automàticamente a corrente de uma linha de força quando ocorre qualquer anormalidade. Do mesmo modo, o fusível caseiro G-E de confiança protege o seu lar quando ocorre um curto-circúito ou sobre-carga.

A G-E não só fabrica os melhores produtos eléctricos, como fornece os meios de usá-los com segurança.

Ao usar a electricidade, lembre-se de que o líder nas pesquisas, engenharia e fabricação de materiais eléctricos está ao seu dispor. Os produtos G.E., para a indústria e para o lar, são encontrados em toda parte. International General Electric Company, Inc., New York. A-9-10

GENERAL ELECTRIC

E.U.A.

Símbolo de Excelência EM TODO O MUNDO... NA INDÚSTRIA E NO LAR

Kodak

Ambos usam

V.S. para instantâneos... gratas recordações de um dia feliz. Assim, momentos que se foram perpetuam-se—no arquivo familiar sempre crescente, e que de dia para dia se torna mais precioso.

a Fotografia

O fotógrafo, para ilustrações comerciais . . . essenciais à representação clara de produtos novos—à descrição gráfica de novos serviços—à convincente visualização de idéias novas—e à rápida e econômica divulgação dos últimos adiantamentos comerciais.

Aí estão somente duas das muitas formas por que a fotografia—mediante a sua aplicação à indústria, ao comércio, à ciência, aos serviços públicos e à vida diária—beneficia a todos os membros da sociedade.

KODAK BRASILEIRA, LTD.

Rio de Janeiro • São Paulo • Pôrto Alegre • Curitiba

"Kodak"—marca registrada desde 1888

UMA ORGANISAÇÃO
UNIVERSAL AO SERVIÇO
DA HORA EXACTA

CYMA

A QUALIDADE DE REPUTAÇÃO MUNDIAL

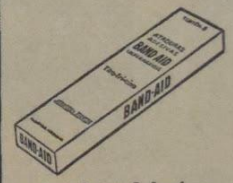
ESTEJA PRONTO PARA QUALQUER EMERGÊNCIA

GRAVES INFECÇÕES PODEM RESULTAR DE PEQUENOS FERIMENTOS...

...e você nunca pode saber quando o pequeno ferimento ocorrerá. Nas praias, nos pique-niques, no trabalho, no lar... a qualquer momento estamos expostos a êsses pequenos acidentes. Um rápido curativo toma apenas um minuto e assegura completa proteção. Por isto, tenha sempre ao seu alcance os produtos Johnson & Johnson para pronto socorro.

Johnson & Johnson

O nome de maior confiança em produtos cirúrgicos



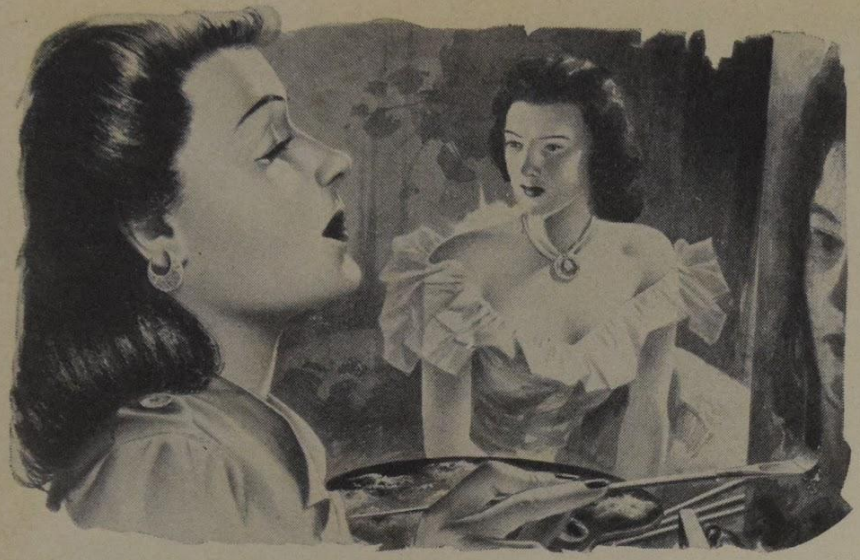
Atadura Adesiva BAND-AID - com tiro-tricina-poderoso antisséptico. Caixa de 5 Cr$ 2,00.

Gaze Belleview (Malha fechada) e **Gaze Brunswick** (Malha aberta) com grande poder de absorção.

Ataduras Johnson - Com bordas compressadas para não desfiar.

Esparadrapo Johnson Impermeável - aderência garantida. Não irrita a pele.

ÊSTES PRODUTOS SÃO ENCONTRADOS EM TÔDAS AS BOAS FARMÁCIAS



"Eu preferia ser modêlo... a ser artista famosa"!

- Não há razão para você invejar a minha arte. Eu, sim minha amiga, invejo sua beleza de mulher feliz. E confesso que preferia possuir beleza e ser apenas modêlo, como você, do que uma artista famosa.

- A Sra. combina com arte as côres artificiais dos seus quadros e quer também conquistar uma beleza falsa usando o maquillage excessivo. É um erro. Use Leite de Colonia que é um embelezador natural.

Em breve, Leite de Colonia criou uma nova beleza. E hoje, a jovem artista terminou uma obra prima - seu próprio retrato que todos admiram pela dupla beleza que possui: A beleza do quadro e a beleza do modêlo.

Não artificialize sua beleza... CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colonia

Sim, está errado! Evite o maquillage excessivo usado para disfarçar as imperfeições da pele e que é prejudicial à sua beleza. O certo é corrigir manchas, cravos, sardas e espinhas com Leite de Colonia. Use-o, pela manhã, em massagens sôbre o rosto, colo e pescoço... quando sair, como fixador do pó e protetor da cutis... e, à noite, numa última limpeza da pele. E seu rosto ganhará uma beleza verdadeira com aquêle encanto natural e duradouro.

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

Record 2815

Onde quer que viva, pode gozar dos benefícios de um Refrigerador Electrolux. Sem motor ou outras peças móveis, sujeitas ao uso e desgaste, êsse engenhoso sistema de refrigeração opera silenciosa e economicamente, ano após ano, sob as mais variadas e severas condições climatéricas.

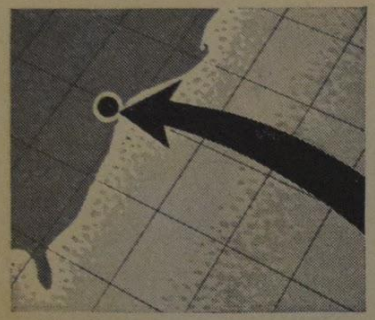
A CHAMA QUE GELA

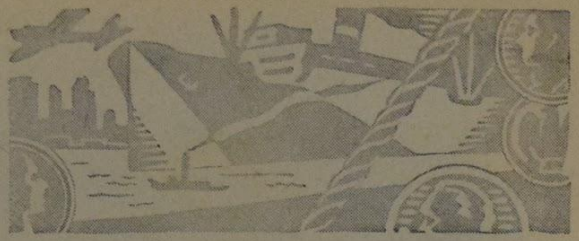
Uma lâmpada comum, de querosene, aciona o Electrolux. É por conseguinte:

De fácil manejo
Garantido - Durável
Econômico.

ELECTROLUX — UM PRODUTO SUECO — *a marca mundial* DE QUALIDADE

Cia. Electrolux S. A. - Rio, São Paulo, Santos, Niterói, Petrópolis. • Mattos Areosa & Cia. Ltda. - Manáus. • Pereira Pinto & Cia. - Belém. • Moraes & Cia., Ltda. - São Luiz. • Moraes S. A. - Parnaíba. • Dummar & Cia. - Fortaleza. • Paula, Irmãos & Cia., Ltda. - Mossoró. • M. Martins & Cia. - Natal. • Carvalho, Dutra & Cia., Ltda. - Cajazeiras, João Pessôa. • Moura, Perez & Cia., Ltda. - Recife • Gonçalves, Luz & Cia., Ltda. - Maceió. • Vieira, Garcez & Cia. Ltda. - Aracajú. • V. Muller - Bahia. • Dumans & Cia., Ltda. - Vitória. • Distribuidora Mercantil Ltda. - Campos. • Cia. Fabio Bastos Comércio e Indústria - Belo Horizonte. • G. Garcelon - P. Alegre.





LINHA DIRETA PARA OS ESTADOS UNIDOS

Os serviços que oferece o National City Bank, nos Estados Unidos, vão muito além das filiais que ele possui na zona metropolitana de Nova York. Em todas as cidades de importância, em todos os estados da União, este estabelecimento mantem relações de correspondência bancária que lhe permitem assistir a V.S. nas suas transações com os Estados Unidos. Esta vasta rêde norte-americana, em conjunto com as nossas filiais e agências bancárias no ultramar — mais de 50 — em todas as cidades de importância comercial do mundo, asseguram ao negociante mundial serviços bancários completos e da maior confiança, onde quer que seja possivel negociar.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

Sede Principal: 55 Wall Street, Nova York, E. U. A.

O Primeiro em Comércio Bancário Mundial

Argentina
Buenos Aires
502 Bartolomé Mitre
Flores
Plaza Once
Rosário

Brasil
Rio de Janeiro
Porto Alegre
Recife
Santos
São Paulo

Chile
Santiago
Valparaiso

China
Xangai

Colômbia
Bogotá
Barranquilla
Medellín

Cuba
Havana
402 Presidente Zayas
Cuatro Caminos
Galiano
La Lonja
Caibarien
Cárdenas
Manzanillo
Matanzas
Santiago

Filipinas
Manila
Juan Luna
Port Area
Cebu
Clark Field

França
París (Sucursal da IBC)

Hong Kong

Índia
Bombaim
Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad St.
West End
11, Waterloo Pl.

Japão
Tóquio
Osaca
Iocoama

México
Cidade do México

Perú
Lima

Porto Rico
San Juan
Arecibo
Bayamon
Caguas
Mayaguez
Ponce

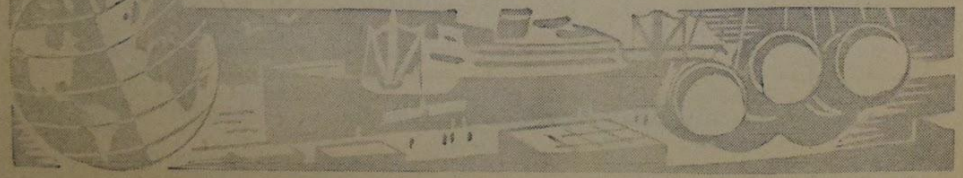
República do Panamá
Panamá

Singapura

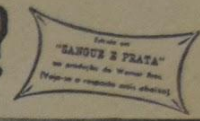
Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa
Cristobal



Qual é a Verdadeira Ann Sheridan?



As velas de ignição também são parecidas, mas as

AS VELAS AUTO-LITE

são *Engenhadas para a Ignição*

Não é fácil distinguir nestas fotografias a verdadeira Ann Sheridan da sua sósia, do mesmo modo que é difícil escolher a melhor vela de ignição pela aparência exterior. Há muitas velas de ignição que "se parecem", mas as velas Auto-Lite são ideadas para ignição. V. S. acertou 100% se escolheu a fotografia da direita, a verdadeira Ann Sheridan, formosíssima estrela da nova fita sensacional e emocionante "Sangue e Prata", da Warner Bros.

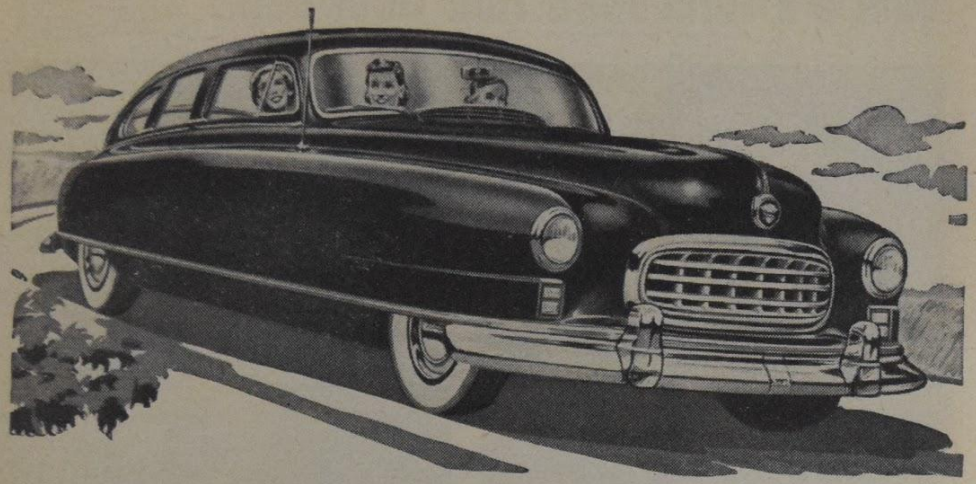
À esquerda da fotografia encontra-se Miss Peggy O'Connor de Washington, D. C., que é tão parecida com Ann Sheridan que recentemente, num restaurante, a sua mesa foi iluminada por focos de reflectores. V. S. também acertará 100% ao comprar as velas de ignição Auto-Lite, com as quais são providas muitas das famosas marcas de automóveis.

CIA ACUMULADORES PREST-O-LITE
Caixa Postal 2303, São Paulo

AGORA! A nova vela de ignição Auto-Lite "Resistor" torna possível uma marcha ao ralenti mais suave do motor, uma melhor recepção do rádio; proporciona maior economia . . . com uma duração mais longa ao electrodo.

55C

Para 1950 é o NASH AIRFLYTE



Entre em um Nash 1950—e veja a *diferença* da construção Airflyte!

Estará sentado dentro de uma unidade toda soldada, à prova de torção e de vibrações—duas vezes mais rígida do que a construção comum.

E no entanto, é um sonho conduzí-lo . . . absorve os choques da estrada com as molas em espiral nas quatro rodas—e vence a resistência ao ar com 20% mais facilidade do que qualquer carro de desenho comum.

Olhe agora o velocímetro—está certo, sim. O carro está rodando mais depressa do que V. S. pensa, com essa *nova* potência de alta-compressão.

E este Nash "Statesman" é um carro *grande*, mas que faz mais de 200 km com 20 litros—ou seja, mais de 800 km com um tanque cheio!

Veja estes dois grandes Airflytes para 1950—Nash Ambassador e Nash Statesman . . . e dirija um deles!

ESTRUTURA AIRFLYTE — Uma só unidade de soldagem, de assombrosa resistência . . . Duas vezes mais rígida . . . para sempre livre de rangidos e matracolejos . . . proporciona conforto na direção, nova economia de gasolina.

Nash
AIRFLYTE

Grandes Carros Desde 1902

NASH EXPORT DIVISION, Nash-Kelvinator Corporation
Detroit 32, Michigan, E. U. A.

"MELHORAR A VIDA MELHORANDO AS ESTRADAS"

ENCURTAM O BRASIL, PARA ENGRANDECÊ-LO!

De todas essas máquinas que encurtam distancias — das modernissimas locomotivas, até os vagonetes aereos que operam entre fábricas e jazidas, depósitos e gares — resulta um trabalho que ajuda a engrandecer o Brasil.
E em todas essas tarefas que fazem crescer a prosperidade deste país, nas industrias extrativas ou no trabalho comum de transporte, a Organização Esso colabora com os seus produtos petrolíferos de alta qualidade.

Esso auxilia o progresso do Brasil.

Standard Oil Company of Brazil

Emblema de Qualidade

Esso

Símbolo de Serviço

Beleza
-para seu sorriso...
Frescor
-para seu hálito...

COM
CREME DENTAL GESSY
A espuma gostosa que clareia os dentes

COMO É LINDO SEU VESTIDO!

Eu mesma o fiz, no Curso de Corte e Costura Singer . . .

Faça também seus próprios vestidos... Peça informações na Loja Singer mais próxima e aproveite para admirar as novidades que a Singer lhe oferece:

A moderna Singer! Com os aparelhos Singer esta máquina admirável facilita os trabalhos mais lentos e complicados!

Echarpes de sêda natural ou de Rayon! Bonitos padrões e preços a escolher! Encontrará uma que combine com a sua toilette!

Imensa variedade de acessórios para costura — desde botões de vários tipos e tamanhos, a fechos corrediços.

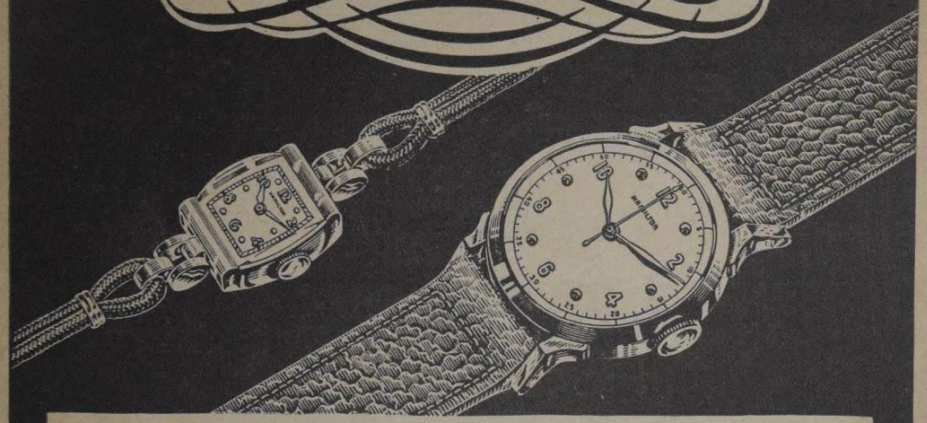
M. R.

LOJAS SINGER

Procure a mais próxima de sua casa na lista telefônica e peça o Serviço Mecânico Singer e de costura

Propriedade Intelectual Reservada Pela Singer Sewing Machine Company.

Obra Prima da Relojoaria Americana



Para os dias de anos, aniversários ou outras datas comemorativas não há brinde mais adequado que um lindo relógio Hamilton de alta precisão: "O relógio de qualidade das Américas". Sòmente a extrema perícia dos artífices americanos pôde criar êstes belíssimos relógios de 17 ou mais rubís, para homens e senhoras.

HAMILTON

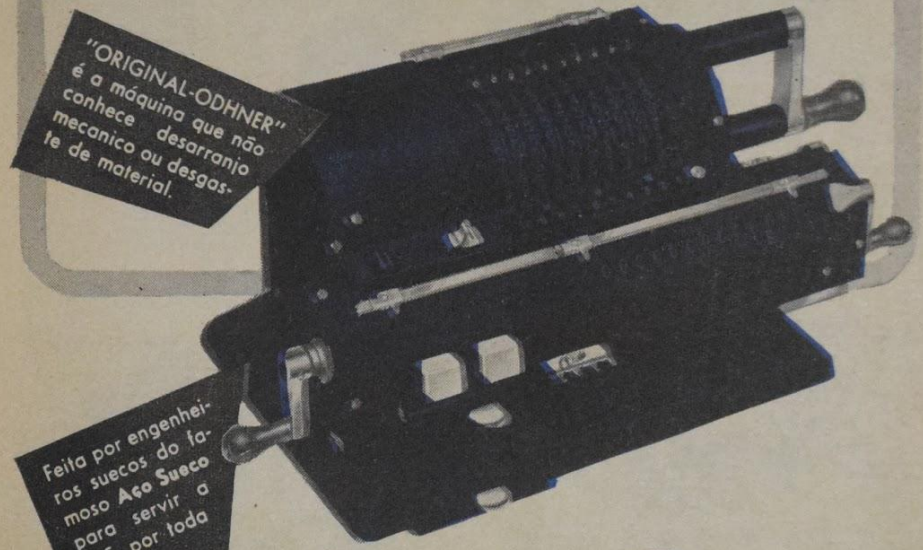
O Aristocrata dos Relógios

UMA MÁQUINA DE CALCULAR

mais simples - mais rápida - mais económica

"ORIGINAL-ODHNER" a máquina de calcular indispensavel em qualquer escritório ou oficina.

De preco reduzido e manejo extremamente simles "ORIGINAL-ODHNER" é a única calculadora manual equipada com retransporte automático do resultado.



ORIGINAL-ODHNER

A/B ORIGINAL-ODHNER, GOTEMBURGO, SUÉCIA

Agentes em Portugal: J. Goncalves Ltda, Rua do Amparo 66–3, **Lisboa**
Agentes no Brasil: Machinas Importadora Ltda, **Rio de Janeiro** é **Sao Paulo.** Francisco Aguiar & Co, **Sao Luiz – Maranhao.** Adolpho Ballalai Jr., **Bahia.** Casa Coates Ltda, **Porto Alegre.** S/A Comércia e Industria Mattos, **Fortaleza.** Walter Hendler & Co., **Recife.** Casa Marc Jacob, S/A, **Parnaiba.** Souza, Mesquita, **Manaos-Amazonas.**

Não faça assim, D. Judith!...

...use

Super FLIT

. pois é assim que se eliminam definitivamente os insetos caseiros. SUPER FLIT é um poderoso inseticida que, pulverizado no ar, mata instantaneamente os insetos e, sobre superfícies, continua matando semanas depois de aplicado.

5 inseticidas num só:

CLORDANA* • DDT • PIRETRO • ROTENONA • TIOCIANATOS

*** CLORDANA é um inseticida específico no exterminio das baratas.**

Lucro e Tranquilidade

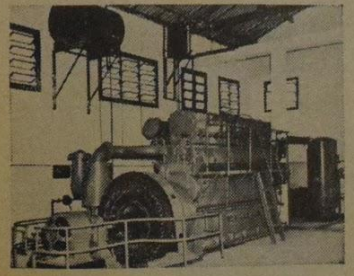
com um

MOTOR DIESEL WORTHINGTON

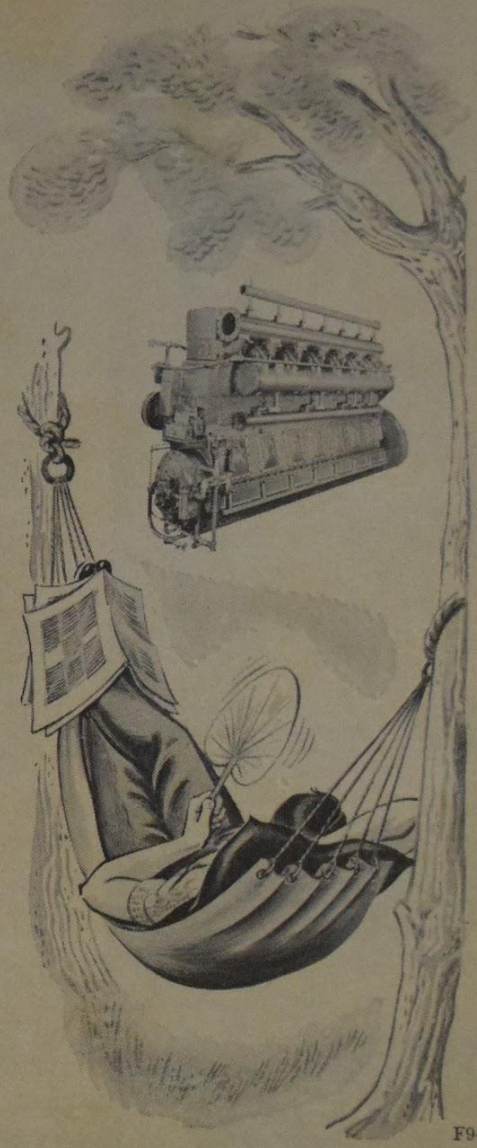
Os resultados obtidos em casas de fôrça no mundo inteiro provam que se pode contar com un motor Diesel Worthington para um funcionamento perfeito e econômico.

Atualmente, motores Diesel Worthington de muitos tamanhos e tipos—somando milhões de H. P. instalados—estão funcionando sem virtualmente quaisquer problemas de manutenção e conserto.

O representante WORTHINGTON local, corpo integrante de uma organização mundial de vendas e serviço, pode fornecer-lhe maiores detalhes—ou escreva à *Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Department, Harrison, N.J., U.S.A.*



Motor Diesel Worthington instalado recentemente no Fiação e Tecelagem Santa María, Fortaleza, Ceará.

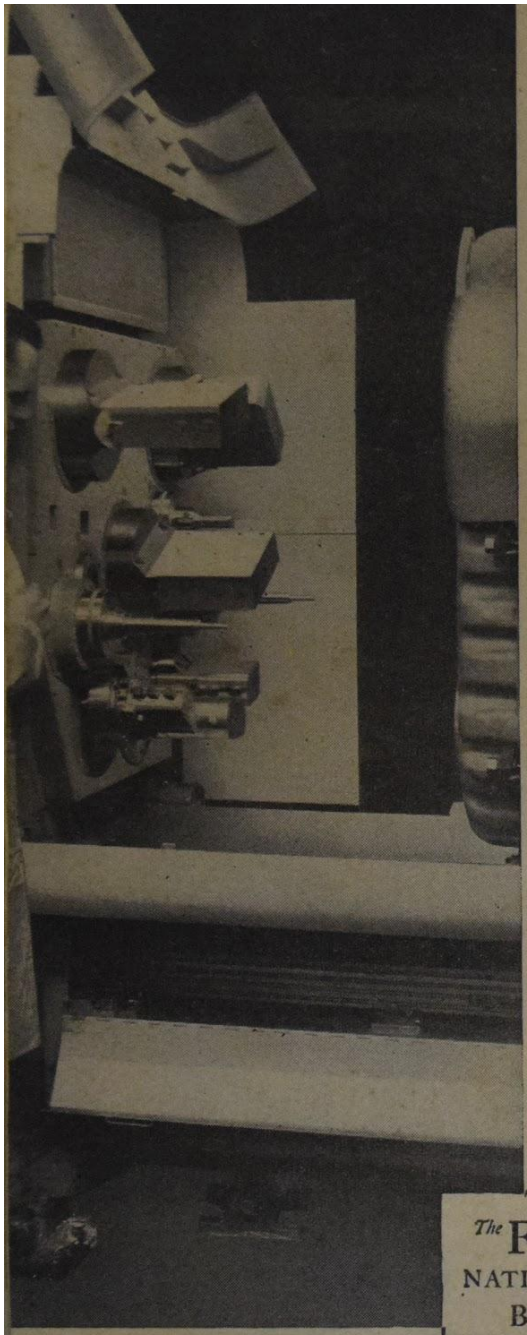


F9-8H

WORTHINGTON

EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

Bombas • Compressores • Motores • Turbo-Geradores
Maquinária de Construção • Refrigeração



A Indústria Mundial Procura Máquinas-Ferramentas na Nova Inglaterra

A indústria moderna não poderia funcionar sem máquinas-ferramentas, os engenhosos tornos, as esmerilhadoras e outras complicadas máquinas que operam «milagres em metal».

Os nomes de antigos e reputados fabricantes, estabelecidos na Nova Inglaterra, dessas maravilhosas máquinas de precisão, são conhecidos e respeitados em todos os paises onde se processam metais por métodos modernos. Agora mesmo, as máquinas-ferramentas da Nova Inglaterra estão grandemente contribuindo para a reconstrução dos paises devastados pela última guerra.

The First National Bank of Boston está associado, desde há várias gerações, à indústria de máquinas-ferramentas da Nova Inglaterra. Faz 165 anos que o maior e mais antigo banco da Nova Inglaterra vem ajudando importadores e exportadores de todos os ramos do comércio mundial—desde os artigos já tradicionais dessa região, até os produtos mais recentes da ciência industrial do após guerra.

Seja qual for o seu problema de comércio internacional—com a Nova Inglaterra ou qualquer outra região do mundo—a Divisão Estrangeira do The First National Bank of Boston está perfeitamente aparelhada para servi-lo por intermédio de um grande corpo de especialistas, nos Estados Unidos e no estrangeiro, filiais em doze centros comerciais de Boston a Buenos Aires, e bancos correspondentes no mundo inteiro. Seus pedidos de informação serão cordialmente atendidos em qualquer filial deste Banco.

The FIRST NATIONAL BANK *of* BOSTON

★ *Fundado em 1784* ★

Membro da Corporação Federal de Seguro de Depósitos

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 2 Wall Street.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Rio de Janeiro, São Paulo e Santos, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

(*Continuação da segunda capa*)

função das lojas é prestar esses serviços aos clientes, rebuscando pelos mercados de todo o mundo o que possa responder melhor a suas necessidades especiais.

O Reader's Digest preenche essa função em um mercado mais dificil—o de idéias. Não disponho de tempo para folhear centenas de revistas, livros e jornais com o fim de encontrar aquilo de que necessito para vestir a minha imaginação e adornar o meu espírito. Sei que no Reader's Digest encontrarei artigos adequados às minhas necessidades espirituais, podados de tudo quanto é supérfluo mas que conservam, para que eu os possa aproveitar, tudo que há de melhor e mais permanente em sua essência e em seu estilo.

Existe outra acepção da palavra «armazem» que me parece pertinente: lugar em que se guarda material para futuro aproveitamento. É precisamente isso o que o Reader's Digest faz para mim. A grande quantidade de números atrasados da revista que guardo, conservo cuidadosamente catalogados e marcados para neles encontrar facilmente as referências que busco.

Não se trata simplesmente de conterem material para referência, de aplicação prática no trabalho ordinário. Alem disso, nesses exemplares estão reunidas muitas idéias de inestimavel valor e que servem de ponto de partida para frutíferas reflexões. Qualquer pessoa pode ler o Reader's Digest em duas horas, mas imaginemos quanto tempo seria preciso para assimilar-lhe o conteudo se tivéssemos que guardá-lo em nossa mente para meditação futura, em momentos que seriam perdidos se a isso não fossem dedicados. Em muitos desses artigos mentalmente entesourados por meio dessa coleção, podem descobrir-se novas interpretações, cuja profundidade nos escapou na primeira leitura das páginas da revista.

Frequentemente tenho observado pessoas que lêem o Reader's Digest enquanto esperam por alguem ou em outros momentos perdidos. A mim, apraz-me aproveitar o *fruto* da boa leitura, não a leitura por si mesma, em tais ocasiões. Não me aborreço e não desperdiço o tempo de que disponho, se tenho a imaginação ocupada com reflexões procedentes desse «armazem».

N. S.
DE LUJAN